

RENATO DE SOUZA

PLÍNIO MARCOS, *CRONISTA DE UM TEMPO MAU* (1964-1985)

RIO GRANDE
2017

RENATO DE SOUZA

PLÍNIO MARCOS, *CRONISTA DE UM TEMPO MAU* (1964-1985)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, como requisito parcial e último para a obtenção do grau de Doutor em Letras – Área de Concentração: História da Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Nicola Póvoas

RIO GRANDE
2017

Renato de Souza

**“Plínio Marcos, cronista de um tempo mau
(1964-1985)”**

Tese aprovada como requisito parcial e último para a obtenção do grau de Doutor em Letras, na área de História da Literatura, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Rio Grande. A Comissão de Avaliação esteve constituída pelos seguintes professores:



Prof. Dr. Mauro Nicola Póvoas
(FURG) – Orientador



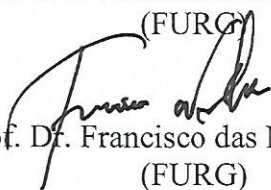
Prof. Dr. Luiz Carlos Simon
(UEL)



Prof. Dr. Gilberto Figueiredo Martins
(UNESP/Assis)



Prof^a. Dr^a. Luciana Paiva Coronel
(FURG)



Prof. Dr. Francisco das Neves Alves
(FURG)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, de modo especial, aos amigos (nativos e radicados) do estado do Rio Grande do Sul, referenciado aqui pela figura do professor doutor Mauro Nicola Póvoas, orientador de pesquisa a quem manifesto em dedicatória o meu sincero apreço e consideração, e a quem agradeço pela confiança transmitida desde o primeiro estágio de comunicação/conversa para a seleção e posterior ingresso no curso de doutorado em Letras (História da Literatura) na Universidade Federal do Rio Grande – FURG. A minha antiga admiração pelo chamado Rio Grande e a prestativa recepção do professor Mauro foram fundamentais para que eu começasse o desafio de cursar um doutorado para quatro anos depois concluí-lo.

Seguem-se, em ordem alfabética, no registro de dedicatória os nomes de alguns dos principais interlocutores ou personas que compuseram meu imaginário em diálogos pessoais ou que me foram importantes durante a trajetória de quatro anos do curso de doutorado realizado na FURG: Aderaldo, Adriano, Alex, Aléxis, Anibal, Bárbara, Biga, Jilson, Júlio, Lila, Márcia, Márcio, Maria, Marisa, Nadson, Patrícia, Tammille, Tiago, Viviane, Yanna.

De modo especial, dedico ainda este trabalho à memória do Prof. Dr. Adenil Alfeu Domingos, que com atenção e crença no ofício me ensinou os primeiros passos na prática de pesquisa acadêmica nos tempos de graduação em jornalismo.

AGRADECIMENTOS

Primeiro, faço menção de agradecimento à FAPERGS – Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Rio Grande do Sul –, pelo apoio financeiro de bolsa de pesquisa, durante o desenvolvimento do curso de doutorado.

Faço menção de agradecimento ao Prof. Dr. Gilberto Figueiredo Martins, pela dica do tema de pesquisa mencionado no título deste trabalho.

Faço menção de agradecimento aos professores Dr. Antonio Roberto Esteves e Gilberto Figueiredo Martins, pela redação das cartas de recomendação pedidas no processo de seleção do curso de doutorado em Letras da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

Faço menção de agradecimento aos professores Dr. Luiz Carlos Simon e Dr. Luciana Paiva Coronel, membros da banca de qualificação.

Faço menção de agradecimento aos professores Dr. Luiz Carlos Simon, Dr. Luciana Paiva Coronel, Dr. Gilberto Figueiredo Martins e Dr. Francisco das Neves Alves, membros da banca de defesa de doutorado.

Por último, expresso os meus agradecimentos pessoais ao Prof. Dr. Mauro Nicola Póvoas, pela confiança e apoio durante o processo de desenvolvimento deste trabalho de pesquisa.

RESUMO

Este trabalho reúne crônicas de Plínio Marcos publicadas originalmente em jornais e revistas do país no período da ditadura militar (1964-1985). Busca analisar, em termos de discurso, os listados textos plinianos, especificamente escritos no contexto de um regime autoritário e sob o viés das manifestações culturais da época e dos veículos jornalísticos (oficiais e não oficiais), vinculados a um período de perseguições, de censuras e prisões políticas. O estudo atenta-se ainda ao processo de criação de um dramaturgo-cronista: a constituição de perfis ou representações de figuras e de retratos fabulados de situações criadas e recriadas de um determinado cotidiano da realidade social, transportados para um gênero de discurso que absorve inúmeras marcas de linguagem e muitas vezes as revela explicitamente.

Palavras-chave: Plínio Marcos. Crônica. História da Literatura Brasileira. Jornalismo. Ditadura Militar. Liberdade de Expressão.

SUMMARY

This work reunites chronicles of Plínio Marcos originally published in newspapers and magazines of the country during the period of the military dictatorship (1964-1985). It seeks to analyze, in terms of discourse, the listed Plinian texts, specifically written in the context of an authoritarian regime and under the bias of the cultural manifestations of the time and journalistic vehicles (official and unofficial), linked to a period of persecution, censorship and political prisons; the study is still attentive to the process of creating a playwright-chronicler: the constitution of profiles or representations of figures and fancy portraits of situations created and recreated from a given daily reality of social reality, transposed into a genre of discourse that absorbs countless marks of language.

Keywords: Plínio Marcos. Chronic. History of Brazilian Literature. Journalism. Military dictatorship. Freedom of expression.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. UM PERFIL CRÍTICO DE PLÍNIO MARCOS CRONISTA	12
1. 1 Da imagem que fazemos de um dramaturgo-cronista	16
2. SOBRE O LUGAR DA CRÔNICA NO BRASIL	26
2. 1 Uma premissa	28
2. 2 Sobre perspectivas.....	32
2. 3 O folhetim	35
2. 3. 1 Do folhetim à crônica?	40
2. 3. 2 Mitologia, História e afins	45
2. 4 Século XIX: um marco para a crônica moderna	49
2. 4. 1 Um parêntese sobre o jornalismo moderno	53
2. 4. 2 Dois séculos de crônica, duas referências	55
2. 5 Do suporte jornal ao suporte dos livros	58
2. 6 Sobre tons líricos, amenos e relativizadores	62
2. 7 Contrastes entre jornalismo e literatura	68
2. 8 Por uma nova metodologia de análise	72
2. 9 Um aspecto menor da crítica e a busca pelo cânone	76
3. UMA ANÁLISE DE PLÍNIO MARCOS, CRONISTA DE 'UM TEMPO MAU'	81
3.1 O surgimento de um cronista: anos de formação.....	88
3. 2 Escrachador e porta-voz das quebradas do mundaréu	105
3. 3 O polemista, o crítico cultural, o contestador de regimes de exceção	126
PALAVRAS FINAIS	158
REFERÊNCIAS	161
CRÔNICAS COMPILADAS (ANEXOS): VOLUMES 1, 2 e 3.	

INTRODUÇÃO

Esta tese procura verificar os aspectos temáticos e estilísticos de “Plínio Marcos cronista” em posição de contestação política ante um regime político de exceção. As publicações aqui analisadas correspondem a um período em que o autor estudado vai atuar como cronista ou profissional de jornal nos seguintes veículos de comunicação: o jornal *Última Hora de SP* (1968-1975), onde o dramaturgo-cronista colaborou como cronista, repórter e editor; o jornal *Diário da Noite de SP* (1970), onde ele atuou como colunista e repórter; o jornal *Guaru News* (1972), onde foi colunista; a revista *Veja* (1975-1976), onde atuou como colunista; a revista *Realidade* (1976-1977), onde ele imprimiu colaborações esparsas com contos-reportagens; o jornal *Folha de S. Paulo* (1977), onde atuou como colunista e repórter. A partir de sua demissão do Grupo Folha, até o fim de sua vida, consta que o dramaturgo-cronista não conseguiria mais emprego permanente nos chamados grandes veículos comerciais de comunicação¹. Plínio Marcos, porém, continuaria escrevendo para jornais de média e pequena circulação. A relação inclui *Jornal do Povo* (Campinas, SP), no qual ele assinava uma coluna semanal; *Pasquim*; *Opinião*; *Versus*; *Movimento*; *Jornal de Curitiba*; *Aqui São Paulo*; *Jornal Enfim*; *Jornal da Estrada*; *A Época*; *Jornal da Orla* (Santos, SP), no qual manteve uma coluna semanal nos dois últimos anos de sua vida. E para as revistas: *Placar*; *Atenção*; *Viaje Bem*; *Status*; *Ele & Ela*; *InTerValo 2000*; e *Caros Amigos*.

Especificada, a nossa pesquisa inclui a coleta e reunião de 750 crônicas², datadas e publicadas no período da ditadura militar, sendo este conjunto de textos citados direta e indiretamente em um capítulo de análise. O conjunto foi levantado e extraído de fontes de pesquisa confiáveis e publicamente reconhecidas, entre elas, o *site* oficial do autor³ e arquivos pessoais (recortes e documentos) mantidos por familiares, os arquivos digitais da revista *Veja*⁴ e do jornal *Folha de São Paulo*⁵, os arquivos impressos da biblioteca paulistana Mário de Andrade e, em especial, os arquivos coletados no Arquivo Histórico do Estado de São Paulo, localizado em São

¹ Uma informação do *site* oficial de Plínio Marcos: <http://www.pliniomarcos.com/jornais-revistas.htm>

² Este estudo de tese compreende a reunião de 750 textos e análise de uma parte destes textos transcritos dos jornais *Última Hora de SP* (1968-1972), *Diário da Noite de SP* (1970), revista *Veja* (1975-1976) e jornal *Folha de S. Paulo* (1977).

³ Ver em: <http://www.pliniomarcos.com/index2.htm>

⁴ Ver em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>

⁵ Ver em: <http://acervo.folha.com.br/>

Paulo, onde realizamos a maior parte do trabalho de campo e de onde captamos a maior parte dos textos de jornais e de revistas incluídos no *corpus* de pesquisa.

A respeito das crônicas plinianas em estudo, podemos destacar, em termos de pesquisa científica, os pressupostos teóricos apontados aqui e a partir de dois eixos propositivos: um eixo que projeta um olhar de críticos da atuação de Plínio Marcos como cronista e outro que enfatiza uma problematização do gênero “crônica”. Enquanto no primeiro buscamos um contorno definido e ampliado da atuação social, profissional e artística de um dramaturgo-cronista, de sua produção de jornal como um todo vinculada a um contexto histórico de adversidades pessoais e sociais, no segundo, procuramos apontar uma problematização do conceito corrente de crônica adotado no país e na esfera da Cultura e Sociedade de Massa, o seu surgimento enquanto gênero de discurso que absorve inúmeras marcas de linguagem e muitas vezes as revela explicitamente: uma produção que tende a projetar uma faceta ora mais literária ora mais jornalística e, por que não, impossibilitada de ser sempre uma coisa somente, aqui associada em um capítulo de análise numa tentativa de acrescentar um melhor entendimento das características linguísticas básicas aplicadas às crônicas plinianas.

Da figura de um cronista de um tempo mau procuramos extrair um perfil crítico a partir de um primeiro capítulo de trabalho, seja por citações dele mesmo ou por textos que ele próprio assina e por apreensões reflexivas de críticos outros. Neste caso, destacamos um traço de marca pessoal e artística de um dramaturgo-cronista, quem sabe uma de suas características mais expressivas, a de defensor destacado do direito e da liberdade de expressão. Como é possível perceber na leitura de um conjunto de crônicas reunidas, Plínio Marcos defende ou vai defender abertamente, sobretudo em um período de repressão política no país, a liberdade de expressão como um elemento básico ou primordial para o desenvolvimento de uma consciência humana, pessoal e artística. No aspecto geral, é o que fazem pesquisadores e críticos que se debruçam sobre a figura do cronista como um autor representativo no quadro das letras do país. Visto como um dos grandes nomes do teatro nacional, Plínio Marcos merece mesmo ter o seu nome identificado também no quadro dos mais destacados cronistas brasileiros da segunda metade do século XX, atrelado a uma produção que trata do tema da representação e da estetização da pobreza no país e a um período conturbado da História do Brasil.

Do perfil crítico de Plínio Marcos cronista ainda podemos ou podemos perceber um sujeito questionador do mundo que o cercava ou bastante interessado pelo universo social onde vivia. É bom destacar: do ano de 1968, até praticamente o fim de sua vida, em 1999, o dramaturgo-cronista esteve presente cotidianamente na imprensa e de alguma forma conectado à realidade social do país. Como cronista, e sobretudo associado a um “tempo mau”, podemos observar que o autor exerceu uma função integral da atividade midiática: ora se expressando como contador de histórias e ensaísta (polemista), ora atuando como redator propriamente dito. Do período da ditadura militar, que permeia o nosso objeto de pesquisa, é possível notar a projeção de um autor que se destaca pelo enfrentamento contra os poderes então constituídos e chefes de redação dos grandes meios de comunicação do país, com os quais colaborou. É bom que se diga ainda, a este respeito: o (des)empenho do intitulado cronista em pleno regime militar (1964-1985), juntamente com a intervenção de figuras públicas e anônimas (partidárias e não partidárias) da sociedade civil, então constituída, acabaria de algum modo por influir ou por somar a um contingente a favor da derrocada de um regime ditatorial.

Sobre o segundo capítulo de tese, buscamos tratar de um olhar sobre a crônica para além de conformações críticas tradicionais, pensando-a por um gênero que, se tanto não extrapola fronteiras, tem como propósito principal expressar um diálogo com outras formas de discurso. Um objeto potencial de comunicação que projeta, sobretudo na esfera das letras nacionais, contornos discursivos para além de uma plataforma considerada fundadora, a respeito da qual pretendemos sublinhar um lugar – ou uma instância plural simbólica – para o que se pode chamar de crônica brasileira. Em discussão: uma acepção de discurso e de recepção crítica, por assim dizer, compartilhada de um estudo da crônica vinculada ao jornalismo impresso. Assim, defendemos a percepção de que, enquanto gênero em formação, a crônica parece mimetizar o registro histórico do folhetim-variedades e a forma de agregar em seu interior recursos linguísticos tradicionais como os do comentário e o da estetização dos fatos, neste caso, feito (de) uma produção orientada pela periodicidade e, estejamos cientes deste ponto de vista, não mais em ordenação cronológica como o do registro da crônica histórica. Da seção folhetim para o texto da crônica, veremos, foi um breve movimento, já que a dinâmica do jornal e da sociedade moderna obrigou o folhetinista a percorrer todo tipo de acontecimento, matéria básica para a redação cotidiana. É da acepção de crônica moderna, a da

primeira metade do século XIX, que parte da crítica especializada aponta uma matriz do gênero no país. Vale destacar: a crônica no suporte jornal aponta ainda para outras perspectivas. Naturalmente, ou nem tão naturalmente assim, nem tudo o que sai publicado em jornal possui linguagem jornalística, dado que vislumbramos na análise do universo simbólico do século XIX, em que a crônica tende a ser apreciada em uma relação direta com o discurso jornalístico.

Vamos chamar a atenção, ainda, para um gênero que, desde o seu estabelecimento, acaba reunindo em torno de uma prática discursiva nomes distintos da literatura, do jornalismo e das humanidades do país. Na apreciação de uma linha histórica, será possível apontar casos de cronistas eventuais, de eventuais que passaram a assíduos, até daqueles que produzem de forma especializada ou como atividade auxiliar de uma função profissional definida. Ficará explícita em nosso estudo, também, a importância do registro do circunstancial a serviço de uma leitura diária ou de uma interpretação cotidiana interessada em abordar uma memória social ou individual ou uma recriação de um dado presente da realidade social, cultural e econômica. A noção de retrato de cotidiano, aliás, pode ser um aspecto fundamental da constituição e do entendimento formal de uma crônica. Se ela vai alcançar um contorno mais literário ou não, já é um desdobramento de análise. Rubem Braga, notoriamente, vai atingir um viés literário, com *status* de unanimidade crítica, inclusive. Ao menos os pesquisadores e estudiosos consultados em nossa pesquisa não deixam de destacá-lo como um exemplo de cronista brasileiro. Numa síntese crítica, podemos dizer que: ora a crônica transcende o circunstancial-jornalístico, ora é a sua extensão, ora promove a confluência ou um diálogo entre os discursos jornalístico e literário.

O distintivo exercício de laboratório, no entanto, abre espaço para exceções e inúmeros vieses estilísticos. Rubem Braga, a quem recai uma citação especial, transcende o que se convencionou chamar de factual, alarga e desenvolve a formulação das crônicas, transpondo limites estéticos e fronteiras discursivas. Da relação com o jornal, vamos verificar o surgimento de uma criação e/ou uma recriação de um cotidiano elevada a um gênero vinculado à própria condição de cotidianidade. O mesmo cotidiano que serve de palavra-chave na análise da crônica como um discurso autônomo ou de viés bifronte, conforme buscamos frisar no intitulado capítulo “Sobre o lugar da crônica no Brasil”. Um estudo de crônica que, diga-se de passagem, busca se apresentar como um objeto crítico de um público-

alvo variado – que vai do pesquisador iniciante ao pesquisador profissional –, embora muitas vezes associado a um mesmo lugar. A propósito desta passagem: precisamos ainda frisar que o aspecto predominante de uma criação ou recriação de cotidiano salta à ideia de crônica? Neste ponto, deixemos expresso o convite para que a recepção crítica verifique na leitura das crônicas plinianas, se de fato elas se mostram como representativas daquilo que conceituamos como um gênero de inúmeras facetas, mas que se centra num aspecto predominante de sua construção formal, o da elaboração de linguagem a partir de um olhar de atualidade, embora não necessariamente produzido acerca da mesma atualidade. Mesmo os temas e personagens tirados de um passado podem ganhar um contorno discursivo de um presente para além da criação e, em dados casos, de uma recriação linguística.

Identificadas as potencialidades de um “cronista de um tempo mau”, vislumbramos e damos ressonância a uma clara posição de contestação política ante um regime militar, que posiciona-se criticamente pelo exercício de liberdade de expressão individual, social e artística, sem vínculo com qualquer programa político-partidário. É o que vamos defender enquanto fechamento de uma tese, antes das chamadas “palavras finais”, no terceiro e último capítulo deste trabalho, em que vamos apresentar três considerados momentos a respeito de um conjunto de textos de um intitulado cronista de um tempo mau. Primeiro, analisando os dois anos iniciais de ofício do cronista estudado, para em seguida verificar a correspondência de outros dois momentos em que a temática da problematização da pobreza e a ênfase de uma postura de polemista vão ser citadas, respectivamente.

1. UM PERFIL CRÍTICO DE PLÍNIO MARCOS CRONISTA

Neste primeiro capítulo, apresentamos um contorno definido e ampliado da atuação social, profissional e artística de um dramaturgo-cronista, de sua produção de jornal como um todo vinculado a um contexto histórico de adversidades pessoais e sociais. Aqui estará caracterizada a figura de um cronista de um tempo mau, do qual procuramos extrair um breve e necessário perfil crítico por citações dele mesmo ou por textos que ele próprio assina e por reflexões de críticos outros.

Natural de Santos, Plínio Marcos de Barros nasceu em 29 de setembro de 1935. Embora possamos tomá-lo como um artista pouco conhecido do grande público (ao menos fora da esfera de atuação teatral), estudiosos e críticos de suas obras o consideram como um dos autores mais inventivos do país. Filho de família classe média (para os padrões de sua época), ele estudaria apenas até a 4ª série do curso fundamental. Foi funileiro, serviu a Aeronáutica, por pouco não virou atleta profissional de futebol⁶. Mas, por meio de incursões ao mundo do circo é que seus caminhos seriam definidos ou redefinidos. Aos 19 anos, ele já encarnava o palhaço Frajola em companhias circenses e de teatro de variedades; além de atuações em emissoras de rádio e televisão da Baixada santista. Em 1958, aos 23 anos, Plínio Marcos escreveria *Barrela*⁷, sua peça inaugural, a partir da qual ele despontaria no cenário da dramaturgia brasileira. Aos 25 anos, muda-se para São Paulo, onde começa a vida como camelô, para, aos poucos, investir em sua carreira artística, ao se lançar como ator, contista, romancista, cronista, jornalista e dramaturgo.

É pelo teatro, aliás, que o autor ganharia maior projeção crítica. Dono de um texto peculiar, vinculado à temática dos ambientes marginais da sociedade, Plínio Marcos seria marcado – ao longo de sua vida – pelo estigma de “marginal” e/ou de “artista maldito”, seja pelas características de seu texto ou pela forma irreverente com a qual contestava a censura política e as tradições culturais de sua época. Em *Bendito maldito*, Oswaldo Mendes resgata vários episódios sobre a censura vinculados ao autor, entre os quais destacamos a existência de uma manchete autoexplicativa da revista *Fatos & Fotos*: “Um jovem sob censura”; no texto citado, o dramaturgo é descrito como “o autor mais proibido do moderno teatro brasileiro”. No

⁶ Plínio Marcos teve passagens pelas equipes do Jabaquara Atlético Clube e da Portuguesa Santista – ambas as agremiações da cidade de Santos.

⁷ *Barrela*, a primeira de suas peças, foi, então, apresentada à jornalista e escritora modernista Patrícia Galvão – a Pagu, de quem o autor receberia crítica elogiosa. Mas o texto de sua peça inaugural só seria encenado um ano depois, 1959, sob a direção do próprio Plínio Marcos, no Centro Português, em Santos, para uma única apresentação; em seguida, a obra teatral seria proibida pela Censura.

relato biográfico, Mendes (2009, p. 162-163) mostra as dificuldades enfrentadas por autor e atores de *Navalha na carne*, que, em 1967, tentavam convencer os censores da ditadura militar a permitir a encenação da peça no teatro Oficina, no Rio de Janeiro. Censurado, o ensaio teatral é transferido para a casa de Tônia Carrero, atriz que fazia a personagem de Neusa Sueli na peça, em um episódio que ficaria conhecido como “No inviolável exílio de Santa Tereza”, conforme as palavras de Yan Michalski, crítico do *Jornal do Brasil*, da citação de Mendes. Proibida em todo o país, a peça seria “secretamente” encenada e vista por um grupo restrito de convidados e críticos.

Mas, não apenas o “Plínio Marcos dramaturgo” sofreria censura política. O “Plínio Marcos cronista” também receberia tratamento semelhante por parte dos militares, desde o seu ingresso na grande imprensa do país, em 1968, marcado como um dos anos mais emblemáticos da história política do país. Época na qual o AI-5 (Ato Institucional de nº 5) vigora e se intensifica a prática de violência repressiva, patrocinada pelo regime militar, iniciado no ano de 1964. Em consequência, parte da população – capitaneada pela “classe média intelectualizada”, principalmente associada a movimentos de esquerda política – se posicionaria de forma contrária e crítica à ditadura militar instalada.

É importante observar, neste momento, a perspectiva histórica adotada neste trabalho e a que Plínio Marcos e sua produção artística devem ser associados, sobretudo ao vinculado período de 1964-1985. Um contexto especificamente abordado em “Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar”, ensaio de Maria Hermínia Tavares de Almeida e Luiz Weis, publicado na obra *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea* (1998), que, além de representar o quarto e último volume da coleção da *História da vida privada do Brasil*, apresenta um conjunto de capítulos/textos que tratam do período histórico brasileiro posterior ao ano 1930.

Na comparação com os volumes anteriores, prevaleceu neste um traço de maior interdisciplinaridade; há, entre os autores relacionados, o registro de textos de cientistas políticos, antropólogos, sociólogos, economistas, demógrafos, jornalistas e historiadores; verifica-se ainda um caráter mais ensaístico dos textos, que abordam grandes temáticas como base de suas respectivas argumentações, cujas formulações remetem a uma espécie de rememoração da história política contemporânea do país. Aos textos expostos no livro, juntam-se elementos

iconográficos: a apresentação de imagens, introduzidas como desenhos e fotografias, que acompanham de perto os argumentos dos diferentes capítulos. Deste volume, destaca-se ainda uma representação de contrastes: *moderno* e *arcaico* são os adjetivos utilizados; busca-se, no livro, entender a vida privada na tensão do processo histórico, no momento em que se reatualiza monotonamente no “tempo longo”, mas que é permeado pelas novas técnicas, como o computador e a televisão, que invadem o cotidiano do brasileiro.

Da obra citada, destaca-se, assim, a composição do quinto capítulo, no qual Almeida e Weis explicitam suas reflexões a respeito da ditadura militar, em “Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar”. O texto mostra que a situação política do país se intensifica no ano de 1968, época na qual o AI-5 (Ato Institucional de nº 5) vigora e se intensifica a prática de violência repressiva, patrocinada pelo regime de exceção. No ensaio, os principais movimentos de contestação à ditadura instalada são atribuídos à “classe média intelectualizada” (principalmente associada a movimentos de esquerda política). O auge da efervescência política duraria de dezembro de 1968 até o chamado início da abertura política, em 1975. Nesse intervalo, o país testemunharia o fechamento temporário do congresso, a recorrência da cassação de mandatos e a suspensão de direitos políticos, o estabelecimento da censura à imprensa e às produções culturais, as demissões nas universidades, a exacerbação da violência repressiva contra grupos opositores, armados ou desarmados. É, por excelência, o tempo da tortura, dos alegados desaparecimentos e das supostas mortes acidentais em tentativas de fuga. Até que a ditadura militar chegasse ao fim, em 1985, inúmeras pessoas, entre anônimos e famosos (sobretudo residentes nas grandes cidades), sofreriam perseguição e censura política, por parte de um Estado autoritário e repressor. Plínio Marcos, é claro, esteve na lista de censurados, perseguidos e encarcerados pelo regime autoritário; por “sorte”, ele não faria parte da triste lista de mortos e desaparecidos no período, ao combater o regime. Vale considerar: há relatos e testemunhos que até hoje atestam a falta de informação, localização e destino de muitos dos combatentes e/ou contrários aos militares que então usurpavam autoritariamente o poder central e político da República a pretexto de “evitar” a instauração do comunismo no país.

É justamente no contexto da ditadura militar que se destaca a figura de “Plínio Marcos cronista”, objeto de análise de nosso presente trabalho. Em agosto de 1968,

período em que Plínio iniciaria sua colaboração semanal no jornal *Última Hora*, “a *Folha [de S. Paulo]* noticiava que a situação era a seguinte: ‘Trabalho dele que chega a Brasília é proibido antes mesmo de ser lido. Os censores dizem: ‘Plínio Marcos? Proibido’”. A proibição tinha um objetivo mais cruel e restrito: impedi-lo de trabalhar. Fosse onde fosse” (MENDES, 2009, p. 335). Em outra passagem representativa, em meados da década de 1970, quando trabalhou na revista *Veja*⁸, o autor – que assinava uma coluna sobre futebol –, viveria um dos momentos mais emblemáticos de sua carreira na imprensa. “(...) Como não perdia a oportunidade de criticar desde cartolas e dirigentes de futebol até a dita censura, [Plínio Marcos] teve várias crônicas censuradas e não publicadas, até [a] sua demissão [da *Veja*] em janeiro de 1976”, conforme menção do *site* oficial do autor⁹. Entre uma crônica e outra, o dramaturgo-cronista alternava o registro do circunstancial¹⁰ acerca do futebol brasileiro, ao tratar dos bastidores dos principais clubes de futebol do país; em geral, as críticas do sujeito de jornal recaíam sobre parte dos dirigentes de agremiações esportistas. Tal posicionamento – o que a censura interpretava como um “ato subversivo” – fez com que sua experiência como colunista da revista *Veja* culminasse em sua demissão, a critério de Victor Civita, dono da publicação, atendendo a um “pedido” dos censores do regime militar, conforme Lucinéia Contiero (2006, p. 268). Dono de uma voz quase sempre polêmica, o autor nascido em Santos escreveria sobre temas variados do cotidiano, do futebol ao cinema.

Do ano de 1968, até praticamente o fim de sua vida, em 1999, Plínio Marcos esteve presente cotidianamente na imprensa. Durante a ditadura militar, suas passagens por jornais e revistas seriam marcadas pela censura e pelas demissões unilaterais; de fato, o autor se destacaria pelo enfrentamento contra os poderes então constituídos e chefes de redação dos grandes meios de comunicação do país, com os quais colaborou. A partir da redemocratização política, em 1985, contudo, Plínio Marcos se vê sem espaço na grande imprensa, e menos ainda nos palcos. Ele passaria, a partir de então, a viver de palestras em escolas e universidades, e de trabalhos eventuais: “Dos ofícios que a vida lhe ensinou, os de contador de histórias

⁸ Durante sua passagem pela revista *Veja* (entre outubro de 1975 e janeiro de 1976), Plínio Marcos publicaria ao menos treze crônicas sobre futebol (pelo que se sabe, até hoje tais crônicas publicadas na revista citada não foram editadas no formato de livro), sob o olhar atento da censura política então instalada no país.

⁹ Registro do site de Plínio Marcos, criado e mantido atualmente por membros de sua família. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/>. (Acesso em 5 de jan, 2010).

¹⁰ Neste ponto, evocamos um aspecto básico do gênero “crônica”, adotado por Jorge de Sá, em *A crônica* (1985). O tema terá uma reflexão mais detida no próximo capítulo, quando apontaremos um lugar para a crônica no país.

e camelô eram os que caíam bem. O escritor é ruim, mas o camelô é bom – passou a ser o lema da sua modéstia”, segundo Mendes (2009, p. 344-345). “Calado” no palco e na imprensa, o repórter e/ou cronista Plínio Marcos encontrou na literatura e no livro a porta entreaberta ao testemunho de um tempo mau. Fora da grande mídia, Plínio se “recolheria” à “marginalidade” de seu exercício de “homem de jornal” (e de autor teatral), até o fim de sua vida (29 de novembro de 1999), escrevendo esporadicamente para periódicos alternativos e de expressão segmentada.

1. 1 Da imagem que fazemos de um dramaturgo-cronista

Ao lado das biografias *Plínio Marcos: uma biografia* e *Bendito maldito: uma biografia* de Plínio Marcos, a obra *Plínio Marcos: a crônica dos que não têm voz* (2002) segue uma linha de importante contribuição crítica e, por tabela, se presta ainda como um tributo especial ao artista. Assinada pelos organizadores Javier Contreras, Fred Maia e Vinícius Pinheiro, o livro traz ensaios sobre crônicas plinianas, abordando registros biográficos do dramaturgo-cronista, além de oferecer aos leitores a oportunidade de conferirem a íntegra de 22 crônicas, sendo algumas destas inéditas (por terem sido censuradas no período da ditadura militar e outras que estavam “esquecidas” ou relegadas aos arquivos de jornais e de revistas). Ao que nos consta, o então único registro de compilação de crônicas plinianas. Basicamente, o título citado busca apresentar uma caracterização da “voz de Plínio Marcos”, o autointitulado “repórter de um tempo mau”; isto é, a obra repercute pelo aspecto menos considerado de sua experiência de vida, a de cronista de jornal.

Um retrato simbólico que pode ser captado pela recepção crítica e/ou leitora, conforme o próprio registro de obras, composições ou reflexões que buscam associar o nome de Plínio Marcos em um dado percurso e lugar na história das letras brasileiras. Comumente, o retrato pliniano que costumamos ver mais reconhecido é o do dramaturgo. Sem dúvidas, Plínio Marcos é mais publicamente percebido por suas peças ou estas parecem despertar um maior interesse da recepção, do que por escrituras produzidas em meios jornalísticos. Objetivamente, não há maiores polêmicas quanto ao lugar então ocupado por ele no quadro da dramaturgia nacional. É comum encontrarmos reflexões sobre a produção pliniana que nos faça perceber o autor de *Barrela* como um dos artistas mais reverenciados ou reconhecidos do teatro brasileiro; sendo mais direto, é razoável cravar Plínio Marcos entre os dramaturgos mais celebrados do país. Como podemos conferir nas

páginas do livro *A desova da serpente*, de Mário Guidarini (1996); recorrente em referências bibliográficas de estudos literários, esta obra promove uma síntese ensaística das produções teatrais de Plínio Marcos e de Nelson Rodrigues.

Guidarini assinala o que José Paulo Lanyi escreve após, em “Plínio Marcos, o andarilho da corda bamba”, em que aponta o ex-palhaço de circo como “o maior dramaturgo brasileiro ao lado de Nelson Rodrigues” (LANYI, 1999, p. 13). Um ponto de vista extraído de um entrevista exclusiva concedida à revista *Cult*, a um mês da morte do entrevistado. No texto jornalístico, temos resgatadas algumas das principais passagens de vida de Plínio Marcos por ele mesmo. No perfil, o dramaturgo é descrito também como o *enfant terrible* da Baixada santista, ex-estivador, ex-funileiro, ex-jogador de futebol, ex-ator, leitor de Dostoiévski, Castañeda e Jorge Amado, identificado com Jack London e Ernest Hemingway.

Em *A desova da serpente*, a análise é mais dirigida às obras; o livro enfatiza dois universos tidos como opostos ou distintos, mas com traços convergentes de expressão artística. Enquanto Plínio Marcos tem sua perspectiva associada ao universo dos socioeconomicamente marginalizados, Nelson Rodrigues se destaca por uma produção em que o sujeito das classes médias aparece em um primeiro plano do discurso. As obras dos dois se interconectam, conforme bem considerou Vera Collaço (1996) na orelha do livro analisado, pela abordagem de “personagens destruídos e putrefatos, seja por um sistema social que os ignora ou pela hipocrisia de sua própria existência”. Como sabemos, Nelson e Plínio também foram cronistas.

As crônicas plinianas originalmente publicadas em jornais e revistas, vale considerar, poderiam ser analisadas a partir de um paralelo literário com os textos de Nelson Rodrigues, ensaísta, cronista, contista e romancista de talento reconhecido, historicamente, ao lado de Plínio Marcos, tido como um dos principais dramaturgos brasileiros de todos os tempos. No entanto, não é este nosso interesse de pesquisa. Mas é correto afirmar que um e outro firmam um curioso paralelo que vai além da conformação de suas respectivas produções: a de “autores proibidos”, inúmeras vezes censurados pela ditadura militar. Enquanto Plínio se posicionava abertamente contrário ao regime militar, Nelson foi declaradamente a favor do mesmo regime autoritário instituído. Não por acaso, vamos abordar em um capítulo de análise, uma passagem em que as vidas dos dois dramaturgos-cronistas vão se cruzar. Aliás, não foram poucas as vezes que ambos se entreolharam. Em uma

análise de biografias, é possível evocar tal paralelo com base em registro de cruzamento de vida, no caso, vinculado mais ao interesse dos casos biográficos.

No estudo de caso de Plínio Marcos e sobre o que ainda queremos demonstrar de modo prioritário, muitos de seus textos ficaram perdidos nos periódicos em que foram publicados, nunca aparecendo em livro, vitimados pela perecibilidade do suporte jornalístico. Sobre o que nos interessa neste capítulo, em específico, o livro de Guidarini menciona diretamente o nome do dramaturgo-cronista no ensaio intitulado de “Plínio Marcos: a banalidade do mal e do bem”¹¹, no qual apresenta uma breve análise das obras teatrais do autor, então vinculado a um criticado e proeminente tipo de “teatro social”:

O mesmo autor [Plínio Marcos] indica algumas variáveis do verdadeiro desprezado da cultura literária hoje no Brasil. A grande descontinuidade de esforços, o público bastante reduzido e a difusão quase estritamente nacional. Uma vocação realista e social é a variável estatística mais em evidência no Brasil. Inexistem experiências dramáticas bem sucedidas, por exemplo, na fabricação dum teatro do absurdo ou dramas influenciados pelo existencialismo. Salvo, sempre, melhor juízo. (GUIDARINI, 1996, p. 25)

Uma análise que, em um dado fragmento, vai lembrar-se da incursão de Plínio por outras estéticas das letras, como a do jornalismo, do conto, da novela etc:

Contos, reportagens e romances folhetins alimentam-se dum linguajar fluente, dum sintaxe simples e dum trama única. Emotiva. Reinventam e atualizam a função social do contador de histórias sobre personagens sem voz e sem rosto na prática social da exploração do homem pelo homem. (GUIDARINI, 1996, p. 17)

Tal citação, no entanto, pode chamar mais a atenção pelo pouco destaque conferido em *A desova da serpente*; talvez pelo interesse do pesquisador, que se concentra em refletir sobre uma produção teatral e, quase tão somente sobre ela. Sem que se deixe de registrar “a melancolia terminal entre os degredados filhos de Plínio Marcos”, proposta por uma “razão poética” percebida das seguintes obras: *Na Barra do catimbó*; *Histórias das quebradas do mundaréu*; *Novas histórias*; *Na aldeia do consolo*; *Inútil canto e inútil pranto pelos anjos caídos*; *Prisioneiros de uma canção*; *No sol do pátio dos internos*; *Na trilha dos bichos de São Sererê* e *O primeiro mergulho em direção à fonte*. Como se pode reforçar, um elenco de títulos

¹¹ “Plínio Marcos: a banalidade do mal e do bem” compõe uma espécie de primeira parte de *A desova da serpente*; a segunda metade destaca o ensaio “Nelson Rodrigues: o mistério de D. Senhorinha”.

não alinhados à forma teatral (embora, produzidos em paralelo e com vínculo com as peças do autor), mas com o mesmo apelo discursivo a respeito do qual iremos tratar no capítulo de análise de crônicas: o da representação da pobreza do país.

Importa aqui destacar: textos jornalísticos e literários expõem um contorno de mundo antes relegado a um segundo plano nos estudos sobre a produção do artista, sem que o teatro, por exemplo, seja deixado de lado. A produção jornalística do dramaturgo-cronista, se assim podemos dizer, recebe neste caso um tratamento especial: se configura na direção de um projeto literário. Dito de um modo abrangente, o discurso jornalístico será plataforma de criação e inspiração para a produção pliniana. Conforme assinam os autores de *Plínio Marcos: a crônica dos que não têm voz*, para reconhecer o texto do autor não é necessário ler mais do que dois parágrafos. “Sua linguagem [em jornal] é tão peculiar quanto seu teatro, e também quanto a sua vida. Nele, vida e obra jamais serão coisas distintas e é possivelmente aqui que reside a contradição” (CONTRERAS, 2002, p. 30). Em outras palavras, fica observada/confirmada a linguagem e os temas tratados pelo dramaturgo-cronista como os aspectos principais de sua caracterização artística. A peça *Barrela*, para efeito de exemplificação, pode ser destacada como um registro decorrente de uma notícia de jornal; o próprio Plínio Marcos não escondeu esta informação durante a sua vida e o próprio enredo da peça sugere tal percepção.

A propósito de “A voz de Plínio”, título de um texto de Contreras (2002, p. 17), uma das mais marcantes referências estilísticas do “Plínio Marcos cronista” são realçadas como um dos principais interesses do “Plínio Marcos dramaturgo”: “o retrato dos excluídos pela sociedade e o repúdio do poder em relação a esse panorama”. Neste sentido, podemos dizer que, ao longo do tempo, a obra teatral do autor manteve vínculo estreito com as suas ações desempenhadas em jornais e/ou periódicos. “Autodenominando-se ‘repórter de um tempo mau’¹², Plínio Marcos pariu e deu voz a uma formidável galeria de criaturas: ternas, líricas, truculentas, vadias, esperançosas, vitais em sua sobrevivência, seres midiáticos pelo real e pelo imaginário”, segundo o atestado de Edélcio Mostaço em “Crônicas de um tempo mau” (Ibidem, p. 10). Vê-se, assim, um retrato de “tipos midiáticos” que se destacam em plataformas de veículos midiáticos, seja pelo viés essencialmente

¹² É a partir desta autodenominação que formulamos o título deste trabalho, juntando o *cronista* à expressão de *um tempo mau*. A adaptação é providencial, uma vez que sintetiza, com rigor, o nosso objeto de estudo.

jornalístico (crônicas, reportagens, ensaios) ou pela problematização estilística acerca do “circunstancial”, reconhecidamente de formato ficcional (contos).

“Repórter de um tempo mau” é título de uma apresentação da obra *História das quebradas do mundaréu* assinado por João Apolinário, que projeta um bom perfil de nosso artista analisado. Apolinário é o mesmo que abriria as portas para Plínio Marcos iniciar a sua carreira de jornalista e de cronista no jornal diário *Última Hora* de São Paulo, em 1968. Datado originalmente de 1973, o texto de Apolinário realça a figura representativa do “mais original e brilhante lugar-comum do Brasil, isto é, todo mundo conhece Plínio Marcos, dramaturgo proibido ou cronista censurado” (2004, p. 10). Apolinário, naturalmente, fala como alguém que conheceu bem o sujeito sobre quem fala, e a quem vincula analogicamente a “uma força da natureza, de raízes populares, dando flores e frutos de um talento que não conhece, deste lado da América, outro que se aproxime de sua originalidade” (Idem, p. 10). No caso, o perfil pliniano é associado a uma crítica no contexto de um mundo convencional da criação dependente do pensamento burguês; vê-se, então, uma reflexão acerca da representação ideológica de quem normalmente possui o poder de voz na esfera das artes:

É dessa varanda que a maioria os artistas dos quatro cantos do mundo, do Oriente ao Ocidente (a maior parte deles mais burgueses que a burguesia ou mais classe média do que a média das classes), analisa, do ângulo que mais lhe convém, as contradições do seu tempo, com as quais eles amassam e fermentam o pão do individualismo para a boca dos consumidores (Idem, p. 10)

É nesta passagem que um retrato da produção pliniana é contraposta a de um modo de concepção artística e cultural do escritor burguês de classe média que, tendencialmente, não desce de sua visão de mundo para fabular sobre um mundo “abaixo” do seu de origem, associado por sua vez ao avesso de um submundo fabulado:

Submundo coisa nenhuma. Mundo no duro, a dureza da miséria e das injustiças, de que Plínio Marcos é o “repórter” consciente e fiel, repórter deste “tempo mau” em que vivemos. Repórter que não precisou descer a esse chão de vidas, de onde mede a realidade com a visão vertical das águias de voo universal, pois nasceu entre seus personagens e deles testemunha as tristezas e amarguras, as alegrias e as esperanças. (Idem, p. 11)

Histórias das quebradas do mundaréu, aliás, tem em seu interior textos (contos e crônicas) publicados em sua maioria no citado *Última Hora*. Entre os temas de interesse: o amor, o futebol, o samba, a macumba, a bandidagem, com a consideração de um uso de linguagem estritamente caracterizada pela dicção própria dos perfis retratados pelo autor, “que usa a boca do povo e a sua mitologia de origens africanas para contar sempre a verdade, com a força irreprimível que atravessa todas as mordanças até chegar ao coração dos homens” (Idem, p. 11).

Como se sabe, Plínio dá vida a retratos que mimetizam perfis e cenários com os quais o próprio conviveu durante a sua experiência de vida ou que de alguma forma o inspiraram na construção de um universo artístico semelhante com o que ele conheceu de perto. No ensaio “De pisantes e pisados – Representações da falta (Percurso intertextuais e interdiscursivos com Alberto Moravia e Plínio Marcos)” (2007), Gilberto Figueiredo Martins expõe um típico retrato artístico projetado por Plínio, a quem o estudioso reverencia como um artista destacado no panorama da dramaturgia nacional e, por extensão, associado a um discurso sobre um

duro cotidiano dos habitantes do cais, criaturas exiladas da cidadania, que encontram na violência seu modo de vida: párias, marginais corruptos [que] invadem a cena para incomodamente ocupar seu lugar de fala e exigir seu direito ao grito. A linguagem rápida, as cenas ágeis, uma precisa economia dramática, o uso sistemático da gíria e do jargão conferem aos textos de Plínio singular verossimilhança. (p. 141)

A referência contempla uma análise conjunta ou comparativa da peça *Navalha na carne* com o conto “O terror de Roma”, de Alberto Moravia. O dramaturgo brasileiro teria confessado que se inspirou no conto do italiano para escrever um de seus mais reconhecidos sucessos teatrais. Martins, basicamente, busca analisar tal relação intertextual e interdiscursiva no tratamento do tema da “falta” e da “carência socioeconômica” nas obras dos dois autores analisados, além de refletir sobre uma adaptação fílmica da mesma peça do dramaturgo. A disputa de dois sujeitos marginalizados por um par de sapatos velhos tende a dar vazão a um enredo que enfatiza um retrato realista do cotidiano de uma grande cidade.

O tom realista é, em certa medida, o que mais caracteriza boa parte das obras do artista. Mas, claro, não é a sua única abordagem. O dramaturgo também faz incursões por projetos artísticos distintos e parte de sua recepção crítica, é claro, o acompanha com desmedida curiosidade e atenção. Aliás, pretendendo destacar

certa isenção, podemos enfatizar o pensamento de que Plínio Marcos se dá artisticamente melhor quando investe em cenários, personagens e temas mais próximos ao seu *habitat* principal, a realidade social das ruas brasileiras. As obras do artista que menos evocariam um aspecto marcado de testemunho ou de fundo mais filosófico e documental são aquelas que mais favorecem a uma chancela negativa dos especialistas. Ao menos é o que nos faz pensar uma verificação de leitura de *A desova da serpente*. Em uma dada passagem de seu livro, Guidarini expõe uma observação ou reparo interessante sobre a peça *Madame Blavatsky*:

Essa amostragem de caracteres revela o festim-tertúlia sustentado pelo pingue-pongue de ideias em detrimento da imitação de ações. O excesso de rubricas sugere sobreposição de perfumarias cênicas em detrimento da imitação de ações. Alma do teatro. Talvez essa inversão do registro dramaturgicamente decorra da falta de domínio teórico da mensagem de Helena Petrovna Blavatsky. O conhecimento parcial e fragmentado da obra completa da autora fez com que o autor se detivesse em perfumarias cênicas. O paradoxo impõe-se pelo simples fato de fabricar uma peça de tese. O mesmo fenômeno já ocorreu com *Os fantoches*. A carência de um embasamento teórico mais consistente sobre o pano de fundo do teatro do absurdo levou o autor a trabalhar aparências. (GUIDARINI, 1996, p. 74-75)

O pesquisador, é bom que se diga, promove um olhar equilibrado em relação ao texto pliniano. Aliás, algumas vezes, o que se percebe é uma crítica apaixonada diante de seu objeto de análise, coisa a que Guidarini parece não se prestar.

“O maldito divino”, texto publicado na revista *Caros Amigos*, em setembro de 1997, é um autorretrato fidedigno da figura de Plínio Marcos – trata-se de uma entrevista sem a assinatura do entrevistador. Na realidade, pode ser sugerido como um ponto de vista crítico de um dramaturgo sobre si mesmo, como se fosse um notório crítico de si e de suas obras. Neste autorretrato, temos um perfil bastante parecido com o que fazemos os críticos propriamente ditos: Plínio é descrito como um notório maldito e suas obras são apresentadas com certo teor de subversão. Não por acaso, o dramaturgo evidencia uma característica de sua produção e de si ao citar a importância dada à figura histórica de Helena Blavatsky, abordada em linhas anteriores; a ocultista russa do século XIX, que inspiraria o título da peça de mesmo nome, é para o dramaturgo uma grande subversiva. Do mesmo modo, em outra passagem de sua fala, Plínio destaca o tarô, do qual ele ficaria adepto nos últimos anos de vida, como que vinculado a uma arte subversiva. A palavra “subversivo” se repete na entrevista e não deve ser ignorada por aqueles que procuram um entendimento melhor sobre o olhar de contestação do artista.

Em síntese, temos um Plínio Marcos tratado sobre um viés da própria transformação pessoal; diríamos: de iconoclasta numa fase primeira da vida ao místico da segunda fase (pós-1985). A propósito, ao considerar que Gandhi foi leitor de Blavatsky, Plínio aproveita para projetar uma autodefesa de seus críticos.

Tem gente que me criticou por entrar nesta linha mística. Mas, catso, eu não dou espaço para as pessoas me fazerem cobrança, porra. Eu em nenhum momento estive à venda, e sempre defendi o direito de ser livre, e sempre fui. E agora estou escrevendo sobre isso. Escrevi *O Homem do Caminho*, que é uma peça, um monólogo sobre cigarros, eu acho bom, todo mundo acha bonito, escrevi e pronto. Escrevi também *O Bote da Loba*. Eu estou trabalhando com isso. Mas sem pressa, já tô sabendo que vai ser difícil a montagem, então estou trabalhando no meu ritmo, de gato paxá, não tenho obrigação mesmo. (MARCOS, 1997, p. 40)

Exposto, o trecho ilustra o que outra importante marca pessoal e artística do dramaturgo-cronista, quem sabe a característica mais expressiva, a de defensor ferrenho do direito e da liberdade de expressão. Plínio, é possível ver na análise de suas crônicas mais adiante, vai defender abertamente, sobretudo em um período de repressão política no país, a liberdade de expressão como um elemento básico ou primordial para o desenvolvimento de uma consciência humana, pessoal e artística. No aspecto geral, o que fazem os organizadores de “A crônica dos que não têm voz” também o fazem uma dezena de pesquisadores, que se debruçam sobre a figura do dramaturgo-cronista como um autor representativo no quadro das letras do país. Visto como um dos grandes nomes do teatro nacional, Plínio Marcos merece mesmo ter o seu nome identificado também como um dos mais destacados cronistas da segunda metade do século XX, sobretudo atrelado ao tema de um período conturbado da História do Brasil. Aliás, no ensaio “Cronista de um tempo mau”, que abre o livro organizado por Contreras e outros, Mostaço trata da figura de Plínio Marcos na condição de um dos artistas mais censurados durante a ditadura militar:

O que, talvez, explique a paradoxal situação de Plínio. Autoconsiderando-se um escritor inculto, apenas um repórter maldito, uma pedra no sapato das elites – literárias e sociais –, ele foi rejeitado, pouco considerado, respeitado e mesmo discriminado como criador artístico. Isso embora seu reconhecimento público tenha sido imenso, levando-o a sofrer uma das maiores perseguições censórias da história recente do país, com peças teatrais proibidas, crônicas mutiladas e até uma demissão da revista *Veja*, orquestrada pelos órgãos de segurança do regime militar. (CRONTERAS, 2002, p. 11)

Plínio Marcos, no entanto, seria vítima da censura política muito antes da deposição do presidente João Goulart, em abril de 1964. A primeira das peças do dramaturgo, escrita em 1958, receberia o selo de censurada numa época em que os governos estaduais praticavam o ato censório. “As coisas não mudaram muito”, diria o dramaturgo-cronista dias antes de sua morte. Na entrevista concedida ao jornalista e escritor Lanyi (1999, p. 19), o autor de *Navalha na carne* “afirma estar profundamente triste e aborrecido ‘por não influir no próprio destino’. Reclama da falta de apoio econômico para montar suas peças. Como contraste, [o dramaturgo] lembra que o empresário Antonio Ermírio de Moraes ‘não é escritor e tem poder aquisitivo pra encenar’”.

O perfil, a propósito, expõe uma queixa enfatizada pelo próprio Plínio Marcos. O espaço de divulgação que as suas produções costumam receber ou o tratamento que os meios de comunicação reservam ao dramaturgo é questionado por ele próprio. Na entrevista, ele se diz insatisfeito com o espaço que a mídia então lhe destina. Na época, ele colaborava com a revista *Caros Amigos* e com o *Jornal da Orla*, de Santos. Algo que se mistura à dificuldade que ele sempre enfrentou, na condição de persona censurada e perseguida durante os anos de 1964 a 1985.

Em “Plínio Marcos, o andarilho da corda bamba”, Lanyi descreve o dramaturgo-cronista como um escritor maldito e interessado em “buscar a verdade”, mesmo que para tanto este não esconda que mentir ou inventar histórias seja um dos seus principais truques como escritor. Aliás, a expressão truque está no título do livro *O truque dos espelhos*, publicizado no corpo do próprio perfil do artista publicado na revista *Cult* como um objeto de divulgação.

A crítica do dramaturgo-cronista aos meios de comunicação é lembrada também por Mostaço, que registra em seu ensaio aqui mencionado o fato de Plínio ter sido objeto de tese acadêmica apenas nos anos 1990; mais especificamente, *A flor e o mal*, de Paulo Vieira. Ou seja, além de artista censurado durante boa parte de sua vida profissional, o nome de Plínio Marcos também pode ser associado a uma crítica que demora a lhe conceder o espaço como objeto de estudo acadêmico: primeiro, com estudos sobre as suas peças teatrais, e só muito recentemente com a exposição crítica de textos jornalísticos, crônicas, entrevistas, novelas e contos.

Importa considerar nesta breve junção de pontos de vista até aqui expostos, percebemos pertinente a preocupação de parte da crítica de traçar um perfil condizente com um retrato de um sujeito que sempre se sentiu um marginal ou

socialmente marginalizado, mas que invariavelmente buscou marcar posição para a sua arte ao longo do tempo e que buscou dizer o que realmente pensava da vida, conforme pudemos conferir na obra *Bendito maldito: uma biografia de Plínio Marcos*, de Oswaldo Mendes, que investe em um relato que projeta o biografado em um conjunto de “memórias e emoções à flor da pele, esmiúça detalhes de uma vida vivida sofregamente, com o ímpeto de um trem em movimento” (MENDES, 2009, p. 9). Uma vida biografada, aliás, a revelar seis décadas da trajetória de um importante brasileiro, sob os perfis de dramaturgo, ator, jornalista, contista, polemista, romancista e cronista, sendo esta a faceta pliniana destacada em nosso estudo.

2. SOBRE O LUGAR DA CRÔNICA NO BRASIL

Neste segundo capítulo, procuramos apontar uma problematização do conceito corrente de crônica adotado no país e na esfera da Cultura e Sociedade de Massa, o seu surgimento enquanto gênero de discurso que absorve inúmeras marcas de linguagem e muitas vezes as revela explicitamente: uma produção que tende a projetar uma faceta ora mais literária ora mais jornalística e, por que não, impossibilitada de ser sempre uma coisa somente, aqui associada em um capítulo de análise numa tentativa de acrescentar um melhor entendimento das características linguísticas básicas aplicadas às crônicas plinianas; buscamos ainda tratar de um olhar sobre a crônica para além de conformações críticas tradicionais, pensando-a por um gênero que, se tanto não extrapola fronteiras, tem como propósito principal expressar um diálogo com outras formas de discurso, o que nos possibilita neste começo de análise a citação do gênero por uma versão musicada de “Crônica”, de autoria do cantor/compositor Humberto Gessinger:

Crônica¹³

Já não passa nenhum carro por aqui
Já não passa nenhum filme na TV
Você enrola outro cigarro por aí
E não dá bola pro que vai acontecer

Mais um pouco e mais um século termina
Mais um louco pede troco na esquina
Tudo isso já faz parte da rotina
E a rotina já faz parte de você

Que tem ideias tão modernas
É o mesmo homem que vivia nas cavernas

Você, que tem ideias tão modernas
É o mesmo homem que vivia nas cavernas

Todo mundo já tomou a Coca-Cola
A Coca-Cola já tomou conta da China
Todo cara luta por uma menina
E a Palestina luta pra sobreviver

E a cidade cada vez mais violenta
(Tipo Chicago nos anos quarenta)
E você, cada vez mais violento
No seu apartamento ninguém fala com você

Que tem ideias tão modernas
É o mesmo homem que vivia nas cavernas

¹³ Disponível em <http://www2.uol.com.br/engenheirosdohawaii/>. Acesso: 10 mar, 2015.

Você, que tem ideias tão modernas
E é o mesmo homem que vivia nas cavernas

Como se pode perceber, os versos musicados de Gessinger destaca uma posição de um sujeito da contemporaneidade, um retrato estetizado de cotidiano semelhante ao que costuma produzir um notório cronista de jornal. O que nos fará desde já apresentar uma reflexão sobre a crônica sem, neste momento, associá-la diretamente à figura do cronista Plínio Marcos, exceto em alguma citação ilustrativa, já que entendemos por bem analisar um conjunto de textos do autor em um capítulo subsequente e com base no lugar da crônica no Brasil aqui problematizado.

Da “Crônica” do Engenheiros do Hawaii não projetamos apenas o nome, aqui tenderemos a apreciá-la como uma constituição clara, ilustrativa, talvez bem acabada de uma produção do gênero. Musicado ou não, esta crônica realça a expressão de um sujeito dilacerado, em aparente crise existencial. Irreverente, a mensagem do vocalista do grupo de rock dá sentido, possivelmente para a diferença de alguns, a uma produção que desde a sua formulação moderna¹⁴ vai servir de base para experimentação de variedades linguísticas e de criação de novos significados. Em outras palavras, vemos o “eu poético” de Gessinger se dirigindo a um sujeito outro espelhado de/em si. “Você [que] enrola outro cigarro por aí / E [que] não dá bola pro que vai acontecer”. Neste início da canção, vê-se um quê de denúncia social redimensionada. Um discurso que resvala em ou busca um fato noticioso, mas que não o é, considerada a compreensão devida de sua respectiva linguagem. Não se trata de uma notícia, mas de uma imagem de recriação. Isto é, tem-se evidenciado um exercício de reescritura do roqueiro-cronista, um determinado retrato de cotidiano replicado: “Mais um pouco e mais um século termina / Mais um louco pede troco na esquina / Tudo isso já faz parte da rotina / E a rotina já faz parte de você”. “Você” ou a persona que eventualmente colabora com esta imagem musicada de decadência cultural e que faz parte deste possível fracasso decorrente de uma espécie teleguiada por uma figura historicamente conhecida: o ser humano.

Tal descrição tende a suscitar um protótipo pessoal que a esta altura pode preencher a condição de um interlocutor sugerido, daquele “Que tem ideias tão modernas / E é o mesmo homem que vivia nas cavernas”. Em tom de locução

¹⁴ Aqui, considerar a inscrição da crônica nos jornais brasileiros, a partir do século XIX.

radiofônica, repetem-se os versos que, enfatizados, parecem ir além de uma rima: “Você, que tem ideias tão modernas / É o mesmo homem que vivia nas cavernas”. O sujeito, as ideias, uma interlocução. Admitamos: uma crônica nada amena, como a tradição do gênero promove. Em debate, a “Crônica” de um “eu poético” que, mesmo solitário, não há de se julgar sozinho em seu retrato de cotidiano. Como “Todo mundo [que] já tomou a Coca-Cola”. Destaquemos: “A [mesma] Coca-Cola [que] já tomou conta da China”. Ao que se confirma: a (autor)retratação de um sujeito entregue a uma determinada confusão de ânimos, e que cogita um lirismo e, ao mesmo tempo, afirma – em tom de sutil lamento – uma consciência política, feito “Todo cara [que] luta por uma menina” / E [pensa n]a Palestina [que] luta pra sobreviver”. Percebe-se: uma crônica de um alguém sugestivamente desgostoso com o caos da (pós-)modernidade, projetado em um ambiente socialmente reconhecido por muitos outros corpos sociais: o do contexto das grandes metrópoles. Isto é: “E a cidade cada vez mais violenta / (Tipo Chicago nos anos quarenta)”. Aliás, em verso atualizado pelo mesmo grupo de rock, a Chicago descrita pode ser bem a São Paulo dos anos (de 19)90. De qualquer modo, uma visão de habitual tensão de vida: “E você, cada vez mais violento / No seu apartamento ninguém fala com você”. Ao que parece, uma projeção de ancestral travestido de dito cidadão moderno; uma *persona* “Que tem ideias tão modernas / E é o mesmo homem que vivia nas cavernas”. Em síntese, um contorno de crônica, posta em um suporte não tradicional, distinguindo-se daquelas publicadas em jornais, revistas e livros. Uma crônica musicada, da última década do século XX, da qual ainda é possível assinalar uma amostra de um gênero que, atualmente, se propaga por plataformas inúmeras, e que não deve se prender à exclusividade de um suporte, como não costuma mesmo se atrelar a uma base material, como não se prende nem se vincula desde o século XIX a uma única estética, embora balizado pela complexidade dos discursos histórico, literário e jornalístico.

2. 1 Uma premissa

O reconhecimento de um destacado objeto de estudo, por uma definição que pode destoar de certas correntes de pensamento crítico. Em discussão, uma acepção de discurso e de recepção crítica, por assim dizer, compartilhada do livro *Crônica: arte do útil ou do fútil?*, de Welington Pereira, obra na qual o autor analisa a crônica vinculada ao jornalismo impresso, tendo como objeto de estudo textos de

dois grandes nomes das letras no país: Machado Assis e Carlos Drummond de Andrade. Do estudo das crônicas destes dois autores reconhecidos, Pereira formula uma reflexão sobre um discurso autônomo ou independente de roteiros estabelecidos, entre os quais, os modelos jornalístico e literário. Eis aqui, explicitamente, uma defesa da singularidade de um gênero discursivo que, em tese, contesta a vinculação redutora da crônica frente à literatura.

Talvez pouco adotada entre estudiosos do assunto, a leitura da crônica como discurso autônomo tende a permitir que possamos vê-la como ela periodicamente se apresenta desde a sua chamada formulação moderna, a do século XIX, com base num determinado resgate do tempo, vinculada a uma retratação e formalização textual de um cotidiano social. Uma consideração que não deve obstruir a sua possível valoração como literatura, reconhecidamente, uma das principais facetas deste gênero analisado. Pereira aborda a questão ao destacar certa preocupação de parte da crítica em comparar a crônica a alguma manifestação literária, o que tornaria o exercício do cronista dependente de alguns preceitos literários, e fazendo com que este perdesse dadas liberdades estéticas que o seu gênero de ofício costuma produzir. “Para garantir uma certa legitimidade ao texto [da crônica], pede-se ao cronista uma demonstração de seus dotes poéticos ou de suas qualidades de ficcionista”, escreve o pesquisador (1994, p. 24): “Sendo assim, as características da crônica serão reconhecidas a partir de sua ‘natureza literária’”. Ou seja, o entendimento é de que esta mesma natureza literária, alimentada pela capacidade de criação na plataforma jornal desde o século XIX explique a prevalência do discurso literário na crônica pelo emprego desta estética por determinados cronistas.

A apreciação muda de foco, como de fato ocorre, se o texto da crônica porventura ganha(r) uma constituição distinta da literária. Naturalmente, este debate deve implicar discussões futuras ou paralelas acerca de possíveis categorias de análise da crônica, do conceito de cada discurso predominantemente inscrito em seu texto e sobre a ideia de que qualquer conceito de discurso – de literatura, de jornalismo, de música etc – se funda no reconhecimento de uma respectiva história e caracterização de um objeto analisado. O que nos leva a considerar como necessárias observações e, talvez inevitáveis observações, as reorganizações críticas em instâncias de recepção, como de alguma maneira Luiz Carlos Simon discute em *Duas ou três páginas despreziosas: a crônica, Rubem Braga e outros cronistas*. Nesta obra, o autor interpreta os estudos da crônica como uma abertura

do cânone literário, um movimento crítico vinculado aos Estudos Culturais. No caso, contemplando o aspecto literário do gênero sem muito especificar, em paralelo, uma produção composta por uma variedade de outros discursos. Assim sendo, a canção interpretada pelo grupo Engenheiros do Hawaii pode muito bem ser um exemplo de compreensão. Afinal, quem é que pode, mesmo ignorando o título, negar que os versos de Gessinger não correspondem a uma crônica? Como pudemos observar em um breve exercício de análise, a “Crônica” do roqueiro cronista ilustra, sem muito ar de surpresa para os entendidos da recepção, uma das facetas de um gênero perfeitamente publicável na forma de versos, mesmo na condição musicada. Aliás, Machado de Assis e outros nomes representativos das Letras já experimentaram a crônica em uma forma de herança romântica ou, digamos assim, em um contorno verbal mais poético; coisa que até os mais anônimos dos autores nacionais devem um dia ter cogitado: um formato lírico e estruturado em versos. O lirismo, é preciso que se diga, será ao longo do tempo um componente característico da crônica no Brasil, com o qual vão se ocupar dois dos principais cronistas brasileiros do século XX, Rubem Braga e Paulo Mendes Campos. Talvez ainda seja importante observar: no tempo corrente, a crônica é suficientemente produzida; diferente do que pensam alguns, no curso de transformações simbólicas, o gênero segue em franco desenvolvimento.

Em se tratando da observação que fazemos do conjunto de inúmeras crônicas assinadas por cronistas brasileiros, é bastante complexa a sobreposição do literário por um gênero propagador de expressões estéticas particulares, como se pode ver também em produções que se alinham ao jornalismo, à música, ao cinema, ao teatro e a outras formas de discurso. A propósito da crônica, o veículo jornal será uma destacada palavra-chave, à medida que reflexões sobre jornalismo e literatura merecerem de nossa parte um olhar de análise. A caracterização do jornal impresso como uma espécie de primeiro lugar da crônica moderna no país será de suma importância. A este respeito, o autor de *Crônica: arte do útil ou do fútil?* nos parece bastante assertivo, sobretudo na associação entre crônica e literatura, tratando de nomear de reducionista o viés formulador daqueles que costumam apreciar o gênero dependente exclusivamente de um determinado discurso, como os casos da literatura e do gênero ensaio. A propósito desta discussão, Pereira expõe a análise de um gênero que empresta valores conotativos a eventos sociais sem se prender ao dado cronológico nem à forma estilística do gênero ensaio, por exemplo, como

ocorria em estágios antecedentes aos do século XIX. Vejamos o que o pesquisador nos diz a respeito da crônica, localizada na esfera da modernidade:

Depois do Romantismo, a crônica não se legitima apenas dentro de uma tradição da narrativa, cujo modelo pode ser Leskov, o narrador escolhido por Walter Benjamin para explicar a evolução das formas narrativas. O cronista moderno não está preocupado com o exercício da memória nem com a demonstração da experiência. O seu mundo se encontra dilacerado; não é possível ordená-lo numa simples enunciação dos fatos.

O cronista estabelece novos processos de enunciação, ultrapassa os limites impostos pela conotação, procurando transformar o exercício da crônica num espaço textual que absorve, criticamente, várias linguagens. Neste sentido, a crônica não se define apenas a partir do grau de literariedade nem do referencial jornalístico: se torna a possibilidade de leitura dos níveis linguísticos passíveis de uma reconstrução no interior do jornal. Para renovar a estrutura dos enunciados jornalísticos ou literários, o cronista constrói seu texto além das exigências denotativas ou conotativas que as conceituações emprestam à crônica no espaço jornalístico. (PEREIRA, 1994, p. 26)

Além de apontar uma base de renovação de discursos absorvidos como expressão estética, o gênero analisado como discurso autônomo permite que possamos perceber as contradições instauradas no interior de dois discursos que comumente lhe dão sustentação: o do jornalismo e o da literatura.

Ao promover novos processos de enunciação pela capacidade de absorção de várias marcas de linguagem e a partir delas apresentar uma nova unidade, a crônica se notabilizará pelo registro do coloquial. Em certo sentido, ela será uma expressão derivada do cotidiano, historicamente inspirada na plataforma jornal. Como sugere Pereira, a crônica se processa no plano da denotação e da conotação, numa tentativa de conceber a prática textual do cronista sem confundi-la com a de operadores de discursos outros. Em outra tradução de sentido, diz-se:

Se o cronista consegue ultrapassar os limites impostos pela denotação e pela conotação, estará colocando a crônica além das exigências referenciais do texto jornalístico e do grau de literariedade de algumas formas narrativas. Portanto, a crônica não se define pela natureza referencial das matérias jornalísticas nem tampouco se estabelece a partir de modelos literários. (PEREIRA, 1994, p. 27)

Como se pode perceber, o trecho destaca um registro de diferença em relação à boa parte dos estudos que se ocupam do tema, sobretudo se considerarmos duas das principais vertentes: aquela que procura tratar a crônica como um discurso jornalístico e aquela que a defende como literária.

Por isso, façamos deste registro de premissa, que se encerrará para que outro tópico possa ser desenvolvido, considerando uma base minimamente crítica: o que aqui se sugere como crônica deve decorrer de sua histórica condição produtora de novos processos de enunciação, alimentada por um retrato de cotidiano que pode ser referendado por uma notícia ou não. Além de dar vazão a uma distinta classificação do gênero, no formato de um discurso autônomo ou bifronte, Pereira contribui com a citação de seu estudo de caso e nos sugere a promoção e reprodução de um ponto de vista particular diferenciado, evocando, no interior da própria recepção crítica, um importante, necessário e sadio debate.

2. 2 Sobre perspectivas

A adoção de uma premissa, contudo, não vai fazer com que deixemos de dialogar com outras perspectivas críticas e nem que reparos possam ser ignorados na reflexão de um conceito pretensamente compartilhado. Pelo contrário. Mesmo as análises mais contraditórias nos serão válidas neste exercício de pensamento, não só pelo ensinamento de seus exemplos, mas também por seus aspectos complementares junto ao nosso objeto de problematização. Queremos crer: a crônica como um gênero particular suscitará contraposições, ou fará com que outras e diferentes posições aqui possam ganhar evidência. A propósito, sem que precisemos abusar de apresentações bibliográficas, é possível sublinhar uma breve síntese de algumas variações de pensamentos especializados, em que boa parte destes trata de classificar um gênero de duas maneiras predominantes: quando não defendem a crônica como literatura, apontam-na como discurso jornalístico. Além destas duas abordagens consideradas principais, há também aquelas que buscam caracterizações intermediárias, vinculando o gênero em estudo a uma forma de discurso que mescla as mesmas marcas de linguagem jornalística e literária.

Em “Fragmentos sobre a crônica”, Davi Arrigucci Jr. aborda a crônica como um gênero literário ligado historicamente ao jornal. Em seu texto, o autor aponta as especificidades da produção enquanto um objeto associado ao folhetim do século XIX, além de caracterizá-lo a partir de alguns de seus principais operadores ao longo da constituição de uma história da literatura. A definição de crônica é a sua primeira apreensão apresentada. Quer-se destacar, a princípio, a aclimação do gênero literário na realidade social brasileira: a crônica apontada como uma produção despretensiosa e próxima da conversa do cotidiano; há pelo menos um século e

meio, uma espécie de companheira quase que diária do leitor médio brasileiro. “Esse gênero de literatura”, escreve o autor (1987, p. 51), “ligado ao jornal está entre nós há mais de um século e se aclimatou com tal naturalidade, que parece nosso”. Na esteira de uma tradição crítica, Arrigucci Jr. enfatiza alguns dos notáveis cronistas do país, entre os principais, José de Alencar, Machado de Assis, Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade; exceto Braga, todos os autores citados têm fama associada à outra forma artística paralela à da crônica, como a do romance, do conto e/ou do poema. No texto crítico do pesquisador citado, processa-se o que a estrutura clássica de um ensaio indica: a conceituação de um gênero, neste caso, pela irradiação de seus pretensos ou principais atributos discursivos.

Na obra *A crônica* (1987), Jorge de Sá defende um conceito de crônica pelo que ele próprio chama de “registro do circunstancial” e por uma condição estrutural de narrativa: o desenvolvimento, a adaptabilidade do gênero no país. Nesta perspectiva, o autor procura observar a produção como um gênero jornalístico, embora o mesmo pesquisador vá considerar que o seu objeto de estudo também pode ser visto pelo viés da literatura. Na expansão deste capítulo de tese, aliás, a faceta de literário da crônica será objeto de reflexões críticas que a apontam como um suposto “gênero menor” a ser incluído entre um conjunto de obras literárias. E, se interpretamos bem a posição de Sá, este sugere a crônica como um discurso de fronteira. Considerada uma forma peculiar de jornalismo, ou se é que assim podemos enfatizar, temos segundo ele um gênero que se aproximaria do literário pela constituição de um contorno expressivo, como ocorre com as estéticas verbais.

Tratar a crônica como um discurso de fronteira, neste caso, seria reconhecer a complexidade em torno de sua caracterização, e reforçar uma posição crítica. E mais: afirmar que a crônica tende a ser, ao mesmo tempo, objeto de análise de pelo menos duas áreas distintas do conhecimento humano, embora afins, é exigir da recepção crítica certo grau de especialização. Isto é, cada área do conhecimento possui suas respectivas bases discursivas e pressupostos teóricos, e, além do domínio específico de ambos os discursos sugeridos, existe a problemática de conciliá-los num estudo conjunto, o que exigiria do especialista no assunto uma compreensão pretensamente apurada, ao que nos parece, uma reflexão que não pode deixar de ser tratada, mesmo em um campo minado por vaidades intelectuais.

Outro autor que vai apreciar a crônica pelo modelo do jornalismo, mas sem argumentar em tom de controvérsia, é José Marques de Melo, que assina um artigo

curto, com o título homônimo do livro de Sá. No artigo “A crônica” (2002), o autor analisa um gênero considerado por ele como marcadamente jornalístico, e com origem na História e na Literatura. Trata a crônica analisando os jornalisismos “hispano-americano” e “lusu-brasileiro”. No primeiro caso, Marques de Melo defende a crônica pela expressão de uma categoria informativa; no segundo, o gênero é vinculado a uma categoria de opinião. Em suma, o estudioso expõe o confronto entre dois modelos: enquanto a crônica hispano-americana se aproxima da notícia e da reportagem, a crônica luso-brasileira se apresenta próxima do editorial, do artigo e do comentário. Neste caso, vai nos interessar a consideração da crônica apenas no Brasil, embora analisada por uma caracterização distinta da deste especialista.

Além dos estudos filiados a uma vertente crítica tradicional, ainda há formulações que fogem ou parecem tentar uma fuga de uma classificação mais direta. Bender e Laurito, por exemplo, sugerem este olhar de fugacidade. Em *Crônica: história, teoria e prática*, as pesquisadoras buscam dar conta de todo um processo de concepção da crônica: a exposição dos principais estágios de constituição do gênero, a menção etimológica, o registro da mitologia, passando por uma formulação da crônica medieval, numa linha temporal de um gênero jornalístico, mas que, muitas vezes, flerta com o discurso literário. Responsável pelo componente histórico da obra, Laurito mencionará uma citação dicionarizada do gênero crônica, sugerindo-o mesmo como jornalístico; ao mesmo tempo, não deixa de assinalar que:

De tudo o que se disse até agora, é preciso ressaltar que, embora a palavra crônica, atualmente possa ser utilizada, no âmbito jornalístico, de maneira abrangente (crônica social, esportiva, política, etc.), o que vai interessar ao nosso estudo será a crônica como forma de arte e considerada um gênero próprio – ou seja, a crônica literária. Essa teve origem nos folhetins do século XIX e, aos poucos, se foi definindo, redefinindo e limitando. (BENDER e LAURITO, 1993, p. 23)

Notado o registro de data da publicação, o livro das duas pesquisadoras ainda deve ser assinalado pelo didatismo: tem mensagem clara, direta e simplificada.

Outro dado bibliográfico é um do já citado Luiz Carlos Simon, autor de ensaios sobre a crônica reunidos em *Dois ou três páginas despreziosas*. Neste livro, o pesquisador promove um gênero muitas vezes tido de fronteira e reproduzidor de uma diversidade de formatos, mas procura privilegiar a sua respectiva faceta de contorno mais literário. No intertítulo “Impasses em torno da crônica”, por exemplo,

Simon aborda um tema fundamental dos estudos da crônica: a importância dada a ela nos estudos literários e nas práticas pedagógicas do ensino acadêmico e escolar. Mesmo com registros em livros didáticos, a falta de prestígio oferecida à crônica é considerada pelo pesquisador, sobretudo se comparado ao destaque conferido a outras formas de discurso, caso do romance, do poema e do conto.

Simon ainda critica de parte de pesquisadores da área de Letras que, segundo ele, não veem a crônica com a devida consideração, além de destacar certa escassez de estudos que assumam o papel analítico da produção em análise, no exercício de sua teorização. É respeitável, contudo, o número de pesquisadores e estudiosos renomados que abordam o assunto, conforme a reflexão do próprio Simon. Afrânio Coutinho, Antonio Candido, Eduardo Portella, Massaud Moisés e Davi Arrigucci Jr. são alguns dos mencionados na extensão desta última referência bibliográfica. A relação compreende um conjunto de autores que, mesmo não se ocupando exclusivamente da crônica, fazem por transformá-la em objeto de reflexão. A maioria dos estudos, diga-se, não necessariamente pelo contorno ensaístico, vão se notabilizar – considerados os seus pressupostos críticos – pelas boas análises, mas que não vão muito além de uma caracterização de linguagem ou de uma definição satisfatória de um conceito. Para reforçar uma fala usada por Simon, os estudos sobre a crônica normalmente processam tensões e impasses.

Na exposição destas críticas, que também atravessam – embora parcialmente – as reflexões de Simon, haveremos de citar perspectivas outras, decorrentes de autores sem o escopo publicitário do cânone crítico. Como deve ilustrar a citação de Granja, autora do ensaio “Folhetins d’aquém e d’além-mar: a formação da crônica no Brasil”. Desta publicação, inclusive, podemos ampliar a nossa problematização e pensar o tópico seguinte sobre uma possível “base fundadora” da crônica no país. Uma análise do folhetim como uma seção de jornal com sucesso comercial no século XIX nos fará reforçar a percepção de como são distintas as perspectivas críticas sobre a crônica brasileira de modo geral, mesmo aquelas aparentemente mais próximas uma das outras ou em conjunção analítica.

2. 3 O folhetim

Uma produção de Émile de Girardin para o periódico francês *La Presse*, o *feuilleton* ou o folhetim terá como objetivo principal a expansão comercial do jornal do século XIX, período em que a versão brasileira desta seção de jornal, derivada

em uma espécie de dupla face, encontrará sucesso imediato no Brasil. Uma dupla face, pois, além do folhetim-variedades, aqui sugerido como uma matriz ou base derivativa da crônica brasileira, o folhetim-romance também será, mesmo que indiretamente, objeto de problematização. Em “Folhetins d’aquém e d’além-mar: A formação da crônica no Brasil”, Granja aborda o assunto em uma perspectiva transcultural entre Brasil e França: do estudo de um suporte de jornal importado da Europa, a sua transferência cultural e aclimação das suas destacadas faces de publicação¹⁵. Em seu ensaio crítico, a pesquisadora trata, mais especialmente, do folhetim-variedades, do qual resultaria a crônica. Um objeto de análise que sublinha – como tinha que ser – a importância do jornal para a literatura brasileira de um modo geral. Ao que consta, romances e novelas fizeram sucesso de público no Brasil, onde tais publicações se valeram do esquema folhetinesco após a sua importação. Do surgimento da crônica brasileira, em uma leitura paralela com a de seu original na França, são destacadas algumas diferenças e semelhanças de seus respectivos suportes: aquele editado fora e aquele editado dentro do país.

O processo de transferência cultural, de um país para o outro, promove a evidência de algumas diferenças entre as duas realidades analisadas: as rubricas folhetinescas de jornais franceses foram adaptadas nos jornais brasileiros. De modo ilustrativo, Granja (2010, p. 119) afirma que o espaço do rodapé da página assinado pelo folhetinista/cronista brasileiro do século XIX teve uma particularidade em relação ao mesmo espaço dos jornais franceses. No Brasil, o espaço foi marcado pela elaboração literária, pela utilização livre da retórica, da ironia, das citações da tradição literária e cultural, da paródia, da inserção de pequenos intervalos de ficção entre os comentários, da autorreferenciação. A referência de cronista, na reflexão da pesquisadora, recai a Machado de Assis e sua relativa consonância com o discurso dos folhetins-variedades e com o processo de transformação dentro dos jornais de época. Tomando o folhetim-variedades como um similar da crônica, Granja escreve:

Em nossa crônica, cabiam misturados a política e assuntos gerais da semana, tudo isso sob o signo da elaboração literária. O folhetim-variedades adaptou-se, ainda, no Brasil, a uma censura pouco intensa durante os anos do Império, assim como à vida social reduzida que não

¹⁵ Granja (2010, p. 112-113) parte da leitura de estudiosos franceses – Marie-Eve Thérénty e Alan Vaillant – na formulação de seu ponto de vista crítico. Granja problematiza a formalização do gênero e de sua aclimação no Brasil pelo aspecto do tempo (histórico e cronológico), do espaço interno do jornal (a disposição dos conteúdos dentro de um projeto gráfico) e do espaço externo (a disposição do conteúdo interno e sua relação com o público). Os dois últimos aspectos merecerão destaque nesta reflexão.

comportava o grau de especialização dos folhetins franceses (sobre os teatros, a literatura, as artes, por exemplo) e os fundiu num só escrito semanal, como vimos procurando demonstrar. (GRANJA, 2010, p. 131)

Na análise comparativa sobre Brasil e França, Granja também destaca que a escrita do folhetim brasileiro é autorreferencial como a do francês, um componente discursivo que vai permear a crônica no curso do tempo.

Numa citação e análise da crônica “Ao correr da pena”, publicada por José de Alencar no suporte folhetim-variedades, Granja aponta o aspecto de metalinguagem contida no texto do escritor brasileiro, que

Fala do espaço do folhetim como um espaço de entretenimento obrigatório e seu objetivo seria o de construir um texto interessante e divertido, mas com os meios que ele sempre tivera (pena, papel e tinta, tríade que ele associa ao gênero feminino), tudo isso à moda do “sapateiro remendão”. A menção desse ofício remete o processo de escrita da crônica a uma espécie de imposição, de bricolagem, de artesanato pouco refinado, o que nos conduz mais uma vez, à ideia de um texto em construção. (2010, p. 123)

Vê-se, logo, uma característica dos operadores do gênero, em seu princípio de formulação histórica: a preocupação com a forma e com certa abordagem desta. Se o tom da crônica tem de ser leve, se o seu conteúdo deve versar pela frivolidade? Uma resposta mais detida tende a ser tratada em um tópico mais adiante, quando pretendemos abordar alguns aspectos da linguagem do gênero.

Por ora, vale observar que desde que a crônica moderna ganha *status* de significação, o exercício de escrever crônica com o tema do próprio ato de escrever existe. É uma rotina que surge do folhetim(-variedades), percorre o tempo, e persiste nos dias atuais. Laurito (BENDER e LAURITO, 1993, p. 17-21) trata da questão, expondo escritores que abordam em seus respectivos textos as dificuldades inerentes ao gênero. José de Alencar, Machado de Assis e França Júnior são, na condição de folhetinistas, os nomes analisados. No caso destes folhetinistas ou cronistas dos primórdios da modernidade, são basicamente realçadas as suas posições a respeito do espaço onde se inscreve seus textos, a compreensão que cada um tem do gênero e o diálogo que buscam cada um dos três com seus leitores, fazendo destes interlocutores diretos e indiretos de seus escritos. Usam para tanto ou procuram usar uma linguagem amena, de fácil entendimento ou concatenada com o universo ou imaginário da recepção. Quase sempre, os autores recorrem à

descrição do próprio ato de criação da crônica em folhetim, muitas vezes, para justificar uma (suposta) falta de assunto ou para pontuar a problemática de escrever para o veículo jornal: por exemplo, o enfrentamento da pressão do tempo e a urgência e domínio do poder de síntese no trato com as palavras. Produtores do discurso, os folhetinistas do século XIX faziam o que atualmente os estudiosos no assunto fazem por ofício crítico e o que também fazem os cronistas caracterizados de um modo geral: a formulação de reflexões ao gênero produzido.

Com evidência, os folhetinistas refletiam sobre o processo da escrita e evocavam um aspecto importante da natureza dos textos reproduzidos cotidianamente em periódicos. E, de certo modo, podemos tratar os periódicos – francês e brasileiro – como um bom ponto de partida para a caracterização da crônica e do seu sugerido primeiro lugar no Brasil; destacadamente, uma produção simbólica inscrita na modernidade, tendo o jornal impresso como veículo de comunicação e o folhetim como um protótipo de discurso fundador, um entendimento recorrente entre a maioria dos estudiosos até aqui consultados, como sugere uma leitura de *Crônica: história, teoria e prática*. Na parte que destaca o componente histórico desta obra, Laurito confirma as duas variáveis do folhetim: a de “romance” e a de “variedades”. Uma publicação – como dissemos: de dupla face – que se tornou prestigiada nos jornais do século XIX no Brasil, um espaço reservado no rodapé dos jornais. Uma seção, segundo a mesma Laurito (BENDER e LAURITO, 1993, p. 15), destinada “a entreter o leitor e a dar-lhe uma pausa de descanso em meio à enxurrada de notícias graves e pesadas, que ocupam – como sempre ocuparam – as páginas dos periódicos”. De fato, a realidade socioeconômica nacional deve guardar as suas particularidades, sobretudo se pensarmos a recepção dos jornais brasileiros do século XIX; a particularidade de uma tradição cultural e de um então diminuto público leitor ou em expansão de crescimento. Em síntese, temos o folhetim por um espaço caracterizado pela forte audiência adquirida ao longo do tempo em que vigorou nos jornais do país. O seu estabelecimento marca um gênero e contribui com a modificação dos próprios meios jornalísticos, além de servir de base para publicações importadas e adaptadas à realidade brasileira, em uma época em que o próprio veículo se desenvolvia no país.

A respeito de uma das principais funções do folhetim, podemos destacar aquela vinculada à recepção de inúmeras demandas sociais. Como ocorre com a crônica, o folhetim vai absorver uma variedade de textos em conjunção com uma

época, que de alguma maneira comporta expressões sociais constituídas e, ao mesmo tempo, produz novas concepções estéticas e promove debates sobre a sociedade vigente. É um veículo que sempre se aproxima da realidade dos leitores, destaca Pereira (1994, p. 32). A constituição do gênero folhetim remete ao contexto em que seus operadores, os folhetinistas, “começam a traduzir a ideia de montagem, empregada como técnica na produção literária dos românticos, transformando o folhetim em espaço de crítica à forma de organização do mundo burguês”, assinala o pesquisador. “Neste aspecto, podemos [ainda] considerar os folhetins como um gênero, no espaço jornalístico, que serviu para veicular narrativas que mostrassem o ethos da sociedade burguesa no século XIX”. Isto é, o folhetim vai acrescentar ao jornal um caráter – no sentido lato – de literatura de massa. Constitui-se aos poucos como uma mercadoria, ou simplesmente nasce como tal, já que estabelece como objetivo o aumento contínuo de seu consumo diário, isto é, busca intensamente a formação de um público leitor.

Como uma espécie de suplemento, o espaço editorial dos folhetins vai se notabilizar pelo abrigo de escritores consagrados, seja na versão traduzida de originais franceses publicados em jornais brasileiros ou pela colaboração de escritores nacionais. Outra das duas faces, o folhetim-romance, como a própria expressão ilustra, remete a uma seção de jornal marcada pela publicação em série ou em capítulos de um então também emergente gênero moderno. Não por força do acaso, José de Alencar publicaria no suporte do folhetim-romance *O guarani*, Manuel Antônio de Almeida publicaria *Memórias de um sargento de milícias*, Raul Pompeia, a obra *O Ateneu*, sendo estes nomes referenciados por outros exemplos em momentos posteriores, como ocorreria no século XX, quando outros autores experimentariam a forma romance nas páginas de jornal: Lima Barreto, com *O triste fim de Policarpo Quaresma* (início do século 20) e Nelson Rodrigues, sob o pseudônimo de Suzana Flag, com *Meu destino é pecar*, entre outros cinco títulos (décadas de 1940 e 50).

Da face que nos interessa destacar, a forma folhetim-variedades transmite uma mensagem de cotidiano, abrindo espaço para a publicação de miudezas e fatos diversos, registros de personalidades e informes sobre a vida social da cidade, do país e do mundo; seja como comentário, notas e afins. Desta conformação histórica, a propósito, apontamos o surgimento ou o desenvolvimento do gênero da crônica e os contornos discursivos de que possui até os dias atuais. Claro, graças ao talento

de escritores e de jornalistas em intercâmbio e prática profissional no curso do tempo. Muitos destes, inclusive, fizeram do espaço de jornal, sobretudo os da época do folhetim (romances ou variedades), um espaço representativo de laboratório de criação. Reconhecidamente, emerge deste suporte o folhetinista, uma espécie de primeira máscara daquilo que chamamos de cronista moderno. Um entre outros operadores de jornal, veículo de comunicação social usado como instrumento ideológico da burguesia no curso do século XIX, que além de instrumentalizá-lo para propagar um ideário e uma visão de mundo, é alçado como uma plataforma que absorve um conjunto considerável de marcas de linguagem.

Como queremos acreditar, o folhetim vai cumprir tal propósito em uma esfera micro, compondo em um espaço macro do jornal uma miscelânea de artigos, críticas, resenhas etc, além de romances, novelas e textos variados. À sua frente, a figura do folhetinista, de acordo com as palavras de Pereira (1994, p. 30), visto como “um literato que não apenas dominava as regras literárias, mas que também compreendia a dimensão temporal do espaço jornalístico”. Uma percepção que aponta o folhetim como uma seção usada para projetar, conforme a aceitação de um público brasileiro em princípio de expansão, certa autonomia em relação ao jornal.

2. 3. 1 Do folhetim à crônica?

Do folhetim como base de textos variados, aliás, nos aproximamos mesmo de uma controvérsia sobre assunto? Ao contrário do que publica uma boa parte dos estudiosos, Pereira vai defender que a crônica não surgiu do folhetim. Ao menos ela, segundo este pesquisador não teria se instalado naquele espaço caracterizado de miscelâneas textuais. Ao expor a crônica pela análise do folhetim, Pereira (1994, p. 29) incorre em desdobramentos analíticos particulares; em um deles, o autor de *Crônica: a arte do útil ou do fútil?* nos propõe uma distinção entre crônica e folhetim, às vezes, no dizer dele próprio, “erroneamente” tomados como sinônimos por outros pesquisadores. Como já informamos, a análise de Pereira se dará pelas crônicas de Machado de Assis, que se não é diretamente assinalado como o primeiro cronista brasileiro, pode ser alçado ao posto de primeiro notável do gênero. Ao estudar o caso de Machado cronista, Pereira pouco menciona outros cronistas considerados precursores do gênero no país. Embora seu estudo de caso seja a respeito de Machado de Assis e de Carlos Drummond de Andrade, ficam um tanto suspensos da análise de Pereira pelo menos três nomes importantes da cronística ou da

precursora prática folhetinesca entre os, digamos, antecessores de Machado: Martins Pena, Francisco Otaviano e José de Alencar. A citação destas três figuras tende a afirmar a hipótese que vai confrontar a ideia de que a crônica surgiu dissociada do folhetim-variedades.

No primeiro caso, temos o comediógrafo Martins Pena como um comentarista especializado em um dado tema, com um incipiente olhar de cronista. Colaborador do diário carioca *Jornal do Commercio*, entre 1840 e 1847, Pena, tido um grande conhecedor de música e da arte da encenação, marcaria época na imprensa nacional escrevendo séries exclusivas sobre o teatro lírico, na seção “A semana lírica”; uma publicação associada ao folhetim-variedades, da qual derivaria o gênero da crônica. A respeito de Pena, Granja faz um registro cuja reprodução é essencial:

É preciso dizer que um folhetim que comportava tamanha especialização era algo singular na primeira metade do século XIX brasileiro, justamente porque as temporadas dos teatros, quaisquer que fossem não eram suficientemente variadas para justificar a publicação de dois ou três folhetins semanais sobre os espetáculos, e nem regulares o suficiente para que o periódico pudesse contar certamente com uma “coluna fixa” de crítica teatral no espaço em questão. Em todo caso, as temporadas dos anos 1846-1847 ofereceram rico material para Martins Pena, e o *Jornal do Commercio* o absorveu. (GRANJA, 2010, p. 114)

A primeira rubrica de crônica, no entanto, surgiria com o advogado, político e jornalista Francisco Otaviano de Almeida Rosa, na coluna “A semana”, publicada em rodapé de página do mesmo *Jornal do Commercio*. Laurito (BENDER e LAURITO, 1993, p. 29) especifica a data que seria o marco da crônica no país: o dia 2 de dezembro de 1852. No simbólico início, Otaviano inauguraria a sua seção de jornal, em que se destacaria uma espécie de embrião da crônica pelo “debate político do momento”, e sobre o qual todos os cronistas a posteriori iriam se ocupar. Um viés a vigorar até os dias atuais, consideradas as transformações discursivas ao longo do tempo. A posição deste primeiro cronista, desde o princípio, vai ser a de um folhetinista, conforme citação de Coutinho, lembrado em nota do ensaio de Granja.

Depois de Otaviano, outros nomes ganhariam destaque com a produção, entre os quais, alguns dos mais consagrados pela crítica, caso de José de Alencar. França Júnior, Joaquim Manuel de Macedo, além do citado Machado de Assis também marcariam – cada um a seu modo – seus nomes na formulação do gênero no século XIX e na virada deste para o século XX. Cumpririam, basicamente, funções de periodistas. Alencar, aliás, faria sucesso como folhetinista/cronista, em

um explícito exercício de laboratório e instrumento de manifestação pessoal, individual e artística. Seria ele o autor da propalada coluna “Ao correr da pena”, do jornal *Correio Mercantil*, entre 1854 e 1855. Da forma como se dera com Alencar, ocorrera também com Machado, que usaria os macetes do gênero folhetim e sua transformação como suporte para a produção de crônicas, tendo a sua experiência folhetinesca comumente lembrada pela crítica. No espaço consagrado do jornalismo impresso, Machado escreveria romances, posteriormente editados como livros.

Sobre a figura de Machado cronista, Arrigucci Jr. destaca:

Machado se afina pelo tom menor que será, daí para frente, o da crônica brasileira, voltada para as miudezas do cotidiano, onde acha a graça espontânea do povo, as fraturas expostas, o quadro de costumes, o ridículo de cada dia e até a poesia mais alta que ela chega alcançar, como em tantas de Rubem Braga. (ARRIGUCCI JR, 1987, p. 59)

Pode-se dizer, o jornal consagraria Machado e a crônica no país. Na realidade, as crônicas machadianas são vistas como resultado de experiências vividas e elevadas para o plano de experiências literárias testadas e, de alguma maneira, aplicadas nos textos de seus romances. Em determinado sentido, vai importar pouco se o consagrado escritor escreveu crônica no espaço do folhetim; importa perceber, isso sim, se ele se utilizou de uma forma discursiva como subsídio para produzir os seus textos alinhados com a produção da crônica.

O que ocorrera com o autor de *Dom Casmurro*, podemos crer, acontecera também com outros escritores na esfera do jornal impresso. Tratemos, pois, concretamente, de um processo de pormenorização pelo que passou o folhetim-variedades até se transformar em crônica. Laurito, por exemplo, trata do assunto ao mencionar a experiência folhetinesca de José de Alencar. Deste é citado um folhetim, datado de 24 de setembro de 1854, em jornal não nomeado, que expunha uma variedade de assuntos, dentro de uma mesma coluna ou espaço de rodapé. A descrição da pesquisadora transmite a ideia de que, com o tempo, a abordagem folhetinesca se transforma. Para Laurito (BENDER e LAURITO, 1993, p. 21-22), “com a evolução da imprensa, o abrangente folhetim de variedades do século XIX foi desaparecendo, para dar lugar a seções especializadas de articulistas, comentaristas, analistas e críticos, ou seja, jornalistas também especializados em determinadas matérias”. Neste contexto, vai surgindo a persona do cronista, que na verdade se transforma em um especialista de tudo um pouco, ou se transforma

naquele que sabe um pouco de tudo e que, ao mesmo tempo, não sabe de nada. A figura do cronista começa com a imagem de especialista em generalidades, como muitas vezes se ouve a respeito do jornalista atualmente. Não por acaso, os ditos primeiros cronistas são: ora jornalistas-escritores, ora escritores-jornalistas.

Quanto a Pereira, ao tratar do conceito de folhetim, parece provar e – ao menos nesta passagem – suscitar em nossa visão um expediente que, em sua análise, ele próprio costuma lançar. Isto é, em situações de reparos críticos, costuma dizer que falta a um determinado estudioso – suscitado em menções diretas ou nada sutis e elegantes – um devido aprofundamento maior sobre um determinado aspecto de estudo. No dizer do pesquisador, crônica e folhetim são coisas distintas: a primeira caracterizada pela herança romântica, “pela capacidade de desconhecer a formalização dos gêneros para transitar livremente entre prosa e a poesia”; e a segunda, pela denominação promocional de seção de jornal, “na qual eram publicados quaisquer textos, desde crítica literária até o ensaio” (PEREIRA, 1994, p. 29). No livro *Crônica: arte do útil ou do fútil?*, o referido autor não defende a figura de cronista como desdobramento da figura de folhetinista. Ou não vê a crônica machadiana como um desdobramento do folhetim-variedades.

Sem alimentar muitas dúvidas acerca do tema ou sendo pretensamente assertivo, Pereira defende a crônica como um gênero em constante mutação, ou seja, já constituída, sendo redefinida em jornal. Vale aqui conferir a sua perspectiva sobre crônica e folhetim, para quem a diferença entre as duas concepções:

não se resume [ou se resumiria] apenas a uma questão semântica, mas se estabelece que ambos mantêm com o espaço jornalístico. Neste sentido, a crônica marca uma certa evolução estético-semântica, através das diversas linguagens que o cronista incorpora ao seu texto. O folhetim, ao contrário, permanece marcado pela referencialidade do texto jornalístico ou pelo grau de literariedade, quando assume as características do romance ou até mesmo da opinião jornalística. (PEREIRA, 1994, p. 34)

Nesta passagem, Pereira destoa de Granja e de parte da recepção crítica até então consultada neste trabalho. Contesta-se a defesa de que a crônica surge no jornal, em específico, referenciada pela seção do folhetim-variedades, o que não quer dizer sempre vinculada em seu espaço. A percepção defendida neste trabalho é a de que, enquanto gênero em formação, a crônica parece mimetizar o folhetim-variedades e a forma de agregar em seu interior recursos linguísticos tradicionais como os do comentário e a da estetização dos fatos, neste caso, feito (de) uma

produção orientada pela periodicidade e, estejamos cientes deste ponto de vista, não mais em ordenação cronológica como o do registro da crônica histórica.

A respeito da crônica como derivação do folhetim-variedades, o posicionamento de Granja (2010, p. 130) nos parece mais factível. Esta pesquisadora esboça um pensamento sobre as primeiras características da crônica moderna produzidas no Brasil pelos principais escritores de época. Em um trecho de “Folhetins d’aquém e d’além-mar: a formação da crônica no Brasil”, ela analisa a publicação de um rodapé do *Jornal do Commercio*, na qual se vê a publicação de um folhetim-variedades e um folhetim-romance no mesmo espaço editorial ou dividindo-o. Há, inclusive, uma reprodução de jornais antigos em página do ensaio descrito, o que muito pode facilitar a verificação de uma produção de época. Do uso comprimido do rodapé nos jornais brasileiros, surgiram algumas das marcas discursivas da crônica no Brasil: que vai da crítica, fragmentos de temas variados e do texto de romance para o formato da notícia, análise política, comentário e elaboração ficcional em forma peculiar. Granja deixa à mostra em seu estudo a consideração de que muitas vezes o folhetim-variedades tinha a prerrogativa no espaço de jornal, relegando o folhetim-romance, se é que assim podemos dizer, a um segundo plano de importância. Isto fazia com que o original de um romance francês (no exemplo posto, de Alexandre Dumas) fosse publicado parcialmente ou sem a sequência devida quando o folhetim-variedades possuía mais conteúdo do que o habitual. Assim, a pesquisadora parece alimentar um bom debate; em outras palavras, ela aponta na direção de uma perspectiva distinta da que defende Pereira. Ou seja, Granja aponta o folhetim como uma seção importada da França e tomada como uma versão aclimatada quase simultaneamente em solo brasileiro.

Da seção folhetim para o texto da crônica foi um breve movimento, já que a dinâmica do jornal e da sociedade moderna obrigou o folhetinista a percorrer todo tipo de acontecimento, matéria básica para a redação cotidiana. Pode-se dizer: é da aceção de crônica moderna, a da primeira metade do século XIX, que parte da crítica especializada aponta uma matriz do gênero no país, aqui apreciada em um primeiro lugar simbólico demarcado. Vale destacar: a crônica no suporte jornal aponta ainda para outras perspectivas. Naturalmente, ou nem tão naturalmente assim, nem tudo o que sai publicado em jornal possui linguagem jornalística, dado que vislumbramos na análise do universo simbólico do século XIX, em que a crônica tende a ser apreciada em uma relação direta com o discurso jornalístico.

2. 3. 2 Mitologia, História e afins

Antes de analisarmos o desenvolvimento da crônica no universo simbólico do século XIX, tratemos um pouco de seus registros antecedentes, o que implica a citação de um dado fundamental para a sua compreensão como discurso, considerando aqui um aspecto básico de sua acepção: à palavra crônica são atribuídos vários significados; todos, variavelmente, implicam em uma noção de tempo, evidenciada na compreensão do próprio termo. As discussões mais extensas acerca do gênero começam de seu sentido etimológico, evocado da Grécia Antiga, da mitologia do deus Chronos, da divindade ou da personificação do tempo. Por tal registro, a crônica deve ser analisada ou passa a ser apreciada como uma forma discursiva do tempo e da memória; no dizer de Arrigucci Jr. (1987, p. 51), “um meio de representação temporal dos eventos passados, um registro da vida escoada”. Um resultado peculiar do ato de lembrar e do exercício de escrever, a crônica evoca uma definição que se poderia aplicar igualmente ao discurso da História.

Nas palavras do autor de “Fragmentos sobre a crônica” (1987, 51), a produção analisada sugere “um relato em permanente relação com o tempo, de onde tira, como memória escrita, sua matéria principal, o que fica do vivido”. A bem dizer, trata-se de uma rotina de procedimento e de pesquisa de estudiosos no assunto, que ora usam este dado como nota de rodapé de uma reflexão, que ora utilizam o próprio resgate do mítico e etimológico na concatenação de ideias. De algum modo, Laurito (BENDER e LAURITO, 1993, p. 10-11) contempla tal procedimento, ao considerar que a crônica “nunca perdeu os vínculos com o sentido etimológico que lhe é inerente e que está em sua formação”. Em *Crônica: história, teoria e prática*, que a pesquisadora assina com Bender, e na obra *Crônica: a arte do útil ou do fútil?*, de Pereira, temos expostas apresentações recorrentes do mito do deus Chronos. Uma forma de ilustrar o propalado sentido etimológico da palavra, que assimila ainda a matriz de um sistema cultural, promovendo o mítico e uma extensão diacrônica da definição. Ao que se nota a este respeito, um ponto de partida para um melhor entendimento do gênero e de sua mudança evolutiva pela análise do período medieval, tratando-o como um momento representativo desta produção de contornos atualizados ou cristalizados socialmente na atualidade.

Historicamente, a crônica terá uma carga semântica limitada. É, em seu início, um registro de “eventos sociais” sem (muito) amparo de interpretação. Ganha, aos poucos, um sentido de relato histórico, com o qual superará a barreira dos séculos.

Segundo Pereira (1994, p. 15), o gênero chega ao século XII com características mais ampliadas: ora é relato histórico, ora projeta um contorno mais literário; neste caso, como um objeto de representação das “relações dos homens com o tempo em que vivem”. Assim, “ao assumir a condição de relato histórico, com alguns matizes literários, a crônica volta, novamente, a ter seu significado ampliado”, destaca o pesquisador. “A partir daí, vamos ter uma nova noção de crônica que não se legitima apenas através da organização cronológica dos eventos, mas na forma de relatá-los”. O significado histórico da palavra crônica está ligado à ideia consensual de um tempo cronologicamente determinado: “Todo o esforço de anúncio de alguns fatos só terá legitimidade, neste aspecto, se estiver ordenado sob a cronologia dos fatos sociais”, assinala Pereira (1994, p. 13-14). Mas em seu primeiro momento, a crônica não terá, conforme as palavras de Pereira, autonomia para provocar reflexões, no exemplo exposto, sobre o curso de determinados acontecimentos.

A crônica será, em sua gênese, uma breve configuração de relato de eventos. É o que se pode chamar de mero registro das coisas, por si só ou apenas. Em *Crônica: a arte do útil ou do fútil?*, o autor (1994, p. 14) cita de forma interessante o que seria o primeiro estágio da crônica. Arelada a um entendimento de mero registro de eventos, a ideia de crônica se vincula à definição histórica do tempo nas sociedades. A produção analisada surgiria mais como uma espécie de legitimação de “um processo de anúncio e não enunciação, pois ainda não se fazia uma caracterização do objeto exposto; não havia uma interpretação dos fatos narrados, mas apenas sua exposição feita em função de uma ordem cronológica”. É, em seu princípio de constituição discursiva, uma forma precária em relação ao que será, mais adiante, no curso do tempo.

Sobre o registro da crônica histórica, Arrigucci Jr. (1987, p. 52) menciona suas principais características na Idade Média, associada a uma narração de fatos históricos segundo uma ordem cronológica e precursora da historiografia moderna. Tal gênero supõe uma sociedade demarcada no tempo, “para a qual importa a experiência progressiva do tempo, um passado que se possa concatenar significativamente, a História, enfim, e não apenas um tempo cíclico ou repetitivo, implicado noutra forma de narrativa – o mito”. Ainda a considerar o que pensa este pesquisador, a crônica se encontra presa ao calendário dos feitos humanos e não às façanhas dos deuses, mas considerada também, por que não, em conjunção dos astros. Destacada, temos a crônica histórica constituída como um testemunho de

uma vida, o documento de toda uma época ou um meio de inscrição textual na História. Da acepção medieval, vemos o cronista como um narrador de acontecimentos, assemelhado a um narrador popular de casos tradicionais “que, pela memória resgata a experiência vivida nas narrativas que integram a tradição oral e às vezes se incorporam também à chamada literatura culta” (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 52). Do desenvolvimento do gênero, ainda podemos perceber a transformação temporal da figura do cronista: um sujeito a produzir um tipo de discurso e com ele e a partir dele destacar uma experiência individual.

De fato, é evidente a importância da crônica histórica no período das grandes navegações e no advento do Humanismo europeu dos idos dos séculos XIV e XV. Um período em que ganha relevo a figura do cronista-mor, vinculado a um rei ou a um imperador, quando ocorre uma espécie de profissionalização do cronista, sobretudo em relação à figura deste na Idade Média. Laurito (BENDER e LAURITO, 1993, p. 11-12) expõe, por exemplo, o caso de Fernão Lopes, nomeado em 1434 como o cronista-mor do rei D. Duarte, de Portugal. O relato descreve Lopes como então responsável pelo “registro dos feitos dos antigos reis de Portugal até o reinado de D. Duarte. E de que este registro era chamado de ‘caronyca’, ou seja, crônica”. O que nos faz pensar em um ponto pacífico: o período da ascendência do cronista-mor marcaria e não só corresponde ao início de uma História como de uma literatura portuguesa. Algo assemelhado ao surgimento da História do Brasil e de sua respectiva literatura, como também destacam Laurito e outros pesquisadores, quando pensam a crônica como um objeto da pré-história da literatura brasileira. Quer dizer, a crônica no Brasil pode ser diretamente tomada pelo registro da Carta de Caminha, o famoso escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral.

Em 1500, ano da chegada oficial dos portugueses ao Brasil, Pero Vaz de Caminha escreveria uma carta endereçada ao rei português D. Manuel, com o relato em pergaminho das primeiras impressões tomadas em solo brasileiro. Pelo que nos consta, a carta só chegaria ao destinatário tempos depois do evento, o que dá ao documento contornos de registro do passado. Desta forma, é possível ver no escrivão uma espécie de cronista à moda do Quinhentismo português. “No entanto, [o escrivão] comporta-se também como um cronista no sentido atual da palavra – o deflagrador do tempo presente – na medida em que o seu relato é contemporâneo dos acontecimentos que narra”, assinala Laurito (BENDER e LAURITO, 1993, p. 12). “Caminha é o cronista do cotidiano do descobrimento, ou seja, do ‘hoje’ de 1500”.

Em *A crônica* (1987, p. 5-6), Sá defende que Caminha possa ser considerado um cronista no melhor sentido literário do termo, pois “ele recria com engenho e arte tudo o que ele registra no contato direto com os índios e seus costumes, naquele instante de confronto entre a cultura europeia e a [dita] cultura primitiva”. Da análise da carta famosa, Sá vai destacar o chamado princípio básico da produção, o registro do circunstancial. A diferença da carta para o texto da crônica conhecida nos dias atuais, a propósito, não deve ser ignorada por pesquisador ou estudioso nenhum. A diferença entre ambas as formulações existe, e pela apreciação da famosa carta é possível considerá-la um marco do que alguns acreditam ser também o princípio de um gênero. A nossa literatura, Sá não deixa de assinalar em tom de polêmica, nasceu de uma circunstância. Ou melhor, a análise deste pesquisador vai além: sustenta que a literatura brasileira “nasceu da crônica”. Em certo sentido, a nossa literatura e história surgiram de um olhar que lembra ou se associa a de um cronista moderno. Como já destacamos, Sá sublinha uma perspectiva vacilante, ambígua a respeito de nosso objeto de análise; classifica a crônica como jornalismo, mas também a indica com potencial de ser literatura. Importa, contudo, considerar nesta pontuação breve de antecedentes: à História se soma a Literatura como as bases originárias de um gênero que, passando pela base discursiva do jornal do século XIX, chegaria aos nossos dias como uma produção viva, criadora e recriadora de marcas de linguagem e, por que não, discursivamente autônoma.

O vínculo da crônica com a História, em sua forma histórica, remete diretamente ao caráter de relato circunstanciado sobre feitos, cenários e personagens, a partir da observação do próprio cronista ou da coleta de informação de protagonistas de uma ação ou testemunhas oculares; busca ainda resgatar episódios da vida social para uso pretense no futuro. Quanto à herança literária da crônica, temos a configuração de um texto marcado pela produção de espectadores privilegiados – viajantes ou epistológrafos – que traduzem para leitores distantes as impressões de paisagens vistas e de gentes conhecidas, segundo Marques de Melo (2002, p. 140). A literatura, nesta análise de registro histórico, porém, se dissocia de um valor artístico. Os cronistas desta acepção projetam o cenário de mundo da “descoberta” das Américas, quando o valor estético, para eles, não era uma prioridade. Não se pode esquecer: o conceito de literatura possuía suas particularidades na era das grandes navegações, nos idos dos séculos XV e XVI. De tal contexto, podemos apontar as duas citadas bases – histórica e literária – da

crônica, tanto na América hispânica como na América portuguesa. No curso do tempo, se notará o surgimento da crônica – para Marques de Melo, um gênero jornalístico. Mais especificamente, no período em que a imprensa atinge um patamar de industrialização. Será ainda um veículo de uma nova forma de ver o mundo, capitaneado pela atmosfera romântica e pela tradição romanesca: não que as crônicas histórica e literária, nas acepções postas, deixaram de existir; são, em suma, representações ligadas a momentos históricos específicos.

A propósito, destaquemos aqui um último registro a respeito da crônica histórica antes de passarmos para o próximo tópico: diferentemente do que podem pensar alguns, o gênero de *status* medieval não deixou de existir com o advento da chamada fórmula-base da crônica como a concebemos hoje, aquela fundada e estabelecida nas páginas dos jornais, a partir do século XIX. Em *Crônica: história, teoria e prática*, Laurito (BENDER e LAURITO, 1993, p. 14) trata de uma abordagem – cremos – pouco considerada por muitos estudos sobre o tema. A crônica histórica não deu lugar à crônica moderna, como se poderia supor. Ao menos o processo não foi automático no curso do tempo. Inúmeras obras e autores usaram a formação discursiva da crônica histórica do período do cronista-mor ligado a um rei em suas produções. Para um melhor entendimento do assunto, Laurito destaca que no início do século XIX, Francisco Adolfo Varnhagen publicou uma obra intitulada *Crônica do Descobrimento do Brasil*, baseada na *Carta do Achamento*. A pesquisadora também nos lembra de Joaquim de Macedo, outro a se servir do gênero antigo; Macedo publicaria *Um passeio pelo Rio de Janeiro* (1862-3) e *Memórias da Rua do Ouvidor* (1878), servindo-se da concepção arcaica da crônica numa mescla com a ficção. Um tempo depois, Manuel Bandeira, com *Crônicas da Província do Brasil*, prosa de 1937, e Cecília Meireles, com *Crônica Trovada da Cidade de Sam Sebastiam*, poema épico-lírico de 1965, são dois casos notórios. Em comum entre autores e textos citados, apontam-se traços discursivos de memórias de fatos passados ou de um flagrante de tempo presente, tendo os autores destes mesmos textos o propósito – fantasioso ou não – de torná-los documentos para a posteridade.

2. 4 Século XIX: um marco para a crônica moderna

O século XIX é um marco para a ressignificação da palavra crônica ou para a crônica propriamente dita. Desde então o gênero estabelece novas fronteiras linguísticas e adquire novos contornos discursivos. Nas palavras de Pereira (1994, p.

20), o cronista deste século citado “procura absorver os ideais do mundo moderno. Por isto, o discurso da crônica não se limita a reproduzir as regras da retórica nem sobrepõe o estilo à clareza do enunciado”. E o pesquisador diz mais:

O cronista do século XIX começa a reestruturar seus escritos, fazendo com que o texto não traga apenas as marcas do literário como sinônimo de evolução da crônica, mas busca novas formas de expressão para obter unidade estética no exercício da crônica, avançando diante da concepção historicista e da necessidade de revelar fatos. (PEREIRA, 1994, p. 20)

Neste trecho, vemos o registro de reforço da crônica em sua forma agregadora de novas marcas de linguagem. Aliás, é o próprio contexto que vai potencializar este discurso: o exercício da experimentação linguística, a recriação da linguagem e de novos significados na esfera de uma sociedade industrial. No caso do Brasil da época, uma incipiente, lenta ou quase inexistente industrialização.

O poder de recriação da linguagem ou da produção de novos significados atribuído à crônica lhe transformará em veículo transmissor de um representativo período. Veículo de temas ligados ao entretenimento e a fatos diversos, a crônica reproduz retratos de mundo, muitas vezes submetendo ao próprio ritmo industrial da sociedade e do tempo em que é produzida. Em outras palavras, a tradução de um período histórico pelo gênero alimentará uma forma de organização social então emergente. Os ideais veiculados pela crônica moderna, assim, serão os da burguesia. Diga-se, uma informação que nos parece ilustrativa para a compreensão da crônica no curso do tempo; serve também como um dado de percepção do gênero em nossa contemporaneidade. A crônica vai estabelecer uma estética moderna num período em que a própria burguesia começa a se constituir no país. A este respeito, Pereira defende que a valorização dos códigos literários pelos cronistas da época, considerada a ascendência de uma citada concepção de sociedade, empresta uma espécie de nova entonação à palavra crônica: “O elemento privilegiado na construção do texto será a enunciação, a capacidade de narrar fatos ocorridos em um mundo no qual a memória vai se distanciando do fazer e da experiência vivida pelos homens” (1994, p. 20-21). Além do componente cultural, pode-se perceber a constituição de um discurso moderno ou autônomo. Por exemplo, a ordenação dos fatos, a ideia de cronologia até então aplicada ao gênero em séries históricas antecedentes sofrerá uma transformação significativa.

Tal movimento coincidirá com o surgimento, no país, do chamado período romântico, que dará certa liberdade estética às letras no século XIX. Com o Romantismo, a crônica ganha uma maior liberdade estética e ocorre uma ampliação das suas fronteiras discursivas, superando sua condição de registro de fatos ordenados, e mesmo aquele com matizes literários. Em outras palavras, façamos aqui uma consideração da condição da crônica como objeto de produção literária. “Não raro ela adquire [...] entre nós, a espessura de texto literário”, observa Arrigucci Jr. (1987, p. 53), “tornando-se, pela penetração psicológica e social, pela força poética ou pelo humor, uma forma de conhecimento de meandros sutis de nossa realidade e de nossa história”. Isto é, da relação histórica ou da conjunção discursiva da crônica junto ao discurso literário, por assim dizer, reforça a sua potencialidade ou um escopo de constituição estética, e da sua possível permanência ou inscrição no tempo. O atributo da imaginação, forte para os românticos, pode ser uma palavra-chave para sabermos um pouco mais do mecanismo simbólico que move a expressão de um gênero moderno desde o seu princípio, no suporte de jornal.

Efetivamente, a crônica sofrerá um aprofundamento de sua construção verbal, “passa a ter sua ênfase centrada na linguagem literária, sem pretender organizar os fatos de forma cronológica. Numa ‘ótica’ literária, a crônica consegue conjugar várias formas de expressão no mesmo espaço textual” (PEREIRA, 1994, p. 21). Ou seja, agregada a uma condição literária, o significado da crônica deixará de ser um “elemento organizador de eventos temporais” para ser promovido numa instância de recriação de relatos do dia a dia, em um estágio de conotação que enunciará uma particularidade de cada fato social elaborado cronicamente. No plano discursivo, o gênero sofrerá uma transformação substancial, sobretudo se consideramos a plataforma comunicacional que lhe oferece base de laboratório. Tendo o jornal como suporte, os escritores brasileiros passam a produzir crônicas – em seu processo inicial, o folhetim-variedades – em considerável carga de periodicidade. Dividiam-se entre aqueles que usavam o gênero ou viam nele uma segunda forma literária, casos de Machado de Assis, romancista, e Olavo Bilac, poeta, no século XIX. Em comum, os cronistas deste primeiro século usam o jornal como plataforma das suas escrituras acerca do circunstancial; isso, de um panorama que vai do Romantismo ao Realismo, com uma visada de desdobramento formal. Outros cronistas se destacariam por se especializar no formato, consagrando-o de modo exclusivo, caso de Rubem Braga, no século XX (BENDER e LAURITO, 1993, p. 28).

Em um breve tópico de *Crônica: história, teoria e prática*, Bender (BENDER e LAURITO, 1993, p. 46-47) reflete sobre o porquê de (alguns) escritores do passado terem optado pelo jornalismo, sugerindo dada necessidade desta tomada de posição: “Tudo indica que os jornais davam uma certa glória imediata, além de proventos mais gratificantes; assim como hoje, literatura nunca deu camisa a ninguém”, destaca a pesquisadora. Como se vê, um aspecto interessante para uma discussão; um tema atual e bastante válido, se pensarmos jornalismo e literatura vinculados não apenas por ideias ou aproximações estéticas, mas também por aspectos contextuais ou econômicos que emanam do interior de seus discursos. Pode-se dizer que, desde que o jornalismo moderno começa a se instituir simbolicamente as dificuldades ou as condições de existências daqueles que o operam, isto é, os editores ou periodistas, se revelam complexas, se mostram ou vem à tona como um índice dramático de civilização. A censura à circulação de ideias e informações no período colonial brasileiro por jornais ou periódicos pode ser um bom exemplo histórico a destacar. Uma nota positiva é que a crônica só ganhou, enquanto gênero, com as incursões de escritores na esfera do jornal – aqui também consideramos o movimento inverso, que leva jornalistas ao universo dos literatos. Sem dúvidas, vemos o jornal como uma notável plataforma de escrita.

Some-se à ênfase literária o mecanismo discursivo do jornal e teremos uma ampliação simbólica maior. Maior também será a complexidade deste viés crítico, incluída a perspectiva do jornalismo e suas particularidades de funcionamento. Por exemplo, levanta-se a ideia de que a crônica virou sinônimo de literatura com o advento do Romantismo. Um ponto de vista que Pereira entende como precipitado, considerada a relação que a crônica mantém com outras linguagens no interior dos jornais ou periódicos. Aliás, a periodicidade pode ser uma palavra-chave para o entendimento da crônica na esfera particular do jornal, que em sua constituição histórica é capaz de agregar até o que não é considerado conteúdo jornalismo:

A crônica no jornal impresso assume várias formas linguísticas: pode estar no plano da denotação, reelaborando notícias; pode ocupar níveis de conotação, se aproximando da ficção. Portanto, o que define a crônica no jornal é a sua capacidade de conceber várias expressões estéticas, como a linguagem cinematográfica, poética, radiofônica, sem ser reduzida a mero exercício de literariedade. (PEREIRA, 1994, p. 24)

Como gênero, a crônica não se prende mesmo a um discurso específico, ela rompe qualquer fronteira imposta pela linguagem; e mesmo nos casos em que ela é adjetivada por um determinado discurso, o seu histórico vai nos direcionar a refletir sobre o contexto que cerca o seu primeiro suporte, o jornal impresso.

2. 4. 1 Um parêntese sobre o jornalismo moderno

Pensar a crônica brasileira na esfera de produção do jornalismo impresso é considerar um contexto em que o próprio veículo jornal começa a se difundir no país numa condição não clandestina ou de submissão ante o poder oficial. Como sabemos, houve censura extensiva à imprensa durante o período colonial. Só com a vinda da família real portuguesa ao Brasil, em 1808, começa-se a exercer uma relativa autonomia jornalística e de veículos de imprensa, embora inicialmente existisse mais imprensa (estrutura de impressão e divulgação de papéis e documentos em grande parte oficiais) do que de jornalismo (estrutura de produção de notícias propriamente ditas). O *Correio Braziliense*, editado de Londres, e a *Gazeta do Rio de Janeiro*, jornais fundados naquele ano, possuíam as suas limitações. Assim, falar em jornalismo brasileiro no início do século XIX é considerar a predominância de uma prática em processo de decadência linguística calcada nos discursos político e literário. Será este um período de transição em que uma forma velha começa a dar lugar a uma forma nova de se fazer jornalismo; em um processo lento, muito por conta de um sistema político e de condições econômicas e sociais então existentes, vamos notar a instalação de um “novo jornalismo” que vinha sendo praticado desde o final do século XVIII em alguns cenários urbanos da Europa (na Inglaterra, em especial) e nos Estados Unidos.

Um novo jornalismo ou um jornalismo de informação que começaria a ser percebido no Brasil, concretamente, a partir da segunda metade do século XIX, e que só atingiria o seu auge no cenário brasileiro nas décadas de 1950 e 1960. Um atraso que se justifica pela leitura dada de nosso histórico tardio de sociedade moderna. Em *Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são*, Traquina (2005, p. 50) trata de um novo jornalismo associado a uma teoria e a uma realidade democrática, em que um duplo papel pudesse ser cumprido por ele: 1) A liberdade (“negativa”) por vigiar o poder e para proteger os cidadãos dos eventuais abusos governamentais; 2) A liberdade (“positiva”) de fornecer aos cidadãos as informações necessárias para o desenvolvimento de suas responsabilidades cívicas, tornando

central o conceito de serviço público como parte da identidade jornalística. Uma leitura que evoca um princípio de utilidade pública e outro de produção comercial:

O novo jornalismo veio na forma da chamada *penny press*, nome que vem do fato de que, perante o preço estabelecido ou comum de seis centavos, o preço desta nova imprensa foi reduzido a um centavo. Com o objetivo de aumentar a circulação, atingindo pessoas que normalmente não compravam um jornal por razões econômicas, o baixo preço destes jornais tornava-os acessíveis a um novo leque de leitores. Há assim um novo conceito de audiência: 1) um público mais generalizado e não uma elite educada; 2) um público politicamente menos homogêneo. (TRAQUINA, 2005, p. 50)

Com o *penny press*, temos a projeção de um novo jornalismo dando vazão a uma nova realidade social vinculada à industrialização: das novas invenções que auxiliam o desenvolvimento da empresa a uma nova forma de retratar a sociedade.

Vale ainda reforçar que o século XIX e a emergência de uma nova sociedade sob a influência da burguesia dariam vida a uma figura mítica e mesmo romântica, o repórter associado à imagem de um detetive ou investigador social:

E era para esse mundo dos fatos que esta nova figura do campo jornalístico – o repórter – fazia um esforço supremo: a respiga e a montagem dos fatos. E este esforço tentava transformar o jornalismo numa máquina fotográfica da realidade, ou seja, na sua ideologia profissional, o espelho da realidade. A caça hábil dos fatos dava ao repórter a categoria comparável à do cientista, do explorador e do historiador. (TRAQUINA, 2005, p. 52)

Uma descrição que, notadamente, não se encaixa em nenhum grau à realidade brasileira e em igual momento. Contudo, a sua compreensão um tanto pormenorizada e associada a uma nova prática que se instalaria lentamente no país pode ser ilustrativa. Objetivamente, não é mesmo possível cravar a prática de um novo jornalismo no Brasil num instante em que mal se tinha uma imprensa livre; nem sequer a figura de um repórter existia por aqui. O que oferece razão a pesquisadores como Pereira, que questionam se havia ou não jornalismo no Brasil quando a crônica moderna passou a habitar o jornal impresso, isto é, não parece fazer muito sentido tomar o jornalismo pela política partidária e pelo laboratório literário. Desse modo, se torna precária a caracterização da crônica, e desde a sua gênese moderna, como gênero de discurso jornalístico. Um trecho extraído das páginas 37 e 38 de *Crônica: a arte do útil ou do fútil?* sintetiza bem este tópico:

No século XIX, período em que a crônica toma impulso e adquire autonomia, os jornais ainda não têm um sistema ou uma linguagem que

provém a independência dos seus discursos diante de outras formas narrativas. Aos poucos, os grandes jornais vão assumindo ares de empresa, o que implica em tratamento mais adequado para a notícia, mas também na absorção de inúmeros colaboradores, que dão aos jornais um tom político, meio literário.

Nesse jornal dos dezenove, a crônica passa a ser a porta de entrada dos escritores estreados. É importante perceber que a transformação causada pela crônica verifica-se, a princípio, através do reconhecimento da atividade do cronista. A importância dos cronistas para os jornais da época manifesta-se a partir da necessidade dos jornais aliarem-se ao processo de informação, ao exercício da opinião, funcionando mais ou menos como o aval para as notícias. Sendo assim, foram poucos os cronistas que tentaram fugir à padronização do discurso jornalístico, dando a seus textos uma carga estética e, conseqüentemente, aproximando-se da literatura. (PEREIRA, 1994, 37-38)

Ao defender que não havia linguagem jornalística e que os jornais não tinham autonomia estética nem obedeciam a um sistema linguístico em boa parte do século XIX, Pereira (1994, p. 39) destaca em estudo a importância e a contribuição de cronistas como Machado de Assis, que conseguiram fazer uma leitura do suporte jornal arejando-o com textos de um gênero que então se constituía em meio à decomposição de um jornalismo doutrinário, misto declarado de literatura e política.

2. 4. 2 Dois séculos de crônica, duas referências

Chamemos a atenção para um gênero que, desde o seu estabelecimento, acaba reunindo em torno de uma prática discursiva nomes distintos da literatura, do jornalismo e das humanidades do país. Na apreciação de uma linha histórica, podemos identificar casos de cronistas eventuais, de eventuais que passaram a assíduos, até daqueles que produzem de forma especializada ou como atividade auxiliar de uma função profissional definida: “Se alguma coisa em comum possuem escritores tão diferentes entre si é, no plano expressivo, a decisiva incorporação da fala coloquial brasileira”, segundo Arrigucci Jr. (1987, p. 62), “que se ajustava perfeitamente à observação dos fatos da vida cotidiana, espaço preferido da crônica, por tudo isso cada vez mais comunicativa e próxima do leitor”. Com isso, vê-se a importância do registro do circunstancial a serviço de uma leitura diária ou de uma interpretação cotidiana interessada em vocalizar uma memória social ou individual ou uma recriação de um dado presente da realidade social, cultural e econômica.

No ensaio “A crônica”, Marques de Melo (2002, p. 149) vai pontuar a questão pelo reconhecimento de duas importantes fases da crônica brasileira, e que nos ajudam um pouco a entender a sua conformação atual. A primeira, chamada de

“crônica de costumes”, em sua fase inicial, por assim dizer, tendo Machado de Assis e José de Alencar como expoentes; e a segunda fase, intitulada de “crônica moderna”, produzida a partir de 1930, sendo Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos os principais nomes desta fase. Enquanto os operadores da fase primeira se valiam dos fatos cotidianos como fonte de inspiração para um relato poético ou uma descrição literária, a fase segunda da crônica se destaca no veículo jornal com uma produção de certo modo ligada ao espírito da notícia, que neste momento tem um contorno industrial (mais) definido:

Ademais do lirismo que o cronista empresta ao resgate de nuances do cotidiano, sua matéria contém ingredientes de crítica social, donde o seu caráter é nitidamente opinativo. É o palpite descompromissado do cronista, fazendo da notícia do jornal o seu ponto de partida, que dá ao leitor a dimensão sutil dos acontecimentos nem sempre revelada claramente pelos repórteres ou pelos articulistas. Daí o fascínio que a crônica exerce em relação ao público leitor, constituindo um gênero que permanece cultivado e sempre renovado no Brasil. (MELO, 2002, p. 150)

Na forma descrita, o gênero não deve ser visto como uma exclusividade brasileira. Cronistas portugueses também se ocuparam do que Marques de Melo, um estudioso do jornalismo, chama de mensagem opinativa historicamente produzida por cronistas brasileiros. Importa-nos, pois, destacar dois dos nomes mais representativos da crônica brasileira pelas duas fases de produção sugeridas pelo estudioso citado ou pela consideração respectiva de dois séculos: o XIX e o XX.

O primeiro deles, Machado de Assis, é um exemplo de mestre da literatura, reverenciado como gênio da arte da palavra e também um nome que notoriamente se vincula ao século do surgimento da crônica moderna no Brasil. Machado não foi uma espécie de precursor mor deste tipo de produção, já pudemos conferir em linhas precedentes, mas se transformou em um de seus grandes nomes. E se temos um “Machado romancista” e um “Machado contista” de grande valor, um “Machado cronista” também surge como uma referência. Sua descrição é a de um perfil que experimentaria inúmeros tipos de texto. Além do romance e do conto, a poesia e o teatro ainda seriam seus objetos de incursão verbal, além de crônicas, artigos, ensaios etc. Aliás, os textos machadianos mais representativos teriam no jornal um suporte. Por exemplo, entre 1859 e 1897, Machado produziria, “quase toda na imprensa, uma nova prosa de ficção, que fez, a partir de 1880, uma verdadeira revolução na literatura brasileira e em sua relação com a ‘importação’ de modelos

européus, principalmente franceses” (GRANJA, 2010, p. 115). De fato, Machado de Assis começou a colaborar para os jornais quando ainda era muito jovem.

É famosa a entrada do escritor na imprensa como tipógrafo, e bastante reproduzida pelas histórias da literatura brasileira. A biografia deste artista da palavra possui uma extensa lista de produções em periódicos, tendo sido reconhecido pela crítica como um escritor-jornalista por excelência já no século XIX, o que inclui a sua marca de folhetinista ou de cronista moderno: um notório contador de histórias e aguçado comentarista de seu tempo. Uma constatação que remonta à tradição das crônicas históricas e de gestos ressignificados, “repassada” de geração para geração ao longo do tempo. Não por acaso, o cronista medieval português Fernão Lopes é lembrado como uma referência para Machado, assim como este é referência declarada para outros cronistas surgidos em períodos posteriores (Nelson Rodrigues, por exemplo). Na medida em que a crítica avança no conhecimento da obra de Machado, inclusive, “vai-se vendo o quanto havia de penetração histórica numa simples crônica do velho bruxo, escrita com pena de ponta fina e malignamente irônica como tantas de suas páginas de ficcionista” (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 54). Tem-se, assim, uma repaginação de um gênero pelo ato de fazer dos próprios cronistas, que alimentam e se alimentam de uma matéria de cotidiano presente e a transfiguram para a forma de um cotidiano narrado e/ou comentado.

E se apontamos o caso de Machado de Assis, que se notabilizou pela incursão de mais de um gênero artístico, há casos em que o escritor se dedica e é quase que exclusivamente associado a um tipo de produção. Ou a ela é vinculada, como ocorre com o cronista Rubem Braga, embora dito “poeta bissexto” e “contista eventual” – no dizer de Arrigucci Jr. Referência da crônica brasileira do século XX, Braga é o que se convencionou chamar de “modelo de cronista”, dono de

uma forma literária única, feita com a mescla de elementos variados, vindos até onde se pode perceber, da antiga tradição do narrador oral (no caso, do contador de *causos* do interior) e da bagagem do cronista moderno, associado à imprensa e experimentado na labuta das grandes cidades de nosso tempo. (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 55)

Quase uma unanimidade crítica, Braga é caracterizado como um cronista de textos de reconhecido contorno literário, sejam eles publicados (originalmente) em jornais ou (diretamente ou transpostos) no formato de livro. Cronista por excelência, Braga recebe singela pontuação de Arrigucci Jr. (1987, p. 64), que sublinha a figura

do cronista pelo viés de artista talentoso. Recai na descrição do cronista de talento uma diferença essencial em forma dita complexa e única. Um exemplo em que a relação de um Eu e de um Mundo dão vazão a uma expressão pessoal e a um meio de apreender e exprimir certos valores: “Uma arte narrativa, enfim, cotidiana e simples, enroscada em torno do fato fugaz, mas liberta no ar, para dizer a poesia do perecível”, escreve o autor de “Fragmentos sobre a crônica”. “Braga é um narrador, conta histórias, mas histórias do que não há mais ou do que se vai perder irremissivelmente”. Não por acaso, temos no ensaio de Arrigucci Jr. o perfil de um cronista que merece a comparação derradeira com o perfil de Machado de Assis, com quem Braga compartilharia ou daria sequência com a arte da desconversa, mas vocalizando temas diferentes e em momento distinto.

Recepcionado pela singularidade de cronista profissional ou especializado, Braga sintetiza um modelo de crônica: um gênero notoriamente marcado por fronteiras discursivas instáveis. Ao mesmo tempo em que a crônica flerta com o jornalismo, ela também tende a dialogar com a literatura. E mais: ela pode se transfigurar em comentário, em relato e ainda ser confundida com conto, sátira ou confissão. Tomando Braga como referência, Arrigucci Jr. assinala sobre o gênero:

Há momentos em que a crônica teima em não sair, claramente por falta de assunto, gerando-se no limite a situação embaraçosa, literariamente tão moderna, do comentário ou relato diante da ausência do fato, como se a linguagem do cronista se visse obrigada a desgarrar-se necessariamente da circunstância imediata, sem vínculo jornalístico mais ostensivo. (Arrigucci Jr., 1987, p. 56)

Ou seja, de uma circunstância cotidiana do próprio ato de escrever do cronista pode resultar a forma como ele mesmo vai transmitir a sua mensagem.

2. 5 Do suporte jornal ao suporte dos livros

Com dado histórico, as crônicas publicadas em jornais possuem um público distinto; muitas vezes, fidelizado com a publicação. Essencialmente, o público de jornal se caracteriza por uma postura, em tese, mais crítica. Busca se informar por inúmeras seções ou editorias, ao mesmo tempo em que se pode aventurar nos mundos inúmeros das crônicas. As mesmas crônicas, que podem variar, e variam de formato, temática e estilo, conforme a assinatura do cronista. Um tipo de produção que pode ter tanto uma forma narrativa ou de história contada, como a de um

comentário, ensaio ou diálogo, sendo um registro romanceado do cotidiano ou não. Pode-se dizer que o público da crônica sempre espera ou vai esperar um olhar diferenciado do presente, mesmo que por via de uma lembrança de vida resgatada ou ressignificada no curso do tempo e na ambientação de um espaço. Ou melhor, a crônica confirmaria “a vida como ela é ou não é, as aventuras ou desventuras do cotidiano, as notícias de hoje, de ontem, da minha infância ou mesmo aquelas que nunca foram notícias”, como destaca Bender (BENDER e LAURITO, 1993, p. 44), “não há restrição de assunto para a crônica, talvez para compensar o espaço [de publicação]. E essa total liberdade, também quanto à estrutura, faz ser difícil a sua conceituação”. “Mas seria injusto”, segundo Arrigucci Jr. (1987, p. 53), “reduzi-la a um apêndice de jornal, pelo menos no Brasil, onde dependeu na origem da influência europeia, alcançando logo, porém, um desenvolvimento próprio extremamente significativo”. Do florescimento nos jornais, a crônica vai se notabilizar por uma dimensão estética e por uma relativa autonomia. Analisemos a produção, assim, não apenas em sua condição histórica, mas também a sua variabilidade de suporte e de adaptação aos novos tempos ou condições de existência.

No curso do tempo, vemos a crônica migrar do jornal para o formato de livro, e numa constituição atual ela vai ser concebida diretamente na própria condição de livro. Há, de fato, crônicas que já nascem em livros. Bender (BENDER e LAURITO, 1993, p. 59) aborda brevemente esta questão. Segundo ela, historicamente se aponta o jornal como suporte, um entendimento mais atual pode transmitir algo mais distinto: “Às vezes nos deparamos com um texto, em livro, e não sabemos se já foi publicado antes” (Ibidem, p. 59). Diante desta reflexão, podemos dizer: nos tempos de Internet, na chamada Era da Informação e das plataformas de redes sociais, é possível ou fácil de esbarrarmos com a crônica no formato digital, seja em livro (e-book) ou em alguma página digital, passível ou não de se tornar um dia uma produção impressa. Uma discussão que vai alimentar um estatuto de que a crônica possa projetar uma nova recepção, sobretudo com vistas a apontá-la na direção de um cânone literário. Abertamente um defensor do qualificativo literário nos textos de crônicas, Simon (2011, p. 24-25) até reconhece, com base numa citação de Antonio Candido, do famoso ensaio “A vida ao rés-do-chão”, de que o gênero analisado não foi ou seria sido originalmente feito para o livro. No entanto, Simon defende a possibilidade de que os cronistas possam desejar outro destino ou um diferente

“endereço para seus textos”. A efemeridade não deve ser vista pelo olhar negativo, de impedimento, embora seja percebida como algo polêmico.

Em discussão, o estatuto literário da crônica e, sobretudo, o seu lugar na esfera das produções simbólicas. A apreciação da crônica como gênero artístico, contudo, não deve ser avaliada apenas com base nas disputas ideológicas de cada crítico, mas sim pelo exame de seu discurso. Em *Duas ou três páginas despreziosas*, mais especificamente no intertítulo “O cotidiano encadernado: a crônica no livro”, Simon trata do vínculo da crônica com o seu veículo de origem: o jornal. Tal referência deve ser vista como uma particularidade que aponta um vínculo intermediário do gênero até a sua possível publicação em livro. A origem de uma crônica, inicialmente publicada em jornal, não deve ser motivo para que especialistas possam prejudicá-la e em seguida privá-la de um estatuto. Leva-se em conta que o cronista de jornal está sob a rotina do veículo de comunicação que, muitas vezes, determina prazos para suas produções e “forçam” seus operadores a escrever com um tempo pré-definido. O cronista de jornal, muitas vezes, adota uma rotina do profissional da notícia, o jornalista.

Além de esboçar um debate a respeito do *status* canônico das crônicas, Simon apresenta dados de edições, reedições e coleções de livros de crônicas com o intuito de realçar este modo de veiculação. O pesquisador ressalva que não há a expectativa de atribuir valor estético ao gênero; para fundamentar o seu ponto de vista, Simon seleciona quatro autores com características e trajetórias diferenciadas: Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade, Luis Fernando Verissimo e Martha Medeiros. Para Simon (2011, p. 29), o que se quer ou o que busca é validar “uma iniciativa editorial que pretende disponibilizar a produção dos cronistas em um formato diferente do jornal e a verificação do retorno que os leitores dão a esta iniciativa”. Em seu estudo, Simon chama a atenção para o conjunto de textos originalmente publicados em jornais. Considera importantes as análises destes: se podem ser apreciados com o que normalmente se convencionou chamar de literatura, se possuem atributos artísticos. Uma tarefa que pode ser observada como extremamente difícil, já que o gênero e sua aferição como literatura esbarram em pontos de vista distintos da recepção crítica. A designação de crônica, o pesquisador observa, possui uma multiplicidade de entendimento. O próprio Simon não ignora esta problemática. Crônicas policiais, políticas e esportivas, por exemplo, nem sempre têm um contorno estritamente literário. E o que dizer das crônicas ditas não

literárias ou daquelas de figurinos pouco idealizados? Essas também não escapa(ria)m da plataforma livro e da engrenagem do mercado. Mesmo nas crônicas “em que se identifica com maior nitidez o vínculo com a literatura”, escreve Simon (2011, p. 24), “algumas divergências são evidentes: há crônicas que são narrativas, estruturalmente semelhantes ou idênticas ao conto; há outras que são comentários, com ou sem teor lírico; e há, ainda, aquelas que mesclam esses procedimentos”.

Simon defende a figura e o aparecimento de Rubem Braga como marco da crônica de *status* literário no Brasil. Além do reconhecimento deste, por assim dizer, cronista artista da palavra, busca-se compreender a aferição da crítica literária anterior ao ano de 1933, quando Braga publicaria seus primeiros textos em jornais. Um pouco depois, o cronista se notabilizaria como um especialista do gênero e ganharia importância como um dos melhores na produção de crônicas, sobretudo pela estética que toma seus textos. Antes de Braga, percebe-se, as citações de resistência sobre a publicação da crônica no formato de livro sugerem de nossa parte uma apreciação (mais) contextual. Parte das críticas apontando incompatibilidade do gênero na plataforma livro deve ser considerada registros de época. A crônica hoje, não é necessariamente a de ontem. Entre as críticas postas, destaquemos as reflexões de Massaud Moisés, republicadas parcialmente por Simon, segundo as quais afirmam que as crônicas não suportariam a releitura e que suas produções perdem se lidas em série ou fora do jornal. Sobre este último aspecto, Simon (2011, p. 27) destaca, supondo a permanência temporal do pensamento daquele: “trata-se de argumento duvidoso, uma vez que não é porque o leitor tem em mãos um livro que ele necessariamente fará uma leitura, em série, dos textos ali incluídos”. Em sua visão, é um equívoco determinar, antever ou adivinhar a reação dos leitores: “O que garantiria o insucesso de uma iniciativa editorial que visaria a materializar, a reunir as crônicas em outro objeto, o livro, permitindo outro modo de encontrar e reencontrar aquele material?”. Simon atesta que nem todos os críticos acreditam que disponibilizar a crônica em livro alterará a sua constituição.

Simon enxerga em parte da recepção crítica um olhar sobre a crônica calcado em sua relação com o jornal, em uma situação em que o gênero e o veículo são vistos pelo prisma de pretensas afinidades. Em síntese, busca-se apontar que a ligação entre um e outro é instável. Em outras palavras, “percebe-se que a crônica pode acrescentar a sua composição jornalística um componente artístico, literário, que a distingue de outras práticas textuais da imprensa” (SIMON, 2011, p. 26). É

uma diferença que garantiria ou garante a sobrevivência da crônica em outro suporte: o livro. De qualquer modo, é razoável aceitar um entendimento que cita a crônica sob um contorno de gênero anfíbio, que tem lugar nos jornais como também nos livros. Obviamente, no curso do tempo houve quem discordou desta posição e há quem discorde dela; há ainda quem indague sobre e existe quem conceba esta bifuncionalidade como algo mais próximo de um olhar crítico atual.

2. 6 Sobre tons líricos, amenos e relativizadores

Outro aspecto importante nos estudos da crônica diz respeito aos contornos principais de uma linguagem de cotidiano por atributos líricos, de amenidade, de brevidade, de simplicidade, de humor etc., além de tons relativizadores. Como destaca Bender (1993, 42-43), a crônica costuma abarcar as pequenas coisas do cotidiano, a história nossa de cada dia, o retrato de um eterno instantâneo, a captação da conversa fiada, dos pequenos sentimentos, das coisinhas nossas ou alheias. No dizer de Coelho (2002, p. 158), tratemos de um discurso que “quer chamar a atenção para a insignificância das coisas, tanto das notícias reais, como da própria crônica”. Já Candido (1992), destaca a busca da oralidade como um componente fundador do gênero. Uma produção verbal que busca compor traços de oralidade em sua escrita, contemplando um propósito definido de comunicação ou do que o estudioso nomeia de “humanização” no uso de textos das crônicas, por exemplo, pela geração de dados leitores: “Quando vejo que os professores de agora fazem os alunos lerem cada vez mais as crônicas, fico pensando a importância deste agente de uma visão mais moderna na sua simplicidade reveladora e penetrante”, escreve Candido, que ainda argumenta em tom depoimento pessoal:

No meu tempo, entre as leituras preferidas para a sala de aula estavam os discursos: exórdio do sermão de São Pedro de Alcântara, de Monte Alverne; trechos do sermão da Sexagésima, de Vieira; Oração da coroa, de Demóstenes, na tradução de Latino Coelho; Rui Barbosa sobre o jogo, o chicote, a missão dos moços. Um sinal favorável dos tempos é esta passagem do discurso, com a sua inflação verbal, para a crônica e seu tom menor de coisa familiar. (CANDIDO, 1992, p. 17)

Aspecto recorrente nas reflexões sobre a crônica, o tom da linguagem do gênero é mencionado por Candido em seu ensaio “A vida ao rés-do-chão”, em que o autor procura chamar a atenção de um traço formal de uma produção marcada pela simplicidade, pela brevidade e pela graça ou humor de seu discurso:

É importante insistir no papel da simplicidade e da brevidade e graça próprias da crônica. Os professores incutem muitas vezes nos alunos (inclusive sem querer) uma falsa ideia de seriedade; uma noção duvidosa de que as coisas sérias são graves, pesadas, e que, conseqüentemente a leveza é superficial. Na verdade, aprende-se muito quando se diverte, e aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas. (Idem, p 19)

Candido aborda uma marca significativa da linguagem da crônica pela expressão do divertimento, uma produção que começa desde o princípio nas páginas dos jornais do século XIX a se diferenciar do que então se entendia por jornalismo. No percurso do tempo, o que um dia foi folhetim(-variedades) e se desenvolveu no gênero atual acaba por se distanciar cada vez mais da intenção de informar e comentar – deixadas a outros tipos de jornalismo, conforme as palavras de Candido (1992) – para ficar sobretudo com a de divertir:

A linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar poesia adentro. Creio que a fórmula moderna, na qual entra um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu *quantum satis* de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma. (Idem, p. 15)

Em uma síntese descritiva, o autor de “A vida ao rés-do-chão” trata de alguns dos estilos e dos principais nomes da crônica em seu princípio de modernidade. Dos textos de José de Alencar, de Francisco Otaviano e de Machado de Assis são evocados cortes de artigos leves. Já a crônica de França Júnior seria marcada por aspectos humorísticos, com o registro de uma redução de escalas dos temas abordados. Olavo Bilac cronista é referenciado por um texto leve, com contorno de comentário antigo e com efeitos poéticos. João do Rio, no início do século XX, se inclinaria para textos de humor e sarcasmo, “que contrabalançam um pouco a tara de esnobismo. Eles e muitos outros, maiores e menores, de Carmen Dolores a João Luso até nossos dias, contribuíram para fazer do gênero este produto *sui generis* do jornalismo literário brasileiro que ele é hoje” (Idem, p. 16).

A leitura de Bilac é instrutiva para mostrar como a crônica já estava brasileira, gratuita e meio lírico-humorística, a ponto de obrigá-lo a amainar a linguagem, descascá-la dos adjetivos mais retumbantes e das construções mais raras, como as que ocorrem na sua poesia e na prosa das suas conferências e discursos. Mas que encolhem nas crônicas. É que

nelas parece não caber a sintaxe rebuscada, com inversões frequentes; nem o vocabulário “opulento”, como se dizia, para significar que era variado, modulando sinônimos e palavras tão raras quanto bem-soantes. Num país como o Brasil, onde se costumava identificar a superioridade intelectual e literária com grandiloquência e requinte gramatical, a crônica operou milagres de simplificação e naturalidade, que atingiram o ponto máximo nos nossos dias. (Ibidem, p. 16)

Coelho, entretanto, vai apontar para um modelo de crônica com certo “declínio” na atualidade. Em “Notícias sobre a crônica”, o crítico trata de uma transformação sofrida pelo gênero ao longo do tempo, concebendo-o como “um texto literário dentro do jornal, e que sua função é a de ser uma espécie de avesso, de negativo da notícia” (COELHO, 2005, p. 156). Um tema que comumente divide opiniões, a crônica costuma despertar mesmo na recepção crítica uma necessidade de classificação; se a crônica é um gênero jornalístico ou literário ou outra coisa, por exemplo. Para Coelho, ela tende a ser vista como literatura e o cronista aquele que escreve com dado distanciamento das coisas ou dos fatos, e que tenderia a compor pontos de vista do que possa ser considerado desimportante ou sobre o que se possa assim chamar. De modo geral, é válido afirmar que a crônica possui uma herança que se caracteriza pelo humor, pela leveza, pelo lirismo e/ou por um tom coloquial. Como se esta composição fosse uma espécie de negação da notícia. A propósito, mesmo dentro de um jornal, a crônica quase sempre serve de contraponto entre a quantidade de tragédias das páginas policiais ou idiosincrasias da seção de política ou do tecnicismo do espaço de economia para ser um convite a um universo paralelo. Mesmo no formato do livro, com ou sem o suporte anterior do jornal, a crônica busca cumprir tais especificações. Um enquadramento que os principais críticos vão defender com base em Rubem Braga e em Machado de Assis, dois dos notáveis da crônica do país. Mesmo vinculados a contextos distintos, Braga e Machado dão ou darão vida a formas e projetos distintos, como já pudemos analisar.

Simon realça a respeito do tom ou dos possíveis tons das crônicas tomados por parte dos críticos, que vê o gênero sobretudo sob a referência dos textos de Rubem Braga. Este, embora classificado como cronista, é muitas vezes chamado de um exímio literato ou interpretado como um destacado ficcionista. Braga é descrito como um lírico, um cronista de sensibilidade poética. É ele, em sua essência produtora, um cronista de época, um cronista que despertaria a atenção e fascínio da crítica literária a partir da segunda metade do século XX, junto de outros notáveis que praticavam o gênero; entre eles, Carlos Drummond de Andrade, Fernando

Sabino, Paulo Mendes Campos, Antônio Maria, Stanislaw Ponte Preta. Esta geração, assinala Simon, atingiria um apogeu da década de 1950 até o início da década de 1980. Uma percepção que vai levar o pesquisador a defender que o lirismo daquele período compõe um aspecto bastante valorizado na crônica.

Com o desaparecimento da chamada geração de líricos ou de notáveis cronistas, a crônica perderia projeção na imprensa e parte do estatuto literário que muitos lhe atribuem. A respeito deste fechamento de ciclo, o próprio Simon realça:

A constatação não é esdrúxula nem desligada do que se pensa no universo acadêmico e no meio jornalístico, porém algumas questões devem ser ressaltadas: primeiramente, já na fase de ouro da crônica, o humor era elemento expressivo nas produções de autores como Sabino, Stanislaw Ponte Preta e Antônio Maria, sem falar nos sorrisos que ainda acompanham as leituras dos textos de outros cronistas mais identificados com o lirismo; em segundo lugar, é preciso admitir que crônicas de novos autores – alguns nem tão novos assim – continuam frequentando as páginas de jornais e revistas e estas crônicas muitas vezes são compiladas em livros que têm êxito estrondoso de vendas. Mesmo assim, entre o cronista de grande projeção, na imprensa e para a crítica, de trinta ou quarenta anos atrás (Rubem Braga) e o cronista da vez há mais de uma década (Luis Fernando Verissimo), sobressaem muitas diferenças. No mínimo, é necessário perceber que o lirismo de Braga já não se encontra em Verissimo e que o humor de Verissimo não é o mesmo que existia nos textos de Braga. (SIMON, 2011, p. 42-43)

Assim, vê-se a importância do sujeito cronista no processo discursivo do gênero. E as transformações pelas quais passam as crônicas, no caso, envolvem um dinamismo e uma constituição de estilos e formas predominantes de um determinado tempo. As explicitações associadas ao tom de amenidade e ao lirismo, por exemplo, acabam dizendo respeito às próprias mudanças sofridas pela crônica ao longo de um histórico, assim como ocorre com qualquer gênero de discurso. Evocando um determinado curso do tempo, também podemos dizer que, em parte, o princípio deste gênero vai se sustentar na ideia de amenidades. Mas não nos parece ser uma regra imutável a crônica conter um tom leve, humorístico etc. Há outros contornos que fizeram e fazem deste tipo de produção um instrumento para jogos de palavras infinitos. E se o tom humorístico e o lírico se destacam por uma tradição, o tom polêmico não deve ser ignorado. Tudo depende, em suma, do estilo que cada cronista adota para a tomada de seu ponto de vista e de seu exercício cronístico.

Aliás, não devemos esquecer que a ideia de entretenimento nas crônicas se instala no princípio ou desde os primórdios de reprodução e adaptação do gênero no país, tomando os exemplos de José de Alencar e Machado de Assis em uma época

em que se concebiam paralelos da figura do jornalista com a do folhetinista ou com a do cronista. Em “Folhetins D’aquém e d’além-mar: A formação da crônica no Brasil”, Granja promove considerações sobre a forma crônica na França e no Brasil e estas formulações nos servem aqui de reflexão. Enquanto na realidade francesa do século XIX o tema político é recorrente nas crônicas, no Brasil o assunto tem reprodução diferenciada, o que implica pensarmos o início da imprensa brasileira sustentada pelo discurso oficial. A caracterização do tema político vai interferir na operação e desenvolvimento discursivo dos jornais e do gênero analisado. Deste período, vê-se um cronista brasileiro a tratar de outros assuntos, que não apenas o político. “Observa-se ainda que, em relação ao jornalismo francês, a censura à imprensa brasileira durante o segundo império não foi tão grande, nem teve regras muito definidas”, assinala Granja (2010, p. 117). No que a pesquisadora ainda escreve: “O folhetinista fala de tudo, da forma como ele escolhe fazê-lo, sem esperar uma punição certa”. O tom amaneirado da crônica – Granja deixa o seu registro – também tende a estar na contaminação dos textos ditos e citados de variedades pelo espaço do alto das páginas dos jornais de época, onde ficavam as notícias.

Ao componente histórico, podemos acrescentar um estritamente cultural. O fato da forma da crônica possuir um tom predominantemente humorístico, depois lírico, ameno ou amaneirado, não faz dela uma produção de poucas facetas ou de facetas estanques. Também não podemos ignorar a plataforma em que se concebe o seu discurso. Um tom mais leve aplicado a um conjunto de crônicas, muitas vezes, se explica pela intervenção de aspectos culturais de um dado tempo e de uma determinada sociedade. Um exemplo disso pode ser o de Plínio Marcos cronista, aqui nosso objeto de estudo. Conhecido por uma linguagem marcada por palavras ditas de baixo calão, Plínio teve que se adaptar ao jornal assim que começou, em 1968, a exercer a função de cronista. Como destaca Walderez de Barros, esposa do dramaturgo-cronista por vinte anos, em entrevista concedida em 20/3/2000 a Javier Contreras para o livro *Plínio Marcos: a crônica dos que não têm voz*:

Foi o próprio Plínio que procurou espaço nos jornais para escrever suas crônicas. Sempre foi de abrir caminhos. Se não me engano, o Plínio começou escrevendo em alguns pequenos diários. Depois, no [jornal] *Última Hora*, foi diferente. Ele ficou muito amigo do grande Samuel Wainer e foi ali que acabou se firmando como cronista, porque o Samuel lhe dava espaço. Ali não havia maiores problemas porque tinha uma turma maravilhosa escrevendo. O jornal todo tinha uma postura. Não havia problema algum, ainda mais no ano em que ele começou a escrever os

contos curtos. Era só tirar os palavrões, pois naquela época não se podia colocar palavrão no jornal, e ponto. (CONTRERAS et al., 2002, p. 19)

O depoimento de Walderez nos parece cristalino, sobretudo o assunto mencionado nas últimas linhas. Como poderemos verificar no capítulo seguinte desta produção acadêmica, em que analisaremos um conjunto das crônicas plinianas, os tons de linguagem das crônicas assinadas por Plínio Marcos não serão necessariamente leves, amenos etc. Mas não deixa de ser um fato reconhecido que os palavrões, muito comuns nas produções teatrais do artista, foram de fato suavizados nas crônicas do autor, assim como até hoje ocorre em nosso contexto.

Consideráveis, as transformações pelo que passam as crônicas ainda levam críticos a cogitar um fim determinado do gênero. Ou melhor, a ideia é de que a crônica brasileira vem sofrendo certo declínio, conforme Coelho (2002, p. 158). Mais especificamente, o crítico trata do caso do jornal *Folha de São Paulo*, onde ele exerce colaboração de longa data. Para o citado colaborador, a crônica tem perdido espaço no jornal, nos planos físico e discursivo. Em outras palavras, estaria havendo uma diminuição das seções de crônica e a face negativa da notícia, que o crítico confere à crônica, tem sofrido transformações. O que se observa, atualmente, seria um tom “relativizador” que a crônica exerce sobre o próprio jornal, que, interligado a uma rede de comunicação, também tem sofrido as suas respectivas mutações.

A função relativizadora da crônica, de que fala Coelho, é interessante para este estudo. Ao menos num limite de nosso interesse crítico, neste exemplo em específico. Promovida como um “lado negativo” do conteúdo noticioso, a crônica atuaria como uma espécie de contraponto daquele; sobretudo aos demais pontos de vista quase sempre transmitidos categoricamente pelo jornal, e transmitidos com ares de “verdade absoluta”. Como se a tão propalada marca de amenidade ou leveza da crônica e sua projeção como retrato e recriação de cotidiano suavizasse um oposto, no caso, marcadamente majoritário dentro da plataforma midiática. Ocorre que o próprio jornal tem incorrido socialmente em relativizações, tornando problemática a condição da crônica nas páginas do mesmo, conforme Coelho, que exemplifica a questão apontando quase que analogicamente para a relação entre jornal impresso e televisão, incluídos numa rede interligada de comunicação social:

Justamente seria o caso de pensar que, se o noticiário da TV assume esse posto do noticioso, da verdade absoluta, etc., então mais do que nunca deveria haver lugar para a crônica, como um contraponto; mas dizíamos

que a crônica clássica não mais se impõe nas páginas dos jornais. Seria possível dizer o seguinte: a crônica perde espaço nos jornais, porque o jornal inteiro passa a ter essa função de “relativizador”, de “ironista” diante do que aparece na TV. O jornal inteiro tende a ser “cronista” – por mais noticioso, solene, etc. que seja – perto do poder representado pela televisão. (COELHO, 2002, p. 160.)

A explanação sugere uma amostra de um contexto que acaba interferindo no processo de formulação histórica e cultural da crônica, e de sua definição/redefinição enquanto gênero; seja pelo estatuto literário, jornalístico ou jornalístico-literário etc.

Ao final de “Notícias sobre a crônica”, Coelho ilustra a sua hipótese sobre o citado declínio da crônica no jornal. Expõe, por exemplo, o avanço de articulistas e textos de opinião, que estariam ocupando o espaço antes reservado às crônicas. O cenário projetado pelo crítico, assim, tenderia a um fim triste: perspectivas irônicas que tratam das “desimportâncias das coisas” com olhar de distanciamento estão cada vez mais raras; como exemplos, os casos citados de José Simão e Arnaldo Jabor, respectivamente então da *Folha de São Paulo* e do *O Estadão*. Coelho resiste em nominá-los como cronistas, pois segundo ele os dois citados articulistas cotidianamente transmitiriam mensagens que fogem do teor relativizante dentro do jornal; ou seja, os textos de Simão e Jabor não se diferenciariam do restante do conjunto do jornal. O que evidencia, no nosso entender, uma perspectiva no mínimo conservadora da parte de Coelho, que parece ignorar o que as canções do poeta-cantor Belchior vocalizam desde a segunda metade do século XX: da convicção de que o “novo sempre vem”. Com uma postura anacrônica, Coelho parece não atentar que os gêneros discursivos se transformam ao longo do tempo. Os gêneros não morrem, eles se transformam. A proposição não é nossa e nem é grande novidade de pensamento, deriva das leituras de Mikhail Bakhtin. De outro modo, podemos dizer, aproveitando os argumentos discutidos ao longo deste capítulo, que a análise acerca do “teor relativizante” das crônicas do final do século XX e início do XXI tende a ser válida. Mas nos parece problemático não chamar pelo nome de ofício cronistas que fogem a um conceito dado. Tal conduta não escapa, e aqui afirmamos sem cerimônia, como um capricho particular da parte do acima dito colaborador de jornal.

2. 7 Contrastes entre jornalismo e literatura

Pertinentemente associada ao jornal, desde o seu surgimento, a crônica tende a impulsionar o universo jornalístico como seu ponto de partida, mas nem

sempre se verá um texto do gênero preso à notícia. Como sabemos, a ideia de notícia passa a ser aplicada à realidade dos jornais brasileiros num estágio mais avançado de empresa de comunicação e desenvolvimento do chamado jornalismo moderno, instituído na virada do século XIX para o XX. Paralelamente, vemos muitas crônicas se distanciarem da estrutura da notícia. Podem elas ter um aspecto factual, de cotidiano reportado, uma ligação com o circunstancial, mas desvinculadas do discurso jornalístico. Simon trata da questão:

Por vezes a direção é outra, caracterizada pelo comentário de fatos ou pela exposição de ideias e/ou sentimentos. São textos que se identificam com a ênfase narrativa dos contos, como grande parte da produção de Fernando Sabino, Stanislaw Ponte Preta e Luis Fernando Verissimo, por vezes, ainda privilegiando o diálogo, como diversas vezes fez também Carlos Drummond de Andrade. Nestas situações, é preferível não se falar em mote, seja pela dificuldade de localizar um ponto de partida explícito para o restante do texto, seja pelo risco de escolher um diagnóstico pouco adequado, uma vez que predomina o caráter ficcional, sendo portanto, inconveniente propor correlações com a realidade e assim deslizar para equívocos como intenção do autor. (SIMON, 2011, p. 40-41).

Destacamos nesta passagem a intensidade ou a exclusividade do componente ficcional nas crônicas, que podem ter o formato de comentários (literários ou não), de comentários-narrativas (literários ou não) e/ou de narrativa (literária ou não). Isto é, uma reflexão que nos faz aludir considerações que realçam os estudos de crônicas pelo contraste entre jornalismo e literatura. Com evidência, as diferenças entre essas áreas do conhecimento parecem ganhar aqui um primeiro plano de análise, sobretudo se observamos como crônica e notícia são abordados na esfera do jornal, em um exercício crítico de saber um pouco mais a respeito de premissas conceituais que, neste caso, não contemplam exatamente a definição de crônica com a qual nos filiamos, mas que em suas caracterizações expõem modelos concretos e aplicados a qualquer formulação crítica. Por exemplo, quando verificamos textos de notícias que funcionam como um pano de fundo para a constituição de uma crônica. Muitas vezes, um elemento factual ou um dado circunstancial representa nada mais do que uma motivação para o pretense estabelecimento de um discurso distinto, promovendo “um gênero do disfarce [qu]e ajuda [o leitor] a aguentar com certa fantasia a vida e a realidade. Geralmente não é ficção pura, uma vez que a realidade está palpável nela” (BENDER e LAURITO, 1993, p. 44-45). A junção entre o literário e o polo associado ao

jornalismo/factual/circunstancial remete ao registro de uma simbolizada tensão no interior do discurso.

A propósito, a tensão entre o circunstancial e o literário é tema de análise de um fragmento de Arrigucci Jr., citado por Simon. Aquele nos diz da tensão entre o caráter puramente circunstancial e o propriamente literário da crônica. Em específico, o objeto de reflexão são as crônicas de Rubem Braga, ou seja, da literariedade verificada em seus textos. Simon destaca um dos polos que causam a tensão descrita por Arrigucci jr.: o circunstancial. Para Simon (2011, p. 48-49), “é na matéria-prima da crônica, ligada à simplicidade do dia a dia, que reside a relutância de parte da crítica quanto ao gênero, sobretudo quando o confronto ocorre com a grandiosidade dos romances e com o sublime da poesia”. Vê-se, mais uma vez, uma recorrência de análise: o estudo interdisciplinar comparado. Se bem que neste exemplo, a referência comparativa é o argumento usado, no caso, um exercício de retórica com que se tenta defender ou se defende uma produção que “não vai mesmo nunca atingir a amplitude dos projetos de uma narrativa mais longa, o efeito lírico pode ser perseguido através de vias não muito convencionais” (SIMON, 2011, p. 48-49). Neste momento, esboçamos um ponto de vista que tende a projetar a crônica com suas particularidades próprias. A noção de retrato de cotidiano, aliás, pode ser um aspecto fundamental da constituição e do entendimento formal de uma crônica. Se ela vai alcançar um contorno mais literário ou não, já é um desdobramento de análise. Braga, notoriamente, atinge um viés literário, com *status* de unanimidade crítica, inclusive. Ao menos os pesquisadores e estudiosos não deixam de destacá-lo como um exemplo de cronista. Numa síntese crítica, ora a crônica transcende o circunstancial-jornalístico, ora é sua extensão, ora promove a confluência ou um diálogo entre os discursos jornalístico e literário.

Em outras palavras, podemos dizer que a qualidade do texto de um cronista pode surgir da liberdade que ele (eventualmente) goza no exercício de sua função. Muitas vezes ventilado, o aspecto factual ou circunstancial de uma crônica nem sempre é ou será um imperativo para quem pratica o gênero. O texto da crônica pode muito bem transcender o registro jornalístico ou o fato noticioso para atingir um contorno estilístico diferente, com mais ou menos “teor literário”. Conforme Bender (BENDER e LAURITO, 1993, p. 49), há escritores “que parecem dedicar-se ao gênero como um treino para um texto mais elaborado, como o conto, o romance ou mesmo a poesia”. O distintivo exercício de laboratório, no entanto, abre espaço para

exceções e inúmeros vieses estilísticos. Rubem Braga, a quem recai uma citação especial, transcende o que se convencionou chamar de factual, alarga e desenvolve a formulação das crônicas, transpondo limites estéticos e fronteiras discursivas. Da relação com o jornal, surge uma criação e/ou uma recriação de um cotidiano elevada a um gênero vinculado à própria condição de cotidianidade.

Em *Duas ou três páginas despreziosas*, Simon aborda a questão citando analistas pelo lado dos estudos literários e pelo lado dos estudos de comunicação ou jornalismo. Pelo primeiro lado, Eduardo Portella e Massaud Moisés, em menções destes que realçam a superioridade estética da crônica sobre a notícia, a “transcendência” da crônica em relação à notícia. De outro lado, Marques de Melo e Marcelo Coelho têm seus nomes citados como analistas do jornalismo, com visões que tratam a crônica como uma extensão ou vislumbamento poético de uma notícia. Isto é, tem-se a consideração de que a literatura é ou se compõe como uma instância esteticamente superior em relação à do jornalismo, como se fosse adequado tratar duas áreas distintas – embora afins – com os mesmos métodos. São perspectivas que se concentram em realçar as crônicas como um “outro” em relação à notícia. Simon expõe suas críticas, e delas podemos destacar um cenário de disputa estética e ideológico-acadêmica no trato de um objeto. Algo comum entre as duas áreas do conhecimento postas, como pudemos acentuar em outro trecho.

Simon enfatiza ainda a citação de Afrânio Coutinho e Vázquez Medel, na ordem, defendendo uma união de contrários (jornalismo e literatura) e sustentando que a criação literária nem sempre está próxima das grandes obras e nem sempre o jornalismo somente oferece exclusividade ao trivial. “Embora a análise não se detenha na condição específica da crônica”, escreve Simon (2011, p. 44-45), “o que está em jogo é esta caracterização intermediária do gênero e o questionamento sobre a redefinição dos lugares ocupados pelas práticas literárias e jornalísticas na contemporaneidade”. É da ideia de entrelaçamento e união de dois discursos que podemos extrair da reflexão de Simon sobre a crônica, para ele, um gênero outro, híbrido, estabelecido da junção ou do diálogo entre jornalismo e literatura, com a perspectiva de valorização do aspecto percebido mais literário entre os textos incluídos em um conjunto de produções que recebem a nomeação genérica.

Citado há pouco por Simon, façamos um registro direto da reflexão de Coelho ou uma análise do artigo “Notícias sobre a crônica” acerca da crônica sob a perspectiva literária e suas múltiplas facetas. Na defesa de uma formulação de

discurso como gênero literário, Coelho promove uma comparação da crônica com o texto de notícia. Nesta, o assunto é o dado principal da mensagem e a transmissão da informação é o fator determinante. Já na crônica é, no dizer do analista, o de menos. “O propósito da crônica”, ele escreve, “é fixar um ponto de vista individual, externo aos fatos, externo ao próprio jornal. Daí que a crônica seja feita também, com a intenção de ser publicada em livro depois” (2002, p. 152). Sem dúvidas, vê-se um ponto de vista atual sobre o gênero, consideradas as ressalvas que se possa fazer a respeito da classificação de gênero defendida; se a crônica seria mesmo um estranho avesso da notícia ou apenas uma composição distinta, autônoma. Neste ponto, reforçamos a noção de crônica que formalmente pode produzir inúmeras características, sendo essencialmente um objeto de reconhecido e de contínuo laboratório verbal. Pode ser ficção, tende a ser não ficção, pode se constituir em um ponto de vista lírico, pode ser bastante associada à prosa, pode eventualmente ser verso. E podemos acrescentar, para não estimularmos um dado esquecimento: a crônica também alcança a música ou o verso musicado, o diálogo, os aforismos etc.

Assim, não custa muito para que tais reflexões retomem uma definição de crônica discursivamente mais ampla. Seria ela, de fato, um gênero híbrido? Seria mesmo a crônica um gênero considerado de fronteira? E até que ponto jornalismo e literatura sustentam um conjunto variado de textos sobre um mesmo selo? Alguns críticos ficam com o registro de que a crônica costuma ser ambígua por excelência. Há até quem afirme a retórica de um gênero indefinível (BENDER e LAURITO, 1993, p. 50). Talvez esteja nesta problemática uma boa motivação para a busca de um entendimento mais preciso do tema, seja pela admissão e formulação de um método particular de análise e com a apresentação de uma proposta que busque contemplar os exemplos concretos, algo de que trataremos nas linhas seguintes.

2. 8 Por uma nova metodologia de análise

Em *Duas ou três páginas despretensiosas*, Simon (2011, p. 51-52) trata de um esboço de método e análise da crônica. Sintetiza entendimentos da crítica literária moderna e suscita questionamentos a respeito de estudos textuais ou discursivos das crônicas. Por exemplo, como estudar a autoria de uma crônica no plano do discurso? É autor ou narrador quem escreve a crônica? E o que, afinal, é ser cronista? Como a variedade do gênero é reconhecida, se torna problemática a adoção de dadas categorias de estudo. Em *Crônica: história, teoria e prática*, Bender

também aborda o assunto; na obra, a pesquisadora questiona se devemos considerar os autores de crônicas contemporâneas como tais. A “quem estão se referindo quando dizem ‘eu’? é sempre verdade o que se lê numa crônica? O ‘eu’ de Rubem Braga”, Bender exemplifica, “é sempre ele, o narrador e o escritor que assina são a mesma pessoa?” (BENDER e LAURITO, 1993, p. 60). Por óbvio, quem assina deve ser considerado o autor. Ao menos, em tese. Diferentemente do que ocorre na ficção, digamos assim, genuína ou tradicional: o autor de um romance não deve ser confundido com o narrador. São instâncias distintas, dirá um crítico mais alinhado à modernidade? Um problema que se aprofunda e ganha mais uma camada de problematização, quando vemos pesquisadores refletirem a respeito da inclusão de um pseudônimo, como se registra no princípio do gênero e como ainda ocorre com certa frequência. Em suma, queremos crer que qualquer resposta a respeito deve partir do pressuposto de que a crônica é um discurso. Uma construção simbólica, algo legitimamente construído. No caso, até carente de teorizações sobre categorias de análise. Além disso, o conceito de verdade é outro problema dentro desta problematização. A dita verdade também é uma ideia, uma construção, um discurso, algo simbolicamente fabricado.

Analisemos. Em crônicas mais narrativas, o narrador se ajustaria à posição de cronista contador de histórias, mas numa crônica-comentário, não. Simon avalia a ideia de crônicas alinhadas basicamente a: narrativa; comentários ou reflexões, com mais ou menos lirismo; além de uma terceira modalidade bastante comum, nas palavras do pesquisador, “composta por uma mescla de narrativa, comentário e lirismo”. Desta classificação sugerida, tem-se o entendimento da inadequação de tomarmos o “eu” expresso nas crônicas como o de um narrador ou de um sujeito lírico. Neste ponto, a reflexão posta parece evocar diretamente um intertítulo da obra do pesquisador, “Impasses em torno da crônica”. Os tais impasses, ao menos alguns deles identificados sobre a crônica, tendem a ser assimilados. Defendemos esta reflexão mais pelas produções criativas do que pelas produções críticas. Ou melhor, como nos sugere os preceitos da crítica moderna, uma boa análise deve primeiramente partir da verificação de um *corpus* e não de teorias pré-concebidas. É claro que o movimento natural das coisas nem sempre nos permite este exercício.

Da análise preliminar dos textos de crônicas, Simon propõe a leitura das mesmas por categorias que expõem o plano do discurso destas produções. No seu

entender, não cabe neste tipo de gênero o uso dos termos “personagem”, “narrador” ou mesmo “autor”. Em palavras diretas, ele sintetiza uma proposta:

Primeiramente, é necessário ressaltar que muitas vezes esse “eu” se abstém de narrar, optando apenas por comentar ou expor sentimentos. Além disso, por mais que o “eu” em certas crônicas seja identificado como um escritor, como um cronista e às vezes até como alguém cujo nome é Rubem Braga ou Paulo Mendes Campos, este “eu” é uma criatura do cronista, criação que se desvincula de qualquer compromisso verídico ou autobiográfico, pois se inscreve em um modelo de texto que flerta também com situações fictícias. Em tais circunstâncias, o que proponho é a expressão “eu do cronista”, uma terminologia que dá a vantagem de desatrelar o autor das crônicas daquelas situações e emoções expostas nos textos. (SIMON, 2011, p. 53)

Vê-se uma proposta ou a adoção de um “eu do cronista” vinculado a fundamentos da análise literária ou de estudos poéticos. O que evoca ou pode evocar um aspecto interessante do chamado foco narrativo, ou de um equivalente deste com vistas a considerar a variedade de textos nomeados de crônica.

A variedade de formatos tende a dar significação ao reconhecimento da crônica não apenas pelo contorno de uma narrativa, como normalmente quer ver os defensores do gênero pelo estatuto exclusivo da literatura. Na realidade, a percepção de que o conjunto das crônicas corresponde a uma diversidade de formas e estilos só reforça o ponto de vista que a concebe como um discurso particular, autônomo, embora normalmente em diálogo com outras estéticas. Sem tratar da classificação da crônica enquanto gênero, Candido reconhece na parte final do ensaio “A vida ao rés-do-chão” a diversidade desta produção, que variavelmente se aproxima de diálogos, como nos textos “Gravação”, de Carlos Drummond de Andrade, “Conversinha mineira” e “Albertina”, de Fernando Sabino:

Outras parecem marchar rumo ao conto, à narrativa mais espreada, com certa estrutura de ficção, como “Os Teixeira”, de Rubem Braga; ou parecem anedotas desdobradas, como “A mulher do vizinho”, de Fernando Sabino. Nalguns casos o cronista se aproxima da exposição poética ou de certo tipo de biografia lírica, como vemos em Paulo Mendes Campos: “Ser brotinho” e “Maria José”, ambas admiráveis. (CANDIDO, 1992)

Os exemplos, por óbvio, são infinitos. Conforme quisemos tratar desde o início deste capítulo, quando em sua abertura expusemos um caso de crônica em versos e ao mesmo tempo musicada, caso da música de Engenheiros do Hawaii.

No curso do tempo, também podemos apontar registros de escritores/cronistas homens que assinavam como mulheres, como aconteceu com Claudio Souza, por exemplo, entre 1915 e 1922. No período, Souza teria assinado textos com o nome de Anna Rita Malheiros, que então tratava de assuntos pertencentes ao cotidiano das mulheres, de preferência com um “enfoque conscientizador” (BENDER e LAURITO, 1993, p. 61). Além deste, outro notório “disfarce de cronista” diz respeito a um pseudônimo famoso que acabaria devorando o nome original: Stanislaw Ponte Preta. Este nomeado Stanislaw, como se sabe, foi o criativo disfarce de cronista de Sergio Porto, que ficou conhecido pelo emprego de uma linguagem humorística, pelo tom coloquial, marcadamente carioca, seja como narrador-comentarista ou como narrador-personagem. Como sustenta Bender, Porto expunha uma abordagem corriqueira de um Stanislaw que costumava usar a primeira pessoa do plural, que tanto podia ser um “eu” mais outras pessoas, como um falso plural real ou *majestoso*; ao que a mesma pesquisadora explica:

Falso plural, porque usado por um falante singular no plural, nós. É uma forma de expressão comum a reis, políticos e pessoas que se dão muita importância, ou, pelo contrário, por modéstia, para não centrar o discurso no “eu”, o que poderia demonstrar uma postura ególatra. (BENDER e LAURITO, 1993, p. 61-62)

Estigmatizado minimamente como um gozador do cotidiano, Stanislaw vai se notabilizar como um cronista carioca e referenciado pela cultura local.

Sergio Porto, no entanto, é apenas um dos muitos casos de “eu do cronista” que bem podemos expor como exemplos concretos de diversidade. Desde o princípio do gênero no país, aliás, vemos o cronista em exercício se mascarar de várias facetas, inclusive com a de cronista e ao mesmo tempo crítico de sua própria produção. Já na época de Machado de Assis, por ele próprio, o uso de pseudônimo era usual. As motivações para tanto se constituíam em inúmeras explicações; entre as quais, quando não usavam um pseudônimo para evitar a exposição simples nas páginas de um jornal, o uso de um codinome pelo escritor do século XIX se justificava, no caso de nomes consagrados, pela consideração da crônica como um gênero menor. Uma expressão que muito nos causa reflexão acerca da condição da crônica como um gênero contestado até os dias atuais. Bender trata em seu livro da crítica e da autocrítica dos cronistas, quando alude a respeito de “A verdade do cronista” pela figura de poeta cunhada por Fernando Pessoa. “O cronista é um

“fingidor”, a pesquisadora registra a paráfrase num subitem de *Crônica: história, teoria e prática*.

2. 9 Um aspecto menor da crítica e a busca pelo cânone

Depoimentos dos próprios cronistas, usados no posicionamento crítico, de fato, ajudam ou auxiliam também a recepção, a pensar melhor o próprio discurso da crônica. Manuel Bandeira, por exemplo, é um dos nomes citados pela pesquisadora Bender, e o testemunho de um famoso autointitulado poeta menor sugere serenidade e despreendimento sobre a crônica e a respeito de sua dita condição “menor”. Em passagem reproduzida de *Minha adolescência*, o poeta-cronista soa analítico: “Hoje fico admirado de ver que essa minha obra de poeta menor – de poeta rigorosamente menor – tenha podido suscitar tantas simpatias”. Menor, muitas vezes, pode ser a preocupação excessiva com que esta questão de que gênero *xis* ou *zê* é ou pode ser taxado como de menor importância discursiva. Em específico, temos uma crítica que trata do cronista como um sujeito “consciente da simplicidade que dele se espera, costuma ter postura humilde; não acha que vai chegar à Academia com uma crônica ou uma produção inteira dela” (BENDER e LAURITO, 1993, p. 48-49).

No ensaio “A vida ao rés-do-chão”, Candido promove a crônica por alguns de seus principais entendimentos críticos: pela forma de uma produção de jornalismo literário; pela marca de objeto de discurso perecível, historicamente vinculado ao jornal e ligado a uma linguagem de simplicidade, de brevidade e de graça (humor) e por um gênero considerado “menor”:

A crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. (CANDIDO, 1992, p. 13)

Sobre a expressão “gênero menor” atribuída à crônica por Candido na abertura do ensaio “A vida ao rés-do-chão”, vamos considerar o seu registro da crônica como um gênero menor pela crença em uma literatura dita maior. Contudo, façamos justiça à importância da reflexão de Candido, quando o estudioso destaca na “despretensão” da crônica um dado interpretado como “humanizador”:

“Graças a Deus”, seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica mais perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura, como dizem os quatro cronistas deste livro [A *crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil] na linda introdução ao primeiro volume da série. Por meio de assuntos, da composição solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorradeira, recuperar com a outra mão certa profundidade de significado e certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição. É o que o leitor verá em muitas (...). (CANDIDO, 1992, p. 13-14)

Da citação, vale ainda destacar o fato da crônica estar ou ficar próxima do dia a dia e de pretender ajudar a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. “Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivo e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas”, enfatiza Candido (1992, p. 14), para quem a crônica “é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, sobretudo porque quase sempre utiliza o humor”. Isto é, podemos aqui pensar num gênero com particularidades próprias: que cria ou recria uma imagem de cotidiano com um discurso sobre um pretense objeto insignificante.

Candido expõe ainda o fato da crônica não ter pretensões a durar, “uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa” (1992. p. 14). Uma passagem que nos sugere pelo menos dois desdobramentos de reflexão: um que aponta uma conformação moderna pelo vínculo de um suporte, o jornal; e outro que ilustra a crônica numa posição controvertida, de que a sua permanência no tempo seria a mesma da de seu veículo de origem:

Ela [a crônica] não foi feita originalmente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha. Por se abrigar nesse veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em “ficar”, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. Por isso mesmo, consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um; e, quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava. Como no preceito evangélico, aquele que quer salvar-se acaba por perder-se; e aquele que não teme perder-se acaba por se salvar. No caso da crônica, talvez como prêmio por ser tão despreensiosa, insinuante e reveladora. E também porque ensina a conviver intimamente com a palavra, fazendo que ela não se dissolva de todo ou depressa demais no contexto, mas ganhe relevo,

permitindo que o leitor a sinta na forma dos seus valores próprios.
(CANDIDO, 1992, p. 14-15)

Neste ponto, não nos parece difícil de apontar certa dubiedade na crítica proposta por Candido, que parece suscitar certo paradoxo de reflexão: a crônica para ele é gênero menor, é efêmera, mas pode surpreender no momento da recepção? Assim como o conto pode ter sido um dia “menor” em relação ao romance ou assim como o conto foi de fato menor até que escritores especializados no gênero viessem a ser reconhecidos pelo público e pela crítica, caso da canadense Alice Munro – uma escritora dedicada aos contos – que recebeu o Prêmio Nobel da Literatura em 2013. Uma discussão, no entanto, que não queremos aqui alimentar além da conta.

Neste momento derradeiro de capítulo, aliás, o nosso ponto de vista será aquele que contempla, em certa medida, uma análise da crônica vinculada à contemporaneidade, reconhecida como objeto de disputa de espaços de exercícios críticos, e ligada a uma resistência crítica decorrente de sua natureza e valor estético. É o que basicamente Simon trata em *Dois ou três páginas despreziosas*, sem que precisemos compartilhar a íntegra de sua classificação de gênero. No intertítulo “O estudo da crônica sob o foco da crítica contemporânea”, vemos o pesquisador afirmar uma dificuldade de penetração da crônica nos estudos literários na atualidade. Quando não é tratada com desdém, a crônica é rebaixada a um tema ou gênero menor. Há, no depoimento do Simon, um quê de desabafo, em que se destaca a necessidade de abrir novas vertentes de pensamento crítico dentro da academia e, ao mesmo tempo, de reconhecer o papel das produções literárias na contemporaneidade. A literatura como um objeto e instrumento de materialização de experiências e incursões imaginárias muito válidas para a existência humana. Neste contexto, o pesquisador vai analisar a crônica pelo que de literário ela possui ou possa possuir. O seu interesse, como já pudemos analisar neste estudo, é bem este. Em suas reflexões, Simon vai defender a crônica e seus aspectos mais literários, considerando traços de sua literariedade como algo fundamental para o revigoreamento dos estudos vigentes sobre o gênero: “É a mudança dos paradigmas que orientam a constituição do cânone literário e que balizam os estudos na área de Letras em áreas afins”, explicita Simon (2011, p. 60).

Genericamente, busca-se defender o reconhecimento de influências midiáticas nas produções discursivas de nosso tempo, da perspectiva crítica às

próprias produções dos artistas. As crônicas não estão fora deste contágio simbólico: “À medida que as incorporações são promovidas pelos escritores, cresce também a demanda para estudos que investiguem esse fenômeno de invasão midiática sobre o terreno da cultura erudita”, destaca Simon (2011, p. 61). “É preciso ressaltar ainda que os domínios do cânone já se encontravam, mais ou menos ao mesmo tempo, fragilizados pelas reivindicações de grupos anteriormente pouco favorecidos”. Quer-se abordar, assim, um debate em que o próprio discurso ou a disputa pelo poder de voz social é colocado também na instituição da crônica. Nesta perspectiva, a crônica, independente de sua classificação, é abordada como um objeto (sempre) em busca de representatividade. Costuma, inclusive, ser veículo dos mesmos anseios e necessidades temáticas de setores politicamente marginalizados. Em específico, se destaca a busca por espaços novos para a circulação do exercício crítico literário. É o que o pesquisador procura fazer em síntese: posicionar a crônica no centro do debate, mostrando que ela nem sempre está ou esteve em questão.

É verdade que desde o princípio, os próprios cronistas se ocupam de conceituar a crônica dentro de seus próprios textos. A metalinguagem, conforme já mencionamos, é um recurso historicamente utilizado. Mas a prática de evidenciar ao leitor como ocorre o discurso, naturalmente, não alça o cronista para além da (auto)análise. As contribuições ditas teóricas sobre o gênero, pelo que nos consta, tardariam. Simon cita o ensaio “A cidade e a letra”, de Eduardo Portella, datado originalmente do ano de 1958, como uma das primeiras e importantes reflexões teóricas a respeito da crônica no Brasil. Em seu ensaio, Portella trata basicamente da relação conflituosa entre crônica, literatura e jornalismo: “É curioso constatar que mais de cinquenta anos após a publicação do ensaio, muitas destas discussões persistem”, destaca Simon (2011, p. 63). Em linguagem direta, as questões mencionadas no ensaio e também aqui envolvem a dificuldade que a crônica tem de ser reconhecida como produção literária, para Simon, ou como um discurso simbolicamente constituído, sobretudo por sua natureza jornalística ou vínculo com o jornal, e pela problemática aceitação (crítica) desta produção de discurso muitas vezes transferida do suporte jornal para a plataforma dos livros. Simon (2011, p. 63) o cita a propósito de uma imagem que Candido faz da crônica, segundo a qual o gênero não teria sido feito para o livro, “mas para o jornal que logo é usado para embrulhar sapatos ou ferrar o chão da cozinha”. Uma controvérsia que extrapola a

questão do suporte jornal, e atinge um dos aspectos que consideramos central neste debate: o do valor estético da crônica.

Inclusive, a discussão sobre tal valor é bastante atual. Na realidade, a forma como é posta a reflexão em relação a outros analistas, também expõe um conflito inevitável. Se por um lado um crítico (nenhum de forma específica) trata da resistência à crônica, por outro lado esta mesma figura pode não deixar devidamente formulada uma teoria de um gênero de múltiplas facetas discursivas. E este crítico talvez saiba de crônicas que podem ser e que são consideradas literatura; existem outras que não passam no crivo estético de uma produção artisticamente produzida, sequer possuem atributo estritamente literário. A propósito: se um determinado estudo quer contemplar o gênero crônica somente pelo que ele tem de traços literários, por exemplo, então este ponto de vista se torna complexo de uma dada perspectiva. Mas, neste ponto, a discussão se voltaria novamente à citação de outros pressupostos, algo que preferimos deixar para outra ou futura reflexão.

3. UMA ANÁLISE DE PLÍNIO MARCOS, CRONISTA DE ‘UM TEMPO MAU’

A escolha das crônicas de Plínio Marcos, abordadas aqui como objeto de estudo, faz-se relevante não só pelo alcance e representatividade dos temas vinculados a um dado contexto sociopolítico da segunda metade do século XX, mas também pela importância de suas produções textuais, sobretudo no que se refere ao uso de recursos estilísticos para gerar efeitos de sentido, como pretendemos ilustrar com um exercício de análise preliminar de duas crônicas que se seguem. Uma delas está incluída no volume três do anexo desta tese; a segunda crônica, além de objeto de argumentação, deve contemplar um exemplo específico de censura consumada integralmente. Na sequência desta introdução de capítulo, teremos uma análise dos dois primeiros anos de jornal do dito “cronista de um tempo mau”, em que queremos destacar as primeiras experiências de Plínio Marcos como cronista e a formação de um estilo que vai começar a se desenvolver entre 1968 e 1969; em seguida, teremos a caracterização de um cronista e o desenvolvimento de um estilo de escrita em franca exposição entre 1970 e 1973, com destaque para crônicas de contornos mais narrativos e com temáticas sobre periferia urbana, muitas delas, com a aparência e estrutura de contos; em um terceiro momento, vamos ver um dramaturgo-cronista mais polêmico e contestador a um regime político e publicando crônicas com um formato mais ensaístico, mais especificamente, entre os anos de 1975 e 1977.

No trecho de “O que se pode dizer do futebol brasileiro”¹⁶, crônica publicada em 19 de novembro de 1975, na revista *Veja*¹⁷, podemos notar uma amostra do discurso de um destacado cronista de um tempo mau. Como veremos também, trataremos de um exemplo de crônica parcialmente censurada pela ditadura militar:

1 Se num dia qualquer da semana você cruzar, pelos estreitos, escamosos e esquisitos caminhos do roçado do bom Deus, com um caminhão repleto de saudáveis rapazes de roupa colorida, sapatos de sola três andares, longos cabelos tingidos ou cabeleiras pantera-negra, não fique pálido de espanto diante da visão. Não se trata de boias-frias, que tomaram vitamina e aderiram aos últimos guinchos da moda importada, indo pra lavoura. Podem crer, os boias-frias, com o feijão e farinha de cada dia, não vão ter nunca aspecto saudável. E por mais que estejam emprenhados pelos olhos e pelos ouvidos, através do rádio e da televisão, e por mais que estejam

¹⁶ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 11.

¹⁷ Criada em 1968 pelos jornalistas Roberto Civita e Mino Carta, a revista trata de temas variados de abrangência nacional e global. Entre os temas tratados com frequência estão questões políticas, econômicas, e culturais. Plínio Marcos começou a escrever para a publicação a convite de Carta dois meses depois da publicação de sua primeira edição chegar às bancas, em 11 de setembro de 1968. A revista seria então batizada de *Veja e Leia*; na ocasião de seu primeiro número, tendo como manchete de capa "O grande duelo no mundo comunista".

sabendo das facilidades dos crediários, os nossos boias-frias não vão poder se enfeitar como bonecos de engonço.

A rapaziada que vai em cima do caminhão, portanto, não são boias-frias: são os jogadores do Santos, ou do Vasco da Gama, ou do Atlético Paranaense ou do Coritiba, ou do Figueirense, ou do Atlético e América mineiros, ou de outro clube qualquer que foi desclassificado do Campeonato Brasileiro e que agora anda se batendo pelas *quebradas do mundaréu*, atrás de um campinho no alto de uma pirambeira ou na beira da vala, a fim de tirar uma pelada com um timeco encardido e que possa garantir uma graninha micha pra minorar a violenta crise financeira que vai sufocando os clubes que sobraram. (MARCOS, 1975)

Ao tratar das condições econômicas de jogadores de futebol, Plínio Marcos expõe, simultaneamente, a realidade política das agremiações esportivas de sua época, não raro, por meio de uma crítica incisiva, aspecto que, ao longo do tempo, realçaria a sua marca de “cronista polêmico”¹⁸. Aliás, talvez seja o tom polemista, o principal motivo para que muitos de seus textos esbarrassem com a censura política então vigente, como de fato aconteceu com a sua citada crônica, que no contexto de publicação teve metade de sua composição removida do espaço de diagramação. Basta observar, na fonte consultada, que o autor tinha o hábito recorrente de elencar em tópicos numerados, os principais comentários ou assuntos de sua coluna semanal. Em “O que se pode dizer do futebol brasileiro”, veem-se os tópicos “1”, “2” e “6”, o que sugere a ausência de outros (“3”, “4” e “5”, e possivelmente o registro de outros subsequentes ao de número “6”). E mais: no rodapé da página 108, na metade do espaço destinado ao texto, vemos que *Veja* ainda traz vinculada à edição do mesmo texto, o retrato de um caminhão de carroceria aparentemente “sucateado” e cheio de boias-frias em péssimas condições de locomoção de trabalho. Tão ou mais irônica quanto o texto e a fotografia é a sua legenda da fotografia: “Boias-frias, ou um time que sobrou do Brasileirão à procura de adversários?”.

A partir do tópico “1” da coluna de Plínio Marcos – com base em dois outros tópicos publicados (“2” e “6”) – podemos inferir que o “cronista de um tempo mau” aborda, de forma geral, a “situação difícil” dos clubes de futebol brasileiros, para, nos tópicos seguintes, tratar em específico sobre alguns deles, como fez com o Santos F. C., no tópico “2”:

¹⁸ A expressão original é “jornalista polêmico”, adotada por Lucinéia Contiero, como título de um subitem de um capítulo de sua Tese de Doutorado, intitulada *Plínio Marcos: uma biografia*, defendida no ano de 2006, na Universidade Estadual Paulista – Campus da Unesp de Assis. Entendemos por bem realizar a adaptação do termo, sem intentar prejuízo de sua descrição conceitual.

2 Se num dia qualquer da semana você abrir o jornal e ler um anúncio retumbante: “Aceitamos jogo pra domingo no nosso campo ou no campo do adversário. Damos bola e aceitamos qualquer juiz. Renda dividida. Tratar na Vila Belmiro com o senhor Modesto Roma, por telefone ou por ofício”, não se surpreenda. É o Santos F. C. que está caindo pelas tabelas e começa a compreender finalmente que a vida sem Pelé é muito dura. (Ibidem)

Além da marca de polemista e/ou de “autor proibido”, outro aspecto realçado em “Plínio Marcos cronista”, diz respeito à peculiaridade de sua “linguagem de jornal”. Resguardadas as especificidades do veículo de comunicação em que o autor escreveu, podemos realçar duas vertentes estilísticas em sua composição: a primeira representada pela crônica com realce de comentário – abordada acima; a segunda remete a textos mais narrativos, muitos deles publicados como ou com aparência de contos. Ambas as abordagens, veremos no desenvolvimento desta leitura crítica, destacam-se pelo uso de expressões e gírias populares, e funcionam como elemento agregador de comunicação; uma “forma de dizer” que, muitas vezes, se vincula a um público específico.

Na passagem que se segue, destacamos outra crônica pliniana, que originalmente seria publicada no jornal *Última Hora* de SP¹⁹, mas que foi integralmente proibida pela censura do regime militar então instituído no país. Trata-se de um texto aparentemente sem título e extraído da coluna diária “Jornal do Plínio Marcos”²⁰, datado em 21 de abril de 1974. Na oportunidade, o dramaturgo-cronista

¹⁹ O nome *Última Hora* faz referência a um jornal carioca fundado pelo jornalista Samuel Wainer, em 12 de junho de 1951. Chegou a ter uma edição em São Paulo, além de uma edição nacional que era complementada localmente em Porto Alegre, Belo Horizonte, Recife, Niterói, Curitiba, Campinas, Santos, Bauru e no ABC Paulista. A versão paulista do jornal foi vendida por Wainer em 1971 para a Empresa Folha da Manhã S/A, que também era dona do jornal *Folha de S. Paulo*, cujos proprietários eram então Carlos Caldeira Filho e Octávio Frias de Oliveira. A venda da versão paulistana ou o fim da rede *Última Hora* se deveu a pressão do regime militar sobre Wainer, que foi contrário ao golpe de 1964 e permaneceu crítico aos militares que detiveram o poder político. Plínio Marcos colaborou com o jornal *Última Hora* de SP de 1968 a 1976, em períodos não contínuos.

²⁰ Disponível em: <http://www.pliniomarcos.com/jornaiserevistas/jornaldoplinio.htm>. Acesso em: 5 abr. 2017.

JORNAL DO PLÍNIO MARCOS
ÚLTIMA HORA – 21/4/1974

OUTRO DIA ACHARAM UM CADÁVER NO MEIO DA RUA. ISSO NÃO É NOVIDADE. MAS NO BOLSO, ALÉM DE UM CRUZEIRO E CINQUENTA CENTAVOS, HAVIA UMA ORAÇÃO QUE DIZIA ASSIM: “CABOCLO BOIADEIRO, ME LIVRE DA POLÍCIA QUE ELA ANDA PIOR QUE O DIABO”.

Duas mocinhas, empregadas domésticas no Rio de Janeiro, tiveram folga e foram passear. Passearam até ficarem sem dinheiro. Aí, viram que era tarde. E foram pedir auxílio num posto policial. Contaram a história do passeio e foram curradas pelos policiais. Dá pra entender? Tu se sente a perigo, chama a polícia e a polícia, em vez de te socorrer, te barbariza. Aí, como é que fica? A população se sente cada vez mais intranquila. Ainda no Rio de Janeiro, onde urubu de tão gordo já nem levanta voo, moradores de uma favela se viram no papo-de-

formula três tópicos sobre um dito registro circunstancial. No primeiro tópico, temos o começo da crônica, em que o autor inicia com o relato de “duas mocinhas,

aranha com um tal de Paulo Sapo e com um tal de Baianinho, que sem a menor cerimônia cobravam taxa de proteção dos favelados. Quem não pagava trinta cruzeiros por semana para os dois pilantras era esculachado. Tinham seus barracos invadidos, suas filhas estupradas, suas mulheres sofriam horrores e seus filhos eram baleados. Procuraram a polícia e não adiantou. A polícia se fechou em copas. Achou que era mentira dos favelados. Claro que o Paulo Sapo e o Baianinho souberam das reclamações dos seus vizinhos e, pra dar exemplo, mataram dois ou três. Aí, com defunto na fita e tudo, os apavorados favelados não chamaram a polícia. Juntaram seus trecos e mudaram do morro. Fugiram. Fugiram de medo dos bandidos. Fugiram por não confiarem na polícia.

Agora eu pergunto: se um povo perde a confiança na sua polícia, o que acontece? Foge? Se arma pra poder resistir? Sabe como é. O pavor transforma as pessoas. Todo valente que eu vi morrer acabou na mão de um covarde aterrorizado. E é assim que a população está ficando. Não confia na polícia, tem medo dela e dos bandidos. Aí, se arma na retranca e o clima fica tenso. Cada um, cada um. E de repente estão todos se matando.

Esses casos que eu contei se deram no Rio de Janeiro. A cidade maravilhosa. Mas em São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte e em qualquer canto a catimba é a mesma. O povo não confia na polícia. E isso é mau. Muito mau. É necessário que se mude essa imagem. Porém (e sempre tem um porém) essa mudança tem que começar dentro da própria polícia. E não basta apenas a expulsão dos maus elementos dos quadros da polícia. É preciso que eles nem entrem na corporação.

RESPONDENDO À FREGUESIA

Alair de Almeida, Sorocaba – “Leitor assíduo da sua coluna Jornal do Plínio Marcos, tenho com satisfação notado que você está atacando com mais energia ultimamente. Continue assim.”

Podes crer, Alair. Eu faço o que posso. Sabe como é que é. Não é fácil remar a catraia em águas barrentas e contra a maré.

PELO TELEFONE

- Oi, é o Plínio.
 - Plínio, aqui é a Bete.
 - Que Bete, a Sujinha?
 - Sujinha é a mãe. É a Bete Hippye.
 - Pois é, a Bete que não toma banho.
 - Corta essa.
 - Corta essa, não. A situação tá ruim. Tá dando praga de piolho nas escolas.
 - E eu com isso?
 - Tu é cabeluda.
 - E daí?
 - Daí é que é na tua cabeça que os piolhos procriam.
 - Sem essa, bicho.
 - Sem essa, uma ova, Sujinha! Tu vê se dá um trato na tua cabeça fedorenta, senão os homens da saúde pública vão te pegar e te rapar o coco.
 - Não vem com essa.
 - Não sou eu, Sujinha. É o que tão dizendo. Tão falando que na cabeça dos hippyes é que os piolhos se multiplicam, e daí eles se espalham.
 - Quem fala isso é careta.
 - Careta ou não, eles só estão apavorados com a volta dos piolhos. Isso tinha acabado. E tu e os teus hippyes criaram as feras de novo.
 - Piolho é fácil de acabar.
 - Só tem um remédio. Rapar careca o piolhento e esfregar o coco pelado com água e sabão.
 - Não inventa.
 - Não estou inventando. É o remédio que tem contra piolho. Rapar careca e muita água.
 - Não faz onda.
 - Não sou eu que espalhei a piolhada nas escolas.
 - Nem eu.
 - Sei lá. Tu é cabeluda.
 - Sai de mim. Não quero papo. Tchau.
 - Tchau. Mas lava a cabeça, viu Bete Sujinha. Que é aí na tua cobertura que os piolhos têm ninho.
- Tchau.

empregadas domésticas no Rio de Janeiro, [que] tiveram folga e foram passear. Passearam até ficarem sem dinheiro. Aí, viram que era tarde. E foram pedir auxílio num posto policial. Contaram a história do passeio e foram curradas pelos policiais”. O episódio, é claro, causa indignação no dramaturgo-cronista, que logo percebe mais uma face sinistra de “um tempo mau”. “Dá pra entender?”, ele prossegue com a crônica potencialmente produzida de leitura de página de jornal. “Tu se sente a perigo, chama a polícia e a polícia, em vez de te socorrer, te barbariza. Aí, como é que fica? A população se sente cada vez mais intranquila”. Plínio Marcos, então, cita o sofrimento das vítimas e de toda uma coletividade que seria alvo de demais arbitrariedades e abusos de poder, e amplia sua crítica a um estado de coisas que, de antemão, já não favorece a polícia: afinal, o contexto sociopolítico é de autoritarismo e a crítica à polícia é elemento central nesta história de cotidiano.

Na forma de relato, o autor prossegue com a crônica:

Ainda no Rio de Janeiro, onde urubu de tão gordo já nem levanta voo, moradores de uma favela se viram no papo-de-aranha com um tal de Paulo Sapo e com um tal de Baianinho, que sem a menor cerimônia cobravam taxa de proteção dos favelados. Quem não pagava trinta cruzeiros por semana para os dois pilantras era esculachado. Tinham seus barracos invadidos, suas filhas estupradas, suas mulheres sofriam horrores e seus filhos eram baleados. Procuraram a polícia e não adiantou. A polícia se fechou em copas. Achou que era mentira dos favelados. Claro que o Paulo Sapo e o Baianinho souberam das reclamações dos seus vizinhos e, pra dar exemplo, mataram dois ou três. Aí, com defunto na fita e tudo, os apavorados favelados não chamaram a polícia. Juntaram seus trechos e mudaram do morro. Fugiram. Fugiram de medo dos bandidos. Fugiram por não confiarem na polícia. (Idem, 1974)

O texto, que fora de contexto pode suscitar para alguns um “caso isolado”, para outros, lembra uma passagem que hoje parece premonitória: o registro de figuras atreladas ao crime de máfia, código atualmente associado às milícias, daquelas que “cobram taxa de proteção dos favelados” no Rio de Janeiro, por exemplo. Mas em meados de 1974, a crônica pliniana vai além, pois denuncia um período de clara repressão instituída e generalizada. A população não se sente segura com a situação então vivida. “Agora eu pergunto: se um povo perde a confiança na sua polícia, o que acontece? Foge? Se arma pra poder resistir?”. Tal questionamento faz com que o próprio cronista de um tempo mau se desloque ao mesmo patamar social de seus leitores: “Sabe como é. O pavor transforma as pessoas”, escreve Plínio Marcos, como que admitindo a própria tensão vivida pelas

vítimas policiais, a ponto de comparar polícia com bandido. As linhas que se seguem são representativas: “Todo valente que eu vi morrer acabou na mão de um covarde aterrorizado. E é assim que a população está ficando. Não confia na polícia, tem medo dela e dos bandidos. Aí, se arma na retranca e o clima fica tenso. Cada um, cada um. E de repente estão todos se matando”.

Ao final da história contada, vemos que a crônica feita a respeito de duas mocinhas não era mesmo de um caso tão específico. Um olhar de testemunho é promovido pelo cronista, que objetivamente retrata ou aponta o que ele entende como um *xis* da questão:

Esses casos que eu contei se deram no Rio de Janeiro. A cidade maravilhosa. Mas em São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte e em qualquer canto a catimba é a mesma. O povo não confia na polícia. E isso é mau. Muito mau. É necessário que se mude essa imagem. Porém (e sempre tem um porém) essa mudança tem que começar dentro da própria polícia. E não basta apenas a expulsão dos maus elementos dos quadros da polícia. É preciso que eles nem entrem na corporação. (Ibidem)

Após o primeiro tópico, surge o segundo, destacadamente curto. Sob o intertítulo “Respondendo à freguesia”, Plínio oferece voz direta a alguns de seus leitores; em específico, a Alair de Almeida, de Sorocaba, um “leitor assíduo” da coluna “Jornal do Plínio Marcos”. Assim escreve o leitor: “tenho com satisfação notado que você está atacando com mais energia ultimamente. Continue assim.”. Uma linha abaixo, o cronista responde: “Podes crer, Alair. Eu faço o que posso. Sabe como é que é. Não é fácil remar a catraia em águas barrentas e contra a maré.”

Além da interação entre cronista e leitor, o diálogo ainda expõe um aspecto importante na linguagem adotada por Plínio Marcos. Seu vocabulário, bastante calcado na gíria de um cotidiano socialmente cristalizado e de época, realça um modo de dizer corriqueiro no discurso pliniano, facilmente associado à sua fala de cotidiano e à linguagem de seus textos, seja dramatúrgico, jornalístico ou ficcional; além disso, o desenlace de muitas de suas histórias, com destaque para as de formato narrativo, normalmente atinge um traço estilístico neorrealista: um olhar literário acerca do cotidiano representado, em uma tentativa de retratar as coisas como elas são, “naturalmente”, sem floreios (embora isso seja impossível na arte).

E, por fim, no terceiro e último tópico da crônica de 21 de abril de 1974, o autor promove a mescla a arte da ficção com o teatro. O intertítulo traz a inscrição de “Pelo telefone”. A seguir, a sua transcrição na íntegra:

- Oi, é o Plínio.
- Plínio, aqui é a Bete.
- Que Bete, a Sujinha?
- Sujinha é a mãe. É a Bete Hippye [sic].
- Pois é, a Bete que não toma banho.
- Corta essa.
- Corta essa, não. A situação tá ruim. Tá dando praga de piolho nas escolas.
- E eu com isso?
- Tu é cabeluda.
- E daí?
- Daí é que é na tua cabeça que os piolhos procriam.
- Sem essa, bicho.
- Sem essa, uma ova, Sujinha! Tu vê se dá um trato na tua cabeça fedorenta, senão os homens da saúde pública vão te pegar e te rapar o coco.
- Não vem com essa.
- Não sou eu, Sujinha. É o que tão dizendo. Tão falando que na cabeça dos hippyes [sic] é que os piolhos se multiplicam, e daí eles se espalham.
- Quem fala isso é careta.
- Careta ou não, eles só estão apavorados com a volta dos piolhos. Isso tinha acabado. E tu e os teus hippyes criaram as feras de novo.
- Piolho é fácil de acabar.
- Só tem um remédio. Rapar careca o piolhento e esfregar o coco pelado com água e sabão.
- Não inventa.
- Não estou inventando. É o remédio que tem contra piolho. Rapar careca e muita água.
- Não faz onda.
- Não sou eu que espalhei a piolhada nas escolas.
- Nem eu.
- Sei lá. Tu é cabeluda.
- Sai de mim. Não quero papo. Tchau.
- Tchau. Mas lava a cabeça, viu Bete Sujinha. Que é aí na tua cobertura que os piolhos têm ninho. Tchau. (Ibidem)

Por imaginário, o diálogo entre a figura do cronista e de sua interlocutora cita uma realidade extrarreferencial destacada, mas por meio de um texto que sugere múltiplos significados e interpretações. O auxílio do contexto social, também neste caso, nos parece providencial para a compreensão das linhas expostas acima.

A última passagem, diga-se, ainda expõe um recurso autoral muito usado por Plínio Marcos. Muitos de seus textos, sobretudo com teor ficcional, como o exposto acima, revelam um ponto de vista que parte de um contexto de adversidades políticas e que foram produzidos como “alternativa de sobrevivência para um dramaturgo expulso do palco”, conforme Mendes (2009, p. 336-337): “Para driblar a

censura que chegava à imprensa, desde a promulgação do AI-5 em dezembro de 1968, Plínio escreveria histórias semanais [contos] de personagens populares e anônimos, que conhecia bem”. Ou seja, para ter um salário que ajudasse a sustentar a família, o cronista de “um tempo mau” foi aconselhado – pelo então crítico de teatro João Apolinário, editor do caderno de Variedades do *Última Hora* de São Paulo – a escrever ficção nas páginas do jornal. Como se percebe, e apesar de seu esforço, nem sempre Plínio conseguia contornar a censura e as deliberadas restrições à liberdade de expressão e de imprensa de sua época, algo que a trajetória de vida e profissional do cronista vai confirmar.

3.1 O surgimento de um cronista: anos de formação

Não é preciso fazer uma leitura muito sistemática dos dois primeiros anos – 1968 e 1969 – de um dramaturgo na posição de um cronista de jornal para que fiquem evidenciados alguns dos principais traços estilísticos que tendem a nortear uma análise acerca de um perfil de escritor comprometido com personagens, temas e cenários narrados. Como consta historicamente, Plínio Marcos foi convidado a trabalhar em jornal no ano de 1968, iniciando uma dada missão de escrever crônicas sobre futebol. Um assunto aparentemente distante de maiores polêmicas, por exemplo, como costuma ocorrer com operadores de assuntos relacionados diretamente à conjuntura política. Como se dissessem ao artista de teatro na época de seu ingresso no jornal: achamos um jeito de você, Plínio Marcos, exercer uma profissão outra e ter um salário sem que os dirigentes militares lhes interditem a fala. Uma hipótese que defendemos a respeito: o dramaturgo começaria a escrever em jornal sem, digamos assim, contestar o estado de coisas vigente; no caso, a partir de 1968, ano comumente lembrado pelos livros de história, por testemunhos documentados e por pessoas ainda vivas como um período de recrudescimento político no Brasil, além de ser também associado a um ano historicamente emblemático no cenário político mundial. É, de fato, um ano marcado por inúmeros protestos e manifestações alinhados aos direitos humanos, a ações pacifistas e a aspirações democráticas, grande parte deles potencializados por estudantes e trabalhadores; com destaque para a oposição à guerra do Vietnã nos Estados Unidos, a greve geral na França e as reações populares a governos repressivos como ocorreria no Brasil e em países vizinhos na América do Sul.

É neste contexto que vemos um dramaturgo assumir uma função importante de dentro de um veículo de comunicação jornalístico comercial, com data de estreia em 3 de março de 1968, quando ele assinaria uma crônica sem título²¹ ou cuja nomeação recaía sobre o título da coluna, que reproduziria o nome de umas de suas mais famosas e recém-lançadas peças teatrais, *Navalha na carne*. A partir da estreia em jornal, se verá um sujeito e uma postura pessoal de quem não faz concessão pessoal ou profissional em detrimento do próprio pensamento; em outras palavras, desde os primeiros textos ou depois da primeira crônica publicada, veremos um discurso pessoal de marca contestadora, libertária e irreverente, conforme o que já se podia perceber da leitura e linguagem de textos teatrais de fino trato artístico.

De fato, Plínio Marcos será considerado um notório polemista. Será também o que, em suas palavras, se entende por eschachador. Podemos supor que João Apolinário, quando o convidou para escrever em jornal, sabia da sua personalidade. Quem sabe na emissão do convite de trabalho, além do aspecto financeiro, tivesse também um fundo de solidariedade a um sujeito desde sempre crítico da sociedade e das produções culturais. O que a máscara de Plínio Marcos cronista vai expor em seus dois primeiros anos de atividade em redação, podemos perceber já nas primeiras iniciais em sua estreia no jornal:

No exato momento em que, simbolicamente, eu cortava a fita auri-verde que me inaugurava como cronista deste jornal [*Última Hora de SP*], mandava pra glória uma rolha de Pitu, em companhia do meu chapa Apolinário, que foi quem me inventou nesse negócio aqui. E, aproveitando a presença da curriola da redação, e mesmo por já estar com umas e outras na cuca, meti um plá solene, explicando pra moçada que coluna minha ia ser trincheira. E não podia ser de outro jeito. Que eu não embarcava nessa canoa pelos trocadinhos, não. Meu caso é de botar pra quebrar. Que, como diz o Brecht: – Minha voz não pode muito, mas gritar eu gritei.
E essa era minha toada. Lenha. Não dou colher de chá para trambiqueiro nenhum. Vou atucanar a vida de meio mundo. Vou caguetar para o povo (se é que povo lê) todos os trambiques dos majorengos. Enfim, aqui vai ser fogo. Nessa hora de bronca por causa da palavra, eu entro de sola.
(MARCOS, 1968)

De um trecho inicial de autoapresentação, veremos um conjunto de histórias de vida do próprio dramaturgo e de personagens vinculados ao ambiente social onde ele viveu (Santos) e/ou onde ele vivia quando começa a escrever em jornal (São Paulo). Histórias contadas, memórias e gêneros afins que vão se misturar a pontos de vistas sobre futebol, casos pessoais, testemunhos de conhecidos etc.

²¹ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 1, p. 7.

A passagem ainda menciona alguns dos tópicos acerca de nosso estudo. A linguagem, o modo de dizer. Quem conheceu Plínio Marcos em vida, teve a oportunidade de perceber que ele mais do que transpunha a oralidade para o plano do texto escrito. Ele de fato colocava no papel o seu modo de expressar cotidianamente e, por tabela, dava vida verbal a um jeito de falar característico daqueles com os quais ele conviveu desde o período de juventude quando esteve debaixo de uma lona de circo ou quando trabalhou no cais do porto de Santos e posteriormente das ruas e bares da cidade de São Paulo, para onde ele se mudaria e onde ele constituiu outra parte importante de sua história pessoal.

Da primeira crônica, fazemos ainda uma citação da recepção leitora: “Vou caguetar para o povo (se é que povo lê) todos os trambiques dos majorengos”. Uma passagem em que o dramaturgo-cronista nos deixa um importante dado de reflexão. Isto é, embora fale com a dicção de seus personagens retratados, o autor aponta que sabe que seus leitores diferem daqueles que comporiam um público-alvo idealizado e formado por aqueles para os quais o próprio autor concede voz, representação, vida. Ao menos no plano da criação verbal ou artística.

A partir do primeiro texto, podemos pensar a extensão de um conjunto que se segue. Por exemplo, a maior parte dos textos do primeiro ano de jornal do autor vai ser de crônicas – parte delas em aparente formato de conto – acerca de cenários socialmente marginalizados, histórias contadas cujas mensagens abordam a violência social para um primeiro plano simbólico de leitura. E considerar que parte dos textos do dramaturgo-cronista possuem um “aparente formato de conto” não implica necessariamente afirmar que são genuinamente contos. De um modo geral, Plínio Marcos tratará de histórias sobre retratos pessoais, com os quais ele esbarrou transitando pelas ruas, perambulando por bares e cabarés. É o que o autor vai escrever em “Uma história do cais do porto de Santos”²², de 27 de abril de 1969:

O cais do porto de Santos já foi uma das bocas de fogo das mais pesadas do mundo. Lá era broca. Ninguém enjeitava pau. O bicho que fugia do cacete, não aparecia mais. Se desse as caras, virava o esparro. A curriola pegava no pé, dava biaba e esculachava. A ordem lá no golfo era encarar. Sempre. Do jeito que desse e viesse. Apanhar não é feito. Pega mau é tirar o time de campo na hora do sarrafo. E a moçada da Baixada Santista sabia o que dizia o Zagaia:

– Quem tiver medo de homem não deve sair na rua.

E se o Zagaia diz é que é. Então ali o negócio era na base do agrião. Ninguém deixava nada no barato. E os valentes eram linha de frente

²² Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 1 , p. 112.

mesmo. Quem duvidar, é só procurar saber a história da estiva de Santos. Mas deixa andar. Esse papo um dia eu levo num livro. E tem coisa pacas. Como se fundou sindicato, o troço dos bagrinhos, seus heróis, seus judas, suas glórias, suas misérias. Um dia eu racho o piá. Podem crer. (Idem, 1969)

E podemos incluir também histórias que o autor possivelmente ouviu falar e as transformou em exemplos rememorados. Como parece transmitir a quinta crônica de sua autoria²³, de 31 de março de 1968, na qual o cenário não é a cidade de Santos; no caso, ganha projeção um morro conhecido do Rio de Janeiro. A nomeação deste, contudo, não vai mudar a caracterização de discurso, calcado em temas, perfis e cenários urbanos socialmente marginalizados, como ocorre de modo predominante nos textos teatrais do autor desde o surgimento da peça *Barrela*.

A quinta crônica pliniana trata da história de vingança de Mineirinho, que foi “caguetado” e entregue à polícia por Azulão. O destino quis que ambos se reencontrassem em uma penitenciária. Azulão “entraria em galera”, conforme a gíria de época, um pouco depois de Mineirinho. Como que extraída de uma notícia de jornal, a história desta crônica lembra um recurso que Plínio Marcos vai projetar como discurso artístico em inúmeras de suas produções: o diálogo entre jornalismo e literatura. Como destacamos, *Barrela* é um importante exemplar deste engenho, inclusive pela mensagem de metalinguagem que nos transmite. A novela *Querô*: uma reportagem maldita é outra obra de hibridismo explícito de discursos e também com o registro de metalinguagem em questão. No que concerne à crônica analisada, enfatizamos abaixo o trecho de seu desfecho, que ilustra um traço formal de “desenlace surpreendente”, muito característico do conto moderno e, ao mesmo tempo, associado à linguagem expressiva de um cronista-narrador:

Os leões se juntaram e combinaram de botar pra quebrar. Mineirinho tinha embaixada. Foi perguntando se estava na leva. De gosto não ia, mas se era briga de todos, era sua também. E deu-se o bate-fundo. Tocaram fogo nos colchões. Pegaram guanaco no cacete e na dentada. Aprontaram paca[s]. A cadeia virou inferno. Cada um fez o que pode pra escapar. Só o Mineirinho é que se mandou lá pro outro pavilhão. Fez miséria. Deu uma grampeada no carcereiro. Apanhou as chaves das celas e se pôs na frente do Azulão. O crioulo se jogou no chão.
– Não me mata, Mineiro! Não me mata! Juro por esta luz que me alumia, que o homem me apertou.
– Tu falou, negrão. Tu falou e não devia.
Azulão estava em desespero. Tremia todo. Parecia geleia. Os olhos estavam saltando da cara. Gemeu.
– Pelo amor de Deus, não me mata!

²³ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 1 , p. 12.

Mineirinho deu a sentença.

– Tu não vai morrer, desgraçado!

Hoje, lá no morro de Mangueira, qualquer um pode ver perto da bica, um crioulo sentado. Tem os olhos arregalados como se fosse saltar da cara e a boca aberta de espanto. Não fala mais. Não tem língua. (Idem, 1968)

O trecho de crônica aponta para uma discussão que consideramos de fundamental importância em nosso estudo. Não pela discussão de que esta ou outras histórias contadas são verdadeiras ou não. Não tenhamos dúvidas de que a crônica citada possui correspondência direta com a realidade social captada pelo cronista, mesmo que os personagens possam ter sido (re)criados pelo autor. Quer dizer, no limite da apreciação de gênero, a crônica ganha ares de ambivalência. É algo que, inclusive, defendemos enquanto um dos vários aspectos formais deste tipo de discurso. A segunda das duas crônicas abordadas na introdução deste capítulo promoveu uma reflexão preliminar a respeito. A ambivalência da crônica, já atribuída a Eduardo Portella em citação de pesquisa, parece ser um dado de reflexão variavelmente exposto em análises e estudos das crônicas no país e, como um dado de amostra de discurso, pode ser apontado em abundância nas crônicas plinianas. E não serão mesmo poucos os exemplos do tipo encontrados em composições de jornais assinadas pelo cronista de um tempo mau. Em textos inúmeros podemos perceber traços de ambivalência surgidos do gênio do dramaturgo-cronista, seja pela necessidade deste de escapar dos censores de época, pela necessidade de preservação e substituição de nome de identidades dos personagens narrados ou por licenças poéticas de perfis evocados diretamente de uma determinada realidade cotidiana. O mesmo cotidiano que serve de palavra-chave na análise da crônica como um discurso autônomo, conforme buscamos abordar no capítulo 2, intitulado “Sobre o lugar da crônica no Brasil”. A propósito, precisamos frisar que o aspecto predominante de uma criação ou recriação de cotidiano salta à nossa concepção de crônica? Neste ponto, vem à tona a apreensão de que as crônicas plinianas publicadas em jornais e revistas como objetos representativos daquilo que conceituamos como um gênero de inúmeras facetas, mas que se centra num aspecto predominante de sua construção formal, o da elaboração de linguagem a partir de um olhar de atualidade, embora não necessariamente produzido acerca da mesma atualidade. Mesmo os temas e personagens tirados de um passado, vão ganhar um contorno discursivo de um cotidiano presente para além da criação e, em dados casos, de uma recriação linguística.

Citemos agora um caso em que o autor trata de um cenário que lhe é ou lhe foi em vida conhecido. Uma análise descritiva da crônica “O jogado fora”²⁴ parece contemplar uma crítica importante. Publicado em 28 de julho de 1968, o texto faz referência direta ao cenário urbano de Santos. Desta vez não é a cidade do Rio de Janeiro que, óbvio, o dramaturgo-cronista conhecia não apenas de saber de proposições. Os textos plinianos sugerem o entendimento de que o autor fala do que minimamente entende enquanto conhecimento de mundo. Aliás, cremos ser imperativo o apontamento de dados extratextuais para a análise da crônica; no exemplo de Plínio Marcos cronista, tais informações importam principalmente pela coerência temática e estilística da composição de seu discurso. Não por acaso, muitos dos personagens de suas histórias e de seus comentários são correspondências de um aparente testemunho vivido. Vejamos o exemplo de Zé Patinete da crônica em análise, personagem a quem o autor dedica um perfil. Zé é descrito como um aspirante a palhaço de circo e notório morador do bairro santista do Macuco, onde o mesmo dramaturgo-cronista viveu. Assim começa a crônica: “Zé Patinete carregava esse apelido porque tinha uma perna mais curta que a outra e quando andava, parecia que estava empurrando um desses troços. Mas nem se tocava com o defeito. Entrava em todas. Seu negócio era ser palhaço de circo”. Ela segue:

E foi junto com uma espelunca dessas que ele pôs as fuças no bairro do Macuco. Não veio como artista. Quando chegou, era só amarra-cachorro. Porém, antes da lona estar esticada, o Patinete já era manjado pela curriola da patóquia. O carro corneta saiu fazendo zoeira em volta das atrações: Rapadura e Tijelinha, os comícios das multidões, Lola, a bailarina cigana, Siwa, o mágico comedor de fogo, Maximus, o gigante entortador de ferro, e os cambaus. Não adiantou a onda. Nada grudou. Na estreia do Gran Circus Maximus, não foi ninguém. E a vida ia ruim para os artistas. Mas pro Zé Patinete, estava tudo legal. (Idem)

Uma história contada de um personagem que cita uma casa de espetáculo popular, da qual por tabela se destaca um elenco de personagens rememorados sob a ótica do autor. Quer dizer, temos um caso em que o cronista busca compor com a posição do personagem narrado. Mesmo em discurso de citação indireta, podemos saber da história de Zé Patinete por sua visão de mundo recriada. Ao menos parte do texto, o segundo parágrafo, sugere tal posicionamento:

²⁴ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 1 , p. 28.

Bastava ele encostar o umbigo no balcão do boteco pra juntar gente em volta pra escutar seu papo. E o Zé não fazia doce. Metia ficha. E a moçada que andava à toa escutava suas milongas. Entre uma pinga e outra, ele ia se badalando. Contou que era um dos melhores palhaços do mundo. Só não entrava de cara pintada no espetáculo do mafuá porque Maximus sabia bem que se soltasse ele na serragem ia ser fogo. Não ia ser entortando ferro que o gigante ia fazer média. E deu a dica pra quem quis escutar. Explicou que tenteava ali na pior só porque tinha chamego com a mulher do Maximus e a gama era grande demais pra deixar a infeliz na saudade. Jurou que só por isso se segurava. Escrachava o dono do circo e ganhava divisa com o pessoal do lugar. Já tinha nego que botava olho gordo no Patinete. Feio como a peste, puxando a perna, magro pacas, banguela. Todo ruim. Mas, cheio de presepada. Vivia dizendo que estava se escamando do mulherio. E tinha trouxa que embarcava na sua canoa e se ruía. (Idem)

Como é possível perceber, o trecho também suscita um dado interessante. Ele oferece o que podemos citar como jogo de espelhos. Assim como Zé Patinete, Plínio Marcos também foi palhaço e também tem a alcunha de contador de histórias, daquele que possui uma espécie de talento para captar em culturas populares recursos verbais para a arte do bem contar o que já foi contado um dia por alguém.

Desta perspectiva, consideramos importante abrir um breve parêntese. Plínio Marcos pode ser considerado um notório fabulador, seja a partir das redações de jornais e revistas ou por meio de publicação de obras que enfatizam a sua condição de contador de histórias, quem sabe, daquela máscara que reproduz um modo de contar ou uma derivação que remonta à figura do aedo da Grécia Clássica ou Antiga. Dois exemplares de histórias contadas – no caso, daquelas retiradas e aspiradas de tradições populares – estão presentes em dois livros do próprio escritor: *Prisioneiro de uma canção* e *Inútil canto e inútil pranto pelos anjos caídos*. Mais explicitamente no primeiro do que no segundo livro. No primeiro, pode-se ver uma transposição da oralidade para o plano da escrita. Aliás, o “prisioneiro” do título que lhe alça nome seria o próprio autor; e a “canção” exposta como complemento remete aos versos: “Uma duas angolinhas / finca o pé na pampolinha / o rapaz que jogo faz? / Faz o jogo do capão. / Diga lá Mané João / que retire seu dedinho / senão vai um beliscão” (Idem, 1984, p. 7). A canção é um pretexto ou recurso verbal usado para chamar a atenção dos transeuntes narrados no texto. Destaca-se a história de um escritor que vive(u) de vender os próprios livros, um “tal” de Plínio Marcos.

Quanto à história de vida de Zé Patinete, o dramaturgo-cronista vai contá-la com grau de testemunho documental. É retratado como uma figura expressiva. Caberá no perfil do personagem narrado, no entanto, um fim triste. “Um dia

deixaram o Patinete de lado”, escreve Plínio Marcos. “Ninguém se incomodou mais com ele. Largaram o Zé encostado em um canto do boteco. Isso já faz uns dez anos. E hoje ele ainda está lá no Macuco, encostado no boteco. Esperando passar um circo qualquer pra ir embora junto”. Percebe-se: um exemplo de memória pessoal explicitada, e que pode ser vista como um resgate de memória social da cidade de Santos e de um pouco da cultura do circo. E o cronista em análise escreve com uma linguagem do seu tempo e com o ponto de vista marcado por uma clara recriação de vida social imaginária.

A propósito, como já dissemos em linhas anteriores, Plínio Marcos vai escrever crônica com um modo de dizer bastante alinhado à linguagem produzida de suas peças teatrais. Com a diferença que os palavrões não terão espaço nas páginas de jornal como em seu teatro. Um reconhecimento incontestável de convenção e algo até simples de se compreender: o dramaturgo-cronista não vai usar palavrões em jornal, como uma espécie de rara concessão firmada. A convenção, no entanto, não impediria que o autor mencionasse o assunto em suas crônicas. Ele, inclusive, já é neste tempo descrito como um artista dito maldito. E de certo modo os palavrões potencializavam o seu perfil. Sobre a palavra de baixo calão, o próprio Plínio Marcos trata na crônica “O palavrão é santo e incompreendido”²⁵, da edição da *Última Hora de SP* do dia 28 de março de 1969. Os dois primeiros parágrafos do texto são representativos do que o dramaturgo-cronista pensava a respeito do tema:

Meus cupinchas, quanto mais eu rezo, mais assombração me aparece. Sente o peso da botota. Não se pode mais falar palavrão em campo de futebol. Juro por essa luz que me ilumina, que não pode. É o esquinapo. Mas não pode. Palavrão dá cana. Se o juiz estiver metendo a mão no time da gente, o lance é se trancar. Xingar a mãe do homem do apito, é galera certa. Não tem por onde. A pé arrasta o majura boca suja. Isso tudo para que as famílias possam fazer piquenique na geral. Porque pra torcer ninguém vai mais. Não dá pedal. Com a bronca controlada a torcida se encabula. Se fecha em copas. Perde o embalo. Não agita bandeira, nem nada. E é por essas e outras que as rendas vão para o vinagre. A curriola que berra vai se escamar. Claro que vai. Futebol sem palavrão não agrada. Meus cupinchas, a língua do povo não é a que está nos dicionários e nas gramáticas. Não é a que os sábios ranhetas boquejam nos inúteis papos dos corredores das academias de letras. A língua do povo é a que o homem da rua fala. Com palavrões e gírias pacas. É com esse plá que a curriola se liga fácil. Não com as mumunhas cavernosas do bafo de boca cheio de frescura. A gente da geral fica à vontade quando pode meter a boca no trombone e xingar à vontade a mãe do juiz. Ofender o cara do apito é uma tradição popular. O palavrão é o desabafo. O refresco pra mil pererecos da

²⁵ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 1 , p. 83.

vida. O palavrão é santo e incompreendido. O palavrão é o psiquiatra do pobre. Com um berro sonoro, o majura da geral tira pilhas de minhoca da cuca. (Idem, 1969)

Com a ressalva exposta acima, importa observar que a linguagem caracterizada do dramaturgo-cronista costuma ser a mesma da dos personagens. Em certa medida, o seu interesse temático vai dar abertura para um paradoxo: a escritura pliniana normalmente é dedicada a quem não lê as mensagens do autor. A classe média é o público-alvo. Como ainda hoje é, embora com diferenças que não nos cabe tratar neste momento. Imaginariamente, cremos que o autor acaba por estabelecer uma comunicação com quem ele busca representar como faceta de perfil citado. E no exercício de comentar e contar histórias acerca do futebol e do cotidiano de uma grande cidade, Plínio Marcos vai criar alguns expedientes que visam aperfeiçoar uma correspondência com os leitores. Dois dos recursos de linguagem adotados por ele aqui podemos realçar. Um deles é o recurso linguístico como modo de comunicação direta com a recepção, mais precisamente o que diz respeito à inclusão de cartas dos leitores no rodapé de coluna – em sua maioria, cartas encaminhadas por leitores não famosos. Fizemos o favor de antecipar um exemplo na abertura deste capítulo. A adoção de tal expediente começa com a crônica intitulada “Os cartolas ficaram em casa torcendo contra”²⁶, de 4 de abril de 1969, quando o dramaturgo-cronista aceita uma sugestão do leitor Antonio Braetta, morador da cidade de São Paulo. Vale analisar o rodapé da crônica em que Plínio Marcos começa tratando da preparação da seleção brasileira de futebol para a Copa do Mundo de 1970 e termina fazendo publicidade ou um “jabá” de uma de suas peças então em cartaz, uma espécie de anúncio, na linha do que atualmente chamamos de *merchandising*:

Meus cupinchas, vou deixar um pouco o futebol pra lá, só pra vender meu peixe. Sábado eu estreio minha peça “Dois perdidos numa noite suja”, no Teatro de Arena. Será temporada popular. Comigo trabuca o Ademir Rocha, um bom ator. Os preços serão populares mesmo. Vá, mesmo que chova. E tem outro plá. Eu recebi uma carta do leitor Antonio Draetta, residente à rua Vergueiro 1080 – São Paulo – Capital. Ele sugere que eu abra um espaço pra responder correspondência como fazia o genial Stanislaw Ponte Preta. Vamos lá. Se vier carta[,] eu respondo.

Correspondência
Antonio Draetta – Rua Vergueiro, 1080 – São Paulo – Capital[:]
[“]... Acho que você deve começar com a sessão [sic] de Respostas aos leitores, como fazia o grande Stanislaw...[”].]

²⁶ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 1 , p. 91.

[Plínio Marcos:]

[“]Meu chapa, os elogios deixa pra lá. O Stanislaw era um gênio. Por isso chegaram até tentar envenená-lo. Ele não tem substituto. Quanto sua sugestão está aí, né?[".] (Ibidem)

A partir deste texto e data, serão inúmeros os momentos em que teremos publicada no rodapé das colunas plinianas e posteriormente em muitos outros casos em coluna integral uma correspondência com seus leitores. E com uma importante consideração: não serão apenas comentários elogiosos que Plínio Marcos vai publicar em seu espaço de escritura no jornal. O dramaturgo-cronista não fará cerimônia em abrir espaço para críticas que tenham ele próprio como alvo por parte da recepção. A propósito, na leitura de inúmeros títulos e intertítulos de crônicas (intertítulos aplicados aos casos de rodapé) é possível perceber debates entre as figuras do leitor e a do cronista, com este fazendo questão de publicar ou transcrever o texto de carta alheio como ou feito um direito de resposta concedido ao leitor citado em sua coluna de jornal. Sobre este recorte crítico, que realça um tom mais polêmico entre cronista e leitor da crônica, pretendemos abordar em linhas que se seguem no decorrer deste capítulo.

Outro recurso de correspondência de Plínio Marcos com a recepção trata do destaque de personagens com perfis genéricos possivelmente semelhantes aos muitos dos leitores da coluna *Navalha na carne*. No caso, a criação ou a citação recorrente de personagens que sempre aparecem em sua coluna de jornal. Casos do aparente pensador Zagaia e do torcedor solitário do Juventus Lau barbeiro, morador do bairro da Mooca. Enquanto o primeiro sempre surge para sustentar a autoria de ditos populares bastante conhecidos em meio à apresentação de temas diversos, o segundo surge – em menções diretas e como protagonista de algumas histórias contadas sobre futebol – como interlocutor que representa um genérico torcedor amigo. Por exemplo, Lau barbeiro é mencionado em pelo menos oito crônicas, entre aquelas transcritas do ano de 1969, sendo três de um conjunto de oito textos com titulação coincidente: “O Lau barbeiro”. O conteúdo destas crônicas, no entanto, não vai se repetir.

O recorrente personagem Lau tende a ser, aliás, mais do que um apaixonado torcedor de time de futebol de pouca expressão e de pequena torcida. É um sujeito de inteligência reconhecida, conforme Plínio Marcos quer convencer com a

mensagem do título da crônica “Lau barbeiro, um sábio”²⁷, de 1º de abril de 1969. Neste caso, temos um texto que promove uma imagem comum das crônicas que trazem o fígaro Lau como protagonista; percebe-se a constituição de um perfil de apaixonado torcedor do Juventus e velho amigo de cotidiano do autor da crônica. Um perfil de amizade que o cronista parece transmitir no exercício de comunicação periódica com seus leitores, comumente chamados pelo vocativo “Meus cupinchas”. Coincidentemente, no trecho que selecionamos como amostra, a figura de Lau barbeiro é quem fala sobre o palavrão. Destaquemos a abertura do texto:

Meus cupinchas, nessa marola de palavrão, quem está certo é o Lau barbeiro, o único sofredor juventino que eu manjo. Ele está certo. Escracha o lance direitinho. Nos bochichos cavernosos que aconteceu no seu salão, o fígaro bota a redonda no chão. Ele acha que o palavrão é um desabafo. E dá um exemplo. O lance do melê na área do Palmeiras, a bola foi daqui pra ti, acabou sobrando pro Eduardo, o ponta mandou pra frente de primeira, com bom destino, o Chicão andou, a torcida se levantou, as bandeiras do alvinegro se abanaram, o grito de gol ficou armado em mil bocas, mas o Zeca, beque alviverde em cima da risca salva de cabeça. A torcida larga um palavrão. Justo. Um palavrão puro. Um desabafo espontâneo. Um palavrão que não ofende ninguém. Um palavrão de santo, válido, sonoro, maravilhoso. E só os hipócritas podem se invocar com esse palavrão. (Idem)

Na realidade, os perfis plinianos são inúmeros. Uma prova desta tentativa de comunicação está no emprego de um elenco numeroso de gírias e expressões de época comumente são transmitidos das falas destes personagens, quando não da própria boca do cronista-contador de histórias. Embora muitas das gírias e das expressões plinianas façam parte do imaginário social de um tempo e os leitores mais atentos a percebem como tal, podemos inferir que muitos dos termos vocalizados estão inscritos com profundidade nos discursos daqueles mencionados nas crônicas, muitos destes em claro registro de memórias. As mesmas memórias que vão destacar um cenário representativo de um projeto literário como um todo. A cidade de Santos, conforme um exemplo já exposto, será uma citação recorrente nos textos plinianos, seja de forma direta ou indireta. Mas não necessariamente a Santos de um determinado discurso oficial ou livresco. Estamos querendo destacar a Santos de Plínio Marcos, mais especificamente aquela que esboça retratos do cais do porto e de experiências tiradas diretamente de becos e vielas. Além de um ambiente socialmente marginalizado, surgem do imaginário do cronista perfis ou

²⁷ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 1 , p. 88.

personagens que compõem um mesmo cenário de representação. Cortiços ou o que hoje se entende como favelas serão evocados pelas memórias e histórias plinianas. São narradas vidas de bandidos, de malandros, de prostitutas etc. São estes os mesmos retratos de peças do artista analisado, que estarão em cartaz no mesmo período. Caso de *Navalha na carne*, lançada em 1967, uma das peças de maior repercussão na carreira do dramaturgo, a que dá nome a sua coluna de jornal.

O fato de Plínio Marcos encenar suas peças de teatro e ao mesmo tempo escrever para jornal, enseja uma consideração sobre a periodicidade de suas crônicas. São publicadas uma vez por semana no primeiro ano de jornal *Última Hora de SP*, por pelo menos dois motivos que aqui pretendemos afirmar ou reforçar. Primeiro: o serviço em jornal, conforme já dissemos, foi uma forma do dramaturgo reforçar o orçamento familiar; consideradas as recorrentes censuras políticas sofridas pelo artista, diga-se, desde o período antecedente do regime militar de 1964-85, a vida teatral lhe forçaria a buscar outras fontes de renda. Daí surgiu a “invenção” de Plínio Marcos como cronista. Segundo: o dramaturgo-cronista reconhecerá em texto próprio, o ensinamento segundo o qual para escrever crônica se deve inicialmente adotar certa cautela. A confissão pode ser encontrada em uma crônica do ano de 1969, quando o dramaturgo santista expõe um conselho do também dramaturgo-cronista Nelson Rodrigues, chamado por aquele de “meu mestre”. Plínio Marcos trata deste aspecto quando começa a escrever diariamente. Mais precisamente no 5 de março de 1969, quando ele aproveita para expor a sua admiração por Nelson Rodrigues, àquela altura já reconhecido pelo público e pela crítica como uma figura de produção artisticamente representativa. O título da crônica pliniana nos parece ilustrativo: “Eu e o meu Santos, Nelson Rodrigues e o seu Fluminense”²⁸. O dramaturgo-cronista nascido em Santos assim escreve:

Claro que toda vez que a gente se inaugura numa nova jogada, a gente tem que escrachar o lance. Dar o plá pra curriola da gente se mancar no nosso assunto. Todo mundo manja que meu negócio é teatro. Agora pouca gente se flagra que a minha gama de pedra é o futebol. E foi por isso que eu embarquei nessa canoa. Essa sempre foi a minha tara. E pra provar vou contar um troço.

Quando cheguei na Carica pra assistir minha peça de fé, “Os dois perdidos numa noite suja”, que estava botando pra quebrar na interpretação bidu do Fauzi Arapi e do Nelson Xavier, a moçada da imprensa me badalou. E no meio dos badalos todos um jornalista charlou.

– Ô Plínio o que tu acha de Nelson Rodrigues?

²⁸ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 1 , p. 58.

Eu disse o que achava.
– Ô Bicho, o Nelson Rodrigues é o cacete.
O Majura não entendeu. Quis saber mais.
– Troca em miúdos.
Então eu que nem estava ligado em teatro meti ficha.
– O Nelson Rodrigues é o cobraão, bicho. E eu só queria poder fazer pelo Santos metade do que o Nelson Rodrigues faz pelo Fluminense.
E ficou aí. O tempo passou. O João Apolinário me inventou como cronista da dominical. O próprio Nelson Rodrigues me deu umas dicas.
– Escuta aqui ô rapaz. Não vai se metendo logo de saída a escrever crônica diária. Não entra nessa, não. Não entra nessa que eu caí do burro. Funde a tua cuca e daí tu já viu. Não escreve pra teatro. Vai uma vez por semana até pegar cancha. Pode ir por mim. Eu conheço os macetes. (Ibidem)

Plínio Marcos reconhece textualmente a admiração e o respeito pela figura de Nelson Rodrigues. Sobre o conselho recebido, não teve dúvidas em afirmar: “Eu que não sou trouxa, me agarrei no pio do cara que veio na frente”. Na sequência da crônica, o dramaturgo-cronista nascido em Santos não economiza em elogios ao dramaturgo-cronista pernambucano radicado no Rio de Janeiro. “O Nelson com seu realismo mágico faz até gol pro Fluminense. Muda resultado. Dá embalo pra torcida. Pinta os pernetas do time de heróis e entrucha as piranhas tricolores na seleção brasileira”, escreve Plínio Marcos. “Já eu não tenho nada pra fazer pelo Santos de glórias mil. Pois, até o Saldanha, esse treineiro bacana que em boa hora pegou a seleção escarrou a regra em cima dos cartolas”. Depois desta crônica de 5 de março, surgirá uma sequência de outras publicadas em ritmo diário. É o que veremos nos meses de março, abril, maio, junho e julho. É possível perceber adiante, que Plínio Marcos cronista deixará de publicar diariamente ou o fato coincidirá com novas funções que ele vai exercer nas redações da *Última Hora de SP*, como a de entrevistador, repórter e novelista.

A admiração declarada de dramaturgo-cronista para dramaturgo-cronista ou o reconhecimento de Nelson por Plínio, porém, não será incondicional. Neste ponto, veremos o quanto aflora a face polêmica e a personalidade singular de Plínio Marcos em defesa daqueles que ele tem em conta como parte de sua gente. A crítica pliniana à figura de um mestre não parece gratuita. Vejamos a polêmica – transformada por Plínio Marcos cronista em uma espécie de campanha pública – em torno de *A cabana do Pai Tomás*, uma telenovela brasileira produzida e exibida pela Rede Globo de Televisão entre 7 de julho de 1969 e 28 de fevereiro de 1970 às 19 horas. O episódio deve ser visto como uma amostra do terceiro e último tópico deste

capítulo, quando abordaremos uma espécie de cristalização da face polemista do “cronista de um tempo mau”.

Inspirada no romance de Harriet Beecher Stowe, a história de *A cabana do Pai Tomás* aborda a constante luta travada entre latifundiários e escravos no sul dos Estados Unidos à época da Guerra da Secessão. O principal personagem é o escravo negro Pai Tomás que, ao lado da esposa Cloé e de outros amigos na mesma condição, enfrenta os senhores de engenho à procura de liberdade. É a respeito da figura do protagonista, interpretado pelo ator Sérgio Cardoso, que Plínio Marcos vai desferir críticas duras e sistemáticas em sua coluna no jornal *Última Hora*. Ou melhor, não apenas o ator será alvo de escrachadas plinianas, mas também o canal de televisão será objeto de contestações duras e diretas. A primeira vez que o dramaturgo-cronista aborda a questão é com a crônica “Na televisão crioulo não tem vez”²⁹, do dia 1º de maio de 1969. Não é exagero antecipar que a crítica é implacável:

Meus cupinchas, no salão Grená do Lau barbeiro a curriola sai fora de papo de futebol. Todo o gango está machucado com a morte do Eduardo e do Lidu. E só pra não se tocar no crepe, o papo vai em outro embalo. Então o lance é charlar de televisão. E aí é broca. Se o nosso futebol é o maior do mundo dentro do campo e fora é uma caca, porque têm os cartolas que sempre aprontam mil xavecós pra engrupir a torcida, a televisão ainda é pior. E é só a gente meter o bedelho no assunto, pra manjar os esquinapos que a moçada que tem obrigação de mandar o melhor pro público arranja pra enganar. Sente o peso da botota. O canal cinco resolveu atacar com uma novela chamada [A] Cabana do pai Tomás. Até aí nada demais. Comparando com os pererecos que aparecem no vídeo essa ia bem. Acontece que o Pai Tomás[,] o personagem principal da novela[,] é um crioulo. E aí já viu. Os produtores do canal cinco acham que negrão não dá IBOPE. Então vão tingir um branco e meter lá de Tomás. Se flagra. Na hora de tomar cacete vai ser crioulo de verdade. Na hora de chorar e fazer média com o mulheriu mal amado vai um branco pintado. Pode um troço assim? (Ibidem)

Reparemos. Plínio Marcos suspende o tema do futebol e começa a bater de frente com um assunto de forte apelo público. Em outras palavras, temos que observar que mesmo quando trata de futebol, o cronista vai debater política. Não por acaso, os dirigentes de clubes e de federações são seus alvos preferidos. Desta vez, a TV Globo e uma forma de segregação racial na teledramaturgia podem ser enfatizados na sequência. Transcrevemos abaixo, o restante do texto que ilustra um pouco melhor a extensão do problema:

²⁹ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 1 , p. 117.

Meus cupinchas, os panacas que vão armar essa presepada vão aparecer com o grupo que não tem crioulo bom ator. Mentira escamosa. Só eu manjo um gango de negrão capaz de botar pra quebrar no papel de Tomás. O Dalmo Ferreira, o Carlão Caxambu, o Benê Silva, que é formado pela Escola de Arte Dramática, o Milton Gonçalves[,] que é um dos melhores atores do Brasil contando os brancos e tudo, estão aí pra não me deixar mentir. Natural que pouca gente conhece eles. Os crioulos só pegam os papéis de esparro. E se algum resolve se pintar de branco pra fazer o Romeu, a crítica[,] sempre omissa quando alguém se pinta de crioulo pra fazer Otelo, vai urrar.

Meus cupinchas, claro que os atores crioulos estão ruim dentro da roupa. Vão embarcar nessa canoa furada só porque estão matando cachorro a grito. Se tivessem grana, ou emprego sobrando, não se achegavam a esse malho. Alguns atores brancos também estão na base do agrião. Mas a maioria vai de alegre. Nem toma conhecimento que a lei Áurea já foi assinada.

Meus cupinchas, você que é branco vai permitir que essa imoralidade entre no seu lar? Você que é crioulo, que tem bacurisinhas pequenos. Que fala pra eles que os homens são iguais perante Deus e perante a lei. Que não conta a grana no bolso, nem a cor da pele, nem nada. Você meu bom negrão vai permitir que essa pata nojenta esmague as esperanças do seu filhinho, como está esmagando hoje o ator preto? Eu que ensino pro Tuquinho e pro Quico[,] meus dois pivetes de valor[,] que todos os homens são iguais, não vou deixar eles verem esse esquinapo³⁰ com os meus parceiros pretos. E vocês jornalistas? Como é que fica? Vão se fechar em copas? Vamos fazer marola. Vamos libertar os nossos irmãos negros desse cativo. Em nossa pátria não cabe uma besteira dessas. (Ibidem)

Vê-se Plínio Marcos adotar um flagrante tom de denúncia: o ator Sérgio Cardoso é branco e o seu personagem é negro. Para viver o papel, o ator se pinta de preto. E é justamente por este motivo que o cronista praticamente deixa de lado o tema futebol para tratar do caso de telenovela, criticando o ator protagonista, o canal de TV e qualquer pessoa que se posicionasse a favor daquilo que ele sugeria como aberração cultural. O ápice das críticas plinianas, pode-se dizer, expõe a crônica em que Nelson Rodrigues é pesadamente contestado pelo seu admirador e referência de ofício. Nelson Rodrigues, na época cronista e funcionário do Grupo Globo, foi contestado pelo admirador ao se posicionar favoravelmente do lado de Sérgio Cardoso, um branco, na interpretação de um personagem negro. O ocorrido pode ser conferido “Em causa justa não enjeito pau”³¹, de 17 de maio de 1969:

Meus cupinchas, vocês que leem minha coluna, não vão ficar pensando que eu sou profeta. Mas vocês estão por dentro que logo que comecei a esbrachar os atores tingidos do Canal Cinco, dei um alô que iam aparecer panacas de todos os lados pra defender a bobeira do produtor de “A cabana

³⁰ Termo atualizado; no original de jornal consta “esquinaço”.

³¹ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 1, p. 131.

do Pai Tomás”. Charlei que iam me xingar de demagogo, invejoso, comunista e os cambaus. Não deu outra coisa.

Meu cupinchas, o Nelson Rodrigues, com o mesmo tom paternal que usou pra meter o Hélio Pelegrino na cadeia, sai em campo chiando que o vosso chapa aqui tá fazendo marola contra os atores tingidos porque está morto de inveja do ordenado do ator double-face. Morri de rir. O Nelson não leu nada do que eu escrevi. Se botasse as botucas na minha coluna, se tocaria que não é nada disso. O escritor ia se mancar que a campanha é justa. Mas perguntarão: Por que o grande escritor entrou nessa fria? Será que ele próprio sente inveja porque as peças do Plínio fazem no momento mais sucesso que as dele? Quem conhece o Nelson sabe que ele nunca perdoou o Teatro de Arena de São Paulo por ter revelado grandes autores. Quem conhece o Nelson, sabe que, quando ele é apresentado pra algum, pergunta logo quanto o cara ganha. Mas deixa isso pra lá. O Nelson é um grande homem feito de palavras. Se ele põe a cara e diz que sou invejoso é porque tem algum motivo. Se o Nelson Rodrigues diz que já escreveu sobre a “solidão negra” e não adiantou nada, o crioulo continua sofrendo por todo Brasil, a gente deve pular o assunto. Deixar como está pra ver como é que fica. A gente deve fazer o que o Nelson Rodrigues manda? Não. (Ibidem)

Veremos a seguir, que dois parágrafos – os primeiros – da crônica não serão suficientes para que Plínio Marcos dê o seu recado público ao seu mestre das letras. Tal texto é, conforme já assinalamos, o ápice da polêmica na série que o autor da coluna *Navalha na carne* vai dedicar ao assunto. Uma observada nos textos plinianos na *Última Hora de SP* em 1969, aliás, fará com que a recepção crítica perceba pelo menos uma dezena de textos em que *A cabana do Pai Tomás* será citada. Não importando se de forma extensiva ou breve. E, neste caso, a citação é extensiva. Vale vermos a sequência da crônica:

Meus cupinchas, o Nelson Rodrigues está nessa barca furada sem querer. Ele embarcou nessa porque é empregado do mesmo patrão que o ator alvinegro. Homem acostumado a obedecer a voz do dono, saiu em defesa do nojento esquinapo da Rede Globo. Mas a cuca mercenária do Nelson Rodrigues já está gasta. Já não imagina xavecocos inteligentes. Então o coroa teve que partir pra mentira, e é pra isso que eu não dou desconto.

Meus cupinchas, o Nelson Rodrigues escreve o que mandam ele escrever. E foi numa dessa que ele chutou que nas minhas peças nunca teve um herói preto. É mentira porca de um lutador de encomenda. O Nelson sabe que eu escrevo sobre vítimas e não sobre vencedores e heróis. Escrevo sobre gente do meu povo, que é branco, preto, mulato, amarelo e tudo. Nunca botei uma nota na margem das minhas peças recomendando a cor da pele. A única dica que dou pro diretor é pra ele escolher bons atores. E foi por isso que o Milton Gonçalves fez papel principal em duas peças minhas, na “Barrela” e na “Jornada de um imbecil até o entendimento”. Por isso o Benê Silva, o Dalmo Ferreira, o Jorginho, o Rubens Campos e tantos outros fizeram ótimos papéis em textos meus. E o Nelson Rodrigues sabe. Pelo menos “Barrela” ele assistiu e delirou com o trabalho do Milton Gonçalves. Mas pro Nelson poder mentir em favor do patrão, o Milton ficou loiro de olhos azuis.

Meus cupinchas, manjo o Nelson Rodrigues. Ele deve estar lá no Nino’s, um botequim de luxo que tem em Copacabana, enchendo a cara de uísque estrangeiro. Deve estar tentando afogar a consciência doída. Ele sabe que

mentiu. Sabe que eu não enjeito pau. Sabe que vai ter troco. Sabe que vai ser forçado pelo patrão a escrever mais em defesa do ator alvinegro. Vai ter que mentir mais. E sofre. Como um boi de canga.

Meus cupinchas, você aí que sempre pega a pior, se quer ganhar uma graninha pode apostar. Mais dia menos dia, o Nelson Rodrigues abre o bico pra me xingar de comunista. É muito comum nele esse tipo de coisa. É só um cara não concordar com o seu papo pra ele tentar entretar. É assim que o Nelson Rodrigues ganha medalha. Mas aqui tem lenha. Não vou deixar de defender uma causa justa por causa dos riscos. (Ibidem)

Neste ponto, em que nos deparamos com o desfecho do primeiro de três tópicos de análise, queremos destacar um aspecto importante da figura de Plínio Marcos cronista em dois anos de colaboração para jornal, o que interpretamos como anos de formação de um cronista de um tempo mau. Importa dizer, a respeito do autor e do contexto estudado: as situações que normalmente envolvem censura política não ocorreram como vão ocorrer em anos subsequentes, em que Plínio Marcos será despedido ou será forçado a se demitir dos veículos de comunicação onde colabora por motivos diversos e/ou inconfessáveis. O que supomos ter havido e que não conseguimos precisar no desenvolvimento de pesquisa é se nos dias em que não houve publicação na coluna *Navalha na carne*, o autor foi censurado ou deixou de publicar por algum motivo pessoal/profissional. Uma crônica parcialmente censurada e outra totalmente censurada foram citadas na introdução deste capítulo e ilustram situações de censura. Mas é correto acreditar que o cronista tenha deixado de publicar em algumas datas por razões outras, já que a sua atuação em jornal não era o único ofício profissional ou artístico que o autor exercia.

Plínio Marcos, como procuramos destacar na citação da crônica de estreia, vai seguir à risca o seu lema: o de “atucanar a vida de meio mundo”. De um modo geral, ele vai atuar como um libertário e um notório defensor dos direitos humanos. É bom destacar: o ano de 1969 foi mais intenso para o cronista do que o ano 1968. Ao assinar colunas diárias, o autor de *Navalha na carne* vai aperfeiçoar e começar a formular um estilo de cronista. Como já citamos em linhas anteriores, ele começará, a partir do vínculo com a prática jornalística, a experimentar a vida de repórter e de jornalista e, ao mesmo tempo, vai fazer da mesma plataforma jornal uma maneira de expressar outra faceta: a de folhetinista. No primeiro caso, temos o cronista assinando a coluna dominical *Plínio Marcos escracha*, em que são realçadas entrevistas com personalidades públicas e com pessoas simples tiradas do cotidiano do próprio cronista. Já a face de folhetinista, diz respeito ao folhetim *Balbina de lansã*, que começou a ser publicado em 1969 e atingiu o início do ano seguinte. Por

algum motivo, a história de *Balbina* não seria concluída. Ao menos a nossa pesquisa identificou a suspensão do folhetim no alcance de duas dezenas de capítulos, já em 1970. *Balbina de lansa* e a coluna *Plínio Marcos escracha* fazem parte, aliás, de um conjunto de textos plinianos publicados no *Diário da Noite de SP* e no *Última Hora de SP*, objeto de citação do nosso segundo e seguinte tópico, desta vez destacando em análise um conjunto de crônicas relacionadas ao período pós-1970.

3. 2 Escrachador e porta-voz das quebradas do mundaréu

Uma faceta que nos interessa observar neste início de tópico é a do escrachador. O escracho, neste caso, deve ser associado a um discurso de uso corrente de Plínio Marcos cronista sobre algum personagem ou projetado a respeito de algum assunto. É o que acontece em “Plínio Marcos escracha Herivelto Martins”³², crônica em que é exposta uma dada ficha sobre a figura de um importante cantor e compositor da música brasileira e quando é feito um registro de momento do samba nacional. O que se pode perceber no parágrafo de abertura do texto publicado no *Diário da Noite de SP*, em 12 de janeiro de 1970:

E é por essas e outras que o escracho de hoje é do Herivelto Martins. Um dos grandes do carnaval. Compositor de muitos sucessos como “Praça Onze”, de parceria com Grande Otelo. “Laurindo”, “Que Rei sou eu” e um monte de samba sobre Mangueira. Ele que levou papo comigo na presença de outro bom compositor, o Henrique de Almeida e de dois de seus filhos, me deu umas dicas de entortar os patuás. Claro que como o Herivelto é presidente do Sindicato dos Compositores ele não entrou de sola. Mas pra quem tiver botucas abertas vai adivinhar as mumunhas escamosas. E pra quem for devagar[,] eu até o carnaval escracho uns caras de pauleira e no rebole todo mundo ficar sabendo porque é que vai ter que cantar “As Pastorinhas”, “Confete” e “A jardineira”, a vida inteira. (MARCOS, 1970)

Marcada como uma espécie de crônica-entrevista, o texto analisado cita o depoimento de um artista representativo no cenário da cultura nacional, com quem o cronista trava uma conversa. A defesa da cultura e dos compositores, o carnaval e a crítica ao jabá cobrado em emissoras de rádio são os destaques do texto. Vejamos o trecho primeiro da entrevista, que vai se desenvolver, no dizer pliniano, sem “muitas mumunhas”:

Meus cupinchas, quando a gente tem chance de bater uma caixa com um cobrão do gabarito do Herivelto, a gente sente muita vontade de só fazer

³² Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 35.

pergunta sobre as façanhas do pinta. Eu também fiquei abilolado pra perguntar sobre o Trio de Ouro, Dalva de Oliveira e outros crás-crá-crás por aí. Mas segurei o apito e dei cara no presidente do Sindicato dos Compositores e no Carnaval. Os destinos da música popular brasileira me preocupam mais do que o passado que é glorioso. Fui logo metendo o Herivelto na parede:

– Herivelto, tu como presidente do Sindicato dos Compositores, me diz como é que muitos dos maiores nomes da nossa música se estarraram na miséria?

– São muitos os motivos.

– Tá. Mas como é que um cara que faz uma música, que fica sucesso eterno, fica a nenhum? Mesmo que o panaca estoura, toda grana, se ele é sucesso tá entrando mais. E como é esse negócio de arrecadação?

– O que eu posso te dizer como presidente do Sindicato é que consegui a maior vitória da minha vida. Consegui incluir o compositor na previdência social. Esse é um fato inédito no mundo. Agora o compositor tem aposentadoria. Temos mais de setenta compositores que já se aposentaram. O Joel da dupla “Joel e Gaúcho” é um deles. E [t]em outros em São Paulo. (Idem)

A crônica analisada, publicada sob Plínio Marcos escracha, um selo que dura até a breve passagem do cronista no jornal *Diário da Noite de SP*³³, serve de amostra para destacarmos a figura do escrachador que, no caso, atua como comentarista-entrevistador. O comentário, diga-se de passagem, contempla uma importante faceta discursiva do operador da crônica moderna. Conforme pudemos analisar no capítulo ensaístico sobre o gênero crônica, uma segunda faceta que predomina no discurso do cronista se aplicaria ao contador de histórias, que costumeiramente se ocupa com narrativas publicadas em sua volta ao jornal *Última Hora de SP* após breve saída do cronista para o *Diário da Noite de SP*. As mesmas narrativas serão verificadas na produção pliniana analisada dos períodos de 1975 a 1977, embora a recorrência de histórias contadas sejam alternadas com textos no formato predominante de comentário. Em ambos os formatos, no entanto, vai permanecer o chamado tom de escracho, por assim dizer, desenvolvido nos dois primeiros anos de ofício, em um modo de dizer que vai perfazer todos os textos do que chamaremos de porta-voz das quebradas do mundaréu até um estágio cristalizado de cronista de um tempo mau, verificado em uma considerada fase profissional de Plínio Marcos a ser analisada num terceiro e último tópico deste capítulo de análise.

³³ *Diário da Noite* foi um jornal que circulou em São Paulo entre 7 de janeiro de 1925 e 1980. Fundado por Plínio Barreto, Rubens do Amaral e Leo Vaz, poucos meses após seu lançamento o jornal foi comprado pelos Diários Associados, de Assis Chateaubriand, que buscava então penetrar no mercado paulistano. Na época em que Plínio Marcos colaborou como cronista e jornalista do jornal, o veículo possuía uma linha editorial destacadamente popular.

Como porta-voz das quebradas do mundaréu, veremos um cronista dedicado em contar histórias de ambientes afastados de um centro político e interessado em projetar perfis de pessoas ou de figuras associadas desassistidas economicamente mas ricas de experiências de vida. Tratemos, pois, de um reconhecido plano discursivo que vai destacar um quadro da problematização da pobreza no país, seja por retratos pessoais documentados ou por histórias de vida ficcionalizadas. É, basicamente, o que vemos Plínio Marcos fazer neste segundo período de sua produção cronística. Serão inúmeros os exemplos que apontam para a constituição de personagens. Uma infinidade até. Um conjunto de personas a tratar cada uma um perfil distinto. De comum, estas personas vão ter ao menos duas coisas: a dicção ou a linguagem que é semelhante a que adota o contador de histórias outrora autointitulado escrachador e o ambiente narrado que predomina nos textos plinianos deste período em análise. Se a linguagem ficará escancarada em todos os textos, em que a gíria de época se destaca, o ambiente narrado vai marcar a constituição de um mundo simbólico localizado às margens de um centro urbano. A figura de Plínio Marcos cronista vai chamar este ambiente narrado de quebradas do mundaréu. E podemos dizer mais a respeito deste: embora o cronista vá produzir comentários e histórias de uma posição que não será geograficamente a das quebradas, seja no plano discursivos dos textos ou do contexto em que estas composições serão produzidas, a ideia de porta-voz de um lugar afastado de um centro de poder econômico e político deverá se sustentar pelas temáticas e pelo estilo com que o dramaturgo-cronista vai construir seus personagens (sendo às vezes ele mesmo um deles) e seus pontos de vistas de um criado e recriado cotidiano presente.

Em uma tentativa de entender como se processa o olhar do porta-voz das quebradas, podemos começar a análise propriamente dita deste tópico a partir da constituição dos perfis plinianos. Entre eles, podemos encontrar uma variedade de personas, já deixamos explícito. Atenhamo-nos a algumas variações de perfis verificadas. A começar por aqueles retirados de uma periferia urbana, “onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos”. “O fora de ar”³⁴, que o cronista cita a partir de favelas, guetos e de localidades esquecidas pelo poder público. Também deste ambiente citado, vemos emergir a história de Ditinho Papel de Bala em “O

³⁴ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 253.

grande artista”³⁵, um sujeito que vai um dia despertar para o desejo de se tornar um ator de telenovela. Vai tentar e fracassar. Fracassando, vai por um fim em sua própria vida. Um destino trágico também vai ter Dunga. Aliás, vejamos como este tem o seu perfil apresentado na abertura da crônica “A profissão de valente”³⁶:

O Dunga era um crioulo que não tinha mais tamanho. Forte como um touro. E além de tudo era uma briga encardida paca. Bom de perna, cabeçada, soco e os cambaus a quatro. E com toda essa embaixada acabou ficando famoso nas quebradas do mundaréu. Nas encolhas mais cavernosas, nas gafieiras, nos mocós, nos cortiços, nas favelas e até onde o vento encosta o lixo, o povão bochichava sobre suas façanhas. Falavam de cada catimba de criar bicho. Na boca da gente humilde o negrão fazia e acontecia em lances de até Deus duvidar. Uma presepada que ninguém viu com os olhos que a terra há de comer, mas que todos juram pela luz que nos ilumina que foi de verdade, se deu num campo de futebol. (MARCOS, 1971)

Vê-se, o personagem vai simbolizar em um só parágrafo inicial de texto três aspectos representativos da crônica pliniana: o retrato de perfil, a citação das quebradas do mundaréu e o tema do futebol. Sem esquecer que o final da história contada segue um esquema de conto com final trágico, em que Dunga se depara em uma espécie de acerto de contas diante de um jovem conhecido como Pescadinha, em situação de confronto derradeiro.

Às duas histórias de fins trágicos, podemos agregar duas entre um fundo cômico e tragicômico. A primeira diz respeito ao enredo de “Gato ensopado”³⁷, que cita a narrativa sobre a homenagem ofertada por amigos de serviço ao inspetor da guarda noturna Nelson dos Santos, “um cara legal”. Ocorre basicamente o seguinte: dois amigos do inspetor planejam com a ajuda da mulher do homenageado um jantar de celebração. Por falta de dinheiro, os dois amigos citados inventam de fazer gato ensopado. Tudo corre bem até o final da refeição, quando um dos organizadores do jantar deixa escapar o nome do prato servido, que havia sido aprovado por todos os convidados. Sabendo que era gato o conteúdo do prato, uma metade dos convidados caíram no vômito. Já “O engraçado”³⁸, destaca:

O artista Inácio andava comendo capim amargo pela raiz. Quando eu digo que o nego está comendo capim, quero dizer que ele está mal com Deus e que o capim que se come nessa história nada tem a ver com o capim que os gastrônomos da Associação Datti, clube que congrega os gulosos de São Paulo, andam comendo por aí. No clube do Datti, eles fazem polenta

³⁵ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 155.

³⁶ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 134.

³⁷ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 180.

³⁸ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 409.

de capim, maionese de capim, salada de capim, lasanha de capim, sopa de capim e tudo o mais. Mas, se sabe como é. Não é qualquer capim que merece um relincho. Os da minha história são amargos e brotam no lado das valas infectas das quebradas do mundaréu. Mas deixa isso pra lá. O que quero contar e o que pesa na balança é que o Inácio estava a perigo perpétuo. Aliás, não é ele o único artista de teatro que anda catando lata e pendurando aliança no prego. Tem gente boa na dureza. E o Inácio, que considerava sempre isso tudo, não perdia a alegria. Aliás, era de alegria que vivia. Seu negócio era contar piadas nas espeluncas mais escamosas, entre um número de strip-tease e outro das madames da companhia. Mas, mesmo rodeado de mulheres nuas, o Inácio continuou gostando de mulher. O que, tratando-se de artista, já é mais ou menos de causar estranheza. Mas, no caso de Inácio era verdade. Tanto era que um dia depois do espetáculo, quando o bruto caminhava à toa pelos caminhos estreitos e esquisitos do roçado do bom Deus, entrou num enguiço por um rabo de saia. (Idem)

O final desta história acaba na delegacia, após o artista Inácio mexer com a mulher de um policial. Aliás, o personagem acaba sendo detido após não conseguir provar que era um artista para o delegado e demais agentes policiais. Inácio havia dito que chamara a atenção da mulher do policial em um dado comportamento artístico. Se disse artista, mas não conseguiu provar para a autoridade policial que era. Chamado de fajuto, por não fazer os policiais de plantão rirem com uma piada contada, o autointitulado artista foi coberto de bofetão e levado “pro xilindró”.

Em determinado sentido, veremos perfis marcadamente ficcionais, sobretudo se considerarmos, por exemplo, a citação da fabulada Barra do Catimbó na forma de um protótipo da periferia urbana que Plínio Marcos cria para dar voz a quem potencialmente não teria e que, em um dado contexto simbólico das produções artísticas, não tem. Ainda mais se formos considerar as histórias das quebradas do mundaréu e uma boa parte das peças plinianas alinhadas a um retrato artístico acerca da representação da pobreza no país. Imagem recorrente nas crônicas plinianas, a Barra do Catimbó vai dar vida criativa a uma favela ou bairro distante de um centro urbano e, podemos assim dizer, esquecido pelo poder público. Um local que dá existência a personagens como “Cuca, o craque”³⁹; um perfil pliniano declaradamente extraído da Barra do Catimbó, “um cobra respeitado das quebradas do mundaréu”. Abaixo a transcrição do primeiro parágrafo da história contada:

O estudo do Cuca era nenhum. Não deu pedal. Muito cedo ele perdeu o pai e teve que se achegar ao batente pra ajudar a mãe a escorar as rebarbas da vida. E, sem estrilo, ele foi comer capim pela raiz. Arrumou uma vaga de cabineiro de elevador. Mandou ver. Subia e descia o dia inteiro. Estava certo de que, dentro daquela gaiola, não iria ter nenhum futuro brilhante. Porém, o Cuca não se afobava. Tinha uma esperança de se livrar da joça.

³⁹ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 198.

Batia bem da bola. Era um craque. O cobra da Barra do Catimbó, respeitado em toda quebrada de mundaréu. Desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, até onde o vagau pisa devagarinho, todos sabiam o grande futebol que o Cuca jogava. E ele se acreditava. Tinha fé que um dia, mais cedo ou mais tarde, acabaria se dando bem num time profissional. E, por essas e outras, o Cuca segurava as pontas. Aguentava o rabo de foguete sem perder a linha. Tinha seu sonho pra dar embalo. (Idem)

Estamos falando do mesmo lugar fabulado que serve de referência de “O babalaô que caiu do andaime”⁴⁰, título correspondente de uma história que, inclusive, traz uma síntese interessante da Barra do Catimbó, expondo uma breve apresentação do ambiente narrado. A fama do lugar, segundo Plínio Marcos, pode ser confirmada pelos jornais. Segue-se a abertura do texto citado:

A Barra do Catimbó é um lugarzinho escamoso que fica encravado nas quebradas do mundaréu, bem onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos. Mas, é a Barra do Catimbó, juntamente com Dallas City e São João do Meriti, o pedaço do planeta onde se dão os maiores bochichos. E não é grupo. As agências noticiosas estão aí mesmo pra não deixar ninguém mentir. Quem quiser confirmar é só ligar as antenas e conferir as manchetes e os quás-quás-quás. Quem entrar nessa verá, pálido de espanto, que as grongas mais cavernosas encarnam por aí. Porco que nasce com tromba de elefante, disco voador, quarenta homens enterrados num pomar, pastor protestante enforcado no poste, vampiro que bebe sangue de moça batusquela apedrejada pela multidão unicamente porque preveu o fim do mundo e o mundo não acabou, pinto com cabeça de coruja, e muitos outros desse naipe, que diariamente a imprensa falada e escrita escancaram, aconteceram na Barra do Catimbó, ou em Dallas City, ou em São João do Meriti. Quem apostar nesse palpito triplo fatura no mole. Mas, deixa isso pra lá. O que quero contar aqui é a estranha história do Pai de Santo de araque, que caiu do andaime. Quem mora na Barra do Catimbó não é por gosto. O povão, quando arma barraco no esquisito, naturalmente está se sentindo a perigo perpétuo. Quem se encosta na zona é porque está mais aflito do que cego em meio de tiroteio. Essa verdade dá chance a mil mumunhas. Tudo quanto é enganador monta o pesqueiro nas encolhas. É moleza tomar a grana de quem tem pouco. Isso é bíblico. Tá lá: “E quem pouco tiver, esse pouco lhe será tomado.” E, partindo desse princípio e também de que quem tá comendo capim pela raiz se agarra em qualquer patuá, os bidus de todas as correntes se aproximam pra engrupir os otários. Foi sabendo disso que o babalaô Zé do Corta Jaca piou na parada. (Idem)

Em que pese a Barra do Catimbó ser matéria de notícia de jornal: um lugar onde ocorre os maiores “bochichos”, juntamente com Dallas City e São João do Meriti, conforme Plínio Marcos costuma dizer quando trata do assunto. A veracidade do lugar, a propósito, é um tema motivador para que leitores busquem uma correspondência específica com a figura do cronista. Existindo, a Barra do Catimbó

⁴⁰ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 275.

fica exatamente onde? Uma pergunta semelhante a esta foi direcionada por uma leitora ao autor das histórias das quebradas do mundaréu. É o que o próprio cronista escreve em “Resposta à freguesia⁴¹”. Nesta crônica de nome recorrente nos textos plinianos, há uma pista sobre a existência do lugar em uma de suas passagens:

Quanto ao Carlos Fonseca, que não dá nem endereço, nem bairro, e que pia na parada pra esculachar o autor de “Navalha na carne”, chiando contra a gíria que vez por outra a gente usa, e rogando praga, afirma que lê todos os dias a coluna só pra ver as besteiras que tenho a dizer, me agrada com seu estrilo. Mal dentro da roupa eu vou ficar quando esse otário parar de ler. Como é o caso da Leda de Castro, da Vila Mangalô. Ela é leitora de araque. E tanto isso é verdade, que quer saber onde fica a Barra do Catimbó. Isso eu já expliquei mil vezes. Porém, pra simpática Leda, que tanto me badalou, eu conto de novo. A Barra do Catimbó existe, sim. E fica enchuvada nas quebradas do mundaréu. Quanto ao resto, posso responder. Eu não sou de esconder verdades. Sou casado com a Walderez de Barros. Tenho dois filhos: o Nado Sabido e o Kiko Bala. Torço pro Santos F. C. de glórias mil e não estou fazendo novela nenhuma, o que lamento mais do que você. (Idem)

Em caso de resposta imprecisa a respeito da Barra do Catimbó, talvez seja necessário destacar que o olhar de testemunho do cronista reforça a ideia de que ele trata de uma realidade social ou ambiente narrado que ele conhece ou diz conhecer bem. Ao menos dois motivos podem nos fazer pensar assim. Primeiro, se o cronista não declara morar nas quebradas do mundaréu, ele diz ter contatos de confiança para “aquelas bandas”. É o que ele sugere em “Os lances de Natal na Barra do Catimbó⁴²”. Quem vai morar na Barra do Catimbó, por exemplo, não vai morar por gosto. Por trás da afirmativa de Plínio Marcos estaria um destacado informante de notícias da Barra do Catimbó e aspirante a repórter:

Só mesmo quem está a perigo perpétuo é que monta mocó no pedaço maldito que fica encravado nas quebradas do mundaréu, bem onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos. Por essa dica, já fica fácil até leitor mais abilolado perceber como os pererecos daquelas bandas são de entortar o patuá. Não é brinquedo o que a negada da Barra do Catimbó é obrigada a fazer pra escorar os repuxos desta vida, que anda custando os olhos da cara. Nesta época de festas natalinas e tal e coisa, até os mais otários se viram, com truques dignos do Mandrake. Ninguém marca bobeira. Daí, já viu. Na impossibilidade de esperar o mar pegar fogo pra comerem peixe frito, a curriola se assanha e faz das tripas coração pra não se ver no papo de aranha. Assim sendo, o número de salseiros gerados pela afobação de alguns que, por falta de imaginação, resolvem navegar nas águas dos outros, é impressionante. Ontem, por exemplo, foram registradas diversas ocorrências de vulto pelo nosso considerado ponta de lança pra assuntos da Barra do Catimbó, [o] Chuvisco, que por seus dotes inatos de xereta promete, assim que se forme no curso do Mobral, se transformar em

⁴¹ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 372.

⁴² Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 482.

ótimo repórter[.] Primeiramente, informa ele que os casos que ele irá me contar não costuma aparecer escancarados nas páginas dos jornais, única e exclusivamente porque, mesmo nas batalhas onde alguém ganha passagem pra ir falar com Deus, o assunto é encerrado ou feito apontamento pra forra pelos parentes do falecido, na surdina. Ninguém na Barra do Catimbó é de caguetar nada pra polícia. Apesar da miséria reinante no local, o povão se esforça pra se manter digno e curte com carinho certas virtudes. (Idem)

O segundo motivo para pensarmos que, quando Plínio Marcos cita a Barra de Catimbó, ele fala sabendo do que se trata, pode neste caso passar pelo reconhecimento de um testemunho ocular narrado. O parágrafo inicial da crônica “De qualquer lado a bala é ruim⁴³” nos sugere tal leitura:

Um dia em que eu estava flanando à toa pelas quebradas do mundaréu, acabei baixando na Barra do Catimbó, lugarzinho maldito onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos. Aí, parei na porta do boteco do Mané Cheiro de Peixe e como sempre, Mestre Zagaia, o velho cabo de esquadra, estava sentado num caixote de cebola e dando dicas certas para uma porção de gente que o rodeava, querendo ganhar do velho mestre uma pala pra servir de farol nos estreitos, escamosos e esquisitos caminhos do roçado do bom Deus, que todos nós temos que cruzar. Nesse lance, Mestre Zagaia falava sobre o Lampião, a quem ele conheceu pessoalmente no seu tempo de caranguejo. Porém, seu papo não era apenas pra recordar façanhas. Era muito mais pra alertar o povão sobre os pererecos dessa vida:

– É como lhes digo. A gente daqueles pedaços não tinha sossego. Ou os cangaceiros, ou os macacos lhes atucanavam a vida. Não tinha diferença. Por isso, os cangaceiros se davam bem. Quando eles passavam num roçado, pareciam nuvem de gafanhoto em época de condenação da humanidade. Carregavam o que prestava e aprontavam mil e uma. Deixavam na pisada muita mulher na saudade e muito homem desonrado. Mas, aqui, ói, gaivota, que os danados chamavam os macacos. Esses eram iguais ou piores que os cangaceiros. Só obedeciam e respeitavam os homens de posses, de prestígio político. O resto da gentarada tratavam como gado. Dava pena de ver. (Idem, 1972)

Esta história contada, aliás, tende a suscitar pelo menos duas reflexões. Uma que observa Plínio Marcos em narrativa de si mesmo pelas quebradas do mundaréu e usando uma expressão cara aos primeiros cronistas históricos: flandar, termo derivado do substantivo francês flâneur, que significa "errante", "vadio", "caminhante" ou "observador", conforme um entendimento dicionarizado. Flânerie é o ato de passear. O flâneur era, antes de tudo, um tipo literário do século 19, na França, essencial para qualquer imagem das ruas de Paris. A outra amostra de reflexão diz respeito a uma citação de Mestre Zagaia, personagem que aparece

⁴³ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 589.

retratado como morador da periferia urbana narrada, o que não parece evidente em crônicas precedentes ou que não havia sido explicitado até este momento:

Se Mestre Zagaia fala, é que é. Ele sabe das coisas. Navegou sem bandeira por muita água barrenta, e por atalhos espinheiros bateu perna em busca de tudo e de nada. Nessas andanças, ele abriu seus olhos de ver e viu coisas de assombrar e de entortar o patuá até dos mais fortes. Mas, nem diante dos esquinapos mais tremendos o Mestre Zagaia se rendeu. Encarou tudo que veio pela sua frente e sobreviveu a toda gronga que veio por trás. E foi no meio dessas batalhas que ele conseguiu os cabelos brancos, as rugas e as cicatrizes que são as divisas que hoje lhe dão consideração até dos vagaus mais escabriados. Toda a malandragem se fia na sua Tabuada das Candongas. É aí que está o traçado que pode ser o pedal dos otários e a bússola do sabido. Mas, nem todos têm a sorte de se ligarem nos alôs do velho cabo de esquadra. Uns ouvem[,] mas não se emprenham pelas orelhas com o bizu do mestre. Outros, porque não escutara ainda o recado. E é por essas e outras que entram pelo cano. (Idem)

Personagem recorrente nas crônicas plinianas, Mestre Zagaia é o sujeito que reproduz os ditados populares e, muitas vezes, faz o papel de uma espécie de conselheiro ou oráculo do cronista, que imaginariamente parece o consultar com base no próprio uso de máximas e de expressões autoexplicativas. “Se o Zagaia diz, é que é⁴⁴”, costuma escrever Plínio Marcos cronista. Para este, “Mestre Zagaia escuta o povão⁴⁵”; assim como o cronista, é ou pode ser considerado uma referência de porta-voz da Barra do Catimbó, cenário de histórias curtas e também de histórias sequenciais publicadas no mesmo espaço das crônicas, entre as quais, destacamos a mininovela dividida em capítulos: “A fundação da Barra do Catimbó – 1 capítulo⁴⁶”, que expõe um relato da fundação da Barra do Catimbó, a união do negro Catimbó com Nega Bina Calcanhar de Frigideira, o nascimento do filho do casal, o Jorginho, até chegar no episódio do povoamento. “O concurso⁴⁷”, será outro exemplo de mininovela pliniana. Diferentemente de outras, esta não terá uma numeração explícita. Vai ter sequência com nomes distintos, conforme se pode perceber da leitura integral das crônicas em anexos.

Sobre Mestre Zagaia e Barra do Catimbó, vale reproduzirmos um trecho de “Respondendo à freguesia⁴⁸”, de 25 de dezembro de 1971. Na ocasião, Plínio Marcos publica resposta a uma carta da leitora Lilia Alves, que lhe pergunta: “...

⁴⁴ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 295.

⁴⁵ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 609.

⁴⁶ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 315.

⁴⁷ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 239.

⁴⁸ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 487.

Gostaria de saber, fora Mestre Zagaia, quantos mais personagens seus moram na Barra do Catimbó e se já foram usados em alguma peça sua.” Ao que o cronista responde:

Um monte deles, minha chapa, moram na Barra do Catimbó. Dona Cotinha fofqueira, a nega Bina Calcanhar de frigideira, o Oscarino Vaselina, o Chuvisco, seu Azulão presidente da Sociedade Recreativa, Esportiva, Cultural, Independente e Unida da Barra do Catimbó, o Mané Cheiro de Peixe do boteco, a Dona Risoleta Parteira, a Dagmar que atualmente é a rainha do bairro, o Azevedo do Apito, a Irene da Lixeira, a Lobisoma, a Maria-Vai, o Cariça, a Mãe Begum de Obá, seu Bilu Macumbeiro, Caolho Coveiro e Bolinha da Mobral e mais um monte deles. Sabe como é. A negada que se sente a perigo perpétuo acaba sempre se encostando na Barra do Catimbó, que apesar de ser um dos lugares mais malditos de todas as quebradas do mundaréu, ainda serve de pedal pra muita gente que fora de lá não aguentaria o repuxo desta vida que anda, cada vez mais, custando os olhos da cara. Como a senhora deve ter notado pelas histórias da Barra do Catimbó dessa gente toda, daria mil e uma transas mais. Porém, eu não usei nenhuma delas em peças de teatro. Pensei em lançá-las numa novela. Acontece que tá difícil. Segundo os gênios da nossa televisão, o que dá IBOPE é badalação de grã-fino. Assim sendo, a gente vai remando contra a maré e aguardando melhores dias. Muito obrigado por sua carta e pelo interesse demonstrado pela gente da Barra do Catimbó. (Idem, 1971)

Salvo a importância aqui registrada das histórias contadas acerca da Barra do Catimbó, temos que destacar ainda outras variações de narrativas, tendo parte delas um contorno de criação ou de recriação de cotidiano sem menção direta com as quebradas do mundaréu, embora a linguagem e a temáticas sejam as mesmas. Há os casos em que não fica explícito se o personagem é das chamadas quebradas, por não haver uma citação direta; há casos em que o personagem se parece das quebradas e não é retratado a partir delas ou o contrário; há casos em que não é possível saber ou perceber se o perfil narrado possui algum vínculo documental. Há o caso do personagem “Nini da Liberdade, o triste folião⁴⁹”, uma figura recorrente no conjunto de textos plinianos. Não se sabe ao certo se é uma figura de cotidiano documentado ou se é uma figura inventada de cotidiano. A seguir, o trecho inicial da crônica citada:

Tem coisas que por mais que eu me esforce não dá pra entender. Está certo que meu puçá não vai além da superfície e que, por essas e outras, eu só pesco o que aparece boiando nas águas barrentas em que navego contra a maré. Porém, deparo com tanta gronga, que vivo assombrado e agarrado no meu patuá de fé e de valia pra não naufragar. O caso do Nini da Liberdade é bem desse naipe.

⁴⁹ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 556.

O nome verdadeiro do Nini da Liberdade é Sebastião Gonçalves Polidor. O apelido se deve ao fato de ele jogar água fora da bacia, espalhar que mulher dá câncer e morar no bairro da Liberdade. Até aí, nada de mais. Nos tempos que correm, são muitas figuras que viraram a mão e que bordejam pelos estranhos, esquisitos e escamosos caminhos do roçado do bom Deus. Ninguém mais se espanta com esses infelizes seres humanos. Porém (e sempre tem um porém), o caso do Nini da Liberdade era de chamar a atenção. O bruto era tão dodói da cuca, que acreditava, com uma sinceridade de beato de procissão, que ia acabar virando mulher. E por ter essa ideia de jerico na cuca, já ia treinando com todas as forças da sua alma. Desmunhecava às baldas. Naturalmente que, com seus trejeitos afetados, o Nini da Liberdade não conseguia ficar feminino. O que conseguia era ficar uma caricatura grotesca do ser humano. E como esparro era tratado por todos. As curriolas que se formam nas esquinas curtiam a fuça do Nini da Liberdade. Era só ele piar na parada pra ter vexame. O esculacho era pra valer. (Idem, 1972)

No exemplo exposto, temos a apresentação de um perfil a partir de São Paulo, isto é, a partir de uma cidade narrada. Tratemos de um personagem que volta em outra história. Plínio Marcos menciona a figura em “O triste Nini⁵⁰”, em que se destaca uma história de vida trágica. Ou melhor, Nini, outrora Nini da Liberdade, põe um fim trágico à própria vida. É o que nos conta um narrador aparentemente insensível à figura narrada e a par do caso. Neste caso, podemos destacar da passagem citada uma crítica à figura de Plínio Marcos, que constrói um retrato homofobia. Uma contradição, por assim dizer, constatada na biografia do dramaturgo-cronista, comumente associado à construção de retratos artísticos que respeitam a condição humana e a questão de gênero. A seguir uma amostra do texto citado, observando o próprio início da história da personagem:

Na verdade, a mãe do Nini foi a grande culpada da sua desgraça. Resolveu criar o menino com honras de princez. Aí, já viu. Entortou o patuá do bruto. Ele ficou cheio de dengos. Até estranhava quando não era mimado. E na escola foi aquele perereco. Os colegas esculachavam o Nini. Gozavam o pobre menino de todo jeito. E ele, pra fugir dos revertérios que encontrava, preferia a companhia das meninas. Não ia pra junto delas com ideias de jerico ou a fim de paquerar, o que seria normal. Se enturmava com as meninas porque elas eram mais delicadas e achavam a ele, Nini, uma belezinha. O que não era nenhum exagero. O boneco era loiro, de olhos azuis e faces rosadas, fato que só servia pra complicar a existência dele. Naturalmente, se o Nini não fosse tão engraçadinho, teria melhor sorte. Pelo menos não ia dar tanto na vista as suas desmunhecadas. Mas, era bonito, dengozinho, falava fino e macio, só brincava com meninas e aí se entrutou. Nem o mais otário dos pivetes botava a mão no fogo pelo Nini. E nesses casos, a voz do povão é a voz de Deus. (Idem, 1971)

⁵⁰ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 263.

O fim narrado de Nini informa que ele foi falar com Deus, e existência deste personagem pode nos fazer pensar que não é imperativo nos ocupar além da conta sobre se Nini um dia existiu. Talvez este seja um caso de texto que tende a ser lido como conto e como crônica. Mas se considerarmos evidente nesta história contada uma caracterização de criação ou de criação de cotidiano, independente se Nini um dia existiu ou não e se foi figurinha carimbada do álbum biográfico do cronista Plínio Marcos? Talvez seja este o ponto principal de reflexão. Vale reforçar a mensagem extraída da análise dos textos de Plínio Marcos como objeto de crítica: queremos crer que a caracterização de crônica se dará pelo traço discursivo do que neste estudo chamamos de criação ou recriação de cotidiano. Não será pelos dados documentais e biográficos que vamos apontar o que é e o que não é crônica, já que parte dos textos plinianos são tomados pela nomeação de contos.

As histórias contadas de “A última feijoada⁵¹”, “Lavinho abilolado⁵²” e “Várias catimbas⁵³”, por exemplo, podem trazer em seus respectivos textos informações de relevo documental mais ou menos verificáveis. “O vingador⁵⁴”, outro caso, ilustra um perfil de Zé Mané, que chega ao bairro Brás para viver uma nova vida. O personagem chega a São Paulo atrás de um futuro melhor, e no decorrer da narrativa acaba se encontrando. Ou melhor, após se dar mal no início ou ter sido “passado para trás”, o Zé aprende a não ser mané, conforme pode-se dizer da leitura da história contada. Em resumo, não será o formato ou a aparência deste ou de outro conto que vai deslegitimar o diálogo que muitos dos textos plinianos possuem com o gênero crônica, o que remete à uma recorrência do conceito de ambivalência já discutida neste estudo de tese. A classificação dos textos plinianos se torna complexa, porque nem sempre se revela neles uma explícita marca de ficcionalidade, embora se possa deduzi-la predominante em certos casos.

A propósito desta reflexão, citemos “Quem conta um conto...⁵⁵”, texto no qual o cronista dá uma dica a respeito de seu ato criador. Escreve ele que os assuntos tirados das quebradas do mundaréu podem dar em peças, crônicas e romances:

Seu Mumu me dá luz sobre as catimbas do samba em São Paulo, o Bentão tá aí mesmo pra não me deixar órfão nos trambiques dos forrós, o Chuvisco é meu ponta de lança pros assuntos da Barra do Catimbó, a Margô Picega

⁵¹ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 269.

⁵² Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 345.

⁵³ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 720.

⁵⁴ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 300.

⁵⁵ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 519.

me bota por dentro das invertidas das pistoleiras que todas as noites fazem quilômetros e quilômetros de quarteirão. E, por essas pintas e outras, eu vou me inteirando dos troços. Dá peça. Dá crônicas. Dá romance. Dá Novela e tudo mais.

Agora, os representantes da oposição que me leem vão fazer marola:

– Tá aí. Não tem criação.

Deixa falar. Que na hora que forem entrar nesse filão, vão se entrutar. Aqui, ói, gaivota, que a coisa vem mastigada. Pra entrar nesse esquema, é preciso ter antenas e botucas de ver. Senão, não dá pedal. E depois, é como Mestre Zagaia diz na sua Tabuada das Candongas:

– Quem conta um conto e não aumenta um ponto é um trouxa sem imaginação.

E se o velho cabo de esquadra diz, é que é. Ele sabe das coisas. (Idem, 1972)

Em passagem que se segue, veremos a citação do personagem Chuvisco em ambiente narrado do Bar Redondo, em contato com o cronista. É mais um exemplo de mescla explícita de ficção com a realidade biográfica do autor da história contada? Que a nossa recepção crítica faça a sua própria análise, na leitura em questão:

Estava eu parado assim como quem não quer nada na porta do boteco Redondo, quando piou na parada o considerado Chuvisco, meu ponta de lança pra assuntos da Barra do Catimbó. Ele chegou meio escabriado e só pelo jeito do bruto manjei que tinha linguíça embaixo do angu. E cutuquei:

– Como é que é, Chuvisco? Como tá a Barra do Catimbó?

Ele, sem grande entusiasmo, deu o troco:

– Tá naquilo mesmo. Ontem apagaram um.

Daí pra frente, era preciso eu só puxar fieira:

– No barato?

– Por pouca coisa.

– Enguiço por rabo de saia?

– Que nada. Foi no carteadado.

– Tinha pilantra de xavecada?

– Não. Foi por zoeira que o esquinapo se deu. Tu sabe onde é a birosca do Mané Cheiro de Peixe, não sabe?

– Sei. (Idem)

Retrato recorrente do cronista, o Bar Redondo, em São Paulo, é descrito como um ponto de encontro de Plínio Marcos e amigos. A mesa de um bar, diga-se de passagem, pode ser interpretada como algo simbólico de muitas tiradas produzidas pelo autor nascido na cidade de Santos:

Saindo dessa marola, entraremos no perereco que há dias vem sendo discutido nos altos do boteco Redondo, onde se junta a fica flor do samba paulista. Nesse pedaço, vem se reunindo o Sinval, o Nelsinho do Império e o Dirceu Jabaquara, pra traçarem os destinos da gloriosa Escola de Samba Império do Cambuci. E foi por essas e outras que eu tive a chance de escutar dois dos sambas-enredo que vão concorrer na quadra. Um era do Marco Aurélio (Jangada) e outro do Chico de Assis. Todos os dois sambas

eram muito bonitos, mas seguiam o enredo da escola, que era sobre Diamantina. Daí, já viu. Entrava Chica da Silva na parada e isso me ouriçou. (Idem)

Da mesa de um bar ou de uma conversa entre amigos surgem ideias, entre as quais, a de lançar um livro sobre “o mundaréu de São Paulo”. Plínio Marcos escreve a respeito em “As coisas estão aí mesmo⁵⁶”:

Quanto ao Ramão, o Chico e eu, resolvemos fazer um livro sobre o mundaréu de São Paulo. Chamaremos o Roberto Freire, o João Antonio, mestre Garine, Marcos Reis, Antonio Contente e mais gente que manje do assunto das quebradas e do sereno e vamos falar com o Pedro Fanelli, nosso ponta firme da Editora Obelisco. E vamos escancarar muita coisa bacana de São Paulo, que não é só cimento. (Idem, 1971)

E se a cidade de São Paulo é palco narrado na crônica acima, não podemos deixar de citar histórias contadas em que Santos, a cidade natal do cronista, é o cenário principal de inúmeros personagens ou de um elenco considerável de perfis. Neste ponto, trataremos de uma espécie de palavra-chave que nos ajuda a compreender a produção pliniana: o registro fabulado de suas memórias. A história de “O assobiador⁵⁷” pode ser interpretado como um de muitos exemplos de registro de memórias de Plínio Marcos cronista no conjunto de suas produções. Ao menos, o autor fala a respeito e por escrito: “E, entre mil mumunhas, me vem na cachola a lembrança do Assobiador, um pinta que eu não conheci pessoalmente, porém que ouvi muitas vezes nas madrugadas, quando eu era pivete e ele passava pelo meu antigo pedaço, assobiando sua canção”, anota. “Uma canção doce e sentida, que todo o meu bairro escutava, quando o silêncio reinava nas quebradas do mundaréu, desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, até onde o vagau pisa devagarinho”. E quando uma reminiscência pliniana vem à tona, podemos sugerir uma relação direta de suas vivências com o mundo narrado de seus textos. A sequência da crônica citada traduz melhor o que queremos destacar:

Nessas andanças, eu chego até a memorizar a melodia do Assobiador e desfilo dentro de mim o rosário das penas por coisas, pessoas, esperanças, fé e tudo o mais, que eu perdi pelos caminhos e não posso reaver nunca mais. Nessas horas, me pia sempre na memória a figura do meu pai, um ponta firme, um grande chapa que tive e de quem sempre me orgulhei tanto. Porém, deixa isso pra lá. O que pesa na balança é o que quero dizer. E sempre que recordo o passado, eu o faço ao som da melodia do Assobiador.

⁵⁶ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 429.

⁵⁷ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 205.

A história desse pinta me embalou o romantismo da mocidade. E, muitas vezes, nos esquisitos, nas gafeiras escamosas, nos puleiros das pistoleiras, nos mocós cavernosos, nas bocas encardidas, nas rodas da curriola pesada, nos botecos e nos cambaus, eu escutei da malandragem de mais alta linha o belo lance do Assobiador. (Idem)

E quando Plínio Marcos fala de sua gente de Santos, ele vai deixar claro que está falando de seus heróis. Assim sendo, dá pra dizer que quando o cronista trata de um registro de memória ele o assim faz sempre com uma perspectiva de fabulação. O início da crônica “Minha gente, meus heróis⁵⁸”, parece-nos ilustrativa:

Eu já contei aqui a história do Assobiador, que passava alta madrugada pelo meu antigo e sempre querido pedaço de chão firme, que era lá na divisa do Macuco com a Ponta da Praia, em Santos. Conte também que, nessas noites frias, de céu estrelado e luar de entortar patuá, eu gosto de vagar pelas ruas desertas. E é aí que me pia na memória a melodia doce e sentida do Assobiador. No embalo desse som que carrego na alma é que eu revejo. Quantas vezes quero ou tenho coragem, os meus fantasmas. Vultos que me saltam do passado e vem cobrar de mim os compromissos que eu assumi ali na velha esquina do meu quarteirão. E é por isso que sou quem sou. Por ter nascido onde nasci, por ter tomado benção de quem tomei e por ter andado pelos caminhos que andei. Porém, deixa pra lá esse papo. O que quero contar aqui é o que revi na noite de São Pedro. Parece que foi ontem o esquinapo. Mas, já faz tanto tempo que muita cuca já esqueceu e outras nem tiveram notícia da gronga. (Idem)

A sequência da crônica trará, em destaque, a memória do cronista a respeito de amigos de infância. O que poderá ser lido como uma referência de leitura crítica associada à própria biografia do autor. O modo com que ele fala de um presente e o ponto de vista construído de um passado realçam um autorretrato representativo.

Eu era pivetinho boca-dura que morava num chalé aquecido de amor e compreensão, que compensavam os buracos da parede e as frestas do chão por onde passava o vento, e que ficava na rua Afonso Veridiano, mais manjada pelo povão das quebradas do mundaréu por rua das Antigas Laranjeiras. Apesar de pixote, eu era folgado paca. Moleque madeira, com oito ou nove anos eu fazia parte da curriola do Alberto Boca Vazia, um cara da pesada que não enjeitava nenhuma pauleira e sempre estava para o que desse e viesse. Claro que nessa leva eu não tinha o direito de botar banca. Era recadeiro, ponta de lança pra criar caso e, nas noites de junho, quando a patota se juntava pra pegar balão, eu é que ia atrás carregando os troféus. E não era mole. Tinha vez que o gango pegava trinta, quarenta e eu e o Luís Gama, um crioulinho do meu tamanho, escorávamos a carga. A curriola do Alberto Boca Vazia era fogo. Tinha gente paca. Uma leva. Na Raia, da praia do Embaré até o Canal 6 e da Praia até a Pedra Lessa, ninguém tascava. Era com o Alberto mesmo. Fora desse distrito, havia outros donos. Do Canal 6 pro Ferry Boat quem mandava era o Pé de Bicho e o Noé da Roqueira. Do Embaré pro Boqueirão era o Careca e da Pedro

⁵⁸ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 213.

Lessa pra Bacia do Macuco era o Pintado, o Chupin e o Russo. Naturalmente, havia outras turmas no rebole. Porém, eram gangos menores e que tinham que se acanhar quando as turmas grandes encostavam. No nosso pedaço, havia também o pessoal da Vacaria, que era pequeno, mas cujos chefes eram dois espetos: o Pinto Rico e o Goiaba. Corriam atrás de balão de foice. Só respeitavam o Alberto Boca Vazia, que sempre ia de roqueira (que, pra quem não sabe, era um revólver feito em casa de socar pólvora pela boca e os cambaus). E havia o Zé Batateiro. E é esse que marcou em mim. Pinta valente tava aí. (Idem)

Uma passagem há pouco reproduzida, e que não pode passar despercebida, diz respeito à associação que Plínio Marcos faz das “quebradas do mundaréu” com a sua cidade natal. Vimos este registro em “O assobiador” e também podemos ver em outras histórias, entre elas, a que cita o título “História da Igreja do Valongo⁵⁹”; nesta crônica, vemos a expressão “quebradas do mundaréu” como um lugar periférico ou não nominado, onde Plínio Marcos encontra até seu amigo e advogado Iberê Bandeira de Melo. Ou seja, “as quebradas” não representam um lugar fora do alcance de ditos personagens reais. Do caso exposto, é possível destacar um retrato de memória do cronista que pode servir de guia de leitura para as próprias histórias das quebradas do mundaréu. Valemo-nos da transcrição em que o cronista relembra situações vividas e personagens de Santos, cidade onde ele morou:

Ontem falei do papo comprido que levei outra noite nas quebradas do mundaréu com meu chapa Iberê Bandeira de Melo sobre nosso querido bairro do Aquário, lá de Santos, a formosa ilha de Iemanjá, e de sua gente simples e bacana. Bastou o jornal sair na rua pra piar na parada vários santistas radicados em São Paulo. E vieram estrilar. Num quás-quás-quás meio cavernoso e meio carinhoso, os reclamantes chiavam por telefone e até pessoalmente, em encontros na rua, que eu só dava colher de chá pro meu antigo pedaço e esquecia o resto da cidade. O que não é verdade. Já falei aqui mesmo, nesse canto de página, do Bairro Chinês, do Marapé, do José Menino, do Embaré, do Mercado, do Golfo, da Xavier Silveira até a João Guerra, do Chico de Paula, desci pela Santa Maria, Matadouro, Areia Branca, cheguei até São Vicente pela Caneleira, me instalei na Vila Melo, joguei sinuca no Bar Selete, dancei no Tranquinha, fiz bom ambiente no portinho. E nem do Itapema me esquecia nunca. Servi na Base Área. Peguei muita catraia e saudade de tanto que atraquei em Vicente de Carvalho. Conheci os boleiros todos dessa boca. Afonsinho (que foi do Santos, do Atlético Mineiro), o Jorge (da Portuguesa, do Santos), o Jackson (de tantos times do interior) serviram comigo na base. E Tié e o Cabo Veríssimo foram meus parceiros em muitas presepadadas nos bailecos do Brasil F. C. e do Itapema A. C. e eles tiveram ou têm muito nome aí nessa ilha. No Casqueiro eu também andei e no Cubatão fiz muita zoeira. A Baixada Santista, meus senhores e minhas senhoras, digo com a boca cheia e o coração retumbante de orgulho, eu manjo como a palma da minha mão. E mais. Tive trânsito livre em todo o Macuco. Até na Bacia eu podia me chegar tranquilo, que pra cima de mim nunca tinha escama. Enoe, Aracaju, Pintado, Carabina, Maroeiro e tantos outros pintas daquelas

⁵⁹ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 439.

bandas eram meus faixas. Frederico Cabeleira, Simião e tal e coisa me davam passagem. E nos morros, eu subia a hora que quisesse. Cansei de ir na Nova Cintra buscar o morrão do alambique e ver aquela lagoa, que está à espera que algum sabido lhe dê divisas de atração turística, como é a Lagoa do Abaeté. Eu manjo as duas. E são iguais. A Lua que reflete na lagoa baiana não é outra senão a que brilha em Santos. E no morro de São Bento também bati perna e tudo mais. A Nica está lá mesmo pra não me deixar mentir. Quantas vezes a levei em sua casa não dá pra conferir. Na Baixada Santista, minha terra de chão firme, onde os fundamentos do axé são de liberdade e caridade, eu sou mais eu. Em qualquer reduto. (Idem)

Conforme queremos crer: o cenário da Baixada santista se apresenta como uma origem de aspiração para as produções plinianas. Uma personagem conhecida da fabulada Barra do Catimbó, a Mãe Begum de Obá, por exemplo, teria origem na região. Ao menos é o que o próprio cronista deixa explícito em “Amor e ódio de bacalhau e negrinha Marion⁶⁰”. Nesta história contada, o autor menciona que a Mãe Begum de Obá tinha terreiro no Pau Grande e fama na Baixada santista inteira. Outro registro que cita como componente de criação a cidade natal de Plínio Marcos é a religião afrodescendente, diga-se de passagem, bastante destacada nas produções plinianas. Um exemplo é o título “Os mistérios da macumba⁶¹”, em que é abordado a sucessão do Pai de Santo Joãozinho da Goméia. Em certa passagem da história contada, o cronista vai citar a personagem de Babalaô e escrever no contexto narrado sobre a “gloriosa baixada santista de Iemanjá”.

Para efeito de análise, pode-se tomar a imagem de quebradas do mundaréu como um narrado subúrbio em dado período de época, como sugere o título “Uma história de subúrbio⁶²”. Analisemos outro caso em que a cidade de Santos é parte da história contada, destacando um palco onde Plínio Marcos exerceu o ofício de operário estivador e onde, conforme registros biográficos, ele colecionaria experiências de vida: o porto de Santos. Em específico, tratemos de “Uma barca chamada esperança⁶³”, uma narrativa de um jovem marinheiro ou, conforme o autor, uma história de vida de um pivete loiro que se lançara “nas sete águas de Janaína. E [que] veio de mar em mar, de porto em porto até Santos, a formosa ilha de Yemanjá.” Um jovem marinheiro que chega à cidade portuária com uma grana juntada, se depara com uma loja de tatuagem e logo se assanha em fazer uma no corpo: “A tatuagem era só o que faltava pra ele ficar marujo de sete águas”, destaca

⁶⁰ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 67.

⁶¹ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 224.

⁶² Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 274.

⁶³ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 116.

o cronista a respeito de uma figura que tinha “vacilado na escola”. A vida de marujo desta figura era um sonho realizado, contudo. O relato, que se desenvolve em uma marcada estrutura de conto, trata a tatuagem de uma barca chamada Esperança como elemento mágico da narrativa e prenúncio de uma tragédia pessoal. “Com a camisa aberta no peito pra que todo povo da terra visse a sua gloriosa caravela, o pivete loiro se embandeirou pelas quebradas do mundaréu”, escreve Plínio Marcos. O destino levaria o personagem, retratado posteriormente como um otário, ao encontro da persona de Nica Chupeta, chamada na história de “pistoleira de grana”. O cenário primeiro da fabulação seria um boteco, o segundo e derradeiro cenário o dito mocó da mulher. “Ela não era de dispensar fatura. Com grande esforço arrastou o pivete pro cantão do esquisito. Uma galera serviu de ninho. E aí foi o esquinapo”, conforme as palavras do cronista. Abaixo, o desenlace da história:

A Nica Chupeta fez o que pôde. O pivete se esforçou. Mas que nada. De tão bêbado ela não podia nada. Ficou um tempão no chove-não-molha. Por fim desabou.

Pra mulher foi o alô. Certa de ter cumprido a sua obrigação, saiu pra cobrança. Revistou tudo quanto era bolso do marujo. No porão, nas janelas, nas culatras, no grulo e nos cambaus. O vagau estava limpo. Tinha torrado tudo em bebida. A Nica Chupeta se atucanou. Agarrou o gogó do pinta e sacudiu o desgraçado até ele abrir os olhos. Daí deu o arroxoxo.

– Cadê a grana, gringo nojento?

O pivete loiro sem entender nada do que a mulher dizia, abriu a camisa, mostrou a caravela e rindo bochichou:

– Esperança!

A Nica Chupeta babou de bronca. Puxou da liga num punhal e picada de raiva espetou no peito do gringo. Espetou fundo até o cabo. Espetou bem no meio da caravela. O melado correu. O pivete arregalou os olhos, sorriu e se esticou. A esperança foi à pique. (Idem)

A sugestão de leitura é que a periferia de Santos, assim como a de São Paulo, são as principais inspirações para as quebradas do mundaréu narrada em textos plinianos. Como já dissemos em alguma passagem desta tese ou se pode verificar na leitura de duas biografias, Plínio Marcos nasce, cresce e vive até o final de sua juventude na Baixada santista, para em seguida viver e estabelecer residência na capital paulista. De modo predominante, as referências a Santos estarão associadas às memórias, já as citações à cidade de São Paulo estarão vinculadas a um olhar de atualidade a partir de um cotidiano presente. Desta perspectiva, veremos um cronista aberto a um variado contorno de textos. Se dedica a fazer perfis de amigos, como ocorre com os nomes expostos nos títulos

das crônicas “Um senhor sambista: Geraldão⁶⁴” e “Tchau, seu Proencinha⁶⁵”. Além de perfis de amizades, vemos o cronista tratar de retratos familiares. Quando não ganha projeção a figura da esposa Walderez de Barros, são os filhos, que destacam traços autobiográficos nos textos. Em um intertítulo da crônica “Um outro lado da tragédia⁶⁶”, vemos o cronista expor uma situação cotidiana de um de seus filhos:

Os heróis dos meus filhos

Meus filhos, dois pivetes bons, como todas as crianças, são vidrados nos heróis de araque das revistas em quadrinhos e nos bonecos de engodo da televisão. Eles vivem me pedindo pra lhes comprar roupa de Batmam, de Super-Homem e os cambaus. Ontem, quando cheguei em casa, o Kiko, que estava vendo o incêndio da Pirani pela televisão, me deu uma dura:

– Pai, por que tu não é bombeiro?

Eu encabulei e, antes de responder, o Nado meteu ficha:

– Pai, você me compra uma roupa de bombeiro?

Vou comprar, sem falta. Meus filhos vão ter roupa de herói, finalmente.

(Idem, 1972)

Do espaço editorial das crônicas plinianas, no que se refere ao período pós-1970 em análise, ainda merece menção as crônicas em que o cronista promove intertextos das próprias obras. Quando isso não ocorre para divulgar alguma apresentação teatral, por exemplo, vem à tona um recurso de releitura que o artista utiliza para expressar a sua arte. “Dentro da noite⁶⁷” e “O estarro⁶⁸”, por exemplo, reproduzem em linguagem de crônica, respectivamente, trechos reescritos da peça *Dois perdidos numa noite suja* e daquilo que podemos chamar de embrião do romance *Querô* – uma reportagem maldita, que só seria lançado em 1976. Neste ponto, talvez seja bom lembrar, a presente análise se ocupa em fazer uma leitura crítica de textos publicados em jornais, conforme especificação no início deste tópico de análise, que compreende o período que vai de janeiro de 1970 a junho de 1972. Sobre o que a figura de Plínio Marcos cronista escreve deste período, vamos destacar, em momento de fechamento de tópico, o texto “Um patriota em cana⁶⁹”.

Em “Um patriota em cana”, temos um caso em que Plínio Marcos aborda uma crítica à ditadura militar, à indústria cultural, defesa de sambistas, e, ao mesmo tempo, menciona as quebradas do mundaréu e fala de seu próprio ato de escrever

⁶⁴ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 584.

⁶⁵ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 623.

⁶⁶ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 566.

⁶⁷ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 304.

⁶⁸ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 717.

⁶⁹ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 2, p. 335.

crônica. A crônica citada, aliás, é um caso merecedor de análise na íntegra. Começa pela apresentação de um estado de coisa:

Tem coisa que, por mais que a gente se esforce, não dá pra entender. É bem verdade que meu puçá não vai além da superfície e por isso eu só pesco o que vem à tona. De toda forma, são tantas as quizilas que aparecem flutuando na maré barrenta em que navego, que tem hora que preciso me agarrar com as duas mãos no meu patuá de valia pra não ir a pique. Um caso que me deixa abilolado é esse de patriotismo. Tem nego às pamparras que pensa ou desbaratina que é patriota unicamente porque aprendeu a assobiar a marchinha: “Eu te amo, meu Brasil, eu te amo”, ou porque botou no parabrisa do automóvel a decalcomania do “Brasil, ontem, hoje e sempre”. Desse naipe é um locutor de uma das rádios da cidade que outro dia eu fui obrigado a escutar. O perereco se deu na semana da Pátria. (Idem, 1971)

Tal apresentação se dá em um momento em que Plínio Marcos se vê como cronista de um tempo mau travestido de personagem de início de século XIX, embora não servido de um chofer de coche da antiga Rio de Janeiro; ou melhor, é o que podemos extrair do uso do verbo “flanar” – como já vimos, também usado em outras crônicas. Segue-se o segundo parágrafo do texto:

Estava eu flanando nas quebradas do mundaréu, bem onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, quando tive a ideia de jericó de querer pegar um táxi. Foi uma batalha. Porém, depois de muito esforço, consegui um carango velho, desses que andam muito mais pelo poder da fé do motorista do que pela eficiência do motor. Me instalei no bruto e, sem rodeio, dei o destino. O chofer meteu o pé na tábua e, sem fazer cerimônia com o otário aqui, ligou o rádio em volume de explodir a orelha. Não pediu nem licença. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar é o que pesa na balança é que, de saída, o rádio ficou sintonizado numa estação que só tocava música estrangeira. E da ruim. Mas, o pior era o locutor que, de vez em quando, interrompia o chiado gringo e anunciava mil e um badulaques de nomes estranhos, desse que precisa dar nó na língua pra falar, e dali enchia a boca e sapecava, sem o mínimo simancol:
– Brasil, ontem, hoje e sempre. (Idem)

O que se vê na sequência da crônica é uma introdução de argumento que podemos considerar interessante. Começa com uma menção de contexto, passa para a transição de espaço físico que lhe permite introduzir uma temática nova: uma crítica à indústria cultural pela exemplificação de cantores populares. Voltemos à história contada, em que o cronista se percebe ouvindo rádio dentro de um táxi:

Daí, certo de que tinha cumprido o seu dever, o brilhante locutor de voz de trombone anunciava a música seguinte e mandava ver. Vinha música estrangeira. Uma atrás da outra. Na minha cachola pouco firme, minhocas se ouriçavam. E eu me botei a matutar porque o tal programa, que tinha um locutor tão patriota, não tocava uma música brasileira. Cheguei a pensar

que talvez o tal locutor patriota não gostasse de música brasileira. Até dei desconto pro bruto. Considerei que, naturalmente, há muito exagero no verso do Caimi, em que ele diz: “Quem não gosta de samba, bom sujeito não é, ou é ruim da cabeça, ou doente do pé”. O nosso locutor provavelmente não era nada disso. Apenas não era chegado ao samba. Nem ao baião, nem ao xaxado, nem à seresta. Talvez o locutor ou o programador não gostasse da divina Elizete Cardoso, nem do Silvio Caldas, nem do Orlando Silva, nem do Nelson Gonçalves, nem da Angela Maria, nem do Caetano Veloso, nem do Gilberto Gil, nem do Chico Buarque, nem da Marília Medalha, nem do Vinícius de Moraes, nem de ninguém. O nosso locutor naturalmente devia ser um homem de vanguarda. Desses que acham que o som é universal. Apesar de saber que nunca, na Mongólia, se toca samba. Sei lá. Esses vanguardistas são tão evoluídos. O nosso locutor podia estar na dele. Podia e acredito que estava. Só que o bruto era patriota. Patriota brasileiro. Pelo menos é o que se esforça pra fazer seus ouvintes entenderem. Vira e mexe, dizia “Brasil, ontem, hoje e sempre”. E aí é que minha cuca rateou. Se o locutor era tão patriota por que não cumpria a lei? (Idem)

A pergunta citada parece ter aparência de retórica, projetada intencionalmente pelo cronista. A resposta? Bem, uma resposta surge no parágrafo seguinte, em que a citação geral de cantores de alcance nacional não é diferente da de cantores e compositores vinculados ao convívio social do próprio cronista, em São Paulo:

A lei que protege a nossa música não era cumprida pelo locutor. Nem de leve. O desgraçado não tocava música brasileira. No seu programa, a alma do povo, que é sem dúvida expressada através da música popular, não tinha colher de chá. E o que era mais grave: o tal patriota dirigia seu miserável programa à juventude. Era pra pivotada que o cara mandava seus recados. Sem desconfiar que um povo que aniquila sua forma de expressão mais autêntica, que sem dúvida é a música, está condenado a comer capim amargo pela raiz. Que é quem [sic] vem acontecendo com os grandes compositores da nossa terra, como Toniquinho, Talismã, Zeca da Casa Verde, Marco Aurélio Jangada, Geraldo Filme, Irineu Escovinha, Zé Di, Carlos Magno e tantos outros talentos que estão entregues às traças, se agarrando em fio desencapado, catando lata e matando jacaré a beliscão pra poderem ganhar o pão de cada dia. Porque graças a muitos patriotas de arques, como esse locutor é duro pra chuchu ser compositor de música brasileira no Brasil. O Toniquinho está aí mesmo pra não deixar ninguém mentir. Apesar do seu enorme talento, continua engraxando sapato na Praça da República. E ele, que no samba faz mais que o Antonico, não tem chance. Sai muito mais barato pras gravadoras regravarem no Brasil um disco do Frank Sinatra, que é um dos artistas mais caros do mundo, do que gravar o Toniquinho, engraxate da Praça da República, que quando chove não come por não ter botina onde tramar[.] E é mais bacana pro locutor patriota de araque apresentar o último sucesso do Frank, que sempre que foi convidado a vir ao Brasil esnobou o nosso país, do que o Toniquinho, ou o Talismã, ou o Zeca da Casa Verde. (Idem)

Como se não bastasse, vemos o autor fechar a crônica com dois parágrafos dignos de nota. O recurso da metalinguagem ou um posicionamento sobre o próprio

ato de escrever uma crônica põe em discussão a própria caracterização de cronista de seu “tempo mau”. Como se a contestação a um estado de coisas (regime político, indústria cultural, defesa da cultura nacional etc) não fosse tão importante. Se não irônico, o tom adotado por Plínio Marcos é no mínimo enfático:

Mas, deixa isso pra lá. Meu negócio aqui é falar de crimes. De crimes de que saia sangue. Como o esquinapo do marido enganado que cortou a orelha da esposa infiel a machadinha. Ou a gronga do torneiro mecânico Milton de Almeida, que aproveitou o feriado da independência pra ir ver a gloriosa parada de Sete de Setembro. Foi, viu e gostou. Gostou tanto, ficou tão cheio de entusiasmo, que quando retornava ao seu barraco, ao passar num posto de gasolina viu uma bandeira nacional dobrada num canto. Vidrado como estava, não resistiu à tentação. Afanou a bandeira e já ia dando o pinote, quando levou o flagrante do dono do posto. O Milton não esperneou. Muito pelo contrário. Envergonhado, devolveu a bandeira sem estrilo. Porém, não adiantou. O cara não aliviou pro Milton. Fez o maior quás-quás-quás e chamou a cana. Nessa, o Milton pegou um flagoroso firme. Afanou e tem que entrar em pua. A lei é clara. E nesses casos, ninguém burla a lei, como no caso do locutor patriota de araque. Provavelmente o Milton vai mofar no xadrez. A não ser que algum juiz resolva dar uma grande lição ao mundo, dando dispensa e uma bandeira do Brasil pro Milton, que era a única coisa que esse homem do povo queria. (Idem)

Aqui o fechamento de um tópico que, de algum modo, antecipa a mensagem principal de um seguinte, momento em que ganhará projeção crítica a figura de um cronista de um tempo mau ou uma análise dos textos que fornecem a um escrachador e porta-voz das quebradas do mundaréu um sentido mais ampliado.

3. 3 O polemista, o crítico cultural, o contestador de regimes de exceção

Parece-nos importante destacar a desenvoltura com que Plínio Marcos vai se manifestar nas páginas de uma revista e de um jornal de grande circulação no período pós-1975. A considerar a data, a ditadura militar ainda existiria formalmente mais uma década de vida. Talvez não seja possível precisar um motivo que explique o comportamento que o cronista vai adotar ou projetar neste período na comparação com a de um tempo precedente. Mas dá para dizer que o dramaturgo-cronista parece mais cáustico ou irônico em sua passagem pelo jornal *Folha de S. Paulo*⁷⁰ de

⁷⁰ Fundada por um grupo de jornalistas liderado por Olival Costa e Pedro Cunha em 19 de fevereiro de 1921, a *Folha* foi criada em oposição ao principal jornal da cidade, *O Estado de S. Paulo*, que representava as elites rurais e assumia uma posição mais conservadora, tradicional e rígida. Identificado pelo "jornal dos trabalhadores urbanos" da capital paulista, a *Folha de S. Paulo* chegou a ter sob o seu selo *Folha da Manhã*, *Folha da Tarde* e a *Folha da Noite*. A empresa foi adquirida em 13 de agosto de 1962 pelos empresários Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho. No ano de 1977, ano em que Plínio Marcos colaborou com o jornal por um período de um pouco mais de seis meses, o editor do veículo era Boris Casoy.

1977 ou podemos considerar que desde a sua experiência pela revista *Veja* entre outubro de 1975 a março de 1976, Plínio Marcos seria mais incisivo e aberto às polêmicas. Dá para dizer ainda, fazendo um paralelo da produção pliniana de 1970-1972 nos jornais *Última Hora de SP* e *Diário da Noite de SP* com a deste momento, que o discurso pliniano passa a operar predominantemente na esfera do comentário e da nomeação de casos. Como aquele em que se formula uma crítica direta e aberta à censura ou ao regime autoritário vigente, contesta a sociedade de consumo pela amostra dos meios de comunicação e usando fragmentos do contexto destas duas realidades simbólicas em uma condição mesma. Em outras palavras, o cronista promove um discurso que agrega fragmentos de intervenção política e de crítica ao consumo de cultura importada como duas faces de uma mesma moeda. Uma síntese crítica percebida em um trecho de “Censura, violência, e a falsa realidade”⁷¹, reproduzido abaixo:

Os dois simpáticos ratinhos pegam um gatão bobo que dorme no tapete da madame, dão-lhe uma martelada na cabeça pra deixá-lo mais bobo ainda, arrastam o gatão pelo rabo até um liquidificador, enfiam o bichano zozinho lá dentro e ligam o eletrodoméstico no ponto máximo. O gatão bobo sai de lá totalmente zoeira e despelado. Dá dois passos e cai de perna aberta. Aí, os simpáticos ratinhos pegam uma dinamite e hum... atocham na orelha do gato, deixando só o pavio de fora, no qual tocam fogo. E voa gato por todo lado. Esse é um lance típico de desenho animado importado, que a Censura Federal deixa passar na televisão em horário dedicado às crianças. A mesma censura, no entanto, se mostra extremamente zelosa ao mutilar novelas. Proíbe que um cidadão desquitado namore uma desquitada, proíbe que uma personagem perca um filho e proíbe tudo isso, enquanto no país se discute acaloradamente o divórcio e o controle de natalidade. O que, sem dúvida, nos leva a estranhar os critérios de Censura. Ela permite que os paladinos do oeste americano do norte, em qualquer horário, com revólveres de mil e um tiros, massacrem os índios peles-vermelhas. Porém (e sempre tem um porém), recentemente proibiu um filme-reportagem sobre os índios brasileiros. Naturalmente, porque o índio brasileiro aparecia na fita todo molambento, como é a realidade atual dessa raça. (Idem, 1977)

Outro caso expõe Plínio Marcos em uma posição irônica e em tom de polemista de plantão. Como, aliás, vai ocorrer em toda a sua breve passagem pela revista *Veja*. Na primeira produção de 1976, por exemplo, é possível perceber uma faceta de comentarista crítico a ganhar um relevo. No caso, na dissertação de dezenove tópicos de uma crônica a respeito do futebol brasileiro. Assim começa o cronista o texto “As previsões para o novo ano”⁷²:

71 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 169.

72 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 23.

1 Eu não sou nenhum profeta, nenhum adivinho, nem coisa nenhuma. Não leio cartas de baralho, não tenho bola de cristal, não jogo búzios, nem tal e coisa, nem coisa e louza [sic]. Porém (e sempre tem um porém), analisando nosso passado esportivo, passado recente, porque não sou chegado a almanaque, botando na balança nosso presente esportivo, sem muito esforço antevejo o nosso futuro esportivo. E, como não sou de fazer cerimônia, dou as dicas que servirão de bússola para o povão se guiar nesse ano da graça de 1976. (Idem, 1976)

As dicas ou ironias serão dirigidas a dirigentes de futebol, torcedores, clubes, Justiça Esportiva, Confederação Brasileira de Desportos (hoje Confederação Brasileira de Futebol), juízes e até a Loteria Esportiva recebe a sua crítica social. Após um início, vejamos a terceira e quarta dicas, transcritas em sequência:

3 – O senhor Vicente Matheus, presidente do Corinthians, virá a público na primeira oportunidade e, com afetada modéstia, dirá: “Esse ano é nosso”. Isso encherá de entusiasmo a boa gente corintiana até o mês de novembro, quando eles enfim conseguirão ver que foi mais um ano sem título. Aí vão começar a chiar. Mas o senhor Vicente Matheus, então, virá a público pra dizer que seu clube não tem dívidas e que vai construir um estádio igualzinho ao Estádio Azteca.

4 – De repente, às vésperas de um clássico qualquer, o Estádio do Pacaembu entrará em reformas e o jogo terá que ser realizado no Morumbi. Nenhum cartola mencionará esse título mundial pertencente ao Pacaembu: o estádio mais reformado do planeta em todos os tempos. (Idem)

As duas crônicas acima expostas em apresentação vão compor um conjunto de textos de Plínio Marcos cronista em um terceiro tópico deste capítulo de análise. Lembrando que em um primeiro momento, analisamos os dois primeiros anos da cronística do autor, em que verificamos a produção textual de 1968 e 1969 como anos de formação de um cronista profissional, para, em um segundo momento, nos debruçarmos sobre os anos de 1970, 1971 e parte de 1972, marcado como um período em que perfis e representações sobre a pobreza no país ganham relevo simbólico pela projeção de criações e recriações de cotidiano alinhadas às chamadas histórias contadas das quebradas do mundaréu. Já uma leitura crítica de um terceiro momento da crônica pliniana do período da ditadura militar, que aqui começamos a analisar, se ocupará de duas passagens representativas do autor pela chamada grande imprensa: revista *Veja* e jornal *Folha de S. Paulo*. Como já assinalamos em dado trecho desta tese e que é sabido pela crítica especializada, após atuar como cronista profissional pela *Folha de S. Paulo*, Plínio Marcos terá o

seu espaço de cronista tolhido ou diminuído, aparecendo a partir do final de 1977 somente em veículos de pouca circulação ou de alcance segmentado.

A leitura crítica das crônicas plinianas que se seguem, a partir daqui, vão se ocupar exclusivamente de textos publicados na *Folha de S. Paulo*, em que destacamos “A volta de Plínio Marcos”⁷³, de 6 de fevereiro de 1977. A volta à condição de cronista, diga-se, depois de “um longo tempo”. A considerar aqui, o primeiro texto de Plínio Marcos como cronista no jornal *Folha de S. Paulo* serve para que ele, além de uma autoapresentação, faça um registro de reconhecimento a Mino Carta, ex-diretor *Veja*, revista onde o cronista de um tempo mau ficou por pouco tempo. A propósito, a sua passagem pela revista da editora Abril foi conturbada. O tema vem à tona no começo da crônica em análise:

Eis-me de novo escancarando as minhas mal-traçadas linhas na imprensa nacional. Estou de volta sem mágoas e sem rancores. Não voltei pra cobrar agravos e menos ainda pra afrontar alguém. Estou aqui apenas com as mesmas finalidades de sempre: defender o feijão com tranqueira e defender pontos de vista. Se conseguir inquietar meus leitores, melhor ainda. Voltei depois de longo tempo afastado do jornalismo por motivo de força maior, aliás, de força muito maior. Fiquei de fora em tremenda dureza. Foi um tempo difícil, que só não foi mais difícil porque tive bons amigos que me garantiram o taco e pagaram pra ver, como, por exemplo, foi o caso desse grande jornalista e belíssima figura humana que é o Mino Carta, que se arriscou a me levar pra revista *Veja*, depois de três meses em que eu estava desempregado. Fiquei lá um tempo. Fui despedido e não foi ele, Mino Carta, diretor da revista, que me despediu. Então, ele saiu junto. Teve entra-sai e sai-entra. Mas, a verdade é que ele largou um empregão em termos de grana por ser um jornalista íntegro, que não aceita interferência na sua redação. Saiu, foi dar duro, formar a sua própria revista, Isto É, que sem dúvida já pegou. (Idem, 1977)

E o relato continua. Plínio Marcos diz que, em vez de atuar na então nova revista de Mino Carta, optou por outra saída, após ser demitido da *Veja*. O cronista relembra o episódio, que reproduzido na sua volta à imprensa, soa como algo que o marcou pessoalmente:

Saí pra outra. Fui brincar de ser ator. Fui chamado pra fazer um papel de São Francisco de Assis, no Canal 2, Tevé Cultura. Gravei uma parte, me pagaram e me mandaram embora, alegando que eram ordens superiores. Aí, a barra pesou mesmo. Ninguém me dava emprego em televisão. Falavam que os homens não deixavam. Que havia ordens pra não me darem emprego. O Carlos Alberto de Nóbrega, esta criatura santa, escutou isso e, como toda pessoa justa, ficou indignado. Foi tirar satisfação com um general amigo dele. Era tudo mentira. Não havia ordem nenhuma. As pessoas não me davam emprego na televisão porque não queriam. Ele,

73 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 29.

Carlos Alberto, me deu um cachê. Ótimo cachê, só pra provar que podia. E daria outros, se não tivessem feito tudo pra ele se cansar e pedir demissão. Silvio Santos também toda hora me chamava pra participar de seu programa e faturar um cachê. E lá podia. Os outros, os bons meninos, é que não queriam que eu entrasse pra televisão. Paciência. (Idem)

A crônica, como se pode perceber, serve como uma oportunidade de desabafo para o cronista de um tempo mau, que, nas linhas que se seguem, vai contar que recebeu solidariedade de muitos amigos, que teve ou foi ganhar a vida fazendo palestras e conferências para estudantes em universidades, além de vender livros em bares, fazer shows em boates, fazendo “das tripas coração pra não piorar o gordurame das crianças lá em casa”. E aconteceu mais, o que já diz respeito ao derradeiro parágrafo da crônica:

Me chamaram pra fazer uma novela. O Rildo Gonçalves, o autor Marcos Rey, o diretor Antoninho Matos prometeram que ia ser tudo na base do diálogo. O nosso trabalho discutido, pensado, caprichado. Entrei. Não era nada disso, tudo na base do afogadilho, do vamos nós, quem pensa e discute é criador de caso, quem dirige tem que fazer dar ibope, se não cai do posto, não existem condições de trabalho. Sacrificam pessoas sem a mínima cerimônia. A mínima reivindicação de direitos soa como uma violenta agressão. Saí da novela. E já saí tarde. Eu e outros. Enquanto isso, o artista americano morto continua trabalhando mais que o artista brasileiro vivo, na televisão a cores. Mas, eu, estou fortalecido. Não tenho medo de desemprego. Não vou ter que engolir sapo. Já estava pensando em sair por aí outra vez vendendo livro, quando o Tarso me chamou pra defender o meu aqui nas Folhas. E aqui estou. Plínio Kid em carne e osso. Mandando ver. Os peles vermelhas podem trocar bala com os caras pálidas, que nem me afobo. Conheço o enredo e só vou morrer no fim da fita. (Idem)

Dentro de um espaço de redação novamente, analisemos o cronista de um tempo mau enredado pela temática do próprio contexto, em que um regime ditatorial completaria 13 anos de vigência quase dois meses depois desta sua reestreia em expediente de jornal. Uma oportunidade que nos permite notar um cronista ainda interessado em casos recorrentes de seus primeiros anos de cronista de jornal, quando os assuntos destacados de suas crônicas contemplavam ora mais ou ora menos o futebol, a música popular brasileira (em especial, o samba), o carnaval, as artes de modo geral e, naturalmente, a política, os direitos humanos, a defesa das liberdades individuais e a contestação à ditadura militar. Com o registro considerado de certo pessimismo e falta de perspectiva social de muitas pessoas, entre elas, sábios, doutores, sacerdotes, políticos em um contexto em que “crescem assombrosamente os índices de inflação e de desemprego”.

Uma crítica social de época formulada por Plínio Marcos e dirigida a defensores de um então debate acerca do divórcio no país, que o cronista contesta e classifica no título da crônica “O escapismo da discussão sobre o divórcio”⁷⁴. Um escapismo a que o cronista vai atribuir, conforme a leitura que tomamos de “Os escapistas brigam enquanto a censura continua”⁷⁵. “Por essas e outras”, destaca a mensagem pliniana, “por mais que esse tipo de gente se diga humanista e tal e coisa e coisa e lousa, quando a situação é de crise, o intelectual corre da raia, encontrando mil e uma formas pra escapar da realidade. Quando podem, se detém em longas, penosas e inúteis discussões estéticas.” Um escapismo a que o cronista vai tentar se desvincular, conforme registro do terceiro episódio⁷⁶ da série “Respondendo a um questionário”. No caso, o autor dará uma resposta à sua recepção leitora ou pública ou se auto concederá uma resposta ao dizer, de alguma maneira, por que ele escreve ou por que ele tanto escreve sobre futebol e samba. Segue-se um trecho de crônica:

– Você fala muito de futebol e de samba nas suas crônicas e nos seus contos. Seria uma forma de escapismo?
– Muito pelo contrário. Falo de coisas que fazem parte da realidade brasileira e são assuntos do dia a dia do nosso povo. Se eu ignorasse as manifestações esportivas e culturais do povo, jamais iria poder falar de igual para igual com o homem do povo. Existe futebol e existe samba. Eu estou no meio, participando, discutindo, sem impor nada, escutando e falando, ouvindo, abrindo espaço, me ampliando. Através do futebol e do samba, eu convivo com o povão e não apenas vou visitá-lo como assistente social. Participando, estando na roda do samba, fica claro que eu não sou o mais sabido e não me destaco, de forma que isso serve pra desmistificar a imagem de vencedor que o povão tem de nós, que conseguimos algum destaque artístico, político ou social. A convivência, a participação, desmistifica e acaba com o falso respeito ditado pela hierarquia econômica de projeção, ou sei lá o quê. E então, é que se pode ser amigo. Amigo de verdade. Sem os jogos sociais. (Idem)

Além de futebol e de samba, veremos que Plínio Marcos também vai “falar muito” de sua condição de intelectual e do contexto que a cerca, reproduzindo uma expressão do trecho acima. Para tanto, vamos notar um cronista em constante confronto com seus pares. Na série “As meninas estudantes e seus gravadores”, que compreende um conjunto numerado de quatro episódios, o texto menciona um questionário recorrente de estudantes de jornalismo – pelo que se pode perceber – com gravadores em situação de entrevistas com artistas de televisão. O cronista de

74 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 124.

75 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 275.

76 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 184.

um tempo mau, que já atuou em telenovelas, retrata a ação das tais meninas estudantes numa relação direta com a temática política da época. Vejamos como ele se expressa em trecho do terceiro episódio⁷⁷:

Ontem, eu estava contando que ator de televisão treme nas bases ao escutar menininha estudante com seu gravador fazer pergunta dessa ordem:

– O que o senhor acha do fechamento do Congresso!

Porém (e sempre tem um porém), é preciso que se diga que o ator de modo geral treme só de ver as meninas estudantes com seus gravadores. Não precisa nem elas fazerem perguntas consideradas embaraçosas. Mas, a bem da verdade, ator da Globo treme mais do que ator da Tupi diante das meninas estudantes com seus gravadores. Isso porque ator da Globo mexe e vira sai na capa da revista Amiga e ator da Tupi não sai nunca, o que faz com que ele se sinta um fracasso e mais predisposto a fazer média com o telespectador. Já os artistas dos outros canais não são encontrados pelas meninas estudantes com seus gravadores, porque eles moram nos Estados Unidos. (Idem)

Neste episódio, o que se verá é que vai sobrar crítica do cronista a seus companheiros das artes. Plínio Marcos acrescenta que ao escutarem perguntas incômodas sobre Congresso, por exemplo, vindas de meninas estudantes com seus gravadores, muitos atores de telenovelas “tossem, tosem, engasgam, bufam e se acanham”. Na passagem em que se segue, veremos o reforço de uma franca ironia do cronista de um tempo mau em relação aos atores das duas então maiores emissoras de televisão do país e, ao mesmo tempo, teremos a reprodução de uma das mais contundentes frases críticas de Plínio Marcos, que aqui fazemos questão de antecipar: “O intelectual de país subdesenvolvido de modo geral é sempre um marginal de classe média querendo ganhar ‘status’ através da arte e da cultura”. Vejamos na íntegra o trecho de crônica citado:

Não existem diferenças fundamentais entre o ator de um ou de outro canal de televisão. Ou o ator está na Globo, ou na Tupi, ou está desempregado. E ele varia seu comportamento conforme a situação. Se está na Globo, sente-se um sucesso; se está na Tupi, um fracasso e se está desempregado, nem se sente. Por isso, até se entende[,] que um ator de televisão, vivendo constrangido pelo mercado de trabalho amesquinhado pela importação de cultura de consumo, não tome posição. O ator, o intelectual de país subdesenvolvido de modo geral é sempre um marginal de classe média querendo ganhar “status” através da arte e da cultura. E assim sendo, por mais que ele se diga humanista e progressista, nos momentos de crise ele sempre se revela o que na verdade é: um individualista, não tomando posição e não se envolvendo em nada que o faça correr riscos. Só por isso o ator não se queixa de trabalhar dezoito horas por dia, quando a lei manda que ele trabalhe apenas seis. Também não reclama de assinar contrato

⁷⁷ Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 107

pela duração do seu personagem na novela (o que equivale a assinar o trato e o distrato juntos). E ao assinar esse contrato, o ator já fica sabendo que, se reclamar do calor de quarenta graus no estúdio sem ventilação, da falta de mictórios, do atraso de salário (às vezes mais de dois meses), ou se simplesmente quiser cuidar dos aspectos culturais da sua profissão, o seu personagem vai morrer na novela e ele, ator, vai ficar desempregado. Não, o ator não reclama de nada. Nem no seu campo específico. E não é ele que vai responder pras menininhas estudantes com seus gravadores essas perguntas:

- O que você acha do fechamento do Congresso?
- O que o senhor acha dos direitos humanos?
- A censura prejudica as artes?
- O senhor é a favor ou contra a eleição direta?
- O que é reforma do Judiciário?
- O senhor é a favor do Acordo Nuclear?
- O senhor é a favor ou contra os farofeiros que fazem piquenique em Santos?
- O problema do índio tem solução?
- E o problema do menor abandonado?
- Existe Esquadrão da Morte no Brasil?
- É verdade que o preço do chuchu é que provoca a inflação?

Não é tempo de cobrar dignidade pessoal de ninguém. Nem é isso que pretendo fazer aqui. Eu acho que, se um sujeito se omite de participar da vida, ele já está condenado a si próprio. O que quero tentar botar na balança é: quem vai responder às perguntas dos que vêm depois de nós. (Idem)

De algum modo, ao criticar a intelectualidade de seu tempo, Plínio Marcos vai tratar de uma reflexão contestadora sobre o próprio contexto. Analisamos esta síntese nos textos acima citados e podemos verificar nos cinco episódios da série crítica “Respondendo a um questionário”. Ao terceiro episódio, citado há pouco, agregamos o primeiro e o segundo episódios desta série mencionada. Em “Respondendo a um questionário” de número um⁷⁸, é bom que se destaque, o autor transcreve perguntas e respostas que ele diz proferir em palestras e conferências por universidades e espaços de discussão do país. Como em outras crônicas, nesta série nominada, vemos um cronista tratando sem receio aparente das questões consideradas mais urgentes da realidade social brasileira. As perguntas e respostas, formuladas numa estrutura de monólogo ou sem a nomeação direta de um perguntador, tratam dos principais temas que já vem sendo discutidos em textos plinianos ao longo do período da ditadura militar. Entre os quais, as críticas à subvenção governamental de produções culturais, à Censura, à falta de comprometimento (de parte) da classe intelectual e aos meios de comunicação comerciais. Por exemplo, nesta crônica em análise, podemos destacar o seu início.

78 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 180

“O que é teatro popular?”, o cronista transcreve a pergunta que em última instância é de um questionador genérico. Em linhas abaixo, o próprio cronista responde:

– Aquele que dá certo. Não adianta as pessoas saírem por aí dizendo que seu espetáculo é para o povo, se ele é ruim, se ele é hermético, se ele é elitista. Espetáculos nessa base não adianta apresentar nos bairros, subúrbios e favelas, porque o povão vai estranhar, vaiar e até atirar pedra. O povão não gosta do que não entende. Só o intelectualóide de país subdesenvolvido gosta do que não entende. (Idem)

Na parte final da crônica, o autor se concentra em discutir o uso da subvenção governamental nas produções artísticas. Plínio Marcos interpreta a subvenção como um “malefício”. A visão pliniana a respeito é de que todo homem necessita de um trabalho para viver, sem perder a dignidade e sem que moradia, comida, estudo, lazer e assistência médica sejam dadas paternalmente pelo governo. “Ele [o artista] tem que ter condições de adquirir com o fruto do seu trabalho. O paternalismo governamental fede a esmola e a esmola desfibra quem se vê constrangido a recebê-la”, escreve o cronista para em seguida dizer:

A arte subvencionada está no mesmo caso, é dependente, lacaia, não revoluciona, não faz projeções pro futuro, não dá respostas, não aponta caminhos, enfim, não inquieta. A arte, a cultura, a educação oficializada, paternalizadora, tendem a ser uniformizadas e nada pode ser mais triste do que isso. (Idem)

Um trecho que se segue, resume bem, a nosso ver, a “tese” defendida pelo cronista de um tempo mau:

– Mas a maioria dos artistas com quem falo me dizem que não poderiam fazer suas artes se não fossem subvencionadas.
– E se falam é porque deve ser verdade. Mas é lamentável. Se essas artes respondessem às necessidades culturais do povo, elas provavelmente se bastariam pra se manter por si. Talvez o artista não levasse vida de nababo, mas viveria decentemente. E pra que mais? O artista deveria é lutar pela liberdade de expressão e não pelas subvenções. Só com liberdade de expressão o artista pode cumprir com grandeza a sua missão e servir de bússola, farol de luz para o seu povo. Senão for assim, seremos todos transformados em bobos da corte, polichinelos da burguesia, vendedores dos produtos de consumo. A arte, no meu entendimento, só tem sentido quando é uma tribuna livre onde se possam discutir até as últimas consequências os problemas do homem. (Idem)

O cronista, no entanto, reconhece que a independência financeira ou econômica de um artista é algo complexo, sobretudo em um país sob regime

autoritário como o Brasil. Ele admite a tal complexidade de forma textual, mas lança o seguinte argumento:

O governo autoritário não aceita diálogo, teme a inteligência e tudo o mais que advém da inteligência viva. Por isso, eu luto pela democracia. Mas, mesmo num regime democrata, é duro pro artista conseguir sua independência, mas não é impossível. Se fosse fácil, haveria uma multidão na parada, não é? É preciso renúncia. É necessário sacudir fora o egoísmo que nós todos temos em dose elevada e aplicar o talento como o sacerdote se aplica nas causas da sua fé. (Idem)

Na segunda crônica⁷⁹ da série “Respondendo a um questionário”, o autor registra em números as suas experiências acerca do debate sobre a realidade social brasileira: “Eu, no ano passado [1976], fiz quarenta palestras e debates em faculdades e sindicatos. Esse ano, já fiz umas vinte e já tenho outras tantas marcadas”, o cronista registra, para a seguir comentar: “Tenho selecionado as perguntas mais constantes em todos os cantos do Brasil e algumas delas vou respondendo através dessa coluna, continuando o que comecei ontem.” Uma das perguntas selecionadas é a primeira destacada na crônica e que lhe diz respeito de um modo direto: “– A Censura prejudica muito o teatro?”. Plínio Marcos responde: “– Não só o teatro, como toda a cultura. A Censura é responsável pelo obscurantismo nesses tristes tempos em que vivemos em nossa pátria. Ela também é um braço do colonialismo cultural.” Outras duas perguntas (com as respectivas respostas), destacamos abaixo:

- Um artista, para fazer boa arte, necessita de liberdade de expressão?
 - Total, absoluta. A liberdade de expressão é a matéria-prima de todo artista. Aliás, não é só o artista que necessita de liberdade de expressão. O homem necessita de liberdade de expressão. Eu não vejo como preservarmos os direitos humanos plenamente, sem liberdade de expressão.
 - Mas alguns artistas dizem que em tempos de censura rígida, o artista é obrigado a ser mais sutil, abrir portas que nem sonhava e que isso o ajuda a se ampliar. O que você acha disso?
 - Não reconheço nenhum mérito em censura. O artista verdadeiro não se acomoda nunca. Menos ainda quando tem liberdade de expressão, ou seja, quando ele, sem temor algum, pode mergulhar até as profundezas dos problemas do homem, sejam eles sociais, políticos, psíquicos, sexuais ou de qualquer outro tipo.
- A censura, quando muito, leva o artista a novas concepções estéticas, aos vanguardismos desvinculados do povo, ao hermetismo, que quase sempre resulta numa ação entre amigos, de grupos intelectualóides, que se aproveitam desse tipo de arte pra escapar da realidade em penosas discussões sobre o formalismo. (Idem)

79 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 182

Como é possível perceber no conjunto dos textos plinianos e aqui fazemos questão de analisar, samba, futebol, assim como outros temas relacionados à realidade brasileira serão tratados pelo cronista de um tempo mau, seja em tom insatisfação, polêmico ou de contestação política. Por vezes quem sabe com uma dada mescla destas três variações de comportamento. Um raciocínio que se aplica à crônica “Onde está o carnaval para o povo?”⁸⁰, publicada em 23 de fevereiro, em que vemos um registro negativo do carnaval da cidade de São Paulo no ano de 1977. O modo incisivo como o cronista trata de chamar criticamente a atenção de um assunto que, diga-se de passagem, lhe é caro desde as suas primeiras publicações em jornais. No caso, vemos uma denúncia dita de modo direto e franco:

Um baile com o toca-fitas no Anhembi pra 60 mil pessoas. Desfile de escolas de samba e blocos na avenida Tiradentes. E desfile dos mesmos blocos nos bairros, sem hora marcada, começa quando o bloco chega. Esse é o Carnaval oficial da Prefeitura de São Paulo. Pra essa pouca coisa ser realizada, foi gasta uma fortuna. Mas, mesmo realizando tão pouca coisa com tanto dinheiro, a Secretaria de Turismo não foi capaz de organizar nada direito e tudo fica bagunçado, difícil e naturalmente o povo é que se dana. O povo de São Paulo, que não tem lazer, também fica sem poder se divertir no Carnaval. Porque, a bem da verdade, ninguém, mas ninguém mesmo, pode se divertir num baile onde 60 mil pessoas descarregam suas tensões ao som estridente de um toca-fitas. Ninguém pode se divertir ficando empilhado em precárias arquibancadas por doze, quinze horas, sem poder se mexer, sem poder fazer xixi, sem poder nada e ainda ameaçado por policiais e temendo que a qualquer momento as arquibancadas desabem. Ninguém pode se divertir tentando entrar na avenida pra ver um desfile sem não encontrar lugar. Ninguém pode se divertir ficando horas e horas no seu bairro escutando bocas de lata estridentes, poluidoras sonoras, anunciando escolas e blocos que não chegam nunca. Não, esses negócios que a Prefeitura dá para o povo não é diversão, não é lazer. (Idem)

Pode-se dizer por uma dada leitura, que o cronista de um tempo mau vai ao ponto. Contesta a organização e não alivia para as escolas de samba que ele considera em condições duvidosas ou sem condições de desfile, como ele acaba sugerindo. E critica como alguém que viu de perto a realização dos desfiles. Sobraria indiretamente para o então prefeito no primeiro parágrafo da crônica e vão sobrar críticas nas linhas que se seguem para secretário e governador da época:

Tudo isso, o secretário de Turismo e Fomento finge não ver e, provavelmente, acha que é invenção da imprensa. Seus auxiliares estão proibidos de dar entrevistas e ele próprio se recusa a dar entrevistas pra repórteres e comentaristas que lhe fazem perguntas embaraçosas. A

80 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 44.

pergunta que o embaraça mais é porque as autoridades políticas do seu partido, a Arena, não o estão prestigiando. O único que esteve lá foi o governador Paulo Egídio, assim mesmo de passagem. O secretário sabe que político vai nesses pagodes populares em ano de eleição. E aqui pra nós, político, mesmo demagogo, deve ficar constrangido diante de tanta desorganização. E aí, já viu. Enquanto o povo se empilha a três de alto, com gente se agarrando pelos picos pra não espirrar pelo ladrão, o palancão oficial fica vazio. (Idem)

O modo de dizer adotado pelo cronista ou a forma como uma dada sociedade se apresenta aos seus olhos pode nos servir de reflexão. De alguma maneira, o discurso da crônica tenta captar uma percepção de um cotidiano presente. No caso, vai captar uma atmosfera de endurecimento e cansaço de um regime autoritário que nem mesmo as festas de carnaval parecem amenizar, sobretudo se levarmos em conta o próprio humor adotado por Plínio Marcos ao tratar do assunto. O humor do cronista será, de algum modo, o humor que ele próprio vai captar da realidade e transportá-la para seus textos. Em dois deles, que se seguem na análise, e publicados de modo sequencial, veremos a figura do cronista de um tempo mau em ação. Em “Por que sumiu o bom humor do povo brasileiro?”⁸¹, o autor registra o testemunho de que o brasileiro anda ou está sem bom humor. Procura analisar a ausência de riso na realidade social brasileira ou procura pensar e entender o que explicaria tal situação, recordando o sucesso que o teatro de revista, “também conhecido por teatro rebolado, sempre fez sucesso no Brasil por causa das sátiras políticas, das anedotas sobre os governantes, pelos comentários sobre fatos do momento”. O cronista prossegue com um relato de memória:

Muita música satírica foi lançada no teatro de revista. Houve uma vez em que o genial Oscarito, que fazia uma imitação perfeita do Presidente Dutra, recebeu um pedido de um dos secretários do Governo pra manejar, que a imitação estava muito perfeita. O Oscarito recebeu pedido. Não foi proibido e não atendeu ao pedido. Continuou com suas imitações e o Presidente Dutra não ficou menor por causa disso. Mas, depois começaram a proibir as anedotas, as sátiras, as caricaturas e o resultado é que o teatro rebolado começou a viver de mulher nua, mas mulher de tanga tem na praia e ninguém vai pagar entrada pra ver mulher nua no teatro. Então, o teatro apelou pra androginia e outras aberrações que fazem o regalo de gente frustrada, retancada [sic] e doente. Sem liberdade, o teatro rebolado ficou sério, doente e, se os artistas do povo ficaram sérios, doentes, o povo ficou sério, doente e sem humor. (Idem)

A moral da história, se é que podemos assim expressar, é que o brasileiro perdeu o humor porque, segundo Plínio Marcos, está sem liberdade de expressão.

81 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 77.

O tema do dia anterior prossegue na crônica do dia seguinte, mais precisamente no título “Falta humor ou apenas sobra medo”⁸². Para o autor, já não se ria mais naquela altura de 1977, “ou melhor, não se vê mais aquele sorriso inteligente, manifestação de espírito, aquele riso que minimizava as crises, respondia agravos e até humanizava tiranos. Já não se canta o dia a dia”. Apontando uma espécie de saída para o problema, Plínio Marcos cronista expõe um retrato paralelo de sua época com a de um período precedente:

O compositor, poeta popular mais legítimo, por desencanto, por medo ou por falta de humor do homem comum, já não reporta nas suas toadas, sambas, marchas ou baiões a real situação. Os governantes já não têm seus nomes no anedotário do povo ou nos seus versos. Esse carinho os governantes não têm. E deveriam se lamentar por isso, porque triste, muito triste será um governante brasileiro que não tiver um monte de piadas sobre si. Todos tiveram, sempre tiveram. Os grandes políticos, os grandes artistas, os grandes jogadores de futebol sempre recebiam a consagração de serem personagens no anedotário popular. A Ruth Escobar uma vez ficou toda prosa ao escutar uma anedota sobre ela e me disse: “Agora tenho certeza de que o meu trabalho é importante. Eu já sou até piada”. Mas ela é uma mulher inteligente. Como inteligente era o Juscelino, que mandou liberar correndo a música do Juca Chaves “Vai voando, Nonô”, que inadvertidamente haviam proibido. Com isso, ele ficou amigo do artista e ganhou as simpatias gerais. Mas, não foi ele o primeiro a ser cantado. Seu Mé, o Sorriso do Baixinho e tantas e tantas outras das quais agora não me lembro se referiam aos governantes. (Idem)

A propósito do humor de época, as crônicas plinianas deste período do jornal *Folha de S. Paulo* serão representativas da caracterização de um cronista de um tempo mau. Talvez não seja exagero de nossa parte dizer que Plínio Marcos atinge o ápice da figura do cronista polêmico neste estágio profissional. As polêmicas, aliás, podem ser facilmente apontadas neste correspondente último tópico de capítulo de pesquisa, independentemente de um tema específico. E quando não há polêmicas propriamente ditas, que pediria a exposição de duas partes discordantes e em debate, veremos um cronista destacadamente crítico ou contestador de uma realidade social, econômica e política. Em sua mira periódica: políticos, intelectuais e até leitores anônimos de jornal. Em geral, os pontos de vistas plinianos estarão alinhados a uma visão dita não oficial da história, como ocorre na crônica “No dia do nosso índio, o garoto da terra de Marlboro matou todos seus coleguinhas peles-vermelhas”⁸³. Publicado dois dias após a data comemorativa do índio, o texto cita uma crítica à sociedade de consumo e à cultura brasileira. Vê-se, na mensagem, um

82 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 78.

83 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 120.

olhar crítico sobre a figura do indígena e sobre a forma como ela é representada socialmente ou como ela seria reproduzida em escolas do país. Analisemos o que escreve o cronista, já nas primeiras palavras de sua crônica:

No Dia do Índio, inventado pelo branco, eles não pararam suas intensas atividades. Continuaram vendendo arco e flecha pros caras-pálidas nas feiras livres. Um cacique aproveitou o auê-auê pra aparecer na televisão esmolando em nome da tribo, que já está com medo do frio e quer a sua parte de apito em cobertor e pulôver. Já o pajé não foi encontrado o dia todo, porque foi encarar fila do INPS às cinco da matina e ainda não tinha voltado às dezessete horas. Porém (e sempre tem um porém), nem por isso o Dia do Índio foi esquecido nas escolas das criancinhas caras-pálidas. As professoras mais zelosas fantasiaram seus aluninhos de índio apache, com cara vermelha e roupa de pele de búfalo do oeste americano. Uma beleza! Tudinho igual aos filmes que elas veem na televisão brasileira. Em algumas escolas, as crianças até receberam, só pra maior brilho da festa, nomes indígenas como Touro-Sentado, Flecha-Flecha-Ligeira, Chefe Grande-Trovão, Coiote-Louco. A única que recebeu nome de coisa brasileira foi uma menininha chata, que apelidaram de Nuvem Passageira. No recreio, as criancinhas, que estão sendo preparadas para ser o futuro da pátria, foram brincar de índio e, por influência do que veem na televisão, o único garoto que ficou com chapéu de homem do cigarro Marlboro matou todos. Mas, teve aluninho que, ao morrer, rolou pelo chão com uma categoria de fazer inveja pra figurante de cinema americano. (Idem)

Tomada a partir de um contexto de leitura, a citada representação do indígena na história e em um cotidiano dado serve para realçar uma crítica social de um sistema marcado por traços de colonialismo cultural. De alguma maneira, Plínio Marcos destaca um discurso contestador a um estado de coisas. A forma como o discurso do cronista se desenvolve na sequência e como a crônica é encerrada merece a transcrição aqui destacada, sobretudo pela clareza de sentido transmitida:

Numa escola mais séria pouca coisa, houve uma ligeira homenagem ao Padre Anchieta, o grande catequizador. E olhando pela ótica dos cidadãos contribuintes, o Padre Anchieta merece muito mais. Ele, além de ter contribuído violentamente para a desvinculação do índio da sua cultura, o que sem dúvida o deixava desarmado (da mesma forma que a importação de cultura de consumo faz com o povo brasileiro), ainda era tuberculoso e, como se sabe que até gripe mata índio, cada vez que o Padre Anchieta espirrava, meia tribo desencarnava. O que poupava trabalho e economizava munição dos bravos bandeirantes.

Mas, deixa isso tudo de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que a única referência que vi e que representa a realidade do índio-brasileiro foi o Jornal Nacional da Globo. Eles mostraram o Orlando Villas Boas visitando uma tribo de índio que está morando perto de São Paulo, nas terras de um japonês. Foi de entortar o patuá. O repórter perguntava pro índio:

– O dono da terra é um japonês?

E o índio confirmava com a cabeça. E aí o repórter perguntava:

– O japonês é bom?

O índio, que não sabe mentir, dizia:

– Si, sinhorô. Zaponero bom. Mas tem zaponero ronho. Zaponero bom e zaponero ronho.

O japonês é tão bom, que a tribo brasileira no Brasil mora nas terras do japonês e já está falando com sotaque de quitandeiro.

E pra finalizar esse relato das comemorações do Dia do índio, registrado por mim e pelos meus pontas de lança especializados no assunto, em todas as quebradas do mundaréu houve poucos terreiros de umbanda, quibanda e outras macumbas que bateram atabaques chamando seus caboclos pra girar do seu dia. (Idem)

Um pouco mais de duas semanas depois de publicar a crônica “No dia do nosso índio, o garoto da terra de Marlboro matou todos seus coleguinhos peles-vermelhas” e de não economizar na ironia e sofisticação desta crítica cultural a respeito de um símbolo da cultura nacional, Plínio Marcos volta ao assunto ao publicar “A (semanal e rotineira) resposta à freguesia”⁸⁴ e responder no interior desta crônica uma carta da leitora Vera Braga Franco Giacomini, da cidade de Lençóis Paulista, que resgata o tema. A seguir, a transcrição do trecho de carta enviada pela leitora, seguida de uma primeira parte da resposta do cronista:

Professora Vera Braga Franco Giacomini (Rua José do Patrocínio, 878, Lençóis Paulista) – “Porém (e sempre há um porém), desaprovo-lhe veementemente as insinuações injuriosas às professoras e a Anchieta.”

Cara fessora Dona Vera, se eu disse que as fessoras estão com nada nesse negócio de índio é porque sei o que digo. Não escrevi de alegre. Minha filhota chegou em casa pintada de índia apache. Foi isso que despertou minha curiosidade. Fui conferir e falei com vários pais que também tiveram seus filhotes pintados no melhor estilo de índio de fita faroeste norte-americano. Na minha crônica, caríssima fessora, não me referi ao seu colégio e menos ainda a Lençóis Paulista. Mas, já que a senhora se apresentou, quero lhe dizer com todo o respeito, que a senhora em matéria de índio, também está por fora, a julgar pelos desenhos de índios que seus alunos fizeram e que a senhora gentilmente nos enviou. Aquele tipo de índio só existe no Brasil na cabeça do ensino oficial e no bloco Cacique de Ramos da Guanabara. Nem em terreiro de caboclo baixa índio enfeitado de pena colorida, colar e tal e coisa. (Idem)

A correspondência entre a leitora e o cronista de um tempo mau vai tomar grande espaço na coluna de jornal. Vemos Plínio Marcos rememorar os principais argumentos da crônica de 21 de abril de 1977 sobre o Dia do índio. Segue-se a segunda e última parte da resposta pliniana:

Caríssima fessora Dona Vera, a senhora não percebe que o simples fato de considerar o índio selvagem é um pensamento colonialista? O índio tinha sua cultura e o português que aqui chegou a esmagou com suas armas e sua tecnologia. A mesma catimba que a cultura de consumo faz hoje com o

84 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 144.

povão brasileiro. Olha aí o nosso negro dizendo que é black. Ele está sendo destruído e pensa que está bonito. Mas, voltando ao índio brasileiro, há tempos atrás os jornais deram uma triste notícia de um cacique que, vendo o estado em que se encontrava a sua tribo, mandou matar as meninas nascidas dali pra frente, para apressar a extinção da raça. E a senhora, fessora Dona Vera, ainda acha natural que, em função do colonialismo, um povo seja descaracterizado e sucumba? Olha, fessora, eu sou neto de português, mas sou contra qualquer tipo de colonialismo. Mas, mesmo sendo como a senhora diz, que Anchieta não era tuberculoso, ele fez muito mal ao índio brasileiro, que nunca esteve interessado em que ele poetasse em língua nenhuma. (Idem)

Como vimos, a ironia do cronista de um tempo mau apresenta-se alinhada aos seus ideais de defesa permanente da liberdade de expressão individual, social ou artística, sobretudo se considerarmos a crítica que ele faz à cultura importada e ao colonialismo cultural retransmitidos por meios de comunicação do país, conforme a análise do conjunto de seus textos no curso do tempo e durante o exercício de sua atividade profissional. Um perfil de cronista que ora vai se destacar pela face do polemista, ora vai repercutir a face de “escritor maldito”. Seja a partir de um contexto familiar e de um círculo de amigos ou com base em um contexto social e público. Um exemplo da recepção pliniana pode ser tomada por uma conversa narrada do próprio Plínio Marcos com um de seus filhos, no caso, o mais velho, então com 12 anos. Em “Um pequeno diálogo com meu filho Nado”⁸⁵, o pai ouve do filho o desejo deste de ser um dia um escritor contestador como o pai então é. O pai, como pode, dá umas dicas e conta alguns detalhes de como é ser um “escritor de contestação”: “Sabe, garotão, escritor de contestação, quando agrada, é um lixo e só merece cascudo. Mas quando acerta, incomoda muita gente e recebe montes de cascudos”.

O autorretrato de “Sou apenas um repórter”⁸⁶, que remete à imagem como Plínio Marcos se via e como ele gostava de ser visto, nem sempre será a imagem que parte do público e da crítica vai associar a sua pessoa. Como escreve o próprio autor no dia 15 de agosto de 1977, “Nem tudo é recado de amor”⁸⁷. Nesta crônica, aliás, vemos que a correspondência que o cronista procura estimular com os leitores nem sempre surtirá um efeito positivo. No texto citado, uma espécie de lado negativo da recepção pliniana, por exemplo, um caso de leitor que, sem assinar uma carta, chama o cronista de “pederasta praticante e responsabilizado pela baixa vendagem deste jornal [Folha de S. Paulo]”. A mensagem – Plínio Marcos conta ter descoberto

85 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 209.

86 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 290.

87 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 287.

depois – teria vindo de um velhinho morador de um recanto de idosos. O cronista, no entanto, registra na crônica citada uma tristeza com o episódio, que, se não se repete de forma idêntica, vai se reproduzir pelo expediente de “Respondendo à freguesia”, um selo clássico da cronística pliniana: um espaço potencial de livre arbítrio de recepção caracterizado pelo hábito do cronista em abrir espaço de jornal para as versões de leitores, sobretudo registros de fala de leitores não famosos. Ao menos são inúmeras as vezes em que vemos Plínio Marcos publicando cartas destes leitores que, de uma maneira ou outra, expressam pontos de vistas distintos.

Na crônica “Respondendo à freguesia”⁸⁸, de 14 de maio de 1977, temos o leitor Clênio Alvarez que contesta um elogio do cronista feito à cidade de Araraquara. “Você fez média com nossa cidade. Mas isso não te servirá de nada. Nós aqui não gostamos de gente com as suas ideias...”. Morador aparente da cidade do interior de São Paulo, Clênio acusa o cronista de um tempo mau de fazer média com político de sua cidade, conforme repercussão de uma crônica publicada em outro momento. O cronista vai discordar do leitor citado e argumentar que não faz média e que não escreveu ou não escreve a mando nem a pedido de ninguém. Na mesma crônica, em especial, é possível ver publicadas outras cartas de leitores da mesma Araraquara: uma parte delas aprovando e outra parte desaprovando o ponto de vista publicado do cronista. O que deixa clara a ideia de que o cronista dividia opiniões.

Quando não abordava assuntos mais públicos em respostas às cartas de leitores de sua coluna, o cronista de um tempo mau se via respondendo questionamentos pessoais. Em casos de correspondências deliberadas, veremos o cronista fazendo considerações pessoais, inclusive corrigindo ou referendando um autorretrato. Por exemplo, em “Respondendo à freguesia”⁸⁹, de 2 de abril de 1977, Plínio Marcos escreve em resposta a uma leitora, que “nunca fui marginal. Porém (e sempre tem um porém), mexe e vira sou marginalizado”. Já na abertura da crônica “Respondendo à freguesia”⁹⁰, de 28 de maio de 1977, o autor deixará explícito que nunca foi de se calar para preservar emprego. É o que ele basicamente diz em resposta à carta dos leitores Luciana Albuquerque e Cláudia de Azevedo. A seguir, a passagem transcrita:

88 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 155.

89 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 89.

90 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 176.

Luciana Albuquerque e Cláudia de Azevedo - ... “Até somos forçadas a aceitar o seu silêncio em sua coluna, por ser ela atualmente seu campo de maior atuação, portanto o mais precioso”.

Com quem vocês pensam que estão falando, meninas? Eu nunca fui de me fechar em copas para preservar emprego. E não houve isso agora. Se vocês lessem minha coluna diariamente, saberiam o que penso do movimento estudantil. Já disse claramente. Mas, só porque vocês são meninas, não custa dizer mais uma vez. Os estudantes estão reivindicando corretamente coisas a que têm direito. Melhora de ensino, liberdades democráticas, respeito aos direitos humanos, anistia aos presos políticos são coisas que sempre quis para o Brasil amado. (Idem)

Desta crônica ainda destacamos a carta enviada por Carlos Renato de Andrade, que se dirige por escrito a Plínio Marcos, em passagem publicada pelo cronista: “Quanto ao Abajur Lilás, que tenho comigo, só não o renegarei a total escuridão por ser crime rasgar livro, pelo menos para mim, mas deixá-lo-ei no lugar onde está, condenado ao esquecimento.” A resposta ao leitor, dada numa linha abaixo, soa irônica e fina:

Pois é, Carlão, mentalidade de censor não lhe falta. Esconder um livro é o mesmo que rasgá-lo. Mas, não faz mal. Esconda bem o “Abajur Lilás” pra não vê-lo, assim também não há perigo do livro te ver. Por sua mentalidade estreita, qualquer frase que entre na sua cabeça deve machucar mesmo. Ainda mais um livro inteiro. (Idem)

Plínio Marcos parecia não fazer restrições a quem quer que fosse ou sobre qual assunto fosse usado como objeto de uma polêmica. O cronista parecia aberto a uma discussão pública – quem sabe por ter sido censurado ou impedido de se expressar em muitas passagens de sua vida profissional –, já que ele não praticava a censura e publicava cartas de leitores que o criticavam. Um expediente que se repete com o leitor Juvenal, que o cronista faz parecer que assina Juvenal, o Satírico. Vejamos como inicia a crônica “Resposta à carta do leitor que acusou este colunista de ser analfabeto”⁹¹:

Você tem razão, Juvenal, eu sou analfabeto. Aos quarenta e dois anos de idade, ainda não sei direito quando se tem de ir de “ss” ou de “ç”. Mas, isso pra mim não conta muito, Juvenal, o Satírico. Porque pra mim cultura é saber ver. E eu vejo, vejo muito bem, meu caro Juvenal, o Satírico. Vejo, por exemplo, que os elitistas como você fazem tanta questão que todos tenham correção gramatical, mas não percebem que o ensino em nosso País, apesar de haver quem jure o contrário, ainda é um privilégio de uma minoria. E essa minoria aprende a ciência e a técnica que lhe é transmitida por mestres que sabem bem que, se ensinarem os seus

91 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 82.

discípulos a enxergar as coisas, serão sumariamente afastados da vida universitária, como foram vários expoentes em nosso País. (Idem)

Talvez seja importante dizer: a carta de Juvenal, o Satírico, não aparece em sua integralidade na crônica. O texto desta persona de crítico de Plínio Marcos se apresenta diluído na resposta do cronista, que passa quase a crônica toda ironizando/contestando o leitor ou se defendendo do ponto de vista daquele, conforme pudemos interpretar:

Pois é, meu caro Juvenal, o Satírico, leio e releio sua carta e concluo que você nem sabe o significado da palavra satírico. Mas, deixa isso pra lá. Juvenal, o Satírico. O que quero contar e o que pesa na balança é que os elitistas como você recebem a ciência e a técnica nas universidades, mas não recebem a visão e, por serem cegos, mais cegos do que todos por serem vaidosos, resultam em tolos tecnocratas que, em nome dessa sabedoria, vão lesando nossa pátria, a pátria do povo, esmagando as manifestações espontâneas desse povo, a verdadeira cultura desse povo, cultura essa que tem que ser preservada a qualquer preço, porque um povo [que] não ama e não preserva suas formas de expressão mais autênticas jamais será um povo livre. (Idem)

O tom polemista do cronista de um tempo mau, naturalmente, não vai se restringir às séries de “Respondendo à freguesia”. Em polêmicas publicadas fora deste selo estilístico, veremos o autor relatar uma crítica pública contra um dirigente de futebol de Piracicaba e narrar um episódio de confronto de ideias com um sindicalista de São Paulo. Começemos com este segundo caso citado. Mais especificamente, pela citação da crônica “Respondendo à freguesia”⁹², de 30 de julho de 1977, a respeito da qual chamamos a atenção para dois aspectos mencionados em seu texto. O primeiro aspecto diz respeito a ameaças que ele recebe no jornal onde trabalha, seja por carta ou por telefone. Não são mencionados detalhes das correspondências, mas fica a impressão de que o conteúdo é intenso. Na abertura da crônica, Plínio Marcos faz um comentário sobre seu desconforto e sobre a sua condição física e psicológica para suportar episódios do tipo:

Essa semana, podem crer, se meu santo não fosse forte, meu patuá entortava. Ficará essa semana marcada na minha vida como a semana das cartas anônimas, das circulares anônimas, dos telefonemas anônimos me esculachando. Uma zorra. Aqui no jornal falaram que é a glória. Chegaram várias dizendo que eu devia estar na cadeia. Várias afirmando que eu sou perigoso comunista. Duas me chamando de covarde por usar o jornal contra pessoas que só não fazem melhor porque não podem. Uma me chamando de foca e de intruso no meio teatral. Um telefonema anônimo me

92 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 255.

ameaçando de que serei ralado num lugar escuro qualquer dia desses. E um dizendo que eu não perco por esperar, que assim que vier um endurecimento serei dos primeiros a entrar na cana dura. Naturalmente, como não sou leão, perdi o sono. Fiquei trêmulo nas bases. Emagreci cinco quilos. Sabe como é que é, quem tem nariz tem medo. (Idem)

A introdução serve para o cronista mencionar que recebeu, entre as cartas, uma que ele bem deve ter considerado especial. Mais especificamente,

uma carta anônima cuja origem eu consegui localizar. Não porque eu seja um tremendo Sherlock. Só descobri a origem dessa carta anônima porque ela veio em papel timbrado do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos e Diversões do Estado de São Paulo.

Aí, peguei o telefone e liguei pro SAT. E com a educação que me é peculiar, me expliquei:

– Quero falar com o diretor de Plantão.

– Quem quer falar?

– Plínio Marcos.

– Um momento.

Logo veio ao telefone um diretor:

– Pronto. É o diretor tesoureiro.

– Tudo bem. Maranhão? Aqui é o Plínio.

– Que você quer?

– Olha, eu recebi aqui no jornal uma carta anônima em papel timbrado do Sindicato, me esculachando. E queria saber se foi daí que mandaram.

– A carta não é anônima. Fomos nós que mandamos.

– Sem assinatura, é anônima.

– A carta está assinada.

– Não tá, não.

– Tá. Tá assinada pela diretoria.

– Pombas, Maranhão, a carta depois dos xingos todos, traz datilografadas as palavras “A Diretoria” apenas.

– Não tem um carimbo do lado?

– Tem.

– Então, é a assinatura.

– Só porque tu quer.

– É a assinatura.

– Não vale, Maranhão. Será que tu não sabe que isso não vale como assinatura? Talvez se um de vocês aí pelo menos, em vez do carimbo do Sindicato, metesse um dedão, eu pudesse considerar a carta assinada. Sabe como é que é, sou um cara compreensivo. Entendo as dificuldades.

– A carta tá assinada.

– Olha, na carta, vocês duvidam que eu vá publicá-la. Eu quero publicar. Mas carta anônima não se publica. E depois, podem piar na parada dizendo que é mentira. Que não é carta do Sindicato. Que alguém afanou papel timbrado e tal e coisa e coisa e lousa. Manda alguém aqui assinar a carta, que eu publico.

– Tá bem. Vou mandar uma carta assinada.

– Estou esperando. Tchau. (Idem)

Dois dias após a publicação transcrita de modo parcial acima, dia 1 de agosto de 1977, viria à tona a carta de Maranhão, que seria publicada na íntegra no espaço de jornal do cronista de um tempo mau. Como se pode notar na leitura integral das crônicas de que tratam do debate entre dramaturgo-cronista e sindicalista. Um dia

depois da réplica de José Antonio Gomes, o Maranhão, tem-se a tréplica de Plínio Marcos.

A mensagem assinada pelo membro citado do Sindicato dos Artistas e Técnicos e Espetáculos e Diversões no Estado de São Paulo recairia sobre o título “Hoje, a carta do sindicato. Amanhã, a resposta”⁹³. A carta de Maranhão dirigida a Plínio Marcos vai ocupar todo o espaço da coluna do cronista. Separamos um trecho dela para uma análise, destacando o modo como a mensagem foi escrita:

O senhor, escritor primoroso e não venal, na afoiteza de esbravejar espuma mais que cerveja em copo de bebem pobre e atira sua saliva a esmo, sem possuir noção alguma do que fala, aliás, é constante sua coluna em tom raivoso, mas sinceramente, estamos esperando o dia em que o Sr. distribua pauladas não apenas num pequeno sindicato, mas em tudo que está deveras errado e que tenha, isto sim, condições de revide. Que não temos. Convém que o Sr. Plínio Marcos – ilibado autor dos pobres contra os ricos saiba que os atores não se sindicalizam porque têm consciência profissional. Daí que trabalham à mercê dos patrões, subjugados, espoliados e – principalmente – temendo perder o pouco que conseguem, se tornam imediatamente individualistas, afastando-se de seu órgão representativo. O Sindicato dos Atores e Técnicos, Sr. Plínio Marcos – incansável batalhador dos proletários brasileiros – NÃO é paternalista, e se nega a sê-lo: ele quer que todos aqueles que se julguem espoliados, o procurem. O Sindicato dos Artistas e Técnicos não fará jamais plantão nas portas das TTVV, circos, teatros, perguntando a quem entra ou sai: “O Sr. está sofrendo?”; “Seu patrão está fazendo de seu salário um xaveco?”; “O Sr. está trabalhando por uma vergonhosa quantia?”. (Idem)

A resposta do cronista à carta de Maranhão, membro tesoureiro do Sindicato dos Artistas e Técnicos e Espetáculos e Diversões no Estado de São Paulo, surge intitulada “Resposta aos insultos e ameaças dos falsos sindicalistas”⁹⁴. Abaixo um trecho da carta, que preencheria todo o espaço de coluna, a partir de seu início:

Como os senhores e senhoras puderam ler, ontem publiquei a lamentável carta do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos e Diversões no Estado de São Paulo. Digo lamentável, não pelo xingamento que a carta contém contra a minha pessoa. Nem por insinuações do tipo “autor dos pobres contra os ricos”, que, se bem conheço a mentalidade do diretor que assinou a carta, estava querendo sugerir que sou de esquerda, que sou comuna e tal e coisa e coisa e lousa. Eles lá têm a mania de mandar avisar a chapa da oposição que determinados elementos não podem fazer parte porque os órgãos de segurança não vão permitir. Mas, deixa isso de lado. O que me deixa pálido de espanto é que essa diretoria do SAT (com exceção do Juca de Oliveira, que está no Rio e que já há muito tempo pediu afastamento) não tenha a mínima noção do que seja sindicato, não conheça a realidade da profissão do ator e que ainda se meta, sem pudor nenhum, a vir a público para ameaçar pessoas, como faz com a Silvia Falkenburg. Cadê os advogados do Sindicato? Estavam dormindo quando os quatro

93 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 260.

94 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 263.

diretores (informação dada por eles) escreviam essa triste carta? Os advogados não viram essas coisas? Essa diretoria que está aí prova com essa carta que não tem condições de continuar. O atual tesoureiro, que é quem assina a carta apesar de o secretário estar presente na reunião em que decidiram mandá-la, está na diretoria há mais de treze anos. E isso é continuísmo e eu sou contra mesmo. (Idem)

Já a polêmica acima citada com o dirigente de futebol destaca o título “Gladiador ou jogador de futebol”⁹⁵. Nesta crônica, Plínio Marcos critica o dirigente de futebol do XV de Novembro de Piracicaba. Mas não chega até o nome desta pessoa, sem antes promover uma contestação a todos os dirigentes da modalidade esportiva. Assim começa: “O futebol brasileiro não evolui por causa dos dirigentes. É isso aí. Todos eles altamente incompetentes, cheios de truques, querendo aparecer mais que carro-alegórico em desfile das atuais escolas de samba, mais do que a própria bola”. “A Seleção Brasileira”, o cronista vai escrever, “está aí mesmo pra não deixar ninguém me desmentir. É uma bagunça de respeito, com cartola derrubando técnico, médico e preparador físico se metendo onde não devem, jogador disputando camisa no grito e tal e coisa e coisa e lousa”. E se a situação não estava boa para a seleção brasileira de futebol, segundo o cronista, não estariam melhores para os clubes de futebol do país. E é neste ponto que ele reproduz um de seus bordões e expressa o seu despreço pelo dirigente de Piracicaba:

Porém (e sempre tem um porém), tem um cartola que, na sua ânsia de aparecer, é capaz de virar o Idi Amin do futebol. É o Senhor Ripoli do XV de Novembro de Piracicaba. Este cartola é capaz de tudo pra entrar em qualquer fita como estrela. Domingo em Sorocaba, no jogo do seu time contra o São Bento, o Senhor Ripoli, pelo que contam os jornais, perturbou às baldas e conseguiu fazer o jogo acabar no primeiro tempo. Fatos corriqueiros como um pênalti que a defesa não quer deixar bater o Senhor Ripoli consegue transformar num caso seríssimo, em que integridades físicas de pessoas ficam ameaçadas e quando o lesado é o povão que só berra da geral sem nunca influir no resultado. No caso de Sorocaba, a torcida pagou ingresso pra ver noventa minutos de futebol e viu quarenta e cinco. Depois, foi briga, corre-corre, confusão. (Idem)

O motivo principal da crítica pliniana ao Senhor Ripoli virá mais claramente na sequência, quando o cronista de um tempo mau destaca que o citado presidente do XV Piracicaba paga um “salário pequeno e prêmio de vitória enorme” aos jogadores de seu clube. Um fato que Plínio Marcos considerou, por escrito, um absurdo.

95 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 53.

A figura do presidente do clube de futebol XV de Piracicaba volta à coluna do cronista na forma simbólica de um notório direito de resposta concedido oito dias depois após da publicação de “Gladiador ou jogador de futebol”. Na crônica “De volta aos gladiadores do futebol”⁹⁶, temos a publicação de uma carta enviada pelo Senhor Ripoli à redação do jornal *Folha de S. Paulo*. Na carta do dirigente de futebol, publicada na íntegra, este se defende da crítica do cronista e, ao mesmo tempo, o contesta sem timidez. Escreve o Senhor Ripoli em dado trecho:

“Os senhores jornalistas estão como todos nós, sujeitos a enganos e erros. Na profissão de V. Sa., enganos e erros assumem maior gravidade por ter sobre os ombros a grave responsabilidade de concorrer na formação da pública opinião.

Sem nenhum outro comentário, pedimos-lhe permissão para prestar-lhe alguns esclarecimentos. De decisão, só de V.Sa., é óbvio, o de retificar ou não, ficará o seu auto julgamento: sou ou não um jornalista, um homem honesto.

O ser humano é capaz, quando capaz, de criar em torno de si a imagem que lhe interessa. Enganar, falsear, é fácil para os de má formação, mas nem estes escapam de um veredito irrecorrível – o da sua consciência.

Infeliz do homem que aos próprios olhos é condenado pelo seu procedimento.

Permita-nos dizer-lhe que minha ética se baseia na moral científica. Pratico uma única oração: que cada ato de minha vida seja um ato de justiça.

Sou homem sem camisa, por ser integralmente feliz, seguindo este princípio. Ele me faz forte. Não sou valentão, mas vivo desafiando um dos quatro gigantes da alma – medo, o qual ignoro. (Idem)

Anexo, alguns documentos. Quantos aos ordenados, informamos-lhe que nossos atletas recebem 5.00[0] cruzeiros mensais, no dia 1º de cada mês. Não ofereço mais, porque não teria com que cumprir o dever da pontualidade. Se dou prêmios elevados, o total das rendas geradas pelos jogos, é porque são os atletas em caminhadas virtuosas, que as geram. Compare os informes seguros com o seu artigo: gladiador ou jogador de futebol.” (Idem)

Em linhas que se seguem, Plínio Marcos usa o espaço de jornal que sobrou para se defender da réplica do dirigente e aproveita para contestá-lo novamente. O cronista reforça a crítica anterior sobre a conduta do presidente do XV de Piracicaba, a quem é reservado a pecha de “imoral”. Ou melhor, o cronista de um tempo mau permanece pensando ser um absurdo um time de futebol pagar um salário baixo a seus atletas e simultaneamente pagar um valor alto para as premiações de vitórias (na linguagem do futebol, conhecidas como bichos). O que justificaria a crítica segundo a qual os jogadores do XV de Piracicaba poderiam ser comparados a gladiadores, não a atletas de futebol. Conforme o cronista, em caso de vitória, cada

96 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 67.

jogador do time faturaria o equivalente a dois meses de salário. Plínio Marcos conclui a crônica ainda se dizendo bem informado:

A pessoa que me deu esse tipo de informação me deu também outras, que não cabem no momento. Mas, eu quero afirmar que essa ideia do Senhor Ripoli está se alastrando pelo interior e muito cartolina acha que o Senhor Ripoli está certo e que jogador é vagabundo, que se ganhar bem não vai correr em campo. Por isso, pensam em usar o mesmo amoral sistema e isso me assombra. Jogador, mesmo o profissional, não é gladiador. E se o sindicato do atleta profissional não fosse tão omissivo, já terá tomado providências.

Quanto a lutar pra moralizar a F. P. F., me parece que não é bem a causa do Senhor Ripoli. Como ele mesmo declarou em Araraquara, ele quer ser o presidente da F. P. F. e isso não quer dizer que as coisas melhorem no futebol. Aliás, o atual presidente Senhor Metedieri, subiu ao posto após uma das mais vergonhosas campanhas políticas do futebol paulista, na qual o Senhor Ripoli era vedete, sem nunca se ter certeza do lado em que ele estava. (Idem)

Neste trecho, talvez seja válido registrar as cartas de leitores ou as respostas encaminhadas por figuras citadas em crônicas plinianas aludindo a um expediente ou rotina que o próprio cronista de um tempo mau vai preservar com certo esmero.

Em outra leitura crítica da recepção, queremos lembrar dos textos plinianos que prestam homenagens a amigos ou a figuras para ele consideradas importantes. Se não se apresentam literalmente como cartas abertas, possuem uma intenção dada como ocorre em “Para que Léo Gilson saiba”⁹⁷; Plínio Marcos expõe nesta crônica uma espécie de bronca ao colunista citado, que teria feito uma crítica de jornal ao cronista de um tempo mau, destacando deste informações íntimas. A forma como o cronista se refere ao outro lembra um tom de polêmica, que de alguma maneira não vai passar de uma dita “chamada de atenção”. Tal episódio, aliás, vai simbolizar isoladamente um caso de carta pública no período analisado neste tópico.

Tratemos, pois, de alguns exemplos de crônicas plinianas deste terceiro tópico que se prestam ao registro de uma homenagem pessoal e, ao mesmo tempo, se vinculam a um aspecto clássico do discurso da crônica, já que trazem em si ou expõem um perfil retratado ou algum tema de importância de cotidiano presente. Caso da figura homenageada no título da crônica “E o Abílio mais uma vez nos fez pensar”⁹⁸; nesta crônica, vemos Plínio Marcos destacar o perfil do ator e dramaturgo Abílio Pereira de Almeida, que morreu ao suicidar-se no dia 12 de maio de 1977. Quatro dias depois da morte, o cronista publica uma mensagem em homenagem ao

97 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 155.

98 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 157.

“amigo politicamente conservador”, rememorando situações de convívio pessoal em paralelo a um fim de vida vinculado a um declarado “tempo mau”:

E poderíamos juntar aos suicidas, aos cancerosos, loucos, os que, no desespero de não poderem criar livremente nesses tempos de autoritarismo prepotente-repressor-obscurantista, tentam escapar através de vícios, por não suportarem a angústia de verem suas artes mutiladas, suas manifestações espontâneas totalmente tolhidas pela Censura, o que leva à autocensura que gera o câncer, o desespero, a alucinação, tentativas de extrapolar a dura realidade.

São os mais sensíveis, são os mais brilhantes artistas que não suportam a pressão em cima de suas obras. São eles que, de repente, se arrepentam, quando têm que guardar nas entranhas tudo o que seus espíritos captam. O artista de verdade tem por matéria-prima a liberdade de expressão e sem ela não pode criar, fica sem ar e morre sufocado. O artista sabe que não é possível preservar os direitos humanos em toda sua plenitude sem total liberdade de expressão. (Idem)

No momento em que nos aproximamos do fim deste trabalho, outros dois perfis representativos da realidade brasileira no período da ditadura militar merecem a nossa menção no formato de crônica: o do dramaturgo-cronista Nelson Rodrigues e do jornalista e ex-governador da Guanabara Carlos Lacerda.

Começamos com Nelson Rodrigues, uma espécie de tema obrigatório na trajetória de vida de Plínio Marcos. Ao menos nas crônicas plinianas é possível ver a imagem positiva de um mestre, exceto no episódio da telenovela *A cabana do Pai Tomás*. Desta vez, o contexto pede uma nova leitura. Nelson fica doente e Plínio logo escreve “Ao mestre, com carinho”⁹⁹. Nesta crônica, o cronista de um tempo mau dedica um texto na íntegra ao autor de *A vida como ela é* como assim:

O genial dramaturgo Nelson Rodrigues ficou doente, baixou [no] hospital e uma romaria de coleguinhas repórteres veio me procurar:

– Sabe como é?

Sei como é. E por saber como é, ia respondendo às perguntas. Ele fez as coisas ficarem mais fáceis pra mim, porque veio na minha frente. Não. Ele não me pegou pela mão e me levou pra um empresário que montasse minhas peças. O Nelson apenas escreveu na minha frente. Já pensou o que seria tentar montar “Barrela”, “Dois Perdidos”, “Navalha na Carne”, “Abajur Lilás”, sem ter tido antes um “Perdoa-me por me traíres”, “Vestido de noiva”, “Bonitinha mas ordinária”? Mesmo com o Nelson vindo na frente, foi uma parada indigesta montar minhas peças. Aliás, “Barrela”, “Abajur Lilás”, “Oração para um pé-de-chinelo” até hoje não puderam ser encenadas. Mas, mesmo assim tudo foi mais fácil pra mim, porque o Nelson veio na minha frente. Em mim, ninguém deu tiro e pra ele puxaram o revólver em pleno Municipal do Rio de Janeiro. Graças aos exemplos dele, que nunca conseguiu diretores adequados às suas peças, segundo ele mesmo, eu soube escolher com cuidado os diretores das minhas peças e fui feliz nas escolhas. (Idem)

99 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 130.

Após uma passagem de introdução, Plínio Marcos escreve oito tópicos em que elogia a figura de um mestre da dramaturgia nacional e relembra episódios que citam a ambos como personagens de histórias biográficas que se cruzam. Registros que podem ser conferidos nos tópicos 1 e 2 da crônica analisada:

1

A primeira vez que escutei falar do Nelson Rodrigues foi quando escrevi a “Barrela”. Mostrei a peça pra Patrícia Galvão, a nossa Pagu, e ela me disse: – Seu diálogo é tão poderoso como o de Nelson Rodrigues. Espumei de alegria e fui procurar ler o mestre. Comecei pela “Vida como ela é”, que escrevia na Última Hora. Fiquei fã.

2

Conheci o Nelson Rodrigues no Rio de Janeiro. “Dois perdidos numa noite suja” estourou lá e eu não pude ir na estreia. Quando cheguei, um mês depois, toda a imprensa falava da peça e diziam que eu tinha desbancado o Nelson. Queria de todo jeito que eu falasse mal do mestre num programa de tevê. Mas eu, que sou contra esse tipo de coisa, que acho que artista não é cavalo de corrida pra ver quem chega em primeiro lugar, não entrei no jogo. Expliquei que era fã do Nelson e que ele era, no meu entendimento, o único autor que tinha uma obra no teatro brasileiro. Soube mais tarde que ele assistiu ao programa e ficou comovido. (Idem)

Da prestada homenagem a Nelson Rodrigues deste final de abril de 1977, Plínio Marcos parece lembrar a crônica “Eu e o meu Santos, Nelson Rodrigues e o seu Fluminense”¹⁰⁰, de 5 de março de 1969, em que ele escrevera em tom elogioso ao mestre dramaturgo-cronista. O intertexto destaca, anos depois, uma correspondência positiva entre os dois artistas: “O melhor elogio que fiz ao Nelson Rodrigues foi quando falei que queria fazer pelo Santos F.C. de glórias mil o mesmo que ele fazia pelo Fluminense. Ele ficou bem contente.”

Já a crônica “Morreu Lacerda. Meu quase parceiro”¹⁰¹, dedicada ao ex-governador da Guanabara no dia 23 de maio de 1977, aponta para um texto memorável. Esta história contada, de fundo inusitado, chama a atenção pela trajetória de vida dos dois personagens nela destacados. Aliás, vale em tempo enfatizar: assim como nos analisados retratos plinianos de Abílio Pereira de Almeida e de Nelson Rodrigues, o de Carlos Lacerda também vai apontar para um perfil de persona politicamente conservadora, por assim dizer, o oposto ao perfil ideológico do próprio cronista de um tempo mau. Ser de direita ou de esquerda, em certo sentido, não importava muito para um cronista que vivia ou que passou uma parte

100 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 1, p. 58.

101 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 167.

considerável de sua vida defendendo a liberdade de expressão ou o direito ao livre pensamento para quem quer que fosse. Para Plínio Marcos, seus amigos não precisavam pensar como ele para serem considerados como tais.

Tratemos de “Morreu Lacerda. Meu quase parceiro”, em que fica indicada uma espécie de homenagem feita à figura supracitada no título da crônica. Conforme se pode analisar, o texto em questão foi publicado dois dias depois da morte do jornalista e ex-governador do Estado da Guanabara. De um lado, Plínio Marcos; de outro, Carlos Lacerda. De um lado, um contestador histórico da Censura e da ditadura militar; de outro lado, um dos líderes pró-golpe civil-militar de 1964. “Mas”, como costumava dizer Plínio Marcos, “o que importa e o que pesa na balança” é que a crônica do dramaturgo-cronista rememora um episódio para lá de improvável, ocorrido, segundo o próprio autor do texto, em pleno ano de 1971, quando, em uma dada madrugada, ele recebe uma ligação de telefone de uma amiga. Vejamos como o próprio cronista começa a história contada:

Eram três e trinta da madrugada, chovia de fazer os moradores das beiras dos córregos de São Paulo desancorarem as canoas e navegarem nas águas barrentas que transbordam dos esgotos da cidade, quando tocou o telefone. Atendo:

- Oi!
- Plínio?
- É.
- Aqui é a Telé.
- Telé? Que é que tu quer a essa hora?
- Olha, o Lacerda quer falar contigo agora.
- Que Lacerda?
- O Carlos.
- O Carlos Lacerda.
- O Carlos Lacerda? O Lacerda que foi governador da Guanabara e tal e coisa?
- Esse mesmo.
- O que ele quer comigo?
- Sei lá. Ele está aqui no Giggeto [restaurante] e pediu pra eu ligar pra você e pedir pra você vir até aqui.
- Com essa chuva?
- É. Ele está te esperando. (Idem)

Entre espantado e incrédulo, o cronista conta que a sua “cuca piorou” com a ligação recebida e que, “arrebentado de curiosidade” nem vacilou em se vestir para ir ao encontro de Carlos Lacerda. Plínio Marcos, então, acorda Walderez de Barros, sua esposa: “Acordei a Walderez e, antes que eu falasse, ela se espantou de me ver vestido”. A partir deste momento, um diálogo breve com a esposa se processa:

- Onde vai a essa hora, com essa chuva? Aconteceu alguma coisa?

- Vou me encontrar com o Carlos Lacerda. Ele quer falar comigo.
- Agora?
- É.
- Você já arrumou muita desculpa besta pra sair de casa de madrugada, mas essa ganhou de todas. O que o Lacerda vai querer com você?
- Como posso saber, se não for lá? Tenho que ir.
- Com essa chuva?
- É. Vai ver que ele quer conchavar algum golpe pra derrubar o governo.
- Junto com você?
- Se não tem outro, eu sirvo. Qual é?
- Aliás, a noite hoje está propícia. Esse toró dá clima. Vou lá. (Idem)

Após conversar rapidamente com a esposa, Plínio Marcos se dirige ao restaurante Giggeto, costumeiro ponto de encontro de amigos e lugar onde o cronista pisou, conforme relato de suas biografias, até os últimos dias de vida. Abaixo, teremos a passagem em que Plínio e Lacerda se falam dentro do restaurante, que na análise sai transcrita quase em sua totalidade. Queremos crer que vale o registro, conforme se segue:

- E fui. Pegar táxi (não dirijo automóvel) de madrugada debaixo de chuva em bairro de São Paulo não é fácil. Ensopado até os ossos, consegui, depois de muito tempo. No meio do caminho, meu frágil espírito várias vezes foi assolado pelo temor de estar sendo vítima de um trote. Mas, pombas, que podia fazer? Não era toda madrugada que um ex-governador ligava pra minha casa. Tinha que ir. Cheguei no Giggeto, estava fechado. Bati na porta com três pancadas, que sempre vejo conspirador de filme bater quando chega em esconderijo. O Saldanha (maitre sempre simpático) abriu a porta sonolento. Antes do estrilo, falei:
- O Carlos Lacerda está aí?
 - Tá. E vê se leva ele embora, que já é tarde paca.
- Entrei e numa única e enorme mesa estava o Carlos Lacerda em carne e osso, uma porção de amigos, mais a Telé. Todos me saudaram com grande entusiasmo. Estavam todos já meio bêbedos. Me sentaram ao lado do Lacerda e começaram um pupurri de elogios à minha pessoa:
- O governador te admira muito.
 - O governador te acha um grande dramaturgo.
 - O governador te acha... te acha... te acha...
- Me serviram um uísque e sossegaram um pouco. Aí, falou o Carlos Lacerda:
- Plínio, gosto muito de você e do seu teatro.
 - Obrigado governador. Mas, o senhor, no seu governo, não deu muita folga pra gente... Sua censura era de arrochar sem dó.
 - Plínio, você vai querer julgar um grande homem por pequenas atitudes circunstanciais?
 - Longe de mim essa pretensão, governador. Mas é...
 - Ótimo, Plínio. Sabia que você era um espírito superior. Mandei chamá-lo aqui porque tivemos uma grande ideia. Quero escrever uma novela de televisão e todos aqui acham que só você poderia ser meu parceiro. Quase engoli a pedra de gelo do uísque.
 - Por que... por que... eu?
 - Porque você escreveu aquela obra-prima que é “Navalha na Carne”. Vamos ser parceiros.
 - Mas, governador, como é que eu iria explicar pra esquerda uma parceria com o senhor?

– Não se preocupe. Mais difícil será eu explicar pra direita uma parceria com você.

Nisso até achei que ele tinha razão. Aí, ele prosseguiu:

– Arrume um canal de televisão amanhã mesmo e me procure no Jaraguá. Depois estou no Rio. Vamos começar a trabalhar logo.

– A Censura não vai deixar. Ela não deixa eu sozinho, quanto mais junto com o senhor.

– Deixa. Eles vão achar que com isso desmoralizam nós dois.

Riu muito desse seu juízo sobre a Censura e, no carro de um amigo, foi me levar em casa. Dois dias depois, os jornais noticiaram que nós íamos escrever uma novela juntos. Eu fui muito gozado, acho que ele deve ter sido também. Ninguém se interessou pela novela, nem me procurou. O Carlos Lacerda, nunca mais vi. Agora que ele morreu, só por esse encontro que tivemos, me parece que perdi um amigo que quase foi meu parceiro, apesar de nunca termos tido as mesmas ideias. E me sinto feliz por ter atendido ao seu chamado naquela noite em que ele sofria a solidão de estar marginalizado da vida política do nosso país, por um governo que ele ajudou a estabelecer. (Idem)

E o “governo” que Carlos Lacerda ajudou a estabelecer e com o qual Nelson Rodrigues se simpatizava dizia a respeito, em pleno 1977, a um estado de coisas relatado na crônica “Andar na rua, pode. Pensar é que não”¹⁰², na qual o cronista de um tempo mau chama o ambiente em que vive ou o mundo que o cerca de aldeia do desconsolo, em que se transformou o país refém de um sistema antidemocrático.

Uma crítica de um estado de coisas que Plínio Marcos vai mencionar diretamente em outros pontos de vistas, exemplo de “Como se faz na aldeia do desconsolo”¹⁰³. Nesta crônica, o cronista expressa abertamente a sua aspiração por democracia. O Brasil é chamado por ele de aldeia do desconsolo. O cronista critica, condena o regime político e promove a denúncia da marginalização do povo. Defende uma tomada de posição da população, sobretudo em relação a um rumo social e um sentido de vida democrática. O cronista assim escreve:

Então, não é hora de mais se marginalizar o povo, afastando-o do processo de escolha de dirigentes. É a hora de se reconvocar o povo brasileiro para a vida. Reviver suas esperanças, dando a ele o seu direito sagrado de participar do seu destino. Por mais desinteressado que esse povo se mostre pelos problemas políticos, esse desinteresse não reflete a verdade. Esse aparente desinteresse é apenas uma forma que o homem comum tem pra protestar contra a marginalização que por anos e anos a fio lhe vêm impondo de cima pra baixo.

É a hora de se reconvocar o povo para participar da sua história. Hora de se dar ao povo brasileiro um estado de direito no qual ele não seja mais dependente dos projetos caridade social-esmola das instituições governamentais nas quais ele não crê. E a hora de se dar a certeza ao povo de que, através de uma participação na vida nacional em todos os níveis, ele poderá adquirir o mínimo para ter uma vida digna com trabalho, moradia, comida, assistência médica, educação, lazer. (Idem)

102 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 312.

103 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 304.

Uma marginalização social do povo de que o próprio cronista se incluía, conforme o relato de “Quando o sol brilhar de novo, irei a Cruzeiro”¹⁰⁴, que serve de exemplo notável de censura política vivida e denunciada pelo próprio Plínio Marcos cronista. A mensagem pliniana é direta, sem subterfúgios, com o intitulado cronista de um tempo mau fazendo jus à alcunha já a partir das primeiras linhas do texto:

Respeitável público de Cruzeiro, o meu show “Humor Grosso e Maldito das Quebradas do Mundaréu” não vai ser apresentado aí na terça-feira, por motivo de força maior. Aliás, de força muito maior: a Censura. Eles não quiseram fornecer o programa-alvará pra minha apresentação. Eles queriam que, mesmo o show sendo em Cruzeiro e eu morando em São Paulo, eu fosse avant-première pro Vale do Paraíba na cidade de Lorena, para o censor local. E ali eles decidiriam se eu podia ou não realizar o espetáculo em Cruzeiro. (Idem)

Com dado grau de sutileza ou ironia, veremos Plínio Marcos argumentar que a censura não se enquadra em uma situação pessoal. A passagem que se segue abaixo, ainda parte do primeiro parágrafo, merece a transcrição:

Claro que nem o distinto público, nem ninguém deve encarar esse fato como perseguição à minha pessoa, muito embora Lima Duarte, Karim Rodrigues, Armando Bogus, Zé Vasconcelos tenham se apresentado aí em Cruzeiro sem ter que fazer ensaio geral em Lorena. Não, nem de leve podemos chamar a isso de perseguição. Podemos dar a isso o nome de economia de combustível dos veículos da Polícia Federal. E eu até estava disposto a cooperar. Mas, como iria fazer? Eu devia ir por conta e risco até Lorena, alugar uma casa de espetáculos e então convidar o censor local pra me ver contar umas anedotas. Aí, ele assistiria a tudo e provavelmente não gostaria e não deixaria eu fazer o show em Cruzeiro. Ele, só ele, sabe o que o povo de Cruzeiro pode ou não assistir. Ou então talvez, com boa vontade, eu conseguisse que o censor de Lorena permitisse que eu fizesse meu ensaio na própria delegacia. Nesse país se resolve tudo com boa vontade. Naturalmente, seria uma novidade. O censor, pra ver os espetáculos, costuma ir ao teatro, nunca o teatro é feito na delegacia. Não sei se é lei esse negócio de censor ir assistir ao espetáculo que deve censurar no teatro. As leis neste país mudam tanto que eu nem sei quando é lei ou costume. Mas, esse é o costume. E imagine se tivéssemos que levar uma peça de trinta personagens, com cenário e tudo, pra ensaiar na delegacia? Não dava, né? Mas, vá lá. Eu sou especial e a Censura até facilitaria pra mim, que moro em São Paulo e queria fazer um show em Cruzeiro, permitindo que meu ensaio fosse feito na delegacia de Lorena. Mas, isso é meio constrangedor. Eu sei lá, de repente conto minhas piadinhas, não agrado e já fico lá. Não dá pra mim essas coisas. Sou muito tímido. Mas, também não vou reclamar. Mesmo porque, não sei com quem. E não daria tempo de se resolver até terça-feira esse caso. Conheço bem os vagares da burocracia da Censura. E também sei que uma instância lá da Polícia Federal sempre confirma a determinação da outra. Por exemplo: levou uns quatro ou cinco dias pra Censura confirmar a necessidade desse ensaio em

104 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 135.

Lorena. Eu só vim a saber na sexta-feira à tarde. Por isso, respeitável público de Cruzeiro, não farei o show anunciado aí na vossa cidade. Perco o prazer de estar com vocês que, segundo os artistas que aí estiveram, são calorosos no vosso carinho e nos vossos aplausos. Perco também o cachê, que era bom, que ia ser um bom reforço no gordurame dos meus três filhos, que estão também na escola. (E ter filho na escola sai mais caro que ter amante argentina, nesses tempos em que a vida anda custando os olhos da cara). Mas, também não há de faltar. Ano passado me deixaram sete meses sem trabalhar e nem por isso me afobei. Sei que afobado come cru ou queima boca. São essas coisas que fazem de mim um imortal, eu e os operários da Ford, que estão sendo despedidos. Nós somos imortais, não temos onde cair mortos. Porém (e sempre tem um porém), eu ainda tenho esse emprego nas Folhas, o que me faz dar graças a Deus, porque hoje em dia, trabalhar é um favor pessoal que fazem pro trabalhador. (Idem)

Como pudemos verificar na crônica, é possível notar no trecho uma confissão importante: Plínio Marcos ficara desempregado por sete meses no ano de 1976.

Em “Quando o sol brilhar de novo, irei a Cruzeiro”, o cronista vai defender a Censura no país como “um braço do colonialismo cultural e responsável pelo obscurantismo que domina o país”. Uma ideia que do nosso ponto de vista produz um sentido considerável. Basta olhar que a Censura permite, segundo o cronista de um tempo mau, que apareça tudo nos filmes estrangeiros que infestam a televisão (em relato de época, cento e setenta por semana). Escreve o cronista: “Nessas películas, são tratados superficialmente problemas de droga, suborno, homossexualismo, assassinatos dos mais violentos e os nossos artistas são impedidos até de dizerem que um desquitado namora uma desquitada. E isso quando tem até político escapista propondo plebiscito para aprovar ou não o divórcio”.

O relato da censura sofrida na cidade de Cruzeiro destaca ainda uma síntese do que se pode pensar a respeito de um chamado tempo mau, mais precisamente sobre um episódio de falta de liberdade de expressão. Tal episódio teria ocorrido há 9 anos em Goiânia, conforme a data de publicação desta crônica. Abaixo, segue o registro de memória que, no mínimo, pode ser considerado exótico:

Fui a Goiânia levar minha peça “Dois perdidos numa noite suja”, no ano de 68. E logo que botei o pé lá, fui convidado gentilmente a ir até a presença de um chefe da Polícia Federal local. Ele estava sentado, de cueca, em cima de uma mesa e a seu lado tinha um revólver. Aí, ele me disse:
– Você não vai fazer espetáculo aqui.
Eu perguntei humildemente:
– Por que não?
E ele não fez cerimônia em explicar:
– Porque você é comunista, cigano, artista, amigo dos estudantes e de homossexuais e eu não gosto de nenhum dessas raças.

Eu até tentei argumentar, mesmo achando que corria o risco de levar um tiro:

– Mas, doutor – quando me sinto com as costas no paredão de fuzilamento, chamo todos de doutor. – Meu alvará permite meu espetáculo em todo o território nacional.

Aí, o zeloso censor bradou:

– Então Goiás não é mais território nacional.

E eu não pude mesmo fazer espetáculo em Goiânia, assim como não vou poder fazer agora em Cruzeiro. (Idem)

À ausência de um contexto democrático será agregado uma imagem de caos social citado no título de “O caos não vai servir para nada”¹⁰⁵, uma das últimas crônicas plinianas do período do jornal *Folha de S. Paulo*, de onde o cronista sairia dias depois de escrever taxativamente sobre um regime de estado de exceção. Quem sabe por mencionar situações de torturas registradas em pontos diversos do país, como a de um caso em Minas Gerais por parte de membros da política local:

Essas coisas lamentáveis que ocorrem em nosso país deixam claro pro mundo civilizado que aqui não se está respeitando os Direitos Humanos. E é por essas e outras que as pessoas de bem do nosso país estão ansiosas pela volta do país ao Estado de Direito. Sem que a integridade de cada cidadão seja respeitada, não pode haver desenvolvimento. Sem desenvolvimento, não há a mínima possibilidade de se conseguir uma vida decente para o povo. Não haverá trabalho para todos e a maioria dos empregos será sempre de salários miseráveis que aviltarão e amesquinharão cada vez mais o homem. (Idem)

Ao final de sua passagem pela *Folha de S. Paulo* ou desta tese a mensagem crítica do cronista de um tempo mau vai destacar a necessidade de revisão de economia e o (re)estabelecimento de um pleno Estado de Direito: “Com regime de exceção, não se consegue nada. Os que têm o capital, por convicção, não abdicam dos seus privilégios e por insegurança, não investem seu dinheiro e essa poupança vai aumentando a miséria do povo”, escreve Plínio Marcos cronista com vistas a um futuro melhor para o país e para os brasileiros: “E um dia virá em que não serão mais as torturas da polícia, as repressões violentas, que vão acanhar o povo. E aí será o caos. Caos que não nos servirá para nada”.

105 Ver a íntegra do texto no anexo de tese - vol. 3, p. 318.

PALAVRAS FINAIS

Nestas chamadas “palavras finais”, e aqui as exponho brevemente por uma questão de formalidade, quero apenas reafirmar brevemente o que citei ao longo de minhas pontuações críticas e a respeito do que pude ou consegui extrair da leitura e análise de 750 crônicas plinianas captadas de arquivos de jornais e revistas, crônicas transcritas e reunidas em anexos de uma tese apresentada em pretendido formato de ensaio (ou seja, sem uma tradicional “conclusão”), na qual procurei verificar os aspectos temáticos e estilísticos de “Plínio Marcos, cronista de um tempo mau” em posição de contestação política ante um regime político de exceção.

Como foi previamente proposto em projeto de pesquisa, busquei analisar a cronística pliniana com base na reunião de textos de jornais e revistas durante o período da ditadura militar (1964-1985). Do conjunto de textos e do período citado, pude, conforme havia pensado em um primeiro momento, verificar a projeção de um traço (neo)realista de uma determinada “representação da pobreza” no país, esta, sendo um ponto de vista comprometido com uma realidade social tematizada: seja pelas narrativas plinianas carregadas de uma linguagem de “povo marginalizado” e/ou pelo viés de “cronista polêmico” que oferece notoriedade a um então reconhecido dramaturgo aqui também indicado como um dos cronistas mais representativos de um período importante da história nacional.

A respeito deste trabalho acadêmico, pretendi analisar um olhar crítico da atuação de Plínio Marcos como cronista e outro que enfatiza uma problematização do gênero “crônica” no Brasil. Um propósito que entendo como minimamente alcançado. No primeiro caso, aponte um contorno definido e ampliado da atuação social, profissional e artística de um dramaturgo-cronista, de sua produção associada a um contexto histórico de adversidades pessoais e sociais; no segundo, procurei problematizar um conceito corrente de crônica adotado no país; também foi possível estudar o surgimento de um gênero que, de fato, tende a absorver em seu interior simbólico marcas de linguagem variadas e muitas vezes as revela explicitamente pela aparência de inúmeras facetas textuais.

A respeito deste estudo, quis ainda realçar e pude perceber um traço de marca pessoal e artística de um destacado defensor do direito e da liberdade de expressão. Este sendo um dado muito importante da pesquisa realizada, pois não escondo o meu respeito por artistas que se posicionam politicamente em um cenário de ditadura e em situações cotidianas que pedem certo grau de franqueza na

comunicação. Do perfil crítico de Plínio Marcos cronista, aliás, ainda pude confirmar a caracterização de um sujeito questionador do mundo. É bom dizer: como cronista, e sobretudo associado a um “tempo mau”, o autor analisado bem exerceu uma função singular na esfera das redações jornalísticas. Durante a ditadura militar e conforme anotei em ato de pesquisa, as experiências de Plínio Marcos cronista foram marcadas pela censura e pelas demissões unilaterais; de fato, foi possível notar na leitura das crônicas reunidas e na sua análise, a projeção de um artista que se destacou pelo enfrentamento contra os poderes então constituídos e chefes de redação dos grandes meios de comunicação do país. É bom que se reafirme: as crônicas plinianas atestaram uma reconhecida atuação do cronista em pleno regime militar e um “modo de dizer” marcado por um estilo singular.

A respeito das crônicas de um tempo mau, pude observar de modo detido um olhar sobre um objeto potencial de comunicação que projeta contornos discursivos para além de uma plataforma considerada fundadora, ou melhor, tratei de uma acepção de discurso vinculada ao jornalismo impresso, que reproduz historicamente uma reflexão sobre um discurso autônomo ou independente de roteiros estabelecidos, entre os quais, os modelos jornalístico e literário, algo que considerei imprescindível para a conclusão deste trabalho e o que aqui me leva a reforçar uma citação reproduzida na tese: apresentamos a crônica brasileira pela exposição de uma defesa da singularidade de um gênero discursivo que, em tese, contesta uma vinculação redutora do gênero da crônica frente ao da literatura.

Na reflexão que formulei acerca da crônica, fiz um movimento de defesa da percepção de que, enquanto gênero em formação, a crônica parece mimetizar o registro histórico do folhetim-variedades e a forma de agregar em seu interior recursos linguísticos tradicionais como os do comentário e o da estetização dos fatos, no caso, por meio de uma produção orientada pela periodicidade e não vinculada a uma ordenação cronológica como ocorria como a crônica histórica. É da acepção de crônica moderna, a da primeira metade do século XIX, que parte da crítica especializada aponta uma matriz do gênero no país, aqui apreciada em um primeiro lugar simbólico demarcado. Chamei a atenção, citando importantes reflexões de pesquisadores brasileiros, para um gênero que, desde o seu estabelecimento, acaba reunindo em torno de uma prática discursiva nomes distintos da literatura, do jornalismo e das humanidades do país – Plínio Marcos se faz incluído nesta relação de nomes e praticantes da crônica brasileira. Na

apreciação de uma linha histórica, pude verificar casos de ditos cronistas eventuais, de cronistas eventuais que passaram a assíduos, até daqueles que produzem de forma especializada ou como atividade auxiliar de uma função profissional definida.

Quis deixar explícito em nosso estudo, a importância do circunstancial a serviço de uma leitura diária ou de uma interpretação cotidiana interessada em destacar uma memória social ou individual ou uma (re)criação de um dado presente da realidade social, cultural e econômica. A noção de retrato de cotidiano, aliás, pode ser um aspecto fundamental da constituição e do entendimento formal de uma linguagem de crônica aqui sugerida: ora aponte a crônica a transcender o circunstancial-jornalístico, ora aponte ela como uma extensão do mesmo circunstancial-jornalístico, ora aponte o gênero promovido pela confluência entre os discursos jornalístico e literário. Da relação com o jornal, pude perceber o surgimento de uma criação e/ou uma recriação de um cotidiano elevada a um gênero vinculado à própria condição de cotidianidade. Por esta reflexão acerca da crônica, busquei realçar a figura de Plínio Marcos cronista apresentando uma análise e um conjunto de textos que evoca jornalismo, literatura e memória pessoal ou autobiografia, e que, ao mesmo tempo, destaca um traço expressivo da representação/estetização da “pobreza” no Brasil da segunda metade do século XX.

É bom que se diga: tratei de um gênero, cuja a linguagem mereceria um estudo mais aprofundado, se o nosso propósito principal fosse este. A falta de um estudo mais aprofundado da linguagem da crônica pode ser considerado, inclusive, uma das maiores críticas que posso modestamente observar das referências consultadas e citadas neste trabalho. Notei que muitos pesquisadores ou especialistas tratam do conceito e da história da crônica. Mas quando mencionam a linguagem, parecem esbarrar em algo de difícil penetração. E neste ponto, não quero deixar de expor o meu ponto de vista a respeito. A linguagem da crônica é algo de difícil penetração, menos pela existência de pressupostos a respeito de sua constituição discursiva, e mais por algo que considero como entendimento fundamental: estudar a crônica por sua faceta apenas literária tende a contrariar a dinâmica espontânea do gênero, que na realidade parece fora do alcance de um pretense desejo pessoal de dizer o que a crônica poderia ser. Eu poderia ainda afirmar: a dinâmica social pode até provocar uma cisão profunda no gênero, por assim dizer, e dar existência ao que muitos chamam de “crônica literária”, “crônica jornalística” etc. Eu particularmente, não consigo, por hora, ver assim. Para mim, o

fenômeno da crônica ocorre justamente pelo seu contorno multifacetado. O que fundamentaria um efeito de discurso ou a argumentação destas minhas “palavras finais” ou o que justificaria a ideia defendida por mim neste estudo de doutorado: de que a crônica se constitui como uma criação ou recriação de uma realidade cotidiana sem se prender muito a um dado suporte.

Identificadas as potencialidades de um gênero e a atuação de um “cronista de um tempo mau”, quis jogar luz a um sujeito que se posicionou criticamente pelo exercício de liberdade de expressão individual, social e artística, sem um reconhecido vínculo político-partidário, algo percebido no estudo de um conjunto de textos que aqui registro como uma contribuição que pode servir de fundamentação ou uma tendência aproximada como resposta para a qualidade da problematização teórica ou acadêmica acerca da figura de “Plínio Marcos cronista”, a partir de um ponto de vista universitário que se quer crítico e sem o exagero da pretensão. Digase: ao escolher como objeto de estudo as crônicas plinianas, vinculadas ao contexto de uma ditadura militar, tive como propósito colaborar para o desenvolvimento dos estudos jornalístico e literário de um modo geral, o que no exercício de uma prática intelectual significa oferecer material teórico e/ou bibliográfico, em especial, à comunidade acadêmica, aos estudiosos, pesquisadores e simpatizantes do assunto. Tal abordagem visa, no presente momento, ampliar os poucos estudos já feitos acerca das crônicas do dramaturgo Plínio Marcos, que, aliás, no meu entendimento, merece mais atenção e um contínuo aprofundamento analítico.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; WEIS, Luiz. “Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar”. In: *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- APOLINÁRIO, João. Repórter de um tempo mau. In: *História das quebradas do mundaréu*. São Paulo: Mirian Paglia Editora de Cultura, 2004.
- ARRIGUCCI JR, Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. *Crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Editora Scipione, 1993.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CAROS AMIGOS. O maldito divino. *Caros Amigos*, São Paulo, set. 1997. Capa, p. 36-41.
- COELHO, Marcelo. Notícias sobre a crônica. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. (Org.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. 2ª ed. São Paulo: Escrituras, 2002.
- CONTIERO, Lucinéia. *Plínio Marcos: uma biografia*. (Tese de Doutorado) Assis: UNESP de Assis, 2007.
- CONTRERAS, Javier Arancibia et al (Org.). *Plínio Marcos: a crônica dos que não tem voz*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.
- GRANJA, Lúcia. Folhetins D’aquém e d’além-mar: A formação da crônica no Brasil. In: MOTTA, Sérgio Vicente; BUSATO, Susanna (Org.). *Figurações contemporâneas no espaço da literatura*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- GUIDARINI, Mário. *A desova da serpente: teatro contemporâneo brasileiro*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1996.
- LANYI, José Paulo. O Plínio Marcos, o andarilho da corda bamba. *Cult – Revista brasileira de literatura*, São Paulo, out. 1999. Capa, p. 12-19.
- MARCOS, Plínio. *Prisioneiro de uma canção*. 3 ed. São Paulo: Parma, 1984.
- MARTINS, Gilberto Figueiredo. De pisantes e pisados – Representações da falta (Percursos intertextuais e interdiscursivos com Alberto Moravia e Plínio Marcos). In:

Nas malhas da narratividade: ensaios sobre literatura, história, teatro e cinema. Assis: FCL-Assis-UNESP-Publicações, 2007.

MELO, José Marques de. "A crônica". CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. (org.). In: *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. 2ª ed. São Paulo: Escrituras, 2002.

MENDES, Oswaldo. *Bendito maldito: uma biografia de Plínio Marcos*. São Paulo: Editora Leya, 2009.

PEREIRA, Welington. *Crônica: a arte do útil ou do fútil?* João Pessoa: Editora Ideia, 1994.

PORTELLA, Eduardo. "A cidade e a letra". In: *Dimensões I: o livro e a perspectiva crítica literária*. 4 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1987.

SIMON, Luiz Carlos. *Dois ou três páginas despreziosas: a crônica, Rubem Braga e outros cronistas*. Londrina: EDUEL, 2011

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2005.

VIEIRA, Paulo. *Plínio Marcos: a flor e o mal*. Petrópolis: Editora Fumo, 1994.

Outras fontes

Acervo jornal Última Hora de SP. Disponível em: Arquivo Histórico do Estado de São Paulo.

<http://acervo.folha.com.br/>

<http://veja.abril.com.br/acervodigital/>

<http://www.pliniomarcos.com/>

CRÔNICAS COMPILADAS (ANEXOS): VOLUMES 1, 2 e 3.

CRÔNICAS COMPILADAS – VOLUME UM

SUMÁRIO

1) JORNAL *ÚLTIMA HORA* DE SP 1968 _____ pág. 7

1.1 – As crônicas de março de 1968 – Coluna *Navalha na carne* _____ pág. 7

[Crônica sem título]

[Crônica sem título]

[Crônica sem título]

[Crônica sem título]

[Crônica sem título]

1.2 – As crônicas de abril de 1968 – Coluna *Navalha na carne* _____ pág. 13

[Crônica sem título]

[Crônica sem título]

[Crônica sem título]

[Crônica sem título]

1.3 – As crônicas de maio de 1968 – Coluna *Navalha na carne* _____ pág. 19

[Crônica sem título]

[Crônica sem título]

[Crônica sem título]

A pequena história de corujão, o pé frio

1.4 – As crônicas de junho de 1968 – Coluna *Navalha na carne* _____ pág. 25

Vida e morte de cafifa Adegas

A sorte do cantor

1.5 – As crônicas de julho de 1968 – Coluna *Navalha na carne* _____ pág. 27

Usava boina e berro, mas era só

O jogado fora

1.6 – As crônicas de agosto de 1968 – Coluna *Navalha na carne* _____ pág. 30

(Conteúdo a pesquisar)

1.7 – As crônicas de setembro de 1968 – Coluna *Navalha na carne* _____ pág. 30

A glória de um panaca

Uma história da minha gente querida

A paixão proibida de Caio e Madalena

O doutor quebra-galho

A vida tem dessas coisas

1.8 – As crônicas de outubro de 1968 – Coluna *Navalha na carne* _____ pág. 38

Situação difícil

1. 9 – As crônicas de novembro de 1968 – Coluna *Navalha na carne* _____ pág. 39

**Quem não pode não põe banca
O manja balão
Xangô salve a Telé, 'A rainha dos bicões'**

1.10 – As crônicas de dezembro de 1968 – Coluna *Navalha na carne* _____ pág. 43

**Sempre tem a volta
A forra
Em praga de madrinha só entra quem bota fé
Glória e queda de um moço mau e obediente**

2) JORNAL *ÚLTIMA HORA DE SP* – 1969 _____ pág. 49

2. 1 – As crônicas de janeiro de 1969 – Coluna *Navalha na carne* _____ pág. 49

**Codó seca até pimenteira
Pela bola sete
O grande cobra do boxe
O carnaval não deixou saudades pro Nenê Bolão**

2. 2 – As crônicas de fevereiro de 1969 – Coluna *Navalha na carne* _____ pág. 55

**As chuteiras do Jabaquara
Cronista de carnaval
Navalha na carne diz até logo. Mas com grandeza**

2. 3 – As crônicas de março de 1969 – Coluna *Navalha na carne* _____ pág. 58

**Eu e o meu Santos, Nelson Rodrigues e o seu Fluminense
Pivetada enganadora ou enganada
São Paulo vai pagar pela graça do Guarani
Quem quiser ganhar uma grana aposte no Santos
Meus dois pivetes me metem numa sinuca
Seleção brasileira no bom caminho
Nunca foi tão fácil ganhar do São Paulo
Treineiro, o esparro dos cartolas
A lei burra
O homenageado se branqueou com a homenagem
Corint[h]ians e Portuguesa é jogo sem mistério
O Falcão Negro
O campeonato burro e o seu melhor jogo
Portuguesa, um time de fritar bolinho
O futebol na Carica está uma caca
Se o negócio é pau, vamos dar pau
Quem não chora não mama
Se os cornetas não perturbarem esse ano dá Corint[h]ians**

Juiz português, melhor jogador do Palmeiras
Pau no juiz português
O vídeo tape é mentiroso
Português engrupiu brasileiro. E não é anedota
O palavrão é santo e incompreendido
Nessa pelada eu não vou
Sucessos e fracassos
Comigo não Dedão

2. 4 – As crônicas de abril de 1969 – Coluna *Navalha na carne* _____ pág. 88

Lau barbeiro, um sábio
A Carica e seus esquinapos
Corintianos em festa
Os cartolas ficaram em casa torcendo contra
Peru de cartola
Paixão de Cristo em Mafuá
Lanceiros no embarque da Canarinho
Sinal dos tempos
A seleção canarinho vai pras cabeceiras
Com a gente vai ter a copa
Ganhamos na bola e no tapa. Viva o Brasil
Treineiro, um papagaio enfeitado
Por gama também se entruta
Lau barbeiro, um sofredor sozinho
Zé Roberto e as suas presepadadas
Maria maravilhosa maravilhada com Ribeirão Preto
Gerson, um patriota verdadeiro
O Lau barbeiro
João Carlos, um craque em cana
O Lau barbeiro já não está mais só
Uma pauleira escamosa
Um minuto de silêncio e muitos de barulho
Só unido o Brasil vencerá
Geraldo Bretas
Bandeira Paulista[,] um exemplo para Portuguesa
Uma história do cais do porto de Santos
Carlão Caxambu sem chance
O Guarani que se cuide
Alô alô Jundiaí

2. 5 – As crônicas de maio de 1969 – Coluna *Navalha na carne* _____ pág. 116

Na televisão crioulo não tem vez
Lincoln só queria a igualdade dos homens
Salve-se quem puder
Vamos ver a censura
Lusa quer engrupir Lorico
Nas finais o Santos bota pra quebrar
Enquanto eu tiver um espaço

Hoje estou devagar
Como tá Cacilda?
O Balalaica
Até santo tá entrando em pua
13 de maio
Como se marginaliza a gente
O Inácio aposta na Ferroviária
Lau barbeiro dá navalhada pelo Juventus
Em causa justa não enjeito pau
Queremos uma lei santa
A carta da mãe do Benê
Esse ano é do Santos de glórias mil
O Comercial está de volta
Santos e outros babados
Como não se ganha um campeonato
Teatro e futebol no interior
O campeonato fajuto
Volta à cidade
Não se deve mais ir ao campo

2. 6 – As crônicas de junho de 1969 – Coluna *Navalha na carne* _____ pág. 141

Somente uma vez na vida
Lau barbeiro está mais aliviado
Os cartolas esculacham a alegria do povo
Orlando na quebra da vida
As mestras e seus xavecós
Ignácio de Loyola chora pela Ferroviária
Aristides Barbosa, um grande brasileiro
História de um velho ladrão
Dia de papo chimbu
Na hora do 'vamos ver' deu Santos
Precisa-se de um goleiro
Não temos goleiro
Uma gronga e dois papos firmes
Conosco ninguém podosco
Este ano não deu
A lenda da Rainha eterna
Este ano não deu
Brasil, o país da bola
É como diz o Zagaia! Mas e daí?
Deu até dó
O Lau barbeiro
Nunca foi tão fácil
Tchau
Boato não ganha jogo
O mundo é freguês
Não volte Quim
Bandeira Paulista
Pererecos da Copa do Mundo

2. 7 – As crônicas de junho de 1969 – Coluna *Plínio Marcos escracha* ____ pág. 167

Plínio Marcos escracha Leila Diniz sem mistério
As aventuras de Ramon Mirabet, juiz de várzea
O extra não sabe o seu papel

2. 8 – As crônicas de julho de 1969 – Coluna *Navalha na carne* _____ pág. 181

O Lau barbeiro
Querem avacalhar com a seleção
E agora?
Os dentes de leite
Sem grana não tem
Os cartolas cada vez ficam pior
Presepadas dos cartolas
Duas decisões arrasadoras
Cadê a carne
Cada vez fede mais
Obrigado, Ponte Preta
Meus cupinchas, tchau

2. 9 – As crônicas de julho de 1969 – Coluna *Plínio Marcos escracha* ____ pág. 190

Nego Orlando, valente de profissão
Este Luciano é um artista

2. 10 – As crônicas de agosto de 1969 – Coluna *Navalha na carne* _____ pág. 200

Se o Zagaia diz é que é

2. 11 – As crônicas de agosto de 1969 – Coluna *Plínio Marcos escracha* __ pág. 192

Plínio Marcos escracha Brinquinho e Brioso

2. 12 – As crônicas de setembro de 1969 – Coluna *Plínio Marcos escracha* pág. 202

(Fonte de pesquisa a ser pesquisada – não encontrada até o momento)

2. 13 – As crônicas de outubro de 1969 – Coluna *Plínio Marcos escracha*__ pág. 197

Plínio Marcos escracha Saracura
Plínio Marcos escracha o Antonio Porteiro

2. 14 – As crônicas de outubro de 1969 – O folhetim *Balbina de lansã* _____ pág. 207

Capítulo 1: O Aviso
Capítulo 2: A limpeza da gronga

2. 15 – As crônicas de novembro de 1969 – O folhetim *Balbina de lansã*__ pág. 220

Capítulo 3: A presença de Iansã
Capítulo 4: Há males que vem pra bem
Capítulo 5: O destino de Balbina
Capítulo 6: [Sem título]

2. 16 – As crônicas de novembro de 1969 – O folhetim *Balbina de Iansã*__ pág. 231

Capítulo 7: [Sem título]
Capítulo 8: Quando as pedras se encontram
Capítulo 9: O Patuá de Valia
Capítulo 10: Os busos lançados

1. JORNAL *ÚLTIMA HORA DE SP* – 1968

1.1 – As crônicas de março de 1968 – Coluna *Navalha na carne*

[Crônica sem título] (*Última Hora de SP* – Edição de 3/3/1968. Página 7. Caderno 2)

No exato momento em que, simbolicamente, eu cortava a fita auri-verde que me inaugurava como cronista deste jornal, mandava pra glória uma rolha de Pitu, em companhia do meu chapa Apolinário, que foi quem me inventou nesse negócio aqui. E, aproveitando a presença da curriola da redação, e mesmo por já estar com umas e outras na cuca, meti um plá solene, explicando pra moçada que coluna minha ia ser trincheira. E não podia ser de outro jeito. Que eu não embarcava nessa canoa pelos trocadinhos, não. Meu caso é de botar pra quebrar. Que, como diz o Brecht:

– Minha voz não pode muito, mas gritar eu gritei.

E essa era minha toada. Lenha. Não dou colher de chá para trambiqueiro nenhum. Vou atucanar a vida de meio mundo. Vou caguetar para o povo (se é que povo lê) todos os trambiques dos majorengos. Enfim, aqui vai ser fogo. Nessa hora de bronca por causa da palavra, eu entro de sola.

Bom, eu estava aí largando o verbo, quando baixou no boteco um manjado produtor de TV. O moço botou as botucas em mim e se assanhou. Se rachou de primeira. Maior conversador.

– Tenho um troço pra você. Foi Deus que te largou aqui pra eu te achar.

Depois da alegria, ele falou sério:

– Olha, meu programa é de bandido, entende? Vida de bandido. Um esquema genial. Ninguém melhor do que você pra escrever vida de bandido. E a grana é firme.

Eu olhei meu horóscopo. Confiria [sic]: sorte nos empreendimentos. Deixei andar. Dois empregos no mesmo dia era legal. Ainda mais agora que a Censura de teatro só está liberando peça tipo Pinóquio, ninguém mais que eu precisa de emprego. E se tem coisa de que eu entendo, é [de] bandido. Disso eu entendo. Já tive minha embaixada no cais do porto de Santos.

E agora mesmo, quando eu, Tatá e a Miriam Mehler (essa atriz maravilhosa que logo que sentiu o aroma da nova Censura reservou pra si o direito de fazer a menina do chapeuzinho vermelho) estávamos lá na Carica levando a peça Quando as máquinas param¹, eu, um dia, a convite do dr. Carlos Leal, fui visitar a penitenciária Lemos de Brito e depois o presídio do Bangu. E tive oportunidade de bater uma caixa com Nenê Russo, com os dois caras do massacre do Peg-Pag, com o sargento do levante de Brasília. (Pois é, preso político, aqui, também puxa cana em xadrez de vagabundo). E eu falei com essa gente e outros, lá na Lemos. No retiro das pistoleiras, levei um longo papo com a Fera da Penha². E juro por essa luz que me ilumina, com qualquer dessas pintas, o Truman Capote escrevia uma romance melhor que o A sangue frio³. Eu não sou nenhum Truman, mas tem um porém: engano direitinho. Material sobre bandido tenho pacas. Dá pra escrever

1 No original de jornal, a expressão Quando as máquinas param está em negrito.

2 No original de jornal, a expressão Fera da Penha está em negrito.

3 No original de jornal, a expressão A sangue frio está em negrito.

histórias de montão. É só a Censura largar [o] meu pé, eu espalho todas. Então, está aí. Programa de bandido é comigo mesmo.

Eu queria escrever o programa. O produtor queria que eu escrevesse. Na hora da bufunfa, não teve mosquito. O esquema genial que o produtor bolou já tinha sido bolado antes pelo Túlio de Lemos e Walter Durst, naquele Teatro-64, mas não pegava nada. Televisão é assim mesmo. Eu penetrei naquele lance. O moço já ia dar o pinote, certo que eu ia lá na tevê no dia seguinte de sinopse embaixo do sovaco. Mas, entrou areia. Quando o cara ia sair, parou na porta e berrou:

– Meu! Não esquece da moral!

Eu caí do cavalo.

– Que moral?

E o sujeito, sem ficar vermelho nem nada, mandou ficha:

– A moral, poxa! Você sabe. Tem que ter moral no fim. Se não, a Censura não deixa ir pro ar. Bola uma moral, tá? Um negócio simples. Mete um: “O crime não compensa”, ou “Na vida de bandido quem se dana é a mãe”. Um troço por aí. Só pra de[s]chavar os censores. Conto com você. Tá? Não tava, não. O canal entupiu. Dei última forma. Comigo, essa moral não gruda, majura. Eu sou a favor do bandido. Que disso eu entendo.

[Crônica sem título] (*Última Hora* de SP – Edição de 10/3/1968. Página 3. Caderno 2)

Já fazia um cassetão de tempo que o Corinthians não faturava o Santos. Fazia tempo pacas. Acho que foi Antes de Cristo a última vitória do time de Ogum. O Tatá ainda juntava bala de futebol quando o glorioso alvinegro praiano entrou pela tabulação diante dos mosqueteiros. Teve nego que nasceu e morreu e não teve o gostinho de ver o Santos perder do Corinthians. Diziam que era tabu. Macumba. Que o Santos entrava em campo protegido por lemanjá e os cambaus. Contra a mandinga ninguém pode. Até o Jaú, pai de Santo de se botar fé, bateu seus atabaques em favor do Corinthians e não arranhou nada. Nadinha. E, em dia de jogo contra o time da Vila Famosa, até a torcida corintiana ficava com amarelão. Ninguém, ninguém nesse jogo apostava contra o Santos.

Mas foi aí que o Zé Mané se tocou que até araruta tem seu dia de mingau. É verdade. Um dia a casa cai. Claro que ele embarcou no desespero. Ele não era louco. Se não estivesse de cuca fundida, não ia apostar todo o pagamento contra o azar. Mas, que fazer? Casado, com quatro filhos, pega envelope mensal com cento e noventa mangos, menos dos descontos, já viu a sopa de arrebite que tem que tomar. Daí, não quis nem saber pra onde a chata ia. Miséria pouca é bobagem. Se largou no boteco da Glória. Era dia de Santos X Corinthians. Meteu umas e outras na caveira, ficou em estado de graça. Comprou uma bandeira corintiana e se pôs a berrar:

– Aceito qualquer aposta. Sou Corinthians. Dou um de lambuja. Pra quem quiser.

Apareceu mão de todo lado pra pegar a moleza. Se no taco era barbada, com lambuja perdia até o sarro. Naturalmente que a moçada se tocou que nesse lance os corintianos tinham Paulo Borges, Buião, Eduardo e outros cobras, e os santistas vinham com o juvenil: Kaneko, Negreiros e tal e coisa. Naturalmente que a moçada se tocou que a defesa do Santos andava furando mais que picotador de taxi-dança.

Mas, e o tabu? Pesa na balança. Todo mundo que pode amarrou uma nota com o Zé Mané. Selada ali, na mão do dono do boteco.

Zé Mané se mandou pro Pacaembu. Se o Corinthians ganhasse, tava pra ele. Ia melhorar o ra[n]gu da família. Pelo menos nesse mês ia ter feijão com reforço lá no seu mocó. Se o Corinthians perdesse, dane-se. Pior não podia ficar. Com o ordenado que tinha ou nada, a desgraça era a mesma. Os bacuris sempre acabavam o jantar chorando de fome. Então, bota pra quebrar. Tática vietcong. Larga tudo na parada. Esse negócio de espiar pra ver a vida passar não dá pedal. Isso é pra cabeça fresca. Cara que está bem instalado na vida. Pro Zé Mané é sempre gronga. Tem que entrar de sola, mesmo. Porque quem nasce sujo de arara nunca tem nada a perder.

Começou o jogo com gente pacas, xingando a mãe do juiz por qualquer coisinha. Só o Zé Mané não berrava. Balançava sua bandeira e só. Olhava, mas não via o jogo. Seu olhar estava distante, longe. Num saco de feijão. Seu coração estava em campo, sofrendo com a fome dos seus filhos. Era essa a pouca guerra que conhecia. Entrou nela pra valer. Jogou todo seu ordenado. Podia fazer pouco agora: esperar. E ele esperava. Veio o meio tempo, zero a zero. O coração de Zé Mané começou a ficar pequeno. Apertado. Começou o segundo tempo. E aí, aos catorze minutos em ponto, aos catorze minutos, Paulo Borges manda um carvão no barbante de Claudio. Um a zero pro Corinthians.

A torcida bota a boca no trombone, tem nego que chora e ri ao mesmo tempo. Só o Zé Mané está calado, pra quem deu um de lambuja, o jogo está empate.

E Zé Mané reza baixinho. E o tempo corre, o coração pena. A torcida mosqueira urra:

– Mais um! Mais um!

Zé Mané quer gritar junto. Não pode. A voz não sai. E, de repente: Gool!

Flávio, Corinthians 2 X 0. Zé Mané, 2 X 1. Melhor feijão no ragu dos seus filhos. Todos pulam. Todos cantam. Menos Zé Mané. Seu coração estava cada vez mais apertado. Dói. Dói muito. Já não tem força pra balançar sua bandeira. A cabeça gira. Os gritos de vitória vão sumindo, sumindo. No céu, mil estrelas veem o tabu ser quebrado. E a lua, que é santista, se recolhe. E a torcida canta seu canto de vitória. Até que enfim o Corinthians deu sorte. Zé Mané não aguenta mais. A dor no coração. Cai. Fecha os olhos e morre.

[Crônica sem título] (*Última Hora* de SP – Edição de 17/3/1968. Página 7. Caderno 2)

Ninguém sabe direito como foi que Bilu, um crioulo gordo de fala macia e outros babados, apareceu no bairro do Macuco. O que todo mundo sabe foi como ele se acabou. A verdade é que ele chegou assim como quem não quer nada e logo seu nome era bem manjado e seu endereço na Linha Forte Augusto, conhecido pacas.

Ele começou a formar seu eleitorado no dia em que o filhinho da Balbina se pôs a chorar sem motivo aparente e emendou três dias e três noites num berreiro só. Foi um perereco. A cuca da mãe quase fundiu. O mulhério da vizinhança que veio acudir fez de tudo pra calar a boca do guri. Benzeram o garoto contra praga, contra mau-olhado, contra espinhela caída, deram banho de sal, banho de erva, chá de hortelã, chá de capim cidrão e os cambaus. Chamaram o Pronto Socorro

Municipal – que por sinal não veio – e o moleque firme de guela escancarada. Já estava deixando o pessoal matusquela.

Foi aí que o Bilu baixou na casa da Balbina. Meteu as botucas na criança e pimba. Dali a um minuto ela estava rindo e brincando, como se nada tivesse acontecido. O espanto foi geral. O povo todo quis saber que gronga era aquela. E Bilu, com ar de sábio, meteu ficha:

– Encosto.

Aí foi do cacete. O maior enxame da paróquia. Todo mundo deu palpite. Mas, quem fez o crioulo se rachar foi dona Dagmar. Desconfiada como ela só, atacou de sola:

– Como é que tu sabe que é encosto?

O Bilu se serviu. Meteu a maior banca.

– Sou Pai de Santo. Tenho cabeça firmada na Bahia. Sei das coisas. Tenho arreglo forte com os encantados. Pode botar fé.

Ninguém duvidou. Dona Dagmar, o correio do bairro, saiu espalhando a notícia. Dizem, ninguém prova, que nessa noite mesmo o Bilu aproveitou que a Balbina estava agradecida e se arreglou com ela.

O certo é que no dia seguinte logo cedo começou a chegar gente no mocó do crioulo. E os primeiros que chegaram já encontraram a Balbina. Mas, não deram pelota pra isso, não. Só depois, quando a onda passou, é que foram conferir quem o Bilu tinha passado nas armas e alguém, então, lembrou esse lance da Balbina. Mas, na ocasião, todos vinham com carga pesada demais para o Pai de Santo aliviar. Não iam pensar nos outros.

Bilu, eu estava ali na paquera, não se fez de difícil. Meteu um passe em cada um. Naturalmente não corava bulhufas.

– Bem quem faz é Deus – charlava de leve. E logo achacava:

– Mas, quem puder deixar algum, que deixe, pra comida dos santos.

E a grana pingava. Chovia na horta do crioulo. Quem empurrava pra frente. Meteu uma tabuleta na porta. Tirou alvará na polícia. E deixou andar. A freguesia era legal. Cada vez maior e mais vidrada. Povo a perigo se agarra em qualquer coisa. E nessa, o pessoal se atirou de cabeça. Bilu embromava direitinho.

Organizou uma roda. Toda sexta-feira, batia atabaque. E os orixás de mais valia assentavam em seus cavalos e iam espalhando promessa. Emprego pra um, marido de volta pra outra, e tal e coisa. E, entre uma enganação e outra, o Pai de Santo se tratava. Vira e mexe, com a zoeira que precisava agradar um encantado, arrastava uma menina para os fundos da casa.

Ninguém ligava. A terra há de comer mesmo. Então, serve o Santo, que Deus ajuda. E o Bilu ficava cada vez mais folgado. Até que um dia, pegou uma invertida do primeiro ao quinto e se estrepou de verde e amarelo.

Em nome de Xangô, o Pai de Santo abriu para o Amor e fechou para o mal a Nininha, uma cabrochinha de quinze anos, que recebia lansã. Como sempre, ninguém estrilou.

Mas, Nininha, de orgulhosa, não se escorou. Servir Xangô era cartaz pacas. Botou a boca no trombone. Foi contar logo para o Doca, seu namoradinho. O pivete era invocado e arrastava um vagão de cascalho pela garota. Ficou abilolado. Mandou um fumo pras presas e saiu pra cobrança.

O Doca atracou no terreiro do Bilu em plena sessão. Mas, desconheceu. Não se tocou que tinha Santo presente. De ferro na mão, aprontou o maior salseiro. Abriu caminho no peito. Encarou o Pai de Santo e mandou-lhe o pé. O crioulo se entortou. Bateu no altar e esparramou imagem e cruz pra todo lado. Quando quis se aprumar, recebeu a naifa no gogó. O melado correu. Ninguém se mexeu por ele. E ele nem gemeu. Doca tirou o povo na pinta. Todos caíram no espanto. Um por um, todos foram se arrancando de fininho. Os deuses também não reclamaram. Tinham voltado pro céu.

[Crônica sem título] (*Última Hora* de SP – Edição de 24/3/1968. Página 3. Caderno 2)

O Tuim era um cara legal. Pra frente pacas. Todo mundo gostava dele. Do Macuco ao Bairro Chinês, ele tinha curriola. Era um santo. Não era de aprontar salseiro. Gostava era de brincar. Até mesmo quando queimava uma erva ele tinha simancol. Curtia uma onda de riso, tal e coisa, mas não perturbava. Seu negócio era levar um papo. Sempre tinha mil parangolés. Quando ia em cana, no xadrez que ele entrava era uma festa. Ele logo começava a falar e o tempo corria sem pensar. O Tuim era um bom menino.

Claro que não comia enrolado. Nunca levou desaforo pra casa. Mas, sua briga, que era lenha pacas, era só pra defender seu lado. Nunca botou pra quebrar de valente. Ele não era de confusão. Seu negócio era mulher. Vivia atrás de rabo de saia. E estava certo assim. Bom dançarino, agradava fácil na gafeira. Cheio de milongas. Se enfiava numa beca certinha e só dava ele.

Naturalmente tinha nego que metia as botucas tortas na vida do Tuim. Mas, o seu orixá de fé era de força e o moço não tomava conhecimento do azar. Até que um dia a zorra ferrou seu pé.

O Tuim tinha ido dançar lá na Areia Branca. No Padeirão. No fim do baile, se mandou com uma cabrocha de alta linha. E, pra não perder o costume, foi até o boteco tomar a penúltima. Foi aí que não grudou.

Lá no boteco estavam três navais metendo birita na caveira. Tem cara que põe farda e pensa que fica mais homem que os outros. Um dos navais se engraçou com a mina do Tuim, que quis cair fora. Era seu jeito. Mas, os navais engrossaram. Não podiam crer na briga do paisano. Imprensado o rapaz. Aí foi broca. O pau comeu.

Tuim tinha pauleira para o que desse e viesse. O chão ficou sabão. O pé do paisano vinha por baixo e sobrava naval pra todo lado. Na volta do primeiro, Tuim deu um bico na canela, o cara vacilou e tomou a testa do moço no nariz. O segundo recebeu um coice no documento de macho e vidrou. O terceiro correu. Tuim não precisou nem apelar pra naifa. Deixou o caso no barato. Passou a mão na cabrocha e se picou dentro da vida. Foi fazer amor. Que de guerra o mundo já tá cheio.

Como diz o Zagaia: Nada como um dia atrás do outro. E assim é que é. Quem bate esquece que quem se estrepa espera a volta. O Tuim fez mal de não se lembrar desse plá. E se danou.

Um dia, Tuim estava lá na rampa do Mercado, só jacareizando. Não queria nada com nada. Estava na boa. Quando surgiu o jipe dos navais. O carango veio vindo, como quem vem a passeio. Deschavava que ia passar ao largo. Tuim nem se tocou. De repente, uma manobra rápida. Uma acelerada e passaram em cima do

Tuim. Passaram na cabeça. No coração. Nas pernas. Esmagaram o Tuim. Foi um negócio de dar nojo. Foi de maldade que esmagaram o Tuim. Foi de maldade.

Na rampa do Mercado, formou-se um lago de sangue moço. Na rampa do mercado. Na rampa do mercado, uma pasta de carne. Uma tocaia de dar nojo. Um xaveco⁴ de virar o estômago. Mas, ninguém estrilou. Na direção do jipe, o naval. Aquele naval que tomou um pé na glória de macho. Em cada canto da rampa, um cagueta pra jurar que foi sem querer. Os cachorrinhos não estavam lá por acaso. Eles nunca estão por acaso. E o naval livrou a cara.

[Crônica sem título] (*Última Hora* de SP – Edição de 31/3/1968. Página 3. Caderno 2)

O Mineirinho estava a perigo. Ferrou um polícia. Isso é broca. Toda a tiragem da carga saiu na sua cola. Queriam beber o sangue do rapaz. Ele ia se escorando como podia. Passava o dia na moita. À noite saía pra dar uma bandola. Afanava um chofer de praça qualquer e defendia o rango. Mas ia no susto. Cada sombra podia ser um xaveco. A gronga estava feia.

Ele estava encostado na parede.

Mas o pior mesmo era o cupim que estava lhe comendo o peito. E tinha também a saudade da Madalena, uma mulata rainha, que era a sua gama preta. Do cupim, o moço estava escarrando sangue. De saudade, já não cabia dentro da beca. A cuca estava fundida. Só se ligava lá no morro de Mangueira onde a Madalena tinha a sua tapera. Porém como ir lá? Todo mundo sabia que ele arrastava um vagão de cascalho pela mulata. E o Perpétuo, caçador de bandido, manjava seu pesqueiro. Devia estar na campa. Mas, e daí? Quando o cupim se encosta na caixa de catarro, é fogo. A paixão conta em dobro. Ferve o sangue. É zorra de não ter nego capaz de se escorar. E o Mineirinho não era melhor do que ninguém. Não se segurou. Pegou o vinte e dois de fé e se picou pra Mangueira.

Não deu outra coisa senão azar. Mineirinho já estava de arreglo feito quando um moleque veio dar a dica:

– Te arranca, Mineiro! O Perpétuo vem ali!

Mineirinho quis se espiantar, mas já era tarde. O Perpétuo de razão na mão flagrou⁵ ele com a boca na botija.

– Desculpe, Madalena. Mas vou guardar o Mineiro.

A batota⁶ do morro sempre confiava no Perpétuo. Homem de palavra. Madalena chorando pediu:

– Seu Perpétuo, não deixa ninguém acabar com o Mineiro. Ele já está no fim. Tá ruim dos peitos.

Perpétuo teve dó.

– Se ele for por bem pega maré mansa. Tu vai, Mineiro?

Mineirinho estava bambo daquilo tudo. Correr de um lado pro outro sem ter onde se esconder, deixa qualquer um no virador. Depois estava feliz de Madalena. E foi ela quem pediu.

4 Na maioria dos textos analisados, Plínio Marcos cronista utiliza a versão “xaveco” em vez de “chaveco”.

5 Termo atualizado; no original de jornal consta “fragou”.

6 Termo atualizado; no original de jornal consta “botota”.

– Vai, Mineiro! Melhor pra ti!

O moço se rendeu.

– Tá. Eu vou! Mas quero saber uma coisa! Quem me dedou?

Perpétuo não gostava de cachorrinho. Não se fez de difícil.

– Foi o Azulão.

Mineirinho se fechou em copa e desceu o morro com o Perpétuo. Lá embaixo cruzaram com o Azulão. O crioulo encabulou. Mineirinho deu o recado:

– Foi tu! Eu sei que foi tu!

Como diz o Zagaia[:] cobra que não anda não engole sapo. O Azulão não podia tocar fogo no mar, pra comer peixe frito. Teve que se virar pra adiantar o⁷ seu lado. E numa dessa se entrutou. Foi em cana. Pegaram o salafrá e meteram lá na Lemos de Brito. Na mesma gaiola onde estava enfurnado o Mineirinho. O negrão, que não era otário, foi logo trocando:

– Dou qualquer serviço. Mas pelo amor de Deus, não me botem no pavilhão do Mineiro!

Os tiras se serviram. Fizeram o crio[u]lo jurar que era o lalau de tudo quanto era azar sem dono. E ele foi de gaiato.

Nesse tempo, lá na Lemos, a bruxa estava solta. As duas coisas que atucanaram vida de preso, saíram juntas. Uma era a maconha. Qualquer pessoa sabe que o fumo tem que entrar na galera. Tem que ser controlado. Se entra muito, a curriola endoida. Se não entra nenhum, a curriola endoida do mesmo jeito. Nessa época fecharam a boca. O pessoal ficou de presa seca. E a comida, andava ruim de dar nojo em porco. Daí armaram o salseiro.

Os leões se juntaram e combinaram de botar pra quebrar. Mineirinho tinha embaixada. Foi perguntando se estava na leva. De gosto não ia, mas se era briga de todos, era sua também. E deu-se o bate-fundo.

Tocaram fogo nos colchões. Pegaram guanaco no cacete e na dentada. Aprontaram paca[s]. A cadeia virou inferno. Cada um fez o que pode pra escapar. Só o Mineirinho é que se mandou lá pro outro pavilhão. Fez miséria. Deu uma grampeada no carcereiro. Apanhou as chaves das celas e se pôs na frente do Azulão. O crioulo se jogou no chão.

– Não me mata, Mineiro! Não me mata! Juro por esta luz que me alumia, que o homem me apertou.

– Tu falou, negrão. Tu falou e não devia.

Azulão estava em desespero. Tremia todo. Parecia geleia. Os olhos estavam saltando da cara. Gemeu.

– Pelo amor de Deus, não me mata!

Mineirinho deu a sentença.

– Tu não vai morrer, desgraçado!

Hoje, lá no morro de Mangueira, qualquer um pode ver perto da bica, um crioulo sentado. Tem os olhos arregalados como se fosse saltar da cara e a boca aberta de espanto. Não fala mais. Não tem língua.

1.2 – As crônicas de abril de 1968 – Coluna *Navalha na carne*

⁷ Termo atualizado; no original de jornal consta “ao”.

[Crônica sem título] (*Última Hora* de SP – Edição de 7/4/1968. Página 3. Caderno 2)

Só quando o Cuca deu baixa no exército é que começou a pensar na vida. Antes, ele deixava andar. Tinha um trabuco dos mais fajutos. Era cabineiro de elevador. Porém, não se tocava. Estava na cara que ali, subindo e descendo, não ia ter um futuro de maré mansa. Mas, como tinha que puxar um tempo de soldado, sabia que não ia arrumar coisa melhor antes. Com todo mundo é assim. Esse ano de quartel é um atraso de vida. Os patrões não são trouxas. Não pegam um cara pra depois ficar guardando o lugar dele enquanto ele é praça. É assim mesmo. O Cuca estaca por dentro. Ainda ficava contente de ter arranjado aquele empreguinho. Pior era com a moçada do seu bairro. Os que estavam na mesma sinuca. A maioria não arranjava nada. Só esperando ser reservista. Pra cair na luta do dia a dia.

O Cuca ainda tinha uma colher de chá na vida. Não estudou, não aprendeu ofício, nem nada. Mas batia bem na bola. Batia bem pacas. E era por aí que o moço pensava escapar da gronga toda que é nascer pobre. Sonhava dia e noite com um timão. Elevador subia, elevador descia e na cabeça do rapaz a bola rolando. E ele atrás. Gostava! Pra cacete! Precisava! Pacas!

Estava de namorinho com a Laurinha. Claro que a família da moça não queria. Laurinha era o anjo do bairro. A coroa da menina queria pra filha um casamento legal. Não é que achassem que o Cuca não fosse gente boa. Não era isso. O Cuca era direito. Só queria era pé de chinelo. E a Laurinha, tão bonita, podia de arregalar com um doutor qualquer. Fazer um casamento bom. Podia, sim. Mas, gama é gama. A Laurinha era vidrada no Cuca. E levava fé no futebol dele. Quando alguém pixava o rapaz, ela deschavava:

– Um dia ele acerta o pé. Daí cala a boca de meio mundo.

E o dia de Cuca chegou. [O] Praticagem F. C. ia disputar um caneco de prata contra os Marinheiros F. C. Era um jogão. O Praticagem, lá na Ponta da Praia, era o galo. E os Marinheiros do cais do porto tinham uma legenda: “Se perder na bola, ganha na porrada”. A semana inteira Santos falou neste jogo. Todo mundo sabia que o Cuca era o melhor ponta de lança da várzea santista. Mas, todo mundo sabia que a bequeira dos Marujos, Cativeiro e Simião, não alisava ninguém. Ia ser fogo. Um pega pra capar. Só se falava no jogo, que ia ser em campo de ninguém. Ia ser no Macucão. Na Floresta.

Os Marinheiros chegaram com cinco caminhões de torcida. O Praticagem veio de bonde. Mas, não ficou um pescador na Ponta da Praia. Todo mundo fez aposta. Só que não apostavam no vencedor. Apostavam na hora da pauleira. Uns achavam que o jogo não chegava no meio tempo. Outros, que o quebra ia sair no lance do primeiro gol. Se não saísse gol, o pau só comia no fim.

Já foi um perereco achar uma goiaba pra ser o juiz. Mas, como diz o Zagaia: “Tem sempre bobo pra tudo”. E o Barbadinho, um bêbado manjado, pegou o apito. Bastou apitar pra chamar os times pro campo para as duas torcidas endoidarem. Começaram a xingar a mãe do juiz. Agora, batusquela mesmo a curriola ficou quando os jogadores puseram a cara no campo. A torcida até parecia um bando de policiais militares em dia de massacrar estudante. Todos espumando.

Quando o jogo já ia começar, seu Melão, Presidente dos Marinheiros, pediu um minuto de silêncio em memória do Pelado, meia-esquerda do seu segundo time,

que naquela semana tinha sido assassinado, quando deu um estouro numa boca de maconha. Aí, houve respeito. Todo mundo calou a boca.

Aproveitando o silêncio, seu Olegário, diretor do Praticagem, chegou no Cuca:

– Tu manja o Papa?

– Aquele que treina o Jabuca?

– Pois é. Ele está aí pra te ver. Veja lá se vai medrar.

O Cuca tremeu. Não de medo. De agonia. De sei lá o que. Era sua vez. O Papa foi o cara que descobriu Gilmar, Baltazar, Túlio, Marcos, Célio, Pagão, Nei, Tucano, Luís Manoel e tantos outros. O Papa estava ali pra ver o Cuca. Era sua chance. A sua grande chance. Ia jogar como nunca. E se lançou.

O jogo estava uma lenha. A defesa dos Marinheiros só batia do umbigo pra cima. Mas, o Cuca não tomava conhecimento. Estraçalhava a bola. Driblava um, dois, três, levava pancada de todo lado, mas ia pra cima do gol. Só derrubado na hora do chute. O Barbadinho só apitava bola fora. Ele não era tão louco assim pra apitar pênalti. Porém, o jogo corria.

No meio tempo, o Papa encostou no Cuca:

– Olha, garoto, precisa aparecer lá no Jabuca. Tem lugar pra você lá.

Aí o moço não cabia mais dentro da camisa rubro-negra do Praticagem. Já se via no Jabaquara. Depois Corinthians, seleção. Sei lá. Como o Gilmar, Baltazar...

E virou o cão. Simião e Cativeiro já não aguentavam mais. Já estavam de gravata vermelha de tanta porrada que davam no moço. A torcida do cais pedia a cabeça do centro-avante inimigo. A da praia jurava vingança se quebrassem o menino.

Foi aí que a bola veio. O Cuca escorou no peito, tirou um da jogada. Driblou outro e correu pra cima do gol. Cativeiro correu com ele. Simão veio pela frente.

Cuca chutou. A bola saiu quente. Cativeiro solou. Mas já não tinha bola. Só a canela do Cuca. O moço caiu, gemendo de dor. Ainda escutou a torcida berrar:

– Gol! Gol!

Cuca, no chão, não vibrava. Só sofria. Viu seu time passar por ele e nem ligar. Mas, viu que era a hora do pau. Viu quando o Capão acertou um murro na boca do Cativeiro. Viu as duas torcidas de pau na mão avançarem, quis se levantar, não pode. A perna doía demais.

Seu Olegário lembrou-se do Cuca. No meio da pauleira, passou a mão no garoto e tirou-o do bolo. Quando estava em lugar seguro, mandou chamar o Pronto-Socorro. Quem chegou primeiro foi o Papa. Olhou a perna do Cuca, sacudiu a cabeça. Havia pena em seu olhar. Afastou-se. Seu Olegário arriscou:

– Como é? Quebrada?

– O Papa, com tristeza na voz, resmungou:

– Podia ter sido um craque de seleção. Agora não dá mais. Nunca mais.

[Crônica sem título] (*Última Hora* de SP – Edição de 14/4/1968. Página 3. Caderno 2)

Este negócio de fantasma é do cacete. É como disco voador. Sai sempre pros caras mais batusquelas. Tem nego que vive assombrado. Basta olhar pra ver mistério. Porém, o Zé Padeiro não era disso, não. Com ele não tinha desses

babados. A jogada dele era entregar pão. Todo dia, lá pelas três, três e meia da matina, o Zé enchia seu calhambeque de filão, acordava o Zulu, o crioulinho ajudante, e se mandava por aí, distribuindo de casa em casa o pão nosso de cada dia.

No seu caminho, o Zé Padeiro e o Zulu tinham sempre que passar na porta do cemitério do Paquetá. O negrinho não gostava. Mas, como o patrão nem se tocava, ele deixava andar. Não tinha jeito de chiar. Metia um nome do padre quando cruzavam o portão do cemitério, beijava o São Jorge da medalhinha que usava pendurada no pescoço e segurava as pontas. O Zé, quando estava aceso, pegava no pé do Zulu:

– Deixa de ser trouxa, crioulo. Gente morta não morde ninguém. Quero ver tua cara no dia que a gente tiver que deixar pão pro coveiro.

O negrinho se fechava em copas. Só se ligava no lance de que sabia que ninguém ia morar dentro do cemitério. E se aparecesse algum doido pra fazer mocó lá, ele, Zulu, pedia as contas, mas não ia entregar bulhufas pra esse cara. Não era otário. E assim que a caranga velha saía da frente do Paquetá, o crioulo se rachava:

– Olha, Zé Padeiro, tu é muito folgado. Mas, um dia a casa cai, uma alma sai daí e te pega. Só pra tu deixar de ser gozador.

O padeiro ria pacas. Achava o medo do Zulu o fim da picada. Mas, como diz o Zagaia:

– Até araruta tem seu dia de mingau.

E um dia deu bode.

Chovia que Deus mandava. Parecia o fim do mundo. Mas, o Zé Padeiro não quis nem saber, fez o Zulu pular da cama e saiu pro trabuco. Com chuva ou sem chuva, a moçada quer pão. Então, o lance é ir firme. E foi. Ainda estava escuro que nem breu. O crioulo foi logo avisando:

– Olha, com esse tempo não presta passar na frente do cemitério.

Mas, o patrão nem respondeu. Meteu o calhambeque no caminho de sempre. O que ele não sabia era que uma curriola da Prefeitura tinha um dia antes arrancado as pedras da rua, bem em frente do Paquetá. Iam meter asfalto. E, graças ao temporal, faltou luz na rua. Ainda por cima, seu carro estava sem farol. O Zé Padeiro só se mancou quando a geringonça já estava patinando na lama. Aí era tarde pra voltar. Teve que ir em frente. Mas, foi um perereco. O calhambeque fez força. Bufou. Soltou fumaça pra todo lado. Mas, não deu. Bem na porta do cemitério se atolou na lama.

O Zulu parecia que tinha caído em um saco de farinha de trigo. Estava branco de susto. Pra descer da caranga foi broca. Precisou o Zé lhe meter a mão na orelha e jogá-lo pra fora. Mas, nessa hora o negrinho não servia pra nada. Só sabia tremer. O padeiro metia pau embaixo da roda, empurrava o carro, mas neca. Não estava dando pedal. O Zé já estava uma arara. Foi quando veio uma voz cavernosa do cemitério:

– Quer que ajude?

O Zulu se mandou. E o Zé Padeiro também. Foi um salve-se quem puder. O patrão só parou lá no mercado. O empregado. O empregado deve estar correndo até hoje. Porque nunca mais apareceu. Nem pra acertar as contas.

Porém, assim que o Zé Padeiro saiu da zonzeira, pôs a boca na corneta. Contou tudinho pro pessoal do mercado. Teve palpite de todo jeito. Tinha nego que

até jurou que essa gronga era comum ali no Paquetá. Teve um até que contou a história do fantasma. Era um padre na Igreja do Valongo, que andou paparicando uma dona e o marido meteu-lhe um caroço entre as orelhas. Enterraram o cara no Paquetá. Daí, ele virou uma alma penada. Esticaram o maior papo. Mas, quando clareou o dia, Zé Padeiro juntou coragem e uns vagos e foi ao cemitério desencilhar o carro. Quando chegaram lá, encontraram o Corujão, um pé de pinga muito manjado naquelas bocas. Estava se servindo de pão. Antes que alguém desse bronca, ele se abriu:

– Por causa da chuva, eu estava pegando uma palha aí no cemitério. Acordei com o barulho que vocês faziam. Ofereci ajuda. Todo mundo correu. Sabe como é, né? Estava com fome. Me tratei.

Zé Padeiro não bronqueou pelos pães que o cachaceiro comeu. Mas, mudou seu caminho pra sempre.

[Crônica sem título] (*Última Hora* de SP – Edição de 21/4/1968. Página 3. Caderno 2)

Tudo o que Lino sabia aprendeu ali no cais do porto. Não era muito. Mas, dava pra se escorar. Do nada sempre aparecia um naco de pão pra enganar o estômago. Se virava bem. Segurava as pontas como desse. Foi bagrinho de estiva, chepa, lalau de café, arrumador, catraieiro, descarregou barco de pesca, desapertou em cima de grindo bebum, foi cafifa e os cambaus. O cais, de ponta a ponta, era sua casa. Portuário, estivador, malandrim e o cacete, sua curriola. As meninas da vida, seu gado. Foi ali. Ali mesmo, no cais do porto, que o Lino se tocou nos mistérios do dia a dia. Levou tanta pancada nos azares que se fez forte e sacana. Um escamador linha de frente.

Aí veio a hora de sentar praça. Tirou de letra. Meteu a farda da aeronáutica no lombo e fez mil embaixadas. Botava a maior banca. Guanaco e meganha com ele não tinha vez. Mandava ver.

– Sou federal, paspalho!

E ia botando pra quebrar. Boa briga. Mil macetes. Se servia. Era o ponta mais folgado que já esteve lá na base da bocaina. Ainda recruta, já tirava onda de antiguidade. Tinha as maiores peixadas com os majorengos. Em qualquer prontidão, era a alegria do quartel. Contava histórias pacas. Fazia o tempo correr. Cantava uns sambinhas. Batia bem na bola e tal e coisa. Os estrelados iam pelo moço soldado. Por tudo isso, e mais. Quando saía patrulha da pesada, o Lino sempre estava. Era porreta. Se a ordem era pra limpar a área, ele baixava o pau. Se era pra baixar o pau, ele lascava sem dó. Era o cão. E isso agravada os patentes. Praça pra frente era o Lino. Pena que era analfa de pai e mãe. Se não, virava cabo. Mas, tinha os tenentes que estavam tentando quebrar o galho do Lino e meter dois macarrõezinhos no braço do rapaz. O moço andava em maré mansa. Não queria mais nada.

Mas, como diz o Zagaia:

– Quem já se roeu de fome, nunca suja num prato que comeu.

E se o Zagaia diz, é porque assim é que é.

Houve um perereco lá no cais do porto. A estiva parou por uma gronga séria que o governo aprontou pra ela. Portuários, ferroviários, arrumadores, meio mundo comprou a bronca. E de me dá a mão, meu irmão, o cais inteiro se encostou na

parede. O capitão dos portos mandou a Marítima conferir. De cacete tamanho família e tudo. Só pena que voou. O porrete cantou. Mas, a parede continuou. Teve baixa dos dois lados. Só que no pessoal da estiva doía menos. Eles lutavam por seus direitos. Então aguentavam firme. Uns pegaram cana e tal. Mas, ninguém se rendeu. Ali no cais do porto de Santos, majura, ali é broca. Ali o pessoal é de verdade. Sabe querer.

E a Marítima pediu socorro. Veio a Aeronáutica. Chegou com um embalo que não era mole. Só de olhar dava bambeira no povo. Vontade de correr. Porém, quem tem razão se segura. E o pessoal do cais encarou. Houve um papo antes. Falou um comandante:

– É melhor vocês acabarem com essa greve. Nós só queremos manter a ordem. Voltem para o trabalho e nós voltamos pro quartel.

Seu Carneiro, presidente, devolveu bonito:

– Só depois que o ministro atender nossa justa reivindicação.

E não teve mais papo. O chefe da força berrou:

– Baixa o pau!

Foi o Carniça quem primeiro gritou:

– Soldado também é povo.

E a curriola fez coro:

– Soldado também é povo! Soldado também é povo!

A tropa vacilou. E o Lino, que sempre estava na batota, dessa vez entrou em bobeira. O soldado também é povo[,] bateu na cuca do bruto. Meteu a botuca nos inimigos. Lá no meio estava Feijoada, Marisco, Tuim, Negro Lindo, todos seus parceiros. Que Zorra! Soldado também é povo!

E o Lino se ligou num lance de atucanar ideia. Amanhã ou depois dou baixa e passo pro lado de lá. Aí é que é. Sou do cais do porto. Encardido de corpo e alma. Não vou xavecar minha gente, não.

E o moço se espiava. Viu o cacete rolar. O bolo engrossar. Se amoitava. Nessa canoa não embarcava. Aí veio a ordem:

– Fogo!

Lino armou o fuzil e deu no gatilho. Não errou o alvo, não. E o comandante caiu com um caroço na nuca.

[Crônica sem título] (*Última Hora* de SP – Edição de 28/4/1968. Página 3. Caderno 2)

Essa bomba do cacete que anda explodindo por aí não é nossa. Não é do povo. Nem é dos amigos do povo. A mão besta que botou fogo no perereco não é nossa. Não conta se foi a pata esquerda, ou a pata direita que acendeu o pavio. O que conta é que a cabeça dodói que bolou o azar não joga com a camisa do nosso time. Se cabeça zoeira pensa, essa pensou contra a gente. Deu esquinapo e mandou o povo pro vinagre. Isso que foi. Claro que o povo não vive rindo. Claro que a gente anda atucanado com o aperto, o arrocho⁸ e os cambaus. Claro que o povo gosta de botar a boca na corneta e berrar sua dor de barriga. Claro que a gente não vai deixar nenhum governo matar nossos filhos a três por dois. Claro que a gente

⁸ Termo atualizado; no original de jornal consta “arroxo”.

sonha com emprego no qual a gente não pegue um envelope no fim do mês que mais parece pastel de japonês, de tão vazio que vem. Tá na cara que a gente fica abilolado só de pensar na maloca própria, no colégio pros nossos bacuris, doutor pro nosso cupim, comida pacas. Claro que a gente se atucana de ver esse babado todo só no papo furado dos sacanas que estão aí mesmo pra adiantar o nosso lado e só armam xaveco⁹ pra gente.

Mas, poxa! Essa bomba do cacete não é nossa. Nem um pouco nossa. Nem foi por nós que jogaram a bomba. Claro que não. É como diz o Zagaia:

– A corda sempre arreventa do lado mais fraco.

E se o Zagaia diz é porque é. Nesse lance de bomba a gente do povo só vai entrar com o lombo. Pé de moleque, em quartel, em porta de jornal e os cambaus, não tira o sono de manda-chuva que sabe que o povo está sem barraca pra se cobrir. Mas, dá revanche. Dá dureza. Dá cacete tamanho família, cantando em cima da nossa boca aberta que berra em agonia pelo justo direito do pão de cada dia. E dá medo na gente humilde do povo. E cala a boca de muito pai de filho. E tira muito apavorado da rua na hora de estrilar pelo que devia ser nosso. E atrasa o momento da gente ver o ragu aumentado e dividido.

Tá na cara que essa bomba não é nossa. Tá na cara que não é do povo. Essa bomba é contra nós.

E tá na cara[:] quem jogou essa desgraça tem saudade do tempo em que o povo, no 1º de Maio, só fazia piquenique. Tá na cara. Baralho aberto pra quem tiver botucas de ver. Tá na fuça de qualquer um que não vai ser mole o povo se largar dessa bomba. Vamos navegar em águas barrentas e remar contra a maré. Mas, um dia a gente chega lá.

No momento, quem estava cabreiro com a bronca que o povo deu, quando a Polícia assassinou o menino Edson¹⁰, tem a bomba como medida justa pra [a]campar o povo na praça. E dar, em troca do pão que a gente quer, corda, porrete e mordaga.

1.3 – As crônicas de maio de 1968 – Coluna *Navalha na carne*

[Crônica sem título] (*Última Hora* de SP – Edição de 5/5/1968. Página 3. Caderno 2)

O Sombra, antes de ser o Sombra, era um Zé Mané qualquer. Pegava firme no batente. Era estivador lá no porto da Carica. Vidrou numa cabrocha bonita, juntou uma grana, fez um barraco lá no morro da Mangueira e amarrou os trapinhos. O moço andava na boa. Só de casa pro trabalho, do trabalho pra casa. A gamação era pra frente mesmo. Dispensava até as biritas que os parceiros velhos tomavam no boteco da ladeira, no fim da tarde. O Sombra não queria saber. Se desse, fazia serão. Engolia uma gororoba às pressas e encarava a noite no fundo de um barco. Quando alguém chaleirava:

⁹ Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

¹⁰ Edson Luís de Lima Souto, estudante secundarista brasileiro assassinado por policiais militares na data de 28 de março de 1968, durante um confronto no restaurante Calabouço, centro do Rio de Janeiro-RJ. O assassinato do jovem, então com 18 anos, marcou o início de um ano turbulento de intensas mobilizações contra o regime militar (1964-1985) que endureceu até decretar o chamado Ato Institucional de número 5, o AI 5.

Está com a fome da pêga, hein meu santo?

O Sombra tirava de letra:

– Preciso, meu bem. A vida não está sopa. E logo vou ter bacuri chorando que quer mamar.

– O Sombra era um moço bom, cheio de vida. Um dia deu a gronga. E a canoa virou. Como dizia o Zagaia:

– O diabo está sempre na paquera.

Uma noite, o Sombra, logo depois do grude, se picou pro cais. Fazer serão. Ia pegar uma grana boa. Quando subia. Nem se tocou. O Sombra ainda não era o Sombra, descia o morro, cruzou com o Escurinho e sua curriola, que não estava por dentro dos trambiques. Não morou que o gango do Escurinho ía queimando um fumo maldito. Maconha forte de endoidar qualquer marmanjo. O Sombra ainda não era o Sombra. Se fosse, nesse dia, em vez de batente no cais, ele pegava um ferro e dava plantão no barraco. Dava cobertura para o que era seu. Sua fé, seu amor, sua vida. Mas, ele, nesse tempo, ainda não era o Sombra. Como ia saber dos macetes? Só pensava no trabalho. Vivia sua vida e deixava os outros viverem. Como ia saber que o Escurinho e o seu gango não estavam a passeio? O Sombra ainda não era o Sombra. Não estava por dentro dos xavecós¹¹. Seguiu seu caminho em paz.

O Escurinho chegou lá no Buraco Quente. Com a cuca gira. Quando passou no barraco do Sombra, viu a cabrocha do moço. Não quis nem saber se tinha dono. Não quis nem saber da vontade da menina. Mandou seu[s] cupinchas agarrarem a mulher e se serviu¹². A mulher esperneou, gritou e escorou a vizinhança, que veio em socorro. Foi broca. De dar nojo.

De madrugada, o Sombra subia o morro. Vinha feliz, sorria. O Sombra ainda não era o Sombra. Trazia uma grana no bolso pra melhorar a vida. Mas essa não deu.

Quando chegou ao barraco, viu tudo revirado. E sua cabrocha com o vestido rasgado, jogada no chão, chorando. O Sombra começou a ser o Sombra. Por dentro do assunto[,] chamou um pivete:

– Diz pro Escurinho que ele e os pestes que andam com ele já são cadáver.

E o Sombra deixou seu lar, ali mesmo, jogado no chão. Não ia mais voltar. Nem pra cabrocha. Desceu o morro, mas não foi trabalhar. Quando tornou a subir, vinha de Parabelo na mão. Nos olhos, manchas de sangue. No coração, uma pedra. Procurou e encarou com o Escurinho na Biroasca do Inferno. O crio[u]lo comemorava com seu gango o azar bem feito. Se estrepou. O Sombra encontrou com os fogos. Todo mundo deu um tiro. Teco pra todo lado. O Sombra matou cinco. Acertou o Escurinho, mas esse caroço não era de morte. O Sombra não percebeu. Deu no pé. Pra livrar sua cara da justa.

O Sombra estava lá em cima do morro. Quando viu a ambulância. Quis saber:

– Pra que? Gente morta vai de rabeção, não vai?

– Mas o Escurinho não morreu.

¹¹ Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecós”.

¹² Parte deste parágrafo nos pareceu problemático para a análise e transcrição, o que fez com que fizéssemos uma edição; eis a passagem original em página de jornal: “Mandou seu cupinchas agar- [quebra de linha em coluna] os cambaus. Mas, a gente do Escurinho, de revólver na mão, [quebra de linha em coluna] rarem a mulher e se serviu”.

O Sombra endoidou. Desceu o morro entre os barracos, se esquivando pacas. Na hora em que os enfermeiros iam guardar na ambulância a maca com o Escurinho, o Sombra apareceu. Sem ninguém saber de onde.

– Pra você não tem remédio, Escurinho. Gente ruim tem que se acabar.

E descarregou o berro na cara do crioulo.

O Escurinho se apagou. E nasceu o Sombra. O terror dos morros.

[Crônica sem título] (*Última Hora* de SP – Edição de 12/5/1968. Página 3. Caderno 2)

O Tozinho conheceu Jandira lá na Pouca Farinha, num dia em que o Galo do Cais F. C. foi até lá se pegar com o A. A. dos Pescadores. A menina vidrou na pinta dele e ele não quis nem saber se ela era moça ou não.¹³ Quando, depois do jogo, o Galo se arrancou, na catraia vinha uma torcedora a mais: Jandira. O pai dela deixou andar. Pra ele, que vive da pesca e tem dez filhos, uma boca a menos é um alívio. E o Tozinho tinha panca de bom menino. Mas, não era, não.

Foi logo botando a Jandira por dentro dos macetes. No princípio, ela se apavorou. Teve bobeira, chorou e os cambaus. Porém, como voltar para casa? Já não era mais aquela. Seu coroa ia estrilar. Sem remédio, entrou na jogada do seu escora. Tinha tudo pro trambique. Olhar de pena, pele morena, tetas duras, jeito pro amor. Nunca ninguém ia se mancar que ela fosse pistoleira. Nem nunca ninguém ia se tocar que ela chegasse onde chegou. Mas, é como diz o¹⁴ Zagaia:

– Quem vê cara não vê coração.

E o Zagaia sabe das coisas. E Jandira foi em frente. No começo, o Tozinho era o farol. Ele conhecia bem o assunto. Os barcos, quando soltam as amarras, tem rota traçada; os homens, não. Cada um é timoneiro de sua própria vida. E tem tanto espiroqueta solto no mundo. É só aparar. E marujo sempre era o escolhido pelo Tozinho. Sabe como é. Os marítimos vêm secos depois de carregarem seus fantasmas por muitas águas barrentas. Só ali na saudade. Descascando palmito, tomando chá de enxofre ou se servindo de boi de bico. É fogo. Quando chega em terra, o que cai na rede é peixe. Ainda mais depois de beber umas e outras. Aceitam qualquer bagulho. Pra isso eles têm grana. Vão embrulhando a solidão em qualquer lençol encardido. Assim é que é. Agora, quando eles viam Jandira, se abilolaram de vez. E o Tozinho, com sua cancha, metia a botuca no bruto e, com um sinal, avisava a sua parceira se o trouxa valia a pena ou não.

Daí pra frente, era com ela. Aquele negócio. Não precisava nem falar. Mesmo porque, geralmente, cada um tinha nascido de um lado do Equador. Mão na mão e bola pra frente. Hotel, não. Dá truta. Ali mesmo entre as galeras e guindastes. Se o cara se encabreirava, um beijo no pé da orelha, um balanço de corpo, uma encostada de peito faziam o gringo se render. Daí, não tinha bom.

Porém, na hora da coisa, baixava o Tozinho de naifa brilhando e o marujo ficava no ora veja. Sem o bobo suíço, sem a grana e, se ciscasse, o navio saía sem ele. Ficava em terra. E, o que é pior, por baixo da terra. E nunca pegava nada. Sabe como é: ninguém faz falta. E não é por causa de um marinheiro que o barco não vai navegar.

13 Sinal atualizado; no original de jornal consta “:”.

14 Termo atualizado; no original de jornal consta “a”.

Sempre era assim: uma bufunfa micha pra Jandira e a parte de leão pro Tozinho. O pilantra andava em maré mansa. Seu pesqueiro era firme. Um dia deixou de ser.

Foi quando um pivete, irmão menor da Jandira, veio lá da Pouca Farinha pra dar o recado:

– O pai tá na pior. Com reumatismo. Não pode nem remar. Te mandou bença e disse pra tu adiantar nosso lado. Precisa remédio, precisa paçoca, precisa feijão. Num tem mais nada, não. O pai tá na pior.

Jandira bambeou. Apesar de piranha escolada, a bença do pai mexeu com ela. Se fiou no Tozinho.

– E pro meu pai, bem?

Tozinho tirou de letra:

– Dane-se! Ele nunca te deu moleza.

Ela não gostou. Foi pior. Entrou na bolacha. E essa foi a gronga do seu cafifa.

De noite, o Tozinho se demorou. Quando deu com a coisa, Jandira já ia passado com um homem. De longe mesmo, ela lhe fez um sinal. Apesar de ter ficado bronqueado porque a mina não esperou pelo seu alô, o malandro foi pro ninho de burro, pegar o pato.

Quando deu o bote, caiu do cavalo.

– Manja meu irmão, Tozinho?

O vigarista bufou:

– Que zorra é essa?

E Jandira não perdeu o rebolado.

– É zorra mesmo. Mas, pro teu lado. Tu deixou de ser patrão.

O pivete falou pela irmã. Uma lanhada na fuça do Tozinho. E mais outra e mais outra. Tempos depois, Tozinho foi encontrado boiando nas águas do estuário. Estava comido de peixe e de navalha.

E hoje, Jandira é manjada como rainha do suador. Mas, se vira por conta própria. No fim da semana, o pivete seu irmão passa pra apanhar a grana do remédio do pai.

[Crônica sem título] (*Última Hora* de SP – Edição de 19/5/1968. Página 8. Caderno 1)

Porque um nego vira bandido? Por que tem cara que se enche de bronca e sai por aí de 45 na mão assombrando os outros? Por quê? É do cacete, mas ninguém quer se tocar nesse lance. Os panacas, que já amarraram o burro na sombra, querem ter sono de anjo. E a polícia está aí mesmo pra garantir. O resto que se dane. Essa é a regra do jogo. Não importa se é a fome, o desamor ou os cambaus que vem atrás do gatilho. Não importa. A miséria não é culpa de sacana nenhum. Todo mundo dá esmola. Agora, quem é metido a ter vergonha e não quer se dobrar, azar, xadrez. Bota fora do baralho e fim. Não perturba mais.

Foi isso que se deu lá no Rio de Janeiro, cidade maravilhosa, quando as senhoras dignas resolveram começar a buchicar contra o mulherio que ganhava a vida honestamente, vendendo ali perto da Central a única coisa que elas tinham pra vender: o corpo. Foi broca. A lei baixou e passou a pata em todas elas. Xilindró.

Cinquenta, sessenta, oitenta, cem meninas de vida fácil, na opinião dos que não sabem de nada, foram em galera.

Botaram as meninas num imundo cárcere, com capacidade pra acomodar dez pessoas. Gente pacas. Mas, e daí? O negócio era tirá-las de circulação. As famílias as sentiam ofendidas com a presença incômoda do mulherio vadio. Recolhe. Se lá dentro vai ter comida, cama, coberta pra elas, é outro problema. Depois se vê. Na rua é que não pode ficar. Incomoda. O da¹⁵, entraram em pua. Entre elas, a Negra progresso, a paisagem, a democracia, a religião, tudo fica abalado com o comércio Martineli, que eu juro por Deus nunca foi comunista, nem nada. Mas, que tinha cuca de pensar e pensou alto:

– Isso aqui tá uma droga.

Uma outra deschavou.

– Mas, logo vem a boia e tudo melhora.

Tirou a Negra Martineli de letra nesse lance. O mulherio segurou as pontas. Se aguentaram até a hora do ragu do almoço. Não veio ragu nenhum. A criola voltou a estrilar:

– Já tá pior e vai piorar mais.

Teve bate-boca e tudo. Uma lá explicou:

– A gente espera o rango da tarde.

Esperaram. Também não veio janta. A Martineli voltou a reclamar. Quem não concordou com ela entrou no pau. Ela badas¹⁶ meninas. Guarda elas. Guarda.

Assim que foi. Cem mulheres de vida fácil, na opinião dos que não sabem de nateu¹⁷ de verdade, só pra fazer as trouxas se mancarem que ali ninguém tinha nada a perder. Aprontou um salseiro. Mas, a maioria ali já tinha perdido a fibra há muito tempo. Era gado. Gado manso. Só chiavam.

– Mas, que se vai fazer? Os homens têm as armas. Não dá.

Porém, tanto a Martineli fez zoeira, que, pra acalmar as feras, os mandachuvas resolveram dar o pasto. E veio a gororoba. Azeda. Azeda. Azeda. Azeda, majura. Azeda de dar nojo. Azeda, daquele mulherio faminto recusar. E foi o estopim.

A Negra Martineli jogou sua ração na cara de um guarda. As outras foram no embalo. Feriram os brios dos mantenedores da ordem. Um gango abriu a cela pra dar porretada nas meninas. Embarcaram em canoa furada. Dentro da jaula tinha cem leoas. Só pena que voou. Uma pauleira sentida. Claro que os caçadores ganharam. Eles que têm a razão que cospe fogo do lado deles. Mas, teve machucados dos dois lados. E, entre todos, uma morta. A Negra Martineli. A que não aceitava calada as injustiças. A que se ardia de pegar as sobras e ver sua gente pegar a sobra. Morreu a Negra Martineli. A perturbada. A agitadora. Morreu e pronto. As outras foram amontoadas de novo no xadrez.

E é como diz o Zagaia:

– O que conta é salvar a moral da família. O resto que se dane.

15 Trecho sem sentido definido, conforme original de jornal.

16 Trecho sem sentido definido, conforme original de jornal.

17 Trecho sem sentido definido, conforme original de jornal.

A pequena história de corujão, o pé frio (*Última Hora* de SP – Edição de 26/5/1968. Página 3. Caderno 2)

O Corujão pegava um batente de chepa.

O Corujão veio do Norte ou da casa do cacete, sei lá. Porém, mal botou a fuça no cais do Porto de Santos, e a curriola começou a boquejar que ele era pé frio. A onda nasceu por causa de uma linguada que estourou perto dele. E como o majura tinha uma cara que mais parecia o mapa do inferno, o pessoal se invocou. Principalmente porque ele era zolhudo. E aí foi broca. Espalharam que onde o Corujão botava as botucas era um dar pra trás sem jeito. Secava pimenteira, dava boba nas galinhas, vinho virava vinagre, mamoeiro ficava macho e os cambaus. Era o fim da picada. O panaca tinha mesmo aparecido na Bacia com o urubu na paquera. E a moçada se assombrava com a carruira do pinta. Não queria nem saber. Ninguém dava colher de chá. Era só ele aparecer pra meio mundo se benzer e dar o pinote.

O Corujão pegava um batente de chapa. Mas, os choferes de caminhão se amoitavam com ele. Era só ter outro ajudante na parede, para o pé frio ser botado em escanteio. Podia ser o maior trambiqueiro da paróquia que estivesse dando sopa, os homens preferiam enfrentar os macetes do sacana, do que o azar do secador. Só mesmo quando os motoristas estavam muito a perigo é que o Corujão saia do ora veja.

É como diz o Zagaia:

– Se não tem tu, vai tu mesmo.

E, mal ou bem, o Corujão defendia o seu feijão do dia a dia. Michuruca. Mas, se escorava na esperança. Como todo brasileiro que não sabe das coisas, pra tentar se salvar, fazia a fezinha no bicho. Mas, que nada. Comia banana verde e ainda bebia água por cima, deitava de bruços e puxava o ronco, só pra ver se sonhava forte com bom palpíte. Cercava o sonho de todo lado. Mas, capucete firme. Jogava no macaco, dava borboleta. Mas, desse o que desse, ele estava sempre voando. Às vezes alguém chiava:

– Larga isso de lado, Corujão. Tu é pé frio mesmo. Só serve pra espantar a caça.

E o Corujão deschavava:

– Segura o apito, meu bom. Tenho que tentar. Se pego o milho, corto o sangue e me solto desse negócio de azarão. Esse papo está me azucrinando.

E tome lance. Tome simpatia. Tome macumba. O Corujão, toda sexta-feira, ia bater cabeça no terreiro da dona Cariminha de Nós Todos. Se rezava inteiro. Banho de descarga com erva abre-caminho e sal grosso. Lavagam do pé direito com cinza do cemitério do Saboó. Despacho pra Exu. Caveira na encruzilhada do Matadouro, com charuto da Nova Cintra, que é a melhor cachaça que já se fez na Terra. É a pinga rainha. Ele ia buscar a danada no alambique do Morro do Jabaquara. Bem perto daquela lagoa linda. Tudo o Corujão fazia. Tudo mesmo. Subia o Monte Serrat de joelhos em dia de festa da padroeira santista. E nada de pegar a milho ou outra droga qualquer.

Foi aí que a cuca fundiu. Com a zorra pega, o Corujão deu a ferrada, largou tudo o que tinha de uma vez. Jogou nos vinte e cinco bichos. Espalhado assim, só podia ganhar. E ganhou. Mas, não recebeu bulhufas.

Nesse dia, encanaram o bicheiro.

1.4 – As crônicas de junho de 1968 – Coluna *Navalha na carne*

Vida e morte de cafifa Adegas (*Última Hora* de SP – Edição de 2/6/1968. Página 3. Caderno 2)

O Adegas não é do meu tempo de Golfo, a boca pesada da noite santista. Porém, ele era do cacete. Fez embaixada. E, mesmo depois que se acabou, se boquejava em volta de seus salseiros. Principalmente os veteranos. Só ali, jogando dominó a leite de pato e puxando saudades. Foi numa dessas que eu me botei por dentro da história do ilhéu. E vou vender o peixe como comprei.

Quando cheguei à batota, ouvi dizer de Toninho Navalhada, Peixinho, Simião, Borracha, Maneco Lalau, Frederico Cabeleira, Sargento Juqueri e os cambaus. Todos pintas bravas de valor provado nos pegas-*pra*-capar do cais do porto. Cada um teve sua banca. Cada um botou respeito no seu distrito. Tem uns aí que merecem suas vidas contadas em livro. Principalmente o Peixinho e o Toninho Navalhada, que, junto com outros, fundaram no berro o sindicato da estiva. Mas, poxa, onde anda agora a tradição de luta do cais do porto? Onde é que está? Que fizeram do meu povo, que não estrila mais? Será que anda tudo na maré mansa? Sei lá. Só sei que a história da estiva é uma tradição de luta que foi pro vinagre, de uns quatro anos pra cá. Um dia eu pego um devagar e vou lá no cais, me calço bem e escrevo tudo. Tudinho. Agora, só vou contar o lance final do Adegas, que, como diziam os coroas da baixada, foi o maior divisa em valentia. Com ele era ali. Lenha dura.

Seu castelo era no Salão Azul, na rua Brás Cubas, esquina de João Pessoa, altos da padaria. Seu ponto firme. Estava sempre enfiando umas biritas no bucho¹⁸ e cuidando do seu gado, que era manjado no mundo todo. Muito marujo navegava pelas sete águas de Iemanjá, levando na cuca fundida o gosto de uma criança bandida do Salão Azul. E, quando voltava, era pra largar a grana ali mesmo. E a bufunfa ia fácil, pra mão do Adegas, que era o dono do rebanho. Sem bronca e sem buchicho, o cafifa não queria nem saber pra que lado a chata ia. Levava no bem-bom. Pegava de trota a água sem barro. Mas, é como diz o Zagaia:

– Depois que bolaram o revólver, acabou os valentes de braço.

E se o Zagaia diz, é que é. O Adegas está aí mesmo pra provar. Mortinho. Três tecos de quarenta e cinco no lombo. Ele que era o leão. Ele, com quem ninguém saía no pau. Ele, que era uma parada federal, teve seu esquinapo na tocaia de um Zé Mané qualquer. Foi tocaia. Foi. E daí? O que conta é que o Adegas, com valentia e tudo, foi morar no Saboó, e de canela junta.

A gronga se deu no próprio Salão Azul. Por que foi ou não foi, ninguém ficou sabendo direito. Jogada do dia a dia nos puleiros da vida. Só deu o que falar, porque o embarcado era o Adegas. Se não, ficava no barato. Mas, por ser o ilhéu, a cana logo ferrou o pé do chavequeiro. A justa fez isso, pra não ter diz-que-diz que foi a polícia. E o resto foi badalação.

As piranhas botaram anáguas e calcinhas pretas penduradas nas janelas das casas das madames. E o enterro foi uma presepada sentida. O caixão ia coberto de flores e de bandeiras. Estiva, Marinheiro FC, CR Samba Danças, Atlas Flamengo FC e até [a] A A Portuguesa Santista mandaram seus gloriosos pavilhões na

¹⁸ Termo atualizado; no original de jornal consta “buxo”.

homenagem do ilhéu. Nunca um só defunto deixou tantas viúvas. E o escarcéu foi na base do agrião. Choradeira, chilique, desmaio e mil arranca-rabos. A missa de sétimo dia então, foi um perereco. A Igrejinha do Valongo se entupiu de pistoleiras. Todas rezando pro cafifa ir pro céu, que aqui na terra elas ajeitavam por ele. E todas juraram vingança.

Fogo de palha, chiavam os que não sabem de nada. Porém, gama de mulher da viração é gama de pedra, parceiro. Coisa de se levar fé. Não foi à toa que Cristo vidrou em Madalena.

O mundo girou. Passou água pacas embaixo da ponte. Mas, as vigárias do Salão Azul se plantaram na guarita. Maior plantão. Só na paquera. Flagraram o julgamento do Zé Mané. Não gostaram da pena leve que o nego pegou. Mas, se fecharam em copas.

Um dia chegou o recado. Um pivete que trouxe.

– Uns e outros sai [sic] no bom comportamento.

Logo apareceu uma lista marota correndo os mocós mais mandraques do cais do porto. Uma vaquinha mixuruca. Porém, rendeu os tubos.

O bastante pra apalavrar um gatilho firme, que estourou as fuças do Zé Mané assim que ele botou o nariz na rua.

A sorte do cantor (*Última Hora* de SP – Edição de 9/6/1968. Página 3. Caderno 2)

O Bodinho era cantor. Muquimba pacas. Mas, era cantor. Tinha nome artístico e tudo, mas a curriola só manjava ele pelo apelido de Bodinho. Por causa do cheiro. Ele se virava no Broadway, um cabaré onde as pistoleiras do cais do porto depenavam os trouxas. Elas, tomando chá, que era servido em garrafa de conhaque, e o pato se chapando de conhaque de verdade eram a plateia do Bodinho, que metia um tango atrás do outro. Era um troço escamoso ver o conjunto musical perseguir o desgraçado. Era do cacete. Cada um ia para um lado. Mas, com tudo isso, o Bodinho agradava. Tinha lá naquele pesqueiro o seu eleitorado. Ganhava pouco e os cambaus. Mas, pra ele estava bem. Dava pra calçar os peitos com uma enganosa média e pão com manteiga e andar de smoking arrancado, com muita lembrança, lá da casa Rouxinol, loja flagrada na baixada inteira como a fajuta, que vende roupa que o defunto não levou. O resto, o Bodinho defendia com sonho. Era só ver alguém cozinhando o galo, o cantor encostava firme:

– Tou na boca da caçapa, compadre. Vou me fazer. Meu negócio é primeiro o rádio, um disquinho e tal e coisa. Pego uma graninha, boto mobília nova na boca e me atiro na TV. Daí, ninguém me agarra.

A moçada animava:

– Vai em frente. Esse é o lance.

O Bodinho carteava mais um pouco. Se tinha trela, dava uma fachadinha no cupincha. Mordia devagar. Uma luca, uma quina, ou qualquer coisa. Se não grudava, ficava por isso mesmo. Não chiava nem nada. Deixava o barco andar. Saía de fininho, mas levava uma fé na cuca. A de um dia ter uma chance. Mas, é como diz o Zagaia:

– Quem nasce pra tostão, morre a nenhum.

E se o Zagaia diz é que é. E foi assim com o Bodinho. Um dia acertou a milhar. Daí, em vez de se servir, teve bobeira e foi pro vinagre direto.

Um panaca qualquer chamou o Bodinho pra ir gemer tango num parque de diversão que estava em São Vicente. O cantor não vacilou. Botou o smoking e se tocou lá pra terra dos índios. Ia durango como sempre. E, pra livrar algunzinho, se meteu no reboque do bonde, um que descia ali pelo matadouro. Já estava lá na areia branca, quando viu um corre-corre de polícia atrás de gato. Ligou os botucas no lance e campaneou tudo. Tudininho.

Viu quando o crio[u]lo que ia na frente da polícia, num pulo, se agarrou no bonde. Viu que o crio[u]lo tinha na mão uma maleta preta. Firmou o pensamento nela. Era ali que ia o alívio. Viu quando os guanacos que iam no rastro do crio[u]lo se agarram no reboque em que ele estava. E viu o negrão lá no bonde largar a maleta pra limpar a barra. Viu tudo. E não quis nem saber. Se largou do bonde andando. Pegou a maleta. Devia ter uns panos legais ali dentro. E ele estava precisando de apresentação. Xereta pacas, em vez de se picar pro fim do mundo, quis conferir na hora. Se enfiou no cemitério da Areia Branca e em cima de uma campa abriu a maleta. Foi a gronga. Teve um esquinapo. A maleta não tinha roupa. Tinha joia. Estava cheia de joia até a boca. Aí, não se assegurou. Começou a ter um troço. Tremia de cima em baixo. Parecia geleia. E ia tremer até hoje, se não fosse os guanacos que, cansados de correr atrás do crio[u]lo, resolvendo voltar, cortavam caminho pelo cemitério quando viram a pinta apavorado diante do baú. Puseram as patas no Bodinho.

E não deu pra explicar. Apanhou pra chuchu¹⁹ entregar o crio[u]lo que nunca tinha visto antes. Apanhou mesmo, mas não pôde se abrir. Ganhou fama de durão. E está lá na São Francisco, bem guardado. Puxando uma fama sentida.

1.5 – As crônicas de julho de 1968 – Coluna *Navalha na carne*

Usava boina e berro, mas era só (*Última Hora* de SP – Edição de 21/7/1968. Página 8. Caderno 2)

Quando o Mauro Guerra nasceu, era tão limpo como qualquer outra criança. Só tinha guerra no nome. Depois é que se entortou. Foram os chavecos da vida que fundiram a cuca do pivete e azedaram seus dias. Na verdade, ele nunca quis botar pra quebrar. Não era seu jeito. Porém, ainda guri, encostaram ele na parede. Não teve por onde. Se encabritou e virou coisa danada. Aí, foi fogo. Meio mundo perdeu o sono. E começaram a estrilar contra o pilantra. Ninguém quis saber como é que ele foi parar no crime. O que toda a gente quer é sossego. E se alguém perturba, o negócio é ferrar o sacana. Assim é que é. O jogo é sujo. Mas, tem regra. A lei é essa: quem puder mais, se dana menos. Não tem por onde. A grana é que conta. É a única coisa que conta. Quando nascem, as crianças são sempre iguais. Limpas. Depois, vai da sorte. Se o cara nasce sujo de arara, está frito. É gronga.

Com Maurinho foi assim. Logo de saída, pegou canoa furada e teve sempre que remar contra a maré. Ainda era pixote de tudo e o seu coroa, pra largar a carga, meteu ele num colégio interno lá de Muzambinho. O estouro veio com as férias. O garoto e o colégio ficaram no ora, veja. O pivete sem ter pra onde ir e o colégio sem ter pra onde mandar. O pai do Maurinho se espantou sem deixar pista. O dono do colégio ficou uma vara. Deu o esquinapo. Não se tocou que o menino enjeitado estava machucado com o abandono. Estrilou, esperneou e os cambaus. Se rebolou

¹⁹ Termo atualizado; no original de jornal consta “xuxu”.

pra sair da sinuca de bico. Foi duro. Mas, força de vontade é broca. E o majorengo acabou adivinhando um tio do Maurinho no Rio e empurrou o pivete pra frente.

Era Natal quando o Maurinho chegou na casa do parente. A criança comeu o pão que o diabo amassou. Por qualquer coisinha, o tio calçava a moleira do sobrinho. Um dia, o pivete não se aguentou. Abafou uma grana e caiu fora. O tio lamentou a bufunfa que perdeu, mas se sentia aliviado. Deixou andar. Não foi atrás.

O Maurinho ficou nas paqueras do mundo. Pegava de grotá. Do jeito que vinha. Mas, só pra forrar o pandulho. Quando dava, era do trabalho firme. Engraxava pisante, lavava carro, fazia carreto na feira, tal e coisa. Fazia tudo o que a gente não quer ver filhote da gente fazendo. Filho nosso merece o melhor. Cria dos outros se virava. Mas, era trouxa. Deu sopa pro azar e foi em galera. SAM! O SAM, majura, ou outra droga igual, estão aí mesmo pra cuidar dos nenês deixados às traças. E pro Maurinho não deu outra coisa: SAM pra ele. SAM para sossego da sociedade. Porque é como diz o Zagaia:

– O que os olhos não vêem, o coração não sente.

E se o Zagaia diz é que é. Ninguém se doeu pelo Maurinho. E o pivete teve que amargar o seu jiló. Nesse tempo ele ainda era guerra só no nome. E o Zé São Paulo se mancou logo na guerra pouca do parceiro de miséria. Sabia da regra do jogo. Cada um pra si e Deus pra todos. E foi ali na marisqueta. Se serviu com o Maurinho. Se tratou da solidão, do desespero de viver, da dor de ser gente, de ser sobra, lixo. O Zé São Paulo também não tinha culpa. Não sabia de nada.

Porém, o sangue do Maurinho ferveu. E ele deixou de ser guerra só no nome pra ser guerra na cuca ardida, no nojo do estômago, no vazio do peito. E o Maurinho cresceu. Não em tamanho. Mas em raiva, em vontade de forra, em bronca pega. Cresceu em raiva. E a raiva não cabia dentro dele. Nem dentro da jaula. Quebrou grades, saltou muro. Maurinho dexou de ser guerra no nome, deixou de ser Maurinho. Botou uma boina na cabeça e uma quarenta e cinco na cinta. Ficou gente mais raiva. Manjado e respeitado como Mauro da Boina. Usava boina mas não era guerrilheiro. Mas, que fazer? Ele só tinha raiva. Não espiava um palmo além da sua bronca. Porém, assim mesmo fez o que sua bronca. Porém, assim mesmo fez o que pôde. Tirou o sossego de muita gente. Botou pra jambrar. De berro em punho estava sempre com a razão. E é sempre assim, majura: o canhão é que manda. E Mauro Boina deu as cartas. Fez seu reinado no morro de Mangueira e esperou seu alívio. Um dia veio o recado:

– Zé São Paulo saiu da fria.

Mauro Boina desceu o morro e foi pro ajuste. Zé São Paulo foi estarrado com três caroços de 45 nas fuças. Aí, Mauro Boina começou a se render. Faltou embalo. Enganou como pôde. Enganou pra si mesmo. Metia uma maconha nas presas, ciscava, boquejava, mas, que nada! Mauro Boina só tinha guerra no nome de batismo. O resto era cansaço. Queria sossego. Se entregou. Quem guindou o Mauro Boina foi Perpétuo, o caçador de bandido. Levou sem briga, sem estrilo, sem zoeira.

Maurinho foi de boina e tudo. Quis sossego. Sossego, mesmo com grades. Arrumou. Bela droga! Mas, que se pode fazer? Foi ele quem quis.

O jogado fora (*Última Hora* de SP – Edição de 28/7/1968. Página 8. Caderno 2)

Zé Patinete carregava esse apelido porque tinha uma perna mais curta que a outra e quando andava, parecia que estava empurrando um desses troços. Mas nem

se tocava com o defeito. Entrava em todas. Seu negócio era ser palhaço de circo. E foi junto com uma espelunca dessas que ele pôs as fuças no bairro do Macuco. Não veio como artista. Quando chegou, era só amarra-cachorro. Porém, antes da lona estar esticada, o Patinete já era manjado pela curriola da patóquia. O carro corneta saiu fazendo zoeira em volta das atrações: Rapadura e Tijelinha, os comícios das multidões, Lola, a bailarina cigana, Siwa, o mágico comedor de fogo, Maximus, o gigante entortador de ferro, e os cambaus. Não adiantou a onda. Nada grudou. Na estreia do Gran Circus Maximus, não foi ninguém. E a vida ia ruim para os artistas. Mas pro Zé Patinete, estava tudo legal.

Bastava ele encostar o umbigo no balcão do boteco pra juntar gente em volta pra escutar seu papo. E o Zé não fazia doce. Metia ficha. E a moçada que andava à toa escutava suas milongas. Entre uma pinga e outra, ele ia se badalando. Contou que era um dos melhores palhaços do mundo. Só não entrava de cara pintada no espetáculo do mafuá porque Maximus sabia bem que se soltasse ele na serragem ia ser fogo. Não ia ser entortando ferro que o gigante ia fazer média. E deu a dica pra quem quis escutar. Explicou que tenteava ali na pior só porque tinha chamego com a mulher do Maximus e a gama era grande demais pra deixar a infeliz na saudade. Jurou que só por isso se segurava. Escrachava o dono do circo e ganhava divisa com o pessoal do lugar. Já tinha nego que botava olho gordo no Patinete. Feio como a peste, puxando a perna, magro pacas, banguela. Todo ruim. Mas, cheio de presepada. Vivia dizendo que estava se escamando do mulheroio. E tinha trouxa que embarcava na sua canoa e se ruía.

Os pivetes do Macuco começaram a achar o Patinete do cacete. Lance de mulher era com ele. Valentia era com ele também. Charlava pros pixotes que o defeito da perna era por causa de uma bala que ele tomou num arranca-rabo que teve com uns bandidos que quiseram assaltar o circo sob sua guarda. Ficou manco, mas nenhum pilantra entrou na barraca. E tome lance de guerra. E tome cachaça. E deixa andar. O Patinete já estava ficando famoso no bairro. Aí veio o xaveco²⁰. É como diz o Zagaia:

– A moeda tem dois lados. E nunca sai em pé.

E se o Zagaia diz que é. Após a fracassada temporada, o Gran Circus Maximus deu pinote. Deixou no terreno que ocupou, entre serragem, lata velha, trapos e outros lixos, o Patinete.

Esse ficou porque logo ao final da última função tomou um pileque e desabou. Não viu o espanto do circo. E foi deixado porque o Maximus, que não era otário, não ia perder a chance de se livrar de um empregado sem precisar pagar. Com essas e outras, o Patinete acabou no “ora, veja”. Não podia reclamar. Jamais empregado de Maximus teve carteira assinada. No braço, Patinete não ia encarar o ex-patrão. Teve que deixar por isso mesmo. E foi a gronga. O Zé disse que fazia, acontecia. Que salseiro com ele era pra valer, tal e coisa. Foi passado pra trás. Deixou barato. Caiu do burro.

Os pivetes começaram a adivinhar que o Patinete era só bafo de boca. Não era nada de nada. Com mulher não dava sorte. E lenha com ele não tinha. Ninguém sabe como saiu na boca do povo. Mas, logo a gente do bairro esparrava que a perna do Patinete era curta por causa de um coice que uma égua do circo lhe deu em troca de uma proposta amorosa. E foi o esquinapo. Ninguém mais levou fé nas conversas do Zé. E ele foi ficando sem plateia. Foi cada vez enchendo mais a cara

20 Termo atualizado; no manuscrito constava “chaveco”.

de cachaça. E logo virou o sarro da molecada. E não tinha folga. Gozavam o²¹ pinta de todo o jeito. Passaram a chamar o Zé de Deixa que eu chuto²².

Um dia deixaram o Patinete de lado. Ninguém se incomodou mais com ele. Largaram o Zé encostado em um canto do boteco. Isso já faz uns dez anos. E hoje ele ainda está lá no Macuco, encostado no boteco. Esperando passar um circo qualquer pra ir embora junto.

1.6 – As crônicas de agosto de 1968 – Coluna *Navalha na carne*²³

1.7 – As crônicas de setembro de 1968 – Coluna *Navalha na carne*

A glória de um panaca (*Última Hora* de SP – Edição de 1/9/1968. Página 8. Caderno 2)

O Parque Atlas se armou bem onde a velha andou devagarinho. Na emenda do bairro do Aquário com o Sovaco da Mula. No loló da Ponta da Praia. Veio embandeirado pacas. Roda gigante, cavalinho, tiro ao alvo e os cambaus faziam a fachada. E nas encolhas, meteu uma roleta e outros chavecos pra engrupir otário. Deixou andar. O povo se achegou. E o parquinho ficou a boca quente. Estava sempre cheio. Os namorados se encontravam lá. E os paqueras armavam o pesqueiro em volta do serviço de alto-falante, que sempre mandava pra glória um bolero que alguém dedicava pra alguém, como prova de amizade e o cacete.

Como essas e outras, o negócio ia rendendo os tubos. Porém, o jogo começou a dar muito enguiço. Nego chacal que tubulava dava estrilo, tal e coisa. E a cana, vira e mexe, baixava. As famílias foram se espiantando aos poucos e logo o parquinho ficou entregue às traças. A roda gigante e todos os parangolés estavam se acabando, comidos de ferrugem. E até a roleta, que era a ponta firme, deu pra trás. Sem zoeira de gente, o jogo ficava escan[ca]rado. Muito majura, com medo de ser flagrado com a cara na tijela, se encolheu. E o dono da arapuca se tocou que, ou arrumava um bom engodo, ou ia ter que dar o pinote.

Partiu pra viração. Meteu umas tábuas em cima de uns caixotes e atacou de show: Zé Garrafa, Carvalinho e Anita, Zeca e Espoletinha, Eli Araújo, Bila Viana, Siwa, o Mágico, e Hugo e seu regional. Entraram pra valer. Agradando sempre, levantaram o parquinho. Vinha gente de longe pra ver a moçada do Pavilhão Liberdade se badalar no palco do Parque Atlas. Porém, os artistas cobravam uma grana. E o dono da espelunca, que era unha de fome pra chuchu, saiu fora. Deu dispensa pros artistas. E bolou um programa de calouro. É como diz o Zagaia:

– Quem não tem cão caça com gato.

E se o Zagaia diz, é que é. Tinha vagal de monte na boca de espera de uma colher de chá. Todos a fim de tirar o pé do lodo e acabar na TV. E nesse lance, veio gente até do fim do mundo abrir o bico. Apareceu tanta gente, que virou

21 Termo atualizado; no original de jornal consta “a”.

22 No original de jornal, a expressão “Deixa que eu chuto” está em negrito.

23 Há exemplares do mês de agosto de 1968 do jornal *Última Hora* de SP no Arquivo Histórico do Estado de São Paulo, na cidade de São Paulo, onde fizemos a maior parte da pesquisa de campo; por questões várias, não foi possível o contato a este material especificado até este fechamento de tese.

campeonato. Dez calouros por dia se batiam. O melhor de cada dia ficava pra disputar no final, com os outros melhores, o grande prêmio: uma garrafa de licor. E embarcou tanto nego nessa canoa, que só pra ver quem era quem, levou uns trinta dias. E saíram trinta caras do rebolo. E tiveram que se engolirem até sobrarem três.

Ficaram pro tira-teima o Luciano Juqueri, esse mesmo que hoje agrada no Samba Danças, a boca quente da noite santista. E só está lá, porque o Marcos Lázaro ainda não escutou o pinta cantar. O outro que se classificou foi o Nego Baga, que também era linha de frente. E só não está trabucando de cantos porque pegou um xadrez sentido e ainda está puxando tempo. Com esses dois não tinha mistério. Eram cantores mesmo. Agora, o terceiro é que foi broca. Foi um tal de Alfredo Alito. Era chué de cuca. Não tinha voz, não tinha peito, não tinha dente. Só tinha a cara de pau e minhoca no telhado. Porém, nasceu de lua virada pra lua. Deu sorte e ficou na bica.

Nas duas vezes em que ele tinha que abrir a guela, choveu que Deus mandou. Os parceiros dele acharam que não ia ter bulhufas e não puseram o time em campo. Mas, o Alfredo Alito, que não era de dormir de botina, foi com chuva e tudo. E levou a mãe, a tia e a cupinchada toda. Com estrilo, catimba, blá-blá-blá, tal e coisa, botavam a roda gigante pra virar. E iam dentro. Sem se tocar com o molho que caía. Seguravam o apito até a hora dos calouros. E não deixavam barato. O Alfredo ia no palco e cantava. Aí, o dono da espelunca tinha que engolir o birosca como vencedor.

E foi assim que o Alfredo Alito, o Luciano Juqueri e o Nego Baga chegaram na hora da verdade. O parque estava chapado até o gogó. O Juqueri era do Aquário e o bairro inteiro foi com ele para o que desse e viesse. A curriola do Aquário era toda pra frente. Levou seu próprio regional: Flavinho Moura com o cavaquinho, solando pra valer, que era pra não contar com alguma pilantragem dos músicos do parque. E a batota²⁴ inteira apostava até as calças que o Luciano ganhava fácil.

O Nego Baga era do Sovaco da Mula. E não teve por onde: baixou no parque com a batota toda. E o pessoal da Mula não era mole. Azedava fácil. Também vieram de regional. Junarando que iam beber o licor.

O Alfredo Alito trouxe a família. Estava na fuça que não ia ter vez. Porém, ele deu a saída. Tacou um tango de lascar. Mas, como não tinha gongo, chegou no fim. Aí, o Luciano meteu sua ficha. Serenata. Só podia ser: A Deusa da Minha Rua. E o Nego Baga também foi de serenata: A Mulher Que Ficou na Taça. Quando acabou, o locutor anunciou:

– O julgamento vai ser por palmas. Palmas para o que cantou primeiro: Alfredo Alito!

A mãe do panaca e uns gatos pingados fizeram um escarcéu. Mas, não era nada. O locutor deu nova carga:

– Agora, pro segundo: Luciano Juqueri!

Antes que alguém aplaudisse, estourou o pau. Aquário e Sovaco da Mula se grudaram. Foi um pega pra capar. Um bate-fundo de criar bico. Alguém deu tiro pro ar. Houve corre-corre. Apareceu lapa de faca, navalha e peixeira de todo lado. O bolo foi pra rua e a linha comeu solta. Brigou todo mundo. Não ficou ninguém pra aplaudir o Juqueri, nem o Baga. E não teve jeito. Alfredo Alito levou a garrafa de licor.

²⁴ Termo atualizado; no original de jornal consta “botota”.

Uma história da minha gente querida (*Última Hora* de SP – Edição de 8/9/1968. Página 8. Caderno 2)

As minhas tias Zila e Julieta eram duas coroas pra frente pacas. Com as duas não tinha babado. Já andavam com um pé na cova, tal e coisa, e ainda se badalavam. Não queriam nem saber. Com reumatismo, gronga e os cambaus, as duas estavam sempre ligadas. Estavam certas. Só panaca é que morre antes do tempo. E, se houve alguém que viveu até o último sopro, foram essas duas. Nunca contaram com os azares. Sempre trabalharam. Sempre riram. Sempre riram, majura. E nem sempre remaram a favor da maré. Porém, sempre riram muito. E isso pesa na balança. É muito mais fácil gostar de gente alegre. E eu era vidrado nelas. Velhice elas só tinham idade. O resto era o resultado da tabuada do Zagaia:

– O coração não envelhece.

E se o Zagaia diz, é que é. E a Zila e a Julieta era a prova. É por isso que eram tão gente. É por isso que eu gostava delas pra chuchu. E é por isso que hoje me lembro delas com tanto carinho. Elas eram gente de carne, osso, dor de barriga e tudo. E é esse o lance. E eu sinto muita saudade das duas e da dor de barriga delas. Porque com elas era tudo positivo. Ponta firme. Sem mistério. Mas, deixa andar.

A Zila e a Julieta estavam quase batendo os pinos lá em Santos, quando chegou lá o buchicho vindo de São Paulo:

– O Rivaldo vai batizar o filho. Vai dar uma bruta festa.

As duas se assanharam. O Rivaldo era o sobrinho querido. Como eram todos. Porém, foi com esse papo que as duas encararam o resto da família, que não queria que as duas se mandassem por aí sozinhas. Foi um perereco. Muitos dias antes da viagem começou o quebra-pau.

Minha mãe, Hermínia, chefiava o gango do não deixa irem sozinhas, gango que tinha a força das minhas tias Esmeralda, Laura e Licinha, e a torcida da vizinhança toda. E foi dureza. Fizeram tudo pra cortar a onda das duas coroas. Tentaram engrupir as velhas de todo jeito. Inventaram mil histórias de assustar cocorocas. Porém, nada grudou. A Zila e a Julieta cismaram que vinham. E vinham mesmo. O jeito era alguém trazer. Mas, ninguém podia vir. Até a Joana, minha tia crioula, que sempre foi o quebra-galho da família, nessa vez mancou. A ala jovem foi convocada: Sergio, Joselvir, Paulinho, Neto, Claudio, Flavio, Frederico, Luís Carlos, Geraldão, Odar, Alfredinho, Arnaldinho, perguntados, saltaram de banda. Comigo ninguém contou. Todos sabiam que eu não era entregador de bagulho. O mulherio enxuto quis vir. Marcia, Teresa, Sandra, Cleide se alegraram. Mas, meu pai se mancou que minha irmã vinha com o Vicente, seu namorado, e meteu o pé no breque. Aí, não tinha mesmo mais ninguém pra trazer as velhas. E, como elas eram teimosas, embarcaram.

Foi um acontecimento. Parecia que as velhas iam pro Polo Norte. Com a manta que santista tem de achar que em São Paulo cai neve, botaram até cobertor em cima das velhas. Fizeram farnel reforçado pra comerem na viagem e tchau. Foi todo mundo despachar as coroas. E, assim que o ônibus arrancou, bateram um fio pra São Paulo. Em minhas tias Carlota, Elvira e Lourdes, que estavam de prontidão, se mandaram pra esperar as velhas na Rodoviária. O esquema de segurança era do cacete. Mas, furou.

Quando o ônibus estava no alto da serra, a Zila começou a sentir dor de barriga. Segurava como podia. Nem falava mais. Começou a sua frio e tudo. Já estava no desespero, quando apelou:

– Julieta do céu, estou apertada.

A parceira deu um guenta:

– Que é isso agora, Zila? Não vá me fazer passar vergonha dentro do ônibus.

E começou um arranca-rabo entre as duas. Mas foi fácil a Zila convencer a amiga para ir pedir pro chofer dar uma paradinha. A Julieta foi. Porém, de tromba. E chegou empombada.

– O senhor dê uma paradinha aí.

O motorista não gostou e azedou:

– Ninguém desce aqui.

A Julieta era muito boa, mas não comia enrolado. Estrilou:

– Mande parar! Pare! Sei o que faço.

O chofer parou o carro. A Zila, se prendendo toda, desceu e a Julieta foi atrás para ajudar. O chofer fechou a porta e se picou. Abandonou as duas. As velhas ficaram no ora, veja. Depois de xingarem pacas, a Zila começou a tentar se aliviar. Mas, era só arrear as calças, pra Julieta berrar:

– Lá vem carro!

E a Zila levantava a bandeira. Depois de muitas tentativas, se livrou da carga. E começaram a tentar conseguir carona.

Enquanto isso, depois de umas quatro horas de espera da Rodoviária, Cartola, Elvira e Lourdes começaram a se preocupar. Meteram um fio pra Santos:

– Afinal, que horas saíram daí?

– Como? Não chegaram?

– Ai, Jesus!

E foi um rebuliço. A família inteira saiu atrás das velhas. Garagem de ônibus, hospital, polícia, necrotério, asilo de velhas, hospício, tudo. Tudininho mesmo foi revistado pela família Cunha. E nada das velhas. Todo mundo já estava cansado de catar velha. Cansado de chorar. Já estavam quase deixando pra lá, quando lembraram de procurar na Polícia Rodoviária. Foram todos. E, pra alegria geral, encontraram as velhas. Estavam sentadas no plantão. Se explicaram.

Ficaram largadas na estrada umas seis horas. Ninguém quis dar carona. Até que a Polícia Rodoviária as recolheu. Com o esquinapo todo, esqueceram os endereços. Se plantaram na boca de espera. Deu certo.

E ninguém precisou apresentar prova nenhuma pra retirar as velhas da Polícia Rodoviária.

A paixão proibida de Caio e Madalena (*Última Hora* de SP – Edição de 15/9/1968. Página 8. Caderno 2)

O Caio não era de viver na paquera. Tinha chamego firme com um rabo de saia e pronto. Era aí que se tratava. Não que fosse de dar dispensa pra mulher. Isso, não. Mas, ia no devagar. Tinha o seu guento. Segurava as pontas firme. Não se afobava. Matar, não matava. Se encontrava morto, já viu. Não tinha por onde.

Estraçalhava como manda o Alcorão. E estava certo. Pra que orgulho? Os bichos da terra vão comer mesmo. Então, deixa andar. E o Caio deixava. Porém, um dia se entortou. Sei lá o que deu nele. Mas, só foi botar as botucas em cima da Madalena e ficar abilolado. Saiu arrastando um saco de cascalho pela mina. Batendo a cuca na parede e tudo. E sem remédio.

A Madalena era argolada com um majura. O que não teria nada. Porém, acontece que a Madalena era vidrada no marido e não estava a fim de passar o infeliz pra trás. E ainda pior. O Caio não estava por dentro do babado. Não sabia como atracar. Rodeou, rodeou pacas. Cozinhou o galo de mil jeitos. Quando encostou, tubulou. Entrou de sola. Se deu mal. Tomou um tremendo contra-vapor. Foi acabar de caveira de cachaça e escutando tango. Mas, é como diz o Zagaia:

– Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.

E se o Zagaia diz, é que é. O Caio tinha gama de pedra e assim que curou a ressaca, foi de novo lá na Madalena. E, dessa vez, chavou bem. Fez o coitadinho. Pediu pra mina não escrachar elo pro marido, nem nada. Manerou. E ficou amigo. Era só ter uma baba e o Caio colava. Estava sempre rente como pão quente. E cada vez mais atucanado de bobeira. Pra ele, ou era a Madalena, ou não tinha arreglo. E sabe como é. Quem não vai lá, fica de cuca bamba, é a lei. E o Caio já estava matusquela, quando a Madalena resolveu embarcar na dele. Foi num dia que ela se invocou com o marido. O cara deu-lhe jejum e ela foi à forra. A colher de chá caiu pro Caio.

Porém, ele andava tão matusquela, tão por fora, que não sabia o que fazer com o presente. Não tinha onde levar. Falou em ir de hotel. Aí, quase virou a canoa. A Madalena deu um esculacho:

– Que é isso? Olha pra mim e te manca. Sou mulher casada. De respeito. Vou entrar nessa presepada, mas devagar. Se não for na surdina, não vou. E o Caio saiu como uma bola tonta procurando um mocó. Campaneou de todo lado. Só deu crepe. Os parceirinhos ficaram nas encolhas. Ninguém pôde ou quis quebrar o galho do panaca. Ele já estava jururu, quando encontrou o Vadico. Charlou com voz de peito:

– Pelo amor de Deus, livra essa pra mim.

– Não dá pé. O matadouro está em reforma.

– Mas, poxa, que reforma?

– O mi[c]tório. Morou? Botei abaixo.

– E daí? Se tem cama, já serve.

O Caio chorou as pitangas e o Vadico se rendeu, deu a chave. E o pinta foi acertar com a Madalena. Marcaram para as três da tarde do dia seguinte. E não teve bom. As duas horas o gabiru já estava no pesqueiro. Se tocou na botota. Viu bem que não dava pra usar o mi[c]tório de jeito nenhum. Estava tudo fora do lugar. E ainda havia duas tábuas cruzadas na porta. O Caio não tomou conhecimento. Seu negócio ali era outro. Se a Madalena estrilasse por falta de água, azar. Engrenava um baratinho nela e pronto. Não ia morrer de sede. O que contava era a cama. E essa estava ali. Legal. E, fumando, ficou na boca de espera. Olhava o bobo do pulso e azedava. Os ponteiros pareciam não querer andar. Mas, andavam. E, quando estavam marcando quinze para as três, foi que se deu o esquinapo. O Caio sentiu uma picada na barriga. De saída não ligou. Andou pelo quarto e se sentiu em forma. De repente, a picada voltou. Ferrou doido. E não parou mais. E ia aumentando. Aumentando. O Caio deu uma espiada pela janela e flagrou um boteco lá na rua. Ficou vai-não-vai. Olhou pro relógio. Dez para as três. Matutou. Se vou, ela chega,

não me acha, dá o pinote. Não foi. Aguentou a mão. E a dor de barriga aumentando. Aumentando. O desgraçado começou até a suar frio. Meteu a cara na janela outra vez. O boteco estava lá. Olhou outra vez no relógio. Cinco para as três. E a dor de barriga aumentando. Aumentando. Apertado como a peste, o Caio sentou-se na cama. Se segurava como podia. Aí, bateram na porta. Ele levantou-se e teve que fazer um bruta esforço pra chegar na miserável da porta. Foi de pe[r]na presa. O bolão estava na boca da caçapa. E a dor de barriga aumentando. Aumentando. Abriu a porta e a Madalena entrou. Estava retumbante. E foi fazendo dengo:

– Eu não devia ter vindo.

O Caio foi papear, mas não deu. Só do ameaço, quase se desmancha. Trancou a boca, a porta e tudo quanto pôde. E, de perna presa, voltou rápido e se sentou na cama. E a dor de barriga aumentando. Aumentando. A Madalena estranhou e deu bronca:

– Mas, o que é que há?

Suando pra chuchu e de gagueira, o panaca ainda tirou de letra:

– E... e... e... moção.

E a dor de barriga aumentando. Aumentando. A Madalena estava cabreira. Sentou-se na outra ponta da cama[,] ficou olhando o Caio de esguelha. Ele não sabia o que fazer. E a dor de barriga aumentando. Aumentando. O Caio já estava dobrado de tanta dor. Pra disfarçar, fingiu que ia tirar o sapato. Estava quase com a cabeça encostada no pé. Daí, viu embaixo da cama um pinico. Um pinico que não tinha mais tamanho. E a dor de barriga aumentando. Aumentando. Ele manjou o pinico. Manjou a Madalena. E foi se meter a ter ideia. A mulher estava com um vestido de tirar pela cabeça. O Caio bolou. Dasabotoou as calças, puxou o pinico e ficou de prontidão. “Quando ela for tirar o vestido, me arreio. Antes dela se mancar, estou aliviado”. Meteu ficha:

– Tira o vestido, tira, meu bem.

A Madalena, que já estava sem encanto, resmungou:

– Acho bom. Não posso ficar aqui a vida toda.

E começou a tirar o vestido bem devagar. Aí, o Caio não viu mais nada. Executou o plano. Puxou o pinico, arreou as calças e se entregou. A Madalena ainda estava no meio do movimento. Parou. Viu o panaca no trono. Teve um espanto. Se aplumou depressa e saiu berrando:

– Tarado! Tarado!

E nunca mais quis saber do Caio, que ficou lá sentado como um trouxa.

O doutor quebra-galho (*Última Hora* de SP – Edição de 22/9/1968. Página 8. Caderno 2)

A gente andava por aí, pra baixo e pra cima, com o show Opinião: Boal, Bethania, Zé Ketí, João do Vale, Macalé e J. Afonso. Eu era o que ficava na boca da tijela. Ficava de botuca acesa na bilheteria, pra não deixar ninguém engrupir a curriola. Porque quem dá sopa, já viu: entra pelo cano. O que não falta aí nas paqueras da vida é empresário trambiqueiro. E por essas e outras, eu ia junto. Era uma bufunfa sonora que entrava. Não era mole contar toda a grana. Também, o show agradava pacas. Onde chegava, a moçada botava pra quebrar. E o povo

ficava assanhado. E tome carga. E, entre um lance e outro, iam apanhando as rebarbas.

João do Vale só ia de loura. Mas, Zé nem escolhia. Se vinha de saia e não era padre nem escocês, o Zé mandava ver. Era com ele mesmo. E, na base do agrião, a gente ia levando. E acabamos em Porto Alegre.

De saída o João se arreglou com uma loira manjada por Rainha de Sabá. Daí, não quis nem saber. Agora, o Keti tomou uma invertida. Acho que o horóscopo do crioulo andava ruim. Cheio de milongas, papos e os cambaus, o Zé se atirou de todo lado. Mas, ficou na ora, veja; não teve por onde. Ficou de cuca fundida. Jururu pra cacete. Azedo e tudo. Botando o maior olho gordo na pistoleira que o João apanhou. E foi isso que Caicarará disse quando um vento de esguelha pegou ele:

– Praga do Zé.

Mas, não era, não era friagem mesmo. O frio que fazia em Porto Alegre nesse tempo era de entortar qualquer um. E grudou no dente do João sem dó. Ele gemia, se lascava, batia com a lata na parede. E a dor ali. Doida. O negrão já estava se arreando, quando eu passei a mão nele e o levei no Cesar Avila, um médico que lá no Sul é o quebra-galho dos artistas. Amigão de fé. Cara pra frente. Olhou o João e selou:

– Friagem. Toma esse comprimido pra poder dormir. Amanhã te pego no hotel e te levo no melhor dentista do mundo.

Meteu uma droga na guela do João, que logo sentiu a dor manear. E é como diz o Zagaia:

– Quem não chora não mama.

E se o Zagaia diz é que é. O Zé Keti, pra não perder o embalo, meteu ficha:

– E eu, doutor? Meu caso é grave. Será que o senhor não livra minha dor?

O Cesar, sempre pronto, se abriu:

– Qual é o seu problema?

E o Zé Keti, com voz de choro, não deixou barato:

– Mulher, doutor! Ando largado às traças. O pessoal já anda dizendo que não sou chegado às minas. Não apanhei nada até agora.

O médico, que era o bidu do lugar, aliviou:

– Deixa pra mim. Fica lá no hotel com o João. Às três horas, a gente leva ele no dentista e vamos dar uma bandola. Vou te levar na casa das mulheres mais bonitas do mundo.

Pra nosso chapa Cesar, tudo era sempre o melhor do mundo. Porém, o papo deixou o Zé de bobeira. Doido pra tirar o atraso. E no dia seguinte, às três horas, os dois crioulos estavam na porta do hotel. O João, atucanado com os dentes. E o Zé, todo embandeirado. E o nosso cupincha, que não era de dar mancada, logo apanhou os dois e deu o pinote. Ia firme pra largar o João no dentista e o Zé, na casa das madames.

De tardinha, eu estava espiando o mundo da porta do hotel, quando aparece o João do Vale. Vinha todo contentão. Logo deu a dica:

– O doutor Cesar é legal. Me livrou a cara. Positivo. Já tou em forma.

E se mandou. Eu ainda estava no plantão, quando chega o Zé. Vinha encabulado. Com a maior tromba da paróquia. Eu cutuquei:

– Como é, Zé? Se deu bem?

O Keti só resmungou:

– O teu chapa é um bolha.

E, antes que eu defendesse, ele entregou:

– O xarope trocou os dois crioulos. Me largou no dentista e levou o João pra casa das primas.

A vida tem dessas coisas (*Última Hora* de SP – Edição de 29/9/1968. Página 8. Caderno 2)

O Manco era gamado em futebol. O único papo que ele levava era sobre bola. Dispensava blá-blá-blá sobre mina, sobre fumo e os cambaus. Não queria nem saber. Se o assunto era bola, aí, sim, ele se ligava. E não dava colher de chá. Queria saber mais que todo mundo. Porém, nunca tinha vez. Bater na redonda não podia. Era manco. E isso entornava o caldo. Só dava pra torcer. Mas, era broca. Quando o bate-boca engrossava, sempre alguém saía pela tangente:

- Tu não entende bulhufas. Nunca foi de bola. É pernetá. Só sabe cartear. Mas, de fora é mole. No campo é que quero ver.

Aí o Manco se fechava em copas. Se enrustia. Mas, ficava de cuca fundida. Todo picado de raiva, só de cachola batendo num jeito de calar a boca da curriola que não botava fé nele. Matutava, matutava e sempre batia com a fuça na parede. Entrava pra tudo quanto é diretoria de time do bairro. Mas, não dava pedal. A negada só queria o Manco pra cobrar recibo. Nunca o panaca chegava a escalador de time. Segurava as pontas uns tempos de cobrados. Daí, aos poucos, ia se assanhando. Metendo o bedelho na distribuição da camisa, tal e coisa. E logo estourava um salseiro. E era sempre o Manco que era botado a escanteio. Foi numa dessas que ele se tocou que só ia poder botar banca quando fosse o dono do time. Partiu pro pau. Foi devagar devagar. Nas encolhas. Não se abriu com ninguém. Porém, um dia, apareceu com um jogo de camisas. Novinhas. A moçada desconfiou. O Manco sempre foi pé de chinelo. Nunca teve grana. Vivia mal pacas. Tinha um emprego mixuruca. Salário mínimo e olhe lá. Porém[,] o Manco não deu pala. Só azucrinou o pessoal:

– Com essas camisas só joga cobra.

A negada xeretou, mas não teve por onde. O pinta se arrancou. No dia seguinte, apareceu com uma bola. Novinha. No outro, baixou com um saco de chuteiras e meias. Depois veio com os calções. Aí, o pessoal começou a gozar o majura. Era um sarrão:

– Vai jogar sozinho.

– Camisa não ganha jogo.

E era tudo por aí. Porém, o Manco tirava de letra. Encostava nos bons de bola. Buchichava, buchichava [sic] e deixava andar. Logo, o Libertador estava sem centro-avante, o Flor do Norte, em goleiro, o Beira-Mar, sem ponta-esquerda, o Santos do Monte, sem meio-time, o Bacia, sem os seus trunfos. E foi então que o Manco chegou no boteco onde o Santa Cruz tinha tabuleta e botou pra quebrar:

– Vamos lá, valer um caneco?

E no campo, o time do Manco entrutou o Santa Cruz. Cinco a zero. E não parou mais. Foi pegando um por um dos timões da várzea santista e dando pau. Aurora, Aquário, Praia, Vasquinho, Santa Cecília fizeram a fila. E todos entraram no couro. O Manco era o escalador do time e ganhou fama de cara que entende. Também, seu time só tinha bolão. Era uma seleção. Virou honra jogar contra o

Manco e seus cupinchas. E jogar no quadro dele era glória. Além do come-quieto. Tinha disso. O Manco pagava bicho de vitória. E foi com essas e outras que o timão ficou um ano invicto. Um ano sem perder. Um ano inteirinho. Jogando todo domingo. Com sol e com chuva. E pra comemorar o feito, o Manco arranhou um festival. Enfeitou o campo com bandeirinha, comprou uma pilha de tapas e convidou todos os melhores times da várzea pra se pegarem. E para a prova de honra contra o eu time, convidou o misto do Jabaquara, que neste tempo aí, ainda existia como time profissional. E foi lenha. No dia do festival, desde cedo, os leões se comeram. E chegou a hora do pela pra capar. Time do Manco contra o Misto Jubuca. Pra valer. Porém, teve um esquinapo.

Quando o time do Manco pisou em campo, a enorme torcida que se juntou pra ver o racha se assustou. É que[,] do outro lado do campo, entrou a polícia. E entrou pra valer. Só o Manco entendeu. Quis cair fora. Porém, não deu. Foi em cana. E nem teve jogo. A moçada foi pra chefatura buscar o dono do time. Mas, não teve arrego. O delerusca explicou:

– Esse Manco é ladrão. A gente já estava na captura dele há muito tempo. Só hoje pudemos ferrar o lalau.

E, na prensa, o Manco se entregou:

– Poxa, como eu ia manter o time?

Hoje ele está escalando o time da cadeia.

E é como diz o Zagaia:

– A vida tem dessas coisas.

1.8 – As crônicas de outubro de 1968 – Coluna *Navalha na carne*

Situação difícil (*Última Hora* de SP – Edição de 27/10/1968. Página 8. Caderno 2)

Outra vez eu dei mancada. Fiquei uns três domingos sem escrever bulhufas pra Última Hora. O Apolinário, que é quem me inventou como colunista, deu o estrilo. Pegou firme no meu pé. Veio duro com os papos de profissionalismo e os cambaus. Mas, eu engatei um deschavo. Não avacalhei porque quis. Nem foi falta de assunto. Que isso existe de montão nesse tempo que corre. Devia ter falado do Sérgio Porto, que morreu e de quem eu era macaco de auditório. Devia ter escrachado as violências dessa droga chamada CCC, que raptou a Norminha Bengell com toda a violência do mundo. Podia falar, e devia ter falado sobre um montão de coisas. Só que, pra mim, não deu. Meu embalo estava chué. Minha cuca, fundida. A Dereca, minha rainha, ficou dodói. E eu fiquei abilolado. Ela sofreu no hospital e eu caí da panca. Não tive jeito. Se ela não sorri, eu me apago. Fico batendo pino. E não escrevo nada. Nem posso.

Sem a Dereca em casa, o mocó fica uma chatura. Até o Nado Tutuco e o Kiko deram de pinote pra casa da avó. Não quiseram nem saber da casa sem a rainha.

Porém, tudo já passou. A Dereca está melhor. Já sorri de novo e tudo. Os dois pivetes já voltaram e eu já posso até escrever. E vamos lá. Defendendo o rango, que não é mole.

E já que falei de família, vou engrenar uma de família.

Não dessas que as marchadeiras e os CCC querem salvar.

Uma família jogada fora, entregue às baratas. Sem nome, sem casa, sem comida, nem nada. E tome carga.

A passeata dos estudantes vinha largando brasa na contramão da São João. Já tinha muito nego rouco de berrar Abaixo a ditadura²⁵, tal e coisa. Também tinha menina com o braço duro de segurar faixa. Mas, ninguém afrouxava. Iam levando firme.

Nisso, uma mulher, dessas que estão no virador, entra na passeata com uma criancinha com cara de fome. Não quer nem saber. Não grita nada. Não bronqueia. Pra ela não adianta estrilo. Encosta nos estudantes e charla:

– Uma ajuda pra criança.

Logo uma menina fica com dó:

– Cai fora daí, minha senhora. Senão, quando a repressão chegar, vai ser broca. Vai todo mundo correr e podem machucar o nenê.

A mulher não deu a mínima. Só empurrou um maleime:

– A criança tá com fome. Dá um auxílio.

A menina estudante ficou embatucada. Daí, selou:

– Aqui não adianta. Vai pedir ali na calçada, pros burgueses. Eles é que tem grana.

A mulher nem sabia o que é burguês. Mas pareceu pra ela que a menina era igual às que estavam espiando da calçada.

Mas, se tocou que daquele mato não ia sair coelho.

Se arredou. Aí, começou a choviscar. A mulher encostou num estudante que carregava uma faixa onde se lia: Abaixo a Ditadura Assassina²⁶. E pediu pro cara:

– Deixa eu segurar o andor.

O rapaz quase chorou de emoção. Gritou pra um colega:

– Estamos ganhando as massas. O povo está com a gente.

E passou o bastão pra mulher do povo. Essa não teve devagar. Arreou a faixa. O moço que segurava o outro pau, veio ver o que era. E facilitou. A mulher despregou a faixa dos paus e naquele pano embrulhou sua criancinha.

Os estudantes ficaram de bobeira. Olhando sem saber o que dizer. E foi aí que chegou a repressão, largando o cacete. E foi um pega pra capar sentido. Lenha dura. E a mulher se espiantou com sua criança agasalhada pela faixa.

E é assim como diz o Zagaia:

– A situação está difícil.

E se o Zagaia diz, é que é.

1.9 – As crônicas de novembro de 1968 – Coluna *Navalha na carne*

Quem não pode não põe banca (*Última Hora* de SP – Edição de 3/11/1968. Página 8. Caderno 2)

A turma do Aquário era do cacete. Quando se juntava era fogo. Saía faísca. Todo mundo era batoteiro naquele bairro. O mais de nada tinha seus trambiques, tal e coisa. Então, já viu. Quando a curriola se juntava era pra botar pra quebrar. E se juntavam toda mão. Com chuva ou com sol, depois da janta a negada ia pintando no

25 Na versão original de jornal, a frase “Abaixo a ditadura” está em negrito.

26 Na versão original de jornal, a frase “Abaixo a Ditadura Assassina” está em negrito.

Aquário e se largavam na paquera. E não tinha noite que não tivesse presepada e os cambaus. O gango do Aquário era uma parada federal. E como toda tribo tem seus chefes, aquela também tinha. Eram dois. O Juqueri e o Boca Vazia. Tudo quanto era majura embarcava na canoa desses dois. Também, os embalos que eles aprontavam sempre tinha balanço. Até o dia em que não teve. Aí foi o esquinapo. Se armou um salseiro do carilho²⁷. Porém, pro Juqueri e pro Boca, não teve pedal. Tomaram uma invertida e se estrepavam do primeiro ao quinto.

Foi uma noite em que caiu um milho sentido. Parecia que o céu vinha abaixo. Mas, era dessas chuvas de praia. Que arreja pra valer, mas dura cinco minutos. Essa chuva foi curta, porém espantou os vagaus. Todos deram de pinote. Só ficaram uns seis ou sete, que não tinham bulhufas pra fazer. Se enfurnaram num boteco e ficaram batendo caixa. Assim que passou o tempo, se plantaram de novo na frente do Aquário. Só ali, cozinhando o galo. Como quem não quer nada. A cuca gira estava batucando a fim de aprontar uma catimba. E logo deu pé. Apareceu um bonde. Vinha vazio. Vaziosinho. Porém, vinha um cara pendurado no estribo. Aquilo invocou a moçada. Num bonde sem ninguém, um pacana no estribo tem que ser trouxa. Merece uma carga. E esse aí ganhou. Quando o bonde passou pelo gango, o Juqueri deu a maior guarda-chuvada no loló do panaca. Todo mundo rolou de rir. Mas a alegria durou pouco. O panaca soltou do bonde e veio quente. Os pivetes se espantaram. Só ficou o Juqueri e o Boca pra encarar a bronca. E não deram pra saída. Ciscaram, ameaçaram, mas na hora do “vamos ver”, pegaram um contravapor do cacete. O cara calçou a moleira do Juqueri e melou o nariz do Boca Vazia. Uma taruletada em cada um acabou com o baile. Os dois se aterraram. E o cara se mandou no devagar. Na maior maré mansa. Aí, teve o deschavo. O jornal do outro dia escrachou o lance.

Peso-pesado, campeão uruguaio, sofre tentativa de assalto na Ponta da Praia.

E foi aquele sarro. A negada pegou o pé do Juqueri e do Boca. Gozaram paca o lance. E é bem feito. É como diz o Zagaia:

– Quem não pode não põe banca.

E se o Zagaia diz, é que é. Precisa ser muito loque pra sair na guerra e não ter canhão.

O manja balão (*Última Hora* de SP – Edição de 10/11/1968. Página 8. Caderno 2)

O Manja-Balão²⁸ ganhou esse apelido quando era pivete. Ele era invocado pacas. Vivia olhando pro céu. Andava de nariz pra Lua e tudo. Daí, já viu. Xavecaram ele com o apelido. E não teve jeito. Grudou. Ele cresceu, se arreglou com uma mulher, teve filhos, neto e os cambaus. E a raça toda era Manja. No Macuco inteiro, a curriola só se flagrava neles como a família Manja-Balão. Porém, eles tiravam de letra. Se o velho Manja era folgado, o gango saiu igual. Todos com a mesma bobeira na cuca. Cara pro ar e no devagar. Por isso mesmo, nunca achavam nada no chão. E nem queriam. O negócio deles era vadiar. Nenhum deles era do batente. Nunca se viraram atrás de emprego. Um cabide era o que queriam. Quando

27 Acredita-se que a palavra “carilho” deva ser lida como “caralho”; é bem provável que este não seja um erro de digitação, e sim uma maneira de se publicar em jornal um palavrão de modo sutil.

28 A maior parte da expressão “Manja” associada a outra ou em hífen estão em itálico no original de jornal.

um se arranjava de funcionário público, se instalava. Enganava, e o resto era botota. Se a canoa era de gandaia, os Manjas se embarcavam fácil. Não adiantava a mãe Manja-Balão estrilar. Ninguém dava pelota. Começava pelo pai Manja. Sexta-feira à tardinha, ele não queria nem saber. Dava o pinote. Engrupia a velha com um engodo de pescaria na Praia Grande e azulava. Só baixava de volta na segunda de manhã. E nunca trouxe nenhum peixe. Mas, sempre chegou de caco cheio. E foi numa dessas que se deu o esquinapo.

O velho Manja-Balão se espiantou num piquenique de pistoleira. Um embalo firme. Na base do agrião. Todo mundo nu. Cachaça e maconha a dar buzo. Um pagode de entortar. E o coroa Manja se atirou de fuça. Se enredou num rabo de saia e botou pra quebrar.

O perereco engrossou na Praia Grande. Daí, se mandaram pra Itanhaem pra comer caranguejo. De lá foram a Mongaguá xeretar num sítio de banana. Não por causa da banana, é claro. Mas, pra bicar uma pinga que o dono do sítio fazia em alambique de manivela. E foram indo. Daqui pra ali. E tome carga. E o tempo correndo.

Quem se atucanou foi a mãe Manja. Quando, na segunda-feira, o marido não deu as caras, ela estranhou. Na terça, quase fica abilolada. Reuniu os filhos e se mandaram na captura do vagau velho. Cemitério, hospital, cadeia, tudo foi batido. Neca do pinta. A mãe Manja ficou batendo a cachola no poste.

– Morreu afogado! Só pode ser! Ai, Jesus! Pobre Manja!

E a gronga ia no virador. Já tinha até chavado uma missa pro panaca. Porém, a gandola do pilantra se estarrou. A fumaça saiu da cuca. E, sem onda²⁹ pra curtir, a negada ficou chumbada. Tiraram o time de campo. Cada um se bandeou pro seu lado. Quem quebrou a cara foi o Manja. Se ardeu com o lance do “o que é que eu vou dizer em casa”.

Bambeou. Quase fica chué. Mas, se achou no apelido. Sempre foi Manja-Balão por viver de lata empinada. Era por aí que ia encarar seu povo.

E chegou no mocó com charla feita e, mal a mãe Manja deu prensa, o majura sacou:

– Tá certo, nega. Tu deve ter se agoniado. Porém, segura o apito que eu me racho.

E foi malhando o deschavo. Lembrou que ele era Manja-Balão. E que estava de fuça pra Lua quando encarou um disco voador. Ficou bambo e tal e coisa. E os caras do disco guindaram ele pra Marte. Ele viu tudo lá. Lugar legal. E entronchou detalhe. A mãe Manja era cutruca. Engoliu o trambique. E ainda rezou de alegria, porque o marido estava de volta.

E tudo podia ter ficado por aí. Mas, a dona Manja tinha feito um escarcéu quando o velho sumiu. Com ele aparecido, a vizinhança quis saber das coisas. E a mãe Manja teve que se abrir. Entregou o recado que recebeu. E foi aquele bochicho. O “foi, não foi”, se esticou. Todo mundo queria ficar por dentro. E meteram o bedelho. Encostaram o Manja na parede. Na frente da mulher. Só restou pra ele jurar que andou de disco, foi a marte e o cacete. Aí, a zorra cresceu. E veio repórter. E tome cara no jornal, revista, programa de televisão e outros bichos. Da Rússia, dos Estados Unidos, da França e de todo lado vinha carta. Eram as Sociedades de estudar disco que queriam saber das coisas.

²⁹ Termo atualizado; no original de jornal consta “conda”.

E o Manja ficou entrutado. E era tarde pra dar uma recueta. Mandou bala. Bolou uma tremenda presepada. E cuidou da sua lavoura. Atacou de conferência sobre Marte e escreveu um monte de livro. Tudo chupado dos livros de ficção científica. E ficou por cima da morisqueta. E até hoje se badala com a onda do disco. E é como diz o Zagaia:

– Tem loque pra tudo.

E se o Zagaia diz, é que é.

Xangô salve a Telé, ‘A rainha dos bicões’ (*Última Hora* de SP – Edição de 16/11/1968. Página 16. Caderno 2)

A Telé é do cacete. Com ela não tem bom. Pode ter estrilo, esperneio e os cambaus. Porém, se uma bola maluca lhe bater no telhado, já viu. Ela vai lá e manda ver. Sempre ali na velha base do agrião. E tem até nego que diz que, se a Telé não estiver numa badalação, entra areia e não cola. Com Festival depois que a Telé se tocou nele. Ela aprontou mil e uma presepadas. E jogou o Festival bem no alto. Foi a Telé quem bolou faixa, vaiou, atirou ovo, tomate, brigou, xingou a mãe do júri, desmaiou, aplaudiu, urrou e os cambaus. Porém, foi tudo isso que fez do Festival uma coisa quente. E não adiantou quererem xavecar a Telé. Com ela não tem desses negócios. O Renatão deu um guento nela. Proibiu sua entrada no auditório do Festival. E daí? O Renatão ficou falando sozinho. A Telé meteu uma peruca de velha, uns óculos esculhambados, uma roupa chuveirada de alguém e trambicou o porteiro. E foi só o primeiro cantor invocado botar a lata pra Telé é trepar³⁰ numa cadeira e dar um assovio de azucrinar qualquer orelha. E a curriola embarcou toda na dela.

Porque é por essas e outras que ela é a Telé, a puxa-fila, a famosa Rainha dos Bicões. E sente aí: Rainha que se fez. Na marra, no berro, na raça. Isto é, rainha feita na lenha. No pega pra capar das paqueras da vida. Rainha que se fez, majura. Não nasceu rainha como umas e outras que andam por aí. A Telé é rainha e, como tal, querida nas noites do perereco do mundo. É ela que, com sua alegria, com sua vontade de viver, com o seu deixa de banca, faz a onda, dá a força, faz o balanço. Telé é ponta firme. E sem bronca. A Rainha dos Bicões.

E, sendo assim, nada mais lógico que, se uma outra rainha qualquer visite o Brasil, leve um papo com a Talé. A Rainha da Inglaterra veio aí. Armaram mil presepadas. Aprontaram mil badulaques. Arranjaram mil rangos melhorados. Fizeram tudo pra deixar a Bety II à vontade. Esconderam tudo quanto foi pé de chinelo que andava pela rua batendo com a cuca no poste. Só pra Rainha achar que aqui só dá granfino. Porém, deram uma mancada. E grossa. Quiseram tirar a Telé da jogada. Não deram convite pra biconamora ir ao baile da inglesa. Mas, a Telé se encabritou e foi assim mesmo. Toda embandeirada, baixou no brilhareco da Bety II. E levou um papo com a Rainha inglesa e com o príncipe. Papo que só não foi espichado porque a inglesa era uma ignorante e não falava a língua da gente. Aí foi o esquinapo. A gronga. Deu os maiores buchichos. Todos os donos da festa pularam. Esculacharam a Telé. Mas, eles têm que se mancar que a Telé é que deu colher de chá pra Bety II. Porém, o repuxo é que foi broca. Que deixou meio mundo

30 Passagem atualizada; no original de jornal consta “[...] Telé é trepar” [...].

de cara no chão. No dia seguinte, quando os jornais esbracharam o lance. Só deu gente do povo perguntando:

– Quem é essa pistoleira que está da lado da Telé?

E aí avacalhou a guerra. E é como diz o Zagaia:

– Saco vazio não fica em pé.

E se o Zagaia diz é que é. Meio mundo ficou em pé com o sucesso da Telé.

1.10 – As crônicas de dezembro de 1968 – Coluna *Navalha na carne*

Sempre tem a volta (*Última Hora* de SP – Edição de 1/12/1968. Página 14. Caderno 1)

O Noca era um pé de chinelo. Ninguém levava fé nele. Vivia dando uns bordejos pelo cais do porto de Santos. Entregava carga pros lanceiros. E era só esse seu macete. Coisa pouca. Entrava num ônibus atopejado de gente, junto com o lhufa. O patrão encostava no otário e adivinhava onde estava a bufufa do panaca. Aí dava o alô pro Noca.

– Tá no porão!

E o Noca tinha que virar o majura de porão pra mão do lanceiro, que aí, num mergulho rápido, estarrava a carteira do bié. E pra sair fora do entruto entregava a grana pro Noca, que tinha que se espiantar logo, pra na hora do estrilo não ter um flagrroso.

Era assim que o Noca remava seu barco. Tá na cara que não era nenhuma maré mansa. No racha, o lanceiro ficava com o naco do leão e o farol com os pixulés. Porém, pro Noca estava bom. Ele não queria ir a lugar nenhum. Se dava pro rango e pro mofo, estava legal. Não queria nem saber. Os outros faroletes³¹ levavam vontade de um dia serem os churradores. Mas, o Noca ia ficar nisso mesmo. Só encostando o corpo. Porém, é como diz o Zagaia:

– É apanhando que se aprende.

E se o Zagaia diz, é que é. E o Noca tomou pancada dura pra se mancar. Foi um dia lá na botota do mercado. O Nego Lindo chegou no Noca e abriu:

– Vamos armar pesqueiro?

E o Noca embarcou. O Nego Lindo era o bom dos bons da punga. Qualquer farol ficava cheio de alegria só por entregar carga pro crio[u]lo. Mas pro Noca não queria dizer nada. Era um estarro a mais. E tome. Entraram no ônibus. O Negrão deu os apalpos. Escolheu os cururus. Deu o berro.

– Carga no churro.

O Noca fez sua parte. Deu o churro do otário de bandeja pro Nego Lindo. E o crio[u]lo beliscou. Mas, teve escama. O cavernoso chiou. Aí, foi o perereco. Fecharam as portas do ônibus e começou o “Quem foi?”, “Quem não foi?”. O Nego Lindo passou a grana de chique e tudo pro Noca. Era o combinado. E o Noca teve que aguentar a brasa.

Veio a cana. Um guanaco só. Mas, que tirava o Nego Lindo na pinta. Revistou. Limpo. Pela picada, foi no Noca. Carregado. O Nego Lindo se fechou em

31 No original de jornal consta “faroletes”, mas acreditamos que se trata de “faroletes” ou a gíria que sugere “pequenos”.

copas. O Noca segurou as pontas. O guarda era pouco. E a presepada começou. Um tinioso meteu lenha na fogueira.

– Vamos malhar!

E a curriola se assanhou.

– Vamos lá.

E o salseiro foi broca. Todo mundo tirou uma casquinha no Noca. Deram sem dó. Até o Nego Lindo, pra livrar bem sua barra, deu umas biabas no Noca. E foi essa que ele mais sentiu. Doeu no relógio do peito. Era muito xaveco³². E ali mesmo jurou a volta. E quando veio reforço da polícia, o Noca era um bagaço. Mas estava vivo. A polícia juntou o farol e arrastou em galera.

Pro Noca, um cacetão de tempo na geladeira. Pro Nego Lindo, a vida continuou. Mas, nada como um dia atrás do outro. Pro Noca, custou pacas cada volta do ponteiro. Pro crio[u]lo era mole. E quando ele menos contava, encarou o Noca na rua. Foi na Xavier da Silveira. Bem no golfo. A boca pesada da noite santista. E o Nego Lindo quis deschavar.

– Meu farolete de fé! Já na boa! Legal. Vamos estarrar muito loque juntos, tal e coisa. Como o tempo passa. Ainda hoje disse pra mina: Domingo preciso ir de visita no casarão. Levar uma chibaba pra um cupincha meu que tá guardado.

E ia continuar com o parangolé fajuto. Porém, suas botucas bateram nas botucas do Noca. Se tocou que o olho do Noca estava ardido de sangue. Baixou a cabeça e viu a razão na mão do Noca. Uma turbina quarenta e cinco. O Nego Lindo ainda quis arreglo. Mas, era tarde. O Noca deu o teco. Meteu cinco tochas no Nego Lindo. Bem na lata. Uma por cada ano, que ele puxou de cana.

A forra (*Última Hora* de SP – Edição de 8/12/1968. Página 14. Caderno 1)

Quando o Amor e Glória se pegou com o Galo do Mercado FC, não era um jogo cheio de babados. Não eram nem a valer taça. Porém, todo mundo queria ganhar. Sempre foi assim na várzea santista. E então, já viu! O cacete comia. E nesse dia em que os dois se encararam, não deu outra coisa. O Biela era beque do Galo. E não alisava ninguém. Sentava a pua sem dó. Carriça era o ponta do Amor e Glória e tinha a mania de fazer embaixada. Não queria nem saber. Pegava a redonda e ciscava mesmo. Desconhecia qualquer zagueiro. E foi assim com o Biela que, além de botinada, não sabia nada de bola.

E foi tanta caçambada que o Carriça tomou nesse dia, que resolveu azedar. Aproveitou uma entrada de boi louco que o Biela deu, tirou o cadáver de banda e meteu um toco que pôs o beque de cara no chão.

Daí, foi lenha. A catimba começou. Toda a curriola do Galo entrou em campo, e a do Amor e Glória também. O salseiro foi duro. Gente pacas brigando. E no meio da gronga, o Biela apanhou a naifa e ferrou o Carriça. Espetou fundo. Bem no relógio do peito. O Carriça já caiu estarrado pra sempre. Foi na ambulância, mas era sem jeito.

O Biela quis se espiantar, mas não deu. Grudaram nele, até a cana chegar. Mas antes dele ser arrastado pela justa, houve uns pererecos. O irmão do Carriça, o Piolho, que estava jogando sinuca num boteco, recebeu o recado e veio pra forra.

³² Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

Fez as maiores presepadas pra acertar o Biela. Porém a turma deu um guento nele. Então, ele jurou o Biela de troco. No estrilo, escrachou pra quem quis escutar que não ia ter sossego enquanto não pagasse o Biela. E ficou no virador. Esperando a volta.

É como diz o Zagaia.

– Até as pedras se encontraram nessa vida. E se o Zagaia disse é que é. E, apesar do flagrroso que o Biela pegou, antes que toda a batota pensasse, o Piolho ficou cara a cara com o Biela.

O Piolho estava rolando os dados num bozo e o rapa baixou. Todo gango em galera. E por xaveco³³ de chaveiro panaca, o Piolho foi tacado na mesma cela em que o Biela estava. O xerife da fria em que o Biela e o Piolho se encontraram era o Nego Ventana, e sabia da bronca dos dois. Acendeu o fogo.

– É coisa dos dois. Ninguém mete as fuças.

E ficou só vendo a truta que ia dar. Biela e Piolho se mediam. Um considerava o outro de frente. No braço era parada igual. Tinha que ser na moita. E os dois se mancaram. Um ficou só campaneando o outro. Tirando na pinta. Nem piscavam. Com as botucas sempre ligadas, um olhava o outro de esquelha. Se um se coçava, o outro se tocava. E o tempo foi correndo. Os dois na boca de espera. Os outros presos faziam fé. Apostavam num e no outro. Veio a noite. E nem Biela, nem Piolho, botaram farol baixo. Se escoravam.

Na zorra estava marcado que o majura que desse bobeira acordava nada. E veio o dia. E os dois segurando as pontas. Todos os presos jogavam engodo. Tavam doidos pelo fim. Ninguém se metia por causa da lei que o Nego Ventana deu. E ali, no “cada um para si”, Piolho e Biela cozinhavam o galo. Já estavam meio batusquelas. E veio a segunda noite. Veio o segundo dia. Veio a terceira noite. E os dois na inhanha. O presídio inteiro checand³⁴ o lance. Veio o terceiro dia. E a quarta noite, quando parecia que ninguém ia se render, o Biela desabou. Caiu de queixo no chão. O Piolho se serviu. Apanhou uma vassoura e esmagou a cuca do Biela. Deu umas vinte pancadas. Ninguém se doeu. Aí, o Piolho se largou no chão e dormiu.

Quando veio a guarda, o Nego Ventana se rachou por todos:

– Ninguém viu nada. Tava todo mundo puxando o ronco. Tá?

Em praga de madrinha só entra quem bota fé (*Última Hora* de SP – Edição de 22/12/1968. Página 13. Caderno 1)

Tem nego que bota fé em qualquer babado. Sabe tudo sobre gronga. E daí, já viu. Lê horóscopo, não passa embaixo da escada, se benze na porta da igreja, usa galho de arruda na carteira, pé de coelho no chaveiro, figa no pescoço e os cambaus. Tem reza contra quebranto e vai em tudo quanto é bidu, pra saber do que vem pela proa. E não adianta ninguém pichar esses troços. Quem é desses papos crê paca[s] em tudo que é escamoso.

Tem uma panaca que eu manjo que é do cacete. Deu a pata de cima pra uma cigana botar as botucas. E a enganadora, pro trouxa não se mancar que estava

33 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

34 Termo atualizado; no original de jornal consta “xecando”.

sendo choveirado, com tanta coisa boa que ia ganhar dali pra frente, deu-lhe um breque:

– Mas, abre teu olho, que tu vai ter um acidente.

Aí, o loque se assanhou. Não sossegou enquanto não caiu do bonde. Deu as maiores sopas pro capuchete. Ficou zangado na frente do táxi, pegou o rango no restaurante do Canal 4, se esforçou pra chuchu. E neca de tornar um trompaço. Já ia enchendo que era grupo da cigana, quando bateu de fuça no chão. Tem gente que jura que o otário se jogou. Mas, deixa pra lá. O que conta é que o panaca ficou todo alegrão com o tombo. E, todo embrulhado em esparadrapo, ficou plantado na vida, esperando o resto que a cigana prometeu, que era grana às pamparras e mulher de todo tamanho e cor. E está esperando até hoje.

Com a Ponte Preta, aquele time de Campinas, o bafo é quase igual. Eles tinham um alfo, um crioulo chamado Pitico, que batia na redonda, no tempo em que o Luís Gustavo, o Tatá (que é o bicão Beto Rockfeller, na novela mais bacana que já deu na TV) juntava bala [de] futebol.

O Pitico não era nenhum cobra. Porém, dava o sangue. Chorava quando o time perdia. Suava a camisa. Fazia qualquer catimba pela Ponte. Era gamadão pelo time. Mas, um dia faltou perna. A velhice encostou no lombo do crioulo. E o negrão entrou em pua. Um dia em que a Ponte tomou um contra-vapor dedaram o Pitico. Espalharam que ele é que tinha enterrado o time. E na hora de renovar contrato, não teve arreglo. E, como todo jogador de timeco, o crioulo também não tinha nenhuma bufunfa enfurnada. Ficou no “ora veja”.

O Pitico seguiu as pontas. Conhecia dos macetes. E a lei é essa mesmo. Mas, a mãe dele não se aguentou. Achou que era um bruta xaveco³⁵ da Ponte Preta, largar seu filhote no talo. A velha achava que o clube tinha que dar uma colher de chá pro Pitico. Nem que fosse uns pixulês. Mas, que desse pro crioulo pegar outro embalo. Afinal, o Pitico deu tudo que tinha pra Ponte Preta. Acabou seu futebol defendendo o time. Merecia uma ajuda. E, com essa bola na cuca, bateu uma caixa com os cartolas. Deu em nada. Os homens nem quiseram saber. A velha esperneou, chiou e tal e coisa. Nenhum cartola se coçou. Pra quê? O Pitico era carta fora do baralho. Foi então que a velha azedou e selou o destino:

– Tá bom! Chuparam o sangue do Pitico e agora não querem saber, né? Deixa andar! Vão se estrepar de verdade e amarelo do primeiro ao quinto, por sete anos.

A velha agourou e deu pinote. Os cartolas nem tomaram conhecimento da praga da coroa do Pitico.

Não tomaram, até que a Macaca tubulou. Macaca, pra quem não sabe, é apelido da Ponte Preta). Pois é. A Macaca caiu do galho. Foi pra divisão de baixo. E um cartola, atucanado pela torcida, deschavou:

– Isso foi a praga da mãe do Pitico.

E todo mundo pegou a trela. Um cabeça de bagre ainda levou lenha na fogueira:

– Então, tamos na pior por sete anos.

E daí pra frente, a Macaca só tomou chumbo. Sete anos. Sete anos seguidos de paulada. Sete anos bem contados entrando pelo cano. Sem chepa. Sete anos no

35 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

virador. não adiantou mandinga e outro trambiques. Foram sete anos. Sete aninhos. Bem cumpridos. Encostavam na boca da caçapa. Vinham no maior embalo. Mas, na hora do “vamos, ver”, sempre tinha um cartola pra escrachar:

– Vamos firme. Aquele boquejo da velha do Pitico é onda.

Era lembrar e dar bobeira em todo time. Os jogadores viravam geleia. Tremiam e iam a pique. E foi assim até o fim dos sete anos. A coroa do Pitico sempre levou a culpa. Mas, chegou o oitavo ano. Um cartola berrou:

– Esse ano é nosso. Acabou a praga da mãe do Pitico.

E a Ponte Preta foi pras cabeças. Porém, o Paulista de Jundaí, que não sabia do negócio da mãe do Pitico, tirou a Ponte de letra. E a Macaca se rachou pela oitava vez. E foi bem feito. Quem mandou não arrumar bem o time? Por que não fez como o Paulista, que se calçou? Ficaram carregando praga sete anos e, se não contratarem jogadores de verdade, carregam mais sete. É como diz o Zagaia:

– Se macumba grudasse, crioulo nunca tinha sido escravo.

E se o Zagaia disse, é que é. Vê se macumba para o Santos F.C., de glórias mil. Para uma ova! Praga pega é na Ponte Preta, que tem um futebol que é um esculacho.

Glória e queda de um moço mau e obediente (*Última Hora* de SP – Edição de 29/12/1968. Página 13. Caderno 1)

O Bufalo Mexicano nunca foi mexicano. Nem nunca passou perto do México. Entrou nessa marola de Bufalo porque pesava cento e quarenta quilos, tinha uma pinta medonha e era xereta pacas. Só com a fuça já entortava qualquer majura. Mas, antes de ser Bufalo Mexicano, era manjado por Bolota e andava se arrastando pelo cais do porto de Santos. Seu negócio era comer. Ia de boteco em boteco na campana de um loque. E sempre adivinhava um. Daí, como quem não quer nada, carteava.

– Duvida que eu coma trinta pastéis?

E se os panacas se encabritassem, era só mandar ver. Amarrava uma nota e descia o rango. Não tinha por onde. Qualquer rango ia nas presas do Bolota. Mastigava firme. E com essas e outras, remava o barco em maré mansa.

Porém, um dia entrou minhoca na cachola do Bolota. A gronga se deu quando o Gran Circus Maximus armou sua lona cheia de buraco no bairro do Macuco. Logo de saída, a espelunca naufragou. O palhaço não agradou e o empresário ficou no “ora veja”. Mas, é como diz o Zagaia:

– Não se dá milho pra bode.

E se o Zagaia diz, é que é. O dono do pulgueiro, que era escolado, não se atolou da paróquia. E, pimba! Acertou na mosca. Esparramou pela cidade que ia botar os campeões de luta-livre pra se ferrarem no circo. E pôs mesmo. Trouxe a curriola toda, que no sábado e domingo se atucanava na televisão até quase à morte, pra se botar na terça-feira no seu picadeiro. E o engodo grudou. Toda terça-feira o Gran Circus Maximus ficava a três de alto. Vinha nego de todo canto pra ver os marmeleiros. E o Bolota, que era um abilolado, vinha junto. E choveu na horta do empresário do mambembe. A grana entrava fácil. O povo engrupido estava vidrado no barato de luta-livre. Lutava cada bruta escamoso que vou te contar. Rei Zulu, Touro Feroz, Cavalo de Aço, Homem das Neves, Chacau, Gigante Valente, e os

cambaus. Esse gango e muitos outros engrupiram a moçada até não dar mais pedal. Aí, o empresário se mancou que estava na hora do pinote. Antes, porém, tinha que rapar mais alguns pixulés dos panacas. E pra deixar o povo na saudade, engrenou um arranca-rabo cavernoso pro até logo. Meteu lá: “Peito de Chumbo contra o Pantera Negra.”

Nesse dia, o circo ficou atonetado até as barbas. Tinha gente pendurada no mastro e tudo. E sem estrilar. Todo mundo queria ver esse salseiro. Espalharam que o tal de Pantera Negra, um crioulo africano, era do cacete. Nunca perdia. E depois de estarrar o inimigo, comia a orelha do cara.

Aí, já viu, a batota foi em peso. Mas, teve um esquipano. O Pantera Negra pegou uma gripe e deu cano. O empresário do circo e o dono dos lutadores só se flagraram que o bié não vinha na horinha do tasca. Aí, foi lenha. As lutas preliminares já tinham ido.

Só faltava a luta da fachada. O perereco se formou. O escarcéu começou. Ninguém entrava no ringue e o bue estourou:

– Solta os leões!

– Quero minha grana!

Alguém chutou que o dono do circo tinha se espantado com a bufunfa³⁶ e começou o quebra-quebra. O empregado deu uma prensa no dono dos lutadores. E esse foi pra catimba. Entrou no tablado e escorou com o fucinho as vaías, laranjas, boias de papel e um monte de coisas. Mas, mesmo assim meteu seu piá. Cheio de presepada, meteu um grupo. Falou que a mãe do crio[u]lo[,] a Pantera[,] tinha se apagado lá na Àfrica. E que o negrão, que era um filho legal, se mandou pra lá pra dar o último adeus. Papo de mãe sempre gruda em cima de brasileiro. E o dono dos lutadores foi em frente. Chuveirou pra negada que pra ninguém se bronquear que ia ter um lance bacana. O Peito de Chumbo estava ali e ia encarar qualquer um da distinta plateia que tivesse coragem.

O Peito de Chumbo se apresentou alegre e pulando. Certo que nenhum vagau ia se meter a besta com ele. Claro que ninguém de cuca firme ia entrar numa gelada dessa. O Peito de Chumbo tinha dois metros de altura por dois de largura. E ainda por cima, sabia os trambiques da luta. E estavam todos de bico calado, jururus e murchos, quando o Bolota deu a dica:

– Quanto eu levo nisso?

O dono dos lutadores, carregando fé no Peito de Chumbo, nem balançou:

– Um milheiro se ganhar. E os curativos de graça se perder. E, pra seu espanto, escutou:

– É comigo mesmo.

E, antes de qualquer babado, o Bolota já estava no ringue. E a gandola toda lhe dando força. Não teve nem graça. O Peito de Chumbo veio feito pra cima do Bolota, levou um contra-vapor no meio da testa e bateu com a lata no chão. Não teve volta. O Bolota ganhou. Foi uma festa. Só não carregaram o Bolota em triunfo porque ele pesava pra chuxu³⁷. No dia seguinte, o circo desarmou e se picou. Teve

36 Termo atualizado; no manuscrito constava “busfunda”, possivelmente um erro de digitação.

37 Termo atualizado; no original de jornal consta “xuxu”.

muito bochicho³⁸ em torno do Bolota. Mas, logo ele continuou a viver de comida e a zorra da vida foi em frente.

Um dia, o Bolota estava nas paqueras do mundo, quando o dono dos lutadores atracou nele:

– Lembra de mim? Sou o Escarradeira. O pé quente das lutas.

Engrenou um xaveco pra fundir a telha do Bolota. Banhou o moço:

– Olha, teu futuro é o vale tudo.

E contou os macetes do engodo. Explicou que com aquela banha toda a cara feia como a peste, o Bolota está feito. Era só bancar o mau. O bandido. Tinha os caras de loló de criança que faziam os bons. O mocinho. O mau aprontava mil e umas. Mas, no fim, tomava um toco e apanhava. Porém, era de embromação. Não pegava nada. Tudo aprontado. Ninguém se machucava. E todo mundo estava no sonante.

O Bolota, chucro, aceitou a treta. Mudara o nome dele de Bolota pra Bufalo Mexicano. Fizeram ele deixar o bigode crescer pra ficar mais mexicano. Ensinar uns pulos pra ele e tome carga. O moço mau e obediente fazia tudo que seu dono queria. Teve seu nome na televisão. Como não aprendeu a falar em castelhano, foi proibido de falar na frente dos outros. E foi ficando cada vez mais lelé. Um dia em que ele estava meio assanhadão, o dono dos lutadores, pra aguentar o bicho, jogou uma pistoleira no seu mocó. E o Bufalo Mexicano gamou. A santona, que não sabia coisa nenhuma, meteu uma letra só pra ter o que dizer:

– Poxa, bem! Tu só toma pau? Com essa barriga toda não ganha de ninguém. Que esculacho!

O Bufalo Mexicano se doeu. Não se rachou. Se fechou em copas e segurou as pontas. Mas, na primeira luta que teve, esqueceu o arrego e arreventou o inimigo.

O moço mau desobedeceu. Ninguém apitou. O dono dos lutadores só lhe deu um alô:

– Essa que é a tua? Tá bem!

E nunca mais o Bufalo Mexicano foi escalado. No princípio ele ainda deu uns bordejos. Paparicou o dono dos lutadores. Logo viu que não adiantava. O mandarim dava seu caso como tabuada pros outros parceiros seguirem a linha. O Bufalo ficou murcho. Deu pra beber. Se acabou. Ficou um nada. Se bandeou outra vez pro caís do porto de Santos. E hoje se arrasta de boteco em boteco. Não carteia. Não aposta. Tá sempre trancado. Pra moçada pensar que ele é Mexicano. É uma bola de carne podre. Morta. Fedida. Nojenta. É um monte de lixo. Uma coisa medonha que usou canga por muito tempo. E não sabia brigar nas lutas da vida. Bem feito.

2. JORNAL ÚLTIMA HORA DE SP – 1969

2.1 – As crônicas de janeiro de 1969 – Coluna *Navalha na carne*

³⁸ Termo atualizado; no original de jornal consta “buxixo”.

Codó seca até pimenteira (*Última Hora* de SP – Edição de 5/1/1969. Página 11. Caderno 1)

Hoje vou contar um caso que eu escutei o Lima Duarte contar. Diz ele que é verdade. Eu vou vender o peixe como comprei. Sabe como é o macete, todo contador de história embandeira as presepadadas. E o Lima gosta de um parangolé. Todo dia, antes de começar a gravação da novela Beto Rockfeller, ele junta a curriola e bate uma coisa legal. Todo gango ri pra chuchu³⁹. E com essas e outras, o batente fica mais leve. Porém, vamos lá.

Diz o Lima que o Chiquinho Codó, contrarregra do Canal 4, é todo sujo de arara. Pé frio de nascimento. Desses que seca até pimenteiro. Mas, apesar de tudo, é um grande parceiro. E muito chegado ao Jôquei. Recebe a graninha mixuruca e taca tudo nos cavalinhos. Nunca belisca coisa nenhum. Mas, está sempre rente como pão quente. Não dá folga. É só se mancar numa barbada pra botar sua fé. Aí, o bruto vira um tremendo azarão.

Pra ver se ajudava o Codó a cortar o sangue, o Lima resolveu dar uma força pra ele. Um dia, em que um jôquei deu uma dica mais que certa, o Lima botou o amigo por dentro. Era um roubo. O cavalinho não tinha jeito de perder. E com a grana pega, o Lima e o Codó pegaram o carango e se picaram pra calunga. Chegaram cedo. Jogaram uma sinuca à leite de pato no Bar Selete, ponto quente dos maiores tacos do Brasil. Cozinharam o galo até a hora da largada.

Tudo estava regulado. O potro do Lima largou na frente. Os defuntos ficaram todos encaixotados lá atrás. O Codó vibrava. Se badalava. Pela primeira vez na vida ia ganhar uma aposta. Quando o cavalo entrou na reta, o moço não se aguentou, virou pro Lima e selou:

– Vamos indo pro guichê.

O Lima deu um breque:

– Segura as pontas. A corrida ainda não acabou.

Mas o Codó, afobado, não quis nem saber. Tacou ficha.

– Esse aí, Lima, só perde se morrer.

Daí, foi broca. Deu um pé de vento! Uma porteira abriu e o cavalinho meteu os peitos na porteira. O melado correu. O jôquei foi bater de fuça no chão. E o cavalinho do Lima não pagou nem placê.

Pela bola sete (*Última Hora* de SP – Edição de 12/1/1969. Página 12. Caderno 1)

O Bereco era devagar. Não queria nada com o batente. Seu negócio era sinuca. E nisso ele era cobra. De taco na mão fazia embaixada. Conhecia os trambiques do jogo e sabia como entutar o parceiro. Então estava sempre com a bufunfa⁴⁰ em cima. Sabe como é o lance. Sempre tem um panaca pra desconhecer o nome do mandarim. E o Bereco ajudava. Se vestia como um Ze Mané qualquer. Neca de beca tranchana. Isso espanta o loque. O babado era se fazer de besta. Tirar onda de operário trouxa. Desses que dá um duro do cacete de sol a sol, se forra prato feito, e na folga vai fazer marola em boteco. Daí sempre tem um

39 Termo atualizado; no original de jornal consta “xuxu”.

40 Termo atualizado; no original de jornal consta “bofunfa”.

malandrinho pra tomar os pixulés do otário. Se fazer passar por coió era o grande trambique do Bereco. Com essas e outras ele engrupia até muito vagau escolado. Até no Bar Selete de S. Vicente, ponto certo dos grandes tacos do mundo, o Bereco deu esse deschavo. E grudou. Pensaram que ele era pão ganho e ele tomou o sonante dos pintas. E assim o Bereco ia remando seu barco em maré mansa.

Mas é como diz o Zagaia:

– Um dia é da caça outro do caçador.

E se Zagaia diz é que é. Todo mundo sabe disso. Porém acontece, que como não dá pro nego tocar fogo no mar pra comer peixe frito, tem que botar pra quebrar. E o Bereco ia firme. Só ganhando. Um pato atrás do outro era depenado. Sem dó. Que nas paqueras da vida é cada um pra si. Mas chegou a virada.

Era fim de mês. Dia de pagamento da Refinaria de Petróleo. O Bereco que estava por dentro se picou pra⁴¹ Cubatão. Se plantou num salão dos bordejos da refinaria e ficou na moita. Logo foi baixando a freguesia. Tudo de capacete de lata. A batota estava contentona de envelope no chorro. E o Bereco só espiando o lance. De vez em quando tirava um paco de nota pra pagar uma coca-cola. Era a milonga. Logo um capacete de lata mais afobado se assanhou com o dinheiro do majura. Sentiu a moquinha pegar e quis tomar. Mediu o Bereco e foi no xaveco da pinta. O Capacete de Lata⁴² tinha um joguinho enganador. Desses que é bom em mesa de sindicato. Mas levou fé em si e nenhuma no Bereco. Encarnou no moço:

– Como é parceiro? Quer fazer um joguinho?

O Bereco não deu pala.

– Jogo nada.

O Capacete de Lata cercou.

– A leite de pato.

O Bereco deixou andar.

– Se é de brinquedo vamos lá.

E começou o jogo. O Bereco sentiu o parceiro e tirou de letra. O capacete não sabia nada. O Bereco deu o engano. Os primeiros dez mirréis, os segundos e os terceiros o Bereco empurrou pro trouxa. E se fez de bronqueado. Partiu pros vinte, pros cinquenta e pro cem mil. O Capacete de Lata estava se deitando. Era seu bilhete premiado. Com o dinheiro que ganhou do Bereco e o seu ordenado já tinha um milheiro no porão. Daí o Bereco selou:

– O tudo ou nada.

O Capacete de Lata nem balançou.

– Um milhão na caçapa.

Todo mundo de botuca ligada na mesa. O Capacete saiu pela cinco. Errou. O Bereco se tocou que o xereta⁴³ estava nervoso. Teve que manear. Cozinhar o galo. Senão ia ficar escrachado o perereco. Errou na cinco que estava cai não cai. E o joguinho ficou de duas muquiranas. Só na bola da mesa. O Bereco não embocava. Só colhia as mancadadas do capacete de lata. Se o bruto metia uma três. O Bereco

41 Termo atualizado; no original de jornal consta “pro”.

42 Opta-se nesta crônica em deixar a expressão capacete de lata em maiúscula, por se tratar de nome de personagem; exceto uma das expressões que já se encontrava em maiúscula, conforme original de jornal, as demais sofrem a atualização aqui observada.

43 Termo atualizado; no original de jornal consta “chereta”.

fingia que era sem querer, e deixava uma sinuca de bico pro inimigo. E na catimba do Bereco e no virador do Capacete de Lata o jogo foi comprido pacas. Os sapos nem chiavam. Seguravam as pontas. Era tudo torcedor do Capacete de Lata. Trabalhadores da refinaria de petróleo de Cubatão. Mas o Bereco nem estava aí. Já contava com o dinheiro da caçapa. Aí chegaram na bola sete. Só a sete estava na mesa. E o jogo estava por ela. O Bereco folgado, muito à vontade encostou a negra na parede. O Capacete de Lata tremia, suave. Estava com o motor batendo acelerado. Fez mira. Começou a pensar que tinha quatro filhotes no seu chatô, aluguel de casa, rango, escola, remédio e os cambaus. Pensou no que ia dizer pra mulher. Com a cabeça cheia de minhocas deu na cara da bola. Uma chapada. A negra rolou para o lado, a branca pra outro. O Capacete de Lata sentiu um alívio. Pelo menos acertou na bola. Mas o recreio durou pouco. Quando as bolas pararam a sete estava na boca da botija. Pedindo pra cair. E a branca no meio da mesa. Ninguém por mais cego que fosse errava aquela. O Bereco sorriu. Deu a volta na mesa devagar. Bem devagarinho. Enrustido, sem dar bandeira ia gozando as fuças do otário. O Capacete de Lata só faltava abrir o bué. Deu a volta e ficou atrás da caçapa em que a bola ia cair. O Bereco deu uma dica de leve.

– Vai secar?

O Capacete de Lata quis falar mas não deu. Se engasgou. O Bereco não se flagrou no olhar do panaca. Se tivesse visto as bolas de sangue nas botucas do capacete de lata ia ficar cabreiro. Não viu e fez a presepada. Passou giz no taco com calma. Se ajeitou na mesa, com calma. Aí levantou a mira. Viu a bola branca, a sete, a caçapa, atrás da caçapa um revólver quarenta e cinco, atrás do revólver o Capacete de Lata. O Bereco quis saber:

– Que é isso meu compadre?

O Capacete de Lata espumou, babou e resmungou.

– Se meter essa sete eu te mato.

O Bereco viu logo que era jura. Se fechou em copa. Deu na bola de esgulha, o taco espirrou. Relou na sete e as duas ficaram na berba da caçapa. Coladas. O Bereco fingiu que não havia nada. Deu a ?⁴⁴ – Ficou pra você compadre.

O Capacete de Lata guardou o revólver, treta, a raiva e tudo. Foi de cabeça. Deu no taco e bimba. A branca e a negra mergulharam juntas. O Bereco só ficou olhando. As lágrimas correram nos olhos do Capacete de Lata. Estava tão embaixo que não dava pra pegar a arma e aprontar o salseiro. Só deu um lamento.

– Tenho quatro bacuris.

O Bereco fez que não escutou. Recolheu a grana. E saiu de fininho. O Capacete de Lata saiu logo atrás. Ninguém se mexeu. Passou um tempo e veio o estouro. Meio mundo foi ver as rebarbas. No meio da rua o Capacete de Lata estava estarrado. Tinha o revólver na mão e uma bala na orelha. Se acabou. O Bereco só teve pena de nunca mais poder dar grupo em trouxa do Cubatão. Perdeu um grande pesqueiro.

O grande cobra do boxe (*Última Hora* de SP – Edição de 19/1/1969. Página 12. Caderno 1)

44 Da forma como está no original de jornal.

O Simão era um crio[u]lo grande e forte pra chuchu⁴⁵. Seu batente era na estiva do cais do porto de Santos. Porém isso não conta. O que conta é que o negrão gostava pacas de boxe. E todos os domingos ele baixava na praia do Embaré e botava pra quebrar. Saia lá da bacia do Macuco e descia a rua Oswaldo Cochrane correndo até a praia. Vinha de luvas, corda de pular e os cambaus. Fazia a maior presepada. O negrão era cheio de marola. E podia contar lauzas. Só com a pinta já dava susto nos panacas.

Então já viu. O crio[u]lo custava encontrar algum majura que tivesse a cuca mole e topasse encarar um ro[u]nd. No começo ele não dava muita pelota. Brincava sozinho. Fazia sobra, pulava corda, fazia ginástica e tal e coisa. Mas depois, ele se assanhava e atucanava meio mundo. Desafiava qualquer um. Pediu pelo amor de Deus um adversário, xingava, esculachava a moçada que ficava paquerando os seus pulos. Porém, todo mundo se fechava em copas. Precisava estar muito de bobeira pra entrar numa gelada dessas. A pegada do negrão era um coice. E a curriola manjava. E o crio[u]lo cansava de provocar. Aí maneirava. Explicava que não ia dar pau. Que só queria treinar a guarda. Que o nego que botasse a luva podia baixar o cacete. Ele não ia estrilar. Nem dar troco.

Quase sempre aparecia algum pivete afobado pra entrar no engodo. Punha a luva e ciscava. O Simão dava corda. Soltava o bafo pra engrupir o trouxa. Abria a guarda de propósito e deixava o loque meter uns dois ou três socos nas suas fuças. Daí bimba! Mandava um contra vapor na lata do xereta. E era um otário nocaute. E pra não ter bue o crio[u]lo ia logo alisando.

– Poxa! Escapou! Mas não tem nada não. É apanhando que se aprende.

E sem ligar pros bochichos⁴⁶ o Simão recolhia seus badulaques e se picava. Era sempre assim, todo domingo a mesma inhanha. Porém é como diz o Zagaia:

– Até araruta tem seu dia de mingau.

E se o Zagaia diz é que é. O Simão andava folgado. Pondo a maior banca da paróquia. Nem contava com azar. Só queria descer a bamba. Tinha domingo que ele não encontrava voluntário, então endoidava e escalava um na amarra. E foi numa dessas que se entortou.

O Simão estava carteando. Quando um crio[u]linho muito miúdo com jeito de coió encostou na roda. O negrão chamou o crio[u]linho pra briga. Teve o deschavo. Simão cercou o pinta. Chamou o cara de covarde, fez e aconteceu, e o crio[u]linho só deu uma pala.

– Não posso brigar com o senhor.

O Simão ficou uma onça.

– Mas luta por bem ou toma uma surra por mal. Tu que escolhe.

Aí pro crio[u]linho não teve remédio. Meteu as luvas e selou.

– O senhor que quis.

E saiu pro salseiro. O negrão entrou feito no criolinho mas não acertou nada. O negrinho tirou o corpo e emendou um murro na barriga do Simão. O negrão bufou e foi pra outra. E não viu nada de novo. O criolinho era arisco. Bom de pulo. O Simão parecia barata tonta. Dava os maiores socos no vazio. E a botota que juntou pra espiar o lance se babava. Era todo mundo a torcer pro neguinho. O Simão estava com a gana pega. Punha toda raiva que tinha em cada soco. Mas não

45 Termo atualizado; no original de jornal consta “pro”.

46 Termo atualizado; no original de jornal consta “pro”.

achava o inimigo. Que era liso. E cheio de mumunha. Esperava o ataque. Saia de banda. E cutucava. O Simão já estava de gravata vermelha. Dando o prego. Mas com bronca, não queria se render. Pra acabar com a zorra foi inteiro numa pancada. Não pegou bulhufas e ainda abriu a guarda. O negrinho não deixou barato. Deu um trompasso bem no queixo do Simão. O negrão desabou. A luva do negrinho até estourou. E o Simão ficou estarrado. O negrinho tirou as luvas. Aí se abriu pro pessoal que olhava sem por fé no que via.

– Eu disse que não podia brigar com ele. Sabe como é? Eu sou o Tobis. Campeão brasileiro de boxe.

E nunca mais o Simão apareceu na praia do Embaré.

O carnaval não deixou saudades pro Nenê Bolão (*Última Hora* de SP – Edição de 26/1/1969. Página 13. Caderno 1)

O Nenê Bolão era um panaca do cacete. Tinha dezoito anos, um metro e oitenta de altura, cento e vinte quilos de banha e uma cuca das mais fundidas do mundo. Até em exames de fezes o majura era reprovado. Não tinha jeito. E o pior pra ele é que gostava de se meter na gandaia pesada. Encostava lá no loló da João Guerra. Na caçapa mais escamosa do cais do porto da João Guerra. Na caçapa mais escamosa do cais do porto de Santos. E era metido a tirar chinfrada e tal e coisa. Mas, só entrava bem. E tava certo. Era um cavalão. Tinha mesmo que ser o esparro do gango. É como diz o Zagaia:

– Pra ter sabido, tem que ter trouxa.

E se o Zagaia diz, é que é. Mas, o Nenê Bolão se mancava e ia entrando bem. Qualquer Zé Mané fazia piquenique na sombra do coió. Que levava tudo sem estralo. Em qualquer enxame se enfiava. Ficava com o talo. Até que chegou o Carnaval.

A moçada da Calderaria das Docas resolveu sair no Banho da Dorotéia, um desfile de bloco que há antes do carnaval santista, que é, sem bronca, o segundo do Brasil. O primeiro é o do Rio. E isso por que tem mais onda. Mas, deixa andar. O que conta é que o Calderaria ia sair na Dorotéia e não podia dar mancada. Cada bairro vinha com a sua brasa. Chineses do Mercado, Dengoças do Marapé, Papacus do Campo Grande, Cruz de Malta do Vasco da Ponta da Praia, Mariposas do Santo Antônio, Oswaldo Cruz da Vila Macuco, Moleque de Rua da Vila Belmiro, Embaixada da Santa Tereza, Misses da Vila Matias, Malucos do Aquário e os cambaus. O Bloco das Docas tinha que botar pra quebrar. Se os outros vinham cheios de badulaques, o Caldeiraria também ia ter. Se a bateria dos outros era fogo, a do Calderaria ia ser também. Se os outros tinham carro alegórico, o Caldeiraria ia ter. Mas, aí foi o esquinapo. Que perereco que deu! Não foi mole bolar um carro chefe pra um bloco que ia pra avenida de “Mamãe eu quero mamar”. Mas, um cara lá bom de molejo botou as botucas em cima do Nenê Bolão e meteu ficha. Se flagrou um carrinho guindaste que tinha lá, disfarçou com papel crepon e deixou a geringonça parecida com uma cegonha. Daí, chuveirou o Nenê Bolão.

– Tudo vai legal. A gente mete uma fralda em tu, uma mamadeira gigante cheia de cachaça, te penduramos no guindaste e aí tu vai devagar. Se expande sem fazer força. Com sorte, tu ajuda a gente a faturar o prêmio. E tem mais: tu vai aparecer tanto, mas tanto, que os homens são capazes até de te meter no lugar do Waldemar.

O Waldemar era o Rei Momo do Carnaval Santista. Aliás, o melhor Rei Momo que eu já vi. E olha que eu vi rei Momo pacas. Porém, vamos em frente. O Nenê Bolão de pavão enfeitado. Meteu a fralda, a touca, [a] mamadeira gigante cheia de Morrão da Nova Cintra, a melhor pinga que existiu. (E eu não sei porque acabou.) E se pendurou no guindaste.

O Bloco saiu do Macuco às duas da tarde, embaixo de um sol de rachar. O carro alegórico na frente. Com Nenê Bolão e tudo. O carro andava, o Nenê balançava. No começo tava gostoso. Às quatro da tarde, o Nenê já estava baratinado. Via duas mamadeiras. As costas doíam. E o Calderaria ainda não tinha chegado no meio do caminho do lugar onde os blocos se reuniam pra partir pro desfile. O Bolão quis descer, mas levou um guento do dono da batota.

– Segura as pontas, Bolão. Assim que tu é folião?

E o Bolão se fechou em copas. O carro andava, o Nenê girava. Mamava a mamadeira, apanhava sol e ia ficando zonzeira. O canto da moçada, a batucada, os apitos iam cada vez ardendo mais nas orelhas do panaca. Às sete horas da tarde, o bloco chegou no ponto. O sol sumiu. Caiu uma chuva violenta. A curriola toda se entocou nos botecos das berbas. Se espantaram sem se tocarem no Nenê. E ele tomou chuva pra chuchu. Nem deu pra estrilar, de tão lelé que ele já estava. A chuva avacalhou a cegonha de papel crepom. Quando ela passou, o carro alegórico não era mais que um guindaste com um gordo na ponta. Mas, a moçada do bloco já estava muito mamada pra se importar com os detalhes. Entraram na avenida com o maior batuque. Fizeram mil e umas presepadadas. Saíram do outro lado da Avenida com uma marola de meter medo. Aí dispersaram. Cada um foi pro seu lado. O chofer do Guindaste foi levar o bruto pra garagem. E só aí viu que o Nenê Bolão ainda estava pendurado. Chamou o panaca. Neca de resposta. Chamou de novo. Não adiantou. Sacudiu o pinta. Chamou o Pronto Socorro. Guindaram o maruja pro hospital. Já estava mais pra lá do que pra cá. Tinha tudo. Queimadura de sol das mais bravas, intoxicação e outros troços, que dão pra embarcar qualquer um. Os médicos penaram. Mas livraram a cara do gordo. Assim que ele pode falar quis saber.

– Quem ganhou em carros alegóricos?

E aí deram a dica.

– Foi o carro Carroça Imperial.

E o gordo já ia se entupindo quando deram um consolo.

– Mas tem um porém. A Carroça tinha cavalo de verdade. E sabe como é. A Sociedade Protetora dos Animais se invocou. Diz que não pode botar bicho de verdade em desfile de bloco. Eles penaram muito. Acho que vão desclassificar a Carroça Imperial. Se acontecer isso, tu tá na boca de espera.

2. 2 – As crônicas de fevereiro de 1969 – Coluna *Navalha na carne*

As chuteiras do Jabaquara (*Última Hora* de SP – Edição de 9/2/1969. Página 12. Caderno 1)

Pra quem está por fora das coisas, o Jabaquara foi o time mais legal que disputou campeonato paulista de futebol. No tempo em que ele estava nas paqueras

da vida todo mundo torcia pra dois times. A negada tinha chamego⁴⁷ pelo Corinthians e pelo Jabaquara, pelo Santos e pelo Jabuca, pelos S. Paulo e pelo Jabuca. E tinha que ter. O Jabaquara sempre estava descobrindo cobras pra seleção. Baltazar, Gilmar, Cicia, Célio, Tulio, Marcos, Pagão e os cambaus saíram do velho Jabuca. E isso graças ao Papa. Não a santidade. O Papa do Jabuca. Um velho ranzinza que treinava o juvenil. Ele que descobria entre a pivetadas aqueles que tinham pinta pra jogador. E com trabalho e broncas mil ensinava pra molecada os macetes do futebol. Mas é como diz o Zagaia:

– Quem não chora não mama.

E se o Zagaia diz é que é. O velho Papa nunca foi de badalação. Crepe dele. Nunca passou de treineiro do juvenil. Porém, também nunca se tocou. Seu negócio com o futebol era gama de pedra. Só. Basta ver o lance que se deu no campo do Aquário. [sic] Praia Clube.

O Aquário tinha seu campo atrás do campo do velho Jabuca. Ali nas berbas do canal seis. No campo do Aquário jogava o infantil Vila Bancária, time de pé corado. Mas cheio de milongas. A bronca do Vila era com um tal de Infantil Vitória que se juntava numa padaria lá do outro lado do canal seis. Dois times no mesmo bairro e gronga. Quando se encaravam era um pega pra capar. Sempre antes do fim do jogo alguém armava um salseiro e o pau cantava. Não tinha por onde. Cada um querendo ser o maior. E foi por essas e outras que o gango do Vitória se virou com um candidato a vereador e arranhou um jogo de chuteiras.

Daí pra tirar sarro nos Bancários mandou ofício convidando para um jogo. E escrachava no fim do babado. Tem de ser de chuteira. Deu bobeira na curriola da Vila. O Luciano Juqueri que era o dono do time deu alô.

– Se a gente não embarcar nessa, vai ser um esculacho. Temos que aceitar.

E aceitou. Marcou o dia e tudo. Aí a moçada da Vila quis saber.

– Onde a gente vai arrumar grana pra[s] chuteiras. E o Luciano selou:

– Mas que grana. O Jabuca tá aí mesmo.

O Prea boboca botou pra baixo.

– Mas eles não vão emprestar.

E o Luciano deu a dica.

– Que emprestar é esse majura? A gente vai é afanar.

E não deu outra coisa. O Juqueri juntou a pesada e naquela noite mesmo, Boi Baba, Chule, Cachorro Louco, Bubu, Caveirinha e mais alguns arrombaram o vestiário do Jabuca e lalaram um saco de chuteiras e um de meias. E foi uma alegria. Sem se mancar no bochicho⁴⁸, o Infantil Vila Bancária no dia marcado entrou em campo pra enfrentar o Vitória, de chuteira e tudo. E o perereco começou.

Lá nas bandas do Jabuca já tinha marola. O time não pode treinar por falta de chuteira e os jornais esculhambaram. Teve tanto esculacho que até a Polícia se doeu. Saíram na captura dos lalaus. E um cachorrinho deu a dedada.

– Foi o pessoal do Vila Bancária.

E com essa ficha a cana baixou no campo do Aquário no dia do jogo. Levaram o Papa pra reconhecer as chuteiras. Cercaram o campo. O Juqueri deu o berro.

47 Termo atualizado; no original de jornal consta “xamego”.

48 Termo atualizado; no original de jornal consta “boxixo”.

– Aguenta as pontas. Não para o jogo, finge que não é com nós. Não vai dar pra se espiantar mesmo.

E o jogo continuou. Um embalo sentido. Com os nervos ardendo todo mundo deu o sangue. A Polícia quis entrar, o Papa maneirou.

– Espera. Não reconheci as chuteiras ainda.

E o jogo foi até o fim. Daí o Papa entrou em campo com a cana. A molecada ficou prensada na marca de pênalti. E pra espanto da Polícia o Papa deu a letra.

– Quero você, você, você e você aí quarta-feira, às três no treino do juvenil do Jabuca. As chuteiras deixa pra lá.

E foi assim que Varela, Gigante, Bugre, Luiz Manoel, Raimundinho, Bolota, Nei, Aracaju, Jorge e tantos outros que hoje andam por aí ganhando seu pão com o jogo de bola entraram pra profissão.

Cronista de carnaval (*Última Hora* de SP – Edição de 16/2/1969. Página 14. Caderno 1)

O carnaval santista é fogo. Disso ninguém duvida. É o segundo mais quente do Brasil. O que vale dizer que é o segundo do mundo. O primeiro é o da Carica. E assim mesmo[,] olhe lá. Tem mais onda e tal e coisa. Mais deixa andar. O que conta é que o carnaval de Santos é de verdade. Mulherio às pampas, gente alegre, blocos, escolas de samba, ranchos, tudo bem pra frente. É tão pra frente e quente que dura um mês. Não pros panacas. Pra esse é três dias mesmo. Mas pra curriola da cola do Rei Momo o pagode é uma puxeta. Começa no dia que o crioulo Drausio, passista de mil macetes, dá uma peixada pra negada de sua escola. Depois o grupo do Bambu, uns caras do cacete que fabricam a melhor pinga que existe (e fabricam só pra beber). Deixam a cana rolar solta. Junto com a batalha de confete do Campo Grande. Daí não para mais. É um perereco. Vem feijoada, grito de carnaval, bacalhoadada e por aí. E o gongo do Rei vai firme. Ninguém falha uma. É como diz o Zagaia:

– Só se vive uma vez.

E se o Zagaia diz é que é. E a moçada sabe disso e se espalha. O Maurício que é rapaz sério queria se meter nessa batota. Mas estava fechada. Sapo não formava. Então o Maurício deu um de vivo. Tinha um jornal que era um esculacho. O Maurício foi no diretor e bateu uma caixa. Precisa cobrir o carnaval. E posso me virar. Não precisa pagar. Só quero a carteirinha do jornal. Aí foi mole.

De carteirinha de jornal o Maurício se embandeirou. Ia em todas. Até ficou diretor da Sociedade dos Cronistas Carnavalescos. Uma pauleira. O Maurício foi num embalo só. Da peixada da casa do Drausio até quarta-feira de cinzas. Não parou pra escrever matéria, nem pra dormir nem nada. Só de caveira cheia de cachaça.

Na quarta o Maurício desabou. Ficou apagado até domingo. Quando ligou outra vez se flagrou que era jornalista. Escreveu uma matéria caprichada e se mandou pro jornal. Só aí mancou que o jornal já tinha falido.

Navalha na carne diz até logo. Mas com grandeza (*Última Hora* de SP – Edição de 23/2/1969. Página 12. Caderno 1)

Sábado de carnaval depois de um ano e quatro meses de espetáculo a Navalha na carne⁴⁹ saiu de cartaz. E com casa chapada. Chapadinha. Cheia até as berbas. Com nego se pendurando pelos picos pra ver o até logo da peça quente. Até logo da Navalha na Carne é até logo mesmo. Sábado de carnaval todo mundo que estava nas paqueras da peça ficou com a certeza de que a Navalha voltará sempre. Pelo menos nesses próximos vinte anos a Navalha na Carne aparecerá por uns três meses por ano para bagunçar o coreto. Sem bronca, a Navalha na Carne é o novo Deus Ihe Pague⁵⁰ é a peça do Juracy com a qual o genial Procópio Ferreira faturou cinco ou seis gerações seguidas. Viva a Navalha na Carne e viva a classe teatral que lutou com todo embalo pra liberação deste texto. Viva o general Silvio Correia de Andrade que deu uma tremenda força pra liberação da peça. Viva o coronel Mont Serrat que foi outra força na liberação da Navalha na Carne. Viva a Tonia Carrero que jogou todo o seu prestígio pela peça. Viva a Ruthinea de Moraes que aguentou as pontas, ficou um tempão sem trabalho, recusando montes de convites, e esperando a peça ser liberada. Viva o Jairo Arco e Flexa e viva o Fauzi Arapi, que dirigiram a peça tão bem. Viva a Walderez de Barros, meu velho soldado de todas as horas, que foi quem mais sofreu e vibrou em todas as batalhas. Viva o público que compareceu sempre. Viva os estudantes, professores, críticos, jornalistas e todos aqueles que discutiram a peça e os problemas que ela aborda. Viva principalmente quem discutiu os problemas que a peça aborda, que foi para isso que a peça foi escrita. Pra através do impacto obrigar o público a discutir o problema. Viva a gente do povo que vencendo a timidez, as barreiras sociais e tudo, se chegou ao teatro e assistiu à Navalha na Carne. Viva uma prostituta desse mundo, que após assistir a peça, foi ao camarim da Ruthinea e chorando, chorando, beijou os pés da grande atriz e entre soluços murmurou:

– Obrigado minha santa.

Viva o teatro que é imortal. Mas viva mesmo o Grupo União. Que essa moçada merece. Eles têm grande respeito pela profissão que escolheram. Eles têm grande amor pelo teatro. E o provaram [no] sábado de carnaval. Fazendo o último espetáculo da temporada com o mesmo entusiasmo da estreia. Viva o Paulo Villaça. Viva mesmo. Ele fez um ano e quatro meses de espetáculos seguidos. E melhorou sempre até ficar ótimo no papel de Vado. Isso é amor ao teatro, é esforço, é revolução constante, é exemplo a ser seguido. Viva o Edgar Gurgel Aranha, viva o Sergio Mamberti, viva o Emiliano Queirós. Todos se entregaram com humanismo e sobretudo com renúncia ao papel de Veludo. Viva o Nelson Xavier, o Vado carioca. Viva o Clóvis e a Sara que fizeram cenários bidus para a Navalha na Carne.

Viva a Navalha na Carne que visitou o Brasil de ponta a ponta. Viva a Navalha na Carne. Por ela tive muitos arranca-rabos. Mas valeu a pena. Viva a Navalha na Carne, um símbolo de luta pela liberdade de expressão.

2.3 – As crônicas de março de 1969 – Coluna Navalha na carne

Eu e o meu Santos, Nelson Rodrigues e o seu Fluminense (*Última Hora* de SP – Edição de 5/3/1969. Página 11. Caderno1)

49 No original de jornal, todas as expressões “Navalha na carne” estão em negrito.

50 No original de jornal, a expressão “Deus Ihe pague” está em negrito.

Claro que toda vez que a gente se inaugura numa nova jogada, a gente tem que esgrachar o lance. Dar o piá pra curriola da gente se mancar no nosso assunto. Todo mundo manja que meu negócio é teatro. Agora pouca gente se flagra que a minha gama de pedra é o futebol. E foi por isso que eu embarquei nessa canoa. Essa sempre foi a minha tara. E pra provar vou contar um troço.

Quando cheguei na Carica pra assistir minha peça de fé, “Os dois perdidos numa noite suja”, que estava botando pra quebrar na interpretação bidu do Fauzi Arapi e do Nelson Xavier, a moçada da imprensa me badalou. E no meio dos badalos todos um jornalista charlou.

– Ô Plínio o que tu acha de Nelson Rodrigues?

Eu disse o que achava.

– Ô Bicho, o Nelson Rodrigues é o cacete.

O Majura não entendeu. Quis saber mais.

– Troca em miúdos.

Então eu que nem estava ligado em teatro meti ficha.

– O Nelson Rodrigues é o cobrão, bicho. E eu só queria poder fazer pelo Santos metade do que o Nelson Rodrigues faz pelo Fluminense.

E ficou aí. O tempo passou. O João Apolinário me inventou como cronista da dominical. O próprio Nelson Rodrigues me deu umas dicas.

– Escuta aqui o rapaz. Não vai se metendo logo de saída a escrever crônica diária. Não entra nessa, não. Não entra nessa que eu caí do burro. Funde a tua cuca e daí tu já viu. Não escreve pra teatro. Vai uma vez por semana até pegar cancha. Pode ir por mim. Eu conheço os macetes.

Eu que não sou trouxa, me agarrei no pio do cara que veio na frente. E agora estou aqui pra tentar a diária. Mas logo de saída senti o peso da batota. Me toquei que eu não posso fazer nada pelo Santos de glórias mil. O alvinegro praiano é um[a] zorra. Torcer pro timão dos timões é até covardia. O Nelson sim. Pode fazer coisas de mente pelo tricolor da Carioca. Também o Flu tem um futebol que é um escândalo. E o Nelson faz com seu talento o que os pernas de pau do seu time não fazem com a bola. O Nelson com seu realismo mágico faz até gol pro Fluminense. Muda resultado. Dá embalo pra torcida. Pinta os pernetas do time de heróis e entrucha as piranhas tricolores na seleção brasileira. Já eu não tenho nada pra fazer pelo Santos de glórias mil. Pois, até o Saldanha, esse treineiro bacana que em boa hora pegou a seleção esgarrou a regra em cima dos cartolas.

– A gente convoca os melhores que tiverem. Se não se afiarem logo a gente dispensa e mete o time do Santos e a copa do mundo fica uma barbada.

E o Saldanha não é nenhum biscoito. Quando ele diz que faz é que faz mesmo. Por isso é que tem cartola dando pulo de raiva. O Saldanha não vai no paparico deles. Eles podem até bater com a cuca no poste que o Saldanha vai fazer o que achar certo. E ele entende. Juro por essa luz que me ilumina, ele entende de futebol. É durão. E tem a torcida toda com ele. Mas se ele mete o Santos com a canarinho eu fico aqui na minha coluna todo encabulado dizendo apenas:

– Oba!

E sem poder dar nem uma força pro Santos de glórias mil. Enquanto o Nelson vai escrever crônicas maravilhosas em favor do seu Fluminense. Até vejo o cobrão jantando no Ninos e dizendo pro Ginaldo:

– Rapaz, sou um homem triste. O meu amigo Saldanha não botou o Samara ao lado do Pelé. Que injustiça. Que injustiça. Tenho que fazer alguma coisa pelo tricolor.

E ele manda brasa e eu me entupo. Agora se tudo isso não bastasse há um bochicho que o Filpo Nunes vai se arrancar do Palmeiras para ir enganar no Vasco da carica. Logo agora que eu entro no rebolado, São Paulo está ameaçado de perder para o Rio o maior presepeiro da paróquia. E se isso acontecer vai ser de lascar. Só vai me restar ler a coluna do Nelson Rodrigues pra ver o sarro que o cobrão vai tirar quando o Bandoneon botar a moçada do Vasco pra treinar todos vestidos de mulher como ele fez no Palmeiras. O Nelson Rodrigues vai se deitar. Vai tirar o maior barato. Mas deixa pra lá. Eu vou tentar. Que é como diz o próprio Nelson Rodrigues:

– Como é que a sorte vai poder ajudar o Madureira?

Pivetada enganadora ou enganada (*Última Hora* de SP – Edição de 6/3/1969. Página 11. Caderno1)

Domingo eu ia no Morumbi ver o São Paulo e Corinthians. E já que ia lá, aproveitei o embalo e baixei no campo às oito da matina. Só pra ver o jogo dos pivetes do juvenil do Palmeiras se pegar com os pixotes do Parque São Jorge. Eles juntos com São Paulo e Ponte Preta estão disputando a fase final de um torneio muito bacana. Um torneio que é todinho bolado pra jogar a pivetada pra cima. Pra eles irem aprendendo os macetes do futebol. E não se afobarem quando chegar a hora do vamos ver, no time principal.

Porém foi de lascar. Dava vontade de sentar no campo e abrir um bue. A moçada não é de nada. Se esses são os futuros cobras do Brasil, o nosso futebol vai se estrepar de verde e amarelo logo, logo. Vai sim. Vai entrar bem do primeiro ao quinto sem estrilo. Não que os pivetes sejam ruins de bola. Não. Não é isso. Até tinha uns e outros milongas e outros babados. Mas é aí que a casa cai. Eles só queriam fazer embaixada. E neca de chutar em gol. Todos eles. Todinhos. Enroladores de meio campo. Nenhum. Mas nenhum mesmo, tinha a tara do gol. O negócio deles era fajuto pacas. Eu marquei no relógio. A curriola ficou vinte minutos sem chutar uma bola no gol. Vinte minutos. Juro por essa luz que me ilumina. Um passava pro outro e o outro pro outro que ia engrupar o inimigo e caía do cavalo. Os dois times jogavam igual. Na tática gronga. As defesas descendo o cacete sem dó e as linhas enganando no meio do tapete. Aqui ói, que os pivetes entravam na área. Os pontas vinham no meio buscar jogo e ficavam. Os marcadores de ponta vinham no meio cobrir e ficavam. Os beques centrais iam apoiar o meio e ficavam. Ficava um bolo de vinte caras no meio e um goleiro de cada trave espiando. Um troço escamoso o jogo dos pivetes. Mas assim mesmo saiu gol. Um a um no tempo legal. Sente o drama. Um gol contra de cada lado. Pode? Não pode não. Então foram tirar a teima. Lá no torneio deles tem que decidir. E tome quinze minutos de ripa.

O Rato, treineiro do time do parque São Jorge berrando pros seus pivetes chutarem em gol e o Julinho, treineiro dos Periquitos[,] berrava a mesma coisa. Quem obedeceu mais foram os pixotes do Corinthians. Mandaram três pepinos no gol do Palmeiras. Entraram as três. O goleiro aceitava tudo. Foram três perus cavernosos. Os guris do Palmeiras chutaram uma no gol do Corinthians. Entrou. Um tremendo frangão. Entrou. E se mandassem mais, entrava. Tava escrachado que os

goleiros não eram de nada. Era só chutar. Mas ninguém chutou. Então ficou por aí mesmo.

Quis saber. Quem me botou por dentro do assunto foi um diretor do São Paulo que bateu uma caixa comigo. Ele me deu a dica.

– Pois é. Em tudo quanto é juvenil é assim. Vê o Poi⁵¹. Aparecem por dia uns vinte garotos pedindo pra treinar. Ele pergunta a posição do bruto e a resposta é sempre a mesma. Todos jogam no meio do campo. De armandinhos.

Pelo que eu vi e pelo que o cara disse, daqui a pouco o futebol vai ficar uma coisa chata. Sem gol. Sem bolhufas. A gente tem que abrir as botucas dos pivetes. Fazer a campanha do gol. Vaiar toda partida que acabar zero a zero. Fazer estátua pro Flávio do Corinthians que só quer fazer gol. Que nem se toca de matar a redonda na canela nem nada. Ele quer é gol. Tem cara de gol. Gama o gol. Morre pra fazer gol. Vibra com a bola na rede. É por isso ídolo da maior torcida do Brasil. Mesmo no banco dos reservas ele é esperança de todo um povo e terror de outro. Todo mundo sabe que se o carro empaca e se o treinador soltar o Flávio, ele arma os maiores pererecos. Bagunça a área inimiga. Dando trombada, soco, pontapé, banda, cabeçada e os cambaus. Tudo de um jeito grosso. Mais que grosso. Porém, que resolve. Porque ele sempre está na boca de espera. E aos trancos e barrancos acaba metendo ficha. E futebol é isso, bola na rede. E o suspense está dentro da área. Na bica da caçapa. E é esse suspense que a torcida paga pra ver. É esse suspense que faz o gango gemer, chinar, xingar, brigar e pagar entrada. Não as frescuras do meio de campo.

São Paulo vai pagar pela graça do Guarani (*Última Hora* de SP – Edição de 7/3/1969. Página 12. Caderno1)

Nesta altura do campeonato ainda não dá pra ninguém bancar o bidu. Tem muita água pra passar embaixo da ponte. Vai acontecer muito xaveco. Muito timão com banca de bom vai bater com a fuça na parede. Muito timeco vai botar pra quebrar. Muita mãe de juiz vai ser xingada. Muito treinador vai mudar de time. Muita marola vai ser feita por corneteiros e cartolas. Vai ter muito babado cavernoso. Coisas que ninguém entende. Dessas que deixam torcedor falando sozinho. Vai acontecer coisas pacas. Montes de coisas. E com tudo isso tem nego xereta que tem peito, a cara de pau, de querer gozar o glorioso alvinegro praiano por causa do um a zero de Campinas.

Claro que o Guarani beliscou o Santos. Claro que o Guarani tem que acender foguete, estourar mil chapinhas de cerveja em honra da sua vitória. É um acontecimento pro Guarani ganhar do Santos. O Paulista de Jundiaí fez seus craques irem da sede do clube até a igreja de Aparecida do Norte de joelhos. Tudo isso em agradecimento aos céus que não permitiram que o Paulista tomasse uma goleada do Santos. Se o Paulista paga promessa por ter perdido de pouco o Guarani tem direito até de fazer quermesse pra premiar seus jogadores. Acho que devem fazer flâmula com dizeres sobre o resultado do jogo e os cambaus. Acho tudo.

Só não acha certo palmeirenses, corinthianos, juveninos (por incrível que pareça[,] manjo um juvenino. É o Lau barbeiro) e outros torcedores de araque,

51 “Poi”, neste caso, parece ser José Poy (1926-1996), treinador argentino radicado no Brasil.

quererem pegar no pó do glorioso alvinegro praiano. Há muito tempo que é um esculacho gozar com o troço dos outros. Isso não se usa mais. Mas a curriola dá essa baixaria quase que na certeza de que nunca vai poder tirar sarro no Santos a custa do próprio time. Aliás, eles aproveitam a onda e entram de sola porque sabem que quem não torce pro Santos está sempre de esparro. Sempre disputando segundo lugar. Sempre batendo com a cuca no poste. Sempre atucanado. Então quando dá uma invertida pro Santos os sofreadores se debulham. Se deitam e se assanham como se o próprio time tivesse ganho do Santos de glórias mil. Gente batusquela. Não sabem como é dura a volta. E tem.

Agora[,] pra quem não sabe[,] eu escracho o lance. Foi muito bom o Santos perder em Campinas. Foi ótimo. Ele precisava mesmo de uma derrota. Juro por essa luz que me ilumina que precisava. Só pra se tocar que o campeonato já começou. Só pra abrir as botucas e se mancar que paulistas, guaranis e outros salários mínimos desses, estão na boca de espera. Não disputam campeonato. Entram só por entrar. Mas querem ter o gostinho de beliscar o timão. É a farra deles. Deixa pra lá. Sei que é duro pra Carlos Alberto, Pelé, Toninho, Edu, Ramos Delgado, Manoel Maria, Clodoaldo e outros cobrões de seleção entrarem num pega pra capar contra timeco de pelada. Desses que resolvem as jogadas na base do cacete. Mas que se pode fazer? O esquema do campeonato paulista é um esquema burro. Quem se dana é o glorioso Santos, um dos poucos times profissionais do Brasil. O Santos é quem dá crepe com esse campeonato burro. Podia estar aí mesmo nas quebras do mundo faturando alto e é obrigado a ficar aqui batendo bola com timecos que só não querem ir pra divisão inferior. Timecos que só perturbam.

Agora quem vai pagar pela gracinha que o Guarani fez é o São Paulo. O Santos de glórias mil está machucado. E aí é broca. Vai entruchar o São Paulo. Vai mandar ficha. Não tem por onde. E por essas e outras é que eu sou Santos até embaixo d'água.

Quem quiser ganhar uma grana aposte no Santos (*Última Hora* de SP – Edição de 8/3/1969. Página 11. Caderno1)

Amanhã é dia de San-São. Eu não sou profeta nem nada, mas dou a dica pra minha curriola aproveitar o embalo e beliscarem uma notinha pra melhorar o rango. É só apostar no Santos de glórias mil. Podem até dar lambuja. Não tem por onde. O São Paulo vai ficar noventa minutos tentando fazer o golzinho escamoso que eles treinam pacas pra fazer logo de saída. Vão tentar pra chuchu⁵². Vão tentar mas não vão conseguir bolhufas. Não tem perigo. A defesa do Santos de glórias mil não puxa o ronco duas partidas seguidas. E o ataque peixeiro nesta altura deve estar com uma fome de gol medonha. Pobre São Paulo que entregou a rapadura até pra Portuguesa Santista. Pobre São Paulo que se apavorou de perder pro Corinthians e caiu da panca. Pobre São Paulo que encontrou pela proa uma tabela ingrata que bota ele contra o Santos de glórias mil logo depois do Corinthians. Pobre São Paulo que vai ficar sem gás para o resto do campeonato. Pobre São Paulo. Não quero nem te ver. Vai tomar uma biaba sentida.

E não adianta os panacas que acham que futebol é um mistério abrirem o bico pra falar em escrita. Esse troço cavernoso só gruda em cima do Corinthians. Os papagaios enfeitados que dizem que o Santos é freguês do São Paulo não sabem

⁵² Termo atualizado; no original de jornal consta “xuxu”.

bolhufas. Freguês do Santos é todo time que disputa campeonato paulista. Basta olhar o campeão dos últimos quinze anos. Só dá Santos. Isso que é escrita. Isso é que é de verdade. Mas não é mistério. É time. É futebol. É bola no chão. Então mora no peso da botota. Sente o drama do São Paulo. Espia um por um sem escama. Só no que é.

Claudio do Santos é de seleção. Claudio do São Paulo é uma leiteria. Claudio beque do São Paulo (como dá Claudio nesse jogo) tem que pedir a benção pro Carlos Alberto que é de seleção. Jurandir anda matando cachorro a grito. Furando mais que picotador de taxi-dança. Ramos Delgado só não é de seleção porque é gringo. Mas é o fino. Arlindo ninguém sabe direito quem é. Claro que vai se afobar. Joel é de seleção. Tenente é na base do pau. Tá lascando. Vai estragar o gramado e não vai ser o Manoel Maria. O meio do campo do São Paulo corre mais que a bola. Em meio tempo bota gravata vermelha e vai para o vinagre. O meio campo do Santos faz a bola rolar. É um meio de campo de seleção. Que joga com a cuca. Vai rolar a pelota. Linha nem se fala. Valter é reserva do Miruca que até fugiu. Só pra não entrar⁵³ em pua. Babá e Zé Roberto vão direitinho e Paraná vai expulso. Manoel Maria vai fazer milonga. Vai dar no Tenente. Vai dar aquela aula, de como deve jogar um ponta direita de seleção. Manoel Maria é um coquetel de Garrincha e Julinho que foram os melhores pontas do mundo. Toninho é o goleador. O homem que vai em todas. Que gama o gol. Tem tara de gol. Que está sempre na boca de espera. Toninho é de seleção. Pelé! Pombas! Pelé é Pelé! E Edu é um senhor ponta esquerda. Titular de seleção. Com tudo isso já viu. Vai ser um banho santista.

Por isso, meus cupinchas, quem quiser ganhar uma grana a mais é só apostar no Santos de glórias mil.

Meus dois pivetes me metem numa sinuca (*Última Hora* de SP – Edição de 9/3/1969. Página 12. Caderno1)

Eu tenho dois pivetinhos do cacete. Todos dois são peraltas pra chuchu⁵⁴. São o fino. Aprontam mil e umas presepadas. O negócio deles é botar pra quebrar. E não querem estrilo. Todos dois sabem que bronca é ferramenta de otário. E vão levando. Não que eles sejam a zorra encarnada. Não é nada disso. Os dois são até muito legais. São é pivetes. E dos mais marrudos. No papo eles entram. Na amarra, não. Eles sabem das coisas. E sabem o que tem de ser. O Turquinho e o Quico são meus dois cupinchas⁵⁵ de fé. Meus companheiros das horas de folga e o papo mais quente que eu levo. Eles dois têm aquele denago pela Dereca que eles chamam de Rainha.

Pois bem, eu e a Dereca estamos fazendo uma novela de televisão. E os dois botaram a botuca num capítulo em que eu dispensava a Dereca por causa de uma outra moça. Foi um perereco. Os dois pivetes, quando eu cheguei em casa, me desconhecaram. Foi de machucar. O Turquinho, que tem quatro anos, me encostou na parede.

– Ô pai! Por que tu não falou com a Rainha?

– Na televisão tu não falou.

Eu quis quebrar o galho. Chutei.

– Falei.

53 Termo atualizado; no original de jornal consta “entram”.

54 Termo atualizado; no original de jornal consta “xuxu”.

55 Termo atualizado; no original de jornal consta “cupinxas”.

O Turco entrou de sola:

– Grupo teu! Pergunta pro Quico. Ele falou, Quico?

O Quico só repete. Tem dois aninhos.

– Num falô.

E foi uma droga. Os dois começaram a chorar. Eles sabem que eu não gosto que eles façam bué. Meteram ficha. Eu me rachava todo.

– Escuta. Aquilo lá é brinquedo.

– A Rainha falô e tu não respondeu.

– Respondi.

– Quelo a Rainha.

– Tu não trouxe ela da televisão.

– Tu não trouxe.

– Deixou ela lá.

Era gronga. Eu fui escrachando o lance de mansinho. Charlei que o papo da televisão não valia. Era tudo brinquedo. Que a moça da cena era amiga da Rainha e os cambaus. Que eu não tinha deixado a Rainha pra lá não. Que a Dereca era meu velho soldado de todas as batalhas. Mas ela estava trabalhando pacas. Estava ensaiando o “Cinto Acusador” e estava na bica da estreia. E a Rainha tinha que ir da televisão pro teatro. Que vida de artista é dura. E o diretor, o Benedito Corsi, não dava moleza. Mas que logo a peça ia estrear e pronto. (Aliás, já estreou e foi um bruta sucesso). Disse que depois da estreia, a Rainha ia fazer como sempre. Sair da televisão e ir pra casa comigo. E a barra aliviou. Afinal, só fazia umas seis horas que eles não viam eu e a Dereca juntos. E quando eu pensei que estava tudo em maré mansa, veio a pior. O Turco falou pro Quico.

– A gente tem que ir lá de revólver. Pro lobão não pegar a Rainha.

E o Quico abriu outro bué. Chorou as pamparras. É que eles só manjam teatro infantil. Daqueles de entortar criancinha. Conheceram um dia lá nas paqueras da vida: um diretor de teatro infantil, meu chapa, me encheu a⁵⁶ patola pra eu levar os bacuris no espetáculo dele. O bruto jurava que o teatro era pedagógico e blá-blá-blá. Que a molecada reagia pacas com a peça e tudo.

A Dereca levou os pivetes. E foi aquela caca. Quando entrava fada, menina de chapeuzinho vermelho, vovozinha era um troço de fazer dormir. Daí vinha o lobão e urrava pros pivetes da plateia. Até assustar todos. E só parava de berrar quando a molecada já estava endoidada. Os dois pivetes meus se espantaram. Deram o pinote e nunca mais quiseram saber de teatro, que para eles ficou um negócio de matusquelas. E não teve jeito de fazer eles irem ver um bom espetáculo. Não queriam.

Ficaram com bronca. E quando souberam que a mãe estava no teatro, logo quiseram ir lá de revólver, pra salvar a família. Precisei dar um guento neles. Contar pra eles que o teatro é um mundo. Que existem muitos lixos, mas que há muita coisa boa. E sem mentir. Porque pra criança não se mente.

Contei o que vi no espetáculo do Grupo União. Disse a eles que direção era muito boa. Bem cuidada. Antes de tudo, bem profissional. Que o texto era uma droga, mas o Corsi, com inteligência, transformou num troço bacana. Que o cenário

⁵⁶ Termo atualizado; no original de jornal consta “o”.

e os figurinos do Clovis Bueno eram coisa pra ganhar prêmio. Que a Walderez de Barros, que eles conheciam por Rainha, a Iara Amaral, o Odavias Petty, o Edgar Gurgel Aranha, o Paulo Villaça, o Chico Martins, o Guedes, o Jonas e todos estavam ótimos. Dançavam, cantavam, lutavam [de] espada e tudo. Aí o Turquinho falou:

– Eu quero ir ver. Tu leva?

O Quico deu carga.

– Eu vou!

Tive que levar mais um papo. Contar pra eles que o Juiz de Menores baixou portaria ou sei lá o que, proibindo a peça pra menores de dez anos.

Eles escutaram com atenção. Daí o Turco me meteu outra vez na parede.

– Quem proibiu?

– O Juiz.

– Ele é censura?

– É... de certa forma é.

– E tu não é contra a censura?

– Sou!

– Eu também! Então eu vou.

E o Quico selou.

– Eu vou!

Seleção brasileira no bom caminho (*Última Hora* de SP – Edição de 10/3/1969. Página 13. Caderno1)

Meus cupinchas, eu hoje não escracho o jogo do glorioso praiano com o tricolor do Morumbi porque aqui o vosso chapa não é de se chegar no malho no domingo. Depois de dar um duro no batente a semana inteira, eu não quero nem saber. Aqui, ói, que eu me viro no domingo. Me mando pro campo e fico lá torcendo. Mas, amanhã, eu dou as dicas. Racho os mistérios do jogo. E pra balançar, eu meto ficha sobre um papo que vem lá da Carica.

Diz[em] que os cartolas da C.B.D. entraram mesmo na onda do Saldanha, esse treineiro bacana que manja pacas de futebol. A prova está que já vão acabar com a frescura de jogador de seleção ter que usar paletó oficial da seleção era marrom e agora não vai ser mais. E isso é um troço bacana. Por que tinha que ser marrom? Marrom nunca foi cor da bandeira brasileira. Nunca foi cor do uniforme da seleção. Nunca foi droga nenhuma. E, além de tudo, marrom é uma cor escamosa. Mas, era marrom o paletó dos jogadores da seleção. Só porque um cartola, cheio de milongas e mistérios, acreditava nas mumunhas. Achava que o marrom dava sorte e pronto. O paletó tinha que ser marrom, senão, já viu, o Brasil perdia até do Paraguai. Porque na cuca do tal cartola quem ganhava jogo era seu terno marrom, não os cobras do campo. E tudo por aí. O melhor futebol do mundo tinha essa bobearas. Já não tem mais. João Saldanha, esse treineiro bacana, botou pra quebrar.

O Saldanha escrachou pros cartolas que quem ganha jogo é jogador. E ganha ali no meio da batalha. Encarando o que der e vier. Com a gama de pedra jurada no coração. Com a gana pega. Sem fugir do pau. É assim que se ganha jogo. Não com terno marrom e outras frescuras. E é assim que vai ser a seleção brasileira. O melhor cobra do país, se tiver medo do cacete, não veste a canarinho. O melhor

cobra, se tiver medo de morrer pela canarinho, não entra em campo. O melhor cobra, se não for antes de tudo um macho, não veste a canarinho. A seleção vai ser formada por onze feras. Onze feras que podem até perder uma partida. Podem até perder a Copa do Mundo. Só não podem sair choramingando do campo, porque o inimigo meteu o pé. Isso não pode, não.

Os quebra-galhos que se escutaram, depois do esculacho de Londres, eram de dar nojo. A gente só escutava os panacas da cartolagem dizerem que o nosso futebol estava superado. Que os gringos usaram o futebol-força. E que por isso a gente entrou pelo cano. Enganação pura. Grupo nojento. Onda de treineiro e cartolas fajutos, que não sabem das coisas. Que não têm voz de comando. Que só sabem complicar tudo pro jogador, pra, em caso de vitória, botarem banca de heróis.

Quem embarca nessa onda de futebol-força é trouxa. Quem embarca nessa canoa furada de futebol-força e engole que essa droga é uma tática inventada por algum gringo bidu, nunca viu um jogo de várzea aqui no Brasil, onde a negada de qualquer defesa senta a pua da barriga pra cima. Senta o sarrafo sem dó. E as linhas não se escamam de biaba. Vão pra fogueira e mandam ver. Cada majura nanico entorta cada cara grandão de assustar. É só não ser covarde. Foram assim Luisinho, Claudio, Cristóvão, Pinho e tantos outros, que, apesar de miúdos, não se espantavam com cara feia.

Legal esse treineiro Saldanha, que de saída vai botando a bola no chão. Diz que vai pras cabeças com onze feras. Diz que essas mandingas e patuás é coisa [sic] de índio. Diz que o futebol do Brasil é bom. Legal esse Saldanha que pode até perder a Copa do Mundo, mas tem a torcida com ele. Porque todos têm certeza de uma coisa: o Saldanha não vai deixar o homem brasileiro ficar com fama de medroso para o resto do mundo. Vai botar em campo onze homens. Onze machos pra encararem o tal futebol-força na base do cacete. E aí, meus cupinchas, dá Brasil outra vez. Porque foi com gente assim que fomos bi-campeões. Embora tenha papagaio enfeitado que diga que a gente faturou por causa de um terno marrom. (E amanhã tem aqui o San-São.)

Nunca foi tão fácil ganhar do São Paulo (*Última Hora* de SP – Edição de 11/3/1969. Página 11. Caderno1)

Meus cupinchas, o tricolor do Morumbi entrou por um cano feio. Quis encarar o glorioso alvinegro praiano com um futebol que era um esculacho. Um foguinho que lembrava o Jabaquara nos seus piores dias. O São Paulo não levava fé na vitória. O São Paulo entregou a rapadura logo de saída. O São Paulo foi um troço escamoso. E o Santos de glórias mil se serviu. Botou três caroços no barbante e podia ter metido oito ou nove. Mas maneirou. Pra que gastar gol com um inimigo que saiu no pau?

Meus cupinchas, a moçada da torcida tricolor fez o que pôde. Foi embandeirada pro campo. Berrou, cantou, balançou bandeira e os cambaus. Mas o jogadores do São Paulo nem se tocaram. Não tomaram o mínimo conhecimento do fogo da torcida. E se estreparam. E não podia dar outra coisa. Nunca vi um jogo mais escamoso. A defesa do São Paulo não tinha embalo nem pra baixar o cacete. Manoel Maria e Edu bailavam à vontade na frente do Tenente e do Claudinho. Era um piquenique. E ficou por isso mesmo. Os beques do São Paulo engoliram o baile sem estrilar. Numa prova de que não tinham moral nem pra fazer a lenha cantar. E é nisso que a gente vê como o São Paulo está estarrado.

Perde sem luta, sem catimba, sem nada. Perde conformado. Perde como perdem os panacas que já nasceram para perder. O São Paulo foi uma tristeza.

Meus cupinchas, claro que a moçada da torcida tricolor que berrou, abanou bandeira, cantou, chorou e os cambaus vai sair por aí espalhando que o São Paulo deu crepe. Que o juiz era fajuto. Que o pênalti do primeiro gol do Santos não houve. Que o Santos deu uma sorte tremenda. Que só o Zé Roberto mandou três bolas na trave peixeira. A torcida vai quebrar o galho como pode. É duro torcer pro São Paulo. Um time gelado. Um time que não sente a torcida. Claro que os tricolores vão chiar. Principalmente contra a sorte. Mas é como diz o Nelson Rodrigues:

– A Sorte não pode ajudar o Madureira.

Meus cupinchas, eu cantei a bola. Falei que o Santos de glórias mil ia malhar o São Paulo. E não estava chutando. Não estava chutando. Não estava cartecendo a marra, não. Eu estava escrachando o que eu via. Estava com minhas botucas ligadas no mistério. E foi por isso que dei a dica. Só por isso. O São Paulo perdeu do Corinthians e sentiu o peso da botota. Se arreou. Foi encarar a Portuguesa Santista. Se arreou. Um time que não aguenta o repuxo, não ganha do Santos de glórias mil. Não ganha mesmo. Porque o time praiano não é de se apavorar. Perdeu do Guarani e saiu de campo de cabeça erguida. Certo que não perde duas seguidas. Os jogadores do Santos sabem dessa verdade que o Alberto D'Aversa, esse grande homem de teatro vive dizendo:

– Até araruta tem seu dia de mingau.

Meus cupinchas, o Alberto D'Aversa sabe das coisas. Sabe bem. Foi por isso que eu convidei ele pra dirigir minha nova peça, "Oração para um pé de chinelo". Uma peça que fala do esquadrão da morte. E os jogadores do Santos também sabem das coisas. E foi isso que eu mandei a curriola apostar neles. Foi por isso que eu belisquei uma grana dos trouxas, que não sabem ver futebol. Que embarcam em canoa furada. E acreditaram que o São Paulo tinha um grande time. É pena. Mas o São Paulo está naufragado. E se não abrir o olho nem se classifica. Porque nunca foi tão fácil ganhar do São Paulo. Um time que não acredita em vitória. E não sofre na derrota.

Treineiro, o esparro dos cartolas (*Última Hora* de SP – Edição de 12/3/1969. Página 11. Caderno1)

Meus cupinchas, profissão de técnico de futebol é um troço escamoso. Os treineiros pagam o pato pelas mancadas dos cartolas. Treineiro tem costa larga. Serve pra distribuir camisa e pra tomar pancada. Nesse campeonato paulista[,] que é um dos mais burros do mundo, a dança dos treineiros é cavernosa. Entra ano e sai ano e a escama é sempre a mesma. Não tem por onde. O time começa a perder, o treineiro se estrepa. Sente o peso da botota. O campeonato está começando e o Manga do XV de Piracicaba já foi pro vinagre. E o Lula da Portuguesa, Noronha do Juventus e mais alguns que não estão ganhando jogos, estão na boca de caçapa. Mas uma ou duas invertidas e ficam sem emprego.

Meus cupinchas, até Diede Lameiro, treineiro do São Paulo está perdido. Até ele, que depois do jogo com o Palmeiras era badalado como gênio do futebol. O cérebro de tramas mil. O bidu do laboratório. O bolador do gol relâmpago. Até ele, se não abrir as botucas vai pra cucuta. Tudo porque escutou os esculachos dos cronistas esportivos. Que sempre malhavam na mesma tecla. Botavam a boca no

trombone pra esculachar o futebol lento que se estava jogando por aqui. E esculachavam certo. O futebol tartaruga é uma chatura que vou te contar. Mas e daí? Só podia ser jogado esse futebol. Com a tabela que o campeonato paulista tem, não dá pé. Tem que ser no devagar. E o Diede embarcou na canoa furada. Mandou a moçada correr. E está aí. Mal o campeonato começou e o São Paulo está no bagaço. E o Diede com um pé na rua.

Meus cupinchas, o treinero do São Paulo não tem culpa se pega uma tabela fajuta pela proa. Uma tabela que marca em duas semanas cinco jogos. Três clássicos e dois no interior. O time está estourado e a culpa é da tabela. O treinero não tem culpa. A culpa é dos cartolas que armaram a presepada. Mas eles nem tomam conhecimento. Se o time estiver naufragando, chutam o treinero e engrupem a torcida. Espalham a torcida. Espalham que o técnico era enganador e tudo mais.

Meus cupinchas, treinero de futebol vive assombrado. Não tem colher de chá. Por isso que eles inventam as milongas mais cavernosas. Fazem macumba, acendem vela e os cambaus. Não tem outro jeito. Time que joga cinco vezes em duas semanas, não tem tempo pra treinar. Então, o negócio é meter ficha. Mandar brasa nas entrevistas, puxar corda com cartola e espinafrar jogador, são macetes de treinero brasileiro. Trambiques pra defender o pão de cada dia. Porque no futebol é cada um pra si.

Meus cupinchas, é nesse cada um pra si que o treinero cai do cavalo. E o cartola monta. Os treineros não se organizam nem nada. E por isso são esparros. Eles deviam estudar uma forma que garantisse o emprego. Sei lá o que. Mas podia ser um troço que garantisse que um clube não pudesse mudar de treinero que ia chiar. A profissão ficou tão avacalhada. Tem tanto picareta dentro dela, que tem treinero que só quer mudar de time pra faturar luvas. Porém, essa garantia de emprego fixo ia dar tranquilidade para treineros honestos trabalharem à vontade. E os cartolas iriam se rebolar pra se desculparem junto à torcida das besteiras que fizessem.

A lei burra (*Última Hora* de SP – Edição de 13/3/1969. Página 12. Caderno1)

Meus cupinchas, quando cartola se mete a ter ideia é do cacete. Podem apostar que vem um troço contra o futebol. Um negócio fajuto. Bolado na hora. Pra engrupir torcida. Essa lei que saiu por aí é um troço escamoso. Jogador expulso numa partida está suspenso na outra. De cara. Sem julgamento, nem nada. Já viu a zorra que vai ser? Claro. Essa lei burra veio de moralização do futebol. Todo mundo entrou. Mas sente o peso da botota. Se manca no novo tipo de macete que vai ter. É só o Santos de glórias mil ir jogar no interior contra um timeco [de] salário mínimo, uns dias antes de um clássico, um pernetta qualquer que esteja matando jacaré a beliscão pode receber a tarefa de endoidar o Pelé. Fazer o negrão apelar e ser expulso. Claro, que um perna de pau pode pegar esse bico e melhorar seu rango no fim do mês.

Meus cupinchas, é só o mata-cobra dar uma de vivo e já viu. O Pelé não entra no clássico. É só ficar na marcação. O glorioso alvinegro praiano dá a saída e o pilantra xinga a mãe do crioulo. Ele pega na bola, o inimigo baixa o sarrafo. O juiz dá o estrilo, a torcida chia. O homem do apito bota o galho dentro. O picareta se assanha. Pelé pega a redonda, toma uma escarrada na fuça. Vai pra forra. O pernetta engrossa. Os dois são chutados de campo. E aí sem julgamento, nem nada, o Pelé é eliminado do clássico. Tudo no melhor estilo do esquadrão da morte. E está

escrachado que isso pode acontecer também com o Rivelino, com o Ademir da Guia, com o Zé Roberto ou outro qualquer que leve o time nas costas.

Meus cupinchas, essa lei aí é escamosa. Vai dar margem a mil macetes. É um tiro pela culatra. Em vez de moralizar, essa lei vai avacalhar ainda mais o já tão avacalhado futebol brasileiro. Que, apesar de tudo, é o melhor futebol do mundo. Mesmo considerando que todos os juízes sejam honestos, eles vão dar muitas mancadas. Os homens do apito são de carne e osso. Correndo pra lá e pra cá um jogo todo, vivendo as emoções de uma partida, lógico que não estão na melhor condição para julgar os jogadores. Natural que se der na telha de expulsar eles podem. Mas que eles estejam certos é outra história. Merece um julgamento. É como o caso do Serginho do Palmeiras e do Claudio, beque do São Paulo. O primeiro agrediu o segundo com uma cabeçada e deu ainda um pé na cara. O juiz, pra fazer média, ou por afobação, mandou os dois pro chuveiro. E daí? Foi um tremendo esculacho a expulsão do Claudio, que nem reagiu.

Meus cupinchas, essa lei é fajuta. Foi criada a olho. Não que os cartolas sejam burros. Claro que não. Eles são até os mais sabidos. Por isso são cartolas. Andaram nas melhores escolas, comem a melhor comida, viajam, veem as coisas e tudo. Coisas que a maioria da torcida se conhece, é de escutar dizer. Mas os cartolas são folgados. Eles estão pouco ligando com o futuro do futebol brasileiro. Eles querem é ir levando o barco em maré mansa. E pra não ter marola inventam ssas grongas.

Meus cupinchas, de bom na praça tem [a] maravilhosa Tonia Carreiro, que depois de seis anos longe de São Paulo resolveu dar uma colher de chá pra sua torcida daqui. Pra quem não sabe ela vem de um tremendo sucesso que foi “Navalha na carne”, aqui do vosso chapa. E o Fauzi Arapi que foi diretor da “Navalha”, me bochichou que a Tonia está aí pra botar pra quebrar com a peça “Falando de Rosas”. Com ela, está esse ator fabuloso, que é o Jardel Filho. E também o Cecil Thiré que vai fundir a cuca de meio mundo. Ele é um bom ator. Mas não vai ser por isso não. O parangolé é que ele é filho da Tonia. E vai ter nego, que ao ver o bezerrão, vai sair jurando que a Tonia mal nasceu, e já foi dando a luz. Porque os dois parecem irmãos.

O homenageado se branqueou com a homenagem (*Última Hora* de SP – Edição de 14/3/1969. Página 11. Caderno1)

Meus cupinchas, Veludo foi um grande goleiro. Sei lá onde ele começou. Sei que a torcida tomou conhecimento dele quando ele pegava no gol do Fluminense. Era um crioulo grande e forte. Cheio de mumunhas. Pegava tudo. E de repente aceitava um frango feio.

Por baixo das pernas. Bola que nem o goleiro de infantil engolia. Porém, o Veludo era um grande arqueiro. Nem sentia o peru. Logo em seguida ia buscar uma redonda qualquer lá na esquina da trave, fazendo o estádio inteiro engolir o berro de gol. Veludo era um cobra. Vestiu a canarinho e tudo. Até o Castilho, com leiteria e outros babados, foi regra três do crioulo.

Meus cupinchas, depois do Fluminense, o Veludo veio pra Vila Belmiro. Na vila famosa era uma parada ser titular. O Santos de glórias mil estava começando a sua arrancada fulminante, pras cabeceiras. Tinha montes de cobras. Só pro gol tinha Manga e Barbosinha. Mas mesmo assim, o Veludo foi titular. Por pouco tempo. Sei

lá o que deu nele. Começou a avacalhar. Se escrepou. Escutei um bochicho, que foi por causa de uma gama de pedra, que o Veludo se entortou. Mas o que conta é que não deu mais pedal. E o Santos deu dispensa pro crioulo. Ele saiu batendo por aí. Rolou de time em time. Mas já não era ninguém. Ainda tomava seus frangos cabulosos. Porém já não tinha perna pra ir buscar as redondas na forquilha. Estava na pior.

Meus cupinchas, o Veludo foi se acabar embaixo da trave do Canto do Rio, um timeco de Niterói. E se não bastasse essa desgraça, o Veludo pegou outras invertidas. Não teve gás pra se aprumar. Largou o futebol e foi caindo pelas tabelas. Puxou ronco no molhado, comeu o nojento pão da caridade. Ficou chué dos peitos. Apanhou outras pragas, se estrepou do primeiro ao quinto. Não era nem sombra do grande goleiro que foi. Sempre de caveira cheia, de cachaça. Foi definhando, derretendo, sumindo. Foi encontrado numa sarjeta com um vira-lata a lhe lambar as medalhas. Cada ferida que não tinha mais tamanho. O cara que o encontrou espantou as moscas que botavam ovos nas perebas do goleiro. E de pena o arrastou para um hospital⁵⁷. E lá o Veludo ficou de favor.

Meus cupinchas, domingo passado, o futebol brasileiro, o maior futebol do mundo, prestou a última homenagem ao grande craque que foi Veludo. Antes de começarem os jogos, lá na Carioca, fez-se um minuto de silêncio por intenção da alma do goleiro. Tudo muito comovente. Muito humano. Teve até cartola que chorou. Só que o Veludo ainda não morreu.

Meus cupinchas, o negócio é deixar andar. O Veludo não é o primeiro, nem vai ser o último ídolo da torcida a bater com a cara no chão. Muito cobra que brilhou no futebol brasileiro, o melhor futebol do mundo, se espantou da vida, roendo o talo amargo. Craque que só tem valor enquanto é craque. E muito nego não se manca disso. Por isso é que me dá pena de ver a lei safada, a lei do passe, escravizando jogador. E me dá mais pena ainda, não ver os jogadores se juntando pra acabar com ela.

Corint[h]ians e Portuguesa é jogo sem mistério (*Última Hora* de SP – Edição de 15/3/1969. Página 11. Caderno1)

Meus cupinchas, ontem foi uma sexta-feira brava. Nas encruzilhadas da vida foram feitos despachos fortes. Velas, galo preto, cachaça, farofa, grana, dendê e os cambaus. Nos terreiros da Penha os atabaques botaram pra quebrar. Todos eles chamando por Ogum. O encantado guerreiro, matador de dragão. Que na língua dos que não sabem das coisas, é São Jorge, Protetor do Corint[h]ians.

Meus cupinchas, a curriola que acredita em macumba, que carrega patuá, que tem cabeça firmada, que torce pro alvinegro do parque, ontem não quis saber. Bateu com a cuca no gongá. Foram pedir arreglo com o divino. Uma colher de chá. Porque depois do jogo com o Juventus a turma sentiu o peso da botota. Sem uma força de Ogum, não vai dar pedal pro Corint[h]ians.

Meus cupinchas, o jogo do time do Parque com o time da Mooca foi uma pelada do cacete. Era só chutão pra tudo quanto era lado. Ninguém se entendia. A moçada do Corint[h]ians meteu gravata vermelha. Bufaram pacas. Tá certo que foi um a zero pros mosqueteiros. E não conta se jogaram mal. O que conta é que foram

⁵⁷ Termo atualizado; no original de jornal consta “É de pena. O arrastou para um hospital”.

dois pontos ganhos. Mas tem quem diga que não foi o Corint[h]jians que ganhou. Que foi o Juventus que perdeu. Entregou a rapadura. Deu a saída e se plantou na defesa. Jogando na tática cavernosa, de um-dez. E só por isso o alvinegro do Parque não se entortou. Até o Lau barbeiro, único sofredor juventino que eu manjo, reconheceu que o futebol do seu time foi um esculacho. E mesmo assim, o Corinti[h]jians não agradou. Cozinhou o galo. Engrupiu e tal e coisa.

Meus cupinchas, sei bem que o embalo do time mosqueteiro se derreteu em São José do Rio Preto. No jogo contra o América[,] o gango teve que encarar um calor de quarenta graus na sombra. Mas, e daí? O campeonato paulista é um dos mais burros do mundo. Tá cheio dessas mumunhas. Tem jogo dia sim, dia não. Loque é o clube que embarca nessa canoa furada. Depois não adianta chiar. Tem que aguentar a mão. Se faltar gás, que se dane. Em vez de ficar boqueijando tem que apelar. Fazer macumba. E se ganhar tem que pagar as obrigações com encantado. Sem bronca. Que é pro santo valer sempre.

Meus cupinchas, o Corint[h]jians já ganhou do Juventus ali na base do mistério. O Doná largou uma bola meia cabulosa. Que não podia largar. Pareceu até que uma mão invisível deu um toque. Só pra atralhar o goleiro. Mas deixa pra lá. Domingo tem mais. O alvinegro vai encarar a Portuguesa. E foi por isso que sexta-feira os atabaques da Penha bateram. Mas bateram à toa. Contra a Lusa vai ser broca. Não que ela tenha melhor quadro que o clube da Mooca. Nada disso. A cachopa até que anda se batendo pelas paredes. Com um joguinho muito mixuruca. Mas nos capuchetes da vida tem uns esquinapos. Contra a Portuguesa o Corint[h]jians vai ter que jogar bola. Ou então entra pelo cano. Contra a cachopa não vai ter macumba que dê jeito. Macumba não pega em português. Se pegasse, crioulo nunca tinha sido escravo.

O Falcão Negro (*Última Hora* de SP – Edição de 16/3/1969. Página 13. Caderno1)

Esse babado se deu no tempo em que ainda não tinham inventado o vídeo tape. Um troço que foi bolado pra melhorar o nível artístico da televisão. Mas que não melhorou nada. Só serviu pra, junto com os filmes americanos, tirar o batente do artista brasileiro. Está claro que a culpa não é do vídeo tape. A culpa é dos próprios atores que não se juntam em torno do sindicato e arrumam as coisas. Mas a gronga é que nessa profissão é cada um pra si. Um salve-se⁵⁸ quem puder de dar nojo. E o nego quando se achega ao sindicato é só pra tratar dos dentes ou pra conseguir que a mulher tenha filho sem gastar dinheiro. Mas deixa pra lá. É como diz o Zagaia:

– Jacaré bobiou, virou cinto.

E se o Zagaia diz é que é. Os atores estão dormindo de toca. E a culpa não é do vídeo tape. Que nem existia quando se deu esse perereco. Era no tempo em que ainda se usava garota propaganda. E que apresentador de televisão vira e mexe mandava pra glória essa frase cavernosa:

– Pena que a televisão não seja em cores.

Nesse tempo, o grande sucesso da televisão era um seriado capa e biaba chamado “O Falcão Negro”. Meu chapa Zé Parisi, era o próprio. Ele escrevia, ensaiava e interpretava. E foi ele mesmo quem me escrachou o lance. O Zé Parisi é um dos melhores papos da televisão. A gente morre de rir com as suas histórias.

58 Termo atualizado; no original de jornal consta “salva-se”.

Ele contou que numa das séries do “Falcão”, a audiência tinha atingido o máximo. A pivetada da época andava batendo com a cuca na parede por causa do “Falcão Negro”. Natal, aniversário e os cambaus, a mocelcada não queria outra coisa. Só [a] capa de “Falcão Negro”. Era uma badalação do cacete. Nem o “Direito de Nascer” conseguiu fazer mais onda do que o “Falcão Negro”.

Também esse herói era bidu pacas. Brigava pra chuchu⁵⁹. Com qualquer arma malhava meio mundo. Defendia os fracos contra os fortes. Amava a justiça. E as mulheres amavam ele. Sem mais milongas. O “Falcão” era o filho. E tudo isso, graças ao capricho da produção. O Zé Parisi não dava moleza. Ensaio com ele era pra valer. Não tinha quebra galho de ator.

– Pode deixar que na hora eu faço.

Com o Zé Parisi era ali.

– Faz já pra mim ver como vai ser. Ou então, não faz nunca.

E as brigas e tudo mais era ensaiado até afinar. Quem ia levar pau no ar, já tomava no treino. Pra acostumar. Foi por causa disso, que o Salathiel Coelho, que é de fazer frase, chutou:

– Extra do “Falcão Negro” sofre mais que gato de desenho animado.

E era verdade. O Parisi não dava moleza. Quem entrava no seu programa, já sabia que além de ganhar pouco, ia tomar pancada de todo jeito. Era pra sair autêntico. E era essa autenticidade, a razão do sucesso do “Falcão Negro”. O quebra pau do Zé Parisi fazia até os marmeleiros da luta livre se assustarem. E não era à toa que a garotada vidrava no “Falcão Negro”.

Foi quando chegou o último capítulo que se deu a gronga. A moçada da pesada já tinha se apagado nas garras do “Falcão Negro”. Só faltava ele pegar o misterioso chefe dos bandidos[,] que nessa série era vivido pelo ator Machadinho, e salvar a mocinha. Antes[,] porém[,] tinha que encarar o guarda pessoal do bandidão. Como os extras que sabiam lutar já haviam morrido no seriado. Botaram uns extras frouxos. Desses que entram nas cenas violentas, com medo de se machucarem. E que, por causa disso, se machucam mesmo. Mas como a cena era simples, o Zé Parisi achou que eles serviam. O “Falcão Negro” pulava no meio do esconderijo dos bandidos. Descia a biaba nos panacas, se virava pro bandidão chefe e dizia:

– Agora nós, miserável!

Pulava no gogó do bruto e o estrangulava. Depois pegava a mocinha nos seus braços musculosos e se mandava pra trás de um cenário. Enquanto os câmeras focalizavam uma cascata e a sonoplastia largava um fundo musical que lembrasse passarinhos no cio. Tudo na base do agrião.

Já no ensaio, teve nego que saiu chiando. Um extra quebrou o braço e outro destroncou a clavícula. O Machadinho reclamou à beça do entusiasmo do Zé Parisi. Mas ninguém deu bola. Tiraram os que estavam feridos. E mandaram brasa no ar. Tudo ia direto. Ao vivo. Sem vídeo tape. Houve os parangolés que sempre tem. E chegou a grande cena final.

O “Falcão Negro” pulou no meio do esconderijo dos bandidos. Os extras encararam o “Falcão Negro”. Suado, bufando, com expressão de ódio. Lembraram do ensaio e não quiseram saber. Deram o pinote. O Parisi improvisou:

59 Termo atualizado; no original de jornal consta “xuxu”.

– Covardes! Desertores! Abandonaram o chefe! Covardes! Voltem e lutem como homens!

Ninguém voltou. Ninguém era besta. Então o Zé Parisi se virou pro Machadinho e largou o texto:

– Agora nós, miserável!

O Machadinho que não era loque e não estava a fim de pagar pela covardia dos extras, se escamou. Deu um suspiro e caiu morto. O Zé Parisi ainda teve presença de espírito pra improvisar. Olhou pra câmera. Esperou ela crescer em “super-close” seu. Atacou o deschavo:

– Era cardíaco o miserável!

FIM.

O campeonato burro e o seu melhor jogo (*Última Hora* de SP – Edição de 17/3/1969. Página 15. Caderno1)

Meus cupinchas, pode ter quem badale mais o jogo Corint[h]ians e Portuguesa. Os jornais podem até escrachar o lance nas manchetes. A curriola da Penha pode botar o maior bafo de boca em torno dessa partida. Podem tudo. Porém, o jogo importante da rodada foi Santos F. C., de glórias mil, e o Juventus. Claro que foi. O campo ficou atropetado. A três de alto. E na rua, um gango desesperado querendo entrar. Esse foi o jogo da semana. E o glorioso alvinegro praiano meteu ficha. Ganhou de dois a um. Mas, poderia meter seis ou sete.

Meus cupinchas, o time mosqueteiro não é melhor que o Santos. Nunca. A Portuguesa e o Juventus são igualzinhos. Duas cacas. Mas, o jogo do time do Parque foi no Morumbi. E o do time peixeiro, na rua Javari. Tudo um golpe cabuloso dos cartolas grenás. Meteram o Santos F. C., de glórias mil, num campinho, só pra ver se o Juventus fazia uma graça. Não fez. E, pior ainda, perderam renda. Montes e montes de gente, que queriam ver o Pelé, tiveram que aguentar as pontas.

Meus cupinchas, quem não sabe ver as coisas vai dizer que o Juventus correu pacas. Que botou o Santos F. C. na parede. Que o time da Mooca merecia o empate e os cambaus. O timeco grená deu o que tinha. Quase se estopora. Mas, nem assustou o time peixeiro, que andou pelo campo. Passeou. Fez dois gols e se aguentou. Ficou segurando o jogo. Deixou o Juventus se afobar sozinho. Os grenás fizeram um golzinho muito escamoso. E ficou nisso. Não mudou nada. Se oferecesse qualquer perigo ao alvinegro praiano, Pelé ia lá e mandava ver.

Meus cupinchas, no Brasil se joga o melhor futebol do mundo. Ninguém tem dúvida disso. Porém, os pererecos que armam por aqui são do cacete. O campeonato paulista é uma zorra. Não tem sentido. Fazer um bolo de times entrarem num campeonato, só por entrar. Sem a mínima chance de concorrer ao título, é do cacete. O que é que o Juventus pode fazer contra o Santos F. C. de glórias mil? Nada. Ou uma bruta força pra perder de pouco. A diferença de categoria é tão grande. Não tem nem graça. E é assim a maioria dos jogos do campeonato. Por isso é que o campeonato paulista é burro. Faz o Santos F. C. encarar qualquer timinho. Duas vezes por semana. Desgastando seus craques. Que são cobras da seleção brasileira.

Portuguesa, um time de fritar bolinho (*Última Hora* de SP – Edição de 18/3/1969. Página 11. Caderno1)

Meus cupinchas, Corint[h]ians e Portuguesa foi um jogo do cacete. Uma pelada escamosa. O tipo do negócio cavernoso. Sem embalo. Sem vibração. Sem futebol. Sem coisa nenhuma. O lance dos vinte e dois enganadores de campo, era de deixar o tempo andar. Ninguém queria nada com a bola. Apesar das defesas estarem cheias de buracos, os gols saíram por acaso. Tudo ali, na velha base do agrião. O Corint[h]ians jogando por empate. Já está classificado. É só cozinhar o galo. Sem se afobar. E a Portuguesa não tem chepa. O campeonato não está nem na metade, e ela já está fora de qualquer babado. Perigo de ir para divisão de baixo, não tem. Existe o Paulista de Jundiaí. E se classificar a Lusa não vai. Então deixa pra lá. Perder ou ganhar dá no mesmo. Para os moços do Canindé a lei é comer quieto. Sem muita marola. E a torcida que se dane.

Meus cupinchas, dá pena ver a Portuguesa jogar. É um esculacho. Um timeco que não fede nem cheira. Que não tem nenhum pingão de gana. Por duas vezes estiveram ganhando a partida. E não souberam aguentar as pontas. Segurar o resultado, engrossar. Que nada. Entregaram a rapadura. Sem estrilo. E quando sofreram o terceiro gol, desabaram. O Corint[h]ians só não meteu um rosário porque se amoitou. Não ia gastar gás com um inimigo tão mixuruca. E a gente que estava espiando a presepada, sentia que toda a curriola não via a hora do juiz acabar o brinquedo.

Meus cupinchas, os jogadores da Lusa estão caindo pelas tabelas. Os que batiam bem na bola estão perdendo o jeito. Zé Maria, Ivair, Leivinha eram cobras de seleção. Já não são nada. Marinho, Ulisses, Paes, eram de dar o sangue. Parece que deram tudo que tinham. Orlando era um goleiro firme. Valente. Agora anda aceitando cada frango, que nem arqueiro de infantil engole. Está sem reflexo. Vai tarde na redonda. Sai do arco, como uma vaca brava. Falta estímulo aos jogadores da Portuguesa. E os cartolas do Canindé não se mancam. São cheios de milongas. Pensam que estão fazendo da Portuguesa um cemitério de craques. Tudo porque são muquinhas. E acham que jogador é esparro.

Meus cupinchas, o futebol do Brasil é o melhor do mundo. Dentro do campo. Fora dele é um troço de dar nojo. Um treco que assusta. Em pleno século XX ainda tem⁶⁰ cartola que acredita que jogador é escravo. Que aprontam mil xavecos pros craques. Sem o mínimo respeito humano. Assim é na Portuguesa. Os cartolas entruturam o Augusto. Deixaram o moço nas mãos das traças. Se grudam na safada lei do passe, e não querem saber. Afastaram o crioulo do time. Não reformam o contrato. Não facilitam a saída do rapaz pra outro clube. E o Augusto está roendo o talo. É casado, pai de filho e vive do futebol. Mas quem manda ele não puxar corda com seus donos? Quem manda ele já não ser tão craque como era? Jogador só é respeitado enquanto serve. São essas as mumunhas.

Meus cupinchas, mas o Augusto está fora da base. O caso mais bidu da Portuguesa é o de Zé Maria. Esse é o cobra de seleção. Chamado pelo Saldanha. Não é bafo. Jogador que o treineiro da Canarinho escolhe é craque mesmo. Pois bem, o Zé Maria renovou contrato com a Lusa, na bases mais fajutas do mundo. Pegou a grana mais mixuruca da paróquia. E vai continuar batendo na bola. Pela

60 Termo atualizado; no original de jornal consta “ter”.

Portuguesa. Só que ele hoje já não é o mesmo cara. Já não leva tanta fé no seu futebol, que vale pouco.

Meus cupinchas, os cartolas fazem o que lhes bate[m] na telha. Arroxam à vontade. Porém, esquecem que jogador tem um defeito. Tem cabeça. Pode pensar. E quem garante que o time da Portuguesa não está assim, sem gana, por sentir o peso da botota? Quem garante que antes de entrar em campo o gango não dá uma manjada nos casos do Augusto e do Zé Maria?

Meus cupinchas, é por essas e outras que a torcida anda cabreira. Por causa dessas baixarias que o pessoal que paga entrada se espantou do jogo da Portuguesa. Todo cara chegado ao futebol está por dentro. A Lusa é de fritar bolinho.

O futebol na Carica está uma caca (*Última Hora* de SP – Edição de 19/3/1969. Página 11. Caderno1)

Meus cupinchas, o futebol da Carica anda um perereco. A negada que espia o lance está de cuca fundida. Veem os babados todos e não entendem bulhufas⁶¹. As coisas que estão acontecendo no Rio deixam meio mundo cabreiro. Tem até um bochicho escamoso de que os times do Rio estão afirmando as babolinas para irem disputar o campeonato do interior de Minas. Lugar das grongas, onde nasce bezerro com duas cabeças, galo de cinco pés e os cambaus. Outro bafo que existe, é que Madureira, Campo Grande, Olaria e outros clubes, que estão matando jacaré a beliscão, vão fazer uma excursão a Dallas, importante cidade dos Estados Unidos, que a torcida manja de ler noticiário policial.

Meus cupinchas, as coisas na Carica são do cacete. São mesmo. Deixam qualquer um matusquela. A ponto de ter majura que de repente dá o pinote sem dar plá pra ninguém. O Manicera, beque gringo que joga no Flamengo, foi um. Seu time estava penando numa pelada contra o Bonsucesso. O jogo estava na velha base do agrião. O Manicera aproveitou uma zorra qualquer, se mandou pro vestiário, por conta própria, tomou banho, trocou de roupa e deu o pinote. Não quis nem saber. Se espantou de vez. Deixou os cartolas falando sozinho. Batendo com a cabeça nas paredes. Arrumando deschavos pra engrupir torcida.

Meus cupinchas, pior que a presepada do beque do Flamengo, foi a que o goleiro do Vasco aprontou. Seu time estava se atucanando contra o bangu. Num joguinho medonho. As duas defesas baixando o sarrafo, que por lá o Fontana fez escola. A negada só dá pau da barriga pra cima. As linhas espantadas nem chegavam na área. O time dos portugueses fez um gol por acaso, e se encolheu. A lei na Carica é garantir resultado. E jogando na tática do um-dez, o Vasco com chutão biaba e catimba ia aguentando as pontas. Porém, o goleiro é cheio de mumunhas, deu o bicho pros inimigos. Agarrou uma bola morta. Bateu, bateu. Só ali, fazendo cera. Quando o juiz estrilou, o arqueiro, com panca e tudo, foi mandar a bola pra frente. Levou o braço pra trás e deu o embalo. A redonda escapou-lhe da mão e caiu dentro do seu próprio gol. O jogo ficou empatado.

Meus cupinchas, mas tudo isso é pinto perto do que o Fluminense fez no Maracanã. O tricolor, não. O Flávio. Aquele mesmo Flávio que aqui só recebia esculacho. Lá o crioulo fez três gols numa partida. Três gols. Não é grupo, não. Ele fez três gols. Seu time ganhou de seis a um. O Flávio fez três gols. Deu passe pra

61 Termo atualizado; no original de jornal consta “balhufas”.

outros dois e sofreu um pênalti que resultou em mais um gol. Tudo isso o Flávio fez. Acabou com o jogo. Sente aí o peso da botota. O futebol na Carica anda ou não anda uma caca?

Se o negócio é pau, vamos dar pau (*Última Hora* de SP – Edição de 20/3/1969. Página 11. Caderno1)

Meus cupinchas, o futebol brasileiro é[,] sem bronca, o melhor do mundo. Não tem babado. Com a gente não tem bom. Qualquer timeco daqui dá prensa em qualquer seleção gringa. O Atlético Mineiro está aí mesmo pra provar. Os estrangeiros chegam cheios de milongas, carteando amarra e os cambaus. Vêm buzinando que o negócio é o futebol força e que o resto é lixo. E com esses parangolés engrupem meio mundo. Arrumam jogo com Flamengo, Vasco e outros clubes que estejam caindo pelas tabelas, fazem médias e espalham a notícia. Daí vão encarar o galo mineiro, contando como não ganho, e levam aquela invertida. Se estrepam do primeiro ao quinto. O Atlético desconhece tal força. E recebe o pau com o pau. Baixa o sarrafo sem dó. Como deve ser. Pra cortar a onda de que o brasileiro é fresco, que foge da biaba.

Meus cupinchas, tem dois tipos de violência. A que escraviza e a que liberta. A primeira é nojenta, a segunda sublime. E a gente sabe disso de sentir na carne. Perdemos a Copa do Mundo de 1950 no Maracanã, porque os cartolas foram violentos com os nossos jogadores. Pegaram o Bigode e outros batusquelas da nossa defesa que sempre jogaram na base do pau. E que só por isso chegaram à seleção. Por baixar o sarrafo. E os violentaram. Com discursos, preleções e outros deschavos meteram minhoca na cabeça da moçada. Fundiram a cuca dos nossos cobras. Quebraram a espinha dos nossos craques.

De meia em meia hora metiam uma ficha escamosa. Só se escutava a cartolagem proibindo a defesa brasileira de baixar o cacete. De engrossar o caldo. De fazer catimba. Badalavam que o bidu era ser esportista e tal e coisa. Mas o Uruguai, que estava a fim de ser campeão do mundo, não tomou conhecimento. Entrou em campo livre. E jogou bola quando pôde e de paulada quando quis. O Obdulio Varela escarrava na fuça dos brasileiros. Biaba com ele era da barriga pra cima. E foi essa violência toda que libertou o medíocre timeco uruguaio de uma posição cavernosa e o colocou nas alturas. As patadas da seleção gringa acabaram com o nosso futebol. Acabaram com a nossa moral. Acabaram com o nosso povo.

Meus cupinchas, custou pacas pra gente levantar a crista. A Copa de 50 ficou pesando no nosso jogador. Os cartolas, traidores da Pátria, pularam fora da canoa furada. Como sempre, culpavam os jogadores. Eles nem estavam se tocando se o povo brasileiro estava chorando, morrendo, se atucanando de vergonha. Os cartolas recebiam homenagem do resto do universo. Os gringos gamavam os grandes esportistas que perdem uma copa do mundo, dentro do seu próprio campo, sem fazer catimba. Os mansos brasileiros eram mimados nos salões. E por trás, eram os esparros, os frescos. Obdulio Varela virava estátua. Recebia divisa no seu país. Era o grande capitão. O guerreiro que escarrava no rosto inimigo. O macho. O homem que deu bofetão na cara de brasileiro dentro do Brasil.

Meus cupinchas, tudo isso pesou na balança. O nosso futebol era o melhor do mundo. Fácil. Mas se apavorava. O sarrafo gringo espantava nossos craques. Do Uruguai viramos fregueses de caderneta. Chegamos a ser campeões do mundo. E nem assim os uruguaiois respeitavam a gente. Viviam ameaçando de bagunçar

nosso coreto. Até que um dia o santo Almir, brasileiro pacas, lá em Buenos Aires, desconheceu os uruguaios. Respondeu o berro com berro, pau com pau. Foi lindo. A nossa curriola fechou com ele. E foi lindo, tão lindo. A gente começou a mostrar pro mundo quem era o povo brasileiro. Numa bola que o arqueiro gringo agarrou, o Almir meteu-lhe o pé e mandou ele e bola pra dentro do gol. Nosso santo Almir, brasileiro pacas, caiu no chão, o beque gringo veio na corrida e deu um bico na cabeça coroadada do nosso Almir. Nosso Almir nem desmaiou, nem chiou, nem gemeu. Aí foi o salseiro. Os toques dos clarins da liberdade soaram em nossos corações. Pelé, Belini, Orlando, Didi, os reservas e todos brasileiros mandaram ver. Deram pra valer. E esse jogo ganhamos na bola e no tapa. O povo brasileiro lavou a alma. Éramos machos. Ganhamos dos uruguaios na bola e no tapa. Estávamos livres dos complexos. Livres. E foi aí que começamos a ser os verdadeiros campeões do mundo. No pau e na bola.

Meus cupinchas, fomos bi-campeões do mundo. Todos [os] gringos tinham respeito pela gente. Sabiam bem qual era o peso da botota. Com o nosso selecionado era na base do agrião. Se era futebol[,] a moçada rolava a pelota. Se era cacete[,] era cacete mesmo. Em Londres, o encanto quebrou. Os cartolas, devem ter entrado com o bochico. A seleção era nova, bambeou. Os gringos inventaram a onda do futebol força, baixaram o porrete e a gente perdeu.

Meus cupinchas, mas agora a coisa está com jeito de ser nossa outra vez. O João Saldanha sabe das mumunhas. Ele já disse que quer onze feras com a canarinho. Gente pronta a morrer pelo Brasil. O João Saldanha está por dentro. A gente pode até perder. Mas vergonha a gente não passa. Se manca nesse papo que ele levou com um derrotista, um traidor da Pátria:

Derrotista – João, se a seleção perder da Venezuela?⁶²

Derrotista – Mas se perder? Em futebol tudo pode acontecer.

Saldanha – Não perde!

Derrotista – O Brasil vai fazer o primeiro jogo lá. Sabe como é. E se perder?

Saldanha – Olha, bolha, o Brasil não perde da Venezuela. Mas se perder lá, eles tem que vir aqui. E aí é broca. Não vai ter jogo no Maracanã, não. Marco jogo com eles no campo do Olaria. Daí o Brasil não perde.

E é por essas e outras que eu levo fé no Brasil

Quem não chora não mama (*Última Hora* de SP – Edição de 21/3/1969. Página 10. Caderno1)

Meus cupinchas, o futebol do Brasil é o melhor do mundo. E o de São Paulo o melhor do país. Sem mosquito. Mas só dentro do campo. Fora o negócio é uma caca. Cheio de macetes, mumunhas e os cambaus. Cartolas, cornetas e enganadores, vivem aprontando mil presepadas. Das mais tinhas até as mais bobocas. Cada um querendo adiantar seu lado e estrepando os outros. Ninguém se acanha de armar um salseiro sem razão. A curriola que manda tem aquela cara de pau. E é só não sentirem o pedal pra darem o estrilo. Mas o pior é que não espiam um palmo além do nariz. Não organizam bolhufa. Vão fazendo as coisas a olho.

62 Parece que caberia uma interlocução de Saldanha após esta fala do personagem Derrotista, mas não há conforme o original de jornal.

Meus cupinchas, que a tabela do campeonato paulista é uma droga todo mundo sabe. Tem jogo em cima de jogo. Tudo escalado em cima das coxas. Vão pondo um time contra o outro no vapedevupete. Esse papo de tabela dirigida, os cartolas desconhecem. Ou acham que dá trabalho, ou não manjam mesmo. Então quando eles se reúnem pra escrachar quem joga contra quem, sai aquele perereco. Um time vem lá do fim do mundo pra jogar com o Santos de glórias mil na Vila Belmiro num domingo. Depois volta pra sua terra pra receber na quarta-feira um clube de São Paulo. E no domingo vai outra vez a Santos pra se pegar com a Portuguesa Santista. Aí perde o gás, e fica chiando, espalha pelos jornais que a Federação armou um xaveco e tal e coisa. Claro que qualquer dono de circo fuleiro bolava um roteiro melhor. Mais bem craneado. Porém, os clubes não tem direito de bronquear. A tabela é arrumada com o consentimento de todos. Pelo menos os grandes ajudam a escalar os jogos. Os outros, sei lá. Engolem tudo.

Meus cupinchas, se a tabela é fajuta, a forma de disputa é mais. Esse negócio de classificação é cavernoso. De saída toda a torcida já tirava na pinta quem ia ficar por cima da morisqueta. Botaram o São Paulo e o Corint[h]ians, numa chave, foi de lascar. Deram um bico na Portuguesa. Ela, na série do Santos e do Palmeiras, só podia entrar pelo cano. Qualquer panaca viu isso. Menos os cartolas da Lusa. Como marido de anedota, os distintos foram os últimos a saber. Falo marido de anedota, porque na vida tem nego às pampas que sabe, mas se fecha em copas. Porém, no caso dos majuras do Canindé, eu boto fé que eles não pescaram nada do lance. Aceitaram de bobeira. Pensaram talvez que o timeco deles ia fazer milagre. Se entortaram. O campeonato não está nem na metade, e a cachopa já está fora de qualquer babado.

Meus cupinchas, a Portuguesa que tinha aceitado tudo, sentiu o peso da botota e resolveu desacreditar. Foi na Federação e pediu arreg[!]o. Queria que os classificados de cada série fossem três em vez de dois. Queria chepa. Mas não teve colher de chá. Nem podia ter. Mas a cachopa não quis saber. Em desespero botou a boca no trombone. Encostou os manda-chuvas na parede, e deu o aviso, que se não ajeitarem o babado, ela tira o time de campo. Abandona o campeonato.

Meus cupinchas, claro que se a Lusa der o pinote, o campeonato não perde nada. A Portuguesa tem um timeco que nem fede nem cheira. Mas nesse balaio de gato que é o torneio paulista, uma gronga mais ou menos não faz diferença. Se fosse por mim, eu aumentava pra três o número dos classificados de cada chave. Juro que aumentava. Só pra ver daqui a umas duas rodadas a Portuguesa vir pedir pra passar pra quatro os times da final. Ia ser de rolar de rir.

Se os cornetas não perturbarem esse ano dá Corint[h]ians (*Última Hora* de SP – Edição de 22/3/1969. Página 11. Caderno1)

Meus cupinchas, esse ano pode dar Corint[h]ians. Juro por essa luz que me ilumina que pode. É só os cornetas e os cartolas não perturbarem, o alvinegro de Ogum entra na cabeça; se os urubus não transformarem o time de futebol em carniça, ele embala. Perder do Guarani de Campinas não é o fim da picada. Serve até pra acabar com a marola de invicto. Babado cavernoso que atrapalha pacas. Que pesa, e que não conta muito. O que conta é que o onze mosqueteiro não se

entregou. Perdeu. Mas e daí? Correu pra chuchu⁶³. Deu pau. E até o último minuto estava tentando o gol.

Meus cupinchas, eu tenho dois olhos de ver. E vi. O Corint[h]ians não jogou nenhum futebol maravilhoso. Foi um perereco. Uma grossura. Mas foi o Corint[h]ians. Os jogadores deram o sangue. E é por isso que eu acho que pode dar o Mosqueteiro na ponta. A moçada do parque não joga o fino. Mas está escrachado que estão a fim de luta. É só a torcida dar uma colher de chá, que a zorra encarna na curriola do campo. E aí é fogo. Eles vão buscar o título à dentada. Na amarra. No cacete. Na raça. Se a torcida empurrar, os jogadores conquistam, como foram conquistadas todas as glórias do time do povo. Com a gama pega.

Meus cupinchas, o time atual do Corint[h]ians é até melhor do que o onze que foi compeão do centenário. Naquele, tinha Claudio e Luizinho que estraçalhavam a bola. No de agora tem Rivelino, Dirceu Alves, Servílio, Tales, Eduardo e Paulo Borges que fazem milongas até em seleção. O resto é no cacete. Ditão, Pedro Rodrigues, Lidu e outros têm que ir na velha base do agrião. Como iam Idario, Carbone, Goiano e o gango todo. No berro. Escarrando no inimigo. Baixando o sarrafo. Catimbando. Que isso é Corint[h]ians.

Meus cupinchas, os que gostam de azedar vão gritar que em 54 tinha Baltazar. Que o cabecinha de ouro era demais. Que com ele não tinha por onde. Se a defesa inimiga bobeava, o crio[u]lo guardava. E é verdade. Mas agora tem Benê. É grosso. É burro de bola. Só dá trombada. Mas centroavante tem que ser assim. O Baltazar era assim. Também viviam dizendo que ele só sabia cabecear. E o negrão ia em frente. Porque naquele tempo a torcida não embarcava em canoa furada. Escorava seu time. Se os adversários espalhavam bochichos pra entutar jogador do Parque, os Elizas recebiam o esculhambado com foguetes. O Flávio naquele tempo não entrava na fria que entrou. Nunca. O homem da geral não ia deixar. Quebrava o pau. Ia em cana. Se danava. Mas ídolo do time do povo, ninguém, mas ninguém mesmo atucanava.

Meus cupinchas, o alvinegro de Ogum perdeu pro Guarani. Um a zero. No seu próprio campo. O Corint[h]ians vive um momento difícil. É isso que a gente no teatro chama de nó dramático. O mosqueteiro pode sentir o peso da botota de ir a pique. Mas pode também sentir o calor generoso da torcida e botar pra quebrar. O time do povo vive a sua hora de dar. A hora chave. A hora de lágrimas e desespero. A hora em que o covarde se rende e o macho vira fera.

Meus cupinchas, essa é a hora dolorosa da gente corintiana tomar partido. A hora cruel que não admite neutros. Nem oportunistas. Nem fuxiqueiros. Nem nada. Essa é a hora da torcida do grande Corint[h]ians se levantar unida. De fechar com o time. De deixar os cartolas e os cornetas brigando sozinhos. Eles são lixo da mesma lata. Só querem se badalar. Estão ligando pouco pro Corint[h]ians.

Meus cupinchas, são as ondas dos cartolas e dos cornetas que nesses anos todos têm derrotado o alvinegro do Parque. Nem os atabaques da Penha, nem a fé em Ogum, nem os patuás fortes têm livrado o Corint[h]ians desse carregão forte. São os próprios cornetas e cartolas corintianos, os primeiros a usarem a imprensa pra jogar lama no time do povo. Agora chegou a hora da torcida dizer não aos traidores e somar com os jogadores. Não escutar rádio, não ler jornal, não ver televisão, onde os canalhas revolvem a sujeira que eles mesmos criaram é a palavra de ordem. O lance é ser corintiano no campo, berrando da geral.

63 Termo atualizado; no original de jornal consta “xuxu”.

Juiz português, melhor jogador do Palmeiras (*Última Hora* de SP – Edição de 24/3/1969. Página 11. Caderno1)

Meus cupinchas, sempre que acaba o jogo, o Walter Abrão, o Geraldo Bretas e o Picapau escolhem o melhor craque de campo e lhe dão um rádio de presente. No jogo do Palmeiras com o Santos de glórias mil, eles escolheram o Copeu. Charlaram que o ponta piriquito [sic] acabou com o Rildo e com a partida. Erraram. A equipe do meu chapa Walter Abrão errou. Copeu não foi o melhor homem nem do time do Parque Antártica. Tá certo que o cara perturbou a defesa do alvinegro praiano. Fez um belo gol e tal e coisa. Mas, mesmo assim, ele não foi o melhor jogador nem do Palmeiras. Não merecia radinho de homenagem.

Meus cupinchas, o melhor jogador do Palmeiras não estava de camisa verde, não carregava emblema do clube como seus onze companheiros. Estava de roupa negra e de apito. E sem tocar na bola, ele parou o Santos de glórias mil. Fez misérias. Avacalhou o time peixeiro. Foi esse cara que se dizia juiz que fez a curriola santista amargar uma derrota. Foi o português (esse juiz é lá de santa terrinha), que permitiu que o Cesar trepasse na garupa do Ramos Delgado e marcasse o primeiro gol. Não apitou um pênalti claro, claríssimo, em cima do Toninho. Esse pênalti era tão pênalti, que no meio-tempo o centro-avante do alvinegro praiano se rachou:

– O burruca não espia nada. Foi um pênalti tão escrachado, que ele devia mandar bater três vezes, se fosse preciso, até a bola entrar.

Meus cupinchas, teve mais. Muito mais. Teve uma hora lá que o Pelé engrupiu meio time do Palmeiras e encarou o goleiro. Aí a zaga alvi verde baixou o sarrafo. Sem dó. Como manda o figurino. E estavam certo. É preferível fazer pênalti do que deixar o crioulo chutar. E foi na base do agrião. Pelé tomou o cacete. Bateu com a lata no chão. Ficou estarrado. Sem nenhuma dúvida estava dentro da área. Mas, o juiz se enrustiu. Aqui ói, que ele apitou. Seria o gol do empate do Santos de glórias mil. Mas, o português salvou. E daí pra frente, o cara ficou impossível. Fez cera pacas. Defendeu o resultado. Merecia o radinho de prêmio pelos seus esforços. Merecia tanto quanto o Walter Abrão mereceu a homenagem que os baianos lhe fizeram por ele ganhar o Roquete Pinto. Chamaram o moço lá na Bahia e badalaram às pamparras. Botaram ele pra narrar o jogão de lá: Ipiranga e Bahia.

Meus cupinchas, quando cartola se mete a ter ideias, pode apostar que sempre vem um troço contra o futebol brasileiro. O que é que a Federação tinha que contratar esse juiz português? O cara é ridículo. Tem uma barriga de sete meses. Não pode correr. Não acompanha uma jogada. Não está nunca perto do lance. No jogo do Santos de glórias mil contra o Palmeiras, o panaca se perdeu. Só não teve grongas maiores porque os times em campo eram formados por profissionais conscientes. Mas, o português fez tudo pra armar um salseiro.

Meus cupinchas, a Federação manda buscar esse lixo de juiz na Europa e deixa o Zé Astolfi, o Olten Aires de Abreu e outros bons juizes brasileiros encostados. Por que? Por que? Não são bons? Mentira! Qualquer um deles só com um olho apita melhor que o labrego. Então por que? Será que são ladrões? Grupo! Ninguém prova nada contra eles. A Federação não gosta de quem banca boca-dura. E o futebol brasileiro é que aguenta as frescuras da Federação.

Pau no juiz português (*Última Hora* de SP – Edição de 25/3/1969. Página 11. Caderno1)

Meus cupinchas, o babado continua o mesmo. O juiz labrego. Ele não me sai da cuca. Em todo boteco que eu entro, o papo é o mesmo. Todo mundo acha que o português avacalhou o jogo do Santos de glórias mil contra o Palmeiras. Um esculacho. E quem foi prejudicado foi o time peixeiro. O alviverde jogou encolhido. Como timeco mixuruca. Na base do chutão pra frente. Deu sorte de fazer dois gols. Um do Cesar, outro do Copeu. O outro foi o juiz quem fez. Deixou o Cesar montar no cangote do Ramos Delgado pra com esse apoio chifrar a bola. Até o Alberto D'Aversa, esse grande homem de teatro, que é palmeirense de abanar bandeira no campo, reconheceu que o juiz é fajuto. O Lau barbeiro, único torcedor juventino que eu manjo, que é anti-Santos desde o dia em que o alvinegro praiano meteu dez pepinos no time da Mooca, achou o apitador labrego um panaca. O Carlão Caxambu, que está fazendo um bruta papel no filme "Nenê Bandalho"[,] que o Emílio Fontana dirige, também se flagrou nos mecetes do juiz cutruco. O Carlão é corintiano de guerrear à pedrada a curriola do Paulista de Jundiaí. Maneco Quitandeiro, português de rasgar carteirinha quando a Lusa do Canindé perde, está envergonhado com o patricio. Inácio de Loyola, um dos melhores contistas brasileiros. Cara pra frente. Torcedor da Ferroviária de ir à Araraquara ver seu time jogar com o América, achou o juiz português o fim da picada. O Ademir Rocha, meu companheiro de mambembe, que anda aí pelo mundo fazendo os "Dois perdidos numa noite suja". O Ademir que vai sexta-feira que vem a Andradina e sábado a Dracena fazer espetáculo da minha peça querida. Ele, Ademir Rocha, galã de novela e torcedor do São Paulo, se doeu com o juiz da santa terrinha. E mais. Muito mais gente azedou com o cutruco. Maria Della Costa, a maravilhosa torcedora do Internacional de Porto Alegre, Walderez de Barros que torce por mim, Lima Duarte, Luiz Gustavo, Dona Valeta, Chiquinho Pé de Breque, Barreto, Tião Guiné e um gango que não tem mais tamanho estranhou o juiz. O Walter Forster. Vejam vocês. O Walter Forster, corintiano pacas, vai fazer promessa pro labrego não apitar nenhum jogo do time do Parque São Jorge.

Meus cupinchas, Benedito Corsi, o diretor do "Cinto Acusador"⁶⁴, que vai fazendo brilhante carreira no Auditório Itália. Peça bidu que tem Yara Amaral, Walderez de Barros e outros, está bolando uma passeata contra o juiz português. Marília Pera, grande atriz de "A Moreninha", já está pintando tabuleta contra o cutruco. Ninguém se corforma com o cara. Ele prejudicou o Santos de glórias mil.

Meus cupinchas, o português não é ladrão. Não. Isso ele não é. Esse juiz é honesto. Só que não espia nada de futebol. Tem uma barriga de sete meses, não pode correr. Não pode ficar em cima do lance. Só mesmo a Federação Paulista é que podia entrar nessa fria, ir buscar um bagulho estrangeiro e deixar Zé Astolfi, Olten Aires de Abreu e outros bons juízes brasileiros encostados.

Meus cupinchas, quem disse bem foi a Miriam Mehler:

– Juiz português só com bola quadrada.

O vídeo tape é mentiroso (*Última Hora* de SP – Edição de 26/3/1969. Página 11. Caderno1)

Meus cupinchas, o barbeiro Lau, único sofredor juventino que eu manjo, fundiu a cuca. Depois de atapetar seu salão com flâmulas grenás, o bicho teve um

64 Termo atualizado; no original de jornal consta "O Cinto Acusador".

ataque de alegria. Se meteu a tirar sarro no Santos de glórias mil. Charlou as maiores besteiras da paróquia. Chegou a falar que no segundo turno, o clube da Mooca vai meter camisa verde pra encarar o time peixeiro. Diz o desesperado grená que a moçada do alvinegro praiano fica de bobeira quando vê camisa verde pela proa. O fígaro chia mais, aponta Palmeiras e Guarani como prova do seu xaveco, só porque os dois têm camisa verde e beliscaram o Santos de glórias mil.

Meus cupinchas, esse troço de camisa verde é bafo de boca. O timão peixeiro perdeu do time índio por perder. São coisas do futebol. Um dia da zebra. E com o Palmeiras todo mundo viu. A gronga foi no apito. Foi o juiz português que a Federação inventou, que parou o glorioso alvinegro praiano. No primeiro gol do Cesar, o centro-avante trepou no cangote do Ramos Delgado e chifrou a bola. Assim é que foi. Não adianta o barbeiro Lau cartear que assistiu vinte vezes o vídeo tape e nem sequer viu o Cesar dar um tranco no Delgado. O bicho não espiou nada. Ele jura por tudo que é santo que o atacante alviverde nem relou no beque santista. Não deu nenhum esbarrão. Nenhum esbarrãozinho. E com o fígaro juram uns cem panacas. Tudo gente engrupida. Majuras que não sabem das coisas. Que engolem o vídeo tape. Gente que não sabe que o vídeo tape é mentiroso.

Meus cupinchas, o vídeo tape é mentiroso. Eu mesmo cansei de gravar novela vestido com roupa fajuta e sair no ar todo almofadinha. O vídeo tape não registra detalhe. Eu não me fio no tape. Aposto mais no olho do Walter Silva, o Picapau. Ele sabe ver futebol. O Picapau sabe. E viu o trambique do Cesar. Como eu próprio vi, e como o Ramos Delgado escrachou. Só o juiz labrego e o vídeo tape não flagraram o lance. Eles são lerdos demais pra marcar um centroavante do cacete como o Cesar. O vídeo tape deixa de lado. Ele não pesa na balança. Agora o árbitro labrego é um esquinapo. Melhor que ele tem aos montes aqui no Brasil. Aos montes. E desempregados. O que é um crime. Um péssimo juiz, um cara que não vai acrescentar nada ao maior futebol do mundo, tirando emprego de brasileiro. Só mesmo na nossa pátria querida acontece esses pererecos. É de doer. No teatro também é assim. Aqui está cheio de ótimos diretores e tem empresário que vai até à Europa contratar bagulho. Gente que não tem bolhufas a ver com a nossa cultura, nem com o nosso povo. Gente que vem aqui escarrar regras. Gente que engana pacas, pega a nossa grana e dá pinote. Deixando os seus contratantes falando sozinhos. Dizendo que o teatro está em crise e tal e coisa. Porque estrangeiro vigarista engana os cartolas que são doidos por uma badalação. Mas não enganam o povo. O povo não embarca em canoa furada. E se sente que a botota é encardida sai fora.

Meus cupinchas, a gente precisa dar valor ao que é nosso. Dar condições de trabalho para a nossa gente. Escuto com espanto os avacalhadores esculhambarem as nossas coisas. Cartolas e cornetas afirmam que juiz de futebol brasileiro é de nada, é ladrão, é vedete, é mixuruca e os cambaus. Porém, eu garanto que se os árbitros práticos tivessem garantias de trabalho constante, certeza que as escalações não iam ser feitas nos conchados dos cartolas e bons salários, o Pelé dos árbitros ia ser brasileiro, fácil. Porque o nosso é o melhor futebol do mundo.

Meus cupinchas, já que falei de dar valor pro que é nosso, vamos em frente. A Petrobrás vai fazer uma exposição. A Petrobrás é nossa, muito nossa. Vamos lá dar uma força, que um povo só cresce quando acredita em si mesmo. No caso do juiz labrego é como diz o Marcos Plonka:

– Esse labrego, nem pra ser extra da novela Antonio Maria.

Português engrupiu brasileiro. E não é anedota (*Última Hora* de SP – Edição de 27/3/1969. Página 11. Caderno1)

Meus cupinchas, o futebol brasileiro é o maior do mundo. Disso ninguém duvida. Mas só dentro do campo. Fora é do cacete. Tem mumunhas de todos os jeitos. As presepadadas que os cartolas aprontam são de lascar. É só eles se meterem a ter ideia, pra vir besteira. O juiz português está aí mesmo pra provar. É filho de reunião da cartolagem. Sente o peso da botota. O sr. Américo Egídio Pereira deu um plá pra um jornal escrachando como o bruto foi contratado. Diz o sr. Américo que a Federação foi na Argentina procurar árbitros, não achou. Então escreveu pra Federação Portuguesa pedindo indicação do melhor árbitro português e sua folha corrida. Os lusos dedaram o sr. Joaquim Campos, e os paulistas contrataram. Simples. Rápido e rasteiro.

Meus cupinchas, parece anedota. Só que os vivos da história são os portugueses e os panacas os brasileiros. Os lusos conseguiram engrupir direitinho a Federação Paulista. Venderam um bonde. Venderam gato por lebre. Capim por maconha. Fajutaram às baldas. Só mesmo cartola brasileiro é que podia embarcar nessa canoa furada. Não porque sejam burros. Isso não. Os nossos cartolas até que são os mais sabidos. Por isso são cartolas. Andaram nas melhores escolas, são os mais bem alimentados, viajam pelo mundo todo, veem coisas que a maioria da torcida, se conhece, é de escutar dizer. Só entram em grupo porque são folgados. Não querem fundir a cuca. Fazem tudo a olho. Estão pouco ligando para o destino do nosso futebol.

Meus cupinchas, se os cartolas brasileiros fossem um pouquinho mais ligados, não entravam nessa fria. Juro por essa luz que me ilumina, que não entravam. Qualquer cara que já assistiu uma partida de futebol, uma apenas, olhava pro papa bacalhau e se mancava que ele não tinha pinta de juiz. É coroa. Tem quarenta e quatro anos. Uma barriga de sete meses. Não pode correr. Sem contar que o labrego não espia nada de bola, mas só de meter as botucas no bruto, a gente já vê que ele não dá pé. Mas os cartolas o contrataram por uma grana sonora. Mas que é que tem? O dinheiro atirado no lixo não é o deles. Então se dane.

Meus cupinchas, é um perereco. O futebol brasileiro só não vai pro vinagre de uma vez porque os nossos jogadores são mesmo os cobras. Se dependesse dos cartolas, pode apostar, a gente era o Jabaquara do mundo. A caixa de pancada. O esparro. Contratar o labrego por dica da Federação Portuguesa é demais. Quem não se manca que os lusos não iam deixar o bom sair? Só mesmo os manda-chuvas da Federação Paulista. E foi nessa que os portugueses conseguiram se livrar do labrego. Foi de entortar os patulês. Brasileiro entrar bem com português é do cacete. Acabou com as piadas de cutucro. Os baianos que aguentem o sarro, que depois dessa não vamos poder mais fazer marola com burruga. Os otários somos nós.

Meus cupinchas, o Airton Rodrigues, que é torcedor fanático do Guarani de Campinas e torce pro Corinthians meio de araque, já falou:

– Se escalarem o labrego pra apitar jogo do meu time, convido o bruto pro Almoço com as Estrelas e sirvo maionese envenenada.

O palavrão é santo e incompreendido (*Última Hora* de SP – Edição de 28/3/1969. Página 11. Caderno1)

Meus cupinchas, quanto mais eu rezo, mais assombração me aparece. Sente o peso da botota. Não se pode mais falar palavrão em campo de futebol. Juro por essa luz que me ilumina, que não pode. É o esquinapo. Mas não pode. Palavrão dá cana. Se o juiz estiver metendo a mão no time da gente, o lance é se trancar. Xingar a mãe do homem do apito, é galera certa. Não tem por onde. A pé arrasta o majura boca suja. Isso tudo para que as famílias possam fazer piquenique na geral. Porque pra torcer ninguém vai mais. Não dá pedal. Com a bronca controlada a torcida se encabula. Se fecha em copas. Perde o embalo. Não agita bandeira, nem nada. E é por essas e outras que as rendas vão para o vinagre. A curriola que berra vai se escamar. Claro que vai. Futebol sem palavrão não agrada.

Meus cupinchas, a língua do povo não é a que está nos dicionários e nas gramáticas. Não é a que os sábios ranhetas boquejam nos inúteis papos dos corredores das academeias de letras. A língua do povo é a que o homem da rua fala. Com palavrões e gírias pacas. É com esse plá que a curriola se liga fácil. Não com as mumunhas cavernosas do bafo de boca cheio de frescura. A gente da geral fica à vontade quando pode meter a boca no trombone e xingar à vontade a mãe do juiz. Ofender o cara do apito é uma tradição popular. O palavrão é o desabafo. O frescor pra mil pererecos da vida. O palavrão é santo e incompreendido. O palavrão é o psiquiatra do pobre. Com um berro sonoro, o majura da geral tira pilhas de minhoca da cuca.

Meus cupinchas, mãe de juiz nasceu pra ser xingada. É lindo quando uma torcida em coro esculacha um trambiqueiro. É claro que são esses babados que dão alegria ao futebol. A maior tristeza da paróquia seria gango corintiano meter ficha contra o árbitro chamando o cara de bobão. Seria o fim da picada. O Brasil começava a perder a copa do mundo aí.

Meus cupinchas, no teatro também teve muita marola contra o palavrão. Os moralistas de araque se invocaram. Eu penei na opinião dos quadrados. Liberar a “Navalha na carne” foi uma batalha. Tivemos que fazer muita força. MAS A PEÇA FOI LIBERADA. E o povo se mancou que a linguagem da Navalha era sua própria e fez a abertura. Todo mundo que é inteligente, entendeu de saída que com palavrão e tudo a minha peça era moralista. E a “Navalha na carne” emplacou. Ficou um ano e quatro meses em cartaz aqui em São Paulo. Seis meses na Carica. Visitou tudo quanto foi cidade do interior e nunca deu bochicho. Multidões assistiram a “Navalha na carne”. Umass duzentas mil pessoas ligaram suas antenas na peça. E só umas poucas amearam o estrilo. Eram tão poucas que quem quis marchar contra ela entrou pelo cano.

Meus cupinchas, quando eu estava com a “Navalha na carne” e os “Dois perdidos numa noite suja” em cartaz, alguns empresários panacas montavam pecinhas água com açúcar e mandavam brasa contra mim. Os trouxas anunciavam com bastante zoeira, “peça familiar, não tem palavrão”. E todos caíram do cavalo. Ficaram falando sozinhos. O povo preferia as minhas peças que eram simples. Com linguagem do dia a dia. Palavrão e gíria à vontade. Que é assim que o povo fala e entende.

Meus cupinchas, a linguagem do povo brasileiro é das mais poéticas do mundo. Com palavrões e gíria. O blá-blá-blá da gente é sonoro. Os livros estão longe do alcance da maioria. Todo mundo sabe disso. Então pra que complicar? Pra que proibir o homem da rua de se expressar com a pureza do palavrão? Pra que dar cana no torcedor que quer xingar o juiz num campo de futebol? Isso não leva a

nada! É violência! Na base do cacete, o torcedor se acanha. Claro. Mas não vai pagar ingresso pra sofrer.

Meus cupinchas, querer mudar o jeito de um povo falar é broca. Me faz lembrar a história daquele baiano que foi pra Inglaterra, ficou lá um ano e voltou mudo. Não aprendeu a falar o inglês e esqueceu o português.

Nessa pelada eu não vou (*Última Hora* de SP – Edição de 29/3/1969. Página 11. Caderno1)

Meus cupinchas, no pega pra capar entre Corinthians e Palmeiras eu passo. Vou à Dracena fazer minha peça querida, “Os Dois perdidos numa noite suja”. Comigo vão o Ademir Rocha, o Carlão Caxambu, o Nelson Tomada e o Toninho Mattos. Por esse lance, a gente vai perder a pelada. Mas não é grande coisa o que a gente perde. Não que o time alviverde e o clube de Ogum não possam fazer um grande jogo. Os dois estão dando o sangue. Os periquitos, apesar de terem o milongueiro Filpo como treinador, vão bem. E o mosqueteiro está com a gana pega. O perereco está na gronga que os cartolas aprontaram pra torcida. Proibiram palavrão até na geral. E sem xingo o futebol vai pro vinagre. As bandeiras são enroladas. E os cobras no campo não vão ter embalo. Então fica uma caca. Um joguinho de tanto faz como tanto fez.

Meus cupinchas, todo espetáculo depende do público. Teatro, futebol e os cambaus. Não adianta a gente apresentar um grande texto com Juca de Oliveira, para uma plateia de uns seis ou sete gatos pingados. O Juca está entre os maiores atores do mundo. E isso não é bafo de boca não. O cara é bom. Está pro teatro como o Pelé está pro futebol. O Juca se comunica com grande facilidade. Só que se o gango que estiver de botuca ligada nele for pequeno, já viu, ele rende menos que renderia para uma multidão. Jogador de bola no Brasil é um artista. Os cartolas não acham. Acham que eles são escravos. No teatro e na televisão também é assim. O empresário também é assim. O empresário é doido pra aprontar. Mas deixa pra lá. O que conta é que jogador é artista. E se a casa não estiver cheia ele rende menos. Se não sentir o embalo da torcida, o craque se acanha. Como qualquer ator do mundo. E como é que a torcida vai dar aquele plá se não pode falar palavrão?

Meus cupinchas, o futebol brasileiro é o maior do mundo. Disso ninguém duvida. Mas só dentro do campo. Fora está cheio de mumunhas escamosas. Os cartolas aprontam presepadas que até Deus duvida. Contratar o juiz português que tem quarenta e quatro anos, uma barriga de sete meses, não espia um lance, não pode correr, é coroa, burro de bola e tudo, depois botar o labrego pra apitar um clássico e não querer que a torcida xingue a mãe do burruca é o fim da picada. É pedir pra torcida não ir no campo. É querer acabar com o futebol. É um bruto xaveco.

Meus cupinchas, o grande Sergio Porto, o nosso querido Stanislaw Ponte Preta que se apagou de tanto lutar pra fazer os cartolas de todos os jeitos se mancarem das coisas, já rachava – que a torcida de futebol vaiava o juiz até quando ele apitava um minuto de silêncio. E é verdade. Só que vaia de povo não é só assobio. Tem palavrão pacas. É o xingo de graça. É gozação. É desabafo de gente sofrida. E o juiz sabe disso. O bom apitador nem se afoba com o estrilo da torcida. E pro fajuto qualquer coisa atrapalha. Vê se o Armando Marques perde o rebolado quando o estádio inteiro em coro, esculhamba ele? Aqui ói! Ele nem se toca. O Armandinho é o bom do apito. Tem categoria internacional. Não balança por tão

pouco. Quando a multidão chia, ele se espalha. O Armandinho só vai estranhar quando entrar em campo e não for xingado.

Sucessos e fracassos⁶⁵ (Última Hora de SP – Edição de 30/3/1969. Página 12. Caderno1)

Eu ainda era pivete quando uma bola maluca me bateu na cuca. Eu quis ser artista. Eu nunca deixo pra lá. Peguei embalo e meti as caras. Arranjei uma baba no Pavilhão Teatro Liberdade. E lá, como extra de circo, aprendendo as mumunhas da profissão com o Zé Garrafa, Eli Araújo, Carvalhinho, Anita, Zeca, Picolé, Aurora Viana, Julia Faia, Biloca, Chuca Viana que foi goleiro do Juventus e outros. Foi essa gente que me deu as primeiras dicas dos macetes do palco. E foi uma grande escola. Onde não tinha moleza. O pão daquela gente, era a grana que o público largava na bilheteria. E quem paga entrada, não se engana. Se gostam, voltam. Senão, não mesmo. Não adianta badalação de crítica, nem onda de publicidade. O nêgo que assiste dá a ficha pros seus cupinchas. E é esse plá que conta. Gente que vidrou num espetáculo traz gente. Sempre foi assim. E sempre será. O pessoal do Pavilhão Liberdade sabia disso. E ninguém escondia o leite. Cada um que entrava em cena, dava o melhor de si. E foi por essas e outras que o teatrinho ficou cinco anos na mesma praça. Cinco anos. Não é bafo não. Juro por essa luz que me ilumina. O Pavilhão Teatro Liberdade ficou armado cinco anos na avenida Pedro Lessa, esquina do canal da Almirante Cócrane. Dando espetáculo todas as noites.

Depois veio a televisão e o circo foi pro vinagre. Abandonado pelas autoridades se apagou. Só não sumiu de vez, por causa de alguns poucos artistas que não se rendem. Preferem a poesia do mambembe. E sem tomarem conhecimento da realidade, vão levando a lona esburacada daqui pra lá, de lá pra cá. Só nas paqueras da vida. Porque sabem o que diz o Zagaia:

– Gama de fé não murcha.

E se o Zagaia diz é que é. Os artistas de circo amam a profissão. E vão firmes a cada glória[,] até o último sopro de esperança. Eu cheguei já no fim do tempo bom. Encarei a agonia e a luta de alguns saltimbancos. O que mais me tocou foi Sandrino, o mágico. Ele já vinha machucado das quebradas do mundo. Depois de ter brilhado nos maiores cassinos de Paris, Londres, Itália e os cambaus, caía pelas tabelas. E de tombo em tombo, veio parar no Pavilhão Liberdade.

Mas o teatrinho estava no perereco. Os cobras tinham dado o pinote. O pesqueiro mixou e eles foram em frente. Eu, o Silva electricista e o Turato é que remávamos o barco. Só por vaidade. Dinheiro mesmo não entrava. Mas a gente não queria saber. Eu ataquei de palhaço. Fiquei sendo Frajola. Não era muito engraçado, não. Mas andava feliz da minha vida. O Silva virou Sirva, o comedor de fogo. Agradava menos que eu. Mas também andava contente. E o Turato era o locutor. Não mudou de nome. Nem ria muito. Era chato ficar das três da tarde às nove da noite, gritando num microfone, o cartaz do Frajola e do Sirva, dois batusquelas que ninguém queria ver. Ainda mais sabendo que os dois majuras ficavam no boteco da esquina conferindo o blá-blá-blá e fazendo marola. E foi aí nessa gronga que o grande mágico Sandrino entrou.

65 Crônica incompleta: trecho suspenso no último parágrafo compilado. Revisitar o original em tempo.

Pra nós, ele era a salvação da lavoura. Pra ele era um batente a mais ou um degrau a mais que ele descia. Não se entusiasmava muito com o nosso assanhamento. Mostrava o álbum de recorte, e escrachava seu passado, cheio de luxo, mulheres bonitas e mistério. Tomava garrafas e mais garrafas de birita com a nossa bufunfa e não se ligava pra nossa zoeira. Não percebia que até o Turato, já charlava com ânimo a propaganda do espetáculo. O Sandrino não vibrava mais com as estreias. Nem com a que a gente armou pra ele. Esperou a hora de cara cheia. Sem se afobar. Só lembro que ele pediu um baralho novo. Mais nada. A gente trouxe um velho. O Sandrino nem chiou. Vestiu um esmoque meio esculhambado. Olhou pelo buraco da cortina, viu os trinta gatos pingados que estavam lá pra manjar seu número. Contou pra nós uma história do seu tempo de Paris, onde ele fez uma temporada tão maravilhosa, que o público até se unhas na porta pra pegar lugar. E foi pro palco. Meteu a bicaria na moçada da plateia. Ele tinha classe. Mesmo bebum, sabia vender o peixe. Enrolou, enrolou e partiu pro primeiro truque.

O Sandrino fez sumir a carta. Todo gango aplaudiu. Eu[,] o Sirva e o Turato espumávamos de alegria. Fazia tempo que a gente não escutava naquele Pavilhão, o barulho das palmas. Mas de repente veio o uivo que a embanou mais. De tudo quanto era canto, da gola, dos bolsos, do sapato. Juntou no palco uns três baralhos. Só o maldito az que ele escondeu não apareceu. Sumiu.

Tivemos que devolver a grana dos que pagaram entrada. E ainda demos sorte de não tomar uma biaba. Estávamos tão avacalhados no bairro que resolvemos mudar o Pavilhão. Fomos desmontando tudo, metendo no caminhão. Quando tiramos a última tábuia do palco, nossas botucas bateram no az. Ele estava no chão. Meio sujo de lama. Mas rindo da gente. Só aí flagramos o esquinapo. O Sandrino ao esconder a carta, tinha deixado ela cair pelo vão das tábuas. Foi uma pena. Por causa disso, tivemos que desmontar o pavilhão. E o pior é que nunca mais conseguimos montar de novo. Ele já estava tão podre que se desmanchou. Um dia o Zé Garrafa soube do caso e disse:

– Pois é meu chapa. O Pavilhão se acostumou com o sucesso. Quando fracassou se desmanchou.

E foi assim com o Sandrino. Logo depois[,] ele morreu. [A] gente conhecia bem. A vaia. Sonora. Cheia de assobios.

O nosso mágico tinha fracassado. Escondeu um Az. Quando fez aparecer era um rei. Quis consertar, se

Comigo não[,] Dedão (*Última Hora* de SP – Edição de 31/3/1969. Página 10. Caderno1)

Meus cupinchas, nossa coluna está pegando. Já tem cara da crônica chiando. Claro que não são os cobras. Os mestres nem se abalam. Eles sabem o valor que têm. Agora os pé-de-chinelo são fogo. É só aparecer mais um, para eles ficarem perturbados. Fica com medo de caírem do cavalo. Não sabem que o sol nasceu pra todos. E que é só falar o que pensa sem medo, que dá certo. O povo sabe sentir quem é independente e quem tem arreglo feito nas moitas. Nossa gente não é burra. Nunca foi. Pode não ter cultura. Mas panaca nossa gente não é. Não embarca em canoa furada. E escolhe sempre os seus artistas, cronistas, escritores pelo que eles falam e pela forma como falam. Quem complica se estrepa. Pode até estar levando um papo certo, mas se for todo cheio de mumunhas entra pelo cano. Agora se o

nego abre o bico só pra engrupir, daí está sem jeito. Vai bater com a fuça no chão. Falar sozinho. Não vai enganar a moçada que paga entrada. É mole tapear o patrão. Cartola entra em qualquer elogio. Mas o homem da rua não tem por onde. Eu sei disso. Só racho o que sinto. E é essa razão do meu sucesso. Charlo só as coisas em que boto fé. E faço na língua do meu povo. Que é com quem estou interessado em falar. E aqui não tem mosquito. Não adianta um papagaio enfeitado ocupar o microfone pra pedir para as autoridades pegarem [n]o meu pé. Eu sou barra limpa. Tudo que faço é escrachado. Aberto. Defendo os meus pontos de vista com energia. No jornal, no teatro, no cinema, na televisão ou aonde [sic] for. Mas isso não é crime. Podem todos os cagoetas [sic] do mundo me dedarem de comunista, de agitador e do que quiserem. Enquanto eu tiver um espaço vou firme na minha fé.

Meus cupinchas, quem tem medo do palavrão são os moradores de araque. Os que fazem campanha contra o palavrão só querem engrupir. Eles nunca vão entrar de sola nos problemas do futebol. Vão é ficar sempre fazendo marola. Mandando o torcedor que xinga o juiz, que mete a mão no seu time, pra cadeia. Mas nunca vão se doer com as grandes imoralidades do futebol.

Meus cupinchas, um xingo é um desabafo. É uma tradição da geral. Desde que o futebol existe o palavrão foi usado. E nunca ninguém deixou de ir a campo por causa disso. O gango que torce se encolhe é com o preço da entrada. Nunquinha com o palavrão.

Meus cupinchas, o palavrão não é imoral. O palavrão é força de expressão das mais sinceras. Até os cartolas nos seus raros momentos de autenticidade metem um palavrão. Imoral, sujo, nojento são os trambiques nos corredores. Imoral é o que a Portuguesa do Canindé está fazendo com o Augusto. Imoral foi o que o Palmeiras fez com o Ferrari. Imoral é a lei do passe que escraviza os craques. Os melhores craques do mundo.

Meus cupinchas, com a gente é na base do agrião. A gente sabe bem que tem muito panaca que só engana. Que nunca vão botar o dedo na ferida podre do futebol. Não vão desagradar cartola. O negócio é cavar viagem.

Meus cupinchas, os caras vêm feito pra cima de mim, porque acham que eu estou pedido pela cana. É fácil malhar do lado do mais forte. Mas comigo eles se enganam. Sou limpo. Jogo limpo. Respondo pelo que faço. E tenho o respeito até dos censores. Com quem discordo com frequência.

2.4 – As crônicas de abril de 1969 – Coluna *Navalha na carne*

Lau barbeiro, um sábio (*Última Hora* de SP – Edição de 1/4/1969. Página 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, nessa marola de palavrão, quem está certo é o Lau barbeiro, o único sofredor juventino que eu manjo. Ele está certo. Escracha o lance direitinho. Nos bochichos cavernosos que aconteceu no seu salão, o fígaro bota a redonda no chão. Ele acha que o palavrão é um desabafo. E dá um exemplo. O lance do melê⁶⁶ na área do Palmeiras, a bola foi daqui pra ti, acabou sobrando pro Eduardo, o ponta mandou pra frente de primeira, com bom destino, o Chicão andou,

⁶⁶ É preciso checar se “melê” é uma gíria de uma situação ou jogada de futebol, ou se seria o nome de um atleta de jogo.

a torcida se levantou, as bandeiras do alvinegro se abanaram, o grito de gol ficou armado em mil bocas, mas o Zeca, beque alviverde em cima da risca salva de cabeça. A torcida larga um palavrão. Justo. Um palavrão puro. Um desabafo espontâneo. Um palavrão que não ofende ninguém. Um palavrão de santo, válido, sonoro, maravilhoso. E só os hipócritas podem se invocar com esse palavrão.

Meus cupinchas, o que a polícia deve guindar pra cadeia, são os inconvenientes. Os caras que vão no campo só pra armar barulho. Os panacas que não torcem pra time nenhum e brigam com quem berra por seu clube. Agora sente o peso da botota. O majura pode ser inconveniente sem dizer um único palavrão. Pode sim. Então a campanha da pá deve ser feita contra os perturbadores e não contra o palavrão, legítimo desabafo de quem pena por seu time e por outras grongas da vida.

Meus cupinchas, o Lau barbeiro, único sofredor juventino que eu manjo, e que anda rindo sozinho só porque há três partidas seu time não perde, está por dentro das mumunhas. Eu fico com ele que é cara de geral. E vou em frente. Acho que o palavrão é uma palavra como outra qualquer. É força de expressão. É modo de falar do povo. E eu nas minhas peças vou continuar usando a linguagem que é a da minha gente. Continuo sim. Porque eu quero ser entendido é por brasileiros.

Meus cupinchas, tenho na minha casa e posso mostrar pra quem duvidar, pilhas de cartas de todo o mundo. É gente de toda parte pedindo o direito de montar minhas peças. Alemanha, Estados Unidos, França, Inglaterra, Itália, Argentina, México, Chile, Uruguai e os cambaus. Tem país que até eu pensei que tinha acabado e de repente me aparece pedindo peça. Eu deixo eles montarem. Aí eles penam na tradução. Quando vertem o meu plá pra língua deles, a peça perde a força. Até em Portugal foi assim. A Companhia Vilaré, das mais importantes de lá, está aí mesmo pra não me deixar mentir. A nossa língua é poética, é sonora, é forte e é bacana. Não a que está nas gramáticas e nos dicionários. Mas a que o povo fala. Que é como eu escrevo. Podem os estrangeiros, por falta de palavras, deixarem de montar minhas peças. Eu perco uma boa grana. Mas juro por essa luz que me ilumina, que me orgulho de escrever como minha gente fala.

Meus cupinchas, sábado de aleluia eu estreio minha peça mais querida no Teatro de Arena – “Dois perdidos numa noite suja”. Curta temporada. Vê, mesmo que chova.

A Carica e seus esquinapos (*Última Hora* de SP – Edição de 2/4/1969. Página 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, o futebol da Carica está um perereco. Acontece coisas de fundir a cuca de qualquer um. Depois do Maniceira, beque gringo que jogava no Flamengo se arrancar do campo, só porque resolveu não brincar mais; depois do goleiro do Vasco ter jogado a bola dentro do seu próprio gol empatando o jogo pro inimigo; depois do Flávio, aquele que foi do Corinthians, fazer três gols numa partida; depois de um tal de Alvares, refugo do Fluminense, que angana no Campo Grande, convocar a imprensa para uma entrevista coletiva, a fim de comunicar que melhor que ele no Brasil, só Gerson; depois da imprensa escrachar o lance do tal de Alvares; depois do Brito, jogador vascaíno, convocado pra seleção canarinho, arrancar a chuteira do pé, fazer dela um cacete e correr atrás da torcida do seu time; depois do presidente do Bangu botar a boca no trombone para anunciar que o juiz Sansão meteu a mão no seu time em favor do Botafogo, porque não queria perder o

emprego que tem numa secretaria do Governo onde o manda-chuva é um cartola do clube da estrela solitária; depois de tudo isso, a gente estava achando que só faltava um disco voador num dia de um grande clássico, baixar no meio do Estádio Mário Filho, vulgo Maracanã, e roubar a bola, da pelada. Mas que nada, teve mais grongas cabulosas.

Meus cupinchas, sintam o peso da batota⁶⁷ carioca. O Flamengo, o time do povo de lá, o querido Mengo que arrasta multidões para seus jogos, o rubro-negro de glórias mil, time onde já jogaram Domingos da Guia, Zizinho, Leônidas, Peracio e tantos outros grandes craques, o Flamengo cheio de orgulho e tradição, ganha do Madureira, de um a zero, e a sua torcida, a imprensa e tudo quanto é badalo que estava dando sopa, comemoram o troço como se fosse a decisão do título mundial. E não era nem a final do campeonato. Era um joguinho de um grande contra um pequeno. Desses que o timão entra em campo já contando os pontos ganhos. Mas lá na Carica a vitória do Mengo foi festejada com carnaval. Teve a maior zoeira. As maiores presepadadas.

Meus cupinchas, o Madureira que é o que há de escamoso em matéria de futebol. O tricolor suburbano que tem como tradição disputar a lanterna do campeonato carioca com o S. Cristóvão. O Madureira que é a caixa de pancada, que é pior que a bandeira Paulista da Vila Maria, time do meu chapa Azulão, perde de um a zero do Mengo e o Rio entra em reboliço. Só porque um tal de Nodir, que joga no timeco, antes de entrar em campo acendeu quatro velas.

Meus cupinchas, mora nos plás que a crônica botou pra frente: “Nem macumba pode com o Fla.” “Mengo ferra Madureira com vela e tudo.” “Macumba não para o Rubro-negro.” “Carlinhos apaga velas de Nodir.” E foi tudo por aí. O maior esculacho.

Meus cupinchas, agora de entortar o[s] pátulas foi o esquinapo final. Na hora que o Carlinhos meteu o caroço no barbante do Madureira, o Nodir azedou. Comeu grama. Bateu com a cabeça na trave. Cuspiu pro ar. Deu cambalhota. Fez miséria. Ficou bronqueado com seu encantado. Não queria acreditar. E foi com a zorra encarnada que o moço matusquela saiu de campo. E sem se aguentar foi xeretar no vestiário do Flamengo. Queria saber das coisas. E logo se mancou. No camarim rubro-negro tinha onze velas ardendo.

Meus cupinchas, depois a negada estrila quando alguém pergunta se tem jacaré em Copacabana.

Corintianos em festa (*Última Hora* de SP – Edição de 3/4/1969. Página 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, a cidade anda alegre. Tem nego rindo à toa. Por toda parte o gango corintiano tira seu sarro no pessoal do Palmeiras e do São Paulo. A curriola do alvinegro do parque São Jorge só se acanha um pouco e diante de um torcedor do Santos de glórias mil. Eles conhecem o peso da botota. E com peixeiro o gango de Ogum não folga. Mas no resto eles escarram e pisam em cima. Não querem nem saber. Vão mandando ver. E gozação de corintiano é uma parada. Eles se embanderam. A minha chapinha Marília Pêra outro dia apareceu pra gravar a novela vestida de saia preta e blusa branca. Parecia um carro do rapa. Mas ela não estava

67 Termo atualizado; no original de jornal consta “botota”.

nem aí. Badalava a vitória do seu time contra os periquitos. E não dava colher de chá. Ia botando pra quebrar. Quando soube que o Alberto D'Aversa, esse grande homem de teatro, estava internado nas Clínicas com o coração meio bombardeado escrachou: – Poxa! Eu não sabia que o italiano era tão fanático do Palmeiras.

Meus cupinchas, quem anda invocado com o barato dos corintianos é o Lau barbeiro, único sofredor juventino que eu manjo. O gango de Ogum baixou firme no Salão Grená. Apareceu cara que a gente não via falar de futebol há muito tempo. O Adriano Stuart foi um. O pinta que ultimamente só falava do Roquete Pinto que a Marcinha Maria ganhou, voltou a falar de bola. Veio lá do canal sete fazer zoeira no canal quatro. Encheu os patulás de meio mundo. O Luigi Calvano, o Walter Pó e o Geraldo Vietri não podem mais se chegar no pesqueiro do Lau barbeiro. Não querem ser esparro. Andam barbudos, cabeludos, mas não encostam. Passam de longe e espiam de esguelha a moçada do Corinthians no plá-plá-plá sonoro. Ninguém se serve do serviço do figaro. Mas fazem um bruta enxame⁶⁸. Fica uma multidão de fazer passeata de estudante sentir vergonha. É gente pacas. Parece assembleia de classe teatral. Todo mundo fala junto. Só que aí ninguém briga. Eles só dizem a mesma coisa: – O Corinthians é o maior! Esse ano é nosso.

Meus cupinchas, o Airton Rodrigues anda tão abilolado que até largou de matar palavras cruzadas. O Enok parece um para-quedas. Vive aberto. Se arreganha por qualquer coisinha. O Nivaldo acende dois cigarros de uma vez. O Tião Guiné lê jornal até de cabeça pra baixo. O crio[u]lo Carlão Caxambu que andava tirando uma onda de Poitier, atacando de artista de cinema, fazendo um bruta papel no filme “Nenê Bandalho”, esqueceu esse negócio, pra só falar de Corinthians. Até o Walter Forster. Mora. Até o Walter Forster fica o dia inteiro charlando de futebol. É um perereco. Eles ainda estão tão vidrados com a sua vitória que nem se tocaram que a seleção brasileira vai jogar. Teve um cara deles, que deu uma de lascar. Leu a lista dos convocados e meteu ficha: – Olha aí gente. O Santos vai jogar com o Peru lá em Porto Alegre. Que legal. A gente descansa, e pega eles no bagaço.

Os cartolas ficaram em casa torcendo contra (*Última Hora* de SP – Edição de 4/4/1969. Página 11. Caderno 1)

Meus cupinchas, o futebol brasileiro é o maior do mundo. Porém só dentro do campo. Fora é uma gronga. Tem mumunhas de fundir as cucas mais firmes. Sente o peso da botota. Os cartolas de São Paulo que estão com bronca da seleção do Brasil, só porque dessa vez não deu pé pra eles se badalarem às custas dos nossos cobras, resolveram dar um gelo no treineiro e nos jogadores. Os pistolões não apareceram no embarque da curriola pra Porto Alegre. Se amoitaram. Estavam apostando que a moçada ia ficar perturbada, que iam balançar e os cambaus. Caíram do burro. Ninguém se doeu. Os craques tiraram de letra. A imprensa sentiu alívio. E a torcida se sentiu à vontade. Um majura desse[,] que vai a bota fora do time pra pegar chamegão dos seus ídolos, meteu até uma ficha: – “Poxa! Hoje tá legal aqui. Num tem nenhum cartola pra chatear. Agora que a gente vê como eles atrapalhavam”.

68 Termo atualizado; no original de jornal consta “enchame”.

Meus cupinchas, a seleção está no bom caminho. O Saldanha sabe das coisas. É um cara achegado do povo. Ele não é nenhum enganador. Vai botar pra quebrar. A canarinho pode até perder. Mas vergonha a gente não passa. Com a seleção do Brasil vai ser na base do agrião. Se os estrangeiros vierem de futebol, os nossos cobras rolam a bola e ganham na bola ou no tapa. E é assim que o povo quer. A gente está farto de ser bom esportista. A gente quer é ser campeão do mundo. Esse papo de país irmão não gruda mais. O Roberto Petri, que manja os troços, outro dia deu um bom recado. Disse que o Brasil tem que faturar essa copa no México, que o dono da casa tem um futebol fajuto. Porque na Alemanha e na Argentina, onde vão disputar os próximos campeonatos do mundo, não vai dar pé. Nem Alemanha, nem Argentina vai fazer festa para os outros comerem o bolo. Então vamos pras cabeças nessa. E estamos indo bem. Basta ver que os cartolas fofoqueiros preferiram ficar em casa torcendo contra a seleção do povo brasileiro.

Meus cupinchas, vou deixar um pouco o futebol pra lá, só pra vender meu peixe. Sábado eu estreio minha peça “Dois perdidos numa noite suja”, no Teatro de Arena. Será temporada popular. Comigo trabuca o Ademir Rocha, um bom ator. Os preços serão populares mesmo. Vá, mesmo que chova. E tem outro plá. Eu recebi uma carta do leitor Antonio Draetta, residente à rua Vergueiro 1080 – São Paulo – Capital. Ele sugere que eu abra um espaço pra responder correspondência como fazia o genial Stanislaw Ponte Preta. Vamos lá. Se vier carta[,] eu respondo.

Correspondência

Antonio Draetta – Rua Vergueiro, 1080 – São Paulo – Capital[:]

[“]... Acho que você deve começar com a sessão [sic] de Respostas aos leitores, como fazia o grande Stanislaw...[”.]

[Plínio Marcos:]

[“]Meu chapa, os elogios deixa pra lá. O Stanislaw era um gênio. Por isso chegaram até tentar envenená-lo. Ele não tem substituto. Quanto sua sugestão está aí, né?[”.]

Peru de cartola (*Última Hora* de SP – Edição de 5/4/1969. Página 9. Caderno 1)

Meus cupinchas, os cartolas são do cacete. Quando [um] deles se mete a ter ideia pode apostar que vem uma gronga contra o futebol brasileiro. Sente o peso da botota. Os pistolões aqui de São Paulo estão de mal com a canarinho. Não foram no embarque dos nossos craques pra Porto Alegre, nem nada. E isso é muito bom. Essa raça maldita só perturba e bota a cara pra sair em retrato. São malucos pra fazer fuxico. Topam qualquer parada pra aparecerem. Não querem nem saber se isso entruta a seleção brasileira. O lance deles é badalar. Mas dessa vez caíram do cavalo. O Saldanha que é um treineiro bidu, que está por dentro das mumunhas e dos trambiques dos cartolas, deu um chega pra lá nessa praga. E o resultado logo de saída foi legal. Os pistolões se invocaram e resolveram ficar nos mocós torcendo contra a seleção do povo brasileiro.

Meus cupinchas, cartola da Carica é mais cara de pau que o paulista. Pra crepe nosso, os pistolões de lá não se tocaram e continuam indo na cola dos nossos jogadores. E se vão, aprontam. Não tem por onde. Mora no que fizeram os papagaios enfeitados, que apesar de tudo, conseguiram se entrujar na nossa seleção. Um cartola panaca pacas, contrata pra ser cozinheiro dos nossos cobras,

um cara que trabucava num bruta restaurante granfino lá de Copacabana. Claro que não sou eu que vou avacalhar o rango que esse majura faz. Nunca mastiguei a boia do pinta. Ele pode ser até o bidu dos cucas. Só que de jogo de bola não espia bolhufas. Ele mesmo escrachou num jornal que nunca viu o Pelé jogar. Sendo assim, está por fora. Porém, empurrado pelos cartolas, o majura se assanhou e aceitou o batente de cozinheiro da seleção. Como sempre tem foca matando cachorro a grito, a moçada fez zoeira em torno do babado. Só pra ver se pegava um grude de graça lá no restaurante granfino. Isso deve ter dado certo porque o cozinheiro carioca ganhou colher de chá de tudo quanto foi jornal. Burrão, entrou na marola. Fuça no jornal balança a cuca do loque. E aí já viu. Parecia que o Brasil ia disputar campeonato mundial de culinária. Um perereco.

Meus cupinchas, até aí não tinha nada. O cozinheiro estava dando o seu recado. Preparando sua lavoura. Provavelmente depois que voltasse da seleção, o majura saía do botequim de luxo onde trabalha e abria uma birosca traquejada de sociedades com o cartola que o inventou pra canarinho. É assim que cartola trambica. Mas entrou areia. Um pistolão, desses que come e dorme à custa do futebol brasileiro, pra ser engraçadinho ou porque estava com vontade de pegar um rango legal, mas não querendo encostar em restaurante granfino pra não dar dica pro imposto de renda, meteu na moringa oca do cozinheiro que ele tinha que fazer o cardápio mais fresco desse mundo. E não deu outra gronga. O cozinheiro bolou nome de prato, que se o Brito fosse chamar o rango, dava nó na língua. E pra ser engraçado, o panaca ainda meteu um peru à brasileira, bem no dia em que a gente vai ter que ganhar do Peru país. Aí não deu pedal. O Saldanha, que já tinha aturado muito deu o estrilo. Quase botou o mestre cuca no olho da rua. O cozinheiro só não perdeu o emprego porque entregou pro Saldanha o nome do cartola que teve a ideia de jerico. O treineiro se fechou em copas. Rachou os mistérios do peru à brasileira, mas não deu o nome do panaca. Não faz mal. O que a gente tem certeza é que dessa vez cartola não chia muito. E comida de jogador vai ser comida de jogador. Nada de rango de engordar cartola.

Paixão de Cristo em Mafuá (*Última Hora* de SP – Edição de 6/4/1969. Página 12. Caderno 1)

Quando chega a Semana Santa, não tem por onde, tudo quanto é circo ataca de Vida, Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo. Da espelunca mais fuleira até a um troço que dá dinheiro, mais cheia de milongas. É. Então os empresários metem ficha. Pra muitos, esse babado é a salvação da lavoura. Alugam o cenário e as roupas na casa teatral e formam o time com as dicas do café dos artistas.

- Preciso de um Pilatos, de um Pedro e de uma Madalena.
- Eu faço Judas.
- Judas eu tenho. Quem está precisando é o Nhô Zé.
- Vou falar com ele. Tu manja o Lavinho? Ele pode quebrar teu galho. É bom o Pilatos que ele faz.
- Sei! Mas ele só se contrata se for o casal. E a mulher dele vai de Maria.
- Já acertei a Maria com a dona Aurora. Mas eu arrumo.

E catando gente de todo lado fecham o elenco. No começo fazem tudo pra pegar o melhor. Na última hora vai a olho. Qualquer canastrão serve. Um ou dois ensaios botam a peça em pé. Às vezes não tem nem ensaio. Quando o Cristo entra

em cena, nem conhece seus discípulos. Cada um se vira como pode. A maioria sabe seu papel de cor. E alguns, como é o caso da Ana Rosa, que agora só faz novela em televisão, mas que já se defendeu no picadeiro, sabem toda a peça. Vírgula por vírgula. A Aninha já fez tudo na Paixão. Até de Pedro ela embarcou. De barba e tudo. Mas deixa pra lá. O que conta é que o povo vibra na vida do Cristo. Vai na base do agrião. Mas, os circos ficam a três de alto. É como diz o Zagaia:

– Mais vale um gosto que dinheiro no bolso.

E se o Zagaia diz, é que é. E pro empresário a ordem é faturar. Não querem nem saber das grongas que podem acontecer. Vão mandando ver. É assim que dá perereco. Como na vez em que Jesus pegou fogo.

Foi num mafuá do cacete. A botota foi juntada no vapedevupete. E pra ganhar embalo, meteram umas pingas na caveira e foram levando. Estava dando pé. Nenhuma baxaria tinha sido dada. O povo estava ligado. As coroas da plateia se debulhavam com o xaveco que o Judas armou pro Cristo. Se derreteram com os deschavos do Pilatos. Aquele plá do “lavo as mãos”. Daí, fechou o pano. As velhotas choradeiras foram comprar pipoca, fazer xixi e os cambaus. Tudo enquanto os contrarregras amarravam Jesus na cruz, o que, nesse dia, não foi mole. O Cristo estava meio braseado e balançava pacas. Foi preciso calçar a cruz de todo jeito. Demorou às pampas pra firmar o Nazareno de araque no Calvário de papelão. Mas firmaram. Aí já iam mandar bala no ato final, quando o filho de Maria viu um amarracachorro fumando, e pediu pra dar uma traga. O moço, que também estava meio bebum, meteu o cigarro na boca do Cristo. Escutou o sinal pra abrir o pano, se espantou de cena. Foi um crepe. A cortina começou a correr. O Nazareno, de mãos amarradas, não podia tirar o cigarro da boca. Quis cuspir a bagana longe, mas não deu. A bia grudou nos lábios, ou no verniz que segurava a barba. O Cristo, com a língua, tentava desgrudar. O pano ia abrindo. Na plateia, o público aguardava ansioso. O Jesus não queria falar pra não chamar a atenção do povo pra mancada. E foi com grande esforço que conseguiu desgrudar o cigarro. Ele despencou. Mas caiu dentro da própria tanga do Nazareno. O bruto sentiu a queimada. A plateia aplaudiu. Jamais aquela gente tinha visto um Cristo de expressão tão dolorida. As Marias que choravam não se tocavam no drama do Jesus. Se esforçavam pra derramar lágrimas de verdade. Foi quando o Cristo não aguentou e gritou:

– Fogo! Fogo!

As Marias se mandaram. O pessoal que assistia também. Até o bom ladrão se picou da cruz. Só o mau ladrão se flagrou que o fogo era na tanga do Cristo. E apagou o incêndio. Se não fosse isso, o Jesus morria assado.

Lanceiros no embarque da canarinho (*Última Hora* de SP – Edição de 7/4/1969. Página 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, embarque de seleção é uma badalação que não é mole. Além da curriola que vai se mandar, baixa nego às pampas no bota-fora. É torcedor a fim de dar moral, é panaca catador de chamegão de craque, é repórter atrás de furo, é cartola na paquera de sair em retrato, é corneta fazendo marola e os cambaus. Nos pererecos da vida, atacam também os ramoneiros. Ficam na cola. Só pro que der e vier. No meio do bolo, ninguém se toca neles. No embarque da Canarinho pra Porto Alegre[,] os pistolões não se achegaram. Eles estão de mal com a C. B. D., que dessa vez não deu bola pra pilantra. Os cartolas preferiram ficar em

casa torcendo contra a seleção brasileira. Mas, foi o melhor que podiam fazer. Essa raça maldita quando encarna só perturba. Pior que eles só mesmo os lanceiros. E esses compareceram. Quem se machucou foi o capitão Bonetti. Na hora dos abraços, o pinta ficou sem a carteira. Andou em dois milheiros. E não adiantou estrilo. Quem tirou um bom barato foi um desses cartolas que não deu as caras. Quando soube do estarro que deram no pitão, o cara boquejou:

– Ainda bem que eu não estava lá. Senão iam pensar que fui eu.

*

Meus cupinchas, a seleção ainda não entrou em campo e a curriola que gosta de botar pra baixo já começou a fazer enxame. Primeiro quiseram entutar⁶⁹ o Rildo. Espalharam um monte de bojo de boca contra o beque peixeiro. Não grudou. O Rildo tem mil anos de janela. Tirou o papo cavernoso de letra. Daí, os traidores mandaram brasa em cima do Brito. Escracharam o jogador de todos os jeitos. Falaram que ele fura mais que picotador de taxi-dança, que só sabe dar paulada, que o negócio do Brito é tocar tamborim na escola de samba Estação Primeira de Mangueira, e por aí. Essa gente só tem papo furado. O craque vascaíno é cobra pra seleção mesmo. O Saldanha que é um treineiro bidu, convocou o bruto porque sabe das coisas. O Brito pode não ser o melhor zagueiro do Brasil. Mas isso não quer dizer nada. Ele é o melhor pra seleção canarinho. Com ele é na base do agrião. Os gringos vão penar na entrada da nossa área. O Brito baixa o sarrafo sem dó. É assim que tem que ser. A bola passa, o inimigo, não.

Correspondência

Etty Fraser⁷⁰ – Teatro Oficina – S.P. – Capital[:]

“Estou em Nazaré filmando ao lado do John Herbert e outros. A gente aqui não perde sua coluna”.

[Plínio Marcos:]

[“]Legal, minha chapa. Assim é que tem de ser. Se os amigos não lerem o que a gente escreve, a gente se lasca. Os inimigos é que não vão dar colher de chá, né? [”.]

Sinal dos tempos (*Última Hora* de SP – Edição de 8/4/1969. Página 11. Caderno 1)

Meus cupinchas, acho que esse babado de foguete à Lua, de bomba atômica e os cambaus deve bagunçar o mundo. É um esquinapo. Inverte as marés, e fica tudo um perereco. Basta ver que português que sempre foi esparro de brasileiro, agora começou a tirar onda de malandro. E o pior é que a gente embarca no grupo dos brutos. Sente o peso da botota. Os lusos conseguiram empurrar na Federação Paulista de Futebol um juiz que não espia nada de bola, que tem uma barriga de sete meses, que não pode correr nem nada. E não teve por onde. Os cartolas engoliram o árbitro cutucro por um dinheiro sonoro. Uma gronga. O cara logo que chegou foi esculachando um jogo do Santos de glórias mil. E ficou por isso mesmo. Ele é o trambiqueiro, nós os trouxas, entramos pelo cano. E teve mais. No jogo do

69 Termo atualizado; no original de jornal consta “estrutar”.

70 Termo atualizado; no original de jornal consta “Etti Frazer”.

Internacional de Porto Alegre com o Benfica de Portugal os cutucros quase estragam a festa gaúcha. E não era com futebol não. Que nisso os patrícios de Cabral não são grande coisa. Jogam uma bolinha fajuta. Uma correria de fazer lembrar o Madureira. Todo mundo plantado na defesa, dando bico pra frente. Até o Bandeira Paulista da Vila Maria, timeco do meu chapa Azulão[,] se pegasse esses cutucros fazia média. Porém, quase que o Internacional se entruta. Só porque os jogadores gaúchos são uns loques. Teve uma falta perto da área do clube brasileiro. Foi feita barreira. O goleiro ficou de plantão. O jogador português bateu na bola. Ninguém se tocou. O arqueiro gaúcho ficou espiando o ovo de páscoa ir balançar a rede. Toda a torcida estranhou. O nosso beque quis até dar tiro de meta. Teve aquela presepada. Mas o juiz mandou dar a saída. E não adiantou a curriola chiar. No vestiário o gango do Interncional rachou as mumunhas: – “A gente pensou que aquela falta era de dois lances.” Pensando morreu um burro.

Meus cupinchas, o Jabaquara está voltando. Vem firme. Vai botar pra quebrar. Tem um lance que vai fundir a cuca de muito cartola. O esquema do Jabuca é o bidu. Vai acabar com a escravidão do jogador de futebol. Tomara que dê certo. Amanhã eu escracho o lance todo. É legal pacas. Tomara que dê certo. Tomara que os grandes clubes se manquem e sigam o alô que o Jabaquara vai dar.

Correspondência

Sindicato dos Têxteis de São Paulo[:]

... “convidamos [sic] o grande cronista esportivo para dar o pontapé inicial na partida decisiva do nosso torneio que vai se realizar no dia 21 de abril.”

[Plínio Marcos:]

[“]Meus cupinchas, podem contar que eu vou. Mas vê se vocês se mancam. Eu não sou de dar pontapé em bola. A redonda eu trato com carinho. Vou aí e rolo a bola, tá?[".]

A seleção canarinho vai pras cabeceiras (*Última Hora* de SP – Edição de 9/4/1969. Página 11. Caderno 1)

Meus cupinchas, os cartolas que estavam torcendo pro Brasil se estrepam diante do Peru, pra eles poderem fazer marola e entrutarem o João Saldanha, vão ter que continuar de bico calado. O timeco do Didi não foi de nada. Aliás, o crioulo carteou paca[s]. Mas tudo era bafo de boca. Ninguém viu bolhufas. Os estranjas só não tomaram uma biaba mais sentida porque deram sorte. São de correria. E isso é jogo de loque. Se estoparam no primeiro tempo e depois falta gás pro segundo. A seleção canarinho segurou as pontas com a embaixada de sempre. Nem se afobou. A nossa curriola faturou o bicho quando quis. Depois foi só cozinhar o galo em água morna. Mas deu pra gente se tocar que o nosso gango está à vontade. Que joga fácil. E com uns treinos fica azeitada pra valer.

*

Meus cupinchas, o Rildo acabou com o ponta do Peru. Deu um te manca vagau nos caras que passaram a semana inteira esculachando ele. E o estranja não era nenhum bola murcha. No papo do Didi, esse ponta peruano é o melhor da América do Sul. Mas nessa não deu pedal pro estranja. O beque peixeiro acabou

com o bruto. E o Saldanha escrachou que é um cara de verdade. Que não embarca em canoa furada. Se tivesse ligado as antenas no boquejo dos traidores que vivem botando pra baixo o treino ia escalar o Everaldo. Porque os papagaios enfeitados não fizeram outra coisa esse tempo todo. Só pichando o futebol do Rildo. Não grudou. Nem vai grudar. E por essas e outras que os cartolas não botaram as fuças. Preferem ficar em casa torcendo contra.

*

Meus cupinchas, o Brito foi outro que não deu nenhuma baixaria. E nem precisou fazer o melhor que sabe, que é descer o cacete.

*

Meus cupinchas, Tostão mostrou que a ponta esquerda não é nenhum mistério. Porém[,] o Edu entrou com uma fome de gol maravilhosa. Quase carimba o seu. É por essas e outras que a torcida leva fé na seleção do Brasil.

*

Meus cupinchas, eu ia escrachar o lance do Jabaquara hoje. Acontece que a seleção canarinho entrou de sola. E eu tenho que badalar o lance bidu. O negócio do Jabuca fica pra amanhã.

Com a gente vai ter a copa (*Última Hora* de SP – Edição de 10/4/1969. Página 11. Caderno 1)

Meus cupinchas, quando esse bêbado que eu escracho ficar na frente das nossas botucas, o Brasil já se ferrou com o Peru no Estádio Mario Filho, que a curriola conhece por Maracanã. Claro que eu aposto na seleção canarinho. Mas não é esse jogo que consta. O primeiro é que pesa na balança. Juro por essa luz que me ilumina, que é. A gente pode até perder o segundo. Não pega nada se a saída foi boa. Se a nossa seleção juntada às pressas botar pra quebrar logo de cara, é sinal que vai pras cabeceiras. E como tem pessoas de monte que não sabe ver as mumunhas do futebol, eu racho alguns mistérios do jogo do Beira Rio. Sente aí o peso da botota.

Meus cupinchas, o Jairzinho estava com a macaca encarnada. Parecia a zorra. Mandava os inimigos fazerem fila e ia engrupindo um por um. A defesa do Peru estava apavorada com as embaixadas do nosso ponta direita. Cada levada que o Jairzinho dava, deixava meio mundo abilolado. Teve majura que logo lembrou do Garrincha. E era pra lembrar mesmo. O número sete da Canarinho fazia o que queria com a bola. Foi aí que o Galhardo, um refujo do Palmeiras que é craque do Peru, resolveu apelar. Veio lá da rente e deu uma biaba por trás no nosso ponta. Foi uma entrada violenta. Pra quebrar mesmo. Não tem deschavo, não. O canalha do Galardo entrou pra tirar o Jairzinho de campo. Só que não deu sorte ou o nosso craque não deu crepe. E o jogo foi em frente. Ninguém estrilou. A moçada do nosso time sabe que o bom cabrito não berra. Espera a volta. E teve. Foi rápida e rasteira.

Meus cupinchas, um minuto depois do xaveco do Galhardo, teve pra troca. O Brito, o grande craque, que muito loque que não espia nada de futebol, queria ver de fora da Canarinho, deu uma sarrafada maravilhosa no tal de Perico Leon que foi bater com a fuça no chão. Esse Perico Leon deve ser o Leon da Metro. Deu dois

berros e o resto foi fita. Botou o galho dentro. Ele é gango dele. Depois da lenha do Brito eles se mancaram que se catimbassem iam apanhar na bola e no tapa. E é assim que tem que ser. O lance ficou claro. Essa seleção do Brasil vai jogar na base do agrião. Do jeito que os estranjas vierem a gente encara.

Meus cupinchas, eu e o meu chapa Ademir Rocha estamos fazendo os “Dois perdidos numa noite suja” no Teatro de Arena. Os preços são populares e a temporada curta. Vá mesmo que chova. Eu preciso ganhar uma grana. O leite das crianças estão custando o olho da cara.

Ganhamos na bola e no tapa. Viva o Brasil (*Última Hora* de SP – Edição de 11/4/1969. Página 12. Caderno 1)

Meus cupinchas, a seleção canarinho está maravilhosa. Deu uma virada de raça em cima do Peru. Não conta se jogou mal. O que pesa na balança é que ganhou. Na bola e no tapa. E [é] assim que tem que ser. Os gringos quiseram pau. Tiveram. O Gerson fez o que devia. O beque do Peru entrou com os dois pés nas canelas do nosso craque. O Gerson que não é loque, saiu fora, e meteu o bico da chanca no joelho do bruto. Não teve por onde. O estranja saiu de maca. E foi bem feito. Assim ele espalha lá fora que brasileiro não é de dar moleza. Os panacas da crônica esportiva vão chiar. Vão botar a boca no trombone pra anunciar que foi grossura de Gerson e da seleção brasileira. Mas eu juro por essa luz que me ilumina, que o povo está orgulhoso dos cobras que tem. E está certo que a nossa seleção vai pras cabeceiras. Que vai a fim de jogar bola. Porque nisso a gente é o maior do mundo. Porém, se o negócio for sarrafo, nós não vamos enjeitar. Viva o Gerson, um homem de valor que honra o uniforme canarinho. Viva todos os craques que desceram a biaba nos estranjas. Viva o jogador que entra em campo com a camisa da C.B.D. como se estivesse embrulhado na bandeira do Brasil.

Meus cupinchas, foi um belo treino pra Copa do Mundo. Já nas eliminatórias não vai dar outra coisa. E a gente tem que estar por dentro das mumunhas. Vai sair faísca. E a torcida está apostando que o Brasil encara. Como encarou no estádio Mario Filho[,] que a curriola manja por Maracanã. E quando a gente descer o cacete não é pra alisar. É pra tirar de campo mesmo. E aí eu quero ver o futebol-força dos estranjas. Vão pro vinagre.

Meus cupinchas, está aí a diferença de uma seleção sem cartola metido no meio. Nessa que não tem pistolão entrujado, não tem bafo de boca. Se esse gango fosse o que estive em Londres, por certo perdiam do Peru. E depois os frescos do boquejo escrachavam que a gente perdeu porque os gringos meteram o pé.

Meus cupinchas, os traidores vão fazer marola contra. Vão querer avacalhar o Gerson, o Brito, o Saldanha, o Felix e todos que deram pancada. Deixa eles falarem sozinhos. Não vai grudar. O povo está feliz com a vitória da seleção canarinho. Na bola e no tapa.

Treineiro, um papagaio enfeitado (*Última Hora* de SP – Edição de 12/4/1969. Página 11. Caderno 1)

Meus cupinchas, o Zagaia que manja bem todas as mumunhas do mundo, que já bateu a cuca nas quebras da vida, sempre mete um plá legal. E outro dia em que o Lau barbeiro estava arrancando os pelos da cara do meu chapa, ele rachou:

– Queres conhecer o vilão? Mete-lhe o chicote na mão.

E se o Zagaia diz é que é. Basta botar as botucas nos treineiros de futebol e não dá outra coisa. Essa raça parece o camaleão. Quando estão na pior, fazem os coitadinhos. Quando se achegam a ele. Claro que nunca eles dão dura nos cartolas. Dos pistolões os treineiros engolem tudo. Badalam às pampas. E daí pra enganar de machões eles botam banca com jogador, torcida e jornalista. Sente o peso da botota. Vê o que o Dino teve a coragem de fazer com a moçada de jornal que foi saber dele as dicas pro jogo Corinthians e Santos de glórias mil. E é preciso escrachar que os jornalistas não foram xeretar⁷¹ por conta própria. Estavam procurando saber pra passar os babados pra maior torcida do Brasil que é a do alvinegro de Ogum. Mas o Dino desconheceu. E pra espanto geral, esculhambou os repórteres. Escarrou regra e humilhou gente que trabalha honestamente. Se toca no bafo de boca do pelado:

– Se o futebol acaba, vocês jornalistas, vão varrer chão.

Virou as costas e deu o pinote. Se arrancou certo de que bancou o homem. Mas é só ele cair do cavalo que ele afina. Treineiro com personalidade só conheço um. É o João Saldanha. Por isso sem fazer marola, sem ser sabujo, sem nada chegou à seleção canarinho. Que vai bem. Está invicta desde que o Saldanha é treineiro. Os jogadores estão contentes, a torcida da geral também. E nunca o João Saldanha avacalhou repórter, nem deixou de informar os repórteres. Joga limpo. E tem apoio da crônica independente. Agora o Dino que a gente reconhece[,] que está fazendo um bom serviço no Corinthians, já está ficando de bobeira e vai se embananar. Daí vira esparro. Mas deixa andar. Nada como um dia atrás do outro. Por enquanto[,] só sei de uma quadrinha que um foca recitou em homenagem ao careca Dino:

Cabeça triste cabeça,
cabeça que não tem consolo.
Por fora não tem cabelo,
por dentro não tem miolo.

Correspondência[:]

Olívio Novaes, Campinas, São Paulo[:]

[“]... Não creio que o cronista esteja conformado com a presença do juiz lusitano nos nossos gramados. Penso que se a campanha continuasse, o Departamento de Árbitros da F.P.F. teria que devolver o portuga pra sua terra[”].

[Plínio Marcos:]

[“]Que nada meu chapa. Você não manja cartola. Eles são uns caras de pau. Quanto mais a gente largar brasa no cutucro, mais os pistolões escoram ele. Só pra atucanar o povo que paga entrada. Mas pode contar que eu vou continuar malhando o panaca[”].

Por gama também se entruta (*Última Hora* de SP – Edição de 13/4/1969. Página 12. Caderno 1)

71 Termo atualizado; no original de jornal consta “cheretar”.

O Balu era um crioulo grande e forte, e não fazia graça pra ninguém. Com ele era no “vamos ver”. Plá-plá-plá não grudava. Qualquer xaveco⁷² ele encarava de draga na mão. E não dava colher de chá pra vagau nenhum. Quando puxava o revólver era pra mandar bala mesmo. Muito cara que apareceu estarrado nas quebras do cais do porto era assunto do Balu, que, assim, fez seu nome de ponta a ponta em Santos, ganhou respeito e montou seu pesqueiro escroto. E não teve por onde. Por mais que a curriola da pesada chiasse, esperneasse e os cambaus, o negrão não queria saber. Puleiro de Madame, jogo de ronda, escrevente do bicho, ponto de fumo e outros pererecos só emplacavam se o Balu beliscasse algum. Se não, já viu. O negrão perturbava. Ia buscar na marra o seu arreglo. E aí, não era mole. Tomava o bufunfa e ainda esculachava o dono da banca.

Com essas e com outras, o Balu foi deixando meio mundo atucanado. A curriola não encarava a gronga. Porém, a bronca ia ficando guardada. A moçada só na moita, segurando as pontas e esperando a hora da forra. Que sempre tem. É como diz o Zagaia:

– Nada como um dia atrás do outro.

E se o Zagaia diz, é que é. Sem contar as tocaias que aprontaram pro negrão. Coisa que ele sempre tirou de letra. Ganhando mais divisas. Chegando até a ficar espalhado pelos bochichos das piranhas que o Balu tinha corpo fechado. Um dia lá das paqueras da vida, aprontaram a cama dele. Engessaram o crioulo pra polícia. O entruto foi bem feito. Entrujaram um saco de maconha no mocó do pinta e deram a dica pros homens da lei. A cana, que já andava na campana do negrão, veio feita e guindou o Balu. Quem dedou ninguém manjou. O escamoso soube se enrustir. E o negrão foi em galera sem apelação. E foi uma gelada das mais sentidas.

O Balu guardado se ardia pra adivinhar o dono da presepada. Batia com a cabeça na parede. Mas, que nada. Tinha inimigo às pampas. E qualquer um podia ter feito a catimba. E foi com a gana pega que o crioulo jurou por seu encantado que, quando botasse as fuças na rua outra vez, apagava um por um dos caras que pagavam o seu come-quieto. Numa dessas, tinha que adivinhar o dedão. Não tinha por onde. Só podia ser um deles. E com a zorra encarnada, o Balu deixou o tempo rolar. Puxou sua cana. Só recebeu visita da própria mulher. Essa ali, sempre firme. Até que chegou o dia da volta. Ninguém esperava. Quem apronta, esquece.

E foi com espanto que Madame Zuleica, ao abrir a porta do seu puleiro, viu o Balu. Mas, durou pouco o espanto. O negrão meteu três tochas na testa da bruta. E foi em frente. Baixou na boca de fumo do Bode Espanhol e carimbou o cara. Sem papo, sem nada. E continuou na rota. Ferrou mais três nessa noite mesmo. O Pero Furqueta, o Bagre e o Corvão se estalaram nas mãos do crioulo. E ia ter mais. Porém, o Balu sentiu canseira. Resolveu encostar o corpo no mocó. E foi seu crepe. Estava zoeira demais pra espiar as coisas direito. Se achegou à sua mina e não se tocou que a mulher estava com medo. Deitou e puxou o ronco. A piranha ferveu água e despejou um balde na orelha do crioulo. Ele gemeu, se debateu e morreu. Todo o gango escutou os berros do Balu e veio ver o esquinapo. Junto trouxeram a cana. Aí a mulher se rachou.

– O bafo chegou antes dele. Pensei que ele vinha me apagar, como estava apagando os outros. Fui eu que dedei ele.

72 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

Todo mundo se fechou em copas. Só Alice Sujinha, que era amiga do casal, abriu o bico:

– Por que tu fez isso? Contigo ele era legal. Daí a mina se debulhou e deu a ficha:

– Mas, eu queria me vingar. Ele me passou pra trás com uma vadia do puleiro da Itororó. Eu dei ele pra cana. E agora acabei com tudo. Eu gamava o negrão.

Lau barbeiro, um sofredor sozinho (*Última Hora* de SP – Edição de 14/4/1969. Página 11. Caderno 1)

Meus cupinchas, tá na cara que o jogo do Corinthians e Santos de glórias mil é o bidu da rodada. Chego até a botar fé que esse jogo é o mais encantado que existe desde que futebol é futebol. Sei que nos céus os santos se atucanam quando jogam os alvinegros. Iemanjá, rainha do mar, escuta os atabaques do Itapema e da Calunga baterem pelos peixeiros, e Ogum, santo guerreiro, é chamado pelo couro de Angola, que rufla na Penha e nas berbas do Tietê. Sei que o pega pra capar dos mosqueteiros com os peixeiros é lenha. Que mil cucas se fundem com os pererecos dessa partida. Sei bem das mumunhas encardidas que se aprontam nas encolhas da volta de um Corinthians e Santos. Como pena o gango do parque São Jorge, como se arde a curriola da Baixada Santista. Mas, deixa tudo isso pra lá. Quem pode virar para o parceiro e charlar já tem o seu alívio.

– Entramos pelo cano.

É o que dirão os torcedores do time que perdeu ou os dos dois times, se empatarem. E nesse papo descarregam a bronca. Sofredor é quem é sozinho por sua bandeira, como é o Lau barbeiro, único juventino que eu manjo. E é por meu chapa que deixo o jogão do Corinthians e Santos de glórias mil pra amanhã. E hoje escracho a pelada do clube da Mooca com o tricolor do Morumbi.

Meus cupinchas, nem vi o arranca-toco do São Paulo com o Juventus. Não sou de ir em jogo fajuto. Mas, vou meter ficha, mentir pacas, porque existem as santas mentiras. E essa é pura. Vai deixar o Lau barbeiro melhor dentro da roupa. O Juventus caiu em pé. O time da Mooca lutou de igual para igual. Só perdeu porque deu crepe. Merecia o empate. No segundo turno ele vai se vingar. Podem apostar.

Meus cupinchas, sei que tem nego às pamparras que vai me esculachar por essa presepada. Mas, fiz o que podia pelo Lau barbeiro. Segunda-feira ele vai penar na mão dos tricolores. Os bolhas vão baixar em peso no salão grená. Mosquito, Ribeiro Filho, Ademir Rocha, Zé Pintor, Chiquinho Pé de Breque e toda essa botota que há muito tempo não goza ninguém, vão se achegar bem esse lance. Quando ele chiar seu plá, a moçada sai fora. Toda vez que ele falar:

– Não vai servir?

Os pilantras vão rir e selar:

– Quem gosta do meu gogó sou eu.

Zé Roberto e as suas presepadas (*Última Hora* de SP – Edição de 15/4/1969. Página 13. Caderno 1)

Meus cupinchas, a vida anda um perereco. É preciso ter um saco de filó pra aguentar o repuxo. Mas sempre tem a volta. E aí é broca. O papo legal é que os

“Dois perdidos numa noite suja” está botando pra quebrar lá no Teatro de Arena. Os preços são populares e a temporada é das mais curtas. Logo nos primeiros dias de maio entra em cartaz o musical do Tinhorão, do Dirceu Jabaquara e do Boal, o “Chicletes de Banana” ou “Cuidado com o Satélite”. E vamos levando. O lance é tocar pra frente. Esculacho foi o que o Zé Roberto fez comigo, com o Ademir Rocha, com o Nelson Tomada e com o Carlão Caxambu, que agora é astro do cinema nacional. O crioulo fez um bruta papel no filme “Nenê Bandalho”[,], que o Emílio Fontana dirigiu baseado num conto aqui do vosso chapa. Mas deixa de lado. O que conta é a presepada que o Zé Roberto aprontou. O panaca baixou no teatro e convidou a gente pra ir num rala buxo que ia acontecer na casa do Benê. Não quis dar o endereço com o deschaveio que o mocó do meia tricolor ficava no fim do mundo e que se a gente fosse sem guia nunca ia achar o tal de Carapicuíba. A gente entrou na marola do bruto. Quando acabou o espetáculo de sábado, o nosso é claro, os Dois perdidos, que o do São Paulo com o Juventus foi uma pelada, a moçada meteu uma beca caprichada e ficou plantada na porta do Arena esperando o Zé Roberto que nem deu as caras. Mas não tem nada não. O Antonio Porteiro já escrachou umas dicas do Zé, e a gente arma um xaveco pra ele. No resto quando a curriola morou que tinha levado cano, foi todinha pro Som de Cristal.

Meus cupinchas, os lances do mundo são assim mesmo. Se uns vão bem, outros tubulam. O meu chapa Inácio de Loyola, um dos maiores contistas do Brasil, anda falando sozinho. O bicho anda contentão. A Ferroviária de Araraquara deu um banho no Palmeiras. E o escritor anda amarrando uma nota que o time da estrada se classifica pras finais do campeonato. Agora quem anda azedo pacas é o Lau barbeiro. Retirou todas as flâmulas que estavam penduradas no Salão Grená. Proibiu papo sobre futebol. O figaro está uma parada. Expulsou o Mosquito do seu pesqueiro e deu um esquinapo.

Meus cupinchas, por essas e outras o Mosquito foi fazer onda no restaurante do canal Quatro. Chamou uma sopa das mais fajutas. O rango veio quente e enganoso. Até dava pra descer. Acontece que o Mosquito engrenou um bate caixa com o Ceará do Bichiga [sic] sobre o futebol do fim de semana. Daí o papo embalou. A conversa ficou quente e a sopa esfriou. Quando o Mosquito voltou pra sopa a bruta estava durinha. Parecia uma pedra. O moço não acreditou. Meteu a colher. E foi a gronga. A pá de rango ficou entortada. Não adiantou chiar. O Mosquito ficou com fome.

Meus cupinchas, nada como um dia depois do outro. Nós estamos aí mesmo aparando os ventos que vem pela proa. Amanhã tem mais.

Maria maravilhosa maravilhada com Ribeirão Preto (*Última Hora* de SP – Edição de 16/4/1969. Página 13. Caderno 1)

Meus cupinchas, eu estava lá no meu mocó jogando bafo com o Tuquinho e o Quico, dois pivetes bacaninhas que eu tenho, e a Rainha nossa, que é a Walderez de Barros, que vocês manjam de assistir novela. Ela é a Mercedes. E no teatro ela também está botando pra quebrar. Faz um bruta sucesso no “Cinto Acusador”, uma peça de Martins Pena que o Benedito Corsi dirigiu e que além de Walderez, tem a lara Amaral, o Almir, a Bri e um monte de gente. Pra quem anda abilolado e não sabe de nada, eu dou a dica, o “Cinto Acusador” está no auditório Itália, São Luís – esquina da Ipiranga, bem em frente do boteco onde o Marcos Plonka e o Elias

Gleiser⁷³ que não têm nada melhor pra fazer na zorra da vida, ficam bochichando de futebol. Mas o que conta é que o “Cinto Acusador” está no auditório Itália. E já que falei de teatro, aproveito o embalo pra vender meu peixe. “Dois perdidos numa noite suja” continua agradando pacas no Teatro de Arena. A temporada é curta e os preços populares. Vá hoje ainda, mesmo que chova. Reservas pelo telefone: 35-7973. Não dá moleza pro crepe. Retire o seu ingresso antes. Se não se cobrir pode chegar na porta e dar com a fuça na parede. Verdadeiras multidões têm baixado no meu pesqueiro, só pra ver o Ademir Rocha e o nosso chapa aqui. O troço está tão pra frente que no dia que o Palmeiras deu a luz e o Boca levou a criança, a renda do jogo podia ser melhor se os “Dois perdidos numa noite suja” não estivesse em cartaz. Mas o que eu queria escrachar não é nada disso. O plá é o seguinte: eu estava lá jogando o bafo com a molecada e a Walderez lia um almanaque do Tio Patinhas, quando a campainha da porta tocou. (Trim Trim). A gente se assustou. Nos tempos que correm, muita coisa ruim já foi me apanhar em casa. Mas depois que a Walderez lembrou que podia ser o São Paulo, digo, a Ultragás, eu sempre confundo os dois, com esse papo de uma semana sim a outra não. Mas deixa andar. Fui abrir a porta e, pra alegria nossa quem batia era a Maria Della Costa, a maravilhosa, que sorria, linda. Atrás dela o Carecão que chora, o Sandro Poloni. Só que desta vez ele tinha um riso que ia de orelha a orelha. A gente até se espantou. Mas antes de qualquer papo a Maria Maravilhosa, desabou nos braços da Walderez e se debulhou:

– Walderez, Ribeirão Preto é uma cidade maravilhosa.

E, entre as lágrimas, as duas, ajudadas pelo Sandro, deram um pique pra Ribeirão Preto.

Meus cupinchas, a Walderez nasceu lá na terra do Bar Pinguim, melhor chope do Brasil, depois que o boteco do Nicanor de Santos foi pro vinagre. E a Walderez é patriota daquelas de dormir num travesseiro cheio de terra da sua Ribeirão. Era. Agora não tem dormido mais. Desde o dia em que o Turquinho fez xixi no travesseiro cívico, e o bruto virou um saco de lama, que ela se mancou que não dava pé. Bom, o que vale é que a Maria Maravilhosa mandou um oba oba pra Ribeirão Preto que não foi bafo. Está empolgada com a terra da cerveja preta. E eu só não conto hoje porque cansei. Mas, como não anda acontecendo nada no futebol, e papo de bola anda chimum, eu conto o resto amanhã.

Meus cupinchas, sarro só tem o esquinapo que a crônica esportiva aprontou. Logo os caras que mais badalaram a polícia quando ela quis prender torcedor que abrisse o bico pra xingar juiz de nome feio, se juntaram em curriola, e foram pra televisão se unhar, se xingar de palavrão e tudo. Só pra esclarecer a opinião pública. E vamos nós. Que a gente tem o melhor futebol do mundo. O Peru é quem pode contar. Mas isso é só dentro do campo. Fora, é aquela zorra.

Gerson, um patriota verdadeiro (*Última Hora* de SP – Edição de 17/4/1969. Página 13. Caderno 1)

Meus cupinchas, o babado anda cada vez mais escamoso. Por mais que um monte de gente se esforce pra fazer o brasileiro sentir orgulho de si mesmo, os cartolas, com seus pistolões, trambiques e o cacete, fazem de tudo pra provar que a

73 Termo atualizado; no original de jornal consta “Elias Gleizer”.

gente é índio, botocudo, piegas, caipira e os cambaus. E com essas e outras a gente vai entrando pelo cano. Os estranjas vêm aí e vão afanando o que é nosso, quem estrila, os paus de mando xingam de comunista, cogoetam [sic], perseguem, ameaçam e tudo. Ser brasileiro no Brasil não é mole. Mas eu gamo meu povo e quanto puder escracho o lance direitinho. Sem medo de coisa nenhuma. Que eu juro por essa luz que ilumina, não me fiz artista pra fazer reclame da Coca-Cola. Muito pelo contrário. Só quero dar o meu plá mais sincero. Que meu talento, se é que eu tenho, jamais vai ser usado pra trair minha gente, minha pátria. E nessa hora de bototas pesadas, eu tenho por princípio dar o meu recado. E vamos lá.

Meus cupinchas, cartolas que provavelmente são achegados aos tutus estrangeiros invertem toda mão os valores. Lançam a confusão e deixam a gente sem saber o que fazer. Se os gringos vêm aqui e batem na nossa fuça, e tomam nossa copa do mundo, como fez o Obdulio Varela com o Bigode, no estádio Mário Filho, que a curriola manja por Maracanã, os pistolões botam a fuça na televisão, o bico na latinha e esculacham a gente, dizendo que brasileiro é frouxo, covarde, fresco. Se a moçada é de valor provado e honra o uniforme canarinho como se fosse a nossa bandeira, como o caso do Gerson, que respondeu a provocação e as biabas peruanas, com sarrafo, aí então os panacas se entrujam junto a tudo que serve pra espalhar papo e dizem que a gente é covarde, cafajeste, sem vergonha, pistoleiro, terrorista e por aí. O Gerson está pedido pela cana. Tem traidor às pampas fazendo marola pra ver se a pá apanha esse grande brasileiro, que fez o povo se sentir macho. Que fez nascer esperança nos corações sem embajo. Uma fé maravilhosa. A certeza de que brasileiro embalado é fogo. Faz miséria. Encara o que der e vier.

Meus cupinchas, os cartolas falam tanto e mudam tanto de banda, que as palavras vão perdendo o peso. Apodrecem nos grupos cavernosos dos pistolões escamosos. Eles estão sempre prontos a avacalhar quem se embrulha na bandeira pra defender o que é do Brasil. Nos dias que correm você pode chegar nas barbas de um majura qualquer e xingar a mãe do bruto. O cara é capaz de segurar as pontas, aguentar a mão. Mas encosta em alguém e chama de patriota. Está armado o salseiro. O pilantra vira bicho. Patriota virou sinônimo de quadrado. E ninguém quer pegar o rabo do foguete. E é por essas e outras que há muito tempo eu não vejo os pivetes se comoverem com o Hino Nacional. Essas botucas que a terra vai comer há muito tempo não espia a moçada carregar o auriverde pendão, que a brisa do Brasil beija e balança com o mesmo entusiasmo com que a torcida do Flamengo, do Corinthians, do Atlético Mineiro, do Internacional carregam a dos seus clubes. E está errado. Um povo só é grande se acredita em si mesmo. Um brasileiro só é realmente um brasileiro quando honra a sua terra, a sua gente, [a] sua bandeira. Um brasileiro só é brasileiro de verdade quando não enjeita o pau em defesa da sua Pátria. E é isso que todas as pessoas que têm alguma chance de falar, devem dizer.

Meus cupinchas, o João Saldanha está fazendo isso pelo Brasil. Está dando moral pro selecionado canarinho. A gente pode até perder a copa do mundo. Mas afinar, a gente não afina. Brasileiro embalado é fogo. Tá aí o Gerson e os heróis do Maracanã que não me deixam mentir. Agora, os cartolas que rangam nas marmitas estrangeiras, estes chamam. Claro. Eles sabem que a moral da seleção reflete no povo. Se a gente começa a ter Felix, Gerson, Jairzinho, Nocaute Jack (esse apelido é que atrapalha o crioulo), Edu, Brito, Djalma Dias e outros como heróis nacionais, o caldo entorna, e aí os Super Homens, Batmans, Capitães América, Marvels e todos os macetes de fazer oba oba pra estranja vão pro vinagre. E assim é que deve ser.

Meus cupinchas, o Gerson pode até pegar uma fria. Pode sim. Tem traidores de monte nas moitas. Eles estão doidos pra fazer essa patriota se danar. Podem até não deixarem o Gerson jogar contra a Inglaterra. Eles querem pegar o Gerson de bode expiatório, entrutar o craque pra dar de exemplo pros outros cobras. Podem aprontar mil presepadadas. Mas ninguém, ninguém mesmo vai conseguir mudar o espírito patriota da seleção canarinho. Se os ingleses vierem de futebol-força vão se entortar. O João Saldanha é um líder verdadeiro, sabe da responsabilidade que tem diante do seu povo.

Meus cupinchas, eu estou aqui mesmo. Cheio de orgulho de ser patriota do Gerson, do João Saldanha e de todos que conseguiram uma grande vitória contra o Peru. Na bola e no tapa.

O Lau barbeiro (*Última Hora* de SP – Edição de 18/4/1969. Página 13. Caderno 1)

Meus cupinchas, ontem às primeiras horas da matina uma curriola do cacete se juntou na porta do Salão Grená e ficou só na paquera, esperando o Lau barbeiro botar as fuças. O relógio do ponto apitou oito, nove, dez, onze, doze horas e neça do fígaro. Os bochichos mais escritos começaram. Todo mundo apostava que o Lau não ia dar as caras. Os pés de breque, gente escamosa que não gosta de futebol, que só baixa lá pra arrancar pelo, chiava que era uma vergonha um majura não pegar no batente só porque seu time perdeu. Um perereco. Essa turma é um esculacho. Não se tocam nunca numa gama. Não se figuram como machuca a torcida ver seu time entrar pelo cano por seis a um. Ainda mais o Lau barbeiro que é solitário em sua dor. Ele é o único sofredor juventino que eu manjo. E sente o peso da botota. Eu manjo nego pacas. Mas o Lau barbeiro é o único que pena pelo clube da Mooca. O pinta é daqueles de usar bicicleta embandeirada com as flâmulas do seu time. Ele chega até a botar decaleomonia na porta da geladeira do seu chatô. É de cortar a juba do Belmiro de São Vicente de graça, só porque o cara andou lendo o De Vaney, um cronista que sabe tudo sobre ontem, e aí o bicho ficou sabendo o time que o Juventus tinha no ano de 1944. Mas deixa andar. O que conta é que o Lau barbeiro é vidrado no seu time. E por causa disso ontem às duas da tarde o Salão Grená ainda não tinha se escancarado pro gango. A moçada que de saída estava só a fim de tirar um barato. Um sarrinho de leve ficou balançado. O Juca de Oliveira que é um dos maiores atores do mundo. Um trágico maravilhado. Que será um dos grandes intérpretes de Sheakespeare. Meteu uma história de deixar o pessoal cabreiro. Contou um bafo de um barbeiro fajuto que tinha em São Roque, e que um dia em que seu time tubulou de seis a um, também não abriu o salão. Daí quando foram ver o bruto estava lá dentro apagado. Tinha cortado seu pulso com a navalha.

Meus cupinchas, o boquejo do Juca de Oliveira, um dos maiores atores do mundo, foi de lascar. Fundiu a cuca da gente. Não só porque o orgulho de São Roque dá o recado com todo aquele talento que tem. Mas porque a gente sabe que o Lau barbeiro é bem capaz de uma dessa pelo seu Juventus. A gama dele é de pedra. E nessa barca a curriola começou a se atucanar. Penou e os cambaus. Meteu mil piás furados. Todo mundo dava seu palpite. Até que encontrou na botota o Solon Sales.

Meus cupinchas, o Solon é um gozador. Anda rindo à toa. Tirou o gango de letra. Desembrulhou o violão e meteu uma serenata na porta do Salão Grená.

“Sofre tua dor resignadamente

Sofre como eu sofri por ti também
Sofre que a dor vai ensinando a gente”.

E o Solon foi por aí. A curriola de antenas ligadas escutava o cantor. Foi quando uma água começou a correr por baixo da porta do Salão Grená. O Aristides porteiro foi o primeiro a dar o berro.

– Ele está aí. Olhe água saindo de dentro.

O Enoque que é de chorar quando o Corinthians perde, selou:

– São lágrimas!

E sem bronca todo mundo arrombou a porta do Salão Grená. Pra espanto geral o Lau barbeiro estava rindo. Meio encabulado, mas rindo. Aí o Enoque invocado imprensou:

– Mas não está chorando.

E o fígaro saiu fora.

– Eu não.

E quando a gente quis saber da aguinha que saiu por baixo da porta, o cara de pau mandou ver.

– Te manca vagau. Estou enfurnado aqui desde manhã. Não ia abrir a porta pra vocês pegarem no meu pé. Me fechei em copas e aguentei a mão. Resisti quanto pude. Chegou uma hora que não deu. Fiz xixi aí no cantinho mesmo. Não pensei que ia correr lá pra fora.

E de vingança não fez a barba de ninguém.

João Carlos, um craque em cana (*Última Hora* de SP – Edição de 19/4/1969. Página 12. Caderno 1)

Meus cupinchas, toda vez que a gente esculacha a maldita lei do passe de jogador de futebol, mil bocas se abrem pra defender essa coisa escrota que é uma canga que escravisa o profissional da bola. Claro que isso não é nem um mistério. Tem muita cuca viva, que se toca no nojo, mas por estar arrelada com donos das coisas se fecha em copas. E pra dar pista marota pra torcida, mete um plá cavernoso. Falam na moralização do futebol e do mundo. Mas fica borboletando nas besteiras que só incomodam os hipócritas. Os canalhas traidores da pátria nunca botam o dedo na ferida. Isso não. Quando se entra de sola a parada sempre fica dura. E os panacas que rangem as custas das presepadadas montadas nas escolhas só querem sossego. O deles está garantido. Então deixa andar. Vão fazendo média de bacanas[,] marola campanha contra palavrão, contra horário de jogo e os cambaus. Agora você aí que só pega a pior, sente o peso da botota. Manja como o futebol pesa na balança da vida dos nossos patrícios que nunca viram Papai Noel. E se flagram na nojenta lei do passe.

Meus cupinchas, o crio[u]lo João Carlos deu uma de batusquela. Entrou num salão de beleza a fim de adiantar seu lado. Estava contando que o estarro ia ser mole. Acontece que entrou areia. Teve bochicho e os cambaus. Uma senhora meteu a boca no trombone e deu alarme. O negrão quis sair de pinote e mandou tocha na infeliz senhora que morreu. O ramoreiro que entra num lance pesado desses está sempre pro que der e vier. Quase sempre embarca numa canoa furada com a maior maconha em cima das ideias. Não está querendo bolhufas com nada. Só quer tratar de si e o resto que se dane. Quem não tem o que perder topa qualquer embalo

fajuto. E com João Carlos não deu outra. Fez seu saleiro e foi em frente. A cana foi na sua campana e apanhou o bruto. Que vai sem bronca puxar uma galera.

Meus cupinchas, claro que me machucava a senhora que tombou com as tochas do João Carlos. Mas juro por essa luz que me ilumina, que me machuca muito mais a história do crio[u]lo. Ele batia na bola num timeco do Paraná chamado Bandeirantes. Conseguiu com o seu joguinho apanhar algum tutu. Um dia se invocou e quis ir pra frente. Todo mundo achava que o crio[u]lo era bom. Ele levou fé em si. Mas caiu do cavalo. Os cartolas deram um guento no negão. Não reformou contrato, e o passe preso com o Bandeirantes, que nem se rachava quanto custava o preço do maldito passe. E aí já viu. O João Carlos chupou o talo. Amargou na rampa o crepe que teve de nunca ter ido em escola. Seu ofício era o futebol. E o Bandeirantes xavecou o crio[u]lo. Pra comer o negrão teve que vender até o sapato. A calça. A camisa. O João Carlos não era nenhum Rivelino. Nenhum time ia guerrear por ele. Até pra treinar o majura não tinha vez. Só se viesse com o passe, o maldito passe no bolso. Aí o crio[u]lo desandou.

Meus cupinchas, o João Carlos vai em cana. Deixa ir. Ele merece; matou. Vai pagar. Só que a gente é um pouco culpado por esse crime. Fomos nós que azedamos a vida dele. Nós. Eu, você e todos que estão bem instalados. A maldade não existe. Existe a ignorância. É esse o crime do João Carlos. Mas o que a gente ia esperar dele? Ele não ganhou nada da sociedade. Quem não tem não pode dar. Mas com nosso comodismo negamos escolas, carinho e tudo pro João Carlos. E finalmente os cartolas com essa lei nojenta que é a do passe, negaram o direito do crio[u]lo trabalhar na sua profissão.

Meus cupinchas, o crioulo vai em cana. Ninguém vai perder o sono por ele. Mas a gente podia livrar a barra de outros João Carlos que vem atrás desse. Pelo menos acabando com a maldita lei do passe. Os desgraçados que só sabem jogar bola se sentiriam melhor.

O Lau barbeiro já não está mais só (*Última Hora* de SP – Edição de 21/4/1969. Página 13. Caderno 1)

Meus cupinchas, nesse fim de semana não me liguei em nenhum jogo. Também, o que teve por aqui era cada pelada de meter medo. Acho mesmo que o Campeonato Paulista, um dos mais burros do mundo, só está se aguentando porque o Corinthians pegou um embalo e está botando pra quebrar. Isso deixa a maior curriola da paróquia assanhada e é sempre um tutu que fica na bilheteria. E já que toquei em bilheteria, sente aí o peso de botota. Minha peça querida, “Dois perdidos numa noite suja”, vai pras cabeças. Gente às pampas tem baixado no Teatro de Arena pra ver eu e o Ademir Rocha. Quem não foi não tem a vida toda pra ir, não. A gente só fica lá até o fim do mês. Os preços são populares. E vamos nós. Vou, sim, a um monte de lugares.

Meus cupinchas, hoje vou ao campo do Maria Zélia ver o festival do Sindicato dos Têxteis. Vai ser uma festa das mais bonitas. Além da decisão do torneio de futebol, o Paulo, o Giacomo e outros diretores aprontaram parangolés pra divertir as moças e os paqueras que pegam o batente como têxteis. E eu, que não sou bicão, embarcava nessa canoa mesmo que não fosse convidado. Mas, como fui, estou mais legal. Só é pena que eu não vou poder ir ao baile. Do campo mesmo tenho que me arrancar pra São Roque, terra do meu chapa Juca de Oliveira, um dos maiores atores do mundo. Porém, o lance é trabalhar e é só o que eu faço. Estou pegando

de grotta. Não quero nem saber. Se está chovendo na minha horta, eu ainda ajudo a regar. Que é como diz o Zagaia:

– Cobra que não anda não engole sapo.

E se o Zagaia diz, é que é. E por essas e outras, eu vou remando. Me virando na televisão, no cinema, no jornal, no teatro, e vamos nós.

Meus cupinchas, notícia de entortar o patuá é a do meu chapa Mauro Pires, que vocês manjam de escutar os plás da Rádio Santo Amaro. O cara manda um esculacho em cima de mim sem dó. Diz ele que eu sou de grupo. Que minto pacas e tal e coisa. A bronca dele é porque eu escrachei que o Lau barbeiro é o único sofredor juventino que eu manjo. O Mauro Pires meteu o bico na latinha pra chutar que eu sempre soube que ele foi um juventino de abanar bandeira em campo, de usar flâmula na bicicleta e os cambaus. Que o Lau barbeiro não está só. Que o Juventus é o clube que mais cresce no mundo. Claro que o Mauro Pires é um pinta que eu considero. Mas juro por essa luz que me ilumina que não sabia que ele era torcedor aflito do time grená. Eu pensava que o Mauro Pires só se afobava em defesa da música popular brasileira. E era por nossa música que eu botava fé no coroa, sabia bem que por essa causa ele não enjeitava briga. Sentia orgulho de ser patrício de um cara que já sofreu tremendos xavecós⁷⁴ por defender o que é nosso e não afinou. Mas, que ele torcia pelo Juventus, eu nunca soube.

Uma pauleira escamosa (*Última Hora* de SP – Edição de 22/4/1969. Página 13. Caderno 1)

Meus cupinchas, o pau comeu no jogo do Internacional com o Grêmio. Foi uma gronga de meter medo. Um salseiro que há muito não acontecia no futebol mundial. Brigaram os vinte e dois jogadores, os treineiros, as torcidas, os diretores, e até os cartolas e cornetas dos dois times. A polícia teve um trabalho doido pra desmanchar o rolo. E com essas e outras, o juiz, que não era loque nem nada, acabou a partida antes da hora, enquanto estava zero a zero. O apitador deu uma de sabido. Se calha do Grêmio marcar um gol, ia dar morte. A curriola do Inter não ia perdoar. Perder do Grêmio sempre machuca a moçada do clube colorado. Mas entrar pelo cano no campo novo ia ser de entortar a patola. Ainda mais que a torcida do Grêmio passou a semana inteira atucanando os inimigos. Espalhando que o Inter construiu o Gigante Beira Rio de alegre, porque o estádio ia ser o recreio do Grêmio, assim como o Morumbi é o recreio do Corinthians. Então o sarrafo cantou. Coisa de arrepiar. Mas tem nego que está boquejando que finalmente o Beira Rio está inaugurado.

Meus cupinchas, dessa pauleira eu não gostei. Sente o peso da botota. Eu achei linda a biaba que a seleção canarinho deu na seleção do Peru. Mas essa pancadaria entre Inter e Grêmio não pega bem. A gente brigar com a gente mesmo é atraso de vida. Coisa sem jeito. Não está direito. Ainda mais agora que a gente tem que se juntar pra ficar forte, pra não dar moleza de folgar com a nossa cara. A copa do mundo está aí mesmo e o Brasil só pega ela se o nosso futebol estiver unido. Já tem cartola de monte perturbando, armando presepadas nas encolhas⁷⁵ e os cambaus. Então dentro do campo os cobras devem manear. Pra não acontecer de

74 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecós”.

75 Termo atualizado; no original de jornal consta “escolhas”.

dois craques de times diferentes serem convocados pra seleção e chegarem lá um carregando bronca do outro.

Correspondência

Luis Horácio Costa – Rua Antonio Fonseca, 423 – Vila Marta.

[“]... obrigado pela colher de chá que vem sendo dada ao Bandeira Paulista[,] o cube mais simpático da Vila Maria. Estamos com a seleção brasileira, somos seus leitores assíduos e concordamos com sua opinião[”].

[Plínio Marcos:]

[“]Meu chapa, jogar o Bandeira pra cima não é colher de chá. O timão merece. Força é o gango daí que me dá, lendo a coluna. Quanto ao convite que vocês vão fazer, eu aceito sim. E depois arrumo um jeito de fazer minha peça “Dois perdidos numa noite suja” aí na Vila e convido vocês[”].

Um minuto de silêncio e muitos de barulho (*Última Hora* de SP – Edição de 23/4/1969. Página 13. Caderno 1)

Meus cupinchas, o samba está de luto. Ataulfo Alves morreu. A música popular brasileira perde uma força. Claro que[,] quem nasce, um dia tem que se apagar. Mas o nosso chapa Ataulfo deixa um buraco. Não vai ser mole aparecer outro sambista tão bom. E justo agora que a nossa música precisava de todos os seus cobras pra poder botar pra quebrar essa música cheia de mumunhas. Que os lacaios das fábricas de disco fazem questão de gravar, só pra puxar o saco dos patrões estrangeiros. Mas deixa andar. Ataulfo passou dessa pra melhor. A vida continua. E nós, aqui, no meio da batalha, precisamos honrar a memória do grande poeta brasileiro. Vamos só ligar as antenas nos programas que tocam o que é nosso. Chega de macaquear o que os gringos fazem. Vamos dar valor pro que é nosso. Um povo só é grande quando leva fé em si mesmo. Chorar seus artistas na hora da morte qualquer panaca faz. Dar colher de chá quando o majura está vivo é que conta. Naturalmente que o Ataulfo teve em vida o carinho mais sincero do público. Mas nas rádios, nas gravadoras, nas televisões, ele sempre foi passado pra trás por ruídos vindos do estrangeiro. Foi assim com o Ataulfo, e vai continuar sendo com os que vêm atrás, carregando o pesado bastão da música popular. É uma pedreira fazer música brasileira no Brasil. O Tinhorão, está aí mesmo de silêncio e um monte de barulho em homenagem ao grande compositor popular. Minha botota, vamos por os couros pra rufar. E que oxalá proteja a banda do Ataulfo.

Meus cupinchas, o negócio do futebol anda aquela escama. Um perereco dos mais cavernosos. Sente o peso da botota. Nenhum jornal, nenhuma rádio, deu bandeja pra nenhuma partida da última rodada do campeonato paulista de futebol. É do cacete. O Brasil tem o melhor futebol do mundo e acontece essas grongas. Um esquinapo dos mais burros. Torneio que tem time que entra só por entrar é um lixo. Corinthians, Santos de glórias mil, Ferroviária, Guarani, Palmeiras, São Paulo e até a Portuguesa do Canindé tendo que jogar com os Paulistas de Jundiaí é de arrepiar. Não dá pedal. Só serve pra estarrar os nossos craques, deixar eles com nojo de bola. Enfim, dias melhores virão.

Correspondência

Otávio Gianfrancesco – Rua Ezequiel Ramos, 606 – Mooca.

[“]... Aqui em casa todo mundo é Juventus. De abanar bandeira no campo. O Lau barbeiro é o único não[”].

[Plínio Marcos:]

[“]Veja você, Tavinho. Foi só o Juventus ferrar a Lusa do Canindé pra aparecer juventino de todo lado[”].

Só unido o Brasil vencerá (*Última Hora* de SP – Edição de 24/4/1969. Página 15. Caderno 1)

Meus cupinchas, quando a gente mete a boca no trombone pra anunciar que o futebol brasileiro é o maior do mundo dentro do campo e fora é uma gronga de meter medo, tem nego que estrila. Claro que sempre quem bronqueia com a verdade são os panacas arreglados com os cartolas. Mas você aí que sempre pega a pior se toca no peso da botota. Sente como todas as presepadas que acontecem no futebol são paridas pelas cucas batusquelas dos pistolões. O jogo do Internacional com o Grêmio está aí mesmo pra não me deixar mentir. O pau comeu nessa partida. Meio mundo entrou na biaba. Torcida, jogador e os cambaus. Mas quem aprontou o xaveco foram os cartolas. O salseiro começou nas escolhas. A diretoria do time colorado com a ganância pega, resolveu aumentar o preço dos ingressos. O povo gaúcho estava embalado, então atocha. O torcedor sempre entra pelo cano. Paga e não bufa. Mas o gango que manda chuva no Grêmio chiou. Não porque a curriola da geral ia se danar numa grana a mais. Longe disso. Cartola de qualquer lado quando se mete a ter ideia pode apostar que a torcida é que se machuca. Aí não deu outra coisa. O Grêmio fez marola porque manjou que o Inter ia beliscar uma bufunfa⁷⁶ firme e não quis ficar de fora. Atucanou o tutu mole que o dono do festival estava a fim de faturar. O vermelhinho de Porto Alegre não entrou no grupo do inimigo. Negou a colher de chá. Então foi broca. O Grêmio fez mil parangolés. Ameaçou tirar o time de campo e tudo. Como nada colou, deixou andar. Foi pra lenha. Bolou a onda, botou os cobras na fogueira e o pau cantou. O Beira[-]Rio ficou bagunçado. O jogo não acabou nem nada. A torcida que entrou com o sonante se estrepou. Entrou no sarrafo. Quem bateu foi em galera, quem ficou no prejuízo baixou no hospital. E os cartolas nem tomaram conhecimento. Continuam boquejando pra ver quem engrupi [sic] quem no racha do bolo. E Porto Alegre está em guerra. Se uma curriola de torcedor gremista flagra um vermelhinho dando sopa sozinho, desce o cacete. Daí o pessoal do Inter se junta e dá o troco. O troço [é] escamoso. Brasileiro brigando com brasileiro não é coisa de se por fé. Ainda mais agora que a ordem é a gente se juntar pra unidos e fortes pegarmos a Copa do Mundo, vem essa zorra encarnar no nosso futebol. É de lascar. Esses bate fundos só atrapalham.

Meus cupinchas, pega o rabo de foguete[:] dia 14 de maio, a seleção gaúcha vai ter de encarar a seleção argentina lá no Beira Rio. Vai dar pé? Os melhores times do sul são Grêmio e Internacional. A base da seleção só pode sair desses dois clubes. Vai dar pé? Formar uma equipe onde metade tem bronca da outra metade é fogo. Vê o que disse o treinero que agarrou a tarefa de montar o conjunto gaúcho, o jornalista Aparício Viana e Silva:

76 Termo atualizado; no original de jornal consta “bofunfa”.

– Não há clima em Porto Alegre para formar nenhuma seleção.

Meus cupinchas, são esses troços que os cartolas, diretores fajutos, dão ao grande futebol do Brasil, que apesar de tudo é o maior do mundo.

Geraldo Bretas (*Última Hora* de SP – Edição de 25/4/1969. Página 13. Caderno 1)

Meus cupinchas, como estou mandando ver os “Dois perdidos numa noite suja”, lá no Teatro de Arena, onde está fazendo uma temporada popular, que já está nos últimos dias, não dá pra mim ir [sic] no campo. Então o negócio é ver o vídeo tape. Claro que eu não sou loque de discutir uma partida que assisti pelo vídeo tape, que é um enganador dos mais mandraques. Todo cheio de truque. Mas na base do agrião, a lei é essa, se não tem tu, vai tu mesmo. E foi assim que eu meti minhas botucas na vitória do Santos de glórias mil sobre a Portuguesa do Canindé. E me parece que o juiz meteu a mão nos dois times. Mas deixa andar. O que conta, é que o meu chapa Geraldo Bretas estava no posto, comentando o jogo com a sinceridade de sempre. Metia o seu plá e me alegrava. Não porque eu concorde de saída com Bretas. Isso não. Mas que respeito o que ele diz, respeito. Manjo o Bretas há muito tempo. Eu ainda era de fazer psiu pra ninguém falar alto dentro do estúdio, de buscar água pra convidado importante que ia dar entrevista na televisão, e já sacava o Bretas. Sei como ele é vidradão nas ideias que defende. Ele era, e é, de baixar no salão Grená, do Lau barbeiro, e entrar no arranca rabo da curriola como qualquer torcedor. E juro por essa luz que me ilumina, o Geraldo Bretas nunca foi de enjeitar papo, biaba ou gronda que fosse, com quem quer que fosse. Ele discutia com os panacas do Salão Grená, com o mesmo embalo que fez na mesa redonda dos cobras. O Geraldo Bretas é um apaixonado. É sim. E vai até as últimas pela sua fé. Só por isso, de vez em quando dá mancada. O Bretas é um grande chapa.

Meus cupinchas, eu aqui, me criei à beira-mar, não vou em água que tem peral. Só de janela de pombal tenho trinta anos. Sei em quem apostar. E nunca vou tocar meu badalo pra majura fajuto. Se aqui levo meu papo em ôba ôba ao Bretas é porque sei que foi ele o único, sente o peso da botota, o único que se machucou com o palavrão impensado que soltou na televisão. Ele ficou entortado. Sentiu vergonha. Se arrependeu. Bateu com a cuca no poste. Se ardeu todo. Nem ele, nem ninguém, entendeu, porque de sua boca saiu a palavra proibida. Logo ele, que sempre criticou Plínio Marcos, por achar que o bicho tinha talento pra dar o seu recado sem precisar usar palavrão. Logo ele, um dia solta um sonoro palavrão.

Meus cupinchas, é como diz o Alberto D’Aversa[,] esse grande homem de teatro:

– Até araruta tem seu dia de mingau.

E o Alberto D’Aversa sabe das coisas. O Palavrão do Bretas saiu sem querer. Como os dos personagens das minhas peças. Puro, espontâneo, representante honesto de um estado de alma. Ninguém além do próprio Bretas se ofendeu. E ele se doeu, porque é pai carinhoso, marido companheiro de sua mulher. Foi por eles que o Bretas se autopuniu. E confessou na cadeira do Lau barbeiro, lugar onde o gango usa pra aparar os pelos, e pra desembuchar as mumunhas, como granfino faz em psicanalista. Mora no que o Bretas charlou pro Lau barbeiro.

– E meus filhos? E minha mulher? É duro[,] sabe. É duro a gente entrar numa barca furada dessas.

Meus cupinchas, a gente que espia o lance sabe que o Bretas é sincero. E sabe bem o que a torcida, a família, os amigos da família e os cambaus estão pensando. Todo mundo acha isso, esse Bretas continua uma criança. Tem o mesmo fogo que tinha aos vinte anos.

Meus cupinchas, a marola que fizeram em torno é normal. Todo cara que fez sucesso tem muito inimigo na paquera pronto pra pegar no pé. Mas nós aqui continuamos torcendo pro Bretas continuar sempre como é. Apaixonado, vibrante, sincero no seu ponto de vista, ao ponto de lutar por ele, até o palavrão.

Bandeira Paulista[,] um exemplo pra Portuguesa (*Última Hora* de SP – Edição de 26/4/1969. Página 13. Caderno 1)

Meus cupinchas, o futebol brasileiro é o maior do mundo. Mas só dentro do campo. Fora é uma gronga de meter medo. Quando os cartolas se metem a ter ideia[,] pode contar que a torcida é que se dana. Eles não querem saber. Aprontam os maiores xavecos sem se afobarem. Sente o peso da botota. O Palmeiras deu um grupo de entortar os patuás. Espalhou que a sua geral é arquibancada e atochou em cima da curriola. Se toca. A geral ficou só [em] um lugarzinho escamoso naquele campo. E quem quiser bom lugar que se rale. Tem que bufar com uma grana a mais.

Meus cupinchas, o troço do Palmeiras não é nada perto do que a Portuguesa do Canindé bolou pra estrepar seus cobras. Não é esse negócio de passe, de reforma de contrato e outras cangas. Não é isso. Nesses esquinapos o time do Parque Antartica é o rei. Tem montes de jogadores aí mesmo pra não me deixar mentir. O que a Lusa arranhou é menor que tudo. É de dar nojo. Um treco baixo pacas. A gente não devia nem se afobar. Devia saber que os cartolas da Portuguesa são os munhecas de porco. Muquinhas. Porém não levamos fé no papo que o nosso chapa Tônico Pereirinha, bateu lá no salão Grená do Lau barbeiro. Juro por essa luz que me ilumina que ninguém acreditou, quando o panaca contou que uma vez em que a Lusa do Canindé entrou pelo cano diante de um timeco qualquer, um pistolão do rubro verde, mandou cortar a água do vestiário, e não deixou o roupeiro dar guaraná pro gango.

Meus cupinchas, agora a gente está achando que não era saque do Tônico Pereirinha essa história da água. Se tirar por base o perereco que os cartolas lusos armaram pros seus cobras[,] depois do jogo em que perderam do Santos de glórias mil, a gente aceitar como verdade qualquer presepada que eles inventem. Só porque o timeco tubulou os pistolões deram o pinote e deixaram os jogadores a calo. Não deram condução pra eles saírem do campo. Pode um lance desses? Nem o Bandeira Paulista, o timão da Vila Maria, onde o meu chapa Azulão tem sua embaixada, dá uma dessa. O Bandeira pode ir e voltar do campo na sola. Pode sim. O glorioso da Vila Maria é clube pobre. Mas abandonar seus craques o Bandeira não faz nunca. E é por isso que os jogadores do time do meu chapa Azulão gamam a camisa que vestem. E os da Portuguesa andam matando cachorro a grito, fazendo promessa, macumba e os cambaus só pra verem se dão a sorte de pular fora dessa canoa furada que é a Lusa do Canindé.

Uma história do cais do porto de Santos (*Última Hora* de SP – Edição de 27/4/1969. Página 12. Caderno 1)

O cais do porto de Santos já foi uma das bocas de fogo das mais pesadas do mundo. Lá era broca. Ninguém enjeitava pau. O bicho que fugia do cacete, não aparecia mais. Se desse as caras, virava o esparro. A curriola pegava no pé, dava biaba e esculachava. A ordem lá no golfo era encarar. Sempre. Do jeito que desse e viesse. Apanhar não é feio. Pega mau é tirar o time de campo na hora do sarrafo. E a moçada da Baixada Santista sabia o que dizia o Zagaia:

– Quem tiver medo de homem não deve sair na rua.

E se o Zagaia diz é que é. Então ali o negócio era na base do agrião. Ninguém deixava nada no barato. E os valentes eram linha de frente mesmo. Quem duvidar, é só procurar saber a história da estiva de Santos. Mas deixa andar. Esse papo um dia eu levo num livro. E tem coisa pacas. Como se fundou sindicato, o troço dos bagrinhos, seus heróis, seus judas, suas glórias, suas misérias. Um dia eu racho o piá. Podem crer. Eu nasci pra ser o cronista do cais do porto de Santos. E juro por essa luz que me ilumina que vou ser. Mas o que conta aqui é o salseiro do Simião com o Toninho Navalha. Foi um perereco. Dois bravos. Se cruzaram numa guerra e foi lenha.

Não sei como começou o bochicho. Sei que teve um bate boca na parede da estiva. Teve outro bate caixa na ponte do barco. Mas teve o gango pra manear. E como os dois tinham valor provado, se respeitavam, se mediram, e deixaram o “vamos ver” pra mais tarde. Só pra não atrapalhar o batente da turma. E o tempo rolou e chegou a hora da verdade.

Simião e Navalhada se toparam numa birosca das Docas, ali nas quebras do canal do Mercado. As botucas de um bateu [sic] no outro e não teve mumunhas. Cada um entregou seu serviço. O Navalhada charlou primeiro:

– Eu tou coberto Simião. E tu?

– Estou com as armas em cima!

Os dois se mediram e o Navalhada combinou:

– Então tem que ser.

O crioulo Simião entrou na dele.

– Pois é. Tu é bravo, eu também. Tem que ser.

O Navalhada deu a volta no balcão e ficou bem na frente do inimigo. Aí selou:

– O que tem que ser, é. [sic]

E o negrão aceitou.

– Já ou agora.

O mais rápido foi o Navalhada. Puxou a draga e meteu tocha no crioulo. O melado correu. O Simião beliscado desabou. Arreou mas não fundiu a cuca. Se fechou em copas. Não gemeu nem nada. Estarrado na terra bolou o xaveco. Se fingiu de apagado e segurou as pontas. A batalha era de vida ou morte. O perdedor tinha que ser defunto. Qualquer um sabia que se o que ganhasse, não mandasse o outro pro beleléu, ia ter volta. E os dois que estavam no meio da pauleira sabiam mais que todos. E foi nessa fé que o Simião se agarrou. Enganou de morto e esperou o Antoninho Navalhada vir conferir. Com o berro na mão o crioulo se preparou. O majura embarcou na canoa furada. Abaixou perto do negrão e virou o bruto pra ver a cara. E aí recebeu o troco. O Simião devolveu as tochas. O Antoninho Navalhada saiu da vida. O crioulo continuou a peleja. Saiu se arrastando pelo chão. Ia com a dor marcando a fuça. Deixando uma estrada de sangue atrás de si. Moído. Beliscado. Mas sem se render foi se arrastando até o canal do Mercado.

Encostou nas berbas e jogou o revólver nas águas barrentas. Daí deu a dica pra curriola:

– Quando a cana vier ninguém entrega. Se cagoetar [sic] já viu.

E sem se segurar em pé empacotou.

O Simião não morreu. A ambulância guindou ele pra Santa Casa da Misericórdia de Santos. E ele se salvou.

Carlão Caxambu sem chance (*Última Hora* de SP – Edição de 28/4/1969. Página 15. Caderno 1)

Meus cupinchas, o Carlão Caxambu, depois que fez um bruta papel no filme “Nenê Bandalho”, que o Emílio Fontana dirigiu com argumento aqui do vosso chapa, ficou abilolado. Deu pra tirar onda na Vila Maria, fala sozinho, dá autógrafo sem ninguém lhe pedir e os cambaus. O crioulo anda impossível. E foi numa dessas jogadas que começou baixar a semana passada na porta do Teatro de Arena – onde a gente está apresentando os “Dois perdidos numa noite suja”, agora em seus últimos dias da temporada – uma curriola de negrão que não era mole. E era tudo crioulo cheio de mumunhas, de barba, de colar, cabeludo, camisa florida, calça apertada dessas que o bicho que usa não pode sentar, enfim, era um perereco. A porta do Teatro de Arena virou a costa da África. E o Carlão Caxambu só bochichava nas encolhas. E sem se rachar com ninguém, juntou o negroléu e se mandou pelas bocas cavernosas. A gente que espiava o lance viu o gango do Carlão passar pelo Som de Cristal e não tomar conhecimento. Seguiram em frente sem afobação nenhuma e sumiram lá no Largo do Arouche.

Meus cupinchas, passaram três dias e neca do Carlão Caxambu botar as fuças no Arena. Procuramos o mocó do crio[u]lo lá na Vila Maria e o pinta também três dias não piava lá. O pessoal do Bandeira Paulista, do meu chapa Azulão[,] há muito não botava as botucas no crioulo. A botota do Flamengo da Vila não quis papo e o Zé Bolinha é que explicou que o gango do Mengo estava bronqueado porque a coluna só dava colher de chá pro Bandeira e gelava o rubro-negro, que também é glorioso. Mas, o que pesava na balança está no esquinapo do Carlão.

Meus cupinchas, partimos pra ignorância. Metemos os olhos na coluna dos salseiros policiais. E foi na própria “Última Hora”, que é sempre a que saca os xavecos⁷⁷ com mais embaixada, que eu li uma notícia que até me fez esquecer do crioulo perdido. Era uma notícia de entortar aos patulás. Na boca amarela da Liberdade, ali nas quebras da Galvão Bueno, dois japoneses se pegaram de judô, karatê e tudo. Só porque um era torcedor do Palmeiras e o outro resolveu tirar um sarro dizendo que o Filpo Nunes não era de nada. Que não ia em jogo de periquito porque o juiz era sempre o melhor jogador do timeco do Parque Antártica, e a única vedete do clube verde era o treineiro. E ninguém vai pagar entrada pra ver Filpo Nunes berrar com jogador. Diante da verdade, o japonês palmeirense endoidou e a biaba cantou. E os dois foram em galera.

Meus cupinchas, torcedor brigar por futebol é fácil. Agora, japonês é a primeira vez que eu vejo. Ainda mais torcendo pelo Palmeiras. Meti o bedelho e me flagrei que os japas agora já não são tão achegados ao jogo de porrete. Que o futebol está tomando conta deles. E fiquei pensando: se o nosso jogo funde cuca até de japonês, por que tem uma televisão que passa aquele jogo de nada que é o

77 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecos”.

futebol americano? E peguei o rabo de brinquedo. A televisão é sempre um troço escamoso.

Meus cupinchas, eu estava pensando nas besteiras da televisão quando o Carlão Caxambu apareceu. Vinha jururu. Encabulado. Não queria se abrir. Mas prensado, deu as dicas. Tinha ido no Canal 5 fazer teste para a novela “A cabana do Pai Tomás”. Ficou um tempão na fila de crioulo. Lá tinha duas. Uma branca, outra preta. Não que houvesse racismo. Era que os brancos eram candidatos aos papéis de senhores e os negros a papéis de escravos. Mas, o que conta é que o Carlão ficou plantado na fila até a hora que mancou que o principal papel da novela, que é o próprio Pai Tomás, ia ser feito pelo Sérgio Cardoso pintado de negro. Aí, o Carlão e outros crioulos, que não vão pra grupo, saíram fora. E tem que ser assim. Porque é bem como o Carlão disse:

– Na hora de levar chicotada, vai negro autêntico. Na hora de chorar e fazer média com o mulherio mal-amado, vai um branco tingido. Aqui ói. E é por isso que o talento do crioulo não aparece.

O Guarani que se cuide (*Última Hora* de SP – Edição de 29/4/1969. Página 13. Caderno 1)

Meus cupinchas, o São Paulo está jogando um futebol que é um esculacho. Dá até pena ver o tricolor. Perdeu feio do Palmeiras. Sem luta, sem gana, sem nada. Os enganadores do Morumbi não queriam nada com a bola. Os enganadores do Morumbi não queriam nada com a bola. Foi de lascar. E o lance ficou escrachado pra quem tem botucas de ver. O São Paulo só emplaca na classificação se os donos do futebol ajudarem. E é claro que os pistolões vão entrar com papo cavernoso, que o São Paulo é o time da fé, da renda e os cambaus, e com essas chaves todas vão dar força pro tricolor. Nessa, quem vai se estrear é o Guarani. Os cartolas vão armar mil presepadas pra entretar o time de Campinas, que na bola é muito melhor que o São Paulo. Já contra o Palmeiras, o índio entrou pelo cano, graças ao juiz, que meteu a mão sem dó no seu bolso. E a gronga vai ficar mais azeda pro quadro campineiro. Sem colher de chá, o São Paulo vai sobrar. A gente que quer um campeonato limpo tem que e botar a de plantão na guarita pra vigiar o Guarani. Vamos botar a boca no trombone, fazer escarcéu, zoeira, catimba, mas não vamos abandonar o alviverde de Campinas.

Meus cupinchas, o Pedrinho Luiz e o Douglas, dois cobras do glorioso Bandeira Paulista, da Vila Maria, se mandaram pra São Carlos. Vão se amarrar com o time daquela cidade. Embora o clube do meu chapa Azulão fique desfalcado, a gente está torcendo pro sucesso dos dois craques. Agora, quem mais quer que o Pedrinho Luiz e o Douglas acertem as pontas em São Carlos, é o Zé Bolinha do também glorioso Flamengo da Vila. Ele sabe, que sem os dois bolões, o Bandeira fica a perigo.

Meus cupinchas, o golpe que os cartolas da Lusa do Canindé deram nos seus craques grudou. Pra quem não sabe, eu acho a coisa feia. A Portuguesa perdeu do Santos de glórias mil e os pistolões da cachopa largaram os seus cobras a calo. A sorte da moçada é que esse jogo foi no Parque Antártica. Eles tiveram que bater sola, mas foi pouco. Porém se rocaram. E se mataram contra a Ferroviária. Deram o sangue em campo. Ganharam o jogo na raça. Também pudera. Voltar de Araraquara a São Paulo a pé não é mole.

Meus cupinchas, só resta lamentar a morte do Lidu e do Eduardo. Se acabaram tão jovens, com eles foi tanta esperança. A gente sentiu muito. Como todo mundo.

Alô alô Jundiaí (*Última Hora* de SP – Edição de 30/4/1969. Página 13. Caderno 1)

Meus cupinchas, o nosso chapa Mario J. Ceolin, que mora em Jundiaí, está chiando porque a gente aqui tocou o cacete no Paulista. E eu acho muito justo o moço dar o estrilo. Claro, ele é torcedor do time de sua terra. E faz muito bem. Agora, o que ele não pode, é dizer que o esculacho foi sem base. E os fatos estão aí mesmo pra não me deixar mentir. E vamos por na balança.

Meus cupinchas, juro por essa luz que me ilumina que não sou contra Jundiaí, nem contra cidade nenhuma do mundo. Mas sou contra os esquinapos que os cartolas aprontam no futebol. E é só me aparecer uma gronga pra eu dar pau. O Paulista, meu camaradinho, subiu pra divisão dos bons como um time cheio de laços. Foi só se sentir em cima, pra devolver os Mirandas, os Macalés, e um cacetão de gente. E ainda por estar a perigo vendeu o melhor que tinha. E é claro, contratou alguns. Mas quem foi jogar no Paulista foi com bronca. O Augusto, que andou um tempo enorme matando cachorro a grito, não quis ir. Ele não é loque. Não ia entrar em canoa furada. E deu o plá nos jornais. Contou que o time de Jundiaí não pagava ninguém. E não mentiu não. Quem bota as botucas nos lances, já se tocou em ameaças de greves que os jogadores do Paulista aprontaram. E tem mais. O Ferrari cansou de dizer que o Palmeiras fez um bruta xaveco de vender o passe dele, pro time do seu Ceolin. E um cartola do Paulista botou a boca no trombone pra espalhar que o povo de Jundiaí não ajuda o clube. Isso tudo foi publicado nos jornais e ninguém desmentiu.

Meus cupinchas, o nosso campeonato é um dos mais burros do mundo, por causa desses pererecos. O Paulista de Jundiaí não tem a mínima condição de entrar numa parada com o Santos, Corinthians, Palmeiras, Ferroviária e Guarani, que são os cinco grandes times do campeonato desse ano. Profissionalismo é broca majura. Não tem colher de chá. Entrar num bate fundo, só por entrar, é atraso de vida. O panaca, que disse, que no esporte o que conta é o prazer de disputar, não a vitória, ganhava sempre. Meteu essa ficha cabulosa pra contentar os subdesenvolvidos que tubulavam sempre.

Meus cupinchas, agora sente o peso da botota. Vê quantos Paulistas de Jundiaí o Pelé vai ter que encarar antes de ir defender o Brasil na Copa do Mundo. Um montão. Daí, esgotado, farto de bola, carregando no lombo quinze horas, só de minuto de silêncio feito antes de começar as partidas, o crioulo vai pegar os inimigos da seleção canarinho.

Meus cupinchas, o escracho está aí. Quem quiser que julgue. Pro nosso chapa Mario J. Ceolin, um abraço. Fico contente de saber que o bicho lê a coluna. Mas também mando um recado a todos. Não escrevo pra agradar. Eu só racho pra tentar mudar as coisas. Sei bem que não posso muito. Mas mando minhas balas. Doa a quem doer. Assim como distribuo biaba, tenho tomado. Só que eu entro em arranca rabo em defesa de ideias. E tem muito nego que só briga por palavras.

2.5 – As crônicas de maio de 1969 – Coluna *Navalha na carne*

Na televisão crioulo não tem vez (*Última Hora* de SP – Edição de 1/5/1969. Página 11. Caderno 1)

Meus cupinchas, no salão Grená do Lau barbeiro a curriola sai fora de papo de futebol. Todo o gango está machucado com a morte do Eduardo e do Lidu. E só pra não se tocar no crepe, o papo vai em outro embalo. Então o lance é charlar de televisão. E aí é broca. Se o nosso futebol é o maior do mundo dentro do campo e fora é uma caca, porque tem os cartolas que sempre aprontam mil xavecós pra engupir a torcida, a televisão ainda é pior. E é só a gente meter o bedelho no assunto, pra manjar os esquinapos que a moçada que tem obrigação de mandar o melhor pro público arranja pra enganar. Sente o peso da botota. O canal cinco resolveu atacar com uma novela chamada [A] Cabana do pai Tomás. Até aí nada demais. Comparando com os pererecos que aparecem no vídeo essa ia bem. Acontece que o Pai Tomás[,] o personagem principal da novela[,] é um crioulo. E aí já viu. Os produtores do canal cinco acham que negrão não dá IBOPE. Então vão tingir um branco e meter lá de Tomás. Se flagra. Na hora de tomar cacete vai ser crioulo de verdade. Na hora de chorar e fazer média com o mulheriu mal amado vai um branco pintado. Pode um troço assim?

Meus cupinchas, os panacas que vão armar essa presepada vão aparecer com o grupo que não tem crioulo bom ator. Mentira escamosa. Só eu manjo um gango de negrão capaz de botar pra quebrar no papel de Tomás. O Dalmo Ferreira, o Carlão Caxambu, o Benê Silva, que é formado pela Escola de Arte Dramática, o Milton Gonçalves[,] que é um dos melhores atores do Brasil contando os brancos e tudo, estão aí pra não me deixar mentir. Natural que pouca gente conhece eles. Os crioulos só pegam os papéis de esparro. E se algu[é]m resolve se pintar de branco pra fazer o Romeu, a crítica[,] sempre omissa quando alguém se pinta de crioulo pra fazer Otelo, vai urrar.

Meus cupinchas, claro que os atores crioulos estão ruim dentro da roupa. Vão embarcar nessa canoa furada só porque estão matando cachorro a grito. Se tivessem grana, ou emprego sobrando, não se achegavam a esse malho. Alguns atores brancos também estão na base do agrião. Mas a maioria vai de alegre. Nem toma conhecimento que a lei Áurea já foi assinada.

Meus cupinchas, você que é branco vai permitir que essa imoralidade entre no seu lar? Você que é crioulo, que tem bacurisinhos pequenos. Que fala pra eles que os homens são iguais perante Deus e perante a lei. Que não conta a grana no bolso, nem a cor da pele, nem nada. Você meu bom negrão vai permitir que essa pata nojenta esmague as esperanças do seu filhinho, como está esmagando hoje o ator preto? Eu que ensino pro Tuquinho e pro Quico[,] meus dois pivetes de valor[,] que todos os homens são iguais, não vou deixar eles verem esse esquinapo⁷⁸ com os meus parceiros pretos. E vocês jornalistas? Como é que fica? Vão se fechar em copas? Vamos fazer marola. Vamos libertar os nossos irmãos negros desse cativoiro. Em nossa pátria não cabe uma besteira dessas.

Lincoln só queria a igualdade dos homens (*Última Hora* de SP – Edição de 2/5/1969. Página 13 Caderno 1)

⁷⁸ Termo atualizado; no original de jornal consta “esquinaço”.

Meus cupinchas, eu não carrego em mim fé em nada divino. Já dei esse plá em público montes de vezes. Mas respeito a crença dos outros. A maioria nesse país crê em Deus. E os que crêem, dizem que perante Deus todos os homens são iguais, não conta a cor da pele nem a grana que está enfurnada no baú. Perante a lei todos os homens são iguais. Os códigos estão aí mesmo pra quem quiser ver. Mas nada disso pesa na balança. Porque o homem diante do homem é fogo. O jogo é bruto. A regra [é] nojenta. Quem puder mais, chora menos. E o resto que se dane.

Meus cupinchas, são muitos os pererecos que servem pra provar que nos tempos que correm o homem não é parceiro do homem. Mas o que mais me atucana a cuca é a presepada que o canal cinco está armando. Eles vão montar a [A] Cabana do Pai Tomás em forma de novela. E o Tomás que é um personagem preto vai ser vivido por um ator branco. Vão tingir o panaca de negro. Vão deixar uma curriola de bons atores crio[u]los, fazendo papel de esparro. E o branco tingido se badalando de estrela [sic]. O Sérgio Cardoso é o cara que vai se prestar ao triste papel de se pintar de negro pra fazer Tomás. E vai na mesma novela fazer mais dois outros papéis. O de Lincoln e um outro branco. Vai dar seu show. Vai satisfazer sua vaidade. Enquanto Samuel, Dalmo Ferreira, Benê Silva, formado pela Escola de Arte Dramática, Milton Gonçalves, Pitanga, Carlão Caxambu, e tantos outros atores negros, de valor provado, ficam pegando as rebarbas das quebras da vida.

Meus cupinchas, a [A] Cabana do Pai Tomás é um romance contra a nojenta escravidão. E vai servir na bolação dos majuras do canal cinco pra amesquinhar patrícios nossos. Lincoln foi um grande homem que foi assassinado covardemente. Foi a medalha que deram por querer a igualdade dos homens. Lincoln vai ser representado por um ator que não tem nada a dizer sobre o humanismo.

Meus cupinchas, me vem na memória o Rubens Campos, um bom crio[u]lo com um talento raro, e que morreu com vontade de comer. Sem trabalho. Aguentou os seus últimos tempos, mastigando o amargo e nojento pão da caridade. Enquanto num palco de São Paulo um branco tingido de preto faturava palmas, flores, dinheiro, vivendo Otelo.

Meus cupinchas, não cabe uma besteira dessa no Brasil. Nós aprendemos isso com nossos pais, com nossos mestres, “Todos os homens são iguais”. Que interessa a verdade dos livros, os conselhos dos sábios, se no dia a dia é tudo uma caca?

Meus cupinchas, os atores negros certamente vão engolir essa jogada cavernosa. Alguns atores brancos também. São os que estão matando cachorro a grito. Sem emprego, sem nada. Mas vão entrar nessa catraca furada, com a bronca pega. Se ardendo de raiva. Colando a revolta por gama aos filhos. Por gama a profissão que escolheram. Mas eu que manjo bem os meus chapas negros sei como estão machucados. E não aguento mais. Boto a boca no trombone pra berrar por meus irmãos negros. Chegou a hora da gente libertá-los da escravidão. Dar chance igual a todos. Não podemos permitir que no Brasil que a gente ama se faça uma afronta à dignidade humana. Existem terras onde é comum pintar branco de negro pra entrar no palco. Mas esse ridículo exemplo a gente não pode aceitar. Vamos protestar com energia. Essa pornografia não pode ir ao vídeo. Essa imoralidade não pode invadir os lares.

Meus cupinchas, os atores negros sabem como seria ridículo eles se pintarem de branco, no Brasil, para viverem o papel de Lincoln que eles tanto amam. Eles só querem é fazer o Tomás. Mostrar que têm talento. E isso não é racismo. É um direito do homem de cor.

Salve-se quem puder (*Última Hora* de SP – Edição de 3/5/1969. Página 13. Caderno 1)

Meus cupinchas, Benê Silva, ator negro formado pela Escola de Arte Dramática de São Paulo, do mestre Alfredo Mesquita, sempre foi bom aluno, e quando entrou nas paqueras da vida, todo mundo reconheceu de saída o talento vigoroso do crioulo, e a sua impressionante vocação para o teatro. Fez uma peça desse vosso chapa aqui, a “Reportagem de um tempo mau”. A censura proibiu o espetáculo, e o crioulo, junto com os outros atores, ficou no desvio. Benê Silva então andou matando cachorro a grito. Só pegava as rebarbas. Esparro de televisão, figurante de teatro e os cambaus. Sofreu mais que gato de desenho animado. Já ia tirar o time de campo, quando entrou numa peça do Teatro de Arena. Botou pra quebrar. Toda a crítica reconheceu o valor do negrão. Apontaram o Benê como a mais risonha promessa da nova geração do teatro brasileiro. Teve crítico que chegou até a escrever que Benê era gênio. Coisa que não deixou o crioulo afobado. Ele sabia que o panaca que escreveu isso era três vezes oito. Porém ficou com esperança de ver sua carreira pegar embalo. Logo se tocou que toda a badalação era grupo. A peça do Teatro de Arena saiu de cartaz e o Benê voltou a arrastar sua fome pelos corredores da televisão. Foi aí que o canal cinco anunciou que ia sair com a novela. A cabana do Pai Tomás. O crioulo se picou de fé, e foi correndo lá na rua das Palmeiras. Entrou na fila negra. Tinha duas. Uma de crioulos, que era a dos escurinhos candidatos a escravos, e a outra dos brancos, que era a dos candidatos a feitores, fazendeiros e tal e coisa. Mas não deu sorte. Os panacas que bolaram a presepada, são uns abilolados. Vão tingir o Sérgio Cardoso, o Jonas Melo e mais alguns brancos, e vão tacar eles no lugar do Benê Silva. Só porque os bobocas que dirigem o perereco do cinco acham que crioulo não dá IBOPE.

Meus cupinchas, Jonas Melo, ator branco, vindo de Santos, com talento e plápláplá, mas tudo ainda pra provar. Trabalhou com a Maria Della Costa, numa peça que não disse nada ao público, está no “Cinto Acusador”, no chove não molha, e pegou umas sobras na televisão. Também anda matando cachorro a grito. Ganha um ordenado dos mais fajutos. Chama mendigo de excelência, e outros bichos. Foi convidado pra fazer a novela “A cabana do Pai Tomás”. Quase morreu de enfarte de tanta alegria. Se mandou correndo pro cinco. Chegou lá e meteu a fuça na fila branca. Se entortou. Os majuras que bolaram o pesqueiro, pintaram o Jonas de preto, e começaram a discutir a cor da tinta. Ninguém se tocou com o talento do moço. O que pesa na balança pros bobocas do cinco é a cor da tinta. E o Jonas vai embarcar na catraca furada. Vai ser tingido de negro pra ocupar o lugar do Benê Silva. Quando botaram o Jonas na parede ele se rachou:

– Estou a perigo. Entro nessa. Que posso fazer?

Meus cupinchas, por essas e outras é que a gente se dana. O Jonas podia mostrar todo o seu talento num papel bom. Mas não. Vai continuar sem dizer nada. Porque jamais um branco tingido de negro fará o papel de crioulo melhor que um crioulo de verdade. E o Benê continua por aí batendo a cabeça na parede.

Correspondência

Sindicato Rural do Vale do Rio Grande.

[“]... Sentir-se-á honrado com a presença de V. Excia. na grande promoção especializada da Pecuária barretense: 18ª Exposição de Animais e Produtor Derivados de Barretos, que se realizará de 28 de abril a 11 de maio de 1969[”].

[Plínio Marcos:]

[“]... Se puder eu vou. Mas mesmo que não vá, fico torcendo pro sucesso da feira. E também fico de cuca fundida. É a primeira vez na vida que um sindicato patronal me convida pra alguma coisa[”].

Vamos ver a censura (*Última Hora* de SP – Edição de 5/5/1969. Página 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, o Coronel Aluizio, chefe da Censura Federal, baixou uma lei, ou uma portaria, ou um decreto (sei lá o nome certo desses sábados), só sei que pelo povo plá da Censura, os bicharocas não podem mais se badalarem na televisão. E também os artistas que viviam de ridicularizar misérias humanas pra fazer gracinhas pros panacas que vivem em maré mansa tomarem o seu breque. Não podem mais fazer caricatura de bicharoca, nem de cego, nem de aleijado. E está certo o coronel Aluizio. Esculachar a desgraça só pra fazer uns folgados rirem é um pouco demais. E a televisão estava cheia desses esquinapos.

Meus cupinchas, essas botucas que a terra vai comer viram nos jornais que homens de valor provado aplaudiram o censor. Mas, não vi nenhum dos caras que mandavam seu oba-oba se preocuparem com um outro problema da mesma faixa. O perereco que eu escracho é o dos negros. Tem que sair uma lei, ou um decreto, ou uma portaria, tanto faz o nome da gronga, mas tem que sair um treco proibindo branco de se pintar de preto pra representar certos papéis. E tem que sair por vários motivos.

Meus cupinchas, o primeiro é que tem muito ator negro com gabarito e que só espera uma chance pra abafar. E essa chance não vem. Porque na hora de fazer “A cabana do Pai Tomás”, por exemplo, o Sergio Cardoso se tingem e faz o papel-título. E como é ridículo pintar um preto de branco, o próprio Sergio Cardoso faz o Lincoln. O segundo motivo é que um branco tingido só consegue fazer caricatura de negro. E não é justo um majura, por vaidade, ridicularizar toda uma raça. Terceiro, num país que tem crioulo às pamparras, não cabe uma besteira dessas, de um Sergio Cardoso se tingir de negro com a alegação de que não tem ator negro capaz de agradar o público e o IBOPE. E tem muitas outras razões. Mas, sente o peso da botota. Os atores negros, por falta de bons papéis, não se desenvolvem com a mesma facilidade dos atores brancos. Qualquer um sabe que as mumunhas e os macetes da profissão se aprendem no batente de todos os dias. E como é que o Dalmo Ferreira, negrão de raro talento, vai deslanchar, se na hora do “vamos ver” é sempre passado pra trás?

Meus cupinchas, estamos aí torcendo pra que a Censura pegue no pé do Canal 5, do Sergio Cardoso e de tudo quanto é boboca que se tingir de preto pra tirar o lugar que cabe aos atores crioulos. Essa bronca dos negrões não é racismo. É um direito legítimo que eles têm. O santo direito de trabalhar.

Correspondência

Teatro de Arena – Rua Teodoro Baima, 94.

[“]... Convidamos V.S. para o coquetel de lançamento do livro do Ramos Tinhorão e do Show Chiclete e Banana[”].

[Plínio Marcos:]

[“]Nessa pode contar que eu vou e levo uma curriola pra comprar o livro do Tinhorão. Ele tem que ser prestigiado de todo feito. É um grande defensor da nossa música popular. E desde já a gente aposta no sucesso do santista do Bairro Chinês[”].

Lusa quer engrupir Lorico (*Última Hora* de SP – Edição de 6/5/1969. Página 11. Caderno 1)

Meus cupinchas, sem esquecer o esquinapo que o canal cinco aprontou pros atores crioulos, pra quem não sabe eu dou a dica: os majuras lá da Globo resolveram montar “A cabana do Pai Tomás”. Mas como acham que crioulo não dá IBOPE, vão tingir os brancos de preto, e mandar ver. Claro que isso é um bruta xaveco. Os atores negrões custam pacas pra ter uma chance. Quando aparece uma, acontece dessas. Mas vamos ver o bicho que dá. E enquanto isso vamos de futebol, que apesar de tudo é o plá dessa coluna.

Meus cupinchas, a Portuguesa do Canindé é uma graça. É uma anedota. Sente aí o peso da botota. Depois de badalarem às pampas a crônica esportiva, deram uísque e plá-plá-plá, os cartolas da Lusa se invocaram, e proibiram a imprensa de cobrir os treinos, e os outros babados do time. Pode um troço desses? Claro que não. Mas os pistolões rubro-verdes ficaram com bronca porque os cronistas tocaram a lenha no timeco do Canindé. Os majuras pensaram, que molhando o bico da moçada que escreve, iam ganhar os caras pra gaveta. Caíram do burro. Aí engrossaram. Mas deixa os bolhas de lado. O que ninguém vai abandonar, é o esquinapo que os manda-chuvas da Portuguesa estão dando no Lorico.

Meus cupinchas, acabou o contrato do Lorico. Ele foi pro papo da renovação. A proposta que os cartolas da Lusa fizeram ao craque era quase uma ofensa. Logo pra esse cabra que dá o sangue em campo. Mas o brutos não se tocaram. Na hora do vamos ver, o pistolão sempre quer engrupir o boleiro. E o lance era ruim pro cobra. A maldita lei do passe, sempre dá colher de chá pros donos do futebol. Se manca aí. O Lorico já tinha entrado no jogo pela Portuguesa, não dava mais pedal mudar de time. Ou embarcava na canoa furada dos cartolas lusos ou entrava pelo cano. Com essas e outras os manda-chuvas encostaram o Lorico na parede. Queriam tirar o pelo do moço. E vão conseguir. Mas a gente está de plantão pra escrachar as misérias do futebol. E não vamos dar moleza.

Correspondência

Catarina Vitória La Terza – Centro Acadêmico Jackson de Figueiredo – Santos.

[“]... A ideia do curso surgiu ante a necessidade de se compreender a transformação que vem se apresentando no teatro brasileiro. Assim o curso visa à arte dramática partindo da plateia para o palco. O curso tem como finalidade principal a formação de um público que possa assistir a um espetáculo teatral e analisá-lo através de um conhecimento básico da arte[”].

[Plínio Marcos:]

[“]Tudo que você me pede eu faço Catarina. Agora abre o olho. Não vai deixar botarem mumunha na cuca da tua curriola. Teatro é simples. E ninguém precisa de curso pra assistir e entender o bom teatro. Tá?["]

Nas finais o Santos bota pra quebrar (*Última Hora* de SP – Edição de 7/5/1969. Página 13. Caderno 1)

Meus cupinchas, depois de fazer a marola contra a novela cavernosa “A cabana do Pai Tomás”, não por causa da novela, mas por causa das mumunhas que botaram na cabeça dos produtores do canal cinco, que resolveram tingir os brancos de preto, pra fazer os escravos. Com essas e outras, os atores crioulos ficaram sem emprego. Mas nada como um dia atrás do outro. E enquanto a gente fica torcendo contra a novela escamosa, vai falando de futebol que é pra isso que o vosso chapa está aqui.

Meus cupinchas, o Santos de glórias mil está um esquinapo. Vai caindo pelas tabelas. Muito panaca que não espia nada de bola, meteu a boca no trombone pra anunciar que o glorioso alvinegro praiano está no fim da picada. Que a grande máquina de jogar futebol enferrujou e os cambaus. Grupo. O timão peixeiro tem macetes. Sabe cozinhar o galo em água morna. Pra que vai se afobar? O que conta é o turno final; quando os quatro classificados vão botar pra quebrar. E aí vai ser broca. O Santos de glórias mil pega embalo e entorta meio mundo. Podem apostar.

Meus cupinchas, agora quem está chiando que o glorioso alvinegro praiano está avacalhando o campeonato paulista, está por fora. O perereco da Federação é um esculacho por si só. Uma maratona. Quem corre de saída, fica sem gás pra final. A moçada da Vila vai devagar. Encarar a pedreira não é mole. É jogo e mais jogo. Um em cima do outro. E em cada campo que vou te contar, daqueles que tem tanto buraco, e que, como os beques do dono do campo descem a biaba à vontade, a gente chega a pensar que os buracos são trincheiras, pra guerra que é o campeonato paulista. O Santos de glórias mil já está classificado. E na hora do vamos ver, ele chuvera os outros.

Meus cupinchas, quem anda jururu é o Ignácio de Loyola, um dos grandes contistas brasileiros. Não é com o seu livro, claro. O livro do escritor de Araraquara vende paca[s]. Além de tudo quanto é conto do Ignácio vira filme. Ele anda chateado é com o xaveco que a Federação armou pra Ferroviária. Botar o time de Araraquara na chave do Santos de glórias mil e do Palmeiras, foi um troço chibu. A Ferroviária apesar de perder do Paulista de Jundiaí é a quarta força do futebol que se joga por aqui. Se fica na botota do São Paulo e do Corinthians, emplacava fácil nas finais. Mas daí o timeco do Morumbi ia gramar. E não pode. Futebol nos tristes tempos que correm é mais jogado nas encolhas dos corredores que no campo.

Enquanto eu tiver um espaço (*Última Hora* de SP – Edição de 8/5/1969. Página 14. Caderno 1)

Meus cupinchas, o lance está escrachado de todo lado. O canal cinco ataca de “A cabana de Pai Tomás” com branco tingido de negro. E o vosso chapa aqui deu o estrilo. Há muito tempo manjo os pererecos em que vivem os atores crioulos. Só pegam as rebarbas. São sempre os perdedores de salários miseráveis. Ficam nos piores papéis. Quando surge um troço bidu quem faz é um branco tingido. É esse o

caso do Tomás que o canal cinco teve a ideia infeliz de bolar. Não por causa da novela. Por causa da triste ideia de tingir o Sergio Cardoso de preto, pra tirar o lugar de um Dalmo Ferreira, de um Samuel, de um Milton Gonçalves, de um Benê Silva. Que jamais vão ser tingidos de brancos pra fazerem o Lincoln.

Meus cupinchas, claro que os panacas do canal cinco amarraram alguns crioulos no contrato cavernoso. E como eles são o que existe de sabido, pegaram esses cantores aflitos, sem vez e sem esperança, pra chiar na televisão, em entrevistas cabulosas, que era um orgulho pra raça negra o Sergio Cardoso se tingir de preto pra fazer o Tomás. Eu manjo bem uma das extras negras que eles botaram pra dizer isso. Lembro dela das noites do Bar Sujinho, onde o Dalmo, o Samuel, o saudoso Rubens Campos, o Solano Trindade, ela, eu e mais uma bruta curriola de negros, brancos e mulatos amargávamos o nosso desemprego, comendo todos no mesmo prato, bebendo no mesmo copo, e chorando a mesma desgraça. Vendo o Dalmo Ferreira, que era o bom entre nós, ser passado pra trás toda mão. Eu me arrumei. Mas juro por essa luz que me ilumina, não esqueci, não vou esquecer nunca, a gronga dos meus companheiros negros. Sei que as balas que eu mando o Rubens Campos que morreu miando mandaria. Sei que essas pessoas do meu gango, cansaram de mastigar o nojento pão da caridade. Alguns talvez afinem. Mas eu levo a bandeira, até o meu último espaço livre. Não quero na pátria que eu amo uma afronta aos meus patrícios pretos. Não quero discriminação na profissão que eu escolhi por amor. Quero chance pros grandes atores negros provarem o seu valor. Que era o que Tomás da Cabana queria: a liberdade.

Meus cupinchas, pra não dizerem que não falei em bola, dou um plá. O Lau barbeiro, único juventino que eu manjo, que briga pelo clube grená, recusou a me arrancar os pelos da fuça, só porque o Eli Coimbra esculachou o Pica-Pau, dizendo que o Aclimação F. C. é melhor que o parque da Mooca. O Lau barbeiro proibiu minha entrada no Salão Grená, porque o meu mocó é na Aclimação.

Hoje estou devagar (*Última Hora* de SP – Edição de 9/5/1969. Página 15. Caderno 1)

Meus cupinchas, o xaveco do canal cinco não tem por onde. Tingir branco de preto pra fazer papel de Tomás é uma gronga. E os bons atores crioulos ficam pegando as rebarbas. Não pode. E não adianta os panacas me xingarem. Não vou tirar o time de campo. Podem dizer que sou demagogo e os cambaus, se o meu gango negro subir mais um degrau na escala social, vale a pena encarar a catimba do dono das coisas. Mas vamos lá. A Última Hora vai fazer uma série de reportagens com atores pretos, e também com alguns brancos, só pra escrachar bem o perereco.

Meus cupinchas, estou arrebetado com a tragédia que atingiu nossa querida rainha Cacilda Becker. Ela sempre foi uma batalhadora. E agora está calada, lutando contra a morte. E a gente torce para que ela volte aos palcos.

Meus cupinchas, a coluna hoje está meio marota. Até o canal cinco com seus panacas tingidos de preto podia tomar mais uma biaba. Porém hoje não estou muito ligado. Vou deixar montes de coisas no barato. As cartas que estão chegando, aos montes, eu vou responder uma por uma. São cartas bacanas que vêm dar apoio pra gente nessa pauleira contra o canal cinco e seus atores tingidos de preto.

Correspondência

Carlos Costa – Vila Maria[:]

[“]... Dá pau neles, Plininho. A gente sempre gostou de tu, porque tu compra a nossa briga sempre. Os crioulos da Vila apostam em tu contra o canal cinco. A gente que para aqui, no Bar do Buda, já combinou de não ligar as botucas nesse xaveco de branco tingido de preto[”].

[Plínio Marcos:]

[“]Tá certo, Carlos. O negócio é esse mesmo. É deixar os panacas falando sozinhos[”].

Como tá Cacilda? (*Última Hora* de SP – Edição de 10/5/1969. Página 13. Caderno 1)

Meus cupinchas, a gente de teatro anda pelas ruas de zonzeira, dando com a fuça nos postes, triste, apagados e os cambaus. Chora o teatro brasileiro. E o povo sabe. Nossa Cacilda Becker se bate contra nós. Quem é de rezar, reza. Quem é de bater cabeça no gongá, se cobre. Quem não tem fé em nada divino, se desespera, se agonia, não há nada de prático pra fazer por nossa rainha. Os médicos do Hospital São Luís, os enfermeiros e todos são de uma dedicação maravilhosa. E o povo na rua sente nossa dor, que é a sua própria. A mais brilhante atriz brasileira está calada. Se agarrando à vida que ela ama com todas as forças. E o público se achega aos artistas com outro plá que não é o escamoso autógrafo. O engraxate, a menina do colégio, o vendedor de fruta, o jogador de futebol, chofer de táxi, o cobrador de ônibus, o político, o militar, o barbeiro, todo o povo pergunta:

– Como tá a Cacilda Becker?

Meus cupinchas, nessa hora de dor, o povo que ama Cacilda, daria tudo pra vê-la uma vez mais na ribalta. Todo mundo sabe o que passa com a primeira dama do teatro brasileiro. As notícias invadem os lares pelos jornais, rádios e televisões. Todo mundo escuta e lê tudo sobre Cacilda. E a notícia vira medo, vira esperança, vira uma lágrima, vira amor em cada coração. E com espanto todos perguntam:

– Como tá a Cacilda Becker?

Meus cupinchas, a gente quer saber. Cacilda e o teatro são uma coisa só. Cada personagem que ela viveu está pra sempre cravado na memória de quem teve a honra de assistir. Quem viu Cacilda no palco ou na televisão sabe que ela entregava pedaços do seu coração a cada personagem. E quem não pôde ver escutou contar. E hoje todo mundo pergunta:

– Como tá a Cacilda Becker?

Meus cupinchas, Cacilda está ali no meio da batalha. Lutando pra viver. Talvez perca essa parada. Mas deixa um recado de fé. A vida é pra ser vivida até o último momento. E é assim que está Cacilda.

Correspondência

Maria Alice Nogueira – Av. Manoel Tourinho, 13 – São Paulo.

[“]... Você critica o Sérgio Cardoso por despeito. Ele é um grande ator. Um dos maiores do Brasil. E você não é ninguém. A gente vê isso no Vitório que você faz no ‘Beto’[”].

[Plínio Marcos:]

[“]Maria, sua opinião sobre meu trabalho, respeito. Quanto ao Sérgio, concordo, é um grande ator. Só que não é por causa disso que vou permitir que ele se tinja de preto pra fazer um ridículo enorme. E o pior: outros atores maiores, ficam amargando o desemprego só por serem pretos. O plá do Alberto D’Aversa é que está bidu. Ele charla:

– Tá certo que o Sérgio se tinja de preto e faça o “Tomás”. Mas aí os panacas têm que botar o Solano Trindade de Lincoln. Assim fica mano a mano[”].

O Balalaica (*Última Hora* de SP – Edição de 11/5/1969. Página 11. Caderno 1)

O Balalaica, um mulato sarará que aprontou mil e um pererecos no golfo, a boca pesada do cais do porto de Santos[,] era do cacete. Era um três vezes oito dos mais safados. Todo cheio de mumunha e denço. Mas tinha um porém. Quando se invocava era uma parada. Na hora do vamos ver não enjeitava biaba. Armava a catimba e levava o salseiro até o fim. Tomava pancada mas encarava sempre. Chorando, xingando, fazendo zoeira e os cambaus, o sarará não deixava nada no barato. Tinha briga de perna, e de navalha na mão não era mole. Por essas e outras todo mundo preferia não cruzar o caminho do Balalaica. Os maiores machões passavam ao largo. A curriola se mancava no plá do Zagaia:

– Quem não tem nada a perder, está pro que der e vier.

E se o Zagaia diz que é que é. O Balalaica viveu pra provar isso. Já chegou na terra pela porta cavaca. Quem o botou na pior foi a Beca Picega, uma pistoleira que se achegava ao batente no puleiro do centro e dois da Itororó. E o culpado do entruto nem ela sabe. Não foi por gama que a piranha ficou cheia. Foi discuido. Naquele tempo não tinha essa onda de pílula, serpentina e por aí. Tinha o nó nas tripas. Mas a Picega era devagar. Custou pra se cuidar. E daí já viu. O Balalaica encarnou. Pegou uma carga das mais cavernosas.

Logo que se sentiu gente a mãe lhe deu passe livre. Aí foi broca. Teve que se cuidar. Pivete por fora dos macetes deu mancada. Os gorgotas se serviram. Nas quebras da vida a lei é porreta. A regra do jogo é nojenta. Quem pode mais chora menos. Ou o nego engole ou é engolido. E o Balalaica não podia nada. Ele era só por ele. E era muito pouco. Se rendeu. Pra poder apanhar os grãos de café que caíam dos caminhões que encostavam nas Docas, teve que se achegar na botota. O gango se junta pra penar menos, porém não dá nada de graça. Quem não tem não pode dar. E no cada um pra si o Balalaica ficou de bobeira. Se ardeu. Nunca teve contra quem chorar. Aí se tocou. Ficou fera. Com a gana pega endoidou. Armou o pesqueiro e não deu bola pra torcida. Sempre rindo, mas carregando bronca de tudo quanto era gente, e de si mesmo, e da vida, e de Deus, o Balalaica era um suicida sem coragem, e pedia a morte. Provocava o sarrafo pra ver se alguém acabava ele. Mas no último grito, até o mais desgraçado se agarra à vida. E foi assim que o Balalaica se fez leão.

Primeiro ele encrencava por causa da cuca fundida. Depois se sentiu melhor e começou os achaques. O mulherio bandido teve que bufar uma grana pro Balalaica. Quem não deu arreglo foi estarrada. Muita mina que apareceu boiando no estuário, comida de peixe e de navalha é da conta do sarará maldito. E na prensa, uma por uma das malhadeiras entraram na canoa do Balalaica. E o pinta tomou gosto. Foi apertando a prensa.

Os três vezes oito do cais do porto não tiveram mais sossego.

O pau de mando era o Balalaica. Quanto encostava nos parceiros de desgraça, era pra atucanar mais a sorte deles. Tomava relógio, bufunfa e qualquer troço de valor. E ainda bolou o sindicato dos garçons⁷⁹ de puleiro e cabeleireiros de prima. Só podia pegar batente quem fosse seu sócio. E as madames que não queriam galho toparam o trambique. E o mulato viu chover na sua horta. Era o rei dos frouxos.

Mas até araruta tem seu dia de mingau. O Mirandinha que era o lixo humano. A coisa. O esculacho de doer nos olhos. Um dia nas paqueras da vida se encabritou, se chapou de maconha e deu uma de lorde. Quando o Balalaica atracou recebeu não. O sarará baixou o cacete. Malhou de todo jeito o escamoso inimigo. E quando pensou que o panaca já estava bambo descuidou. E o Mirandinha meteu os dentes no umbigo do Balalaica.

Um monte de gente espiava o lance. Parecia até que o cais do porto estava em greve. Os grandes guindastes, os caminhões e os braços, pararam pra ver o arranca-rabo. Mas ninguém, ninguém mexeu um dedo pra desapartar a briga. Se durou um tempão, poderia durar a vida toda. Ninguém iria se tocar. O Mirandinha e o Balalaica eram da mesma raça, que se entendessem sozinhos. E deixaram andar.

O Balalaica dava pancada de todo jeito. O sangue corria pela boca, nariz, orelhas do Mirandinha, mas ele não desgrudava do umbigo do inimigo. Ia apertando, apertando. Aos poucos os socos do Balalaica foram ficando fracos. Ele foi ficando roxo, vomitou, parou de bater e caiu. No tombo[,] o Mirandinha foi junto. E os dois ainda espernearam um pouco no chão. O Balalaica com as mãos moles tentou afastar a cabeça do outro. Não conseguiu. De repente eles não se mexeram mais. Todo o pessoal ficou olhando, com as botucas arregaladas de espanto. Viam dois montes de carne. Restos de gente. Imóveis no meio de um lago vermelho. Alguém adivinhou que o Balalaica e o Mirandinha estavam apagados pra sempre. Escrachou a gronga num murmúrio. E a multidão foi se mandando. Um a um. Em silêncio. Ninguém tinha nada com aquilo.

Até santo tá entrando em pua (*Última Hora* de SP – Edição de 12/5/1969. Página 12. Caderno 1)

Meus cupinchas, a maré tá brava. Até santo anda entrando em pua. São Cristóvão e Santa Bárbara estão aí mesmo pra não me deixar mentir. Caíram do andor e não teve arreglo. Santa Bárbara, que é lansã nos terreiros de candomblé, ainda vai fazer alguns milagres por aí. Agora, São Cristóvão e outros menos manjados não têm por onde. Foram aposentados. Tem nego boquejando que a culpa do protetor dos motoristas ser guindado pela pá foi a onda de assaltos aos choferes de táxi de São Paulo. O Papa leu a lista dos motoristas estarrados e se assustou. Pediu a tabela de classificação do campeonato carioca e, ao ver o São Cristóvão na lanterna, se invocou e deu o gancho. Mas, antes, deu a dica pra curriola de cardeais que paqueravam o lance:

– O São Cristóvão não quer nada com nada. Não protege ninguém. O negócio é guindar o bruto, pra sombra.

Meus cupinchas, o ruim desses babados de pega [sic] pra capar é que, entre uns santos fajutos, vão uns legais. A Santa Bárbara, por exemplo, é uma santa de

79 Termo atualizado; no original de jornal consta “garçons”.

grande valia. Já aguentou muita gronga dos piorados que levam fé nela. Mas, entrou no listão santificado porque deu muita sopa nos terreiros. E, enquanto Santa Bárbara tubula, muito santo escamoso e fajuto vai continuar enganando por aí. E não adianta outra lista, que está prometida. Mas, com essas e outras, os encantos andam meio cabreiros. Tem gente às pampas dedando os divinos.

Meus cupinchas, o perereco anda fervendo. Os negos que se tocam nesse negócio de santo andam boquejando pelos botecos da vida que tem uns milagreiros que estão na bica pra passarem pro devagar. Um deles é o tal de Santo Onofre, protetor dos pinguços. A moçada acha que esse logo bate com a cara no chão. Não está dando muita cobertura pros bebuns e o Papa já meteu os botucas no encantado dos pés de pinga. Se ele aprontar, se estrepa. Agora, quem está perdido mesmo é o São Benedito. Na próxima lista pode apostar que o Dito sai na cabeça. O pinta, que é crioulo e tudo, não está dando moleza pro neg[r]oléu. Basta ver que os atores negros estão amargando o talo e o Canal 5 está tingindo branco de preto prá fazer novela. O Carlão Caxambu, que foi quem dedou a folga do São Dito, deu um alô legal:

– Pro São Dito não ficar barra suja com os crioulos, tem que armar um xaveco⁸⁰ milagreiro pro Sérgio Cardoso. Deixa ele se tingir de preto. E daí, quando ele lavar a cara, faz o milagre de não deixar a tinta sair. Se o São Benedito aprontar esse milagre, vai ser legal. Aí o panaca do Sérgio não vai se mancar como é duro ator negro pegar papel bom.

Correspondência

Luís Carlos Teixeira e Ronaldo de Souza – Vila Mariana – São Paulo[:]

[“]... Sabendo que no meio da classe teatral existem muitos atores de cor capazes de viverem papéis importantes, achamos muita pretensão do Sérgio Cardoso se tingir de preto pra fazer “A cabana do Pai Tomás”, em prejuízo da alimentação dos atores negros, bons, porém, não tão promovidos[”].

[Plínio Marcos:]

[“]Pois é, meus chapas. O plá é esse mesmo. O panaca está estufado de vaidade e não vê nada na frente prá se badalar. É como diz o grande homem de teatro Alberto D’Aversa:

– O Solano Trindade eles não pintam de branco prá fazer o Lincoln[”].

13 de maio (*Última Hora* de SP – Edição de 13/5/1969. Página 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, 13 de maio é o dia que a Isabel, a redentora, deu o seu autógrafo em um pergaminho dando liberdade para os negros escravos. O parangolé da princesa se chamou Lei Áurea. Mas não foi tão bidu como a moçada pensa. A senzala veio abaixo, mas os crioulos continuaram na pior. Foram largados no meio da fogueira. Ficaram batendo com a cuca no poste. Teve nego que estranhou pacas as liberdades. E se a escravidão foi pro vinagre[,] foi só na fachada. Nas encolhas o negroléu continuou com a canga. Não tinha por onde. Pegou de grotá. Amargou o talo. Sem estudo, sem os escambaus ficou a perigo. Sempre pegando as sobras. O perdedor de salários miseráveis.

Meus cupinchas, foi com a cuca fundida que os negros chegaram até hoje. Cheios de mumunha dentro da cachola. Pena na alma negra um mundo de

80 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecos”.

esquinapos. Mil complexos. E eles não encaram os crepes. Sabem como é o lance. Quanto mais oprimido o homem, menos reivindica. O caso do canal cinco está aí mesmo pra não deixar a gente mentir. O Sérgio Cardoso vai se tingir de preto e fazer o papel do Tomás, na novela que os panacas vão montar. Natural que é um xaveco dos mais cavernosos. Com tanto ator negro de valor provado dando sopa não se justifica uma bobeira dessa. É certo que o canal cinco vai empregar uns trinta negros. Mas pra quê? Pra pegarem as rebarbas. Pra fazerem os papéis inferiores. Pra serem os degraus da glória do Sérgio Cardoso. Pra ganharem os ordenados mais nojentos. Pra continuarem inferiores na escala social.

Meus cupinchas, os negros engolem tudo com bronca. Mas não se mexem. Têm medo de perderem esse lugarzinho miserável. Se encolhem. Calam a boca. Puxam o saco do patrão. Se amesquinham. Vergam. Perdem a moral. Ficam desfibrados. Eles têm estômago. E isso fala alto. Eles ainda não acreditam na justiça.

Meus cupinchas, nosso povo é branco, preto, mulato. Nosso povo é genial. É maravilhoso. É inventivo. Só não carrega fé em si mesmo. Sente o peso da botota e se encolhe. Se avacalha. E não pode nada disso. A gente que ama o povo e que tem obrigação de sair na frente, no pau, pro que der e vier, tem que ensinar o povo [a] dar o estrilo toda vez que for ofendido, roubado, amesquinhado. Esse povo tem que saber se levantar. Um povo que não reage contra afrontas está perto do fim. Vai aceitar, sem chiar, o cativo. E o brasileiro, que é macho, não pode dobrar num conformismo canalha. Todos os patriotas tem de agir assim. Que é a única forma de levarmos o Brasil pra frente. Ou evitamos as injustiças sociais ou logo as cangas estrangeiras estarão de vez no nosso lombo.

Meus cupinchas, uma atriz negra de grande talento, a Ruth de Souza, foi na televisão e disse que era uma honra para os negros o Sérgio Cardoso se pintar de preto para fazer o Tomás. Ela sabe que não é nada disso. Podia o Sérgio ser o orgulho de brancos, pretos, mulatos, amarelos e tudo, só com o seu talento. Não por tirar o emprego de um Dalmo Ferreira, de um Samuel, de um Benê Silva, de um Milton Gonçalves. Atores negros que nunca vão ter chance de se tingirem de brancos para fazerem os bons papéis nas novelas. A Ruth de Souza sabe tudo isso. Mas mente em público. Tem medo de desagradar o curriola de traidores da pátria e perder o emprego. Ela, apesar do seu grande talento, sabe como é difícil a luta do artista negro. Ela sabe sim. Mente porque está amesquinhada, encostada na parede, sem forças pra dizer basta.

Meus cupinchas, com um pouco de marola em torno desse salseiro nojento a gente faz um direito humano virar lei. A gente pode conseguir que o governo decrete uma santa lei que proíba os brancos de se tingirem de preto no palco. Nós podemos. Podemos ensinar o negro a reivindicar certo. A confiar na justiça. Através de cartas, telegramas, a gente pode virar o jogo. Podemos levantar o problema e obrigar os homens do governo a resolvê-lo. E é isso que tem que ser feito.

Meus cupinchas, é na batalha que se ganha a parada. Não fazendo concurso de bonequinha do café como uma certa sociedade de negros que, convocada pra luta, passou no lance.

Como se marginaliza a gente (*Última Hora* de SP – Edição de 14/5/1969. Página 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, a glória de um ator de televisão dura o tempo de uma novela. Todos que trabucam nesse batente sabem disso. Os cobras do vídeo são fabricados. Um Deus [sic] das macacas de auditório, pode ir pro vinagre do dia pra noite. É só os pistolões que são os donos das coisas se invocarem, eles apagam a mais brilhante estrela. Passam a pata num pé de chinelo qualquer e tacam o bruto de artista. Calçam com publicidade, história, bom elenco de escora e o canastrão em dois dias vira ídolo dos abilolados. Sempre foi assim. E vai ser até os atores se mancarem que não tem vitória individual. Que só fechando em torno do sindicato é que o artista vai deixar de ser marginal e passar a influir na ordem das coisas. Tem países em que o ator só se achega ao malho se for sindicalizado. Na Argentina e na Itália é assim. Dou a dica dos nomes dos países logo, pra nenhum bobão, vir de papo chibu, me mandando mudar pra China. Mas deixa andar. A gente que ama a terra onde nasceu tem que lutar pela grandeza da Pátria. Seja qual for a consequência. Não podemos ficar na moita e deixar a catraia correr em águas barrentas. O negócio fica cada vez mais esculachado. Cada dia o ator é posto mais pra escanteio. O canal cinco está aí mesmo pra não me deixar mentir. E os outros canais vão na cola. Pode apostar. Os profissionais do palco estão matando cachorro a grito, e gente inventada por produtores fajutos que não têm respeito pelo trabalho dos outros, botam a fuça por salários ridículos. Que só podem ser aceitos por quem está de brincadeirainha.

Meu cupinchas, o lance é cavernoso. Sente o peso da botota. Vamos pegar o canal cinco e a sua escamosa novela “A cabana do Pai Tomás” como exemplo. Os panacas que vão tingir branco de negro pra botar no papel principal, pra fazer média com os crioulos, anunciam teste para os pretos. Aparecem mil negros. Todos pessoas cheias de ilusões e esperança. Alguns com talento. Mas os diretores artísticos não querem saber. Escolhem a olho. Tanto faz um como outro. O gado é escolhido com mais cuidado. Mas não conta muito hoje em dia. Principalmente quando está na pior. E pra ser extra de televisão quanto mais imbecil melhor. Assim o panaca nunca se toca que está sendo explorado. Não vai se flagrar no seu valor. E é capaz de nem receber bufunfa⁸¹ com medo de perder a vaga. Dá muito disso. Mas vamos em frente. Escolhida a curriola pra fazer o pano de fundo negro, na frente do qual, um branco tingido badala sua vaidade, o canal cinco anuncia que contratou cem, duzentos atores negros. E que nenhum seria capaz de viver com brilho o papel de Tomás. A Ruth de Souza que é negra vai pra frente das caremas e jura que é verdade. E o Benê Silva, o Carlos Caxambu, o Pitanga, o Milton Gonçalves, o Dalmo Ferreira, o Samuel, o José Francisco e tantos outros ficam roendo o talo. Mal profissionalmente, mal economicamente. E a opinião pública achando que os atores negros são inferiores. Alguns desses que citei talvez aceitem papéis pequenos. É o estômago que berra. Mas acalmado[,] o estômago fica a bronca no coração.

Meus cupinchas, já charlei, a glória de um ator de televisão dura o tempo de uma novela. Como há bobo pra tudo vamos apostar que “A cabana do Pai Tomás” emplaque. Dura um ano. O Sergio Cardoso lava a cara e sai pra outra novela só de brancos. Aí os negros que largaram emprego pra ser extra do ator alvinegro, ou duble face, ficam na rua da amargura, no desespero, no ora veja. E aí então só resta chiar nas quebras da vida. Mas o estrilo chiar nas quebras da vida. Mas o estrilo não gruda. Eles foram parceiros dos majuras que bolaram o xaveco. Foram marginalizados e continuam assim por muito tempo. Quem se acostuma com a moleza da televisão não quer nunca se pegar em outro batente.

81 Termo atualizado; no original de jornal consta “bofunfa”.

O Inácio aposta na Ferroviária (*Última Hora* de SP – Edição de 15/5/1969. Página 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, o cara mais alegre da cidade é o Inácio de Loyola, um dos maiores contistas do Brasil. Mas não porque seu livro anda vendendo pacas. Com isso o Loyola já [se] acostumou. Também não é porque tudo quanto é conto que ele escreve vira filme. Esses babacas já viraram moleza pro escritor de Araraquara. O que deixa o moço falando sozinho, é a campanha que a Ferroviária vem fazendo no campeonato paulista. Está na bica da classificação. Na cola do Santos de glórias mil. E o Loyola aposta até as calças que o timão da estrada emplaca.

Meus cupinchas, o que me entorta é isso. Cara de cuca iluminada como o Loyola embarcar numa catraia furada. O moço nem se toca nos pererecos do futebol brasileiro, que é o maior do mundo, sem bronca. Porém só dentro do campo. Fora é o esquinapo. A Ferroviária é o terceiro futebol de São Paulo. Mas isso não quer dizer nada. Na hora do vamos ver o apito entra na dança e o Santos de glórias mil, que anda jogando uma caca, fica mais glorioso e a Ferroviária vai pro vinagre. Pode contar. E você aí que é da botota do Inácio não deixa ele apostar as calças na Ferroviária. Senão ele vai ser o primeiro autor nu da história.

Meus cupinchas, já que falei de escritores vou dar um plá sobre o nosso chapa Ramos Tinhorão, autor do livro “O samba agora vai”. Esse moço é batuta, gente. Basta ver é que ele foi pivete do bairro chinês lá em Santos. Sabe bem das coisas e bota pra quebrar. O livro “O samba agora vai” está aí mesmo pra não me deixar mentir. Está há uma semana apenas nas boas casas do ramo, e já deu aquele bochicho. Tem panaca às pampas incomodado com o papo do Tinhorão. E o salseiro vai aumentar. Mais gente vai se doar. Também quem manda o Tinhorão querer defender a música popular brasileira? Fica pondo a boca no trombone pra defender o que é nosso, leva pau. A curriola que tem pesqueiro armado à custa dos trambiques estranhas se doem. E daí é fogo. Batem da barriga pra cima. Mas no caso do Tinhorão a lenha não assusta. Ele sabe onde tem a cuca. Sabe o seu dever. É do bairro chinês de Santos. Não enjeita o cacete em defesa da sua fé, a música popular brasileira. Vamos comprar o livro.

Meus cupinchas, só pra não pensarem que deixei a gronga do canal cinco e sua cavernosa novela “A cabana do Pai Tomás” de recreio, dou mais um recado. Nesse tempo em que entra pelo cais do porto tanta bobeira nojenta que nunca será o pão espiritual do povo brasileiro, os gibis e as revistecas policiais estão escancaradas nas bancas de jornais pra quem quiser ver, uma droma a mais atrasa a vida da gente, claro, mas a gente nem conta pra não fundir a cachola de uma vez. Então deixa barato a ideia de jerico dos diretores artísticos do canal cinco de montarem a “A cabana do Pai Tomás”, a história escamosa de um escravo conformista. A gente nem bota na balança que o Abílio Pereira de Almeida, o Jorge Andrade, o Guarnieri, o Lauro Cesar Muniz, o Antonio Bivar, o Zé Vicente, a Consuelo de Castro, o Chico de Assis, o Vianinha, [o] Manfredine, o Walter Negrão, o Nelson Rodrigues e tantos grandes autores brasileiros que estão aí mesmo pra escreverem, fariam melhores novelas que essa droga de Tomás. Isso a gente nem fala. Agora tingir branco de negro é um pouco demais. Tem montes de atores pretos no desvio. Atores bons. Alguns ótimos. Porque esse gango vai ficar na sombra enquanto o Sergio Cardoso se tinge de preto e satisfaz sua vaidade? Pensa aí meu chapa.

Lau barbeiro dá navalhada pelo Juventus (*Última Hora* de SP – Edição de 16/5/1969. Página 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, o Lau barbeiro é o único sofredor juventino que eu manjo, os outros são de araque. O Mauro Pires que se apresentou como torcedor do clube da Mooca, já foi adivinhado. É juventino de vitória. Por isso, é de futebol raras vezes na vida. O que ele faz com fé é a defesa da música popular brasileira. O nosso chapa coroa manda seu plá na Rádio Santo Amaro. E entre outras dicas ele anda mandando para os céus do mundo o alô do livro do Ramos Tinhorão. Livro que está provocando aquele bochicho. Sente só o nome “O samba agora vai”. Mas o que conta aqui é o lance do Lau barbeiro, o único sofredor juventino que eu manjo. O Mosca de Bolo, também conhecido por Mosquito do Bexiga, é um cara do cacete. Seu negócio é tirar sarro. Não tem time. Quem ganha é o bom. E o Mosca de Bolo atucana quem perde até as últimas. Vai daí seu apelido. Quanto mais se espanta o bruto, mais ele enche. Teve um tempo que o panaca era contra o Corinthians. O alvinegro ia caindo pelas tabelas. O Mosca de Bolo vibrava. Mas foi só o time de Ogum se firmar, pro majura embarcar na onda do clube do Parque São Jorge. Até com o Santos de glórias mil o pinta quis folgar. Porém, o onze peixeiro malhou o Juventus. Aí já viu, o Mosca de Bolo baixou no Salão Grená e encarnou no Lau barbeiro. Levou o figaro ao desespero. E foi aí que tomou uma navalhada na orelha. Não vai ficar surdo. Mas o Lau barbeiro passou a ser o único sofredor juventino que eu manjo, capaz de dar uma solada por seu time.

Meus cupinchas, o meu chapa João Evangelista Leão, que foi um dos melhores produtores de televisão, mas deu o pinote e foi ser engenheiro, manda um alô aqui pra mim que me entortou. Logo o Leão cuca das mais iluminadas, que organizou o museu de placas ou a placoteca da Politécnica, manda desafiar a batota da gente pra um jogo em sua chácara de Jundiaí. Diz o João Leão que o timeco dele está sem perder há muito tempo, umas trinta partidas. E vai ficar por aí mesmo. Com a gente ele se entorta. O nosso timão tem Helena Júnior. Esse cobra faz jogadas que até o Pelé desconhece. Quando ele chuta com os dois pés ao mesmo tempo é um esquinapo. É verdade que ele cai no chão. Mas também o goleiro nunca sabe pra que canto a bola vai. Tem o Celso, o rei das bolas altas. Tem o faro, o rei da bola rasteira. E tem o Apolinário, que já está recuperado da gronga que teve e vai de juiz. Ele é português, está louco pra provar que sabe apitar. Só pra limpar a barra que o Joaquim Campos sujou. É só marcar a data que nós vamos beliscar o rango e a coleção de pinga do João Leão.

Em causa justa não enjeito pau (*Última Hora* de SP – Edição de 17/5/1969. Página 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, vocês que leem minha coluna, não vão ficar pensando que eu sou profeta. Mas vocês estão por dentro que logo que comecei a escrachar os atores tingidos do Canal Cinco, dei um alô que iam aparecer panacas de todos os lados pra defender a bobeira do produtor de “A cabana do Pai Tomás”. Charlei que iam me xingar de demagogo, invejoso, comunista e os cambaus. Não deu outra coisa.

Meu cupinchas, o Nelson Rodrigues, com o mesmo tom paternal que usou pra meter o Hélio Pelegrino na cadeia, sai em campo chiando que o vosso chapa aqui tá fazendo marola contra os atores tingidos porque está morto de inveja do ordenado do ator double-face. Morri de rir. O Nelson não leu nada do que eu escrevi. Se botasse as botucas na minha coluna, se tocaria que não é nada disso. O escritor ia se mancar que a campanha é justa. Mas perguntarão: Por que o grande escritor entrou nessa fria? Será que ele próprio sente inveja porque as peças do Plínio fazem no momento mais sucesso que as dele? Quem conhece o Nelson sabe que ele nunca perdoou o Teatro de Arena de São Paulo por ter revelado grandes autores. Quem conhece o Nelson, sabe que, quando ele é apresentado pra algum, pergunta logo quanto o cara ganha. Mas deixa isso pra lá. O Nelson é um grande homem feito de palavras. Se ele põe a cara e diz que sou invejoso é porque tem algum motivo. Se o Nelson Rodrigues diz que já escreveu sobre a “solidão negra” e não adiantou nada, o crioulo continua sofrendo por todo Brasil, a gente deve pular o assunto. Deixar como está pra ver como é que fica. A gente deve fazer o que o Nelson Rodrigues manda? Não.

Meus cupinchas, o Nelson Rodrigues está nessa barca furada sem querer. Ele embarcou nessa porque é empregado do mesmo patrão que o ator alvinegro. Homem acostumado a obedecer a voz do dono, saiu em defesa do nojento esquinapo da Rede Globo. Mas a cuca mercenária do Nelson Rodrigues já está gasta. Já não imagina xavecós inteligentes. Então o coroa teve que partir pra mentira, e é pra isso que eu não dou desconto.

Meus cupinchas, o Nelson Rodrigues escreve o que mandam ele escrever. E foi numa dessa que ele chutou que nas minhas peças nunca teve um herói preto. É mentira porca de um lutador de encomenda. O Nelson sabe que eu escrevo sobre vítimas e não sobre vencedores e heróis. Escrevo sobre gente do meu povo, que é branco, preto, mulato, amarelo e tudo. Nunca botei uma nota na margem das minhas peças recomendando a cor da pele. A única dica que dou pro diretor é pra ele escolher bons atores. E foi por isso que o Milton Gonçalves fez papel principal em duas peças minhas, na “Barrela” e na “Jornada de Um imbecil até o entendimento”. Por isso o Benê Silva, o Dalmo Ferreira, o Jorginho, o Rubens Campos e tantos outros fizeram ótimos papéis em textos meus. E o Nelson Rodrigues sabe. Pelo menos “Barrela” ele assistiu e delirou com o trabalho do Milton Gonçalves. Mas pro Nelson poder mentir em favor do patrão, o Milton ficou loiro de olhos azuis.

Meus cupinchas, manjo o Nelson Rodrigues. Ele deve estar lá no Nino's, um botequim de luxo que tem em Copacabana, enchendo a cara de uísque estrangeiro. Deve estar tentando afogar a consciência doida. Ele sabe que mentiu. Sabe que eu não enjeito pau. Sabe que vai ter troco. Sabe que vai ser forçado pelo patrão a escrever mais em defesa do ator alvinegro. Vai ter que mentir mais. E sofre. Como um boi de canga.

Meus cupinchas, você aí que sempre pega a pior, se quer ganhar uma graninha pode apostar. Mais dia menos dia, o Nelson Rodrigues abre o bico pra me xingar de comunista. É muito comum nele esse tipo de coisa. É só um cara não concordar com o seu papo pra ele tentar entutar. É assim que o Nelson Rodrigues ganha medalha. Mas aqui tem lenha. Não vou deixar de defender uma causa justa por causa dos riscos.

Queremos uma lei santa (*Última Hora* de SP – Edição de 19/5/1969. Página 11. Caderno 1)

Meus cupinchas, a velhice é um perereco. Mas, é bem como dizia o Zagaia:

– O coração não envelhece.

E se o Zagaia diz, é que é. Tem gente solta nas quebradas da vida que chega aos oitenta anos com o embalo santo das paixões. Entra em qualquer batota. Não deixa nada das paixões. Entra em qualquer batota. Não deixa nada no barato. Se acha a causa justa, agarra o rabo do foguete e encara a pauleira. Vai para o que der e vier. O que é ruim tem que mudar. Com gente assim eu me entendo. Porém tem muito panaca que já nasce coroa. Não quer saber de nada. Se encolhe nas moitas e fica espiando o lance. Deixa o mundo rolar. Não assume nenhuma responsabilidade com o próximo. Tem mil deschavos pro seu devagar: “Deus sabe o que faz”, “Não adianta mesmo”, “Não fui eu que fiz o mundo assim”, “A lei é viver e deixar viver”, “Deixa como está pra ver como é que fica” e os cambaus. Esses majuras é que atrasam o progresso. São os omissos, covardes, oportunistas, velhos, lagaços, escória nojenta. Servem sempre aos poderosos, sabem que a moleza está do lado do mais forte, e fecham os olhos pra qualquer inovação que perturbe a ordem das coisas.

Meus cupinchas, os velhos são um perereco. A velhice é uma doença. E tem gente que explora a doença. Basta ler “O Globo” de sábado passado pra ver o esquinapo. Leiam as declarações de uma porção de artistas que, embora tendo talento, nunca se ligaram em nada além da própria vaidade. Nunca escolheram um papel pra representar pela verdade que ele representava. Nunca. Sempre escolhiam suas partes com os olhos da vaidade e nunca se incomodaram de sacrificar os parceiros de profissão para conseguir o sucesso pessoal. Pois bem, esses atores velhos abrem o bico pra dizer que não tem importância nenhuma um ator branco se tingir de negro. E charlam mais. Todos eles já se tingiram de negro pra representar. E tencionam ainda se tingir de negro pra viver Otelo. E acham isso normal. Agora eu pergunto: sobrou dessa geração matusquela algum grande ator negro? Não. Se teve algum crioulo bom ator, ficou esquecido. Os grandes papéis de preto foram vividos na ribalta por brancos tingidos. E esses brancos que são famosos acham que não há nada de mais.

Meus cupinchas, a velhice é um perereco. Uma doença. Dizem os bem servidos:

– Está tudo bem.

Chiam os que pegam a pior:

– Vamos mudar.

Reclamam os donos das coisas:

– Os comunistas querem avacalhar tudo.

E a bronca vai crescendo nos corações. Se uma coisa vem errada há muito tempo, não é motivo pra continuar errada por toda a eternidade. Se os atores negros nunca estrilaram antes, não quer dizer que estavam contentes. É muito duro a gente ver os grandes atores brancos sonharem em se tingir de preto pra viver Otelo. Pode algum negro sonhar em se tingir de branco pra fazer o Iago? Otelo sempre foi feito por brancos tingidos. Em alguma parte do mundo Iago foi feito por preto tingido?

Meus cupinchas, o negro é o esparro da sociedade. Nenhuma lei protege o negro. É só por isso que a gente está lutando pra criar uma lei santa que proíba os atores tingidos em cena. Papel de preto será vivido por preto, o de branco por branco. Nada de uma raça fazer caricatura da outra. Vamos lutar pela lei, portaria, decreto, penada ou sei lá o que. Mas, vamos defender os direitos humanos.

A carta da mãe do Benê (*Última Hora* de SP – Edição de 20/5/1969. Página 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, tem coisas que vêm devagar, sem escarcéu, chegam no meio da batota e dão aquele embalo. A carta que a mãe do Benê Silva mandou aqui pro vosso chapa foi de entortar. O papo da mãe do grande ator negro é simples, mas tem uma força, uma vontade de querer, tem fé num mundo melhor, tem o berro da alma machucada pelas injustiças que o filho sofre, tem lágrimas, tem a vontade firme de empurrar a bandeira da igualdade pra frente. O gango onde eu baixo se entortou. Quem leu a cartilha ficou bambo, se arrepiou e acabou debulhado. Eu só não transcrevo o plá da mãe do Benê porque no perereco a carta sumiu. Mas a gente guardou o embalo. E vamos em frente com a luta. A causa é justa e não vamos tirar o time de campo. Queremos uma lei, uma portaria, um decreto ou uma penada, que acabe com essa bobeira de branco se tingir de preto. No Brasil não cabe essa besteira.

Meus cupinchas, a Editora Brasiliense por intermédio do nosso chapa Gilberto Vilar de Carvalho, nos manda o livro “Triste fim de Policarpo Quaresma”, do grande Lima Barreto. O plá do Gilberto é dos mais certos. A gente podia fazer novela desse romance. E podia fazer de muitos outros romances dos grandes escritores brasileiros. Além das histórias serem muito melhores do que as drogas das “Cabanas dos Pais Tomás”, têm a vantagem de caberem brancos, pretos e mulatos. Mas quem vai conseguir meter uma coisa tão simples dessa na cuca de um produtor de televisão? A gente tenta. Mas não é mole. Basta ver que o Nelson Rodrigues pra escrever novela teve que assinar com nome de mulher estranha. Se descobrissem que era gente daqui podavam fácil a novela do bruto. De toda forma o Policarpo vai ficar na minha estante. Um dia a lei santa que proíbe branco de se tingir de preto vai ser assinada, e logo a gente começa a campanha em defesa do autor brasileiro.

Esse ano é do Santos de glórias mil (*Última Hora* de SP – Edição de 21/5/1969. Página 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, o vosso chapa deixou um pouco o futebol de lado pra badalar uma lei santa, que precisa ser bolada com urgência, pra acabar com essa gronga de ator branco se tingir de preto e deixar os atores negros no ora veja. Mas hoje pra variar me acheço ao malho. Afinal é pra isso que a gente está no batente. Escrachar os pererecos do jogo de bola. Futebol aqui no Brasil é o maior do mundo. Mas só dentro do campo. Fora é aquela caca. Tem cartola, tem corneta e mil mumunhas. Mas só dentro do campo. Fora é aquela caca. Tem cartola, tem corneta e mil mumunhas. Mas deixa andar. O que pesa na balança é que a moçada anda fazendo aquela marola contra o Santos de glórias mil. Espalham os maiores bochichos contra o timão peixeiro. Soltam o bafo, e ficam nas encolhas, espiando o lance, só pra ver o bicho que dá.

Meus cupinchas, nessa batota contra o glorioso alvinegro praiano acontece tudo. Os plás mais cavernosos são chutados. Os jornais estão aí mesmo escancarando manchetes escamosas. Tinha uma que era de morrer de rir. “O Flamengo vai comprar Pelé”. Vê se pode. Logo o Mengo que anda matando cachorro a grito. Logo o rubro-negro carioca que há uns tempos atrás andou pedindo dinheiro emprestado até para um cara que estava em cana. Logo o time da Gávea que vem com essa. É de lascar. Os cartolas quando estão a fim de engrupir torcida

fazem aquele escarcéu. Mas essa não grudou. Ninguém embarcou nessa canoa furada. Então a curriola armou outros xavecós.

Meus cupinchas, pela porta da cavaca começaram a espalhar que o Lula está paquerando o lugar do Antoninho treineiro, que o Toninho artilheiro não quer mais nada com a bola, porque está a perigo e o Santos de glórias mil não quebra o galho dele, que o Carlos Alberto quer se bandear pra Carica, que o Joel se invocou com a contratação do Djalma Dias, que mais os escambaus.

Meus cupinchas, o gango fala por dor de corno. O Santos de glórias mil está cozinhando o galo. Devagar, fazendo média, nem se afoba. Se classifica na moleza. Nisso podem apostar. Por mais que a Ferroviária do grande escritor Inácio de Loyola engrosse, sempre terá um apito salvador pro alvinegro praiano. Não tem por onde. E é aí que é jogo. O gigante do mar se levanta e engole mais um campeonato. E os fabricantes da crise peixeira vão ficar falando sozinhos.

O Comercial está de volta (*Última Hora* de SP – Edição de 22/5/1969. Página 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, quando aqui a gente escracha que o futebol brasileiro é o maior do mundo, mas só dentro do campo, porque fora é aquela caca, tem os cartolas e suas mumunhas, os panacas dizem que estamos exagerando. Mas as grongas, estão aí mesmo pra provar que nas encolhas dos corredores acontece[m] coisas escamosas. Mas uma de entortar o patola é a volta do Comercial, que depois de se danar no jogo de bola, arrumou uns pererecos que muda tudo. Dá até pra anular um campeonato paulista e os cambaus.

Meus cupinchas, eu tenho uma gama de pedra no Comercial de Ribeirão Preto, ele é o time da Walderez, minha companheira de todas as batalhas. E já que falei da Dereca e de Ribeirão Preto, aproveito pra dar um alô pro povo da terra do Bar Pinguim, melhor chopps do Brasil, a Walderez de Barros, que muita gente manja por Mercedes da novela mais bidu da paróquia, estará sábado e domingo aí no Teatrão da Cava do Bosque com a peça “Cinto Acusador”. Com ela estarão a Yara Amaral, o Almir, o Odavlas Petti, o Edgar Gurgel Aranha e todo o elenco. Mas deixa isso pra lá. O que conta aqui é que o Comercial provou que não podia cair pra divisão de baixo. Provou que era marmelada e vai voltar. Até aí nada demais. O Comercial tá certo. Quem não chora não mama. Entre essas e outras ainda vai beliscar uma grana da Federação. O que é bem feito. Quem manda a organização do campeonato ser uma avacalhação de dar nojo. O Comercial volta e pronto.

Meus cupinchas, sente o peso da botota. O Comercial volta, tem que subir mais um, o que ficar na lanterna não vai querer descer, no que faz muito bem. Ninguém vai querer ser loque nessa história. A lei de acesso é fajuta. Foi bolada por cartolas. É coisa que essa raça maldita inventa, pode apostar que é sempre cheia de macetes e trambiques. Só otário é que embarca. Quem meter as botucas descobre os xavecós e não entra. Aí é o esquinapo. O Jabaquara aproveita pra voltar. Radium de Mooca, a Ponte Preta, o XV de Jaú, a Esportiva de Guaratinguetá, o Taubaté e todos que caíram, se não foram pro vinagre vão querer voltar. E a lei do acesso vai pra cucuia. Acaba.

Meus cupinchas, justo no ano que a gente tinha que guardar os nossos craques pra Copa do Mundo, vamos ter mais timecos disputando o campeonato paulista. Os craques da canarinho vão se arreborder na pauleira doida. Vão ficar

no bagaço. Vão enjoar de bola. E além de tudo os clubes vão ter prejuízo de grana. E com o desespero pego é que a gente vai disputar a Copa do Mundo.

Meus cupinchas, se tocam aí. Querem ou não que o nosso futebol entre pelo cano.

Santos e outros babados (*Última Hora* de SP – Edição de 23/5/1969. Página 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, não vão ficar pensando que eu sou profeta. Mas quem lê a coluna sempre, se tocou que eu avisei que o Santos de glórias mil estava só cozinhando o galo, escondendo o leite, deixando andar e os cambaus. Na hora do vamos ver[,] o timão peixeiro botava pra quebrar. Contra o São Paulo o alvinegro praiano deu uma [a]mostra. Tocou bem a bola e merecia ganhar de uns cinco a zero. Não que o tricolor do Morumbi fosse uma caca. Não. O São Paulo jogou com garra de vice-campeão e tudo. Só que o Santos de glórias mil tirou de letra com toda embaixada de campeão. Quem estava apostando na crise do time das praias, se entortou, vai ficar falando sozinho e os cambaus. Esse ano a gente que tem botuca de ver, já viu, a cara do dono da festa.

Meus cupinchas, o resto do campeonato paulista está aquela bobeira de dar nojo. Tem time entregando jogo de todo jeito. Claro que ninguém vai provar nada. Mas a gronga é tão escancarada que a torcida passa ao largo. Ninguém é loque de bufar uma grana sentida na entrada pra ver uma marmelada escamosa, arranjada nas encolhas dos corredores. E com essas e outras o futebol brasileiro vai indo pro vinagre. Graças aos cartolas que avacalham tudo com suas mumunhas.

Meus cupinchas, nesse rebolo escroto a cara da Ferroviária tem que ficar limpa. O time do grande escritor Inácio de Loyola tubulou com o Botafogo mas não foi xaveco. O clube da estrada não é de entregar a rapadura. O pessoal lá é honesto. Não ia dar colher de chá. Perderam do time de Ribeirão no legal. Se globaram com o peso da botota, ficar na cola do Santos de glórias mil não é mole. Deu amarelão na Ferroviária.

Meus cupinchas, deixando o futebol de lado, a gente tem que dar o toque no babado de atores brancos se tingirem de pretos. O plá é o seguinte: vejo que a Censura proibiu os programas mundo cão, mas ainda não baixou o decreto, a portaria, a lei ou sei lá o nome da penada, que acabe com essa frescura de branco se tingir de preto. Nada é mais mundo cão do que os atores crioulos ficarem no ora veja, enquanto um branco tingido se serve no lugar deles. Estamos aguardando a lei.

Meus cupinchas, uma mulatinha cheia de denço manjada por Sueli Pinto voltou de Luanda escrachando o empresário Valdir Carneiro, que estava levando as mulatas brasileiras pra suar os labregos das colônias. O majura engana pras meninas que elas vão ser artistas, e chega lá quer que elas ataquem de pistoleiras.

Uma das meninas que embarcou nessa canoa furada, encostada na parede se rachou:

– A gente aqui não tinha vez. Quando aparecia uma chance pra multa, os panacas tingiam uma branca azeda qualquer. Entramos na onda de Luanda. Mas também era jogada fajuta. É duro ser artista negro.

Como não se ganha um campeonato (*Última Hora* de SP – Edição de 24/5/1969. Página 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, os lances da paquera da vida estão sempre escrachados. É só o nego ter botuca de ver pra se tocar nos macetes. Mas tem um porém, a maioria dos panacas não quer espiar. Então ficam por aí mesmo batendo a fuça no poste. O presidente do Corinthians Paulista é um que sempre enterra o time. O alvinegro de Ogum começa bem, o majura se afoba e entrega a rapadura pros inimigos.

Meus cupinchas, ninguém vai negar a gama que o presidente do Clube do Parque São Jorge tem por seu time. Isso nunca. Mas essa gama sobe na cuca do bruto [e] ele embanana tudo. Qualquer um sabe que o campeonato paulista é um perereco. Um jogo atrás do outro sem parar. Qualquer time no meio do salteiro perde gás, e empaca, naufraga, e os cambaus. Os que têm cartolas com a cabeça fria acabam dando a volta por cima. O Santos de glórias mil está aí mesmo pra não me deixar mentir. Entra em zoeira, vira caixa de pancada, cai pelas tabelas, escuta os bochichos e tira tudo de letra. Quando se vai está outra vez o alvinegro praiano na bica do título.

Meus cupinchas, já no Corinthians é o contrário. O time vem bem. Encara meio mundo. Ficam [sic] no embalo. A torcida se assanha. O presidente bota a boca pra anunciar que o campeonato está no papo. Dá entrevistas às pamparras. Badala pacas. Faz um escarcéu. Daí tem um tombo. Coisa comum num campeonato comprido como esse. Só que o presidente do time de Ogum endoida. Lê os jornais e fica uma fera, digna de entrar na seleção do Saldanha. Os cronistas que dizem que o Corinthians jogou mal, entram na lista do ódio. Ficam com a moringa a prêmio. E começa o pega pra capar. E vira e mexe, um repórter toma uma biaba. Por informar honestamente os jornalistas levam cacete. Bom pra cartola é o jornalista enganador. O que mente sempre. Mas deixa andar. O campeonato não é ganho pela imprensa. Nem dando pancada, nem conchavando repórter se levanta o título. O negócio é no campo de batalha. E é aí que o presidente do Corinthians complica.

Meus cupinchas, o clima de atucanação de presidente passa pros boleiros. A moçada que estava com moral, remando o barco em maré mansa, vê os esquinapos, se apavora. Entra em barra vento, vira geleia, fica de bobeira, com medo de perder e tal e coisa. E a catraia fura. Só quem não tem medo de tubular sai vencedor. E é por isso que há muito tempo o Corinthians não fatura um título.

Meus cupinchas, vocês aí que sempre pegam pior, quem quiser ganhar uma grana a mais, pode apostar. Esse ano não dá Corinthians. O presidente entornou o caldo.

Teatro e futebol no interior (*Última Hora* de SP – Edição de 26/5/1969. Página 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, nesse fim de semana eu me mandei pra Catanduva, fui levar os “Dois perdidos numa noite suja” naquela bela cidade. Como sempre fui eu e o Ademir Rocha, fazendo o Paco e Tonho, os mesmos personagens que faremos hoje à noite no Coliseu de Santos. Com a gente foi o Carlão Caxambu e M. Vieira e quem duvidar do plá que vou dar, é só perguntar pra eles, que estão aí mesmo pra não me deixar mentir. Meus cupinchas, a gente que não é de chique, mal atraca numa batota pra se achar ao gango da pesada. E foi assim em Catanduva. O papo era

futebol e nós entramos de sola. Aí é que se deu o esquinapo. O torcedor do interior não tá nem se tocado nos pererecos da bola. Está todo mundo azedo com a Federação. O pessoal do interior acha tudo uma grande palhaçada, onde quem pega a sobra é o interior. Rubens Carlos de Castilho que é um homem que manja bem os lances do futebol foi quem escrachou a gronga.

– Antigamente o interior era outra coisa. Agora é aquela avacalhação. Sente aí, o campeonato amador que está naquele abandono. Ainda não acabou mas isso não é nada. O povo aqui sabe que a Federação está a fim de acabar com o interior. Mas nem no futebol profissional a gente leva fé. É uma marmelada. Vê que o São Paulo FC entregou o jogo pro América.

Meus cupinchas, claro que nem Rubens Castilho, nem eu, nem ninguém, prova nada. Mas que os troços que andam acontecendo são cavernosos, são. E com essas e outras a torcida vai se afastando. E o Cachorrão, um pinta que tem pesqueiro armado em Catanduva[,] charla direitinho.

– Pra tu ver. Antes, num Santos e Corinthians a nossa cidade ficava ligada. Era aquela azucrinção. Só se falava nesse jogo. Do Cabana ao mais escroto boteco, a conversa era só sobre o jogo. Agora não. Eu ando por aí tudo, não sei de nenhuma aposta. Não vi nenhum sarro. A moçada está muito mais interessada em discutir a reação que os coroas da cidade vão ter quando tu começar falar palavrão, do que no jogo.

Meus cupinchas⁸², claro que não houve nenhum esquinapo com os palavrões da peça. Claro que os coroas de Catanduva, como os coroas das outras setenta cidades, que eu visitei com os “Dois perdidos numa noite suja”, acharam que a linguagem da peça só podia ser aquela mesmo.

Foi um estouro. E as mil e duzentas pessoas[,] que chaparam o Tênis Club, ficaram pedindo a Navalha na Carne, Quando as máquinas não param, Os Homens de papel e tudo. Claro que Catanduva pode contar com os espetáculos meus.

Meus cupinchas, mas se tudo isso é bacana, o negócio do futebol entorta a gente. Funde a nossa cuca. Nunca antes o teatro foi mais assunto que o futebol. E se hoje o negócio está assim não quer dizer nada. Não é o teatro que está botando pra quebrar. É o futebol que está um nojo.

Meus cupinchas, nosso futebol é o melhor do mundo, mas só dentro do campo. Fora é um lixo. Tem os cartolas e suas mumunhas, tem os arreglos de corredores, tem trambiques e macetes. E o torcedor que não é burro se manca. Sabe que não pode influir em nada, deixa pra lá. E o pessoal de Catanduva serve de média. Quando eu saí da cidade os bate-caixas eram sobre os Dois perdidos e sobre o Corinthians. Mas não esse Corinthians que [sic] presidente que manda dar pau em jornalista. O pessoal falava do glorioso Corinthians de Cláudio, Luizinho, Baltazar, Idario, Olavo, Roberto. Falavam dos veteranos do Corinthians[,] que iam chegar na cidade pra encarar o time local.

O resto eles queriam que se danasse.

O campeonato fajuto (*Última Hora* de SP – Edição de 27/5/1969. Página 10. Caderno 1)

82 Este parágrafo, que denota a fala de Plínio Marcos, estava equivocadamente agregado à fala do personagem citado no parágrafo anterior, Rubens Carlos de Castilho.

Meus cupinchas, tenho mil plás pra dar. Aliás todos os dias a gente tem. É só ligar as antenas nos pererecos cavernosos do futebol e dos outros lances que chove assunto. O que não falta é coisa escamosa pra ser esculachada. Os atores tingidos de preto do Canal Cinco, a Portuguesa do Canindé sem renovar o contrato do grande cobra Lorico, as marmeladas que estão acontecendo em algumas partidas, a torcida mais viva deixando o jogo de bola pra lá, o juiz portuga avacalhando qualquer pelada. Apesar de ter mais de quinze horas só de minuto de silêncio, o panaca luso não espia nada e ainda por cima o cutruco é mal educado, recusou apertar a mão de Pelé no fim do clássico Santos de glórias mil e Corinthians, pagando com patadas a colher de chá que o maior craque do mundo ia lhe dar. Mas deixa andar. Quanto mais biaba se dá no labrego, mais os cartolas empurram o majura pro alto. Só pra fingirem que não erraram ao contratar o bruto.

Meus cupinchas, esses e outros esquinapos podiam ser papo pra um jornal inteiro. Mas acontece que o São Bento, que está cai-não-cai, aproveitou que estava em Ribeirão Preto e começou a bolar um xaveco junto com o Comercial e o Botafogo pra entrutar de vez a Federação. Quer o time de Sorocaba anular o campeonato desse ano. Coisa que se levar em frente consegue fácil. Não é preciso cavo[u]car muito pra descobrir sujeira onde os cartolas metem as mãos. O Comercial está aí mesmo pra não deixar ninguém mentir. Provou por “a” mais “b” que tinha mil troços fajutos na sua tubulação de 68. Encostou os pistolões na parede e já está de volta. E ainda vai beliscar uma grana, só pra descontar a vergonha que passou. E é nessas e noutras que o São Bento se agarra.

Meus cupinchas, sintam o peso da botota. Se o Comercial desceu só de araque, a lanterna está ali entre América e Juventus. Logo a lei foi chutada. Não desceu ninguém. O Paulista subiu e tal e coisa. Ficaria no barato se todo mundo se fechasse em copas. Mas o São Bento que não dorme de touca, está se atolando mesmo, meteu a boca no trombone. Já vai chiando pra não descer. E é claro que os outros times que estão a perigo vão aproveitar o embalo. Vão fazer marola pacas. E vão se livrar do tombo. Lamentavelmente nos corredores. Porque vai dar em nada. A Federação vai dar um guento em todos eles. Na moita promete não [re]baixar nenhum clube esse ano. E com o come quieto garantido todo o gango se encolhe. A torcida que paga entrada que se dane. O homem do povo é o esparro mesmo. Se fizer bochicho vai em cana. Lugar onde deviam estar os cartolas que assassinam dia a dia o futebol brasileiro.

Volta à cidade (*Última Hora* de SP – Edição de 30/5/1969. Página 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, aqui estou eu de novo. Bastante encabulado. Não pela gelada que eu tomei. Isso são coisas da vida minha nega. A gente que se bate nas quebras do mundo uma vez ganha, outra perde. O que me entorta é que o Apolinário que foi o cara que me inventou como cronista, me deu muitos plás antes da saída. Charlou pacas que não podia falhar a coluna, nem nada. E já falhou. Mas vamos em frente. Foi motivo de força maior.

Meus cupinchas, o papo hoje é de Ribeirão Preto. A Walderez de Barros, minha companheira de todas jogadas[, e] que é quem se atucana mais quando eu sou guindado pla pá [sic], foi representar na terra do Bar Pinguim, melhor chopps do Brasil, foi com a peça do Martins Pena “Cinto acusador”⁸³. A Dereca[,] que é de

83 Termo atualizado; no original de jornal consta “O Cinto Acusador”.

Ribeirão[,] foi com aquele embalo e foi recebida co todo o carinho de sua gente. Teve uma rádio que botou as crianças do grupo cantando em homenagem da sua atriz. Teve flores, teve palmas, teve tudo. Os jornais locais manifestaram o carinho de Ribeirão pela Walderez. Meteram o seu belo rosto nas primeiras páginas. Aquela festa que a capital do café sabe fazer. E não é à toa que a Maria Della Costa anda querendo se naturalizar filha de Ribeirão Preto. Mas o que conta é que a Walderez está naquela felicidade. Só Deus sabe como pesa na balança pra um ator sair da sua cidade na base do agrião e um dia voltar e ser recebido por corações abertos. A Walderez ainda tem muito que gramar na profissão que escolheu. Seu talento que é enorme ainda não foi totalmente desenvolvido. É uma carreira em começo ainda. Mas pelo amor da gente de Ribeirão Preto ela chega lá. Fácil. Podem apostar. Nas horas difíceis, nos momentos amargos, ela há de saber que sua gente está torcendo pra ela com o mesmo entusiasmo que torcem pelo Comercial e Botafogo. Muito obrigado Ribeirão Preto por tudo que vocês fizeram pela minha Dereca.

Meus cupinchas, eu nasci em Santos, comecei minha carreira em Santos como palhaço de circo, batalhei em Santos, naufraguei em Santos, mas nunca o povo de Santos faltou com o seu apoio. Nunca. Nem quando eu era o Frajola, nem agora. Foi lindo uma senhora da torcida me dar uma rosa. Na hora que eu descia[,] eu chorei e ela chorou junto. Eu nunca me senti tão⁸⁴ em casa. Pé de chinelos e autoridades me entenderam. Eu morri de glória. E nasci de novo pra começar tudo outra vez. Assim que tem de ser.

Não se deve mais ir ao campo (*Última Hora* de SP – Edição de 31/5/1969. Página 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, o futebol brasileiro é o maior do mundo. Mas só dentro do campo. Fora é uma caca de dar nojo. Tem os cartolas com suas mumunhas. E aí é broca. Toda vez que essa raça maldita se mete a ter ideias pode apostar, vem um troço escamoso pra atucanar a torcida. O nego que sempre come da banda podre cada vez tubula mais. Os pistolões sem dó, esculacham tudo que é do povo. O campeonato paulista está aí mesmo pra não deixar ninguém mentir. É um lixo. Uma droga. Um trambique cavernoso. Uma marmelada escrota. Um perereco tão safado que o homem da rua já nem engrena papo dos cartolas. Pena que sempre tem boboca pra tudo e ainda aparece uns loques pra largar a bufunfa⁸⁵ suada e sentida na bilheteria nos campos. Não devia ir ninguém. O lance era deixar os pistolões falando sozinhos. Se virando na lama que é onde eles se tratam. E a gente que gama o futebol ia ver jogo de várzea. Se não tem Pelé, se não tem Rivelino, se não tem Zé Roberto, se não tem Ademir da Guia e os cambaus, tem gana, tem paixão pela camisa, tem vontade de vencer. E não tem traidores da Pátria.

Meus cupinchas, o Palmeiras deu colher de chá pro São Bento e não foi o único a vacalhar o recreio do povo. Outros timecos sem moral já haviam bagunçado tudo. E a gente pergunta: Quem devolve a grana do torcedor? Quem? Pra quem a gente reclama? Será que ninguém se toca na sujeira que está o Campeonato Paulista? Até quando vai ser permitido essa gronga?

Meus cupinchas, estamos na bica do campeonato do mundo. Claro que o Brasil tem chance. Não é de hoje que a gente bate bem na redonda. Os nossos

84 Termo atualizado; no original de jornal consta “são”.

85 Termo atualizado; no original de jornal consta “bofunfa”.

boleiros são cobras paca. Mas como está não vai dar pedal. A seleção vai encostar com os gringos sem gana pega. E taça só se apanha com o orgulho de macho largado na batalha. Isso é verdade de se botar fé. Os Nilton Santos, os Mauros, os Zitos podem confirmar. E como é que um marmeleiro de campeonato vai ter honra pra por na guerra?

Meus cupicnhas, o que os cartolas estão fazendo com o futebol brasileiro é traição à Pátria. Eles querem derrotar o grupo que está na direção da seleção. Não têm coragem de entrar de sola. Então já viu. Armam os xavecós nas encolhas. Vão minando o nosso futebol só das encolhas. As manobras políticas vão acabar com o nosso selecionado. Só tem uma forma de dar um guento nos cartolas traidores. É não ir mais ao campo. Aí o lixo vai feder. Feder. Feder. Feder. E os canalhas vão morrer sufocados. E é assim que os traidores devem se acabar.

Meus cupinchas, a palavra de ordem é não ir mais ao campo. No Brasil de hoje não cabe mais essas drogas.

2.6 – As crônicas de junho de 1969 – Coluna *Navalha na carne*

Somente uma vez na vida (*Última Hora* de SP – Edição de 1/6/1969. Página 12. Caderno 1)

O perereco se deu na fábrica de sabão que ficava na Linha Forte Augusto, lá no bairro do Pau Grande na divisa com o Subaco da Mula em Santos. A curriola que pegava o batente na fábrica aproveitava a folga pro rango e batia uma bolinha. Tinha duas serventias o joguinho: ajudava a enganar o estômago e refrescava a cuca. E com essas e outras a moçada ia remando o barco. Foi quando no meio de um sarro de boca o gango resolveu fazer uma brincadeira organizada. Uma pela entre casados e solteiros a valer um barril de chope. A turma se animou. O Zé Preto ficou de juntar os argolados e o Cabeção tomou conta dos solteiros. Arrumaram camisa emprestada, bola, campo, apito e os cambaus. Fizeram uma vaquinha pra comprar o barrigudinho e ficaram na paquera dogrande dia. Mas quase na véspera do jogo se deu o esquinapo.

O Zé Preto foi fazer a escalação de seu time e se tocou que na fábrica só tinha dez casados. De saída já tinham combinado que não valia laço. Só entravam em campo os negos que trabucavam no sabão. Então engrossou o caldo. O capitão dos argolados meteu ficha:

– Não tem nada não. A gente vai com dez mesmo.

Porém o Cabeção deu o estrilo.

– Aqui, ói! Depois nós ganhamos e vocês vão esculachar a nossa vitória, vão esparramar que perderam porque jogaram com menos. Ou vem onze ou não vem.

E ficou empacado o tereco. Bateram mil caixas. Estudaram mil chaves. Os casados queriam que o jogo fosse de dez contra dez. Não deu pé. Os solteiros tinham os onze que deram a grana pro chope e ainda uns oito reservas pra entrar na metade. E estavam nisso quando o Sarara teve uma ideia bidu e charlou alto?

– Convida o seu Manoel Gerente. Ele é casado.

O alô foi aceito. Formaram uma comissão de casados pra caitituar o manda-chuva. Com todo os respeito do mundo encostaram no majura e escracharam o lance. O seu Manoel que quando viu a curriola atracar ficou meio assustado. Tinha

pensado que era pedido de aumento, ameaça de greve e tal e coisa, quando se pôs por dentro do assunto se aliviou. E todo à vontade fez um discurso.

– Nunca joguei bola[,] meus caros colegas. Nunca. Nem quando era menino. Minha infância foi dedicada aos estudos. Lá em casa[, eu] era o único homem. Caçula de cinco irmãs. Fui sempre retraído. Estudei piano. Sou ótimo em matemática. Sei tudo sobre história das artes. Mas nunca assisti uma partida de futebol. E agora então que tenho esse cargo de responsabilidade aqui na fábrica, só me dedido ao trabalho. Vou daqui pra casa, de casa pra cá. Meus caros colegas, nem imaginam como esse meu lugar exige sacrifício. Minha esposa até se queixa que eu trabalho demais. Que eu precisava me divertir um pouco.

E o divertir um pouco foi a queixa. A moçada se agarrou[, e] aí pôs lenha na fogueira. Enfeitaram o pavão. Badalaram pacas o casco de ferida. Ele se babava, se sentia importante no seu cargo, humano por ser importante e levar papo com os operários, orgulhoso por ser lembrado, feliz por poder chegar no seu lar e cartear amarra pra mulher. Contar que apesar do cargo de sabujo do patrão era querido dos operários. Mas chiava:

– Eu nunca joguei bola na vida. Nem assisti. Como vai ser?

O Zé Preto deu o serviço.

– É só pra fazer número.

Então o seu Manoel Gerente solenemente topou.

– Então contem comigo. Ninguém vai dizer que sou um desmancha prazeres.

E é como diz o Zagaia:

– Quem nunca comeu melado quando come se lambuza.

Se o Zagaia diz é que é. E não deu outra coisa. O seu Manoel Gerente começou a se preparar com carinho. Baixou numa casa de Esportes e comprou um uniforme completo de jogador. Meia, chuteira, calção, tornozadeira, caneleira, gorriño. Não faltou nada. Quando se apresentou no campo o gango do pesado teve que fazer esforço pra não avacalhar a guerra. O seu Manoel Gerente era um esculacho. Parecia o manequim da vitrine da casa esportiva. Mas estava espumando de alegria. Era o mais feliz. Uma humildade de entortar. Pedia dica até pro faxineiro da fábrica. Foi escalado de ponta esquerda. Posição onde sempre escalam o pior. E o lugar que [a]trapalha menos. E o boboca vira e mexe perguntava:

– O que o ponta esquerda faz?

A moçada deschavava. Teve cara até que ficou com pena. O Miguel Sebinho que tinha pedido pra marcar o seu Manoel Gerente só pra lhe dar umas biabas e tirar forra de uns descontos que o majura fez no ordenado, deu dispensa. Achou que era covardia acertar um burrego daqueles. Esqueceu a bronca. E o jogo começou.

A torcida se divertia com o seu Manoel Gerente. Corria como uma besta pra todo o lado. Às vezes a bola ficava perto dele e o trouxa dava um bico pra qualquer lado. Não queria nem saber. Em quinze minutos de pelada e o bolha já estava botando os bofes pela boca. Bufava mas não se rendia. Se acanhou um pouco na ponta, e foi aí que uma bola espirrada sobrou. Todo estabanado conseguiu matar a redonda. A torcida deu embalo.

– Vai seu Mané! Vai!

O panaca se empolgou, foi correr. Estava sem gás. Torceu o pé e aterrou. Gemeu de dor, chorou, gritou, uivou. O gango veio espiar. E o Cavaco deu a sentença:

– Quebrou a perna.

Os operários pegaram o bruto e levaram pra Santa Casa. Tira chapa, engessa e por aí. Aí o seu Manoel Gerente apavorado cutuca o médico:

– Eu vou ficar aleijado, doutor?

O médico fez um ar grave e tacou:

– Não! Mas nunca mais poderá jogar futebol!

Lau barbeiro está mais aliviado (*Última Hora* de SP – Edição de 2/6/1969. Página 13. Caderno 1)

Meus cupinchas, no campeonato burro, bolado pelos cartolas da Federação Paulista, anda acontecendo os pererecos mais escamosos. O Palmeiras, que escarrou em cima de suas tradições, glórias e os cambaus, começou a dar colher de chá pros timecos que estavam a perigo. Entregou a rapadura pro São Bento de Sorocaba. Meteu em campo um quadro escroto e foi pro vinagre. Escrachou pra sua torcida que os seus reservas são de nada, e mais, deixou bem claro que a cartolagem nem se toca com os uivos da galera. Perdeu do São Bento e pronto. Fica assim mesmo. Nunca ninguém vai provar que foi marmelada. Se correu grana foi na moita. Pra essa bufunfa os panacas não passam recibo. E o palmeirense da geral que se dane. Quando encostar o umbigo no balcão do boteco, vai ter que escorar o sarro. E não vai ser mole. Porque o periquito vai entrar em muita lenha.

Meus cupinchas, o Juventus, que estava caindo pelas tabelas, fez seu pique-nique na sombra do alvi-verde. Tirou sua casquinha. Deixou o Lau barbeiro, único sofredor juventino que eu manjo, mais aliviado. Agora se manca. Sente o peso da botota. Nessa partida não teve esquinapo. Não teve xaveco⁸⁶ pra engrupir loque da geral. O Palmeiras entrou com os seus boleiros cobras. Porém, o time da Mooca desconheceu. Nem se afobou. Beliscou fácil. E não podia dar outra coisa. Os craques do time alvi-verde não tinham embalo, motivação, moral nem zorra nenhum. A moçada está entortada. Eles sabem que a gronga foi montada com o São Bento. Não adianta o Filpo contar história. A curriola não entra no crás-crás-crás do gringo. Ele charlou sozinho. Pediu suor, cacete e tatinha. Ficou rouco. E foi uma vitória grená. Agora, os cornetas do clube dos polenteiros vão bujar. E com razão. Pra deschavar, os cartolas botarão a boca no trombone pra espalhar que vão multar, afastar da equipe, suspender o contrato de certos jogadores que não estão dando o sangue. Mas, tudo fica no bafo. Os pistolões palmeirenses sabem que se tem alguém que enterrou o time, esse alguém é da diretoria. E deixa andar.

Meus compinchas, o Santos de glórias mil, que, em se tratando de trabique, é igualzinho aos outros clubes do Brasil, sabe fazer as jogadas mais fajutas com gabarito. Maneirou o campeonato inteiro. Mas, sem armar escândalo. E agora, que vai chegando a hora do “vamos ver”, está na bica pra ser campeão do mundo e campeão de São Paulo. Tem ou não tem embaixada? O resto é boiada de bico. Tem que levar ferro.

⁸⁶ Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

Correspondência[:]

Antonio Oscar Brandão Leite – Praça Adolfo Olindo, 68 – Itajubá – Minas Gerais... [“]Meu amigo Plínio, preciso de uma colher de chá. Não tenho ninguém em São Paulo. Conto com você...[”.]

[Plínio Marcos:]

[“]Já estou me virando por você, Toninho. Segura o apito. Calma que tudo se ajeita. Tá?["]

Os cartolas esculacham a alegria do povo (*Última Hora* de SP – Edição de 3/6/1969. Página 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, o futebol brasileiro é o maior do mundo. Mas só dentro do campo. Fora é aquela caca de dar nojo. Tem os cartolas com seus trambiques e mumunhas pra avacalhar tudo. E são tantos os macetes dessa corja maldita, que os boleiros vão perdendo o embalo. O craque entra em campo se sentindo o esparro de um gango cavernoso. Não tem por onde. Ainda mais agora que os mais vivos deixaram de ir assistir as peladas combinadas nas moitas e os loques largaram a bufunfa⁸⁷ em cima da entrada só pra xingar os craques de marmeleiros, como se isso adiantasse. Mas o que pesa na balança é que o jogador fica embatucado. Ele nunca se toca nos esquinapos. Só sabe que às vezes o bicho é pago pra ele ganhar, outras vezes pra perder. Mas deixa andar. O boleiro é uma vítima de uma engrenagem podre.

Meus cupinchas, se agarra na tua fé, liga as antenas, acende as botucas e mora no escracho. A gente está na bica da copa do mundo. E os cartolas procuram cada vez com mais fúria destruir o nosso futebol. Os fatos estão aí mesmo pra não deixar ninguém mentir. O campeonato paulista pode ser anulado. O São Bento de Sorocaba é quem está armando a gronga. E está certo. O Comercial tubulou no ano passado. Provou que tinha muito troço escamoso no seu tombo, meteu recurso, já está de volta. E a lei de acesso foi pro vinagre. E a bagunça tomou conta da praça. E os cras-cras-cras [sic] são de monte. O Fluminense que tinha o Flávio suspenso pelo Conselho Nacional de Desportos meteu um recurso na justiça comum e ganhou fácil. Os coroas do conselho ficaram falando sozinhos. Já deram um plá que não brincam mais. Vão tirar o time de campo e tal e coisa. Claro que é grupo. Esses pistolões que se metem em futebol só falam. Na hora do “vamos ver” afinam. E tem mais. O seu Anibal[,] que se achegava do batente como bilheteiro do Morumbi, resolveu meter a boca no trombone, charlou que no estádio do São Paulo que a negada pensava que tinha 53 mil lugares tem agora 84 mil. Se a cana sair na captura dessa pista, vai encontrar gaturama de cartola. Podem apostar.

Meus cupinchas, agora vem o pior babado. Pior que ator do canal cinco se tingir de preto pra fazer “A cabana do Pai Tomás”. Pior que a ridícula Portuguesa do Canindé querer mudar o regulamento do campeonato burro, que ela mesmo ajudou a bolar, pra entrar no turno de classificação. Pior que o presidente do Corinthians mandar dar pau em jornalista. Pior que alguns cronistas paulistas ficarem pixando o Saldanha na base do bairrismo. Pior do que o Zezé Moreira vir lá do Uruguai pra atucanar o treineiro da canarinho. Pior que as marmeladas que alguns timecos dessa terra andam fazendo. Pior que clube de várzea excursionar pro estrangeiro. Pior que tudo isso é o calendário anunciado pela CBD.

87 Termo atualizado; no original de jornal consta “bofunfa”.

Meus cupinchas, vai ser de lascar. Vai entortar a cuca de tudo quanto é boleiro. Eles só vão viver na concentração e no campo. Vão até esquecer o que é mulher. Vão tomar porre de futebol. Vão entregar a rapadura pros inimigos. E a culpa não vai ser do técnico nem dos jogadores. Vai ser dos cartolas, que quando se metem a ter ideias, esculacham com alegrias do povo.

Orlando na quebra da vida (*Última Hora* de SP – Edição de 4/6/1969. Página 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, o nego Orlando, goleiro da Portuguesa do Canindé, é uma das figuras mais simpáticas do futebol brasileiro. É um bom praça. É só tirar o bruto na pista pra se ver que é um cara legal. Sabe tirar os pererecos de letra. Mete um sorriso que até parece um piano e deixa a catraia navegar. Eu guardo na cuca um barato do crioulo. Foi quando a Lusa ia se pegar com o Comercial, de Ribeirão Preto, time de Walderez de Barros, minha companheira de todas as batalhas, que vocês manjam de ver ela de Mercedes na televisão e de Júlia na peça “Cinto acusador”⁸⁸, que o Corsi dirigiu e está no fim da temporada lá no Auditório Itália. Mas o plá é sobre o Orlando. O jogo era o da degola. Se o clube da terra do Bar Pinguim, o melhor chope do mundo, perdesse, ia pro vinagre. E era uma partida que ia ter lenha. No pega pra capar do turno sobrou biaba. E quem ficou no prejuízo só se plantou na guarita esperando a volta. E foi pro que desse e viesse que os times botaram as fuças.

Meus cupinchas, jogo de bola nessa nossa Pátria querida, tem muitas mumunhas. Mas esse era pra valer. E como estava toda a curriola com as botucas ligadas no lance, a televisão foi cobrir. Antes da hora do “vamos ver” tem aquele cras-cras-cras [sic] de sempre. E foi pra enganar o público que o repórter de campo meteu uma ficha com o Orlando:

- Como é meu bom?
- Estamos aí.
- Vai ganhar?
- De um a zero!
- No duro?
- Pode apostar!
- Mas é um a zero, mesmo?
- Não dá outra coisa!

E não deu mesmo. No fim estava no placar. Portuguesa do Canindé – 1, Comercial da Walderez – 0. Aí foi broca. O tal repórter se encheu da razão e encostou no crioulo.

- Que boca que tu tem, hem, Orlando?
 - Pra tu ver.
 - Quero morrer teu amigo.
 - Legal.
 - Dá uma dica pros telespectadores do nosso canal. Que bicho dá amanhã?
- E o Orlando sem vacilar chutou:

⁸⁸ Termo atualizado; no original de jornal consta “O Cinto Acusador”.

– Gato e Macaco.

E a moçada que é de acreditar em palpite carregou as peças em cima do escrevente do bicho. E foi aquela gronga pro banqueiro. Deu Gato e Macaco. Só que o peludo saiu na cabeça e o bichano embaixo.

Meus cupinchas, apesar dessa boca que deve secar até pimenteira, apesar de ser gente boa, o Orlando só come da banda podre. Sente o peso das bototas que o crioulo se enfia. Começou sua carreira no São Cristóvão, um timeco da Carica que onde [sic] o craque melhor instalado chama mendigo de excelência. Deu duro. Se lascou. Mas fez nome. Teve muito panaca que espia de bola que levou fé no negrão. Chegaram mesmo a apontar o moço como um candidato a goleiro da seleção. Aí começou o leilão. O clube que carrega nome de santo cassado resolveu tirar a barriga da miséria. E no quem dá mais, a Lusa do Canindé encostou com o bufunfa⁸⁹. E foi o crepe do Orlando. Toma lá dá cá. O negrão engrupido se picou pra São Paulo espumando de alegria. Claro, lá naquelas bandas ele andava matando cachorro a grito. Chegou charlando:

– Estou contentão. Vai chover na minha horta.

E se estrumbicou.

As mestras e seus xavecós (*Última Hora* de SP – Edição de 5/6/1969. Página 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, esta vida é um barato. Já que não dá pé levar papo sobre futebol porque o campeonato paulista atingiu a perfeição em matéria de avacalhão, com os times se esculachando em marmeladas e tal e coisa, vamos de outros lances. E tem que ser assim. Quem é que vai querer largar uma grana sentida em cima de uma entrada pra chegar dentro do campo e meter as botucas no misto do Santos, Palmeiras e Corinthians? Só panaca embarca nessa canoa furada.

Meus cupinchas, mas [sic] hoje o escracho é com as professoras. Estou invocado com as brutas. Sente aí o peso da botota. As mestras bolaram um treco que até podia ser bacana. Mandar as alunas, e os alunos também, bater caixa com artistas sobre coisas. Então já viu. Vira e mexe encarna na gente uma curriola de estudantes. Tem dia que eu encaro uns dez ou doze ganhos desses. O que não tinha nada se as perguntas fossem legais. Se o crás-crás-crás fosse rápido e rasteiro. Mas não é. A moçada vem charlar de tudo que eu não espio.

Meus cupinchas, o salseiro começa pelo gravador que as meninas trazem, mas que nunca sabem lidar com o desgraçado. É aquela briga de foice. As cabeças frescas às vezes pensam que sabem, tacam as fichas mais cavernosas, a gente boqueja às pampas, quando vai se ver não foi nada gravado. Então tem que repetir o xaveco outra vez. Claro que quem é de gravar novela está acostumado a ser o esparro no vídeo tape, mas a gente também enche. Principalmente com conversa chimbu.

Meus cupinchas, pra ver se me livro dessa praga, vou responder umas perguntas que escuto sempre. Do jeito que sempre respondo.

– Que você acha do palavrão?

– Não acho nada.

– É a favor do casamento?

⁸⁹ Termo atualizado; no original de jornal consta “bofunfa”.

- Sou argolado há seis anos.
- Que acha do sexo?
- Eu pratico.
- Pra dar certo o casamento precisa haver sexo?
- O que tu acha, beleza? Que filho é a cegonha que traz?
- E da pílula, você usa?
- Eu não minha chapa. Minha mulher.
- É a favor do divórcio?
- A favor.
- Mesmo se o casal for feliz?
- Usa a tua cuca, ô bolinha.
- E os filhos?
- Estão uma brasa.
- Não. Em caso de divórcio?
- Pois é. Ficam no “ora veja”.
- Vão sofrer.
- Também acho.
- Então o divórcio é ruim.
- O que tu acha de um casal viver quebrando o pau? Os filhos não vão ficar abilolados?
- É.
- Então pronto. Agora dá logo teu recado que eu estou com pressa.
- Só tem mais três perguntas.
- Manda logo.
- Que você acha de casamento de padre? O que você acha das relações sexuais de gente do mesmo sexo? O que você acha da Rússia ter invadido a Tchecoslováquia? Tem mais um que eu não tinha contado. Que você acha da minissaia?
- Minha filha, eu só escrevi uma peça. Me dispensa, tá? Eu quero é sossego. Não vou estourar minha cuca com besteira. Lê um livro e se informa.
- Poxa! Bem que me disseram que você era cafajeste.

Ignácio de Loyola chora pela Ferroviária (*Última Hora* de SP – Edição de 6/6/1969. Página 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, o Ignácio de Loyola nem ficou afobado com o prêmio Governador do Estado que ganhou pelo argumento do filme “Bebel Garota Propaganda”. Pro moço escritor não deu pra encher o caco com as biritas da alegria. Ele está de cuca fundida, fala sozinho, bate a fuça no poste, não se aguenta. A Ferroviária de Araraquara que vinha tão bem, estava ali na cola do Santos de glórias mil, dava cacete em meio mundo, encarava a gronga com todo o embalo, de repente leva um contra vapor pela proa, se entorta, vai caindo pelas tabelas e acaba seu perereco tomando uma biaba do São bento de Sorocaba. Dois a zero. A Ferroviária entrou pelo cano. Sem luta nem nada. E foi esse esquinapo que machucou o Ignácio

Loyola, um dos grandes contistas brasileiros, torcedor da Ferroviária de sair de São Paulo pra espiar seu time se pegar até com o América em São José do Rio Preto. O Ignácio, meus chapas[,] é de sofrer, de berrar, de apostar por seu clube do peito. É de abanar bandeira e tudo. Por isso não me conforma da Ferroviária ter entregue a rapadura no final do campeonato.

Meus cupinchas, a Ferroviária é um time do povo. É o clube da estrada. Por este Brasil todo é recebido com simpatia. Mas na sua terra, Araraquara, a curriola que tem bofunfa não dá colher de chá. Os bacanas da cidade não passam nem na porta do campo da Fonte Luminosa. E até agora ninguém entendeu essa escama dos granfos. Nem o Ignácio de Loyola, que é vidrado na sua Araraquara, na sua gente, nas suas coisas, conseguiu se enfiar por dentro dessa batota. E é por isso que o moço escritor se atucana. O Ignácio de Loyola, um dos grandes contistas do Brasil[,] sabe que se o gango todo da cidade fechar-se com o clube da estrada ia ter pra troca. A Ferroviária ia botar pra quebrar. Encontrava o Santos de glórias mil, São Paulo, Corinthians e Palmeiras na parede. Mandava ver. E nas horas do pega pra capar não afinava. Não enfeitava o pau como fez esse ano.

Meus cupinchas, a Ferroviária fez uma campanha legal. Apresentou-se com padrão de jogo e por esforço próprio ficou na bica da caçapa. Aí foi que se danou. Só o Ignácio foi pra geral berrar por Araraquara. Os boleiros sentiram a solidão. Tremeram. Viraram geleia. Se sentiram órfãos de pai e mãe. E tomaram pau. Se afundaram lá pro fundo da tabela. E receberam o último toco em Sorocaba, numa pelada que ninguém espiou. Até a renda foi enrustida. Os cartolas tiveram vergonha de escrachar grama de tão pouca que era.

Meus cupinchas, assim a Ferroviária de Araraquara cumpriu seu tempo no campeonato. Teve glórias e crepes. Se badalou e penou. Mas se botarem na balança sua campanha o resultado é um só. Se Araraquara se tocasse de gama de pedra por seu time, o negócio ia ferver. O time da estrada sentiu a falta da torcida e foi pro beleleu.

Meus cupinchas, o campeonato deste ano já andou pra Ferroviária. Só resta o povo de Araraquara se mancar no exemplo do Ignácio de Loyola e no próximo torneio dar força pro time. O moço escritor quando o clube joga, larga tudo e vai torcer. Como deve ser. Deixa até de receber prêmio se for preciso, deixa os babados todos e vai pra geral. Ele que tem cuca boa sabe, a Ferroviária tem lenha. Só não tem torcida.

Aristides Barbosa, um grande brasileiro (Última Hora de SP – Edição de 7/6/1969. Página 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, tem loque demais no mundo. Papagaio enfeitado é o que não falta. Agora até marmanjo deu pra tirar onda de macaco de auditório. Não comigo. Claro que eu não vou embarcar em papo de abilolado por novela. Os fãs são lá do Sérgio Cardoso. Eles vira e mexe [sic] me escrevem esculachando por causa do escracho que eu estou dando na “A cabana do Pai Tomás”. Uma zorra das mais cavernosas, onde os brancos vão ser tingidos de preto para fazerem os papéis principais e os crio[u]los vão ficar de pano de fundo. Ali na base do agrião, pra deschavar.

Meus cupinchas, sentem aí o peso da botota. Eu recebo montes de cartas todos os dias. A maioria vem pra dar força como o plá do Zé Francisco, do castor

Fernandes Filho, da Mãe do Benê Silva, da Bety Azevedo, do Carlos Costa, da Prof. Maria Vieira, de Santo André e outros recados bacanas. Mas no meio das coisas legais, chegam uns alôs de fundir a cuca. Por exemplo, a ameaça que um tal Luís Alberto me faz. Jura o bicharoca que se eu continuar bagunçando a Cabana do ator alvi-negro, ele me pega na rua e me arranha a cara. Ai, ai estou morrendo de medo da lombriga elétrica. Já o seu Francisco Jardim manda perguntar pra dona Alla, responsável pela secção de cartas, se ela topava se tingir de preto. Diz o panaca que se ela não topa o lance é porque no fundo a bruta é racista. Mas diz mais o majura. Ele acha que se os pretos estão se sentindo menosprezados é porque não tiveram instrução e se não ilustraram a culpa é deles.

Meu cupinchas, pode um idiota desses? Eu não manjo esse Jardim, mas estou apostando que botaram esterco no canteiro e esqueceram de espalhar semente. Não floriu nem uma margarida. É seco demais esse bolha. Não é só os crioulos que não tiveram instrução aqui nessa Pátria amada. Brancos e mulatos, das classes de baixo, também ficaram no “ora veja”. Agora pra você se mancar, Jardim sem rosas, é só negro começar a se meter em faculdade, concorrer no mercado de trabalho pro racismo começar aparecer. Os brancos azedos vão se sentir ameaçados. E aí é broca. Agora tem mais. Você acha dentro da sua visão de xarope que o papel de Tomás da tal Cabana pede um branco tingido. Você não sabe nada. E se andou na escola foi um desperdício. Desde quando um personagem negro pede um branco tingido?

Meus cupinchas, tem o seu Armindo da Silva Prado que manda seu crás-crás-crás santo. Todo mundo devia ler o que esse homem escreveu. Saiu ontem na secção de cartas da minha chapa Alla, bem em cima do bla-bla-bla [sic] do Jardim sem rosas. Outro negócio bidu que toda [a] curriola devia botar as botucas em cima é o artigo do Aristites Barbosa[,] que saiu no Diário de São Paulo com o título de Negro Falso interpreta Falso Negro. O grande Aristides vai até a raiz do problema. Revolve com coragem todo o livro que é “A cabana do Pai Tomás” e faz feder. E como fede. Machuca. Mas tem que ser assim. Um patriota como o Aristides procura denunciar hoje os esquinapos, pra ver se os homens da lei se tocam e impedem os ódios amanhã.

Meus cupinchas, com essas e outras vocês vão se flagrando e vão tirando o televisor do ar na hora da novela do ator alvi-negro ou duble-face. O IBOPE vai ter que mentir pacas para cavar audiência pro troço mais fajuto da vida da televisão. Os caras que cuidam da badalação vão adorar o que o Carlos Rodrigues da Costa, de Bauru, mandou dizer: “Os gestos e as atitudes do Sérgio Cardoso são dignos de serem imitados”.

Meus cupinchas, vocês já pensaram se a ideia de jerico do Carlinhos pega, os bobocas todos iam sair na rua tingidos de preto. Não ia haver rolha que chegasse.

História de um velho ladrão (*Última Hora* de SP – Edição de 8/6/1969. Página 12. Caderno 1)

O Mais Velho como o apelido já escracha é um coroa. Ninguém sabe sua idade. Nem ele mesmo. O próprio Zagaia que sabe de tudo, passa nesse lance. Quando encostou no cais do porto de Santos ainda era pivete e o Mais Velho já estava. E já era um veterano. Agora o Zagaia anda com um pé na cova. Pronto pra dar baixa do mundo por conclusão de tempo e o outro majura está do mesmo jeito. Coberto de limpo e de escama. Porém não dá devagar. Vira e mexe apronta um

salseiro e vai em cana. Como antiguidade é divisa, o bruto na galera pega maré mansa. Sai logo. E vai deixando a catraia navegar. Tem farol baixo, mas espia pacas. Tá por dentro dos macetes. Mas não se racha. Se fecha em copas. O Mais Velho manja o plá do Zagaia:

– Cagueta tem vida curta. E se o Zagaia diz é que é. Por mais aperto que leve, o Mais Velho não conta. Mesmo seus trambiques do passado ele não abre. Se puder só escuta. Mas até araruta tem seu dia de mingau, e num esperneio cavernoso, desses que às vezes mordem o relógio do peito, pra se aliviar a carga o Mais Velho largou seu recado numa mesa de papo furado.

Estava uma curriola do cacete enchendo o caco de cachaça e contando presepada. Só ali cozinhando o galo. E nessa jogadas que qualquer papagaio fica enfeitado. Tem loque até que fica mais malandro que a própria malandragem. Foi nessa botota o Mais Velho se abriu. Eu vou vender o peixe pelo preço que comprei. Quem quiser que dê o desconto.

– Todos aqui são pinto. Eu é que sei das coisas. Onde me verem, eu estou. Faço qualquer negócio. Por mais que eu viva vou acabar. Pra semente é que não fico. Nunca enjeitei pauleira. Afanei muito trouxa na conjeita. Mas sempre que deu[,] contei história. Uma bicaria bem chavada é arma. Podem crer. Mas antes de tudo, fui lalau de cemitério. Rato de cova. Se tocam. Defunto, eu achava que não chiava. Era só cavar e tirar os picos de cima do estarrado. Tem muito xarope que manda os seus finados como faraó. Cheinhos de berguessos. Era aí que eu entrava. De pá e enxada cavava o meu ra[n]go. Não tinha caguetagem e eu era barra limpa. Os homens nunca saiam na minha captura. Eu ia me servindo. Até que dei o crepe. Era uma noite do capuchete. Chovia que Deus mandava. Eu que era abusado não quis nem saber. Era cada raio e trovão de espantar. Numa noite assim até o capeta se encolhe na moita. E eu me embalei. Essas é que eram as boas. A terra vira lama e fica mais mole. Os vigias não acreditam, é um sossego. E lá fui eu. Fiz despacho pro Exu Caveira. Larguei pinga, farofa, fumo e os cambaus na encruzilhada. Com a licença pedida me senti coberto. Meti as fuças. O molho não parava de cair. Eu paquerei o meu pesqueiro. Encabulei com uma campá que tinha um retratão de um panaca. Só podia ter sido otário quando gente. Fui contanto com os badulaques certos. Meti o martelo e levantei a lage. Aí escutei um gemido.

O Mais Velho ia levando a conversa e a curriola não desligava. O gango não era xereta nem nada. Porém a história do coroa pegava pelo pé. Charla de coisa assombrada balança a cuca da negada. Em mistério não tem quem não entre. Nem quando o bruto parava pra ter uma bicada na cachaça, e se encher de gás tinha pio. A botota estava encabritada. Deixava por conta do Mais Velho. Ele não dava rodeio. Enchia o gargalo e ia em frente.

– Pois é. Escutei um gemido. De saída deixei no barato. Com chuva, vento, raio, qualquer um fica meio espantado. Se der trela pra cuca se apavora atoa. Eu escutei e empurrei na conta do batequeixo. Não sou melhor do que ninguém. Quem tem, tem medo. E eu sou inteiro. Firmei o pensamento e meti a enxada. O barro soltou e os gemidos aumentaram. Eram na batida. Tome enxadada. Vinha gemido. Eu me invoquei. Quis parar e dar pinote. Senti um arrepio pelo corpo e já não mandava mais em mim. Estava com a gana pega. Largava a pua como se fosse elétrico. A chuva chovia mais. Os relâmpagos ciscavam pacas. Parecia que o mundo ia acabar. E eu ali. Tome carga. E os gemidos aumentavam. Era de dar pena. Machucavam. Porém eu não podia comigo. Estava grudado. Cheguei no caixão. Foi loguinho. Mas pareceu um cacetão de tempo. Aí já não era gemido que eu escutava.

Era choro. Dos doídos. Baixinho, mas sentido. Eu tremia. Me sentia geleia. A cabeça me pesava como se fosse um cabeçote inchado. Eu estava me rendendo. Também não era mole. Aquele choro lascado, trovão, molho caindo. Um outro no meu lugar, se entregava. Era fogo. Choro de madrugada no cemitério, com chuva e tudo assusta até o mais macho.

A curriola babava com [o] crás-crás-crás do Mais Velho. Todo mundo estava doido pelo fim da história. Porém a turma teve que aguentar a mão. O coroa ficou apertado e foi dar alívio pra si mesmo. Teve bate-caixa. O Budinha chutou:

– Tu leva fé nesse plá do Mais Velho?

A batota toda deu palpite. Tainha pôs lenha.

– Tem dessas coisas.

Aí deu fieira pra bandola toda.

– Que peito se meter no cemitério de noite.

– Ratão de campa.

– Quem diria.

– Escoro qualquer um na canjesta. Mas vou nessa.

– Ainda mais com chuva.

– Sai de mim. Nessas noites é que dá alma penada.

– Só de me ligar no papo fica arrepiado.

– E foi nessa deixa que o Mais Velho voltou. Escutou os bochichos e pegou a banca.

– Sentiu. Se de escutar dá frio no lombo, vê como é que eu estava. Mas não dava pra dar pinote. Estava tomado. Sabia de tudo. Pensava, me atucanava, rezava, mas não mandava em mim. Morou? Cheguei no caixão e abri. Nem queria espiar. Acendi o carbureto. Com chuva e vento, choro, o bruto não negou. Apertei os olhos pra não ver. Eu era ninguém. Encarei. Só deu osso e uma caveira podre. Mandei a enxada. O bagulho se desmanchou e saiu um berro que nem vou contar. Aí eu voltei pra mim. Estava de bobeira. Olhei a cova. Minhas botucas flagraram um relógio. Apanhei ele e me piquei. Quando dei por mim, era dia. Eu estava no virador. Estarrado na calçada. Sujo de barro e molhado até não poder mais. Custei pra dar conta de onde estava. Me manquei que estava perto do meu mocó. Cheguei lá, conferi o afano. Era uma cebola de ouro puro. Mas parecia que me queimava a mão. Quis logo passar pra frente. Me traquejei e fui no entrujão.

– Vendeu?

– Que nada. O majura mediu, boquejou e fez preço, era um esquinapo. Eu topei. Sei lá o que deu no pinta. Saiu fora. Bati perna, deu em nada. Ninguém quis comprar a muamba. Sei lá por que. Que era ouro, não negavam. Aceitava qualquer grana. Mas não deu. Fiquei com a carga e foi aí que minha vida desandou. A mina que eu tinha era por mim pacas. Um dia se espiantou. Eu com as ideias perturbadas com o lance do cemitério, fiquei batusquela. Não passava nem na porta do ponto final. Atucanado dei pra beber. Pegava cana toda vez. Não tinha sossego.

– Era o relógio?

– Era!

– Por que tu não jogava fora?

– Então! Era essa que era a saída.

– Agora eu sei. Mas naquele tempo eu estava bambo de cachola. Me danei. Aí numa noite que fazia uns trabalhos lá no Itapema, me benzeu e adivinhou onde eu estava amarrado. O rezador levantou o serviço. E charleirou que eu tinha de devolver o relógio de onde apanhei. Foi outra zoeira. Eu não queria, não. Levei quase um ano pelas tabelas sem peito de ir na campa. Mas numa noite igual a primeira com chuva e trovão, voltei lá. Cavei, fiquei tomado, escutei gemido, choro, mas encarei. Larguei o relógio onde tirei. Quando cheguei em casa, era outro homem. Tava leve. Deitei e puxei o ronco. Só acordei de manhã com gente na porta. Era a mina que tinha se espantado. A minha gama vinha pedir arreglo.

– Tu deu?

– E não era pra dar? Ela não me aprontou porque quis. Foi tudo culpa do relógio.

Dia de papo chimbu (*Última Hora* de SP – Edição de 9/6/1969. Página 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, apesar dos pererecos do jogo Santos de glórias mil e Corinthians, eu hoje não entro de futebol. O meu plá é outro. Os escrachos sobre o timão peixeiro e o clube de Ogum eu dou amanhã, quando estiver menos rouco e de cuca mais fria. Meus crás-crás-crás fica meio furado, mas não tem nada, não. Eu aproveito pra badalar uns troços. Por exemplo, a peça “Lá”, do Sérgio Jockman, que o Abujamra dirigiu e o Paulo Goulart manda ver com todo o seu gabarito. “Lá” está no Teatro Aliança Francesa. É um bom sarro. A gronga da peça é que um pinta fica preso na privada e não tem por onde. Quem gosta de rir pode se achar que o negócio é gozado mesmo.

Meus cupinchas, tem mais oba-oba. O Francisco Petronio me deu o disco do seu Baile da Saudade. É bem bacana a bolacha preta do meu chapa. Quem quiser pode comprar o Baile da Saudade nas boas casas do ramo. Outro chapa de fé que me apareceu com disco foi o Mauro Pires, que torce pro Juventus; mas no escracho do Lau barbeiro, único sofredor juventino que eu manjo mesmo, o Mauro é do time da Mooca só em dia de vitória. O que quer dizer que é juventino poucas vezes por ano. Mas, deixa andar. O Mauro dá seu couro mesmo em defesa da música popular brasileira. Tinha seu programa na Rádio Santo Amaro, já não tem mais. Deu bobeira no gango que manda na tal rádio e eles viraram aquilo em rádio-mulher. Os marmanjos todos sobram e com eles uns bons programas de música popular. Mas, não tem nada. O Mauro, sem programa, sem bulhufas, continua na batalha. Agora, está catituando o disco do Cornélio Pires. A renda toda é em benefício do Asilo Jesus de Tietê. Vale a pena comprar.

Meus cupinchas, continuam chegando as cartas pra dar força pra essa coluna no pega pra capar que a gente está encarando com o Canal Cinco e seus atores tingidos. Vamos pondo lenha na fogueira, minha gente. Se os homens que mandam estão dormindo de touca, nós metemos uma marola e deixamos os bobocas falando sozinhos. É melhor um televisor apagado do que assistir besteira.

Meus cupinchas, aos trancos e barrancos, chegamos ao fim. Foi duro pacas. Mas, estamos aí.

Na hora do ‘vamos ver’ deu Santos (*Última Hora* de SP – Edição de 10/6/1969. Página 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, a escrita é jogo. Na hora do “vamos ver” o Corinthians se apavora e entra pelo cano fácil. Foi assim contra o Santos de glórias mil. Deu até pena do alvi-begro de Ogum. Se entregou. Quis entrar no jogo do time peixeiro e se deu mal. Nem podia ser de outro jeito. Embaixada só faz quem tem. E o negócio do clube do parque é outro. É na base do agrião. Bola pra frente e lenha. Mas quiseram inventar, se entortaram. Só não leveram mais porque o glorioso alvi-negro praiano maneirou todo o segundo tempo. Agora o pior é que o Corinthians depois dessas vai se abilolar de vez. Os bochichos já começaram e vai ter marola às pamparras⁹⁰. Podem apostar. Já teve diretor que abriu o bico pra chiar contra boleiro. Rivelino, Dirceu Alves e Buião já levaram esculacho de cartolas. Pros pistolões não foi o Santos de glórias mil que jogou bem. Foi o time do Parque que jogou mal. É sempre assim. Ninguém se toca nos esquinapos.

Meus cupinchas, já o Paulo Borges escrachou o Dino sem mistérios. Charlou que o treinheiro quis mandar o Corinthians jogar de toquinho e só fez perturbar. O Santos de glórias mil se serviu. O Pelé botou pra quebrar, mas o Dino ficou na sua sem dar bola pra ninguém, espionou a vaca ir pro brejo.

Meus cupinchas, o Santos de glórias mil, com essas e outras vai ficando cada vez mais glorioso. Tirou o Corinthians de letra como se fosse um treininho pros cobras da Canarinho pegarem embalo pra encararem a Inglaterra. E não vai ter bom. O time da Rainha vem cheio de panca e tal e coisa. Invicto e crás-crás-crás mais aqui se entorta. É só a nossa seleção entrar na base do agrião. Se eles vierem de bola os nossos craques rolam a redonda e mandam ver. Agora se quiserem apelar tem que encontrar biaba. E o resto deixa pra lá. Quem não gostar que fique chiando.

Meus cupinchas, o nosso futebol é o maior do mundo. Dentro do campo, claro. Fora tem os pistolões com suas mumunhas. Mas como jogo se ganha ali no tapete verde não tem por onde. É só o Saldanha dar a moral pra seleção como deu contra o Peru e as nossas feras emplacam fácil.

Precisa-se de um goleiro (*Última Hora* de SP – Edição de 11/6/1969. Página 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, o futebol brasileiro é sem dúvida o melhor do mundo. Dentro do campo. Fora tem os cartolas com seus macetes e mumunhas e aí é fogo. Toda vez que se metem a ter ideia pode apostar que vem um troço escamoso pra atucanar a vida da torcida. O campeonato paulista está aí mesmo pra não deixar a gente mentir. É o que há de burro. Chato, cavernoso. Mas deixa andar. O que pesa na balança é que no Brasil tem craque de montão. Dá pra montar umas vinte seleções. E todas com chance de ir buscar a taça. Isso é, se não deixarem os inimigos chutarem em gol. Porque nós não temos goleiro.

Meus cupinchas, nós não temos goleiro. Quem viu o jogo em que o Santos de glórias mil chapou o Corinthians se tocou que a gente não tem quem botar embaixo dos três paus. O Claudio sai do gol como uma vaca brava. Se afoba. Só não é manjado como frangueiro porque na sua frente tem aquela zaga. Se não já viu. E o Lula não é arqueiro de se levar fé. Pega tudo. E de repente não mais que de repente faz um gol contra. Não tem por onde. O terceiro gol do Santos de glórias mil não foi

⁹⁰ Termo atualizado; no original de jornal consta “parrarras”.

o Edu que fez. Foi gol contra. O ponta do time peixeiro encheu o pé, se a bola vai reta passa pela frente do arco e vai fora, mas bateu no Lula, desviou e entrou.

Meus cupinchas, goleiro que aceita dessas não pode ser da seleção Canarinho. E tira o Claudio e o Lula, o que sobra. Félix, que nunca enganou ninguém? Raul, do Cruzeiro? Alberto, do Sul? Picasso, do São Paulo? Chicão, ou Leão, do Palmeiras? Nenhum desses dá pedal. Ainda não tem aquele plá pra pegar na seleção. No máximo são crias da badalação. Na hora do “vamos ver” não tem cancha. São que nem o Manga do Botafogo. E aí é o esquinapo. A gente não tem goleiro.

Meus cupinchas, os times da Carica estão contratando goleiros gringos. Vasco e Flamengo entraram nessa. E logo os outros vão na cola. Agora se flagra aí. Leva um papo com o engraxate, com o bancário, com os barbeiros, com o cobrador de ônibus, com o chofer de táxi e os cambaus. Seja torcedor de que time for os negos estão torcendo pro Gilmar fechar o gol contra os ingleses. Porque aí ele não sai mais e o Brasil pode partir firme pra Copa. Mas se por crepe o Girafa come um frango, vai ser de lascar. Vamos entrar na pauleira sem ninguém embaixo da trave. Ou então vamos botar um anúncio: Precisa-se de um goleiro pro Brasil.

Não temos goleiro (*Última Hora* de SP – Edição de 12/6/1969. Página 20. Caderno 1)

Meus cupinchas, não temos goleiro. Temos vinte seleções pra dar quinal em qualquer seleção gringa. Mas os vinte seriam sem um homem embaixo da trave. Ponta esquerda que falta pacas a gente tem os montes. Ponta direita até sobra⁹¹. Mas goleiro não temos. E por que? Porque é bem como disse o Saldanha – “Goleiro é posição de esparro”. E é verdade. O treineiro da Canarinho sabe das coisas. Nas peladas de meio da rua, nos arrancarrabos das esquinas só o moleque ruim de bola é que vai pegar no gol. Quem engana bem vai de meio armador e tal e coisa. Os mais fortes de beque, os mais magrinhos nas pontas. Mas pro arco vai o burro de bola. E daí já viu. Nós ficamos com tudo menos com goeiro.

Meus cupinchas, o próprio Gilmar de tantas glórias, foi parar no gol porque não levava jeito de jogador. Tá bom? O Papa, não o do Vaticano, o do Santos, treineiro do juvenil está aí mesmo pra não me deixar mentir. O Gilmar foi pra baixo dos três paus num treino dos pivetes do Jabaquara. E era o esquinapo. Rei do frango, do peru e os cambaus. Mas por força de vontade foi batalhando. Moço de cuca firme não deu bola pra torcida. Penou e tal e coisa. Veio pro Corinthians de quebra no negócio do Cicia. Se bateu e acabou sendo o grande Gilmar.

Meus cupinchas, e tirando o Gilmar a gente fina no “ora veja”. Temos e tivemos muitos goleiros bonzinhos. Mas nenhum paradão. Se toca. A gente teve cobras melhores do mundo em todas as posições. Menos no gol. E a culpa é nossa mesmo. Aqui nessa pátria amada o goleiro sempre foi culpado. Nunca herói. Começa pelas frases que se criam pra cortar a onda de quem quer pegar no gol. A mais famosa é de um sábio bota pra baixo, que eu não lembro o nome: “Desgraçado é o goleiro que onde ele pisa nem grama nasce”. E os plás do povo – “Goleiro é o esparro”. “Se meu filho quiser ser goleiro, eu mato ele”. “Goleiro defende dez bolas, se aceitar uma é frangueiro” e outros crás-crás-crás.

91 Termo atualizado; no original de jornal consta “sobram”.

Meus cupinchas, o Roma, um grande craque do gol argentino quando esteve no Brasil deu mil dicas pros repórteres aqui da ÚLTIMA HORA. Escrachou que goleiro brasileiro era sempre ruim. Contou histórias e tudo. Pra tirar prova pegou o repórter e mostrou um treino de um arqueiro de timão de São Paulo. Era uma caca. O treineiro jogava a bola de leve pro bruto fazer pose. Aí o Roma esculachou. Com as milongas de gringo avacalhou com a gente. Charlou que na hora do fogo o goleiro ia ter medo dos canhões inimigos, não ia sair do gol nem nada.

Meus cupinchas, esse é o grande perereco. Quem viu o jogo do Santos de glórias mil e Corinthians se mancou. O Claudio que está na seleção brasileira sai do gol como vaca brava e o Lula vai nos petardos do Edu com medo da bola e acaba fazendo gol contra. Agora sente aí o peso da botota. Lula e Claudio são os melhores que temos.

Uma gronga e dois papos firmes (*Última Hora* de SP – Edição de 13/6/1969. Página 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, o Claudino da Rocha, torcedor abilolado do Mengo meteu um mandado da segurança na justiça da Carica pra que possa entrar com urubu no Maracanã domingo próximo, quando o seu time vai e pegar com o Fluminense. Se toca aí meu chapa. O Claudino tem seu mocó lá no morro de Mangueira, o que é o mesmo que dizer que anda matando cachorro a grito. Mas assim mesmo botou minhoca na cabeça e cheio de mumunha resolveu dar prensa no delegado de diversão. Acha o Claudino que o urubu é mascote do Mengo e se o bicho não vai a campo dá Flu que tem o Flávio fazendo gols pacas. Agora sente aí o peso da botota. Isso é que é esquinapo. O Claudino que tem ideia de jerico deve mesmo andar chamando urubu de louro.

Meus cupinchas, quando a gente diz que o futebol brasileiro é o maior do mundo, mas só dentro do campo, que fora é uma caca, tem nego que chia e vem com crás-crás-crás que o meu plá é esticado, que o lance não bem assim. Mas deixa andar. O futebol da Canarinho eu escracho amanhã. O que eu continuo charlando é que a Canarinho não tem goleiro. Coisa que os atores de São Paulo não podem se queixar. Só porque lá no Sindicato o Juca de Oliveira anda defendendo tudo. A carta que o Italianinho chutou em cima da Renata Palotini, manda-chuva da Comissão Estadual de teatro, mostra bem como o Juca vem batalhando pra grandeza do teatro brasileiro. Agora quem vai estrilar são os empresários fajutos. Vão se atucanar na rampa. E no entanto o que o sindicato dos atores quer é que a CET ajude a cumprir a lei. Se flagra aí. Pra receber verba do Estado os empresários têm que se rachar e apresentar os seguintes documentos:

1 – prova da empresa manter seus atores sob contrato, como prevê a portaria 398 de 11 de setembro de 1968.

2 – prova de estar a empresa recolhendo a contribuição devida ao INSTITUTO NACIONAL DA PREVIDÊNCIA SOCIAL.

3 – prova de reconhecimento do FUNDO DE GARANTIA POR TEMPO DE SERVIÇO.

4 – prova de recolhimento do IMPOSTO SINDICAL.

Vamos ver o que a Renata vai fazer.

Meus cupinchas, o outro papo firme é que a “Navalha na Carne”, peça aqui do chapinha de você está mais uma vez em cartaz no Auditório Itália. Vai ficar apenas

dez dias, mas dá pra quem não viu, ir ligar as botucas e quem já viu ir matar a saudades da Ruthinea de Moraes, do Edgar Gurgel Aranha e do Paulo Vilaça. E já que o negócio está de teatro, vamos em frente: sábado estarei com “Dois perdidos numa noite suja” lá em Ribeirão Preto, terra da minha Walderez. Vamos pra valer.

Conosco ninguém podosco (*Última Hora* de SP – Edição de 14/6/1969. Página 16. Caderno 1)

Meus cupinchas, o time da Rainha com sua correria louca se entortou diante do melhor futebol do mundo. Brasil 2 X Inglaterra 1 foi do cacete. Serviu pra encher o bule da crônica bota pra baixo, que passou a semana inteira fazendo marola cavernosa contra a canarinho e badalando os nossos inimigos. Queriam os panacas com seus crás-crás-crás escamoso[s] meter minhoca na cuca dos nossos boleiros. Então já viu. Os plás dos traidores eram sempre prá fazer pensar que os estranjas eram super-homens, atletas maravilhosos, gatos de sete folecos e os cambaus. E o nosso jogador, um podre, caindo pelas tabelas. Esqueceram os majuras que no futebol, arte que o brasileiro joga, quem corre é a bola. E foi por estar desligado dessa verdade que os estranjas tubularam. Entraram em campo como vacas bravas. Correram pra lá e pra cá na tática burra de onde está a bola está a curriola toda. O Brasil deu corda. Os bichos pegaram a treta. Gastaram o gás. E aí foi o perereco. A virada de raça, de técnica, de tudo. Deu até pena dos brutos. Não viram a bola.

Meus cupinchas, e tem mais. O time da Rainha com seus super-homens botou gravata vermelha. Largou os bofes pra fora. Virou as tripas. E se a torcida viu algum pique no segundo tempo foi dos nossos jogadores. Tá bom? Logo dos brasileiros que alguns cronistas teimam em xingar de mortos de fome. Agora sente aí o peso da botota. O Brasil pegou embalo e vai pras cabeças nessa Copa do Mundo. Pode até perder. Mas vergonha a gente não passa. Nisso podem apostar.

Meus cupinchas, o craque brasileiro não quer ser mais malandro do que a malandragem. Isso nunca. A moçada que entrou em campo deu o sangue. Estava escrachado que eles estavam pro que desse e viesse. Deu fogo, era com eles mesmo, 2 X 1 no placar. Se desse pau, tinha pra troca. Esses cobras eram de verdade. A gente se tocava só de ver que eles estavam embrulhados na bandeira. Mas ninguém ali era loque. Só podem dar um passe de quarenta metros com classe e tal e coisa por que vão se estourar? Isso é pra gringo trouxa. Pra burro de bola.

Meus cupinchas, o nosso crepe é fora do campo. Juro por essa luz que me ilumina, que é. Fora a gente tem os cartolas que avacalham tudo. Que toda vez que tem ideia é pra atucanar a torcida. E pra bagunçar o futebol. Sente o peso da botota. Se aqueles estranjas disputassem lá na terra deles um campeonato tão burro como o paulista, o que sobrava pra eles? Nada. Se a gente se organiza direito, se os nossos calendários esportivos fossem humanos, o que a seleção Canarinho não aprontava aí nas quebras da vida? Tudo. Tirava a Copa de letra.

Meus cupinchas, somos os reis do futebol. Os pais da bola. Apesar de todos os esquinapos que os cartolas armam. Conosco ninguém podosco.

A lenda da Rainha eterna (*Última Hora* de SP – Edição de 16/6/1969. Página 14. Caderno 1)

Meus cupinchas, nascemos para morrer. Desde que o mundo é mundo e enquanto for mundo, toda ciência será pouca pra escrachar esse mistério. Sábios gloriosos e de cuca iluminada ficaram batusquelas de tanto se ligarem nesse esquinapo e tentarem mudar a gronga. Na hora marcada, não tem remédio. O anjo da morte se achega ao vivente pedido e não quer saber. Embarca o bicho. Não adianta choro, nem vela. A lei da natureza é broca.

Mas, existia num país chamado Brasil, uma Rainha magnífica, Cacilda Becker. Adorada por seu povo, a magnífica, que tinha uma tribuna livre, manjada por palco, não media sacrifícios para dar seu recado à sua gente, que, se como a soberana, não eram felizes (porque feliz nunca será o homem sobre a Terra), tinham a esperança, o plá sonoro da magnífica fazia brotar a fé em dias melhores, até em corações agoniados. E com a gana pega, todos tocavam o barco. A fé da Rainha dava forças para todos cumprirem com grandeza a jornada.

Mas, estava apontado que o dia da Rainha seria a 6 de maio de 1969. E o anjo da morte, que nunca foi de arreglo, veio cobrar a fatura. Porém, o amor é maior que tudo. E como a Rainha Cacilda amava sua profissão! Até o anjo desconhecia a força dessa gama de pedra. E aí se entortou. Cacilda estava no meio de um diálogo com sua gente mais querida, os jovens. E recusou-se a obedecer de imediato a ordem do anjo. Concordava em dar seu tempo por encerrado, se o mensageiro concordasse em esperar até o fim do seu trabalho. Sabia a Rainha que sua gente estava ansiosa por beber até o fim suas palavras daquela tarde. E não quis tirar o time de campo. O anjo não embarcou no deschavo da Rainha. E não teve por onde. Começou a batalha.

O anjo, com todas as suas catimbas, deu um golpe fatal na Rainha. Mas, mesmo caída, a magnífica encarou. Ela nunca enjeitava biaba. E aí, foi lenha. Dias e noites se passaram nesse combate sem tréguas. Era um cacete de gigante. Com golpes dramáticos dos dois lados. Jamais se teve notícia de luta mais renhida. O anjo da morte por fim foi vencido. A magnífica o derrotou. Então, no auge de sua glória, mandou uma mensagem grandiosa a todos os jovens que resolvessem seguir seu caminho:

– Para chegar onde eu cheguei, só amando como amei a minha profissão. Não se render nunca diante dos obstáculos. Não se sentir derrotada nos fracassos, nem vitoriosa nos sucessos. Prosseguir sempre pra frente, sempre para o alto. Uma meta atingida tem que ser substituída imediatamente por outra. Não maldizer a dor, nem a solidão, porque delas brotam a arte de viver.

Depois da mensagem, a Rainha cresceu no coração de todos, que juraram ocupar sua tribuna livre. E se fez eterna. E por muitas gerações, sua glória e seu código de honra reinarão, principalmente nos corações jovens.

Meus cupinchas, se vocês são de Deus, rezem por Cacilda, Rainha magnífica. Se não são de nada encantado, pensem em Cacilda com bondade. Essa Rainha foi a artista mais generosa do Brasil.

Este ano não deu (Última Hora de SP – Edição de 17/6/1969. Página 16. Caderno 1)

Meus cupinchas, quem ligou as botucas em cima da pelada que o São Paulo fez contra o Corinthians se mancou de uma coisa, Palmeiras e Santos de glórias mil vão decidir o perereco. Não tem por onde. Nem o tricolor do Morumbi, nem o time de

Ogum emplacam esse ano. Os dois estão jogando pedrinha. Por parte do clube do Parque São Jorge não teve nem garra. Deu dó. Mas o que se pode fazer? Macumba? Contratar cobras de valor provado? Abilolar a torcida? Fazer campanha de onda em jornal? Tudo o alvi-negro já fez. Nada deu pé. Mas deve haver uma gronga pra enterrar o clube. Não é possível que um Corinthians sempre se estapore. A torcida que já foi a maior do Brasil e agora é apenas a que mais sofre, anda penando nas paqueras do mundo. E ninguém se toca na verdade. Mas eu escracho o lance. Sente aí o peso da batota⁹².

Meus cupinchas, o esquinapo do Corinthians é a afobação. Isso mesmo. lá naquelas bocas a curriola toda tem a cuca quente. Do manda-chuva ao porteiro querem ganhar a parada no berro. E é aí que se entortam. Não que grito não ganhe partida. Ganha. Mas toda luta tem dois níveis. Se dentro do campo o time tem que ter garra, fogo, biaba pra trocar e tudo mais, fora os cartolas tinham que ter um plá maneiro pra levar os inimigos no crás-crás-crás, pra quebrar as marolas, pra dar devagar para os próprios boleiros não sentirem medo de tubularem. Porém não há no Corinthians nada disso. O onze entra no tapete apavorado. Sabe que não pode perder. Se naufraga, já viu. A casa cai. A torcida que é engrupida numa vitória qualquer, que fica achando que o timão é timão mesmo, bota a boca no trombone. Chia, estrila. Os pistolões pra livrarem a cara, culpam a imprensa. E o resultado é que o homem da rua, que é o grande corintiano, deixa tudo de lado. E a prova mais concreta é a renda da pelada do alvi-negro com o tricolor. A massa do clube de Ogum não pôs as fuças pra dar embalo. E o Corinthians vai continuar na fila. E ninguém sabe até quando.

Meus cupinchas, claro que é triste pra todo mundo ver o Corinthians sempre ser o esparro. Esse time é do povo. No fundo todo mundo ama o alvi-negro do Parque. A fúria das outras torcidas contra o mosqueteiro é natural. A gama e a bronca de peito são uma coisa só. Sempre foi. E na hora do “vamos ver”, toda gente, até gostaria que de quinze em quinze anos, desse uma vez Corinthians.

Brasil, o país da bola (*Última Hora* de SP – Edição de 18/6/1969. Página 14. Caderno 1)

Meus cupinchas, o futebol brasileiro é o maior do mundo. Mas só dentro do campo. Fora tem os cartolas com suas mumunhas e aí é broca. Toda vez que eles se metem a ter ideia, podem apostar, vem um troço pra atucanar a torcida. O consolo é que nossos boleiros são os cobras dos cobras. O time da Rainha está aí mesmo pra não deixar ninguém mentir. Chegou todo cheio de panca, tirando onda de invicto, sete fôlegos e os cambaus. Mas com a Canarinho se entortou. Tomou um couro sentido e um baile de fundir a cuca dos patriotas ingleses. A moçada estranja se abilolou tanto com o chuí brasileiro, que além da partida perderam tudo. Principalmente o respeito profissional. Juro por essa luz que me ilumina que daqui pra frente só panaca vai entrar em papo de cronista esportivo inglês. Porque os babados estão bem escrachados. O Brasil deu quinal na Inglaterra porque jogou melhor. Soube cozinhar o galo, enquanto eles estavam cheios de gás e depois quando os estranjas meteram gravata vermelha os brasileiros foram lá e beliscaram. Pelé que não esteve nos seus melhores dias foi ótimo, assim mesmo se deslocou de um lado pra outro e deixou a defesa do inimigo de bobeira sem saber em quem grudar. Com isso, Tostão meteu uma e Jairzinho outra. Agora sente aí o peso da

92 Termo atualizado; no original de jornal consta “bobota”.

botota. Os jornalistas estranhas botaram a boca no trombone pra espalhar pelo mundo que o Brasil foi uma caca, que ganhou na sorte, que o calor atrapalhou a Inglaterra, que o estádio do Maracanã é um lixo, cheio de umidade e que o Pelé não é de nada, que o beque deles guardou o crio[u]lo no bolso e tal e coisa. Que o Pelé só fez o segundo gol porque a bola bateu nele. Enfim, que a Inglaterra deu um bruta crepe e o Brasil ganhou na base da macumba.

Meus cupinchas, se mancaram como os nossos inimigos não querem ver? Eles são cegos de araque. Claro que espiaram tudo. Só que os majuras não são loques de dar cartaz pros brasileiros. Jamais eles vão contar as coisas direito. Os quatro minutos e meio que eles ficaram sem pegar na bola, eles não contam. Pra que botar azeitona na empada dos outros. Imprensa estranha só faz estardalhaço contra o Brasil. E o pior é que encontra eco aqui dentro. Se a gente tivesse perdido do time da Rainha eles se badalavam e os nossos cronistas cocorocas iam ajudar a dizer que estávamos acabados. Mas ganhamos e os inimigos e os traidores não querem reconhecer. Deixa andar. Se vierem outra vez batem com a fuça no poste. Se tratando de bola, o mundo é freguês do Brasil.

Meus cupinchas, agora é que entra a parte que machuca. O nosso futebol é o maior do mundo. Mas só dentro do campo. Fora tem os cartolas com suas mumunhas. E essa raça maldita já está querendo armar um xaveco pra derrubar o Saldanha. Precisamos abrir o olho. O Saldanha é o bidu e está invicto.

É como diz o Zagaia! Mas e daí? (*Última Hora* de SP – Edição de 19/6/1969. Página 11. Caderno 1)

Meus cupinchas, o futebol brasileiro é o maior do mundo. Mas só dentro do campo. Fora é aquela caca. Tem os cartolas com suas mumunhas e aí é bronca. O perereco do campeonato paulista está escancarado pra quem tiver botucas de ver. É o troço mais burro do mundo. Nem na fase final os pistolões xaropes conseguiram meter uma na rede. Podiam fazer uma tabela dirigida, que era lógico. Mas não. Pra isso ia ter que pensar e a cuca fundia. Agora você aí que sempre pega a pior se toca. Sente o peso da botota. Com essas e outras, a maioria dos times dessa paróquia acaba o campeonato a perigo. Chamando mendigo de excelência, matando cachorro a grito e os cambaus. Então, já viu. Quem tem embaixada vai lá fora tomar a grana dos gringos. Quem só tem vontade, vende o que tiver. Tem caso de clubeco nesse interior que venderam até a bola, até as camisas. É um salve-se quem puder de dar nojo.

Meus cupinchas, nesse perereco cavernoso os clubes não querem saber de nada. É só os manda-chuvas baixarem um crás-crás-crás e logo um time a perigo avacalha a guerra. O Fluminense foi campeão da Carioca dando uma entortada de lascar. Bolaram que jogador expulso numa partida estava sem baixo, suspenso no jogo seguinte. O Flu desconheceu e botou pra quebrar com Flávio e tudo. E daí? Ficou na base do agrião. Os outros times chiaram, espernearam, estrilaram, não deu em nada. E nunca vai dar.

Meus cupinchas, o Santos de glórias mil viu os paus de mando baixarem um papo que esse ano time nenhum ia poder viajar pro estrangeiro. Nem tomou conhecimento. Foi mareando jogo fora. Aí na hora do berro armou o salseiro e vai jogar com o Inter na Itália. É como diz o Zagaia:

– Cobra que não anda, não engole sapo.

E se o Zagaia diz, é que é. Mas acontece que nem tudo no mundo é grama. A seleção Canarinho é maior que qualquer Santos de glórias mil. E nessa parada quem ficou no prejuízo foi o selecionado. Já teve que mudar a data de apresentação dos craques. E eles vão chegar lá estourados. Jogaram contra o Corinthians, os ingleses, o Palmeiras, pegam o São Paulo e os italianos, faturam aquela bufunfa⁹³. Tá certo. Mas tomam um porre de bola. Se machucam. Daí se entregam pra seleção. Só de alma. Que o corpo não vai dar.

Deu até dó (*Última Hora* de SP – Edição de 20/6/1969. Página 12. Caderno 1)

Meus cupinchas, o Santos de glórias mil carimbou o Palmeiras. Três a zero. E não tem estrilo. Os mastigadores de polenta não podem nem chiar. Só não tomaram mais porque o horóscopo deles estava bom. E também teve o juiz que meteu a mão no bolso do quadro peixeiro. Afanou, com ajuda do bandeira, um gol legítimo do crioulo da baixada santista. A redonda entrou uns dez palmos dentro do arco do Chicão. Mas o cara do apito se fez de loque. Até cego viu a bola entrar. Menos o apitador. Mas deixa andar. Não adiantou o bruto churriar o alvinegro praiano. Os periquitos entraram pelo cano. Deu até dó. Perderam o embalo, o tripé, o sangue e os cambaus. O Filpo perdeu a voz. Berrou à toa. O alviverde entregou o ouro pros bandidos da noite porque os cartolas com aquela cara de pau que têm, resolveram anunciar a renda.

Meus cupinchas, foi de entortar. Cento e vinte sete milhões e carqueradas. Tá bom? Foi isso que eles jogaram pro ar. Ninguém engoliu. E nem era pra embarcar nessa. Claro que nem eu nem ninguém vai provar nada. Os pistolões armam os xavecós nas encolhas. Não passam recibo das presepadadas. E nunca vão se deixar flagrar com a boca na botija. Não são loques. Se fossem não eram os mandachuvas.

Meus cupinchas, vocês aí que sempre pegam a pior, se toquem. Sintam o peso da botota. Terça-feira eu ia indo, com a Dereca, que é manjada como Walderez de Barros e espiada em novela, assistir o maravilhoso filme do Glauber Rocha “O Dragão da maldade contra o Santo Guerreiro”, filme que vocês deviam ver pra começarem acreditar que não é só no futebol que o Brasil tem lenha. Mas deixa andar. Eu ia indo quando dei de cara com o Ignácio de Loyola, um dos grandes escritores da nossa Pátria amada. Vi o Loyola e logo pensei: tá aí um contista que todo mundo devia ler pra ficarem sabendo que não é só em bola que o Brasil tem pra troca. Pensei isso, mas perguntei se ele ia ver o Santos de glórias mil malhar mais um. Sabem o que o bruto me respondeu? Vê se pode? Respondeu que tinha se batido o dia inteiro atrás de ingresso e não achou. Estava tudo lotado. Tá bom? O Ignácio de Loyola, um dos grandes escritores dessa terra querida, não achou entrada à venda pro jogo e a renda foi de cento e vinte sete milheiros. Pode? Não. Palmeiras e São Paulo deu duzentas e tantas giripocas. Quase trezentos milheiros. Mas o Loyola e um monte de gente que levou papo comigo não viram os ingressos. Tá? Não tá.

Meus cupinchas, agora pra ninguém charlar que eu só sei botar pra quebrar, dou as dicas legais. O Santos de glórias mil está demais. É a própria seleção canarinho. Não tem por onde. Melhor que o time peixeiro nessa noite só mesmo o Eli Coimbra. Que repórter bacana que é esse moço. Tá em todas. Não deixa passar

93 Termo atualizado; no original de jornal consta “bofunfa”.

uma. Até o juiz[,] o Eli entrevistou durante o jogo. Fez milongas. Merece um aumento de ordenado. Já nem falo de prêmio que nesses pererecos têm mil e uma mumunhas. Mas parabéns ao Eli.

O Lau barbeiro (*Última Hora* de SP – Edição de 21/6/1969. Página 12. Caderno 1)

Meus cupinchas, o Lau barbeiro, único sofredor juventino que eu manjo, é do cacete. Vive triste. Além de torcer pro time da Mooca, que é um museu de pancada, sua cadeira é um verdadeiro divã de psiquiatra. Só que no Salão Grená a negada só tem que bufar pra aparar a juba e rapar os pelos da fuça. O crás-crás-crás é de graça. Coisa que não acontece na mão dos cafifas da solidão humana. As madames e os três vezes oito quando não têm com quem se abrir se chegam ao psiquiatra. O cara escuta e cobra aquela grana. E tá certo. Só entra nessa quem tem bufunfa⁹⁴ sobrando. É chato, não é mole escourar. E abilolado só vai de divã quando já azucrinou meio mundo. Mas deixa isso de lado. O que conta é que o Lau barbeiro escuta uma curriola que não tem mais tamanho chiar, chorar as pitangas, estrilar e os cambaus. Se ele resolvesse escrever um livro, ia ter personagem de monte. Porém, pra sorte de alguns pintas, o Lau barbeiro passa nesse lance. Sua tara é o piston. Mas largou de mão. Dizem que toda vez que ia treinar, os vizinhos bronqueavam. E como ele é da maré mansa se amoitou pra não entrar em encrenca. Então leva a catraia só no devagar. Ajuda uns e outros matarem palavras cruzadas, escuta os bochichos, faz barba e cabelo, dá uns deschavos e sofre pelo Juventus e por quem larga a carga na sua cadeira.

Meus cupinchas, é comum um panaca chegar no Salão Grená, se rachar inteiro, dar o pinote e o Lau barbeiro ficar encucado com o revertério do majura. Lembro uma vez até ele me charlou:

– Tomara que o Corinthians malhe o Juventus.

E quando eu quis saber que barato era esse, ele deu a dica:

É só pra ver se levanta a moral do Enoque e do Tião Guiné. Eles estão entregues às baratas com esse time que têm.

Meus cupinchas, assim é o Lau barbeiro. Figaro, psiquiatra e tudo mais. Mas nesse dia [é] que toda botota que se achega ao malho na televisão está de bandeira desfraldada. Desde o Beleza e Formosura que faz a limpeza, até o Cassiano Gabus Mendes que é o mandachuva, está todo mundo contentão porque o “Almoço com as Estrelas” do Ayrton Rodrigues faz treze anos de vida e isso é um troço bacana pacas. É um record em televisão. E todo gango gosta às pamparas do Ayrton. Ele nunca faz mistério em seu programa. Promove de todos os jeitos o que deve ser promovido. Põe no alto com o mesmo carinho colegas de todos os canais. Não tem preconceito por essa ou aquela corrente artística. Bota pra frente qualquer um que precise de uma ajuda. E com essa e outras, o Ayrton mora no coração dos artistas. E ninguém entendeu porque o Lau barbeiro estava triste nessa data de festa da televisão. Daí eu fui nele e xeretei⁹⁵. O fígaro sem rodeios escrachou:

– Coitado do Ayrton. Treze anos de programa e nunca pode fazer o que mais queria. Entende? Treze anos não é dois dias. E para ele fazer o que queria nunca deu.

E diante do meu espanto, o Lau barbeiro quase chorando se entregou:

94 Termo atualizado; no original de jornal consta “bofunfa”.

95 Termo atualizado; no original de jornal consta “cheretei”.

– Treze anos de programa e nunca o Ayrton pode comemorar um campeonato do Corinthians nesse tempo todo. O Ayrton é um infeliz, coitado. Ele me confessou que essa é a grande máguia dele.

Nunca foi tão fácil (*Última Hora* de SP – Edição de 23/6/1969. Página 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, o Santos de glórias mil emplacou mais um campeonato no seu enorme rosário de triunfos. E foi aquela moleza. Nunca foi tão fácil beliscar um título. Corinthians e Palmeiras se renderam sem perereco. Se entregaram. Deu até dó. Já o São Paulo fez a sua forcinha. Mas não assombrava. Pegou embalo na base do agrião. Qualquer resultado servia. Fez o melhor que pode. E é o segundo melhor time dessas bocas. Não tem por onde. Agora esquinapo sentido é o juiz português. É de lascar. O cara não pode apitar nem bonde. Mas os cartolas não se tocam. Metem o bruto de juiz numa decisão. Não aconteceu grongas cavernosas, porque não tinha mesmo que acontecer. Se fosse pela cuca do labrego ia ser aquele salseiro. Meus cupinchas, é por essas e outras que a gente diz que o futebol brasileiro é o melhor do mundo. Mas só dentro do campo. Fora é aquela caca. Tem os pistolões com suas mumunhas. O glorioso alvinegro praiano parte para buscar um caneco mundial. O paulista e o Sul Americano já estão no papo. Agora o onze peixeiro ferra o Inter lá na Itália e fim. Não tem boca mesmo. Meus cupinchas, o chato é o troço que aconteceu com esse cobra espetacular, o Clodoaldo. Mas não há de ser nada. Com força de vontade ele logo está em forma de novo. O que não tem jeito é para os timecos que vão ter que continuar se atucanando pra ver com quem fica a lanterna, que apesar de todos [os] crás-crás-crás não vai apavorar ninguém. Porque esse ano teve tanto xaveco que não vai cair ninguém, pra divisão de baixo. E sabendo disso a torcida já não vai querer largar a bufunfa⁹⁶ no preço da entrada. Meus cupinchas, pra nós, que somos da Baixada Santista, só resta esperar que os cartolas bolem um campeonato menos fajuto que este. Como está é uma sopa. Não dá nem graça torcer pro Timão da Vila Famosa.

Tchau (*Última Hora* de SP – Edição de 24/6/1969. Página 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, mais uma vez a gente de teatro está com o coração apertado. Nosso chapa Alberto D’Aversa morreu. O Juca de Oliveira e o Décio de Almeida Prado falaram por nós. O plá foi simples mas sentido. A curriola que já estava machucada não pode se aguentar. Todo mundo chorou. O Alberto D’Aversa foi com a certeza de que deixou para o teatro brasileiro um monte de caminhos e para os atores o humanismo que ele sabia e praticava. Uma geração inteira de artistas do palco recebeu D’Aversa as dicas mais bidus que rachavam as mumunhas da profissão. Até seu último fôlego procurou ensinar o que sabia. Caiu no meio da batalha. Agora o mundo está mais vazio.

Meus cupinchas, a bola rola e o gango que está dentro tem que encarar. Não tem por onde. Por águas barrentas ou em maré mansa o lance é remar pra frente. E é para isso que a gente está aqui. Vamos nós.

Meus cupinchas, troço de entortar os patuás foi a torcida mosqueteira dar pinote do campo. Não aguentaram ver o Corinthians entrando em pua contra os

⁹⁶ Termo atualizado; no original de jornal consta “bofunfa”.

periquitos. Deu até dó. A botota enrolou a bandeira e se espantou. E não era pra menos. Na hora do “vamos ver” o alvinegro de Ogum deu pra trás. Foi a caixa de pancada, o lanterna, o esparro dos grandes. Não ganhou uma. Nem empatar conseguiu. Foi uma caca. O nego que vai pra geral berrar pelo seu Corinthians ficou rouco, perdeu o embalo, e os cambaus. E de repente se tocou. Estava torcendo pra um Corinthians que não era o seu. O time que estava ali entalado não era a gama do povo. Era o Corinthians dos cartolas. E foi ao se mancar disso que o homem da rua deixou o Morumbi. Largou os pistolões falando sozinhos.

Meus cupinchas, com essas e outras o campeonato paulista que é dos mais burros do mundo vai perdendo toda a graça. Sem Corinthians a guerra fica avacalhada de vez. Não pode um time de tanta tradição ficar no virador por tanto tempo. Isso leva tudo pro vinagre. E a torcida se manda e alguns pra sempre. Pra nunca mais dar as caras num campo.

Meus cupinchas, é aí que a batota engrossa. A gronga fica medonha. Os panacas que não querem ligar as botucas de ver, ficam deschavando. Escarram mil regras na tentativa de engrupir o público. Mas já não gruda o crás-crás-crás escamoso. Não é pelo preço da entrada, não é por falta de bonde, não é por o Morumbi ficar longe que a torcida não se achega. O gango da geral vai de qualquer jeito quando o espetáculo é bom. Mas como entrar com uma bufunfa⁹⁷ sonora pra espiar um arranca-rabo que antes de começar todo mundo sabe que vai dar Santos de glórias mil? Como morrer com a sonante pra ver um Corinthians escamoso? Como aguentar mil peladas de turno de classificação onde as marmeladas são de dar nojo?

Meus cupinchas, se o campeonato continuar assim como está acaba dentro de três anos.

Boato não ganha jogo (*Última Hora* de SP – Edição de 25/6/1969. Página 12. Caderno 1)

Meus cupinchas, todos os anos logo depois que o Santos de glórias mil belisca com aquela facilidade do cacete mais um título começam os bochichos. A curriola mete um crás-crás-crás dos mais cavernosos. Fazem leilão do boleiros do glorioso alvinegro praiano. Botam a boca no trombone pra espalhar pelo mundo os maiores esquinapos. Pelé vai pro México, Toninho para o Flamengo, Carlos Alberto para o Fluminense, Rildo volta pro Botafogo, Abel vai pro Corinthians, Joel brigou com o treineiro e quer sair e os cambaus. Dá até dó. É de entortar a gente. Essa marola é pra enfiar minhoca na moringa dos cobras da Vila. Mas o panaca que até anuncia esses balões tem ideia de jerico, não se manca. O time peixeiro não entra em grupo. Corneteiro não tem vez na Vila Famosa. Ondeiro se dá bem em Parque. O Palmeiras e o Corinthians estão aí mesmo pra não deixar ninguém mentir. Se atolam e naufragam na própria onda. O Santos de glórias mil é outra lenha. E está pro que der e vier. Não adianta os inimigos armarem xavecós⁹⁸.

Meus cupinchas, você aí que sempre pega a pior sente o peso da botota. Os cartolas do alvinegro de Ogum esparramaram que iam fazer miséria. Não queriam saber de nada. Iam contratar grandes craques. O Guerreiro da Vila, Carlos Alberto e Abel eram três que estavam na bica do Corinthians. E na hora do “vamos ver”

97 Termo atualizado; no original de jornal consta “bofunfa”.

98 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecós”.

chavaram o Luís Carlos, o Feijão da Portuguesa Santista. Mas deixa andar. O cara tem bola. Isso não vamos negar. Porém não é o que vai resolver a parada pros mosqueteiros. Mesmo porque na posição do bruto já tem o Servílio, o Tales, o Benê, o Adinã e tudo. O crio[u]llo vai entrar onde? Na ponta esquerda? De beque direito? O Pelé de filme já tem embaixada pra aguentar a camisa corintiana? Tomara que tenha. Mas eu acho que precisa ir devagar. Uma coisa é ser bom na Lusa das praias, onde qualquer resultado serve. Outra coisa é ser leão do Parque São Jorge, onde fora a vitória nada interessa.

Meus cupinchas, não sou eu que vou secar a pimenteira de ninguém. Estou até torcendo pro Feijão não queimar. Mas o que os cartolas têm que meter na cuca é que nessa parada tem que entrar de sola. Ou forma um timão de verdade ou fica na fila mais quinze anos. Quadro bonzinho, cheio de jogadores com futuro o Corinthians tem. Mas o que conta nesse tempo de revertério são craques que estejam acima das grongas. Acima das mumunhas dos cartolas e dos cornetas. Acima do desespero da torcida. O São Paulo deu a dica. Gerson vem pra botar pra quebrar. E é assim que tem que ser. Neca de viver de boato.

O mundo é freguês (*Última Hora* de SP – Edição de 26/6/1969. Página 12. Caderno 1)

Meus cupinchas, o Santos de glórias mil chapou mais um. Dessa vez mandamos ver lá na Itália. O Inter entrou pelo cano no seu próprio campo. E com essas e outras o glorioso alvinegro de lemanjá vai cumprindo com grandeza o seu destino. Não tem bom pro timão da ilha. A última fieira está eschachada pra quem quiser conferir. Corinthians, seleção inglesa, Palmeiras, São Paulo e Inter. E tem pra troca com quem vier. Com os peixeiros é na velha base do agrião. Só ali, no devagar, fazendo a bola rolar e os inimigos correndo atrás. Olé fácil. E se os panacas se invocarem e quiserem apelar, os cobras praianos têm biaba pra encarar o que der e vier. Nenhum boleiro da vila foge das sapatadas. E por essas e outras, o mundo é freguês do Santos de glórias mil.

Meus cupinchas, eu não fui na Itália ver o jogo. Minha grana só dá pra ir até o Morumbi. E olhe lá. Mas vou tirar um barato de cronista estranja e descrever o jogo pra vocês como os brutos fazem. Não é bajo meu não. Os jornalistas ingleses que vieram cobrir o couro que a seleção canarinho deu no timeco da rainha, estão aí mesmo pra não me deixar mentir. Os sabidos meteram as botucas no jogo mas só viram o que a cuca dodói quis. Não se mancaram que os nossos craques ficaram brincando com a redonda quatro minutos e meio sem deixar os loques esbarrarem na bola. Uma roda bonita. Deu até dó. Os estranjas se atucanaram de bobeira. Mas daí a crônica cafajeste botou a boca no trombone pra esparramar no mundo que o Brasil ganhou na sorte. Aqui ói. Somos o país do futebol. E o resto do planeta, nosso freguês de caderneta. E se tiver na lua pode vir. Estamos aí. Mas deixa andar. O que conta é o jogo de ontem.

Meus cupinchas, sintam o peso da botota. Ganhamos de um a zero só pra não esculachar os estranjas. Se o Santos de glórias mil apertasse um pouquinho, metia um rosário em cima dos brutos. Que apesar de não serem de nada se esforçaram pacas. Não enrustiram gás. Correram como abilolados. Parecia que os batusquelas estavam chapados de bolinha. Se os cartolas da FIFA não estivessem dormindo de toca tinham feito teste de xixi nos italianos. Mas com chibata ou sem, não deu pedal pra eles. A embaixada santista cozinhou o galo em água morna e

beliscou mais um belo triunfo. O gol dos brasileiros foi do guerreiro da Vila, o Toninho. Recebeu do Pelé, matou no peito, ajeitou, perguntou pro goleiro em que canto queria e o cara só teve que ir buscar no fundo do barbante. Gol de placa. E ainda tem nego loque que põe fé nos bochichos escamosos que o Toninho vai sair do Santos de glórias mil. Mas voltando ao jogo, os italianos chutaram duas bolas na trave do Laércio. O que prova que eles não são de coisa nenhum. Com um bruto buraco embaixo dos três postes os pintas acertam num caibro fininho. São muito ruins.

Não volte Quim (*Última Hora* de SP – Edição de 27/6/1969. Página 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, o futebol brasileiro é o maior do mundo. Mas só dentro do campo. Fora é uma caca. Tem os cartolas com suas mumunhas e xavecós⁹⁹ e é só os brutos se meterem a ter ideias pra vir uma gronga pra atucanar a torcida. O juiz português está aí mesmo pra não deixar ninguém mentir. Os pistolões foram buscar o labrego no escuro. Deu no que deu. O bruto é burro de bola. Não espia bolhufa. Não tem gás. Não acompanha uma jogada. Também o panaca só de minuto de silêncio tem quinze horas e uma barriga de sete meses, não podia mesmo ficar na cola. Mas como não é loque veio. E coberto por uma grana sonora. Viveu como um lord suas horas de recreio. Mas quando teve que se chegar ao malho, foi o perereco. Ajudou a avacalhar pacas o já avacalhado campeonato paulista. Chegou ao máximo de passar uma partida inteira xingando o Pelé. Era um jogo final e o cucutro de bandeirinha se assanhou e torrou o patalá no crioulo. Só não armou um salseiro porque o craque da embaixada santista é escolado e não entra em grupo. Mas o que o Quim Campos perturbou não foi normal. E com essas e outras, o murruga cumpriu seu tempo.

Meus cupinchas, vocês que sempre pegam a pior, se toquem. Sintam o peso da botota. Vê se pode. Na hora do bota fora do labrego os cartolas da F. P. F. [Federação Paulista de Futebol] badalaram o bicho. Fizeram homenagem. Teve crás-crás-crás e os cambaus. E um pistolão mais empolgado até falou em trazer o majura pra apitar de novo aqui em São Paulo. Tem jeito uma coisa dessas? Os manda-chuvas estão querendo melhorar os babados do futebol? Aqui ói! Dar cartaz pro Quim é macete. Só pode ser. Por muito menos do que esse cara fez aqui, um árbitro brasileiro lá for era chutado sem nem receber pagamento. Tá bom? Mas os cartolas patricios com suas ideias de jerico fazem marola pra dar a impressão que souberam escolher. E vai o portuga levando flâmula, medalha e grana de montão. Só não leva é recorte de jornal. Porque não é trouxa de mostrar os esculachos que a crítica lhe deu. E não teve um único cronista que não escrachasse que o Quim era um bolha, um mal apitador.

Meus cupinchas, agora o que ele não vai esquecer é a vaia da torcida. Que no caso do Quim foi sempre justa. Ele vai embora querendo voltar. Claro, só aqui pode arranjar moleza. Mas nós que berramos da geral não o queremos. Se vier como turista, será recebido com hospitalidade. Como juiz está dispensado e já vai tarde.

Bandeira Paulista (*Última Hora* de SP – Edição de 28/6/1969. Página 10. Caderno 1)

99 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecós”.

Meus cupinchas, meu chapa Azulão manda um recado pra gente. O glorioso Bandeira Paulista da Vila Maria vai encarar o Cruz de Malta da Vila Ré. O pega pra capar vai ser no campo do timão mais querido da Vila Maria. Começa às 15 horas e logo depois do jogo vai ter um churrasco e tal e coisa. E naturalmente que eu vou baixar nesse lance. Não é muito pela gordura que vai ter pro gango mastigar, mas sim pra ver futebol de verdade, com a negada suando a camisa e nenhuma marmelada. Jogo pra valer. Sem mumunhas. O Bandeira Paulista não é de dar arreglo, e é muito melhor que muito timeco que anda enganando de profissional. Basta ver que o Pedro Luiz e o Douglas, dois boleiros cheios de embaixada estão sendo paquerados por clubes do interior. Estamos aí.

Meus cupinchas, só pra deixar andar sente o peso da botota. Uma curriola que tem a cuca fundida e não tem o que fazer continua bochichando nas quebras do mundo que o Santos de glórias mil vai fazer leilão dos seus cobras. Toda vez que um boquejo perde a força eles inventam outro crás-crás-crás. Mas não vai ser com marola que os inimigos vão avacalhar o mocó peixeiro. Se onda ganhasse jogo só dava Corinthians que é quem têm os cartolas mais cheios de bafo. Mas é como diz o Zagaia:

– Onde tem fumaça, tem fogo.

E se o Zagaia diz é que é. O Santos de glórias mil não quer vender ninguém. Não está a perigo. Mas se algum cobra não estiver contente pode dar o pinote. Num timão como o da Vila não existe lugar pra nenhum panaca ficar chiando.

Meus cupinchas, só pra refrescar a moringa de algum craque que ande com minhoca na ideia eu lembro o caso do Tite. O ponta esquerda era o bom. Entrou na zoeira de se mandar de time pra beliscar uma nota sonora. Ninguém segurou. Quis ir, deixaram. Ele foi pro alvinegro de Ogum. Chegou lá se apagou. E aí se flagrou na fria que entrou. Viu como estava engrupido. Percebeu que bater bola no glorioso alvinegro praiano é uma coisa, jogar no Corinthians é outra bem diferente. E tem muitos outros casos iguais.

Meus cupinchas, quem está com o passe à venda lá na Baixada Santista é o Coutinho. E o Corinthians que tem mania de contratar centro avante podia embarcar nessa. O gordo até que pros mosqueteiros está bom. Agora com o Toninho eles podem tirar o cavalinho da chuva. Aqui ói! Que o Santos de glórias mil vende o guerreiro.

Pererecos da Copa do Mundo (*Última Hora* de SP – Edição de 30/6/1969. Página 12. Caderno 1)

Meus cupinchas, quando a seleção canarinho teve que dar biaba nos panacas do Peru, teve nego às pampas que chiou. Os cartolas que sobraram das molezas da CDB ficaram abitolados. Se encheram de razão e esculacharam os nossos boleiros. Fizeram tanta marola que o Gerson quase foi em cana. Tá bom? O Gerson que não fez mais que a obrigação, de dar uma sapatada num gringo que lhe deu um toco, quase foi em galera. Para os panacas a atitude dos nossos cobras foi o fim da picada, vergonha, falta de educação e os cambaus. Os majuras queriam que os craques brasileiros levassem biaba, escarrada nas fuças, soco na cachola, croque e tal e coisa, e se fechassem em copas. Só pra provar que brasileiro é bom esportista e entra nos pererecos pelo prazer de competir. Era isso que os pistolões queriam. Mas aqui ói! A moçada da seleção não vai mais pra grupo. O Saldanha que

sabe das coisas, escrachou o lance direitinho. Hoje o jogador da seleção do Brasil tem que entrar em campo como se estivesse embrulhado no alvi-verde pendão de nossa Pátria. E sendo assim o jogador nosso não pode enjeitar parada. Tem que encarar o que der e vier. Papelão foi o que fizemos na Inglaterra. Até Portugal que tem um futebol fajuto pacas ganhou da gente no grito. Vê se pode? O nosso cuca fundiu. O homem da rua se atucanou. Tendo o melhor jogo do mundo entramos pelo cano por falta de catimba. Foi de dar dó. Os cartolas se amoitaram. Eles que embananaram a coisa, saíram de banda. E os boleiros ficaram com fama. Mas aprenderam a lição. E estão prontos pra batalha.

Meus cupinchas, você[s] aí que sempre pegam a pior, sintam o peso da botota. Se manquem como copa do mundo não é só rolar a pelota. El Salvador e Honduras estão na bica de um pega pra capar. Já mandaram os canhões e as b[r]uxas pras fronteiras. E o esquinapo se deu por causa do futebol. Foram tirar um racha pra ver quem se classificava e azedaram. Agora a turma do deixa disso está rebolando pra desapartar o salseiro. É um troço escamoso. Mas é como diz o Zagaia:

– No amor, na guerra e no futebol, vale tudo.

E se o Zagaia diz é que é. E os boleiros brasileiros podem ir treinando táticas de campo, mas devem se botar por dentro dos macetes do karatê, judô, capoeira e tudo. Só loque que não tem botucas de ver é que não se toca que o troço é cavernoso. E a nossa curriola deve ir coberta.

2. 7 – As crônicas de junho de 1969 – Coluna *Plínio Marcos escracha*

Plínio Marcos escracha Leila Diniz sem mistério (*Última Hora* de SP – Edição de 15/6/1969. Página 16. Caderno 1)

Meus cupinchas, Leila Diniz claro que vocês manjam de cinema e novelas, coisas que ela fez de montão. E é papo firme que quem liga suas botucas uma vez em cima da menina, nunca mais esquece de na hora de bater a cuca no gango pedir aos Encantados uma colher de chá pra ficar na frente da Leila e poder dar aquela paquerada. Mas quem atraca na atriz pensando que vai encarar uma moça cheia de mumunhas e tal e coisa se entorta. No dia a dia a Leila não faz marola¹⁰⁰. É igual, sem mistério, nem truque. E é esse escracho que eu dou pra vocês. Vou meter minha curriola de fé por dentro dos assuntos dessa chapinha de verdade, que apesar de botar pra quebrar continua a mesma de sempre.

Meus cupinchas, não foi mole dobrar a Leila a fazer ela se rachar. Quando a moça pia em São Paulo é pra se chegar ao batente. Se enfurna nos estúdios do Canal 9 e fica ligada sem se tocar em mais nada. Nas horas de folga em vez de dar bandola pelos botecos da badalação a Leila baixa no hospital São Luís e tira plantão ao lado da nossa Cacilda Becker. E foi aí que eu engrenei o crás-crás-crás. Chamei a pinta pro Bar Redondo que é onde todas as tardinhas para o gango da pesada. Ela se escamou mas acabou entrando na minha. Chegou meia encabulada mas encontrou o Pitanga, Tinhorão, Carlos Caxambu, Ari Toledo, Dirceu Jabaquara, Rui fotógrafo e se sentiu em casa, pediu uma cachaça, tirou de letra a maior botota da paróquia, que estavam a fim de autógrafo e outros troços escamosos[,] e sem deschavos deu seu recado.

100 Termo atualizado; no original de jornal consta “marela”.

Meus cupinchas, é legal encostar na parede uma pessoa que não esconde o jogo. É só cutucar que ela se entrega. Com a Leila não deu outra coisa.

– Leila como é que é?

– Pois é.

– Você dá um duro aqui que não é mole. E na hora do recreio tira plantão em hospital.

– E daí?

– Vai acabar de cuca fundida.

– Conversa. Meu batente é legal. Eu só estou nessa porque gosto. Me divirto às pampas gravando novela. Juro por essa luz que me ilumina. Não vou jurar nada. Ficou combinado, bicho. Se quiser botar fé, bota. Se não quiser, dane-se. Mas eu me divirto gravando novela. É um barato. Só assim é que eu embarco nas coisas. Cinema e tudo. Se for por gosto eu estou onde você me vir. Fora disso não dá pedal. Mas se manca. No hospital eu não vou de alegria. Dou um tempo lá porque sou gamada de pedra na Cacilda. Entende? Comigo é na velha base do agrião. Ajoelhou tem que rezar. Esse negócio de chegar, dar uma olhadinha dizer estamos aí e dar pinote não é comigo. Você mora, né bicho? A Cacilda é do cacete. Comecei com ela no teatro. Era aquela moral. O diretor era de lascar, me fazia chorar toda mão. Eu ficava invocada, queria sumir. Mas que nada, bicho. A Cacilda me dava força. E foi assim que eu segurei as pontas. Agora estamos aí. E tem a Cleide que é colega paca[s], estamos na mesma novela e tudo.

– Pro Amilton Fernandes você já tinha sido enfermeira?

– Companhia, bicho. Enfermeira é coisa séria. Fiquei com ele até a última rodada. Mas nisso você pode apostar. Nunca tive nada com o Amilton. Fui amiga. Ele era legal. A gente saía junto pra beber uns troços e ap[r]ontar. Eu ficava à vontade ao lado dele. O bicho me tratava como um rapaz. Não tinha cantada nem essas coisas enjoadas que perturbam a vida da gente. Daí ele se trombou. Precisou. Dei cobertura. Era o que podia. Amigo é pra isso, né? O resto é onda. O que conta é o trabalho.

No começo é sempre uma parada¹⁰¹

– E o começo Leila?

– É broca, bicho!

– Dizem que você deu sorte. Que tinha dispensado o Domingos de Oliveira, e o bruto pra ver se te apanhava de novo te botou no filme.

– Não, nada disso. O Domingos me pôs no filme “Todas as mulheres do mundo”, porque me conhecia. Entende? Aliás, eu não estava apagada. Fazia novela e agradava. Daí o Domingos com quem eu fui casada três anos, me chamou. E na hora do “vamos ver”, ele me chamou. A gente sempre foi amigo. Ainda hoje se eu me sentir a perigo[, peço] socorro pro Domingos e ele nunca falha. Comparece. A gente bebe umas pingas, engrena um papo e a vida fica mais leve. Entende, bicho? Eu e o Domingos não estamos mais argolados, mas um joga no time do outro. Foi legal o tempo que a gente esteve junto. Três anos não é dois dias. As pessoas ficam se conhecendo. E foi por isso que ele me chamou pra “Todas as mulheres do mundo”, Edu, Coração de Ouro e tudo. É melhor lidar com quem está por dentro do assunto da gente. Basta um plá e pronto. Não tem rodeio. Mas você lembra do Edu,

101 Grafia atualizada; no original de jornal está em caixa alta.

Coração de Ouro? O Amilton estava do cacete. Como ele fez bem aquele negócio. Eu pegava as críticas e ia ler pra ele no hospital. Ele se tocava e sentia vontade de viver. Não deu. Quem botou o Amilton no filme fui eu. O Domingos não manjava ele. Eu batalhei. Falei – não é um tipo assim, assim? Eu sei quem é. Levei o Domingos na casa do Amilton e não deu outra coisa. O Domingos acertou. Você entende, bicho, que eu e o Domingos somos amigos? Claro que os jornais fizeram enxame em torno. Mas repórter é broca. Estão sempre catando notícia.

– O que você fazia na vida antes de atacar de atriz?

– Era professora.

– Legal ou fajuta?

– Legal. Sou vidrada em criança. Eu me divertia com elas. Eu nunca foi bruxa. Sempre levava a meninada de igual pra igual. A invocação era das mães e das diretoras. Tive muito arranca rabo por causa disso. Uma vez um garoto meio espiroqueta quis bagunçar o meu coreto. Me xingou de burrona! Eu só dei o troco. Burrão é você! E ia ficar nisso. A classe toda riu e a bronca foi relaxada. O garoto entrou na onda e fim. Mas a diretora ia passando, escutou e engrossou. Deu lição de moral no garoto e depois na sala das professoras quis pegar no meu pé. Não engoli. Pedi as contas. Foi aí que fui ser atriz. Estou me dando bem.

Estamos aí¹⁰²

– E o futuro, minha chapinha?

– Estamos aí!

– Racha direito.

– Já falei pacas.

– Mas ainda tem lenha pra queimar.

– Pois é, bicho. Estou com vinte e quatro anos.

– Que quer dizer?

– Que eu chego lá.

– Lá onde?

– Também não sei. Só sei que apesar de tudo, de guerra, de cada um pra si, de besteiras, misérias e outros babados, a vida vale a pena. E tem que ser vivida. Entende, bicho? Agente tem que encarar. Procurando. Mas não como quem procura. Tá? Senão a cuca funde. A gente tem que deixar andar. Tem muita coisa que eu quero. Quero ir pra França.

– De vez?

– Que é isso, bicho? Sou brasileira. Meu lugar é aqui. Quero ir espiar as coisas. E vou. Ganhei um prêmio Moliere e vou. Depois eu volto. Isso é bom. Eu já estive na Europa. Tirei um barato. Eu e o Novaes, um poeta português. A gente aprontava mil e umas. Era negócio de festival e eu passava no lance. Entrava pela porta da frente pra fazer presença e me mandava pela porta dos fundos. Não queria nem saber. Sou invocada com essas badalações. Não aguento. Quando me sentia na rua, ficava como queria, ganhava o mundo. Brinquei pacas. Era legal. Fico com saudades só de lembrar. Mas tem mais coisa que eu quero. Tem montes de coisas.

– Trabalho?

102 Grafia atualizada; no original de jornal está em caixa alta.

– Também. Mas pra isso eu não dou muita bola. Entende? Eu não fico sonhando com esse ou aquele papel. Se eles aparecem e eu sinto é no meu jeito, desempenho. É bobagem a gente ficar encucando. Cinema quero muito, televisão quero muito, teatro não me dá muito embalo, mas não vou forçar a barra. As coisas acontecem.

– Então o que você quer mesmo?

– Quero ter filho, bicho. Isso quero mesmo. E como quero. Mas não já. Ainda estou de me cuidar. Entende. Uma criança ia me prender pacas. Eu ia me amarrar. E ainda não dá pra isso. Tenho muito chão pra andar. Muita coisa pra ver. Mas na hora certa eu quero ter filho. Tem hora. Aí eu posso me dedicar inteira. Não que eu queira ser escrava do meu filho. Muito menos vou querer ser dona. Isso Deus me livre. Ninguém é dono de ninguém. Mas quero ser amiga do meu filho. Amiga de verdade. De brincar junto e tudo. Ser mãe e pai. Tudo de uma vez.

Hoje¹⁰³

– E agora?

– É aquela batalha.

– Sem arreglo?

– Só encarando a pedreira?

– Não é nada disso.

– Então como é?

– É lenha. Quinta, sexta sábado aqui gravando o resto e lá do Rio cuidando das coisas. Trabalho me diverte, bicho, já te disse isso. Mas não pensa que sou uma abilolada. Podendo, saio pra tomar umas e outras, pra levar um papo careca e tudo mais. Vê se me entende. Participo sempre que posso. Estou por dentro dos macetes todos. Leio muito. Sou bem informada.

– Então me diz. O que você acha de branco se tingir de preto pra fazer novela?

– Bobagem. Devia ser proibido esta besteira. A gente aqui no Brasil tem tanto crioulo bom ator. Vê o Pitanga, o Zozimo, o Milton Gonçalves e tantos outros que agora eu não lembro. Pra que tingir branco de preto? Pra quê? Esses troços me deixam invocada.

– Agora me dispensa, bicho. Já conversei tudo que tinha, já mandei uma pinga a mais e tenho um encontro que não posso dispensar. Se faltar alguma coisa põe [na] sua conta. Afinal você é escritor, inventa tá? Qualquer foca dá dessas. Com você eu não vou me azedar. Sei que você é de fé, vou de pinote. Tchau. Preciso deixar algum pra despesa ou está certo? Então até qualquer dia.

[Plínio Marcos escracha:] As aventuras de Ramon Mirabet, juiz de várzea (*Última Hora* de SP – Edição de 22/6/1969. Página 11. Caderno 1)

Meus cupinchas, desgraçado é o juiz de futebol. Ninguém torce por ele. Seja qual for o resultado de um jogo, o árbitro é sempre o culpado. De empate, ganhe quem ganhar a moringa do homem do apito está a prêmio. Pro vencedor, foram seus cobras que acabaram com o jogo, pro derrotado, foi o juiz que roubou. Nunca a

103 Grafia atualizada; no original de jornal está em caixa alta.

torcida vai achar que o árbitro foi legal. E no mínimo vão xingar a mãe do bruto até ficarem roucos. Mas mesmo assim, com todos esses esquinapos, ainda tem majura que quer ser apitador. Claro que alguns ganham fama, se encham de bufunfa¹⁰⁴ e tal e coisa. Armando Marques, Olten Aires de Abreu, José Astolfi, Favili e um monte deles estão cobertos de badalação. Alguns até sem levarem jeito pra coisa se dão bem. O Joaquim Campos está aí mesmo pra não me deixar mentir. O portuga enganador recebe aquela nota da Federação Paulista, dá entrevista e os cambaus, mas de bola não sabe nada. Porém, deixa pra lá. O que pesa aqui é o esparro. O que passa a vida soprando a latinha em campo de várzea. Entretanto nos maiores salseiros. Tomando biaba. Tendo que viver de pinote. Chupando o talo. Pegando uma grana que não dá nem pro ônibus. Mas que não larga a mania de ser a autoridade maior em campo por nada desse mundo. Juro por essa luz que me ilumina que esse cara me entorta. O juiz pé de chinelo dos campos de bairro me balança. Muitos sábios gloriosos e de cuca iluminada já ficaram batusquelas de tanto quererem explicar os mistérios humanos. E não sou eu que vou me atucanar nesse caminho bravo. Sou só repórter de um tempo mau. Escracho o lance como as minhas botucas de ver veem. Mesmo machucado não dou colher de chá. Mesmo na zorra não boto pra quebrar. só entrego o que é. E o bicho está aí. Ramon Mirabet.

Meus cupinchas, o Ramon Mirabet é um cara bacana. Casado com uma mulher batuta que é sua companheira de todas as horas, tem uma filha bonita, se achega ao malho numa transportadora, na carga e descarga, que pra quem não sabe, eu dou a dica, não é mole esse batente. Com tudo isso o Ramon é um homem feliz. Durante a semana é só do trabalho e da família. Mas fim de semana ninguém agarra o pinta. Pega seu apito e se manda. Vai piar em algum campinho das quebras da vida. Não quer nem saber a cor das camisas dos times que jogam. Com ele é ali na batatolina. Que ganhe o melhor. E foi com essa chave que ele foi abrindo seus caminhos, fazendo seu nome manjado na várzea inteira. E com bochicho e tudo o Ramon ganhou suas medalhas. Melhor juiz do CIPECID, um troço que nem ele sabe direito o que é. Mas o que pesa na balança é que ganhou medalha. Foi o bom de 62 e de 64. Isso botou ele no ponto maior de sua carreira. Não vai poder sair daí. Não sabe escrever. É analfa. O que não impede que ele atue bem. O chato, ele mesmo conta:

– Quem enche a súmula pra mim é minha menina. Eu não sei escrever. Ela enche direitinho. Só que quando algum jogador me xinga eu fico com vergonha de repetir os nomes pra ela. Então acho melhor não botar nada na súmula. Mas também não ligo. Vou te contar. Se juiz fosse ficar atucanado com o xingamento, morria louco. Eu faço que não escuto. Precisa malícia. Quando posso, vou de leão – quando não dá, banco a raposa.

– Você gosta disso?

– Quem gosta de ser xingado?

– Eu digo de ser juiz. Você gosta?

– É a minha vida. Estou nessa barca há vinte e poucos anos. Passei por muitas. Mas sempre saí bem.

– Que sua mulher diz disso?

– De eu ser juiz? Ela não fala nada. Não liga. A gente vive bem. A briga lá em casa é só porque eu sou Corinthians. A mulher é São Paulo e a menina Palmeiras. Já viu. Eu e a patroa não estamos podendo nem abrir o bico. Mas é só gozação. No

104 Termo atualizado; no original de jornal consta “bofunfa”.

sério, a patroa às vezes fala: “Você nasceu na várzea e vai morrer na várzea”. Eu digo: “Que posso fazer? É o destino”. Não tive estudo, nem nada. Se pelo menos eu tivesse um padrinho na Federação, podia pegar de bandeirinha. Melhor que esses que estão na boa eu sou. Corro o campo todo. Minha física é carregar três, quatro caminhões por dia. Estou em forma. O resto é sorte. Eu tenho colher de chá. Os homens lá de cima não se lembram de mim. Paciência. Só acertei a milhar no começo. Eu apitava a olho. Nas peladas, quando não tinha juiz eu metia a cara. Um dia teve um jogo importante lá na Vila Esperança, meu bairro. Era o Juventus da Penha contra União da Vila.

Esse jogo era lenha. Decisão de campeonato. O juiz era o Waldemar de Oliveira. O time da Penha ganhou de 4 X 3. Eu dei cobertura pro juiz. Tratei ele direito. Dei laranja pro homem, fiz o União pagar a taxa de arbitragem, não deixei ninguém chegar nele. E falei pro homem que gostaria de ser juiz. Ele mandou eu ir no CIPECID.

– Que é isso?

– CIPECID. Fica lá no prédio da Federação.

– Mas que quer dizer?

– Não sei. Sei que fui lá e deu certo. O Waldemar deu minha ficha pros homens e eu peguei a bandeira. Depois provei que sabia e passei pro apito. Não larguei mais. Vinte e tantos anos. No dia que largar, morro.

A dureza do Armando Marques da várzea¹⁰⁵

Meus cupinchas, mas nem tudo é resolvido no macio na vida de um juiz. Quase nunca te cobertura como a que o Ramon deu pro Waldemar lá na Vila Esperança. O que me deixou mais cabreiro foi ele charlar que fez os homens pagarem a taxa de arbitragem. Quis saber quanto era a grana.

– Vinte contos.

– Tudo isso?

– Não é muito. Mas pra mim que vivo de salário, ajuda. Só que a gente não pode dar folga. Cada time paga a metade. Então na virada a gente tem que botar os homens na parede. Chegar duro neles. Se não pagarem já, não apito o segundo tempo. Aí eles se racham. Essa conversa de deixar pro fim não dá. Quem perde nunca paga.

– Mas não tem perigo de tirar você e botar outro juiz pra atuar o segundo tempo?

– Não pode. O Campeonato do CIPECID é organizado. Senão vira bagunça. Tem que ir com o juiz escalado até o fim. Antes quando eu não estava nessa, era aquela vergonha. Eu ia expulsar um jogador, os dois capitães dos times se reuniam e tiravam era eu. Era um esculacho. Agora não. Se eu expulso tá fora de campo mesmo.

– E você expulsa muita gente?

– Se precisar, expulso. Não deixo ninguém meter a bota no outro. Na primeira biaba eu chego no cara e aviso: - Que é isso? Ficou louco? Não faça isso! Amanhã todo mundo tem que ir trabalhar! Vamos só jogar bola. Agora, se não adianta, boto pra fora. Isso dá moral.

– E a torcida?

105 Grafia atualizada; no original de jornal está em negrito.

– Essa sempre xinga. Se pôs pra fora é porque pôs pra fora. Se deixa em campo é porque está com medo. A gente tem que fazer o que der na telha. Se vai atrás da torcida, perde o respeito dos jogadores. Aí é fogo. Uma vez lá no campo do Estrelinha da Vila Califórnia, eu botei o Cica pra fora de campo. Fiquei com apelido de Armando Marques. Ninguém tinha coragem de expulsar o Cica. Eu expulsei. Mas também ele chutou o adversário sem bola. A gente é humano. Tem coisa que não se pode deixar de ver. Não teve remédio. Mas ele se mancou. Já no primeiro tempo ele deu pontapé até cansar. Largou o cacete. Chutou uns três sem bola. Falei, falei, cansei de falar. Ele punha a mão pra trás e só concordava. Mas dali a pouco continuava descendo a bota. Expulsei. Nem ele estrilou. Só falou assim pra mim: “Tu é duro juiz”. E se picou de capo. A torcida até se espantou e eu fiquei com o nome de Armando Marques. Foi bom pra mim isso. Fiquei com cartaz.

– Você sempre tira assim de letra?

– Que nada! Às vezes pego cada rabo de foguete que nem quero lembrar. Uma vez o time aqui do bairro, o Onze Guerreiros, ia jogar com o Vila Santista de Moji das Cruzes. Foi o time de lá que chamou. Passaram até telegrama pra mim. Pagavam a taxa da arbitragem e tudo. Cheguei lá, me assustei. Tinha gente por todo lado. Umas cinco ou seis mil pessoas. E o pior, não tinha nenhum guarda. Mas confiei e levei em frente. Apitei a saída e comecei a levar vaia. Mas não me afobei. Tome lá, dá cá, jogo bom. Virou dois a um pra nós.

– Nós quem?

– Pra nós, é jeito de falar. É que o Onze Guerreiros é do meu bairro. O certo era falar dois a um pro visitante. Mas eu falei assim porque a gente está aqui conversando. O negócio é que o Guerreiros estava ganhando e aquela torcida era toda do outro time. O campo era fechado e não tinha polícia. Não quis saber. Chamei os donos da casa e disse: “Não vou apitar o segundo tempo”.

Não tenho garantias. Os homens só falaram assim pra mim: “Não vai? Então vai começar a apanhar aqui mesmo”. Não tive por onde. Voltei pra campo. Bola pra lá, pra cá – O Vila fez um gol. Empatou o jogo. Aí a torcida começou a querer ganhar de qualquer jeito. E não estava dando. Foi daí que eu me cheguei ao center-alfó dos Guerreiros e pedi pra ele por a mão na bola dentro da área. E quase no fim ele pôs. Mas era fora da área. Porem eu dei dentro. Pênalti. Eles chutaram a marcaram. Ficou três a dois pro Vila. Aí falou tudo em paz. A curriola ficou contente porque ganhou. O gango do Onze Guerreiros sabia que se perdesse, não ia sair vivo dali. Então todos acharam que fiz bem.

A maior emoção da vida¹⁰⁶

Meus cupinchas, pode ser panaca que se mete a juiz de várzea. Mas pelo menos o cara vive a perigo, vibrando sempre. Com o Ramon não dá outra coisa. Se a gente fosse contar todas histórias das grogas que ele encarou, não haveria jornal que chegasse. Ia dar livro e mais livro. Basta ver que é uma pedreira por domingo. A gente só registra as mais bravas. Mas em todas o juiz é sempre salvo pelo gango. Se não der sorte, está estrepado. Juiz de várzea está sempre com a vida por um fio. Basta ver como Ramon se despede da família quando vai atuar.

– Eu digo pra minha velha: “Vou apitar. Não sei se volto”. Até agora sempre voltei. Porque também tem uma coisa. No dia em que eu não voltar é o fim da picada.

106 Grafia atualizada; no original de jornal está em negrito.

– Teve alguma vez que você se sentiu frito mesmo?

– Quantas! No campo do Paulista da Vila Califórnia eu comi fogo. Jogava o Paulista contra o Estrela Marinha. O Paulista e o Estrela eram times com bronca. Os dois do mesmo bairro sempre é jogo bravo. O Paulista jogava pelo empate. Mal começou a partida[, e eu] apitei um pênalti pro Estrela. Ninguém disse nada. Chutaram e ficou um a zero. Virou assim. Aí a torcida do Paulista foi ficando quente. Começaram a me apertar. Eu sentia que se aquele jogo acabasse com o Paulista embaixo eu não ia sair vivo. O capitão do time me avisou. “Essa torcida é toda pra você, velho careca”. E era mesmo. Ia me pegar. Já estava até entrando no campo pra me xingarem mais de perto. O tempo regulamentar se esgotou. Entraram nos descontos. E quando eu já me sentia morto, o Paulista empatou. Que alívio. Foi dar a saída e acabar a partida.

– Você não ajudou nessa?

– Nessa, não! Eu nunca faço isso em jogo de campeonato.

– Mas nem uma mãozinha você deu aí?

– Que nada.

– Os descontos foram positivos?

– Foram. Mas agora te digo. Se não empata, acho que até hoje eu estava apitando partida. Não ia ter coragem de acabar o jogo. Mas a pior não foi essa. A pior foi o jogo da decisão entre o Pontaporã de Guaiauna contra o Uberlândia do Carrão. Nessa eu sabia que ia ser fogo. Já fui vestido de casa com a roupa de juiz. Pra espanto meu, o jogo logo ficou mole pro Uberlândia. Virou três a zero fácil. Nem me preocupei. Mas no segundo tempo o Pontaporã veio embalado e empatou três a três. As torcidas, a dos dois times, começaram a me pegar no pé. Achavam os caras do Uberlândia que eu tinha me vendido pro Ponta por uma garrafa de cachaça. Os do ponta achavam que eu tinha entrado na gaveta pra ir na cervejada que o Uberlândia sempre dava quando ganhava. Eu fui levando o jogo. Numa hora em que a bola foi pra bem longe de mim apitei o final e saí correndo. Todo mundo atrás de mim. As duas torcidas. Meti os peitos na rua e fui em frente. Eles estavam quase me pegando. Vi uma casa com a porta aberta, entrei e fechei atrás de mim. A batota ficou de fora tentando derrubar a casa. A mulher que morava lá teve pena de mim. Mandou eu pular o muro e me picar. Fiz o que a mulher mandou. Saltei o muro, caí numa chácara que ia dar na outra rua. Fui correr, apareceu um cachorro que não tinha mais tamanho. Só de lembrar fico suado.

E era verdade. O Ramon estava todo molhado. Pra aliviar a carga, ofereci uma berita gelada. Ele até se ofendeu.

– Não bebo! Senão, chega no domingo, falta gás.

– Então vai de água.

– Água vai. Mas eu estava ah...

O bacana nas pessoas que amam sua profissão é que elas até babam só de contar as coisas sobre o batente. Com Ramon é assim. Ele fica atucanado quando é interrompido. Se senti que eu estava ligado, pegava a trela e ia de um fôlego.

– O cachorro na minha cara, a torcida no meu calcanhar. Eu não sabia de quem ter mais medo. Agarrei um pau e fiquei parado mantendo o cachorrão longe. Com as antenas ligadas no gango que vinha na minha captura. Escutei a mulher gritar pra curriola que eu tinha saído pelos fundos e que ela não queria ninguém dentro da casa dela. Escutei ela falar em chamar a polícia e escutei um cara gritar pra darem a volta no quarteirão. Eu não conseguia me livrar do cachorro. Tinha que

chegar na rua antes da torcida conseguir dar a volta. Fui dando paulada no bicho e avançando. Mas era um avanço devagar. Parecia que nunca ia chegar na rua. Mas cheguei. Saltei o muro quando a torcida vinha dobrando a esquina. O primeiro a me ver fez um escarcéu: “Olha o ladrão ali”. O gango veio feito. Eu não tinha mais força. Só senti as pernas tremerem e irem dobrando. Queria correr e não podia. A torcida vinha se aproximando. As primeiras pedradas já passavam zunindo pela minha cabeça. Pra mim era o fim.

Nessa hora chegou a água. E o Ramon tomou uns cinco copos seguidos. Tomou fôlego e continuou.

– Foi broca. Esse dia foi. Me senti com as formigas na boca. Mas um carro entrou que nem louco entre mim e a curriola. Eu disse pro chofer: “Por favor não roubei. Juro que não me ti a mão”. Claro que disse. Estava na pior. Aí ele falou: “Entra aí. Vou te ajudar”. Entrei e ele arrancou deixando a turma atirando pedra e falando sozinha. Essa foi a maior emoção da minha vida. Quando eu agradeci, falei pro moço: “Te devo a vida. Hoje nasci de novo”. E o cara de pau me respondeu: “Que nada, eu é que agradeço. Vi o jogo, mas sou do Sampaio Moreira. Com esse resultado que você arrumou a gente está outra vez na boca pra ser campeão”. Eu me fechei em copas. O cara me levou em casa. Mas eu juro que não arrumei resultado nenhum.

[Plínio Marcos escracha:] O extra não sabe o seu papel (*Última Hora* de SP – Edição de 29/6/1969. Página 8. Caderno 1)

Meus cupinchas, o Ditinho Papel de Bala¹⁰⁷ apesar de ter só um metro e meio de altura, ser meio birolha, ter a língua meio presa, cultura nenhuma e a fuça meio amassada, se sentia um bonitão. Tinha umas duas namoradinhas lá na sua paróquia. E isso lhe dava moral. Fazia o panaca se sentir um Dom Juan. Um perigoso. E com ele não tinha crás-crás-crás. Qualquer rabo de saia que passasse na rua olhando pro chão estava lhe dando bola. Não tinha por onde. Nisso ele apostava. Só não ia na cola porque não era de dar cartaz pra mulher. O grande lance, segundo o majura, era deixar a gata vir se render. E se não viesse, como nunca vieram, pro grande Ditinho Papel de Bala não pegava bolhufas. A pinta é que dava crepe. Perdia a colher de chá de levar um papo com ele.

E com essas e outras grongas dentro da moringa, se sentindo um bonitão, um dia nas paqueras da vida o moço resolveu tentar televisão. Meteu sua melhor beca, engraxou o pisante, tacou brilhantina às pamparas no pelo, armou o topete, encaixou uma gravata borboleta embaixo do pescoço e veio feito. Certo que ia botar pra quebrar de saída. Mas pra não dar mancada, primeiro ficou sapeando pelas berbas. Depois que se flagrou que ninguém tomou conhecimento de sua figura, ficou meio murcho. Percebeu que ia ter que contar mais com o talento do que com a formosura. Caiu da panca. Meteu uma máscara de humilde e escolheu um qualquer pra atucanar.

- Desculpe. Mas o senhor não é aquele que faz aquela novela?
- Sou!
- Muito prazer!
- Tá!

107 Termo atualizado; no original de jornal consta “Bola”.

– Lá em casa gostamos muito do seu trabalho. O senhor é muito bom. Minha família só assiste sua novela.

Com esse plá o Ditinho pensava que estava ganhando ponto. Fez uma pausa pra estudar a reação do ator. E foi aí que se entortou. O cara aproveitou e meteu o deschavo:

– Tchau!

E sem dar trela, largou o Papel de Bala falando sozinho. Claro que isso arreiou o candidato a artista. Ele precisou ir no boteco da esquina e meter umas biritas na caveira pra ganhar coragem outra vez. O que não foi mole. A secada que levou logo no primeiro rounde fez ele cair do esquema. Ficou na bobeira. Sem saber por onde entrar. Mas foi aí que deu sorte. Quase sem perceber encostou num outro pinta e com a honestidade dos que estão na pior, deu o seu recado sem mumunhas:

– Meu chapa com quem eu falo pra ver se consigo uma boca aí?

– Mete a cara nesse corredor. Quando tu encontrar uma porta onde está escrito – “chefe dos extras”, tu entra e diz que quer falar com o Bode Espanhol.

– Será que ele está aí agora?

– Vai lá ver, pombas! Quer tudo no devagar? Vai lá figura. Deixa de ser folgado.

O esculacho fez bem pro Papel de Bala. Ele se sentiu em casa. Meteu os peitos sem dar pelota pro porteiro. Foi em frente lendo tudo quanto era placa de porta. Quando meteu as botucas em cima da que procurava, meteu ficha:

– O Bode Espanhol está?

A curriola que estava dentro da sala estourou de rir. Só daí é que o Ditinho viu que tinha gente de montão no buraco da lacraia. E no meio das risadas veio o estrilo:

– Bode Espanhol é a mãe!

Com essa o gango riu mais e o Papel de Bala se entupiu. Porém o Espanhol logo relatou a bronca. Estava precisando de extra pra fazer fundo numa festa de novela. Achou o loque bem vestidinho e deu colher de chá.

– Quer trabalhar?

– O senhor desculpe. Eu chamei como o rapaz lá fora mandou.

– Esquece! Quer trabalhar?

– É. Se tiver uma boca de artista, eu agradecia se o senhor me desse uma oportunidade.

– Tá, vai com esses caras aqui lá no estúdio da novela “Almas Partidas”.

– O que eu tenho que fazer?

– Nada! Eles te dão as dicas. É ficar na festa. Vai firme que é mole. Só não começa a olhar pra câmara. Senão é broca. Os homens vêm é pegar no meu pé.

O majura nem quis saber quanto ia ganhar. Foi na barca. Penou pacas. A gravação durou umas cinco horas antes de chegar à tal festa. Mas o Ditinho nem viu o tempo passar. Ficou plantado onde o diretor mandou e quando foi dispensado estava babando de alegria. Só quis saber quando o capítulo da festa ia pro ar. E quando soube que era naquela noite mesmo endoidou. Se mandou pro seu bairro quase a jato. E não deixou barato. Avisou a mãe, a tia, a avó, a vizinhança que ia aparecer na televisão. Foi na padaria e reuniu uma batota pra verem a tal novela. E como um abilolado esperou a hora. Foi aquela zoeira quando chegou a festa. Ditinho

Papel de Bala pareceu de relance. Um troço de nada. Num plano geral ele berrou pra moçada:

– Ói eu lá! Ói eu lá!

Mas foi tão rápido. Logo teve um corte pra cara do galã. E pouca gente viu o loque. Aí foi uma zoeira. Uns gozadores engrossaram.

– Grupo! Não era ele não!

O Ditinho jurou que era. Mas nem sua mãe confiou. Os poucos que viram, não se afobaram. Acharam que aquilo não tinha valor. Bidu era o galã. Esse sim que era o cobra. E com o sarro de sua gente, a cuca do Ditinho fundiu. Ele pegou gosto. Se encabritou. Ficou batusquela. Voltou pra televisão com a gana pega. Tinha que triunfar pra tapar a boca de todo mundo. E entrou de sola. Puxando o saco do chefe dos extras conseguiu pegar até ums pontinhas com fala. E foi se badalando. Era um virador. Encarnava nos produtores assim como quem não quer nada. Ficava de sabujo. Levava recado, ajudava a falar mal das pessoas que o produtor não gostava, arrumava mulher pros donos da bola e tal e coisa. Só não fazia chover na sua horta. Por mais que se jogasse pra frente, não emplacava. Não grudava de ator. Forçava a barra, mas que nada. Não tinha talento. Toda vez que pegava uma ponta que dava pra aparecer, se borrava. Enterrava o time. E pra desbaratinar, passou a chiar que era um injustiçado. Que não tinha vez e os cambaus.

Tanto estrilou que acabou acreditando que havia um xaveco armado pra entrutar ele. E aí foi broca. Como tinha ambiente com artistas e produtores, podia fazer marola à vontade. Mesmo porque o gango se divertia às baldas com as azedadas do Papel de Bala. Ele sem saber era o esparro da turma. E só por isso, ele era levado nas jogadas mais bacanas. E foi numa dessa que o Ditinho caiu do cavalo de uma vez por todas.

Um dos manda-chuvas da televisão teve um ataque de consciência e resolveu dar uma festa pra seus artistas. A curriola foi, e junto foi o Ditinho Papel de Bala. Na casa do pistolão o uísque estava jogando buso. E o Ditinho tirou a goela da miséria. Encheu o caco. Bebeu e se danou a bochica. Primeiro baixinho. Encostava num artista e chorava as pitangas. Quando a vítima não aguentava mais, o bruto ia se queixar pra outro. E assim pegou um por um da festa. E sem ter mais em que desaguar, engrenou um discurso na bucha do cartola dono da TV.

– Eu sou melhor que todos atores do seu canal. Tá bom? Sou muito melhor. Mas o senhor é um cego e não vê isso. Porque o senhor é um cego, otário, imbecil e tudo mais, meu grande talento anda entregue às traças. O senhor é uma besta!

– Despede esse canalha!

– O diretor artístico todo encabulado deu a ficha.

– Ele não é contratado!

Então o cobrão se encheu de fúria e berrou:

– Então contrata! Contrata e depois despede.

Extra[,] o marginal¹⁰⁸

Meus cupinchas, o Ditinho Papel de Bala, é bem o extra de televisão. Eles são quase todos iguais. São do cacete. Acham sempre que estão sendo passados pra trás na hora em que os produtores distribuem os papeis. Ficam chiando pelos corredores da televisão. Lamentam a falta de chance, culpa os produtores e os

108 Grafia atualizada; no original de jornal está em negrito.

cambaus. Mas na hora que têm que provar o valor, caem de bobeira. Ficam gagos, perdem o rebolado, não têm onde enfiar as mãos, esquecem o texto, olham pra câmera, não obedecem a marcação e tudo. Daí viram esparro. Penam. Navegam em águas barrentas. Dão um duro sentido por um pagamento dos mais mixurucas que sempre demora pacas pra sair. Mas o caras estão aí. Por vaidade ou por outro qualquer dodói da cuca encaram a pedreira. São uns engrupidos. Quase sempre cagados de pai e mãe. Não têm a mínima condição pra serem atores. Mas ficam firmes. Jogam a culpa na falta de chance e fim. Não fazem nada de concreto pra progredir. São muito curtos de cachola pra entender que só se vence nessa profissão com estudo e trabalho. Os bichos acreditam mais no sabujismo. E não querem saber de outro papo. Não se juntam em curriola. Até pelo contrário, uns são contra os outros. São rivais. Vivem se puxando, se avacalhando e por aí. Do sindicato não querem saber. E o sindicato por sua vez se fecha em copas. Quem sofre é o público que tem de engolir cada esquinapo de dar nojo. Uma maravilhosa estrela dançando com um galã bacana, rodeados por jegueras de todos os lados e atochado como baile de grã-fino em cima do telespectador. Natural que o extra tem que existir. Sem ele não podia haver as grandes batalhas e tal e coisa. Mas essa zorra podia ser caprichada. E se não é, a culpa é do sindicato. Na televisão brasileira trabalha quem quer. Então tudo quanto é marginal entra de extra. A qualquer momento podem tomar um bico. E o pior. Dificilmente um extra, que por acaso tenha valor, vai conseguir fazer carreira. Ninguém repara neles. Para os caras que decidem, os extras são todos a mesma droga. E foi por isso que o Salatiel Coelho bolou a frase: “Extra de televisão sofre mais que gato de desenho animado”. E é verdade. Levam pancada de todos os jeitos e nunca ganham a batalha.

O extra e suas mumunhas¹⁰⁹

Meus cupinchas, não é mole entrevistar um extra. Eles estão sempre achando que estão servindo de loque de alguma gozação. Eu cheguei perto de uma mocinha e charlei:

- Oi gata!
- Oi!
- Tá legal?
- Estamos aí!
- Quero bater um papo com você.
- Que cartaz pra mim?
- O lance é sério.
- Vai me dar uma colher de chá. Eu bem que estou precisando de uns cachês. Fala com o Lima e me põe na sua novela.
- Tá! Mas eu queria fazer uma reportagem com você.
- Essa que é a tua?
- Quero que você escrache os macetes dos extras.
- Mas que é isso, Plínio?
- No duro.
- Mas que conversa.
- Não é papo.
- Sai dessa dança. Tu não precisa disso.

109 Grafia atualizada; no original de jornal está em negrito.

- Ói minha chapa, como não preciso? Sou repórter.
- Que cantada mais cavernosa. Eu hem? Sai de mim.
- E a mina se picou. Não quis mais me dar trela. Ainda foi bochichar com as outras extras. Juro por essa luz que me ilumina que me encabulei. Só por isso encarei um marmanjo:
 - Vem cá, ô bicho.
 - Oi Plínio.
 - Me dá umas dicas!
 - Manda.
 - Quanto você ganha?
 - Depende.
 - Do que?
 - Às vezes pego mais, às vezes pego menos.
 - Se racha.
 - Mês passado belisquei uma grana boa.
 - Quanto?
 - Umass trezentas e oitenta giripocas.
 - Bom, né?
 - Mas esse mês não está dando pé. Só peguei papel sem fala.
 - Sem fala ganha menos?
 - Claro. Não dá pra você falar com o Lima de mim? Seria uma letra eu entrar na tua novela.
 - Vou falar.
 - Fala sim. Eu estou a perigo. Sou eu quem sustenta a minha casa. Tem a minha velha e as minhas três irmãs. É uma dureza.
 - Você não tem irmão?
 - Tenho dois. Mas eles não querem nada. São uns vagabundos. Meu pai está até pra mandar eles embora de casa.
 - Você tem pai?
 - Tenho! Mas ele ganha pouco. Eu que sustento a casa.
 - Sei! E você não tem outro emprego?
 - Não! Só aqui. Tu vê? Não é mole.
 - Por que você não arruma outro batente?
 - Já pensei! Mas não dá. Aqui às vezes a gente fica sem fazer nada um monte de tempo. Mas também quando aparece um negócio prende a gente o dia todo. Como é que vou pegar um troço fora? Não dá. E depois a gente tem que ficar na cola. Bobeou já viu. Se a gente não fica em cima, ninguém se lembra de dar uma colher de chá. É fogo. Tu vai falar de mim pro Lima?
 - Vou. Pode deixar que eu falo.
 - Mas fala mesmo. Não precisa ser nada bom. Qualquer troço serve. Agora se tu me arrumar um papel que entre sempre é que é bidu. Eu preciso.
 - Vou ver. Agora, me diz, você se sai bem?
 - Não vou me elogiar só pra me engrandecer pra você. Mas pode perguntar pra qualquer um. Até agora sempre agradei. Teve uma vez que eu não consegui

falar direito o texto, mas não foi culpa minha. Tinha fala pacas e me deram o papel na hora. Eu era novo aqui. Ainda não decorava direito. Me afobei. Foi chato. Parou o tape um monte de vezes. Mas a culpa não foi minha. Eu estava sem dormir. Sabe como é. Tinha ido numa jogada e de manhã dei uma passada por aqui. Só vim ver se tinha esse papel. Não pude cair fora. O chefe dos extras pediu pra mim quebrar o galho dele. Fui ajudar, tubulei. Fiquei nervoso. Foi um lixo. Também aprendi. Não quebro mais galho de ninguém. Desde esse dia o cavalo do chefe não me escalou mais. Fui ajudar ele a limpar a cara, entrei bem. Devia ter deixado o xarope se danar. Ele que se lascasse. Esqueceu de arranjar gente crepe dele. Mas que nada, fui ser legal me dei mal. Paciência. Vou esperar outra chance. Tu não esquece de falar com o Lima?

– Pode ficar certo que falo.

– Tu fala hoje?

– Não tem mosquito.

– Não esquece. Eu preciso.

– Sei! Mas me diz. Tu está estudando?

– Pra mim não dá, viu. Não tenho cabeça pra ficar lendo. Logo me dá sono.

– Mas você não quer ser ator e tal?

– Sei! Mas vou te contar. Nesse negócio ou o cara nasce com jeito ou nem adianta estudar. Esse negócio de escola de arte dramática é pra tomar a grana dos otários. Se o cara não nasceu ator não tem jeito. Pode fazer mil escolas que não vai dar pé. Eu carrego isso comigo. Se visse que não tinha jeito pra coisa, largava de mão. Mas saio bem sempre. Então vou me aguentando. Um dia aparece a chance. Com você não foi assim?

– Vai ver que é. Mas por que você quis ser ator?

– À toa! Eu estava um dia lá em casa vendo televisão, era uma novela escamosa, nem lembro o nome. Tinha cada canastrão de dar dó. Pensei comigo, esses caras faturando e eu aqui. Daí cisme e meti os peitos.

– Há quanto tempo você está nessa?

– Um ano e pouco.

– Tá bom. Quer um café?

– Não obrigado. Mas se tu pudesse adiantar meu lado te agradecia. Ainda nem almocei hoje. Não esquece de falar com o Lima. Tá?

– Claro. Eu falo. Mas como é mesmo seu nome?

– Poxa, tu não sabe?

– Sei! É que esqueci.

– Ah, bom! É Carlos Vieira. Mas eu vou trocar pra Carlos Oscar. Que tu acha?

– Bom.

– Não tem nenhum Carlos Oscar. E depois Oscar é cinco estrelas. É impar. Vieira é par. Um cara aí me disse que não presta ter sobrenome par. Vou mudar pra ver se dou mais sorte. Tchau! Mas não esquece de falar com o Lima de mim.

Um dia¹¹⁰

110 Grafia atualizada; no original de jornal está em negrito.

Meus cupinchas, é assim o extra vai penando. Pega as rebarbas até se tocar [que] não vai emplacar. Quando se manca que nunca vai ser nada além de zero no mundo dos espetáculos, sai fora. Mas vai machucado. Fica pro resto da vida com bronca de Deus e dos homens. E com razão. Por ser abilolado, entra de gaiato numa parada pra qual não tem lenha. Só pode se entutar. E ninguém reza por ele. Ninguém defende seus direitos. Ninguém nunca lembra que o extra é gente, que tem nervos, família, sonhos, vaidade. Ninguém se toca. O extra de televisão paga o preço de não ter botucas de ver. Por isso se atola. Sempre. Agora, você aí se manca. Se um dia uma bola maluca bater na sua telha e brotar na sua cuca a ideia de jerico que você é muito melhor do que muito ator que está se badalando na TV, o que pode ser verdade (tem montes de atores inventados na televisão), mesmo assim nunca entra de extra. Isso é o fim da picada. Não dá camisa pra ninguém.

Porém um dia, talvez, quando resolverem moralizar a profissão do ator, os pequenos papéis e as pontas sem fala poderão ser uma escola pro principiante. Por enquanto é só um lamentável esculacho ao ser humano.

2. 8 – As crônicas de julho de 1969 – Coluna *Navalha na carne*

O Lau barbeiro (*Última Hora* de SP – Edição de 1/7/1969. Página 16. Caderno 1)

Meus cupinchas, o Paulista de Jundiaí meteu ficha no Juventus. Dois a um. Porém o Lau barbeiro, único sofredor do clube da Mooca que eu manjo, nem se afobou. Deixou andar. E quando a curriola quis saber das mumunhas o bruto rachou:

– Perdeu? E daí? Esse ano não vai descer ninguém. Então é que nem jogo amistoso.

E é verdade. Foi a isso que os cartolas da FPF conseguiram reduzir o campeonato. Num troço escamoso. Armaram tantos xavecós¹¹¹ que o perereco ficou essa caca. A torcida que não é loque nem toma conhecimento da gronga. Todo mundo sabe que está tudo arreglado entre os pistolões. E com essas e outras o grande futebol brasileiro é que se dana. Agora vocês aí que sempre pegam a pior, sintam o peso da batota. Em outros tempos nessa altura do campeonato, o gango que berra da geral, mesmo sabendo que o Santos de glórias mil tinha beliscado o título, ficava pelos botecos das quebras da vida se atucanando para ver que timinho ficava na rabeira. E então tinha lenha. A moçada penava com o “cai não cai” dos pequenos. Os santistas de ponta a ponta da ilha botavam a camisa da Lusa das praias. Palmeirenses, tricolores e corintianos viraravam grenás de corpo e alma. Fecharam com o Lau barbeiro e iam abanar bandeira no campo. É claro que estava certo. Os boleiros muquimbas viravam leões. Ficavam abilolados com o berro das torcidas e botavam pra quebrar. O homem da rua vibrava com o racha e largava a grana sonora no preço da entrada. Dava renda. E tinha festa. No fim de cada partida, timeco vencedor comemorava como se fosse a conquista do título. E era isso o futebol brasileiro.

Meus cupinchas, mas aí os cartolas começaram a ter ideias. Surgiram as marmeladas e os trambiques. O torcedor começou a ser engrupido. Não tinha por onde. Os manda-chuvas ficaram cada vez mais folgados. Já nem se preocupavam em fazer os macetes nas encolhas. Que nada. Achando que o público é burro, passaram a esculachar tudo às escancaras. E o campeonato ficou triste. Mas triste

111 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecós”.

mesmo. Ao ponto do Lau barbeiro ir torcer contra o Juventus. Isso mesmo. O fígaro que não dorme de touca agourou o time da Mooca contra o Paulista. Como esse ano não vai cair ninguém o sofredor grená não queria vitória do seu time. Se tanto faz como tanto fez, se de lanterna na mão ou não, tudo fica na mesma, pra que clube que está a perigo financeiro vai pagar bicho? Pra que? E deixa andar. É por essas e outras que o alvinegro de Ogum e [a] Lusa do Canindé não querem fazer o jogo que falta pra eles. Aqui, ói. Não são otários.

Querem avacalhar com a seleção (*Última Hora* de SP – Edição de 2/7/1969. Página 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, toda vez que abro o jornal e vejo o escracho escancarado de que algum boleiro quer se pinotear do Santos de glórias mil, tenho ataque de riso. Claro que esses plás são marolas pra vacalhar o mocó peixeiro. Tem montes de panacas botando olho gordo na lavoura santista. Mas os seca pimenteira vão se entortar. Não adianta cartola de timeco que não emplaca muito tempo boquejar contra o alvinegro de lemanjá. Podem os cronistas sem assunto badalarem os juros na água. Deixa vir cafija mexicano com suas mumunhas tentar enfiar minhoca na moringa do Pelé. Não pega nada. Só loque vai querer se espiantar da Vila Famosa pra penar em outro clube. Mas aqui ói! Quem está no bem bom não quer largar. E esse bajo de que o glorioso alvinegro praiano está a perigo de grana não gruda. Está igual aos outros. Claro. Depois de um campeonato burro, qualquer um se aperta. Sendo que o esquadrão peixeiro ainda belisca uma bufunfa¹¹² no estrangeiro e com essas e outras rema o barco.

Meus cupinchas, agora vocês que sempre pegam o pior, sintam o peso da batota¹¹³. Tem traidor da Pátria que está todo assanhado e dando as maiores colheres de chá pro cafifa mexicano que veio ao Brasil armar seus xavecós¹¹⁴. Esse gringo que é todo cheio de mumunha faz um lance em cima do Pelé que é de fundir a cuca de qualquer um. Os cartolas e os cornetas que carregam bronca do Santos de glórias mil acham lindo. Já que eles não podem ter o crio[u]lo é bom que caia fora da vila. Mas acontece que o lance do gringo é fajuto. Qualquer majura sabe que até 70 nenhum cobra da seleção pode sair do Brasil. E o cafifa mexicano também sabe. Mas se encosta como quem não quer nada e faz o crás-crás-crás. Não leva ninguém naturalmente. Mas não é isso que o recadeiro de cartola quer. Ele quer é deixar o Pelé na zorra, ele quer é ver o crio[u]lo com a muquinha pega, ele quer é fazer o boleiro sonhar com a maravilhosa vida além da copa, ele quer é ver o moço com medo de entrar em bola dividida, é isso que o cafeolo quer. O bruto sabe que se a seleção canarinho não for pra biaba não ganha a copa. E então se manda pra cá a fim de atucanar as ideias dos boleiros que vão defender nossa Pátria. Temem os estranjas que a nossa moçada entre em campo como se estivesse embrulhados na bandeira auri-verde. Porque daí ninguém pode conosco.

E agora? (*Última Hora* de SP – Edição de 3/7/1969. Página 10. Caderno 1)

112 Termo atualizado; no original de jornal consta “bofunfa”.

113 Termo atualizado; no original de jornal consta “botota”.

114 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecós”.

Meus cupinchas, o Santos de glórias mil através do seu cartola chefe botou a boca no trombone e anunciou para o mundo que não vai vender nenhum dos seus goleiros. Deu o recado mas nem precisava. Toda negada já estava por dentro que essa truta de cobra da baixada dar pinote da Vila Famosa era um crás-crás-crás cavernoso pra meter minhoca na moringa dos craques da seleção. Porém pra algum abilolado do alvinegro de Ogum que estava embarcando nessa catraia furada do plá do pistolão do timão de lemanjá valeu. Assim essa curriola sofrida, que não vê campeonato há 14 anos, toma um chá de simancol. Saem da onda e caem no que é verdade. Para o lugar do Guerreiro, que o Corinthians queria, vem o Feijão; para o lugar do Carlos Alberto, que chegou até sair em jornal com uma camisa fajutada do timeco do Parque, vem o Ferrari, e pra ponta-esquerda vão deixar como está, pra ver como é que fica.

Meus cupinchas, vocês aí que sempre pegam o pior, sintam o peso da botota. É o esculacho da torcida esses pererecos que os cartolas arrumam? Espalham que vão fazer e acontecer. Vão contratar esse, aquele e os cambaus. Mas na hora do “vamos ver” aparecem com o que está sobrando. É sempre assim. Não tem jeito. Por isso que o Zagaia sempre diz:

– Em papo furado só entra quem quer.

E se o Zagaia diz é que é. Quem pegou essa treta que o Santos de glórias mil estava fazendo leilão foram os cronistas sem assunto, cartolas que estão a fim de avacalhar a seleção, recadeiro mexicano e tal e coisa. O povo, nem se afobou. O homem da rua já está manjando as mumunhas dos manda-chuvas. Só acredita numa façanha anunciada por cartola quando põe as botucas no lance. Fora disso deixa os pintas falando sozinhos. Que é como deve ser. O gango que berra da geral anda farto de entrar em fria.

Meus cupinchas, com essas e outras fica tudo na mesma. E quem quiser ganhar uma grana a mais é só apostar que o campeonato do ano que vem é do Santos de glórias mil. Fácil. Como esse título que beliscou em 69. E deixa andar. O campeonato burro ainda nem acabou e a gente fica falando do ano que vem. É de lascar, né?

Os dentes de leite (*Última Hora* de SP – Edição de 4/7/1969. Página 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, às vezes os grupos de teatro amador vêm a mim, fazem um crás-crás-crás comprido e quando vai se ver o que os panacas querem é montar “Dois perdidos numa noite suja”, minha peça de fé que há três anos roda por esse Brasil todo, tendo que encarar mil pererecos, coisas cavernosas, incompreensões de todo jeito. É delegado do interior que não quer reconhecer o alvará da Censura Federal, é prefeito batusquela que não quer me ver na cidade, é padre coroa que acha que eu sou o demônio e os cambaus. Mas com todos esses babados onde a peça foi, faz sucesso. E é aí que os amadores se assanham. Querem montar os Dois Perdidos. Eu não deixo. E escracho o lance. Sempre achei que o amador de teatro podia ter uma função importante. Quer a de montar autores inéditos e fazer experiências que não dá para o profissional tentar. Mas que nada. O que a curriola do teatro amador quer é badalar a vaidade. É como uma menina que me disse que fez “A visita da velha senhora” melhor que a Cacilda Becker. Aqui ói! Nem que ela tenha todo o talento do mundo não dá. A Rainha do teatro brasileiro tinha cancha, talento, vivência e tal e coisa e ainda penou pra conseguir fazer a “Velha”. Mas vai a menininha e bota pra quebrar. Duvido e faço pouco. Com essas e outras, muitos

autores ficam inéditos. Os grupos amadores [se] recusam a montar as peças dos brutos. Estão por fora. Mas deixa andar. Só lembrei dessa mumunha porque vou charlar do futebol Dente de Leite.

Meus cupinchas, o que o Roberto Petri e o Eli Coimbra estão fazendo é um troço bacana. Já bolaram um torneio de pivetes [que] é do cacete. Mas o pintas vão mais longe. Fazem tentativas de mudarem as regras. Por exemplo: não tem impedimento. Assim acaba o xaveco¹¹⁵ da defesa parar pra deixar os atacantes na banheira. Lateral é batido com o pé. Bidu. Assim os caras já metem a bola na área. E tem outros macetes. O que pesa na balança é que o futebol com esses trambiques fica mais agressivo. E o que conta é bola na rede. E fica melhor de se ver.

Meus cupinchas, tudo isso pode não dar certo. Os manda-chuvas do futebol podem invocar. E não toparem as inovações. Sabe como é Cartola. Só quer moleza. Nada de modificar pra melhor. Mas o Petri, o Eli e a pivotada estão tentando. E isso merece aplausos. Vamos botar as botucas de ver em cima desses lances. Eu acho que vai ter pra troca.

Sem grana não tem (*Última Hora* de SP – Edição de 5/7/1969. Página 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, o tempo em que os cartolas engrupiam os boleiros está acabando. Antigamente um pistolão fazia negócio com o outro e o craque pegava as rebarbas. Mas a maré mudou. O Gerson foi vendido pro São Paulo e logo meteu a boca no trombone pra anunciar que queria a grana na frente. Ali, na morisqueta. Se não viesse uma giripoca em cima da outra ele passava no lance. É claro que estava certo. O mundo está cheio de cobra que mudou de time e anda batendo com a fuça na parede, se atucanando e os cambaus sem ver o dinheiro.

Meus cupinchas, agora vocês que sempre pegam a pior, sintam o peso da batota. O Palmeiras vendeu o passe do Cesar pro Botafogo da Carica. Tudo certo. Os cartolas meteram um crás-crás-crás no moço e ele se picou pro Rio. Chegou lá dando aqueles plás de sempre – “Vou botar pra quebrar”. “Botafogo meu segundo lar” tal e coisa. Mas logo se entortou. Os manda-chuvas de lá se escamaram pra dar o tutu pro rapaz. Ele veio cobrar do Palmeiras e os cartolas daqui saíram fora. Teve um jogo de empurra de dar nojo. E com essas e outras o Cesar que não é de dormir de touca saiu da dança. Deixou os cartolas falando sozinhos. E assim como quem não quer nada foi xeretar no Flamengo.

Meus cupinchas, outro que não entrou no grupo dos Cartolas foi Flávio. Na hora do Corinthians chutar ele pra frente espalharam que o bruto era o maior da paróquia. Na hora do Fluminense badalar a torcida com marola de grandes contratações, bochicharam que era o bom. Mas na hora de acertar uma nota com o artilheiro ele foi ficando sem valor. Virou bagulho e entrou pelo cano. Mas como não é loque não aceita as sobras. E é capaz de voltar pra São Paulo.

Os cartolas cada vez ficam pior (*Última Hora* de SP – Edição de 7/7/1969. Páginas 12. Caderno 1)

115 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

Meus cupinchas, o futebol brasileiro é o maior do mundo. Mas, só dentro do campo. Fora, tem os cartolas com suas mumunhas e macetes, e aí é aquela caca. E não adianta estrilo, que é o que mais tem quando eu escracho os pistolões. E juro por essa luz que me ilumina, que não faço de alegria. Muito pelo contrário: a gente que berra da geral gostaria de nunca ter que dar esculacho. Porém, a gronga que os manda-chuvas inventam são de entortar os patulás. Quando se juntam nas noites, pode apostar que vem um troço pra atucanar a torcida.

Meus cupinchas, vocês que sempre pegam a pior, sintam o peso da botota. Os cartolas que não dormem de touca, aproveitaram o embalo da seleção canarinho e aprontaram um xaveco¹¹⁶ dos mais cavernosos. Como a moçada estava de botuca ligada nas feras santas do João Saldanha, a F. P. F. deu a pua na Lei de Acesso. E ficou na base do agrião. Esse ano não desce ninguém. Tá bom? Te manca, vagau. Não desce ninguém. Ainda entra o Comercial da terra da Dereca, e o campeão da divisão de baixo. Dezesseis times vão disputar o campeonato burro de setenta. Ano em que os nossos cobras de maior valor têm que ir pra guerra da Copa. Mas, os cartolas não querem nem saber. O negócio deles é fazer política. Jogador, torcida e tudo mais é tratado como esparro. O que conta pros pistolões é fazer média nos conchavos escamosos de corredor. Que se dane o povo. Se a canarinho chegar esbagaçada no México, pros donos do futebol paulista não pega nada. Muito pelo contrário. Os panacas vão botar a boca no trombone pra espalhar crá-crás-crás de entrutar os craques e o treineiro. Vão vibrar se a gente der crepe na terra da tequila. Aí vão acusar a atual direção da canarinho. Que por sinal é ótima.

Meus cupinchas, abram os olhos de ver e vejam. Nosso futebol é o maior do mundo. Mas, tem traidor pacas minando a nossa retaguarda. Vamos marcando os brutos. E só eles botarem a fuça pra gente tomar nota. O Brasil pode faturar no México. Mas, primeiro tem que ganhar a moringa dos traidores da Pátria.

Presepadas dos cartolas (Última Hora de SP – Edição de 8/7/1969. Páginas 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, o futebol brasileiro é o maior do mundo. Mas só dentro do campo. Fora é aquela caca. Tem os cartolas com suas mumunhas e trambiques e aí a broca. Os majuras aprontam mil e uma presepadas. E cada vez fica tudo avacalhado. Nesse final de campeonato burro a coisa anda demais. Os pistolões estão aproveitando que a torcida saiu de banda e armam as maiores grongas da paróquia. O homem da geral está certo de se afastar. O embalo da parte final mixou. Acabou a lei do acesso. O que é que a negada que paga ingresso vai fazer no campo? Pra ver dois timecos fajutos se esforçando para perder e não ter que pagar bicho pros boleiros é melhor ficar em casa. Mas é aí que os manda chuvas se deitam.

Meus cupinchas, vocês que sempre pegam a pior, vocês que comem da banda podre, sintam o peso da batota. A legislação esportiva foi pro vinagre de uma vez. O XV de Piracicaba não tomou conhecimento desse negócio de jogador expulso numa partida não entra na outra. Esse plá de suspensão automática. O timeco da pinga dos esportistas meteu um mandato e foi em frente. Desconheceu. Repetiu o que o Fluminense da Carica fez com o Flávio. E deu certo. Agora ninguém mais dá feito.

116 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

Meus cupinchas, mas isso é até que não pega nada. Era meio escamoso esse trato. Dava sempre razão pro juiz. Xaveco¹¹⁷ cavernoso foi o que os pistolões da F. P. F. inventaram. Mais uma vez chutaram pra frente o julgamento dos jogadores do São Paulo que estão acusados de terem agredido o árbitro da partida contra o Palmeiras. Se espantaram. E com essas e outras vão fazendo o homem da rua esquecer do esquinapo. Depois nas encolhas perdoam os brutos sem muito crás-crás-crás. Podem apostar que vai ser assim. Sempre foi. Jogador de clube rico só entra bem por acaso. Justiça só tem mesmo pros pé de chinelo. Com essas é lenha. O Milton, do Juventus, está aí mesmo pra não me deixar mentir. Aprontou um salseiro e não teve deschavo. Entrou em pua. Rápido e rasteiro. Os cartolas da F. P. F. não deram colher de chá. Mandaram o moço pro beleleu. Mas também quem manda ele jogar no time da Mooca. Se fosse do Palmeiras, do Corinthians ou do Santos de glórias mil, livrava a cara fácil.

Duas decisões arrasadoras (*Última Hora* de SP – Edição de 8/7/1969. Páginas 10. Caderno 1)

A seleção jogou contra o Bahia e venceu bem, mesmo sem fazer muita força. “Treino é treino e jogo é jogo, por isso quando treino, não faço a mesma força que faço quando jogo”. Esta definição, textualmente correta é de nosso velho amigo Valdir Pereira, que marcou época no futebol mundial com o apelido de Didi.

Para os jogadores consagrados e donos de posição na seleção, empregar-se a fundo num treino é coisa considerada errada. E o próprio técnico João Sadanha está procurando apenas armar a equipe sem a preocupação da vitória. Por isso estes jogos no Nordeste servem apenas para fortalecer o conjunto, pra elaboração de jogadas e já é muito, é quase tudo.

Dois coisas das mais importantes para o futebol brasileiro ocorreram neste fim de semana. A reunião efetuada na Federação para suspender o mecanismo do rebaixamento previsto pela Lei do Acesso e o recurso do advogado Pedro de Andrade à Justiça Federal para conseguir permissão para os jogadores do XV de Piracicaba poderem jogar, contrariando aquilo que está disposto na deliberação 7/68 do Conselho Nacional de Desportos.

No primeiro caso, pode-se ter como certa uma reformulação completa da Lei do Acesso. Evidentemente um estatuto legal elaborado em 1948, vinte anos depois está realmente superado e necessitando de um reexame profundo e sério, capas de dar-lhe as mesmas condições de eficiência e praticidade que tinha quando de sua promulgação.

Não se pode, na época dos aviões a jato, quando a viagem à Europa é feita em apenas 10 horas manter-se os mesmos esquemas da época em que para se ir a Belém do Pará, nos heroicos DC3 despendia-se 12 horas no mínimo.

Para que se tenha uma ideia precisa acerca da situação atual da Lei de Acesso basta se citar o caso do Corinthians de Presidente Prudente, que para enfrentar um adversário na primeira rodada do Campeonato da Primeira Divisão teve de jogar com dez homens apenas, pois contava então com sete profissionais e pelo regulamento não podia incluir mais do que três amadores na equipe.

A Lei de Acesso existe em todos os países do mundo e cumpre a sua finalidade. Por isso deve ser mantida em São Paulo. Precisa porém ser escoimada

117 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

[sic] das falhas existentes e dos pontos que foram superados pelo passar do tempo. Não pode ser mantido o atual critério de se promover o campeão da Primeira e rebaixar o último, sem levar em consideração as condições reais de ambos, sobretudo do que é promovido pois assim ocorrendo, estaremos tirando ao acesso a sua principal finalidade, a de fortificar cada vez mais o futebol, não permitindo que determinados clubes “durmam à sombra do boi”.

Difícil mesmo vai ser resolver o choque cada vez mais acentuado entre a legislação esportista e os advogados que estão indo a cada dia com mais frequência ao Judiciário, buscar remédios para seus males, ou seja decisões da justiça comum para neutralizar o efeito das determinações regulamentares que visam coibir a indisciplina em campo. A menos que o Supremo Tribunal Federal reedite posição assumida no passado, mantendo a constitucionalidade das leis esportistas, dentro em pouco estaremos com os campeonatos tumultuados, o passe liquidado e a indisciplina campeando de tal sorte, que veremos então policiais entrando em campo para prender jogadores, autuando-os em flagrante por agressão, desrespeito etc. então será o fim.

Cadê a carne (*Última Hora* de SP – Edição de 9/7/1969. Páginas 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, vocês que sempre pegam a pior, vocês que comem da banda podre, sintam o peso da batota. O cartola-chefe do Esporte Clube Bahia meteu a boca no trombone para anunciar que a renda do jogo do Brasil contra os baianos foi fajutada. A renda escrachada é de 320 milhões e carqueradas. Mas o pistolão que chiou acha que deu mais, e alguém que ele não deda, enrustiu uma boa grana. Diz o bruto que geral e arquibancada a 10 mil e cadeira numerada a 40 mil, tinha que dar mais. O estádio estava a três de alto. Tinha nego se pendurando pelos picos. E por essas e outras ele acha que afanaram a renda.

Meus cupinchas, o cartola dá o estrilo e fica tudo assim mesmo. Quem pode se fecha em copas, não manda conferir e fim. A catraia furada vai sendo remada em águas barrentas. É nesses pererecos que a guerra fica avacalhada. A coisa não pode mixar assim barato. Se um pinta que tem cargo, que sabe das mumunhas e dos trambiques engessa um troço e porque tem truta. O Zagaia que sabe das coisas sempre diz:

– Se tem fumaça tem fogo.

E se o Zagaia diz é que é. E a cana devia se achar a esse malho. Com uma prensa o tutu aparece. Mas mesmo que não desse em nada já servia. Pelo menos os cartolas iam ficar assombrados e nos próximos rondes [sic] maneiravam¹¹⁸ mais. Porque o centro é o seguinte: ou meteram a mão na bufunfa¹¹⁹ e quem meteu tem que ir em galera, ou o cara que bochichou está só chutando pra fazer média e tem que se mancar que não pode mais aprontar xaveco¹²⁰ cavernoso sem provar.

Meus cupinchas, de marola a gente que berra da geral está farta. Crás-crás-crás a curriola escuta de monte. Esses plás de que a renda de uma partida é abafada sempre têm. O que nunca aparece é o ladrão. Caguetagem é um troço escamoso. Só serve pra fundir a cuca do homem da rua. Nunca leva a nada de bom. E o futebol brasileiro, que é o maior do mundo, não pode viver com essas ondas.

118 Termo atualizado; no original de jornal consta “mandeiravavam”.

119 Termo atualizado; no original de jornal consta “bofunfa”.

120 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

Isso fede. E os gringos ficam só na paquera com suas botucas ligadas no lance e partem daí pra esculachar nosso futebol de glórias mil. Chega de papo careca. Vamos jogar com a bola no chão. Que é assim é que tem que ser.

Meus cupinchas, vocês sabem tanto quanto eu que o futebol é a nossa alegria. Só os cartolas se esforçam pra desconhecer. Eu acho que se continuar assim bagunçado, o esporte das multidões logo se atola. E daí já viu. O povo fica abilolado. Pra não acontecer isso era legal se o governo desse uma espiada nas Federações.

Cada vez fede mais (*Última Hora* de SP – Edição de 10/7/1969. Páginas 10. Caderno 1)

Meus cupinchas, o futebol brasileiro é o maior do mundo. Mas só dentro do campo. Fora é aquela caca. Tem os cartolas com suas mumunhas e trambiques e essa raça maldita avacalha tudo. Toda vez que os pistolões se metem a ter ideia podem apostar que aparece uma gronga cavernosa. Enrustem a grana dos jogos e os cambaus. A partida entre a seleção canarinho e os baianos está aí mesmo pra não me deixar mentir. Todos os jornais da terra do Caetano Veloso apontaram o xaveco¹²¹. Fajutaram a renda. Não te babado. Até um cartola chiou. Claro que o bruto só fez porque ficou fora da marmita. Mas o que conta é que ele deu berro. Mas deixa andar. Um dia a casa cai. Tem que cair. Daí o meu sarro vai ser levar cigarro pros cartolas em cana. Não de dó. Que eu não sou de ter pena de quem esculacha a alegria do povo, que é o futebol. Vou de alegre para ver a fuça dos pilantras. Mas tudo isso é crás-crás-crás. O plá legal é o que deu o “Esporte Jornal” lá da boa terra.

Meus cupinchas, vocês que sempre pegam o pior, vocês que comem da banda podre sintam o peso da botota. O “Esporte Jornal” escracha o lance direitinho. O futebol baiano está matando cachorro a grito. Está no virador. Tudo quanto é time daquelas bandas está a perigo. Se agarrando nos patuás das mãos de Santo. Apelando pras mandingas e tal e coisa. E os cartolas da boa terra que são escamosos pacas, iguais aos de São Paulo e do Rio e de qualquer lugar do mundo se badalam. Não querem nem saber das grongas. Vão remando em maré mansa. Tiram os clubes de letra. O dinheiro que entra é enfurnado e os pistolões vão fazendo empréstimo. Cada vez devem mais. É uma zorra safada. Não cuidam de nada. Diz o grande patriota que escreveu a matéria do “Esporte Jornal”, que a Federação Baiana não recolhe INPS e está com o salário dos seus funcionários atrasados pra xuxu.

Meus cupinchas, se agarra na tua fé pra não cair. Ainda tem mais. Os contratos dos boleiros baianos não são registrados na C. B. D. é um perereco. Teve até um jogador do Itabuna que se mancou no assunto e deixou se time no “ora veja”. Deu pinote. É porque seu contrato não estava registrado não pegou nada. Ficou de barra limpa. Fácil, fácil. Deixou os cartolas falando sozinhos. Mas eles que são doidos por banquetes, se juntam, pegam um gurdurame macio, desses que a maioria da torcida só vê em dia de Natal, quando vê, mas que os pistolões rangam todos os dias e se arregalam. Daí arrotando acertam as pontas, se fecham em copas. E quem se dana é o futebol do mundo. Mas que se continuar nessa bagunça escrota, vai se atolar em dois anos.

121 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

Meus cupinchas, vocês sabem melhor do que eu que o futebol é a alegria do povo. Todo mundo sabe. Só os cartolas teimam em desconhecer. E com essas e outras, vai tudo pro vinagre. Era a hora boa do governo fazer devassa nas Federações. Tem muito lixo embaixo das fachadas. Já está até fedendo. Precisa ser limpo com urgência. É necessário uma faxina pra valer.

Obrigado, Ponte Preta (*Última Hora* de SP – Edição de 11/7/1969. Páginas 12. Caderno 1)

Meus cupinchas, nesse tempo difícil eu tenho encarado os maiores xavecos¹²². É gronga de todo lado. E as portas vão se fechando pra mim, unicamente porque cometi o crime de escrever peças de teatro que emplacaram. Sabe como é. Sucesso machuca muita gente. Mas deixa andar. O que conta aqui é que a Ponte Preta de Campinas com toda sua grandeza me recolheu nessa hora amarga de perseguição e revanches. O plá foi assim. O Ginaldo de Souza e a Vera Viana depois de rodarem pelo Norte e Nordeste com a peça “Quando as máquinas param” vão para o sul. Cumprir o grande destino de mambembero. Levar nas mais longínquas cidades o teatro da moda. Mas vamos lá. De passagem por São Paulo resolveram fazer um espetáculo em Campinas. E aí se deu o esquinapo. A bela cidade só tem um teatro. E o dono dele é a Prefeitura. Que botou um dono da cultura pra tomar conta do templo. E aí foi broca. O panaca com as suas ideias de jerico¹²³ botou banca. Não deixou o Ginaldo e a Vera usarem o seu teatro. Que é como o majura chama o teatro da Prefeitura. E não deixou unicamente porque a peça era minha. O boboca enchia a boca pra anunciar que Plínio Marcos é uma droga. E que ele não gosta de mim nem do que eu escrevo. Provavelmente também me xingou de comunista. Mas se não xingou[,] pensou. E com essas e outras, os atores ficaram no ora vejam. Não adiantou explicar que a peça está liberada pela Censura Federal. O Goiaba no seu cargo de zelador da cultura campineira se sente maior que Deus. E não deve por onde. O crás-crás-crás do bruto era um só. Plínio Marcos aqui nunca.

Meus cupinchas, aí entrou a Ponte Preta com a generosidade de um time do povo. E sem babado abriram suas portas. Receberam os artistas e o público no seu Salão Nobre. E foi o sucesso.

Meus cupinchas, onde você me vê eu estou. Ando por todo canto. Não tenho mumunhas na moringa. Mas tenho que encarar mil salseiros. É delegado que não quer me ver na cidade[,] é prefeito que engrossa pra mim[,] é padre coroa que acha que eu sou o demônio e dono de cultura que me avacalha e tudo. Teve até o caso dos cartolas da F. P. F. que não deixaram eu apresentar a “Navalha na carne” no Teatro Cacilda Becker. Sente aí o peso da b[at]ota. Os pistolões que não entendem nada de bola resolvem provar que não entendem de teatro também. A F. P. F. pra quem não sabe[,] é dona do teatro que leva o nome da Rainha. E por isso me deram o breque. Claro que me mandei pra outro pesqueiro e estou fazendo a roseira balançar. Mas tudo isso é normal. Nem me apavoro. Aguento as pontas e vou remando em águas barrentas.

Eles que nunca conseguiram se comunicar com uma plateia não se conformam comigo. O panaca campineiro deve estar de cuca fundida. Fechou o

122 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecos”.

123 Termo atualizado; no original de jornal consta “gerico”.

teatro do povo lá da sua terra. E pra seu desgosto a Ponte Preta funda outro pra todo mundo.

Meus cupinchas, há males que vem pra bem. E está aí, a Ponte Preta que não me deixa mentir. Botou pra quebrar. Rompeu com a escama do dono da cultura e quem ganhou foi o povo de Campinas. E por gente como a da Ponte Preta que eu acredito no Brasil. Grande. Gente sem ódio, livre de preconceitos, meus irmãos. Eu amo a Ponte Preta. Sou mais um torcedor da gloriosa Macaca.

Meus cupinchas, tchau (*Última Hora* de SP – Edição de 12/7/1969. Páginas 13. Caderno 1)

Meus cupinchas, chegou a hora do vosso chapa tirar o time de campo. Claro que eu vou bambeando. Meu tempo aqui foi curto, mas eu mandei ver com aquela fé que é o meu embalo. Disso tenho certeza, atucanei bem a vida dos canalhas. Comigo a corja maldita não pegou maré mansa. Tudo quanto foi babado cavernoso que minhas botucas de ver viram, eu esculachei. Se entrei em alguma botota foi sempre do lado mais fraco. Os arquivos do jornal estão aí mesmo pra não me deixar mentir. E por essas e outras, vou continuar em paz comigo. Fiz tudo direitinho como papai e mamãe me ensinaram. Não dei arreglo pra nenhum panaca. E chance não faltou. Só que os compromissos que eu tenho é com a negada que berra da geral, que são os meus iguais. O resto é bafo de boca. O Lau barbeiro, meu chapa de todas as batalhas e o Zagaia que quando diz que é. Sai dessa dança também. A gente anda junto. E vamos continuar navegando em águas barrentas.

Meus cupinchas, vocês que sempre pegam a pior, vocês que comem da banda podre, sintam o peso da botota e podem apostar sempre em mim que não sou afinado. Não vão embarcar em bochicho dos loques. Meus inimigos, (embora eu tenha poucos anos de vida, já tenho inimigos as pampar[r]as) vão aproveitar o recreio e me dar cacete. Mas como sempre tem um dia atrás do outro[,] não vou deixar nada no barato. Quem ciscar, já viu. Vai ter troco. E aí vai ser na base do agrião. Vou cuidar de um outro pesqueiro e logo boto as fuças de novo. Estou aí mesmo. Até o fim do ano lanço o meu livro “Beco sem saída” e vou defendendo o pão dos meus pivetes como ator. Depois a gente vê o que dá pedal. Onde vocês me verem eu estou. Legal. E tchau.

2. 9 – As crônicas de julho de 1969 – Coluna Plínio Marcos escracha

[Plínio Marcos escracha:] Nego Orlando, valente de profissão (*Última Hora* de SP – Edição de 6/7/1969. Páginas 6 e 7. Caderno 1)

Meus cupinchas, [o] boteco La Boeme era uma pedreira dentro da boca pesada da noite santista. Ali a curriola mais cheia de trambiques e macetes se juntava pra rolar os dados e depenar os patos que se chegavam ao jogo de bozo. Mas em roda de nego que sabe das coisas, nunca tem estrilo. Salseiro atrai a cana. E daí já viu. O pesqueiro fica manjado e vai pro beleleu. Essa era a lei. E o Arnaldo Jegue tentou escrachar o lance pro Caroço, um três vezes oito dos mais invocados que já teve no mundo. Mas o desmunhecado não quis saber. Quando metia um fumo na cuca, virava leão. Se enfeitava todo e saia pra rua a fim de encrenca. E tinha lenha pra queimar, além de gostar de apanhar. E com essas e outras mumuhas

na moringa, o Carçoço não deixava nada barato. E só de marra engrossou com o Jegue.

Bem que o cara tentou sair fora. Engrupiui, puxou crás-crás-crás, deschavou e os cambaus. Mas o Carçoço não relaxava a bronca. E não teve outro jeito pro Arnaldo Jegue. Encarou. Meteu a mão na fuça do Carçoço. E foi aquele enxame. O três vezes oito fez um escarcéu. Botou a boca no trombone. Berrou pacas. E ficou atucanado porque a turma do deixa disso despartou a pauleira. Não queria se arrancar.

Foi nessa hora que o Nego Orlando ia passando pelo boteco, resolveu meter as botucas no perereco. Não devia. Mas é como diz o Zagaia:

– Tem cara que não pode ver defunto sem chorar.

E se o Zagaia diz é que é. O Nego Orlando foi espiar e se mancou que os dois caras que estavam no bolo eram da sua botota. Entrou pra acabar com a gronga. Sempre tinha sido respeitado. Foi dar uma mão. Falou com o Jegue e não teve mosquito. Daí foi no Carçoço. Mandou o pessoal largar o mino e levou-o pra rua pra bater um plá e avacalhar a guerra. Falou devagar. Tentou dobrar o três vezes oito no papo e tirar ele de onda. E aí o Carçoço se encheu de razão e azedou com o Nego Orlando.

– Tu também é tihoso seu crio[u]lo nojento. Não tinha nada que meter o bedelho. A bronca não era da tua conta.

O Orlando ainda tentou manear.

– Que é isso Carçoço? Tá me estranhando?

– E o desmunhecado deu mais carga.

– É isso mesmo sim. Tu me trouxe pra fora quando eu tava no prejuízo. Tomei uma biaba e não dei troco. Isso não fica assim. Vou acertar aquele miserável. E se tu puser a fuça tem pra ti também.

Meus cupinchas, foi aí que não prestou. O sangue do crio[u]lo esquentou. Ele não se aguentou. Comprou o barulho. E o pau comeu. O Orlando era briga pra sete ou oito homens. O Carçoço só tinha a gana pega. Mas vontade é fogo. Força de querer, equilibrar qualquer babado. E nessa não deu pra turma do deixa disso entrar. Logo de saída o crio[u]lo levou vantagem. Acertou as janelas do Carçoço. E foi em frente. Só dando pancada. E não podia parar. O três vezes oito vinha sempre em cima. De lata arrebetada, melado escorrendo e os cambaus[,] o Carçoço não se arrancava. O Nego Orlando entre uma e outra sapatada avisava.

– Te manda Carçoço. Não quero te matar.

Mas o inimigo não escutava. Vinha cego pra cima do crio[u]lo que só tinha que tirar o corpo da reta a carimbar. E foi numa dessas que o Orlando acertou um cacete em cheio no Carçoço. Ele rodou e se arreiou inteiro. No tombo bateu com a nuca no meio fio. Não se mexeu mais. Veio ambulância, veio tudo. Não adiantou. Dois dias depois estava confirmado. O Carçoço se apagou. O crio[u]lo quis dar pinote mas não pode. A cana foi na sua captura. E o Orlando foi em galera. Pra puxar um tempo pelo estarro do três vezes oito.

Ninguém é ninguém¹²⁴

Meus cupinchas, muitos sábio de cucas iluminadas já se atucanaram por caminhos cavernosos e acabaram abilolados¹²⁵ na tentativa de escracharem os

124 Grafia atualizada; no original de jornal está em negrito.

125 Termo atualizado; no original de jornal consta “anilolados”.

mistérios da moringa dos homens. Não sou eu que vou embarcar nessa catraia furada. Sou só o repórter de um tempo mau. Conto os fatos que minhas botucas de ver veem. Não julgo. O herói, o assassino, o santo, o ladrão pra mim sempre são mais produtos das chances. E o Nego Orlando está aí mesmo para não deixar ninguém desmentir. Ele apagou o três vezes oito. Por isso foi punido. A gente poderia ficar cem anos e alguns dias discutindo o salseiro. Precisava entrar nessa briga? Não precisava? Mas moral é uma questão de lugar. Nas bocas pesadas das noites santista[s] o Orlando não podia enjeitar o pau. Nem ele, nem ninguém. Se sai fora da dança ficava esculachado pra sempre. Ser avacalhado por um desmunhecado na frente do povo e botar o galho dentro teria que receber diploma de esparro. Até o mais loque ia querer fazer piquenique na sua sombra. Os pivetes que estivessem a fim de ganhar nome iam atucanar a sua vida. E a gronga ficava medonha. Pra ganhar respeito outra vez teria que mandar uns dez valentes pro vinagre. Foi por isso só que teve que acertar o passo do Caroço. Pra não perder as divisas. Deu crepe. O inimigo morreu. O Orlando não queria isso. Mas querendo ou não entrou em fria. Foi pra ilha Anchieta. Quem deve tem que pagar. E o próprio Orlando conta.

– Pois é! Foi sem remédio. Quem deve tem que pagar.

– Era duro o troço na ilha?

– Nem te conto meu chapa. Só por isso a curriola se endoidou e botou pra quebrar. Lembro como se fosse hoje. E olha que já passou água às pamparas por baixo da ponte. Foi no dia 22 de junho de 62. Que zorra. Vi coisas de assombrar. A negada carregava muita bronca dos homens. Fome, pancada, judieira de todo jeito foi machucando o gango. Daí aconteceu. Zorra encarnou no povo. Ninguém queria saber de nada. Todo mundo só queria a forra. Saíram matando a torto e direito. Apagaram uns que mereciam umas três mortes. Daquelas devagar. Morte doída pra eles sentirem bem. Mas também apagaram uns caras que não tinham nada que ver. Me lembro de um guarda gordão que tinha lá. Esse pinta já estava transferido. Ia se mandar da ilha. Dois dias antes do pega pra capar ele não quis largar o cacete num preso. Era bom esse homem. Na hora do vamos ver isso não contou ponto. Arrastaram o bruto pra fora. Estenderam ele no chão e vararam as tripas. Foi de dar dó. Por esse eu não pude fazer nada.

– E você fez por alguém?

– Fiz! Fiz e não me arrependo. O China Show, o Boca Larga e o Gerico levaram uma batota pra escola. Foram berrando que iam fazer e acontecer com os filhos dos homens e com a professora. Seu moço me ancabritei. Lembrei dos meus pivetes.

– Você tem filhos?

– Cinco. E uma neta. Linda a guria. Mas deixa andar. Foi lembrar dos meus bacuris e virar bicho. Gritei pra eles: “Não botem a cara com as crianças”. O China Show quis me [sic] conversar. Meteu um plá mas não marcou. Avisei bem. “Não botem as fuças com os nenéns”. Eles ciscaram. Apanhei a primeira coisa que vi na frente e encarei. Era uma machadinha. O Boca Larga ainda quis forçar a barra. Deu o seu estrilo. “Sai daí negrão, senão tu entra também”. Não me rendi. E o China se mancou que eu não estava fazendo graça. Achou melhor tirar o time de campo. Livrei a pele das crianças.

– Eram muitas?

– Um monte! Mas se fosse uma já valia a pena. Criança é criança. Vê minha neta. Que beleza. Quem pode querer fazer mal pra uma coisa linda? Só mesmo estando ruim da telha. Por causa dessa presença ganhei perdão. Me saí bem.

– Tu contava com isso na hora que encarou?

– Que nada. Do jeito que a curriola estava eu só contava levar uns três ou quatro comigo pro inferno.

– Tu se sente indo pro inferno?

– Eu não! Nunca fiz mal a ninguém.

– Mas dizem que tu é valente tal e coisa. Que apronta.

– Bafo de boca! Valente eu? Valentia nunca deu camisa pra ninguém.

– Mas tu não come enrolado. Come?

– Isso não! Mas isso não é ser valente. É uma questão de homem. Não crio caso. Mas não vou deixar ninguém atravessar no meu caminho. Vivo minha vida e deixo os outros viverem. Mas tem cara que procura. Aí já viu. Comigo encontra.

– Tem gente que te provoca.

– Pra tu ver. Em 59 eu estava à toa. O Palmeiras vinha jogar com o Santos aí na Vila. A torcida estava pedindo a moringa do Brandão que era o treineiro do Palmeiras. Aí ele deu um alô pro Cabral Júnior. Lembra dele? Era dono de orquestra e tudo.

– Lembro. É o Cabralzinho boleiro lá do próprio Palmeiras.

– Esse mesmo. E por falar nisso esse pivete é um bolão.

– Eu manjo. Mas não está tendo colher de chá naquelas bandas.

– Sabe como é política. Mas deixa andar. O papo é que o Brandão pediu pro Cabral velho pra arrumar cobertura. O Cabral falou comigo e não teve mosquito. Entrei no campo com o Brandão e com os diretores. Fiquei com ele tudo legal. O Santos deu 7 x 3, não teve problema. Assim mesmo os homens gostaram de mim. O Brandão falou comigo se eu queira ficar com eles. Precisava. Topei. Andei pra lá e pra cá com o Palmeiras.

– Dava muito bochicho?

– Que nada! Eu só ficava ali mesmo. Chegava nos boleiros e tirava o baralho deles na hora deles dormir e tudo. Era um sarro. O Djalma Santos, o Julinho, o Chinezinho gozavam quando eu chegava falando. “Da cá o baralho seus pilantras”. Eles chiavam. “Chegou o pau mandado”. Sabe como é. Ninguém queria ir dormir. Fui tirar o troço a limpo.

– Precisava tu dar uma dura neles?

– Precisava.

– Eles não respeitavam o Brandão?

– Respeitavam! E muito. Eu ia dizer que esse era o meu serviço. Pra isso eu ganhava nas vitórias e nas derrotas.

– Nunca tu teve arranca-rabo por aí?

– Nunca!

– Nem no interior?

– Como?

– Com a torcida do time da casa?

– Só uma vez. Foi em Guaratinguetá. O Chinezinho fez um gol e um diretor do Palmeiras fez festa. Um trouxe de lá gritou com ele: “Aqui não pode torcer contra a gente”. Eu disse pro caipira que o cara era diretor do Palmeiras e podia torcer. Ele não quis acreditar. Deu terra. Tive que dar pancada numa meia dúzia de caipiras. Mas foi só. Coisa pouca. Depois que acabou o campeonato é que ficou ruim.

– Por quê? Não te pagaram?

– Até pagaram bem. Mas é o tal negócio que eu estava falando. Esse dos caras que se metem na vida dos outros. O Palmeiras disputou o super-campeonato com o Santos e ganhou. Quando acabou tudo eu fui dispensado. Voltei pra Santos. Minha terra é aqui. E fui levando. Um dia entrei no Bar Coliseu e tinha uma moçada discutindo futebol. Eram todos do Santos, mas estavam por fora do assunto. Eu falei pra moçada que o Santos tinha entrado bem porque botou em campo dois boleiros sem condição de jogo. E era verdade.

– Tu lembra quem eram?

– Claro! O Jair e o Pagão. Estavam machucados. Falei e um tal de Doti que tu deve manjar, o negócio dele é jogo do bicho. Tu manja?

– De nome.

– Pois é[,] ele se invocou. Levantou a voz e começou a perturbar. “Tu é traidor santista. Nasceu aqui e foi cobrir aqueles palmeirenses nojentos. Vê o que tu ganhou. Um chute. Bem feito pra deixar de ser escamoso”. Eu disse a ele que só tinha ido ganhar meu rango e já ia partir pro pau. Mas a turma desapartou. Aí deu em nada. Podia ficar no barato. Mas o cara estava mesmo a fim de me atucanar.

– Acabaram se pegando?

– Mas não nesse dia. Eu estava lá no Samba e ele apareceu assim como quem não quer nada. Sentou numa mesa e ficou só paquerando. Ele estava com curriola. E um tal de Boladeiro, do gango dele, se azedou com uma moça. Diz que diz o tal pinta puxou das armas. Mas um tira [que] estava a passeio chegou e deu uma dura no bicho. Desarmou fácil e meteu a pulseira. Veio o carro e o bruto lá estava dentro. Eu não tinha nada com a história. Fui bancar o legal. Conversei [com] o tira e relaxei a bronca. Tu vê? Daí estava tudo na paz. Mas o tal de Doti pôs a lenha na fogueira. Falou pra mim: “Tu é nojento mesmo crio[u]lo. Além de palmeirense é amigo da polícia. Tu não presta”. Fui nele. Mas não deu. Outra vez a turma do deixa disso se meteu. Ele se mandou.

– Acabou assim?

– Que nada. Quando eram umas três da matina me deram uma dica. O Doti estava parado na esquina da Braz Cubas com a General Câmara. Estava no carro e de motor ligado. Eu quis sair pra ir resolver, mas o garçons do Samba não deixaram. Foram eles mesmos confirmar. Quando chegaram perto da caranga, o Doti saltou, pôs as armas em cima e mandou os garçons andarem. Disse que a bronca era comigo mesmo. Mas se eles quisessem, entravam também. Os meus chapas saíram fora e me deram sinal. Não me aguentei. Fui tirar o troço a limpo.

– Tu estava com arma?

– Sou algum loque? Fui pro que desse e viesse, mas estava indo e não deu. O carro do cara arrancou e na passagem ele me meteu tocha. Me acertou. Fiquei vai não vai. Mas não fui. E estou aqui.

Encarando sempre¹²⁶

O aqui do nego Orlando é a noite santista. Foi lá dentro que eu encontrei com o meu chapa e levei esse papo todo. Ele sabe tudo das bocas. Eu era pivete e me embandeirava nessas jogadas e é daí que eu manjo o crio[u]lo. Sempre foi boa praça. Nunca perturbou sem razão. É verdade. Mas era uma parada. Eu vi com essas botucas que a terra vai comer uma pauleira dele com uns cinco gringos. Faz muito tempo, eu ainda era soldado na Aeronáutica. O negrão nem se lembra. Mas eu nunca esqueci. Um dos estranjas entrou em bobeira e mexeu com uma bailarina do El Moroco. A mina não embarcou na canoa do panaca e como prêmio recebeu um bofeto na lata. O Orlando se doeu por ele. E só pena voou. Veio cinco loiros nos peitos do crio[u]lo. E foram poucos. Podia vir até o navio inteiro. Juro por essa luz que me ilumina que tinha lenha. No pé, na mão, na cabeça o Orlando tinha mil catimbas. Os gringos tiveram que se espantar. Me marcou. Nesse tempo eu escutava os mais coroados contarem façanhas de valentes do cais do porto: Peixinho, Toninho, Navalha, Adegas, Frederico Cabeleira, Simião, Maneco Lalau e outros. Os plás eram cavernosos, eu quis saber do Orlando como é que era. Se era história ou papo firme. O meu chapa não fez mistério, foi entregando.

– Peixinho Navalhada, Adegas se acabaram. O mais quente foi o Adegas. O garoto era lenha. Tinha seu pesqueiro no Salão Azul da Zezete. Só de joia essa mulher tinha os potes. Andava toda coberta. O Leão também era boa pinta. Ele se invocava quando alguém chamava ele de leão. Só eu tinha essa folga. Às vezes ele estava escabreado eu chegava nele e só pra encher dizia: “Sossega, Leão”. Ele emburrava e falava: “Poxa crio[u]lo”, “tu sabe que eu não gosto de apelido”. Mas era só. O Adegas era um cara de coração de ouro. Se às vezes via alguém meio jururu ia logo charlando: “Qual é o molho?” E se o pinta chorasse as pitangas, estou precisando de uma grana¹²⁷ e tal e coisa. Ele metia a mão no bolso e aliviava. Só dizia: “Estava. Já não está mais”. Agora, com raiva, era o capeta. O que tinha de boa pinta tinha de disposição. Não enjeitava nunca. E com ele era ali. Se puxasse das armas era pra valer.

– Alguma vez tu teve encrenca, com algum desses?

– Nunca. Eles me respeitavam. Só com o Peixinho uma vez tive um bate-boca. Mas foi coisa pouca. Ele deixou pra lá.

– Me conta.

– Besteira.

– Mas quero saber.

– Foi lá na toca do Peixe, um boteco na rampa do mercado que era do próprio Peixinho. A gente estava fazendo um bozo e eu ganhei dele num ponto difícil. Meu ponto era o quatro e não deu outra coisa. Ele bronqueou. Mas eu cortei logo: “Se quiser pode vir. No braço não te conheço. E nas armas é pra quem der mais sorte”. Ele saiu fora. Nem sei o que deu na cuca dele. Mas foi melhor. Não vale a pena.

– E os valentes de agora?

– Acabou isso.

– Mas tu tá aí de leão de chácara?

– Leão de chácara uma ova. Não tá vendo o guarda de serviço?

– Pois é.

126 Grafia atualizada; no original de jornal está em negrito.

127 Termo atualizado; no original de jornal consta “grama”.

– Então se tem o guanaco aí, pra que leão.

– Então, que tu faz aqui?

– Meu batente.

– Mas qual é teu malho?

– Sou relações públicas.

– E o que tu faz?

– Muita coisa. Danço com as minas que vêm de fora, levo papo com os amigos e tal.

– Está na maré mansa?

– E não é pra tá? Já dei muito duro. Agora estou com quarenta e nove anos, preciso ir devagar.

– Mas tu ainda baila bem?

– No tapete amarelo, não conheço bem pra mim.

– Nem o Pescadinha?

– Mas o que é isso?

– E o Sarará?

– Olha meu, se tiver uma chance, aposta em mim. É grana em caixa. Tá bom?

– Agora dá uma pala.

– Mas outra? Eu tenho que cuidar da vida. Tu tá a passeio, mas eu não.

– Só mais uma.

– Então manda.

– Tu tem nome. Sempre teve. Aparece por aqui algum pivete te procurando pra te bagunçar o coreto e ganhar fama?

– Às vezes. Mas se eu puder tiro de letra. Dispenso. Não estou a fim de provar nada.

– E quando não dá?

– Bom daí não tem jeito. No Carnaval tive uma encrenca. O pinta chegou aqui fazendo zoeira, chapou uma mina, aprontou mil pererecos, folgou com o guarda, não queria respeitar ninguém. Era um pilantra acostumado a fazer confusão. Fui levar um plá com ele. Mas não prestou. Sacou a draga e ia me queimar. Dei primeiro que não sou loque. Era ele ou eu. Me safei. Mas não atirei pra apagar. Se quisesse era mole. Mas não quis e não quero. Quero sossego. Vou tentar relaxar essa bronca e nunca mais vou me meter em outra. Olha aqui. Nem arma carrego.

Com esse plá levantou a camisa e mostrou a cinta. Não carregava arma. Deu uma risada e saiu dançando.

[Plínio Marcos escracha:] Este Luciano é um artista (*Última Hora* de SP – Edição de 13/7/1969. Páginas 8. Caderno 1)

Meus cupinchas, quando o Parque Teatro Atlas armou suas presepadas na Ponta da Praia foi aquele estouro. Logo de saída emplacou. Vinha nego de baixada santista se badalar nas geringonças do mafuá. Roda-gigante, trem-fantasma, barquinha e os cambaus faturavam pacas. Mas logo a onda foi passando e a espelunca ficou entregue às traças. Aí o dono do Atlas que estava a fim de beliscar

mais uma nota dos loques, começou a bolar mil xavecos de engrupir panacas. O que deu mais certo foi um concurso de calouros. Sabendo que o Zagaia diz:

– Quem não arrisca não petisca.

E se o Zagaia diz é que é. O pilantra mandou seus pontas botarem a boca no trombone e espalhar pelas quebradas da cidade que o prêmio pro cantor mais bidu ia ser de duas lucas [sic]. Foi aquela zoeira. Deu até bochicho. Um delegado invocado mandou conferir. Dois mil cruzeiros nesse tempo aí era uma grana sonora. E todo mundo que estava no grito embarcou nessa catraia furada. Os caras mais abilolados da paróquia se alistaram nessa guerra. Toda a batota com a gana pega. Ninguém quis saber de se mancar. Pinta que nunca tinha aberto o bico meteu as fuças. E com eles os minos que cantavam direitinho. E com essas e outras voltou a chover na horta do parque Atlas. Os badulaques voltaram a girar. Noite de calouro aquilo fervia. Ficava a três de alto. Gente se pendurando pelos picos. E o concurso só começava quando a moçada já tinha deixado a bufunfa¹²⁸ nas máquinas cavernosas.

Quem entrou nessa jogada foi o Luciano Juqueri, cantor oficial do bairro do Aquário. E entrou pra ganhar. Todo seu gango levava fé nele. E o moço foi pras cabeças. Ensaiou pacas com o regional do Flavinho. E tirou de letra a fase de classificação. Não tomou nem conhecimento dos outros candidatos. Ficou pra disputar a final. Com essas e outras a sua torcida se embandeirou. A batota ligava as antenas nos outros participantes e já contava com a vitória do Luciano. Apostavam qualquer coisa no bruto. Davam lambuja e tudo. E foi com esse embalo que o moço encarou o dia da decisão com os outros cobras.

Pra não ter estrilo contra sua banda, o dono da espelunca escrachou que o julgamento ia ser na base dos aplausos. Teve crás-crás-crás de todo o jeito. Uns dois ou três calouros que estavam sozinhos na parada tiraram o time de campo. Não quiseram entrar em fria. E fizeram bem. O lance era maroto mesmo. Mas o Luciano nem se afobou. Deixou andar. Sabia que seu bairro inteiro estava na cobertura. Ficou na paquera. Viu quando o primeiro candidato recebeu aquela vaia. Foi tanto esculacho que entortou o cantor. Na metade da música o pinta se embananou. Perdeu o tom e foi pro vinagre. O segundo que se meteu foi melhorzinho. Apesar de todo escarcéu da plateia, chegou no fim da música. Mas não emplacou. E tocou a vez do terceiro. Aí se deu a gronga. O cara tinha torcida. E não prestou: O pessoal do Aquário perturbou. Teve bronca. E o pau comeu. Foi um salseiro dos mais tinosos. Só pena que voou. A lenha começou dentro do parque e foi rolando pra rua. Teve corre-corre de meter medo. Uns no meio da catimba, outros só de xeretas foram com o bolo. E o concurso ficou abandonado. Mas nem por isso o locutor se acanhou. Meteu ficha. E nessa o Luciano entrou pelo cano. Quando cantou só tinha meia dúzia de gatos pingados de botucas acesas. E esses não deram colher de chá. Apesar de acharem que o cantor do Aquário era bom, se amoitaram. Guardaram os aplausos para um calouro que veio depois e que era da família. E não teve jeito pro Luciano. Perdeu apesar de ser o melhor.

Nem tudo é glória¹²⁹

Meus cupinchas, Luciano Fonseca é um dos bons cantores que eu manjo. Se seu nome hoje não é mais conhecido é porque faltou sorte pra ele. O que aconteceu com o pinta lá no parquinho foi uma constante em sua vida artística. Na hora do “vamos ver” sempre entra areia e o rapaz fica no talo. Vai largando sua brasa nas noites santistas. É o rei dos cabarés. Está sempre firme na casa da moda. E foi lá no

128 Termo atualizado; no original de jornal consta “bofunfa”.

129 Grafia atualizada; no original de jornal está em negrito e caixa alta.

Vagalume que eu encontrei o meu chapa. Me encostei como quem não quer nada e fiquei manjando. O cantor emendou umas vinte músicas. Uma fieira. E isso me deixou contente. O Luciano continua o mesmo que eu conheci. Canta porque gosta de cantar. Claro que hoje é um profissional e quer saber da bufunfa. Mas depois de acertar os ponteiros, ele manda ver. E é aquele rosário. Não tem escolha. Quem pesa na balança é o freguês que está bebendo com a bailarina. E o Luciano dá a ficha.

– São esses loques que me sustentam. Que posso fazer? Não tem por onde. Se pedem, eu mando. Não faço mistério. Se o cavalo curte sua onda com música de Miltinho eu sou o próprio Miltinho. Se o otário vai de tango baixa em mim o Gardel. Só aí Mano a Mano e tal e coisa. O que conta é facilitar pras minas limparem o pato. É ou não é? Mas não dou folga. Estou sempre por dentro dos movimentos. Sabe, imito qualquer cantor. E agrado.

– Eu sei. Vi agora. Mas acho que você devia ter um estilo próprio.

– Bobagem. Pra mim não dá mais. Meu negócio é aqui. No tempo que podia não procurei. Agora não dá pra aventurar. Sabe como é. Tenho três bocas pra sustentar. A mulher e as crianças não querem saber. Cartas não enchem barriga. E meu pivete come como gente grande. A menina nem tanto. Mas o moleque é broca. Agora te digo uma coisa: se eu tivesse metido as caras a sério podia estar no bem-bom. Mas esquece. Nunca paquerei o sucesso. Pra acontecer precisa luta[r]. E eu estava a fim de brincar. Mas não posso me queixar.

– E se aparece uma boca boa você dispensa?

– Sou algum otário?

– Sei que não é.

– Mas qual é o teu negócio então?

– Por exemplo, se um cobra resolve te dar uma chance, mas pra te ver ele avacalha na grana, você topa mesmo assim.

– Se for firme, eu estou rente. Agora, se for papo careca, eu saio fora. Já chega os grupos que entrei. Uma vez eu estava bem pra xuxu no Lanterna Vermelha. Só dava eu na praça. Daí me aparece o Mário Medonho, tu manja esse vagau. Ele era metido a empresário e tal e coisa.

– Era não. É.

– Era! Agora já aprontou muitas presepadas. Todo mundo está por dentro do assunto do pilantra. Se ele usa carteirinha de empresário é só pra livrar a cara quando a cana aperta. Se não apela vai em galera como vagau que é o que ele é. Mas deixa andar. Eu estava estraçalhando e o salafra veio em mim. Me deu um plá e eu entrei de gaiato. O safado me convidou pra ir cantar numa boite granfina de Belo Horizonte e eu aceitei. Otário, nem desconfiei da treta. Acertamos as bases que eram legais. Uma grana firme por dia. Topei de cara. Nem quando o bicho me tomou uma nota emprestada pra me pagar quando eu chegasse lá desconfiei. O Medonho só vivia no me-dá-me-dá. Fui. Que fria! Saí daqui duro e penei naquela droga. Como me deu mal. Cheguei na tal boite que o sujeito falou e me entusiasmei. Era a mais traquejada mesmo. Mas logo tomei o contra-vapor. Cheguei no gerente e perguntei pelo Mario Medonho. Já viu, né? O cara nunca foi visto naquelas bandas. Ninguém conhecia. Fiquei a perigo. Duro e em terra estranha.

– Como é que você fez?

– Bati aquela caixa com o gerente e ele me aliviou a barra. Me deu uma graninha pra mim voltar. Se não fosse uma cara legal aquele lá, eu voltava a calo.

– E o Medonho?

– Andei uns tempos na captura do sem-vergoça. Mas ele andava pinoteando. Quando apareceu deschavou que tinha dado crepe e não sei o quê. Fiquei com dó e dispensei ele da minha bronca. Também que podia fazer? Já tinha andado mesmo. Ia dar uma biaba nele? pra que me sujar à toa? De repente, por causa de um desgraçado, a gente faz uma besteira e entra pelo cano. O dinheiro que me levou e o que eu gastei na viagem ele não tinha pra devolver. Então deixei o barato. Nada como um dia atrás do outro. Agora, ele está aí nas mãos das baratas. E eu se não estou por cima, estou bem.

– Claro. Você canta o fino.

– Não é pra por banca. Mas graças a Deus vou bem. A terra que eu dei foi uma só. Mas não tem nada não.

– Qual foi? Aquela do parquinho?

– Você lembra?

– Foi um troço escamoso.

– O cara que ganhou não enganava ninguém. Me invoquei com essa jogada. Que crepe! Só teve uma pior do que essa. Você se lembra do meu tio Magno? Você lembra sim. Ele tocava violão com a gente. Era bom às baldas. O Flavinho está por aí mesmo pra não me deixar mentir. Depois o coroa se apavorou. Foi aquele perereco. Teve doença dos nervos e a família meteu ele lá no Anchieta pra se curar. Eu que gostava de cantar pacas fui visitar o velho e metemos lenha. Ele tocando se distraía e ficava bem calmo, e eu cantando esquecia da vida. E o tempo passou sem a gente perceber. Daí me manquei que era tarde e quis ir embora. Que sarro! Tinha mudado o pessoal de plantão e não prestou: o sujeito que tomava conta da porta não era o que me viu entrar, e pensou que eu era doente que queria me espiar. Charlei de todo jeito e o bruto saía fora. Eu dizia: “Não sou doente. Só vim visitar meu tio”. E o panaca todo educado só concordava. “Eu sei. Eu sei”. E neca de abrir a porta. Fui azedando e fiz um escândalo. Bronqueei e foi pior. Já iam me meter numa camisa de força, quando apareceu um médico e eu consegui explicar. Aí me soltaram. Nunca mais visitei meu tio. Não sou besta. Se volto lá me agarram. Aqui, ói!

– Mas foi esse lance que você disse que deu terra?

– Não. Isso era tudo na base do agrião. Meu azar foi outro.

– Então escracha.

– Foi um dia que me apareceu um convite pra cantar com a orquestra do Haroldo Moura. Era um baile bacana no parque Balneário. Você vê? Não dou sorte com parque. Nesse lance dei vexame. Ia ter um show no meio do baile com todos os cobras. Agnaldo Rayol, Jair Rodrigues e não sei quem mais. Só sei que o Marcos Lázaro estava nessa. Eu não vi o bruto. Mas me disseram que estava. E foi por causa dele que me entortei. Quis agradar tanto que não prestou. Comecei a cantar fazendo mil gestos. Mas o palco era apertadinho e o lugar que tinha pra gente não dava espaço. E eu afobado, sem querer, bati com a mão na estante do contra-baixo. Foi a gronga. Voou partitura pra tudo quanto era lado. Que vergonha. A orquestra teve que parar de tocar. E o trouxa aqui teve que ir catar a papelada pelo salão. Todo mundo riu pacas. Só queria sumir. E foi o que fiz. Me mandei desse baile. Depois dessa não dava pra encarar.

– E essa foi mesmo um esculacho.

– Pior do que essa só teve uma aqui, ataquei de cozinheiro. Um pinta abriu uma boite diferente lá na praia. Toda cheia de babados. E como o sujeito que eu cozinhava me lançou como mestre-cuca-cantor. Era um sarro. Eu ficava na cozinha de avental e gorro só fazendo o gordurame da curriola. Na hora do show, eu vinha pro meio da pista do jeito que estava e abria o peito. A boite estava indo de vento em popa. Vivia lotada. Não porque eu cantava. Mas por causa do Azulão, um prato que eu fazia e que é [de] dar vontade de querer mais.

– Como é esse Azulão?

– Peixe com banana verde. Agora, a receita é segredo. Sabe como é. Se algum dia me apertar como cantor tacho de cozinheiro. E preciso ter meus macetes.

Um grande destino¹³⁰

Meus cupinchas, o Luciano é cheio de milongas. Mas nunca vai se apertar como cantor. Profissional correto nunca fica no “ora veja”. As presepadas ele conta e sempre mais por alegria. Trabalho nunca falta pra ele. As casas noturnas de Santos disputam o cantor. E por todos lugares por onde passou é querido e respeitado. Quem duvidar é só perguntar no Samba Danças, no Lanterna Vermelha que é onde ele está agora, ou em outro cabaré qualquer. Ele está sempre por aí. Batalhando. Não se abala com esquinapos, nem se engrupe com os sucessos. Vai remando o barco. Sem desânimo. Naturalmente tem seus sonhos. Mas nisso quase não fala. Imprensado procura sair fora.

– Como é Luciano, e as gravações?

– É difícil. Por outros não sei. Pra mim é. Pra gravar, o cara precisa ficar na cola. Convidar, ninguém convida. Já quis muito. Agora, se um dia acontecer aconteceu. Se não, paciência. Não vou me azucrinar por isso. Nessa terra nem sempre são os melhores que aparecem. Tem tanto nego bom que está jogado fora. Eu pelo menos vivo da profissão que escolhi.

– Você só faz isso?

– E já é muito. Canto, sou diretor-artístico de boite, bolo show e chega. Talvez algum dia organize minha própria orquestra e bote pra quebrar. Agora vou cantar. Está na minha vez. Aguenta aí. No próximo intervalo a gente conversa.

– Não dá. Tenho que me mandar pra São Paulo.

– Fica aí. Eu pensei que tu ia ficar.

– Mas tenho que me arrancar.

– É pena. Mas escuta eu cantar um pouco. Vê como estou firme.

Eu escutei. E foi pena vir embora. Se desse, ficava mais. O cara é realmente muito bom. Talvez não. Quem sabe? Mas de qualquer jeito o Luciano Fonseca está cumprindo com a grandeza seu destino de artista.

2. 10 – As crônicas de agosto de 1969 – Coluna *Navalha na carne*

Se o Zagaia diz é que é (*Última Hora* de SP – Edição de 10/8/1969. Páginas 14. Caderno 1)

130 Grafia atualizada; no original de jornal está em negrito e caixa alta.

Meus cupinchas, para alegria da nossa curriola estamos de volta. Logo de saída vamos fazendo oba-oba pra gloriosa seleção brasileira de futebol. E tá na cara que a badalação é legal porque eu não sou de botar azeitona na empada de panaca. O Brasil malhou a Colômbia por dois a zero. Não teve por onde. Não adiantou marcarem o jogo em cima de morro pra ver se o nosso gango perdia o gás¹³¹ e se rendia. Não pegou nada o juiz roubar pros gringos. Não teve babado. Mandamos ver. Tostão enfiou duas bolas no barbante. E o resto foi só no devagar. A canarinho tirando de letra e os bichos se estourando de correr pra lá e pra cá. Deu até dó. Se a moçada da nossa banda se invocasse, metia uma fieira. Era só querer. Mas deixaram barato. Pra que esculachar com os pintas no campo deles? Pra que? A Colômbia de futebol não espia bulhufas. Até o Bandeira Paulista, o glorioso da Vila Maria, o timão do meu chapa Azulão, se vai lá, faz piquenique. Não ia nem contar o morro dos colombianos ser no concurso da terra. Só pra quem não sabe se mancar, é tão alto, tão alto lá, que a Colômbia fica mais perto da lua do que o Brasil. Mas em se tratando de jogo de bola, pra nós não quer dizer nada. O mundo é freguês de caderneta do Brasil.

Meus cupinchas, vocês aí que sempre pegam a pior, sintam o peso da botota. Foi um bom treino pra canarinho. E com essas e outras que a gente vai pegando embalo pra faturar a copa. Claro que o treino não foi para os boleiros. Esses o Saldanha deixou em ponto de bala. Mas a moçada entra nessas e fica se mancando como vai ser o trambique na hora do “vamos ver”. Cada apitador vai ser um beque de espera marcando a distância a linha canarinho. Cada bandeirinha vai ser um grande craque inimigo pronto a se abanar pra cortar os nossos ataques. Disso podem botar fé. Podem até apostar. O maior inimigo do Brasil vai ser o juiz. A amostra contra a Colômbia foi o fogo. O desgraçado do apito não deu pênalti nem os cambaus. Os majuras deram cacete no Pelé dentro da área e ficou por isso mesmo. Neca do juiz assoprar a latinha. E o cara espiava. Se fechava em copas de cavernoso que era. Não estava a fim de dar moleza pro Brasil. Ganhamos. Só podíamos ganhar. A gente era tão melhor que não deu nem pra torcida dos estranjas fazer catimba. Tiveram que botar o galho dentro. Não deu pé fazer escarcéu. Com estrilo, chiado e mumunhas, a nossa curriola ia emplacar. Então os gringos tiveram uma onda de comportados. E até grudou.

Mus cupinchas, grudou tanto essa marola da torcida gringa que um loque que transmitia o jogo teve a babaquise de espalhar pelo mundo o plá chibú. “Maravilhosa a torcida colombiana. Se comporta como um povo adulto. Não hostiliza os brasileiros. Está aí um exemplo de esportividade que as plateias do Brasil deviam seguir. Os colombianos são realmente grandes esportistas”. Pode um troço desse? Não pode. Os colombianos deram uma de bacanas e [o] locutor já aproveitou pra esculhambar com o Brasil. Agora o que esse traidor não sabe é que se o jogo tivesse no taco. Se a Colômbia sentisse que podia ganhar ou empatar a torcida pulava em campo e armava um salseiro. Que torcida em nenhum lugar desse planeta é melhor que a da gente. A diferença está escrachada, só não vê quem não quer. Os gringos entraram por entrar nesse bolo e a gente entrou pras cabeças. Enquanto eles fazem marola de esportista a gente fica campeão do mundo. E é isso que pesa na balança. O que sobra é crás-crás-crás de trouxa, de locutor sem assunto e por aí. E é por isso que o Zagaia diz:

– O futebol do Brasil é o melhor do mundo. Mas só dentro do campo. Fora é aquela caca nojenta.

131 Termo atualizado; no original de jornal consta “gaz”.

E se o zagaia diz é que é.

2. 11 – As crônicas de agosto de 1969 – Coluna *Plínio Marcos escracha*

Plínio Marcos escracha Brinquinho e Brioso (*Última Hora* de SP – Edição de 31/8/1969. Página 16. Caderno 1)

Meus cupinchas, no tempo em que o Zagaia tinha embaixada na Bacia do Macuco, não era mole bater bola na várzea santista. Basta ver que o Atlas Flamengo, o bom de trinta e quatro, tinha uma bequeira do cacete. Nego Elizeu e Zé das Europas. Os dois só entravam em campo com o punhal enrustido na caneleira. E não era marola. Se os inimigos ciscassem, se machucavam. O que quer dizer que pra um boleiro aparecer e¹³² fazer nome era uma gronga. Mas mesmo com todos esses pererecos o Serginho botou os peitos e emplacou. Abafou tanto que logo estava no Jabaquara, que naquele tempo era Espanha. Foi pro juvenil. Mas os pivetes eram fogo. Uma curriola de botar pra quebrar. Entre outros, estava nessa batota o Dino, que depois veio pro Corinthians e formou com Jango e Brandão uma linha média dessas de ninguém botar defeito. E tinha mais gente que fez nome. Veiguinha, Plínio Baia, Alemãozinho, Tom Mix e os cambaus. Mas com todos esses cobras o Sergipano, que batia de meia esquerda, pôs banca. E logo um cartola de Andaral do Rio de Janeiro levou o pinta pra Carica.

O Sergipano foi firme. Treinou na quarta-feira, na quinta e na sexta. No sábado o treineiro reuniu o gango e avisou que o time tinha ido pro vinagre. Estourou. Mas cartola naquele tempo ainda não era chavequeiro como agora. Tinham suas mumunhas, mas perto dos pistolões de hoje eram santos. O Manda-Chuva que levou o Sergipano pro Rio não deixou o craque no mato. Cumpriu o trato. Deu uma grana sonora pro moço. Tudo o que ele ia ganhar num ano inteiro.

A gente contanto uma façanha dessa de uma cartola parece até mentira. Mas esse plá é positivo. Não é bafo. O pistolão largou a bufunda¹³³ na mão do Sergipano. E foi broca. Era tanto dinheiro que a cuca do pivete fundiu. O cara se abi[[olou. Entrou de bobeira e se atirou de fuça na gandaia. Não queria nada com o batente. Remava o barco em maré mansa nos mocós cavernosos da velha Lapa. Era o próprio papagaio enfeitado. Aprontou montes de salseiros. Até que um dia foi se coçar e viu que estava no toco. Ficou a nenhum. A perigo. Mas teve uma colher de chá. Quem deu foi o Fausto. O grande Fausto. O Maravilha Negra.

O crio[u]llo pegou o pivete e botou ele no Fluminense. Nem teve cras-cras-cras. Se o Fausto dizia que um cara era ponta firme é porque era. Pra quem não sabe[,] o Fausto era o Pelé daquele tempo. Mas deixa andar. O que conta aqui é que o Sergipano acertou com os homens e foi treinar. Não prestou. Deu uma corridinha e meteu os bofes pela boca. Perdeu o gás. Se aterrou. Estava bambeando. O cupim estava mordendo a caixa de catarro do bruto. Mas o Flu que estava com o rabo de foguete na mão não teve que aturar. Também o boleiro ainda não estava com o pé na cova. Com um recreio tal e coisa o bicho ficava em pé outra vez. E deram carga. Depois de três meses o Sergipano se aprumou. E o tricolor chutou ele pra frente o mais depressa que pode. Entregou o cara pro Esporte Clube S. José[,] de São José dos Campos.

132 Termo atualizado; no original de jornal consta “a”.

133 Termo atualizado; no original de jornal consta “bofunfa”.

O profissionalismo no interior de S. Paulo era na moita. E o Sergipano pra poder beliscar uma notinha sem dar bochicho na cidade, tinha que bater ponto na prefeitura. Mas nada de se chegar ao malho. Só ali no come quieto. Até que mudou o prefeito. Entrou o sr. Francisco José Longo. E como todo político que pega cargo é doido pra fingir que vai moralizar, com esse não deu outra coisa. De saída avisou que quem batia ponto tinha que fazer presença o dia todo na prefeitura, senão mandava todo mundo embora. No princípio foi aquela dura. Os funcionários todos enganaram pacas de trabalhadores. Mas logo avacalharam a guerra. Manjaram que o chefão não mordida e ficou tudo como era antes. Na velha base do agrião.

Só que o Sergipano já tinha se acostumado a ir na prefeitura. Não por causa do batente. Por causa de um colega, o Euclides Onorato da Costa, com quem ficava brincando de fazer uns sambinhas e tal e coisa. E foi de tanto os dois ficarem nessa catraia que um dia o prefeito encheu o peito e deu um esculacho:

– Vocês parecem uma junta de bois que eu tenho lá na fazenda. São direitinho o Brinquinho e o Brioso. Comem, dormem, gemem, mas não trabalham de jeito nenhum.

Todo pessoal achou graça. A bronca se relaxou e o apelido pegou. E[,] pra espanto geral[,] o prefeito deu para os dois a tarefa de organizar um show. E foi aí que nasceu a famosa dupla Brinquinho e Brioso. Estrearam com tanto sucesso que o Sergipano nem quis saber mais de bola. Se encarnou de Brinquinho e foi em frente.

Sucessos e mais sucessos¹³⁴

Meus cupinchas, na vida todo começo é difícil. Mas pra dupla Brinquinho e Brioso foi uma sopa. O próprio Sergipano é quem escracha.

Nossa estreia foi um sucesso. Entre o pessoal que assistiu estava o Carlos Bacará[,] e não deixou por menos. Foi logo convidando a gente pra cantar no rádio. Ele era o dono da Atlântica de Santos. Nós fomos firmes. Caímos no gosto do público. Só dava nós. Como a gente agradava. E olha que fazer sucesso em Santos não é fácil. Bom, você é da Baixada. Sabe tanto quanto eu. Quem faz nome lá abafa em qualquer lugar do mundo. E o povo da nossa terra é bom. Mas sabe escolher os artistas. Às vezes me aparecia um nego pedindo pra mim apadrinhar e tal, só pra ver o valor do bruto soltava ele em Santos. Se agradasse era porque o cara era bom mesmo.

– Conversa de peixeiro.

– No duro que é verdade.

– Que tu diz, Brioso.

– É verdade. O povo de Santos sabe escolher. Só dão valor a quem tem. E nós tínhamos cartaz naquela terra. O pessoal nem falava mais pra ligar na Rádio Atlântica. Falavam liga no Brinquinho e no Brioso. Todo mundo sabia onde era. Tempo bom.

– E por que vocês saíram de lá?

– Eu nem te conto nada. O Brinquinho é que sabe bem.

– Santos ficou pequeno pra nós.

– Foi! Não tinha mais campo.

– Tu lembra Brioso da gente no cassino da Ilha Porchat?

134 Grafia atualizada; no original de jornal está em caixa alta.

- Se me lembro.
- Fomos contratados pra fazer dois dias, ficamos quarenta e cinco. E o Bianchi contratou a gente pra correr o Brasil em todos os cassinos deles.
- Fomos pondo a cara. O Joaquim Rola ia fazer negócio com a gente pra uma temporada no cassino da Urca e outra no Quitandinha. Mas aí o jogo fechou.
- Acabou o tempo bom do artista ganhar dinheiro.
- Foi pena mesmo.
- Eu sempre digo pro Brioso. Se reabre o jogo, a gente mete os peitos outra vez.
- E tu acha que dá, Brioso?
- Acho que sim. Se acho.
- Eu também acho.
- No mesmo gênero que vocês faziam antes?
- Então. Se eu e o Brioso dermos uma passadinha no repertório antigo, logo ficamos em forma. Não esquecemos de nada.
- A carreira de vocês foi muito mole?
- Conta pra ele, Brinquinho.
- Quem te disse que foi mole?
- Vocês só contaram as lorotas. Iam chegando, mandando ver e pronto. Nunca pegavam um contra vapor.
- E não. O Brioso está aí mesmo pra não me deixar mentir. Quando a gente saiu de Santos foi uma guerra. O Bacará ficou louco da vida. Não se conformava.
- Ele jurou pra gente que a gente não ia trabalhar em rádio aqui em São Paulo. E não teve por onde.
- A gente chegava nos mandões, era bem recebido e tudo. Mas todos vinham com a mesma conversa. O Bacará telefonou. Ninguém queria brigar com o Bacará. Ele tinha força. Precisavam dele. Quem se danava era eu e o Brioso. Tivemos que sair pelo mundo mambembando. E a gente estava em Lorena...
- Não Lorena, era Taubaté.
- Não, era Lorena mesmo.
- Taubaté.
- Não era nem Lorena. Era em Pinda.
- É! Era em Pinda. Isso mesmo. Me lembro bem. Era em Pinda. O Brinquinho lembrou que conhecia o Silvino Neto. E a gente tocou pro Rio.
- Fomos mais pra passear.
- Não, a gente já ia de caso pensado.
- Ia um pouco. O Silvino não fez nada por nós.
- Como não fez? Ele apresentou a gente pro Costa Lima.
- Mas quem fez o resto foi nossa arte.
- Isso foi. O Costa Lima falou pra por a gente no programa e disse: “Se agradarem[,] estão contratados. Se for um fiasco, não apareçam nem pra dizer até logo”.

– Nunca agradamos tanto. Bem, a gente estava à vontade. Depois de fazer sucesso em Santos, qualquer lugar era nosso. Assinamos contrato no mesmo dia com a Tupi.

– Nós chegamos na hora boa. A Tupi tinha rescindido o contrato de Alvarenga e do irmão dele.

– Que irmão dele?

– O Ranchinho é irmão dele?

– O primeiro. Não esse que anda por aí agora.

– E foi assim que a gente se firmou nas Associadas. Tudo quanto era rádio que tinha pra inaugurar íamos nós. O Costa Lima sempre escalava a gente. O homem era de verdade. Só escalava quem agradava. E na gente ele sempre confiava.

– Nunca fizemos feio.

Pegaram umas duras¹³⁵

Meus cupinchas, o Brinquinho e o Brioso já estão coroas. Estão com o burro amarrado na sombra. O Brioso tem duas filhas moças e um menino, o Brinquinho uma moça, e só querem sossego pra criar as suas bandas em paz. Porém, quando se ligam nos papos das saudades, se esquecem de tudo. Vão emendando assunto. É um rebuliço. Misturam o começo, o meio e o fim da carreira. Um conta um troço, outro já emenda com outro babado, e a gente nunca sabe o que vem antes ou depois. Eu nem me toquei. Como o papo vinha[,] eu marcava. Pra mim o que conta não é fazer levantamento histórico. É mandar ver as figuras dos pintas. Sou apenas um repórter de um tempo mau, muito preocupado com as pessoas. O que elas fazem, como entram nos bate-fundos e os cambaus. Porque afinam, se rendem e por aí. Vendo o peixe como compro. Não vou julgar ninguém. Quem quiser que bote na balança. O escracho está aí mesmo. Vou deixar com o Brinquinho e o Brioso.

– A gente pegou umas duras foi quando a gente se meteu com política. Você lembra, Brioso.

– Se lembro. Fizemos uma paródia que era assim: “Ai que – saudades que eu tenho / Do tempo do Ademar / A gente jogava no bicho / perdia ou ganhava e ninguém se importava / Hoje o jogo do bicho / Mudou de uma vez / O viado era vinte quatro / Hoje está sendo o seis.”

– Entramos em cana.

– Cana não! Ficamos doze horas lá só pra levar um aperto.

– Os homens queriam saber porque a gente fez a paródia. Apertavam. Eles achavam que era algum inimigo político que tinha pago pra gente fazer a música.

– E era?

– Não. O Brinquinho explicou que a gente pra fazer sucesso tinha sempre que criticar alguém. Grudou.

– Quem se queimou com a crítica?

– Os amigos do Ademar.

– Ele não estava no governo, mas tinha muito amigo na política.

– Vocês limpavam a barra?

135 Grafia atualizada; no original de jornal está em caixa alta.

– Se limpamos. Logo depois conversaram [com] a gente e nós fizemos a campanha do Ademar.

– Entramos em Mogi das Cruzes e fomos até o Cruzeiro. Só badalando o Ademar. Mas limpamos bem a barra foi mais tarde. Contra pra ele, Brinquinho.

– A Chantecler gravou uma música em homenagem ao Carvalho Pinto. Chamava Pintinho Amarelinho. Dizia: Quem gosta de galo velho é panela de pressão. Foi uma bronca.

– Coitado do Palmeira, que era diretor da Chantecler. Quase ficou louco.

– E não era pra menos. O telefone do falecido Palmeira não parava. Era só reclamação, ameaças e tudo. Daí ele me pediu e eu fiz uma música defendendo o Ademar. Não sei se você se lembra: “Eu sou galo velho / Mas sou galo da terra / perdi uma batalha / mas não perdi a guerra / Ai, ai meu irmão / esse galo não entra em panela de pressão / Podem soltar foguete / Esse galo em sessenta vai cantar lá no Catete”.

– Pois é. Mas a nossa cara e a da Chantecler ficou limpa.

– E essa vez foi a única que vocês se meteram em política?

– Não. Uma vez eu e o Brioso estávamos no Rio. E o Silvino Neto acabou um programa dele assim: “E agora podem desligar o rádio porque vem aí a hora do abacaxi”. O programa dele era na frente da hora do Brasil. Suspenderam o Silvino por quinze dias.

– Aí nós de raiva estramos e cantamos uma música a favor do Brasil entrar na guerra contra o nazismo. Também pegamos quinze dias.

– Mas logo os estudantes forçaram o Getúlio entrar na guerra. E nós fomos ao show da vitória a pedido do Dr. Assis Chatô.

O fim da dupla¹³⁶

Meus cupinchas, por mais que o nego rebole chega o dia de pendurar a chuteira. E com o Brinquinho e o Brioso não deu outra coisa. Só que eles foram vivos e corajosos. Pararam na hora certa. Com dor no coração, se roendo e tudo tiraram o time de campo. Hoje quando eles contam ficam com as botucas cheias de lágrimas. O Brinquinho vai dando as dicas e o Brioso os soluços.

– A gente não precisava parar.

– Pois é.

– Veio um empresário português pra levar o Jararaca e Ratinho pra Portugal. O Jararaca era da pesada.

– Se era.

– Não deixaram ele sair do Brasil. Ele indicou a gente.

– Foi. Mas eu não quis ir.

– Aí sem briga sem nada eu não quis mais continuar. Pegamos mais dois anos de contrato com a Tupi e ganhamos estabilidade. Aí cada um foi cuidar da sua vida. Eu fui pra Rádio Difusora do Paraná, em Londrina. Um dia o Doutor Edmundo Monteiro apareceu lá, me viu e perguntou se eu estava bem. Eu não estava nem bem nem mal. E ele me trouxe de volta. Hoje estou aqui firme. Sou chefe da contrarregra artística.

– Vai se vivendo.

136 Grafia atualizada; no original de jornal está em caixa alta.

E quem quiser ver o Brinquinho e Brioso juntos é só baixar no relógio do ponto do canal quatro às nove da matina. Todos os dias os dois se juntam pra tirar uma onda de saudades.

2. 12 – As crônicas de setembro de 1969 – Coluna *Plínio Marcos escracha*¹³⁷

2. 13 – As crônicas de outubro de 1969 – Coluna *Plínio Marcos escracha*

Plínio Marcos escracha Saracura (*Última Hora* de SP – Edição de 5/10/1969. Página 16. Caderno 1)

Meus cupinchas, o alfaiate Oscar Pereira Rodrigues tinha seu pesqueiro armado na Vila Matilde. E tocava o barco. Só cortando pano. Fazia qualquer beca. Era cobra no assunto. Terno que o Oscar caprichava, panaca nenhum botava defeito. E assim o pinta ia faturando o feijão de cada dia. Que nem Deus nem majura é que, com essas e outras, o bruto comia, porém não sonhava. E isso é uma caca. O cara que entra numa dessa se estrepa sempre do primeiro ao quinto. Não tem embalo. Só se achega ao malho por causa do rango. E aí é broca. Gente não é só pandulho. Gente é muito mais. Porém, o alfaiate Oscar não sabia ainda das coisas. Quando ficava jururu, apagadão, sem fé pra pegar na tesoura, metia a culpa no fígado. Tomava chá de losna, boldo, puejo, cidreira, erva doce e os cambaus. Ficava na mesma. Ou melhor, às vezes ficava mais tempo sentado no trono. E era só. No resto, era o capuchete. Não tinha remédio pra dar jeito. E o deschavo era ir jogando a gronga pra frente. Sabe como é o papo. O Oscar tinha mulher e tudo pra sustentar. Não dava pedal encostar o corpo. Ele era um homem de responsabilidade. Morou? E sem chiar, encarava. Mesmo porque, nem ele sabia rachar que a carga cavernosa que carregava estava na moringa. Só pra sentirem bem o aroma da perpétua. Até o Oscar achava que estava ruim da barriga. Se não era fígado, devia ser o estômago ou intestino. Até que, num plá diferente, se tocou na zorra.

O velho Pingolo armou o Gran Circus Rubi na Vila Matilde e fez zoeira pra avisar o povo da estreia. Pichou as paredes, soltou carango com alto-falante na rua, homem-sanduíche com perna de pau e o cacete. E anunciou mil atrações. Ricardina e seus cachorros amestrados, Carmen a bailarina cigana, o Demônio Voador, Palhaços que faziam rir até o distinto público arrebentar os botões das cuecas, comedor de fogo e um monte de parangolés. E o gango da Vila Matilde se assanhou. Até a mulher do alfaiate Oscar quis ir no circo. E pra não contrariar, ele foi na onda. Quando abriu a bilheteria, o cara estava rente. Pegou de grota. Duas numeradas. Uma bufunfa¹³⁸ firme. Mas foi a grana mais bem gasta de todo o seu tempo. Não que o espetáculo fosse o fino. Isso não importa. O legal é que, de repente, o Oscar se ligou. Ficou vidrado. Caiu de bobeira. Riu pacas. Bateu palmas até pros amarra-cachorro. Comeu pipoca no intervalo, bebeu quentão e nem deu pelota quando a mulher estrilou:

– Depois vai se queixar do estômago.

137 Há exemplares do mês de setembro de 1969 do jornal *Última Hora* de SP no Arquivo Histórico do Estado de São Paulo, na cidade de São Paulo, onde fizemos a maior parte da pesquisa de campo; por questões várias, não foi possível o contato a este material especificado até este fechamento de tese

138 Termo atualizado; no original de jornal consta “bofunfa”.

O Oscar já estava em outra. Tirou de letra. E quando se arreiou no berço, já tinha uma bola maluca na cachola. Sonho para o sono. E acordou outro homem. Se escorou na alfaiataria meio tempo. Depois do almoço. Assim como quem não quer nada, atracou no circo. Sem rodeio, encarnou no velho Pingolo e pediu uma chance. O dono da mafuá sempre gostou dos principiantes. Não porque fosse de dar oportunidade. O que o velho era é de economizar. Quem está começando é cachet [sic] barato. Estou eu aqui mesmo pra não deixar ninguém mentir. Nos meus primeiros tempos, me bati no Circo Rubi. E sei bem das catimbas do velho dono da espelunca. Então já viu. O Pingolo fez marola por fora e por dentro aceitou logo o alfaiate Oscar. Deu um não se afobe. Porque faz parte das mumunhas. Mas mandou o loque aparecer no ensaio.

O Oscar não deu moleza. Foi apresentado ao Chimbica, que era o ensaiador. Pegou um bom papel no grande drama do teatro universal “Os mutilados de Guerra”¹³⁹ [,] de autor desconhecido. E quando convidou a mulher pra assistir ao espetáculo, a última coisa que ela pensou que ia ver era o marido de ator. Mas viu. E não gostou da história. Teve que engolir. Sabia o que diz o Zagaia:

– Mais vale um gosto do que dinheiro no bolso.

E se o Zagaia diz é, é porque é. O alfaiate Oscar passou a faturar bem menos como artista do palco. Porém, virou homem feliz. Deixou de ser o seu Oscar pra ser o Saracura. E ficou melhor marido, melhor amigo e nunca mais precisou tomar chá de guaco nem de coisa nenhuma.

O que leva bofetadas¹⁴⁰

Meus cupinchas, os pererecos nas quebradas da vida são do olho. Como o alfaiate Oscar tem muita gente atucanada que anda por aí se batendo pelas paredes sem saber direito porque. Na maioria dos casos, os panacas embarcaram em canoa errada. Não se tocam. Ou fingem não saber. Ou o que é pior, sabem mas dão treta pro tempo. Quando se sentem azucrinados, reclamam contra a sorte e tal e coisa. Dizem que deviam ter escolhido outra profissão. Apertados, gemem que é tarde pra mudar. Isso é grupo. Desculpa de boi de canga. O Saracura é que foi bidu. Viveu atolado. Porém, quando adivinhou a sua, não quis nem saber. Mandou ver. Não deixou nada pesar na balança. Muito menos sua idade. E é ele mesmo quem escracha:

– Comecei com trinta e cinco anos. E pelo começo mesmo. Me lembro como se fosse hoje. O Chimbica era ensaiador do Circo Rubi. E me deu o primeiro papel, porque o seu Lindolfo Rosas (Pingolo) mandou. Era uma ponta de boa. O Chimbica que fazia o galã me dava uma bolacha na fuça e aí eu reagia. No ensaio não teve mosquito. Ele deu devagar. Mas no espetáculo, ele me tocou um bofetão que quase caí do palco. Perdi o rebolado. No fim do espetáculo, fui reclamar e ele me disse: “Se tu quer ser de circo, tem que aprender a levar bofetada”¹⁴¹.

– E tu acostumou ou aprendeu a tomar biaba?

– Treinei pra ser o que dava. Já chega as pancadas que eu tomei da vida antes de adivinhar meu rumo. Fiquei um tempinho no Rubi e logo fui pro Circo do Finca-Finca. Aí pedi pra ele me deixar fazer graça. Ele deixou e eu armei um bom tipo. Como não tinha meia e pronto. Entrei de sola. De cara agradei. Fui contando

139 No original de jornal, esta frase consta em negrito sem as aspas.

140 Grafia atualizada; no original de jornal está em negrito e em caixa alta.

141 No original de jornal, esta frase consta em negrito sem as aspas.

uma piada atrás da outra e o povo rindo. Só que eu não sabia sair. Os caras tocaram o galope. Eu não sabia o que era aquilo, continuei. Precisou os amarradores de cachorro entrarem no picadeiro pra me tirarem na marra.

– Nesse tempo tu já era Saracura?

– Não! Eu estreei com o nome Nhô Fungenelo. Mas um dia eu estava trabalhando na Vila Espanhola no circo do Rapa-Rapa e quando eu entrei um moleque gritou: “Esse Nhô Fungenelo é tão magro que parece uma Saracura”¹⁴². O apelido pegou e eu até gostei. Passei a usar. Logo dei sorte. O Oswaldo Gimenes me levou pra Rádio Clube de Santo André. E eu virei cartaz. Onde ia o circo, ficava a três de alto. Com gente se agarrando pelos picos.

– E tua mulher, que dizia disso tudo?

– Ela só reclamou uma vez que eu fui fazer um espetáculo em Mauá, cheguei lá e bati com a cara na porta. Choveu e não teve show. Eu só tinha a graninha pro trem. Perdi o último e tive que ficar esperando o primeiro do dia seguinte. Quando apareci em casa, a mulher só falou: “Ainda nem é artista e já anda se metendo em farra”¹⁴³. Expliquei a história. Mas ói que ela acreditou.

– Tu apela muito aí nesses circos?

– Apela como?

– Pornografia e tal?

– Isso nunca. Nunca usei da pornografia. Pra quê? Estou há quatorze anos na Tupi, nunca tive o mínimo problema com a censura. Sabe como é? Tenho minha arte, não preciso apelar. Agora, tem muita gente por aí que só vai na base do palavrão pra baixo. É uma pouca vergonha.

– Obrigado pela parte que me toca.

– Não, você é outra coisa.

– Eu sei. Sou o entrevistador. Mas deixa andar. O que conta é o que tu pensa. E nesse plá, tu pode pensar o que quiser, que vai pro ar. Eu sou a favor da liberdade de expressão. Agora, já que tu falou em Tupi, me diz, como tu foi parar lá?

– Todas as quintas-feiras, na hora do almoço, eu fazia um show pros operários da Laminação Nacional de Metais, do Pignatari. Um dia, a esposa dele me falou se eu não queria ir pra Tupi. Eu respondi que queria. Ela me mandou falar com Theófilo de Barros Filho. Ele, por sua vez, falou com o Lulu Benencase pra me experimentar no Festa na Roça. Já no primeiro dia, agradei. Fiquei até acabar o programa. Mas daí passei pra outro. Cheguei a ter na Tupi noventa programas por mês. Fui o diretor dos programas sertanejos e tudo. Mas de repente, tudo foi pro vinagre.

– Acabaram os programas sertanejos?

– Acabaram. Acharam que caipira não dava mais pé em rádio. E acabaram.

– E não dava mais pé?

– Dava. Claro que dava. Dava e ainda dá. Basta ver como vende os discos das duplas caipiras. Basta ver quantas cartas eu recebo todos os dias. De vinte e cinco a trinta.

– Mesmo agora que tu está parado?

142 No original de jornal, esta frase consta em negrito sem as aspas.

143 No original de jornal, esta frase consta em negrito sem as aspas.

– Eu não estou parado. Fiquei seis meses sem programa. Depois, o diretor da rádio me deu um programa às cinco e meia da matina. Se alguém pensou que eu ia me dar mal, caiu do burro. Tenho ouvinte de montão. Chove convite de todo canto pra mim ir fazer show. Nem dá pra aceitar todos. Trabalho todos os dias em circo. Porém tem um negócio. Onde vou, volto. Entende? Posso voltar cinco, seis vezes na mesma praça que tenho público.

– E ainda tem muito circo por aí?

– Se tem!

– Mas só trabalhando com show, né?

– Os pequenos se aguentam uma semana com o próprio elenco. Depois, vão de show. Agora, os grandes se aguentam bem.

– E dá grana?

– Pro meu show dá. Tu sabe, eu levo uns artistas comigo.

– E quanto tu cobra?

– Vou no racha. Cinquenta por cento pra cada banda.

– Tu leva muito cano?

– Não. Cano feio, só levei uma vez. Do Palito, um pilantra que está no nosso meio. Acertei os ponteiros com ele, tudo direitinho. Fiquei quinze dias badalando o show pelo rádio. Um dia antes, ele veio a mim e quis sair fora. Eu não deixei. Não ia perder um sábado. Então ele combinou de me pagar duzentos contos apenas. Topei pra não levar prejuízo maior. No dia, eu e os artistas fomos pra Morumbaga, onde estava o circo. Cheguei lá, levei uma dura do delegado. O desgraçado do Palito tinha dado parte de mim na polícia. Disse que eu ia lá com os artistas pra bagunçar o circo dele. Não teve jeito. Fiquei no toco. Vim embora. Que podia fazer?

– São as bofetadas do circo.

– Pois é. E o Chimbica me ensinou a levar bofetadas. Mas eu prefiro dar. Voltei na cidade um mês depois e me enchi de dinheiro. Noutro circo, é claro.

Nunca é tarde¹⁴⁴

Meus cupinchas, esse escracho do Saracura é uma bruta dica pra quem ainda não se achou. O negócio é o cara se acertar num lance que possa fazer com gosto. O alfaiate Oscar, mesmo com a vida certinha, era um cara apagado. Já o Saracura, mesmo tendo que depender dos humores dos diretores das rádios, mesmo entrando nos xavecós¹⁴⁵ dos Palitos, mesmo marcando umas bobearas, é um homem feliz. Sabe rir e fazer rir. Conta seus casos no microfone ou no boteco com o mesmo entusiasmo. Gosta do que faz. Se sente realizado pacas na profissão de engraçado. Tem um disco gravado, Saracura humor do Sertão, iniciativa da dupla Moreno e Moreninho. Tem seu programa na Tupi às cinco e cinco da matina. Tem a cuca cheia de sonho. E tem uma frase feita e engatilhada pra sempre atirar nos outros: “Nunca é tarde pra se começar”.

Plínio Marcos *escracha o Antonio porteiro* (*Última Hora* de SP – Edição de 12/10/1969. Página 11. Caderno 1)

144 Grafia atualizada; no original de jornal está em negrito.

145 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecós”.

Meus cupinchas, o Antonio Ronco é mais manjado por Antonio Porteiro. Isso porque há catorze anos ele é o beque de bicão do Teatro de Arena. Tu aí que sempre pega a pior, tu que só come da banda podre, sente o peso da batota. Há catorze anos, todas as noites, com lua ou chuva, o Antonio fica plantado na porta do teatro da rua Teodoro Baima. E não é mole ser porteiro. Sempre tem pilantra querendo entrar sem poder. E aí já viu. É o esquinapo. Mas deixa andar. O que conta aqui, é o que o Antonio é fora da guarita. E o bruto é um grande quebra-galho. Pro Arena, ele faz tudo. Fica na porta, toma conta do bar, faz os cenários, conserva os badulaques e os cambus. Para os atores, ele é o pedal certo.

Muito cara que hoje está mandando ver, um dia, nas quebradas da vida, andou catando lata, e chegou no Antonio, que livrou a cara. Eu mesmo estou aqui pra não deixar ninguém mentir. Dormi muitas noites no Arena. E não fui só eu não. Uma curriola do cacete pegou sombra nesse mocó. Se faço a lista de todos que já moraram no Arena, muito dono de pensão ia morrer de inveja. A diferença é que no teatro, ninguém bufava com a grana. E foi nessa que Paulo José, Ari Toledo, Milton Gonçalves, Chico de Assis se escoraram. E sempre com a colher de chá do Antonio Porteiro, que deixava os pintas se amoitarem lá dentro depois do espetáculo. Agora, o mais espiroqueta de todos que passaram nesse lance foi o Henrique Cesar.

O ator andava na pior. Matando jacaré a beliscão. E queria casar com a Riva Nimitz. Com essa bola na cuca, resolveu enrustir a grana do hotel. E se achegou no Antonio. Chorou as pitangas e tal e coisa. O porteiro quis sair fora. O Zé Renato, que era dono do teatro, tinha dado um estrilo de lascar. Se tocou que o gango estava levando umas minas pra dormir lá, e acabou com a graça. O Antonio rachou o plá pro Henrique e esse ficou uma arara. Se encheu de razão e berrou:

– Tu acha que eu vou trazer uma pistoleira qualquer pra dormir no cenário que a Riva pisa todas as noites?

O porteiro não achava nada. Só não queria bronca pro seu lado. E pra deschavar, carregou nos defeitos.

– Mas tem o galo. O galo de cena. Sabe, a peça tem um galo. Eu guardo ele no camarim. De madrugada, ele bota a boca no trombone. A vizinhança anda reclamando pacas. Ninguém dorme depois das duas da matina. Juro por essa luz que me ilumina. A madrugada desse galo começa às duas. Eu nem uso mais despertador. Me guio pelo berro da ave. Tu não vai conseguir se apagar. Desiste da ideia. É melhor.

Mas que nada. O Henrique nem se mancava. Estava a fim de economizar e deu carga.

– Se é só por causa do galo, deixa pra mim.

E o Antonio, mesmo sem gostar, engoliu. Trancou o Henrique no teatro e se mandou pro seu apartamento, que é do lado. Puxou o ronco sem ligar o despertador. Tinha que levantar às seis e confiou no galo. Quando abriu as botucas outra vez, se ligou no relógio e e assombrou. Meio dia. Azedou com a mulher.

– Tu não me chamou?

Ela, por sua vez, chutou pra frente.

– Quem manda não botar despertador? Também perdi a hora.

A peleja de um homem¹⁴⁶

146 Grafia atualizada; no original de jornal está em negrito e em caixa alta.

Meus cupinchas, nesses catorze anos de portaria, o Antonio já viu de tudo. Chegou nesse batente sem espiar nada de teatro. Foi se pondo por dentro dos macetes. Hoje, se quisesse, escrevia uma história do Arena. Mas com uma visão muito mais bacana do que qualquer crítico. Ele está por dentro da opinião pública. Fica de antena ligada. Escuta os bochichos do povo saindo e, com três dias de espetáculo, já sabe se a peça emplaca ou não. E é ele mesmo quem escracha:

– Não tem babado. A voz do povo é a voz de Deus. Não adianta a onda de jornal. Se o público sai reclamando, é fogo. Pode tirar a peça de cartaz. Não dá mesmo.

– E acontece muitas vezes de a crítica gostar e o público não?

– Muitas. Mas no terceiro espetáculo eu já sei.

– E daí o que tu faz?

– Me fecho em copas. Que adianta falar. Os atores vão ter que encarar mesmo.

– E tu nunca se engana?

– Claro! Sou igual a todo mundo. A tua peça “Dois perdidos numa noite suja”¹⁴⁷, foi uma que me entortou a cuca. Tu lembra? Tu ia tirar ela de cartaz. Já era fim da temporada. E era reprise. Tu lembra? Daí, tu ¹⁴⁸ Aí, o Antonio se abilolou.

– E o galo? Tu não escutou ele cantar?

– Não. Hoje ele não cantou.

Foi a mulher dizer isso e o Antonio sair correndo que nem louco. Foi de pijama e tudo. Só gritava.

– O desgraçado matou o galo. Matou o galo.

Chegou no Arena e acordou o Henrique, que estava apagado como um anjo na cama do cenário. Antes que o cara chiasse, o porteiro meteu ficha:

– Cadê o galo? Cadê o galo?

E o Henrique, bocejando, respondeu:

– Tá no camarim.

O Antonio se mandou pro camarim certo de que ia ver a ave morta. Abriu a porta com um chute. E deu com o galo andando de um lado pra outro. Encabulou. Voltou pra junto do Henrique e todo sem jeito, quase pedindo desculpas, gemeu:

– O galo não cantou?

E o Henrique, com a maior cara de pau, entregou o mistério:

– Tu falou que ele fazia muita zoeira. Levei fé no teu papo. Pra não ter barulho, meti um durex no bico do malandro.

E o Antonio foi obrigado a deixar o Henrique Cesar morar no Teatro de Arena até o ator casar com a Riva Nimitz. tu ¹⁴⁹ arranhou aquela briga com os deputados na televisão e ficou mais quatro meses. Todo mundo queria ver. Ficavam as maiores filas na porta do teatro. Tinha cara que já tinha assistido e, só por causa da briga, vinha de novo. Foi legal. Mas tu lembra?

– Lembro. Essa eu não esqueço mais.

147 No original de jornal, esta frase consta em negrito sem as aspas.

148 No original de jornal, esta passagem está em branco e o sentido do parágrafo prejudicado.

149 No original de jornal, esta passagem está em branco e o sentido do parágrafo prejudicado.

– E nem vai dar. Também foi o maior medo que passamos na vida. Toda noite tu era ameaçado de morte. E os caras também ameaçavam de jogar bomba no teatro e tudo. Depois que invadiram o “Roda Viva”, aí ainda ficamos mais apavorados. Lá era um monte de gente. Aqui era eu, tu, o Nelson Tomada, o Ademir, o Carlão e a Linda bilheteira. Foi duro. Mas escoramos.

– Que a gente podia fazer?

– Sei lá. Susto pior só passamos quando raptaram a Norma Bengell. Eu não estava aqui. Estava em Ribeirão Preto, montando um cenário. A notícia chegou e gelou a gente. Diziam que tu tinha aprontado não sei o que na porta do Arena e tinha entrado em cana.

– Grupo.

– Eu sei agora. Mas na hora ficamos cabreiros. A gente sabe como tu é espiroqueta.

– Espiroqueta é tu.

– Eu!? Eu né!? Tu é o cara mais invocado que já passou nesse teatro. Tu é de lua. A gente nunca sabe o que vai dentro da tua moringa. Um dia está todo embandeirado, vem, tira sarro e tudo. No outro dia está azedo e quer brigar por qualquer coisinha. Vê se toma jeito. Tu é pai de dois filhos.

– E daí? Tenho muita gronga comigo. O negócio é deixar andar. Me diz uma coisa. Na tua opinião, quem foi o ator mais alegre que passou aqui?

– O Renato Consorte. Ele está sempre alegre, brincando com todo mundo.

– E o mais tihoso?

– O Flávio Migliaccio.

– E o mais legal?

– Milton Gonçalves.

– Qual a peça que tu gostou mais?

– O “Black Tie”¹⁵⁰, do Guarnieri. Mais que é? Isso parece entrevista!

– E se for? Que é que tem?

– Daí eu falo as coisas direito.

– Tu não está falando o que tu acha?

– Estou.

– Então, fim. Vai respondendo o que tu acha e acabou.

– E se de repente tu bota no jornal?

– Que tem?

– Tu pode me entrutar com alguém.

– E daí?

– Daí que eu não quero encrenca.

– Tá bom. Me diz quem é o mais muquirana que já andou por aqui?

– Isso eu não digo. Te manjo. Tu bota no jornal.

– E o mais legal pra se trabalhar?

– O Flávio Império. Ele é um pé de boi. E fez questão de ensinar tudo que sabe. Eu aprendi a fazer cenário com o Flávio. Cara bom está aí.

– Quem deu a maior baixaria nesse teatro?

150 No original de jornal, esta frase consta em negrito sem as aspas.

– Tu não vai por no jornal?

– Conta aí e deixa de frescura.

– Foi o Carlão. Naquele dia, que o crioulo encheu a cara, aprontou e entrou em cana. A moçada procurou ele em tudo quanto foi delegacia e não acharam. Depois é que souberam que ele foi tão bebum que não deu nem o nome. Mas o sarro é que a turma tocou espetáculo sem ele. Botaram outro no lugar e foram em frente. Quando ele chegou, foi logo se desculpando. “Pra não prejudicar, eu pago a lotação do espetáculo que não teve”. Mas daí o Arutim, que era o diretor da peça, deu um te manca. “Quem disse que não teve?” O Carlos Costa caiu de bobeira. Mas entrou na linha. Se mancou que ninguém faz falta.

– Vem cá, o Carlão tá na peça com o teu filho, né?

– É! O “Auto da Compadecida”. Eu fiz tudo pro pivete não se meter em teatro. Não deu. Agora ele está aí.

– Tu não queria ele em teatro por que? Tu tinha medo que ele desmunhecasse?

– Que é isso? Por ele, boto a mão no fogo. Queria é que ele estudasse. Mas já que entrou, deixa. Ele está indo bem. Tem um bruta cartaz com as meninas. Eu, quando chega a hora dele entrar em cena, sempre dou um jeito de espiar. Ele vai bem. E quando o público sai elogiando ele, até me babo.

– A mãe também vem ver ele todo dia, né?

– Vem. Antes, nem queria saber de teatro, agora não sai daqui.

– Poxa, que família de coruja.

– É mesmo. Mas que tu quer? Só vivemos pra criar esse moleque. Agora ele tá aí. É minha alegria, meu orgulho.

– E que nome o Roberto usa como ator?

– O nome dele mesmo Walter Roberto.

– Que nome escroto. Parece nome de novela.

– Nome de novela é o teu Plínio Marcos.

– Tá! O meu é! Agora o do teu filho é pior.

– Só por que tu quer.

– O que eu quero é marcar a hora pras fotografias.

– Que fotografias?

– As tuas, bicho. Isso é uma marola pros escrachos.

– Que papelão. Não tiro foto nenhum. Tu não avisou.

– Então sai sem foto.

– Bom, então vem aí. Estou toda noite aí plantado. Mas não esquece de dizer que eu só gosto é de fazer cenário.

– E qual foi o melhor que tu fez?

– Da peça “O Dragão”, que o Gentil dirigiu e o Zé Anchieta desenhou. Esse ficou legal.

2. 14 – As crônicas de outubro de 1969 – O folhetim *Balbina de Iansã*

Capítulo 1: O Aviso (Última Hora de SP – Edição de 19/10/1969. Página 3. Caderno 1)

Nas quebradas da vida, nos mocós cavernosos, nas biroschas escrotas, nos puleiros das minas, nas encolhas dos cortiços, nas gafieiras escamosas e nos cambaus, o papo era um só. Toda gente bochichava sobre a festa que Mãe Zefa, a maior do terreiro da Pedra Branca, ia dar pra confirmar a cabeça das novas filhas de Santo. Estava todo mundo assanhado. E com razão.

A macumbeira, quando bolava um rala-bucho¹⁵¹, era pra valer. Mandava ver. E nenhum panaca achava jeito de botar defeito. Os gordurames e as biritas eram às pamparras. Quem atracasse se empapuçara. Tirava fácil o pandulho da miséria. E por essas e outras que vinha nego de tudo quanto era nação nos bate fundos da Pedra Branca. Angola, Caboclo, Kêto, Jêje, Congo, Nagô, Alaketo e tudo mais dava o alô. Nunca falharam. Ainda mais agora, que a batota do barracão embandeirado escrachava pra quem quisesse escutar que o pagode ia ser o melhor que já teve. Coisa de marcar tempo. Aqui, ói. Que alguém ia se mancar. O gango estava firme na boca de espera.

E a Zefa sabia da marola. Mas não tinha babado. Queria botar pra quebrar. na barca das novas filhas estava Balbina, uma branca bonita, que ia ser de lansã. E a Mãe de Santo queria agradar a menina. Queria tanto que deu na vista. E os fuxiqueiros logo boquejaram. Foi um esculacho. Encaveiraram que a macumbeira tinha chamego pego com a branca. Grupo nojento. Porém que a Zefa dava uma pinta de machona, dava. Isso ninguém podia negar. Era alta, de voz grossa, encarava qualquer salseiro, apesar de gorda e coroa, ainda era bonitona. Valia uma meia sola. E com tudo isso nunca se soube de nenhum arreglo dela com homem. Mas também nunca flagraram ela com a boca na botija. E no caso da Balbina o plá era bem outro. A curriola se tocou mais tarde. Mas deixa andar. O que conta aqui, é que a Zefa queria balançar. Tinha fama de rezadeira forte, de ser a primeira pros Orixás, de ter Axe de valia, se emplacasse como festeira, nunca mais parava de chover na sua horta. Quem não estava ainda com ela, iria vidrar. E quem já estava, se amarrava mais. E com essa bola na cachola se traquejava. Chamou a Zeninha, uma nega da sua casa que era quem zelava pelo gongá, e mandou ela dar aquele capricho no altar. E foi aí que se deu a gronga.

A crio[u]la tinha uma cria que nasceu de moleira mole. Já estava com quinze anos e não sabia de nada. Parecia até que cada vez ficava mais batusquela. Pra Zefa, a Boba, que era como a abilolada era manjada, não devia ter sido parida. Ela tinha carrego de Exu. Ia penar de fio a pavio. Mas a Zeninha carregava fé que se a [a]loprada se metesse por dentro dos mistérios da macumba, acabava virando filha de Santo e passava a bater bem da moringa. E então já viu. Qualquer sobra que dava a crio[u]la tentava entregar pra sua criança os macetes do candomblé. E arrumação de altar era uma boa chance. Mesmo sabendo que a Mãe não queria a Boba perto do barracão, Zeninha levou a Boba pra ajudar.

Fez tudo certinho. Tirou os Encantados do gongá e espalhou os brutos pelo chão. Limpou o pó, trocou o papel crepon, deu brilho nos badulaques e tudo. Aí começou a puxar pela ideia de boba.

– Me pega, Oxalá.

151 Termo atualizado; no original de jornal consta “rala-buxo”.

A crio[u]lla disse como quem não quer nada, mas estava estalando. Só manjando pra ver se a cria acertava. Essa babou de alegria. Na sua bobeira era toda encafifada por Santo. Gruindo escolheu, escolheu e acabou agarrando um que achava bonito. Zeninha azedou.

– Não, Boba! Oxalá não anda a cavalo. Esse é Ogum. Oxalá é aquele pregado na cruz. Vê se tu se lembra. Quando eu pedir Oxalá tu apanha o da cruz.

A Boba sentiu a bronca. Gemeu triste e ficou ju-¹⁵².

E depois com as botucas ruru [sic]. Zeninha teve que dar carga.

– Vai Boba! Num te azucrina por pouco. Me apanha o da cruz. Ele é que é Oxalá.

Com essa dica, a batusquela apanhou certo. A crio[u]lla foi colocando o Oxalá no altar, fazendo as saudações e dando embalo pra criança.

– Viu, Boba! Quando tu firma as ideias, tu sabe. Tu apanhou certinho.

E como pra dar força no que dizia, chamou uma moleza.

– Me apanha Ogum!

A menina se afobou. Deu vários gruindos. Se remexeu toda. Rangeu os dentes. Gemeu. Riu pacas. Ficou encabulada. Os pinos da sua cuca devem ter disparado. Ela vacilou entre uma e outra imagem. E acabou grudando a errada. Zeninha endoidou.

– Mas que zorra! Poxa, Boba! Tu não quer se mancar. Tu não firma as ideias! Te mandei apanhar Ogum! Tu já tinha apanhado ele antes! Não tinha? Tu não apanhou o que tava a cavalo? Então pra que a bobeira? Por que se te peço Ogum tu me apanha lansã? Um é Santo homem. A outra é mulher.

Mas não adiantava os berros da crio[u]lla. A Boba nem estava ali. Agarrou a lansã como se fosse uma boneca. E gruindo baixinho, fazia a Santa nanar, balançando os braços. A Zeninha ao ver o que sua filha fazia, se rendeu. Deu um breque e só ficou espiondo. Já bem bambeada, meteu um ponto de lansã.

– lansã. Eparrei [sic].

Santa Barbara agô, cheias de lágrimas foi conversando com a Boba.

– Tu gosta de lansã, né? Vai ver que tu é dela.

Mãe Zefa diz que tu é de Exu. Mas ela deve de tar enganada. Tu é de lansã. Isso é que é. Mãe Zefa sabe das coisas. Mas com tu ela tá enganada. Que Exu que nada. Tu é de lansã. E ela há de te dar valia.

E vendo a Boba nanar a Santa, Zeninha se esqueceu.

Nem viu quando a Zefa entrou. Mas a macumbeira ao flagrar a batusquela com lansã na mão, se queimou e botou a boca no trombone.

– Larga essa Santa, coisa da peste.

Zeninha e a Boba levaram um susto. E a menina largou a imagem que se espatifou no chão. A Zefa ficou desesperada e abriu o bico pra anunciar o esquinapo.

– Desgraça! Desgraça! A Boba quebrou lansã! Desgraça! É aviso de desgraça! É aviso! Desgraça!

O gango da casa escutou os berros da Mãe. Todo mundo veio espiar. Estava feita a confusão.

152 No original de jornal, esta passagem está em branco e o sentido do parágrafo prejudicado.

No Angois era o único terreiro onde o povo se fechava em copas sobre a festa da pedra Branca. O pessoal do barracão passava no lance. E os que se encostavam pra pedir valia não abriam o bico. Tinham medo de não agradar Pai José de Angola. Ele e a Zefa não se topavam. Eram irmãos de Santo. Porém, não se engoliam de jeito nenhum. Carregavam uma pinimba antiga. Desde o tempo que dona Maria Sinhá de lemanjá era viva. Essa senhora da macumba do mundo topo, pôs a mão na cabeça dos dois. E quando morreu, deixou o trono vago. Aí já viu. Foi um pega pra capar. Tanto José de Angola quando Zefa tinham força na casa. Muita gente de valor provado fechava com cada um deles. E começaram a se bater pelo lugar da Mãe. O resultado é que teve um racha. O candomblé da Cascata foi pro vinagre. Pai José se mandou com sua gente e fez sua roça no Angois. Mãe Zefa armou seu pesqueiro na Pedra Branca. Mas a guerra continuou. A Zefa dizendo que levou pra sua casa o Axe da Cascata. Pai José de Angola jurando que o Axe ficou com ele. E não era fofoca barata a disputa do Axe. Esse troço é a força de uma macumba. É uma milonga plantada na pedra de escora do barracão. Leva jornal do dia, moeda do tempo, sangue de bicho, e tal e coisa. E está na cara que quem estivesse com o Axe da Cascata estava com Mãe Maria Sinhá de lemanjá. Porém nunca ninguém confirmou. E ficaram só no esculacho. Um pichando o outro. Passaram a atucana pra batota. E era só gente das duas casas se encontrarem pro pau comer.

Porém se a gronga pegava na Pedra Branca, logo vinha no Angois. O povo jurava que era troca de mandinga que um mandava pro outro. O certo é que no dia que a Boba quebrou lansã, os Engomas dos Angois também tiveram que bater pra trabalho forte. João Gico do Xangô de Ouro, mestre capoeira, e Ogã de grande valia pra Pai José de Angola, foi quem pediu valia. Três noites seguidas sonhara com lansã. Vira a Encantada andando sobre um rio de sangue. E se invocou. Não pelo sangue. Desde pequeno sempre pegava a pior. Sempre comeu da banda podre. Não ia se afobar com sangue. Sonhar com Santa é que era broca. Era coisa de filha firmada ou desmunhecado. E nessa João Gico se apavorou. Enrustiu o perereco enquanto pode. Quando não aguentou mais, encostou no seu maior e rachou. Pai José fundiu a cuca. Achou que era aviso. E pra tirar a cisma, chamou um babalaô e mandou deitar as pedras de Ifá.

O Adivinho, depois de mil mumunhas e rezas, acendeu uma vela perto de um copo de água e atirou o rosário. Na posição das contas, leu a sorte. E charlou.

– Aviso mesmo! O nego tem que valer pra alguém de lansã que esta precisado.

E fechou a esteira. Mas deu pra frente o chefe de Angois sabia. E sem babado entregou.

– Tá certo! Tudo bate! Xangô, dono das tempestades, dos raios, do trovão! É rei de Óyó [sic] e também de todo povo Nagô. Xangô é mulherengo. Nunca vai dá baixaria. Num tem por onde. Ele é macho de lansã. Santa Bárbara precisa de briga de João Gico! Xangô dá licença.

E depois da fala Pai José de Angola catimbou um patuá e entregou ao moço. O homem podia encarar o que desse e viesse. O resto era com os encantados que deram o aviso.

Capítulo 2: A limpeza da gronga (*Última Hora* de SP – Edição de 26/10/1969. Página 12. Caderno 1)

Resumo do capítulo anterior¹⁵³

O candomblé da Pedra Branca se prepara para dar uma grande festa. Zeninha, zeladora do altar, leva sua cria, a Boba, uma menina batusquela, pra ajudar na arrumação do altar. A menina deixa cair a imagem de Iansã que se quebra. Mãe Zefa, chefe do terreiro vê nisso um aviso de desgraça. No mesmo momento na macumba de Angois, casa de inimigos de Pedra Branca, o babalaô adivinho deita as pedras pra decifrar o sonho de João Gico, primeiro Ogã. Ele sonhara com Iansã. Vira a Santa andando sobre um rio de sangue. O Babalaô interpreta esse sonho com um aviso. Garante que alguém de Iansã precisa do auxílio do João Gico, que é de Xangô, marido de Iansã.

Mãe Zefa contou os cacos da imagem de Iansã quebrada. Se picou de raiva e de medo. Eram sete pedaços. Não tinha deschavo. Qualquer loque podia ler o escracho. Crepe. E a macumbeira diante do gongá, fingiu rezar. Mas sua cuca dava mil voltas. A coroa sabia que não podia dar mancada. A fama do seu Axe estava em jogo. Se alguém levantasse uma dúvida sobre se um arreglo com os Orixás, ele ficava mal. Era preciso desviar a atenção da curriola. E Zefa bolou um perereco. Antes que alguém tivesse a cara de pau de pensar qualquer coisa, ela deu um alô.

– É aviso de desgraça! É aviso. Vem coisa feita pelos caminhos. Mandinga que fizeram contra a Pedra Branca. Coisa forte e feia. Temos precisão da proteção de Oxalá, meu pai. Sarava.

Ao escutar as dicas da Zefa, o povo se apavorou. E com uma fé de abilolados, responderam a saudação.

– Êxê é babá! Êxê é babá.

Os atabaques entraram em cima. E uma partideira puxou a fieira.

– Oxanguinha meu pai.

Me livra da guerra.

E enquanto seu povo catava o maleime ao Encantado, chefe do terreiro, Zefa se tocava no Pai José da Angola.

Na ideia da Mãe de Santo, tudo era xaveco¹⁵⁴ armado pelo inimigo. Catimba pra entutar ela com os Orixás. Ela achava que o pinta soube de Balbina. Adivinhou que a [sic] e jogou areira. Fez nó. E cheia de bronca, juntava as pontas. Não tinha mistério. O majura procurava sempre encrenca. Nunca a gronga montava nela porque ela se cobria. A gente de sua casa pagava as obrigações com a cabeça. Tudo certinho. A única colher de chá que o sem vergonha teve foi essa. O mal feito baixou no barracão na hora que a Boba estava dando sopa. A batusquela não tinha defesa. Nasceu de moringa mole. Era arte de Exu. Não contava como povo seu. Porém, quebrar Iansã era broca. Numa dessa, Santa Bárbara azedava e aí era broca. Virava a mesa. A Zefa, que manjava bem o gênio da Encantada, até se arrepiava de pensar. Iansã era guerreira, cheia de fogo. Por muito menos a coroa tinha visto a Santa ir à forra. E sabia que, quando baixa a biaba Iansã não quer saber quem é quem. Manda ver. E com essa bola na cachola, a Zefa resolveu apelar. Com um gesto seu os atabaques pararam. Ela olhou bem todo povo, antes, depois deu o serviço.

– Saravá, meu Pai Oxalá!

153 Grafia atualizada; no original de jornal está em negrito.

154 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

A Mãe fez a saudação e deu um tempo. A botota respondeu. Só que dessa vez foi sem muito entusiasmo. O que a curriola carregava neste momento era a curiosidade. Que logo Zefa sossegou.

– Quem tem botuca de ver já se tocou. Mas não custa falar. Sempre tem gente que não sabe. E tem umas que sabe, mas faz pouco caso. E foi isso que se deu. Eu sempre falei pra Zeninha que não queria a Boba dentro do barracão. Num adiantou de nada eu falar. A Zeninha meteu a coisa da peste aqui dentro, veio o mal e pegou ela. Fácil. A boba tem a moleira mole. Não se cobre. É de Exu. Arrastou desgraça pra cima da gente.

Ao escutar o esculacho, o gango bochichou às pamparas. A Zeninha sentiu a barra pesada e foi se defendendo.

– Não foi por mal que ela quebrou a Santa. A Boba só tava ajudando. Ela até que é vidrada em lansã. Nunca ia quebrar uma Encantada por gosto.

Porém não adiantou a crio[u]lla chiar. A Mãe deu uma solada.

– Não foi por gosto, mas quebrou. E não vai ficar no barato. Tem muita sorte selada nesses cacos do chão.

Outra vez o pessoal da casa murmurou com medo da divina e com raiva da Boba. Mas a Zefa não deu bola pra torcida. Foi em frente.

– Temos que se cobrir. Agora e sempre. Só que agora mais do que nunca. Quem deve paga.

Uma negritinha tihosa pra fazer média abriu o bico:

– Assim que tem de ser. Mãe falou é lei.

Todo mundo deu apoio. E a macumbeira pegou a corda. E adiantou seu lado.

– Vamos ter que gastar uma grana que não estava contada. Quero botar no altar uma lansã bem grande. Maior que essa dez vezes. Num me importa que seja cara. Quero fazer gosto a lansã.

E como falou em dinheiro, tirou o corpo fora e chutou a bola pra frente.

– Um Ogã que cuide disso. Já tenho muito que cuidar pra festa. Se for sozinha, não dou conta de nada.

Se apresentou um velho babão todo cheio de vontade de aparecer.

– Deixa comigo, Mãe. Onde eu trabalho, tem máquina de escrever. Faço as listas e depois as filhas correm nos achegados a gente que tem bufunfa¹⁵⁵.

A Maior gostou as baldas da solução do Ogã velho. Sabia que ia dar grana pra compra dez lansãs. Como só precisava de uma, estava legal. Mas não relaxou.

– As filhas se alembrem que quero coisa fina. Não me apareçam com mixuruquice. E eu também quero no despacho de Exu dar um bode grande. Assim ele fica na rua, que é lugar dele. E tu, Zezinha, nem chega perto do barracão antes da festa. É teu castigo. Assim, daqui pra frente tu aprende a fazer o que tu Mãe de Santo te mandar.

A crio[u]lla se machucou. Mas o pior ainda estava pra vir. Antes que ela estrilasse a Zefa continuou.

– E a Boba, que está com carrego forte, vai ser limpa no tronco.

Foi a zoeira. A limpeza no tronco era de lascar. Amarravam o desgraçado que devia ser limpo num tronco e batiam nele com cipó virgem até acharem que ele estava puro. No terreiro da pedra Branca há muito tempo não se entrutava ninguém

155 Termo atualizado; no original de jornal consta “bofunfa”.

nessa jogada. A maioria dos presentes nunca tinham visto. E era uma chance. Ficaram assanhados. Menos a Zezinha. Ela, além de ser a mãe de sangue da Boba, já tinha ido ao tronco. E se desesperou. Se agarrou à sua cria e abriu o bué.

– Não Mãe! Não faz isso com a Boba. Ela num tem nada que vê. Num tem nada que vê. A pobre não sabe das coisas. Livra ela e dá em mim.

A Zefa não balançava. Sentiu o efeito da sua ordem junto ao povo. Todos queriam ver. Ela não podia dar pra trás. E sem ligar a mínima pra Zeninha, fez um gesto com a mão. Dois Ogãs foram agarrar a Boba. A crioula saiu no pau. Os pintas eram dobrados. Mas a fêmea ferida encarou. A menina batusquela se abraçou a crioula e berrava. O povo só espiava o salseiro. Ninguém entrava no bate fundo. E os Ogãs acabaram estarrando a Zeninha. Atiraram a mulher longe e foram arrastando a criança pro tronco. Nem tomavam conhecimento dos apelos da crioula e dois gemidos da Boba.

2. 15 – As crônicas de novembro de 1969 – O folhetim *Balbina de Iansã*

Capítulo 3: A presença de Iansã (*Última Hora* de SP – Edição de 2/11/1969. Página 7. Caderno 1)

Resumo dos capítulos anteriores¹⁵⁶

O Candomblé da Pedra Branca se prepara para dar uma grande festa. Zeninha, zeladora do altar, leva sua cria, a Boba, uma menina batusquela, pra ajudar na arrumação do altar. A menina deixa cair a imagem de Iansã que se quebra. Mãe Zefa, chefe do terreiro vê nisso um aviso de desgraça. No mesmo momento na macumba de Angois, casa de inimigos de Pedra Branca, o babalaô adivinho desta as pedras pra decifrar o sonho de João Gico, primeiro Ogã. Ele sonhara com Iansã. Vira a Santa andando sobre um rio de sangue. O Babalaô interpreta esse sonho como um aviso. Garante que alguém de Iansã precisa de auxílio de João Gico, que é de Xangô, marido de Iansã. Zefa da Pedra Branca resolve dar uma limpeza na Boba, que segundo ela, está com carregamento de Exu. E manda levarem a Boba pro tronco, onde deve receber uma surra de cipó virgem até ficar livre das influências do mal. Zeninha, a mãe de sangue da menina se rebela contra a ordem da macumbeira. Luta desesperadamente contra os Ogãs da Casa. Porém é vencida e vê com desespero a filha ser arrastada para o tronco.

O Pivete Tuim, guardador de automóveis no centro da cidade escutava a moçada que se achegava no mesmo batente da Pedra Branca. Dos esquinapos ninguém falava. Mesmo porque ninguém sabia. O pessoal da Zefa se fechou em copas sobre o crepe. Eles sabiam que não presta enxame de coisa ruim. Bochicho de desgraça só serve pra dar gosto ao inimigo. E engrupiram o povo. E o Tuim se encheu de vento mesmo de Angois, filho de Santo de José da Angola. Mesmo sabendo que as duas casas não levavam papo, resolveu baixar no rala-bucho¹⁵⁷. Mas como era enturmado com João Gico e os outros Ogãs do Angois, resolveu ir chamar o gango. Papagaio enfeitado, cheio de milongas e tal e coisa, o Tuim nem percebeu que o João estava Jururu. Foi logo carteando:

156 Grafia atualizada; no original de jornal está em negrito.

157 Termo atualizado; no original de jornal consta “rala-buxo”.

– Gente, o lance é na Pedra Branca. Vai ser de entortar. Até loque vai se entortar. Até loque vai se servir. E nós tem de ir.

O Ogã quis cortar a onda logo de saída.

– Pedra Branca não chama gente de Angois. A maior daquela Casa tem medo do nosso Pai de Santo. Aquela mulher não presta. É enganadora. O Pai João advinha as catimbas dela. E a velha tem bronca. Se vê gente de Angois, faz feder. E nós não é mole. Tu bem sabe, Tuim. Então é melhor não ir onde a gente não foi chamado. Pra que procurar encrenca. Já chega as de todo dia.

Mas o pivete estava muito ligado.

– Vai quem quer meu João Gico Xangô de Ouro. Vai quem quer. A gente não vai pra perturbar. Só vai pra comer, beber e vadiar. Isso é que é. E não é sempre. Então qual é o babado? É mal ir lá ganhar umas negas e esquecer o mundo? Olha gente boa, o que se leva dessa joça é isso mesmo. E não faz marola. Tu é Xangô. Vai dar dispensa pras minas?

Com o papo, Tuim ia puxando os parceiros. Puia, Caterete, Dozinho, Jureba, Gatão, toda a presepada já estava com ele. Só João balançava. E o pivete dava carga.

– Vo[u] te contar uma que tu vai entortar. Sei de uma mina que vai, que não é mentira. Coisa pra panaca nenhum botar defeito. Juro por essa luz que me ilumina. É uma coisa.

E antes de dar a ficha deu o breque. Nessa parada a moçada entrou. E o Puia logo quis o recado inteiro.

Aí o Tuim se deitou.

– Quem é?

– Tá afobado, galo cego. Vai devagar com andor. Essa mina tá combinada. E é com o seu parceirinho aqui. Mas eu te conto quem é. Pra ti e pra quem quiser. Aqui ninguém manja ela. É uma tal de Isa. Ela baila nos Palmares, uma gafeira da cidade. Mas só tu vendo. A criou[u]lla é traquejada. Nasceu coroadada. E com ela vai montes de mulher. De todo canto. E só os mais sabidos chegarem lá e apanhar. Até eu que sou trouxa já fiz apontamento. E tu vai deixar sobrar João?

O João Gico era o primeiro Ogã. Todos botavam muita fé nele. E faziam questão de contar com o moço. Onde ele encostasse, sempre dava pé. Quando estava na maré mansa botava pra quebrar. Cantava, dançava, batia atabaque, brincava com o violão, tinha briga pra doze caras e a mulherada vidrava no pinta. Quem estava junto se dava sempre bem. E valia a pena gastar saliva pra arrastar o João. E o Tuim cercava.

– Tu vem João? Vai ser pras cabeceiras.

O resto do gango ajudava.

– Vamos João. Acho que vai dar pedal.

– A gente vai nas encolhas.

– No meio do mundaréu ninguém dá com nós.

Mas o Ogã estava mesmo cabreiro.

– Eles não chamaram o Angois.

– Grande coisa.

O Tuim secou em cima. O João não chiou. Os amigos entraram firme.

– Vamos ver isso de perto.

– Só pra conferir.

– A tal gata do Tuim deve ser um bagulho. E a gente tem que espiar ela de perto. Só assim ele para de contar mentira.

Com toda zoeira o João ainda continuava arisco.

– Pode dar bolo.

– Que nada. Eles se flagrarem a gente vão se aguentar.

O Tuim puxava a fileira, o resto engrossava.

– Tá na cara, João.

– Os caras não vão querer eles mesmos bagunçar o pagode.

– E a gente não cria caso.

– Sempre se portamos direito.

Sem saída o Ogã se entregou.

– Eu nem tou a fim de festa. Tive um sonho cabreiro. Coisa que mexeu com a minha moringa. Coisa de respeito.

E nessa o Tuim entrou de sola.

– Então tu tem de ir.

– Essa que é a tua?

– Fácil. Se tá com carga na cuca tem que vadiar. Assim, é que tá certo.

Refresca a mufa.

– Pode ser.

E daí não teve mais jeito de dar pra trás. Ficou acertado que todos iam na Pedra Branca. Mas as minhocas da cachola do Ogã continuaram. E ele se abriu com Puia que também era Xangô. Contou o sonho e as chaves do babalaô. O irmão de Santo escutou tudo. Depois rachou:

– Foi bom tu me botar por dentro. Levo fé firme em vosso Encantado. Vou te dar cobertura. O que sair pra ti é comigo também. Tá selado. Que Xangô não deixe a gente só. Saravá.

João Gico só murmurou:

– Kauô Kabiecilê!

Na Pedra Branca os Ogãs meteram Boba no tronco. E já iam mandar castigo quando Balbina, a branca que ia ser feita de lansã se doeu e meteu o bedelho.

– Espera Mãe Zefa.

– Que é que há Balbina?

– Manda parar com essa zorra.

– E por que? É tu que quer?

– Não, Mãe.

– Então o que te dói?

– É ver essa criança no tronco. Ela não sabe das coisas. Dá perdão pra ela.

O povo ferveu. Já tinha montes de gente com bronca da Balbina. Pegaram a deixa e atucanaram a Mãe contra ela. Mas nem era preciso. A Zefa ficou uma arara. Nunca em todo seu tempo de macumbeira tinha visto tamanha folga. Esquecendo dos seus arreglos foi feita pra cima da moça.

– Só por que tudo quer eu dou perdão. É isso? A Boba não sabe das coisas. E tu sabe? Tu sabe mais que eu que sou Mãe desse terreiro? Tu sabe mais que eu

que fui feita por Maria Sinhá de Iemanjá, primeira senhora da macumba nesse mundo todo? Tu sabe mais?

Balbina se fechou. Mas a Zefa queria saber.

– Tou perguntando. Tu responde.

A moça encabulou.

– Não sei mais que ninguém.

– Mas quer perdão pra Boba.

– É só o que quero

Helena, uma mulata que estava na turma de Balbina, e que disputava com ela pra ver quem era a de mais dengo, resolveu encaveirar de vez a branca. Avançou pra ela com a gana pega.

– Tu tá desfeiteando Mãe Zefa. Eu não engulo.

Com Helena foi uma batota. E imprensaram Balbina na parede. A Moça não aguentou. Caiu no choro. Aí foi aquele esculacho. E quando iam dar o cacete ela se ergueu. Já era outra. Todo mundo percebeu quando ela gritou:

– Esparrei!

Era a própria lansã que estava ali.

FIM [sic]

Capítulo 4: Há males que vem pra bem (*Última Hora* de SP – Edição de 9/11/1969. Página 7. Caderno 1)

Resumo dos capítulos anteriores¹⁵⁸

O candomblé da Pedra Branca se prepara para dar uma grande festa. Zeninha, zeladora do altar, leva sua cria, a Boba, uma menina batusquela, pra ajudar na arrumação do altar. A menina deixa cair a imagem de lansã que se quebra. Mãe Zefa, chefe de terreiro vê nisso um aviso de desgraça. No mesmo momento na macumba de Angóis, casa de inimigos de Pedra Branca, o babalaô adivinho deixa as pedras pra decifrar o sonho de João Gico, primeiro Ogã. Ele sonhara com lansã. Vira a Santa andando sobre um rio de sangue. O Babalao interpreta esse sonho como um aviso. Garante que alguém de lansã precisa de auxílio de João Gico, que é de Xangô, marido de lansã. Zefa da Pedra Branca resolve dar uma limpeza na Boba, que segundo ela, está com um carregado de Exu. E manda levarem a Boba pro tronco, onde deve receber uma surra de cipó virgem até ficar livre das influências do mal. Zezinha, a mãe de sangue da menina se rebela contra a ordem da macumbeira. Luta desesperadamente contra os Ogãs da casa. Porém é vencida e vê com desespero a filha ser arrastada para o tronco. Balbina resolve interferir em favor da Boba. Pede que a Mãe de Santo a livre do tronco. Essa atitude da moça branca desperta a raiva do povo do candomblé. Depois de forte bate-boca, os mais violentos partem pra agredir a Balbina. Essa se encolhe num canto. Quando se levanta está carregado lansã.

Diante da Santa[,] toda batota se rendeu. Até os que estava mais atucanados com a Balbina seguraram as pontas. Por dentro, inveja e os cambaus. Porém com as botucas ligadas na Mãe Zefa. Essa que entrou em bobeira, logo que saiu do

158 Grafia atualizada; no original de jornal está em negrito.

espanto saudou lansã. A curriola fez coro. Engrenaram o ponto. Mas a Encantada nem se tocou nas mumunhas. Dançando se aproximou da Boba e lhe botou a mão na cabeça. Estava dado o perdão. A menina ficava livre do tronco. E sem marola, a Santa se retirou, deixando Balbina meio tonta no meio da roda. E o povo que espiava parou de cantar e continuou espiando sem entender bolhufas.

Nem Zefa, que era tarimbada pacas, se flagrava no babado. Sua cuca estava fundida com tantas ideias. Revia tudo desde o começo. Ela mandou a Boba pro tronco. Balbina se doeu. O povaréu achou que era folga da branca. Deu uma prensa e iam descer o cacete. Antes mesmo que ela, Mãe de Santo do terreiro, acabasse com a zoeira, baixa lansã e perdoa a Boba. O troço fedia. Tinha mil lados. Era aí que a Zefa se danava. Se quando Balbina falou em favor de boba, estivesse sobre a influência da Santa? Então tinha sido a mancada mais cavernosa da sua vida de macumbeira. Ela não percebeu os fluidos da Encantada, era sinal de que estava chegando ao fim. E se essa fosse a verdade, já podia tirar o time de campo. A própria lansã ter que encarnar pra fazer o seu serviço não iria ficar no barato. A guerreira iria cobrar. E o Axé balançava numa dessa. Mas do outro lado podia ser tudo grupo. Fajutice da Balbina. Ela encostada na parede se apavorou e pra livrar a cara chuveirou que era lansã. Talvez nem fosse um xaveco¹⁵⁹ bolado. Podia ser tudo gronga parida no medo. Essas coisas acontecem. Mas de qualquer jeito, ela, Zefa se entortava. Se tudo não passasse de mistificação, cabia a ela adivinhar o esquinapo. Comer uma treta era o fim da picada. E com essas e outras na moringa a Mãe de Santo se azucrinava. Precisou muito bochicho do gango pra ela cair em si. Olhou entorto se [sic] percebeu que tinha que escrachar. Sentiu o aperto das perguntas em cada olhar. Malandra velha fez jogo de cena pra ganhar tempo e encontrar o que dizer. Ficou no “ora veja”. E com medo de dizer besteira, deu uma dispensa.

– Sai todo mundo do barracão. Só tu fica Balbina. A gente tem que se falar.

O povo encabulou. Se plantaram no lugar. Um ficou esperando o outro se mexer. E todos ficaram esperando a Mãe Zefa abrir o papo com a Balbina. E no devagar, receberam um esculacho.

– Fora daqui cambada. Que é que querem. Já num mandei sair? Então tem de sair. Tá tudo com curiosidade. Pois foi a curiosidade que matou o gato. Se arranca. Vão se catá. Vão à vida. Vão ver a mãe que fez. Vão meter o badalho no sapo. Mas me deixa só com a Balbina.

Depois do estribo, o povaréu sentiu que não tinha por onda. Chiando a tal e coisa saíram. Não Zefa [, que] trancou a porta e encarou a branca. Essa baixou a cabaça. A macumbeira entrou de saia.

– Se racha, Balbina.

– Só tive dó da Boba.

– Isso deixa pra lá. Quero saber depois.

– Veio lansã! E tu viu.

– Vi mas não botei fé.

– Que[r] ser eu?

– Tu tem de saber. Não foi tu a cavalo?

– Senti zoeira. Entrei no barra vento. Só disso sei.

– Não vai querer bancar sabida.

159 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

- Juro por essa luz que me alumina que só to falando o que é.
- E se não for a verdade?
- Que iansã me castigue!

A Balbina falou com sinceridade. A Zefa percebeu e viu que não tinha nada pra arrancar da branca. Se ela que era ela estava no balanço, a moça também devia estar. Mas pra ganhar pontos fez marola.

– Cada cabeça é seu guia. Assim é que é. Se tu enganou pra nós que tava de lansã em cima é fogo. Pra ti que gozou com coisa de respeito e pra mim que devia de desmascarar o capuchete e me quietei. Numa dessa a gente se desgraça. E se isso acontecer Balbina, eu te lanho no tronco. Pode cre [sic] desde já. Te falo que te lanho e te lanho mesmo. Pra te limpar e pra te machucar. Te cobre como puder. Que eu me cubro. Disso eu sei. Agora vai. E se fecha em copas com o povo. Eu digo o que deve ser dito.

Balbina escutou tudo fazendo esforço pra não cair no bué. Tomou benção da Zefa e saiu na zula. Foi chorar junto da fonte das águas de Oxalá.

A Zefa sentiu novo embalo ao perceber que a Balbina estava cabreira pacas com o perereco. Pelo papo da moça estava claro que se foi treta nem ela sabia. Então aquela descida de lansã fora de hora não contava muito. A branca não iria nunca bater com a língua nos dentes pra avacalhar seu pesqueiro espalhando que levou ela no bico. Se foi treta não foi pensada. O negócio era tirar de letra. E fácil. Bastava aceitar o fato e fim. A curriola embarcava na canoa. E pra não perder tempo a coroa foi pro centro da roça, juntou a batota em volta e mandou brasa. Sempre é claro, adiantando o seu lado.

– Minha gente há coisa má que vem pra bem. Coisa do bem que vem pra mal. Isso é que é. E todo mundo que tá aqui, viu que é como eu digo.

O povo não tinha manjado bolhufa, mas aprovavam com a cabeça que tinham visto. A velha macumbeira que era cobra no plá sabia que os trouxas gostam de ser enfeitados. Então metia a bicaria.

– Taí tudinho escancarado. Jogaram mandinga pra cima de nós. Coisa forte. De arrepia. Mas graças a Oxalá, meu pai, aqui a gente tá tudo com proteção de Santo de grande valí. Só a Boba é da peste, pegou a gronga. Nós ia ter de limpar ela. Mas a lansã baixou e trabalhou por nós. Savará lansã.

A batota tribando entrou firme.

– Saravá!

E a Mãe foi em frente.

– Jogaram mal e veio pra bem, lansã correu pra nós. Veio o bem e deu mal. Porque agora a gente tem que dar de comer pra Santa. Tem que dar do bom e do melhor. E a gente tá com a grana contada pra festa. E se tira da festa é ruim. Se não dá pra lansã é ruim. Como faz?

O Ogã xereta¹⁶⁰ não perdeu a deixa.

– Vamos de lista.

– Mãe fez dengo.

– Outra vez? Tamo pesando nos amigos.

O loque não vacilou.

160 Termo atualizado; no original de jornal consta “chereta”.

– Amigo é pra isso. O que não se pode é deixar uma Santa de tanta valia no talo.

E a coroa aprovou.

– Isso não se pode mesmo.

E a curriola começou a bolar as listas. A Mãe só deu uma dica.

– Quero que lembre, que lansã merece do melhor. Não me apareçam com coisa pouca.

CONTINUA – [sic]

Capítulo 5: O destino de Balbina (*Última Hora* de SP – Edição de 16/11/1969. Página 13. Caderno 1)

Resumo dos capítulos anteriores¹⁶¹

O Candomblé da Pedra Branca se prepara para dar uma grande festa. Zeninha, zeladora do altar, leva sua cria, a boba, uma menina batusquela, pra ajudar na arrumação do altar. A menina deixa cair a imagem de lansã que se quebrou. Mãe Zefa, chefe de terreiro, vê nisso um aviso de desgraça. No mesmo momento na macumba de Angois, casa de inimigos de pedra Branca, o babalaô adivinho deita as pedras pra decifrar o sonho de João Gico, primeiro Ogã. Ele sonhara com lansã. Vira a Santa andando sobre um rio de sangue. O Babalaô interpreta esse sonho como um aviso. Garante que alguém de lansã. Zefa de Pedra Branca resolve dar uma limpeza na Boba, que segundo ela, está com carregado de Exu. E manda a boba pro tronco, onde deve receber uma surra de cipó virgem até ficar livre das influências do mal. Zeninha, a mãe de sangue da menina se rebela contra a ordem da macumbeira. Luta desesperadamente contra os Ogãs da Casa. Porém é vencida e vê com desespero a filha ser arrastada para o tronco. Balbina resolve interferir em favor da Boba. Pede que a Mãe de Santo a livre do tronco. Essa atitude de moça branca, desperta a raiva do povo de Candomblé. Depois de forte bate boca, os mais violentas partem pra agredir a Balbina. Essa se encolhe num canto. Quando se levanta está carregando lansã. O pessoal do Candomblé cai no espanto. Mas respeitam lansã. Cantam e dançam em homenagem à guerreira. Essa sem ligar pras macumbas, bota a mão na cabeça da Boba e a perdoa. A Mãe se sente desfeitada. E desconfia que tudo não passou de mistificações. Dá um aperto na Balbina, assim que essa fica livre. Pela conversa da moça, a macumbeira percebe que nem ela sabe se é mistificação ou não. Se alivia, porém resolve manter os olhos abertos pra vigiar a branca.

Assim que Mãe Zefa se livrou do povo, mandou um crioulinho da casa chamar Expedito da Paixão, seu Ogã de mais valia. Era sempre pra ele que a macumbeira dava os trabalhos mais cavernosos. E nunca o cara deixava de cumprir. Mulato forte, grande capoeirista, com o corpo fechado pra fogo, mandiga e arma de ponta pela própria senhora da pedra Branca, o ponta era broca. Palavra de sua Mãe de Santo era a lei. E não tinha deschavo. Ele cumpria. Fosse o que fosse. Tinha bochicho nas encolhas de muito nego que apareceu com a boca cheia de formiga por sua conta e a mando de Zefa. Porém os seus salseiros sempre ficavam no barato. O povo na frente do Ogã maneirava. Respeitavam o Expedito não pelo cargo, mas por sua

161 Grafia atualizada; no original de jornal está em negrito.

briga. E por essas e outras, ele era de valor na casa. A única coisa que Zefa reclamava é que o Ogã gostava de vadiar. E ora só ter sopa ele se pinotear e ir marcar ponto nos puleiros das madames. E foi numa espelunca dessa que o crio[u]lino encontrou o bruto. E entregou o serviço para Zefa. Aí quando o Expedito chegou, a velha foi logo pegando pelo pé:

– Pouca vergonha a tua.

A gente aqui com precisão e tu solto no mundo.

O Ogã se abriu na risada e tirou de letra.

– Só tava me tratando, minha Mãe Zefa. Sabe como é o molho. Cobra que não engole sapo.

A Zefa gostava das milongas do mulato. Mas antes de relaxar a bronca ainda fez marola.

– Pois é! Tu fica correndo atrás dos rabos de saia, e deixa sua Mãe de Santo, que tebotou a mão na cabeça que te fechou o corpo contra as coisas ruins no aperto.

Expedito era escolado. Sabia que o esculacho da Zefa era só dengo. O que a velha queria era um agrado. Fez.

– É Senhora Dona Zefa. Minha Mãe de Santo, primeira na Pedra e no candomblé do mundo todo, seu Ogã de valia sempre está pra servir a quem deve. Seja no que der e vier. E se for preciso minha Zefa me encontrar, os Encantados dão jeito. Eles se viram pra Zefa.

Com o crás-crás-crás do Expedido, a velha se acalmou.

– Tu fala bonito como moléstia. Mas eu te cuido um dia. Agora me escuta que a gronga é brava.

– To de orelha em pé.

– Tu manja a branca?

– A Balbina?

– Essa mesmo.

– Coisa linda de doer nas botucas. Mas machucou assim que vi. A bonita é de entortar qualquer moringa.

– Mas não é pra teu bico.

– Num me diz isso. Minha Mãe.

– Digo porque num é. Tou com o destino dessa branca traçado. Vou dar ela pro nosso amigo.

– Aquele político loque?

– Ele mesmo. É homem de posse e de influência. Quero ele na casa de vez.

– Mas ele já se serve aqui há muito tempo. Num tem cabrocha que ele não bota os olhos, que a Mãe num dê pra ele.

– Mas tu não entende as mumunhas. Branco rico só quer as cabrochas pra vadiar. E eu quero que esse trouxa se amarre de chamego pra sempre com alguém da casa. E só pode ser com a Balbina. Ele é branca e bonita. Se o cara se gama fica preso de vez. Com ela ele faz figura até no meio dele. Entre os políticos e tudo.

– E eu fico no “ora veja?”.

O Ogã disse isso puxado do peito. A Zefa que era piranha sentiu o peso da batota. Sabia como o seu Ogã era por dentro. E pra aliviar a carga, maneirou:

– Tu fica no talo se tu for de bebedeira. Mas se tu for quem tu sempre foi acaba pro teu lado. A Balbina é de fogo. O loque não vai poder com ela. Quando tu sentir que a branca tá pedindo, tu dá.

– Isso é que é. Mãe sabe das coisas. Mas que tenho que fazer?

– Zelar pela branca durante a festa. Sei que ela é de saber querer. Já deu prova. Numa dessas ela entorna o caldo. Apronta desfeita pro loque e garra num pé de chinelo qualquer. Quero que tu não deixe ninguém se encostar nela. Ninguém.

– Tiro o cacete se for preciso.

– Só se for preciso. Num quero zoeira na minha festa.

– A Mãe fala, é a lei.

– Agora me deixa e vai cuidar da vida.

– Sua benção Mãe.

O Ogã saiu de pinote e foi rondar pela roça. Virou, virou e suas botucas encarnaram na Balbina. Tirou a branca de alto a baixo. Quanto mais olhava mais se convencia que a Mãe ia jogar fora um bocado bom. Lamentou pacas. Se mordeu de vontade. Porém segurou as pontas. Tinha na moringa as ordens da Zefa. Não podia se soltar. Estava acostumado a obedecer a velha. Porém por dentro sentiu as picadas do querer. Era demais.

CONTINUA

Capítulo 6: [Sem título] (*Última Hora* de SP – Edição de 30/11/1969. Página 10. Caderno 1)

Resumo dos capítulos anteriores¹⁶²

O Candomblé da Pedra Branca se prepara para dar uma grande festa. Zeninha, zeladora do altar, leva sua cria, a Boba, uma menina batusquela, pra ajudar na arrumação de altar. A menina deixa cair a imagem de Iansã[,] que se quebra. Mãe Zefa, chefe do terreiro, vê nisso um aviso de desgraça. No mesmo momento, na macumba de Angois, casa de inimigos de Pedra Branca, o balalao adivinho deita as pedras pra decifrar o sonho de João Gico, primeiro Ogã. Ele sonhara com Iansã. Vira a Santa andando sobre um rio de sangue. O Babalao interpreta esse sonho como um aviso. Garante que alguém de Iansã precisa de auxílio de João Gico, que é de Xangô, marido de Iansã. Zefa da Pedra Branca resolve dar uma limpeza na Boba, que segundo ela, está com carrego de Exu. E manda levarem a Boba pro tronco, onde deve receber uma surra de cipó virgem até ficar livre das influências do mal. Zeninha, a mãe de sangue da menina, se rebela contra a ordem da macumbeira. Luta desesperadamente contra os Ogãs da Casa. Porém é vencida e vê com desespero a filha ser arrastada para o tronco. Balbina resolve interferir em favor da Boba. Pedre que a Mãe de Santo a livre do tronco. Essa atitude da moça branca desperta a raiva do povo do candomblé. Depois de forte bate boca, os mais violentos partem pra agredir a Balbina. Essa se encolhe num canto. Quando se levanta, está carregando Iansã. O pessoal do candomblé cai no espanto. Mas respeitam Iansã. Cantam e dançam em homenagem à guerreira. Essa, sem ligar pras mumunhas, bota a mão na cabeça da Boba e a perdoa. A Mãe se sente desfeitada. E desconfia que tudo não passou de mistificação. Dá um aperto na Balbina, assim que essa fica livre. Pela conversa da moça, a macumbeira percebe

162 Grafia atualizada; no original de jornal está em negrito.

que nem ela sabe se é mistificação ou não. Se alivia, porém resolve manter os olhos abertos pra vigiar a branca. Convocou Expedito, um Ogã da casa e explicou pra ele os macetes. Contou que pretendia fazer Balbina casar com um político importante que protegia o candomblé. O Ogã que já andava cobiçando a moça, não gostou da história. Porém, por respeito à Mãe de Santo, resolveu vigiar a branca.

Expedito ia comendo Balbina com as botucas. Na sua moringa passavam mil ideias de jerico¹⁶³. Lembrou que Mãe Zefa tinha mandado ele segurar as pontas. Não amarrar chamego com a moça que já tinha destino traçado. Mas resolveu desconhecer as ordens da macumbeira. Fazia sempre o que a senhora da Pedra Branca queria. Porém, dessa vez, resolveu desconhecer os caprichos da velha. A vontade que ele tinha da branca era mais forte. o sangue estava em fogo. Não dava pro Ogã se aguentar. E com o perereco ardendo, se encostou na moça. Acostumado a dar sorte com os rabos de saia, foi firme. Estava certo de ganhar a branca no macio. Atracou e meteu engodo.

– Oi branca!

Balbina, que estava abitolada, tentando esticar os nós das mumunhas cavernosas, até se assustou com o a alô do Ogã da Pedra Branca. Porém[,] encabulou pra valer quando seus olhos flagraram os olhos do pinta. O que o Expedito queria estava escrachado nas lanternas. Era mole de ver. E Balbina sentiu a gronga brotando. Manjava a fama de ganhão do cara. Sabia que ele era chavequeiro. Se alguma cabrocha dava dispensa pra cima dele o gabiru entrutava. Se valia do poder e da voz forte que tinha junto da Zefa pra aprontar os esquinapos. Mas pra não criar marola, e mesmo porque como filha de Santo ela devia respeito aos Ogãs da casa, a moça deu trela.

– Sua benção, Ogã!

Expedito nem se ligou na saudação. Foi logo dando carga.

– Quero te falar.

– Tou te escutando.

– O papo é que eu sou vidrado em ti.

Balbina estava esperando cantada. Tinha pensado em tirar de letra. Porém o cara não fez volta. Deu seca. Rápido e rasteiro. E ela ficou entupida. Numca sinuca de bico. Expedito foi em frente.

– A gente tem que se acertar. Te gosto pacas. Quero te fazer mulher. Que é disso que eu sei.

A menina se fechou em copas. O Ogã não deu devagar.

– Que tu me diz?

A branca se fez de loque.

– Do que?

Expedito foi logo azedando.

– Do que eu te falei, pombas!

– Num sei.

– Como que tu não sabe?

– É que essas coisas não são assim.

163 Termo atualizado; no original de jornal consta “gerico”.

– Assim como?
– Como tu acha.
– Se abre direito. Não enrola teu Ogã, menina. Te disse que te quero. Como faz?

– Tu chega como quem não quer nada e já dá a decisão.
– Pois é assim que tem de ser. Cras-cras-cras só serve pra trouxa. E eu sei viver, branca. Tenho saúde. Tá na cara que tu também tem. Então tu e eu deve ser bom de doer. Só falta a gente botar pra quebrar.

– Mas eu sou de escolher.
– Num estou fazendo nada. E com tua licença Ogã, eu vou me tratar.
– Quem tu pensa que é? Vai querer me tirar de letra?
– Se vai querer se entorta.
– Só quero sossego.

– Então, é bom não me deixar no talo. Se fizer graça te enredo. Sou Ogã na casa de Zefa da Pedra Branca. E não Ogã de araque. Sou porque sou. Tenho meu valor provado. Agora se tu não sabe eu te ensino.

A moça escutou o esculacho toda gelada. Sua barra já estava suja com a Mãe de Santo. Se o Expedito faz futrica a coisa fica mais feia. A Zefa pra sentir sua força era bem capaz de querer dar o destino dela pro Ogã. E aí era broca. Não podia dizer não. Num candomblé quem escolhe o que é bom pras filhas é a Senhora. Balbina ficou atucanada. Ainda não estava por dentro dos assuntos. Não tinha sido informada que a Zefa fazia planos dela com o político influente que protegia a casa. Mas mesmo sem saber dos plás, resolveu ganhar tempo. Percebeu que na conversa não dobrava o Ogã, engrossou.

– Olha Expedito Ogã da Pedra Branca, que eu respeito por ser filho de Santo de Zefa, primeira Senhora na Cacumba desse mundo todo. Mas respeito só por isso. Como macho não tomo conhecimento. Não é o que me agrada.

Nunca o Expedito tinha recebido uma dura assim bem na lata. Balançou e trepou nas paredes. Mas já não estava bem dentro da roupa.

– Quero te dar uma colher de chá, e tu se faz de besta. Mas é melhor tu entrar na minha. Se não tu se machuca.

Balbina morou a afobação do panaca e deu mais pedrada.

– Tu só tem bafo de boca. Macho que se respeita num fica querendo ganhar o mulheriu nas ordens dos superior. Gente da tua laia me dá nojo.

– Vagabunda. Eu te planto a mão na fuça. Tu quer ver? Te arrebento os dentes e te derrubo aqui mesmo. Duvida?

A Balbina ganhou embalo no desespero do Ogã. Pagou pra ver.

– Duvido!
– Eu te meto a mão na lata.
– Tó. A cara tá aqui.

A moça ofereceu o rosto e Expedito ameaçou um bofetão. Balbina firmou a botucas nos olhos do Ogã. Os dois se encararam por uns momentos. O pinta viu que se apelasse quem se sujava era ele. A Zefa ia pegar no seu pé e a branca saía bem. Picado de raiva, teve que se amoiatar. Baixou a mão. E precisou se escorar pra não fazer besteira quando Balbina gozou.

– Afinado.

Expedito se mordeu. E teve mais sarro.

– Não sei porque tu se mete com mulher. Tu não é de nada. Só consegue passar vergonha.

Expedito estrilou.

– Tu cala essa boca, branca azeda. Tu cala essa boca. O que é teu tá guardado. Tu não vai perder nada por esperar. E escuta o que vou te dizer que é tua sentença. Eu juro por essa luz que me ilumina que tá selado. Se tu não for minha, não vai ser de ninguém. Tá bom. Os bichos da terra vão te comer inteira. Sua vadia sem-vergonha. Essa vai ser tua sorte nojenta. Só assim tu aprende a não zombar de homem.

E com a gana pega o Ogã deu pinote. Foi remoer [a] sua com mais minhoca na cachola. Tinha ido longe demais com bronca numa birosca fedida. E Balbina ficou onde estava Expedito. É claro que o panaca não iria deixar a coisa no barato. Ela precisava se cobrir. O troco não tardava. E o pior é que ela não estava se fiando muito na proteção de Santa Bárbara. Não tinha certeza se a vez que lansã baixou fora de verdade ou fajutice. A Mãe Zefa duvidou. E ela era quem sabia das coisas da macumba. E com tudo isso em cima Balbina abriu o Bué. Não tinha nem fé pra se agarrar.

- CONTINUA – [sic]

2. 16 – As crônicas de novembro de 1969 – O folhetim *Balbina de lansã*

Capítulo 7: [Sem título] (Última Hora de SP – Edição de 7/12/1969. Página 6. Caderno 1)

Resumo dos capítulos anteriores¹⁶⁴

O Candomblé da Pedra Branca se prepara para dar uma grande festa. Zeninha, saladeira do altar, leva sua cria, a Boba, uma menina batusquela, pra ajudar na arrumação do altar. A menina deixa cair a imagem de lansã[,] que se quebrou. Mãe Zefa, chefe do terreiro, vê nisso um aviso de desgraça. No mesmo momento na macumba de Angois, casa de inimigos de Pedra Branca, o babalaô adivinho deita as pedras para decifrar o santo de João Gico, primeiro Ogã. Ele sonhara com lansã. Vira a Santa andando sobre um rio de sangue. O babalaô interpreta esse sonho como um aviso. Garante que alguém de lansã precisa de auxílio de João Gico, que é de Xangô, marido de lansã. Zefa da Pedra Branca resolve dar uma limpeza na Boba, que segundo ela, está com carregamento de Exu. E manda levarem a Boba pro tronco, onde deve receber uma surra de cipó virgem até ficar livre das influências do mal. Zeninha, a mãe de sangue da menina se rebela contra a ordem da macumbeira. Luta desesperadamente contra os Ogãs da Casa. Porém é vencida e vê com desespero a filha ser arrastada para o tronco. Balbina resolve interferir em favor da Boba. Pede que a Mãe de Santo a livre do tronco. Essa atitude da moça branca desperta a raiva do povo do candomblé. Depois de forte bate boca, os mais violentos partem pra agredir Balbina. Essa se encolhe num canto. Quando se levanta está carregando lansã. O pessoal do Candomblé cai no espanto. Mas respeitam lansã. Cantam e dançam em homenagem a guerreira. Essa sem ligar

164 Grafia atualizada; no original de jornal está em negrito.

pras mumunhas, bota a mão na cabeça de Boba e a perdoa. A Mãe se sente desfeiteada. E desconfia que tudo não passou de mistificação. Dá um aperto na Balbina, assim que essa fica livre. Pela conversa da moça, a macumbeira percebe que nem ela sabe se é mistificação ou não. Se alivia, porém resolve manter os cílios¹⁶⁵ abertos pra vigiar a branca. Convocou Expedito, um Ogã da casa e explicou pra ele os macetes. Contou que pretendia fazer Balbina casar com um político importante que protegia o Candomblé, o Ogã que já andava cobiçando a moça, não gostou da história. Porém, por respeito a Mãe de Santo resolveu vigiar a branca. Mas quando botou os olhos em cima da moça não resistiu. Esqueceu as ordens da Mãe de Santo e partiu pra ganhar a moça. Entrou sem rodeio. Balbina tentou desconversar. Mas quando viu que não dava pra manear engrossou. Expedito ardeu de raiva. E jurou por seus Santos que não iria esquecer a desfeita. Prometeu que se Balbina não fosse sua, não seria de ninguém.

Desde o momento em que Expedito deixou Balbina sozinha[,] que ela não teve mais sossego. Não se juntava mais com as outras filhas de Santo. Não queria saber de papo. Mal comia. Custava a dormir. E quando se apagava tinha cada pesadelo de entortar os patulás. Acordava apavorada e abria o bué. A branca navegava em águas barrentas. Dentro de sua cuca estava tudo enrolado. Só de lembrar de Ogã da Pedra Branca se arrepiava. Sentia nojo. E logo se tocava em lansã. Se a zorra toda tivesse sido de araque ele iria entrar bem. Claro que ela não fez por mal. A mulherada partiu em cima dela e a Santa baixou. Nisso não tinha babado. Nada mais justo que a Encantada correr em defesa de um seu cavalo. Porém, o perereco é que ela Balbina ainda não era feita. Iria ser confirmada na grande festa da Mãe Zefa. E por isso todo mundo desconfiava. Achavam que houve embromação. Grupo escamoso. Respeitaram. A própria Senhora da Pedra Branca respeitou. Mas ninguém se fiou inteiro. E ficaram na paquera. Todos certos de que se foi fajutice na roda de firmar cabeça aparecia. Lansã não baixaria. E Balbina iria dançar sozinha. Pra sempre. Por essas e outras, a branca sofria. Se não fosse firmada se danava. Sem proteção dos céus, estaria entregue às feras. E o Expedito sairia pra forra. E Balbina pensando aguardou o dia da feitura.

No grande dia da festa da confirmação das novas filhas de Mãe Zefa[,] a Maior do Terreiro da Pedra Branca, o candomblé bateu atabaque nas primeiras horas da matina. Cedinho, ainda escuro as moças foram na fonte buscar as águas de Oxalá. E na volta com todas as mumunhas da macumba se fez o despacho pra Exu. O povo que vinha se chegando bem de longe, escutava os engomas e o canto pro compadre.

Exu é, Exu é

Aceita o teu padé

E entre os primeiros a se aproximarem do terreiro embandeirado estava a curriola do Angois. Todos vinham com uma ordem só dentro da moringa. Vadiar até não dar mais pedal. Todos menos João Gico. O moço estava quebreiro[.] Junto com o gango andando no rumo do candomblé inimigo do seu mas achando que não devia voltar. Chegou até a chiar.

– Acho que a gente não devia ter vindo.

Foi falar e receber um esculacho geral.

– Tá afinado?

165 Termo atualizado; no original de jornal consta “cílios”.

- Ficou frouxo!
- O mulheriu vem todo aí e o bruto quer dispersar.
- Tá ficando escamoso.

João Gico escutou o sarro e se fechou em copas. Viu que não tinha jeito de tirar os parceiros da jogada. E sem ligar pros cras cras cras [sic] foi caminhando junto. Tuim quis dar embalo no Ogã do Angois. Encostou nele e deu força.

- Vai ser bom.
 - Sei lá.
 - Os bochichos são de que a festa vai ser festa [sic].
 - Não nego.
 - Então se assanha meu.
 - Na hora.
 - Se tu¹⁶⁶ entra no barco assim jururu não vai fazer figura.
 - Antes de me largar quero licença.
 - Tu ficou batuesquela? Vai se apresentar na frente da tal de Zefa? A coroa não é mole. Ela te dá uma dura.
 - Não vou tomar bença de nenhuma Zefa. Sou Ogã do Anglois. A gente da minha casa não bota fé nessa mandingueira.
 - Então qual é a tua?
 - Vou bater minha cabeça no gonga. Saravá meu Santo. Vai ser a primeira coisa que vou fazer. Assim que chegar.
 - Pior ainda.
 - Saudar meu Xangô de Ouro nunca é pior.
 - Sei disso. Mas tu manja as coisas da macumba tanto quanto eu ou mais. Tu sabe que não pode se chegar no altar antes do terreiro abrir.
 - Mas eu tenho que fazer a saudação. É obrigação prometida.
 - Vai dar treta.
 - Não sei porquê.
 - Se a curriola da casa te flagra numa dessa vão azedar.
 - Vou ter que encarar. Mas obrigação com o Santo é maior que tudo. O prometido tem que ser pago.
 - Se tu acha assim, vai firme. A gente tá pro que der e vier.
 - Sei que sempre posso contar com os meus irmãozinhos de Santos. A gente do Angois é todos juntos. Não vai ter confusão¹⁶⁷. Eu me enfio no barracão sem deixar ninguém me ver. E qualquer coisa tu e os outros estão na cobertura. Tu me avisa com um assobio e eu saio de pinote. O resto Xangô zela. Carrego fé.
 - Saravá Xangô.
 - Saravá meu Pai.
- E sem mais papo se aproximaram do terreiro da Pedra Branca.

*

166 Termo atualizado; no original de jornal consta “tudo”.

167 Termo atualizado; no original de jornal consta “confusa”.

Logo que acabaram as cerimônias de abertura, as novas filhas de Santo tiveram um descanso. Balbina aproveitou a deixa e escapuliu de junto da batota. Sem que ninguém tomasse conhecimento de si, se meteu no barracão e com todo respeito saudou Iansã. E do fundo do coração pediu proteção. Se rachou inteira.

– Iansã Santa Guerreira de grande valia. Me cobre dessa guerra. Não me deixa só na minha. O que fiz tá feito. E o feito por acreditar em ti, na tua força e na tua bondade. Maleime Iansã.

Continua

Capítulo 8: Quando as pedras se encontram (*Última Hora* de SP – Edição de 14/12/1969. Página 11. Caderno 1)

Resumo dos capítulos anteriores¹⁶⁸

O candomblé da pedra Branca se prepara para dar uma grande festa. Zeninha, zeladora do altar leva sua cria, a Boba, uma menina batusquela pra ajudar na arrumação do altar. A menina deixa cair a imagem de Iansã, que se quebrou. Mãe Zefa, chefe do terreiro, vê nisso um aviso de desgraça. No mesmo momento na macumba de Angois, casa de inimigos de Pedra Branca, o babalaô adivinho deita as pedras pra decifrar o sonho de João Gico, primeiro Ogã. Ele sonhara com Iansã. Vira a Santa andando sobre um rio de sangue. O babalaô interpreta esse sonho como um aviso. Garante que alguém de Iansã precisa de auxílio de João Gico, que a Xangô, marido de Iansã. Zefa da Pedra Branca resolve dar uma limpeza na Boba, que segundo ela, está com carrego de Exu. E manda levar a Boba pro tronco, onde deve receber uma surra de cipó virgem até ficar livre das influências do mal. Zeninha, a mãe de sangue da menina, se rebela contra a ordem da macumbeira. Luta desesperadamente contra os Ogãs da Casa. Porém, é vencida e vê com desespero a filha ser arrastada para o tronco. Balbina resolve interferir em favor da Boba. Pede que a Mãe do Santo a livre do tronco. Essa atitude da moça branca desperta a raiva do povo do candomblé. Depois de forte bate boca, os mais violentos partem pra agredir a Balbina. Essa se encolhe num canto. Quando se levanta está carregando Iansã. O pessoal do Candomblé cai no espanto. Mas respeitam Iansã. Cantam e dançam em homenagem a guerreira. Essa sem ligar pras mumunhas, bota a mão na cabeça de Boba e a perdoa. A Mãe se sente desfeitada. E desconfia que tudo não passou de mistificação. Dá um aperto na Balbina, assim que essa fica livre. Pela conversa da moça, a macumbeira percebe que nem ela sabe se é mistificação ou não. Se alivia, porém resolve manter os olhos abertos pra vigiar a branca. Convocou Expedito, um Ogã da casa e explicou pra ele os macetes. Contou que pretendia fazer Balbina casar com um político importante que protegia o Candomblé. O Ogã que já andava cobiçando a moça, não gostou da história. Porém, por respeito, a Mãe de Santo resolveu vigiar a branca. Mas quando botou os olhos em cima da moça não resistiu. Esqueceu as ordens da Mãe de Santo e partiu pra ganhar a moça. Entrou sem rodeio. Balbina tentou desconversar. Mas quando viu que não dava pra maneirar, engrossou. Expedito ardeu de raiva. E jurou por seus Santos que não iria esquecer a desfeita. Prometeu que se Balbina não fosse sua, não seria de ninguém. No dia da festa João Gico combinou com seus parceiros que mesmo antes do terreiro abrir ele iria saudar o altar. Balbina por sua

168 Grafia atualizada; no original de jornal está em negrito.

vez antes de ter licença da Mãe Zefa resolveu ir saudar o altar e pedir valia pra lansã.

Balbina deitada na frente do altar foi rezando e caiu no bué. Chorava com lágrimas que vinham do peito. Estava zonza, ligada inteira na prece. Não se tocava em nada que se passava a sua volta. Não percebeu quando a porta abriu. Não morou na entrada de João Gico. E se viesse teria se afobado. O pinta não era da roça. Cometia um desrespeito grande invadindo o barracão. Claro que o moço não trazia na moringa nenhuma ideia de jerico. Mas ninguém lé[lé da] cuca. O que conta é as atitudes. O inferno está atopejado de bem intencionados. E se Balbina visse João Gico se enfiando à vontade na sua casa antes da licença da Mãe Zefa, naturalmente daria o estrilo. Por lansã ou por Xangô não sentiu bolhufas, não escutou barulho, nem os cambaus. Continuou presa na mágica bobeira dos que eram com fé pega. Quem caiu no espanto foi o Ogã dos Angois. Não se apavorou por encontrar uma pessoa dentro do barracão. Pessoa essa que podia botar a boca no trombone e sujar sua barra. O que fundiu sua cachola foi a própria Balbina. Assim que João bateu as botucas na moça não teve dúvida. A branca era igualzinha a Santa que ele viu nos sonhos. O bruto até gelou. As pedras estavam se juntando. Ele estava muito por dentro dos mistérios da macumba. As mumunhas estavam escrachadas. Se aquela moça bonita[,] que estava enfeitada com os badulaques de filha que ia ser feita, se plantava diante do gongá era porque tinha a gronga na canga. E sem se mexer ficou escutando o bué da Balbina. E teve a certeza de que tudo tinha sido combinado pelos Encantados. Xangô de Ouro fez ele vir até ali pra valer aquela moça. E pra tirar a cisma chamou baixinho:

– Moça! Moça!

Balbina virou assustada e ficou mais assustada quando encarou João Gico. Já berrar, mas de repente percebeu que nada tinha a temer daquele homem. Percebeu na fuga. Esses babados que nunca se explica direito. Olhou e viu que não conhecia. Nunca balbina tinha visto João Gico. Nem mais gordo nem mais magro. Não podia conhecer mesmo. Mas ela achou que já manjava aquela pinta. Se sossegou e esperou pelo resto. O rapaz mediu bem a branca e depois tirou a teima:

– Tu é de lansã?

Balbina estranhou o papo e por isso demorou um pouco pra responder. Foi um tempinho de nada que atucanou bem o João. Pareceu pra ele uma eternidade. Se a moça nega as explicações de Ogã do Angois iriam todas pro vinagre. E ele estava azucrinado quando veio o alívio.

– Eu sou de lansã!

*

No terreiro do candomblé da Pedra Branca estava a maior zoeira. Já tinha gente às pamparras e ainda ia chegando mais. E era aquela zorra. O mulheriu fazia o maior enxame. Tinha nego que há muito não revia os cupinchas e que agora dava as caras. Quando chegava a batota fazia as presepadas.

– Olha ele.

– Quem é vivo sempre aparece.

– Em dia de festa ele diz pronto.

– Pra comer e beber o panaca sempre tá rente.

- Onde andou?
- Tu que sumiu. Eu tô aí mesmo.
- Se argolou e não baixou mais nas bocas. Que é bicho? De chamego pegou?
- Coisas da vida.

E os crás-crás-crás iam saindo. Mas tudo na alegria. Não tinha ninguém chapado. Nem de fumo, nem de cachaça. A moçada estava a fim de esperar os mastigos da Mãe Zefa. Até os loques escondiam os seus vinténs. Se ia ter de graça, pra que gastar à toa. E nesse reboiço todo só Tuim e Puia que estavam assombrados. Ficaram na paquera da Mãe Zefa pra se fosse preciso darem fuga pro João Gico. Seguiam a velha por toda parte. Sabiam que a qualquer momento a Maior da Pedra Branca poderia abrir o barracão. E se flagra o Ogã dos Angois lá dentro não iria prestar. Os dois não compreendiam por que o João Gico demorava tanto. Tuim, que estava doido pra vadiar, apertava o parceiro.

- Vai chamar o João.
- Ele sabe que tem que sair.
- Mas acho que deu bobeira nele. Tá lá dentro há um cacetão de tempo.
- Ele já vai sair.
- É melhor ir chamar.
- João não é nenhum loque.
- Mas acho que se esqueceu.
- Deve tá pagando obrigação.
- Que obrigação comprida.
- Aguenta a mão que ele já sai.
- Olha quanta mina legal por aí.

A gente já podia tá se arrumando. E por causa das obrigações do João a gente tá aqui como dois panacas plantados na paquera desse bagulho velho.

- Tu quer falhar com nosso irmão de Santo?
- Não quero é nada.
- Então segura as pontas.
- Mas ele podia sair logo.
- Se tu quer vai flunar. Eu fico no ponto.
- Que é isso, Puia? Tu lá me desconhecendo?

– Não, mas tu tá afobado. Parece que nunca viu rabo de saia. Quer ir, vai. Eu que sei das coisas escoro o João. E também tem uma coisa. Minas iguais a essas eu tenho no Angois. Espero que chegue a linha de frente da Pedra Branca. Não vim nessa lonjura por coisa pouca.

– Eu fico contigo. Só que acho que o João tá demorando as baldas. Daqui a pouco a velha abre o barracão e vai ser aquela treta. E tem mais um lance. E esse é pra teu guia. Lava as tuas botucas e espia direito o mulheriu que tá aí. Tem muita coisa fina.

- Deixa o João sair que vou conferir. Eu...

Puia ia continuar o papo careca mas Tuim o puxou pelo braço. O cara logo se tocou no esquinapo. Zefa no meio de uma curriola anunciava que ia abrir o barracão. Os dois amigos nem vacilaram. Saíram na zula e foram dar aviso pro companheiro. Assobiaram. E neca do Ogã do Angois dar resposta.

*

Dentro do barracão João e Balbina estavam engrenando um papo. E era nesse embalo que o pinta não escutava o sinal dos parceiros. Tinha contado seu sonho pra Balbina. A moça sentiu o aroma da perpétua. Tudo batia com os seus enredos. E não teve deschavos. Se rachou inteira. Foi pondo tudo pra fora.

*

No terreiro Mãe Zefa, a Maior da Pedra Branca, ia caminhando em direção do barracão. Mas se demorava um pouco com cada grupo de pessoas. Todos queriam saber como ia ser os babados. Ela explicava pros mais cotados na casa. Os outros ela tirava de letra, porém com simpatia.

– Tu já vai ver. Se aguenta que tu já vai ver.

E com esses plás andava rumo ao barracão. E Tuim e Puia assobiavam como loucos. Mas não recebiam resposta.

(Continua) [sic]

Capítulo 9: O Patuá de Valia (*Última Hora* de SP – Edição de 21/12/1969. Página 12. Caderno 1)

Resumo dos capítulos anteriores¹⁶⁹

O Candomblé da Pedra Branca se prepara para dar uma grande festa. Zenina, zeladora do altar, leva sua cria, a Boba, uma menina batusquela, pra ajudar na arrumação do altar. A menina deixa cair a imagem de Iansã que se quebrou. Mãe Zefa, chefe do terreiro, vê nisso um aviso de desgraça. No mesmo momento na macumba de Angois, casa de inimigos de Pedra Branca, o babalaô adivinho deita as pedras pra decifrar o sonho de João Gico, primeiro Ogã. Ele sonhara com Iansã. Vira a Santa andando sobre um rio de sangue. O babalaô interpreta esse sonho como um aviso. Garante que alguém de Iansã precisa de auxílio de João Gico, que é de Xangô, marido de Iansã. Zefa da Pedra Branca resolve dar uma limpeza da Boba, que segundo ela, está com carregamento de Exu. E manda levarem a Boba pro tronco, onde deve receber uma surra de cipó virgem até ficar livre das influências do mal. Zeninha, a mãe de sangue da menina se rebela contra a ordem da macumbeira. Luta desesperadamente contra os Ogãs da Casa. Porém é vencida e vê com desespero a filha ser arrastada para o tronco. Balbina resolve interferir em favor da Boba. Pede que a Mãe de Santo a livre do tronco. Essa atitude da moça branca desperta a raiva do povo do candomblé. Depois de forte bate boca, os mais violentos partem pra agredir a Balbina. Essa se encolhe num canto. Quando se levanta está carregando Iansã. O pessoal do Candomblé cai no espanto. Mas respeitam Iansã. Cantam e dançam em homenagem a guerreira. Essa sem ligar pras mumunhas, bota a mão na cabeça de Boba e a perdoa. A Mãe se sente desfeiteada. E desconfia que tudo não passou de mistificação. Dá um aperto na Balbina, assim que essa fica livre. Pela conversa da moça, a macumbeira percebe que nem ela sabe se é mistificação ou não. Se alivia, porém resolve manter os olhos abertos pra vigiar a Branca. Convocou Expedito, um Ogã da Casa e explicou pra ele os macetes. Contou que pretendia fazer Balbina casar com um político importante

169 Grafia atualizada; no original de jornal está em negrito.

que protegia o Candomblé. O Ogã que andava cobiçando a moça, não gostou da história. Porém, por respeito a Mãe de Santo, resolveu vigiar a Branca. Mas quando botou os olhos em cima da moça, não resistiu. Esqueceu as ordens da Mãe de Santo e partiu pra ganhar a moça. Entrou sem rodeio. Balbina tentou desconversar. Mas quando viu que não dava pra maneirar, engrossou. Expedito ardeu de raiva. E jurou por seus Santos que não ir[ia] esquecer a desfeita. Prometeu que a Balbina não fosse sua, não seria de ninguém. No dia da festa João Gico combinou com seus parceiros que mesmo antes do terreiro abrir ele iria saudar o altar. Balbina por sua vez antes de ter licença da Mãe Zefa, resolveu ir saudar o altar e pedir valia pra lansã. João também entrou no barracão. E assim que viu Balbina, reconheceu nela a lansã dos seus sonhos. E sem babado entregou tudo pra moça. Os dois se ligaram num papo e nem se mancaram nos sinais que Pula e Tuim davam pra avisar que Zefa se encaminhava pro barracão.

Dentro do barracão João Gico e Balbina estavam no embalo, nem se tocavam no bode que podia dar se a Zefa chega e flagra os dois. O Ogã do Angois escutou os pererecos da moça e tentou deschavar.

– Num tem do que se apavorar.

Balbina estava muito cismada. Tinha muita minhoca na moringa. Não entrava fácil na do João. Complicava.

– Mas se lansã não baixar?

O Ogã tirou de letra.

– Baixa sim. Pode crer.

– Como tu sabe?

– Tá escrachado.

– Só vejo coisa ruim.

– Por que tu não sabe ver. Olha bem¹⁷⁰ Balbina. Os mistérios da macumba são muitos, mas sempre estão escancarados pra quem tem a cabeça limpa e paga a obrigação com os Encantados. Só não vê quem não quer.

– Quando tu fala eu me fio. Mas sei lá.

– O que tu não sabe?

– Até a Mãe Zefa tá cabrera comigo. Ela desconfia da cela que eu dei pra lansã.

– Essa Zefa é fajuta.

Ao escutar o pixe na velha, Balbina azedou. Apesar de tudo botava uma bruta fé na Senhora da Pedra Branca. Como filha de Santo não ia deixar ninguém falar mal de sua Mãe.

– Dobra essa língua seu. Respeite a Senhora da Pedra Branca. Primeira na macumba e achegada aos Orixás de mais valia.

João se desculpou, mas não se rendeu.

– Não leva a mal. Porém o teu lance tá mal contado. Tu tá protegida por lansã e a Mãe de Santo não vê. Ou não quer ver. Na hora do Salseiro, a própria Santa Bárbara aparece pra te dar força. Quando sente a barra muito suja pro teu lado, vai chamar um cavalo de Xangô. Ogã capoeira de valor provado. Que sou eu. E com a permissão de meu Santo tou aqui vindo de longe pra te valer. Com toda essas

170 Termo atualizado; no original de jornal consta “vem”.

licenças tu ainda mete mumunhas na cachola e não se cobre de razão. Só porque a tua Mãe de Santo não quer abrir o jogo contigo, ou não pode, ou não manjou bolhufas! Não. Pra mim as cartas estão esparramadas na mesa.

- Saravá minha irmã. Pro que der e vier, eu tou contigo.
- Que teu santo Xangô te dê valia.
- Há de dar. Agora me diz teu nome.
- Balbina.
- Balbina de lansã!
- E o teu?
- João Gico do Xangô de Ouro, Ogã de valia.
- De onde tu é João?
- Do Angois!

Ao escutar o nome do terreiro inimigo, Balbina gelou. Se a Mãe Zefa descobre o moço no barracão, já era sujeira. Se adivinha o terreiro do pinta, faz a catimba. Nem na festa deveria ficar. E com medo pelas presepadas que poderiam fazer com o Ogã, deu a dica.

- Que é que tu vê?
- Fizeram mandinga pra ti. Coisa escamosa. Amarrada com raiva nas quebradas da vida. Tu se descuidou. Aparou o feitiço. Pra tua sorte, lansã te valeu.
- Mas quem iria querer me entrutar? Nunca fiz mal pra ninguém.
- Tu é bonita demais. Bonita de machucar. Tua boniteza faz mal. Isso que é. De inveja algum danado amarrou teu destino.

Balbina caiu na tristeza. Nunca tinha pensado que alguém pudesse armar um xaveco¹⁷¹ só por inveja. O Ogã sentiu o balanço da moça e foi em frente.

- Vim de longe chamado por tua Santa lansã que é fêmea do meu Xangô, que deu a licença. Se os Orixás me abriram os caminhos e me fizeram vir te encontrar no pé de um gongá que ainda tá fechado pras curriolas é porque a guerra é com a gente. Eu tou aqui pra te valer.

Balbina sentiu a verdade do cara e se arrepiou. Nada no Ogã era mentira. Se entregou.

- Saravá meu irmão.
- Melhor tu se mandar. Minha casa não topa a tua. Se te pegam aqui, tem pau pro teu lado.
- Será lenha pra dois dias.
- Tu é abusado.
- Vim trazido pelos Orixás. Não tou aqui por meu querer. Mas agora que sei da tua beleza, mesmo que os Santos me dispensassem, ficava por meu gosto.
- Não apronta João.
- Sou teu escora. Não vou te talhar.
- Pelo menos sai do barracão.
- Tá! Mas fico nas encolhas.
- Se cobre, João. Se te pegam tua entra bem.
- Pode ser. Cada um tem seu dia. Mas eu tenho o corpo fechado.

171 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

- Na casa de Zefa também tem os capoeiras rezados e cobertos.
- Então se tiver que acontecer será pra quem puder mais. E por ti eu sou o que pode mais.
- Me jura que tu não procura encrenca.
- Se vier, veio. Se não melhor.
- Me jura que tu enjeita.
- É tua vontade?
- É João. É.
- Então será a primeira vez.
- Depois a gente dá um jeito de se falar. Agora vai.
- Tá combinado.

João antes de dar o pinote tirou seu patuá do pescoço e colocou no de Balbina. A moça sorriu. João se rachou.

– É o meu patuá da força. Meu corpo fechado, minha fé. Se faz filho de Santo com ele.

A moça não cabia em si. Há muito tempo que nada de bom acontecia pra ela. E de repente nascia a gamação. Ela nem sabia se ria ou chorava. Meia bambeada, quis recusar.

– Não posso aceitar.

– Por quê?

– Se é tua força, João, teu patuá, não sou, eu, Balbina que vai te deixar sem cobertura nesse mundo de coisa ruim.

O Ogã sentiu que tava de chamego pego. Se largou inteiro.

– Sorri Balbina. Daqui pra frente meu patuá é teu sorriso. Por ele me faço eu mais eu. Sorri Balbina de lansã. A vida começa agora.

A moça não teve jeito. Se abriu num sorriso cheio de denego. E João com as botucas presas no rosto de Balbina que estava todo cheio de graça foi se afastando pra dar o pinote. E estava já quase na saída quando a porta se abriu.

Capítulo 10: Os busos lançados (*Última Hora* de SP – Edição de 28/12/1969. Página 12. Caderno 1)

Resumo dos capítulos anteriores¹⁷²

O Candomblé da Pedra Branca se prepara para dar uma grande festa. Zeninha, zeladora do altar, leva sua cria, a Boba, uma menina batusquela, pra ajudar na arrumação do altar. A menina deixa cair a imagem de lansã que se quebrou. Mãe Zefa, chefe do terreiro, vê nisso um aviso de desgraça. No mesmo momento na macumba de Angois, casa de inimigos de Pedra Branca, o babalaô adivinho deita as pedras pra decifrar o sonho de João Gico, primeiro Ogã. Ele sonhara com lansã. Vira a Santa andando sobre um rio de sangue. O babalaô interpreta esse sonho como um aviso. Garante que alguém de lansã precisa de auxílio de João Gico, que é de Xangô, marido de lansã. Zefa da Pedra Branca resolve dar uma limpeza na Boba, que segundo ela, está com carrego de Exu. E manda levarem a Boba pro tronco, onde deve receber uma surra de cipó virgem até ficar livre das influências do

172 Grafia atualizada; no original de jornal está em negrito.

mal. Zezinha, a mãe de sangue da menina se rebela contra a ordem da macumba. Luta desesperadamente contra os Ogãs da Casa. Porém é vencida e vê com desespero a filha ser arrastada para o tronco. Balbina resolve interferir em favor da Boba. Pede que a Mãe de Santo a livre do tronco. Essa atitude da moça branca desperta a raiva do povo do candomblé. Depois de forte bate boca, os mais violentos partem pra agredir a Balbina. Essa se encolhe num canto. Quando se levanta está carregando lansã. O pessoal do Candomblé cai no espanto. Mas respeitam lansã. Cantam e dançam em homenagem a guerreira. Essa sem ligar pras mumunhas, bota a mão na cabeça da Boba e a perdoa. A Mãe se sente desfeiteada. E desconfia que tudo não passou de mistificação. Dá um aperto na Balbida, assim que essa fica livre. Pela conversa da moça, a macumbeira percebe que nem ele sabe se é mistificação ou não. Se alivia, porém resolve manter os olhos abertos pra vigiar a Branca. Convocou Expedito, um ogã da Casa[,] e explicou pra ele os macetes. Contou que pretendia fazer Balbina casar com um político importante que protegia o Candomblé. O Ogã que já andava cobiçando a moça, não gostou da história. Porém, por respeito a Mãe de Santo, resolveu vigiar a Branca. Mas quando botou os olhos em cima da moça, não resistiu. Esqueceu as ordens da Mãe de Santo e partiu pra ganhar a moça. Entrou sem rodeio. Balbina tentou desconversar. Mas quando viu que não dava pra manear, engrossou. Expedito ardeu de raiva e jurou por seus santos que não ia esquecer a desfeita. Prometeu que se Balbina não fosse sua, não seria de ninguém. No dia da festa João Gico combinou com seus parceiros que mesmo antes do terreiro abrir ele iria ter licença da Mãe Zefa, resolveu ir saudar o altar e pedir valia pra lansã. João também entrou no barracão. E assim que viu Balbina, reconheceu nela a lansã dos seus sonhos. E sem babado entregou tudo pra moça. Os dois se ligaram num papo e nem se mancaram nos sinais que Puia e Tuim davam pra avisar que Zefa se encaminhava pro barracão. Quando João ia sair, Zefa entrou e flagrou o moço e Balbina.

João Gico ia saindo de costa e suas botucas estavam pregadas no rosto bonito de Balbina. Quando a porta abriu, o ogã de Angois até se assustou. Voltou-se rapidamente e já preparado para mandar o pé. Porém quando encarou Mãe Zefa se desarmou. Por dentro e por fora. A velha que também não esperava encontrar ninguém dentro do barraco, caiu no espanto. E nessa bobeira geral, todos ficaram fechados em copas. A primeira a abrir o bico foi a Senhora da Pedra Branca.

– Que tu faz aqui dentro, ô cara?

João encabulou. A velha apertou mais.

– Tu não sabe que ainda não abri o terreiro?

– Vim pagar obrigação com um Santo.

O Ogã quis deschavar mais, se entrutou mais. A velha trepou nas paredes.

– Quer dizer que tu é de macumba, cara folgado. E não sabe das leis? Não sabe que não se entra no barracão sem licença da Maior? Não sabe que pelo menos por respeito se toma benção de uma Mãe de santo?

João sentiu o esculacho e viu a mancada que tinha dado. Entrou mais embaixo.

– A senhora me desculpe, me dê sua benção e sua licença pra vadiar em sua festa que antes de acontecer, já era badalada em todos os terreiros.

A velha pensou em tirar João do baralho. Dar uma passa fora no pinta. Mas rapidamente se tocou que não ganhava nada com isso. O seu triunfo era fazer o

cara ficar em baixo das suas lanternas. Daí loguinho adivinhava a jogada do bruto. E se tivesse um alô pro Expedito e a moringa do vagau ficava a prêmio. E por essas e outras deu dispensa pro João.

– Te arranca, cara. Fica à vontade. Vadia come e bebe. Mas leva esse plá pra teu guia. Se beber não beba o juízo. Porque se tu me aprontar algum salseiro¹⁷³, pode contar que te dou o teu. Todo mundo que vem do bem é recebido na casa da Pedra Branca. Mas quem vem procurar encrenca encontra os filhos de Santo de Mãe Zefa são por ela nos negócios da terra. E sabem bem dos mistérios da capoeira. Do Orixás, Zefa da Pedra Branca tem vali. Então que tu não sai da tua linha.

João não gostava de comer enrolado. Mas não deu troco. A ameaça da velha estava escrachada. Era pra valer. O Ogã que não era loque morou que dali pra frente a batota da casa iria ficar na sua campana. Mas resolveu ficar. Balbina valia a pena. E por dentro da sua cuca, o babado era outro. Achava o moço que se a Zefa pensava que estava na boa com os Encantados, estava engrupida. Os Orixás estavam mais com ele e com Balbina. A prova já tinha sido dada. As pedras se bateram certinhas. E quanto aos capoeiras da casa da Pedra Branca, João nem se afobava. Levava fé nos seus pulos. Podia ser que tivesse alguém pra fazer ele comer poeira algum dia. Porém ele jurava de pé junto que esse dia estava longe e que o tal pra ganhar, ele ainda nem tinha nascido. Por tudo isso desconheceu a bronca da velha. Se aguentou. E se afastou com a moral em cima.

– Benção Mãe. E licença.

A Zefa dispensou o cara. Fechou a porta do barracão e encostou a Balbina na parede.

– Quem era?

– Eu que sei.

– Tu tava com ele.

– Não mesmo, Mãe.

– Não vi tu e ele aqui?

– Viu os dois. Mas não junto. Eu vim por mim. Ele por ele.

– Que queria o cara?

– Pediu pra saudar o gongá.

– Tu deu licença?

– Não tenho valor pra isso. Mandei falar com a Mãe que é quem sabe das coisas.

– E daí o que ele te disse?

– Que ia falar com a Mãe.

– Não disse de onde era?

– Não perguntei.

– Tu não perguntou nada de nada?

– Pra não dar trela. Num queria papo.

A mãe ficou embutida bastante tempo. O silêncio dela encabreizou bem Balbina. Ela não aguentando a invocação deu uma cotucada [sic].

– Que é Mãe?

173 Termo atualizado; no original de jornal consta “solseiro”.

- Que é o que?
- Coisa ruim?
- Leva jeito.
- Tu acha, Mãe?
- Que é que um cara de macumba vem fazer dentro de um barracão antes dele se abrir? Se se veio conferir alguma gronga.
- Será que ele sabia da lansã quebrada?

Balbina perguntou pra ter assunto. Não queria era saber coisa nenhum. Qualquer papo da velha ia pegar mal. A moça estava embarcada na de João Gico. Mas a Mãe nem respondeu[,] partiu pra outra batida.

- E tu que fazia aqui?
- Vim saudar o altar.
- Por que não se junta com as outras?
- Tou encafifada com os acontecidos.
- Sei! Tu não gosta de me escutar.
- Nem me diga isso, Mãe.
- Mas tá aí de reza.
- Não tenho licença? Não sou da casa?
- É! Mas meu gosto é ver se filhas sempre enturmadas na barca.
- Vou já me juntar com a curriola.
- Vai e sossega.
- Benção, Mãe.
- E não dá mais corda pra aquele cara.

Balbina saiu de pinote. A Zefa deu um tempo e saiu atrás. Adiou a abertura de terreiro. Botou a fuça na janela. Deu recado pra um moleque da casa.

- Me chama Expedito. Diz pra ele vir na zula. É troço de precisão.

O moleque se picou. A velha nem deu bola pro zum-zum do povo. Queria antes de tudo se cobrir. Sabia que o buzo estava lançado. – CONTINUA. [sic]

CRÔNICAS COMPILADAS – VOLUME DOIS

SUMÁRIO

1) JORNAL *ÚLTIMA HORA* DE SP 1970 _____ pág. 11

1.1 – As crônicas de janeiro de 1970 – Coluna *Navalha na carne* _____ pág.11

Balbina de lansã: Capítulo 11: A campana

Balbina de lansã: Capítulo 12: Barravento

Balbina de lansã: Capítulo 13: O Entruto

1.2 – As crônicas de fevereiro de 1970 – Coluna *Navalha na carne* _____ pág. 19

Balbina de lansã: Capítulo 14: [Sem título]

Balbina de lansã: Capítulo 15: Os irmãos de Santo

1.3 – As crônicas de março de 1970 – Coluna *Navalha na carne* _____ pág. 24

Balbina de lansã: Capítulo 16: [Sem título]

Balbina de lansã: Capítulo 17: [Sem título]

Balbina de lansã: Capítulo 18: [Sem título]

Balbina de lansã: Capítulo 19: [Sem título]

2) JORNAL *DIÁRIO DA NOITE* DE SP – 1970 _____ pág. 33

2.1 – As crônicas de janeiro de 1970 – Coluna Plínio Marcos escracha ____ pág. 33

Plínio Marcos escracha Marilu Martineli

Plínio Marcos escracha Herivelto Martins

Plínio Marcos escracha Inocência Camisa Verde e Branca

Plínio Marcos escracha o glorioso carnaval da Baixada santista

2.2 – As crônicas de fevereiro de 1970 – Coluna Plínio Marcos escracha ____ pág. 46

Plínio Marcos saúda o povo, pede passagem e escracha Marina Luiza[,] uma rainha crioula do samba da Barra Funda e seu príncês de canela fina

Plínio Marcos escracha uma história de carnaval

Plínio Marcos escracha o carnaval de Ribeirão Preto

Plínio Marcos escracha três histórias de futebol

2.3 – As crônicas de março de 1970 – Coluna Plínio Marcos escracha _____ pág. 59

Plínio Marcos escracha duas histórias

Plínio Marcos escracha duas histórias

Plínio Marcos escracha duas histórias

Plínio Marcos escracha “Amor e ódio de bacalhau e negrinha Marion”

Plínio Marcos escracha “A glória de um panaca”

2.4 – As crônicas de abril de 1970 – Coluna Plínio Marcos escracha _____ pág. 70

Plínio Marcos escracha “O sombra”

Plínio Marcos escracha “O Balalaica”
A pequena história de Corujão, o pé frio
Plínio Marcos escracha “Vinte jiraus por um salseiro”

2.5 – As crônicas de maio de 1970 – Coluna Plínio Marcos escracha _____ pág. 75

Plínio Marcos escracha “O extra não sabe o seu papel”
Plínio Marcos escracha “As aventuras de Ramon Mirabet, juiz de várzea”
Plínio Marcos escracha Joel de Almeida e sua Tupi Estação Primeira

2.6 – As crônicas de junho de 1970 – Coluna Plínio Marcos escracha _____ pág. 85

Plínio Marcos escracha “Uma estória de minha gente querida”
Plínio Marcos escracha Zulu, o assustado

3) JORNAL *ÚLTIMA HORA* DE SP – 1971 _____ pág. 88

3.1 – As crônicas de abril de 1971 – Coluna Navalha na carne _____ pág. 88

Pela bola sete
Adeus carteira
O arroxo
O fim de um cagueta
O pivete Tuim
O prêmio do traidor
Gama de valente
O papagaio enfeitado
Mumunhas da cidade grande
A gama negra do loque Ernesto
Uma história do mundaréu
Uma sim, uma não
O caipira
Uma barca chamada esperança
O tira de faro fino
Quem é quem
Quem pode mais, chora menos

3.2 – As crônicas de maio de 1971 – Coluna Navalha na carne _____ pág. 123

O frio
O buracão
O preço do salseiro
O mais malandro que a malandragem
A confa que o beijo deu
O troco
A profissão de valente
Casa de caboclo
O Manja Balão
Glória e queda de um moço mau e obediente
O ladrão de santo

O durão
A glória de um panaca
O pai de santo
O jogado fora
O corujão baiano
Amor e ódio de bacalhau e negrinha Marion
Jandira, a enganada
Ao mal, maldade
O grande artista
O assassinato do cavalo de lansã [1º capítulo]
O assassinato do cavalo de lansã [Capítulo 2]
O assassinato do cavalo de lansã [Capítulo 3]
O assassinato do cavalo de lansã [Capítulo 4]
O assassinato do cavalo de lansã [Último capítulo]
O Balalaica

3.3 – As crônicas de junho de 1971 – Coluna Navalha na carne _____ pág.169

Cinco anos depois
Quem tem culpa
A cocota
Quem apanha nunca esquece
A última vez na vida
Gato ensopado
A Bíblia tinha razão
As chuteiras do Jabaquara
O fantasma
A vida tem dessas coisas
Bira morfético
O jogado fora
O aniversário
A defesa do roçado
O milagre de Santa Luzia
Cuca, o craque
Mais um corintiano foi falar com Deus
O aprendiz
O assobiador
Em praga de madrinha só entra quem bota fé
Por gama também se mata
Era fé demais
Um são[-]paulino foi falar com Deus

3.4 – As crônicas de julho de 1971 – Coluna Navalha na carne _____ pág. 213

Minha gente, meus heróis
O churrasco
Nonô, o bonzinho
O batismo
A forra
Os mistérios da macumba

**Às vezes dá zebra
Pedra Preta
O gol e a morte
Quem planta tem que colher
A santa
O filho de peixe
Coisas da vida
O concurso
As sobras do concurso
A volta do Zeca Morcego
O que restou do concurso
Um craque sem glória
O gaturama de pé[-]frio
O fora de ar
Os bons parceiros
Os ciúmes do otário
Um loque em cana
O triste Nini
O Velho**

3.5 – As crônicas de agosto de 1971 – Coluna Navalha na carne _____ pág. 267

**O caseiro
A última feijoada
O Dilinger subdesenvolvido
Uma história do subúrbio
O babalaô que caiu do andaime
O vampiro
A vida tem muitas mumunhas
O Paulão e o Paulinho
Se não tem tu, vai tu mesmo
O crime quase perfeito
A velhota das patas
Afobado come cru ou queima a boca
O caso dos crânios afanados
Se o Zagaia diz, é que é
Quem tá atolado não canta
As sobras do aleijado
O vingador
Quem procura, acha
Dentro da noite
Papagaio enfeitado sempre se dá mal
Os olhos da falecida
O Ratão
A ganância dos otários
A fundação da Barra do Catimbó – 1 capítulo
A fundação da Barra do Catimbó – II capítulo
A fundação da Barra do Catimbó – III capítulo**

3.6 – As crônicas de setembro de 1971 – Coluna Navalha na carne _____ pág. 321

A fundação da Barra do Catimbó – conclusão

Loteca

A morte de Catimbó – capítulo 1

A morte de Catimbó – II capítulo

A morte de Catimbó – III capítulo

O xaveco da dona Rosinha

O homem que não ri mais

Um patriota em cana

Curta permanência

Beco sem saída

A presepada do velho Osmindo

O biduzão

Lavinho abilolado

A dívida paga com a vida – capítulo 1

A dívida paga com a vida – capítulo 2

A dívida paga com a vida – capítulo 3

A dívida paga com a vida – capítulo 4

A dívida paga com a vida – capítulo 5

A dívida paga com a vida – capítulo 6

A dívida paga com a vida

O peixe bom

O curió cantor

O pio do macuco

3.7 – As crônicas de outubro de 1971 – Coluna Navalha na carne _____ pág. 370

Os bidus e as tretas

Resposta à freguesia

O crime da casa de pedra – capítulo 1

O crime da casa de pedra – capítulo 2

A besta louca

A estrela

Valdo abafador

Respondendo à freguesia

A história do homem que matou a galinha dos ovos de ouro

A única vez na vida

A prova pedestre

O profeta enganador ou enganado

O juiz de várzea

Respondendo à freguesia

O último tocador de tambu

A gama louca do Jorge

Azevedo do Apito e o campeonato da Barra do Catimbó

Duas histórias mais ou menos parecidas

Dois times sem jogo

Respondendo à freguesia

O engraçado

O fim do mundo

Mais um caso para o Plonka

O troco

Uma prova de honra na Barra do Catimbó – capítulo 1
Uma prova de honra na Barra do Catimbó – capítulo 2

3.8 – As crônicas de novembro de 1971 – Coluna Navalha na carne _____ pág.419

Otávio das Velhas, galã de cemitério
O xereta
Uma história de amor
O vaidoso
Nem o capim serve para todos
As coisas estão aí mesmo
O Bentão
A Lazineira toda malcriada
Siwa, o mágico
A vida tem dessas coisas
Com nós é fogo
História da Igreja do Valongo
Respondendo à freguesia
Um engano muito sério
Primeiro alô do Bentão sobre forrós
A velha casamenteira
O grande rival
Nenê bolão
Zulu, o assustado
Diário de viagem
Quem bebe o juízo se dana
O macumbeiro muito parecido
O doutor quebra-galho
Respondendo à freguesia
Amor e ódio entre bacalhau e negrinha Marion
A dura lição da vaidosa

3.9 – As crônicas de dezembro de 1971 – Coluna Navalha na carne _____ pág.464

Bentão e os forrós
Como se perde um campeonato que já estava no papo
Meu chapa Abelardo continua otimista
Valdo Gabiru, o falador que se entortou
História das minhas tias
O talentoso Bucka e a tevê
O lance é ser vegetariano
Respondendo à freguesia
A ganância dos otários
Chofer não gosta de carne de pescoço
Os lances de Natal na Barra do Catimbó
Uma parada indigesta até pata leão
Nas transas do Natal da Barra do Catimbó
Respondendo à freguesia
O Papai Noel levou o sapato do Carlão
A gama louca do Jorge

**O velho
Cinco anos depois**

4) JORNAL *ÚLTIMA HORA* DE SP – 1972 _____ pág. 496

4.1 – As crônicas de janeiro de 1972 – Coluna Navalha na carne _____ pág. 496

**Está tudo na mesma
No nosso teatro popular não curtimos vedetes
O Mudinho e o jogo de vira-baixo
Homens bons da bela cidade de Caxias
Coisas do futebol
As cartas que os galãs recebem
Velhos tempos
Na virada do ano no Rio
Vendo é que se aprende
O assassino do agiotas
Novas aventuras da gordinha sexy
É isso aí
Talento e formosura
As transas do Rio
Quem conta um conto...
Os melhores do tamborim
A fé do Deca
Pé de atleta tem cura, cabeça não
Etty Fraser, a única convidada
O craque
A fome e a vontade de comer
Uma feira de mumunhas
Nosso carnaval está em disco
Viva! Está chegando reforço!**

4.2 – As crônicas de fevereiro de 1972 – Coluna Navalha na carne _____ pág. 537

**A Banda Bandalha vai sair
Carnaval da Barra do Catimbó: 1 capítulo
Carnaval da Barra do Catimbó: 2 capítulo
Carnaval da Barra do Catimbó: Final
Banda Bandalha recebe apoio do maior curtidor do Brasil
Três grandes forças para a Banda Bandalha
Giba Um consegue grandes reforços para a Banda Bandalha
Eu sou o Pierrô Bandalho
Hoje é o dia da banda
Banda Bandalha botou pra quebrar!
Os maiores foliões da Banda Bandalha
Nini da Liberdade, o triste folião
Carnaval e espiritismo
Mumunhas do carnaval de São Paulo
As chupetas que eu não entendo**

**João Leão me faz recordar
Só se fala do Carnaval
Um outro lado da tragédia
Mulher de malandro precisa se tocar
Cesar do Palmeiras**

4.3 – As crônicas de março de 1972 – Coluna Navalha na carne _____ pág. 571

**Cada um se vira como pode
Mais transas na Barra do Catimbó
Toda regra tem exceção
Transas das sextas-feiras
“Quando as máquinas param” e nossos axês
Eu e a minha gente vamos sair pra outra
Mulher de vagau sabe das coisas
Um senhor sambista: Geraldão
Hoje é só cascata
Polícia, bandidos e inocentes
De qualquer lado a bala é ruim
Os tristes amantes que não souberam amar
Mumunhas da torcida, Wagner e Banda Bandalha
Um grande artista popular: Talismã e suas histórias
Psicologia é isso?
Alzira, a escolada, dá o serviço
Azevedo do Apito vai acabar na Fifa
Sergio Cabral viu o Talismã
Tatuzinho
Coisas do Candomblé
Obrigado, Mestre Carvalhinho
É com nós mesmos
Mestre Zagaia escuta o povão
Oh! Minas Gerais
Respondendo à freguesia
As tranças da Banda Bandalha**

4.4 – As crônicas de abril de 1972 – Coluna Navalha na carne _____ pág. 616

**Hoje sai a Banda Bandalha
A Bandalha é a banda do povo
A gloriosa Banda Bandalha e os pererecos
Ainda o carnaval de sábado de Aleluia
Tchau, seu Proencinha
O que vai pelo mundo
Respondendo à freguesia
Intolerância
Pererecos deste mundo
Os Proença
Toniquinho, Talismã e o doce de abóbora
Amor por correspondência
Pererecos deste mundo**

Carta ao Flávio Cavalcanti
Pagode do Neguça
Onde vamos?
Quem pode resolver as quizilas do Corint[h]ians – Capítulo 1
Quem pode resolver as quizilas do Corint[h]ians
Reflexões sobre a semana de Ogum
As vitórias do Corint[h]ians
Como salvar o Corint[h]ians
A imoralidade
Tá sobrando gente
Moral da Barra do Catimbó

4.5 – As crônicas de maio de 1972 – Coluna Navalha na carne _____ pág. 656

Causas e efeitos
Plínio Marcos e suas dicas para o teste 86
Quem fala muito se entorta
Os convites
Nosso amigo Renatão
O gol e a morte
Balaio de gato
Macumba e futebol
Estamos a perigo
Perigos do barulho
Na falta de melhor assunto
O Barba Azul de araque
Bela profissão
Estamos com o Juventus
A violência que nos apavora
Valentia de araque
Bochichos das quebradas
As mumunhas da gíria
Os urubus
Eu achava o Pelé um chatão
Os parques de cavalinhos
Uma história de amor na favela
Não se pode confiar em índio
Quase uma tragédia
Bebum falador dá trabalho
O morto que ri

4.6 – As crônicas de junho de 1972 – Coluna Navalha na carne _____ pág. 701

Guerra dos deslumbrados
Peixe bom tá sumindo
O fim da linha
Como nasceu a Barra do Catimbó
Velha prevenida vale por duas dúzias
Amor é Amor
Um pai dos burros só de palavrões

**A boneca miserável
O último xaveco
Nem tudo que se diz é
O estarro
Uma catimba cavernosa
Várias catimbas
Loteria popular dá cana
Sempre tem volta
O esquinapo do Geraldão
Folhinha de homem nu
Coisas do xadrez
O buracão
Coisas do Santo
O palpite
Falam de mim
Bochichos das quebradas
Procópio Ferreira
Alegria é isso
Pipi-dog**

1. JORNAL ÚLTIMA HORA DE SP – 1970

1.1 – As crônicas de janeiro de 1970 – Coluna *Navalha na carne*

Balbina de lansã: Capítulo 11: A campana (Última Hora de SP – Edição de 4/1/1970. Página 12. Caderno 1)

Resumo dos capítulos anteriores

O Candomblé da Pedra Branca se prepara para dar uma grande festa. Zeninha, zeladora do altar, leva sua cria, a Boba, uma menina batusquela, pra ajudar na arrumação do altar. A menina deixa cair a imagem de lansã, que se quebrou. Mãe Zefa, chefe do terreiro, vê nisso um aviso de desgraça. No mesmo momento na macumba de Angois, casa de inimigos de Pedra Branca, o babalaô adivinho deita as pedras pra decifrar o sonho de João Gico, primeiro Ogã. Ele sonhara com lansã. Vira a Santa andando sobre um rio de sangue. O babalaô interpreta esse sonho como um aviso. Garante que alguém de lansã precisa de auxílio de João Gico, que é de Xangô, marido de lansã. Zefa da Pedra Branca resolve dar uma limpeza da Boba, que segundo ela, está com carregamento de Exu. E manda levarem a Boba pro tronco, onde deve receber uma surra de cipó virgem até ficar livre das influências do mal, Zeninha, a mãe de sangue da menina se rebela contra a ordem da macumbeira. Luta desesperadamente contra os Ogãs da Casa. Porém, é vencida e vê com desespero a filha ser arrastada para o tronco. Balbina resolve interferir em favor da Boba. Pede que a Mãe de Santo a livre do tronco. Essa atitude da moça branca desperta a raiva do povo do candomblé. Depois de forte bate-boca, os mais violentos partem pra agredir a Balbina. Essa se encolhe num canto. Quando se levanta está carregando lansã. Cantam e dançam em homenagem à guerreira. Essa sem ligar pras mumunhas, bota a mão na cabeça da Boba e perdoa. A Mãe se sente desfeiteada. E desconfia que tudo não passou de mistificação. Dá um aperto na Balbina assim que essa fica livre. Pela conversa da moça, a macumbeira percebe que nem ela sabe se é mistificação ou não. Se alivia, porém resolve manter os olhos abertos pra vigiar a Branca. Convocou Expedito, um Ogã da Casa e explicou pra ele os macetes. Contou que pretendia fazer Balbina casar com um político importante que protegia o Candomblé. O Ogã que já andava cobiçando a moça, não gostou da história. Porém, por respeito a Mãe de Santo, resolveu vigiar a Branca. Mas quando botou os olhos em cima da moça, não resistiu. Esqueceu as ordens da Mãe de Santo e partiu pra ganhar a moça. Entrou sem rodeio. Balbina tentou desconversar. Mas quando viu que não dava pra manear, engrossou. Expedito ardeu de raiva e, jurou por seus santos que não ia esquecer a desfeita. Prometeu que se Balbina não fosse sua, não seria de ninguém. No dia da festa João Gico combinou com seus parceiros que mesmo antes do terreiro abrir ele iria saudar o altar. Balbina por sua vez antes de ter licença da Mãe Zefa, resolveu ir saudar o altar e pedir valia pra lansã. João também entrou no barracão. E[,] assim que viu Balbina, reconheceu nela lansã dos seus sonhos. E sem babado entregou tudo pra moça. Os dois se ligaram num papo e nem se mancaram nos sinais que Puia e Tuim davam pra avisar que Zefa se encaminhava pro barracão. Quando João ia sair, Zefa entrou e flagrou o moço e Balbina. Zefa deu um aperto nos dois. Como não conseguiu arrancar nada, chamou seu Ogã capoeira, Expedito.

Expedito se apresentou diante de Zefa e ia fazer as saudações. Porém a velha nem quis saber. Dispensou as mumunhas. Foi logo no assunto.

– Tem coisa pra ti.
 O Ogã da Pedra Branca nem vacilou.
 – Vontade da Mãe é a lei. É só dizer.
 – Flagrei a Balbina levando papo com um cara de fora.
 – Isso é broca.
 – Eles estavam aqui no barracão.
 – Sem tua licença?
 – Sem coisa nenhuma.
 – Essa branca é folgada mesmo.
 Expedito não perdia chance de entrutar a Balbina. Dava carga.
 – Olha Mãe. Essa piranha tá precisando de um vareio.
 – Te aguenta. Num sei se ela tá com culpa.
 – Não tava de trela com o cara?
 – Mas ela disse que nunca viu o homem nem mais gordo nem mais magro.
 – Grupo!
 – Pode ser. Mas pode não ser. Ela falou que veio bater a cabeça no gongá e o pinta apareceu.
 – Xereta nojento.
 – Esse é mesmo.
 – Quer que ferre ele?
 – Ainda não.
 – Pra que cozinhar o galo?
 – Cada coisa tem sua hora.
 – Então que faço?
 – Fica na campana.
 – Mostra o panaca.
 A Mãe arrastou Expedito pelo braço até a janela. Com as botucas procurou João Gico no meio da curriola. Não foi difícil encontrar. Deu o serviço.
 – É aquele mulato claro e alto que tá com uns outros caras.
 Expedito meteu os olhos na botota e se espantou.
 – Aquele pinta é dos Angois.
 – Tu tem certeza?
 – Juro por essa luz que me ilumina que é.
 – Tu manja ele Expedito?
 – Os que estão com ele eu tenho na minha lista. Tem um lá que já teve num arranca rabo com nosso gango. É o tal de Tuim.
 – Não tá enganado?
 – Não. Não tou não. Tenho bronca com esse Tuim.
 – Desgraçados. Caras de pau. Vão pagar. E o sem vergonha que entrou no gongá sem licença tem que se estrepar. Sendo do Angois e baixar na Pedra Branca já é abuso. Entrar no barracão sem ordem é que querer encrenca. Há de ter.
 – Pra já.
 – Não. Segura as pontas.
 – Deixa pegar o bruto desavisado.
 – Quero adivinhar as jogadas deles.
 – A mãe é quem sabe.

*

João Gico no terrero leva papo com seus cupinchas. O Ogã dos Angois nem se tocava que sua cama estava sendo armada. Estava abilolado pela beleza da Balbina. Só ela cabia nos seus plás.

– Ela é demais de bonita, gente minha. Por isso é que me prendi lá. Por mim ficava espiando ela a vida toda. Que olhos! Que cabelo! Que boca! E é de lansã. Tem que ter fogo, sangue fervendo nas veias.

Tuim não queria saber de história. Pegava no pé.

– Que zorra. Não chegamos direito. Tu com as tuas bobeyras, quase apronta. João se defendia.

– Valia a pena, meu irmão de Santo. Ela é de doer de linda.

– Mas tu se afoba como um loque.

– Que posso fazer. Sou de carne e osso. E foi Xangô que me deu esse destino.

– Tu tá levando a fé longe.

– Se eu já tinha visto ela no sonho, é que é.

– No sonho tu ia ter que guerrear.

– Pois é.

– E tu tá com o sentido na vadiação.

– É o prêmio.

– Mas te cobre.

– Sou rezado.

– Cadê o patuá?

– Dei a ela.

– Tu ficou batusquela?

– Ela vai se fazer Santa com ele.

– É a tua valia trouxa.

– Era.

– Era?

– Agora meu patuá é o sorriso dela.

– Vê isso Puia? João Gico dispinguelou.

Puia só gozou.

– Parece rapaz, vidra na mina só de ver.

*

Expedito juntou sua curriola e apontou João Gico. Os Pintas da Pedra Branca ficaram na cola.

Eram as sombras do pessoal do Angois. Puia e Tuim estavam paquerando o mulheriu. Nem percebiam que estavam na mira. João só se ligava em Balbina. Não sabia de mais nada. E com essa zoeira abriu-se o terreiro. Mãe Zefa deu ordem pra baterem os atabaques. Estava feita a roda.

(continua)

Balbina de lansã: Capítulo 12: Barravento (Última Hora de SP – Edição de 18/1/1970. Página 11. Caderno 1)

Resumo dos capítulos anteriores

O Candomblé da Pedra Branca se prepara para dar uma grande festa. Zeninha, zeladora do altar, leva sua cria, a Boba, uma menina batusquela, pra ajudar na

arrumação do altar. A menina deixa cair a imagem de Iansã, que se quebrou. Mãe Zefa, chefe do terreiro, vê nisso um aviso de desgraça. No mesmo momento na macumba de Angois, casa de inimigos de Pedra Branca, o babalaô adivinho deita as pedras pra decifrar o sonho de João Gico, primeiro Ogã. Ele sonhara com Iansã. Vira a Santa andando sobre o rio de sangue. O babalaô interpreta esse sonho como um aviso. Garante que alguém de Iansã precisa de auxílio de João Gico, que é de Xangô, marido de Iansã. Zefa da Pedra Branca resolve dar uma limpeza na Boba, que segundo ela, está com carregamento de Exu. E manda levarem a Boba pro tronco, onde deve receber uma surra de cipó virgem até ficar livre das influências do mal. Zeninha, a mãe de sangue da menina se rebela contra a ordem da macumbeira. Luta desesperadamente contra os Ogãs da Casa. Porém, é vencida e vê com desespero a filha ser arrastada para o tronco. Balbina resolve interferir em favor da boba. Pede que a Mãe de Santo a livre do tronco. Essa atitude de moça branca desperta a raiva do povo do candomblé. Depois de forte bate-boca, os mais violentos partem pra agredir a Balbina. Essa se encolhe num canto. Quando se levanta está carregando Iansã. Cantam e dançam em homenagem à guerreira. Essa sem ligar pras mumunhas, bota a mão na cabeça da Boba e a perdoa. A Mãe se sente desfeiteada. E desconfia que tudo não passou de mistificação. Dá um aperto da Balbina assim que essa fica livre. Pela conversa da moça, a macumbeira percebe que nem ela sabe se é mistificação ou não. Se alivia, porém resolve manter os olhos abertos pra vigiar a Branca. Convocou Expedito, um Ogã da Casa e explicou pra ele os macetes. Contou que protegia o Candomblé. O Ogã que já andava cobiçando a moça, não gostou da história. Porém, por respeito à Mãe de Santo, resolveu vigiar a Branca. Mas quando botou os olhos em cima da moça, não resistiu. Esqueceu as ordens da Mãe de Santo e partiu pra ganhar a moça. Entrou sem rodeio. Balbina tentou desconversar. Mas quando viu que não dava pra manejar, engrossou. Expedito ardeu de raiva e, [sic] jurou por seus santos que não ia esquecer a desfeita. Prometeu que se Balbina não fosse sua, não seria de ninguém. No dia da festa João Gico combinou com seus parceiros que mesmo antes do terreiro abrir ele iria saudar o altar. Balbina por sua vez antes de ter licença da Mãe Zefa, resolveu ir saudar o altar e pedir valia pra Iansã. João também entrou no barracão. E assim que viu Balbina, reconheceu nela a Iansã dos seus sonhos. E sem babado entregou tudo pra moça. Os dois se ligaram num papo e nem se mancaram nos sinais que Puia e Tuim davam pra avisar que Zefa encaminhava pro barracão. Quando João ia sair, Zefa entrou e flagrou o moço e Balbina. Zefa deu um aperto nos dois. Como não conseguiu arrancar nada, chamou seu Ogã capoeira, Expedito. Mandou que Expedito ficasse na campana de João Gico, entregando a ele o serviço. No barracão, João Gico nem se tocava da cama que estava sendo preparada pra ele, levando papo com Tuim que desaprovava a sua atitude. Todo o pessoal de Pedra Branca já estava de olho em João Gico.

Mãe Zefa, a Maior da Pedra Branca[,] esqueceu por um momento as atucanações com Balbina, e abriu o terreiro. As filhas mais velhas já haviam feito a matança de animais. Apagaram um bode, um galo e um pombo. Com o sangue dos bichos, regaram as pedras dos Orixás. Depois disso ainda as mulheres mais antigas da macumba fizeram o despacho pra Exu. Pra Mãe de Santo ficou só o trabalho de puxar o canto dos Encantados. E ela fez como sempre. Alto e forte. Porém[,] nesse dia, a velha não estava tão concentrada como das outras vezes. Ia invocando um por um dos Santos. Cantava três pontos pra cada um. Mas suas botucas estavam ligadas em João Gico. A mãe não perdia um movimento do Ogã do Angois. Dava o

comando quase só na prática de muitos anos de janela. O resto era só campana. E foi assim que tocou a primeira parte dos trabalhos. Assim que fez a chamada pro último Santo, Zefa com um gesto de mão, ordenou que os atabaques aumentassem o ritmo e o ritual chegou ao auge. E aí as filhas começaram a entrar no barravento. Ficavam de zoeira e dançavam como se estivessem bêbadas. Era o Santo que estava encostado pra tomar conta do cavalo.

Só Balbina dançava normalmente. As pessoas que estavam por dentro das mumunhas do candomblé se mancavam que lansã, a Santa que Balbina iria receber, não estava nem por perto. E a moça estava agoniada. Não conseguia assentar a cuca. Mil babados escamosos passavam em sua moringa. Quanto mais se esforçava pra esquecer as bobageiras, mais se abilolava. Suava às baldas. Dançava com todas as forças. Mas estava fria. lansã não se chegava.

O barracão estava atopejado de gente. Homens de um lado, mulheres do outro. No centro, as filhas em roda. Do lado do altar, um pequeno tablado com os atabaques e na frente Mãe Zefa sentada num trono. As filhas passavam diante dela e a velha botava a mão na cabeça das moças. Imediatamente o Santo encarnava. Foi assim com a filha de Xangô, de Ogum, de Oba, de Yemanjá, de Oxunmaré, de Omulu de Oxoce e de todos. Menos de lansã.

Por duas vezes Balbina veio diante da Mãe. Por duas vezes a Senhora maior da Pedra Branca tocou a cabeça da branca. E neca. Sem poder mais esperar, a Mãe fez sinal pras zeladoras dos Santos levassem as filhas que estavam montadas pras camarinhas. Iam ser vestidas com as roupas dos Encantados. Só Balbina ficou na roda. No seu desespero queria sair correndo dali. Fugir pra bem longe e nunca mais voltar. Se aguentava naquela bobeira por medo. Não adiantava dar pinote. Dos Orixás ninguém se esconde. E seria seu esquinapo se soltar no mundo sem ter cobertura de sua protetora. lansã pegaria nela e na certa tiraria a ideia de sua cachola. Com¹ Santa Bárbara ninguém folgava. A guerreira é broca. E Balbina sofria pacas. Achava que estava no virador por culpa própria. Nunca devia ter metido o nariz onde não tinha sido chamada. Quem mandou ser xereta. Agora estava se danando. Foi dar male[i]me pra Boba em nome de lansã. Não tinha valia. Se estrepou. E dançando como louca, Balbina esperava que a Zefa desse a sentença, mandasse parar os atabaques e tirar ela da roda na frente de todo mundo.

Mas Mãe Zefa não dava chibu. Segurava as pontas. Não queria fazer feio. Em toda sua vida de macumbeira jamais tinha-se enganado com um Encantado. Havia muitas histórias de Mães e Pais de Santo que se enganam. Pensam que uma filha é de um Santo e de outro. Mas ela nunca deu um fora desses. Foi sempre firme. E não ia ser com Balbina que ia se render. Ela era Senhora de força e nome firmado. Se o povo espia essa gronga e sem saber dos xavecós que a branca tinha aprontado, iam esculachar era com ela. Nunca com Balbina. E Mãe Zefa na sua zorra, logo achou que era coisa arranjada pela gente do Angois ali presente. Na sua bronca achou que eles estavam trabalhando contra. Resolveu provar quem era o mais forte.

Se pôs a cantar pra lansã. Puxava um pouco atrás do outro. Levantou do seu trono e foi no meio da roda. Botou a mão na cabeça de Balbina e fez ela girar como um peão. De repente soltou. A moça na zonzeira foi pro lado dos homens. Alguns tentaram amparar a branca. Mas duas zeladoras não deixaram. Cercaram Balbina e foram levando ela pro meio do barracão. Mas ela ainda escutou baixinho o que João Gico dizia:

Segura o patuá! O patuá!

¹Termo atualizado; no original de jornal consta “Como”.

(continua)

Balbina de Iansã: Capítulo 13: O Entruto (Última Hora de SP – Edição de 25/1/1970. Página 12. Caderno 1)

Resumo dos capítulos anteriores

O candomblé da Pedra Branca se prepara pra dar uma grande festa. Zeninha, zeladora do altar, leva sua cria, a Boba, uma menina batusquela, pra ajudar na arrumação do altar. A menina deixa cair a imagem de Iansã, que se quebrou. Mãe Zefa, chefe do terreiro, vê nisso um aviso de desgraça. No mesmo momento na macumba de Angois, casa de inimigos de Pedra Branca, o babalalô adivinho deita as pedras pra decifrar o sonho de João Gico, primeiro Ogã. Ele sonhara com Iansã. Vira a Santa andando sobre um rio de sangue. O babalô interpreta esse sonho como um aviso. Garante que alguém de Iansã precisa de auxílio de João Gico, que é de Xangô, marido de Iansã. Zefa da Pedra Branca resolve dar uma limpeza na Boba, que segundo ela, está com carrego de Exu. E manda levarem a Boba pro tronco, onde deve receber uma surra de cipó virgem até ficar livre das influências do mal. Zeninha, a mãe de sangue da menina se rebela contra a ordem de macumbeira. Luta desesperadamente contra os Ogãs da Casa. Porém, é vencida e vê com desespero a filha ser arrastada para o tronco. Balbina resolve interferir em favor da Boba. Pede que a Mãe de Santo a livre do tronco. Essa atitude da moça branca desperta a raiva do povo do candomblé. Depois de forte bate-boca, os mais violentos partem pra agredir a Balbina. Essa se encolhe num canto. Quando se levanta está carregando Iansã. Cantam e dançam em homenagem à guerreira. Essa sem ligar pras mumunhas, bota a mão na cabeça da Boba e a perdoa. A Mãe se sente desfeiteada. E desconfia que tudo não passou de mistificação. Dá um aperto na Balbina assim que essa fica livre. Pela conversa da moça, a macumbeira percebe que nem ela sabe se é mistificação ou não. Se alivia, porém resolve manter os olhos abertos pra vigiar a Branca. Convocou Expedito, um Ogã da Casa e explicou pra ele os macetes. Contou que pretendia fazer Balbina casar com um político importante que protegia o Candomblé. O Ogã que já andava cobiçando a moça, não gostou da história. Porém, por respeito a Mãe de Santo, resolveu vigiar a Branca. Mas quando botou os olhos em cima da moça, não resistiu. Esqueceu as ordens da Mãe de Santo e partiu pra ganhar a moça. Entrou sem rodeio. Balbina tentou desconversar. Mas quando viu que não dava pra manear, engrossou. Expedito ardeu de raiva e, jurou por seus santos que não ia esquecer a desfeita. Prometeu que se Balbina não fosse sua, não seria de ninguém. No dia da festa João Gico combinou com seus parceiros que mesmo antes do terreiro abrir ele iria saudar o altar. João também entrou no barracão. E assim que viu Balbina reconheceu nela a Iansã dos seus sonhos. E sem babado entregou tudo pra moça. Os dois se ligaram num papo e nem se mancaram nos sinais que Puia e Tuim davam pra avisar que Zefa se encaminhava pro barracão. Quando João ia sair, Zefa entrou e flagrou o moço de Balbina. Zefa deu um aperto nos dois. Como não conseguiu arrancar nada. Chamou seu Ogã capoeira, Expedito. Mandou que Expedito ficasse na campana de João Gico, entregando a ele o serviço. No barracão, João Gico nem se tocava da cama que estava sendo preparada pra ele, levando papo com Tuim que desaprovava a sua atitude. Todo o pessoal de Pedra Branca já estava de olho em João Gico. Na hora de receber o Santo, Balbina se apavorou e não conseguia se concentrar. Nem entrava no barravento. Todas as filhas caíram no Santo. Foram levadas pra

camarinha. Só Balbina ficou na roda pensando. Até que escutou João Gico lembrar do patuá que havia lhe dado.

Quando Balbina escutou a voz do João Gico, ganhou novo embalo. Esqueceu as mumunhas e se concentrou. Segurou o patuá com toda [a] sua força. Quase imediatamente entrou no barravento. Mãe Zefa sentiu o alívio. Iansã estava presente. Ia tomar conta da branca. Sua fama estava salva. Pediu com gestos pra que os atabaques tocassem pra valer. E ela puxou o ponto pra Encantada Guerreira. Não demorou muito pra Balbina ficar tomada. E quem tinha botucas de ver, viu uma Iansã toda feita de fogo dançando na roda como nunca tinha dançado. E foram pra ela as maiores honras do terreiro. Mesmo porque os outros Santos estavam na camarinha vestindo seus badulaques. A guerreira se espalhou à vontade. Só quando quis é que foi levada pra junto dos outros. E daí pra frente a festa correu normalmente.

João Gico no seu canto não cabia em si de contente. Ele que sofreu às pamparras com a demora de Iansã, se sentia glorioso. A Santa só baixou na Balbina quando ela segurou o seu patuá. As pontas estavam amarradas. O destino selado. A vontade dos Orixás ia ser cumprida. Estava selado o destino dele e de Balbina. O traçado era junto, estava bem escrachado. E João na afobação dos gamados, bochichava pros seus parceiros.

– Tu viu, Tuim? Tu viu, Pula?

Claro que os dois tinham visto. Todo mundo viu. Até os pintas do terreiro que a mando do Ogã Exedito estavam na campana do povo do Angois. Viram e estranharam. Ligaram as antenas no papo do João, que nem tomava conhecimento do gango na sua cola. E sem se mancar ia dando o serviço.

– Ela tava zoeira. Iansã nem encostava. Daí segurou o patuá de valia. O patuá do povo do Angois. Coisa feita por pai de Santo de Axé firme. Saiu da zorra. Caiu no Santo fácil. E da minha banda essa Balbina.

– Tuim que se flagrou que tinha gente encostada nas escutas da conversa deu seu alô.

– Caia o bico, João. O peixe morre pela bola.

João se trancou. Mas era tarde. Um cupincha de Exedito apanhou as fichas e foi bater pro seu Ogã.

O cachorrinho que se botou por dentro da história, achou o chefete na paquera de umas gatas. Chamou o pinta no canto e esse veio chiando:

– Mas tu não larga do meu pé.

– Tem treta.

– Com os caras que te mandei campanar²?

– Então.

– Raxa. [sic]

– São do Angois.

– Isso já sabia.

– Mas tem mais outros babados.

– Entrega de prima e sem marola.

– Os caras estão de olho na Balbina.

– Também já sabia.

– Então te agarra na fé pra não cair.

– Manda. Eu tou sempre coberto.

– Ela se fez filha com o patuá de um deles.

² Termo atualizado; no original de jornal consta “campancar”.

– Tu viu ou te contaram?
– Escutei o cara cartearo marra pros parceiros.
– Que valia essa branca azeda.
– Que tu manda?
– Junta a curriola.
– Saímos no pau?
– Preciso saber com Mãe Zefa. Por enquanto junta nossa gente. Que vai ter lenha, vai. Só precisamos saber se é já ou agora. Mãe Zefa é quem escolhe. Vou nela.

Expedito ficou tão azucrinado com o crás-crás-crás que até esqueceu as gatas que estava paquerando. Encostou no trono de Zefa e foi logo dando as dicas na orelha da senhora.

– Tu se mancou no patuá que a branca usou pra se fazer Santa?
– Não! A sem vergonha quase me derruba.
– Devia ter notado. Ela não recebia o Santo porque tava coberta contra tu.
– Que é isso?
– O patuá que ela usou era do cara do Angois.
– Tu jura?
– Por essa luz que me ilumina.
– Então vai ser o esquinapo.
– É só tu falar.

Mãe Zefa ia dar as ordens quando percebeu um baralho na frente do barracão. Levantou os olhos e adivinhou que era o dr. Osvaldo, o político que protegia sua casa, que ia chegando. Deschavou logo.

– Aguenta a mão, Expedito.
– Vai deixar no barato, Mãe?
– Claro que não. Mas cada coisa tem sua hora. Agora vou receber a visita, ele merece.

E sem dar mais trela pro seu Ogã, Mãe Zefa se levantou. Mandou que os atabaques batessem em homenagem à grande figura e foi receber seu amigo de influência. Na porta, depois das saudações de fachada, pra engrupir o povo, o político apertou a velha:

– Então minha Mãe?
– Tenho coisa fina.
– Mulata de fogo?
– Não. Uma branca bonita de doer.
– Branca?
– Branca tenho de monte. Mulata no ponto de ser mulher é o que espero de ti.
– É que tu não viu essa Balbina. Quando tu ver, tu vidra. É a boniteza. Tu abre teu olho. Tu vai se enrrabichar. Tou apostando.
– Quero ver pra crer.
– Tu vai ver. Agora espera. E enquanto espera vou te falar das coisas que tenho precisão.
– Dinheiro né Mãe?
– Se os amigos não ajudam, os inimigos é que não vão ajudar.
– Quanto vale a branca?
– Num tem preço. É linda demais. Porém[,] eu tenho que reformar o barracão.
– Disso a gente fala depois. Vim hoje pra vadiar.
– Vai se esbaldar. Se sossega.

E com essas e outras mumunhas ficou armado nas encolhas escamosas os entrutos.

(continua)

1.2 – As crônicas de fevereiro de 1970 – Coluna *Navalha na carne*

Balbina de lansã: Capítulo 14: [Sem título] (Última Hora de SP – Edição de 8/2/1970. Página 13. Caderno 1)

Resumo dos capítulos anteriores

O candomblé da Pedra Branca se prepara para dar uma grande festa. Zeninha, zeladora do altar, leva sua cria, a Boba, uma menina batusquela, pra ajudar na arrumação do altar. A menina deixa cair a imagem de lansã, que se quebrou. Mãe Zefa, chefe do terreiro, vê nisso um aviso de desgraça. No mesmo momento na macumba de Angois, casa de inimigos de Pedra Branca, o babalaô adivinho deita as pedras pra decifrar o sonho de João Gico, primeiro Ogã. Ele sonhara com lansã. Vira a Santa andando sobre um rio de sangue. O babalaô interpreta esse sonho como um aviso. Garante que alguém de lansã precisa de auxílio de João Gico, que é de Xangô, marido de lansã. Zefa da Pedra Branca resolve dar uma limpeza na Boba, que segundo ela, está com carregamento de Exu. E manda levarem a Boba pro tronco, onde deve receber uma surra de cipó virgem até ficar livre das influências do mal. Zeninha, a mãe de sangue da menina se rebela contra a ordem da macumbeira. Luta desesperadamente contra os Ogãs da Casa. Porém, é vencida e vê com desespero a filha ser arrastada para o tronco. Balbina resolve interferir em favor da Boba. Pede que a Mãe de Santo a livre do tronco. Essa atitude da moça branca desperta a raiva do povo do candomblé. Depois de forte bate-boca, os mais violentos partem pra agredir a Balbina. Essa se encolhe num canto. Quando se levanta está carregando lansã. Cantam e dançam em homenagem a guerreira. Essa sem ligar pras mumunhas, bota a mão na cabeça da Boba e a perdoa. A Mãe se sente desfeiteada. E desconfia que tudo não passou de mistificação. Dá um aperto na Balbina assim que essa fica livre. Pela conversa da moça, a macumbeira percebe que nem ela sabe se é mistificação ou não. Se alivia, porém resolve manter os olhos abertos pra vigiar a Branca. Convocou Expedito, um Ogã da Casa e explicou pra ele os macetes. Contou que pretendia fazer Balbina casar com um político importante que protegia o Candomblé. O Ogã que já andava cobiçando a moça, não gostou da história. Porém, por respeito a Mãe de Santo, resolveu vigiar a Branca. Mas quando botou os olhos em cima da moça, não resistiu. Esqueceu as ordens da Mãe de Santo e partiu pra ganhar a moça. Entrou sem rodeio. Balbina tentou desconversar. Mas quando viu que não dava pra manear, engrossou. Expedito ardeu de raiva e jurou por seus santos que não ia esquecer a desfeita. Prometeu que se Balbina não fosse sua não seria de ninguém. No dia da festa João Gico combinou com seus parceiros que mesmo antes do terreiro abrir ele iria saudar o altar. Balbina por sua vez antes de ter licença da Mãe Zefa, resolveu ir saudar o altar e pedir a valia pra lansã. João também entrou no barracão. E[,] assim que viu Balbina, reconheceu nela a lansã dos seus sonhos. E sem babado entregou tudo pra moça. Os dois se ligaram num papo e nem se mancaram nos sinais que Puia e Tuim davam pra avisar que Zefa se encaminhava pro barracão. Quando João ia sair, Zefa entrou e flagrou o moço e Balbina. Zefa deu um aperto nos dois. Como não conseguiu arrancar nada, chamou seu Ogã capoeira, Expedito. Mandou que Expedito ficasse na campana de João Gico, entregando a ele o serviço. No barracão, João Gico nem se tocava da

cama que estava sendo preparada pra ele, levando papo com Tuim que desaprovava a sua atitude. Todo pessoal de Pedra Branca já estava de olho em João Gico. Na hora de receber o Santo, Balbina se apavorou e não conseguiu se concentrar. Nem entrava no barravento. Todas as filhas caíram no Santo. Foram levadas pra camarinha. Só Balbina ficou na roda pensando. Até que escutou João Gico lembrar do patuá que havia lhe dado. Segurando o patuá dos Angois, Balbina ganhou novo embalo e recebeu lansã. Mãe Zefa suspirou. Sua fama estava salva. João Gico não cabia em si de contente. Expedito foi avisar a Mãe Sefa o que acontecera [(]como Balbina havia recebido lansã). Mãe Zefa não lhe dera muita atenção, pois acabava de chegar o político Dr. Oswaldo, que protegia sua casa.

Com a chegada do político de influência que protegia o seu terreiro e com toda a feitura das novas filhas acabada, Mãe Zefa[,] a maior do terreiro da pedra Branca, mandou que se abrisse a quitanda.

As novas firmas espalharam pelo chão esteiras e cada uma se botou a vender um rango legal. Nesse lance as moças caprichavam. Era aí que cada uma mostrava o que valia. Quem era quem. E o que iria valer pra casa. Nessa barca qualquer um estava apostando na Balbina. Todo mundo achava que ela ia vender o seu cuscus numa sentada só. Porém[,] a branca nem tomou conhecimento do negócio.

Assim que João Gico encostou na sua esteira ela se ligou num papo firme com o Ogã dos Angois.

- Tu me deu valia.
- Se assim foi quem te valeu foi meu Xangô.
- Eu não tinha jeito de firmar a cabeça.
- Tu viu eu piar pra ti pegar no patuá?
- Escutei. E foi aí que desencabulei.

Os dois se olharam e ficaram nisso. Mas também não precisavam abrir o bico pra um morar no bizu do outro. Já estava selada a sorte. Quem meteu as botucas atravessadas no chamego de João e Balbina foi o Expedito. Ma[is] por dor chifre do que por ser ponta da Zefa, o pinta se mordeu. Só não teve peito de armar a catimba por conta sua. Mais uma vez foi pedir ordem a Mãe. E mais uma vez a Senhora da Pedra Branca teve que deixar barato. A presença do dr. Oswaldo evitava o salseiro. A saída que a velha encontrou foi meter o político na parada. Arrastou o majorengo até a esteira da branca e desconheceu o João que estava plantado na frente da filha de Santo. Zefa chegou e foi dando as fichas:

- É essa a branca, Doutor.

O loque caiu no espanto. A Mãe dos Encantados tinha feito marola com a beleza da Balbina. Disse que era por que era e tal e coisa. Mas o cara deixou a coisa por conta das chuveiradas da mulher. Porém assim que viu, vidrou. Ficou tão abilolado que até deixou escapar uma verdade. Coisa rara em político. Na sua bobeira chiou.

- Poxa, Zefa. Uma vez na vida tu não mentiu.

A velha sentiu o esculacho mas tirou de letra. Como estava certa que ia tirar do panaca uma grana sonora, sem se tocar carteou [a] amarra.

– Eu sei o que digo. Se falei que essa branca era uma lindeza é porque tinha visto. Se te digo que ela tem fogo de dez mulatas, boto fé. Se tu não fosse tão folgado, chegava em tempo de ver a roda. E tu ia ver como todos que estão aqui viram. Uma lansã de fogo como nunca.

João Gico que não dormia de touca, logo morou na escama da velha e se picou de raiva. A sujeira que a coroa queria fazer bambeou o moço. E antes que o político engrenasse conversa atravessou.

– Eu que [o] diga. Vi com esses olhos que a terra há de comer. E com licença da Senhora Mãe de Santo, eu me gamei.

A Zefa deu uma dura de não deixar dúvida.

- Tu viu com os olhos que a terra vai comer. E se esses olhos não forem abertos a terra come antes do tempo. Na casa de Zefa o destino das filhas é a Mãe de Santo quem dá. No terreiro da Pedra Branca é assim. E é mais, moço de pouco respeito. Aqui na minha macumba não se fala com a Mãe Maior sem licença. Não se fala principalmente quando ela tá de papo pego com gente de valia que nem o Doutor Oswaldo.

E sem mais trela afastou João Gico e foi dando as dicas pro majura.

– Então, Doutor, essa é Balbina. Te fala ao peito.

O Panaca não era devagar. Pegou a deixa e meteu a bicaria.

– Ao peito e a tudo. Tu é linda, menina.

Balbina sem jeito só chiou.

– Brigada.

Mas a Mãe de Santo aproveitou pra faturar algum.

– Que tu tá abilolado por ela tá na cara, doutor. Agora, pra não ter chibu, pra que nem um pinta sem jeito se chegue com onda de gavião, compre a quitanda de Balbina, doutor.

O político não vacilou.

– É fechada. É minha. E diga o preço.

E foi nessa altura do campeonato que se deu a gronga. Balbina sem se abalar entregou a sua fé.

– Não posso vender o que já dei. Fico agradecida. Mas já dei de gosto a quitanda pro moço aqui.

O político fez média. Pra ele tanto fazia o rango. Queria era a branca. Mas a Zefa que era viva, azedou.

– Como é, Balbina. Que tu fez com a quitanda:

E a moça selou outra vez.

– Dei dado pro João Gico.

A Zefa ficou batusquela de bronca. Só deu um berro.

– Expedito!

(continua)

Balbina de lansã: Capítulo 15: Os irmãos de Santo (Última Hora de SP – Edição de 22/2/1970. Página 11. Caderno 1)

Resumo dos capítulos anteriores

O Candomblé da Pedra Branca se prepara para dar uma grande festa. Zeninha, zeladora do altar, leva sua cria, a Boba, uma menina batusquela, pra ajudar na arrumação do altar. A menina deixa cair a imagem de lansã, que se quebrou. Mãe Zefa, chefe do terreiro, vê nisso um aviso de desgraça. No mesmo momento na macumba de Angois, casa de inimigos de Pedra Branca, o balalaô adivinho deita as pedras pra decifrar o sonho de João Gico, primeiro Ogã. Ele sonhara com lansã. Vira a Santa andando sobre um rio de sangue. O babalaô interpreta esse sonho como um aviso. Garante que alguém de lansã precisa de auxílio de Joao Gico, que é de Xangô, marido de lansã. Zefa da Pedra Branca resolve dar uma limpeza na

Boba, que segundo ela, está com carrego de Exu. E manda levarem a Boba pro tronco, onde deve receber uma surra de cipó virgem até ficar livre das influências do mal. Zeninha, a mãe de sangue da menina se rebela contra a ordem da macumbeira. Luta desesperadamente contra os Ogãs da casa. Porém, é vencida e vê com desespero a filha ser arrastada para o tronco. Balbina resolve interferir em favor da Boba. Pede que a Mãe de Santo a livre do tronco. Essa atitude da moça branca desperta a raiva do povo do Candomblé. Depois de forte bate-boca, os mais violentos partem pra agredir a Balbina. Essa se encolhe num canto. Quando se levanta está carregando lansã. Cantam e dançam em homenagem à guerreira. Essa sem ligar pras mumunhas, bota a mão na cabeça da Boba e a perdoa. A Mãe se sente desfeiteada. E desconfia que tudo não passou de mistificação. Dá um aperto na Balbina assim que essa fica livre. Pela conversa da moça, a macumbeira percebe que nem ela sabe se é mistificação ou não. Se alivia, porém resolve manter os olhos abertos para vigiar a branca. Convocou Expedito, um Ogã da casa, e explicou pra ele os macetes. Contou que pretendia fazer Balbina casar com um político importante que protegia o Candomblé. O Ogã que já andava cobiçando a moça, não gostou da história. Porém, por respeito a Mãe de Santo, resolveu vigiar a branca. Mas quando botou os olhos em cima da moça, não resistiu. Esqueceu as ordens da Mãe de Santo e partiu pra ganhar a moça. Entrou sem rodeio. Balbina tentou desconversar. Mas quando viu que não dava pra manear, engrossou. Expedito ardeu de raiva e jurou pro seu Santo que não ia esquecer a desfeita. Prometeu que se a Balbina não fosse sua não seria de ninguém. No dia da festa, João Gico combinou com seu parceiro que mesmo antes do terreiro abrir, ele iria saudar o altar. Balbina, por sua vez antes de ter licença da Mãe Zefa, resolveu ir saudar o altar e pedir a valia pra lansã. João também entrou do barracão. E assim que viu Balbina, reconheceu nela a lansã dos seus sonhos. E sem babado entregou tudo pra moça. Os dois se ligaram num papo e nem se mancaram dos sinais que Puia e Tuim davam pra avisar que Zefa se encaminhava pro barracão. Quando João ia sair, Zefa entrou e flagrou o moço e Balbina. Zefa deu um aperto nos dois. Como não conseguiu arrancar nada, chamou seu Ogã capoeira, Expedito. Mandou que Expedito ficasse na campanha de João Gico, entregando a ele o serviço. No barracão João Gico nem se tocava da cama que estava sendo preparada pra ele, levando papo com Tuim que desaprova sua atitude. Todo o pessoal de Pedra Branca já estava de olho em João Gico. Na hora de receber o Santo, Balbina se apavorou e não conseguiu se concentrar. Nem entrava no barravento. Todas as filhas caíram no Santo. Foram levadas pra camarinha. Só Balbina ficou na roda penando. Até que escutou João Gico lembrar do patuá que havia lhe dado. Segurando o patuá dos Angois, Balbina ganhou novo embalo e recebeu lansã. Mãe Zefa surpirou. Sua fama estava salva. João Gico não cabia em si de contente. Expedito foi avisar a Mãe Zefa o que acontecera, (como Balbina havia recebido lansã) Mãe Zefa não lhe dera muita atenção, pois acabava de chegar o político, dr. Oswaldo, que protegia a sua casa. Mãe Zefa levou o dr. Oswaldo até a quitanda de Balbina que [sic] oferecendo a branca ao político, este deveria adquirir a sua quitanda, realizando assim uma ótima troca. Balbina se recusou em vendê-la, uma vez que já havia oferecido a João Gico, gratuitamente.

Expedito atendeu [o chama]do da Zefa. Se aproximou do grupo e sem dar pelota pro doutor Oswaldo, nem pra Balbina, engrossou pro João Gico.

– Tu é muito folgado, vagau.

O Ogã do Angois sentiu o aroma da perpétua. Se mancou que a barra estava pesada. Desconhecia a briga do Expedito, porém não tinha medo. Levava muita fé nos seus pulos e na proteção dos Encantados. Só que queria sair fora do salseiro. Não iria prestar armador um salseiro contra o pessoal da casa de Balbina. Com guerra só iria conseguir amargar mais o talo. E por todas essas mumunhas desachavou.

– Não vim aqui a fim de perturbar. Tou só a passeio.

O cupincha da Mãe Zefa não deu recreio.

– Tá afinando, panaca?

O outro se machucou com o esculacho. Mas deu um tempo pra poder segurar as pontas. Não queria virar a mesa no dia que Balbina se fez filha de Santo. Sabia o que isso contava pra moça. Mas foi ela mesmo quem botou pra quebrar.

– Se acanha. Tu tá falando com homem. Homem macho que só tá maneirando porque é de se dar respeito. Veio de passeio na Casa de Zefa, a Mãe Maior da Pedra Branca e Senhora de valor provado em toda macumba. Como gente de fora, ele só fez o que é de permissão.

O Ogã botou as botucas na Zefa. A coroa só com os olhos deu ordem dele continuar com a gronga. Expedito foi em frente.

– Onde tu é? Ou tem vergonha da tua Casa?

– Sou do Angois. E com orgulho.

– Vi contar que os homens dela são tudo carregador de Santa. Tu também é?

Dizer que um homem macho é de receber Santa é grande ofensa em qualquer macumba direita. Essas coisas só acontecem pra nego três vezes oito. João recebeu a pancada e selou:

– Sou de Xangô de Ouro. Ogã dos Angois. Sou cabeça coroada da nação Keto. Tenho cabeça firmada na terra da minha gente. Tenho patuá de valia feito por Pai de Santo de Axe forte. Sou capoeira e não conheço tua briga. Mas não te acredito. No braço e nas armas do jeito que tu quisesse eu te encarava. Porém hoje te dispensou. Por mais que tu me ofenda não saio no pau. Não vou brigar com o povo de Balbina de lansã, minha rainha com quem tou de chamego.

A firmeza do João ao dar seu recado, a abertura do seu jogo com Balbina azedaram a Zefa que só espiava o lance. E aí sem ligar pras regras, a coroa entrou de sola.

– Tu é covarde. Tá com medo do Expedito, isso se vê na fuça e no papo enganador. Tu é chué. Mas não vai ter saída. Os berimbaus, gente.

Não demorou a entrar o toque pedido pela mãe. Expedito se soltou na roda e o povo se acendeu pra ver. João ficou parado. Balbina até estranhou.

– Tu vai dar pra trás?

– Não Balbina, vou aceitar tudo porque não quero guerra com gente da tua Casa. Tu me crê?

A moça balançou. Sentia que o João era um homem valente. Só dóia era ela não aceitar o esquinapo armado pelo Expedito. E esse vendo que o inimigo não se tocava, partiu pro sarro.

– Tu é ninguém, filho de Santa Casa fajuta. Tu é esparro dos Orixás, mulher. Não te conheço como homem e te escarro no focinho nojento.

Expedito disse e fez. João não se afobou. Puia é quem comprou o rolo. Pararam as vaias da curriola do berro.

– Sou do Anglois e sei dar fé de João Gico, primeiro Ogã da Casa. Ele é homem que se respeita. Se ele não quer acabar com esse trouxa carteador de amarra é por alguma jura. Mas eu estou livre de obrigações com Orixás e com mulher. Posso selar meu destino. E como devo benção a João Gico de Xangô de

Ouro, maior que eu no Anglois e na macumba, com licença dele vou entupir o loque que não sabe das coisas. Saravá meu irmão de Santo João. Tou por ti na lenha.

João até se arrepiou quando Puia entrou embalado na roda. O povo que viu o pivete fazer a catimba se flagrou que era capoeira mesmo quem dizia presença. E se Puia reconhecia João como maior, tinha mumunha na parada. Todos acreditaram de pronto na valentia de João em recusar a briga. Se ele fazia recueta devia ser mesmo por jura feita com batida de cabeça no gongá. Balbina se encheu de gama por seu homem. A Zefa escolada pacas, não perdeu o pedal. Engrenou um xaveco³ pra livrar seu lado.

– Se esse panaca é bom Angois e tem que de menor divisa seja por ele, na Pedra Branca também tem quem faça o mesmo por Expedito capoeira e Ogã da linha de frente. Um por Expedito.

Uns vinte pintas avançaram. O Ogã da Casa escolheu o seu cara.

– É Joca da Gumeleira. Vai com tua crença, meu irmão.

Os outros arredaram. O berimbau entrou forte. O povo marcou ritmo batendo palmas. Um crioulo puxou o canto. Puia e Joca da Gumeleira se soldaram e começou a briga.

(continua)

1.3 – As crônicas de março de 1970 – Coluna *Navalha na carne*

Balbina de lansã: Capítulo 16: [Sem título] (Última Hora de SP – Edição de 1/3/1970. Página 6. Caderno 1)

Resumo dos capítulos anteriores

O Cadomblé da Pedra Branca se prepara para dar uma grande festa, Zezinha, zeladora do altar, leva sua cria, a Boba, uma menina batusquela, pra ajudar na arrumação do altar. A menina deixa cair a imagem de lansã, que se quebrou. Mãe Zefa, chefe do terreiro, vê nisso um aviso de desgraça. No mesmo momento na macumba de Angois, casa de inimigos de Pedra Branca, o babalaô adivinho deita as pedras pra decifrar o sonho de João Gico, primeiro Ogã. Ele sonhara com lansã. Vira a Santa andando sobre um rio de sangue. O babalaô interpreta esse sonho como um aviso. Garante que alguém de lansã precisa de auxílio de João Gico, que é de Xangô, marido de lansã. Zefa da Pedra Branca resolve dar uma limpeza na Boba, que segundo ela, está com carrego de Exu. E manda levarem a Boba pro tronco, onde deve receber uma surra de cipó virgem até ficar livre das influências do mal. Zeninha, a mãe de sangue da menina se rebela contra, a ordem da macumbeira. Luta desesperadamente contra os Ogãs da casa. Porém, é vencida e vê com desespero a filha ser arrastada para o tronco. Balbina resolve interferir em favor da Boba. Pede que a Mãe de Santo a livre do tronco. Essa atitude da moça branca desperta a raiva do povo do Candomblé. Depois de forte bate-boca, os mais violentos partem pra agredir a Balbina. Essa se encolhe num canto. Quando se levanta está carregando lansã. Cantam e dançam em homenagem à guerreira. Essa sem ligar pras mumunhas, bota a mão na cabeça da Boba e a perdoa. A Mãe se sente desfeiteada. E desconfia que tudo não passou de mistificação. Dá um aperto na Balbina assim que essa fica livre. Pela conversa da moça, a macumbeira percebe que nem ela sabe se é mistificação ou não. Se alivia, porém resolve manter os olhos abertos para vigiar a branca. Convocou Expedito, um Ogã da casa, e explicou pra ele os macetes. Contou que pretendia fazer Balbina casar com um político

³ Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

importante que protegia o Candomblé. O ogã que já andava cobiçando a moça, não gostou da história. Porém, por respeito a Mãe de Santo, resolveu vigiar a branca. Mas quando botou os olhos em cima da moça, não resistiu. Esqueceu as ordens da Mãe de Santo e partiu pra ganhar a moça. Entrou sem rodeio. Balbina tentou desconversar. Mas quando viu que não dava pra maneirar, engrossou. Expedito se mordeu de raiva e jurou pro seu Santo que não ia esquecer a desfeita. Prometeu que se a Balbina não fosse sua não seria de ninguém. No dia da festa, João Gico combinou com seu parceiro que mesmo antes do terreiro abrir, ele iria saudar o altar. Balbina por sua vez antes de ter licença da Mãe Zefa, resolveu ir saudar o altar e pedir a valia pra lansã. João também entrou no barracão. E[,] assim que viu Balbina, reconheceu nela a lansã dos seus sonhos. E sem babado entregou tudo pra moça. Os dois se ligaram num papo e nem se mancaram dos sinais que Puia e Tuim davam pra avisar que Zefa se encaminhava pro barracão. Quando João ia sair, Zefa entrou e flagrou o moço e Balbina. Zefa deu um aperto nos dois. Como não conseguiu arrancar nada, chamou seu Ogã capoeira, Expedito. Mandou que Expedito ficasse na campana de João Gico, entregando a ele o serviço. No barracão João Gico nem se tocava da cama que estava sendo preparada pra ele, levando papo com Tuim que desaprovava sua atitude. Todo pessoal de Pedra Branca já estava de olho em João Gico. Na hora de receber o Santo, Balbina se apavorou e não conseguiu se concentrar. Nem entrava no barracão. Todas as filhas caíram no Santo. Foram levadas pra camarinha. Só Balbina ficou na roda pensando. Até que escutou João Gico lembrar do patuá que havia lhe dado. Segurando o patuá que havia lhe dado. Segurando o patuá dos Angois, Balbina ganhou novo embalo e recebeu lansã. Mãe Zefa suspirou. Sua fama estava salva. João Gico não cabia em si de contente. Expedito foi avisar a Mãe Zefa o que acontecera (como Balbina havia recebido lansã). Mãe Zefa não lhe dera muita atenção, pois acabava de chegar o político, dr. Oswaldo, que protegia a sua casa. Mãe Zefa levou dr. Oswaldo até a quitanda de Balbina, que oferecendo a branca ao político, este deveria adquirir a sua quitanda, realizando assim uma ótima troca. Balbina se recusou em vendê-la uma vez que já havia oferecido a João Gico, gratuitamente. Expedito não reconheceu a presença do dr. Oswaldo e logo provocando com palavra ofensivas a João Gico, propôs-lhe juntamente com Mãe Zefa, um acerto de contas. João Gico, apesar de sua valentia, não aceitou – uma vez que Balbina fora feita filha de Santo. Puia dos Angois se doeu por João Gico e por ele se ofereceu a brigar. Expedito então colocou Joca da Gumeleira pra brigar em seu lugar.

Puia entrou na roda em nome de João Gico. Encarou o capoeira que defendia o nome da Pedra Branca por conta de Expedito, o primeiro Ogã da casa de Zefa. E os dois pintas mandaram ver, numa lenha sentida. Puia era bom na queda, porém o inimigo não era mole. E a parada estava mano a mano. Os birimbaus chiavam ardido e era rodo, benção, cabeçada, rasteira, rabo de arraia e tal e coisa. E numa dessa, o pivete do Angois acertou em cheio a lata do majura. O melado correu. O pinta ficou de bobeira e recebeu uma joelhada bem no meio das pernas, dessa de fazer qualquer macho se render. E nesse lance não deu outra coisa. O capoeira da casa de Zefa perdeu o rumo. Puia que estava com a gana pega, se serviu. Deu pancada pra valer. A briga era de morte e não tinha babado. O irmão de Santo de João ia apagar o inimigo. E contando com pão ganho, se descuidou. E Expedito nem conversou, meteu a naifa nas costas do Puia. Foi feio[,] pior que tocaia. A faca entrou até o talo. Ferido e tudo, Puia quis virar pra escorar Expedito. Não deu pedal. O mundo se acabou. Rolou e levantou poeira. Só teve tempo de pedir:

– Um por mim!... um por mim!... Quem... me fez... não tem... valor!

Não era mais ninguém. Mas continuava com as botucas abertas. Uma velha quis fechar os olhos do estarrado. Se ajoelhou ao lado do Puia, porém João a empurrou com o pé e berrou pra tremer a terra:

– Deixa ele espiar, gente. Puia era de valor e foi ferrado nas encolhas por um nego frouxo que tem embaixada aqui nessa casa de mandinga ruim e de Axe fraco. Deixa ele espiar, gente. Que ele vai ver que João Gico do Xangô de Ouro vai pra forra e vai deixar penando a alma do desgraçado que mata pelas costas um lutador de luta justa. Deixa ele espiar que agora é comigo mesmo.

João pulou na roda, de ferro na mão e não teve dó. De saída espetou o primeiro cara que tinha se pegado com o Puia. Expedito ciscou. Fez que ia, mas ficou. Foi mancada. Tuim deu-lhe uma biaba na cuca e no balanço da tonteira, João solou o Ogã da Pedra Branca na peixeira. O troco tinha sido dado. O povo de Zefa vacilou um tempo. João aproveitou pra fechar os olhos do seu irmão.

– Vai em glória, irmão. Puia do Xangô, Ogã de valor provado na casa do Angois.

E mal cumpriu a obrigação com seu chapa morto, teve que pular. A batota da Pedra Branca entrou nos peitos dele. João deu uma capoeira, abriu a roda, seus cupinchas deram cobertura, e o salseiro ferveu. Balbina abriu um bué desesperado. Se machucava com a guerra da gente de seu João Gico com a sua própria gente. E sabia que a barra estava pesada pros negos do Angois. Eram muitos contra poucos. E não ia ter jeito. Mas Tuim e os outros da curriola do João abriram caminho e deram fuga pro Ogã maior. Antes do pinote, o pinta deu seu recado:

– Segure as pontas, Balbina. Bota fé em mim e na tua lansã. Eu volto pra te buscar.

Foi só o que a branca escutou. Daí sentiu as pernas bambear [sic] e se arreiou.

Um gango montado de raiva saiu na captura dos negos do Angois. O mulheriu e os velhos ficaram cuidando dos mortos. Expedito está no último sopro, mas ainda não tinha embarcado. Dispensou as pessoas que queriam arrastar ele pra cama. E num último esforço chamou a Zefa. E assim que a velha se ajoelhou ao seu lado, o Ogã esculachou:

– Vaca... Vaca nojenta... Vaca enganadora... miserável[.] Tu... Tu não falou... Não benzeu meu corpo?... Não fechou... o corpo... do teu... Ogã? Vaca... Vaca... Vaca nojenta...

Expedito descarregou sua bronca. Ganhou embalo e escarrou na cara de Zefa. Aí se findou. A velha também morreu um pouco. Levantou e sabia que o reinado da Pedra Branca começava a vir abaixo. O Escracho de um nego com o pé na cova marca. O povo se fechou em copas. A macumbeira fechou os olhos e o silêncio cortou fundo dentro do barracão. A gronga estava selada. Porém Zefa não era nenhuma rabo mole. Quando se ligou outra vez já estava no jogo de novo. Procurou Balbina, que estava desmaiada num canto, e quando encontrou a moça, anunciou:

– Ela é culpada. Tem que pagar.

(continua)

Balbina de lansã: Capítulo 17: [Sem título] (Última Hora de SP – Edição de 8/3/1970. Página 14. Caderno 1)

Resumo dos capítulos anteriores

O Candomblé da Pedra Branca se prepara para dar uma grande festa. Zeninha, zeladora do altar, leva sua cria, a Boba, uma menina batusquela, pra ajudar na arrumação do altar. A menina deixa cair a imagem de Iansã, que se quebrou. Mãe Zefa, chefe do terreiro, vê nisso um aviso da desgraça. No mesmo momento na macumba de Angois, casa de inimigos de Pedra Branca, o balalaô adivinho deita as pedras pra decifrar o sonho do João Gico, primeiro Ogã. Ele sonhara com Iansã. Vira a Santa andando sobre um rio de sangue. O balalaô interpreta esse sonho como um aviso. Garante que alguém de Iansã precisa de auxílio de João Gico, que é de Xangô, marido de Iansã. Zefa da Pedra Branca resolve dar uma limpeza na Boba, que segundo ela, está com carrego de Exu. E manda levarem a Boba pro tronco, onde deve receber uma surra de cipó virgem até ficar livre das influências do mal. Zeninha, a mãe de sangue da menina se rebela contra a ordem da macumbeira. Luta desesperadamente contra os Ogãs da casa. Porém, é vencida e vê com desespero a filha ser arrastada para o tronco. Balbina resolve interferir em favor da Boba. Pede que a Mãe de Santo a livre do tronco. Essa atitude da moça branca desperta a raiva do povo do Candomblé. Depois de forte bate-boca, os mais violentos partem pra agredir a Balbina. Essa se encolhe num canto. Quando se levanta está carregando Iansã. Cantam e dançam em homenagem a guerreira. Essa sem ligar pras mumunhas, bota a mão na cabeça de Boba e a perdoa. A Mãe se sente desfeiteada. E desconfia que tudo não passou de mistificação. Dá um aperto na Balbina assim que essa fica livre. Pela conversa da moça, a macumbeira percebe que nem ela sabe se é mistificação ou não. Se alivia, porém resolve manter os olhos abertos para vigiar a branca. Convocou Expedito, um Ogã da casa, e explicou pra ele os macetes. Contou que pretendia fazer Balbina casar com um político importante que protegia o Candomblé. O Ogã que já andava cobiçando a moça, não gostou de história. Porém, por respeito a Mãe de santo, resolveu vigiar a branca. Mas quando botou os olhos em cima da moça, não resistiu. Esqueceu as ordens da Mãe de Santo e partiu pra ganhar a moça. Entrou sem rodeio. Balbina tentou desconversar. Mas quando viu que não dava pra maneirar, engrossou. Expedito ardeu de raiva e jurou pro seu Santo que não ia esquecer a desfeita. Prometeu que se a Balbina não fosse sua não seria de ninguém. No dia da festa, João Gico combinou com seu parceiro que mesmo antes do terreiro abrir, ele iria saudar o altar. Balbina por sua vez antes de ter licença da Mãe Zefa, resolveu ir saudar o altar e pedir a valia pra Iansã. João também entrou no barracão. E assim que viu Balbina, reconheceu nela a Iansã dos seus sonhos. E teu babado entregou tudo pra moça. Os dois se ligaram num papo e nem se mancaram dos sinais que Puia e Tuim davam pra avisar que Zefa se encaminhava pro barracão. Quando João ia sair, Zefa entrou e flagrou o moço e Balbina. Zefa deu um aperto nos dois. Como não conseguiu arrancar nada, chamou seu Ogã capoeira, Expedito. Mandou que Expedito ficasse na campana de João Gico, entregando a ele o serviço. No barracão João Gico nem se tocava da cama que estava sendo preparada pra ele, levando papo com Tuim que desaprovava sua atitude. Todo pessoal de Pedra Branca já estava de olho em João Gico. Na hora de receber o Santo, Balbina se apavorou e não conseguiu se concentrar. Nem entrava no barracão. Todas as filhas caíram no Santo. Foram levadas pra camarinha. Só Balbina ficou na roda pensando. Até que escutou João Gico lembrar do patuá que havia lhe dado. Segurando o patuá dos Angois, Balbina ganhou novo embalo e recebeu Iansã. Mãe Zefa suspirou. Sua fama estava salva. João Gico não cabia em si de contente. Expedito foi avisar a Mãe Zefa o que acontecera (como Balbina havia recebido Iansã). Mãe Zefa não lhe dera muita atenção, pois acabava de chegar o político, dr. Oswaldo, que protegia a sua casa.

Mãe Zefa levou dr. Osvaldo até a quitanda de Balbina, que oferecendo a Branca ao político, este deveria adquirir a sua quitanda, realizando assim uma ótima troca. Balbina se recusou em vendê-la, uma vez que já havia oferecido a João Gico, gratuitamente. Expedito não reconheceu a presença do dr. Osvaldo e logo provocando com palavras ofensivas a João Gico, propôs-lhe juntamente com Mãe Zefa um acerto de contas. João Gico, apesar de sua valentia, não aceitou uma vez que Balbina fora feita filha de Santo. Puia dos Angóis se doeu por João Gico e por ele se ofereceu a brigar. Expedito então colocou Joca da Gumeleira pra brigar em seu lugar. Na briga, Expedito matou Puia pelas costas. João Gico entrou na roda com um ferro na mão, chegando a matar Expedito ajudado por sua peixeira. Expedito ainda antes de morrer teve tempo para mal-dizer Mãe Zefa, passando a ela toda a culpa do acontecido. Balbina num canto fora notada pelo povo de Pedra Branca.

Enquanto uma batota da Pedra Branca saiu na captura de João Gico e seus cupinchas, a Zefa escalou Balbina pra esparro. Sem crás-crás-crás dedou que toda a gronga que encarnou no seu terreiro era porque a branca aprontou mil marolas com lansã e a Santa invocada não deu desconto pra quem carregava fé. Solou a moleira da casa toda. O Axé perdeu a força, o encanto de corpo fechado do Expedito foi pro vinagre e ao seu achego com os Orixás encaveirado. E por essas e outras só restava uma saída. Limpar a Balbina da mandinga que caiu na cuca dela. Coisa ruim, que a Zefa jurava pela luz que a iluminava, tinha sido feita nas encolhas mais escamosas da macumba. Lance cavernoso que só a gente nojenta dos Angois tinha peito pra armar.

E se o mal feito tinha sido selado com força, o deschavo tinha que ser forte. Se Balbina se descobriu e recebeu o [sic] limpeza. E sem babado, a Mãe Zefa, maior da Pedra Branca mandou botar a moça no tronco e dar nela um banho de cinquenta lanhadas de cipó virgem.

Defunto apavorava meio mundo. Por mais que o cara seja abilolado pra ver desgraça, a morte fede. Porém ver vivo se danar é pra muito pinta uma alegria. E Balbina no tronco deu um embalo pros loques que estavam jururu. O Ogã pra quem tocou o direito de descer a biaba, nem se acanhou. Levava na moringa há muito tempo uma bronca escrota da moça branca. Esses esquinapos da vontade pega e resultado sem jeito. Sonhou às baldas com a branca. Mas na hora do “vamos ver” não encontrava nem por onde atracar. Se moeu muito tempo. Se sentia na sua vez. Pegou o cipó e nem se tocou. Comeu a moça com raiva.

Nas quebradas da vida João Gico se espantou dos negros da Pedra Branca, que vinham na sua cola. Se enfiou pelos atalhos e deu as caras no seu Angois. Antes de qualquer embaixada foi saudar o gongá. E diante dos Santos de mais valor pediu maleime.

– Oxalá pai, Oxanguinha filho, Xangó guia de cabeça, lansã de Balbina, Yemanjá das águas, Oxumare, Ogum, Oxoce e todos Orixás, Saravá. Licença pra minha guerra, proteção pra minha gama branca de jura limpa, firmeza pro meu ferro de fé, que só se mela no sangue ruim dos tocaieros. Santos de minha guarda e rei Keto de linha, com cabeça firmada na nação e patuá rezado pelos maiores do povo da macumba que vem pedir pra essa hora e sempre proteção pra Balbina, Saravá.

E certo de ter a cobertura, João se mandou atrás de grana. Já tinha reta traçada. Arranjar uma nota, voltar pra Pedra Branca e dar pinote pra bem longe, um lugar onde ninguém pudesse cobrar nada por Expedito e pelo outro nego que ele tombou. Queria a paz pra criar a vida parida de sua Balbina.

Na Pedra Branca a zorra do tronco se findou. Balbina não chiou, não pediu pedal, não reconheceu que tinha errado. Se machucou no corpo e na alma. Porém não deu chibu. Lanharam seu corpo. O sangue jorrou da rocha. Balbina foi mais Balbina de tão vidrada que estava no seu João Gico do Xangô de Ouro. Na sua certeza de fêmea marcada pelo fogo santo da fúria sagrada do seu macho, Balbina segurou as pontas. Nem por João chamou. Levava fé que ele estava onde devia. E onde estivesse estava por ela. Foi maior.

Não adiantou Mãe Zefa pedir pra ela se render e aceitar a culpa de toda a desgraça. Quando mais cipó cortava suas carnes macias que nasceram pro amor, mais ela se ficava na crença de que pelos Deuses ela nasceria pra João e pelos Deuses João nasceu pra ela, e isso não tinha por onde ser miséria. Era grande. E nem de enganação valia a pena ser negado. E só por sua glória Balbina ficou até a última lanhada.

Depois, já bamba, esbagaçada, batendo os pinos foi atirada na frente do altar. Mãe Zefa, senhora primeira na Pedra Branca, achava que no gongá algum Santo se tocava na dor da moça e do alto de sua honra desse a ela uma luz pros seus caminhos escuros.

[(continua)]

Balbina de lansã: Capítulo 18: [Sem título] (Última Hora de SP – Edição de 15/3/1970. Página 14. Caderno 1)

Resumo do capítulo anterior

Mãe Zefa levou dr. Oswaldo até a quitanda de Balbina, que oferecendo a branca ao político, este deveria adquirir a sua quitanda, realizando assim uma ótima troca. Balbina se recusou em vendê-la, uma vez que já havia oferecido a João Gico, gratuitamente. Expedito não reconheceu a presença do dr. Oswaldo e, logo provocando com palavras ofensivas a João Gico, propôs-lhe juntamente com Mãe Zefa um acerto de contas. João Gico, apesar de sua valentia, não aceitou uma vez que Balbina fora feita filha de Santo. Puia dos Angóis se doeu por João Gico e por ele se ofereceu a brigar. Expedito então colocou Joca da Gumeleira pra brigar em seu lugar. Na briga, Expedito matou Puia pelas costas. João Gico entrou na roda com um ferro na mão, chegando a matar Expedito ajudado por sua peixeira. Expedito ainda antes de morrer teve tempo para mal-dizer Mãe Zefa, passando a ela toda a culpa do acontecido. Balbina num canto fora notada pelo povo de Pedra Branca. Na Pedra Branca, Mãe Zefa culpou Balbina e colocou-a no tronco para receber um banho de lenhadas de cipó virgem. João Gico por sua vez, pedia aos Santos proteção para a sua Balbina. Esta não se rendeu e foi atirada esbagaçada aos pés do altar, quando então Mãe Zefa esperava que alguém Santo se tocasse na dor da moça.

Os bochichos do povo espalharam pelas quebradas da vida o esquinapo que Mãe Zefa, a Maior da Pedra Branca, mandou aprontar para a branca Balbina de lansã. Zeninha e sua cria, a menina Boba, que quando foram chutadas da macumba ficaram na pior, tendo que se plantarem na porta da igreja e esticarem a mão aí mesmo pegando as sobras, escutaram o papo. Quem deu o alô pra antiga zeladora do gongá encaveirou bem. Charlou que desde aquele dia que a branca forçou a barra e recebeu a Santa guerreira fora de hora, sem licença de Zefa e sem chamado, que a gronga fedeu pra ela. Deu maleime pra Boba em nome de lansã e não podia. O crepe foi dela. Livrou a cara da criança enganando que estava

carregando a Encantada. Iansã azedou, relaxou a bronca da cria da Zeninha, mas botou tudo na conta de Balbina. E fez a desgraça descer com força no terreiro da Zefa. O Axé desandou. Perdeu a valia. A mãe de Santo que foi engrupida também teve que pagar. Que pra Iansã ninguém dá um devo. A Zefa perdeu os poderes de quizomba. O corpo de seus Ogãs rezados se abriram pra ferro, fumo e água. E nessa zorra encamada que Expedito e mais um foram comidos na faca de João Gico. Mandingueiro do Angóis que foi levado pelas coisas escamosas pra perturbar na Pedra Branca. Balbina, que estava de cuca gira, sem proteção, sem pedal da Santa entrou na dele. Foi a chave de todo capuchete. Teve que ser limpa no tronco. Porém, como a carga era muito pesada, o banhado foi esticado e quase a branca se estarra. Ainda estava balançando. Um pé na cova, outro não. Só restava Iansã dar a decisão. Se tivesse dó, salvava a moça. Senão, ela se acabava na frente do altar onde foi largada.

Zeninha escutou a arenga e se doeu. Não era mulher de esquecer as pessoas que um dia lhe deram escora. Manjava bem os ardidões do tronco. Sua história estava presa nas argolas. Foi um xaveco⁴ desses que a Boba foi parida. A Zeninha lembrava bem. Ela era moça. Bonita de parecer rainha. A Mãe Zefa queria dar seu destino pra uma pinta de influência. Porém, ela se embeijou por um marujo sueco que perdeu o braço e ficou zanando nas batotas pesadas. Ela tinha fogo nas veias. Quando a gama bateu, não se agarrou em nenhuma razão que não fosse a da vontade de querer. Foi vadiar com o marujo. Embarrigou de prima. O sueco nem quis saber. Apareceu um outro navio de sua rota e ele deu pinote. Zeninha segurou as pontas, fechada em copas. Não adiantava estrilar. Em qual das setes águas sua gama de pedra se escondia? Nem lemanjá sabia. O que é sem jeito, já está ajeitado. Zeninha foi empurrando pra frente. Pelo menos ia ter uma cria feita com a fúria de fêmea em tempo de cheiro. Só podia ser forte e bonita.

Porém, Zefa quando botou as botucas em cima da Zeninha, logo se tocou que a crioula estava prenha. Sentiu seu pesqueiro bagunçado. Não podia empurrar pro lado do seu chapa influente uma gata enxertada. Pra dar exemplo pra outras filhas, deu uma dura na Zeninha. A trouxa se rachou. Contou tudinho. E a Mãe de Santo catimbou. Escrachou que a crioula estava carregando coisa ruim. Precisava de limpeza. E não teve crás-crás-crás. Sem contar os dias, meteu a Zeninha no tronco. Nas primeiras chibatadas, a dor da crioula era do cipó cortando a carne. Mas logo a dor era de mãe. E o salseiro continuou. No fim do banho, Zeninha tinha dado cria. Pariu um troço todo ruim. Mãe Zefa selou o eu “não disse”. E quem olhasse pra criança, que apesar de tudo estava viva, dava razão pra velha. O nenê era assombrado. Teve quem quisesse apagar ele. Mas Zeninha endoiadada não deixou. Encarou a sorte. E arrastou a filha de parto pro que desse e viesse. A criança veio sem ideia e Zeninha perdeu um pouco da sua, que já não era muito. Se esculachou logo. Não levou mais embalo em nada. Nunca mais recebeu sua Santa Obá. E de favor foi se aguentando. Servindo no terreiro de Zefa. Zelando pelo altar. Tudo em troca do rango e mofo pra ela e pra Boba. Quando a mandaram embora, foi. Só levou boa lembrança da moça bonita que botou a mão na cabeça da Boba. E na hora de dor dela, queria valer. E se picou pra praia.

Zeninha e Boba recolheram limpo das pedras da beira-mar, misturaram com ervas do mato da praia e fizeram um guento forte. Pra Zeninha era a única coisa que podia dar alívio pras feridas da Balbina. E calçada nessa fé, Zeninha e Boba se mandaram pro Barracão do terreiro da Pedra Branca.

[[continua]]

4 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

Resumo

Mãe Zefa levou dr. Oswaldo até a quitanda de Balbina, que oferecendo a branca ao político, este deveria adquirir a sua quitanda, realizando assim uma ótima troca. Balbina se recusou em vendê-la, uma vez que já havia oferecido a João Gico, gratuitamente. Expedito não reconheceu a presença do dr. Oswaldo e logo provocando com palavras ofensivas a João Gico, propôs-lhe juntamente com Mãe Zefa um acerto de contas. João Gico, apesar de sua valentia, não aceitou, uma vez que Balbina fora feita filha de Santo. Puia dos Angóis se doeu por João Gico e por ele se ofereceu a brigar. Expedito então colocou Joca da Gumeleira pra brigar em seu lugar. Na briga, Expedito matou Puia pelas costas. João Gico entrou na roda com um ferro na mão, chegando a matar Expedito ajudado por sua peixeira. Expedito ainda antes de morrer teve tempo para mal-dizer Mãe Zefa, passando a ela toda a culpa do acontecido. Balbina num canto fora notada pelo povo de Pedra Branca. Na Pedra Branca, Mãe Zefa culpou Balbina e colocou-a no tronco para receber um banho de lenhadas de cipó virgem. João Gico por sua vez pedia aos Santos proteção para a sua Balbina. Esta não se rendeu e foi atirada esbagaçada aos pés do altar, quando então Mãe Zefa esperava que algum Santo se tocasse na dor da moça. Zeninha que fora expulsa do terreiro da Pedra Branca, juntamente com sua cria, a Boba, estava na pior e recebeu notícia do povo sobre o que aconteceu com Balbina. Condoída pela irmã Balbina pois esta havia salvado a Boba, resolveu dar ajuda a Branca que acabava de sair do tronco. E saíram em direção [à] Pedra Branca.

Não foi difícil pra Zeninha[,] a Zefa que deviam cuidar de Balbina. A velha até achou bom. Estava certa que a branca, depois do couro, acabava entrando na dela. E como a barra já estava limpa com o povo, todo mundo acreditou ser Balbina a culpada do esquinapo. Mãe Zefa, a maior da Pedra Branca, tirou uma onda de boazinha. Deu maleime pra Zeninha e pra Boba. Prometeu que se as duas levantassem a moça branca seriam outra vez mocosadas no candomblé.

Se Zeninha já vinha coberta de vontade de tratar de Balbina, pelo muito que a moça fez por sua filha Boba com o plá da Mãe de Santo, então é que se carregou de fé. Não era mole pra ela viver fora da macumba. Emprego na casa dos bacanas não arrumava de jeito nenhum. Ninguém queria aceitar a menina. E Zeninha não tinha onde deixar a cria, enquanto pegasse no batente. Viver de esmola na porta da igreja, era broca. E por essas e outras, Zeninha foi inteira nas feridas da Balbina.

*

Os Angóis, João Gico depois que falou com os Santos se deu sossego. Confiava que os Orixás estavam dando proteção pra Balbina. E com essa fé pega foi procurar seu Pai de Santo. Contou a gronga e pediu pedal. O velho entrou com grana e conselho.

- É barra pesada. Mas tu fez o que devia.
- Apaguei dois.
- Dois que não tinham valia. E que eram contra tua gente.
- Mas eram gente de Balbina.
- Papo furado.

Num eram irmãos de fé, nem de nada. Eram xavequeiros⁵. Mas agora o que conta é tu cair fora. Tem político na parada e essa raça maldita vai manter a cana na tua captura. Passa na Pedra Branca[,] dá uma congesta e arrasta a Balbina contigo. Pinica pras quebradas da vida. De lá me manda dizer o lugar. Mas abre as botucas[,] não te fia em vagau. Quando o tempo for manso eu te dou um alô e tu volta.

– Não tem babado.

– Assim que é.

– Então eu vou.

– Tu quer gente pra ir contigo na Pedra Branca?

– Não é preciso. Eu me valho.

– Se tu quer, é só falar.

– Tou com tua benção e com as obrigações pagas com os Encantados. Então o resto é comigo mesmo.

– Saravá.

*

Balbina começou a receber os guentos de Zeninha e Boba. Junto com os remédios, vinha os agradecimentos. Por isso a moça se tocou que a crioula estava ali por querer. Não era ordem da velha. Sentiu o pedal. Tentou ganhar a Zeninha.

– Tu é por mim, crioula?

– Sou.

– Tu jura?

– Tu não foi pela Boba?

– Fui. Mas não quero troca. Fiz de gosto.

– Mas me deu valia. Eu te dou agora.

– Eu não preciso de remédio.

– Precisa. Senão as feridas não fecham. E se fecha, fica marca.

– Que se dane.

– Não fiz besteira.

– Eu sei de mim.

– O mundo não acabou.

– Pra mim, sim.

– Êta Balbina. Tu é nova e bonita. Tem um tempo grande pela proa.

– Mas sem João Gico nem quero saber.

– Tu gamou nele?

– Pra toda vida.

– E ele tem ti?

– Me jurou.

Zeninha pensou na sua história. Ia dizer que homem era cheio de grupo. Mas teve dó. Se trancou em copas. Balbina deu um aperto.

– Tu quer me valer, Zeninha?

– Só vim pra isso.

– Então larga tudo e vai no Angóis. Fala com João e manda ele vir me buscar.

Zeninha balançou. Sabia que se a Zefa se flagra numa dessa, dava truta. Mas Balbina encostou ela na parede.

– Tu vai ou não?

– Sei não.

– Não sabe o quê?

– Se devo.

⁵ Termo atualizado; no original de jornal consta “chavequeiros”.

- Num quer me valer?
- Mas a Mãe Zefa?
- Que tem essa vaca?
- Ela não vai gostar.
- Ela nem precisa saber.

Zeninha ficou muda. Na sua cuca passou toda as presepadadas que a Zefa fez pra ela. Uma bronca esquecida foi levantada. A sorte ruim da Boba foi colocada na conta da Mãe de Santo pela Zeninha. Ela foi se cobrindo de razão. Mas devagar. Balbina só espiava a crioula. Apesar de estar arrebetada, percebia tudo claro. Uma batalha estava acontecendo na moringa da Zeninha. Balbina deixou o silêncio ficar. Se mancava que tinha picado a negra com veneno. Era só dar um tempo. E nessa zorra, nem uma das duas viu a Zefa entrar no barracão.

(continua)⁶

2) JORNAL *DIÁRIO DA NOITE DE SP* – 1970

2.1 – As crônicas de janeiro de 1970 – Coluna Plínio Marcos escracha

Plínio Marcos escracha Marilu Martineli (Diário da Noite de SP – Edição de 5/1/1970. Página 13. Caderno 1)

Meus cupinchas, hoje às dez horas da noite, estreia no canal quatro, a novela João Juca Júnior, de autoria de Sylvan Paezo, com direção de Walter Avancini e com um elenco de botar pra quebrar. Entre outros estarão formando na batota de “João Juca Júnior”, Debora Duarte, melhor atriz de 69, Carmem Monegal, Walderez de Barros, Joana Fonn, Yara Lins, Leonor Bruno, Eleonora Barone, Ziembiski, Edgar Franco, Ayres Pinto, Rui Rezende, Paulo Gaeta, Barone, Gibe, José Pereo. E também Marilu Martinelli. A moça entra de sola fazendo uma viúva baiana que não come enrolado. Por qualquer coisinha já arma um bruto salseiro e atucana a vida de meio mundo. Tudo pra não envergonhar a memória do avô que foi cangaceiro e era a própria imagem de cão do terceiro livro. A Dona Pequena[,] que é o nome do personagem que a Marilu vai viver na novela “João Juca Júnior”, é fogo. E a moça vai abafar fácil. A gente já se flagrou nas gravações. Ela tirou de letra. E nem era pra menos. A Marilu é baiana de Recife. Como minha senhora? Recife é Pernambuco? Tá. Mas pra mim passou da divisa São Paulo-Minas é tudo baiano e eu quero que se danem os bidus da geografia. E é isso que Marilu vai fazer na novela. Uma baiana que encarna toda fibra da mulher nordestina. E naturalmente que pra ela é uma colher de chá ter nascido em Recife. Já fica mais fácil saber as mumunhas dos paus de arara. Mete o plá sonoro com sotaque autêntico. Não vai fazer caricatura de baiano como é comum em ator do sul toda vez que entra em cena pra representar gente do norte. A Marilu vai firme. E tu aí que sempre pega a pior, tu que só come da banda podre, se quiser ganhar uma graninha a mais pra melhorar o teu rango que é pouco, é só apostar no sucesso que a Marilu vai fazer no papel de Dona Pequena – na novela que vai emplacar às dez da noite, no Canal 4 – “João Juca Júnior”.

A ficha de Marilu Martineli

Meus cupinchas, a Marilu Martineli nasceu em Recife a vinte e dois de março de vinte e quatro anos atrás. Com onze de idade, sua família deu o pinote pra São

⁶ Pelo que nos consta, a história de Balbina de Iansã não continua, ela termina neste trecho, com a suspensão das publicações pelo jornal ou pelo autor.

Paulo e ela veio junto. Chegou aqui e ficou na boa. Seu pai amarrou o burro na sombra e ela ao contrário da maioria dos seus patrícios que se mandam de lá pra cá, teve vida mansa. Pode estudar e tudo. E foi remando a barca. Se chegou ao batente no Canal 7. Só ajudando o Solano Ribeiro e o Renatão Correa de Castro a organizarem os festivais da Música Popular Brasileira. Mas vivia cabreira. Às vezes contava num ou noutro programa, mas não tinha grande embalo. Até que se argolou com o jornalista João Ricardo Penteado. Aí o moço deu pedal de verdade pra Marilu. E ela além de ter um filho bacaninha que ganhou o nome de Rodrigo, ainda descobriu que sua vocação verdadeira era o teatro. Com apoio do marido, partiu pra luta. Entrou na parada pela porta da frente. Soube pela Marilda Pedroso (que por sinal também está na novela “João Juca Júnior”) que o Flávio Rangel estava fazendo testes pra completar o elenco de “Tudo no Jardim”, que ia ser estrelado pela Maria Della Costa. Não entrou de bobeira. Sem vacilar se apresentou. Ganhou um papel. E partiu pras cabeceiras. Não enjeitou trabalho. Fez oito capítulos na novela “Beto Rockfeller”, de Braulio Pedroso, novela que virou a mesa e acabou com as cocorocagens na televisão. E agradou. Foi logo chamada pra fazer “Nenhum Homem é Deus”. Fez de fio a pavio. E na hora da escalação do “João Juca Junior” ela ganhou um dos papéis principais. A Dona Pequena. Que será um dos trunfos do Canal 4 a partir de hoje às dez horas da noite.

O recado de Marilu

Meus cupinchas, muita gente que eu manjo é atriz até ficar noiva ou até casar. Daí entram numa dessas e tiram o time de campo. Inventam um cacetão de desculpas. Espalham que vão se dedicar ao lar e tal e coisa. Claro que todo mundo tira na pinta o esquinapo. É que essas donas estão se amarrando com um papagaio enfeitado que quer trancar a mulherzinha em casa e fim. Sem se tocar nos ideias da parceira, os brutos vão dando canga. Mas deixa pra lá. O que conta aqui é que com a Marilu Martineli aconteceu justamente o contrário. E ela mesma escracha o lance:

– Meu casamento foi uma escolha de amor mesmo. Eu não tinha essas bobeadas que existem por aí em muita mulher, casar por casar. Eu não. Casei por amor. Senão nunca casaria. Mora? O casamento foi uma tomada de posição. Uma partida pra vida. O João Ricardo me abriu novos horizontes. E daí vieram as minhas novas inquietações. A vontade de participar de tudo que acontece no mundo. De ser uma mulher do meu tempo. Bem ligada. E não ser uma dessas bobas que tem por aí. Que são ostras. Sempre fechadas em si mesmas.

– Não esculacha as coitadinhas.

– Esculacho sim. Elas são coitadinhas porque não se esforçam pra se libertarem.

– Elas têm o peso das convenções no lombo.

– Eu também tinha todo peso das convenções burguesas. Meu marido me ajudou a me libertar.

– Ele te incentiva?

– Só incentiva. Desde o momento que eu disse que queria ser atriz, porque quando me sentisse atriz eu seria uma mulher realizada. Ele achou bacana. Ele acha a arte uma maneira digna de realização. E deu força.

– E tu já se sente atriz?

– Sou uma atriz em formação. Estou me esforçando pra ser uma grande atriz. Mas acho que mesmo se um dia eu tiver a graça de ser uma grande atriz, vou continuar aprendendo. O teatro, a arte de representar é um eterno aprendizado.

– O que tu chama de esforço?

– Me dedico de corpo e alma ao papel que faço.
– E teu filho não atrapalha?
– Os dois que a Walderez te deu atrapalham a carreira dela?
– Claro que não, o trouxa. Não precisa vir de Dona Pequena pra cima de mim. Pode guardar a peixeira. Eu tou na tua. A Walderez tá aí pra não me deixar mentir. Mas se manca que nosso jornal tem sessenta mil leitores. Tá bom? Agora dá a dica. Teu filho atrapalha?

– Meu filho é a paixão da minha vida. Não atrapalha nada. Nada. Só me dá força. Eu acho que quem diz que filho atrapalha a realização da mulher em qualquer atividade fora do lar, não sabe o que diz. É uma maneira de justificar a acomodação diante das coisas. A mulher que se realiza profissionalmente só pode ser melhor mãe do que a que se frustra e fica recalcada.

– Bidu!

– Eu jamais vou ter que me afirmar no meu filho. Nem o João Ricardo que é ótimo jornalista. Nós vamos nos realizar nas nossas profissões. Seremos sempre limpos pra dar força pro Rodrigo. Ele que escolha o seu caminho livre. Eu acho que os pais são o arco e os filhos as flechas. Eu e o João Ricardo vamos esticar esse arco ao máximo para que nosso filho tenha o voo mais alto possível.

“João Juca Júnior”

Meus cupinchas, é hoje a estreia da novela “João Juca Júnior”. Às dez horas da noite no Canal 4. E a Marilu tá até abilolada com essa estreia. E se a gente dá corda ela não para mais de falar no seu personagem Dona Pequena.

– Essa Dona Pequena é gloriosa. Ela representa o povo do norte e do nordeste. Sua coragem pra enfrentar a vida, seu sofrimento, seu apego às verdadeiras amizades, todo nela é puro.

– Tu acha que emplaca?

– Só pode emplacar. Não só a Dona Pequena. A novela toda. O Sylvan foi muito feliz ao bolar essa história. O “João Juca” é glorioso. É o anti-herói. É bacana. Todos os personagens são bons. Vai ser sucesso. O Walter Avancini distribuiu com rara felicidade os papéis. Tá tudo muito gozado. Ziembiski é uma graça. Vai ser um tiro. Que bom.

– Por falar em Zimba, me diz o curso que ele vai dar.

– Pois é. A gente aproveitou a sorte dele estar aqui com a gente e organizamos um curso de interpretação. Vamos chupar alguns segredos com o velho.

– É tu, quem está bolando os troços, né?

– Só tou pagando o nome de quem quer entrar nisso. Ainda tem algumas vagas. Vai ter pouca gente na nossa turma. Assim rende mais. O Zimba pode dar mais atenção a cada um.

– Dá um alô pro público.

– Assistam “João Juca Júnior”. Vão gostar. Tenho certeza. É às dez horas da noite pelo Canal 4.

Plínio Marcos escracha Herivelto Martins (Diário da Noite de SP – Edição de 12/1/1970. Página 6.Caderno 1)

Meus cupinchas, o carnaval tá na bucha e os catitus estão cabreiros porque esse ano eles têm pouco tempo pra badalar suas músicas. Logo no dia sete de fevereiro quem é de botar pra quebrar já tem que largar brasa. E daí já viu. O

carnaval desse ano vai ser na base das músicas antigas. O que é bom. Porque as músicas desse ano estão aquela escama. E ainda tem outras mumunhas. As rádios se tocarem nos trambiques dois disc-jockeys e tomaram conta do pesqueiro. Estão cobrando sete contos por casa vez que tocar uma música de carnaval. Tu aí que só pega a pior, tu que só come da banda podre, sente o aroma da perpétua. As rádios não tocam as melhores músicas. Tocam a música do compositor que tiver com a bufunfa⁷ em cima e puder bufar com gente giraus cada vez que der um alô da marcha ou samba. Os cobrões naturalmente não entram nessa. Tiram o time de campo e não fazem carnaval. Os novos valores vivem a perigo. Não conseguem nem gravar por falta de grana. Quanto mais fazer tocar em rádio. O que resta é o lixo. E quem se dana com isso é a música popular brasileira que cada vez fica mais apagada. E o carnaval está aí mesmo pra não deixar ninguém mentir. Mas nada como deixar o plá pra quem manja do assunto. E é por essas e outras que o escracho de hoje é do Herivelto Martins. Um dos grandes do carnaval. Compositor de muitos sucessos como “Praça Onze”, de parceria com Grande Otelo. “Laurindo”, “Que Rei sou eu” e um monte de samba sobre Mangueira. Ele que levou papo comigo na presença de outro bom compositor, o Henrique de Almeida e de dois de seus filhos, me deu umas dicas de entortar os patuás. Claro que como o Herivelto é presidente do Sindicato dos Compositores ele não entrou de sola. Mas pra quem tiver botucas abertas vai adivinhar as mumunhas escamosas. E pra quem for devagar[,] eu até o carnaval escracho uns caras de pauleira e no rebole todo mundo ficar sabendo porque é que vai ter que cantar “As Pastorinhas”, “Confete” e “A jardineira”, a vida inteira.

Herivelto

Meus cupinchas, quando a gente tem chance de bater uma caixa com um cobrão do gabarito do Herivelto, a gente sente muita vontade de só fazer pergunta sobre as façanhas do pinta. Eu também fiquei abilolado pra perguntar sobre o Trio de Ouro, Dalva de Oliveira e outros crás-crás por aí. Mas segurei o apito e dei cara no presidente do Sindicato dos Compositores e no Carnaval. Os destinos da música popular brasileira me preocupam mais do que o passado que é glorioso. Fui logo metendo o Herivelto na parede:

– Herivelto, tu como presidente do Sindicato dos Compositores, me diz como é que muitos dos maiores nomes da nossa música se estarraram na miséria?

– São muitos os motivos.

– Tá. Mas como é que um cara que faz uma música, que fica sucesso eterno, fica a nenhum? Mesmo que o panaca estoura, toda grana, se ele é sucesso tá entrando mais. E como é esse negócio de arrecadação?

– O que eu posso te dizer como presidente do Sindicato é que consegui a maior vitória da minha vida. Consegui incluir o compositor na previdência social. Esse é um fato inédito no mundo. Agora o compositor tem aposentadoria. Temos mais de setenta compositores que já se aposentaram. O Joel da dupla “Joel e Gaúcho” é um deles. E [t]em outros em São Paulo.

– Mas qual é o salário do aposentado?

– Depende.

– O do Joel por exemplo?

– Sete salários mínimos.

– E quem mais entra nessa?

⁷ Termo atualizado; no original de jornal consta “bofunfa”.

- Muita gente. Carolina Cardoso, Moreira da Silva, Alcyr Pires Vermelho, Gomes Cardim e outros.
- E tu que gravou quase setecentas músicas tá com o burro amarrado na sombra?
- Estou bem.
- Já tirou o time do campo?
- Trabalho muito ainda. Tenho essa molecada pra criar.
- Com setecentas músicas, vários grandes sucesso, é pra estar milionário.
- Estou bem. Mas não deu pra tanto. E eu sou funcionário público e me meto em outros negócios.

Carnaval

Meus cupinchas, esse ano o Herivelto só entrou de brincadeira no carnaval. Só pra dar uma colher de chá pro seu filho Fernando José, que compôs sua primeira marchinha. Mas não tá catituando. Entrou no festival do canal quatro pra ver o que acontece. Porém quando o Herivelto fala de carnaval já é sem embalo.

- Tá acabando. Não é mais a mesma coisa.
- O catitu atrapalha?
- Não, o catitu é que ainda salva o carnaval. Ele que se mexe e faz marola. As autoridades não fazem nada. O catitu desde junho está se mexendo. Senão fosse o catitu, cantor e compositor catituar o carnaval, estava bem pior.
- Aí o compositor Henrique de Almeida entra de sola.
- Mas mesmo assim o carnaval em São Paulo já foi pro vinagre. As rádios cobram sete contos por vez pra tocar uma música.
- Que rádio, todas?
- A Rádio América eu tenho certeza. Mas deve ter mais. As coisas ruins sempre pegam logo. Vejo todo mundo no mal exemplo. E nessa, tu, já sente. Só o compositor medíocre e com grana é quem tem vez.
- Herivelto, tu acha São Paulo o túmulo do samba?
- Nem tanto.
- Como é isso?
- Já foi pior. Tá melhorando. Antigamente era duro chegar aqui e cantar samba com músico paulista. Eles não manjavam a batida.
- Mas aqui tem samba bom. Samba de rua.
- E tem. De uns anos pra cá.
- Não, há muito tempo. “Camisa Verde”, “Vai Vai”, “Nenê da Vila Matilde”, “Parque Peruche”, é tudo antigo. O “Vai Vai” do meu chapa Pé Rachado faz quarenta carnavais em setenta.
- E o samba de rua aqui é bom. A gente fala é do homem de difusão. O homem de rádio e televisão não dão [sic] colher de chá pro que é nosso.
- E o Henrique aproveitou e meteu ficha:
- Só tocam música estrangeira. E olha que a batida das escolas de São Paulo são boas. Por exemplo, a Bateria do Nenê da Vila Matilde podia desfilar em qualquer lugar do Rio.
- Tem diferença entre o samba de São Paulo e do Rio?
- De escola não. Lá tem mais luxo nas escolas.
- Digo na batida do samba.
- A grande diferença que existe é que o crioulo paulista não canta. No Rio, ele todos cantam, os daqui sambam de bico fechado.
- Os crioulos de São Paulo são tristes?

– Parecem. O povo aqui é meio triste. Um carnaval que eu estava em São Paulo trabalhando, me entortou. Sai do hotel cantando uma música e um italianão se invocou: “Não tem vergonha [de] cantar na rua”.

– E a grã-finagem se metendo nas escolas do Rio, não está avacalhando a guerra?

– Não. Não dá pra tanto. Não adianta uns e outros querer se meter. No ritmo que é o que a escola tem de melhor, ninguém mexe. Passistas, ou a pessoa já nasce ou não. Cabrocha, é a mesma coisa. Então a escola continua escola.

– E a grana do compositor de carnaval?

- Que é que tem?

- Tem mão de gato na distribuição?

– O dinheiro de carnaval já está sendo bem distribuído. O problema é que o compositor tem muitos gastos pra ver sua música tocada. Por isso acha pouco.

– E como vai ser o carnaval desse ano?

– Sei lá. Mas só vai tocar música antiga. Pode crer.

– E de carnaval, é tudo?

– Pra mim, só a alegria de ver meu filho Fernando compondo, Herivelto Filho cantando e uma homenagem que [a] Mangueira vai me fazer pelos sambas que fiz pra ela, vou ganhar um pergaminho.

– Quantos sambas tu fez pra Mangueira?

– Bastante. Entre outros “Mangueira não”, “Saudosa Mangueira” e “Lá em Mangueira”.

Meus cupinchas está assim o carnaval. Os maiores compositores não querem nem saber. Na próxima semana vou escrachar uns pintas das escolas só pra sentir o peso da batota.

Plínio Marcos escracha Inocêncio Camisa Verde e Branca (Diário da Noite de SP – Edição de 19/1/1970. Página 4.Caderno 1)

Meus cupinchas, o Camisa Verde e Branco é tudo isso, entra na avenida São João cantando:

Passei um dia, certo dia entre as flores
E concluí que ela tem seus amores
A delicadeza que lhas é peculiar
Eu fiquei a deslumbrar
Ouvi dizendo um crisântemos
Orquídea sempre foi
Presente atração
E sussurravam as meias violetas
Saindo entre as flores de um tinhorão

O cravo brigou com a rosa
A rosa pôs-se a chorar
A rosa ficou doente
O cravo foi visitar
Então naquele dia
Era tudo alegria
Pois o cravo contraía
Matrimônio com a rosa seu amor

E aquela euforia
Me emocionou, mil borboletas voavam
E um jardineiro chorou
Era uma festa colorida
Bailavam as margaridas
Com todo fragor
La-ra-ra-ra-ra
La-ra-ra-ra-ra-la-ra

Esse samba enredo é de autoria do Talismã. O mesmo cobra que compôs [a] Biografia do Samba e Ouro Branco. Sambas que o Geraldão meteu na bolacha preta. Mas deixa isso pra lá. O que conta aqui é que com a Festa das Flores, Marina Luiza, a porta bandeira vai mandar ver, mestre Ticão, chefe da harmonia, vai botar pra quebrar e as alas vão mostrar – que crioulo paulista canta. E não é como o Herivelto Martins esculachou: “Crioulo paulista samba fechado em copas”. No que aliás, está certo, segundo o Wilson da Marina, o Lorde Doutor Brancura. E esse pinta sabe das coisas do samba. Ele é na opinião do Mestre Inocêncio um branco que tem embaixada. E a maior prova de que o Wilson é sambista de valor, é que ele vai na frente do cordão. Vestido de príncipe e tudo, fazendo jogo de cena pra grande Marina Luiza. Uma mulata bonita que nasceu na Carica e se orgulha de já ter carregado o glorioso estandarte do Bloco Bafo de Onça e de outras escolas. E que hoje, também com orgulho queima lenha pelo Camisa Verde e Branco. Um cordão que tem Donata, primeira dama do samba paulista, tem Sinhá e Cisa e tem muita cabrocha de alta linha. Que ao lado de uma bateria de batalhão naval e outras mumunhas, vão pra avenida domingo de carnaval, jurados de serem a alegria de tu aí que só pega a pior, de tu que só come da banda podre.

Inocêncio

Meus cupinchas, o Camisa Verde e Branco é tudo isso que eu charlei e mais alguma coisa. E o sucesso do cordão se deve a um mulato, de bom papo, que tem seu quartel no São Paulo Chic. O Inocêncio. Ele é a alma, o sangue, os nervos do Cordão Camisa Verde e Branco e tradição do samba crioulo de Barra Funda. E com todas essas divisas ganhas na linha de frente, o Inocêncio continua o mesmo homem modesto. Prefere até dar cartaz pro Pé-Rachado do “Vai-Vai”, pra Eunice do Lavapés, pro Carlão do Peruche, pro Nenê da Vila Matilde, do que falar das suas histórias. Que são muitas. Mas que ele só racha pra sua curriola em horas de sobra. Ou então pra um repórter chato que nem eu. Que fiz ele parar o seu batente de véspera de carnaval e levar uma caixa, entre uma cerveja e um conhaque, que ficou na conta dele mesmo, que é dono da Barra Funda, e faz questão de receber bem as visitas. Mas só quem vai de paz. Porque ninguém folga no seu distrito. E isso é ele mesmo quem escracha:

– Aqui no meu samba dou respeito. Pode contar. Tou aqui há muito tempo e não deixo ninguém catimbar. Se quiserem fazer quizomba vão fazer lá fora. Nós estamos aqui pra brincar. Quem vier de outra banda pode ficar sossegado. Aqui a gente recebe bem. E tem que ser assim. Quero trazer gente pra assistir os ensaios do Camisa. E vou conseguir. Depois do carnaval, pelo menos uma vez por semana, a gente vai fazer uma roda de samba. Vai ser pra levantar o samba.

- Quer dizer que o samba tá por baixo?
- Já teve pior. E vai ser melhor.
- A grana da prefeitura ajuda?

– Um pouco. O que dá desgosto é que agora a gente tem que vestir a escola inteira. Antes a gente dava o desenho e cada um se virava. Agora é tudo com nós mesmos.

– Carnaval de agora é igual ao de antigamente?

– Antes era na base do agrião. Só se chegava ao samba quem era de verdade. Naquele tempo não era mole. As escolas saíam com bastante balizas. E quando dois sambas se encaravam, o salseiro era medonho. Se as balizas de uma escola não aguentassem o repuxo, o povo da outra não tinha dó. Tomava o estandarte na marra.

– E tu tava nessa?

– Tou desde 1930. Saí no Camisa Verde. Esse tem história. Qualquer dia a gente vai pegar um grude na casa do velho Dionísio e ele te conta tudinho. O velho até chora de lembrar. Dionísio era lenha em cima de lenha. Ele te conta. Nós vamos lá. Mas depois do Camisa, saí no São Gerardo, depois no Campos Eliseos.

– E o Camisa de agora?

– Tem história. Nasceu no Largo da Banana. Eu, o Bagdá e o falecido feijó estávamos num papo. Os dois queriam fundar uma escola. Eu disse só se for pra levantar o cordão que já teve na Barra Funda, o Camisa Verde. O que eles queriam era sambar. Toparam. Fomos registrar o nome. Não deu por causa da política.

– Que política.

– O integralismo. Eles eram camisa verde. A polícia não deixou. Pra quebrar o galho metemos Camisa Verde e Branco. Ficou.

– Aqui todos são palmeirenses?

– Isola. Aqui só dá corintiano.

– Sofredores, coitados.

– Mas no carnaval a gente desabafa.

– Têm muitos títulos?

– Somos bi.

– E vão pro tri?

– Na hora a gente vê. Tem muita gente que não quer perder. É bom a gente não se fiar muito.

Um título no banhado

Meus cupinchas, quando o Inocêncio diz que o negócio de título é um esquinapo, que ninguém deve se fiar muito, se não cai do cavalo, ele sabe o que diz. O próprio pessoal do Camisa Verde e Branco goza às pamparras com a chuva de que o Inocêncio deu nos outros cordões e ficou com o caneco de centenário. E quando conta, o Inocêncio se esbalda:

– Em 54 tinha dois desfiles. O da Record e o oficial que era no Ibirapuera. Chegamos lá e mandamos ver. Os outros se atrasaram. Crepe deles. As autoridades não quiseram saber da demora. Deram o título pra gente. Eu mandei meu povo embora e fiquei lá pegando a taça. Quando eu ia saindo o portão estava trancado e o Vai Vai e o Lavapés com o nariz na porta. Naquela bronca. Quando passei por eles com a Taça, eles chiaram pacas. Eu me fechei em copas. Era o segundo ano que saímos e o título era nosso. Aqui na Barra Funda foi uma festa.

– E tu acha legal essa presepada?

– E por que não? E os carnavais que a gente perdeu no xaveco⁸? Esses não conta? Foram muitos. Eu nunca reclamei. Não adianta. Mas já perdi muitos títulos no gabinete. E isso dói. Se perder o “tri” na Avenida não digo nada. Reconheço. Agora

⁸ Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

se for no palanque vou azedar. E tem outra coisa. O desfile do Ibirapuera estava lá mesmo. Com hora marcada e tudo. Eu respeito o povo. Saio sempre na minha hora. E é assim que tem que ser.

A mulata do Trio de couro

Meus cupinchas, o Inocência Camisa Verde é manjado no samba por mulata. Mora? Mulata. Logo ele que é um crioulo que não faz graça pra ninguém, leva esse apelido cavernoso. Porém ele explica:

– Todos os anos saía do largo da Banana um trio de couro que era pra valer. Nas caixas iam o falecido Feijó e Zoinho do Peruche. A gente se mandava pelas quebradas da vida. Rua Tupi e por aí. Quando chegávamos na praça Marechal já tinha uns duzentos crioulos sambando na nossa cola. Na Glete já eram mil. Esse bloco dos sujós foi tradição na Barra Funda. Porém teve um ano que eu arrei uma treta. Deixei o Feijó, que Deus tenha um bom lugar, e o Zoinho plantados no largo da Banana. Esperaram pacas. Já estavam se rendendo quando apareceu uma mulata cheia de dengos, com um surdo na mão. Os dois entraram de sola na cabrocha. Paqueraram e ela saiu batendo surdo. O Feijó vidrou na mulata. Ela além do remelexo, batia bem no couro. Levou a mulata no bar pra beber cerveja. Paparicou. Na hora do “vamos ver” a mulata tirou o turbante e se desmanchou, era eu. O Feijó ficou com fama de papagaio enfeitado. Eu com o apelido de mulata.

– Foi um barato.

– Se foi. Mas qualquer um entrava nesse grupo. Minha mulher me vestiu e me alinhou com aquele capricho.

– E o trio não sai mais?

– Não. Depois o Feijó morreu. Saímos no Camisa.

– E a tradição do surdo acabou.

– Vê aquele negrão dobrado. É meu filho. Sai batendo dois surdos de uma vez. É bom.

– Quer dizer que a família está toda no cordão?

– E não é pra estar?

– Se te dá alegria.

– Se dá.

– E qual foi a maior tristeza tua no carnaval?

– Foi quando a gente estava pronto pra sair e vieram dar um recado que tinham acabado o Odilon de Campos Elísios. Ele foi morto no rolo do bar. Ganharam-no à bala. Foi paulificante. Ele era amigo da gente. Outro dia triste foi quando a gente ia indo pra Santo Amaro desfilar e o nosso ônibus pegou fogo. Só sobrou as ferragens.

– Morreu alguém?

– Não! Tirei todos. Só que esqueceram o pau da bandeira na fogueira. Tivemos que desfilar sem ele.

– E foram pras cabeceiras?

– Tem que ir.

– É duro.

– Já foi pior. Agora tem dinheiro. Vinte e cinco milhões que a Prefeitura dá, é pouco pro que a gente quer fazer. Mas é dinheiro. Então todo mundo quer. Antigamente era dureza. Eu sempre digo. O carnaval de São Paulo só não morreu por causa do Pé-Rachado, do Vai Vai, Eunice do Lavapés, Nenê da Vila Matilde, Carão da Peruche, Xangô do Morro da Casa Verde e da gente aqui. Nós aguentamos o carnaval sem dinheiro. Agora é outra coisa.

– E me diz quem é que foi quem no samba?
– Vassourinha, Odilon, Paulo Negrinho, Zezinho Federachi, Feijó, Bagdá, Donata, primeira-dama do samba. Eunice do Lavapés, Pato Nagua, Dionísio, Sinhá e Cida e tanta gente.

Este ano o carnaval vai ser mais triste?

– Vai! Mataram o Teixeira do Lavapés. Era um grande sambista. A gente sai mais triste sem ele. Porém, triste no coração. A gente vai ver se faz uma homenagem. E vamos em frente. A vida continua.

– E o que tu pretende fazer da tua?

– Transformar esse cordão em escola.

– E no Rio tu gostaria de desfilar?

– Seria minha grande alegria.

É uma batalha

Meus cupinchas, nessa altura do campeonato, apareceu a Nair costureira que é minha chapa. A gente se chega no mesmo “batente”. Ela que é “cobrona”, da costura, é contratada do Canal 4 e barbariza no Camisa. Mas aí ela bagunçou o meu coreto. Pegou no meu pé e acabou com o plá do Inocêncio. Chamou-o para tratar dos panos que cada vez fica mais caro. O Inocêncio foi e deu-se uma batalha. Um monte de gente cercou o “pinta”. Todos querendo falar com o bamba. Ele dava os “deschavos”. Mas teve que atender. Uma senhora chegou nele e bochechou:

– Seu Inocêncio atenda-me.

– Amanhã filha. Hoje é outra ala.

– Mas quebra o meu “galho”. Eu vim na “moita”. Meu marido nem sabe que eu estou aqui. Ele pensa que estou no centro. Ele não quer saber da gente vir pro samba todo dia. Atenda-me. Marido não é mãe que a gente engana fácil. Ele quer saber. E amanhã não deixará eu chegar aqui. Atenda-me, “seu” Inocêncio.

– Está bem. Sinhá, vê essa filha.

E a batota deu carga. Eu fui saindo de pinote. O Inocêncio ainda me deu um alô.

– Carnaval é isso. Quem fez, fez. Quem não fez, não faz mais.

Plínio Marcos escracha o glorioso carnaval da Baixada santista (Diário da Noite de SP – Edição de 26/1/1970. Página 4. Caderno 1)

Meus cupinchas, essa semana que passou foi uma pedreira de lascar aqui pro vosso chapa. Me nasceu uma caroço no fim da espinha e eu quase fiquei abilolado de dor. Fui tirar uma de leão e aí não prestou mesmo. Com calombo e tudo fui gravar novela. Se deu o esquinapo. Na quarta-feira à noite eu fiquei no grito. Não tive jeito. Bati um fio pro Dr. Nadir Zacarias que além de ser um cobrão, está sempre na guarita, pronto pra aliviar a humanidade dos seus calombos e outras grongas. Ele veio rápido e não fez marola. Me levou pro Hospital Nove de Julho, onde o Dr. Luiz me deu uma anestesia e o Dr. Zacarias me meteu a faca. Tudo perfeito. Nem podia deixar de ser. Mas acontece que quando eu acordei de manhã me deu uma bobeira. Em vez de eu ficar ali, estarrado, na posição em que Napoleão perdeu a guerra, fui tirar onda de bom profissional e me espiantei pra televisão pra gravar o “João Juca Júnio”. Aguentei a mão. Mas me danei. Na sexta-feira, às seis e meia da tarde, tive que procurar o Dr. Zacarias e começar tudo de novo.

Como, minha senhora? Onde entra o escracho do carnaval peixeiro? Já chego lá. É só a senhora não se afobar. O que estou fazendo primeiro é explicando porque na sexta-feira à noite acabei assistindo pela televisão ao Baile do Municipal de S. Paulo. O que é um castigo maior do que um calombo no fim da espinha. Porém, eu assisti. O Dr. Zacarias me deu uma bola pra dormir. E aí é broca. Eu bem que avisei que esses negócios fazem efeito ao contrário em mim. Ele não acreditou. E a Dereca meteu na minha boca uma pílula e eu fiquei ligado. Minhas botucas se escancararam. E pra ver se eu ficava com sono me grudei na TV. Único programa que tinha era o tal Baile do Municipal. E eu morri de inveja dos foliões paulistas. Estavam todos com um bruto sono. E eu não conseguia me apagar. Me machucava quando o locutor, fingindo animação, berrava que estava todo mundo no embalo. A câmera, que estava a fim de provar que o locutor era mentiroso, dava um plano geral do salão, e mostrava a curriola se arrastando sem nenhum brilho. E pra arrematar, crescia em big close de algum folião paulista que andava pelos cantos dormindo em pé. E eu quase ficava batusquela de inveja. Só queria e precisava dormir. E neca. E os panacas que estavam no baile, iam caindo pelas tabelas. Mais devagar ainda o rala buxo de gala ficava quando a orquestra atacava música desse ano. Ninguém abria o bico. Todo mundo se fechava em copas. Não. Não conheciam a letra. E era melhor. Porque as músicas do carnaval desse ano estão de entortar os patuás. E aí o maestro não tinha encolha. Por maior boa vontade que tivesse com os catitus que estavam amontoados no palco, tinha que meter As Pastorinhas. Alá alá ô e, nessa base, conseguia movimento. Movimento mixuruca. Mas era o máximo.

Quanto ao mulherio presente, era outra catimba cavernosa. Claro que o baile estava chapado de gatas bacanas. E, a bem da verdade, a mulher paulistana é toda cheia de charme. Porém, o gosto do diretor de TV ou dos câmeras era de doer. Eles só davam close de bagulho, de coroa ou de piranha, que era o que mais tinha. E com essa e outras, a gente que estava em casa começava a aceitar a desanimação do folião paulistano. Mas não foi só. Teve o lance da passarela, que foi esculacho.

Tu aí que sempre pega a pior, tu que só come da banda podre, sente o aroma da perpétua. Tu que mora nas barbas do rio e que quase morre afogado toda vez que chove, se agarra na tua fé pra não cair.

Fizeram uma passarela pros bobolochas desfilarem com suas fantasias de luxo e foi um vexame. A passarela, que era toda cheia de truques, que tinha que subir na hora do desfile, não funcionou. A geringonça saiu do chão apenas dez centímetros. A bem da verdade, nesse ponto há dúvidas. Uns otimistas que estavam lá acharam que a passarela subiu doze centímetros. Mas o que conta aqui foi a confusão que deu. Sobe não sobe. Para o baile. Segue o baile. E os cambaus. E as entrevistas. Era de fundir qualquer moringa. Teve a de um membro da comissão organizadora da passarela que é de fazer a gente sentar na sarjeta e chorar de desgosto. Perguntado sobre a passarela, o bruto saiu com esta:

– A gente arrumou a passarela pra ela subir. Ela não subiu porque não quis.

Pode? Não. Não pode se a cidade de São Paulo quer ter carnaval precisa se cuidar. Não pode entrar nessas frias. E por tudo isso, eu comecei a lembrar do carnaval peixeiro. Aquilo é que era carnaval. Sem favor algum, o segundo do Brasil. Isso porque o povo da Carica espalha mais os seus lances. Mas Santos, em se tratando de carnaval, era páreo pra Carica. Era. Agora eu não sei. Faz tempo que não baixo lá. Porém acredito que a peteca não tenha caído. E foi no carnaval santista que eu fiquei pensando quando a televisão saiu do ar.

Chineses do mercado e outros blocos

Meus cupinchas, não era mole o carnaval na Baixada. Começava muito antes dos três dias. Primeiro tinham as batalhas de confete. Era lenha pura. Uma em cada bairro. Marapé, Macuco, Campo Grande e tudo. E não era um desfile de araque com meia dúzia de crioulos batendo no couro do falecido. Era da pesada. No Campo Grande, bairro do Waldemar, Rei Momo de todos os Reis Momos, folião até embaixo d'água, o embalo era foguete pra todos. Tinha uma família que distribuía canudos de bambu cheios de cachaça e o troco fervia.

Depois vinha o desfile do bloco "Agora Vai". Saía da Vila Matias e ia até onde desse. Tinha montes de carros alegóricos. E em cada carro montes de barris de chopps. E aí a moçada brincava pra valer. Só cantando:

Agora Vai
minha gente
agora vai
O nosso bloco
É da folia e do barulho.

Depois vinha o desfile da dona Dorotéia que era bolado pelo C. R. Saldanha da Gama de glórias mil. Saía cada bloco de deixar o Bafo de Onça do Rio acanhado. Dengosas do Marapé, Osvaldo Cruz, Cruz de Malta, Viúvas Alegres do Santo Antonio Misses de Vila Matias, Pierrots do Atlético, Banda dos Surdos Mudos, um troço lindo esse Surdos Mudos. Todos com instrumentos feitos de papelão fingindo que tocavam, mas nenhum barulhinho. E tinha mais. Muito mais. Rumba Calunga, Índios, Mariposas da Tores Homens, Embaixada da Santa Teresa, Bloco dos Sujos, dos Malucos, Moleques de Rua, Vai quem quer e os cambaus. E depois de tudo tinha o Chineses do Mercado. Quem viu esse bloco, viu, quem não viu, não vê mais. Acabou. Foi uma pena. Era lindo. Saía do Mercado, dava volta no bairro, saudava os peixeiros ricos que entravam com o sonante no livro de ouro e desvia[va] a Av. Conselheiro Nébias rumo da praia, pra ser a alegria do povo santista e dos turistas. Teve carioca que ao ver os Chineses do Mercado jurou que era o melhor bloco que já existiu no Brasil. E se é o melhor do Brasil é o melhor do mundo. Que se tratando de carnaval e futebol é com a gente mesmo.

Mas tinha mais. Tinha os ranchos, os choros. O Rancho dos Boêmios do Bairro Chinês, baixada do Morro do São Bento era lindo. E as escolas de samba. Que pauleira, X 9, Brasil, Império, Príncipes Negros da Areia Branca. Honra seja feita a Inocêncio Camisa Verde e Branca, a Pé Rachado do Vai-Vai, Xangô do Morro da Casa Verde, Carlão do Peruche, Nenê da Vila Matilde, a Pato Nágua e tantos outros heróis do samba crioulo de São Paulo. Mas tirem o chapéu pra falar do Negro Dráusio, o Lord Brilhantina, maior passista que já teve nesse Estado. E tinham as baterias. A da X 9 e a da Brasil pareciam batalhões navais.

E não era só na rua que o carnaval santista era fogo. Nos bailes era a zorra encarnada. Saldanha de Glórias Mil, Internacional, Vasco da Gama, Santista, Atlético, Brasil da Vila Jock, Afonso Pena, Jabaquara, Portuguesa, Humanitária, Nacional, Senador Feijó, Parque, Tranquinha, Praia Tumiaru, Santos F. C. de glórias mil, que além de botar pra quebrar no baile, soltava o bloco da Bola Alvinegra e tantos outros que davam de goleada no baile devagar do Municipal de São Paulo. E pra não deixar ninguém mentir, conto duas histórias do carnaval peixeiro.

Um cronista de carnaval

O carnaval de Santos é de verdade. Mulherio às pampas, gente alegre, blocos, escolas de samba, ranchos, tudo bem pra frente. É tão pra frente e quente que dura um mês. Não pros panacas. Pra esses são três dias mesmo. Mas pra

curriola da cola do Rei Momo, o pagode é uma puxeta. Começa no dia que o crioulo Drausio, passista de mil macetes, dá uma peixada pra negada de sua escola. Depois do grupo do Bambu, uns caras do cacete que fabricam a melhor pinga que existe (e fabricam só pra beber). Deixam a cana rolar solta. Junto com a batalha de confete do Campo Grande. Daí não para mais. É um perereco. Vem feijoada, grito de carnaval, bacalhoadada e por aí. E o gango do rei vai firme. Ninguém falha uma. É como diz o Zagaia:

[–] “Só se vive uma vez”.

E se o Zagaia diz é que é. E a moçada sabe disso e se espalha. O Maurício que é rapaz sério, queria se meter nessa batota. Mas estava fechada. Sapo não formava. Então o Maurício deu uma de vivo.

Tinha um jornal que era um esculacho. O Maurício foi ao diretor e bateu uma caixa. “Preciso cobrir o Carnaval. E posso me virar. Não precisa pagar. Só quero a carteirinha do jornal”. Aí foi mole.

De carteirinha de jornal, o Maurício se embandeirou. Ia em todas. Até ficou diretor da Sociedade dos Cronistas Carnavalescos. Uma pauleira. O Maurício foi um embalo só. Da peixada da casa do Drausio até quarta-feira de Cinzas. Não parou pra escrever matéria, nem pra dormir, nem nada. Só de caveira cheia de cachaça.

Na quarta-feira o Maurício desabou. Ficou apagado até domingo, quando ligou outra vez, se flagrou que era jornalista. Escreveu uma matéria caprichada e se mandou pro jornal. Só aí se mandou que o jornal já tinha falido.

O carnaval não deixou saudades pro Nenê Bolão

O Nenê Bolão era um panaca do cacete. Tinha dezoito anos, um metro e oitenta de altura, cento e vinte quilos de banha e uma cuca das mais fundidas do mundo. Não tinha jeito. E o pior pra ele é que gostava de se meter na gandaia pesada. Encostava lá na calçada mais escamosa do cais do porto de Santos. E era metido a tirar chinfrada e tal e coisa. Mas só entrava bem. E estava certo. Era um cavalão. Tinha mesmo que ser o esparro do gango. É como diz o Zagaia:

“Pra ter sabido, tem que ter trouxa”.

E se o Zagaia diz, é que é. Mas o Nenê Bolão não se mancava e ia entrando bem. Qualquer Zé Mané fazia piquenique na sombra do coió, que levava tudo sem estrilo. Em qualquer enxame se enfiava. Até que chegou o carnaval.

A moçada da Calderaria das Docas resolveu sair no Banho da Dorotéia, um desfile de bloco que havia antes do carnaval santista, que é, sem bronca, o segundo do Brasil. Mas deixa andar. O que conta é que o Calderaria ia sair na Dorotéia e não podia dar mancada. Cada bairro vinha com a sua brasa. O bloco das Docas tinha que botar pra quebrar. Se os outros vinham cheios de balulaques, o Calderaria também ia ter. Se a bateria dos outros era fogo, a do Calderaria ia ser também. Se os outros tinham carro alegórico, o Calderaria ia ter. Mas, aí foi o esquinapo. Que parece que deu! Não foi mole bolar um carro-chefe pra um bloco que ia pra avenida de “Mamãe eu quero mamar”. Mas, um cara lá bom de molejo botou as botucas em cima do Nenê Bolão e meteu ficha. Se flagrou um carrinho guindaste que tinha lá, disfarçou com papel crepon e deixou a geringonça parecida com uma cegonha. Daí, chuveiro[u] o Nenê Bolão.

– Tudo vai legal. A gente mete uma fralda em tu, uma mamadeira gigante cheia de cachaça, te penduramos no guindaste e aí tu vai devagar. Se expande sem fazer força. Com sorte, tu ajuda a gente a faturar o prêmio. E tem mais: tu vai aparecer tanto, tanto, mas tanto, que os homens são capazes até de meter no lugar do Waldemar.

O Waldemar era o Rei Momo, do Carnaval Santista. Aliás, o melhor Rei Momo que eu já vi. E olha que eu vi Rei Momo pacas. Porém, vamos em frente. O Nenê Bolão de pavão enfeitado. Meteu a fralda, a touca, mamadeira gigante cheia de Morrão da Nova Cintra, a melhor pinga que existiu. (E eu não sei porque acabou). E se pendurou no guindaste.

O Bloco saiu do Macuco às duas da tarde, embaixo de um sol de rachar. O carro alegórico na frente. Com Nenê Bolão e tudo. O carro andava, o Nenê balançava. No começo tava gostoso. Às quatro da tarde, o Nenê já estava baratinado. Via duas mamadeiras. As costas doíam. E o Calderaria ainda não tinha chegado no meio do caminho do lugar onde os blocos se reuniam pra partir pro desfile. O Bolão quis descer, mas levou um guento do dono da botota.

– Segura as pontas, Bolão. Assim que tu é folião?

E o Bolão se fechou em copas. O carro andava. O Nenê girava. Mamava a mamadeira, apanhava sol e ia ficando zonzeira. O canto da moçada, a batucada, os apitos iam cada vez ardendo mais nas orelhas do panaca. Às sete horas da tarde, o bloco chegou no ponto. O sol sumiu. Caiu uma chuva violenta. A curriola toda se entocou nos botecos das berbas. Se espantaram sem se tocarem no Nenê. E ele tomou chuva pra chuchu. Nem deu pra estrilar, de tão lelé que ele já estava. A chuva avacalhou a cegonha de papel crepom. Quando ela passou, o carro alegórico não era mais que um guindaste com um gordo na ponta. Mas, a moçada do bloco já estava muito mamada pra se importar com os detalhes. Entraram na avenida com o maior batuque. Fizeram mil e umas presepedas. Saíram do outro lado da avenida com uma marola de meter medo. Aí dispersaram. Cada um foi pro seu lado. O chofer do Guindaste foi levar o bruto pra garagem. E só aí viu que o Nenê Bolão ainda estava pendurado. Chamou o panaca. Neca de resposta. Chamou de novo. Não adiantou. Sacudiu o pinta. Nada. O chofer percebeu que o Bolão estava chué. Chamou o Pronto Socorro. Guindaram o maruja pro hospital. Já estava mais pra lá do que pra cá. Tinha tudo. Queimadura de sol das mais bravas, intoxicação e outros trocos, que dão pra embarcar qualquer um. Os médicos penaram. Mas livraram a cara do gordo. Assim que ele pode falar quis saber.

– Quem ganhou em carros alegóricos?

E aí deram a dica.

– Foi o carro Carroça Imperial.

E o gordo já ia se entupindo quando deram um consolo.

– Mas tem um porém. A Carroça tinha cavalo de verdade. E sabe como é. A Sociedade Protetora dos Animais se invocou. Diz que não pode botar bicho de verdade em desfile de bloco. Eles pensam muito. Acho que vão desclassificar a Carroça Imperial. Se acontecer isso, tu tá na boca de espera.

2.2 – As crônicas de fevereiro de 1970 – Coluna Plínio Marcos escracha

Plínio Marcos saúda o povo, pede passagem e escracha Marina Luiza[,] uma rainha crioula do samba da Barra Funda e seu príncês de canela fina (Diário da Noite de SP – Edição de 2/2/1970. Página 8. Caderno 1)

Meus cupinchas, Marina Luiza é uma mulata toda cheia de denço e embalo que, esse ano, quem tiver botucas, vai ver na Avenida São João, carregando a gloriosa bandeira do Cordão Camisa Verde e Branco da Barra Funda, reduto confirmado do mais quente samba crioulo de São Paulo, Embaixada de Inocência que é discípulo de Dionísio, cabeça coroada em roda em que Vassourinha, Pato

N'água, Feijó, Bagdá, Eunice, Sinhá, Cida, Donata – primeira dama do samba paulistano. Pé Rachado, Geraldo Filme, Xangô, Nenê da Vila, Carlão, Teixeirinha, Dulce, e muitos outros cobrões do samba e do batuque fizeram o nome e ganharam divisas.

E tá escancarado que quem tem a honra de ser porta-bandeira em batota de tanta tradição é porque sabe das coisas. E a Marina Luiza sabe. Só sabe. E se botou por dentro do assunto no meio da batalha. Encarou os esquinapos, as grongas, os xavecós⁹ escamosos e os cambaus. Berrou nas alas mais catimbeiras. Porém um dia, no terreiro da Mocidade Louca de Botafogo, no Morro do Querosene na Zona Sul da Carica, ela provou seu valor e ganhou o direito de carregar o pavilhão alvi-anil, na Praça Onze, tendo por mestre-sala o Catira, senhor de mil e um babados. E daí não teve bom. A Escola de Samba Mocidade Louca de Botafogo faturou o caneco dourado pela primeira vez e a Marina, a fé jurada que estava cumprindo e iria cumprir sempre o seu grande destino de sambista.

Sorte selada

Meus cupinchas, cada um tem seu traçado e não é bafo. A Marina está aí mesmo pra não deixar ninguém mentir. Enquanto não se adivinhou, bateu com a cuca no poste. Era uma batusquela das mais jururus. Zoeira, gagá, e marcava bobeira. E era por sua causa, que sua mãe subia a ladeira da Penha de Joelhos e vela na mão, dava de comer pro compadre das encruzilhadas e se atucanava nos centros. À toa. O encontro da menininha só se quebrou aos nove anos de idade. Num Carnaval, a menina estava na Praça Onze espiando a quizomba como quem não quer nada e de repente entrou Mangueira. A pivete se abilolou. Caiu no espanto, e só conseguiu chiar arrastado:

– É ro... ro... ro... rosa! É ro... rosa!

Enrolou a língua, mas não conseguiu dizer mais nada. Nem verdade pode dizer. Mas de susto acordou. Com a batida de Batalhão Naval nos couros do falecido que miava, a sonada se ligou. As cores verde e rosa que brilhavam no cetim lamé das pastouras entraram forte nos faróis da crioulinha e foram arder na alma. O fogo sagrado dos artistas de gênio queimou no coração da menina. A paixão imortal por Mangueira, pelo samba e pela vida nascera naquela hora. A sorte ficou selada. A luz se fez na moringa. E Marina Luiza se conheceu por gente, se picou de gana, ganhou sonho e pedal pra aguentar dos repuxos das quebradas do mundo.

Vila Isabel tal e coisa

Meus cupinchas, Marina Luiza é nascida em Vila Isabel e acordada na Praça Onze. Ferrada pelo samba, entrou de sola. Nem podia dar outra coisa. Quando tudo dar outra coisa. Quando tudo regula é broca. E ninguém segurou. Foi baixar nas gafieiras. Elite da praça da República, do famoso rala-buxo de branco que calhava no dia vinte de janeiro, dia de S. Sebastião. Onde o crioulo só podia entrar no linho branco acetinado e no albene. E as cabrochas, no longo branco. Mora no longo, majura. E neste bizu a Marina Luiza ganhou o concurso de melhor penteado num ano lá que nem ela mesma lembra mais. Mas teve outras gandaias: Estudantina, Dragão, Tomara que Chova e tudo por aí. Depois veio os piqueniques. A gente do samba ia fazer presepada na Ilha do Governador, Paquetá, Niterói. E a Polícia, que sempre tá cheia de pé de breque pras alegrias do povo, saía na captura e baixava o cajado. Uma zorra sentida. Mas com todas as mumunhas, a Marina aprendeu mil macetes e trambiques. Que foram de valia quando se enfiou nos blocos. Primeira no

⁹ Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecós”.

Estrela do Botafogo, depois: Além do Horizonte, Inocentes do Leme, Morro de Fome – mas não trabalho, Não empurra que é pior, Come e Dorme, e finalmente um rancho. Aí, Marina pegou o estandarte, mas não aconteceu. Quando o rancho passou na porta do Jornal do Brasil, uma princesa que fazia cola pra Marina, resolveu arrumar a saia e parou de gingar. O Ari Barroso, que era da comissão julgadora, flagrou o lance. Achou um esculacho e deu um bico no rancho. A moçada endoidou. Pegaram a dona, deram um cacete de mandar pro hospital. A Marina não tinha nada com o bochicho, porém, se assustou e caiu fora. Se picou pra Escola Mocidade Louca de Botafogo. E aí é outra história.

Mocidade louca

Meus cupinchas, a escolha da porta-bandeira em Escola que se respeita é um ritual todo cheio de truques. Primeiro as candidatas ao posto se apresentam e mostram o que sabem, dançando na quadra com os pivetes que estão puxando tempo de baliza de pau (termo só manjado em S. Paulo) ou passista, pra ganharem tarimba e um dia darem a mão pra dama. Mas deixa andar. O que conta aqui é que nesse crás-crás-crás, os diretores estão de olho. Veem as que levam jeito e passam elas pros coroas, aqueles velhos que marcaram época, mas já não saem mais. Os vovôs dão a sua experimentada. E daí, escolhem uma moça pra carregar a bandeira e a entregam pro mestre-sala do momento, pra dupla acertar o passo.

Na Mocidade Louca de Botafogo não era diferente. Mas com a Marina não teve disso. Ela nem se apresentou como candidata, nem nada. Nem fez marola com os balizas de pau. Entrou na chamada. Um dia a mulata chegou em casa, depois de encarar o batente pesado, só lavando vidro num laboratório, e estranhou um recado que deram pra ela. A diretoria da Escola pedia pra ela não faltar no ensaio. Ela achou fajuto o alô. Pensou em gozação. Nunca faltava. Mas como era de ir, foi. Chegou lá e ficou só na campana. E foi aí que saiu premiada. Um coroa de grande prestígio meteu o pavilhão na mão dela, puxou um lenço, colocou em sua própria mão e deu pra moça segurar. Aí ela se arrepiou. Era a hora da verdade. Mandou ver. Dançou bem, de medo. Mas abafou. No fim do gás do coroa, ele passou ela pro Catira e não teve mais jeito. Marina Luiza se fez mais Marina Luiza.

Quem diria

Meus cupinchas, quando a Mocidade Louca de Botafogo foi pro vinagre, a Marina se machucou. Tinha gama de pedra na sua Escola. Porém, não ficou no “hora veja”. Choveu convite. E ela foi fazendo a lista: Estrela de Botafogo, Além do Horizonte, Unidos do Catete e outros. Saiu de par com mestre-salas de gabarito: Catira, leié, Bulcão, Mario Haroldo, Aluizio, que hoje é bamba no Unidos de Lucas. Fez dupla com gente maneira pacas. Porém, todos crioulos. Só muito mais tarde, depois que, pra adiantar seu lado, que estava meio ruim, veio pra São Paulo, é que passou a ter um princez branco. O Wilson de Moraes. Que é seu marido há doze anos. Arquiteto formado pela primeira turma da F. A. U., folclorista, diretor do setor de folclore da Secretaria de Turismo do Estado e Mestre-Sala do Cordão Camisa Verde e Branco da Barra Funda, título que ele carrega com grande orgulho. E é aí que a gente encosta a Marina na parede.

– Tu sai com esse branco por que ele é teu marido ou porque ele sabe do samba?

– Vai te catar. Tu pode ser Plínio pra quem quiser. Mas não folgue comigo.

– Deixa de onda. E responde.

– Vai te catar, já te mandei. Se quer saber, pergunta pro Seu Inocêncio. Ele que é o dono do Camisa Verde e Branco. Vai lá, pergunta e te cobre, que ele não vai te dar um pé de ouvido, porque tem educação. Mas uma besteira dessa, bem que merece uma cadeirada na cuca. É uma tremenda falta de tudo perguntar pra uma Marina Luiza, que sou eu, se ela sai com um mestre-sala que não seja bom. E se tu for atrevido bastante, tu pergunta pro seu Inocêncio. Então tu acha que ele ia deixar o Wilson sair na Escola, em lugar de responsabilidade, só pra fazer fricote? O Camisa Verde e Branco é de lei. Só por isso tou lá. É onde eu me sinto bem aqui em São Paulo. Leva jeito de samba do Rio.

– Tá bom, dona Marina Luiza.

– Não seja descarado.

– Que é agora?

– Dona é sua mãe. Tu sempre me chamou de Marina crioula, pra que esse fricote agora?

– Êta crioula enjoada.

– E tô enjoada mesmo.

– E por quê?

– Porque tá na boca de carnaval. E eu só sou bom papo depois de fevereiro. Agora vai te catar e deixa eu cuidar de mim.

Plínio Marcos escreva uma história de carnaval (Diário da Noite de SP – Edição de 9/2/1970. Página 4. Caderno 1)

No Morro Ninho de Urubu, que fica nas quebradas do mundo, lá onde o vento faz a curva e a mula anda devagarinho, foi se juntando um monte de gente que sempre pegava a pior, comia da banda podre e quase afogava cada vez que chovia.

Quem montou mocó na rampa continuou a perigo. Mas todos se fechavam em copas. Sabiam que não adianta estrilo. Cada um pra si e Deus pra todos. Ninguém acorda com o bué dos cururus. E a curriola segurou as pontas. Foram remando a chata contra a maré. Só que pra não se abilolarem com as atucanações da zorra da vida, se agarraram no samba.

No começo era na base do agrião. No vai como pode. Porém a cana se apresentou e acabou loguinho com a alegria. Não teve colher de chá. Arrastou o pouco pra delegacia e o majorengo deu a dica.

– Só tem samba se tirarem alvará.

Tirar alvará não é mole. Tem mil e uma presepadas. Mas a moçada estava mesmo a fim. Se botaram por dentro do assunto e atraçaram os babados. Fundaram o Cordão Amor e Glória com estatuto e tudo. O Bacalhau, um crioulo que não era de fazer graça e já tinha visto muita água passar embaixo da ponte ficou de presidente. Azulão, Vadico, Siririca, Nozinho, Nhô Nhô e Capeta formaram o resto da diretoria. Não teve deschavo. O lance que era só engrupir a polícia pegou embalo. Os pintas encucaram e foram em frente. Do rala-buxo fajuto pros ensaios e acabaram embaideirados na avenida, fazendo embaixada em terça-feira gorda de carnaval. Uma lenha. Mandaram ver com tanto fogo que arrastaram pro Ninho de Urubu um caneco de ouro. Ganho ali no meio da batalha. Por valor provado. Com uma bateria que mais parecia um batalhão naval, com Aninha, porta-bandeira, que não dava pé pra panaca nenhum botar defeito, com Nego Lino, um mestre-sala de canela fina e todo cheio de truque, com alas afinadas e abrindo o bico. Com alegoria caprichada e outros badulaques. Tudo legal. Porém foi por isso tudo que se deu a gronga.

A Escama

Quando o Cordão chegou no Morro, a zoeira foi de lascar. Bacalhau conferiu a caixa junto com o Azulão, que era o homem da bufunfa¹⁰ e viu que ainda tinha uma graninha enfurnada. Abriu a mão. Mandou descer as biritas. A cachaça rolou às pamparras. Todo povo se serviu. Já de caveira cheia, o Siririca pra fazer figura encheu de pinga o caneco de ouro. E mandou girar. Bacalhau que já estava cheio até as berbas, foi o primeiro a bicar. Entrou de sola e quase enxuga a taça. Se já estava bebum ficou pior. Soltou a tramela num bruta discurso. E deu recado puxando os trunfos pra sua banda.

– Quero aqui charlar que não foi mole beliscar essa caneca. Tive que me sacrificar pra burro. Me esforcei. Dei o couro. Mas valeu a pena. Tou alegre de ver todo o mundo contente com o triunfo do meu Cordão Amor e Glória.

O Capeta, que era tihoso pacas e que também estava mamado, se invocou com o plá do Bacalhau. Esperou o povo acabar de aplaudir e jogou terra.

– O Bacalhau tá cartearo amarra. Ele tá folgando porque encheu o saco¹¹. Mas o Amor e Glória não é dele. E a gente deu mais duro que ele. Eu não gosto de falar. Mas me virei mais que charuto em boca de bêbado. Ele só fez onda e ficou plantado espiando com pinta de presidente. Queria ver sem mim e sem uns e outros aí se ele ia buscar caneco na avenida.

O crás-crás-crás engrossou. O Capeta levou vaia de uma parte da curriola e ganhou força da outra parte. O Bacalhau pra tirar o inimigo de letra deu carga:

– O Capeta tá de olho gordo no meu lugar.

O esculacho endoidou o majura e ele deu o troco:

– Eu sou mais eu, seu loque. E quero ver quem tu é sem meus plás. Vou formar outro Cordão. E tu vai se trambicar.

Daí pra frente não deu mais papo. Foi só catimba. O Bacalhau puxou a navalha e quis dar uma sola no Capeta. Mas o cara não dormia de touca. Meteu o tamanco na mão e escorou a pempa. Os dois tinham briga pra conferir. Porém um não chegou no outro. A quizomba foi geral. As bandas se abriram e toda curriola desceu a biaba. Teve rodo, capoeira, rabo de arraia. A naifa brilhou em todo canto. E quando o bolo estava fechado, apareceu um revólver. A draga soltou os arrebitos. Teve corre-corre. Foi o maior pinote da paróquia. Todo povo se espiantou.

Quem ficou pra juntar os restos e que se mancou que o caneco de ouro tinha sumido? Deu bochicho pra chuchu. O Bacalhau logo botou a boca no trombone pra dedar o Capeta. Esse largou brasa contra o Bacalhau. E o caso ficou por isso mesmo. O vagau que chutou o caneco não piou nunca mais.

Paz e Harmonia

Logo que a turma do Ninho de Urubu curou a ressaca, foi tratar de ganhar o rango que anda custando os olhos da cara. E pra eles lá da rampa, era uma parada sentida. Todos salário mínimo. Já viu o aroma da perpétua. Porém um ano corre depressa. Principalmente pra quem tem um esquinapo por dia pra derreter. E quando a moçada caiu de espanto, o carnaval já tava outra vez escancarado na proa.

O Capeta cumpriu o trato. Chuveirou o Siririca e o Vadico e com eles fundou o Cordão Paz e Harmonia. E sem acanhamento foi dando o aviso nos puleiros das madames, nas biroscas escrotas, nas gafieiras cavernosas, nas biroscas escrotas, nas gafieiras cavernosas, nas moitas dos vagaus e em toda a parte. Prometia botar

¹⁰ Termo atualizado; no original de jornal consta “bofunfa”.

¹¹ Termo atualizado; no original de jornal consta “caco”.

pra quebrar. E no primeiro ensaio emplacou. Veio muito mais nego que esperavam. E foi uma batida pras cabeceiras.

Porém o Bacalhau, o Azulão e o Nhô Nhô não foram pra grupo. Anunciaram que carnaval se ganha na avenida, o que é verdade; marcaram ensaio e o terceiro entupiu. Ficou a três de alto, com muito pinta se agarrando pelos picos. E também sacudiram o morro com o batuque.

Estava feita a guerra. Um cordão querendo passar o outro pra trás. Qualquer xaveco¹² valia. E os atravessadores pegaram maré mansa. Ia faturando uma nota em cima dos trouxas que só pensavam em abafar. Um couro de gato frio e sem cheiro, que no primeiro ano que o Amor e Glória saiu, valia cinco giraus – passou a valer quinze na boca da botija. Bem que o Bacalhau quis manter o preço, mas não deu. O Capeta começou a pagar dez pelo couro de bichano e os pivetes se encostaram foi lá mesmo. Daí o Azulão teve que se coçar e cobrir pra quinze. Só assim conseguiu dividir a molecada. O couro de cabrito, que dá melhor tamborim, foi pra cinquenta giripocas. E nessa o pessoal do Paz e Harmonia não teve pedal. Não tinham como encobrir. Era mais novos e entraram pelo cano. Dispensaram os cabritos. Foi mancada. Nos botecos, a botota logo cochichava fácil.

A voz do povo é a voz de Deus. O Capeta se ligou no papo careca e se arvorou. Não podia dar vexame. Pra limpar sua barra, botou a moringa pra funcionar. Não tardou pra ter uma ideia de jerico. Furar os tamborins dos inimigos na véspera do desfile.

O Capeta largou a treta numa reunião de diretoria do seu Cordão e a proposta foi aceita. Só que o Siririca achou que tinha que ser dois dias antes pra dar tempo deles gozarem a cara do pessoal do Amor e Glória. Todo gango se firmou aí. Eles eram firmes. E foram deixando andar.

Toma lá – Dá cá

O que o pessoal do Capeta dizia, escrevia. Nisso eles eram tacos. Quando faltava dois dias pro desfile, uns cinco ou seis pilantras com o Capeta na frente ficaram na campana e de madrugada sentindo a sopa do Amor e Glória, arrombaram o barracão dos couros e passaram a navalha em surdo, cuica e tamborim. Fizeram um tremendo estrago e se mandaram certos que tinham empacotados o inimigo.

Quando o Bacalhau ligou as botucas no lance, ficou uma arara. Não precisava ser bidu pra adivinhar o dono da caveirada. Mas o Bacalhau não bronqueou. Se faz escarcéu, ainda ia ser gozado. Se mancou. Deu uma de vivo. Fez de conta que não tinha acontecido nada. Na moita chamou seus chapas de fé. Escrachou o salseiro e combinou a forra.

Na sombra invadiram a casa da costureira do Paz e Harmonia. Deram uma congesta na mulher e passaram a faca nas fantasias principais do Cordão adversário. Roupas de rainha e de príncipe. De porta-bandeira e mestre-sala. Cabeleira e os badulaques foram pra cucuia. Só pararam quando o Bacalhau achou que estava empatado o jogo.

O acerto de contas

Quando a costureira deu o berro, o Capeta endoidou. Esperneou e azedou seu cordão inteiro. Certos de que não iam desfilar, a moçada se picou de raiva. Se armaram de pau, machado, faca e gana e partiram pra cobrar do Amor e Glória a safadeza.

¹² Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

Mas nessa altura do campeonato, o Bacalhau botou seus cupinchas por dentro de tudo. Eles se cobriram e saíram pra encarar o Paz e Harmonia. Iam pro que desse e viesse.

Cada batota se mandou de um lado do morro. Se encontraram bem no cocuruco. Se encontraram bem no cocuruco. Pararam. Ficaram se espiando. Uma curriola teve medo da outra. Se mediram às baldas. O peito pra dar a saída ninguém tinha. Qualquer um via que um pega ali ia sobrar muito cadáver. E estavam se manjando quando o Azulão sem que nem ele mesmo soubesse por que, começou a boquejar:

– Bacalhau, tu e o Capeta são dois bestas. Porque eu e ele são de contar, deixaram a gente sem Carnaval. O povo do Ninho de urubu só tem uma alegria. É desfilar na avenida. Os dois avacalharam nosso negócio. Só por manha.

Quando o Azulão se trancou, ficou um bruta silêncio. Depois de um tempo, um crioulo gritou:

– E agora?

Todo mundo fez coro.

– E agora? E agora?

O Azulão deu a sentença:

– O Bacalhau e o Capeta têm de responder.

As batotas esqueceram a raiva, se juntaram e imprensaram o dois bicos. O Bacalhau no arrocho pediu arreglo.

– Se a gente se juntar dá pra sair.

O Capeta viu que não ia ficar bom pra ele se não topasse. Mas fez marola.

– Mas se sair junto com que nome sai?

O Bacalhau não afinou.

– Amor e Glória. Que é mais antigo.

O Capeta deu recuetra [sic].

– Conversa tem que sair de Amor e Paz.

Já ia entrar areia, quando o Azulão consertou.

– A gente pode sair com o nome de Unidos do Morro Ninho de Urubu com Paz Harmonia Amor e Glória.

Todo mundo aplaudiu. Só a costureira não gostou.

– Não vai dar pra bordar esse nome comprido de hoje pra amanhã. Nem vai ter estandarte que chegue pra caber tanto nome.

Mas o Azulão estava ligado e deu a saída.

– Borda só as primeiras letras: U. M. N. U. P. H. A. G.

Mais uma vez toda curriola vivou [sic] o Azulão. Ele encheu o peito. E deu destino.

– Ensaia gente!

A moçada se virou como podia e no dia desceram pra avenida. Na frente vinha o Azulão de presidente. O Bacalhau e o Capeta saíram na ala.

Plínio Marcos escracha o carnaval de Ribeirão Preto (Diário da Noite de SP – Edição de 16/2/1970. Página 8 Caderno 1)

Meus cupinchas, nasci em Santos, me criei à beira mar, ali nas encolhas do aquário, tive embaixada no Macuco e aprendi mil e um macetes nas quebradas da vida, fiz muita presepada e vi muito carnaval. Porém como o de Ribeirão Preto, desse ano pelo menos, minhas botucas nunca tinham flagrado. É legal demais. E não sou só eu que digo isso não. O Rildo Gonçalves, que é de Recife e morou na

Carica, berra pra quem quiser escutar que Ribeirão Preto é o melhor carnaval do mundo. E olha que de gandaia, o Rildo manja pra chuchu. Desde os doze anos de idade que é folião. E quem tira o bruto na pinta tá por dentro que os doze anos dele não foi outro dia. Mas deixa andar. O que conta aqui é que o Rildo tá por dentro de folia. Foi Lord pra chuchu no bloco Bafo de Onça, no Não Empurra que é Pior, e há quem diga que ela saía nos Crocodilos do Mangue, coisa que o Rildo nem nega – nem confirma quando perguntado. E então já viu. Se tratando de carnaval, o Rildo entende. Ninguém duvida. E por isso o Domingos Leoni, que é patriota de Ribeirão Preto faz questão de levar o Rildo no Giggeto todas as noites pra que ele escrache de mesa em mesa o grande sucesso que foi os bate-fundos do Recreativa de Glórias mil, lá da terra da Dereca, do Bar Pinguim – que tem o melhor chopps do Brasil, do Comercial do Deus que ajuda e de outras mumunhas mais. E é esse carnaval que eu escracho hoje.

Recreativa de Glórias mil

Meus cupinchas, desde que eu manjo a Walderez que ela me pede pra ir brincar o carnaval em Ribeirão Preto. Mas nunca dava jeito. Primeiro porque eu andava matando cachorro a grito, catando lata e não era eu que a perigo ia tirar chinfrá de folião. Depois que eu fiquei com a bola branca não dava porque sempre tinha que adiantar o nosso lado e não era eu que ia sair pulando por aí tendo que acertar os ponteiros. E nesses pererecos fomos levando. A Walderez já nem levava mais fé de um dia baixar toda embandeirada no Recreativa de Glórias mil. Tinha se rendido. E foi aí que deu o estalo. Eu estava lá no Giggeto assim como quem não quer nada, porém de antenas ligadas. Quando vi o Domingos Leoni bochichar pro Rildo como ia ser o carnaval de Ribeirão. Só pra por lenha na fogueira, me interessei pelo papo. E o Domingos me fez jurar que se desse eu botava as fuças lá. Claro que nem me afobei. Até achei que se o Mingo estava cassando nego a laço pra arrastar pra lá, aquilo devia ser uma caca medonha. Fiz marola e tal e coisa. Mas pra mim estava combinado que eu não ia. Mas foi. A culpa toda se deve a um abilolado que eu vi na Av. S. João. Isso foi no domingo. Saí pra espiar o movimento e de repente vejo um cara fantasiado de Pinto Maluco em plena São Paulo. Deu vontade de sentar na beira da calçada e chorar. Era um troço mais escamoso da paróquia. Só dava ele. Com um chapéu na moringa, um paletó vermelho e uma calça de saco e uma tabuleta onde se lia o nome de fantasia. Deu dó. Não só em mim, que não sou melhor que ninguém. Toda curriola que estava ali ficou espiando o pinta e de pena todos tinham vontade de cair no bué. Era de lascar. O bicho estava por fora. Parecia um marciano. Ninguém compreendia direito o que ele queria com aquela fantasia. Como minha senhora? Era carnaval? Era! Mas era São Paulo. Então já viu. Todo mundo ficou olhando pro folião com espanto. E por essas e outras o Pinto Maluco ficou de bobeira. Foi se acanhando, se acanhando e deve ter sumido em algum bueiro. Foi o único folião que eu vi. Minto. Esse não foi o único. Teve também dois garotos que eram o máximo de alegria paulistana. Encheram uma garrafinha de água e jogavam nos carros que passavam. Bom, mas aconteceu que com essa alegria toda eu não aguentei. Dei um alô pra Dereca, ela meteu um beca de passeio nos pivetes, se empiriquitou e quando a gente viu, estávamos em Ribeirão Preto. E foi bom às baldas.

Ribeirão Preto! Alegria! Alegria!

Meus cupinchas, eu lá em Ribeirão tenho pouso certo na rua Caramuru no mocó da tia Izaura. Quer dizer que com isso nem teve babado. Pra entrar no

Recreativa de Glórias mil foi uma sopa, o Domingos charlou os homens e não teve nenhum xaveco¹³. Pra pegar embalo foi só entrar e ver o Rildo trepado em cima de uma mesa cantando “Mamãe eu quero mamar”, enquanto o resto do baile cantava a “Jardineira”. Naturalmente que em Ribeirão como em todos os outros bailes do Brasil, só tocou música velha. As desse ano eram ruins de queimar a orelha. Porém o que eu queria dizer é que o Rildo estava em cima da mesa e não tomava conhecimento. Estava na dele. Ria, jogava confete, cantava de braços pro ar e não queria saber pra onde a chata ia. O sr. Teciano Mazzeto e o sr. Candido Brandão deram um alô que a gente podia ficar à vontade e não deu outra coisa. Dez minutos depois a gente já estava enturmado. Dona Lucy Julião, que foi professora da Walderez, agarrou minha gata e levou pelo salão e eu fui atrás. Ah, aí não paramos mais. Se a coroa tinha sido boa professora, em carnaval foi ainda melhor. Foi a festa. A Dereca ia só encontrando os velhos amigos, era Maria, Claudia, Paulo e tanta gente da sua infância. Maravilhoso tudo. Eu ia conhecendo gente pra toda vida. Silverio Mello, Norma, Querino e Sergio Fofano, Walfrido Viana, Bolivar Benvenuto, Miguél de Petta, Euclides de Felício, Rubens Prudente Corrêa, Ulisses Meneguelli, Jovino Campos, Leo Castelam, Roberto Migocci que com esposas e filhos faziam a turma mais embalada da paróquia. Mas um embalo bacana. De cuca limpa. De alegria de viver a cento e vinte porque é bom viver. Essa gente toda e mais um monte me abriram suas casas, como já tinham aberto pro Rildo e sempre abriram pro Domingo. Foi bom demais. A gente antes de ir pro baile do Recreativa se juntava em curriola na casa de um, e de lá saía em batota chamando os outros. Onde a gente chegasse, comia e bebia pra tirar o pandulho da miséria. E no fim do baile podia contar que tinha reforço na casa de alguém. Foi pras cabeceiras. Nunca me diverti tanto. Juro por essa luz que me ilumina que há muito tempo não via minha Dereca tão alegre. E também o meu chapa Rildo. Foi demais de legal. Há muito tempo que eu preciso de férias. Mas esses dias que passei em Ribeirão Preto me valeram por um mês de recreio. Cheguei novo aqui no batente. Como minha senhora? O escracho hoje está muito pessoal? Tá sim. E daí? Eu não tenho regra. Dou só o recado que sinto. Os que sempre pegam a pior, os que comem da banda podre, os que moram nas berbas do rio e quase se afogam toda vez que chove, já sentiram o aroma da perpétua. Eu estou gamado de pedra e pra toda vida por Ribeirão Preto e seu povo maravilhoso, que tem uma alegria de fazer a gente levar fé num Brasil melhor. Porque lá a brincadeira não é só no Recreativo de Glórias mil. No Regatas, no Dante, no Palestra, no Botafogo do povão nos blocos que mandam ver na avenida, na Escola do Durão e tem todas as jogadas a lenha é pra frente. Vale a pena pacas baixar lá. E eu que tenho botucas de ver e vejo. E que quando vejo os arreglos escamosos esculacho, boto a boca no trombone sempre pra atucanar os pilantras, me vejo hoje obrigado a fazer ôba ôba pra Ribeirão Preto, terra da minha Walderez. Me pegaram pelo coração. Eu nunca na minha vida fui recebido com tanto carinho como fui em Ribeirão Preto. Daqui só me resta dar meu recado. Obrigado Ribeirão Preto. Obrigado gente maravilhosa que me deu fé na vida aos potes. Obrigado Recreativa de Glórias mil.

Plínio Marcos escracha três histórias de futebol (Diário da Noite de SP – Edição de 23/2/1970. Página 9 Caderno 1)

¹³ Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

Meus cupinchas, hoje ao invés de escracho, vou contar três histórias de futebol que um dia qualquer eu vou publicar, num livro só com lances do esporte das multidões.

A vida tem dessas coisas

O Manco era gamado em futebol. O único papo que ele levava era sobre bola. Dispensava blá-blá-blá sobre mina, sobre fumo e os cambaus. Não queria nem saber. Se o assunto era bola, aí, sim, ele se ligava. E não dava colher de chá. Queria saber mais que todo mundo. Porém, nunca tinha vez. Bater na redonda não podia. Era manco. E isso entornava o caldo. Só dava pra torcer. Mas, era broca. Quando o bate-boca engrossava, sempre alguém saía pela tangente:

– Tu não entende bulhufas. Nunca foi de bola. É pernetá. Só sabe cartear. Mas, de fora é mole. No campo é que quero ver.

Aí o Manco se fechava em copas. Se enrustia. Mas, ficava de cuca fundida. Todo picado de raiva, só de cachola batendo num jeito de calar a boca da curriola que não botava fé nele. Matutava, matutava e sempre batia com a fuça na parede. Entrava para tudo quanto é diretoria de time do bairro. Mas, não dava pedal. A negada só queria o Manco pra cobrar recibo. Nunca o panaca chegava a escalador de time. Segurava as pontas uns tempos de cobrador. Daí, aos poucos, ia se assanhando. Metendo o bedelho na distribuição da caisa, tal e coisa. E logo estourava um salseiro. E era sempre o Manco que era botado a escanteio. Foi numa dessas que ele se tocou que só ia botar banca quando fosse o dono do time. Partiu pro pau. Foi devagar. Nas encolhas. Não se abriu com ninguém. Porém, um dia, apareceu com um jogo de camisas. Novinhas. A moçada desconfiou. O Manco sempre foi pé de chinelo. Nunca teve grana. Vivía mal pacas. Tinha um emprego mixuruca. Salário mínimo e olhe lá. Porém, o Manco não deu palha. Só azucrinou o pessoal:

– Com essas camisas só joga cobra.

A negada xeretou, mas não teve por onde. O pinta se arrancou. No dia seguinte, apareceu com uma bola. Novinha. No outro, baixou com um saco de chuteiras e meias. Depois veio com os calções. Aí, o pessoal começou a gozar o majura. Era um sarrão:

– Vai jogar sozinho.

– Camisa não ganha jogo.

E era tudo por aí. Porém, o Manco tirava de letra. Encostava nos bons de bola. Buchichava, buchichava e deixava andar. Logo, o “Libertador” estava sem centro-avante, o “Flor do Norte” sem goleiro, o “Beira-Mar” sem ponta-esquerda, o “Santos do Monte” sem meio-time, o “Bacia” sem os seus trunfos. E foi então que o Manco chegou no boteco onde o “Santa Cruz” tinha tabuleta e botou pra quebrar:

E no campo, o time do Manco entrutou o “Santa Cruz”.

Cinco a zero. E não parou mais. Foi pegando um por um dos timões da várzea santista e dando pau. “Aurora”, “Aquário”, “Praia”, “Vasquinho”, “Santa Cecília”, fizeram a fila. E todos entraram no couro. O Manco era o escalador do time e ganhou fama de cara que entende. Também, seu time só tinha bolão. Era uma seleção. Virou honra jogar contra o Manco e seus cupinchas. E jogar no quadro dele era glória. Além do come-quieto. Tinha disso. O Manco pagava bicho de vitória. E foi com essas e outras que timão ficou um ano invicto. Um ano sem perder. Um ano inteirinho. Jogando todo domingo. Com sol e com chuva. E pra comemorar o feito o Manco arranjou uma pilha de taças e convidou todos os melhores times da várzea pra se pegarem. É para a prova de honra contra o seu time, convidou o misto do

Jabaquara, que neste tempo ainda existia como time profissional. E foi lenha. No dia do festival, desde cedo, os leões se comeram. E chegou a hora do “pega pra capar”. Time do Manco contra o misto “Jabuca”. Pra valer. Porém teve um esquinapo.

Quando o time do Manco pirou em campo, a enorme torcida que se juntou pra ver o racha, se assustou. É que do outro lado do campo, entrou a polícia. E entrou pra valer. Só o Manco entendeu. Quis cair fora. Porém, não deu. Foi em cana. E nem teve jogo. A moçada foi pra fechadura buscar o dono do time. Mas não teve arreglo. O delerusca explicou.

“Esse Manco é ladrão. A gente já estava na captura dele há muito tempo. Só hoje pudemos ferrar o lalau”.

E, na prensa, o Manco se entregou:

“Pôxa, como eu ia manter o time?”

Hoje ele está escalando o time da cadeia.

As chuteiras do Jabaquara

Pra quem está por fora das coisas, o Jabaquara foi o time mais legal que já disputou campeonato paulista de futebol. No tempo em que ele estava nas paqueras da vida, todo mundo torcia pra dois times. A negada tinha chamego pelo Corinthians e pelo Jabuca, pelo Santos e pelo Jabuca, pelo S. Paulo e pelo Jabuca. E tinha que ter. O Jabaquara sempre estava descobrindo cobras pra seleção. Baltazar, Gilmar, Ciciá, Celio, Tulio, Marcos, Pagão e os cambaus saíram do velho Jabuca. E isso graças ao Papa. Não a santidade. O Papa do Jabuca. Um velho ranzinza que treinava o juvenil, ele que descobria entre a pivetada aqueles que tinham pinta pra jogador. E com trabalho e broncas mil ensinava pra molecada os macetes do futebol. Mas é como diz o Zagaia:

“Quem não chora, não mama”.

E se o Zagaia diz é que é. O velho Papa nunca foi de badalação. Crepe dele. Nunca passou de treineiro de juvenil. Porém, também nunca se tocou. Seu negócio com o futebol era gama de pedra. Só. Basta ver o lance que se deu no campo do “Aquário Praia Clube”.

O Aquário tinha seu campo atrás do campo do velho Jabuca.

Ali nas barbas do canal 6. No campo do Aquário jogava o infantil Vila Bancária, time de pé corado. Mas cheio de milongas. A bronca da vila era com um tal de infantil Vitória que se juntava numa padaria lá do outro lado do canal seis. Dois times no mesmo bairro é gronga. Quando se encaravam era fogo. Sempre antes do fim do jogo alguém armava o salseiro e o pau cantava. Não tinha por onde. Cada um querendo ser o maior. E foi por essas e outras que o gango do Vitória se virou com um candidato a vereador e arranjou o jogo de chuteiras.

Daí pra tirar sarro nos bancários mandou ofício convidando pra um jogo. E escrachava no fim do babado. Tem de ser chuteira. Deu bobeira na curriola da Vila. O Luciano Juqueri que era o dono do time deu o alô:

– Se a gente não embarcar nessa, vai ser um esculacho. Temos que aceitar.

E aceitou. Marcou o dia e tudo. Aí a moçada da Vila quis saber.

– Onde a gente vai arrumar grana pras chuteiras.

E o Luciano selou:

– Mas que grana. O Jabuca tá aí mesmo.

O Prea boboca botou pra baixo.

– Mas eles não vão emprestar.

E o Luciano deu a dica.

– Que emprestar é esse majura? A gente vai é afanar.

E não deu outra coisa. O Juqueri juntou a pesada e naquela noite mesmo. Boi Baba, Chulé, Cachorro Louco, Bubu, Caveirinha e mais alguns arrombaram o vestiário do Jabuca e lalaram um saco de chuteiras e um de meias. E foi uma alegria. Sem se mancar no bochicho, o infantil Vila Bancária no dia marcado entrou em campo pra enfrentar o Vitória de chuteira e tudo. E o perereco começou.

Lá nas bandas do Jabuca já tinha marola. O time não pode treinar por falta de chuteira e os jornais esculhambaram. Teve tanto esculacho que até a Polícia se doeu. Saíram na captura dos laláus. E um cachorrinho deu a dedada.

– Foi o pessoal do Vila Bancária.

E com essa ficha a cana baixou no campo do Aquário no dia do jogo. Levaram o Papa pra reconhecer as chuteiras. Cercaram o campo. O Juqueri deu o berro:

– Aguenta as pontas. Não para o jogo. Finge que não é com nós. Não vai dar pra se espianar mesmo.

E o jogo continuou. Um embalo sentido. Com os nervos ardendo, todo mundo deu o sangue. A Polícia quis entrar, o Papa maneirou:

– Espera. Não reconheci as chuteiras ainda.

E o jogo foi até o fim. Daí o Papa entrou em campo com a cana. A molecada ficou prensada na marca do pênalti. E pra espanto da Polícia o Papa deu a letra:

– Quero você, você, você e você aí na quarta-feira, às três horas no treino do juvenil do Jabuca. As chuteiras deixa pra lá.

E foi assim que Varela, Gigante, Bugre, Luiz Manoel, Raimundinho, Bolota, Nei, Aracaju, Jorge e tantos outros que hoje andam por aí ganhando seu pão com o jogo de bola, entraram pra profissão.

O último gol

Só quando o Cuca deu baixa no Exército é que começou a pensar na vida. Antes, ele deixava andar. Tinha um trabuco dos mais fajutos. Era cabineiro de elevador. Porém, não se tocava. Estava na cara que ali, subindo e descendo, não ia ter um futuro de maré mansa. Mas, como tinha de puxar um tempo de soldado, sabia que não ia arrumar coisa melhor antes. Com todo mundo é assim. Os patrões não pegam um cara pra depois ficar guardando o lugar dele enquanto ele é praça. É assim mesmo. O Cuca estava por dentro. Ainda ficava contente de ter arranjado aquele empreguinho. Pior era com a moçada de seu bairro. Os que estavam na mesma sinuca. A maioria não arranjava nada. Só esperando ser reservista. Pra cair na luta do dia a dia.

O Cuca ainda tinha uma colher de chá na vida. Não estudou, não aprendeu ofício, nem nada. Mas batia bem na bola. Batia bem pacas. E era por aí que o moço pensava escapar da gronga toda que é nascer pobre. Sonhava dia e noite com o timão. Elevador subia, elevador descia e na cabeça do rapaz a bola rolando. E ele atrás. Gostava! Pra cacete! Precisava!

Estava de namorinho com a Laurinha. Claro que a família da moça não queria. Laurinha era o anjo do bairro. A coroa da menina queria pra filha um casamento legal. Não é que achassem que o Cuca não fosse gente boa. Não era isso. O Cuca era direito. Só que era pé de chinelo. E a Laurinha, tão bonita, podia se arregar com um doutor qualquer. Fazer um casamento bom. Podia sim. Mas, gama é gama. A Laurinha era vidrada no Cuca. E levava fé no futebol dele. Quando alguém pixava o rapaz, ela deschavava:

– Um dia ele acerta o pé. Daí cala a boca de meio-mundo.

E o dia do Cuca chegou. [O] Praticagem F. C. ia disputar um caneco de prata contra os Marinheiros A. C. Era um jogão. O Praticagem lá na Ponta da Praia, era o galo. E os Marinheiros do cais do Porto tinham uma legenda: “Se perder na bola, ganha na porrada”. A semana inteira Santos falou neste jogo. Todo mundo sabia que o Cuca era o melhor ponta de lança da várzea santista. Mas, todo mundo sabia que a bequeira dos Marujos, Cativeiro e Simião, não alisava ninguém. Ia ser fogo. Só se falava no jogo que ia ser em campo de ninguém. Ia ser no Macucão. Na Floresta.

Os Marinheiros chegaram com cinco caminhões de torcida. O Praticagem veio de bonde. Mas, não ficou um pescador na Ponta da Praia. Todo mundo fez aposta. Só que não apostavam no vencedor. Apostavam na hora da pauleira. Uns achavam que o jogo não chegava no meio-tempo. Outros que o quebra ia sair no primeiro lance, do primeiro gol. Se não saísse gol, o pau só comia no fim.

Já foi um perereco achar um goiaba pra ser o juiz. Mas como diz o Zagaia: “Tem sempre bobo pra tudo”. E o Barbadinho, um bêbado manjado, pegou o apito. Bastou apitar pra chamar os times pro campo para as duas torcidas endoidarem. Começaram a xingar a mãe do juiz.

Quando o jogo já ia começar, seu Melão, presidente dos Marinheiros, pediu um minuto de silêncio em memória do Pelado, meia-esquerda do seu segundo time, que naquela semana tinha sido assassinado, quando deu um estouro numa boca de maconha. Aí, houve respeito. Todo mundo calou a boca.

Aproveitando o silêncio, seu Olegário, diretor do Praticagem, chegou no Cuca:

– Tu manja o Papa?

– Aquele que treina o Jabuca?

– Pois é. Ele está aí pra te ver. Veja lá se vai medrar.

O Cuca tremeu. Não de medo. De agonia. De sei lá o que. Era sua vez. O Papa foi o cara que descobriu Gilmar, Baltazar, Tulio Marcos, Célio, Pagão, Nei, Tucano, Luís Manoel e tantos outros. O Papa estava ali pra ver o Cuca. Era sua chance. A sua grande chance. Ia jogar como nunca. E se lascou.

O jogo estava uma lenha. A defesa dos Marinheiros só batia do umbigo pra cima. Mas, o Cuca não tomava conhecimento. Estraçalhava a bola. Driblava um, dois, três, levava pancada de todo lado, mas ia pra cima do gol. Só não tinha mandado o carço no barbante porque sempre era derrubado na hora do chute. O Barbadinho só apitava bola fora. Ele não era tão louco assim pra apitar pênalti. Porém, o jogo corria.

No meio tempo, o Papa encostou no Cuca:

– Olha, garoto, precisa aparecer lá no Jabuca. Tem lugar pra você lá.

Aí o moço não cabia mais dento da camisa rubro-negra do Praticagem. Já se viu no Jabaquara. Depois Corint[h]ias, seleção. Sei lá, como Gilmar, Baltazar...

E virou o cão. Simião e Cativeiro já não aguentavam mais. Já estavam de gravata vermelha de tanto pontapé que davam no moço. A torcida do cais pedia a cabeça do centro-avante inimigo. A da praia jurava vingança se quebrassem o menino.

Foi aí que a bola veio. O Cuca escorou no peito, tirou um da jogada. Driblou outro e correu pra cima do gol. Cativeiro correu com ele. Simião veio pela frente.

Cuca chutou. A bola saiu quente. Cativeiro solou. Mas já não tinha bola. Só a canela do Cuca. O moço caiu, gemendo de dor. Ainda escutou a torcida berrar:

– Gol! Gol!

Cuca, no chão, não vibrava. Só sofria. Viu seu time passar por ele e nem ligar. Mas, viu que era a hora do pau. Viu quando o Capão acertou um murro na boca do

Cativeiro. Viu as duas torcidas de pau na mão avançarem, quis se levantar, não pode. A perna doía demais.

Seu Olegário lembrou-se do Cuca. No meio da pauleira, passou a mão no garoto e tirou-o do bolo. Quando estava em lugar seguro, mandou chamar o Pronto-Socorro. Quem chegou primeiro foi o Papa. Olhou a perna do Cuca, sacudiu a cabeça. Havia pena em seu olhar. Afastou-se. Seu Olegário arriscou:

– Como é? Quebrada?

O Papa, com tristeza na voz, resmungou:

– Podia ter sido um craque de seleção. Agora não dá mais. Nunca mais.

FIM

2.3 – As crônicas de março de 1970 – Coluna Plínio Marcos escracha

Plínio Marcos escracha duas histórias (Diário da Noite de SP – Edição de 2/3/1970. Página 12 Caderno 1)

Meus cupinchas, como deu uma boa emplacada as três histórias que eu meti na segunda-feira passada, eu mando ver mais dois continhos que também vão sair no livro.

O jogado fora

Zé Patinete carregava esse apelido porque tinha uma perna mais curta que a outra e quando andava, parecia que estava empurrando um desses troços. Mas nem se tocava com o defeito. Entrava em todas. Seu negócio era ser palhaço de cir[co]. E foi junto com uma espelunca dessas que pôs as fuças no bairro do Macuco. Não veio como artista. Quando chegou, era só amarra-cachorro. Porém, antes da lona estar esticada, o patinete já era manjado pela curriola da paróquia. O carro-cometa saiu fazendo zoeira em volta das atrações: Rapadura e Tigelinha, os cômicos das multidões, Lola, a bailarina cigana, Siwa, o mágico comedor de fogo, Máximus, o gigante entortador de ferro, e os cambaus. Não adiantou a onda. Nada grudou. Na estreia do G[r]an[d] Circus Máximus, não foi ninguém. E a vida ia ruim para os artistas. Mas pro Zé Patinete, estava tudo legal.

Bastava ele encostar o umbigo no balcão do boteco pra juntar gente em volta pra escutar seu papo. E o Zé não fazia doce. Metia ficha. E a moçada que andava à toa escutava suas milongas. Entre uma pinga e outra, ele ia se badalando. Contou que era um dos melhores palhaços do mundo. Só não entrava de cara pintada do mundo. Só não entrava de cara pintada no espetáculo do Mafuá porque Máximus sabia bem que se soltasse ele na serragem ia ser fogo. Não ia ser entortando ferro que o gigante ia fazer média. E deu a dica pra quem quis escutar. Explicou que tenteava [sic] ali na pior só porque tinha chamego com a mulher de Máximus e a gama era grande demais pra deixar a felicidade na saudade. Jurou que só por isso se segurava. Escrachava o dono do circo e ganhava divisa com o pessoal do lugar. Já tinha nego que botava olho gordo no Patinete. Pois como a peste, puxando a perna, magro pacas, banguela, todo ruim. Mas, cheio de presepada. Vivia dizendo que estava se escamando de mulherio. E tinha trouxa que embarcava na sua canoa e se ruia.

Os pivetes do Macuco começaram a achar o Patinete do cacete. Lance de mulher era com ele. Valentia era com ele também. Charlava pros pixotes¹⁴ que o defeito da perna era por causa de uma bala que ele tomou num arranca-rabo que

14 Termo atualizado; no original de jornal consta “pichotes”.

teve com uns bandidos que quiseram assaltar o circo sob sua guarda. Ficou manco, mas nenhum pilantra entrou na barraca. E tome lance de guerra. E tome cachaça. E deixa andar. O Patinete já estava ficando famoso no bairro. Aí veio o xaveco¹⁵. É como diz o Zagaia:

–A moeda tem dois lados. E nunca cai em pé.

E se o Zagaia diz é que é. Após a fracassada temporada, o Gran[d] Circus Máximus deu o pinote. Deixou no terreno que ocupou entre serragem, lata velha, trapos e outros lixos, o Patinete.

Este ficou porque logo no final da última função tomou um pileque e desabou. Não viu o espiante do circo. E foi deixando porque o Máximus, que não era otário, não ia perder a chance de se livrar de um empregado sem precisar pagar. Com essas e outras, o Patinete acabou no “ora veja”. Não podia reclamar. Jamais empregado de Maximus teve carteira assinada. No braço, Patinete não ia encarar o ex-patrão. Teve que deixar por isso mesmo. E foi a gronga. O Zé disse que fazia, acontecia. Que salseiro com ele era pra valer, tal e coisa. Foi passado pra trás. Deixou barato. Caiu do burro.

Os pivetes começaram a adivinhar que o Patinete era só bafo de boca. Não era nada de nada. Com mulher não dava certo¹⁶. E lenha com ele não tinha. Ninguém sabe como saiu na boca do povo. Mas, logo a gente do bairro esparramava que a perna do Patinete era curta por causa de um coice de uma égua do circo, que lhe deu em troca de uma proposta amorosa. E foi o esquinapo. Ninguém mais levou fé nas conversas do Zé. E ele foi ficando sem plateia. Foi cada vez enchendo mais a cara de cachaça. E logo virou o sarro da molecada. E não tinha folga. Gozavam o pinta de todo o jeito. Passaram a chamar o Zé de “Deixa que eu chuto”.

Um dia deixaram o Patinete de lado. Ninguém se incomodou mais com ele. Largaram o Zé encostado em um canto do boteco. Isso já faz uns dez anos. E hoje ele ainda está lá no Macuco, encostado no boteco, esperando passar um circo qualquer pra ir embora junto.

Pela bola sete

O Bereco era do devagar. Não queria nada com o batente. Seu negócio era sinuca. E nisso ele era cobra. De taco na mão fazia embaixada. Conhecia os trambiques do jogo e sabia como entrutar o parceiro. Então, estava sempre com a bufunfa¹⁷ em cima. Sabe como é o lance. Sempre tem um panaca pra desconhecer o nome do mandarim. E o Bereco ajudava. Se vestia como um Zé Mané qualquer. Neca de beca tranchana [sic]. Isso espanta o loque. O babado era se fazer de besta. Tirar onda de operário trouxe. Desses que dá um duro do cacete de sol a sol, ser forra de prato feito, e na folga vai fazer marola em boteco. Daí sempre tem um malandrinho pra tomar os pixulés do otário. Se fazer passar por coió era o grande trambique do Bereco. Com essas e outras, ele engrupia até muito vagau escolado. Até no Bar Seletto de São Vicente, ponto certo dos grandes tacos do mundo, o Bereco deu esse deschavo. E grudou. Pensaram que ele era pão ganho, e ele tomou o sonante dos pintas. E assim o Bereco ia remando seu barco em maré mansa.

Mas é como diz o Zagaia:

–Um dia é da caça, outro do caçador.

15 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

16 Termo atualizado; no original de jornal consta “serto”.

17 Termo atualizado; no original de jornal consta “bofunfa”.

E se o Zagaia diz, é que é. Todo mundo sabe disso.

Porém, acontece que como não dá pro nego tocar fogo no mar pra comer peixe frito. Tem que bater pra quebrar. E o Bereco ia firme. Só ganhando. Um pato atrás do outro era depenado. Sem dó. Que nas paqueras da vida é cada um pra si. Mas chegou a virada.

Era fim do mês. Dia de pagamento da Refinaria de Petróleo. O Bereco que estava por dentro, se picou pro Cubatão. Se plantou no salão dos bordejos da Refinaria e ficou na moita. Logo foi baixando a freguesia. Tudo de capacete de lata. A batota estava contentona de envelope no chorro [sic]. E o Bereco só espiando o lance. De vez em quando, tirava um paco de nota pra pagar uma coca-cola. Era a milonga. Logo um capacete de lata mais afobado se assanhou com o dinheiro do majura. Sentiu a moquinha pega e quis tomar. Mediu o Bereco e foi no xaveco¹⁸ da pinta. O capacete de lata tinha um joguinho enganador. Esses que é bom em mesa de sindicato. Mas levou fé e nenhuma no Bereco. Encarnou o moço:

–Como é parceiro? Quer fazer um joguinho?

O Bereco não deu bola.

–Jogo nada.

O capacete de lata cercou.

–A leite de pato.

O Bereco deixou andar.

–Se é de brinquedo, vamos lá.

E começou o jogo. O Bereco sentiu o parceiro e tirou de letra. O capacete não sabia nada. O Bereco deu o engano. Os primeiros dez mirreiros, os segundos e os terceiros, o Bereco empurrou pro trouxa. E se fez de bronqueado. Partiu pros vinte, pros cinquenta e pros cem mil. O capacete de lata estava se deitando. Era seu bilhete premiado. Como o dinheiro que ganhou do Bereco e o seu ordenado, já tinha um milheiro no porão. Daí o Bereco selou:

–Ou tudo ou nada.

O capacete de lata nem balançou.

–Um milhão na caçapa.

Todo mundo de botuca ligada na mesa. O capacete saiu pela cinco. Errou. O Berereco se tocou que o xereta estava nervoso. Teve que manear. Cozinhar o galo. Senão ia ficar escrachado o perereco. Errou na cinco que estava cai não cai. E o joguinho ficou de duas muquiranas. Só na bola da mesa. O Bereco não embocava. Só colhia as mancadadas do capacete de lata. Se o bruto metia uma, três. O Bereco fingia que era sem querer, e deixava uma sinuca de bico pro inimigo. E na catimba de Bereco e no virador do capacete de lata, o jogo foi comprido pacas. Os sapos nem chiavam. Seguravam as pontas. Era tudo torcedor do Capacete de lata. Trabalhadores da Refinaria de Petróleo de Cubatão. Mas o Bereco nem estava aí. Já contava com o dinheiro da caçapa. Aí chegaram na bola sete. Só a sete estava na mesa. E o jogo estava por ela. O Bereco folgado, muito à vontade encostou a negra na parede. O capacete de lata tremia, suave. Estava com o motor batendo acelerado. Fez mira. Começou a pensar que tinha quatro filhotes no seu Chatô, aluguel de casa, rango, escola, remédio e os cambaus. Pensou que ia dizer pra mulher. Com a cabeça cheia de minhocas, deu na cara da bola. Uma chapa. A negra rolou para um lado, a branca para n[o]utro. O capacete de lata sentiu um alívio. Pelo menos acertou na bola. Mas o recreio durou pouco. Quando as bolas pararam, a sete estava na boca da botija. Pedindo pra cair. E a branca no meio da mesa. Ninguém por mais cego que fosse, errava aquela. O Bereco sorriu. Deu a volta na

18 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

mesa devagar. Bem devagarinho. Enrustido, sem dar bandeira ia gozando as fuças do otário. O capacete de lata só faltava abrir o bué. Deu a volta e ficou atrás da caçapa em que a bola ia cair. O Bereco deu uma dica de leve.

–Vai secar?

O capacete de lata quis falar mas não deu. Se engasgou. O Bereco não se flagrou no olhar do panaca. Se tivesse visto as bolas de sangue nas botucas do capacete de lata, ia ficar cabreiro. Não viu e fez a presepada. Passou giz no taco com calma. Se ajeitou na mesa, com calma. Aí levantou a mira. Viu a bola branca, a sete, a caçapa, atrás da caçapa, um revólver quarenta e cinco, atrás do revólver o capacete de lata. O Bereco quis saber:

–Que é isso meu compadre[?]

O capacete de lata espumou, babou e resmungou:

–Se meter esse sete, eu te mato.

O Bereco viu logo que era jura. Se fechou em copas. Deu na bola de esguelha, o taco espirrou. Relou na sete e as duas ficaram na berba da caçapa. Coladas. O Bereco fingiu que não havia nada. Deu a letra:

–Ficou pra você compadre.

O capacete de lata guardou o revólver, a raiva e tudo. Foi de cabeça. Deu o taco e bimba. A branca e a negra mergulharam juntas. O Bereco só ficou olhando. As lágrimas correram nos olhos do capacete de lata. Estava tão embaixo que não dava pra pegar a arma e aprontar o salseiro. Só deu um lamento.

–Tenho quatro bacuris.

O Bereco fez que não escutou. Recolheu a grana. E saiu de fininho. O capacete de lata saiu logo atrás. Ninguém se mexeu. Passou um tempo e veio o estouro. Meio mundo foi ver as rebarbas. No meio da rua o capacete de lata estava estarrado. Tinha o revólver na mão e uma bala na orelha. Se acabou. O Bereco só teve pena de nunca mais poder dar grupo em trouxa do Cubatão. Perdeu um grande pesqueiro.

Plínio Marcos escracha duas histórias (Diário da Noite de SP – Edição de 9/3/1970. Página 6 Caderno 1)

Meus cupinchas, vou mandar ver mais duas histórias das quebradas do mundo. Essas de hoje são de mistério e tal e coisa. Espero que emplaquem tanto como as outras cinco que saíram na frente.

O Manja[-]Balão

O Manja-Balão ganhou esse apelido quando era pivete. Ele era invocado pacas. Vivia olhando pro céu. Andava de nariz pra Lua e tudo. Daí, já viu. Xavecaram¹⁹ com o apelido. E não teve jeito. Grudou. Ele cresceu, se arreglou com uma mulher, teve filhos, netos e os cambaus. E a raça toda era Manja. No Macuco inteiro, a curriola só se flagrava neles como a “família Manja-Balão”. Porém, eles tiravam de letra. Se o velho Manja era folgado, o gango saiu igual. Todos com a mesma bobeira na cuca. Cara pro ar e no devagar. Por isso mesmo, nunca achavam nada no chão. E nem queriam. E quando um se arranjava de funcionário público, se instalava. Enganava, e o resto era botota. Se a canoa era de gandaia, os “Manjas” se embarcavam fácil. Não adiantava a mãe Manja-Balão estrilar. Ninguém dava pelota. Começava pelo pai Manja. Sexta-feira à [t]jardinha, ele não queria nem saber. Dava de pinote. Engrupia a velha com um engodo de pescaria na Praia Grande e

¹⁹ Termo atualizado; no original de jornal consta “Chavecaram”.

azulava. Só baixa[va] de volta na segunda de manhã. E nunca trouxe nenhum peixe. Mas, sempre chegou de caco cheio. E foi numa dessas que se deu o esquinapo.

O velho Manja-Balão se espiantou num piquenique de pistoleira. Um embalo firme. Um pagode de entortar. E o coroa Manja se atirou de fuça. E enredou num rabo de saia e botou pra quebrar.

O perereco engrossou na Praia Grande. Daí, se mandaram pra Itanhaem pra comer caranguejo. De lá foram a Mongaguá xeretar num sítio de banana. Não por causa da banana, é claro. Mas, pra bicar numa pinga que o dono do sítio fazia em alambique de manivela. E foram indo. Daqui pra ali. E tome carga. E o tempo correndo.

Quem se atucanou foi a mãe Manja. Quando numa segunda-feira, o marido não deu as caras, ela estranhou. Na terça, quase fica abilolada. Reuniu os filhos e se mandaram na captura do vagau velho. Cemitério, hospital, cadeia, tudo foi batido. Neca do pinta. A mãe Manja ficou batendo a cachola no poste.

– Morreu afogado! Só pode ser! Ai, Jesus! Pobre Manja!

E a gronga ia no virador. Já tinham até chavado uma missa pro panaca. Porém, a gandola do pilantra se estarrou. A fumaça saiu da cuca. E sem onda pra curtir, a negada ficou chumbada. Tiraram o time de campo. Cada um se bandeou pro seu lado. Quem quebrou a cara foi o Manja. Se ardeu com o lance do “o que é que eu vou dizer em casa”.

Bambeou. Quase fica chué. Mas, se achou no apelido. Sempre foi Manja-Balão por viver de lata empinada. Era por aí que ia encarar seu povo.

E chegou no mocó com charla feita e, mal a Mãe Manja deu a prensa, o majura sacou:

– Tá certo, nega. Tu deve ter se agoniado. Porém, segura o apito que eu me racho.

E foi malhando o deschavo. Lembrou que ele era Manja-Balão. E que estava de fuga pra Lua quando encarou um disco voador. Ficou bambo e tal e coisa. E os caras do disco guindaram ele pra Marte. Ele viu tudo lá. Lugar legal. E entronchou detalhe. A mãe Manja era cutruca. Engoliu o trambique. E ainda rezou de alegria, porque o marido estava de volta.

E tudo podia ter ficado por aí. Mas, a dona Manja tinha feito um escarcéu quando o velho sumiu. Com ele aparecido, a vizinhança quis saber das coisas. E a mãe teve que se abrir. Entregou o recado que recebeu. E foi aquele bochicho. O “foi, não foi” se esticou. Todo mundo queria ficar por dentro. E meteram o bedelho. Encostaram o Manja na parede. Na frente da mulher. Só restou pra ele jurar que andou de disco, foi a Marte e o cacete. Aí a zorra cresceu. E veio repórter. E tome cara [n]o jornal, revista, programa de televisão e outros bichos. Da Rússia, dos Estados Unidos, da França e de todo lado vinha carta. Eram as sociedades de estudar disco que queriam saber da coisas.

E o Manja ficou entrutado. E era tarde pra dar uma recueta. Mandou bala. Bolou uma tremenda presepada. E cuidou da sua lavoura. Atacou de conferência sobre Marte e escreveu um monte de livro. Tudo chupado dos livros de ficção científica. E ficou por cima da morisqueta. E até hoje se badala com a onda do disco. E é como diz o Zagaia:

– Tem loque pra tudo.

E se o Zagaia diz, é que é.

Bilu, o macumbeiro

Ninguém sabe direito como foi que Bilu, um crioulo gordo de fala macia e outros babados, apareceu no bairro do Macuco. O que todo mundo sabe foi como ele se acabou. A verdade é que ele chegou assim como quem não quer nada e logo seu nome era bem manjado e seu endereço na Linha Forte Augusto, conhecido pacas.

Ele começou a formar seu eleitorado no dia em que o filhinho da Balbina se pôs a chorar sem motivo aparente e emendou três dias e três noites num berreiro só. Foi um perereco. A cuca da mãe quase fundiu. O mulherio da vizinhança que veio acudir fez de tudo pra calar a boca do guri. Benzeram o garoto contra praga, contra mau-lhado, contra espinhela caída, deram banho de sal, banho de erva, chá de hortelã, chá de capim cidrão e os cambaus. Chamaram o Pronto Socorro Municipal, - que por sinal não veio – e o moleque firme de guela escancarada. Já estava deixando o pessoal matusquela.

Foi aí que o Bilu baixou na casa da Balbina. Meteu as botucas na criança e pimba. Dali a um minuto ela estava rindo e brincando, como se nada tivesse acontecido. O espanto foi geral. O povo todo quis saber que gronga era aquela. E Bilu, com ar de sábio, meteu ficha:

– Encosto.

Aí foi do cacete. O maior enxame da paróquia. Todo mundo deu palpite. Mas, quem fez o crioulo se rachar foi dona Dagmar. Desconfiada como ela só, atacou de sola:

– Como é que tu sabe que é encosto?

O Bilu se serviu. Meteu a maior banca.

– Sou pai de Santo. Tenho cabeça firmada na Bahia. Sei das coisas. Tenho arreglo forte com os Encantados. Pode botar fé.

Ninguém duvidou. Dona Dagmar, o correio do bairro, saiu espalhando a notícia. Dizem, ninguém prova, que numa noite mesmo o Bilu aproveitou que a Balbina estava agradecida e se arreglou com ela.

O certo é que no dia seguinte logo cedo começou a chegar gente no mocó do crioulo. E os primeiros que chegaram já encontraram a Balbina. Mas, não deram pelota pra isso, não. Só depois, quando a onda passou, é que foram conferir quem o Bilu tinha passado nas armas e alguém, então, lembrou esse lance da Balbina. Mas, na ocasião, todos vinham com carga pesada demais pra o Pai de Santo aliviar. Não iam pensar nos outros.

Bilu, que estava ali na paquera, não se fez de difícil. Meteu um passe em cada um. Naturalmente não cobrava bulhufas.

– Bem quem faz é Deus – charlava de leve. E logo achacava:

– Mas, quem puder deixa algum, que deixe, pra comida dos Santos.

E a grana pingava. Chovia na horta do crioulo. Quem empurrava pra frente. Meteu uma tabuleta na porta. Tirou alvará na Polícia. E deixou andar. A freguesia era legal. Cada coisa. E nessa, o pessoal se atirou de cabeça. Bilu embromava direitinho.

Organizou uma roda. Toda sexta-feira batia atabaques. E os orixás de mais valia assentavam em seus cavalos e iam espalhando promessa. Emprego pra um, marido de volta pra outra e tal e coisa. E, entre uma enganação e outra, o Pai de Santo se tratava. Vira e mexe, com a zoeira que precisava agradar um Encantado, arrastava uma menina para os fundos da casa.

Ninguém ligava. Serve o Santo, que Deus ajuda. E o Bilu ficava cada vez mais folgado. Até que um dia, pegou uma invertida do primeiro ao quinto e se estrepou de verde e amarelo.

Em nome de Xangô, o Pai de Santo se envolveu com a Nininha, uma cabrochinha de quinze anos, que recebia lansã. Como sempre, ninguém estrilou.

Mas, Nininha, de orgulhosa não se escorou. Servir Zagô era cartaz. Botou a boca no trombone. Foi contar logo para o Doca, seu namoradinho. O pivete era invocado e arrastava um vagão de cascalho pela garota. Ficou abilolado e saiu pra cobrança.

O Doca atracou no ter[r]eiro do Bilu em plena sessão. Mas desconheceu. Não se tocou que tinha Santo presente. De ferro na mão, aprontou o maior salseiro. Abriu caminho no peito. Encarou o Pai de Santo e mandou-lhe o pé. O crioulo se entortou. Bateu no altar e esparramou imagem e cruz pra todo lado. Quando quis se aprumar, recebeu a naifa no gogó. O melado correu. Ninguém se mexeu por ele. E ele nem gemeu. Doca tirou o povo na pinta. Todos caíram no espanto. Um por um todos foram se arrancando de fininho. Os deuses também não reclamaram. Tinham voltado pro céu.

Plínio Marcos escracha duas histórias (Diário da Noite de SP – Edição de 16/3/1970. Página 7 Caderno 1)

Quem não pode não põe banca

A turma do Aquário era do cacete. Quando se juntava era fogo. Saía faísca. Todo mundo era batoteiro naquele bairro. O mais de nada tinha seus trambiques, tal e coisa. Então, já viu. Quando a curriola se juntava era pra botar pra quebrar. E se juntavam toda mão. Com chuva ou com sol, depois da janta, a negada ia pintando no Aquário e se largava na paquera. E não tinha noite que não tivesse presepada e os cambaus. O gango do Aquário era uma parada federal. E como toda tribo tem seus chefes, aquela também tinha. Eram dois. O Juqueri e o Boca Vazia. Tudo quanto desses dois. Também, os embalos que eles aprontavam, sempre tinha balanço. Até o dia em que não teve. Aí foi o esquinapo. Se armou um salseiro do diabo. Porém, pro Juqueri e pro Boca, não teve pedal. Tomaram uma invertida e se estrepavam do primeiro ao quinto.

Foi uma noite em que caiu um molho sentido. Parecia que o céu vinha abaixo. Mas, era dessas chuvas de praia. Que arreja pra valer, mas dura cinco minutos. Essa chuva foi curta, porém espantou os vagaus. Todos deram de pinote. Só ficaram uns seis ou sete, que não tinham bulhufas pra fazer. Se enfurnaram num boteco e ficaram batendo caixa. Assim que passou o tempo, se plantaram de novo na frente do Aquário. Só ali, cozinhando o galo. Como quem não quer nada. A cuca gira estava batucando a fim de aprontar uma catimba. E logo deu pé. Apareceu um bonde. Vinha vazio. Vaziosinho. Porém, vinha um cara pendurado no estribo. Aquilo invocou a moçada. Num bonde sem ninguém, um panaca no estribo tem que ser trouxa. Merece uma carga. Esse aí ganhou. Quando o bonde passou pelo gango, o Juqueri deu a maior guarda-chuvada no panaca. Todo mundo rolou de rir. Mas a alegria durou pouco. O panaca saltou do bonde e veio quente. Os pivetes se espantaram. Só ficou o Juqueri e o Boca pra encarar a bronca. E não deram pra saída. Ciscaram, ameaçaram, mas na hora do “vamos ver”, pegaram um contravapor do cacete. O cara calçou a moleira do Juqueri e melou o nariz do Boca Vazia. Uma taruletada em cada um, acabou com o baile. Os dois se aterraram. E o cara se mandou no devagar. Na maior maré mansa. Aí teve o deschave. O jornal do outro dia escrachou o lance.

“Peso-pesado, campeão uruguaio, sofre tentativa de assalto na Ponta da Praia”.

E foi aquele sarro. A negada pegou o pé do Juqueri e do Boca. Gozaram paca o lance. E é bem feito. É como diz o Zagaia:

– Quem não pode não põe banca.

E se o Zagaia diz, é que é. Precisa ser muito loque pra sair na guerra e não ter canhão.

O doutor quebra-galho

A gente andava por aí, pra baixo e pra cima, com o “show”. Opinião: Boal, Bethania, Zé Ketí, João do Valle, Macalé e J. Afonso. Eu era o que ficava na boca da tijela. Ficava de botuca acesa na bilheteria, pra não deixar ninguém engrupir a curriola. Porque quem dá sopa, já viu: entra pelo cano. O que não falta aí nas paqueras da vida é empresário trambiqueiro. E por essas e outras, eu ia junto. Era um bufunfa²⁰ sonora que entrava. Não era mole contar toda a grana. Também, o “show” agradava pacas. Onde chegava, a moçada botava pra quebrar. E o povo ficava assanhado. E tome carga. E, entre um lance e outro, iam apanhando as rebarbas.

João do Valle só ia de loura. Mas, o Zé nem escolhia. Se vinha de saia e não era padre nem escocês, o Zé mandava ver. Era com ele mesmo. E, na base do agrião, a gente ia levando. E acabamos em Porto Alegre.

De saída, o João se arreglou com uma loura manjada por Rainha de Sabá. Daí, não quis nem saber. Agora, o Ketí tomou uma invertida. Acho que o horóscopo do crioulo andava ruim. Cheio de milongas, papos e os cambaus, o Zé se atirou de todo lado. Mas, ficou no “ora veja”. Não teve por onde. Ficou de cuca fundida. Jururu pra cacete. Azedo e tudo. Botando o maior olho gordo na pistoleira que o João apanhou. E foi isso que Carcará disse quando um vento de esquelha pegou ele:

- Praga do Zé.

Mas não era, não. Era friagem mesmo. O frio que fazia em Porto Alegre nesse tempo, era de entortar qualquer um. E grudou no dente do João sem dó. Ele gemia, se lascava, batia com a lata na parede. E a dor ali. Doida. O negrão já estava se arreando, quando eu passei a mão nele e o levei no Cesar Ávila, um médico que lá no Sul é o quebra-galho dos artistas. Amigão de fé. Cara pra frente. Olhou o João e selou:

– Friagem. Toma esse comprimido pra poder dormir. Amanhã te peço no hotel e te levo no melhor dentista do mundo.

Meteu uma droga na guela do João, que logo sentiu a dor manear. E é como diz o Zagaia:

– Quem não chora, não mama.

E se o Zagaia diz, é que é. O Zé Ketí[,] pra não perder o embalo, meteu ficha:

– E eu, doutor? Meu caso é grave. Será que o senhor não livra a minha dor?

O Cesar, sempre pronto, se abriu:

– Qual é o seu problema?

E o Zé Ketí, com voz de choro, não deixou barato:

– Mulher, doutor! Ando largado às traças. O pessoal já anda dizendo que não sou chegado às minas. Não apanhei nada até agora.

O médico, que era o bidu do lugar, aliviou:

– Deixa pra mim. Fica lá no hotel com o João. Às três horas, a gente leva ele no dentista e vamos dar uma bandola. Vou te levar na casa das mulheres mais bonitas do mundo.

²⁰ Termo atualizado; no original de jornal consta “bofunfa”.

Pra nosso chapa Cesar, tudo era sempre o melhor do mundo. Porém, o papo deixou o Zé de bobeira. E no dia seguinte, às três horas, os dois crioulos estavam na porta do hotel. O João, atucanado com os dentes. E o Zé, todo embandeirado. E o nosso cupincha, que não era de dar mancada, logo apanhou os dois e deu o pinote. Ia firme pra largar o João no dentista e o Zé, na casa das madames.

De tardinha, eu estava espiando o mundo da porta do hotel, quando aparece o João do Valle. Vinha todo contentão. Logo deu a dica:

– O doutor Cesar é legal. Me livrou a cara. Positivo. Já tou em forma.

E se mandou. Eu ainda estava no plantão, quando chega o Zé. Vinha encabulado. Com a maior tromba da paróquia. Eu cutuquei:

– Como é, Zé? Se deu bem?

O Keti só resmungou:

– O teu chapa é um bolha.

E, antes que eu defendesse, ele entregou:

– O xarope trocou os dois crioulos. Me largou no dentista e levou o João pra casa das primas.

Plínio Marcos escreva “Amor e ódio de bacalhau e negrinha Marion” (Diário da Noite de SP – Edição de 23/3/1970. Página 6 Caderno 1)

O Bacalhau era o português mais munheca que já veio ao mundo. Com ele era ali na morisquela. Se mandou pro Brasil a fim de amarrar o burro na sombra. E não queria nem saber. Seu lance era faturar. Pegava o batente de condutor de bonde. Linha dezenove. No reboque. Que era mais fácil de engrupir fiscal. O bondão saía da estrada de ferro, atravessava o cais do porto e ia até o fim do Macuco. E o Bacalhau estava lá. Fazendo chover na sua horta. Na velha base do agrião. Dois por um, sem babado. Dois pra campanha, um pra adiantar seu lado. E tudo que enfurnava não saía mais. Que era pra um dia voltar pra Portugal calçado.

Com a muquinha pega na cuca, o cutruco amargava o talo, mas não chiava. Segurava as pontas. Forrava os peitos na Pensão do Prato Feito e encostava o cadáver no cortiço do Assanhado, boca do desespero. E era essa a escama do Bacalhau. Era só alguém apertar ele, com lance de escapar da zorra, vinha o deschavo:

– Ora, ora... Pois, pois... Se fosse rico, não estava atrelado ao reboque do dezenove e morando nessa joça.

Com essas e outras, ele escapava de rifa, lista, mordida de parceiro. Porém, não escapava do buchinho da curriola do cortiço. O Assanhado inteiro boquejava que o portuga, unha de fome, estava montado na grana. E de tanto ligar suas antenas nesse bafo, a negrinha Marion, pistoleira escolada de muitos anos de janela, começou a paquerar o Bacalhau. A crioula queria botar a mão na bufunfa²¹ e cair fora da piorada que levava. E o cutruco era seu pedal. A Marion sabia que o Zagaia dizia:

– Pra que é que trouxa quer grana?

E se o Zagaia diz, é que é. Por dentro dos assuntos, acreditando pacas na sua embaixada e na ficha²² do loque do cutruco, a crioula levava fé no remelexo. Olhava pro Bacalhau e via um bilhete premiado. E tome denngo. O portuga, que de otário só tinha a fuça, dava carga. Se servia. Ninguém falava em dinheiro. O

21 Termo atualizado; no original de jornal consta “bofunfa”.

22 Termo atualizado; no original de jornal consta “facha”.

Bacalhau, que não era desses arreglos, e a crioula que estava cozinhando o galo para lance alto, deixavam pra lá os pixulés. Até que chegou o dia do esquinapo.

A Marion, certa que o seu cupincha estava entrutado no seu chamego, meteu ficha:

– Tou precisada de uma grana. E pra tirar um bacuri que tu tem culpa. E não pode ser.

Claro que era xaveco. E o Bacalhau sacou a jogada. A Marion não era disso há muito tempo. Por isso, cutucou:

– Deixa nascer.

Essa dica entortou a crioula. Ela perdeu a esportiva e saiu na linha grossa:

– Não tem disso, não. Vai bufar, mas tem que gemer com o sonante. Pensa que eu sou palhaça? Vem cria, tu dá o pinote e eu fico no “ora veja” com o nenê berrando e tudo. Quero grana. E já!

O Bacalhau deu risada e solou:

– Sai dessa dança, crioula. Isso é pecado. Não escutou o Santo Papa falar?

Aí foi um perereco. A negrinha viu que tinha tubulado. Fez um salseiro. Deu banda no cutruco, que não era de engolir enrolado. Foi lenha dura. A moçada do cortiço veio cheirar e acabaram entrando no “pega”. Baixou cana no Assanhado e foi o gango todo explicar pro delegado o porquê do bate-fundo.

O Delerusca só deu uma espinafração sentida e mandou caírem fora, que o xadrez já estava entulhado de pilantra.

Pro Bacalhau o caso acabou aí. Mas a negrinha Marion, que era tihosa e não era de deixar barato, quis jogar o labrego no chão. Apanhou uma cueca do cutruco e foi bater cabeça no Gongá da Mãe Begum de Obá, que tinha terreiro no Pau Grande e fama na Baixada Santista inteira.

A crioula deu uma nota, e a cueca do Bacalhau pra macumbeira, e ela botou pra quebrar. Mandinga forte. Bateu atabaque três sextas-feiras seguidas. Tudo quanto foi santo danado veio valer pra Marion. Mas, que nada.

O Labrego não teve nenhum abalo. A crioula campaneou o portuga e se mancou que ele ia de vento em popa. Nenhuma carruira grudou no pé do pinta. O Bacalhau não caiu do bonde. Estava se dando cada vez melhor com o mulherio do cortiço. Ia levando em maré mansa. A crioula ficou uma vara. Se picou de raiva e foi bronquear com Mãe Begum:

– Tu é enganadeira. Pegou minha nota e não jogou o desgraçado do Bacalhau no chão.

A Mãe se fez de boba:

– Não aconteceu nada com o teu homem?

E a negrinha atucanada berrou:

– Não! Não! Não! O português tá mais firme que uma rocha.

A macumbeira abriu a boca:

– O cara é cutruco?

A Marion, sem entender bulhufas, selou:

– É português! Português salafra!

A Begum de Obá se aliviou:

– Por que não avisou que o pilantra era labrego? .. aí [sic] eu não pegava o trabalho.

E, diante do espanto da negrinha Marion, a Mãe pôs banca:

– Escuta, minha filha. Se macumba pegasse em português, crioulo nunca tinha sido escravo, tá?

Plínio Marcos escreva “A glória de um panaca” (Diário da Noite de SP – Edição de 30/3/1970. Página 4. Caderno 1)

O Parque Atlas se armou bem onde a velha andou devagarinho. Na emenda do bairro do Aquário com o Sovaco da Mula, no fim da Ponta da Praia. Veio embandeirado pacas. Roda gigante, cavalinho, tiro ao alvo e os cambaus faziam a fachada. E nas encolhas, meteu uma roleta e outros xavecos²³ pra engrupir otário. Deixou andar. O povo se achegou. E o parquinho ficou a boca quente. Estava sempre cheio. Os namorados se encontravam lá. E os paquera[s] rumavam o pesqueiro em volta do serviço de alto-falante, que sempre mandava pra glória um bolero que alguém dedicava pra alguém, como prova de amizade e o diabo.

Com essas e outras, o negócio ia rendendo os tubos. Porém, o jogo começou a dar muito enguiço. Nego chacal que tubulava dava estrilo, tal e coisa. E a cana, vira e mexe, baixava. As famílias foram se espantando aos poucos e logo o parquinho ficou entregue às traças. A roda gigante e todos os parangolés estavam se acabando, comidos de ferrugem. E até a roleta, que era a ponta firme, deu pra trás. Sem zoeira de gente, o jogo fica escancarado. Muito majura, com medo de ser flagrado com a cara na tigela²⁴, se encolheu. E o dono da arapuca se tocou que, ou arrumava um bom engodo, ou ia ter que dar o pinote.

Partiu pra viração. Meteu umas tábuas em cima de uns caixotes e atacou de show: Zé Garrafa, Carvalhinho e Anita, Zeca e Espoletinha, Eli Araújo, Bila Viana, Siwa – o mágico, e Hugo e seu regional. Entraram pra valer. Agradando sempre, levantaram o parquinho. Vinha gente de longe pra ver a moçada do Pavilhão Liberdade se badalar no palco do Parque Atlas. Porém, os artistas cobravam uma grana. E o dono da espelunca, que era unha de fome pra chuchu, saiu fora. Deu dispensa pros artistas. Bolou um programa de cabeça. É como diz o Zagaia.

– Quem não tem cão, caça com gato.

E se o Zagaia diz, é que é. Tinha vagau de monte na boca de espera de uma colher de chá. Todos a fim de tirar o pé do lodo e acabar na TV. E nesse lance, veio gente até o fim do mundo abrir o bico. Apareceu tanta gente, que virou campeonato. Dez calouros por dia se batiam. O melhor de cada dia ficava pra disputar na final, com os outros melhores o grande prêmio: uma garrafa de licor. E embarcou tanto nego nessa canoa, que só pra ver quem era que[m], levou uns trinta dias. E saíram trinta cara do rebolo. E tiveram que se engolir até sobrarem três.

Ficou por tira-teima o Luciano Juqueri, esse mesmo que hoje agrada no Samba Danças, a boca quente da noite santista. E só está lá, porque o Marcos Lázaro ainda não escutou o pinta cantar. O outro que se classificou foi o Nego Baga, que também era linha de frente. E só não está trabucando de cantor porque pegou um xadrez sentido e ainda está puxando tempo. Com esses dois não tinha mistério. Eram cantores mesmo. Agora, o terceiro é que foi bronca. Foi um tal de Alfredo Alito. Era chué da cuca. Não tinha vez, não tinha peito, não tinha dente. Só cara de pau e minhoca no telhado. Porém, deu sorte e ficou na bica.

Nas duas vezes em que ele tinha que abrir a guela, choveu que Deus mandou. Os parceiros dele acharam que não ia ter bulhufas²⁵ e não puseram o time em campo. Mas, o Alfredo Alito, que não era de dormir de botina, foi com chuva e tudo. E levou a mãe, a tia, e a cupincha toda. Com estrilo, catimba, blá-blá-blá, tal e coisa, botavam a roda gigante pra virar. E iam dentro. Sem se tocar com o molho

23 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecos”.

24 Termo atualizado; no original de jornal consta “tijela”.

25 Termo atualizado; no original de jornal consta “bolhufas”.

que caía. Seguravam o apito até a hora dos calouros. E não deixavam barato. O Alfredo ia no palco e cantava. E o dono da espelunca tinha que engolir o pinta como vencedor.

E foi assim que o Alfredo Alito, o Luciano Juqueri e o Nego Baga chegaram na hora da verdade. O parque estava chapado até o gogó. O Juqueri era do Aquário e o bairro inteiro foi com ele para o que desse e viesse. A curriola do Aquário era toda pra frente. Levou seu próprio regional: Flavinho Moura com o cavaquinho, solando pra valer, que era pra não contar com alguma pilantragem dos músicos do parque. E a batota inteira apostava até as calças que o Luciano ganhava fácil.

O Nego Baga era do Sovaco da Mula. E não teve por onde: baixou no parque com a batota toda. E o pessoal da Mula não era mole. Azedava fácil. Também vieram de regional. Jurando que iam beber o licor.

O Alfredo Alito trouxe a família. Estava na fuça que não ia ter vez. Porém, ele deu a saída. Tacou um tango de lascar. Mas, como não tinha gongo, chegou no fim. Aí, o Luciano meteu sua ficha. Serenata. Só podia ser: A Deusa da Minha Rua. E o Nego Baga também foi de serenata: A Mulher que Ficou na Taça. E quando acabou, o locutor enunciou:

– O julgamento vai ser por palmas. Palmas para o que cantou primeiro: Alfredo Alito!

A mãe do panaca e uns gatos pingados fizeram um escarcéu. Mas, não era nada. O locutor deu nova carga:

– Agora, pro segundo: Luciano Juqueri!

Antes que alguém aplaudisse, estourou o pau. Aquário e Sovaco da Mula se grudaram. Foi um pega pra capar. Um bate-fundo de criar bico. Alguém deu tiro pro ar. Houve corre-corre. Apareceu lapa de faca, navalha e peixeira de todo lado. O bolo foi pra rua e a lenha comeu solta. Brigou todo mundo. Não ficou ninguém pra aplaudir o Juqueri, nem o Baga. E não teve jeito. Alfredo Alito levou a garrafa de licor.

2.4 – As crônicas de abril de 1970 – Coluna Plínio Marcos escracha

Plínio Marcos escracha “O Sombra” (Diário da Noite de SP – Edição de 6/4/1970. Página 4 Caderno 1)

O Sombra, antes de ser o Sombra, era um Zé Mané qualquer. Pegava firme no batente. Era estivador lá no porto da Carica. Vidrou uma cabrocha bonita, juntou uma grana, fez um barraco lá no morro da Mangueira e amarrou os trapinhos. O moço andava na boa. Só de casa pro trabalho, do trabalho pra casa. A gamação era pra frente mesmo. Dispensava até as biritas que os parceiros velhos tomavam no boteco da ladeira, no fim da tarde. O Sombra não queria saber. Se desse, fazia serão. Engolia uma gororoba às pressas e encarava a noite no fundo de um barco. Quando alguém chaleirava:

– Está com fome pega, hein meu santo?

O Sombra tirava de letra:

– Preciso, meu bem. A vida não está sopa. E logo vou ter bacuri chorando que quer mamar.

O Sombra era um moço bom, cheio de vida. Um dia deu a gronga. E a canoa virou. É como diz o Zagaia:

– O diabo está sempre na paquera.

Uma noite, o Sombra, logo após do [sic] grude, se picou pro cais. Fazer serão. Ia pegar uma grana boa. Quando subia, nem se tocou. O Sombra ainda não era o Sombra. Desceu o morro, cruzou com o Escurinho e sua curriola, que não estava por dentro dos trambiques. Não morou que o gango do Escurinho ia queimando um fumo maldito. Maconha forte de endoidar qualquer marmanjo. O Sombra ainda não era o Sombra. Se fosse, nesse dia, em vez de batente no cais, ele pegava um ferro e dava plantão no barraco. Dava cobertura para o que era seu. Sua fé, seu amor, sua vida. Mas ele, nesse tempo, ainda não era o Sombra. Como ia saber dos macetes? Só pensava no trabalho. Vivia sua vida e deixava os outros viverem. Como a saber que o Escurinho e o seu gango não estavam a passeio? O Sombra ainda não era o Sombra. Não estava por dentro dos xavecós²⁶. Seguia seu caminho em paz.

O Escurinho chegou lá no Buraco Quente. Com a cuca gira. Quando passou no barraco do Sombra, viu a cabrocha do moço. Não quis nem saber se tinha dono. Não quis nem saber da vontade da menina. Mandou seus cupinchas agarrarem a mulher e se serviu. A mulher esperneou, gritou e os cambaus. Mas a gente do Escurinho, de revólver na mão, escorou a vizinhança, que veio em socorro. Foi broca. De dar nojo.

De madrugada, o Sombra subia o morro. Vinha feliz, sorria. O Sombra ainda não era o Sombra. Trazia uma grana no bolso pra melhorar a vida. Mas essa não deu.

Quando chegou no barraco, viu tudo revirado. E sua cabrocha com o vestido rasgado, jogada no chão, chorando. O Sombra começou a ser o Sombra. Por dentro do assunto chamou um pivete:

– Diz pro Escurinho que ele e os pestes que andam com ele já são cadáveres.

E o Sombra deixou seu lar, ali mesmo, jogado no chão. Não ia mais voltar. Nem pra cabrocha. Desceu o morro, mas não foi trabalhar. Quando tornou a subir, vinha de parabelo na mão. Nos olhos, manchas de sangue. No coração, uma pedra. Procurou e encarou com o Escurinho na Biroasca do inferno. O crioulo comemorava com seu gango o azar bem feito. Se estrepou. O Sombra entrou com os fogos. Todo mundo deu tiro. Teco pra todo lado. O Sombra matou cinco. Acertou o Escurinho, mas esse caroço não era de morte. O Sombra não percebeu. Deu no pé. Pra livrar sua cara de justa.

O Sombra estava lá em cima do morro, quando viu chegar a ambulância. Quis saber:

– Pra que? Gente morta vai de rabeção, não vai?

Mas o Escurinho não morreu.

O Sombra endoidou. Desceu o morro entre os barracos, se esquivando pacas. Na hora em que os enfermeiros iam guardar na ambulância a maca com o Escurinho, o Sombra apareceu. Sem ninguém saber de onde.

– Pra você não tem remédio, Escurinho. Gente ruim tem que se acabar.

E descarregou o berro na cara do crioulo.

O Escurinho se apagou. E nasceu o Sombra, o terror dos morros.

Plínio Marcos escracha “O Balalaica” (Diário da Noite de SP – Edição de 13/4/1970. Página 5 Caderno 1)

²⁶ Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecós”.

O Balalaica, um mulato sarará que aprontou mil e um pererecos no golfo, a boca pesada do cais do porto de Santos, era do cacete. Era um safado. Todo cheio de mumunha²⁷ e dengo. Mas, tinha um porém. Quando se invocava era uma parada. Na hora do “vamos ver” não enfeitava biaba. Armava a catimba e levava o salseiro até o fim. Tomava pancada, mas encarava sempre. Chorando, xingando, fazendo zoeira e os cambaus, o sarará não deixava nada no barato. Tinha briga de perna, e de navalha na mão que não era mole. Por essas e outras, todo mundo preferia não cruzar o caminho do Balalaica. Os maiores machões passavam ao largo. A curriola se mancava no plá do Zagaia.

– Quem não tem nada a perder, está pro que der e vier.

E se o Zagaia diz é que é. O Balalaica viveu pra provar isso. Já chegou na terra pela porta cavaca. Quem o botou na pior foi a Beca Picega, uma pistoleira que se achegava no batente no puleiro do centro e dois da Itororó. E o culpado do entruto nem ela sabe. Não foi por gama que a piranha ficou cheia. Foi descuido. Naquele tempo não tinha essa onda de pílula.

Mas a Picega era devagar. Custou pra se cuidar. E daí já viu. O Balalaica encarnou. Pegou uma carga das mais cavernosas.

Logo que se fez gente, a mãe lhe deu passe livre. Aí foi broca. Teve que se cuidar. Pivete por fora dos macetes, deu mancada. Os gorgotas se serviram. Nas quebras da vida a lei é fogo. A regra do jogo é nojenta. Quem pode mais, chora menos. Ou o nego engole ou é engolido. E o balalaica não podia nada: Ele era só por ele. E era muito pouco. Se rendeu. Pra poder apanhar os grãos de café que caíam dos caminhões que encostavam nas Docas, teve que se achegar na batota. O gango se junta pra penar menos, porém, não dá nada de graça. Quem não tem, não pode dar. E no cada um pra si, o Balalaica ficou de bobeira. Se ardeu. Nunca teve contra quem chorar. Aí se tocou. Ficou fera. Com a gana pega, endoidou. Armou o pesqueiro e não deu bola pra torcida. Sempre rindo, mas carregando bronca de tudo quanto era gente, e de si mesmo, e da vida, e de Deus, o Balalaica era um suicida sem coragem, e pedia a morte. Provocava o sarrafo pra ver se alguém acabava ele. Mas no último grito, até o mais desgraçado, se agarra à vida. E foi assim que o Balalaica se fez leão.

Primeiro ele encrencava por causa da cuca fundida. Depois se sentiu melhor e começou os achaques. O mulherio bandido teve que bufar uma grana pro Balalaica. Quem não deu arreglo, foi estarrada. Muita mina que apareceu bolando no estuário, comida de peixes e de navalha, é da conta do sarará maldito. E na prensa, uma por uma das malhadeiras entraram na canoa do Balalaica. E o pinta tomou gosto. Foi apertando a prensa.

Os três vezes oito do cais do porto não tiveram mais sossego.

O pau de mando era o Balalaica. Quando encostava nos parceiros de desgraça, era pra atucanar mais a sorte deles. Tomava relógio, bufunfa²⁸ e qualquer troço de valor. E ainda bolou o sindicato dos garçons de puleiro, e cabeleireiros de prima. Só podia pegar batente quem fosse seu sócio. E as madames, que não queriam galho, toparam o trambique. E o mulato viu chover na sua horta. Era o rei dos frouxos.

Mas até araruta tem seu dia de mingau. O Mirandinha que era o lixo humano, a coisa, o esculacho de doer nos olhos, um dia nas paqueras da vida encabritou, se chapou de maconha e deu uma de lorde. Quando o Balalaica atracou, recebeu não. O sarará baixou o cacete. Malhou de todo jeito o escamoso inimigo. E quando

27 Termo atualizado; no original de jornal consta “mimunha”.

28 Termo atualizado; no original de jornal consta “bofunfa”.

pensou que o panaca já estava bambo, descuidou. E o Mirandinha meteu os dentes no umbigo do Balalaica.

Um monte de gente espiava o lance. Parecia até que o cais do porto estava em greve. Os grandes guindastes, os caminhões e os braços pararam pra ver o arranca-rabo. Mas ninguém, ninguém mexeu um dedo pra desapartar a briga. Se durou um tempão, poderia durar a vida toda. Ninguém iria se tocar. O Mirandinha e o Balalaica eram da mesma raça, que se entendessem sozinhos. E deixaram andar.

O Balalaica dava pancada de todo jeito. O sangue corria pela boca, nariz, orelhas do Mirandinha, mas ele não desgrudava do umbigo do inimigo. Ia apertando, apertando. Aos poucos, os socos do Balalaica foram ficando fracos. Ele foi ficando roxo, vomitou, parou de bater e caiu. No tombo, o Mirandinha foi junto. E os dois ainda espernearam um pouco no chão. O Balalaica com as mãos moles, tentou afastar a cabeça do outro. Não conseguiu. De repente, eles não se mexeram mais. Todo o pessoal ficou olhando, com as botucas arregaladas de espanto. Viam dois montes de carne. Restos de dente. Imóveis no meio de um lago vermelho. Alguém adivinhou que o Balalaica e o Mirandinha estavam apagados pra sempre. Escrachou a gronga num murmúrio. E a multidão foi se mandando. Um a um. Em silêncio. Ninguém tinha nada com aquilo.

A pequena história de Corujão, o pé frio²⁹(Diário da Noite de SP – Edição de 20/4/1970. Página 11 Caderno 1)

O Corujão veio do Norte ou da casa do chapéu, sei lá. Porém, mal botou a fuça no cais do Porto de Santos, e a curriola começou a boquejar que ele era pé frio. A onda nasceu por causa de uma lingada [sic] que estourou perto dele. E como o majura tinha uma cara que mais parecia o mapa do inferno, o pessoal se invocou. Principalmente porque ele era zolhudo. E aí foi broca. Espalharam que onde o Corujão botava as botucas era um dar pra trás sem jeito. Secava pimenteira, dava boba nas galinhas, vinho virava vinagre, mamoeiro ficava macho e os cambaus. Era o fim da picada. O panaca tinha mesmo aparecido na Bacia com o urubu na paquera. E a moçada se assombrava com a curruira do pinta. Não queriam nem saber. Ninguém dava colher de chá. Era só ele aparecer pra meio mundo se benzer e dar o pinote.

O Corujão pegava um batente de chapa. Mas, o choferes de caminhão se amoitavam com ele. Era só ter outro ajudante na parede, para o pé frio ser botado em escanteio. Podia ser o maior trambiqueiro da paróquia que estivesse dando sopa, os homens preferiam enfrentar os macetes do sacana, do que o azar do secador. Só mesmo quando os motoristas estavam muito a perigo é que o Corujão saía do ora veja.

É como diz o Zagaia:

– Se não tem tu, vai tu mesmo.

E, mal ou bem, o Corujão defendia o seu feijão do dia a dia. Mixuruca³⁰. Mas, se escorava na esperança. Como todo o brasileiro que não sabe das coisas, pra tentar se salvar, fazia a fezinha no bicho. Mas, que nada. Comia banana verde e ainda bebia água por cima, deitava de bruços e puxava o ronco, só pra ver se sonhava forte com bom palpíte. Cercava o sonho de todo lado. Mas, se danava firme. Jogava no macaco, dava borboleta. Mas, desse o que desse ele estava sempre voando. Às vezes alguém chiava:

²⁹ Coluna sem título.

³⁰ Termo atualizado; no original de jornal consta “Michuruca”.

– Larga isso de lado, Corujão. Tu é pé frio mesmo. Só serve pra espantar a caça.

E o Corujão deschavava:

– Segura o apito, meu bom. Tenho que tentar. Se pego o milho, corto o sangue e me solto desse negócio de azarão. Esse papo está me azucrinando.

E tome lance. Tome simpatia. Tome macumba. O corujão, toda sexta-feira, ia bater cabeça no terreiro da dona Cariminha de Nós Todos. Se rezava inteiro. Banho de descarga com erva abre-caminho e sal grosso. Lavagem do pé direito com cinza do cemitério do Saboó. Despacho pra Exu. Caveira na encruzilhada do Matadouro, com pinga da Nova Cintra, que é a melhor cachaça que já se fez na Terra. É a pinga rainha. Ele ia buscar a danada no alambique do Morro do Jabaquara. Bem perto daquela lagoa linda. Tudo o Corujão fazia. Tudo mesmo. Subia o Monte Serrat de joelhos em dia de festa da padroeira santista. E nada de pegar o milho ou outra droga qualquer.

Foi aí que a cuca fundiu. Com a zorra pega, o Corujão deu a ferrada e largou tudo o que tinha de uma vez. Jogou nos vinte e cinco bichos.

Espalhado assim, só podia ganhar. E ganhou. Mas, não recebeu bulhufas.

Nesse dia, encanaram o bicheiro.

Plínio Marcos escracha “Vinte jirais por um salseiro” (Diário da Noite de SP – Edição de 27/4/1970. Página 10 Caderno 1)

Tem majura que vai em cana e acostuma. Daí, não quer nem saber. Quando vai chegando o tempo de cair fora, apronta um salseiro lá mesmo. E vai ficando. Sabe como é: a vida no relento não é mole. Não é todo mundo que tem um mocó pra se cobrir. Pra quem nunca entrou numa gelada, é fogo achar um batente direito, que pague uma grana legal e tudo. Se toca, então, no perereco de quem sai de cana: Ninguém bota fé em povo de jaula. Ninguém aposta que pilantra se modifique. Por isso que uns e outros se mancam. Se seguram na galera. Lá dentro, pelo menos, tem casa e comida. Garantido. E se faltar, tem estrilo. De toda a curriola junta. Como deve ser uma bronca. Pra que sair? Pra encarar uma incerta?

Que nada! Depois de vinte anos de puxeta, o pinta não sabe mais coisa nenhuma. Nem andar na rua: Então que se dane. Não vai se soltar como um loque. Largar um mofo certo, pra acabar batendo a fuça nos postes. Precisa ter a grana pega pra dar a saída de novo. E onde vai buscar o gás? Um tempão de canga dobra qualquer um. Apaga da cuca do nego as vontades, as saudades e os cambaus.

E depois, o Zé Mané, aquele que nasce na piorada, está sempre imprensado. Enquadrado. Encostado na parede. Tanto faz estar na gaiola ou nas paqueras. É como dizia o Zagaia:

– Cada macaco no seu galho.

E se o Zagaia diz, é que é. Cada um se arruma como pode. O Mão Jero sempre esteve a fim de ser um bom moço. Veio do Ceará pra tentar se aprumar aqui no Sul. Lá no fim do mundo não dava pedal. Chegou e meteu a cara no trabuco. Servente de pedreiro, tal e coisa. Ia remando contra a maré. Porém, estava contente. Comprou um radinho de pilha. E já andava de botucas acesas em cima de uma bicicleta e a mulher. Acabou escolhendo a Totonha. Se estrepou.

Não fazia nem três meses que Mão Jero tinha juntado sua fome com a vontade de comer da Totonha, e a piranha já passou ele pra trás. Alguém caguetou. O Mão Jero ficou atucanado. Campanou e flagrou. Meteu a peixeira nas tripas do atravessador e da Totonha. Quarenta picotadas em cada um. Depois, teve bobeira.

Em vez de dar o pinote, como manda a lei, não. Ficou plantado. Se entrutou. Pegou um cacetão de tempo de cana.

Nos primeiros tempos penou pacas. Depois ficou à vontade. Com o esquinapo que a Totonha lhe aprontou, ele não quis nem escutar papo sobre mulher. Todas eram piranhas pra ele. E com essa bola na cachola, a cadeia era de colher. E o Mão Jero se deu bem. Não tinha bulhufas a ver com o lado de lá do muro. Seu macete era ali mesmo.

Não se afobava. Até que foi chegando a hora da dispensa. O Mão Jero pegou ozeira [sic]. Não queria sair. Mas, no virador se arreou. Não era capaz de fazer uma presepada. Aprontar um enguiço feio só pra continuar não dava pé. Tinha perdido o embalo. O Mão Jero nessa altura do campeonato era o esparro dos esparros. Nem na noite tinha jeito de ferrar uma pinta. Não tinha por onde. Ia ser posto no olho da rua.

Foi quando estourou um pau entre o Buzoca e o Caiçara. Os dois se pegaram no pateo [sic] na hora do sol. O Caiçara calçou a moleira do Buzoca sem dó. Deu pra valer. E o gango deixou a lenha comer. Na galera, cada um trata de si. Quem puder mais se dana menos. E o Buzoca levou uma biaba sentida. Ficou estarrado. Mas, jurou forra. Disse pra quem quis escutar que ia ter volta. E não ia ser barato. Apagava Caiçara na primeira chance. Toda gente acreditou chance. Toda gente acreditou. O Buzoca não tinha grande briga. Porém, era marrudo. Não botava o galho dentro. Sua cana era por defunto que fez. E pra quem fez um, não custa fazer outro.

O buchicho correu. O Caiçara, que estava de antena ligada, morou no assunto. Se sentiu numa sinuca de bico. Ou mandava o Buzoca pro beleléu, ou se estrepava. Porém, o Caiçara já estava na boca de espera pra sair. E queria. Tinha gado seu pra cuidar. Seu negócio era tomar grana das pistoleiras. Coisa leve. Se não sai logo, perdia o pesqueiro. Se embanana o Buzoca, não sai. Estava nessa onda tihosa, quando o Mão Jero encostou:

Tu quer sair. Eu quero ficar.

O Caiçara esticou:

– Pra tu ver.

O Mão Jero rodeou:

– Tu tem bronca do Buzoca. Faz ele, me dá vinte jiraus, eu assino o recibo.

Pro Caiçara não podia ser melhor. Topou. O apontamento da grana ficou ajustado pra quando o Caiçara estivesse livre. Ele ia visitar o Mão e pagava.

E já no outro dia de manhã, os guardas encontraram o Buzoca morto. Se apagou de cabeça esmagada. Estava na cara que a gronga se deu quando dormia.

Quem foi, quem não foi. Revistaram tudo. Tinha duas celas de cadeado estourado. A do Mão Jero e a do Caiçara. O Mão Jero fez sua parte. No primeiro aperto se rendeu. Contou uma estória cavernosa, mas grudou. E o Caiçara ficou de barra limpa. Logo venceu seu tempo e deu o pinote.

Só que o sacanageiro até hoje não pagou os vinte Jiraus pro Mão Jero.

2.5 – As crônicas de maio de 1970 – Coluna Plínio Marcos escracha

Plínio Marcos escracha “O extra não sabe o seu papel” (Diário da Noite de SP – Edição de 4/5/1970. Página 4 e 5 Caderno 1)

Meus cupinchas, o Ditinho Papel de Bala, apesar de ter só um metro e meio de altura, ser meio birolha, ter a língua meio presa, cultura nenhuma e a fuça meio

amassada, se sentia um bonitão. Tinha umas duas namoradinhas lá na sua paróquia. E isso lhe dava moral. Fazia o panaca se sentir um Dom Juan. Um perigoso. E com ele não tinha crás-crás-crás. Qualquer rabo de saia que pass[ass]e na rua olhando pro chão, estava lhe dando bola. Não tinha por onde. Nisso ele apostava. Só não ia na cola porque não era de dar cartaz pra mulher. O grande lance, segundo o majura, era deixar a gata vir se render. E se não viesse, como nunca vieram, o grande Ditinho Papel de Bala não pegava bulhufas³¹. A pinta é que dava crepe. Perdia a colher de chá de levar um papo com ele.

E com essas e outras grongas dentro da moringa, se sentindo um bonitão, um dia nas paqueras da vida, o moço resolveu tentar televisão. Meteu sua melhor beca, engraxou o pisante, tacou brilhantina às pampas no pelo, armou o topete, encaixou uma gravata borboleta embaixo do pescoço e veio feito. Certo que ia botar pra quebrar de saída. Mas pra não dar mancada, primeiro ficou sapeando pelas berbas. Depois que se flagrou que ninguém tomou conhecimento de sua figura, ficou meio murcho. Percebeu que ia ter que contar mais com o talento do que com a formosura. Caiu da panca. Meteu uma máscara de humilde e escolheu um qualquer pra atucanar.

– Desculpe. Mas o senhor não é aquele que fez aquela novela?

– Sou!

– Muito prazer!

– Tá!

– Lá em casa gostamos muito do seu trabalho. O senhor é muito bom. Minha família só assiste sua novela.

Com esse plá, Ditinho pensava que estava ganhando ponto. Fez uma pausa pra estudar a reação do ator. E foi aí que se entortou. O cara aproveitou e meteu o deschavo:

– Tchau!

E sem dar trela, largou o Papel de Bala falando sozinho. Claro que isso arreiou o candidato a artista. Ele precisou ir no boteco da esquina e meter umas biritas na caveira pra ganhar coragem outra vez. O que não foi mole. A secada que levou logo no primeiro rounde [sic] fez ele cair do esquema. Ficou na bobeira. Sem saber por onde entrar. Mas foi aí que deu sorte. Quase sem perceber, encostou num outro pinta e com a honestidade dos que estão na pior, deu o seu recado sem mumunhas:

– Meu chapa com quem eu falo pra ver se consigo uma boca aí?

– Mete a cara nesse corredor. Quando tu encontrar uma porta onde está escrito – “chefe dos extras”, tu entra e diz que quer falar com o Bode Espanhol.

– Será que ele está aí agora?

– Vai lá ver, pomba! Quer tudo no devagar? Vai lá figura. Deixa de ser folgado.

O esculacho fez bem pro Papel de Bala. Ele se sentiu em casa. Meteu os peitos sem dar pelota pro porteiro. Foi em frente lendo tudo quanto era placa. Quando meteu as botucas em cima da que procurava, meteu ficha:

– O Bode Espanhol está?

A curriola que estava dentro da sala, estourou de rir. Só daí é que o Ditinho viu que tinha gente de montão no buraco da lacraia. E no meio das risadas veio o estrilo:

– Bode espanhol é a mãe!

31 Termo atualizado; no original de jornal consta “bolhufas”.

Com essa o gango riu mais e o Papel de Bala se entupiu. Porém o Espanhol, logo relatou a bronca. Estava precisando de extra pra fazer fundo numa festa de novela. Achou o loque bem vestidinho e deu colher de chá.

– Quer trabalhar?

– O senhor desculpe. Eu chamei como o rapaz lá fora mandou.

– Esquece! Quer trabalhar.

– É. Se tiver uma boca de artista, eu agradecia. Se o senhor me desse uma oportunidade.

– Tá, vai com esses caras aqui lá no estúdio da novela “Almas Partidas”.

– O que eu tenho que fazer?

– Nada! Eles te dão as dicas. É ficar na festa. Vai firme que é mole. Só não começa a olhar para câmera. Se não é broca. Os homens vêm e pegam no meu pé.

O Majura nem quis saber quanto ia ganhar. Foi na barca. Penou pacas. A gravação durou umas cinco horas antes de chegar a tal festa. Mas o Ditinho nem viu o tempo passar. Ficou plantado onde o diretor mandou e, quando foi dispensado, estava babando de alegria. Só quis saber quando o capítulo da festa ia pro ar. E quando soube que era naquela noite mesmo, endoidou. Se mandou pro seu bairro quase a jato. E não deixou barato. Avisou a mãe, a tia, a avó, a vizinhança que ia aparecer na televisão. Foi na padaria e reuniu uma batota pra verem a tal novela. E como um abilolado, esperou a hora. Foi aquela zoeira quando chegou a festa. Ditinho Papel de Bala apareceu de relance. Um troço de nada. Num plano geral, ele berrou pra moçada:

– Ói eu lá! Ói eu lá!

Mas foi tão rápido. Logo teve um corte pra cara do galã. E pouca gente viu o loque. Aí foi uma zoeira. Uns gozadores engrossaram.

– Grupo! Não era ele não!

O Ditinho jurou que era. Mas nem sua mãe confiou. Os poucos que viram, não se afobaram. Acharam que aquilo não tinha valor. Bidu era o galã. Esse sim que era cobra. E com o sarro de sua gente, a cuca do Ditinho fundiu. Ele pegou gosto. Se encabritou. Ficou batusquela. Voltou pra televisão com a gana pega. Tinha que triunfar pra tapar a boca de todo mundo. E entrou de sola. Puxando o chefe dos extras, conseguiu pegar até umas pontinhas com fala. E foi se badalando. Era um virador. Encarnava nos produtores assim como quem não quer nada. Ficava de sabujo. Levava recado, ajudava a falar mal das pessoas que o produtor não gostava, arrumava mulher pros donos da bola, e tal e coisa. Só não fazia chover na sua horta. Por mais que se jogasse pra frente, não emplacava. Não grudava de ator. Forçava a barra, mas que nada. Não tinha talento. Toda vez que pegava uma ponta que dava pra aparecer, se danava. Enterrava o time. E pra desbaratinar, passou a chiar que era um injustiçado. Que não tinha vez e os cambaus.

Tanto estrilou, que acabou acreditando que havia um xaveco³² armado pra entrutar ele. E aí foi broca. Como tinha ambiente com artistas e produtores, podia fazer marola à vontade. Mesmo porque o gango se divertia às baldas com as azeladas do Papel de Bala. Ele sem saber, era o esparro da turma. E só por isso, ele era levado nas jogadas mais bacanas. E foi numa dessa, que o Ditinho caiu do cavalo de uma vez por todas.

Um do manda-chuvas da televisão teve um ataque de consciência e resolveu dar uma festa pra seus artistas. A curriola foi, e junto foi o Ditinho Papel de Bala. Na casa do pistolão, o uísque estava jogando buso. E o Ditinho tirou a goela da miséria.

32 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

Encheu o saco³³. Bebeu e se danou a bochicha. Primeiro baixinho. Encostava num artista e chorava as pitangas. Quando a vítima não aguentava mais, o bruto ia se queixar pra outro. E assim pegou um pouco um da festa. E sem ter mais em quem desaguar, engrenou um discurso na bucha do cartola, dono da TV.

– Eu sou melhor que todos atores do seu canal. Tá bom? Sou muito melhor. Mas o senhor é um cego e não vê isso. Porque o senhor é um cego, otário, imbecil é tudo mais, meu grande talento anda entregue às traças. O senhor é uma besta!

– Despede esse canalha!

O diretor artístico todo encabulado, deu a ficha:

– Ele não é contratado!

Então o cobrão se encheu de fúria e berrou:

– Então contrata! Contrata e depois despede.

(continua)

Plínio Marcos escracha “As aventuras de Ramon Mirabet, juiz de várzea”
(Diário da Noite de SP – Edição de 11/5/1970. Página 8 Caderno 1)

Meus cupinchas, desgraçado é o juiz de futebol. Ninguém torce por ele. Seja qual for o resultado de um jogo, o árbitro é sempre o culpado. De empate, ganhe quem ganhar, a moringa do homem do apito está a prêmio. Pro vencedor, foram seus cobras que acabaram com o jogo, pro derrotado, foi juiz que roubou. Nunca a torcida vai achar que o árbitro foi legal. E no mínimo vão xingar a mãe do bruto até ficarem roucos. Mas mesmo assim, com todos esses esquinapos, ainda tem majura que quer ser apitador. Claro que alguns ganham fama, enchem-se de bufunfa³⁴ e tal e coisa. Armando Marques, Onten Aires de Abreu, José Astolfi, Favili e um monte deles estão cobertos de badalação. Alguns até sem levarem jeito pra coisa se dão bem. O Joaquim Campos está aí mesmo pra não me deixar mentir. O portuga enganador recebe aquela nota da Federação Paulista, dá entrevista e os cambaus, mas de bola não sabe nada. Porém, deixa pra lá. O que pesa aqui é o esparro. O que passa a vida soprando a latinha em campo de várzea, entrando nos maiores salseiros. Tomando biaba, tendo que viver de pinote, chupando o talo, pegando uma grana que não dá nem pro ônibus. Mas que não larga a manja de ser autoridade maior em campo por nada desse mundo. Juro por essa luz que me ilumina que esse cara me entorta. O juiz pé de chinelo dos campos de bairro me balança. Muitos sábios gloriosos e de cuca iluminada já ficaram batusquelas de tanto quererem explicar os mistérios humanos. E não sou eu que vou me atucanar nesse caminho bravo. Sou só repórter de um tempo mau. Escracho o lance como as minhas botucas de ver, veem. Mesmo machucado não dou colher de c[h]já: Mesmo na zorra não boto pra quebrar. Só entrego o que é. E o bicho está aí. Ramon Mirabet.

Meus cupinchas, o Ramon Mirabet é um cara bacana. Casado com uma mulher batuta que é sua companheira de todas as horas, tem uma filha bonita, se achega ao malho numa transportadora, na carga e descarga, que pra quem não sabe, eu dou a dica, não é mole nesse batente. Com tudo isso, o Ramon é um homem feliz. Durante a semana é só do trabalho e da família. Mas fim de semana ninguém agarra o pinta. Pega seu apito e se manda. Vai piar em algum campinho das quebras da vida. Não quer nem saber a cor das camisas dos times que jogam. Com ele é ali na batatolina. Que ganhe o melhor. E foi com essa chave que ele foi abrindo seus caminhos[,] fazendo seu nome manjado na várzea inteira. E com

33 Termo atualizado; no original de jornal consta “caco”.

34 Termo atualizado; no original de jornal consta “bofunfa”.

bochicho e tudo, o Ramon ganhou suas medalhas. Melhor juiz do CIPECID, um troço que nem ele sabe direito o que é. Mas o que pesa na balança é que ganhou medalha. Foi o bom de 62 e de 64. Isso botou ele no ponto maior de sua carreira. Não vai poder sair daí. Não sabe escrever. É analfa, o que não impede que ele atue bem. O chato, ele mesmo conta:

- Quem enche a súmula pra mim é minha menina. Eu não sei escrever. Ela enche direitinho. Só que quando algum jogador me xinga, eu fico com vergonha de repetir os nomes pra ela. Então acho melhor não botar nada na súmula. Mas também não ligo. Vou te contar. Se juiz fosse ficar atucanado com o xingamento, morria louco. Eu faço que não escuto. Precisa malícia. Quando posso, vou de leão – quando não dá, banco a raposa.

- Você gosta disso?

- Quem gosta de ser xingado?

- Eu digo de ser juiz, você gosta?

- É a minha vida. Estou nessa barca há vinte e poucos anos. Passei por muitas. Mas sempre saí bem.

- Que sua mulher diz disso?

- De eu ser juiz? Ela não fala nada. Não liga. A gente vive bem. A briga lá em casa é só porque eu sou corintiano, a mulher é S. Paulo e a menina Palmeiras. Já viu. Eu e a patroa não estamos podendo nem abrir o bico. Mas é só gozação. No sério, a patroa às vezes fala: “Você nasceu na várzea e vai morrer na várzea”. Eu digo: “Que posso fazer? É o destino.” Não tive estudo, nem nada. Se pelo menos tivesse um “padrinho” na Federação, podia pegar de bandeirinha. Melhor que esses que estão na boa eu sou. Corro o campo todo. Minha física é carregar três, quatro caminhões por dia. Estou em forma. O resto é sorte. Eu tenho “colher de chá”. Os homens lá de cima não se lembram de mim. Paciência. Só acertei a milhar no começo. Eu apitava a olho. Nas “pedaladas”, quando não tinha juiz, eu³⁵ metia a cara. Um dia teve um jogo importante lá na Vila Esperança, meu bairro. Era o Juventus da Penha contra União da Vila.

Esse jogo era lenha. Decisão de campeonato. O juiz era o Valdemar de Oliveira. O time da Penha ganhou de 4 x 3. Eu dei cobertura pro juiz. Tratei ele direito. Dei laranja pro homem, fiz o União pagar a taxa de arbitragem, não deixei ninguém chegar nele. E falei pro homem que gostaria de ser juiz. Ele mandou eu ir no CIPECID.

- Que isso.

- CIPECID. Fica lá no prédio da Federação.

- Mas que quer dizer[?]

- Não sei. Sei que fui lá e deu certo. O Valdemar deu minha fica pros homens e eu peguei a bandeira. Depois provei que sabia e passei pro apito. Não larguei mais. Vinte e tantos anos. No dia que largar, morro.

A dureza do Armando Marques na várzea

Meus cupinchas, mas nem tudo é resolvido no macio na vida de um juiz. Quase nunca tem cobertura como a que o Ramon deu pro Valdemar lá na Vila Esperança. O que me deixou mais cabreiro foi ele charlar que fez os homens pagarem a taxa de arbitragem. Quis saber quanto era a grana.

- Vinte contos.

- Tudo isso?

35 Termo atualizado; no original de jornal consta “em”.

– Não é muito. Mas pra mim que vivo de salário, ajuda. Só que a gente não pode dar folga. Cada time paga a metade. Então na virada a gente tem que botar os homens na parede. Chegar duro neles. Se não pagarem já, não apito o segundo tempo. Aí eles se racham. Essa conversa de deixar pro fim, não dá. Quem perde nunca paga.

– Mas não tem perigo de tirar você e botar outro juiz para atuar o segundo tempo?

– Não pode. O Campeonato do CIPECID é organizado. Se não vira bagunça. Tem que ir com o juiz escalado até o fim. Antes, quando eu não estava nessa, era aquela vergonha. Eu ia expulsar um jogador, os dois capitães dos times se reuniam e tiravam era eu. Era um esculacho. Agora não. Se eu expulsar, tá fora de campo mesmo.

– E você expulsa muita gente?

– Se precisar, expulso. Não deixo ninguém meter a bota no outro. Na primeira biaba, eu chego no cara e aviso: - Que é isso? Ficou louco? Não faça isso! Amanhã todo mundo tem que ir trabalhar! Vamos só jogar bola. Agora, se não adianta, boto pra fora. Isso dá moral.

– E a torcida?

– Essa sempre xinga. Se pôs pra fora é por que pôs para fora. Se deixa em campo é porque está com medo. A gente tem que fazer o que der na telha. Se vai atrás da torcida, perde o respeito dos jogadores. Aí é fogo. Uma vez lá no campo do Estrelinha da Vila Califórnia, eu botei o Cica pra fora do campo. Fiquei com apelido de Armando Marques. Ninguém tinha coragem de expulsar o Cica. Eu expulsei. Mas também ele chutou o adversário sem bola. A gente é humano. Tem coisas que não se pode deixar de ver. Não teve remédio. Mas ele se mancou. Já no primeiro tempo ele deu pontapé até cansar. Largou o cacete. Chutou uns três sem bola. Falei, falei, cansei de falar. Ele punha a mão para trás e só concordava descendo a bota. Expulsei. Nem ele estrilou. Só falou assim para mim: “Tu é duro juiz”. E se picou de campo. A torcida até se espantou e eu fiquei com a nome de Armando Marques. Foi bom para mim isso. Fiquei com cartaz.

– Você sempre tira assim de letra?

– Que nada! Às vezes pego cada rabo de foguete que nem quero lembrar. Uma vez o time aqui do bairro, o Onze Guerreiros, ia jogar com o Vila Santista de Mogi das Cruzes. Foi o time de lá que chamou. Passaram até telegrama pra mim. Pagavam a taxa de arbitragem e tudo. Cheguei lá, me assustei. Tinha gente por todo lado. Umas cinco ou seis mil pessoas. E o pior, não tinha nenhum guarda. Mas confiei e levei em frente. Apitei a saída e comecei a levar vaia. Mas não me afobei. Tome lá, dá cá, jogo bom. Virou dois a um pra nós.

– Nós quem?

– Pra nós, é jeito de falar. É que o Onze Guerreiros é do meu bairro. O certo era falar dois a um pro visitante. Mas eu falei assim porque a gente está aqui conversando. O negócio é que o Guerreiros estava ganhando e aquela torcida era toda do outro time. O campo era fechado e não tinha política. Não quis saber. Chamei os donos da casa e disse: “Não vou apitar o segundo tempo”.

Não tenho garantias. Os homens só falaram assim pra mim: “Não vai? Então vai começar a apanhar aqui mesmo”. Não tive por onde. Voltei para o campo. Bola pra lá, pra cá. O Vila fez um gol. Empatou o jogo. Aí a torcida começou a querer ganhar de qualquer jeito. E não estava dando. Foi daí que eu me cheguei ao center-alfo do Guerreiros e pedi pra ele por a mão na bola dentro da área. É quase no fim ele pôs. Mas era fora da área. Porém eu dei dentro. Pênalti. Eles chutaram e

marcaram. Ficou três a dois pro Vila. Aí ficou tudo em paz. A curriola ficou contente porque ganhou. O gango de Onze Guerreiros sabia que se perdesse, não ia sair vivo dali. Então todos acharam que fiz bem.

A maior emoção da vida

Meus cupinchas, pode ser panaca que se mete a juiz de várzea. Mas pelo menos o cara vive a perigo, vibrando sempre. Com o Ramon não dá outra coisa. Se a gente fosse contar todas estórias das grongas que ele encarou, não haveria jornal que chegasse. Basta ver que é uma pedreira por domingo. A gente só registra as mais bravas. Mas em todas, o juiz é sempre salvo pelo gongo. Se não der sorte, está estrepado. Juiz de várzea está sempre com a vida por um fio. Basta ver como o Ramon se despede da família quando vai atuar.

– Eu digo pra minha velha: “Vou apitar. Não sei se volto”. Até agora sempre voltei. Por que também tem uma coisa. No dia em que eu não voltar é o fim da picada.

– Teve alguma vez que você se sentiu frito mesmo?

– Quantas! No campo do Paulista da Vila Califórnia, eu comi fogo. Jogava o Paulista contra o Estrela Marinha. O Paulista e o Estrela eram times com bronca. Os dois do mesmo bairro sempre é jogo bravo. O Paulista jogava pelo empate. Mal começou a partida, apitei um pênalti para o Estrela. Ninguém disse nada. Chutaram e ficou um a zero. Virou assim. Aí a torcida do Paulista foi ficando quente. Começou a me apertar. Eu sentia que se aquele jogo acabasse com o Paulista embaixo, eu não ia sair vivo. O capitão do time me avisou: “Essa torcida é toda para você, velho careca”. E era mesmo. Ia me pegar. Já estava até entrando no campo para me xingar mais de perto. O tempo regulamentar se esgotou. Entramos nos descontos. E quando eu já me sentia morto, o Paulista empatou. Que alívio. Foi dar a saída e acabar a partida.

– Você não ajudou nessa?

– Nessa, não! Eu nunca faço isso em jogo de campeonato.

– Mas nem uma mãozinha você deu aí?

– Que nada.

– Os descontos foram positivos?

– Foram. Mas agora te digo. Se não empata, acho que até hoje eu estava apitando aquela partida. Não ia ter coragem de acabar o jogo. Mas a pior foi essa. A pior foi o jogo-decisão entre o Pontaporã de Guaiauna contra o Uberlândia do Carrão. Nessa eu sabia que ia ser fogo. Já fui vestido de casa com a roupa de juiz. Para espanto meu, o jogo logo ficou mole, para o Uberlândia. Virou três a zero, fácil. Nem me preocupei. Mas no segundo tempo, o Pontaporã veio embalado e empatou três a três. As torcidas, as dos dois times começaram a me pegar no pé. Achavam os caras de Uberlândia que eu tinha me vendido para o Ponta por uma garrafa de cachaça. Os do Ponta achavam que eu tinha entrado na gaveta para ir na cervejada que o Uberlândia sempre dava quando ganhava. Eu fui levando o jogo. Numa hora longe de mim, apitei o final e saí correndo. Todo mundo atrás de mim. As duas torcidas. Meti os peitos na rua e fui em frente. Eles estavam quase me pegando. Vi uma casa com a porta aberta, entrei e fechei-a atrás de mim. A batota ficou de fora tentando derrubar a casa. A mulher que morava lá, teve pena de mim. Mandou eu pular o muro e me picar. Fiz o que a mulher mandou. Saltei o muro, caí numa chácara que ia dar na outra rua. Fui correr, apareceu um cachorro que não tinha mais tamanho. Só de lembrar, fico suado.

E era verdade. O Ramon estava todo molhado. Pra aliviar a carga, ofereci uma berita gelada. Ele até se ofendeu.

– Não bebo! Senão, chega no domingo, falta gás.

– Então vai de água.

– Água vai. Mas eu estava ali.

O bacana nas pessoas que amam sua profissão, é que elas até babam só de contar as coisas sobre o batente. Com o Ramon é assim. Ele fica atucanado quando é interrompido. Se sentia que eu estava ligado, pegava a trela e ia de um fôlego.

– O cachorro na minha cara, a torcida no meu calcanhar. Eu não sabia de quem ter mais medo. Agarrei um pau e fiquei parado mantendo o cachorrão longe. Com as antenas ligadas no gango que vinha na minha captura. Escutei a mulher gritar pra curriola que eu tinha saído pelos fundos e que ela não queria ninguém dentro de casa. Escutei ela falar em chamar a Polícia e escutei um cara gritar pra darem a volta no quarteirão. Eu não conseguia me livrar do cachorro. Tinha que chegar na rua antes da torcida conseguir dar a volta. Fui dando paulada no bicho e avançando. Mas era um avanço devagar. Parecia que nunca ia chegar na rua. Mas cheguei, saltei o muro quando a torcida tinha dobrado a esquina. O primeiro a me ver fez um escarcéu: “Olha o ladrão ali”. O gango veio feito. Eu não tinha mais força. Só senti as pernas tremerem e irem dobrando. Queria correr e não podia. A torcida vinha se aproximando. As primeiras pedradas já passavam zunindo pela minha cabeça. Pra mim era o fim.

Nessa hora chegou a água. E o Ramon tomou uns cinco copos seguidos. Tomou fôlego e continuou:

– Foi broca. Esse dia foi. Me senti com as formigas na boca. Mas um carro entrou que nem louco entre mim e a curriola. Eu disse pro chofer: “Por favor não roubei. Juro que não meti a mão”. Claro que disse. Estava na pior. Aí ele falou: “Entra aí. Vou te ajudar”. Entrei e ele arrancou deixando a turma atirando pedra e falando sozinha. Essa foi a maior emoção da minha vida. Quando eu agradeci, falei pro moço: “Te devo a vida. Hoje nasci de novo”. E o cara de pau me respondeu: “Que nada, eu é que agradeço. Vi o jogo, mas sou do Sampaio Moreira. Com esse resultado que você arrumou a gente está outra vez na boca pra ser campeão”. Eu me fechei em copas. O cara me levou em casa. Mas eu juro que não arrumei resultado nenhum.

Plínio Marcos escracha Joel de Almeida e sua Tupi Estação Primeira (Diário da Noite de SP – Edição de 26/5/1970. Página 5 Caderno 1)

Meus cupinchas, em 32 a música popular brasileira estava mandando ver. A canalhada ainda não tinha se tocado que o disco dava grana pra chuchu. Aliás, o troço de rádio e disco nem estava firme. Era começo. O que era firme era a música. A boa, o povão cantava nas esquinas batendo o compasso na caixa de fósforo, dançava nos rala-buxos e assobiava nos bondes. As ruins, não tinham vez. A escolha era em cima da morisqueta. Feito pelo homem da rua. Com coração. E não era como hoje. Na marra. Os órgãos de divulgação badalam qualquer bagulho dia e noite até enfiar à força na orelha do bruto. O lance era legal. E os valores ainda não estavam embananados. Basta ver quem formava no primeiro time. Carmen Miranda, Chico Alves, Mario Reis, Gastão Formente, Patrício Teixeira, Vicente Celestino eram a lenha pura. E o grande babado era mandar ver na PRAX.

E foi na PRAX que o Renato Murse lançou num programa que tinha o nome de “Horas do Outro Mundo”, uma dupla de pivetes cheios de chinfra. Joel e Gaúcho.

Eles botaram a fuça com um samba deles, o “Chega de Conversa”. Emplacaram. Foram em frente. Logo gravaram a primeira bolacha preta. De um lado “Amor de Carnaval” e do outro “Fiz um samba para o meu Amor”. Foi prateleira. Mas não teve chibu. Cesar Ladeira deu uma colher de chá pra dupla. Se mandaram pra Rádio Mayrink Veiga. A PRAX era a quente e deu estouro. Samba de breque.

“Estão batendo
Se for comigo
diga que não estou”.

E tome festival. Que já tinha naquele tempo. Os bidus eram feitos no Teatro Recreio. E quem bolava eram Custódio Mesquita, Walter Pinto e Mário Lago. Esse último hoje todo mundo manja de ver nas novelas de televisão. Mas deixa andar. O forte do faturamento eram as boites [sic] de lona. Apelido que a moçada da música dava para o circo. E principalmente no circo do Dudu, grande palhaço, que vai sendo cada vez mais esquecido. Vicente Celestino arrebatava a lona cada vez que baixava numa desse. E o Joel e o Gaúcho agradavam sempre. E veio o ano de 36 e veio um grande sucesso. “Pierrot Apaixonado”. Só podia ser. Os compositores[.] Mas a saudade mordeu o Gaúcho e não teve jeito. Tirou o time de campo. O Joel que não era de abandonar pesqueiro bom encarou sozinho. Fez de tudo pra vender seu peixe. Animou baile na batida da palheta, teve programa de rádio, cantou em boite [sic] e sacudiu as Américas com o samba “Nasci pra bailar”. Depois de chegar a diretor da Polidor, voltou pro seu Brasil. Tinham-se passado seis anos. [...] ³⁶ eram Noel Rosa e Heitor dos Prazeres. E a partir desse estouro, Joel e Gaúcho se embandeiraram [“]Padeiro”, “Mulata, deusa do samba”, “Bolim bolacho” e a grande consagração no cinema que foi “Alô, alô, carnaval” e finalmente o Cassino da Urca, onde só pisavam os grandes cartazes. E tome glória pra Joel e Gaúcho. Shows de ponta a ponta do Brasil. Abafando sempre. Aí os gringos encostaram. Levaram a dupla pra Argentina. De saída ganharam Buenos Aires de vez. Veio “Cai Cai”, “Aurora”, “Mulher do [...]” ³⁷

2º tempo

Meus cupinchas, assim que chegou em casa, o Joel de Almeida, que também é manjado por Magrinho Elétrico, procurou o velho parceiro e tentou levantar a dupla. Mas foi fogo. O Gaúcho não queria mais nada. Além disso, quando eles botaram a banca só estavam na jogada Mario Reis e Chico Alves, que nesse tempo atacavam de dupla e Jonjoca e Castro Barbosa. No retorno, o Joel encontrou dupla em todo canto. Gente que entrou nas suas águas. Era dupla Preto e Branco que mais tarde com a entrada de Dalva de Oliveira, virou o “Trio de Ouro”. Era dupla Onze, Ciro Monteiro e Dilermano Pinheiro. Era Irmãs Pagã, Elvira e Rosina. Eram duplas Verde e Amarelo, Ouro e Prata e muitas outras. Mas na base do samba. Não vai tu aí, que está por fora da história da música do teu povo, confundir essas duplas com as de música caipira. Se liga aí, e vamos nós. Que o Joel foi. Acordado como ele só. Vendo que o Gaúcho não queria mesmo nada, pegou seu rumo. Foi remando o seu barco e faturando os carnavais. “Quem Sabe Sabe”. “Madureira Chorou”, “Vai ver que é”, “Pé de cana”. “Papagaio como milho”, “Eterno Carnaval”, “Deixa o sol brilhar” e muitos outros que pra marcar aqui o jornal não dava.

36 Trecho incompleto, possivelmente por algum um problema técnico de diagramação.

37 Trecho incompleto, possivelmente por algum um problema técnico de diagramação.

E foi também se virando em boite e no que vinha. O Joel sempre foi de topar a briga. Mesmo quando a barra ficava suja pra música brasileira, ele enfrentava. A moda podia ser swing, fox, bolero, conga, rumba rock iê-iê-iê e tudo o Joel não puxava bobeira. Partindo do princípio que a onda passa e o que é bom fica, aguentava o rojão como dava e quando sobrava, ele estava rente e firme. E foi num esquinapo desse que veio fazer uma temporada curta na boite Chicote, que estava no máximo. Era temporada curta. Esses xavecós³⁸ de encher linguiça, tampar buraco. Não se afobou, que afobado come cru ou queima a boca. Assim como quem não quer nada, sacudiu a galera. E a temporada foi comprida. O Joel morou no assunto. Samba tinha vez. O que faltava era divulgação. Engrenou um programa de música brasileira. Foi na Tupi. Botou o carnaval na rua com grande gala. Ganhou disparado na ponta. De 65 até 68 ou 69 só deu ele com o seu “Isso é Carnaval”. Grande embaixada. Porém, tu que só come da banda podre, tu que mora nas berbas do rio e quase se afoga toda vez que chove, tu que só berra da geral, sabe, e o Joel num dia lá sentiu o aroma da perpétua. É duro fazer música brasileira no Brasil. E acabaram o programa que defendia o que era nosso. Acabaram sem motivo. As pilhas de cartas que o Joel recebia, as pesquisas de mercado que agências especializadas faziam os montes de telefonemas que os ouvintes davam, deixavam bem escancarado que até um cego pudesse ver que Joel era um campeão absoluto de audiência e que a nossa música tinha mercado. Porém, não dá pra explicar as coisas que acontecem em rádio. Só se sabe que o Joel de Almeida de repente levou um passa-fora.

Claro que o Joel se machucou. Caiu em pé. Esperou a volta que sempre tem. E a Tupi mandou chamá-lo de novo. O Joel não fez doce. Um programa pra defender a música brasileira é mais importante que qualquer catimba. Deu carga com “Tupi Estação Primeira”. Foi anunciar e recuperar o seu grande público, que todos os dias das 23 à 1 h, pendura um brinco de malandro na orelha e se debulha com o que há de mais bacana na música de nossa Pátria amada.

Joel dá a letra

Meus cupinchas, o Joel de Almeida, magrinho elétrico, fica mais elétrico quando fala da música brasileira. Vai na ferida. Sem média, nem grongas.

- A maior crise da nossa música não foi senão agora. Já estamos superando. O grande mal foi a bossa nova. Era uma caca. Samba pra meia luz, boite, – tal e coisa. Mas deixa pra lá. Movimentos, moda, tudo passa. Graças a Deus só o que é bom fica. O Paulinho da Viola está aí mesmo com essa beleza que é. “Foi um rio que passou na minha vida”. Uma maravilha. Nossa música é ótima, falta divulgação.

- Festival ajuda?

- O de carnaval é bom pra divulgar. O outro é fajuto.

- Por que não dão vez pro samba?

Coisa de louco. Preferem soltar disco estrangeiro. As fitas já vêm prontas, é só soltar na praça. Agora lá fora, a nossa música não tem vez. No máximo o que os gringos fazem é pegar nossa música[,] tocarem uns troços esquisitos nela e devolver pra cá de novo a troco de muito ouro. E a gente nossa lá fora, pena pra chuchu. O próprio Chico Buarque que é ótimo, chegou aí outro dia dizendo isso.

- E o carnaval?

- O grande drama do carnaval é o bicão. As etiquetas fantasmas que editam qualquer lixo. E daí já viu. Os grandes compositores não tem vez. E tanta música que as rádios acabam vendendo tempo pra compositor enganador tocar seu abacaxi

38 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecós”.

e o bom sobra. Não vai dar dinheiro pra tocar seu disco. Então ninguém ouve. Se não ouve, não aprende. E se não aprende, não canta. O povo se dá mal.

– Então o carnaval está no fim[.]

– A luta está dura e cada vez fica pior. Mas eu não me rendo. Amo o carnaval. Vou nessa batalha até ter gás. E estou aí com [a] Tupi Estação Primeira.

2.6 – As crônicas de junho de 1970 – Coluna Plínio Marcos escracha

Plínio Marcos escracha “Uma estória de minha gente querida” (Diário da Noite de SP – Edição de 1/6/1970. Página 7 Caderno 1)

As minhas tias Zilá e Julieta eram duas coroas pra frente paca. Com as duas não tinha babado. Já andavam com um pé na cova, tal e coisa, e ainda se badalavam. Não queriam nem saber. Com reumatismo gronga e os cambaus, as duas estavam sempre ligadas. E estavam certas. Só panaca é que morre antes do tempo. E se teve quem viveu até o último sopro, foram essas duas. Nunca contaram com os azares. Sempre trabalharam. Sempre riram. Sempre riram, majura. E nem sempre remaram a favor da maré. Porém, sempre riram muito. E isso pesa na balança. É muito mais fácil gostar de gente alegre. E eu era vidrado nelas. Velhice, elas só tinham na idade. O resto era resultado da tabuada do Zagaia:

– O coração não envelhece.

E se o Zagaia diz é que é. E a Zilá e Julieta eram a prova. E por isso eram tão gente. E por isso que eu gostava delas pra chuchu. E é por isso que hoje lembro delas com tanto carinho. Elas eram gente de carne e osso e dor de barriga, e tudo. E é esse o lance. E eu sinto muita saudade das duas e da dor de barriga delas. Porque com elas, tudo era positivo. Ponta firme. Sem mistério. Mas deixa andar.

A Zilá e a Julieta estavam quase batendo o pino lá em Santos, quando chegou na baixada o bochicho vindo de S. Paulo.

– O Rivaldo vai batizar o filho. Vai dar uma bruta festa.

As duas se assanharam. O Rivaldo era o sobrinho querido. Como eram todos. Porém, foi com esse papo que as duas encararam o resto da família, que não queriam que as duas se mandassem por aí sozinhas. Foi um perereco. Muitos dias antes da viagem, começou o quebra-pau.

Minha mãe, Hermínia, chefiava o gango do “não deixa ir sozinha”. Gango que tinha a força das minhas tias Esmeralda, Laura e Alicinha e a torcida da vizinhança toda. E foi dureza. Fizeram tudo pra cortar a onda das duas coroas. Tentaram engrupir as velhas de todo jeito. Inventaram mil estórias de assustar cocorocas. Porém, nada grudou. A Zilá e a Julieta cismaram que vinham. E vinham mesmo. O jeito era alguém trazer. Mas ninguém podia vir. Até a Joana, minha tia cri[u]lla, que sempre foi o quebra-galho da família, nessa vez mancou. A ala jovem foi convocada. Sérgio, Jlusuvir [sic], Paulinho, Neto, Cláudio, Flávio, Frederico, Luiz Carlos, Geraldão, Odair, Alfredinho, Arnaldinho, perguntados, saltaram de banda. Comigo ninguém contou. Todos sabiam que eu não era entregador de bagulho. O mulheriu enxuto quis vir. Marcia, Tereza, Sandra, Cleide se alegraram. Mas meu pai se mancou que minha irmã vinha com o Vicente e meteu o pé no breque. Aí não tinha mesmo mais ninguém pra trazer as velhas. E como elas eram teimosas. Embarcaram.

Foi um acontecimento. Parecia que as velhas iam pro polo Norte. Com a mania que santista tem de achar que em S. Paulo cai neve. Botaram até cobertor em cima das velhas. Fizeram farnel reforçado pra elas comerem na viagem e tchau.

Foi todo mundo despachar as coroas. E assim que o ônibus arrancou, bateram um fio pra S. Paulo. E minhas tias Carlota, Elvira e Lourdes, que estavam de prontidão, se mandaram pra esperar as velhas na Rodoviária. O esquema de segurança era do cacete. Mas furou.

Quando o ônibus estava no alto da serra, a Zilá começou a sentir dor de barriga. Segurava como podia. Nem falava mais. Começou a suar frio e tudo. Já estava no desespero e no meio da serra, quando apelou:

– Julieta do céu. Estou apertada.

A parceira deu um guenta.

– Que é isso agora, Zilá? Não vá me fazer passar vergonha dentro do ônibus.

E começou um arranca-rabo entre as duas. Não foi fácil a Zilá convencer a amiga de ir pedir pro chofer dar uma paradinha. A Julieta foi. Porém, de tromba. E chegou empombada.

– O senhor dá uma paradinha.

O motorista não gostou e azedou.

– Ninguém desce aqui!

A Julieta era muito boa, mas não comia enrolado. Estrilou.

– Mandei parar! Pare! Sei o que faço.

O chofer parou o carro. A Zilá se prendendo toda, desceu e a Julieta foi atrás pra ajudar. O chofer fechou a porta e se pirou [sic]. Abandonou as duas. As velhas ficaram no “ora veja”. Depois de xingarem paca. A Zilá começou a tentar se aliviar. Mas era só se preparar, pra Julieta berrar:

– Lá vem carro!

E a Zilá levantava a bandeira. Depois de muitas tentativas, se livrou da carga. E começaram a tentar conseguir carona.

Enquanto isso, depois de umas quatro horas de espera na Rodoviária, Carola, Elvira e Lourdes começaram a se preocupar. Meteram um fio pra Santos.

– Afinal[,] que horas saíram daí?

– Como? Não chegaram?

– Ai Jesus!

E foi um reboliço. A família inteira saiu atrás das velhas. Garagem de ônibus, hospital, polícia, necrotério, asilo de velhos, hospício, tudo. Tudininho mesmo, foi revistado pela família Cunha. E nada das velhas. Todo mundo estava cansado de catar velha. Cansado de chorar. Já estavam quase deixando pra lá, quando lembraram de procurar na polícia rodoviária. Foram todos. E pra alegria geral, encontraram as velhas. Estavam sentadas no plantão. Se explicaram.

Ficaram largadas na estrada uma seis horas. Ninguém quis saber de dar carona pras velhas. Até que a polícia rodoviária as recolheu. Com o esquinapo todo, esqueceram os endereços. Se plantaram na boca de espera. Deu certo.

E ninguém precisou apresentar prova nenhuma pra retirar as velhas da polícia rodoviária.

Plínio Marcos escracha Zulu, o assustado (Diário da Noite de SP – Edição de 8/6/1970. Página 11 Caderno 1)

Esse negócio de fantasma é do cacete. É como disco voador. Sai sempre pros caras mais matusquelas. Tem nego que vive assombrado. Basta olhar pra ver mistério. Porém, o Zé Padeiro não era disso, não. Com ele não tinha desses babados. A jogada dele era entregar pão. Todo dia lá pelas três, três e meia da matina, o Zé Padeiro enchia seu calhambeque do filão, acordava o Zulu, o

crio[u]linho ajudante, e se mandava por aí distribuindo de casa em casa, o pão nosso de cada dia.

No seu caminho, o Zé Padeiro e o Zulu tinham sempre que passar na porta do cemitério do Paquetá. O negrinho não gostava. Porém como o patrão nem se tocava, ele deixava andar. Não tinha jeito de chiar. Metia um nome do padre quando cruzavam o portão do cemitério. Beijava o S. Jorge da medalhinha que usava as pontas. O Zé, quando estava aceso, pegava no pé do Zulu.

– Deixa de ser trouxa, crio[u]lo. Gente morta não morde ninguém. Quero ver tua cara no dia que a gente tiver que deixar pão pro coveiro.

O negrinho se fechava em copas. Só se ligava no lance de que sabia que ninguém ia morar dentro do cemitério. E se aparecesse algum doido pra fazer mocó lá, ele, Zulu, pedia as contas, mas não ia entregar bulhufas pra esse cara. Não era otário. E assim que a caranga velha saía de frente do Paquetá, o crio[u]lo se rachava.

– Olha, Zé Padeiro, tu é muito folgado. Mas um dia a casa cai. Uma alma sai daí e te pega. Só pra tu deixar de ser gozador.

O padeiro ria paca. Achava o medo do Zulu o fim da picada. Mas como diz o Zagaia: “Até araruta tem seu dia de mingau”. E um dia deu bode.

Chovia que Deus mandava. Parecia o fim do mundo. Mas o Zé Padeiro não quis nem saber, fez o Zulu pular da cama e saiu pro trabuco. Com chuva ou sem chuva, a moçada quer pão. Então o lance é ir firme. E foi. Ainda estava escuro que nem breu. O crio[u]lo foi logo avisando:

– Olha, com esse tempo não presta passar na frente do cemitério.

Porém, o patrão nem respondeu. Meteu o calhambeque no caminho de sempre. O que ele não sabia é que uma curriola da Prefeitura tinha um dia antes arrancado as pedras da rua, bem em frente do Paquetá. Iam meter asfalto. E como graças ao temporal faltou luz na rua, e seu carro não tinha farol, o Zé Padeiro só se mancou quando a giringonça [sic] já estava patinando na lama. Aí era tarde pra voltar. Teve que ir em frente. Porém foi um perereco. O calhambeque fez força. Bufou. Soltou fumaça por todo lado. Mas não deu. Bem na porta do cemitério, se atolou na lama.

O Zulu parecia que tinha caído em um saco de farinha de trigo. Estava branco de susto. Pra descer da caranga, foi broca. Precisou o Zé lhe meter a mão na orelha e jogar ele pra fora. Mas nessa hora o negrinho não servia de nada. Só sabia tremer. O padeiro metia pau embaixo da roda, empurrava o carro, mas neca. Não estava dando pedal. O Zé já estava uma arara. Foi quando veio uma voz cavernosa lá do cemitério?

– Quer que ajude?

O Zulu se mandou. E o Zé Padeiro também. Foi um salve-se quem puder. O patrão só parou lá no mercado. O empregado deve estar correndo até hoje. Porque nunca mais apareceu. Nem pra acertar contas.

Porém, assim que o Zé Padeiro saiu da zonzeira, pôs a boca na corneta. Contou tudinho pro pessoal do mercado. Teve palpite de todo jeito. Tinha nego que até jurou que essa gronga era comum ali no Paquetá. Teve um até que contou a história do fantasma. Era um padre da igreja do Valongo que não andou direito, e um marido meteu-lhe um caroço entre as orelhas. Enterraram ele no Paquetá. Daí, ele ficou alma penada. Esticaram o maior papo. Porém, quando clareou o dia, Zé Padeiro juntou coragem e uns vagos e foi no cemitério desencilhar o carro. Quando lá chegaram, encontraram o Corujão, um pé de pinga muito manjado naquelas bocas. Estava se servindo de pão. Antes que alguém desse bronca, ele se abriu:

– Por causa da chuva, eu estava pegando uma palha aí no cemitério. Acordei com o barulho que vocês faziam. Ofereci ajuda. Todo mundo correu. Sabe como é, né? Estava com fome. Me tratei.

Zé Padeiro não bronqueou pelos pães que o cachaceiro comeu. Mas mudou seu caminho pra sempre.

3) JORNAL *ÚLTIMA HORA* DE SP – 1971

3.1 – As crônicas de abril de 1971 – Coluna Navalha na carne

Pela bola sete (Última Hora de SP – Edição de 12/4/1971. Página 14 Caderno 1)

O Bereco não era do batente. Seu negócio era a sinuca. E nisso ele era cobra. De taco na mão, fazia embaixada. Conhecia todos os trambiques do jogo e sabia como engrupir os parceiros. E com essas e outras, defendia uma grana, manja? Tem sempre um otário marcando bobeira. E o olho do Bereco descobria esses trouxas longe. Depois de adivinhar o pinta, era fácil enredá-lo. O Bereco desbaratinava bem. Se vestia como um zé mané qualquer. Neca de roupa embandeirada. Quem tira onda de malandro é papagaio enfeitado. Malandro vivo é o que se finge de morto. E nisso o Bereco era o bom. Se fazia de besta com gabarito de grande ator. E ia depenando os patos. Até muito vagau escolado foi chuveirado por ele. Porém, tem dia que a casa vem abaixo. E um dia o Bereco teve que navegar por águas barrentas.

Era um fim de mês. O Bereco andava a fim de conseguir um peixeiro novo. Lugar onde ninguém morasse no seu assunto. E alguém lhe deu uma dica quente de um salão que ficava no Cubatão, nas quebradas do mundaréu. Ponto fixo dos piões [sic] da Refinaria de Petróleo. Junto com o alô, veio também a data do pagamento. E o Bereco, que não era de esperar o mar pegar fogo pra comer peixe frito, foi firme pra conferir a mina. Chegou cedo e ficou plantado no boteco, assim como quem não quer nada. Mas, de esguelha, ia paquerando os lances de um joguinho chibu que dois pivetes faziam a leite de pato. Seu interesse era nas caídas da mesa. Ele achou fajuda paca. Mas, deixou andar. Logo começaram a chegar os capacetes de lata. Vinham alegres com envelopes do pagório no bolso, iam encostando o umbigo no balcão e contando palha. O Bereco aproveitou o embalo e se enfiou no meio do bolo. De vez em quando, pra chamar a atenção, tirava um paco de dinheiro do bolso. Paco de araque. Uma nota de dez encobrimdo um monte de papel velho, mas que fazia tremendo efeito. E pagava com os pixulês sua despesa. Fez bastante marola. Até que notou que um capacete de lata metido a carteador de amarra estava espichando o olho gordo em cima da sua bufunfa. Saiu de fininho do balcão e foi pra junto da mesa de sinuca. Ficou sapeando com cara de abilolado.

O capacete de lata sentiu a ganância pega. Com a vida custando os olhos da cara, o Bereco era o jeito que o pião [sic] via de aumentar o feijão aquele mês. E sem rodeio, atracou:

– Quer brincar um pouco, parceiro?

Pro Bereco foi o som do bilhete premiado. Porém, ele não se rendeu. Cheio de mumunha, sorriu encabulado antes de responder:

– Sei pouco.

Mas o outro pegou no pé:

– Joga pra aprender.

– É jogar e perder.

- Perdendo é que se aprende[.]
- Isso é.
- Então vai?
- Se for a valer qualquer coisinha só.
- Vinte selado na caçapa. Tá bom?

O capacete de lata falou e já foi pegando o taco. Mas o Bereco ainda cozinhou o galo.

- Ei, compadre, eu não disse nada.
- Tá com medo?
- Custei a ganhar a graninha.
- Se tiver perdendo para.

Mostrando que estava balançado, o malandro esperou novo convite. E não demorou:

- Como é que é? Se vai, aproveita que tem mesa vaga.

Dessa vez não teve escama. O Bereco, sem responder, sacou no golpe de vista um taco que lhe pareceu bom e encostou na mesa. O capacete de lata enfeitou. Rodou taco na mesa, mudou de taco, reclamou do taco, passou giz no taco e depois arrumou as bolas e saiu pela cinco. Uma caçambada. A azulzinha rodou, espalhou o jogo e parou na boca da caçapa. O capacete de lata xingou a bola e tudo. O Bereco só deu um rizinho. Sentiu o peso do loque. Não era de coisa nenhuma. Mas dispensou a cinco. Foi na da mesa. Errou de propósito. Porém, na feira, marcou cinco. O parceiro ouriçou:

- Só vai na da mesa?
- O malandro se explicou humilde:
- É pra que dá o meu joguinho.

Foi bom manear. O loque se sentiu à vontade e meteu a cinco e uma da mesa. E nessa lenga-lenga, levaram umas sete ou oito partidas. A vinte contos nas primeiras, depois subiram pra trinta mas as despesas. E só o Bereco pagava. E venha cerveja e tome jogo. O capacete de lata estava se servindo. Enfurnando uma grana extra e enchendo o caco, era só alegria. Com o dinheiro que pegou do parceiro e o seu ordenado, já tinha um milhão no porão. Se asbaldava. Juntou gente às pampas pra ver a presepada. E aí, o Bereco, fingindo que estava meio bebum, deu uma de louco e meteu três seguidas. Estava na hora. Bancou o assanhado e gozou o capacete de lata:

– Tou bom! Tô ficando bom! Tu não me ganha mais nenhuma. Vale o que quiser. Tô bom!

A galera vibrou com o desafio. O parceiro, tocado pelas biritas, pegou a trela. Mesmo porque se sentia diante do pão-ganho. Meteu a mão no bolso, puxou o envelope com o pagório, mais o que tinha ganho ali e tacou na caçapa.

- Levo é no meu taco, moço. Tem um milheiro aí. É tudo ou nada.

O bochicho foi geral e aumentou quando Bereco puxou do bolso o paco de araque e selou:

- Tou aí pro que der e vier.

Todo mundo se ligou na mesa. Nunca naquele boteco escroto tinha havido uma parada tão alta. E teve início a decisão. O Bereco, pra não escancarar pro outro que desde o princípio estava de xaveco³⁹, manearava. Não se metia a fazer façanha. Controlava de leve. Se o capacete de lata metia uma três, o Bereco fingia que atirava na cega e metia a quatro. E na catimba do malandro e no nervoso do otário, a partida se arrastava. Os sapos nem chiavam. Eram todos trabalhadores da

39 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

Refinaria, todos capacetes de lata e em silêncio torciam contra o Bereco, mas ele nem toma conhecimento. Ia levando e levou até a bola sete.

Os dois empatados na fieira. Quem metesse a negra pegava a grana. A vez tocava ao malandro que, todo folgado, encostou a bruta na parede e se afastou pra ver o perereco. Que era de dar gosto de ver. A branca num canto e a sete no outro canto. Pro capacete de lata era lenha. Tremia e suave. Estava com o motor batendo acelerado. Fez mira demorada. Pensou nos quatro filhos, na mulher, no aluguel da casa e no mês desgraçado que iria ter se errasse. Mil minhocas e ideias de jerico⁴⁰ lhe passaram na cuca. Porém, nem de leve ele adivinhou a verdade. Só fechou os olhos, invocou seu Santo, e deu na cara da bola. Uma chapada. A negra rolou para um lado, a branca pro outro. O capacete de lata sentiu um alívio. Pelo menos tinha acertado. Mas, o recreio durou pouco. Quando as bolas pararam, a sete estava na reta. Pedindo pra cair. E a branca no meio da mesa. Ninguém, por mais vesgo que fosse, errava aquela bola. O Bereco resolveu curtir a fuça do trouxa. Deu a volta na mesa bem devagarinho e, sem dizer nada, gozava a situação. O capacete de lata só faltava chorar de agonia. Foi se colocar atrás da caçapa e grudou os olhos na bola. Parecia jacaré chocando. O malandro atucanou:

– Vai secar?

Pro capacete a piada foi um tranco. Quis responder, mas a voz não saiu. Se engasgou. Mas seus olhos ardidados saíram da bola e se cravaram no Bereco. O malandro nem se tocou. Se tivesse manjado, veria as riscas de sangue surgirem nas botucas do parceiro e ia ficar cabreiro. Mas, como não viu, foi em frente. Com calma, passou giz no taco. Com calma se dobrou na mesa. Com calma tomou posição. Com calma levantou a mira. Viu a bola branca, sete, a caçapa e atrás do revólver o capacete de lata. Ainda com calma, o Bereco se levantou. Encarou o parceiro e quis saber.

– Que é isso?

O capacete de lata espumou, babou e deu a lei:

– Se tu meter a sete, te mato.

Pro malandro, aquilo estava claro que era jura. Mas, grande campeão não se afoba. O Bereco se fechou em copas. Se ajeitou e deu na bola. [O] Taco espirrou. A branca saiu zanzando devagar. Calou na negra e as duas ficaram penduradas, cai-não-cai. O Bereco deschavou que não havia nada anormal. E deu a letra.

– Ficou pra você, parceiro.

E o capacete de lata não perdeu tempo. Nervosamente, guardou a arma, a raiva e foi de cabeça. Deu no taco e bimba. A negra e a branca na caçapa. Mergulharam juntas. Foi o esquinapo. As lágrimas correram pelo seu rosto. A grana de um mês de trabalho duro foi pra cucuia. Estava tão por baixo que não dava pra continuar, nem pra puxar a arma e aprontar salseiro. Só deu pra lamentar.

– Tenho quatro filhos.

O Bereco fez que não escutou. Recolheu a grana e saiu de fininho. O capacete de lata saiu logo atrás, arrastando o peso do fracasso. Ninguém mais se mexeu. Estavam todos abilolados. E nisso passou um tempo e veio um estouro. A curriola foi ver o que havia acontecido.

No meio da rua, o capacete de lata estava estarrado. Tinha o revólver na mão e uma bala na orelha. Se acabou.

O Bereco só teve pena de nunca mais poder dar grupo em trouxa do Cubatão. Perdeu um grande pesqueiro.

40 Termo atualizado; no original de jornal consta “gerico”.

Adeus carteira (Última Hora de SP – Edição de 13/4/1971. Página 16 Caderno 1)

Dezenove horas. Com chuva ou não, a curriola que deixa o batente está ansiosa para se enfiar num ônibus e se mandar pra casa. As filas ficam compridas, gente de todo jeito na boca de espera. Os ônibus, mal encostam, ficam atropetados até as barbas. Tem nego que se pendura pelos picos. Ninguém é trouxa de esperar o próximo ônibus. Eles sempre dão incerta. Podem vir logo e podem levar um tempão para vir. O negócio é embarcar no que está no jeito. E ninguém quer saber. Todos querem dar o pinote. O resto que se dane. Quem não foi vivo, sobra. E nesse lance, como em todos os lances da cidade grande, é cada um pra si. Claro que há os casais de namorados e tudo. Mas esses não contam. Eles não têm pressa. Deixaram a vida andar. O que conta é que na hora do embarque não tem babado. Quem pode mais chora menos. E a turma nem olha pro lado. É pra não ver uma mulher conhecida e ter que bancar o legal. E, como todo mundo fica trancado consigo mesmo, não ligam para os trancos que levam. E é nesse embalo que pipoqueiros, furquetas, choros, roupeiros, lanceiros, pungistas, que são tudo a mesma coisa, isto é, batedores de carteira, dão os trambiques. Aproveitam o aperto e ganham sua nota sonora.

Foi numa jogada dessas que eu entrei. Por acaso. Não tinha nada combinado. Estava indo para um bairro lá no fim do mundo. Como era cedo e pra tirar uma chinfra diferente me taquei num ônibus. Entrei no rebolo. Só pra sentir o drama. Foi broca. No ônibus iam umas cento e cinquenta pessoas. Não é grupo, não. Iam cento e cinquenta pessoas. Gente às pamparras. A Carangola saiu gemendo, chiando e tal e coisa, mas saiu. Partiu do Vale do Anhangabaú e foi direto. Passava pelos pontos sem dar bola pra montes de braços esticados. O chofer nem se doía quando a moçada deixada ao largo xingava sua mãe. Ia levando. Até que se deu o esquinapo.

Um coroa gordo que estava em pé junto da porta de trás puxou a campainha. Isso acordou meio ônibus. Toda aquela gente que estava calada começou a resmungar.

- Pra descer aqui devia ter vindo a calo.
- Só quero ver este paspalho descer.
- Se me pisar, vai tomar um cacete.
- Devia ter vindo montado na mãe.

E estava neste bochicho quando um magrelo ranheta deu um plá pro coroa:

- Desce por trás.
- Por trás, uma ova. Tem que sair pela frente.

A marola foi grande. Todo mundo deu sua bronca no cobrador:

- Tinhoso!
- Dono da empresa!
- A mãe não é séria!

O cobrador azedou. Mas não podia encarar o gango todo. Então deu a sentença:

- Só sai por trás se for pela janela. Não abro a porta e quero ver.

Isso calou a boca de todos. Então, o coroa gordo, que tinha se plantado na paquera só pra ver o bicho que dava viu que tinha que sair pelo lado pior. Estufou a barriga e deu um alô:

- Olha eu! Olha eu!

Ninguém olhou bulhufas⁴¹. O pessoal não deu passagem mesmo. Mas o coroa empurrou a pança e foi atrás dela espalhando gente pra todo lado. Uma briga de foice. De vez em quando, o coroa mandava um recado pro motorista:

– Se essa droga passar do meu ponto, vai ter.

E com trancos, pisões de pés e outros xavecos⁴², o coroa chegou à borboleta. Aí deu uma parada. Se encheu de gás. Meteu a mão no bolso pra pegar o dinheiro da passagem e gelou. Começou a se coçar. Pôs a mão em tudo quanto era bolso. Neca de grana. O pessoal em volta só tirava na pinta. Ninguém abria o bico. Até que o coroa botou a boca no trombone:

– Chutaram minha carteira!

Choveu palpite.

– Tranca a porta.

– O gaturama ainda tá aqui dentro.

– Pára a carroça.

– Não inventa.

– Não tem grana pra passagem, quer dar o saque.

– O gordão está de grupo!

– O coroa gordo, nervoso pra chuchu não dava trela pra torcida. Só bufava.

– Tinha quarenta mil na carteira. Quarenta mil.

Um cara duvidou:

– Quarenta mil no meio do mês? Tô achando muito.

O gordão fez drama.

– Era um vale. Estou com a patroa doente. Preciso comprar remédio.

A choradeira pegou mal. Ninguém pôs fé. Mas o ônibus parou. O chofer e o cobrador nem se abalaram. Só esperando o coroa dar a decisão. Estava chove-não-molha, quando um guarda que ia encolhido num canto, quis saber:

– Por que essa lacraia não se mexe?

– Mandaram a carteira dum!

O guanaco se agitou. Foi logo pra junto do gordão. Nem viu em quem pisou. Pôs sua banca:

– Qual é o molho?

– Roubaram minha carteira.

– E agora? Que quer que eu faça?

O gordo murmurou:

– Não sei.

O guarda se meteu a ter ideia.

– Só se eu revistar todos os caras no ônibus.

Estourou a maior vaia da paróquia. Assobio e tudo. O guarda sentiu o peso da batota e conversou o gordo:

– A única coisa que posso fazer é revisitar um por um. Mas não vai adiantar nada, não. A gente não vai achar a carteira. Nessa altura, o gatuno já se livrou dela. Vai ver até que jogou pra fora do ônibus. Agora, se o compadre quiser, eu revisto. Vamos ficar até amanhã, mas revisto.

Nova vaia. O guarda ficou esperando o gordo se rechar. O gordo ficou esperando o guarda resolver. E a turma estrilando. O guarda deu mais terra no coroa:

– Vai ver que o compadre nem foi afanado. Vai ver que perdeu a carteira.

O coroa gordo encabulou:

41 Termo atualizado; no original de jornal consta “bolhufas”.

42 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecos”.

- É, pode ser.
- E então?
- Como faço com a passagem?
- O cobrador manera. Manera, compadre?
- O cobrador não gostou muito, mas engoliu.
- Não tem grana, né? Que vou fazer, se arranca.

O gordo ainda teve que agradecer. Desceu embaixo da gozação da curriola. O guarda sentou outra vez, com ar de quem cumpriu o dever. E o ônibus seguiu caminho. Só que agora os passageiros iam alegres, comentando o lance.

O arrox (Última Hora de SP – Edição de 14/4/1971. Página 16 Caderno 1)

Todos os dias com sol ou com chuva, o Chicão e o Candeias, dois bandidos que não brincavam em serviço, metiam os birosqueiros da Favela do Adeus contra a parede e num papo cavernoso que era garantido pelas armas, tomavam dos negociantes uma grana sentida com a desculpa que era taxa de proteção.

Com a vida atucanada pelos arroxos, os birosqueiros resolveram fazer uma assembleia. Um dia, lá nas encolhas do mundaréu, se reuniram na moita, que por medo do Chicão e do Candeias, não queriam dar bandeira. Mas, mesmo apavorados, todos deram as fuças na reunião. O Bentão da ladeira, o Arnô do lado do rio, o Marinho do fim do mundo, o Luiz Paraíba do campinho, o Baiano do ponto bom e o Branquinho do cantão. E como quem tinha juntado a patota é que tinha que se rachar, o Branquinho mandou o recado:

– A barra anda pesada, gente. A vida tá custando os olhos da cara e a gente que encara o batente de sol a sol tem, no fim do dia, que entregar a sonora bufunfa na mão de dois vagaus. Num tá direito, gente.

Que não estava certo, todos concordaram. Mas o Arnô do lado do rio, que estava muito cabreiro de estar ali e queria ir embora, logo apertou:

– Não enrola, não enrola. Pra dizer o que a gente já sabe é melhor ficar quieto. Qual é o babado?

Foi pau e bola a deixa do Arnô. Com as botucas, todos secaram o Branquinho. Ele encabulou, mas murmurou:

– A gente tem que acabar com essa gronga.

Um frio correu nas costas dos birosqueiros ali reunidos. O Branquinho estava pedindo uma decisão e isso era broca. Todos sabiam que o Chicão e o Candeias não eram fáceis. Pro Bentão da ladeira, que era o mais devagar de todos, só tinha uma saída e ele foi botando na mesa.

– Bom, o que a gente tem a fazer é entregar a parada pra polícia.

Deu bronca geral. O Branquinho estrilou firme:

– Aqui, ói! Os tiras vão deixar a coisa no barato. No máximo guardam os pintas por uns tempos. Depois eles saem e vêm feitos em cima da gente. Não mete a polícia nisso, Bentão. É coisa com nós mesmo.

Quando o birosqueiro acabou de falar, o silêncio pesou na roda. Todos permaneceram fechados em copas. Naturalmente manjaram onde o Branquinho queria chegar e por isso mesmo se trancaram. Foi preciso o próprio Branquinho meter lenha na fogueira:

– Não tem colher de chá. Ou a gente apaga os pintas ou vamos pagar a vida toda. Então o lance é fazer os caras dançarem. Quem diz?

Um olhou pro outro e ia ficar nisso quando teve a chamada:

– Fala tu que é mais velho.

O Marinho do fim do mundo pigarreou e com uma bruta má vontade chiou:

– Se não tem outro jeito, né?

– Topa apagar os pintas?

– É... eu topo... mas... tem um porém.

– Qual é?

– Quem vai se maquinar pra chegar neles?

Foi aí que bateu sujeita [sic]. Até o próprio Branquinho botou o galho dentro. O Bentão aproveitou pra tentar acabar com a zoeira.

– Eles são bandidos escolados. Não é mole chegar neles. Sei que é duro ter que pagar proteção. Isso dá nojo. Porém pegar nas armas é pra quem sabe.

E com essa terra, parecia que tudo ia ficar como antes, tinha birosqueiro que já estava se mexendo pra ir embora, quando o Baiano do ponto bom deu uma dica:

– Na minha terra, quando num se quer ir, a gente empreita um matador. Ele vai e, de tocaia, apaga os inimigos do pagador.

Os birosqueiros se agarraram nessa ideia. E o próprio Baiano ficou de acertar o trabalho com um tal de Jabá, que era seu conterrâneo e que nunca falhava. Ficou combinado que cada um dos birosqueiros entrava com uma grana pro pagamento do matador. E sem mais, se dissolveu a assembleia.

Dias depois, o Candeias estava muito à vontade no seu mocó quando o tal de Jabá arrombou a porta do barraco. E antes que o bandido pudesse pegar a arma, o visitante mandou tocha. Três tiros bem dados selaram a sorte do Candeias. Quando o Jabá ia dar pinote, piou na porta uma mulata e uma velha que tinham assunto com o bandido. O Jabá não vacilou. Sem dó, mandou as duas pro beleléu. Um carço em cada uma foi o bastante. E só depois, que empacotou as duas é que o matador reparou na mulata. Achou ela jeitosa, e, sem se afobar, com o quás-quás-quás do povo que foi traído pelos estouros dos tiros, se serviu do cadáver da mulata. Depois se arrancou tranquilamente, sem perder tempo em desbaratinar a fuça. Levou fé que aquela gentalha não iria nunca abrir o bico pra entregar ele pra polícia. E dali foi direto na captura do Chicão.

Achou o pinta na porta de um barraco. Pelo jeito o Chicão ainda não sabia do perereco que tinha se dado na casa do seu parceiro. Estava tocando violão e com panca de dono do morro não se abalou quando o Jabá se aproximou. Nem levantou a cabeça pra olhar o estranho. Apenas espiou de esguelha. O Jabá achou que estava fácil demais. Até duvidou e quis confirmar:

– Ô meu bom, tu que é o Chicão?

Sem responder, o bandido se botou em pé. Pro Jabá era o bastante como resposta. Meteu os arrebites. Cinco bem encaixados. E o Chicão já desabou estarrado. Nem gemeu.

Naquela noite, os birosqueiros se reuniram na casa do Branquinho do cantão. Comeram e beberam comemorando a façanha do tal de Jabá. Todos estavam muito contentes de se livrarem da proteção do Candeias e do Chicão. Bufaram uma nota sonora na mão do Baiano pra ele pagar o serviço do conterrâneo e pagaram de coração. Estavam certos que era a última grana que botaram fora. Dali pra frente iam faturar às pampas. Até aproveitaram a oportunidade e combinaram aumentar os preços, só pra tirarem a diferença e recuperarem o dinheiro gasto. Todos toparam e quando se retiraram estavam contentes.

Nos dias que se seguiram, a cana vasculhou a Maloca do Adeus. Mas, que nada. Ninguém tinha visto nem ouvido nada. E os tiras não arrumaram uma pista sequer do matador. No fundo, os moradores da favela estavam contentes de se

livrarem dos valentes. Achavam que foi abuso o que o criminoso fez com a mulata. Mas também concordavam com uns e outros que disse:

– Que é que tem? Os bichos da terra vão comer mesmo.

E ficou por isso. A polícia deixou o caso pra lá. Os jornais esparramaram a notícia como sendo guerra de quadrilhas que disputavam uma boca de fumo e o assunto esfriou.

Na favela, tudo voltou ao normal. Quando o Jabá sentiu a barra limpa, deu as caras. Primeiro, apanhou com o Baiano a grana do serviço. Depois deu a lei:

– Tu avisa os outros birosqueiros que eu passo aqui todo fim de semana pra apanhar a grana que eles davam pro Chicão e pro Candeias.

O Baiano balançou e o Jabá explicou:

– Se ocês [sic] pagavam aqueles molengas, porque é que num vão pagar pra mim que sou lenha pura, né?

Virou as costas e saiu. O Baiano murchou mas compreendeu que apenas tinha mudado o dono do jogo. As ordens iam ser as mesmas. E cheio de tristeza, constatou que agora o patrão era mais duro. E é aí que tá. Mudar os homens não interessa. O que interessa é mudar a situação.

O fim de um cagueta (Última Hora de SP – Edição de 15/4/1971. Página 16 Caderno 1)

Bateu sujeira na sombra do Alvinho e toda a cana saiu na sua captura. Sem outro jeito, ele teve que se arrancar do seu pedaço. Foi se mocosar nas encolhas de um parceiro de fé, o Vado, ponta firme. E era daí que, de noite, se mandava pra estarrar os loques e defender seu lado, porque a situação estava um perereco, a vida custando os olhos da cara e não dava pé deixar por conta do companheirinho.

Com essas e outras, podia levar a barca até pegar uma estia e sua barra ficar mais leve. Acontece, porém, que o cupim andava roendo o seu peito e a caixa de catarro andava falhando. Vontade de tuberculose é broca. E o Alvinho queria. Como queria. Dia e noite só tinha vontade a Madalena, uma cabrocha de alta linha, que não deu pra ele carregar na hora do pinote. No que fez mal. Ela longe era carga mais pesada. Durante as horas que ficava enfurnado, sem poder botar a fuça na rua, só pensava nela. Por mais que se esforçasse, não tirava a mina da cuca. Era uma zorra. Um troço de abilolar.

Numa noite, depois de arroxar uma farmácia, de onde, além da grana, afanou umas bolinhas, se chapou e não se aguentou. Anunciou pro Vado:

– Meu bom, num tou podendo comigo. Vou ver a Madalena.

O cupincha, que estava por dentro das quizilas se espantou e quis cortar a onda:

– Guenta aí! Tu vai dar sopa pro azar por que? Os homens sabem da tua gamação na Madalena. Eles tão só aí na campanha. De botucas ligadas no barraco dela. Se tu pia lá, eles te ganham fácil.

Pro Alvinho, aquele papo era do cacete. Sabia que tudo que o Vado falou era positivo. Mas, estava encabrerado. Ardido por dentro. Andou de bobeira de um canto ao outro do mocó. Botou tudo na balança. Ficar enrustido ali era o mesmo que estar na cela. E a Madalena era sua gama de pedra. Valia o risco. Cismou e selou:

– Vou sim.

Afirmou com a força de quem sabe querer. O parceiro sentiu o lance. Só chiou por chiar:

– Se tu quer mulher eu dou uma carga por aí e trago duas pistoleiras pra gente. Não precisa tu ficar dando carga à toa.

Esse plá até atucanou o vagau, que estrilou:

– Que mulher, poxa! Eu quero é a Madalena. E tchau mesmo.

Botou o pé no mundaréu e deixou o Vado falando sozinho. Atracou na favela do Buraco da Lacreia de madrugada. Estava tudo em silêncio. O Alvinho espiou os caminhos e se tocou que estavam todos livres. Nem um tira, nem um cachorrinho estava de plantão. Avançou, se esgueirando entre os barracos, não teve escama. Chegou fácil na morada da Madalena. Bateu de leve, que não estava a fim de escarcéu. Nesse momento, um vulto apareceu no fundo do beco. O Alvinho se ouriçou. Mediu a distância e viu que, se a figura fosse da lei, não tinha escapatória. Não dava pra correr. O jeito era encarar. Levou a mão na arma. Mas, teve um breque. O vulto que vinha se aproximando manjou o movimento e o reconheceu. Maneirou:

– Que é que há, Alvinho, vai me estranhar?

O alô relaxou o salseira. Pro Alvinho foi o alívio. Nesse instante, a Madalena abriu a janela, se assustou de ver ele ali. Fez denço antes de abrir a porta. E o Alvinho nem quis saber direito quem tinha cruzado com ele. Se era chapa a ponto de reconhecê-lo no escuro, estava legal. O resto era só com a Madalena. E não deu outra coisa. Matou a saudade.

Os primeiros raios de Sol iluminavam a favela quando a gronga se deu. No meio do seu sono, satisfeito, o Alvinho foi despertado por um berro:

– É cana, Alvinho. Tu tá cercado. Se sair legal, ninguém vai te esculachar. Tu tem um tempo pra escolher.

Foi broca. A Madalena se botou a rezar. O Alvinho estava feliz. Todo satisfeito. Depois de tanto amor, não queria guerra. Queria paz pra poder ter sempre a sua Madalena e estava disposto a pagar por tudo. Virou pra mina e pediu:

– Tu vai me ver? Tu me espera?

Ela olhou nos olhos dele e estava jurado. Não precisa palavra entre os amantes que se amam. E, então, o Alvinho iniciou o trato:

– Quem tá aí no mando?

Um tira jovem, meio afobado, doido pra mostrar valentia, era o mais próximo e foi quem engrenou o papo:

– É o doutor Diogo.

O doutor Diogo era manjado pelos bandidos. Não era bronqueado. Só cumpria seu papel. Não dava pancada à toa, nem desmoralizava valente nenhum. Prendia do jeito que desse. Quem se rendia pra ele, não penava. Aquilo era bom pro Alvinho. Ele avisou:

– Tá legal. Vou sair.

Porém, aí, uma ideia de jericó lhe bateu na cachola. Jogou verde:

– Vou sair manso. Só que tem um negócio. Quero saber quem me dedou.

Deu certo. O tira jovem deu mancada. Sem pensar, deu a ficha.

– Foi o Tisiu.

Como resposta, o Alvinho jogou a arma pela janela. Ainda escutou o doutor Diogo bronquear:

– Tá falando muito. Quem te mandou cantar a bola?

Mas, isso não interessava pro Alvinho. Ele beijou a Madalena. E, já saindo, disse:

– O Tisiu é que me viu entrar aqui. Deixa ele.

Sem mais assunto, o Alvinho se largou nas mãos dos tiras. Eles, sem perderem tempo, meteram as argolas no bandido e o levaram pelos becos da favela rumo ao carro que estava parado em frente a uma padaria. E, da porta da padaria, assim como quem não quer nada, o Tisiu sapiava o lance. Mas, teve que escutar uma promessa:

– Tá legal, Tisiu. Tá legal. Agora tu se lembra que tem sempre um dia atrás do outro.

Nas quebradas do mundaréu, até as pedras se encontram. E quem não tem roda larga, acaba sempre comendo capim pela raiz. Um dia, uma mixórdia. Chorou, implorou, pediu pelo amor de Deus pra não meterem ele no mesmo pavilhão que o Alvinho. Conseguiu. Mas, logo o outro soube da entrada do cagueta e daí pra frente perdeu o sossego. Passava o tempo todo tramando um jeito de apanhar o Tisiu. Até que veio a vez. Os bonzões do presídio armaram uma treta cavernosa. Reboição geral, pra no meio da confusa [sic], ganharem fuga. O Alvinho topou de primeira. E a catimba se deu. Rolo grosso. A curriola toda querendo ganhar a rua. Só o Alvinho não queria se mandar. Seu acerto era com o Tisiu. Foi pra decisão. Varou grade, parede, bala e tal e coisa. Passou para o pavilhão em que estava o cagueta. Deu congesta no carcereiro, pegou as chaves e invadiu a cela do Tisiu. Se plantou na frente do rato e puxou uma navalha. O Crioulo se jogou de joelhos e implorou:

– Tem pena de mim, Alvinho. Eu não te sacaniei [sic] por gosto. Os homens me apertaram. Te juro por essa luz que me ilumina.

Foi a última vez que o Tisiu falou na desgraçada da sua vida. Hoje, quem for na favela do Buraco da Lacraia e passar em frente a uma padaria que há perto das malocas, vai ver na porta, esmolando, a triste figura de um crioulo sem língua.

O pivete Tuim (Última Hora de SP – Edição de 16/4/1971. Página 16 Caderno 1)

O Tuim era um pivete bom. Quer dizer, ele já era maior, porém, por estar sempre rindo e brincando levava jeito de menino. Por ser folgado tinha ambiente em qualquer canto das quebradas do mundaréu. Nos mocós das encolhas, nas biroskas, na gafieiras, nos terreiros de macumba, nas rodas de samba, nos puleiros das minas e nos cambaus. Onde o Tuim chegasse estava chegado. Todos conheciam, aceitavam e respeitavam aquele pivete embandeirado que carregava patuá forte e a vontade de viver pega.

E tinham que gostar mesmo. Porque com ele não dava escama. Nas coisas importantes da vida, ele era bom em tudo. Em festa de candomblé, o pinta estava sempre rente. Ajudava na matança, partia os cantos e fazia o couro dos atabaques falarem em qualquer nação. E era tudo por fé e gosto. Nunca chegava ao pé de orelha do Pai de Santo pra pedir um ganho. Fosse o Babalaô de valor provado e arreglado com os Encantados de valia ou fosse um enganador qualquer.

Se chamassem o Tuim ele ia dar seu tempo e seu entusiasmo. A mesma coisa era nos bailecos. De porão ou de salão, se o Tuim aparecesse, era pra botar pra quebrar. Fazia zoeira. Dizia no pé um recado muito fino, desses de encabular otário. As cabrochas da mais alta linha faziam fila pra remexer no passo do Pivete. E com ele não havia chibu. Escalava de saída uma pra ir no fim da noite fazer chodó e depois brincava com todas. Dava vez até pros bagulhos que só vão nos bailinhos pra amargar chá de cadeira, segurar casaco das amigas e encher a cuca de minhoca. Até com essas, o Tuim às vezes vadiava. Bastava ser mulher pra ele considerar. Não contava a situação, nem a grana, nem beleza, nem outras quizilas. Usando saia, não sendo padre nem escocês era com o moço Tuim.

Nos puleiros ele também dizia presente e paquerava e perdia tempo com as atucanações das velhas madamas, que ele chamava de tia e pedia benção, até com as mais escrotas das pistoleiras. E no meio da curriola pesada, o Tuim era quem contava palha e fazia o tempo andar. Não tinha por onde. De ponta a ponta do mundaréu, o Tuim era mais Tuim. Sem bronca. Só com sua vontade de viver.

Mas tem sempre um loque pra se atravessar nos caminhos dos outros. Vagau à toa. Papagaio enfeitado que se encrespa e se rói com o “à vontade” dos parceiros. E o Zeca Naval era um nego assim. Se fossem botar na balança pra conferir a sorte, até que Naval tinha saído premiado. Era forte, tinha farda, arreglo com os donos do bicho, grana fácil, um Jipe, um cachê bem ajeitado e outros troços. Só que não tinha papo pra mulher. E é aí que as cacholas se entortam. As piranhas que ele ganhava era sempre na congesta, no arroxo. Na conversa, ele sempre sobrava. Porém, não se conformava e nem se mancava. Curtia. E sendo assim andava sempre com a zorra encarnada. Machucado por dentro e com olho no pesqueiro alheio. Se invocava principalmente com o pivete Tuim.

O Zeca Naval não acreditava no moço e não suportava sua alegria. Não se abria. Mas comido⁴³ de inveja, não via a hora de aprontar uma xavecada⁴⁴ pro Tuim e esculachar com ele na porrada. Tramava a quizomba e esperava uma chance de encontrar o moço no esquisito.

Nas linhas do mundaréu até as pedras se trombam. Se por acaso é assim, pra quem está procurando não dá outra coisa. E um dia o destino selou o tira-teima do Naval e do Pivete Tuim.

Sabendo que tinha um pagode de fama nos lagos da Areia Branca, o Tuim se mandou pra lá. O Zeca Naval estava na parada; porém, o pivete não tomou conhecimento. Não adivinhava o que ia por dentro do outro. Só sabia era de si mesmo. E foi se espalhando. Deu carga pelo salão. Zangou, deu alô pros conhecidos e de repente seus olhos flagraram a Nanete. Uma mulata que era uma vontade. Não rodeou. Chamou pro samba e se expandiu. Fez mil presepadas pra agradar a Nanete. Só bailando. Agradou. Percebeu e cozinhou o galo. Foi pau e bola. A mulata topou logo o acerto. Combinaram de saírem juntos no fim do baile. E continuaram dançando.

Mas teve uma hora que o pivete deu sopa. Saiu pra ir no mictório. O Zeca Naval se serviu da deixa. Não marcou bobeira. Atracou na Nanete e tirou ela pra roda. A mulata saiu fora.

– Tou acompanhada.

O Naval não queria outra coisa. Aproveitou e engrossou.

– Tu vai querer me avacalhar?

– Num é nada disso. É que tou com o moço.

– Tu veio no baile é pra ficar com quem pagou convite. Agora tem um negócio: num dançou cumigo [sic] num vai dança cum [sic] mais ninguém.

– Me dispensa. Eu tou acompanhada.

– Num quero saber de história. Se tu for chave de cadeia, pode dançar. Daí te apronto. Se tiver com macho ferro ele.

Diante da dura do Naval, a Nanete tremeu nas bases. Estava embarcada na embaixada do Tuim e não queria encrenca. Se fechou em copas, mas bolou o pinote. Não ia dizer nada pro pivete. Engrenava um grupo, fingia que estava cansada e pedia pra ir embora. Se arrancava dali e deixava o otário falando sozinho. E nesse propósito juntou suas coisas, bolsa, casaco e tchau pras amigas. Só que

43 Termo atualizado; no original de jornal consta “comigo”.

44 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

não deu certo. Justo na hora que a orquestra meteu um sambão, o Tuim apareceu e de longe convidou.

– Ói essa nega. Ói essa vem que é nessa que vou te mostrar quem é o Tuim.

A Nanete tremeu. Ficou sem saber o que fazer. De esguelha manjou o Naval.

Ele se tocou e rosnou:

– Se for, tem pau.

O Tuim não percebeu a jogada e continuou insistindo.

– Ô nega! Ô nega! Essa é boa. Vem!

E como a cabrocha não se mexesse, o pivete se aproximou sambando. E sem se importar com a cara de espanto da Nanete, puxou-a. Nesse momento, o Naval atravessou.

– Ela não vai dançar não, garoto.

Pro Pivete o lance ficou escancarado. Tomou linha, mediu o Naval a quem já conhecia de ver. E tentou chuveirar.

– Que é isso, meu? Ela tá comigo. Relaxa pra mim.

O papo macio não grudou. Até pelo contrário. Complicou. Se o Naval já não levava fé na briga do Tuim, considerou aquilo prova de medo. Apertou mais.

– Não tem bom. Ela não quis dançar com homem, não vai dançar com pivete.

E tu se acanha que é melhor pra ti.

Quando não tem jeito tá ajeitado. A Nanete quis falar, mas o Tuim não deixou.

Falou doce pra moça.

– Nega, não te mete nisso. Deixa pra mim.

Depois virou pro Naval e deu as ordens.

– Pode correr pra dentro de mim, otário.

O inimigo nem piscou. Confiou na sua pegada e veio feito. O Tuim se esquivou e deu um bico na canela do Naval. O loque sentiu e por um segundo baixou a guarda. Foi o suficiente: a testa do Tuim entrou no nariz do Naval e o melado espirrou. O mulheriu gritou e a patota fechou a roda pra ver o pega. Ali ninguém era do “deixa-disso”. E foi pena pro Naval. Não pôde mais se aplumar. O Tuim jogou a perna e deu o rodo. O chão sumiu embaixo do pé do inimigo que empacotou. Daí pra frente foi de dar dó. O pivete não perdoou. Deu bico no estômago na fuça e estarrou o loque. E só não acabou com o Naval porque não estava a fim de se complicar. Passou a mão na cabrocha e foi fazer amor que de guerra ele estava farto.

Porém[,] tem sempre um dia atrás do outro. E quem jogou de mão tem que estar coberto. Mas o Tuim não estava. Até se esqueceu do Naval. E esse foi o seu erro. O pinta jurou o pivete de morte e só queria a forra. Teve vez.

O Tuim estava certa vez dando um trampo na rampa do mercado, defendendo uns trocados como chapa, descarregava um caminhão de banana, quando surgiu o jipe do Naval. O carango veio vindo, como quem veio a passeio. Deschavava que ia passar ao largo. E nessa o Tuim acreditou. Mas de repente o Naval mudou a direção do jipe, acelerou e sem erro jogou o carango em cima do Tuim. Passou em cima do pivete. Várias vezes. De frente e de marcha-ré. Passou nas pernas. Passou na cabeça. Passou no coração. Esmagou o Tuim. Foi um troço de dar nojo. Na rampa do mercado formou-se um lago de sangue moço. Uma pasta de carne. Uma tristeza.

No Naval ninguém pôs a mão. Quem viu, fez que não viu. E ficou por isso mesmo. O crime ficou na conta dos acidentes. Mas nas quebradas do mundaréu, muita cabrocha chorou. E nos puleiros as pistoleiras penduraram anáguas e calcinhas pretas e recusaram os fregueses essa noite. Foi a última homenagem a um pivete bom.

O prêmio do traidor (Última Hora de SP – Edição de 17/4/1971. Página 16 Caderno 1)

O Zoé, um crio[u]lão tihoso, mandava no nojento tráfico de maconha da favela do quieto e arredores e sempre metia olho gordo nas divisas do domínio do negão. Os dois vizinhos não se davam. Um sempre queria engolir o outro. E muita lenha foi queimada nessas quizilas. Vira e mexe a curriola de um arroxava os pontos do outro. E nessa guerra muito vagau dançou. Ninguém nesse lance brincava em serviço. Partiam do princípio de que defunto não conta história. E mandavam ver de verdade. Grana grossa correndo deixava os mandões abilolados. Quanto mais ganhava com o asqueroso comércio, mais queriam ganhar. E o jeito que o Negão Zoé e o Zé Peixeiro viam para ter mais lucro era ficar só um deles com o baralho. Acontece que nenhum dos dois estava a fim de sair fora do jogo. E então a solução era nas armas. Porém, eles nunca se encaravam. Quem caía sempre era os pés de chinelos, passadores faróis e por aí. Os grandões se cobriam. Nunca davam bandeira sem a companhia de um gango da pesada. E com catimbas, entrutos e outros pererecos, iam levando.

Até que um dia a sorte ficou pro Negão Zoé. Foi ele resolver bagunçar uma boca de fumo do inimigo pra o Galo Cego, seu cupincha mais chegado, dar a dica.

– Vamu atolá a boca do Baiaco. Uma que fica no boteco da Bárbara. Aquele cara num é de nada. Puxei um tempo de cana cum ele e sei. Era sempre esculachado pela gente. Só dormia na boca do boi. É um pão ganho.

Pro Negão Zoé tanto fazia uma como outra e já que o Galo Cego estava se empenhando por essa do tal de Baiaco, ele topou. Juntou a patota e chegou firme no boteco da Bárbara. Não teve escama. Baiaco era mais fácil do que o Galo Cego disse. Quando viu a turma rival encostar de mão grande, se rendeu.

– Pelo amor de Deus seu Zoé, num me apaga que eu aqui só sou empregado. Ganho o leite das crianças e mais nada. Meu trato com o homem é passar a coisas pros trouxas. Num sou valente nem nada.

Deu essa chiada e sem coragem de levantar os olhos se contentou em espiar de esguelha pra ver se adivinhava na fuça dos bandidos seu destino. Mas não deu pra se tocar nas minhocas que iam na cachola dos outros. Eles não se comoveram com o choramingo do Baiano. Mas estavam baratinados com tamanha covardia. Nessas horas um bandido sabe que está frito, que vai se acabar mesmo e tenta fazer figura, dar pinote e os cambaus pra ver se escapa vivo e com nome. Porém o Baiaco se entregava e pedia arreglo. Era sem dúvida um lixo de gente. Tamanha afinada fundia a cuca da patota ali presente. Eles estavam acostumados a pegar pela proa armas e arrebitos. Diante daquela situação ficaram sem saber o que fazer com o Baiaco. Se plantaram esperando ordens do Negão. O Zoé que não era fácil começou a bolar um jeito de usar aquele trunfo contra o Zé Peixeiro. E enquanto matutava, deu tempo do Baiaco reconhecer o Galo Cego. Isso alegrou o molenga. Ele achou que estava no antigo companheiro de cela o seu pedal. Boquejou de novo.

– Olha seu Zoé, o Galo Cego me manja. A gente teve junto na cana. Ele sabe que não sou de ingrossar [sic] pra ninguém. Não é Galo?

O Galo Cego ficou trancado em copas. O chibu continuou.

– Quebra a minha, seu Zoé. A erva tá aí, a féria tá aí e tem essa draga também que é só pra assustar os loques que às vezes sem grana querem pegar um fuminho na congesta.

Disse e fez. Botou fumo, dinheiro e revólver em cima da mesa. Um vexame. Mas o Negão gostou[,] puxou uma cadeira, sentou e mandou seu gango sentar. Daí deu a lei.

– Tu Baiaco é legal. Tu é boa praça. Vai buscar umas cervejas pra nós. Trás gelada paca e de casco escuro que sou encardido com outras.

O esparro foi e voltou rapidinho. Ganhou licença pra sentar e assim que se instalou recebeu uma escolha dada pelo crio[u]lo.

– Baiaco num tou a fim de te estarrar. Tu tem embaixada[,] sabe conversar. Entrei no teu papo.

– Muito brigado [sic] seu Zoé.

– Só que tem um porém.

– Fala seu Zoé.

– Tu é rato. Sei que tu é.

– Que nada seu Zoé. Só não sou é de confusão. Taí o Galo Cego pode dizer se tou mentindo.

O crio[u]lo olhou pra testemunha invocada e essa balançou a cabeça de um jeito que podia ser sim ou não. Mas como tanto fazia, o Zoé foi em frente.

– Tá. Tu é ponta firme. Vou te dar uma colher de chá. Vou te deixar vivo, te dar uma grana e uma boca melhor do que essa pra tu cuidar. Tá contente?

– Poxa seu Zoé. Só tenho que tar.

– Então positivo. Já que tu tá na minha, torce um rabo de macaco pro Zé Peixeiro e faz ele vir pra cá.

– De que jeito seu Zoé?

– Dá um grupo vagau. Porque é tu ou ele.

Aquela sujesta marelou o Baiaco. Mas ele pra salvar a pele arriscou. E como sabia [sic] que se aprontasse pro Zé Peixeiro e não fosse o fim do mandão, ele próprio seria um homem morto, craneou o salseiro perfeito. Ligou o telefone pra boca de fé do Zé Peixeiro que ficava num inferninho do centro da cidade e bochichou:

Seu Zé tá aí? Quero falar com ele. É o Baiaco.

Esperou um pouco até o chefão vir no telefone e chuliou o alto[,] o suficiente pra curriola do Zoé escutar.

– Seu Zé tem aqui no boteco um baiano de caminhão de gasolina que trouxe fumo do legal. Manga Rosa. Boa. É a primeira viagem que ele faz carregado. Tá se batendo atrás de freguesia. Piou aqui na dica de um otário que pega fumo comigo. O preço é mole e ele pode traçar mais. Só que é muito fumo e eu tou sem grana. Tá sozinho. Três fardos. Tá. O senhor vem? Tá, eu guento ele aqui até o senhor chegar.

E depois do apontamento desligou. O Zoé escondeu sua patota e mandou o Cangaceiro que era baiano fazer a fachada. Demorou às pamparras antes de aparecer o Zé Peixeiro. E chegou encabreirado. Parou o carro longe. Mandou um nego da sua cobertura chegar a pé até o boteco pra sacar o ambiente e só depois que o ponta de lança fez sinal de que não tinha nada de anormal é que ele veio. Entrou e tomou chumbo. Choveu bala de todo lado. O Zoé Peixeiro e os quatro pintas que estavam com ele se acabaram sem tempo de pegar nas armas. Foi uma carnificina de lascar e teve mais. O Zoé se chegou aos defuntos e deu três tiros em cada um. Depois obrigou sua gente e até o Baiaco a fazerem o mesmo. Isso era não ter nenhum dono único naquele esquinapo e não ter cagoetagem. Isso feito o Zoé distribuiu as tarefas.

– Galo, Vevé e o Gordo vão largar a carga na estrada. O Bica e o Zico ficam comigo. O Baiaco limpa esse chão bem limpo.

Tudo foi feito direitinho. Os defuntos foram embarcados no carango do Zé Peixeiro que saiu dirigido pelo Galo Cego. E o Vevé seguiu atrás no carro do Zoé. No meio de uma estrada o Galo parou e tocou fogo na caranga e se picou na companhia do Vevé e o Gordo. Voltaram ao boteco da Bárbara e já encontraram tudo limpo. O Baiaco tinha caprichado. E aí teve nova ordem dada pelo Zoé.

– Vamos embora gente. O Baiaco vai viajar.

O pilantra entendeu o recado e caiu no bué.

– Não me mata seu Zoé. Fiz tudo que o senhor mandou. Não me mata.

Mas dessa vez não teve trato. Com um soco o Zoé calou a boca do rato, que foi agarrado, amarrado e jogado no porta-malas do carro que saiu de novo. Enquanto o Zoé procurava um lugar bom pra ensinar o Baiaco, ele teve tempo de sobra pra pensar na mancada que deu em trair seu lado. Agora nem os beneficiados se fiavam nele. E pagou caro a graça. No alto de um morro desembarcaram o maldito até enjoarem e aí o despacharam com quarenta tiros.

Gama de valente (Última Hora de SP – Edição de 19/4/1971. Página 16 Caderno 1)

O pivete folgado se embandeirou todo e, assim como, quem não quer nada, foi dar uma banda na gafeira. Era um sábado e o risca-faca estava a três de alto, com nego se agarrando pelos picos e outros saindo pelo ladrão. Todo o povo do mundaréu estava lá se espalhando. Desferrando da vida que anda custando os olhos da cara. E o pivete entrou no rebolo. No princípio só cozinhando o galo. Olhando o ambiente para entrar em jogada certa. Não estava a fim de se embandeirar com uma jogada fora qualquer. Foi ali pra melhorar seu naipe. Bagulhindo ele tinha aos montes e estava farto. Queria ganhar uma mulher de primeiro time, pra poder fazer figura no meio da curriola e ganhar divisa na malandragem. Cria das bocas pesadas, o garotão aprendeu as mumunhas todas. Claro que ainda era pixote e ia ter que quebrar a cara muitas vezes antes de aprender na prática o que já sabia de escutar contar. Porém, no assunto de mulher, a tabuada rezava que o nego bem servido de mina, tem cartaz. As outras ficam assanhadas pra adivinhar o mistério do pinta. Nesse negócio de mulher, propaganda funciona paca. E era por essas e outras que o pivete folgado estava ali escolhendo bem o gado antes de atacar.

E estava nisso, quando de repente suas botucas bateram num lombo de entortar qualquer patuá. Viu e vidrou numa mulata cheia de remelexo e dengo. E nem era das mais bonitas. Não era, mas já tinha sido. A mulata que o pivete folgado gamou já era mulher pra homem nenhum botar defeito. Era bem dessas que logo se vê que sabe das coisas e não embroma. E tinha mais, o garotão era bem chegado a uma coroa. Não dispensava as gatas da sua idade. Porém, se desse para escolher, ele apostava nas de mais de trinta. Experiência pesa na balança. Isso ele escutou e guardou. O resto era vocação. E naquela mulata valia a pena. Ela, apesar de já ter tido melhores tempos, ainda parecia no meio do mulherio. Pela graça, pelo remelexo, pelo dengo.

O garotão, além de embeijado, estava com sorte. Por tudo que manjou[,] concluiu que a mulata estava flanando⁴⁵ à vontade. Sem dono perto. Folgado como era, não se acanhou. Foi firme. Chamou a mulher pro samba. Ela veio, mas meio de araque, com sorriso malandrinho pendurado nos lábios carnudos, olhar de deboche que deixava até um loque ver que ela não acreditou no pivete. Ele se notou, se fez de Miguelito. Não tomou conhecimento, nem paparicou de saída. Deixou andar. Mas

45 Termo atualizado; no original de jornal consta “flamando”.

se apresentou. Fez mil e uma presepadadas. Bailou bonito, que nisso ele era bom. A mulata gostou e o pivete encarnou. Depois de dançar bastante, meteu uma sonora saliva no pé da orelha da cabrocha.

- Teu nome?
- Dagmar. Mas todos me chamam de Dag.
- Legal. Nome bacana pra mulher bacana.
- Segura o apito, pivete.
- O que é se diz.
- Tenho idade pra ser tua mãe.
- E daí? O coração não envelhece.

A cantada era mixuruca. Porém, se a mulher está embarcada, gruda tudo. E a mulata entrou fácil na do pivete. Já era pão ganho. E o baile estava pra acabar quando ele quis saber:

- Tu tá sozinha.
- Se não tivesse tu acha que ia ficar espichando papo.
- Pra tu ver. Tá aí um negócio duro de acreditar.

A mulher fez cara de otária e cutucou:

- O que?
- Mulher bonita como tu dando sopa.

Era a deixa pra mulata abrir o jogo e ela botou o baralho na mesa.

- Sou a nega do Pururuca.

Pro pivete foi uma caçambada. O Pururuca era o dono da maior embaixada. Uma lenha encardida. Deu tremedeira, mas a mulher segurou a ponta.

- Guenta. Ele tá em cana. E vai ficar muito tempo.

Foi um alívio pro pivete e uma promessa de recreio. Nessa noite mesmo teve trato com a mulata. Apesar de estar enrabichado, foi de prosa, só pra marcar. Estava certo de poder depois de servido, dar o pinote. Se machucou. A mulata era mais ela e o garotão se prendeu. Passou a morar no chatô da mulata e a ter boa vida. Era tratado a pão de ló. Ganhou da mulata um terno caprichado e outros badulaques. Não queria outra vida.

Às vezes alguém lhe atucanava.

– Vê lá. Sai dessa. Olha que quando o Pururuca sair de cana, vai bater sujeira.

Na hora, o pivete fingia tirar de letra. Porém, por dentro se encabreirava. Ia saber da Dag como ia ser. Ganhava conforto.

- Deixa pra lá. O Pururuca vai demorar [a] sair.

E nessa crença iam mandando ver. Até que um dia quando eles menos esperavam, o Pururuca saiu no bom comportamento. Ninguém ia esperar isso do Pururuca. Mas foi o bicho que deu. E foi broca. O Pururuca baixou no barraco da Dag e botou o casebre no chão. Bolachou a mina e só não fez o pivete porque ele estava longe. Senão ia ser o ponto final da sua linha. A sorte dele é que o Pururuca estava com saudades da Dag e depois da guerra perdoou. Se arreglou com a mulata, pegou as sobras do esquinapo, inclusive o terno que ele tinha dado pro pivete e se arrancou pra outro mocó.

O garotão quando soube do acontecido, ficou numa situação cavernosa. Preferiria não saber. Mas como soube tinha que dar uma decisão pro Pururuca. Ou dava o arroxó, ou ficava avacalhado pra sempre. Toda curriola cobrava dele a façanha. Que não fosse pela mulher. Porém o terno que ela lhe deu, ele tinha que ir buscar. Senão era muito esculacho. E imprensado pela opinião da patota das

bocas, ele não teve escolha. Teve que ir. Só que resolveu ir numa hora que acreditava que o Pururuca não ia estar lá. Três da tarde. Foi.

Embaixo de um sol de estourar mamona, chegou no mocó da Dag. Bateu de leve na porta e quando essa se abriu, ele quase caiu de costa. Plantado na sua frente, estava o próprio Pururuca que foi conferindo.

– Que tu quer aqui, pivete?

Pro garotão não foi mole encontrar o que dizer. Depois de muito custo, falou baixinho:

– Eu vim buscar um terno meu que o senhor trouxe por engano.

O Pururuca mediu o pivete dos pés a cabeça antes de selar.

– O terno? Sei. Ele não serviu pra mim. Então eu botei fogo nele. E daí?

Daí nada. O garotão engasgou, penou e só soube dizer:

– Fez bem. O terno já estava velho mesmo.

O papagaio enfeitado (Última Hora de SP – Edição de 20/4/1971. Página 16 Caderno 1)

O crioulo Satanás era um papagaio enfeitado metido a malandro. Forte como um touro, botava respeito com a figura. Porém, era só. Na hora do “vamos ver” ele não dava uma dentro. Era mancada e mais mancada. Um chibu. Esparro da curriola pesada. A começar pela maconha. O otário se viciou ainda pivete e se entregou. Naturalmente, achando que estava fazendo e acontecendo. Tudo grupo. Ficou numa sinuca de bico sem jeito de se safar. Toda grana que arrumava (e Deus sabe com que dificuldade ele conseguia seus pixulés), o trouxa⁴⁶ largava na mão dos passadores. Não tinha outro jeito. Ele dependia do fumo pra tudo. Sem estar chapado, o crioulo não era ninguém. Até pra chegar em mulher o paspalhão precisava meter um fumo na cuca. E suas conquistas eram na broca. Endoidava e não tinha o que dizer pras minas. O remédio era apelar. Ganhar as pistoleiras mais escrotas na congesta. E nisso ficavam as suas maiores façanhas. Um pé de chinelo nojento que nem comia todo dia pra pegar de grota umas puxadas na marijuana. Logo virou um trapo.

Nessas condições, não podia mesmo ter peito pra arroxar uma boca de fumo. E então quando não tinha grana dava os maiores vexames. Ficava bordejando os pontos e era só perceber que algum outro otário comprava uma trouxinha de maconha, pra ele ir implorar rastejando uma colher de chá, uma narigada. Até ganso o crioulo chegou a virar. Deu muito serviço pros tiras em troca de um dinheirinho de nada. Caguetava uma boca. Assistia de longe ao estarro, depois pegava a paga e ia correndo comprar maconha em outra boca. E era assim que o crioulo vivia.

Até que um dia, nas quebradas do mundaréu, o Satanás entrou numa gelada que o entortou de vez. O Zoinha, um pinta escolado, estava a perigo perpétuo. Não tinha no bolso nem um tostão furado. Acabara de sair de cana e ainda não achara os seus pontas firmes pra embandeirar a paróquia e faturar. Na tentativa de encontrar os seus chapas se botou a varejar as bocas. Mas só deu crepe. Não trombou com nenhum vagau de primeiro time. E já era tarde. Quase duas da matina. O Zoinha se tocou que ou botava pra quebrar logo ou então iria comer capim pela raiz até as coisas melhorarem. E ele não era nenhum lambo mole. Não aguentava deixar nada no barato. Ficava oriçado. Ainda mais espremido pela fome. Virava bicho. Capaz de tudo. Até de encarar uma gronga confiando num otário. E foi o que fez nesse lance. Num esquisito encontrou o crioulo Satanás. Não vacilou. Espalhou o jogo na mesa.

46 Termo atualizado; no original de jornal consta “trouxe”.

– Tu tá durengo negão?

A pergunta era só pra iniciar papo. A pinta do Satanás não enganava. E sem demora o trouxa confessou:

– Tou mal. Ainda nem biquei hoje.

Pro Zoinha era de colher. Sabia que um viciado topa qualquer parada por sua zoeira. Imprensou.

– Não pegou porque não quis. Fumo tem aí mesmo é só chegar.

– Com que roupa?

– Na mão grande.

– Não dá.

– Por que? Eles são mais homãos [sic] que tu?

– Não é isso. Tudo gente do pedaço. Não pega bem.

– São teus chapas?

– Pra tu ver.

– Mas fumo no peito eles não te adiantam.

Essa verdade encabulou o crioulo. O Zoinha que sabia onde queria chegar partiu pro esculacho.

– Conversa, vagau. Tu é de nada e vem com esse quás-quás-quás de gente do pedaço e tal e coisa. O que tu não tem é fé no teu taco pra chegar nos homens e pedir o teu no berro. Te manjo vagabundo. Com todo esse corpão tu se acanha no meio do barulho. Tu é devagar.

– Eles têm as armas, meu. Eu não tou descoberto.

A desculpa só rendeu nova espinafração.

– E tem que tar [sic]. Otário. Mil anos na vadiagem e ainda não meteu uma draga em cima pra ir buscar na valentona o fumo que quiser. É otário mesmo.

Fazia tempo que nem um bandidão se invocava com o Satanás. Na pesada ele não pesava na balança. Dura dessa ele nunca tinha levado. Estava sem preparo pra responder. Teve que se fechar em copas. Isso deu margem pro Zoinha dar a decisão.

– Olha eu. Puxei um tempo em cana. Saí hoje. Já estou na boa. Tou com duas armas. Peguei no mocó da nega. Tou duro. Mas tu já sentiu que é por pouco tempo. Vou dar um estarro e me arrumar. Se tu quiser me dar uma força te empresto um revólver. E tem mais... Vamos no racha. Meio a meio.

O crio[u]lo vacilou. Estava encostado na parede. Se ardendo de vontade de puxar um fumo. Precisando mesmo da erva pra sair da bobeira. Mas mesmo assim não se sentia capaz de arroxar uma boca. Pra entrar numa parada dessa, o nego precisa estar pra que der e vier. Chegar sem dó. Empacotar tudo. Apagar desde o farol até o dono do pesqueiro. Não deixar ninguém pra contar a história. Se não, tem forra. E o Satanás não estava a fim de uma gronga tão cavernosa. Só queria um fuminho nada mais. Porém[,] não sabia como dizer.

O Zoinha por sua vez sabia das mumunhas. E não queria dar nem um rapa na turma da fumeta. A ideia de jerico⁴⁷ que estava na sua cachola era outra. Pegar um ônibus, meter as armas em cima do cobrador e afanar a féria. Uma moleza. Bastava ter um parceiro pra guentiar o chofer e os passageiros que na madrugada são poucos. E pra esse serviço até um pivite ou um otário serve. Por isso convidou o Satanás. Se embromou foi pra não ter escama do crio[u]lo. E deu certo. Quando percebeu que o crio[u]lo estava bem ruim dentro da roupa. Apresentou a novidade.

– Tá negão. Se tu tem medo de chegar na boca, então vem ganhar uma grana pouco [sic], mas fácil. Vamos ferrar um ônibus.

47 Termo atualizado; no original de jornal consta “gerico”.

Essa dica aliviou o Satanás. E aí ele topou. O Zoinha escancarou o plano que era simples e emprestou o revólver pro crio[u]lo. Achava que nem precisava. Confiava que só com o tamanho e com a pinta, o negrão ia assustar os loques. Porém, pelo sim e pelo não, deu a ele a arma.

Embarcaram num ônibus de subúrbio e deixaram andar. Num pedaço deserto o Zoinha mandou o crio[u]lo render o motorista e os poucos passageiros. O Negrão meio sem jeito deu as ordens.

– Pára a Carangola. É estarro. Quem estrilar, leva arrebite.

De trás o Zoinha completou:

– Passa a grana pra cá, cobrador. E vê se te manca que tu não é dono da empresa. Não é o teu que vai queimar. Agora, se ciscar é tu que morre.

Aí deu-se o esquinapo. O chofer, um baiano marrudo, engrossou. Não parou. Seguiu em frente. E sabedor dos horários da linha, tinha certeza que estava pra cruzar um outro ônibus. Sentou o pé na tábua e foi dando sinal com os faróis. O Zoinha fez sua parte. Apanhou a grana do cobrador. Porém, o Satanás se embananou. Sem fumo, ele era um zozzo. Ficou sem saber o que dizer ou fazer. E estava escolhendo se atirava ou dava nova ordem, quando apareceu no sentido contrário o outro ônibus que logo respondeu o sinal de luz. O motorista do ônibus que os bandidos estavam, não teve dúvida. Calçou no breque. Todos caíram. Mas o Zoinha não perdeu tempo. Se levantou, deu com o revólver na fuça do cobrador, puxou a alavanca que abre a porta de trás e levando a grana deu pinote sem nem dar um alô pro Satanás. Esse, ao cair, largou a arma. Quando quis apanhá-la outra vez era tarde. O chofer deu com um cano na cabeça do crio[u]lo. Os passageiros revoltados partiram também pra cima do negrão e arrearam o pau.

O motorista, o cobrador e passageiros do outro ônibus vieram ver o que havia e encontraram o bolo formado. Quando souberam do perereco, não relaxaram pro Satanás. Muito pelo contrário. Ajudariam a malhar. E todos bateram até cansar. Quando pararam, o crio[u]lo era um monte de carne moída boiando num lago de sangue. Não precisava mais de fumo. Estava morto.

Mumunhas da cidade grande (Última Hora de SP – Edição de 21/4/1971. Página 16 Caderno 1)

O Tião não foi o primeiro, nem vai ser o último pinta a ser forçado a sair da sua cidadezinha no fim do mundo pra vir catar emprego em São Paulo. Trabalho no interior não é fácil. Naturalmente que se o Tião pudesse, ficaria lá onde nasceu, onde enterrou seus mortos, onde deixou seus vivos, onde reinou quando era pivete e tudo o mais. Porém, não pode. No seu lugarejo não havia batente. Então o jeito foi mesmo se mandar. Juntou uns pixulés, passou a mão nos seus cacarecos, deu tchau pros amigos e parentes, pra namorada não, que ele não tinha, as moças daquele triste pedaço não davam bola pros rapazes da cidade por saberem que ficando lá eles não iriam ter nenhum futuro brilhante, e por essas e outras, o Tião se enfiou num ônibus e meteu as fuças nos caminhos do mundaréu.

Desceu em São Paulo meio apavorado com as mumunhas da cidade grande e com outras ideias de jerico⁴⁸. Medo, esperança, saudade e os cambaus pesavam em cima do Tião. Porém, quem não tem escolha tem que comer enrolado. E ele encarou a parada. Suportou a solidão agarrado em sua fé e tratou de ir se instalando.

⁴⁸ Termo atualizado; no original de jornal consta “gerico”.

Se mocosou numa pensão xixilenta na rua Treze de Maio, que apesar de cavernosa lhe pareceu legal. Ali aguentavam as rebarbas da vida montes de famílias. Tinha casal até com quatro filhos empilhados todos num quarto só. E a presença das crianças na espelunca apesar da miséria, dos apertos e do barulho davam, no entendimento curto dos moradores e do dono da pensão, dignidade humana ao local. A droga era familiar. E com esse grupo nojento, o Tião foi enrolado. Pra conseguir a vaga teve que se esforçar paca e bufar uma sonora grana de três meses de aluguel adiantado. E apesar disso, o moço do interior ainda deu graças a Deus por encontrar essa boca tão respeitável e não ter ido cair num antro de vigaristas. Que era o que ele mais temia de São Paulo. Os vagaus enganadores que vivem chuveirando os caipiras. Sossegado quanto a moradia, o Tião saiu procurando emprego. Como não era de enjeitar nada, achou logo uma vaga de servente de pedreiro. E começou a remar a chata. De macio, acanhado ia levando da pensão pro trabalho, do trabalho pra pensão. Aos poucos, foi conhecendo gente e a se desembaraçar mais. Às vezes ia ao cinema, isso até que descobriu o auditório de televisão. Depois não saía pra outro lugar. Seu babado era ir ver Dona Hebe, seu Silvio, seu Airton Rodrigues. Entrava em todas. Não tardou pra querer andar na moda. Deixou a juba crescer. Comprou uns óculos raibam, um rádio de pilha, uma camisa amarela-ouro, uma calça de veludo verde, um sapatão vermelho e todo embandeirado deu até pra ganhar coragem e começar a paquerar as macacas de auditório. Mas trouxão que nem ele só, nunca apanhava nada. O que fazia era marola com as moças. Ajudava as piranhas a pegar autógrafo de artista, comprava pipoca pra elas e achava que estava abafando. Só sentia o máximo. No fundo da alma ainda carregava aquela saudade da sua terrinha. Uma vontade sofrida de que o povo da sua cidade flagrasse ele todo empiriquitado comprando pipoca e pegando autógrafo dos artistas pras macacas. Fora isso continuava o mesmo tabaréu que chegou. Dava duro no batente sem falhar um dia. Só nas horas de folga é que ele se expandia. Era uma vidinha de lascar. Porém, ele gostava. Pra sua felicidade ser completa, bastava ele arranjar uma namorada. E por ele andar alegre, não faltou gente pra meter olho gordo. Os moradores da pensão começaram a bochichar.

– O trouxa é hippie. Vê a camisa dele?

– Cabeludo. Num sei como deixam esse cafajeste morar aqui nessa pensão que é familiar.

– Devia de tá era na boca do lixo.

E nesses quás-quás-quás a barra na pensão pesou pro Tião. Todo mundo passou a destratar o moço. Principalmente o Nestor, que de atucanação pelos revertérios que têm o pinta que ganha salário mínimo e tem mulher e quatro filhos pra sustentar, já estava ficando meio abilolado. O Nestor de pura inveja da folha do Tião, inconscientemente descarregava sua bronca da situação pra cima do moço. Só via defeito no outro. E quando abriu a boca era pra esculachar.

– Essa pensão já foi legal. Qualquer dia me mudo. Como é que a gente que tem família pode morar junto com um maconheiro.

Sua mulher mais realista e sabendo que eles não tinham grana pra ir a lugar nenhum ia maneirando.

– Deixa o moço, Nestor. Ele é solteiro.

Era pau e bola. Sem querer a mulher metia o dedo na ferida. O Nestor não suportava ter mil encargos com a família e ver o outro todo livre. E quanto mais a mulher falava, mas ele sentia a bronca contra o Tio crescer dentro dele. Não dizia nada. Se fechava em copas. E esperava uma ocasião de entrutar o outro.

O Tião nem estava aí. Encarava as grosserias do pessoal da pensão como coisa natural. Jeito deles. Dentro da sua simplicidade entendia que cada um era como era. Botava pra frente. Não tomava conhecimento. Vivia e deixava viver.

E foi vivendo que acertou a milhar. Um dia em que voltava do trabalho passou numa praça e suas botucas flagraram uma babá⁴⁹ que tomava conta de um garotinho. O Tião olhou e vidrou. Já meio escolado, chegou na moça. Engrenou um papo que grudou. A babá era mais jegue que ele. Também era de fora e tinha chegado há poucos dias. Gamou na ousadia do Tião. Fez denço. Um pouco de fingida, um pouco de verdadeira e deu a impressão de ter medo dele. Julgou o Tião um grande conquistador. E quando ele conseguiu vencer suas barreiras interiores que eram muitas e sapear:

– Tu é do jeito que eu gosto.

A babá ficou gelada e quis saber meio brava.

– De que jeito que tu pensas que sou? Das face?

Diante desse aperto ele teve que se render.

– Não. Das bonita.

E aí a babá vaidosa e desconfiada deu em cima.

– Tu diz isso pra todas.

Mas assim nasceu o namoro. Todas as tardes os dois se encontravam na pracinha e levavam um papinho. E correu um ano nessa zoeira. Os dois se gamaram de verdade. Falaram até em casar. Sonharam. Mas na hora de conferir, concluíram que o ordenado do Tião era muito pouco e resolviam esperar ele melhorar a situação. Porque entre outras coisas o Tião era ciumento. Não ia querer ver sua mulher trabalhando e queria ter filhos pra ela cuidar. Tudo justo. Ele largou de mão os programas de auditório e curtiu a babá. Direitinho. Mas os dois, um dia, começaram a brigar muito. Por qualquer coisa, dava bolo. Uma zorra. Chegaram até desmanchar o trato. Porém resistiram só dois dias. O Tião depois de se roer todo deu o braço a torcer e procurou a namorada. Ela que estava pedindo isso mesmo foi inteira. Aí o Tião escancarou o lance.

– Ói aqui tu é mulher, eu sou homem. Isso é que é. Nós briga é por isso. nós vivemos se querendo e só conversa. Nós tem que se conhecer.

Era verdade. A babá apesar de desconfiar que o Tião queria aprontar pra ela, topou. Estava pelo que desse e viesse. Os dois dias que passou sem ver o namorado foram de lascar. Resolveu ir até as últimas consequências.

Se o cara é rico, tem apartamento e tal, é mole resolver uma parada dessa. Mas pra nego salário mínimo não é fácil. Hotel não recebe casal por curta permanência. Qualquer agente da lei fica doido de hotel se cobre e cumpre as coisas. Nessa o Tião quebrou a cara. Vasculhou a cidade atrás de hotel e neca. Só encontrou pra passar a noite. E não deu pé. A babá não podia dormir fora do emprego. No mato o moço não queria. Poderia encontrar assaltante ou polícia, que no caso era quase a mesma coisa. Atrapalhava. E os dois penaram. A babá já estava quase saindo fora. Os dois estavam cansados de andar. Quando o Tião lembrou da sua pensão. Se mandou firme. Entrou e foi logo conversando com a moça.

– Num sei cumu [sic] num pensei nisso mais cedo.

O Nestor que de tanto problema na cachola não pegava no sono, escutou o Tião falar, achou que ele estava ficando doido de falar sozinho e foi xeretar. Espiou e viu a babá. Entortou o caldo. Botou a boca no trombone. Acordou meio mundo e iniciou o comércio.

49 Termo atualizado; no original de jornal consta “babé”.

– Esse pilantra tá desrespeitando as famílias. As famílias. As nossas famílias. A moral das famílias e tudo.

Todos aprovaram as palavras do Nestor. E o dono da pensão teve que mandar o Tião cair fora. Mas teve um erro. Maltratou a babá.

– Tira essa pistoleira daqui. Anda. E pode levar tuas coisas. Tá despejado.

Num prestou. O Tião virou bicho.

– Paguei. Tou em dia e não saio. E pistoleira é a mãe.

No sai, não sai, o dono da pensão teve que dar uma decisão.

– O sai por bem ou na marra.

Não teve acordo. O senhorio foi então tirar o Tião na valentona, levou uma cabeçada, o Nestor partiu pra dentro do Nestor, tomou um pé na barriga. Lenha dura. O Tião mordido de raiva ficou difícil mesmo pra todos os moradores juntos. E foi no meio da briza [sic] que o Nestor puxou a peixeira e ferrou o Tião. Morte na hora. Ponto final de um moço bom.

A gama negra do loque Ernesto (Última Hora de SP – Edição de 22/4/1971. Página 16 Caderno 1)

Albertina Soares ainda era manjada por Nega Tina quando conheceu o Ernesto motorista. Ela se virava nas bocas mais escamosas. De parcerada com o Pantera, uma bichona valente, suave tudo que era loque, que ardido de vontade, caísse na besteira de querer enganar a solidão no remelexo dela. Mas deixa isso pra lá. O que conta aqui é que numa madrugada na porta de um boteco dos mais escrotos de todas as quebradas do mundaréu, a Nega Tina tomou o táxi do Ernesto pra ir descansar o corpo no seu mocó, que era na Barra do Catimbó, onde o vento encosta o lixo.

Corrida pra essas bandas não era mole. Muito chofer que tinha ido levar passageiro praqueles lados virou notícias do jornal como vítima do assassino da bandeira dois. Porém[,] o Ernesto botava fé em São Cristóvão. E só de bater os olhos no denço da Nega Tina, se vidrou. Por essas e porque também já estava com a féria feita e queria vadiar, topou o serviço. Devido às ideias de jerico⁵⁰, foi logo puxando papo. Como a mulher não estava muito a fim de pagar a corrida, teve logo entendimento.

Naquela noite mesmo ele pegou uma beira na cama da Nega Tina. E foi a sua perdição. A pistoleira conhecia o assunto paca. Amarrou o bruto. E nó de cama fica. Como fica. O Ernesto se enrabichou e não largou mais o pé da mulher. Todo fim de noite baixava nas encolhas da escrotidão pra apanhar a mulher. No princípio esse chodó lhe bastava e a Nega Tina mais pela carona no carro do que por ele, ia levando. Às vezes dava uma luz na cuca do abilolado e ele percebia a mumunha da mulher. Se desesperava e em vez de cair fora e curtir a bronca em outro pesqueiro não. Ficava mais gamado. Se invocava até com o Pantera que não era nem um pouco chegado [em] mulher. E com ciúmes seus atucanava a Nega Tina. Ela cheia deu um “passa-fora” nele, mas não adiantou. O Ernesto cercou a mulher de todo lado. Deu vexame, espantou freguês, aprontou rolo e tal e coisa. Depois de muita presepada e catimba, a Nega Tina chamou o Ernesto prum acerto firme. Foi logo botando as cartas na mesa.

– Escuta aqui, vagau. Se tu não sabe, eu vou te conta. Tu tá pensando que eu tou nessa pur [sic] gosto? Pego aí porque preciso, tá bom? Preciso. Os pixulés que

⁵⁰ Termo atualizado; no original de jornal consta “gerico”.

defendo aí me faz falta. Tu num sabe. Fala em gama e piriri-pororó mas nunquinha adiantou meu lado.

Era mentira. O Ernesto sempre dava alguma grana pra mulher. Naturalmente que ele desbaratinava pra coisa não perder o encanto. Mas que dava, dava. E por isso ele nesse esquinapo perdeu o luxo e protestou:

– Num me vem com essa. Tu sempre se serve com o meu tutu.

Mas a nega apesar de reconhecer aumentou o esculacho:

– Tu tá é me chuveirando. O dinheirinho que tu me dá num é escora pra coisa nenhuma. Que tu pensa, vagau? Eu tenho família pra sustentar. Tá bom?

Vendo como essa revelação entortou o Ernesto, a Nega Tina que era a fina flor da malandragem, mudou de tom e meteu uma cascata.

– Ernesto, a vida anda custando os olhos da cara. Eu dei muita mancada. Isso dei. Mas tem porém. Minha mãe que coitada já não pode nem com ela, meu irmão que tá ruim do peito, eu que num vou largar de mão. Nunquinha. Sei que a velha só tá esperando meu irmão morrer pra ir também. Eu não vou descuidar deles pra depois me azucrinar toda de culpa. Me viro. Me dano. Mas seguro as pontas.

Pau e bola. O Ernesto desmontou. Com lágrimas nos olhos botou pra quebrar. Propôs casamento, ajudar a família e tudo mais pra dar estia pra mulher. E ela ainda ficou de pensar. E estava cozinhando o galo quando bateu sujeira nas bocas. A cana começou a dar umas incertas e a arrastar meio mundo⁵¹. O Pantera que estava com medo de entrar em gelada e queria pegar uma estia na sombra do loque, sabendo da proposta aconselhou a Nega Tina a aceitar o casório com o Ernesto. E como ela não tinha irmão, ele entrava fácil na história. De mãe ia uma coroa que estava a perigete há muito tempo pra recusar uma sopa. E com esse esquema, chegaram no Ernesto que entrou de gaiato.

O loque dispensou o barraco da Barra do Catimbó, vendeu o carango, deu de entrada numa casa maiorzinha na Freguesia do Ô e foi trabalhar de empregado numa frota. E foi tocando a barca muito feliz. A Nega Tina virou dona Albertina, o Pantera ganhou o nome de Oscar e a velha pistoleira passou a ser chamada de mamãe. A casa foi colocada em nome da mulher e não tinha escama. Por uns tempos foi tudo direitinho. Dava gosto ver. Cada um fazia seu papel. A Albertina até parecia gamada no Ernesto. Quando ele piava em casa tarde da noite, recebia bom trato. A mulher saltava da cama pra esquentar a boia e fazer café.

Porém, logo avacalhou a guerra. A Albertina cansou daquilo. Começou a inventar parente e a trazer pra morar na casa. Primeiro veio o tal de Valdir que ela disse que era primo, depois um tal de Dico e logo virou bagunça e o bairro todo ficou sabendo que o Ernesto era chibu. Foi de doer pra ele. Mas um dia ele não pôde suportar mais. Chegou em casa e o Valdir estava dormindo na sua cama. Quis tirar ele de lá e a mulher não deixou. Fechou a porta do quarto no seu nariz e fez ele dormir na sala sozinho. Na manhã seguinte o Ernesto botou a boca no trombone e se deu mal. A curriola se juntou e jogaram ele na rua.

Expulso de casa, gamado, avacalhado e tudo mais, o Ernesto se danou a beber. Virou um trapo. E um dia roído de raiva e despeito, não pôde mais. Arrumou uma grana e encomendou uma desgraça pra um tal de Bom Cabelo. Um milhão por cinco presuntos. Queria Nega Tina, Pantera, mãe de araque, Valdir e Dico estarrados. O Bom Cabelo foi cumprir o trato. Entrou na casa e armou o salseiro. Meteu arrebite na Nega Tina, na velha, no Valdir e no Dico. Na vez do Pantera, a arma falhou. No braço foi lenha. A baiana da bichona tinha roda larga e o Bom Cabelo levou uma ferrada. Também deu. E ele e o Pantera caíram feridos e ficaram

⁵¹ Termo atualizado; no original de jornal consta “muito”.

esperando a cana pra contar a história. O matador não fez mandante. E pra lei ganhar ele foi canja. Hoje o desgraçado amarga no chilindró.

Uma história do mundaréu (Última Hora de SP – Edição de 23/4/1971. Página 16 Caderno 1)

Quando o Osmar saiu da cana depois de puxar vinte anos, resolveu começar novamente a vida. Entrou com dezenove e saiu com trinta e nove e aparentando cinquenta e tantos. Mas não tomou conhecimento disso. Queria realmente se regenerar. O que não era fácil. Estava completamente deslocado na sociedade. Na droga da cadeia não aprendeu nem um ofício. Por falta de verbas, as oficinas não funcionavam e ele achou melhor se meter na turma da limpeza que essa sempre tinha o que fazer e era tirada do cubículo com sol ou com chuva. Para a profissão que tinha antes de entrar em gelada, não queria voltar. Não queria nunca mais matar ninguém. E por essas e outras o Osmar penou.

Pesava na balança o seu passado de crimes. Os cupinchas antigos e alguns parceiros que conheceu na careia [sic], vinham a ele pra combinar assaltos e outros estarros. E aí era uma batalha. Cada vez que recusava era um quás-quás-quás cavernoso. Recebia esculacho, era acusado de cagueta e tudo mais.

Porém o Osmar resistia a tudo. Duro, sem emprego, sem mulher, sem cigarro, sem pouso, desprezado pelos amigos e vigiado pela polícia ia levando. Deus sabe como. Chegou até a pedir. Passou mil vergonhas. Mas sempre firme no propósito de se endireitar. E foi pra pedir uma força que ele, numa noite de desespero em que estava se batendo nas quebradas do mundaréu, foi a um terreiro de macumba, num esquisito escamoso. Foi afalar com “Os Mais Velhos”, pedir valia aos Encantados pra poder aguentar o repuxo.

Levou passe, banho de descarga e ganhou nova fé. Principalmente quando suas botucas flagraram no meio da roda dançando a Tia Neca⁵² que ainda guardava um certo encanto. E apesar do Osmar estar todo jogado fora, a Tia Neca também se engraçou com ele. Nasceu esperança no ex-detento. Mas ele se acanhou. Estava sem confiança na sua presença. Guentou a mão naquela noite. Mesmo ele parecendo que a Tia Neca na hora de servir a comida de Santo fez questão de arrumar seu prato e caprichar bem. Se fechou em copas e quando a festa de Cabloco acabou, ele foi embalado. Mesmo não tendo onde ir se arrancou pra fazer figura. E perambulou paca até a outra festa. O povo da roça nem se tocou na sua presença. Porém a Tia Neca logo que viu ele chegar foi a ele como quem não quer nada e engrenou um papinho deschavado.

– Gostou do toque do Pai Mumu de Angola?

– Pois é. Até voltei.

– E venha sempre que aqui é bom. Pai Mumu sabe das coisas. E nós só trabaia [sic] pro bem.

E sem querer, ou querendo, mas sem saber como, do chove-não-molha[,] a conversa virou confissão. O Osmar se abriu. Contou todo seu passado. A Tia Neca se doeu por ele e também se rachou. Disse que estava morando na roça de Santo porque não tinha onde ficar e o Pai Mumu, homem bom, recolheu ela que era filha de Obá e ajudava em qualquer trabalho do ter[r]eiro. Antes disso[,] no tempo em que ela era mulher pra nego nenhum botar defeito, como ela mesmo falou, se virou nas bocas. Quando o tempo, as doenças e as grongas encarnaram ela ficou a perigo e também chegou a pedir esmola, e catar papel e no fim se encostou ali. Mas com

52 Termo atualizado; no original de jornal consta “Tia Nemas”.

esperança de ainda se levantar na vida. Sua Santa Obá não era de desamparar filha, não. Se ela penou foi pra pagar o mau caminho que andou. Porém já tinha sofrido muito e acreditava que a Encantada ia fazer chover na sua horta.

Se a Santa fez ou não, ninguém sabe. Mas o que conta aqui é que aquelas criaturas tão machucadas pelas invertidas da sorte, ainda tiveram gás de se vidrarem um no outro como namoradinhos. E embeaçados passaram a se ver todos os dias até que decidiram se juntar de vez. Com todo respeito foram pedir licença pro Pai de Santo. Seu Mumu jogou os búzios e leu nos caramujos e nas sementes que aquela união dava gosto aos Orixás. Obá por parte de Tia Neca e Olorum por parte do Oscar. Foi pau e bola. Seu Mumu que era homem bom mesmo, amparou o casal. Deixou eles se instalarem nos terrenos de sua roça. Ajudou na construção do barracão com umas folhas de zinco, e até bateu atabaque em louvor aos dois. Oscar, de agradecido, contou ao Pai de Santo todas suas quizilas. As mortes que carregava nas costas e os salseiros, que agora ele renegava. Neste caso também seu Mumu quebrou a treta. Lembrou de um banqueiro de bicho que quando andou encrencado com a polícia foi se cobrir com ele e ficou agradecido pelo seu trabalho. Não vacilou. Mandou o Oscar ir falar com o homem. Não teve escama. O bicheiro arrumou uma vaga pro ex-detento. Em consideração ao seu Mumu deu ao Oscar um lugar de escrevente no melhor ponto. Lugar tranquilo, distrito de tiras arreglados. Coisa fina. E tudo no início foi às mil maravilhas pro Oscar e Tia Neca. Ele que fora bandido da pesada não considerava jogo de bicho contravenção. Se sentia um homem recuperado e honrado.

Mas felicidade dura pouco. As pessoas querem sempre mais. Um belo dia Tia Neca deu pra ficar jururu pelos cantos. O Oscar se encabritou. Apertou a mulher e ela muito envergonhada entre lágrimas explicou:

– Queria ter um nenê. Coisa besta, nego. Eu sei que não dá. Já fiz mais de vinte abortos. Tou gasta.

Pra quem tem fé, nada é impossível. E mais uma vez o Oscar apelou pro Pai de Santo. Esse se entendeu com os Orixás e deu um chá de erva. Nove meses depois a Tia Neca, com quase cinquenta anos no lombo, paria um bacuri lindo e forte que todos que sabiam ver, viram logo a estrela na testa e a cabeça coroada. Nenê com sina traçada.

E a felicidade do Oscar, da Tia Neca, do pivetinho bom que se chamou Oscarzinho durou sete anos. Aí virou a mão. No fim de sete anos o casal de tão despreocupado esqueceu de renovar as obrigações com o Santo. Entrou areia. O orgulho e glória dos pais era o garoto. E onde o Oscar ia, levava junto o menino. Até pra escrever o bicho. E foi esse o seu erro. No dia que o Oscarzinho fazia sete anos o pai e ele estavam no ponto[,] quando um grupo de bicheiros inimigos, resolveu arroxar. Foi broca. Diante do menino, o velho Oscar não queria afinar. Virou bicho e botou pra quebrar. A turma que invadiu a área estava pro que desse e viesse. Puxaram as armas e abriram fogo. Da parte do Oscar teve resposta. E no fim do tiroteio os inimigos fugiram atirando. Bala não tem leme e uma extraviada acertou na cabeça do Oscarzinho.

De desespero o velho Oscar não chorou, não gemeu, não gritou. Se picou de raiva e saiu pra forra. Nesse dia mesmo achou um por um dos assassinos e não deu chance. Estarrrou todos, que eram seis. E pra empatar com a idade do filho apanhou o banqueiro que mandou fazer a miséria. Completou sete. Daí se pinoteou.

O Oscar chegou em casa e assim que viu Tia Neca sentiu o aperto no coração. A mulher enfeitava um bolo com sete velinhas. Ele não resistiu. Sem saber como contar a desgraça pra mulher, poupou-lhe sofrimento. Por gama meteu-lhe

três arrebitos. Tia Neca não sofreu. Desabou morta. As outras três balas do revólver o Oscar meteu na própria orelha.

Uma sim, uma não (Última Hora de SP – Edição de 24/4/1971. Página 16 Caderno 1)

O Zuza de parcerada com o Cocada afanaram um otário que apareceu todo coberto de badulaques e grana de chamar atenção na Barra do Catimbó. Foi uma moleza. Porém o trouxa estrilou. Fez um bruta escarcéu e orçou a polícia. Mas não iria pegar nada se não fosse o Cocada ser presepeiro e sair dando banda com as correntes, relógios e tudo mais do otário. Malandro pé de chinelo quando pinta na praça dando panca de bem de vida alerta meio mundo. E nesse lance não deu outra coisa. Um cachorrinho muito sem-vergonha botou as botucas no Cocada e logo achou que ele estava devendo pra polícia. Foi nas orelhas dos tiras e bochichou:

– Tem um tal de Cocada que anda fazendo figura e pelo que sei não dá pra ele.

Pelo sim, pelo não os homens ganharam o Cocada. Apertaram ele, mas não teve boquejo. Foi firmeza. Não abriu nada sobre o Zuza. Quem complicou a situação do rapaz foi a Ditinha Boqueta, uma negrinha escrota que era vidrada no Cocada. Pra aliviar a barra do seu mino entrutou o Zuza. Disse que ele é quem vendera as bugigangas pro Cocada e que esse não estava dando a dica porque Zuza não era fácil e não perdoava dedada. O grupo era cavernoso, porém foi pau e bola. O Cocada saiu e o Zuza entrou. E já que chegou com fama de valentão[,] espremeram ele pra valer. Queriam arrancar do Zuza confissões de tudo que era assalto sem solução, nome de parceiro e tudo. Mas não teve por onde. Pendurado no cambau e tal e coisa, o Zuza se aguentou. Não entregou ninguém nem nada. Foi uma rocha. Nem quando o tira que o interrogava cantou a pedra.

– A gente sabe de tudo, vagau. Tu é pilantra metido a meter a mão grande em cima dos outros. A Ditinha Boqueta bateu tua ficha.

Essa luz no caso picou de raiva o Zuza. Ele ali mesmo jurou a negritinha de morte. Porém continuou sem dar serviço nenhum. E ficou nisso até que enjoados dele, os homens relaxaram a bronca por falta de provas. Na rua ele nem perdeu tempo. Se botou na campana da Ditinha Boqueta e acabou flagrando a piranha num mocó escamoso da Vila Margarida. Não deu estia pra mulher. Sacou a arma e anunciou:

– Tu sabe o que fez vadia.

E tacou arrebite. Três na cuca, dois nos peitos da mulher mandaram ela falar com Deus direto. O Cocada quando soube do estarro, se apavorou. Pensou que ia tocar algum esquinapo pra ele e se pinoteou. Na verdade o Cocada não se doeu pela mulher. Já estava cheio da piranha. O que fez ele sumir do mapa era que no fundo achava que tinha andado mal com o Zuza. Sabendo como sabia que a negritinha tinha engessado seu parceiro continuou andando com ela. Isso pegou mal nas encolhas do esquisito. E por essas e outras, ele se arrancou.

O cadáver de Ditinha Boqueta era barato. Ninguém ia queimar lenha pra achar o dono dele. Aconteceu porém que teve repeteco de cagoetagem na vida do Zuza. Um telefonema anônimo escancarou o caso pra polícia. O sacana que torceu o rabo do macaco contou uma treta bem armada. Que era crime por ciúme. Que o Zuza que tinha chamego certo com a Ditinha, ao sair de cana encontrou a vadia com outro nego e apagou ela. E dessa vez o Zuza entrou em gelada mesmo. Não teve jeito de escapar. Teve que puxar seu tempo na galera fria. E foi longo.

Quando saiu o Zuza estava a fim de desferrar os anos que perdeu. No primeiro sábado que estava em liberdade baixou na Gafieira do Quase Trinta e foi logo arrastando uma cabrocha. Até aí tudo legal. A sujeita bateu porque a cabrocha [d]a Dague tinha dono. E o dono, um tal de Cabeludo, azedou. Teve lenha dura. O cara correu de faca pra dentro do Zuza e esse teve que mostrar tudo que sabia fazer com as pernas. Foi um bololô. Mas desapartaram a briga. Os dois homens se prometeram e a Dague deu a decisão pro Zuza, saiu com ele e deixou o Cabeludo falando sozinho.

E foi aí que alguém assoprou pro malandro solitário o passado do Zuza. Quem deu o alô falou por falar. Não estava querendo meter minhoca na cachola do Cabeludo. Só charlou pra consolar.

– Manjo esse Zuza. A Dague vai se dar mal. Esse cara já teve em cana porque apagou uma mina. Se a Dague não abrir o olho é capaz dela se machucar. O vagau não é de brinquedo. E quem faz uma, faz duas.

Ao escutar isso[,] o Cabeludo sentiu a zorra encarnar. Encucou uma ideia de jerico⁵³. Não falou com ninguém de sua dor de cotovelo. Até deu a entender que não estava se importando muito com a mulher que perdeu pro Zuza. Pra curriola mais chegada ele chegou até dar um deschavo. Quando meteram ele na parede para saber como ia ficar o perereco deu uma de manso.

– Que nada. Peguei a faca só pra fazer figura e não ser esculachado. Meu negócio é tratar de mim. Não vou acabar um loque por causa de mulher. Mulher não me falta. Sou mais eu. E a Dague foi e já foi tarde. Boto cinco melhor do que ela pra cuidar do bom aqui[.]

E não falou mais nada. Por duas vezes evitou de encontrar com o Zuza. Mas não esqueceu. Apenas deu corda pro inimigo. Deixou ele se acertar direitinho com a Dague. Quando manjou que os dois estavam mesmo de trato começou a rondar o barraco deles. Mas na moita. E num dia em que o Zuza saiu e a Dague ficou sozinha, o Cabeludo se chegou. Ainda curtiu a mulher.

– Vim acabar com tua alegria[.]

Custou pra Dague se mancar que a barra era pesada. Ainda tentou ganhar no papo.

– Me esquece Cabeludo. Eu tou na boa. Tu era legal mas não queria nada. Fui gamada em ti até que cansei. Agora com o Zuza tou legal.

O Cabeludo até achou graça. Riu, puxou o revólver e deu seu recado.

– Vou te deixar mais legal, só pra tu aprender que não se passa homem pra trás.

E antes da cabrocha chiar, meteu as balas. Não teve apelação. Daí o Cabeludo foi na padaria da esquina e ligou pra polícia.

– Apagaram uma nega. Foi um tal de Zuza. Eu vi ele sair de pinote. Ele já teve em cana por outra nega que matou. Sabe como é quem faz uma, faz duas.

Foi mole pros tiras acharem o Zuza. Ele esperneou, estrilou, negou mas não teve quem acreditasse na sua inocência. Quem faz uma[,] faz duas. E o Zuza entrou novamente em cana.

O caipira (Última Hora de SP – Edição de 26/4/1971. Página 16 Caderno 1)

O caipira velhote metido a sabido, mas loque de pai e mãe, meteu uma botina amarela e se picou do interiorzinho onde morava. Veio pra São Paulo receber uma sonora grana que era a paga de uma porcada que havia vendido pra um matadouro

⁵³ Termo atualizado; no original de jornal consta “gerico”.

da capital. Tipo desconfiado[,] não botou fé no chofer do caminhão. Tinha medo que o motorista se entusiasmasse com o dinheirão e nunca mais desse as caras. E também porque ele queria baixar no cabaré Leite da Mulher Amada, lugar onde da última vez que visitou São Paulo encontrou uma pistoleira que amarrou bem ele. Mas deixa isso pra lá: O que conta aqui é que o trouxa foi, logo que chegou no matadouro, receber a bufunfa⁵⁴, que era cheque e seguro. Porém o bicho do mato não acreditou, foi logo descontar no Banco. Não teve chibu. Apanhou a maçaroca de dinheiro, separou algum pra gastar no Cabaré e o resto enfurnou num saco de plástico, embrulhou bem, deu um nó e enrustiu por dentro da cueca. Ficou com pinta de rendido, mas ficou confiante. Até bochichou pro caixa do banco que espiava ele fazer toda essa operação.

– Daqui ninguém me tira esse dinheiro. Sabe comu [sic] é. Tá assim de sem vergonha⁵⁵ por aqui. É preciso cuidado.

E certo que estava abafando foi xeretar no Cabaré atrás da piranha. Deu com o nariz na porta. Ainda era cedo. Seis da tarde e, segundo o porteiro da espelunca, a mina que ele procurava só piava no pedaço depois das duas da matina. Antes disso a mulher se virava na rua. Essa dica encabulou o caipira. Mas ele que era teimoso e estava abilolado na pistoleira, resolveu esperar. Comprou a “Última Hora” e foi lendo pra matar o tempo. Leu secção de crime, depois passou pras páginas de futebol. Aí se informou que o Santos F. C., de glórias mil[,] ia encarar o Corinthians no Pacaembu. Querendo poder chegar na sua terrinha contando façanha, o caipira achou uma grande pedida ir assistir o jogo. Se meteu num táxi e foi pro campo.

Nessa mesma hora num dos botecos mais escrotos do mundarêu onde parava a patota de furquetas, pipoqueiros, lancheiros, chorros que vem ser quase tudo a mesma coisa, isso é, batedor de carteira, (cada especialidade tem seu nome) uma curriola das mais finas, – saiu pra ver o jogo. Ninguém estava a fim de afano. lam como bom corintianos que eram. Pra dar força no berro e sofrer. Como todos tinham se virado à tarde em ônibus e nos cinemas estavam forrados. Entupiram quatro táxis dos grandes, desses que carregam cinco além do chofer. O gango levava bandeira [e] os cambaus. E foram firmes. Mas só pra torcer mesmo. E sem nenhuma ideia de jerico⁵⁶ na cuca desceram no Pacaembu e tiraram entrada pra geral. Mas pombas, quem conhece seu ofício e exerce ele com amor e arte, nunca consegue se desligar. E o Sarará era assim. Podia estar levando o papo que fosse que suas botucas estavam sempre acesas flanando em cima dos loques pra ver nem que fosse só pra treinar onde o pinta carregava a grana. E nesse lance não deu outra coisa. Como quem não quer nada, ele flagrou o caipira de botina amarela que chegara quase junto com eles e que também comprou entrada pra geral.

Foi o Sarará olhar com seus olhos de ver e morar no assunto do caipira. Mais por hábito do que por vontade de trabalhar deu a dica pro Tote que era o pau de mando do bando.

– Manja o tabaréu. Tá carregado e é mole. Grana na cueca. E deve ter muita que ele toda hora coça o saco para conferir se ela inda [sic] tá guardada.

O Tote saiu de esculacho.

– Segura o apito e dispensa o trouxa. Vim me divertir. Tenho pro gasto e não quero nem saber. Se acanha e assiste o jogo que é melhor pra ti.

54 Termo atualizado; no original de jornal consta “bobunfa”.

55 Termo atualizado; no original de jornal consta “senvergonha”.

56 Termo atualizado; no original de jornal consta “gerico”.

Como o parceiro, de maior embaixada, não topou o estarro[,] o Sarará esqueceu a treta. Porém pelo sim – pelo não, campaneou o caipira e levou a curriola bem pra perto do loque.

Toda patota se plantou na frente do esparro. E deixaram andar. O jogo começou endurecido. Os dois times disputando no taco. Lá e cá, lá e cá. Uma zorra encarnada. E foi assim todo primeiro tempo. Por mais que quisesse nenhum torcedor conseguiria desgrudar os olhos do campo. Partida de lascar era aquela. Fez até o Sarará descuidar do otário por quarenta e cinco minutos. Mas foi o juiz apitar o fim do primeiro tempo pro vagau se virar a procura do trouxa. E esse estava lá. Com cara de quem estava entendendo muito pouco, porém gostando. E se coçando. O que era um desafio pro Sarará. Aquelas coçadas do otário não enganavam o lanceiro. Era zelo do caipira e nada mais. E a certeza do pilantra cresceu quando o loque não se mexeu do lugar nem pra ir fazer xixi. A mumunha estava escancarada.

Porém teve início o segundo tempo e logo de cara o Corinthians se entortou. Pelé pegou uma bola no meio do gramado, fez milonga, enganou meio mundo e pum – gol! Daí pra frente só deu o Santos F. C. de glórias mil. E foi aquele rosário de gols. A Guerra ficou avacalhada pro povão da fiel. Os mais fanáticos até começaram a se arrancar. E aí de cabeça quente com o seu time que estava tomando um ferro sentido, o Sarará lembrou do caipira e combinou o esquinapo com a curriola.

De repente dois malandrinhos do bando armaram um salseiro. Briga de araque. Mais combinada do que luta livre em televisão. Porém, que serviu para criar confusão e ter corre-corre. O caipira, sem perceber, acabou no meio do bolo e teve por momentos que tirar a mão do saco de dinheiro pra proteger a fuça porque as biabas estavam passando zunindo no seu nariz. Foi fazer essa besteira e dar chance pro Tote puxar a navalha e passar entre as pernas do caipira. O golpe foi perfeito. O otário nem sentiu a grana cair. Recolher o dinheiro do chão foi mole pro Sarará e assim que ele pegou a bufunfa⁵⁷ gritou:

– Estarro.

E o bando todo se mandou correndo, ainda de letra fingindo que estavam fugindo da polícia que vinha pra apartar a briga. Quando tudo voltou ao normal na geral, o caipira se acalmou e só aí não sentiu o peso do dinheiro na cueca. Aflito levou a mão e encontrou a calça e o saco de plástico rasgados. Se desesperou. Botou a boca no trombone mas era tarde. Nessa altura do campeonato a curriola já estava lá num esquisito atrás do cemitério da Dr. Arnaldo dividindo a grana e escutando o fim do jogo num rádio de pilha.

Foi mais um caipira que voltou pra casa a pé.

Uma barca chamada esperança (Última Hora de SP – Edição de 27/4/1971. Página 16 Caderno 1)

O pivete loiro se meteu num barco que partiu de um escoradouro que ficava pra lá do loló do mundo. Era a sua primeira viagem. E com ela começava a cumprir, com grandeza, a miséria que lhe coube por destino. Não queria nem saber a rota do barco. O importante era navegar pelas sete águas. Estava, desde que era pixote, com a cuca fundida pelas histórias de marujos. Moby Dick, Capitão Gancho, Ilha do Tesouro, Navio Fantasma, Barba Ruiva e outras maresias que povoaram seus sonhos. Agora iria viver de verdade o embalo de sua vida: o mar. E com essas e outras atucanações soltou as amarras. Deixou andar. Cada um tem seus faróis

⁵⁷ Termo atualizado; no original de jornal consta “bofunfa”.

guias. E o garoto tinha. Nasceu para pegar nas proas os temporais . E quem vem com a cabeça estrelada não tem bom. Vai encarar a sina com muito ou pouco lastro. Isso é certo.

Mas deixa tudo pra lá. O que conta aqui é que o pivete loiro se lançou nas sete águas de Janaina. E veio de mar em mar, de porto em porto até Santos, a formosa ilha de Yemanjá. Pisou em terra a fim de entortar o cabo. Sentia-se um marujo escolado. Aguentava qualquer balanço. Escorou bem os repuxos da maré que teve que encarar a bordo. Cozinheiro gorgota e outros bichos foram poucos para naufragar sua ilusão. Tinha fé que ganharia suas divisas no meio das batalhas e uma mulher em cada porto. Mas tudo é caro pra quem tem poucos anos de janela. Ninguém aprende sem apanhar ou pagar. E pro pivete loiro não deu outra coisa. Mas, apesar de tudo, ele economizou pelos caminhos um grana. Queria gastar a bufunfa no cais do Porto de Santos, a formosa ilha de Yemanjá, falada no mundo todo. E foi com a gana pega que o pivete loiro desembarcou.

Foi direto no Tatio Lucky. E só de olhar os modelos da vitrina da loja de tatuagem se assanhou. A tatuagem era só o que faltava pra ele ficar marujo de sete águas. Vacilou na escola. Eram tantas, as saídas. Não sabia com a qual ficava. Podia ser um belo coração com a frase “Amor de Mãe” ou uma borboleta azul ou ainda uma caravela. Peneirou paca e finalmente escolheu a caravela no peito. Mas jurou que na volta metia no braço um “Amor de Mãe”. E dada a decisão, ganhou coragem e depois de encher a caveira de cachaça pra diminuir a dor, mandou a obra dos tatuadores, o Tatio Lucky, riscar o ponto. O artista caprichou. Ficou lindo o desenho da barca, botaram o nome de “Esperança”.

Com a camisa aberta no peito pra que todo povo de terra visse a sua gloriosa caravela, o pivete loiro se embandeirou pelas quebradas do mundaréu. Ia feliz com a sua “Esperança”. E de boteco em boteco, começou a batizar a bruta. E tome cachaça. Já estava bambeando quando suas botucas bateram na Nica Chupeta. Pau e bola. O pivete loiro precisava de madrinha pra sua barca e a pistoleira de grana, para adiantar seu lado. O otário olhou pra mulher certo de estar curtindo uma saudade pra contar nas longas noites de insônia em mar grosso. A piranha olhou o pivete e viu seu bilhete premiado. Um loque caindo pelas tabelas e que devia ter dólar do porão. Um pão-ganho.

Mesmo sem a Nica Chupeta entender nada do que o pivete loiro dizia em sua língua enrolada e mesmo sem o pivete se tocar nos papos da mulher, o entendimento foi mole. O duro pra pistoleira foi arrastar o marujo de primeiras águas pra trás das caixarias. Teve uns vinte tombos entre o boteco do encontro e o mocó. O garoto estava mamado de dar gosto. Mas a Nica Chupeta guentou o tranco. Ela não era de dispensar fatura. Com grande esforço arrastou o pivete pro cantão do esquisito. Uma galera serviu de ninho. E aí foi o esquinapo.

A Nica Chupeta fez o que pôde. O pivete se esforçou. Mas que nada. De tão bêbado ela não podia nada. Ficou um tempão no chove-não-molha. Por fim desabou.

Pra mulher foi o alô. Certa de ter cumprido a sua obrigação, saiu pra cobrança. Revistou tudo quanto era bolso do marujo. No porão, nas janelas, nas culatras, no gulo e nos cambaus. O vagau estava limpo. Tinha torrado tudo em bebida. A Nica Chupeta se atucanou. Agarrou o gogó do pinta e sacudiu o desgraçado até ele abrir os olhos. Daí deu o arroxo.

– Cadê a grana, gringo nojento?

O pivete loiro sem entender nada do que a mulher dizia, abriu a camisa, mostrou a caravela e rindo bochichou:

– Esperança!

A Nica Chupeta babou de bronca. Puxou da liga num punhal e picada de raiva espetou no peito do gringo. Espetou fundo até o cabo. Espetou bem no meio da caravela. O melado correu. O pivete arregalou os olhos, sorriu e se esticou. A esperança foi à pique.

O tira de faro fino (Última Hora de SP – Edição de 28/4/1971. Página 16 Caderno 1)

Nas quebradas do mundaréu, desde onde o vento encosta o lixo até os confins do diabo, o povão se espantava e bochichava da maré mansa que o Tisiu e a Nina Pirolito levavam. Nenhum dos dois era de encarar batente. E no entanto não faltava bulhufas⁵⁸ no mocó onde eles se encostavam. Até bomba pro poço de água o casal instalou. Eram, sem dúvida nenhuma, os mais ajeitados da favela do Buraco da Lacraia. Nem o seu Carola que era contínuo de banco e ia trabalhar de paletó e gravata encostava com o Tisiu e Nina Pirolito na hora de conferir os bens. E isso abilolava a vizinhança que esticava olho gordo pra cima do casal. Espreitavam, campaneavam, xeretavam tentando adivinhar de onde vinha o vento que sustentava a barca. Mas que nada. Nem a maior fuxiqueira⁵⁹ do pedaço, a dona Mariazinha Gazeta conseguia decifrar o mistério. E era de machucar aquela gente cheia de necessidade, a vida que o Tisiu e a Nina Pirolito levavam.

No terreiro da Mãe Begum de Angola quando a mulher bolou no Santo e foi recolhida no ronco, o Tisiu nem vacilou. Mandou rapar a mulher sem consultar gasto. E na noite da festa de saída de lao [sic] da Nina Pirolito, o Tisiu assombrou até os Orixás de grande valia. Deu de comer de se fartar pros Encantados e pras gentes. E a Obá da Nina Pirolito saiu quatro vezes, cada vez com uma roupa e cada roupa mais bonita que a outra. Nunca na macumba se viu Santa mais bem vestida e mais rica. Era tudo luxo. Um troço de marcar tempo. E quando quiseram saber do Tisiu onde ele arranhou dinheiro pra tudo aquilo, ele só chiou.

– Obá é Santa de fé. Ela merece.

E a gentarada teve que se entupir. Depois veio Natal. E foi broca. O Tisiu e a Nina Pirolito armaram uma tremenda árvore com luz e bola de todo tamanho e ainda de quebra montaram um presépio de entortar patuá. Tinha moinho d'água, pato na lagoa, camelo pastando, além de manjedoura, burro, cavalos, reis magos e outros bichos. Veio gente de tudo quanto foi esquisito pra ver as mumunhas. O presépio do Tisiu e da Nina Pirolito dava de dez a zero no presépio do padre da paróquia, que falou até numa missa que seu presépio tinha saído meio avacalhado porque alguém afanou umas peças dele. Mas ninguém entrou no grupo. Acharam logo que o padre estava era despeitado com o fracasso. E quando perguntaram pro Tisiu onde ele tinha arranjado tanto dinheiro pra tudo aquilo, ele só chiou.

– O menino Jesus é de fé. Ele merece.

E a gentarada teve que se entupir.

Quando chegou o Carnaval todos os foliões da favela do Buraco da Lacraia tiveram que topar as maiores rebordosas pra conseguirem uns pixulés sem-vergonhas que desse pra comprar a fantasia de ala da Escola de Samba Império do Sereno, que nesse ano saiu de Descobrimento do Brasil só pra facilitar a curriola mais pobre, que logo se agarrou de índio com pouca pena, que a vida anda custando os olhos da cara. E assim mesmo a Escola só conseguiu sair porque o

58 Termo atualizado; no original de jornal consta “bolhufas”.

59 Termo atualizado; no original de jornal consta “fochiqueira”.

Tisiu e a Nina Pirolito quebraram o galho da destaque. Ele apesar de crioulo meteu em cima dele um pano de Cabral de fazer inveja pra turma do Peruche ou do Camisa Verde e Branco da Barra Funda. Tecido fino paca. E a Nina Pirolito compareceu de Rainha de Portugal. Tinha tanto badulaque e cores, que por causa dela quase mudaram o enredo da Escola pra rainha dos ciganos. Só não o fizeram porque o chefe da bateria lembrou bem que a comissão julgadora não entendia nadinha de Carnaval e não iria compreender as mumunhas de um enredo desse naipe. E foram de Descobrimento do Brasil mesmo. E foi um sucesso pro Tisiu e pra Nina Pirolito. Ganharam dez pontos na avenida. Os únicos pontos da escola. E quando perguntaram pro Tisiu onde ele tinha arranjado grana pra tudo aquilo, ele só chiou:

– Carnaval é coisa de fé. A gente merece.

E os parangolés do casal cada vez crescia[m] mais. Pro trabalho, eles não piam mesmo. O Tisiu passava o dia sentado no portão de seu mocó dedilhando um violão e à noite ia jogar sinuca na birosca do seu Azedo. A Nina Pirolito passava o dia lendo história em quadrinhos e de noite assistia televisão que até isso eles tinham. E cada vez o povo fazia maior quás-quás-quás sobre a vida dele. E por incrível que pareça, apesar de tanto escafuncharem a treta.

No dia que a Nina Pirolito fez anos, o Tisiu embandeirou a casa, botou a boca no trombone e convidou os mais considerados da favela para um banquete em homenagem a mulher. Leitão à brasileira era o rango. E a patota escalada veio em peso naquelas bandas. Ninguém era de recusar comida. Se apresentaram e quando o leitão piou na mesa, todos até babaram com a figura do porco. Mas ficou nisso.

Um estouro na porta da frente alarmou os convidados. E mais alarmados ficaram quando a polícia de metranca e draga invadiu a sala e o tira chefe berrou:

– Ninguém se mexa, é cana. Tão todos presos.

E sem a menor cerimônia, um labrego se adiantou examinou o leitão e resmungou:

– Esse porquito é do tamanho do meu qui sumiu lá du meu chiqueiro trás-de-ante-onte [sic].

Então o tira deu as ordens.

– Arrasta eles pra galera. Só pode ser o mesmo porco. Onde já se viu favelado comer leitão em dia da semana.

E não teve arrego pra ninguém. Foram todos. Só na chefatura é que teve a seleção. Os convidados foram mandados embora e o Tisiu teve que confessar os afanos. Abriu tudo. O que o Tisiu esquecia a Nina Pirolito lembrava. Pra eles contarem não foi nem preciso arroxoxo. Mas no fim o crio[u]lo não aguentou e perguntou:

– Contei tudo doutor. Agora conta o senhor pra mim. Como é que o senhor flagrou a gente? Eu nunca deixava pista.

O tira estufou o peito e cheio de orgulho deu a dica:

– Quando o labrego reclamou o sumiço do porco, eu saí na campana. Há muito tempo que vem sumindo coisa nesse distrito e ninguém botava a mão no ladrão. Me disfarcei de vagau e subi na favela pra ver se descobria alguma coisa. Mas que nada. Vasculhei quintal e tudo. Já estava desistindo. Quando ia voltar, senti cheiro de leitão assado. Chamei reforço e demos a dura.

E aceitando o oferecimento do labrego, policiais e ladrões jantaram leitão antes do Tisiu e a Nina Pirolito serem recolhidos no xadrez.

Quem é quem (Última Hora de SP – Edição de 29/4/1971. Página 16 Caderno 1)

A menininha granfina ou classe média metida a besta, vivia querendo tirar uma onda de moderninha. Fosse o que fosse que entrasse na moda, era com ela mesmo. Entrava em tremendas⁶⁰ geladas sempre achando que estava abafando. Pintou e bordou em mil presepadas. E como não podia deixar de ser pra alguém da sua marca, virou hippie, que era o que estava mandando na praça. No começo era só na aparência. Não se penteava, nem tomava banho, vestia as roupas que a avó não pôde levar pro túmulo, pendurava mil badulaques no pescoço e os cambaus. Não era uma fanática. Nem era hippie de tempo integral. Mesmo porque era menor de idade e os pais não deixavam ela ficar à noite fora de casa. O que ela fazia era acordar cedo, se desarrumar e se mandar pra praça da República ou outro qualquer lugar onde a sua curriola cismasse de fazer ponto. Mas às seis da tarde ela voltava pra tomar banho, jantar, tudo em família. Era uma zorra a menininha. Tudo com ela era na esportiva.

Acontece porém que na sua patota tinha uns pintas que não eram fáceis. Filhinho de papai, rico, porém atucanado com os esquinapos da família, o garotão era azedo paca. Ainda mais que vivia ligado em filme americano que mostra jovens sem perspectivas, sociedade em decadência, gente velha na fossa se empapuçando de bebida e farta de tudo, coisas que não tem nada a haver com a realidade. Mas deixa isso pra lá. O que conta aqui é que o garotão amargurado com a sua situação pessoal e recebendo e se guiando por informações do estrangeiro, que é só o que pia nos nossos meios de comunicação, embarcou nessa canoa furada de achar que a vida não vale nada, que o homem está esmagado, que a sociedade de consumo já era, que o bacana era ser marginal, cruzar os braços, deixar tudo como está porque ninguém vai mudar o coreto e sentar na sarjeta e esperar a “alfa Centauro” que vai chegar no ano 2000 e levar os bons e estrear os maus. Bacana pro garotão era se drogar e esquecer o mundo quadrado. Um esquinapo a cachola do pinta. Só que ele tinha estudado, falava bonito e fácil, convencia e baratinava pessoas. E quando numa festinha conheceu a menininha contou a maior cascata. Encantou e seduziu a trouxinha. Só não mandou ver porque de tanto fumar maconha o garotão há muito tempo já não tinha vontade de mulher. Porém amarrou a menina no papo chibu. Ela vidrou nele e espalhou que o garotão era o máximo, um gênio, um sábio, um profeta e piriri-pororó. Na hora de conferir o garotão panaca tinha uma tremenda patota de admiradores e seguidores. Se entusiasmou consigo mesmo e resolveu fundar seu reinado.

Apanhou uma grana do pai e mandou a sua curriola fazer o mesmo em suas casas. Daí aproveitando as férias escolares, (alguns “hippies” desse grupo eram estudantes da Universidade) e se mandou para uma praia deserta junto com o seu bando que queria se livrar da sociedade de consumo.

Armaram uma colônia ou comunidade, sei lá que nome eles dão pra esses ajuntamentos: o povo chama isso de casa de caboclo, mas eles não eram povo, era “hippies” e tinham os nomes deles. E foram levando. Todos se sentiam uns tremendos marginais da sociedade. A menininha, o garotão e os outros todos juntaram o dinheirão que os papais deram pra eles brincarem de “hippies”, que era bem mais do que um operário ganha por ano e se instalaram. Compraram saco de dormir estilo soldado de fita americana, violão, fogareiro elétrico, geladeira portátil, vitrola de pilha, gravador japonês, um gibi que pintaram de cor-de-rosa com flores amarelas e muitas outras coisas que deram dignidade ao acampamento “hippie”.

60 Termo atualizado; no original de jornal consta “tremendos”.

Estava tudo certo no começo. Até que começaram a se encher. Pra não avacalhar a guerra, que ainda não fazia cinco dias que eles estavam plantados lá e era cedo pra voltarem pra casa a solução encontrada foi queimar fumo. O garotão que tirava marola de místico mas que no fundo era um nazistão que só sabia mandar nos outros, escalou um otário pra ir buscar a maconha. E foi aí que os “hippies” de araque se entortaram.

O dono do pedaço era um tal de Miguelzinho, um pivete ainda, mas encardido e machucado pela vida. Não estava a passeio na parada. Queria na marra adiantar seu lado e sabia que ninguém ia nunca lhe dar nada. O Miguelzinho era de verdade um marginalizado. Cria maldita de Benedita de tal e pai desconhecido. Parido nas quebradas do mundaréu e escolado nos esquisitos mais escamosos. Perseguido, humilhado, espancado, preso muitas vezes. Muito cedo se fez homem e bronqueado. Se picou de raiva e de arma na mão ganhou um lugar matando quem estava nele. Se ajeitou com uma boca de fumo. Mas era gente. E recebeu a visita daquela figura embandeirada que se dizia “hippie” e que queria comprar maconha como quem recebe um bilhete premiado. Sem saber nem no que aquele otário poderia adiantar seu lado, sentiu de cara que dava pé. E não orçou. Até pelo contrário. Fez amizade. Serviu o fumo. Soube do acampamento. Encostou.

Os “hippies” a princípio acharam o Miguelzinho uma pedida. Sabe como é. As figurinhas quando veem⁶¹ alguém do povo logo acham que é folclore e curtem um pouco. Curtiram o Miguelzinho. Tudo que ele dizia ou fazia, era engraçado pros “hippies”. Quando o marginal de verdade, se vidrou na menininha e ganhou ela na congesta, os “hippies” vibraram. Justificaram-se entre si e pra menina que o Miguelzinho era um puro, um selvagem limpo das influências e quase forçaram a pobrezinha a dormir outras vezes com o Miguelzinho, que apesar de tudo, era gente.

Mas a festa acabou. Baixou uma praga de mosquito na praia e os “hippies” sentiram saudades do conforto das suas casas. Se encheram de acampamento de praia de mosquito e de Miguelzinho, que virou um chato. Juntaram as coisas e iam dar de pinote. Porém, o Miguelzinho engrossou. Se invocou e deu uma decisão pra menininha.

– Tu não vai me passar pra trás não. Me gamei em ti e tu fica.

Apesar de tudo o Miguelzinho era gente. E estava apaixonado de verdade. Porém, os “hippies” estavam com pressa e o garotão apelou.

– Se tu amolar muito, a gente chama a polícia.

Ameaça não colava com o marginal e ele endureceu. Mordido de amor, desprezado e ameaçado não vacilou [e] deu a sentença:

– Essa que é a tua? Então já viu. Se a menina num é minha, não é de ninguém.

E tocou arrebite na menininha e no garotão. A menina se apagou na hora, o garotão se salvou e foi tratado no melhor hospital, pelos melhores médicos. Deixou de ser “hippie” por algum tempo. Talvez depois que a polícia encanar ou matar numa caçada o Miguelzinho, ele volte a ser “hippie”. Por enquanto, está de férias. Descansando e pensando seriamente em tomar conta da fábrica do papai.

Quem pode mais, chora menos (Última Hora de SP – Edição de 30/4/1971. Página 16 Caderno 1)

O Tainha não era fácil. Desde pivete fazia figura na malandragem. Ele era encardido. Carregava consigo a maior bronca do mundo. Com ele não tinha bom.

⁶¹ Termo atualizado; no original de jornal consta “vêm”.

Encarava o que desse e viesse. Não enjeitava, nem corria nunca do pau. E por essas e outras apanhou muito antes de crescer. Porém[,] assim que ficou taludo, não quis saber de quás-quás-quás. Arrumou um documento, uma quarenta e cinco e virou a mesa. Aprontou mil pererecos. Sem papo, deu arrebitos no Cabo Verde, mandou ele falar com Deus e tomou conta do lugar. De saída, ficou com trinta bocas de fumo que eram de propriedade do falecido Cabo Verde. E não teve quizilas. Quem duvidou, estrilou ou se coçou, dançou. Na amarra o Tainha se fez rei do pedaço. Juntou uma curriola firme e se embandeirou. Invadiu distrito dos outros, arroxou e estarrrou muita gente. Porém só não pôde apagar o Vavá Manga Rosa. Esse era fogo e não se descuidava. Não deu estia pro Tainha. Pagava pau com o pau. Cada ponto que era estoporado pelo inimigo, era vingado. E a guerra ficava sempre mano a mano. Devido a isso[,] os dois valentes marcaram um apontamento num esquisito e fizeram um trato. Um prometeu não atucanar mais a vida do outro. E veio o tempo de maré mansa.

Porém[,] um dia o Tainha marcou bobeira e pegou uma invertida. Entrou em cana. Foi num esquinapo besta. Estava jogando sinuca num boteco escamoso nas quebradas do mundarêu e o rapa baixou feito. Batida à toa só pra porte de arma é ver documento. Flagrou o Tainha fácil. Ele não tinha papel, estava com a quarenta e cinco e um pacau de fumo. Não teve pinote. Ele entrou em cana.

Foi devagar sem se afobar com a situação que deixava aqui fora. Botava fé no Jura, um crio[u]lão forte que garantia muita parada pra ele. Tinha certeza que o chapa ia garantir o seu roçado contra o Vavá Manga Rosa, mandar grama e erva na cadeia até a sua volta. Mas se entortou. O crio[u]lão que já estava há muito tempo de olho comprido na sorte do Tainha, nem vacilou. Tomou conta do tronco em seu nome. Dobrou fácil a curriola. Bastou aumentar o ganho da patota pra todos acharem ele o cara mais legal da paróquia e o Tainha um sacanageiro de marca maior. E aí o crio[u]lão se aprumou.

Naturalmente teve que aguentar no peito os avanços do Vavá Manga Rosa que assim que soube que o Tainha tinha entrado em pua, atacou. Mas o Jura não meteu o galho dentro. Muito pelo contrário. Deu troco e orçou paca. Equilibrou o jogo e recusou acerto. Nem tomou conhecimento dos pedidos de arreglo que o Vavá fez quando sentiu a barra pesada. Partiu pra frente e acabou bagunçando o coreto mesmo. Tomou uns vinte pontos do outro e garantiu. Encurralado o Vavá teve que ficar na moita, conformado com uns doze ou treze pontos que lhe sobrou. Ainda tendo que se esforçar pra não perdê-los.

Na cadeia, o Tainha penava. Ele que chegou na cela mandando ver um piriripororó, que ia ter grana e fumo pra quem entrasse na dele, e que graças a isso logo formou ambiente e ganhou o posto de xerife do xadrez e tal e coisa, quando chegou o dia das visitas e não piou bulhufas⁶² do que tinha prometido, caiu do galho. Os outros presos viraram bicho e esculacharam com ele. O Tainha, pra não entrar em vara, teve que brigar muito. Foi doído. Acabou dormindo na boca do boi e tendo que fazer faxina⁶³ na vez dos leões de cela. Uma humilhação que lhe machucou, o picou de raiva e fez ele puxar um tempo sentido, contando minuto por minuto que passava, esperando a hora de acertar as contas com o crio[u]lo Jura.

Tudo passa nessa vida. E o Tainha cumpriu a pena toda. Quando cantaram a liberdade não teve nem rodeio. Ele se mandou direto pro bairro do Catimbó. Chamou o Jura e fez a cobrança.

62 Termo atualizado; no original de jornal consta “bolhufas”.

63 Termo atualizado; no original de jornal consta “fachina”.

– Crio[u]lo, tu me deixou no devo e eu num gostei. Vim buscar e vou levar o que é meu.

O Jura nem se abalou. Sorriu e selou:

– Tamos aí, Tainha. Pode tentar. No braço não te conheço e nas armas é pra quem der sorte. Mas te aviso, se quer correr dentro de mim, toma cuidado porque se a tua baiana não tiver roda larga, tu vai comer capim pela raiz.

Dada a decisão pelo crio[u]lo, o Tainha mediu o lance e se mancou que não dava pra ele. A patota presente era toda do Jura. Teve que murchar. Sem boquejar nada, saiu de fininho. O crio[u]lo se sentiu maior que nunca. Ganhar do Tainha no berro foi pra ele tremenda façanha. Se sentindo o máximo, não acreditou na volta do Tainha. E foi seu erro. Como estava na piorada o orgulho do Tainha se findou. Ele não teve escama de encostar no Vavá Manga Rosa e propor negócio.

– Manga, tu me dá uma draga, uma pá de gente e eu acerto o passo do crio[u]lo que ele não é nada disso. Recupero o que é meu e o que ele tomou de ti na mão grande. Fico com o meu e devolvo o teu.

Pro Vavá só podia interessar. E naquela noite mesmo o Tainha subiu na Barra do Catimbó e botou pra quebrar. Apagou cinco de uma vez: Azulão, Coquinho, Pé de Bicho, Melão e Gibi – homens do crio[u]lão. Se trumbicaram. E daí pra frente não deu mais pedal pro Jura e pro seu gango. Não adiantava eles se cobrirem. De repente o Tainha aparecia e fazia miséria. Matou nego pra chuchu. Acabou com a força do inimigo. O Jura teve que se esconder. Mas não adiantou. Campanearam ele e entregaram. O Tainha foi no mocó e botou cinco tochas na cachola do crio[u]lo. Daí, satisfeito com o estrago se virou pra turma que estava ajudando e deu as ordens.

– Meus camaradas, tá tudo certinho outra vez. Podem se mandar. Digam pro Manga que o que é dele tá garantido e o meu é comigo mesmo.

Mas ninguém se mexeu. O Tainha gelou e compreendeu. Só que era tarde. A patota mandou bala e ele se acabou.

3.2 – As crônicas de maio de 1971 – Coluna Navalha na carne

O frio (Última Hora de SP – Edição de 1/5/1971. Página 16 Caderno 1)

O vagau velho que há muito tempo se batia nas quebradas do mundaréu, como um zongo sem rumo, custou a se tocar na onda de frio. Seus sentidos gastos nas trombadas da sorte eram uma couraça dura de ser vencida pelas intempéries. As pessoas bem instaladas na vida já tinham tirado dos armários os grandes casacos de peles, veludos, lãs e os cambaus e se embrulhado neles – apesar do cheiro azedo de naftalina. E o vagau velho ainda estava sentado na sarjeta marcando a bobeira de lesado na sociedade.

Permaneceu indiferente à baixa temperatura por muitas horas. Mas aos poucos começou a se mancar. Primeiro sentiu uma sensação de mal[-]estar, mas não sabia da origem. Depois, um comichão ardido se alastrou pelo seu corpo todo e o machucava principalmente nas orelhas, nos braços e no nariz. Se coçou como fúria até que o queixo disparou a bater. Aí uma luz se abriu na cachola dele. Era frio. Adivinhou e se encolheu. Suas botucas se ligaram nas pessoas que passavam e os agasalhos delas fez brotar na sua ideia lenta uma vaga lembrança de um paletó. O vagau velho se bateu e se azucrinou nessa mumunha. Tentou juntar os seus fantasmas e eles vieram em reboliço. Se via no meio de uma briga e um parceiro de desgraça lhe tomava na marra o paletó. Se via na cadeia e os outros presos lhe

arrancavam o paletó. Se via dormindo num terreno baldio num dia de calor e de repente levantava e tirava o paletó. Tentava na memória localizar o terreno. Mas tudo era confuso e angustiante. Acabou desistindo. Mas por estar nessa altura doído de frio. Com sacrifícios enormes se botou em pé. Não foi fácil se equilibrar. As pernas estavam duras. E ele ao dar os passos, parecia um bêbado cercando frango. Isso a gente indiferente que cruzava com o vagau velho notava logo. E por essas e outras, ninguém deu bola. Cada um seguia o seu caminho que a lei é essa: “Salve-se quem puder”. O vagau velho estendeu a mão e quis pedir. Mas a língua enrolou e saiu um ronco cavernoso. Naturalmente teve escama. Não ganhou nem um pixulé. Pra não dizer que ninguém lhe deu nada, um gordão de dentro de um grosso sobretudo lhe deu um esculacho.

– Passa fora. Passa fora. Não põe essa mão suja em cima de mim. Passa. Passa.

Essa dura não fez nem bem nem mal ao triste vagau velho. Ele não saiu do lugar. Quem se afastou foi o gordão nojento com seu luxo. Mas de cansado o pedinte se arreou. Estava bambo. Parecia uma geleia. Tremia todo. Os cacos de dente começaram a doer. As pernas não obedeciam mais o comando da cuca. Ele tentou se esticar, mas não conseguiu. Tentou gemer, porém se acanhou. Inexplicavelmente teve medo de incomodar as pessoas que passavam.

Uns pensamentos estranhos apareceram na sua cabeça. Gelado, estarrado no chão, machucado, desprezado recuperou a lucidez. De pronto percebeu que estava perdido. Não se apavorou. Sacou na memória uma oração que há muito estava perdida e murmurou:

Caboclo Boiadeiro
em nome da Velha
me livra do sofrimento
me livra da polícia
que anda pior que o Diabo
em nome da velha
quebra meus inimigos
e abre meus caminhos.
Eu te peço Caboclo Boiadeiro
em nome da velha, urgente.

Quando acabou a oração, o vagau velho não se preocupou mais com o frio e se largou nas mãos do seu Caboclo de fé. Deu toda a corda na memória e foi revendo o passado.

Pintou claramente na sua cachola o paletó. Era marron, ele agora lembrava bem. Ganhou no inverno passado num dia de chuva. Bateu numa casa pra pedir comida e a senhora que atendeu lhe deu o paletó. Não tinha deixado no terreno baldio. Foi no abrigo de mendigos que um preso forte lhe tomou. Não deu pra estrilar. Ele já não podia nada. Estava fraco dos feitos. Se fosse noutro tempo não ia ser no berro que perderia o agasalho. Quando tinha saúde ele não era mole. Uma vez na cadeia, encarou seis pilantras. Todos juntos. Deu o que fazer. Os seis não dobravam ele, não. Botaram o galho dentro. Mas ficaram na moita. Esperando uma sopa pra aprontar uma xavecada⁶⁴. Ele não podia dormir. Se pregasse os olhos, não ia acordar nunca mais. Ficou nisso cinco dias. Se abilolou. Ficou bêbado de sono.

64 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

Um tremendo sono. Um sono insuportável. Ele naquele momento estava sentindo a mesma sensação.

Porém não sabia o que era realidade ou imaginação. Só sabia que se dormisse estava perdido. Os seis inimigos ou o frio iam acabar ele. Tanto fazia uma coisa como outra. Tinha que resistir. O Caboclo Boiadeiro era de valia. Se fosse a hora dele não tinha chepa. Embarcava mas sob guarda do Encantado. Ia sem sofrer. Mas como ele foi parar ali, ele não compreendia. Na sarjeta⁶⁵? Na cadeia? Na cadeia foi mulher que o entregou pros homens. Uma pistoleira sacana. Lhe dava grana e era vidrada nele. Ele sabia lidar com mulher. Um dia ele quis sair fora. Bateu sujeira. A piranha deu parte. Ele não tinha emprego. A engessada grudou. Foi isso. Os seis pilantras não acreditavam em cafifa. Quiseram ele pra esparro. Não arranjaram nada. A mulher depois tirou a queixa. Mas ele passou cinco dias e cinco noites aceso. Essas coisas é que comem a saúde de um homem. Quando deu a fuça na rua arreou de sono. Um bruta sono era o que ele sentia naquela hora ali na sarjeta. Os casos de dente já não doíam. O frio estava passando. Ele já estava até sentindo um calorzinho gostoso. Se continuasse esquentando daria pra dormir legal. O Caboclo Boiadeiro que o guardasse da cana. Que fizesse os homens do rapa desviarem daquele caminho. O calor estava aumentando.

O vagau velho achava aquilo uma zorra. De um frio de rachar, virou um calor sufocante. Não dava nem pra aguentar a camisa. Arrancou os panos. Podia dormir afinal. O calor não mata pensou ele. E fechou os olhos pra sempre.

Diversas pessoas passaram naquela noite por aquele corpo semi-nu exposto ao relento numa temperatura de oito graus. Quase ninguém notou. No dia seguinte os lixeiros descobriram o cadáver do velho vagau.

O buracão (Última Hora de SP – Edição de 3/5/1971. Página 16 Caderno 1)

Foi no verão, por acaso, que o velho pedinte descobriu o buraco embaixo do viaduto. Estava dando uma bandola uma noite, assim como quem não quer nada e de repente o rapa piou na parada. Pra se livrar do arrastão ele se picou por entre os enormes pilares, e deu de fuga com o buraco que estava escancarado bem na sapata de uma das colunas. Parecia uma toca de bicho ou uma cova. Porém naquela hora de apuro o velhote não quis nem saber. Com a cana na sua captura ele não vacilou, se meteu no buraco e se quietou segurando até a respiração pra não dar pistas pros homens. Foi pau e bola. Os tiras revistaram o pedaço e não se tocaram do buraco. E como não estavam mesmo muito a fim de ganhar aquele lesado da sociedade, deixaram pra lá e continuaram a ronda.

Nessa noite o velhote já puxou o ronco no buraco. E achou o fino. Assim que acordou foi a um terreno baldio onde escondia seus cacarecos e fez a mudança definitiva pro buraco. Foi fácil transportar suas bugigangas. Era tudo coisa pouca. Uma lata pra pedir comida, uma garrafa vazia e dois trapos que lhe serviam de cobertor. E enfiado no buraco o velhote se sentiu instalado. Aquela cova lhe dava uma segurança que antes o desgraçado nunca tivera. Sentia-se confiante quanto ao futuro. Não temia o inverso. Ele que no ano anterior quase tinha morrido na estação gelada achava que o inverno que vinha pela proa iria tirar de letra ali dentro do buraco, que era quente e seco.

E com essa estranha sensação de conforto, o velhote deixou o tempo passar sem se afobar. Estava tranquilo. Pouco se afastava do buraco. Saía pra pedir comida e uma grana pra cachaça. Assim que adiantava seu lado voltava rapidinho

65 Termo atualizado; no original de jornal consta “sargeta”.

pro mocó. O único medo que tinha era de que algum parceiro de piorada descobrisse o buraco na sua ausência e resolvesse disputar a vaga. No verão essas quizilas não eram frequentes. Mas no inverno os mendigos disputavam a dentada cada canto de marquise mais abrigado do vento. Era a zorra encarnada. E um buraco desses ninguém da sua laia, ia dispensar. Aquilo ali era o sonho de todo vagau. Tipo da escolha desbaratinada. E qualquer pilantroso⁶⁶ que descobrisse o buraco ia meter olho gordo e querer ganhar a vaga na congesta.

O velho sabia de si. Não se garantia. Já estava podre por dentro. O cupim estava lhe roendo a caixa do catarro. Não ia demorar pra começar a escarrar sangue. E nessas condições não daria para defender o buraco. Então a melhor solução era ficar dentro há mais tempo possível. Era o que o velho fazia.

Porém numa de suas saídas o velhote deu de cara com a Totonha, uma pedinte toda esculachada que ele manjava do abrigo dos mendigos de uma vez que entrou em galera. A mulher era toda escrotidão. O bagaço humano. Desdentada, perebenta, suja e tudo. Mas eriçou as ideias de jerico⁶⁷ do velhote. Ele de saída achou que ia ser ótima ter uma piranha no buracão. Quebraria vários galhos. Como [sic] mulher ele andava mordido de vontade. Uma vontade miserenta de tuberculose. E também como vigia. Quando ele saísse ela poderia ficar plantada no mocó guardando o abrigo. E por essas e por outras o velhote chegou na Totonha e meteu uma cascata.

– Tu num quer se ajuntá no meu po[u]so? É de lei, quente e enrustido.

A mulher desde que o Zolhudo tinha entrado em cana andava se batendo sozinha nas quebradas do mundaréu, a fim de pegar uma estia na sombra do velho, não fez doce. Se rendeu na chuveirada do velho. E dali mesmo foi pro buraco. Comeram, beberam e se arreglaram.

Foi tudo legal. Combinação perfeita. Quando uma saía pra se virar, o outro ficava na guarda. E tudo o que conseguiam era dividido. Mas certa vez a Totonha foi pro malho e na volta em vez do rango ela trouxe o Zolhudo, que tinha sido solto. Estrilo não teve nem da parte do velho, nem da parte do velho, nem da parte do dono da mulher. Naturalmente se entenderam. A Totonha ficou dos dois e o buraco dos três. E tocaram pra frente. Mas logo chamada pelo novo hóspede apareceu mais gente. Veio a Zita fuinha, o Capilo, o Breu, o Zeca Aleijado, a Dita dos Bilhetes, o Chumbinho, a Dadá, Zé Coceira, a Louquinha e o buraco virou uma casa de caboclo. Uns dormiam de dia, outros de noite e se escoravam. Todos juntos é que não cabia no buraco. Mas todos, menos o velho estavam pouco se incomodando. O que pesava na balança deles é que ali[,] naquela encolha, não batia sujeira. Quem passava na rua, não tinha jeito de botar as botucas neles. E assim sendo não dava reclamação na polícia e eles viviam sossegados.

Só o velhote que era assombrado com o inverno e que não gostava de ver tanta gente se amontoando no buraco. Mil anos de janela deram ao velhote lesado pela sociedade a tarimba das mumunhas todas. Ele tinha sentido na carne muitos e rigorosos invernos. Mas já era voto vencido na patota. Não podia estrilar. E foi se aguentando. Até que se deu o esquinapo.

Antes da época e de repente a temperatura baixou vertiginosamente. Uma onda de frio violenta. Pro povo do buracão então foi de lascar o patuá. E se deu a gronga. Um perereco cavernoso. Todo povo querendo se meter no buraco que era realmente quente. E nessas horas a decisão é na valentona. Quem pode mais, chora menos. E o velhote não podia nada. Reclamou seus direitos de dono do

66 Termo atualizado; no original de jornal consta “pilantrose”.

67 Termo atualizado; no original de jornal consta “gerico”.

buraco[,] em troca recebeu um trompasso na fuça dado pelo Zé Coceira. Teve que se acanhar do lado de fora. Junto com ele ficaram o Zé Aleijado, a Louquinha, a Dita dos Bilhetes, o Chumbinho e a Fuinha. O resto dos desgraçados se encolheu dentro do buracão e nem tomaram conhecimento da friagem dos outros. Por serem os mais fortes ficaram de posse de tudo que era pano. Um xaveco⁶⁸ nojento. Mas que teve a volta.

Picado de raiva, ardido de frio o velhote quis forra. Não se conformava de ter que ficar de fora. Bolou uma entrutada. Saiu de fininho sem que ninguém manjasse e foi até o abrigo de mendigos. Se rendeu. Entrou coisa que nem ele nem um dos outros queria. Mas ele topou e se fazendo de besta assoprou na orelha de uma assistente social a dica do buraco. A moça queria mostrar trabalho, organizou a caravana e foram firmes no buracão. Bateu sujeira. A curriola toda foi detida. E ficaram na bronca. No abrigo a moça certa de que estava abafando, apontou o velhote.

– Foi ele que lembrou de vocês.

Pior pro velhote. Naquela noite mesmo dentro do abrigo, alguém lhe abriu a barriga com canivete.

O preço do salseiro (Última Hora de SP – Edição de 4/5/1971. Página 16 Caderno 1)

A decisão foi dada no pátio, na hora em que os presos subiram pra apanhar sol. A curriola estava jacareizando de papo pro ar, quando o Catulé, um pinta tihoso que puxava uma cana sentida, se encostou no Nego Lino assim como quem não quer nada e assoprou.

- Vou te ganhar crio[u]lo. Tu pensa que é o bom, que faz e acontece e tal e coisa, mas tá perdido. Vou te estarrar. Pode escrever carta pra família dando tchau e tudo que o teu fim é acabar com a boca cheia de formiga.

Sem perder a linha o crio[u]lo escutou o alô. Não deu pala. Porém, por dentro ficou mordido. Ele não acreditava na valentia de Catulé. Numa parada cara-a-cara, era mais ele mesmo. Mas enguiço pra quem está enfim de pena, quase com o pé na rua, não é negócio. E esse era o seu caso. Sabia que o Catulé morava no seu assunto e que tinha motivo pra querer entrutá-lo. Coisa antiga. Uma quizilia comum na cadeia. O Catulé, um dia, lá foi pra visita, o Negrão e uma patota ficaram na moita. Só espiando o lance. E quando o Catulé ia voltando pro cubículo cheio de pacotes de doce, cigarros e os cambaus levou o arroxó. O Nego Lino e seu gango meteram um cobertor em cima do Catulé e, na congesta, arrastaram os presentes da vítima.

O Catulé não era fácil. E não gostou de ficar no devo. Perguntou pra uns e outros e acabou adivinhando que o dono da façanha era o Nego Lino. Prometeu o troco. Jurou que não ia deixar no barato. Fez o maior quás-quás-quás. Porém não encarou o crio[u]lo. Esse até já pensava que a bronca tinha sido relaxada. Estava pronto pra sair na boa. Quando tomou a dura, não duvidou. O Catulé deu o aviso e se afastou. Deixou a zorra encarnada no seu lugar. O Nego Lino meteu mil minhocas na cuca. Botou tudo na balança e se enbreirou. Partir pro pau não ia ser negócio. Se desgraçasse o Catulé na pancada não ia sair nunca. Se deixasse o tempo correr até cantar sua liberdade ia ser um esquinapo. Não iria poder marcar bobeira, nem dormir, nem nada. E com essas e outras embatucou.

⁶⁸ Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

O Catulé, de longe, curtia o crioulo. Era só perceber que o negrão estava ligado pra sacar um estilete e fingir que limpava as unhas. O Nego Lino se atucanava. Ficava cada vez mais abilolado. Parecia que ia endoidar. Já andava pelos corredores como um zumbi. De noite não dormia. Era uma gronga. Não sabia se teria que forçar pra aguentar o repuxo mais uma semana, tempo que faltava pra cair fora. Estava caindo pelas tabelas. Se batendo pelas paredes. Quando piou na fita uma bichona velha com pena grande. O tal de Nanete que chegou propondo trato pro Nego Lino.

– Negrão eu sei que tu tá entrutado. O Catulé te meteu numa sinuca de bico. Agora eu posso quebrar teu galho. Não tenho nada contra o Catulé. Não posso falar nada dele. Sempre me tratou bem. Porém estou precisando de grana e não quero sair pra rua mesmo. Tenho tudo que quero aqui. Garoto e outros negócios. Quero ficar e se a gente acertar, livro a tua cara. O Catulé que me perdoe. Mas quem gosta de mim sou eu.

Nessa canoa o Nego Lino embarcou.

– Tu apaga o Catulé, bichona?

Nanete fez denço e deschavou.

– Que isso Negrão. Tu parece que não me conhece. Sangue me embrulha o estômago.

Essa deixou o Lino sem entender bulhufas⁶⁹.

– Qual é a tua, bichona? Tá querendo fazer hora com a minha fuça? Se abre direito tu e aquele sacana de uma vez.

Pro Nanete a ameaça foi uma ofensa. Ele emburrou e estrilou.

– Quero adiantar teu lado. E o meu. Agora se tu vai engrossar, se dane. Me viro de outro jeito.

Chiou e se trancou em copas. Porém, não se mexeu. O crioulo depois de esfriar, maneirou.

– Então diz qual é a jogada.

– Tu apaga o Catulé. Eu assumo a culpa. Manja? Tu mata, eu confesso o crime. Daí tu me dá uma grana. Cem contos. Uma em cima da outra.

Não teve chibu. O Nego Lino se agarrou na esperança. Só que teve que chuveirar.

– Não dou cem, não. Isso vale mais. Dou duzentos giraus. Nanete dou duzentos, tá legal?

– Melhor pra mim. Queria cem. Já que tu quer dobrar, eu pego.

– Só que pago quando sair.

– Nada disso. Pode pagar só cem. Mas quero na boca do cofre.

– Duzentos e cinquenta, Nanete.

– Fiado é ovo de pato.

– Poxa, Nanete. Tu é meu chapa. Quebra a minha.

E no papo macio que o crioulo levou, a bichona se enredou. Topou receber e paga[r] depois que o crioulo saísse. E combinada a gronga, eles entraram em ação. Naquela noite mesmo o Nego Lino e a bichona se encontraram no corredor. O crioulo com uma pedra e o Nanete, assustado, se aproximaram do cubículo do Catulé. O Negrão ficou de lado e a bichona meteu a cara na portinhola e chamou o Catulé que estava dormindo e acordou espantado.

– Que tu quer aqui, bichona? Se vem pegar no meu pé, vai tomar uma biaba, que meu negócio não é esse.

Sem se acanhar o Nanete foi em frente.

⁶⁹ Termo atualizado; no original de jornal consta “bolhufas”.

– Catulé, o Nego Lino tá apagado dando a maior sopa.
– E que tu tem com isso?
– Nada. Não gosto dele. Sei que tu tá na campana dele, te dou a dica. Se tem acerto pra fazer, a hora é essa.

O loque não desconfiou. Meteu a cabeça pela portinhola pra ver se os guardas não estavam rondando e ele podia abrir o cadeado fajuto da cela. Enfiou o coco e não pode tirar mais. O Nego Lino segurou a pedra com as duas mãos e bateu pra valer. Umas cinco vezes. O Catulé morreu sem gemer. O seu crânio ficou esfacelado. E os dois assassinos deram pinote. De manhã, a ronda descobriu o cadáver do infeliz. Logo resolveram dar uma revista geral nas celas. No cubículo do Nanete encontraram a pedra suja de sangue. O bichona confessou o crime sem precisar levar prensa. E ficou tudo certo. Dias depois o Nego Lino saiu de cana. Mas até hoje não mandou o dinheiro do Nanete.

O mais malandro que a malandragem (Última Hora de SP – Edição de 5/5/1971. Página 16 Caderno 1)

O Jorge Setenta e Um tinha seu pesqueiro armado na Barra do Catimbó e não dava colher de chá pra ninguém. Seu negócio era o nojento tráfico de maconha e nesse assunto ele não admitia concorrência. Formou uma curriola que mais parecia um exército pra se garantir e nunca dava colher de chá pros atravessadores. Com ele não tinha bom. Qualquer nego que cruzasse o seu caminho era estarrado sem dó. O Jorge mandava seus cupinchas dançarem os inimigos. E com essas e com outras reinava. Porém quando tem muita grana na jogada sempre pia um pilantoso qualquer pra querer ser mais malandro que a malandragem e tentar no papo chuveirar os bidus e faturar a parte do leão. Pro Jorge também pintou um esperto.

Foi o Pirralho, um mulatinho esmirrado e encardido que chegou no bambambam com conversa fiada. Contou uma treta de arrepiar. Disse que estava precisando de uma força pra se defender. Alguém que lhe desse uns pacaus de fumo na base do apontamento, do pago depois e tal e coisa. Se ele tivesse isso ia adiantar o seu lado e arrumar o patrão. Era garantido. Não precisava da negada de mão grande pra garantir o ponto nem os cambaus. Bastava ele e um farol de fé. E isso ele charlou que já tinha. Era um pivete bom. O Pó, cara-taco assuntado nas mumunhas da vida, escolado nas quebradas do mundaréu. Com esse parceiro o Pirralho jurou pela luz que o iluminava que contava pro que desse e viesse. O Pó era ponta firme.

Pro Jorge Setenta e Um o bafo de boca do Pirralho não queria dizer bulhufas⁷⁰. O que valia era o sonante. Mas certo de que não tinha nada a perder, topou por um fumo na mão do malandrinho. Mas avisou bem.

– Olha lá, vagau. Esse capim é Manga Rosa. Vale dinheiro paca. Não vai marcar bobeira e me deixar no toco que eu te acerto o passo. E tem outra, se a cana te ganhar é contigo mesmo. Se me entregar, já viu. Eu te apago.

Sem se assustar, o Pirralho servido se mandou pro entruto. Armou sua arapuca na beira de uma escola e lá com ajuda do tal de Pó, começou a desgraçar um monte de estudantes. Falando com facilidade o canalha engrupia a moçada e dava um cigarro de graça pro trouxa uma, duas vezes até viciar a vítima. Daí esfolava. Cobrava caro à beça. E com isso foi faturando alto e nunca deixou o patrão

⁷⁰ Termo atualizado; no original de jornal consta “bolhufas”.

no “ora veja”. Dia de acerto era sagrado. Comparecia com a grana e apanhava mais erva.

O Jorge Setenta e Um estava contente com o Pirralho. Ele não dava trabalho. Não arranjava encrenca, não levava arroxos dos inimigos, não precisava de proteção da curriola e nem de nada. Só de fumo. E nisso, ele era azedo. Fazia questão que a erva fosse Manga Rosa. As outras o Pirralho dispensava. Quando o Jorge cismava e queria saber o porque dessa escama, o passador se rachava.

- Os minos que pegam fumo na minha mão são por dentro do assunto. Sabem pedir.

E com esse deschavo ia levando na maré mansa. Ganhando bem e gastando muito melhor. Não saía dos cabarés. Toda madrugada o vagau dava festa nas bocas. Baixava bebida e tirava onda de coronel. Pagava conta de humilhar milionário. E isso chamou a atenção de um olheiro do Jorge Setenta e Um. O espia achou que aquela bandeira toda por parte do Pirralho ia acabar batendo na fuça da polícia e não ia prestar. Assoprou a história na orelha do chefe.

O xaveco⁷¹ encabritou o Jorge Setenta e Um. Ele desconfiou que tinha linguiça embaixo do angu. Isso é, de alguma forma o Pirralho andava lhe tapeando. A parte que ele recebia da mão do passante era a combinada. Mas se estava certo o desgraçado estava gastando mais do que ganhava. E pra tirar a dúvida, o Jorge mandou conferir. Seus cachorrinhos se bateram na vida do Pirralho. Xeretaram em toda parte. Mas em nenhum lugar encontraram um devo do passante. Ele estava em dia. Gastava e pagava.

Visto isso o Jorge ficou mais de pulga atrás da orelha. Apertou o empregado. Não arrancou nada. O Pirralho enrolou. Falou e não disse. Deixou na mesma como se tivesse explicado. E essa banhada oriçou a curiosidade do dono das coisas. Mandou meterem as botucas no ponto do Pirralho pra ver como ele empurrava a erva. Não apareceu nada estranho pro olheiro. Preço, serviço, na base.

E apesar disso o Pirralho continuava levando uma vida de lorde. Não podia ser. E o Jorge cada vez se azucrinava mais com isso. Até que teve uma luz. Mandou um chapa seu que era desconhecido do Pirralho comprar fumo dele. O recadeiro foi e trouxe o baseado. O Jorge abriu o fininho e adivinhou a treta. O cigarro era muito mais capim do que a Manga Rosa. Tava escancarada a presepada. O miserável misturava maconha com palha e de um quilo fazia dois. E era assim que faturava alto pra manter o luxo. Fazia com a maconha o que muito dono de mercearia faz com o leite. Mas caiu do cavalo. O Jorge se sentiu enganado. Mandou chamar o Pirralho e deu a prensa.

- Tu mistura o fumo, vagau sem vergonha?

Não teve negativa. Apenas o Pirralho se justificou.

- Pois é, seu Jorge. Os otários não manjam nada. Às vezes vendo só capim e os loques se chapam assim mesmo. Só vendo. Contando não dá pra acreditar. Eu acho que eles são todos uns batusquelas e de nascimento. Se chapam com capim.

Contou a façanha e riu pensando que estava agradando. Porém logo se tocou na cara do chefe e se acanhou. O Jorge não achou graça. Muito pelo contrário, azedou de vez e deu a lei.

- Tu pensa que é sabido, né? Enganou os loques e a mim. E eu te avisei. Te disse que se me deixasse no devo eu te danava. Acabou tua embaixada Pirralho. Tu acabou.

E não adiantou o malandrinho espernear. A curriola por ordem do Jorge passou o Pirralho em armas. E pra não ter surpresa embarcaram o Pó que era farol

71 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

junto. Os dois desapareceram estarrados numa estrada deserta. Cada um levou vinte tiros.

A confa que o beijo deu (Última Hora de SP – Edição de 6/5/1971. Página 16 Caderno 1)

O Waltinho pegou a namoradina como fazia todos os domingos e a levou no cinema do bairro. Estava pouco se incomodando com filme. Só pagou entrada pra dar uns apertos na menina. Na rua não dava pé. Em qualquer esquisito escurinho que parasse, tinha chibu. Ou aparecia vagar pra assaltar ou na cana baixava pra atrapalhar. Então o negócio era no cinema mesmo. Gastava uma graninha sentida mas amassava à vontade a garota. Todo mundo que entrava no pulgueiro era pra isso mesmo. Pra ver filme os negos ficavam em casa de botucas ligadas na televisão. O gerente do cinema, o guarda de serviço, o porteiro e os cambaus conheciam a mumunha. Mas pra não verem o pesqueiro naufragar fingiam que não viam os casais. E nessa toada defendiam o rango de cada dia, o que não é fácil. A vida anda custando os olhos da cara. Mas deixa isso pra lá. O que conta aqui é que um dia entrou um lanterninha novo e o gerente esqueceu de dar o alô que o lance ali era na base do agrião. Gente abilolado quando ganha posto pensa logo que virou dois homens. O lanterninha então se embandeirou. Meteu a fardinha e não deu pala pra ninguém. Perturbou paca. Era só ele manjar que os artistas na tela iam se beijar pra vasculhar o cinema com a lanterna e empatar a vida dos namorados. E foi numa dessas que o Waltinho se invocou. Desconheceu o foco de luz e colou sua boca na boca desdentada da suburbana que o acompanhava. O lanterninha se picou de raiva e partiu pro esculacho. Meteu o foco na cara da moça e a boca no trombone.

– Que tu pensa que é isso aqui? A casa da sogra? Isso é lugar de diversão da família e não admito escândalo. Tá bom? Fora os dois.

O Waltinho não era fácil. Engrossou o caldo.

– Apaga essa lanterna e cala o bico senão vou te dar uma biaba. Me deixa em paz e logo.

Pro lanterninha a folga do moço não prestou. Ferido em sua vaidade de autoridade, apelou.

– Cai fora por bem e leva essa piranha antes que eu chame o guarda e leve os dois em cana.

Mulher que está com homem por mais pistoleira que seja tem que ser respeitada. Todo povão das quebradas do mundaréu sabe disso. E em justa razão o Waltinho respondeu a desfeita com um murro na fuça do loque. O salseiro se armou. Correu melado do nariz do lanterninha, mulheriu berrou, acendeu a luz, parou a projeção do filme, o distinto público vaiou e o guarda e o gerente tiveram que piar no lance. E com auxílio da turma do deixa disso, avacalharam a guerra. Sem poder tirar força do lanterninha, mas no fundo da alma achando que os namorados estavam certos, o guarda relaxou a bronca. Botou o Waltinho e a moça pra rua. Não prendeu nem nada, atitude que contrariou as duas partes. O lanterninha que queria encaveirar o moço, se sentiu desprestigiado e o Waltinho que pagou pra ficar duas horas no escuro ficou só meia, se sentiu lesado. E por essas e outras o lanterninha e o Waltinho se prometeram. Juraram forra. E ficou nisso.

Porém um xereta qualquer levou um papo com o lanterninha e escutou da boca dele um quás-quás-quás cavernoso. Daí mais pra fazer fuxico⁷² e por lenha na fogueira de que[m] pra alertar, deu um alô pro Waltinho.

72 Termo atualizado; no original de jornal consta “fuchico”.

– O lanterninha tá com uma turbina trinta e oito que não faz graça pra ninguém. Falou que vai te arrebitar pra tu deixar de ser besta. Só tou batendo⁷³ essa pra tu se cobrir. Eu no teu lugar, sabendo que um pinta quer me ganhar e tal e coisa, não ia marcar bobeira, ferrava o otário antes. E esse aí merece. Falou demais, cartou amarra tem que dançar.

Se era verdade ou mentira o Waltinho não soube. Não foi conferir. Acreditou na cascata do xereta e se armou pro que desse e viesse. Mesmo estando com a cuca cheia de minhoca não queria fazer desgraça. Só meteu a draga na cintura pra em caso de ter de encarar o lanterninha não precisar fazer na mão. Porém não saiu procurando enguiço. Ficou nas encolhas, sem ir mais no cinema. A namorada que não gostou do perereco, não insistiu pra ser levava pelo namorado no cinema. Na verdade foi ela a única que se deu mal por causa da confa. Uma vizinha faladeira que viu toda a quizila esparramou a história e sua mãe ficou sabendo que ela tinha sido botada pra fora. Foi um vexame. A pobrezinha levou uma dura de criar bicho e não quis mais entrar em outra gelada. E sem precisar fazer figura o Waltinho deixou o assunto morrer. Até que novamente o xereta veio atucanar sua paciência.

– Poxa meu, o lanterninha anda botando a maior banca. Ontem falou na frente de todo mundo que tu meteu o galho dentro. Que de medo tu nunca mais vai ver filme. Que tu quando quer vem uma fita paga a entrada pra um chapa teu, o nego vai lá e depois te conta. A moçada riu paca. Foi o maior pique-nique que o lanterninha fez na tua sombra.

Diante desse bochicho o Waltinho não se aguentou. Rodeou o cinema até o fim da sessão. Esperou o público e o guarda irem embora escondido num canto escuro. Quando a vez tocou ao lanterninha, o Waltinho saiu na campana, de longe, sem ser visto e num pedaço deserto do caminho, alcançou o lanterninha e por trás sem aviso largou tocha. Cinco balas encaixadas. O lanterninha se arreou. Nem gemeu. Foi falar com Deus direto. O assassino se picou.

Na manhã seguinte os primeiros operários que iam pro batente acharam o cadáver do lanterninha do cinema Glamour. Chamaram a polícia e tiveram as investigações. O gerente do cinema ao ser ouvido declarou:

– Não sei quem possa ter feito essa maldade. Ele era novo no emprego. Não arrumava encrenca com ninguém. Aliás[,] ele entrou no lugar de um outro que era uma peste. Criava caso à toa. Por isso que o mandei embora e botei esse aí no lugar.

Quando o Waltinho leu nos jornais a história do gerente se moeu de remorso. Tinha apagado o lanterninha errado. Ficou mal dentro da roupa e se rendeu pros homens e contou tudo. Entrou em galera pra deixar de ser abobado. E hoje cumpre pena enquanto o xereta leva a sua ex-namorada no cineminha do bairro.

O troco (Última Hora de SP – Edição de 7/5/1971. Página 16 Caderno 1)

O Noriva era o malandro bom. Deschavado paca. Se fingia de morto pra poder viver. Ninguém dava nada por ele. Estava sempre zazando com cara de sonado e era esse seu trunfo. Os loques nunca desconfiavam de um pinta jegue como ele. E com devagar quase parando, o Noriva remava sua chata em maré mansa. Seu trabalho era dar roupa. Isso, ajeitar otário pro batedor de carteira. E como fazia bem esse serviço. Num ônibus ou num cinema, mal encostava no loque e já sabia onde o otário enfurnava a grana. Daí catimbava se fosse o caso, desengomava o paletó do trouxa escolhido sem dar mancada. E olha que

⁷³ Termo atualizado; no original de jornal consta “batende”.

desengomar (desabotoar) botão por botão não é mole. Mas o Noriva fazia esse trabalho com perfeição. E fazia mais. Virava o loque pro lado que fosse melhor pro lanceiro aplicar a plis direta ou o forreio. Um artista o Noriva. E por essas e outras era sempre escolhido pra se virar com os melhores batedores. E devido a isso não se afobou quando um dia lá nas quebradas do mundaréu, o Dudu do Grilo encostou nele pra acerto.

– Cumu é que é? Tá a fim de estarro?

– Si cheguei tou chegado.

– Então é cum nós mesmo.

– No racha?

– Pois é. Meio a meio.

E sem mais acertos partiram pro batente. Entraram num ônibus lotado e o Noriva foi logo dando toque no bolso dos trouxas. Tateou até que adivinhou um com volume grande. Aproveitando o aperto, virou o panaca na posição que quis e entre dentes chiou que quis e entre dentes chiou pro parceiro:

– Porrão.

O Dudu do Grilo entendeu bem. Porrão era o bolso da calça. Com agilidade e firmeza meteu os dedos hábeis no otário e sacou com facilidade a carteira. E, rapidamente, passou o couro pro Noriva. Onde foi a mancada ninguém sabe. O que se sabe é que de repente o loque se coçou e notou a falta da carteira. Não quis saber. Botou a boca no trombone.

– Afanaram minha carteira.

Berro dado, perereco armado. O chofer parou o ônibus e fechou as portas. Teve início o quás-quás-quás. Quem foi quem não foi. E não deu pedal pro Noriva largar a carga. Ele sabia das coisas. Se não largou foi mesmo porque não deu. Guentou a brasa. Foi seu crepe. Um tira que viajava no ônibus se oriçou. Se apresentou, meteu as botucas em cada um dos passageiros e reconheceu o Dudu do Grilo. Deu a dura.

– Foi tu, vagau. Se rende.

O batedor estrilou.

– Que é isso? Sou bom moço, trabalho. Me dispensa.

Mas não teve estia. O tira revistou ele todo. Quebrou a cara do Dudu do Grilo, estava limpo. E ficou provado que não tinha nada em cima. Se valendo disso o vagau se oriçou.

– Presepada tua tira. Tu quer aparecer. Agora já viu que eu sou positivo. Escala outro pra tu fazer tua média.

Esculachado o tira se picou de raiva e pra não marcar bobeira, fez que o Dudu mandou. Sacou novamente a patota toda. E por intuição escolheu o Noriva. Foi pau e bola. Apalpou o roupeiro e achou a carteira. Se assanhou com a glória. E aí a zorra encarnou. Os passageiros se revoltaram contra o Noriva e resolveram dar uma biaba nele. Foi broca. O tira tentou impedir mas não pôde nada. Era um e a curriola grande. Pena pro Noriva. Apanhou pra valer. Até o Dudu do Grilo pra livrar bem sua fuça deu pancada no parceiro. E foi essas que ele mais sentiu. Lhe doeu no coração aquele xaveco⁷⁴ do ponta firme. Uma escrotidão cavernosa. E ali mesmo embaixo de pau, jurou a volta. Mas não abriu. Guentou o tranco. Até que chegou o reforço da polícia e livraram ele daquela sinuca. O Noriva estava no bagaço. Mas estava vivo. A cana juntou os pedaços do roupeiro e levou pra galera fria. Flagrante.

Pro Noriva um tempo longo no xilindró. Pro Dudu do Grilo uma estia sem broncas. Mas nada como um dia atrás do outro. Custou paca pro Noriva cada volta

74 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

do ponteiro. Porém a pena foi cumprida. E ele na rua se armou e saiu na captura do Dudu. Companheou às baldas. Não foi mole de encontrar o antigo parceiro. Mas nos caminhos do mundaréu até as pedras se encontram. E um dia os dois se trombaram de frente. O Dudu quis manear.

– Noriva, gente minha. Meu farolete de fé. Já tá na boa meu camaradinho. Que legal. O tempo passa. Parece que foi ontem que bateu sujeira e tu entrou. Mas veja só, tu já aí. Livrinho. Legal. Vamos estarrar muito trouxa juntos. Vamos sim. Olha meu, como são as coisas. Ainda ontem bati uma caixa pra nega. Domingo é visita no casarão e tu tem que levar uma chibaba pro Noriva que tá lá e é meu considerado.

E ia continuar chuveirando. Porém seus olhos bateram nos olhos do Noriva. O Dudu se acanhou. Viu as riscas de sangue nas botucas do ex-parceiro e de pronto compreendeu que ia feder. Tentou o arreglo.

- Noriva, sei que te devo⁷⁵. E sei que tu deve de tar a perigo. Vou te adiantar uma grana. Depois ainda te dou mais. Tu merece. Tu foi uma rocha. Curtiu a tua sozinho. Se fechou em copas. Não contou meu nome pros homens nem nada. Te devo. Tenho obrigação. Comigo pode contar.

Falou à toa. O Noriva continuou mudo. Só espiando e cozinhando o galo. Era uma secada de encabular. Mas o Dudu se debatia.

– Relaxa a bronca Noriva. Foi coisa do nosso trampo. Tu entrou. Podia ser eu no teu lugar. Mas foi tu. Que tu queria? Não deu pra mim de safar. Cuidei de mim. É a lei não é? Agora tu sabe o que faz.

O Noriva sabia o que fazer. Sacou da arma. Fez pontaria e deu os tecos. O primeiro bem no meio da testa. O tampão da moleira pulou e miolo e sangue espirraram. O segundo no peito e o terceiro na perna. Três tiros um por cada lugar onde o Dudu tinha batido. Foi o troco.

A profissão de valente (Última Hora de SP – Edição de 8/5/1971. Página 16 Caderno 1)

O Dunga era um crioulo que não tinha mais tamanho. Forte como um touro. E além de tudo era uma briga encardida paca. Bom de perna, cabeçada, soco e os cambaus a quatro. E com toda essa embaixada acabou ficando famoso nas quebradas do mundaréu. Nas encolhas mais cavernosas, nas gafieiras, nos mocós, nos cortiços, nas favelas e até onde o vento encosta o lixo, o povão bochichava sobre suas façanhas. Falavam de cada catimba de criar bicho. Na boca da gente humilde o negrão fazia e acontecia em lances de até Deus duvidar. Uma presepada que ninguém viu com os olhos que a terra há de comer, mas que todos juram pela luz que nos ilumina que foi de verdade, se deu num campo de futebol.

Era um jogo amistoso entre o Turiassu F. C. e o Amor e Glória, time do coração do Dunga e pelo qual ele topava qualquer parada e armava mil enguiços. A partida estava dura. Empatada de zero a zero. Um troço de encabular torcedor quando um jumento entrou em campo e se plantou no meio da área. Foi um perereco. A presença do animal avacalhou a guerra. Os 22 jogadores, o juiz, a curriola que assistia e o dono do jumento fizeram tudo pra tirar a besta dali. Mas que nada. O animal empacou e não arredava. Deram bolada, pedrada, paulada e néca. O jumento não se mexia e o jogo não podia continuar. Tentaram tudo e já iam desistir quando o Dunga se invocou e deu um soco no jumento. Um só. No meio das orelhas. E foi o bastante. O animal caiu morto. Daí o negrão agarrou o jumento pelo

⁷⁵ Termo atualizado; no original de jornal consta “deve”.

rabo, o arrastou pra fora do campo e ordenou que o juiz marcasse pênalti⁷⁶ contra o time inimigo do Amor e Glória, que graças a isso faturou o Turiassu de um a zero e ganhou bonito [o] caneco.

Mas deixa isso pra lá. O que conta aqui é que o Negrão ficou com tanto nome de valente que nem precisava fazer força. Os donos de botecos, os banqueiros de bicho, os passadores de fumo, os vendedores ambulantes, os intrujões, as madames dos puleiros das piranhas eram os primeiros a adiantar o lado do crioulo. E o faziam de vontade própria porque o Dunga nunca arroxou quem quer que fosse. Mas era só se encostar no esquisito pra ser servido, e bem, pelo dono do pedaço. Por essas e outras levava vida de lorde. Não perturbava nenhum ambiente, não provocava nenhum ambiente, não provocava briga e até evitava confusa. Diante de sua pessoa os bravos se acanhavam. Metiam o galho dentro e se comportavam direitinho. E foi por morar nesse negócio que era todo escrotidão, que resolveram contratar o Dunga pra leão de chácara.

Nota firme não se dispensa com a vida custando os olhos da cara. E o crioulo não enjeitou o trabalho. Que pra ele era sopa. Bastava piar no salão às quintas, sábados e domingos e espiar o baile. Se alguém se acanhasse e procurasse encrenca, então ele convidava o nego a cair fora por bem. Se os bons modos não adiantassem, o crioulo apelava e botava o baderneiro pra fora a toque de caixa. Mas raramente era preciso usar a congesta pra acalmar a situação. Geralmente parada era decidida no berro pelo crioulo. E o Balaio de Gato ganhou moral. Antes da entrada do Dunga era uma barra pesada. Depois dele ficou legal. Nunca mais a zorra encarnou, nunca mais a cana encostou. O Balaio de Gato ficou o salão mais maneirado da cidade. Passou até a ser anunciado nos cartazes de parede como “ponto de reunião das famílias”. E melhorou e aumentou a frequência. Tudo por causa do Dunga que desse cabide nem viu o tempo passar. Anos e anos ficou ali botando respeito com a figura e não se tocou que envelheceu. Que aos poucos os fregueses velhos foram sumindo e a pivotada que era barrada na porta por ser menor, começou a poder entrar. Não manjou até que um garotão folgado o desconheceu.

A gronga se deu num sábado de carnaval. Estava tudo certinho. A patota se divertia e o crioulo vigiava. Mas de repente o Pescadinha foi tirar a Dagmar e levou tábua. O rapaz não era fácil e se encrespou. Azucrinado deu o estrilo.

– Num dança comigo, não dança com ninguém.

Deu a lei e ficou na paquera. A moça não acreditou no alô e quando o regional do mestre Talismã meteu um samba, saiu na roda. O Pescadinha não vacilou. Partiu pra Dagmar e tacou-lhe a mão na fuça. Foi um vexame. A cabrocha abriu o buê, o par dela se orçou e o rolo se formou. Daí o Dunga veio por ordem e deu uma dura no Pescadinha.

– Se arranca, garoto. Hoje a tua festa acabou. Se manda. Vai refrescar a cuca e volta amanhã. Hoje não dá mais pra ti. Aprontou, já viu. Tá na rua.

Mas teve troco por parte do rapaz.

– Conversa mole, crioulo. Paguei pra entrar e vou ficar. Se tu tá a fim de aparecer, bota a pistoleira pra fora que com ela é mole. Mas não vem com marola pra cima de mim que a casa cai. Quem engrossou foi essa tihosa, que tá aqui pra dançar com quem tirar ela e fica fazendo luxo.

O Dunga sentiu o contra vapor. Mediu o Pescadinha da cabeça aos pés e viu que ele era taludo e pelo papo percebeu que o pinta devia confiar na briga que tinha. Num segundo ganhou consciência de si mesmo. Se flagrou que estava coroa. Que

76 Termo atualizado; no original de jornal consta “penalte”.

não era o mesmo. Que há muito tempo não encarava uma pauleira. Que devia estar fora de forma. E aí tremeu. Se mancou na sinuca de bico que se encontrava. Sua profissão era a de valente. Se afina, perde o emprego. Não podia dar chibu. Porém, não encontrava dentro de si a vontade. Tentou amaciar mas sem dar pra trás.

– Te conheço, Pescadinha. Vem comigo, relaxa essa bronca e vai por mim. Amanhã é outro dia.

Mas a cascata não grudou. O moço diante da afrouxada do crioulo se encheu de razão e esculachou.

– Num gasta saliva, nego velho. Tu não tá diante de nenhum loque. Sou o Pescadinha, vou ficar e me garanto.

Baralho aberto na mesa só restou pro crioulo dar a decisão. Mas ele teve medo de sair no braço. Não queria nada além do que dar a volta e certo que ia impressionar puxou o revólver. Não foi pedal. O Pescadinha diante das turbinas endoidou. Abriu a camisa no peito e gritou:

– Atira aqui nos meus peitos, nego velho. Atira pra matar. Senão vai apanhar de draga e tudo.

Não deixou escolha pro Dunga. Ele deu no gatilho e o Pescada tomou seis arrebitos e foi falar com Deus.

Casa de caboclo (Última Hora de SP – Edição de 10/5/1971. Página 16 Caderno 1)

Valdemar e o Dito se conheceram através de duas irmãs pistoleiras, a Dilma e a Eunice, que encaravam uma pedreira sentida nas quebradas do mundaréu. Cada um dos pintas tinha arreglo com uma das mulheres. A Dilma era do Valdemar e a Eunice do Dito. E por eles terem que ficar fazendo hora juntos na espera das minas, passaram a levar longos papos e a se entenderem. Como os dois estavam gamados nas irmãs e elas pedindo a Deus um trouxa qualquer que as tirasse da viração a coisa engrenou. As piranhas davam corda e os vagaus faziam planos. Nos longos quás-quás-quás que os casais curtiam todas as madrugadas, o Dito sempre vacilava.

– Me dói ver a Nice na viração. Fico ruim dentro da roupa. Mas pombas! Que posso fazer? Tou no desvio e a vida anda custando os olhos da cara.

O Valdemar que era chofer de ônibus dava força pro parceiro.

– Tu quer[,] te arrumo uma baba de cobrador lá na empresa? O que não pega bem é viver às custas de mulher.

As minas davam apoio[,] enfeitavam o emprego e tal e coisa. Mas o Dito se escamava.

– Com salário de cobrador não pago place. Preciso é acertar a milhar. Pra tirar a Nice da vida e não dar coisa que preste é melhor deixar como tá. Um dia me acerto e aí sim dou estia pra ela.

Pras piranhas essa mumunha não pegava bem. Porém, elas não chiavam: Deixavam o plá pro Valdemar que tinha boa fala e era ciumento pra chuchu.

– A gente pode fazer uma casa de caboclo. Alugamos um barraco na Barra do Catimbó e com a grana minha e com a tua juntadas dá pra gente escorar os repuxos. O que não tá certo é a Dilma e a Eunice ficarem batendo bolsa. Não gosto disso não. Tou gamado na Dilma e fico ruim dentro da roupa só de pensar que ela anda faturando com qualquer um.

E depois de muitas madrugadas batendo a mesma caixa as mulheres viram com a alegria o Valdemar dobrar o Dito. Tanto o chofer insistiu que o amigo topou pegar o batente de cobrador de ônibus. E diante disso foram cumprir o trato.

Arrumaram o barraco, o emprego do Dito e se instalaram. As pistoleiras davam duro como donas de casa. Não queriam mais ter que catimbar no quarteirão. E os homens iam encarando. Estava tudo certo. Mas durou pouco a maré mansa.

Quando menos se esperava[,] o Dito aprontou um salseiro besta com um fiscal, coisa à toa, pra ficar no barato. Mas o Dito encrespou e pegou o fiscal de porrete. O resultado é que foi despedido. E por causa desse esquinapo, a zorra encarnou. Pro Waldemar não prestou a façanha do parceiro. Ele quando estava por dentro do assunto achou que o fiscal tinha razão e que o Dito não precisava apelar. Se fechou em copas. Não deu opinião. Mas no íntimo ficou desconfiado que o amigo armou a presepada de propósito pra ser chutado do emprego. E com essa minhoca na cuca ficou esperando pra ver o que ia fazer.

De saída, o Dito enganou que estava procurando novo trabalho. E quando acabou seu dinheiro, o Waldemar teve que entrar com tudo pro sustento da casa e ainda adiantar uns trocados pro Dito ir se bater a cata de vaga. E essa lenga-lenga durou uns dois meses. Até que encabritado o chofer deu o estrilo:

– De hoje em diante não dou mais moleza pra vagabundo. Se esse Dito não aparecer com grana pro rango e pro aluguel vai ter que se pinotear daqui. Não vou sustentar burro a pão de ló.

A bronca não atucanou o Dito. Pra espanto do Waldemar o amigo até concordou que estava sendo um peso morto e prometeu piar com dinheiro no fim do mês. E naquela noite mesmo o Dito mandou a Eunice ganhar o seu sustento na viração. O chofer se machucou com a folga do Dito. Achou que era o fim da picada. Um tremendo papelão. Mas como não era de se atravessar na vida dos outros, deixou andar. E na hora do apontamento não teve chibu. O Dito compareceu com uma bufunfa⁷⁷ sonora pra clarear a sua parte pelo tempo todo que não ajudou. Se o Waldemar já estava quieto antes, só teve mesmo que continuar de boca calada. E nessa base foram levando. O Waldemar trabalhava pra sustentar a Dilma e a Eunice se virava pra sustentar o Dito. Não era o trato[,] mas dava pra empurrar pra frente. Só não deu quando o Waldemar, que trabalhava de dia, foi transferido pro turno da noite.

Na primeira madrugada que chegou em casa depois de cumprir o novo horário, o Waldemar encontrou o Dito e a sua mulher, a Dilma, jogando buraco e não gostou. Mas bom cabrito não berra. Azedou por dentro sem deixar aparecer. E nas noites seguintes dava sempre o mesmo repeteco. A Eunice ia pro malho, ele pro trabalho e o amigo e a mulher ficavam no baralhinho. Porém, chato mesmo foi a vez que o chofer encontrou a porta da rua trancada e o barraco em silêncio. Bateu paca e a Dilma demorou pra atender. Quando o Waldemar entrou, morou logo que não teve jogo naquela noite. Quis saber da mulher onde estava o Dito e foi informado que o pinta não passava bem e dormiu cedo. Ele fingiu que acreditou. Mas ficou com a pulga atrás da orelha. No dia seguinte, pediu na empresa de ônibus, a transferência pro período diurno. Não conseguiu. Então pediu a conta. E entregou o carro na hora. Dispensou o aviso prévio e tudo. Se mandou pra casa afobado a fim de dar uma incerta na mulher e no amigo. Chegou de macio e entrou de repente. Quebrou a cara. Os dois estavam jogando cartas e bem comportados. E o Waldemar morrendo de vergonha de si mesmo, anunciou que perdera o emprego. A mulher o conformou e jurou que não haveria problema, caso fosse necessário, voltaria pro trampo. O Waldemar, furioso de ciúme, não concordou. E mal raiou o dia, se

⁷⁷ Termo atualizado; no original de jornal consta “bofunfa”.

mandou pra arrumar outra colocação. Se deu mal. E foi aí que o Dito teve a ideia de jerico⁷⁸ e propôs um assalto.

– Moleza, Waldemar. Tu é um az no volante. A gente afana um carango e estarra uns loques. Uma vez por mês a gente dá dessa e o resto do tempo ficamos nas encolhas.

O motorista relutou mas acabou embarcando na canoa furada. Se armou com um trinta e dois, encheu a cuca de fumo e entrou nas águas do Dito. Saíram na batalha. Campanearam até que descobriram um casal namorando dentro de um fusca num esquisito cavernoso. Encostaram e deram a congesta. Mas bateu sujeira. O moço que namorava, era tira e encarou. Abriu a porta com violência e deu com ela nas canelas do Waldemar[,] derrubando ele. O Dito marcou bobeira e o tira agarrou. Vendo que ia entrar bem, o vagau berrou pro parceiro.

– Arrebita esse trouxa. Anda Waldemar!

Sem saber bem o que fazia, o motorista deu no gatilho até acabar as balas. As que não se perderam, acertaram as costas do Dito que caiu já na última lona. Pro tira foi fácil encarar o criminoso.

Hoje no xilindró o Waldemar paga caro a xavecada⁷⁹ em que se meteu e vê com desgosto a Dilma na viração. Mas tem que engolir. É com essa grana que a mulher compra o cigarro que ele fuma na cela.

O Manja Balão (Última Hora de SP – Edição de 11/5/1971. Página 16 Caderno 1)

O Manja Balão ganhou esse apelido quando era pivete. Ele era invocado pacas. Vivia olhando pro céu. Andava de nariz para a lua e tudo. Dai, já viu. Xavecaram⁸⁰ ele com o apelido. E não teve jeito. Grudou. Ele cresceu, se arregalou com uma mulher, teve filhos, netos e os cambaus. E a raça toda era Manja. No Macuco inteiro, a curriola só se flagrava neles como a família Manja Balão. Porém, eles tiravam de letra. Se o velho Manja era folgado, o gango saiu igual. Todos com a mesma bobeira. Por isso mesmo, nunca achavam nada no chão. E nem queriam. O negócio deles era vadiar. Nenhum deles era do batente. Nunca se viravam atrás de emprego. Um cabide era o que queriam. E quando um se arranjava de funcionário público, se instalava. Enganava, e o resto era batota. Se a canoa era de gandaia, os Manja se embarcavam fácil. Não adiantava a mãe Manja Balão estrilar. Ninguém dava pelota. Começava pelo pai Manja. Sexta-feira, à tardinha, ele não queria nem saber. Dava o pinote. Engrupia a velha com um engodo de pescaria na Praia Grande e azulava. Só baixava de volta na segunda de manhã. E nunca trouxe nenhum peixe. Mas, sempre chegou de caco cheio. E foi numa dessas que se deu o esquinapo.

O velho Manja Balão se espantou num piquenique de pistoleira. Um embalo firme. Na base do agrião. Todo mundo nu. Cachaça e maconha a dar buzo. Um pagode de entortar. E o coroa Manja se atirou de fuça. Se enredou num rabo de saia e botou pra quebrar.

O perereco engrossou⁸¹ na Praia Grande. Daí, se mandaram pra Itanhaem pra comer caranguejo. De lá foram a Mongaguá xeretar⁸² num sítio de banana. Não por causa da banana, é claro. Mas, pra bicar uma pinga que o dono do sítio fazia em

78 Termo atualizado; no original de jornal consta “gerico”.

79 Termo atualizado; no original de jornal consta “o chavecada”.

80 Termo atualizado; no original de jornal consta “Chavecaram”.

81 Termo atualizado; no original de jornal consta “engroussou”.

82 Termo atualizado; no original de jornal consta “cheretar”.

alambique de manivela. E foram indo. Daqui pra ali. E tome carga. E o tempo correndo.

Quem se atucanou foi a mãe Manja. Quando, na segunda-feira, o marido não deu as caras, ela estranhou. Na terça, quase ficou abilolada. Reuniu os filhos e se mandaram na captura do vagau velho. Cemitério, hospital, cadeia, tudo foi batido. Néca de pinta. A mãe Manja ficou batendo a cachola no poste.

– Morreu afogado! Só pode ser! Ai, Jesus: Pobre Manja!

E a gronga ia no virador. Já tinham até chavado uma missa pro panaca. Porém, a gandola do pilantra se estarrou. A fumaça saiu da cuca. E sem onda pra curtir, a negada ficou chumbada. Tiraram o time de campo. Cada um se bandeou pro seu lado. Quem quebrou a cara foi o Manja. Se ardeu com o lance do “o que é que eu vou dizer em casa”.

Bambeou. Quase fica chué. Mas, se achou ao apelido. Sempre foi Manja Balão por viver de lata empinada. Era por aí que ia encarar seu povo.

E chegou no mocó com charla feita e, mal a mãe Manja deu a prensa, o majura sacou:

– Tá certo, nega. Tu deve ter se agoniado. Porém, segura o apito que eu me racho.

E foi malhando o deschavo. Lembrou que ele era Manja Balão. E que estava de fuça pra lua quando encarou um disco voador. Ficou bambo⁸³ e tal e coisa. E os caras de disco guindaram ele pra Marte. Ele viu tudo lá. Lugar legal. E escrachou. A Mãe Manja era cutruca. Engoliu o trambique. E ainda rezou de alegria, porque o marido estava de volta.

E tudo podia ter ficado por aí. Mas, a dona Manja tinha feito um escarcéu quando o velho sumiu. Com ele aparecido, a vizinhança quis saber das coisas. E Mãe Manja teve que se abrir. Entregou o recado que recebeu. E foi aquele bochicho. O “foi, não foi” se esticou. Todo mundo queria ficar por dentro. E meteram o bedelho. Encostaram o Manja na parede. Na frente da mulher. Só restou pra ele jurar que andou de disco, foi a Marte e o cacete. Aí, a zorra cresceu. E veio repórter. E tome cara no jornal, revista, programa de televisão e outros bichos. Da Rússia, dos Estados Unidos, da França e de todo lado vinha carta. Eram as Sociedades de estudar disco que queriam saber das coisas.

E o Manja ficou entrutado. E era tarde para dar uma recueta. Mandou bala. Bolou uma tremenda presepada. E cuidou da sua lavoura. Atacou de conferência sobre Marte e escreveu um monte de livros. Tudo chupado dos livros de ficção científica. E ficou por cima da morisqueta. E até hoje se badala com a onda do disco.

Glória e queda de um moço mau e obediente (Última Hora de SP – Edição de 12/5/1971. Página 16 Caderno 1)

O Bufalo Mexicano nunca foi mexicano. Nem nunca passou perto do México. Entrou nessa marola de Búfalo porque pesava cento e quarenta quilos, tinha uma pinta medonha e era xereta pacas. Só com a fuça já entortava qualquer majura. Mas, antes de ser Búfalo Mexicano, era manjado por Bolota e andava se arrastando pelo cais do porto de Santos. Seu negócio era comer. Ia de boteco em boteco na campana de um loque. E sempre adivinhava um. Daí, como quem não quer nada, carteava.

– Duvida que eu coma trinta pastéis?

⁸³ Termo atualizado; no original de jornal consta “bombo”.

E se os panacas se encabritassem, era só mandar ver. Amarrava uma nota e descia o rango. Não tinha por onde. Qualquer rango ia nas presas do Bolota. Mastigava firme. E com essas e outras, remava o barco em maré mansa.

Porém, um dia entrou minhoca na cachola do Bolota. A gronga se deu quando o Gran Circus Maximus armou sua lona cheia de buraco no bairro do Macuco. Logo de saída, a espelunca naufragou. O palhaço não agradou e o empresário ficou no “ora veja”. Mas, é como diz o Zagaia:

– Não se dá milho pra bode.

E se o Zagaia diz é que é. O dono do pulgueiro, que era escolado, não se atolou no mangue. Saiu no chiado. Armou o maior entruto da paróquia. E, pimba! Acertou na mosca. Esparramou pela cidade que ia botar os campeões de luta livre pra se ferrarem no circo. E pôs mesmo. Trouxe a curriola toda, que no sábado e domingo se atucanava na televisão até quase a morte, pra se botar na terça-feira no seu picadeiro. E o engodo grudou. Toda terça-feira o Gran Circus Maximus ficava a três de alto. Vinha nego de todo canto pra ver os marmeleiros. E o Bolota, que era um abilolado, vinha junto. E choveu na horta do empresário do mambembe. A grana entrava fácil. O engrupido estava vidrado no barato de luta livre. Lutava cada bruta escamoso que vou te contar. Rei Zulu, Touro Feroz, Cavalo de Aço, Homem das Neves, Chacal, Gigante Valente e os cambaus. Esse gango e muitos outros engrupiram a moçada até não dar mais pedal. Aí o empresário se mancou que estava na hora do pinote. Antes, porém, tinha que rapar mais alguns pixulés dos panacas. E pra deixar o povo na saudade, engrinou um arranca-rabo cavernoso pro até logo. Meteu lá: “Peito de Chumbo contra o Pantera Negra”.

Nesse dia, o circo ficou atopetado até as berbas. Tinha gente pendurada no mastro e tudo. E sem estrilar. Todo mundo queria ver esse salseiro. Espalharam que o tal do Pantera Negra, um crioulo africano, era do cacete. Nunca perdia. E depois de estarrar o inimigo, comia a orelha do cara.

Aí, já viu, a patota foi em peso. Mas teve um esquinapo. O Pantera Negra pegou uma gripe e deu o cano. O empresário do circo e o dono dos lutadores só se flagraram que o buê não vinha na horinha do tasca. Aí foi lenha. As lutas preliminares já tinham ido.

Só faltava a luta da fachada. O perereco se formou. O escarcéu começou. Ninguém entrava no ringue e o buê estourou:

– Solta os leões!

– Quero minha grana.

Alguém chutou que o dono do circo tinha se espantado com a bufunfa⁸⁴ e começou o quebra-quebra. O empregado deu uma prensa no dono dos lutadores. E esse foi pra catimba. Entrou no tablado e escorou com o focinho as vaias, laranjas, bolas de papel e um monte de coisas. Mas, mesmo assim meteu seu plá. Cheio de presepada, meteu um grupo. Falou que a mãe do crioulo, o Pantera, tinha se apagado lá na África. E que o negrão, que era um filho legal, se mandou pra lá pra dar o último adeus. Papo de mãe sempre gruda em cima de brasileiro. E o dono dos lutadores foi em frente. Chuveirou pra negrada que pra ninguém se bronquear que ia ter um lance bacana. O Peito de Chumbo estava ali e ia encarar qualquer um da distinta plateia que tivesse coragem.

O Peito de Chumbo se apresentou alegre e pulando. Certo que nenhum vagau ia se meter a besta com ele. Claro que ninguém de cuca firme ia entrar numa gelada dessa. O Peito de Chumbo tinha dois metros de altura por dois de largura. E

84 Termo atualizado; no original de jornal consta “bofunfa”.

ainda por cima, sabia os trambiques da luta. E estava todos de bico calado, jururus e murchos, quando o Bolota deu a dica:

– Quanto eu levo nisso?

O dono dos lutadores, carregando fé no Peito de Chumbo, nem balançou:

– Um milheiro, se ganhar. E os curativos de graça se perder. E, pra seu espanto, escutou:

– É comigo mesmo.

E, antes de qualquer babado, o Bolota já estava no ringue. E a gandola toda lhe dando força. Não teve nem graça. O Peito de Chumbo veio feito pra cima do Bolota, levou um contra-vapor no meio da testa e bateu com a lata no chão. Não teve volta. O Bolota ganhou. Foi uma festa. Só não carregaram o Bolota em triunfo porque ele pesava pra chuchu. No dia seguinte, o circo desarmou e se picou. Teve muito bochicho em torno do Bolota. Mas, logo ele continuou a viver de comida e a zorra da vida foi em frente.

Um dia, o Bolota estava nas paqueras do mundo, quando o dono dos lutadores atracou ele:

– Lembra de mim? Sou o Escarradeira. O pé quente das lutas.

Engrenou um xaveco⁸⁵ pra fundir a telha do Bolota. Banhou o moço:

– Olha, seu futuro é o vale-tudo.

E contou os macetes do engodo. Explicou que com aquela banha toda, a cara feia como a peste, o Boleta estava feito. Era só bancar o mau. O bandido. Tinha os caras de loló de criança que faziam os bons. O mocinho. O mau aprontava mil e umas. Mas, no fim. Tomava um toco e apanhava. Porém, era de embromação. Não pegava nada. Tudo aprontado. Ninguém se machucava. E todo mundo estava no sonante.

O Bolota, chucro, aceitou a treta. Mudara o nome dele de Bolota para Búfalo Mexicano. Fizeram ele deixar o bigode crescer pra ficar mais mexicano. Ensinar uns pulos pra ele e tome carga. O moço mau e obediente fazia tudo que seu dono queria. Teria seu nome na televisão. Como não aprendeu a falar em castelhano, foi proibido de falar na frente dos outros. E foi ficando cada vez mais lelé. Um dia em que ele estava meio assanhadão, o dono dos lutadores, pra aguentar o bicho, jogou uma pistoleira no seu mocó. E o Búfalo Mexicano gamou. A santona, que não sabia coisa nenhuma, meteu uma letra só pra ter o que dizer:

– Poxa, bem! Tu só toma pau? Com essa barriga toda não ganha de ninguém. Que esculacho.

O Búfalo Mexicano se doeu. Não se rachou. Se fechou em copas e segurou as pontas. Mas, na primeira luta que teve, esqueceu o arreglo e arreventou o inimigo.

O moço mau desobedeceu. Ninguém apitou. O dono dos lutadores só lhe deu um alô:

– Essa que é a tua? Tá bem!

E nunca mais o Búfalo Mexicano foi escalado. No princípio ele ainda deu uns bordejos. Paparicou o dono dos lutadores. Logo viu que não adiantava. O mandarim dava seu caso como tabuada pros outros parceiros seguirem a linha. O Búfalo ficou murcho. Deu pra beber. Se acabou. Ficou um nada. Se bandeou outra vez pro cais do porto de Santos. E hoje se arrasta de boteco em boteco. Não carteia. Não aposta. Tá sempre trancado. Pra moçada pensar que ele é Mexicano? É uma bola de carne. Morta. Uma coisa medonha que usou canga por muito tempo. E não sabia brigar nas lutas da vida. Bem feito.

⁸⁵ Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

O ladrão de santo (Última Hora de SP – Edição de 13/5/1971. Página 16 Caderno 1)

O garotão era estudante de Arquitetura e por aí já se vê que não era nenhum pé de chinelo. Tinha papai rico, que podia pagar a faculdade, apesar da vida estar custando os olhos da cara, e ainda podia dar baldes de chá. Como, por exemplo, o de mandar o garotão com uma grana sonora no bolso a Parati, Ouro Preto e outras cidades onde o pessoal está ligado à Arquitetura e vidrado pra ir espiar estilo. E o garotão ia um pouco pra estudar, um pouco porque a patota era legal e a farra era boa. Não perdia um piquenique desses. E onde ia, aprontava. Não que ele fosse mau. Ele era filho de rico. Dava os trambiques pra fazer graça pras coleguinhas e tal e coisa. Perereco próprio de rapaz. Claro que se ele fosse pobre e armasse as presepidas que armava ia acabar quebrando a cara. Mas deixa isso pra lá. O que conta aqui é que um dia a curriola da faculdade resolveu ir até Recife dar umas olhadinhas nas velharias que tem lá. E o garotão foi junto. Sabe como é que é. Naquele pedaço tem muita mumunha holandesa, portuguesa e os cambaus.

Chegando lá, a patota se bateu nos esquinapos todos, vasculhou e xeretou por todos os cantos e acabaram indo fuçar na Capela do Forte Tamandaré, um templinho pequeno em tamanho, mas de grande valor histórico e ainda maior pelo valor da fé dos pescadores daquelas bandas que rezam lá, pros seus Santos. E aí a zorra encarnou no garotão. As botucas dele, logo de entrada, bateram em cima de uma imagem que estava dando sopa e era fácil de ser afanada. Foi ver e vidrar. Não pela importância da estatueta em si, que era antiga pra chuchu, mas pela vaidade de aparecer como sabido pros colegas. E por essas e outras teve a ideia de jerico e não vacilou. Enrustiu o Santo no casaco e tchau. Se mandou enturmado. Deixou os pescadores falando sozinho ou rezando. Veio cumprir seu destino de gente bem instalada. Não quis nem saber como é que ficou a cuca do povão lesado pela sociedade, que se escorava dos revertérios naquela imagem. O garotão deve ter achado que fez uma façanha que abafou. Fez figura junto aos outros pesquisadores de araque. Toda a patota se admirou do peito do pivete alimentado a Toddy. Foi do cacete. Uns e outros trouxinhas do grupo meteram olho grande no garotão. Na confusão que anda o estudante brasileiro, invertendo valores e tal e coisa, o papagaio enfeitado piou na parada como valente. Teve até esquerdinha pra teorizar que o roubo do Santo, feito pelo filhinho de papai, fora um ato de contestação à burguesia decadente e à sociedade de consumo. E babando de entusiasmo por si mesmo o garotão assim que chegou, deu uma festinha no seu palacete. Convidou os colegas que não tinham viajado, um monte de garotas bacanas, serviu uísque estrangeiro, tocou na vitrola música importada e contou com riqueza de detalhes todos os lances da quizomba. No fim da narrativa, os presentes estavam de boca aberta, assombrados com a coragem que o garotão teve em passar a mão na estátua e a trazer de avião, correndo o risco de ser revistado por algum funcionário do aeroporto, que mais zeloso ou mais apavorado, desconfiasse que o pacote fosse uma bomba. Teve gente até que duvidou. O Robertinho Coca-Cola até escamou.

– De avião tu não trouxe. Que tu afanou tenho certeza. É bem do teu jeito fazer essas brincadeiras. Mas aposto que tu depois a largou num canto do hotel.

Pra tirar a cisma o garotão, em golpe teatral, apareceu com a imagem. Foi um delírio pra plateia e glória pro ladrão. Todos se admiraram mais ainda diante da beleza do Santo. Um dos presentes morando nesse assunto de velharia, pediu licença, examinou e deu a dica:

– Essa imagem é uma preciosidade. Tem valor incalculável. É raríssima. Deve datar de 1660 e deve ter sido feita por Frei Agostinho, escultor da época. Seu corpo é de barro branco e a cabeça de pedra sabão.

O bidu deu uma esfolada na pintura da estatueta e concluiu:

– Foi repintada. Mas essas friezas do manto deviam ser cobertas de ouro. Mas percebemos que foram raspadas. Só não sei que Santo é.

O sucesso total pro garotão. E nas quebradas do mundaréu os pescadores se azucrinaram por falta do São Joaquim. Se encheram de medo e mil fantasmas invadiram seus sonhos de poucos sonhos e muitos pesadelos. As chuvas que caíram pra valer foram vistas como castigos do céu, pra punir a eles, pescadores e devotos que eram, culpados por São Joaquim ter se pinoteado do altar. Pobre está sempre marcando bobeira e achando que está devendo. E com os pescadores do Recife, não deu outra coisa. Sem poderem sair pra pescar por causa dos torós, organizaram procissão pra pedir a Deus pelo crime que não cometeram, mas pelo qual se sentiam responsáveis. Mas a única coisa que se parece com clima do norte ou nordeste é açucareiro de botequim. Ou cai muito ou não cai nada. E lá na barra dos pescadores foi tiro e queda. Quando depois de muita oração parou de chover, veio a seca. Uma brava. De rachar mamona. E novas⁸⁶ rezas e novas procissões. Se deu milagre ou não é difícil de explicar.

O certo, porém, que o garotão começou a entrar pelo cano. Primeiro brigou com a namorada, depois pegou carrão de papai sem ordem e saiu dando uma pala, encheu o caco numa boite e na volta meteu o automóvel no poste. Claro que dessa graça o pai do pivete alimentado a Toddy não riu. Cortou a mesada do filho. E na dureza o garotão achou que estava dando muito crepe. Se queixou pros amigos e o Robertinho-Colca-Cola, doido pra fazer fofoca, tacou lenha na fogueira.

– Vai ver que o Santo que tu pegou lá no Recife, está te dando carruira.

Quem tem nariz tem medo. O garotão se ligou no papo do cupincha e virou geleia. Tremeu nas bases. E antes que lhe acontecesse alguma coisa pior, embrulhou o Santo e foi nas encolhas se confessar e entregar o bagulho pro padre da sua paróquia. Feito isso, se sentiu aliviado. Encostou no papai, se abriu e pediu desculpas por ter estragado o carrão. O papai do pivetão alimentado a Toddy se encheu de orgulho e comovido encheu um cheque e pagou a mesada que havia suspendido.

O durão (Última Hora de SP – Edição de 14/5/1971. Página 16 Caderno 1)

O Bodinho era um cantor mixuruca que só tinha vez de abrir o bico nas gafieiras mais escrotas das quebradas do mundaréu. Porém era contente paca. Acreditava em si mesmo e achava que estava entregue às traças unicamente por falta de sorte, mas que a zorra certamente mais cedo ou mais tarde teria que desencarnar do seu pé, e aí então, ele, Bodinho mandaria ver nas cabeceiras. E nessa onda, ele ia dando o recado nas espeluncas e sem afobação, esperando o dia de poder piar na televisão. Esperava e se organizava pra na hora da decisão não marcar bobeira. Arrumou um nome artístico. Oscar Santos. Nominho cabuloso. Mas de onze letras. Número impar. Que nas mumunhas cavernosas tem peso e força de patuá bem rezado. Pro Bodinho quem abriu esse mistério foi uma cigana. Garantiu que de nome de onze letras o cantor iria fazer e acontecer. E ele embarcou nesse quás-quás-quás. Pena que os vagaus e pistoleiras que formavam seu público não se ligaram em Oscar Santos. Continuaram chamando o cantor de Bodinho mesmo.

⁸⁶ Termo atualizado; no original de jornal consta “novos”.

Apelido que ele devia ao cheiro que tinha. Mas que não era por sua culpa. Era uma doença que faz o desgraçado que a pega suar até o frio. E banho não era mesmo coisa que o cantor pudesse tomar sempre. No cortiço em que se encostava nunca havia água. E roupa então era pior. O Bodinho não possuía nenhuma muda. Só o pano de apresentação. Um smoking sebento e uma camisa encardida que ele comprou por preço de desespero, de uma viúva a perigo. Um nojo. Mas que o cantor achava o fino. Mesmo porque ele não tinha como comprar outra. Se conformava naquela. O Bodinho não era de carregar minhoca na cuca. Cria maldita dos puleiros das piranhas, aprendeu que bué não ganha jogo. Muitos anos de janela ensinaram o cantor a escorar as rebarbas da vida com uma tindhosa média com pão e manteiga e arrotar frango assado. E com essas e outras, o Bodinho cumpria o seu destino de lesado da sociedade. Se defendia com sonhos e ia encarando o que desse e viesse.

Porém, quando o nego nasce sujo de arara, não tem jeito. Pode bater a cabeça em quantos gongás quiser, pode dar de comer pros Encantados de direita e de esquerda, pode fazer mandinga e os cambaus que vai continuar sempre comendo capim pela raiz. E o Bodinho era desse naipe. Quanto mais rezava, mais via fantasma. E quando ele pensou que de tão mal que estava só podia melhorar, ainda pegou pela proa um contravapor de estarrar qualquer leão.

O esquinapo se deu num esquisito das bocas pesadas. Assim como quem não quer nada, o Bodinho se plantou na espera de um dono de cabaré que tinha que passar por aquele caminho. O cantor queria se encontrar com o dono das coisas como se fosse por acaso e tentar chuveirar o pinta no papo, para arrumar uma vaga na orquestra do cabaré. Sem dar bandeira pra não ficar mal em caso de negativa, o cantor se plantou nas encolhas. E estava no plantão, quando estourou um perereco. Surgiu na ponta da rua um vagau em pinote sentido. Trazia uma mala, vinha perseguido pela polícia e trocava arrebitos com os tiras. Sabendo que bala não tem leme, o Bodinho pra não pegar as sobras se encostou o mais que pôde num vão de porta. O cantor ficou tão escondido que o bandido nem se tocou nele na hora que largou a mala, nos seus pés. Se vagau não viu o Bodinho, os policiais viram menos. Continuaram na captura do pilantra que livre da mala se arrancou mais depressa. Logo, bandido e policiais sumiram. Foi o bastante pro Bodinho se recuperar do susto e se ligar na mala. Mil ideias de jerico⁸⁷ encheram sua moringa. Imaginou que dentro da mala deviam ter as roupas mais bacanas da paróquia. Camisas floridas, calças vermelhas e de boca larga. Sapatos fantasia e tudo que ele andava precisando pra poder aparecer. Com essas minhocas na cuca não deu pro Bodinho resistir a tentação. Não deu nem pra ele se aguentar até chegar no seu mocó. Ali mesmo, babando de curiosidade, abriu a mala. Quase morre de susto. A mala ao invés de roupa, estava atopetada de joias. E diante da fortuna, o Bodinho encabulou, se botou a tremer, virou geleia, mudou de cor, se apavorou, quis cair fora, mas que nada. As pernas não saíram do lugar. Parecia que o desgraçado estava pregado no chão. E ali ficou por um tempão. Suava, gemia e não se mexia. Foi seu crepe.

Depois de perderem a pista do vagau, os policiais desistiram da captura e resolveram voltar pelo mesmo caminho. Vinham cansados, sujos, estropiados por tombos e esquivas que foram obrigados a dar pra se livrarem das tochas do bandido. E com toda essa bronca, meteram as botucas no Bodinho grudado na frente da mala aberta e cheia de joias. Deram cana no otário e o arrastaram pro xilindró, na base da biaba. Não deu pro cantor explicar. Os tiras flagraram ele com a boca na botija e não aliviaram. Muito pelo contrário, arroxaram e apertaram o Bodinho de todo jeito pra fazer ele entregar o nome do bandido que fugiu e que para

87 Termo atualizado; no original de jornal consta “gerico”.

os policiais era parceiro dele. Deram pau pra valer. Mas que nada. O Bodinho continuou fechado em copas. Não por seu gosto. Ele bem que gostaria de poder dedar o vagau e se livrar da sinuca. Porém não sabia bulhufas⁸⁸ sobre o bandido e não deu dica que prestasse. E acabou tendo que confessar o roubo e assumiu a responsabilidade toda. Pegou uma pena comprida. Mas ganhou uma tremenda fama de ponta firme. Nego durão que não rende cupincha de jeito nenhum.

A glória de um panaca (Última Hora de SP – Edição de 15/5/1971. Página 16 Caderno 1)

O parque Atlas se armou bem onde a velha andou devagarinho. Na emenda do bairro do Aquário com o Subaco da Mula. No loló da ponta da praia. Veio embandeirado paca. Roda gigante cavalinho, tiro ao alvo e os cambaus, faziam a fachada. E nas encolhas, meteu uma roleta e outros xavecós⁸⁹ pra engrupir otário. Deixou andar. O povo se achegou. E o parquinho ficou[,] se achegou. E o parquinho ficou a boca quente. Estava sempre cheio. Os namorados se encontravam lá. E os paqueras armavam o pesqueiro em volta do serviço de alto-falantes, que sempre mandava pra glória, um bolero que alguém dedicava pra alguém, como prova de amizade e cacete.

Com essas e outras, o negócio ia rendendo os tubos. Porém o jogo começou a dar muito enguiço. Nego chacal que tubulava dava estrilo tal e coisa. E a cana vira e mexe baixava. As famílias foram se espiantando aos poucos e logo o parquinho ficou entregue às traças. A roda gigante e todos os parangolés estavam se acabando comidos de ferrugem. E até a roleta que era a ponta firme deu pra trás. Sem zoeira de gente, o jogo ficava escancarado. Muito majura com medo de ser flagrado com a cara na tijela, se encolheu. E o dono da arapuca se tocou que arrumava um bom engodo ou ia ter que dar o pinote.

Partiu pra viração. Meteu uma tábua em cima de uns caixotes e deu um show, Zé Garrafa, Carvalhinho e Anita, Zeca e Espoletinha, Eli Araújo, Bila Viana, Siwa⁹⁰ – o mágico e o Hugo e seu regional. Entraram pra valer. Agradando sempre levantaram o parquinho. Vinha gente de longe pra ver a moçada do Pavilhão Liberdade se badalar no palco do Parque Atlas. Porém, os artistas cobravam uma grana. E o dono da espelunca, que era unha de fome, saiu fora. Deu dispensa pros artistas. E bolou um programa de calouro. É como diz o Zagaia:

– Quem não tem cão, caça com gato.

E se o Zagaia diz, é que é. Tinha vagau de monte na boca de espera de uma colher de chá. Todos a fim de tirar o pé do lodo e acabar na TV. E nesse lance, veio gente até do fim do mundo abrir o bico. Apareceu tanta gente que virou campeonato. Dez calouros por dia se batiam. O melhor de cada dia ficava pra disputar no final com os outros melhores, o grande prêmio. Uma garrafa de licor. E embarcou tanto nego nessa canoa, que só pra ver quem era quem, levou uns trinta dias. E saíram trinta caras do reboło. E tiveram que se engolir até sobrarem três.

Ficou pro tira-teima, o Luciano Juqueri. Esse mesmo que hoje agrada no Samba Danças. A boca quente da noite santista. E só está lá, porque o Marcos Lázaro ainda não escutou o pinta cantar. O outro que se classificou foi o Nego Baga. Que também era linha de frente. E só não está trabucando de cantor porque pegou um xadrez sentido e ainda está puxando tempo. Com esses dois não tinha mistério.

88 Termo atualizado; no original de jornal consta “bolhufas”.

89 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecós”.

90 Termo atualizado; no original de jornal consta “Siva”.

Eram cantores mesmo. Agora, o terceiro é que foi broca. Foi um tal de Alfredo Alito. Era chué da cuca. Não tinha voz, não tinha peito, não tinha dente. Só tinha a cara de pau e minhoca no telhado. Porém nasceu de lua virada pra lua. Deu sorte e ficou na bica.

Nas duas vezes que ele tinha que abrir a goela, choveu que Deus mandou. Os parceiros dele acharam que não ia ter bulhufas⁹¹ e não puseram o time em campo. Mas o Alfredo Alito que não era de dormir de botina, foi com chuva e tudo. E levou a mãe, a tia, e a cupinchada toda. Com estrilo, catimba, blá-blá-blá, tal e coisa, botavam a roda gigante pra virar. E iam dentro. Sem se tocar com o molho que caía. Seguravam o apito até a hora dos calouros. E não deixavam barato. O Alfredo ia no palco e cantava. Aí, o dono da espelunca tinha que engolir o birosca como vencedor.

E foi assim que o Alfredo Alito, o Luciano Juqueri e o Nego Baga chegaram na hora da verdade. O parque estava chapado até o gogó. O Juqueri era do Aquário, e o bairro inteiro foi com ele para o que desse e viesse. A curiola do Aquário era toda pra frente. Levou seu próprio regional. Flavinho Moura de cavaquinho solando pra valer, que era pra não contar com alguma pilantragem dos músicos do parque. E a batota inteira apostava até as calças que o Luciano ganhava fácil.

O Nego Baga era do Subaco da Mula. E não teve por onde. Baixou no parque com a batota toda. E o pessoal da Mula não era mole. Azedava fácil. Também vieram de regional. Jurando que iam beber o licor.

O Alfredo Alito trouxe a família. Estava na fuça que não ia ter vez. Porém ele deu a saída. Tacou um tango de lascar. Mas como não tinha gongo, chegou no fim. Aí o Luciano meteu sua ficha. Serenata. Só podia ser. A Deusa da Minha Rua. E o Nego Baga também foi de serenata. A mulher que ficou na taça. Quando acabou, o locutor anunciou:

– O julgamento é por palmas. Palmas para o que cantou primeiro: Alfredo Alito.

A mãe do Panaca e uns gatos pingados fizeram escarcéu. Mas não era nada. O locutor deu nova carga.

– Agora pro segundo: Luciano Juqueri.

Antes que alguém aplaudisse, estourou o pau. Aquário e Subaco da Mula se grudaram. Foi um pega pra capar. Um bate fundo de criar bico. Alguém deu tiro pro ar. Houve corre-corre. Apareceu lapa de faca, navalha e peixeira de todo lado. O bolo foi pra rua e a lenha comeu solta. Brigou todo mundo. Não ficou ninguém pra aplaudir o Juqueri nem o Baga. E não teve jeito. Alfredo Alito levou a garrafa de licor.

O pai de santo (Última Hora de SP – Edição de 17/5/1971. Página 16 Caderno 1)

Ninguém sabe direito como foi que Bilu, um crio[u]lo gordo de fala macia e outros babados, apareceu no bairro do Macuco. O que todo mundo sabe foi como ele acabou. A verdade é que ele chegou assim como quem não quer nada e logo seu nome era bem manjado e seu endereço na Linha Forte Augusto conhecido paca.

Ele começou a formar seu eleitorado no dia em que o filhinho da Baldina, se pôs a chorar sem motivo aparente e emendou três dias e três noites num berro só. Foi um perereco. A cuca da mãe quase fundiu. O mulheriu da vizinhança que veio acudir, fez de tudo pra calar a boca do guri. Benzeram o garoto contra praga, contra mau olhado, contra espinhela caída, deram banho de sal, banho de erva, chá de hortelã, chá de capim cidrão e os cambaus. Chamaram o Pronto-Socorro Municipal,

91 Termo atualizado; no original de jornal consta “bolhufas”.

que por sinal não veio, e o moleque firme, de goela escancarada. Já estava deixando o pessoal batusquela.

Foi aí que o Bilu baixou na casa da Balbina. Meteu as botucas na criança e pimba. Dali a um minuto ela estava rindo e brincando como se nada tivesse acontecido. O espanto foi geral. O povo todo quis saber que gronga era aquela. E Bilu com ar de sábio, meteu ficha:

– Encosto.

Aí foi do cacete. O maior enxame da paróquia. Todo mundo deu palpite. Mas quem fez o crio[u]lo se achar, foi dona Dagmar. Desconfiada como ela só, atacou de sola.

– Como é que tu sabe que é encosto?

O Bilu se serviu. Meteu a maior banca.

– Sou Pai de Santo. Tenho cabeça firmada na Bahia. Sei das coisas. Tenho arreglo forte com os Encantados. Pode botar fé.

Ninguém duvidou. Dona Dagmar, o correio do bairro, saiu espalhando a notícia. Dizem, ninguém prova, que nessa noite mesmo o Bilu aproveitou que a Balbina estava agradecida e se arreglou com ela.

O certo é que no dia seguinte logo cedo começou a chegar gente no mocó do crio[u]lo. E os primeiros que chegaram já encontraram a Balbina. Mas não deram pelota pra isso não. Só depois quando a onda mudou, é que foram conferir quem o Bilu tinha passado nas armas, e alguém, então, lembrou esse lance da Balbina. Mas na ocasião, todos vinham com carga pesada demais para o Pai de Santo aliviar. Não iam pensar nos outros.

Bilu, que estava ali na paquera, não se fez de difícil. Meteu um passe em cada um. Naturalmente não cobrava bulhufa.

– Bem, quem faz é Deus. Charlava de leve. Mas logo achacava. – Mas quem puder deixar algum, que deixe, pra comida dos Santos.

E a grana pingava. Chovia na horta do crioulo. Que empurrava pra frente. Meteu uma tabuleta na porta. Tirou alvará na polícia. E deixou andar. A freguesia era legal. Cada vez maior e mais vidrada. Povo a perigo se agarra em qualquer coisa. E nessa, o pessoal se atirou de cabeça. Bilu embromava direitinho.

Organizou uma roda. Toda sexta-feira batia atabaque. E os Orixás de mais valia assentavam em seus cavalos e iam espalhando promessa. Emprego pra um, marido de volta pra outra e tal e coisa. E entre uma enganação e outra, o Pai de Santo se tratava. Vira e mexe com a zoeira, que precisava agradar um Encantado, arrastava uma menina para os fundos da casa.

Ninguém ligava. A terra há de comer mesmo. Então serve o Santo que Deus ajuda. E o Bilu ficava cada vez mais folgado. Até que um dia pegou uma invertida do primeiro ao quinto e se estrepou de verde e amarelo.

Em nome de Xangô, o Pai de Santo, abriu para o amor e fechou para o mal a Nininha, uma cabrochinha de quinze anos, que recebia lansã. Como sempre ninguém estrilou.

Mas a Nininha de orgulhosa não se escorou. Servir Xangô era cartaz paca. Botou a boca no trombone. Foi contar logo para o Doca seu namoradinho. O pivete era invocado e arrastava um vagão de cascalho pela garota. Ficou abilolado. Mandou um fumo pras presas e saiu pra cobrança.

O Doca atracou no terreiro do Bilu em plena sessão. Mas desconheceu. Não se tocou que tinha Santo presente. De berro na mão aprontou o maior salseiro. Abriu caminho no peito. Encarou o Pai de Santo e mandou-lhe o pé. O crio[u]lo se entortou. Bateu no altar e esparramou imagem e cruz pra todo lado. Quando quis se

aprumar recebeu a naifa no gogó. O melado correu. Ninguém se mexeu por ele. E ele nem gemeu. Doca tirou o povo na pinta. Todos caíram no espanto. Um por um, foram se arrancando de fininho. Os Deuses também não reclamaram. Tinham voltado pro céu.

O jogado fora (Última Hora de SP – Edição de 18/5/1971. Página 16 Caderno 1)

Zé Patinete carregava esse apelido porque tinha uma perna mais curta que a outra, e quando andava parecia que estava empurrando um desses troços. Mas nem se tocava com o defeito. Entrava em todas. Seu negócio era ser palhaço de circo. E foi junto com uma espelunca dessas que ele pôs as fuças no bairro do Macuco. Não veio como artista. Quando chegou era só amarra-cachorro. Porém, antes da lona estar esticada, o Patinete já era manjado pela curriola da paróquia. O carro corneta saiu fazendo zoeira em volta das atrações: Rapadura e Tigelinha, os cômicos das multidões; Lola, a bailarina cigana/ Siwa⁹², o mágico comedor de fogo; Maximus, o gigante entortador de ferro e os cambaus. Não [a]diantou a onda. Nada grudou. Na estreia do Gran Circus Maximus não foi ninguém. E a vida ia ruim pros artistas. Mas pro patinete estava tudo legal.

Bastava ele encostar o umbigo no balcão do boteco pra juntar gente em volta pra escutar seu papo. E o Zé não fazia doce. Metia ficha. E a moçada que andava à toa escutava suas milongas. Entre uma pinga e outra, ele ia se badalando. Contou que era um dos melhores palhaços do mundo. Só não entrava de cara pintada no espetáculo do mafuá porque o Maximus sabia bem que se soltasse ele na serragem ia ser fogo. Não ia ser entortando ferro que o gigante ia fazer média. E deu a dica pra quem quis escutar. Explicou que tentiava [sic] ali na pior só porque tinha chamego com a mulher do Maximus e a gama era grande demais pra deixar a infeliz na saudade. Jurou que só por isso se segurava. Escrachava o dono do circo e ganhava divisa com o pessoal do lugar. Já tinha nego que botava olho gordo no Patinete. Feio como a peste, puxando a perna, magro paca, banguela. Todo ruim. Mas cheio de presepada. Vivia dizendo que estava se escamando do mulheriu. E tinha trouxa que embarcava na sua canoa, e se ruía.

Os pivetes do Macuco começaram a achar o Patinete do cacete. Lance de mulher era com ele. Valentia era com ele também. Charlava pros pixotes que o defeito da perna era por causa de uma bala que ele tomou num arranca-rabo que teve com uns bandidos que quiseram assaltar o circo sob sua guarda. Ficou manco, mas nenhum pilantra entrou na barroca. E tome lance de guerra. E tome cachaça. E deixa andar. O Patinete já estava ficando famoso no bairro. Aí veio o xaveco⁹³. É como diz o Zagaia:

– A moeda tem dois lados. E nunca cai em pé.

E se o Zagaia diz, é que é. Após a fracassada temporada, o Gran Circus Maximus deu pinote. Deixou no terreno que ocupou entre a serragem, lata velha, trapos e outros lixos, o Patinete.

Esse ficou porque logo ao final da última função tomou um pileque e desabou. Não viu o espanto do circo. E foi deixado porque o Maximus que não era otário, não ia perder a chance de se livrar de um empregado sem precisar pagar. Com essas e outras, o Patinete acabou no “ora veja”. Não podia reclamar. Jamais empregado do Maximus teve carteira assinada. No braço, o Patinete não ia encarar o ex-patrão. Teve que deixar por isso mesmo. E foi a gronga. O Zé disse que fazia, acontecia.

92 Termo atualizado; no original de jornal consta “Siva”.

93 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

Que salseiro com ele era pra valer tal e coisa. Foi passado pra trás. Deixou barato. Caiu do burro.

Os pivetes começaram a adivinhar que o Patinete era só bafo de boca. Não era nada de nada. Com mulher não dava sorte. E lenha com ele não tinha. Ninguém sabe como caiu na boca do povo. Mas logo a gente do bairro esparramava que a perna do Patinete era curta por causa de um coice que uma égua do circo lhe deu em troca de uma proposta amorosa. E foi o esquinapo. Ninguém mais levou fé nas conversas do Zé. E ele foi ficando sem plateia. Foi cada vez enchendo mais a cara de cachaça. E logo virou o sarro da molecada. E não tinha folga. Gozavam o pinta de todo jeito. Passar[am] a chamar o Zé, de Deixa que eu Chuto, apelido que invocava o desgraçado. E foi sem remédio. Era um ranço⁹⁴ forte. E foi até cansar. Um dia, porém, deixaram o Patinete de lado. Ninguém se incomodou mais com ele. Largaram o Zé encostado em um canto do boteco. Isso já faz uns dez anos. E hoje ele ainda está lá no Macuco, encostado no boteco. Esperando passar um crio[u]lo qualquer para ir embora juntos.

O corujão baiano (Última Hora de SP – Edição de 19/5/1971. Página 16 Caderno 1)

O Corujão veio do norte ou do nordeste. Se foi de Pernambuco, Alagoas, Ceará, Sergipe ou dos cambaus, ninguém conferiu. O que conta é que assim que piou no pedaço do Mercado pra ver se arrumava um trampo de chapa de caminhão, ganhou o apelido de Baiano. Porém, depois que fez ambiente na curriola, repararam melhor nele e devido ao seu olhar zolhudo paca, passaram a chamá-lo de Corujão Baiano. E como baianos tinham muitos ali naquela quebrada do mundaréu, o pinta acabou ficando só Corujão.

Porém para ele o apelido não pegava nada. Nunca se invocou com ninguém que o chamou de Corujão. A zorra só encarnou e atucanou a vida do desgraçado quando um gaiato, assim com[o] quem não quer nada, deu uma ficha de que o Corujão secava até pimenteira. Foi o bafo de boca se esparramar e toda patota acreditar. Um xaveco⁹⁵ cavernoso de entortar patuá teve início. De saída[,] acharam que o Corujão era pé frio. E ele se deu mal. Um dia que o Corujão estava enchendo a cave[i]ra de cachaça, num dos botecos mais escamosos de todo o esquisito, se deu o esquinapo. O Zé Gaiola, um crio[u]lo dobrado e azedo paca, só pra ver se bicava um pouco da pinga que o Corujão estava tomando, engrenou um papo chibu:

– Fala, Corujão. Se racha pros cupinchas, que encucar as mumunhas funde a moringa. Diz aí o que te dói. É o negócio da mina? Se é sai da bobeira. Com as piranhas não dá jeito. É tratar com elas na dureza. Se uma vai, arranja outra. Tu é legal. Pra ti é mole.

O Corujão mediu o Zé Gaiola de cima a baixo e resolveu dar trela.

– Não é mulher não, meu bom. Minha quizila é outra. Mas é coisa minha que não paga a pena boquejar. Quer beber dessa caninha, bebe. É boa. E eu vou me empapucar até perder o rumo.

Não precisou segunda ordem. O parceiro se serviu sem fazer chiquê. E pra peteca não cair, deu nova carga.

– Se não é mina, é grande? Mas pelo que me toquei tu tem umas sonoras no porão.

– Pois é. Tou com o bastante pro gasto.

94 Termo atualizado; no original de jornal consta “ranso”.

95 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

O Corujão sacou essa e se fechou em copas. Foi o bastante pra acender a curiosidade do Zé Gaiola, que quase intimou:

– Então, diz. Por que se não disser, vou me aborrecer contigo.

Havia até um certo tom de ameaça na fala do pinta. Mas o Corujão, que era de paz, não tomou conhecimento e escancarou:

– É um troço à toa. Eu já devia de ter acostumado de tanto que acontece comigo. Apostei na loteria, fiz doze pontos. Só errei no Corinthians. Pensei que era barbada e deu a zebra. O Corinthians tubulou e eu fiquei no toco. É a segunda vez que o Corinthians me fura.

Daí não prestou. O Zé Gaiola, devoto de Ogum, torcedor fanático do Corinthians, ligou os crespes do seu time com a carruira que o Corujão dava pras coisas. Encardiu e virou bicho:

– Miserável! Sem vergonha! Pé frio nojento! Tu é que anda secando o timão.

E sem mais quás-quás tacou a mão na fuça do Corujão. Se armou um bruta salseiro. O Zé Gaiola, que tinha muita briga, castigou o Corujão. Foi uma pauleira sentida. O Corujão não fez figura. Além de já estar meio bebum, não se garantia. Só parou de apanhar, quando o Zé Gaiola cansou e lhe deu um alô.

– Essa foi só pra tu se mancar, pé frio. Se liga bem no que vou te dizer. Se eu souber que tu anda apostando no Corinthians, outra vez, não vou deixar barato. Te acho onde tu tiver e te apago. Pombas! Pai Jahu faz força. Bate atabaque e abre os caminhos. A gente nas sextas-feiras na hora grande bota despacho com capricho nas encruzilhadas e tudo. Chega no domingo, o timão perde e a gente se encabrita, fica matutando que tem Orixá contra o Corinthians e tal e coisa. Se azucrina. Quando vai saber, é o danado desse miserável de pé frio que sacou a gente. Veja só. A folga do otário. Ainda tira onda de tristeza. Mas agora já sabe, se apostar no Corinthians amanhece com a boca cheia de formiga.

Diante de uma dessas, o Corujão afirmou. Largou de mão a marola de loteria. Passou a tentar a sorte no jogo que andava meio fora de moda por causa da loteria. Mas se não tem tu, vai tu mesmo. E o Corujão embarcou na fé. Não era nem pra ser rico que o desgraçado queria acertar a milhar. Era mais pra cortar o sangue ruim e calar a boca dos fuxiqueiros que nessa altura do campeonato, de tanto se badalarem no seu pé frio, já estavam perturbando. Os choferes dos caminhões sempre se amoitavam com ele. Era só ter um outro chapa na parada, pro pé frio ser passado pra trás. Diziam que caminhão que ele descarregava, acabava trombando na estrada, furando o pneu, quebrando eixo e por aí. Mas mesmo com essas e outras, dava pro Corujão ganhar a graninha, da boia e do bicho. E a do bicho era muito mais sagrada pra ele. Comida podia faltar. Dinheiro pra palpíte nunca.

E palpíte o Corujão se esforçava pra ter. Comia banana verde, bebia por cima, deitava de bruço e puxava o ronco, na vã esperança de sonhar com número, fera ou outra cascata que desse pedal pro jogo. Mas que nada. Quem nasce sujo de arara tem que correr pastando. Por mais que o Corujão fizesse nem se aproximava do prêmio. Ele sempre se estrepava do primeiro ao quinto. E não era por falta de reza e simpatia. Que nesses lances, o Corujão entrava firme na ânsia de se livrar da urucubaca. Cansou de bater cabeça no gongá do terreiro de Dona Dita de Obá, mãe de Santo de valia nos mistérios da macumba. Cansou de tomar banho de descarga com erva abre caminho e sal grosso. Cansou de lavar o pé com sabão de cinza de cemitério. Cansou de tudo. E neca.

Foi de canseira que o Corujão resolveu acabar pra sempre com sua sorte tihosa. Se picou de raiva e mandou ver. Jogou nos vinte e cinco bichos de uma vez. Só podia ganhar. E ganhou. Ganhou nos cinco prêmios. Mas não recebeu bulhufas.

Nesse dia encanaram o bicheiro.

Amor e ódio de bacalhau e negrinha Marion (Última Hora de SP – Edição de 20/5/1971. Página 16 Caderno 1)

O Bacalhau era o português mais munheca que já veio ao mundo. Com ele era ali na morisqueta. Se mandou pro Brasil a fim de amarrar o burro na sombra. E não queria nem saber. Seu lance era faturar. Pegava o batente de condutor de bonde. Linha dezenove, em Santos. No reboque. Que era mais fácil de engrupir fiscal. O bondão saía da estrada de ferro, atravessava o cais do Porto e ia até o loló do Macuco. E o Bacalhau estava ali. Fazendo chover na sua horta. Na velha base do agrião. Dois por um sem babado. Dois pra companhia, um pra adiantar seu lado. E tudo que enfurnava, não saia mais – que era pra um dia, voltar pra Portugal calçado.

Com a muquinha pega na cuca, o cutruco amargava o talo, mas não chiava. Segurava as pontas. Forrava os peitos na pensão do Prato Feito e encostava cadáver no cortiço do Assanhado, boca do desespero. E era essa a escama do Bacalhau. Era só alguém apertar ele, com lance de escapar da zorra vem o deschavo.

– Ora! Ora! Pois! Pois! Se fosse rico num estava atrelado ao reboque do dezenove e morando nessa joça.

Com essas e outras, ele escapava de rifa, lista, mordida de parceiro. Porém, não escapava do bochicho da curriola do cortiço. O Assanhado inteiro boquejava que o portuga, unha de fome, estava montado na grana. E de tanto ligar suas antenas nesse bafo, a negrinha Marion, pistoleira escolada de muitos anos de janela, começou a paquerar o Bacalhau. A crio[u]la queria botar a mão na bufunfa⁹⁶ e cair fora da piorada que levava. E o cutruco era seu pedal. A Marion sabia que o Zagaia dizia:

– Pra que é que trouxa quer grana?

E se o Zagaia diz é que é. Por dentro dos assuntos, acreditando paca na sua embaixada e na faixa⁹⁷ de loque do cutruco, a crio[u]la levava fé no remeleixo. Olhava pro Bacalhau e via um bilhete premiado. E tome denngo. O portuga, que de otário só tinha a fuça, dava carga. Se servia. Ninguém falava em dinheiro. O Bacalhau que não era desses arreglos e a crio[u]la que estava cozinhando o galo pra lance alto, deixava pra lá os pixulés. Até que chegou o dia do esquinapo.

A Marion certa que o seu cupincha estava entrutado no seu chamego, meteu ficha:

– Tou precisada de uma grana. É pra tirar um bacuri que tu tem culpa. E não pode ser.

Claro que era xaveco⁹⁸. E o Bacalhau sacou a jogada. A Marion não era de parir há muito tempo. Por isso cutrucou:

– Deixa nascer.

Essa dica entortou a crio[u]la. Ela perdeu a esportiva e saiu na linha grossa.

– Não tem disso, não. Vai bufar, mas tem que gemer com o sonante. Pensa que eu sou palhaça. Vem, cria, tu dá o pinote, e eu fico aí no “ora veja” com nenê berrando e tudo. Quero grana. E já!

O Bacalhau só deu risada e selou:

96 Termo atualizado; no original de jornal consta “bofunfa”.

97 Termo atualizado; no original de jornal consta “facha”.

98 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

– Sai dessa dança, crio[u]la. Isso é pecado. Não escutou o Santo Papa falar.

Aí foi um perereco. A negrinha viu que tinha tubulado. Fez um salseiro. Deu banda no cutruco, que não era de engolir enrolado, e fedeu. Foi lenha dura. A moçada do cortiço veio cheirar, e acabaram entrando no “pega pra capar”. Baixou cana no Assanhado e foi o gango todo explicar pro delegado o porquê do bate-fundo.

O Delerуска só deu uma espinafração sentida e mandou caírem fora que o xadrez já estava entulhado de pilantra.

Pro Bacalhau, o caso acabou aí. Mas a negrinha Marion, que era tihosa e não era de deixar barato, quis jogar o labrego no chão. Apanhou uma cueca do cutruco e foi bater cabeça no gongá da Mãe Begum de Obá, que tinha terreiro no Pau Grande e fama na baixada santista inteira.

A crio[u]la deu uma nota e a cueca do Bacalhau pra macumbeira e ela botou pra quebrar. Mandinga forte. Bateu atabaque três sextas-feiras seguidas. Tudo quanto foi Santo danado veio valer pra Marion. Mas que nada.

O labrego não teve nenhum abalo. A crio[u]la campaneou o portuga e se mancou que ele ia de vento em popa⁹⁹. Nenhuma carruira grudou no pé do pinta. O Bacalhau não caiu do bonde. Estava se dando cada vez melhor com o mulheriu do cortiço. Ia levando em maré mansa. A crio[u]la ficou uma vara. Se picou de raiva e foi bronquear com Mãe Begum.

– Tu é enganadora! Pegou minha nota e não jogou o desgraçado do Bacalhau no chão.

A Mãe se fez de boba.

– Não aconteceu nada com o teu homem?

E a negrinha atucanada berrou:

– Não! Não! Não! O português tá mais firme que uma rocha.

A macumbeira abriu a boca.

– O cara era cutruco?

A Marion, sem entender bulhufas¹⁰⁰, selou:

– É português! É português salafra!

A Begum de Obá se aliviou:

– Por que não avisou que o pilantra era labrego? Daí eu não pegava o trabalho.

E diante do espanto da negrinha Marion a Mãe pôs banca:

– Escuta, minha filha. Se macumba pegasse em português, crio[u]lo nunca tinha sido escarvo. Tá?

Jandira, a enganada (Última Hora de SP – Edição de 21/5/1971. Página 16 Caderno 1)

O time de futebol das bocas pesadas da quebrada mais encardida do mundaréu, o Amor e Glória F. C., uma vez na vida arrumou uma quizila diferente para seus associados. Um jogo piquenique, em Mongaguá, bela cidade do litoral. Foi a notícia se espalhar no pedaço cavernoso, pra chover inscrição na sede do clube, que era num boteco escrito onde as pragas costumam botar os ovos nas comidas. Bandidos e pistoleiras compareceram firmes pra embarcar na presepada. Precisou ser contratado três ônibus pra poder carregar a gentarada toda. E partiram no meio da maior zoeira. Foram a fim de botar o carnaval nas praias. E chegando lá, se

99 Termo atualizado; no original de jornal consta “poupa”.

100 Termo atualizado; no original de jornal consta “bolhufas”.

instalaram. O pessoal do time da cidade das praias não mediu esforços pra deixar os visitantes à vontade. Ofereceu um churrasco de encher de carne qualquer nego por mais faminto que estivesse. Rolou chopps e tal e coisa. Diante de tanta gentileza, a curriola do Amor e Glória só teve mesmo que se comportar bem. Na hora da partida, não engrossaram. Não desceram o pé, não quiseram bater no juiz, nem nada. Perderam de goleada, mas não se incomodaram. Fizeram joguinho de compadre com os donos da casa. E por essas e outras, os diretores do clube local resolveram oferecer além de tudo que já tinham dado, um bailinho de confraternização. Convite aceito sem mumunhas pelos visitantes. Todos caíram matando no rala-bucho. E foi aí que se deu o esquinapo.

A Jandira, menina moça, filha de um pescador, não resistiu a cantada que o Cabo Vavá, cria maldita dos puleiros das piranhas[,] lhe meteu. Cascata tão bem mandada que quando alta noite os ônibus dos visitantes se mandaram levou uma passageira a mais. Jandira que de saída, se vidrou no Vavá a ponto de se picar com ele pro que desse e viesse. Sem dar tchau pra família nem pra ninguém.

Não teve chibu. O pai dela, velho pescador, com mais sete bocas pra sustentar, tombado de maresia e vendavais, não teve força pra sair na captura da filha. Deixou andar. Penou. Se atucanou. Porém, no fundo da alma acreditava que a menina tinha se mandado pra coisa melhor. Na sua cuca cheia de mumunhas, não passava nem de leve a ideia que podia ter sinuca mais piorada que aquela que eles enfrentavam no peral. Mas pra quem nasce pra esparro, sempre tem mais um tombo. E a Jandira recebeu logo o seu quinhão.

Não fazia ainda nem uma semana que a menina estava no mocó do Vavá, quando esse deu a dura. Rachou seu lance. Ensinou os macetes pra menina e botou ela na viração. Claro que ela reagiu. Chorou, esperneou e tudo. Porém, levou uma biaba sentida e doída, pode espiar sua situação. Se não obedecesse o Vavá levava pancada e certamente iria ser chutada fora. Sendo chutada fora só podia voltar pra casa do pai. E não ia dar pedal. O velho pescador não ia receber uma filha que perdeu a honra. Sem saber das coisas da cidade grande, a Jandira teve que aceitar as ordens do Cabo Vavá. Caiu na vida pra ganhar dinheiro pro seu dono. No princípio sofreu às pampas. Depois ficou escolada e passou a tirar de letra. Aprendeu tão bem a malandragem que começou a se caprichar. Se vestia como as outras mulheres, traquejava o cabelo, as unhas e andava na linha. Deu uma melhorada bacana na fachada. Porém, por dentro estava sempre mordida. Saudade do pai, da mãe, dos irmãos, de quem nunca soube mais nada. E tanto se encucou com isso que um dia cismou de ir visitá-los. Engrupi o Vavá. Separou uma nota alta e viajou. Chegou na saca paterna em boa hora. O velho estava lascado em cima de uma cama por conta de um reumatismo e a miséria tinha se aninhado. A Jandira foi a estia. Largou a grana e ninguém perguntou de onde vinha. O que pesava na balança era que a bufunfa¹⁰¹ da moça quebrava o galho. E a família toda agradeceu chorando. Foi um perereco. Entortaram o coração de Jandira. E ali mesmo ela abriu os olhos. Se flagrou¹⁰² que era uma injustiça sustentar o Vavá com a família roendo o talo amargo. Se picou de raiva do homem que a botou no bate-bolsa. E retornou disposta a dar um passa-fora no cafeolo.

Acontece que o Vavá não era fácil. Escutou a história da Jandira e de prêmio meteu-lhe a mão na fuça. Bateu sem dó. E deu um alô:

– Se tu me aprontar uma graça qualquer, eu te corto a cara com navalha. Fica combinado. Agora tu que sabe.

101 Termo atualizado; no original de jornal consta “bofunfa”.

102 Termo atualizado; no original de jornal consta “flagelou”.

Mas como o Vavá era desconfiado paca e não queria ser passado pra trás, mudou a sua mina de trampo. Mandou ela suar os otários. Nesse lance, ele, Vavá tinha que dar uma força. Porém, era mais seguro pra ele. O xaveco¹⁰³ era simples. A Jandira arrastava o loque pro esquisito e o Vavá metia a máquina no pinta e os dois limpavam até o último tostão do freguês. Geralmente o pato depenado se fechava em copas. Não estrilava pra evitar escândalo. Esses estarros eram bem rendosos. Chovia na horta do Vavá. Mas a Jandira via muito pouco da grana arrecadada. Isso não estava bem pra ela. Porém, a moça aguentou bastante sem reclamar. Só pediu mais dinheiro pro Vavá quando o seu irmão apareceu pedindo arreglo pro pai que estava mal. O Vavá desconheceu. Não quis nem trato. Pra convencer a mina que como estava era a lei, deu-lhe um couro de quebra e a fez sair pro trampo.

A Jandira comeu enrolado e deixou como estava. Foi pro bate-bolsa. E não demorou muito pra piar na frente do Vavá com um acompanhante. Fez o sinal de costume pra avisar seu dono que o freguês era quente e seguiu o caminho pro escurinho. Vavá seguiu na campana e de repente deu a congesta no loque.

– É estarro, vagau. Se se aguentar não se machuca. Passa os picos.

O cafifa deu a ordem, meteu a arma no peito do trouxa e ia fazer a revista quando a Jandira sacou da liga uma navalha e a meteu no seu gogó. Não deu defesa. O vavá largou a sua arma e despencou. O acompanhante da moça pegou o revólver e meteu arrebite no Vavá. Três certos. Sem se afobar, a mulher revirou os bolsos do defunto até encontrar o seu dinheiro. Daí entregou pro rapaz e deu a ficha.

– Vai Pedrinho, leva tudo pro papai. Vê que ele se trate e depois volta cá. Vamos trabalhar juntos daqui pra frente, mano.

Ao mal, maldade (Última Hora de SP – Edição de 22/5/1971. Página 16 Caderno 1)

O moço era um Zé Mané qualquer que se batia nas quebradas do mundaréu. Na piorada que levava era um cara como outro qualquer. Encarava um batente de sol a sol seis dias da semana. No sábado dançava na gafeira e no domingo batia uma bolinha no timeco do bairro. Um dia no ralabucho, suas botucas bateram no remelexo da Jurema, uma cabrocha de alta linha. E ele vidrou. Paquerou a moça e no bom papo ganhou a mina. Loguinho os dois estavam gamados de pedra um pelo outro. E como não podia deixar de ser, resolveram juntar os trapinhos. Como a vida andava custando os olhos da cara, não deu pra escolher um palácio pra morar. O jeito foi se mocosar num barraco da favela. E pra eles estava bom. Só queriam remar juntos nem que fosse contra a maré. Se instalaram e com sonhos se cobriram e ficaram na boa. O Zé Mané batalhava. Saía cedo de casa pro trabalho e do trabalho vinha direto pra casa. Neca de parar em botequim pra tomar as biritas e bater papo furado com os parceiros. Que nada. Isso não era pedal pro Zé Mané. Ele queria chegar depressa nos braços da Jurema. Queria guardar grana pra dar mais conforto pra companheira. E conversa fiada de birosca nunca deu camisa pra ninguém. O que dava estia era dinheiro. E dinheiro o Zé Mané descobriu que podia ganhar trabalhando também à noite. E arranjou um bico. Era dureza encarar a pedreira de dia e dobrar à noite. Mas como estava chovendo na horta do Zé ele suportava. Vinha em casa, engolia uma garoroba às pressas e saía pro batente noturno. Sem escama foi ajuntando algunzinho e já andava fazendo planos de mudar com sua Jurema pra um bangalô em bairro mais distinto quando se deu o esquinapo.

103 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

Uma tardinha o Zé Mané logo depois da janta se mandou reto pro trabalho. Na saída da favela cruzou com a curriola do Escurinho que vinha entrando e queimando um fumo violento. Mas o Zé que não estava aí, foi em frente cuidar de si. A patota também não tomou conhecimento do trabalhador. Estavam vagando à toa. Eram todos pilantrosos da pesada mas, naquela hora, estavam sem ideias de jerico¹⁰⁴. Davam bandola pra passar o tempo. Só se encabritaram quando viram a Jurema. Aí se encabritaram. O Escurinho se mordeu de vontade e deu por findo o passeio. Não quis saber se a Jurema tinha dono. Deu ordem pra sua curriola invadir o barraco e agarrar a cabrocha na amarra. Foi um perereco. A mulher estrilou, esperneou, gritou e os cambaus. Mas o gango do Escurinho se garantiu. De arma na mão deram um chega pra lá, na vizinhança que quis acudir a Jurema e se serviram. Foi broca. Um troço nojento. A mulher não se rendeu no barato, de tanto que orçou e se debateu, acabou irritando os bandidos e ganhando arrebites. Morreu devagar. E foi durante sua agonia que os vagaus se serviram. Um troço nojento.

De madrugada, os bandidos se pinotearam e pouco depois o Zé Mané chegou. Quando viu sua Jurema estarrada na poça de sangue, esculachada e tudo, sentiu o peso da escrotiçã. Seu lar, sua fé, sua vida, estavam jogados ali no chão. E ele não pode levantar. Chorou sem lágrimas, sem palavras, sem nada. Só de manhã se mexeu. Pegou as economias e se mandou da favela. Mas não foi trabalhar. Foi se cobrir e logo voltou com um parabelo na mão. E aí quis saber e soube de tudo. Não vacilou. Chamou um pivete e deu as ordens.

– Vai dar um alô pro Escurinho e pros vagaus que andam com ele. Tu diz que eles já são defuntos. Eu vou apagar um por um. Isso tá combinado.

Avisado da jura do Zé Mané, o Escurinho até achou graça. Se plantou com o gango todo na birosca mais escamosa do esquisito e ficou esperando pelo que desse e viesse. E não esperou muito. De repente, o Zé Mané piou na parada e não teve quás-quás-quás. Disse com as turbinas. Matou cinco. E acertou o Escurinho. Porém os caroços que acertaram o crioulo não foram bem encaixados. Ele não morreu. Mas o Zé Mané não percebeu e se arrancou do pedaço. Certo de ter feito seu papel. Ficou nas encolhas sapeando o resultado. E viu com espanto aparecer junto com o rabeção uma ambulância. Desconfiado perguntou pra um ponta-firme que encontrou.

– Gente morta vai de rabeção, não vai?

– Vai.

– Então pra que ambulância?

– O Escurinho não se apagou.

O Zé Mané voltou a encrespar. Não se conformou. Se esgueirando entre os barracos se aproximou da ambulância no momento que o carango branco já ia dar partida. Sem tomar conhecimento da polícia, nem de nada, o Zé Mané meteu bala no pneu da ambulância e a deteve. Abriu a porta do carro. Arrancou o Escurinho da maca e o jogou no chão. Sem dar tempo pra ninguém se meter, deu a sentença:

– Pra tu não tem remédio, Escurinho. Tu é ruim e tem que ser acabado.

E descarregou o parabelo na fuça do bandido. Os presentes marcaram bobeira e o Zé Mané se bandeou dali. Nasceu o novo terror das favelas. Um bandido que só assaltava e só matava outros bandidos.

O grande artista (Última Hora de SP – Edição de 24/5/1971. Página 16 Caderno 1)

104 Termo atualizado; no original de jornal consta “gerico”.

O Ditinho Papel de Bala, apesar de medir um metro e meio de altura, ser meio birolha, ter a língua presa, cultura nenhuma e a fuça amassada, se sentia um bonitão. Arrumou duas namoradinhas lá na sua paróquia. E isso lhe deu moral. Fez o otário se embandeirar de Don Juan. Um perigoso. E com essa minhoca na cuca, não dava deschavo. Qualquer pistoleira que passasse na rua olhando pro chão, o Papel de Bala considerava que a mulher estava dando bola pra ele. Nisso o loque apostava. E só não caía matando por não ser de dar pá de chá pra piranha nenhuma. Segundo o papagaio enfeitado, o grande lance da paquera é deixar a mina se render. Senão já viu. A mulher se enche de razão e fez marola e tal e coisa. Agora, se a pistoleira não se apresentasse, crepe nelas. Ele, o Ditinho Papel de Bala, estava na dele.

Por essas e outras mumunhas, o sonho do Papel de Bala era aparecer. E pra abilolado que se presa não tem melhor lugar pra badalar a vaidade que televisão. E com esse trouxa não deu outra coisa. Um dia lá nas quebradas do mundaréu, o Ditinho ganhou embalo, meteu seu terno de missa, engraxou o pisame, tacou brilhantina de monte no cabelo, armou o topete, encaixou uma gravata borboleta embaixo do pescoço e veio direto na tevê. Certo de que ia botar pra quebrar de saída.

Chegou assim como quem não quer nada e se plantou no portão principal e ficou esperando ser descoberto. Mas que nada. Entrou gente, saiu gente e ninguém se tocou na figurinha. O Papel de Bala ficou meio jururu com a indiferença dos artistas pela sua pessoa. Se mancou que ia ter que contar muito mais com o talento do que com a formosura. Caiu da panca. Mas não desistiu. Mudou o tipo. Enfiou uma máscara de humildade na fuça, escolheu um artista pra ser seu pedal e atacou:

– Desculpe. Mas o senhor não é aquele que faz aquela novela?

– Sou.

– Muito prazer.

– Tá.

– Lá em casa gostamos muito do seu trabalho. O senhor é muito bom. Minha família só assiste as novelas que o senhor está. Sabe como é. Eu não sou de ver novela. Mas às vezes chego em casa pra jantar, minha mãe tá vendo e eu dou uma espiadinha.

Com esse plá, o Ditinho pensava que estava ganhando ponto. Fez uma pausa pra estudar a reação do artista. E foi aí que se entortou. O ator aproveitou a deixa.

– Tchau!

E sem trela se mandou. Com esse contra-vapor, o Ditinho Papel de Bala encabulou. Pra não desistir, precisou ir no boteco da esquina tomar umas biritas. E só depois que encheu a caveira é que recuperou a coragem pra partir pro segundo rounde. O que não foi mole. A secada que levou de cara, fez ele se embananar e ficar sem esquema. Marcou bobeira sem saber por onde entrar. Já estava quase tirando o time de campo de desânimo, quando resolveu jogar o tudo ou nada. Com a honestidade dos que estão na piorada, e não tem nada a perder, atracou num cara qualquer que viu saindo de dentro da tevê e pediu a dica:

– Meu chapa, com quem eu falo pra ver se arrumo uma boca de artista aí nessa droga.

– Não teve chibu. O outro deu a ficha:

– Mete a cara aí nesse corredor e lá no fim tu vê uma porta aberta e tu entra e diz que quer falar com o chefe dos extras.

O Ditinho não vacilou. Só parou na frente do chefete e numa afobação de lascar, se explicou. Deu sorte. O tal chefete estava precisando de gente pra fazer fundo numa festa de novela. Achou o Papel de Bala bem vestidinho e deu arreglo:

– Quer trabalhar?

– Se tiver uma boca de artista, eu agradeço. Tou mesmo a fim de uma oportunidade.

– Tá legal. Vai com esses caras no estúdio da novela Almas Perdidas. Se alguém te perguntar, tu diz que tu é da festa. Se manda que tá na hora.

– O que é que eu tenho que fazer?

– Nada! É ficar na festa no lugar que o diretor te botar. Vai firme. E vê se não olha pra câmara senão depois os caras pegam no meu pé. Vem aí e dizem que eu só arranjo papa-natas. Agora anda.

Sem querer saber quanto ia ganhar, o Ditinho foi na barca. Penou paca. A gravação durou umas cinco horas antes de chegar na festa. Porém, o Ditinho se aguentou. E se esforçou pra agradar. Onde o diretor mandou ele ficar, ele ficou. Não deu trabalho. E quando terminou a sua parte e foi dispensado, só quis saber quando o capítulo ia pro ar. E quando soube do dia, se arrancou pro seu bairro pra espalhar a notícia.

Avisou a mãe, a avó, as tias, a vizinhança, a patota da padaria, fez um escarcéu. Meio mundo ficou sabendo que o Ditinho ia aparecer na televisão. E no dia marcado por ele aumentou o IBOPE daquela novela. Gente às pampas ligou o aparelho pra ver o Ditinho. Na casa dele, deu lotação esgotada. A sala ficou a três de alto, com nego se agarrando pelos picos pra ver o artista aparecer. E o capítulo foi comprido paca. Teve coisa de monte antes de chegar à festa. E foi aquela zoeira. Num plano geral de câmara, o Ditinho pintou no vídeo de relance. Ele berrou:

– Oi eu lá! Oi eu lá!

Mas foi tão rápido, logo a câmara cortou pra close do galã que ninguém viu o Ditinho. Aí a zorra encarnou. Os gozadores e os despeitados se serviram.

– Grupo! Não era ele não.

– O Ditinho tá de enganação.

– Artista foguete. Ninguém vê.

Virou perereco. O Papel de Bala jurou pela luz que o iluminava que ele apareceu. Porém até a sua mãe duvidou. Os poucos que viram desbaratinaram. Acharam que aquilo não tinha valor. Que bidu era o galã e os cambaus. Machucaram o Ditinho. E ele se picou de raiva. Ficou matusquela. Se trancou em copas e voltou ao canal de televisão. Tinha que triunfar de qualquer jeito pra calar a boca de todos que o avacalharam.

Com a gronga em cima, o Papel de Bala entrou de sola. Puxando o saco do chefe dos extras começou a ser escalado em tudo quanto era novela. Chegou até a pegar umas pontinhas com fala. E foi formando ambiente com artistas e produtores. Fazia qualquer negócio pra se enturmar. Ia buscar café e comprar cigarro pro diretor, abanava atriz velha que estava sufocando com o calor do estúdio, ajudava a falar mal dos ausentes, levava recado pra mulherada, mas continuava comendo capim pela raiz. Não grudava de ator. Só se danava. E pra justificar seus fracassos, inventou na sua cachola doente que não emplacava porque era injustiçado e que havia um movimento contra ele. Uma xavecada¹⁰⁵ de invejosos. E começou a chiar essa besteirada pelos corredores. Puro sarro, o pessoal deu corda no Dinho. Botaram lenha na fogueira. Enfeitaram o pavão. Elogiaram o talento dele, só pra rir da carteação do otário. Ele acreditou nos elogios sem perceber a treta. Acabou

105 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

endoidando de vez e perdendo totalmente o senso de medida. Passou a se comparar aos grandes galãs. A encher a boca pra falar de si mesmo. Não teve mais jeito. Virou a vítima das piadas. E foi numa dessas brincadeiras que se deu o esquinapo.

Todo o pessoal da televisão sabia que iria estreiar uma novela nova. E só pra chatear meteram na cuca do Ditinho que ele deveria ser escalado no papel principal. Comido pela doença, ele também achou. E seguindo conselhos dos colegas, foi pedir uma decisão pro diretor. E chegou azedo no homão.

– Meu chapa, ou eu faço papel principal nessa tua novela, ou tchau. Chega de me danar. Tá na minha vez. Cansei de ser escada pros medíocres. Que me diz?

A presepada ficou escancarada pro diretor e ele curtiu o bruto.

– Eu acho que tu tá certo. Vou te dar a chance que tu merece. Tu vai ser o galã. Tá bom assim?

Claro que o Ditinho se assanhou. Sem desconfiar da traquinagem, o otário esparramou a nova notícia pelos quatro cantos do mundo. E por onde passou a gentarada se divertiu as pampas com o entusiasmo do doido. E foi assim até sair a escalação da maldita. O Ditinho conferiu a lista dos artistas e não viu seu nome. Ficou ruim dentro da roupa. Num estalo recuperou a lucidez. Se tocou que bancou o esparro. Se azucrinou. Com que cara iria enfrentar mãe, avó, vizinhos, curriola do bairro, os colegas de estação. Ele não sabia e murchou de vergonha, tristeza e os cambaus. Saiu sem rumo. Varejou pelo esquisito todo. E por fim num boteco escamoso bebeu guaraná com formicida.

O assassinato do cavalo de lansã [1º capítulo] (Última Hora de SP – Edição de 25/5/1971. Página 16 Caderno 1)

Nas gafieiras escamosas, nos cortiços cavernosos, nas biroscas das rampas, nos botecos de mal cheiro, nos mocós das encolhas¹⁰⁶, nos vãos das pontes, nas berbas dos rios, nos puleiros das piranhas, nas quebradas do mundaréu, onde o vento encosta o lixo, onde as pragas botam os ovos, nas bocas pesadas do esquisito e em qualquer lugar que o povão de Deus se consome pegando da banda podre, o papo há muito tempo era um só. Toda gente que vivia mais aflita do que cego em meio de tiroteio, bochichava sobre a grande festa de terreiro que Dona Iza de Oxalá ia dar em louvor de seu guia de cabeça. E não era sem razão o quás-quás-quás do povo. Mãe Iza era pedal pra mil quizilas. Senhora de cabeça coroada em trabalhos fortes plantados na África de seus avós e confirmados na Bahia de São Salvador, berço de seus pais e também do Babalaô que lhe raspou o côco. João de Xangô de Ouro, puro Nagô, foi quem deu a Iza o nome de seu Santo Oxalá e na força de divino todo poderoso, a mulher encontrou as sete chaves das mumunhas da macumba, os segredos da hora grande, os dons pra mãos boas no jogo de deloguz e luz clara pros olhos de ler nas pedrinhas, nas sementes e nos caramujos a razão das coisas, os nós das grongas e os rumos pro viajante embatucado nas encruzilhadas da terra, do fogo e das águas.

Por tudo isso, Mãe Iza de Oxalá se fez rainha esperança de um povo esculachado pelas misérias e se fez grata ao seu Orixá. Assim sendo, nada mais justo do que uma festa de marcar tempo em honra do Senhor Festão. Com comida e marafa rolando de fazer faminto se fartar e otário nenhum botar defeito. E sabendo do bizu[,] as maiores curriolas se formaram e por muito tempo esperaram e de muito longe vieram dizer presente no dia do apontamento de Mãe Iza com Oxalá.

106 Termo atualizado; no original de jornal consta “escolhas”.

Logo cedo no dia da festa, uma multidão de lesados da sociedade piou na parada. Muito antes da Mãe Iza abrir os trabalhos o barracão já estava a três de alto, com nego se agarrando pelos picos e os cambaus. Porém, tudo dentro da lei. Mulheres de um lado e homens do outro lado do altar, onde se misturavam imagens do candomblé e do catolicismo. Velas e defumadores foram acesos e se somando à fumaça com o cheiro de suor e do álcool dava um cheiro ardido no ambiente. Porém, ninguém estrilava. Quem estava ali estava por gosto. Se agarravam na fé a fim de tentar conseguir uma estia dos Encantados. Emprego, casa, moradia, chamego pra ser escora nos momentos de desespero, comida todos os dias era o que queriam dos Deuses. E por certo Mãe Iza de Oxalá vogaria por ele. Mas antes era preciso fazer o despacho do Exu, mensageiro, homem das ruas que se não recebesse seu arreglo caprichado faria a festa virar bagunça. Pra evitar presepada do Exu, a dona da casa, antes de qualquer negócio, mandou Mestre Jangada puxar canto e as filhas mais velhas prepararem o padê do compadre com o que tinham de melhor. O rum nas mãos de Mestre Ananias, rumpi [sic] com o Narciso e o Lé com o Paulinho Carrera falaram alto. O Ogã partideiro atacou o ponto.

Aí cumpadre
Essa casa não é tua
Aí cumpadre
Teu presente tá na rua

O povo todo fez coro até Mãe Iza com um gesto ordenar silêncio. De pronto todos se calaram e a Senhora de Cabeça Coroada, em voz alta[,] dedicou o despacho.

– Exu-ê. Aceita teu padê. Tem dendê, tem farofa, tem marafa, fumo de corda, fita da tua cor. Exu-ê. Aceita teu padê e vai se botar na rua que lá é teu lugar. Nas encruzas eu, Iza de Nosso Senhor, te dou o que é teu por gosto e de minha gente. Exu-ê.

Mas uma vez o povo fez coro.

– Exu-ê! Aceita teu padê.

Novamente os couros de cabrito gemeram e as filhas dançando foram levando pra rua a comida do compadre. Mil olhos com respeito e medo espiavam o lance. Só um par de botucas cobiçava aquela gororoba. Era a Didinha que metia olho comprido nas coisas de Exu. A pobre menina não tinha cabeça firmada, era bola ôca, cuca gira. Fora trazida ali pela sua mãe de carne, que, crente, tinha a ilusão de ver a sua cria maldita ganhar um melême dos Santos e num estalo ganhar posse de razão. Mas fome machuca até bicho. E a bobinha não se guentou. Num tranco se soltou das mãos da mãe e num embalo espiroqueta se atirou em cima do rango do Exu e botou um naco na boca.

A zorra encarnou. O ato da batusquela avacalhou a guerra. Até o Ogã mais antigo é que carregava um patuá forte, tremeu nas bases. Ficou escancarado os caminhos, as porteiças abertas pra entrada do Exu. E tudo podia acontecer com o Mensageiro na sala. Pálida de espanto e desapontamento Mãe Iza de Oba não se abriu. Sua única providência foi virar as tigelas de barro e as quartinhas de boca pra baixo. Depois que fez isso se concentrou, murmurou e ordenou enérgica.

– Tudo em dobro pro compadre. E que essa menina seja levada embora.

Essa ordem orçou muita gente. Pela primeira vez alguém era expulso daquele chão firme. Porém a Senhora é quem sabia. E foi feito como ela queria. A menina foi levada embora pra desespero da Mãe, que viu transferida a chance de

milagre. E teve início outra vez o despacho. Mestre Jangada puxou sete pontos seguidos e sete vezes a Mãe Iza ofereceu o padê. Por fim as filhas o levaram pra rua sem maiores problemas. Pelo sim, pelo não, antes de chamar os Santos, a Senhora da Macumba limpou o terreiro e defumou um por um os presentes. Esse cuidado demorou paca. E durante o banhado os mais por dentro comentaram que havia treta preparada. Coisa nunca vista. Que o salseiro da minina [sic] cuca-gira era um aviso. Alguma quizomba fora marcada praquele dia. Quem esticava essa conversa era a nega assuntada na seita e as mais por fora se pediram aos protetores e embaixo de mil licenças passaram pra frente o que escutavam. Desse modo todo mundo acabou falando que ia dar desgraça. E aí já viu. A voz do povo é a graça de Deus.

(continua amanhã)

O assassinato do cavalo de lansã [Capítulo 2] (Última Hora de SP – Edição de 26/5/1971. Página 16 Caderno 1)

Mãe Iza de Oxalá, porém, era dona de muita embaixada pra se assombrar com o futuro. Não levou em conta os temores da gentalha. Acabou a defumação e mandou ver. Com medo ou não, os Ogãs da casa se fiavam na palavra da Senhora da macumba e puxaram dos engomas, som pros Santos. Se sete vezes cantaram pra Exu, sete vezes tinham que cantar pros Orixás e ninguém ficou de bico fechado.

Aja gunã ba mim o aja guna ê
Ele e moxô ba mim, Ologorum
Me acuda, Oxanguiã,
me livra da guerra

Depois de sete chamados, Oxalá respondeu. A filha que servia de cavalo pro maior dos Encantados entrou no barra-vento, zonzeira que dá na médium quando o guia de cabeça se aproxima. Todos se assanharam com o sinal e saudaram com alegria.

– Saravá, Oxalá! Saravá, meu pai!

E os pontos foram virando de um pra outro Santo. Tudo direto. Xangô, Ogum, Yemanjá, Oxum, Oxumaré, lansã, Olorum, Obá e muitos outros. Uma beleza ficou a roda. Há muito tempo nenhum candomblé da Barra do Catimbó recebia de uma só vez tantos Orixás. E os toques por vontade da Mãe Iza eram dados em todas as nações Keto, Gege, Muçurumim, Nagô, Angola, Alaketo, no Braço e no garfo, que é o toque com varetas. E cavalo nenhum ficou sem sela. Era a Mãe Iza encostar a mão na cabeça da filha zonzá, fazer a criatura girar e o Santos [sic] assentar. Só Xangô veio uns três; Ogum uns cinco; Yemanjá duas e todos em quantidade. E pra todos dona Iza tinha trato. Um por um levado pra camarinha e depois voltava pra roda vestido com seus trajes, com suas ferramentas se botavam a dançar suas danças agressivas. A assistência delirava de emoção. Muitas pessoas não aguentavam o repuxo. Sem estarem na roda nem nada se abilolavam. Sentiam as pernas moles, rodopiavam e desabavam duras no chão. Esticadas. Como se estivessem estarradas pra sempre. Mas era o Santo bruto que chegava pra anunciar que queria aquele cavalo. Os cambonos cuidavam dos tombados. Dali pra frente, seriam pagiados pela gente da macumba de dona Iza até serem levadas pro roncó e terem suas cabeças raspadas e trabalhadas. Mas daquele tombo até o momento do Santo dar o nome, muita água teria que passar em baixo da ponte. Todos sabiam. E

sabiam também que fazer Santo na roça de dona Iza era caro. Na saída de Iaó, onde o dono da cabeça se apresenta, pelo menos umas três roupas a filha de dona Iza iria ter que fazer. E cada saída seria com uma roupa diferente. E rica. Na base do milhão cada. Sem contar comida pro Santo e pra gente que se chegasse. Que ali no terreiro miséria pouca era bobagem. Na base do agrião ninguém fazia figura. O escalado pra cumprir as obrigações com o Encantado tinham [sic] que se virar pra não ficar na saudade. E não é mole ficar devendo pra Encantado. A vida do devedor atrasa. Tudo dá pra trás. Nas menores coisas entra ar[e]jia. Mas naquela roda nenhum dos presentes estava preocupado com grana. O que queriam era ver tudo que se passava. Que valia a pena. Cada Santo largando mais brasa que o outro. Porém, abafando mesmo estava a lansã, da Dagmar, uma cabrocha de alta linha que em si só era fogo, e possuía por seu Orixá guerreiro, então era o ozogue fervido vivo. Dançava, de fazer fiel se oriçar, dar passagem pra ideias de jerico¹⁰⁷, desconhecer a Encantada, meter olho gordo no remelexo do cavalo e cobiçar do fundo da alma aquela maravilha que a terra fatalmente um dia iria comer. Por ela mestre Ananias batia no atabaque com fúria, num ritmo louco e hipnótico de balançar qualquer base.

Mãe Iza espiava tudo com orgulho. Estava feliz com sua festa. Até já tinha se esquecido do contra-tempo acontecido com o despacho do Exu. Vibrava no meio da roda. Tudo ali marcava sua glória. Porém, de repente, um grito alucinante de dor e ódio misturados abafou o som dos atabaques, os cantos, as orações e gelou nas veias o sangue até dos mais valentes. De pronto os couros silenciaram, o povo emudeceu e os Orixás largaram seus cavalos às tontas no meio da roda, retirando-se do chão da Iza. A multidão apavorada se encolheu e se amontoou nos cantos do barracão. Os cambonos arrastaram as filhas vestidas com roupa de Santo para as camarinhas. A própria Mãe Iza e sua ajudante mais direta, a Mãe Pequena, procuraram abrigo junto ao altar. E nesse embanamento o povo custou a perceber o que havia acontecido. O primeiro a notar o esquinapo foi o Ogã Vadico, que de encabreirado mal pode apontar o centro do terreiro e chiar:

– Ali! Meu Santo ogum me dê valia.

Todas as botucas se acenderam na direção do dedo de Ogã e viram o que ele tinha visto. No meio de uma poça de sangue estava estarrada uma das filhas. Pelas roupas foi fácil reconhecer. Era a Dagmar, o cavalo de lansã. Estava morta.

(conclui amanhã)¹⁰⁸

O assassinato do cavalo de lansã [Capítulo 3] (Última Hora de SP – Edição de 27/5/1971. Página 16 Caderno 1)

Depois que passou a bobeira coletiva, os mais folgados fizeram marola.

– Que que é isso?

– Se acabou, carregando Santo.

– Xaveco¹⁰⁹ grande.

– De entortar patuá.

– Deu no que deu por que tava de enganação. Se tivesse carregando lansã da fé ia se arreentar.

– Que esculacho pra casa da Dona Iza.

107 Termo atualizado; no original de jornal consta “gerico”.

108 Há uma indicação de continuidade de história, mas esta não prossegue no dia seguinte conforme se anuncia.

109 Termo atualizado; no original de jornal consta “Chaveco”.

- Essa é de lascar.
- E ela não merece.
- Tão boa que é. Só trabalha pro bem.

Mãe Iza escutava o quás-quás sem tomar conhecimento. Nem ela, nem ninguém, podia nem de leve imaginar a razão do perereco. Pro povo até que estava legal. Na verdade nada tinham a perder. Passado o medo inicial, a fofoca ganhou embalo. Pra Iza é que a barra encardiu. A senhora da macumba que não era trouxa, se sentiu na sinuca de bico. Encostada na parede. Ou encontrava uma explicação bidu para aquele salseiro, ou ia se arreentar. Perder prestígio entre a gentarada. E isso é o que de pior pode acontecer pra uma Mãe de Santo. Porém, botando a situação na balança se via logo o peso da zorra. Nunca se tinha tido notícia de um crime em terreiro em que a vítima fosse um cavalo que na hora de se danar estivesse carregando Santo. Ainda mais lansã. A guerreira. E era isso tudo que atucanava a Iyalorixá. Ela fingia rezar, porém, só estava matutando um grupo pra meter em cima do povo. E era pra logo. Os comentários estavam aumentando e levavam jeito pra virar bagunça. A negada estava impaciente. Queriam se botar dentro do assunto pra depois caírem fora. Já era madrugada. Dali a algumas horas a maioria ia ter que enfrentar um batente. E o trampo daquela gente era do pesado. Sem dormir ficava duro aguentar o repuxo. E perder dia de trabalho não dava pedal. Ainda mais com a vida custando os olhos da cara. E moídos de curiosidade iam se aproximando da Mãe de Santo. O que já era uma mostra de falta de respeito. Porém, isso Iza tirava de letra quando quisesse. Não dava bola. A senhora da macumba se batia em outros caminhos. Estava uma arara. Toda picada de raiva e bronqueada com os Orixás. Como é que sendo ela dona de Axé tão forte pode entrar numa gelada. Não dava pra entender. Provavelmente, pensava algum Badalaô, que perdeu demanda com ela, de vingança armara um feitiço pra lhe enfeitiçar. E era justamente nessa certeza que encrespava com o Santos. Onde estava a defesa? Pra que cumprir as obrigações, dar de comer pra cabeça, fazer guarda de corpo e tudo mais? Pra que? Se na hora do “vamos ver”, os Encantados davam mancada. O povo estava ali pedindo resposta. Se ela não desse, tubulava. E os Santos não se manifestavam pra dar uma mão. Quase em desespero a Mãe Iza resolveu ganhar tempo. Anunciou que ia abrir mesa, pra cerimônia da adivinhação. Mesmo certa de que no jogo de deleguns iria piar na parada o nome do mandingueiro inimigo, e que isso abalaria o seu prestígio, a Iza foi em frente. Depois de escancarar o nome do canalha, era só acabar o miserável e ficava outra vez na boa. Deu as dicas. Mandou todos firmarem a cuca nos Orixás, defumou o terreiro. E com mil milongas e rezas estendeu a esteira. Queria impressionar a plateia. Riscou os pontos com pomba e com pólvora. Usou fogo e álcool antes de deitar as pedrinhas pequeninas de Aruanda, linha de seu jogo. Fechou os olhos pra ler. Mas levou um tremendo susto. O nome do culpado estava bem claro. Obá!

Mãe Iza se arrepiou. Sentiu vontade de chorar, quis, morrer, sumir no chão. Pensou que tinha perdido seus poderes todos. De nenhuma forma podia acreditar no nome que lera. Obá. Nunca. Obá era Encantada de valia. Santa. E a Yalorixá [sic] soube engrossar contra o povo.

– Tem gente que tá atrapalhando o jogo com pensamento ruim. Quem não quer fazer corrente que caia fora. Num chamei ninguém pra cá. Vieram por que quiseram. Mas podem ir quando acharem que devem. O que não pode, é atrapalhar.

Bronca geral nunca é com ninguém. E nessa não deu outra coisa. Não houve ofendidos. Diante da multidão quieta e murcha, Iza novamente fez os preparativos pro jogo. Riscou, usou pólvora, pomba, álcool, fogo e largou as pedrinhas. Fechou

os olhos e leu. Outra vez o nome do criminoso estava lá, claro. Obá. Só que dessa vez a Mãe de Santo não escorou. Anunciou.

– Meu Deus. Será possível! Pela segunda vez dá Obá.

O murmúrio foi geral. Tudo que era cuca fundiu. Só um Ogã velho se encostou e xeretou no jogo sem se afobar. Seu Dito, homem por dentro dos macetes, das coisas não se assombrava fácil. Quis meter seus olhos de ver em cima das pedrinhas. Pediu licença pra Iza. Mandou todos calarem as matracas. Se pediu aos Orixás e leu em voz alta.

- Obá!

Outra vez teve zoada dos assistentes. Mas um berro do velho Ogã botou ordem depressinha no ambiente. Ele pediu pra Iza pra jogar outra vez os deleguns.

Pela terceira vez, a Iyalorixá riscou ponto com pólvora, pomba, álcool, fogo e tal e coisa. Fez as pedras rolaem e na leitura deu repeteco. Obá. O velho Dito confirmou. Obá. O povão dessa vez ficou calado. Mãe Iza esperou o Ogã tomar a iniciativa. Ela própria estava perdida. Porém, o Dito não teve pressa. Pensou muito antes de se mexer. E foi lentamente que se botou em pé e murmurou:

– Essa é de lascar. Quanto mais se vive, mais se aprende. Tá certo. Foi Obá que matou o cavalo de lansã. Porém se a gente conta uma dessa lá na Bahia vão dizer que a gente tá caducando. Bendito seja teu chão forte Mãe Iza de Oxalá.

A Mãe de Santo ficou incrédula com o que escutou. Ela também teve uma ligeira desconfiança que o velho não estava batendo bem. Mas de leve cutucou.

– Foi arte do Exu por causa de despacho?

Com um sorriso maroto, o Dito mostrou que entendia a dúvida da Iza. Porém tornou a afirmar.

– Foi Obá. A Santa mesmo. Foi ela.

continua

O assassinato do cavalo de lansã [Capítulo 4] (Última Hora de SP – Edição de 28/5/1971. Página 16 Caderno 1)

A charla do velho Ogã deixou a patota curiosa. Pela primeira vez algum em toda macumba da Barra do Catimbó mostrava mais sabedoria que Dona Iza, senhora Mãe de Santo possuidora das chaves dos mistérios. E estavam por essas e outras todos ansiosos pra verem o velho Dito escancarar o lance. Confirmar e explicar porque e como a Encantada Obá tinha estarrado o cavalo de lansã. Praquela gente, fofoca sempre interessava paca. Ainda mais fuxico entre Santas. Era o fino. Não era todo dia que piava um assunto desses na parada. Mas o velho Ogã Dito parecia nem estar ali. Cozinhava o galo embutido em si mesmo. Pe[n]durou um sorriso cabuloso na fuça enrugada, tomou uns ares de Mandrake e enrolou a língua em Keto, nação de sua linha. Todo mundo sobrava no quás-quás-quás do velho, que além de ser estrangeiro era murmurado. Os presentes ficaram enervados. Foi preciso a Mãe Iza vencer a encabulação que a dominava e dar uma prensa no Dito.

– Cumo é que é compadre. Racha esse coco cum nós que quer saber.

Como se tivesse sido despertado pelas palavras da Iza, o velho esparrou o baralho.

– Tem coisas que a gente sabe, mas que se esquece. Só quando o esquinapo se dá é que a gente se alembra. Tá aí a Senhora Dona Iza, Mãe de Santo de valia. O que aconteceu nessa roda só podia se dar em chão de terra forte. Saravá dona Izá.

A Iyalorixá respondeu a saudação com um tremendo mau humor. Só queria ver o velho botar o dedo na ferida.

– Saravá, Ogã Dito.

Mas o velho era cheio de milonga. Fez mil e uma presepadas e só depois prosseguiu.

Quando Mãe Izá jogou os geleguns e leu: Obá, foi broca. Achei que tinha linguixa de baixo do Angu. Não disse coisa nenhuma, mas pensei pra mim. Se Mãe Izá que tem mão de ouro no jogo das pedrinhas, das sementes e dos caramujos, tirou Obá e que é Obá. Fechado em copas remexi em tudo que sabia. Quando Mãe Izá leu pela segunda fez Obá eu já tinha a ponta da fera na mão. Ganhei tempo pra tocar no resto. E consegui.

O velho nessa altura do campeonato parou pra tomar folego e dar uma sacada na cara dos presentes. Tinha uns de olho arregalado que metiam medo. E os mais afobados puxaram pelo Ogã.

– Mete ficha, coroa.

– Não embroma.

– Parou por que?

– Diz aí, velhote.

– Diante dos apertos, o Dito tomou novo embalo.

– E a história de Xangô.

Mãe Izá se ligou de estalo.

– A história de Xangô, velho!? Jura por essa luz que te ilumina que é essa história?

Sem perder o tom, o velho confirmou.

– Por tudo que tem de mais sagrado, eu juro três vezes Mãe Izá.

Os mais moços escutavam o papo e não entendiam bulhufas. Porém os velhos e tarimbados macumbeiros que estavam presentes, logo manjaram tudo. E a Mãe Izá pra alegria geral, recordou em voz alta a história de Xangô.

– Xangô era rei de Orubá e marido de três mulheres. Iansã, a guerreira; Oxum, a dengosa e Obá, a mais velha – porém, boa cozinheira. Um dia o reino de Xangô foi invadido por um exercito inimigo e Xangô teve que dar pinote. Não é isso, Mestre Dito?

– É como a Mãe tá dizendo. Foi assim que se deu a gronga.

Com a força que o Dito deu, a Iza foi em frente.

– Mas Xangô deixou suas mulheres na fogueira pra que elas cuidassem do inimigo. Iansã, a guerreira, guerreou e matou muitos soldados e também muitos coronéis dos bandidos que invadiram Orubá. Oxum, a dengosa já foi devagar. Se mostrou pros coronéis inimigos e eles se enrabicharam por sua beleza. Então Oxum convidou os soldados pra jantar e mandou Obá envenenar a comida deles. Morreram todos. E quem não morreu se arrancou de Orubá. Aí então Xangô voltou cheio de glória pelo triunfo. Não é isso mestre[,] Dito.

– Justamente, Mãe Iza. E teve muita festa quando Xangô chegou em Orubá. Toda gente comeu, bebeu e vadiou por sete dias e sete noites sem parar. Coisa linda que dá gosto de lembrar, Dona Izá.

– Se dá, Mestre Dito. Porém, e sempre tem um porém. Depois de sete dias e sete noites de pagode, o rei Xangô sentiu canseira. Chamou a Oxum a dengosa e foi dormir com ela.

– E foi aí que teve perereco.

– Pois foi, mestre Dito. A Obá se mordeu de dor de cotovelo. Ficou uma arara de ser passada pra trás por Xangô. Ela achava que se não fosse fazer a boia

envenenada pros inimigos, Xangô não tinha ganhado a guerra. E de bronqueada foi choramingar pra lansã. Não é assim mestre Dito?

– Positivo. Mãe Izá a lembrou bem. lansã foi quem armou a xavecada¹¹⁰.

– Disse que era mole pra Obá fazer Xangô se vidrar nela. Bastava fazer um caruru caprichado, que Xangô era doido por caruru. Cortar uma orelha e botar dentro. Depois que Xangô comesse o rango com orelha, ia dar dispensa pra Oxum pra querer só saber da dona da orelha.

[–] Êta lansã danada!

– Pra o senhor ver, Mestre Dito. E a trouxa da Obá entrou de gaiato. Fez caruru, cortou sua própria orelha, meteu dentro do prato e deu pro Xangô comer. Ele que era mesmo um guloso de caruru, caiu matando. Quando encontrou a orelha sentiu nojo. Até botou as tripas pra fora e azedou com Obá que tinha culpa. Deixou a coitada na saudades. Não é isso Mestre Dito?

– Então. A Obá ficou sem orelha e sem Xangô.

Uma filha de santo arriscou fazer uma pergunta.

– Por isso que Obá dança tampando com uma mão a orelha do cavalo?

Com paciência o Ogã Dito explicou:

– É por isso mesmo. E se desse numa roda e vê lansã, Obá quer briga. Quer tirar forra com a outra. E foi o que se deu aqui. Tá aí o cavalo de lansã. Pegou as sobras da[s] brigas das duas.

Todos olharam pro cadáver da Dagmar, que ainda estava com as roupas de lansã. O silêncio dominou o ambiente. Sem precisar de ordem, uma filha da casa acendeu quatro velas em volta do corpo da morta. Depois puxou uma oração. Todos a acompanharam. No fim de tudo, Mãe Izá deu a lei.

– Bom, a gente já sabe o que foi que aconteceu. Vamos ver o que a polícia diz disso. Vai um chamar os homens.

(continua)

O assassinato do cavalo de lansã [Último capítulo] (Última Hora de SP – Edição de 29/5/1971. Página 16 Caderno 1)

Já era manhã alta quando a polícia piou na macumba da Mãe Izá. O delegado que chefiava a expedição chegou azedo. Além de estar sonado, era todo invocado e cabreiro com candomblé. Por isso mesmo foi logo encrespando. Espalhou guardas na porta e roncou grosso.

– Que ninguém saia daqui sem minha ordem. E vão abrindo as janelas. Não suporto esse fedor. Quem manda aqui nessa imundice?

A Mãe Izá se apresentou humilde.

– Sou eu por vontade de Oxalá, meu pai. E só trabalho pro bem, seu douto.

– Tá legal. Trabalha pro bem e apagaram uma.

Sem saber o que dizer, a lalorixá deschavou:

– Pro senhor ver seu doutô. São as coisas que acontece. Basta tá vivo pra morrer.

O delerusca não gostou nenhum pouco da filosofia da Mãe de Santo. Não disse bulhufa¹¹¹. Porém, pela olhada de esguela que deu dona Izá se tocou que o negócio era se fechar em copas. Só abrir o bico quando perguntada. Da sua parte o delerusca mandou os guardas revistarem os presentes. Um por um foi palmeado. Várias lapas de facas foram encontradas em poder do povão. Nenhuma estava suja

110 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

111 Termo atualizado; no original de jornal consta “bolhufa”.

de sangue. Porém[,] o delegado não deu moleza. Mandou encanar os donos das armas. Também da parte dos detidos não teve estrilo. O delerуска, depois dessa providência voltou a interrogar a Mãe de Santo.

– Quer dizer que aqui o negócio é pro bem?

– Por Oxalá, seu doutô.

– E vem todo mundo armado?

– Mas a ferramenta do crime é essa aqui que num é de nenhum dos que o senhor doutô tá vendo aqui.

Dizendo isso, a Mãe Izá entregou pro policial o instrumento de Obá. Pro delegado experiente, logo ficou escancarado que não tinha sido com uma espadinha de folha de zinco que cometeram o crime. Mas se fez de otário pra saber.

– De quem é essa droga?

– Da Obá!

O nome da Santa dito tão prontamente assanhou o delegado; ele que estava certo de que aquela gentalha iria negar saber o nome do criminoso se surpreendeu. E puxou a ponta da feira.

– Quer dizer então que foi a tal de Obá que matou a moça.

– Foi sim, seu doutô.

A nova afirmação deixou o delerуска mais à vontade. Pra ele, que não conhecia nada da macumba, o caso estava resolvido. Bastava ganhar a tal de Obá. Nem de leve o majorengo adivinhava que dali pra frente é que o perereco se complicava. Foi pedindo mais dica.

– A Obá se picou?

– Justamente, seu doutô. Matou o cavalo de lansã e foi embora.

– Matou quem?

– A Dagmar, que recebia lansã, a Santa guerreira e que a gente chama de cavalo. Todas filhas são cavalos.

– Entendi.

Claro que o delegado não tinha entendido. Mas não estava a fim de estudar folclore. Só queria pistas. Pulou as dúvidas e foi na ferida.

– Onde mora a Obá?

Pra patota da macumba, a ignorância do policial foi a maior piada. Todos se esculhambaram de rir. O delerуска se mordeu de raiva.

– Qual é a graça, suas bestas. Fiz uma pergunta e quero uma resposta. Não tou aqui pra bancar o palhaço. Se começarem a folgar[,] meto todos em cana.

A bronca acabou de pronto com a zoadá. Ninguém se atrevia a chiar. O majorengo então voltou-se pra Mãe Izá a espera da resposta. Mas a mulher encabulou e não disse nada. Percebeu que o homem não era fácil. Podia por qualquer coisa à toa aprontar. Fechar o terreiro, encanar ela e os cambaus. Por isso deixou como estava pra ver no que dava. E deu aperto. O delerуска se irritou com o silêncio da mulher e berrou:

– Perdeu a língua, velha? Responde onde mora a tal de Obá.

Dona Izá ficou sem jeito e confessou com toda a honestidade.

– Olha, seu doutô. Eu tou desde pequena na macumba. Mas juro por essa luz que me ilumina que nunca pensei em saber onde é que os Santos moram.

Pro majorengo aquele babado era de lascar. Não acreditou no que ouviu. Se ouriçou e quis saber de novo.

– Como é que é?

Com paciência, dona Izá confirmou:

– Eu num sei onde as Santas moram.

O delerusca ficou pálido de ódio. Mudou de cor. Mas num esforço gigantesco se conteve. Ficou calado por um bom tempo pra não explodir. Aos poucos, foi se acalmando. Sua cuca fundida teve um estalo. Uma ideia que parecia maluca se formou na sua cachola. Era a intuição do policial funcionando. E ele recuperou a segurança e voltou a interrogar a velha.

– Quer dizer que Obá é Santa?

– Justamente seu doutô.

– E no seu entendimento ela matou a moça que a senhora diz ser cavalo de... de outra Santa.

– Iansã. A defunta aí jogada era cavalo de Iansã. E foi morta por Obá.

– Por que Obá que é Santa ia querer matar a moça?

– Não queria matar seu doutô.

– Mas matou.

– Porque Iansã tava assentada nela.

– Quer dizer que a Obá queria apagar a Iansã?

– Justamente, seu doutô!

– E por que a Obá tem bronca de Iansã?

– Por causa da orelha.

Cada vez o delerusca entendia menos. Porém confiava tanto na sua intuição que não dava pra trás. E escutava o que lhe parecia absurdo sem mostrar estranheza. E ia arrancando mais.

– Que história é essa da orelha?

– Bom[,] a coisa é velha. Que a gente nem lembrava mais. Foi em Orubá. Xangô era rei e tinha três mulheres: Iansã, a guerreira; Oxum, a dengosa e Obá, a velha e boa cozinheira. Um dia os inimigos invadiram Orubá. O Xangô teve que se mandar. Porém[,] as mulheres ficaram pra encarar. Iansã que é guerreira saiu no pau com os inimigos. O Oxum que era dengosa embebeu os coronéis inimigos e convidou eles pra jantar. A Obá que era boa de fogão fez a boia e botou veneno. Os coronéis comeram e morreram. Daí Xangô voltou e acabou com o resto. Pra festejar a vitória, o Xangô deu uma festa que durou sete dias e sete noites. Depois[,] cansado[,] resolveu dormir e chamou a Oxum pra ir com ele. A Obá não gostou e foi se queixar pra Iansã. Essa, de xaveco¹¹²[,] ensinou um remédio fajuto pra Obá. Mandou ela cortar a orelha e enfiar no caruru do Xangô. Ele era vidrado em caruru. A Obá, coitada[,] entrou no grupo. Fez tudo que a Iansã mandou. O resultado é que Xangô quando viu a orelha na comida virou bicho e se bronqueou com a Obá. Essa se tocou que tinha sido esparro da Iansã e partiu pra briga. Tão nisso até hoje. Quando uma encontra a outra é lenha certa. Foi o que se deu aqui. Obá desceu no seu cavalo, viu Iansã assentada, ferrou ela. A Dagmar pegou a sobra e morreu.

A história bonita não comoveu nem um pouco o majorengo. Ele mal prestou atenção. Porém[,] um ponto serviu para esclarecer tudo. E ele ficou alegre com a descoberta que fez. Mas pra não ter chibu, pediu mais uma pala.

– Quer dizer que Obá na hora que matou a moça estava assentada no seu cavalo que é uma moça também? Não é isso?

– Justamente, seu doutô.

– E quem é o cavalo de Obá?

– Aquela dali.

Mãe Izá apontou uma mulatinha esmirrada que baixou a cabeça, acanhada com o olhar que todos lhe dirigiram. O delegado não vacilou.

– Você está presa. Foi você quem matou.

112 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

Pra espanto geral, a mulatinha caiu no bué. O majorengo não relaxou. Muito pelo contrário, endureceu.

– Se racha, peste. Já sei que foi você. Por que aprontou? Por quê? Vamos, confessa. É melhor falar tudo por bem. Se não já viu. Vai cantar na marra. Onde tá a arma do crime?

Sem escoras[,] a mulatinha apontou pro altar. Por ordem do delegado dois tiras revistaram o gongá e logo encontraram uma peixeira toda ensanguentada.

O Nego Buru que só espiava o lance, não resistiu. E estrilou com a mulatinha.

– Minha faca, piranha. Foi tu que afanou pra fazer um serviço desse na Dagmar? Vadia, senvergonha [sic]. Vai mofar na cadeia, desgraçada.

Pateticamente a criminosa bateu a ficha inteira.

– Num faz mal. Queri que se dane. Fiz ela pra ela aprender a não paquerar homem das outras. Tu pensa que num te vi sai[r] do barraco dela outra noite, seu descarado.

Com o esculacho[,] o Nego Buru meteu o galho dentro. O delegado se deu por satisfeito e botou fim nos quás-quás-quás.

– Podem levar.

Dois guardas arrastaram a mulatinha que foi mansa sem espernear nem nada. O delerуска ia sair quando teve um ataque de curiosidade. Mediu o Nego Buru de cima a baixo perguntou:

– Qual é o teu Santo, crioulo?

O Buru se abriu num sorriso maroto. Depois tomou uma atitude de respeito e anunciou:

– Sou de Xangô, seu doutô.

FIM

O Balalaica (Última Hora de SP – Edição de 31/5/1971. Página 16 Caderno 1)

O Balalaica, um mulato sarará que aprontou mil e um pererecos no golfo, a boca pesada do cais do porto de Santos, era do cacete. Era um três-vezes-oito dos mais safados. Todo cheio de mumunha e denço. Mas tinha um porém. Quando se invocava era uma parada. Na hora do “vamos ver” não enjeitava biaba. Armava a catimba e levava o salseiro até o fim. Tomava pancada mas encarava sempre. Chorando, xingando, fazendo zoeira e os cambaus, o sarará deixava nada no barato. Tinha briga de perna, e de navalha na mão não era mole. Por essas e outras todo mundo preferia não cruzar o caminho do Balalaica. Os maiores machões, passavam ao largo. A curriola se mancava no plá do Zagaia:

– Quem não tem nada a perder, está pro que der e vier.

E se o Zagaia diz que é, é por que é. O Balalaica viveu pra provar isso. Já chegou na terra pela porta cavaca. Quem o botou na pior foi a Beca Picega, uma pistoleira que se achegava ao batente no puleiro do centro e dois da Itororó. E o culpado do entruto nem ela sabe. Não foi por gama que a piranha ficou cheia. Foi descuido. Naquele tempo não tinha essa onda de pilula, serpentina e por aí. Tinha o nó nas tripas. Mas a Picega era devagar. Custou pra se cuidar. E daí já viu. O Balalaica encarnou. Pegou uma carga das mais cavernosas.

Logo que se fez gente a mãe lhe deu passe livre. Aí foi broca. Teve que se cuidar. Pivete por fora dos macetes deu mancada. Os gorgotas se serviram. Nas quebras da vida a lei é porreta. A regra do jogo é nojenta. Quem pode mais, chora menos. Ou o nego engole, ou é engolido. E o Balalaica não podia nada. Ele era só por ele. E era muito pouco. Se rendeu. Pra poder apanhar os grãos de café que

caiam dos caminhões que encostavam nas Docas, teve que se chegar na patota. O gango se junta pra penar menos, porém não dá nada de graça. Quem não tem não pode dar. E no cada um pra si, o Balalaica ficou de bobeira. Se ardeu. Não teve contra quem chorar. Aí se tocou. Ficou fera. Com a gana pega endoidou. Armou o pesqueiro e não deu bola pra torcida. Sempre rindo, mas carregando bronca de tudo quanto era gente, e de si mesmo, e da vida, e de Deus, o Balalaica era um suicida sem coragem, e pedia a morte. Provocava o sarrafo pra ver se alguém acabava ele. Mas no último grito, até o mais desgraçado se agarrava à vida. E foi assim que o Balalaica se fez leão.

Primeiro ele encrocava por causa da cuca fundida. Depois se sentiu melhor e começou as acharques. O mulherio bandido teve que bufar uma grana pro Balalaica. Quem não deu arreglo foi estarrada. Muita mina que apareceu boiando no estuário, comida de peixe e de navalha é da conta do sarará maldito. E na prensa, uma por uma das malhadeiras entraram na canoa da [sic] Balalaica. E o pinta tomou gosto. Foi apertando a prensa. Os três vezes oito do cais do porto não tiveram mais sossego. O pau de mando era o Balalaica. Quando encostava nos parceiros de desgraça, era para atucanar mais a sorte deles. Tomava relógio, bufunfa¹¹³ e qualquer troço de valor. E ainda bolou o sindicato dos garçons de puleiros e cabeleireiros de prima. Só podia pegar batente quem fosse seu sócio. E as madames que não queriam galho, toparam o trambique. E o mulato viu chover na sua horta. Era o rei dos frouxos.

Mas até araruta tem seu dia de mingau. O Mirandinha, que era o lixo humano, a coisa, o esculacho de doer nos olhos, um dia nas paqueras da vida se encabritou, se chapou de maconha e deu uma de lorde. Quando Balalaica atracou, recebeu o não. O sarará baixou o cacete. Malhou de todo jeito o escamoso inimigo. E quando pensou que o panaca já estava bambo, descuidou. E o Mirandinha meteu os dentes no umbigo do Balalaica.

Um monte de gente espiava o lance. Parecia até que o cais do porto estava em greve. Os grandes guindastes, os caminhões e os braços pararam para ver o arranca-rabo. Mas ninguém, ninguém mexeu um dedo para desapartar a briga. Se durou um tempão, poderia durar a vida toda. Ninguém iria se tocar. O Mirandinha e o Balalaica eram da mesma raça. Que se entendessem sozinhos. E deixaram andar.

O Balalaica dava pancada de todo jeito. O sangue corria pela boca, nariz, orelhas do Mirandinha. Mas ele não desgrudava do umbigo do inimigo. Ia apertando, apertando. Aos poucos os socos do Balalaica foram ficando fracos. Ele foi ficando roxo, vomitou, parou de bater e caiu. No tombo, o Mirandinha foi junto. E os dois ainda espernearam um pouco no chão. O Balalaica com as mãos moles tentou afastar a cabeça do outro. Não conseguiu. De repente eles não se mexeram¹¹⁴ mais. Todo pessoal ficou olhando, com as botucas arregaladas de espanto. Viam dois montes de carne. Restos de gente. Imóveis, no meio de um lago vermelho. Alguém adivinhou que o Balalaica e o Mirandinha estavam apagados para sempre. Escrachou a gronga num murmúrio. E a multidão foi se mandando. Um a um. Em silêncio. Ninguém tinha nada com aquilo.

3.3 – As crônicas de junho de 1971 – Coluna Navalha na carne

Cinco anos depois (Última Hora de SP – Edição de 1/6/1971. Página 16 Caderno 1)

113 Termo atualizado; no original de jornal consta “bofunfa”.

114 Termo atualizado; no original de jornal consta “mecheram”.

De terno novo compareceu ao encontro. A Deolinda já estava prontinha, vestida que foi pelos parentes. E o casal saiu a passeio. O Tavinho estava feliz da vida. Já a mulher não sabia direito o que estava acontecendo. A lua não estava boa pra cachola dela. Não conseguia se ligar direito no quás-quás-quás. Mas o Tavinho não se tocava. Se alguém conferisse, era capaz de achar ele mais abilolado que ela. Só que o trouxa estava retumbante de glória por ter arrumado uma namorada. Pro triste doente de solidão, a doente da cuca era um negócio bom. E pra agradar, Tavinho, resolveu oferecer um guaraná pra mulher. Entraram num boteco escroto e se serviram. Porém, aí a zorra encarnou. O Tavinho pediu um tempo e foi no mictório. Na volta, sua cara caiu no chão. A Deolinda tinha sumido. Ele se azucrinou. Procura a mulher e não encontrou. Nem se lembrou que a coitada costumava perder o rumo. Se picou de raiva e de despeito. Deu por encerrado o namoro. Jururu e encabulado, voltou ao Paraíba e pediu arreglo. Conseguiu o carrinho de volta e o mesmo ponto pra trabalhar.

Dois dias depois o Tavinho ainda roído por dentro, estava no seu batente, quando a cana baixou e levou ele em galera. Estava acusado de ter assassinado a Deolinda. Foi de lascar. O desgraçado contou a história mas não grudou. Jurou pela luz que o iluminava que não tinha apagado a mulher. Ninguém acreditou. A família da Deolinda o acusava de ter apagado e abusado da pobre doidinha. Um cadáver encontrado num matagal fora reconhecido pela irmã de Deolinda como o dela. Na verdade, o cadáver estava carbonizado, não dava pra reconhecer coisa nenhuma. Porém a polícia não perdeu tempo com detalhes. Usaram o método científico em cima do Tavinho. De baixo de pau, o desgraçado se rendeu. Abriu uma história cavernosa.

Confessou que saiu com a Deolinda a passeio no domingo, e a levou pro matagal. Chegou lá, a mulher não quis entrar na dele. Então ele decidiu na congesta. Estrangulou a Deolinda e se serviu. Depois foi a um posto de automóveis, comprou um litro de gasolina, voltou ao matagal, encharcou a mulher e tocou fogo. No júri não teve estia. O capa-preta tacou-lhe uma sentença pesada. E não adiantou chorar. Foi cumprir.

O Tavinho já estava puxando seu tempo amargo há cinco anos quando a Deolinda apareceu. De repente, nas quebradas do mundaréu, sua irmã encarou com ela. Foi um rolo danado. A Deolinda não lembrava de nada. Nem sabe dizer onde ficou esse tempão. O Tavinho foi posto em liberdade, depois de mil milongas. Só que agora não quer saber mais de mulher.

O Tavinho teve que se mandar do seu pedaço que era lá onde o vento encosta o lixo e vir pra cidade grande tentar a sorte. Não tinha trabalho. E onde não tem trabalho não tem esperança. Seu jeito foi se picar. Veio mordido. Ruim dentro da roupa. Carregado de saudade. Porém, conformado. E foi chegando cabreiro paca. Assustado com tudo e com medo de pegar a pior. Mas quem está na mão das traças não pode fazer luxo. O Tavinho não fez.

Se bateu até encontrar um emprego e nele se agarrou. Uma dureza de entortar patuá. Quebrar pedra na marreta e salário pouco. Mas ele não chiou. Até deu graças a Deus. Com a vida custando os olhos da cara como anda, o negócio é se agarrar em qualquer trampo. E o Tavinho se aguentou uns tempos. Só até ficar mais à vontade. Depois que começou a conhecer gente, foi tratando de melhor. Xeretando num canto e noutro, acabou achando uma jogada mais leve. Se meteu de ajudante de caminhão. Daí pra frente foi sempre mudando. Até que encontrou o recreio de sua vida. Um tal de Paraíba lhe deu uma colher de chá. Botou ele num

carrinho de pipoca. Uma moleza que o Tavinho agradeceu de coração. Era só ficar tomando conta do pesqueiro, de vez em quando estourar uns milhos e tal e coisa. Ele andava nessa maré mansa. Se sentia um lorde. Não queria outro trampo. Quando se deu o esquinapo.

Um belo dia, o Tavinho estava encostado no carrinho, assim como quem não quer nada, mas esperando freguês, quando piou na parada uma mulher que não queria comprar bulhufas. Porém, atracou nele. A dona era um bagulhão dos mais doidos de se olhar. Mas quem está com fome, mastiga o que aparece. E o Tavinho estava. Desde que chegou que estava no “ora veja”. Fez tudo pra esticar o papo com a mulher. E não foi difícil. Logo descobriu que a peça se chamava Deolinda. Era largada do marido. Estava ali marcando bobeira. Tinha perdido o rumo. Troço que acontecia com ela sempre. Desde que ficou meio abilolada de tanto levar pancada no cucurucu, do marido. Mas nada disso pesava na balança do Tavinho. O que contava pra ele é que a Deolinda era mulher. E ele estava querendo arranjar uma. Meteu a bicaria. Deu pipoca pra ela e tudo. Em troca, a Deolinda deu um papelzinho com o seu endereço. Coisa que sempre carregava, pra em caso de se perder, mostrar pro guarda e ser levada pra sua casa. No lance, o Tavinho ganhou o direito de acompanhar a mulher. Não quis nem saber se o Paraíba iria ficar atucanado por ele abandonar o carrinho. Largou tudo e se picou com a Deolinda pra Barra do Catimbó, que era onde ela morava.

Homem de respeito, o Tavinho não armou presepada nenhuma com a Deolinda. Nem tentou. Entregou a mulher direitinho na casa dela. Essa foi recebida pela irmã, que agradeceu muito ao Tavinho. Fez ele entrar, deu café e contou a história toda da Deolinda. História que o pipoqueiro já conhecia, mas que escutou com atenção de gamadão. E com todas essas mumunhas, o Tavinho se sentiu à vontade pra convidar a Deolinda pra sair no domingo. A família da mulher topou logo. Acharam que o pinta podia ser o bilhete premiado, o otário que eles precisavam pra tomar conta da abobalhada. E essa entrou que era de entrar em todas que mandassem. Daí o Tavinho se assanhou. Voltou no lugar onde tinha largado o carrinho, juntou tudo e entregou pro dono. Saiu do emprego pra acertar as contas. Não teve chibu. O Paraíba pagou o loque na bucha. Ele então se empiriquitou. Tomou um banho de loja pra aparecer na casa da Deolinda fazendo a maior figura.

Quem tem culpa (Última Hora de SP – Edição de 2/6/1971. Página 16 Caderno 1)

Um vagau velho muito sem-vergonha encheu a mulher de filhos. Cinco. E depois sentiu o peso da patota. Com a vida custando os olhos da cara, o miserável não quis aguentar o repuxo. Tirou uma onda de doido e se pinoteou pras quebradas do mundaréu. Deixou a mulher segurando o rabo do foguete. Não quis nem tomar conhecimento dos revertérios que forçosamente a família ia encarar. A mulher se machucou. Porém, não teve tempo pra chorar. A fome dos filhos não dava estia e ela teve mesmo que tocar pra frente. Pegou de lavadeira e fez o que pode. Não pode quase nada. Mas pra ela sozinha já era muito. Deu o curso primário pro mais velho. Deu sabe com que sacrifício. E mal o garoto saiu do grupo teve que pegar no batente. Não adiantou sonhar em continuar os estudos. A velha estava pifando e precisava [de] uma força. O mais velhinho, ainda pivete, arrumou um trampo numa peixaria. O salário era mixuruca, mas ajudava; e de quebra o garoto ganhou o apelido de Tainha.

E Tainha ficou pra sempre. E foi a sua desgraça. Nem quando garoto, depois de comer muito capim pela raiz e cheirar peixe, conseguiu um emprego melhor numa relojoaria, o apelido mudou. Que nada. Podia ter virado, Ponteiro, Hora Certa, Dez-pras-duas e os cambaus. Continuou, Tainha. O patrão, os cupinchas do bairro, os irmãos menores e até a própria mãe só o chamavam de Tainha. Mas deixa isso pra lá. O que pesa na balança é que o pivete entrou na relojoaria pra aprender o ofício e num futuro poder abrir seu próprio negócio. E fez dessa esperança seu patuá de valia. Coberto de fé se entregou inteiro na parada. Era todo atenção no serviço. Por isso agradava ao patrão e mestre que confiou tanto nele que até lhe deu a chave da loja-oficina, pra que trabalhasse até altas horas. Não havia nisso escama do patrão explorador. Muito pelo contrário. Aquele do Tainha dava é colher de chá pro pivete. Deixava ele pegar uns biscates por sua conta e usar as ferramentas da oficina fora do expediente.

Por essas e outras, começou a chover na horta do Tainha. Ele largava o pau. Caprichava no serviço. Agradava a freguesia. Faturando bem, passou a dar mais grana pra me [sic] e ainda ficava com alguma pra gastar. O que era justo. Afinal de contas, ele era gente. Gente jovem. Tinha que refrescar a cuca de vez em quando. Só que ele não era de perder dia. Garotão responsável estava ali. Se tinha que vadiar, fazia nas horas de folga. E sua folga era de madrugada. Saía do serão e daí é que ia dar bandeira. Coisa à toa. Assistir a show de cabaré com a curriola e outros babados desse naipe. Sua farra nunca passava de uma ou duas cervejas. Na verdade, ele só embarcava na gandaia às sexta[s]-feiras, que sábado de manhã a loja não abria e ele podia chegar quando quisesse. E foi numa boemia de otário de fim de semana que o Tainha se entrutou.

Nas primeiras horas da matina, depois de ter rodado nos pesqueiros mais escrotos, junto com seus parceiros de noitada, o Tainha entrou num boteco cavernoso pra calçar o peito com uma enganadora média com pão e manteiga. Todo otário gosta disso. Eles ficam assustados quando passam uma noite acordados. Acham logo que vão ficar chacos. Que o cupim vai roer a caixa de catarro deles e tal e coisa. Por isso se reforçam antes de irem dormir. Com o Tainha não dava outra coisa. Foi no boteco pra se defender. E ali na boca de espera estava a Aurea, pistoleira com mil anos de janela, esperando piar na parada um papagaio enfeitado qualquer pra adiantar seu lado. O Tainha pareceu pra piranha um bilhete premiado. Ela deu bola e não teve chibu. O pivete, que ainda não tinha estreado com mulher, se alvoroçou. Nem reparou o bagulho que era a Aurea. Meteu a bicaria e ganhou a mina. Afobadão, quis ir pra decisão. Mas entrou areia. No hotel em que a Aurea tinha trato, não deixavam entrar menor de idade. E o Tainha se azucrinou. Ele nessa altura do campeonato estava com dezesseis anos. Porém, não se conformou. Se atucanou tanto que acabou tendo uma ideia de jerico. Levou a pistoleira pra dormir na sua oficina.

A mulher não complicou. Topou fácil. Só que na hora do “vamos ver”, ela aprontou. Escolada como era, foi uma moleza pra Aurea ninar o nenê. Cansou o otário e mal ele dormiu a piranha afanou tudo quanto era relógio que estava na loja e se arrancou sem querer saber do bode que ia dar. A piranha não fazia cerimônia com otário. Deixou a gronga pro Tainha.

Esse, quando acordou e se tocou no perereco, tremeu nas bases. Se sentiu bombardeado do primeiro ao quinto. Porém se fechou em copas. Não deu alarme nenhum. Era sábado e só na segunda-feira o lance iria ficar escancarado. E o pivete teve a ilusão de que podia encontrar a piranha na madrugada e recuperar os relógios. Juntou uns ponta-firmes e campaneou paca. Xeretou nos puleiros das

madames, nas bibocas escamosas, nos cabarés escrotos, nas gafeiras, nos mocós e neca. Não achou a Aurea. A mulher tinha sumido.

Pro Tainha, só restava abrir o jogo pro patrão, esperar que ele compreendesse e pagar o prejuízo à prestação. E foi pra isso, que ele foi na segunda-feira na loja. Mas porque estava baratinado, cansado de tanto andar na captura da piranha, acordou tarde e chegou na loja bem atrasado. Se assombrou com a zoeira que encontrou. Tinha montes de polícia fuçando em tudo. Seu patrão, quando encontrou a oficina depenada chamou os homens da lei. Nem de leve desconfiou do Tainha. Nem perguntou pro empregado a razão do atraso. Só explicou pro pivete que a loja tinha sido estarrada. Diante disso, e da polícia, o otário se acanhou. Deixou como estava pra ver como ficava. Pro seu lado, até que ficou barato. A polícia fez o que tinha que fazer no local do roubo e saiu na pista do ladrão. O patrão do Tainha se fiando no seguro, organizou outra vez a loja e continuou trabalhando. O pivete se guentou na moita e parecia que ia ficar por isso mesmo.

Porém, num arrastão desses que vez por outra a polícia dá nas bocas pesadas pra recolher uns e outros que está devendo e anda falando, ganharam a Aurea pistoleira. A mulher estava marcando a maior bobeira. Tinha em seu poder uns dez relógios e tentava vender na hora em que entrou em cana. Levou uma dura dos tiras e cagoetou:

– Foi um tal de Tainha que trampa numa loja de relógios que me deu a muamba pra vender.

Não teve fuga pro pivete. Entrou em galera. Chorou, esperneou, jurou pela luz que o iluminava que a história estava mal contada, mas nada grudou. O patrão se magoou. Se sentiu traído pelo garoto e não aliviou. O Tainha teve que cumprir pena. Sua mãe teve uma bruta desgosto. Porém, era mulher curtida nos revertérios. Aguentou... e quando o filho saiu da prisão, ela estava crente e pronta a ser a escora pra reabilitação do seu menino. O Tainha não era mau. Com pena da mãe. Compreendendo que de alguma forma tinha sido culpado pelo esquinapo, não carregou bronca consigo. Tratou de arranjar um novo emprego pra recuperar o tempo perdido. Mas não estava fácil. Ex-presidiário ninguém quer. E o Tainha na falta de coisa melhor, pegou mesmo de escrevente do Bicho. Contravenção. Porém, era o seu sustento. E ele ia levando.

Até que um dia afanaram uma casa de bacana. Os gaturamas levaram muitas joias e entre outras bugigangas cinco relógios. A polícia, sem pista, botou os cachorrinhos pra levantarem o serviço. E logo um bateu uma ficha. O cagoeta garantiu pros tiras.

– Um dos laláus dessa casa granfa, é um tal de Tainha.

A polícia não duvidou. Tainha que gostava de relógio, tinha um pivete. Foram no otário e flagraram ele com a boca na botija anotando jogo de bicho. Se estava no crime, era ele mesmo. Apertaram o pivete de todo jeito. Ele penou, mas não confessou. Ficou um mês nessa agonia. Até que por acaso, entrou outro Tainha em cana. Foram conferir e era o recém-chegado, o dono do roubo da casa grã-fina. Dividiram as culpas. O Tainha, pivete, foi autuado por jogo de bicho, o outro, por roubo.

Só que nessa segunda vez, o garoto se doeu. Se picou de raiva e quando saiu veio embalado. Arrumou uma arma e botou pra quebrar. Fez miséria de toda ordem. Virou o capeta. Mas não podia consigo mesmo. Se ardia de saber que sua mãe sofria com suas façanhas. Porém, não recuava. Não podia afinar. Fez nome de mau, tinha que se garantir. E quando se escondia num mocó qualquer pra deixar

esfriar alguma marola, se media. Via e revia toda sua desgraça. Acabou concluindo que o culpado da sua infelicidade, da infelicidade da sua mãe, era o pai. E viu nascer e¹¹⁵ crescer dentro de si um ódio medonho contra o vagau velho que o abandonou quando pequeno.

Nesse mundo até as pedras se encontram. E o Tainha acabou encontrando o pai. Foi por acaso. De tanto aprontar, ele entrou outra vez em cana. A mãe, firmeza de sempre, foi ver o filho no dia da visita. E com surpresa reconheceu depois de tantos anos o marido que também estava preso. A mulher teve pena do vagau velho de tão esculhambado que ele estava. Talvez por isso apontou o miserável pro filho.

– Aquele é teu pai. Fala com ele se der.

O Tainha não disse nem sim nem não. Mas naquela noite mesmo, matou o vagau velho.

A cocota (Última Hora de SP – Edição de 3/6/1971. Página 16 Caderno 1)

O recinto parecia o pátio dos milagres. Porém, era apenas um estúdio de televisão. É a gentalha ali presente, na maioria abilolados de pai e mãe, aguardavam a hora que a equipe de produções do programa Silvio Santos iria começar a selecionar as atrações. Todos em fila, sem chiar, pacientes e esperançosos. Levaram fé de poder se badalar na tevê ainda ganhar uma grana pra reforçar a saúde. Com a vida custando os olhos da cara tem nego a perigo que faz qualquer negócio pra faturar. E os que estavam plantados ali na boca da botija provavam que não tá dando pé esperar o mar pegar fogo pra comer peixe frito. A ordem deles era batalhar. Botar a fuça em qualquer pesqueiro. Tentar. Quem não arrisca, não petisca. E ali era considerado uma moleza pelos otários. Consideravam que se não fossem os escolhidos pra entrar no programa, não perdiam nada. Com jeito pelo menos cinco contos pra condução, o loque sabia que conseguia. Então era aventurar. E foi com esse espírito que os candidatos receberam a comissão julgadora. Esses homens escolados, com muitos anos de janela, não se assustaram com o tamanho da fila. Sabiam o jeito de tirar a maioria da jogada. E botaram em prática. Um dos produtores anunciou com um berro.

– Os que comem inseto, aqui na frente. Rápido. Quem não trouxe barata de casa, pode cair fora. Aqui a gente não vai alimentar ninguém.

Uma curriola de respeito foi à frente. Não era por acaso aquele macete do produtor. No programa anterior eles tinham apresentado no vídeo um padre ruim da cuca, que comeu gafanhoto, lesma, taturana, lagartixa e os cambaus. Isso visto de longe parece fácil. Assim sendo, montes de batusquelas vão no grupo e querem ganhar uma nota na mesma onda. Nesse lance, não deu outra coisa. A patota de comedor de nojera [sic] se fez presente. O produtor deu início a catimba.

– Quem é o primeiro?

– Eu!

– Que faz?

– Quero desafiar o padre. Bicho que ele come eu também como. Agora quero ver ele comer o que eu como.

– O que tu come?

– Lacreia!

Nessa altura do campeonato teve o maior bochicho. Muitos dos comedores de nojera [sic] ao escutarem o primeiro candidato escancarar seu apetite, se

115 Termo atualizado; no original de jornal consta “a”.

acanharam e saíram de fininho. O único que não se impressionou foi o produtor. Desconfiou logo que era cascata. Quis ver pra crer.

– Trouxe lacraia?

O abilolado encabulou.

– Não! Hoje não trouxe. Não sabia que tinha que trazer. Mas no dia do programa eu trago.

Não teve quebra-galho. Levou um passa-fora.

– Que dia de programa? Quero ver aqui. Não tem lacraia não tem vez. Quando arrumar lacraia, pode voltar. Tchau. Vem outro.

Mas o otário da lacraia não se mexeu. Levou uma dura.

– Cai fora. Anda.

Todo sem jeito, o lacraioso envergonhado murmurou:

– Sabe o que é. Eu moro longe. Será que o senhor não me arrumava uma graninha pro ônibus.

– Papo furado. Quando vier com a lacraia ganha dinheiro. Assanhado foi pondo banca.

– Eu como gafanhoto que nem o padre.

– E tem mais?

– Como gafanhoto.

– Só!?

– É!

– Gafanhoto o padre come e já não dá IBOPE. Te arranca. Vem outro. Agora quem vier não chega aqui pra fazer o que o padre faz. Quero novidade. O padre come até lesma. Avança outro.

Porém ninguém se animou. O truque tinha dado certo. Uma boa parte da multidão de candidatos tinha sido dispensada. E ainda o produtor queria se livrar no golpe de alguns outros. Lembrou do número do bebedor de água, que também tinha sido apresentado no programa anterior. E meteu ficha.

– Quem bebe água?

Outro gango avançou. Um gordão alegre tomou a dianteira e foi cartecendo amarra.

– É comigo mesmo. O cara que cês meteram no programa era um de nada. Bebeu cinco litros. Eu bebo uns vinte. Cinco eu bebo de pinga.

Só o gordão achou graça no que disse. O produtor nem respondeu. Fez um sinal pro contrarregra e esse logo apareceu com cinco litros de água, que foram entregues ao gordão. O otário não vacilou. Encheu o peito de ar e tacou a boca na garrafa. Até a metade foi bem. Porém, de repente engasgou. Tossiu. Soltou água pelo nariz. E vomitou até as tripas. Foi um vexame. O gordão perdeu a alegria. Quando deu uma melhoradinha se desculpou.

– Poxa. Desceu mal. Mas semana que vem eu volto.

Junto com ele os outros bebedores de água assustados tiram o time de campo. O produtor sentiu um alívio. Podia partir pra descobrir as novidades. E daí pra frente foi em ordem. Mandou o primeiro da fila se achegar. Era uma senhora taluda, de uns quarenta e cinco anos. Diante dos produtores não fez rodeio. Foi no seu assunto direto.

– Olha, moço, eu tava treinando a cocota, uma galinha que não parecia galinha de tão inteligente que ela era. A cocota parecia gente. Era mais esperta do que muita gente que anda por sí. A cocota era. E eu e o meu marido quando percebemos que a cocota era uma galinha esperta, não marcamos bobeira. Meu marido disse assim pra mim: “Já que tu gosta tanto da cocota, porque não treina ela

e leva ela no programa do Silvio Santos”. Eu achei a ideia boa. Afinal, os senhores apresentam tanta bobagem que iam gamar na cocota. E treinei a pobrezinha. Deixei ela em ponto de bala. A cocota só botava ovo na minha mão. Era de se ver. Ela cacarejava, eu já sabia. Ela queria botar. Eu chamava ela. Cocota! Chiu, chiu, chiu. Cocota. Ela vinha. Eu estendia a mão e ela botava. Um ovo por dia. Uma joia era a cocota. Só o senhor...

Já sem paciência, o produtor cortou.

– Cadê a galinha!

A mulher sem perder o embalo foi em frente.

– Quando ela tava pronta pra vir aqui no programa, eu chamei e a dona Lulu do cento e três e mostrei as coisas que a cocota sabia fazer. Eu não sabia que a dona Lulu era uma invejosa de marca maior. Se soubesse não chamava ela. A desgraçada na hora se admirou de ver eu chamar cocota! cocota. E a galinha vir correndo. Mas no dia seguinte a maldita da dona Lulu se botou a berrar. Cocota! cocota! E quando a pobrezinha da cocota se apresentou, a maldita da dona Lulu meteu a cocota na panela.

Pro produtor a história não comovia. Mas ele não entendeu bem a mumunha. Galinha morta não servia no programa. Quis saber.

– Bom, a dona Lulu comeu a cocota?

– Foi!

– E o que a senhora quer? Galinha comida não dá.

Porém, sem cerimônia, a mulher se abriu.

– Eu queria que o senhor chamasse a dona Lulu pro programa. No programa do Silvio Santos ela vem. O senhor telefonava pra padaria e dizia pro padeiro chamar a Dona Lulu do cento e três. Ele já está por dentro. É só o senhor falar que é do Silvio Santos. Aí ela vai no telefone. O nome dela é Maria de Lourdes Rocha. Se o senhor chamar ela de Dona Lulu ela fica desconfiada. O senhor engana pra ela que ela tem que vir no programa receber um prêmio. Aí ela vem. Esganada como é, ela vem correndo. No meio do programa, o Silvio pergunta se é verdade que ela comeu a cocota. Ela diz que não não. Aí eu apareço e meto a mão na cara dela.

O produtor tremeu nas bases. Deu um estalo na cabeça dele. No momento, ele apenas dispensou a mulher.

– Olha, não dá. É uma pena, mas não dá pra apresentar a senhora. Mas pode ficar certa que eu indico a senhora pro produtor do quadro “Perdão pelo mau que te fiz”.

A mulher agradeceu. Mas botou condição.

– Bem, eu venho nesse quadro se o Silvio quiser. Agora, tem que ser logo. Porque eu não vou esperar muito tempo pra quebrar a cara da Dona Lulu.

Quem apanha nunca esquece (Última Hora de SP – Edição de 4/6/1971. Página 16 Caderno 1)

A Marilene nasceu com um urubu plantado na sorte dela. Teve como pai um abilolado de marca maior. Desses que acham que educar a filha bem é trazer a menina num cabresto e numa dureza de impressionar até quem puxou tempo em campo de concentração nazista. E aí já viu. Curtida na jaula, a Marilene foi só virtude até os quinze anos. Porém, daí pra frente virou o fio. Um dia em que o pai carcereiro marcou bobeira, a piveta escapuliu. Foi num baileco, entrou no papo macio de um pilantroso e no quás-quás-quás maroto a Marilene embarcou. Claro que se machucou. Não estava preparada nem nada. Na verdade, nem queria botar

pra quebrar. O pilantroso que, folgado como ele só, castigou a pobrezinha. Ela entrou de gaiata. Quando se mancou já tinha ido. Se assustou. Voltou correndo pra casa. E só porque chegou tarde, levou uma tremenda biaba do pai. Resultado: se trancou em copas. Não abriu a presepada nem pra mãe, nem pras irmãs menores. Se mordeu sozinha. Com a cuca cheia de minhocas, sabendo pouco das coisas, ficou no virador. Deixando como estava pra ver no que ia dar. Deu a pior. Depois do tempo regulamentar, a coitadinha da Marilene se tocou que estava choca. Se abilolou de medo. Acendeu vela pra santo, fez simpatia, conferiu folhinhas e outros babados. Tudo só serviu peito de contar a história pra mãe. Sabia que a velha acabaria entregando o entruto pro pai e esse fatalmente iria montar na moral e tacar o porrete nela, além de aprontar outros salseiros. Por essas e outras, enrustiu a tronga. Deus sabe como. E sabe também como a coitadinha se esforçou pra segurar o rabo de foguete sozinha. Porém, ninguém é de ferro. Quando a Marilene não pode mais se aguentar foi procurar o pilantroso. Nas encolhas pra não ser flagrada, pelo pai dono, a menina encostou no autor da façanha e escancarou o lance.

Teve a maior escama por parte do pilantroso. Ele desconversou. Foi logo esculachando.

– Que cascata é essa pra cima de mim?

A menina ainda tentou uma ajuda.

– Eu sei que tu não tem culpa. Mas e agora?

Pra vagau conversa devagar não resolve. O pilantroso manjou a fraqueza e avacalhou a guerra.

– Pra mim que tu vem perguntar? Não quero nem saber. E já vou te dando um alô pra tu não se fazer de besta. Se botar a boca no trombone pra anunciar meu nome, eu te armo o maior xaveco¹¹⁶ da paróquia. Fácil! Pego uns dois pontas firmes meus e eles vão diante do juiz e juram pro capa-preta que tu também andou com eles. Aí tu já viu. Eu limpo a cara e tu se entorta.

Diante de tanta maldade a Marilene só fez perder o rumo. Se danou a chorar. Ficou jururu. E finalmente a família se botou dentro do assunto. Foi um perereco. A mãe quis morrer. O pai quis matar. As irmãs quiseram ajudar. Porém, não fizeram bulhufas¹¹⁷. Mandaram a Marilene chorar e tudo pro olho da rua e deram o caso por encerrado e a moral preservada.

A menina sem embaixada nenhuma se atucanou diante dos revertérios. Se bateu contra as paredes. Contou sua história pra mil pessoas. Uns com grana, outros com promessas e todos com ideia de jerico¹¹⁸ abusaram de Marilene. E depois de tantos esquinapos a pobrezinha perdeu a cria. O que deve ter sido o melhor pra criança. Pra Marilene não foi. Ela queria tanto ter um nenê. Alguém dela. Por ela. Alguém pra ser o seu embalo na vida. Alguém que fizesse ela acreditar na raça humana. Porém não deu. O nenê e a esperança foram pro beleléu.

Com dezesseis anos incompletos a Marilene de repente ficou com quarenta e cinco de janela. Secou a gama no peito e se largou pra forra. Seus olhos verdes e grandes perderam rapidamente o brilho. Mas assim mesmo, eram faróis para iluminar otário. E de lesada da sociedade, de esporro, de bicho de uso, a Marilene virou pistoleira de macetes cavernosos. Picada de raiva. Com um tremendo de um ódio pelo pai e pelo pilantroso, a Marilene jogou tudo em cima dos homens. De qualquer um que aparecesse na sua frente. Era ela olhar e ver na fuça dos desgraçados a feição dos dois carrascos. Daí não tinha bom. Deixava todos na

116 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

117 Termo atualizado; no original de jornal consta “bolhufas”.

118 Termo atualizado; no original de jornal consta “gerico”.

saudade. Amarrava os otários e nunca se amarrava. E na catimba ia tomando grana de quem piasse na sua parada. Só adiantava seu lado. E se tratava. Caprichava na figura. Começou a se vestir na moda e a beliscar loque de mais gabarito. Entrou em maré mansa. De conforto. De cachola andava sempre mau. Nunca tinha sossego. O filho que perdeu, a zorra que penou contavam na balança. Por mais que fizesse não esquecia. O tempo passava. E ela ali. Grudada na sua miséria.

Porém, nas quebradas do mundaréu até as pedras se encontram. E pra Marilene chegou a hora da conferência. Quando ela menos esperava encontrou com [um] pilantroso que a tinha entrutado. O pinta não era mais o mesmo. Claro que nem ela. A moeda tinha invertido. O pilantroso estava manso. Deixou a gandaia. Arrumou bom emprego. Sacudiu as calças. Casou. Estava bem instalado. Com mulher, casa, filhos, carro e tal e coisa. Naquela noite dera um grupo na distinta esposa e se mandara pras rebordocas [sic]. Saiu pra paquera. Por acaso viu a Marilene. Reconheceu. Se apresentou apostando que ia agradar. Na sua moringa podre nem de leve passa que a pistoleira pudesse ter sofrido. Não considerou por um momento a afinada que deu com a Marilene. Foi metendo ficha.

– Lembra de mim? Vamos beber um troço e relembrar os bons tempos?

A pistoleira até achou graça. Se fez de miguela e topou a parada. O pilantroso não se acanhou. Contou toda sua situação. Arrotou grandeza paca. Se pintou de grande vencedor. E por fim como sempre acontece com todo desgraçado que se mete a ganhar mulher, chorou as pitangas.

– Tenho tudo. A única coisa que não dá pé é minha mulher. Ela é boazinha. Boa mãe. Mas tu sabe. Eu preciso é de uma mulher vivida. Que tem um negócio. Quem aprendeu na boemia, não acostuma com papai e mamãe. E isso me estraga. Porém, agora que te reencontrei sinto que pode dar certo entre nós. Tu sempre foi a minha gamação. E eu fui o teu primeiro cara. Sei que isso te diz muito. A gente pode se entender. Tu pode me livrar dessa vida cretina.

A Marilene se abriu num belo sorriso e murmurou:

– Posso sim!

Abriu a bolsa bem devagar. Pegou um revólver. Pegou um revólver e arrebitou o pilantroso.

A última vez na vida (Última Hora de SP – Edição de 5/6/1971. Página 16 Caderno 1)

O perereco se deu numa fábrica de sabão, que ficava lá na Linha Forte Augusto, no bairro do Pau Grande, bem na divisa do Suvaco da Mula, em Santos. A curriola que pegava no batente na fábrica aproveitava a folga do almoço e batia uma bolinha. Esse lance tinha duas serventias pra eles: ajudava a enganar o estômago, que sempre chiava com a pouca boia, e refrescava a cuca. E era assim que a moçada escorava o repuxo e ia levando pra frente. Mas um dia, no meio de um bafo de boca, apareceu a ideia de tirarem um racha entre casados e solteiros, a valer barril de chope e tudo. A turma se ligou nesse lance escamoso. Foi uma animação. O Zé do Sebo ficou de ajudar a patota argolada e o Tisiu ficou de cuidar dos solteiros. E partiram pra organização. Arrumaram camisas emprestadas, bola, apito, campo e os cambaus. Fizeram vaquinha pra comprar o santo chopinho e plantaram na espera do grande domingo do jogo.

Porém, no sábado, véspera da pelada, entrou areia. O Zé do Sebo foi fazer a escalação dos casados e se tocou que na sua banda, entre viúvos, ajuntados e regulamentados com papel de cartório, só tinha dez. Como de saída já tinham feito o

trato que não valia laço, só podia jogar quem trabalhasse na fábrica, a barra ficou suja. Os casados se lamentaram paca. Foi um bochicho sentido. Mas o Zé do Sebo deu moral:

– Num tem nada, gente. Nós vai lá com dez mesmo e belisca esses solteiros assim mesmo.

Esse plá azedou o ambiente. Pro Tisiu chefe da banda livre, os inimigos virem com dez era um esculacho, e deu o estrilo:

– Aqui ói, que cês vêm com dez! Depois a gente ganha e cês vão avacalhar a guerra espalhando que a gente joga com mais gente. Ou vêm de onze ou não vem.

Aí empacou o troço. Teve mil papos. Estudaram mil fórmulas. Os casados queriam que o jogo fosse dez contra dez. Mas não deu pé. Os solteiros, além dos onze titulares, tinham uns oito reservas, todos tinham dado grana pro chope e todos queriam jogar. O Tisiu propôs passar o Sarará, que estava ameaçado casar no fim do ano, pro outro time, mas ninguém topou. Nem o próprio Sarará gostou da ideia. Pra botar baixo, ele mesmo falou:

– Nós tá combinando de se amarrá, mas não tá amarrado. Eu num entro do lado casado, porque pega mal pra moça. De repente num dá certo e cumo é que fica a cara dela? Ela é moça ainda.

Foi aí que o Bacalhau desencalhou a chata. No meio da bobeira geral, perguntou:

– Vale corno?

Ninguém se abriu. Então ele foi em frente:

– Se vale, convida o seu Manoel Gerente.

O alô foi aceito. Formaram uma comissão de casados pra irem falar com o homem. E se mandaram. Logo que chegaram, explicaram o lance e seu Manoel se aliviou. Ele, quando viu a curriola chegar, pensou que era pedido de aumento, ameaça de greve e tal e coisa. Metido dentro do assunto, virou todo simpatia. E, todo à vontade, engrenou um discurso:

– Nunca joguei bola. Nunca. Minha vida tem sido só trabalho. Trabalho e mais trabalho. Comecei do nada. E, com esforço, cheguei onde cheguei. Nunca me diverti, só trabalhei.

E, depois de um suspiro, concluiu:

– Bem que minha mulher me diz que preciso me divertir um pouco de vez em quando...

Era a deixa esperada pela patota. Apertaram um pouco e o homem aceitou. Mesmo porque era uma bela oportunidade de mostrar pra mulher que, apesar do importante cargo de sabujo do patrão, era querido dos operários a ponto de ser convidado pra uma pelada de confraternização. Porém, fez questão de deixar bem claro:

– Eu nunca joguei bola. Nunca. Nem assisti a uma partida.

O Zé do Sebo explicou que ele ia ser ponta-esquerda, fazer número e pronto. Os casados ficaram completos. O perereco engrossou no lado dos solteiros. Quando souberam que seu Manoel ia ser ponta-esquerda, todos quiseram ser escalados de lateral-direito. Foi uma zorra. Mas a posição ficou com o Miguel Soneca, que era quem tinha sido mais descontado no ordenado aquele mês e estava, na opinião dos outros, com mais direito de descer a biaba no seu Manoel. E foi nesse clima que o jogo teve início.

Seu Manoel Gerente entrou em campo com toda corda. Corria pra todo lado como uma besta. Às vezes a bola ficava pra ele; aí ele dava um bico para qualquer lado. Não era fácil o homem. A torcida já estava começando a se aborrecer com o

Miguel Soneca, que não acertava o bruto. Mas não era por falta de vontade. Ele ainda não tinha tido chance.

O gerente parecia vaca brava. Demorou pra cansar. Somente no segundo tempo é que ele parou. Encostou na ponta e ficou. Mas a bola não ia lá. E o Miguel não era doido de ferrar o homem sem ser na jogada. Porém, de repente, uma bola espirrou na ponta. O gerente, todo sem jeito, levantou a perna, e, sem querer, matou a bola. Foi uma algazarra. A torcida até aplaudiu. Seu Manoel se entusiasmou. Quis fazer bonito. Armou o bico e tacou o pé. Nessa hora o Miguel solou.

Foi lenha. Seu Manoel empacotou. Rolou no chão gemendo de dor. O Miguel Soneca, pra disfarçar, foi chamar a ambulância. No hospital confirmaram que a perna estava quebrada e tacaram gesso no homem. Ele só soube chiar pro médico:

- Eu vou ficar aleijado, doutor?

O médico fez um ar grave e tocou:

- Não. Mas nunca mais poderá jogar futebol.

Gato ensopado (Última Hora de SP – Edição de 7/6/1971. Página 16 Caderno 1)

O inspetor da guarda noturna Nelson dos Santos era um cara legal. Todos os “serenos” gostavam dele e, por isso mesmo, resolveram fazer uma homenagem pro distinto inspetor no dia do seu aniversário. Chegaram na mulher dele e escancararam o lance. Ela logo se assanhou. Achou que o marido merecia e tal e coisa. E, de quebra, botou na fogueira. Podiam fazer um jantar pro aniversariante e chamar pro dango [sic] a patota mais chegada. Claro que a sugestão foi logo aceita pelos guardas Demerval da Silva e Flaviano Alves, os dois que foram encarregados de levar a notícia da homenagem pra mulher do inspetor. Eles bem que andavam precisando de um perereco desses pra tirarem a barriga da miséria. Com o ordenado que Guarda Noturno ganha, há muito que eles andavam prendendo o cinto no último buraco. Se alegraram e, junto com a mulher do inspetor, fizeram a lista da curriola que ia ter o direito de puxar o saco do chefe e encher o bandulho ao mesmo tempo. A lista ficou grande. Uns dez ao todo. E entrou areia. Dona Helena, a esposa do inspetor, de repente se tocou num esquinapo e abriu para os parceiros:

- Tá legal. Todo gango da lista é de fé. O Nelson sempre fala em todos eles. Porém, tem um negócio.

A mulher, de propósito, fez uma pausa, manjou as expressões dos serenos ali presentes, que por sinal não revelavam nada com as fuças, mas que arregalaram os olhos pra saber a dúvida e deixaram claro que não se mancavam a gronga. E, diante da encabulação dos guardas, a dona Helena se rachou.

- Como é que é o dinheiro? Não vai ser mole dar de comer pra todo esse batalhão. A vida anda custando os olhos da cara e o Nelson não tem grana pra aguentar esse rojão.

Colocados com tanta força diante da amarga realidade, os serenos se entupiram. Nem de leve tinham pensado nesse detalhe quando tiveram a ideia de jerico, não contaram em gastar a bufunfa. A bolação deles era simples e cavernosa. A homenagem iria consistir em toda a turma largar o posto e se mandar pra casa do inspetor. Aí, ficariam na moita. Quando o inspetor piasse na parada, eles acendiam a luz e metiam um “Parabéns pra Você”, que mesmo desafinado iria pegar o homem pelo pé. Como a mulher falou em jantar, eles se embandeiraram. Porém, diante da necessidade de dinheiro, o jeito era tirar o time de campo. Só que nenhum dos dois guardas plantados na frente da mulher tinha peito de confessar a verdade. No plano deles, quem teria que botar algunzinho era o próprio homenageado. Quando desse

de cara com a patota, naturalmente iria mandar buscar uma[s] garrafas de pinga. Jururus com a tubulada, sem saber o que dizer, os serenos se fecharam em copas.

Dona Helena, que não era fácil, apertou:

– Então, como é que é? Como com o dinheiro?

Nem com essa dura eles se racharam. Aí, a mulher se encabreizou:

– Já vi tudo. A homenagem era de araque. O que vocês queriam era comer e beber de se fartar às custas do Nelson. Mas, aqui, ói. A maré não tá pra peixe. E quem teve a ideia é que vai comparecer com o dinheiro. Se não, já viu. Vou contar a história pro Nelson. E vou envenenar.

O esculacho e a ameaça deixaram os guardas complicados. Grana não tinham mesmo. Pedir pros outros fazerem uma vaquinha não era pedal. Pra sair fora e não ter que morrer com uma bufunfa, a negada iria acusar os dois de puxa-sacos do inspetor. Conheciam bem o eleitorado. Armavam um quás-quás-quás pro qualquer coisa tá na guarda. E bochicho dessa ordem bagunça qualquer pinta. Nem o Demerval, nem o Flaviano queriam ser esparro na boca dos colegas. E queriam ainda ficar de barra suja com um inspetor legal, que aliviava sempre as mancadas dos seu[s] subordinados. E, por medo de se entortar na corporação, o Demerval arriscou um palpite:

– Num sei como a senhora vai receber esse alô. Porém, pode ser a saída para essa sinuca. A gente podia...

O guarda se interrompeu. Tremeu nas bases. Se arrependeu de ter aberto a boca. Aliás, estava arrependido há muito tempo de ter vindo ali. Mas, dona Helena o animou:

– Desembucha tudo de uma vez.

Acanhado, esperando o pior, o guarda despejou de estalo:

– O que a gente podia fazer é uma gatada. É o mais barato. Sabe como é, né?

O Flaviano agarrou a fieira e puxou:

– Claro que o seu Nelson merecia coisa melhor. A senhora não vai levar a mal. Acontece que o pagório anda atrasado e, depois, um gatinho bem preparado é bom demais.

Muito longe de ficar bronqueada, a dona Helena embarcou inteira. Festeira como ela só, não viu nenhum mal em servir gato. Até selou um dito:

– Quem não tem cão caça com gato. Vamos lá, minha gente. Que seja gato ensopado. Vou caprichar no rango. E já que é gato, que seja fartura e que venha quem quiser. A guarda noturna inteira pode chegar. Agora cês me tragam a gataiada. Uns cinco ou seis dos gordos. Bichano ensopado nunca matou ninguém. As pingas pra ajudar a descer a comida eu compro.

Felizes da vida, o Demerval e o Flaviano se mandaram pros seus postos. Mas, não vigiaram coisa nenhuma. Passaram a noite pegando gato. Só a tiro, o Demerval apanhou cinco. E no abafo, pegou um casal de gatos que estavam miando alto. O Flaviano, por sua vez, apagou três a tiro. E dez gatos foram entregues a Dona Helena, no dia do aniversário do marido, pelos guardas que receberam ordem de avisar todo mundo da janta, mas pra não contar que o prato ia ser gato.

Na surdina, escondida do marido, a mulher limpou e ensopou a gataiada. E, de noite, na hora da janta, pra espanto do inspetor, sua corporação em peso baixou na sua casa. Hip-Hurra, Parabéns pra Você, Pique-Pique e os cambaus deixaram o bom inspetor de bobeira. E bobeira maior ele marcou quando sua mulher apareceu com o ensopado e a pinga. O homem não disse nada. Porém, só de lembrar que a conta do açougue ia estourar seu orçamento perdeu a alegria. Porém, deixou andar.

Os guardas se serviram. Se empapuçaram de gato, que estava uma delícia, e de pinga, que era da boa. E teve gente que bebeu o juízo. E começaram a atucanar. Um dos que mais se chapou foi o Demerval. Encheu a caveira de pinga e, no meio do pessoal, abriu o bico, certo de que ia fazer figura e abafar:

– Parabéns à dona Helena, gente. Ela merece. O gato que ela faz é legal.

A curriola, que já estava desconfiada com tanta carne que havia, se arrepiou. Nesses lances, sempre tem os enjoados. E teve um loque pra pedir explicação:

– A gente comeu gato?

Dona Helena, sem jeito, confessou:

– Foi. Não tava bom?

A festa virou um salseiro. Teve nego que vomitou, teve estrilo e pau firme. Se formaram dois grupos. Os que achavam que comeu quem quis e os que achavam que comeram engrupidos. E estourou o conflito. Uma briga de criar bicho. A vizinhança teve que chamar a polícia. E a polícia teve que fazer muita força pra encanar os guarda[s] noturnos de Niterói, lugar onde se deu essa gatada.

A Bíblia tinha razão (Última Hora de SP – Edição de 8/6/1971. Página 16 Caderno 1)

Só gente a perigo perpétuo armava mocó no bairro, subúrbio, lugarejo ou sei lá o que era o pedaço conhecido por Barra do Catimbó, que ficava na parte mais escamosa das quebradas do mundaréu, que é onde o vento encosta lixo e as pragas botam ovos. E foi exatamente nessa boca maldita que o camelô Aracir de tal resolveu montar o seu pesqueiro. Vagau escolado percebeu de saída que pra gentalha que pagava os pecados naquele ponto que não estava no mapa, não iria conseguir vender nem um pente. Porém como não estava a fim de marcar bobeira engrenou um xaveco¹¹⁹ pra engrupir. Sem tomar conhecimento dos Babalaôs, padres e pastores de várias tendências que faturavam aquele rebanho, o Aracir meteu uma máscara de Santão na fuça, sacou uma bíblia do bolso e atacou de pregador.

O Aracir que era bom de papo, se plantou na praça e mandou ver com toda força da sua caixa de catarro.

– E disse o Senhor, benditos os pobres de espírito porque deles é o reino de Deus.

Com a vida custando os olhos da cara, a negada que anda catando lata, matando cachorro a grito e jacaré a beliscão se assanha toda quando sente a possibilidade de um milagre. A loteria esportiva tá aí mesmo pra não deixar ninguém mentir. Tem gente que não tem nem o que comer, mas que larga os poucos pixulés em cima do palpíte. Porém deixa isso pra lá. O que conta aqui é que loguinho juntou a maior patota de aflitos em volta do Aracir. E ele se serviu. Pastor de araque com muita cancha de camelô de ponta de feira, foi fácil embromar os aflitos. Com arte iniciou falando dos milagres de Jesus e depois passou a falar dos seus próprios pecados e da sua regeneração. Quando acabou o quás-quás-quás, a plateia não sabia direito se os milagres eram dele, Aracir, e o pecador regeneração era Jesus, de tanto que o pilantra embananou a história. O certo é que o pastor de araque fez média suficiente para voltar no dia seguinte. E, quando chegou, já encontrou abilolado esperando por ele. Como o Aracir não era de fazer de cerimônia com otário, meteu mais cascata. E nessa toada, fez chover na sua horta em menos de uma semana. Aproveitou o embalo e vendeu montes de bíblia pros loques da paróquia.

119 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

Mas o cartaz do Aracir ficou grande mesmo no dia em que ele estava boquejando na praça e piou na parada um batusquela desses de babar e bater a cuca no poste. Sem perder tempo com mumunhas, o pastor de araque agarrou o desgraçado pelo gogó e sem dó bateu com sua testa na do infeliz. Foi pau e bola. Com a pancada, o batusquela desabou no chão e ficou estarrado imóvel. Cheio de furor, o Aracir berrou:

– Aleluia! Aleluia!

O povão colhido de surpresa entrou na onda¹²⁰ e repetiu:

– Aleluia! Aleluia!

E o pastor rachou o lance.

– Sai dessa criatura, demônio. Eu, em nome de Deus, te ordeno! Volta para as trevas e lá permaneça.

Novamente a galera urrou:

– Aleluia! Aleluia!

Retumbando de glória, o Aracir puxou um ponto ou um hino. Um troço assim:

– Chuvas é benção

Chuvas é benção do céu

Chuvas é benção queremos

Chuvas é benção a granel.

Cantar nessas horas pega pelo pé. A multidão aprendeu a letra num estalo e entraram de sola fazendo coro. No meio dessa presepada toda ninguém se tocou no batusquela. Ele quando se ligou outra vez, apesar de meio zonzo, tratou de dar pinote. Se mandou. E o carnaval continuou, até que cansado, o Aracir com o último fôlego vendeu as bíblias que tinha e se retirou pra meditar, conforme informou pra curriola.

Tamanha façanha se espalhou por toda Barra do Catimbó. Nos botecos, nas gafieiras, nas encolhas e no[s] cambau[s], a gentalha bochichou. Padres, Pais de Santo e Pastores escutaram o bizu da massa e tremeram nas bases. Ficaram cabreiros com o aparecimento do novo milagreiro. E sem saber o que fazer a maioria dos donos de rebanho se fecharam em copas. O único otário que se alvorçou foi o pastor da Obra do Brasil para Cristo. Esse, na bronca, foi investigar. Se aliviou com o que descobriu. O milagreiro Araci[r] era avulso. Não pertencia a nenhuma Igreja. E isso na cachola do pastor curioso era positivo. Afobado pra arranjar sacerdote pra sua jogada, coisa que não estava fácil hoje em dia, o otário atracou no Aracir. O que combinaram ficou em segredo. Porém, o Aracir embarcou na canoa da Obra do Brasil para Cristo. E em nome da distinta Obra, o vagau passou a visitar os barrancos do pedaço, a espantar demônio e a recolher uns pixulés dos crentes pra construir o Tabernáculo da Barra do Catimbó. Essas visitas eram sempre feitas na hora da boia e, além da comida, meteram o vagau por dentro dos assuntos das famílias. E foi assim que o Aracir ficou sabendo que dona Sabina, uma crio[u]la velha, que há quinze anos estava parálitica e jogada numa cama, tinha um terreno. Sem vacilar, o Aracir meteu minhoca na cabeça da mulher. Entusiasmou a dona Sabina pra ela vender o terreno e se operar. Operação que o pastor fajuto garantia que seria sem erro. Ninguém iria duvidar do Santo homem que com seu verba[l] ardente metia esperança até em uma velhinha com o pé na cova. E se ninguém duvidava, a dona Sabina duvidou menos. Passou a procuração pra venda do terreno pro Aracir e se danou. Ele sumiu da Barra do Catimbó. Dona Sabina cansou de esperar. Mandou procurar o pastor de araque na sede da Obra do Brasil para Cristo e se entortou. Lá informaram que o vagau tinha desaparecido junto com

120 Termo atualizado; no original de jornal consta “onde”.

a grana do Tabernáculo. Aí foi um vexame. O povão quis chiar, mas não deu. E com essas e outras mais, uma vez mais a bíblia tinha razão: A quem muito tem, muito será lhe dado e a quem pouco tiver, esse pouco lhe será tirado.

As chuteiras do Jabaquara (Última Hora de SP – Edição de 9/6/1971. Página 16 Caderno 1)

Para quem está por fora das coisas, a gente explica que o Jabaquara foi o time mais legal que já disputou o Campeonato Paulista de Futebol. No tempo em que ele estava nas paqueras da vida, todo mundo torcia por dois times. A negada tinha chamego¹²¹ pelo Corinthians e pelo Jabuca. Era uma conta, mas era assim que era. E tinha que ser. O Jabaquara sempre estava lançando craques pros times grandes e pra Seleção. Gilmar, Ciciá, Célio, Tulio, Marcos, Pagão, Leonardo e os cambaus saíram do¹²² velho Jabuca. E isso graças ao Papa. Não a santidade. O Papa do Jabuca, um velho ranzinza que treinava o juvenil. Ele é que descobria, entre a pivetada, aqueles que tinham pinta pra jogadores. E com o trabalho, bronca mil e tal e coisa, ensinava pra molecada as mumunhas do futebol. Quantos craques o Papa inventou, descobriu, fez? Não dá pra conferir. Só se sabe que o velho nunca foi de badalação. Crepe dele. A bola nunca teve segredo nem nada pro Papa. Porém, ele nunca passou de treineiro de pivete. Também, vai ver que não queria nada além. Lá em Santos, formosa ilha de Yemanjá, nas bandas do Canal 6, atrás do antigo campo do Jabaquara, ficava o gramado do Aquário Praia Clube. Aí o infantil Vila Bancária, time de pé corado, porém de muita milonga, tinha sua embaixada. A bronca do Vila era com um tal de infantil Vitória que se juntava numa padaria do outro lado do canal. Dois times da mesma categoria no mesmo bairro é gronga. Cada vez que se encaravam era fogo. O pau comia. Sempre antes do fim do jogo alguém aprontava um salseiro. E a briga durava. Acabava no campo mas continuava no dia seguinte na porta do grupo escolar Dona Lurdes Ortiz, que era onde toda a molecada da Ponta da Praia e do Macuco estudava. Rolo grosso fez esse jogo de pivetes ficar famoso. Aí maiores curriolas se formavam pra ver o pega-pra-capar dos pivetes. E era assim até que teve escama.

Um político abilolado, trouxa como ele só, saiu candidato a vereador e, pra fazer média de homem generoso, justo e amigo das criancinhas, deu de presente pro infantil Vitória um uniforme completo. Camisas, calções, meias e (sente o detalhe) chuteiras. O timinho que sempre jogava descalço se embandeirou. Com todos os erros de gramática da Língua portuguesa, fizeram um ofício que dava a impressão que o político escreveu pra eles e entregaram na Vila Bancária. O desafio pro jogo não era surpresa. O que balançou a estrutura dos pivetes do Aquário foi o regulamento que os outros exigiam no ofício. O jogo tinha que ser de chuteira e o pontapé inicial seria dado pelo vereador. O gango da Vila caiu de bobeira. Recusar o convite era o mesmo que correr do pau e isso Luciano Juqueri, que era o dono do time, avisou de cara:

– Se a gente não embarcar nessa, vai ser um esculacho. E eu não tou aqui pra ser esculachado. Temos que aceitar.

E aceitou. Marcou o dia e tudo. A única que não topou foi o pontapé inicial do vereador. Com má caligrafia, arrematou o ofício com uma bela frase: “A gente não tem medo. Mas o vereador que vá dá pontapé inicial na Mãe. Aqui no campo do Aquário se ele der, ele leva”. Naturalmente, o pessoal do Vitória se atucanou com a

121 Termo atualizado; no original de jornal consta “xamego”.

122 Termo atualizado; no original de jornal consta “de”.

podada que o vereador levou. Porém, como já estava com uniforme, deixaram o bruto pra lá. Só ficaram esperando a hora do jogo. Certos de que iam pisar de chuteira nos pés descalços do inimigo. E esse xaveco¹²³ também batia na cuca dos Bancários. Os cobras do time marcaram uma reunião e encostaram o Juqueri na parede. O Preá falou por todos:

– Tu disse que a gente não tá aqui pra ser esculachado, mas, tem um porém. A gente vai ser esculachada. Eles vão pisar no pé da gente. E não vai ser mole. Tá mesmo o Zequinha pra não deixar ninguém mentir. Ele já levou um pisão de chuteira e ficou sem unha. Se a gente entra descalço, vai ser um esquinapo.

O dono do time azedou:

– Mas quem te disse que a gente vai entrar descalço?

Todos ficaram em silêncio esperando o resto, mas o Juqueri se fechou em copas. Foi preciso o Tainha por lenha na fogueira:

– Minha velha já falou que não deixa jogar de sapato. Eu só tenho o da escola.

A fala do pivete teve apoio geral. Todas as velhas do bairro tinham dito a mesma coisa. Mas o Juqueri foi em frente:

– Parece que aqui só tem otário. A gente vai de chuteira. Vamos com as chuteiras do Jabaquara. Tá? Elas tão aí mesmo e vocês ficam esquentando a moringa.

E não deu outra coisa. Nessa noite mesmo, o Juqueri chamou a turma da pesada, Boi Babá, Chulé, Cachorro Louco, Pé de Bicho, Bubu, Caveirinha, e arrombaram o vestiário do Jabuca. Além de um saco de chuteira e um de meias, afanaram dois jogos de camisetas, três bolas, vinte calções, uma bomba, dois bicos e um apito.

No dia marcado, sem se mancar com os buchichos, o infantil Vila Bancária entrou em campo pra enfrentar o Vitória de chuteira e tudo. Lá no Jabuca a barra andava pesada. A marola foi grande. Os jornais pegaram o Jabuca pra esparro. O time não pode treinar por falta de material. Teve tanto esculacho que até a polícia se mexeu. Saíram na captura dos gaturamas. Pergunta aqui e ali, até que um cachorrinho muito sem-vergonha entregou os donos da presepada.

– Foi o pessoal da Vila Bancária.

Com a ficha, a cana baixou no campo do Aquário no dia do pega. Levaram o velho Papa pra reconhecer o material do Jabuca. E foram cercando o campo. O Juqueri, pivete escolado, deu a ordem:

– Segura as pontas, negada. Não para o jogo. Finge que não é com nós. Não adianta correr, não vai dar pra gente se espiantar.

E o jogo continuou num embalo sentido. Com os nervos ardendo, todo mundo deu o sangue. O chefe da polícia estava seco pra entrar em ação, mas o Papa maneirava:

– Ainda não reconheci o material.

– Mas as camisetas são vermelhas e amarelas e aquela chuteira que está no pé do crio[u]lino está escrito “Baltazar”.

– Isso não quer dizer nada. No fim do jogo a gente examina direito.

E o jogo foi até o fim. Aliás, nunca teve uma partida tão comprida como aquela. Durou quase três horas. Sem intervalo. Mas o juiz, de cansaço, apitou o fim e o Papa entrou em campo com a polícia.

A molecada ficou prensada na marca do pênalti. O velho olhou um por um. Depois deu a letra, pra espanto da polícia:

123 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

– Seguinte! Por enquanto eu digo que esse material não é do Jabuca. Mas se você, você, você, mais o crio[u]lino e também o goleiro e o pintado não aparecerem quarta-feira pra treinar lá no clube, encano todo mundo como lalau.

E foi assim que Varela, Gigante, Bolota, Aracajá, Bugre, Luiz Manoel, Ney, Jorge e tantos outros, que hoje andam por aí, ganharam a chance de defender honestamente o pão de cada dia.

O fantasma (Última Hora de SP – Edição de 10/6/1971. Página 16 Caderno 1)

Esse negócio de fantasma é do cacete. É como disco voador. Sai sempre pros caras mais batusquelas. Tem nego que vive assombrado. Basta olhar pra ver mistério. Porém, o Zé Padeiro não era disso, não. Com ele, não tinha desses babados. A jogada dele era entregar pão. Todo dia, lá pelas três e meia da matina, o Zé enchia seu calhambeque de filão, acordava o Zulu, o crioulinho ajudante, e se mandava por aí, distribuindo de casa em casa o pão nosso de cada dia.

No seu caminho, o Zé Padeiro e o Zulu tinham sempre que passar na porta do cemitério do Paquetá. O negrinho não gostava. Porém, como o patrão nem se tocava, ele deixava andar. Não tinha jeito de chiar. Metia um “nome do padre” quando cruzavam o portão do cemitério, beijava o São Jorge da medalhinha que usava pendurada no pescoço e segurava pendurada no pescoço e segurava as pontas. O Zé, quando estava aceso, pegava no pé do Zulu:

– Deixa de ser trouxa, crioulo. Gente morta não morde ninguém. Quero ver tua cara no dia em que a gente tiver que deixar pão pro coveiro.

O Negrinho se fechava em copas. Só se ligava no lance de que sabia que ninguém ia morar dentro do cemitério. E, se aparecesse algum doido pra fazer mocó lá, ele Zulu, pedia as contas, mas não ia entregar bulhufas pra esse cara. Não era otário. E, assim que o carango velho saía da frente do Paquetá, o crioulo se rachava:

– Olha, Zé Padeiro, tu é muito folgado. Mas, um dia a casa cai. Uma alma sai daí e te pega. Só pra tu deixar de ser gozador.

O Padeiro ria paca. Achava o medo do Zulu o fim da picada. Mas, até araruta tem seu dia de mingau. E um dia deu bode.

Chovia que Deus mandava. Parecia o fim do mundo. Mas, o Zé Padeiro não quis nem saber. Fez o Zulu pular da cama e saiu pro tempo. Com chuva ou sem chuva, a moçada quer pão. Então, o negócio é ir firme.

E foram. Ainda estava escuro que nem breu. O crioulo [foi] logo avisando:

– Olha, com esse tempo, não presta passar na frente do cemitério.

Porém, o patrão nem respondeu. Meteu o calhambeque no caminho de sempre. O que ele não sabia é que uma curriola da prefeitura tinha, um dia antes, arrancado as pedras da rua, bem em frente do Paquetá. Iam meter asfalto. E como, graças ao temporal, faltou luz na rua e o carro do padeiro não tinha farol, o Zé só se mancou quando a geringonça já estava patinando na lama. Aí, era tarde pra voltar. Teve que ir em frente. Porém, foi um perereco. O calhambeque fez força. Bufou[.] Soltou fumaça por todo lado. Mas, não deu. Bem na porta do cemitério se atolou na lama.

O Zulu parecia que tinha caído em um saco de farinha de trigo. Estava branco de susto. Pra descer do carango foi broca. Precisou o Zé lhe meter a mão na orelha e jogar o crioulo pra fora. Mas, nessa hora, o negrinho não servia de nada. Só sabia tremer. O Padeiro metia pau embaixo da roda, empurrava o carro, mas neca. Não

estava dando pedal. O Zé já estava uma arara. Foi quando veio uma voz cavernosa lá do cemitério:

– Quer que ajude?

O Zulu se mandou. E o Zé Padeiro também. Foi um “salve-se quem puder”. O patrão só parou lá no mercado. O empregado deve estar correndo até hoje. Porque nunca mais apareceu. Nem pra acertar contas.

Porém, assim que o Zé Padeiro saiu da zonzeira, pôs a boca na corneta. Contou tudinho pro pessoal do mercado. Teve palpite de todo jeito. Tinha nego que até jurou que essa gronga era comum ali no Paquetá. Teve um até que contou a história do fantasma. Era um padre da Igreja do Valongo, que andou paparicando uma dona e o marido meteu-lhe um caroço entre as orelhas. Enterraram ele no Paquetá. Daí, ele ficou alma penada. Esticaram o maior papo. Porém, quando clareou o dia, o Zé Padeiro juntou coragem e uns vagos e foi no cemitério desencilhar o carro. Quando chegaram lá, encontraram o Corujão, um pé de pinga muito manjado naquelas bocas. Estava se servindo de pão. Antes que alguém desse bronca, ele se abriu:

– Por causa da chuva, eu estava pegando uma palha aí no cemitério. Acordei com o barulho que vocês faziam. Ofereci ajuda. Todo mundo correu. Sabe como é, né? Estava com fome. Me tratei.

Zé Padeiro não bronqueou pelos pães que o cachaceiro comeu. Mas, mudou seu caminho pra sempre.

A vida tem dessas coisas (Última Hora de SP – Edição de 11/6/1971. Página 16 Caderno 1)

O Manco era gamado em futebol. O único papo que ele levava era sobre bola. Dispensava blá-blá-blá sobre mina, sobre fumo e os cambaus. Não queria nem saber. Se o assunto era bola, aí, sim, ele se ligava. E não dava colher de chá. Queria saber mais que todo mundo. Porém nunca tinha vez. Bater na redonda não podia. Era manco. E isso entornava o caldo. Só dava pra torcer. Mas, era broca. Quando o bate-boca engrossava, sempre alguém saía pela tangente:

– Tu não entende bulhufas. Nunca foi de bola. É pernetá. Só sabe cartear. Mas, de fora é mole. No campo é que quero ver.

Aí o Manco se fechava em copas. Se enrustia. Mas, ficava de cuca fundida. Todo picado de raiva, só de cachola batendo num jeito de calar a boca da curriola que não botava fé nele. Matutava, matutava e sempre batia com a fuça na parede. Entrava pra tudo quanto era diretoria de time de bairro. Mas, não dava pedal. A negada só queria o Manco pra cobrar recibo. Nunca o panaca chegava a escalador de time. Segurava as pontas uns tempos de cobrador. Daí, aos poucos, ia se assanhando. Metendo o bedelho na distribuição de camisa e tal e coisa. E logo estourava um salseiro. E era sempre o Manco que era botado a escanteio. Foi numa dessas que ele se tocou que só ia poder botar banca quando fosse o dono do time. Partiu pro pau. Foi devagar. Nas encolhas. Não se abriu com ninguém. Porém, um dia apareceu com um jogo de camisas. Novinhas. A moçada desconfiou. O Manco sempre foi pé de chinelo. Nunca teve grana. Vivia mal paca. Tinha um emprego mixuruca. Salário-mínimo e olhe lá. Porém, o Manco não deu pala. Só azucrinou o pessoal:

– Com essas camisas, só joga cobra.

A negada xereteou¹²⁴, mas não teve por onde. O pinta se arrancou. No dia seguinte, apareceu com uma bola. Novinha. No outro, baixou com um saco de chuteiras e meias. Depois, veio com os calções. Aí, o pessoal começou a gozar o majura. Era um sarrão.

– Vai jogar sozinho.

– Camisa não ganha jogo.

E era tudo por aí. Porém, o Manco tirava de letra. Encostava nos bons de bola. Cochichava, cochichava e deixava andar. Logo, o Libertador estava sem centro-avante, o Flor do Norte, sem goleiro, o Beira Mar sem ponta-esquerda, o Santos do Mont sem meio time, o Bacia sem os seus trunfos. E foi então que o Manco chegou no boteco onde o Santa Cruz tinha tabuleta e botou pra quebrar:

– Vamos lá, valer um caneco?

E, no campo, o time do Manco entrutou o Santa Cruz. Cinco a zero. E não parou mais. Foi pegando um por um dos timões da várzea santista e dando pau. Aurora, Aquário, Praia, Vasquinho, Santa Cecília fizeram a fila. E todos entraram no couro. O Manco era o escalador do time. Ganhou fama de cara que entende. Também, seu time só tinha bolão. Era uma seleção. Virou honra jogar contra o Manco e seus cupinchas. E jogar no quadro dele era a glória. Além do come-quieto. Tinha disso. O Manco pagava bicho de vitória. E foi com essas e outras que o timão ficou um ano invicto. Um ano sem perder. Um ano inteirinho. Jogando todo domingo. Com sol e chuva. E, pra comemorar o feito, o Manco arranjou um festival.

Enfeitou o campo com bandeirinhas, comprou uma pilha de taças e convidou todos os melhores times da várzea pra pegarem. E, pra prova de honra contra o seu time, convidou o misto do Jabaquara. Que, nesse tempo aí, ainda existia como time profissional. E foi lenha. No dia do festival, desde cedo, os leões se comeram. E chegou a hora do pega pra capar. Time do Manco contra o Misto Jabuca. Pra valer. Porém, teve um esquinapo.

Quando o time do Manco pisou em campo, a enorme torcida que juntou pra ver o racha se assustou. É que, do outro lado do campo, entrou a Polícia. E entrou pra valer. Só o Manco entendeu. Quis cair fora. Porém, não deu. Foi em cana. E nem teve jogo. A moçada foi pra chefatura, buscar o dono do time. Mas, não teve arreglo. O delerusca explicou:

– Esse Manco é ladrão. A gente já estava na captura dele há muito tempo. Só hoje pudemos ferrar o lalau.

E, na prensa, o Manco se entregou:

– Poxa, como eu ia manter o time?

Bira morfético (Última Hora de SP – Edição de 12/6/1971. Página 16 Caderno 1)

Tem gente que nasce sujo de arara e, por mais que se esforce, não tem jeito de tirar o pé do lodo. O Bira Morfético veio na piorada e ainda conseguiu se atolar mais. Cria maldita dos puleiros das piranhas, ainda pivete ficou entregue a si próprio. A mãe não aguentou o repuxo e, num momento de desespero, bebeu creolina. Sem tomar conhecimento do Bira, a mulher embarcou. Foi falar com Deus. Como não tinha pai, o pivete teve que se valer sozinho. E ele por ele era muito pouco. Quase nada. Ainda mais ali, nas bocas escamosas das quebradas do mundaréu, onde o jogo é bruto e a ordem é do salve-se quem puder.

Porém, o Bira foi levando em frente. Apanhando as sobras, encarando a sorte encardida como dava, se atucanando de fome e de frio. Claro que se machucou, se

124 Termo atualizado; no original de jornal consta “cheretou”.

marcou e se sentiu no prejuízo. Mas por não ter contra quem chorar, segurou as pontas. Embaixo das pancadas se fez duro ou sacana. O que conta é que se escolou. Abriu os olhos de ver. Viu. Aprendeu os trampos e os macetes. Se fez gente. Podia escolher seu rumo. Porém, se entortou ainda mais.

Uma ferida nojenta apareceu na mão do Bira. No princípio ele não ligou. Se limitou a coçar a gronga e a esconder a mão no bolso. Até que um dia a miséria ficou escancarada. Foi em cana que ad[i]vinharam o perereco. Ele tinha entrado num rapa geral. Estava aguardando os tiras verificarem se ele não estava devendo nada pra justiça. Como ele sabia que não estava perdido, se plantou tranquilo. Mas, um companheiro de cela meteu as botucas na mão do Bira e fez um escarcéu. Anunciou para os outros presos que tinha um morfético ali presente. A bobeira foi coletiva. Isolaram o Bira num canto do xadrez e meteram a boca no trombone. Fizeram a maior zoeira pro carcereiro tirar o morfético da cela. Coisa que demorou paca.

Enquanto esperava que o dono da chave lhe desse destino, o Bira se roeu de mil maneiras. A ideia de estar morfético lhe fundiu a cuca. E o fato de ser enjeitado pelos companheiros lhe ardeu a alma. Rejeição sempre tinha sido o seu grande problema. E, ali no canto da cela, o Bira sofreu e cresceu. Se agonizou. Reviu lance por lance [d]a sua vida, quantas vezes quis ou teve coragem. Constatou que só tinha comido da banda podre. Nunca havia sido o mais forte, nem o mais sabido, nem o mais bonito. E, nessa hora de verdade, se picou de raiva e se jurou. Selou no íntimo que, se estivesse morfético, iria se tornar o capeta. E estava.

Depois de dois dias de espera, o Bira foi levado ao médico. Só de olhar a ferida da mão do preso, o doutor deu a sentença:

– Isolamento pra ele.

E não adiantou estrilo. Arrastaram o Bira pro hospital dos morféticos. Ele foi contra vontade. E só se aguentou lá uma semana. A vigilância era mole e ele se mandou. Não quis saber de tratamento. Tinha na cachola uma bola maluca e queria botar pra quebrar. Voltou pras bocas. A notícia já tinha chegado na frente. Todo povão do esquisito sabia que ele estava morfético. E ele passou a ser conhecido como Bira Morfético. Coisa que ele achou legal. Porque daí pra frente era só seu nome piar na parada pra curriola tremer nas bases. E ele passou a se servir. Os donos dos botecos, das gafeiras, dos mocós, dos pontos de bicho, dos paiós de maconha e dos cambaus pagavam pro Bira pra ele não chegar perto dos pesqueiros. E choveu na horta do morfético. A grana que ele queria ele tinha. Porém, pra ele isso não era o suficiente. Seu negócio era fazer maldade. Não queria se tratar em nada. A bronca que ele tinha das pessoas era muito grande. Ele só queria se vingar. E, pra isso, se aparelhou. Comprou um revólver e aprontava toda espécie de salseiro. Assaltava e esculachava qualquer um.

Por destino, a ferida que lhe comia a carne poupou o dedo do gatilho. Mindinho, seu vizinho e pai de todos caíram de podres. Ficaram fura bolo e mata piolho. E, com esses, o Bira manejava a arma. Além de tudo, possuía uma pontaria certa. E foi com essa pontaria e a doença que ele fez o seu reinado. Ficou o bandido dos bandidos. Uma besta fera. Nele não existia a menor gota de amor. Mas, também, nunca ninguém lhe deu a mínima gota de amor. As mulheres que conseguia era na marra. E muitas, depois de estarem com o Bira, se mataram de medo de terem ficado premiadas. Nunca o morfético se tocou. Queria que se danassem. Achava bem feito. A sua maior abilolação era que alguém demonstrasse nojo dele.

Teve uma vez em que o Bira matou três num embalo, porque os negos se acanharam e não quiseram apertar a mão que o morfético lhes estendeu. Diante da recusa, o Bira não regateou. Puxou da arma e arrebitou todos eles. E não tinha esquinapo pro morfético. Os policiais também evitavam de dar prensa nele. Mesmo porque sabiam que não adiantava. Por ser doente, o Bira ia ser mandado pro isolamento e de lá fugia.

E o Bira, por essas e outras, ficou o terror de todos. Desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, até onde o vagau pisa com cuidado, ele dominava. Até que se enrabichou pela Irene Picega. Essa era pistoleira com muitos anos de janela e nos primeiros encontros que teve com o morfético tirou ele de letra. Tratou o Bira bem. Não ouriçou por causa da mão, não se arredou, mas também não deu pedal pra abordagem. Cozinhou o gallo. E o morfético gamou. Como ninguém é de ferro, o Bira estava precisando há muito tempo de uma relação de igual para igual. E se iludiu na embaixada da Irene. Rodeou enquanto pode. Vários meses o Bira ficou na paquera. Se enredou tanto que até deu estia pro povão. Nas águas da Irene, o morfético deixou andar e a curriola pode respirar.

Porém, a ideia de jerico atacou o Bira e ele se abriu com a Irene Picega. A mulher aí quis sair fora. Não deu. Levou a prensa e o Bira ganhou a mina na congesta. A Irene, quando se viu livre do Bira, se empapuçou de cachaça e, com o pretexto de se desinfetar, embarcou de álcool suas roupas e tocou fogo. Virou uma fogueira. Toda a gente viu a mulher arder. O Bira também assistiu ao incêndio. Não fez nada pra apagar o fogo e não deixou os outros apagarem. Só se afastou depois que a mulher assou inteira. Saiu murcho, devagarinho e sumiu na noite. No dia seguinte, foi encontrado estarrado com um tiro na orelha. Tinha se matado. E esse foi o fim do pior bandido que já pisou nas quebradas do mundaréu.

O jogado fora (Última Hora de SP – Edição de 15/6/1971. Página 16 Caderno 1)

Zé Patinete carregava esse apelido porque tinha uma perna mais curta que a outra e, quando andava, parecia que estava empurrando um desses troços. Mas, nem se tocava com o defeito. Entrava em todas. Seu negócio era ser palhaço de circo. E foi junto com uma espelunca dessas que pôs as fuças no bairro do Macuco. Não veio como artista. Quando chegou, era só amarra-cachorro. Porém, antes da lona estar esticada, o Patinete já era manjado pela curriola da paróquia.

O carro-corneta saiu fazendo zoeira em torno das atrações: Rapadura e Tigelinha, os cômicos das multidões, Lola, a bailarina cigana, Siwa, o mágico comedor de fogo, Maximus, o gigante entortador de ferro, e os cambaus. Não adiantou a onda. Nada grudou. Na estreia do Gran Circus Maximus, não foi ninguém. E a vida ia ruim para os artistas. Mas, pro Zé Patinete estava tudo legal.

Bastava ele encostar o umbigo no balcão do boteco pra juntar gente em volta pra escutar seu papo. E o Zé não fazia doce. Metia ficha. E a moçada que andava à toa escutava suas milongas. Entre uma pinga e outra, ele ia se badalando. Contou que era um dos melhores palhaços do mundo. Só não entrava de cara pintada no espetáculo do Mafuá porque Maximus sabia bem que, se soltasse ele na serragem, ia ser fogo. Não ia ser entortando ferro que o gigante ia fazer média. E deu a dica pra quem quis escutar. Explicou que tenteava ali na pior só porque tinha chamego¹²⁵ com a mulher de Maximus e a gama era grande demais pra deixar a felicidade na saudade. Jurou que só por isso se segurava. Escrachava o dono do circo e ganhava divisa com o pessoal do lugar. Já tinha nego que botava olho gordo no Patinete,

125 Termo atualizado; no original de jornal consta “xamego”.

apesar dele ser feio como a peste, andar puxando a perna, magro paca, banguela, todo ruim. Mas, ele era cheio de presepada. Vivia dizendo que estava se escamando de mulhero. E tinha trouxa que embarcava na sua canoa e se ruía.

Os pivetes do macuco começaram a achar o Patinete do cacete. Lance de mulher era com ele. Valentia era com ele também. Charlava pros pixotes¹²⁶ que o defeito da perna era por causa de uma bala que ele tomou num arranca-rabo que teve com uns bandidos que quiseram assaltar o circo sob sua guarda. Ficou manco, mas nenhum pilantra entrou na barraca. E tome lance de guerra. E tome cachaça. E deixa andar. O Patinete já estava ficando famoso no bairro. Aí veio o xaveco¹²⁷.

Após a fracassada temporada, o Gran Circus Maximus deu o pinote. Deixou no terreno que ocupou, entre serragem, lata velha, trapos e outros lixos, o Patinete.

Ele ficou porque logo no final da última função tomou um pileque e desabou. Não viu o espianto do circo. E foi deixado porque o Maximus, que não era otário, não ia perder a chance de se livrar de um empregado sem precisar pagar. Com essas e outras, o Patinete acabou no “ora veja”. Não podia reclamar. Jamais empregado de Maximus teve carteira assinada. No braço, Patinete não ia encarar o ex-patrão. Teve que deixar por isso mesmo. E foi a gronga. O Zé disse que fazia, acontecia. Que salseiro com ele era pra valer, tal e coisa. Foi passado pra trás. Deixou barato. Caiu do burro.

Os pivetes começaram a adivinhar que o Patinete era só bafo de boca. Não era nada de nada. Com mulher não dava sorte. E lenha com ele não tinha. Ninguém sabe como caiu na boca do povo. Mas, logo a gente do bairro esparramava que a perna do patinete era curta por causa de um coice que uma égua do circo lhe deu em troca de uma proposta amorosa. E foi o esquinapo. Ninguém mais levou fé nas conversas do Zé. E ele foi ficando sem plateia. Foi cada vez enchendo mais a cara de cachaça. E logo virou o sarro da molecada. E não tinha folga. Gozavam o pinta de todo jeito. Passaram a chamar o Zé de “Deixa que eu chuto”.

Um dia deixaram o Patinete de lado. Ninguém se incomodou mais com ele. Largaram o Zé encostado em um canto do boteco. Isso já faz uns dez anos. E hoje, ele ainda está lá no Macuco, encostado no boteco, esperando passar um circo qualquer pra ir embora junto.

O aniversário (Última Hora de SP – Edição de 16/6/1971. Página 16 Caderno 1)

O Zé Mané levava uma vida de lascar. Nem de leve pegava maré mansa. Seu trampo era pesado paca. Das oito da matina até as seis da tarde, embaixo da sacaria. Uma puxeta de entortar qualquer patuá. E o salário, claro que era o mínimo. Daí, já viu. Com a vida custando os olhos da cara, o Zé Mané mal podia pegar uma gororoba. Pagava oitenta giripocas por uma vaga num quarto com mais três parceiros, para ter onde encostar o cadáver. E o que sobrava era pra comer. Mas, sobrava tão pouco. Na verdade, o Zé Mané só rangava todos [os] dias porque o seu Joaquim Portuga, dono do boteco do pedaço, era um chapa ponta firme e fiava o sortido pra curriola a perigo. E essa era a sorte selada do Zé Mané. Uma zorra sentida.

Apesar de ter nascido com o urubu plantado no seu destino, chupar o talo amargo, comer capim pela raiz e tal e coisa, o Zé Mané, quando fazia aniversário, gostava de se embandeirar, comemorar de se esbaldar e os cambaus. Sempre fora assim. Desde pequeno, considerava o dia do seu aniversário um dia sagrado. Não

126 Termo atualizado; no original de jornal consta “pichotes”.

127 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

trabalhava nesse dia, nem nada. Só enchia a caveira de cachaça. E, quando fez trinta anos, não deu outra coisa. O Zé Mané já amanheceu ligado. Logo cedo, deu um alô pros companheiros de quarto:

– Tou fazendo anos hoje.

A turma fez o milonga:

– Boa! Parabéns!

– Quer dizer que hoje tu paga as manguaças?

– Tem de pagar. Afinal, o Zé não faz anos todo dia

E o Zé Mané não escamou:

– Hoje é comigo mesmo. Nem vou pro batente.

Os parceiros não duvidaram. Porém, quiseram saber da situação. O Ditinho Preto, mais chegado ao Zé, tomou a liberdade:

– Tu tá com grana pra garantir, Zé?

Naturalmente o aniversariante não tinha um tostão no bolso. Mas, nem se tocou. Confiando no seu Joaquim Portuga, tirou de letra.

– Eu sei de mim. E se mando ver, é porque garanto. Ô meu, tou fazendo trinta anos. Não sou nenhum moleque.

Encabulado, o Ditinho se desculpou:

– Não, eu sei. Mas é que nós quando se dana a beber, bebe mesmo.

Todos riram. E o Zé Mané fez o apontamento:

– Sete e pouco tamos lá no Boteco do seu Quim.

Cheios de esperança na farra, os companheiros do Zé Mané se arrancaram pro trabalho. O aniversariante ficou na cama. No seu grande dia, ele não tinha hora pra acordar. Porém, no encontro combinado, ele não se atrasou. As sete em ponto, piou no boteco do seu Quim. Não teve que esperar muito pelos amigos. Eles logo baixaram na parada. E chegaram fazendo zoada. Pique-pique, parabéns pra você, hip-hurra e os cambaus. A patota toda presente ficou por dentro do assunto. Todo mundo abraçou o Zé Mané e ele espumou de alegria. Não maneirou. Convidou todos pra beber. A moçada não fez cerimônia com o otário. Se serviram. De saída, seu Joaquim abriu duas dúzias de cerveja. E teve muito pilantra que ainda pediu pinga pra quebrar o gelo da cerveja. Sem conferir, o Zé Mané autorizava.

Quando o dono do boteco vacilava, o loque berrava:

– Hoje é festa, seu Quim. Bota aí que não tem chibu. Tou fazendo trinta anos.

E, com essas e outras, todo gango se empapuçou. Já tinha nego cercando frango, quando um gaiato resolveu tirar sarro com a fuça do dono do boteco. Sabendo que o homem era bronqueado com anedota de português, o pilantroso atacou na ferida:

– Escuta aqui, Zé Mané. Tu sabe que falaram pra um cutruco que ele tinha que pagar imposto de renda na fonte e o labrego acabou morrendo afogado?

A curriola estourou de rir. E conversa puxa conversa. Cada um sacou um esculacho de português. O seu Joaquim azedou. Como não era homem de comer enrolado e não queria briga, resolveu acabar com a festa. E deu o aviso:

– Bom, já é tarde. E vou fechar o bar. Não sirvo mais nada, que já tão todos de pé queimado. Seu Zé Mané, o senhor que é o dono da conta, me faz favor de acertar e ir contar piada de português em outro canto. Aqui não quero isso.

Teve estrilo. Quás-quás-quás grosso. Porém, como era mais de meia-noite, o Zé Mané deu uma pá de cal na festa. Olhou o relógio e acalmou os ânimos:

– Acabou a festa. Meu aniversário foi ontem.

A patota se conformou. Já iam se mandando quando o seu Joaquim deu o arroxó:

– E a conta? Quem paga?

O Zé não balançou pra responder:

– Pindura.

Não prestou. O seu Joaquim virou bicho. Já estava invocado com as piadas, com o “devo” do Zé Mané se picou de raiva. E deu a prensa:

– Não tem papo. Vai pagar já.

Pro Zé Mané, que não tinha dinheiro, a novidade valeu por uma paulada. E deu a volta em tom bravo:

– Pindura, já falei. Sempre pendurou, porque vai fazer onda agora?

Teve início um bate-boca:

– Pindurei os sortidos.

– E eu sempre paguei.

– Mas bebida eu não vendo fiado.

– Agora que tu avisa?

– Tu já devia de saber que não vendo bebida fiado pra vagabundo nenhum.

– Vagabundo é a mãe.

Xingar¹²⁸ a mãe é sempre início de confusão. O português passou a mão num cassetete, pulou o balcão e cobriu o Zé Mané de pancada. Ninguém se meteu. O Zé, bebum, mal podia com ele mesmo e apanhou coisa que preste. Ficou estarrado no chão, quase morto. E só com muito custo impediram o português de mandar o Zé falar com Deus. O Ditinho preto e os outros companheiros de quarto guindaram o Zé Mané. E a bagunça acabou aí.

No dia seguinte o seu Joaquim estava firme no boteco, atendendo a freguesia, quando o Ditinho Preto se apresentou falando macio:

– Seu Joaquim, o Zé Mané tá com vergonha do que aconteceu ontem e pediu pro senhor ir ali na esquina, que ele quer acertar as contas com o senhor.

O português entrou no grupo. Até bochichou:

– O Zé é bom rapaz. Ontem ele estava bêbado. Hoje ele acerta e fica tudo por isso mesmo. Vamos lá.

Na esquina, o português encontrou o Zé Mané. Mal viu o loque e manjou qual era o acerto. Quis correr, mas não deu. O Zé Mané meteu uma lapa de faca que não tinha mais tamanho na barriga do seu Joaquim. O homem ficou embarcado. Mas, antes de morrer, ainda escutou o recado do Zé:

– Assim tu aprende a respeitar um pinta que faz aniversário.

A defesa do roçado (Última Hora de SP – Edição de 17/6/1971. Página 16 Caderno 1)

O Zoca era um atravessador de maconha em boca de pouco movimento. Um pé de chinelo. Muito mais papagaio enfeitado do que malandro. Porém, se achava o bom. Capaz de fazer e acontecer. E, por essas e outras, meteu mil ideias de jerico na cuca, que já não batia bem. Resolveu dar uma decisão pros donos no nojento tráfico e bancar ele mesmo o seu próprio jogo. Folgado de maior naipe, o Zoca achou que era mole. Que os paus de mando iam deixar barato quando vissem que ele ia se instalar por conta própria. E, sem tomar conhecimento de nada, se aventurou. Conhecendo alguns macetes, sabia onde comprar a erva por preço baixo. E foi na fonte. Juntou uma grana e se mandou para Juan Pedro Caballero, cidade paraguaia na divisa com o Brasil. Ali é o buraco da lacraia. A maconha fácil. Da prensada com mel, em blocos. Fácil de transportar. E, com a bufunfa na frente, o

128 Termo atualizado; no original de jornal consta “Chingar”.

Zoca não teve problemas pra comprar a erva maldita. Pegou a diaba na mão de um tal de Gordo, majorengo do mercado que, além de vender o fumo, deu as dicas do caminho de volta. Ensinou pro Zoca a rota das sombras, que é o jeito certo de engrupir a polícia da fronteira. Essa saída não era sopa. O nego, pra encarar, tinha que ter valentia. E isso o Zoca possuía. Contratou um guia, paraguaio pinguço, e meteu os peitos.

O Zoca e o guia saíram noite alta de Juan Pedro Caballero, carregando uma grande mala atopetada de maconha até as barbas. Se enfiaram numa floresta fechada e, sem parar, andaram uns trinta quilômetros, que, pro Zoca que não era acostumado com mato, valeram por uns cem. Ele tropeçou, caiu, se arranhou nos espinheiros, sentiu frio, canseira, sede, medo e os cambaus. Rezou, chorou, se arrependeu de ter entrado na barca, porém tudo em silêncio. Sem estrilo, pro guia não morar no assunto. Mas, apesar de tudo, resistiu o repuxo. E, de manhã, chegou no lado brasileiro. Numa estrada de terra e pouco usada. Aí, fez o pagamento e dispensou o guia, conforme o trato. Ficou entregue à sua própria sorte. Vagou à toa por muito tempo. Pensou paca. Miou de fome e de angústia. Só não meteu o galho dentro e tirou o time de campo porque naquela altura do campeonato não dava pé voltar atrás. Estava no fim das quebradas do mundaréu. Lá onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos. Não via viva alma. Aliás, não havia naquela estrada o menor sinal de gente. Parecia que há anos ninguém andava por ali. E o Zoca, atucanado, desconfiado de que tinha sido engrupido pelo Gordo e pelo guia, batia perna. Estava tão zoeira, que não queria nem dar um descanso. Andava, andava, andava. Mesmo, às vezes, tendo a impressão que estava voltando pro Paraguai, o bruto ia levando. Queria chegar a algum lugar. Não fazia questão. Nessa sinuca, qualquer lugar servia. Contando que encontrasse gente e pudesse comer um rango qualquer. Mas, nem por toda essa zorra o Zoca largava o seu malão de erva. Na sua cachola de abilolado, uma esperança dava embalo. O desgraçado acreditava que, se resistisse a esse perereco, se conseguisse escapar inteiro, se chegasse a um povoado, era sinal que ia se dar bem e ficar rico. E nessa fé se agarrava e empurrava pra frente.

E acabou dando uma dentro. No fim da tarde, apareceu na estrada uma caminhonete bem esculachada, quase caindo aos pedaços. O Zoca não vacilou. Pediu carona. O chofer da geringonça não deu estia. Brecou a Carangola e abriu o preço:

– Nós não tá a passeio. Se quiser ir até Campo Grande, tem que pagar passagem.

O ajudante de chofer, um crio[u]lo grandalhão que não fazia graça, ainda deu um alô:

– Num tô querendo apavorar o moço. Só tô falando o qui [sic] é. Si u [sic] moço marca bobeira nessa estrada, acaba ficando sem a malona. E si cisca, perde até a vida. Pra essa banda, só anda bandido. Um qui [sic] morra num faz diferença.

Claro que o Zoca tremeu nas bases. O lance estava escancarando. O freguês não tinha escolha. Apesar dele estar armado, apesar de estar quase estarrado de canseira, ele medrou. Bambeou. Ficou no “vou não vou”. Foi preciso o chofer ajudá-lo a decidir:

– Ou vai ou fica, moço?

Encabulado, o Zoca, com um bochicho, se entregou:

– Vou.

Sem marola, o chofer deu o preço:

– Cem contos. Antes de embarcar.

O Zoca nem bufou. Pagou e pulou pra carroceria. Recusou a gentileza do negrão que lhe ofereceu o lugar na cabina. E não deu mais trela. Colocou o revólver no jeito e ficou na campana pra não ser colhido de surpresa por alguma xavecada¹²⁹. Não teve chibu. O chofer e o crio[u]llo também embarcaram e deram partida na caminhonete. Não tinham rodado nem dez minutos quando o Zoca adivinhou a treta. Diante das suas botucas arregaladas de espanto, apareceram as primeiras de casas de Campo Grande. Ele fora chuveirado pelos vagaus. Estava na porta da cidade quando embarcou. Mas, teve que engolir enrolado. A situação não permitia presepada. E, no fundo da alma, até que o Zoca estava contente de sair da entalada. Quando a caranga parou, ele desembarcou fechado em copas. Não deu nem tchau. Se arrancou pra estação de ônibus e não teve dificuldade pra embarcar pra São Paulo.

Quando o Zoca sentou-se na poltrona, sentiu um tremendo alívio. Estava realizado. Feliz. Cansado. Muito cansado. Mas, feliz. Antes do ônibus andar, já estava dormindo. Dormindo e sonhando. Sonhando com a riqueza que o nojento tráfico ia lhe dar. Se via coberto de grana, com roupas da moda, mulheres bonitas e tal e coisa. E, num sono só, veio até o fim da linha. Na chegada, foi acordado pelo parceiro do lado. Levantou-se sonado, apanhou o malão no bagageiro e ia se mandar pro seu mocó, quando recebeu um tranco e um alô:

– É a cana, vagau. Se tu se coçar, leva chumbo.

Antes que o Zoca se mexesse, dois tiras abotoaram ele, meteram-lhe um par de algemas e deram a revista. Tomaram-lhe a arma e o malão e o empurraram pra dentro de uma viatura. Boboca diante do crepe, o loque só quis saber:

– Como é que sabiam que eu tava nessa?

Um dos tiras até achou graça e deu a letra:

– Trouxa tem que comer capim pela raiz. Algum cachorrinho telefonou pra gente e anunciou tua chegada.

Tudo clareou na moringa do Zoca. Os donos do mercado tinham se divertido com ele. Deram corda e deixaram o otário se enforcar. Assim defenderam o roçado.

O milagre de Santa Luzia (Última Hora de SP – Edição de 18/6/1971. Página 16 Caderno 1)

Numa manhã fria paca, quando o padre João, pároco de uma igrejinha que ficava nas quebradas do mundaréu, lá onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, piou na parada pra rezar a Santa Missa, ele meteu as botucas no nicho de Santa Luzia, como fazia sempre, por ser devoto da encantada. Só que, dessa vez, o bruto não viu santa nenhuma. E, como não era de embarcar em cascata de milagre, logo adivinhou a treta. Algum gaturama tinha afanado Santa Luzia. Sem mais mumunhas, o padre fez o escarcéu. Botou a boca no trombone, estremeceu, ficou gelado e despencou no chão.

O sacristão foi o primeiro a atender aos berros do pároco. E até que veio ligeiro. Porém, quando chegou, o sacerdote já estava com a zorra encarnada. Babava pelo canto da boca, se debatia e não podia falar. O sacristão, que não era muito esperto por natureza, diante do esquinapo, marcou bobeira. Ficou sem saber o que fazer. A sorte é que uma das velhotas xeretetas¹³⁰, que se aproximaram pra ver o bode que estava dando, e muito mais pra ficarem por dentro da fofoca toda do que por espírito de caridade, resolveram dar uma mão. Uma delas, de saída, se flagrou

129 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

130 Termo atualizado; no original de jornal consta “cheretas”.

que o padre estava de olho esbugalhado e voltado na direção do nicho de Santa Luzia. Sem dizer nada pras outras, a danada espiou de esguelha e se mancou que a encantada não estava de plantão naquele dia. Aí, deu a dica:

– Santa Luzia sumiu.

As outras todas, mais o sacristão, eram da linha direta de São Tomé. Ver para crer. Olharam, confirmaram que a santa não estava no lugar e ouriçaram em coro:

– Oh!

Dona Chica Buça, uma piranha virgem de muitas batalhas, fuxiqueira¹³¹ de naipe maior, professora aposentada, devota por falta do que fazer, diante da vacilação geral, tomou conta da presepada, guiando-se por uma intuição de fazer inveja ao detetive Marcos Plonka. A velhota coroca mandou ver com você de sargentão:

– Levem o padre para os seus aposentos. Andem. Ele não pode ficar aí onde está. Carlão, vai chamar o doutor Tônico. Nesse caso, não vai ser a ciência que dará jeito. O padre só vai sarar quando a santa voltar ao nicho. Mas, pra que não digam depois que não fizemos tudo que estava ao nosso alcance, chame. Vamos com cuidado com o padre. Cuidado com a baba dele. Deus sabe lá o que é isso. Pode ser alguma doença ruim. Andem. Se mexam. Eu cuido de tudo o resto.

O que sobrou pra fazer foi espalhar a notícia do sumiço da santa. E, nesses babados, dona Chica Buça era perfeita. Em meia hora, a cidade inteira já sabia que a encantada tinha sido raptada. E, uma hora depois, a novidade se esparramou pelas cidades vizinhas. Foi uma zoeira. O policiamento local, que era feito por um sargento e dois praças, entrou em ação. Porém, como eles eram acostumados a encanar bebum e pé de chinelo, diante de um caso mais sério demonstraram um embanamento total. Então, dona Chica Buça assumiu o comando. Mandou darem uma busca na igreja pra começar. Os guanacos obedeceram sem chiar. E, sem grandes dificuldades, descobriram que, além da Santa Luzia, os ladrões haviam espantado as imagens de Sant’Ana, São Roque, São Miguel Arcanjo, Divino Espírito Santo, Menino Jesus de Praga, S. João da Cruz, São Ilarião, São Benedito e os cambaus. Na verdade, não sobrou nenhum santo na paróquia.

E, pra piorar a gronga, o doutor Tônico embatucou com a doença do padre. O que não foi surpresa pra dona Chica Buça, que, com sua boca de secar pimenteira, já havia previsto que o padre iria ficar abilolado até a volta da santa pro nicho. O que entortou o patuá dos fiéis todos foi que o povão se plantou na porta da Igreja e o quás-quás-quás era de que a cidade ia se estrear. As pestes iam baixar no roçado. Muita gente já trazia novidades de fundir a cuca.

Contavam-se, na encolhas, casos de fazer valente tremer na base. Diziam que os pintos ficaram com boba, que na capoeira da Estrada Velha as corujas estavam cantando desde o meio-dia, que os gatos estavam se pinoteando da cidade, que uma mulher preta deu à luz um filho louro, que os cachorros não paravam de uivar e por aí a fora. Tudo era prenúncio de desgraça. Por essas e outras, o prefeito foi chamado pra dar um alô. Como bom prefeito que se preze, o majorengo não tinha tomado conhecimento da confa. Porém, diante da congesta do eleitorado, ele mandou um plá pra desbaratinar:

– Peço a todos que, nessa hora amarga em que nossa fé foi esculachada por ladrões sem-vergonha, que se inspiram em ideologias materialistas, contrárias aos sentimentos cristãos do povo brasileiro, tenham tranquilidade. Saibam todos que o vosso prefeito já tomou todas as providências pra prender os ladrões e reaver as imagens da nossa igrejinha.

131 Termo atualizado; no original de jornal consta “fochiqueira”.

Raposão, com muitos anos de janelas, o prefeito sacou que a sua charla estava pegando bem. E velhaco como era, manjou que podia transformar tudo numa vitória pessoal sua. E, numa inspiração de momento, feliz por sinal, meteu um macete pra ganhar tempo:

– Rogo a todos que rezem com todo fervor de vossas almas para que as autoridades ajudadas pelo Divino Espírito Santo, possam reaver as imagens.

O efeito da sugestão foi um sucesso com que nem o prefeito contava. As velhotas carolas, lideradas por dona Chica Buça, botaram a paróquia inteira pra rezar de joelhos na porta da igreja. Um troço de comover. Uma multidão ligada no mesmo desejo. Ninguém pedia nada pessoal. Só queriam as imagens de volta, em especial a de Santa Luzia, e o pronto restabelecimento do padre. Até o Babalaô, o pastor protestante e o rabino da cidade embarcaram na canoa. Descontando os fariseus que, estava na cara, eram os organizadores da reza, o resto se sentia que estavam entregues com toda a pureza.

Longe da cidade, no mocó do intrujão Guegué, um pilantroso nojento, dois vagaus dos mais rampeiros se apresentaram: o Pé de Bicho e o Goiaba. Estavam a fim de entregar pro Guegué a encomenda que esse havia feito. Só que, antes dos dois gatunos, já tinha chegado a notícia do escândalo do sumiço das imagens. E era essa a carga dos vagaus. Apavorado, o Guegué não queria mais acordo. Sabia que o afano ia dar cana e não ia ser mole vender o roubo com tanto alvoroço. Por isso, foi logo bronqueando pra desfazer o trato e largar o rabo de foguete na mão dos gaturamas:

– Que é qui ocês me aprontaram na igreja?

O Goiaba, que era o mais sabido dos dois ladrões, se explicou:

– Arrastamos os santus qui [sic] o sinhô queria. Até que foi boia. Serviço pra piveti. Tá tudo aí. Podi confiri e passa a grana combinada.

Franzindo a carranca o intrujão selou:

– Aqui ói. Num quero mais essas imagens. Cês sujaram o pesqueiro. Embandeiraram a cidade. Num vai se podê vende nenhuma delas. Cês não souberam fazer as coisas.

Sem entender bulhufas, o Goiaba e o Pé de Bicho se entreolharam. Demonstraram que não estavam gostando. Porém, continuaram fechados em copas. O Guegué foi adiante.

– Eu queria qui cês fizessem as coisas na surdina. Mas, com o barulhão não dá pedal. Pra mim não interessa mais.

O Goiaba pela primeira vez abriu o bico:

– Eu ti falei, Pé de Bicho, que num prestava roubar santo.

Já azedo, o Pé deu a prensa:

– Olha, seu Guegué, o sinhô num disse qui quiria os santus?

Com a cabeça, o intrujão confirmou. O vagau continuou:

– Pois tão aí.

Sem se encabular, o Guagué declarou:

– Só que agora num quero mais.

Pros vagaus era duro morar no assunto. O Goiaba, sem perceber as coisas, até pediu um conselho:

– E o qui a genti faz com essa santaiada [sic] então?

Tirando uma de bom homem, o Guegué deu uma solução:

– Acho melhor botar no lugar onde pegaram.

A luz brilhou na cachola dos ladrões. Só aí eles acreditaram que o Guegué não ia ficar com a moamba. O Pé de Bicho se picou de raiva e o goiaba se ardeu. O primeiro ainda tentou assustar:

– Isso é uma xavecada de sua parti [sic].

Escamoso como ele só, o Guegué escapuliu

– Se querem pensar assim, que pensem.

Porém, os vagaus não eram de pensar. Não precisaram combinar. Sacaram das armas e arrebitaram o intrujão sem dó. Depois do estrago, o Goiaba pediu destino pro parceiro:

– E agora? Que qui nós faz?

Sem afobação, o Pé de Bicho retrucou:

– A gente faz o que o falecido Guegué falou. Bota os santus nu [sic] lugar. Com o homem morto, num tem mais serventia essa santaiada [sic].

E, sem mumunha, os dois vagaus retornaram à cidade. Quando chegaram, deram de fuça com a multidão rezando. Se assustaram. De medo, largaram as imagens num cantão de rua e se juntaram na curriola que rezava. Muito depois, por acaso, alguém descobriu as imagens abandonadas. Deu o alarme e começou o fogueteiro.

Como por encanto, o padre sarou. Levantou e foi pessoalmente, junto com o prefeito, a banda de música e toda a curriola, buscar as imagens. De estalo se fez a maior procissão da história. Todo mundo vibrou com a volta dos santos. Menos dona Chica Buça. Ela achou que passaram ela pra trás na hora da festa. Queria, naturalmente, que seu esforço fosse exaltado publicamente. Mas, qual o quê. Ninguém se tocou. Estavam todos abilolados pelo milagre do retorno dos santos. Milagre que, obviamente, foi colocado na conta de Santa Luzia.

Cuca, o craque (Última Hora de SP – Edição de 19/6/1971. Página 16 Caderno 1)

O estudo do Cuca era nenhum. Não deu pedal. Muito cedo ele perdeu o pai e teve que se achar ao batente pra ajudar a mãe a escorar as rebarbas da vida. E, sem estrilo, ele foi comer capim pela raiz. Arrumou uma vaga de cabineiro de elevador. Mandou ver. Subia e descia o dia inteiro. Estava certo de que, dentro daquela gaiola, não iria ter nenhum futuro brilhante. Porém, o Cuca não se afobava. Tinha uma esperança de se livrar da joça. Batia bem da bola. Era um craque. O cobra da Barra do Catimbó, respeitado em toda quebrada de mundaréu. Desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, até onde o vagau pisa devagarinho, todos sabiam o grande futebol que o Cuca jogava. E ele se acreditava. Tinha fé que um dia, mais cedo ou mais tarde, acabaria se dando bem num time profissional. E, por essas e outras, o Cuca segurava as pontas. Aguentava o rabo de foguete sem perder a linha. Tinha seu sonho pra dar embalo.

O Cuca namorava a Laurinha. A miss do bairro. Uma beleza de garota. Claro que a família da moça era contra o chamego¹³² dos dois. Não que achassem o Cuca um pinta escamoso. Muito pelo contrário. Até tinham em conta de bom rapaz. Trabalhador, bom filho e os cambaus. Só que era cabineiro de elevador. A coroa da Laurinha azedava só de imaginar a filha com um pobretão. Seu gosto era fazer a filha casar com alguém de posição. Um doutor, que pudesse dar pra menina um conforto que ela própria nunca tivera. Mas, que nada. A Laurinha era vidrada, gamada, abilolada pelo Cuca. E, cegamente, apostava que o futebol do namorado

132 Termo atualizado; no original de jornal consta “xamego”.

iria tirá-los da entalada que é nascer pobre e fechar a boca da coroa e de todos que ouriçavam contra aquele xodó tão puro.

E, com grongas, quás-quás-quás, macetes, pererecos e outros babados, piou na parada a hora da verdade. O “União do Catimbó”, time onde o Cuca jogava, fez apontamento pra encarar o “Galo da Praça”. Partida a valer taça. Pega com mil mumunhas. A rivalidade entre os dois times era muita. E os dois possuíam torcidas enormes, daquelas que não enjeitam pauleira, que vão pro campo a fim de topar o que der e vier. Porém, nada disso pesava na balança. O que contava no lance é que, assanhado com a fama de vários cobras das duas bandas, principalmente pela zoeira em torno do nome do Cuca, um olheiro do Corinthians Paulista, o alvinegro de Ogum, resolveu assistir o pega pra capar e deu a dica pra um diretor do “União do Catimbó”. O cara não vacilou. Chegou no Cuca:

– Tu tem que fazer das tripas coração, Cuca.

O craque estranhou o papo. Ele não era de chupar sangue:

– Que qui tu acha? Que eu vou no campo pra fazer pique-nique? Sempre suei a camisa.

Encabulado com a dura, o diretor se enrolou:

– Não tou duvidando de ti. Só que dessa vez tem um porém. Eu não queria te falar, pra tu não amarelar. Mas, vou te contar e seja o que o teu Orixá quiser. Dessa vez tu tem que caprichar paca. Mais que nunca.

Pro Cuca, aquele bochicho não dizia nada. Porém, estava evidente que algum trambique estava pra estourar. Não deu folga pro diretor. Apertou:

– Me fala direito que eu não gosto de quizila. Se tu fica com esse negócio que eu não sei o que é, nem apareço.

Diante da ameaça, o jeito foi escancarar o lance.

– Vem um olheiro do Corinthians te espiar. É tua chance.

O cobra não quis acreditar:

– Não vem que não tem. Pra mim não precisa engrupir. Se tu quer vencer os homens, eu também quero. Não preciso ser chuveirado pra correr.

Foi a vez do diretor azedar. A desconfiança do Cuca feria sua vaidade. Ele queria mostrar prestígio. Ser o primeiro do pedaço a trazer a novidade e ser o único a conhecer olheiro de timão. Deu uma selada enérgica:

– Pombas! Se te digo que vem é que vem.

Aquele tom não era de brincadeira. O craque caiu de bobeira. Ainda assim não embarcou. Aquilo era legal demais. Parecia xaveco. Quis prova:

– Tu jura.

Retumbando de orgulho, o diretor respondeu solenemente:

– Por essa luz que me ilumina.

Um juramento desse naipe era de valia. O Cuca tremeu nas bases. Sem dar tchau, se pinoteou. Foi direto na casa da Laurinha. Contou tudo pra moça e ela se embandeirou:

– Quer dizer que tu vai pro Corinthians? Que bom! Meu Deus! Tu vai pro Corinthians.

Em troca de tanto entusiasmo, recebeu um estrilo:

– Se acanha. Não é nada disso. Tu parece que não entende.

Com o esculacho, a Laurinha se entupiu. Foi um custo pro rapaz fazer ela abrir o bico outra vez e, quando conseguiu, foi pra escutar uma desbaratinada de entortar o patuá:

– Já vi tudo, Cuca. Agora que tu vai pro Corinthians, vai ser bacana, vai me passar pra trás.

Foi preciso o craque se encher de paciência pra explicar tudo direitinho pra namorada. Levou um tempão. Mas conseguiu. A parte mais difícil foi a de quebrar o galho do sábado. A garota não queria dar colher de chá pro rapaz ficar de molho em casa, concentrado. Porém, acabou concordando. E prometeu acender velas pra São Jorge, São Benedito, Santa Bárbara, Santa Catarina e outros menos votados pra ajudarem o Cuca.

Ele, no sábado, se arrependeu de ter se recolhido. Passou uma noite miserável. Não teve jeito de pegar no sono. Rolou na cama e não dormiu.

E, assim que clareou o dia, se botou em pé. Ciscou um pouco e se mandou pro campo. Foi o primeiro a dar as fuças. Quando os companheiros apareceram, ele já estava prontinho pro jogo. Teve gozação, mas o Cuca não se tocou. Era a sua grande oportunidade. Não ia esquentar a cabeça à toa. A única preocupação sua era saber do diretor se o olheiro corintiano vinha mesmo, se já tinha chegado. E, quando foi anunciada a presença do bruto, o Cuca se quietou até a hora da partida.

O jogo começou quente. As defesas baixando o sarrafo. Mas, o Cuca desconhecia tudo. Estava impossível. Estraçalhava a bola. Atacava, defendia. Só na base da biaba é que a defesa inimiga parava ele. E o juiz, que não era louco, não apitava bulhufas. Estava com medo das torcidas. Deixava andar. E, na base do agrião, chegou o intervalo. Antes do Cuca beber água, o diretor soprou na orelha dele:

– Tou na cola do homem. Ele tá te achando o fino.

Essa ficha endoidou o Cuca. Se já estava fazendo e acontecendo, se picou de vontade. Com a gana pega, voltou por segundo tempo. E assombrou. Fez jogadas de craque de seleção. Pra coroar seus esforços, só faltava o gol. E o Cuca queria fazer. Decidir a partida. E, quase no final, recebeu uma bola na entrada da área dos inimigos. O Cuca matou no peito, baixou na terra, enganou um adversário, driblou o segundo, entrou na área e encheu o pé. A bola saiu braseada. O quebe solou. Era tarde. O beque não encontrou a bola. Acertou em cheio a canela do Cuca. Teve um estalo. Ele se arreou gemendo de dor. Ainda escutou a torcida berrar:

– Gol! Gol!

Estarrado no chão, o Cuca não vibrou. Sofria muito. Viu seu time passar por ele sem ligar. Viu as torcidas invadirem o campo. Adivinhou que o pau estava comendo solto. Não se incomodou com o bolo. Sentiu quando o arrastavam. Abriu as botucas. Viu o diretor, que era o único que se preocupava com ele. Quando chegaram em lugar seguro, o Cuca foi colocado novamente no chão e viu o olheiro se aproximar. O diretor arriscou uma pergunta pro homem:

– Como é? Quebrada?

O Olheiro, com tristeza, sacudiu a cabeça e resmungou:

– Podia ser um craque de seleção. Agora não dá mais. Nunca mais. E é uma pena.

Mais um corintiano foi falar com Deus (Última Hora de SP – Edição de 22/6/1971. Página 16 Caderno 1)

Fazia muito tempo que o Olegário não ia a campo de futebol. Primeiro porque a vida anda custando os olhos da cara e não é sempre que o homem que se escora com salário pode se divertir. Segundo, porque o Corinthians não vinha dando alegria. Não era o Corinthians de Bino, Claudio, Luizinho, Baltazar, Carbone, Idario e os cambaus. Um time de raça, com a gana de vitória sempre pega, encarnada. O Corinthians andava caindo pelas tabelas, desfibrado, apavorado e tal e coisa. Não

dava gosto torcer por um bando de jogadores geleias, que tremiam diante de um inimigo, amarelavam e marcavam bobeira, deixando o seu povão na regal rouco, humilhado, encabulado e esculachado pelas curriolas adversárias. Porém, domingo passado, o Olegário resolveu baixar no Pacaembu, pra ver o seu timão encarar o Glorioso alvinegro praiano.

Os últimos resultados dos mosqueteiros serviam pra dar coragem: seis a um em cima do Juventus, carimbo nas faixas do São Paulo e na do Palmeiras (tanto faz dar um ou outro na cabeça porque os dois foram beliscados pelo Corinthians), três a zero na Ferroviária. Isso tudo sacudia a fé do Olegário. E, mais do que os resultados, a presença do Baltazar no banco dando as dicas para os boleiros embalava o Olegário.

Ele deu as fuças cheio de esperança de que o Baltazar faria ressuscitar o espírito de 54. Olegário tinha quase certeza disso. E, além de tudo, queria ver o seu grande ídolo: o Baltazar, cabecinha de ouro. Por essas e outras, ele não fez quás-quás com a patroa. Às dez da matina, naturalmente, o macarrão caprichado de todos os domingos não estava pronto. Porém, ele não ouriçou. Meteu uma japona pra aguentar o frio, um chapéu pra proteger a cachola contra a chuva e uma bandeira do Corinthians, que era pra dar a sua força pro timão de Ogum. Sem estrilo pelo atraso da boia deu o seu tchau:

– É hoje, nega. Os peixeiros vão cumer [sic] capim pela raiz. E eu tou lá pra ver.

A mulher, que era meio desligada, só retrucou:

– Tá, os peixeiros vão cumer [sic] capim e tu, o que vai cumer [sic]?

Porém, o Olegário não queria nem saber. Tirou de letra:

– Vou cumer [sic] a alma dos peixeiros. Só pra vingar os sarros que eles tiraram no nosso pelo, nos anos que ele[s] tinham o crio[u]lo e a gente tava sem o Baltazar Cabecinha de Ouro. Manja? E lá vou eu antes que chegue atrasado.

E, sem mais papo, o Olegário se picou pro campo. Meio cedo. Mas, nem tanto pra quem mora como ele, lá, onde o vento encosta o lixo. Ainda mais pra quem, como ele, ainda se lembrava de 54. Nesse ano de glória mosqueteira, ao meio dia já não havia bom lugar na geral. E o Olegário estava a fim de ficar bem instalado. E, na sua cuca de corintiano abilolado, tudo dizia que está começando a chover na horta alvinegra. E, pelo sim, pelo não ele foi conferir com antecedência. E não deu mancada. Só de plantão na espera do ônibus ficou uma hora e caquerada. E, pra crepe seu, a Carangola que ele pegou tinha três marchas: devagar, devagarinho e parado. Até o Vale do Anhangabaú castigou uma eternidade. E o Olegário se atucanou, porque foi em pé e aí foi mal. A geringonça entupiu, ficou a três de alto, com nego se agarrando pelos picos e tudo. E, se não bastassem os pisões, trancos e cotoveladas que levou e deixou no barato, o Olegário ainda arranjou um enguiço com um loque que se enroscou na sua bandeira e quis se invocar:

– Joga essa joça fora. Não vê que tá perturbando?

– Joça é a mãe. Isso é bandeira do Corinthians.

– Então enrola bem e enfia num canto perto do motorista para não atrapalhar o caminho dos outros.

O Olegário, pra evitar confa, obedeceu. Mas, como não era homem de comer enrolado, ficou ruim dentro da roupa. Se mordeu. Só não engrossou porque senão acabava sem ver o Corinthians do Baltazar. O seu Corinthians. Deixou andar. Porém, só aliviou a bronca na porta do estádio. Nessa parada esqueceu tudo pra só se concentrar na tarefa de conseguir ingresso, o que não foi fácil. Sua grana era pouca pra fazer negócio com os cambistas. Teve mesmo que entrar na fila e se

chegar ao guichê. Perdeu um tempão. Uma boa dose de paciência. Porém, se aliviou um pouco ao conseguir o bilhete. Se enfiou portão a dentro. Mas, logo tomou um breque. Os guanacos seguravam ele pra uma revista rápida. Coisa à toa. Só que, pro Olegário, pareceu xaveco e o encabreirou. Não chiou, que não era batusquela. Porém, assim que pararam de apalpá-lo, ele se espantou. Numa batalha violenta, arrumou um lugarzinho apertado no meio da fiel. Mal dava pra ele abanar a bandeira. De toda forma, o Olegário se ajeitou e se conformou. Não tinha mesmo outro jeito. O remédio foi esperar o jogo começar. Coisa que demorou às pampas. Mas, de repente, o urro da multidão. Os times em campo. As marolas de praxe e a bola rolando. E o Olegário ficou vidrado no que via. O Corinthians todo soltinho, rolando o couro e se mandando pra frente como manda a tabuada.

Só que teve um esquinapo. O Santos de Glórias Mil, que não é de fazer cerimônia com otário, aproveitou um cochilo. Dos mosqueteiros e castigou. Um a zero. O Olegário perdeu a graça por uns minutos. Sofreu fechado em copas. Sentiu o peso da gronga. Porém, suas botucas grudadas no jogo viram que o Corinthians não se achava com o revertério. E isso lhe deu novo ânimo. O Olegário passou a berrar com toda potência da sua caixa de catarro pra ajudar o time. Sacrifício inútil. Outra vez, assim como quem não quer nada, o Santos F. C. de Glórias Mil foi lá e castigou. Dois a zero.

O Olegário queria sumir. Se arrependeu de ter ido ao jogo. Maldisse pra chuchu¹³³. Sentiu fome, saudades do macarrão que deixou em casa, raiva do loque que encrespou com ele o ônibus, tristeza pelo seu time, angústia pelo dinheiro da entrada, que fatalmente iria fazer falta durante a semana. E nessa zorra, chegou o meio tempo.

Angustiado, o Olegário roeu o talo. Olhando de esguelha, pra não escancarar a sua fossa, ele espiou com inveja um pinta mastigar um sanduba de mortadela. Se roeu de fome, de inveja e de desgosto. Se achou uma besta por estar ali. Até de frio se machucou. Passar fome e frio pra ver o Corinthians ser goleado era uma quizila amarga demais. Mas, corintiano é broca. Por mais embananado que o time esteja, no fundo da alma eles acreditam que possa ter virada, milagre, façanha de Pai Jáú. E o Olegário ficou pro segundo tempo.

Porém, se a massa do alvinegro de Ogum já estava murcha, logo de saída tomou mais uma pancada. O Santos de Glórias Mil atochou outro gol. Três a zero. E a multidão jururu entupiu. O Olegário começou a passar mal. Em vez de frio, sentiu um calorão pelo corpo. As pernas pareciam de chumbo e a cabeça estalou. Ele até sentou. De grogue, se desinteressou pela partida. E ficou nessa. Mas, uma gritaria o ligou nessa. Olegário se botou em pé e ainda teve chance de assistir a bola no barbante inimigo. Festa na geral. Contagiado, Olegário se acendeu. Esqueceu o mal-estar. Fez figa. E, quando menos esperava, deu Corinthians. O jogo endureceu. Três a dois pro Santos não queria dizer nada. E o Olegário se esguelava. Via na sua frente o time de 54. Com Idario, Carbone, Claudio, Luizinho, Baltazar. Via principalmente o Baltazar. Sumiram Rivelino, Mirandinha, Zé Maria, Aladim. Todos, pro Olegário, eram [sic] Baltazar [que] driblava, centrava, cabeceava. E a multidão explodia.

Sentado, o Olegário se assustou com o barulhão. Se mancou que estava sentado, suando muito. Quis levantar, não pode. Com esforço, puxou a manga do paletó de um parceiro. Quando o pinta olhou, o Olegário, com voz fraca, murmurou:

– Que foi?

O pinta, espumante de alegria, berrou:

133 Termo atualizado; no original de jornal consta “xuxu”.

- Três a três, meu. Agora e gente ferra eles.
- De felicidade, o Olegário sorriu. Tentou perguntar:
- Foi o Baltazar?

Porém, a voz saiu tão fraca que não deu pra ninguém ouvir. O Olegário não insistiu. Ficou em pé e foi andando pra fora do estádio. Num canto de rua se arreou. Fechou os olhos e viu Idario, Claudio, Carbone, Baltazar correndo pelo campo. Via mais o Baltazar driblando, centrando, cabeceando pra gol. Longe, muito longe, o Olegário escutava a torcida:

- Corinthians, plá, plá, plá.

Depois tudo ficou em silêncio. Pro Olegário, pra sempre.

O aprendiz (Última Hora de SP – Edição de 23/6/1971. Página 16 Caderno 1)

Ninguém nasce sabendo. E é preciso apanhar pra saber. Essa é a lei das quebradas do mundaréu. Não adianta o nego querer desconhecer esse babado. Não existe outro jeito. Porém, sempre tem pivete folgado achando que é mais malandro que a malandragem, querendo aprontar salseiro e deschavar pra cima de vagau escolado com muitos anos de janela. O Bina estava nessa linha. Frangão taludo, boa pinta, cheio de papo, de nove-horas, de quás-quás-quás e tal e coisa. Arrumou uma mina de segundo time, uma piranha que trampava nas bocas mais escrotas e dava uma estia pra ele. Por causa disso, ele se sentia capaz de fazer e acontecer. Por essas e outras coisas poucas, o Bina se bacaneava paca. Mas, só nas rodas dos pivetes. Ainda não tinha vez pra encostar na curriola pesada. Pra ele, essa verdade não dizia nada. O que contava na sua cuca de abilolado é que um dia ele iria virar a mesa e jogar de mão.

Acreditando sinceramente na própria milonga, ele nem tremeu nas bases quando, certa vez, no começo da matina, quando ele estava espiando o lance à espera da sua mulher, piou na parada o Zeca Catitu, que era um ponta firme de grandes jogadas, catimbeiro, dedo mole e os cambaus. O Bina até achou natural o bandidão se chegar a ele sem rodeio. E engrenou uma charla de igual pra igual:

- Oi, pivete bom. Tou na tua captura.
- Tamos aí, meu chapa. Pro que der e vier.
- Tou de olho na tua embaixada há muito tempo.
- Qual é a tua?
- Forma um timão pra estarrar os loques.
- Falou e disse.
- Pois é. Pra tu ver.
- Sou ninguém.

– Não é, não. Tu engana bem. Fica pegando uma graninha mixuruca na mão de pistoleira escrota só pra desbaratinar. Sei de ti. Se faz de morto pra ver quem vem no teu enterro. Mas, tá a fim de grandes lances, que eu sei.

O bafo de boca do bandidão enrolou o pivete. Ele ficou sem pedal. Acreditou na cascata. E, sem saber como esconder o orgulho, sapecou:

- Matar eu não mato. Porém sabe como é. Se tiver morto, eu me sirvo.

Pro Catitu aquilo era uma piada. Ver um papagaio enfeitado cartear era um sarro. Só pra se divertir, deu mais corda.

– Tu é cheio de marola. Tu fala legal. Tu é liso. Por isso que o mulherio embarca inteiro nas tuas águas.

Espumando de vaidade, o Bina, fingindo modéstia, desconversou:

- Que nada! Meu pesqueiro é pequeno.

- Porque tu não se esforça.
- Eu? Que nada. Faço o que posso.
- Grupo.
- É o que é.

– Vai querer me engrupir que com essa pinta toda só achaca essa vadia muquirana? Aqui ói! Tu tá escondendo linguíça embaixo do angu. Mas, pra cima de mim, não. Eu que sou meio otário nesse negócio de mulher na tua idade botava cinco ou seis vagabundas se mexendo por mim. E nunca tive tua figura, nem tua bicaria. Como é que tu, com essa bossa toda, tá a perigo? Não levo fé.

Encabulado com os elogios e, ao mesmo tempo, envergonhado por, na realidade, só ter o bagulhinho se virando pra ele, o Bina chuveirou:

- Bem, não é tanto como tu pensa.
- Umas quatro tu tem na vida.
- Tou com três.
- Já não é uma. É três [sic].

– Mas, boca de siri, meu chapa. Quem fala muito dá bom dia a cavalo. Eu nunca abro.

O Catitu até se espantava de ver o pivete escarrar regra. No fundo da alma, se invocava com a profissão de saca-rolha. Gostaria bem de esculachar o Bina e bagunçar o coreto. Porém, sabia onde tinha que chegar. Por isso, era obrigado a manear.

– Porém, comigo tu pode falar. Não sou de xeretar na vida de ninguém. Só que, às vezes, me encabreiro. Eu dou uma dura no esquisito pra faturar uma grana à toa. E vejo tu e outros aí beliscando no macio uma sonora bufunfa. Quanto tu apanha mais ou menos por noite?

Pra aparecer, o pivete exagerou:

– Nas noites fracas dá uns duzentos, duzentos e cinquenta. Não é muito pra três minas, né? Mas, já serve.

O Catitu repetiu a quantia e deu um assobio. Pro pivete era milonga pra demonstrar espanto. Só que em resposta ao assobio, entrou o Geró e o Sarará na fita. O primeiro, um criou[u]lão que não fazia graça a ninguém. Além de ser forte como um touro, era ex-lutador de boxe e no momento era cagueta da polícia, homem coberto de todos os lados. O segundo, o tal de Sarará, era a própria praga de mãe, a zorra encarnada. Mau por gosto. Dedo mole. Matador perverso. Encostaram em volta do pivete, que se assombrava, mas não pode chiar. Aí, o Catitu abriu o baralho:

– O moço pega, nas noites fracas, duzentos, até duzentos e cinquenta geripocas¹³⁴.

O Sarará sorriu maroto e deu sua opinião:

– É pouco pra ele.

Sem espírito de humor, o Geró não alisou:

– Mas já serve.

Querendo se fazer de bobo, o pivete murmurou:

– Que xaveco¹³⁵ é esse, Catitu?

Uma pancada no fígado foi a resposta que o Geró lhe deu. O Sarará aparou o pivete pra ele não cair e deu a dica:

– “Seu” Catitu. Tu tem que falar Seu Catitu, Seu Geró, Seu Sarará. A gente não é pé de breque da tua laia.

E, pra ver como estava a situação, o Geró apertou:

134 Termo atualizado; no original de jornal consta “garipocas”.

135 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

– Fala, otário. O que tu queria saber?

O Bina vacilou, mas, cheio de medo se rendeu:

– Qual é o macete, seu Catitu?

Sem pressa, os bandidos sacaram bem a cara do loque, até que o Catitu deu a prensa:

– Nós vamos ficar com a metade da tua fatura. Entendeu? Cento e cinquenta por noite. Sem choro. Agora, se tu não comparecer, já viu. Eu te arrevento as fuças, o Geró te entrega pra cana e se tu contar pros homens, o Sarará te dança [sic]. Combinado?

Quando o pivetão ia estrilar, recebeu um alô do Geró:

– Psiu. Tá combinado, sim.

O pivete perdeu o rumo. Não se mexeu do lugar. Nunca tinha faturado tanto. Mas, não teve arreglo. O Sarará deu as ordens:

– Cai fora. Anda. Se é por falta de adeus que tu não se manda, tchau.

Apavorado, o Bina caiu fora. Estava na sinuca de bico. Encostado na parede. Ia ter que pagar por ter falado demais. E não podia ser na leve. Ia ter que se armar e afanar alguém mais trouxa. Dali pra frente era seu destino. Sua guerra não dava pra escapar do arroxó.

O assobiador (Última Hora de SP – Edição de 24/6/1971. Página 16 Caderno 1)

Nessas noites de junho, quando o céu fica todo estralado e o frio baixa de rachar, eu gosto de andar sem rumo pelas ruas desertas. Aí, eu curto uma porção de saudades. E, entre mil mumunhas, me vem na cachola a lembrança do Assobiador, um pinta que eu não conheci pessoalmente, porém que ouvi muitas vezes nas madrugadas, quando eu era pivete e ele passava pelo meu antigo pedaço, assobiando sua canção. Uma canção doce e sentida, que todo o meu bairro escutava, quando o silêncio reinava nas quebradas do mundaréu, desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, até onde o vagau pisa devagarinho. Nessas andanças, eu chego até a memorizar a melodia do Assobiador e desfilo dentro de mim o rosário das penas por coisas, pessoas, esperanças, fé e tudo o mais, que eu perdi pelos caminhos e não posso reaver nunca mais. Nessas horas, me pia sempre na memória a figura do meu pai, um ponta firme, um grande chapa que tive e de quem sempre me orgulhei tanto. Porém, deixa isso pra lá. O que pesa na balança é o que quero dizer. E sempre que recordo o passado, eu o faço ao som da melodia do Assobiador.

A história desse pinta me embalou o romantismo da mocidade. E, muitas vezes, nos esquisitos, nas gafieiras escamosas, nos puleiros das pistoleiras, nos mocós cavernosos, nas bocas encardidas, nas rodas da curriola pesada, nos botecos e nos cambaus, eu escutei da malandragem de mais alta linha o belo lance do Assobiador.

Contam que, numa noite fria de junho, quando o céu santista era só estrela e um luar iluminava a praia e todos os becos, o Assobiador vagava na campana, tentando adivinhar uma casa bacana pra afanar. Ratoneiro escolado que ele era, não foi difícil descobrir uma sopa. Sem tomar conhecimento do vigia de um palacete, que estava jururu de frio, encolhido e marcando bobeira, o Assobiador ventanista maneiro tirou o guarda noturno de letra e se meteu fácil dentro do casarão. Sem quizila, Tateando no escuro, o Assobiador foi vasculhando o pesqueiro e enfurnando as bugigangas chiques. E, logo resolveu espiar nos quartos do andar superior. No primeiro que entrou se abilolou. Suas botucas bateram numa moça muito linda que,

tranquila, dormia. Iluminada pelos raios de lua que entravam pela vidraça, a moça parecia uma deusa.

Dizem que a moça era mais linda que uma miss. A verdade é que o Assobiador vidrou na hora. E, encantado, se plantou no umbral da porta, contemplando a moça. Em seu olhar de espanto, não havia maldade. Disso eu sei, nisso acredito. Cria querida da divisa do macuco com Ponta da Praia não carrega ideia de jerico consigo. Não dá mancada. O Assobiador confirmou o ponto. Não pensou bobagem. Porém, gamou. E gama de macuqueiro é gama de pedra. É fogo. Pra valer. Picado nas entranhas, o Assobiador, sem saber o que fazer, começou a assobiar baixinho. E a moça despertou. Claro que, de saída, se apavorou. Mas, se fechou em copas, não gritou por medo ou sabe Deus por que. Ficou de olho arregalado, vendo e ouvindo o ratoneiro assobiar. Mas, a canção era puxada do peito. Envolveu a moça. Ela ganhou coragem e engrenou um papo.

O que o Assobiador charlou ninguém soube. O que se soube é que já era matina quando o ponta deu pinote. De valor, daquele palacete, só levou o amor da moça. A moamba ficou toda ensacada na sala. E, junto com ela, ficou o coração do Assobiador.

Há coisa que nunca dão pedal. Isso o Assobiador não soube compreender. Enredado, ele trumbicou. Não quis saber mais de gandaia, nem de afano. Só da moça. E nessa canoa furada o pinta se iludiu. Todas as noites ia rondar o palacete e ficava na moita, assobiando a canção pra ver se a moça aparecia na janela e dava uma dica qualquer. Porém, que nada. Nem sinal. E, de madrugada, o pinta, cansado e triste, retornava pro bairro, sempre assobiando a sua doce canção. E era aí nessa volta sem glória que eu o escutava, quando ele passava pelo meu quarteirão. Às vezes, o Assobiador sumia por uns tempos. Depois, ele retornava e a gente ficava sabendo que ele estivera puxando cana. Várias vezes foi em galera como suspeito por estar rondando o palacete da sua gama. Mas, ele não era nem mais ratoneiro. Avacalhou a guerra por paixão. Se largou.

Até que um dia o Assobiador viu por acaso num jornal uma notícia que o encabreirou. A sua moça ia se casar com um bacana, em bodas das mais badaladas. Com a gana pega, o Assobiador se embandeirou e resolveu se apresentar. Naquela noite mesmo tentou entrar no palacete. Deu crepe. Estava sem treino. O vigia flagrou ele e, na troca de arrebites, o Assobiador saiu mal. Tomou um decisivo e empacotou. Foi falar com Deus.

Contam que, na agonia, ainda assobiou sua doce canção. Eu sei lá se é verdade. Só sei que nunca me esqueci do Assobiador e da sua canção que me traz mil lembranças.

Em praga de madrinha só entra quem bota fé (Última Hora de SP – Edição de 25/6/1971. Página 16 Caderno 1)

Tem nego que bota fé em qualquer babado. Sabe tudo sobre gronga. E daí, já viu. Lê horóscopo, não passa debaixo de escada, se benze na porta da igreja, usa galho de arruda na carteira, pé de coelho no chaveiro, figa no pescoço e os cambaus. Tem reza contra quebranto e vai em tudo quanto é bidu, pra saber o que vem pela proa. E não adianta ninguém pichar esses troços. Quem é desses papos crê paca em tudo que é escamoso.

Tem um panaca que eu manjo que é do cacete. Deu a pata de cima pra uma cigana botar as botucas. E a enganadora, pro trouxa não se mancar que estava

sendo chuveirado, com tanta coisa boa que ia ganhar dali pra frente, deu-lhe um breque:

[–] Mas, abre o teu olho, que tu vai ter um acidente.

Aí, o loque se assanhou. Não sossegou enquanto não caiu do bonde. Deu as maiores sopas pro azar. Ficou zanzando em frente de táxi, pegou o rango no restaurante do Canal 4, se esforçou pra chuchu¹³⁶. E neca de tomar um trompaço. Já ia achando que era grupo da cigana, quando bateu de fuça no chão. Tem gente que jura que o otário se jogou. Mas, deixa pra lá. O que conta é que o panaca ficou todo alegrão com o tombo. E, todo embrulhado em esparadrapo, ficou plantado na vida, esperando o resto que a cigana prometeu, que era: grana às pamparras e mulher de todo tamanho e cor. E está esperando até hoje.

Com a Ponte Preta, aquele time de Campinas, o bafo é quase igual. Ele tinha um alfo, um crioulo chamado Pitico, que batia na redonda no tempo em que eu ainda juntava bala [de] futebol.

O Pitico não era nenhum cobra. Porém, dava o sangue. Chorava quando o time perdia. Suava a camisa. Fazia qualquer catimba pela Ponte. Era gamadão pelo time. Mas, um dia faltou perna. A velhice encostou no lombo do crioulo. E o negrão entrou em pua. Um dia em que a Ponte tomou um contra-vapor, dedaram o Pitico. Espelharam que ele é que tinha enterrado o time. E, na hora de renovar o contrato, não teve arreglo. E, como todo jogador de timeco, o crioulo não tinha nenhuma bufunfa enfunada. Ficou no “ora veja”.

O Pitico segurou as pontas. Conhecia os macetes. E a lei é essa mesmo. Mas, a mãe dele não se aguentou. Achou que era um bruta xaveco¹³⁷ da Ponte Preta largar o seu filhote no talo. A velha achava que o clube tinha que dar uma colher de chá pro Pitico. Nem que fosse uns pixulés. Mas, que desse pro crioulo pegar outro embalo. Afinal, o Pitico deu tudo o que tinha pra Ponte Preta. Acabou seu futebol defendendo o time. Merecia uma ajuda. E, com essa bola na cuca, bateu uma caixa com os cartolas. Deu em nada. Os homens nem quiseram saber. A velha esperneou, chiou e tal e coisa. Nenhum cartola se coçou. Pra que? O Pitico era carta fora do baralho. Foi então que a velha azedou e selou o destino:

– Tá bom! Chuparam o sangue do Pitico e agora não querem saber, né? Deixa andar. Vão se estrepar de verde e amarelo do primeiro ao quinto, por sete anos. Nem um dia pra lá, nem um dia pra cá. Sete anos.

A velha agourou e deu o pinote. Os cartolas nem bem tomaram conhecimento da praga da coroa do Pitico. Não tomaram, até que a Macaca tubulou. (Macaca, pra quem não sabe, é o apelido da Ponte Preta). Pois é. A Macaca caiu do galho. Foi pra divisão de baixo. E um cartola, atucanado pela torcida, deschavou:

– Isso foi a praga da mãe do Pitico.

E todo mundo pegou a trela. Um cabeça de bagre ainda levou lenha na fogueira:

– Então, tamos na pior por sete anos.

E daí pra frente, a Macaca só tomou chumbo. Sete anos. Sete anos seguidos de paulada. Sete anos bem contados entrando pelo cano. Sem chega. Sete anos no virador. Não adiantou mandiga e outros trambiques. Foram sete anos. Sete aninhos. Bem cumpridos. Encostavam na boca da caçapa. Vinham no maior embalo. Mas, na hora do “vamos ver”, sempre tinha um cartola pra escrachar:

– Vamos firme. Aquele boquejo da velha do Pitico é onda.

136 Termo atualizado; no original de jornal consta “xuxu”.

137 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

Era lembrar e dar bobeira em todo time. Os jogadores viraram geleia. Tremiam e iam a pique. E foi assim até o fim dos sete anos. A coroa do Pitico sempre levou a culpa. Mas, chegou no oitavo ano. Um cartola berrou:

– Esse ano é nosso. Acabou a praga da mãe do Pitico.

E a Ponte Preta foi pras cabeças. Porém, o Paulista de Jundiaí, que não sabia do negócio da mãe do Pitico, tirou a Ponte de letra. E a Macaca se rachou pela oitava vez. E foi bem feito. Quem mandou não arrumar bem o time? Por que não fez como o Paulista, que se calçou? Ficaram carregando praga sete anos e, se não contratassem jogadores de verdade, carregariam praga a vida toda.

Por gama também se mata (Última Hora de SP – Edição de 26/6/1971. Página 16 Caderno 1)

Quem tinha embaixada no esquisito todo, nas quebradas do mundaréu, desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, até onde o vagau pisa devagarinho era o Azulão, um crioulo grande e forte que não aliviava esquinapo pra ninguém. Bom na briga de mão, dedo mole no gatilho, o Azulão não era chegado a quas-quas-quas. Não esticava quizila, não enjeitava enguiço e não barateava nenhum lance. Por qualquer coisinha puxava as turbinas e mandava ver. Ele acreditava, agia e anunciava:

– Quando puxo a draga é pra entregar nego pra Deus. Apago mesmo. Defunto não abre o bico. Daí, só tem eu pra contar pro dotô como é qui foi. E nas minhas histórias, eu tou sempre na razão.

Por essas e outras ideias de jerico, o crioulo ganhou respeito no Golfo, a boca encardida do cais do porto de Santos. Desconhecendo os valentes, o Azulão montou pesqueiro de xavecada¹³⁸ em tudo quanto era negócio escamoso daquele pedaço. Seu ganha pão era dar proteção aos donos dos trambiques. Atravessador de fumo, cefeolo, madame de puleiro de pistoleira, piranha de bater bolsa na rua, banqueiro de bicho, intrujão, contrabandista, ponteiro de jogo de bozó e os cambaus sempre tinham que bufar uma grana sonora na mão do Azulão. E sem estrilo. Quem chiasse e não comparecesse, ia acabar aparecendo boiando nas águas do estuário comido de peixe, navalha ou bala. E, quando isso acontecia, ficava na conta do crioulo. Só que ninguém escancarava o assunto. Só no bochicho é que se comentavam os pererecos. Ninguém era louco pra trombet[e]jar uma façanha do Azulão. Nem os cachorrinhos caguetas nojentos se atreviam a engessar o crioulo. Se fechavam em copas. A polícia, por sua vez, não se empenhava em conferir direito os estarros. Ou arquivava o caso como crime misterioso, ou então, se os jornais faziam muito estardalhaço, arrumavam um papagaio enfeitado qualquer pra assumir a responsabilidade da gronga. E, na maré mansa, o crioulo ia navegando de vento em popa. Chovia na horta dele. Grana fácil e muita. Um mocó caprichado, com televisão e outros confortos. E, pra ajudar a desfrutar a Dagmar, uma cabrocha de alta linha, toda cheia de denço e remelexo. O azulão não queria outra vida. Até que entrou areia.

Um dia em que o crioulo estava todo instalado, puxando um ronco depois de se empanturrar de feijoada, a cana deu uma incerta no mocó dele e flagraram o pinta, desprevenido. Sem arma na mão e com um pacau de maconha em cima. Não teve por onde. Arrastaram o vagau pro xilondró. A curriola toda do cais do porto estranhou que o negrão entrasse em jaula sem espernear e, ainda por luxo, marcando bobeira própria de loque. Porém, até gostaram que o Azulão pegasse a

138 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

fria. Era uma estia pra patota, o crioulo preso. Teve gente que era achacada pelo Azulão que foi até na macumba bater cabeça no Gongá, dar de comer pro seu Encantado de fé e pedir pro Santo deixar o Azulão pra sempre na cadeia.

Só que não houve milagre. Antes que o povão esperasse¹³⁹, o crioulo botou a fuça na rua. E veio pior que o Diabo. No tempo que puxou, o azulão pensou unicamente sem acertar o passo de quem o havia entrutado. Ele, que não era otário, se tocou logo que tinha linguíça embaixo do angu. Alguém havia armado o ninho de burro pra ele. Mas, o Azulão não sabia quem era. Nem de leve desconfiava. Porém, fez uma lista de todos os pilantrosos que gostariam de vê-lo fora de circulação. A lista era enorme, mas o crioulo jurou que ia apagar um por um. Entre eles, estaria o culpado. E os outros que se danassem. Morreriam de graça. O que não pegava nada, na opinião do Azulão, que achava que não teria a menor importância, tratando-se daquela gente.

E, com essa bola maluca na cuca, assim que se viu em liberdade, o crioulo se armou e partiu pro salseiro. De saída, visitou a madame Lola, uma gorda porca que tinha uma casa de mulheres. Sem conversa, o Azulão arrebitou a madame com três caroços¹⁴⁰ no meio da lata. E foi em frente. Encontrou o Bode Espanhol, um intrujão sacana, enrolando um ladrãozinho pé de chinelo, que estava na loja dele tentando lhe vender um afano. Sem pedir licença, o Azulão interrompeu o papo com três balas na testa do intrujão. E, pra não ficar testemunha, o crioulo premiou o ratoneiro com dois tecos nas costas. E continuou na rota. Ferrou mais cinco nessa noite. O Pedro Furqueta, um batedor de carteira que trabalhava por seu mando, o Bagre, um escrevente de bicho de quem ele tinha tomando a Dagmar, e o Corvão, que era um escroto atravessador de fumo. Depois de tanta zoeira, a notícia se espanhou e quem pode se amoitou. Já cansado, sem encontrar os negos que procurava, o Azulão lembrou-se da Dagmar. A sua doce Dagmar. A única pessoa que lhe visitou na cadeia. A sua gama de pedra. Sua escora. E, pra matar a saudade e largar o corpo, o crioulo se mandou pro mocó.

De tão escabriado que estava, o Azulão nem notou que a mulher estava apavorada. Se atirou na cama e pediu pra cabrocha lhe tirar os sapatos. Antes que a Dagmar cumprisse a ordem, o Azulão já estava dormindo. A mulher não vacilou. Ferveu água e despejou na orelha do crioulo. Ele acordou berrando de dor. Esperneou, gemeu e chorou. Todo o povaréu do pedaço escutou a gritaria do Azulão e vieram xeretar. A cana também veio. Todos chegaram tarde. O crioulo não resistiu e morreu. Pra cana, a Dagmar em prantos se rachou:

– O bafo de boca chegou antes dele. Me assopraram que o Azul estava fazendo miséria pra descobrir quem caguetou ele. Quando ele entrou, pensei que ia me dançar. Fui eu quem dedou ele pra cana. Quando ele dormiu, por medo, aprontei a desgraça.

Nem os tiras boquejaram. O pranto da Dagmar era sentido e mereceu consideração. A patota ficou assistindo, sem saber o que fazer. Só a Irene Sujinha, que era amiga do casal, teve peito pra pedir uma dica.

– Por que tu fez isso? Tu era vidrada nele[,] que eu sei. Por que tu caguetou ele?

Debulhada em lágrimas, a Dagmar deu a ficha:

– Queria me vingar. Tava roída de ciúmes. Ele tinha me passado pra trás com uma vadia da ltororó.

139 Termo atualizado; no original de jornal consta “esperava”.

140 Termo atualizado; no original de jornal consta “coroços”.

Era fé demais (Última Hora de SP – Edição de 29/6/1971. Página 16 Caderno 1)

O padre de uma igreja que ficava no fim das quebradas do mundaréu, onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, no princípio ficou entusiasmado, quando o movimento da sua paróquia de repente começou a aumentar. Principalmente porque os novos fiéis eram na maioria jovens do tipo embandeirando, desses de cabelo comprido, camisas coloridas e calças justas. Isso levou o bom padre a se encher de esperanças e a botar a boca no trombone para anunciar, em memoráveis sermões, que a juventude era maravilhosa, que não pegava nada andar na moda, que cabelo comprido não era pecado, nem os cambaus. Muito pelo contrário. Ajudava na criação e o método Pilomax[jimo] estava ali na bucha pra não deixar ninguém mentir. O Pelomaximo, método de fazer crescer cabelo em careca cortando os fios restantes do pelado de acordo com Lua e a data do nascimento do bruto, era fruto da imaginação de um barbeiro que estava entrando pelo cano com a marola dos peludos. Em vias de ficar no toco, vendo seu faturamento cair, já que os cabeludos não se chegavam à tesoura, o barbeiro resolveu compensar com os carecas. Inventou o Pelomaximo e se deu bem.

O bom padre meteu várias cascatas desse naípe, tentando segurar os jovens cabeludos. Acreditava o pastor que estava abafando. E, nos papos com os marianos, carteava a marra e fazia apologia do seu moderno método de comunicação. Explicava o padre que o lance com a juventude não é esculachar e, sim, compreender. E, por essas e outras, ia mandando ver o seu quás-quás-quás. Tudo legal.

Só entrou areia quando piou na parada a ambição do sacristão. Aí, foi broca. O homem, que gostava de dinheiro paca, meteu olho grande no negócio de velas que, ali perto da igreja, ia de vento em popa. Viu o sacristão, com suas botucas de ver, que cada cabeludo que baixava comprava no mínimo um pacote de vela. Isso deixou o pinta assanhado. Na sua cuca fundida, bailaram mil números. E ele, com a ganância pega, sonhando com os lucros, meteu um papo no padre:

– Oi, padre, o pessoal tá comprando vela pra valer.

Sem se tocar, o pároco deu corda:

Isso é bom sinal. Prova que a mocidade tem fé.

Fazendo uma cara de beata passividade, o sacristão deu a dica:

– É verdade. O senhor converteu esses moços todos.

Picado na vaidade, o padre só sorriu. Porém, ficou desarmado e o sacristão aproveitou pra atochar:

– Sabe o padre, que a vida anda custando os olhos da cara e que eu estou precisando reforçar a gororoba lá em casa, que anda rala? Será que o senhor não me daria permissão pra vender minhas velinhas?

Não teve chibu. O padre deu autorização e o sacristão armou seu pesqueiro bem na porta da igreja. Estava certo de que ia passar todos os vendedores de vela pra trás. Instalado bem na boca da botija, só poderia ter vantagem. Mas, que nada.

Uma semana depois de ter entrado no comércio, o sacristão ainda estava com seu estoque todo encajado. Não vendia bulhufas. E, de invejoso que era, se roía. Espiava de esquelha e via o maior movimento junto às outras bancas de vela. De cabreiro que era, chegou até a pedir para o padre proibir os outros vendedores de trambicarem nas imediações da igreja. Só que dessa o padre se escamou. Deu desculpa e deixou como estava pra ver como ficava. E ficou ruim. De tanto xeretar, o sacristão se mancou que tinha linguíça embaixo do angu. Conferiu uns três dias seguidos e em todos o resultado era o mesmo. A moçada cabeluda chegava assim

como quem não quer nada. Ia lá no esquisito, comprava um pacote de vela. Entravam na igreja, acendiam uma única velinha no pé de São Benedito, que era o que ficava mais próximo da porta e, sem rezar, muitos mesmo sem se benzerem, davam pinote.

Estranhando a catimba e a fim de entruar os vendedores de vela pra ficar sozinho no mercado, o sacristão deu a dica pro padre e alertou a atenção do pároco pro macete. Quase forçado pelo sacristão, o padre constatou a gronga. Sem desconfiar da moçada¹⁴¹, curioso pra chuchu¹⁴² e um tanto machucado em seu amor próprio, por saber que aquela patota não escutava seu plá, o padre escancarou o lance para um amigo seu, o tira Plonka, e pediu pro seu chapa adivinhar a razão do esquinapo.

Sutil como um camelo, o tira Plonka se disfarçou de James Bond, abasileirado naturalmente. Com chapelão de aba larga, revólver na cintura, algemas penduradas no bolso de níquel e outras mumunhas, e sem conversa mole, atracou na igreja. Paquerou a jogada. Observou que era como o padre Ihe havia contado e se embalou. Tira escolado, manjou que não era só vela que se vendia por ali. Companheou um fiel. Deixou o pinta comprar suas velinhas. Mas, quando o cara foi entrar na igreja, o tira Plonka deu a dura:

– É cana, vagau.

Teve estrilo, claro.

– Que é isso? Não se pode mais rezar?

Meio encabulado, o tira amaciou a voz:

– Pode rezar. Depois da geral.

E, sem mais conversa, agarrou o maço de velas. Estourou o pacote e tudo se esclareceu. No bolo havia apenas uma vela. O resto eram trouxinhas de maconha. Sem quizomba, o tira Plonka largou o viciado e caiu pra valer no nojento passado. Ganhou o cara com as coisas em cima. Flagrante firme no dono do ponto.

A boca de fumo foi estarrada e a frequência da paróquia caiu. Mas, mesmo assim o padre ficou contente. O único que ficou cheio de bronca foi o sacristão, que teve um tremendo encalhe de velas.

Um são[-]paulino foi falar com Deus (Última Hora de SP – Edição de 30/6/1971. Página 16 Caderno 1)

O Dito entrou no boteco do fim das quebradas do mundaréu, pra lá de onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, fazendo a maior zoeira da paróquia. Seu time de fé tinha levantado o bi-campeonato. São[-]paulino abilolado, o Dito estava embandeirado e a fim de encher a caveira de cachaça pra comemorar o título. E, sem querer saber quem estava na parada, o Dito botou a boca no trombone e cantou com todas as forças da caixa de catarro.

– Olê, olá, o São Paulo.

tá botando pra quebrar

Repetiu o coro até cansar e, como ninguém estrilou, o Dito se sentiu à vontade pra dar a lei:

– Quando um são[-]paulino arreia bebida é pra valer. Quem for tricolor que se achegue. Nós é os [sic] maior e tem que bagunçar.

141 Termo atualizado; no original de jornal consta “moçaça”.

142 Termo atualizado; no original de jornal consta “xuxu”.

A curriola presente só espiava o lance. Naquela boca encardida, todo o povão era corintiano. Como o esquinapo era muito mais com os palmeirenses, que foram os que ficaram pra decisão, o gango não ouriçou com a marola do são[-]paulino. Se fecharam em copas sem querer bulhufas. Porém, quando o torcedor tricolor falou em pagar bebida, logo teve nego que se assanhou. O mais folgado era [o] Zolhudo e já no primeiro alô se apresentou:

– Oi nós qui, parceiro.

O Dito tirou o Zolhudo na pinta e quis saber:

– Tu torce pro São Paulo?

Sem querer trair o alvinegro, o Zolhudo encabulou. Matutou um pouco até que encontrou um grupo pra meter em cima do Dito:

– Sou corintiano. Mas, hoje torci pro São Paulo. Se não tava dando pé pro timão, eu queria que fosse o São Paulo. Sou invocado com os palmeirenses. Eles são tudo uns pulenteiros escamosos.

A cascata grudou fácil. O Dito achou bacana a solidariedade dos corintianos pros são[-] paulinos e deu as ordens pro dono do boteco.

– Abre uma dúzia de cerveja. Gelada. Estupidamente gelada. Eu e o meu amigo vamos comemorar a grande vitória do tricolor do Morumbi. Viva o São Paulo!

Sem graça, o Zolhudo entrou na canoa:

– Viva!

E tratou de ir bebendo. Só que o Dito não queria um viva murcho. E pra provar, puxou um pique-pique, hip-hurra e os cambaus. O Zolhudo acompanhava muito mais pra fazer jus à cerveja do que por gosto. E, pra cortar o barato, puxou assunto:

– Tu foi ver o jogo?

Essa pergunta sem maldade atucanou o Dito, que devolveu azedo:

– Que tu acha que eu sou? Que não vou ao campo? Claro que fui. Pelo São Paulo vou até o fim do mundo. Se ele jogar no Japão eu vou lá, firme. Pelo tricolor do Morumbi vale a pena a gente ir. Ele só dá alegria pra gente. Não é que nem certos timecos que ficam vinte anos na fila.

Com essa charla o Zolhudo se queimou. Corintiano vidrado, não era de comer enrolado. Porém, como não estava querendo parar de beber, só quis aliviar a barra. E tocou uma ficha:

– A gente num é de compra juiz.

Bateu sujeira. O são[-]paulino encrespou:

– Que papo de loque é esse? Tu quer dizer que o São Paulo compra juiz? Aqui, ói. Nós tem o Gerson. Tá bom? Gerson! E o Toninho, Jurandir, Paraná. Com nós é ali. Na murisqueta. Ano que vem o nosso campo vai se chamar Morumtri. Manja? A gente não precisa de juiz. Isso é desculpa de corintiano.

Picado de raiva, o Zolhudo esculachou:

– Se num é o juiz anular o gol de Leivinha, nunca qui [sic] o Palmeiras perdia aquele jogo. O Armando Marques tava na gaveta. Até um otário pode ver. O São Paulo ganhou no apito, isso que foi. Mas, ano que vem não tem quás-quás-quás. É do timão.

Já de caco cheio, o são[-]paulino e o corintiano partiram pra apelação total. Um xingava¹⁴³ os boleiros do outro. O Zolhudo urrava:

– Com a gente não deu. O Corintão [sic] foi lá e beliscou. Avacalhou a faixa do São Paulo. Rivelino, o garoto do Parque, acabou com o Gerson.

Espumando, o Dito gritava:

143 Termo atualizado; no original de jornal consta “chingava”.

– A gente deixou de colher de chá. Demos esmola. O Corint[h]ians tava caindo pelas tabelas. Nem técnico tinha. A gente deixamos [sic]. Nós é bi. E cês tão há vinte anos sem ter alegria. Time ruim, se não abre os olhos, vai para divisão dos pernetas.

Não tardou pro boquejo virar guerra. E quem começou foi o Dito. Ele engrenou sua música favorita:

– Ole, olá, o São Paulo

tá botando pra quebra

E, em troco, recebeu na fuça um contra-vapor:

– Um, dois, três, o São Paulo é freguês.

Sem se conter, o Dito tacou a mão na cara do Zolhudo. Esse, já meio bebum, desabou no chão. A patota presente bochichou paca. E, antes que o corintiano pudesse se aprumar, o são[-]paulino castigou-lhe um pontapé nos peitos. O melado correu na boca do Zolhudo. Porém, ele não chiou. Procurou se livrar dos novos golpes do Dito, porém não foi mole. Apanhou bastante. Até que, aliviado, o são[-]paulino relaxou. Sem perder tempo, o Zolhudo, com grande dificuldade, se agarrando no balcão, conseguiu ficar em pé. Satisfeito pela biaba que tinha dado no inimigo do seu time campeão, o Dito marcou bobeira. E foi seu crepe. O Zolhudo passou a mão numa garrafa e mandou ver com toda força na moleira do são[-]paulino. Sangue e miolo espirraram pra todo lado. O Dito caiu estarrado. Morto. E ninguém teve dúvida de que aquele tinha ido falar com Deus. O dono do boteco deu o seu recado:

– Se arranca, Zolhudo, o homem apagou.

Porém, o corintiano não se mexeu. Ficou planado, olhando o são[-]paulino morto. De vez em qua[n]do chiava:

– Que pena, poxa. Ele não vai ver o timão ser campeão do ano que vem. Quería ver a cara dele numa dessa. O Corinthians campeão. Ele ia se morder. Que pena.

3.4 – As crônicas de julho de 1971 – Coluna Navalha na carne

Minha gente, meus heróis (Última Hora de SP – Edição de 1/7/1971. Página 16 Caderno 1)

Eu já contei aqui a história do Assobiador, que passava alta madrugada pelo meu antigo e sempre querido pedaço de chão firme, que era lá na divisa do Macuco com a Ponta da Praia, em Santos. Conteí também que, nessas noites frias, de céu estrelado e luar de entortar patuá, eu gosto de vagar pelas ruas desertas. E é aí que me pia na memória a melodia doce e sentida do Assobiador. No embalo desse som que carrego na alma é que eu revejo. Quantas vezes quero ou tenho coragem, os meus fantasmas. Vultos que me saltam do passado e vem cobrar de mim os compromissos que eu assumi ali na velha esquina do meu quarteirão. E é por isso que sou quem sou. Por ter nascido onde nasci, por ter tomado benção de quem tomei e por ter andado pelos caminhos que andei. Porém, deixa pra lá esse papo. O que quero contar aqui é o que revi na noite de São Pedro. Parece que foi ontem o esquinapo. Mas, já faz tanto tempo que muita cuca já esqueceu e outras nem tiveram notícia da gronga.

Eu era pivetinho boca-dura que morava num chalé aquecido de amor e compreensão, que compensavam os buracos da parede e as frestas do chão por onde passava o vento, e que ficava na rua Afonso Veridiano, mais manjada pelo

povão das quebradas do mundaréu por rua das Antigas Laranjeiras. Apesar de pixote, eu era folgado paca. Moleque madeira, com oito ou nove anos eu fazia parte da curriola do Alberto Boca Vazia, um cara da pesada que não enjeitava nenhuma pauleira e sempre estava para o que desse e viesse. Claro que nessa leva eu não tinha o direito de botar banca. Era recadeiro, ponta de lança pra criar caso e, nas noites de junho, quando a patota se juntava pra pegar balão, eu é que ia atrás carregando os troféus. E não era mole. Tinha vez que o gango pegava trinta, quarenta e eu e o Luís Gama, um criulinho do meu tamanho, escorávamos a carga. A curriola do Alberto Boca Vazia era fogo. Tinha gente paca. Uma leva. Na Raia, da praia do Embaré até o Canal 6 e da Praia até a Pedra Lessa, ninguém tascava. Era com o Alberto mesmo. Fora desse distrito, havia outros donos. Do Canal 6 pro Ferry Boat quem mandava era o Pé de Bicho e o Noé da Roqueira. Do Embaré pro Boqueirão era o Careca e da Pedro Lessa pra Bacia do Macuco era o Pintado, o Chupin e o Russo. Naturalmente, havia outras turmas no rebolo. Porém, eram gangos menores e que tinham que se acanhar quando as turmas grandes encostavam. No nosso pedaço, havia também o pessoal da Vacaria, que era pequeno, mas cujos chefes eram dois espetos: o Pinto Rico e o Goiaba. Corriam atrás de balão de foice. Só respeitavam o Alberto Boca Vazia, que sempre ia de roqueira (que, pra quem não sabe, era um revólver feito em casa de socar pólvora pela boca e os cambaus). E havia o Zé Batateiro. E é esse que marcou em mim. Pinta valente tava aí.

Mais ou menos na hora grande pintou no céu um bruto balão lanternado. Um tangerina. O Alberto foi dando a lei:

– Esse é nosso!

O Carniça escamou:

– Tá alto. Vai pro mar.

Pro Jura não tem quizila. Ele era como um peixe.

– Se der água no peito eu vou buscar.

Porém, o chefe sabia das coisas e cantou a bola:

– O bichão tá nas nuvens. Vai molhar, gastar breu e chumbar. Vai cair nas berbas da Vacaria. Vamos indo.

Sem estrilo a patota se mandou. No fim das Antigas Laranjeiras, o gango do Alberto cruzou com o gango do Zé Batateiro. O Boca Vazia deu o alô:

– Pode ficar, Zé. Esse é nosso e ninguém rasga.

Tinhoso como era, o Zé Batateiro não comeu enrolado:

– Balão no ar não tem dono. Quando ele chumbar a gente vê.

Essa dica era selo de briga. As turmas seguiram quase juntas, fechadas em copas. Mas de porretes, facas, estilingues, pedras, no jeito de usar. Como o Alberto previra, o balão chumbou nos lados da Vacaria. A tocha apagou e o bruto desceu rápido. Uma coisa linda. Só se viam as lanternas. Teve corre-corre em direção ao balão. O nosso gango chegou na frente. Eu e os pivetes, por ordem do Alberto, ficamos meio longe. A turma do pau fez a roda e, no meio, o chefe se preparava pra pegar na boca do tangerina. Nessa hora apareceram o Pinto, Rico, o Goiaba e a turma da Vacaria. O balão guindou com um vento que bateu de repente e pegou a direção do campo do glorioso Álvaro Alvim, que ficava na rua Osvaldo Cochrane. Todo mundo se mandou pra lá. Encheram o campo. Parecia dia de grande jogo. No meio da roda, o Alberto berrava:

– Ninguém rasga! Ninguém rasga!

Porém, quando o chefe segurou a boca do bruto, choveu pedra. E virou bagunça. O pau comeu. Só pena que voou. Até eu, que era pixote, entrei na biaba.

Me emporcalharam a fuça com papel de balão. Foi broca. Eu fiquei meio longe do bolo e não vi direito o lance. Só sei que depois de muita pauleira, parou a briga geral e fizeram uma roda pro Alberto encarar o Zé Batateiro. E nenhum dos dois deu pra trás. Se pegaram pra valer. Era cabeçada, soco, rasteira, banda, rabo de arraia e tudo mais. Nenhum dos dois puxou arma. Tinham combinado de se acabar no braço. Ambos eram de verdade e cumpriam. Só que, de repente, no meio da briga, o Alberto deu uma gravata no gogó do Zé Batateiro e esse, no aperto, meteu os dentes na barriga do inimigo. Encardiu. O Alberto urrou. Porém, veio um alô salvador. Alguém anunciou:

– Olha a cana!

Ninguém ficou pra confirmar se a polícia estava chegando. Foi pinote geral e a briga ficou sem decisão. Poucos dias depois, o Macuco inteiro se embandeirou de orgulho e de tristeza. Seus filhos mais queridos iam pra guerra, matar ou morrer, porém jurados de não voltarem sem acabar com o nazismo. Do Santo Antonio ia o Boi. Da Bacia, o Cadico. Da Raia, o Valdemar. Da João Guerra, muita gente. Da Vila Jóquei, o Botelho e o Cocada. De cada canto do bairro, um macho ia ajudar a escrever a história. E, das Antigas Laranjeiras, ia o Zé Batateiro. Me lembro bem que a gente estava junto na esquina, quando o Zé passou de farda nova de recruta jegueiro. O Alberto Boca Vazia se adiantou, abraçou o Zé chorando e disse todo encabulado:

– Pombas, Zé, como eu queria ir contigo.

O Zé também chorou. Mas, a mãe dele cortou a onda com uma bronca:

– Vai, filho meu. Se ficas a chorar, que qui teus sargentos vão pensar du filho meu. Deixa esses vagabundos qui num valem a cumida qui comem e vai acabar cum os nazistas. Esses alemães da peste.

O Zé foi e a velha desabou em prantos. Veio Pronto Socorro e tudo para a boa mulher. Eu era tão pivete, não entendia nada direito, mas já estava marcado contra o nazismo. Quis saber das coisas e perguntei:

– Pombas, eu sou pixote, mas se eu fosse grande eu me mandava com o Zé. Por que o Alberto num foi nessa? Ele não diz que é valente?

O Luís Gama, meu parceiro, pensou, pensou e tacou:

– Acho que ele num foi porque é boca vazia. Chega lá ele num pode morder os nazistas.

Eu me encabreirei. Atravessei os blecautes de Santos. O nosso chalé ficava triste com papel na janela e a Rua das Antigas Laranjeiras, uma droga com tampa-lâmpada. Tudo escuro. E, no meio dessa noite que ameaçava o mundo, eu imaginava o Zé Batateiro, orgulho santista, matando nazista a dentada. E eu dormia e eu sonhava que era soldado e estava no batalhão do Macuco, com meus irmãos, com o Luís Gama e com toda a patota, matando nazista a dentada, numa guerra medonha. Acordava assustado e chorando. Meu pai e minha mãe vinham me ver. Me davam água com açúcar e me falavam boas coisas, de fé, de coragem e de esperança. E eu crescia.

Não sei bem quanto tempo durou a inhanha. Sei que um belo dia de Sol, o Macuco de ponta a ponta, da Praia até o cais do Porto se embandeirou de orgulho e de alegria. A gente tinha vencido a guerra. A gente, sim. A antiga Laranjeiras estava lá, na figura do Zé Batateiro. Minha mãe meteu uma roupa de marinheiro em mim e nos meus irmãos, um verde e amarelo no peito, e meu pai levou a gente no cais do porto pra ver a chegada do navio. Foi tudo legal. Na noite desse dia, o Macuco retumbou. No Santo Antonio, chegou o Boi, na Bacia, o Vadico, na Raia, o Valdemar, na João Guerra, muita gente e algumas medalhas, na Vila Jóquei, só duas

medalhas, na Antigas Laranjeiras, o Zé Batateiro. Em cada canto do bairro, uma zoeira. Os que não voltaram foram chorados. Porém, pros que chegaram teve festa.

Na antiga Laranjeiras, não deu outra coisa. O Zé Batateiro foi recebido com foguete, churrasco, fogueira e balão. No meio daquilo tudo, eu encostei no Zé e perguntei:

– Tu matou muito nazista a dentada?

Ele sorriu e me deu um destino:

– Contra essa praga maldita, vale qualquer negócio. Se tu ver eles por aí queima. Queima, moleque, que Deus perdoa!

O churrasco (Última Hora de SP – Edição de 2/7/1971. Página 16 Caderno 1)

Nas quebradas do mundaréu onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos a barra é pesada. Com a vida custando os olhos da cara como anda, o povão se agarra em qualquer patuá, entra em qualquer trambique, se escora como pode para aguentar o repuxo da maré brava. O que não é fácil. No pedaço maldito onde os lesados da sociedade se atucanam para arrumar comida todos os dias é uma batalha das mais sentidas. A negada encara qualquer grong[a] pra adiantar o lado do rango. Catam lata, matam cachorro a grito, e os cambaus. Quando dá trovoadas, se metem no mangue pra catar caranguejo, quando da seca se enfiam no mato pra caçar preá, quando chove se afundam nas valas imundas pra pegar rã. Que é com esses e outros bichos que a negada reforça a gororoba rala que mal engana o estômago.

Foi num perereco desses, depois de uma chuva de derrubar barraco que o esquinapo se deu.

Os pivetes se juntaram em patota, desconhecaram maleitas, mijação, amarelão, barriga d'água, frieira, tifo e outras pestes e se meteram nas valas na captura de rã. O Tiãozinho, um garotinho ligado pra chuchu, que tinha umas botucas de ver e de assombrar gente grande, logo se tocou numa espuma grossa meio enrustida no capim. Deu o alô.

– Negada, aqui tem casa de rã.

A patota se juntou em torno do ponto indicado pelo Tiãozinho e confirmaram o que o pivete anunciou. Sem muito quás-quás-quás escalaram o Zuzu pra pegar a bruta. Ele era o bom no assunto. Não falhava nunca. Dispensava a fisga. Seu lance era de mão. Uma firmeza. Entrava duro e agarrava a rã pelas patas de trás sem dar chance pra bichinha usar as brocas das pernas da frente. Quando rã usa a broca é uma escama. Chega até arrancar o dedo do caçador. Porém, pro Zuzu não tinha desses negócios. Ele era escolado paca. Sabia das coisas. Mas sempre, em qualquer catraia, tem que ter um papagaio enfeitado pra rogar praga e catimbar de sabido. Nessa vez aí não deu outra coisa. Um loque boquejou:

– Cuidado Zuzu. Pode ter cobra na toca.

Claro que podia. Mil vezes o Zuzu entrou em fria desse naipe. O que não podia é lembrar que as cobras às vezes comem a rã e ficam na toca. Se lembrar disso, o caçador se acanha. Por causa do aviso, o Zuzu, que já ia metendo a mão, recuou e deu o estrilo.

– Mas que é? Tá a fim de me estragar? Vira essa boca de secar pimenta pra lá. Num sabe que num presta falar em cobra, que elas aparecem. Já me encabulou. Se tiver rã aí, vou pegar ela fora. Sou invocado com cobra.

Ninguém chiu com a bronca. Tudo que é caçador é cheio de mumunha e a curriola deu o desconto. Azedo, o Zuzu, sem sair da vala pegou uma pedra e tacou

bem no meio da espuma. Foi bater e valer. Do meio da toca de rã surgiu uma bocarra arreganhada e cheia de dentes. O Zuzu num pulo se picou da vala, foi cair na margem. E teve pinta que estava na margem e deu no pé pra bem longe. Passado o espanto, a patota ganhou fôlego[,] se juntou outra vez e choveu palpite:

- Cobra mesmo!
- Surucuru das venenosas.
- Não é cobra, não. Cobra não tem bocão grande.
- Então que é?
- Deve de ser jacaré.
- Arruda, jacaré não dá em vala.
- Então é a mãe do sarampo.

O bichão que tinha botado a cabeça de fora, se escondeu de novo e a pivetada pra tirar a cisma, resolveu conferir. Apanharam pedra e castigaram sem dó. A fera apareceu furiosa. O Zuzu só murmurava:

– Pombas! Quase que eu meto a mão em cima desse monstro. Saravá! Meu pai Xangô me valeu.

Já os outros pivetes só discutiram a marca do bicho e acabaram concordando que era jacaré. E concluíram que jacaré se come e então a ordem era ganhar aquele. Porém, na base da pedrada não deu. O bicho era ligeiro e ninguém tinha coragem de chegar perto. Vendo que nesse babado, o jacaré ia [a]cabar fugindo, a Zéca Birolha mandou o Tiãozinho ir na favela chamar o seu Miguel Faro Fino, que era afamado caçador de tatu de cemitério. O Tiãozinho foi e no caminho botou a boca no trombone. Quando voltou, trouxe o seu Miguel Garo Fino e a favela inteira. O seu Miguel apareceu todo embandeirado. Com bota de borracha, calção de jogar bola, uma corda e um facão, chegou e se sentiu chegando. Passou a comandar.

– Cadê o bicho?

A molecada tocou pedra, a fera botou a bocona de fora.

Seu Miguel carteceu a marra.

– É dos baiatas. É assim que eu gosto. Vão ver o que é homem macho.

E sem mais milonga pulou com os dois pés em cima do jacaré. Espirrou lama pra todo lado. Alguém avacalhou a guerra e xingou:

– Dá-lhe Tarzan crioulo!

Porém o seu Miguel não deu bola pra torcida. Queria era apagar o jacaré. Só que o bicho não estava querendo participar da presepada. E fugia pra lá e pra cá. Foi preciso muito corre-corre antes de ter início a grande luta. Seu Miguel se atirou inteiro e grudou o bicho numa gravata. De saída se deu mal. O jacaré mordeu-lhe a mão. O melado correu. Porém, seu Miguel não se rendeu. Mordeu a cabeça do jacaré e meteu-lhe o facão no papo. O bicho esperneou, o sangue jorrou às baldas até ele se apagar.

Sujo de sangue e de lama, com a mão quase decepada, seu Miguel Faro Fino saiu de dentro da vala arrastando o jacaré pelo rabo. Foi um sucesso. O bicho era bem grandinho. Porém, sucesso maior foi quando o herói deu a letra:

– Cês capricharam as biritas, eu entro com o jacaré. Hoje tem festa de São Pedro, com churrasco legal.

O gango deu vivas ao caçador. Formaram a comissão pra levar o seu Miguel no pronto-socorro pra cuidar da mão, comissão pra angariar fundos pras biritas e tocaram pra frente. No hospital, seu Miguel levou vinte e dois pontos, uma injeção que não tinha mais tamanho e um conselho do médico.

– Tem que ficar uma semana sem beber álcool.

Pro seu Miguel esse conselho foi de entortar. Ele já estava contando em encher o carão de cachaça no seu dia de glória. Teve que se conformar.

Nonô, o bonzinho (Última Hora de SP – Edição de 3/7/1971. Página 16 Caderno 1)

A vida do Nonô era devagar quase parando, porém, era direitinho como ele tinha escolhido, puxar seu tempo na terra. Mesmo fazendo ponto nas bocas mais encardidas das quebradas do mundaréu, lá onde o vento encosta o lixo, as pragas botam os ovos e o jacaré nada de costas porque sabe que tem piranha nas águas turbas, o Nonô não arrumava enguiço. Desbaratinava qualquer xaveco¹⁴⁴ falando baixinho e maneiro com todos e nunca querendo concorrer com ninguém. Tocador de violão de grande embaixada, compositor inspirado, cantor suave, dava o seu recado assim como quem não está a fim de coisa nenhuma. E, na verdade, não se iludia. Com muitos anos de janela não ia pra grupo. Morava nos assuntos das gravadoras, das rádios e dos cambaus. Conhecia os macetes. O jogo com cartas marcadas e o Nonô dispensava. Não queria entrar em rolo tão cavernoso onde quem machuca sempre é o compositor popular. Principalmente se o nego é cabreiro com lance escamoso. E o Nonô era. Não gostava de trambique. E pra não se aborrecer passou nesse babado. Queria sossego. Cozinhar o galo em fogo lento, porque afobado ou come cru ou queima a boca. E dureza não era com o Nonô.

Seu destino era andar vagando nas biroschas, nas gafieiras, nas escolas de samba e em qualquer lugar que não batesse sujeira pra um artista com a sua ternura e inspiração. E sendo assim, o Nonô tinha ambiente paca. O suficiente pra se escorar. De violão em punho ganhava o rago e as biritas. Com boa conversa e mil mumunhas nunca faltava uma nega pra mocosar ele nas madrugadas. E o resto não contava. O Nonô se achava bem servido.

Porém, e sempre tem um porém, um dia entrou areia e o pesqueiro ficou difícil pro Nonô. Confiando na sua charla, o vagau¹⁴⁵ deu uma letra no pé do ouvido da Dina, uma cabrocha de alta linha que era a abilolação do povaréu da Barra do Catimbó, e a mina embarcou na canoa do Nonô. Ele estava contando que ia ser como sempre. Ali na base do agrião, no chega pra cá, depois vai se cuidar que vou tratar de mim. Mas não foi não. A Dina gamou no Nonô. E foi uma vidração de danação. Coisa forte de mulher que sabe querer. Ele que não era de magoar quem quer que fosse, rachou sua tabuada com jeitinho.

– Nega, num faz assim, não. Não pega bem pra ti. Tu é toda cheinha de dengo e eu não sou mais que nada. Manja? Vivo a perigo perpétuo. Pra curar o meu relento eu arranjo. Deus sabe como. Mas pra tu vir comigo, fica ruim.

A Dina não era fácil de se dobrar. E era das que força a barra.

– Tu não quer se assuntar¹⁴⁶ mais no meu chamego¹⁴⁷? Tou penetrando na tua ideia. Tu me acha escrota. Se fartou de mim. Quer cair fora. Eu sei. Mas eu tou por ti pro que der e vier. Tou embeijada. Não vou poder me desligar. E já avisando, foi encarnar. Onde tu baixar, pio na parada. Se te ver com alguma vagabunda, apronto um fuzuê¹⁴⁸ de entortar pagode.

Aquela zorra pro Nonô era o fim da picada e ele procurou regatear.

144 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

145 Termo atualizado; no original de jornal consta “cagau”.

146 Termo atualizado; no original de jornal consta “assuntas”.

147 Termo atualizado; no original de jornal consta “xamego”.

148 Termo atualizado; no original de jornal consta “fusuê”.

– Eu sou teu chapa. Te acho bacana pra chuchu. Coisa fina. Fina demais. Só por isso que acho que não dá pé tu comigo. Tu sozinha pode acertar a milhar. Arranjar um cara traquejado que te mereça e te dê estia. Tu é linda demais. Merece vida de rainha. E eu não posso te dar.

Mas a cabrocha era uma rocha e não engolia cascata. Com toda sinceridade, rendeu.

– Eu num quero nada disso. Quero só ser tua.

O Nonô sem perder o tom macio, ainda deu uma pala.

– Tá vendo como tu não me penetra nas ideias. Quem te disse que tu não vai ser minha? Eu não disse. Disse pra tu se arrumar com um cara que te dê situação. Daí sabe como é, que é. Eu tou por aí mesmo. E até as pedras se encontram nesse roçado de Nosso Senhor.

Toda a pala¹⁴⁹ do mundo não tiraram a Dina da onda. Ela era tnhosa. E naquela noite mesmo quando o Nonô estava numa tendinha marota cantando seus sambas, a Dina deu n[u]ma incerta e se plantou na cola dele. O Nonô só resmungou:

– Ai! Ai! Será possível.

Mas deixou andar. Não arrastou asa pra nenhuma mulher presente e no romper do dia saiu com a Dina e se mocosou no berço dela. Nos dias que se seguiram houve repeteco. Até que o Nonô resolveu dar um chega pra lá definitivo. Numa madrugada, quando terminou com a Walquíria Sarará e na hora de dar pinote, vendo que a Dina estava plantada na sua cola, não fez cerimônia com a otária. Virou pra ela e lhe tacou na fuça:

– Se tu não foi embora por falta de adeus, então tchau.

E sem¹⁵⁰ maiores quás-quás-quás se mandou com a Walquíria Sarará. A Dina endoidou. Só que não teve jeito de fazer escândalo de tão esculachada que se sentiu. Encabulou[-]la pra se aguentar, encheu o bucho de cachaça. Só depois que estava bem mamada é que teve peito de virar bicho. Saiu na captura do Nonô e acordou o pinta e toda favela com tremendo escarcéu que fez na porta do barraco da Walquíria Sarará. Berrou, atirou pedra no zinco e tudo. Perturbou tanto que o Nonô teve que levantar e ir embora com ela. E não teve mais por onde. As facetas se repetiam. O Nonô ganhava as minas pra ver se escapava da Dina. Essa de cara limpa se acanhava e deixava o pinta ir. Depois bebia e botava a boca no trombone e dava vexame. E no meio desses pererecos ela sempre ameaçava.

– Qualquer dia me mato por tua causa, Nonô. Tu vai ver. Eu ainda me mato.

E foi de tanto escutar isso e se atucanar com os escândalos da Dina, que o Nonô teve uma ideia de jerico¹⁵¹. Comprou veneno e mostrou pra Dina e de araque anunciou:

– Oi filha, isso aqui é veneno. Vê lá o que tu vai fazer. Eu comprei pra matar rato. Não vai tu tomar.

Se pedisse pra Dina se matar, não dava mais certo. Naquela noite mesmo ele se arreglou com uma pistoleira e foi em frente. A Dina, trouxa, se empapuçou da pinga e de vingança tomou o veneno. Caiu dura. Estarrada. O Nonô, de manhã, adivinhou o esquinapo e chamou toda a vizinhança. Veio cana, veio médico, veio rabeção[,] teve mil mumunhas. Porém, não teve invocação pra cima do Nonô. A gronga ficou na conta do suicídio mesmo. E o corpo da Dina ainda estava quente quando num boteco rampeiro, o compositor mandava ver seu novo samba:

149 Termo atualizado; no original de jornal consta “para”.

150 Termo atualizado; no original de jornal consta “nem”.

151 Termo atualizado; no original de jornal consta “gerico”.

– Namorei uma neguinha/ que gostava de beber/ eu dei veneno a ela/ só pra ver ela morrer.

O batismo (Última Hora de SP – Edição de 5/7/1971. Página 16 Caderno 1)

O Zico estava agoniado. A campana que estava fazendo era uma zorra. Seus companheiros na presepada, o Babalu, o Carriça e o Negritinho não tomavam nem conhecimento do esquinapo que estava pra se dar por conta deles. Tiravam o lance de letra. Eram vagaus escolados com muitos anos de janela nas quebradas do mundaréu, onde o vento encosta o lixo e as pestes botam os ovos. Estavam à vontade. Se fingiam de mortos pra ver quem vinha no enterro. Já o Zico estava cabreiro. Era a primeira vez que ia entrar num bate-fundo de arma na mão. Era a sua hora de verdade e não podia dar mancada. Se fizesse besteira não iria ter perdão. Além do esculacho, que levaria dos parceiros, ficaria manjado nas bocas encardidas de todo o esquisito como molenga e não iria prestar. Ninguém mais botaria fé na bobeira pra toda a vida, se virando em trambiques escamosos que não dão divisa pra malandro nenhum.

E eram essas mumunhas que atucanavam a cuca do Zico, enquanto esperava, junto com os companheiros, ali nas encolhas, pra dar uma dura e estarrar um caminhão de gás, que, segundo o Carriça, sempre passava naquele pedaço ao cair da tarde. E, ainda no papo dos que sabiam da coisa, o chofer vinha com a féria do dia no bolso e seria uma sopa. Mais mole que tomar pirulito de criança. Por isso, o Zico tinha sido convidado. Era, na opinião do Negritinho, que foi quem meteu o Zico na canoa furada, uma chance pra ele mostrar que era ponta firme e fazer presença pra curriola da pesada. Se não, estava frito. Já era de maioria e não poderia ficar flanando em serviço de pé de chinelo. Numa dessas butadas, acabava entrando em cana e, em cela de vadio, ia ser o esparro e comer na boca do boi. Tinha que fazer nome e ganhar respeito. Já que escolhera a bandidagem, o negócio era partir pras cabeceiras.

Só que o Zico não tinha escolhido bulhufas. Nascera sujo de arara, com urubu pousado na sua sorte, e quebrou a cara de saída. Cria maldita dos puleiros das piranhas, nunca soube quem foi o seu pai e da mãe soube pouco. Lhe contaram que a sua mãe logo depois que lhe botar[a] no mundo, ficou ruim dos peitos e não se aguentou. Quando se tocou que o cupim ia roer sua caixa de catarro sem dó e sem remédio, pediu estia para madame dona de casa, deu o Zico pra ela e bebeu querosene. Desertou da piorada que levava. A madame batizou o Zico e deixou andar. Cuidou dele aos trancos e barrancos. Velha nojenta, gorda e perebenta, pistoleira catimbada e aposentada, de corpo gasto e alma estraçalhada, cuca fundida e olhos de enxergarem pouco, se desferrava dos revertérios que topava pelos caminhos, em cima do Zico. E de tanta pancada, o pivete se fez duro ou sacana. Se picou de raiva e, assim que se sentiu taludinho, deu uma banana pra pagar tudo o que a madrinha lhe aprontara e se arrancou.

Foi tratar de si. Se misturou com a molecada das zonas rebordaças e foi levando como podia. Aprendeu pro gasto do dia a dia. Afanar carteira, chuveirar gringo bebum que se largava nos cabarés a fim de embrulhar a solidão em qualquer lençol, levar recado de bandido mocozado, bancar farol em ponto de bicho, e por aí se defendia. De vez em quando entrava em fria. Ganhavam o Zico e metiam ele no reformatório. Mas, pra ele, a fuga era uma canja. Não ficava recolhido por muito tempo. E foi assim que cresceu e chegou onde chegou. Um cantão de estrada, com um revólver na mão, na companhia de três bandidões, à espera de um bilhete

premiado que viria na forma de caminhão de gás, com dois trabalhadores honestos e cheios de filhos pra sustentar. E ele, Zico, teria que topa do jeito que desse. E ali na moita, revia o seu passado e concluía que não podia falhar.

Mas, de repente, teve que cortar a onda. O caminhão apareceu e o Babalu deu a ficha:

– Lá vem ele. É com nós mesmo.

O Carriça e o Negritinho puxaram as armas e o último deu uma dica pro Zico:

– Dureza, pivete bom. Calma. Mas, em dúvida, dá no gatilho. Não tem pena de fazer estrago. Defunto não sofre. Mas, veja lá. Não vai se afobar. Afobado come cru ou queima a boca.

Daí pra frente, não teve mais quás-quás-quás. O plano estava tratado e foi lançado. Quando o caminhão se aproximou, o Babalu atirou bem na bucha no pneu da frente. A Carangola se desgovernou. O chofer teve que rebolar pra não sair da estrada. Com muito esforço, conseguiu breca. Aí, o gango atacou. Dois de cada lado. Com conhecimento do assunto, o Babalu e o Carriça arrancaram o ajudante da cabine e o renderam. Porém, do lado do chofer bateu sujeira. Sem cancha, o Zico subiu no estribo e meteu a arma na fuça do motorista. Esse era um baiano bem invocado e não era de comer enrolado. Desconheceu o perigo e engrossou. Abriu a porta com rapidez[,] deu com ela em cheio no Zico. O pivete despencou. O chofer passou a mão numa alavanca e desceu disposto a tudo. Caído no chão, o Zico botou o Baiano na mira. Mas, ainda não era um matador e vacilou. Quis ganhar a guerra na sugestão. E boquejou:

– Se acanha, trouxa. Vê lá o que tu vai fazer. Se tu deixa barato, tu não se machuca. O dinheiro que a gente quer não é o teu. É do teu patrão. Pra que tu vai morrer por ele?

Com essa conversa, o chofer viu que o Zico não era grande coisa e achou que podia lhe tomar o revólver. Não contou com o Negritinho, que só espiava pra ver o bicho que ia dar. Pinta frio, queria ver o comportamento do Zico. Só deu ordem quando o baiano levantou a barra de ferro pra largar no vagão caído:

– Atira, Zico. Apaga o loque senão ele te esmaga.

Ao escutar a voz do Negritinho, o chofer balançou. Levantou os olhos para o novo inimigo. Sem sair do chão, o Zico via tudo. E viu quando o crioulinho dedomole mandou um arrebite certeiro. O caroço entrou na testa do chofer. O tampão da moleira saltou e espirrou sangue e miolo pra todo lado. O motorista desabou. Já caiu morto. O Negritinho achou uma tremenda graça. Rindo, entrou na cabina do caminhão e recolheu o dinheiro, ainda rindo, deu plá:

– Vamos nós, gente. Tá tudo certo.

E foi andando. Vendo que o Zico não saía do chão, deu um berro:

– Se manda, Zico. Esse loque já foi falar com Deus.

O Zico desencantou, ficou em pé e seguiu os companheiros. Entraram no mato e, por uma trilha marota, se espantaram. O Zico ia ruim dentro da roupa. Tinha enjôo de estômago e a todo momento parava pra vomitar. O Babalu bronqueou:

– Que zorra. Trazer pixote em jogada dá nisso.

Porém, o Negritinho maneirou e deu destino pro Zico:

– Que nada, gente. O garoto é ponta firme. Vai ser matador. Na primeira vez que se apaga um pinta é assim mesmo. A gente vomita, vai na igreja rezar pela alma do desgraçado, tem sonho ruim, carrega fantasma pra lá e pra cá. Depois do segundo não dá mais truta. Com o Zico não vai dar outra coisa. Hoje foi o batismo dele.

E com essa pala, a quizila foi encerrada. Grana dividida e cada um foi pra sua banda. Dias depois, o Negritinho entrou em cana. Os tiras apertaram ele pra conferir muita coisa. O vagau não regateou. Rachou o assalto do caminhão, colocou o crime do chofer na conta do Zico e livrou sua própria cara.

A forra (Última Hora de SP – Edição de 6/7/1971. Página 16 Caderno 1)

O jogo era sem grandes mumunhas, eram dois times sem grande embaixada. Porém, como sempre acontece nas quebradas do mundaréu, onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, nenhum dos times queria perder. E aí, já viu. A biaba cantava. Era lenha pura. As defesas batiam na medalhinha do pescoço dos atacantes. E, com essas e outras catimbas, a partida estava zero a zero. Tanto para o pessoal do Galo do Mercado como para a curriola do Amor e Glória, os dois times que se encaravam, aquele resultado estava legal. Por isso, seguravam as pontas. Acontece que o Waldo Cabeleira, que era o juiz, estava meio bêbado; aliás só mamado é que poderia ter a ideia de jerico de pegar o apito numa pelada cavernosa desse naipe. Porém, deixa isso pra lá. O que conta aqui é que quase no finalzinho do jogo, desconhecendo a torcida do Galo do Mercado, o Waldo Cabeleira, num lance duvidoso em que o Zé Catraieiro entrou na área do inimigo e foi sarrafado pelo Biela, um beque carniceiro, o juiz, sem vacilar, apitou pênalti.

Foi um esquinapo. Primeiro, naturalmente, teve quás-quás-quás. Uma zoeira medonha.

– Apitou pênalti!

– Aqui ói! Esse juiz não tá doido. Apitou bola fora.

– Foi pênalti!

– De araque.

E, pra tirar a cisma, os dois times mais a torcida cercaram o juiz e deram a prensa:

– Que tu apitou, desgraçado?

O Waldo Cabeleira era tihoso de nascença. Bêbado então era de lascar. Sem se afobar com a catimba, deu a lei:

– Dei pênalti.

Aí, a zorra encarnou:

– Tu tá é batusquela.

– Apitou, tá apitado.

– O Biela foi na bola.

– Mas acertou as canelas do Zé Catraieiro.

– Quem manda ele marcar bobeira.

– Juiz deu, tá dado. É pênalti.

– Só porque ele quer.

– Vamos bater o pênalti e continuar o jogo.

– Esse pênalti ninguém vai ter peito de bater.

E, com tanto bafo de boca, não chegariam nunca a um acordo. Sabedor dos pererecos da várzea, o Waldo não dizia bulhufas. Nem se tocou quando o Pedrão, chefe da torcida do Galo do Mercado, deu as ordens pro capitão do time:

– Toma o apito desse ladrão sem-vergonha e dá pra mim, que eu roubo pra gente.

A patota do Amor e Glória encrespou na hora.

– Só tira o apito dele depois do pênalti.

Mas, não dava pedal tentar conversa. O gango do Galo ouriçou:

- Que pênalti? Não teve pênalti nenhum.
- O juiz deu.
- Deixa a onda e vamos chutar essa bola.
- Não aqui.

E o caldo engrossou. Os jogadores do Amor e Glória botavam a bola na marca de pênalti e os do Galo chutavam pra longe. Com essa baderna, não demorou pro pau quebrar. Um rolo feio. Todo o povão presente entrou na briga. Não tinha jeito de desapartar. Os que tentaram acabaram pegando as sobras, se endoidando e partindo pra descontar. E ali no meio da batalha estava tendo pra toca. Nenhum dos lados estava levando desvantagem. Batiam e apanhavam igual. Foi por causa disso que o Biela puxou a faca. Queria desequilibrar o salseiro. E, sem avisar, espetou até o cabo da naifa nas costas do Chupim, um craque adversário. O moço ferido deu um berro e caiu estarrado. O melado correu e, diante do sangue, a turma deu pinote. Não ficou nenhum pilantra pra explicar pra polícia a história daquele cadáver.

Porém, mesmo assim a cana entrou na fita e, valendo-se dos cachorrinhos, levantou a pista do criminoso. Naquela noite mesmo prendeu o Biela no seu mocó. Já arrependido, o becão assassino não enguiçou. Se rendeu sem espernear e, em prantos, abriu tudo. Foi mofar na cadeia. Mas, o caso não acabou aí.

Um irmão do Chupim, o Osvaldinho Mau-Olhado, se picou de raiva e jurou apagar o Biela assim que desse. E deu antes do que todos pensavam. A polícia deu um arrastão no esquisito, a fim de ganhar algum vagau que andava espiantado e estava devendo pra justiça. Varejaram tudo. As bocas encardidas e tal e coisa. E num rala-bucho maroto adivinharam o Osvaldinho Mau-Olhado, que tinha na sua conta uns afanos. Levaram o bruto em galera. Até aí tudo normal. Na carceragem é que começou a feder. O chaveiro, que estava por dentro dos assuntos da malandragem, resolveu se divertir e, de xavecada, meteu o Osvaldinho Mau-Olhado na mesma cela onde o Biela puxava o seu tempo. Não teve arreglo. O xerife do xadrez era um negrão mau paca e não aliviou a barra. Muito pelo contrário. Acendeu fogo.

– Nessa treta não tem chibu. Ninguém vai meter a fuça. O Osvaldinho e o Biela estão à vontade pra decidir. É coisa deles só.

Selando o destino dos dois vagaus, o xerife ficou espiando junto com os outros presos o bode que ia dar. Não levaram pressa. Dali, os inimigos não iam poder sair. E teve início a inha-inha. Sem dizer nada, o Osvaldinho e o Biela se mediam. Como não eram loques, de saída ambos se mancaram que no braço, de cara a cara, no máximo o que conseguiriam era se acabarem de pancada. Sem combinarem, se fecharam em copas e um ficou esperando que o outro se descuidasse pra atacar. Mas, que nada. Tanto um como outro se ligaram e não distraiam. Bastava um movimento do Osvaldinho pro Biela se botar em pé. E era só o Biela se coçar pro Osvaldinho se cobrir. Nem na boca do boi eles iam. Prendiam as necessidades só pra não darem sopa pro azar. Às vezes, um preso puxava corda e os outros ajudavam:

- Tem crocodilo na parada.
- Tou vendo nego dormir de botuca arregalada.
- Os minos não são de coisa nenhuma.
- Tou vendo. Se um loque ferra um irão meu, não tem babado. Apago o loque. Não dou tempo.

- Eu, se sei que um pinta tá a fim de me jantar, almoço ele.
- Mas esses otários aí não são de coisa nenhuma.

E os bochichos só acabavam quando o xerife queria.

– Deixa lá, gente. Eles vão acabar se conferindo.

E estava certo o negrão. Mais cedo ou mais tarde, um ia ter que partir pro outro. Nem o Osvaldinho, nem o Biela estavam mais podendo escorar o repuxo. Dois dias e duas noites sem recreio não fazia graça. Eles não falavam, não comiam, não dormiam, não fumavam, nem nada. Só se vigiavam. E todos os outros presos manjavam o macete. O que desabasse primeiro estava frito. A guerra não era mole. Ia ser vencida pelo que tivesse mais resistência. E não deu outra coisa.

O Biela se arreou. O Osvaldinho não pediu licença, nem vacilou. Agarrou a cabeça do inimigo e bateu com ela no chão até se fartar. Os outros presos não se mexeram. Quando o Osvaldinho Mau-Olhado parou, o Biela já tinha ido falar com Deus. O criminoso, com grande esforço, rolou pro lado e dormiu imediatamente. Nem viu quando o carcereiro veio guindar o cadáver do Biela. E também não precisou que nenhum preso cagueteasse o Osvaldinho, para que o crime ficasse na conta dele.

Os mistérios da macumba (Última Hora de SP – Edição de 7/7/1971. Página 16 Caderno 1)

Quando Joãozinho da Goméia morreu, o crepe foi geral em toda a quebrada do mudaréu. Desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos até onde o vagau pisa devagarinho, o povão sentiu a morte do babalaô que foi escora pra muito nego a perigo. Porém (e sempre há um porém), rei estarrado é trono vago. E aí, já viu. Aparece gente paca botando olho gordo no lugar desocupado. Na macumba da Goméia não deu outra coisa. O Pai de Santo ainda estava na mesa sendo velado e já tinha pilantra fazendo enxame e bochichando pra ver se, nas encolhas, ganhava divisa e podia piar na parada como sucesso do falecido. Um troço escamoso que não passava despercebido para as botucas da Dagã, filha de Santo mais velha de Joãozinho, senhora de respeito e de valia dentro da roça de Encantado, conhecedora de todos os mistérios do candomblé e por dentro de todas as mumunhas da macumba. E ela não gostava nem um pouco do que seus olhos de ver viam.

Com mais de quarenta anos no Santo, a Dagã viu passar muita água embaixo da ponte. Viu muita zorra encarnar. Viu a gronga se dar e muito reinado cair de pobre. Viu mães e pais de Santo de repente perderem a força dos seus axés por quererem fajutar. Lembrou-se de mil presepadas que presenciou ou escutou contar e tremeu nas bases. Ali mesmo, no velório, reviveu na memória uma treta que se deu na própria Goméia e que quase derrubou o Joãozinho, que era cabeça coroada e chegado aos Orixás todos. Mas que, num lance de marra, quis desconhecer uma ordem de sua Santa lansã e quase tubula. Um troço à toa. Lansã mandou aviso que queria ser recebida com roupa de chita e o Babalaô, por ser vidrado em sua Encantada, não cumpriu a ordem. Muito pelo contrário. Mandou bordar uma vestimenta de tecido fino e rica em pedrarias para receber a Guerreira. Essa, no toque dos atabaques, veio e deu sinais de aborrecimento. Logo se retirou. Dias depois, mandou novo aviso pedindo a roupa de chita. Mais uma vez Joãozinho fez um traje de alta linha. Aí, tocou e cantou pra dona de sua cabeça. Porém, que nada. Lansã não baixou no chamamento. O babalaô se atucanou. Ficou mal. Mas, como era filho querido de Santa Bárbara, teve estia e criou jeito. Nunca mais folgou. Nem com boa intenção.

Ligada nesses lances, a velha Dagá se azucrinou. Ficou jururu num canto. Fechada em copas, a filha de Santo matutava, pensando em qual seria o destino da Goméia, se uns e outros resolvessem avacalhar a guerra pra ficar no lugar do Babalaô. E se roeu no velório inteiro, até a hora do enterro. Às vezes se concentrava no seu guia, se agarrava no patuá forte que o Joãozinho rezara pra ela e que tinha raízes firmes na África de seus avós. E murmurava em Bagô umas preces pedindo destino pro protetor. Se teve a graça de receber luz, nem ela nem ninguém poderá afirmar. Porém, isso não pesa na balança. O que conta é que, quando voltava do cemitério, a velha Dagã de estalo lembrou-se que, certa vez, num papo comprido numa noite de “roncó”, escutou alguém falar em seu João do Boné, Pai de Santo de quebrar qualquer mandinga. Homem por dentro dos segredos da hora grande, com mão firme no jogo dos deloguns e vistas limpas na leitura da vontade dos maiores, manifesta nas pedrinhas, nas sementes e nos caramujos.

Só que o terreiro do seu João do Boné ficava longe da Goméia. Ficava na gloriosa baixada santista de lemanjá, na Vila Margarida, em São Vicente. Porém, a velha Dagã não se perturbou com a distância. Na Moita, sem se abrir com ninguém, a velha se meteu num ônibus e foi fazer o que sua intuição mandava. Foi visitar na Vila Margarida o seu João Boné.

Enquanto a velha viajava, a quizila na Goméia fervia. No meio do quás-quás-quás pra ver quem era quem na ordem das coisas, a filharada de santo de Pai Joãozinho se ouriçava. Não respeitavam nem o Axexê, que é a cerimônia funerária e que, no caso de ser a de um babalaô do naipe do Joãozinho, deveria durar no mínimo um ano. O que os Ogãs e as filhas de Santo queriam era ganhar o reinado. Só a velha Dagã se preocupava com os destinos do terreiro de sua fé. E foi com essa carga que a mulher encarou seu João do Boné.

A velha filha de Santo da Goméia nunca tinha visto antes o Babalaô da Vila Margarida e ele tampouco sabia quem era a Dagã. Atendeu a mulher como atende todas as pessoas que o procuram. A pedido dela jogou os deloguns. E tudo se escancarou. Pai João cantou a ficha e a Dagã se assombrou. O homem acertou na mosca e a velha então se rachou inteira. Falou de todos os seus receios. Pai João escutou e por fim deu o recado:

– Não tem por onde, senhora. O afobado como cru ou queima a boca. E isso não é vantagem. A senhora pode estar certa de que nada acontece, nem um fio de cabelo cai da cabeça se não estiver permitido pelos Orixás. E às vezes eles dão corda e deixam andar. Porém, na hora de conferir não tem perdão. E o que tem que ser, será.

Então a Dagã se sentiu mais confiante e teve coragem de falar claro:

– Meu Pai, o senhor pode tirar o nome do escolhido pra ficar no lugar do grande Babá que os Orixás chamaram?

Modestamente, Pai João encabulou antes de responder:

– Se for por vontade dos Orixás... Mas, só daqui a um ano. Antes, não. Durante o Axexê não pode ser. E eu não vou tentar.

Angustiada, a Dagã insistiu:

– Mas lá na roça os Ogãs já estão dando a decisão.

Na tranquilidade de quem sabe o Babalaô da Vila Margarida ficou na sua:

– Isso não pega nada, minha senhora. Cada coisa tem seu tempo e quem apressar os acontecimentos acaba se machucando.

E sem mais conversa, o Babalaô da gloriosa baixada santista de lemanjá deu o trabalho por encerrado. A Dagã voltou pra Goméia pra assistir aos maiores esquinapos. Viu a escrotidão envolver a inocência de crianças. Viu com seus olhos

que a terra irá comer um dia, toda espécie de xavecós¹⁵². Constatou pálida de espanto o afano das roupas dos Orixás e das imagens que pertenceram ao Joãozinho. Se tocou petrificada que alguém arrasou uma bananeira no fundo da roça de Santo da Goméia, pra roubar o Axé de fundamento do terreiro que seu Pai de Santo ali plantara. Porém, fiando-se na pala que seu João do Boné lhe deu, a Dagã não perdeu o sono. Espera a hora. E, enquanto esperava, já viu enterrarem dois. Um Ogã e uma filha de Santo que morreram de mal súbito, no meio do rolo pra ver quem fica no lugar do grande Babalaô Joãozinho da Goméia, que, dentro das leis do candomblé, ainda não tem substituto.

Às vezes dá zebra (Última Hora de SP – Edição de 8/7/1971. Página 16 Caderno 1)

O velho milionário solteirão era um solitário e tinha hábitos bastante estranhos. Morava com a mãe e uma irmã também solteirona e só tinha dois amigos, ambos jovens e estudantes de engenharia. Além disso, possuía uma perua meio antiga e sempre que estacionava em algum lugar esvaziava os pneus traseiros, coisa que abilolava os xeretas que gostam de meter o nariz na vida alheia. E esse babado não era o ponto forte da fofoca dos bisbilhoteiros porque o velho milionário oferecia, para os que gostam de um bochicho, um troço que rendia muito mais quás-quás-quás.

O coroa era dono de uma casa numa ilha pouco habitada e ia pra esse mocó todas as noites, com sol ou com chuva. E ia na companhia dos estudantes. O que era suficiente pra curriola que botava as botucas nos destinos alheios, esculachar, avacalhar e envenenar o milionário. Pra todo o povão o velho era um anormal e os dois estudantes, gorgotas cavernosos.

Porém, o velho não estava e nem [sic] se azucrinando com a marola. Deixava andar e não dava trela pra torcida. E, por essas e outras, ninguém conseguia meter o bedelho na casa da ilha. Mas, que havia nego de monte querendo meter o focinho no pesqueiro do coroa, isso havia. E na primeira oportunidade que piou na parada, um loque foi espiar de perto.

O lance se deu num esquinapo macabro. Havia um vagau, que flanava sempre à toa pelo pedaço da casa do velho, sempre carregando ideia de jerico na cuca, até mesmo bolando um jeito de afanar o mocó, que durante todo dia ficava abandonado. Só por estar na campana, o vagau manjava esse detalhe e o procedimento todo. Mas, certa manhã, ele se ouriçou por ver a perua estacionada na frente da moradia da ilha e as janelas da casa escancaradas. De pronto o vagau se ligou num plano pra se chegar e ver o bicho que dava. Como quem não quer nada, atracou. Das proximidades, pra desbaratinar e sentir a barra, deu um aviso:

– Ó de casa! Ó de casa!

Esperava com o seu berro ficar bem na situação. Se o dono do mocó aparecesse, se apresentava e oferecia ajuda. Se não tivesse resposta, era sinal de que ali estava o seu bilhete premiado. Um casarão aberto à espera de um gaturama de sorte. E tudo indicava que a segunda hipótese era a mais provável. Aos primeiros berros ninguém respondeu. Se fincando na base do agrião, filosofia das quebradas do mundaréu, desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos até onde o vagau anda devagarinho, filosofia que ensina que “afobado come cru ou queima a boca”, o pilantroso decidiu ter certeza e se anunciou de novo:

– Ó de casa! Ó de casa! Precisa de alguma coisa?

152 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecós”.

Fez silêncio. E neca de aparecer gente. Aí o vagau se assanhou. Moleza era com ele mesmo. Pensou consigo mesmo: “Vai ver que depois da festinha de embalo, o velho, de bebum que estava, não pode se mandar guiando. Tiveram que guindar o miserável e esqueceram a casa aberta”. De alegre, até falou sozinho:

– Meu horóscopo hoje deve estar legal às baldas.

e [sic], tenteando, o gaturama meteu a fuça pela janela aberta. Não estava a fim de marcar bobeira. Fazia uma bruta questão de examinar bem o terreno onde ia pisar. E, olhando canto por canto do quarto, o vagau se preparava pra pular pra dentro. Mas, estava espantado com o que via. Em vez de camas e tal e coisa, que esperava encontrar, estava diante de uma oficina mecânica das mais bem montadas e cheia de aparelhos desconhecidos. E foi examinando esse lance que o vagau flagrou a zorra.

O milionário estava estarrado atrás da bancada. Boiava num lago de sangue e sua cabeça estava partida. De susto, o vagau quase caiu da janela. Logo achou que devia dar o pinote, antes que fosse acusado de cometer o crime. Porém, quando se afastava, encontrou um pessoal que ia passando por acaso. Tremeu nas bases. As pessoas o viram. E teve um até que lhe deu uma pala:

– Oi, meu chapinha. Tudo positivo?

Com essa, o vagau se entortou. Vacilou. Se fica fechado em copas, aquela gente, quando o escândalo estourasse, ia sem dúvida dedá-lo. Se ele se abre, ia ter que segurar rabo de foguete. Explicar pra tiragem como foi que adivinhou o perereco e os cambaus. Tudo colocado na balança, a preferência ficou com aguentar o repuxo. Entregou o serviço:

– Olha, meu parceiro. Estou mal com Deus. O homem daquela casa está apagado. Mataram ele. Eu não vi quem foi. Só vi o defunto.

Quase com alegria a patota incrédula correu para conferir a desgraça e depois um voluntário foi alertar a polícia. Essa chegou fazendo escarcéu e, de início, teve uma dureza pela proa. Foi espantar a multidão que bem depressinha se formou. Com muito custo afastaram a patota. Mas, aí, chegaram os repórteres e os fotógrafos. E teve início a inhanha:

– Como foi?

– O que o senhor acha? Qual o motivo do crime?

– Tem suspeito?

– Quem são?

Fiando-se nas informações colhidas na boca do povo, o delerуска destravou a língua:

– O homem, como direi?, tinha costumes um tanto esquisitos. Era achegado a rapazinhos. Isso nos leva a crer que as razões do crime são as mesmas de sempre nos casos que envolvem esses tipos.

Era o bastante. Todo o gango relacionou o caso com mil outros de jovenzinhos que apagam velhotes ricos e saíram correndo pro jornal. Mas, deu zebra. Quando os tiras começaram as investigações, viram que tinha linguíça embaixo do angu. O velho milionário não era nada do que acreditavam ser. Sua oficina era mesmo de trabalho e alguns inventos patenteados provavam isso. O coroa era inventor. Nas buscas mais detalhadas, foram encontrados vários indícios de que algum invento importante estava sendo feito ali. A única gaveta remexida havia sido arrombada, o que deixava claro que o assassino ou assassinos sabiam o que procuravam e onde o velho guardava o segredo.

Até aí não houve mistério. Daí pra frente é que o caldo engrossa. O delerуска, que pensava tirar de letra um caso comum, topou de repente com uma

gronga medonha, que talvez tivesse até espião metido no meio. E foi broca. O próprio delerusca acreditava que essas coisas só aconteciam em filme americano. Por isso, a galeria de crimes insolúveis está prestes a ser enriquecida.

Pedra Preta (Última Hora de SP – Edição de 9/7/1971. Página 16 Caderno 1)

Mesmo sabendo que se faltar comida na cadeia é bode certo, os carcereiros da Colonia Correccional de Pedra Preta, em Salvador, Bahia, mantinham a boia dos presos na base da ração de faquir. O resto nem pesa na balança. Alojamento e higiene eram o fim da picada. O paraíso das muquiranas e outras pestes era ali mesmo na Pedra Preta. Sem dúvida, tudo que era praga encarnava naqueles prisioneiros, que penavam muito mais do que gato de desenho animado. Uma zorra sentida. Porém, era da comida pouca, quase nenhuma, e dos trabalhos forçados na pedreira do Estado que os desgraçados encanados ali tinham mais bronca. Também, já viu. Com o bandulho vazio e tendo que encarar um batente duro, embaixo de sol de estourar mamona, aquela gente começou a entortar o patuá. E, de tanto sofrer, começou a se ouriçar. E não era pra menos. Nem esperança de pinote a curriola de Pedra Preta tinha. Tentar pular o muro era o mesmo que suicídio. Os guardas da torre não maneiravam. Se flagravam algum prisioneiro querendo se espiantar, apagavam o bruto sem perder tempo com papo. As outras quizilas até eram consideradas moles pelos carcereiros. Por qualquer coisinha baixavam o pau e estarravam o nego que estivesse perturbando. Por essas e outras, a patota enfurnada ali, de tanto se agoniar, sentiu-se picada de raiva. Daí pros bochichos não demorou. E logo ficou acertado que armariam um salseiro de grande naipe. Iam tentar fugir. Mas, se não desse pra escapular, não teria grande importância, desde que conseguissem matar uns carcereiros e uns guardas para se vingarem. E com essa minhoca na cachola, teve início o quás-quás-quás. Um dava a dica pro outro. O levante, pra ter chance, precisava ser geral. E foi aí que um rato sem-vergonha, um preso manjado por Mercedes, soube do esquinação que estava sendo tramado nas encolhas.

O nojento, por incrível que possa parecer, estava contente com aquela miséria toda. Pra ele era até legal. Ali na boca encardida do desespero, ele se arrumava bem melhor que em liberdade. Sabe como é. Na cadeia a moçada reza pelo Alcorão, que diz que depois de sete dias no deserto o beduíno não precisa ficar com mumunhas. Isso é. Se não tem tu, vai tu mesmo. E o “tu” da Pedra Preta era justamente o sacana do Mercedes. Só por isso o miserável não queria se mandar. O que não fazia a menor diferença no lance. Cada um sabe de si nesses pererecos. E se o Mercedes queria ficar, o problema era dele. E areia entrou quando o nojento, por saber dos segredos da fuga, quis chantagear os parceiros. Ele, que era vidrado num pivete homem que não lhe dava a mínima atenção, resolveu se valer da situação pra adiantar seu lado. Com a maior cara de pau atracou no gango da pesada, a negada que estava chefiando e organizando a catimba. E, sem cerimônia, escancarou sua jogada:

- Eu não vou.
- Então se dane.
- Pois é. Só que tem um negócio.
- Racha.
- Não vou ficar de boca fechada e tomar prejuízo.
- Qual é o teu negócio, bicha?
- O pivete. Quero que ele fique comigo.

– Isso é lá com ele.
– Não é não. Ele não quer assunto.
– Crepe teu.
– Só que se ele não entrar na minha, dou o serviço pros homens e avacalho a guerra.

Claro que a patota, em resposta à folga do Mercedes, lhe deu a maior biaba. Só não acabaram com ele na hora pra não haver escândalo e arroxos fortes, coisa que naturalmente atrapalha os planos dos presos. Porém, confiaram que as pancadas eram o suficiente pra fazer o cara se acanhar. Mas, que nada. O Mercedes era tinoso às baldas. Assim que se livrou foi cantar na orelha da repressão os macetes do pinote. Só não foi correndo porque mal podia andar em consequência da surra que levou. Porém, se arrastando, caindo pelas tabelas e tudo mais, caguetou.

Às vezes tem coisa que não dá pra entender. A guarda da Pedra Preta não botou fé na pala do Mercedes. Desconfiaram que o miserável estava de enganação pra enturutar algum preso que havia lhe esculachado. E, ao invés de tomarem providências pra impedir o banzé, não. Fizeram justamente o contrário. Por se tratar de dia de São João, deram licença pros presos armarem um pagode. A galera se serviu. Fizeram um samba de roda pra engrupir os trouxas. Enquanto uns faziam zoadas, outros rebentavam a parede à marretada. Graças ao barulho do samba, o barulho das marretas era abafado. E não tardou para que os preços arrombassem a parede e se largassem. Quem deu o alarma foi o Mercedes, que berrou desesperado:

– Eles tão fugindo! Tão fugindo como avisei.

Dar a trombetada foi a última coisa que o Mercedes fez. Os presos não perdoaram. Esmagaram a cabeça do infeliz à marretada. Porém, com o alô a guarda se alvoroçou e ainda teve tempo de impedir que grande número de presos escapasse. Apesar do caldo ter entornado, duzentos e cinquenta pintas meteram o pé na estrada. A polícia saiu na captura e pegou depressinha a grande maioria. Um alarma geral foi dado pra todos os Estados e houve mil arrastões por todas as quebradas do mundaréu, desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos até onde o vagau pisa devagarinho.

De positivo nessa história é que, depois dessa mumunha toda, o governo baiano reconheceu que Pedra Preta não dava nem pra prender bicho, quanto mais gente. E já acabou com a maldita prisão, que lembrava muito os campos de concentração nazistas.

O gol e a morte (Última Hora de SP – Edição de 10/7/1971. Página 16 Caderno 1)

É só eu ver os resultados que o Santos F. C. de glórias mil vem conseguindo pra ficar de patuá entortado, cuca fundida e os cambaus; 0 a 0, 1 a 1 me machucam. Não pelo resultado em si, mas pela falta de gols. É isso que me entristece e me dá saudades do Dorval, Jair, Pagão, Pelé (moço com vontade) e Pepe, uma linha que desconhecia ferrolho, retrancas e outras bobearias desse naipe.

No tempo dessa linha, o Santos F. C. de glórias mil podia até perder, porque ninguém é invencível. Mas, para acontecer isso, os inimigos precisavam fazer gol. Muito gol. Tanto gol que no final o placar ficava parecendo muito mais resultado de basquete. Juro por essa luz que me ilumina que uma vez que deu zebra, o Jabuca faturou o onze pesqueiro. Pra dar zebra, o Jabaquara, que era a caixa de pancada da época, teve que virar bicho e botar 6 pepinos no barbante. Porque nesse dia, a

linha do Santos estava com pouca inspiração e só fez 4. Seis a quatro pro Jabuca. Ninguém estrilou nas sociais do Santos.

O espetáculo tinha sido magnífico. Bola na rede emocionante, sacode e tudo o mais. Chega até a matar. E morrer de gol do time da gente deve ser mais doce que morrer no mar. E a linha do Santos matava. A defesa também. Mas, até nesse escore macabro, a linha ganhava.

Lembro-me de um jogo terrível. Em 1958. O que morreu de gente não foi brinquedo. A partida duríssima mandou cinco falar com Deus. Foi contra o Palmeiras. Bem me lembro. O Santos entrou em campo com Manga, Helvio e Dalmo; Fiote, Ramiro e Zito; Dorval, Jair, Pagão, Pelé e Pepe. Os periquitos alinharam Edgar; Valdemar e Edson; Formiga (nesse tempo era do Palmeiras), Fiume e Dema; Paulinho, Nardo, Mazzola, Ivã e Urias. E, sem papo furado, mandaram ver. Aos oito minutos, Urias abriu a contagem pro Palmeiras. Pelé se invocou e dois minutos depois empatou. 1 a 1. Mas, não estava bom e Pagão, o gênio, carimbou outra vez. 2 a 1 pro Santos, aos 25 minutos. Dada a saída, o Palmeiras ataca e pimba: Nardo de côco, aos 26 minutos, empata para o Palmeiras. 2 a 2. E aí a linha do Santos azedou e meteu aquele rosário no inimigo. Dorval, Pepe e outra vez Pagão, o gênio, balançaram o barbante periquito. E deu o primeiro tempo. 5 a 2 para o Santos estava legal.

E a moçada peixeira voltou pro segundo tempo só a fim de fazer graça. E isso picou de raiva os craques alviverdes, que se encheram de gás e foram à forra. E Mazzola, Paulinho e Mazzola de novo deram o troco e o jogão ficou empatado. Aí morreu o primeiro cara. Estava berrando da geral e, quando a defesa do Santos engoliu o quinto, o pobre homem não se aguentou. Desabou. Culpa da defesa. Um morto na sua conta. E todo o povão pensou que ia ficar por aí. Mas, que nada. O Urias marcou o sexto gol do Palmeiras. 6 a 5 pro alviverde. E mais um torcedor santista empacotou. Esse se apagou nas numeradas. Culpa da defesa do Santos. Dois mortos na sua conta. E, como a vaca estava indo para o brejo, a linha do alvinegro acordou. Pepe, o canhão, manda um balaço e empata outra vez, 6 a 6 no placar do jogo. E 2 a 2 o placar das mortes. Por causa desse gol, dois torcedores bateram as canelas. Um coitado que ia dentro de um ônibus escutando o jogo no seu rádio de pilha e um peixeiro doente que em Santos também escutava o jogo pelo rádio. Porém ainda não tinha sido dada a decisão.

Estava no fim, mas pro ataque do Santos sempre dava tempo e nesse lance não deu outra coisa. Pepe, o canhão, mandou outro balaço e acabou a festa do Palmeiras e a vida de mais um. Um pobre coitado que estava junto ao alambrado se estorrou de tanto que vibrou. 7 a 6 pro alvinegro santista no placar.

Três mortes na conta da linha, contra duas na conta da defesa foi o resultado final. E por aí se tira a base de como era o futebol do Santos F. C. de glórias mil. Até matava. E creio que nessa partida bateu o recorde mundial de mortes. Não contando acidentes, é claro. Cinco morreram de emoção. E esse recorde está seriamente ameaçado pelo próprio Santos. Se ele continuar jogando como anda, sem fazer gols, acaba matando sua torcida de tédio.

Quem planta tem que colher (Última Hora de SP – Edição de 13/7/1971. Página 16 Caderno 1)

O Nataniel quando completou dezoito anos e ficou de maior idade perante a lei, já era um pinta escolado por muitos e muitos anos de janela. Tinha entrado e saído montes de vezes no reformatório de menores. Por aí, e pelas andanças sem

rumo nas quebradas do mundaréu, desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, até onde o vagau pisa devagarinho, o Nataniel se assuntou nos macetes escrotos. Pivetão sacudido foi encarando os bate-fundos do jeito que vinha. Apanhou e bateu. Roubou e foi roubado. Na conferência dos ganhos ficou no prejuízo. Se machucou sempre. E as pancadas o deixaram duro e sacana. Muito mais sacana do que duro. Porém nada disso conta. O que pesa na balança é que o Nataniel, com dezoito anos, já devia paca pra justiça. O bastante pra entrar em cana e apodrecer na galera fria. Montes de afanos e dois crimes de morte embandeiravam sua ficha. E por essas e outras, o vagau não deu as fuças pra servir o Exército nem bulhufas¹⁵³. Tinha medo de dar as caras e ser ferrado. E não era só lá que ele tinha medo de aparecer. Na verdade queria era ficar sumido, até ninguém se lembrar mais de sua pinta cavernosa. Esse era seu plano. Mas pra dar certo dependia de bufunfa¹⁵⁴. A sonora grana. Que sem ela, naturalmente não ia ter estia. Cria maldita dos puleiros das piranhas, o Nataniel cresceu analfabeto de pai (desconhecido), mãe (batusquela) e vizinhança (atucanada ou tinhosa). O único ofício que aprendeu foi de gaturama. E nessas condições, estava entregue às traças. Pedido pela polícia e sem ter onde se esconder.

Porém, o Nataniel não era de desanimar. Muito pelo contrário. As sinucas de bico mais escamosas, o vagau encontrava sempre um patuá de valia pra se agarrar. E nesse lance, não deu outra coisa. Mal fez os dezoito anos [e] se retirou da praça. Se mocosou na Barra do Catimbó e das encolhas sem afobação passou a matutar pra encontrar seu destino. Não tardou a lhe brotar na cuca uma ideia de jerico. Gronga encardida. Mas que ele não considerou. Achou legal e mandou ver.

Reuniu tudo quanto era pivete que andava pelas encolhas dando trombada nos postes e anunciou o seu esquinapo.

– O perereco é o seguinte. A gente se junta e fica o naipe da mesa. Cês que são de menor, vão arroxar os trouxas, os carangos dos trouxas, as casas dos trouxas¹⁵⁵ e os cambaus. Daí o que conseguirem trazem pra cá. Eu me viro junto do intrujão. Comigo não tem quás-quás-quás. Nenhum pilantroso vai folgar e fazer o preço da hora do desespero. Eles manjam o Nata. Sabe que se eu me sentir chuveirado faço até chover. Já apaguei dois. Um a mais ou a menos, não faz diferença. Tou combinado que vou pro inferno mesmo. Posso ir por dois ou por mil. Agora se vai falar com o intrujão um pivete eles cozinham o galo e banham o mino, que eles sabem que sempre está na pior e querendo ver qualquer dinheiro. Se tocaram, né. Que dizem?

A molecada embarcou fácil na canoa furada. O Nataniel era bom de charla e falou o que era, e que os pivetes sabiam. Estavam todos eles fartos de serem tapeados por compradores de roubo. Formada a patota, o Nataniel escancarou as regras do seu jogo.

– Cês me penetram no pensamento. Se eu entro em cana, não saio mais. Cês entrando, não quer dizer nada. São Pixotes. O negócio é no reformatório. Pinote mole. Até moleque bom de bico se espianta daquela joça. Então quem der azar se guenta. Se fecha em copas e tal e coisa. Quando puder se arranca e vem pro meu mocó. Não tem sujeira. Eu tou sempre aqui pra segurar um ponta firme. E se quiser trazer os parceiros pra fugir junto, pode. Selado.

Foi pau e bola. O pesqueiro ficou instalado. De saída foi de vento em popa. Os pivetes iam roubar e traziam moamba pro Nataniel. Ele negociava com categoria

153 Termo atualizado; no original de jornal consta “bolhufas”.

154 Termo atualizado; no original de jornal consta “bofunfa”.

155 Termo atualizado; no original de jornal consta “trouvas”.

e conseguia bom preço dos intrujões. Também não recusava mercadoria. Peça de automóvel, liquidificador, joia, televisão, roupa, sapato e qualquer badulaque. Se demorava pra vender a carga não ouriçava. Adiantava dinheiro por conta pro pivete ladrão e aguardava melhores chances no mercado.

Com esse trampo, choveu na horta do Nataniel. E estava tudo como ele queria. Não havia bochicho em torno do seu nome e a polícia se esqueceu dele. Nem perturbavam. Provavelmente imaginavam que ele tinha se entalhado em algum salseiro, ou ido catimbar em outra freguesia. E achavam bom ele ter sumido. Era um a menos pra dar trabalho. Com sossego e dinheiro, o Nataniel, em vez de confirmar seu trato, passou a ficar ambicioso. Esqueceu que a razão do seu sucesso era ser positivo com os pivetes. Ficou enjoado. E a primeira treta se deu com o Azeitona.

O crioulinho entrou em puá. Não bateu com a língua nos dentes, nem nada. Fez o que o Nataniel mandou ele fazer. Segurou o rabo do foguete e não abriu onde vendia os roubos. Quando pode, juntou dois pivetes de fé e meteu o pé na estrada. Foi se esconder no mocó do patrão. Não teve bronca. O Nataniel deu guarida pros três fujões. Casa e comida até a barra limpar. O Azeitona e os cupinchas acharam o Nataniel bacana às baldas. Nem estranharam no dia que ele deu o alô.

– Já adiantei o lado de o cês. Agora, a gente tem que se tratar. A vida anda custando os olhos da cara e cobra que não anda não engole sapo.

Sem estrilo, os três pivetes saíram pra meter a mão. E fizeram e aconteceram. Quando voltaram, estavam com um carango atulhado de bugiganga. Sem vacilar, entregaram tudo pro Nataniel. O vagau saiu pro malho e não enalhou nada. Vendeu o carro e os outros objetos por bom preço. E foi aí que avacalhou a guerra. Se fazendo de Miguelito, o Nataniel não deu a parte dos pivetes. O Azeitona meio cabreiro, deu uma pala de leve.

– Como é que é, Nata? E o meu.

Na opinião do vagau, a parte do crioulinho era um esculacho e deu na hora.

– Que tu quer? Tu tá pensando que sustento burro a pão de ló? Tu e teus compadres ficam aí o tempo que querem, comem e rangam e tá bom? Aqui ói. O teu naco ficou pra pagar as despesas. E ainda é pouco. Porque eu arrisquei em guentar tu e eles com a cana na tua captura.

Pro Azeitona, aquilo é o que se chamava xavecada¹⁵⁶ e ele não era de engolir enrolado. Chiou. Só que o Nataniel se garantia na briga. O prêmio do crioulo e dos dois amigos foi uma tremenda biaba. Sem dó o Nataniel bateu e inaugurou o novo regime. E ainda deixou claro que se o Azeitona fosse render moamba em outro ponto que não o seu, ia dançar. Ele não ia perdoar. Encostado na parede, o Azeitona teve que concordar. Mas não barateou a sede de vingança. Abriu os olhos de ver e ligou as antenas. Foi espiando com quem o Nataniel aprontava e tomando nota. Deu corda pro vagau. O Nataniel se achou o bonzão. Abusou à vontade dali pra frente. Bateu em nego, nunca mais deu paga certa pra ninguém. E de arma na mão, botou pra quebrar. Na valentona se impôs. E ficou tranquilo.

Mas um dia recebeu de uma vez só a visita de uns quinze pivetes. Desconhecendo o peso da batota botou banca.

– Que querem aqui? Por que vem um de cada vez? Querem dar enxame pra todo mundo ver? Se arredem. Quando voltar vem um por vez.

Mas nenhum pivete se mexeu. Azedo o Nataniel gritou:

– Passem fora. Vão andando.

156 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

O Azeitona deu o seu recado. Um fio de aço de repente apareceu na sua mão e ele sem conversa, meteu no rosto do Nataniel. O vergão cresceu na cara do patrão. Os outros pivetes não deram tempo de defesa pro explorador. De pau, faca, soco, ponta-pé, cabeçada e como deu tiraram uma casquinha do Nataniel. Largaram ele estarrado. Quando cansaram de bater, o Azeitona deu a ordem.

– Agora é a bangu. Cada um pega o que puder. Quem puder mais, chora menos.

E a pivetada limpou o mocó inteiro. Quando saíram tocaram fogo no barraco do intrujão e deixaram o defunto assando nele. De longe assistiram a fogueira arder. E quando o povão do pedaço apagou o incêndio por medo que, no rebolo a favela inteira se queimasse, um pivete bochichou:

– Não deu tempo pro Nata queimar inteiro. Vão adivinhar ele. Vai feder pro nosso lado.

Porém o Azeitona tirou de letra.

– Que nada. Vão achar que foi o esquadrão da morte que fez esse presunto. Pelo menos pra isso o esquadrão serve.

A santa (Última Hora de SP – Edição de 14/7/1971. Página 16 Caderno 1)

Dona Maria Esperança da Silva era um pouco mais achegada à religião do que as outras senhoras da paróquia. Porém não era nenhum exagero. Era da Assembleia de Deus e levava o negócio a sério. Apenas isso. Ia na reza ou sei lá que nome tem as reuniões dessa seita. Lia a Bíblia todos os dias. Escutava os sermões do seu pastor com uma bruta atenção e tal e coisa. Fora disso, vivia para o lar. Era ótima dona de casa, esposa zelosa e os cambaus. Nem as curriolas que se formam nos botecos das esquinas conseguiram inventar cascata pra bagunçar a honra da dona Maria Esperança. Limpa a mulher. Não dava pedal pros fuxiqueiros¹⁵⁷. Andava sempre de olhos voltados pro chão e com a vizinhança só “bom dia” e “boa noite”. Na Assembleia de Deus era um pouco mais do que isso. Ela era quietona de nascença e isso dava um bom charme, sem se atravessar nos caminhos dos outros, feiosa o suficiente pra não ser cobiçada por outros homens e nem temida por outras mulheres, ela remava aparentemente o seu barco em maré mansa. Porém no fundo da alma se atucanava. E seu drama era de lascar. Já estava casada há seis anos e neca de ter filho. Claro que essa gronga pesava na balança. Pra mulher que se preza não poder ter filho é de entranhar. Funde a cuca. Entorta o patuá e abilola. Porém, dona Maria aguentava as rebordosas da vida com a força de quem tem fé. Não se desesperava. Sabia que a truta não era culpa do marido e não se queixava. Rezava, aguardava uma estia dada por Deus e levava pra frente. E de tanto pedir, um dia alcançou a graça. Saiu premiada e ficou choca. Naturalmente retumbou de felicidade. Mas como era de temperamento borocochô, não soltou foguetório. Nem ela, nem o marido. Que a bem da verdade, era parceiro inato pra mulher. Igualzinho. Mas deixa pra lá. O que conta aqui é que dona Maria Esperança puxou seus nove meses, numa felicidade imensa. Felicidade que só era notada por estranhos nas cores dos casaquinhos de tricô que dona Maria fazia. Eram todos amarelos e vermelhos. Uma vibração. E entre grandes discussões sobre o gosto da dona, chegou o dia do parto. E a zorra encarnou.

Deu trigêmos. Dois nasceram mortos. E o terceiro faleceu cinco dias depois do parto. Dona Maria e seu marido sofreram paca. Mas assim que passou o período das mumunhas mandaram ver e deu repeteco de gravidez. Dona Maria embarrigou.

¹⁵⁷ Termo atualizado; no original de jornal consta “fochiqueiros”.

E pacientemente puxou outra vez os nove meses. Fazendo outros casaquinhos. Os do primeiro parto ela deu pra um berçário de mães avulsas. E nesse lance, Dona Maria mudou a cor. Tricotou tudo de verde e roxo. Uma caca na opinião do povaréu. Mas foi nessa cor que o enxoval foi feito. Mas não adiantou nada pra Dona Maria mudar a tonalidade das roupinhas. No dia do parto, novo esquinapo. Nasceram gêmeos. Um chegou morto, e o outro, se estarrrou cinco dias depois.

Dessa vez a curriola inteira das quebradas do mundaréu, desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, até onde vagau pisa com cuidado, sentiu o aroma da perpétua. Os jornais esparramaram a notícia e teve quás-quás-quás na boca da gentalha.

- Coitada dessa mulher.
- É muito crepe.
- Se fosse comigo, eu me endoidava.
- Duas vezes o mesmo resultado, não é mole.
- Tem coisa que não dá pra entender.
- E é melhor não entender pra não enlouquecer.

Mas Dona Maria da Esperança que era de fazer jus¹⁵⁸ ao nome, encarou a sorte. Convocou o marido e foi à forra. Engravidou novamente. Fez novos casaquinhos[,] pois os do segundo parto ganharam o destino do primeiro. E dessa vez os fez com lã azul e branca. Mas se havia alguma quizomba na cor do enxoval não funcionou. O parto foi um fracasso. Dessa vez, Dona Maria pariu um. Mas o nenê teve vida curta. Não chegou nem a chorar e morreu.

Cismada, dona Maria não se rendeu. E por essas e outras, ela pariu e perdeu dezoito crias. Uma atrás da outra e sem grandes explicações médicas. Em todas as vezes, os médicos mandaram ir firme que dava pé. Mas chegava no grande momento, tinha chibu. E o povaréu então se assanhava.

- Essa mulher é uma cristã.
- Santa!
- Isso que é, Santa.

E passaram a achar a dona Maria Esperança uma Santa. E ela passou a ter regalias nas bibocas do esquisito. Açougueiro não roubava no quilo que vendia a ela, na Igreja ela tinha lugar na primeira fila. Todos a cumprimentavam com respeito. E como dona Maria não era de incomodar quem quer que fosse, ficou sendo Santa. E todos acreditavam. Juravam. Botavam a mão no fogo pela Santidade de dona Maria Esperança da Silva.

Porém, uma noite, a serenidade da mulher se quebrou. O quarteirão inteiro do pedaço onde ela morava, foi acordado com gritos pavorosos. Todos levantaram e foram ver o bode que tinha dado. E pálidos de espanto, os xeretas¹⁵⁹ viram dona Maria Esperança de camisola no meio da rua se debatendo e urrando. Foi uma batalha aguentar a Santa. Ela esperneava com força de caboclo de terreiro de Ubanda e deu trabalho. Mas por fim acalmaram a dona Maria. Deram chá de capim cidrão que é bom pra acalmar os nervosos. A mulher bebeu e pareceu acordar de um sono profundo. Olhou em volta e antes que alguém se achesse a perguntar, ela se abriu com voz de profetiza de fita de índio.

– Jesus me apareceu e falou. Eu vou morrer dia nove e serei levada pro céu num carro de ouro puxado por cavalos de fogo. Depois disso pecadores, vos arrependeis. Só restará uma hora para o mundo se acabar.

158 Termo atualizado; no original de jornal consta “juz”.

159 Termo atualizado; no original de jornal consta “cheretas”.

Se dona Maria Esperança já tinha fama de Santa, naquele momento ganhou mais divisa. Deu bobeira geral[.] Ninguém sabia o que fazer. Um gaiato que tinha um relógio calendário, deu uma olhada no bruto e teve um chilique. O dia nove estava na bucha. Faltava três dias pra hora final. E a guerra se avacalhou. Com uma fúria tremenda, a notícia se espalhou. Uns acreditando, outros não, outros ruins dentro da roupa – mas fingindo não tomarem conhecimento, porém, todos esperando o dia nove.

E quando ele chegou, uma multidão estava plantada na porta da casa da dona Maria. Ficaram na paquera. Até o meio dia não [o]juriçaram. A partir daí começaram a chiar e à tardinha já estavam esculachando a Santa. Xingando de enganadora, pilantrosa, macumbeira fajuta e outros babados. A noite não resistiram e apedrejaram a casa de dona Maria Esperança. A mulher ficou desesperada e teve um ataque nervoso. Gritou, esperneou, se bateu contra as paredes, se lascou e tiveram que chamar uma ambulância.

Os enfermeiros tiveram que fazer força pra chuchu pra meterem uma camisa de força na dona Maria Esperança e arrastá-la pro carro. E quando a ambulância partiu, o povaréu vaiou com toda potência da caixa de catarro. Um esculacho aquela via. O enfermeiro assustado, só soube dizer pro chofer:

– Mete o pé na tábua. Não adianta levar todos. Não vai ter lugar pra todos lá no hospício. Eles que se danem e fiquem por aí mesmo.

O filho de peixe (Última Hora de SP – Edição de 15/7/1971. Página 16 Caderno 1)

O Antero era o bravo do seu pedaço. Valentão que já não se usa mais hoje em dia. Porém[,] que antigamente era comum paca. Cada bairro tinha o seu. E o Antero mandava no seu distrito que era na Barra do Catimbó e era respeitado em toda quebrada do mundaréu, desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos até onde o vagau pisa devagarinho. De pilantra o Antero não tinha nada. Isso é bom que se diga. Malandro ele nunca foi. Sempre foi chegado ao trampo. Não perdia um dia de batente. Sua embaixada era a briga. Uma parada federal. Além dele ser forte como um touro era liso e encrespado. Não enjeitava confusão. Não comia enrolado. Até procurava.

Aos domingos acompanhava o timéco do seu reduto onde quer o timéco fosse jogar. Ia unicamente pra garantir o taco em caso do pau quebrar. E nesses pererecos, o Antero brilhava. Topava barulho em qualquer campo do esquisito. Encarava as torcidas mais numerosas e catimbeiras da várzea. Era a zorra encarnada o Antero.

Porém[,] um dia o valente cansou dos esquinapos. Se mancou que salseiro não dava camisa a ninguém. Era a idade que começava a pesar no lombo do bruto. E nessa altura ele conheceu uma moça toda certinha que reforçou a vontade do Antero de sossegar. E sem anunciar, o valente se recolheu. Casou e foi cuidar da vida. De saída a mulher ficou choca e nove meses depois nascia um bebê taludinho. O Antero então se embeijou. Se já era homem de viver do trabalho pra casa, de casa pro trabalho, daí pra frente ficou mais duro nessa fé. Não perdia tempo na rua. Folgando, corria junto do filho que era seu orgulho, sua alegria e felicidade.

E rodeado de carinho do pai e da mãe o Anterinho foi crescendo. O pai não se metia em enguiço. Porém[,] fama era fama. E sempre o garoto escutava falar nas façanhas do velho Antero. Se ligava nos papos, acreditava e queria saber do seu herói como tinha sido. Dizem que recordar é viver. Nessas ondas, o velho Antero

embarcava inteiro. Cascadeava à vontade pro filho. O moleque se abilolava¹⁶⁰. E encucava¹⁶¹. Como era fortinho e bravinho, passou a aprontar. Deu trabalho na escola e aonde ia. Criava caso de montão. E no fundo da alma o velho Antero vibrava com as presepadas do filho. Até incentivava. Meio na moita pra mulher não ouriçar, o coroa curtia as batalhas do Anterinho. Queria saber detalhes e os cambaus. E sempre em vez de dar as dicas certas pro filho, desconhecia e encarava um lance de seu passado. Contava mil cascatas pro filho. Dizia que fazia e acontecia e tudo mais. Assim sendo, naturalmente o Anterinho foi se enchendo da minhoca na cachola. Queria porque queria ser valentão como o pai tinha sido. E não deu outra coisa. Cresceu. Encorpou. E tirou carta de bravo. Por qualquer quizila à toa comprava briga. E não era fácil, o pivete. Era até melhor do que o pai fora no passado.

Só que esse negócio de briga no braço não estava mais em moda. Nos tempos que correm o lance é na mão grande. Qualquer pé de chinelo que se mete em bate fundo anda com um revólver pra equilibrar a guerra contra os fortões e sem contar com essa gronga o¹⁶² Anterinho se atrapalhou muitas vezes. Uma delas foi com o Chibiu, um crioulinho pixote que engraxava sapato na esquina que o Anterinho parava pra bater caixa. Por causa da cor da graxa que o Chibiu usou no sapato do valente, deu confa. O Anterinho achou o crioulo pão ganho e engrossou. Levou uma tremenda invertida. O engraxate meteu a mão no baú e apareceu de draga. Aí não prestou pro valentinho. O Chibiu encostou sua razão na fuga do pivete e esculachou. Só não deu os arrebitos porque o Anterinho meteu o galho dentro. Pagou a engraxada dobrado. Pagou a engraxada dobrado e ainda deu gorjeta.

Mas claro que não podia deixar o caso no barbante. Sentindo o aroma da perpétua, se picou de raiva. E de ideia fixa na desforra que pretendia tirar comprou uma arma. Um canhão de calibre grande. Daqueles que não dão chibu. Quando soltam tocha arrombam adversário e o mandam falar com Deus.

Mas disso o velho Antero não gostou. Apertou o filho. Deu conselho. Mas nada mudava a cisma do pivete. Queria acertar as contas com o engraxate. Se sentia humilhado pelo papelão que fez na esquina. Porém[,] o escarcéu foi tanto na sua casa, o pai falou tanto e a mãe chorou tanto que o Anterinho teve que se render e entregar a arma. Mas não desistiu da vingança. E ficou na campana do¹⁶³ Chibiu.

Um dia que o crioulinho estava distraído batendo papo furado, o Anterinho deu a congesta. Primeiro pegou a caixa de engraxar do Chibiu e ficou com a arma do inimigo. Descarregou¹⁶⁴ e a jogou longe. Daí partiu pra biaba e não teve mumunha por parte do crioulo. O Anterinho solou a moleira do engraxate. Sem dó. Um cacete de lascar. Parecia que o Anterinho estava a fim de matar o adversário de pancada. Dava pra valer. E ninguém conseguia desapartar. Quem tentava recebia as sobras.

Temendo por um troço ruim demais, alguém foi na casa do velho Antero e assoprou na orelha dele a miséria que o filho estava fazendo com o crioulo. O velho Antero endoidou. Passou a mão na arma do filho que estava guardada com ele e se mandou pro local da briga. Chegou num momento em que o crioulinho já quase estarrado, estava atirando no chão sendo chutado pelo filho. O velho com bronca deu as ordens:

160 Termo atualizado; no original de jornal consta “abibolava”.

161 Termo atualizado; no original de jornal consta “encucava”.

162 Termo atualizado; no original de jornal consta “e”.

163 Termo atualizado; no original de jornal consta “no”.

164 Termo atualizado; no original de jornal consta “Descorregou”.

– Para com isso, Anterinho. Para que eu tou mandando. Qual o quê. O pivete nem escutou de tão abilolado que estava. Continuou chutando a Chibiu. O velho Antero então tentou segurar o filho. Porém[,] foi jogado com um tranco. Na queda se machucou. O sangue ferveu e subiu a cabeça. Cego de ódio, o velho valentão não tateou. Pegou a arma e deu no gatilho. O Anterinho, seu filho recebeu a carga, girou sobre si mesmo e desabou. O povaréu que assistia se espantou. Nesse momento o velho Antero recobrou a lucidez e correu pro filho. O pivete estava mal. Com um pé lá, outro cá. Pro velho Antero aquilo era de doer no coração. Se debulhou em lágrimas[,] foi assim que a cana o encontrou.

Na conferência, o resultado da valentia estava escancarado. Um em galera, dois gravemente feridos e um morto. O velho Antero foi em cana. O Chibiu e o Anterinho pro hospital. E a mãe do pivete pro cemitério. A mulher empacotou quando soube que seu marido tinha baleado seu filho.

Coisas da vida (Última Hora de SP – Edição de 16/7/1971. Página 16 Caderno 1)

O marujo Valdemar atracou um pouco tarde na vida da Maria de Lurdes Rocha. Ela já vinha escolada por muitos anos de janela e ele catimbado por tremendos temporais. Ambos machucados pelas rebarbas que pegaram nas andanças sem rumo pelos confins das quebradas do mundaréu. Porém, ao se encontrarem um dia no esquisito, onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, se vidraram. Um meteu as botucas nas botucas do outro e nem precisou charla. Os olhos sem brilho de Maria de Lurdes refletiram na noite sem estrelas do marujo Valdemar, como dois faróis de luz doce e serena. E ele soltou [as] amarras e navegou ternamente nos braços morenos da namorada. Se amaram na Praia da Pouca Farinha, embrulhados nos raios de luar e embalados pelo som dolente das ondas beijando a areia branca. Foi gama de pedra. Entrega inteira. Mas, já era tarde para eles. Cada um trazia, dos caminhos por onde cruzaram, mil fantasmas, que de repente saltaram do passado e agitaram como sombras malditas que bagunçaram tudo.

Mas, mesmo assim, foram morar juntos num casebre onde pretendiam se livrar das cargas que apanharam em estivas de portos estranhos. Cada um levou a ânsia de erguer um mundo. Porém, o que pesava mais na balança eram as grongas. A Maria de Lurdes não botava fé em homem, de tanto tranco que já tinha tomado; e o marujo Valdemar não se fiava em mulher que já passou em muitas mãos. E aí se deu o esquinapo. Mesmo juntos, se ardiam de solidão. Quando podiam se sentir felizes, se enchiam de minhoca nas cacholas.

Maria de Lurdes cortava, com ideias de jerico, as marolas que sacudiam seu coração. Pensava consigo que não valia a pena curtir esperança no destino porque um dia fatalmente um barco apitaria no cais do porto e o marujo Valdemar se mandaria pra cumprir a sorte que Deus lhe deu. Iria embora, sem até breve, vagar de mar em mar. Já o Valdemar, em sua cuca fundida pelas maresias de tantos amores fracassados, rejeitava os afetos mais puros que pretendia ofertar à sua companheira, com mumunhas fedidas. Achava o marujo que, leviana como todas as mulheres que conheceu um dia, Maria de Lurdes se arrancaria com um pescador qualquer, pra não deixar mal o mestre de carta que lhe traçou a rota de bandida. E nessa zorra se atucnavam.

A mulher, conformada por temperamento, deixava andar pra ver como ia ficar. Mas, o marujo que era ouriço de natureza, não aguentava as pontas. Se desesperava só de imaginar a dura pena que seria ter que andar por águas

barrentas com seu porão entupido de saudades da Maria de Lurdes e da noite que amou na Praia da Pouca Farinha. Que, na verdade, foi a única noite que amou em toda sua vida. Se roía de mágoa e se entalhava de dor. Mas, nem de leve se desarmava pra tentar pelo menos por um momento ter outra vez a ventura da primeira vez. Que nada. Pra se escorar, tinha que encher o casco. O seu lastro era pequeno e no meio da tormenta não dava equilíbrio. Bêbado, o marujo endoidava e, sem explicação, tacava a mão na fuça da companheira.

Não podia a triste Maria de Lurdes entender que as biabas que o marujo lhe dava eram carinhos de um bruto. De um poeta sem forma de expressão, de um amante angustiado e impotente pra reviver o mais belo momento de sua existência. Nada disso podia ocorrer pra Maria de Lurdes. Ela aguentava o repuxo, não por amor ao amor da primeira noite. Mas, pelo prato de comida que no mocó do marujo Valdemar nunca faltava e que nas trilhas por onde ela passou muitas vezes faltou.

Com essas e outras, as quizilas foram ganhando passagem livre. E o que ambos mais temiam, que era o rompimento, um dia aconteceu. O marujo encheu o buxo de cachaça e, sem cerimônia, sentou a pua na mulher. Não prestou. A mulher estava de ovo virado. Se invocou. Pegou seus badulaques e se espantou. O Valdemar não tomou conhecimento na hora. Estava muito empapuçado pra se dar conta do que acontecia. Se apagou. Quando se ligou outra vez, além da ressaca que sentia, sentiu falta da mulher. Como louco saiu na captura da Maria de Lurdes. Se bateu paca. Por fim a encontrou. A mulher estava no puleiro da Madame Violeta, fazendo o que podia pra adiantar seu lado. O marujo Valdemar endoidou. Ele que chegou moído de remorso pelas pancadas que havia dado na Maria de Lurdes, se encheu de razão. Achou que a piranha tinha merecido e que era piranha mesmo, porque se não fosse, não iria se plantar na viração em boca tão vagabunda. Com essa bola maluca a lhe bater no cocoruto, o marujo aprontou o salseiro. Virou bicho e fez o escarcéu. Bolachou a mulher sem considerar coisa nenhuma. E depois, por paixão, a arrastou de volta pro mocó.

Daí pra frente a sujeira bateu direto. A Maria de Lurdes se tocou na fraqueza do marujo. Se flagrou que o pinta era loque e, apesar das pancadas que lhe dava quando bêbado, era chibungo. Engolia tudo. E não ficou barato. A mulher avacalhou a guerra. Vira e mexe desconsiderava o Valdemar com qualquer vagau. Dava rolo esses pererecos da Maria. Porém, ficava nisso mesmo. O marujo acabava perdoando e ainda por luxo chorando as pitangas. Procurava a mulher e pedia:

– Maria! Maria, faz como naquela noite na praia.

Porém, o marujo Valdemar atracou tarde na vida da Maria de Lurdes Rocha. De tanto tranco que tomou pelos caminhos por onde andou, a Maria não sabia mais ouvir. E era pouco o amor que dava ao marujo Valdemar que, azucrinado, ia se acostumando com aquela miséria. Mas, um dia não deu pé.

O marujo encheu o caco de cachaça e sentou o pau na Maria de Lurdes. Ela, picada de raiva, resolveu esculachar de vez com o parceiro de mocó. Bordejou quase nas barbas do bruto, ganhou um pilantroso qualquer e, dando bem na vista do marujo, desceu com seu amigo do momento para as areias da Praia da Pouca Farinha. Essa o Valdemar não segurou. Pegou uma arma e nas encolhas seguiu o casal. Apareceu de surpresa e não regateou. Fez a desgraça. Chumbou o acompanhante da mulher. E diante do crime a Maria de Lurdes se acanhou. Ficou bamba de medo. Fora de si. O Valdemar, sem dizer bulhufas, a derrubou e a possuiu embrulhado nos raios de Lua e embalado pelo som dolente das ondas beijando a areia. Se entregou. Mas, nada recebeu. Sem reclamar, apanhou a arma e estourou os miolos.

A Maria de Lurdes ficou sentada junto aos cadáveres até o dia clarear. E quando a encontraram, não deu pra ela contar a história dolorosa do seu amor.

O concurso (Última Hora de SP – Edição de 17/7/1971. Página 16 Caderno 1)

O pessoal que dirigia os gloriosos destinos da Sociedade Esportiva e Cultural Mocidade Alegre e Independente da Barra do Catimbó considerou, certa vez, que precisavam bolar umas atividades pra fazer jus ao nome. Esse negócio de só jogar futebol não estava dando pedal. O corpo associativo estava cada vez ouriçando mais pra pagar recibo, além de ficarem nas encolhas fazendo quás-quás-quás e outros enxames pra esculachar a diretoria. Muito mais pra calar a matraca dos fofoqueiros do que por espírito social, marcaram uma reunião. O local escolhido pra darem uma decisão no clube foi, como sempre, o boteco do seu Mané Cheiroso, ponto de encontro dos mais fedidos de todas as quebradas do mundaréu. Contando tudo quanto era biboca cavernosa desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, até onde o vagau pisa com cuidado. Porém, não tinham outro local pro papo e se não tem tu, vai tu mesmo. E o “tu” da história era o boteco do Mané Cheiroso, onde o glorioso S[.] E[.] C[.] M[.] A[.] I[.] B[.] C[.] pendurava a tabuleta com avisos e resultados das partidas disputadas e onde a batida de amora era de entortar qualquer patuá. Mas, deixa isso tudo pra lá. O que pesa na balança é que a curriola se reuniu sob a presidência do bom crio[u]lo Azulão, um coroa de impor respeito e que em tempos passados fez e aconteceu na valentia. E foi justamente ele que, espantando as moscas do recinto, deu início à sessão com vibrante discurso:

– O negócio é o seguinte, minha gente. Os fuxiqueiros que não fazem bulhufas e sempre botam areia nas coisas que os outros tão fazendo andam assanhados pro nosso lado. Isso não vai prestar porque qualquer hora eu me invoco e arrebento as fuças dum deles pros outros se tocarem no aroma da perpétua.

Nessa altura, o presidente fez uma pausa pra ganhar fôlego e o Oscar Mosca de Bolo, um cara chato que tinha esse apelido justamente porque não adiantava enxotarem que o bruto voltava, aproveitou a deixa e meteu seu bedelho:

– O pior de todos os faladores é o seu Vicentinho, da farmácia. Ele é quem fala mais. Só porque a mulherzinha dele, aquele bagulho de bigodinho, gosta de baile, o desgraçado quer que a gente faça um. Não é pra encaveirar ninguém. Porém, se o senhor for quebrar alguma fuça, deve começar pela dele.

Na verdade, todos os presentes ali estavam pendurados na farmácia. Num “devo” de fazer gosto. E, por essas e outras, cortaram a alegria do Mosca de Bolo. O próprio Azulão enterrou o assunto:

– Se acanha. Se acanha. O seu Vicentino é boa gente e sócio benemérito e tudo. Ele é quem dá os esparadrapos e os mercúrios pra caixa de remédio do nosso massagista.

Essa lembrança rendeu aplausos, e que incentivou o presidente a continuar boquejando:

– E a gente não pode esquecer o nome da nossa sociedade. A gente fica falando S. E. C. M. A. I. B. C., como nós é manjando por aí, e se esquece que o C. é de Cultural e então um baile de vez em quando vai bem.

Pro Zeca Morcego, diretor social, a ideia veio a calhar. Ele andava cobiçando o lugar do Azulão e viu nesse perereco de baile uma chance de aparecer e poder se candidatar a presidente nas próximas eleições. Meteu lenha na fogueira:

– Mas, se a gente aprontar alguma tem que se[r] pra valer.

Com essa, todos concordaram. E o Azulão azedou:

– Que qui tu acha? Qui eu tou aqui perdendo tempo pra fazer um troço ruim? Um rala-bucho de araque? Não! Quero um baile bacana. Onde dê pra gente trazer as famílias e faturar sem dar vez pros pilantrosos bagunçarem o ambiente. Manjou? Troço bacana paca. Isso que tem que ser.

Nessa base complicou. Todos se fecharam em copas e ficaram matutando no assunto. Como não saíam disso, precisou o Azulão apertar:

– Como é? Cês num tem cuca?

A encabulação foi geral. E o presidente, que já andava meio cabreiro e desconfiado das intenções do Zeca Morcego, resolveu meter o bruto na parede e deixá-lo mal na frente dos outros.

– Nem tu, Zeca? Tu que anda querendo o meu lugar não tem um traquejo pra dar no caso?

Maneiro, o diretor social tirou de letra:

– Quem quer teu lugar? Tu tá doido. Aqui onde estou já me enche o saco. Imagina de presidente. Eu quero é sossego.

Se[m] se afobar, o Azulão fez média:

– Tá vendo? E eu aqui que me dane. Carrego o clube sozinho. Agora, lá fora na boca do povo, sou eu que recebo o malho. Fim do ano largo essa joça. Daí, quero ver. O clube estoura. Podem crer. Não é fácil segurar sozinho o rabo de foguete.

A cascata do presidente atucanou o resto da diretoria, o que deixou a maré mansa pro Zeca Morcego armar seu pesqueiro. E ele não vacilou:

– A gente podia fazer um concurso de rainha. Troço fino. As meninas vendiam voto e quem vendesse mais ficava a rainha da beleza.

Proposta aceita na hora por aclamação. Apesar do Azulão ter fechado a carranca. E aí não deu pra ter recueta. O único xaveco¹⁶⁵ que o presidente conseguiu fazer foi empurrar a responsabilidade do sucesso pra cima do Morcego. Deixou claro que, se não desse certo, a cabeça do diretor social ia rolar. Sem se apavorar, o Zeca Morcego mandou ver. Conhecendo as mumunhas dos moradores do pedaço, ele não marcou bobeira. Foi direto na Dagmar:

– Dag, vim te convidar pra ser candidata a rainha do clube.

A moça tremeu nas bases. Porém, sem regatear, o Morcego usou um trunfo forte.

– Tu sabe quem é a Vera? Sabe sim. Sei que tu sabe.

Claro que a Dagmar conhecia a Vera. E tinha bronca. A Vera era sua rival na disputa pelos dengos do Wadinho, o boa pinta do lugar. E pra maior incentivo, o Morcego azucrinou a Dagmar:

– A Vera falou que ganha fácil e vai querer dançar a valsa da rainha com o Wadinho.

Pau e bola. A Dagmar topou a parada. Dali o Morcego foi na Vera e contou a mesma cascata. A Vera se embandeirou. O concurso virou guerra. Dava gosto ver as duas mocinhas batalhando na venda de votos. Uma se esforçava mais que a outra. Se pixavam. Formaram partidos. Trocaram desaforos e tal e coisa. Mas, pro Morcego estava ótimo. Chovia na horta do clube. As duas vendiam voto pra chuchu¹⁶⁶. E com essas e outras, o Azulão tinha que ficar de bico calado. Não podia chiar. E o Morcego botava banca. Só dava ele. Estava escancarado que ia ser fácil o próximo presidente do clube. A toda hora, em qualquer lugar, ele anunciava:

165 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

166 Termo atualizado; no original de jornal consta “xuxu”.

– Levantei grana pro clube, que na mão do Azulão estava catando lata. Aliás, transformei o nosso S. E. C. M. A. I. B. C. em um clube. Isso estava parecendo um time de futebol. Eu sou mais eu. Pelo Azulão não tinha nada disso.

Picado de raiva, o Azulão se roía e espiava o Morcego dando as cartas. Engrossou no preço do convite do baile. Botou a cinco contos até pros sócios. O presidente foi contra, mas foi voto vencido. Rogou praga. Não calou. O Morcego deu um alô que as urnas do concurso seriam abertas no dia do baile, no meio do salão, pra não haver trambique. E o povaréu, ligado na briga da Dagmar e da Vera, por causa do Wadinho[,] pagou o preço do convite sem resmungar. Queriam todos ver com que cara a perdedora do esquinapo iria ficar. E ferveu. O salão do Seletto, especialmente alugado pro baile, entupia. E a orquestra deu o recado. Toda a gentalha dançava olhando pras candidatas que, plantadas no palco, com seus vestidos azuis compridos, com rendas e babados, aguardavam ansiosas a apuração. Demorou paca pra chegar o momento. Exatamente à meia-noite, na virada de um dia pra outro, o Morcego parou o baile e começou a conferir. O suspense era geral. Ninguém bochichava. As duas candidatas, coitadinhas, nem respiravam. Era pau a pau o negócio. Saia um voto pra Dagmar, outro pra Vera. E com catimba pra valorizar o concurso, o Morcego fez chegar ao último voto com as duas empatadas. Aquele último voto decidiria tudo. Cheio de manha, o Morcego falou:

– A dona desse voto será a vencedora e terá a honra de dançar a valsa da vitória com o Wadinho.

Depois da zoeira das torcidas, o diretor filou o voto. A multidão angustiada na campana ainda teve que engolir mais xaropada. O Morcego chamou o Azulão pra cantar a pedra. Sem mistério, o presidente agradeceu a colher de chá e deu o plá:

– A vencedora é a Vera.

Vaias e aplausos explodiram. De revolta, a Dagmar berrou:

– É fajutice. Eu vendi mais que ela. A Vera deu o troco:

– Perdeu e tem que se conformar.

Mas, que nada. A Dagmar era lenha:

– Aqui ói. Isso foi tramoia.

Ofendida, a Vera não deixou barato:

– Despeitada!

Xingada, a Dagmar apelou. Partiu pra cima da Vera e as duas se atracaram. As torcidas no salão entraram no rolo e o tempo fechou até a polícia chegar e arrastar meio mundo em cana. Na delegacia, as duas candidatas receberam uma bronca do delerusca e foram dispensadas. Foi o único prêmio que ganharam. Já o Morcego, como diretor social, e o Azulão, como presidente, dormiram no xadrez.

As sobras do concurso (Última Hora de SP – Edição de 20/7/1971. Página 16 Caderno 1)

Depois do grande vexame que foi o concurso pra escolher a rainha da beleza da gloriosa Sociedade Esportiva e Cultural Mocidade Alegre e Independente da Barra do Catimbó, o ambiente ficou ruim paca. O povão se ouriçou contra a diretoria. Principalmente contra o presidente Azulão e o diretor social Zeca Morcego. Todos achavam que a presepada fora bolada de propósito pra dar galho e pra grana da venda dos votos sumir. E com essa cisma, a curriola fez o quás-quás-quás. Em todas as quebradas do mundaréu, desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos até onde o vagau pisa devagarinho, o assunto era um só. O gango

bochichava a respeito do xaveco¹⁶⁷. Nas gafieras escamosas, nos puleiros das madames, nos mocós encardidos, nos botecos vagabundos, nos terreiros de macumba e nos cambaus, havia chiadeira de gente lesada. Na rua Timelo Rego, onde residia a Dagmar, a quizila era por ela ter sido passada pra trás. Ninguém que morava naquele pedaço acreditava que a Dagmar realmente havia perdido por apenas um voto de diferença pra candidata inimiga. Já na rua das Laranjeiras, reduto da Verinha, que saiu vencedora a duras penas, a bronca era contra a cafajestada feita pela candidata derrotada e por sua torcida, que bagunçaram o coreto e impediram a Verinha de dançar a valsa da vitória. Porém, culpavam diretamente os organizadores do concurso, que, segundo eles, permitiram a baderna. A oposição da diretoria, que não era de marcar bobeira, aproveitava a oportunidade e metia lenha na fogueira. E tinha mais gente se roendo de raiva. Os músicos, que não viram um tostão pelo trabalho no baile e os diretores do Seletto, que alugaram o salão na confiança e agora estavam cabreiros com o sumiço do Azulão e do Morcego. Até na macumba levaram o nome dos dois diretores. Queriam fazer os brutos comerem capim pela raiz. E o Pai de Santo consultado jogou os búzios e garantiu que os pintas iam aparecer. E não deu outra coisa.

Aliás, ambos estavam doidos pra voltar. Se sumiram, não foi por gosto. Entraram em cana depois da briga do baile e pastaram no xilindró. Ninguém considerou isso unicamente porque, como as candidatas que também foram levadas em galera voltaram logo, a patota imaginou que o Azulão e o Morcego tinham saído juntos e de lá, em vez de voltar pro bairro, se pinotearam com a grana do concurso. Maldade. Pura maldade. Os dois ficaram. O delerisca que tomou conhecimento do caso resolveu guardar o Azulão e o Zeca Morcego pra conferir se eles não estavam no devo com a lei. E essa zorra demorou. O que deu tempo para os descontentes armarem a cama da dupla dirigente da S[.] E[.] C[.] M[.] A[.] I[.] B[.] C.

Quem primeiro saiu livre foi o Azulão. Como estava, tindhado [sic] com o parceiro, que sabidamente estava de olho gordo na presidência que ele, Azulão, ocupava, não tomou conhecimento do seu destino. Assim que saiu, se mandou pra Barra do Catimbó, a fim de entrutar o mais que pudesse o Zeca Morcego. O que Azulão não sabia era que a paróquia já estava envenenada. E não era só contra o Zeca. Por isso, ao dar as fuças, teve que encarar uma pedreira. Todo o povão pegou no seu pé. Dona Cotinha, madrinha de crisma da Dagmar e líder da campanha da afilhada, chefiando uma patota de respeito, foi a primeira a encostar o presidente na parede e dar um esculacho sentido:

– Taí o sacana. Precisou muita cara de pau pra aparecer. Mas, já que apareceu, vai ter que explicar direitinho como foi a marmelada do concurso. Se não ficar do jeito que a gente quer, vai ter rolo. Meto a boca no trombone e apronto um ninho de burro pra tu, crio[u]llo sem-vergonha. Tu vai ter que dar conta da grana que afanou da gente. A Dagmar não vai ser passada pra trás, não. Ela é muito mais bonita que a tal da Verinha. Que, além de pistoleira e pissega, tem a perna torta.

Diante dessa dura, o Azulão teve que afinar e manear. Numa cascata, nem disse nem deixou de dizer.

– Eu sei que cês tem razão pra tá de ovo virado. A Dagmar é um encanto de garota. Deve ter sido alguma fajutada do Morcego. Ele que tá por dentro do perereco. Ele que ficou com a grana. Ele que vai ter que acertar as pontas comigo quando aparecer. A Dagmar é muito bonita.

O elogio feito pra afilhada agradou e amoleceu a Dona Cotinha, que na sua cachola meio gira já achou que o Azulão estava prometendo mudar o resultado e

167 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

reparar a afronta que a Dagmar sofreu. Nessa ilusão, a Dona Cotinha jurou vingança contra o Zeca Morcego, apoio irrestrito ao Azulão e sem mais e despediu. No caminho de retorno pra casa espalhou a novidade. Por onde passava carteava a marra:

– Tive com seu Azulão, agora. A tramoia do concurso é culpa do Zeca Morcego. Seu Azulão vai fazer outro concurso. Aquele não valeu. A mãe da tal de Vera estava arreglada com o Morcego e os dois fizeram a tal de Vera ganhar. Mas seu Azulão vai botar ordem nas coisas.

Boato espalhado na barra do Catimbó é fogo. Corre rápido pra chuchu¹⁶⁸. Logo a mãe da Verinha estava sabendo de tudo que a Cotinha boquejou. Quem assoprou na orelha dela ainda enfeitou o lance.

– Ela disse que a senhora e o Morcego tinham um caso.

Por essas e outras, o bairro ferveu. A mãe da Verinha, Dona Leonor, não era fácil. Se embandeirou. Convocou a vizinhança de fé e partiu com rumo traçado. Ia direto no Azulão para saber dele a verdade. Conforme fosse iniciava o estrago ali mesmo. Se não, ia tirar satisfação com Dona Cotinha. Mas, quando ela chegou no boteco do Mané Cheiroso, já encontrou uma multidão. Eram os músicos e os diretores do Seletto querendo receber a grana a que tinham direito e era a saparia querendo ver sangue. Dona Leonor ameaçou seu estrilo, porém recebeu um monte de “cala a boca”. Todos ali presentes queriam escutar o que o Azulão dizia em inflamado discurso. Ela pegou o papo no meio e se ligou:

– Eu fui vítima desse pilantra. Foi o Zeca Morcego que entralhou tudo. Ele que teve a infeliz ideia desse maldito concurso. Ele. Só ele. Eu era contra porque sabia que ia dar treta. Porém, com sua lábia, o vagau dobrou a diretoria e eu fui voto vencido. O nosso focinho tá no chão. A gloriosa S. E. C. M. A. I. B. C. está avacalhada, que até agora não prestou contas da grana da venda dos votos, nem dos convites do baile. Eu não posso pagar ninguém por enquanto. Porém, quando o Morcego der as caras, eu torço o pescoço dele até ele entregar a grana. Aí eu pago sem bufar.

A empolgação do Azulão acanhou um pouco a massa. Todos se fecharam em copas por um bom tempo. Mas, ninguém se arrendou. Encabulado, o Azulão tentou retomar a palavra:

– Bem, minha gente...

Aí, Dona Leonor entrou de sola:

– Quero saber uma coisa só do senhor.

Com uma expressão de vítima, o Azulão tentou tirar o corpo:

– Sei tanto quanto a senhora.

Mas a Dona Leonor não entrou no grupo. Foi firme:

– O senhor falou pra Dona Cotinha que a Verinha ganhou o concurso porque eu tinha caso com o Morcego?

A zoeira foi enorme. Todos ali presentes se racharam de rir. A mulher endoidou e apertou:

– Quero saber isso. Ela andou dizendo que o senhor disse. Eu vou quebrar a fuça dela. Agora se o senhor disse, eu alivio o lado dela e engrosso pro seu lado.

Pro Azulão não pegava bem aquele vexame. E ele aproveitou pra dar uma lição de moral e largar mais brasa no Morcego:

– A senhora acha que eu vou me meter nessas quizilas? Olha pra mim, dona. Isso é coisa do Zeca. Agora, se a senhora quer se ente[n]der com a Dona Cotinha, é

168 Termo atualizado; no original de jornal consta “xuxu”.

problema seu. Eu já tenho muita sarna pra me coçar. Deixa o Morcego aparecer que ele vai explicar direitinho essa bagunça.

Nessa altura, o chefe dos músicos abriu o bico:

– Mas se o Morcego não aparecer mais por aqui? E daí? A gente vai ficar no “ora veja”?

Com ar solene, o Azulão selou:

– Ele aparece. Amanhã ou depois, ele vem. Ele tá preso. Não sabe que aqui no pedaço querem ganhar ele. Quando ele sair ele vem pra cá. Aí a gente acerta o passo dele. É só esperar.

E todos se conformaram em esperar o Zeca Morcego pro acerto de contas.

(continua)

A volta do Zeca Morcego (Última Hora de SP – Edição de 21/7/1971. Página 16 Caderno 1)

Na cadeia, a sujeira pro Zeca Morcego ficou grande. Na hora em que o delerusca foi conferir pra ver e o bruto não estava no devo com a lei, deu-se um esquinapo. Piou na parada a ficha de um tal de Morcegão, que estava todo premiado. E aí foi broca. O Zeca Morcego rebolou pra provar que pulga não era elefante. Os tiras que apertaram o Zeca não queriam que o desgraçado rendesse mil e um pererecos que o Morcegão aprontou. Naturalmente que o Zeca Morcego explicou que ele nada tinha que ver com o Morcegão. Porém não estava dando pé. Na base do agrião[,] a catimba é de entralhar. Se não tem tu, vai tu mesmo. E o tu da fita estava sendo o Zeca Morcego, que penava mais que gato de desenho animado. Tremendo nas bases, ele já estava pra agarrar o rabo de foguete e engolir enrolado as broncas do Morcegão.

Já na Barra do Catimbó o fuxico continuava comendo solto. O Azulão, que não era de fazer cerimônia com otário, aproveitava a ausência do rival que estava em cana e largava o pau. Era uma moleza encaveirar o Zeca Morcego no pedaço. Mais fácil do que bater em defunto[.] Tudo que o Azulão dizia a respeito do Zeca Morcego grudava. Principalmente pra Dona Cotinha, madrinha de crisma e cabo eleitoral da Dagmar, candidata derrotada por um voto no grande concurso de beleza da gloriosa Sociedade Esportiva e Cultura Mocidade Alegre e Independente da Barra do Catimbó. A mulherzinha ouriçava paca. A todo momento ia chaleirar o Azulão. Escutava o presidente marretar o Zeca Morcego, torcia as palavras, entendia como queria e esparramava a sua versão sobre os fatos que complicaram o concurso. E a versão da Dona Cotinha era de entortar qualquer patuá. A espiroqueta não vacila em bagunçar a honra da Verinha, que era a candidata vencedora, e a da mãe dela. Entre outras coisas, a Dona Cotinha boquejava contra o concurso e chutava mil razões.

– A Dona Leonor se arreglou com o Zeca Morcego pra filha dela ganhar a parada. Seu Azulão tem provas. E, por essas e outras, vai anular o concurso e fazer outro. E dessa vez não vai ter fajutice. O Zeca Morcego não vai meter a mão. Quando aparecer, vai levar um arroxó sentido do seu Azulão. Vai ter que pagar os músicos, coitados. Eles vivem disso e ficaram no toco. Tudo por culpa do Zeca Morcego. Com a vida custando os olhos da cara, ele teve coragem de embromar os pobres músicos. Tem alguns deles que estão passando até fome. Mas, Deus é grande. Quem faz aqui na terra, aqui mesmo é que tem que pagar. E o Zeca Morcego vai ver. Seu Azulão já falou. Ou o Morcego paga¹⁶⁹ ou morre. Fazer a

169 Termo atualizado; no original de jornal consta “pega”.

coitadinha da Dagmar passar a vergonha de perder um concurso pra Verinha pistoleira, picega e de perna torta é demais. Bem que eu desconfiei que tinha linguíça embaixo do angu. Ainda bem que seu Azulão, que é um homem direito, está aí pra anular o concurso.

Diante de tamanha fofoca, ninguém ficava indiferente. De ponta a ponta das quebradas do mundaréu, o povão se deitava na sopa. Cada um que contava o caso esticava um pouquinho e aí já viu. Marola correndo, desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos até onde o vagau pisa devagarinho, vira logo pororoca[.] Uma onda de lascar. E no meio da onda Dona Leonor se batendo. Berrando com todas as forças da sua caixa de catarro que fazia e acontecia.

– Se anularem o concurso, eu não quero nem saber da saúde da vigarista solteirona dessa tal de Dona Cotinha. Meto a gilete na cara da piranha. E esse Azulão não pensa que vou deixar barato pra ele. O que é dele tá guardado. É só o Zeca Morcego voltar pra gente tirar tudo a limpo. Aí que quero ver como é que fica. E quem falou vai ter que engolir. Porque a Dagmar não é páreo pra Verinha. Pra começo de conversa, a Dagmar não é mais moça. Quem sabe da vida dela é o Oscar Cabeleira. E não é só ele, não [.] O Paulinho Carreira, o Buru, o Robertinho Todd andaram se tratando ali. Como é que uma pantera dessa vai querer ser rainha da Barra do Catimbó? Aqui, ói! A Verinha, além de mais bonita, é moça e direita. Não adianta a tal de Cotinha vir com cascata. Dela quem sabe é o padre. Ela é solteira de araque. Ela é mulher do padre. Sem-vergonha.

Sem saber da gronga, o Zeca Morcego aguentava os arrochos. Talvez, se soubesse da zoeira na Barra do Catimbó, confessasse todos os crimes que o tal de Morcegão cometeu. Porém, como estava por fora, aproveitava os recreios pra pedir maleme e valia ao seu Orixá, guia de cabeça. Até ponto cantava na cela:

Eu venho de Angola
Sou rei da magia
Minha casa é bem grande
Meu conga é na Bahia

E numa dessas, seu Encantado escutou a súplica e deu uma força pro seu filho Zeca Morcego. Morcegão bandido marcou bobeira e a polícia ganhou ele. No rolo, se mancaram no engano. Não perderam tempo com desculpas. Recolheram o Morcegão e soltaram o Zeca Morcego. Esse, agradecido ao seu Santo, feliz da vida, se mandou direto rumo ao seu mocó no coração da Barra do Catimbó.

Alegre por estar em liberdade, o Zeca Morcego baixou no bairro fazendo escarcéu. Sem saber da fria que estava à sua espera, foi saudando meio mundo:

– Oi, gente. Tamos aí.

Porém, logo se tocou que havia algum xaveco¹⁷⁰ contra ele. Passou por uma biroscas pra tomar uma cangibrina que desse embalo pra subir a rampa e estranhou o atendimento. O dono do pesqueiro o serviu como se não conhecesse. E um grupo de coroas aposentados, que jogavam dominó, arrearam as pedras e, sem dizerem bulhufas, se espantaram. Cabreiro, o Zeca Morcego bebeu e se picou meio na sombra, sem dar bandeira. Desviando dos xeretos, foi parar no barraco de um ponta firme, Ilhéu, um português de sua confiança. Sem rodeio, o chapa deu a situação. O Zeca Morcego quis até morrer. Custou pra se refazer do trompaço. Porém, não era nego de entregar os pontos. Matutou e chegou à conclusão que a saída era trabalhar na moita. Dividir as bandas pra quando aparecesse, ter uma escora. E,

170 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

como era vivo, percebeu que a Dona Leonor podia ser seu pedal. Mandou o amigo ir chamar a mulher. Não teve que esperar muito. Logo a mãe da candidata vencedora compareceu. E entrou de sola e aflita:

– Zeca, que é que tu andou falando de nós?

Com esse plá na bucha, o Morcego encabulou. Ele, nesses negócios de mulher era todo fechado em copas. E certo de que não tinha aberto o bico sobre o assunto, se garantiu:

– Juro por essa luz que me ilumina que não falei bulhufas.

Desesperada, Dona Leonor duvidou:

– Então como toda¹⁷¹ curriola já sabe?

– Por mim é que não foi.

– Por mim também não.

– Então ninguém sabe.

– Sabem. O Azulão falou pra Cotinha e ele espalhou.

– Desgraçada dessa gazeta.

– Pra tu ver.

– Mas como é que o Azulão sabia?

– Tu deve ter contado.

– Eu, uma ova.

– Então ele adivinhou.

– Inventou. Isso é que foi.

– Só que acertou.

– Nojento! Abelhudo!

– Agora tamos na boca do povo.

– Não há de ser nada. Tem volta.

– Que tu vai fazer? Eles tão querendo beber teu sangue com canudinho. Querem até tirar a coroa de rainha da Verinha e dar pra aquele buxo da Dagmar. Tão dizendo que tu fajudou o concurso por causa do nosso caso.

– Deixa pra mim. A gente tem alguma força?

– O pessoal da minha rua é legal. Não foi no papo da Cotinha.

– Tá bom. Avisa todos pra irem no boteco no Mané Cheiroso hoje à noite. Diz que eu tou lá pro que der e vier.

– Que tu vai fazer?

– Me fingir de morto pra ver quem vai no enterro.

(continua)

O que restou do concurso (Última Hora de SP – Edição de 22/7/1971. Página 16 Caderno 1)

Por ordem do Zeca Morcego, Dona Leonor anunciou pelos quatro cantos da Barra do Catimbó que na noite daquele dia o figurão ia piar na parada. Daria as forças no boteco do Mané Cheiroso e explicaria tudo a respeito do concurso de beleza e outras coisas mais, que segundo a Dona Leonor iria entortar o patuá de muita gente boa do¹⁷² pedaço. A começar pelo Azulão que, na boca da mãe da candidata vencedora, era muito folgado. Estava cheio de rabo de palha, mas não se tocava e metia lenha na fogueira e se badalava na vida dos outros.

O boato correu rapidinho. Ultrapassou fácil as divisas da Barra do Catimbó e se alastrou por todas as quebradas do mundaréu. E o povão se assanhou pra ver o

171 Termo atualizado; no original de jornal consta “todo”.

172 Termo atualizado; no original de jornal consta “de”.

desfecho do perereco. Ninguém ficou indiferente à decisão. Desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, até onde o vagau pisa devagarinho, veio gente pra espiar a lavagem de roupa suja. Sabiam todos que a troca de desaforo, muito podre ia aparecer. E aí, já manjaram o peso da patota. O Sol ainda nem tinha sumido e o boteco fedorento do Mané Cheiroso já estava a três de alto, com nego se agarrando pelos picos e fazendo zoeira. O maior quás-quás-quás se armou. Parecia dia de quermesse. Na porta do boteco juntou pipoqueiro e os cambaus. Não demorou pra dar aposta. A negada apregoava.

– Sou seu Azulão e dou lambuja[.]

– Em que macete tu é Azulão?

– Garanto que se o Zeca Morcego esculachar o seu Azulão, vai levar uma biaba.

– Nas armas sou mais Morcego.

– Vale o que?

– Duas cervejas.

– Combinado.

E faziam outras fés. A principal era na honra das candidatas.

– O seu Azulão vai anular o concurso.

– Duvido e faço pouco.

– Anula.

– Ele não é louco nem nada.

– Ele é presidente e prometeu pra Dona Cotinha.

– De araque. Dona Leonor não é de comer enrolado. Se tiver xavecada¹⁷³, ela jurou de pé junto na igreja de São Judas[,], que abre a boca sobre uns troços que sabe da Dagmar.

– Isso é engodo.

– Se ela falou, ela sabe.

– E o que ela pensa que a filha dela é? Uma Santa? Mas a Dona Cotinha levantou a ficha da piranha e vai contar. Agora mesmo, na virada da bica, ela contou pra quem quisesse escutar umas façanhas da Verinha. A menina é fogo.

– Mas tem um porém. O Morcego garante o resultado por ela.

– Na frente do Azulão ele treme nas bases.

– Aposto o que quiser que vão confirmar a Vera.

– Sou Dagmar. Vale meia dúzia de casco escuro.

E nessa toada, montes de negócios foram amarrados nas encolhas. E, ansiosos pelos bate-fundo, o povão ia enchendo a caveira de cachaça. O Mané Cheiroso retumbava. Nunca seu pesqueiro faturara daquele jeito. E ele se desdobrando, dava umas dicas para freguesia:

– Tá bonito isso aqui. Até parece que é festa. Deviam fazer um concurso de beleza por mês. Assim dá gosto trabalhar.

Claro que para ele estava legal. Chovia na sua horta. Tinha até fila pra encostar no balcão e ainda chegava mais gente. E todos sabiam que o gango da Dona Cotinha e a curriola da Dona Leonor iam chegar enturmados. E não deu outra coisa. As oito horas, surgiu o pessoal comandado por Dona Cotinha. Encostaram no boteco e iniciaram a algazarra. Davam urros, piquepiques pra Dagmar e vaiavam a Verinha. Porém, logo depois, se acanharam. O pelotão da Dona Leonor entrou na fita. E pra não ficar por baixo, saudaram a Verinha com berros e vivas. Com muito custo a turma do “deixa disso” conseguiu evitar que o pau quebrasse entre os dois grupos. Não que a moçada ali presente fosse a favor da paz. Muito pelo contrário.

173 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

Todos baixaram no esquisito pra ver sangue. Só que não queriam ver a guerra avacalhada. Antes queriam ver o Zeca Morcego levar prensa dos músicos, dos diretores do Seletto que alugaram o salão de baile maldito e do Azulão. E o crio[u]lo presidente, assim que chegou, deixou claro que não ia alisar. Foi logo pondo banca:

– Eu tou aqui. Cadê o vagau? Cadê ele? Quem viu? Tou na captura do tal de Zeca Morcego. Cadê ele?

O povão riu e assobiou. No meio da marola, seu Azulão, com expressão de tranquilidade, empurrou meio mundo e se instalou no balcão. Prontamente o Mané Cheiroso lhe serviu um conhaque e abriu uma cerveja. O crio[u]lo engoliu o conhaque, deu um gole na cerveja e berrou:

– Dona Cotinha, a senhora tá aí?

A coroa se sentiu importante e abriu o jogo:

– Pro que der e vier, meu presidente. Eu e as pessoas honestas desse bairro vamos quebrar a crista dos fajutos e enganadores.

Por parte dos seus cupinchas a Dona Cotinha recebeu uma grande salva de palmas. Já dos inimigos, recebeu uma estrondosa vaia. O que levou o Azulão a mostrar que não estava ali a passeio:

– Tem muito sapo chiando. E eu não tou gostando. Por isso vou avisar e quem avisa amigo é. Quem não tiver nada com o assunto é melhor cair fora. Hoje não é piquenique. Pode sair tiro. E bala não tem leme.

Essa ameaça encabreizou a torcida, que se botou a murmurar. E foi nesse momento que o Zeca Morcego deu o ar de sua graça.

– Cheguei e tou chegado, gente. Que o meu orixá de valia me dê força e fala fácil pra contar pra vocês quem é quem nesse esquinapo. Só quero poder falar.

Todos aplaudiram. O Azulão sentiu por intuição que o Morcego agradou de saída e quis fazer valer seu mando.

– Quem fala primeiro é o presidente.

Mas o Morcego não ia pra grupo e tirou de letra:

– Aqui, vagau. Tu já boquejou demais enquanto eu tava em cana. Falou por t[r]ás. E agora é a minha vez de falar. E vou falar na tua cara.

Porque eu sou mais eu. Digo e seguro o rojão.

Dona Leonor puxou o coro:

– Fala! Fala! Fala!

O Azulão trepou no balcão e deu terra.

– Cala essa boca, lacraia. O presidente sou eu e vou falar primeiro.

Uma forte salva de palmas apoiou o Azulão. Todos se flagraram que era o pessoal da Cotinha. Mas nem por isso o Zeca Morcego encabulou. Atacou sem pedir licença:

– Todos tão vendo o medo do presidente fajuto. Ele não quer que eu assopre pra vocês os macetes dele. O Azulão é ladrão e pilantra.

Fora de si o Azulão respondeu à altura:

– Ladrão e pilantra é a mãe.

Daí pra frente não deu mais papo. O pau comeu solto. A biaba sobrou pra toda a curriola. Teve soco, garrafada, cadeirada, apareceu lapa de faca, se escutou tiro e os cambaus. Teve corre-corre, gritaria, desmaio e outras zorras mais graves. Só que dessa vez quem pode se arrancou antes da chegada da cana. Na verdade, só quem estava muito ruim de saúde é que ficou no local. Mas, esses não puderam contar a história. Não dava nem pra eles falarem. O Mané Cheiroso não se feriu no conflito, mas ficou batusquela. Acabou se batendo contra o poste e reclamando sozinho do tremendo cano que tomou. Ninguém pagou bulhufas. Na galera não foi

uma única alma da Barra do Catimbó. Quem foi levado embora, foi de ambulância. E a noite se acabou sem nada ser esclarecido.

Um craque sem glória (Última Hora de SP – Edição de 23/7/1971. Página 16 Caderno 1)

O Zé Carlos era um crio[u]lino comum. Naturalmente, diante dos olhos dos outros, que quase não têm olhos de ver o que vai atrás da fisionomia das pessoas. Pra si mesmo, o Zé Carlos era um cara que podia ter feito e acontecido, mas que não deu crepe e acabou falando sozinho, se batendo contra os postes, escorando as rebordosas da vida, comendo capim amargo pela raiz, marcando bobeira e vagando sem rumo pelas quebradas do mundaréu, desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, até onde o pilantroso pisa devagarinho. O Zé Carlos era um agoniado. Um triste. Porém, antes de tudo, um disfarçado que se escondia muito bem atrás de expressões serenas e de um sorriso ingênuo. E com essas mumunhas, ninguém adivinhava a bronca que o Zé Carlos carregava dentro de si. Talvez muita gente que o conheceu, que falou com ele e tudo, se espante e nem acredite que aquela doce criatura um dia explodiu, endoidou e botou pra quebrar, muito mais por desespero do que por estar picado de raiva. Mas, a verdade é que até araruta tem seu dia de mingau. E com o Zé Carlos não deu outra coisa. No momento em que não se segurou, virou bicho e fez desgraça. Há muito tempo ele trazia a cuca fervida por mil ideias de jerico. E, se o pinta carrega consigo uma atucanação medonha, a desesperança e os cambaus, sem nunca encontrar pela proa a boa palavra, a mão amiga, um pedal, acaba mesmo de repente, por um quase nada, virando o fio.

Pro Zé Carlos, a gronga se apresentou há muito tempo. Foi quando ele, jogando seu futebolzinho por um timeco profissional de araque, desses que têm aos montes no interior, tomou uma biaba sentida de um beque inimigo. Seu joelho foi pro beleléu. Os cartolas do timeco fizeram vizagem. Garantiram que iam cuidar dele e outros babados. Ele merecia, era o cobra do timeco. Acontece que time do interior só vive por teimosia ou por remorso ou vaidade de algum coronel que, de tanto explorar o pavão enriquece e depois ajuda o clube da cidade, pra tentar ficar em paz com Deus ou pra se promover. Mas, aquele timeco em que o Zé Carlos jogava não tinha colher de chá de nenhum majorengo. Se aguentava mesmo por teima dos cartolinhas. E não pode garantir a situação pro Zé Carlos. É bem verdade que, enquanto o crio[u]lo tinha contrato com o clube, a diretoria o aguentou. Deixou o Zé Carlos dormir na sede, comer na pensão da concentração de graça, mas não pagou nem ordenado, nem médico pro cro[u]lino. E assim que o contrato acabou deram-lhe um passa fora.

O Zé Carlos ficou no “ora veja”. Entregue às traças. Mordido de mágua e sem destino. Todas as suas saídas eram colocadas no futebol. Nunca tivera chance de ir à escola, de aprender um ofício, nem nada. Nasceu sabendo jogar bola e nesse patuá se agarrou. Quando se entendeu por gente e achou que era hora de se cuidar a sério, deu tchau pro clube do seu bairro e foi tentar se arrumar num clube profissional. Fuçou no Corinthians, no Palmeiras, na Portuguesa, no Juventus, no São Paulo e não teve vez. Seu corpo franzino não era recomendação pra treineiro nenhum. E, sem ter boca nos grandes da capital, o negócio era tentar o interior. Começou pelos clubes da primeira divisão e deu repeteco. A mesma mumunha. Seu físico atrapalhava. Não adiantou o Zé Carlos tentar fazer ver aos técnicos que o Jajá da Barra Mansa, o Luizinho do Corinthians e tantos outros grandes boleiros que

vestiram a gloriosa camisa da C. B. D. era do seu tamanho, tinham o seu peso e abafaram. Diante desse argumento, a resposta era sempre um esculacho:

– Mas, que qui há, crio[u]lo? Tu quer se comparar aos cracões? Daqui a pouco tu vai querer enganar que é o Pelé. Te arranca!

E o Zé Carlos, sem chorar as pitangas, tocava pra frente. Ia ruim dentro da roupa. Mas, ia certo, jurado de um dia voltar e fazer os donos do brinquedo engolirem os desaforos. De tanto tentar, se arrumou num time da terceira divisão. Um miserê de fazer gosto. Casa, comida e roupa lavada. Grana nenhuma. Porém, pro Zé Carlos, estava bom. Já era melhor do que nada. Dava pra curtir a ilusão de vir a ser um astro no futuro. A gente vive de ilusão. Sem ter no que acreditar, o homem naufraga. Fácil. E aí, o Zé Carlos se agarrava e remava a sua catraia. Porém, veio o becão inimigo e a canoa furou.

No virador, o Zé Carlos começou a se bater. No esquisito, a catimba é cavernosa. A lei é do “salve-se quem puder”. E loguinho o crio[u]linho se tocou. Tinha que se virar sozinho. Ele por ele mesmo. Era muito pouco. Quase nada. Não dava nem pra procurar médico. Na base do agrião, a tabuada reza que, se não tem tu, vai tu mesmo. E o tu da fita foi um Pai de Santo. Mas, também na macumba há mistérios que não dá pra entender. O macumbeiro, ao saber que tinha um jogador de futebol no terreiro, se assanhou e deu regalia pro Zé Carlos. Quando se inteirou da sinuca de bico em que o crio[u]lo se encontrava, o Pai de Santo saltou de banda e não quis saber se a sorte do cliente ia feder ou cheirar. O Zé Carlos não era nenhum otário. Flagrou que sem grana os orixás de valia daquele Pai de Santo não faziam milagre. Saiu do lance e foi procurar se defender em outro lado. Mas, a maré andava brava. A vida custando os olhos da cara e a fome espalhando.

O Zé Carlos, azucrinado, penou. Penou pra valer. Viu de perto o buraco da lacraia e se apavorou. Viu a roupa, o sapato, se acabarem. Viu seu corpo começar a apodrecer e as perebas brotarem. Teve dó de si próprio. Sentiu-se um lixo. Perdeu a vergonha. Pediu esmola. Se avacalhou inteiro. Até que veio a hora da razão. Sem querer, parou numa banca de jornal e começou a espiar as capas das revistas. Em quase todas, o Pelé aparecia. Era o rei do futebol; O Deus. O maravilhoso. E aquilo tudo soou pro Zé Carlos como uma ofensa. Ele se encabreizou. Olhando o retrato do Pelé, o Zé Carlos se¹⁷⁴ abilolou. Reviu tudo o que viveu. Imaginou tudo o que o Pelé viveu. Comparou as duas sinas. Sentiu-se lesado. Sem lógica, achou que tinha sido passado pra trás. Seus olhos arderam, um gosto de sangue lhe encheu a boca e o coração disparou. Queria uma fatia do bolo que, sem saber por que, lhe negaram. Ainda chegou a bochichar pro jornaleiro:

– É tudo uma questão de sorte, manja? Olha eu aqui e o Pelé aí.

Sem entender, o jornaleiro deu uma dica:

– Pois é. Tem nego que nasce pra pastar e aí tem que morrer pastando mesmo.

O Zé Carlos achou graça, mas não perdeu o ar de sonado. Falou um troço que pro dono da banca pareceu piada:

– Tem disso. Só que eu não vou pastar. Bola por bola, eu era igual ao Pelé. O que ele teve foi sorte e eu não tive. Mas, não tem nada, não. Amanhã tu vê esses jornais falando de mim.

Desbaratinou. Se afastou. E, sem fazer alarde, atirou-se embaixo de um automóvel que passava em alta velocidade. Foi um choque violento. O Zé Carlos espirrou longe e já caiu estarrado. Seu corpo ficou boiando num lago vermelho de sangue. Sua alma foi falar com Deus.

174 Termo atualizado; no original de jornal consta “de”.

Mas, nem aí o Zé Carlos emplacou. A notícia de sua morte não teve nenhum destaque e ninguém se doeu por ele.

O gaturama de pé[-]frio (Última Hora de SP – Edição de 24/7/1971. Página 16 Caderno 1)

O Gobinha estava mal paca com Deus. Uma praga de urubu das mais cavernosas encarnou nele. Aí, já viu. Onde o pinta se metia dava revertério. Em qualquer parada que ele piava entrava areia. Era uma zorra. E já estava ficando manjada a sua carruira. Tinha nego que bochichava que o Gobinha era pé[-]frio. Essas marolas são broca. Quando se espalham nas quebradas do mundaréu não demoram pra ganhar embalo, virar onda e, se a vítima do boato não se cobre, quando abre os olhos está se afogando no meio da maior pororoca. E pro Gobinha não estava dando outra coisa. Desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, até onde o vagau pisa com cuidado, o povão se badalava na sua sorte:

- O Gobinha tá sujo de arara.
- Vi contar.
- Foi uma praga que a madrinha dele rogou.
- Então tá entalhado. Vai penar até morrer.

Já outros contavam dando versão diferente, mas que em nada aliviava o lado do moço:

- O Gobinha se danou.
- Me Falaram. Diz que só de olhar ele seca pimenteira, dá bola nas galinhas e tal e coisa.
- Bem feito pra ele aprender a ver onde pisa.
- Que foi que ele fez?
- Tu não sabe? O sacana arrumou um enguiço com um rabo de saia e na hora do vamos ver saiu da dança deixando a mulher choca.
- Papelão.
- Pra tu ver. Só que nessa o Gobinha se entortou. A mina era filha de Santo de um Bababalô de muita força e não vacilou. Apanhou uma cueca do Gobinha e, por ordem dos mais velhos, enterrou no cemitério. Danou com ele. Desde então o nego só come capim pela raiz.
- Diz que até pereba tá brotando nele.
- E vai ficar pior e morrer. Pode crer.
- Eu sei. A macumba tem mumunha.

O que havia de verdade no quás-quás-quás é difícil de conferir. Mas o certo é que nada dava certo pro Gobinha. A mulherada não entrava na sua papa. Em qualquer boteco que ele parava a cana baixava dando arrastão, querendo ver documento e apalpando os pilantrosos na busca de arma. E nesses pererecos, o Gobinha sempre era o primeiro a ser guindado. Não que ele estivesse no “devo” com a lei. Muito pelo contrário. Estava limpo. Mas, não tinha emprego. E aí, engrossava. Ficava um tempinho à toa, porém ruim de puxar. Assinava um papel jurando que ia encontrar trabalho dentro de trinta dias e saía. Mas, que nada. Com a maldita caveira de burro plantada nos seus axés, o Gobinha procurava, procurava, mas não achava batente. Até ele mesmo estava se convencendo que era pé[-]frio. E pra tirar a teima, resolveu armar um salseiro, ganhar uma grana sonora no mole, se aplumar e cortar o sangue ruim.

Na sua cachola fundida, assim que ele se botou a matutar, surgiu uma ideia de jerico. Assaltar um chofer de praça pro Gobinha se afigurava como uma grande

moleza. E se firmou nesse pedal. Pensava o vagau que, se aparecesse no pedaço montado no dinheiro, todos iam respeitá-lo. Com esse propósito, procurou um parceiro de fé pra dar uma força no trambique. O procurado era o Nego Buru e, por ser chapa muito chegado, teve que escutar a carteação do Gobinha:

–É moleza, Buru. A gente vai lá pro meio da cidade e depois entra num táxi, mandando o loque tocar pro esquisito. Quando a caranga passar num escurinho, a gente arroxa. Pau e bola. Não tem erro.

Porém, o Nego Buru já tinha escutado as mumunhas que pesavam no Gobinha e se fez de difícil:

– Sabe comu é quié, meu. A situação tá de lascar. Os crocodilos da praça sabem que tem piranha na lagoa e só tão nadando de costa. Eu passo nesse lance.

Sem perceber que aquela conversa era engodo, o Gobinha impressionou:

– Cascata pura. Loque é loque. Só de olhar a gente já tira ele na pinta. E com nós tem chibu. Eu sei escolher.

O Buru não queria se rachar. Falar claro que não estava topando a parada por medo do pé[-]frio do amigo. Enrolava:

– Eu tou fora. Não quero bulhufas com a bandidagem. Tá batendo muita sujeira. A tiragem anda assanhada paca pra mostrar serviço. Eu vou ficar na moita por uns tempos. Não conta comigo.

Diante de tanta firmeza do Nego Buru, o Gobinha se acanhou. Parou de tentar convencer o cupincha. Mas, aproveitou a deixa e encostou o amigo na parede:

– Bom, Buru. Tu é que sabe de tu. Tua cabeça é teu guia. Se não tá a fim, deixa pra lá. Vou sozinho. Mas, já que tu não vai entrar nas pesadas, quebra um galho pra mim. Me empresta tua arma.

De surpresa, o Nego Buru ficou bambo. Regateou pra chuchu.

– Oia, Gobinha, não me leve a mal. Porém, eu não posso adiantar teu lado. Aprontei umas tretas pra uns negos e eles tão querendo me ganhar. Tu vê? Se eles vêm em mim eu não tou coberto? Eu entro bem.

Só que o Gobinha não entrou no grupo. Chorou as pitangas até o Nego Buru empre[s]tar o revólver. Prometeu que devolvia o berro no dia seguinte e que não ia gastar bala. Ia levar a arma apenas pra fazer figura e suggestionar o motorista escalado pra quebrar o seu encanto. O Buru, sem jeito, passou a arma e o Gobinha se mandou pra batalha. Duro como andava, teve que andar muito pra chegar no centro da cidade. Ele era tihoso. Traçou um plano e não queria sair da linha. Se era um táxi da cidade que estava na sua mira, não podia ser outro. Mesmo porque o gaturama acreditava que táxi do centro fazia melhor féria.

No centro da cidade o Gobinha campaneou os choferes da porta de uma boate, escolheu um coroa que levava jeito de otário e, sem cerimônia, se enfiou no táxi. Aí deu as ordens:

– Barra do Catimbó, meu.

O chofer, sem se voltar, quis saber:

– Em que altura vai?

Cabreiro, o Gobinha se ouriçou:

– Lá te dou as dicas.

Mas, o chofer era desconfiado e resmungou:

[–] Não sabe onde vai?

Cheio de bronca o gaturama deu uma decisão:

– Vamos indo, velhote. Eu sei o lugar onde vou. Só não sei explicar como se vai daqui. Mete o pé na tábua que no fim dá certo.

Azedo, o motorista arrancou a toda. O táxi voava. E, antes que o Gobinha esperasse¹⁷⁵, já estavam na Barra do Catimbó. E o chofer deu o alô:

– Chegamos. E agora, onde é?

Levando fé em si, o assaltante sacou a arma; meteu o motorista na mira e abriu o jogo:

– Pode parar a caranga e passar a grana, vovô. E cuidado pra não se machucar. Esse lance é estarro.

Sem discutir, o motorista freou o táxi no estalo. O Gobinha, que não contava com o tranco, perdeu o equilíbrio e deu com a testa no vidro. Sem perder tempo, o motorista segurou o braço do bandido e deixou-o sem poder usar a arma. E, pra acabar com a festa, o chofer meteu duas cabeçadas na nuca do Gobinha que o tontearam. Daí pra frente, não teve nem graça. De posse da arma, o chofer pintou e bordou em cima do Gobinha. Tirou-lhe a roupa. Amarrou suas mãos com o cinco e o arrastou pra delegacia do distrito. Lá, o Gobinha foi esculachado de todas as maneiras. Levou biaba e gozação por cair de bobeira diante de um coroa. Foi um vexame. Mas, o pior foi ter que segurar o rabo de foguete de tudo quanto era assalto da bandeira dois que estava sem solução. E, se não bastasse isso, no dia seguinte seu boneco estava em tudo quanto era jornal.

Ao ver o resultado da graça do cupincha, Nego Buru se benzeu:

– Arruda! Do que me livreí. Salve sua banda, meu orixá. Perdi a arma, mas não faz mal. Pelo menos me livreí de entrar em pua por causa do pé[-]frio do Gobinha. Saravá meu pai.

O fora de ar (Última Hora de SP – Edição de 26/7/1971. Página 16 Caderno 1)

... O garção [sic] manjado por Zé Domingos levava uma vida dura. Com o ordenado mixuruca que ganhava, mais uns pixulés que a freguesia do boteco dava de gorja, o Zé tinha de sustentar a mulher e quatro filhos. E aí, já viu. O repuxo era de entortar patuá. O leite das crianças custando os olhos da cara, o aluguel do barraco escroto por preço da hora da morte e mil e uma outras mumunhas faziam a cuca de Zé Domingos ferver. E de tanta atucanação pelas responsabilidades, o garção [sic] ficou abilolado. Porém, a sua abilolação de início era serena. Essas que não dão muito para as pessoas que rodeiam o batusquela se tocarem na gronga. O que aconteceu com o Zé Domingos foi que ele passou a se desinteressar pelos problemas da família. Se desligava dos pererecos. Antes de cair de bobeira, o Zé se atucanava paca por qualquer coisinha. Era só a grana ficar curta pra ele se ouriçar. Depois que endoidou, virou outro. Quando chegava em casa, depois de um longo dia de batente servindo pinga pra vagau, não engrenava no papo da mulher. Os quás-quás-quás mais tinhosos, o garção [sic] tirava de letra. Não adiantava a mulher chiar:

– Amanhã é dia de feira. Tu tem que deixar dinheiro. O padeiro veio aí hoje a fim de receber. Estrilou pra chuchu. As crianças tão precisando de roupa, sapato e montes de coisas. Eu, nem se fala.

Sem se doer, o Zé Domingos deschavava:

– É broca, mulher. É broca. Eu nasci pra ser milionário.

E sem mais, encerrava o assunto. A mulher, inconformada, continuava falando sozinha e o Zé, com fuça de sonado, se fechava em copas e ficava jururu matutando. Provavelmente sonhando com uma vida de lord. Claro que no princípio a mulher ficou uma arara com o procedimento do Zé. Achou que o marido não estava

175 Termo atualizado; no original de jornal consta “esperava”.

mais querendo nada com ela. Sem vacilar, levou o nome do Zé Domingos pra macumba. Mas o Pai de Santo jogou os búzios e lhe deu sossego. Garantiu que o Zé tinha era só canceira. Feliz com o resultado, a mulherzinha resolveu tirar uma onda de compreensiva. Maneirou pro marido e lhe deu estia. Achando que canceira não mata ninguém, a mulher do Domingos apenas passou a não chorar as pitangas pro marido. A intenção era boa. E, a bem da verdade, é preciso dizer que nesse ponto a mulher foi heroica. Escorava a miséria sozinha e sem reclamar.

Porém, na cachola perturbada do Zé Domingos, os fios se embaralharam. E ele, não escutando mais queixas da esposa, acreditou que estava navegando em maré mansa e de vento em popa. Resultado: diminuiu a mesada da mulher e a sobra passou a gastar nos pesqueiros das madames. Tornou-se embandeirado. Não tinha hora pra chegar em casa, nem pra coisa nenhuma. E a mulher, firme. Se fiava na palavra do Pai de Santo, que havia garantido com voz de quem tem sabedoria:

– Deixa, dona. O homem tá precisando refrescar a cabeça. Depois volta a ser o mesmo.

Só que a catimba estava cada vez engrossando mais. Um dia, lá nas quebradas do mundaréu, onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, o Zé Domingos conheceu a Marivalda, pistoleira encardida e escolada por muitos anos de janela e que não era de fazer cerimônia com otário. Sem rodeio, a Marivalda se flagrou que o Zé Domingos era um papagaio enfeitado e podia ser o seu pedal. Deu trela pro bruto. O garção entrou na marola, que logo virou onda e acabou numa pororoca de lascar, que envolveu o bruto. Quando o Zé Domingos deu por si, estava montando casa pra piranha. Aí acordou. Tremeu nas bases. Sentiu remorso de ver a companheira de fé e de todas as batalhas comendo capim pela raiz, junto com os filhos, e ele dando boa vida pra Marivalda. Só que nessa altura do campeonato, não dava mais pro Zé Domingos tirar o time de campo. E ele, na sinuca, se apavorou e se desligou outra vez da realidade. Muita gente pode achar esquisita a doença do Zé. Porém era assim mesmo. Cada vez que ele se sentia encostado na parede. Em vez de dar uma decisão, saía do ar. E nesse lance, não deu outra coisa. O Zé Domingos voltou a ficar gira e a remar a catraia sem dar importância pro rumo da corrente. Até que o esquinapo se deu.

Cansada de penar, a mulher oficial resolveu bisbilhotar a vida do marido. Xeretando aqui, fuçando ali, adivinhou a presepada toda. Se picou de raiva. Esculachou o marido. Ameaçou de fazer e acontecer contra a Marivalda. E, sem querer acordo, passou a mão nas crianças e deu pinote. Não deixou endereço pro Zé Domingos. Nem bilhete de até logo. sumiu no mundo.

Tem biruta que, tratado a choque, melhora. Pro Zé Domingos o lar desfeito foi um choque. Ele ficou ruim dentro da roupa. Percebeu que gostava muito da mulher e dos filhos e que não poderia viver sem eles. Saiu na captura da família. Varejou tudo quanto era lugar em que imaginava que a mulher pudesse ter se enfiado. Mas, nem sombra da esposa. Desesperado, jogou toda a culpa na Marivalda. Visitou a piranha e lhe meteu a biaba. Deu uma surra de criar bicho e jurou nunca mais querer ver a distinta. Voltou pro lar abandonado e passou a puxar seu tempo na terra sozinho.

Acontece que a Marivalda não era fácil. Pistoleira sofrida, não ia largar uma moleza à toa, só por causa de mas panacadas. Assim que se recuperou, foi atrás do Zé Domingos. Rodeou. Fez dengo. Pegou no pé. E, sabe como é, a carne é fraca. O Zé Domingos, que estava no ora veja desde que a mulher se mandou, não resistiu. Entrou nas águas da Marivalda. E os dois dormiram juntos no lar abandonado. Até aí não houve mistério. Porém, quando acordou, o Zé Domingos encabulou de ver a Marivalda instalada ao seu lado. Sentiu uma fúria enorme. Pegou uma toalha e, sem

acordar a pistoleira, amarrou o seu gogó. Quando a Marivalda despertou, já era tarde. Não adiantou espernear e não deu pra gritar. O nó estava apertado. Aí, o Zé Domingos, sem dó, estrangulou a Marivalda.

Na sua loucura, o Zé Domingos não pesou direito na balança a desgraça que armou. Até se sentiu ótimo e bem disposto. Tomou banho, fez a barba, vestiu-se como se tudo estivesse legal e saiu pra bater perna, na esperança de encont[r]ar a legítima mulher, recuperar seu amor e conseguir seu perdão. Nessa vez, não teve melhor sorte. Quando voltou à noite, continuava na estaca zero. Não encontrara pista alguma da família. Entrou na casa desanimado e aí, com espanto, deparou com o cadáver da Marivalda. Ficou petrificado. Passou a noite em claro tentando lembrar como tinha feito aquele azar. Sabia que tinha sido ele. Mas, como e por que, não podia imaginar. Se roeu. Já de manhã cedinho, uma vizinha veio reclamar do mau cheiro. O Zé Domingos compreendeu que estava a perigo. Se desculpou e prometeu limpar o ambiente. Afobado, chamou um pedreiro da redondeza. Sem disfarçar, contou o caso pro homem e prometeu pagar uma grana sonora pra ele abrir uma cova no quintal e enterrar o cadáver da Marivalda. O pedreiro, com a ganância pega, topou a parada. Meteu a cara no serviço. Só que o fedor e o trabalho no quintal assanharam a curiosidade da vizinhança toda. E começou a quizomba. O povão quis saber que lixo era aquele de aroma de gambá. A melhor maneira que acharam pra descobrir foi perguntar. E se encostaram no pedreiro assim como quem não quer nada, nas foram culiando [sic].

O pedreiro não gostou muito do enxame. Disfarçou, deu respostas esfarrapadas e na primeira deixa, deu um alô que ia no boteco tomar uma cangibrina, espantando assim o pessoal. Homem de palavra era o tal pedreiro. Mesmo assombrado cumpriu o trato. Voltou na moita e jogou o cadáver na cova. Cobriu de terra e deu o fora. Porém, na pressa, o homem fez o serviço matado. E aí foi o crepe. A molecada do pedaço quis ver o que tinha no buraco. Foram lá e cavaram. O cadáver da Marivalda ficou escancarado. Os vizinhos meteram a boca no trombone e a cana baixou no barraco do Zé Domingos. Não precisou corre-corre pra ganhar o criminoso. De tardinha, ele se chegou todo folgado. Recebeu voz de prisão e não deu trabalho. Ficou parado olhando os tiras e não tirou o corpo da reta. Assumiu tudo. Porém, garantiu que não sabia a razão de ter matado a Marivalda. Os policiais não se invocaram. Nem forçaram a barra pra descobrir os babados. Guindaram o Zé Domingos. Ele, naturalmente, no apuro. E acompanhou os tiras como se fosse dar um passeio.

Os bons parceiros (Última Hora de SP – Edição de 27/7/1971. Página 16 Caderno 1)

A curriola juntou-se num dos mocós mais escrotos de todas as quebradas do mundaréu. Estavam atendendo ao chamado do Fogueira, um sarará tihoso que fazia e acontecia. E ele convocou a patota porque estava a fim de botar pra quebrar. Escolheu quatro vagaus de primeiro time. Gente que não conta com o azar. E todos se apresentaram: o Zico, o Manelão, o Tota e o Galo Cego. Sabiam que, quando o sarará reunia a patota, era pra fazer desgraça. Por essas e outras, já trouxeram suas armas. E mal se encostaram, o Fogueira escancarou o lance:

– É hoje, gente. Não vou dar nem pala pra otário. Tou precisando de grana. O negócio é ir pegar. A bufunfa tá por aí mesmo dando sopa. Os loques estão afobados. Vamos tomar deles. Alguém bizu?

Os parceiros não chiaram. Isso valia o mesmo que topar a parada. Então o Fogueira deu o serviço:

– A gente vai aprontar na valentona. Manja? Neca de babado complicado, plano e os cambaus. Pegamos um carango que esteja do nosso jeito e saímos por aí. O que cair na rede é peixe. Pois é. Com a gente não tem dispensa. Qualquer grana serve. O que conta é passar muitos negos nas armas. Uma notinha aqui, outra ali. De manhã a gente tá com muita. Que diz, Manelão?

Normalmente, o Manelão nunca tinha nada pra dizer. Era meio sonado. Não batia muito bem da cuca. Porém, como era muito forte, o sarará dava uma colher de chá e o considerava. Porém, sabia que o Manelão não dava pra trás. E estava certo. Nesse lance, o pinta foi logo topando.

– Tamos aí.

Os outros eram meio baratinhos e achavam um sarro tudo que o Manelão falava. Riram paca e fizeram zoeira:

– Esse Manelão é um barato.

– Não quer nem saber. Tamos aí.

– Ponta firme não escama. Né, Manelão?

Pro grandalhão, essa marola soava como elogio. Aproveitava e se bacaneava:

– Pois é. Sou mais eu.

Mas o Fogueira não perdia tempo. Pra não deixar a curriola perder o embalo, apresentava as ordens:

– O Zico e o Tota vão puxar um carrão. Eu, o Manelão e o Galo Cego ficamos flanando no pedaço. Assim que tiverem o carro, cês vêm pegar a gente. Se manda. Cobra que não anda não engole sapo.

Sem discutir, os dois escalados foram saindo, mas ainda puderam escutar o Galo Cego dar o seu palpite:

– Traz carrão grande. Sou sujo com fusca. E tem um troço: em fusca não cabe o Manelão.

A ficha dada em tom de piada foi levada meio a sério pelos dois caranguejeiros. Eles botaram na campana de um automóvel do tipo pedido pelo Galo Cego. Custaram pra encontrar um. Mas, encontraram. Só que não estava fácil. O automóvel estava estacionado na porta de um palacete e tinha um guarda-noturno vigiando. Sem se acanharem, os dois pilantras sacaram a arma, arroxaram o guarda de surpresa e, enquanto o Tota rendia o homem, o Zico fazia a ligação direta no carrão. O trabalho foi rápido e não teve complicação. Porém, por pura maldade, o Tota, antes de partir, deu um tiro na perna do guarda. Já arrancando no automóvel, o Zico bronqueou:

– Pra que isso? Tá ficando doido?

Mas o parceiro tirou de letra:

– É só pra criar gosto. Hoje pelo menos uns três vou mandar pro inferno.

Ainda ouriçado, o motorista resmungou:

– Gastando arrebite à toa[,] tu não vai matar é nada.

E sem mais quás-quás-quás, foram em busca do resto do bando. Encontraram os cupinchas se chapando de maconha. Sem esperar oferecimento, o Zico e o Tota pegaram de grotá. Quando se sentiram loprados, não foi preciso combinar. Se instalaram no carrão e saíram pra perturbar. O Zico era um tremendo volante e sentava o pé. Pra se exhibir, fazia mil e umas presepadas. E estavam nessa onda quando o Fogueira flagrou um casal de namorados se entendendo num escurinho. Deu o plá:

– Vamos começar a desgraça naquele trouxa.
– Que hospital? Tá querendo entrar em galera? Nessa altura do campeonato, a cana já tá na nossa captura. Se piamos no hospital, estamos fritos.

Meio de leve, o Galo Cego mostrou a situação:

– O Manelão tá no fim da picada. Se não se cuidar, [sic]

Enquanto o Fogueira matutava, o Manelão gemia e tentava como ver a curriola:

– Ai... Ai... Tou morrendo... Me dá uma colher de chá... Me deixa no hospital...

Ai...

Mas, a turma era dura. Principalmente o Fogueira. Ele só pensava em si:

– A gente te larga lá e já viu. Tu cagueta a gente. Aqui, ói! Não com essa história de hospital.

Sangrando muito, pálido de dor e de assombro, o Manelão tentava dobrar os companheiros:

– Eu... me fecho em copas... Pode crer... Me leva pro hospital... Eu sou amigo...

Mas, esse papo não grudava. O Fogueira, pra cortar, deu uma pá de cal.

– Quem tem amigo é piranha vadia. Nós é cada um por si.

Todo bambo, o Manelão murmurou:

– E... o que... vai... ser... de mim?

O chefe, sem responder diretamente, satisfez a curiosidade de todos, dando as novas ordens:

– Para o carango, Zico.

Sem titubear, o chofer obedeceu. O Fogueira continuou:

– Desce, Manelão. Desce.

Sem discutir, o Zico fez uma manobra rápida, embicou pra cima do casal e freou a um palmo deles. Os outros não deram tempo nem dos namorados se coçarem. Desceram e castigaram. O Zico, que era o dedo mole do grupo, deu no gatilho e meteu duas tochas no peito do rapaz. Antes mesmo que a vítima desabasse, o Fogueira guentou ele e lhe arrancou os picos. Uma carteira velha, um anel e um relógio. Enquanto isso, o Manelão esculachava a moça. Com um soco nas ventas, fez a mulher ficar zonza. E, sem cerimônia, possuiu-a. Nessa tarefa nojenta, os assaltantes não perderam nem dois minutos, só tiveram que esperar um pouco pelo Manelão que, antes do pinote, quis saciar sua tarefa. Mas, assim que ele se deu por satisfeito, os bandidos saíram pra outra. Rodando pra valer, eles vasculhavam as sopas. Até que adivinharam uma padaria que permanecia com meia folha de porta aberta e com os empregados lá dentro fazendo faxina. O Fogueira alertou os companheiros:

– Essa é a quente. Nessa altura, o portuga tá fazendo a fêria.

Mais uma vez ninguém vacilou. O Zico estacionou o carrão próximo à padaria e os vagaus entraram de arma na mão. Mas, teve chibu. O dono do estabelecimento era escolado contra esses trambiques e tinha um revólver bem à mão. Sem se intimidar com os intrusos, respondeu a tiro. A coisa ferveu. O Zico, sem dó, baleou dois faxineiros que não tinham como se defenderem. Porém, o padeiro acertou um tiro bem no peito do Manelão. Ferido, o assaltante, mesmo cambaleante, se refugiou no carrão. Não tardou pros seus cupinchas seguirem seu exemplo e darem no pé.

Na fuga, o Galo Cego examinou o ladrão ferido e anunciou sem mistério:

– O homem tá mau.

O Manelão, gemendo, se apavorou. A dor era muita e ele teve medo de morrer. Implorou pros parceiros:

– Me levem no médico. Tou...entralhado... Dói...

Sem se tocar com a sorte do Manelão, o Fogueira enrolou:

– Segura as pontas. Não tem médico nenhum nessa hora.

Aflito, o ferido choramingava:

– Ai... Ai... me leva num hospital. Vou me apagar.

No volante do carro, o Zico não sabia que rumo tomar. Pediu as dicas:

– Vou pro hospital ou o que?

E, diante dessa pergunta, o Fogueira teve que se abrir: morre. Pode até apostar. Vamos largar ele num hospital e cair fora.

Claro que o bandido ferido se mancou. Estavam num trecho deserto de uma estrada. Naquele estado, ficar ali era morte certa. Não se mexeu. Porém, não adiantou. O Fogueira abriu a porta e, com os pés, empurrou o companheiro baleado pra fora. O Manelão ainda tentou se segurar. Mas, estava fraco demais. Caiu e não pode se levantar. Sem a mínima consideração, o Fogueira bateu a porta. O Zico tratou de ir puxando o carro. Porém, o Galo Cego lembrou-se de um detalhe importante:

– O Manelão é forte à beça. De repente ele custa pra se apagar e alguém encontra ele. Aí, já viu. De vingança ele deda a gente.

Essa possibilidade encabreou os outros. Mas, antes que alguém tivesse ideia, o Zico selou:

– Deixa pra mim. Hoje tou com a zorra pega. Queria mandar nego às pampas pro inferno e não tou contente. O Manelão fica comigo mesmo.

E, sem esperar nada, manobrou o carro e acelerando ao máximo, passou por cima do Manelão. Depois da façanha, só comentou:

– Bom, esse já era. Não pode dar com a língua nos dentes.

O Fogueira sorriu satisfeito e deu mais uma ordem:

– Vamos nos livrar desse carro que já está muito manjado e vamos nos recolher. Hoje só deu crepe. Amanhã tem mais.

Mas não teve. Essa curriola nunca mais se reuniu. Naturalmente, depois do xaveco que fizeram com o Manelão, um não botava mais fé no outro.

Os ciúmes do otário (Última Hora de SP – Edição de 28/7/1971. Página 16 Caderno 1)

Quando o seu Otavinho, um coroa aposentado e de vida mansa, se engraçou com a Ditinha Calcanhar de Frigideira, não faltou quem bochichasse¹⁷⁶:

– O velhote se entralhou.

– Como é que ele foi se enredar no chamego dessa piranha?

– Pra tu ver. Homem vivido e pega rabo de foguete.

– A Ditinha Calcanhar de Frigideira é a escrotidão encarnada.

O velho podia morrer sem essa gronga.

E, no caso, a voz do povão era a voz de Deus. A Ditinha Calcanhar de Frigideira era manjada chave de cadeia. Nas quebradas do mundaréu, desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, até onde o pilantroso pisa devagarinho, as catimbas que a crioula aprontava eram conhecidas. A nega era doida pra aprontar enguiço. Assanhada paca pra passar homem pra trás. Adorava ir nas gafieiras em companhia de um loque, beber e saracotear com ele, mas paquerar outro vagau e se bandear na hora de ir embora. Por causa dessas xavecadas em rala-bucho, umas mil brigas aconteceram por conta da Ditinha Calcanhar de

¹⁷⁶ Termo atualizado; no original de jornal consta “bochishasse”.

Frigideira. Muito nego entrou em galera, muito nego tombou varado de faca na disputa da piranha vadia.

Porém, tudo isso o seu Otavinho desconheceu. Os parceiros que jogavam dominó com ele no boteco do pedaço deram umas dicas de leve:

– Abre o olho, seu Otavinho.

– Não vai em todas, não, coroa.

– Olha lá, seu Otavinho. Afobado come cru ou queima a boca.

Não grudou a pala. O velho gamadão se fez de desentendido. Era bom homem. Muito querido do pessoal, todos se roíam antevendo a fria em que o amigo ia entrar. Mas, cada cabeça é um guia. E a turma se encabulou de clarear o lance. Quando se tocaram que o velhote estava a fim da Ditinha Calcanhar de Frigideira pra valer, se fecharam em copas. O Nestor Bocão é que se encabreirou. Ele era ponta firme do seu Otavinho. Amigão de dever favor de todo naipe. E se achou na obrigação de escancarar o assunto. Um dia, encostou o velhote na parede:

- Seu Otavinho, eu tenho idade pra ser seu filho e juro por essa luz que me ilumina que devo tudo o que sou pro senhor. Foi o senhor que me arrumou esse emprego. Foi o senhor que me tirou da malandragem e me deu uma reta. Se não fosse o senhor, hoje eu estava danado. Andando em más companhias, eu ia acabar entregue às traças. Hoje, não sou muito, mas tudo o que sou devo ao senhor.

Aí, nessa altura do quás-quás-quás, o Nestor Bocão fez uma pausa pra ganhar embalo e o seu Otavinho, humilde e comovido, agradeceu:

– Obrigado, Nestor. Mas, esquece. Se te fiz alguma coisa, foi de coração. E tu merece. Tu é um bom menino.

Encabulado com o elogio, o Nestor vacilou. Seu Otavinho notou o embaraço e deu força:

– Fala, Nestor. Que te dói?

Sem encarar o velho, o Nestor despejou:

– É sobre a Ditinha Calcanhar de Frigideira que eu quero falar com o senhor.

Fingindo espanto, o seu Otavinho murmurou:

– Que tem ela, Nestor?

Mal dentro da roupa, meio gaguejando, o xereta foi se abrindo:

– É que... me disseram... O senhor sabe... a turma fala mesmo essas coisas. Me disseram... que o senhor... e ela... Que o senhor tá querendo chamego firme com ela.

Fazendo ar de sério, o velho selou:

- Deixa falar, Nestor. É verdade. E ela é boa moça.

A convicção que o seu Otavinho demonstrava ter sobre o caráter de Ditinha Calcanhar de Frigideira deixou o Nestor desnortado. E ele, sem se controlar, sentou a ripa na mulher em pauta:

– O senhor tá batusquela. Essa Ditinha é pistoleira. Vadia sem-vergonha. Nunca prestou.

Sem perder a linha, o seu Otavinho tirou de letra:

– Foi, Nestor, foi. Atualmente, a Ditinha está mudada. Sabe, as pessoas se modificam. Eu acredito nisso. Não vê tu? Tu mesmo acabou de falar que era malandro e se indireitou [sic]. Então por que não pode ter acontecido o mesmo com a Ditinha?

Diante dessa dura, o Nestor se acanhou. Quis dizer que não era a mesma coisa. Que ele era ele e a Ditinha Calcanhar de Frigideira era uma enganadora. Bandidona que nunca iria se ap[r]umar [sic]. Tinha nascido pra ser pistoleira e ia

morrer pistoleira. Mas, perdeu a língua. Não conseguiu soltar seus argumentos. E achou melhor dar a impressão de ter sido convencido. Por isso, se desculpou:

– Bom, o senhor me desculpe. Eu só queria avisar.

Meio gozando o amigo, o velho meteu uma cascata:

– Obrigado. Mas isso tudo que tu me disse eu já sabia. A própria Ditinha me havia contado.

E aí encerraram o papo. Só que o Nestor, como todo dedão, não se deu por satisfeito. E foi logo achando, pelas últimas palavras do velho, que na confissão da Ditinha estava o mistério. A mulher escolada, sabedora que o coroa era bonzão, chorou as pitangas e dobrou o seu Otavinho. E metendo essas minhocas na cabeça, armando-se de uma afetada lealdade, o Nestor sentiu-se no direito de imprensar a crioula. Sem fazer cerimônia, chegou na mulher:

– Escuta aqui, vadia. Tu vai se arreglar com o seu Otavinho, que eu sei. Ele é meu considerado e eu vou te dar um alô. Se tu inventar alguma treta pro velho, eu vou te retalhar a fuça de navalhada. Tamos entendidos?

A mulher ficou uma arara. Com justa razão se embandeirou:

– Tu vai se danar. Vai cuidar da tua vida. Vai chiar com a tua mãe, aquela vaca perebenta, e me esquece.

E sem ligar importância pro Nestor, a crioula se arrancou e deixou-o falando sozinho. Foi pra junto do seu Otavinho e se instalou no novo mocó. Pra ela, o velho representava a estia que ela nunca tivera em toda a sua miserável existência. Seu Otavinho deu conforto pra mulher: televisão, geladeira, cama de colchão de mola, comida todos os dias e tudo o mais. E a Ditinha ficou à vontade. Nos primeiros tempos, foi aquela legalidade. A Ditinha se mostrava firme no posto de dona de casa. Até os fuxiqueiros do bairro tiveram que se entupir. Nem o Nestor conseguia encontrar por onde incriminar a Ditinha. E bem que o paspalhão se esforçava. Mas, que nada. A mulher parecia mesmo modificada.

Porém... E sempre há um porém. De repente a Ditinha começou a sentir falta de um troço que o seu Otavinho, devido ao peso dos anos, já não podia dar de acordo com as necessidades da mulher. E aí, já viu. A Ditinha Calcanhar de Frigideira teve que ir se tratar fora de casa. Na surdina. Não queria de forma nenhuma deixar o velho mal. Ela gostava do seu Otavinho. O que atrapalhava era a diferença de idade. Se não fosse isso, a Ditinha teria maneirado. Na verdade, ela nunca tinha encontrado ninguém que a tratasse tão bem como o seu Otavinho. Sentia até remorso de engambelar o companheiro. Mas, há coisas que não dá pra qualquer um entender. A Ditinha, além de afeto, precisava de alguma coisa mais.

Piou na parada um galã suburbano. E foi essa figura que botou a perder. Um negócio que era pra ficar só entre ele [e] a Ditinha, o cavalinho de pau teve que contar nas bocas. O resultado é que a notícia se espalhou. O seu Otavinho pescou alguma coisa do assunto, mas se fez de besta. Soube compreender. Agora, o bobalhão do Nestor, quando descobriu, endoidou. Armou-se de faca, navalha, pau e se botou na ca[m]pana da Ditinha Calcanhar de Frigideira. Seguiu a mulher do amigo nas encolhas e deu um flagrante nela. Certo de que ia lavar a honra do seu Otavinho, botou a boca no trombone:

– Vadia sem-vergonha. Vou te ensinar a respeitar homem. Seu Otavinho não merece isso e eu vou te mostrar.

Puxou a navalha e partiu cego de raiva pra cima da Ditinha. Estava tão abilolado que nem se preocupou com o galã suburbano. E aí deu mal. O pinta, em defesa da Ditinha, sacou o revólver e sem dó arrebitou o intruso. O Nestor desabou. Foi falar com Deus direto.

A Ditinha Cacanhar de Frigideira se picou pra casa do seu Otavinho e o galã suburbano sumiu no mundo. Desesperada, a mulher confessou tudo pro velho. Ele até se divertiu. Acalmou a companheira e deu terra pro caso.

– Deixa pra lá. Ele procurou, acabou encontrando. Agora, vai ser difícil pra polícia adivinhar o criminoso. O bruto não tinha nada com o falecido.

E não deu outra coisa. Nunca descobriu quem mandou o Nestor pro bebeléu, nem por que. A razão da bronca do otário era tão tihosa, que nem dava pra entender.

Um loque em cana (Última Hora de SP – Edição de 29/7/1971. Página 16 Caderno 1)

Sexta-feira, nas bocas encardidas, é dia de loque piar nas paradas. Muito pinta que é bom menino a semana inteira, que trabalha certinho, dorme cedo e tal e coisa, na sexta-feira aproveita por não ter que se chegar no batente no sábado e se embandeira. Dá as fuças pelos esquisitos. Xereta nas gafieiras escrotas, nos puleiros das madames, nos cabarés cavernosos e nos cambaus. Afinal, os pesqueiros da madrugada vivem dos papagaios enfeitados. Se toda curriola que desse bandola de noite fosse da malandragem, já viu a vida dura que ia ser pros donos das espeluncas. Otário é necessário paca para o bom andamento dos pererecos. Freguês é freguês e tem sempre razão. E na sexta-feira, antes de tudo, é o loque quem manda. Vagau que se preza nesse dia fica na moita. Só espiando o lance. Não entra em enxame. Flana como quem não quer nada e de leve se arruma às custas do trouxa, que acaba sempre enchendo o caco e marcando bobeira. Cai na calçada. Vira balão apagado e é uma sopa pros afanos dos gaturamas.

Pra proteger o loque das sextas-feiras, a polícia também se assanha. Vasculham todos os pedaços da boemia. Pedem documentos, dão porte de arma e acabam ganhando montes de vagaus premiados, que estão no “devo” com Lei. Claro que nesses arrastões da cana muito loque vai em galera por engano. Uns porque estão sem os papéis, outros por não saberem falar com os homens. Entram em pua. Normalmente, pro loque, esse esquinapo não dá nada. Chega lá na frente do delerusca, conferem o bruto, veem que ele tem ficha limpa e solam sem mais mumunhas. No máximo, [o] loque fica guardado uma noite. E ele, depois que sai, até que gosta de ter entrado e espalha o mais que pode a façanha. Loque é loque.

Porém, às vezes, numa truta dessas, pode dar crepe feio. Foi o que aconteceu pro Carlinhos. Numa sexta-feira, o cavalinho de pau estava arrastando suas asas no lixão, quando foi imprensado pelos tiras:

– É cana, vagau. Cadê os documentos?

O Carlinhos se coçou e encabulou. Nessa hora se tocou que estava sem as carteiras do trabalho e de identidade. Quis meter um papo:

– Olha, o senhor vai me desculpar, mas esqueci os documentos. Mas eu trabalho e tudo.

Como o tira que deu a dura no loque era invocado, não entrou no quás-quás-quás. E esfriou o Carlinhos:

– Entra. Vai falar com o doutor.

Sem resmugar, o loque embarcou no carrão do rapa e seguiu viagem em companhia de outros pilantras de naipes os mais variados. No meio da leva estavam maconheiros, ladrões, bicharocas e até assassinos. Claro que, só pela figura, o Carlinhos destoava dos parceiros. Mas o tira, que andava bronqueado com o salário mixuruca que ganhava, não estava a fim de usar a psicologia. Recebeu ordem de

encanar quem não pudesse explicar como vivia e cumpria ao pé da letra. Guindou o loque sem dó.

No distrito, o Carlinhos não teve chance de chorar as pitangas. A única coisa que deixaram ele falar foi nome, endereço e filiação. Ninguém de plantão notou nem de leve, o seu jeito educado, suas roupas traquejadas, nem bulhufas. Pegaram os dados e mandaram conferir. E, enquanto não vinha o resultado, o Carlinhos foi metido no xadrez.

Uma barra pesada pro loque estava ali. No xilindró, estavam recolhidos alguns vagaus de respeito nas quebradas do mundaréu. Bandidagem ouriçada, que não alivia a situação pra ninguém. E o Carlinhos logo viu isso. Mal a porta foi trancada atrás dele, o gango o rodeou. O xerife do xadrez, um negrão metido a bravo, não perdeu tempo com conversa mole. Mandou ver direito:

[–] Vai tirando essa japona, otário. Tira ela que eu tou com frio.

Acanhado, o Carlinhos tremeu nas bases, mas não se mexeu. Abaixou a cabeça e tentou se afastar. Não pode. O negrão meteu-lhe a mão na orelha e praticamente o arrancou de dentro do agasalho. Loque, porém brioso, o Carlinhos se picou de raiva. Quis encrespar, estrilar, espernear, mas percebeu que não dava pedal. Teve que comer enrolado. Assistir ao negrão se enfiar na japona e se arrumar num canto da cela. Enquanto ele passou a tremer de frio.

Porém, bem que ele se daria por satisfeito se a gronga acabasse nisso. Mas, o pior estava pra vir. Um vagau velho se engraçou pro seu lado:

– Vem cá garoto. Vem ficar deitado aqui com o vovô. Vem cá que eu vou te esquentar.

Aquilo enojou o Carlinhos. Garotão bem alimentado, não teria dificuldade pra dar uma biaba no coroa. Mas, o rapaz não queria encrenca. Ele não era nenhum desgraçado sem destino. No dia seguinte sairia dali e teria um futuro pela proa. Já o coroa, estava escancarado, era um jogado às traças. Quando saísse de cana, era pra se atucanar, aprontar presepadas e voltar. Tudo indicava que o velho era escolado na malandragem. E isso pesa na balança. Quem tem coisas a perder tem medo. Mesmo sendo mais forte e mais jovem, o Carlinhos se apavorou diante do coroa. E se fechou em copas.

Tinhoso como ele só, o coroa percebeu a afinada do loque e foi se chegando muito à vontade:

– Vem cá, meu bonequinho. Vamos fazer um trato.

Os outros presos permaneciam indiferentes à charla do vagau velho. Pra eles, tanto fazia o resultado. Ali no xilindró, a moçada só quer saber de si. Se alguém se dana, não é problema da patota. E o Carlinhos começou a se desesperar:

– Vê se me esquece.

Chiou à toa. O coroa achou graça e foi tentando passar a mão nele. Furioso, o loque empurrou o velho longe, correu pra grade e berrou:

– Carcereiro! Carcereiro! Faz favor.

Quem primeiro acudiu aos gritos do loque foram os presos. Chefiados pelo negrão, cercaram o Carlinhos. O xerife ameaçou:

– Vê lá o que tu vai fazer.

E, sem conversa, ficaram esperando o carcereiro se aproximar. Sonolento e aborrecido, o homem veio devagar, se arrastando e, em tom irritado, se apresentou:

– Pronto, pilantra. Tou aqui.

Antes que o Carlinhos falasse, o Negrão deu-lhe um bico no calcanhar. O loque se entupiu e teve que aturar desaforo do carcereiro:

– Que é que há pilantra? Perdeu a língua? Tá pensando que isso é hotel? Que tu quer?

Todo ruim dentro da roupa, o Carlinhos murmurou:

– Eu vou custar pra sair?

A resposta foi um tremendo esculacho:

– Vai pro diabo, seu desgraçado. Tou dormindo e tu me chama pra isso? Agora tu vai ver. Quando cantar tua liberdade, vou te guardar mais um tempo.

E, xingando, o carcereiro se afastou. Os presos riram da cara de desapontamento do Carlinhos e o velho tentou abraça-lo. Aí, o Negrão deu uma dica:

– Ói aqui, trouxa. O negócio aí com o velho é tu e ele. Se tu quiser estarrar ele na porrada, é contigo.

O Carlinhos ganhou embalo. Criou coragem e deu um chega pra lá no coroa. O ambiente engrossou. Os presos entusiasmaram o velho pra brigar. Sem considerar o corpo do Carlinhos, o coroa partiu pra dentro do loque. E a biaba cantou. O Carlinhos se atracou com o velho numa briga violenta. Apesar da idade, o coroa não era mole. Sabia mil truques e equilibrava a pauleira. Ninguém despartava. Os presos assistiam em silêncio ao rolo. E o Carlinhos, que a princípio só queria espantar o velho, foi se endoidando e passou a bater pra valer. Como o coroa resistia, o rapaz tinha que castigar. E, de repente, o sangue correu do nariz do coroa. Mas, ele insistia. Enfrentava o loque sem demonstrar intenção de se render. Isso obrigava o Carlinhos a continuar batendo. E um soco estourou a boca do velho, outro, a orelha. O coroa virou uma pasta de sangue. E desabou. Caiu imóvel.

Diante do velho estarrado, o Carlinhos se assombrou. O Negrão e os outros presos se serviram no sarro:

– O coroa se apagou.

– Tá danado, garoto.

– Vai pegar uma cana brava.

– Flagrante. Daqui não tem pinote. Vai ser flagrante.

– Matou o velho de pancadas.

– Tá entalhado. Vai mofar aqui dentro.

Desesperado, o Carlinhos teve uma crise nervosa. Se botou a chorar e a gritar. O carcereiro veio ver o que era e o loque contou a briga em prantos.

– Eu matei o velho. Matei porque ele queria abusar de mim. Eu não queria. Eu tenho emprego. Não sou nenhum vadio.

Tantas lágrimas comoveram o carcereiro. Abriu a porta do xadrez e retirou o Carlinhos. Depois, sem afobação, deu o recado:

– Negrão, joga água na cara desse velho gorgota de uma figa.

Sem escama, o Negrão obedeceu e com a água o coroa se mexeu. O Carlinhos que de fora do xadrez assistia a tudo, desmaiou. Provavelmente de alegria por ver o velho vivo. Quando se recuperou, estava encostado num canto do corredor do xadrez. Já era de manhã. Não demorou pra sair. Porém, jurou pra si mesmo nunca andar sem documentos.

O triste Nini (Última Hora de SP – Edição de 30/7/1971. Página 16 Caderno 1)

Na verdade, a mãe do Nini foi a grande culpada da sua desgraça. Resolveu criar o menino com honras de princez. Aí, já viu. Entortou o patuá do bruto. Ele ficou cheio de dengos. Até estranhava quando não era mimado. E na escola foi aquele perereco. Os colegas esculachavam o Nini. Gozavam o pobre menino de todo jeito.

E ele, pra fugir dos revertérios que encontrava, preferia a companhia das meninas. Não ia pra junto delas com ideias de jerico ou a fim de paquerar, o que seria normal. Se enturmava com as meninas porque elas eram mais delicadas e achavam a ele, Nini, uma belezinha. O que não era nenhum exagero. O boneco era loiro, de olhos azuis e faces rosadas, fato que só servia pra complicar a existência dele. Naturalmente, se o Nini não fosse tão engraçadinho, teria melhor sorte. Pelo menos não ia dar tanto na vista as suas desmunhecadas. Mas, era bonito, dengozinho, falava fino e macio, só brincava com meninas e aí se entrutou. Nem o mais otário dos pivetes botava a mão no fogo pelo Nini. E nesses casos, a voz do povão é a voz de Deus.

Menos pra mãe. A bruxa não se tocava na infelicidade do filho. Chutada pelo marido ainda quando estava choca, picou-se de raiva. Na bronca com o marido, a mulher esticou pra tudo quanto era homem. Cheia de mumunhas religiosas na cachola, segurou o rojão da gravidez sozinha. Osso duro de roer, mas que a distinta em pauta preferiu escorar do que fazer *um anjo*. Torceu pra que nascesse menina. Nasceu menino e ela, aí, fez a presepada toda. Basta ver o apelido que botou na cria: Nini. Coisa cavernosa o pinta vir do berço com um rótulo desses. Ainda mais onde o Nini morava. Ser bichona em bairro grã-fino já deve ser um crepe sentido. Imagina então em bairro de pobre. Funde a cuca do infeliz, fácil. E o Nini morava no pior pedaço das quebradas do mundaréu. Lá onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, a sua mãe tinha um barraco. Sustentado a duras penas por ela sozinha. Mas, apesar da dureza que é topar a vida, que anda custando os olhos da cara, com salário mínimo, a bruxa fazia qualquer sacrifício pra ver o seu princez bem vestidinho. Moral da história: o Nini não tinha sossego. Não podia ir na rua. Se fosse, estava danado. Os pivetes vadios mexiam com ele. E foi aos trancos e barrancos que o Nini cresceu.

Aos dezoito anos não tinha conserto o tal de Nini. Quando foi se alistar pro serviço militar, foi uma gronga. Quase preferiu se apresentar na polícia feminina. O Nini saiu livre, claro. E daí pra frente, se botou a badalar. Conheceu um velhote gorgota, babão sem-vergonha, e caiu na gandaia. Bonitinha como era, ganhou boa vida do velhote. Com a grana mole, passou a se traquejar. Comprava só roupa da última moda. Porém, roupa de mulher. E, sem cerimônia, saía dentro delas pelas ruas. E o pior é que enganava muito otário. Fazia figura o Nini. E com essas e outras, o bicharoso foi gastando seu tempo e sua saúde. Tomando remédio pra pegar corpo de mulher, droga pra levantar o ânimo e dar coragem, o Nini foi se acabando. Aos vinte e cinco anos, já era um velho. Estava um bagulho de dar nojo. Parecia uma caricatura grotesca do Nini dos dezoito anos. E nesse estado deplorável, não deu pra se manter nos lugares de categoria. Foi obrigado a frequentar as bocas mais encardidas e a ter por companhia o que existe de mais lesado na face da Terra. E nessa sinuca, não encontrava ninguém pra lhe dar nada. Muito pelo contrário. Se alguém se chegava ao Nini, era pra lhe tomar o pouco que ele possuía. Ao se mancar na sua situação, o Nini sentiu o desespero bater. Chutado, avacalhado, machucado, o Nini viu que se enganara. Mas, era muito tarde. A única coisa que podia fazer por si era arrumar um emprego de gente e ganhar o seu sustento honestamente, que há muito era incerto paca. Aí, mais uma constatação amarga.

O princez não sabia fazer nada além de desmunhecar. E, bambeado, teve que apelar. Partir pra linha grossa. Se arreglou com o Pantera, um negrão que, apesar de bicharoca, era metido o valente, e com mais dois desgraçados que estavam pior do que o Nini. E saiu pro trambique. O suadouro.

Nini, que era o menos ruim da quadrilha, se enfeitava todo com roupas de pistoleira, se enchia de badulaques e fingia estar batendo bolsa no quarteirão das piranhas. Como sempre tem loque pra tudo, acabava aparecendo um pinta meio bebum pra confundir o Nini com mulher. Estava xavecado¹⁷⁷. O Nini, com malícia de bichona escolada, enredava o trouxa, levava-o pro esquisito e o deixava nas mãos do Pantera e dos outros parceiros. Não dava erro. Era um assalto rápido, rasteiro e sem estrilo por parte da vítima. Geralmente, um loque afanado num lance tihoso não tem nenhuma vontade de botar a boca no trombone e anunciar o arroxio que levou. Prefere se enrustir. E era o medo do escândalo por parte do assaltado o grande trunfo da quadrilha do Nini.

Mas, um dia entrou areia no pesqueiro dos bichorocas. Uma das vítimas engrossou o caldo. Deu o berro, esperneou. Não adiantou muito na hora. O Pantera ganhou o cavalinho de pau na paulada. Porém, assim que se livrou dos assaltantes, a vítima foi se queixar no Distrito. Seu papo grudou e a cana não tardou a ganhar a quadrilha das bichonas.

Na chefatura, foi aquele escarcéu, quando adivinharam que o Nini era mulher fajuta. Os repórteres não pouparam o desgraçado. Pintaram e bordaram as suas custas. Tiraram mil e uma fotos. Com cabeleira, sem cabeleira, de lado, de frete, rindo, chorando e os cambaus. Quando enjoaram, os repórteres devolveram a bichona pros tiras, que sem considerarem coisa nenhum meteram o infeliz no xadrez. A barra pesou mais pro Nini. Junto com ele, havia uns quarenta pilantras recolhidos. E o mais santo entre eles era um terrível ouriço. A situação embananou de vez. O Nini virou o esparro. Sofreu mais que gato de desenho animado. E, cansado de maus tratos, amargurado e sem esperança, deu um jeito de arranjar uma gilete e cortou os pulsos. Sem que ninguém acudisse, o Nini passou dessa pra melhor. Foi falar com Deus. Quando o carcereiro descobriu seu cadáver, foi aquele rolo. Não pelo defunto. Esse não tinha importância. O bochicho foi para saber como ele tinha gilete lá dentro do xadrez. E, nas buscas que deram pra ver se encontravam mais alguma arma, os carcereiros encontraram um bilhete do Nini. Nele o desgraçado se abria:

“Apesar de tudo ser culpa tua, mamãe, me perdoe por não ter aguentado até o fim”.

(Nini)

O Velho (Última Hora de SP – Edição de 31/7/1971. Página 16 Caderno 1)

O velho chegou sozinho ao fim. E isso é broca. Entorta qualquer patuá. Solidão na velhice é um crepe sentido. Porém, nas tabuadas dessa vida, ali na base do agrião, está escrito o fogo que, quem planta vento, colhe tempestade. E pro Velho, não deu outras coisas. Na mocidade, ele só tratou de si. Não queria saber de laços. Criar raízes para ele era o mesmo que prisão. E por acreditar nisso, sempre deixava a catraia navegar pra onde a corrente levava. Boa pinta, com papo fácil e muitas histórias pra contar, agradava em qualquer ambiente. Maleável, não se acanhava nunca. Nos meios grã-finos ou nas rodas dos vagaus, ele dava as cartas e jogava de mão. Quem bota banca sempre vê chover na sua horta. E o Velho, no bom tempo da sua mocidade, estava instalado de lord. Enredava fácil o mulheroio. E, pra todas elas, usava a mesma chave:

– Eu adoro a liberdade. Quem pegar no meu pé se machuca. Não quero nenhum assunto firme. Só quero a liberdade.

¹⁷⁷ Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecado”.

E nessa catimba fez e aconteceu. Muita mulher bonita das quebradas do mundaréu penou por causa do Velho. Muitas ficaram chocas e pariram por gamação do Velho. Mas, dele, nunca tiveram colher de chá, estia, nem nada. O Velho, agarrando-se nessa marola de liberdade, só cuidava de si. Não assumia nunca nenhuma responsabilidade. Só cuidava de si. E justificava o seu tremendo egoísmo na liberdade. Nem emprego fixo o Velho topava. Não queria nem escutar falar em sindicatos e outros troços coletivos. E viveu paca. Isso, a bem da verdade, é preciso que se diga. Aos vinte e cinco anos, já tinha concha de nego de cinquenta. Viajou, viu coisas de montes, flanou no bem-bom. Até que a idade começou a pesar na balança. E aí, teve início o esquinapo.

Gente muito escolada não acho[u] graça em qualquer pagode. A malandragem fico[u] sem mistério e ingenuidade, uma chatura. Nada dá pedal. Tudo é coisa manjada. O mesmo que jornal de ontem, que já foi lido e relido. Não apresenta novidade. E o Velho entrou nessa fase. Primeiro se cansou da boemia. Depois, das pessoas. E[,] por fim, das próprias histórias. Mas, por necessidade, ia aguentando o tranco. Porém, sem perceber que ele próprio ia perdendo o brilho, que é o grande trunfo dos tagarelas. Se o nego perde o interesse pelas pessoas, não tem mais embalo pra cativá-las. E artista que não envolve sua plateia, está danado. Vai acabar falando sozinho. Pior ainda se o contador de histórias se cansa dos seus casos. Aí, passa a repetir os seus casos em tom mecânico e os lances mais engraçados e patéticos se tornam monótonos.

Com o Velho não deu outra coisa. O seu quás-quás-quás, que antes fazia tanto sucesso, virou uma falação dura de aguentar. E as patotas que formavam em torno dele nos botecos e nos salões passaram a rarear. O Velho já não abafava. As mulheres já não caíam tão facilmente nas suas cascatas. Ainda ganhava algumas. Porém, não era coisa de dar alegria. Principalmente pra ele, que sempre fizera trato com mina de primeiro time. As mulheres que ele ganhava nessa fase de decadência o aborreciam. Ele as conquistava pra se afirmar, pra se enganar ou pra não marcar bobeira sozinho. Mas, logo se encrespava e as afastava com brutalidade. Ficou um ouriço. Virou cri-cri. E acabou isolado por toda a curriola da noite. Ainda era tempo do Velho manear, arrumar uma companheira e tal e coisa. Mas, de tanto se agarrar na onda de liberdade, acabou afogado numa pororoca. A sua cuca fundiu de vez, querendo ser mais livre. Se abilolou. Passou a achar que seu corpo era uma prisão de carne. A fim de se libertar, botou-se a fuçar no espiritismo e em outras doutrinas desse naipe. Logo se atucanou com tudo. Era esperto demais pra aceitar certos babados que só se explicam com fé. Aborrecido de tudo, solitário, se danou a beber e a meditar. Tomou porres de perder o rumo. E, durante a bebedeira, matutava sobre as coisas que tinha vivido e visto. Se revia todo. E não gostava das presepadas que lembrava. Pra esquecer, bebia cada vez mais. E daí, despencou.

Sozinho, sem trabalho, sem amigos, sem um canto pra se encostar, escravizado pelo vício, entrou a perigo perpétuo. Se avacalhou todo. Perdeu a vergonha, se esculachou, pediu esmola pra beber. As doenças encarnaram no Velho. E ele cada vez enchendo mais a caveira de cachaça. Passou a tremer como geleia. A ver fantasma. A escutar vozes. Deu mil e um vexames pelas ruas. Mas, sempre agarrado no seu enganoso conceito de liberdade.

Porém, um dia o Velho teve um beribéri [sic] de lascar. Uma visão medonha o assombrou em plena rua, em hora de movimento. Assustado, o Velho fugiu sem rumo. Porém, sua imaginação doentia arrastava atrás de si, a visão, numa perseguição cruel. O Velho, em desespero, corria, se escondia, xingava e despertava piedade e curiosidade nos passantes. Por fim, agoniado, o Velho

resolveu enfrentar a visão que o atormentava. Se atirou contra o suposto inimigo com fúria tremenda. Caiu de encontro à parede. Levantou-se urrando e partiu pra luta com mais ferocidade. Bateu contra o poste. E assim foi se arrebrandando. Sempre achando que estava atingido por golpes do inimigo.

O povão que espiava a gronga, só via o Velho se atirando pra lá e pra cá. E, sem saber o que fazer, chamaram a polícia pra conter o batusquela. Quando a canoa piou na parada, o Velho já estava calmo, arreado no chão, derrotado. Da boca das testemunhas, a polícia escutou os detalhes do ataque. Sem vacilar, guindaram o Velho pra um asilo. E lá ele ficou.

Atendido, medicado, afastado da bebida, o Velho melhorou de saúde. Mas, ficou jururu. Sem poder sair do asilo, o Velho murchava, preso, ansiava por liberdade. E[,] por isso, foi definhando. Recusava sistematicamente a comida que lhe davam. Acabou ficando muito fraco.

Mas, uma noite, na surdina, conseguiu se mandar do asilo. Nenhum porteiro ou vigia notou o pinote do Velho. E ele ganhou a liberdade. Sem ter pra onde ir, andou sem destino. Bateu perna à toa até cansar. Quando não pode mais, deitou-se no chão. Apesar de esgotado, estava feliz por estar livre. E ali, jogado, desfrutava esse prazer. Depois, foi fechando os olhos e adormeceu.

No dia seguinte, foi encontrado morto, mas com um estranho sorriso pendurado na boca.

3.5 – As crônicas de agosto de 1971 – Coluna Navalha na carne

O caseiro (Última Hora de SP – Edição de 2/8/1971. Página 16 Caderno 1)

O Macedo levava uma vida brava. Funcionário público, com um salário que não era grande coisa, pra sustentar quatro pessoas. Ele, a mulher e dois filhos em idade escolar. Além de tudo, ainda tinha que usar gravata para manter a aparência perante a vizinhança. Com tudo pelo preço do desespero como anda, com qualquer coisinha custando os olhos da cara, já viu. Pro Macedo equilibrar a catraia era um pere[re]co. Era obrigado a muito sacrifício.

Um troço onde o casal Macedo segurava os pontos das finanças era na diversão. Dificilmente saíam de casa pra ir a algum lugar refrescar a cuca. Neca de cinema, neca de teatro e os cambaus. Não dava pedal esses luxos. E também o Macedo não era muito chegado a essas coisas. A mulher bem que gostava. Mas, o marido tirava de letra. Mas chegava em casa no fim do dia e anunciava:

– Bem, hoje estou pregado.

A senhora Macedo se tocava que não podia ter ilusões de um¹⁷⁸ passeio. Mecanicamente levava o papo:

– Trabalhou muito hoje?

Sem cerimônia, o Macedo cascadeava:

– Como um mouro. Me virei o dia todo. Quebrei mil galhos lá na repartição. Tou carregando aquela droga nas costas. Sozinho. Ninguém quer nada. São todos uns folgados. Eu gostaria de ser assim também. Porém, você conhece meu temperamento. Não sei encostar o corpo. O resultado é esse. Trabalho por oito e no fim do expediente estou arreado. Sem vontade pra mais nada.

Claro que era grupo. E a senhora Macedo sabia. Mas, entendia a mumunha do marido e deixava andar. Então, o bruto, escorado nesse charme, repetia o ritual de todas as tardes. Tomava um banho, metia um pijama, jantava e se atirava numa

178 Termo atualizado; no original de jornal consta “uma”.

poltrona adiante da televisão. E ficava plantado diante do caixote de entortar cachola até a hora de dormir.

Naturalmente que não pode haver ninguém no mundo que agüente um repuxo desse naipe. Todas as noites o nego vendo os enlatados estrangeiros que passam na televisão da bobeira. Seca a imaginação e tudo o mais que o pinta tem de bom. E pro Macedo, não deu outra coisa. Logo ele começou a ficar batusquela. Não percebia que, pelo menos às vezes, tinha que sair pra uma jogada diferente. Ele nem percebia que a mulher precisava disso. Que andava irritada por viver trancada em casa. E a mulher bem que se queixava:

– A gente não sai mais. Cedo. Vivemos trancados em casa vendo televisão. Isso toda noite esgota a paciência.

Sem levar fé no papo da mulher, o Macedo deschavava:

– Que nada. É melhor ficar em casa do que sair por aí gastando dinheiro pra ver porcaria. Porcaria por porcaria, a gente fica em casa mesmo.

E como Macedo dava as cartas e jogava de mão, a esposa se entupia e se conformava. Mas, a sua irritação aos poucos foi aumentando. E ela acabou ficando meio abilolada e pegando no pé do marido todo o dia. Como Macedo era tihoso, difícil de ser dobrado, os quás-quás-quás viraram guerra:

– Eu ando cansada de ficar em casa.

– Que quer que eu faça?

– Que me leve no cinema de vez em quando.

[–] Pra que? Pra ver as drogas que passam por lá?

– É melhor do que ficar vendo as drogas da televisão.

– Conversa. Você quer é me fazer gastar dinheiro.

– Não. Quero sair. Ver gente. Isso que quero.

– Essa é muito boa. Ver gente!

– Pois é. Ver gente. Eu nunca saio de casa.

E eu? Eu saio? Eu vou de casa pra repartição e da repartição venho pra casa. E é só.

Pois é. Você pelo menos vê gente na rua, conversa com os colegas lá na repartição e tudo. Eu, não.

– Você acha que eu vou na repartição pra conversar. Eu trabalho. Só trabalho.

E daí pra frente o Macedo engrossava. Berrava, esperneava pra provar pra mulher que o batente que pegava era uma dureza. Diante do escarcéu, a mulher encabulava, se entupia e ficava jururu. Quando se fartava de apregoar sua condição de trabalhador, o Macedo se fechava em copas. Emburrava e, em silêncio total, assistiram à televisão. E, com essa catimba, a barra do casal começou a ficar pesada.

Invocado com a situação, o Macedo resolveu dar uma colher de chá pra mulher. Numa quarta-feira, quando chegou em casa, deu uma dica pra mulher:

– Sábado vamos pegar um cinema.

A mulher se assanhou:

– Que legal! Vai ser bacana.

O entusiasmo da esposa comoveu o marido. Ele teve até remorso de nunca sair de casa. E, na noite, tramou fazer umas surpresas pra mulher. No sábado, o casal se embandeirou. Cada um vestiu o melhor pano que tinha e se mandaram pro cinema. Do centro. Cinema de bairro não era programa pra agradar. Assistiram a uma droga de um filme estrangeiro. E o Macedo fez questão de meter o pau, pra provar suas teses de que não vale a pena sair de casa e tal e coisa. E na saída,

quando a mulher pensou que ia direto pra casa, o marido apareceu com a grande surpresa da noite:

– Vamos jantar num restaurante, bem.

A mulher retumbou. E o Macedo, que não era besta pra avacalhar o orçamento, escolheu um meio escroto. Meio boteco, meio restaurante e foram firmes. Sentaram. Conferiram o cardápio. Numa verdadeira briga de foice acharam na lista de comida o rango que queriam e ficaram um olhando pra fuça do outro à espera do rango e aí teve início o esquinapo.

Um negrinho todo sujo se aproximou da mesa do casal e com uma expressão triste de rachar o coração implorou:

– Moço, me dá um pão.

Transtornado o Macedo meteu a mão no prato de pão e deu um pro negrinho. Muito mais pra se ver livre do moleque do que por pena. E assim que a criança sumiu, o casal iniciou um papo sobre a infância abandonada e a negligência do Juizado de Menores. Estavam entretidos nessa palestra, quando foram interrompidos por um aleijado que oferecia bilhete de loteria com insistência:

– Vai a vaca! Vai a vaca!

A figura do aleijado incomodou o casal. E o Macedo resmungou:

– Não. Não jogo.

Porém, o aleijado era insistente:

– Vai dar vaca. Vai a vaca.

Precisou o Macedo berrar pro bilheteiro se afastar da sua mesa. E logo que isso aconteceu, o casal se botou a comentar a desgraça da sorte do aleijado, que tem que vender bilhete. E estavam trocando argumentos, quando apareceu na frente deles uma menininha vendendo gilete. Já bastante contrariado com o desfile de párias, com a demora da comida, o Macedo explodiu:

– Não quero gilete. Não quero nada. Quero ir pra casa. Pra casa. Vamos embora. Vamos embora.

E, sem explicar nada pro garção [sic], o Macedo se mandou, seguido da mulher, envergonhada com o escândalo, mas achando que o marido tinha razão. E a senhora Macedo nem reclamou quando o marido berrou:

– É por isso que não gosto de sair de casa.

A última feijoada (Última Hora de SP – Edição de 3/8/1971. Página 16 Caderno 1)

O Osvaldo era boa praça. Só que tinha a mania de contar vantagem. Era o rei da cascata. Com ele era tudo na base do agrião. Exagerava. Dizia que fazia e acontecia. Ele era o maior e não tinha coisa que ele não soubesse fazer. Se quando estava bom o homem era carteador de amarra, botador de banca e os cambaus, bêbado ninguém aguentava com ele. Bastava encher o caco de cachaça, pra abilolar meio mundo com seu quás-quás-quás cavernoso. Na repartição onde trabalhava, no boteco da esquina do seu pedaço, na casa dos parentes da mulher, todos conheciam o seu jeito e davam o desconto. Porque, fora da mania de presepeiro, ele era realmente um sujeito positivo e sempre disposto a ajudar os que o rodeavam, quebrando o galho pra qualquer um que o procurasse.

Naturalmente, sua mulher se invocava com as conversas fiadas. Porém, por mais que falasse, não dobrava o marido. Ele prometia que não ia contar prosa, mas na hora “H”, não resistia à tentação de abrir a tramela. E foi assim, até que se deu o esquinapo.

Numa noite de sábado, o Osvaldo e a mulher foram visitar uns amigos. Na parada havia mais gente, e o papo furado ficou bom. De repente, um dos presentes, assim como quem não quer nada, chutou pro alto:

– Comi uma feijoada hoje no almoço, que vou te contar. Tava boa! Mas, acho que abusei um pouco e estou sentindo o peso da bruta até agora.

Já com cara de pouco caso, o Osvaldo pediu uma dica:

– Onde tu comeu a feijoada?

– Foi num botequim lá perto do meu escritório. A gente todo sábado pega o rango lá. Eles cozinham bem. Quem olha de fora não acredita que aquele boteco possa servir bem do jeito que serve.

Mais ouriço, o Osvaldo imprensou:

– Mas onde é? Não tem nome esse boteco?

Sem poder sair fora, o comedor da feijoada deu o endereço:

– É o Bar Estrela. Lá na rua Oiapoc.

O carteador se rachou de rir e se botou a esculachar o parceiro, o boteco que ele frequentava e a feijoada que ele comeu:

– Manjo aquela espelunca. Já comi lá uma vez. Tu chama aquele feijão preto que eles apresentam lá de feijoada? Então tu não sabe o que é feijoada. Aquilo é um lixo. Não é à toa que tu tá aí reclamando por Sonrisal. Aquela zurrapa que eles servem entope qualquer um.

Meio ofendido, o amigo fez a propaganda do boteco:

– Não é assim. Eles cozinham bem. Eu como lá todos os sábados e nunca me fez mal. Aliás, nem a de hoje me fez mal. Apenas tá pesando um pouco no estômago.

Pegando a corda, o gabola se soltou:

– É claro que tem que pesar. Eles lá são fajutos pacas. Pra amolecer o feijão depressa, eles botam bicarbonato¹⁷⁹. Aí já viu. O feijão amolece, mas fica com gosto de não sei o que. Acho que fica com gosto de cabo de guarda-chuva. Só quem nunca comeu feijoada pode gostar daquele lixo. Vou te contar, meu chapa. Feijoada faço eu. A minha, sim, é de tirar o chapéu. O pinta que comer uma vez a feijoada que eu faço nunca mais aceita outra. Porque esse negócio de cozinha eu entendo. Pra fazer uma feijoada tou sozinho. Minha mulher é quem pode dizer. Ela tá aí mesmo pra não me deixar mentir. Né, bem? Cozinho legal, não?

Contra a vontade, a mulher do Osvaldo confirmou:

– É[,] meu marido tem jeito na cozinha.

A falta de entusiasmo da mulher desesperou o gabola. E ele, encrespado, botou a boca no trombone:

– Levo jeito, vírgula. Sou um dos mestre-cucas de mais respeito nesse país e, quem sabe, no mundo. Porque eu faço strogonoff, faço chucrute, faço espaguetti e tudo. Mas, nunca vi nenhum gringo fazer feijoada. Taí. Sou o maior do mundo.

Os presentes acharam graça do convencimento do Osvaldo. Fizeram mil piadas. Mas, tudo só serviu como desafio. Ele, de sopetão, quis saber:

– Que horas são?

Alguém informou com afetação:

– Vinte e três e trinta.

Sem se mancar nas gozações, o Osvaldo deu a letra:

– Dá tempo. Vamos pra casa, bem. Amanhã espero todos para comerem uma feijoada. Uma feijoada de verdade.

179 Termo atualizado; no original de jornal consta “vicarbonato”.

Teve marola esse convite. As mulheres presentes compreenderam a sinuca da companheira do Osvaldo e quiseram desbaratinar. Os homens deram força. Não há quem recuse uma feijoada. E não adiantou a mulher do Osvaldo querer sair fora.

– Só que não tem nada lá em casa pra feijoada.

O próprio Osvaldo quebrou essa:

– Já existe um super-mercado que não fecha nunca. Vamos em frente.

Sem mais nada, o Osvaldo arrastou a mulher dali. Foi direto fazer compras, sem se importar com os resmungos da esposa. Como tinham bebido um pouco na casa do amigo, cada um reagia do seu modo. A mulher ficava com sono e o Osvaldo, assanhado. Assim sendo, não deu pra mulher controlar o marido, que comprou comida e os demais ingredientes pra fazer uma feijoada de fartar um batalhão. Satisfeito com as compras, se mandaram pra casa. Lá a mulher não quis nem saber e deu a lei:

– Eu vou dormir. Tu que inventou essa droga, que se vire.

Sem bronca, o Osvaldo ainda fez panca:

– Deixa comigo. Amanhã, tu e aqueles trouxas vão saber o que é uma feijoada de verdade. Só sinto que o fogão não seja de lenha. Feijão gostoso é o que se cozinha em fogo lento. Vou cozinhar essa a noite toda.

A mulher alertou:

– Veja lá o que vai fazer. Vai dormir e deixar o gás ligado.

Sem dar bola pra torcida, o Osvaldo meteu os peitos. Estava decidido a passar a noite em claro, cuidando da feijoada, pra abafar no dia seguinte. Pra ele, o sucesso de cozinheiro era uma questão de honra. E não vacilou. Botou as carnes de molho. Catou o feijão e meteu no fogo. Deixou o gás no registro menos. Queria cozinhar tudo lentamente. Na opinião dele, era um dos segredos do êxito da sua feijoada.

Feito tudo isso, o Osvaldo saiu pra comprar o jornal. Voltou logo e examinou as coisas. Estava tudo em ordem. Sentou-se numa cadeira da cozinha e se botou a ler. Logo adormeceu em cima do jornal. E seu sono era pesado. Quando se apagava, não era mole pro Osvaldo acordar. E a mulher, que tinha bebido e não estava acostumada, foi direta. Nem se preocupou com nada.

Por isso, eles não perceberam quando o fogo apagou e o gás ficou exalando. Nunca mais viram nada. Quando, na hora do almoço, os amigos chegaram, estranharam a casa do Osvaldo estar toda fechada. Foram xeretar e sentiram o cheiro do gás. Arrombaram a porta e encontraram os cadáveres. Perderam para sempre o gosto por feijoada.

O Dilinger subdesenvolvido (Última Hora de SP – Edição de 4/8/1971. Página 16 Caderno 1)

O leite das crianças anda custando os olhos da cara. Aliás, não é só o leite que anda machucando o bolso do povão. Tudo o mais está pelo preço do desespero. Uma gronga de abilolar qualquer majura. E é por essas e outras que muitas vezes, o nego se endoida de repente e apronta um esquinapo que não dá pra ninguém entender.

Com o Nivaldo Cabeleira, o lance se deu quando menos se esperava. Até então ele tinha forma de bom moço e tal e coisa. Seu crepe é que pegou uma rebordosa na fábrica onde se chegava ao batente e levou um passa-fora do patrão. No começo do desemprego, o Nivaldo se escorou no Fundo de Garantia, porém logo a grana acabou e ele se viu a perigo perpétuo.

Sem especialização, sem estudo, não arrumava vaga pra trabalhar em lugar nenhum. E a filharada, que não quer saber das mumunhas (e nem pode) se botou a estrilar de fome. Quatro pivetes a reclamarem que o pandulho está vazio entortam qualquer patuá. E a mulher do Nivaldo não aguentou o repuxo. Sem dizer até logo, abandonou o lar, que era uma tremenda canoa furada. Se picou sem deixar a direção. O Nivaldo tremeu nas bases com o sumiço da mulher. Mas, segurou as pontas. Gostava paca dos filhos e não ia largá-los às traças. De um jeito ou de outro, havia de se aplumar. E, enquanto matutava pra encontrar um pedal, ia tentiando.

Fuçava em toda parte. Foi na macumba pra firmar seu ponto. Se rezou da cabeça aos pés. Tomou mil banhos de descarga. Se defumou. Mas, continuou na mesma. Matando jacaré a beliscão, cachorro a grito e comendo capim pela raiz. Varejava em tudo quanto era pesqueiro das quebradas do mundaréu. Batia perna desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, até onde o vagau pisa devagarinho. E neca de achar emprego.

Marcando bobeira pra baixo e pra cima, atucanado pela saudade da mulher e pela situação ruim dos filhos, fraco de fome e de esperança, o Nivaldo foi passagem fácil pras ideias de jerico. Elas começaram a brotar em sua cachola gira nessa altura do campeonato. No princípio, o aperreio era uma marola. Piava na cuca mansamente e logo o Nivaldo afastava o pensamento mau. Depois, virou onda. Vinha mais forte e era considerada. Mas, por medo ou por falta de jeito, o Nivaldo acabava desbaratinando. Por fim, virou pororoca. Veio num dia em que o desespero era muito grande e derrubou as barreiras do Nivaldo, inundando-o até as entranhas. Picado de raiva, ele resolveu botar pra quebrar.

Na sua ligação doentia, a visão que aparecia com mais frequência era a de ele afanar um chofer de táxi. Não acreditava o Nivaldo que, num estarro desses, pudesse dar crepe. Bastava meter as armas na faixa¹⁸⁰ do motorista, limpar o bruto e adiantar seu lado. Porém, o Nivaldo estava tão mal com Deus, que não tinha revólver, nem navalha, nem mesmo um canivete de limpar as unhas. E aí, o plano enguiçava. No braço, o Nivaldo não se acreditava. E sabia bem que, no seu estado, nem o mais apavorado dos choferes iria botar fé na sua briga. Mas, nem por isso se acanhou. Lembrou-se de um quás-quás-quás que escutou ou viu no cinema. A história de um tal de Dilinger, que com um revólver de pau rendeu uma tropa de tiras e se mandou da cadeia onde estava guardado. Achando que sempre tem repeteco nas coisas da vida, o Nivaldo arrumou um revólver de plástico e foi pra luta.

Ficou plantado no centro da cidade, assim como quem não quer nada e está só cozinhando o galo em água o movimento dos táxis, pra ver se adivinhava um chofer com pinta de otário. Não demorou muito pra se engraçar com um velhote de um carrão antigo. Foi bater as botucas em cima do coroa e ver no velho o seu bilhete premiado, seu cartão da esportiva com treze pontos. E foi firme.

Sem pedir licença, instalou-se ao lado do velho chofer e deu as ordens:

– Freguesia do Ó, meu chapa!

O chofer, meio sonolento, resmungou uns troços que o Nivaldo não compreendeu. Mas, pra não dar pala pro motorista desconfiar dele, meteu uma cascata:

– Vamos rapidinho, meu chapa. Amanhã é dia de batente e eu ainda tou flanando. Já viu a batalha que vai ser pra levantar às sete da manhã.

Sem dar muita atenção pro freguês, o coroa bocejou, ligou a Carangola, tão velha como ele, e saiu sacolejando pelas ruas da cidade, rumo à Freguesia do Ó. A

180 Termo atualizado; no original de jornal consta “facha”.

viagem foi comprida pra chuchu¹⁸¹. O Nivaldo estava imaginando que, naquele andamento, o negócio ia engrossar. Iam chegar no destino com dia claro, com muita gente saindo de casa pro trabalho, e o estarro ia se complicar. A caranga tinha só três marchas: devagar, devagarinho e parado. O devagar era nas descidas da ladeira. O devagarinho, na subida. E parado, nos sinais de trânsito. O velho motorista brecava o carrão e pra fazê-lo andar de novo era um custo. Porém, mesmo assim, chegaram num esquisito dos mais desertos e escuros. Com receio que não aparecesse lugar melhor pro afano, o Nivaldo sacou o revólver de plástico e deu seu alô:

– Para o carro, velho. É um assalto.

Sem demonstrar bronca, o chofer obedeceu. Freou a carangola e só murmurou:

– Comecei mal o dia.

Azedo e nervoso, o Nivaldo bronqueou:

– Não adianta choradeira. Passa a grana pra cá.

Pro motorista, a dura não dizia nada. Sem se afobar, foi explicando.

– Vai levar uns pixulés. Essa é a primeira corrida que faço hoje.

Empalidecendo de raiva, o ladrão apertou:

– Que conversa é essa, velho? Não vem com truque.

Com sinceridade, o chofer escancarou o lance:

– Acontece que tou velho. Não gosto de enfrentar o trânsito em hora de grande movimento. Então, começo a trabalhar de madrugada e vou só até às dez da manhã. O dinheiro que tenho aqui é uma micharia que trago pra fazer troco.

E, sem esperar mais nada, o motorista meteu a mão no bolso, tirou um pacote de notas velhas e ofereceu ao ladrão:

– É teu. Pode levar. Deve ter uns vinte contos aí.

Desesperado, o Nivaldo se ouriçou e gritou:

– Não complica, velho. Dá o resto do dinheiro. Se não, te meto chumbo.

Tranquilo, o motorista deu de ombros:

– Quer atirar, atira. Que posso fazer? Mais não tenho.

Espumando de fúria, o Nivaldo encabulou. Sentiu-se lesado. Se o revólver fosse de verdade, atirava mesmo. Mas, era de plástico. Não dava pra fazer façanha. Encrespado, ainda tentou assombrar o chofer:

– Passa a grana, senão te estouro os miolos.

O velho continuou na sua:

– Não tenho. E o resto é tu quem sabe.

Com tanta frieza por parte do chofer, o Nivaldo se descontrolou. Sem poder atirar com a arma de plástico, caiu mordendo em cima do velho. Assustado e se doendo com as dentadas do ladrão, o velho botou a boca no trombone. Pediu socorro com todas as forças de sua caixa de catarro. Em resposta aos gritos aflitos, a vizinhança apareceu e pegou o gaturama no flagra. Deram-lhe umas boas biabas, antes que a cana chegasse. E só não o enforcaram no poste, porque o chofer não deixou, ao descobrir que a arma do assalto era fajuta. Fez o povão se acalmar e entregou o Nivaldo pra polícia. Ele foi em galera. Mais um bandido da bandeira dois que entra em pua. Porém pua mesmo entraram quatro crianças, que já não tinham mãe e agora estão sem pai. Vão se danar sem arreglo.

181 Termo atualizado; no original de jornal consta “xuxu”.

Existe mumunha que, por mais que a gente se esforce, não dá pra entender. O lance do Juca, da namorada e do amigo tímido, foi um esquinapo desse naipe. Coisa de entortar qualquer patuá. Perereco cavernoso. Aconteceu lá na Barra do Catimbó, lugarzinho escamoso que fica encravado nas quebradas do mundaréu, bem onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos. Barra do Catimbó, Dallas City e São João do Meriti são os pedaços desse planeta onde se dão os maiores bochichos. Porém, deixa isso pra lá. O que conta aqui é a história do Juca, da Rita, que era sua namorada, e do Oscar, que era o amigo do mocinho.

Tudo começou direitinho, como começam todas as coisas. O Juca foi dar uma bandela num parque de diversões e suas botucas, de repente, bateram nas botucas da Rita. Aí, já viu. Olho no olho e outras milongas acabam sempre em namoro. Nesse caso, não deu outra coisa. Os dois se paqueraram paca. O Juca dedicou, através do alto-falante do parque, de coração, com afeto e prova de amizade, para a Ritinha, o bolero: “Boneca Cobiçada”. E como não anunciou seu nome, possibilitou à Ritinha revidar com o tango “Carmelito”, em homenagem ao admirador anônimo. Por incrível que pareça, nenhum dos dois se ofendeu com as drogas de músicas oferecidas. Muito pelo contrário. No íntimo, eles retumbaram. A moça sabia bem quem tinha lhe mandado tocar a “Boneca Cobiçada” e achou legal paca. O Juca, por sua vez, sabia que a Rita estava por dentro que o autor da presepada era ele. Mas, nenhum dos dois se abriu de saída. Manjavam as regras do jogo. Gama de suburbano, pra ser boa, tem que ser complicada. Sabe como é. O povão sofre influência de novela mexicana. E o Juca e a Rita não eram exceção nessa regra. Antes de se encararem, fizeram uns mil capítulos. Até que o Juca pegou embalo e atracou na moça. Ela ia se mandando do parquinho e o rapaz ficou no caminho. Meio na encolha e assim como quem não quer nada, deu uma pala:

– Oi, Ritinha. Preciso te falar.

O aviso do Juca saiu num chiado baixinho, que era truque. Se a moça não estivesse a fim de papo, era só fingir que não escutava e pronto. A cara dele não se quebrava. Pelo menos diante da torcida, que por mais que estivesse de antena ligada xeretando a transa do Juca, não poderia perceber se ele estava falando, de tão enrustido que foi o seu alô. Porém, como a Rita estava na dele, ouviu bem. Só que fez a sua parte na fita com perfeição. Parou de estalo. Botou na fula uma expressão de espanto e lascou na bucha do Juca, com falsa surpresa, digna dos canastrões do cinema americano:

– Comigo?

Naturalmente que era com ela mesmo. E a conversa logo engrenou.

Os dois saíram andando rumo ao portão da casa da moça e o entendimento foi tão perfeito que na hora de ir embora, o Juca pode sapecar uma frase que escutou numa novela. Frase manjada, mais que sempre gruda:

– Pombas! Primeira vez que a gente bate um[a] caixa e parece que eu te conheço há um cacetão de tempo.

Ao que a Ritinha retrucou em cima, com inflexão de ingênua de filme de cowboy:

– Vai ver que nascemos um para o outro.

E daí pra frente os dois se abilolaram. Se vidraram um pelo outro. Troço bonito era o amor daqueles dois. Tão limpo. Tão cheio de esperança. Bacana mesmo. E talvez tenha sido isso que entralhou tudo.

De gamado que estava, o Juca passou a anunciar em toda parte as virtudes da Ritinha. Da sua Ritinha. Namorada ponta firme. Futura mulher de fé. Fazia quás-quás em qualquer lugar pra falar dos predicados da Ritinha. E contava a beleza do seu amor principalmente pro Oscar, amigo do peito e parceiro de quarto. Esse era um tímido, um solitário que escutava as histórias do Juca com atenção e sonhava arrumar uma Ritinha pra si próprio. Mas, que nada. Rapaz tímido, sem graça, não era de dar sorte com mulher. E o que era ainda pior, toda vez que apanhava uma piranha qualquer, se botava a comparar as virtudes dela com as maravilhas da Ritinha. Maravilhas que conhecia por escutar o Juca, apaixonada, contar. Mas, ele, Oscar, levava ao pé da letra tim-tim por tim-tim. E com essa catimba pra atrapalhar, não encontrava nada que lhe servisse. Resultado: acabou ficando gamadão na namorada do amigo. A gamação do Oscar surgiu por tabela, sem que ele percebesse. Veio em forma de marola, que ele rebateu com vergonha de reconhecer. Depois, virou onda dentro de sua cuca e acabou tornando-se uma pororoca, que inundou todas as suas barreiras. E a gronga encarnou.

Cada vez que o Juca falava da Ritinha, o Oscar se rola de ciúmes. Porém, se trancava. Claro que o Juca percebia a mudança no trato com o amigo. O Oscar, que sempre fora um pinta manso, tornou-se agressivo e mal humorado. Mas o Juca, apaixonado, andava em paz com Deus e disposto a compreender qualquer um. Pro amigo, dava desconto de monte. Atribuía as ranhéticas do Oscar à vida solitária que levava. E por dó, acabou certa¹⁸² vez convidando o Oscar pra ir passear com ele e com a Ritinha. Convite aceito na hora.

Sem desconfiar de nada, o Juca apresentou o Oscar pra Ritinha e os três foram ao cinema juntos. No fim da noite, mais por educação e para não desfeitear o amigo do namorado, a Ritinha deu uma abertura pro Oscar:

– Venha sempre que quiser.

O Oscar se segurou na palavra e o Juca nunca mais teve folga. Dali pra frente só namorou com o Oscar segurando vela. Uma coisa chata pros três. Porém, o Oscar fingia não notar. A Ritinha, por sua vez, tolerava a sinuca por acreditar que não pegava bem esculachar um amigo do namorado. Acreditava mesmo que aquela bobeira era algum truque do Juca para testá-la. E o Juca, trambicando, se acabava de dar o passo fora no amigo. Assim sendo, comeram um bocado grande de capim pela raiz, até que, farto, o Juca deu uma dura no Oscar:

– Olha, meu. Vê se tu larga do meu pé. Tu é positivo, porém eu gosto de ficar sozinho com a Ritinha. Se tu quer aparecer, aparece. Mas, não vem todo dia, não.

Como resposta, o Oscar sacou de uma arma e, pra espanto do Juca, escancarou o seu íntimo:

– Hoje, já que tu puxou o assunto, vamos decidir quem vai ficar com a Ritinha. Ou tu, ou eu.

Afobado diante da arma, o Juca quis contornar a desgraça que se desenhava:

– Que brincadeira besta é essa, Oscar?

Só que não era brincadeira e o Oscar logo mostrou isso. Deu no gatilho e meteu um arrebite na testa do Juca. Esse já desabou estarrado. Foi direto falar com Deus. Vendo o estrago que fez, o Oscar se apavorou e deu pinote. Não ganhou a Ritinha, nem nada. Mas, por inveja, fez a desgraça de três.

O babalaô que caiu do andaime (Última Hora de SP – Edição de 6/8/1971. Página 16 Caderno 1)

182 Termo atualizado; no original de jornal consta “certo”.

A Barra do Catimbó é um lugarzinho escamoso que fica encravado nas quebradas do mundaréu, bem onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos. Mas, é a Barra do Catimbó, juntamente com Dallas City e São João do Meriti, o pedaço do planeta onde se dão os maiores bochichos. E não é grupo. As agências noticiosas estão aí mesmo pra não deixar ninguém mentir. Quem quiser confirmar é só ligar as antenas e conferir as manchetes e os quás-quás-quás. Quem entrar nessa verá, pálido de espanto, que as grongas mais cavernosas encarnam por¹⁸³ aí. Porco que nasce com tromba de elefante, disco voador, quarenta homens enterrados num pomar, pastor protestante enforcado no poste, vampiro que bebe sangue de moça batusquela apedrejada pela multidão unicamente porque previu o fim do mundo e o mundo não acabou, pinto com cabeça de coruja, e muitos outros desse naipe, que diariamente a imprensa falada e escrita escancaram, aconteceram na Barra do Catimbó, ou em Dallas City, ou em São João do Meriti. Quem apostar nesse palpito triplo fatura no mole. Mas, deixa isso pra lá. O que quero contar aqui é a estranha história do Pai de Santo de araque, que caiu do andaime.

Quem mora na Barra do Catimbó não é por gosto. O povão, quando arma barraco no esquisito, naturalmente está se sentindo a perigo perpétuo. Quem se encosta na zona é porque está mais aflito do que cego em meio de tiroteio. Essa verdade dá chance a mil mumunhas. Tudo quanto é enganador monta o pescueiro nas encolhas. É moleza tomar a grana de quem tem pouco. Isso é bíblico. Tá lá: “E quem pouco tiver, esse pouco lhe será tomado.” E, partindo desse princípio e também de que quem tá comendo capim pela raiz se agarra em qualquer patuá, os bidus de todas as correntes se aproximam pra engrupir os otários. Foi sabendo disso que o babalaô Zé do Corta Jaca piou na parada.

Chegou de mansinho, assim como [quem] não quer nada. Porém, instalou-se e começou a chover em sua horta. Gente de monte foi bater cabeça no seu gongé [sic], tomar sua benção e pedir ajuda pros encantados. E o Zé do Corta Jaca não fez cerimônia com os loques. Meteu uma cascata em cima da freguesia e foi se servindo. A princípio de leve. Não queria assombrar ninguém. Jurava pela luz que o iluminava que só trabalhava pro bem. E, nessa toada, se firmou. A marola em torno do seu nome foi crescendo, virou onda e acabou numa pororoca que envolveu toda a Barra do Catimbó.

Não havia um único morador do lugar maldito que dispensasse o seu Zé do Caboclo Corta Jaca. E foi aí que se deu o esquinapo. O babalaô se entusiasmou com a fama e espalhou por toda parte que tinha recebido um aviso de que ia passar a receber nas suas sessões um Exu poderoso e violento, capaz de quebrar qualquer quizila no bem e no mal.

Apareceu gente de toda parte pra pedir arreglo com o novo Exu. Em terreiro de macumba dá muito disso. Os fiéis levam mais fé em Exu, que é uma entidade inferior, isto é, que não é Santo, mas apenas um mensageiro que faz qualquer negócio por boa paga, do que nos Orixás que são entidades máximas. Pro novo Exu, a fila ficou comprida pacas. Já o Caboclo Corta Jaca caiu de cartaz. E o babalaô Zé nem tomou conhecimento. Entrou de sola com suas mandingas.

O primeiro esparro que caiu na rede foi uma mocinha que andava atucanada por causa de uma transa com o namorado. A menina abriu seu coração com o babalaô e ele meteu ficha:

183 Termo atualizado; no original de jornal consta “pela”.

– Tu tá carregada¹⁸⁴, zinfia. Mandinga forte que te fizeram. Precisamo [sic] trabalhar na linha do cemitério. Pra entrar numa dessa, o novo Exu quer um anel de brilhante que uma amiga tua tem.

A moça tremeu nas bases. O anel de brilhantes que o Exu tinha visto era da patroa da moça que um dia fingindo curiosidade tinha acompanhado a empregada no terreiro. Dá muito disso nessa catimba. Pra moça, a lembrança do anel da patroa foi imediata. O que ela não se tocou é que seu Zé tinha visto o anel na mão da amiga. Achou que era um tremendo milagre o Exu saber do anel. Mas, ficou embatucada. E pediu uma dica ao seu Exu:

– Como eu vou conseguir o anel? Ela não vai querer dar.

Sem perder a linha, o Exu selou:

– Afana, pombas!

Claro que essa ordem fundiu a cuca da moça. Ela quis saber mais:

– E se der galho?

Aí, em resposta, ganhou em esculacho:

– Se tou te mandando afanar, afana. Tu tá sob minha proteção. Vai lá que eu garanto o taco.

Diante da dura, e certa de que não ia bater sujeira, a moça meteu a mão no baú da patroa. Pegou o anel de brilhante e entregou pro seu Zé do Corte Jaca. Todo feliz com o pagamento pedido, o babalaô se embandeirou. Marcou um grande trabalho no cemitério pra enterrar o anel. A moça, apavorada, acompanhou o seu guia espiritual e, enquanto ela rezava, o macumbeiro enrustiu o anel e ainda aproveitou o embalo pra roubar alguns bagulhos do campo santo. Findo o trabalho, pinote e tudo legal. A moça se plantou pra esperar a volta do namorado e o babalaô vendeu a moamba. Só que entrou areia.

A patroa da moça deu por falta da joia. Botou a boca no trombone e a polícia se apresentou. O tira Marcos Plonka, encarregado do caso, usando da intuição privilegiada que Deus lhe deu, logo desconfiou da empregada. Aliás, quando some coisa de patroa, o suspeito número um sempre é a empregada. Ilustrado por esta tabuada, o tira Marcos Plonka apertou a moça. E no arroxó, ela se rendeu. Contou tudo pro policial.

Sem perder tempo, o tira Marcos Plonka entrou em ação pra prender o babalaô Zé do Corte Jaca. E não foi fácil. O vagau, ao receber voz de prisão, se ouriçou. Deu uma rasteira no Plonka e saiu correndo. O tira, assim que conseguiu se levantar, saiu na captura do vigarista. Foi um corre-corre. Um pega-pega de lascar. Até que o Zé do Corte Jaca se meteu numa construção. O tira Plonka, que é um bravo, foi na cola. Desesperado com a perseguição implacável que o policial lhe movia, o babalaô não via direito onde pisava e numa dessa botou o pé numa tábua solta, despencando do andaime.

Foi bater no chão e morrer. O tira Plonka deu o caso por encerrado. Mas, o povão da Barra do Catimbó achou que foi o novo Exu quem ganhou a batalha. Matou o babalaô pra lhe dar fuga.

O vampiro (Última Hora de SP – Edição de 7/8/1971. Página 16 Caderno 1)

Existe perereco que acontece que não dá pra entender. A história do Zé Severino é bem desse naipe. O bruto nunca foi flagrado rasgando dinheiro, porém aprontou tanta presepada que só pode ser batusquela.

184 Termo atualizado; no original de jornal consta “carragada”.

Ao batente, o Zé Severino nunca foi muito chegado. Seu negócio sempre era afanar as mixuruquices que algum otário deixasse dando sopa. Coisas à toa pelas quais a vítima nem tinha ânimo de botar a boca no trombone e estrilar, mas que pro gaturama servia pra quebrar o galho. Levando nessa catimba sua lacraia, o Zé custou pra entrar em pua. Porém, como até araruta tem seu dia de mingau, um dia, lá nas quebradas do mundaréu, bem onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, a cana ganhou o Zé Severino com a boca na botija e aí ele foi em galera. Como era a primeira cana que o vagau puxava, a barra foi leve. Logo ele saiu. E saiu trazendo um recado de um preso pra mulher, uma tal de Odete, pistoleira escolada por mil anos de janela. A pala que o Zé Severino tinha que dar pra piranha era pra ela ir visitar o seu cupincha que estava preso. Que o cara estava na piorada e precisava de uma estia por parte da mina pra poder aguentar o repuxo.

Só que Zé Severino desconheceu a sinuca de bico em que o companheiro de xadrez se encontrava. Ao ver a Odete se abilolou. Em vez de clarear a situação do amigo, complicou. Encaveirou o bruto pra mulher. Inventou mil cascatas. Disse¹⁸⁵ que o Lando, que era assim que o amigo se chamava, estava mudado. Na galera se entrutou. Pegou uma dura e afinou. Virou o fio. Comia na boca do boi toda noite. E estava contente e acostumado. Quando saísse não ia querer saber mais de mulher de jeito nenhum.

A xavecada do Zé Severino era de entortar qualquer patuá. Pra Odete, que também não era muito certa da cachola, o quás-quás-quás do Zé Severino soou como o retrato fiel da verdade. Ela até se embalou e ajudou a esculachar o Lando. O Zé, que não queria outra vida, meteu uma papa bem jogada no pé da orelha da Odete e se instalou no mocó que era do Lando.

Pra Odete, piranha calejada nas invertidas, a troca não foi boa nem má. Ela estava acostumada a dar boa vida pra marmanjo e não esperava outra coisa em relação ao Zé Severino. Passou a se virar por ele.

Na cadeia, o Lando soube do pepino que o Zé Severino lhe aprontou, se picou de raiva e jurou pela luz que o iluminava que, quando botasse as fuças na rua, ia mandar o Zé Severino e a Odete pro inferno. E curtiu a bronca por muito tempo. Quando saiu da gelada, estava bem no ponto pra fazer desgraça. Só que se entralhou. Quando piou na parada, foi muito embandeirado e deu chance pro inimigo se cobrir. Resultado é que o Lando, que ia a fim de jantar o Zé Severino, foi almoçado por esse. Entrou na briga de faca e tomou na lata um arrebite de trinta e oito, arma que o Zé usou também pra mandar a Odete pro beleleú, numa operação de queima de arquivo. E foi justamente ao calar a boca da mulher que uma ideia de jerico lhe brotou na cuca. Sem cerimônia, bebeu o sangue da distinta falecida. E depois da façanha, se pinoteou tranquilo. Foi baixar noutra freguesia.

Porém, levou junto consigo o fantasma do Lando. Onde ele ia, se assombrava com a lembrança do crime. O Zé Severino não sentia nem um pingo de remorso por ter matado a mulher. Aliás, remorso ele também não sentia por ter mandado o Lando falar com Deus. A sua atucanação era outra. Sonhava com sua vítima, querendo tirar a forra com ele e os cambaus. E foi pra se livrar da carga que o Zé Severino atracou num macumbeiro e rachou a sua zona. O rezador fez mil milongas e acabou dando um remédio tihoso paca pro freguês. Mandou ele matar sete pessoas e beber o sangue delas. Afirmou que, se o Zé fizesse isso direitinho, a assombração do Lando ia deixar de persegui-lo. E tudo pareceu lógico pro Zé Severino. Ele considerou que tinha bebido o sangue da Odete e nunca se preocupava com esse crime. Do outro

185 Termo atualizado; no original de jornal consta “Disso”.

que não bebeu o sangue, estava sempre azucrinado. E por essas e outras, virou vampiro.

Na primeira chance que teve, criou um enguiço num boteco escroto e estarrou um crio[u]lo. Ali mesmo, diante de muitas testemunhas, bebeu o sangue do morto. Todos que viram o troço se espantaram de perder a fala. E ninguém teve peito de caguetar o Zé Severino pra polícia. Muito pelo contrário. Ainda teve uns e outros que livraram o Zé de qualquer suspeita. Sabe como é. Quem tem nariz tem medo. E o pessoal que estava no boteco na hora do crime não era diferente.

Como ninguém entregou, a polícia marcou bobeira. O Zé saiu bem e não teve nenhuma zoeira com o fantasma do morto. E ainda por luxo, gostou de ter tomado o sangue da vítima. E saiu matando a torto e a direito. Gente de todo o tipo começou a entrar em pua com o vampiro. Entre os que entraram bem com o Zé Severino, estava uma velhinha carola que ia indo pra missa das seis da matina a pé. Quando passou num esquiso, levou uma paulada no cocoruto e desabou. O vampiro nem vacilou. Bebeu o sangue da coroa e abandonou murcha. Esse crime deu uma tremenda marola. Os jornais anunciaram em letras garrafais que havia um vampiro solto na praça e foi aquele escarcéu.

Teve nego que acreditou logo de saída que o papo de vampiro era verdade. Mas teve muito nego que achou que a treta era invenção de jornal pra engrupir trouxa, que vampiro não existe e tudo o mais. Porém, o Zé Severino, sem tomar sangue, já não era ninguém. E apagou um chofer de táxi, roubou-lhe a grana e bebeu-lhe o sangue. A marola virou onda. Os jornais voltaram a escancarar o acontecimento. E aí, todo o povão se ligou que o vampiro não era de araque.

Os negos que entendiam de vampiro, de tanto ler “Terror Negro”, “Sobrenatural” e outras revistas do gênero, se calçaram com espeto de pau, dente de alho, crucifixo de madrepérola e outras armas de assustar vampiro. Já os que estavam por fora, só trataram de não flunar em lugar escuro e deserto.

Mas, o Zé Severino, sem querer saber de nada, empacotou uma moça que tinha ido namorar numa boca sossegada. O rapaz, diante do arroxo, se pinoteou e deixou a moça entregue às traças. O vampiro não perdoou. Mandou a jovem indefesa falar com Deus e bebeu seu sangue.

A onda virou pororoca. Mais uma vez os jornais meteram na primeira página a façanha do vampiro. E o povão se danou a rezar.

A polícia começou uma caçada intensa contra o mon[s]tro. Vários suspeitos foram pedidos e apertados. Teve alguns até que confessaram o salseiro com detalhes. E nasceu a confusão. Um dia um jornal metia o boteco de um vampiro. No outro dia outro jornal desmentia e apresentava outro vampiro. Pra também ser desmentido logo a seguir. E nessa bagunça toda o Zé Severino agia. Matou e bebeu o sangue de mais dois. Um pedreiro e um padre entraram bem com o vampiro. Porém, beber sangue de padre deve dar azar. Logo depois disso, o Zé Severino entrou em cana como suspeito. Estava dormindo num terreno baldio e se deu mal. A polícia arrastou-o. E com a máxima cara de pau, o Zé Severino se entregou e bateu toda a ficha. Tim-tim por tim-tim.

O resultado é que meteram ele no xadrez. Como não teve advogado pra se doer por ele, naturalmente ninguém alegou que o Zé Severino era louco. Por essa razão, ele entrou em xadrez comum pra aguardar julgamento. E, enquanto isso não acontece, o Zé Severino está lá junto com outros presos. Nesse xadrez, ninguém dorme de medo de ser sangria de vampiro. Mas, enquanto o Zé não rasgar dinheiro, vai ser duro provar que ele é batusquela.

A vida tem muitas mumunhas (Última Hora de SP – Edição de 9/8/1971. Página 16 Caderno 1)

A Valentina é uma que não vai poder sair por aí dizendo que a cigana lhe enganou. Mesmo porque ela já não pode dizer mais nada a ninguém. A pobrezinha empacotou. Foi pro céu a facadas e contra [à] vontade. Mataram a distinta num esquinapo cavernoso que se deu na Barra do Catimbó, lugarzinho escamoso que fica encravado lá nas quebradas do mundaréu, bem onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos. Até aí nenhuma novidade. Morrer a facadas na Barra do Catimbó é comum pacas. Esse pedaço maldito é, juntamente com Dallas City e São João do Mereti, onde acontecem os maiores bochichos do planeta. Mas, deixa isso pra lá. O que quero contar é que a Valentina se apagou sabendo que ia se apagar. A cigana tinha lhe dado um alô:

– Vais morrer de morte violenta. Assassinada por um homem de cor. As cartas não mentem jamais.

Ao escutar isso, a Valentina se abilolou. Tremeu nas bases. A cigana, com suas mumunhas ou por inspiração das suas ligações no além, contou que a Valentina estava perdida. E na cuca da cliente, isso soou como uma previsão muito provável de acontecer. Porque ela era casada com um cidadão de cor, de gênio violento e que era passado pra trás frequentemente pela distinta Valentina.

Alertada pela cigana, a mulher resolveu manear. Por medo da gronga a Valentina deu dispensa pros namorados todos, que eram uma patota de dar um grande IBOPE. Porém (e sempre há um porém), o Carlão Caxambu, um dos pintas que era chegado a Valentina, não quis perder a sopa. Estava gamado. E, diante do passa-fora[,] se ouriçou. Desconheceu as razões da Valentina e ainda esculachou a cigana. E, de quebra, acabou com o marido manso:

– Que é isso, Valentina? Tu vai atrás desse papo furado? Essas ciganas são tudo umas fajutas. Elas chutam esses negócios pra engrupir as trouxas como tu. Teu marido não é de coisa nenhuma.

Mulher é um bicho cheio de truque. A Valentina vivia engambelando o marido, mas ao escutar o Carlão Caxambu pichar o dito, virou bicho:

– Veja lá, crio[u]lo, tu não manja o Vadão. Ele, quando se encrespa, faz e acontece. E é melhor tu ficar longe de mim.

Picado de raiva, o Carlão não quis se conformar e continuou insistindo:

– História. Teu marido tem bafo de boca. Não leva muita fé no que ele diz, que esse cara é trouxa.

Daí para frente, o coreto ficou bagunçado. A Valentina não quis saber mais de acordo com o Carlão. Um pouco pelo que a cigana falou e outro pouco porque se invocou com o namorado. E foi remar seu barco de mulher fiel.

Acontece porém que a carne é fraca. Depois de uns tempos, a Valentina cansou de bancar a positiva. Relaxou a crença que levava na pala de cigana e avacalhou a guerra. Caiu na gandaia direto. Se espalhou pra valer, a fim de descontar o período em que esteve jururu. Não prestou. O marido continuou marcando bobeira como sempre. Mas, o tal Carlão Caxambu, que andava espreitando das encolhas, quando flagrou que a Valentina tinha retornado pra velha catimba, piou na parada todo embandeirado. Foi se apresentando em nome da velha amizade:

– Valentina, meu bem, tamos aí.

Mas, nesses negócios, quando um não quer, dois não se juntam. E a Valentina não entrou na bicaria do antigo namorado. Foi o seu crepe. Despeitado, o Carlão Caxambu anunciou:

– Se tu não for minha, tu não vai ser de ninguém. Eu te apago.

Diante da ameaça, a cachola da Valentina se encheu de minhoca. Mil ideias de jerico lhe ocorreram. A profecia da cigana foi lembrada e a mulher não teve mais sossego. Penava dia e noite. Não sabia onde se enfiar, nem por que trilha escapar. Passou a ver fantasmas em toda parte. Sonhava, ou melhor, tinha cada pesadelo de entortar o patuá. E o pior: não sabia onde se escorar. Procurava a cigana em tudo que era canto. Se batia pra baixo e pra cima nas ladeiras do esquisito, mas não encontrava a bidú. A cartomante tinha sumido. Várias dicas que teve sobre o destino da cigana foram checadas e eram frias.

A pobre Valentina se atucanava. Queria, ou tinha necessidade de se badalar, mas quem tem nariz tem medo. E diante da ameaça de morte, a Valentina, que era igualzinha a todo mundo, murchava. E o que era mais grave, é que Carlão Caxambu parecia disposto a cumprir a jura de morte. O bruto não saía da cola da Valentina. Era só ela meter as fuças fora de casa pra encarar com o Carlão. Esse não dizia bulhufas. Mas, ficava espiando a Valentina com olhar de cachorro pidão e quando ela, sem lhe dar a mínima bola, seguia seu caminho, era seguida de longe pelo namorado. Claro que num lance desses, a Valentina perdia o rumo. Vagava à toa e retornava à sua casa sem ter ido a lugar nenhum. Montes de namorados da Valentina ficaram plantados na boca de espera curtindo o maior cano devido às presepedas do Carlão Caxambu, que, sem dizer nada ia secando a pimenteira da Valentina.

Roída de ódio, a mulher se danou a chorar as pitangas. E num dia em que se abriu com uma amiga, recebeu uma estia pro seu problema. A parceria da Valentina era escolada por mil anos de janela e, pra quebrar o galho da cupincha, meteu uma tremenda cascata:

– Mas que qui [sic] isso, Valentina? Tu ainda entra nesses grupos de cigana? Sai dessa dança, minha querida. Tu não se toca que esse negócio é de araque? Manda ver sem susto. Esse crio[u]lo que te segue deve ser embromado. E a cigana, se vê futuro, por que não livrou a cara dela?

Pálida de espanto, a Valentina nem quis acreditar no que escutava. Pediu repeteco:

– O que? A cigana do beco entrou em pua?

E a amiga continuou afirmando:

– Essa mesmo. Os homens deram uma incerta e ela foi parar no xilindró.

Lógico que a Valentina se desbaratinou de estalo. Se a cigana não escapuliu da polícia é porque era vigarista mesmo. E a vidência que fez sobre a Valentina não passava de treta. Assim sendo, barra limpa. Dali mesmo a Valentina saiu para um encontro com um namorado. Na rua, avistou o Carlão Caxambu e gozou o bruto:

– Escuta aqui, chibu. Vou me encontrar com um pinta e vê se tu se manca que não vai ter sopa pra ti. Me esquece, tá?

O Carlão engoliu enrolado. Se fechou em copas, mas seguiu a mulher de longe. Ela se encontrou realmente com um pilantroso e se recolheu num mocó. Demorou quanto quis. Só que, quando foi sair, levou a dura do Carlão. Antes, ele meteu a faca na barriga da mulher. Depois selou:

– Não te avisei, piranha?

A Valentina desabou ferida pra valer. Mas, ainda pode murmurar:

– A cigana também avisou... mas... eu... Deixa pra... lá... Estava... escrito...

E sem bronca a Valentina foi falar com Deus.

O Paulão e o Paulinho (Última Hora de SP – Edição de 10/8/1971. Página 16 Caderno 1)

Tem uns troços que não dá pra gente entender. A história do Paulinho e do Paulão é bem desse naipe. Aconteceu na Barra do Catimbó, lugarzinho escamoso que fica encravado nas quebradas do mundaréu, bem lá onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos. E é a Barra do Catimbó, juntamente com Dallas City e São João do Meriti, o pedaço do planeta onde se dão os maiores bochichos. Mas, deixa isso de lado. O que pesa na balança é o perereco do Paulinho e do Paulão.

O Paulinho era franzinho e, por isso mesmo, não se assanhava muito ali na Barra do Catimbó. A curriola da pesada não dava colher de chá pra ninguém e o Paulinho não tinha saúde pra escorar as rebarbas diante de tanto valente que se juntava nas bocas esquisitas. Levava sua catraia devagar pelas águas barrentas. Não se metia em enguiço de espécie alguma. Não discutia futebol, não mexia com mulher, nem nada. Cozinhava o galo em fogo lento. Se entrava num boteco, era só pra comprar cigarro e cair fora. Não marcava bobeira.

Já o Paulão era o contrário do Paulinho, Grandalhão, boca-dura, metido a bravo, a fazer e acontecer. Sua figura impunha respeito. E ele era metido a ganhar os salseiros no berro. Com o Paulão tudo era na força bruta. Atucanava a vida das mulheres casadas. Esculachava os maridos que, ofendidos, resolviam tirar satisfações. Pintava e bordava, sem tomar conhecimento de ninguém. E não saía dos botecos. Se plantava num deles e ficava o dia inteiro perturbando.

Foi num boteco que o Paulinho e o Paulão se cruzaram e o esquinapo se deu. Tudo começou de sarro. O Paulinho entrou pra comprar cigarro e o dono da espelunca, sem saber da fria em que ia meter o freguês, deu-lhe um alô até simpático:

– Como vai, seu Paulinho? Tudo bem?

Homem de poucas palavras, o nanico sorriu e só respondeu por educação:

– Vai se indo.

Pagou o cigarro e ia seguir seu caminho quando recebeu uma dura do Paulão:

– Tu também é Paulo, vagau?

Sem perceber que a zorra estava encarnando, o Paulinho encabulou e deu uma pala:

– Por que? O senhor também é?

O grandalhão azedou com a pergunta do nanico:

– Eu te perguntei e quero saber. Tu é Paulo ou não?

Vendo que aquele quás-quás-quás ia engrossar, o dono do boteco meteu o bedelho:

– Se acanha, Paulão. Deixa o teu xará em paz que ele é boas pedras.

Na verdade, o único que podia falar à vontade com o valentão era o dono da espelunca. O Paulão tolerava o pinta, por estar devendo uma sonora grana no boteco. E, diante do pedido, maneirou:

– Mas, que qui há? Num tem bronca. Só quero saber como o vagau se chama. Como tu se chama, pilantra?

Amarelo de medo, tremendo nas bases, o nanico murmurou:

– Paulinho.

Aquele chiado foi um barato pro grandalhão. Ele achou um sarro a forma que o nanico se apresentou. De gozação, se botou a imitar e a ridicularizar o xará:

– Ai, ai. Eu sou o Paulinho delicadinho. Ai, ai.

Claro que quem estava de botuca ligada no lance se divertiu. Um pouco porque a expressão do nanico era cômica, e outro pouco pra puxar o saco de valentão. Todos gostavam quando o Paulão arrumava um esparro novo. Era um sossego pros demais. Ele pegava no pé da vítima e esquecia os outros. E por essas e outras, deram força pro grandalhão que, sentindo que estava agradando, se esbaldava:

– Paulinho, meu bem, tu é uma gracinha.

O nanico, impressado naquele xaveco¹⁸⁶ tihoso, só queria dar pinote. E tentou:

– Dá licença preciso ir andando.

Ouriço paca, o Paulão se invocou:

– Tu vai quando eu mandar.

Quase chorando, o Paulinho pediu arreglo:

– Por favor, seu Paulão, eu tenho que ir.

Pro batusquela metido a bravo, a educação e a covardia do Paulinho só serviam pra irritá-lo. E, sem cerimônia, avacalhou o xará:

– Paulinho, eu vou te deixar ir. Só que tu tem que se ma[n]car de uma coisa. Tu é a vergonha dos Paulos. E eu não quero aqui nesse pedaço nenhum frouxo com o meu nome. Pode ir. Mas, tu tem uma semana pra mudar de bairro ou de nome.

E, antes que o nanico chiasse, o grandalhão selou:

– Se daqui a uma semana eu te ver por aqui, vou querer olhar teus documentos. Se tu ainda se chamar Paulo, te arreberto de pancada. Agora, te arranca da minha frente.

Abatido e humilhado, o Paulinho perdeu o rumo. Nem foi trabalhar. Se enfurnou em casa e se botou a matutar. Com a vida custando os olhos da cara, não era sopa pra um pinta de salário mínimo mudar de bairro da noite pro dia. E mudar de nome nem lhe passava na cuca ardida. Porém, não sabia o que fazer pra se livrar da sinuca de bico em que se encontrava.

Já no esquisito, o povão punha lenha na fogueira. Badalavam o Paulão e faziam marola:

– Como é Paulão? Tu vai mesmo fazer o trouxa mudar de nome?

– Tu tem que obrigar o loque a trocar de nome.

– É de lasciar pra um cara ponta firme ter um frouxo como xará.

– Isso não pega bem.

Envolvido por esses papos, o Paulão se embandeirou. Chucro como ele só, entrou pra valer na onda e acabou afogado numa pororoca que inundou suas barreiras. Sem se tocar, meteu banca:

– O nanico, ou some ou muda de nome. Juro por essa luz que me ilumina que, com meu nome, esse otário não anda por aqui.

E[,] naturalmente, cada vez que o Paulão falava esse negócios, alguém ia assoprar na orelha do Paulinho. Apavorado, encostado na parede, se cobriu. Saiu de casa na moita e, nas encolhas, comprou uma arma calibre trinta e oito para se garantir. Não queria ter que usar. Mas, não queria mais passar vergonha. E com a draga na cinta, aguardou o encontro.

Por sorte do Paulinho, ou por seu azar, o encontro demorou pra acontecer. E sempre carregando a arma, o nanico passou a se sentir mais seguro de si. Chegou

186 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

mesmo a tirar de letra um fuxiqueiro¹⁸⁷ que veio lhe azucrinar com as quizilas do Paulão:

– O que é dele tá guardado. Nasci Paulinho e vou morrer Paulinho. E muita gente vai morrer antes.

E foi ganhando embalo até que apareceu num boteco, numa noite em que o ambiente estava apinhado de gente. Mal o Paulinho deu as fuças, um papagaio enfeitado alertou o Paulão:

– Ói quem tá aí.

O grandalhão não vacilou. Pediu as contas pro nanico.

– Como tu se chama agora, vagau?

Sem demonstrar medo, o nanico sacou:

– Paulinho. Mas, pra ti, grandão bobo, eu sou seu Paulo.

A torcida se fechou em copas. Até o mais abelhudo se trancou. Todos os presentes se flagraram que tinha linguça em baixo do angu. E o valentão, que não esperava troco, bambeou, mas teve que falar:

– Perdeu o respeito, nanico, ou esqueceu que te dei uma ordem?

Sem se afobar, o Paulinho sacou a draga e abriu seu jogo:

– Tá legal, seu canalha. Eu também acho que tem muito Paulo nesse bairro. E um vai se mudar e já. Vai pro beleléu.

Diante da arma e da firmeza do nanico, o grandalhão caiu da panca. Pediu estia:

– Que é isso, Paulinho? Era tudo brincadeira. Não vai fazer besteira por um troço à toa.

A afinada do Paulão enjoou o Paulinho e ele não teve dó. Arrebitou o grandalhão folgado. Três balas certeiras mandaram o valentão falar com Deus. E depois da façanha, o Paulinho se afastou tranquilo. E continuou assim mesmo. A cana não o incomodou. Ninguém teve coragem para dedar um matador tão frio. Ficaram na tabuada do “quem faz um, faz dois” e se guentaram.

Se não tem tu, vai tu mesmo (Última Hora de SP – Edição de 11/8/1971. Página 16 Caderno 1)

Existem casos que são de entortar qualquer patuá. Por mais que a gente se esforce, não dá pra entender. O perereco que o Valdo Galinheiro aprontou é bem desse naipe. E aconteceu na Barra do Catimbó, lugarzinho escamoso que fica encravado lá nas quebradas do mundaréu, bem onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos. E é aí nesse pedaço maldito que, juntamente com Dallas City e São João do Meriti, acontecem os maiores bochichos do planeta. Porém, deixa isso de lado. O que pesa na balança é o esquinapo do Valdo Galinheiro e é isso que quero contar.

Com a vida custando os olhos da cara, até muito pinta bem instalado dá mil pulos pra manter o padrão. Imagine então o povão lesado. Esse anda matando cachorro a grito, se agarrando em fio desencapado, dando nó cego nas tripas e os cambaus pra escorar o repuxo da maré que anda barrenta e brava. Assim sendo, o Valdo, que é um nego que vive o perigo perpétuo, não causou nenhum espanto aos fuxiqueiros¹⁸⁸ do bairro quando resolveu apelar e se tratar na base da canja. Mesmo que pra isso tivesse que afanar das penosas no puleiro alheio. Apenas ganhou apelido de Galinheiro. Justa homenagem da curriola amiga à sua especialidade. E a

187 Termo atualizado; no original de jornal consta “fuchiqueiro”.

188 Termo atualizado; no original de jornal consta “fuchiqueiros”.

bem da verdade é bom que se diga, nesse trambique o Valdo era mestre. Adiantava seu lado com tremenda categoria. Cada vez que atacava, faturava quatro ou cinco galinhas, sem dar chance pra galo nenhum fazer escarcéu.

O Valdo Galinheiro manjava seu ofício. E não marcava bobeira. Quando ia pro afano, ia prevenido. Não esquecia nenhum detalhe. Levava pelota, um bolinho de carne com vidro moído no meio pra dar pros cachorros, alicate pra romper à cerca, saco de estopa pra arrastar as galinhas, milho pra engambelar os cocós, e não batia sujeira. Com ele era pau e bola. E com essas e outras, o Valdo remava sua catraia. Não dava pra ficar rico no comércio das penosas. Pobre, pra comer galinha, um dos dois precisa estar doente. E muito doente. Na Barra do Catimbó, onde até o mais sadio está todo bichado, pro nego ser considerado doente, é preciso estar muito mal com Deus. E aí, já viu. Não há doutor que dê jeito e caído de galinha não se apresenta.

Mas, assim mesmo, o Valdo era dos que estavam em melhor situação no reduto. Comia todo dia seu franguinho. Tinha no quintal sempre uma ou duas botadeiras ciscando e umas três ou quatro aves pra negócio. Homem sem luxo, estava até contente com a sorte. Mas, de repente, num estalo, o Valdo se aplumou. Começou a chover na sua horta e toda a patota do bairro passou a procurar seu pesqueiro pra comprar galinha. Porém (e sempre há um porém), só queriam das pretas. E por elas pagavam uma grana sonora sem regatear no preço, que pra o que aquela gente queria, a galinha não valia nada, se fosse pechinchada. Tinham que pagar o preço pedido pelo vendedor, sem estrilo.

O interesse repentino por galinha preta e a mumunha do preço se devia a um novo Pai de Santo que montou terreiro na Barra do Catimbó. Babalaô de categoria, sem dois tempos ganhou respeito da vizinhança. Não teve quem não entrasse na embaixada do milagreiro, que prometia resolver qualquer quizila. Só que o homem, pra conseguir os favores dos seus guias, precisava fazer despacho com galinha preta, fitas de cor, farofa, marata, charuto e tal e coisa.

Por essa tabuada, quem se deu bem foi o Valdo Galinheiro. Quer dizer, se deu bem no começo. Enquanto a marola de macumba era pequena, deu pra ele atender a freguesia. Depois, a moda se alastrou, virou onda e acabou numa pororoca de inundar qualquer barreira. Aí, o Valdo se entralhou. Não conseguia atender nem metade das encomendas de galinhas pretas. Além do que, afanar penosa preta no escuro é muito mais complicado do que afanar uma ligorne [sic]. E nesse babado não grudava cascata. Era preta e fim. Nem carijó servia. Babalaô exigente era aquele lá da Barra do Catimbó. Queria tudo direitinho.

Quem se azucrinava era o Valdo Galinheiro. Por mais que se virasse, sempre deixava montes de gente no “ora veja”. E quem ficava na boca de espera se atucanava, reclamava, implorava, matracava. E com razão. Comendo capim pela raiz, o povão dependia de milagre pra tirar o pé da cova. E milagre, pra acontecer naquela paróquia, necessitava de galinha preta. Logo a bronca estourava na porta do mocó do Valdo. E foi no meio dessa sinuca de bico que ele bolou o esquinapo.

Saiu pro batente. Afanou galinha de tudo quanto era cor e, nas encolhas, pintou todas elas de preto. O serviço ficou bacana. Só quem examinasse com muita atenção as penosas fajutadas é que ia flagrar o truque. Mas, na afobação de conseguir a moamba pro despacho, ninguém ia se lembrar de conferir a cor da galinha. E o Valdo Galinheiro mandou ver. Não fez cerimônia com os otários. E ganhou um bom dinheiro com esse xaveco¹⁸⁹, até que entrou areia.

189 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

O povão começou a se ouriçar com o Pai de Santo. O bruto prometia, rezava, largava despacho, ganhava uma grana, mas todos continuavam pastando. Neca de alguém acertar o pé. Nunca ninguém da Barra do Catimbó fazia treze pontos na Loteria Esportiva, nem ninguém ganhava no bicho, únicas formas que conheciam pra se arrumarem. Ainda por cima, os revertérios estavam cada vez maiores. As crianças morriam, os marmanjos entravam em cana e as mulheres engravidavam. E a fome, como sempre, piava na parada. Essa situação foi tolerada enquanto tiveram fé no babalaô. Tiravam o pão da boca e botavam nas encruzilhadas sem nenhum remorso. Mas, quando a fé foi pra cucuia, todos se voltaram contra o Pai de Santo. Ele, ligado como era, assim que se tocou no mal-estar da clientela, passou a procurar um jeito de livrar sua cara, antes que o povão, invocado com a presepada, lhe desse um arroxó. E se botou a matutar. Mas, enquanto não encontrava uma saída, fazia média. E foi só pra fazer média que anunciou que iria fazer um grande trabalho num dia de temporal. E, naturalmente, encomendou dos últimos fiéis que lhe restavam, as galinhas pretas. E, naturalmente, os fiéis foram comprar as penosas do Valdo Galinheiro. Que, naturalmente, vendeu as aves tingidas. E todos se plantaram à espera de um temporal.

Quando ele caiu, o babalaô não vacilou. Pegou as galinhas e, acompanhado de seus filhos de santo mais chegados, se mandou pras encruzas. E foi aí que a zorra encarnou. A chuva desbotou as galinhas e foi aquele espanto. O babalaô não dormiu no ponto. Botou a boca no trombone e denunciou o fato, alegando que nesse grupo estava a razão do fracasso dos seus milagres.

O povão endoidou. Sem quás-quás-quás, caíram matando na casa do Valdo Galinheiro. Apedrejaram o mocó do vagau. E quebraram tudo. O Valdo, sabe Deus como, ainda conseguiu dar o pinote. Porém, não pode mais dar as fuças na Barra do Catimbó. Está jurado de morte, pelo menos por umas mil pessoas. E o babalaô, que recuperou seu prestígio, deu a saída pra mais uma temporada de milagres.

O crime quase perfeito (Última Hora de SP – Edição de 12/8/1971. Página 16 Caderno 1)

O Zé Coquinho, um pé de chinelo dos mais escrotos de todas as quebradas do mundaréu, desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos até onde o vagau pisa devagarinho, foi o autor de uma façanha que quase deu certo. E, se desse, poderia ser considerado um crime perfeito, desse que nem um grande policial, com o faro e a intuição do tira Marcos Plonka, conseguiria levantar a ponta do fio da meada.

Tudo teve início um dia, lá na Barra do Catimbó, lugarzinho escamoso que, juntamente com Dallas City e São João do Meriti, é o pedaço do mundo onde acontecem os maiores bochichos. O Zé Coquinho estava dando uma bandola com a nega Cristina, quando piou na parada o Oscar Cabeleira, um pinta todo cheio de panca. Legítimo galã suburbano. Desses que usam topete armado na base do Gumex e os cambaus e que são metidos a ganhar mulher dos outros.

Nesse lance não deu outra coisa. O Oscar, que era motorista de táxi de frota, estava zanzando de carango a fim de ver se apanhava um pistoleiro que o ajudasse a refrescar a cuca fervida pelos revertérios do trânsito de São Paulo. E ao ver a Cristina, se embandeirou. Não tomou nem conhecimento da presença do Zé Coquinho. Meteu as botucas em cima da Cristina e deu início à paquera. Rodeava o casal de táxi, buzina. Fazia sinal, convidando a crio[u]la para um passeio de automóvel e outros babados.

A Cristina, por sua vez, retumbou de alegria com a mumunha do Oscar. A crio[u]lada era um bagulhão lesado de nascença e não estava acostumada com catimbas dessa ordem. Se embandeirou fácil. Deu a maior bola pro chofer. A cada buzina do fon-fon do bruto, a nega Cristina respondia com um belo sorriso de gengiva.

Como não poderia deixar de ser, o Zé Coquinho se encrespou com a xavecada¹⁹⁰. Porém, não levava fé no seu taco e não estava disposto a encarar um salseiro no braço. O Zé Coquinho, além de ser franzino, não tinha briga e naquele momento estava desarmado. Maneirou. E arrastou a nega Cristina pro mocó. Lá, deu uma biaba na crio[u]la, apanhou uma faca de assombrar só com o tamanho e anunciou que ia cobrar do Oscar Cabeleira as contas da presepada.

O Zé Coquinho falou e foi. Não perdeu muito tempo na captura do conquistador. Ainda achou o Oscar no pedaço, fazendo visagem. E, sem rodeio, abriu o jogo.

– Desce dessa caranga, pilantra. Vou te ensinar a respeitar mulher que tá com homem.

Sem se afobar, o Oscar meteu a mão no porta-luvas e pegou um revólver que lhe garantiu a razão no quás-quás-quás. Aí foi broca. A draga do chofer ganhou a parada só com a figura. O Zé Coquinho se acanhou. E teve que comer enrolado o esculacho do Oscar.

– Qual é a tua, paspalho? Vai querer se ouriçar?

Fechado em copas, o Zé só escutava. E o motorista galã não aliviava. Berrava alto, que era pra toda a curriola se tocar no escândalo e seu cartaz subir.

– Tu é otário, Zé Coquinho. Papagaio enfeitado. E não merece ter mulher. Vou tomar tua mina na mão grande e se tu chiar, te mando falar com Deus.

E por aí foi o papo. Quando o motorista enjoou de boquejar, entrou no carro e se picou. Pra tentar livrar sua fuça, o Zé Coquinho se botou a falar sozinho:

– Fica combinado que vou apagar esse miserável na primeira volta. Juro por essa luz que me ilumina que esse Oscar Cabeleira já tá na cova.

Selado o destino do inimigo, o Zé Coquinho se mandou pro mocó. Só que as notícia[s] do encontro que ele teve com o Oscar chegaram antes dele. Algum xereta assoprou na orelha da nega Cristina o vexame que ele deu. Envenenada, a crio[u]la perdeu o respeito pelo Zé Coquinho e não amaciou. Gozou a cara dele na bucha.

Bem que o Zé Coquinho sentiu vontade de matar a nega Cristina. Porém, se escorou. Queria que a piranha vivesse pra ver a desgraça que ele ia fazer. Se guentou. E não foi preciso mandar a crio[u]la andar. Ela por gosto juntou seus cacarecos e deu tchau. Foi dar voltas no táxi do Oscar Cabeleira.

E ele passeou [com] a crio[u]la às escancaradas pra patota toda da Barra do Catimbó sentir o aroma da perpétua. Mas, assim que achou que a moçada do lugar tinha visto a nega Cristina em sua companhia, só de sarro largou a bruta a pé pra lá de Santo Amaro. E continuou na vida de sempre. Paquerando novas mulheres. Até que chegou a hora da verdade.

O Oscar estava flanando à toa com seu táxi e parou num boteco pra tomar uma birita. Quando entrou no carango, não se mancou que tinha passageiro. Encolhida no banco de trás, o Zé Coquinho, de arma de calibre grosso na mão, se abriu:

– Pro esquisito, paspalho. E sem truque.

De susto, o Oscar Cabeleira tremeu nas bases. Mas, obedeceu. Num descampado, o Zé Coquinho lhe deu novo alô:

190 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

– Aqui tá bom. Tu vai dançar.

E antes de Oscar ter chance de regatear, o Zé Coquinho deu no gatilho. Meteu três arrebitos no chefe. O melado correu. O Oscar desabou. O criminoso não tinha cancha e se assombrou. Não afanou a féria nem nada. Abriu a po[r]ta do táxi e se mandou a colo. Andou paca. Foi parar o mais distante que pode do lugar onde estarrou a vítima. Aí, jogou a arma numa vala e entrou num boteco pra recuperar o fôlego com cachaça.

Enquanto isso, o Oscar se debatia, ferido pra valer. As balas entraram fundo, mas ele ainda acreditava poder escapar, se conseguisse socorro. Num esforço tremendo, abriu a porta do seu lado e tentou se arrastar pra fora do táxi. Mas, não deu pra se aguentar em pé. Estava fraco e perdia muito sangue. Caiu no chão. Na queda, bateu com o relógio de pulso numa pedra. E aí, o vidro quebrou e os ponteiros pararam, marcando exatamente duas horas da matina. Hora certa em que o Oscar subiu pra falar com Deus. Hora certa em que um rapa da polícia ganhava o Zé Coquinho no boteco, por estar sem documento, e o recolhia ao xadrez.

No dia seguinte, acharam o táxi do Oscar abandonado e ele morto ao lado. A polícia piou na parada, examinou o cadáver. Não faltava a grana. E por isso, os tiras concluíram que era crime de vingança. Levantaram a ficha do defunto e adivinharam que o pinta, quando vivo, era metido a conquistador. Agarraram a pista e bem rápido um cagueta contou a história e a jura do Zé Coquinho. Os policiais gostaram da dica e foram procurar o suspeito.

Vasculharam as encolhas todas e neca do Zé Coquinho. Só não procuraram no xadrez. Justamente onde o assassino estava. Acharam os policiais (e passaram a notícia pros jornais) que o bandidão, depois do crime, se espiantara pro Norte, onde tinha parentes.

Lá no xilindró, o Zé Coquinho aguardava os acontecimentos, sem saber do que se passava lá fora. Aliás, nem os policiais que guardaram o bruto sabiam da carga pesada que ele tinha. Encanaram pra averiguação e não encontraram nada na sua conta. Dispensaram o assassino. Ele, em liberdade, voltou todo à vontade pra Barra do Catimbó. Foi chegar e levar outra cana. E aí, não era mole. Os homens que o ganharam, arroxaram pra valer, a fim de uma confissão. Mas, o Zé Coquinho se saiu bem. Sem ter bolado coisa nenhuma, matraqueou:

– Eu tava em cana. Não matei ninguém.

Diante disso, os tiras foram examinar e comprovaram que era verdade. Concluíram por conta própria que o Zé estava inocente. Na hora em que o relógio da vítima parou, que pra eles da polícia era a hora do crime, o pilantra estava entrando em pua. Assim sendo, não era ele o assassino. Esfriado esse suspeito, que era o único, o caso se complicou. Porém, alguém aliviou. Inventaram que o crime era por roubo mesmo, mas que o assassino ficou com medo e caiu fora antes de afanar a grana. E sem maiores rodeios, arquivaram o caso como mais um crime sem solução do Bandido da Bandeira Dois. E tudo podia ficar por isso mesmo.

Acontece, porém, que o Zé Coquinho não se conformou em deixar as coisas no barato. Procurou a nega Cristina e, pra se bacanear, contou a treta pra crio[u]la. Ela escutou tudo sem demonstrar nada. Mas, se ardeu de medo do Zé Coquinho. E assim que pode, foi caguetar pra polícia. Aí, não teve bom. Grudaram o Zé Coquinho e o imprensaram sem dó. Dessa vez, o Zé se rendeu. Contou o esquinapo. Isto é, a parte que sabia. E entrou em galera pra ficar. Porém, por mais tempo que ele puxe de cana matutando no assassinato que cometeu, nunca poderá imaginar que quase, por sorte, cometeu um crime perfeito.

A velhota das patas (Última Hora de SP – Edição de 13/8/1971. Página 16 Caderno 1)

Tem coisa que não dá pra entender. Por mais que o nego funda a cuca matutando, não pia na parada uma luz pra explicar o porquê do esquinapo. O caso das patas da dona Lulu é bem desse naipe. Se deu lá na Barra do Catimbó, lugarzinho escamoso que fica encravado nas quebradas do mundaréu, bem onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos. Segundo as estatísticas, a Barra do Catimbó, juntamente com Dallas City e São João do Meriti, é o pedaço do planeta onde acontecem os maiores bochichos.

Porém, deixa isso de lado. O que pesa na balança é o perereco das patas da dona Lulu. Que eram sem favor nenhum, três patas enormes, orgulho do bairro e botadeiras de respeito. Cada uma das patas comparecia diariamente com um ovo. Que não eram de ouro, mas eram eles que guentavam as rebarbas pra dona Lulu. Que os vendia pra vizinhança e faturava uma graninha micha, porém que, juntada com a pensão de viúva de ferroviário, era a sua única fonte de renda. Está escancarado que a dona Lulu não andava remando sua catraia em maré mansa. Com a vida custando os olhos da cara como anda, não são três ovos por dia que vão dar recreio pra ninguém. Porém, dona Lulu não era luxenta. E, comparando com os vizinhos, até que a velhota estava bem instalada. Não comia capim pela raiz. Mastigava do talo pra cima. Mas, estava contente. Dava pra comprar milho pras patas e tudo. E era essa sua alegria. As patas eram a grande paixão e consolo da viúva sem filhos. Seu reforço pra escorar a solidão brava que é chegar na velhice sem ter com quem se abrir. Claro que a dona Lulu não levava papo com as patas. A velhota nessa altura do campeonato ainda não estava caducando. Onde as patas quebravam o galho era no setor de relações públicas. O povão lesado da sociedade, quando sentia que o cupim começava a roer a caixa de catarro, apelava pros ovos das patas. E aí, dona Lulu engrenava conversa mole com o freguês. Esticava o quás-quás-quás o mais que podia. Pra isso, a velhota tinha mil mumunhas. Xereta como ela só, sem fazer cerimônia com a freguesia, ia direto querendo saber das tretas.

– Vai levar quantos ovos?

– Dois.

– Pra que é?

– Um calço pra saúde.

– Sei. Mas é pros peitos ou pra levantar a moral?

– Pros peitos, dona. Pra perder a moral eu ainda sou novo.

Claro que todos encabulavam de confessar que a moral não estava dando pra encarar mulher de xamego grande. Só se queixavam do peito. Mas, dona Lulu, pelo sim pelo não, aproveitava o tempo e ensinava receita de gemada de ovo de pata pros dois casos.

– Só o negócio é no peito, o bom mesmo é fazer uma gemada de ovo de pata, com conhaque e bastante açúcar e combinar com xarope de agrião. Por maior que sejam as cavernas do pulmão, esses santos remédios dão resultado.

E, antes que o freguês pudesse abrir o bico, o velhote metia suas fichas:

– Sabe como faz xarope de agrião? É simples. Se cozinha o agrião bem cozidinho. Depois, esprema ele e apara o caldo. Mete dentro de uma garrafa ou garrafão de casco verde; se não tiver casco verde, serve casco marrom. Casco branco, nunca. Agora, o melhor mesmo é o casco verde. Isso feito, tem que esperar uma noite de Lua cheia e na hora grande se enterra tudo no pé de uma bananeira.

Deixa enterrado quinze dias. Enquanto isso, vai tomando a gemada de ovo de pato todo santo dia. Quando tirar o xarope, para com a gemada. Com uma colher de xarope de agrião diariamente, no fim do casco o doente tá bom.

Assim que terminava de recitar a receita, a velhota, que era escolada paca, parava pra tomar fôlego e aproveitava pra, de esguela, manjar a fuça do freguês. Pelas expressões das pessoa na sua frente, a dona Lulu já sabia se valia a pena dar um alô sobre o levanta moral. E se visse necessidade, não esperava ser perguntada. Dava o pulo:

– Já se o negócio é com a moral, é tudo mais fácil. Pega o ovo de pata com casca e tudo, taca no liquidificador, bota açúcar ao gosto, uma dose de conhaque e uma Caracu. Bate bem tudo e depois é só tomar. Se tiver liquidificador, vai no boteco do seu Ananias, que ele tem um bom e conhece bem as medidas desse santo remédio. Eu garanto que com uma dose dessas, o precisado não vai ter mais desgosto.

Se tinha acertado na mosca, a velha ficava sabendo pelo seu Ananias. Que assoprava pra velha se alguém lhe procurou nas encolhas pra fazer uma gemada. Dona Lulu não gozava, nem queria saber por espírito de fuxico¹⁹¹. Se inteirava do assunto só pra saber se tinha acertado. Geralmente não errava. Mas, se confirmava o seu ponto de vista, orientava melhor o freguês cada vez que o bruto baixava no seu portão pra comprar ovo de pata.

Por essas e outras, dona Lulu era muito querida na Barra do Catimbó. Mas, sempre tem alguém que se atravessa nos caminhos só pra avacalhar a guerra. Nessa história deu repeteco. Por ganância, ou por inveja do prestígio que a dona Lulu gozava, um pilantra qualquer, uma noite em que a velhota marcou bobeira presa num sono pesado, invadiu o quintal da casa dela e afanou as três patas de uma vez.

Na manhã seguinte, quando dona Lulu acordou e foi no galinheiro dar de comer pras patas, quase teve um troço ao ver que as aves tinham sumido. A velha tremeu nas bases. Espumou, bufou e depois de se recuperar do primeiro tranco, meteu a boca no trombone.

– Socorro! Socorro!

Quem acudiu aos berros de dona Lulu assistiu a uma cena patética. A velhota, de joelhos no meio do galinheiro, chorando, chiava como uma danada:

– Minhas patas sumiram! Roubaram minhas patas! Quero minhas patas!

Com muito esforço, as pessoas mais chegadas à velha arrancaram ela dali e arrastaram pra dentro de casa. Deram calmantes de todos os jeitos pra velhota. E de dó da dona Lulu, o povão se botou na captura das patas. Vasculharam a Barra do Catimbó de ponta a ponta. Fuçaram em tudo quanto era galinheiro. Principalmente no cercado dos manjados como afanadores de penosa. Mas, qual o que. Nem sinal das patas das velhotas. Quem mandou as aves não deixou nenhuma pista. E, sem saber onde procurar, a curriola desistiu.

A velhota não se conformou. Gostava das patas pra valer. E sofreu a perdas das aves como alguém que perde um filho. Perdeu o embalo. Foi definhando. Os moradores do pedaço ainda tentaram safar a velha da sinuca de bico¹⁹². Fizeram uma lista e cada um deu o que pode. Mas, aquela gente podia quase nada. Os trocados que juntaram deu pra comprar uma única patinha muito mixuruca na feita. Porém, a dona Lulu não aceitou. Até se encrespou com a oferta. E ofendeu toda a comissão que foi entregar a patinha. Xingou paca:

191 Termo atualizado; no original de jornal consta “fuchico”.

192 Termo atualizado; no original de jornal consta “cibo”.

– Seus ladrões. Miseráveis. Quero minhas patas. Vocês me roubaram.

Ninguém se ouriçou com o escarcéu da velhota. Todos se tocaram que a dona Lulu tinha endoidado. Apenas se afastaram. E daí pra frente a zorra encarnou. A dona Lulu foi ficando cada vez mais gira e murcha. Ficava horas e horas seguidas sentada no galinheiro de sua casa. Depois, saía pela rua batendo atrás das patas. De repente, cruzava com alguém e se invocava sem motivo. Armava um escândalo:

– Ladrão! Roubou minhas patas. Ladrão!

E nessa toada, a velhota logo virou esparro da molecada. Todos tiravam um sarro com ela:

– Coroa, cadê a pata?

Ao escutar essa pergunta, dona Lulu se endoidava e corria atrás dos pivetes. Se desesperava toda. Depois, cansada, retornava à sua casa e caía em profunda crise de melancolia. E foi assim por muito tempo. Até que um dia, a porta da casa da velhota não abriu. Os vizinhos só ligaram quando sentiram um fedor forte. Chamaram a polícia. Arrombada a porta, encontraram a velha morta.

Afobado come cru ou queima a boca (Última Hora de SP – Edição de 14/8/1971. Página 16 Caderno 1)

Bem que o Pé de Bicho se encrespou quando viu o Zuzu piar na parada com uma arma de calibre grosso. Foi logo estrilando:

– Onde vai com essa draga?

Sem perder o rebolado, o Zuzu sacou em cima:

– A gente não tem um trato? Eu só entro nessa coberto.

Essa resposta foi uma pá de cal no quás-quás-quás. Realmente, os dois vagaus tinham um trato, que, por sinal, era dos mais cavernosos. Há muito tempo campaneavam um palacete de bacana e as mumunhas dos moradores. Manjaram que nos fins de semana os donos do palacete se arrancavam pra fora da cidade e deixavam de guarda na casa um velho vigia, que mal podia com ele mesmo, e um cachorrão meio abobalhado. O que significava uma moleza de afanar o palacete. E por essas e outras, combinaram um assalto. Só que não falaram em armas. O Pé de Bicho não gostava de sujeira. Com ele era tudo na finura. Sem escarcéu, nem nada.

Entrar no palacete sem despertar atenção, ensacar os badulaques todos e sair de fininho era a ideia do Pé de Bicho. Já o Zuzu, meio apavorado, achava que tinha que ir prevenido pro que desse e viesse. Na sua cuca fundida sempre passava uma ideia de jerico: “E se a gente leva um flagrante?”[.] Assombrado por isso, carregava a arma.

O Pé de Bicho se arrependeu de não ter avisado o parceiro que era pra não levar revólver. Pra ele, que era escolado por mil e um pererecos nas quebradas do mundaréu, pra ele que varejou desde pivete por todas as encolhas, desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos até onde o vagau pisa devagarinho, a atitude do companheiro não tinha mistério. O fato do Zuzu levar a draga e arrotar valentia não engrupia. Era medo puro. E, percebendo isso, o Pé de Bicho escamava. Na verdade, o seu único medo era trambicar com parceiro medroso. A opinião do Pé de Bicho era a de que essa raça maldita é que sempre complica tudo. Diante do menor perigo se espantam e fazem besteira sem precisão. Além do que, no caso de bater a cana, o apavorado disfarçado de machão é sempre o primeiro a abrir o bico e entregar o serviço. Por isso, ficou de pulga atrás da orelha quando o Zuzu mostrou o revólver. Sentiu a situação encardir. Porém, não deu pra trás, nem engrossou. Deu

a pala, não grudou, deixou andar. Se fechou em copas e meteu a fuça como tinham planejado.

Primeiro passaram na porta do palacete, levando um papo chibu pra desbaratinar o vigia. Assim como quem não quer nada, espiaram o casarão de esquelha e se certificaram que estava no jeito. Sem dar bandeira, jogaram pro jardim do palacete uma pelota de carne com vidro picado dentro. Um engodo pra aterrar o cachorrão bobalhão. E foram fazer hora num boteco das redondezas. Aí, novamente o Zuzu deu mancada pro gosto do Pé de Bicho. Foi logo pedindo:

– Me dá uma birita caprichada.

Ao escutar a ordem, o dono do botequim se mexeu rápido. Mas, antes dele servir, o Pé do Bicho deu um guento de leve no cupincha:

– Vai beber?

Com a cara mais natural que tinha, o Zuzu rebateu firme:

– Então. É pra dar coragem.

O Pé de Bicho esfriou. Pra ele, que era catimbeira malhado, aquilo era o fim da picada. Partir pra guerra com um ponta que levava arma e bebida pra ter coragem não era o seu negócio. O Pé de Bicho ficou ruim dentro da roupa. Só não meteu o galho dentro e desfez a parcerada por questão de honra. Ele era tihoso nessas coisas. Considerava que o erro era o seu de topar um assalto com um vagau que não conhecia direito. Agora, não podia reclamar, nem dar recueta. Não pegava bem. Mas, enquanto cozinhava o galo pro tempo andar e o palacete ficar sem o cachorrão, o Pé de Bicho matutava e se jurava de nunca mais agarrar um rabo de foguete com estranho. Que era o que o Zuzu era pra ele.

Os dois se conheceram na prisão. Um contou pro outro suas façanhas. Na carteação o Zuzu falou que fazia e acontecia. O Pé de Bicho botou fé. Quando saíram da galera, se encontraram por acaso. Ambos estavam comendo capim pela raiz e precisando adiantar os seus lados. Sem dificuldades acertaram os ponteiros. Mas, na hora do vamos ver, o Zuzu veio com as presepadadas. Revólver, bebida pra dar coragem e os cambaus. O Pé de Bicho, limpo. Uma zorra encarnada. Mas, sem remédio. Esperou o parceiro beber e partiram pro assalto.

Foi uma moleza engambelar o velho vigia que, confiando no cachorrão, cochilava sentado no portão do palacete. Sem dificuldades, os ladrões entraram no quintal do casarão pelo muro dos fundos, que dava para um terreno baldio. O cachorrão cumpria seu papel na fita. Estava estarrado. Tinha comido a pelota de carne sem dúvida nenhuma. Sem alarmes, o Pé de Bicho e o Zuzu trabalharam à vontade na porta da cozinha do palacete. Rapidamente a arrombaram e sem problemas ganharam o interior da casa. Tateando no escuro, passaram pra sala. Daí, com cuidado pelas frestas da janela, o Pé de Bicho se certificou que o vigia estava tranquilo, sem se dar conta que a casa estava entregue aos vagaus. E calmamente acendeu uma lanterna, dando início à limpeza. O Zuzu fez o mesmo. Tudo quanto era cacareco que os dois pilantrosos iam encontrando, iam ensacando. Estatuetas, relógios, pratarias e outras bugigangas. Os ladrões não tinham noção do que tinha real valor ou não. Pra eles, qualquer coisa de casa de grãfina deveria valer uma fortuna. Jamais eles poderiam imaginar que os badulaques de um palacete pudessem ser fajutos. Por isso, metiam a mão em tudo que podiam carregar. E estavam nessa, até que o Pé de Bicho lembrou-se de que no andar de cima podia ter joia. Sem vacilar, deu uma dica pro Zuzu:

– Fica aqui. Vou lá em cima fuçar e já venho.

E sem esperar resposta subiu a escada. O Zuzu não chiou, mas não gostou de ser deixado sozinho. Ficou com um bruto medo. Se plantou onde estava, sacou a

arma e não se mexeu. No andar de cima, o Pé de Bicho revistou todos os cantos. Afanou coisa paca. Joias, dinheiro, ternos, foram entrouxados. Mas, de repente o Pé de Bicho descobriu uma escada de serviço. Por curiosidade, desceu por ela. Saiu na copa. Logo percebeu que o ouro não estava ali. Mas, em vez de subir pela escada por onde descera, resolveu dar um tempo junto ao parceiro pra ver como estava a situação. Abriu a porta da copa pra sala. A bruta rangeu nos pinos. Assustado, o Zuzu se virou e sem verificar mandou bala. Três caroços braseados que pegaram o Pé de Bicho no peito. Esse desabou e o melado correu. O Zuzu, afobado, não quis nem saber. Tratou de dar pinote. Pulou o corpo do Pé de Bicho, sem reparar que quem estava ali jogado era o parceiro. Já ia se afastando quando o Pé de Bicho, com as últimas forças, deu-lhe um guento:

– Tu me acertou, lazarento. Tu me acertou em cheio. Agora, se tu me deixar aqui, eu te entrego, Zuzu.

Bambeado com essa ameaça, e vendo a bobagem que aprontou, o Zuzu endoidou e sem cerimônia completou o esquinapo. Meteu mais dois balaços na cachola do Pé de Bicho. Dessa vez não teve erro. Os miolos do Pé de Bicho saltaram. O tampão da moleira rachou. E ele foi falar com Deus. O Zuzu deu no pé. Mas, não foi longe. Alertado pelos tiros, o vigia se acendeu. Quando o Zuzu ia pular o muro, o velho lhe deu um tiro na perna. O suficiente pra pegar o ladrão no solo até a polícia chegar.

O caso dos crânios afanados (Última Hora de SP – Edição de 16/8/1971. Página 16 Caderno 1)

Povão a perigo perpétuo se agarra em qualquer patuá. E daí, já viu. Faz coisas que não dá pra entender. Como a história das ossadas que afanaram lá do Cemitério da Cova Rasa, campo santo da Barra do catimbó, lugarzinho escamoso que fica encravado nas quebradas do mundaréu, bem onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, e que é juntamente com Dallas City e São João do Meriti, o pedaço do planeta onde se dão os maiores bochichos. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é a história das ossadas que sumiram do Cemitério da Cova Rasa.

Só pra refrescar a memória dos leitores, convém lembrar que, com a vida custando os olhos da cara como anda, tem nego às pamparras que se agarra em fio desencapado, mata cachorro a grito, cata lata e esfola jacaré a beliscão pra poder aguentar o repuxo. Isso posto, creio que a patota não vai estranhar em saber que, no desespero, a negada que anda comendo capim amargo pela raiz embarca em qualquer canoa furada pra tentar escapar da realidade, que é sempre medonha pros lesados da sociedade. Por essas e outras, tem pilantroso abilolado em tudo quanto é culto Mandrake. E daí, quando vai chegando a sexta-feira treze de agosto, aconte[ce]m os maiores esquinapos. Urubu, sapo boi, galinha, bode, gato preto, coruja piadeira de torre de igreja, e outros bichos menos votados, que na cuca fundida da gentalha espantada com as grongas são considerados azarentos, passam a ser caçados a pau, a bala e a dentada para serem oferecidos às bruxas em rituais macabros. Tudo besteira. A sexta-feira treze de agosto é um dia como outro qualquer. Porém, algum paspalho meio maroto inventou a marola, que logo virou onda e acabou se transformando numa pororoca que inundou as barreiras de muito nego bom. E aí, já viu: sexta-feira treze de agosto é broca. Tudo quanto é mumunha ganha passagem nesse dia.

Como a curriola anda meio descrente de Deus, o cartaz do Diabo subiu. Basta ver que nos terreiros de macumba, qualquer exu mixuruco é muito mais considerado que os orixás de grande valia. Por isso, o alvoroço da sexta-feira treze foi grande. Esse ano, então, se deu um perereco bem tinoso.

Na madrugada do dia onze, o velhote que pegava no batente como coveiro-chefe do Cemitério da Cova Rasa, ao se encont[r]ar no malho, viu, pálido de espanto, que havia umas três ou quatro campas escancaradas e remexidas. Cheio de bronca com o atrevimento de quem bagunçou o campo santo, perturbando o sossego dos enterrados, o velhote botou a boca no trombone e deu o alarme.

Em resposta ao apelo aflito do velho coveiro-chefe do Cemitério da Cova Rasa, piou na parada o brilhante tira Marcos Plonka. Policial escolado pela leitura de mais de mil livros do Nero Wolfe, o Plonka entrou de sola disposto a resolver rapidamente o caso. Examinou as campas arrombadas com muita atenção e percebeu logo que as ossadas ali depositadas haviam sido remexidas. Pacientemente, o tira Plonka montou os esqueletos pra ver se faltava alguma coisa. Depois do penoso trabalho, o tira concluiu que quem abriu as covas fez o serviço para afanar os crânios. E ficou intrigado. Como já era tarde, o bravo policial resolveu tirar o time de campo mesmo porque, além de estar cansado paca, não ganhava hora extra.

Foi pra casa. Tomou banho. Jantou. Assistiu a um capítulo de novela. Tentou dormir, mas neca. Rolou na cama sem conseguir se desligar do caso dos crânios afanados. De mau humor, levantou-se, vestiu-se e foi dar uma bandola no Jeca, um boteco bem frequentado que fica na esquina da São João com a Ipiranga. Estava lá refrescando a cachola, quando uma pistoleira de suas relações encarnou. Sabe como é, mesmo preocupado, o tira Plonka não dispensa rabo de saia. Sem muito quás-quás-quás, o tira deu uma palavra pra pistoleira e a embarcou no seu fusca. Levou a distinta pra dar uma volta pelo Morumbi. Mas, ia murcho. Sem embalo. Meio encrespado. E tudo isso ouriçou a pistoleira, que invocada quis saber:

– Tu tá de bronca comigo?

Mais porque precisava falar com alguém do que por achar que a pistoleira entendesse, o Plonka largou uma cascata:

– Não nega. Não é nada contigo.

E antes que a mulher pudesse abrir o bico, o Plonka continuou:

– Tou com um caso estrepado. Um roubo no Cemitério da Cova...

E não pode concluir. A pistoleira, toda afobada, o cortou:

– Tu tá trabalhando no cemitério? Então tu podia me quebrar um galho.

Azedo, o tira resmungou:

– Quer que te arrume uma vaga lá?

Sem tomar conhecimento da gozação, a pistoleira meteu ficha:

– Não, bem. Queria que tu arranjasse um crânio pra mim.

De repente, o Plonka percebeu que ali podia encontrar uma pista e deu corda pra companheira:

Pra que tu quer os crânios?

Sem cerimônia, a vagauzinha se abriu:

– É pra fazer um trabalhinho nessa sexta-feira treze. Um troço forte que vai desarmar minha vida pra sempre. Eu preciso dessa caixa de miolo paca. Só que tenho medo de ir buscar no cemitério. Tu apanha uma pra mim?

De estalo, o Plonka morou no assunto. Satisfeito com a descoberta, abriu a porta do fusca e jogou a mulher pra fora. Deixou a pistoleira falando sozinha no meio da estrada e se arrancou pra casa. Dormiu tranquilo. No dia seguinte, não se mexeu.

Ficou só na boa vida até a madrugada treze de agosto. Aí, com seu fusca, percorreu as encruzadas. Sem grandes dificuldades, recolheu vários crânios e na manhã seguinte os entregou pro velho coveiro-chefe do Cemitério da Cova Rasa.

Os culpados do afano não foram presos. Mas, o tira Marcos Plonka não quis nem saber. O importante pra ele era que o caso estava solucionado. Não ia prender nenhum mandingueiro, que ele não era louco. De repente, esse negócio é positivo e ele acabava sendo entalhado.

Se o Zagaia diz, é que é (Última Hora de SP – Edição de 17/8/1971. Página 16 Caderno 1)

A história do Jorge Baiano é triste. Dá pra entortar o patuá de qualquer pinta, por mais duro que seja e por mais fincado no chão que esteja a raiz de seu axé. Porém, se antes de entrar na fria que entrou, o Jorge Baiano tivesse conferido a Tabuada das Condongas, por certo livraria sua cara e passava no lance que o machucou. Sem mistério nenhum, a tabuada escancara pra quem tem botucas de ver as mumunhas da vida. São dicas dadas pelo Zagaia, velho cabo de esquadra que encarou muitas batalhas antes de ganhar as divisas que lhe dão direito a pala até dos mais considerados vagaus das bocas encardidas. E na tabuada, o Zagaia diz:

– “Quem ganhar mulher dos outros pode contar com a Zorra”.

E se o Zagaia diz, é que é. O pinta arrasta a piranha pro seu mocó, se embandeira e tal e coisa. No princípio, é tudo legal. Mas, depois de um tempo, as ideias de jerico invadem a cachola do pinta e ele se atucana. Se liga na gronga e fica achando que a mulher que passou um homem pra trás pode passar ele também. Aí, é broca. A canoa vai a pique.

No perereco do Jorge Baiano, não deu outra coisa. Ele estava um dia flanando à toa na Barra do Catimbó, lugarzinho escamoso que fica encravado nas quebradas do mundaréu, bem lá onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, quando deu de fuça com a Laurinda. Foi ver e vidrar. E, sem rodeio, o Jorge Baiano meteu a bicaria em cima da mulher.

Claro que, se a Laurinda se batia naquele pedaço maldito, estava mal com Deus. Ninguém mora na Barra do Catimbó por gosto. Quem cai no esquisito é porque está a perigo perpétuo. E a Laurinda andava numa sinuca de bico das mais cavernosas. Ainda menina juntou seus badulaques com um nego salário mínimo, muito mais pra tentar escapar da miséria que era a casa da sua mãe, do que por gama. Mas, não escapou de coisa nenhuma. Aliás, muito pelo contrário. Pegou pela proa uma bananosa de lascar. Desconhecendo as pílulas, as serpentinas e outros macetes desta ordem, cada vez que o nego mandava ver a Laurinda ficava choca. E se o salário mínimo já é pouco pra escorar um casal, imagina a dureza que é então pra um casal com cinco filhos. Com a vida custando os olhos da cara como anda, não é graça de fazer rir comprar o pão nosso de cada dia pra um monte de bocas abertas a gemerem de fome. E a Laurinda, diante do repuxo, se assombrou. Pra não fundir a cachola, de vez em quando¹⁹³ se pinoteava a realidade amargosa e ia se badalar. E foi numa dessas que o Jorge Baiano piou na parada.

Patati-patatá e não teve por onde. O Jorge Baiano e a Laurinda se entenderam. E continuaram se entendendo. No início, era uma marola, o romance dos dois. Depois, virou onda. Aí, o Jorge Baiano se abilolou e acabou envolvido

193 Termo atualizado; no original de jornal consta “quanto”.

numa pororoca de inundar qualquer barreira. E, sem querer saber da situação de mulher casada e cheia de filhos que a Laurinda tinha, o Jorge Baiano catimbou:

- Vem morar comigo, Laurinda.
- Num dá, Jorginho.
- Isso não é vida.
- Sei que não é.
- Então pra que tu vai ficar marcando bobeira?
- Pelos filhos que botei no mundo.
- Deixa isso pra lá. Esquece e vem tratar de ti.
- Bem que eu gostaria.
- Então qual é o drama?
- É xavecada¹⁹⁴ com as crianças.
- Bobagem. O otário do pai é que tem que quebrar essa.
- Mas eu sou a mãe.

– Por causa disso tu vai se estourar? Vem comigo. Eu tou ganhando uma nota legal. Tu não tendo as crianças pra cuidar, também pode arrumar um emprego e aí nós vai ter uma vida de gente. Compramos televisão e os cambaus.

Diante das vantagens oferecidas e da insistência do Jorge Baiano, a Laurinda tremeu nas bases. Um dia em que se tinha [sic] com o marido, deu passagem pra escrotidão. Pegou seus badulaques e, sem dar tchau pras crianças, crias suas, se mandou na moita. Baixou de repente no mocó do Jorge Baiano. Surpreso, mas alegre, o pinta fez festa.

Do Jorge, a Laurinda não teve queixa. Ele fez tudo o que estava combinado e prometido. Arrumou um emprego pra Lucinda e fez chover na horta dela. Botou televisão e geladeira no barraco. Se encheu de dívida pra dar conforto pra Laurinda. Porém, não foram as dívidas que o azucrinaram. Um caso sem grande importância ouriçou o Jorge Baiano. Sem dar aviso, a Laurinda resolveu fazer umas horas extras na fábrica em que trabalhava. A demora da mulher deixou o Jorge Baiano bambeado. Mil bolas malucas o atormentaram. A sua moleira ferveu. E ele virou bicho.

Quando a Laurinda chegou na casa, teve que topar um tremendo arranca rabo. O Jorge chiou, estrilou, implorou, ameaçou e se rendeu. A Laurinda, diante do escarcéu, se mancou que o Jorge Baiano estava gamadão e, além de tudo, era um trouxa. Pra ganhar pontos, a piranha não fez cerimônia com o otário. Provou que estava trabalhando, se fechou em copas e foi juntando os seus troços. O Jorge Baiano endoidou de medo que a mulher desse o fora. E apelou paca. Até chorou. Deu mancada atrás de mancada. E a Laurinda, sem afobação nenhuma, deixou andar. Por fim, perdoou o loque, mas lhe deu uma dura sentida:

– Tá. Dessa vez te dou desconto. Agora, tem um porém. Se tu me aprontar outro carnaval desses, eu me mando. E tu sabe que comigo não tem desses negócios de quás-quás-quás. Se digo que me mando, é porque me mando.

E diante da cara de paspalho do Jorge Baiano, a Laurinda deu arremate:

– Larguei meus filhos, que eram a única coisa de que gostava nesse mundo, não vai ser homem que vai me prender.

Claro que o Jorge se entupiu. Perdeu o pedal instantaneamente. E os fantasmas vieram atormentar seu sono. Ficou sem rumo. Aquele alô que a Laurinda deu tinha lógica. Isso o Jorge Baiano reconheceu e se viu no papo da aranha. Compreendeu que sem destino estava traçado. Mais cedo ou mais tarde, a Laurinda ao aprontar pra ele. Mas, loque apaixonado não tem coragem de enfrentar os

194 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

salseiros. E o Jorge deixou andar. Apenas ficou de campanha da fábrica, baixava na hora do almoço no recreio da mulher, cercava de todo lado. O resultado é que se tornou um chato de galocha. E a Laurinda não aliviou. Não deu o até breve pro trouxa, porque ela não queria perder a moleza. Mas, arranjou outro namorado. E a testa do Jorge Baiano ficou enfeitada. Só que ele não sabia. Vigiava a mulher de todo jeito. Não podia acreditar no esquinapo. Porém, até araruta tem seu dia de mingau. E, sem querer, o Jorge adivinhou a treta.

Depois de uma longa noite em que o desgraçado passou rolando na cama se azucrinando com os problemas que a Laurinda lhe criava, recusando seu chamego¹⁹⁵, o bruto dormiu. Mal dormiu, o despertador apitou na sua orelha. Assustado, o Jorge despertou e viu a mulher se vestindo pra ir trabalhar. Achando que tinha dormindo pouco, o Jorge perguntou as horas. E de troco, recebeu um esculacho:

– Cinco e meia. E eu tenho que ir trabalhar. Por aí, tu vê a boa vida que tu me dá.

A bronca da Laurinda acabou [com] o homem. Ele ficou ruim dentro do pijama. Teve remorso de pegar no batente às oito e a mulher, às seis. Não disse mais nada. Quando a mulher saiu, o Jorge continuou achando que tinha dormido pouco. Assim como quem não quer nada, espiou o relógio. Se entalhou. Eram apenas três horas da matina. De pronto o pinta se flagrou que tinha linguíça embaixo do angu. Se vestiu depressa. Se armou e saiu correndo na captura da Laurinda. Não precisou ir longe. Na primeira esquina, encontrou a mulher nos braços do namorado. Picado de raiva, o Jorge não conversou. Sacou a faca e fez desgraça. O namorado da Laurinda deixou ela no fogo. Se espantou. E a mulher recebeu toda a carga de ódio do Jorge Baiano. Trinta facadas no peito mandaram a Laurinda falar com Deus. E o Jorge, que se plantou em prantos ao lado do cadáver, entrou em pua. Tudo porque não aprendeu as lições dessa vida na tabuada das Candongas do Mestre Zagaia.

Quem tá atolado não canta (Última Hora de SP – Edição de 18/8/1971. Página 16 Caderno 1)

O Zagaia, velho cabo de esquadra, teve que encarar muitas batalhas antes de ganhar as cicatrizes, as rugas e as divisas invisíveis que lhe deram direito a respeito e a pala até dos maiores vagaus que já andaram nas quebradas do mundaréu, desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, até onde o pilantroso pisa devagarinho. Foi no meio da catimba dessa vida que o velho Zagaia abriu seus olhos de ver. E de tanto ver, ficou por dentro de todas as mumunhas e trambiques que assombram o povão. E deu seu recado. Dicas firmes que servem de bússola para evitar muita trombada que nego a perigo perpétuo costuma dar nos cantões esquisitos do roçado do bom Deus. Os alôs do velho Zagaia, juntados, formam a Tabuada das Candongas, onde dois e dois às vezes não são quatro, porque ele soma, escreve e lê nas linhas tortas.

Mas, deixa isso de lado. O que quero contar é que, mesmo o Zagaia alertando meio mundo, sempre sobra gente pra entrar pelo canório direto, certos de que estão abafando. O diretor social da Sociedade Esportiva, Recreativa e Cultural Mocidade Unida, Alegre e Independente da Barra do Catimbó foi um que desconheceu a Tabuada das Candongas, se embandeirou, se agarrou num grupo nojento, desses que são bolados para conformar otário: “Quem canta seus males

195 Termo atualizado; no original de jornal consta “xamego”.

espanta”. E, com essa bola maluca a lhe arder na cuca, teve a ideia de jerico de fazer um grandioso rala-buxo para comemorar a data da fundação da Sociedade que ele dirigia.

Bem que o Zagaia falou:

– Quem tá atolado não canta.

E se o Zagaia falou, tá falado. Não tem bom. Mas, o diretor social não quis saber de nada. Botou a boca no trombone e anunciou nos mocós encardidos, nas encolhas marotas, nos botecos escrotos, nos puleiros das piranhas, nos terreiros de macumba e no escambau, que o rala-buxo da S. E. R. M. U. A. I. B. C. ia ser coisa fina para marcar época e para desgraçado nenhum botar defeito.

Claro que de saída foi sucesso. Gente que anda comendo capim amargo pela raiz se agarra em qualquer patuá. Esse, ninguém dispensou. E no dia marcado, o salão do Seletto, que foi alugado especialmente pro bailão de gala da gloriosa S. E. R. M. U. A. I. B. C. virou um balaio de gato. Ficou apinhado. A três de alto. Com nego se agarrando pelos picos. E¹⁹⁶ aí, a gronga encarnou. O que só servia pra provar que a tabuada do velho cabo de esquadra Zagaia não mente jamais.

O povão lesado pela sociedade não tem aquele embalo pra sair por aí se rebolando à toa. Gosta de gandaia, quer se espalhar, mas antes tem que esquecer os fantasmas que lhe apavoram. Pra esquecer, encham a cara de cachaça. E aí, já viu. Não tarda pra dar bochicho.

No bailão de gala da Sociedade da Barra do Catimbó não deu outra coisa. Aliás, pros que manjam o ambiente, até que demorou pra guerra se avacalhar de vez. Até mais ou menos à meia noite, as coisas estavam legais. As coisas que aconteciam eram micharias que não tiravam o brilho da festa. Bate-boca, quás-quás-quás, me segura senão eu brigo, que a turma do deixa-disso controlava. Porém, na virada do dia o caldo engrossou.

Piou na parada um tal de Valdemar dedão, acompanhado de um sargento da negada e de um crioulo ouriço. O Valdemar Dedão era a pessoa mais invocada do bairro. Ninguém gostava do bruto. Ele era metido a autoridade. Cachorrinho da polícia, entregava pros homens qualquer um. Quando não sabia de nenhum xaveco¹⁹⁷ pra poder entretar o dono, inventava um[a] presepada e dedava um qualquer pra fazer média com os tiras. Tipo ruim. E por essas e outras, quando ele se apresentou na porta do baile, recebeu um guento:

– Não pode entrar.

Diante da dura, o Dedão se encrespou. Tinha trazido os seus cupinchas pro baile pra exibir seu prestígio e tal e coisa, e mal botou a fuça tomou um contra-vapor. Endoidou e deu o estrilo:

– Se acanha, miserável. Tira a pata da minha beca e sai da frente, que a gente vai entrar nessa espelunca. E tu não cisca não, que meto em cana. Sou do Juizado de Menores.

Se era, ou não era, o porteiro não se atreveu a conferir. Escolado no serviço, o porteiro sabia bem que qualquer um consegue a carteirinha do Juizado de Menores pra xeretar nos salões. Pra dar destino pros pivetes vadios que se batem pelas ruas, ninguém tira carteirinha. Porém, o que conta aqui é que o porteiro maneirou o tom de voz, mas continuou brecando o cagueta.

– O senhor vai me desculpar, doutor. Eu não sabia que o senhor era tudo isso. Sabe como é... Sou novo no pedaço e não conheço ninguém. O senhor não mostrou a carteirinha. Desculpe.

196 Termo atualizado; no original de jornal consta “A”.

197 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

Com a bicaria, o porteiro ganhou o Dedão. Ele ficou todo pomposo com o tratamento de doutor. Mas, pra não perder a panca, deu uma de leve:

– E eu preciso mostrar documento em algum lugar? Sou o Valdemar Dedão. Agora sai daí, que vamos entrar.

Sem se afobar, o porteiro tirou de letra:

- Espera um minuto, doutor. Ele deu ordem pra eu não deixar entrar bico de jeito nenhum. Vou chamar ele e ele que resolve.

Ao ser comparado a bico, o Valdemar Dedão tremeu nas bases e, sem cerimônia, bolachou o porteiro. O sargento e o crio[u]lo que estavam em companhia dele, que permaneciam fechados em copas, entraram pra valer na moleira do porteiro. E a zoeira teve início. Se defendendo como podia, o porteiro berrou pedindo pedal. Os diretores da gloriosa S. E. R. M. U. A. I. B. C. correram pra ajudar o porteiro e ficou duro pros penetras. O pau cantou e a notícia se espalhou no salão. De repente, estourou um tiro. O bolo da briga se abriu e o diretor social desabou estarrado com um arrebite na testa. Foi falar com Deus direto.

No desespero, alguém chaleirou:

– Foi o Valdemar Dedão que fez estrago.

Não precisou nem combinar. Aquela gente toda tinha conta pra acertar com o Dedão, cagueta sem vergonha. Desceram as escadas aos pulos. O criminoso não marcou bobeira. Deu o pinote. O sargento e o crio[u]lo que chegaram com ele sumiram sozinhos. E o povão saiu na captura do assassino. Foi um tremendo pega-pega. Mas, por fim, ganharam o miserável. Foi lenha pura. Só pena que voou. O Dedão pediu, chorou, implorou. Mas, não teve estia. Todos os seus perseguidores queriam tirar uma casquinha. Ninguém aliviou pro cagueta, que se acabou ali mesmo embaixo das biabas.

Depois de baterem muito, manjaram que o Dedão já era e se espantaram. No dia seguinte, foram trabalhar como se nada tivesse acontecido. A polícia se limitou a recolher os cadáveres e a fechar por uns tempos o salão do Seletto.

As sobras do aleijado (Última Hora de SP – Edição de 19/8/1971. Página 16 Caderno 1)

Tem coisa que acontece no roçado do bom Deus que não dá pra entender. O perereco do Boca Vazia e do Carriça foi bem desse naipe. O dois aprontaram juntos, depois um aprontou pro outro e a na hora do “vamos ver”, quando eles se encararam pra tirar a diferença, quem pegou as sobras foi um nego que não tinha nada que ver com a história. Porém, que se dane. Quem mandou o loque meter o nariz onde não era chamado? Se deu mal do primeiro ao quinto, sem vaselina. Pena que foi falar com Deus e nunca mais vai poder saber das letras da Tabuada das Candongas, recado traçado por mestre Zagaia. Nessa tabuada estão escancarados todos os babados, sem mistério, porém com muita mumunha. São os alôs juntados por mestre Zagaia, velho cabo de esquadra, que se bateu em muitas batalhas, antes de ganhar os cabelos brancos, as rugas, as cicatrizes e as divisas que lhe dão direito a respeito e pala até dos vagaus mais considerados que pisaram nas quebradas do mundaréu, desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, até onde o pilantroso apalpa devagarinho. Foi nas catimbas da vida que mestre Zagaia abriu os olhos de ver e viu as coisas mais cavernosas. Por fé no seu patuá de valia, guentou as pontas e, quando deu pedal, juntou as dicas pra ser a bússola que evita muitas trombadas que nego a perigo perpétuo costuma dar nos cantões esquisitos do planeta. Essas dicas juntadas formam a Tabuada das

Candongas, onde às vezes dois e dois não são quatro, porque mestre Zagaia soma, escreve e lê nas linhas tortas. Mas o que conta aqui é que o Zagaia falou bem claro:

– Bala não tem leme.

E se o Zagaia falou, tá falado. O otário que não acreditou foi espiar o pega pra capar do Boca Vazia e do Carriça e saiu carimbado. Crepe. Toda a curriola da Barra do Catimbó sabia que o Boca Vazia e o Carriça eram parceiros de afanos e tinham seus tratos há muitos anos. Ventanistas de primeiro time, sempre se davam e remavam a catraia em águas limpas. Mas, até araruta tem seu dia de mingau. Um dia, os dois gaturamas marcaram bobeira e teve alarme. A cana baixou e foi um pega-pega, um “salve-se quem puder” tihoso. No corre-corre, a carriça escapou. Já o Boca Vazia não teve sorte. Eram os ossos do ofício. Às vezes o nego ganha, às vezes o nego perde.

O que fedeu e não ficou bem explicado é que, dias depois, o Boca Vazia deu as fuças na rua em grande liberdade e numa incerta, a polícia baixou no mocó do Carriça e flagrou o bruto com a boca na botija. A moamba dos afanos estava toda enfurnada com o Carriça e ele pegou a rebordosa. Foi comer o capim amargo pela raiz no xadrez, enquanto o Boca Vazia ficou flanando à vontade.

Naturalmente o Carriça, que era escolado paca tinha mil anos de janela, manjava os xavecós¹⁹⁸ e tudo mais, desconfiou que tinha linguíça embaixo do angü. Sua cuca fundiu e mesmo na galera jurou que quando saísse ia dar uma decisão pro Boca Vazia. Ia querer saber tim-tim por tim-tim do esquinapo.

Com o parceiro em pua, o Boca Vazia nem se afobou. Pro gango que se reunia num boteco escroto pra fazer quás-quás-quás de qualquer coisinha, o Boca Vazia garantiu que não tinha caguetado o parceiro e deixou andar. Pra aliviar um pouco a bronca, o Boca Vazia mandou cigarro, banana e outros reforços pro Carriça na prisão. Mas, os presentes não quebraram galho nenhum. Muito pelo contrário. Cada vez que o Carriça recebia um troço, se encrespava mais. E foi assim até cumprir seu tempo. Daí se mandou na captura do Boca Vazia.

Procurou o antigo cupincha nas gafeiras cavernosas, nos botecos escrotos, nos puleiros das piranhas, nas encolhas deschavadas e nos cambaus. Mas, neça de encontrar o Boca Vazia. O Carriça estava até desistindo de achar o sacana, quando por acaso deparou com ele. Nessa hora, o Carriça se tocou que estava desarmado. Mas, ouriço como estava, não conversou. Bateu a vista em sua volta e viu um aleijado manjando o enguiço. Sem dó, o Carriça arrancou a muleta do aleijado e sapecou o Boca Vazia.

Bateu pra valer. O Boca chiou, esperneou, pediu, chorou, implorou, mas apanhou até a muleta quebrar. Só aí pode se pinotear. E, apesar de estar todo esbagaçado, foi no seu abrigo buscar um revólver e voltou pra forra.

Quando o Carriça viu a arma do Boca Vazia não quis saber. Azulou. Abilolado de raiva e sem poder se vingar do Carriça, o Boca Vazia não regateou. Transferiu toda a bronca pro aleijado que, sem muleta, teve que ficar plantado no lugar. E aí, não teve por onde. Cinco arrebitos mandaram o aleijado pro beleléu. Foi uma gronga sentida. Mas, sem conserto. No resto, ficou por isso mesmo. O defunto do aleijado não incomodou ninguém. Ele era um pé de chinelo à toa. Foi enterrar e esquecer. Já o Carriça e o Boca Vazia, depois de uns tempos, se entenderam e voltaram a trambicar juntos, como se nada tivesse acontecido.

O vingador (Última Hora de SP – Edição de 20/8/1971. Página 16 Caderno 1)

198 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecós”.

O Zé Mané, imprensado por mil revertérios, num dia amargo, juntou seus trecos e seus badulaques, deu tchau pro pai e pra mãe, um até breve pra namorada, ganhou uma boa sorte dos amigos e, todo machucado de saudades, ruim dentro da roupa, meio assombrado com o futuro incerto, mas carregando uma esperança de se aplumar, agarrou um pau de arara lá nos confins do roçado do seu senhor e veio, aos trancos e barrancos, até São Paulo. Desceu no Brás.

Diariamente, chegam montes de gente, de trem, de ônibus e de caminhão. É gente aflita, lesada pela sociedade que, por força dos esquinapos, é enxotada do seu pedaço pra vir arriscar na cidade dessa pobre gente que mal têm uns pixulés pra se aguentar nos primeiros tempos, que os vagaus escolados por muitos anos de catimba trambicam pra faturar fácil. Uma nojeira. Mas, que sempre acontece.

Pro Zé Mané não deu outra coisa. Mal piou na parada e um pilantroso com ideias de jerico meteu olho gordo nele. Nem considerou que, se o Zé Mané estava naquela canoa furada, era porque estava a perigo perpétuo. O pilantroso chegou no Zé Mané e, com papo macio, o foi enredando:

– Tu já sabe onde vai ficar, cabeça de couro?

Meio invocado com o xingo, mas precisando de pedal o Zé Mané não ouriçou, mas também não respondeu como boi manso. Deu na voz um tom pra impor respeito:

– Num sou nenhum cabeça de couro. E também num sei onde vou ficar.

A pureza do pau de arara alegrou o vigarista. O sacana se viu diante de um bilhete premiado. E, sem fazer cerimônia com o otário, começou a chuveirar:

– Qual é a tua grana? Conforme o dinheiro, te instalo legal. Sabe como é. Em cidade grande, é tudo na ficha. Posso te arrumar emprego, hotel e tudo mais. Porém, é no “tome lá, dá cá”. Bufunfa na frente.

Naturalmente o Zé Mané desconfiou. Mas, sentia-se em papo de aranha. Não sabia nem de leve por onde começar a se bater. Por essas e outras, regateou:

– Que trabalho o senhor tem pra mim?

O vagau nem vacilou pra assanhar o Zé Mané:

– Coisa fina, de acordo com sua competência. Posso te meter de servente de pedreiro numa obra qualquer. Coisa pra homem que não tem medo de batente. Porém, e aí é que tá o que interessa: boa grana. Salário mínimo. Duzentos e vinte e cinco giripocas. Loguinho o compadre compra um raiban, uma bicicleta, um rádio de pilha e uma flâmula do Corint[h]ians.

Para o recém-chegado, aquilo parecia uma fortuna e um luxo. Na sua terra, nunca tinha escutado falar em tanto dinheiro. E trabalho por trabalho, ele sempre pegara o pior. Foi jumento de arado e outras grongas da pesada. Vidrado no engodo, embarcou firme:

– Tá combinado, meu senhor.

Sem mais rodeios, o pilantroso chamou o táxi de um cupincha. Enfiou o Zé Mané dentro e se enfiou também, mas já foi banhado o matuto:

– Tu quer ir de primeira, de segunda ou de terceira? Vê lá, baiano, tu que vai pagar. Por isso, escolhe.

O Zé Mané, ligado na onda de economia, rebateu de pronto:

– Vou de terceira mesmo. Não tou em condições de luxar.

Sem dó, o motorista meteu uma bandeira três no taxímetro e se botou a embromar. Rodou à toa até fazer uma boa média pra fêria e largou o pilantroso e o Zé Mané a um quarteirão de onde eles embarcaram. Sem estrilo, o matuto pagou. Não manjava a cidade. Nem deu pela treta. Foi nas águas do seu guia. E entraram

num hotel dos mais escrotos da paróquia. O porteiro também tinha trato com o pilantroso e fez sua parte:

– Grana e documento na frente.

Tudo parecia lógico pro Zé Mané. Pagou tudo que podia e entregou sua Carteira de Trabalho. O porteiro deschavou e não encheu ficha nenhuma. Mas, o matuto não estranhou. Subiu, meteu as malas no quarto e se mandou pra rua, pra encontrar o pilantroso. Quebrou a cara. Nem sombra do seu guia. Meio encabulado, o Zé Mané vasculhou até a esquina, espiou nos botecos e neca do vagau. Triste, retornou ao hoteleco. Quando foi entrar, recebeu um breque do porteiro:

– Onde vai?

Meio bambo, o matuto se explicou:

– Tou morando aí. Minhas malas tão lá em cima.

Azedo, o porteiro escarrou regra:

– Tem documento?

Antes de responder, o Zé Mané se coçou – Por fim, falou:

– Deixei com o senhor.

Fingindo surpresa, o porteiro tirou de letra:

– Aqui, não. E não vem com grupo.

Daí pra frente, engrossou o caldo. O Zé Mané chiou e tudo mais. Baixou a cana. Em briga de vagabundo, quem chama a rádio-patrolha é que tem razão. Nessa, o Zé Mané se estrepou. Foi em galera. E só no xadrez se tocou que tinha sido passado pra trás. Ficou mais zozzo do que cego em meio de tiroteio. Penou. Mas, se acendeu. Percebeu as mumunhas da trapaça. E se picou de raiva. Aí mesmo, jurou que ia à farra. E aproveitou o tempo que puxou na galera pra bolar um golpe.

Nos rebolos dessa terra, é bem como diz o Zagaia:

– Quem vê cara, não vê coração.

E se o Zagaia escancarou na Tabuada das Candongas, é porque é. E foi nessa que o Zé Mané se segurou. Aproveitando a pinta de otário que fez questão de manter, inventou um xaveco¹⁹⁹ pra ferrar malandro. Fez um paco de papel bem capeado. Duas notas de dez cobrindo um monte de papel velho. Amarrou tudo na cueca e foi pro ponto dos caminhões de pau de arara. Na primeira leva que desembarcou, o Zé Mané se entupiu no meio e fingiu que estava sem rumo. Pau e bola. Não tardou pra encostar um pilantroso com conversa fiada. Bem desbaratinando, o Zé Mané deu corda pro vagau e de repente meteu ficha:

– O que eu queria do senhor era saber onde tem banco de confiança pra eu guardar meus trocados.

Escutando isso, o pilantroso se iluminou. Afobado como ele só, quis logo ganhar todo o dinheiro do Zé Mané. E foi propondo:

– Deixa pra mim. Eu sei onde tem um bom banco. Se o senhor tiver cansado, eu mesmo vou lá e deposito. Depois levo o recibo no hotel pro senhor.

Se fazendo de besta, o Zé Mané meteu a mão na cueca e puxou o paco fajuto. O pilantroso nunca podia imaginar que aquele matuto estivesse de enganação. Deu todo crédito. Mesmo quando o Zé Mané esticou a isca e botou anzol:

– Espera. Eu mesmo tenho que ir. Lá eu guardo algum e tiro algum pra despesas.

Gentil como todo pilantra, o vagau entrou inteiro:

– Por que se incomodar? Eu adianto algum pro senhor e pronto.

199 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

Com expressão de loque, o Zé Mané concordou:

– Se o senhor puder me dar cem mil, tá bom.

O pilantroso pode. Entregou a grana pro Zé Mané e se espiantou pensando que abafou. No primeiro mictório de boteco que encontrou, entrou pra conferir o lucro. Quando viu que tinha entrado bem, ficou louco. Até quis morrer. Mas, bom cabrito não berra. E o pilantroso, pra não ficar esculachado, se trancou em copas. Já o Zé Mané retumbou de felicidade. E nunca mais quis outro trampo. Fica lá no ponto dos paus de arara se fingindo de morto pra ver quem aparece no seu enterro. E sempre aparece gente de monte. Aí, ele fatura. Sem remorso. Se sente um vingador. Porque só banha papagaio enfeitado. Os loques²⁰⁰, o Zé Mané dispensa.

Quem procura, acha (Última Hora de SP – Edição de 21/8/1971. Página 16 Caderno 1)

O Simão era um crio[u]llo grande e forte que só com a figura já ganhava as paradas mais encardidas. Porém, ele não era boa briga. Só que, devido ao seu tamanho, o povão levou muito tempo pra descobrir. Ninguém era besta de atucanar o Simão. Quando, às vezes, nos mocós das encolhas escrotas, nos botecos escamosos, nas gafeiras cavernosas e nos cambaus, estourava uma quizomba, rapidinho o Simão botava as coisas no lugar só com o berro. Toda a gentalha respeitava e considerava o bruto. E com essas e outras, o Simão ia remando sua catraia e maré mansa.

Porém (e sempre tem um porém), um dia uma ideia de jerico brotou na cabeça do Simão. Ele acreditou em si mesmo e resolveu lutar boxe. Estava certo de que ia acabar campeão do mundo. Mas, abilolado de pai, mãe e vizinhança como era o Simão, dispensou academia e encasquetou que podia render mais treinando sozinho. Foi a zorra. Comprou dois pares de luva de boxe e toda tarde se instalava no campo da gloriosa Sociedade Esportiva, Cultural e Recreativa Mocidade Alegre, Unida e Independente da Barra do Catimbó e fazia suas presepadas. Até aí nada demais. Cada louco tem sua mania. Acontece porém que ninguém queria ser o esparro do crio[u]lão. E com isso, ele se atucanava. Ficava desesperado quando tinha que passar semanas e semanas fazendo sombra, pulando corda, dando soco em saco de areia. Sozinho. Sem ter mesmo ninguém pra espiar seus pulos. Aqui, ói. Aquela gente da Barra do Catimbó era toda escolada nos pererecos dessa vida. Ninguém esquecia o primeiro dia de treino do Simão, quando ele chamou um moleque pra fazer luva e depois de ciscar e dar a fuça pro pivete bater, se enfezou e deu uma biaba que botou o moleque [a] nocaute. Uma tremenda sujeira que só ficou barato porque o pai do moleque se acanhou de ir tirar satisfação com o Simão. Com essa presepada, quem tinha olho de ver viu que aquele boxe não ia dar camisa pra ninguém e deixaram o negrão falando sozinho. Todos se agarraram nas letras da Tabuada das Candongas, que são as dicas traçadas por mestre Zagaia, velho cabo de esquadra. Antes de ganhar cabelos brancos, as rugas, as cicatrizes e as divisas que lhe dão direito a pala até dos vagaus mais considerados que já pisaram nas quebradas do mundaréu, desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, até onde o pilantroso apalpa de mansinho, mestre Zagaia teve que encarar muitas batalhas. E foi no meio da luta que ele se acendeu e escancarou sem mistério, mas com muita mumunha, a Tabuada das Candongas, pra ser o leme de muita gente que fica marcando bobeira no roçado do bom Deus. Nessa tabuada, nem sempre dois e dois são quatro, isso porque mestre Zagaia soma, lê e escreve

200 Termo atualizado; no original de jornal consta “lonques”.

por linhas tortas. Mas, se ele fala, está falado. E o povão da Barra do Catimbó dá crédito ao mestre Zagaia. Quando o Simão derrubou o pivete, todos se fecharam em copas, mas na moita se calçaram na Tabuada. Lá estava bem claro e selado:

– Nada como um dia atrás do outro.

E se o Zagaia disse, é que é. E esperando um castigo pro Simão, o povão se botou ao largo, certo de que uma hora qualquer o Simão ia se machucar sozinho.

Mas, que nada. Não tinha jeito. O Simão continuava pererecando à vontade. Já corria na boca pequena que a Tabuada era fajuta e que o Zagaia era enganador e tal e coisa, quando se deu o esquinapo.

Na Barra do Catimbó acontecem coisas de entortar qualquer patuá. Por isso que esse pedaço maldito, juntamente com Dallas City e São João do Meriti, é considerado o campeão mundial dos bochichos. E nesse lance se deu o esquisito. Um belo dia um criou[l]inho franzino, estranho no bairro, ia passando à toa pelo campo da gloriosa S. E. C. R. M. A. U. I. B. C., quando viu o Simão treinando e parou assim como quem não quer nada, pra manjar a presepada.

Doido como andava pra arrumar um esparro, o Simão não vacilou em caituitar o criou[l]inho:

– Vem brincar, meu chapa.

Acanhado, o criou[l]inho saiu fora:

– Não quero, não.

Mas, o deschavo não grudou. O Simão imprensou pra valer. Não queria perder a chance de trocar luvas com alguém.

– Que é isso, criou[l]o? Tá com medo? É a vergonha da raça. Parece bicha. Entra aí e deixa de frescura, criou[l]o. Não vou te machucar.

Apesar das ofensas, o criou[l]inho maneirou:

– Desculpe, mas não posso lutar.

Essa fala na orelha do Simão cheirou banca. Ouriçado, ele não aliviou. Foi logo selando:

– Bom, vai lutar queira ou não queira.

E sem quás-quás-quás, enfiou as luvas no criou[l]inho, que não resistiu. Nessa altura dos acontecimentos, o povão se chegou. Se sentiram seguros e livres do Simão, já que o criou[l]inho ia ser o esparro. No íntimo, todos torciam pro estranho, mas ninguém levava fé que ele, com aquele tamanhinho, pudesse fazer façanha diante do Simão. Esse não queria nem saber. Estava retumbando de alegria. Tinha encontrado adversário e, atraído pelo público, pensava fazer grande exibição. Por isso, quis por o parceiro à vontade e deu-lhe um sossego:

– Não precisa ter medo, criou[l]o. Não vou te machucar. É só brincadeira.

O criou[l]inho sorriu amarelo e aguardou o que desse e viesse. O Simão saltitou quanto quis antes de se aproximar do adversário. Aí, quando menos esperava, tomou uma fubecada embaixo do queixo e ficou zozzo. Sem se afobar, o criou[l]inho assistiu ao resultado do murro que deu. O Simão revirou os olhos, dobrou nos joelhos e desabou. A torcida urrou de contente. Sem se importar com a zoeira, o criou[l]inho tirou as luvas, jogou-as em cima do Simão estarrado e tranquilamente se justificou:

– Eu disse pra ele que não podia lutar. Eu sou o Tobis, campeão brasileiro de boxe.

E calmamente seguiu seu caminho.

Dentro da noite (Última Hora de SP – Edição de 23/8/1971. Página 16 Caderno 1)

Não foi mole pra família do Tonho fazê-lo estudar. Com a vida custando os olhos da cara como anda, meter uma cultura na cuca é uma batalha. Mas o Tonho, apensar dos pesares, estudou até o fim do ginásio. Daí pra frente, não deu mais pedal. O pai empacotou de repente, vítima de um enfarte, e o Tonho teve que assumir o leme da catraia que furou. Na verdade, não segurou o rabo do foguete como manda o figurino. Apenas perdeu a estia e teve que se cuidar por si. Deixou a mãe se escorando na pensão de viúva, que era uma grana mixuruca, e foi se virar.

De saída, se tocou que na cidadezinha onde morava não havia nenhuma boca boa desocupada. E por essas e outras, o Tonho pegou a escova de dente, se meteu no terno de missa e se picou pra São Paulo, a fim de se aplumar. Engano puro. Na capital, o pega pra capar estava de entortar qualquer patuá. Ninguém dava colher de chá pra ninguém. O lance era escamoso. Cada um por si e Deus pra todos. E, ao sentir isso, o Tonho tremeu nas bases. Mais bambo ainda ficou quando descobriu que curso ginásial não dá divisa. Abriu um pouco os olhos de ver e viu que tinha doutor de monte catando lata, se agarrando em fio desencapado e matando cachorro a grito. Diante disso, o Tonho se acanhou. Sabe como é. Garotão criado na barra da saia da mãe, quando se vê sozinho no meio de uma rebordosa, pena paca. Come capim amargo pela raiz. E pro Tonho não deu outra coisa.

Se achando uma tremenda competência, o rapaz não queria encarar qualquer batente. Na sua lógica de embananado, o pinta considerava que, se fosse pra pegar as cobras em São Paulo, era melhor ter ficado no seu pedaço. E por essas e outras, ia dispensando os trampos sem futuro. E na ilusão de encontrar alguma coisa de gabarito, foi deixando o tempo passar.

Para aguentar o repuxo, arranjou uma beira numa pensão. Quarto pra dois. Uma zorra. Pro Tonho, que não estava acostumando. Porém se consolava com a esperança de brevemente acertar o pé. E foi justamente pelo pé que o cupim começou a roer o desgraçado.

De tanto andar pra baixo e pra cima procurando a sua grande chance, o seu sapato se gastou. Daí, o Tonho perdeu o rumo. Se sentia mal dentro da roupa, só por ter que andar de pisante furado. Grana pra comprar outro sapato não tinha. E, por incrível que possa parecer, com o sapato furado o Tonho perdeu a coragem. Parecia que o rombo era na alma. Ficou jururu, irritado, zoeira e os cambaus. Começou a marcar bobeira dentro do quarto onde morava. E trancado, só podia se entortar mais. Que as coisas são bem como o Zagaia, velho cabo de esquadra, escancarou sem mistério na Tabuada das Candongas:

– Cobra que não anda não engole sapo.

E se o Zagaia falou, tá falado. Plantado o mocó, o Tonho criou mofo na cachola. A zorra encarnou nele. Quando saía na rua, ia todo encabulado. Parecia pro Tonho que uma enorme multidão parava o que estava fazendo pra ficar espiando o seu sapato esbagaçado. Como se aquela gente toda não tivesse mais o que fazer na desgraçada da existência, se não não xeretar no sapato dos outros.

Mas, abilolado engole os maiores absurdos como verdade absoluta. E pro Tonho não foi diferente. Mil ideias de jerico tomaram conta dele. Desesperado, se batendo contra as paredes das suas frustrações, o Tonho perdeu totalmente o embalo. Foi nessa altura do campeonato que, pra desabafar, puxou papo com o seu parceiro de quarto:

– Tou mal dentro de mim, companheiro.

O Paco, que era o parceiro na pensão do triste Tonho, não estava nem aí. Cria maldita dos puleiros das piranhas, aprendeu que não adiantava chorar as pitangas. Acostumado a ser só pra si, de saída avacalhou a guerra:

– Quero que se dane.
Diante dessa dura, o Tonho se revoltou e ouriçou:
– Logo vi que tu era uma besta incapaz de compreender os outros.
Sem afobação, o Paco deu o troco:
– Besta é tua mãe. A desgraçada que botou no mundo um otário do teu naipe é que é uma besta.
Cutucado na ferida o Tonho despejou suas mágoas:
– Me respeita, miserável. Me respeita. E dobra essa língua quando falar da minha mãe. Não sou nenhum otário. Eu estudei. Vou ser alguém na vida. Entende? Eu estudei. Não sou um jogado fora como tu. Estou nessa situação porque dei azar. Meu sapato se esbagoçou e eu não posso naturalmente arrumar um emprego decente com esse lixo no pé. Se não fosse isso, eu já estava colocado. Meu sapato é que me atrapalha.
Em vez de se doer com as ofensas do Tonho, ou se comover com sua a[ff]lição. O Paco achou muito engraçado o desabafo do parceiro. Riu paca. Bronqueado com o gargalheiro do Paco, o Tonho estrilou:
– Qual é a graça, idiota?
E aí, o Paco calmamente mostrou seu sapato, que era novo e bonito. Não foi preciso mais nada. O Tonho se entupiu. Ficou com as botucas grudadas no pé do parceiro como se estivesse hipnotizado. Se encolheu. Se sentiu menor. A última das criaturas. Vivo como era, riu²⁰¹ ali presente, se botou a cartear:
– Meu sapato é novo e bonito. Também, não sou nenhum trouxa. Eu sei cuidar de mim. Quando estou precisando de alguma coisa, vou buscar na marra. Por isso mereço ter sapato legal. Agora, os paspalhões que andam por aí choramingando como umas bichonas, têm mesmo que acabar descalços e falando sozinho. Eu sou mais eu. Comigo não tem por onde.
A charla do Paco era puro bafo de boca. Se tinha alguém que desde que nasceu se deu mal era ele. Enjeitado pela mãe, largado às traças, criado aos trancos e barrancos, sempre comeu da banda podre. Nunca, em lugar nenhum, abafou. Não foi em tempo algum uma figura marcante. Não era forte, não era bonito, não era sabido nem nada. Ali, diante do Tonho arrasado, o Paco com seu sapato novo se sentia um bacanão. E era a sua prosa que mais esmagava o parceiro.
Humilhado, o Tonho precisou vencer muitas batalhas pra poder pedir um[a] dica pro Paco:
– Como é que você conseguiu esse sapato?
Papagaio enfeitado nunca regateia. Com a maior panca, o Paco deu a pala:
– Já te falei, otário. Mas, não custa te dizer de novo quem sou eu. Sou o Paco. Quando estou a perigo perpétuo, me cubro de razão e vou buscar o que preciso na mão grande, manja? Sopa. Meto as armas nos pilantras e tomo os picos deles. Comigo é assim. Não tem bom.
Uma luz se acendeu na cachola do Tonho. De repente, aquele rapaz divisou uma saída. Pensou sério no assunto. Concluiu que aquele não era um caminho, mas que podia ser um atalho. Encasquetou. De imediato não fez nada. Mas, estava com a semente que o Paco plantou.

Papagaio enfeitado sempre se dá mal (Última Hora de SP – Edição de 24/8/1971. Página 16 Caderno 1)

201 Termo atualizado; no original de jornal consta “rio”.

Papagaio enfeitado é de entortar patuá. E como tem esse bicho! Eles são sempre embandeirados. Se pintam de malandro, fazem mil presepadas, esticam qualquer quás-quás-quás, carteiam marra e tal e coisa, ameaçam fazer e acontecer, mas na hora do “vamos ver”, essa raça maldita se apavora, mete o galho dentro e engole tudo enrolado.

O dia do papagaio enfeitado é sexta-feira. Não tem por onde segurar os brutos. Eles se assanham. Não ter que pegar batente no sábado é a glória dos loques que se viraram a semana inteira. E aí se soltam. Infestam a noite de escrotidão. Farejam os puleiros das piranhas, os cabarés escamosos, os botecos cavernosos, os jogos de engrupir trouxa e tudo mais. Se alvoroçam atrás da boemia, que por mais esforço que façam nunca se escancara pra eles. Que esse negócio é broca. Está escrito e selado na Tabuada das Candongas do mestre Zagaia, velho cabo de esquadra que navegou em muita água barrenta, antes de conseguir os cabelos brancos, as rugas, as cicatrizes e as divisas que lhe dão direito a pala até dos vagaus mais considerados das quebradas do mundaréu. Mestre Zagaia, que tem olhos de ver e por isso mesmo viu muito esquinapo, traçou a Tabuada das Candongas, sem mistério, porém com muita mumunha, para ser guia pra nego que anda se atucanando no roçado do Bom Deus, sem rota e sem fé. Mas, tem gente que não bota nada na balança. Vão em todas de gaiato. Nesse assunto de noite, o Zagaia deu tremendo alô:

– De noite, todos os gatos são pardos.

E se o Zagaia falou, tá falado. Mas, pra otário de sexta-feira, não gruda nenhum recado. Eles saem na captura de uma aventura com aflição de cego em meio de tiroteio. E aí, entram bem. Só podem entrar. Afobado come cru, ou queima a boca.

No lance do Vicentino e do Roberto não apontamento [sic] pras vinte e duas. Otário é que bebiam muito menos que a mina, já tremendos bacanas. Resolveram então partir pra gandaia. E foi pau e bola. Marcaram um apontamento pras vinte e duas horas. Otário é vidrado em dez horas da noite. Eles acham que a noite começa nesse horário. Mas, deixa pra lá. O que conta aqui é que eles foram em suas casas, meteram a melhor beca que tinham, avisaram suas mães que estavam pro que desse e viesse e que não queriam bronca, já que no sábado não tinham que levantar cedo. E voltaram pro pedaço do encontro. Daí, partiram pra batalha. Estavam a fim de mulher.

Pistoleira sempre está de plantão. Chova ou faça sol. Porém, tem dia que o horóscopo do otário está cabuloso e ele não cruza com mulher de jeito nenhum. Na sexta-feira em que o Vicentino e o Roberto saíram na paquera, a gronga encarnou neles. Reviraram as bocas esquisitas e neca de achar uma piranha pra salvar a pátria. Pra não desaminarem e pra ganharem coragem, foram enchendo a caveira de cachaça em tudo que era boteco em que passavam. Não tardou pra tremerem nas bases. Ficaram bebuns e folgados. E foi todo à vontade que os dois otários resolveram meter a fuça numa boite. Xeretando nos cantões, os dois loques de repente viram uma dona sozinha numa mesa. Não pediram licença. Nem perguntaram se a mina estava sozinha ou acompanhada. Se instalaram e puxaram papo. Por sorte, não teve chibu. A mina não regateou. Deu a maior trela desse mundo e ficou curtindo os dois abilolados, que faziam de tudo pra ganharem a preferência da mina. Um queria chuveirar o outro. Jogo sujo estava ali. O Roberto e o Vicentino queriam mostrar suas embaixadas e só conseguiam dar trombada um no outro. Se avacalhavam. Discutiam. Chaleiravam a mina. E ela só ia adiantando seu lado. Dizia que queria beber e bimba. Os dois loucos não vacilavam. Mandavam vir

as biritas envenenadas e fajutadas do inferninho. A mina devia ganhar por consumação naquela casa. E a bebida só podia ser chá disfarçado de uísque. Se não, a mina teria desabado de tanto beber por conta dos dois otários. Eles que bebiam muito menos que a mina, já estavam no fim da picada e ela continuava firme, escutando as besteiras que os dois diziam, sem se tocar. E foi nessa toada até de madrugada.

já [sic] baratinados, o Roberto e o Vicentino combinaram de dar uma decisão pro caso. Se achando dois tremendos sabidos, apostaram no palitinho pra ver quem ficava com a mina. E não aliviaram. Partiram pra melhor das três sem nenhum luxo. A mina, nessa altura do campeonato, vendo que o caldo ia engrossar, de fininho tirou o time de campo. Enganou que ia beber água e caiu fora sem fazer cerimônia com os otários. E eles nem notaram. Ficaram plantados na maior bobeira.

- Dois.
- Lona.
- Abre.
- Tenho três.
- Ninguém ganhou.

Usando esses truques chué[sic], a partida ficou comprida paca. Os garçons, invocados com aquela zoeira, assim como quem não quer nada, foram rodeando a mesa. Tirando copo, limpando cinzeiro e apresentando a conta. Mas, os otários não se mancavam. Continuavam no palitinho:

- Minha vez de chamar.
- Tu chamou agora.
- Deixa de onda. Quero três.
- Eu quero quatro.
- Abre.
- Três tem aqui.
- E eu dois.
- Tá duro.

Duro estava pros garçons que, cansados da palhaçada, com educação apertaram os dois loques:

- Vai fechar, parceiros.

O Vicentino e o Roberto estranhavam. Um olhou pro outro com expressão de asno. O Vicentino, meio azedo, deu uma dica:

- Tamos esperando nossa mina que foi no mi[c]tório.

Com paciência, o garçom explicou que não tinha ninguém no reservado. Os dois otários bêbados duvidaram. Tiveram que ir ver para crer. E viram que realmente a mina não estava lá. Havia se espiantado. Lesados e esculachados, se encrespam. O Roberto anunciou:

– Fomos passados pra trás. Mas, não tem nada, não. Não vamos pagar a conta.

Não prestou. Paga, não paga. O ambiente fedeu. O pau comeu pra valer. Dez garção [sic], porteiro, barmen, contra dois otários bêbados, é covardia. E não teve por onde escapar pros papagaios enfeitados. Entraram na biaba. E o dono da boate ainda chamou a cana e entregou os dois otários. Cana leve. Mas, foi cana. Cana pra ensinar papagaio enfeitado.

Os olhos da falecida (Última Hora de SP – Edição de 25/8/1971. Página 16 Caderno 1)

Mestre Zagaia, velho cabo de esquadra, teve que navegar por muitas águas barrentas antes de ganhar os cabelos brancos, as rugas, as cicatrizes e as divisas que lhe dão direito a pala até dos mais considerados vagaus que andam flinando pelas quebradas do mundaréu, desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, até onde o pilantroso apalpa o terreno de mansinho. Foi no meio de batalhas tinosas que o mestre Zagaia abriu os olhos e viu, pálido de espanto, mil e um pererecos. Coisas feias de assombrar qualquer nego piaram na tela do mestre Zagaia. E ele, escolado paca, foi decifrando os mistérios todos e escancarando tudo na sua Tabuada das Cangondas, que é um guia a seguro pro povão sem rota, que se atucana e marca bobeira nos caminhos esquisitos do roçado do bom Deus. Mas, mesmo com a ajuda da Tabuada das Candongas, onde as dicas valem por patuás de grande força, às vezes a gente dá de fuça com fatos que não dão pra entender.

O caso da Mariana é bem desse naipe. Ela era a princesa da Barra do Catimbó. A flor do bairro. Por ela todos os marmanjos arrastavam um vagão de cascalho. Mas dela nenhuma mulher tinha medo. Porque a Mariana era doce e serena. Toda cheia de ternura e pureza. Um encanto de moça. Tudo nela era proporcional e equilibrado. E não dava pra despeitado botar defeito. O que é uma glória. Principalmente em se tratando de alguém que mora na Barra do Catimbó, lugarzinho maldito que é, juntamente com Dallas City e São João do Meriti, o lugarzinho desse planeta onde se dão os maiores bochichos. Mas, deixa isso pra lá. O que pesa na balança é que a Mariana, apesar de bela e querida, tinha o seu trágico destino traçado.

Isso não é xaveco²⁰². Mãe Begum de Obá, senhora de valor provado nos encantos da macumba, chegada aos orixás de muito poder, experimentada nos assuntos da hora grande, de ótima mão no jogo dos búzios e de vistas claras na leitura das sementes, cantou a bola sobre o futuro da Mariana. E pimba! Acertou na mosca. Parece até que sua falação sobre a Mariana foi praga. Zorra jogada pra secar a pimenteira da moça. Tudo o que Mãe de Obá previu deu tim-tim por tim-tim. Mas, não sou eu que vou fundir minha cuca tentando decifrar os esquinapos que já abilolaram muitos sábios. Eu sou apenas um contador de estórias e vendo o peixe como pesquei. Por mais que me esforce, meu puçá não vai além da superfície. Se Mãe Begum de Obá carregou na quizila pra fazer média e impressionar a freguesia, ou se viu a sorte da Mariana, não é problema pra mim.

O que sei é que um belo dia a Mariana acordou jururu, sem saber por que. Uma enorme tristeza lhe pesou na alma. Invocada com a gronga, a moça se abriu com uma amiga que, sem vacilar, botou minhoca na cabeça da Mariana.

– Isso deve ser mau-olhado. Tu é bonita demais e tudo quanto é nego mete olho gordo em cima de ti. Vai ver que um desses desgraçados tinha carruira com ele e te balançou.

Ideia de jerico onde bate gruda. Cutucada pela amiga, a Mariana se preocupou. E, apavorada, quis saber:

– E agora?

Sem regatear, a amiga enfeitou a Mãe Begum de Obá:

– A mulher é do cacete. Ninguém dá nada por ela. Mas, a danada vê tudo, e tá sempre de plantão pra ajudar a quem precisa. Vamos lá.

E foram. Mãe Begum de Obá realmente impressionou a Mariana de saída. Sem perguntar nada, jogou os búzios e cantou com convicção tudo o que a Mariana sentia. Bateu e valeu. A Mariana confirmou e a mandingueira foi em frente. Leu de

202 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

novo as sementes e não gostou do que leu. Rezou pros seus protetores e depois pediu licença pra Mariana:

– Minha filha, bateu sujeira. Tu tá no papo da aranha. Vou ter que trabalhar em tudo que é corrente. Mas, mesmo assim não sei se vai adiantar. Teu babado não é daqui desse mundo.

Curiosa, a Mariana quis conhecer detalhes do crepe. Mãe Begum de Obá se fechou em copas. Fez tudo pra não contar. Porém, de tanto a Mariana insistir, ela não resistiu e abriu o bico:

– Um Exu se vidrou nos seus olhos e quer eles. E diz que vai levar.

Tem gente que não sabe o que é exu. Vão logo pensando que é o diabo e os cambaus. Mas, não é nada disso. Exu é apenas um mensageiro que, por boa paga, pode trabalhar pro bem ou pro mal. Esse que gamou nos olhos da Mariana não estava a serviço de ninguém, segundo a Mãe Begum de Obá. Queria os olhos da Mariana pra si mesmo. E aí é broca. A mandigueira se virou, mas a demanda endureceu. O exu era teimoso e não queria acordo. Mãe Begum fez mil despachos e o bruto não aceitou. Não pegou nada que a mandigueira deixou nas encruzadas. Bode preto, marafa, dinheiro, vela, fitas, fumo, ouro e prata foram oferecidos em troca do sossego da Mariana. Mas, o Exu não topou.

E enquanto Mãe Begum de Obá negociava com o exu e firmava seu ponto pra receber ajuda dos seus protetores, a Mariana penava. Principiou definhando. Depois, passou a ter ataques violentos em qualquer lugar. E com essa zorra encarnada, perdeu o brilho e a graça e virou bagulho. Até a moleira começou a ratear. Não dava mais importância a nada. Se avacalhou. Não se arrumava mais. E foi pegando bronca da Mãe Begum de Obá. Achando que a velha era fajuta. E nessa se entortou. Prejudicou o trabalho. E ficou sem cobertura. Nessa altura do campeonato, a Mariana já era uma batusquela total. Pra sair de casa, precisava de escolta de parentes e outros cuidados. Onde ia, aprontava. Não podia ir sozinha. Mas, um dia escapuliu da vigilância da família e se mandou pela rua como barata no calor. Zonza. E num cruzamento, teve seu ataque. Não respeitou o sinal e levou um trompaço de um caminhão. Já desabou estarrada. Foi pro bebeléu.

Claro que nessas horas tem uma tremenda burocracia. Primeiro cobrem o defunto com jornal. Depois, vem a ambulância, polícia e rabeção. Levam o corpo pra exames e tal e coisa. E por fim entregam pra família velar. Com a pobre Mariana não deu outra coisa. E tudo andou sem chibu. Onde entrou areia foi no velório.

A amiga que havia apresentado a Mariana pra Mãe Begum de Obá estava por dento da treta e não resistiu, de xereta que era. Chegou junto ao caixão, assim como quem não quer nada, e levantou as pálpebras da Mariana. E aí se machucou. Em vez dos olhos, a Mariana tinha chumaços de algodão. Naturalmente, a amiga botou a boca no trombone. Toda a parentada da falecida se ouriçou. A bronca foi grande. Acharam que o cadáver fora violado e saíram na captura do culpado. Apresentaram queixa no Distrito de Polícia e teve início a investigação.

Os funcionários que recolheram o cadáver na rua garantem que ela estava com os olhos. O legista que procedeu à necropsia afirma que recebeu o corpo sem os olhos. E no meio desse quás-quás-quás, Mãe Begum de Obá sela e dá fé que o exu roubou os olhos da moça. Claro que o caso vai ficar por isso mesmo. Esses olhos não estão com jeito de aparecer nunca. Agora, que tem linguíça embaixo do angu, isso tem.

O Ratão (Última Hora de SP – Edição de 26/8/1971. Página 16 Caderno 1)

Mestre Zagaia, velho cabo de esquadra que escancarou a Tabuada das Candongas, sem mistério mas com muita mumunha, falou:

– Em água que tem perau [sic], caiçara apalpa de mansinho.

E se o mestre Zagaia falou, é porque é. O lance do Ratão está aí mesmo pra não deixar ninguém duvidar. Ele que não botava fé em quizila e por isso cruzava à vontade pelos caminhos esquisitos do roçado do bom Deus, um dia pegou uma invertida pra aprender a tomar jeito. Se entortou. Fundiu a cuca e ficou um tempão sem rumo, falando sozinho e se atucanando nas quebradas do mundaréu. Até que um mandingueiro se doeu por ele e trabalhou forte na hora grande pra aplumar o bruto.

O Ratão se entralhou na escrotidão total. Mas, não sou eu que vou julgar o perereco. Longe de mim essa pretensão. Nem vou tentar vasculhar o fundo do poço pra saber da verdade. Aqui, ói, que eu vou me embrenhar por picadas que já estupraram cacholas muito melhores que a minha. Nunca. Meu destino é vender o peixe como pesco. E, por mais que eu me esforce, meu puçá não vai além da superfície. Assim sendo, vou mandar pra frente a treta do Ratão do jeito que escutei ele contar.

Ele me confessou, e eu acreditei, que ele, Ratão, nunca fora um gaturama por vontade. Só mesmo quando estava muito na pior, comendo capim amargo pela raiz, é que se embandeirava, pegava a draga e metia a mão grande em cima de algum otário, tomava-lhe os picos e os badulaques. Coisas da vida, minha nega. Qualquer um, no aperto, pode virar bicho. Mas, deixa isso pra lá. O que pesa na balança é que o Ratão, que não era nenhum santo, preferia aguentar o repuxo com dinheiro ganho no trampo honesto. No relógio do peito do bruto, dava esquinapo toda vez que ele afanava um loque. Encabulava em fazer desgraça. Considerava que, se estava penando na rampa, o desgraçado que ele estarrava também podia estar. Esses negócios de consciência atrapalham mesmo. E o Ratão embarcava todo no remorso.

Porém, e sempre tem um porém, certa vez em que o Ratão estava flanando à toa lá onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, engrenou um quás-quás-quás com uma curriola e conheceu um tal de Zé Coveiro, homem de escutar muito e chiar pouco, que se plantou de antenas no papo, assim como quem não quer nada, mas que percebeu tudo. Quando deu uma vasa, o Ratão recebeu um alô do Zé Coveiro:

– Tenho um troço pra ti.

E, sem roteiro, soltou tudo na bucha do Ratão:

– Tu tem dó de afanar gente viva, mas gente morta é sopa. Além de não dar chibu. Pra que defunto vai querer bugigangas! Defunto é carniça de aranha vermelha e olhe lá. Vem nessa que loguinho tu amarra o burro na sombra.

Claro que, recebendo um convite desse, o Ratão tremeu nas bases. Tinha consigo mil ideias de jerico sobre defunto. Só que o Zé Coveiro sabia jogar o picaré.

– Tem defunto que vai pra cova como um paxá. Leva broche de ouro, relógio, anel de brilhante, dentadura, sapato de couro fino e os cambaus. Pra mim que tou no ofício de tampar os buracos, não dá pra meter a mão. Agora, se encontro um parceiro ponta firme, tou feito. Roubar defunto é mais fácil que tirar bala de criança. E mais: cadáver não cagueta ninguém pra polícia. Por aí tu já viu que não tem sujeira.

Com a ganância pega, o Ratão acabou topando o plano do Zé Coveiro, que era bem bolado. Durante os enterros, o Zé manjava os defuntos que estavam

premiados, xavecava²⁰³ na cova ou na gaveta, fajutando o tampão, e esquecia uma picareta no pedaço. Depois, entregava o local do serviço pro Ratão e de noite ele ia lá buscar o ouro. Na manhã seguinte, o Zé arrematava a cova pra não dar na vista. Só muitos anos depois é que iria ser aberta outra vez a cova do defunto afanado.

E aí, se a família do morto se tocasse que houve afano, podia estrilar, não ia dar nada. E se assim foi combinado, assim foi feito.

Naturalmente, o Ratão nas primeiras vezes que foi no meio da noite buscar a escora pra sua vida, foi bambea[n]do e se agarrando em tudo que era patuá e reza pra espantar fantasma. Mas, como deu sempre certo, ele rapidamente se acostumou, criou gosto e ficou folgado. Entrava no cemitério sem nenhuma afobação e em qualquer horário. Não respeitava a virada do dia, nem coisa nenhuma. A boa hora era ele que fazia. Às vezes, estourava até três campas numa noite só. Atacava os defuntos escalados pelo Zé Coveiro e outros por conta própria. E foi enricando com esse batente tihoso.

Já nem precisava se virar toda noite, de tão bom que era o pesqueiro. Uma vez por semana era o suficiente. Mas, o Ratão não aliviava. Se chegava ao malho sem falta. Até que se entrutou. Foi num dia em que teve um tremendo enterro de bacana. O Zé Coveiro olhou de esquelha o defunto e ficou de olho gordo. O morto estava carregadinho de bugiganga. Tava na cara que aquele defunto acreditava que ia ter que pagar entrada e fazer figura na porta do céu. E mal o Zé Coveiro tampou a campa, foi assoprar na orelha do Ratão a ficha quente:

– Parceiro, é ouro só o recém-chegado.

Tranquilo, o Ratão tirou de letra:

– Então é comigo mesmo. Pode deixar que hoje eu depeno ele.

E não teve mais escama. O Ratão tomou as biritas pra dar embalo e foi pro trambique. Já estava dentro do cemitério quando de repente o tempo mudou. A lua e as estrelas sumiram e um vento de assobiar entrou na fita. Não demorou pra cair um toró. Abrir cova com chuva o Ratão não gostava. Mas, já que estava molhado, foi em frente. Meteu a picareta na campa e levou um susto. Teve a nítida impressão de escutar um gemido. Parou de estalo. Campaneou à sua volta e só o vento e a chuva faziam zoeira. Já cismado, porém querendo desbaratinar aquela cabreiragem, o Ratão meteu outra vez mais forte e angustiado. Se não fossem as cangibrinas que o Ratão tomou antes de entrar, provavelmente ele desabava de medo. Mas, com esse calço, o homem se aguentou. Parou o trabalho mais uma vez. Prestou bem atenção. Chegou mesmo a encostar o ouvido na cova pra tentar escutar alguma coisa. Mas, neca. Ouriçado consigo mesmo, o Ratão pegou a ferramenta e com fúria deu três pancadas vigorosas na cova. E dessa vez, escutou nitidamente o gemido aflito que vinha da terra. Embananado, o Ratão, sem saber por que, berrou no meio da tempestade:

– Quer ajuda? Quer ajuda?

Em resposta, veio mais um gemido desesperado. Aí, o Ratão se apavorou. Nem ele sabe como conseguiu dar pinote e pular de dentro do cemitério pra rua. O que ele sabe é que carregou junto com ele, por muito tempo, aquele gemido. Foi duro se livrar. Mas, acabou encontrando o mandingueiro que o salvou. Daí, recuperado, soube dos outros detalhes da história.

Ele fugiu e deixou a cova esburacada. Se o Zé Coveiro chegasse cedo, como sempre fazia, não teria problema. Por certo, o Zé arrumaria tudo pra ninguém perceber. Porém, na manhã seguinte, o Zé perdeu a hora. Coisa rara. E um seu colega piou na parada primeiro e deu com a cova remexida. Desconfiado, botou

203 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecava”.

boca no trombone. O administrador do cemitério, assim que soube, avisou a família do defunto ali enterrado. E na presença dos parentes do morto, abriu a cova pra conferir. Com assombro, puderam notar que o homem ali enterrado tinha feito grande esforço pra sair. Estava todo contorcido e com as mão encravadas na tampa do caixão.

A ganância dos otários (Última Hora de SP – Edição de 27/8/1971. Página 16 Caderno 1)

Mestre Zagaia, velho cabo de esquadra, comeu muito capim amargo pela raiz, antes de abrir os olhos de ver e ficar sabendo das coisas. Por ter penado pra aprender a se tocar nas mumunhas dessa vida, mestre Zagaia escancarou a Tabuada das Candongas para servir de guia firme pra muito nego que anda atucanado, falando sozinho e dando trompaços nos caminhos esquisitos do roçado do bom Deus. Na Tabuada das Candongas, mestre Zagaia deu a pala:

– Só quem tem muquinha pega é que entra em cascata.

E se mestre Zagaia falou, tá falado. Não tem por onde. E um lance que se deu com um funcionário da Caixa Econômica Federal vem bem a calhar pra provar que o papo do mestre Zagaia não tem erro. Na ganância de beliscar uma grana rápida e rasteira, muito loque foi chuveirado pelo José Silva, que há trinta e um anos se encostava na contadoria da Caixa Econômica e faturava um dinheirinho a mais com um macete fácil. E sem chibu. Que não precisava nem esforço por parte do pilantroso. O próprio trouxe se encarregava de se entregar. Mas, também, por sua vez, o José Silva foi picado pela ganância e acabou entregando o pesqueiro. Um pouco porque já estava na bica da caçapa pra se aposentar e um pouco porque deu trela pra conversa de dois pilantrosos escolados que adivinharam os trambiques do funcionário e resolveram ampliar, e o bruto se machucou. Se tivesse ficado no seu arroz com feijão, ia ter pedal até enjoar e era bem capaz de ganhar medalha no dia de pendurar as chuteiras. Agora, se deu mal e está em fria. Que se dane. Afobado come cru ou queima a boca. Mas, deixa isso pra lá. O que pesa na balança é que o José Silva se entralhou.

Ele, calçado pelo cargo que ocupava na Caixa Econômica, não precisava fazer força. Bastava se fingir de morto pra ver quem vinha no seu enterro. E vinha nego paca. Era um recreio. Os loques davam entrada na papelada a fim de conseguirem financiamento pra comprar casa ou automóvel e se alvoroçavam. Flagravam que a turma que remava a catraia era devagar quase parando e achavam que podiam dar um sopro pra fazer vento naquela calmaria. Aí, era pau e bola. Atracavam no José Silva e cutucavam:

– Sabe o que é? Tou com um troço bom na agulha e se demorar pra sair o empréstimo, vou perder. Será que o senhor não podia dar um jeitinho?

Sem dizer nada, o José Silva metia na fuça uma expressão de quem podia. Não dava outra coisa. O apressado entendia o jogo. Empurrava na encolha o dinheiro pro José Silva e ainda agradecia:

– Vou lhe ficar devendo favor. Se o senhor adiantar meu lado, eu lhe dou mais algum.

O funcionário, maneiro como ele só, desbaratinava:

– Que nada. Não precisa se incomodar. Vou ver seu caso e o que posso fazer pelo amigo.

Porém, na verdade, o José Silva não fazia cerimônia com otário. Se dava alguma treta e o freguês vinha chorar as pitangas, o José Silva tirava de letra. Sabia

que o loque, com a papelada presa, não ia ouriçar, por medo de uma xavecada²⁰⁴ que o deixasse na fila eternamente. E com essas e outras, o picareta ia ganhando o seu.

Porém (e sempre tem um porém), piou na parada uma dupla de vendedores de livros, que mantinham assunto com o José Silva e lhe meteram minhoca na cachola:

– Tu tá perdendo tempo, Zé. Esse teu babado pode render uma fortuna. É só tu fiar em nós. A gente arranja mil caras querendo fazer empréstimo e a fim de passar na frente de todos. Banhamos o pinta e tomamos o dinheiro dele. Tu só tem que fazer o agá.

Pro José Silva, que estava acomodado com seu come-quieto, aquilo balançou a estrutura. Mas, ele relutou:

– Pode dar galho.

Esperando por isso, os dois parceiros sem vacilar apresentaram a saída:

– Que nada. Tu guenta a grana do trouxa e conta com a sorte. Se sair logo o empréstimo, a gente diz que foi façanha tua. Se demorar e tiver estrilo, tu devolve o dinheiro do otário.

A ideia de jericó, semeada na cachola do José Silva, brotou e se alastrou e ele acabou topando. E, de fato, os dois pontas de lança apresentaram serviços paca. Choveu gente disposta a tudo pra se arreglar com o José Silva. E ele fez a sua parte²⁰⁵ com arte. Tudo como o combinado. Até que os três cupinchas fraquejaram no trato. Os dois vagaus encostaram o José Silva na parede e pediram vale. Deu bate-boca, quás-quás-quás e tudo mais, mas o funcionário acabou cedendo. Rachou o dinheiro antes da hora. Foi seu crepe. A maioria dos empréstimos atrasou e teve início a chiadeira:

– Como é que é?

– Vai ficar nisso?

– Um amigo meu entrou depois de mim e já recebeu empréstimo. E sem dar grana pra ninguém. Eu que dei, tou no toco.

– E o nosso acordo, seu José?

– Isso tá cheirando mal.

– Mas comigo não tem desse negócio. Vou dar um prazo. Se o meu não sair, boto a boca no trombone.

No papo da aranha, o José Silva maneirava:

– Precisa só um pouco mais de paciência. Vai sair. Foi lá em cima na mesa dos homens que breparam o processo. Tem algum gato na papelada.

E nas encolhas ia em cima dos parceiros:

– Temos que devolver o dinheiro dessa gente.

Duros, os pontas de lança tiraram a cara da reta:

– Pois é. Mas a gente tá a perigo. Gastamos aqueles e estamos sem nenhum pra devolver. Vê se tu se vira, Zé. Se não, é capaz da gente entrar em pua. E o pior é pra ti, que tem trinta e um anos de casa e é capaz de se estrear brincadeira.

Naturalmente que, diante da safadeza dos parceiros, o José Silva subiu nas paredes de costa. Berrou, ameaçou, chorou, implorou, mas não conseguiu tirar leite de pedra. Teve que segurar o rabo de foguete sozinho. E, antes do estouro, os dois vagaus se pinotearam. O José Silva ficou no virador. Tomou biaba, esculacho e os cambaus, dados pela freguesia furiosa, que queria o dinheiro de volta. Mas, o que foi pior é que foi denunciado e a cana ganhou ele. Logicamente, o José Silva,

204 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

205 Termo atualizado; no original de jornal consta “parta”.

desesperado, alcaguetou os dois vagaus. E com as dicas do funcionário, a polícia foi na captura dos pilantras. Mas, vai ser difícil pegá-los. Enquanto isso, o José Silva pasta tristemente.

A fundação da Barra do Catimbó – 1 capítulo (Última Hora de SP – Edição de 28/8/1971. Página 16 Caderno 1)

Nem sempre a Barra do Catimbó foi o lugarzinho escamoso que fica encravado nas quebradas do mundaréu, bem onde o vento encosta o lixo e os pragas botam os ovos, e que até hoje só conseguiu se destacar no noticiário dos jornais por ser, juntamente com Dallas City e São João do Meriti, o pedaço do planeta onde acontecem os maiores bochichos. Houve tempo em que as pessoas iam morar na Barra do Catimbó por gosto e não como agora, que só encosta lá quem está a perigo perpétuo. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar foi como tudo começou.

O crio[u]llo Catimbó, que foi quem fundou o bairro, andava mal com Deus. Comia capim amargo pela raiz, tinha toda a cana na sua captura e o capim roendo sua caixa de catarro. Assim sendo, resolveu que devia cair fora por uns tempos e esperar nas encolhas as broncas relaxarem pelo esquecimento em que caem os que somem. E se pensou, fez. O Catimbó não era de marcar bobeira matutando. Deu um alô para Nega Bina Calcanhar de Frigideira, que era uma das bocas mais encardidas, e sem dizer tchau pra ninguém meteu as fuças pelos caminhos esquisitos do roçado do bom Deus.

O Catimbó e a nega Bina vagaram sem rumo paca. Iam se batendo à toa, mastigando da banda podre, guentando o relento e tudo mais. Porém, um dia, chegaram num matão que abilolou o Catimbó. Ele espiou em volta e virou no que se viu. Um riacho correndo tranquilo nas bases de um morro cheio de goiabeiras, ameixeiras, pitangueiras, abacateiros, limoeiros de limão bravo e os cambaus. Além de muito pau pra construir uma boa maloca. Já outra margem do riacho, era um mangue fedorento. Mas, o Catimbó, que se engraçou com o lugar, não considerou as pestes que deviam ter ninho ali. Só viu beleza e, quando a nega Bina Calcanhar de Frigideira chiou, ele tirou de letra:

– Que nada, Bina. Esse mangue é de colher. Em dia de trovoadas, a gente vai ranger sopa de caranguejo, fácil. Pode crer. Quando São Pedro arrastar os móveis, os bichos vão ficar alvoroçados e aí é mole. Nós vai lá, cata eles e se trata.

Pra Bina, tudo era melhor que a viração na casa da Madame Violeta. Ela se invocava de ter que encarar qualquer freguês a troco de uns pixulés. Se trancou em copas e aceitou a decisão do Catimbó, de ficar ali pra sempre. E, sem nenhuma, foi uma força de valia na construção do barraco, que por sinal ficou firme, bonito e confortável. Bem bacana, pro gosto do Catimbó e da nega Bina Calcanhar de Frigideira. E quando os dois se sentiam bem instalados, o crio[u]llo não vacilou em agradar a mulher. Chamou-a pra junto de si e anunciou:

– Nega, chega pra cá. A gente tem que fazer um bacuri pra alegrar a vida.

Toda fêmea, a nega Bina recebeu seu homem retumbando de felicidade. E não deu outra coisa. Além da mulher ficar choca, foi a glória da antiga pistoleira. Ela, coitadinha, como toda mulher, sempre quis ter filho, embora não tivesse muita esperança de poder ter algum. Antes de ficar cheia daquele que seria pra valer, fez uns oito ou nove anjos, com a ajuda da dona Carmelita, uma parteira gringa que tinha pesqueiro nas berbas dos puleiros escrotos. E por essas e outras, a Bina ficou meio coió de contentona. Virou a cachola. Esqueceu seus mil anos de janela e

passou a agir como menina moça de colégio de freira. Toda cheia de dengo e vontades.

De sua parte, o Catimbó, que há muito estava de bago cheio das catimbas da curriola, se encontrou de novo ali, no contato com a natureza e na alegria da mulher grávida. Fez seu papel no jogo. Deu corda pra nega Bina. Com essas santas mumunhas, os dois passavam as noites à luz de lamparina, combinando o destino:

– Se for homem, como tu quer que chame, Catimbó?

– Sei lá, nega. O nome não tou ligando. Só quero que meu Ogum me faça tu me dar um pivete macho e tihoso como eu.

– Então, se vier homem, vai ser Jorginho, pro teu Santo te valer e ao nenê também.

– Legal. Até já vejo o Jorginho aprontando mil e umas nesse matagal.

– Mas dele eu cuido. Não vai ser bandido, como tu.

No esculacho da nega Bina não havia nenhuma maldade. Muito pelo contrário. Quando ela enchia a boca pra acusar a bandidagem do seu homem, a fazia com orgulho e respeito. Coisas que só quem tem gama de pedra pode compreender e dizer. E o Catimbó até gostava de ver a Bina dar esse bué. Ele sabia de si. E, ao escutar o quás-quás-quás, ficava sabendo que, mesmo sem ele contar, ela também sabia dele. Sabia que ele, catimbó, não era a coisa danada que manda ver pela raiva cega. E sim que ele, Catimbó, como tantos outros, era forçado a botar pra quebrar por ter sido encostado na parede muito cedo. Antes mesmo de se aplumar. Por ter recebido os arrochos, as pancadas e as quizilas que fazem o homem valente endoidar. Tudo isso era o entendimento do Catimbó e da Nega Bina Calcanhar de Frigideira. O entendimento sem pala. Nas entrelinhas. Na escarara [sic], tinha mais. Muito mais.

– Quem tu pensa pra ser o padrinho, Catimbó?

– Que qui [sic] tu acha, Bina? Quem é qui [sic] pode botar a mão na cabeça de filho meu?

– Mestre Zagaia?

– E tem melhor?

– De jeito nenhum.

– Pois então é trato feito. Quando chegar a vez, mando um recado pro mestre Zagaia e ele diz presente, que eu sei. Já a madrinha é contigo.

– Chamo dona Ciloca.

– Tu tá zoeira. Essa coroa é fofqueira de dar nojo.

– Mas é ela que eu quero. Só pra ela botar a boca no trombone e esparramar pro povão a minha sorte de ter um Jorginho de ti.

– Eta, nega Bina Calcanhar de Frigideira. Até já sei o que o mestre Zagaia vai te dizer num caso desse.

– O que?

– Tesouro a gente enfurna pra ninguém botar olho gordo.

– Ele pode saber das coisas. Mas, o que mestre Zagaia não sabe é que meu nenê vem estrelado, com a cabeça coroada, na proteção de Ogum, para reinar nesse pedaço que é teu. A tua barra, Catimbó.

A mulher cheia, ao boquejar todas as glórias da cria que esperava, estava ligada nos encantados. Toda fêmea, na gravidez, pelo menos por um momento, tem desse negócio. A nega Bina, que sofreu às pamparras e apesar de tudo conseguiu chegar onde chegou com pureza e amor, tinha mais luz, por graça de lansã, sua guia de fé. E carregava seu rei com todas as honras.

Porém[,] se o mestre Zagaia falou, tá falado.

Não tem bom. O velho cabo de esquadra teve que viver mil vidas antes de ganhar os cabelos brancos, as rugas e as cicatrizes, que são as divisas que lhe dão direito a pala até dos vagaus de maior embaixada. Foi no meio de batalhas cavernosas que o mestre Zagaia abriu os olhos de ver e viu os pererecos de assombrar até os negos de patuá com raízes na África e confirmação na Bahia. Por todo esquinapo que topou, mestre Zagaia, em homenagem ao seu Xangô de Ouro e de lei, rachou a Tabuada das Candongas, pra ser pedal do povão aflito, que se apavora diante dos mistérios e dos truques do dia a dia. E na Tabuada das Candongas, está lançada a dica:

- Tesouro a gente enfurna, pra ninguém botar olho gordo.
- E se o mestre Zagaia diz, pode apostar. É pau e bola.

A fundação da Barra do Catimbó – II capítulo (Última Hora de SP – Edição de 30/8/1971. Página 16 Caderno 1)

Desconhecendo a dica do mestre Zagaia, a Nega Bina Calcanhar de Frigideira e o Catimbó foram curtindo a gravidez da mulher. O puçá deles não ia além da superfície. Por essas e outras, só podia pescar o que vinha na [sic] tona. Porém[,] de qualquer forma, escoravam o repuxo com o embalo dos que têm amanhã pela frente. Lá nos ermos da beira do riacho, ao pé do morro e nas berbas do sangue, ia o casal aplainando as arestas pra garantir o bom destino da cria que estava no bucho da mãe.

Estava nos planos do Catimbó dar uma festa de marcar tempo no dia do batizado do pivete, que ia nascer. E[,] com essa bola na cuca, não vacilava em pegar no batente. Limpou a terra, aproveitou a Lua, plantou milho, mandioca e cará. Ganhou caranguejo no mangue, frutas no mato, ensacou tudo e trocou na feira por um porco cachaço. O bicho, que já veio gordo, continuou sendo engordado. Era pra ser o pasto da festa, e só pra ele o Catimbó plantou abóbora. E quando o nenê nasceu, o porco ficou com os dias contados.

O filho do Catimbó e da Nega Bina Calcanhar de Frigideira veio normal e fácil, na proteção de Ogum. Chegou de madrugada e berrando paca. O próprio Catimbó amarrou o umbigo do nenê. E[,] de tanta alegria, a Bina nem sofreu no parto. Tudo foi legal. O nenê, como já estava combinado pelos pais, recebeu o nome de Jorge do Catimbó, em homenagem ao Santo Guerreiro. E sem demora o pai baixou nas bocas encardidas pra convidar o povão lesado pro batizado. Avisou mestre Zagaia e dona Ciloca fofoqueira que eles iam ser os padrinhos e entregou pra madame Violeta um mapa explicando como se chegava na sua maloca. Muito mais por educação do que por gosto, o Catimbó se abriu na geral:

[–] Quem quiser chegar, será bem chegado. Afinal, não é todo dia que se batiza um filho. Vou mandar ver com um porcão assado em forno de barro.

Deixando esse recado com a dona do puleiro, o Catimbó deu um pulo no terreiro do Babalaô Bilu de Oxalá e fez o pedido:

– Saravá, meu pai. É gente nova que precisa fincar axé na terra. Tu pode ir lá no meu mocó pra rezar o meu pivete e da Nega Bina no domingo? Sabe como é, quero deixar desde já o pivete coberto contra as quizilas que fatalmente ele vai ter que topa nos caminhos encardidos do roçado do bom Deus.

Sem mumunnhas, nem esquivas, o mandingueiro aceitou e até ficou contente por ser lembrado. E jurou pela luz que o iluminava que ia sem falta. Ainda mais sabendo que mestre Zagaia era padrinho da gente nova. E, tranquilo por estar com todos os ponteiros acertados, o Catimbó retornou pra sua maloca. Depois de se

tocar que a Nega Bina e o Jorginho estavam na santa paz, o crio[u]llo meteu a mão na massa. Construiu um forno de barro. Meteu um terreiro de chão firme pro rala-bucho. Matou o porco. Derreteu as banhas. Fez torresmo. Temperou toda a carne. E esperou o domingo.

Logo cedinho, mal o Catimbó botou o porco pra assar, piou gente na parada. Os primeiros a darem as fuças na festa foram o Babalaô Bilu e Oxalá e seu povo. Vieram embandeirados. Trouxeram os três atabaques e, mal chegaram, viram a criança e por ordem do Pai de Santo, tocaram em AlaKeto, nação do recém-nascido, segundo o Babalaô. As filhas de santo fizeram despacho pra Exu com todo o capricho. Largaram tudo na mata. Depois, por ordem ainda do Badalaô, os ogãs e cambonos fincaram um pé de pau forte no meio do terreiro e hastearam uma bandeira branca. Aí, nessa altura, fazendo uma grande zoeira, chegou a curriola do puleiro da madame Violeta. Veio gente pra chuchu²⁰⁶. Todas as piranhas com seus cafeolos, mais as duas bichas da casa. A madame deu mil presentes pro nenê e pra nega Bina. Foi uma presepada a chegada do bordel. E logo atrás, atracou mestre Zagaia. Com ele, veio um samba da pesada. Canhotinho, Boca Murcha e seu Miranda no violão, Nonô Picego no cavaquinho, Mão de Gato no réco-réco, Nego Bio na cuíca, e mais Caculé, Chupim, Tainha e Cheiro de Vaca, de tamborins. Essa turma, mal encostou, já disse. O Caculá puxou o partido alto, saudando o dono da casa.

O seu Catimbó
O seu Catimbó
Salve sua casa
Salve sua casa
Hoje e sempre
Oxalá guarde esse dia

O coro respondeu e a moçada ferveu. Madalena das Ancas Moles escolada em muitos rala-buchos dos puleiros escrotos, saiu na roda dizendo no pé. A poeira rolou e apareceu cachaça na fartura. O enxame se formou. Boca Murcha, com sua voz pastosa, anunciava em dó de peito:

E tumba, moleque, é tumba
E tumba pra derrubar
Tiririca, ponta de faca
Capoeira quer te pegar

E sem cerimônia, jogou a perna e derrubou um nego que estava muito assanhado. Quase que o caldo engrossa. Foi esse o primeiro bochicho que teve no pedaço do Catimbó. Mas, foi logo abafado pela turma do “deixa disso” e também porque justamente aí dona Ciloca apareceu na festa e foi logo chamando a atenção pelo quás-quás-quás. Reclamou da distância e os cambaus. E, de bom, só contribuiu com uma mulata, que veio lhe fazendo companhia e carregando seus badulaques.

– Calma, comadre. Vai ver seu afilhado, que é gente nova e merece atenção.

Suspirando, dona Ciloca obedeceu o mestre Zagaia e o samba continuou quente e cheio de catimba e tal e coisa. E foi assim até a hora em que o babalaô Bilu de Oxalá resolveu que era a boa hora pro Jorginho. Aí, os engomas é que

206 Termo atualizado; no original de jornal consta “xuxu”.

berraram alto. Na mão de três criou[us]los traquejados, o Rum, o Rumpi e o Lê falaram em Ala Keto.

Oxanguinha, Oxanguinha
Meu pai, meu pai
Me livra da guerra
Oxanguinha, Saravá

Daí, mestre Zagaia e dona Ciloca levaram o menino até o riacho, o povão cantou pra Oxalá e nas águas do grande Orixá, o Badalaô Bilu banhou o menino. Que por sinal chorou muito. Cumprido o ritual, a Nega Bina recebeu o filho nos braços e lhe deu de mamar. Catimbó, então, serviu o porco e todo mundo comeu de se fartar.

Depois disso, todo o povão, de pandulho cheio e cansado, se largou pelos cantos em papo fiado. E nesse negócio, foi que dona Ciloca, a fofoqueira, de tanta falação, ouriçou meio mundo, meteu minhoca da cachola da outra metade e fez brotar ideias de jerico em todos.

[([continua...])]]

A fundação da Barra do Catimbó – III capítulo (Última Hora de SP – Edição de 31/8/1971. Página 16 Caderno 1)

A gronga se deu justamente quando a curriola, depois de encher o pandulha até se fartar, arreou no chão. Nem podia ser de outra forma. Aquela gente tirou a barriga da miséria em cima do porco assado que o criou[us]lo Catimbó e a nega Bina Calcanhar de Frigideira assaram para comemorar o batizado do filhote. E de tanto comer, ficaram entulhados. Já estavam cansados pelo samba da pesada que puxaram antes do almoço. A maioria não tinha dormido na noite anterior, vieram da gandaia direto pra festa do Catimbó. Aí, já viu, o rango bateu na fraqueza e cada um caiu num canto.

Justamente nessa hora, dona Ciloca deitou falação ao pé da orelha da gentalha que, sem forças, nem retrucava o que a fuxiqueira matracava. E dona Ciloca se espalhava à vontade. Pra falar e fazer transa, a coroa estava sozinha, tinha folego de sete gatos, pilha que não gastava nunca e uma imaginação tremenda. Quando não sabia das coisas, inventava e sempre com riqueza de detalhes. E foi com essas catimbas que a dona Ciloca meteu as primeiras minhocas nas cacholas do mulherio do puleiro da madame, que estavam ali presentes giboando do almoço.

– Minhas filhas, vou te contar. É a água desse riacho que é milagrosa. Coisa de se duvidar. Mas, a água tá aí e a Nega Bina também. Quem diria que ela ia amarrar o Catimbó do jeito que amarrou. Logo ele, que sempre foi nego de não poder ver rabo de saia sem se embeijar. E tá aí. Sossegado, pai de filho e tudo. Mas eu sei como se deu essa mudança. A Nega Bina, por ordem da Mãe Begum de Obá, preparou um chá de erva de cidrão, que aí mesmo no morro tem de monte, meteu um pó de pau-roxo e não teve mais por onde pro Catimbó. Ficou enrabichado. Mãe Begum de Obá é que é tacho. Não é que nem esse Bilu de Oxalá, que fala que faz e acontece, mas é pinto perto de Mãe Begum. Nem sei como ele é que veio fazer a moleira do nenê. Acho que foi pra não dar na vista. Mas, também, Mãe Begum nem se toca. Ela é uma santa mulher. Deu uma mão pra Nega Bina, que nem filho podia ter mais. Mas, seguindo as dicas da Mãe Begum, a Bina se banhou nesse riacho e

desencantou. Sete sextas-feiras seguidas de Lua cheia, ela tomou banho na hora grande. O nó das trompas se desfez. É água milagrosa essa daí.

A mulherada, que no princípio da conversa da dona Ciloca não estava tomando conhecimento, de repente se ligou na cascata e meteu mil ideias de jeirico na cuca. Todas elas não queriam outra coisa na vida, além de terem um homem positivo ao lado e dele embarrigarem pra criar filho. E todas, sem exceção, encasquetaram. Embora nenhuma abrisse o bico, todas disfarçadamente, foram beber água do riacho. De fininho, dona Ciloca saiu da roda do mulhierio e se chegou na patota dos marmanjos, assim como quem não quer nada, e meteu ficha:

– Crio[u]llo esperto é esse, meu compadre. O Catimbó é maneiro. Criou mil casos, aprontou as maiores presepadas e, quando a polícia quis ganhar ele, saiu fora e deixou os tiras sozinhos e os cachorros dando trombada uns nos outros, sem poderem adivinhar onde o danado se meteu. Limpou a barra. Aqui é a dele. A Barra do Catimbó. Polícia nem vem. E se vier, não acha nada. O compadre tem fuga fácil. Se mete aí pelo morro e quero ver os tiras entrarem atrás. Duvido e faço pouco. Nesse morro só vai quem conhece.

Lançada a semente, dona Ciloca se bandeou pro grupo. Os vagaus se trancaram em copas, mas os negos que tinham parceirada trocaram olhares que diziam tudo. Todos, ou quase todos, estavam premiados pela justiça e vivendo espantados, com medo de entrar em cana. Se assanharam com aquele papo da dona Ciloca, que, incansável no cumprimento de sua sina de fofqueira, encarnou no Babalaô Bilu de Oxalá.

Pois é, meu Pai. Pro senhor ver. Lugar bom pro senhor ter uma roça de santo como essa aqui não há. Tem tudo pros trabalhos fortes. Águas, mata e pedreira. Que babalaô do mundo dispensa um pedaço de céu desse?

Se o Babalaô estava dormindo, com essa pacha da dona Ciloca se acendeu. Pra qualquer pixote que sabe pouco da macumba, aquele ali era o lugar ideal. Ainda mais pro Bilu de Oxalá, que era senhor dos segredos todos. O Pai de Santo sentiu o aroma da perpétua e, sem pedir licença, largou dona Ciloca e foi direto ao Catimbó.

– Meu filho, tou pensando que uma pedida que ia agradar bastante os orixás, era eu plantar meu axé por aqui. Que tu acha disso?

Sem medir bem as consequências, o Catimbó deu força:

– Melhor não podia ser, meu pai. Se for de gosto dos orixás, vai ser legal.

Alegre com a pronta aceitação do Catimbó, o Pai de Santo reuniu seu pessoal e escalou três ogãs pra ficarem ali naquele dia mesmo, pra começarem a cuidar da construção do barracão da macumba. Até escolheu um lugar de bom jeito pra ser o seu. Uma lapa de terra reta, que ficava entre o riacho e o morro, e que tinha uma grande pedra no meio, que pros seus olhos era uma legítima pedra de Xangô.

Nessa altura, a moçada, já refeita, iniciou novamente o samba. Levantaram a poeira e dona Ciloca perdeu a chance de ouriçar em grandes grupos. Muito a contra gosto, teve que se badalar só com a madame Violeta, que por ser coroa não tinha gás pra entrar no pagode. Mas, o boquejo da dona Ciloca grudou fácil na Violeta, que também era tarada pra prorear e deu trela:

– Gostou daqui, madame?

– E como, minha filha.

– Se eu pudesse, vinha pra cá também.

– E eu.

– A senhora bem que precisava de ter um lugar como esse pra descansar.

– Nem se fala, dona Ciloca. Estou farta do puleiro.

– É o que eu pensava. Mas, a senhora tem grana. Se quiser, é só falar com o Catimbó e ele levanta uma casinha pra senhora aqui. Espaço é o que não falta. Daí, quando a senhora tiver muito cheia do batente, vem pra cá descansar.

– Nem me tente, minha filha.

– A senhora merece. Já trabalhou muito.

– Isso é.

Mas, o quás-quás-quás furou, porque o pau estourou no meio da roda de samba. O Landinho do mercado deu uma banda de mau jeito no Valfrido de Oxossi e não prestou. No chão mesmo, ele puxou a naifa e deu um salto pro ar, deixando o Landinho no papo de aranha. Não deu pra ciscar. O Valfrido de Oxossi espetou até o cabo da faca na barriga do inimigo. Num grande esforço, o Landinho tentou segurar as tripas. Mas, era tarde. O melado esguichou e ele desabou estarrado. Foi falar com Deus direto. E aí, foi broca. Os cupinchas do defunto quiseram se vingar do criminoso. Mas, ele também estava enturmado e teve pra troca. Foi soco, pontapé, rabo de arraia, cacetada, navalhada, gritaria, corre-corre e os cambaus. E no rebolo, o Valfrido deu pinote e com ele foi seu gango.

Serenados os ânimos, os que ficaram ajudaram o Catibó a enterrar o Landinho. Fizeram uma cova rasa na beira do riacho, mas na margem do mangue, e ao som dos atabaques e com umas rezas puxadas por Pai Bilu de Oxalá, despacharam o morto. Madame Violeta, por piedade, fez uma cruz e espetou no local onde Landinho foi enterrado. Estava dessa forma inaugurado o cemitério da Cova rasa. E com essa cerimônia, acabou o dia da festa do batizado do Jorginho Catimbó, filho do crioulo Catimbó e da Nega Bina Calcanhar de frigideira. O povão se mandou e tudo sossegou.

3.6 – As crônicas de setembro de 1971 – Coluna Navalha na carne

A fundação da Barra do Catimbó – conclusão (Última Hora de SP – Edição de 1/9/1971. Página 16 Caderno 1)

O povão se mandou da festa e levou junto a ideia firmada de que aquele pedaço era de solo firme pra quem vive a perigo perpétuo. A Barra do Catimbó, como ficou conhecido o local onde o Catimbó e a Nega Bina Calcanhar de Frigideira tinham mocó, ficou na saudade. Cada piranha do puleiro da madame Violeta se mandou pro trampo, mas se jurando de voltar a tomar banho nas águas do riacho milagroso que fez até a Nega Bina poder ter filho. Invenção da cachola gira da dona Ciloca, porém que grudou.

E não foi só no mulherio que a dona Ciloca meteu bobagem. Os marmanjos saíram achando que a conversa da fuxiqueira²⁰⁷ em cima deles era o que havia de mais positivo. Naquele fim de mundo, a polícia jamais iria pensar em procurar quem quer que fosse. E ainda por cima tinham visto com as botucas de ver como ficou barato o defunto do Landinho. Foi só ele cair morto pro Catimbó limpar a situação jogando o cadáver no mangue. Um troço rápido e rasteiro. Já se o perereco se desse nas bocas encardidas da cidade, ia render às pamparras. O criminoso iria se ver em papos de aranha por um defunto à toa. A cana teria baixado e tudo. Mas, na Barra do Catimbó foi tudo simples e ficou por isso mesmo. Como devia ser, na opinião da gentalha. E por essas e outras, a negada saiu inclinada a voltar.

207 Termo atualizado; no original de jornal consta “fuchiqueira”.

Agora, ninguém sabia porque a dona Ciloca, a fuxiqueira²⁰⁸, havia se encarregado de enfeitar o pavão e alertar o gango. Ela era especialista em avacalhar qualquer negócio. Derrubada fanática. Botou a boca no trombone pra pintar maravilhas da Barra do Catimbó é que tinha alguma treta. Linguíça embaixo do angu. E nessa cisma, a curriola se ouriçou e boquejou. E aí, já viu. A voz do povo é a voz de Deus. E nesse caso, era mesmo.

Dona Ciloca, cascavel de muitos guizos, estava enredada e tremendamente abilolada por um tal de Quim Ilhéu, portuga salafra que estava a fim de qualquer trambique pra ficar rico. Vidrada pelo pinta e consciente de suas limitações, bagulho e pobre, a Ciloca, assim que botou os olhos no lugar do Catimbó, teve uma luz. Pensou consigo mesma: “Se o povão muda todo pra cá, eu abro um boteco, fatureo alto e prendo o Quim”. E sem vacilar, semeou seu veneno. E quando se arrancou, estava certa de que tinha encucado a gentalha e emplacado seu plano. Tão certa estava que, assim que chegou na cidade, bateu a ficha pro portuga da sua gamação. Pobre diaba. Foi justamente aí que se machucou. Esqueceu o que o mestre Zagaia escancarou na Tabuada das Candongas:

– Afobado come cru ou queima a boca.

E se o mestre Zagaia falou, tá falado. Só que dona Ciloca não se agarrou nessa pala certa, que o velho cabo de esquadra deu exatamente pra ser farol pra quem anda se batendo sem rumo nas quebradas do mundaréu. No desespero de assanhar seu homem, a dona Ciloca deu de graça o mapa da mina pro bandido. Contou tim-tim por tim-tim a marola que fizera. O Quim Ilhéu escutou com atenção. Depois, despistou, como quem não quer nada, mas se plantou na campana. Ligou as antenas nas conversas do mulhierio do puleiro da madame Violeta e nos bochichos da curriola. Sentiu que vontade do povão de se mudar de mala e cuia pra Barra do Catimbó estava virando onda. De fininho e na surdina, foi correndo no pedaço do crio[u]lo Catimbó e, por conta própria, montou um barracão já com balcão, prateleira e tudo mais para uma birosca. Quando a onda de se mudar pra Barra do Catimbó virou pororoca de inundar qualquer dique e a negada começou a piar na parada, o Quim Ilhéu já estava instalado e de pesqueiro montado pra faturar.

Claro que a dona Ciloca fez escarcéu. Xingou o bruto. Ameaçou de fazer e acontecer por ter sido passada pra trás. Mas, o Quim Ilhéu nem se tocou. Tirou a bronca da dona Ciloca de letra. E, sem fazer a mínima cerimônia com a otária, se arreglou com a Dagmar, uma mulata toda cheia de dengo que, além de tudo, sabia todas as mumunhas de forno e fogão, o que ficou provado que era força pro boteco. A dona Ciloca fofoqueira entrou pela fabulação sentida. Primeiro por ter sido banhada e segundo porque o escândalo número um do pedaço não interessava pra ela esticar. Mas, mesmo assim, lanhada nas suas vaidades, dona Ciloca fincou suas estacas na Barra do Catimbó. Porém, deixa isso pra lá. O que pesa na balança é que, em menos de uma semana, a Barra do Catimbó se amontoou de gente. O crio[u]lo Catimbó quis engrossar e dar um breque na multidão. Porém, teve que meter o galho dentro e engolir enrolado a vizinhança que chegou pro que desse e viesse. E foi broca. Qualquer toco pra servir de mourão de barranco passou a valer os olhos da cara. Não ficou um pé de pau plantado. Arrancaram tudo. As goiabeiras, as ameixeiras, os abacateiros, os limoeiros foram pra cucuia. Ninguém respeitou nada. E em dois dias, surgiu uma favela enorme. Uma cidade. O cemitério da Cova Rasa cresceu assustadoramente. Uns vinte cadáveres foram jogados no mangue, ao lado do Landinho. Eram as vítimas da batalha pela posse de um naco de lugar.

208 Termo atualizado; no original de jornal consta “fuchiqueira”.

Mas, por fim, todos se aplumaram. Ou bem ou mal, não sobrou ninguém sem moradia. Uns embaixo, outros em cima da terra, mas todos ajeitados.

Aí tiveram início as quizombas, as rivalidades e os enguiços. Atraída pelo movimento, Mãe Begum de Obá, macumbeira de grande fama junto ao povão, entrou no rebole e montou seu terreiro na beira do rio. Do lado oposto ao do Pai Bilu de Oxalá. E ficou patente que ambos iam disputar a freguesia. Seu mané Cutucro, sem respeitar o pioneirismo do Quim Ilhéu, seu patrício, abriu sua borisca bem no meio do terreiro da Barra do Catimbó, onde tinha sido a festa do batizado. Ponto que, de saída, ficou quente, e esse fato deu margem a uma rivalidade grande entre os dois portugueses. E, fora as catimbas comerciais, também houve xavecadas²⁰⁹ no campo social. Ao mesmo tempo que, num canto da favela, se falava em formar um time de futebol, no outro se fundava o Barra do Catimbó F. C., e não teve como unir os dois grupos. Muito pelo contrário. O que nasceu foi bronca.

E assim nasceu a Barra do Catimbó, com suas mumunhas. Rapidamente, o paraíso ficou esculachado. Tudo porque não se guiaram pela Tábua das Candongas do mestre Zagaia. As águas do riacho viraram esgoto, o ar ficou poluído com a fumaça da fábrica de sabão de sebo de cachorro do Valdemar Pinguela e nada mais restou do antigo sossego. Até a polícia apareceu. Naturalmente, seguindo as dicas de algum cagueta que se mudou pra lá. E no meio da bagunça total, teve início a inhanha na Barra do Catimbó.

Loteca (Última Hora de SP – Edição de 3/9/1971. Página 16 Caderno 1)

Tem coisa que acontece que, por mais que a gente se esforce, não dá pra entender. O lance do Miguelito e do cartão da Loteca é bem desse naipe. O vagau pererecou, tirou a maior chinfra de malandro, porém, quando chegou na bica, se rendeu. Era um tremendo otário. Se afobou. E não pode. Afobado come cru ou queima a boca. Pelo menos é o que Mestre Zagaia escancarou na sua Tabuada das Candongas. E se o velho cabo de esquadra falou, não tem erro. Ele sabe das coisas. Navegou sem bandeira por muita água barrenta e bateu perna pelos caminhos esquisitos do roçado do bom Deus. E foi no meio das batalhas que mestre Zagaia abriu os olhos de ver e viu as catimbas cavernosas capazes de assombrar até os negos bem escorados por patuá forte, com raízes na África e confirmação na Bahia. Porém, deixa isso de lado. O que pesa na balança é que o Miguelito esteve na boca da botija pra chuveirar meio mundo, ganhar uma sonora grana, amarrar seu burro na sombra e se instalar, porém quis fazer figura, desconheceu a Tabuada das Candongas e se entortou.

O caso se deu na Barra do Catimbó, lugarzinho escamoso que fica encravado nas quebradas do mundaréu, bem onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, e que é o pedaço do planeta, juntamente com São João do Mereti e Dallas City, em que se dão os maiores bochichos. E é por andar a perigo perpétuo, comendo capim amargo pela raiz, que o povão da Barra do Catimbó se mete nos esquinapos. Loteria Esportiva pra curriola é uma esperança. Todos acreditam que só podem se aplumar se um dia acertarem na loteca. E com essa bola na cuca, fazem a aposta.

Porém, o destino do povão da Barra do Catimbó não é de fazer graça. E a negada do reduto maldito não passava nem perto do resultado. O que fez mais ponto na Barra do Catimbó foi o Ferdinando Larginho. Fez nove. Que na loteca é o

209 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecadas”.

mesmo que nada. Mas, apesar de tudo, o povão da Barra do Catimbó não desanimava e continuava tentando.

Os únicos a terem ideias de jerico em relação à loteca foram a Zolhinha, o Azulão e Cabeça de Bagre. Quando eles cismaram que tinham que ganhar na loteca foi broca. Meteram a mão grande pelo guichê de apostas e, de arma na fuça dos empregados da casa lotérica, os pilantrosos afanaram o dinheiro todo. Sem conferir cartão, nem os cambaus. Uma xavecada²¹⁰. Que ouriçou a polícia, que vasculhou a Barra do Catimbó de ponta a ponta, até achar e prender os gaturamas. Mas, o que quero contar é o salseiro do Miguelito. Esse foi limpeza.

Ele arriscou dois contos na loteca, meio de olho, sem medir as chances de cada time. Pra quem xeretou sobre seu jogo besta, ele cascateou:

– Se der zebra, eu ganho sozinho.

Quando no domingo à noite o resultado, caiu a cara de toda gente. Tinha dado cada zebra medonha que derrubou todo mundo. E os quás-quás-quás nos botecos eram de lascar. Toda patota se queixava do crepe. Menos o Miguelito que, de fininho, nas encolhas, se recolheu no seu mocó e meteu a mão na massa.

Com a paciência, com uma gilete, recortou os buraquinhos no cartão da loteca que indicavam o vencedor correto. Com mais paciência ainda, pegou a sobra do cartão e colou nos buracos que estavam no seu cartão. Demorou pra chuchu²¹¹ nessa tarefa fajuta. Porém, é preciso que se diga, a bem da verdade; o trabalho ficou perfeito. Digno de um artista. Daí pra frente, foi só esperar a cola secar e sair pela rua embandeirado, berrando que tinha feito treze pontos.

Foi pau e bola. Anunciar e iniciar o reboleço. Todos quiseram ver e conferir o cartão do Miguelito. E todos engoliram a treta. Nem de leve desconfiaram da fajutice. O Miguelito retumbava. Todos davam palpite. A mulherada então ficou impossível. Davam bola e mil palas pro ganhador. Era uma zoeira. E aí é que piou na parada um papagaio enfeitado e, carteando marra, se apresentou pro Miguelito, que marcou bobeira e não chuveirou o loque.

O otário era um advogado desses de porta de xadrez que, devido a esse macete, ficou conhecido do povão da Barra do Catimbó, que vira e mexe entrava em cana. Por essas e outras, alguém do bairro sempre estava devendo uma nota pro advogado que, pra receber, dava umas incertas na Barra do Catimbó. E nesse dia ele estava numa campana dessa. Quando deu as fuças, viu a zoada, pensou que era enguiço e foi espiar. Se vidrou no que viu. Cartão premiado na mão de pé de chinelo era trampo pra advogado. Meteu sua bicarla:

– Miguelito, tou aqui pra te valer.

Sem vacilar, o vagau se agarrou na boia:

– Boa, doutor. Assim fico à vontade.

Com essa dica do Miguelito, o doutor se assanhou:

– Então vamos andando. Manjo um gerente de Banco que pode ser uma estia pra ti. Vamos lá.

E foram. O gerente do banco, que naturalmente não gostava de ser incomodado aos domingos, os recebeu de mau humor. Porém, quando soube do que se tratava, se acendeu. Até serviu uí[s]que pro Miguelito. E, sem rodeio, a queima roupa, na bucha, fez uma proposta tihosa pro dono do cartão:

– Olha aqui, pra você não ter dor de cabeça nenhuma, te dou cinco milhões pelo teu cartão. Pago já. Você passa procuração pra mim e aí, com a ajuda do doutor, eu quebro os galhos todos, que não são poucos, e recebemos o prêmio.

210 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

211 Termo atualizado; no original de jornal consta “xuxu”.

O cartão fajuto queimou a mão de Miguelito. Ele não tinha nada que escolher. Era segurar aquela grana que o gerente oferecia e dar pinote. Porém, as minhocas invadiram sua cachola. E ele achou que, se o cartão tinha engrupido o doutor e o gerente do banco, o por certo engrupia o pessoal da caixa pagadora. Tremenda mancada. Ninguém pode ser mais malandro que a malandragem. E, com jeito, pra não espantar os amigos importantes o Miguelito selou:

– Negativo. Vamos nós três lá receber. Vai ter grana pra dividir à vontade.

E nessa fé, os três se apresentaram pra receber. Os homens pegaram o cartão, examinaram o logo [e] descobriram o grupo. Foi feito. Seguraram os três como se fosse todos pilantrosos. E agora, não querem engolir que o gerente e o advogado agiram iludidos pelo Miguelito. E estão em pua até explicarem o negócio.

A morte de Catimbó – capítulo 1 (Última Hora de SP – Edição de 4/9/1971. Página 16 Caderno 1)

Fazia sete anos, desde o dia em que o crio[u]llo Catimbó e a Nega Bina Calcanhar de Frigideira, depois de vagarem sem rumo pelos caminhos esquisitos do roçado do bom Deus, plantaram seus axés de fé na beira de um regato de águas claras, que corria tranquilo entre um morro de terra coxa e um mangue fedorento, construíram mocó, se juraram gama de pedra, amarraram os trapinhos pra sempre e pro que desse e viesse, e pediram aos orixás de valia um filho, no que foram atendidos, e no qual, ao nascer, botaram o nome de Jorginho do Catimbó, homenagem da mãe de parto ao Santo Ogum e ao pai de carne do pivete.

Sete anos se passaram rapidamente e rapidamente mudou a pinta do lugar. Mudou tanto que nem os próprios moradores acreditavam que aquele pedaço, em outros tempos, fora todo sossego e que os primeiros negos que por ali se instalaram fizeram por gosto, muito embora dona Ciloca, a fofoqueira, tenha metido mil ideias de jerico nas cacholas deles.

E, no entanto, essa é a verdade. As primeiras pessoas que botaram as fuças na Barra do Catimbó vieram cheias de esperança. Eram as piranhas do puleiro da Madame Violeta, iludidas pelos fuxicos²¹² de dona Ciloca, que apregoou que a água do regato era tão milagreira que fez até a Nega Bina Calcanhar de Frigideira ficar choca. Ela, que não podia mais nada naquela idade. Atrás do mulhero, naturalmente, veio homem. Ainda mais alguns que entraram na falação da dona Ciloca, que garantiu que naquele lugar a polícia não ia baixar. E, junto com essa leva, veio o povo da macumba. O Babalaô Bilu de Oxalá, quizumbeiro escolado, doido pra armar pesqueiro onde se junta o povão lesado da sociedade, por saber que gente que anda a perigo perpétuo se agarra em qualquer patuá. E na cola dele veio sua inimiga, Mãe Begum de Obá, mandingueira de alta linha e também catimbeira de muitos anos de janela pra deixar escapar uma boca rica.

Daí pra frente é que tudo se bagunçou. O comércio, que só contava com duas biroskas, a do Quim Ilhéu e a do Mané Cheiro de Peixe, foi enriquecido com a abertura de mais cinco botecos e uma padaria: o Pão Gostoso, que era especializado em broa de milho e de raspa de mandioca. Com essas melhorias, a favela cresceu. Ainda mais que se espalhou pelas quebradas do mundaréu que na Barra do Catimbó ninguém pagava aluguel. Não demorou pro morro ficar apinhado de barracos, com alguns grudados nos picos de rocha lisa, num verdadeiro desafio às leis da natureza, da engenharia e tal e coisa. Só com isso, a Barra do Catimbó já ficou um pedaço maldito. As águas claras do regato viraram esgoto. O mangue, que já era manjado por Cemitério da Cova Rasa por nele repousarem os restos mortais

212 Termo atualizado; no original de jornal consta “fuchicos”.

do Landinho, continuou a ser depósito de cadáveres e de lixo. E, se era um ninho de moléstias, passou a ser ainda mais, e ainda ficou pior quando chegou a indústria na Barra do Catimbó.

A primeira fábrica a abrir no lugar foi a do Valdemar Sebinho. Malhando no ramo do sabão de cinza, o danado veio atrás da freguesia, que era muito grande nas margens do regato. Tudo que era lavadeira se defendia com sabão de cinza. E ele, que não era de marcar bobeira, poluiu bem o ar e fez fortuna. Depois dele, chegou seu Chico Carpinteiro, que montou uma fábrica de caixão de defunto. Coisa simples e barata, de acordo com as posses da gente da Barra do Catimbó. Prosperou às pamparras. Também, até parecia que tudo e todos trabalhavam pra ele. Era criança se apagando de tifo, maleita, fome e os cambaus. Era gente matando gente. Chuva derrubando barraco e afogando gente. Um perereco sentido, que pro Chico Carpinteiro dava um bruto lucro. Aliás, os industriais da Barra do Catimbó não podiam se queixar. Eles pouco exportavam. E o povão não importava nada. Consumia o que era feito ou colhido por ali. Os únicos a mandarem seus produtos pra fora era o Zé do Alambique, que produzia muito mais cachaça do que a curriola podia beber. E todos bebiam muito. Porém, só da boa pinga. A zurrapa recusavam [sic] e era osso que o Zé mandava pra cidade. E o outro que precisava se virar fora era o Zolhudo. Seu negócio era fazer mortadela. Mas, não era segredo que o bruto engordava porco só pra fazer figura. Na hora do vamos ver, ele atacava era de carne de gato e de cachorro, e até mesmo de jumento e outros bichos, que de vez em quando a moçada da pesada afanava longe da Barra do Catimbó.

Com todas essas mumunhas, o pedaço virou um Deus nos acuda de dar nojo. E foi nessa altura do campeonato que piou na parada o Olegário Alves, mulato cheio de panca, metido a charlador, que vivia dizendo que fazia e acontecia. Pra quem tinha olhos de ver, como mestre Zagaia, o negócio do papagaio enfeitado ficou escancarado de saída. E isso o velho cabo de esquadra abriu pra quem quis ouvir um dia no boteco do Quim Ilhéu, durante uma partida de dominó.

– É só dar corda pra esse Olegário e a gente acaba tendo um candidato a vereador.

Quem escutou a pala, puxou pelo mestre:

– Isso é bom ou mau?

Sem esconder bulhufas, o velho cabo de esquadra selou:

– Depende do que tu acha bom ou acha mau.

E depois desse alô, o mestre Zagaia se trancou em copas e voltou a se concentrar no dominó. Ninguém insistiu. Todos se tocavam nos truques do velho cabo de esquadra e estavam por dentro da Tabuada das Candongas, que era o guia de luz dos vagaus que andam se atucanando e falando sozinho sem destino. Na Tabuada, mestre Zagaia diz tudo, sem dizer nada. E dois e dois nem sempre são quatro na soma do mestre. Ele lê, soma e tudo mais por linhas tortas. Quem pode entende, quem não pode fica na mesma. Mestre Zagaia nunca fez nada pelos otários. Esses, ele sabe bem que não têm jeito. Mas, o certo é que, se o mestre Zagaia falou, tá falado.

No caso do Olegário, não teve erro. Ele logo se lançou candidato e se botou a boquejar:

– Nossa favela já é um bairro e, quer queiram ou não, tem que ser tratado direito. A gente é setecentas e trinta almas penadas.

De onde ele tirou esse número, ninguém sabe. Mas, ninguém também foi conferir. E esse ficou o número oficial dos moradores da Barra do Catimbó. O que contou ponto e deu chance do Olegário continuar matracando:

– Precisamos nos cobrir. A gente tá andando sete léguas pra pegar ônibus. E o ônibus podia vir até aqui. Precisamos de escola pros nossos filhos e mesmo uma Mobral qualquer pra nós, que somos marmanjos e burros. Precisamos de esgoto, rua calçada e nem sei o que mais. E isso eu vou conseguir.

Como a eleição pra vereador estava longe, o Olegário fundou e se elegeu presidente da Sociedade dos Amigos do Bairro da Barra do Catimbó. E do alto do seu posto, conseguiu de início duas conquistas pro bairro. A primeira o deixou com um bruto cartaz com a gentilha. Arrumou pro ônibus vir até a porta do boteco do Quim Ilhéu. Foi um troço que agradou, embora dona Ciloca andasse fuxicando²¹³ que tinha arregalo secreto entre o Olegário e o Quim, pra prejudicar o boteco do Mané Cheiro de Peixe. A segunda é que fundiu a cuca de todo o povão e deixou o Olegário em papo de aranha. O bruto pelejou com força, fez das tripas coração e conseguiu a instalação de um posto policial em plena Barra do Catimbó. E, pra maior xavecada²¹⁴, em frente do boteco do Mané Cheiro de Peixe.

O caldo engrossou pro Olegário. Dona Ciloca ouriçou a massa. E o candidato a vereador passou a ser tido como cagueta. O negócio do ônibus foi prontamente esquecido e ele [foi] quase morto de tocaia. Sua sorte foi que surgiu no local um pregador protestante, que atraiu as broncas de todo o gango e, com essas e outras, o Olegário ficou na sombra. Aliás, foi em consequência da confusa do pregador, que o Catimbó morreu.

(continua)

A morte de Catimbó – II capítulo (Última Hora de SP – Edição de 6/9/1971. Página 16 Caderno 1)

O pastor protestante que apareceu na Barra do Catimbó era todo cheio de nove horas e mil equipamentos pra fazer os seus quás-quás-quás. Chegou um caminhão cheio de mumunhas, com corneta, microfone e tudo mais. Brecou no meio do terreiro do batizado do Jorginho Catimbó, subiu na carroceria e daí meteu o plá. Leu trechos enormes da Bíblia, mas ninguém lhe deu atenção. Porém, o distinto não se acanhou. Continuou todos os dias aparecendo e abrindo o bico a fim de salvar os pecadores. E ia ficar nisso, se não fosse o Amor e Glória F. C., orgulho da gente da Barra do Catimbó, ter aceito ir jogar no campo do adversário, que era longe pra chuchu²¹⁵.

Se guiando pela Tabuada das Candongas do mestre Zagaia, que reza pra quem tiver olhos de ver os truques dessa vida, o presidente do Amor e Glória considerou que, se não tem tu, vai tu mesmo, e sem rodeio encostou no pregador e propôs o negócio:

– Tu leva a gente até o campo inimigo e traz de volta. A gente adianta o teu lado.

O pastor não estava a fim de ser chofer de jogador de futebol. Porém, como queria ganhar simpatia do pessoal do bairro, topou. E[,] no domingo, cumpriu o trato. As nove da matina, parou no terreiro do batizado, a moçada lotou o caminhão e saíram pra batalha. Mas, a gronga encarnou.

A negada, que nunca andava de caminhão, ficou num assanhamento de dar gosto. E alegria de botocudo é broca. De farra, a curriola, quando via algum pinta a pé, avacalhava com ele. Botavam a boca no trombone e xingavam à bessa a mãe

213 Termo atualizado; no original de jornal consta “fuchicando”.

214 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

215 Termo atualizado; no original de jornal consta “xuxu”.

do esparro. E foi aí que não prestou. Logo nos primeiros xingos, o pastor parou a caranga e deu estrilo:

– Não quero escutar palavrão nesse caminhão. Se não pararem com essa bagunça, faço descer um por um. Esse caminhão está a serviço de Deus e não é pra vagabundo nenhum esculachar.

Naturalmente, diante da bronca do pastor, toda a patota se acalmou. Porém, só até o bruto se acalmar e dar outra vez a partida no carango. Porque mal o caminhão andou, a zoeira reiniciou e, assim que viram um andarilho, azucrinaram a orelha dele com palavrão e tudo. Foi de lascar. O pastor furioso pisou no breque e quase caiu nego da carroceria. Mas se não caíram, tiveram que descer, por ordem do pregador, que espumava de raiva:

– Fora! Desçam! Desçam!

Claro que teve nego que se invocou. Mas o pastor, além da Bíblia, sacou um revólver que lhe deu razão na hora, e graças a isso, todos obedeceram. Os mais valentes, diante da draga, meteram o galho dentro. Quem estava armado naquela situação, estava com ferro: navalha, faca e punhal. Não dava para encarar um revólver. Desceram. O pastor não vacilou e se pinoteou com o caminhão.

Os craques do Amor e Glória F. C. foram até o campo do adversário a calo. Apanharam na bola e no tapa, e retornaram pra Barra do Catimbó no dedão. Pegou mal. Não teve quem não ficasse ruim dentro da roupa. E, sem vacilar, culparam o pastor pelo fiasco. E, tinhados, resolveram se vingar. E combinaram de dar um cacete no xavequeiro²¹⁶. E foi com essa bola maluca na cachola que aguardaram a chance.

Agarrado na sua fé, o pastor nem tomou conhecimento da história. Esqueceu o incidente e continuou embalado no seu trabalho. Na verdade, o bruto sabia pouco do povão. Seu puçá não ia além da superfície. E ele não pescava o que estava no fundo. Por isso, quando achou que devia, se instalou no lugar de costume e meteu um sermão. Pra seu espanto, juntou gente. Empolgado consigo mesmo, o pregador não reparou que a turma que se plantou em volta do caminhão, era a do Amor e Glória F. C. Continuou boquejando. Até que escutou um palavrão sonoro em homenagem à sua mãe. Virou bicho. Repreendeu a assistência e, em troco, recebeu uma tremenda vaia.

De repente, o pastor sentiu o aroma da perpétua. Se coçou à procura da arma e não achou. Se assombrou. Lembrou que tinha deixado a draga no porta luvas do caminhão. Afobado diante das vaias e da xingação que não parava, o pastor saltou da carroceria pra ir buscar o revólver. Foi uma grande besteira. Mal pisou no chão, levou uma banda e desabou. De quebra, alguém lhe deu uma cuspidinha na fuça. Desesperado, o pastor quis se levantar. Mas não deu. Meteram-lhe um chute na cara e ele ficou zozzo. O melado correu do seu nariz e foi o sinal pra pancadaria grossa. Todos os presentes tiraram uma casquinha. Bateram sem dó no pastor. Juntou gente pra assistir o massacre. Mas ninguém se meteu a desapartar. Quem se doeu com aquela covardia toda foi a dona Ciloca, a fofqueira. Um pouco por pena, e muito mais pelo espírito de fuxico²¹⁷, a coroa foi correndo assoprar na orelha do sargento do posto policial. Esse, que estava sozinho no plantão, não teve peito de ir ver o que estava acontecendo. Desculpou-se que não podia abandonar o posto sozinho e deixou andar. Dona Ciloca, então, foi ao barraco do Catimbó e deu a ficha pro crioulo.

216 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavequeiro”.

217 Termo atualizado; no original de jornal consta “fuchico”.

O Catimbó não era nenhum santo, mas tinha sangue quente nas veias e uma coragem firme. Foi só saber que eram muitos contra um pra se embandeirar. Passou a mão num fio de aço e saiu pro que desse e viesse. Chegou no local do rolo na justa hora em que a gentalha ia enforçar o pastor na traseira do caminhão. Revoltado com o perereco, o Catimbó não conversou. Saltou o fio de aço e caiu matando em cima da negada. A roda se abriu. Porém, o Catimbó não aliviou. Continuou largando brasa. Todos respeitavam e temiam o crio[u]lo, que fundou aquele pedaço. Ele não era fácil. Mas, a negada estava com sede de sangue. Os mais ferozes quiseram ganhar o Catimbó. Uns quatro ou cinco partiram pra dentro dele. Não deu. O Catimbó desceu no chão e correu a perna. Caíram todos. Repetidamente, o crio[u]lo bateu de fio e ganhou tempo pra soltar o nó do pescoço do pastor. Nessa tarefa, voltou as costas pros inimigos. E, traíçoeiro como uma cobra, o Piolhento lhe meteu o punhal entre as costelas.

O Catimbó gemeu e a terra tremeu. Mas, ele era duro na queda. Acabou de livrar o pastor e só depois é que se sentou devagarinho e se encostou no pneu. O criminoso e a curriola deram o pinote. Pro Catimbó, tinha chegado a vez. Ele percebeu e pediu que alguém fosse chamar a Nega Bina Calcanhar de Frigideira e o seu filho Jorginho do Catimbó. Eles vieram sem demora. E, em lágrimas, escutaram as últimas dicas do crio[u]lo.

– Bina, te cuida e também do pivete. Negrinho, tu é filho do Catimbó. Honra as calças que vestir..... [sic]

E sem dizer mais nada, botou a mão na cabeça do filho e fechou os olhos pra sempre. O pastor, ao seu lado, se remexia de dor, mas continuava vivo.

A morte de Catimbó – III capítulo (Última Hora de SP – Edição de 7/9/1971. Página 16 Caderno 1)

(De como o velório do Catimbó se transformou no maior bate-fundo da paróquia)

A Nega Bina Calcanhar de Frigideira era dura na queda. Mesmo vendo o seu homem estarrado para sempre, ela não virou o fio no desespero. Enxugou as lágrimas na roda da saia, deu um guento pro Jorginho Catimbó, que a seu lado chorava a morte do pai, e sem querer saber com quem contava, deu as ordens:

– O Catimbó foi falar com Deus, gente. Nós só tem que cuidar do corpo. Leva ele pra casa que nós vela essa noite. Tu, Jorginho, vai sabendo que é assim que é. Quem nasce tem de morrer um dia. Pra semente nenhum de nós há de ficar. Se mexe, pivete. Vai no boteco do Mané Cheiro de Peixe e diz que ele mande cachaça e mortadela pra casa. Diz que ele bote na conta que depois a gente acerta. Nós se dana de dívida, se for o caso. Porém, quero que o povão que chegar pra ver o Catimbó seja servido. Vamos fazer gurufim até o sol raiar de novo. Te mexe, pivete. Chorar não levanta defunto.

Sem retrucar, o Jorginho, acompanhado de alguns cupinchas da sua idade, obedeceu a mãe. Pra esses negócios, seu Mané Cheiro de Peixe não engrossava. Além de atender o pedido, foi em pessoa fazer a entrega e ver se ainda podia ser útil em mais alguma coisa. Porém, quando chegou, o cadáver do Catimbó já estava arrumado na mesa e rodeado de vela e das velhas do lugar. O resto era espalhar a notícia. Mas, isso o Mané sabia que era tarefa de dona Ciloca, a fofoqueira, e não se meteu. Foi pena. Ele, como outras pessoas, deixaram a boca livre pra dona Ciloca e ela aprontou. Foi direto no terreiro da Mãe Begum de Obá e ouriçou a mandingueira:

– Como é que é, Mãe? O Catimbó morreu, morreu.

Claro que a notícia tinha chegado antes da dona Ciloca e não causou espanto. A xavecada²¹⁸ é que, sem autorização de ninguém, a fuxiqueira²¹⁹ sugeriu mil mumunhas num só alô:

– Ela era gente considerada. Ogã da macumba e de valor provado. Bem que merecia um axexê.

Mãe Begum de Obá se assanhou com a lembrança de dona Ciloca de fazer um axexê. Há muito tempo que não abria um candomblé funerário. E, sem vacilar, se comprometeu de cumprir a cerimônia como manda o figurino. Sete dias e sete noites tocando pela alma do morto. E, antes mesmo de dona Ciloca ir adiante, a mandigueira já estava reunindo suas filhas de santo e seus cambonos pro trabalho pesado. Mas, dona Ciloca não levou isso em conta. De fininho, saiu dali direito pra casa do Babalaô Bilu de Oxalá e meteu nele a mesma charla:

– Pai Bilu, o Catimbó morreu. Isso o senhor deve estar sabendo. Porém, dei essa chegadinha aqui pra não deixar o senhor esquecer o axexê. Afinal, o Catimbó era de valia na macumba. Atabaqueiro bom tava ali. E tinha mais. Era um braço na matança dos bichos de pelo e de pena. Puxava ponto em qualquer nação e tudo mais. Acho que ele merecia um axexê caprichado. Desses que só o senhor e mais ninguém sabe fazer.

Na última frase, dona Ciloca deu um tom de desafio ou de ameaça, mas que ficava patente pro Bilu a possibilidade de ser chamado outro Balalaô pro axexê. E ele não iria perder a chance de aparecer e, principalmente, dar uma oportunidade pra sua rival Mãe Begun. Topou depressa. E, sem regatear, dispensou a fofqueira pra ir cuidar do necessário pro toque fúnebre. Satisfeita com o andamento da treta, que armou, dona Ciloca retornou ao barraco da Bina. O movimento já era grande quando a dona Ciloca chegou. O Catimbó era realmente estimado no pedaço.

Todos queriam lhe prestar uma última homenagem. Ainda mais com a cachaça rolando às pamparras. O casebre ficou a três de alto. Com nego se agarrando pelos picos e tudo mais. O caixão do morto, que era dos melhores que o Chico fez, rapidamente se embandeirou. Os clubes do bairro e as escolas de samba trouxeram seus pavilhões e cobriram o morto. Era um verdadeiro festival de bandeira. Uma mais colorida que a outra: E. C. Unidos da Barra do Catimbó, Seletos F. C., Flor da Esperança F. C., Tiradentes da Barra do Catimbó E. C., XV de Novembro E. C., Corinthians da Barra do Catimbó e até o time do criminoso se fez presente. O bandeirão vermelho e amarelo do Amor e Glória era o que mais se destacava: por suas cores berrantes. Mesmo entre os pavilhões das escolas de samba não havia nenhum que chamasse tanto a atenção. E lá estavam: Esc. [sic] de Samba Príncipes Negros da Barra do Catimbó, Esc. [sic] de Samba Mocidade Independente da Barra do Catimbó, Soc. [sic] Carnavalesco Acadêmicos da Barra do Catimbó. Era uma beleza. Mas, logo se avacalhou com a chegada da dona Ciloca. A mulherzinha, mal deu as fuças no velório, fingiu que ia espiar o morto, mas só botou os olhos nas bandeiras. E, assim como quem não quer nada além de cooperar, iniciou um campeonato de bandeiras. Em voz alta pra todo o povão escutar, dona Ciloca se botou a esculachar uns pavilhões e a elogiar os outros:

– Meu Deus, que bandeira horrorosa essa do XV de Novembro. Deixa enfurnar esse lixo embaixo de todas.

E, sem pedir licença, meteu a mão sem parar de matraquear:

– Olha essa aqui escondida. Que linda! É a do Seletos. Essa tem que ficar em cima.

218 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

219 Termo atualizado; no original de jornal consta “fuchiqueira”.

A moçada pegou a corda de dona Ciloca e virou bagunça. Os diretores do XV de Novembro não gostaram da conversa. Na força bruta arrancaram a sua bandeira de baixo das outras e estenderam em cima de tudo. O pessoal dos Príncipes Negros deram o estrilo:

– Em cima da nossa é que não!

E foram remediar a afronta, mas, ao puxarem sua bandeira de baixo do bolo, derrubaram no chão o pavilhão do Corinthians da Barra do Catimbó. Teve bronca. O Diretor Social do Corinthians deu o berro:

– Tem que pegar nossa bandeira do chão e botar em cima. Se não, vai ter.

Sem afinar, o diretor do Príncipes Negros deu o troco:

– Vou pegar porque derrubei. Mas, como tenho medo de careta, não vou botar em cima de nada.

Disse e fez. Agarrou o pavilhão do alvinegro da Barra do Catimbó e enfiou de qualquer jeito embaixo de tudo. Picado de raiva, o corintiano tocou a bandeira dos Príncipes longe e começou a desamassar a sua. Quem deu a primeira biaba nunca se soube. O fato é que, de repente, todos os presentes saíram pra briga e foi aquele reboliço. Um bate-fundo violento, que fez o morto balançar, as velas caírem, bandeiras rolarem como trapos velhos pelo chão. E[,] nesse lance, se deu uma quizila. Uma das velas caiu acesa em cima da bandeira do Amor e Glória, o time do assassino do Catimbó, e a incendiou. Alguém viu e botou a boca no trombone. De pronto, a briga parou. E todos, pálidos de espanto, assistiram à fogueira arder. Só mestre Zagaia, velho cabo de esquadra de muitas batalhas, se animou a falar:

– Tem coisa que até Deus duvida.

E se o Zagaia falou, o povão botou fé. Todos murcharam, tentando adivinhar o mistério que queimou justo a bandeira do time do criminoso. E foi justamente nessa hora que, quase juntos, chegaram Mãe Begum de Obá e Pai Bilu de Oxalá. Cada um mais preparado do que o outro pro axexê.

O xaveco²²⁰ da dona Rosinha (Última Hora de SP – Edição de 9/9/1971. Página 16 Caderno 1)

A Rosinha, uma noite, depois de bater muita perna à toa no quarteirão mais cavernoso que existe nos caminhos esquisitos e escamosos do roçado do bom Deus, se recolheu ao seu mocó, toda jururu. Tinha feito das tripas coração, rebolado pra chuchu²²¹, se badalado como doida e não ganhou sequer um psiú dos otários abilolados. Por essas e outras, a Rosinha estava atucanada. A vida cada vez faturando menos. Naquela noite, então, foi uma gronga. Não ganhou nem um mísero tostão furado. Não podia nem calçar o peito e engrupir o estômago com a enganosa média com pão e manteiga. E isso era broca. Teria que comer capim amargo pela raiz. Sem contar o perereco que ia ser pagar o aluguel. E, com mil minhocas na cachola, ela tirou o vestido. Quase que automaticamente, se plantou na frente do espelho. E foi espiar a sua panca e se machucar na alma.

Pistoleira escolada por muitos anos de janela, acostumada a tremendas invertidas, nesse lance teve que se segurar com todas as forças na sua fé pra não cair. Seus olhos de ver viam com dor e desespero que ela era um bagulhão de fazer nego saído de cana, depois de puxar um tempão, dispensar. A sua fuça era só pé de galinha, ruga e outros esquinapos que a maquilagem carregada não podia mais esconder. E o corpo, outro vexame. Pelanca desabando por todas as frestas da cinta

220 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

221 Termo atualizado; no original de jornal consta “xuxu”.

de elástico, que a bruta apertava até o último fôlego, na ânsia de tapar o sol com a peneira. E aí, de estalo, a Rosinha compreendeu que naquele batente não podia mais se virar. Reconheceu com tristeza que nem com uma meia sola iria conseguir defender o seu pão de cada dia naquela catimba. Se fosse madame, ainda poderia tentar uma operação plástica e tal e coisa, como certas grâfinas [sic]. Porém, ela, que era uma mulher jogada às traças, não tinha escolha. Ou arrumava uma saída pra ganhar dinheiro, ou tomava formicida com guaraná. E, diante da verdade, a Rosinha abriu o bué. Chorou às baldas. Depois, sem gás, dormiu.

Quando acordou, a Rosinha, apesar de ainda estar mal dentro da roupa, não marcou bobeira. Se pôs a matutar um jeito de remar sua catraia pra frente. Se ligou, naturalmente, na Tabuada das Candongas, que são as dicas [dadas] por mestre Zagaia, velho cabo de esquadra que navegou sem bandeira por muitas águas barrentas. Na Tabuada das Candongas, mestre Zagaia diz:

– Quando um se estarra, brota outro.

E se o Zagaia diz, é que é. E a Rosinha não duvidou. Traduziu a pala pra sua realidade e tramou um plano. Mesmo sem ter dinheiro, podia montar um pesqueiro. Só precisava de um parceiro. E isso não era difícil arrumar. O Zé Cafifa, que na mocidade cobrou pedágio dela, agora também estava sendo dobrado pela velhice e nem iria vacilar pra topar a parada. E foi lembrar-se dele e abrir o jogo. Não teve erro. O vagau se assanhou. Aparou umas pontas que não estavam afinadas direito e mandaram ver.

Com a maior cara de pau e vestidos como trouxas, a piranha e o pilantroso se apresentaram num bairro de trabalhadores. Ele, como aposentado, que só quer sossego pra esperar a morte, e ela como uma senhora que vai na cola do marido. Assim que se instalaram, engrenaram papo com a vizinhança. E loguinho, dona Rosinha era conhecida e querida no reduto. Uma santa mulher, sempre pronta a dar colher de chá. Principalmente pras mocinhas, que sonham com gloriosos romances fajutos, que as televisões e o cinema estrangeiro entulham no mercado pra abilolar as cucas menos firmes. Pra essas mocinhas, dona Rosinha era o máximo. Incentivava namoro, escutava confissão, ensinava truques, emprestava maquilagem, dava palpite em figurino de vestido novo, ensinava as meninas a fumarem e mil e uma presepadas. E pra mãe das moças, a piranha velha tinha outra fachada. Sempre que podia, chorava as pitangas. Contava cada treta de comover. Se queixava de solidão. Lamentava não ter podido ter filhos, reclamava que o Zé Cafifa, que no caso fazia papel de marido, era rabugento e não gostava de sair pra lugar nenhum. E por aí, enredou a paróquia. Quando sentiu que seu cartaz estava firme, lançou o picaré. Inventou que uma sobrinha ia se casar no interior com um fazendeiro rico e fazia questão que ela e o marido fossem assistir ao casamento. Pra eles não deixarem de ir, o noivo, que fazia questão de conhecê-los por escutar a sobrinha falar tanto neles, ia mandar uma perua buscá-los. E aí, falava como ia ser a festa. Dizia pras moças que ia ter um baile retumbante e que só a rapaziada bacana é que ia estar no casório. Claro que com essas quizilas, a piranha ouriçou a massa. E assanhou todas as mocinhas pra irem. Convidou com insistência total, alegando que tinha muito lugar na perua. As meninas toparam fácil. E as mães, que endureceram o alvará pras filhas, dona Rosinha chuveirou, jurando pela luz que a iluminava que tomava conta e tudo mais. Nessa toada, a danada fez um bom lote.

Enquanto isso, o Zé Cafifa cumpria a sua parte. Na moita, viajou pelo interior e se arreglou com uma boate pra, num sábado por mês, apresentar um time de garotas lindas pras fazer mesa. Fretou uma perua de um cupincha e, no dia marcado, piou na parada. Foi encher o carro e mandar rodar. No caminho, dona

Rosinha rachou o macete pras mocinhas. Naturalmente, teve estrilo, chiado, choradeira, mas, na sugestão, a pistoleira velha maneirou a situação e todas acabaram indo no embalo. Desgraçadamente, saíram bem. Ganharam dinheiro e fizeram dona Rosinha ganhar muito mais. Daí pra frente, vira e mexe, a coroa inventava uma festa e lá iam todas as garotas pra viração. E, sem relaxar o trampo, dona Rosinha formou quatro ou cinco turmas. Cada sábado levava um grupo de garotas. Isso garantia a sua lavoura e desbaratinava as mães das moças, que naturalmente iriam desconfiar se as filhas se mandassem todos os fins de semana.

A Rosinha e o Zé Cafifa estavam no bem-bom. Já pensavam em começar a bancar o jogo sozinho, abrir uma boate por conta própria, quando entrou areia. Numa das viagens, um freguês se engraçou pra valer por uma das meninas. Quis arrastá-la pra todo o sempre. A garota saiu fora e o otário virou bicho. Aprontou o enguiço. Os leões de chácara da boate e o Zé Cafifa entraram em ação pra guentar o otário que, além de bêbado, estava furioso, se sentindo no prejuízo. Não prestou. Pra não levar biaba, o loque puxou o revólver e mandou arrebite. A garota pegou as sobras: um no pé e outro no braço. De leve. Porém, bateu sujeira. A polícia entrou na fita e tudo ficou escancarado. As moças eram menores, família espantada e salve-se quem puder. O Zé Cafifa deu pinote. A Rosinha entrou em pua. Na delegacia, contou sua desgraça toda e, em prantos, se lamentou que na sua profissão não existia aposentadoria e o remédio era apelar.

O delerusca escutou o quás-quás-quás da piranha velha com paciência, mas acabou botando uma pedra no assunto:

- Recolhe ela. Asilo de pistoleira aposentada é xadrez. E não tem por onde.

O homem que não ri mais (Última Hora de SP – Edição de 10/9/1971. Página 16 Caderno 1)

Tem coisa que, por mais esforço que a gente faça, não dá pra entender. Está certo que meu puçá não vai além da superfície e eu só pesco o que vem à tona. Mas, tem lance que entorta qualquer patuá. O perereco do Dejanir de Souza é bem desse naipe. De repente, ele endoidou e, por um troço à toa, se botou a fazer desgraça. Daí, foi lenha. Enquanto não entrou em pua, não se acanhou.

Tudo começou quando uma noite, depois de encarar um batente sentido, que vinha desde as sete da matina, o Dejanir pegou um trem e se mandou pelos caminhos esquisitos e escamosos do roçado do bom Deus, rumo às quebradas do mundaréu, bem lá onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, que era onde ele tinha montado mocó. Foi entrar no trem, que por sorte ou por crepe estava vazio, encostar num banco duro e pegar no sono. Escolado nessa viagem, o Dejanir não era de se afobar quando se apagava. Uma mumunha qualquer, treinada por anos e anos de catimba, acordava o bruto bem na estação onde ele tinha que descer. Nisso não havia erro. E não houve na vez do esquinapo. Onde bateu sujeira foi no boteco onde o Dejanir tomava a penúltima cachaça antes de se recolher. Como fazia sempre, se encostou no balcão e sorriu pro copa, que já sabia qual era a sua pedida mesmo sem ele falar. Só que nessa noite, o pinta estranhou o freguês e antes de servir a pinga, deu uma pala:

– Que qui [sic] há, meu chapa? Botou a dentadura no prego? E tava mal, hein. Meteu a de cima e a de baixo.

Invocado com essa piada, o Dejanir levou a mão na boca e só então se flagrou que estava rindo com as gengivas. De estalo se ligou na xavecada²²². Tinha

222 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

puxado o ronco de bocão aberto no trem e algum gaturama não perdoou. Lhe afanou a dentadura. Foi pensar isso e se abrir om o copa do boteco. Esse, em vez de se doer, ainda achou a gronga uma tremenda graça. Sem fazer cerimônia com o otário, o copa chamou o patrão e deu início a marola. O dono da espelunca caiu no gargalheiro e deu um alô pra curriola que estava jogando sinuca e ainda não tinha tomado conhecimento do assunto. Todos vieram ver e a miséria do Dejanir virou onda. Ninguém lhe aliviou a presepada. Muito pelo contrário. Pegaram no pé do infeliz.

Claro que a gozação, colocada em cima da bronca de ser roubado, encabritou o Dejanir. Porém, o esculacho de ser passado para trás na dentadura faz o pinta tremer nas bases. Ele ficou ruim dentro da roupa. Mas, não encontrava pedal pra se livrar da zoeira. Encabulou. Se plantou no balcão pra não desabar. Marcava a maior bobeira da paróquia. E a onda da patota virou pororoca. Inundou todas as barreiras e a guerra se avacalhou. O povão presente não respeitava bulhufas. Faziam o maior quás-quás-quás.

- Sorri com gengiva, loque.
- Ficou com boca de velha.
- Mandaram a mobília do papagaio enfeitado.
- Agora o negócio é ir buscar outra no cemitério da Cova Rasa.

Machucado, o Dejanir não retrucava. Mil ideias de jerico tomavam conta da sua cachola. Ele matutava. Queria saber como iria explicar pra mulher tamanha mancada. Realmente, estava envergonhado de ter sido chuveirado na dentadura. Se durante seu sono pilantroso que aprontou a façanha lhe batesse a carteira, ia chatear e tudo mais. Com a vida custando os olhos da cara como anda, qualquer grana estapora o orçamento de quem viver de salário mínimo. O mês seria uma África. Ele e a família iam ter que comer capim amargo pela raiz. Mas, claro que o Dejanir preferiria. Pelo menos teria como mastigar o talo. Pior era essa bananosa. Se ele mandasse fazer outra dentadura, enquanto esperava ia ficar na dureza e sem poder roer o osso. Todas essas minhocas fundiam a cuca do infeliz. E, sem dó, o gango tinha:

- Tem uma nota pra tu comer a broa de milho que o português vende aqui.
- Ói aí a tua chance. Pode ficar rico. É só treinar e meter os peitos no programa do Silvio Santos.
- Vai ser legal. Tu vira o homem de gengiva de aço.

E por aí continuava o sarro. O Dejanir estava ficando até vesgo de vergonha. Aos poucos, foi se picando de raiva. Se pôs a imaginar o ladrão rindo alegre com a sua dentadura. Se abilolou com essa quizila. Pediu ao seu guia de frente, numa prece muda, que lhe botasse de fuça com o vagau que a furtou. Aí, poderia se vingar. Estarrava o miserável de biaba. Porém, com cuidado, pra não acertar nenhuma mucada na boca e estragar a dentadura. E quando o gaturama desabasse, ele retiraria seu sorriso da boca do maldito. Teria que dar um tremendo banho de álcool na dentadura antes de usar, pensava. Porque, por certo, um sujeito pra meter a mão num badulaque desse só podia ser nojento e babão.

E nessa ilusão, o Dejanir estava fora do ar. Nem viu quando entrou no boteco um guarda-noturno meio gira da cabeça, que baixava sempre por ali. Nem prestou atenção quando a moçada levou o sereno pro canto. Nem percebeu que enredaram o pobre guarda. Só caiu em si quando o dono do boteco lhe bateu nas costas e deu a dica:

- O guarda quer lhe falar.

Meio tonto pelos seus abilolamentos, o Dejanir olhou pro guarda com expressão abestalhada e resmungou:

– Que quer?

O sereno, todo importante, meteu banca:

– Roubaram sua dentadura nova?

Aborrecido, o Dejanir confirmou e o guarda pegou a corda:

– Bem, vamos na captura do bandido.

A moçada escutava o papo e ria. E só aí o Dejanir se encrespou com eles:

– Estão rindo do que, suas bestas?

Um pivetão folgado tirou de letra:

– Mas, que qui há? Quem tem dente tem que rir mesmo.

Essa resposta foi o pingo de água que transbordou o copo de paciência do Dejanir. Rapidamente, ele meteu a mão na arma do guarda e embandeirou o boteco. De saída, deu um tiro na boca do pivetão. Depois, distribuiu arrebite. Entrutou o dono da espelunca com um caroço na testa. E ainda estrepou mais dois negos. Não despachou mais gente por falta de bala. E, sem munição, ficou no papo de aranha.

O guarda teve que fazer das tripas coração pra livrar o Dejanir de um massacre. Conseguiu e chamou a cana. No xadrez onde está, o infeliz não precisa de dentadura. Já não acha graça em mais nada.

Um patriota em cana (Última Hora de SP – Edição de 11/9/1971. Página 16 Caderno 1)

Tem coisa que, por mais que a gente se esforce, não dá pra entender. É bem verdade que meu puçá não vai além da superfície e por isso eu só pesco o que vem à tona. De toda forma, são tantas as quizilas que aparecem flutuando na maré barrenta em que navego, que tem hora que preciso me agarrar com as duas mãos no meu patuá de valia pra não ir a pique. Um caso que me deixa abilolado é esse de patriotismo. Tem nego às pamparras que pensa ou desbaratina que é patriota unicamente porque aprendeu a assobiar a marchinha: “Eu te amo, meu Brasil, eu te amo”, ou porque botou no parabrisa do automóvel a decalcomania do “Brasil, ontem, hoje e sempre”. Desse naipe é um locutor de uma das rádios da cidade que outro dia eu fui obrigado a escutar. O perereco se deu na semana da Pátria.

Estava eu flanando nas quebradas do mundaréu, bem onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, quando tive a ideia de jerico de querer pegar um táxi. Foi uma batalha. Porém, depois de muito esforço, consegui um carango velho, desses que andam muito mais pelo poder da fé do motorista do que pela eficiência do motor. Me instalei no bruto e, sem rodeio, dei o destino. O chofer meteu o pé na tábua e, sem fazer cerimônia com o otário aqui, ligou o rádio em volume de explodir a orelha. Não pediu nem licença. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que, de saída, o rádio ficou sintonizado numa estação que só tocava música estrangeira. E da ruim. Mas, o pior era o locutor que, de vez em quando, interrompia o chiado gringo e anunciava mil e um badalques de nomes estranhos, desse que precisa dar nó na língua pra falar, e dali enchia a boca e sapecava, sem o mínimo simancol:

– Brasil, ontem, hoje e sempre.

Daí, certo de que tinha cumprido o seu dever, o brilhante locutor de voz de trombone anunciava a música seguinte e mandava ver. Vinha música estrangeira. Uma atrás da outra. Na minha cachola pouco firme, minhocas se ouriçavam. E eu me botei a matutar porque o tal programa, que tinha um locutor tão patriota, não

tocava uma música brasileira. Cheguei a pensar que talvez o tal locutor patriota não gostasse de música brasileira. Até dei desconto pro bruto. Considerei que, naturalmente, há muito exagero no verso do Caimi, em que ele diz: “Quem não gosta de samba, bom sujeito não é, ou é ruim da cabeça, ou doente do pé”. O nosso locutor provavelmente não era nada disso. Apenas não era chegado ao samba. Nem ao baião, nem ao xaxado, nem à seresta. Talvez o locutor ou o programador não gostasse da divina Elizete Cardoso, nem do Silvio Caldas, nem do Orlando Silva, nem do Nelson Gonçalves, nem da Angela Maria, nem do Caetano Veloso, nem do Gilberto Gil, nem do Chico Buarque, nem da Marília Medalha, nem do Vinícius de Moraes, nem de ninguém. O nosso locutor naturalmente devia ser um homem de vanguarda. Desses que acham que o som é universal. Apesar de saber que nunca, na Mongólia, se toca samba. Sei lá. Esses vanguardistas são tão evoluídos. O nosso locutor podia estar na dele. Podia e acredito que estava. Só que o bruto era patriota. Patriota brasileiro. Pelo menos é o que se esforça pra fazer seus ouvintes entenderem. Vira e mexe, dizia “Brasil, ontem, hoje e sempre”. E aí é que minha cuca rateou. Se o locutor era tão patriota por que não cumpria a lei?

A lei que protege a nossa música não era cumprida pelo locutor. Nem de leve. O desgraçado não tocava música brasileira. No seu programa, a alma do povo, que é sem dúvida expressada através da música popular, não tinha colher de chá. E o que era mais grave: o tal patriota dirigia seu miserável programa à juventude. Era pra pivotada que o cara mandava seus recados. Sem desconfiar que um povo que aniquila sua forma de expressão mais autêntica, que sem dúvida é a música, está condenado a comer capim amargo pela raiz. Que é quem [sic] vem acontecendo com os grandes compositores da nossa terra, como Toniquinho, Talismã, Zeca da Casa Verde, Marco Aurélio Jangada, Geraldo Filme, Irineu Escovinha, Zé Di, Carlos Magno e tantos outros talentos que estão entregues às traças, se agarrando em fio desencapado, catando lata e matando jacaré a beliscão pra poderem ganhar o pão de cada dia. Porque graças a muitos patriotas de araque, como esse locutor é duro pra chuchu ser compositor de música brasileira no Brasil. O Toniquinho está aí mesmo pra não deixar ninguém mentir. Apesar do seu enorme talento, continua engraxando sapato na Praça da República. E ele, que no samba faz mais que o Antonico, não tem chance. Sai muito mais barato pras gravadoras regravamem no Brasil um disco do Frank Sinatra, que é um dos artistas mais caros do mundo, do que gravar o Toniquinho, engraxate da Praça da República, que quando chove não come por não ter botina onde tramar[.] E é mais bacana pro locutor patriota de araque apresentar o último sucesso do Frank, que sempre que foi convidado a vir ao Brasil esnobou o nosso país, do que o Toniquinho, ou o Talismã, ou o Zeca da Casa Verde.

Mas, deixa isso pra lá. Meu negócio aqui é falar de crimes. De crimes de que saia sangue. Como o esquinapo do marido enganado que cortou a orelha da esposa infiel a machadinha. Ou a gronga do torneiro mecânico Milton de Almeida, que aproveitou o feriado da independência pra ir ver a gloriosa parada de Sete de Setembro. Foi, viu e gostou. Gostou tanto, ficou tão cheio de entusiasmo, que quando retornava ao seu barraco, ao passar num posto de gasolina viu uma bandeira nacional dobrada num canto. Vidrado como estava, não resistiu à tentação. Afanou a bandeira e já ia dando o pinote, quando levou o flagrante do dono do posto.

O Milton não esperneou. Muito pelo contrário. Envergonhado, devolveu a bandeira sem estrilo. Porém, não adiantou. O cara não aliviou pro Milton. Fez o maior quás-quás-quás e chamou a cana. Nessa, o Milton pegou um flagoroso firme.

Afanou e tem que entrar em pua. A lei é clara. E nesses casos, ninguém burla a lei, como no caso do locutor patriota de araque. Provavelmente o Milton vai mofar no xadrez. A não ser que algum juiz resolva dar uma grande lição ao mundo, dando dispensa e uma bandeira do Brasil pro Milton, que era a única coisa que esse homem do povo queria.

Curta permanência (Última Hora de SP – Edição de 13/9/1971. Página 16 Caderno 1)

Tem coisa que acontece que não dá pra entender. Tá certo que meu puçá não penetra além da superfície e por isso eu só pesco o que vem à tona. Porém, aparece tanta gronga boiando na maré barrenta em que eu navego, que meu patuá de valia até já anda entortado de tanto que me espanto diante dos pererecos que entram na fita. Por exemplo, minha cuca sempre funde quando escuto os quás-quás-quás da curriola sobre essa gronga que é hoteleco não querer aceitar casal por curta permanência. O povão da sociedade se atucana com a lei que empata a curta permanência dos casais na espelunca. É de lascar. Um esquinapo sentido. E o caso da amiga Dagmar está aí mesmo pra não deixar ninguém bufar que essa pala é mentira.

A quizila teve início no dia em que as botucas do Valdemar Alvez, padeiro de profissão e paquerador por vocação, se ligaram no remelexo da Dagmar. Foi ver e vidrar, e da parte da Dagmar não teve muita escama. O Valdemar jogou o picaré de malha curta e ela se enredou. Daí, foi só na base do agrião. Namoro nas esquinas escuras e patati-patatá. Mas, não dava pedal. Tanto o rapaz como a moça tinham saúde às baldas e logo ficaram a fim de mandar ver. Como o Valdemar era salário mínimo, e com a vida custando os olhos da cara do jeito que tá, qualquer graninha gasta de brincadeira bagunça o orçamento. E ele nem vacilou pra arrastar a Dagmar pra um pedaço esquisito dos caminhos do roçado do bom Deus. Lugar que ele sabia cavernoso demais pra aparecer polícia a avacalhar a guerra. Mas, se até ele, que era dos mais trouxas, sabia que a cana não comparecia nesta parte do planeta, os vagaus escolados nas catimbas também sabiam. E foi aí que nesse primeiro rounde a canoa foi à pique.

Estavam o Valdemar e a Dagmar nos preparativos iniciais, quando uma patota piou na parada e deu a congesta²²³. Assombrado com o arroxó, o Valdemar se rendeu sem briga. Diante da moleza, os gaturamas se serviram. Limparam o casal. Do Valdemar tomaram o relógio, a carteira com uns pixulés e radinho de pilha, que ele tinha levado pra fazer fundo musical pro romance. Da Dagmar os pilantrosos tomaram um par de brincos, que ela tinha afanado da patroa justamente pra parecer mais bonita naquele encontro.

Porém, mesmo ficando sem os badulaques, o casal ainda se considerou na proteção de Oxalá, porque os gaturamas não tocaram na Dagmar. Ficaram tão gratos ao orixá maior, que assim que se viram livres, juraram fazer obrigação pro encantado. Besteira. Porque no caso, Oxalá não deu nenhuma força. A Dagmar escapou do entruto unicamente porque os ladrões a acharam um bagulhão de desmoralizar vontade de qualquer homem. Mas, diante do Valdemar, que estava gamado, a estia se deu por obra do seu axê. E tudo foi colocado na conta de Oxalá. Porém, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que, diante do acontecido, o matinho ficou queimado pra servir de ninho de burro pro Valdemar e pra Dagmar. E o casal, no ora veja, foi tentar noutra freguesia.

223 Termo atualizado; no original de jornal consta “cougesta”.

Se moitaram numa barroqueira menos tnhosa. Pra embalo de entendimento, deu. Mas, logo bateu sujeira. A polícia meteu as fuças e foi aquele escarcéu. A Dagmar estava sem documento. Os guanacos acharam que ela era de menor e encarçou o mi[n]gau. O Valdemar foi tentar conversar [com] os homens, mas era todo ruim pra esse tipo de charla. Deu um alô meio atravessado e se machucou. O policial se ouriçou com o papo do Valdemar e não deu arreglo. Arrastou o casal pra delegacia. Um troço à toa virou escândalo. O delerуска não estava fácil naquela noite e azucrinou as ideias do Valdemar com um retumbante esculacho. Pra Dagmar, então, sobrou a parte ruim. Pra ela poder sair do bolo, teve que telefonar pra patroa, que teve que levantar da cama, acordar o marido, pra ele ir buscar a empregada no distrito. Claro que teve broncas mil, sermões e outros babados. A Dagmar só não perdeu o emprego porque a patroa não era do batente e sabia que andava difícil arra[n]jar empregada de forno e fogão, roupa lavada e casa arrumada, que eram as qualidades da Dagmar. Porém, o que ela ouviu não foi pouco. A bruta se viu em papos de aranha. Foi até forçada a assinar recibo, prometendo não mais se encontra[r] com o Valdemar. E, apavorada, manteve o trato por algumas semanas.

Depois, relaxou o bochicho e o coração da Dagmar falou mais alto. Ela procurou o Valdemar e acertaram os ponteiros novamente. Acertaram do jeito deles. Pra amarrar os trapos de vez, não deu. O Valdemar estava se agarrando em fio desencapado, catando lata e matando jacaré a beliscão. Não podia nem com ele sozinho, quanto mais com os dois. Isso posto, pros[s]eguiram tentando o entendimento bíblico. Só que, dessa vez, mais escolados, os dois se ligaram na Tabuada das Candongas do mestre Zagaia. Na Tabuada das Candongas, o velho cabo de esquadra diz:

– Em água que tem perau, caiçara apalpa.

E se o Zagaia falou, tá falado. E, por essas e outras, o Valdemar esperou o fim do mês, recebeu o ordenado e saiu plainando o terreno. Foi em mais de vinte hotéis da boca do lixo. Em nenhum conseguiu matrícula pra curta permanência. Só podia ser, se fosse pra noite toda. E pra noite toda não dava. A patroa da Dagmar tinha baixado regulamento nazista em cima da coitada e ela, de burrona que era, não estrilou, não mudou de emprego, nem nada. Engoliu enrolado e acostumou a ser esparro. Até tinha medo de perder a chance de tramar na casa da madame. Sabe como é. A Dagmar tinha passado a existência comendo capim amargo pela raiz e não era muito cheia de ideia. Aliás, muito pelo contrário. Analfabeta de pai, mãe e vizinhança, a coitadinha era a jegueira encarnada. Conformada com tudo. E nesse setor, o Valdemar nada fez pra lhe ajudar. Também era outro todo abilolado pela formação. Em vez de espe[r]near e obrigar a Dagmar a largar o serviço da tnhosa madame, não. O Valdemar foi catituar um mocó com os amigos. Falou com um, falou com outro e, for fim, achou uma boca. Era meio fajuta, mas pra ele dava. Quem se prontificou a quebrar o galho foi o Carlinhos das Tintas, que era pintor e estava se achagando ao batente num apartamento de décimo andar no centro da cidade. Apartamento vazio. Esperando a pintura ficar pronta pro novo inquilino mudar. Pro Valdemar, era o fino. A miséria era que o Carlinhos das Tintas tinha raciocínio de jerico e não podia ver defunto sem chorar, e botou condição:

Picado de raiva como [sic] o atrevimento, o Valdemar deu um chega pra lá no atrevido:

– A Dagmar é negócio meu e não tem divisão.

Mas, o baralho estava na mão do Carlinhos e ele bancava o jogo e cortava as cartas:

– Então nada feito. Não vou te trazer aí, me arriscar e ficar de vigia. Quero me tratar.

No desespero de uma vontade curtida há longo tempo, o Valdemar marcou bobeira e fez um trato besta:

– Tá bom. Eu mando a Dagmar te trazer uma amiga dela.

Pro Carlinhos das Tintas serviu e ficou tudo selado entre os dois. O resto foi entre o Valdemar e a Dagmar. Ele, sem saber contar as coisas, direito, só abriu a metade. Mandou a Dagmar levar uma amiga, mas não disse pra que. A Dagmar, paspalha como era, não desconfiou de nenhuma xavecada²²⁴. Escalou uma menina de quinze anos, recentemente chegada do Norte pra trabalhar numa casa de bacana vizinha à da patroa da Dagmar. Assanhada pra passear, a menina topou o convite.

No domingo à tarde, o Valdemar e a Dagmar e a menina se apresentaram no apartamento em que o Carlinhos das Tintas estava de plantão, desbaratinando que trampava até no domingo. Sem rodeio, entraram e, depois do “muito prazer”, sem pedir licença, o Valdemar levou a Dagmar pra um dos quartos e trancou a porta. Na sala, o Carlinhos das Tintas, sem a mínima consideração, avançou na menina. Não prestou. Assustada, a menina gritou, chorou, implorou. Mas, neca do Valdemar e da Dagmar escutarem. Furioso, o Carlinhos das Tintas, pra fazer a menina sossegar, deu uma biaba.

Piorou a situação. Aflita, apavorada, correndo de um lado pro outro como barata tonta, a menina, perseguida pelo Carlinhos das Tintas, pra fugir se atirou da janela. Tombo de dez andares estupora qualquer um. A menina se estarrou direto. E o Valdemar, a Dagmar e o Carlinhos das Tintas entraram em pua. Tudo porque hoteleco não recebe casal por curta permanência.

Beco sem saída (Última Hora de SP – Edição de 14/9/1971. Página 16 Caderno 1)

Ainda era de madrugada, quando um grupo de homens, mulheres e crianças, todos famintos, sujos e maltrapilhos, saíram da favela pra catar no monturo o que comer. Porém, não estavam com muita sorte nesse dia. Quando chegaram ao monturo, três caminhões já haviam largado as sobras da sociedade e os urubus, que acordaram mais cedo, estavam se servindo, disputando entre si a carniça.

Todos os catadores de lixo têm a bronca pega contra os urubus. E, sem precisar combinar, pegaram pedras e atiraram nas aves que, assustadas, voaram para uma distância segura, longe do alcance das pedras, porém de onde dava pra ver a carniça. Os catadores se deram por satisfeitos em espantarem as aves e começaram a fuçar nos montes de lixo. Porém, um dos pivetes resolveu xeretar a carniça. Se aproximou e a examinou. Caiu de bobeira e berrou pro grupo:

– Ei, gente! Os aribus [sic] tavam se tratando com um porco.

A gentalha, ao escutar a novidade, parou de remexer no lixo. Todos se entreolharam. E ficaram sem saber o que fazer. Um velho de expressão doentia foi quem tomou a iniciativa. Lentamente, caminhou pra junto da carniça e todos o seguiram, indo formar um círculo em torno do bicho morto. Constataram que era mesmo um porco. E se botaram a chiar.

– Era um porco bão. Dos pequenos.

Esses aribus são desgraçados.

– Se agente [sic] chega cedo, era nosso.

– Sempre os bichos tão antes da gente.

²²⁴ Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

– A droga é os caminhões. Eles um dia vem de noite, outro dia de manhã. Nós nunca sabe.

– Certo é os aribus [sic] que dormem aqui mesmo.

– Também tem um porém. Pros lixeiros do caminhão deixá passá [sic] um porco, é porque ele devia tá cheio de bicho.

– Esses nego são muito enjoado. Sempre dava pra gente aproveitá [sic] uns nacos. Nós não é de luxo.

– Os aribu [sic] avacalharam a guerra. Comeram do bom e do melhor.

– Esses aribus [sic] são desgraçados.

E, aos poucos, os homens e as mulheres foram se afastando da carniça. Conformados com a desgraça, voltaram pra catar lixo nos montes grandes. Só as crianças é que ainda deram um tempo junto ao porco morto. De olhos arregalados, espiavam a carniça. Parecia que a devoravam com as botucas. Por fim, um pivete taludo agarrou o porco pelo rabo, rodou ele no ar e atirou o bruto longe, na direção dos urubus. As aves ficaram inquietas. Com gestos, o pivete taludo impediu que as outras crianças se mexessem. Os urubus ganharam coragem e voaram pra junto da carniça. Porém, mal os mais valentes começaram a beliscar o porco morto, as crianças fizeram chover pedras sobre eles, afugentando-os outra vez.

As crianças acharam muita graça da brincadeira e a repetiram várias vezes. E, com essas e outras, se afastaram do grupo de adultos que continuava catando o restolho e metendo o que apanhavam em sacos, cestos e sacolas, sem se preocuparem com nada. Até que, de repente, escutaram o som inconfundível das sirenes da polícia. Todos pararam imediatamente o que estavam fazendo. O velho, de expressão doentia, apurou os ouvidos e logo deu a dica:

– Os homens vêm pra cá.

As mulheres, aos berros, se botaram a alertar os filhos, que continuavam a grande distância do grupo, o[u]riçando os urubus. A zoada das sirenes ficava cada vez mais próxima. Uma preta banguela se abriu:

– Vou de pinote. A mim eles não catam.

E, sem esperar por ninguém, começou a correr. Todos a acompanharam. As mães, vendo que os filhos já vinham vindo, foram junto. Sabiam que as crianças, com facilidade, alcançariam o grupo. Foi o que se deu. Menos pro Zico. Ele, que vinha atrás do bando, deparou com um monte de abacaxis podres. Nem vacilou. Desamarrou um saco de estopa que trazia enrolado na barriga, e o foi enchendo de frutas. O Zico, pivetinho com poucos anos de janela, ainda não sabia dos macetes e das mumunhas das quebradas do mundaréu. Nunca tinha tomado um pega da polícia. Não estava nem se afobando. Na sua cuca de criança, nem de leve passava a ideia de fugir e deixar os abacaxis pobres. Era vidrado em fruta e não iria perder aquela chance, além de não compreender porque os outros se mandaram, se ninguém estava aprontando xavecada²²⁵. Não era roubo o negócio deles. Era catar lixo, sobras que as pessoas jogaram fora porque não queriam mais. O restolho, que só servia mesmo pra eles, que eram os lesados da sociedade. E, sem minhocas na cachola, o Zico foi recolhendo os abacaxis podres. Eram muitos, dariam pra encher uns dois sacos. E ele, sem pressa, escolhia os menos ruins.

O Zico, entretido com seus abacaxis, nem viu quando a polícia apareceu no monturo bem na frente dos catadores. O Zico não percebeu o salseiro que se formou. Sua gente mudou o rumo e continuou correndo com a polícia atrás. Iam tentar sair pelos lado oposto ao da favela. Porém, por aí também surgiu a polícia. Os catadores ficaram cercados. Foi um salve-se quem puder. Um perereco cavernoso.

225 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

Pouca gente escapou. Entre os que caíram presos, estava a mãe do Zico. Os policiais perseguiram alguns que tentavam escapar, e foram juntando todos os prisioneiros. Quando a patota já estava grande, os guardas perderam as esperanças de prender mais alguém. Por ordem do chefe, conduziram os presos até o carro.

Feliz por ter um saco cheio de abacaxis, o Zico, que nem notara o que se passava na outra parte do monturo, foi arrastando a sua conquista. Estava muito contente. Ao passar pelos urubus, que nessa altura devoravam à vontade o resto do porco, o Zico deu o seu recado:

– Inda bem que cês num come abacaxi, bicho esganado.

E, pra não perder o costume, apanhou umas pedras e atacou os urubus. A revoada das aves chamou a atenção dos policiais, que iam arrastando os presos para o carro. Todos olharam na direção das aves e viram o Zico. O chefe dos policiais não perdeu tempo pra ordenar:

– Vamos ganhar aquele pivete folgado.

A mãe do Zico, ao ver o filho, não se conteve. Meteu a boca no trombone:

– Foge, Zico. Foge pra casa da tia. Foge, senão os homens te ganham. Foge.

Um guarda, com um tranco, atirou a mulher no chão. Outros dois saíram na captura do pivete. Esse não queria largar o saco e, por isso, se afastava lentamente e perdia terreno. A mulher se levantou e continuou gritando pro filho:

– Foge, Zico. Foge, filho. Foge, que eles vão te pegar. Larga o saco e corre.

Porém, o garoto era teimoso. Insistia em levar o saco consigo. Sua mãe se desesperava:

– Esquece esse saco, Zico. Anda. Pelo amor de Deus, foge, Zico. Foge.

Não adiantou bronca. A mulher não se calou. E o Zico, só quando viu que os policiais estavam bem pertinho, é que desistiu do saco. Era um pouco tarde. Ficou cercado. Sua ligeireza, porém lhe valeu. Deu vários dribles nos guardas. De longe, os presos vibravam com os salames do Zico, e os guardas se divertiam com os colegas enganados. E, por fim, o Zico se arrancou. Os policiais, cansados, desistiram de prendê-lo. De maldade, esvaziaram o saco de abacaxis e os esborracharam com suas botas. Depois, retornaram para junto dos outros. De longe, o Zico espiava o lance. Sua mãe, muito preocupada, ainda lhe gritava, dando destino:

– Zico! Zico! Vai pra casa da tia. Me espera lá, Zico! Vai pra casa da tia, filho.

Os guardas, que tinham entrado bem com o garoto, de vingança a meteram no carro antes dos outros. No seu lugar, o Zico se doeu e se jurou:

– Nojentos. Eu mato tudo que for guanaco que piar na minha frente. É só ter jeito. E eu faço o jeito, mãe. Eles vão pagar por te encostar a pata. Vão. Vão, sim. Pode crer, mãe.

A dor do Zico era grande, mas ele era ninguém pra pesar na balança. Nada pode fazer. E os policiais guardaram todos os catadores no carro. Correu na direção da Carangola que se afastava. Mas, antes de chegar no meio do monturo, já tinha perdido de vista o Arrastão da polícia. Triste, o Zico parou e ficou pensativo. Estava perto dos abacaxis esmagados. Escolheu um pedaço que dava pra aproveitar e se afastou comendo. As lágrimas corriam pelo seu rosto. Nem se incomodou com os urubus que passaram a reinar no monturo.

A presepada do velho Osmindo (Última Hora de SP – Edição de 15/9/1971. Página 16 Caderno 1)

Tem coisa que, por mais que eu me esforce, não dá pra entender. Está certo que meu puçá não vai além da superfície e, por isso, eu só pesco o que vem à tona. Mas, aparece cada coisa flutuando na maré barrenta em que navego, que meu axé de valia anda até arrebitado de tanto que eu me agarro nele pra não ir à pique. O perereco do Osmindo da Silva é bem desse naipe. Ele, que era um coroa que já estava com um pé na cova, acreditou na marola que fizeram em torno do ovo de codorna e, ainda por luxo, bebeu Catuá e virou bicho.

Acontece, porém, que o Osmindo, com a idade que tinha, não fazia grande figura junto ao mulherio. Ou melhor, quem não fazia era a sua companheira de tantos e tantos anos. A velhota já havia pedido aposentadoria. E, por essas e outras, o Osmindo se viu a perigo perpétuo. Se servindo de Catuá e do ovo de codorna em doses cavalares, o coroa ficou abilolado. Sua cachola se encheu de ideias de jerico. E os rabos de saia do pedaço do Osmindo não tiveram mais sossego. O velho atucanava a vida das mulheres todas. E era sem grandes rodeios. O Osmindo era rico e chegava na orelha das pistoleiras com oferta de fazer tremer nas bases. Mas, nos caminhos esquisitos e escamosos do roçado do bom Deus, tem mumunha às pamparras. E, embora toda a mulherada do reduto do Osmindo andasse comendo capim amargo pela raiz, ninguém entrou na cascata do velho. Todas acharam que o Osmindo estava caduco. Que podia dar chibu e tal e coisa. Que o coroa batusquela podia, depois do trato, botar a boca no trombone e escancarar os arreglos. E aí, não ia prestar. Naquele ponto onde o velho Osmindo morava, embora ficasse encravado nas quebradas do mundaréu, bem onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, a curriola era do batente e nenhuma mulher era pistoleira declarada. Se alguma delas fazia e acontecia, era na surdina, sem se embandeirar. E, por isso, o velho Osmindo estava se dando mal.

Porém (e sempre tem um porém), um dia, quando menos o velho esperava, deu piranha no seu picaré. Foi um troço cavernoso. Mas, a bem da verdade se diga que, de saída, o Osmindo não forçou a situação. Ficou plantado assim como quem não quer nada. Provavelmente segundo as dicas da Tabuada das Candongas do mestre Zagaia. Na Tabuada das Candongas, o velho cabo de esquadra deu essa pala:

– O melhor negócio é a gente se fingir de morto pra ver quem vem no nosso enterro.

E se o mestre Zagaia diz, é que é. O velho Osmindo, ou por acaso ou por saber das coisas, se guentou na guarita e estava dando tempo ao tempo, pra cozinhar siri em água morna, quando piou na parada um sobrinho seu com a mulher. Chegaram meio desbaratinados. Se apresentaram como se viessem só fazer uma visitinha, ver a tia velha e tomar um cafezinho. Mas, depois das milongas, o sobrinho chamou o Osmindo num canto e se abriu:

– Meu tio, tou numa sinuca de bico. Ou pago um papagaio no banco, ou minha fazendoca vai pro bebeléu.

O coroa escutou o plá choroso do sobrinho com pouca atenção. De esquelha, o velho assanhado estava espiando a sobrinha que, por sinal, era bem bacaninha e nessa hora levava um papo furado com a tia do marido. Sem se tocar no interesse do coroa, o sobrinho continuava o bué:

– Tou entralhado, meu tio. Preciso de uma estia. O senhor está bem instalado, pode me ajudar. Nós estamos realmente em grande dificuldade. Coitada da Belina, está ficando jururu com a nossa vida. Não tem distração, é só problema e mais problema. Agora, eu acredito que vou melhorar. É só uma questão de tempo. E o senhor podia ser minha escora.

Comovido muito mais pela pinta da sobrinha do que pela conversa do rapaz, o Osmindo prometeu dar a colher de chá. Mas, já com mil minhocas na cachola, arrumou um jeito de ir na casa do sobrinho no dia seguinte. Alegre e esperançoso, o moço passou a mão na mulher e se arrancou. Não teve mancada por parte do Osmindo. Conforme o combinado, ele deu as fuças e veio de cheque na mão. Naturalmente, foi recebido como um lorde. E nem teve bochicho quando o velho Osmindo beijou a sobrinha. Nem o sobrinho se ouriçou quando disse que ia sair e o tio disse que ia ficar fazendo uma horinha. O sobrinho foi tratar dos negócios e o velho ficou tratando de si. Como foi, como não foi, não dá pra saber. Mas, o que quero contar é o que pesa na balança. A partir daquele dia, o velho e a mulher do sobrinho se arreglaram e o velho começou a ajudar o casal que, com essa força, prosperou. Foi até incentivado pelo velho que o rapaz se meteu num negócio numa cidade vizinha e pra onde tinha que viajar sempre. E essas viagens deixavam o tio à vontade pra cuidar da sobrinha.

Mas, o velho não e contentou com essa porção. No fim da picada, mas tomando Catuá e comendo ovo de codorna todo santo dia, o Osmindo queria aproveitar o seu tempo regularmente até as últimas consequências. E nessa cisma encucou. Matutou, tramou e concluiu que tinha que tirar o sobrinho do caminho. Se pensou, fez. Contratou um tal de Peixerinho pra matar o sobrinho. E deu as fichas e os rumos do desgraçado pro pistoleiro. Como a grana que prometeu pro Peixerinho era grande, o criminoso, em vez de assumir o esquinapo, não. Peitou um tal de Ganso, bandido de segundo time, pé de chinelo e de pouca cancha. Esse aceitou o trampo por precisar de grana. Mas, não teve coragem de fazer o salseiro sozinho. Juntou mais dois pilantras: um chofer de táxi e um vagau de dedo mole. E, enturmados, deram a congesta no sobrinho do velho Osmindo.

Ganharam o moço num lugar deserto. Meteram a mão grande em cima dele. Fizeram com que ele subisse no táxi. Rodaram até as berbas do mangue e, sem cerimônia, balearam o infeliz. Mas, não contentes de verem o rapaz estarrado, passaram o carango várias vezes sobre o cadáver. E ainda sem se conformarem com a miséria, atearam fogo no que restou do sobrinho do velho Osmindo, que pagou o pistoleiro e dali pra frente se botou na tranquilidade com a viúva, que ficou sem saber que era viúva. Pra ela deram a entender que o marido se mandou com um dinheiro do tio.

A sujeira bateu quando o chofer do táxi começou a gastar dinheiro de dar na vista. A cana encarnou no otário e, no arroxo, ele abriu o crime. Mostrou o cadáver e caguetou seus parceiros. Eles entraram fácil na pua. E mais fácil ainda entregaram o Peixerinho, que também não resistiu pra dedar o velho Osmindo. Sem poder negar, o corpo foi apanhado. Contou toda a história pro delerуска. De emoção ou de remorso, seu coração rateou. Levaram o bruto às pressas pro hospital, mas não deu pedal. Faltou o gás pro desgraçado e ele empacotou. Quem se deu bem na história foi a Belinha, que se livrou do marido loque, do tio bobão e ficou cheia de grana, porque no testamento do velho só deu ela.

O biduzão (Última Hora de SP – Edição de 16/9/1971. Página 16 Caderno 1)

Mestre Zagaia, velho cabo de esquadra²²⁶, navegou sem bandeira por muitas águas barrentas e andou à toa pelos caminhos esquisitos e escamosos do roçado do bom Deus, antes de abrir seus olhos e ver coisas de assomb[r]ar até os negos de patuá mais forte, com raízes na África e conformação na Bahia. Encarou mil

226 Termo atualizado; no original de jornal consta “esquarda”.

batalhas cavernosas e foi no meio dos pererecos mais sentidos que ganhou seus cabelos brancos, suas rugas, suas cicatrizes, que são as divisas que lhe dão direito a pala entre os vagaus mais considerados que pisam nas quebradas do mundaréu, desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, até onde o pilantroso apalpa devagarinho. Por estar sempre de botucas ligadas, mestre Zagaia se meteu por dentro das coisas e, pra servir de bússola pra gente que se atucana e marca bobeira, escancarou suas dicas na Tabuada das Candongas. E lá na Tabuada das Candongas está dito pelo mestre Zagaia:

– Ninguém pode ser mais malandro que a malandragem.

E se mestre Zagaia, do alto de sua embaixada, falou, é porque é. Porém, o Roquinho não se tocou e se achando o dono da biduzagem, inventou uma treta pra faturar uma grana no mole. Coisa pouca, nada que pudesse dar na vista dos otários. Uns pixulés por semana, que ele contava como garantido. Seu lance era em cima da Loteria, que ele esqueceu que foi bolada por uma cachola bem mais privilegiada que a sua e, portanto, não ia ser chuvaçada. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que, depois de manjar muito a Loteria Federal, o Roquinho concluiu que a moçada que tentou dar golpe nesse pesqueiro se entortou por ganância.

Quem fajutava bilhete ia sempre no primeiro prêmio. Ou, então, vendia pra trouxa no golpe do bilhete premiado, que já está esculachado de tanto que foi usado. Ou, ainda, ia tentar receber na boca do cofre e era aquele escarcéu. Toda gente querendo agradar um campeão da sorte, já viu, é aquele enxame que assanha até defunto. Por essas e outras, o Roquinho foi modesto. E trambicou seu bilhete em prêmio pequeno. Com grande gabarito, recortava os últimos números do bilhete, depois colava outro número e assim como quem não quer nada, se encostava numa casa lotérica, ou num bilheteiro de rua, a fim de conferir na lista seu bilhetinho. Era pau e bola. Não precisava procurar muito pra encontrar seu número na lista dos números que davam direito a devolução do dinheiro. Aí, sem escarcéu, o bruto negociava. Chorava as pitangas. Abria o bué pra explicar que estava a perigo perpétuo e tal e coisa. Dava vantagem pro bilheteiro e descontava na mão do papagaio enfeitado o bilhete.

Dava uns seis ou sete golpes desses por semana. A grana que juntava não era muita. Mas, pro Roquinho estava bom, que ele era só de comer e dormir de qualquer jeito. Bastava arrumar o suficiente pra escapar do relento, pra ele se conformar. E isso o pilantra conseguia, mesmo a vida custando os olhos da cara como anda. E com essa quizila, o Roquinho remava sua catraia. Mas, um dia, bateu sujeira.

Um dia em que o Roquinho saiu pra banhar um bilheteiro cego, entrou areia. O bruto fez a catimba direitinho, certo de que ia ser uma canja engabelar o cego. Mas, não contou com o tato apurado que compensava a ausência de visão do bilheteiro e que, no caso, valia mais, graças à perfeição da falsificação do Roquinho, que de tão bacana não era possível ser percebida nem por olho de lince. Mas, pro dedo do cego, não teve mistério. Ele pegou o bilhete e esfregou o dedão sobre o número pra ver se era o próprio da lista. Sentiu a saliência da colagem e se abilolou. Forçou o número e o descolou. Daí, não prestou. O cego se picou de raiva e botou a boca no trombone, com todo o embalo da sua caixa de catarro:

– Ladrão nojento! Queria roubar um pobre cego. Miserável! Gaturama sem-vergonha!

Diante do quás-quás-quás, o Roquinho quis dar pinote. Porém, um outro bilheteiro do pedaço, um aleijado, lhe meteu a muleta na testa e ele caiu de cabeça

quebrada, bem na frente do cego. Esse não aliviou. Meteu-lhe um bico nas costelas e partiu duas ou três. E partiria mais, se não fosse a turma do “deixa disso”, que acudiu o Roquinho. E ele, sem estrilo, azulou do local do escândalo, enquanto o cego contava os detalhes do salseiro.

Depois dessas, o Roquinho ficou ruim dentro da roupa. Apanhar de um cego e de um aleijado deixou o bruto jururu. Com vergonha de sair na rua. E, além do mais, seu xaveco²²⁷ apareceu. Ele, que era escolado, logo se mancou que tudo quanto era bilheteiro ia ficar sabendo quem era ele. O otário que apanhou do cego que descobriu o truque do bilhete. Por isso, assim que sarou, o Roquinho resolveu mudar de praça. Juntou seus badulaques e se espantou pro Rio de Janeiro.

O Roquinho chegou na Carioca meio murcho. Sem grande confiança. Embora ali ninguém o conhecesse, as biabas que o cego lhe deu o fizeram tremer nas bases. E por estar encucado, o Roquinho não atacou de saída. Primeiro se instalou numa pensão fedorenta, pra só depois ir sapear. Mariscou em volta dos bilheteiros uns dois ou três dias. Se certificou bem que não havia nenhum vagau do seu naipe trampando no seu estilo. E começou a se preparar pra meter os peitos. Saiu dando bandola e catando tudo que era bilhete velho que achava. E numa dessa, um tira estranhou o Roquinho. Seguiu o bruto. Deixou ele recolher bastante bilhete e aí deu a dura.

O Roquinho ainda tentou desbaratinar, se fingindo de louquinho. Riu como bestalhão, enganou que não entendia o que o tira dizia, enrolou o papo, mas um bofetão que o tira lhe deu na orelha desmontou o tipo. Daí, o Roquinho ficou no papo da aranha e não teve remédio. Confessou tudinho e entrou em pua direito. Foi cumprir seu destino de pilantroso atrás das grades.

Lavinho abilolado (Última Hora de SP – Edição de 17/9/1971. Página 16 Caderno 1)

O Lavinho era escorado por uma tremenda esperança. Acreditava que ia ser alguém de respeito na ordem das coisas e, por essas e outras, não desanimava, nem se assombrava diante dos revertérios. Comia capim amargo pela raiz, dormia nos barracos, mas estava sempre de plantão pra faturar uma graninha que enfurnava. E foi assim que criou condições pra sair do pedaço maldito onde nasceu e vir tentar a sorte na cidade grande. Viajou pra chuchu²²⁸. Navegou sem bandeira por muita água barrenta, bateu perna à toa nos caminhos esquisitos do roçado do bom Deus, padeceu de frio e de fome, se viu em palpos de aranha, mas, apesar de todos os trancos e barrancos, chegou em São Paulo inteiro. Com a grana pega. Jurado por todos os orixás que iria se aprumar.

Com o Lavinho não teve mumunhas de saudades, de medo, de acanhamento e tal e coisa. Por estar combinado consigo mesmo desde que se conhecia por gente que viria pra cidade, o Lavinho não estranhou bulhufas. Meteu as fuças sem afobações e ligou as antenas pra se botar por dentro dos assuntos. Como veio com umas economias escondidas. No fundo do baú, não teve grande problema pra se instalar. Se ajeitou numa vaga de uma espelunca tihosa, mas que pra ele até que estava bom, comparando com o seu mocó de origem. E daí, sem rodeio, o Lavinho procurou e encontrou trampo. Se encostou no batente como servente de pedreiro. Uma dureza. Porém, ele encarou com alegria. E sem rejeitar serviço, foi aprendendo os macetes da profissão e logo sabia misturar massa, acertar tijolo e tudo mais. O

227 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

228 Termo atualizado; no original de jornal consta “xuxu”.

empreiteiro há muito tempo não encontrava um nego com tanta boa vontade de trabalhar e se entusiasmou com o Lavinho. Deu força pro bruto. Puxou por ele. Acenou com a possibilidade de dar uma colher de chá e transformar o Lavinho em mestre de obra. Só lamentou o fato do rapaz ser analfabeto de pai, mãe e vizinhança. Mas, essa desgraça não abalou a cachola do rapaz, que era todo cheio de paciência. Aliás, muito pelo contrário: o Lavinho até se encheu de mais gás. E saiu procurando uma forma de encontrar pedal.

O curto tempo em que o Lavinho estava na cidade grande foi o suficiente pra conhecer gente às baldas. Pelo seu temperamento pacato, por seu bom humor, por sua fé no futuro e por tudo o mais, a curriola aceitou o pinta sem ouriçar. E nessa hora em que o Lavinho queria uma estia pra aprender a ler, ele saiu falando com uns e outros. No quás-quás-quás, lhe deram a dica do MOBREAL. E o Lavinho meteu os peitos. Se matriculou e foi pra valer. Estudava como um abilolado e, na base do agrião, supria todas as deficiências. A vista rateou diante das letrinhas. O Lavinho nem vacilou. Fez das tripas coração e comprou óculos. Mudou de construção. Saiu de uma que ficou pronta e que era perto da escola e foi trabalhar nos alicerces de um prédio no outro canto da cidade. Mas, com ele não teve chibu. Não abandonou o curso. Se sacrificava, mas estava rente nas aulas todas as noites. Acabou sendo recompensado. Aprendeu a ler e a escrever. Naturalmente, não era nenhuma maravilha a sua embaixada. Mas, dava pro gasto.

Assim que o Lavinho se apresentou pro empreiteiro de canudinho na mão, o homem cumpriu sua parte. Passou o Lavinho pra mestre de obras. Daí pra frente, começou a chover na horta do rapaz. Teve aumento de salário e outras regalias. Mas, foi aí que se deu o esquinapo.

Ganhando bem, mil ideias de jerico tomaram conta da cachola do Lavinho. Ele, que até então não tinha pensado em nada além de calçar seu futuro, ficou assanhado pra casar, que era, na sua opinião, a única coisa que faltava pra ele poder se sentir o triunfador. E movido por essas minhocas que brotaram na sua moringa, o bruto meteu as fichas. Se traquejou todo. Comprou roupa bacana, sapato de duas cores, raiban, caneta tinteiro pra usar no bolso da lapela do paletó e, todo na estica, se botou na paquera. Deu sorte. Mal jogou o picaré e a Maria Aparecida ficou embaraçada nas malhas. E teve início o namoro.

Meu puçá não vai além da superfície. Por isso eu só pesco o que vem à tona. Assim sendo, não sou eu que vou explicar como acontecem as mudanças das pessoas. O que quero contar é o que pesa na minha balança é o que apareceu boiando nas águas turvas do meu estreito estuário. O Lavinho, que era todo legal, de repente ganhou a Maria Aparecida, Cidinha pros mais chegados, e virou o fio. Gamado de pedra na namorada, se tornou ciumento, desses de se invocar com a sombra. E daí pra frente, não teve mais sossego nem deu mais sossego pra coitada da Cidinha. Vira e mexe, aprontava os maiores da paróquia. No trabalho também o Lavinho já não era o mesmo. Esquecia as coisas, cometia erro em cima de erro, atucanava os homens da sua turma, se ouriçava com o empreiteiro. Tudo porque não tinha o espírito tranquilo. Vivia matutando na Cidinha e imaginava a moça lhe aprontando tremendas xavecadas²²⁹. Muitas vezes, no meio de uma quizila dessas, o Lavinho se embandeirava, abandonava o serviço e ia na captura da namorada. Chegava na frente da moça, se entupia. Ela estava direitinha, dando duro na casa da patroa.

Murcho, envergonhado, o Lavinho voltava pra sua obra. É claro que nas vezes em que o empreiteiro se tocava nas escapadas do Lavinho, tinha bronca. E o

229 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecadas”.

otário, em vez de se mancar que estava errado e meter o galho dentro, não. Queria ter razão e dava trela no bate-boca. Numa confusa dessa, o empreiteiro lhe deu um passa-fora pra sempre. Naturalmente, o Lavinho esperneou. Quis dar uma mão de pau no empreiteiro, xingou e fez marola. Porém, a turma do “deixa disso” se atravessou e a guerra se avacalhou. Os ânimos se acalmaram e o empreiteiro e o Landinho foram fazer as contas. O patrão chuveirou o empregado, que ficou no prejuízo e não gostou. O Lavinho, que andava cabreiro com toda a sua presepada, pegou a grana pouca que o empreiteiro lhe pagou e, em vez de ia na Justiça do Trabalho reclamar, selou que ia descontar o negócio na mão grande. Disse e se preparou pra fazer a desgraça. Comprou um revólver, se botou na moita a fim de esperar o momento certo. Enquanto não fazia o ajuste, companeava a Cidinha pra ver se tinha linguça debaixo do pirão. Passava o dia rodeando a casa da patroa da moça, até que a gronga encarnou.

Um dia em que a Cidinha saiu de casa pra ir fazer compras, o Lavinho a seguiu. Na esquina, um nego parou a bicicleta perto da moça e perguntou onde ficava uma rua. Claro que de longe o Lavinho não escutou. Pensou besteira e não conferiu. Sacou a arma, que era pra apagar o empreiteiro, e sem dar pala arrebitou o rapaz da bicicleta e a Cidinha. A moça se estarrou direto. Com três balas nas costas, foi pro bebeléu. O rapaz da bicicleta ficou mal com as duas que recebeu. Mas ainda deu pra passear de ambulância. O Lavinho, aflito, marcou bobeira e foi em cana. Triste destino de quem prepara pra triunfar sozinho.

A dívida paga com a vida – capítulo 1 (Última Hora de SP – Edição de 18/9/1971. Página 16 Caderno 1)

Ao final do dia, quando Joselito Novaes estacionou o carro na porta de sua casa, não teve ânimo pra descer imediatamente. Estava arrasado. Rodara pela cidade desde cedo. Não parara um só instante. Nem pra almoçar. E o resultado desse esforço todo era nenhum. Realmente, o ramo de títulos fora o mais abalado pela crise econômica. Ninguém comprava nada. E o que era ainda pior, ninguém mostrava o mínimo interesse. Até para ser atendido por alguém, o vendedor tinha que travar uma batalha. Precisava dissimular. Se descobrissem que o assunto era título, tchau. O vendedor era despachado da porta da rua. Tudo isso esmagava um sujeito sensível como o Joselito que, além de tudo, estava cheio de dívidas e sem a mínima perspectiva de melhorar a situação. E foi assim que ele se abandonou na frente do volante do automóvel parado. Não queria pensar. Mas, sem querer, iniciou um balanço da sua vida.

Vinte e cinco anos, casado, pai de dois filhos, aluguel de casa atrasado, carro pago Deus sabe com que sacrifício, conta da venda atrasada, papagaio no Banco, um terno bastante surrado, estepe do automóvel em pandareco e muito mais. Sem contar que há muito tempo já devolvera a televisão por falta de pagamento e há mais tempo ainda não levava a mulher ao cinema, nem dava uma voltinha pelo bairro com os filhos. Não se atrevia. Se um deles cismasse de querer pipoca, sorvete ou outra droga qualquer, ia ser vexame. A sorte passava em cima do Joselito.

Naquele momento, ele se lamentou de ter se casado tão cedo. Bem que lhe avisaram. Mas, não escutou. Agora estava ali instalado. Sua mulher, que foi linda, em cinco anos de matrimônio envelheceu uns vinte. Mudou de gênio e tudo. Antigamente ela era sempre alegre. De repente, ficou rabugenta e desleixada. Começou a engordar e até parecia que preferia que ele não a procurasse mais como

mulher, aliás coisa que ele só fazia por obrigação. No resto, só brigavam. E era a certeza de que teria que discutir com a mulher que o prendia no carro.

Porém, um dos seus filhos espiou por uma janela e o descobriu. Não teve outro jeito. Teve que descer e, antes de trancar a porta do veículo, já seus dois meninos estavam pendurados nele. Sentiu desejo de os atirar longe. Porém, controlou-se. Beijou as crianças e, com jeito, explicou:

– Olha aqui, meus filho[s]. Papai hoje está muito cansado. Andou muito. Tá com dor de cabeça. Por favor vão logo pra cama, tá?

O mais velhinho reclamou:

– Todo dia o pai tem dor de cabeça?

A pergunta do filho irritou o moço, que estrilou:

– Não quero conversa. Se já jantaram, cama.

As crianças, que entraram em casa acompanhando o pai, murcharam. Sem dizer mais nada, subiram para o quarto. A mulher, que vinha entrando, adivinhou mais do que escutou o que se passava e atacou de bronca:

– Você tem que ser estúpido com as crianças?

– Estou cansado.

– É, né. E eu? Eu não estou?

E teve início da ladainha:

– Você pensa que é mole ficar trancada o dia inteiro dentro de casa[.] Pensa que é mole aturar as crianças o dia todo? Precisa paciência. Muita paciência. E o dia inteiro é cobrador aí no portão. O que quer dizer que, além de paciência, precisa de cara de pau.

Aproveitando que a mulher parou para tomar fôlego, Joselito tentou mais uma vez explicar a situação:

– A situação não anda boa. Venda de título não tá dando pé. Hoje me bati pra burro. Não deu em nada. Fui esculachado por cliente malcriado, pelo chefe de venda, por todos. Vê se p[e]lo menos você me poupa. Bota o jantar e se fecha em copas. Só quero sossego.

Sem dizer mais nada, a mulher foi até a cozinha e voltou com o prato já pronto. Joselito provou e estranhou:

– Tá fria.

– Botei em cima do fogão. Se esfriou, não foi culpa minha. Quem manda demorar para vir pra casa?

– Tava dando duro.

– Sei. Belo duro. Pra baixo e pra cima. Passeando. Vê gente, conversa. Agora, eu aqui que me dano. Fico trancada dentro de casa e quando você chega, penso que vai bater um papo, contar as novidades, mas que nada. Me manda calar a boca e pronto.

– Você chama isso de conversa?

– Chamo nada. Mas, pelo menos, uma televisão você devia botar dentro de casa. Não é por mim, que nasci pra ser escrava. É pelas crianças. Todas da vizinhança têm televisão, só nós que não.

– Não tenho dinheiro nem pra comprar cigarro. Como vou comprar televisão?

– Vende o carro.

Esse conselho bateu na ferida do rapaz. O automóvel era tudo que o sustentava na vida. Sua vaidade era o fusca. E a mulher sabia. Sem responder, ele jogou o prato longe e se afastou. Apanhou um jornal, se atirou numa poltrona velha e se trancou. A esposa começou a catar os cacos chorando. O remorso ardeu no peito do Joselito. Ele compreendia que a razão daquelas brigas todas eram as

dificuldades financeiras. Folheou o jornal, mas não se prendeu em nenhuma notícia. Que interesse poderia ele ter pela guerra no Vietnã, no Oriente Médio, nos cambaus? Nenhum. Sua batalha era tremenda. Não dava pra ele se preocupar com o destino dos outros. Certo disso, fechou o jornal e resolveu encarar sua sorte. Maneirando, se voltou pra companheira:

– Bem, o carro pra um vendedor é ferramenta de trabalho, compreende? Sem automóvel, eu perco a personalidade. Já ando por baixo. Se vou vender no calo, aí é que me embanano mesmo. Entende? O carro pra mim não é luxo.

As lágrimas tinham feito bem pra mulher. O desabafo o acalmou. Ela suspirou e se rendeu:

– Eu sei. É que ando nervoso.

– Eu também. Mas me desculpe. Quando joguei o prato longe não queria te ofender. Minha bronca é comigo mesmo.

– Esquece. Não tem importância. Olha, eu estou cansada. Vou deitar.

– Vai, bem. Eu vou logo também.

Com a saída da esposa, o rapaz sentiu um alívio. Nem tentou saber se foi por ficar sozinho ou por ter se entendido com ela. Se sentiu bem e foi o suficiente. Apanhou de novo o jornal e foi direto na página de esporte. Leu muito por cima as notícias. Por pura curiosidade, pulou pra página de anúncios classificados. Foi lendo a esmo. Mas, de repente, se espantou. Firmou os olhos no jornal. Leu várias vezes o mesmo anúncio para confirmar bem o que lia. Daí, sem se conter, berrou pra esposa:

– Helena! Helena! – Corre aqui! Corre aqui!

Não demorou muito e a mulher apareceu apavorada, querendo saber o que se passava:

– Que foi? Que foi, Joselito? Que foi?

Ele apenas lhe entregou o jornal e lhe indicou o anúncio:

– Lê isso.

Com medo de deparar com alguma coisa ruim, a mulher leu em voz alta:

– “Com o seu carro nacional, obtenha o dinheiro que quiser”. Que é isso, bem?

– Grana contra a hipoteca do carro. Dá pra escorar uns tempos até as coisas melhorarem. Não vai ser a vida toda que a gente vai roer o talo. Temos que melhorar. E essa grana ajuda. E não vai ser preciso vender a caranga pra dar a televisão dos meninos. Morou? Amanhã vou ver isso.

Joselito riu, a mulher chorou e os dois se abraçaram.

(continua na segunda-feira)

A dívida paga com a vida – capítulo 2 (Última Hora de SP – Edição de 20/9/1971. Página 16 Caderno 1)

Logo cedo, Joselito estacionou seu carro na porta do escritório do corcunda Bodoy, o agiota. Apesar de estar todo cheio de esperança de resolver a sua situação imediata, sentia certo temor de, no futuro, não poder saldar a dívida. Porém, foi em frente. Apertou a campainha e disse para si mesmo:

– O futuro a Deus pertence.

Invocou o nome do Todo Poderoso, mas teve a impressão de que o Diabo é que atendeu o seu chamado. Um corcunda apareceu em sua frente, assim que a porta se escancarou. E o mediu de cima a baixo. Sempre com o sorriso maligno

pendurado nos lábios. Joselito perdeu o rebolado. Por um momento, ficou sem ter o que dizer. Foi preciso o Bodoy tomar a iniciativa:

– Às ordens, senhor. Pelo seu rosto, posso ver que veio pelo anúncio. O carrinho é seu?

O moço só acenou com a cabeça. Foi o bastante. O corcunda prosseguiu:

– Está bem maltratado. Uma lástima, senhor. Automóveis usados desvalorizam muito. Mas, vamos entrar. Faça o favor. É por aqui, sempre se pode fazer negócio. Quando as pessoas são razoáveis, é fácil se chegar a um acordo. O senhor naturalmente trouxe o certificado de propriedade do carrinho velho. Trouxe, senhor?

Dito isso, o corcunda, que se arrastava lentamente na frente do Joselito, parou e se voltou. O moço quase tromba com o corcunda. Com esforço, evitou o choque e mais uma vez se limitou a sacudir a cabeça. Dessa vez o agiota demorou um tempo enorme antes de falar. Examinou detidamente o rapaz, para só depois iniciar um questionário:

– O senhor é novo. Quantos anos tem?

– Vinte e cinco.

– Bela idade. Vinte e cinco anos. Solteiro?

– Não, sou casado.

– Casado? Tem filhos?

– Dois.

– Dois filhos. É, meu senhor, a vida anda custando os olhos da cara.

– São dois meninos os seus filhos?

– São. Dois meninos: um de sete, outro de cinco.

– O senhor casou cedo.

– É[.]

– Mas, venha, senhor. A manhã está radiosa, porém não convém ficarmos expostos. Neste bairro, as paredes e as janelas têm olhos e ouvidos. Venha por aqui, senhor.

E, seguido pelo rapaz, o corcunda entrou e fechou a porta. O rapaz logo reparou no ambiente. A julgar pelo escritório, o agiota só poderia ser um miserável de um avaro. Os móveis eram poucos e bem estragados. Cada um era de um estilo e facilmente se adivinhava que foram comprados de segunda mão. A escrivaninha era de tampo sanfonizado. A cadeira do corcunda, uma espécie de trono. O armário que ficava atrás da poltrona destinada aos clientes mais parecia um guarda-comida. Tudo estava coberto de pó e não demorou pro Joselito notar a presença de pulgas. Porém, o corcunda não parava de falar:

– Sente-se, meu senhor. Sente-se e não repare na sujeira e na desordem. Eu sou sozinho, senhor. E tenho pouca saúde. Não posso ficar me abaixando pelos cantos. Espondiliti anquilosante [sic] progressiva é o que tenho. Uma espécie de reumatismo ósseo. A essa doença devo a corcunda. Vê, meu senhor? O senhor tem saúde e ainda é jovem. É bem mais rico do que eu. Mas, vamos aos negócios. Quanto vale o seu carrinho velho?

Completamente desconcertado, Joselito não conseguia raciocinar direito. Vacilou muito e foi bastante pro corcunda ganhar terreno:

– Por quanto o senhor comprou o carrinho velho?

– Bem... Eu paguei... onze milhões por ele.

– A prazo, naturalmente. Era o preço há uns três anos atrás. Onze milhões. Volks 65. Muito usado. Nesse ano da graça de 68, vale uns sete milhões. No máximo, sete e meio. Justo, senhor?

- Olha, senhor...
- Bodoy.
- Senhor Bodoy, eu preciso de pelo menos nove milhões.
- Nove milhões? Precisa, meu senhor?

O corcunda se divertiu. O moço se acanhou ainda mais. Porém, num supremo esforço, tentou não se deixar enganar:

- Preciso e é quanto vale o carro.

De repente, a fisionomia do corcunda mudou. Ele se tornou sério. E, num tom impessoal, topou a parada:

– São todos iguais. Na hora de hipotecar, aumentam o preço. Sei como são, senhor. Sei bem. Mas, que seja. Necessito de pequenos jurinhos pra viver. Lhe dou os nove mil contos pelo carinho velho. O certificado do automóvel?

- Está aqui.
- Por favor, senhor. Quero que esteja abonado.
- Sabia disso. Já vim preparado.

O agiota examinou o documento com atenção. Quando levantou a cabeça do papel para o moço, esse reparou no brilho estranho que havia nos olhos do corcunda. Porém, mais uma vez esperou o Bodoy ditar o rumo da conversa:

– São todos iguais, senhor. E eu aceito sempre, mesmo sabendo que as coisas não valem quanto seus donos pedem. Seu documento está em ordem. Mas o senhor é igual aos outros.

Sem parar de falar, o corcunda pegou na gaveta uma Beretta e mostrou ao Joselito:

– Essa Beretta eu comprei nos meus primeiros tempos nesse negócio. Fui enganado. Comprei-a para revender. Nunca encontrei quem desse alguma margem de ganho pra mim nessa Beretta. Ficou aqui. O senhor acredita em destino?

Joselito não respondeu. Se limitou a rir amarelo. O corcunda selou:

- Eu acredito, senhor.

Apontou a Beretta na direção do peito do moço e deu no gatilho três vezes. Joselito fez uma expressão de espanto, levou a mão no peito e foi caindo lentamente. Nos lábios do corcunda voltou a bailar o sorriso maligno.

(continua)

A dívida paga com a vida – capítulo 3 (Última Hora de SP – Edição de 21/9/1971. Página 16 Caderno 1)

Helena não estranhou a demora do marido. Há muito tempo, Joselito se atrasava de propósito na rua. E isso já não preocupava Helena. Apenas se irritava com a ideia de que o marido ficava pelos bares batendo papo com os amigos, enquanto ela ficava o dia inteiro presa em casa, numa vida monótona, que culminava em ter que, a todo momento, responder às insistentes perguntas dos filhos a respeito do pai, que não chegava para o jantar.

Com essa zorra encarnada, já no máximo da bronca e prestes a explodir contra as crianças, a mulher com esforço se conteve e, pra evitar uma injustiça contra os filhos, conseguiu certo alívio. Porém, por acaso, olhou o relógio e se espantou. Eram quase vinte e três horas. Nunca Joselito demorara tanto. E uma série de pensamentos ruins invadiram sua cuca fundida.

Imaginou o marido pagando rodadas de chopes pros companheiros, fazendo figura com o dinheiro da hipoteca do carro. Na sua mesquinhez, sentiu uma profunda pena de si mesma. Sentiu-se enjeitada. Foi se olhar no espelho e teve

tristeza ao ver sua figura. Gordota, mal vestida, sem maquilagem, despenteada. Um bagulho, foi que Helena se viu. Pra comparar, ou pra se consolar, foi até um armário e apanhou numa das gavetas um retrato seu de antes do casamento. Se espiou na foto e nem sequer deu desconto pros retoques que provavelmente o fotógrafo fez. Constatou que era linda e tinha embuxado rapidamente, em poucos anos de um casamento infeliz. E na sua lembrança surgiu um namorado que teve antes de conhecer Joselito. Se lamentou pela escolha que fez. O seu marido era um fracasso. Além do carrinho que já possuía antes do casamento, não conseguiu nada. E o outro, ela sabia através de amigas, cada vez prosperava mais. E foi com todas essas mumunhas a lhe pesarem na alma que se sentou numa poltrona. Remoeu sua amargura por um tempo, mas acabou cochilando. Teve um pesadelo horrível.

No sonho, Joselito lhe aparecia elegantemente vestido e lhe berrava:

– Estou farto de ti, bruxa velha. Vou cair fora. Cansei dessa miserável vida que a gente leva. Arrumei grana e vou cuidar de mim. Tchau.

Helena, no sonho, caía de bobeira e não dizia nada. Só chorava e tentava ajeitar o vestido cafona e os cabelos. Porém, o marido, sem lhe dar a mínima importância, abraçou uma moça bonita e elegante que apareceu e a conduziu até o fusca. Com toda a gentileza, abriu a porta e fez a moça entrar, indo em seguida tomar lugar na direção. Já estava dando a partida no carro quando ela, Helena, reunindo todas suas forças, correu até ele e se agarrou na porta, lhe suplicando em prantos:

– Não me deixe, Joselito. Não me deixe. Nós casamos. Não me deixe.

Mas, em vez de se comover, Joselito se enervou. Tentando fazer com que a mulher largasse da porta do carro, lhe ofendia:

– Larga daí, bruxa escrota, bagulho velho. Larga nojenta. Eu nunca me casei com um lixo. Eu me casei foi com essa adorável Helena.

Ela então levantou os olhos até o rosto da mulher que acompanhava seu marido e viu, pálida de surpresa, que quem estava ao lado do Joselito era ela mesma. Só que com a expressão alegre e bonita que era uma constante sua antes do casamento. Ficou em pânico. Desgrudou do automóvel e recuou alguns passos. O marido aproveitou e deu partida no carro. Ela saiu correndo atrás, gritando:

– E nossos filhos? E nossos filhos?

Mas, o fusca entrou numa estrada muito bonita, toda ladeada de árvores e flores e ganhou distância. Helena, esgotada, caiu quase desfalecida. Mas, continuou a murmurar:

– E os nossos filhos? E os nossos filhos?

E foi murmurando que acordou. Estava toda banhada em lágrimas. Demorou algum tempo antes de perceber que havia tido um pesadelo. Quando recobrou a lucidez, até achou graça. Levantou-se e foi até a cozinha beber um copo de água com açúcar. Mais por hábito do que por curiosidade, espiou o relógio. Novo susto. Eram três horas da madrugada. E dessa vez se preocupou de verdade.

O corcunda estava muito agitado. Depois que Joselito caiu, ele o arrastou para os fundos da casa. A tarefa foi penosa. Devido ao defeito físico, o agiota não estava acostumado a fazer esforço e sua vítima era meio gorda. Foi demorado. Porém, muito mais penoso e demorado foi limpar a poça de sangue que se formou no chão do escritório. E tudo isso o corcunda fez assustado. A todo instante, espiava pelas frestas da janela para ver se os tiros tinham atraído a atenção de alguém. Porém, na rua não havia nenhum movimento estranho. E isso, de certo modo, tranquilizava o corcunda, que se atirava ao trabalho com fúria.

Já era tarde quando ele se deu por satisfeito com a limpeza. Nem um pingo de sangue manchava o escritório. Exausto, o corcunda se atirou numa poltrona e aos poucos foi ganhando consciência do que fez. Ficou horrorizado. Se perguntou em voz alta, num estranho monólogo:

– Chegaste a tanto, Bodoy? Será possível. Bodoy? Tu mataste um homem? Um semelhante teu, Bodoy? Não! Não! É tudo mentira. Um pesadelo. Tu não serias capaz de matar. Não tu, Bodoy. Sem dúvida é um pesadelo. Logo o sol vai raiar, tu acordarás e então te verás livre desse tormento. Tu não mataste ninguém, Bodoy. Não serias capaz, Bodoy.

E como um sonado, levantou-se e foi até a escrivaninha. Abriu a gaveta, apanhou a Beretta e a examinou. Constatou que estava sem balas. Largou a arma e correu para o cômodo dos fundos da casa, onde estava o cadáver do Joselito. Certificou-se de que tinha mesmo cometido o crime. Caiu em prantos e se maldisse:

– Desgraçado de ti, Bodoy. O que fizeste? Matastes um homem! Como pudeste fazer isso, Bodoy? Que coisa, meu Deus! Que coisa horrível, Bodoy!

E, roído pelo remorso, o corcunda teve uma crise de histeria. Chorou, riu, se bateu, rolou pelo chão, ficou totalmente transtornado. Atirou-se contra as paredes e, por fim, caiu e permaneceu imóvel.

(continua)

A dívida paga com a vida – capítulo 4 (Última Hora de SP – Edição de 22/9/1971. Página 16 Caderno 1)

Helena, sem saber o que fazer, abriu a janela da rua e espiou nenhum movimento na fria madrugada. Se desesperou. A única coisa que lhe ocorreu foi chamar a vizinha. Vacilou um pouco, porém acabou ganhando coragem:

– Dona Rute! Dona Rute!

No começo, meio inibida, chamou baixinho, quase com medo de acordar o mundo todo. Porém, aos poucos, ganhou embalo e aumentou o tom:

– Dona Rute! Dona Rute!

Como resposta, a janela da casa ao lado à sua se abriu e uma velha sonolenta meteu a cabeça para fora. Entre bocejos, quis saber:

– Que foi, dona Helena? Alguma criança doente?

– Desculpe acordar a senhora a essa hora. Mas, estou muito preocupada. O Joselito ainda não chegou até agora. São quase quatro horas. Será que aconteceu alguma coisa?

A velhota se acendeu na hora. Claro que ela não podia saber onde o marido da outra tinha ido parar. Mas, nem por isso se aborreceu de ser acordada aquela hora. Adorava fofoca e foi metendo lenha na fogueira.

– Ele não disse onde ia?

Helena ia começar a contar a história. Mas, um resmungo veio de dentro do quarto da vizinha. Ela tirou a cabeça da janela e, a meia voz, explicou:

– É dona Helena. Seu Joselito sumiu.

Dona Rute tornou a aparecer na janela e desconhecendo a agonia da amiga esticou o papo:

– É o Osvaldo. Acordou e já quer saber o que é. Xereta como ele só. Depois falam que a gente que é mulher é que é bisbilhoteira. Deixa ele. Agora que acordou não dorme mais. Ele é assim...

– Sabe, dona Rute, eu estou tão preocupada.

Se a Helena não corta, a velhota engrenava uma falação interminável, porque pra dona Rute tudo era deixa pra uma conversa. E ela, já esquecida do que estava dizendo, ia fazer perguntas, quando o seu Osvaldo surgiu ao seu lado.

– Boa noite, dona Helena. Ou bom dia. Então o Joselito se esqueceu na gandaia?

O homem fez a piada e achou muita graça. Foi o único. Dona Helena encabulou porque inclusive isso podia ser verdade e Dona Rute o censurou:

– Isso lá é hora de piada, Osvaldo? Dona Helena está preocupada. Pode ter acontecido alguma coisa ao seu Joselito.

– Que nada! Vocês, mulheres, sempre pensam o pior. O rapaz deve ter resolvido fazer uma farrinha. Isso, às vezes (às vezes, não sempre), pega bem. Não se preocupe, dona Helena. Deixa um Sonrizal no jeito que ele vai precisar quando aparecer.

Diante dessa onda, dona Helena sentiu a guerra avacalhada e teve que começar a se desculpar:

– O senhor me desculpe ter acordado o senhor a essa hora. Dona Rute disse que quando o senhor acorda no meio da noite não dorme mais. Eu estou preocupada...

Dona Rute cortou em cima:

– Não tem que se desculpar. Vizinhança é pra isso mesmo. Vamos esperar mais um pouco. Se seu Joselito não aparecer, vamos atrás dele. Vamos virar a cidade. Hospitais, necrotérios, tudo. Em algum lugar, ele tem que estar.

Helena recebeu um tranco com a simplicidade da amiga. Caiu em prantos.

Aos poucos, o corcunda foi voltando a si. Se mexeu inteiro. Com esforço conseguiu se levantar. Foi até uma pia, lavou o rosto e ficou em silêncio contemplando o cadáver. Depois, rezou por ele. Quando acabou a oração, surpreendeu de ver que Joselito estava com os olhos abertos. Se sentiu seguido e acusado pelo olhar da vítima. Em vão tentou se esquivar. A culpa lhe pesava. Iniciou uma patética justificativa:

– Não me olhe assim, moço. Eu não queria te matar: Pode acreditar.

Você nem me prejudicou. Queria. Eu sei que você queria. Mas, não me prejudicou. Você, não. Os outros, sim. As pessoas são desonestas. Um quer sempre tapear os outros. Você queria me enganar. Claro que queria. Queria, sim. Eu sei, moço. Tenho certeza que queria. Seu carrinho velho não valia nem a metade do que você pediu, moço. Nem metade. O seu carrinho é velho... Muito velho... Meu Deus? O carrinho... O carrinho está lá fora... Ai, meu Deus... Esqueci o carrinho...

A lembrança do automóvel encheu o corcunda de medo. Ele correu até a janela do escritório e olhou pelas frestas. O carro estava onde o tinha deixado. O agiota resolveu tirá-lo da frente da casa. Abriu a porta com todo cuidado e se esgueirou até o carro. Procurou as chaves no bolso e se enfiou na frente do volante. Sem saber bem o que queria, deu partida e andou vagando sem rumo pelas ruas da cidade adormecida.

Sem perceber, o corcunda dirigiu o automóvel para as bocas pesadas. Era o fim de noite para as prostitutas. Apenas algumas ainda tentavam o lance da sorte. Faziam sinais e trejeitos para os carros que passavam. O corcunda não escapou do oferecimento de duas delas. E se sentiu atraído e ao mesmo tempo irritado. Continuou seu caminho a resmungar:

– Um carro, um simples carrinho vermelho, já é o suficiente pra atrair as mulheres. Todas falsas. Todas elas. São interesseiras. Eu a pé não seria notado. Mas, se fosse, seria por essa horrível corcunda. Porém, de carro é diferente. Basta

um carrinho velho. É assim que é. Então, que seja. Eu as quero. Eu tenho carro e dinheiro...

E, de repente, quase fazendo um cavalo de pau, volta brusca, o corcunda manobrou e retrocedeu a toda velocidade, indo estacionar junto a uma mulher que estava encostada no poste. Pôs a cabeça pra fora e, tentando ser simpático, sorriu. A mulher, objetiva, foi direta ao assunto:

– Vai querer?

Pro agiota, aqui teve o efeito de uma piada. Riu muito. A ponto de encabular a mulher. Por fim, se acalmou e ordenou:

– Entre. Não discuto o preço do amor, anjo da noite. Vem. Preciso embrulhar minha solidão em teus lençóis, por mais encardidos que eles estejam.

A conversa do corcunda embaraçava a mulher. Ela queria ir. Naturalmente, estava ali pra essas coisas mesmo. Porém, vacilou. Foi preciso nova ordem do corcunda pra ela se resolver a entrar no automóvel. E só aí a desgraçada notou o defeito físico do Bodoy. Mas, já era tarde pra recuar. O carro já estava rodando e ela não se atreveu a dizer nada. O corcunda logo notou que a mulher tinha se apavorado com a sua figura. Uma profunda amargura lhe pesou no coração. E naquele instante, só soube apelar para ironia:

– Suas amigas nunca lhe falaram que dá sorte passar a mão numa corcunda? Nunca lhe falaram sobre isso, anjo da noite?

Essas palavras só serviram para apavorar ainda mais a mulher, que não teve resposta. Bodoy a observou demoradamente e se enervou com o silêncio. Partiu para as ofensas:

– Sua professora nessa profissão não lhe ensinou o ofício direito, anjo da noite? Não lhe mandou tratar bem os fregueses? Os de carro e os sem carro? Porque, anjo da noite, o dinheiro é sempre igual. O de um corcunda e o de um homem são. E você depende do dinheiro. Precisa? Claro que precisa, anjo da noite. O médico, o agiota, a prostituta, o soldado, todos precisam de dinheiro. Muito dinheiro. E só por isso matam e roubam. E eu, anjo da noite, preciso mais que todos. Preciso desse carrinho velho pra poder ter a sua atenção ou a de outra mulher qualquer. Compreende o que eu digo, anjo da noite? Se eu estivesse a pé e você logo notasse que sou um corcunda, você viria comigo?

Bodoy fez a pergunta e freou o automóvel. Estavam numa estrada deserta, à beira de um lago, onde uma enorme lua cheia refletia seus raios. A mulher não notava a beleza da paisagem. Estava fria e distante. Contrastava com seu companheiro, que era todo inquietação, aguardando a resposta que não veio. Nem quando ele insistiu:

– Responda, anjo da noite. Se eu estivesse a pé e você notasse a minha corcunda, teria saído comigo? Responde! Responde – Anda – Eu sei que seu silêncio é uma resposta. Claro que sei. Mas, quero escutar isso da sua boca. Responde! Anda!

E num ataque de fúria, Bodoy sacudiu e espancou a mulher. Porém, ela só se limitou a suplicar:

– Me leva embora! Por favor, eu quero ir embora!

A passividade da desgraçada só serviu pra transtornar mais o corcunda. Ele abriu a porta do automóvel e empurrou a mulher pra fora. Em seguida, desceu e, enquanto dava a volta no carro, a mulher se botou de pé. Porém, sua atitude não era agressiva. Mas, o corcunda se atirou sobre ela. Os dois caíram e rolaram no mato à margem da estrada. A mulher apenas gemia e tentava se livrar do corcunda, que a espancava. Depois de muito esforço, a desgraçada conseguiu afastar Bodoy de si.

Rapidamente, ficou em pé e saiu correndo pela estrada gritando por socorro. O corcunda, esgotado, custou muito pra se levantar. Quando conseguiu, se apoiou no cofre do carro, ficou pensativo por uns momentos. Depois, desatou a chorar.

(continua)

A dívida paga com a vida – capítulo 5 (Última Hora de SP – Edição de 23/9/1971. Página 16 Caderno 1)

O pessoal do plantão do Distrito tinha tido uma madrugada brava demais para poder levar a sério, logo às primeiras horas da manhã, uma queixa sobre sumiço de marido. E o tira Marcos Plonka, acordado pra atender um caso desse, depois de uma captura das pesadas, onde um bandidão entocado num mocó cavernoso nas quebradas do mundaréu resistiu ao cerco policial à bala, estava de muito mau humor. Atendia dona Helena, dona Rute e seu Osvaldo por pura obrigação e intimamente maldizia o cretino que foi chamá-lo, em vez de fazer os queixosos esperarem a turma da rendição, que iria chegar dentro de poucos minutos. Ia só fazendo as perguntas de praxe:

- Nome?
- Helena Silva Novaes.
- Do sumido?
- Joselito Novaes.

O tira Plonka tomava notas, e sem olhar a moça, continuava interrogando:

- Quando ele sumiu?
- Saiu pra trabalhar e não voltou.
- Já procurou em hospitais e nos necrotérios?
- Foi a primeira coisa que fizemos.

Nessa altura, Helena começou a chorar. O tira lhe dirigiu um olhar de surpresa e foi o bastante pra dona Rute entrar na conversa:

– A primeira coisa que fizemos foi visitar os hospitais e os necrotérios. Foi ideia do Osvaldo. Vasculhamos tudo. Daí, viemos pra cá. O Osvaldo nem foi trabalhar.

O tira Plonka encarou o seu Osvaldo que, com falsa modéstia, botou de homem vivido:

- A gente sabe que é isso que se deve fazer nesses casos.

Pro sonado tira, não pegou bem o papo furado. E já que estava ali, engrenou um aperto:

- Quem são? Que fazem? Que relação tinham com o sumido?

Seu Osvaldo ia responder, porém dona Rute foi mais rápida:

– Somos vizinhos de dona Helena, ele é meu marido. Osvaldo de Souza. É bancário. De madrugada, dona Helena, coitadinha, aflita, nos acordou e nos contou tudo. Como vizinhos, cumprimos nosso papel.

Na entonação de voz que dona Rute ao [sic] “nos contou tudo”, estava claro demais que tinha linguíça embaixo do angu. E o tira pegou a feira:

- Contou o que?

Se fingindo de encabulada, dona Rute olhou pra dona Helena com cara de quem deu mancada e se desculpando. Não vendo reação nenhuma por parte da amiga, mentiu insinuando que sabia mais:

- Contou... que o marido havia sumido. E... bem... que estava preocupada.

Não podia dar pro tira Plonka engolir o grupo e ele, por curiosidade, pediu mais:

– E que mais ela contou?

Dona Rute fez charminho e, dando a impressão de que fora vencida em sua resistência, se rachou em tom de fofoca:

– Bem... Ela nos contou em segredo...

Espiou de esguelha pra dona Helena e essa, com cara de mártir agradecida, incentivou com um aceno de cabeça a que dona Rute prosseguisse. E ela desembuchou tudo que sabia e algumas suposições suas:

– O senhor sabe, a vida anda custando os olhos da cara e a situação anda ruim pra todo mundo. Eles estavam passando um mau pedaço, estavam cheios de dívidas e por isso seu Joselito resolveu penhorar o automóvel. Depois disso, sumiu. E eu e o Osvaldo, meu marido...

Se o Plonka estivesse de bom humor, deixaria dona Rute continuar, que certamente ela piaria outras mumunhas sobre as intimidades dos vizinhos e daria luz a [um] monte de pistas. Porém, aborrecido, cortou o papo e voltou a interrogar dona Helena:

– Seu marido trabalhava em que?

– Venda de títulos.

– A senhora sabe o endereço do agiota?

Outra vez dona Rute se meteu. Esticou um jornal pro tira Plonka. E deu a dica:

– É esse do anúncio.

O tira Plonka leu e deu o assunto por encerrado.

– Bem, vamos investigar. Qualquer coisa lhe aviso. Qualquer novidade, a senhora nos comunica. E só.

E diante do desapontamento de dona Rute, ele concluiu:

– Por enquanto.

Quando o corcunda chegou em casa, se dirigiu logo pro quarto onde estava o cadáver de Joselito. Nem se preocupou por deixar o automóvel estacionado no portão. Estava ansioso por ver sua vítima e assim que constatou que estava exatamente como ele a havia deixado, pareceu tranquilizar-se. E depois de um tempo em silêncio absoluto, iniciou uma falação sem sentido:

– Foi uma noite terrível, moço. Nada deu certo. As pessoas são sempre desonestas. Um quer enganar as outras. Naturalmente o moço não tem culpa. Não ia me prejudicar muito. Mas a mulher me deu nojo, moço. O anjo da noite não soube entender nada do que eu dizia. Não teve sensibilidade para perceber a beleza do luar. Que tristeza...

De repente, Bodoy reparou no cadáver. E se assustou. Ficou petrificado diante do morto. Depois, afobadamente, se botou a revirar gavetas e armários até encontrar um aparelho de barba e pincel. Aí, satisfeito, se dirigiu outra vez para o cadáver:

– Seu aspecto está horrível, moço. Porém, eu cuidarei de você. Não se preocupe.

Dizendo isso, foi despindo o morto. Tirou toda a roupa dele. Lavou as peças suas de sangue e as pendurou num varal, passou o terno do Joselito, a ferro e, enquanto esperava a roupa secar, barbeou e penteou o cadáver. Por fim, vestiu-o novamente, tendo o cuidado de lhe ajeitar o nó da gravata. Estava acabando esse trabalho quando escutou a campainha da rua. Levou um grande susto. Correu pra espiar pelas frestas da janela. Viu diante do seu portão o tira Plonka e, um pouco mais afastado, um outro homem que examinava o fusca que pertencera ao Joselito. Por intuição, compreendeu que aqueles dois eram da polícia. Sentiu o sangue gelar.

Vacilava entre abrir ou não a porta. Só decidiu abrir quando o Plonka, cansado de apertar a campainha, berrou pro outro tira:

– Acho que não tem ninguém aí, Elias. Vamos entrar e dar uma espiadela.

Pálido de espanto, o corcunda se certificou que a porta que dava para o aposento onde o cadáver se encontrava estava bem trancada e abriu a porta da rua. Com perfeição de um grande ator, dissimulou seu nervosismo para, com cinismo, dizer:

– Desculpem-me, senhores, se por acaso os fiz tocar muito tempo a campainha. Eu estava cochilando um pouco. Sempre faço isso após o almoço. E não há ninguém além de mim nessa casa. Do que se trata, senhores? Querem entrar? Estão interessados no carrinho? É velho. Mas, rodou pouco e está com o motor em perfeito estado.

Os dois tiras se olharam. A presença do corcunda os desconcertou. Por fim, o Plonka se abriu:

– Somos da polícia.

– Muito bem, meus senhores. Vamos entrar. Em que posso ser útil aos agentes da lei?

E, se arrastando vagarosamente, foi conduzindo os tiras para a sala que lhe servia de escritório. Assim que entraram, o corcunda sentou-se atrás da escrivaninha e não precisou sugerir nada aos policiais. Eles se botaram à vontade. O Plonka sentou-se na mesma poltrona em que o Joselito havia sentado; o outro encostou-se na janela. Bodoy, sempre com o sorriso cínico a lhe bailar nos lábios, aguardava os homens tomarem a iniciativa. Os policiais estavam fazendo aquilo como rotina. Muito mais por desengano de consciência profissional do que por suspeita. Na verdade, queriam se livrar logo do assunto. E por falta de motivação, um esperou que o outro falasse e nisso perderam tempo. Por fim, o tira Plonka resolveu começar o questionário:

– Esse carro que está na porta é seu?

Bodoy, sem deixar de sorrir, abriu a gaveta da escrivaninha, apanhou o certificado de propriedade do carro e entregou ao tira como resposta. Esse examinou o documento com atenção e depois o passou para o parceiro, que se limitou a dar uma vista de olhos. E o Plonka prosseguiu:

– O senhor comprou o carro recentemente, não?

– É verdade, senhor.

– Conhecia o antigo dono antes de fazer negócio com ele?

– Não, senhor. A única vez em que vi aquele moço foi quando ele veio aqui, trazido por um anúncio meu no jornal. Ele era bastante jovem. Mas, me pareceu muito angustiado, senhor. Propôs a venda. Achei o preço que pedi honesto. Ele estava com toda a papelada em ordem. Fechamos o negócio na hora.

– Quanto ele pediu pelo carro?

Essa pergunta quem fez foi o tira Elias, que estava encostado na janela. Queria saber porque estava interessado em comprar automóvel. O corcunda logo percebeu e inинуou facilidade na venda:

– Paguei nove milhões para vender por doze a prazo.

Ao escutar o preço, o policial se rendeu:

– Está puxado pra mim.

O corcunda se limitou a rir e o Plonka arrematou o papo furado:

– Bem, o que nos traz²³⁰ aqui não são negócios particulares. É que o antigo dono do carro sumiu. E a última vez que se soube dele, ele tinha vindo ver o senhor.

230 Termo atualizado; no original de jornal consta “trás”.

Aparentando surpresa, o Bodoy murmurou:

– Sumiu, senhor? Como sumiu?

O tira Elias, que estava irritado com o preço do carro, se azedou:

– Sumiu sumindo.

E mais nada que trouxesse luz ao caso conseguiram arrancar do corcunda. Desanimados, os policiais se despediram. Bodoy, assim que eles saíram, fechou a porta e correu a observá-los pelas frestas da janela, até perdê-los de vista.

(continua)

A dívida paga com a vida – capítulo 6 (Última Hora de SP – Edição de 24/9/1971. Página 16 Caderno 1)

A visita dos policiais fez muito mal ao corcunda. Ele, que já estava nervoso antes e que precisou de muito esforço para se controlar coisa que fez muito bem, ao ponto de enganar dois tiras experientes como eram Marcos Plonka e seu inseparável parceiro Elias – assim que se viu sozinho entrou em crise total. Chorou[,] praguejou:

– Malditos! Miseráveis! Canalhas! Estão todos contra mim. Querem me pegar. Mas nada poderão provar contra mim. O moço sumiu. Simplesmente sumiu. Sem o corpo da vítima, não se pode provar o crime. Isso é que é. Canalhas! Miseráveis! Malditos! Desgraçados!

E, possuído por uma fúria tremenda, o Bodoy foi para o quintal. Apanhou uma enxada e iniciou a escavação de um buraco. Só parou o trabalho quando achou que a profundidade era bastante para receber o corpo de Joselito. Daí, foi buscar o cadáver. Não teve forças para carregar sua vítima. Foi obrigado a arrastar o cadáver até a cova, onde o atirou. Depois, freneticamente, o cobriu de terra e disfarçou o lugar. Isso feito, o corcunda ajoelhou-se e rezou pela alma do morto. Quando Bodoy se recolheu, estava esgotado. Mal fechou a porta, se atirou na cadeira do escritório e dormiu imediatamente.

A garotada tirava a maior pelada da paróquia ao lado da casa do corcunda. E foi no entusiasmo da disputa que um becão meio afobado encheu o pé na bola de qualquer jeito para cortar um ataque perigoso do adversário. A bola subiu e saiu toda torta. Foi cair no quintal da casa do Bodoy. Bem em cima da cova de sua vítima. Porém, sem saber de nada, a molecada da rua deu início à zoeira. O pivete dono da bola chiou com todas as forças da sua caixa de catarro:

– Quem chutou tem que ir buscar.

A ordem deu origem ao quás-quás-quás:

– foi [sic] imprensada. Bateu nesse crio[u]lo e subiu.

– Aqui ói! Tu encheu a pata porque é grosso.

– Grosso é a mãe.

– Não bota a mãe no meio.

Então vai buscar.

– Vai buscar tu que chutou.

– Eu, uma ova. De repente, o corcunda me flagra lá e eu entro bem.

Com medo de ir buscar a bola, todos estavam. O corcunda apavorava a molecada. Só jogavam naquele pedaço por não haver outro lugar melhor no bairro. Além do pavor do Bodoy, ele temia perder a bola. E por essas razões, estrilava:

– É xavecada²³¹. Mas tem um negócio. Se eu for buscar a bola, não trago mais pro rasga. Aí quero ver.

231 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

Diante dessa dura, os craques de ambos os lados tremeram na base. Aquela era a única bola do reduto. Amaciaram a conversa:

– Vai um lá. A gente fica olhando.

Essa dica pegou bem. Todos apoiaram. Mas ninguém se mexeu. Fechados em copas, um olhou na cara do outro e iam deixando por isso mesmo, quando o dono da bola manjou um pivete que ia se chegando naquela hora. Sem rodeio, deu uma pala:

– Tá a fim de jogar? Se tá, tem que ir buscar a redonda na casa do corcunda.

Claro que o recém-chegado balançou. Porém, a fome de bola era maior que o medo do corcunda. E ele topou. Assim que anunciou que ia encarar a quizila, ganhou moral com a curriola. Fizeram um tremendo escarcéu. Todos quiseram ajudar.

– Chega aqui que eu dou escadinha.

– Eu subo no muro contigo pra ficar de vigia.

– Vai firme que a gente te espia.

Meio cabreiro, o moleque escalado trepou no muro com mil apoios dos outros. Ficou um tempão campaneando a barra. Pros bochichos que o gango fazia, o pivete empoleirado só respondia com psiu. Por fim ganhou embalo e saltou pro quintal do Bodoy, correndo o mais depressa que pode pra bola. Trepado no muro, o dono do capão murmurava:

– Chuta a bola e depois vem. Anda. Chuta.

Naturalmente que o dono da bola estava muito mais preocupado com a sua bola do que com o parceiro. Porém, de todo jeito, era essa a lógica. O pivete meteu um bico no capão e o mandou de volta pra rua. Foi o bastante pra ser esquecido. Todos saltaram do muro e foram atrás da bola. De dentro do quintal, o herói se ouriçou. Deu um alô meio abafado na esperança de ser ouvido pelos companheiros e não chamar a atenção do dono da casa:

– Olha eu aqui, gente. Quem me dá uma mão?

Alguém o escutou, ou se doeu por ele. O certo é que na rua houve um falatório:

– O Tico ficou lá dentro.

– Pombas! Por que não sai logo?

– Vai ver não alcança no muro.

– Então sobe um grande e dá a mão pra ele.

Dois moleques taludos treparam no muro pra ajudar o amigo. E ainda viram quando o pivete que estava no quintal se abaixou pra apanhar uma carteira que estava jogada no chão. O mais fominha dos dois que estavam no muro achacou em cima:

– Se tiver grana, tem que dividir.

O outro concordou e deu uma força:

– Se não dividir, fica aí.

Pro que estava no quintal do corcunda, não teve escolha. Ele passou a carteira pros cupinchas e foi guinchado pra fora. Na rua, o resto da molecada formou um enxame em torno da carteira. Grana não tinha nenhuma. Mas, todos puderam ver os documentos de Joselito Novaes.

Alta madrugada, na esquina da Avenida São João com Ipiranga, na porta do Bar do Jeca, o Marcos Plonka carteava a marra, quando seu parceiro de fé Elias chegou. Por ter fama de cascadeiro, o Plonka, assim que viu o Elias, pediu confirmação pro amigo:

– Elias, conta aqui pra eles como era o corcunda que a gente foi arroxar hoje.

Sem rodeio, o Elias meteu ficha:

– O corcunda de Notre Dame era bonito perto dele.

Entusiasmo pela confirmação do Elias, o Plonka continuou rapidamente, antes que seu parceiro ficasse dono da roda:

– E o Elias tão folgado que ainda queria comprar o carango do bruto.

Fazendo uma expressão de sabido, o tira gordo se justificou:

[–] O que? Tu pensa que se aparece moleza eu não pego? Ainda ia dobrar o todo-ruim. Tu me atrapalhou com tua pressa de vir embora.

Se sentindo esculachado, o Plonka se ouriçou. A patota da porta do Jeca se guentou. Conheciam bem os dois tiras. Deixaram a zoeira pra eles e ficaram nas encolhas se divertindo. O Plonka bateu na vaidade do Elias de saída:

– Tu é bobo, gordo. O corcunda queria era te chuveirar.

Foi o bastante pro Elias espernear:

– A mim? Tu não me conhece, otário. Se tu duvida, amanhã volto lá e compro aquele fusca por uns seis milhões.

O Plonka não aliviou:

– Eu duvido.

Ferido nos brios, o Elias teve que ir em frente.

– Então tá legal. Amanhã a gente vai lá. De noite, a gente conta pra turma como foi o lance.

E por estarem ligados na pechincha, os dois tiras ficaram acertados de voltarem na casa do Bodoy. Mas, nem de leve suspeitavam do corcunda.

O Bodoy dormiu a noite inteira e por certo iria varar o dia dormindo, se não fosse ser despertado por insistentes toques de campainha. Quase que automaticamente o corcunda ganhou consciência de tudo. Meio apreensivo, espiou pela fresta da janela. Viu parado junto ao seu portão um homem ainda jovem. Por um tempo, o Bodoy ficou em dúvida se atendia o rapaz ou não. Esperou que ele se retirasse. Mas, não deu resultado. O homem continuou insistindo na campainha. O corcunda foi até a escrivaninha, apanhou a Beretta e a escondeu sob o paletó. Depois, calmamente, abriu a porta. Antes de convidar o homem a entrar, disse pra si mesmo:

– É o destino. E eu acredito em destino.

(continua)

A dívida paga com a vida (Última Hora de SP – Edição de 25/9/1971. Página 16 Caderno 1)

Mal o homem jovem entrou atendendo o convite que o corcunda lhe fez, esse trancou a porta à chave. Mesmo a atitude estranha do agiota não tirou o entusiasmo do rapaz, que era do gênero folgado e encarava as maiores sinucas com bom humor. Na situação atual inclusive ele estava com terríveis problemas econômicos, só por isso é que procurou o corcunda. Porém, o Bodoy desconfiou que ele era tira e que apareceu desbaratinado para sondar o ambiente a mando do Plonka e do Elias, os dois policiais que estiveram em seu escritório no dia anterior. E, dominado pelo pavor, o corcunda pensou em eliminar o rapaz. Antes, porém, puxou conversa:

– O jovem veio meter o nariz aqui naturalmente por sugestão daqueles dois cretinos que me visitaram ontem, não é assim?

Sem se encabular com a agressividade do corcunda, o rapaz sorriu e se abriu com sinceridade:

– Não, meu chapa, vim pelo seu anúncio. Estou numa sinuca de bico e pretendo empenhar o meu carango. Como o seu negócio é esse, estou aqui. Manja? O que me estraga é mulher e jogo. Mas, pode levar fé. Dessa vez vou criar juízo e pegar uma linha reta.

Bodoy sorriu e com malícia falou:

– Pouco tempo lhe resta, meu jovem.

Sem entender, o rapaz acreditou se tratar de brincadeira e levou a conversa em tom de piada:

– Nunca é tarde pra começar. E eu vou sair pra outra com sua ajuda.

Com expressão grave, o corcunda sentenciou:

– Vai sair pra outra não é bem o termo. Melhor será dizer que, com minha ajuda, vais passar pra outra. Isso é... se existe outra vida... Se alma é realmente imortal... Logo saberás...

E, antes que o rapaz retrucasse, o corcunda sacou a Beretta. Pálido de espanto, o moço murchou. Se fechou em copas, não querendo crer no que via. E, sem contemplação, o Bodoy deu no gatilho três vezes. Três balas certas estouraram a cabeça do jovem, que já caiu morto. O corcunda se ajoelhou ao lado do cadáver e se botou a revistá-lo avidamente, sem a mínima importância com o sangue que escorria abundantemente pelas feridas. O Bodoy se sujou todo, na ânsia de descobrir os documentos de sua vítima. Queria ter certeza de que o rapaz era da polícia. Não tardou para perceber o seu lamentável engano. Os papéis do moço atestavam que ele fora lá a fim de fazer negócio. O certificado de propriedade do automóvel estava em ordem para ser penhorado e a carteira do trabalho acusava que a vítima era bancário. O corcunda se desesperou e caiu em prantos. Entre lágrimas, tentava inutilmente se justificar com o moço que assassinou.

– Eu pensei que eras um policial. Juro por tudo que há de mais sagrado. Por meu Deus e pelo teu, se é que tens algum e tua fé. Eu não acabaria a tua vida, se soubesse quem eras na verdade. Tive medo. Compreendes? Medo. Pensei que viestes aqui para me desgraçar. Foi isso que pensei. Que eras da polícia. Colega daqueles dois imbecis que ontem vieram bisbilhotar meus negócios. Eu me enganei, moço. Por medo. São tantas as pessoas que querem me prejudicar. Certamente tu também haverias de querer. No mínimo me enganar nos negócios. Todos querem. As pessoas são desonestas. E tu devias ser igual a todos. Mas, eu não o mataria por isso. Por favor, creia-me. Perdoa-me. Arranjei para que tu descanses em paz. E pior será comigo. Por toda a eternidade serei roído pelo remorso desses crimes monstruosos que pratiquei. Nem a auto-punição que me imporei me absolverá diante da minha consciência.

E, de repente, o corcunda se calou. Parou de chorar. Apanhou a Beretta com as mãos sujas do sangue de sua vítima. Recarregou a arma lentamente e foi se sentar atrás da escrivaninha. E ficou imóvel meditando.

Na rua, o tira Plonka e o seu inseparável parceiro Elias se aproximavam da casa do corcunda, entretidos com a discussão sobre a compra do automóvel. O Elias, já meio perto da hora da decisão, afinava:

– Bom, eu dobro o todo ruim. Isso é fácil. Meto uma conversa nele e ele entra na minha. Mas, e daí? Vou fazer o que com o fusca? Eu não quero aquele carango.

Pra incentivar o amigo a ir até as últimas consequências do negócio, o Plonka prometia vantagens mil:

– Se você conseguir preço bom, fico eu com ele. Ainda hoje mesmo vendo o carrinho na Barão de Limeira. Com bom lucro.

Com a possibilidade de ficar de fora, o Elias estrilava:

– Aqui ói! Eu faço tudo. Converso [com] o corcunda e você fica com o lucro? Eu, não. Se quiser meio a meio, vou lá. Você entra com a grana, eu com o papo e aí a gente vê. Se der, rachamos o lucro.

Por confiar na charla do amigo, o Plonka topou. E foi com seriedade que os dois policiais, que acabavam de ficar sócios no negócio de automóvel, pararam diante da casa do Bodoy e se botaram a examinar o fusca que estava estacionado lá. Concluíram que era realmente uma barbada comprar e vender o fusca. E se animaram a encarar o corcunda para comprar o automóvel. Já iam tocar a campanha, quando o bando de garotos se aproximou deles. Prevendo a confusão, o Elias chiou:

– Vai, Plonka, dá um pirolito pra cada um e dispensa.

Claro que, em vez de pirolito, o tira Plonka ia dar um passa-fora nos pivetes. Porém, era nessas ocasiões que sua intuição de grande policial funcionava. Um estalo inexplicável deu uma luz na sua cuca. E ele maneirou com os moleques:

– Qual é o babado?

O mais assanhado dos pivetes pegou a corda:

– Não é nada, não. Só que a gente achou uma carteira com documentos e viemos espiar a sua cara pra ver se era igual à do retrato da carteira.

Impondo sua autoridade, o Plonka exigiu:

– Passa pra cá esses documentos, quero ver.

Sem mumunhas, os garotos entregaram a carteira ao tira. O Plonka imediatamente reconheceu o retrato do Joselito. Mostrou pro Elias que por sua vez também o reconheceu. Os dois policiais se entreolharam e se entenderam. Há muitos anos era corda e caçamba. Onde ia um, ia o outro. Bastava um olhar pra que eles se colocassem de acordo nos casos complicados. Nos casos simples é que eles falavam e complicavam. Porém, naquele instante, era pra valer e eles não brincavam em serviço. E o Plonka interrogou os pivetes:

– Onde acharam essa carteira?

A molecada vacilou às baldas, antes que um deles tivesse coragem de responder:

– No quintal do corcunda.

Houve nova troca de olhares entre os dois tiras e depois [o] Plonka prosseguiu:

– Quando?

Timidamente, o garoto respondeu:

– Ontem. A gente estava jogando bola e ela caiu no quintal do corcunda. Nós fomos pegar e achamos a carteira.

Satisfeito com as informações, o Plonka espantou os moleques:

– Anda daqui. Vão embora antes que eu prenda todo mundo por vadiagem.

Não precisou segunda ordem. Os moleques se mandaram deixando os dois policiais a sós. E aí, eles traçaram o plano:

– Elias, vai chamar reforço. O corcunda sabe mais do que falou.

– Ficou doido? Vamos investigar primeiro no quintal do corcunda. Já esqueceu que o chefe tá uma fera contigo pelo alarme falso que tu deu no caso do roubo das joias da madame?

Meio embaraçado pela bronca do parceiro, o Plonka disfarçou e deu as coordenadas:

– Está bem. Vamos fuçar no quintal. Mas, toma cuidado. O corcunda é perigoso.

Pondo banca, o Elias murmurou:

– Eu sei me cuidar.

E, sem mais papo, os dois tiras com cautela invadiram o quintal do Bodoy. Revisitaram tudo. Por fim, descobriram um pedaço de terra revolvida. Mais uma vez se entenderam com olhares. O Elias se afastou até junto ao tanque de lavar roupa e no telhado encontrou a enxada. Entregou ao Plonka que, sem reclamar, cavou. Logo apareceram aos pés do defunto enterrado ali. Emocionado por haver desvendado o mistério, o tira Plonka exclamou:

– Estamos quentes. Vai chamar reforço. Mande cercar a casa pra prendermos o corcunda.

O Elias não chegou a se mexer. Um tiro soou no interior da moradia. Rapidamente, os dois tiras se jogaram no chão e completamente imóveis esperaram pelo pior. Mas, nada aconteceu. Depois de um longo tempo, os dois policiais rastejaram até a porta dos fundos da casa do corcunda. Forçaram a porta e ela cedeu. Estava apenas encostada. Com grande cuidado os dois tiras avançaram pela casa a dentro. E, de repente, depararam com o quadro estarrecedor no escritório do Bodoy. O cadáver do moço no chão e o do corcunda tombado sobre a escrivaninha, com um filete de sangue a lhe correr pelo canto da boca, indo manchar um papel onde o corcunda confessava todos seus crimes antes de cometer o suicídio.

Imediatamente, o Plonka e o Elias comunicaram o caso ao distrito. Como prêmio por resolverem todo o mistério, ganharam um dia de folga. O chefe sabia que os dois tiras iam precisar de repouso depois de passarem uma madrugada contando a façanha na porta do Bar do Jeca.

O peixe bom (Última Hora de SP – Edição de 27/9/1971. Página 16 Caderno 1)

O povão da Praia do Pirão só vivia da pesca do camarão. Todas as manhãs, velhos e meninos soltavam as amarras dos seus barcos e se faziam ao largo nas águas de lemanjá, na captura do barbadinho. Os que tinham barco a motor, com maior calado, iam pro alto mar, em busca do camarão pistola, que é o graúdo, que alcança melhor preço no mercado. Os outros que se viravam em canoas ficavam mais pra perto da costa. Remavam às pampas e nem sempre em maré limpa, mas sempre iam longe o bastante pra não invadirem os lagos viveiros. Todos na Praia do Pirão só se tocavam na Tabuada das Candongas do mestre Gagala. Nela o velho cabo de esquadra escancarou²³² as suas dicas para servir de bússola e sem farol nos caminhos esquisitos e escamosos do roçado do bom Deus. E lá na Tabuada das Candongas está uma solene pala:

– Amanhã é outro dia.

E se mestre Zagaia falou, é que é. O velho sabe das coisas. E os pescadores se ligavam nessa verdade. Não atacavam os camarões no nascedouro. E, por isso, sempre tinham estoque. Até que se deu o esquinapo.

Uma manhã como de costume, os barcos se fizeram ao mar. Quando chegaram ao bom pesqueiro de pistola, os caiçaras dos barcos a motor viram, com espanto e admiração, um grande navio com radares poderosos, máquinas potentes, redes imensas de malha fina, manobrando em suas águas. Todos os caiçaras marcaram bobeira diante do grande navio. Nem repararam no papo do bruto, pra ver a cor do pavilhão. Deixaram andar, pálidos de assombro diante de tanta maravilha da técnica. Assistiram a um espetáculo fabuloso. As redes do navio eram lançadas ao mar e arrastadas por muitas milhas. Depois, com facilidade, máquinas, em vez de

²³² Termo atualizado; no original de jornal consta “encancarou”.

homens, puxavam a rede, que subia carregadinha de camarão, baiacu, sardinha e tudo mais que nadasse.

Pros caiçaras da Praia do Pirão Só, aquela mumunha foi linda de ver. Mesmo quando os marujos do navio jogaram o peixe miúdo de novo ao mar, aos pescadores não estranharam. Estavam abilolados, vidrados, acanhados e os cambaus diante do naviozão. Mais, por honra da firma do que por vontade de pescar, os caiçaras atiraram seus picarés. Mataram pouco camarão. Muito pouco. Um quase nada. Nesse dia, eles ficaram mais de botuca nas manobras do navio do que no trabalho. E, de tardinha, quando o naviozão se mandou em direção ao mar grosso, os caiçaras da Praia do Pirão Só retornaram ao ancoradouro com toda a força dos seus motorzinhos, doidos que estavam pra contarem pros companheiros de beira-mar as façanhas que presenciaram. Em terra, foi um tremendo quás-quás-quás. Toda a colônia bochichou. Apenas o tio Pedro, velho pescador com mil anos de catraia, não se assanhou com a novidade. Ficou jururu num canto até ser perguntado:

– Qui quereis, véio Pedro? Nim diz, nim desdiz [sic]?

O velho Pedro tirou o pito da boca, escarrou de lado e sapecou em voz rouca seu pensamento:

– Tô cismado qui tem cação nas pedras.

Pra moçada, o papo do velho foi um sarro. Todos acharam que o coroa era um tihoso invocado. Gozaram a fuça do bruto na bucha e se recolheram pra, no dia seguinte, se levantarem antes do Sol raiar. E não teve chibu. Ainda era escuro e a patota se fez ao mar. Mas, quando chegaram no pesqueiro, o naviozão já estava em ação. Os caiçaras assistiram um pouco às manobras do navio e logo foram se cuidar. Pescaram muito pouco. Quase nada. Quem matou dez quilos de camarão se deu por feliz. A maioria ficou nos três quilos. E aí, as caiçaras se tocaram que o naviozão estava acabando com a pesca. Sua rede ia até o fundo do mar e puxava tudo. E ainda teve mais gronga. Piou um tubarão na parada. Os bichos se assanharam com o peixe que os marujos jogavam fora. E a maré pesou.

Nessa noite, na Praia do Pirão Só, os caiçaras se reuniram contra o naviozão. Os que matavam camarão mais pra perto da costa não se doeram. A presença dos piratas naquelas águas não os incomodava. Porém, incomodados ou não, tiveram que se conformar com a presença do naviozão, que arrastava o peixe bom e atraía os tubarões pras águas de lemanjá.

Se conformaram aquela noite. Porque no dia seguinte, sentiram o aroma da perpétua. Chegaram no pesqueiro e no naviozão estava lá, com suas máquinas modernas, sua rede enorme rapando o fundo do poço. Bateu desespero nos caiçaras. Um mestre, atucanado, selou:

– Nós não tem mais vez. Agora a água é desse naviozão. Nem na força bruta a gente consegue espantar esse maldito barco de nosso pedaço. Mas, se dane. O que ele faz com a gente, vamos ter que fazer com o pessoal da costa. Camarão pistola não se pesca mais. Vamos matar o miúdo, senão vamos acabar sem ter o que comer.

E se o mestre disse, fez. Levou seu barco para a faixa onde pescavam as canoas e foi seguido pela frota toda. Ali, sem cerimônia, jogou o arrastão. E os outros barcos fizeram o mesmo. E os canoeiros não tiveram vez. Seus picarés mataram muito pouco camarão.

De noite, na praia, teve quizila. Amizades de anos e anos se estremeceram. Os canoeiros acusavam a xavecada²³³ dos pescadores de barco a motor. Esses se defendiam acusando o naviozão predatório. E nisso ficaram, sem encontrar um

233 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

pedal. E foi o início do esquinapo. Na manhã seguinte, os barquinhos a motor ficaram na faixa das canoas. Diante disso os canoeiros não regatearam. Foram matar camarão nos viveiros. Pesca fácil. E as coisas se acomodaram por uns tempos.

Até que os barquinhos a motor não pesaram mais nada perto da costa. Foram fuçar em alto mar e tiveram uma bela surpresa. O naviozão fajuto havia sumido. Jogaram as redes e descobriram o porquê do pinote do grande barco. Aquele pescueiro se avacalhara. Não dava mais camarão. Retornaram apavorados pra terra. E acusaram os canoeiros da situação crítica, porque eles estavam pescando nos viveiros. Esses se defenderam e atestaram que os viveiros estavam vazios. E daí, virou bagunça. Formaram-se dois partidos. O dos barcos a motor e o dos canoeiros. E[,] na Praia do Pirão Só, o caldo engrossou. Camarão sumiu, peixe sumiu. A fome, que já andava nas berbas, encarnou. E nego manso se picou de raiva e virou fera. Quem tinha barco a motor foi pescar longe, em outras praias. Porém, os pescadores que se viravam no remo tiveram que comer ostra e siri. Bateu a maresia na alma. E teve gente que se botou a assaltar os próprios companheiros, a rasgar rede e tudo mais. E nisso ficou. O enorme mar que banha a bela Praia do Pirão Só não dá mais peixe. E os caiçaras estão entalados.

Meu puçá não vai além da superfície. Eu só pesco o que vem à tona. Mas, nas águas barrentas em que navego, essa miséria flutua e dá pra entender. O caso da Praia do Pirão Só não é o único.

O curió cantor (Última Hora de SP – Edição de 28/9/1971. Página 16 Caderno 1)

Quando a gente fala em passarinho, não está falando do nego que tem uma gaiola com um[a] coleirinha e que no fim de semana se mete nos brejos e nas serras para, no piado do bruto, pegar uns pardinhos muito fajutos que não vão valer nem o alpiste que comerem. Esses pintas podem ser abilolados por passarinho. Podem, em vez de um coleirinha, terem dez negrinhos contadores, armarem alçapão pra pegar o sabiá pocá, prepararem fisga de jacá pra grudar canário da terra e os cambaus. Porém, não são da categoria dos passarinhos. Essa roça é toda cheia de mumunha e não é qualquer um que entende os macetes, as palas e os deschavos deles. Precisa tremenda paciência pra ser passarinho. Precisa gostar mais de passarinho do que de mulher. Não é grupo. Tu, que sempre come de banda podre, tu, que só pega a pior, tu, que mora nas berbas do rio e quase se afoga toda vez que chove, sente o aroma da perpétua. Tem passarinho que passa a vida cruzando pixoxó com biquinho de lacre, na esperança de conseguir um sonhaço capaz de piar o Hino Nacional. Tem outros que cruzam azulão com tisiu, pra ver se surge na parada um chupim azul marinho. E é tudo nesse naipe. Tem campeonato de curió e outros babados. Mas, já que estamos falando em curió, justo será fazer uma menção ao curió que viveu e morreu cantando numa gaiola na casa do meu avô Chico Barros, criado pela mão do meu pai. O bichinho era o máximo. A troco de alpiste e água, o avinhado alegrava a cozinha da vó Lucila todas as matinas. Claro que a maior alegria daquela santa cozinha era o grude feito pela velha Lucila, campeã mundial de macarrão, polenta e de qualquer tempero. Mas o curió, no seu puleiro, fazia a sonoplastia da alegria daquele ambiente que nem eu, nem ninguém abandonaria nunca por um gosto. Quantas vezes a porta da gaiola do curió foi deixada aberta e o bruto se mandava, pra logo voltar a cantar na cozinha da velha Lucila. Quantas vezes. Meus tios, minha mãe, meus irmãos, meus primos, todos podem atestar que o curió, cantor sem igual, não queria pinote, nem nada. Era

gamado naquele pedaço de mundo. Não entrava em concurso, nem tinha trato de artista. Na casa do velho Chico Barros, a cartilha ensinava que, quem descendesse dele, tinha que gostar mais de gente do que de bicho, e por essas e outras o curió de canto mais belo era um passarinho comum. Depois, a vó Lucila morreu, o velho Chico Barros, sem ela, não aguentou o repuxo e se apagou também. O curió ficou jururu, perdeu o pio e, numa manhã, apareceu estarrado no chão da gaiola. Mas seu canto ficou com a gente, que ainda era pivete demais pra saber das coisas e manjar que a felicidade voou um pouco junto com aquele axé plantado em solo firme. Hoje, se me lembro de passarinho, me lembro do nosso curió e do seu canto, e do meu avô Chico Barros e da vó Lucila, que já não benze, nem me protege contra os maus olhados e as quizilas dessa vida. Mas, deixa isso tudo pra lá. O que quero contar e o que pesa na balança é o lance dos passarinhos, confraria das mais cheias de truques que existe nos caminhos esquisitos e escamosos do roçado do bom Deus.

Um passarinho que mora numa ponta do planeta se toca com outro que fica nas quebradas do mundaréu, lá onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos. Um sabe qual é o passarinho bidu da coleção do outro. Sabem que ideia de jerico vai na cachola do passarinho que está misturando azulão com sonhão, sabem o processo que o outro passarinho está usando pra ensinar seu sabiá-laranjeira assobiar “Malagueña Salerosa”. Sabem tudo. Como sabem, não sei. Mas, sabem. E tanto sabem, que o vagau conhecido por Severino Baiano se entortou com os passarinhos.

O negócio do Severino Baiano era vender pássaro preto. Fazia e acontecia com as avezinhas. Arrancava um tendão embaixo da asa dos bichos, furava os olhos dos outros e depois, na praça, tirava onda de ensinador de pássaro. Claro que cego ou aleijado, pássaro preto não voa. E com a ave no dedo, o Severino abafava e engrupia mil e um otários. E com esse nojento truque, o Severino faturava. Até que se deu o esquinapo. Ele foi convidado pra se apresentar com suas aves mutiladas num programa de televisão, desses especializados em misérias e, sem regatear, se apresentou exibindo os pássaros pretos. Milhares de botucas viciadas em ver milagre nos programas desse gênero engoliram a treta e acharam uma maravilha. Porém, a sociedade protetora dos animais não marcou bobeira. Meteu a boca no trombone e deu o estrilo. Como fazem sempre, os produtores do programa maldito tiraram a fuça da reta e deixaram o Severino encarar a bananosa sozinho. E foi uma gronga encarnada. A polícia dava incertas no mocó do bruto. Apreendia seus pássaros e o Severino não tinha mais sossego. Por essas e outras, não podia mais ficar pelas esquinas vendendo suas aves. No começo do aroxo, o Severino se escorou com o cachê da televisão. Mas logo, logo, ele se viu comendo amargo pela raiz e, pra escapar da pua e se defender, resolveu atacar a domicílio.

Meteu os pássaros pretos numa caixa de sapato e foi se bater. Cutuca aqui, cutuca ali até que recebeu uma dica:

– Nessa rua tem um pinta vidrado em passarinho. Vai na casa dele que ele compra.

Sem perder tempo, o Severino se mandou nas águas da indicação. Só que se machucou. O homem que gostava de passarinho era um passarinho fanático. Ao ver os bichos mutilados do Severino, endoidou. Esculachou o pilantroso. Até ameaçou de chamar a cana. O Severino se picou de raiva, mas disfarçou. Maneirou e amansou o passarinho. E esse, por sua vez, mostrou seus campeões pro vagau. Ruim dentro da roupa, o Severino assistiu ao desfile. E logo bolou uma sujeira. Afanar o passarinho de fé do passarinho: um curió por quem o dono já havia recusado dez milhões de cruzeiros.

Se o Severino pensou, ele fez. Naquela mesma noite, entrou escondido na casa do passarinho e carregou o curió. Foi um perereco. O passarinho, quando viu a gaiola vazia, quis morrer. Chorou as pitangas. Mas, na surdina. Se fechou em copas. Não deu parte pra polícia, nem nada. Deixou andar. Sabia que tinha a volta e esperou.

O Severino, de posse da ave cantora, saiu vendendo. Sabia que o curió valia uma grana sentida e, por essas e outras, saiu na captura de um bom comprador. Remexeu as pistas e adivinhou o endereço de um passarinho em Campinas. Se mandou pra lá. Ia certo de que, por se tratar de um cidadão do interior, não ia ter erro. O passarinho de Campinas, mal olhou pro curió, se ouriçou. Reconheceu o bicho. Desbaratinou e mandou o Severino aparecer no dia seguinte, que ele ia levantar a grana. O Severino pegou a corda. O passarinho de Campinas ligou pra seu colega de São Paulo e deu o serviço. Armaram a cama e o Severino se deitou. Quando apareceu pra pegar a grana, encontrou a polícia. O dono do curió recuperou seu bicho e o Severino entrou em pua. Vai puxar um bom tempo na gaiola. Porém, ninguém vai perder tempo ensinando o bruto a cantar.

O pio do macuco (Última Hora de SP – Edição de 30/9/1971. Página 16 Caderno 1)

Tem coisa que, por mais que a gente se esforce, não dá pra entender. Está certo que meu puçá não vai além da superfície, e por essas e outras, só pesco o que vem à tona. Mas, aparece tanta gronga boiando nas água[s] barrentas em que navego contra a maré, que meu patuá de fé e de valia anda até desgastado de tanto que me agarro nele pra não naufragar. O perereco dos caçadores de macuco é bem desse naipe. E é isso que quero contar. Só que, antes, dou um alô pros abilolados que porventura meterem as botucas vidradas nessas mal traçadas linhas. O macuco dessa conversa é o pássaro, e é favor não confundirem com o Macuco, bairro santista de mil e uma embaixada da pesada. Isto posto, vamos em frente.

Tu, que sempre pega o pior, tu, que só come da banda podre, tu, que mora nas barrancas do rio e quase se afoga toda vez que chove, sabe melhor do que eu que, com a vida custando os olhos da cara do jeito que está, a negada faz qualquer negócio pra defender o feijão de cada dia. Se agarram em fio desencapado, matam cachorro a grito, jacaré a beliscão, catam lata e os cambaus. Por isso, não causa espanto dizer que o Onorino vivia de matar macuco. Profissãozinha escamosa, uma vez que nos esquinapos dessa vida, a fauna, a flora e a pesca da Pátria amada estão sendo esculachadas e findando por gente que, a fim de lucro ou de diversão, vão botando pra quebrar sem medir as consequências. E o resultado da presepada do Onorino está aí mesmo pra não deixar ninguém mentir. Porém, deixa isso pra lá. O que pesa na balança é que o Onorino era caçador de macuco e todo dia santo se metia nas metas de Mangaratiba pra ajudar a acabar com a espécie dessa ave e garantir a continuação da sua, que era, na consideração dele, sua mulher e quatro filhos.

Ao mesmo tempo em que o Onorino matava macuco para viver, Antoniel da Cruz e Adolfo de Castro era esportista. Gente bem plantada dentro da sociedade, mas nem tanto que desse pra caçar leão da África. E como se não tem tu, vai tu mesmo, os dois iam, toda vez que podiam, pras matas de Mangaratiba, outrora paraíso dos macucos, inhaúmas, jacus, jaguatiricas e outros bichos, que hoje, a bem da verdade, se espantaram daquele pedaço ou foram pro beleléu por conta dos caçadores de fim de semana. Porém, o Antoniel e o Adolfo não queriam saber se tinha ou não caça na mata da Mangaratiba. Se enfeitaram de caçadores e meteram

as fuças, todos os dois embandeirados. Levaram na mochila tudo quanto era badulaque. Facão de mato, espingarda de grosso calibre, própria pra derrubar elefante, repelente contra inseto, cerveja em lata e um apito de chamar macuco. A única coisa que os dois tinham a lamentar quando, às primeiras horas da matina, entraram mata a dentro foi o cano que o nego Leléu deu neles. O Leléu, que não era otário, prometeu que ia junto, mas se mancou que seu papel na fita era o mesmo que o crio[u]llo de Tarzã e não compareceu. Aqui ói, que o nego Leléu ia querer passar o dia carregando o saco dos caçadores, pra no fim ser isca de onça. Não foi. E fez muito bem. Porém, não foi por causa disso que os otários se acanharam. Se enfurnaram na mata serrada e foram logo assoprando o assobio de fêmea de macuco pra atrair macuco macho.

Parece até que combinaram com o Onorino. Ele entrou no mato no mesmo instante em que os dois caçadores de araque. Só que pelo outro lado. E foi só o Onorino entrar, pra começar a piar como fêmea de macuco pra atrair macuco macho. E nessa, o Onorino foi avançando na selva de Mangaratiba, enquanto do outro lado o Antoniel e o Adolfo também avançavam.

Já disse aqui e repito: do jeito que andam matando bicho no Brasil, daqui a pouco só vai ter caça na Praça da República, depois das dez. Nas matas de Mangaratiba, já anda difícil às pamparras. E a prova é que, com pio de fêmea de macuco e tudo, os caçadores bateram perna pra chuchu²³⁴ e não apareceu nada. Nem do lado do Onorino, nem do lado do Antoniel e do Adolfo. Mas, nenhum deles afinou. Os três foram levando. E chegaram na Serra do Rubião. Não recuaram. Sempre piando, subiram a serra. O Onorino de um lado, movido pela necessidade, e o Antoniel e o Adolfo do outro, movidos pela vaidade. Niguém queria sair de mãos vazias. Se o caçador profissional chegasse no seu mocó sem pelo menos ter matado um macuquinho filhote, sua filharada ia espernear de fome. Se os dois caçadores esportistas chegassem em casa sem pelo menos um macuquinho filhote, iam ter que aguentar gozação de muita gente. E nesse embalo, os três iam subindo a Serra do Rubião, nas matas de Mangaratiba. Gente de fibra estava ali. Subiam, assopravam o pio de fêmea de macuco pra chamar macuco macho e não perdiam o fôlego. E nessa toada, chegaram quase no pico. O Onorino de um lado, e o Antoniel e o Adolfo do outro. E estavam quase próximos, quando o Onorino escutou o piado do apito dos dois caçadores. Saudou seu Ogum, santo guerreiro da floresta, e caprichou no assobio de fêmea de macuco.

Do outro lado, o Adolfo escutou e alertou o parceiro. Os dois firmaram o pensamento, ligaram as antenas e ouviram o piado de fêmea de macuco que o Onorino saltava. Retumbaram de alegria. O Adolfo, que estava todo prosa por ter sido o primeiro a escutar o pio da ave, botou banca e escarrou regra:

– Tá perto. Vai com cuidado pra não fazer barulho, que esse²³⁵ macuco deve ser das grandes.

E os dois, com todo²³⁶ cuidado, deitaram no chão e foram rastejando no mato rumo ao lugar onde o Onorino assobiava com fêmea de macuco, chamando o macuco macho. De vez em quando, um dos dois dava um assopro no apito de fêmea de macuco, esperavam o Onorino responder e avançavam.

O Onorino, caçador com mais experiência, de saída estranhou que a resposta ao seu pio de fêmea responder chamado de macuco fêmea? Mas, já que tá aí, deixa chegar.

234 Termo atualizado; no original de jornal consta “xuxu”.

235 Termo atualizado; no original de jornal consta “essa”.

236 Termo atualizado; no original de jornal consta “tudo”.

Armou a espingarda de chumbo grosso e foi piando e armando a mira na direção em que imaginava que a caça ia aparecer. E não estava enganado. Se arrastando como cobra, o Antoniel e o Adolfo foram se chegando. E aí, não prestou o ouvido apurado do Onorino, que escutou o barulho de galho quebrado e mato sendo espalhado pelos corpos dos outros dois caçadores. Assombrando com o esparramo que o Antoniel e o Adolfo faziam, apesar do cuidado, o Onorino imaginou que era uma jaguatirica que se aproximava. Não fez questão de conferir. Deu no gatilho e mandou bala. Acertou em cheio nos dois caçadores esportistas. O Adolfo foi falar com Deus direto. O Antoniel, mais feliz, ficou todo chamuscado e teve que ser guinchado para um hospital. E o Onorino vai ter que gastar muita saliva pra rachar essa mumunha toda, até se conformar que não tem mais macuco nas matas de Mangaratiba. O homem acabou com as aves. E pelo jeito, pra se divertir, vai se acabar entre si.

3.7 – As crônicas de outubro de 1971 – Coluna Navalha na carne

Os bidus e as tretas (Última Hora de SP – Edição de 01/10/1971. Página 16 Caderno 1)

O perereco está todo escancarado na Cartilha das Candongas do Mestre Zagaia, velho cabo de esquadra que navegou sem bandeira por águas barrentas e bateu perna à toa nos caminhos esquisitos e escamosos do roçado do bom Deus, antes de ganhar os cabelos brancos, as rugas e as cicatrizes que são as divisas que lhe dão direito a pala até dos vagaus mais considerados que cruzam pelas quebradas do mundaréu, desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, até onde o pilantroso apalpa devagarinho. Mestre Zagaia abriu seus olhos de ver no meio das batalhas. Comeu capim amargo pela raiz. Se assombrou diante das mil mumunhas que rachou. E por fim, deu as dicas sobre as coisas na sua Tabuada das Candongas, onde nem sempre dois e dois são quatro, porque Mestre Zagaia espia, lê, escreve e soma pelas linhas tortas. Um dos alôs que Mestre Zagaia deu, pra servir de farol pra pilantroso sem rumo, é o seguinte:

– Tem sempre um loque pra comprar algodão por veludo.

E se o mestre Zagaia falou, é porque é. O velho cabo de esquadra mora nos assuntos. Porém, eu que sou ligado e escolado na Tabuada das Candongas, ainda me espanto fácil diante das quizilas que me surgem pela proa. Está certo que meu puçá não vai além da superfície e por essas e outras eu só pesco o que vem à tona. Mas, juro por essa luz que me ilumina que aparece tanta gronga boiando na maré brava em que remo minha catraia contra a corrente, que meu patuá de fé e valia já está até entortado de tanto que me agarro nele pra não naufragar.

Quando o bidu astrólogo de São João de Meriti botou a boca no trombone pra anunciar que os astros previam desgraças medonhas pra curriola maldita do seu bairro e, como prêmio por tão brilhante descoberta, foi enforcado no poste da esquina da sua rua, na presença da mulher e dos dois filhinhos, eu fundi a cuca. Me machuquei com as notícias do salseiro. Mas, acabei me conformando por ter a presepada acontecido em São João do Meriti, que é, juntamente com a Barra do Catimbó e Dallas City, o lugar do planeta onde se dão os maiores bochichos.

Mesma razão de alívio encontrei quando soube a sorte que teve a Santa de São João do Meriti, que depois de sete noites de insônia, desabou de cansada. Dormiu e sonhou com um anjo que lhe avisou que o mundo ia acabar, marcou dia e hora pro esquinapo e lhe ordenou que espalhasse tudo pro povão do seu pedaço. A

bruta nem vacilou. Pra melhor cumprir as ordens do anjo, assim que acordou, se apresentou num programa dos mais culturais da nossa televisão (se não me falha a memória, foi no Chacrinha) e alertou a patota. E no dia e hora marcados, juntou gente às pamparras na porta da casa da Santa de São João do Mereti. A rua ficou a três de alto, com nego se agarrando pelos picos pra ver o fim do mundo. Porém (e sempre tem um porém), o mundo não foi pro bebeléu e a multidão se sentiu engrupida. Tacaram pedra no mocó da Santa. A coitada ficou apavorada e teve um faniquito. Berrou, esperneou, se bateu contra as paredes, até chegar uma ambulância do hospital dos batusquelas. Aí, a mulher foi guindada na marra. Mas a gentalha presente não deu desconto. Vaiaram e apedrejaram a ambulância até quase o hospital.

Já com o caso do bidu astrológico de Goiás, eu não pude tirar de letra. Minha cachola ferveu diante de tanto mistério. O distinto milongueiro, que se limitava a dar, através de uma rádio local, as situações dos signos, uma manhã resolveu se embandeirar mais do que o costume. Tendo por pedal a fuga dos tupamaros de uma cadeia do Uruguai e o levante de presos em Attica, nos Estados Unidos, meteu uma ficha cavernosa. Sem fazer nenhuma cerimônia com os otários que ouviram seu programa, o astrólogo de araque encheu a boca e, com todas as forças da sua caixa de catarro, esparramou no ar que os outros, na casa do Zodíaco em que se encontravam, favoreciam às baldas os pinotes dos presos naquela época do ano. Não prestou. Os presos do xadrez de Goiânia não tinham ocupação nenhuma (o que é grave) e luxavam o tempo escutando o rádio. Escutaram, por essas razões, o quás-quás-quás do biduzão. Acreditaram tanto no vigarista, que nem tramaram. Mandaram ver na base do agrião. Botaram para quebrar o olho. Foi um reboliço de doido. Se mataram e não foram a nenhum lugar. Os engrupidos, se já estavam mal, ficaram pior. Perderam todas as regalias como castigo. Já nesse lance, ao contrário dos outros que relembrei, o treteiro se saiu bem. Sua fuça não ficou na reta. Ninguém lhe responsabilizou pela façanha e o IBOPE do seu programa subiu bastante.

Isso tudo me fez ficar cismado. E, como quanto mais eu rezo mais fantasma me aparece, estava eu matutando sobre essa zonzeira toda, quando me piou na parada mais um troço desse naipe. A zorra encarnou no José Lima por causa de uma cartomante. Tudo teve início quando as botucas do loque bateram em cima da Madalena. Foi ver e vidrar. E, antes mesmo de falar com a moça, o paspalhão foi consultar a madame grupeira. Com a vida custando os olhos da cara como anda, a mulher caprichou no serviço pra não perder o freguês. Escolada como era pelos muitos anos de janela, a cartomante manjou pela pinta do José Lima que ele não era de dar sorte com mulheres. E por achar isso, não quis dar embalo pro trouxão se chegar na Madalena. Mas, também não quis deixar o José Lima invocado. Abriu o baralho, deu uma de Mandrake e, com todos os truques, contou uma história pro bobão:

– Sai dessa dança, meu filho. Vejo muita sujeira. E as cartas não mentem jamais. A moça é gente boa, só que tem a sorte traçada nas cartas. Ela vai morrer no dia em que se casar.

O José Lima se encabulou. Não pode saber mais, porque a cartomante deschavou com categoria. Pagou e saiu zonzozinho. Foi se abrir com os amigos e virou esparro:

– Que é isso, Zé? A cigana te enganou. Vai firme que não tem chibu.

Meio perdido, o rapaz atracou na Madalena pra ver o bicho que ia dar. Seu papo grudou. A moça se engraçou por ele e teve início o namoro. No começo, era só

marola. E o José estava sossegado. Depois a gama dos dois engrossou e virou onda. Ficaram noivos, sem marcar a data do casório. Porém, logo a família da Madalena deu uma prensa no José e tiveram que dar a decisão pro caso. Escolheram o dia, a Igreja, os padrinhos, e o amor virou pororoca de inundar todas as barreiras. Aí, o otário se tocou na história da cartomante e se preocupou. Voltou na trambiqueira e pediu confirmação. A cartomante, pra não se avacalhar na paróquia, selou o que dissera antes. E o José Lima se entralhou. Quis desmanchar o compromisso, jogar tudo pro alto, fugir, mas não deu. E acabou se argolando.

Foi no cartório dar o “sim”. Foi na igreja receber a benção. E depois deu um banquete pros padrinhos na casa em que iria morar. Estava tudo indo certinho. Todos comiam e bebiam de se fartar. Quando, de repente, uma ideia de jerico atucanou o José Lima e ele, sem motivo algum, apanhou uma faca e espetou o coração da Madalena.

A triste noiva desabou morta, com seu vestido branco manchado com o seu sangue de virgem, que foi derramado pra fazer glória de uma cartomante fajuta e a desgraça de mais um papagaio enfeitado que acredita nessas besteiras.

Resposta à freguesia (Última Hora de SP – Edição de 2/10/1971. Página 16 Caderno 1)

Longe de mim analisar as catimbas humanas. Não sou eu que vou enveredar por atalhos tão perigosos, onde sábios de grande cultura, inteligências brilhantes, pesquisadores notáveis se perderam na vã tentativa de racharem as mumunhas e decifrarem os mistérios. Eu manjo as minhas limitações. Meu puçá não vai além da superfície e por essas e outras, eu só pesco o que vem à tona. Porém, aparece tanta gronga boiando nas águas barrentas em que remo minha catraia contra a corrente, que meu patuá de fé e valia já anda desgastado de tanto que me agarro nele pra não naufragar. Mas, por graça do meu axé, estou aí cumprindo meu destino de repórter de um tempo mau. Boto minhas botucas²³⁷ de ver e vejo. Daí, escancaro o lance e deixo o resultado da quizila para o leito[r] tirar. Meu baseado é na Cartilha das Candongas do Mestre Zagaia, velho cabo de esquadra que cruzou os sete mares sem bandeira e bateu muita perna à toa nos caminhos esquisitos do roçado do bom Deus, antes de ganhar os cabelos brancos, as rugas e as cicatrizes, que são as divisas que lhe dão direito à pala até dos mais considerados vagaus têm embaixada instalada nas quebradas do mundaréu, desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, até onde o pilantroso apalpa devagarinho.

Com esse quás-quás-quás, creio ter respondido à cartinha do senhor Mauro Gianfrancesco, da Rua da Mooca, na qual o bruto elogia o nosso estilo e esculacha a gente por nunca darmos interpretações às histórias que contamos. Já pro nosso leitor de Osasco, senhor Oscar Gouveia, é mais fácil. Diz ele que foi o inventor da palavra “gronga”, e que o perereco se deu por causa da sua mania de beber Sevenap com conhaque. Um dia ele entrou num boteco e pediu o troço. Um amigo que estava de umbigo encostado no balcão estranhou aquela pedida do seu Oscar e quis saber o nome. Ele, que estava atucanado, respondeu sem pensar que aquela bebida era uma gronga qualquer. Toda curriola achou graça no alô, e o nome da bebida pegou e virou apelido dele, que passou a ser manjado por Oscar da Gronga.

O nome de gronga está correto pra bebida que o seu Oscar bebe, que deve ser um tremendo veneno. Agora, deixa isso pra lá, que gosto não se discute. Tanto isso é verdade, que, a Zoca Exu, um dos maiores bagulhos dessa praça, é a gama

237 Termo atualizado; no original de jornal consta “barucas”.

de pedra do Carlão da Vila Maria. Já em relação à palavra gronga, posso garantir que não foi o seu Oscar que inventou, e muito menos eu. Gronga significa coisa ruim, azar, desgraça, e é uma gíria bastante usada pelo povão da macumba. Tem até um samba que o Moreira da Silva gravou, no tempo em que o Sadi Cabral, autor de “Velho Realejo”, juntava bala [de] futebol, que tem por título “Grongas e Mirongas”. Donde se conclui que o chute que o senhor Oscar deu não fala por pura inventiva.

Mas, deixa isso pra lá e vamos em frente, respondendo à freguesia, que é grande pelo número de cartas que recebemos. A Martinha, de Guarulhos, quer saber se o Plínio Marcos, que escreve no Guarú News, é o mesmo que trampa na Última Hora. E o Waldemar Cosmo, de Santo André, reclama por que a gente não aparece mais nas páginas do Placar.

A Martinha poderia conferir o estilo e se tocar que o Plínio de Guarú é o mesmo que está aqui, sem precisar gastar selo na carta. Quanto ao Waldemar de Santo André, pode esperar que eu voltarei um dia pro Placar. A turma lá é legal. Me afastei pra cuidar do meu pesqueiro no Teatro do Sindicato dos Têxteis, que fica na Rua Oiapoque, 80, no Brás e onde estamos apresentando “Quando as máquinas param”, com Walderez de Barros e Tonny Ramos, um espetáculo que é sucesso de crítica e de público, e que está à disposição dos amigos a preços populares.

Quanto ao Carlos Fonseca, que não dá nem endereço, nem bairro, e que pia na parada pra esculachar o autor de “Navalha na carne”, chiando contra a gíria que vez por outra a gente usa, e rogando praga, afirma que lê todos os dias a coluna só pra ver as besteiras que tenho a dizer, me agrada com seu estrilo. Mal dentro da roupa eu vou ficar quando esse otário parar de ler. Como é o caso da Leda de Castro, da Vila Mangalô. Ela é leitora de araque. E tanto isso é verdade, que quer saber onde fica a Barra do Catimbó. Isso eu já expliquei mil vezes. Porém, pra simpática Leda, que tanto me badalou, eu conto de novo. A Barra do Catimbó existe, sim. E fica enchuvada nas quebradas do mundaréu. Quanto ao resto, posso responder. Eu não sou de esconder verdades. Sou casado com a Walderez de Barros. Tenho dois filhos: o Nado Sabido e o Kiko Bala. Torço pro Santos F. C. de glórias mil e não estou fazendo novela nenhuma, o que lamento mais do que você.

Por fim, nessa quizila de cartas, me aparece um abaixo-assinado onde os senhores Wilson Alves, Osvaldo Negrão, Serafim Alves, Nilton B. de Carvalho, Maria Teresa de Alencar e outros reclamam por terem apostado nos palpites que andei dando aqui na Última Hora. O bué dos brutos é porque não acertaram os treze pontos na Loteca. Agora, tu aí que sempre pega o pior, tu que só come da banda podre, tu que mora nas berbas do rio e quase se afoga toda vez que chove, sente a aroma da perpétua. Foi até bom a gente não ganhar. Com a vida custando os olhos da cara como anda, a gente está a perigo perpétuo. Se ganharmos com esses palpites que dei, já viu o esquinapo. Eu ia lá buscar a grana salvadora e encontrava uma multidão pra repartir a bufunfa. Não ia prestar. A gente ia continuar na mesma dureza de sempre. Ia ser um desperdício de sorte. Mas, tá legal saber que tem gente às pamparras que vai por mim. Obrigado a todos. Continuam lendo e me escrevendo, que eu vou fazendo o que puder.

O crime da casa de pedra – capítulo 1 (Última Hora de SP – Edição de 4/10/1971. Página 16 Caderno 1)

O banqueiro de bicho Nelson, uma bela noite, deu tchau pra guria mais cedo. A mina estranhou. Ele nunca deixava o mocó antes da matina. E, por essa razão, teve chiadeira. Mas, o majorengo se explicou:

– Segura o apito, nega. Tenho que acertar os ponteiros com um pinta que vai me procurar lá em casa.

Fazendo dengo, a piranha regateou:

– Pombas! Mal tu chega, já sai de pinote? E que encontro é esse de noite? Já não chega o batente que tu encara o dia todo, agora vai ter que tramar à noite?

Desses arrochos, o banqueiro até gostava. Podia tirar de letra, dar um chega pra lá na piranha e se mandar sem receio, que no dia seguinte ela estaria de plantão à espera dele. Era com a grana do Nelson que a guria escorava os repuxos da maré brava em que ela e a família navegavam. Claro que, se ele aprontasse uma xavecada²³⁸, ela, que era escolada, faria um escarcéu. Porém, não ia ser por um troço à toa que a piranha ia sair fora do pesqueiro. Mas, nada disso o Nelson considerava. Ele era embeijado naquela pistoleira. Há muitos anos estava casado. E no argolamento oficial, não havia dado sorte. A mulher oficial não pode nunca ter filho. Esse galho eles quebraram criando um menino que, nessa altura do campeonato, já estava rapaz feito. Porém, isso não conta muito. O que pesa na balança é que, por desgraça, a mulher do Nelson sofreu um desastre de automóvel e perdeu uma das pernas. Por essas e outras, a barra do lar do banqueiro ficou escamosa. A pobre mulher, que já tinha mil minhocas na cachola, por não poder ficar choca, se atucanou ainda mais quando ficou pernetá. Pra dar uma estia pra mulher, o Nelson arranhou uma empregada. Que foi justamente a pistoleira, que nesse tempo ainda era menina certinha, com namoradinho e planos de casamento.

Longe de mim julgar os seres humanos. Porém, o certo é que foi só o Nelson botar as botucas na empregadinha pra vidrar e se encher de ideias de jerico. E não fez rodeio. Chegou na menina com charla macia e foi pão ganho. Mantiveram o arreglo na moita enquanto deu. Mas, quando a gronga encarnou, o perereco se embandeirou. Uma tontura de repente, uns vômitos esquisitos que a menina não pode esconder anunciaram pra mulher do Nelson a gravidez da empregada. A pernetá não aliviou a situação. Botou a boca no trombone e fez o escândalo. Porém, pra ela, o autor da façanha ficou sendo o namoradinho da moça. Trama bolada pelo próprio Nelson. Porém, pra família da empregada, não deu pra engrupir. O rapaz que namorava a menina tirou a fuça da reta e deixou o bicheiro segurando o rabo de foguete. No princípio foi broca. A família da menina fez um bué de doido. Ameaçaram de fazer e acontecer. Mas, o Nelson não se afobou. Sentiu logo o pedal. Ele estava nadando em grana. Era, de parceirada com um tal de Fenelon, o pau de mando do jogo de bicho naquela quebrada do mundaréu. Já a gente da menina estava comendo o capim amargo pela raiz. Daí, já viu. O Nelson fez piar na parada uma bufunfa sonora e toda a curriola se fechou em copas. Diante do aroma da perpétua, até a mãe da moça se conformou. Esqueceu o sonho de ver a filha casar de véu e grinalda e os cambaus.

Com o bochicho abafado, o Nelson instalou a menina num apartamento com todo o conforto, pra ela esperar sua cria. E baixava lá toda noite. Estava gamado de pedra e abilolado com a ideia de ser pai. Por isso, não percebia que a menina cresceu rapidamente e tinha se transformado numa bandida de primeiro time. E que até recebia visita do ex-namorado nas horas de folga que o Nelson lhe dava. Mas, o Nelson não via nada, porque, por maior que seja a embaixada do malandro, se ele se apaixonar vira papagaio enfeitado. E pro Nelson, não deu outra coisa. E era por

238 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

isso que, quando a guria chuveirava o bruto com seu chamego²³⁹ de araque, ele se rachava todo. Nessa noite, ele deu a dica:

– O Waldir pedreiro vai lá em casa. Tenho um apontamento com ele. É um serviço que quero que ele faça no ponto de bicho.

Dando a entender que engolia enrolado, a piranha deixou o banqueiro andar. Ele foi meio escabiado, por pensar que a pistoleira tinha se chateado com sua partida. Devido a uma úlcera das mais tinosas, qualquer coisinha azedava o majorento do bicho. E ele chegou no seu pedaço em pandarecos. Lembrou-se que não tinha remédio em casa e ia procurá-los antes de entrar, quando avisou num boteco um cupincha seu, o Boi, um crioulo gordo e grandalhão, que era escrevente do bicho por sua ordem. Sem vacilar, o Nelson chamou o crioulo e pediu que ele fosse à farmácia pra ele. O Boi obedeceu e ia se afastando, quando cruzou com o Waldir pedreiro, a quem manjava bastante. O crioulo ainda pode ouvir o Waldir falar pro Nelson:

– Estava na sua captura, patrão. Ia na sua casa.

Sem dar bola pro assunto, o Boi se mandou pra farmácia. Não foi mole encontrar uma aberta aquela hora da noite. Mas, o crioulo, que não estava a fim de desagradar o patrão, bateu perna até encontrar o remédio. Demorou, mas conseguiu. E foi se apresentar na residência do Nelson, bem tarde da noite. Porém, tocou a campainha da casa de pedra, orgulho do banqueiro, sem se acanhar. Da rua, pode perceber movimento dentro da casa. Escutava música e falatório no interior da mansão. Ao seu chamado, foi o próprio Nelson quem respondeu.

Veio de pijama e de chinelo pegar o remédio. Agradeceu, deu uma gorja ao crioulo e o dispensou. O Boi pode perceber que o falatório no interior da casa de pedra continuava, mesmo com o Nelson no jardim. Mas, só foi dar importância a isso no dia seguinte, quando soube, da boca da patota, que o Nelson, seu filho de criação e a mulher pernetta haviam sido massacrados. O Nelson se estarrou com um tiro na boca, ali mesmo no jardim onde o crioulo o tinha visto pela última vez. O rapaz passou dessa pra melhor enquanto dormia. O assassino lhe amassou o crâneo [sic] a porretadas. E a mulher empacotou também na base da pancada, quando tentava vestir a perna mecânica. Provavelmente, por ter escutado barulho estranho e querer ir acudir.

Os crimes foram descobertos só de manhã. Foi um afilhado do Nelson, que todos os dias ia na casa do padrinho buscar lavagem para os seus porcos, que deparou com o corpo do banqueiro. Pivete ainda, o afilhado do morto se assustou. Saiu dali depressinha e foi contar pro seu pai. Esse, por sua vez, assoprou pro sócio do Nelson, o Fenelon, e juntos eles foram se certificar da desgraça. Se assombraram com o que viram. Deram alô pra um irmão do banqueiro e chamaram a polícia. E todos juraram que iam ganhar o criminoso e vingar a morte do Nelson, da mulher e do filho de criação. E, picados de raiva, se lançaram no rastro do assassino.

O crime da casa de pedra – capítulo 2 (Última Hora de SP – Edição de 5/10/1971. Página 16 Caderno 1)

Mesmo estando toda a patota azucrinada com o massacre da casa de pedra e dispostos, policiais e bandidos amigos das vítimas, a irem à forra com o assassino, os trabalhos de investigação tivera curso normal. De um lado, os tiras fuçavam a vida íntima do falecido banqueiro de bicho Nelson, pra levantarem suspeitos. Pela

239 Termo atualizado; no original de jornal consta “xamego”.

outra banda, a curriola fuxicava²⁴⁰ nas encolhas, pra descobrir o autor ou autores da façanha maldita, que resultou na morte do majorengo, de sua mulher e do filho de criação do casal. De saída, a tiragem concluiu que a chacina deveria ter sido cometida por mais de uma pessoa. Provavelmente, duas. Isso porque, na casa do Nelson, ninguém fumava e, junto à vitrola, foram achados dois maços de cigarros de marcas diferentes. Outro ponto em que todos concordavam era que o criminoso era pessoa habituada a frequentar a casa de pedra e com o qual o Nelson não fazia grandes cerimônias. Caso contrário, ele não receberia as visitas de pijama. Isso tudo aberto, apareceram as primeiras pistas. A guria que o banqueiro mantinha entrou na dança. Foi interrogada e deu a história completa. Desse papo, surgiram dois pilantrosos dignos de merecerem as atenções da polícia e dos vingadores. O namoradinho da moça, que naturalmente tinha motivos pra querer ajustar as contas com o banqueiro que lhe tomou a guria, e o tal de Waldir Pedreiro, que a moça jurou pela luz que a iluminava que era o nome do fulano com quem o Nelson disse que ia se encontrar em sua casa.

Por ser mais fácil de ganhar, o namoradinho da guria foi quem a polícia primeiro ganhou. Já o gango do falecido Nelson botou mais fé no Waldir Pedreiro, que era manjado no pedaço como achacador, traficante de fumo e abafador de micharia. E pra cercarem o bruto, os bicheiros armaram o picaré. Botaram cachorrinhos de olhos em tudo quanto era boca encardida que o Waldir podia aparecer. Não teve ponto de maconha, intrusão, puleiro de madame, terreiro de macumba, birosca e os cambaus que não recebesse um alô pra não fazer trato com o Waldir sem antes avisar o Fenelon, ex-sócio do banqueiro assassinado. A pala era clara. Se alguém desse estia pro procurado, ia dividir com ele o castigo que os amigos do falecido Nelson reservavam pro criminoso. Porém, quem desse o rumo do miserável, seria gratificado. Começou, no instante em que a notícia da recompensa se espalhou nas quebradas do mundaréu, uma caçada de abilolados. Todo povão saiu na cola do Waldir. Os caminhos esquisitos do roçado do bom Deus foram remexidos de ponta a ponta. Desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, até onde o vagau apalpa com cuidado, houve visita.

O barraco do Waldir Pedreiro foi checado às pamparras por gente à bessa. Uns na base da conversa, outros, na congesta, imprensaram a mulher do pilantroso. Mas, a resposta da infeliz mulher foi igual no quás-quás-quás, ou embaixo de pancada. A todos ela falou com sinceridade que não sabia do destino do marido, que há quatro dias não dava o ar de sua graça. Com essa dica, a mulher meteu o Waldir em papos de aranha. Ele, que já estava pedido e premiado, ficou ainda mais. Ninguém mais duvidou de sua culpa. Ninguém ligado à bandidagem. A polícia continuou acreditando que o quente do salseiro era o namoradinho da guria.

E o rapaz foi sendo apertado pelos tiras. Já estava quase confessando o crime pra se ver livre do arroxco científico que estava tomando. A polícia não engolia o Waldir Pedreiro como assassino. Ele não tinha nenhum motivo aparente pra fazer tamanha desgraça. Ódio da vítima não possuía. O Nelson banqueiro até era protetor do Waldir. Sempre lhe quebrava o galho nas maiores sinucas de bico em que o pedreiro se metia. Roubo não parecia ser o motivo do crime, único caso que a polícia admitiria ser o propósito que levaria o Waldir a matar o bicheiro e toda a família. Porém, nada indicava que o assassino fez o que fez pra roubar. O cofre do banqueiro nem sequer foi forçado e um monte de joia que a mulher do Nelson guardava em seu quarto, numa gaveta que nem trancada à chave estava, também

240 Termo atualizado; no original de jornal consta “fuchica”.

não foi tocado. Isso reforçava a tese de que o miserê foi provocado por vingança. E estava nesse pé a questão, quando um fato novo surgiu.

O Waldir Pedreiro, todo marombado, barba por fazer, abatido, roupa amarrotada e muito nervoso, se apresentou num clube de carteados pra tentar vender pro dono da banca, um agiota escroto, um relógio de ouro e uma corrente com São Jorge. Por estar desesperadamente precisando de dinheiro, o Waldir Pedreiro aceitou as pechinchas do intrujão, que era de topar qualquer negócio, mas que no caso vacilou em pegar a moamba mole que estava bem no seu peito. O medo de apanhar as sobras prometidas pelo Fenelon obrigaram o agiota a manejar e esquecer o lucro que podia obter com aqueles badulaques. Só que o intrujão era catimbeiro com muitos anos de janela, pra não tentar pelo menos ganhar alguma bufunfa no lance. E propôs uma treta das mais nojentas pro apavorado Waldir. Se prontificou a dar pro fugitivo um cheque pré-datado, pra garantir o Waldir, enquanto ele ia mandar avaliar o relógio e a correntinha, pra ver se eram de ouro mesmo. Encostado na parede, o Waldir teve que engolir. Feita a combinação, o agiota quase nem desbaratinou. Saiu direto à procura do Fenelon pra contar a trama.

Foi na hora do enterro do banqueiro Nelson e da família que o agiota encontrou o ex-sócio da vítima, que era quem estava coordenando a vingança. Assoprou pro homão [sic] toda sua marotagem. Mas, teve que esperar pra chuchu²⁴¹ que o Fenelon lhe desse a devida atenção. Naquele momento, o novo majorengo do bicho tinha outras coisas a considerar. A primeira era chorar a morte do ex-sócio e a segunda era mandar seus cupinchas alertarem os seus escreventes de jogo pra não aceitarem aposta do número da campa do falecido Nelson, uma vez que a verdadeira multidão que acompanhou o funeral tomou nota do número pra fazer sua fezinha. Se numa zonzeira dessa acontece o milagre, não ia ser fácil pro Fenelon aguentar o tranco. Por isso, ele se cobria contra uma possível quizila. E foi só quando ficou certo que seus empregados tinham tomado conhecimento do assunto que o Fenelon se botou à vontade. Examinou o relógio e a correntinha. Sem chibu, reconheceu como coisas que pertenceram ao falecido Nelson. Mas, pra não ficar dúvida, mostrou as bugigangas pro irmão do ex-sócio. Esse só fez confirmar. E, sem mumunhas, contaram a história pra polícia.

A sorte foi do namoradinho da guria que era amante do banqueiro morto. Os tiras, mesmo contra a vontade, foram obrigados a largarem do pé do rapaz. Com as provas do roubo, não restavam mais dúvidas sobre a autoria do crime. O Waldir Pedreiro era o dono daquela desgraça. E aprontava tudo pra afanar. Mas, pé de chinelo só dá mancada. Na hora de meter a mão na botija, devia ter se assombrado e só arrastou aquela coisa pouca, deixando o grosso. E nessa cisma, todos foram pro clube de carteados do agiota, esperar o Waldir Pedreiro aparecer pra receber a grana.

Esperaram à toa. Ele deve ter desconfiado da xavecada²⁴² que o agiota lhe fez e não compareceu. Foi uma decepção geral. O mais triste com o recuo do Waldir foi o intrujão, que já estava contando com o dinheiro da recompensa e teve que ficar no toco. E ficou mesmo. Porque a curriola não tinha decidido o que fazer ainda, quando estourou a novidade. Um cachorrinho da folha de pagamento do Fenelon veio anunciar pro seu chefe que o Waldir Pedreiro acabava de se suicidar. Se atirara na frente de um trem da Central e fora estraçalhado. Mas, antes de fazer a besteira, o infeliz deixara uma carta com um amigo ponta firme, que a entregara na fortaleza do bicheiro.

241 Termo atualizado; no original de jornal consta “xuxu”.

242 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

A carta era patética. Nela, o Waldir se dizia inocente e relatava que encontrou o relógio e a correntinha do bicheiro Nelson embrulhados num lenço, junto ao portão da casa de pedras, quando foi procurar o amigo, no dia seguinte, pra irem juntos verem um serviço que precisava ser feito num ponto de bicho do banqueiro. Contava que, quando encontrou os objetos, se alvoroçou, porque estava todo precisado. Deu uma espiadela por cima do portão e viu o Nelson estarrado no jardim. Ficou com medo de se entrutar e deu pinote. No caminho, encontrou o crioulo Boi e lhe contou tudo. O negrão mandou que ele fechasse em copas, que podia bater sujeira, e por isso ele obedeceu. Quando soube que queriam por o rabo de foguete na sua mão, se acanhou e tratou de espantar. Por estar duro, procurou o agiota. Mas, não teve coragem de esperar o resultado do negócio e resolveu se matar, deixando a carta explicando sua inocência.

Encabulados com o suicídio do Waldir, a curriola passou a desconfiar do crioulo Boi. Foram procurar o vagau no seu mocó e tiveram outra surpresa. O negrão estava apagado com um tiro no meio da testa. Daí, a bobeira foi geral. A guerra se avacalhou. E os tiras apenas reclamaram que iam ter que começar tudo de novo. Já os amigos do Nelson nem reclamaram. Deixaram barato o caso. O que significa que vai ser mais um crime misterioso no arquivo.

Fim.

A besta louca (Última Hora de SP – Edição de 6/10/1971. Página 16 Caderno 1)

Com a vida custando os olhos da cara como anda, tem nego que faz qualquer negócio pra adiantar seu lado. Se agarra em fio desencapado, mata cachorro a grito, jaceré a beliscão, cata lata e os cambaus. Tudo pra não comer capim amargo pela raiz. E é justamente nesse perereco que o jogo fica bruto, com cada um pra si e os Orixás pra todos. No meio da catimba, não tem recreio. Quem puder, chuveira o próximo e fim. E foi com essas ideias maculas todas encarnadas na moleira, que o empresário do Circo Máxima instalou seu pesqueiro nas quebradas do mundaréu, bem lá onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos. Acreditavam o dono da espelunca que naquele pedaço tão distante dos grandes centros, ele ia abafar. Botava fé que, naquele local de miséria encarnada, seus artistas seriam um sucesso de marcar tempo. Ao contrário de outras praças, onde a televisão ganhava a freguesia e o circo ficou entregue às pulgas, naquele lugarejo tudo indicava que iam emplacar. E, por essas e outras, o empresário soltou nas ruas um carro corneta, um perna de pau e um homem-sanduíche, todos encostando a boca no trombone com as forças máximas das caixas de catarro, pra anunciarem as grandiosas atrações do Gran Circus Maximus.

Foi só os ases da propaganda meterem as fuças pro bairro se embandeirar. Juntou molecada atrás dos palhaços. Fizeram um enxame de doidos. E o quás-quás-quás se esticou. Com entusiasmo, o carro corneta propalava o talento dos circenses:

– Não percam amanhã, grande estreia de gala. Amanhã, às vinte e uma horas, o Gran Circus Maximus estará apresentando o seu maior espetáculo de arte e luxo, com artistas do rádio, cinema e televisão brasileiros e outras atrações internacionais. Não percam amanhã! Bondoso e Generoso, a dupla caipira que gravou a Marcha da Mula Sem Cabeça. Siwa, o mágico comedor de fogo, o homem que fugiu do inferno com todos os truques do diabo. Dolores, a bailarina espanhola, Fred, o equilibrista louco. Risoleta e seus cães amestrados. E ainda, Lambe-Lambe,

o palhaço mais engaçado do planeta, que fará você rir, rir, rir, rir,... até quebrar o botão da cueca. Venha e traga toda a família. Os espetáculos são familiares.

Tem muita mumunha nessa vida. Os mistérios da comunicação amolecem a moleira de muito sábio e não sou eu que vou tentar explicar. Longe de mim tal ideia. Meu puçá não vai além da superfície e, por essa razão, só pesco o que vem à tona. Nesse lance, o que sei é que o resultado dessa pala cavernosa do carro-corneta, do palhaço da perna de pau e do homem sanduíche resultou em lotação esgotada na noite do primeiro espetáculo. O circo ficou a três de alto. Tinha nego se agarrando pelos picos, quando começou a função. O empresário sorria de orelha a orelha. Já se sentia tirando o pé do lodo. Realmente, naquela noite chovia em sua horta. Há muitos anos que faturava tanto na estreia. Mas, não prestou. O espetáculo foi um vexame. A bailarina espanhola era um bagulhão de fazer até nego saído de cana depois de puxar um tempão, dispensar. O Siwa tinha só truque besta e comia fogo pior que o Zequinha Camelô. O Lambe-Lambe só contou piada velha. Os cachorros ensinados pela velha Risoleta eram sarnentos e a única coisa que faziam era rolarem pelo chão, muito mais pela doença que os atucanava do que pelas ordens da domadora. E diante disso, já viu. O povão avacalhou a guerra. Vaiaram às pamparras, xingaram os artistas, atiraram saquinho de pipocas no picadeiro, casca de amendoim e na saída quebraram as cadeiras. Porém, os astros do Gran Circus Maximus não se tocaram. Todos eles, sem exceção²⁴³, acharam que tinham agrado. Orelha de artista é fogo. Transforma vaia em pedido de bis com uma facilidade incrível. E, certos de terem ganho o público, a curriola do circo deixou o espetáculo no nível em que estava, pra ver como ia ficar. Se já estava ruim, ficou pior. O público não compareceu mais pra assistir às funções e a gronga encarnou. A grana da estreia sumiu logo. Na dureza, o empresário não podia mais tirar seu circo daquele terreno pra outra praça. E no desespero, fez uma reunião com seus artistas, pra ver se surgia uma solução para aquela sinuca de bico.

O que piou na parada foi uma ideia de jerico das mais tinosas. Como não podia deixar de ser, surgiu da cachola do palhaço Lambe-Lambe. E ele fez questão de explicar os detalhes:

– Olha aqui, gente. Esses Silvios Santos, Chacrinhas, Flávios Cavalcantis e outros cobras da tevê não são melhores do que ninguém. Não agradam mais do que eu, nunca. Agora, acontece que eles tiveram chance e estão lá, e eu, que nasci sujo de arara, tou aqui. A diferença é no fim do mês. Manjam?

Ninguém manjou nada. Porém, o Lambe-Lambe, sem se acanhar, foi em frente:

– Se me pego numa tevê, me faço. Mole. Sei o segredo. Sou engraçado. Levo vocês, que são todos grandes atrações, e taco lá. O resto é só distribuir prêmio. Muitos prêmios. Só isso. Esses pintas agradam pelos prêmios que distribuem. Arte não têm nenhuma. E aqui, a gente tem que fazer a mesma coisa. Distribuir prêmios às baldas.

Os artistas aplaudiram as últimas frases do Lambe-Lambe, porém o empresário só chiou:

– Pois é. A ideia é legal, mas vai dar no bolso.

Apoiado na patota, o palhaço imprensou o patrão:

– Pra ganhar dinheiro, precisa gastar algum.

Reconhecendo essa verdade, o empresário encabulou e se rendeu:

– Eu sei. Mas, acontece que estou a perigo perpétuo.

243 Termo atualizado; no original de jornal consta “excessão”.

O silêncio geral tomou conta do ambiente. Ficaram todos matutando na desgraça que ia ser o futuro, se o circo fosse à falência. O Lambe-Lambe era o único a pensar em voz alta:

– Por isso eu digo que aqueles pilantrosos da tevê nasceram de fuça pra Lua. Eles têm condições. Eu, não.

E estavam todos entupidos, quando o Generoso, da dupla caipira Bondoso e Generoso, encontrou a solução:

– A gente pode fazer uma xavecada²⁴⁴. Cês lembram daquela mula maluca que tinha naquela cidade que a gente passou? Pois é. A gente busca ela e oferece uns quinhentos contos pra quem montar na mula. Quem aguentar cinco minutos no lombo do bicho ganha o prêmio. Quem cair recebe vaia.

A mula era uma besta louca de espumar pela boca. Porém, todos acharam uma bela jogada. Foram buscar o animal e trouxeram enjaulado. Esparramaram a treta e, enquanto aguardavam o resultado, cutucavam a mula pra ela ficar mais doida do que já era. E, na hora do “vamos ver”, o circo apinhou de novo. A presepada da mula tinha dado certo. Aí, o Lambe-Lambe exibiu o animal. A plateia se assustou com a besta. Sem ter ninguém ainda montado nela, a bruta pinoteava, escoiceava e tudo. Dava bem pro povão imaginar que não seria fácil aguentar no lombo do bicho. Mas, o Lambe-Lambe fazia marola:

– Quinhentos contos! Quinhentos contos!

Seu Manoel, pai de cinco filhos pequenos, com a mulher doente, desempregado, com ordem de despejo, tinha ido ao circo pra tentar ganhar aquela grana. Mas, diante da fera, se encolheu. Tremeu nas bases. Não se atrevia a encarar. E, em sua cabeça, iniciou-se uma batalha terrível. Arriscar a ganhar, ou ver a filharada e a mulher doente serem atirados no olho da rua. E o Lambe-Lambe estava lá:

– Vamos, gente. É quinhentos contos. Só tem rico aí? Ninguém precisa?

Seu Manoel, quase num murmúrio, resmungou:

– Eu preciso.

Falou baixo, mas soou alto. Todos ouviram. O Lambe-Lambe não era otário. Se agarrou na deixa e colocou aquela dica como um compromisso do seu Manoel. Fez o povão aplaudir e deixou o homem sem direito a recueta. Incentivado pela plateia, seu Manoel se benzeu e foi em frente. Foi montar, a mula saracotear e ele ser atirado longe. Caiu nas cadeiras numeradas. Quebrou a espinha. Não ganhou os quinhentos contos e continuou com a filharada, a mulher doente, desempregado, com ordem de despejo e, pra complicar, inválido. Já o circo aproveitou a renda daquela noite e mudou em busca de outra freguesia.

A estrela (Última Hora de SP – Edição de 7/10/1971. Página 16 Caderno 1)

Sentado embaixo das aroeiras²⁴⁵, na entrada da cidade do Riachão do Santo, nas barbas da catingueira do capiá, Zé do Minho espiava com seus olhos secos os estragos que a longa estiagem ia fazendo em toda a região; muito mais pra longe que sua vista alcançava, só braúna, umbuzeiro e aroeira²⁴⁶ pau de lenha. No mais, era poeira que se levantava e grudava nos corpos suados da gentalha desacorçoada daquela maldita quebrada do mundaréu. De longe vinha o som do canto piedoso do povão crente, pedindo ao Deus de sua fé pra chover. Zé do Minho,

244 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

245 Termo atualizado; no original de jornal consta “arueiras”.

246 Termo atualizado; no original de jornal consta “arueira”.

incrêu por tantas grongas cavernosas que teve que encarar, se desacorçoou. A cantoria dos fiéis lhe fez mal. Pensou consigo mesmo: “É melhor andar pra onde der. Daqui a pouco, nem mais o umbuzeiro novo vai dar água”. E se pensou, fez. Levantou-se e se meteu pela catingueira do capiá. Foi sem rumo traçado e sem prevenir nada. Queria sumir dali. Largar mão daquela terra, sem saber direito o que fazia de si. Deu essa decisão por estar braseado e gira da cachola, com o sol do meio-dia, que era forte bastante pra rachar mamona.

E nessa zonzeira de besta, o Zé do Minho foi trocando perna à toa. Andou por andar na catingueira até quase de tardezinha. E, apesar de estar mais morto do que vivo, continuaria sua caminhada, se não fosse encontrar um rio em sua frente. Leito de rio seco. Uma poça de água barrenta aqui, outra mais adiante, perdidas no meio do cascalho. Como qualquer animal sedento, o Zé do Minho meteu a fuça na primeira poça. Bebeu sem considerar a sujeira. E só parou de beber quando estava farto. Daí rolou pro lado e largou o corpo cansado. Se relaxou. E assim ficou um tempão. Quase na boca da noite é que ganhou coragem pra se mexer a fim de encontrar um abrigo decente. Se virou com preguiça, preparando-se pra levantar e, ao ficar de bruços, passeou as botucas ao acaso, e se assombrou com o que viu.

Bem na sua frente, brilhando no meio dos cascalhos, estava uma estrela enorme. Zé do Minho esticou a mão e apanhou a pedra de brilho. Não precisou muito pra adivinhar que aquilo era um diamante de pureza rara. Branco inteiro. Sem nenhuma mancha. Deu bobeira no homem. Ele acabava de ficar milionário. Não tinha por onde. Achara um diamante de grande valor. Isso ele sabia. Só não sabia era como transformar aquilo em dinheiro vivo pra trocar por comida, cachaça, fumo e mulher. E, matutando sobre todas as coisas, o Zé do Minho se atucanou a noite inteira. Sua vida, que até então estava sem eira nem beira, passou no estalo a ter encontrado, esperanças e tudo mais. O homem que estava ali à vontade, pro que desse viesse, se encabulou. Teve medo do escuro, do deserto, sentiu frio, sono, fome, sede mas dessa vez não quis beber a água suja. Padeceu na guarda do seu tesouro. E ainda era noite fechada quando o Zé do Minho iniciou o retorno. Queria chegar cedo no Riachão pra fazer negócio com um faisqueiro honesto que havia naquelas bandas. O comprador de diamantes há muito que não negociava, porém não era por ter perdido o gosto pelo negócio. A verdade é que aquela região, outrora rica zona de garimpo, tinha ido pro beleléu. Não dava mais nem chibu. E, por essas e outras, os garimpeiros se afastaram. Ele continuou no lugar, instalado com uma loja de armarinhos. Mas, sempre o Zé do Minho soube que o faisqueiro sentia saudades do bom tempo em que no Riachão gente se ouriçava na base da sorte. E foi pra lá que o Zé do Minho foi.

Achou comprido o caminho da volta. A catinga do capiá não queria acabar mais debaixo dos seus pés andarilhos. Mas, era tudo impressão de afobado. Quando o sol raiou, o Zé do Minho estava rente à casa do faisqueiro. Chegou na boa hora do café. Falou do assunto, mostrou a pedra de brilho e, apesar de sua figura maltrapilha, ganhou trato fino. Foi convidado a entrar e a comer com a gente da casa. Coisa que o Zé do Minho aceitou sem cerimônia. Tirou o pandulho da miséria sem o mínimo acanhamento. Já o faisqueiro não quis saber de nada. Sacou do baú suas balanças, suas lentes há muito fora de uso e, sem rodeios, avaliou o diamante. Setenta e cinco quilates. Estrela pura mesmo. Pedra de fazer a fortuna do felizardo que a encontrou. Tudo como o Zé do Minho desconfiou ao deparar com a bruta, foi confirmado pelo faisqueiro que não era enganador. E propôs preço justo pelo diamante. Dois milhões na boca do cofre. Mais cinquenta contos pela informação do local do achado. O Zé do Minho topou fácil e foi tudo no “toma lá, dá

cá”. E cada um foi se cuidar. Pelo seu lado, o faisqueiro saiu rapidamente à procura de garimpeiros que quisessem trabalhar a meia com ele. Isto é, ele financiava o garimpo e na venda do diamante tinha cinquenta por cento. Por sua vez, o Zé do Minho saiu botando a boca no trombone com todas as forças da sua caixa de catarro. E não demorou pro quás-quás-quás se esparramar. Até nas cidades vizinhas a notícia chegou. E foi um corre-corre de baratinados. As peneiras do garimpo, as pás e tudo mais que estava encostado teve grande procura. As maiores curriolas se meteram naquela manhã mesmo na catinga do capiá, em direção às poças de águas barrentas do Riachão. E no cair da tarde, o pedaço estava apinhado de gente que catava cascalho e peneirava um ritual fantástico.

Enchiam primeiro a peneira mais larga. A sururuca. Com ela batiam e giravam. Nela ficava o cascalho maior. Nessa peneirada é que está a ilusão do garimpeiro. A sururuca segura também os grandes diamantes. Mas, se não dá nada (e ali não estava dando), eles passavam tudo pra peneira grossa, repetiam a operação; depois passavam pra peneira média e, por fim, embarcavam²⁴⁷ tudo na refina, uma peneira fininha que só deixa passar areia. Era a operação resumida. Os garimpeiros trabalhavam com ela dentro d’água. Batiam e giravam com gestos bruscos e compassados, fazendo meia volta de um lado pra outro. No fim, conferiam tudo. As pedras brancas e amarelas ficavam nas beiras, as marrons mais pra dentro, em volta das pedras pretas, que por serem mais pesadas ficavam no centro. Se houvesse diamante, ele brilharia no meio de todas. Mas, que nada. Naquele dia, ninguém deu sorte.

Porém, não houve desânimo. Na manhã seguinte, todos estavam no garimpo. E chegou muito mais gente pra venturar e o local se embandeirou. Surgiram biroschas, barracos e os cambaus. Os primeiros chibus foram encontrados. Teve também muitos enguiços e duas mortes. E a região do Riachão ganhou novo embalo. Uma semana depois, o Zé do Minho, já na dureza, encontrou no garimpo e quase nem reconheceu o lugar onde encontrou sua estrela. Estava tudo modificado. Mudou tanto que, numa tarde em que choveu, o povão que antes rezava para seus santos protetores acabarem com a estiagem, se ajoelhou e implorou a Deus pra parar a chuva. Tinham todos medo que, com as chuvas, as águas do Riachão subissem e escondessem de novo nas profundezas os grandes diamantes.

Valdo abafador (Última Hora de SP – Edição de 8/10/1971. Página 16 Caderno 1)

O Valdo era de uma curriola de abafadores. Ao trampo ninguém se chegava. Só queriam faturar moleza. Mandavam carteira de otários, contavam história pra engrupir loque, metiam cascata em cima dos trouxas e, com esses e outros trambiques, iam remando a catraia em águas barrentas. Uma vez ou outra, um pinta da patota entrava em cana. Porém, não tinha afobação. A pua sempre era mixuruca. Coisa de entrar e sair sem grandes broncas. Mas, foi numa dessas entradas em galera que aconteceu pro Valdo conhecer o Otávio Piloto, caranguejeiro com grande embaixada, e que estava a fim de aprontar os maiores macetes da praça. Coisa de muita grana, pra tirar de uma vez por todas o pé do lodo e enricar. Na cachola gira do Otávio Piloto, a trama já estava bolada há muito tempo. Ele só não tinha mandado ver suas ideias de jerico por falta de gente capaz de botar pra jambrar sem dar muita bandeira. Sua cupinchada era gente escamosa da cabeça à patota. Pessoal acostumado a resolver os bochicos na mão grande. Ótimos pra darem congesta, mas péssimos quando o assunto era na base do quás-quás-quás. E o

247 Termo atualizado; no original de jornal consta “embarcavam”.

negócio que o Otávio Piloto queria inaugurar era macio. De preferência sem guerra pra render muito dinheiro na surdina. E foi por essas razões que o Otávio Piloto, bandidão escolado, com muitos anos de janela, se engraçou com o Valdo assim que botou as botucas nele. Não teve nada das mumunhas que os gorgotas de cana espalharam da ligação dos dois. Isso foi tudo despeito. O Valdo era boa pinta, garotão novo com jeito de pivete e, naturalmente, iria ter uma vida dura na cadeia, se não fosse a proteção imediata que o Otávio Pilo lhe deu. Mas, deixa isso pra lá. O que conta é que o Otávio e o Valdo ficaram pontas firmes e catimbeiro velho, assim que se tocou que podia confiar no rapaz, se abriu:

– Meu filho, tu tá marcando bobeira. Com a figura que tu tem, era pra ganhar uma sonora bufunfa e não pra ficar pegando as sobras como um vagau esculachado.

Encabulado com a pala do Otávio Piloto, que não era nem nunca tinha sido de enfeitar pavão, o Valdo só soube chiar:

– Que posso fazer? Tenho que adiantar meu lado do jeito que dá pra mim.

Maneiro quando queria ser, o pilantroso velho, ao sentir o pulso do parceirinho, esticou o papo:

– Pois é. A vida anda custando os olhos da cara, não dá pra ir devagar. Mas, tem um porém. Aliás, sempre tem um porém. Pra navegar nas tuas águas, não compensa estar na viração. O melhor é ter um trabalho de gente. Tu, nessa tua jogada, não vai a parte alguma. Nunca vai ser bacana. E se é pra ser pobretão, vai trabalhar na linha justa. Tanto numa quanto na outra, tu não vai sair de onde está. E pelo menos, empregado, tu não tem que encarar as geladas, não tem que ver os homens andarem na tua captura nem nada. Por isso, sai dessa dança.

Claro que o garotão se invocou com o boquejo do Otávio Piloto. Se flagrou que tinha linguiça embaixo do angu, porém se atucanou com os conselhos do coroa. Na bandidagem, esse tipo de dica só se dá pra papagaio enfeitado. Mas, mesmo cabreiro, o Valdo deu corda:

– Diz claro, meu. Sou ponta firme.

O Otávio sorriu, certo de que tinha acertado o dedo na ferida do garotão. E, com a vaidade escancarada, era fácil meter as minhocas no freguês. Por isso, sem regatear, o maroteiro velho deu todo o serviço. Tim-tim por tim-tim. Foi pau e bola. O garotão se entusiasmou. E ficou combinado que, assim que saíssem de cana, iam executar o trato. O tempo que restava pros²⁴⁸ dois puxarem era pouco e era mole aguentar. Mas, teve um esquinapo. Quase no fim da pena, piou²⁴⁹ na parada uma nova sujeira pro Otávio Piloto. Coisa antiga apareceu de repente, quando um nego que a polícia ganhou contou tudo que devia e deu o nome dos pintas que tinham que dividir com ele as responsabilidades. Na vida do Otávio entrou areia. Pediram ele pra prestar declarações e, no arroxó, o bandidão se complicou. Não teve como livrar sua cara. E aí se entralhou. Teve prisão preventiva decretada pelos novos salseiros. E já que estava em galera, o capa preta deixou ele ficar. Esses lances de preventiva e tal e coisa, que a gente não entende, mas que ferrou o Otávio Piloto. E mais ferrado o bruto ficou quando, ao voltar pra sua cela, depois das andanças pelos corredores da Justiça, não encontrou mais o parceirinho, que, ao cantar sua liberdade, se arrancou sem dar até logo. A barba cresceu. O Otávio Piloto adivinhou de saída que ia ser passado pra trás. O garotão, sem cerimônia, ia atacar seu plano e ele, sem poder se mexer, ia ficar no toco, comendo capim amargo pela raiz. E não deu outra coisa.

248 Termo atualizado; no original de jornal consta “por”.

249 Termo atualizado; no original de jornal consta “piourou”.

O Valdo juntou sua curriola de abafadores de mixaria²⁵⁰ e deu traquejo pra eles. Riscou o plano do cupincha em cana como se fosse seu. Se valendo da boa figura e da boa conversa, conseguiu se instalar com dois negócios de fachada. Uma revendedora de automóveis e um ferro velho. Daí pra frente, choveu na sua horta. Os caranguejeiros de sua patota puxavam um carango novo, os seus olheiros compravam por preço de desespero um carro da mesma marca que estivesse trombado, na moita pintavam o automóvel novo nas cores do esbagaçado, trocavam o número do motor e usavam os papéis do carango estraçalhado pra vender o automóvel roubado. A lata velha ainda era vendida como sucata e tudo era lucro. Como previra o Otávio Piloto, o Valdo enriqueceu rapidamente. E sem estrilo. Tudo era feito direitinho e não dava na vista. A vida do Valdo ficou legal. Já a do Otávio não prestava. Se estar em cana é ruim, pior é estar em cana azedo por ter sido chuveirado. Mas, é como diz o Mestre Zagaia na Tabuada das Candongas:

– Nas quebradas do mundaréu, até as pedras se encontram.

E se o Mestre Zagaia falou, é que é. O velho cabo de esquadra sabe das coisas. O Valdo andou pelos caminhos esquisitos do roçado do bom Deus. Ganhou dinheiro, viajou, viu, abriu os olhos, teve luxo, conforto e tudo mais que o dinheiro dá. O Otávio Piloto não saiu do lugar e só se azucrinou nos revertérios da jaula. Mas, acabaram se encontrando. Foi quando um caranguejeiro foi flagrado pela polícia com a boca na botija. Manhoso, o pilantroso fez a média:

– Eu sou arraia miúda. Me dá estia que eu entrego o peixe grande.

Nessa quizila, o nome do Valdo apareceu. Uma campanha bem dada pelos tiras resultou num flagrante sem desculpa pro Valdo. E mais uma vez ele foi em pua. Entrou de leve. Montado no dinheiro, estava contando em sair bem. Mas, não contava com o Otávio Piloto, que na primeira noite do Valdo em casa, foi à forra. Sem pedir explicação, matou o garotão com um estilete feito de mola de cama. Bastou uma espetada no coração pro Valdo se estarrar. Com esse crime, o Otávio Piloto pegou pena pra cumprir até o fim dos seus dias. Mas, não se doeu com isso. Para os parceiros, ele confessou:

– O que é que ia fazer lá fora, depois que esse Otávio avacalhou meu plano?

Respondendo à freguesia (Última Hora de SP – Edição de 9/10/1971. Página 16 Caderno 1)

Sábado passado, aproveitei a falta de embalo que às vezes encarna na gente e, sem maiores mumunhas, respondi algumas cartas dos considerados leitores desta coluna. Parece que o negócio pegou bem. Tanto é que a correspondência pra esse cronista aumentou bastante. E a dona Marcia de Castro, da Rua Projetada s/n, em Artur Alvim, vem até nós com um garrancho digno de ser usado como código, pedindo respostas para umas dúvidas a respeito do significado de certas palavras, dúvidas que podemos esclarecer facilmente; o que não pudemos decifrar com facilidade foi a letra da distinta. Mas, deixa isso pra lá. O que conta é que estamos aqui de plantão para atender os nossos cupinchas na medida do possível. E, sem maiores rodeios, vamos ao que lhe interessa, dona Marcia.

Zorra não é sinônimo do que a senhora pensa, não, e eu jamais trocaria de propósito uma letra por outra. Onde às vezes dou mancada é nos lances de “c” com cedilha e dois “esses”. Porém, meu revisor é cobra no assunto e faz das tripas coração pra não deixar o perereco se escancarar diante do leitor. Isto posto, me apresso em esclarecer que zorra não é palavra inventada por mim e existe há muito

250 Termo atualizado; no original de jornal consta “micharia”.

tempo na boca do povão da macumba. Zorra é um plá que os mandingueiros assopram em cima dos inimigos a fim de provocar desgraça. Aí está a razão de se usar a expressão “a zorra encarnou”. Se outras pessoas usam “zorra” de outro jeito é grupo ou truquinho de loque. Já “esquinapo” é o mesmo que “revertério da sorte”. Quer dizer que tudo vai indo bem e de repente começa a dar pra trás. É o esquinapo. Mumunha é sujeira de cuca. Esse troço que Freud explica, apesar da gente não entender. Manja? Um nego que não sabe ser simples, que complica tudo é um nego de mumunha. Assim, espero ter-lhe satisfeito a curiosidade. Continue dando o ar de sua graça e lendo a coluna, que ela é pra isso mesmo.

Depois da dona Marcia, vamos ao Ulisses Salvador de Melo, do Cambuci. O distinto, que deve ser chegado ao samba e deve ser da curriola do Império do Cambuci, do meu chapa Sinval, vem reclamando que ninguém dá cartaz pro compositor popular e tal e coisa. Falou. E nem precisa me apontar provas, meu camaradinho. Eu concordo que é uma parada muito séria ser compositor de música popular brasileira no Brasil. Basta ver que o próprio Toniquinho, que é um tremendo compositor e tu deve manjar tanto quanto eu, porque ele é aí da tua escola, continua engraxando os butis dos bacanas na Praça da República, enquanto mil e um enganadores gringos, que só sabem chiar, fazem o que querem nos nossos veículos de comunicação. O Silvio Caldas, o eterno caboclinho querido, outro dia deu uma pala num Pinga Fogo do Canal 4. O seresteiro disse bem que esse negócio é caso de polícia. E é mesmo. Quanto a mim, obrigado pela badalação, estou aqui pra isso mesmo. Defender o que é nosso. Pena que eu possa tão pouco. Porém, mesmo assim, vou botando a boca no trombone com todas as forças da minha caixa de catarro em favor dos nossos compositores. Escreva quando quiser e pode contar que, perto do Carnaval, contarei umas tretas de foliões. É só tu continuar ligado na nossa coluna.

Agora, perigoso mesmo é o Orlando, que na carta que nos envia botou a data e até a hora em que escreveu: 4 horas e 9 minutos. Cheio de milonga, o Orlandão vem num tom simpático, mas vem pra dar um aperto na gente. E é aí que não pode. Não dá pé ser esculachado. E por essas e outras, temos que tirar o Orlandão de letra. Se segura na tua fé, Orlandão, e não vai cair, mas essa história que tu diz que leu e não gostou (a da mordida na língua), não foi seu chapa aqui que escreveu. Se toca que tu está misturando estação e isso é grave, Orlandão. Outra coisa, meu chapa, se sou ou não sou grande ou pequeno escritor, não é assunto que interesse. Na verdade, só depois de cinquenta anos da morte de um escritor é que ele pode ser julgado sem paixões, invejas e tudo mais. Me entende? Porém, é isso. Tu vem a mim e me bota na parede. Já a dona Beti Azevedo, da Rangel Pestana, dá uma pala das mais badalativas em cima do chapa que trampa aqui. E daí? Ficamos na mesma. Meu patuá, como tu diz bem, Orlandão, é que me garante no meio das mumunhas dos caminhos esquisitos do roçado do bom Deus. Não me queira mal, digo eu, Orlandão. Agora, vê se tu se manca e não rouba mais papel com timbre dos teus parceiros.

Recreio mesmo eu recebi no alô que minha conterrânea Lourdes Santana me mandou pelo correio. Diz ela que soube que eu fui absolvido num processo que corria no Fórum da nossa bela cidade e ficou muito feliz. Juro por essa luz que me ilumina que mais feliz com a sentença que o capa preta deu fiquei eu. Aliás, eu sempre fico feliz quando se faz justiça. E nesse caso, não deu outra coisa. Eu só podia sair livre, por ser inocente e por ter dois tremendos advogados pra provar que eu não estava devendo nada pra lei. O Iberê Bandeira de Melo e o Pedro Negrini não brincam em serviço e livraram minha cara. Agora, Lourdinha, como estou

sempre no meio dos enguiços (só pode ser praga que me botaram), se um dia meu Orixá de valia deixar os homens me meterem em cana, te lembra que a marca do meu cigarro é Continental. E continue lendo a “Navalha na carne”. Se vier a São Paulo, não deixe de assistir à “Quando as máquinas param”, com a Walderez de Barros e o Tony Ramos, em grandes desempenhos. Nós estamos na Rua Oiapoque, 80, no Brás e os preços são populares. Sábado tem duas sessões: às 20 e 22 horas e domingo também [têm] duas: às 18 e 21 horas. No resto da semana, é uma sessão às 21 horas. Mas, se der, eu levo a peça aí no nosso pedaço. É claro que não tenho medo de voltar a Santos, beleza, eu nasci aí e sou o que sou justamente por ser santista da divisa da Ponta da Praia com o Macuco. Já sentiste que sou tihoso, né?

A todos muito obrigado e vamos mantendo aos sábados essa xavecada²⁵¹ de responder cartas.

A história do homem que matou a galinha dos ovos de ouro (Última Hora de SP – Edição de 11/10/1971. Página 16 Caderno 1)

O Zé Topete era um tremendo papagaio enfeitado. Vivia nas bocas mais escamosas das quebradas do mundaréu, trocava perna à toa nos caminhos esquisitos do roçado do bom Deus, pererecava no meio da curriola pesada, porém, era só presepeiro. Na hora do “vamos ver”, sua embaixada era muito pouca, quase nada. Uma piranha que mariscava por sua ordem, e só. Por maior que fosse o ez [sic]. A danada da nar [sic] era bagulhão de fazer até nego saído de e [sic] cana depois de puxar um tempão dispensar.

Mas o pilantroso não considerava bulhufas. Contava as maiores vantagens por pegar o pixulé mole que a pistoleira ganhava duro pra dar a ele. Com essa graninha mixa, o Zé Topete embromava e figurava na patota como dono de um grande pesqueiro. Tudo cascata. A catraia do bruto navegava em águas barrentas e, ainda por luxo, contra a maré. Mas, faroleiro é fogo. Mesmo sempre ameaçado de ir a pique, o Zé Topete cascadeava que fazia e acontecia. E era por essas e outras que aparecia às pamparras.

Nos fins de noite, o Zé Topete atracava no boteco do Mané Cheiro de Peixe, lugarzinho fedorento, viveiro das infecções, onde a turma que vivia de apanhar dinheiro na mão de pistoleira fazia ponto e, sem fazer a menor cerimônia, ia boquejando suas façanhas:

– Comigo não tem desse negócio de trampo. Eu sou mais eu. Onde cheguei, tou chegado. Mulher que entrar na minha tem mesmo que adiantar meu lado e olhe lá. Se chiar, mando andar. Jogo pro alto e ganho [sic] outra, que elas tão aí mesmo. Sou eu que sei de mim. Elas tão me querendo, então já viu. Faça campeonato. A que oferecer vantagem, de acordo com o que eu mereço, ganha o troféu Zé Topete. Manja que barato. Eu tou na boa e as piranhas se batendo até contra as paredes pra ver quem tem vez comigo. Sinto até dó delas todas. Mas, que posso fazer? Elas que vêm a mim. Cumpro meu papel. Tou errado?

A moçada do pedaço, nessa hora da noite, não botava na balança bulhufas. Só estavam nas encolhas fazendo presença, cozinhando siri em água morna, pra esperar o mulherio voltar do batente com a féria do dia. Assim sendo, mesmo estando todos por dentro do assunto do Zé Topete, deixavam andar. Ninguém esculachava o pilantroso. Até davam corda pra não acanharem o pinta. Ele, com as

251 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

tretas que contava, era o esparro, porém ajudava o tempo passar. Bastava uma vez ou outra, quando o Zé Topete parava pra tomar fôlego, alguém cutucar:

– Tu é quem sabe, Zé.

Um toque desse naipe era o mesmo que botar pilha nova no Zé Topete. Ele se embalava:

– E sei, meu chapa. Sei por que sei. De mulher, eu entendo. Aprendi tudo sobre mina. Agora, não é justo que eu tenha que suar a camisa no batente, quando elas mesmo, por gosto, querem me ver tranqüilão. Olha, meu chapa. Vou te contar. Tem piranha que é tão vidrada em mim, que só pra fazer exame, toda vez que vai no mi[c]tório do botequim, escreve meu nome no espelho. Tá legal? Mas, é pra tu ver, meu chapa. Elas fazem isso. Eu não me toco. Sei que dá cartaz. Me fecho em copas e finjo que não sei. Quando as outras vão beber na fonte, veem meu nome escancarado, se azucrinam, ficam na bronca e vem assanhadas me contar. Eu desbaratino. Não mostro alegria e elas ficam cabreiras. Melhor pra mim. Quando lanço o picaré, vem sempre peixe.

Esse era o quás-quás-quás que o Zé Topete levava sempre, até quando sua piranha piava na parada. Daí, ele, com a lauza [sic] que tinha, se embandeirava e se picava. Mas saía, os parceiros da roda gozavam as palas e as milongas. Tiravam um sarrão. Se divertia, às baldas avacalhando a mulher do Zé Topete e as suas histórias. Curtiam o otário. Não falhavam nunca. E, sem saber da verdade, o bobolacha ia levando, feliz consigo mesmo, certo de que abafava e que tinha ambiente no gango. Mas, é como diz Mestre Zagaia, na sua Tabuada das Candongas:

– A gente se vê como quer, até ter que se ver como é.

E se o velho cabo de esquadra diz, não tem erro. Ele sabe das coisas. Viajou sem bandeira nas sete águas de lemanjá e sempre espiou tudo que encarou com olhos abertos. Viu. Se assombrou com muita mumunha tihosa que topou pela proa. Porém, rachou todas. Mestre Zagaia penou. Não naufragou pela valia do seu patuá de fé. Acabou se escolando e dando as dicas pra servires de bússola pra nego sem rumo. E tudo que o velho cabo de esquadra botou nas Tabuadas das Candongas é correto. E no caso do Zé Topete, emplacou. Não deu outra coisa. O pilantroso, que se sentia o maioral e tal e coisa, acabou tendo que escoar um esquinapo. Daí, se viu em papos de aranha e se conheceu. Era um embananado muito sem-vergonha.

A gronga encarnou uma vez que o Zé Topete estava se bacaneando com todas as forças dos seus pulmões como era seu costume. Um tira que estava flanando como quem não quer nada, escutou o bafo de boca do Zé Topete e não regateou:

– É cana, vagabundo.

O pilantroso tremeu nas bases. Só faltou cair no bué. Mas, não ganhou estia. O tira queria mostrar serviço e arrastou o trouxa. Apavorado com a galera, o Zé Topete se segurou numa esperança nojenta. Propôs um trato com o tira:

– Livra minha fuça, parceiro. Eu sou ninguém. Mal aguento comigo. Agora, tem nego de valor provado que eu conheço e que podia te dar divisa diante dos majorengos. Dá pedal pra mim que eu deda elas pra ti.

Pro tira aquilo era um bilhete premiado. O pilantroso não era caso de grande importância. Era jogada que o tira estava dando pra fazer média. Agora, já que o paspalho queria ajudar, a conversa valia a pena. Com catimba, pra não dar a impressão que estava contente com a situação, o tira concordou em aceitar a troca. O Zé Topete, que realmente estava por dentro dos endereços da bandidagem,

cantou pro homão onde ficava o buraco da lacraia. Não teve xavecada²⁵² por parte do tira. Ele deu liberdade pro Zé Topete e foi apanhar os cobrões na toca. Caiu intrujão, passador de fumo, abafador, lanceiro e muita gente. Com esse serviço, o tira quase ganha medalha. E, de tanto receber elogio, se entusiasmou. Pra não baixar o nível, voltou no Zé Topete e quis saber mais. O pilantroso quis sair fora da dança. Porém, não pode. O tira deu um arroxo e o Zé Topete teve que engessar mais cupinchas seus. Vira e mexe o tira estava na cola do Zé Topete. Ele perdeu a vontade de cartear no ponto. Murchou. Ficou jururu. Fundiu a cuca. E, arrasado, por entender afinal quem era, ficou sem graça. Assim sendo, não teve mais na curriola. Virou chato. Acabou sem ter pra quem falar e sem ter de quem ouvir. Entregou pro tira tudo que sabia e o homão queria mais. Ou cooperava ou entrava em cana. No desespero, o otário matou sua galinha de ovos de ouro. Mandou sua piranha guardar um pacau de maconha e caguetou ela pro tira, como se a pobre mulher fosse traficante de fumo. O homão flagrou a triste piranha com a maconha em cima e a prendeu. Ela foi ponta firme. Pra não complicar o Zé Topete, segurou sozinha o rabo de foguete.

Já pro Zé Topete, o castigo veio por tabela. Ele perdeu sua escora e ficou no ora veja. Sem os pixulés que a mulher lhe dava, ficou sem nenhum ganho e se entralhou. Perdeu o pouso por falta de pagamento. Pra comer mastigou [o] resto. Se bagunçou e ficou sem condições de arrumar nova piranha. Na pior, o tira o abandonou. O Zé Topete caiu como um balão apagado. Até o apelido perdeu. De Zé Topete, passou a Zé Mané, que na verdade é o que sempre foi e vai ser até se estarrar.

A única vez na vida (Última Hora de SP – Edição de 12/10/1971. Página 16 Caderno 1)

O perereco se deu numa fábrica de sabão, que ficava lá na Linha Forte Augusto, no Bairro do Pau Grande, bem na divisa do Suvaco da Mula, em Santos. A curriola que pegava no batente na fábrica aproveitava a folga do almoço e batia uma bolinha. Esse lance tinha duas serventias para eles: ajudava a enganar o estômago e refrescava a cuca. E era assim que a moçada escorava o repuxo e ia pra frente. Mas, um dia, no meio de um bafo de boca, apareceu a ideia de tirarem um racha entre casados e solteiros, a valer barril de chope e tudo. A turma se ligou nesse lance escamoso. Foi uma animação. O Zé do Sebo ficou de juntar a patota argolada e o Tsiu ficou de cuidar dos solteiros. E partiram pra organização. Arrumaram camisas emprestadas, bola, apito, campo e os cambaus. Fizeram vaquinha pra comprar o santo chopinho e se plantaram na espera do grande domingo do jogo.

Porém, no sábado, véspera da pelada, entrou areia. O Zé do Sebo foi fazer a escalação do time dos casados e se tocou que, na sua banda, entre viúvos, ajuntados e regulamentados com papel no cartório, só tinha dez. Como, de saída, já tinham feito o trato que não valia laço, só podia jogar quem trabalhasse na fábrica, a barra ficou suja. Os casados se lamentaram paca. Foi um bochicho sentido. Mas, o Zé do Sebo deu moral:

– Num tem nada, gente. Nós [sic] vai com dez mesmo e belisca esses solteiros assim mesmo.

Esse plá azedou o ambiente. Pro Tsiu, chefe da banda livre, os inimigos virem com dez era um esculacho e deu o estrilo:

252 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

– Aqui, ói, que cês vêm dez! [sic] Depois a gente ganha e cês vão avacalhar a guerra espalhando que a gente joga [sic] com mais gente. Ou vêm de onze ou num tem joga.

Aí, empacou o troço. Teve mil papos. Estudaram mil fórmulas. Os casados queriam que o jogo fosse dez contra dez. Mas, não deu pé. Os solteiros, além dos onze titulares, tinham uns oito reservas, todos tinham dado grana pro chope e todos queriam jogar. O Tsiu propôs passar o Sarará, que estava ameaçando de casar no fim do ano, pro outro time, mas ninguém topou. Nem o próprio Sarará gostou da ideia. Pra botar pra baixo, ele mesmo falou:

– Nós tá [sic] combinando de se amarrá, mas não tá amarrado. Eu num entro do lado do casado, porque pega mal pra moça. De repente num dá certo e cumu [sic] é que fica a cara dela? Ela é moça ainda.

Foi aí que o Bacalhau desencalhou a chata. No meio da bobeira geral, perguntou:

– Vale marido enganado?

Ninguém se abriu. Então ele foi em frente:

– Se vale, convida o seu Manoel Gerente.

O alô foi aceito. Formaram uma comissão de casados pra irem falar com o homem. E se mandaram. Logo que chegaram, explicaram o lance e seu Manoel se aliviou. Ele, quando viu a curriola chegar, pensou que era pedido de aumento, ameaça de greve e tal e coisa. Metido dentro do assunto, virou todo simpatia. E, todo à vontade, engrenou um discurso:

– Nunca joguei bola. Nunca. Minha vida tem sido só trabalho. Trabalho e mais trabalho. Comecei do nada. E com esforço, cheguei onde cheguei. Nunca me diverti, só trabalhei.

E, depois de um suspiro, concluiu:

– Bem que minha mulher diz que preciso me divertir de vez em quando.

Era a deixa esperada pela patota. Apertaram um pouco o homem e o homem aceitou. Mesmo porque era uma bela oportunidade de mostrar pra mulher que, apesar de importante cargo de sabujo do patrão, era querido dos operários a ponto de ser convidado pra uma pelada de confraternização. Porém, fez questão de deixar bem claro:

– Eu nunca joguei bola. Nunca. Nem assisti a uma partida.

O Zé do Sebo explicou que ele ia ser o ponta-esquerda, fazer número e pronto. Os casados ficaram completos. O perereco engrossou do lado dos solteiros. Quando souberam que seu Manoel ia ser ponta-esquerda, todos quiseram ser escalados de lateral-direito. Foi uma zorra. Mas, a posição ficou com Miguel Soneca, que era quem tinha sido mais descontentado no ordenado aquele mês e estava, na opinião dos outros, com mais direito de descer a biaba no seu Manoel. E foi nesse clima que o jogo teve início.

Seu Manoel Gerente entrou em campo com toda corda. Corria pra todo lado como uma besta. Às vezes, a bola ficava pra ele: aí, dava um bico pra qualquer lado. Não era fácil o homem. A torcida já estava começando a se aborrecer com o Miguel Soneca, que não acertava o bruto. Mas, não era por falta de vontade. Ele ainda não tinha tido chance.

O gerente parecia vaca brava. Demorou pra cansar. Somente no segundo tempo é que ele parou. Encostou na ponta e ficou. Mas, a bola não ia lá. E o Miguel não era doido de ferrar o homem sem ser na jogada. Porém, de repente, uma bola espirrou na ponta. O gerente, todo sem jeito, levantou a perna e, sem querer, matou

a bola. Foi uma algazarra. A torcida até aplaudiu. Seu Manoel se entusiasmou. Quis fazer bonito. Armou o bicou [sic] e tacou o pé. Nessa hora, o Miguel soltou.

Foi lenha. Seu Manoel empacotou. Rolou no chão gemendo de dor. O Miguel Soneca, pra disfarçar, foi chamar a ambulância. No hospital, confirmaram que a perna estava quebrada e tacaram gesso no homem. Ele só soube chiar pro médico:

– Eu vou ficar aleijado, doutor?

O médico fez um ar grave e tacou:

– Não. Mas nunca mais poderá jogar futebol.

A prova pedestre (Última Hora de SP – Edição de 13/10/1971. Página 16 Caderno 1)

O bairro do Aquário, lá na gloriosa ilha de Iemanjá, a bela querida Santos, talvez nem figure como bairro no mapa da cidade. É muito provável que, nas cartas oficiais, o território do Aquário conste como pertencente a outros bairros vizinhos: Macuco, Embaré e Ponta da Praia. Porém, na boca do povão, o bairro do Aquário existe e é isso que importa. A voz do povo é a voz de Deus, muito embora os majorentos nunca estejam interessados em ouvir a voz do nosso legítimo Senhor. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que [a] curriola do Aquário era de topar qualquer salseiro. O Esmeraldo Tarquínio, homem de valor provado, cidadão santista pra orgulho de todos nós e que sabe tudo sobre sua terra, está aí mesmo, vivo e iluminado pelas graças de Deus, pra não deixar ninguém mentir. Ele pode atestar: a patota do Aquário não era fácil. Em qualquer perereco que se metia, aprontava. Dava gosto de ver. Lá no pedaço morava pelo menos um bonzão de cada assunto. Não existia catimba que a negada do Aquário não rachasse. Era de samba, futebol e outros babados. E foi pra manter o Axé que o bairro todo se embandeirou quando o Vasquinho dos Pescadores resolveu promover uma prova pedestre, para comemorar o dia de São Pedro. Essa corrida ganhou o nome de Primeira Volta da Ponta da Praia e assanhou meio mundo. Era uma distância enorme, mas não assustou ninguém. A prova, como não podia deixar de ser, saía da porta da sede do Vasquinho dos Pescadores, descia pela praia, passava pelo Aquário, ia até o Canal Seis, fazia o contorno no jardim e voltava pela outra pista até o Ferry-Boat do Guarujá, novamente ia contornando o jardim e pegava a reta até a chegada, que naturalmente só podia ser na porta do Vasquinho dos Pescadores. E tudo que era nego com fôlego se inscreveu. Os bons corredores, em nome dos clubes do reduto. E alguns, em que ninguém botava fé, se apresentara como avulsos.

Foi por valer isso, que se deu o esquinapo. O Bubu, um gordão abilolado que era do Aquário, teve a ideia de jerico de participar da corrida. Estava escancarado que o bruto não ia ter a menor chance. Porém, a mãe, as irmãs tão gordas quanto ele e algumas vizinhas mais chegadas estimularam o otário a concorrer. O Bubu, mesmo sendo impedido pela diretoria do Aquário Praia Clube de envergar a honrosa camiseta, se inscreveu por contra própria. Isso deu bochicho. A curriola do bairro se ouriçou e fez o maior quás-quás-quás.

– O Bubu não pode entrar nessa.

– Vai tirar em último.

– Nem chega.

– Vai envergonhar o pedaço.

– Os caras do Suvaco da Mula vão pegar no pé da gente. O corredor deles é Peixinho, corre pra chuchu. Ele vai ganhar e o Bubu, que é do Aquário, vai tirar em último.

– Isso vai pegar pra gente.

– O jeito é não deixar o Bubu entrar nessa.

– Ou então, arrumar alguém pra ganhar a prova. Isso compensa. Se alguém daqui ganha, não tem escama o Bubu tirar em último. O que não pode é ele perder e o nego do Suvaco da Mula ganhar.

O Suvaco da Mula era a grande bronca do pessoal do Aquário. Aliás, o nome verdadeiro do Suvaco da Mula era Vila Algarita, mas no Aquário só usavam o apelido, que irritava bem os moradores do bairro vizinho. No futebol é que as teimas eram tiradas. Nunca uma partida entre o Aquário Praia Clube e o Atlético da Vila chegava ao fim. Dava Paulada. E nesse lance da corrida, o Aquário estava mal. Mesmo a contra-gosto, reconheciam que o tal de Peixinho era o bom do páreo e estava com tudo pra ganhar a corrida. E todos achavam que o esculacho seria muito grande o vencedor ser do bairro inimigo e o lanterna fecha-raia, do Aquário. Por isso, se atucanaram até encontrar um nego pra fazer frente pro Peixinho. O escolhido foi o Luciano Juqueri. O Manequinho lembrou que o Luciano uma vez tinha corrido da Bacia do Macuco até o Aquário com uma gaiola de passarinho na mão e deixou o dono do passarinho, que vinha na sua captura de bicicleta, bem na poeira. Essa lembrança salvou a pátria e o Luciano, convidado, topou a parada. Pelos treinos que ele fez, logo se viu que ia ser no palmo a palmo a disputa entre ele e o Peixinho.

No dia da prova, foi um enxame. O percurso da prova se apinhou de gente. Do portão das barcas do Guarujá até o Canal Seis, havia uma multidão esparramada. A praia ficou a três de alto. Tinha nego se agarrando pelos picos, trepados no poste e nas estátuas. A mãe, as irmãs gordas e as vizinhas do Bubu se colocaram bem na frente do Aquário pra torcer pelo bobolocha. A patota do Aquário, que estava a fim de dar força pro Luciano Juqueri, se plantou na curva da volta do Canal Seis. É o gango do Suvaco da Mula, que era o gás do Peixinho, se instalou no Ferry-Boat. Por incrível que possa parecer, a saída foi dada bem na hora certa. E como estava previsto, o Luciano Juqueri e o Peixinho se mandaram na frente. Atrás deles, bem atrás, vinha um bolo de corredores e muito atrás, mas muito mesmo, o Bubu se arrastava. Mas ele não estava sendo notado. A geral vibrava era com o duelo do Luciano e do Peixinho. Os dois fizeram a primeira parte do percurso emparelhados. Chegaram no Canal Seis empatados. E aí, foi broca. A curriola do Aquário, temendo pela sorte do Luciano Juqueri, resolveu ajudar decididamente no resultado. E, sem fazer cerimônia, seguraram o Peixinho e deixaram o Luciano se distanciar. Claro que o Peixinho esperneou. Mas, isso foi pior. Levou umas biabas na orelha pra se acanhar e só quando bolão de corredores chegou é que o gango do Aquário soltou o Peixinho. Mas, aí era tarde. O Luciano já ia uns mil metros na frente. Mesmo picado de raiva, o Peixinho não poderia alcançá-lo. Mas, ele tentou. Saiu desembestado como vaca brava e se distanciou do resto dos concorrentes com facilidade, o que deixava evidente que seria o vice-campeão.

A patota do Aquário, satisfeita com a xavecada²⁵³ que arrumou e na certeza que o Luciano ia ganhar, se desinteressou pela prova e vagarosamente começou a caminhar para a porta da sede do Vasquinho dos Pescadores. Ainda pararam bem onde estava a mãe do Bubu, pra quando o filho dela passasse tirarem sarro na velha e nas irmãs gordas do otário. E valeu a pena. Quando, depois de muito tempo, o gordão apontou no pedaço, a mulherada fez um escarcéu para entusiasmar o Bubu.

253 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

Ele, certo de que estava abafando, encheu o peito de ar e deu um arranco. Correu vinte metros e desabou sem gás. Foi uma zoada. A mãe e as irmãs, aflitas, com auxílio das vizinhas, foram acudir o Bubu, embaixo de vaia e azucrinção de todo tipo. Essa zorra rendeu. A curriola do Aquário se divertiu às baldas com a desgraça do gordão. Quando enjoaram, seguiram o caminho para a porta do Vasquinho. Mas, iam sem pressa. Paravam pra mexer com mulher e tal e coisa.

Já na outra banda, a torcida tinha uma decepção das mais amargas. O Luciano passou folgado no Ferry-Boat. Passou tão na frente que a patota do Suvaco da Mula não teve nem coragem de vaiar. Se entupiram e, murchos, esperaram a passagem do Peixinho. Quando ele apareceu, foram logo esculachando. Mas o corredor, sem parar, deu as dicas:

– Os desgraçados do Aquário me seguraram lá no Canal Seis.

Essa notícia endoidou a curriola do Suvaco da Mula. Sem precisar combinar, o gango inteiro acompanhou o Peixinho e não conversaram quando chegaram na porta do Vasquinho dos Pescadores. Avançaram com fúria sobre o Luciano Juqueri, que nessa altura do campeonato estava sentado no caixote reservado pro primeirão a chegar receber sua medalha. A curriola do Suvaco da Mula pegou o Luciano e desceu a biaba. Muita gente tentou socorrer o campeão e virou uma batalha. Quando a turma do Suvaco da Mula deu pinote, muito nego estava machucado. Mas, o pior era o Luciano Juqueri, que estava mais morto que vivo. Era caso de ambulância e alguém deu o alô.

Quando a ambulância passou apitando pela turma do Aquário, foi só piada que saiu:

– Estão levando o Bubu pro funil.

– Nem assim ele escapa da lanterna.

– A mãe dele podia ir berrando. Economizava a sirene.

Quando a ambulância voltou, as sacadas se repetiram. Ninguém desconfiou que era o Luciano que ia nela. Só muito mais tarde, quando a curriola chegou na porta do Vasquinho dos Pescadores é que souberam da gronga. Aí era tarde pra tirar forra. O remédio foi ir visitar o Luciano no hospital.

O profeta enganador ou enganado (Última Hora de SP – Edição de 14/10/1971. Página 16 Caderno 1)

Está certo que meu puçá não vai além da superfície e que eu só pesco o que vem à tona. Porém, aparece tanta gronga boiando nas águas barrentas em que navego contra a maré, que vivo assombrado com os lances que sou obrigado a encarar. Meu patuá de fé e valia já nada até entortado de tanto que me agarro nele para não naufragar. O caso do garotão que, de repente, se entusiasmou por escola de samba é bem desse naipe. O bruto, que era estudante de comunicação, se baseava em tudo quanto era método de bidu estrangeiro. Aliás desde o primeiro ano primário, o garotão recebeu ensinamentos na base gringa. Claro que a culpa não era dele. Seus mestres eram ligados na cultura das europas da vida. Mas, de quem é a culpa interessa, mas não vem ao caso discutir agora. O que pesa na balança é que o garotão era taco em Marcuse, em Grotoviski e em outros bichos. Sabia onde era o Museu do Louvre e outros lugares onde estavam enfiadas as obras dos grandes artistas da humanidade. E isso era bom, claro. O que era ruim é que o garotão nunca escutara falar nos grandes mestres do seu país. Nem conhecia os lugares de sua cidade onde se fazia arte popular. Largo da Banana, os porões do Bexiga, Rua Direita eram coisas estranhas pro garotão. No máximo, o danado sabia alguma

coisinha sobre cangaceiro e caatinga por ter visto filme. E nessa toada, era natural que o garotão um dia cismasse e fosse conhecer os trechos de que tanto escutara falar. Com a grana do pai, se mandou pra Europa. Meteu as botucas em tudo e não se entusiasmou. Com a gentinha daquelas bandas, o garotão se ouriçou pra valer. Achou a Europa uma decadência. Foi pros Estados Unidos e ficou pasmado com os trambiques do progresso, mas se assustou. O povão estava, na sua opinião, meio abestalhado. Enfim, o garotão lá nas terras estrangeiras virou patriota. Sentiu saudade do feijão com arroz. Ele, que na sua discoteca só tinha disco de cantor estrangeiro, longe da pátria amada quis escutar samba. Mas, qual o que. Foi impossível. Quis ver filme brasileiro. Outro crepe. Não teve onde. O jeito foi retornar rapidinho pro Brasil.

Aqui chegando, quis se embriagar nas coisas da sua terra. Ligou a televisão e assistiu a filmes e mais filmes de cowboy. Ligou o rádio e escutou música e mais música importada. Espiou o cartaz do cinema: nenhum filme brasileiro anunciado. A cachola do jovem ferveu. E ele embatucou. Saiu zonzinho atrás dos amigos e falou e ouviu às pamparras. Se inteirou da nova moda, que era popularização de cultura. Claro que essa marola entusiasmou o bruto e ele se segurou com unhas e dentes na campanha de popularização de cultura. Nego entusiasmado estava ali. Com todas as forças da sua caixa de catarro, meteu a boca no trombone em favor da sua nova causa. Pixou (e com razão) os veículos de comunicação. Esculachou (e com razão) os importadores de cultura. E nesse embalo, começou a xeretar nas coisas do povo. Se botou a frequentar o samba. Primeiro o das boites sofisticadas de centro da cidade. Aí, conheceu um criolão da pesada e foi levado a uma roda de samba. O garotão vidrou. Se gamou. Ficou freguês. Não perdia uma noite de samba. Formou ambiente.

O dono do samba gostou do garotão, principalmente porque desconfiou que ele era de família bacana e podia comparecer com alguma grana pra escola. Só por isso convidou o garotão pra ele ser da diretoria. Emocionado, o garotão aceitou o convite e na posse, em discurso inflamado, jurou pela luz que o iluminava que iria dar o melhor de si para a escola de samba. O dono do pesqueiro deu corda. Estava contando com um loque que podia dar uma boa ajuda. Porém, se enganou. A intenção do garotão era boa. E ele realmente queria dar o melhor de si. Mas, era justamente aí que tudo se embananava.

O garotão estudado, viajado e os cambaus era melhor informado, mais desembaraçado, mais próspero e confiante do que o pessoal da escola de samba, que ainda estava queimando as pestanas no Mobral. Nessa catimba, o garotão se impôs. Em nome da sua cultura, que nada tinha a ver com a cultura popular, o garotão criticou e avacalhou o pessoal que sempre botava o Carnaval na rua. Recusou os enredos que os compositores da escola sugeriram e ele próprio bolou um enredo. Achincalhou as letras dos sambas apresentados e, com o pretexto de melhorar o nível cultural do povo, foi buscar um seu amigo poeta famoso pra escrever a letra. A gente simples da escola não teve coragem de estrilar. Engoliram. E também aceitaram quando o garotão escalou um costureiro badalado da alta sociedade pra fazer os figurinos. Comendo enrolado, o povão da escola de samba não teve como recusar o decorador importante que o garotão trouxe pra caprichar nas alegorias. O dono da escola gostou das iniciativas do garotão. A vinda de artistas de tantos méritos e prestígios fez a escola figurar nas colunas sociais dos jornais. E essa milonga atraiu vedetes e granfinagem. Gente bacana e endinheirada se alistou pra sair no Carnaval e pela escola do garotão. Os ensaios ficaram cada vez mais concorridos. Carros último-tipo parados na porta da quadra, a biosca

vendendo uísque em vez de cachaça faziam gosto ao dono do samba e ao garotão. Só que o povão se encabulou e se afastou. Perdeu a escola de samba, a quadra de ensaio e a birosca. Caíram fora. Mas, sem desanimar pela xavecada²⁵⁴, se organizaram em bloco. Por falta de lugar, foram ensaiar numa esquina das quebradas do mundaréu. Os vizinhos chamaram a cana. O povão não tinha alvará e entraram em pua. Disso ninguém tomou conhecimento. Muito menos o garotão, que está todo empolgado com seu trampo e em dar entrevistas violentas contra os veículos de comunicação, que não dão colher de chá pro samba e só favorecem o traste da cultura e os importadores da arte. Legal o garotão, que não se manca é que, de tanto falar, já está sendo olhado como esquerdista e subversivo perigoso, muito embora não se saiba pra que time o desgraçado joga.

O juiz de várzea (Última Hora de SP – Edição de 15/10/1971. Página 16 Caderno 1)

Não sou eu que vou tentar rachar as mumunhas que existem nas cacholas humanas. Longe de mim tal pretensão. Juro por essa luz que me ilumina que me falta coragem para enveredar por esse terreno perigoso, onde sábios brilhantes, inteligências privilegiadas e pesquisadores notáveis se embananaram. Conheço minhas limitações. Meu puçá não vai além da superfície e eu só pesco o que vem à tona. Porém, aparece tanta gronga boiando nas águas barrentas em que navego contra a maré, que vivo assombrado e me agarro no meu patuá de fé e de valia pra não naufragar. Desse naipe de coisas que me espantam é a história do Simão Azevedo, cidadão brasileiro, casado, pai de duas filhas já moças, trabalhador honrado e que é mais conhecido por Azevedo do Apito, pela mania besta que tem de ser juiz de futebol. E é isso que me intriga. Como é que um nego pode querer ser juiz de futebol? Não vejo onde está o pedal. Seja qual foi o resultado de uma partida, haverá sempre os descontentes querendo beber de canudinho o sangue do desgraçado do juiz. E no entanto, sempre aparece um loque pra pegar no apito. Claro que no profissionalismo é diferente. Com a vida custando os olhos da cara como anda, tem nego que faz qualquer negócio pra adiantar seu lado. Se agarra em fio desencapado, mata cachorro a grito, jacaré a beliscão, cata lata, dá nó em pingo d'água e os cambaus. Assim sendo, se entende que, a troco de uma grana, um otário pegue o apito e entre na gelada. Mas, de graça, agarrar um rabo de foguete desse tamanho é coisa de doido. E no entanto, essa era a alegria do Azevedo do Apito.

Durante a semana, o bruto se chegava ao trampo sem falhar um dia. E o seu batente não era mole. Ajudante de caminhão. Uma viração penosa, que o Azevedo do Apito enfrentava sem reclamar. E do trabalho ia direto pra sua casa e cobria sua mulher e os filhos de atenção e carinho. Mas, quando chegava o domingo, ele não queria nem tomar conhecimento da família. Botava uma roupa preta, pegava seu apito e desembestava pelos campos das quebradas do mundaréu a fim de descobrir uma pelada qualquer pra apitar. Isso não era difícil. E o Azevedo do Apito não demorava pra se encaixar. Nem vacilava ou botava na balança a situação em que ia ter que atuar. E, por essas e outras, o Azevedo do Apito de repente se via no meio de cada salseiro dos mais rebordosos da paróquia. Um desses pererecos se deu num campo danado que ficava encravado nas bocas mais esquisitas da várzea.

Bem lá onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, o Amor e Glória Esporte Clube e o Democrata F. C. iam se encarar a valer um caneco. Mesmo antes do jogo começar, os dois times estavam catimbando e fazendo o maior quás-

254 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

quás-quás em torno do que ia pegar o apito. Times de grandes torcidas, não engoliam nada enrolado. Era só o Amor e Glória indicar um juiz pro Democrata desconfiar do homem e recusar; e era só o Democrata apresentar um árbitro pro Amor e Glória botar areia. Com essas quizilas, a barra estava suja às baldas. O jogo não começava, as torcidas impacientes faziam um tremendo escarcéu e cada vez ficava mais complicado os entendimentos. Foi quando o Azevedo do Apito piou na parada. Sem cerimônia se ofereceu pra ser o juiz. Como não tinha sido proposto por nenhum dos dois times, foi aceito. E mal assumiu o comando da pelada, o Azevedo do Apito entrou em ação. Como via os juizes profissionais fazerem com os grandes craques, o Azevedo do Apito reuniu os dois capitães pra dar as instruções sobre a disciplina da partida. Essas dicas foram escancaradas embaixo da maior vaia das torcidas e diante do mau-humor dos jogadores, que só por essa marola já se invocaram com o Azevedo do Apito, que ficou tachado de imediato como presepeiro. Porém, o Azevedo não estava nem se tocando. Cumpria seu miserável papel com dignidade. Fez um belo sermão e depois mandou os capitães tirarem par ou impar, solução encontrada pra suprir a falta de moeda pro tradicional cara ou coroa. Escolhidos os campos, a saída pertenceu ao Democrata. E com um estridente apito, o Azevedo mandou que relassem a bola.

O jogo começou embalado, com as torcidas ouriçando seus times e os jogadores fazendo das tripas coração. Saía cada biaba de soltar faísca. Porém, na altura dos dez minutos, o Azevedo do Apito não tinha tomado conhecimento das pauladas. Deixava andar. Só apontava bola fora. As torcidas vaiavam toda vez que ele assoprava o apito e, talvez devido a essa pressão, o juiz evitava marcar outra coisa além do que estava marcando. Com essa indiferença do juiz, os jogadores se enervaram e, se já estavam baixando o sarrafo, baixaram mais. O ambiente ameaçou feder. Porém, o Azevedo do Apito não notava. Estava muito à vontade correndo de um lado pro outro. Acompanhava as jogadas em cima e por isso estava bem perto do lance, quando o becão do Amor e Glória meteu a mão na bola. Sem vacilar, o Azevedo do Apito marcou pênalti. Daí, foi broca. A torcida do Amor e Glória invadiu o campo pra saber o que o Azevedo tinha dado. No meio do rolo, ele se apavorou e voltou atrás. Explicou que deu impedimento. Satisfeita, a curriola do Amor e Glória deixou o gramado. Mas a do Democrata entrou em cima do juiz com a bronca pega. Exigiam o pênalti. Sem outro jeito, o Azevedo deu o pênalti. Daí pra frente, a confusão foi geral. Os jogadores do Amor e Glória queriam bater o impedimento e os do Democrata, o pênalti. As torcidas resolveram garantir os seus times e a pauleira teve início. Enquanto os ganhos brigavam, o Azevedo do Apito foi saindo de fininho. Estava já bem longe, quando alguém se lembrou dele. De estalo, parou a briga. Espiaram em volta e viram o Azevedo do Apito se mandando. Os dois times imediatamente culpavam o juiz. A patota se uniu e saiu na captura do Azevedo. Ele correu o mais que pode pra não ficar no papo da aranha. Se pegassem o coitado, matavam. Sorte que não conseguiram alcançá-lo. Ele se pinoteou pra casa e nem quis saber que bicho deu. Chegou no seu mocó botando os bofes pra fora. Mesmo sem gás, contou com entusiasmo a façanha. E no fim da narração, prometeu pateticamente, cheio de esperança:

– Domingo que vem tem mais.

Respondendo à freguesia (Última Hora de SP – Edição de 16/10/1971. Página 16 Caderno 1)

Muitas cartas continuam chegando para o vosso chapa e, por essas e outras, o negócio é responder através da coluna, que a vida anda custando os olhos da cara e não é mole gastar selo pra dar uma[s] palas pros amigos. Mas, deixa isso de lado e vamos em frente.

Da Argentina, Augusto Boal, considerado homem de teatro, autor, diretor, teórico e os cambaus, escreve pra falar do sucesso que está fazendo em Buenos Aires a sua peça “Tio Patinhas”. A gringalhada tá abilolada com o gabarito com que o Boal dirigiu o espetáculo.

Muito bem. Mais um gol brasileiro em terras estranhas. Agora que o Boal já abafou, deve voltar. Mal ou bem, lugar de brasileiro é no Brasil. Ainda mais agora que tem nego às pamparras discutindo formas, Grotovski e outros babados cavernosos, um pinta de dar recado como o Boal faz falta pra chuchu.

Outro a dar o ar de sua graça aqui pra nós é o poeta Geraldo Goulart. O amigo, que é professor da Faculdade de Economia, nos manda seu mais recente livro “Semeando Brasilidade”. Legal, professor. Obrigado por se lembrar de nós.

Já o Osmindo Santana, de Mariporã, apareceu todo retumbante com seu Corinthians e vem pegar no meu pá com um quás-quás-quás medonho. Diz ele que o Santos F. C. de glórias mil está no fim, que o Pelé acabou e o timão da Vila vai voltar a ser o que sempre foi caixa de pancada. E vai também se arrepender de ter mandado o Antoninho embora.

Só porque o Osmindo quer, o Santos F. C. de glórias mil não vai mais botar pra quebrar. Aqui ói. O timão peixeiro está cozinhando siri em água morna. Isso é, fazendo suficiente pra se classificar e economizando gás pra hora do “vamos ver”. Enquanto o alvi-negro praiano maneira, outros timecos fazem das tripas coração e vão aparecendo na base da correria. Mas, afobação não leva a nada. Se toca no que diz o Mestre Zagaia, velho cabo de esquadra, que sabe das coisas.

– Afobado come cru ou queima a boca.

E se o Mestre Zagaia diz, é que é. E tu, Osmindo corintiano, devia saber disso há muito tempo. Porém, segura o apito, que eu vou te dar razão num troço. Realmente, o Santos F. C. de glórias mil vai se arrepender por ter mandado o grande treineiro Antoninho embora. Foi uma besteira de entortar o patuá da torcida peixeira. Mas, cartola é ilegal em qualquer time. Eles nunca dão atenção pro homem da geral. E o torcedor santista sofreu com a presepada dos cartolas. O Antoninho sempre foi ídolo dos peixeiros. Desde o tempo de jogador, quando ele carregava o time nas costas. Como treineiro os resultados que o Antoninho conseguiu provam o quanto ele sabia. Mas, que se pode fazer? O cinto sempre arrebenta do lado mais fraco. Tu não vê o Brandão? O São Paulo foi campeão paulista e o Brandão estava firme. Bastou uma fase ruim, os cartolas, em vez de contratarem jogadores, xavecaram²⁵⁵ o Brandão. É sempre assim. O Baltazar, que está fazendo milagres pelo teu Corinthians, está na corda bamba. Se der outra bobeira no teu time, como deu contra o Botafogo, o Batata dança. Pode crer, Osmindo. Quem está dizendo sou eu. E de futebol eu entendo. Basta tu ver que comecei a bater bola no querido Flor do Norte do Macuco. Mesmo time em que o Baltazar, técnico do Corinthians, começou. Claro que em época diferentes. O Batata é bem mais velho que teu chapa aqui. Eu ainda juntava bala de futebol quando Baltazar era da Seleção Brasileira. Mas, o que vale é que a gente é do mesmo viveiro de cobras. Escreva sempre, Osmindo, e continue lendo a nossa coluna.

Meu amigo Dirceu, fotógrafo das Folhas, manda um bilhete fazendo oba-oba pra historinha que contamos sobre o garotão que foi xeretar numa Escola de Samba

255 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecaram”.

e, apesar das boas intenções, avacalhou a guerra. Diz ele que recortou a coluna e anda com ela no bolso pra mostrar pros amigos. Obrigado, Dirceu. Essa tua milonga me comoveu. Ainda mais vindo de ti, que é chegado ao assunto. Vou até aproveitar a moral que tu me deu e pedir pro seu Torres um aumento de salário, que nessa parte de grana estou a perigo perpétuo. No mais, vai mostrando a coluna pros teus cupinchas. A propaganda é a alma do negócio. Obrigado.

Agora, novidade mesmo quem nos dá é o Jordão Lourenço Spinola de Casa Branca. Ele conta que correm rumores na cidade lá dele de que descobriram petróleo. E ele está todo orgulhoso por ser casa-branquense e vai saber se é verdade nem que seja preciso descer no fundo do poço.

Que o solo brasileiro é muito rico ninguém duvida. E eu, menos ainda. Pode ser que tenha petróleo mesmo, aí na sua bela cidade que eu manjo pois já estive nessas bandas. Agora, esse negócio de ir fuçar no poço é melhor tu deixar pra quem entende, Jordão. Não entra nessa dança, que tu pode se machucar. Nem todo líquido preto que brota no chão é petróleo. Às vezes é cano de esgoto que furou. Aqui em São Paulo acontece muito disso. E veja: se tu vai no fundo do poço e o negócio é de esgoto? Já pensou como tu vai voltar fedendo? Não entra em todas, não, seu Jordão.

Nosso colega de teatro de Catanduva, o Walfredo, amador e tal e coisa, quer textos das nossas peças pra ler e, se possível, montar.

Obrigado pelo interesse, colega. Mas, texto editado eu só tenho a “Navalha na carne”, pela Editora Senzala, e “Quando as máquinas param”, pela Editora Obelisco. O primeiro está esgotado e o segundo, sim, está à venda. Se tu não encontrar em livraria “Quando as máquinas param”, dá um pulo aqui em São Paulo, assiste à peça no Teatro do Sindicato dos Têxteis, com a Walderez de Barros e o Roberto Rocco e, além da entrada, compra o livro na porta. Se tu achar difícil vir a São Paulo, arruma pra gente levar o espetáculo aí na tua terra. Às segundas-feiras, a gente viaja pelo interior. Dia 18, por exemplo, nós vamos a Assis, e brevemente, a São Roque. Quanto às condições para montar meus textos, por favor, procure a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais. Eles, como sempre, tratarão do teu caso e dos meus interesses com o máximo carinho.

Por fim, uma carta de Santos, a bela e querida ilha de Iemanjá, me chega assinada por uma patota das maiores: Eli, Alcy, Nadia, Carlos, Ivo e Onofre. Eles afirmam que ficaram muito contentes por eu ter sido absolvido no processo que eu tinha no Foro [sic] de lá. Dizem que a Justiça reparou o papelão que a nossa cidade me fez.

O que não é verdade. A cidade não me fez nunca papelão algum, minha gente. Aliás, muito pelo contrário, eu não posso me queixar nunca da nossa cidade. O povo santista sempre me prestigiou e me tratou com carinho. Na noite do esquinapo aí do Coliseu, em que eu entrei em cana, havia duas mil pessoas na plateia, assistindo a “Dois perdidos numa noite suja”. Duas mil pessoas aplaudiram em pé. Duas mil pessoas sofreram por mim nessa noite, minha gente. E muita gente me abraçou chorando na hora em que eu estava sendo guindado. Os próprios policiais que me encanaram estavam constangidos de terem que me prender.

E em nenhum momento faltaram com o respeito. Do delegado de plantão, do carcereiro, dos outros presos, eu só tive compreensão. Manjam? Eu fui em cana, processado e tudo, mas nossa cidade e nossa gente não tiveram nada com isso. Eu embandeirei o troço, como todos viram, porque me senti na razão. Porque estava em nossa Santos e porque sou quem sou por ser daí. Não houve papelão algum e a

Justiça, ao me absolver, apenas fez Justiça. De toda forma, obrigado, gente minha, pela boa palavra.

O último tocador de tambu (Última Hora de SP – Edição de 18/10/1971. Página 16 Caderno 1)

Nas quebradas do mundaréu, bem onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, o velho Almofadão vira e mexe dava uma festa de Tambu. Pra quem não sabe o que é tambu, eu explico. Aliás, tenho quase certeza de que a maioria dos brasileiros não sabe o que é tambu. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que o tambu é uma dança de umbigada. Os homens ficam de lado[,]as mulheres de outro, o cantador vai até o meio da roda, improvisa uns versos e os canta primeiro para as mulheres, até elas aprenderem. Depois, canta para os homens, até eles poderem cantar junto. Aí, quando a gentinha toda pegou a feira, o cantador se afasta e homens e mulheres, batendo palmas no ritmo, vão se aproximando até darem a umbigada. E já que estamos escarrando regras, damos mais uma dose. Os instrumentos usados no tambu são o pau oco, um enorme pau de sete metros com um couro cru esticado na ponta. Esse instrumento também é manejado pelo nome de sete léguas. Isso, segundo os negos que sabem do assunto, é devido ao som do pau ecoar na mata exatamente sete léguas. Os outros instrumentos são o quingenguê, uma espécie de atabaque pequeno e o chocalho, que tu aí, que só pega da banda podre, tu, que sempre pega a pior, tu, que mora na beira do rio e quase se afoga toda vez que chove, tu nunca teve um desse chocalho na mão.

O tambu era uma festa bonita e o velho almofadão crio[u]lo cheio de truques, que inclusive tinha esse apelido por gostar de se apresentar sempre bem trajado, com uma roupa branca, de um branco de anúncio de televisão era um grande puxador de tambu. E mandava ver. Dava um recado sentido. E todos o respeitavam. Não havia batuqueiro que desse dispensa pras festas onde o velho Almofadão cantava e batia tambu. E, por essas e outras preseçadas, o coroa reinava. E seu filho, o Almofadinha, desde pequeno dava as fuças nesse pagode e dizia no pé, como príncipe que era. Por ser pivete, abafava. E o pai não descuidava. Levava o moleque num cortado. Antes de saírem, o velho Almofadão examinava o filho de cima para baixo, pra ver se o pivete estava traquejado dentro de sua roupinha branca, como mandava o figurino. E quando retornavam das festanças, o velho Almofadão conferia mais uma vez seu menino. Se ele não estivesse coberto de poeira tal e qual um tatu, levava cascudo, que era sinal que não tinha se espalhado como bom batuqueiro que devia ser.

Assim sendo, o Almofadinha foi crescendo e ganhando nome no seu pedaço. O velho Almofadão se sentia tranquilo pra morrer. Sabia que, quando fosse falar com Deus, o tambu não ia pro bebeleu. Seu filho amado estaria firme pra manter o axé da família. E, por gosto, remaria o barco, mesmo contra a maré. E salvaria o tambu contra as ondas das músicas estrangeiras que, já naquele tempo, era só o que se escutava nos veículos de comunicação. E foi por essa fé que, no dia em que seu coração rateou, o velho almofadão nem se afobou. Deitou, fechou os olhos e, na proteção dos seus orixás, se apagou.

Pro Almofadinha, perder o pai, que antes de mais nada era um companheiro de batuque, foi um golpe de entortar o patuá. Ficou jururu. Mas, cumpriu seu dever de bom filho. Ao lado da mãe, deu descanso de alça pro Almofadão com todas as honras de mestre batuqueiro. Fez o couro do cabrito gemer. Chamou no quingenguê

até botarem terra em cima da carcaça do velho Almofadão. E, diante da cova rasa que coube ao Almofadão, o almofadinha jurou pela luz que o iluminava que seria um tocador de tambu até seu último dia de vida e, se tivesse filhos, passaria pra eles os macetes do negócio.

Porém (e sempre tem um porém), logo a mãe velha do Almofadinha esticou as canelas, com saudade do marido. O Almofadinha, ao ficar sozinho, de [sic] desacorçoou de ficar naquele lugar, onde tudo lembrava seus mortos queridos. E, assim sendo, juntou seus trapinhos, seu quingenguê, mais uns badulaques e se arrancou. Saiu sem rumo, à procura de um mocó pra começar nova vida. Nessas andanças, o Almofadinha teve que bater perna à toa pelos caminhos mais esquisitos do roçado do bom Deus. Comeu muito capim amargo pela raiz. E foi pra se escorar que resolveu bater seu quingenguê nos botequins, pra ver se algum bobalhão, entusiasmado com seu som, lhe adiantava alguma graninha.

Foi tocar e causar espanto. Ninguém entendeu. As orelhas viciadas por ritmos estrangeiros estranharam às baldas aquela batida. De início, pensaram que o Almofadinha era africano. Depois, quando ele abriu o bico, viram que ele era brasileiro e gozaram o desgraçado por tocar aquele ritmo de batuque. Encabulado, o Almofadinha puxou um verso pra provocar as moças. Versos que sempre que o velho Almofadão puxava no seu antigo pedaço, fazia sucesso:

Campinas, Tietê e Perderneira[s].

Aqui em São Paulo não tem moça batuqueira.

Coitado, tomou a maior vaia da paróquia. E, depois da vaia, um esculacho:

– Te manca, crioulo. Tu não sabes nada dessa tumbadora. Vai aprender a bater, antes de querer se exhibir.

Invocado com o passa-fora, com o nome cabuloso de tumbadora que deram pro seu quingenguê, o Almofadinha meteu o galho dentro e se retirou. Foi matutar no seu canto. Por acaso, escutou um rádio tocando uma música, que era estrangeira, como todas as que tocam nas rádios. Mas, o Almofadinha não se mancou. O que [e]le escutava era música. E isso que importava. Dono de um ouvido privilegiado, o rapaz prestou atenção e morou no ritmo. Achou uma sopa. Bateu no seu quingenguê e não teve chibu. Na sua bobeira, até achou legal. Continuou tocando e não demorou pra se sentir à vontade. E demorou menos ainda pra aparecer um freguês e se entusiasmar com a batida do Almofadinha e anunciar com banca de entendido:

– Poxa, bicho. Tu é o máximo nessa tumbadora, vem tocar pra nós.

Claro que o Almofadinha foi. Ele precisava. Entrou com o som que pegou de orelhada e só recebeu elogio:

– Super-moderno.

– Bárbaro.

– Demais.

– O bicho é bidu.

– Bicho, tu curte legal.

E, engabelado, o Almofadinha entrou de gaiato na pala da moçada. Esqueceu rápido sua origem, seu velho pai, companheiro e amigo Almofadão. Aprendeu as milongas da nova curriola, o ritmo das rádios, foi convidado e aceitou entrar para um conjunto de garotões cebeludos. Claro que o cabelo não tem nada. O ruim é o ritmo que o Almofadinha assimilou. Que ele use cabelo de pantera, dane-se[.] Mas, ele enchera a boca de chiclete e chiar; [sic]

– Sem essa, bicho. Tambu já era.

É de lascar. Deve fazer o velho Almofadão se remexer na cova de desgosto.

A gama louca do Jorge (Última Hora de SP – Edição de 19/10/1971. Página 16 Caderno 1)

Assim que o Jorge meteu as botucas em cima da mulher do seu patrão, gamou. Foi de estalo. Não teve maiores milongas. A mulher nem sequer deu bola. Não teve olho no olho, nem bulhufas. E é isso que eu posso contar dessa gama de pedra do Jorge pela mulher do patrão. Apesar do meu puçá não ir além da superfície e eu, por essas e outras, só pescar o que vem à tona, esse lance dá pra entender. A gamação não se explica. Ela arrebenta como pororoca e inunda todas as barreiras. E foi exatamente o que aconteceu com o Jorge. Ele, ao se botar na frente da mulher do patrão, sentiu um arrepio na espinha, um friozinho maroto na barriga, sorriu como um bestalhão e não soube o que dizer. Fez papel de otário. Na verdade, a mulher do patrão se espantou com tamanho papanatas que o marido mandou pra fazer um serviço doméstico. O patrão do Jorge tinha essa mania. Vira e mexe escalava um operário da sua fábrica pra quebrar um galho na sua casa. Era uma antena de televisão que o vento balançou, um cano que entupiu, ladrilho da parede do banheiro que caiu e outros babados desse naipe. Nesse dia que o Jorge entrou na história, o estrago era na porta de um armário, que não queria fechar direito. Coisa à toa. A porta do armário apanhou sol e empenou. Moleza para um marceneiro do gabarito de Jorge. Aliás, a porta nem estava tão danada. O patrão do Jorge mandou-o consertar a porta mais por ter montes de operários por sua conta e pra agradar a mulher que, por não ter nada pra fazer na sua vida de grãfina que não gosta de jogar baralho, se ouriçava por qualquer besteira. O Jorge, uma vez que o patrão mandou, foi. Só tinha que ir. Aí se deu o esquinapo.

A mulher do patrão do Jorge era uma coroa que ainda aguentava uma meia sola. Montada na grana, desbaratinava bem a idade. Meteu uma plástica na fuça, quando se tocou que a data do nascimento ia ficar escancarada. Se maquilava direitinho. Vestia boas roupas. Era classuda. Viajou, se flagrou na moda universal. Usava um tom de voz todo cheio de truques, onde a autoridade se misturava com a delicadeza e com a sensualidade, e tudo isso fez o Jorge tremer nas bases. As ideias de jerico imediatamente fundiram a cuca do operário. Ele, que era casado com uma mulher bem mais moça e até mais bonita do que a mulher do patrão, não considerou o engodo. Se pusesse na balança os valores autênticos de cada uma das mulheres, ia ter defesa contra aquela gamação repentina. A sua mulher, muitas vezes, se apresentava como um bagulho devido à dureza que encarava ao seu lado, remando a catraia em águas barrentas e contra a maré. Esticando um salário mínimo que já chegava em suas mãos todo esbagaçado pelos descontos, cuidando de quatro filhos, ganhos nos quatro primeiros anos de casada, vestindo uns vestidos mixurucos de pano ruim, desses que desbeijam depois de lavado, e nunca podendo andar na moda por culpa do próprio Jorge, que era um ciumentão todo cheio de mumunhas e se invocava que a mulher se enfeitasse. Porém, o que quero contar é que nem por um momento o Jorge se ligou na sua mulherzinha. Que nada. O Jorge era um otário. Se enganava em cada grupo escamoso que até dava dó. Ao ver a mulher do patrão, achou o que todo loque acha. Que o patrão era um trouxa, não podia ser homem pra dar conta daquele mulherão, nem tomando gemada de ovo de pata de duas horas. E assim sendo, aquele belo mulherão devia estar em falta.

Pobre Jorge, tão por fora dos assuntos. Não sabia nada sobre as coisas. O seu patrão é quem fazia e acontecia. Homem treinado às pamparras. Tinha mil e uma secretárias, bem pagas pra lhe dar um bom atendimento. Tinha grana suficiente pra lhe dar tempo de sobra pra se tratar com o que havia de melhor em matéria de

bicho de consumo. E, se por ventura deixava a mulher na saudade, não era por não poder dar conta do recado e sim por achá-la um bagulhão velho. E nem por isso a mulher penava. Nos círculos que os endinheirados frequentam, tem sempre um garotão cavando uma grana junto às coroas solitárias. Mas, também, o Jorge não podia saber dos babados sociais. Seu caminho era os mais esquisitos e estreitos que existem no roçado do bom Deus. De casa pro trabalho, do trabalho pra casa, sempre pendurado no ônibus, entalhado com as dívidas e com o Corinthians, que nunca conseguia ganhar um campeonato. Uma zorra encarnada. Nas horas de folga do almoço com os colegas da fábrica, só contava e escutava cascata. E foi nesses papos furados que ouviu nego afirmando de boca cheia que patrão era um troço ruim pra se ser. Ganhava dinheiro, lhe disseram, mas também andava sempre de testa enfeitada, por ter que dar mais atenção pros negócios do que pra mulher. E, se fiando nessa bobagem, é que o Jorge resolveu apelar quando viu a mulher do patrão e sentiu o suave perfume que ela usava.

Atacou na marra. Grudou a mulher do patrão e foi tentando tascar um beijo na bruta. A mulher do patrão se assombrou com tamanha ousadia. Meteu a boca no trombone com todas as forças de sua caixa de catarro, ao mesmo tempo em que esperneava se defendendo do Jorge. Em resposta ao escarcéu, veio uma multidão de empregadas, mais jardineiro e chofer particular de madame. Bateu sujeira pro Jorge. Pra fazer média com a patroa ofendida, cada um tirou uma casquinha no lombo do Jorge. Bateram no otário até ele se arrear no chão sem gás pra correr. Daí, chamaram a polícia, que sem rodeio encanou o Jorge como tarado. O bruto foi guindado chorando e arrependido com a presepada que aprontou. Perdeu, num impulso só, o lar, o emprego e tudo mais. Vai puxar um tempão em cana e sair desmoralizado como homem. Além de, muito provavelmente[,] ser fichado como comunista por querer dividir os bens do patrão.

Azevedo do Apito e o campeonato da Barra do Catimbó (Última Hora de SP – Edição de 20/10/1971. Página 16 Caderno 1)

Eu já contei que o Azevedo do Apito é um honrado cidadão que trampa seis dias por semana pra dar um trato razoável pra família, composta de mulher e filha já moça, mas que, no domingo, ele se enfeita de juiz de futebol e sai pelos campos da várzea a fim de apitar jogos. Mania besta, que tem custado ao Azevedo do Apito muitos sustos e corridas. Porém o que se pode fazer? Ele gosta dessa gronga. E então, o problema é dele. Mestre Zagaia, velho cabo de esquadra que navegou sem bandeira por água[s] barrentas e bateu perna à toa pelos caminhos esquisitos do roçado do bom Deus, afirma na Tabuada das Candongas:

– Mais vale um gosto do que dinheiro no bolso.

E se o Mestre Zagaia disse, é que é. Ele sabe das coisas. E, assim sendo, o Azevedo do Apito faz muito bem quando, aos domingos, logo cedinho se enfia dentro de uma roupa preta e sai na captura de uma pelada que esteja sem mediador, pra oferecer seus préstimos que via de regra são recompensados com desaforos, bofetões e pega-pega, resulta[n]do sempre em pinotes desesperados do bom árbitro.

Porém, nem tudo é compreensão na vida de juiz de futebol do Azevedo do Apito. Às vezes, pia na parada um nego que dá estia pro Azevedo. Essas raras pessoas jamais são esquecidas pelo juiz. Ele as arquiva na memória e quando se lembra delas é com ternura. E um dos personagens das boas recordações do

Azevedo do Apito é um crio[u]lo chofer de praça que fez das tripas coração, mas salvou o Azevedo do Apito de ser linchado por uma multidão enfurecida.

O lance se deu na Barra do Catimbó, lugarzinho escamoso que fica encravado nas quebradas do mundaréu, bem onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos. E é bom que se diga que a Barra do Catimbó é, juntamente com Dallas City e São João do Meriti, o pedaço do planeta onde se dão os maiores bochichos. Mas, deixa isso de lado. O que pesa na balança e o que quero contar é o lance que o próprio Azevedo do Apito rachou pra mim, com um entusiasmo²⁵⁶ de fazer inveja a muito pinta metido a vencedor.

Tudo teve início quando o Oscarino Vaselina, que era candidato a vereador, quis aparecer e, sem considerar bulhufas, deu passagem pras suas ideias de jerico e organizou um campeonato a valer taça entre os times da Barra do Catimbó. Se jogo amistoso naquelas bandas nunca acabava sem ter um enguiço bravo, imagina então o bicho que poderia dar uma partida a valer taça. Por essas e outras, a complicação para arranjar juiz foi de atucanar. Quando o Oscarino Vaselina reuniu os representantes dos times que iam disputar o campeonato da Barra do Catimbó, sentiu logo o aroma da perpétua. Bolar a tabela deu um suador. Com gente de Amor e Glória, União da Barra do Catimbó, Mocidade Alegre, Independente e Cultural da Barra do Catimbó, 1º de Maio, 7 de Setembro, XV de Novembro, Flor da Esperança, Corinthians da Barra do Catimbó e Democratas, tudo era na base do agrião. O mais trouxe entre os representantes queria ser mais malandro que a malandragem. O Oscarino Vaselina se viu em papos de aranha. Quase que a guerra se avacalha. Só mesmo a fibra do candidato, antes mesmo do início do dito. Foi preciso que o Oscarino Vaselina rebolesse pra contornar os mil e um obstáculos. E ele afinal conseguiu. Todos, apesar dos quás-quás-quás, concordaram com a tabela e aceitaram a sugestão de convidarem o Azevedo do Apito pra ser o árbitro oficial do campeonato.

O convite do Oscarino Vaselina deixou o Azevedo do Apito retumbante de alegria. Ele até comprou um apito novo pra estrear no primeiro jogo. Na cachola embananada do juiz, o Oscarino Vaselina era um nego importante e que poderia mais tarde, quando eleito, usar sua influência junto aos cartolas do futebol profissional e arrumar pra ele, Azevedo do Apito, uma vaga nos quadros da Federação, nem que fosse de bandeirinha. E foi vidrado nessa ilusão que o Azevedo do Apito meteu as fuças.

Logo no primeiro jogo saiu uma pancadaria de marcar época na Barra do Catimbó. A curriola do Amor e Glória se pegou com a do Corinthians da Barra do Catimbó e a pelada não chegou nem no meio tempo. Pro Azevedo do Apito foi ótimo. Ele não teve nada com a briga. Fez apenas sua parte. Comunicou ao Oscarino Vaselina que os dois times tinham perdido os pontos. Essa decisão foi tomada no mocó do candidato a vereador, que deu força total ao critério do Azevedo do Apito. Na sua onda de político, o Oscarino estava fazendo o tipo de moralista e discursou anunciando a disciplina a qualquer preço. Naturalmente, os dois times envolvidos no conflito ouriçaram e, em represália contra a punição, se retiraram do campeonato. E daí pra frente bagunçou tudo. Por um motivo ou por outro, os times foram desistindo da disputa e acabou ficando apenas três na parada. O Democratas, o Flor da Esperança e o União da Barra do Catimbó. E, sem rodeios, foram escalados pra decisão.

Democratas e Flor da Esperança se encararam primeiro. Foi um jogo de sair faísca. O Azevedo do Apito estava nos seus melhores dias. Não deixava passar

256 Termo atualizado; no original de jornal consta “entusiamado”.

nada. Inspiradíssimo, bancava o Armando Marques. Chamava a atenção dos jogadores por qualquer coisinha. E ia levando. Até que teve um beque do Flor da Esperança que, sem querer, meteu a mão na bola. Cheio de razão, o Azevedo do Apito marcou em cima. Foi soprar o apito e feder. Que foi, que não foi. Pênalti. Impedimento. Bate, não bate. E o capitão do Flor da Esperança tacou um tapão na cara do Azevedo do Apito e, antes que ele chiasse, o agressor perguntou aos berros:

– O que marcou, desgraçado?

Mas, o Azevedo não teve tempo de responder. O capitão do Democrata, que era escolado em catimba, pra anular a congesta do adversário, tacou um tapa na orelha do Azevedo do Apito. E, antes do estrilo, quis saber:

– O que marcou, miserável?

Sem proteção nenhuma, encostado na parede pelos times, o Azevedo do Apito ficou numa sinuca de bico. Qualquer decisão sua seria recebida mal. Então, num ato de coragem, o juiz botou a boca no trombone com todas as forças da sua caixa de catarro:

– Tão todos expulsos. Os vinte e dois.

Foi dar a dica e se espiantar. Correndo o mais que podia, o Azevedo do Apito se mandou. Atrás dele foi toda a patota. Se pegam, matam. E estavam quase pegando, quando um táxi com um crio[u]lo maluco entrou no meio da multidão que perseguia o Azevedo do Apito pelas ruas do bairro. Espalhou o bolo, alcançou o Azevedo do Apito e, ao seu lado, o chofer breçou o carango e deu uma pala pro juiz:

– Anda. Entra aqui, amigo.

Sem demora, o Azevedo obedeceu. Sentou-se ao lado do crio[u]lo chofer, que arrancou a cento e vinte, embaixo de uma chuva de pedras que jogadores e torcedores do Flor da Esperança e do Democrata, desesperados, atiravam sobre o automóvel.

Já longe do perigo, com fôlego recuperado, o Azevedo do Apito comovido agradeceu pro chofer:

– Muito obrigado, amigo. Você me salvou a vida.

Mas o crio[u]lo protestou:

– Não agradeça, meu. Sou eu que agradeço.

E depois de uma pausa, concluiu sorrindo:

– Sou presidente do União da Barra do Catimbó e com o resultado que tu arrumou nesse jogo, nós já é [sic] campeão mesmo sem jogar. Obrigado.

Duas histórias mais ou menos parecidas (Última Hora de SP – Edição de 21/10/1971. Página 16 Caderno 1)

Em 54 ou 55, o grande cartaz do crime no Brasil era um menino com cara de finha chamado Mauro Guerra. Ele usava uma boina preta e uma turbina e não vacilava nunca pra fazer e acontecer. Mauro Guerra, o Bandido da Boina, o Pivete de Mangueira, muito cedo entrou em pua. Aos dez anos, já estava recolhido no reformatório de menores do Rio de Janeiro, lugar onde aprendeu os mil e um truques da bandidagem e onde se picou mais de raiva com as xavecadas²⁵⁷. E foi aí que cresceu e se jurou pra tirar as forras. Virou a gronga encarnada. Deu trabalho pra polícia e assunto pro jornal. Bagunçou o Rio de Janeiro e assombrou o Brasil com seus crimes, suas fugas e sua história. Naquele tempo não se falava em esquadrão da morte. Quem era pau de mando era um polícia que acreditava em si e sabia das coisas porque as via com olhos de ver. Era o Perpétuo. A função dele era

257 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecadas”.

a de prender bandido pra dar sossego à sociedade. Mas, homem escolado, não entrava nas ondas. Dava a medida certa pras presepadadas. E o Perpétuo não se fez [sic] o papel de gaiato no lance do Mauro Guerra. O Perpétuo, manjando às pamparras as gentes do morro, os bandidos e os vagaus, soube ver que o Mauro Guerra precisava muito mais de uma boa palavra do que de um tiroteio. E foi lá no buraco da lacraia, levou uma conversa com o Pivete da Mangueira e o trouxe preso, sem precisar fazer força.

O Mauro Guerra foi julgado e condenado pelos seus muitos crimes e provavelmente por alguns que não eram de sua conta, mas por estarem sem dono foram colocados de quebra na sua ficha. O Pivete da Mangueira pegou, de saída, 59 anos de cana. Depois, baixaram pra 36 anos e ele, sem remédio, teve que começar a cumprir.

Na mesma época, um crioulo forte era ídolo do Brasil inteiro: Baltazar. O Cabecinha de Ouro. Orgulho da torcida corintiana. Tinha iniciado sua carreira na várzea santista, no glorioso Flor do Norte do Macuco, depois passou pro Jabaquara e de lá veio pro Corint[h]ians. Seus gols eram cantados em prosa e em versos. Os cartolas o tratavam a pão de ló, o mulhero não largava seu pé e seu retrato não saia dos jornais. Tudo isso deixou o Baltazar, garotão simples, todo cheio de mumunhas. E ele se sentiu dono do mundo. Botava banca e carteava a marra. Fazia graças de encabular qualquer um. Teve uma vez que seu carango último tipo pegou fogo no meio da estrada. O Baltazar nem se afobou. Sentou-se do lado e assistiu à fogueira rindo. Não tinha dúvidas de que, no dia seguinte, os cartolas ou a torcida lhe dariam outro automóvel novinho em folha. E não deu outra coisa.

Porém (e sempre tem um porém), de repente, no meio de um jogo, o Baltazar quis subir pra testar uma bola, mas os pés pesaram. Parecia que tinha chumbo na sua chuteira. Não deu pra sair do chão. E daí pra frente, foi broca. Os cartolas e a torcida o condenaram. Xingaram de mascarado, sem-vergonha, enganador. E o craque se apagou e, sem remédio, foi para o ostracismo.

Na cadeia, o Mauro Guerra teve tempo de sobra pra rever sua vida quantas vezes quis e teve coragem. Espiou e teve piedade de si mesmo, das suas vítimas. Sentiu remorso. Se atucanou. E, arrependido, se agarrou no primeiro patuá de valia que lhe estenderam. Na Bíblia, encontrou valia pra sinuca de bico em que se encontrava. Virou manso. Passou a ler e a pregar pros companheiros de presídio. Não se meteu em salseiros. Não reclamou da sorte, nem da comida, nem de nada. Por bom comportamento, ganhou a estrela verde da direção da galera. E no meio da sua pena, recebeu a estia merecida. Liberdade condicional.

O Baltazar, quando ficou sem pernas pro futebol, foi abandonado pelos cartolas e pela torcida. Se danou. Não tinha imaginado²⁵⁸ nunca que pudesse um dia ficar na saudade. Não guardou dinheiro e se viu no papo da aranha. Andou se batendo pelos caminhos mais estreitos e esquisitos do roçado do bom Deus. Fez das tripas coração pra não se apagar afogado em mágoas e em arrependimento. Apanhou do destino. Caiu em si. Se mancou que tudo na vida é transitório. Que não adianta nada o nego retumbar por seus feitos e entrar nas cascatas da glória. Mas, o Baltazar é um homem forte. Modéstia à parte, mas ele é do nosso Macuco, lá de Santos, formosa ilha de Iemanjá. Não curtiu o desespero. Levantou a cabeça, que não era mais de ouro, pra cabecear as bolas, mas era, nesses pererecos, de ouro pra desbaratinar os esquinapos. E humildemente, começou a lutar pra se ajeitar de novo. Lutou e acabou vencendo. Pegou o Corinthians, o seu Corinthians, para treinar. E o time que vinha caindo pelas tabelas se levantou. Com a humildade que

258 Termo atualizado; no original de jornal consta “imaginando”.

aprendeu nos dias em que comeu capim amargo pela raiz, o Baltazar organizou as coisas no alvinegro do parque São Jorge. Deu dicas maravilhosas pros jogadores do Corinthians, que eram bons mas estavam meio perdidos nas marolas. O Baltazar, sem escarcéu, levantou a cabeça do time e transformou o Corint[h]ians no melhor time do Brasil. Os jornais falaram bem do Baltazar nas manchetes em letras garrafais. Ele apenas sorriu. Os repórteres apertaram o Baltazar pra saber detalhes dos seus métodos. Ele apenas sorriu. Mas, sorriso não vende jornal. Jornal se vende com escândalo. E os repórteres, por foça das circunstâncias, tiveram que deixar o Baltazar de lado e irem explorar as vaidades dos cartolas. Esses pegaram a corda. Na ânsia de pousarem de heróis, não fizeram cerimônia em abrir baterias contra o humilde Baltazar. Não tiveram pudores em lançar dúvidas sobre a capacidade do Baltazar. Melhor forma que os cartolas encontraram pra dar a impressão pra torcida que eles é que[m] escalam o time e o humilde Baltazar apenas distribui as camisas.

Mauro Guerra, quando saiu na rua, ia orgulhoso de si mesmo. Mas, sua alegria durou pouco. Um bestalhão, que estava pendurado na Justiça, só aí se lembrou que havia um processo engavetado há dezoito anos e que nele o Mauro Guerra era apontado como criminoso. Sem a mínima consideração humana, o bestalhão, ansioso para aparecer, meteu a fuça nos arquivos e reapareceu com o processo todo coberto de pó, clamando contra o Mauro Guerra. Foi de lascar. Depois de três dias de liberdade, o Mauro Guerra entrou em pua porque homens que fazem Justiça sabem pouco sobre justiça humana.

O Baltazar, depois de botar o Corinthians na ponta da tabela, fazer timeco apavorado virar um timão, está pedido pelos cartolas. E podem apostar que vai cair.

Agora, sente o drama, tu aí que sempre pega a pior, tu que só come da banda podre, tu que só berra da geral, tu que mora na beira do rio e quase se afoga toda vez que chove. Mauro Guerra e Baltazar provam que o homem se modifica. Mas, que adianta a modificação de homens, quando as regras do jogo continuam as mesmas?

Dois times sem jogo (Última Hora de SP – Edição de 22/10/1971. Página 16 Caderno 1)

Certa vez, o União da Barra do Catimbó recebeu o seguinte ofício:

Ilmo Srs.

Do União da Barra do Catimbó[.]

Nós vem por essa mal traçada linha chamar vocês aí pra jogar no campo da gente uma partida de futebol no domingo, que a gente só joga nesse dia, que nos outros a gente trabalha. Se vocês quiserem vim, pode responder o ofício dizendo que vem, que é pra gente pendurar ele na tabuleta do boteco do Almeida pros sócios do time da gente poder ver que vocês aceitaram e se na hora vocês ficarem com medo e não vierem eles não fiquem pegando no pé da gente e dizendo que essa diretoria não tem ninguém que saiba tratar jogo. Agora, se vocês não tão a fim de encarar a gente, então é problema de vocês. O Flor do Ó não tem medo de ninguém. Ass: Olavo Silva.

Diretor esportivo do Flor do Ó.

Assim que leu o ofício, o seu Azulão, presidente do União, se picou de raiva. Convocou a diretoria do seu time, leu o ofício do adversário e de imediato todos toparam o jogo com o Flor do Ó. E como era solicitado pelo desafiante, mandaram a resposta num ofício caprichado:

Ilmo. Srs.

Diretores do Flor do Ó[.]

Nós recebemos o ofício marcando jogo e responde por essa mal traçada linha que aceita. Nós não é de enjeitar parada. Se a gente tivesse medo de homem, não saía na rua vestindo calça. A gente vai, pode anunciar. Mas tem um negócio que é o seguinte. Nós dá o juiz e vocês que são i [sic] dono do campo dão a bola. Domingo estamos aí na Freguesia do Ó pro que der e vier. Respondam logo se aceitam dar a bola. Se tiverem medo de nós, é só dizer que não querem, que a gente não vai. Ass: Eldocio Pereira (Azulão) – Presidente do União da Barra do Catimbó.

De posse do ofício do União da Barra do Catimbó, o pessoal da diretoria do Flor do Ó se atucanou e, rápido e rasteira [sic], mandaram um pivete levar outro ofício com novas bases.

Ilmo. Srs.

Diretores do União da Barra do Catimbó[.]

Nós recebemos seu ofício que veio cheio de mumunhas. E passamos a responder nessa mal traçada linha. Vocês querem moleza, já vi tudo. Mas a gente não tá a fim de criar caso. Só queremos jogar. Vocês podem trazer juiz. Que com nós ele não vai ter vida mansa. Se tiver afanado a gente, nosso capitão do time toma o apito dele e dá pra outro. Nós não somos otários. Mas, aceitamos nessa base que botamos aqui. Agora, no negócio da bola, vocês trazem a bola. Nós damos o campo e vocês a bola. Cada um dá uma coisa. Se quiser assim, tá combinado. Ass: Olavo Silva. Diretor do Flor do Ó.

Mal o Azulão meteu as botucas no ofício do adversário, segurou o pivete mensageiro e fez com que ele esperasse às pamparras pra levar outro ofício de volta.

Ilmos. Srs.

Diretores do Flor do Ó[.]

Juiz ladrão tem é no bair[r]o de vocês. Tudo abafador. Nós manja a negada daí. E não adianta vir com grupo pra cima da gente, que a gente não é trouxa e não vai entrar em truque de papagaio enfeitado da Freguesia do Ó. Juiz que a gente levar pra apitar o jogo apita até o fim e não adianta estrilo de capitão fajuto. Se nós leva o homem nós garante ele. Nisso vocês pode botar fé. E no negócio da bola não tem arrego. Vocês dão a bola. Todo mundo sabe que o dono do campo tem que dar a bola. Agora, se vocês querem arranjar desculpa pra não jogar é problema de vocês. Nós foi [sic] convidado. Aceitamos porque nós não tem medo de vocês. Na bola e no pau, nós somos mais nós. Ass: Eldócio Pereira (Azulão)[.] Diretor do União da Barra do Catimbó.

Ao tomar conhecimento do novo ofício do União, a curriola do Flor do Ó se entralhou e, sem demora mandaram mais um ofício.

Ilmo. Srs.

Diretores do União da Barra do Catimbó[.]

Nós vem por meio desta mal traçada linha avisar que não aceita esculacho de ninguém. Ladrão é vocês aí desse pedaço fedorento. Nós aqui é trabalhador. E dentro do campo quem fala mais alto, o único que chia é o capitão do time e se ele resolver tirar o pilantra que vocês botaram pra apitar pode contar que ele tira porque a gente dá a maior moral pra ele. No negócio da bola, vocês tem que trazer a de vocês que a bola da gente tá com bexiga e pode estourar.

Ass: Olavo Silva[.]

Diretor do Flor do Ó.

A diretoria, presidida pelo Azulão, não era de engolir desaforo e, mal acabaram de ler o ofício, se bronquearam e azedaram mais na resposta.

Ilmos. Srs.

Diretores do Flor do Ó[.]

A Barra do Catimbó não é bairro de ladrão, a mãe de vocês não mora aqui. Gaturama é patota daí. E a gente não quer levar a bola nossa porque sabe que vocês vão querer roubar ela. A negada do Democrata contou pra gente que quando foram jogar aí a bola deles caiu na vala e vocês enrustiram e eles voltaram sem bola. Nós não entra nessa. Deixa de ser fominha e bota a bola que vocês afanaram do Democrata em campo.

Ass: Eldonio Pereira (Azulão)[.]

Presidente do União da Barra do Catimbó.

Esse ofício do Azulão revoltou bastante a turma do Flor do Ó e eles, naturalmente, enviaram um pra acabar com a graça.

Ilmos. Srs.

Diretores do União da Barra do Catimbó[.]

Nós não afanamos bola de ninguém, nós não ia se sujar por tão pouco. O Democrata aqui apanhou na bola e no tapa e por isso tá fazendo fuxico²⁵⁹. Agora, vocês fizeram mal de meter a mãe no meio disso. Quando derem as fuças aqui, vão ter que engolir isso. Porque jogo só vai ter se vocês trouxerem a bola. Ladrão pensa que os outros são ladrão. Mas nós não é. Pode trazer a bola sossegado.

Ass: Olavo Silva[.]

Diretor do Flor do Ó[.]

Por fim, o Azulão mandou o ofício definitivo.

Ilmos. Srs.

Diretores do Flor do Ó[.]

Nós não vai porque não vai deixar os ladrão [sic] daí roubar nossa bola. Mas quando vocês quiser dar a bola, a gente vai. Quanto esse negócio de engolir o ofício da mãe de vocês, nós duvida e faz pouco. Estamos aqui pra qualquer coisa. Se vocês tem medo de vim aqui, pode esperar que a gente se encontra nas quebradas.

Ass: Eldócio Pereira (Azulão)[.]

Presidente do União da Barra do Catimbó.

E por essas e outras, o União da Barra do Catimbó e o Flor do Ó ficaram sem jogo.

Respondendo à freguesia (Última Hora de SP – Edição de 23/10/1971. Página 16 Caderno 1)

Como a gente vem fazendo todos os sábados, vamos hoje responder às cartas que chegaram durante a semana. Algumas de simpáticos leitores que vêm até nós pra fazer oba-oba, outras de gente curiosa que nos faz perguntas inteligentes e poucas de uns chatos que aparecem por meio de mal traçadas linhas pra pegar no nosso pé. Mas, nós respondemos ou registramos o recebimento de todas as que piaram na parada até quinta-feira. As que sobram serão respondidas na semana que vem. Agora, deixa isso de lado e vamos ao que interessa.

Dona Naomi Rocha, do bairro da Lapa, nos pede fotos autografadas, idades e toda nossa ficha.

Pois não. Dona Naomi, vamos atendê-la em parte. Retrato por favor, recorte uma fuça minha que sai no jornal. Sabe como é. A vida anda custando os olhos da cara. E se eu vou ficar tirando retrato pra distribuir, acabo comendo capim amargo pela raiz. No resto, estamos aí. Pode tomar nota. Minha profissão real é toda aquela

259 Termo atualizado; no original de jornal consta “fuchico”.

que exerço. Tudo o que faço é pra valer. Torço pro Santos F. C. de glórias mil. Nasci em Santos, bela ilha de Iemanjá. Sou casado com a atriz Walderez de Barros, que atualmente está fazendo “Quando as máquinas param”, com Roberto Rocco, no palco do Teatro do Sindicato dos Têxteis. Tá um bom programa pro seu fim de semana, dona Noemi. Vai assistir a “Quando as máquinas param”. O espetáculo está ótimo. Sucesso de público e de crítica e, além de tudo, é barato às pamparras. Vê só a moleza: tecelão sindicalizado paga Cr\$ 1,00; sindicalizado de qualquer categoria bufa com Cr\$ 2,00; estudante do curso supletivo e outros cursos menos conhecidos também Cr\$ 2,00; e o universitário Cr\$ 3,00. Vá hoje, dona Noemi. Leve sua família, mesmo que chova. Nosso pesqueiro é no Brás, na rua Oiapoque, 80. Uma travessa da Rangel Pestana, que fica bem em frente ao Cine Piratininga.

Nosso sempre considerado José Ramos Tinhorão manda avisar que gostou da história que publicamos aqui sobre o Tambu. Diz ele que recortou e guardou a história no seu arquivo.

Essa pala do Zé Tinhorão nos deixa retumbante de alegria. Ele é, sem dúvida, um dos maiores defensores da música popular brasileira. Já publicou vários livros e está pronto pra soltar na praça mais dois que naturalmente vão provocar muita polêmica, como foi o caso de “Música Popular – Um tema em debate”, de autoria dele. Pesquisador de muita paciência, nosso chapa Tinhorão tem descoberto verdadeiras raridades e as arquiva com muito carinho. Pra nós, de repente, ter uma historinha nesse arquivo é uma honra.

O Osvaldo Nunes de Carvalho Filho, da Penha, vem a nós com um quás-quás-quás cavernosos, reclamando que a gente não falou nada do caso Gerson-Vaguinho.

Não falei nada, meu chapa, porque não vi motivo pra tanta onda. Porém, já que tu insiste, dou uma luz pra ti, que se confessa leitor de todo dia. Vê se te manca, Osvaldo, e não esquenta a cabeça com tudo o que escuta. A entrada do Gerson foi dura. Mas não foi pra quebrar. Disso pode ter certeza. O problema do Gerson é que ele fala muito e sempre que fala é a vontade. Não se preocupa se vai agradar ou não. Isso, no meu entendimento, é legal. Mas, os cartolas se invocam com ele. Só engolem o Gerson porque de fato o Papagaio é um cracão de grande embaixada. No caso do Vaguinho, ele não pode ser acusado de ter feito de propósito. O próprio jogador corintiano livrou a barra do Gerson. Mas, a marola virou pororoca porque os cartolas aparecidos resolveram meter o bedelho e ameaçar de revide e tal e coisa. Por essas e outras é que a gente não entende o futebol brasileiro. Tão rico dentro do campo e tão pobre nas secretarias. Vai por mim: o Gerson não estava a fim de quebrar ninguém.

Outro que vem falando de futebol é o Ivo Junqueira, de Santo André. Diz ele que gostou muito da história do Azevedo do Apito. E acha também bacana o negócio que a gente fez do Mauro Guerra e do Baltazar. Porém, como corintiano que é, não concorda que a imprensa faça tanto enxame em torno do treineiro do Alvinegro de Ogum.

Primeiramente, obrigado pela badalação. Segundamente, vê se te manca, Ivo, e não vai metendo a culpa na imprensa, que apesar de não ser santa, no caso do Baltazar está totalmente inocente. Pode parecer incrível pra todo mundo, mas a onda contra o Baltazar teve início na cartolagem do Corint[h]ians. Da torcida mosqueira, dos jornais, o Baltazar só recebeu força. O povão da geral e os jornalistas reconhecem que o Baltazar pegou um rabo de foguete e acabou arrumando tudo direitinho. O time, que vinha caindo pelas tabelas, nas mãos do Baltazar se transformou no melhor do Brasil e líder absoluto. Daí, os cartolas, por

vaidade, se intrujaram na parada e avacalharam a guerra. Tiraram o sossego do Baltazar, do time e, se continuar assim, já viu. Logo, logo, o Corint[h]ians volta a ser o timinho apavorado de sempre. Pode se agarrar na sua fé, seu Ivo, e pedir a seus orixás que deem valia ao Baltazar, que o Corint[h]ians precisa dele pra ganhar esse campeonato.

E chegaram também as cartas de dona Olga de Oliveira, do Cambuci; Maria Cecília Nogueira, de Osasco; Noelio de Castro, de Birigui; Sebastião Gonçalves, da Vila Cachoeirinha; e do Ananias Silva, do Ipiranga.

A todos, muito obrigado por terem escrito. Continuem ligados na nossa coluna e estamos sempre aqui à disposição dos amigos.

O engraçado (Última Hora de SP – Edição de 25/10/1971. Página 16 Caderno 1)

Tem coisa que por mais que eu me esforce não dá pra entender. Está certo que meu puçá não vai além da superfície e, por essas e outras, eu só pesco o que flutua nas águas barrentas em que navego contra a maré; porém, o lance que se deu no Rio de Janeiro, com certo artista do chamado teatro rebolado, é de entortar patuá. Garanto que muita cuca privilegiada vai ficar sem penetrar nas mumunhas do assunto. Vejam só.

O artista Inácio andava comendo capim amargo pela raiz. Quando eu digo que o nego está comendo capim, quero dizer que ele está mal com Deus e que o capim que se come nessa história²⁶⁰ nada tem a ver com o capim que os gastrônomos da Associação Datti, clube que congrega os gulosos de São Paulo, andam comendo por aí. No clube do Datti, eles fazem polenta de capim, maionese de capim, salada de capim, lasanha de capim, sopa de capim e tudo o mais. Mas, se sabe como é. Não é qualquer capim que merece um relincho. Os da minha história são amargos e brotam no lado das valas infectas das quebradas do mundaréu. Mas deixa isso pra lá. O que quero contar e o que pesa na balança é que o Inácio estava a perigo perpétuo. Aliás, não é ele o único artista de teatro que anda catando lata e pendurando aliança no prego. Tem gente boa na dureza. E o Inácio, que considerava sempre isso tudo, não perdia a alegria. Aliás, era de alegria que vivia. Seu negócio era contar piadas nas espeluncas mais escamosas, entre um número de strip-tease e outro das madames da companhia. Mas, mesmo rodeado de mulheres nuas, o Inácio continuou gostando de mulher. O que, tratando-se de artista, já é mais ou menos de causar estranheza. Mas, no caso de Inácio era verdade. Tanto era que um dia depois do espetáculo, quando o bruto caminhava à toa pelos caminhos estreitos e esquisitos do roçado do bom Deus, entrou num enguiço por um rabo de saia.

O esquinapo se deu quando a[s] botucas do Inácio bateram num mulherão que aparentemente estava marcando bobeira num ponto de ônibus. Sem grande rodeios. O Inácio encarnou no mulherão e jogou seu picaré. O mulherão não se alterou com a bicaria do artista. Fingia que não era com ela. Mas, essa indiferença não abalava o Inácio. Ele, sem nenhum acanhamento, ia tentando dobrar o mulherão.

Cantada é um direito humano. Todos, sem distinção de credo ou de cor, têm a sagrada liberdade de pedir. Por uma cantadinha ninguém pode ser condenado. Mesmo que a mulher não tope a cantada, faz bem a ela. Seja qual for a idade da mulher. Dá moral. Agora, o que não pode é o gabiru, ao se tocar que não grudou, passar pra linha grossa e querer esculachar ou ficar importunando a mulher que não

260 Termo atualizado; no original de jornal consta “hisotira”.

entrou na cantada. Isso é mancada. E pode dar cana. Muito embora se fosse meter em galera todo otário que importuna mulher, não haveria cadeia que chegasse.

Mas, o Inácio, apesar de insistir onde qualquer um perderia a esperança, não chegava ao ponto de ofender ou mesmo de aborrecer o mulherão. Ele agia na surdina. Atracou do lado do mulherão e, entre dentes, perguntou:

– Estás sozinha, meu amor?

Como o mulh[e]rão continuasse fechado em copas, ele deu um grande tempo de silêncio antes de continuar sua bicaria:

– Vamos dar uma voltinha, beleza?

Como não teve respostas, o Inácio se trancou outra vez por uns cinco minutos antes de voltar à carga:

– Vamos ser felizes, boneca?

Imperturbável, o mulherão continuava plantado como se não fosse com ela a charla do Inácio. E ele foi descendo o nível da cantada:

– Tão boa e surda-muda. Que pena.

E estava nisso quando piou na parada um carro da polícia e brecou bem em frente ao mulherão. Um tira grandalhão desceu do carango, aproximou-se do mulherão e, sem cerimônia, deu-lhe um beijinho no rosto. O Inácio tremeu nas bases. Mas, não se mexeu. De pronto compreendeu que o tira era assuntado com o mulherão. Mas, confiou em que o mulherão não embandeirasse a presepada. Tremendo engano. O mulherão se mostrou de mau humor e o tira logo deu o estrilo e quis saber das coisas. O mulherão entregou o Inácio:

– É esse idiota aí que tá me enchendo.

Bateu sujeira. O tira se picou de raiva e não conversou. Agarrou o Inácio pelo gogó e sacudiu-o até se cansar. Depois, com um bofetão, atirou o artista pra dentro do automóvel. Com gentileza, o tira fez o mulherão entrar e deu ordem pro chofer tocar pro distrito. Na viagem, o mulherão envenenou o Inácio. Deixou as orelhas do tira ardendo com suas reclamações. O tira, pra se aliviar, de vez em quando tocava a mão na cara do artista. E nessa catimba, quando chegaram no distrito, o Inácio já estava mais do que punido. Mas nem por isso ganhou dispensa. O delegado de plantão escutou a história do mulherão. Escutou o tira encaveirar o artista. E por fim deu a palavra pro Inácio, que foi logo se explicando:

– Doutor, eu não sou nenhum vagabundo. Sou artista.

Incrédulo, o delegado duvidou:

– Artista? Que tu faz?

Pálido de medo, tremendo como geleia, o Inácio deu as dicas:

– Sou humorista, doutor.

A delegacia retumbou. O delegado chamou outros tiras e se formou um enxame. Todos queriam ver o humorista. E começou a gozação. Até que o delegado teve uma ideia de jerico. Pediu silêncio. Mediu o Inácio da cabeça aos pés e escancarou o tira-teima.

– Bom, meu chapa, eu não tou te achando engraçado. Tu leva jeito é de pilantra. Porém, vou te dar uma chance. Conta uma anedota. Se a gente achar graça, é que tu é bom e daí tu tá livre. Se não tiver graça, é que tu é enganador e aí, já viu. Cana brava pra tu deixar de ser besta. Pode começar.

Naquela sinuca de bico, era broca pro Inácio vender seu peixe. Todos os tiras, mais o mulherão, olhavam duro pro artista. Em nenhum olhar o desgraçado sentia um estímulo. Encabulou. Custou pra se lembrar de uma piada. Seus ganchos com o público lhe escapavam da memória. Por fim, lhe ocorreu uma anedota. Quando foi abrir a boca, o delegado o interrompeu:

– Veja lá, vagau. Tem senhora no recinto.

Desse aviso, os tiras morreram de rir. Mas, só foi o Inácio tomar posição pra atacar seu papo, todos fecharam a carranca. Nervoso, embaraçado, entalhado, humilhado, avacalhado, o Inácio, que já não era bom, porque se fosse estaria na televisão e não no mafuá onde estava, se embananou. Contou o fim da piada antes do começo e foi uma gronga. Quando parou de falar, notou que não tinha agradado. O ambiente parecia de velório. Os tiras espiavam o artista com expressão de quem não entendeu bulhufas. O Inácio, por sua vez, só soube rir amarelo. E ficaram nessa zonzeira até o delegado dar a sentença:

– Tu é fajuto pra chuchu. Aqui ói que tu é artista. Tu é vagabundo. E vai descer.

Sem mais quás-quás-quás, os tiras cobriram o Inácio de bofetão e foi nessa base que ele foi levado pro xilindró.

O fim do mundo (Última Hora de SP – Edição de 26/10/1971. Página 16 Caderno 1)

Abro o jornal e a primeira notícia que me bate na cara me deixa pálido de espanto. Mal acredito no que esses olhos que a terra há de comer um dia veem escancarado. Leio e releio. Pensei até que fosse erro de impressão. Mas, que nada. Nos outros jornais, a confirmação me deixa duro e abilolado. Não é engano. Os gastrônomos de São Paulo, o simpático pessoal do clube Datti, promoveram o Festival do Capim. Me agarro no meu patuá de fé e de valia e continuo xeretando na novidade. O tal Festival do Capim ia ter mil e uma mumunhas. Sopa de capim, lasanha de capim. Refresco de capim, salada de capim e tal e coisa. E os gulosos, sem cerimônia, numa verdadeira maratona, iam estraçalhar o rango só pra provar que o alimento do futuro é o capim. O campeão dos gastrônomos – que é capaz de comer numa tacada, sem sair da mesa, onze quilos de feijoada, beber uma dúzia de cerveja e ainda empurrar pro pandulho três filões de pão – dispensou tudo pelo capim. Até aí o perereco está direito. Achei muito nobre os gulosos comerem capim e, dessa maneira, darem uma saída pro povão que anda se batendo pelas quebradas do mundaréu, se agarrando em fio desencapado, matando cachorro a grito, jacaré a beliscão, dando nó em pingo d'água e os cambaus.

Veja só como seria legal pra tu, que sempre pega a pior, tu que só come da banda podre, tu que mora nas berbas do rio e quase se afoga toda vez que chove, se o capim começa a piar nas paradas dos restaurantes mais chiques da cidade. Quando tua filharada metesse a boca no trombone estrilando de fome, tu não precisaria se atucanar, nem ter ideias de jerico pra acabar com a gronga. Bastava ir na vala do portão do teu mocó e colher nesse viveiro de infecções o capim necessário pra alimentar a família toda. Naturalmente que não seria apanhar o capim e servir. Era preciso um trato especial. Ferver o capim. Botar sal. E aí, sim, comer o bruto.

Estava fazendo essas considerações todas e, como faço sempre que estou embatucado com um assunto, me mandei pra Barra do Catimbó a fim de rachar o problema pro mestre Zagaia e ver o que ele tinha a dizer. Mestre Zagaia, velho cabo de esquadra, que viajou sem bandeira por muita água barrenta, que bateu perna à toa pelos caminhos mais estreitos e esquisitos do roçado do bom Deus, encarou batalhas tinosas, sabe dos macetes. Foi na luta que mestre Zagaia ganhou os cabelos brancos, as rugas e as cicatrizes que são as divisas que lhe dão consideração por parte dos vagaus mais ouriçados. Mestre Zagaia bolou a Tabuada das Candongas pra servir de farol pra nego que anda marcando bobeira. Suas dicas

são sempre bússola pra quem está com a zorra pega. E esse era meu caso diante do capim que os gastrônomos estão lançando como alimento.

Mas, quanto mais o povão reza, mais fantasmas aparecem. Assim que botei a fuça na Barra do Catimbó, me entralhei. Na rua mais esburacada, cheia de lama, com vala dos dois lados e capinzais de abrigar jacaré, turmas da prefeitura se preparavam pra iniciar trabalho. Duvidando do que via, me cheguei ao chefe dos trabalhadores e, vencendo meu acanhamento, quis saber o que iam fazer. O homem, sem rodeio, deu as explicações:

– A gente vai arrumar esse bairro. Botar a manilha nas valas, acabar com esse matagal e depois asfaltar a rua.

E sem até logo, foi metendo os peitos no trampo. Eu, de minha parte, concluí que pobre é pé frio mesmo. O povão da Barra do Catimbó tá aí mesmo pra não deixar ninguém mentir. O Oscar Vaselina, eterno candidato a vereador, sempre lutou pra dar um fim nas valas do bairro, pra calçar as ruas, pra acabar com as valas e nunca conseguiu. Foi só alguém valorizar o capim pra prefeitura ir lá e liquidar com a plantação da Barra do Catimbó. O que vem mais uma vez dar razão pro Mestre Zagaia, quando ele diz:

– Se cabelo tiver valor, pobre nasce careca.

Mas, não é só o lance do capim que deixa a gente zozinho. Outros existem do mesmo naipe. O rosto de Jesus Cristo que apareceu numa pedreira também balança nossas bases. Alguém descobriu o mistério e esparramou. O bochicho se alastrou loguinho uma verdadeira multidão veio rezar na pedreira pedindo ao Senhor Jesus uma estia pros revertérios dessa vida.

Pediam de tudo. Desde cura pras pernas inválidas até um bom palpite pra Loteria Esportiva. Mas, o Jesus da pedreira não fez milagre nenhum. Porém, mesmo assim, a gentinha aflita foi se encostando e o campo de futebol que havia ali muito perto ficou apinhado de nego. O lugar ficou a três de alto, com muito fervoroso se agarrando pelos picos. Não tardou para a moçada trepar no barraco que servia de vestiário pro timeco do campo, pra dali verem melhor o Cristo da pedreira. E ficaram nessa até que domingo, quando o treineiro do timeco abriu o barracão pra pegar o material esportivo e se entortou. Bola, apito, camisas, chuteiras tinham sumido. Algum ladrão mandou o uniforme do timeco. E agora já bagunçou o pedaço. Duas torcidas se formaram: uma contra, outra a favor do Cristo da pedreira. Uns acham que foi um milagre o sumiço das camisas do timeco. Dizem que o timeco é tão ruim que Deus não quer que eles joguem. Outros acham que o Cristo da pedreira veio pra cumprir uma verdade bíblica: “A quem muito tem, muito lhe será dado; e a quem nada tiver, o pouco será tirado”.

E parece que essa versão é a mais correta. Porque com o sumiço das camisas, a pouca alegria da gente do timeco acabou.

Mais um caso para o Plonka (Última Hora de SP – Edição de 27/10/1971. Página 16 Caderno 1)

O Ivaldir, pelo jeitão, não era de matar ninguém. Mas também não era de recusar. Se encontrava morto, mandava ver. E foi dessas que ele se entortou. Sexta-feira, quando ele saiu do trampo, ficou batendo papo furado com uns cupinchas até tantas. Na hora em que os amigos resolveram ir embora, naturalmente ele, que não era de falar sozinho, também se preparou pra se mandar. E foi justamente nesse momento que suas botucas de ver viram três piranhas de short. Foi o bastante pra brotar na cuca do moço uma ideia de jerico. Ele se ligou no remelexo das piranhas e

só lamentou que os seus parceiros tivessem caído fora antes daquela aparição. Três minas de uma vez não era muito pedal. Sabe como é. O nego atraca. Dá uma pala em cima das mais bonitinhas. A mais feinha pega a corda. A mais bonitinha, confiando na sua embaixada, fez denngo. A mais ou menos, só pra chatear, avisa que é tarde e que precisa chegar em casa na hora e, com essas e outras, complica o lance.

Bom é quando em cima das três piranhas vão três gabirus. Daí não tem chibu. Com o trato feito antes, sempre tem acerto. O que tem mais bicaria ataca na melhor, outro fica com a mais ou menos e, previamente escalado, um vai pro sacrifício e segura as pontas com o bagulho.

Foi nisso que o Ivaldir se ligou quando se tocou nas piranhas. Acontece que as minas estavam dando bola e ele não vacilou em se chegar, sozinho mesmo. Na sua cachola houve mil considerações. O rapaz até pensou, pra ganhar embalo. “Não vou dispensar essas minas. Afinal, não é todo dia que meu horóscopo tá bom.” Foi firme e, sem fazer cerimônia, deu o alô de galã suburbano:

– Como é, belezas? Tamos aí.

As piranhas mediram o Ivaldir dos pés à cabeça e logo se mancaram que o rapaz não era de fazer coalhada com leite de sapo. E sem levarem fé no estrilo do Ivaldir, uma delas sacou a navalha e deixou o rapaz numa sinuca de bico:

– Passa a grana, otário.

Trabalhador como era, o Ivaldir sentiu o aroma da perpétua. Com a vida custando os olhos da cara como anda e seu dinheiro ganho no batente sentido e suado, seria muito esculacho entregar a carteira numa congesta cavernosa desse naipe. E sem maiores milongas, o Ivaldir não se rendeu pras piranhas. Tacou com a mala de carregar marmitta na fuça da que estava mais próxima e partiu pra luta. Só pena que voou. As três piranhas se atracaram com ele e foi aquele forrobodó. Uma briga pra valer. Até que o Ivaldir estava se saindo bem contra as três piranhas. Não se sabe de onde surgiu reforço pras bandidas. Mais cinco piranhas de short caíram em cima do Ivaldir e não deu mais pra ele aguentar o repuxo. Com um talho nas costas e alguns arranhões na fuça, o galã foi largado [e] entregue às traças no meio da rua. As pistoleiras apanharam a maleta da marmitta e se pinotearam pras encolhas, certas de que fizeram uma tremenda façanha.

O Ivaldir, assim que se viu livre, foi procurar socorro. Por sua vontade, deixava o caso por isso mesmo. Porém, no hospital em que ele foi se tratar, o regulamento era seguido sem fajutagem. Todos os casos de ferimentos dessa ordem são comunicados para [a] polícia. No caso do Ivaldir, não deu outra coisa. A lei foi colocada por dentro do assunto, os repórteres souberam, a notícia se espalhou e tudo ficou escancarado.

Mas o Ivaldir não foi o primeiro a entrar nessa fria. Muito nego de valor provado tem tomado uma dura da quadrilha das piranhas de short. Só que a negada que entra nessa gelada se fecha em copas. Ninguém é trouxa de botar a boca no trombone pra reclamar desse tipo de salseiro. Numa presepada dessa, a vítima sempre vira esparro. Por isso mesmo, o tira Marcos Plonka já entrou em ação pra tentar dar um flagrante nas piranhas de short. Ele, na verdade, não acredita muito que sejam mulheres que estão nessa gronga. Acha, o competente tira, um pouco por intuição e outro pouco por uma experiência vivida numa aventura romântica onde ele mastigou gato por lebre, que tem linguíça embaixo do angu. O tira Marcos Plonka está desconfiado que os assaltantes são homens disfarçados de mulheres. Truque muito usado na Praça da República, mas com outra finalidade.

Por isso, o Marcos Plonka não está brincando em serviço. Ontem mesmo, no Bar do Jeca, ali na esquina da Ipiranga com a São João, o tira se reuniu com seu eficiente auxiliar Elias e, na presença de enorme torcida, apresentou seu plano pra ferrar o perigoso bando do short. O Elias vai campanear os delicados rapazes que andam espalhando que mulher dá câncer, enquanto ele, Plonka, investiga o mulherio vadio capaz de aprontar uma façanha.

Segundo o tira, há muito tempo ele não pegava um serviço que o entusiasmasse tanto. Já o Elias está²⁶¹ bastante desanimado com a parte que lhe coube no misterioso caso.

De todas as formas, o tira Plonka vai em frente e já recebeu muitas provas de solidariedade das pistoleiras honestas, que estão ansiosas para que o caso seja resolvido rapidamente e que as culpadas sejam encanadas, para que elas possam voltar a usar o short, coisa que saiu um pouco de uso entre elas, que tudo fazem pra evitar suspeitas.

O troco (Última Hora de SP – Edição de 28/10/1971. Página 16 Caderno 1)

Tem coisa que realmente é de entortar o patuá. O negócio do troco é bem desse naipe. O nego entra num ônibus, dá uma nota de quina pro cobrador e já pode ir contando com um alô rabugento e entre-dentes:

– Não tenho cem.

Daí o nego é obrigado a pedir mais dicas:

– Como é que faz?

E terá, depois de abrir a boca, que aturar os olhares atravessados do cobrador que, certo de estar com a razão, vai tirando de letra:

– Tem que esperar.

O freguês geralmente espera. Que pode fazer? E essa espera é outra gronga. Os mais preocupados em perderem com mirréis ficam em volta da borboleta do ônibus, paquerando o pesqueiro pra ver se pia na parada algum dinheiro trocado, pra apanhar logo o seu. Mas, normalmente, o que acontece é ficar uma patota de respeito em volta do cobrador até quase o fim da linha. E quando um deles vai descer, reclama:

– Como é que é? Vou descer.

O cobrador nessa hora não ouriça muito. Apenas se explica:

– Não entrou nenhuma de cem.

Pro passageiro esse é o maior esculacho. Ser chutado em cem cruzeiros aborrece. Porém, a única atitude que a maioria toma é descer chiando:

– Por que esses negos fajutos nunca têm nota de cem? Eles são grupeiros. Só podem ser. As companhias dão troco pra eles. Mas os desgraçados enfurnam o troco pra ficarem com os cem mangos dos passageiros. São uns pilantras. Não sei porque não aumentam logo a passagem pra quinhentos.

Diante do escarcéu²⁶² do passageiro que desce sem levar o seu troco, o cobrador se fecha em copas. Escolado no assunto, sabe que pelo menos uns quatro ou cinco passageiros estão de acordo com o que bota a boca no trombone. Pro cobrador, então, o remédio é se fingir de vítima:

– Não sei onde anda o troco. Nessa viagem não entrou uma nota de cem. Se entrasse, eu ia dando. Juro por essa luz que me ilumina que não estou a fim de ficar com a grana de ninguém.

261 Termo atualizado; no original de jornal consta “estão”.

262 Termo atualizado; no original de jornal consta “escorcéu”.

Mas, na verdade, no fim do dia um cobrador maneiro fatura uns trinta ou quarenta contos só na toada da falta de troco.

Não que haja troco na praça. Não há. O dinheiro miúdo está sumindo. E o graúdo, o povão nunca viu. Por isso, a impressão que se tem é a de que, a qualquer momento, o pessoal que come da banda podre vai viver da troca, como foi o caso que eu vi com as minhas botucas de ver. O rapaz entrou no boteco e fez o pedido:

– Me dá um maço de cigarro e um café.

Claro que ele disse a marca do cigarro. Eu não repito pra ninguém achar que estou fazendo propaganda. O negócio é botar azeitona na empadinha dos outros. O que pesa na balança é o perereco. E o dono do boteco armou um de saída:

– Vê se dá trocado.

Berrou isso e botou no balcão da caixa o cigarro e a ficha do café. O rapaz, meio folgado, nem tomou conhecimento do pedido do botiquineiro. Esticou uma nota de cinco e, sem a mínima cerimônia, abriu o maço de cigarro. O dono do boteco, ao ver a nota, reclamou pra chuchu. Pegou uma caneta e um papel e fez a soma da despesa, que ele não era nenhum prodígio pra fazer cálculo de cabeça. Os duzentos mangos do café, mais um conto e duzentos do cigarro, por incrível que possa parecer, deu na conta do botiquineiro os mil e quatrocentos que deviam dar. Mas o re-²⁶³

– Eu não vou ter cem magotes pra te dar de troco.

– Eu não vou ter cem magotes pra te dar de troco.²⁶⁴

O rapaz, plantado na frente da caixa, continuou fumando tranquilamente. Já o dono do boteco, afobado, procurou nas gavetinhas o troco. Trouxe apenas três e quinhentos. Deu no freguês e, enquanto esse conferia, o dono do botequim juntou uma bala de hortelã ao dinheiro e explicou:

– Não tenho cem. Leva uma bala.

Deu chibu. O rapaz azedou e rebateu:

– Tá ficando louco, cutruco? Tu pensa que eu sou algum otário pra ser chuveirado? Deixa de truque e manda meu dinheiro direitinho.

A dura do freguês avacalhou a guerra. O dono do boteco se entralhou:

– Ou levas a bala, ou te fico a dever os cem mangos.

Isso dito no tom em que o botiquineiro disse souu nas orelhas do rapaz como se fosse uma congesta. E ele não gostou e engrossou:

– Aqui ói. Não tem esse negócio de “devo” comigo.

Se contendo, o dono do bar tentou um acordo:

– Levas um chiclete.

A negativa veio em cima:

– Sem essa.

E daí se seguiu um papo tihoso:

– Que queres então?

– Meus cem mangos.

– Não tenho. Levas a bala e fim.

– Fim uma ova.

– Quem mandou não trazer trocado?

– Quem tem que ter troco é tu que é o dono dessa droga.

– Mas que posso fazer se não entra troco?

– Fecha essa porcaria então. Agora, o que não pode é ficar com o dinheiro dos outros.

263 Do original de jornal: a frase está suspensa desta forma reproduzida.

264 Do original de jornal: a frase estranhamente repete a anterior.

– Eu não quero ficar com dinheiro de ninguém. Não tou te dando a bala?
– Uma bala de água com açúcar por cem mangos? Tu tá é querendo ser mais malandro que a malandragem.

A palavra malandro pro dono do boteco pegou mal. Ele, que era um homem de trabalhar dia e noite, ficou bastante ofendido e quis logo desfazer o negócio:

– Malandro é tu que nem dinheiro trocado tem. O melhor é devolveres o cigarro e eu devolvo o teu dinheiro. Tu vai comprar teu vício em outro lugar.

O rapaz, sem muita mumunha, botou o maço de cigarro aberto no balcão e a ficha de café. O dono do boteco, sem reparar, entregou o dinheiro que o freguês tinha lhe dado. Quando foi guardar o maço de cigarro é que viu como estava. O rapaz já ia caindo fora. O dono do boteco picado de raiva, chamou-o. O botinqueiro perdeu a cabeça, puxou um revólver debaixo do balcão e, sem mais conversa, deu no gatilho. Acertou em cheio na moleira do rapaz, que desabou estarrado. Louco de ódio, o dono do botequim selou:

– Tá aí a bala que tu não queria, paspalho.

E deu pinote pra se livrar da cana.

Uma prova de honra na Barra do Catimbó – capítulo 1 (Última Hora de SP – Edição de 29/10/1971. Página 16 Caderno 1)

O Azevedo do Apito é um homem honrado, trabalhador, excelente marido e pai de três filhas já moças. Porém, tem a mania besta de ser juiz de futebol. E devido a essa gronga encarnada, aos domingos não quer saber de nada. Chova de transbordar rio, ou faça sol de rachar mamona, o Azevedo do Apito esquece a família e sai pelas quabradas do mundaréu à cata de uma pelada qualquer onde possa ser o mediador. E foi graças a essa sua ideia de jerico que o Azevedo do Apito ganhou fama de batusquela. E só mesmo um cuca gira é que poderia ter coragem de servir de juiz num jogo importante como seria a prova de honra do festival que o Esporte Clube União da Mocidade Alegre, Independente e Cultural da Barra do Catimbó iria realizar contra o Amor e Glória, em comemoração ao seu sétimo ano de vida.

Naturalmente, o Azevedo do Apito, ao ser convidado por esse perereco, retumbou de alegria e aceitou na hora, sem considerar que o E. C. M. A. I. C. B. C. e o Amor e Glória eram inimigos dos mais ouriçados e nunca uma partida entre os dois havia chegado ao fim. Nem mesmo as amistosas, o que daria pra qualquer pessoa de cachola mais ou menos firme perceber qual seria o desfecho de um jogo, entre os dois times, com tantas responsabilidades como seria o da prova de honra, onde entraria em disputa um tremendo caneco. Mas, nada pesava na balança pro Azevedo do Apito e, se ele topou, na hora do jogo estava lá firme.

Uma verdadeira multidão deu as fuças no campo da E. C. M. A. I. C. B. C. pra ver aquele pega que prometia ser de marcar época na várzea da Barra do Catimbó. Ambos os times tinham enormes torcidas. E quando elas baixavam num lugar era pra encarar o que desse e viesse. Os torcedores do dono do campo nesse dia eram muito mais numerosos do que os do Amor e Glória. E um truque do seu Azulão, presidente do E. C. M. A. I. C. B. C. tinha contribuído pro crescimento da sua banda. Ele prometeu que haveria uma chopada pra sua gente, logo após o jogo. E muito nego, ao saber desse negócio, imediatamente se converteu em fanático torcedor do glorioso time do seu Azulão.

Esse reforço repentino foi tão considerável, que permitiu que a curriola do E. C. M. A. I. C. B. C., antes mesmo do jogo começar, esculachasse o gango do Amor e

Glória. Numa catimba das mais tinosas, o pessoal do time festeiro furou os instrumentos da escola de samba que os visitantes trouxeram pra incentivar seus jogadores. Essa façanha não foi mole. Só pena que voou. Mas, não sobrou um tamborim do Amor e Glória inteiro. E só com muito esforço conseguiram despartar a pauleira. Foi preciso o seu Azulão usar todo seu prestígio pra serenar os ânimos. E se o fez foi porque não queria que nada estragasse o jogo. Então, com energia, convenceu os torcedores pra transferir a briga pra depois da partida. Os de sua patota concordaram pra agradar o homão que ia dar o chop e os do Amor e Glória se acanharam porque não viram jeito de aguentar o repuxo. Se fecharam em copas e mandaram um pivete ir buscar reforço no seu reduto. Mas, ficaram picados de raiva e jurando forra.

E foi esse o clima que o Azevedo do Apito encontrou quando chegou. Mas, ele nem se tocou. Ser o árbitro daquele pega medonho era a sua maior glória. E sem fazer cerimônia, o Azevedo do Apito tomou conta do ambiente. Mandou seu Azulão instalar uma mesa numa lateral, bem na altura da linha divisória do campo, e ali expor o caneco. Depois de atendido nessa sua vontade, o Azevedo se plantou no grande círculo e se botou a apitar chamando os times.

Os primeiros a entrar no campo foram os jogadores do E. C. M. A. I. C. B. C. Eles se apresentaram com todas as milongas dos grandes craques. Entrar correndo em fila, com o goleiro na frente, e saudaram a torcida. Depois se espalharam e começaram a bater bola. Essa presepada agradou. Mas, o que mais chamou a atenção foi o uniforme novo que eles estavam estreitando. Camisas de riscas horizontais azuis e vermelhas. Calções brancos. Meias de riscas verticais, das mesmas cores da camisa. Já o Amor e Glória entrou meio na surdina, sem fazer nenhum escarcéu. Seus jogadores foram surgindo em campo discretamente, um a um. Alguns até ficaram mais na moita. Sentaram-se na margem do campo, junto da sua curriola e só foram pra[s] suas posições depois que os capitães dos times tiraram toques. Quem escolheu o lado foi o Amor e Glória. A saída coube ao dono da casa, que além de embandeirado estava com sua força total: Chupeta, Chiclete de Onça e Chico Preto; Nonô, Ranheta e Facada; Pé de Bicho e Glória se alinharam: Gircão, Cativeiro e Zanolha; Zambeta, Cheiro de Vaca e Glostora; Mil e Um, Tisiu, Ronqueira, Pintado e Espirro. Antes de começar o jogo, atendendo ao pedido do presidente do Amor e Glória, o Azevedo do Apito fez observar um minuto de silêncio por intenção da alma do Zulu, ponta-esquerda titular, que no sábado tinha sido estarrado pela polícia num tiroteio. Esse minuto foi comprido pra chuchu²⁶⁵. E acabou quando a torcida, impaciente, vaiou. Só daí é que o Azevedo do Apito mandou a bola rolar.

Já nos primeiros lances pode se perceber que a pelada ia ser na base do pau puro. Mal o Vareta movimentou a redonda pro Zé do Bagulho, esse esticou pro Alvaiade. Mas, mesmo antes do ponta tocar na bola, o seu marcador Glostora lhe deu uma sarrafada que o levantou do chão uns dois metros. Guiando-se pelo seu princípio que não se deve interromper o jogo à toa, o Azevedo do Apito não tomou conhecimento. Deixou a partida andar. Isso fez a torcida urrar. Porém, não abalou o juiz, que continuou acompanhando a bola, que sobrou pro becão Cativeiro que, de bico, mandou-a pra frente. O balão subiu e foi descer na linha média do E. C. M. A. I. C. B. C. O Chiclete de Onça e o Ronqueira entraram na jogada, mas a bola bateu num efeito do campo e enganou os dois, sobrando pro Tisiu, que estava livre. Ele teve tempo de ajeitar como quis e encher o pé. Saiu um foguete direto pro gol. Estava escancarado que seria impossível pro goleiro Chupeta pegar. Mas, o Chico

265 Termo atualizado; no original de jornal consta “xuxu”.

Preto, que vinha na corrida, sem querer ficou na trajetória da bola e a recebeu em cheio na cara. Com a bolada, o beque desabou. O melado jorrou do seu nariz. Porém, a bola foi desviada do gol e saiu fora. Sem vacilar, o Azevedo do Apito soprou na latinha. E quando todo mundo pensou que ele havia marcado escanteio, o batusquela apontou a marca de pênalti.

(continua)

Uma prova de honra na Barra do Catimbó – capítulo 2 (Última Hora de SP – Edição de 30/10/1971. Página 16 Caderno 1)

Resumo do capítulo anterior: O Azevedo do Apito, pra espanto de todos, marcou um pênalti contra o E. C. M. A. I. C. B. C., sem considerar a enorme torcida que esse time tinha ali presente. O pior de tudo é que a bola bateu no rosto do beque.

II capítulo

Quando o Azevedo do Apito apontou a marca de pênalti, a bobeira foi geral. Nem os jogadores do Amor e Glória, que seriam beneficiados com a falta, botaram fé na decisão do Azevedo. O Chico Preto estava tombado no chão, com a fuça toda ensanguentada, como querendo provar onde a bola acertou. Mas, o Azevedo do Apito não fez marola. Correu pra dentro da área e foi berrando pra retirarem o Chico Preto de campo. Na sua cachola de batusquela, nem de leve era previsto o perigo em que se encontrava. Marcar um pênalti existente contra o glorioso E. C. M. A. I. C. B. C. já precisava uma tremenda coragem. Pra marcar um pênalti que não houve, só mesmo estando de miolo mole. E aquele realmente não tinha acontecido. A multidão toda presenciou o lance. O próprio ponta-esquerda do Amor e Glória, o Espirro, levou a bola pra quina do campo e se ajeitou pra bater escanteio. Foi preciso o próprio Azevedo do Apito ir buscar a bola pra colocá-la na marca de pênalti, para que jogadores e torcedores se tocassem na realidade.

Essa confusão esfriou um pouco a torcida, que custou pra entender e pra dar a bronca. Assim mesmo, o estrilo foi micho. Invadiram o campo e deram umas peitadas no Azevedo do Apito que, em dia de grande inspiração, botou a boca no trombone e fez uma ameaça violenta:

– Ou toda a curriola sai do campo, ou suspendo o jogo! Não sou nenhum palhaço. Dei pênalti e acabou. Vai ser batido o pênalti.

Talvez por ainda estar no princípio da partida e por saber que ia ter que passar muita água embaixo da ponte antes do final, a negada engoliu enrolado. O próprio Azulão, presidente do E. C. M. A. I. C. B. C., pediu pra sua torcida deixar o gramado. O que só foi atendido em parte. A patota parou de ouriçar o juiz. Limparam a área. Porém, ficaram em volta, azucrinando o pessoal do Amor e Glória. Catimbaram pra ver se, na afobação, o craque escalado pra chutar o pênalti batia pra fora:

- Eles tão nervoso.
- Vão dar na mão do goleiro.
- Se marcar gol, a gente estarra o desgraçado.
- Tem que chutar fora. Se a bola entrar, já viu.

Claro que esse perereco deixou os boleiros do Amor e Glória meio bambeados. Ninguém queria bater o pênalti. Um empurrava a tarefa cavernosa pro outro. Por fim, o capitão do time, Zambeta, fez ver sua autoridade e deu uma ordem expressa:

– Chuta o Cheiro de Vaca. Ele tem um bico que fura rede. Não vai ser esse goleiro aí que vai pegar.

Sem mais mumunhas, o Cheiro de Vaca se aproximou da bola. Se benzeu e, sem tomar conhecimento das vaias, ajeitou a redonda numa toceira. O becão adversário, o Chiclete de Onça, reclamou. E pra mostrar que era pra valer, deu um chute na bola e ela foi cair na vala.

Louco de raiva com o desrespeito, o Azevedo do Apito mandou o beque ir buscar a bola. E no auge da sua empolgação como juiz, o Azevedo do Apito ameaçou:

– Ou vai buscar a bola, ou tá expulso.

Não prestou essa pala do juiz. O Chiclete de Onça, se envenenou e deu um recado pro Azevedo do Apito:

– Tu vá gritar com a vaca que te botou no mundo. E não vou buscar bola nenhuma e não vai ser tu que vai me obrigar. E tem outro negócio: se tu me expulsar, te quebro em dois.

Tem coisa que não dá pra entender. Claro que eu sei que meu puçá não vai além da superfície e, por essas e outras, eu só pesco o que vem à tona. Mas, acho que nem as cabeças mais privilegiadas desse tempo mau em que vivemos saberiam explicar a gronga que encarnou no Azevedo do Apito. O que deu pra entender é que ele se encheu de razão e confirmou a decisão:

– Ou busca a bola, ou fora!

Bateu sujeira. O beque quis pular no gogó do Azevedo do Apito. Seu Azulão, presidente, teve que fazer das tripas coração pra proteger o árbitro. A torcida voltou a se assanhar e não foi fácil contornar a sinuca. Mas, no meio do bolo, um pivete que tinha ido pegar a bola na vala a recolocou no lugar que o juiz queria. Seu Azulão aproveitou pra aliviar a quizila. Engrupiu o Azevedo do Apito com uma cascata:

– Olha a bola aí. O beque já foi buscar.

O Azevedo do Apito aceitou a papeada e deu ordem pra baterem o pênalti. Pra torcida, o Azulão explicou que era pra deixar andar. Serenados os ânimos, tudo voltou ao que era. O goleiro Chupeta se plantou embaixo da trave, dançando com panca de quem acredita que vai ter sucesso, e o Cheiro de Vaca, ao escutar o trinado do apito, encheu o pé na bola. Não teve erro. Gol. A torcida do Amor e Glória, que estava acanhada pela violência que sofreu logo que chegou, desencabulou e se embandeirou. Fez uma tremenda algazarra pra comemorar o gol. Isso irritou os torcedores do E. C. M. A. I. C. B. C. E teve início a maior briga da paróquia. A biaba comeu solta. Torcedores e jogadores saíram no tapa. Foi um salseiro de dar medo.

Mas, o Azevedo do Apito nada sofreu. No meio da bagunça, ele foi esquecido. E como bom juiz que era, fez tudo como devia ser feito por um bom juiz. Esperou quinze minutos e, vendo que a briga não parava, expulsou os vinte e dois jogadores, muito embora ninguém tomasse conhecimento da sua decisão. Ele deu o jogo por encerrado. Pegou a taça e saiu de fininho, sem dar até logo. Levou a taça pra sua casa e fez o maior farol diante da mulher e das filhas.

Já o povão do E. C. M. A. I. C. B. C. e do Amor e Glória, quando a briga acabou, lembraram-se da taça. Procuraram o caneco e naturalmente não o acharam. Ambos os bandos puseram a culpa no inimigo pelo sumiço da taça[.] Mas, por isso mesmo. Eu acho que a taça ficou realmente em poder de quem a mereceu.

FIM

3.8 – As crônicas de novembro de 1971 – Coluna Navalha na carne

Otávio das Velhas, galã de cemitério (Última Hora de SP – Edição de 1/11/1971. Página 16 Caderno 1)

Tem nego que bola as maiores presepadas pra ver se acerta o milhar na sua vida. O Otávio das Velhas era bem desse naipe. Fazia qualquer catimba pra ficar rico. Não se conformava de ser duro. Porém, também não queria se chegar ao trampo. Na sua escola cheia de ideia de jerico, sempre brotava pensamento dessa ordem:

- Quem trabalha não tem tempo de ganhar dinheiro.

E aí, já viu. O bruto remava sua catraia em águas barrentas e contra a maré, mas não se rendia ao batente. Tateava no escuro, se atucanava nos mais escamosos esquisitos e estreitos do roçado do bom Deus. Fazendo das tripas coração, arrumando enguiços medonhos, vendo-se em palpos de aranha, tendo de fazer coalhada de leite de sapo e comendo capim amargo pela raiz. O Otávio das Velhas, em nenhum momento, perdia a fé de se aprumar num golpe de sorte. E, por essas e outras, fazia tudo que se podia pra ajudar o destino a adiantar seu lado. Entrava em todos os lances. Apostava na loteca esportiva, jogava no bicho, ia no Prado de madrugada xeretar no apronto dos cavalinhos, metia o bedelho nas conversas de cocheira a fim de descobrir as barbadadas.

Porém, todo esse perereco de jogo era pro Otávio das Velhas uma questão de linha auxiliar. No fundo da alma, ele acreditava que sua situação ia ficar legal com a ajuda do mulherio. Não que ele se achasse um boa pinta. Que nada. O Otávio das Velhas, de tanto se espiar no espelho, manjava as limitações de sua estampa. Mas não tomava conhecimento desse detalhe. Seu investimento era em cima da solidão humana. Aliás, vinha dessa gronga seu apelido de Otávio das Velhas. Ele era galã de coroa. Pescador de fortuna, não vacilava em engrenar romance com as vovós assanhadas. Mas, por maior esforço que o bruto fazia, não descobria nunca o mapa da mina. Se vestia elegantemente, no melhor estilo de antigamente e dava carga. Não se acanhava nem um pouco de fazer presença com coroa em lugar de movimento, nem nada. Mas, apesar de tudo, na hora de conferir o baú era o esquinapo. As velhotas que ele apanhava eram sempre pobretonas vivendo da aposentadoria do falecido marido. Isso acontecia muitas vezes. Mas, não desanimava o Otávio das Velhas. Achava ele que tudo servia de treino pra hora da decisão. Quando se botasse diante da coroa rica, não ia ter chibu. A lamentar só tinha a falta de ambiente nas rodas granfinas. Nessas paradas que piam as velhas endinheiradas, ele não conseguia penetrar. E foi por se tocar que o picaré tinha que ser atirado nas águas certas é que ele montou um pesqueiro de entortar o patuá. Considerou que, depois de morto, todos vão pra baixo da terra e, sem fazer cerimônia, aproveitou o dia de Finados pra se plantar no Campo Santo.

A tática do Otávio das Velhas era simples e eficiente. O bruto apesar das flores andarem custando os olhos da cara e as velas também, investia um capital nos badulaques. Com flores e velas, ficava vagando pelas alamedas do cemitério como se fosse uma alma penada, até ver uma mulher enlutada soluçando diante de uma campa. Pela arquitetura da última morada do falecido, o Otávio das Velhas já se flagrava se valia ou não uma charla na viúva.

Se decidia atacar, fazia com muita mumunha. Aproximava-se com expressão de papa-defunto, mas nunca as velhas desconfiavam daquele mau ator. Ele depositava as flores do túmulo. Acendia as velas. Depois, ajoelhava-se ao lado da mulher que estava rezando, e fingia rezar também. Mas, espiando de esguelha, ia sacando a viúva. Podia medir tranquilamente o alvoroço que provocava na velha do

seu lado. E por aí tirava a média das dificuldades que iria encontrar pra ter assunto com a velha. Geralmente concluía que não haveria complicação e entrava de sola. Na hora em que ele se mexia, dando a impressão de que já tinha cumprido o seu papel, a viúva se apressava em se benzer e se botar em pé. Era sinal de que a danada, no mínimo, estava curiosa em saber quem era aquele cidadão que era tão fiel ao morto a ponto de não se esquecer de, no Dia de Finados, trazer flores e acender velas. Pro Otávio das Velhas, era uma moleza quando se dava isso. Bastava ele ficar em pé e olhar pra viúva ao seu lado com cara de cachorro pidão, que a mulher puxava a trela:

– Ainda que mal pergunte, mas o senhor era amigo do meu Anastácio?

Afetando emoção, o Otávio das Velhas suspirava fundo e tacava na bucha da viúva:

– E como! Acho que foi o único homem honesto que pisou nesse planeta de provações. Lhe devo muito.

Naturalmente, a velha se enredava. E não tinha uma que não quisesse saber mais.

– Mas ele nunca me falou do senhor. Pelo menos eu não me lembro.

Sem perder o ar de bezerro de presépio, o Otávio esticava a cascata:

– Ele era assim mesmo. Fazia o bem, sem fazer propaganda. Grande homem. Ele me salvou a vida. Impediu que eu me suicidasse. Se a senhora dispuser de um tempinho, lhe convido pra tomarmos um refrigerante e lhe contarei tudo.

Essa pala era pau e bola. Mesmo que estivesse atrasada, a velha entrava na marola do Otávio e ia com ele pro boteco da esquina. Sem grande rodeios, o vagau contava uma história comprida, onde o falecido pintava de heroico benfeitor e ele, Otávio, de desesperado e trouxa. Com frases abafadas do J. G. de Araújo Jorge, o Otávio fazia a velha ouvinte se debulhar em lágrimas. Daí, concluía em tom retumbante:

– Ele me salvou. Devo o que sou a ele. Se pudesse fazer alguma coisa pela senhora, faria. Sei que onde ele estiver ficará contente.

Nessa cantada, a velhota caía fácil e o Otávio, em três tempos, se inteirava das bases econômicas da mulher. Se valia a pena, se insinuava de amante e acabava procurador da distinta. E foi nessa base que ele enriqueceu. Mas, como se trata de um batalhador, amanhã ele estará firme no cemitério.

O xereta (Última Hora de SP – Edição de 2/11/1971. Página 16 Caderno 1)

Mestre Zagaia, velho cabo de esquadra, que já navegou sem bandeira por muita água barrenta e bateu perna à toa nos caminhos estreitos, esquisitos e escamosos do roçado do bom Deus, antes de abrir seus olhos de ver, e espiar os lances mais cheios de mumunhas e mistérios. Foi encarando os salseiros cavernosos que o velho cabo de esquadra ganhou os cabelos brancos, as rugas e as cicatrizes, que são as divisas que lhe dão direito a pala até do vagau mais tinoso que perambula nas quebras do mundaréu, desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, até onde o pilantroso apalpa de mansinho. E foi pra servir de luz pra muito nego que navega sem rumo e com pouco lastro, que Mestre Zagaia escancarou a Tabuada das Candongas. Nela, o velho cabo de esquadra dá as dicas. Porém, não é qualquer loque que pode se meter por dentro do assunto. Mestre Zagaia deu o traçado com muita milonga. Na Tabuada das Candongas, nem sempre dois e dois são quatro. O velho cabo de esquadra lê, escreve e soma nas linhas tortas.

Porém, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que, mesmo Mestre Zagaia esparramando sua sabedoria, tem sempre um otário pra marcar bobeira e comer capim amargo pela raiz. Por exemplo: o velho cabo de esquadra falou:

– Bala não tem leme.

E se o Zagaia falou, é por que é. Ele sabe das coisas. Mas, o Nestor não se tocou e, por essas e outras, foi pro beleléu. O lance se deu sábado à noite ou domingo de madrugada. Esse detalhe deixamos à vontade do freguês, tanto faz como tanto fez. Porém, o perereco se deu por causa do jogo do Corinthians e do Santos F. C. de glórias mil. Na porta de um boteco fedorento, o Osvaldo Boca de Latrina e o Valdemar Ranheta se encontraram, e como eram po[n]tas firmes de muitos anos, engrenaram uma conversa. E como não poderia deixar de ser, encostaram o umbigo no balcão. Beberam às pamparras antes do enguiço, que teve início quando o Boca de Latrina, corintiano de assinar lista pra comprar Paulo César, descobriu que o Ranheta era santista de abanar bandeira. De início, saiu um bochicho de doido.

– O garoto Rivelino acabou [com] a graça de ocês.

– Aqui ói. Nós é nós. E não tem banzanzam.

– Fizeram um gol roubado.

– Abafador foi o gol de ocês, que foi depois do tempo regulamentar.

– Cascata. O Rivelino, o garoto do Parque, fez o gol da Roberta.

– Tão com prosa à toa. O Pelé beliscou bem em cima de ocês.

– Esse crio[u]llo é nojento mesmo. Ele tem bronca do Corint[h]jians, porque nunca pode jogar lá.

– Esse ano é nosso. Ainda mais com Paulo César. Vai ser fácil.

– Esse Paulo César vai bagunçar o Corint[h]jians. Eu só quero ver ele avacalhar a guerra e deixar os paspalhos que deram grana falando sozinho.

– Paspalho[s] que deram grana, não. Eu dei e não sou nenhum paspalho.

– Se deu grana, é.

– Eu sou é corintiano.

– Corintiano é um peixeiro nojento.

– Mas tenho a grana pras biritas. E tu tá aí. Pedindo arrego pra mim. Se eu não te pagar as pingas, tu vai morrer de goela seca. Paspalho. Deu a grana pros cartolas comprarem o tal de Paulo César. Paspalho é assim mesmo. Agora, tem que fazer coalhada de leite de sapo.

– Eu tou na minha, majura. Sou mais eu. Se cheguei, tou chegado. Posso dar meu dinheiro pro Corinthians, que sempre encontro um bestão pra me pagar as pingas. Sou do alvinegro do Parque São Jorge. Sei me cuidar. Agora, otário peixeiro tem mesmo que comparecer com a grana, se não, já viu. Não tem pra quem contar as tretas.

– De araque.

– Eu que sei.

– Santos é Santos.

– Tá no fim.

– Nós tamos aí.

– Ainda não é o fim. É o princípio do fim.

Nessa altura do campeonato, os dois torcedores já estavam bem bebuns. E foi justamente aí que o Nestor se encostou e ficou escutando o quás-quás-quás, muito embora ele não tivesse nada que ver com a história. Seu time de fé era o São

Paulo. Porém, ele se plantou de antenas ligadas e achava a maior praça nos esculachos:

- Nós tá no fim. Mas, nós ainda belisca vocês.
- Com juiz afanando a gente. No taco, não iam ter vez.
- Conversa. Nós ferrô ocês onze anos.
- Mas acabou a alegria.
- Se ocês não desliga a luz do campo, nós tinha enfiado mais. Ocês tiraram o embalo do Pelé.

- O garoto Rivelino é o rei.
- Rei pras negas dele. O rei é Pelé.
- Rei Rivelino, o Garoto do Parque. Que fez o dele em ocês.
- Rei é o Pelé, que mandou ver lá no fundo do barbante.
- Rei é o Rivelino.
- É o Pelé.
- É o Rivelino.
- É o Pelé.

E nessa zoeira, deu o esquinapo. Os dois torcedores se empompam e saíram no braço. Foi uma briga onde só pena que voou. E o Nestor ali, xeretando e achando graça. Porém, o caldo engrossou. Os briguentos sacaram as armas e fizeram fogo. Foi aquele corre-corre. Os arrebites zuniram pra todo lado. Quando deu jeito, quem pode deu pinote. O santista se azulou pela porta dos fundos e o corintiano pela porta da frente. Serenados os ânimos, o dono do boteco foi conferir o estrago e encontrou o Nestor estarrado com um tiro no peito. Foi a morte de mais um xereta, que apanhou as sobras pra provar que Mestre Zagaia está sempre com a razão.

Uma história de amor (Última Hora de SP – Edição de 3/11/1971. Página 16 Caderno 1)

O negócio do Zé Boto era samba. Ele era vidrado no assunto e muito bem chegado. Na cuíca, no pandeiro, no tamborim, no cavaquinho, no violão, o Zé Boto fazia e acontecia. Também dizia no pé e era partideiro de muito respeito no partido alto. Por essas e outras, ele era muito considerado e em qualquer gafeira ou roda de batuqueiro em que pintasse, ele botava a banca. Fazia e acontecia. Seu ambiente era em qualquer lugar. Se juntava com a curriola e era aquela zonzeira. Levantava a poeira sem fazer cerimônia. E nunca saía de um perereco antes do Sol raiar. Daí, já viu. No dia seguinte, não havia saúde pra encarar o batente. E era aquele esquinapo. Com a vida custando os olhos da cara como anda, sua parceria pros ventos ruins que tomavam pela proa, a nega Dagmar, tinha que fazer das tripas coração. Lavando roupa pra madame e topando tudo mais que aparecesse, ela garantia a grana mixuruca da feira semanal. Mas, claro que se invocava com a folga do Zé Boto e toda vez que ele chegava em casa, a mulher botava a boca no trombone e ouriçava a paciência do sambista com seu quás-quás. Mas, dava em nada. Ele estrilava:

- Sou um artista. Tu não se manca?

E sem mais nenhum[a] pala, ia dormir. A Dagmar é que ficava na pior. Atucanada, esquentava a cachola à toa e ia pro seu trampo toda picada de raiva. Passava o tempo todo dando duro e tramando o esculacho que ia dar no Zé Boto, quando à tardinha voltasse pra casa. Mas, qual o quê. Quando regressava, encontrava o sambista tirando música no violão. Ao vê-la, o vagau parava e metia

uma conversa toda deschavada em cima dela. E, diante de tanto chamego²⁶⁶, a Dagmar se rendia e retumbava em denço, escutando com atenção e esperança as façanhas que o Zé Boto contava:

– Nega, eu tou na linha do vento, manja? Sabe aquele samba que fiz pra ti? Aquele em que falo assim: “Dagmar, minha gama preta. Eu juro que sou todo seu”. Tu lembra? Pois é. Ontem à noite me bateu uma gronga de repente. Uma vontade pega tá contigo naquela hora. E eu, pra me aliviar, puxei [s]em dó do peito o teu samba. Foi de entortar o patuá. Todo mundo se ligou. Quando acabei de dizer, um pinta branquela que estava na escuta me falou assim: “Tu já gravou esse samba?” Eu aí contei a ele que estava numa sinuca de bico e tal e coisa, banzanzam. Sabe o que ele me falou? Falou que ia dar um jeito pra meter o samba na bolacha preta. Tu vê, Dagmar? Numa dessa eu aconteço. Daí, nós amarra o burro na sombra e eu vou dar o tratamento que tu merece.

No fim da história, a Dagmar ficava ruim dentro da roupa. Mil mumunhas lhe tiravam o sossego. Ela botava fé no talento do Zé Boto. Mas, não acreditava muito em si mesma e por isso se machucava de medos [sic]. Um deles ela sempre escancarava:

– Quando tu se aplumar, tu me passa pra trás. Eu sei que é assim. Todo artista dá dessas mancadas.

O Zé Boto jurava pela luz que o iluminava que com ele não tinha xaveco²⁶⁷, que ele era ponta firme, que reconhecia a força que a Dagmar lhe dava. Confortava a mulher. Lhe dava carinho. Apanhava uma graninha e se pinoteava. Sumia nas quebradas do mundaréu atrás do samba. Nunca gravava. Mas não tomava conhecimento. Pra Dagmar, ele justificava inventando ou confessando a verdade, sei lá. O certo é que, quando ela perguntava pelo branquelo que ia arrumar a gravação, o Zé Boto se abria:

– O pilantroso queria parceria pra adiantar meu lado. Saí fora. Aqui ói. Eu não vou dar moleza pra atravessador nenhum. Ainda mais do samba que fiz pra ti, Dagmar. Isso é sujeira e eu não entro nessa. Fiz teu samba com o coração. Ele e só meu e teu. Não tem chibu. Não posso gravar sozinho, dane-se. Mas, nesse samba não entra nome de ninguém.

A Dagmar botava uma porção de argumentos na balança. Explicava que o feijão subia de preço, que o pão, o leite, a roupa do corpo, o aluguel do barraco e tanta coisa mais estavam cada vez mais difíceis de serem pagas. Mas, o Zé Boto não entrava nessa catimba. Se agarrava nas dicas que o Mestre Zagaia deu na sua Tabuada das Candongas e jogava-se pra cima da Dagmar:

– Se aguenta, nega. Nada como um dia atrás do outro.

Quando o Mestre Zagaia diz uma coisa, é porque é. Porém, a pobre Dagmar cansou de esperar. Uma vez descobriu um lenço do Zé Boto sujo de batom e embandeirou de vez. Chiou às pamparras. Subiu nas paredes de costas. E a guerra se avacalhou. O Zé Boto se desculpou. Pediu, implorou, até chorou. Porém, a Dagmar não relaxou a bronca. Pegou seus trapinhos e foi embora. Não deixou endereço. O Zé Boto ficou aterrado. Vasculhou o planeta de ponta a ponta na captura da mulher. Varejou desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, até onde o pilantroso apalpa devagarinho e não levantou nenhuma pista da mulher. A única coisa que ele conseguiu saber foi da boca de uma amiga da Dagmar. A informação era de que ela tinha arranjado um emprego na casa de uma granfina e dormia por lá. Nem dava mais o ar de sua graça no pedaço.

266 Termo atualizado; no original de jornal consta “xamego”.

267 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

Também, se bateu remorso na Dagmar e ela veio procurar o Zé Boto pra lhe dar perdão, ele não ficou sabendo. Por desgosto, abandonou o barracão onde viveu feliz e foi encostar seu corpo em outro mocó. Mas não acabou nisso a gamação do Zé Boto e da Dagmar. Amor, quando é amor, só finda na morte e nesse lance não da outra coisa.

Se batendo nos caminhos esquisitos, estreitos e escamosos do roçado do bom Deus, o Zé Boto encontrou um atalho que o levou a uma gravadora. Naturalmente, quem envereda por atalhos, sempre tem que se borrar de algum jeito. E o Zé Boto aceitou o jogo. Fez sociedade cavernosa com um moço bem falante e tinoso. Que na verdade foi quem abriu as portas pro Zé Boto e, se o fez, não foi de graça. Cobrou parceria nos sambas do Zé Boto. E, pra não parecer que não contribuía, fez pequenas modificações nas letras. Uma dessas modificações foi no samba da Dagmar. O moço bem falante trocou o nome dela pelo de Dilma, que era uma menina que ele andava paquerando. O Zé Boto se trancou em copas. Já não tinha compromisso com o Dagmar e não quis aborrecer o parceiro. Deixou andar.

E foi por isso que, um dia em que a Dagmar estava passando a ferro na saca da patroa e ouvindo rádio, se tocou num samba que não lhe era estranho:

“Dilma, minha gama preta

Eu juro que sou todo seu.

A mulher se encabreirou. No fim da música, tentou escutar o nome do compositor, mas o locutor só anunciou o cantor. Ela não desanimou. Na surdina, ligou o telefone pra rádio e pediu a informação. A resposta veio rápida. O samba era “Dilma”, de Olegário Alves e Zé Boto. A Dagmar se entralhou. Não pode mais consigo mesma. Transbordando de ciúme, pegou o revólver do patrão e bateu perna atrás do Zé Boto. Quando o encontrou, não regateou, nem nada. Meteu três balas no peito do sambista. Depois, caiu em prantos. E por fim, meteu um arrebite na própria orelha.

O vaidoso (Última Hora de SP – Edição de 4/11/1971. Página 16 Caderno 1)

Não sou eu que vou tentar explicar as mumunhas da cachola humana. Longe de mim tal intenção. Conheço muito bem as minhas limitações e não vou enveredar por esse perigoso terreno, onde sábios doutores, notórios pesquisadores e inteligências privilegiadas se atolaram na vã tentativa de esclarecer os mistérios. Aqui ói. Meu puçá não vai além da superfície e eu só pesco o que aparece flutuando nas águas barrentas em que navego contra a maré. Sou um repórter de um tempo mau. Relato o que minhas botucas de ver veem. Porém, assim mesmo, sou colocado diante de cada presepada de assombrar, e vivo me agarrando no meu patuá de fé e de valia pra não ir à pique.

O caso do banqueiro do jogo do bicho conhecido em todas as quebradas do mundaréu por Seu Dodô é bem desse naipe. Qualquer Freud amador teria no bruto uma bela cobaia pra sua prática domingueira de psicanálise. Mas, deixa isso de lado. O que pesa na balança e o que quero contar é que o Dodô era a vaidade encarnada. Pivete pobre das favelas, cresceu vagando pelos caminhos mais estreitos, esquisitos e escamosos do roçado do bom Deus. Aos trancos e barrancos se fez gente. De tanto apanhar as sobras do destino rebordoso, se fez gente. De tanto apanhar as sobras do destino rebordoso, se fez duro e cínico. Se mancou que era um lesado da sociedade e se picou de raiva. Mas, levou seu andar devagar. Quando podia, era leão; quando não podia, era raposa. E foi nessa toada que foi aplumando-se. Os obstáculos eram contornados no papo enganador ou varridos na

força das armas. E na sugesta ou na congesta, ele se plantou na boa. Se fez o rei do bicho. Um senhor de muito respeito, com grana bastante pra dobrar e arregalar qualquer inimigo. E foi aí que sua cuca fundiu. A vaidade o engoliu por uma perna. O Dodô se considerava o máximo. Bacana em qualquer assunto. Se achava o bidu. O homem que se fez sozinho e tal e coisa.

E era justamente na vaidade do Dodô que os pilantrosos atacavam. Era uma canja banhar o papagaio enfeitado. Bastava dar corda pra ele contar os lances da sua vitória. O bruto se botava a falar e se enredava. Não tardou pra todo o povão da Barra do Catimbó descobrir o mapa da mina. Aí, foi aquela romaria de pedintes na porta da casa do Dodô Bicheiro. Sociedades de Assistência Social, timecos de futebol de várzea não davam folga pro homão. Tinham dia e noite um relações públicas na cola do Dodô. E o loque matraqueava suas façanhas, arrotava vantagens, satisfazia sua vaidade e bufava com sonora grana pra sustentar as arapucas mais fajutas da paróquia. Muito justo que, por sua mão aberta, o Dodô Bicheiro fosse badalado pela curriola e seu nome, com honras de santo, corresse nos bochic[h]os da gentalha, desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, até onde o pilantroso pisa devagarinho.

Porém (e sempre tem um porém), existe alguém pra perceber os pererecos como eles são na realidade. E, muito embora o nome do Dodô Bicheiro fosse muito bendito ao ponto de muita gente ter esquecido sua vaidade, o Pato Preto, um crio[u]lo todo cheio de milonga e escolado por mil anos de janela, assim que se inteirou do quás-quás-quás a respeito do Dodô Bicheiro, desconfiou de tanta bondade e teve uma ideia de jerico pra pegar uma sombra tranquila às custas do grande otário. Fundou uma escola de samba e a batizou com o nome de Império do Dodô. E, sem cerimônia, foi pedir pro homão uma ajuda pra meter o carnaval na rua.

Claro que, mal o pato Preto escancarou o nome da escola, o bicheiro se estufou de glória. Sem vacilar, meteu dinheiro às pamparras na mão do Pato Preto e prometeu o apoio que fosse necessário pro seu samba sair botando pra quebrar. O Pato Preto não era de deixar voar um bilhete premiado. Enfeitou o pavão cada vez mais. Tirou de letra todas as sociedades beneficentes que eram mantidas pelo bicheiro. Deixou uma porção de asilos no “ora veja”. Mas, adiantou seu lado às baldas. Em duas semanas, comprou carango [do] último tipo, alugou um sobrado pra morar, uma quadra pra ensaiar a Escola de Samba império do Dodô e, assim instalado, dava as cartas.

Naturalmente que a negada que perdeu a moleza não se conformou em ser passada pra trás. Se ouriçaram e botaram a boca no trombone pra esculachar o Dodô Bicheiro:

- É um trouxa.
- Nunca foi sambista.
- Tá sendo banhado pelo Pato Preto.
- O crio[u]lo é que é vivo. Engrupiu direitinho o Dodô.
- Vai levar até o último tostão do panca.
- O Dodô metido em samba é a maior zoeira. Ele nunca viu um tamborim.

E tanto falaram que o Dodô acabou sabendo que estava sendo avacalhado e tremeu nas bases. Ele, que se orgulhava de ser chamado de “Pai da Barra do Catimbó”, quando soube da marola ficou murcho e encabulado. Depois, a onda aumentou e ele se azedou, mas permaneceu fechado em copas. Por fim, veio uma pororoca de inundar todas as barreiras. E era tanta piada que a gentalha fazia em torno do sambista de araque Dodô Bicheiro, que ele resolveu tomar providências.

Homem de não mandar recado, juntou o Pato Preto e, meio dando prensa, meio pedindo explicação, botou o crio[u]lo por dentro do assunto:

– Tu me meteu numa gelada. Tou sendo a alegria do circo e isso não pode ficar assim. Estão rindo de mim.

Sem se afobar, o Pato Preto escutou o chiado do Dodô Bicheiro e quando chegou sua vez de falar, deu um sopro na vaidade do homão e uma pá de cal nas intenções da galera, que torcia pra vê-lo cair do andaime.

– Escuta esse samba. Vê se gosta. Se tu gostar, é teu. A gente lança na quadra e tapa a boca dos fuxiqueiros todos.

Cantou o samba e agradeu. O Dodô, que no fundo da alma tinha vontade de ser artista, pegou a treta. Não quis nem saber onde era fonte de inspiração do Pato Preto. E devia ter perguntado. Pelo menos ficaria prevenido contra algum chibu. Mas, não. Empolgado em figurar como compositor, não duvidou que aquele samba era de autoria do próprio Pato Preto. Grupo. O crio[u]lo não compunha nada. Estava de posse do samba por ter comprado de um tal de Helio da Cuica, compositor a perigo perpétuo. Mas também não foi avisado pelo Pato Preto que aquilo era mercadoria de segunda mão. O crio[u]lo talvez tenha esquecido. O certo é que tinha coisa mais importante pra fazer. Arrancou na charla uma nota do Dodô Bicheiro e foi providenciar a festa pra lançar o samba na quadra e entupir os inimigos.

Com visagens e engodos, o Pato Preto atraiu uma verdadeira multidão pra roda de samba. A quadra ficou a três de alto, com nego se agarrando pelos picos. E o samba foi defendido por uma cabrocha toda cheia de malícia na voz doce. Emplacou de saída. O povão rapidamente aprendeu a letra e a melodia, e cantou junto. Um sucesso. O Dodô Bicheiro, apresentado como compositor, foi alvo de muitas homenagens. E de tão contente, encheu de minhoca a cabeça.

Resolveu gravar o samba, apostando que iria fácil pras paradas de sucesso. Pro homão do dinheiro, foi uma sopa arranjar gravadora e contratar uma equipe de catitus pra engraxar os dique-jóqueis. Logo as rádios só tocavam o samba do Dodô Bicheiro. E foi aí que se deu o esquinapo. O Helio da Cuica começou a bater com a língua nos dentes. Em tudo que era boteco escroto em que o sambista baixava, falava que o samba era seu. A notícia se esparramou pela Barra do Catimbó. O povão fez um escarcéu do babado. Virou escândalo. O Dodô Bicheiro se atucanou. Mas, só quando soube de fonte segura que o Helio Cuica no mocó do sambista. E lá, sem dar colher de chá, premiou os dois com seis balas bem divididas. Estarrou ambos com arrebitos certos e, sem remorso, foi desfrutar o sucesso.

Quando os agentes do programa de televisão descobriram que o Helio da Cuica e o Pato Preto haviam morrido, convidaram o Dodô Bicheiro pra substituir o defunto no programa. Ele foi sem o menor receio. Abafou o caso com dinheiro e usou o vídeo pra mais uma vez satisfazer sua vaidade.

Nem o capim serve para todos (Última Hora de SP – Edição de 5/11/1971. Página 16 Caderno 1)

Tem coisa que, por mais que eu me esforce, não dá pra entender. Está certo que meu puçá não vai além da superfície e, por essas e outras, eu só pesco o que aparece flutuando nas águas barrentas em que navego contra a maré. Porém, tem troço que vem à tona que me assombra e duvido que, mesmo os sábios de cuca privilegiada, não esquentariam a mufa pra decifrar os mistérios. O lance do banquete de capim que a Associação Datti de Gastrônomos realizou é bem desse naipe. Desde que minhas botucas de ver flagraram o perereco, não pude mais me desligar

do lance. E, a bem da verdade, é bom que se diga que os problemas de alimentação nunca me preocuparam. Eu sou dos que preferem mastigar o que me botam no prato sem reclamar, certo de que, se estrilo contra a gororoba, vou ser obrigado a me atucanar com uma série de argumentos que me provarão que a vida anda custando os olhos da cara e que a cozinheira, Dona Luiza, muito embora seja, sem favor nenhum, a melhor de São Paulo, não pode fazer milagre com a grana micha que deixo pra feira. Vou comendo jiló²⁶⁸ amargo, por sina muito caprichado pela²⁶⁹ Dona Luiza, mas que nem por isso deixa de ser jiló, e vou arrotando peru, que é pra desbaratinar as más línguas. Essa é que é a minha. Porém, de repente, tive minha atenção despertada pelo banquete do capim.

Confesso que nenhum sentimento inferior teve influência na alegria que a notícia do badalado banquete de capim me causou. Não foi por gula que retumbei de felicidade. Mesmo²⁷⁰ parecendo estranho a muita gente, eu fui um nenê tratado a Toddy e só mesmo nos piores dias do meu horóscopo é que tive que engolir mingau de araruta com leite de sapo. Assim sendo, sou meio cheio de luxo. Não é em qualquer churrasco que forro meu pandulho. Aqui, ói. Quando desconfio da fatura, logo penso que tem gato na parada e me cubro com pãozinho seco. Mas, deixa isso de lado. O que pesa na balança e o que quero contar é que, se me entusiasmei pelo banquete de capim, não foi por gula e sim por uma questão de economia. Espero que todos entendam que também não havia nisso nenhuma mesquinha. Se eu pudesse, só me tratava a alcatre. Porém, na bananosa em que me encontro, até que uma sopa de capim de quando em vez ia ser uma bela estia. Quando não para o paladar, pelo menos pro bolso.

Numa marola de comer capim, eu teria certeza de que não chegaria nunca na sinuca de bico do seu Oscarino do Vinte Três, que todo fim de mês inventa que a filharada tem bicho na barriga e os leva no posto médico pra tomarem lombrigueiro. É que, com esse expediente, o Oscarino faz a sua economia. Enquanto seus pivetes botam pra fora, esquecem de por pra dentro e permitem ao Oscarino esperar com paciência o ordenado. Então, já viu. Se comer capim entra[r] em moda, adiantava um pouco o nosso lado. Bastava colher na vala ou na beira do rio um pouco de capim e ninguém ia chorar de fome.

Porém (e sempre tem um porém), “pobre, quanto mais reza, mais vê fantasma”, já dizia Mestre Zagaia na sua Tabuada das Candongas. E se o velho cabo de esquadra falou, é que é. Ele sabe das coisas. E o caso do capim vem mesmo a calhar pra não deixar ninguém desmentir Mestre Zagaia. Logo vieram bochichos que destruíram as minhas esperanças. Não era qualquer capim que servia pra comer. E[,] naturalmente, o capim maravilhoso que possuía proteínas e tal e coisa não brotava nas valas da Barra do Catimbó. O capim daquele pedaço maldito não merecia relincho. Capim positivo era o de Arujazinho. Diziam que o capim dessa bela cidade é que era o quente. O capim de Arujazinho era nutritivo e saboroso e até mesmo medicinal. Fazia bem à pele, aos olhos e à potência viril do homem.

Com todos esses dons do capim de Arujazinho, ela saiu da minha pauta. Estava claro que de jeito nenhum o capim iria ser comida popular. Pelo menos não seria pro povão da Barra do Catimbó. Ninguém de lá iria andar a pé até Arujazinho só pra passagem de ônibus até Arujazinho, evidentemente não iria lá pra buscar capim. Comprava comida de gente.

268 Termo atualizado; no original de jornal consta “giló”.

269 Termo atualizado; no original de jornal consta “pelo”.

270 Termo atualizado; no original de jornal consta “Mesma”.

Mas, ao concluir tudo isso, eu já estava enredado pelo tal banquete de capim. Daí pra frente, mesmo sem outros melhores motivos, fui acompanhando as mumunhas do banquete de capim por curiosidade. E juro por essa luz que me ilumina que só o acanhamento me impediu de ir xeretar de corpo presente na festa dos gastrônomos da Associação Datti. Se não fosse esse defeito da minha personalidade, eu baixaria no banquete. O cardápio era uma tentação: maionese, pastel, dobradinha, pizza, polenta, coelhos, macarronada, lasanha, batidas, chopp, pudim, rabanada e os cambaus. O que até pra mim, que sou mais otário do que os outros, dava pra perceber que o capim não era o forte desse almoço de paxá. E que ia ser mole afastar o capim com o garfo pro canto do prato e mandar descer o resto. Talvez por isso mesmo, de saída, ficou escancarado que a patota que organizou o rango de capim não ia dar a receita. Provavelmente bateria sujeira quando se explicasse que o capim vinha numa bandeja separada e que cada um se servia ao seu gosto. Mas, de qualquer forma, tive informações de fonte segura e digna de crédito que o banquete de capim foi um sucesso, como são todas as realizações da Associação Datti.

E já tinha esquecido o assunto do capim, quando no último fim de semana que embolou com os feriados minha atenção foi chamada para um fato que me deixou outra vez alvoroçado e cismado com o tal capim. Era muito grande a procura de passagem para Arujazinho. Intrigado com esse interesse repentino dos turistas por Arujazinho, instiguei (isquei) o tira Marcos Plonka a investigar a gronga.

Pro tira Plonka, de tão notável intuição e cara de pau, foi mole descobrir a causa da ida de tanta gente a Arujazinho. Ele, com seu talento inato, logo percebeu um detalhe que pra mim havia escapado. Buscando em jornais da época do banquete de capim, o tira Plonka notou que tinha se propalado bastante que o capim de Arujazinho era afrodisíaco. O tira Plonka pegou o fio da meada, investigou a vida íntima das pessoas que embarcaram pela primeira vez a Arujazinho e concluiu que quase todos foram em busca dos pastos verdejantes, por estarem enjoados de comerem ovos de codorna.

As coisas estão aí mesmo (Última Hora de SP – Edição de 6/11/1971. Página 16 Caderno 1)

Por ser hoje sábado, eu gostaria de me embandeirar de poeta e daqui dar uma pala toda cheia de ternura pro moço da floricultura lá de Cotinha, que deu o nome da nossa querida Cacilda Becker a uma rosa. Mas, por mais que eu me esforce e meu coração bombeie, continuo sempre na mesma. De toda forma, o importante é registrar o fato e botar a boca no trombone pra espalhar pelos quatro cantos do planeta que a nossa querida Cacilda Becker é uma rosa. E também firmar como a grande moda e transformar em tradição que, nas estreias mais badalativas do nosso teatro, os admiradores das atrizes devem mandar uma rosa Cacilda Becker pra homenagear as estrelas da ribalta. Já sei de muita atriz que não vai gostar de receber outro tipo de flor. Só vão retumbar de rosa Cacilda Becker. Fora isso, está se formando uma curriola de grande respeito pra domingo ir a Cotia ver de perto a rosa. Quem quiser entrar nessa, basta telefonar pra Ety²⁷¹ Fraser e pedir as dicas da caravana. A gordinha-sexy, com o complexo que adquiriu no Grupo Escolar onde era a primeira da fila, comandará o batalhão.

Mas, outro babado teatral nos enche de alegria e, por amor ao teatro, temos que registrar e dar passagem. O professor Décio de Almeida Prado defendeu tese

271 Termo atualizado; no original de jornal consta “Etti”.

de doutoramento e emplacou com voto de louvor e tudo mais. Claro que do Doutor Décio de Almeida Prado ninguém esperava outra coisa. Porém (e sempre tem um porém), sente aí o aroma da perpétua. Pela primeira vez na história, alguém defendeu tese de doutoramento sobre um ator de teatro. O escolhido pelo Doutor Décio de Almeida Prado foi João Caetano, que não é do meu tempo, mas era, segundo dizem, um tremendo cobraão.

Tudo isso é muito bacana. Nessa hora onde gente de teatro anda se agarrando em fio desencapado e fazendo coalhada com leite de sapo e dando chance pra uns otários esculacharem com a profissão, esse negócio da Rosa Cacilda Becker e da tese do Doutor Décio vieram dar moral pra gente de teatro.

Saindo dessa marola, entraremos no perereco que há dias vem sendo discutido nos altos do boteco Redondo, onde se junta a fica flor do samba paulista. Nesse pedaço, vem se reunindo o Sinval, o Nelsinho do Império e o Dirceu Jabaquara, pra traçarem os destinos da gloriosa Escola de Samba Império do Cambuci. E foi por essas e outras que eu tive a chance de escutar dois dos sambas-enredo que vão concorrer na quadra. Um era do Marco Aurélio (Jangada) e outro do Chico de Assis. Todos os dois sambas eram muito bonitos, mas seguiam o enredo da escola, que era sobre Diamantina. Daí, já viu. Entrava Chica da Silva na parada e isso me ouriçou.

Parto da ideia de que está na hora de dar personalidade ao samba paulista e que pega mal sair numa escola de samba daqui com troços que lembrem as do Rio de Janeiro. E Chica da Silva, muito embora em tempos passados o Nenê da Vila Matilde tenha botado na rua, ficou sendo um troço que, quer queiram quer não, a torcida relaciona logo com o Salgueiro. Coloquei meu ponto de vista e começou o quás-quás-quás.

O Chico de Assis de saída deu força a favor de se bolar um enredo paulista e sugeriu a Morte do Bexiga. O Sinval tremeu nas bases. (Por falar em Sinval, que bela figura humana é esse cara. Todo aberto pra escutar e sempre disposto a reconhecer, sem nunca ser de comer enrolado.) Mas, como dizia, o Sinval balançou. Apresentou a defesa do seu enredo, mas se mostrou bem à vontade pra mudar. O Nelsinho, que era o autor do enredo Diamantina, também não complicou com besteiras. Defendeu seu enredo, mas nem de leve se afobou com as quizilas. E estávamos nessa altura do compeonato, quando baixaram no pedaço o Clovis da Record e o sempre considerado Ramão Gomes Portão. Daí, ferveu a conversa. O Ramão e o Chico de Assis começaram a lembrar os troços de São Paulo. Glete, Bexiga, Jardim da Luz, Praça da Sé, Barra Funda, Lavapés, Rua Direita surgiram no papo. Dionísio, Pé Rachado, Pato Nagua, Pai João, a velha Eunice e tanta gente foi citada e tanta história foi contada que já era matina quando se concluiu que São Paulo só tem essa fama de cidade desumana porque seus poetas cantam muito Trinta e Dois e o Progresso, mas nunca cantam o Largo da Banana. Por essas e outras, o bom Sinval reconsiderou. Vai ver o que pode fazer pra ainda esse ano sair com um enredo paulista. Se não der, paciência. Pra setenta e três, ele bota pra quebrar com coisas daqui mesmo.

Quanto ao Ramão, o Chico e eu, resolvemos fazer um livro sobre o mundaréu de São Paulo. Chamaremos o Roberto Freire, o João Antonio, mestre Garine, Marcos Reis, Antonio Contente e mais gente que manje do assunto das quebradas e do sereno e vamos falar com o Pedro Fanelli, nosso ponta firme da Editora Obelisco. E vamos escancarar muita coisa bacana de São Paulo, que não é só cimento.

O Bentão (Última Hora de SP – Edição de 8/11/1971. Página 16 Caderno 1)

Não sei se eu já contei aqui alguma treta em que o meu chapa Bentão fosse figura cent[r]jal. Mas, de qualquer forma, é importante escancarar aqui a personalidade do pinta, uma vez que ele, a partir de hoje, passa a ser colaborador desta coluna para assuntos dos forrós da nossa cidade, que são muitos. Ao lado, cinquenta e cinco, segundo informação dada pelo Bentão. E em todos acontecem pererécos dignos de registros. Mas, deixa isso pra lá. O que quero contar é que o Bentão é bom parceiro meu há muitos anos, desde o tempo em que eu ainda era pivete e andava em Santos, já remando contra a maré.

Como conheci o Bentão não sei dizer. Só sei que logo de saída, ficamos amigos. Existem pessoas que, mal a gente vê, se liga nelas. Como o Bentão não deu outra coisa. Levei um quás-quás-quás com o bruto e, no outro dia, o Bentão, ao me encontrar, já me foi tratando com intimidade de velhos parceiros. Daí pra frente, eu via sempre o Bentão. Ele, que tinha, nessa altura do campeonato, navegando sem bandeira por muita água barrenta e batido perna à toa nos caminhos esquisitos, estreitos e escamosos do roçado do bom Deus, não se assombrava com os esquinapos. Sua cachola estava sempre cheia de ideias e palpites. O Bentão sempre tramava alguma coisa que, mais cedo ou mais tarde, resultasse num bom pesqueiro.

Nesse tempo aí de Santos, o Bentão camelava vendendo, se não me falha a memória, gilete. Mas, logo depois mudou. Arrumou umas outras representações e parecia um escritório ambulante. Carregava onde ia uma mala tipo turismo baiano e na qual amostras, papéis, carimbos e tal e coisa. Era uma forma de Bentão economizar aluguel da sala. Porém, apesar de estar prosperando, de repente o Bentão sumiu. Não deixou endereço, nem nada. As más línguas do pedaço espalharam que o Bentão tinha entrado em cana. E ficou por isso mesmo. Depois de dois anos, eu escutei falar do Bentão. Houve um pinote meio Mandrake da cadeia e no alô das quebradas do mundaréu, o Bentão vinha contado na lista dos fugitivos. Foi um perereco cheio de quizilas que até é bom lembrar. Disseram que um tal de Tainha comandou a presepada, que seria de marcar época em matéria de fuga. Se desse cem por cento, jamais alguém da carceragem iria entender o pira da moçada. E no entanto era de uma simplicidade de entortar patuá. Contam que o rango da galera estava tão ruim que os presos emagreceram às baldas. Até o Bentão, que era gordo, ficou um magrela. E foi por isso que o Tainha teve a ideia de jerico. Ficou nu, se ensaboou e passou entre as grades. Dado o exemplo, os outros o seguiram. Fora das grades, se enxugaram, se vestiram e, na surdina, ganhava a rua.

Porém (e sempre tem um porém), o Javali, um cearense de cabeça de triângulo, não emagreceu na moringa e aí entrou areia. Ele passou o corpo e ficou entalado na cabeça. Fez força. Os cupinchas o puxaram pela perna, mas que nada. Não conseguiram atravessar o Javali. Decidiram que ele ia ficar. Só que o cabeçote do bruto estava preso nas grades e não ia nem pra frente, nem pra trás. Nessa entalada, deu desespero no Javali e ele se afobou e berrou. Os presos caíram fora no primeiro berro e largaram o Javali no apuro. Ele teve que meter a boca no trombone e, depois de muito tempo, carcereiros e guardas o acudiram. Foi um vexame. O castigo que o Javali recebeu foi ver sua cabeçona ser transformada em esparro da prisão. Mas, deixa isso pra lá. O que pesa na balança e o que quero contar é tudo sobre o Bentão. Se ele participou desse lance ou não, nunca pude saber. Cada vez que encontro com ele, o bruto tá cheio de planos e os espalha na minha frente.

Desse tempo de Santos até eu rever o Bentão acho que se passaram uns dois anos. Muita água correu embaixo da ponte. Eu virei artista de circo e uma vez em que fui me apresentar numa espelunca nas bandas de Juquiá, encarei o Bentão. Ele era o locutor do parque de diversões e estava todo contente. Foi me dizendo das várias propostas que tinha recebido e recusado por amor aquela vida de mambembeiro. Eu fiz o que tinha ido fazer e segui meu rumo. Outra vez fiquei muito tempo sem ver o Bentão. Mais água rolou embaixo da ponte. Voltei a Santos e escrevi a Barrela. Houve mil e um troços. Sucesso, briga. Fui grande e pequeno várias vezes no meio do rolo. Me homenagearam e humilharam. Por não entender a catimba, me mandei. Fui vender muamba no interior. Vagava de cidade em cidade. Numa delas, topei com o Bentão. Ele estava na boa. Era representante de sal de frutas. Tinha varango e muitas amizades no interior.

O Bentão sempre foi de dar colher de chá para os outros. E dessa vez me valeu. Ele não compreendia como eu tinha ficado na pior. Me levava no seu carro de uma cidade a outra e só falava na Barrela. Dizia que tinha acompanhado tudo através dos jornais de Santos. E, a bem da verdade, ele nunca deixava de comprar os jornais da bela ilha de Iemanjá.

E conta suas histórias. Estava bronqueado com o Interior. Ele tinha uma boca pra ser conselheiro do Corint[h]ians, mas não podia ficar na capital se cuidando e temia ser passado pra trás. E tá aí um negócio que também não sei se ele foi ou não foi. Porque, de repente, o Bentão me largou na cidade pra vir pra São Paulo buscar sal de frutas e nunca mais apareceu.

Continuei remando minha catraia do jeito que podia, até que estourou minha peça “Dois perdidos numa noite suja”. Dos velhos amigos, o primeiro que veio me ver foi o Bentão. Estava retumbando mais do que eu com o sucesso. Contou mil cascatas. Depois sumiu. Reapareceu durante uma gravação do “Beto Rockefeller”. Estava mal de vida e queria ser artista outra vez. Ajeitei as pontas pra ele. Apresentei o Bentão pro Lílio, escalador, e ele ia se dar bem. Mas, sumiu. Já tinha papel e tudo. Ninguém entendeu seu lance. E eu nunca mais soube do Bentão. Até que, numa noite dessas, o Bentão piou no Teatro do Sindicato dos Têxteis. Foi assistir a “Quando as máquinas param”. Garantiu que agora vai pras cabeceiras. Está vendendo xampu nos forrós da capital.

Prometeu me trazer notícias quentes desses ralabuchos. E se o Bentão não sumir, vocês, leitores, terão brevemente a crônica social dos forrós.

A Lazineira toda malcriada (Última Hora de SP – Edição de 9/11/1971. Página 16 Caderno 1)

A Lazineira foi criada no cortado, por uma família cheia de nove horas, preconceitos, zelos ao grau de burrice e tal e coisa. Naturalmente que a moralidade dessa gente era toda de fachada, pra enruster as misérias que arrastavam pelos estreitos, esquisitos e escamosos caminhos do roçado do bom Deus. A mãe da Lazineira, a principal instrutora, era uma coroa gorducha, gulosa, lambuzenta e reparadeira da vida dos outros. Mas, só porque nunca tinha passado o idiota do marido pra trás, se achava um tremendo modelo de virtude[.] Desbaratinava a gronga do seu casamento sem encanto[.] procurando dar as dicas pra filha, que no seu entendimento de mulher em falta, levariam a menina ao encontro de um bom partido. O pai, por sua vez, era todo tacanho. Honesto, por falta de imaginação. Era metido a enérgico, mas não passava de rabugento. E toda sua glória era poder provar, através do livro de ponto da repartição onde trampava, que era um cidadão

responsável, cumpridor dos horários, que ele confundia com obrigação. E ainda pra atucanar mais o [sic] pobre Lazineira, havia uma tia que era de entortar o patuá. A coroa era pistoleira regenerada. Muito mais por falta de condições físicas do que por moral. E dos treineiros, essa piranha aposentada era a pior.

Apoiada por seus muitos anos de janela, ela era metida a saber das coisas e tudo que suas botucas de ver espiavam era pecado. E num ambiente desse, a Lazineira só podia mesmo ficar fedendo a maresia. A coitadinha já não era nenhum encanto, na catimba da família se acanhou e encheu a cachola de minhoca. Nessa base, quando chegou na idade de namorar, estava toda bagunçada. E cursos de arte culinária, de corte e costura, de piano e enxoval no caixote não foram suficientes pra atrair nenhum pretendente com gabarito para preencher os requisitos mínimos que a família da Lazineira exigia.

A bem da verdade, é preciso que se diga que a Lazineira, se não era bonita, também não era nenhum bagulho de fazer nego saído de cana passar nela. Moça muito pior que ela acabou se argolando. Ali mesmo na vizinhança da Lazineira umas picegas e zambetas piores do que ela ganharam aliança na frente do padre, de véu, grinalda, flor de laranjeira e todos os badulaques que a presepada requer. A Lazineira marcava bobeira por falta de graça. Era chuera no trato com homem. Se vestia pelos modelos de antigamente, não espremia as espinhas pra evitar que nascessem mais, era contra mulher que fumava, que ria alto, que usava calça comprida, saia justa, maquilagem no olho, que falava gíria e que conversava com estranhos.

Assim sendo, ficou na saudade. O pai morreu de enfarte, a mãe de hemorragia e a tia de praga que alguém rogou. A pobre Lazineira ficou sozinha desarmada e a perigo perpétuo. Nessa sinuca de bico, a primeira ideia de jerico que lhe ocorreu foi o suicídio. Mas, pra sua sorte, antes de fazer a besteira, foi se confessar com um padre de sua paróquia e ele aconselhou que a bruta, em vez de tomar formicida com guaraná, fosse morar num pensionato de moças de sua idade e arranjasse uma ocupação qualquer pra se sentir útil. Com os recursos que seus defuntos deixaram, mixaria, mas que pra ela era muito, foi mole achar um quarto em pensão de moças. Difícil foi encontrar alguém da sua idade. Ela era do tempo em que o Mestre Zagaia juntava bala [de] futebol. Porém, pra quebrar o galho da falta de amizade, a coitadinha resolveu preencher o vazio com mil e um cursos. Foi aprender datilografia, francês, inglês, alemão e secretariado. E nessa marola, a danada emplacou. Sem mais nada pra fazer, só se dedicava aos estudos. Por essas e outras, decorou bem as lições. E conseguiu um bom emprego.

Daí pra frente, a Lazineira começou a conviver com gente e teve uma transformação medonha. Por interesse, uma colega de batente se fez amiga da Lazineira. A batusquela fazia o trabalho das duas e outra, pra compensar, conversava com ela. A amiga contava seus encontros com namorados. Seus macetes nas festas que frequentava. Fazia confidências e desabafava com a Lazineira. Mas, também, incentivava a Lazineira a deixar de ser devagar quase parando. A princípio a batusquela se escandalizava. Depois, foi entrando na da colega. Passou a se vestir na moda, a se maquilar e até fumar a Lazineira fumou.

Aos poucos, a Lazineira foi se traquejando e, apesar de já estar avançando em idade, ficou uma coroa que merecia uma meia sola. A rapaziada do escritório meteu olho grande na Lazineira. Todo mundo passou a cobiçar a moça. E como ninguém conseguia nada, passaram a fuxicar²⁷² que ela tinha assunto com o patrão. Porém, um pilantroso mais sabido que os outros nesses assuntos de mulher, notou que a Lazineira, apesar da melhorada que deu, continuava nervosa e se irritando por

272 Termo atualizado; no original de jornal consta “fuchicar”.

qualquer coisa. Morou logo que tinha linguíça embaixo do angu. E, assim como quem não quer nada, lançou uma cascata de psiquiatra em cima da Lazineira.

Nada interessa mais a uma solteirona que esses papos de psicanálise e os cambaus. Ela se enredou no papo fiado pilantroso e, quando deu por si, estava vidrada. Mas, pra disfarçar, foi pra valer com o pilantroso, se justificando que ia fazer experiências. Penou antes, durante e depois. Se sentiu suja. As bobagens que a família lhe ensinou na infância pesaram na balança. Aí, ela teve recaída e foi cobrar do pilantroso um casamento reparador. Se machuchou. O rapaz mostrou os documentos, explicando que já era casado. Picada de raiva, a Lazineira se ouriçou. Xingou o pilantroso, chorou e desmaiou. O bruto nem se afobou. Aproveitou o esculacho, se fingiu de ofendido e ficou de mal pra toda a vida com a Lazineira. A pobre moça perdeu o rumo. Ficou como barata tonta. No escritório, então nem sabia o que fazer. Errava tudo. O chefe lhe chamava a atenção a toda hora e a toda hora ela abria o bué. Se ruía de humilhação. Mas, o pior foi no dia em que a Lazineira flagrou o pilantroso contando sua história pra patota. Aí, ela não pode mais. Foi pra casa sem dar até logo pra ninguém. E quando se viu sozinha no seu quarto, não vacilou. Tomou o guaraná com formicida.

Siwa, o mágico (Última Hora de SP – Edição de 10/11/1971. Página 16 Caderno 1)

O grande ilusionista e prestidigitador Dossel foi, sem dúvida nenhuma, sem favor, um dos grandes artistas do gênero. Trabalhou nos maiores cassinos do mundo e para as plateias mais requintadas. Porém, quando a velhice encarnou, o Dossel sentiu o aroma da perpétua. Dos dias de glória, só tinha guardado um álbum de recortes. Grana, que por sinal ganhou muita, torrou tudo sem se prevenir. E lhe fez falta. Aí, o mágico Dossel teve que encarar a rebordosa. Pra ganhar o seu pão de cada dia, saiu mambembando pelos caminhos mais estreitos, esquisitos e escamosos do roçado do bom Deus. Ia, de espelunca em espelunca, de lugarejo a lugarejo, apresentava sua arte pra plateias que não sabiam receber tanto talento. Zoavam as ideias do grande mágico Dossel. E, pra se compensar duas vaias e dos assobios que recebia em pagamento, o artista se danava a beber após função em que participava.

Não tardou pro Dossel começar a beber antes dos espetáculos também, para poder ter coragem de entrar em cena. E logo se avacalhou. Seus melhores truques já não podiam ser executados. De tanto encher a caveira de cachaça, as mãos do mágico tremiam como geleia cada vez que ele ia fazer uma façanha, e aí, já viu. Tudo se embananava. Nessa altura do campeonato, o velho artista, já meio bebum, meio batusquela, estava todo esculachado e só arrumava trabalho nos mafuás mais cavernosos. E foi num pulgueiro de quinta categoria que o Dossel conheceu o Siwa. Esse, na época, era um rapaz todo cheio de esperanças. Muito embora fosse apenas eletricitista do circo, queria ser artista e agia como tal. Só não tinha escolhido o gênero de arte que iria fazer pelas quebradas do mundaréu. Mas, com a chegada do Dossel, o Siwa se decidiu. Seria mágico. E com essa ideia de jerico dentro da moringa, o Siwa se botou na cola do Dossel pra aprender os macetes da profissão.

Solitário às pamparras, o Dossel até gostou da amizade do Siwa, que o pajeava, fizesse sol de rachar mamona ou chovesse de transbordar rio. Sem criar caso, o Siwa, logo que o grande Dossel levantava, se botava às ordens. Era um perfeito sabujo. Escutando o quás-quás-quás do Dossel, o Siwa pegava mais embalo. Não pensava em outra coisa e, aos poucos, ia se interando dos truques. O grande Dossel não fazia segredo para o seu discípulo e, por essas e outras, o Siwa

ficou sabendo como se faziam as mágicas de melhor efeito. Porém (e sempre tem um porém), em se tratando de arte, ficar sabendo como se faz não quer dizer saber fazer. Mas, o Siwa não considerou nada disso. Não colocou na balança nenhum[a] quizila. E passou a se julgar um cobraõ entre os mágicos. Mas, se fechou em copas até o dia em que o Dossel, depois de uma bebedeira, declarou que ia se pinotear pra sua terra e lá se aposentar de vez[.]

O Siwa se assanhou. E já que o Dossel ia tirar o time de campo, o Siwa, sem a mínima cerimônia, lhe propôs comprar os aparelhos de mágica. Comendo capim amargo pela raiz, o Dossel, mesmo com dor no coração, topou vender pro Siwa um jogo de espelhos que serviam, quando montados, para dar o resultado do truque da mulher de cabeça separada do corpo. O Siwa ficou abilolado. Aquela era uma chance rara. Podia ser a decisão do seu futuro artístico. E só podia comprar os aparelhos espelhados. Mas, grana o Siwa não tinha nenhuma. Se o Dossel, que era o patrão, estava a perigo perpétuo, o Siwa, ajudante, não podia estar pior. Mas, ele não se rendia fácil. Pediu um prazo pro vendedor e foi conquistar o dinheiro no meio da batalha.

O Siwa xeretou em tudo quanto foi buraco da lacraia atrás do dinheiro necessário. Fez das tripas coração, mas não estava vendo possibilidade. Meio desanimado, o Siwa foi tentar, quase em desespero de causa, um lance de empréstimo com uma Madame, que tinha um puleiro de piranha no cais do porto e era meio chegada à sua madrinha. Claro que a pistoleira, escolada por muitos anos de janela, não entrou na conversa do Siwa. Dispensou o aprendiz de mágico sem grandes rodeios. É murcho, jururu, o Siwa ia se retirando, quando suas botucas flagraram uma piranha gorda e feia, rindo pra ele. Tempero de comida é fome. O Siwa engrenou depressa com a pistoleira gorda, que era conhecida no pedaço maldito como Brucutu. E podemos afirmar que houve um tremendo entendimento, rápido e rasteiro, entre o Siwa e a Brucutu. Passaram juntos a noite. Beberam às baldas, conversaram e dormiram.

Na manhã seguinte, a gorda Brucutu estava certa de que aquele Siwa ali presente era um gênio da mágica e acreditou que ele iria botá-la no espetáculo do espelho. Doida como andava pra mudar daquele pesqueiro, a Brucutu desenfundou suas economias e apostou tudo nas patas do Siwa.

Retumbando de alegria, o aprendiz de mágico, acompanhado pela mulher, foi ao Dossel e fechou o negócio com a caixa do jogo de espelhos. E[,] naquela²⁷³ mesmo, o Siwa por sugestão da Brucutu, embarcou pra São Sebastião. A Brutucu naturalmente foi junto. Agora, porque escolheram essa cidade pra iniciar os trabalhos, ninguém nunca ficou sabendo. O certo é que viajaram de barco de pesca e, durante todo o percurso, que durou umas dez horas, o Siwa cascadeou pra Brucutu encantada sobre o que iam fazer e acontecer. E chegaram cansados, porém felizes, a São Sebastião. Desembarcaram e o Siwa ordenou que a Brucutu ficasse tomando conta da caixa de jogo de espelhos, que ele ia achar um táxi. Obediente, a Brucutu cumpriu a ordem. Só que estava no bagaço e, pra se aliviar, sentou-se na caixa de jogo de espelho. E, nessa simples sentadinha da gorda parceria do mágico Siwa, tudo foi pro beleléu. A caixa do jogo de espelho não resistiu e os espelhos se quebraram todos. Ao Siwa só restou chiar e sair pra outra.

A vida tem dessas coisas (Última Hora de SP – Edição de 11/11/1971. Página 16 Caderno 1)

273 Termo atualizado; no original de jornal consta “naouela”.

O Manco era gamado em futebol. O único papo que ele levava era sobre bola. Dispensava blá-blá-blá sobre mina, sobre fumo e os cambaus. Não queria nem saber. Se o assunto era bola, aí, sim, ele se ligava. E não dava colher de chá. Queria saber mais do que todo mundo. Porém, nunca tinha vez. Bater na redonda não podia. Era manco. E isso entornava o caldo. Só dava pra torcer. Mas, era broca. Quando o bate-boca engrossava, sempre alguém saía pela tangente:

– Tu não entende bulhufas. Nunca foi de bola. É perneta. Só sabe cartear. Mas, de fora é mole. No campo é que quero ver.

Aí o Manco se fechava em copas. Se enrustia. Mas, ficava de cuca fundida, todo picado de raiva, só de cachola batendo num jeito de calar a boca da curriola que não botava fé nele. Matutava, matutava e sempre batia com a fuça na parede. Entrava pra tudo quanto é diretoria de time de bairro. Mas, não dava pedal. A negada só queria o Manco pra cobrar recibo. Nunca o panaca chegava a escalador do time. Segurava as pontas um tempo como cobrador. Daí, aos poucos, ia se assanhando. Metendo o bedelho na distribuição das camisas, tal a coisa. E logo estourava um salseiro. E era sempre o Manco que era botado a escanteio. Foi numa dessas que ele se tocou que só ia botar banca quando fosse o dono do time. Partiu pro pau. Foi devagar. Nas encolhas. Não se abriu com ninguém. Porém, um dia, apareceu com um jogo de camisas. Novinhas. A moçada desconfiou. O Manco sempre foi pé de chinelo. Nunca teve grana. Vivia mal paca. Tinha um emprego mixuruca. Salário mínimo e olha lá. Porém, o Manco não deu palha. Só azucrinou o pessoal:

– Com essas camisas, só joga cobra.

A negada xeretou, mas não teve por onde. O pinta se arrancou. No dia seguinte, apareceu com uma bola. Novinha. No ouro, baixou com um saco de chuteiras e meias. Depois, veio com os calções. Aí, o pessoal começou a gozar o majura. Era um sarrão:

– Vai jogar sozinho.

– Camisa não ganha jogo.

E era tudo por aí. Porém, o Manco tirava de letra. Encostava nos bons de bola. Bochichava, bochichava e deixava andar. Logo, o “Libertador” estava sem centro-avante, “Flor do Norte”, sem goleiro, o “Beira-Mar”, sem ponta esquerda, o “Santos do Monte”, sem meio-time, o “Bacia”, sem os seus trunfos. E foi então que o Manco chegou no boteco onde o “Santa Cruz” tinha tabuleta e botou pra quebrar: Desafiou o timão pra jogar.

E[,] no campo, o time do Manco entrutou o “Santa Cruz”. Cinco a zero. E não parou mais. Foi pegando um por um dos timões da várzea santista e dando pau. “Aurora”, “Aquário”, “Praia”, “Vasquinho”, “Santa Cecília” fizeram fila. E todos entraram no couro. O Manco era o escalador do time e ganhou fama de cara que entende. Também, seu time só tinha bolão. Era uma seleção. Virou honra jogar contra o time do Manco e seus cupinchas. E jogar no quadro dele era glória. Além do come-quieto. Tinha disso. O Manco pagava bicho de vitória. E foi com essas e outras, que o timão ficou um ano invicto. Um ano sem perder. Um ano inteirinho. Jogando todo domingo. Com sol ou com chuva.

E, pra comemorar o feito, o Manco arranjou um festival. Enfeitou o campo com bandeirinhas, comprou uma pilha de taças e convidou todos os melhores times da várzea pra se pegarem. E para a prova de honra do seu time, convidou o misto do Jabaquara, que nesse tempo ainda existia como time profissional. E foi lenha. No dia do festival, desde cedo, os leões se comeram.

E chegou a hora do “pega pra capar”. Time do Manco contra o misto do Jabaquara. Pra valer[.] Porém, teve um esquinapo.

Quando o time do Manco pisou em campo, a enorme torcida que se juntou pra ver o racha, se assustou. É que, do outro lado do campo, entrou a Polícia. E entrou pra valer. Só o Manco entendeu. Quis cair fora. Mas não deu. Foi em cana. E nem teve jogo. A moçada foi pra chefatura buscar o dono do time. Mas, não teve arreglo. O delerusca explicou:

– Esse Manco é ladrão. A gente já estava na captura dele há muito tempo. Só hoje pudemos ferrar o lalau.

E, na prensa, o Manco se entregou:

– Poxa, como é que eu ia manter o time?

Hoje, ele está escalando o time da cadeia.

Com nós é fogo (Última Hora de SP – Edição de 12/11/1971. Página 16 Caderno 1)

Às vezes me lembro da curriola do bairro do Aquário, lá de Santos, a bela ilha de Iemanjá. Aí, é broca. Marco até bobeira. Sinto nó na garganta, a cuca gira, o relógio do peito rateia e os cambaus. Nessas horas, não dá pra ninguém me entender. Eu fico jururu, fechado em copas. Só na saudade. Matuto sobre minha gente. E de repente, num estalo, revejo na imaginação, como se visse numa fita, o meu quarteirão. Minha casa. O quatorze da sorte. Onde todos que chegaram foram bem chegados. Meu pai, sempre rindo, sempre ponta firme para o que desse e viesse. Minha mãe, sempre de plantão para ajudar o bairro. Heroica mãe eu tenho. Enfermeira sem diploma. Quanta cabeça de moleque quebrada ou aflita ela consertou com mercúrio-cromo, pastel e boa palavra! Não dá nem pra conferir. Meus irmãos, meus vizinhos, a molecada toda. O campo do Aquário Praia Clube, o eucalipto, o muro do Jabaquara, as pedras da rua, as poças de água desfilam na minha cachola e, na sonoplastia dessa abilolação, me pia o regional do velho Burgos da flauta, mandando ver o hino do nosso antigo e querido bairro:

Na vila Sapo
A vida é boa
não há sopapo
nem sururu
Tudo é risonho
e bem fadado
reina alegria
e a simpatia
Contente feliz estou
com meus amigos nessa folia
Contente feliz estou
cantando com alegria
Contente feliz estou
cantando o cateretê
da nossa vila.

Nem sei quem é o autor desse cateretê tão simples e tão sonoro, que em mim se gravou pra sempre[.] Se foi o Adamastor do violino, seu Ademar do cavaquinho, ou se foi algum dos cobrões do violão bolacha, seu Joaquim, seu Miranda ou seu Teixeira, não consigo recordar. Eu era pivete demais pra tomar conhecimento da

autoria. E, depois, essa era música de todos nós nas ocasiões de festa. Foi feita pra quebrar uma quizila²⁷⁴ contra um bairro inimigo. A gente o apelidou de Suvaco²⁷⁵ da Mula e eles esculachavam nosso pedaço chamado de Vila Sapo. Entre a garotada, deu muita pauleira. Mas, os coroas mais escolados tiraram de letra. Assumiram a treta na esportiva e deixaram andar. Pra nós ficou barato. No bom-humor demos a volta sem grandes afobações e o cateretê pegou. Cada figura do bairro que fazia anos recebia a visita de uma comissão de festa. O regional tocava a nossa música, meu pai fazia um discurso em homenagem ao aniversariante, seu Teixeira, entre piadas, entregava um buquê de couve-flor e o dono da casa dava as bebidas. Era seresta até as tantas da matina. E essas não eram as únicas festas. Havia as festas de São Pedro, os bailinhos na casa do seu Altino, os festivais do Aquário Praia Clube. A vida era uma festa. A praia era nossa, a esperança era nossa e era nosso o mar.

Depois vieram os revertérios. Lotearam o campo do Aquário, derrubaram o muro do Jabaquara, cortaram o eucalipto, a molecada cresceu, asfaltaram as ruas do bairro, construíram novas casas, acabaram os cortiços do fim da rua, o time do Aquário se desfez, a moçada casou, outros seguiram o destino, eu fui embora, meu pai morreu, minha mãe, meus irmãos solteiros não aguentaram mais ficar no quatorze da sorte e eu nunca mais tive coragem de voltar lá.

Mas, por mais que eu bata perna à toa pelos caminhos esquisitos do roçado do bom Deus, nunca esqueço meu bairro e sempre sei da minha gente. E todos da curriola do Aquário são assim. Outra noite, numa quebrada do mundaréu, me encontrei com o Iberê. Hoje ele é o Doutor Iberê Bandeira de Melo. Mas pra mim é o Iberê do Aquário. E vai ser sempre. Porque em gente do Aquário se leva fé. Basta dizer que quando, devido a uma catimba, eu tive um salseiro que me levou na frente do capa preta, nem me toquei. Deixei andar e por certo iria encarar à revelia. Mas, o Iberê da minha curriola de pivete disse presente por mim. Me defendeu. Livrou minha cara. Eu nem obrigado falei a ele. Não precisa. Ele é do Aquário. Quando a gente se vê, fala de gente mais importante:

- Tu ficou sabendo do Mazinho?
- O do Vinte e Um?
- Grande cara. Fez e aconteceu. Ninguém dobrou ele.
- Que tu queria? Ele é de lá.
- Só podia ser. Com o Mazinho não teve bom.
- Agora, tu viu uma entrevista que o Filpo Nunes deu?
- Não. O que o gringo falou?

– Ele, pra se bacanear, contou muita cascata. Até aí, tá certo. Precisa vender seu peixe, tal e coisa. Não vou ficar contra ele. Mesmo porque de bola ele entende. Só que, numa parte do boquejo, o Filpo disse que uma vez, quando treinava o Jabuca, botou de beque contra o Santos, naquele jogo que o Jabuca ganhou de seis a quatro, um beque medíocre chamado Oswaldo Malcriado e que deu instrução pro Oswaldo e ele acabou com o Tite. Acontece que tu lembra quem era o Oswaldo Malcriado?

- Aquele que namorava a Nancy do Doze era goleiro.
- É um ótimo goleiro. O Filpo inventou ele de beque e ainda diz que ele era medíocre. Aqui ói. O Oswaldo era bolão. E o irmão dele, o Oda, também. Mas era lá do Marapé.
- E o Luizinho?

274 Termo atualizado; no original de jornal consta “quizala”.

275 Termo atualizado; no original de jornal consta “Suvado”.

– O irmão do Geraldo? Parou no XV de Piracicaba. Sabia o moleque. Mas não quis mais.

– O Raimundinho ainda tá em forma.

– Tu lembra dele no Vitória da padaria?

– Então. Até torci pelo São Bento, quando ele bateu em Sorocaba.

– E o Mingo?

– Tá lá, firme como sempre.

– O Luciano eu vi no ano passado. Tava cantando no Lanterna Vermelha. Tá catando bem pra chuchu²⁷⁶.

– Ele sempre foi bom. O mal dele é não ter vindo pra São Paulo. Cantor de cabaré não aparece.

– O Luciano era um sarro.

– E o Flavinho?

– Largou o violão. Só quer saber de navio.

– O Bufalo em uma banda de peixe.

– Junto com o Boi Baba. Um dia que fui no Guarujá vi eles lá.

É. Pois é. O quás-quás-quás não para nunca. Talvez só pra nós, do Aquário, interesse. Porém, a verdade é que eu sou quem sou porque sou de Santos, do Bairro do Aquário, da divisa do Macuco. Porque me criei em chão de axé forte. Porque tenho compromisso com a minha esquina. E se o bairro se transformou, eu não. E minha curriola mudou de casa, não de fé, tenho certeza.

História da Igreja do Valongo (Última Hora de SP – Edição de 13/11/1971. Página 16 Caderno 1)

Ontem falei do papo comprido que levei outra noite nas quebradas do mundaréu com meu chapa Iberê Bandeira de Melo sobre nosso querido bairro do Aquário, lá de Santos, a formosa ilha de Iemanjá, e de sua gente simples e bacana. Bastou o jornal sair na rua pra piar na parada vários santistas radicados em São Paulo. E vieram estrilar. Num quás-quás-quás mei cavernoso e meio carinhoso, os reclamantes chiavam por telefone e até pessoalmente, em encontros na rua, que eu só dava colher de chá pro meu antigo pedaço e esquecia o resto da cidade. O que não é verdade. Já falei aqui mesmo, nesse canto de página, do Bairro Chinês, do Marapé, do José Menino, do Embaré, do Mercado, do Golfo, da Xavier Silveira até a João Guerra, do Chico de Paula, desci pela Santa Maria, Matadouro, Areia Branca, cheguei até São Vicente pela Caneleira, me instalei na Vila Melo, joguei sinuca no Bar Seletto, dancei no Tranquinha, fiz bom ambiente no portinho. E nem do Itapema me esquecia nunca. Servi na Base Área. Peguei muita catraia e saudade de tanto que atraquei em Vicente de Carvalho. Conheci os boleiros todos dessa boca. Afonsinho (que foi do Santos, do Atlético Mineiro), o Jorge (da Portuguesa, do Santos), o Jackson (de tantos times do interior) serviram comigo na base. E Tié e o Cabo Veríssimo foram meus parceiros em muitas presepadas nos bailecos do Brasil F. C. e do Itapema A. C. e eles tiveram ou têm muito nome aí nessa ilha. No Casqueiro eu também andei e no Cubatão fiz muita zoeira. A Baixada Santista, meus senhores e minhas senhoras, digo com a boca cheia e o coração retumbante de orgulho, eu manjo como a palma da minha mão. E mais. Tive trânsito livre em todo o Macuco. Até na Bacia eu podia me chegar tranquilo, que pra cima de mim nunca tinha escama. Enoe, Aracaju, Pintado, Carabina, Maroeiro e tantos outros pintas daquelas bandas eram meus faixas. Frederico Cabeleira, Simião e tal e coisa me

²⁷⁶ Termo atualizado; no original de jornal consta “xuxu”.

davam passagem. E nos morros, eu subia a hora que quisesse. Cansei de ir na Nova Cintra buscar o morrão do alambique e ver aquela lagoa, que está à espera que algum sabido lhe dê divisas de atração turística, como é a Lagoa do Abaeté. Eu manjo as duas. E são iguais. A Lua que reflete na lagoa baiana não é outra senão a que brilha em Santos. E no morro de São Bento também bati perna e tudo mais. A Nica está lá mesmo pra não me deixar mentir. Quantas vezes a levei em sua casa não dá pra conferir. Na Baixada Santista, minha terra de chão firme, onde os fundamentos do axé são de liberdade e caridade, eu sou mais eu. Em qualquer reduto.

E foi por isso que uma vez, nosso tão considerado Esmeraldo Tarquínio, orgulho de nossa gente, me deu uma pala de um plano seu, que era de entortar o patuá. Queria ele, que é um apaixonado das coisas e das pessoas da baixada, que eu escrevesse um livro falando dos nossos negócios todos. Festa da Santa do Monte Serrat, festa dos pescadores na Igrejinha da Pouca Farinha, do Salão Azul, da Pedra dos Ladrões, do Nosso Carnaval, dos Chineses do Mercado, da Escola de Samba X9, dos Príncipes Negros da Areia Branca, das Dengosas do Marapé, dos Boêmios do Morro São Bento, das Mariposas do Santo Antonio. Das Peixadas da casa do Drauzio, dos bailes da Humanitária do Nacional e do Vasquinho. Dos nossos grandes times de várzea: Flor do Norte, Praticagem, Cunha Moreira, XV, Anglo, Santa Maria, Afonso Pena, Portuários, Vasco, Libertador, Amor e Glória, Beira Mar, São Vicente. E de nossos valentes também era preciso falar. Adegas, Toninho Navalhada, Peixinho, Nego Orlando, Frederico Cabeleira, Simeão, Maneco Lalau, Grego, Tainha, Pinto Rico, Goiaba e tantas outras figuras. Conde da Nova Cintra, o Shiro Pasteleiro da Rua XV, do Bar do Nicanor, do Charuto que vendia agulha. Da nossa macumba. Dos nossos grandes médiuns, como seu Mirabele. Dos remédios do seu Joãozinho da Farmácia e os cambaus.

Teria tanta história, tanta gente bacana, tanta façanha, que era negócio pra vinte livros. Mas, não deu pé. O Tarquínio não pode levar seu plano avante e eu pude menos ainda. Sabe como é. Vivo comendo capim amargo pela raiz e não posso deixar de lado os assuntos profissionais.

Mas, um dia, eu chego lá. Sinto que nasci pra cantar meu povo e minha terra. Os meus orixás de fé e de valia não permitirão que eu me finde sem cumprir o trato que tenho comigo, desde o dia em que fui despertado por esse grande cidadão santista e brasileiro que é o Esmeraldo. Daí, na boa maré, eu escancaro pererecos que eu vi com esses olhos que a terra há de comer um dia, e outros que sei de ouvir meu pai Armando, meu avô Chico, meus tios Gilberto e Edmundo e a patota dos esquisitos contarem. Direi, por exemplo, da Igreja do Valongo, como se eu tivesse presenciado a gronga.

Tudo se deu quando os engenheiros da Estrada S. P. R. resolveram aumentar a estação dos trens pra São Paulo. Mediram o terreno e concluíram que pro lance ficar bidu teriam que derrubar a igreja do Valongo. Como a igreja ficava em terreno da estrada, os engenheiros não fizeram cerimônia com os fiéis da Santa Valongo. Se arregalaram com o padre e mandaram ver. Os operários tacaram a marreta nas paredes da igreja e foram demolindo tudo. À tardinha, já estava perto do altar da santa. Por ordem do mestre da obra, retiraram a santa do altar e foram embora, a fim de voltarem no outro dia pra acabar o serviço. E se assim estava combinado, assim foi feito. Na manhã seguinte, logo cedo, quando os operários deram as fuças, tiveram uma surpresa. A santa que eles retiraram do altar estava novamente instalada no seu lugar de origem. Foi broca. Os operários se invocaram. O mestre de obras, que era metido a marrudo desconheceu e mandou descer a santa. Porém,

os operários não quiseram saber. Deu o maior bochicho. A notícia logo se esparramou pelo cais do porto e se alastrou pelos puleiros das madames. As pistoleiras nem vacilaram. Meteram o véu preto e vieram xeretar. A barra pesou. O mestre de obras foi pouco pra convencer os operários a pegarem no batente. Foi preciso chamar o engenheiro, que teve que usar toda sua influência pra ver os operários mais uma vez descerem a santa do altar. E nessas quizilas passou-se o dia. Quando a santa foi arreada no chão, já era hora de ir embora e não teve operário que topasse serão. Adiaram a continuação do trabalho novamente. Pra evitar xaveco²⁷⁷ e cascata de algum milongueiro, os homens da estação botaram guarda na igreja e tudo. Os sentinelas de plantão, mais os vagaus curiosos que passaram a noite na porta da igreja do Valongo não escutaram nenhum barulho estranho durante a vigília.

Porém, de manhã, quando os operários se encostaram ao batente, a santa do Valongo estava firme no seu altar. Deu bobeira geral. Quem era de crer se benzeu e ajoelhou. Quem duvidava tremeu nas bases. E não demorou nadinha pra aparecer fiel de tudo quanto era canto da ilha. Aí, não teve jeito. Tiveram que conservar aquele pedaço de igreja. As piranhas que trampavam no cais do porto imediatamente mandaram celebrar uma missa de ação de graças. O padre encabulou, mas acabou concordando. Rezou a missa e as piranhas, dali pra frente, elegeram aquela santa milagreira como padroeira. E a estação dos trens se ajeitou como pode.

Respondendo à freguesia (Última Hora de SP – Edição de 15/11/1971. Página 16 Caderno 1)

Já tinha parado com essa marola de responder cartas dos amigos leitores. Porém (e sempre tem um porém), piou tanta carta bacana na parada, que aproveito esse feriado e dou uma pala pra curriola que se deu ao trabalho de nos escrever.

Pra começar, temos um ofício do Centro Acadêmico de Debates e Estudos da Escola Superior de Psicanálise, que vem assinado por Silvio Matheus de Aquino Gisotto Netto, psicanalista clínico. Eles dão, em tom simpático, uma bronca sentida e afirmam que o vosso chapa aqui presente, na crônica “Lazinha toda malcriada”, enveredou por um atalho perigoso e que, sem conhecer nada do assunto, sem base e tal e coisa, esculachou com a psicanálise.

Claro que botamos na balança tudo o que os simpáticos doutores disseram. Mas, acontece que os distintos, que se confessam leitores assíduos desta coluna, deveriam se ligar com mais atenção no nosso quás-quás-quás diário, pra não darem mancada no naipe dessa que deram. Porque, meus diletos cupinchas, na história “Lazinha toda malcriada” não há nenhum lance em que a gente avacalhe com a psicanálise. Longe de mim querer bagunçar o coreto dos outros. Principalmente eu, que me guio pela Tabuada das Candongas do Mestre Zagaia e sei que o velho cabo de esquadra falou:

– Malandro não briga com quem sabe mais.

E se o Mestre Zagaia falou, é que é. Ele sabe das coisas. Abriu seus olhos de ver no meio das batalhas. Assim sendo, eu juro por essa luz que me ilumina que não iria entrar no enguiço tão cavernoso. Porque de psicanálise eu sei tanto quanto de álgebra. Agora, o mesmo Mestre Zagaia dá outro alô na sua Tabuada:

– Quando se pode, deve-se ser leão. Quando não se pode, deve-se ser raposa.

²⁷⁷ Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

No caso, eu estou com a razão. Então, já viu. Corto o baralho e jogo de mão. A menção que existe na crônica “Lazinha toda malcriada” à psicanálise nada tem com os profissionais do assunto. Apenas, na crônica, eu conto que um colega de escritório da Lazinha, se tocando que a bruta era toda cheia de mumunha, engrenou com ela um papo furado de psicanálise e ganhou fácil a coroa que, já avançada na idade, ainda era moça.

Humildemente, confessei que não entendo nada de psicanálise. Por isso, me vejo à vontade para selar que, de mulher, eu entendo. E é isso que me leva a escancarar que a melhor forma de se cantar uma coroa abilolada é levar com ela a conversa fiada sobre psicanálise. Exatamente como fez o vagau da crônica que ouriçou os meus chapas do Centro Acadêmico de Debates e Estudos da Escola Superior de Psicanálise.

Quanto ao trabalho que os amigos estão fazendo junto ao povo, eu respeito e creio na boa intenção. Li tudo quanto foi panfleto que os amigos me mandaram. E, diante de tanto entusiasmo da parte da turma tão generosa, eu gostaria de poder ser otimista. Mas, diante dos fatos, não dá pra ser. Eu não acredito que, dentro de uma cidade como São Paulo, que cresce desordenadamente e onde o homem se atucana, tentando um arreglo, a solução seja a psicanálise. De qualquer forma, muito obrigado pelo interesse e estamos sempre à disposição dos amigos.

Outra carta que me chega é do cidadão Nelson Gonçalves dos Santos, de Araçatuba. Ele quer ser ator e me pede uma colher de chá, pra que ele não perca as esperanças e possa vir pra São Paulo tentar a sorte na certeza de que poderá contar com meu apoio.

Essa carta eu devia responder pessoalmente, Nelson. Porém, como são muitas as pessoas que escrevem pra mim e pra outros atores sobre o mesmo assunto, eu a escancaro pra que a minha resposta sirva de simancol pra toda a patota de otários que atacam de coitadinhos pra ver se ganham uma estia e se arrumam sem fazer força. Tome nota. Eu, primeiramente, nunca estive no seu caso, porque não sou nenhum papagaio enfeitado. Comi capim amargo pela raiz sem andar chorando as pitangas pelas quebradas do mundaréu. Nem nunca escrevi carta pra ninguém pedindo arreglo.

Quando cismeiei que queria ser ator, fui xeretar nos circos e nos grupos amadores. Entrei pela porta da frente e de cabeça erguida. Quando vim pra São Paulo, dormi na Estação Rodoviária e pererequei às baldas até me arrumar. Mas, nunca pedi favor. Pedia emprego. Fazia teste e, quando servia, trampava. Quando não servia, saía pra outra sem me assombrar. Meu início foi de extra na Companhia Cacilda Becker. Eu entrava carregando um tapete e saía logo pela outra porta. Pra fazer esse negócio, eu tive que fazer teste que foi anunciado pelo jornal.

Agora, vê se tu me entende, Nelson. Se eu te mando largar teu emprego aí em Araçatuba pra tu vir pra São Paulo, eu fico responsável pela tua sorte, né? Mas, aqui ói! Não tenho filho desse tamanho e nem sei se tu leva jeito pro teatro. Portanto, quero que tu se vire sozinho, se é que tu é mesmo ator. Quanto à tua esperança depender da minha colher de chá, é sinal que é uma esperança muito fajuta. De qualquer forma, me queira bem, que não custa nada.

E pra provar que essa coluna não recebe apenas bronca, anuncio o recado do Walter Silva e do Jonas Bloch. O primeiro diz que gostou muito da história do manco que roubava pra manter o time de futebol. E o segundo diz que a história do meu bairro, o sempre querido Aquário de Santos, balançou as bases e lhe forneceu a chave pra uma peça que ele quer escrever.

Aos dois, muito obrigado pelos incentivos. É bom a gente ter torcedores desse gabarito. Mas, ao Jonas, que é nosso ponta firme, eu abro a janela. Antes de mim, Tolstoi já dizia:

– “Se queres ser universal, canta a tua aldeia”.

Um engano muito sério (Última Hora de SP – Edição de 16/11/1971. Página 16 Caderno 1)

Já falei aqui mil vezes que a curriola do bairro do Aquário, lá em Santos, a bela ilha de Iemanjá, era fogo. E se falei, é porque era mesmo. Qualquer pivete daquelas bandas fazia e acontecia sem vacilar. E, por essas e outras, naturalmente às vezes se davam os esquinapos. Uma invertida que alguns pintas da patota pegaram eu me lembro bem. Foi uma noite de verão. O dia tinha sido de um sol de rachar mamoma e à tardinha caiu um temporal de transbordar rio. Por isso, a turma demorou pra chegar no ponto onde sempre se encontravam pra jogar palitinho e bater papo furado. Mas, aos poucos alguns piaram na parada. Pra ser exato, esses “alguns” eram quatro. Um criou[u]lão forte como um touro, que atendia pelo nome de Tamborim, o Clarimundo, um peixeiro enjoado e invocado que por qualquer coisinha se ouriçava e, encrespado, era uma briga encardida, o Edemar, que andava sempre procurando encrenca, um moleque cheio de presepada, que tinha direito a se chegar no pessoal da pesada por ser bom recadeiro. O assunto daquela noite era igual ao de sempre. Falavam de futebol, de mulher, de samba e das façanhas que fizeram ou viriam a fazer. E estavam nisso, quando lá no Canal 6 apareceu um Bonde 4. O velho Bonde 4 tinha estribo e era aberto dos dois lados. Quando chovia, os passageiros arreavam as cortinas. O bonde dessa história vinha com todas as cortinas corridas. Isso não era novidade. Mas, o que chamou a atenção dos vagaus foi um pinta que vinha no estribo. Era o único passageiro pendurado. E, pra encabreirar mais, o pilantroso estava de terno, gravata e chapéu.

O primeiro vagau da patota que viu aquela figura toda embandeirada no estribo logo estranhou e deu a dica:

– Vê o loque que vem no estribo.

Essa pala fez brotar imediatamente ideia de jerico na cachola dos outros. O Tamborim pensou de saída no pior:

– Acho que o cara tá a fim de engrupir o condutor. Vai ali escondido pra não pagar.

Essa opinião gerou um monte de palpites:

– Que nada. Ele vai em pé pra não amassar o friso da calça.

– Grupo. Ele não quer é bufar com a grana.

– Todo de terno e duro. É muito otário.

– Merece um esculacho.

– Otário é pra isso mesmo. Pra ser esculachado.

– Então é com nós mesmo. Vamos tirar um sarro.

E, enquanto o bonde se aproximava, a patota tramou o xaveco²⁷⁸. Considerando que o bonde parava no Aquário, ele teria que passar devagarinho ali no lugar onde eles estavam e seria fácil aprontar pro loque. E quem inventou a treta foi o Clarimundo. Ele estava de guarda-chuva e o entregou ao pivete junto com a ordem:

– Quando o bonde passar por aqui, mete uma guarda-chuvada na perna do otário.

278 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

O moleque nem vacilou. Confiou na produção dos marmanjos e mandou ver. Acertou em cheio na canela do homem que vinha no estribo. Esse se assustou com a pancada e quase despenca do bonde. A patota se divertiu. Mas o otário se apurou. Esperou o bonde parar no ponto do Aquário, desceu e, sem vacilar, foi em direção à curriola. O pivete deu o aviso:

– Ele vem pra cá. Deve ser tira pra querer encarar.

O Clarimundo deu sossego pro moleque:

– Deixa pra mim.

E todos se prepararam pra encarar o otário. Quando ele chegou perto, o pivete, que estava na frente, botou banca:

– Que qui há? Que tu vai querer?

– Em resposta, o pivete levou um tremendo soco na orelha. Bambeou o corpo, as pernas dobraram e ele caiu no chão. Podia ver tudo em sua volta. Mas, preferiu fingir-se de morto. Ficou estarrado no chão, e de esguela, assistiu ao quebra-pau que se seguiu. Os três vagaus pularam em cima do otário. Porém, ele caiu fora e soltou a mão. Cada soco que acertava era um que tombava. O Tamborim, o Clarimundo e o Edeimar apanharam pra valer. O melado escorreu da fuça dos três. Aquilo já não era briga. Era massacre. Só o otário batia. Mas, ninguém correu. Quando o otário cansou de socar o nariz dos vagaus, limpou-se calmamente e se afastou como se nada tivesse acontecido.

Porém, no dia seguinte, os jornais de Santos escancararam na primeira página o retrato do otário e, embaixo, uma notícia de entortar os patuás: “Campeão uruguaio de peso pesado assaltado na Ponta da Praia por quatro marginais”.

Primeiro alô do Bentão sobre forrós (Última Hora de SP – Edição de 17/11/1971. Página 16 Caderno 1)

Como eu havia anunciado na semana passada, o meu cupincha Bentão, ponta firme de muitas batalhas, que agora mexe com o negócio de forró, iria dar dicas e contar pros leitores desta coluna os fuxicos²⁷⁹ e os pererecos dos forrós. Sendo o Bentão homem de palavra, ele deu as palas aqui pro vosso chapa e eu passo a escancarar.

Diz o Bentão que são cinquenta e cinco os forrós que atualmente funcionam na capital paulista. Mas, pra se dar valor a quem tem, é preciso lembrar que o considerado Pedro Sertanejo foi o primeirão a aparecer com essa jogada. Armou pesqueiro na Vila Carioca e emplacou fácil. Tudo quanto era nordestino que andava abilolado de saudade da terra baixou no forró do Pedro Sertanejo. Foi aquele sucesso. Daí, já viu. Muito nego meteu olho gordo na bilheteria do forró, ficou com a ganância pega e montou um forró por conta própria. E com a coisa se alastrando rapidamente, começou a brigar de foice pra disputar o distinto público que gosta de se divertir nessa gandaia. Tem dono de forró que, na ânsia de ganhar a preferência das moças e atraí-las pro seu chão, mete a boca no trombone e esparrama nas quebradas do mundaréu que dançar no seu forró é argolamento certo e promete dar um enxoval completo pra noiva que prova ter conhecido o noivo nos seus salões. Esse forró, que está concorrido às baldas, recebe da boca do povão o nome de forró Santo Antonio. E ainda e sempre segundo o Bentão, a princípio a publicidade funcionou às pamparras. O salão ficou a três de alto, com o mulherio se agarrando pelos picos. E como onde tem mulher os vagaus vêm firmes, a lotação se esgotava rapidamente toda noite. Porém (e sempre tem um porém), logo a rapaziada sentiu o

279 Termo atualizado; no original de jornal consta “fuchicos”.

aroma da perpétua e tiraram o time de campo do forró Santo Antonio. Se tocaram que, naquele salão, o único futuro era casamento e, com a vida custando os olhos da cara como anda, toda a rapaziada se espantou daquele pedaço com medo de entrar em fria.

Outro tipo de propaganda que os donos dos forrós usam pra aumentar a freguesia é o concurso de rainha. O Bentão me garantiu que essa presepada dá um belo resultado. As moças que frequentam os forrós partem do princípio que é preferível ser rainha do forró do que não ser nada. Por essas e outras, embarcam todas na canoa furada. Mas, ultimamente, essa xavecada²⁸⁰ anda meio bagunçada em virtude de um dono de forró, cujo nome o Bentão não quis entregar, ter feito sujeira. Prometeu que ia dar prêmios mil pra rainha eleita, ia fazer e acontecer e, na hora em que piou nas urnas o resultado da eleição, o pilantroso deu pra trás e anulou o concurso. Só porque achou que a galera escolheu pra rainha um bagulhão, que não poderia representar dignamente o forró nas festas e nos programas de televisão. Claro que a curriola que comprou voto pra eleger a rainha se azedou e ouriçou, o que deu muito trabalho pro Sargento Sandoval, que teve que fazer das tripas coração pra evitar o sururu.

Mas, tudo isso não teria importância, na opinião do Bentão, se não fossem as tretas que alguns donos de forró andam aprontando, deixando tocar em seus salões música estrangeira, iê-iê-iê e versões de boleroes. Esse esculacho de entortar patuá vai acabar transformando os forrós em bailinhos de clubes. Nisso o Pedro Sertanejo merece nossos respeitos e os maiores elogios. Começou com música nordestina e continua até hoje na mesma toada quente do seu sanfoneiro de oito baixos, que, no entendimento do Bentão, é o que há de bom. E pra mim é isso que pesa na balança. Na medida em que esses centros de diversões se tornarem um reduto da música popular brasileira, eles terão muita importância. Agora, se avacalharem a guerra e atacarem de música gringa, serão apenas gafieras, como as milhares que existem na cidade.

Por isso, o Bentão já está e vai sair por aí conferindo todos os forrós e nós aqui vamos denunciando os podres dos enganadores que botam banca pra chuveirar os otários. Esses vão ter vida dura com essa coluna. Da mesma forma, a patota que for fiel aos ritmos dos forrós nordestinos terão nosso apoio e simpatia. Por enquanto as colheres de chá maiores são pro Pedro Sertanejo, que eu não conheço pessoalmente, mas de quem recebi ótimas informações do Bentão. Diz o Bentão que o Pedro Sertanejo bota tanta fé na música nordestina e nos forrós, que quando faz propaganda do seu forró cita todos os outros, incentivando o povo a ir em qualquer um deles, pra dançar e ouvir a música de sua terra natal que, sem sombra de dúvidas, ele ama de todo coração. Viva o Pedro Sertanejo e abaixo os fajutos, que estão entrando nessa marola de forró unicamente pra ganhar dinheiro mole.

Para os oportunistas, convém lembrar que a grande razão do sucesso das rodas de samba é a autenticidade. Quem quiser conferir, pode baixar no Camisa Verde e Branco da Barra Funda, do seu Inocência, no Império do Cambuci, do Sinval, no Nenê da Vila Matilde, na Mocidade Alegre e em qualquer outra roda de samba, que só vai encontrar batucada. E é isso que nós queremos. Que esses lugares preservem a nossa música popular, uma vez que o mercado que resta pra ele é mínimo. As rodas de samba têm cumprido o seu papel. Através delas, Toniquinho, Zé Di, Talismã, Jangada, Silvio Modesto, Zeca da Casa Verde, Geraldão e outros estão dando o ar de suas graças. O mesmo pode acontecer com os forrós.

280 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

E o melhor exemplo disso é, na afirmação do Bentão, o cantor Sebastião do Rojão, que está se revelando um grande artista.

Por hoje é só esse o papo sobre os forrós. Semana que vem tem mais, se o Bentão continuar cumprindo o trato.

A velha casamenteira (Última Hora de SP – Edição de 18/11/1971. Página 16 Caderno 1)

Tem coisa que, por mais que eu me esforce, não dá pra entender. Está certo que meu puçá não vai além da superfície e, por essas e outras, eu só pesco o que vem à tona; mas juro por essa luz que me ilumina que são tantas as grongas que aparecem boiando nas águas barrentas em que navego, que vivo assombrado e agarrado ao meu patuá de fé e de valia pra não naufragar. O caso do Zé Ricardo, um lavrador da cidade mineira de Rio das Cascas, é bem desse naipe.

O bruto, que tinha apenas trinta anos, se argolou de papel passado em cartório com uma coroa de setenta e sete anos. E essa coroa, além da idade, das rugas e dos cabelos brancos, não tinha nada de seu. Era um tremendo bagulho e dura. Porém, como gosto não se discute, ninguém estranhou a abi[[]olação do Zé Ricardo. Mesmo porque, em se tratando de mulher, Rio das Cascas não era lá essas coisas. Mas, mesmo assim, o Zé Ricardo sempre que podia se explicava cantando:

Garrafão tem fundo largo
botija não tem pescoço
pedaço de telha é caco
banana não tem caroço

Eu casei com mulher velha
pra livrar da filharada
que a danada da velha
teve dez na primeira ninhada

E era verdade. No primeiro casamento, a coroa do Zé Ricardo tinha tido dez filhos. E com essa justificativa dada espontaneamente o rapaz ia mandando ver. Porém (e sempre tem um porém), a velha era assanhada que só ela. E se não deu filhos pro Zé Ricardo, foi por causa da natureza. Tentar ela tentou. Dentro e fora de casa. E se o Zé Ricardo não ganhou filho, ganhou um belo enfeite pra testa. Aí, já viu. O rapaz se azucrinou. De saída, não percebeu bem o que se passava. Manjava que o povão do pedaço ria baixinho quando ele dava as fuças, gozavam sua cara nas encolhas e os cambaus. Só não percebia que era por causa das ligações da coroa com um lavrador de nome Marcelino.

No íntimo, o Zé Ricardo devia até duvidar que alguém pudesse querer acordo com aquela piranha velha e, por essas e outras, tirava de letra o quás-quás-quás da patota. A sério, o bruto só botou a pulga atrás da orelha, quando um parente seu, muito mais pra encaveirar do que pra ajudar, chegou nele e lhe deu um alô:

– Ói, Zé, num gosto de meter colher torta na vida dos outros. Porém, como tu é meu parente, quero te abrir os olhos. Não sei se devo.

Moço meio ingênuo ou otário, o Zé Ricardo deixou o fofoqueiro à vontade:

– Mas claro que deve. Afinal, amigo é pra essas coisas.

Com a licença do paspalho, o fuxiqueiro²⁸¹ ganhou embalo e botou as cartas na mesa:

– Zé, o povão anda falando da tua mulher com o Marcelino.

Bestalhão como era, o Zé não entendeu:

– Falando o que, homem de Deus?

O amigo encabulou com tanta falta de simancol do Zé e quase perde o fio da meada. Coçou a cabeça, quis sair fora e, se não saiu, foi porque o Zé insistiu:

– Me fala claro, homem.

Dada a prensa, o parente do Zé ficou na ferida:

– Tão dizendo que na tua ausência tua mulher tem entendimento com o Marcelino.

Quando percebeu onde o seu parente queria chegar, o Zé se ouriçou. Agradeceu a dica e se mandou pra casa. Chegou como um furacão e, sem muita conversa, plantou a mão na orelha da velha. Deu uma biaba de criar bicho. Deixou a coroa de molho por uns dias. Mas, assim que a velha sarou, passou a bolar um plano pra se vingar do Zé.

Com dengo e tal e coisa, a danada da velha dobrou o Zé no papo e fez até o trouxa se arrepender de ter lhe dado a surra. Aí, a coroa aproveitou que o Zé estava querendo agradar e lhe propôs dar um baile pra comemorar o aniversário de um neto dela. O Zé topou, mas fez a velha prometer que não convidava o tal de Marcelino. E, sem chibu, acertaram os ponteiros.

No dia da festa, o rala-bucho estava animado, quando o Marcelino piou na parada. O Zé, atucanado com a presença do inimigo e achando que aquilo era graça da velha, puxou-a pro canto e deu o estrilo:

– Não te falei que não queria ele aqui?

A mulher desbaratinou:

– Ele veio porque quis. Eu não chamei.

O Zé se picou de raiva e selou:

– Então vou botar o penetra pra fora.

Maneira, escolada por muitos de janela, a velha discurtiu [sic] o Zé:

– Não estraga a festa. Deixa ele aí que é melhor.

Sem saber o que fazer, o Zé então se conformou, mas deixou clara a sua opinião:

– Esse cara não me agrada. Se ele dançar contigo, vou fazer ele na peixeira.

Isso combinado, o Zé se afastou da velha. Foi o bastante pro Marcelino se aproximar da coroa e sair dançando com ela. O Zé, diante do desacato, teve que tomar uma atitude. Mandou parar a música e chamou o Marcelino pra briga. Porém, se deu mal. A velha pulou na frente dele e fez um escarcéu. Berrou pra quem quis ouvir:

– Esse desgraçado me maltrata. Me bate e me explora. Eu quero ver ele morto.

Foi o bastante. Os filhos, os genros e os netos ajudaram o Marcelino a matar o Zé Ricardo a cacetadas. Ele se estarrrou sem socorro. A briga atraiu a atenção da polícia e o Marcelino foi em galera. Mas prometeu que, assim que sair de cana, casa com a velha, que agora é viúva.

O grande rival (Última Hora de SP – Edição de 19/11/1971. Página 16 Caderno 1)

281 Termo atualizado; no original de jornal consta “fuchiqueiro”.

Claro que ninguém é perfeito. Isso considerado, podemos afirmar que a Wilma é uma boa moça. E o Oscarino também achou isso quando a conheceu. Ela trampava na casa de uns bacanas. Lavava, passava a ferro, cozinhava e tomava conta das crianças dos patrões com um zelo que saltava aos olhos. E foi por tantos dotes, que o Oscarino observava de cima de um andaime de um prédio em construção, que ele se abilolou na Wilma e a rodeou até ter coragem pra chegar na moça e meter aquela papa de gente gamada. Mestre Zagaia dá uma boa dica sobre cantadas na sua Tabuada das Candongas. Diz o velho cabo de esquadra:

– Quando a mulher tá assim de um nego, basta pedir.

E se o Mestre Zagaia falou, é que é. Ele sabe das coisas. A Wilma e o Oscarino estão aí mesmo pra não deixar ninguém mentir. Sem muitas mumunhas, nem grandes presepadas, eles namoraram uma semana apenas e já o bruto pediu pra Wilma se argolar com ele. Foi pau e bola. A Wilma topou na hora. Como pra passar papel em cartório e tal e coisa precisava tempo e tudo mais, o casal dispensou as formalidades. A Wilma pegou seus badulaques na casa dos patrões e se espantou sem nem dar até logo. Deixou os bacanas falando sozinhos e estrilando que ela era mau caráter por não ter dado aviso prévio, nem nada. No meu entendimento, a moça agiu no taco. Naquela casa, ela nunca teve direito a férias, nem décimo-terceiro salário, nem recolheu INPS. E já que era na base do agrião, se pinoteou à vontade. Os patrões chiaram e provavelmente até rogaram praga pra cima da união do pedreiro Oscarino e da doméstica Wilma. Porém, deixa isso pra lá. O que quero contar é o que pesa na balança é que a Wilma levou pro barraco do Oscarino as suas enormes virtudes de mulher e uns poucos defeitos. O mais grave, no parecer do Oscarino, era o hábito que a Wilma tinha adquirido na casa dos ex-patrões: ver novela de televisão. Ela era vidrada nesse troço. O Oscarino, a bem da verdade, não sabia desse detalhe. Como também não sabia que a Wilma era firme nas suas querências. E não podia saber mesmo. Nem namorou. Seu caso com a Wilma foi aquele babado de olho no olho. Que é legal às pamparras pra mandar ver. Agora, pra morar junto a coisa é mais complicada. E o esquinapo começou a acontecer entre a Wilma e o Oscarino. Em plena lua de mel, a danada da moça se espantou do lar e saiu pela Barra do Catimbó pra descobrir na vizinhança alguma televisão onde pudesse assistir ao capítulo da novela “Bandeira 2”. Que por sinal é ótima. Conseguiu fácil a entrujar no barraco de dona Cotinha, a fofqueira.

A faladeira do bairro deixou a Wilma entrar para se inteirar da vida da nova figura que piou no pedaço. Mas, apesar do boquejo da fuxiqueira²⁸², que não parou de fazer perguntas um só instante, a Wilma assistiu à novela.

Como prêmio, assim que chegou em sua casa[,] a Wilma tomou uma biaba do Oscarino. E daí pra frente, foi uma pauleira sentida. Todas as noites, a Wilma desconhecia as recomendações do Oscarino e se mandava pra casa da dona Cotinha. Na volta, entrava na lenha.

Porém (e sempre tem um porém), apesar de tanta briga a Wilma acabou ficando choca. E foi nessas condições que o Oscarino tirou seu time de campo e deixou a Wilma no “ora veja”. Foi duro pra desgraçada. Grávida, não foi moleza arranjar emprego. Se bateu, mas ninguém queria receber em casa uma mulher naquele estado. Desanimada de tanto procurar à toa uma vaga, a Wilma resolveu largar a mão de luxo e foi bater na casa do antigos patrões.

Apesar de ter que aguentar os esculachos da madame, a Wilma deu sorte. A patroa estava mesmo precisando de empregada. Recolheu a Wilma, mas assim que a viu adivinhou que o arreglo com o Oscarino tinha ido por água abaixo. E, sem

282 Termo atualizado; no original de jornal consta “fuchiqueira”.

piedade, se botou a atucanar as ideias da Wilma com frases que todo bestalhão usa depois que a gronga encarna: “Eu não disse?”, “Não falei?”, “Aquele sujeitinho nunca me enganou”, “Bem feito pra você aprender”.

Comendo capim amargo pela raiz, a Wilma se fechou em copas. Teve que engolir enrolado. E pegou no batente nas piores condições. Não teve nem direito a dormir no emprego. Aqui ói, que a patroa ia dar essa colher de chá. Numa dessas, a Wilma paria e ficava instalada na casa dela. Pegou a empregada, mas já planejando arranjar outra, assim que pudesse, e soltar a Wilma nas quebradas do mundaréu.

A Wilma, que não era nenhuma boboca, percebeu tudo. E talvez por isso, assim que recebeu o primeiro pagamento, deu de entrada numa televisão, que era a grande paixão da sua existência. E se sentiu segura de si. Não precisava de mais nada. Ia do trabalho pro barraco e, sozinha, assistia tranquila aos seus programas favoritos. Parecia feliz nessa toada. Tanto parecia que a xereta da dona Cotinha se azucrinou com o sumiço que a Wilma deu da sua casa. Naturalmente agora que tinha sua própria televisão, a Wilma não ia querer aturar a dona Cotinha. A patroa já era dose gigante pra sua paciência. Mas, a dona Cotinha, que era de entortar qualquer patuá, não se conformava em ver ninguém bem. O seu ideal era que todo o povão da Barra do Catimbó se danasse e ficasse dependendo dela, dona Cotinha, que aí ficava por dentro de todos os assuntos e podia falar mal de quem quisesse. E por ser desse naipe, a dona Cotinha ardeu de curiosidade. E quando não pode mais, foi bisbilhotar no barraco da Wilma. Chegou de repente, mas maneira. Assim que se flagrou que a Wilma estava contente, deu no pé. Mas, quando surgiu uma chance, encaveirou a pobre mulher.

Foi num domingo. Assim como quem não quer nada, a dona Cotinha baixou na quadra de bocha do Mané Cheiro de Peixe, lugar que ela sabia que o Oscarino frequentava e, assim que encarou o bruto, meteu suas fichas:

– Ô Oscarino, como tá?

E, antes que o pedreiro respondesse, a fofoqueira destilou o veneno:

– A Wilma tá legal. Ganhou uma televisão que é um brinco. Das mais caras que tem.

Mesmo tendo abandonado a mulher, o otário do Oscarino se achou no prejuízo. Sua cachola se encheu de minhoca e, passando nervosamente a mão na testa, quis saber:

– Ganhou televisão de quem?

Deschavando, a dona Cotinha não disse, nem deixou de dizer:

– Sei lá. Só sei que a televisão é muito cara pra uma empregadinha doméstica, que separou do marido e tá esperando cria.

Cumprindo o seu destino maldito de fuxiqueira²⁸³, a dona Cotinha foi embora, certa de que o Oscarino estava picado de despeito. Que de gente, a miserável entendia. Batia na ferida das pessoas sempre. O Oscarino não escapou da catimba da fuxiqueira²⁸⁴. Mesmo não tendo mais nada que ver com a Wilma, mesmo não tendo nenhum amor por ela, mesmo tendo sido ele que a abandonou, mesmo convencido que fez xavecada²⁸⁵ em largar a mulher cheia, mesmo já tendo outra mulher, o bestalhão sentiu-se passado pra trás. Se roeu de ciúme. Muito mais por saber que a Wilma estava bem, do que por gamação. Ficou mordido e passou o resto do domingo enchendo o buxo de cachaça e na segunda-feira não foi trabalhar.

283 Termo atualizado; no original de jornal consta “fuchiqueira”.

284 Termo atualizado; no original de jornal consta “fuchiqueira”.

285 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

Mas, a Wilma, inocente, foi e de noitinha, quando retornou ao barraco, teve o grande desgosto da sua vida.

A porta do barraco tinha sido arrombada e a televisão esmigalhada a marretadas. Desesperada, a Wilma teve uma crise de nervos. Chorou às baldas. Rolou pelo chão. Ficou mal. A própria dona Cotinha a acudiu. Chamou a ambulância. Mas, não teve doutor que salvasse a criança da Wilma, nem mecânico que consertasse a televisão.

Nenê bolão (Última Hora de SP – Edição de 20/11/1971. Página 16 Caderno 1)

O Nenê Bolão era um panaca. Tinha dezoito anos, um metro e oitenta de altura, cento e vinte quilos de banha e uma cuca das mais fundidas do mundo. Não tinha jeito. E o pior pra ele é que gostava de se meter na gandaia pesada. Encostava lá na calçada mais escamosa do cais do porto de Santos. E era metido a tirar chinfra e tal e coisa. Mas, só entrava bem. E estava certo. Era um cavalão. Tinha mesmo que ser o esparro do gango. É como diz o Mestre Zagaia:

– Pra existir sabido, tem que existir trouxa:

E se o Zagaia diz, é que é. Mas, o Nenê Bolão não se mancava e ia entrando bem. Qualquer Zé Mané fazia piquenique na sombra do coió, que levava tudo sem estrilo. Em qualquer enxame, se enfiava. Até que chegou o Carnaval.

A moçada da Calderária das Docas resolveu sair no banho da Dorotéia, um desfile de bloco que havia antes do Carnaval santista, que é, sem bronca, o segundo do Brasil. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que a Calderária ia sair na Dorotéia e não podia dar mancada. Cada bairro vinha com sua brasa. O bloco das Docas tinha que botar pra quebrar. Se os outros vinham cheios de badulaques, a Calderária também ia ter. Se a bateria dos outros era fogo, a da Calderária ia ser também. Se os outros tinham carro alegórico, a Calderária ia ter. Mas, aí se deu o esquinapo.

Não foi mole bolar um carro-chefe pra um bloco que ia pra avenida de “Mamãe eu quero mamar”. Mas, um cara lá bom de molejo botou as botucas²⁸⁶ em cima do Nenê Bolão e meteu ficha. Se flagrou num carro-quindaste que tinha lá, disfarçou com papel crepon e deixou a geringonça parecida com uma cegonha. Daí, chuveirou o Nenê Bolão.

– Tudo vai ser legal. A gente mete uma fralda em tu, uma mamadeira gigante cheia de cachaça, te penduramos no guindaste e aí tu vai devagar. Se expande sem fazer força. Com sorte, tu ajuda a gente a faturar o prêmio. E tem mais: tu vai aparecer tanto, tanto, mas tanto, que os homens são capazes até de te meter no lugar do Valdemar.

Valdemar era o Rei Momo do Carnaval santista. Aliás, o melhor Rei Momo que eu já vi. E olha que eu vi Rei Momo paca. Porém, vamos em frente. O Nenê Bolão, de pavão enfeitado, meteu a fralda, a touca, a mamadeira gigante cheia de Morrão da Nova Cintra, a melhor pinga que já existiu (e que eu não sei porque acabou). E se pendurou no guindaste.

O bloco saiu do Macuco às duas da tarde, sob um sol de rachar mamona. O caro alegórico na frente. Com Nenê Bolão e tudo. O carro andava e o Nenê balançava. No começo tava gostoso. As quatro da tarde, o Nenê já estava baratinado. Via duas mamadeiras. As costas doíam. E a Calderária ainda não tinha chegado no meio do caminho onde os blocos se reuniam pra partir pro desfile. O Bolão quis descer, mas levou um guento do dono da batota:

²⁸⁶ Termo atualizado; no original de jornal consta “totucas”.

– Segura as pontas, Bolão. Assim que tu é folião?

E o Bolão se fechou em copas. O carro andava. O Nenê girava. Mamava a mamadeira, apagando sol e ia ficando de zoeira. O canto da moçada, a batucada, os apitos iam cada vez ardendo mais nas orelhas do panca. As sete horas da tarde, o bloco chegou no ponto. O sol sumiu. Caiu uma chuva violenta. A curriola toda se entocou nos botecos das berbas. Se espantaram sem se tocarem no Nenê. E ele tomou chuva pra chuchu. Nem deu pra estrilar de tão lelé que ele estava. A chuva avacalhou a cegonha de papel crepom. Quando ela passou, o carro alegórico não era mais que um guindaste, com um gordo na ponta. Mas, a moçada do bloco já estava muito mamada pra se importar com os detalhes.

Entraram na avenida com o maior batuque. Fizeram mil e umas presepadas. Saíram do outro lado da avenida com uma marola de meter medo. Aí, se dispersaram. Cada um foi pro seu lado. O chofer²⁸⁷ do guindaste foi levar o bruto pra garagem. E só aí viu que o Nenê Bolão ainda estava pendurado. Chamou o panaca. Neca de resposta. Chamou de novo. Não adiantou. Sacudiu o pinta. Nada. O chofer percebeu que o Bolão estava chué. Chamou o Pronto Socorro. Guindaram o majura pro hospital. Já estava mais pra lá do que pra cá. Tinha tudo. Queimadura de sol das mais bravas, intoxicação e outros troços, que dão pra embarcar qualquer um. Os médicos penaram. Mas, livraram a cara do gordo. Assim que ele pode falar, quis saber:

– Quem ganhou em carro alegórico?

E aí deram a dica:

– Foi o carro Carroça Imperial.

E o gordo já se entupindo, quando deram o consolo:

– Mas, tem um porém. A carroça tinha um cavalo de verdade. E, sabe como é, a Sociedade Protetora dos Animais se invocou. Diz que não pode botar bicho de verdade em desfile de bloco. Acho que vão desclassificar a Carroça Imperial. Se acontecer isso, tu tá na boca de espera. Pode até ganhar.

Zulu, o assustado (Última Hora de SP – Edição de 22/11/1971. Página 16 Caderno 1)

Esse negócio de fantasma é do cacete. É como disco voador. Ele aparece sempre pros caras mais batusquelas. Tem nego que vive assombrado. Basta olhar pra ver o mistério. Porém, o Zé Padeiro não era disso, não. Com ele não tinha esse babado. A jogada dele era entregar pão. Todo dia, lá pelas três, três e meia da matina. O Zé Padeiro enchia seu calhambeque de filão, acordava o Zulu, o crio[u]lino ajudante e se mandava por aí, distribuindo de casa em casa o pão nosso de cada dia.

No seu caminho, o Zé Padeiro e o Zulu tinham sempre que passar na porta do cemitério do Paquetá. O negrinho não gostava. Porém, como o patrão nem se tocava, ele deixava andar. Não tinha jeito de chiar. Metia um Nome do Padre quando cruzavam o portão do cemitério. Beijava o seu São Jorge da medalhinha que usava pendurada no pescoço e segurava as pontas. O Zé, quando estava aceso, pegava no pé do Zulu:

– Deixa de ser trouxa, crio[u]llo. Gente morta não morde ninguém. Quero ver a tua cara no dia em que a gente tiver que deixar pão pro coveiro.

287 Termo atualizado; no original de jornal consta “chefer”.

O negrinho se fechava em copas. Só se ligava no lance de que ninguém ia morar dentro de um cemitério. E se aparecesse algum doido pra fazer mocó lá, ele, Zulu, pedia as contas, mas não ia entregar bulhufas pra esse cara. Não era otário.

E assim que a caranga velha saía de frente do Paquetá, o crio[u]lo se rachava:

– Olha, Zé Padeiro, tu é muito folgado. Mas um dia a casa cai. Uma alma sai daí e te pega. Só pra tu deixar de ser gozador.

O padeiro ria paca. Achava o Zulu o fim da picada. Mas, como diz Mestre Zagaia, velho cabo de esquadra, que navegou muito tempo em águas barrentas, antes de adquirir os cabelos brancos, as rugas e as cicatrizes, que lhe dão divisas até entre os vagaus mais considerados:

– Até araruta tem seu dia de mingau.

E se Mestre Zagaia diz, é que é. Ele sabe das coisas. E um dia deu bode. Chovia que Deus mandava. Parecia o fim do mundo. Mas, o Zé Padeiro não quis nem saber. Fez o Zulu sair da cama e saiu pro trampo. Com chuva ou sem chuva, a moçada quer pão. Então, o lance é ir firme. E foi. Ainda estava escuro que nem breu. O crio[u]lo foi logo avisando:

– Com esse tempo, não presta passar na porta do cemitério.

Porém, o patrão nem respondeu. Meteu o calhambeque no caminho de sempre. O que ele não sabia é que uma curriola da Prefeitura tinha, um dia antes, arrancado as pedras da rua, bem em frente do Paquetá. Iam meter asfalto. E como, graças ao temporal, faltou luz na rua, e como seu carro não tinha farol, o Zé Padeiro só se mancou quando a geringonça já estava patinando na lama. Aí era tarde pra voltar. Teve que ir em frente. Porém, foi um perereco. O calhambeque fez força, bufou, soltou fumaça pra tudo quanto era lado. Mas, não deu. Bem na porta do cemitério, se atolou na lama.

O Zulu parecia que tinha caído num saco de farinha de trigo. Estava branco de susto. Pra descer da geringonça foi broca. Precisou o Zé lhe meter a mão na orelha e jogá-lo pra fora. Mas, nessa hora, o negrinho não servia de nada. Só sabia tremer. O padeiro metia o pau embaixo da roda, empurrava o carro, mas neca. Não estava dando pedal. O Zé já estava uma arara.

Foi quando uma voz cavernosa veio lá do cemitério:

– Quer que eu ajude?

O Zulu se mandou. O padeiro também. Foi um salve-se quem puder. O patrão só parou lá no mercado. O empregado deve estar correndo até hoje. Porque nunca mais apareceu. Nem pra acertar as contas.

Porém, assim que o Zé Padeiro saiu da zonzeira, pôs a boca no trombone. Contou tudinho pro pessoal do mercado. Teve palpite de todo jeito. Tinha nego que até jurou que essa gronga era comum ali no Paquetá. Teve um até que contou a história do fantasma:

– Eu manjo essa assombração. É um padre da Igreja do Valongo, que andou aprontando e o marido meteu-lhe um caroço entre as orelhas. Enterraram ele no Paquetá. Daí, ele ficou uma alma penada.

Esticaram o maior papo. Porém, quando o dia clareou, Zé Padeiro juntou coragem e uns vagaus e foi pro cemitério desencalhar o calhambeque. Quando lá chegaram, encontram o Corujão, um pé de pinga muito manjado naquelas bocas. Estava se servindo do pão. Antes que alguém desse bronca, ele se abriu:

– Por causa da chuva, eu estava pegando uma palha aí no cemitério. Acordei com o barulho que vocês faziam. Ofereci ajuda. Todo mundo correu. Sabe como é, né? Estava com fome. Me tratei.

Zé Padeiro não bronqueou pelos pães que o cachaceiro comeu. Mas mudou seu caminho pra sempre.

Diário de viagem (Última Hora de SP – Edição de 23/11/1971. Página 16 Caderno 1)

Por iniciativa do DCE de Belo Horizonte, “Quando as máquinas param”, com Walderez de Barros e Roberto Rocco dirigidos por Jonas Bloch, saiu do Sindicato dos Têxteis diretamente para o Teatro Marília, naquela Capital. Junto com o espetáculo, fui eu e toda a patota que batalha com a gente pelo teatro popular: Carlão Costa, Vicente Acedo, Bucka e Beth. Por estranho que possa parecer, nenhuma nota sobre o nosso espetáculo saiu nos jornais do local. Nenhum repórter nos procurou, nenhuma televisão deu uma pala sobre a gente nos seus noticiários. E, no entanto, sem retratos, sem banda e apesar de a peça “Quando as máquinas param” já ter sido apresentada antes, duas outras vezes, com elencos de grande gabarito de São Paulo e do Rio de Janeiro, o nosso espetáculo emplacou. Nosso axé com os estudantes é muito forte e eles compareceram em peso para ver e ouvir nosso recado. Demos cinco sessões, ou récitas, como diria o mestre Zagaia, se falasse das óperas a que assistiu no seu tempo. Lotamos todas as sessões. Lotamos, não. Superlotamos o Teatro Marília. A casa sempre ficou a três de alto, com nego se agarrando pelos picos pra não espirar pelo ladrão. Na última sessão de domingo, então foi um perereco. Oitenta pessoas em pé e umas outras tantas chiando na porta e fazendo o maior bochicho por não poderem entrar. Muita gente pediu para nós ficarmos mais uma semana em Belo Horizonte. Porém (e sempre tem um porém), tínhamos compromissos no nosso Teatro do Sindicato dos Têxteis e não pudemos ficar. Mas, ficou combinado que voltaremos em março, com outra peça. Eles não querem nem saber qual vai ser. Só querem e fazem questão fechada que no elenco estejam a Walderez de Barros e Roberto Rocco²⁸⁸, que fizeram tremendo sucesso pessoal e escreveram seus nomes entre os grandes artistas que pisaram o palco do Teatro Marília. Foi bacana às baldas. A curriola dos estudantes nos cercou de todo carinho.

Mas, não foi o sucesso o que mais me impressionou em Belo Horizonte. Como todos sabem, sou um repórter de um tempo mau e, por essas e outras, tenho sempre meus olhos abertos. Muito embora meu puçá não vá além da superfície e eu só pesque o que vem à tona, sempre deparo com tanta gronga boiando nas águas barrentas em que navego, que vivo assombrado. Na capital mineira não deu outra coisa. Soube do caso do desabamento da lixeira e fui xeretar de perto. Juro por essa luz que me ilumina que, se não fosse meu patuá de fé e de valia, eu iria à pique direto com tanta desgraça que vi com minhas botucas de ver e que a terra haverá de comer um dia.

O esquinapo se deu porque os caminhões que recolhem o lixo em Belo Horizonte o despejaram no alto de um barranco e, embaixo do barranco, os corvinos, catadores das sobras, construíram seus barracos. Agora, é difícil dizer quem chegou primeiro nesse pedaço maldito onde as pragas botam os ovos. Se foram os lixeiros que começaram a despejar a bagulhada no barranco e, depois, o povão se instalou lá pra levar vantagem sobre os urubus, que com eles disputam o lixo; ou se a favela já existia, quando transformaram o lugar em monturo.

288 Termo atualizado; no original de jornal consta “Rococ”.

Mas, deixa isso de lado. O que pesa na balança é que choveu e as águas amoleceram a terra. E o lixo rolou barraqueira abaixo, engolindo gente e barracos, que foram transformados numa coisa só.

Se miséria pouca é bobagem, aquela lá de Belo Horizonte dava gosto de ver. No dia seguinte, bombeiros e o povão se misturavam com os urubus na busca do lixo. Os heroicos soldados catavam os corpos soterrados. O povão e os urubus, a comida daquele dia. De longe, os parentes dos desaparecidos se lamentavam e contavam, num quás-quás-quás choroso, como se deu a desgraça. Um crio[u]lho de uns doze anos, e lágrimas, dava seu testemunho:

– A mãe tava na casa com eu parado ali. Ela fazia a janta. Ia ter peixe, que a gente catou no barranco. A mãe reclamava que não podia colar o pé no chão, que tava cortado num caco de vidro que ela pisou. Eu escutei um barulhão. A mãe também escurou. Parecia trovão. A gente espiou pela janela e viu o lixo rolando barranqueira abaixo. A mãe mandou eu correr pra fora. Ela foi correr e caiu. Ficou chorando e disse que não podia ir embora. Me xingou pra eu ir embora. Eu fui então. Quando cheguei junto das gentes que tavam espiando, eu espiei pra trás. Não vi meu barraco. O lixo tinha comido ele. A mãe tava lá dentro. Não pode sair.

Já um tal de seu Valdir, homem endurecido pelos revertérios da vida, tirava de letra a desgraça dos seus parceiros e enchia a sacola no monturo, falando com tranquilidade:

– Até que foi bem se dar o que se deu. Tava muita gente nessa barroca vivendo de lixo. Agora, os que escaparam vão ter mais o que comer. Eu cato lata, ferro, papel. Vendo pros homens. Nos últimos tempos, não tava dando e eu até apelei. Tive que apanhar umas coisas melhorzinhas aí mesmo pra comer. São sete crianças em casa. Os homens pagam até bem. Pelo quilo de lata, dois cruzeiros, pelo quilo de ferro, um cruzeiro, por alumínio, um cruzeiro e trinta, pelo papelão não chega a um cruzeiro. É o que vale menos. Vidro dá uns quinhentos mangos. Agora, vai melhorar pra nós aqui. Esses que não fugiram passaram dessa pra melhor.

E, indiferentes a tudo, os caminhões da Prefeitura continuaram despejando lixo no alto do barrando. E nós retornamos a São Paulo, pensando amargamente na inutilidade teatro.

Quem bebe o juízo se dana (Última Hora de SP – Edição de 24/11/1971. Página 16 Caderno 1)

Tem coisa que acontece nos caminhos esquisitos, estreitos e escamosos do roçado do bom Deus, que por mais que eu me esforce não dá para entender. É bem verdade que meu puçá não vai além da superfície e, por essas e outras, eu só pesco o que aparace boiando nas águas barrentas em que navego contra a maré. Assim mesmo, flutua tanta gronga nas águas turvas do meu estuário, que eu vivo assombrado e agarrado no meu patuá de fé e valia para não ir à pique.

O caso do Veríssimo Pé de Pinga e Tônico da Penúltima é bem desse naipe. Os dois, honra lhes seja feita, eram os maiores pinguços que frequentavam o boteco do Mané Cheiro de Peixe, lá na rua das Tabocas, via principal da Barra do Catimbó, lugar populoso e maldito que fica encravado nas quebradas do mundaréu, bem onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos.

E, para governo dos leitores, é preciso que se informe que a Barra do Catimbó, juntamente com São João do Mereti e Dallas City, é considerado o ponto do planeta onde se dão os maiores bochichos. Isso colocado, já dá uma ideia, aos mais perspicazes, de como o Veríssimo Pé de Pinga e o Tônico da Penúltima

bebiam às pamparras. Claro que num bairro onde ninguém vai morar por gosto, onde todos que lá encaram estão a perigo perpétuo, se agarrando em fio desencapado, dando nó em pingo d'água e matando cachorro a grito, pra²⁸⁹ nego ser respeitado como pinguço-mor tem mesmo que ser, sem babado, um bebedor de fazer façanha.

Mas, deixa isso de lado. O que pesa na balança e o que quero contar é que, com a vida custando os olhos da cara, nem sempre o Veríssimo Pé de Pinga e o Tônico da Penúltima arrumavam a grana para cachaça. E foi num perereco financeiro que os dois tiveram a ideia de jerico de tirarem a teima para ver quem bebia mais. Naturalmente, como estavam sem vintém, anunciavam a presepada, que rapidamente os espalhou e, conforme os dois esperavam, apareceu patrocinador às pamparras para grande prova esportiva do levantamento de copo. Sabe como é, tem sempre abilolado de morte tirando plantão para ver desgraça. E nessa parada não deu outra coisa. O próprio Mané Cheiro de Peixe deu o seu incentivo à prova, oferecendo dois litros da melhor cachaça que havia no seu fedorento boteco. E foi com a oferta da casa que os concorrentes deram saída para decisão.

Beberam fácil pelo gargalo os dois litros de pinga. Aí, alguém mandou descer mais dois. E outra vez eles mandaram ver sem grandes sacrifícios. Engoliram tudo sem tremer nas bases.

No final do segundo litro, por sugestão da torcida, os distintos competidores tiveram que fazer um quatro com as pernas e ambos demonstraram estar em forma. Por essa graça, fizeram jus a mais dois litros de cachaça. O Mané Cheiro de Peixe, entusiasmado com a frequência que era enorme, tirou a rolha de dois litros da melhor cachaça que tinha. daquelas que borbulham quando caem no copo. A ocasião bem merecia. O boteco estava a três de alto, com nego se agarrando pelos picos pra não espirrar pelo ladrão. Era uma noite de glória pra biroscas. E o Tônico da Penúltima, que era dado a contar história pra se sentir importante, diante de tantas botucas se meteu a puxar corda. Contou cada cascata de espantar os loques. Fez rir o povão da galera com seus boquejos. Pra não ficar na pior diante da torcida, o Veríssimo também entrou no papo e aumentou a catimba. Foi só o Tônico da Penúltima sacar que uma vez, numa coçada, bebeu dez garrafas de pinga pra ajudar a descer um naco de jacaré, pro Veríssimo Pé de Pinga botar defeito:

– Com tira-gosto de jacaré é mole.

Pra que foi falar isso: A gentalha se assanhou e fez o maior quás-quás-quás em torno da pala do Veríssimo. Uns duvidaram, outros acreditaram e nasceu um princípio de atrito. Não tardou pra alguém pagar pra ver:

– Eu aposto que é grupo.

Como não podia deixar de ser, outro pinta comprou a briga:

– Eu pego. Digo que com jacaré de tira-gosto, o Veríssimo bebe dez garrafas de cachaça.

Dinheiro selado e tudo mais, surgiu uma dificuldade. Ninguém sabia onde arranjar jacaré. Mas, como em roda de bebum nada é impossível, um otário metido a sabido abriu uma brecha pra situação:

– Se não tem jacaré, vai lagarto. Se não tem lagarto, vai lagartixa, que é tudo da mesma raça.

Toda a curriola se alvoroçou em apoio à proposta do otário. E o maior otário que, sem dúvida, era o Veríssimo, se achando muito bacana, topou:

– Se não tem tu, vai tu mesmo.

289 Termo atualizado; no original de jornal consta “pró”.

Pra não perder ponto, o Tônico embarcou na canoa furada:

– Se não tem pinga, bebo álcool. Se não tem álcool, bebo querosene. Se não tem querosene, bebo chumbo derretido. Sou mais eu. Se não tem jacaré, vai lagartixa.

E, com a concordância geral, teve início no boteco do Mané Cheiro de Peixe uma caçada monstro a lagartixas. Removeram caixotes, sacos, fuçaram nas prateleiras e nos cambaus. Rapidamente, apanharam uma dúzia de lagartixas. Por vontade dos concorrentes, resolveram fazer lagartixa à paulista. Sem que ninguém achasse estranho, o Mané Cheiro de Peixe tratou das bichinhas como se fossem camarão e as serviu torradas com limão.

Os dois pingüços caíram matando nas lagartixas. Mal engoliram as primeiras, deram testemunho afirmando que era melhor que jacaré. E traçaram outras. Na terceira, porém, deu-se o esquinapo. O primeiro a sentir os efeitos da lagartixa foi o Tônico. Sua pele empelotou, os olhos incharam e ele desabou. Foi vaiado pela torcida. Mas, quase imediatamente, o Veríssimo apresentou os mesmos sintomas de envenenamento e se arreou.

Por ordem do Mané Cheiro de Peixe, chamaram a ambulância. Quando a branquinha apareceu, o Tônico da Penúltima estava estarrado pra sempre. Levaram o Veríssimo. Ele foi com pouca esperança de se salvar. Porém, com o título de campeão dos pingüços da Barra do Catimbó.

O macumbeiro muito parecido (Última Hora de SP – Edição de 25/11/1971. Página 16 Caderno 1)

O Evaristo tem seus negócios de quizomba e tal e coisa. Até aí nada de mais. Com a vida custando os olhos da cara como anda, a negada se agarra em fio desencapado, faz coalhada com leite de sapo, dá nós em pingo d'água e naturalmente apela pra tudo quanto é santo. Nos atuais pererecos, as encomendas pros encantados de maior valia são tantas, que eles já não conseguem servir bem toda a freguesia. Assim sendo, estão piando na parada santos que outrora tinham pequeno eleitorado e agora já recebem suas velinhas nas encruzadas. Mas, deixa isso de lado. O que eu quero contar e o que pesa na balança é que o Evaristo bolou um pesqueiro pra faturar o desespero do povão lesado da sociedade, que espera ganhar dos divinos a colher de chá que os homões bem instalados não dão. Até o mais loque pode ver que, se o Evaristo lança na Bolsa ações da sua indústria de milagre, ia enricar depressinha. Seu Sete está aí mesmo pra não deixar ninguém mentir. Só que o Evaristo não ganhou boa grana logo de saída. Por razões que a própria razão desconhece, por maior que fosse a força dos trabalhos do Evaristo, não chovia na sua horta. Daí, ele se apavorou. Encabulado, se botou a matutar e não tardou pra brotar na cachola dele uma bela ideia de jerico. Considerou o Evaristo que, pra ter multidões se acotovelando na porta do seu terreiro, era necessário uma propaganda direta em cima de gentalha a perigo perpétuo. E, sem mumunhas, mandou ver.

Esparramou por todas as quebradas do mundaréu, desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, até onde o vagau apalpa com cuidado, que ia fazer uma macumba²⁹⁰ pra amarrar o time do Corinthians contra o São Paulo. Acontece que a patota do alvinegro de Ogum já andava com a pulga atrás da orelha, com mil e uma cabreiragens. A torcida mosqueteira se atucanava com o quás-quás-quás tihoso da moçada inimiga, que garantia que em reta final o Corinthians se

290 Termo atualizado; no original de jornal consta “cacumba”.

apavora, marca bobeira e perde pontos pra qualquer timeco de cabeças de bagre. Também se azucrinava com um bochicho de pé de ouvido, pelo qual os fuxiqueiros²⁹¹ juram pela luz que os ilumina que a camisa sete do time do Parque São Jorge está carregadinha de mandinga. E, por essas e outras, quando a curriola do Corinthians soube de xavecada²⁹² que o Evaristo estava armando, não vacilou. Visitaram o bruto em seu mocó e lhe tacara [u]ma mão na fuça. Bateram às pamparras na vã esperança de fazerem o macumbeiro soltar o nó que deu no Corinthians. Mesmo embaixo de paulada, o Evaristo [a]guentou as pontas. Não retirou nada. Os torcedores corintianos, diante da firmeza do macumbeiro e cansados de bater, deram o pinote. Porém, antes, avisaram:

– Se o Corinthians, perder, tu vai se ver em papo de aranha, pilantra.

O Evaristo não se afobou com a biaba. Achou que o troco contra seus agressores ia ser dado pelos exus e se sossegou. Puro engano de quem pisa em terreno que sabe pouco. Mestre Zagaia, que sabe das coisas, escancarou na sua Tabuada das Candongas:

– Quem não pode, não se estabelece.

E se o Mestre Zagaia, velho cabo de esquadra, [diz] é que é. Os que estão por dentro do assunto nos esclarecem sempre contra os enganadores, que vão fazendo trato com os exus na base do agrião. A negada escolada em macumba conta que exu é todo cheio de milonga e não é qualquer otário que consegue negociar com eles. Nessa presepada, dizem, dá muita invertida. Um vai indo com o fubá e o outro já vem vindo com a pulenta [sic]. E aí, é bronca. Quem encomendou a treta é que se entorta. Isso posto, para servir de bússola pros leitores por fora da cultura popular brasileira e outros babados, vamos ao caso.

O São Paulo ganhou do Corinthians de um a zero. Um gol besta do tricolor do Morumbi, numa jogada em que a defesa mosqueteira se abobalhou. E o goleiro Sérgio do São Paulo, que já é ótimo e que nessa tarde ainda estava melhor do que nunca, inspiradíssimo, pegando qualquer chute dos atacantes do Corinthians, garantiu o resultado.

Porém (e sempre tem um porém), o povão que berra da geral pra dar força pro Corinthians, que ama e que sofre pelo timão alvinegro de Ogum e que só não compareceu com grama suficiente compra do Paulo César por não ter (coisa que só os cartolas não sabem), – o povão não gostou do resultado de um a zero pro São Paulo. Com as botucas de apaixonados, capazes de comer um vagão de cascalho pelo Corinthians, eles viram os craques mosqueteiros estraçalhando a bola e os pernas de pau do Morumbi se defendendo de qualquer jeito. No final da partida, inconformados com o placar, sem poderem nem ter o consolo de culparem o juiz, que apitou direitinho ou pelo menos não influiu no resultado, os corintianos se abilolaram e desconfiaram que tinha linguíça embaixo do angu. E alguém se lembrou do macumbeiro Evaristo. Engrossou o caldo. Um gango de corintianos da pesada ganhou o Evaristo e lhe deram uma surra de criar bicho.

Tinhoso como ele só, o Evaristo não correu do pau. Apanhou, mas não meteu o galho dentro. Assumiu a responsabilidade da macumba que fez pro São Paulo ganhar. Mas, se picou de raiva com o couro que tomou. E assim que se livrou da curriola corintiana, acendeu velas, riscou com pemba mil pontos no chão, explodiu pólvora e os cambaus. E muito depois, por volta da hora grande, o Evaristo macumbeiro foi encontrado mais morto do que vivo atirado no meio de uma

291 Termo atualizado; no original de jornal consta “fuchiqueiros”.

292 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

encruzilhada. Estava lambuzado de farofa e abraçado a umas garrafas de cachaça. Não soube ou não quis explicar como ficou naquele estado lamentável.

Mas, seus cupinchas que mexem com macumba contam pra mim os mistérios dos caminhos esquisitos do roçado do bom Deus. Dizem eles que o Evaristo combinou com os exus a vitória do São Paulo. Pagou certo o preço do rolo e os exus fizeram a parte que lhes tocava. Porém, o Evaristo macumbeiro não tinha nada que querer aparecer. Falou demais e se deu mal. Apanhou dos corintianos e foi reclamar dos exus, que deixaram o bruto sem proteção. Aí, entrou pelo cano outra vez. Os exus, que não tinham sido pagos pra proteger o Evaristo contra a agressão, não gostaram do esculacho que o macumbeiro deu e lhe deram uma tremenda surra. Talvez assim o Evaristo aprenda a não ser aparecido.

O doutor quebra-galho (Última Hora de SP – Edição de 26/11/1971. Página 16 Caderno 1)

A gente andava por aí, pra baixo e pra cima, com o show “Opinião”: Boal, Bethânia, Zé Ketí, João do Vale, Macalé e J. Afonso. Eu era o que ficava na boca da tigela. Ficava de botuca acesa na bilheteria, pra não deixar ninguém engrupir a curriola. Porque quem dá sopa pro azar; já viu: entra pelo cano. O que não falta aí, nas paqueras da vida, é empresário trambiqueiro. E, por essas e outras, eu ia junto. Era uma bufunfa sonora que entrava. Não era mole contar toda a grana. Também, o show agradava às baldas. Onde chegava, a moçada botava pra quebrar. E o povo ficava assanhado. E tome carga. E, entre um lance e outro, iam apanhando as rebarbas.

João do Vale só ia de loura. Mas, o Zé nem escolhia. Se vinha de saia e não era padre, nem escocês, o Zé mandava ver. Era com ele mesmo. E, na base do agrião, a gente ia levando. E acabamos em Porto Alegre.

De saída, o João se arregalou com uma loura manjada por Rainha de Sabá. Daí, não quis nem saber. Agora, o Zé Ketí tomou uma invertida. Acho que o horóscopo do crioulo andava ruim. Cheio de milongas, papos e os cambaus, o Zé se atirou de todo lado. Mas, ficou no ora veja. Não teve por onde. Ficou de cuca fundida. Jururu. Azedo e tudo. Botando o maior olho gordo na pistoleira que o João apanhou. E foi isso que o Carcará disse quando um vento de esguelha o apanhou:

– Praga do Zé.

Mas, não era, não. Era friagem mesmo. O frio que fazia em Porto Alegre nesse tempo era de entortar qualquer um. E grudou no dente do João sem dó. Ele gemia, se lascava, batia com a lata na parede. E a dor ali. Doida. O negrão já estava se arrea[n]do, quando eu passei a mão nele e o levei no Cesar Avila, um médico que lá no Sul é o quebra-galho dos artistas. Amigão de fé. Cara pra frente. Olhou o João e selou:

– Friagem. Toma esse comprimido pra poder dormir. Amanhã, te pego no hotel e te levo no melhor dentista do mundo.

Meteu uma droga na guela do João, que logo sentiu a dor manear. Mas, como diz Mestre Zagaia:

– Quem não chora não mama.

E se o mestre Zagaia diz, é que é. Por isso, o Zé Ketí, pra não perder o embalo, meteu ficha:

– E eu, doutor? Meu caso é grave. Será que o senhor não livra minha dor?

O Cesar, sempre pronto, se abriu:

– Qual é o eu problema?

E o Zé Ketí, com voz de choro, não deixou barato:

– Mulher, doutor. Ando largado às traças. O pessoal já anda dizendo que não sou chegado às minas. Não apanhei nada até agora. O médico, que era o bido do lugar, aliviou:

– Deixa pra mim. Fica lá no hotel com o João. Às três horas, a gente leva ele no dentista e vamos dar uma bandola. Vou te levar na casa das mulheres mais bonitas do mundo.

Para nosso chapa Cesar, tudo era sempre o melhor do mundo. Porém, o papo deixou o Zé de bobeira. Doido pra tirar a diferença. E no dia seguinte, às três horas, os dois crioulos estavam na porta do hotel. O João, atucanado com os dentes. E o Zé, todo embandeirado. E o nosso cupincha, que não era de dar mancada, logo apanhou os dois e deu o pinote. Ia firme pra largar o João no dentista e o Zé, na casa das madames.

Porém (e sempre tem um porém), logo se deu o esquinapo. De tardinha, eu estava espiando o mundo da porta do hotel, quando aparece o João do Vale. Vinha todo contentão. Logo deu a dica:

– O doutor Cesar é legal. Me livrou a cara. Positivo. Já tou em forma.

E se mandou. Eu ainda estava no plantão, quando chega o Zé. Vinha encabulando. Com a maior tromba da paróquia. Eu cutuquei:

– Como é, Zé? Se deu bem?

O Ketí só resmungou:

– O teu chapa é um bolha.

– O xaropa [sic] trocou os dois crio[u]los. Me largou no dentista e levou o João pra casa das primas.

Respondendo à freguesia (Última Hora de SP – Edição de 27/11/1971. Página 16 Caderno 1)

Hoje aqui vamos responder a algumas cartas que recebemos, mesmo porque, entre elas, há as que, além das boas palavras que nos dão força pra remar contra a maré nessas águas barrentas em que navegam, pedem passagem pra muito perereco que os meus chapas vão fazer acontecer.

Primeiramente, tomo a liberdade pra dar uma pala pra patota da Federação das Escolas e Cordões Carnavalescos de São Paulo. (Essa liberdade dá pra tomar). Quero agradecer ao Evaristo e ao Covas Júnior o convite que me mandaram pra Festa das Bandeiras, em homenagem ao pavilhão nacional. Na verdade, os meus chapas mandaram dois ofícios dando os alôs da festa. Um foi pro Teatro do Sindicato dos Têxteis e o outro, seu Talismã Mu-Mu deixou no Arena pra mim. Isso me faz crer que vocês queriam que eu desse as fuças mesmo. Eu bem que gostaria de ter ido. Mas, dia vinte eu estava lá em Minas Gerais, com a Walderez de Barros e o Roberto Rocco, apresenta[n]do “Quando as máquinas param”. Sabe como é, Evaristo. Com a vida custando os olhos da cara, não dá pra eu dispensar o trampo. Cobra que não anda não engole sapo. E eu tive que ir. Mas, pra teu governo, meti na cachola dos diretores do D. C. E. de Belo Horizonte que eles têm que promover rodas de samba lá no pedaço deles. A moçada pegou a fieira e vem aqui em São Paulo em janeiro fazer um trato com o Talismã pra ele balançar os calouros que chegam na faculdade em março. Porém, deixa isso pra lá. O que quero dizer e [o] que pesa na balança, meu bom Evaristo, é que, mal cheguei, meus pontas de lança me deram a dica do sucesso que foi o seu samba das Bandeiras. Me contaram que o povão que não podia entrar por falta de grana, não resistiu aos apelos do som do

batuque. Se abilolaram, levaram os guardas no peito e invadiram a quadra pra caírem no samba. Eu considero isso prova irrefutável de sucesso. Parabéns a você, Evaristo, e a toda curriola da Federação. Na próxima, não cobre entrada. Não pega bem esse detalhe.

E já que estamos falando de samba, os meus cupinchas do Diretório Acadêmico Júlio de Mesquita Filho, da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas D. Pedro II, mandam convidar e pedem para toda a patota espalhar que hoje, dia 27, eles vão botar pra quebrar com uma grandiosa roda de samba lá na Rua Jacurici, 81, no Jardim Europa, quadra de esportes do Liceu Eduardo Prado. A batucada será a da gloriosa Escola de Samba Camisa Verde e Branco da Barra Funda, do nosso considerado Inocêncio Mulata e isso já garante que vai ser pras cabeceiras. Daqui eu mando um abraço ao Aurélio de Barros e a todos os diretores do D. A. J. M. F. pela iniciativa de promoverem festa de samba. Bacana, gente. É isso aí. Vamos nos divertir, preservando o que é nosso. Porque os veículos de comunicação não dão colher de chá pro nosso samba.

A pilha de cartas dos diretores acadêmicos é grande às baldas, o que pra nós é um orgulho, pois dá certeza que nosso axé com a moçada é muito forte. Pra não deixar ninguém sem um alô, vai tudo de feira. Obrigado, pessoal do Diretório Acadêmico de Economia, Finanças e Administração de São Paulo. A revista de vocês é muito caprichada. E também, grato pela citação que nela fazem de mim. Tem na revista muita coisa bacana pra ler.

Eternamente grato ao Sergião e a toda a curriola do Diretório Acadêmico da Faculdade de Comunicação da USP pela coleção completa de publicações que me enviaram. Em particular, um grande abraço à Adelia e ao Augusto, pelo bonito artigo em que badalam o nosso trabalho de teatro popular. E já que estávamos nessas águas de comunicação, quero dizer que nosso patuá se entortou de emoção ao ver o trabalho que as meninas apresentaram como prova e que era uma pesquisa sobre o público que assistiu a “Quando as máquinas param”. No primeiro semestre, a Miquelina já havia feito o mesmo com “Balbina de lansã”. Isso é coisa que realmente dá embalo pra gente. Saber que os estudantes acompanham com tanto carinho nosso trampo é legal.

Também tenho em mãos o jornal dos Politécnicos. Como não podia deixar de ser, nessa faculdade onde João Leão e outros gaiatos fizeram tradição de milonga, o jornal tem um artigo que é um barato. É um sarro o tal xaveco²⁹³ do concurso de caricatura. Parabéns e obrigado.

E pra finalizar, aqui vai um obrigado aos meus cupinchas da Academia de Karatê dos Têxteis. O Paulo Pires, que é uma parada federal no karatê, manda convidar a gente pra assistir à entrega de faixas aos seus alunos no dia 4 de dezembro. As faixas serão entregues pelo professor Aldo Campos Borges, 4º grau em karatê. Estaremos aí sem falta. Falou de tecelões, falou comigo mesmo, meu chapa. Meus olhos de ver vão ver essa festa. E hoje estamos firmes no Sindicato, apresentando “Quando as máquinas param”. Pra quem não sabe, o endereço é rua Oiapoc, 80. O elenco que abafa onde chega, é Walderez de Barros e Roberto Rocco. E, antes que eu me esqueça, segunda-feira estaremos na terra do bom vinho: São Roque.

Amor e ódio entre bacalhau e negrinha Marion (Última Hora de SP – Edição de 29/11/1971. Página 16 Caderno 1)

293 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

O Bacalhau era o português mais munheca que já veio ao mundo. Com ele era ali na morisqueta. Se mandou pro Brasil a fim de amarrar o burro na sombra. E não queria nem saber. Seu lance era faturar. Pegava o batente de condutor de bonde. Linha dezenove. No reboque. Que era mais fácil para engrupir o fiscal. O bondão saía da estrada de ferro, atravessava o cais do porto e ia até o loló do Macuco. E o Bacalhau estava ali. Fazendo chover na sua horta. Na velha base do agrião. Dois por um, sem babado. Dois pra companhia, um pra adiantar seu lado. E tudo que enfurnava não saia mais. Que era pra um dia voltar pra Portugal calçado.

Com a muquinha pega na cuca, o cutruco amargava o talo, mas não chiava. Segurava as pontas. Forrava os peitos na Pensão do Prato Feito e encostava o cadáver no cortiço do Assanhado, boca do desespero. E era essa a escama do Bacalhau. Era só alguém apertar ele, com lance de escapar da zorra, vinha o deschavo:

– Ora, ora... pois... pois... Se fosse rico, não estava atrelado no reboque do dezenove e morando nessa joça.

Com essa e outras, ele escapava de rifa, lista, mordida de parceiro. Porém, não escapava do bochicho da curriola do cortiço.

E de tanto ligar suas antenas nesse²⁹⁴ bafo, a negrinha Marion, pistoleira escolada de muitos anos de janela, começou a paquerar o Bacalhau. A crio[u]lla queria botar a mão na bufunfa e cair fora da piorada que levava. E o cutruco era seu pedal. A Marion conhecia bem as palavras sábias do Mestre Zagaia:

– Pra que é que trouxa quer grana?

E se Mestre Zagaia diz, é que é. Por dentro dos assuntos, acreditando na sua embaixada e na pinta do loque do cutruco, a crio[u]lla levava fé no seu remelexo. Olhava pro Bacalhau e via um bilhete premiado. E tome denngo. O portuga, que de otário só tinha a fuça, dava carga. Se servia. Ninguém falava em dinheiro. O Bacalhau, que não era arreglos, e a crio[u]lla, que estava cozinhando o galo pra lance alto, deixaram pra lá os pixulés. Até que chegou o dia do esquinapo.

A Marion, certa de que seu cupincha estava entrutado no seu chamego²⁹⁵, meteu ficha:

– Tou precisada de uma grana. É pra tirar um bacuri, que tu que tem culpa. E não pode ser.

Claro que era xaveco²⁹⁶. E o Bacalhau sacou a jogada, e cutucou:

– Deixa nascer.

Essa dica entortou a crio[u]lla. Ela perdeu a esportiva e partiu pra linha grossa:

– Não tem nada disso, não. Vai bufar, mas tem que gemer com o sonante. Pensa que eu sou palhaça? Vem cria, tu dá o pinote e eu fico aí no “ora, veja” com o nenê berrando e tudo. Quero grana. E já.

[–] Sai dessa dança, crio[u]lla. Isso é pecado. Não escutou o Santo Papa falar?

Aí, foi um perereco. A negrinha viu que tinha tubulado. Fez um salseiro. Deu banda no cutruco, que não era de engolir enrolado, e fedeu. Foi lenha dura. A moçada do cortiço veio cheirar e acabaram entrando no pega pra capar. Baixou cana no Assanhado e foi o gango todo explicar pro delegado o porquê do bate-fundo.

O delerusca só deu uma espinafração sentida e mandou caírem fora, que o xadrez já estava entulhado de pilantra.

294 Termo atualizado; no original de jornal consta “nessa”.

295 Termo atualizado; no original de jornal consta “xamego”.

296 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

Pro Bacalhau o caso acabou aí. Mas, a negrinha Marion, que era tihosa e não era de deixar barato, quis jogar o labrego no chão. Apanhou uma cueca do cutruco e foi bater a cabeça no Gongá da Mãe Begum de Obá, que tinha terreiro no Pau Grande e fama na Baixada Santista inteira.

A crio[u]la deu uma nota e a cueca do Bacalhau pra macumbeira e ela botou pra quebrar. Mandinga forte. Bateu atabaque três sextas-feiras seguidas. Tudo quanto foi santo danado veio valer pra Marion. Mas, que nada.

O labrego não teve nenhum abalo. A crio[u]la campaneou o portuga e se mancou que ele ia de vento em popa. Nenhuma carruira grudou no pé do pinta. O Bacalhau não caiu do bonde. Estava se dando cada vez melhor com o mulheroio do cortiço. Ia levando em maré mansa. A crio[u]la ficou uma vara. Se picou de raiva e foi bronequear com a Mãe Begum:

– Tu é enganadeira. Pegou minha nota e não jogou o desgraçado do Bacalhau no chão.

A Mãe se fez de boba:

– Não aconteceu nada com o teu homem?

E a negrinha, atucanada, berrou:

– Não! Não! Não! O português tá mais firme que uma rocha.

A macumbeira abriu a boca:

– O cara é cutruco?

A Marion, sem entender bulhufas, selou:

– É português. Português salafra.

A Begum de Obá se aliviou:

– Por que não avisou que o pilantra era labrego? Daí, eu não pegava o trabalho.

E, diante do espanto da negrinha Marion, a Mãe pôs banca:

– Escuta, minha filha, se macumba pegasse em português, crio[u]lo nunca tinha sido escravo tá?

A dura lição da vaidosa (Última Hora de SP – Edição de 30/11/1971. Página 16 Caderno 1)

A Dagmar era uma mulata de entortar patuá. Seu corpo da cor do pecado era todo cheio de curvas, a boca bem feita, os seios duros e empinados, os olhos verdes e cheios de vivacidade. Parecia até que a danada da mulata tinha caído de uma tela do Di Cavalcanti. Era toda cheia de graça. E, por essas e outras, não tinha nego que não metesse olho gordo em cima da Dagmar e logo não sentisse brotar na cachola uma ideia de jerico. Porém, ela não dava pelota pra qualquer um. Otário jegueira, papagaio enfeitado, pobretão, pé de chinelo, com a Dagmar não tinham vez. Nem cumprimento dessa raça a mulata respondia. Ela sabia que era boa. Nessa certeza, fazia da saúde que Deus lhe deu o seu capital. E, naturalmente, estava a fim de aplicá-lo bem, se argolando com um pinta de muita grana que pudesse lhe dar boa vida.

Com essas mumunhas todas na cuca, a Dagmar tomava muita invertida. Pra aguentar o repuxo da maré, ela pegava um trampo num palacete de granfino. Aí, nesse batente, a mulata tinha algumas vantagens. Além de defender honestamente o seu pão de cada dia, pegava traquejo convivendo com gente fina e, de quebra-galho, ganhava uns vestidos que a patroa não queria mais. E era justamente com esses panos que a danada da mulata lançava seu picaré. Todas as noites, depois de

lavar a louça da janta dos patrões, a Dagmar se arrumava na maior estica e, assim como quem não quer nada, saía pra dar umas bandolas.

Claro que a moçada se alvoroçava em torno da Dagmar. Parava automóvel de toda marca no pé da mulata. E ela, fingindo não estar dando trela, manjava os pretendentes de esquelha. Quando se engraçava com algum, iniciava o papo. Que, via de regra, era um interrogatório que ela fazia com o paspalho que geralmente respondia como podia:

- Tu é casado?
- Não... Eu...
- Eu o que?
- Quer dizer, vamos dar uma volta que te explico.
- Explica aqui mesmo.
- Sou casado. Mas... Não me dou bem... Sabe como é.

A Dagmar sabia. Ficava toda ouriçada, esculachava o pilantroso e ia em frente. O que ela queria era casamento. E nessa procura, se machucou direitinho várias vezes. Teve um vagau que até aliança deu pra Dagmar. Ela retumbou de noiva. Porém, quando, depois de muito tempo de noivado, ela resolveu imprensar o rapaz pra ele marcar a data do casório, foi aquele vexame. Afivelando uma máscara de arrependido na fuça, o rapaz, com voz de galã de novela, lhe confessou que não podia ser. Ele era casado, pai de cinco filhos e a sua fortuna era proveniente de herança da mulher. A pobre Dagmar endoidou. Jogou aliança na vala. Xingou, esperneou, chorou, rogou praga no bruto e saiu da dança. Jururu e desanimada, ela resolveu mudar de tática. Resolveu ser artista de televisão. Só que tinha um detalhe escamoso. A Dagmar não sabia por onde começar. E, enquanto matutava num modo para aparecer, ia trabalhando.

Foi justamente dando duro na casa dos patrões que descobriu o pedal. Uma tarde em que passava escutando rádio, ouviu a propaganda de um forró que lhe chamou a atenção. Na cascata do anúncio, o dono do forró esparramava que ia fazer um concurso de beleza e que a rainha escolhida ia ganhar mil e um prêmios e aparecer nos programas de televisão. Como quem anda a perigo perpétuo se agarra até em fio desencapado, a mulata se embalou nessa jogada. Tomou nota do endereço do forró, que ficava lá nas quebradas do mundaréu, bem onde o vento encosta o lixo e as pragas [botam] os ovos e, no sábado, baixou no pedaço com um short de encabular tabaréu.

Assim que piou na parada, a Dagmar abafou. O forró, que estava a três de alto, com nego se agarrando pelos picos pra não espirrar pelo ladrão, fez reverência pra mulata. Ela, por sua vez, retumbou com o sucesso, mas só registrou no íntimo. Na aparência, permaneceu indiferente. Não tomou conhecimento dos tabaréus que estavam no rala-buxo. Procurou o dono do salão e disse porque estava ali:

- Vim pra esse negócio de rainha.

O dono do forró, que não era nenhum loque, aliás, muito pelo contrário, era um baiano presepeiro com longo tempo de janela, não dispensou a mulata. Cobriu a Dagmar de gentileza e a botou por dentro das regras do concurso. Bem falante, o baiano enfeitou bem o seu pesqueiro:

– Nós aqui é democrata. Nossa rainha vai ser escolhida na vontade do povo. Tu, bichinha, pode contar com meu apoio à tua candidatura. Tu é só dengo. Merece aparecer na tevê representando nosso forró. Mas tu tem que compreender que quem escolhe é o pessoal que dança aqui. Tu vem uns três sábados. Aí, no concurso, tu emplaca fácil. Isso pra eles não te xavecarem²⁹⁷ com as bobagens de

297 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecarem”.

que têm eu eleger uma dama que frequenta nosso salão sempre. Tu vem. Eu te garanto. Tu é uma belezura. Merece.

Pra Dagmar, aquilo foi um sacrifício. Ela estava pensando que era chegar, ser eleita e ir pra televisão fazer figura. Não gostou, mas resolveu encarar. E todo sábado, dali pra frente, ela ia pros forrós. Só que não dava trela pro pessoal. Quem quisesse tomar tábua era tirar a mulata pra dançar. E por todo esse luxo, a Dagmar ficou antipatizada com a curriola. Mas, nem ela, nem o dono do forró achavam que isso ia influir na eleição. A mais bela devia ganhar. E, sendo assim, só podia ser a Dagmar. Que era linda mesmo. E, se isso não bastasse, tinha a vantagem das concorrentes da Dagmar serem dois bagulhos de fazer nego saído de cana passar no lance delas. Uma era uma negritinha magricela e zarolha, que se equilibrava em cima de dois gambitos. E a outra era uma branca azeda, já meio velhusca, que tinha tanta espinha na cara, que até parecia o mapa do inferno.

A brancona azeda não pegava nada mesmo. Porém, a negritinha, apesar de parecer um espantalho, tinha sua embaixada. Era zoeira às pamparras. Dizia no pé com grande gabarito, era enturmada com a patota, fazia e acontecia. Por esses méritos, ela entrou no concurso sem temer a Dagmar. Quando o dono do forró pediu que a negritinha desfilasse, ela entrou dançando xaxado e foi um chuí. O povão aplaudiu. Quando a Dagmar entrou ela foi toda a classe de manequim e isso pegou mal pro gosto daquela gente. Vaiaram até a mulata sumir. O dono do forró endoidou. Tentou explicar pro povão que a negritinha não podia ganhar. Que, se acontecesse esse pereço, ele não ia poder apresentá-la na tevê e tal e coisa. Disse com sinceridade que a negritinha feiosa não ia dar divisa pro forró. Muito pelo contrário. Só serviria pra desmoralizar o salão. Já se a Dagmar fosse eleita, ele iria faturar prestígio. Mas, que nada. Não adiantou. O povão vaiou mais uma vez a Dagmar e aplaudiu calorosamente a negritinha.

Contrariado, o dono do forró quis avacalhar a democracia do concurso e coroar a Dagmar. Porém, o povão ameaçou de bagunçar e o resultado foi mantido. A negritinha ficou rainha. A Dagmar se retirou envergonhada e se sentindo lesada. Mas, talvez agora se manque e resolva cair da panca.

3.9 – As crônicas de dezembro de 1971 – Coluna Navalha na carne

Bentão e os forrós (Última Hora de SP – Edição de 1/12/1971. Página 16 Caderno 1)

O meu considerado Bentão, ponta de lança dessa coluna para assuntos de forrós, conforme estava combinado[,] fez das tripas coração e visitou trinta forrós e caqueradas nesse fim de semana, dançando pelo menos um xaxado em cada salão onde deu as fuças. Isso porque o Bentão não é de desfeitar ninguém. Ralou buxo às pamparras. Gastou a sola do buziguim amarelo, mas meteu suas botucas de ver em mil e uma presepadas que, por meu intermédio, passa a escancarar.

Diz o Bentão que forró bom, de entortar patuá é do Zé Béttio, lá no Jaçanã. A sanfona de oito baixos manda ver e o povão no salão se espalha. No sábado passado, tinha umas cinco mil pessoas se divertindo nesse centro, que se impõe pela fina seleção dos seus frequentadores. O Bentão se entusiasmou com o forró do Zé Béttio. No fim da noite, ou às primeiras horas da matina, com salão a três de alto, com nego se agarrando pelos picos pra não espirrar pelo ladrão, o próprio Zé Béttio, que está sempre de corpo presente no seu salão, (não faz como uns e outros que têm nome, se anunciam, arrastam o público e depois ficam nas encolhas e botam

pra tocar uns fajutos); porém, deixa isso de lado, o que quero contar e o que pesa na balança é que o Zé Bétio, que não é de chupar sangue, nem de ninguém, alta madrugada, faz realizar um concurso de beleza entre as distintas damas presentes. Como o Zé Bétio é democrata, o seu concurso é na base do: “É essa? É essa?”. E, escolhida a vencedora por vontade popular, o Zé Bétio dá prêmios a todas elas. Prêmios esses que variam de relógios até saquinhos de xampu. Assim sendo, a alegria de viver aos sábados à noite reside no forró do Zé Bétio em Jaçanã. E pra evitar que algum valente avacalhe a guerra, o Sargento Sandoval, que não é homem de brincar em serviço, impõe respeito sem nunca abusar da sua autoridade, que nele parece, segundo o Bentão, ser natural e não proveniente das divisas que ganhou por merecimento. Entre as façanhas do Sargento Sandoval que o Bentão conta, a que mais me impressionou foi a cana que o sargento deu num camelô folgado que queria vender²⁹⁸ peixeira na porta do forró, artigo que provavelmente teria mais saída que pipoca e cachaça.

Porém, não foram todos os forrós que agradaram o meu chapa Bentão. O forró do Cine Samarone, no Ipiranga, é um esculacho. Aliás, na opinião do Bentão, o forró do Cine Samarone, de forró só tem o nome. E se o Bentão acha isso, é que é. De forró ele entende. Pra não deixar ninguém desmentir, o Bentão conta que viu, pálido de espanto, no rala-buxo do Ipiranga, a maior escrotidão da paróquia. Um crio[u]linho que ele manja das bocas encardidas estava lá de cabelo colmeia, tipo pantera negra, calça riscada de vermelho e azul, camisa branca de cetim lamê e cantando música em inglês. Garante o Bentão que um papagaio enfeitado desses só serve pra desmoralizar um forró e que tira a autenticidade do forró, transformando tudo num balaio de gato. E que no norte, se aparece uma figura assim, a turma o apaga e o cabo de serviço no local não diz nada porque não é inflação a lei da caça. Porém, tem mais gronga no salão do Cine Samarone. Vira e mexe, aparece uns pilantrosos tirando onda de juiz de menores e pedem os documentos do mulhero presente. Até coroa de cinquenta e tantos anos é obrigada a se apresentar. E tá na cara que os juízes de menores de araque usam esse trambique pra ter chance de conversar com o mulhero presente. Sábado último, um pilantroso deu uma dura numa coroa que devia ser avó há muitos anos, mas que nas horas de folga baila no Cine Samarone, o paraíso dos bagulhos velhos, conforme me informa o Bentão. O juiz enrolou a velhota, ameaçou de botar ela pra fora e tudo o mais. Porém, no fim, saiu dançando com a boa senhora, prova evidente de que tudo era cascata.

Já no forró do Zé Nilton e do Zezão, a coisa é como manda o figurino. Eles seguem o exemplo do Mestre Pedro Sertanejo, pioneiro dos forrós em São Paulo. No forró do Zé Ninton, só toca música brasileira. Lá não tem enganação de ordem alguma. Vai quem quer e quem vai dança baião, xaxado e samba. É assim que deve ser. Tá aí o outro forró que passa a merecer o apoio de nossa coluna, que sempre sai em campo para defender a música popular brasileira. Vamos em frente, seu Zé Nilton.

Mário Zan é outro que ganha os maiores elogios do nosso considerado Bentão. Mas, desse forró a gente vai falar mais a semana que vem. Hoje o destaque, por sugestão do Bentão, vai pra Rádio Cometa, que está dando grande cobertura aos forrós, divulgando todos eles e fazendo uma programação realmente brasileira. Basta ver que o Zé Bétio tem cinco horas de programa na Rádio Cometa. E é só música nossa. Muito bem. Quarta-feira que vem, tem mais papo sobre forró, isso é, se o Bentão não sumir.

298 Termo atualizado; no original de jornal consta “vencer”.

Como se perde um campeonato que já estava no papo (Última Hora de SP – Edição de 2/12/1971. Página 16 Caderno 1)

Naturalmente, como acontece há muitos e muitos anos, o Corinthians, que vinha num embalo tremendo nesse campeonato brasileiro de futebol, de repente, na reta final, encabulou e virou a caixa de pancada da sua série. Claro que os abilolados que torcem pro alvinegro de Ogum, diante dos esculachos que vão levar das torcidas inimigas, vão tentar mil e um modos de explicar o fiasco. Vão lembrar as histórias que correm nas quebradas do mundaréu, que falam de macumbas contra o timão mosqueteiro. Argumentam que a tabela era uma verdadeira xavecada²⁹⁹ contra o Corinthians. Culparam os juízes. Entraram na zoeira dos cartolas contra o técnico. Vão chiar. Estrilar. Espernear. Chorar. Mas, nem de leve, vão, por conta própria, descobrir as razões do fracasso. E eu, que modéstia à parte, manjo paca de futebol e vejo todas as mumunhas corinthianas sem paixão clubista, escancaro os trambiques todos pra servirem de guia pra curriola do Parque São Jorge, que de desgosto por mais esse vexame anda se batendo contra as paredes. E como não sou de fazer cerimônia com otário, entrego os culpados por mais esse desastre do alvinegro de Ogum.

Qualquer pivete de juvenil sabe que, numa maratona como o campeonato brasileiro de futebol, não adianta nada um time entrar com toda corda. O São Paulo, o Vasco, o Santos de glórias mil estão aí mesmo pra não deixarem ninguém mentir. Fizeram o suficiente pra garantirem a cota do leite. Seus técnicos, muito sabiamente, não apuraram a melhor forma atlética de seus craques logo de início. Aqui ói. Eles não são trouxas. Compreendiam que, se deixassem seus atletas em ponto de bala de saída, na reta final eles iriam estar saturados e fatalmente iriam virar o fio. Maneiraram. Foram na velha base do agrião. Crescendo aos poucos. E deu certo. Já o Corinthians muito pelo contrário, começou com toda a corda e foi essa uma das causas da tubulada. Enquanto seus adversários iam atingindo o estado ideal, o alvinegro de Ogum ia rateando. Se alguém se deu ao trabalho de fazer um gráfico sobre os desempenhos das estrelas do Corinthians, poderá verificar a queda de produção deles todos. Agora, dirão os senhores: “Mas o Baltazar não sabia disso?” Claro que sabia. Porém (e sempre tem um porém), o Baltazar era técnico do Corinthians. E aí, já viu. Vivia com seu emprego ameaçado. Até mesmo uma vitória apertada deixava o Batata pedido. Eu me lembro bem que, assim que o Corinthians se classificou, o Baltazar mandou a sua moçada se poupar. Por isso, tiveram uns resultados ruins. Foi o bastante para os cartolas iniciarem uma marola contra o Baltazar. Apertado, ele se viu forçado a exigir que o time fizesse das tripas coração e ganhasse todas. Quem tem culpa desse perereco? Lógico, os cartolas, que não dão tranquilidade pro técnico trabalhar.

O nome de Rivelino andava de boca em boca. Torcedores de todos os cantos do país admiravam e respeitavam ao garoto do parque. Ele era tido como o novo rei do futebol brasileiro. Substituto do Pelé. Ídolo da patota corinthiana. Com esse estímulo todo, o Rivelino se entusiasmou e dava o sangue a favor do seu time. Era o grande construtor das vitórias do alvinegro de Ogum. Todos reconheciam o valor do rapaz. A imprensa fazia oba-oba pro craque corinthiano em manchetes de letras garrafais. Isso deve ter deixado os cartolas mortos de inveja. Imediatamente, eles resolveram dinamitar o Rivelino. Tiveram a ideia de jerico de contratar o Paulo César. Lançaram uma campanha fajuta para que a torcida que ganha salário mínimo entrasse com a fortuna do preço do passe do jogador. Pra melhor engrupir a massa

²⁹⁹ Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

que berra da geral, enfeitaram o pavão. Pintaram o Paulo César como ídolo corintiano. E num truque digno do Mandrake, transformaram o Rivelino, verdadeiro ídolo da torcida, em camelô pra impingir Paulo César pra torcida. O Rivelino, moço brioso e sensível, perdeu a graça. De quem é a culpa? Lógico, dos cartolas que bolaram a presepada.

Num triste lance, o grande craque da seleção brasileira Gérson, por infelicidade, quebrou o seu companheiro de seleção Vaguinho. O primeiro, que defendia o São Paulo, jurou que não fez por gosto. O segundo, que foi a vítima, garantiu que não houve maldade. Mas, os cartolas do Corinthians, sempre aparecidos, fizeram tremendo enxame contra o Gérson. As ameaças mais absurdas foram feitas contra o astro da seleção brasileira. Promessas de desforra na virada da tabela foram anunciadas pelos cartolas do alvinegro de Ogum. Tudo isso criou um clima de nervosismo entre os jogadores corintianos. Claro que a moçada não ia ferrar o Gérson só pra agradar os cartolas. Afinal, o craque do São Paulo é colega de profissão. Mas, no jogo entre os dois times pela fase semifinal, o primeiro entre ambos após o acidente que vitimou o Vaguinho, os boleiros corintianos se sentiram na obrigação de ganhar. Era muita falação em torno. Ficaram nervosos. Não tiveram paciência para contornarem os obstáculos, não souberam explorar as falhas do tricolor, não aproveitaram sua superioridade em campo e acabaram tomando um gol besta e perdendo a partida e a moral. Culpa de quem? Lógico, dos cartolas que falam demais.

Depois da derrota pro São Paulo, o Corinthians perdeu o rumo. Ganhou do América na bamba. Não convenceu ninguém. Os cartolas, então, atucanaram a vida do técnico Baltazar. Ele, por sua vez, se apavorou e transmitiu pro time sua insegurança. Todos os craques, que gostavam muito do Baltazar, sentiram a necessidade de vencer o Cruzeiro. Com medo de perder, tremeram. Marcaram bobeira. Os cartolas não perdoaram. Degolaram o Baltazar. No seu lugar, botaram o Sarno. O Chico Sarno que não devia nunca ter sido mandado embora do Corinthians. Mas que foi e que deu seu lugar ao Baltazar, que nunca devia ter sido mandado embora do Corinthians. Mas que foi e que deu lugar dessa confusão? Lógico, dos cartolas que querem sempre justificar as besteiras que fazem em cima de alguém.

Por essas e outras, o Corinthians está na triste situação de esparro. E vai continuar assim até os cartolas pensarem mais no clube do que neles próprios. Time pra ser campeão, o alvinegro de Ogum tem. É o melhor do Brasil. Mas, com os cartolas chupando o sangue, não dá.

Meu chapa Abelardo continua otimista (Última Hora de SP – Edição de 13/12/1971. Página 16 Caderno 1)

Estava eu instalado num super hotel lá na Guanabara, naturalmente por conta da tevê onde estou gravando a novela Bandeira 2, do Dias Gomes, quando no salão de recepção dou de cara com meu considerado Abelardo Figueiredo. Fazia tempo às pamparras que a gente não se cruzava pelos esquisitos caminhos do roçado do bom Deus. Sabe como é. A gente batalha no mundo dos espetáculos, porém em áreas diferentes. Ele lida com a que existe de mais sofisticado na arte. Som, luxo e tal e coisa. Eu, meus camaradinhos, dou meu recado como posso. De preferência, mando ver no palco do Sindicato dos Têxteis, com a peça “Quando as máquinas param”, com Walderez de Barros e Roberto Rocco e, às vezes, como agora, na tevê. Mas, deixa isso tudo pra lá. O que quero contar e o que pesa na balança é que

existem pessoas que são bacanas e fazem bem a gente, sem fazer favor. E o Abelardo é bem desse naipe. A esperança que ele carrega com ele em todos os momentos é de impressionar e serve de estimulante para qualquer pinta que ande de patuá entortado. O Abelardo sempre foi assim. Inquieto, criador, otimista. Já pegou pela proa cada invertida de botar à pique muito sujeito metido a durão. Porém, ele nunca se rendeu. Sempre dá um jeito e quando se vai conferir, o Abelardo está emplacando com alguma jogada diferente.

Na televisão, quando eu conheci (eu, nesse tempo, era figura apagadíssima), ele fez e aconteceu. Bem me lembro. O Abelardo realizou tremendos shows. Lançou gente às baldas. Ele é dessas raras pessoas que ouvem os outros e que sabem sacar de estalo se o nego plantado na sua frente tem ou não qualidades. O Simonal, por exemplo, cresceu[,] se fez esse brilhante homem-show que é, seguindo dicas do Abelardo, num programa que eles tinham na Tupi e do qual eu era assistente de estúdio. Eu mesmo tive a minha colher de chá como escritor das mãos de Abelardo. Talvez ele até tenha se esquecido desse lance. Nunca tocou nem de leve nesse perereco. Nem pra mim, nem pra ninguém que eu saiba. Esse Abelardo não é de curtir o passado. Seu negócio é no futuro. Eu, porém, nunca poderei esquecer o tempo em que eu andava caindo pelas tabelas, comendo capim amargo pela raiz, sem ter pra quem mostrar as peças que escrevia e sem a mínima condição de encená-las. Quase no desespero, cheguei um dia no Abelardo e me abri com ele. Muito mais certo que não ia arrumar nada do que pensando que o senhor Abelardo Figueiredo[,] um dos maiores nomes da televisão, fosse se interessar por mim, me apresentei:

[–] Eu escrevo... Se aparecer alguma coisa aí... Sabe como é... Tou aí...

Sem mumunhas, o Abelardo fez chover na minha horta:

– Legal. Eu vou fazer um programa novo e preciso de uns textos. Te pago vinte contos por cada programa. São umas quarentas linhas pro Paulo Autran ler. É ele que vai apresentar o troço.

Juro por essa luz que me ilumina que quase desmaiei. Meu ordenado naquela época era sessenta contos por mês. De repente, sem esperar, o Abelardo ia me pagar oitenta. Era de lascar. E foi a primeira grana que alguém pagou por algum negócio que escrevi. Ajudou muito no leite do meu primeiro filho, o Nado Sabido. Nesse mesmo programa, ainda tive chance de aprender pra chuchu e de abrir minhas botucas. A cachola do Abelardo, sempre em reboliço, tramava tanta coisa, que era uma parada pra escorar o rojão. Andava muitos anos na frente de todos, o Abelardo. E por essas e outras, ele às vezes se entortava. Quando cismou de fazer humorismo, não se enquadrou dentro dos padrões mixurucas. Mandou chamar esse gênio que é o Ziraldo e num longo papo explicou mais ou menos o que queria. O Ziraldo, que não é de marcar bobeira, veio com uma história que pra todos pareceu meio maluca. Menos pro Abelardo, que imediatamente contratou grandes atores pra interpretarem o texto. Porém, é broca ser porta-bandeira. O Abelardo e o Ziraldo nos explicaram como era e tudo. Mas, que nada. Aquele tipo de humorismo era tão novo, que não havia ponto de referência. Se fosse hoje, bastava dizer que era pra gente ir na base do Ardil 22 que a gente entenderia. Naquele tempo, por culpa nossa, atores, não deu certo.

O Abelardo Figueiredo se chateou e saiu pra outros pererecos. Abriu o Urso Branco, depois o Beco e embandeirou a noite paulista. Eu peguei a bola branca. “Dois perdidos numa noite suja”, “Navalha na carne”, “Homens de papel” fizeram sucesso. O Abelardo foi assistir, pagou entrada, gostou, cumprimentou e tudo. No mais, se fechou em copas. Enquanto isso, muito nego que só fez secar minha

pimenteira tirava onda de meu descobridor e os cambaus. Claro que o Abelardo não precisava de nada disso. Ele sempre foi mais ele. Mas, eu registro essas coisas todas. Acho necessário mostrar quem é quem. E o Abelardo é um sujeito bacana. Desarmado. Sem maldades. Sonhador. Inteiro. Autêntico. Acreditando sempre no que vai fazer. E é por isso que rever o Abelardo Figueiredo na porta do Savoia Hotel me fez bem. Ele continua o mesmo.

Em dez minutos de papo, falou do seu novo esquema e vibrou como estreante. Num só folego, deu toda a ficha:

– Saí do Beco. Seis anos lá. Pra mim, não dava. Eu ia me acomodar. Agora vou fazer um grande show. Vou pegar o Lanny Dale, vou mandar buscar um crio[u]lo maravilhoso que descobri nos Estados Unidos e vou montar um espetáculo de verdade. É isso que eu quero fazer. Vamos correr [o] mundo. Já tenho contatos em toda parte. Vai ser uma beleza. Você vai ver.

Eu, diante de tanto entusiasmo, tremi nas bases. Pensei que meu chapa estava fora da realidade e quis fazê-lo botar o pé na terra:

– O Lanny Dale não tá em cana?

Sem se atucanar, o Abelardo respondeu em cima:

– Ele sai. Se entrou, tem que sair (Já saiu).

Novamente dei carga:

– E grana pra tudo isso, tu tem?

E mais uma vez o Abelardo foi firme:

– Ainda não. Mas, arrumo alguém pra financiar.

Depois dessa pala, cada um foi cuidar dos seus negócios. Eu saí dali leve. Com vontade de escrever, de fazer, de acontecer. A fé do Abelardo me contagiou por alguns momentos. Fazia tempo que eu não via alguém do mundo artístico com tanto gás e garra em cima do seu trabalho. Por toda parte, eu sinto a mesma falta de perspectiva nas pessoas. Só o Abelardo continua o mesmo. Que bom pra ele.

Valdo Gabiru, o falador que se entortou (Última Hora de SP – Edição de 14/12/1971. Página 16 Caderno 1)

O Valdo era o que a gente pode chamar de presepeiro. Por um trocinho à toa fazia a maior pororoca da paróquia. E em qualquer lance que entrava, era pra esparramar. Botava a boca no trombone e anunciava pelos quatro cantos da terra, sem nunca fazer a menor cerimônia com os outros. Muita coisa que era pra ser mantida em surdina, na moita e tudo mais, o paspalho entregava de bandeja pra opinião pública. Com mulher, os seus assuntos todos eram escancarados em detalhes. Havia até quem desconfiasse da necessidade que o otário tinha de cartear a marra, expondo suas eventuais companheiras de aventuras amorosas ao ridículo. Muita gente jurava pelos santos de suas crenças que o Valdo era chibugo e contava cascata pra se afirmar como homem. Mas ele nem tomava conhecimento da opinião da galera. Ia levando sua catraia como podia. Boa aparência o Valdo tinha. Sabia charlar macio no ouvido das minas. Por essas e outras, dava sorte. Ou melhor, deu sorte até quando o mulherio do pedaço onde ele malhava manjou que ele era de bochicho. Daí pra frente, entrou areia no seu pesqueiro. A mulherada não queria acordo com papagaio enfeitado. E botando pra escanteio, o Valdo se viu em papo de aranha. Inconformado por só marcar bobeira, ele se atirava de corpo e alma às conquistas. Mas, que nada. As minas tiravam o bruto de letra. Deixavam o cavalo falando sozinho e iam fazer enxame às custas das suas cantadas. Uma falava pra

outra o que o boboca tinha dito e era aquele sarro. Gozavam a fuça do galã de araque.

O Valdo a princípio achou que era fase ruim que andava atravessando. Essas coisas acontecem. Segundo o horóscopo, são as influências dos astros. Mas, como o tempo ruim ficou muito comprido, ele se encabreizou. Uma ideia de jerico brotou na cuca dele. Passou a desconfiar que era macumba que alguma namorada que ele largou entregue às traças lhe aprontou. E, encasquetado nessa zoeira de mandinga, ele se abilolou. Perdeu o sono, ficou jururu, só matutando pra ver se adivinhava quem era que tinha feito a quizila. Perdia horas e horas examinando o nome das antigas namoradas. Mas, por maior esforço que ele fazia, não piava novidade na parada.

Ao lado dessa gronga toda, ainda teve mais perereco pra piorar a sua situação. O pessoal do boteco onde o Valdo costumava fazer ponto e contar suas histórias ficou conhecendo a xavecada³⁰⁰, por intermédio de uma piranha que o otário paparicou. Engrossou o caldo. Eles, que se mordiam de raiva antes, quando o Valdo estava na boa e fazia farol, aproveitaram as dicas da piranha pra pegar no pé do loque.

Deu desespero no Valdo. Nem bagulhão encajado se enredava no picaré dele. Dava até dó. O homem se batia contra as paredes, trombava com poste, tropeçava nas pernas e sofria calado. Vaidoso como era, não podia se render nem pros chapas mais chegados. Nem pra si mesmo queria reconhecer que tinha perdido a bossa. Assim sendo, sem alívio, ele pensava. Mas, um dia, a sorte clareou pro lado do Valdo. Uma pistoleira que estava a perigo perpétuo, encostada na parede pelos anos que já iam espalhando rugas em seu rosto e varizes em suas pernas, resolveu dar trela pro Valdo, muito mais por estar na última lona do que por gamação.

Mas, o otário não estava a fim de conferir. Com o coração aos pinotes, certo de que aquela pistoleira machucada por longa temporada de janela ia pelo menos servir pra cortar o sangue ruim que estava fazendo ele naufragar, o Valdo se embandeirou. Na mesma noite em que selou o trato com a mulher, foi correndo contar vantagem no boteco. E foi aquele esculacho. Os parceiros ouriçavam o Valdo com tremenda avacalhação:

- Meu, aquela figura é a encarnação da miséria.
- Pra pegar aquilo é melhor ficar na mão.
- Deixa ele. Tempero de comida é fome.
- Nem que eu tivesse saído de cana depois de vinte anos me arreglava nessa coroa.

- Aquilo é um lixo.
- Não quero falar nada sem prova. Mas a piranha leva jeito de estar empestiada até a alma.

Pra tudo isso, o Valdo respondia com mais chuveiradas:

- Eu sei de mim. A piranha vai me dar boa vida. Ela é escolada e sabe que tem que me dar bom trato. Não é todo dia que uma mulher pode desfilar com um cara linha de frente do meu naipe.

E essa toada foi longe. Todas as noites o Valdo se reunia com a patota e a curtição era a mesma. Mas, apesar da torcida contra, o Valdo levava seu caso com a pistoleira. Como não arrumava outra mina, se escorava naquela pobre mulher. E com o espírito de exibicionista que tinha, catimbava às baldas na frente dos amigos. Expunha com frequência a pistoleira no ridículo. Fazia mil e uma desfeitas pra

300 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

mulher. Depois, ainda obrigava a coitada a se humilhar perante todos, com pedidos de desculpas a ele, coisa que a mulher fazia sem entender direito o por que de tanta besteira.

Porém (e sempre tem um porém), uma noite o Valdo passou dos limites. Diante do povão, deu uma biaba na mulher sem nenhum motivo. A piranha azedou. Magoada com tanta sujeira, tirou seu time de campo, garantindo que não tinha mais arreglo com o Valdo. Ele nem se afobou. Pra curriola, o loque contou às pamparras.

– Deixa ir. Quando eu quiser, ela volta. Sou mais eu. Manjo meu eleitorado. A piranha vai ficar na saudade e me procura loguinho.

Um gaiato, que não tinha o que fazer, meteu lenha na fogueira:

– Duvido.

Tinhoso como era, o Valdo pegou a fieira:

– Não tem erro. Se³⁰¹ eu chamar, tá aí rente.

Mas o gaiato não se convenceu:

– Duvido e faço pouco.

Pro Valdo aquilo era um desafio sério e deu uma decisão pro gaiato:

– Quer apostar?

Quem não tem nada a perder, vai em todas. O gaiato topou. Armarraram [sic] uma dúzia de cerveja diante de várias testemunhas. E não tardou pra surgir a chance de tirar a teima. Foi quando a mulher ia passando pelo boteco. Bem alto pra que todos escutassem, o Valdo chamou:

– Vem cá, piranha!

A mulher parou e retrucou:

– Vem cá você.

Pra curriola aqui foi uma graça. Riram muito e deixaram o Vlado bronqueado. Ele, então, deu nova ordem:

– Já mandei vir aqui! Anda! Senão, tu vai se dar mal.

Com tranquilidade, a mulher respondeu:

– A distância é a mesma.

Foi um salseiro. A patota vaiou o Valdo. Ele, envergonhado, perdeu a noção do que estava fazendo. Sacou a faca e, sem piedade, avançou para mulher. Ela quis fugir, mas não conseguiu. O Valdo a alcançou e a furou vinte vezes sem que ninguém fizesse nada pra impedir.

História das minhas tias (Última Hora de SP – Edição de 15/12/1971. Página 16 Caderno 1)

As minhas tias Zila e Julieta eram duas coroas pra frente. Com as duas não tinha babado. Já andavam com um pé na cova, tal e coisa, e ainda se badalavam. Não queiram nem saber. Com reumatismo, gronga e os cambaus, as duas estavam sempre ligadas. E estavam certas. Só panaca é que morre antes do tempo. E se teve quem viveu até o último sopro foram essas duas. Nunca contaram com os azares. Sempre trabalharam. Sempre riram. Sempre riram, meus cupinchas. E nem sempre remaram a favor da maré. Porém, sempre riram muito. E isso pesa na balança. É muito mais fácil gostar de gente alegre. E eu era vidrado nelas. Velhice, elas só tinham na idade. O resto era resultado do que diz Mestre Zagaia, na sua Tabuada das Candongas:

– O coração não envelhece.

301 Termo atualizado; no original de jornal consta “Seu”.

E se Mestre Zagaia diz, é que é. Ele sabe das coisas. E a Zila e a Julieta eram a prova. E por isso é que eram tão gente. E por isso é que eu gostava delas pra chuchu³⁰². E por isso é que hoje me lembro delas com tanto carinho. Elas eram gente de carne e osso e dor de barriga e tudo. E é esse o lance. E eu sinto muita saudade das duas e da dor de barriga delas. Porque com elas tudo era positivo. Ponta firme. Sem mistério. Mas, deixa andar.

A Zila e a Julieta estavam quase batendo o pino lá em Santos, quando chegou na baixada o bochicho vindo de São Paulo:

– O Rivaldo vai batizar o filho. Vai dar uma bruta festa.

As duas se assanharam. O Rivaldo era o sobrinho querido. Como eram todos. Porém, foi com esse papo que as duas encararam o resto da família, que não queria que as duas se mandassem por aí sozinhas. Foi um perereco. Muitos dias antes da viagem, começou o quebra-pau.

Minha mãe, Hermínia, chefiava o gango do “não deixe irem sozinhas”. Gango que tinha a força das minhas tias Esmeralda, Laura e Licinha, e a torcida da vizinhança toda. E foi dureza. Fizeram tudo pra cortar a onda das duas coroas. Tentaram engrupir as velhas de todo jeito. Inventaram mil histórias de assustar cocorocas. Porém, nada grudou. A Zila e a Julieta cismaram que vinham. E vinham mesmo. O jeito era alguém trazê-las. Mas, ninguém podia vir. Até a Joana, minha tia crio[u]la, que sempre foi o quebra-galho família, dessa vez mancou. A ala jovem foi convocada. Sérgio, Jozolvir, Paulinho, Neto, Cláudio, Flávio, Frederico, Luís Carlos, Geraldão, Odair, Alfredinho, Arnaldinho, perguntados, saltaram de banda. Comigo ninguém contou. Todos sabiam que eu não era entregador de bagulho. O mulherio enxuto quis vir. Márcia, Tereza, Sandra, Cleide se alegraram. Mas, meu pai se mancou que minha irmã vinha com o Vicente e meteu o pé no breque. Aí, não havia mesmo mais ninguém pra trazer as velhas. E como elas eram tinhasas, embarcaram.

Foi um acontecimento. Parecia que as velhas iam pro Polo Norte. Com a mania que santista tem de achar que em São Paulo cai neve, botaram até cobertor em cima das velhas. Fizeram farnel reforçado pra elas comerem e tchau. Foi todo mundo despachar as coroas. E assim que o ônibus arrancou, bateram um fio pra São Paulo. E minhas tias Carlota, Elvira e Lurdes, que estavam de prontidão, se mandaram pra esperar as velhas na Rodoviária. O esquema de segurança era perfeito.

Porém, (e sempre tem um porém), apesar de todas as precauções, cuidados, vigilância e os cambaus, o esquema furou. Quando o ônibus estava no alto da serra, a Zila começou a sentir dor de barriga. Segurava como podia. Nem falava mais. Começou a suar frio e tudo. Já estava no desespero e no meio da serra, quando apelou:

– Julieta do céu, estou apertada.

A parceira deu um guento:

– Que é isso agora, Zila? Não vá me fazer passar vergonha dentro do ônibus.

E começou um arranca-rabo entre as duas. Não foi fácil a Zila convencer a amiga a ir pedir pro chofer dar uma paradinha. Depois de muito papo, a Julieta foi. Porém, de tromba. E chegou empombada:

– O senhor dá uma paradinha aí!

O motorista não gostou e azedou:

– Ninguém desce aqui.

A Julieta era muito boa, mas não comia enrolado. Estrilou:

302 Termo atualizado; no original de jornal consta “xuxu”.

– Mandei parar! Pare! Sei o que faço.

O chofer parou o carro. A Zila, se prendendo toda, desceu e a Julieta foi atrás pra ajudar. O chofer fechou a porta e se pirou. Abandonou as duas. As velhas ficaram no “ora veja”. Depois de xingarem pra burro, a Zila começou a tentar se aliviar. Mas, era só se preparar, pra Julieta berrar:

– Lá vem carro!

E a Zila levantava a bandeira. Depois de muitas tentativas, se livrou da carga. E começaram a tentar conseguir carona.

Enquanto isso, depois de umas quatro horas de espera na Rodoviária, Carlota, Elvira e Lurdes começaram a se preocupar. Meteram um fio pra Santos:

– Afinal, que horas saíram daí?

– Como? Não chegaram?

– Ai, Jesus!

E foi um reboiço. A família inteira saiu atrás das velhas. Garagem de ônibus, hospital, polícia, necrotério, asilo de velhos, hospício, tudo. Tudininho mesmo foi revistado pela família Cunha. E nada das velhas. Todo mundo já estava cansado de catar velha. Cansado de chorar. Já estavam quase deixando pra lá, quando se lembraram de procurar na Polícia Rodoviária. Foram todos. E, pra alegria geral, encontraram as velhas. Estavam sentadas no plantão. Se explicaram.

Ficaram largadas na estrada umas seis horas. Ninguém quis saber de dar carona pras velhas. Até que a Polícia Rodoviária as recolheu. Com o esquinapo todo, esqueceram os endereços. Se plantaram na boca de espera. Deu certo.

E ninguém precisou apresentar prova nenhuma pra retirar as velhas da Polícia Rodoviária.

O talentoso Bucka e a tevê (Última Hora de SP – Edição de 16/12/1971. Página 16 Caderno 1)

O Bucka é um bom ator. Porém, além do seu enorme talento, ele pesa (bem pesado) cento e setenta quilos, e mede um metro e noventa de altura (bem medido). Seu tamanho torna sua figura um tanto original. Principalmente nos meios artísticos, onde a maioria anda se alimentando com mingau de araruta feito com leite de sapo, que é ótimo regime pra emagrecer. Portanto, nesses tempos de inversão de valores, não causa espanto quando se sabe que o Bucka é mais procurado pelos empresários pra fazer papel de gordo, do que pra viver um personagem qualquer com a competência que anos e anos de janela lhe deram. Naturalmente, o Bucka não faz luxo. Vai fazendo o que pia na parada, porque a situação não está mole pra ninguém, quanto mais pra ator, que com técnico de futebol e centro-avante do Corinthians, forma o grupo de profissões mais inseguras do Brasil, e quiçá do mundo. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que importa é que, como não dá pro Bucka ficar esperando o mar pegar fogo pra ele comer peixe frito, ele vai entrando em todas e acaba só pegando da banda podre, o que resulta num perereco sentido. Mas, ele também não pode fazer nada. O bruto adora comer. Principalmente coxinha de galinha que, com a vida custando os olhos da cara, andam pelo preço da hora da morte. E tem o pior pedaço pro Bucka. Com seus cento e setenta quilos, não é qualquer meia dúzia de cozinhas que o satisfaz. Ele tem que mastigar pelo menos duas dúzias pra ficar forrado. Sem contar a torcida que sempre se junta em volta de um gordo quando ele se senta pra comer. Aí, é broca. A moçada acompanha o gordão no restaurante desde o primeiro lance e se decepciona se ele não fizer façanha. Um gordo qualquer provavelmente não daria

bola pra galera. Mas, o Bucka não é um gordo qualquer. É um tremendo ator, tem noção de espetáculo e muito respeito pelo público. Nessas circunstâncias, me parece razoável que ele, num restaurante, vá até as últimas consequências financeiras pra agradar a curriola que, mesmo não pagando ingresso pra ver o Bucka comer, contribui para aumento de sua popularidade na porta dos botecos que servem coxinhas de galinhas dignas da atenção de tão grande conhecedor do assunto.

Graças a essa tendência, o Bucka estava meio apavorado com esse fim de ano, que promete não ser mais pra classe teatral. Desemprego em massa e tal e coisa. Por isso, sem mumunhas, o nosso estimado chapa aventurou a sorte nas maiores presepedas da paróquia. Por exemplo: quando o Silvio Santos anunciou que ia fazer um concurso da dupla Gordo e Magro, pra ver quem, nesse Brasil imenso, se parecia mais com o Oliver e o Stan Laurel, o Bucka se juntou imediatamente com um magricela que estava também na boca de espera e foi firme pro campeonato de Gordo e Magro que nossa televisão, sempre tão cultural, ia apresentar. O prêmio pra dupla vencedora era de quinhentos cruzeiros, o que, traduzido em coxinhas, daria umas quatro dúzias, com a parte que caberia ao gordo.

A bem da verdade, temos que registrar que a chegada de Bucka na televisão, disfarçado de Gordo do cinema, foi um sucesso sem precedentes. Ele estava tão igual ao Gordo que criou o tipo, que as macacas saíram da fila para pedir autógrafo. E como as distintas senhoras frequentadoras de auditório só manjam Gordo e Magro pelo vídeo, onde a famosa dupla é dublada em português, não houve quem estranhasse o Bucka falar a nossa língua. Ele, por sua vez, tentou explicar que não era quem elas pensavam. Mas, aqui, gaivota! Ninguém consegue explicar alguma coisa pra gaivota que está a fim de pegar autógrafo de ídolo. O Bucka não foi exceção. Teve que escrever em mil caderninhos a palavra “Gordo”. Esse capítulo vencido, o Gordo foi pro corredor e ficou esperando a hora do campeonato de Gordos e Magros. Porém, entrou areia. Ele e seu parceiro esperaram até o término do programa. Não apareceu nenhum concorrente. Assim sendo, os organizadores da gronga, que não são de fazer cerimônia com otários, anularam o concurso e deram o assunto por encerrado. Não apresentaram a dupla presente e não pagaram cachê.

O Bucka e seu parceiro, apesar de ficarem mal dentro da roupa, não estrilaram, com medo de provocarem a raiva eterna dos produtores e nunca mais terem colher de chá na televisão. Essas coisas são comuns nesse veículo de comunicação. Fechado em copas, o Bucka curtiu a saudade amarga das coxinhas que nunca comeu, nem comerá com o cachê do campeonato de Gordos e Magros. Afinal, acabou se conformando e se culpando por ter marcado tão grande bobeira. E partiu pra outra.

Arranjou um emprego de Papai Noel de loja. E já estava se encaminhando pra Casa Teatral, onde pretendia alugar num traje que possibilitasse um grande desempenho nesse papel, quando recebeu um alô pra, no dia seguinte, se apresentar na televisão, onde ia ter uma chance rara de demonstrar todo seu valor, um personagem central numa novela.

Honesto como é, Bucka saiu direto na captura de um gordote qualquer, que ainda não estivesse contratado para ser Papai Noel de loja, pedal de tudo quanto é ator gordo em véspera de Natal. Foi duro achar um. Até pra casa Etty Fraser o Bucka telefonou pra tentar convencer a gordinha-sexi [sic] de pegar o rabo de foguete. Garantia o Buck, no seu apelo desesperado à Etty, que ela, de barba branca, passaria fácil por Papai Noel. A Etty, que não sabe dizer não, já estava

topando, muito mais pra quebrar o galho do amigo do que por causa dos cinquenta contos que ela ganharia diariamente em troca de oito horas de distribuição de pirulitos pras crianças. Foi quando o Chico Martins, feliz marido da gordinha-sexi [sic], impediu energicamente sua participação no espetáculo natalino. Incapaz de fazer sujeira com quem quer que seja, o Bucka continuou procurando um gordo que estivesse de sobra. A Ety, que não sabe dizer não, com remorso a lhe roer o generoso coração, se botou a auxiliar o Bucka a encontrar o gordo disposto a topa a parada. Renatão e Ciro, perguntados, não embarcaram na canoa furada. O Geraldão quis, mas não pode. Papai Noel criou[o] não é aceito por dono de loja. Osley, ator de Santo André, queria, mas tinha compromisso com seu batalhão de escoteiro em alguns dias da semana e assim não poderia ser. A batalha foi dura. Mas, acabaram achando um gordo de circo que estava comendo capim pela raiz e deu graças a Deus pela suprema felicidade de arranjar um trabalhinho. Aliviado, o Bucka descansou. Comeu três coxinhas e dormiu disposto a acordar cedo e se apresentar na televisão, bem antes da hora marcada pra gravação da novela. Pretendia com isso mostrar boa vontade pro diretor.

Se entortou. O diretor chegou pra gravação com duas horas de atraso. Veio sonado e de mau humor. Assim que viu o Bucka, resmungou:

– Acho que a roupa de padre que tem aí não vai te servir.

Os cento e setenta quilos distribuídos por um metro e noventa de altura tremeram. O Bucka só lamentou não ter sabido antes que ia fazer papel de padre. Se soubesse, teria vasculhado as igrejas e descoberto um padre gordo e piedoso que lhe emprestasse a batina. Angustiado, o Bucka fez figa e esperou o contra-regra lhe trazer a roupa. Foi de entortar o patuá. Quem viu a roupa que trouxeram pro Bucka teve a impressão que o genial diretor de televisão queria que o padre fosse anão. A batina era bem pequena. Mas, como quem tá a perigo perpétuo desconhece a lei das probabilidades, o gordo Bucka tentou entrar na batina. Foi³⁰³ inútil todo esforço. O diretor, com arrogância, logo deu uma pá de cal na esperança do Bucka:

- Não cabe. Paciência.

E sem o mínimo respeito pela profissão de ator, o diretor entregou a roupa ao contra-regra, ordenando:

– Arranja um padre que entre nessa roupa.

Murcho, jururu e tudo mais, o Bucka foi saindo e ainda recebeu de quebra-galho um esculacho:

– Quem manda crescer tanto?

Pálido de espanto, o Bucka se retirou rápido e em silêncio. Não abriu a boca pra dizer o que pensava, por temer estragar futuras oportunidades na tevê. Se arrancou dali, certo de que o mal foi seu talento não caber dentro da roupa de padre.

O lance é ser vegetariano (Última Hora de SP – Edição de 17/12/1971. Página 16 Caderno 1)

Porciuncula, Santo Antonio de Pádua e Itaperuna, belas cidades fluminenses não são concorrentes muito sérias pra Barra do Catimbó, São João do Mereti e Dallas City, que são sem favor nenhum as campeãs mundiais dos bochichos. Era preciso acontecer em Porciuncula, Santo Antonio de Pádua e Itaperuna pelo menos mais uns quarenta esquinapos fatais, em cada uma delas, para elas terem a divulgação das campeãs. De toda forma, essas paróquias, vez por outra, piam no

303 Termo atualizado; no original de jornal consta “Fiu”.

noticiário dos jornais por serem palco de pererecos de assombrar e de entortar patuá até dos negos mais durões.

Nos últimos dias, a cana baixou de sola nessas belas cidades e descobriu que os açougueiros daquelas bandas não estavam fazendo a mínima cerimônia com a freguesia. Sem o menor³⁰⁴ remorso, tacavam pra cima dos otários locais carne de cavalo. Porém (e sempre tem um porém), o esquinapo maior não era esse. Se tu que sempre pega da banda podre, se tu que mora nas margens do rio e quase se afoga toda vez que chove, se tu que só berra da geral e nunca influe [sic] no resultado, se tu não se espantou, por estar acostumado com revertérios de maior gabarito, se agarra na tua fé porque o pior eu vou contar agora. Sente aí o aroma da perpétua: os cavalos que eram abatidos pra serem transformados em salsicha e em carne salgada eram os que estavam podres.

Só ia pro matadouro cavalo que estava com tuberculose, bicheira e tal e coisa. Bicho que dava pra andar, os donos do mercado clandestino de carne não sacrificavam. Mas, mesmo poupando os bichos que davam pra andar, a polícia flagrou num frigorífico vinte mil quilos de carne de cavalo deteriorada. Pra maior desespero do povão de Porciuncula, Santo Antonio de Pádua e Itaperuna, a maré ficou mais barrenta quando se esparramou pelas quebradas do mundaréu que não é qualquer um que distingue carne de vaca da carne de cavalo. Pro simples comedor de contra-filé, já complica saber qual animal que se apresenta sob forma de bife no seu prato. Já pra quem se trata com alcatre, não há tantas mumunhas. Diante dessa gronga, se conclue [sic] que o povão lesado da sociedade e que, por desespero de causa, se instalou em Porciuncula, em Santo Antonio de Pádua e em Itaperuna, e que, em razão da vida andar custando os olhos da cara, já andava comendo capim amargo pela raiz, daqui pra frente, diante dessa nojeira toda que foi escancarada, vão virar vegetarianos pra sempre, mesmo no dia em que receberem o décimo-terceiro salário, que é quando pobre tira a barriga da miséria.

Agora, essa presepada de carne de cavalo devia dar uma sonora grana pros donos dos frigoríficos clandestinos. Tanto é que, diante da lei, os majorengos da carne deteriorada ainda quiseram ter razão. Sacaram as armas e encararam a polícia até a última bala. Felizmente pra população, esse banguê-banguê teve o mesmo final que têm as fitas do gênero, que aos montes são exibidas na televisão e nos cinemas, em prejuízo do artista brasileiro. O xerife prendeu os bandidos. Que, por sinal, eram muitos, chefiados por um bandidão estrangeiro, que deve ser expulso do país imediatamente. Vigaristas, já chegam os que nascem por aqui mesmo. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é o negócio da carne.

Diz o delegado que acabou com o pesqueiro maldito dos açougueiros fajutos, que vai continuar vasculhando todo o Estado do Rio e pede pra curriola toda ajudar no que for possível, pra se botar fim a essas xavecadas³⁰⁵ todas, que são feitas contra a saúde e a economia popular. Nós estamos em São Paulo, tal e coisa, mas também vamos ficar de botuca aberta pra não ter que engolir enrolado. E já que um assunto puxa outro, esse negócio de carne sempre deu enguiço. Quando não é gato que se come por lebre, é no peso que a gente entra bem. Teve uma época em que as balanças dos açougues da paulicéia estavam tão envenenadas, que um manjado camelô faturou alto vendendo balança em porta de açogue, até o dia em que pegou uma invertida.

304 Termo atualizado; no original de jornal consta “menos”.

305 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecadas”.

Foi quando um caipira de botina amarela desembarcou na Estação do Brás e, mal andou duas quadras, se viu em apuros por causa de uma dor de barriga repentina. Homem do interior, encabulado com a cidade grande, se acanhou. Em vez de entrar num boteco e mandar ver, não. Comprou um jornal e desapareceu atrás de uma estátua. Pra não deixar sujeira espalhada, o caipira fez um embrulhinho na vã esperança de poder se livrar da carga atirando tudo no rio Tietê. E com essa bola maluca a lhe bater na cuca, caminhou pro rio. Eis porém que, de repente, depara com uma roda de gente vendo o simpático camelô cascadeando sobre a importância de se ter uma balança em casa. Por mera curiosidade, o caipira foi xeretar de perto. O camelô, que não era de perder oportunidade, logo sacou o embrulhinho do caipira. E, pra dar maior vigor aos seus argumentos em favor da balança que vendia, meteu uma ficha escamosa. Anunciou que o embrulho do caipira era de carne. E, a bem da verdade, o embrulhinho levava mesmo jeito de embrulhinho de carne, só que, como já dissemos, ou melhor, insinuamos, não era de carne. Mas, o caipira não teve coragem de se explicar. Deixou a catraia andar. O camelô apanhou o embrulho, deu uma palmadinha de leve e meteu a boca no trombone. Esparramou que, pelo tamanho, o embrulhinho deveria ter um quilo, mas que a balança honesta que ele vendia ia tirar a prova. Enfiou o gancho no embrulhinho e ergueu o braço. O resultado fedeu, Margarida. E dali pra frente, só pena que voou. Teve nego que, respingado, se picou de raiva e caiu matando em cima do caipira, que só se salvou por milagre.

Respondendo à freguesia (Última Hora de SP – Edição de 18/12/1971. Página 16 Caderno 1)

Dos nossos bons amigos da IMAGO-Clinica de Orientação Médica e Psicanalítica, recebemos um amável convite pra inauguração do moderno consultório de atendimento psicanalítico, na rua Barão de Ladário, 373. Junto ao convite, nossos considerados³⁰⁶ chapas Sylvio e Boaventura mandam uma carta dando embalo pra coluna e, vejam vocês, uma garrafa de champanha [sic] pra alegrar o nosso Natal.

Por tudo isso, agradecemos aos amigos da IMAGO e garantimos que, se por motivos de força maior não pudermos baixar de corpo presente na inauguração do novo consultório, mesmo à distância beberemos a champanha e brindaremos o sucesso que os amigos terão, tenho certeza, uma vez que lidam com psicanálise e televisão está [sic] aí mesmo pra ajudar a lavoura de vocês.

Da bela cidade de Frutal, a gente recebe também um amável convite pra participar da primeira festa do Abacaxi, que foi nos dias onze e doze.

Como é fácil aos amigos aí de Frutal notarem, o convite chegou em nossas mãos com atraso. Porém[,] sempre é tempo. Como diz Mestre Zagaia, velho cabo de esquadra, em sua Tabuada das Candongas: “Já que não pude ir ao abacaxi, que o abacaxi venha até mim”. Podem mandar a fruta, que eu não sou de cerimônia. Se os abacaxis acabaram, podem mandar ananás mesmo. Que com a vida custando os olhos da cara como anda, quando tem tu, vai com tu mesmo. Mas, mesmo que não chegue bulhufas, eu já estou agradecido pelo simples fato de ter sido lembrado por vocês que organizaram o Festival do Abacaxi.

Do Zé Béttio, o convite que nos chega por intermédio do Bentão, nosso ponta de lança pra assunto de forró, é comovedor. Quer o Zé Béttio que, sábado, a gente

306 Termo atualizado; no original de jornal consta “considerandos”.

baixe em seu salão pra ver a eleição da rainha e tomar uma[s] biritas por conta da casa.

Do fundo do coração a gente agradece, recomenda a festa, mas passa no lance por motivo de trabalho. Sábado estarei no Rio de Janeiro gravando na Tevé Globo a novela Bandeira 2, de Dias Gomes, ao lado de Marília Pera, do Paulo Gracindo, do Felipe Carone e de outras cobras mais. Se não fosse isso, juro por essa luz que me ilumina que estaria aí, rente, pra tomar as biritas que os amigos botariam na mesa. Não iriam fazer como o Adauto Vasconcelos, editor de esporte de “Última Hora”, que é gaúcho e apostou um garrafão de vinho como o Internacional faturava o campeonato nacional. Perdeu e se fechou em copas sobre o assunto e ainda tomou a liberdade de soltar foguete porque o Santos F. C. de glórias mil perdeu pro Inter em dia de dar zebra.

Mil cartões de Natal já estão chegando pra esse colunista. A todos que mandaram uma pala, a gente retribui os votos de boas festas.

Vamos responder aqui à leitora confessa desta coluna, dona Guiomar Santana, de Campinas, que vem até nós pra saber como é que quem está a perigo perpétuo passa o Natal e o que come na ceia.

Pelo jeito, a dona Guiomar não está levando muita fé em Papai Noel. No entanto, eu sei muito pouco desses assuntos. Ainda acho que a melhor maneira de se passar o Natal é passando. Manja? Em todo caso, pra senhora não se aborrecer comigo, lhe dou umas dicas que podem quebrar o galho.

Requeijão de leite de sapo é um troço que dá trabalho, mas faz figura se piar na sua porta alguma pessoa de sua relação que vem badalar. Pra visitas, a senhora não precisa entregar a receita. Oferece e se guenta. A senhora não come, que de cada dez pessoas que embarcam nessa, nove ficam com urticária. Pra escorar o repuxo, é necessário um estômago de avestruz. Se a senhora não estiver disposta a catar sapo pra tirar o leite, então pode atacar casa dos outros, antes que os outros ataquem na sua. Nessa noite, as pessoas bem que gostam de intrusos, pra quebrar a chatice das reuniões de família impostas pela tradição. Mas, se a senhora não tem cara de pau pra bancar a oferecida e não quiser curtir solidão, seu remédio é ir na missa do galo. E se o galo marcar bobeira, mete ele na panela, que sempre acaba dando um caldo. No mais, eu não acredito que a grana da pinga a senhora não levante.

Quanto a mim, minha senhora, vou a Santos com meu puçá, pesco siri, e, na noite de Natal, me divirto quebrando os ferrões do bruto. Esse estalo funciona à beça pra vizinhança atenta aos ruídos da minha modesta morada. Vão ter a impressão que nós tamos quebrando nozes. Daí, já viu. Com o preço que andam as nozes, a gente vai deixar os xeretas morrendo de inveja da nossa prosperidade. Legal, não é? E apareça sempre. Por carta, naturalmente.

No mais, aproveitamos para avisar ao distinto público que nossa peça “Quando as máquinas param” estará no Sindicato dos Têxteis somente hoje e amanhã. A curriola que agarrou esse rabo de foguete vai entrar de férias. Desde o início do ano que estamos dando duro nessa lida de teatro popular, quando metemos no Salão São Paulo Chic, a nossa “Balbina de lansã”. Bucka, Vicente Acedo, Beth e a Walderez, que é meu velho soldado de todas as batalhas. Essa, então, é que tem direito às pamparras. Sabe como é. A Dereca fez das tripas coração pra aguentar o repuxo. Deus sabe toda sua valia nessa decisão que demos na vida. Foi broca. Além da parada federal que é fazer teatro popular, a Dereca ainda trampou na novela “Simplesmente Maria” e, agora, fez parte da comissão julgadora do concurso de peças da Tevé Cultura, ao lado de Nídia Lícia, Walter

Durst, Teixeira Filho e Silnei Siqueira. Essa patota teve que ler duzentas e trinta e seis peças em menos de dois meses, o que é dose pra elefante. Por fim, escolheram dez peças, que foram premiadas e serão encenadas pela Tevê Cultura. Cinco autores receberam menção honrosa: Lafaiete Galvão, Edenir Fraga, José Augusto Torres Filho, Romário José Borelli e Herandyr. E cinco autores foram os primeiros classificados: Enio Gonçalves, Elísio de Albuquerque, A. C. Carvalho, Antônio de Pádua e Silva, Afonso Cláudio.

Bom, agora, a Walderez vai entrar de férias, com a graça de Deus. Mas, no ano que vem estaremos firmes no nosso Teatro do Sindicato dos Têxteis.

A ganância dos otários (Última Hora de SP – Edição de 20/12/1971. Página 16 Caderno 1)

Mestre Zagaia, velho cabo de esquadra, comeu muito capim amargo pela raiz antes de abrir os olhos de ver e ficar sabendo das coisas. Por ter penado pra aprender e se tocar nas mumunhas dessa vida, Mestre Zagaia escancarou a Tabuada das Candongas para servir de guia firme pra muito nego que anda atucanado falando sozinho e dando trompassos nos caminhos esquisitos do roçado do bom Deus. Na Tabuada das Candongas, Mestre Zagaia deu a pala:

– Só quem tem muquinha pega é que entra em cascata.

E se Mestre Zagaia falou, tá falado. Não tem por onde. E um lance que se deu com um funcionário de um banco da Capital vem bem a calhar pra provar que o papo do Mestre Zagaia não tem erro. Na ganância de beliscar uma grana rápida e rasteira, muito loque foi chuveirado pelo José da Silva, que há trinta e um anos se encostava na contadoria do banco em que trabalhava e faturava um dinheirinho a mais com um macete fácil. E sem chibu. Que não precisava nem esforço por parte do pilantroso. O próprio trouxa se encarregava de se entregar. Mas, também o José da Silva, por sua vez, foi picado pela ganância e acabou estragando o pesqueiro. Um pouco porque já estava na bica da caçapa pra se aposentar e um pouco porque deu trela pra conversa de dois pilantrosos escolados que adivinharam os trambiques do funcionário e resolveram ampliar, o bruto se machucou. Se tivesse ficado no seu arroz com feijão, ia³⁰⁷ ter pedal até enjoar e era bem capaz de ganhar medalha no dia de pendurar as chuteiras. Agora se deu mal e está em fria. Que se dane. Afobado come cru ou queima a boca. Mas, deixa isso pra lá. O que pesa na balança é que o José da Silva se entralhou.

Ele, calçado pelo cargo que ocupava no banco, não precisava fazer força. Bastava se fingir de morto pra ver quem vinha no seu enterro. E vinha nego em penca. Era um recreio. Os loques davam entrada na papelada a fim de conseguirem financiamento pra comprar casa ou automóvel e se alvoroçaram. Flagraram que a turma que remava a catraia era devagar quase parando e achavam que podiam dar um assopro para fazer vento naquela calmaria. Aí, era pau e bola. Atracavam no José da Silva e cutucavam:

– Sabe o que é? Tou com um troço bom na agulha e se demorar pra sair o empréstimo vou perder. Será que o senhor não podia dar um jeitinho?

Sem dizer nada, o José da Silva metia na fuça uma expressão de quem podia. Não dava coisa. O apressado entendia o jogo. Empurrava na encolha o dinheiro pro José da Silva e ainda agradecia:

– Vou lhe ficar devendo favor. Se o senhor adiantar meu lado, eu lhe dou mais algum.

307 Termo atualizado; no original de jornal consta “eia”.

O funcionário, maneira como ele só, desbaratinava:

– Que nada. Não precisa se incomodar. Vou ver seu caso e o que posso fazer pelo amigo.

Porém, na verdade, o José da Silva não fazia bulhufas. Não mexia uma palha. Nem de leve se interessava pelo andamento do processo do cavalo de pau. Isso o José da Silva tinha de bom. Não fazia cerimônia com otário. Se dava alguma treta e o freguês vinha chorar as pitangas, o José da Silva tirava de letra. Sabia que o loque, com a papelada presa, não ia ouriçar por medo de uma xavecada³⁰⁸ que o deixasse na fila eternamente. E com essas e outras, o picareta ia ganhando o seu.

Porém (e sempre tem um porém), piou na parada uma dupla de vendedores de livros que mantinham assunto com o José da Silva e lhe meteram minhoca na cabeça.

– Tu tá perdendo tempo. [sic] Zé. Esse teu babado pode render uma fortuna. É só tu se fiar em nós. A gente arranja mil e um caras querendo fazer empréstimo e passar na frente dos outros. Banhamos o pinta e tomamos o dinheiro dele. Tú só tem que fazer o agá.

Pro José da Silva, que estava acostumado com seu come-quieto, aquilo balançou a estrutura. Mas, ele relutou, [sic]

– Pode dar galho.

Esperando por isso, os dois parceiros sem vacilar apresentaram a saída:

– Que nada. Tu guenta a grana do trouxa e conta com a sorte. Se sair logo o empréstimo, a gente diz que foi façanha tua. Se demorar e tiver estrilo, tu devolve o dinheiro do otário.

A ideia de jerico semeada na cachola do José da Silva brotou e se alastrou e ele acabou topando. E, de fato, os dois pontas³⁰⁹ de lança apresentaram serviço pra burro. Choveu gente disposta a tudo pra se arreglar com o José da Silva. E ele fez sua parte com arte. Tudo como o combinado. Até que os três cupinchas fraquejaram no trato. Os dois vagaus encostaram o José da Silva na parede e pediram vale. Deu bate-boca, quás-quás-quás e tudo o mais, mas o funcionário acabou cedendo. Rachou o dinheiro antes da hora. Foi seu crepe. A maioria dos empréstimos atrasou e teve início a chiadeira:

– Como é que é?

– Um amigo meu entrou depois de mim e já recebeu empréstimo. E sem dar grana pra ninguém. Eu que dei tou no toco.

No papo da aranha, o José da Silva maneirava:

– Precisa só um pouco de paciência. Vai sair. Foi lá em cima na mesa dos homens que breparam o processo. Tem algum gato na papelada.

E nas encolhas, ia em cima dos parceiros:

– Temos que devolver o dinheiro dessa gente.

Duros, os pontas de lança tiraram a cara da reta:

– Pois é. Mas a gente tá a perigo. Gastamos aqueles e estamos sem nenhum pra devolver. Vê se tu se vira, Zé. Senão, é capaz da gente entrar em pua. E o pior é pra ti, que tem trinta e um anos de casa e é capaz de se estuporar nessa brincadeira.

Naturalmente que, diante da safadeza dos parceiros, o José da Silva subiu nas paredes, de costas. Berrou, ameaçou, chorou, implorou, mas não conseguiu tirar leite de pedra. Teve que segurar o rabo de foguete sozinho. E antes do estouro, os dois vagaus se pinotearam. O José da Silva ficou no virador. Tomou biaba,

308 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

309 Termo atualizado; no original de jornal consta “pintas”.

esculacho e os cambaus dados pela freguesia furiosa, que queria o dinheiro de volta. Mas, o que foi pior é que foi denunciado e a cana ganhou o bruto. Logicamente, o José da Silva, desesperado, caguetou os dois vagaus. E com as dicas do funcionário, a polícia foi na captura dos pilantras. Mas, vai ser difícil ganhá-los. Enquanto isso, o José da Silva pasta tristemente.

Chofer não gosta de carne de pescoço (Última Hora de SP – Edição de 21/12/1971. Página 16 Caderno 1)

Em qualquer ocupação existem os bons e os maus profissionais. Isso não é novidade pra ninguém. Assim sendo, que me perdoe o motorista de praça que cumpre todos os seus compromissos e que tudo faz pra dignificar a profissão que exerce. Mas, hoje vou levantar algumas xavecadas³¹⁰ que alguns vigaristas disfarçados de chofer tentam armar a toda hora em cima do passageiro menos avisado ou, principalmente, pra cima de senhoras que às vezes, desacompanhadas, se vêm obrigadas a pegar um táxi. Daremos aqui desconto ao mau humor da maioria dos choferes que trabalham nas ruas de São Paulo. Realmente, o trânsito nessa capital é de abilolar qualquer um. Mesmo considerando que o passageiro não tem culpa nenhuma pelos engarrafamentos, ainda se pode justificar um motorista que, depois de sete ou oito horas de batalha, tenha perdido o espírito esportivo.

Porém, o que não se pode de forma nenhuma tolerar é que alguns choferes de praça recusem passageiros quando a corrida é pequena, que nunca tenham troco pra dar, que não mostrem as tabelinhas com as novas taxas pro freguês, que nunca saibam onde fica a rua pra onde o passageiro quer ir. Nesse capítulo, por exemplo, o perereco mais escamoso é o que fazem os motoristas que param na estação rodoviária. Os distintos estão precisando levar um arroxo das autoridades pra se mancarem que o negócio não é só faturar o pinta que desembarca em São Paulo com jeito de turista. Ele tem que saber servir. E uma das suas funções é conhecer as ruas da cidade onde trabalha. Pelo menos os bairros. E ter no táxi um livro guia. Com isso, evitava as bobeias que entortam a economia popular. As autoridades deveriam fazer um exame com os choferes de praça e eles deveriam provar que conhecem realmente São Paulo, condição que me parece necessária pra eles exercerem a profissão. Eu mesmo, dias atrás, quando chegava do Rio de Janeiro, vi com espanto que a gronga na rodoviária é das mais pesadas. Entrei na fila pra pegar táxi, tudo direitinho. E com a educação que me é peculiar, dei a direção pro chofer:

– Avenida Aclimação.

O bruto rosnou:

– Por onde vai?

Eu certo de que ele estava pedindo dica pra ver se eu tinha algum caminho de preferência, dei uma colher de chá:

– Pode ir por onde quiser.

O chofer ficou mais azedo do que estava e resmungou:

– Por onde eu quiser, não. Nem sei onde fica essa avenida.

Sem perder a classe, informei com paciência:

– Avenida Aclimação fica no bairro da Aclimação.

Cabreiro, o chofer selou:

– Eu não sei ir lá. Se o senhor não sabe, eu é que vou saber?

310 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecadas”.

Mas, nem por não saber ele deixou de dar a partida no táxi e se afastar ao máximo dos guardas que, na rodoviária, organizaram os embarques. Pra evitar que o distinto chofer me chuveirasse, com voltas inúteis, dei-lhe um alô:

– Olha aqui, rapaz. Tu não tá tratando com nenhum otário. Eu tou chegando de viagem mas sou daqui. Deixa de presepada. Pega o Conselheiro Furtado e nada de truque, que eu não vou pagar pelo passeio que tu me fizer dar.

Diante da dura, eu pensei que ia ter quás-quás-quás e tal e coisa. Mas, que nada. O distinto motorista, sem fazer cerimônia, se abriu:

– O senhor não prefere ir pela José Getúlio? Lá o trânsito tá melhor nessa hora.

Eu topei e ele me levou na Aclimação sem maiores enguiços, o que veio provar que o vagau sabia muito bem onde era o destino que dei, mas que estava com ideia de jerico na cachola e se porventura eu não fosse daqui, ele ia rodar pra lá e pra cá e ganhar uma nota extra às minhas custas.

Como conversa puxa conversa, eu fui contar a cascata que esse motorista treteiro queria mandar ver e soube de uns macetes de entortar patuá que alguns motoristas de praça lá da rodoviária inventam para engrupir os loques. Me contaram que alguns choferes, quando manjam que o passageiro leva pinta de caipira costumam perguntar num tom de brincadeira:

– O senhor vai de primeira, segunda e de terceira?

Claro que está que o tom de brincadeira é pra avacalhar a guerra em caso de estrilo do passageiro. Mas, se não tiver bronca, o motorista leva pra frente o engodo. O caipira, acostumado com esses lances de categoria, certo de que vai adiantar seu lado, não reluta em escolher:

– Terceira.

Daí, já viu. O motorista sabido mete uma bandeira três e vai em frente, dando tremendas voltas pra não topar com guardas e tal e coisa. Mas, tudo isso é brincadeira, considerando o que aconteceu com uma amiga nossa, que chegou de viagem e, cheia de malas, se enfiou depressinha dentro de um táxi. Deu a direção e não teve chibu. Só que, de repente, a passageira nossa amiga se lembrou que não tinha comprado nenhum presentinho pros sobrinhos e que os pivetes iriam ficar chateados se não ganhassem bulhufas. Os sobrinhos da nossa amiga estavam acostumados a receber um troço qualquer toda vez que a tia chegava de viagem. E foi pra não decepcionar os sobrinhos que a nossa amiga pediu ao motorista que parasse em frente a uma padaria e esperasse um momento enquanto ela comprava balas. O chofer obedeceu sem reclamar. Mas, assim que nossa amiga entrou na padaria ele se mandou com as malas dela. E não vai ter jeito de recuperar. Nossa amiga não marcou número de chapa, nem coisa nenhuma.

Os lances de Natal na Barra do Catimbó (Última Hora de SP – Edição de 22/12/1971. Página 16 Caderno 1)

Naturalmente, quem vai morar na Barra do Catimbó não vai por gosto. Só mesmo quem está a perigo perpétuo é que monta mocó no pedaço maldito que fica encravado nas quebradas do mundaréu, bem onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos. Por essa dica, já fica fácil até leitor mais abilolado perceber como os pererecos daquelas bandas são de entortar o patuá. Não é brinquedo o que a negada da Barra do Catimbó é obrigada a fazer pra escorar os repuxos desta vida, que anda custando os olhos da cara. Nesta época de festas natalinas e tal e coisa, até os mais otários se viram, com truques dignos do Mandrake. Ninguém marca

bobeira. Daí, já viu. Na impossibilidade de esperar o mar pegar fogo pra comerem peixe frito, a curriola se assanha e faz das tripas coração pra não se ver no papo de aranha. Assim sendo, o número de salseiros gerados pela afobação de alguns que, por falta de imaginação, resolvem navegar nas águas dos outros, é impressionante. Ontem, por exemplo, foram registradas diversas ocorrências de vulto pelo nosso considerado ponta de lança pra assuntos da Barra do Catimbó, [o] Chuvisco, que por seus dotes inatos de xereta promete, assim que se forme no curso do Mobral, se transformar em ótimo repórter[.] Primeiramente, informa ele que os casos que ele irá me contar não costuma aparecer escancarados nas páginas dos jornais, única e exclusivamente porque, mesmo nas batalhas onde alguém ganha passagem pra ir falar com Deus, o assunto é encerrado ou feito apontamento pra forra pelos parentes do falecido, na surdina. Ninguém na Barra do Catimbó é de caguetar nada pra polícia. Apesar da miséria reinante no local, o povão se esforça pra se manter digno e curte com carinho certas virtudes.

Feito esse esclarecimento, vamos aos esquinapos narrados pelo meu cupincha. Diz o Chuvisco que a confa maior se deu na porta do boteco do Mané Cheiro de Peixe. A nega Valdina foi tirar satisfação com o Lobisoma, uma branquela azeda metida a roubar homem das outras, e o caldo engrossou. O quás-quás-quás foi gerado não por razões de ciúmes, como alguns que só souberam do enguiço por ouvir dizer pensaram, devido à fama da Lobisoma. A gronga encarnou por motivos de negócio. A Valdina alugou seus cinco filhos menores pra Lobisoma ir pedir esmola na cidade e combinou que a divisão da grana ia ser meio a meio. Porém, na hora de repartir a bufunfa arrecadada pelos pivetes da Valdina, a Lobisoma quis chuveirar a crio[u]lla com mil e uma cascatas. Deu-lhe vinte contos e falou assim pra ela:

– Não deu pé o trampo com as tuas crias. Eles é [sic] tudo crio[u]llo e eu sou branca. Deu na vista e os granfos se escamaram. A salvação da lavoura foi a filhota da Pardinha, que puxou pelo pai, que deve de ser branco, embora a Pardinha seja ajuntada com um crio[u]lla mais escuro do que tu.

Diante dessa conversa, a Valdina que é invocada às pamparras e nunca come enrolado, se fechou em copas, mas nas encolhas foi pedir confirmação pra Pardinha e ela, sem maiores mumunhas, deu pra Valdina a ficha da Lobisoma:

– Aqui, ói, gaivota. Eu não tenho trato com aquela pilantra enganadeira. Ela é a maior embrulhona da paróquia. Não aluguei minha menina pra ela esse ano, nem nunca vou alugar. Ano passado entrei nas águas dela e me dei mal. Esse ano aluguei a menina pra dona Cida. Essa, sim. Com aquela cara de tonta, sabe dos macetes. Num dia amarrou o burro na sombra e compareceu com o meu pedal. A Lobisoma, se depender da minha menina, tá danada. Vai ter que se virar de empestiada. Mas, não vai ser mole ela dobrar o seu Moacir das Ataduras. Ele já disse que pra ela ele não vai fazer ferida fiado. Ela é fogo. Vai por mim. A Lobisoma te afanou.

Com essas dicas que a Pardinha deu, a Valdina, que já estava cabreira, se encheu de razão e saiu na captura da Lobisoma. Mas, antes, envenenou a Pardinha com a história que a Lobisoma contou: que a Pardinha tinha filha branca apesar de ser crio[u]lla e arreglada com o seu Azul-Marinho, negrão de tom escuro às baldas. A Pardinha endoidou com a fofoca. Passou a mão na menina e foi junto com a Valdina atrás da Lobisoma. A Pardinha estava a fim de provar pra Lobisoma que a filha era mulata clara como ela. E se encontraram todas na porta do boteco do Mané Cheiro de Peixe. Aí, o pau comeu solto. A Valdina e a Pardinha caíram matando em cima da Lobisoma e foi um rolo tremendo. A bem da verdade, é bom que se diga que o seu Nelson Bicheiro quis apartar a briga, mas foi impedido pelos demais presentes que

curtiram a guerra até quando a Valdina e a Pardinha estarraram a Lobisoma. Ela ficou com um pé lá, outro cá. Só não se apagou de vez porque, como lembrou a própria Pardinha, o Mestre Zagaia, velho cabo de esquadra estava certo quando, em sua Tabuada das Candongas, disse: “Gente ruim não morre”. E se Mestre Zagaia falou, é que é. Ele sabe das coisas. A Lobisoma continuou viva pra não deixar ninguém desmentir o velho cabo de esquadra. Dona Risoleta, a parteira, foi chamada às pressas pra socorrer a Lobisoma e não [se] fez de rogada. Na falta de abortos e melhores partos, a distinta aceita qualquer serviço. Aplicou uma injeção de álcool canforado na Lobisoma e fez a bruta se aplumar. A Lobisoma, assim que se recuperou, prometeu que vai pegar a Valdina e Pardinha na volta. Uma de cada vez, que não acredita que, sozinhas, nenhuma delas tenha coragem de encará-la. A Valdina, colocada por dentro da ameaça da Lobisoma, tirou de letra:

– Deixa vir. Dou um nó na saia e arrebento a otária de novo.

Já a Pardinha, que é muito mais ouriça, quando soube da carteação da Lobisoma, cuspiu no chão, passou o pé em cima e selou:

– Se voltar, dou pra valer.

Outras catimbas por transas de Natal existiram ontem na Barra do Catimbó. Teve o caso das listas, que envolveu muita gente, teve o caso do abafamento que uma patota fez com a cesta de Natal que o Zé Coió queria rifar, e muito mais. Porém (e sempre tem um porém), por falta de espaço, deixo-os no arquivo.

Uma parada indigesta até pra leão (Última Hora de SP – Edição de 23/12/1971. Página 16 Caderno 1)

Mal dei as fuças na banca de jornal em que compro esse nosso brilhante matutino e recebi um oba-oba entusiasmado do próprio jornaleiro sobre as tretas que a nega Valdina e a Pardinha aprontaram contra a branquela manjada por Lobisoma. Me disse ele dobrando a “Última Hora”:

– Tá legal às baldas esse teu traço de hoje.

Com a modéstia que me é peculiar, expliquei ao meu chapa que, sem méritos havia porventura na historieta de ontem, era todos devidos ao Chuvisco, meu ponta de lança pra assuntos da Barra do Catimbó. Contei ao jornaleiro, em particular, o que já tornei público através desse conceituado órgão informativo: que é o Chuvisco quem, com seu faro de xereta nato, levanta os pererecos mais escamosos lá do pedaço maldito e me relata com riqueza de detalhes, o que me faz crer que ele, assim que complete o curso da Mobral, será um ótimo repórter. Mas, deixa isso pra lá. O que quero contar e o que pesa na balança é que, a partir daquele momento, por onde eu passava era o mesmo quás-quás-quás comemorativo sobre a zorra da Barra do Catimbó. No ônibus, no barbeiro, na sinuca, todo o povão comentou. Houve até um velhote com jeitão de aposentado que me brecou na rua, apresentou seus cumprimentos a mim (humilde ganhador do Prêmio Plá 71, que é conferido pelo Carlos Imperial e pela patota da Revista Amiga e da Última Hora carioca aos maiores curtidores do ano) e sem que eu tivesse tempo de me pinotear, o velhote me contou várias grongas parecidas com a que narrei nas mal-traçadas linhas de ontem. Eu, unicamente pra fazer jus ao trabalho que carrego, escutei o velhote com paciência de monge haitiano. Mas, assim que o coroa deu uma pausa pouquinho coisa mais longa pra tomar ar, eu juro por essa luz que me ilumina, contive na garganta um palavrão e gentilmente pedi a ele que me permitisse tirar o time de campo, porque eu já estava com o tempo regulamentar esgotado. O velhote fingiu que compreendeu. Porém, continuou me segurando pelo braço e me forçou a

escutar uma anedota que lhe haviam contado e que ele achou muito boa e, que eu achei, quando ele me contou, uma caca retumbante. Mas, que passo pra vocês, meu queridos leitores, pra que julguem pra si mesmos o humor do velhote.

Disse o coroa que um cidadão entrou num botequim e pediu uma pinga. O dono do boteco serviu, o cidadão bebeu de um trago e logo a seguir pediu uma azeitona pra tirar o gosto. Atendido imediatamente, o cidadão enfiou a azeitona na orelha, pagou e caiu fora. Nessa altura do campeonato, eu dei uma risada daquelas que eu dava na televisão quando estava fazendo o Vitório no “Beto Rockfeller”. O velho se esbaldou de achar graça, afirmou que não perdeu um capítulo daquela novela, perguntou por que eu não fazia outras, contei a ele que em janeiro eu entro na “Bandeira 2” do Dias Gomes, ele prometeu que vai assistir e, pra meu espanto, continuou a anedota.

O velhote prosseguiu contando que um dia após, o cidadão voltou ao mesmo boteco e pediu uma pinga. Assim que foi servido, bebeu num gole só e mandou vir uma azeitona pra tirar o gosto. Sem rodeios, o botiquineiro o atendeu. O cidadão meteu a azeitona na orelha, pagou³¹¹ e se mandou. Novamente, eu ri, certo de que o velhote gostava de vídeo-tape. Só que, dessa vez, dei uma risada amarela, pra ver se o coroa se mancava e me dispensava. Aqui, ói, gaivota³¹². O bruto estranhou meu riso. Alegou que não era o que eu dava na tevê, fez questão que eu risse como o Vitório. Parece mentira. Mas, na vã tentativa de encurtar a história, ri como Vitório na tevê. Ele, então, tentou me imitar. Teve um ameaço de enfarte, ou qualquer coisa parecida. Meu mal é a consciência. Vacilei entre acudir o velho ou me mandar. Foi um erro essa indecisão. O coroa se recuperou e continuou a miserável anedota.

Entre um bufo e outro de falta de ar, o velhote falou que, no terceiro dia, o cidadão voltou ao boteco e pediu uma pinga. Foi servido, bebeu e, como já ia se tornando um hábito, pediu uma azeitona. Pegou a azeitona, meteu na orelha, pagou e caiu fora, deixando atrás de si o botiqueiro invocado com aquele mistério. Aí, o velho fez uma pausa, provavelmente esperando que eu risse. Me fechei em copas e, com a sutileza de um arrote, demonstrei que não estava agradando. Como não podia deixar de ser, o velho notou. Porém (e sempre tem um porém), ainda assim resolveu esticar o assunto. E matraqueou que sabia que eu estava com pressa e tal e coisa. Reafirmou que a anedota era um barato. Se justificou todo com a cascata de que ele é que não sabia contar. Eu, por respeito à sua velhice, joguei confete. Garanti que ele era muito engraçado. Diante disso, ele pegou embalo e foi prosseguir. Mas, a memória rateou. Podes crer, amizade. Foi doloroso.

Eu queria ir embora e o velhote, aflito pra se lembrar do fim da maldita anedota, não deixava. Pediu, ou melhor, suplicou que eu esperasse ele encontrar o fio da meada. Ajudei no que pude. Sugeri mesmo que ele recomeçasse a contar. Ele gostou da ideia, digna de um jerico. E tentou, mas foi broca. Ele, nervoso como estava, não recordava nem mais o início da desgraçada anedota. Chiou. Ficou vermelho como pimentão. Se botou a suar em bicas. Eu tremi nas bases. Senti medo de que o velho fosse falar com Deus dali mesmo. Abanei-o com a “Última Hora”. Ele reclamou do calor e se rendeu. Confessou que só ia conseguir se lembrar do fim da anedota mais tarde. Pediu meu telefone pra me telefonar contando o fim da piada. Eu, por um momento, pensei em dar o telefone do Antunes Filho. Mas, também não consegui sacar de cor. Mandei, então, que ele me escrevesse pro jornal. O velhote gostou tanto que até se recuperou. Deu a impressão que ia

311 Termo atualizado; no original de jornal consta “pegou”.

312 Termo atualizado; no original de jornal consta “gaivola”.

recordar a anedota. Mas, por valia³¹³ do meu orixá, o velho falhou outra vez. Mas, prometeu que, em vez de telefonar, vem pessoalmente aqui na redação me visitar e contar o fim da anedota. Me pediu pra continuar escrevendo sobre o Natal na Barra do Catimbó e me soltou. Andei o mais depressa que pude pra me afastar do velho. Quando me tranquilizei é que notei que não tinha em meu poder as dicas da Barra do Catimbó que o Chuvisco me deu. Já havia arquivado. Puxei pela cuca e neca. Não piou na parada nenhum salseiro do Catimbó e, o que é pior, nem de lugar nenhum. O sombrio velho tinha me dado uma lavagem cerebral. Me senti esgotado e, por honra profissional, pra não deixar esse pedaço em branco e os prezados leitores na saudade, toquei essas mumunhas pra frente. Amanhã eu conto as transas do Catimbó. Isto é, se me recuperar e lembrar de onde deixei meu arquivo.

Nas transas do Natal da Barra do Catimbó (Última Hora de SP – Edição de 24/12/1971. Página 16 Caderno 1)

Já falei aqui, no entanto creio que não custa nada repetir que, quando vai chegando a época da festa máxima da cristandade, o povão da Barra do Catimbó se alvoroça. Eles lá, que são ouriçados pela miséria e durante o ano todo fazem das tripas coração pra escaparem dos papos de aranha em que a vida os meteu, no fim do ano se abilolam de vez. E aí, já viu. Até o mais otário inventa truques capazes de assombrarem o próprio Mandrake. E tudo isso é feito na vã esperança que essa gentalha lesada pela sociedade tem de comer castanha no Natal. Envolvidos nessa cascata, a curriola se esquece que o dia vinte e cinco de dezembro deve ser de paz e amor, se embandeiram com estranhas ideias de jerico e aprontam os maiores salseiros. A briga da nega Valdina e da Pardinha contra a Lobisoma que alugou os filhos da primeira pra pedir esmola com eles na cidade e depois, na hora do acerto das contas, quis chuveirar a dona das crianças, é bem um exemplo dos esquinapos natalinos da Barra do Ca[ti]mbó. Eu juro que narrei o caso que saiu publicado anteontem exatamente como meu ponta de lança pros assuntos da Barra do Catimbó, o Chuvisco, me contou. Não aumentei nada. E vai nessa mesma base o lance das listas pras casas de caridade que o Oscarino Vaselina bolou de parceria com a Irene da Lixeira. Vou vender o peixe como comprei do Chuvisco. Farei mesmo o possível pra usar as palavras dele. Descontando os palavrões, é claro, que eu não estou aqui a fim de chocar ninguém.

Diz o Chuvisco que o Oscarino Vaselina, que é todo cheio de presepada e tal e coisa, sonha dia e noite com a possibilidade de poder vir a ser vereador e, por essas e outras, vai fazendo o que pode pra estar embalado na hora em que surgiu a chance. E foi justamente pra estar preparado que o Oscarino resolveu fazer um curso de datilografia, crente que todo vereador precisa saber escrever a máquina. Aqui, ói, gaivota, que isso é verdade. Se a gente fosse conferir, ia descobrir muito vereador cego de máquina de escrever e de outras culturas também. Mas, deixa isso pra lá. O que quero contar e o que pesa na balança é que nem por um momento o Oscarino Vaselina esqueceu o seu futuro eleitorado. Mesmo fundindo a cuca e esfolando os dedos pra bater o A, S, D, F, G, espaço, H, J, K, L, Ç, o Oscarino curtiu seus cabos eleitorais. E foi assim que ali, diante da máquina de escrever, o bruto teve a inspiração de criar pra Maria-Vai um pesqueiro rendoso, que por certo deixaria a piranha eternamente agradecida e obrigada a badalar seu nome ao pé do ouvido dos seus inúmeros cupinchas. Realmente, espiando a treta sob a luz do abajur lilás, era uma boa jogada da parte do Oscarino. A Maria-Vai era muito

313 Termo atualizado; no original de jornal consta “calia”.

dada e podia espalhar às pamparras seu nome. E, devido a isso, sem fazer cerimônia com o papel da escola de datilografia, o Oscarino, em demonstração brilhante de que, se eleito vereador, não ia destoar de ninguém, com sacrifício feito com um dedo, bateu umas vinte listas com esse cabeçario: “Lista para ajudar o Natal das crianças do orfanato Nossa Senhora dos Aflitos da Barra do Catimbó”. E entregou todas as listas na mão da Maria-Vai, que se arreglou com ele imediatamente e saiu pelas ruas do bairro juntando³¹⁴ um time de velhotes com certo aspecto de decência e disposição pra malhar no centro da cidade as lamas caridosas da população desavisada. Juntar a patota foi uma moleza. Até faltou lista. A Maria-Vai deu boa margem de lucro pras coroas. Só queria vinte por cento do bruto. Dez pra ela, dez pra Oscarino, que afinal merecia, foi o pai do macete. Que por sinal rendeu às baldas. Tanto é que, no fim da semana, o Oscarino apareceu com mais cinquenta listas e recebeu da Maria-Vai encomenda de outras tantas. Estava dando certo. Chovia na horta de todos eles. Mas, é como diz o Mestre Zagaia na sua Tabuada das Candongas: [sic]

E se o Mestre Zagaia diz, é que é. Ele sabe das coisas. E a Irene da Lixeira entrou de sola, o que prova que o velho cabo de esquadra tinha razão. Foi por puro olho gordo que a Irene da lixeira resolveu se atravessar no caminho da Maria-Vai. Meio desbaratinada, assim como quem não quer nada, exibiu seu remeleixo pro Oscarino Vaselina e ele, que não é leão e sempre foi vidrado em rabo de saia, entrou no engodo da Irene. Não teve erro. Foi charlar e marcar apontamento. Porém (e sempre tem um porém), a Irene da Lixeira, que era escolada por mil e um anos de janela e mais alguns quilômetros de quarteirão, não brincou em serviço. Fez toda sua embaixada em cima do Oscarino Vaselina e o enredou. Deixou o ilustre candidato a vereador arrastando um vagão de cascalho por ela e de leve catituou algumas listas. Sem adivinhar o bochicho que ia dar, o Oscarino dividiu as listas entre a Irene da Lixeira e a Maria-Vai. Foi broca. As duas se transformaram em concorrentes. A princípio a Maria-Vai estranhou a rival, mas não desconfiou que a lista da irene procedia da mesma fonte que as suas. E por isso, a Maria-Vai não apelou. Esculachou a Irene. Xingou. Mas não passou do bate-boca. Porém, quando a dona Cotinha fofqueira contou pra ela, Maria, que viu o Oscarino e a Irene da Lixeira cochichando dos lados do mangue, não prestou. A Maria-Vai endoidou. Apanhou uma foice na casa do seu compadre Azulão e foi na captura do Oscarino e da Irene da Lixeira. A Maria não se conformava de ter sido passada pra trás e queria fazer desgraça. E quase fez. Só não fez porque o Oscarino Vaselina e a Irene da Lixeira viram ela de longe e se pinotearam.

Todos estão apostando que os fujões não voltam antes do Ano bom. Porém, o pior é que acabou o trambique das listas.

Respondendo à freguesia (Última Hora de SP – Edição de 25/12/1971. Página 16 Caderno 1)

Recebemos e retribuimos os votos de Boas Festas e tal e coisa da seguinte curriola: Carlos Costa, Marco Aurélio (Jangada), Clínica de Orientação Médica e Psicanalítica, Escola de Samba da Vila Maria, Confederação de Teatro Amador do Estado de São Paulo, Ornabé, Zeus, Federação Santista de Teatro Amador, Chico Martins, Ety Fraser, Esporte Clube Amor e Glória, Vicente Acedo, Margarida Gonçalves, Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem, Ari Soares, Antonio Ronco, Virato Alves, Dulce Muniz, João José Pompeu e Ruthnéia de

314 Termo atualizado; no original de jornal consta “juntamente”.

Moraes, Jovetti Arcangelo e Silvana Lopes, Salão Grená, André Bucka, Tony Ramos, Beki Klabin, Fauzi³¹⁵ Arap, Marília Pêra, Beth Lopes, Editora Obelisco, Butique, Pamplona Chic, Chico Alfaiate, Toniquinho da Vila Maria, Geraldo Filme, Evaristo, e algumas navalhetes que não damos o nome pra evitar que bata sujeira.

Também recebemos, nesses dias festivos, algumas contas pra pagar, avisos de banco e outros desagradáveis lembretes desta ordem. Mas, em compensação, recebemos do Carlos Imperial, da Revista Amiga e da Última Hora carioca, o prêmio Plá 71, conferido todos os anos aos cinco maiores curtidores masculinos e às cinco mais, femininas. A média desse prêmio é tirada pelas presepadas que os pintas aprontam durante os trezentos e sessenta e cinco dias do ano. Quem encara todos os esquinapos com espírito esportivo, quem não foge do pau na hora em que se vê meio atolado na zona do agrião, quem sabe ser amigo dos seus amigos e tal e coisa, é candidato ao prêmio. Como sempre fui o mesmo, estava ali na bica. Na hora em que o Carlos Imperial, maior curtidor do Brasil, juntou sua equipe pra conferir, nós piamos na cabeceira, aliás muito justamente, porque, modéstia à parte, esse ano me vi várias vezes no papo da aranha, porém nem por isso me embananei. Com a valia do meu orixá de fé, o embalo da gama da Dereca, com as graças do Nado Sabido e do Kiko Bravo, dois pivetes pontas firmes, com as escoras que os amigos daqui e dali me deram, em nenhum momento perdi o bom humor – Por essas e outras, ao ver meu nome anunciado na coluna do Imperial, fiquei honestamente comovido e agradecido. E estamos aí mesmo para o que der e vier.

Além dessas zoeiras, aí em cima escancaradas, apenas nos chegaram duas cartas de leitores que trataram de assuntos normais, sem nem sequer tomarem conhecimento do Natal e do Ano Novo. Mas, como aqui não deixamos ninguém que mereça sem resposta, vamos lá.

Lilia Alves – Cangussu – “... Gostaria de saber, fora Mestre Zagaia, quantos mais personagens seus moram na Barra do Catimbó e se já foram usados em alguma peça sua.”

Um monte deles, minha chapa, moram na Barra do Catimbó. Dona Cotinha fofqueira, a nega Bina Calcanhar de frigideira, o Oscarino Vaselina, o Chuvisco, seu Azulão presidente da Sociedade Recreativa, Esportiva, Cultural, Independente e Unida da Barra do Catimbó, o Mané Cheiro de Peixe do boteco, a Dona Risoleta Parteira, a Dagmar que atualmente é a rainha do bairro, o Azevedo do Apito, a Irene da Lixeira, a Lobisoma, a Maria-Vai, o Cariça, a Mãe Begum de Obá, seu Bilu Macumbeiro, Caolho Coveiro e Bolinha da Mobral e mais um monte deles. Sabe como é. A negada que sente a perigo perpétuo acaba sempre se encostando na Barra do Catimbó, que apesar de ser um dos lugares mais malditos de todas as quebradas do mundaréu, ainda serve de pedal pra muita gente que fora de lá não aguentaria o repuxo desta vida que anda, cada vez mais, custando os olhos da cara. Como a senhora deve ter notado pelas histórias da Barra do Catimbó dessa gente toda, daria mil e uma transas mais. Porém, eu não usei nenhuma delas em peças de teatro. Pensei em lançá-las numa novela. Acontece que tá difícil. Segundo os gênios da nossa televisão, o que dá IBOPE é badalação de grã-fino. Assim sendo, a gente vai remando contra a maré e aguardando melhores dias. Muito obrigado por sua carta e pelo interesse demonstrado pela gente da Barra do Catimbó.

Odair Gomes Carrazo – Vila Matilde – “... Agora que o Santos F. C. anda caindo pelas tabelas, por que você não fala mais de futebol?”

Seu Odair, não vai querer me enganar que tu torce pelo Atlético Mineiro. Pela tua grafia (e disso eu entendo) tu leva todo jeito de ser corintiano. Então, que

315 Termo atualizado; no original de jornal consta “Fauze”.

malandragem é essa de querer gozar com o título dos outros? Aqui, ói, gaivota. Pra tu poder tirar sarro em cima do Santos F. C. de glórias mil tu tem que esperar a pivetada do teu time, que ganhou brilhantemente o campeonato Dente de Leite, crescer. E isso, meu chapinha, ainda vai demorar. Vai passar muita água embaixo da ponte. Pode ser até que os garotos mudem de time. E aí, já viu. Mas, deixa isso pra lá. O que pesa nessa balança e o que eu quero te contar, meu bom, é que eu não deixei de falar de futebol coisa nenhuma. Semanalmente, mando minha abalizada opinião sobre os pererecos que acontecem no futebol pela Revista Intervalo. Podes crer, amizade. É só comprar a revista que tu terás chance de botar tuas botucas no recado que dou. Fora isso, diariamente, estou no boteco Redondo, ou no salão do Lau barbeiro, levando o maior quás-quás-quás sobre o assunto. Não me queira mal. Continue lendo nossa Última Hora, comece a ler o Intervalo e escreva sempre que só nos dá prazer.

O Papai Noel levou o sapato do Carlão (Última Hora de SP – Edição de 27/12/1971. Página 16 Caderno 1)

Quem me conhece, conhece também o meu bom chapa Carlão da Vila Maria, o Carlos Costa. Ele anda comigo pra baixo e pra cima, há mais de seis anos. Mambembamos juntos por esse Brasil todo. Fizemos e acontecemos pelos caminhos esquisitos e estreitos do roçado do bom Deus. Topamos cada parada indigesta de assombrar. Porém, o Carlão nunca botou o galho dentro. Esteve sempre firme. Nos bons e nos maus momentos. E por essas e outras, se transformou na minha sombra preta. Meu lugar-tenente, meu chapa de fé, secretário e grande amigo.

Muito do meu sucesso devo ao Carlão da Vila Maria. Por exemplo, nessa vitoriosa campanha de popularização de teatro que empreendemos primeiro com a “Balbina de lansã”, no salão São Paulo Chic, e depois com “Quando as máquinas param”, no nosso teatro do Sindicato dos Têxteis, na Rua Oiapoque, 80, no Brás. O Carlão foi, sem favor nenhum, um dos heróis anônimos. Era ele, junto com a Bucka e a Beth, que se mandava pelos bairros mais distantes em busca dos alunos do curso de alfabetização do Estado e os incentivava a virem assistir a[*o*] nosso espetáculo. Claro que, quando essa gente que nunca tinha ido ao teatro piava na parada, a Walderez de Barros e o Roberto Rocco, com seus talentos, garantiam o nosso taco e o Vicente Acedo dava o apoio com som e luz caprichados. Mas, pode crer, amizade. Sair por aí catituando essa freguesia que só escutou falar de teatro como coisa chata e de granfino é tarefa de leão. Mas, pro Carlão e pra nossa equipe não tinha desses negócios. Com chuva de transbordar rio ou com sol de rachar mamona, eles metiam a cara sem reclamar. Graças ao esforço dessa curriola bacana, é que emplacamos. Conseguimos quinze mil pessoas em quatro meses. Considerem o pouco apoio que os órgãos de divulgação nos deram e se toquem no que foi essa batalha. Uma vitória retumbante sem dúvida. E juro por essa luz que me ilumina que ano que vem tem repeteco. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é sobre meu cupincha Carlão. Quero, por exemplo, lembrar que ele é um ótimo ator pra determinados papéis característicos. Isso é provado facilmente pelo desempenho que o crio[*u*]lo teve no filme “Nenê Bandalho”. O Carlão manda ver num pequeno papel com segurança e naturalidade de impressionar. Enriquece e valoriza o personagem com seu desempenho. Muita gente que teve a sorte de meter as botucas na fita que o Fontana dirigiu aposta que, se não fosse a xavecada que aprontaram contra o “Nenê Bandalho” no Festival de Brasília,

xavecada essa que impediu a exibição do filme, o Carlão ganharia fácil o prêmio de melhor ator coadjuvante.

Fora do teatro e do cinema, o Carlão é do samba. Ele é uma das forças da Escola de Samba da Vila Maria. Relações públicas e figura obrigatória na comissão de frente da escola em dia de desfile. Com todas essas divisas e mais umas cascatas, o Carlão da Vila abafa. Onde ele chega, está bem chegado. E isso naturalmente incomoda certas pessoas que não toleram a badalação alheia. A oposição do Carlão no pedaço onde a gente para, por qualquer coisinha que o crioulo apronta, estica o maior quás-quás-quás. Não perdoam nada do rapaz. Ultimamente, então, estão tirando o pelo do crioulo unicamente por duas mancadas que ele deu, que eu relato aqui apenas pra mostrar aos leitores como o povão gosta de pichar os outros por um quase nada.

O primeiro xaveco se deu quando, depois de muito paparicar, o Carlão conseguiu convencer a Ditinha Exu a entrar na catraia dele. Combinado o apontamento, surgiu a primeira dificuldade. Não havia local adequado pro Carlão estraçalhar a Ditinha Exu como manda o Alcorão. Na pior, o Carlão não se deu por vencido. Engrupiui a mina que o romântico era namorar na linha do trem. E a Ditinha, que nessa altura do campeonato já estava gamada, topou sem chiar. Foi aí que entrou na história o Dirceu Jabaquara. Com o pessimismo que lhe é peculiar, o recém-chegado foi logo avisando:

– Vê lá onde tu vai se meter. A barra anda pesada e os vagaus estão cada vez mais folgados. Na linha do trem então é onde eles mais atacam os otários.

O Carlão é valente. Mas, aqui, ói, gaivota, que depois de um alô desses, ele ia de cara limpa pra linha do trem. Quis sair fora. Mas, não deu. A Ditinha Exu cobrou o passeio. Então, o Carlão pra ganhar a coragem que estava faltando, se botou a beber. Foi broca. Rapidamente ficou de pé redondo. E quando se animou a seguir pra linha do trem, já estava cercando frango. Foi por honra da firma e apoiado na Ditinha. Precisou muita boa vontade da mulher pra eles conseguirem chegar na linha do trem. Suaram às baldas. Mas, chegaram. E aí se deu o vexame. O Carlão descobriu uma pedra de bom jeito e sentou. A Ditinha bronqueou:

– Levanta, Carlão.

Ele desbaratinou:

– Pera aí que eu vou amarrar o sapato.

Se dobrou e rolou pro chão. A Ditinha fez tudo pra levantar o bruto. Mas, que nada. Ele já caiu dormindo e dormiu até o sol ralar. A Ditinha, quando viu que não tinha jeito, deu pinote sozinha. Voltou pro pedaço e envenenou o Carlão pra curriola. Que está pegando no pé dele até hoje por esse fiasco.

A outra gronga que o Carlão deixou encarnar na sua embaixada foi agora no Natal. Na noite do dia vinte e quatro, o crioulo estava no boteco do pedaço bebericando com a patota, quando caiu no seu picaré uma loira de alta linha. Sem mumunhas, o Carlão deu seu plá e marcou encontro pro dia seguinte. Aí, ele ficou embandeirado de alegria com sua conquista. E quando a loira foi embora, o Carlão começou a beber pra comemorar. Foi um desastre. Ficou bebum e batusquela. Cantou a loira em versos e em prosa. Daí, por se tratar de véspera de Natal, o bruto começou a berrar:

– Eu acredito em Papai Noel. Eu acredito em Papai Noel.

E daí pra frente se abilolou de vez. Tirou o sapatão do pé direito e deixou embaixo da árvore de Natal que a prefeitura instalou ao lado da Igreja da Consolação, na esperança de ganhar presente. E foi com um pé descalço e outro calçado que se mandou pra Vila Maria, pra cear com a família.

Dia vinte e cinco, logo cedo, o Carlão retornou pra cidade, na captura do sapato. Não encontrou bulhufas. Teve que curtir uma bruta ressaca e, o que é pior, se acanhou de ir encontrar a loira com um pé descalço e outro calçado. Ficou na saudade e aturando gozação.

A gama louca do Jorge (Última Hora de SP – Edição de 28/12/1971. Página 16 Caderno 1)

Assim que o Jorge meteu as botucas em cima da mulher do patrão, gamou. Foi de estalo. Não teve maiores milongas. A mulher nem sequer deu bola. Não teve olho no olho, nem bulhufas. E é isso que eu posso contar dessa gama de pedra do Jorge pela mulher do seu patrão. Apesar do meu puçá não ir além da superfície e eu, por essas e outras, só pescar o que vem à tona, esse lance dá pra entender. A gamação não se explica. Ela arrebenta como pororoca e inunda todas as barreiras. E foi exatamente o que aconteceu com o Jorge. Ele, ao se botar na frente da mulher do patrão, sentiu um arrepio na espinha, um friozinho maroto na barriga, sorriu como um bestalhão e não soube o que dizer. Fez papel de otário. Na verdade, a mulher do patrão se espantou com tamanho papanatas que o marido mandou pra fazer um serviço doméstico. O patrão do Jorge tinha essa mania. Vira e mexe, escalava um operário da sua fábrica pra quebrar um galho na sua casa. Era uma antena de televisão que o vento balançou, um cano que entupiu, ladrilho da parede do banheiro que caiu e outros babados desse naipe.

Nesse dia em que o Jorge entrou na história, o estrago era na porta de um armário, que não queria fechar direito. Coisa à toa. A porta do armário apanhou sol e empenou. Moleza para um marceneiro do bagarito do Jorge. Aliás, a porta nem estava danada. O patrão do Jorge mandou-o consertar mais por ter montes de operários por sua conta e pra agradar a mulher que, por não ter nada pra fazer na sua vida de grã-fina que não gosta de jogar baralho, se ouriçava por qualquer besteira. O Jorge, uma vez que o patrão mandou, foi. Só tinha que ir. Aí, se deu o esquinapo.

A mulher do patrão do Jorge era uma coroa que ainda aguentava uma meia sola. Montada na grana, desbaratinava bem a idade. Meteu uma plástica na fuça quando se tocou que a data do nascimento ia ficar escancarada. Se maquilava direitinho. Vestia boas roupas. Era classuda. Viajou, se flagrou na moda universal. Usava um tom de voz todo cheio de truque, onde a autoridade se misturava com a delicadeza e com a sensualidade, e tudo isso fez com que o Jorge tremesse nas bases. As ideias de jerico imediatamente fundiram a cuca do operário. Ele, que era casado com uma mulher bem mais moça e até mais bonita que a mulher do patrão, não considerou o engodo. Se pusesse na balança os valores autênticos de cada uma das mulheres, ia ter defesa contra aquela gamação repentina. A sua mulher muitas vezes se parecia com um bagulho devido à dureza que encarava ao seu lado, remando a catraia em águas barrentas e contra a maré. Esticando um salário mínimo que já chegava em suas mãos todo esbagaçado pelos descontos, cuidando de quatro filhos, ganhos nos quatro primeiros anos de casada, vestindo uns vestidos mixurucos de pano ruim, desses que desbeijam depois que lavam, e nunca podendo andar na moda por culpa do próprio Jorge, que era um ciumentão todo cheio de mumunhas e se invocava que a sua própria mulher se enfeitasse. Porém, o que quero contar é que nem por um momento o Jorge se ligou na sua mulherzinha.

Que nada[.] O Jorge era um otário. Se enganava em cada grupo escamoso que até dava dó. Ao ver a mulher do patrão achou o que todo loque acha. Que o

patrão que era um trouxa, não podia ser homem pra dar conta daquele mulherão, nem tomando gemada de ovo de pata de duas em duas horas. E assim sendo, aquele belo mulherão devia estar em falta e doida pra encarar um machão.

Pobre Jorge, tão por fora dos assuntos. Não sabia nada sobre as coisas. O seu patrão é quem fazia e acontecia. Homem treinado às pamparras, tinha mil e uma secretárias bem pagas pra lhe dar um bom atendimento. Tinha grana suficiente pra lhe dar tempo de sobra pra se tratar com o que havia de melhor em matéria de bicho de consumo. E se porventura deixava a mulher na saudade, não era por não poder dar conta do recado, e sim por achá-la um bagulhão velho[.] E nem por isso a mulher penava. Nos círculos que os endinheirados frequentam, tem sempre um garotão cavando uma grana junto às coroas solitárias. Mas, também, o Jorge não podia saber dos babados sociais. Seu caminho era dos mais esquisitos e estreitos que existem no roçado do bom Deus. De casa pro trabalho, do trabalho pra casa, sempre pendurado no ônibus, entalhado com as dívidas e com o Corinthians, que não ganhava nunca um campeonato. Uma zorra encarnada. Nas horas de folga do almoço com os colegas de fábrica, só contava e escutava cascata. E foi nesses papos furados que ouviu nego afirmando de boca cheia que patrão era um troço ruim pra se ser. Ganhava dinheiro, lhe disseram, mas também andava sempre de testa enfeitada por ter que dar mais atenção pros negócios do que pra mulher. E se fiando nessa bobagem é que o Jorge resolveu apelar, quando viu a mulher do patrão e sentiu o suave perfume que ela usava.

Atacou na marra. Grudou a mulher do patrão e foi tentando tascar um beijo na bruta. A mulher do patrão se assombrou com tamanha ousadia. Meteu a boca no trombone com todas as forças de sua caixa de catarro, ao mesmo tempo em que esperneava, defendendo-se do Jorge. Em resposta ao escarcéu, veio uma multidão de empregadas, mais jardineiro e chofer particular da madame. Bateu sujeira pro Jorge. Pra fazer média com a patroa ofendida, cada um tirou uma casquinha no lombo do Jorge. Bateram no otário até ele se arrear no chão, sem gás pra correr. Daí, chamaram a polícia que, sem rodeios, encanou o Jorge como tarado. O bruto guindado chorando e arrependido com a presepada que aprontou. Perdeu, num impulso só, o lar, o emprego e tudo mais. Vai puxar um tempão em cana e sair desmoralizado como homem.

O velho (Última Hora de SP – Edição de 29/12/1971. Página 16 Caderno 1)

O velho chegou sozinho ao fim. E isso é broca. Entorta qualquer patuá. Solidão na velhice é um crepe sentido. Porém, nas tabuadas dessa vida, ali nas bases do agrião, está escrito a fogo que quem planta vento colhe tempestade. E pro velho não deu que quem planta vento colhe tempestade. E pro velho não deu outra coisa. Na mocidade ele só tratou de si. Não queria nem saber de laços. Criar raízes pra ele era o mesmo que uma prisão. E[,] por acreditar nisso, sempre deixava a catraia navegar pra onde a corrente levasse. Boa pinta, com papo fácil e muitas histórias pra contar, agradava em qualquer ambiente. Maleável, não se acanhava nunca. Nos meios granfinos [sic] ou nas rodas de vagaus, ele dava as cartas e jogava de mão. Quem bota banca sempre vê chover na sua horta. E o velho, no bom tempo da sua mocidade, estava instalado de lord. Enredava fácil o mulherio. E pra todas elas, usava a mesma chave:

– Eu adoro a liberdade. Quem pegar no meu pé, se machuca. Não quero nenhum assunto firme. Só quero liberdade.

E nessa catimba, fez e aconteceu. Muita mulher bonita das quebradas do mundaréu penou por causa do velho. Muitas ficaram chocas e pariram por gamação no velho. Mas, dele, nunca tiveram colher de chá, estia, nem nada. O velho, se agarrando nessa marola de liberdade, só cuidava de si. Não assumia nunca nenhuma responsabilidade. Só cuidava de si. E justificava o seu tremendo egoísmo na liberdade. Nem emprego fixo o velho topava. Não queria nem escutar falar em sindicatos e outros troços coletivos. E viveu paca. Isso, a bem da verdade, é preciso que se diga. Aos vinte e cinco anos, já tinha cancha de nego de cinquenta. Viajou, viu coisa de montes, flanou no bem-bom. Até que a idade começou a pesar na balança. E aí teve início o esquinapo.

Gente muito escolada não acha graça em qualquer pagode. A malandragem fica sem mistério e a ingenuidade, uma chatura. Nada dá pedal. Tudo é coisa manjada. O mesmo que jornal de ontem, que foi lido e relido. Não apresenta novidade. E o velho entrou nessa fase. Primeiro se cansou da boemia. Depois, das pessoas. E[,] por fim, das próprias histórias. Mas, por necessidade, ia aguentando o tranco. Porém, sem perceber que ele próprio ia perdendo o brilho. Que é o grande trunfo dos tagarelas. Se o nego perde o interesse pelas pessoas, não tem mais embalo pra cativá-las. E artista que não envolve sua plateia está danado. Vai acabar falando sozinho. Pior ainda se o contador de histórias se cansa dos seus casos. Aí, passa a repetir os seus casos em tom mecânico e os lances mais engraçados e patéticos se tornam monótonos.

Com o velho não deu outra coisa. O seu quás-quás-quás, que antes fazia tanto sucesso, virou uma falação dura de aguentar. E as patotas que se formavam em torno dele nos botecos e nos salões passaram a rarear. O velho já não abafava. As mulheres já não caíam tão facilmente nas suas cascatas. Ainda ganhava algumas. Porém, não era coisa de dar alegria. Principalmente para ele, que sempre fizera trato com mina de primeiro time. As mulheres que ele ganhava nessa fase de decadência o aborreciam. Ele as conquistava pra se afirmar, pra se enganar ou pra não marcar bobeira sozinho. Mas, logo se encrespava e as afastava com brutalidade. Ficou um ouriço. Virou cri-cri. E acabou isolado por toda a curriola da noite. Ainda era tempo do velho manear, arrumar uma companheira e tal e coisa. Mas, de tanto se agarrar na onda de liberdade, acabou afogado numa pororoca. A sua cuca fundiu de vez e ele cada vez querendo ser mais livre. Se abilolou. Passou a achar que seu corpo era uma prisão de carne. A fim de se libertar, se botou a fuçar no espiritismo e em outras doutrinas desse naipe. Logo se atucanou com tudo. Era esperto demais para aceitar certos babados que só se explicam com fé. Aborrecido de tudo, solitário se danou a beber e a meditar. Tomou porres de perder o rumo. E durante as bebedeiras, matutava sobre as coisas que tinha vivido e visto. Se revia todo. E não gostava das presepadas de que se lembrava. Pra esquecer. Bebia cada vez mais. E daí despencou.

Sozinho, sem trabalho, sem amigos, sem um canto pra se encostar, escravizado pelo vício, entrou a perigo perpétuo. Se avacalhou todo. Perdeu vergonha, se esculachou, pediu esmola pra beber. As doenças encarnaram no velho. E ele, cada vez enchendo mais a caveira de cachaça. Passou a tremer como geleia. A ver fantasma. A escutar vozes. Deu mil e um vexames pelas ruas. Mas, sempre agarrado no seu enganoso conceito de liberdade.

Porém, um dia, o velho teve um beriberi de lascar. Uma visão medonha o assombrou em plena rua, em hora de movimento. Assustado, o velho fugiu sem rumo. Porém, sua imaginação doentia arrastava atrás de si a visão, numa perseguição cruel. O velho, em desespero, corria. Se escondia, xingava e

despertava piedade e curiosidade nos passantes. Por fim, agoniado, o velho resolveu enfrentar a visão que o atormentava. Se atirou contra o suposto inimigo com fúria tremenda. Caiu de encontro à parede. Levantou-se urrando e partiu pra luta com mais ferocidade. Se bateu contra o poste. E assim foi se arrebetando. Sempre achando que estava sendo atingido por golpes do inimigo.

O pavão que espiava a gronga só via o velho atirando pra lá e pra cá. E sem saber o que fazer, chamaram a polícia pra conter o batusquela. Quando a cana piou na parada, o velho já estava calmo, arreado no chão, derrotado. Da boca das testemunhas, a polícia escutou os detalhes do ataque. Sem vacilar, guindaram o velho pra um asilo. E lá ele ficou.

Atendido, medicado, afastado da bebida, o velho melhorou de saúde. Mas, ficou jururu. Sem poder sair do asilo, o velho murchava. Preso, ansiava pela liberdade. E por isso, foi definhado. Recusava sistematicamente a comida que lhe davam. Acabou ficando muito fraco. Mas, uma noite, na surdina, conseguiu se mandar do asilo. Nenhum porteiro ou vigia notou o pinote do velho. E ele ganhou a liberdade. Sem ter para onde ir, andou sem destino. Bateu perna à toa até cansar. Quando não pode mais, deitou no chão. Apesar de esgotado, estava feliz por estar livre. E ali jogado, desfrutava esse prazer. Depois, foi fechando os olhos e adormeceu. No dia seguinte, foi encontrado morto, mas com um estranho sorriso pendurado na boca.

Cinco anos depois (Última Hora de SP – Edição de 30/12/1971. Página 16 Caderno 1)

O Tavinho teve que se mandar do seu pedaço, que era lá nas quebradas do mundaréu, bem onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, e vir para a cidade grande tentar a sorte. Não tinha trabalho. E onde não há trabalho, não há esperança. Seu jeito foi se picar. Veio mordido. Ruim dentro da roupa. Carregado de saudade. Porém, conformado. E chegando cabreiro. Assustado com tudo e com medo de pegar a pior. Mas, quem está na mão das traças não pode fazer luxo. O Tavinho não fez.

Se bateu até encont[r]ar um emprego e nele se agarrou. Uma dureza de entortar patuá. Quebrar pedra na marreta e salário pouco. Mas ele não chiou. Até deu graças a Deus. Com a vida custando os olhos da cara como anda, o negócio é se agarrar em qualquer trampo. E o Tavinho se aguentou uns tempos. Só até ficar mais à vontade. Depois que começou a conhecer gente, foi tratando de melhorar. Xeretando num canto e noutra, acabou achando uma jogada mais leve. Se meteu de ajudante de caminhão. Daí pra frente, foi sempre mudando. Até que encontrou o recreio de sua vida. Um tal de Paraíba lhe deu uma colher de chá. Botou o bruto num carrinho de pipoca. Uma moleza que o Tavinho agradeceu de coração. Era só ficar tomando conta do pesqueiro, de vez em quando estourar uns milhos e tal e coisa. Ele andava nessa maré mansa. Se sentia um lord. Não queria outro trampo. Quando se deu o esquinapo.

Um belo dia, o Tavinho estava encostado no carrinho, assim como quem não quer nada, mas esperando freguês, quando piou na parada uma mulher que não queria comprar bulhufas. Porém, atracou nele. A dona era um bagulhão dos mais doidos de se olhar. Mas, quem está com fome, mastiga o que parece. E o Tavinho estava. Desde³¹⁶ que chegou que estava no “ora veja”. Fez tudo para esticar o papo com a mulher. E não foi difícil. Logo descobriu que a peça se chamava Deolinda. Era

316 Termo atualizado; no original de jornal consta “Desque”.

largada do marido. Estava ali marcando bobeira. Tinha perdido o rumo. Troço que acontecia sempre com ela. Desde que ficou meio abilolada de tanto levar pancada do marido. Mas, nada disso pesava na balança pro Tavinho. O que contava é que a Deolinda era mulher. E ele estava querendo arranjar uma. Meteu a bicaria. Deu pipoca pra ela e tudo. Em troca, a Deolinda deu um papelzinho com o seu endereço. Coisa que sempre carregava, pra em caso de se perder, mostrar pro guarda e ser levada pra sua casa. No lance, o Tavinho ganhou o direito de acompanhar a mulher. Não quis nem saber se o Paraíba iria ficar atucanado por ele abandonar o carrinho. Largou tudo e se picou com a Deolinda pra Barra do Catimbó, que era onde ela morava.

Homem de respeito, o Tavinho não armou presepada nenhuma com a Deolinda. Nem tentou. Entregou a mulher direitinho na casa dela. Foi recebido pela irmã da Deolinda, que agradeceu muito a ele. Fez o Tavinho entrar, deu café e contou a história toda da Deolinda. História que o pipoqueiro já conhecia, mas que escutou com atenção de gamadão. E com todas essas mumunhas, o Tavinho se sentiu à vontade pra convidar a Deolinda pra sair no domingo. A família da mulher topou logo. Acharam que o pinta podia ser o bilhete premiado, o otário de que eles precisavam pra tomar conta da abilolada. E essa entrou na onda, que era de entrar em todas que mandassem. Daí, o Tavinho se assanhou. Voltou no lugar onde tinha largado o carrinho, juntou tudo e entregou pro dono. Saiu do emprego para poder acertar as contas e receber uma grana sentida. Não teve chibu. O Paraíba pagou o loque na bucha. Ele então se empiriquitou. Tomou um banho de loja pra aparecer na casa da Deolinda fazendo a maior figura.

De terno novo, compareceu ao encontro. A Deolinda já estava pronta, vestida que foi pelos parentes. E o casal saiu a passeio. O Tavinho estava feliz da vida. Já a mulher não sabia direito o que estava acontecendo. A Lua não estava boa pra cachola dela. Não conseguia se ligar direito no quás-quás-quás. Mas, o Tavinho não se tocava. Se alguém conferisse, era capaz de achar que ele era mais abilolado que ela. Só que o trouxa estava retumbando de glória por ter arrumado uma namorada. Pro triste doente de solidão, a doente da cuca até que era um bom negócio. E pra agradar, o Tavinho resolveu oferecer um guaraná pra mulher. Entraram num boteco escrito e se serviram. Porém, aí, a zorra encarnou. O Tavinho pediu licença e foi no mi[c]tório. Na volta, sua cara caiu no chão. A Deolinda tinha sumido. Ele se azucrinou. Procurou a mulher e não encontrou. Nem se lembrou que a coitada costumava perder o rumo. Se picou de raiva e de despeito. Deu por encerrado o namoro. Jururu e encabulado, voltou ao Paraíba e pediu arreglo. Conseguiu o carrinho de volta e o mesmo ponto pra trabalhar.

Dois dias depois, o Tavinho, ainda roído por dentro, estava no seu batente, quando a cana baixou e o levou em galera. Estava acusado de ter assassinado a Deolinda. Foi de lascar. O desgraçado contou a história, mas não grudou. Jurou pela luz que o iluminava que não tinha apagado a mulher. Ninguém acreditou. A família da Deolinda o acusava de ter apagado e abusado da pobre doidinha. Um cadáver encontrado num matagal fora reconhecido pela irmã da Deolinda como o dela. Na verdade, o cadáver estava carbonizado, não dava pra reconhecer coisa nenhuma. Porém, a polícia não perdeu tempo com detalhes. Usaram o método científico em cima do Tavinho. Debaixo de pau, o desgraçado se rendeu. Abriu uma história cavernosa.

Confessou que s[a]iu com a Deolinda a passeio no domingo e que a levou pro matagal. Chegou lá, a mulher não quis entrar na dele. Então, ele decidiu na congesta. Estrangulou a Deolinda e se serviu. Depois, foi a [um] posto de gasolina,

comprou um litro, voltou ao matagal, encharcou a mulher e tocou fogo. No júri, não teve estia. O capa-preta tacou-lhe uma sentença pesada. E não adiantou chorar. Foi cumprir.

O Tavinho já estava puxando seu tempo amargo há cinco anos, quando a Deolinda apareceu. De repente, nas quebradas do mundaréu, sua irmã encarou com ela. Foi um rolo danado. A Deolinda não se lembrava de nada. Nem sabe dizer onde ficou esse tempão. O Tavinho foi posto em liberdade, depois de mil milongas. Só que agora não quer saber mais de mulher.

4) JORNAL *ÚLTIMA HORA DE SP* – 1972

4.1 – As crônicas de janeiro de 1972 – Coluna Navalha na carne

Está tudo na mesma (*Última Hora de SP* – Edição de 1/1/1972. Página 14 Caderno 1)

Estávamos eu, a Walderez, as crianças e mais alguns cupinchas da nossa patota descansando das batalhas numa casinha branca que temos na subida da Serra do Mar e não queríamos nada com nada. Mas, o Roberto e o Bucka cismaram de ir na cidade comprar cigarro e ovo de pata e, por distração, trouxeram também os jornais. Ninguém estava a fim de saber notícias nesses dias de repouso absoluto. Mas, sabe como é que é. Cada pessoa tem seus hábitos. Eu, que não sou melhor do que ninguém, tenho os meus. Um deles é não saber ir no mi[c]tório sem ler jornal. E foi justamente por esse maldito costume que me tranquei naquele lugar solitário, onde todo covarde faz força e todo valente sua frio. Fui lendo os quás-quás-quás que vinham escancarados nas manchetes e filosofando. Entretido nesse dois salutareis exercícios, nem dei muita bola pras batidas desesperadas que a Ruthnéia dava na porta. A pobrezinha, que sofria os efeitos da água do poço, se afligia em vão. Eu lia e me inteirava do que vai pelo mundo.

Foi assim que fiquei sabendo que tu aí que mora na beira do rio, continua quase se afogando toda vez que chove. Que tu, que berra da geral, vai ter que torcer chamando por nomes que vão te dar nó na língua. Isso porque os cartolas do futebol brasileiro não se endireitam e toda vez que se metem a ter ideias, aparecem com cada mumunha de jerico que dá pra assombrar até os negos de patuá mais forte. Vi também, com essas botucas que a terra há de comer um dia, as profecias que um iluminado vidente, desses que passam o ano todo bolando horóscopo pra revista de quadrinhos, fazia para o próximo período astral. Juro pelos orixás na minha crença que, se eu não fosse botar fé nos meus axés, tinha me encucado com tanta gronga que o distinto iluminado pintou. Diz ele que, em setenta e dois, a parada é tenebrosa. Vai haver guerras, pestes, fomes e tal e coisa. Mas, segundo ele, e felizmente para nós, o Brasil está fora disso. Pra nós, os astros vão ser bons. Vai chover na nossa horta coisa que preste. O que já é uma esperança.

Mas, desse noticiário, o que me invocou mais dizia respeito ao conde Drácula. Como até os mais abilolados sabem, o tal de Drácula era um vampirão bebedor de sangue humano que abafava nos filmes de terror. Há tempos atrás, qualquer um se apavorava com as façanhas do conde Drácula. Depois, o pesqueiro dele foi ficando avacalhado. Por maior esforço que o bruto fizesse, não conseguia chupar mais do que três pescoços por filme. E isso não dava IBOPE, quando todos sabiam que só uma guerrinha de Índia e Paquistão, dois³¹⁷ países da segunda divisão, morrem vinte

317 Termo atualizado; no original de jornal consta “dpos”.

mil numa batalha de dois ou três dias. E de forma muito cruel do que o Conde Drácula matava. Nessa guerra, pra não haver desperdício de balas, os prisioneiros são mandados falar com Deus a baionetadas. E os lances dessa carnificina são esparramados por todos os cantos do planeta através das agências noticiosas. Sem contar com os estragos que a fome, o câncer, a queda de elevados mal planejados e outros esquinapos fazem, o conde Drácula nos dias atuais não paga nem placê. Por isso, talvez, era preciso reabilitá-lo. E dois historiadores dos mais conceituados saíram na captura de fatos e conseguiram levantar toda a ficha do conde Drácula. Chegaram à conclusão que o vampirão, só de uma tacada, matou cem mil pessoas, o que lhe dá tranquilamente outra vez o título mundial de maior matador de todos os tempos. O que é, sem dúvida nenhuma, um troço digno de registro, uma vez que sabemos que Nero, Hitler e outros desse naipe estavam na disputa. Agora, como em todo o torneio que se preze há sempre os descontentes, em São Paulo mesmo tem pilantra às pamparras fazendo tudo pra deixar claro que, se não tirou boa classificação no campeonato de matadores foi por pura falta de chance. E foi por essas e outras que desconhecidos massacraram um vigia na Rua Serra Roraima, com três facadas nas costas e pauladas pelo corpo todo. Não roubaram nada. Embora não dê pra polícia entender porque mandaram o vigia pro beleleu, uma vez que os criminosos não afanaram nada, a hipótese de vingança foi afastada por ser o vigia um homem já velho e não ter inimigos, conforme a informação da família. Porém, não foram esses assassinos anônimos os que mais fizeram pra tentar abalar o prestígio do Conde Drácula.

No bairro da Aclimação, ladrões vampiros atacaram e roubaram um banco de sangue. Só que os abafadores não levaram o sangue. Carregaram a grana que estava no cofre, que por sinal era muita, porque sangue anda custando os olhos da cara. E pra se pinotearrem³¹⁸, os gaturamas ainda usaram a perua do dono do banco de sangue.

Outras façanhas de contestadores do título do conde Drácula poderiam ser enfileiradas aqui. Mas, creio que o que já contamos dá para se perceber que, mesmo com seu título de maior matador de todos os tempos, o Conde Drácula na atualidade não assusta mais ninguém.

No nosso teatro popular não curtimos vedetes (Última Hora de SP – Edição de 3/1/1972. Página 14 Caderno 1)

Um prêmio é sempre um prêmio. Faz bem ao ganhador. Venha ele de onde vier, seja dado por quem for, tenha a forma de troféu, de medalha, de pergaminho, ou dos cambaus. Todos podem avacalhar o prêmio. Podem xingar que é fajuto, de araque, de conchavo e de tudo mais, porém eu juro por essa luz que me ilumina que quem esculacha os prêmios ou não tá na bica pra ganhar ou concorreu e não ganhou. A melhor prova disso é a premiação dada por programas de televisão. Aí, sim, vira bagunça. Tem programa que dá prêmio toda semana. Tem programa que, no fim do ano, dá prêmio às pamparras pra tudo quanto é ator. Teve uma vez em que o Chacrinha entregou prêmio pro melhor galã das sete horas, melhor galã das oito horas e melhor atriz e com o melhor ator velho ou coadjuvante, se preferirem. Desta forma, na hora da entrega do prêmio, tinha ator aos montes pra receber a estatueta. Era de dar gosto ver. Um olhava pra fuça do outro e encabulava. Mas nenhum deixou de ir na frente das câmeras pegar o seu. Aqui, ói, gaiyota. No íntimo, todos eles acreditam que mereceram.

318 Termo atualizado; no original de jornal consta “pinotearrem”.

Outra passagem digna de registro sobre esses lances³¹⁹ de prêmio é a famosa devolução do Saci. Este Saci, como ainda deve estar na memória de todos, era um prêmio que o jornal *qos* [sic] melhores de teatro e de cinema de cada ano. A bem da verdade, é preciso que se diga que era um dos prêmios mais seriamente conferidos aqui no nosso Brasil. Os críticos do Estadão sempre foram criteriosos e honestos. Não nos consta que, em nenhum momento, deixaram de premiar um artista pelo fato do distinto discordar da linha política do jornal. Aliás, a maioria que ganhou o Saci não era muito chegado ao liberalismo e tal e coisa. Mas, deixa andar. O que quero contar é que, um belo dia de assembleia de classe teatral, alguém na falta de melhor ideia revolucionária, encheu a boca e sugeriu a devolução em massa dos Sacis. A maioria presente, que nunca tinha ganho Saci na desgraçada da vida, topou na hora. Eu estava lá, nunca tinha ganho Saci e até achei legal às pampas uma façanha dessas. Mas, aí teve outra assembleia e foi de entortar patuá. Os grandes nomes do teatro nacional que tinham ganho Saci baixaram em peso pra dinamitar a devolução do prêmio. E o pau comeu. O diálogo berrado de parte a parte era mais ou menos assim:

- Temos que devolver o Saci.
- Aqui, ói. Tu diz isso porque não tem Saci.
- Se tivesse, devolvia.
- Se tu tivesse, ia ver quanto vale um Saci.
- Quem não devolver o Saci é reacionário.

E, diante desse argumento, que na época era decisivo, porque a maioria da classe teatral ainda não havia se convertido ao espiritismo, todos votaram pela devolução. Por incrível que possa parecer, os grandes ganhadores do Saci, que eram e são na verdade grandes artistas, se acanharam na frente dos figurantes que forçavam a barra. Não gostaram nem um pouco do trato feito. Mas, se fecharam em copas com medo de verem seus nomes juntados à palavra reacionário. Concordaram. Porém (e sempre tem um porém), na hora de botar pra quebrar e ir devolver o Saci, apareceu uma meia dúzia de sacizados e uma multidão de extras. Só que aí a bronca já estava relaxada e resolveram manear. Rasparam o nome gravado num Saci e foram devolvê-lo simbolicamente. Os outros Sacis, seus donos enrustiram. E voltaram a botar na prateleira, assim que tudo isso foi esquecido.

Mas, o gozado é que um dos pilantras mais assanhados pra devolver o Saci dos outros, outro dia desfilou todo embandeirado de smoking e trofeuzinho pelos botecos onde a classe faz ponto. Retumbava de felicidade o distinto e explicava:

- Fui receber o prêmio e me deu fome. Vim jantar.

O tal prêmio era justamente o que a televisão dá todas as segundas-feiras. Mas, nessa altura do campeonato, não adiantava encostar o papagaio enfeitado na parede. Ele é dos tais que evoluem de opinião e agora curte Chico Xavier e outros babados conformistas. É muito mais tranquilo do que devolver prêmio.

Mas, deixa isso de lado. O que quero contar é que eu, sempre que ganhei prêmio, fui buscar. Gosto disso às baldas. Como gosto. Devolver mesmo só devolvi o que não ganhei: o Saci. O resto estão todos empilhados na minha prateleira. E afirmo que tenho muito carinho por todos que, modéstia à parte, são muitos. Molière do Rio de Janeiro, Molière de São Paulo (esse, por exemplo, deu o maior rolo em casa. Quando o Nado Sabido e o Kiko Bravo quebraram o nariz do Molière com uma bolada, eu esquentei a orelha dos dois, pra eles aprenderem a não quebrarem o nariz do prêmio dos outros.), Golfinho de Ouro do Museu da Imagem e do Som, Governador do Estado de São Paulo, Prêmio da Associação dos Críticos de São

319 Termo atualizado; no original de jornal consta “lences”.

Paulo, Prêmio Yazig, tudo como melhor autor. Como ator, ganhei Troféu Imprensa de Televisão, Gato de Ouro e um medalhão do programa Bibi Ferreira. Também ganhei um Prêmio Jabuti por livro de teatro. Ganhei um troféu pela coluna Navalha na carne da Última Hora, dado por meus amigos do Sindicato dos Têxteis de São Paulo. E mais alguns que não me lembro quem deu no momento. Isso posto, quero dizer que esse ano recebi com orgulho a notícia que o Carlos Imperial, a Revista Amiga e a Última Hora carioca me conferiram o Prêmio Plá. Garanto que irei buscar o medalhão com a máxima alegria.

Mas, a menção honrosa que a Associação dos Críticos Teatrais de São Paulo me deu não posso receber de forma alguma sob pena de trair meus ideais. Eles conferiram a menção honrosa pelo trabalho que eu fiz junto ao Teatro do Sindicato dos Têxteis. Mas, eu não sou nada além de um membro da equipe. Nós somos sete nessa parada. Walderez de Barros, Roberto Rocco, André Bucka, Carlos Costa, Vicente Acedo, Elizabeth Frota e eu. Sem contar o Ecio, o Paulo, o Giacomo e todos os diretores do Sindicato, que nos dão total apoio. Eu, no caso, sou talvez o mais popular. O nome de cabeça na propaganda, sei lá. Porém, o nosso trabalho é de equipe e nós não curtimos vedetismo na intimidade. Como esse prêmio foi conferido por nosso trabalho de conjunto, para a popularização de teatro, nenhum de nós receberá prêmio individualmente. Se os senhores Críticos quiserem ratificar a menção honrosa e a concederem no nome do teatro do Sindicato dos Têxteis, iremos todos com muita honra prestigiar a festa de vocês. Caso contrário, paciência. Nós temos princípios que nos são caros. Zelaremos por eles. De qualquer forma, estou muito grato pela votação unânime que os senhores críticos deram pelo nosso trabalho.

O Mudinho e o jogo de vira-baixo (Última Hora de SP – Edição de 4/1/1972. Página 14 Caderno 1)

O perereco se deu lá na Barra do Catimbó, lugarzinho escamoso que fica encravado nas quebradas do mundaréu, bem onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos e que é considerado pelos observadores dos esquinapos o pedaço do planeta em que, juntamente com São João do Mereti e Dallas City, acontecem os maiores bochichos. A treta que escancarou hoje se deu na passagem do ano e, segundo o Chuvisco, meu ponta de lança para assuntos da Barra do Catimbó, foi um troço de entortar patuá e pode mesmo ser registrado como o primeiro milagre de mil novecentos e setenta e dois. E até que apareça um outro fato mais estranho do que esse que o Chuvisco presenciou, em que um mudo de nascença falou, este colunista, sempre atento para as catimbas cavernosas que piam nas paradas dos estreitos, escamosos e esquisitos caminhos do roçado do bom Deus, registra a mumunha para que fique documentada para a posteridade. Não daremos maiores explicações para o mistério por pura incompetência e também, porque não dizer, por medo. Não somos só aqui que vamos enveredar nos labirintos da mente humana, terreno tão perigoso, onde sábios notórios e pesquisadores de reconhecida capacidade se atolaram, se perderam ou se abilolaram na vã tentativa de penetrar nessa região até hoje insondável. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que o Mudinho da Barra do Catimbó falou. E atenção para o detalhe: o Mudinho falou e não foi em nenhum centro de espiritismo, em nenhuma tenda de Umbanda, nem em igreja. Não foi por graça especial dos encantados que o Mudinho falou. O bruto abriu o bico

espontaneamente no meio de uma roda de vira-baixo, jogo de baralho também conhecido por ronda.

A presepada estava animada e a banca na mão do Carriça, que dá até nó em pingo d'água [sic] pra poder escorar os repuxos da sua desgraçada vida, sem ter que se chegar a um batente mais sentido. Pra tu aí, que só come da banda podre, tu que mora nas beiras dos rios e quase se afoga toda vez que chove, tu que só berra da geral sem influir no resultado, pra tu se mancar do que é capaz o Carriça, basta ver que ele, por dinheiro, é capaz de vender a própria mãe. Só que, por ser bom moço, ele não vai querer entregar a genitora depois. E foi com uma curriola assim que o Mudinho da Barra do Catimbó meteu a fuça. Selou sua graninha ganha com sacrifício, dando lustro em carango de bacana. E estava, como não podia deixar de ser, entrando pela tubulação. Já tinha perdido bastante quando resolveu se acanhar. O Carriça chamou:

– Vai nessa, Mudinho?

Ele não quis, Mudinho?

Ele não quis saber:

– Hum! Hum! Hum!

Isso, em linguagem de mudo, quer dizer: “Aqui, ói, gaivota”. Mas o Carriça não era de largar um pato antes de estar todo dependendo e, por essas e outras, deu-lhe o engodo. Sem dizer nada, fingiu que ia pegar o cigarro no outro lado e virou a mão de forma que o Mudinho visse a carta de baixo. Era um tremendo rei de ouro. O otário mudo se assanhou. E chiou:

– Hum! Hum! Hum!

Que, em linguagem de mudo, quer dizer: “Estou nessa”. E, sem esperar nenhuma dica do banqueiro, o Mudinho empurrou pra frente toda sua sonora bufunfa. O Carriça não regateou. Sem fazer cerimônia com o papagaio enfeitado, tirou com a ponta da unha a carta que estava em cima do rei pro Mudinho e o rei pra ele mesmo. Virou baixo. Pro mudinho um valete e pra ele próprio e o rei de ouro. O Mudinho não resistiu. Esbugalhou os olhos e estrilou:

– Hum! Hum! Hum!

Isso em língua de mudo é xingo. Só que ninguém se alvoroçou com esse esculacho mudo. Muito menos o Carriça. Aí, no auge da aflição berrou:

– Hum!... Eu vi o Rei!

Foi um espanto tão grande que toda a patota saiu de pinote. Até o Carriça, na afobação do susto, se esqueceu de apanhar a grana que o mudo recolheu depressinha e grunhiu:

– Hum! Hum! Hum!

Que em linguagem de mudo quer dizer: “O que é meu é meu”. E assim é. E deve ser. O mudo recuperou sua grana e sua mudez.

Respondendo à freguesia

Jefferson Del Rio (França) – ... “aqui em Paris fiquei sabendo da sua participação no leilão da Virgem do Teatro de Arena”...

Tu vê que esculacho. Os meninos do Arena queriam salvar o teatro deles e me desmoralizar. Pegaram o ótimo leiloeiro Irineu pra fazer o leilão todo e na hora da Virgem queriam me escalar. Aqui, ói, gaivota. Salvaram o Arena e me avacalharam. Passei no lance. Obrigado pelos votos de boas festas. E que alegria saber que tu, aí na França, lê “Última Hora”.

Oswaldo Massaini (São Paulo) – “Prazerosamente comunico a realização da nova produção em homenagem ao sesquicentenário da proclamação da

Independência do Brasil. O filme é “Independência ou Morte”, em deslumbrante colorido. A direção é do Carlos Coimbra”.

Tá legal, Massaini. Vamos em frente. Se tu botar grana na parada, logo o Coimbra ocupa lugar do Cecil B. De Mille no cinema mundial.

Homens bons da bela cidade de Caxias (Última Hora de SP – Edição de 5/1/1972. Página 16 Caderno 1)

A bela cidade de Caxias, no Estado do Rio, que é ótimo lugar para as pessoas que gostam de emoções violentas passarem as férias, está, através do seu povão, fazendo das tripas coração pra ocupar posto de destaque no campeonato mundial do bochicho, que no momento está sendo liderado, sem favor nenhum, pela Barra do Catimbó, por Dallas City e por São João do Mereti. Porém, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que a curriola da progressiva paróquia de Caxias não é de relaxar bronca pra ninguém. Por qualquer coisinha à toa se junta uma patota pra pendurar um vagau no poste pelo pescoço. E no último dia do ano que findou, o pedreiro Inácio se viu no papo de aranha e quase-quase não emplaca mil, novecentos e setenta e dois. O esquinapo se deu, como não podia deixar de ser, num dos botecos mais encardidos dos esquisitos, escamosos e estreitos caminhos do roçado do bom Deus.

Estava o Inácio enchendo a caveira de cachaça com as sobras do décimo-terceiro salário, quando um gatinho entrou na fita e começou a se esfregar nas pernas do bruto, que já estava bebum e que nessas condições fica cabreiro às baldas. Aí, já viu. O Inácio, que jamais gostou de gente, nem de bicho, nem de nada, se picou de raiva contra o gatinho. Não conversou pra saber se o bichano tinha dono e também não considerou esse babado que corre de boca pequena nas quebradas do mundaréu, que matar gato dá sete anos de crepe. O Inácio deu um chute no gatinho e deixou o bicho bambo. Mas, nem assim o pedreiro se acanhou. Aliás, muito pelo contrário. Se entusiasmou com o chute que deu no gatinho e pegou gosto pelo negócio.

Daí, foi chutando o gato pra lá e pra cá. Se gato tem sete vidas ou não, isso é quás-quás-quás. Não vai dar pra conferir. O certo é que o gato ali presente demorou à bessa pra morrer. Rolava com os pontapés que o Inácio lhe dava, miava desesperado e tentava fugir. Se não conseguiu o pinote, pelo menos atraiu uma verdadeira multidão de vagaus que, em silêncio, assistiram ao futebol diferente com bola de gato que o Inácio bêbado praticava nas ruas de Caxias. E essa catimba, que já estava ruim pro gato, ficou pior. Ele, ao receber um chute mais forte, desencarnou. Aí, cansado mas contente com a façanha, o Inácio pegou o bichano pelo rabo e ergueu como o Bellini³²⁰ fez com a Copa do Mundo, mostrando para a torcida o troféu. Como toda a patota que assistiu ao massacre do gato permanecesse fechada em copas, o Inácio pensou que estava abafando e carteceu, todo embandeirado:

– Bicho duro de se apagar.

Um bondoso cidadão, que não desgrudou um minuto as botucas da zonzeira³²¹ do Inácio versus gato, sem ter até então feito o menor gesto em defesa do bichano, resolveu, assim como quem não quer nada, dar sua opinião.

– A gente devia fazer contigo o que tu fez com o gato. Só pra ver se tu ia gostar.

320 Termo atualizado; no original de jornal consta “Belline”.

321 Termo atualizado; no original de jornal consta “zonzeiro”.

A sugestão foi bem recebida pela multidão. E sem maiores tratos, um gaiato que estava mais próximo ao Inácio lhe tacou a mão na orelha. Bateu sujeira. O pedreiro saiu correndo e a curriola atrás. Todos queriam tirar uma casquinha no matador do gato. De susto, o Inácio se curou da bebedeira. De medo, se encheu de gás e azulou. Mas, por mais que corresse, não conseguia despistar a multidão que vinha na sua captura com as maiores ideias de jerico.

Porém, por sorte do Inácio, apareceu uma rádio-patrolha justamente quando ele ia sentindo as forças lhe faltarem. Não foi mole para os soldados evitarem o linchamento. Precisaram apelar pra metranca e chamarem reforço pra garantir o Inácio da fúria vingadora dos cristãos de Caxias. Com muito trabalho, os policiais arrastaram o Inácio pro distrito. A curriola endoidada foi atrás e ficou na porta ameaçando invadir a delegacia. Alguém levou o cadáver do gatinho e atirou o bichano morto pela janela, caindo bem em cima da mesa do delegado. Esse, por sua vez, se viu numa sinuca de bico. Não sabia que sentença dar. O Inácio não estava devendo nada pra justiça. Não tinha ficha. Era limpo. Em rápidas investigações, levantaram que o bruto era trabalhador e tudo mais. Na enrascada, o delegado decidiu obrigar o Inácio a enterrar o gato. E ele foi bancar o coveiro, protegido pelas metranças dos soldados e observado de longe pela multidão ameaçadora. Findo o enterro, o delegado não pode dispensar o Inácio. Por medida de segurança, meteu-o no xadrez até os bondosos cidadãos de Caxias se dispersarem.

Coisas que acontecem

Um juiz bastante inspirado resolveu permitir que trinta e sete pessoas de bom comportamento fossem passar o Natal em suas casas, com a condição de que eles retornassem logo depois ao xadrez. Trinta e seis dos presos deram as fuças de volta na hora combinada, o que prova que a medida do senhor juiz estava certa e que toda regra tem exceção.

Dona Cotinha, a fofqueira da Barra do Catimbó, que seca até pimenteira, assim que soube do retorno dos presos, abriu a sua boca cheia de veneno e foi avacalhando a guerra:

– Os vagaus, quando viram o preço das castanhas, se assombraram com a liberdade e preferiram o xilindrô.

Respondendo à freguesia

Zilda Cunha (Tatuapé) – ... “Parabéns pela Menção Honrosa que os críticos teatrais deram para o seu trabalho de popularização de teatro. Eu que, junto com meus colegas da USP, acompanhei a luta, fiquei contente. Achei ótimo você não aceitar o prêmio sozinho e ri muito com sua crônica “No teatro popular não se curte vedete”. Continue”.

A gente vai continuar, dona Zilda. Pode ter certeza. A partir do dia dez, estaremos de novo no Sindicato dos Têxteis, com a peça “Quando as máquinas param”.

Coisas do futebol (Última Hora de SP – Edição de 6/1/1972. Página 16 Caderno 1)

Já falei aqui e no salão Grená do meu chapa, o Lau barbeiro, único torcedor juventino que manjo, que cartola de futebol é um ser abilolado, que adora aparecer e que toda vez que se mete a ter ideias piam na parada besteiras de assombrar até os

negos de patuá mais forte. A última mumunha que vem avacalhando a guerra do nosso futebol é a contratação por clubes brasileiros de craques gringos.

Isso se deve ao fato do futebol argentino e uruguaio estarem caindo pelas tabelas e jogador por aquelas bandas valer no mercado uma nota tão mixa quanto qualquer boleiro de clubeco do interior. Então, fica uma moleza pros cartolas engrupirem as torcidas indo buscar os gringos. A bem da verdade, até agora a maioria dos jogadores contratados no exterior são craques de valor provado. Mas, nós que temos vinte e oito anos de janela e uns quinze de quarteirão, apostamos que loguinho vão entrar na dança verdadeiros cabeças de bagre. Podes crer, amizade. Não vai dar outra coisa. Mas, o que pesa na balança não é se o jogador contratado sabe tudo sobre a bola ou se é enganador. O que a gente tem que considerar é que o futebol brasileiro é tri-campeão do mundo e que esses títulos foram levantados exatamente em épocas em que pouquíssimos jogadores estrangeiros militavam por aqui. E isso não é nenhum mistério. Dá até pra qualquer sonado entender. Basta se ligar nos lances e a presepada se racha toda.

O caso do Renato, goleiro do Atlético Mineiro, campeão brasileiro, serve bem pra exemplo. O Renato fez das tripas coração. Pegou tudo. Bastava a crônica especializada badalar um pouquinho mais o moço e ele iria pras cabeceiras. Era só engrenarem um oba-oba pra uma bola que o Gerson chutou da pequena área e que o Renato pegou nos últimos minutos do jogo São Paulo e Atlético, lá no Mineirão, pra ele ficar consagrado. Eu tenho pra mim que essa defesa do Renato foi o nó dramático do campeonato brasileiro. Se ele não pega aquela bola, a história seria outra. Claro que o goleiro está embaixo da trave pra defender. Porém, aquele petardo do Gerson, se entrasse, não ia ser vergonha nenhuma. Foi uma bomba violenta. Torno a repetir: na bucha do gol. Mas, não deram colher de chá pro ótimo goleiro. Cartolas e cronistas botarem o lance na conta da sorte. Teve jornal que saiu nas bancas no dia seguinte com manchetes em letras garrafais anunciando que a sorte do Renato tinha salvo o Atlético. Os mais moderados ainda tentaram dar uma maneira com frases feitas como essa de que “não existe bom goleiro sem sorte”. E ficou nisso.

Os cartolas do Atlético, que não são nem melhores nem piores do que os cartolas dos outros times, aproveitando o alvoroço do título brasileiro que o time levantou, e pra chamarem logo a atenção da torcida sobre eles, não regatearam, não fizeram cerimônia com o ótimo Renato. Espalharam que iam no Uruguai buscar o Mazurkiewicz. Se vão ou não, é outro problema. Mas, mesmo que isso não passe de um simples boato, já é uma escarrada na fuça dos sonhos do Renato. E o Renato sonhava naturalmente com a seleção. Mas, como o Renato vai servir pra seleção, se não serve nem pro seu próprio clube? Nunca. E no entanto, o Renato no momento é, juntamente com o Sérgio do São Paulo, o melhor goleiro do Brasil. Há quem afirme que o Mazurkiewicz é o melhor goleiro do mundo. Mas, ele vem pro Brasil pra se juntar com Cejas, Aguilera, Andrada, Butice. Daqui a pouco todos os grandes times do Brasil terão goleiros gringos. E sempre foi no gol que tivemos escassez de grandes craques. E desse jeito, vamos continuar a ter por muitos e muitos anos. Porque está na cara que o Renato não vai barrar nunca o Mazurkiewicz. Cartola não passa recibo pras besteiras que faz. Mesmo que o Renato feche o gol nos treinos, não vai passar de gerente do banco dos reservas. Aqui, ói, gaivota, que os cartolas vão dar chance pro moço mostrar pra torcida todas as suas qualidades. Não ia faltar gente pra entender que foi bobagem ir buscar um gringo e isso os cartolas não querem. Nessa catimba, quem se dana é o futebol brasileiro.

Mas, no caminho que vai, não será surpresa pra nós se os atuais cartolas corintianos esquecerem a tradição de clube mais brasileiro do Brasil e irem contratar no estrangeiro um centroavante qualquer.

Coisas que acontecem

Nunca tanta gente tinha ido ao Estadio San Siro, em Milão, cuja capacidade é pra oitenta mil pessoas. Mas, no domingo, aquilo lá entupiu. Ficou a três de alto, com gente se agarrando pelos picos pra não espirrar pelo ladrão. Todos queriam ver o Internacional jogar com o Juventus de Turim. A multidão que ficou de fora não era normal e, já que estava embandeirada, quis entrar na marra. A polícia não fez cerimônia com a borracha. Desceu o porte sem dó. Como não adiantou, apelaram pro gás lacrimogêneo. Daí, limparam a porta do estádio e lotaram os hospitais.

Isso prova que lá na Itália, como aqui no Brasil, o futebol e a polícia são iguais.

Aproveitando as férias, os craques de futebol do Brasil, que reclamam às pamparras dos muitos jogos que têm que realizar durante o ano, organizaram várias peladas nas praias. Teve jogo desse naipe em Santos e no Rio de Janeiro.

Ao que parece, tem gente que gosta de descansar carregando pedra.

As cartas que os galãs recebem (Última Hora de SP – Edição de 7/1/1972. Página 16 Caderno 1)

Carta de fã de novela é um troço que realmente me entorta o patuá. Por mais que eu me esforce, não consigo entender essas flores do povão que, muito provavelmente, escreve suas mal traçadas linhas queimando a mufa e balançando³²² o orçamento com o dinheiro do selo, pra fazer chegar nas mãos do seu artista favorito uma enfiada de besteira. Na maioria das vezes, as ingênuas criaturas, que se atucanam pelos caminhos mais estreitos, esquisitos e escamosos do roçado do bom Deus, escoram os repuxos dessa vida, que anda custando os olhos da cara, com a ilusão de viverem no parquinho do seu bairro as mesmas aventuras amorosas e cheias de presepadas que as Glórias Menezes, Reginas Duarte, Marílias Peras, Bety Mendes, Déboras Duarte e outras encaram todas as noites no vídeo. E escrevem pros galãs da televisão na vã esperança de, num milagre, conquistarem, com uma frase chupada de um bolero, o coração do mancebo que fala coisas que nem o melhor paquerador da paróquia diz. E se dissesse, seria rapidamente considerado um papagaio enfeitado.

Nessa abilolação pelos galãs de novela, que atualmente fazem mais sucesso entre as domésticas do que fuzileiro naval, as fãs fazem das tripas coração. Tentam tudo. Eu vi, pálido de espanto, num intervalo da gravação da novela “Bandeira Dois”, na qual estou trampando no momento, mais de mil e uma dessas cartas que as fãs mandam. E com a promessa de não revelar o nome das missivistas, selecionei, com permissão de alguns artistas do gênero recebedores de cartas, algumas frases que aqui transcrevo para o prezado leitor sentir o aroma da perpétua.

Uma das mais gozadas é a que o Cláudio Cavalcanti e o Zé Augusto Branco receberam. A fanzoca mandou uma igual pra cada um, só que na hora de envelopar, trocou as bolas. E então, o Zé Augusto recebeu dentro do seu envelope uma pala assim:

“Caro Cláudio Cavalcanti

322 Termo atualizado; no original de jornal consta “balnaçando”.

Eu ti adoro. Ti adoro. I [sic] sonho por ti toda noite que durmo. Tu é meu fã. Só tu. Por isso, tou escrevendo pra ti. Não pença quisou o qui [sic] você homens chamam di uma garota facio [sic]. Só ti escrevo por aqui tou gamada [sic]. Por favor mi respondi urgente. Pra tu não ter que gstar dinheiro ti mando aí dentro da carta um selo. Com amor mi despeço. Tchau meu fã”.

Naturalmente a moça dava endereço e tudo mais. Os erros da carta dão uma medida do nível social da fanzoca e eu espero que o revisor não corrija. Mas, vamos em frente. Uma outra manda dizer ao Grande Otelo o seguinte:

“... Sou grande admiradora sua. Você é grande mesmo. Desculpe tratar você de você. Gozado, você que é tão pequeno, é grande e tem cada gente grande que não passa de um grande bobo”...

Pro Milton Moraes, uma menina que revelava ter quinze anos, arrematava sua cartinha com essa joia da literatura popular:

... “Recebe um beijo de fã”.

Já o Sadi Cabral, que pinta no vídeo com os cabelos brancos que lhe dão um ar respeitável, foi sorteado com um questionário de grande profundidade e muito bem encaminhado:

“Sinto que o senhor é um homem bom. Por isso lhe escrevo pedindo uns esclarecimentos. Sei que o senhor dará pra essa sua fã que gosta de saber as coisas pra ter sempre assunto pra conversar. O senhor é a favor do divórcio ou não? O senhor é casado? O senhor acredita em Deus? O senhor tem filhos? O senhor vai muito ao cinema? Que teatro o senhor gosta mais? O que o senhor acha do Tarcísio Meira? Ele vive bem com a Glória Menezes? Pra que time o senhor torce aqui em Minas? O senhor já viu disco voador?”

Desculpe a brincadeira. Mas, por favor, mande as respostas. Se o senhor não me mandar, eu vou sofrer uma grande decepção. Da sua admiradora. Mineirinha Xereta”.

Outra frase que é digna de registro é uma que veio no meio de uma carta do José Wilker:

“É preciso muito esforço pra entrar para a televisão?”

Já o vosso chapa, que não prima pela carência, só recebe carta de fã de araque, que anda sempre querendo ganhar uma colher de chá. Nas duas primeiras que recebi na Globo não deu outra coisa. Pra complicar mais as coisas, as cartas eram de homem e isso até me encabula. Porém, vamos escancarar:

“Senhor Plínio Marcos

Venho por essa carta ver o que o senhor pode fazer em meu favor. Sou de teatro amador e quero entrar pra televisão. Aqui no meu grupo teatral, alguns colegas acham que se eu entrar para a televisão é prostituir meu talento. O senhor acha isso? Creio que não. Sei que o senhor se achasse não estaria na televisão. Eu não quero fazer mundo cão. Quero fazer novela. O senhor pode me ajudar. Desde já obrigado. Espero resposta breve. Nós estamos aqui no nosso grupo amador planejando montar “Os Espectros”, de Ibsen. O papel que me cabe é mu[i]to bom. Mas eu prefiro novela. Se o senhor me convidar pra um papel na sua, eu aceitarei e não prejudicarei meus colegas. Desde já obrigado”.

A outra carta que recebi é mais cabulosa ainda. Veja só:

“Plínio Marcos

Ao receber essa espero que esteja gozando saúde. Eu de minha parte an[d]o meio perturbado. Sei cantar. Sempre cantei. Onde eu cantava todos gostavam. Até o dia que fui no programa do Chacrinha. Fiquei muito nervoso e desafinei. Ele me

buzinou. A partir des[t]e dia, não aguentei³²³ mais as gozações que a vizinhança e o pessoal da fábrica fazem. Quando chego pra trabalhar, todos fazem com a boca barulho de buzina. Quando passo na rua também. Já nem tenho vontade de ir pra fábrica, nem de sair na rua. Até em casa meus irmãos me chateiam me apelidando de Fon-Fon. Eu me sinto envergonhado. Mas, sei que canto bem. O senhor podia me ajudar me arrumando um programa pra cantar. Era a única forma de eu tampar a boca dessa gatinha toda. Eu sei que outros artistas no começo foram gongados. Me ajude por favor. Obrigado pelo que você fizer por mim”.

Como eu mal posso comigo, vai ser duro ajeitar as coisas pra esses moços engrupidos. Mas, as piores cartas são mesmo as que os galãs recebem da turma que joga água fora da bacia. Mas, essas não dá pé abrir aqui.

Velhos tempos (Última Hora de SP – Edição de 8/1/1972. Página 16 Caderno 1)

Tem nego que vira e mexe fica assombrado com os pererecos da moda. Cada vez que os abilolados veem as meninhas de perna grossa e vestidinho curto sentem as ideias de jerico lhes brotar na cuca e, pra desbaratinar, tiram uma onda de moralistas e engrenam aquele papo de araque afirmando que o avanço está botando tudo a perder. Porém (e sempre tem um porém), se a gente vai conferir a fonte de criação dessa patota que transa na alta costura, acaba logo se flagrando que os distintos não tão inventando bulhufas, mas sim copiando os babados todos dos álbuns de fotografias da família, onde muitas vezes a vovó respeitável aparece com seus gambitos de fora. Podes crer, amizade, é isso aí. Mas, o que quero dizer e o que pesa na balança é o lance dos anúncios. Todos sabem que otário antigo, como otário moderno, sempre se empenharam pelos olhos. Vai daí que cada dono de produto faz a maior zoeira possível pra tentar convencer os outros que sua droga é a melhor. Hoje existe a televisão que te pega pelas botucas e pelas orelhas. Talvez por isso, os anúncios das revistas passaram a ser apenas uma síntese das qualidades do produto oferecido. Ou talvez tenha razão o cidadão que explicou que revista moderna tem que ser na base da fotografia, por que o homem atual não tem tempo pra ler. Apenas vê figura. A mim, mesmo que essa tese esteja certa, eu considero um perigo. Se o nego não tem tempo pra ler, não tem também tempo pra pensar, e aí é um perereco. Mas, deixa isso de lado. A pala de frente dessa crônica é que antigamente os anúncios pra engabelar os loques eram mais caprichosos. Havia alguns que pareciam peças de literatura. Eu me toquei nisso por acaso. Outro dia, tinha eu, tangido pelas circunstâncias, que puxar um tempo sentado naquele lugar solitário onde o mundo se acaba, onde o covarde faz força e o valente se acanha. Como meu hábito nessas ocasiões é ler e como estava faltando até um gibizinho pra quebrar o galho, fui na biblioteca da vovó e peguei alguns números da revista “Eu Sei Tudo”.

Como as piadas escancaradas na revista eu já conheço de tanto escutar os humoristas da televisão contarem, me dediquei a ler o anúncio e juro por essa luz que ilumina que deparei com cada joia de entortar patuá. Vou te contar. Só pra tu aí sentir o aroma da perpétua:

“Cabelos Brancos – Sim, senhora. Vossa Excelência tem só uma cabeleira. Se em vez de uma cabeleira tivesse V. Excia. diversas cabeleiras, poderia expô-las a provas que podem ser fataes [sic] para seus cabelos. Como só tem uma, deve me ditar muito antes de decidir-se por um preparado para tingir seus cabelos encanecidos. Um erro de eleição pode proporcionar-lhes danos irreparáveis.

323 Termo atualizado; no original de jornal consta “aguante”.

Compre água de Colônia Hygiênica. Use-a pela manhã, como loção, no momento de pentear-se, e seus cabelos brancos tornarão a ter a cor natural dos vinte anos.

Não é tintura

Em toda as Drogarias. Pharmacia e Perfumarias – [“]Água de Colônia Hygiênica”.

“Nunca ouviu falar de Gets, a cura maravilhosa para calos?

Applique [sic] umas tantas gotas ao callo [sic] doloso e a dor será aliviada imediatamente. Dois ou três dias depois poderá extrahil-o [sic] sem dor e facilmente. Gets, o destruidor universal dos calos [sic], nunca falhou a dar allivio immeadiato. Gets”.

“Cabelos brancos?

Signal de velhice[.]

A loção Brilhante faz voltar a cor natural primitiva (castanha, loura, dourada ou negra) em pouco tempo. Não é tintura. Não mancha. Não suja. O seu uso é limpo, fácil e agradável.

A Loção Brilhante é uma formula scientifica do grande botânico dr. Ground, cujo segredo custou 200 contos de reis.

A Loção Brilhante extingue as caspas, o prurido, a seborrea [sic] e todas as afecções [sic] parasitarias do cabelo [sic], assim combate a calvície, revitalizando as raízes capilares. Foi aprovado pelo Departamento Nacional de Saúde Pública e é recomendado pelos principais Institutos de Hygiene do estrangeiro”.

“Nesta época de calor, dizem todos

O preferido é

Collarinho Copacabana.

É elegante e durável. Não enruga e não é duro.

Os colarinhos de nossas casas são fabricados com o maior cuidado e pamnos [sic] escolhidos de superior qualidade, representando as nossas marcas uma garantia para o consumidor”.

Mas, não era só em prosa que os literatos da publicidade davam seu recado. Eles também atacavam de sonetos, fazendo paródia dos grande[s] poetas:

“As Rugas (Parodia a A Pomba, de Raymundo Correa)

Surge a primeira ruga sem piedade

Surge outra mais... mais outra... enfim dezenas

De rugas surgem numa face – apenas

Foge tristonha a nossa mocidade.

E à noite, quando temos a liberdade.

De passear – as rugas, sempre amenas

Em nossa face como as açucenas

Refletem já dizendo a nossa idade.

Também de nosso cérebro aos punhados,

Vão saindo remédio planejados

para acabarem rugas e jamais

conseguem; voltam pois, logo soltam

mas com outro remédio as rugas voltam;

com o Rugol não voltam nunca mais.”

E é só. Meu ilustre e prezado amigo, venha de lá um abraço. E até mais ver.

Quando a negada que anda a perigo perpétuo acredita na propaganda e resolve entrar na marola que recomenda as comemorações é broca. Quem mora nas berbas do rio e quase se afoga toda vez que chove, quem come da banda podre um dia sim e outro também, quem berra da geral sem nunca influir no resultado, pra se embandeirar por algum motivo que não seja pessoa precisa de muito embalo. E aí, já viu. Combustível de povão é cachaça. E é nessa que a maioria embarca. Nessa cascata de que, na virada do ano, tudo muda, não é qualquer lesado da sociedade que embarca. Precisa ser muito otário pra, de cara limpa, acreditar que uma simples mudança de calendário vai alternar a ordem das coisas. No íntimo, muito pouca gente acredita nessa cascata. Porém, como a palavra de ordem é comemorar, a curriola bebe até transbordar pelas orelhas e daí vira bicho.

Nesse fim de setenta e um e começo de setenta e dois, não deu outra coisa. Já nem vamos falar na Barra do Catimbó, que é um lugarzinho encardido que fica encravado nas quebradas do mundaréu, bem onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, e que conseguiu aparecer com destaque nas manchetes dos jornais, graças aos seus esquinapos, que são tantos e tão cabulosos que lhe garantiram o título de campeão mundial do bochicho. Esse título foi conquistado por merecimento e não por cambalacho e tal e coisa, muito embora seja ele dividido com São João do Mereti e Dallas City.

Vamos botar na balança as grongas que tiveram por palco o Rio de Janeiro, também manjada por Cidade Maravilhosa. Os dados aqui apresentados darão aos distintos leitores uma medida de como a festa foi realmente de empolgação.

Oitenta e três corpos foram recolhidos ao Instituto Médico Legal, entre afogados, atropelados e matados. Cinquenta³²⁴ toneladas de lixo foram recolhidas nas praias por duzentos e sessenta garis e quatorze caminhões. Foi lixo às pamparras. Lixo para alimentar urubu por dez anos. A maior parte desse lixo foi largada pelo povo da Umbanda, que como faz tradicionalmente todo dia trinta e um de dezembro, vai homenagear a Rainha do Mar na esperança de que a Encantada, em troca dos presentes, dê uma colher de chá. Até aí, nada de mais. É sabido que quem anda se agarrando em fio desencapado, dando nó em pingo de água, matando cachorro a grito e tal e coisa, acende vela pra Deus e pro Diabo pra ver se escapa da sinuca de bico.

Só que dessa vez, os devotos de lemanjá criaram alguns casos que podem ser colocados no naipe de xavecada³²⁵. Era tanta gente largando oferenda pra santa, que engarrafou o trânsito e tudo mais.

Porém, o pior foi dois moços mais fanáticos pouquinho coisa, que entraram no mar pra cumprir as obrigações com lemanjá e se afogaram. Também teve outro tipo de catimba que machucou muita gente. Mas, nesse caso, o resultado foi no dia seguinte. A curriola, com medo que algum abafador de pouca fé afanasse champanha e outros presentes da Santa, enterrou tudo na areia. De manhã, fez sol de rachar mamona e a praia ficou lotada a três de alto. E muito banhista se cortou nos cacos de vidro. Era pisar ou sentar em cima de garrafa pro melado correr. Isso em Copacabana. Na Praia de Ramos, então, a coisa foi na linha mais grossa. As curriolas dos subúrbios se chegaram em peso. Entre eles, veio o primeiro time de gaturamas. Por essas e outras, não foi nem um nem dois turistas que foram xeretar

324 Termo atualizado; no original de jornal consta “Conquenta”.

325 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

os lances do culto a lemanjá e que saíram no prejuízo. Os vagaus não brincaram no serviço. De furqueta ou na congesta, depenaram os otários sem a mínima cerimônia.

Já a granfinada [sic] que botou a fuça fora de casa se enfurnou nas boates que, sem exceção, se entupiram. Como os donos das casas noturnas têm anos de janela e quarteirão, não marcaram bobeira. Cobraram antes, sem se preocupar se a freguesia ia achar bonito ou feio. Nessa base, evitaram os pinotes. O preço por cabeça era de cento e vinte giraus, o que leva a crer que a grana rolou e fez chover na horta dos donos dos pesqueiros. Naturalmente, nesses lugares houve aquelas brigas fajutas. Gente avançando na mulher do próximo sempre resulta em confa.

Na Cinelândia, que é o ponto preferido pelos cow-boys da meia noite e pelas pistoleiras, se instalou o Carnaval. Teve coroação de rei Momo e desfile de blocos.

Foi isso aí. Podes crer, amizade. Loguinho, porém, tudo ficou na mesma. Teve pinta que bebeu tanto que ainda tá de ressaca. Muita gente ainda tá enchendo cheque e botando a data de setenta e um, mas tudo acaba engrenando e logo, logo o pedal pra todos voltará a ser a Loteria Esportiva.

Respondendo à freguesia

Wilson Sá (Centro) – ... “A gente sempre comprava a Última Hora de noite e líamos todos juntos, curtíamos suas histórias. Agora, não estamos podendo esperar o jornal, que está chegando muito tarde nas bancas”...

Meu chapa, Wilson, o lance é o seguinte: eu escrevo, mas quem distribui o jornal é outro cara. De qualquer forma, vê se tu fica de plantão com a tua curriola até mais tarde, que essa tua boemia é bem sadia.

Neusa Espínola (Osasco) – ... “Tem muita gente aqui no meu bairro que gostaria de te conhecer pessoalmente. Você toparia vir num bailinho aqui em casa?”

Neusinha, com esse convite tu acaba entortando meu patuá. Mas, acho que não dá pé eu ir em bailinho. Só pra teu governo, não sei dançar iê-iê-iê. No samba me defendo. Porém, pra bailinho a Dereca não me dá alvará.

Vendo é que se aprende (Última Hora de SP – Edição de 11/1/1972. Página 16 Caderno 1)

O luxuoso carro funerário da Agência Sempre Viva estacionou na porta de um conjunto residencial em Brás de Pina, subúrbio do Rio de Janeiro. Muito embora ninguém no prédio tivesse morrido, aquele veículo não provocou o interesse das crianças que naquela tarde de verão brincavam no pátio do prédio. Era comum verem o carro da agência funerária naquele pedaço. E foi sem alvoroço que o negro aço que viajava ao lado do motorista desceu. Nem o fato dele estar vestido apenas com um short e trazer a camisa embrulhada na mão chamou a atenção dos moradores que naquela hora transavam por ali. Graças à indiferença geral é que o negro aço pode dar a volta no carro tranquilamente, desembulhar um revólver quarenta e cinco que estava enrustido na camisa, aproximar-se da cabina pelo lado do motorista e, sem vacilar, dar três vezes no gatilho.

Dois tiros acertaram em cheio na fuça do chofer. Um entre os olhos e outro na boca. A terceira bala não atingiu o alvo que, sem dúvida, era o motorista. Se extraviou e foi atingir de raspão o braço de um garotinho que andava de velocípede. O chofer do carro fúnebre se estarrrou sem chiar. Foi falar com Deus direto. A outra vítima meteu a boca no trombone e começou o escarcéu. Sem se afobar com o berreiro, o assassino se afastou como se não tivesse aprontado o salseiro. Andou uns cinco metros sem ser molestado por ninguém. Todos temiam a arma do bruto.

Aí, ele deu um assobio e apareceu de trás de uma coluna um crioulo gordo que entregou a ele calça, camisa e sapatos. O assassino se vestiu e só depois deu pinote, acompanhado pelo cupincha.

Quando a polícia piou na parada, já não havia possibilidade de sair na captura do criminoso e do seu parceiro. Eles não deixaram rastro. Então, o jeito era mesmo levantar a ficha do morto. Uma rápida revista no cadáver deixou claro que o crime tinha sido praticado por vingança. Uma grana sonora³²⁶ que estava no bolso do falecido não fora locada. E a afirmação das testemunhas que, mesmo sem se ligarem no veículo quando ele estacionou, atestaram que o criminoso e a vítima chegaram juntos, serviu de dicas pros tiras concluírem que o banzanzan tinha sido tramado com antecedência.

Daí, a polícia começou a levantar o fio da meada. Foi uma sopa descobrir a identidade do morto. Ele era o próprio dono da agência funerária. Era manjado por Marujo e não brincava em serviço nunca. Na valentona, traçou um reduto bastante grande, pra ser o seu distrito, e dentro dele não dava colher de chá para os papa-defuntos das agências rivais. Na congesta, garantia pra si o direito de enterrar qualquer morto daquelas bandas. Alguns bochichos escutados nas encolhas das quebradas do mundaréu escancaravam presepadas medonhas do tal Marujo. Diziam mesmo que, quando o negócio andava fraco, o pilantroso inventava os fregueses mandando pro beleléu uns otários de família endinheirada. Também falavam que certa vez, quando um papa-defunto inimigo ganhou a concorrência pra enterrar um banqueiro de jogo de bicho e deixou o Marujo no “ora veja”, ele sem a mínima cerimônia arrebitou o colega com cinco balas e forçou os parentes do papa-defunto a comprarem o caixão e os badulaques de costume pra essas ocasiões de sua funerária. Porém, essas catimbas podem ser exagerados do povão. Mestre Zagaia, na sua Tabuada das Candongas, dá uma luz sobre esses babados. Lá está a pala pra quem quiser ver:

– Quem contar um caso e não aumentar é um bobão sem imaginação.

E se o Mestre Zagaia diz, é que é. Ele sabe das coisas. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que o tal Marujo era um tremendo pinta brava. Por essas e outras, os papa-defuntos rivais tinham uma bronca pega dele. E, a bem da verdade, o Marujo estava premiado com diversos processos. Tentativas de homicídios, agressões e por aí. Mas, de saída, ficou claro que os papa-defuntos que mais motivos tinham pra acabar com o Marujo não tinham feito o trabalho. Todos puderam provar com fartura de testemunhas que na hora do crime estavam trampando bem longe de Brás de Pina. Limpa essa área, o caso ficou complicado. Tudo indicava que ia pra galeria dos crimes sem solução. Mas, um cachorrinho deu uma boa letra ao entregar o crioulo gordo que deu as roupas pro criminoso trocar antes de fugir. Tratava-se de um vagau conhecido por Bolão e era chegado ao tráfico de maconha.

Pergunta aqui, ali. Bolão pra cá, pra lá e tal e coisa, e boiou na tona que essa figura vinha sempre se mocozar no apartamento de uma piranha de nome Leda, que morava no prédio onde se deu o esquinapo. Checada a pista, pareceu quente. A Leda tinha saído da fita e não deixou o destino com ninguém. Considerando que quem some de fininho está no devo, a tiragem se botou atrás da mulher. Uma vizinha fofocou que a pistoleira, que era escolada por vinte anos de janela e trinta de quarteirão³²⁷, ultimamente vinha fazendo das tripas coração pra adiantar seu lado num boteco dos mais escrotos que ficava na Praia de Ramos.

326 Termo atualizado; no original de jornal consta “sonoro”.

327 Termo atualizado; no original de jornal consta “aurteirão”.

A polícia foi firme no boteco e, sem rodeio, perguntou pela Leda. E ficaram sabendo que ela não estava parando no pesqueiro desde o dia do crime. Mas, também souberam mais da boca do dono da espelunca, que foi abrindo o assunto todo pra agradar os policiais e tentar, com a entrega [d]as mumunhas, conseguir uma estia para suas tramoias, que sem dúvida eram muitas.

Contou o botiqueiro que na manhã do dia do crime, o Marujo se chegou no seu boteco trazendo uma curriola bem grande no seu carrão de defunto. Tinha gente às pamparras. Os homens jogaram bola na praia e as mulheres tomaram banho de sol no melhor estilo piquenique suburbano. Depois, todos almoçaram no seu boteco e fizeram a maior zoeira. Quase no fim da festa, passaram a tratar de negócios e o quás-quás-quás azedou. Um negro aço acusou o Marujo de ter passado a patota pra trás numa jogada de maconha. A situação encardiu, segundo o dono do boteco, ficou claro que aquela gentalha usava o carango de defunto pra carregar maconha era por causa disso o nó.

Agora, a polícia não está mais na pista de um criminoso pé de chinelo. Mas sim, de uma quadrilha organizada que tem embaixada como as gangs do cinema americano. O que demonstra que, de tanto ver filmes do gênero, os bandidos do Brasil estão aprendendo.

O assassino dos agiotas (Última Hora de SP – Edição de 12/1/1972. Página 16 Caderno 1)

O Walter sempre teve uma raiva pega pelos agiotas. Mas, vira e mexe se via em papos de aranha e era obrigado a apelar e pedir dinheiro pra um avarento qualquer, que sem fazer cerimônia com o otário ferrava juros altíssimos. Entalado numa sinuca de bico, o Walter não tinha direito ao estrilo. Era pegar ou largar. E ele não tinha nunca escolha nessas situações. Engolia enrolado os despropósitos dos agiotas.

Porém, ele era o único culpado de viver espremido por dívidas. Não podia ter grana que ia jogar. E era aí que se machucava. Seu ordenado, até bem razoável, não dava pra nada. Por essas e outras, o Walter vivia quebrando galhos de letras em caminho do protesto, hipotecas de entortar os patuás e os cambaus. Nessa aflição toda, ele projetava sua bronca contra os sacanas que vivem exatamente na boca de espera de um loque a perigo perpétuo. Mas, não botava pra fora o que sentia. Se fechava em copas. Se remoía de ódio, mas tratava todos os agiotas com educação. Manjava bem aquela curriola. Sabia que se aprontasse com um pilantroso daqueles, a barra ia pesar. O agiota ouriçado certamente ia esparramar para os outros a xavecada³²⁸ de que fora vítima e ele não iria ter arreglo com o resto da patota. Os agiotas tinham entre si mil e um macetes pra entutar a freguesia escamosa. Se cobriam pra evitar serem passados pra trás. E era justamente pra não ficar mal com a corja da grana que o Walter maneirava.

Pra poder pagar os juros no dia do vencimento, era capaz de qualquer negócio. Se empenhava com um agiota pra saldar compromisso com outro. Empenhava o carro pra salvar a casa. Depois, botava a casa no prego pra livrar o carango. Assim ia remando. Naturalmente, cada vez se entalava mais. E não via jeito de escapar da roda viva.

Outra coisa que o Walter detestava era gravata. Esse adorno era pra ele o símbolo de todas as convenções sociais que ele tanto detestava. Mas, nas ocasiões de se achegar aos pés dos agiotas, o bruto não dispensava a gravata. Dava um laço

328 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

caprichado, na vã esperança de, com esse expediente, dar impressão aos donos da grana de que era um cidadão bem posto, respeitador dos costumes e tal e coisa. Como se isso adiantasse alguma coisa diante dos agiotas. Lá, na hora do vamos ver, o que pesava na balança era mesmo o avalista e as malditas penhoras. Mas, o Walter não considerava. Metia a gravata nessas ocasiões. Só nessas. Nem pra trabalhar ele fazia tal concessão. Só pra pedir dinheiro emprestado.

Talvez por isso, ao por a gravata, sentisse a sensação desagradável de estar botando seu pescoço no laço da forca. Mas, por mais esforço que fizesse, não conseguia entrar no escritório dos agiotas sem ter embaixo do queixo uma tira de pano. Porém (e sempre tem um porém), um dia nas quebradas do mundaréu, o Walter se meteu numa fria das mais escamosas. Assim como quem não quer nada, entrou num carteado com uma moçada meio azeda. A parada, que a princípio era leve, foi engrossando cada vez mais. O Walter, que era abilolado, não soube sair fora quando começou a ficar mal pra sua banda. Confiou que podia cortar o sangue dos parceiros e foi firme. Tubulou feio. Na falta de dinheiro, pagou a dívida com um cheque frio.

No momento, não teve chibu. Mas, quando os negos foram receber, a treta se escancarou. E aí, foi broca. Aquela gente com quem o Walter tinha jogado não brincava em serviço. Ficaram tinhados [sic] e com razão endoidaram. Saíram na captura do Walter e o flagraram no seu trampo. Desconheceram o local e deram um arroxio violento no Walter. O homem tremeu nas bases. Amarelou. E, pálido de medo, pediu tempo.

Ganhou depois de muita lambança um prazo curto pra bufar com a grana. Os parceiros juraram que depois da hora combinada não ia ter quás-quás-quás. A dívida ia ser cobrada na valentona. Conhecendo seu eleitorado, nem por um instante o Walter duvidou da palavra dos seus credores. Loque não pode se valer das dicas da Tabuada das Candongas do Mestre Zagaia. Nesse pedal pra vagau sem rumo, o velho cabo de esquadra diz:

– Dívida de jogo não se paga.

Se o Mestre Zagaia diz, é que é. Ele sabe das coisas. Porém, essa letra só serve pra quem se garante em qualquer lance. Pra papagaio enfeitado a toada é outra. E o Walter era cavalo. Teve me[s]mo que se virar. Depressinha. Tão depressa, que nem notou que estava sem gravata. Dali mesmo do trabalho, foi pedi[d]a estia um agiota.

Acontece que os corretores da falência humana não ficam de plantão pra dar ajuda a ninguém. Eles querem tudo muito bem bolado pra não ficarem no prejuízo. Nesse desespero, o Walter só levou de seu a aflição e os agiotas não quiseram saber. Dispensaram o rapaz. Aí se deu o esquinapo. O Walter apareceu na frente dos parceiros apenas com explicações. Era pouco pra quem estava contando com grana viva. O resultado é que os credores não regatearam. Deram-lhe uma tremenda biaba e o deixaram mais morto do que vivo, estarrado no chão. Se escorando nas paredes, o Walter conseguiu ficar em pé. E caindo pelas tabelas, se arrastou até sua casa. Chegou em petição de miséria e foi logo se olhar no espelho pra ver o tamanho do estrago.

Só diante do espelho é que o trouxa se tocou que estava sem gravata. Ficou pálido de espanto com essa descoberta. Batusquela como era, logo atribuiu a esse detalhe sem importância toda a culpa da surra que levou. Achou que os agiotas não emprestaram o dinheiro por ele estar sem gravata. Nem de leve considerou que ninguém iria mesmo emprestar dinheiro pra um pinta pagar dívida de jogo sem ter garantias mais do que positivas. Se fincou nessa fé. E em vez de curtir a vontade de

forra contra os parceiros que o esculacharam, curtiu contra os agiotas. Ficou encasquetado contra a raça que empresta dinheiro a juros, todo o tempo em que esteve de molho. E assim que se encontrou em forma, partiu pra vingança.

Escolheu no seu guarda-roupa a gravata mais vistosa e de melhor tecido que possuía e a meteu no bolso. Foi percorrer os escritórios dos agiotas com quem transava. E por onde passou, estrangulou com a gravata um agiota. Ao todo, foram cinco que o Walter despachou pro beleléu. Depois, entrou em cana. Mas, consta que foi contente.

Novas aventuras da gordinha sexy (Última Hora de SP – Edição de 13/1/1972. Página 16 Caderno 1)

Já escancarei aqui nessas mal-traçadas linhas que a nossa cupincha Etty Fraser, a gordinha sexy, é uma bondade de plantão, sempre a fim de quebrar os galhos pros seus colegas de teatro, que nessa época de desemprego vivem assombrados com as grongas mais encardidas. Aliás, eu quando botei a boca no trombone pra apregoar a generosidade da nossa querida Etty, nem de leve pensava em promover a moça como mãe de classe teatral. Porém, é bem como diz o Mestre Zagaia na sua Tabuada das Candongas:

– A propaganda é a alma do negócio.

E se o Mestre Zagaia diz, é que é. A Etty tá aí mesmo pra não deixar ninguém desmentir. Mal abrimos pro mundo das virtudes e a generosidade do coração da bruta, já no dia seguinte tinha fila comprida às pamparras na porta da casa da gordinha. Era a curriola que anda a perigo perpétuo que ia pedir estia pra Etty, chorando as pitangas e tal e coisa. Teve nego que andava chegado ao espiritismo, na vã esperança de adiantar seu lado com reza forte e que, quando soube que a Etty não sabia dizer não, largou o centro de lado e piou na parada explicando sem cerimônia:

– É mais fácil dobrar a Etty e conseguir favor do que convencer orixá das nossas precisões. O centro que eu frequento só trabalha pro bem e aconselha a gente a segurar as pontas. Sabe como é. São as cascatas de que na outra geração a gente fez e aconteceu e a gora tá metido no papo de aranha pra pagar. A Terra, irmãozinho, é um planeta de prova. Já na macumba tem exu que dá um jeito na sorte da freguesia. Mas, lá não tem quás-quás-quás. É rosca dura. O estrepado tem que aparecer com a grana na boca do cofre pros charutos e as marfas. E no meu caso não é pedal. Estou me agarrando em fio desencapado, comendo capim amargo pela raiz e fazendo mingau³²⁹ de araruta com leite de sapo. Aí, já viu. Minha valia tem de ser a Etty. Ela é positiva. Relaxa as broncas antigas sem pensar em forra e não cobra consulta.

Mas, deixo isso pra outra vez. O que quero contar e o que pesa na balança é que a Etty, de repente, ficou incrementada como bondosa mãe de pançudo. E daí não teve mais sossego. A marola cresceu, virou onda e já vai se transformando em pororoca. Tudo indica que logo, logo, vai ter acampamento de pedinte na porta do prédio da Etty. O Chico Martins já deu um alô que deixou as fãs da gordinha encabulados. Afirmou ele:

– Se ela quer ajudar os outros, que ajude. Porém, já aviso desde já. Não vou deixar lançarem a candidatura dela pra vereadora.

Pra Etty não pegou nada. Ela não faz nada premeditado. Ou melhor. A única traição que ela sempre planeja e executa escondida é contra o próprio marido. Ele,

329 Termo atualizado; no original de jornal consta “mingau”.

que é fiscal de dieta, fica abilolado quando flagra a gordinha atracada com sorvete de chocolate. Aí, é aquele esculacho. O Chico ameaça botar cadeado na geladeira, alarme no forno, mas é tudo bafo de boca. Fica tudo na mesma. Esse detalhe é só pra todos sentirem que ninguém é perfeito. Nem a nossa querida Etty, a gordinha sexy. Que fora isso é, como já disse, uma escora a toda prova.

Foi por essas e outras que, um dia desses, a Etty foi parar nos caminhos estreitos, esquisitos e cavernosos do roçado do bom Deus. Foi na assistência social, tentar ajeitar um caixão de defunto pro namorado da cozinheira, que faleceu subitamente no meio de um desentendimento na gafieira onde era diretor.

Estava a Etty com a chorosa cozinheira na fila do “Me socorre por favor”, quando uma das funcionárias reconheceu a Etty Fraser das novelas do Canal 4, e sem maiores rodeios a fez passar na frente de todos, mas impôs uma condição. Queria saber certas fofocas da tevê. A Etty, que faz qualquer negócio pra empurrar pra frente seu eleitorado, topou a transa. Só que combinou com a distinta funcionária um encontro pra hora do lanche, no boteco da esquina da rua da repartição. Resolvido o problema, na hora tratada a Etty estava no local do apontamento. Não tardou para a distinta funcionária aparecer no pedaço, babando de curiosidade. Mas, entrou areia no bochicho.

Justo nesse momento uma abilolada de pai, mãe e vizinhança deu as fuças no boteco. Apesar de louca, ou talvez louca por isso, a recém-chegada era vidrada em televisão e, mal botou as botucas em cima da gordinha-sexy, se tocou que estava diante da estrela. (A Etty é tão estrela que nessa época de desemprego pra artista ela tem pelo menos sete convites pra fazer teatro e três pra fazer tevê. Sintam o aroma da perpétua).

Mas, vamos em frente. A louca viu a gorda e entrou de sola:

Olha ela aí. A Dona Pierina!

A Etty sorriu com simpatia e recato. Mas, a doidinha continuou:

– Tu é a Dona Pierina mesmo. Eu sei que é. O Pierina, tu é gorda às pamparras. Eu te manjo. Tu deve adorar macarrão. Tu deve comer às baldas. É artista. Artista se trata. Nós aqui é que se dana. Pierina, deixa de ser unha de fome e paga uma cerveja pra nós.

Com dó da louca, a Etty não soube negar:

– Pode pedir que eu pago.

A louca não vacilou. Virou pro rapaz que estava no balcão e deu as ordens:

– Desce uma cerveja estupidamente gelada. A Pierina aqui, que é minha chapa, paga.

O rapaz que estava lá pra esses babados mesmo foi rápido e rasteiro. E a louca mais ainda. Secou a garrafa num gole. E quis mais:

– Pierina, paga outra. Deixa de ser mendinga. Paga aí. Tu tá com a grana que eu sei. Tu é artista.

Meio sem jeito, a Etty consentiu. A louca aproveitou e pediu mais:

– E umas batatinhas pra tirar gosto, pode ser? Tu é gordona, sabe que isso é legal. Comer é legal, é ou não é, Pierina? Não é verdade que a gente só leva da vida o que se come e o que se bebe?

Na verdade é. Mas, a Etty não pode chiar. Nessa altura, surgiu a dona do boteco que, ao ver a louca falando com a Etty, virou bicho:

– Louca nojenta. Cai fora daqui. Tu me espanta a freguesia. Agora que os artista[s] de tevê tão começando a vir beritar no meu bar, tu quer bagunçar?

A louca não meteu o galho dentro. Se encheu de razão e estrilou. O caldo engrossou e o pau quebrou. Resultado: nossa Etty acabou na polícia servindo de

testemunha e quebrando o galho da louca junto ao delegado, que queria mantê-la em cana.

É isso aí (Última Hora de SP – Edição de 14/1/1972. Página 16 Caderno 1)

Tem coisas que acontecem que, por mais que eu me esforce, não dá pra entender. Claro que meu puçá não vai além da superfície e, por essas e outras, eu só pesco o que vem à tona. Mas, aparece tanta gronga boiando nas águas barrentas em que navego, que juro por essa luz que me ilumina só não fui à pique ainda porque, diante dos pererecos que me assombram[,] eu me agarro no meu patuá de fé e valia. O negócio da música popular brasileira é bem desse naipe. Sintam o aroma da perpétua.

Estamos em janeiro do ano da graça de mil, novecentos e setenta e dois, ano que, na opinião de um profeta desses que se defendem fazendo horóscopo pra revista em quadrinho especializada em fundir a cachola das domésticas, vai ser um período de fartura pro Brasil e uma droga retumbante pro resto do mundo. Aqui vai chover na nossa horta, segundo o biduzão das cozinheiras. Mas, nas terras gringas, os esquinapos vão ser de arrepiar. Vai ser uma escama, fome, peste, guerra, tormentas e os cambaus a quatro.

Não sei, nem quero saber qual o conceito e o grau de popularidade que o tal profeta goza nos caminhos esquisitos e escamosos do roçado do bom Deus. Porém, tudo leva a se crer que o danado do milongueiro é bem respeitado. Tanto isso é verdade que, mal ele botou a boca no trombone e espalhou suas profecias, começaram a desembarcar no nosso pedaço mil e um gringos que vieram faturar aqui a grana que na terra deles vai ficar difícil, na opinião do profeta.

No futebol curriolas imensas de craques estrangeiros apareceram nas escalações dos nossos times. Jogadores consagrados e cabeças de bagre entraram no mercado a preço de liquidação. Assim como veio um Pedro Rocha, veio um Butice pra ser goleiro do América. Butice. Veja tu aí, que só pega a pior, tu que só come da banda podre, tu que mora nas berbas do rio e quase se afoga toda vez que chove, tu que só berra da geral e nunca influi no resultado, veja como está terrível a presepada.

Enquanto o Butice é contratado pra ser reserva, nossos jogadores ficam no papo da aranha. Os times brasileiros são, sem favor nenhum, os melhores do universo. Porém, dento do campo. Fora do gramado, existem os cartolas que aprontam as xavecadas³³⁰ mais estranhas e toda vez que se metem a ter ideia, pia na parada um pensamento digno de um jericão. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que, enquanto os nossos fazem das tripas coração pra contratar jogadores estrangeiros, os craques de nossa pátria amada vão sendo colocados na rua da amargura pelos nossos cartolas que não fazem a mínima cerimônia com os profissionais. Até o São Cristóvão anda querendo contratar um gringo e mandar seus juvenis embora. O São Cristóvão, que nos bochichos das quebradas do mundaréu, eu soube que esse ano ainda não pode treinar por falta de dinheiro pra comprar bola.

Já nos chamados clubes grandes, que não passam de times grandes, a xavecada³³¹ é de doer. Palmeiras, Vasco, Flamengo, Corint[h]jians, São Paulo, Santos F. C. e todos os outros escancaram listas enormes de jogadores que consideram bagaço.

330 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecadas”.

331 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

Que não querem mais. E esses profissionais são colocados à venda como mercadoria refugada e se desvalorizam pelo esculacho de verem seus nomes apontados na[s] listas de dispensa.

Isso tudo, sem contar que, daqui a alguns anos, não vamos ter goleiro pra seleção brasileira. Os titulares dos melhores times vão ser gringos. Andradas, Cejas, Aguilera, Butice, Muzuca e vai por aí. Mas, vamos pra outro setor.

Na música popular, a invasão estrangeira também está de lascar. Muito embora estejamos nas berbas de fevereiro, nas portas do Carnaval, e as escolas de samba, os blocos e os cordões estejam se preparando com força total, as rádios não tocam as marchas e os sambas. Atacam de música gringa. Desse jeito, a guerra se avacalha. E nossos compositores de carnaval vão acabar sem poder catituar suas marchas e o povão sem aprender música nova.

Por essas e outras é que a gente marca bobeira. Vem o profeta e anuncia que esse ano é do Brasil, que é a pátria do Evangelho e coração do mundo. Mas, na hora de conferir os resultados, dá uma quizila tihosa. O solo fértil e generoso do Brasil não dá frutos pros brasileiros e isso o tal profeta não explica.

Claro que só levantei a lebre de futebol e da música, mas no cinema e em outros setores da vida nacional, a toada é a mesma. De qualquer forma, há sempre um consolo: saber que nosso país está indo de vento em popa.

Respondendo à freguesia

Dilma Alvarez (Sorocaba) – ... “Sei que você transa na área do samba. Eu gosto muito de ver rodas de samba e já escutei muito comentário sobre a roda de samba do Camisa Verde e Branco. Como estou de férias e vou passar uns dias em São Paulo, gostaria de conhecer pessoalmente o samba. Você poderia me informar o endereço?”

Claro que podemos, dona Dilma. A Escola de Samba Camisa Verdade e Branco fica na Brigadeiro Galvão, na Barra Funda. O número do prédio não sei. Mas, não se acanhe por isso. Descobrimo a rua, o resto é fácil. Seguindo o som da bateria, a senhora chega lá. Às sextas-feiras e sábados, pode ir tranquila que mestre Inocência recebe com todo carinho.

Talento e formosura (Última Hora de SP – Edição de 15/1/1972. Página 16 Caderno 1)

Anda acontecendo cada lance que, quando ficam escancarados, a gente até chega a pensar que é invenção de jornal sem notícia. Daí, a gente vai conferir e descobre, pálido de espanto, que a realidade é muito mais medonha que qualquer novela de ficção bolada por algum escritor de cuca dodói. Por exemplo: outro dia abri um conceituoso órgão informativo desta paróquia e minhas botucas bateram numa notícia que me entortou o patuá. Sente o aroma da perpétua. A notícia era esportiva e eu tive que me agarrar na cadeira e me segurar na minha fé pra não cair. Uma pequena manchete abria o seguinte: presidente do time abandona esposa e foge com o centro-avante. Bem sei que tem muito cartola de futebol que é abilolado pra ver os craques tomarem banho depois das partidas. Tem mumunha que não acaba mais nos pererecos por aí. São esquinapos cavernosos que acontecem nos esquisitos, estreitos e cavernosos caminhos do roçado do bom Deus. Porém, nem de leve eu poderia imaginar uma gronga desse naipe. E levei tempo pra me recuperar da trombada que a minha cachola tomou diante da notícia. Refeito do susto, li até o fim as dicas do escândalo.

Não era nada disso. Tinha fuga do presidente do time e tudo mais. Só que o tal presidente era de um clube de futebol feminino.

Mas, se esse caso aí era todo cheio de truque na manchete, não era escabroso no resto. Não sou eu que vou ficar contra um pinta por ele ser chegado a mulher. Porém, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é um outro caso que vi nos jornais e no qual embarquei de leitor, certo de que no fim a presepada era de araque. Me enganei. A manchete dizia: Tentaram matar a menina mais bonita do bairro por inveja.

Naturalmente que pensei de saída na fábula do urubu que se picou de raiva quando viu o sabiá cantando e o matou a bicadas unicamente por partir do princípio de que se ele, urubu, não cantava, nem o sabiá, nem ninguém deveria cantar. Mas, gente é gente. E por mais que os bagulhos de um pedaço maldito das quebradas do mundaréu se atucanassem com os encantos de uma vizinha, eu não acreditava que pudessem chegar até a tentarem apagar a beleza.

Mas, aconteceu isso mesmo em São Paulo. Uma menina de quinze anos, que se achava sozinha em sua casa, de repente recebeu uma congesta da parte dos bagulhos despeitados. Acompanhadas de um homem, duas piranhas azedas invadiram a casa da menina e a biabaram sem dó. Depois a amarraram e a amordaçaram, e abriram os bicos de gás pra mandar a beleza da menina pro bebeléu.

O irmãozinho da menina, que estava na rua brincando, resolveu retornar à sua casa e flagrou o estarro. Meteu a boca no trombone e correu gente pra ver o que era. Deu tempo de salvar a menina.

Agora tu aí, que sempre pega a pior, tu que só come da banda podre, tu que mora nas beiras do rio e quase se afoga toda vez que chove, tu que só berra da geral sem nunca influir no resultado, vê só que esculacho são os antecedentes do crime.

Dizem que a vítima era toda cheia de denço, graça e beleza. Sendo assim, já viu. Os paqueras do bairro viviam jogando o picaré pra ver se apanhavam a guria. Por essas e outras, as colegas de colégio (1ª série ginasial), feias de alma e de fachada, em vez de desenvolverem o charme que seduz muito mais que a beleza em si, não. Curtiram o ódio pela menina rainha do bairro. E um dia, deram uma janta nela. Rasgaram-lhe a roupa e só não enforcaram a beleza no poste porque um comerciante que passava por acaso no local cortou a onda. A barra ficou tão encardida que a mãe da moça teve que tirar a filha do colégio. Uma xavecada³³² de dar gosto. Sente aí. Uma menina de quinze anos, toda retumbante, ter que parar de estudar por medo de se estrear do primeiro ao quinto nas patas de uns bagulhos ouriçados. E o pior: as carrascas da beleza são jovens estudantes.

É de doer, meus chapas, ler essas notícias. Por aqui, já não anda sendo fácil o nego ter talento, sensibilidade e necessidade de se expressar. E ainda pia na parada essa zonzeira de gente jovem querer sufocar a beleza. Tamos mal. Tá cada vez engrossando mais o caldo. Ter talento ou formosura só serve pra criar caso. Então, o negócio é ir noticiando as fugas do presidente do time com a centro-avante.

As transas do Rio (Última Hora de SP – Edição de 17/1/1972. Página 16 Caderno 1)

Como todo mundo tem visto, eu estou dando um recado na novela “Bandeira 2”, do Dias Gomes, pela Globo. Pra isso, duas vezes por semana, tenho que ir lá no

332 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

Rio de Janeiro gravar a pala que me cabe. Por essas e outras, estou me botando por dentro de mil e um assuntos cariocas e vou abrir alguns pra que todos se toquem nas mumunhas.

Pra início de qualquer papo, temos que dizer que o Rio continua lindo. Faz um sol de rachar mamona e a praia é aquela maravilha, muito embora tenha gente às pamparras se esforçando pra avacalhar a guerra. Ainda outro dia, algum navio soltou óleo na barra e aí foi aquele esculacho. Quem foi tomar banho de mar ficou emporcalhado até a alma. Claro que pra uma cidade que incentiva o turismo e tal e coisa, um lance como esse é de entortar o patuá. Mas, o pior de tudo é que os cações, peixões meio metidos a tubarão e que não vacilam nem um pouco pra comerem banhista, andam aparecendo rente à praia. E a turma, com toda razão, se acanha um pouco com a presença do bichão. Não é pra menos. Uma fera dessas quase fatura um vagau que marcou bobeira. E nessa maré que está pra peixe grande, a arraia miúda não nada.

Fora da praia os quás-quás-quás dos cariocas são sempre os mesmos. Estão embandeirados com o futebol e o carnaval. No futebol, a curriola do Mengo é quem está fazendo zoeira. Eles falam até sozinhos do Mengão-72. Estão achando que o Paulo César vai resolver todos os problemas do time e ganhar o campeonato de barbada. Pra mim, que entendo de futebol às baldas, acho que a moçada do rubro-negro está enganada. Paulo César é craque. Não vamos negar. Mas, é meio apavorado. Diante de uma vaia treme nas bases. Já provou isso várias vezes. Porém, deixa isso de lado. Mestre Zagaia, na sua Tabuada das Candongas, diz bem:

– De ilusão também se vive.

E se o velho cabo de esquadra falou, é que é. Mestre Zagaia sabe das coisas. Deixa a torcida do Mengo curtir uma esperança, enquanto não começa o campeonato pra tirar a teima. Pior é o Corint[h]ians, que botou a sua torcida em palpos de aranha. Deixou a patota toda encabulada com essa ideia de contratar um psicólogo que vai examinar até os diretores. E exatamente nesse ponto que o povão que berra da geral sem nunca influir no resultado fica cabreiro. E se o psicólogo descobrir, como tudo indica que vai, que o mal do Corint[h]ians está na cuca dos cartolas? Como é que vai ser? Vão pastar na fila mais alguns anos até os cartolas se curarem? Vão trocar os cartolas abilolados por outros mais preparados? Ou vão dispensar o psicólogo? Olha que tirar ideia de jerico da cachola de cartola não é tarefa mole, não. Porém, vamos voltar às presepadadas do Rio de Janeiro.

As preparações para o Carnaval estão na ponta da agulha. Escola de samba, blocos e turma que joga água fora da bacia e desfila no Municipal estão se preparando pra valer. Portela, Mangueira, Salgueiro, nos fins de semana, ensaiam quarenta e oito horas seguidas. Nos botecos das quebradas do mundaréu, o povão discute com um bruta entusiasmo os enredos e os sambas. Enchem a boca pra badalar ou pichar os compositores e os sambas das grandes sociedades. Zuzuca, Martinho, Mano Décio e outros cobras são citados a cada momento. No meio dessa cascata toda, vi com esses olhos de ver um troço que me deixou bastante feliz. Meu chapa Dráuzio, o Lord Brilhantina, sambista de muitas glórias na famosa e formosa ilha de Iemanjá, é muito considerado e respeitado no Rio de Janeiro. Ele esteve dando suas bandas pela Carica e tudo quanto foi jornal noticiou a presença do bom crioulo. Deram destaque ao Dráuzio e ele merece. No samba, o Brilhantina faz e acontece.

Já no carnaval de São Paulo, ninguém acredita. Os cariocas estão ainda parados naquela de achar que aqui na paulicéia é tudo na base do toma lá, dá cá. Gravata, comércio e correria. Não botam fé quando a gente fala que em São Paulo

tem escola de samba. Não manjam nossas escolas. Nunca escutaram falar do Camisa Verdade e Branco da Barra Funda, nem do Nenê da Vila Matilde, nem da Mocidade Alegre da Casa Verde, nem do Império do Cambuci, nem da Vila Maria, nem do Lavapés. Vão cair de costas quando lerem a reportagem que o Marco Aurélio (Jangada), colunista de carnaval da nossa “Última Hora”, fez sobre o samba paulista e que vai sair na “Realidade”. O Jangada eles conhecem muito bem. O bruto era xerife na Escola Unidos do Lucas e nunca botou a boca no trombone pra esparramar mentira. No Rio, vão se admirar quando souberem da força que o samba paulista vem tomando.

Outras zoeiras que levantaram muito bochicho no Rio de Janeiro se deram nas áreas da bandidagem. Uma foi nos exames vestibulares pra faculdade. Flagraram um garotão colando e deram uma cana no rapaz folgado. Todo mundo ficou indignado. A gente jura pela luz que ilumina que, se fosse dar cana em todos os pintas que colaram, o xadrez ia ficar lotado de doutor.

E a outra catimba foi quando a polícia de Niterói anunciou que ia queimar uma quantidade enorme de maconha. Teve vagau que não fez por menos. Organizou piquenique em Niterói, pra aproveitar a poluição do ar.

Quem conta um conto... (Última Hora de SP – Edição de 18/1/1972. Página 16 Caderno 1)

Recebo de dona Joanice, de Campinas, uma carta das mais simpáticas, elogiosas e tal e coisa. Nela a moça me diz que está estudando comunicações e que se admira de como eu tenho uma história por dia pra contar. Por ser a dona Joanice toda cheia de simpatia, eu vou dar as dicas dos macetes da nossa coluna. Quem se ligar na pala vai ficar por dentro.

No fim da tarde, quase na boca da noite, eu baixo no boteco Redondo e fico ali cascadeando com a curriola. Nessa boca atraca gente de todos os naipes. Vem nego que só fala de futebol, outros que só matraqueam sobre samba, outros cujo assunto é corrida de cavalo e vem também uma moçada que só está na vida fazendo hora e deixando o tempo passar. Entende? Gente que fica espiando pelas janelas. Que deixa tudo como está pra ver como é que fica. São os otários. Papagaios enfeitados que se vestem na moda. Cabelão grande, roupa colorida, tirando onda de miséria quase sempre financiados pelos papais ricos, que dão mesadas pros trouxas comprarem os badulaques. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que ali, no Bar Redondo, eu escuto os quás-quás-quás, e daí já viu. Tenho história pra contar até o fim dos meus dias. Claro que não presto atenção nos otários vestidos de hippy [sic]. Esses não têm nada pra abrir. São a cópia. Jovens que fazem da mocidade uma doença e passam por aí acompanhando o próprio enterro. Quem me interessa é a patota que se embala e se agarra nas coisas com unhas e dentes. Esses que fuçam nas cocheiras. Que fazem das tripas coração pra discutir uma partida de futebol. Gente que atravessa os caminhos mais esquisitos, estreitos e escamosos do roçado do bom Deus pra ir num samba e que depois enche a boca pra contar as façanhas. Essa gente é o povão. Comem da banda podre, sempre pegam o pior, moram na beira dos rios e quase se afogam toda vez que chove, berram da geral com todas as forças da caixa de catarro, mas nunca influem no resultado. E apesar de tudo, agradecem aos seus orixás por estarem vivos. Amam até as últimas consequências. Matam e morrem por um amor contrariado. Porém, nunca recusam o amor, nem curtem a fossa. É o povão. E meus chapas param na minha no Boteco Redondo e me dão alô das

presepadas todas. É nessa fonte que eu bebo. Nasci pra ser o cronista da minha gente e vou cumprindo como posso o meu destino. Mantendo contato com pontas firmes, que transam em várias áreas. E dessa forma, sei de tudo que vai pelas quebradas do mundaréu.

Seu Mumu me dá luz sobre as catimbas do samba em São Paulo, o Bentão tá aí mesmo pra não me deixar órfão nos trambiques dos forrós, o Chuvisco é meu ponta de lança pros assuntos da Barra do Catimbó, a Margô Picega me bota por dentro das invertidas das pistoleiras que todas as noites fazem quilômetros e quilômetros de quarteirão. E, por essas pintas e outras, eu vou me inteirando dos troços. Dá peça. Dá crônicas. Dá romance. Dá Novela e tudo mais.

Agora, os representantes da oposição que me leem vão fazer marola:

– Tá aí. Não tem criação.

Deixa falar. Que na hora que forem entrar nesse filão, vão se entutar. Aqui, ói, gaivota, que a coisa vem mastigada. Pra entrar nesse esquema, é preciso ter antenas e botucas de ver. Senão, não dá pedal. E depois, é como Mestre Zagaia diz na sua Tabuada das Candongas:

– Quem conta um conto e não aumenta um ponto é um trouxa sem imaginação.

E se o velho cabo de esquadra diz, é que é. Ele sabe das coisas. Como sabe! E pra não deixar ninguém mentir, abro aqui pra dona Joanice os truques de uma crônica bolada no boteco Redondo, que podia se chamar: “Que conta um conto...”.

Estava eu parado assim como quem não quer nada na porta do boteco Redondo, quando piou na parada o considerado Chuvisco, meu ponta de lança pra assuntos da Barra do Catimbó. Ele chegou meio escabriado e só pelo jeito do bruto manjei que tinha linguça embaixo do angu. E cutuquei:

– Como é que é, Chuvisco? Como tá a Barra do Catimbó?

Ele, sem grande entusiasmo, deu o troco:

– Tá naquilo mesmo. Ontem apagaram um.

Daí pra frente, era preciso eu só puxar fieira:

– No barato?

– Por pouca coisa.

– Enguiço por rabo de saia?

– Que nada. Foi no carteadado.

– Tinha pilantra de xavecada³³³?

– Não. Foi por zoeira que o esquinapo se deu. Tu sabe onde é a birosca do Mané Cheiro de Peixe, não sabe?

– Sei.

– Foi atrás da birosca. A moçada estava jogando o vira-baixo e o Ticão estava aquela largueza. Só dava ele. No jeito que tava, o crioulo ia niquimbar toda a curriola. Foi quando o Noquinha chegou e pediu carta. O Ticão, que é ouriço, estranhou o Noquinha e deu um alô: “Não vai quere[r] me cortar o sangue”. O Noquinha tirou de letra: “Não vou cortar o sangue de ninguém. Só quero adiantar meu lado”. O Ticão, que tava com a banca, deu as cartas. De saída, o Noquinha beliscou. Começou a invocação. O Ticão estrilou e tal e coisa. Porém, não teve mas-mas. Deu outra vez as cartas e o Noquinha faturou. Bateu sujeira. A gronga encarou e a roda ficou cavernosa. Mas o Noquinha não saiu fora. Deixou o Ticão chiar à vontade. Foi tomando grana e dobrando. O Ticão se afobou e não pode. Afobado come cru ou queima a boca. No desespero, o Ticão ficou pixote pro Noquinha, que só ia banhando o loque. Quando o Ticão foi conferir, estava durenço. Pediu uma

333 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

estia. Se entortou. O Noquinho cuspiu e pisou em cima. Tá na cara que o Ticão não gostou. Ainda deu seu recado: “Tu me corta o sangue e ainda não quer me dar colher? Tu é sem-vergonha e vai dançar”. Sem esperar mais nada, veio de mão grande e arrebitou o parceiro com um tiro bem no meio dos olhos. O melado correu e o Noquinho foi falar com Deus. O Ticão pegou a grana e deu pinote.

É isso aí, dona Joanice. Depois eu, com meu gabarito, dou os detalhes. Chega sempre a seis laudas para o jornal. Legal.

Os melhores do tamborim (Última Hora de SP – Edição de 19/1/1972. Página 16 Caderno 1)

A Escola de Samba Mocidade Alegre Unida e Independente da Barra do Catimbó estava toda reunida na quadra de ensaio, pra mais uma vez afinar as pontas pro desfile da avenida. Enquanto o perereco não começava pra valer, a moçada fazia zoeira. As pastorinhas catituavam junto às alas o samba-enredo de sua preferência, o pessoal da bateria esquentava os couros, as velhas baianas fofocavam, os passistas combinavam suas embaixadas e, por essas e outras, o quás-quás-quás era enorme.

De repente, um apito agudo pediu silêncio. Imediatamente, todos se calaram e voltaram a atenção para o palanque, onde seu Azulão presidente, ladeado por Oscarino Vaselina, relações públicas da Escola, e pelo Vevê, chefe da bateria, estava plantando na frente do microfone a fim de dar um alô. Pelo enxame, até o mais abilolado dos componentes da ala se tocou que ia piar na parada um negócio importante. Seu Azulão não era homem de mas-mas. Só falava pra dizer. Quando o perereco era de enrolação, quem abria o bico era o Oscarino Vaselina, que queria ser candidato a vereador e era todo aparecido, doido pra interromper o samba pra fazer um discurso comprido. Pra ele, ninguém dava bola. Porém, com o seu Azulão estava de corpo presente, até os mais embandeirados se acanharam e ligaram as antenas. Assim que manjou que todos estavam de botucam pregadas nele, seu Azulão mandou um boquejo direto:

– Ôi aí, gente. Nós da Mocidade Alegre Unida e Independente não entra em rolo pra fazer vergonha. Isso quem não sabe deve ficar sabendo. Só tou dizendo isso porque não quero enguiço com o Vevê. Ele vai ter que escolher os dez negos que tocam melhor tamborim pra ir representar a gente no concurso de tamborim. A gente tem que ir pra ganhar. E então, o Vevê tem que levar os melhores. Diz aí, Vevê, quem tu escolheu.

O Vevê encabulou. Sabia bem que, quando desse os nomes, ia atucanar gente às pamparras. Muito crio[u]llo presepeiro que tirava chinha de bonzão, ao não ser escolhido, ia se picar de raiva. Por não poder escapar da responsabilidade, como chefe da bateria, teve que fazer a seleção. Porém, a bem da verdade, é preciso que se diga que fez tudo pra sair fora. Sugeriu concurso com comissão julgadora pra escolher os melhores e tudo. Mas foi tudo recusado. E foi encostado na parede que ele fez a lista dos dez mais e agora estava naquela sinuca de bico pra cantar os nomes.

No meio da quadra o suspense era geral. Os negritinhos que tocavam tamborim estavam agoniados na expectativa dos nomes. Já o Ditão do Surdo, que estava fora dessa presepada, curti um barato, botava lenha na fogueira e envenenava o ambiente:

– Agora nós vai ver quem é o bom. Tem pilantra aí que vai se machucar. Pensa que é o bidu e não vai ficar contente de sobrar. Eu vou me divertir com a fuça dos otários.

E foi nesse clima que o Vevê chamou os melhores:

– Zoinha, Carriça, Corvão, Lico da Tia, Pinguela, Charuto, Bolão, Zé Botina, Cheiroso e Capeta.

Após o último nome citado, começou a zoeira na quadra. Os escolhidos não fizeram cerimônia. Se juntaram numa roda pra cartear:

– É com a gente mesmo.

– Tem que ser.

– O Vevê é firmeza. Sabe das coisas.

– Escolheu os melhores.

– Ele não é trouxa. Se não leva os bons, já viu.

– Vamos pras cabeceiras.

Já o resto da bateria ficou mal dentro da roupa e não concordava com os nomes escolhidos:

– Vevê tá louco.

– Só pode tá.

– Escolheu até o Charuto. Aquele crio[u]lo bate quadrado.

– Pior foi o Carriça. Ele só engana.

– Mas que tu quer? O Carriça é metido a valente.

– Tu quer me enganar que ele ia ganhar a vaga na mão grande, se ele fica de fora?

– Não. Mas que ia imprensar o Vevê, ia.

– O Vevê é rosca mole.

– Escolheu os maiores chupa-sangue.

– Se ele pensa que vai contar comigo na avenida, vai se dar mal. Não sou de nada. Então tá legal. Ele que desfile com os bons. Só fico nas encolhas manjando o som.

– Eu tou fora. Vou pros Unidos do Mangue. Lá me dão meu valor.

Pra tentar manear, o Oscarino Vaselina engrenou um discurso:

– Minha gente, todos da escola são bons. Apenas só podiam ir no concurso dez. E o mestre Vevê escolheu os dez. Isso não quer dizer que os outros sejam ruins.

Mas o Vaselina falou sozinho. Não estava ninguém ouvindo. E mesmo que alguém quisesse prestar atenção ao que ele dizia, não ia pescar bulhufas. O zum-zum no meio da quadra abafava seu recado. Eram as pastoras badalando os escolhidos, era a gozação em cima dos que sobraram, era o Vevê num canto explicando o critério que adotou na seleção, era seu Azulão xingando e mandando andar os ondeiros. Alheio a tudo, o Valdo se mordida sem dar na vista. No íntimo, não se conformava em ter ficado de fora. Se considerava um cobraão no tamborim. E mais. Era ponta firme do Vevê. Companheiro de muitas batalhas encardidas. Chapa de fé. E nesse negócio se sentia xavecado³³⁴. Porém, se fechou em copas até de madrugada. Quando a curriola foi embora e só os diretores ficaram acertando detalhes, o Valdo chamou o Vevê pro esquisito. O Vevê já chegou se justificando:

– Não deu, meu bom.

O Valdo não aliviou:

– Tu me tirou um ganho.

– Que é que eu podia fazer?

334 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecado”.

– Me escalar.
 – Daí a negada ia dizer que adiantei teu lado.
 – Por que iam?
 – Todo mundo sabe que a gente transa junto.
 – Mas todo mundo sabe que eu no tamborim sou de fazer e acontecer.
 – Tu é. Mas ainda não tá legal. Tu vai ficar.
 – Que tu quer dizer com isso?
 – O Valdo, tu é meu. Não vai me estranhar.
 – Se abre, meu camarada.
 – Tu é bom. Mas ainda não é linha de frente.
 – Tu tá a fim de me esculachar. Eu sou mais eu.
 – Sei que é.
 – E então?
 – Eu tinha que escolher os melhores. Era o nome da escola que estava em jogo. Não fica contra mim. Eu te considero.
 – Me considera e aprontou essa pra mim. Tu é sem-vergonha. Tu é um homem cachorro, tá legal?
 – Tu que sabe. Se tu quer achar isso, tu acha. Mas eu fiz o que pude e não pensei em te deixar entalhado. Agora faz o que tu achar que deve fazer.
 Sem dizer mais nada, o Valdo sacou a peixeira e espetou no peito do Vevê, que já desabou apagado.

A fé do Deca (Última Hora de SP – Edição de 20/1/1972. Página 16 Caderno 1)

O Deca era um pé de chinelo todo escroto. Vivia nas encolhas das quebradas do mundaréu, na base do “me dá, me dá”. Sempre esculachado, batia perna à toa pelos caminhos mais escrotos, estreitos e escamosos do roçado do bom Deus. Porém (e sempre tem um porém), sua cachola era apinhada de ideias de jerico. Ele sonhava acordado em fazer e acontecer, pra ganhar nome e respeito no meio da curriola da pesada. E era nessas águas barrentas que o vagau ia remando contra a maré. Ia em todas as jogadas. Não tirava chinfre, não botava banca, nem nada. Só espiava os lances. Nas gafieiras, nos mocós, nos terreiros de macumba, nos cortiços, nas biroscas, no samba, ele punha a fuça, assim como quem não quer nada e está cozinhando siri em água morna. Mas, era um ligado em tudo. Nenhum papo, nenhum t[r]ambique, nenhum estarro passava sem ser conferido pelas botucas do Deca. A bem da verdade, ele tinha olhos de ver e via. E não se assombrava com nenhuma presepada que os gatunos escancaravam. Achava que era tudo mixaria. Os seus planos, sim, é que eram de entortar patuá. Só que faltava coragem pra ele mandar ver. E era por isso que vivia atucanado e pegando as sobras.

Mas, uma noite, num terreiro, o Deca ganhou um novo embalo. Estavam tocando candomblé de cabloco e ele, que sempre andava comendo amargo pela raiz, estava ali pra aproveitar a festa e se tratar com a comida de santo. E, de repente baixou no terreiro um preto velho que se engraçou com o Deca. De saída, fez o vagau puxar seu ponto. O Deca se fez de rogado. Depois, antes de deixar seu cavalo, o preto velho fez questão de se aproximar do cambono e lhe dar um alô:

– Hum... Zinfiu tá ruim... Zinfiu tem andalu mais pedaçu. Mas daqui pra frente zinfiu vai tê ajuda de pretu véio. Zinfiu vai miorá.

Essa dica comoveu o Deca. Pela primeira vez alguém lhe dava uma atenção especial. E ainda mais por ter sido da parte de “um mais velho” o babado, a cachola

do deca se encheu de minhoca. E, coberto de razão[,] ele se abilolou. Como o que mais queria era ser considerado na bandidagem, pensou logo que a colher de chá que ia receber do encantado era nesse sentido.

O medo que tinha sumiu do Deca. Ele se encabreirou. Fez das tripas coração, juntou uma g[a]r[n]inha aqui e ali e, sem vacilar, comprou um revólver. Daí, foi na captura de uns cupinchas pra ajudarem num abafo que ele pretendia dar na mão grande. A coisa era de grana firme. A patota que manjava Deca como rosca mole não quis entrar na fita. Alguns mais folgados, além de duvidar que ele pudesse dar arroxo tão cheio de mumunhas, gozaram com a cara dele. O Deca não perdoou. Tratou todos na base do agrião. Um arrebite em cada pilantra que curtiu um sarro à[s] suas custas. Deu decisão pra muito nego escolado. Por essas e outras, não tardou a encontrar uns chapas pra lhe acompanharem. E, enturmado, o Deca foi em frente.

Foi na encruzilhada, acendeu uma estrela pro preto velho de sua fé. Deu de comer, de beber e de fumar e se sentiu protegido. Saiu com todo gás pro macete. Atracou com o gango num banco e rapou a caixa. Não teve erro. Tudo saiu conforme o combinado. Ninguém endureceu. Afanaram uma bufunfa sonora quase fácil.

Pro Deca, essa moleza se deveu ao preto velho que, no seu entendimento, foi na frente abrindo os caminhos pra ele. E de tão agradecido que ficou resolveu retribuir a gentileza. Fez um trabalho todo embandeirado na encruzilhada. E jurou que ia dar mais. Fez reza brava pro preto velho aparecer pra ele e dizer o que queria como paga. E aguardou os acontecimentos.

Um dia em que ele estava flanando na boa sem a mínima preocupação, um crioulo meio batusquela que marcava bobeira pela Barra do Catimbó veio a ele e pediu uma estia. Ao se ver diante daquele preto velho, todo cheio de pereba, o Deca tremeu nas bases. Logo relacionou a triste figura ali plantada com seu guia de cabeça. E de estalo, meteu a mão no bolso e, sem chiar, puxou uma nota de cem mil estalando e botou na mão do pedinte.

Certo de que tinha matado a charada e cumprido o seu papel, o Deca retumbou de felicidade. Por isso, não notou que um cachorrinho que estava na campana registrou o lance. Continuou zanzando sem pressa e sem destino, até que a cena dura encostou nele e, sem dar chance pra quás-quás-quás o guindou pro distrito.

Apertado, o Deca se rendeu. Confessou tim-tim por tim-tim o afano do banco. Deu o nome dos parceiros e tudo o que pediram. Entrou em pua. Foi recolhido ao xadrez. Mas, não perdeu a fé no preto velho. Apenas acha que o seu protetor se zangou e armou a xavecada³³⁵ por ter achado pouca a parte que lhe tocou.

Respondendo à freguesia

Wilma da Silva (Belém) – ... “Estou acompanhando a novela “Bandera 2” da Globo. Você está ótimo no papel. Gostaria que você me mandasse uma foto”.

Obrigado, Wilminha, pelo elogio. Juro por essa luz que me ilumina que é um incentivo a sua pala. Mas, foto eu não posso te mandar, não. Sabe como é. Minha fuça não vai agradar, que eu sei.

Pé de atleta tem cura, cabeça não (Última Hora de SP – Edição de 21/1/1972. Página 16 Caderno 1)

335 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

Tenho visto toda essa série de jogos dos clubes brasileiros contra esse[s] timecos estrangeiros que têm vindo mambembar por aqui e cada vez sinto mais saudade do campeonato paulista de futebol. Já nem falo do campeonato brasileiro. Mas gostaria de ver, no lugar desse futebol fajuto onde uns gringos de cintura dura maltratam a bola, um joguinho entre Palmeiras e Juventus, Ferroviária de Araraquara e São Paulo, Botafogo de Ribeirão Preto e Corinthians, e tal e coisa.

Futebol é coisa nossa. E qualquer time mixuruca da terceira divisão bailava esses coxas brancas loques de bola, que mais parecem um bando de baratas tontas perdidas em campo, dando trombadas umas nas outras, nos adversários e nas traves. Não mostraram nada. Ou melhor, deixaram claro que, se a seleção brasileira de futebol tiver organização e não houver bagunça por parte dos cartolas, em cada dez campeonatos do mundo, a gente perde um. E assim mesmo se esse um for realizado na Inglaterra, onde o juiz entra em campo sentindo-se o próprio mosqueteiro do rei (ou da rainha). Sei lá. O que sei é que os juízes ingleses afanam com a maior cara de pau e sem dó dos inimigos. Foi nessa base que uma vez conseguiram ficar com o título. Porém, deixa isso de lado. Águas passadas não movem moinhos. E o que pesa na balança aqui e o que quero contar são as mumunhas do futebol de hoje.

Tem cada coisa de entortar o patuá. Coisas, que por mais que eu me esforce não dá pra entender. Por exemplo, o Benfica, que foi o melhorzinho desses timecos que encarnaram no nosso pesqueiro pra faturar uma grana, só fez figura contra a Portuguesa e contra o Vasco da Gama, que são times da colônia. Isso dá até pra muito nego, que só berra da geral mesmo sem nunca influir no resultado, ficar desconfiado que nessa parada houve alguma marmelada. Porém, no jogo do Benfica contra o Vasco teve uma catimba de envergonhar os cartolas do clube carioca. Enquanto todos estavam de botucas ligadas na partida, um gaturama se intrujou no vestiário do time português e, sem fazer a mínima cerimônia com os otários visitantes[,] abafou uma sonora grana dos craques lusos.

Otários visitantes é bem o termo pra se empregar pra definir as vítimas. Porque aqui até jogador do dente de leite sabe que é dar muita sopa pro azar deixar valores no vestiário de campo de futebol. Seja esse campo o Estádio Mário Filho, também manjado por Maracanã, ou o roçado do glorioso Amor e Glória da Barra do Catimbó. Aliás, no vestiário do Amor e Glória, a moçada nem a calça deixa. Lá costuma sumir tudo. Os craques que se exibem por aquelas bandas ou deixam a roupa com os amigos, ou então jogam com o uniforme do time por cima do pano de todo dia. De[sta] forma, os portugues entraram de gaiato e colaboraram bastante pro carnaval de algum folião carioca. E pra desesperar muito craque do São Cristóvão e da Portuguesa Santista, times que andam catando lata e pagando jogador com promessa, dou as dicas sobre as quantias afanadas.

Vitor Martins foi mandado em dois milheiros, Zé Henrique no relógio de ouro e em dois milhões e quatrocentos, Diamantino no relógio, Artur em trezentas pratas, Messias em cem jeripocas, Nenê em cento e cinquenta mil, Simões em duzentos e cinquenta e Toni no relógio. Agora, enquanto o vagau que roubou o ouro português capricha na fantasia, a polícia vai fazer inquérito pra apurar como é que pode acontecer uma presepada assim no Maracanã. E os vascaínos vão fazer uma vaquinha pra devolverem a sonora bufunfa que os craques lusos perderam. Com essas e outras, quem vai se dar mal são os boleiros do Vasco. Se já anda duro receber ordenado do clube, agora vai ficar pior.

E enquanto isso acontece no Rio de Janeiro, o Corinthians Paulista vai servindo de modelo pro futebol baiano. Foi só o alvinegro de Ogum contratar um

psicanalista pra tirar as ideias de jerico da cachola dos seus jogadores e diretores, tarefa que me parece impossível, (creio eu que nem o maior bidu da psicologia pode dar um jeito em cuca de cartola de futebol) o Bahia entrou na marola. Já contratou um psicólogo também pra uma missão impossível. Querem os dirigentes baianos que o psicólogo que contrataram acabe com a superstição que os jogadores têm. Aí, já viu. Tudo indica que dois psicólogos vão entrar pelo cano. Mas, na certa, isso que hoje é marola, vai virar onda e acaba numa tremenda pororoca, com tudo que é clube contratando seu psicologozinho.

O Santos F. C. de ex-glórias mil vai ter que entrar nessa zonzeira rapidinho. O psicólogo que o clube da Vila Belmiro contratar vai ter que rebolar pra ligar o Pelé outra vez no tal negócio de fazer gol, que parece que ele não pode mais, por esquecimento ou por mania de artista. Vai também ter que se estourar de trabalhar pra enfiar na moringa dos cartolas santistas (cartola é igual em toda parte do mundo) que voltar atrás numa decisão pra reparar um erro não é feio e que eles devem reconhecer que deram uma bruta mancada em afastarem o Antoninho da direção técnica da equipe.

Se acontecer isso, se der certo, ou melhor, se os cartolas não avacalharem a guerra e deixarem os psicólogos livres pra exercerem a sua profissão, apesar de o Chico Xavier e o Seu Sete da Lira serem os maiores IBOPES da Tevê, eu vou começar a acreditar que a ciência começa a ser levada a sério na nossa pátria amada. Se ficar tudo como está, ou se o psicólogo de clube de futebol foi transformado em esparro como é o técnico, que hoje é sempre o bode expiatório das derrotas, eu vou ter que continuar ligado na dica que o mestre Zagaia dá na sua Tabuada das Candongas. Lá ele diz:

– Pé de atleta tem cura. Cabeça, não.

E se o velho cabo de esquadra diz, é que é. Ele sabe das coisas. Até hoje ninguém o desmentiu. De qualquer forma, uma vez tem que ser a primeira. E eu juro por essa luz que me ilumina que gostaria que o mestre Zagaia estivesse superado pelo menos nesse lance.

Etty Fraser, a única convidada (Última Hora de SP – Edição de 22/1/1972. Página 16 Caderno 1)

Só a estrela gordinha sexy Etty Fraser é, entre nossas atrizes, convidada pra trabalhar. As outras todas, apesar de talento e fama, têm que sair por aí catando oportunidades. Claro que esse perereco também se aplica aos atores. Com exceção da Etty Fraser, a gente não é chamado em casa nem pra fazer anúncio de sabonete na televisão. Tem que vencer a vaidade e ir na agência se oferecer. Se não, já viu. Pasta um capim amargo pela raiz até poder formar companhia própria. Sabe como é que é. A barra anda encardida pra quem transa nos meio[s] de espetáculo. Os salários baixam assustadoramente e ficam cada vez mais difíceis de serem recebidos. Tá tão escamoso o ambiente que outro dia uma das glórias do teatro nacional se aproximou todo humilde do guichê de pagamento de uma poderosa rede de televisão e falou baixinho, com medo de ofender o caixa:

– Será que daria pro senhor fazer o favor de olhar aí se o meu pagamento do mês atrasado já veio?

Essa educação toda que o glorioso ator usava pra tentar receber um dinheiro a que tinha direito era devido ao medo que ele tinha de com essa honesta reivindicação ofender e ser tacado na rua com toda sua glória.

Dirão agora os mais abilolados, que estão sempre flinando fora do ar. Mas os artistas não têm sindicato e tal e coisa? A gente diz que tem. Mas, ainda outro dia, uma atriz importante foi chutada sem maiores explicações da televisão onde trabalhava. Quando quis receber seus direitos, recebeu um chega pra lá dos mais sonoros do rapazelho que no lance representava o patrão. Desesperada, a moça atriz procurou o sindicato. Foi encaminhada ao advogado do órgão representativo da classe. E da boca do causídico a atriz escutou, pálida de espanto, um conselho de entortar patuá:

– É melhor a senhora propor um acordo. Sabe como é. A senhora tem razão. Mas, se vai brigar na Justiça, acaba tendo que esperar dois anos pra receber o dinheiro.

A pobre atriz, com essas animadoras palavras, ficou zozona, certa de que tinha ido no sindicato patronal. Por essas e outras é que a classe teatral ultimamente vem se convertendo ao espiritismo e se ligando quase fanaticamente no bondoso Chico Xavier. O Santo de Uberaba prega o conformismo e artista de teatro tem toda hora que comer enrolado. E é bom ter um pedal espiritual nessas ocasiões.

Mas, deixa isso tudo de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que a estrela gordinha sexy ETTY FRASER é a única atriz que é convidada pra trabalhar. Pra assombro de todos nós, artistas menores, a simpática gordinha só nesse início de ano recebeu nove convites honrosos. Seis para fazer teatro e três pra fazer televisão. Isso sem contar a sondagem que lhe fizeram pra ver se ela topava ser a Moma das Águas de São Pedro. E convite às baldas. Os invejosos tentam bagunçar a glória da gordinha sexy espalhando na praça que ela é chamada pra trabalhar por ser a única atriz que continuou gorda, apesar da crise. Isso é mentira. Mentira nojenta. Muito embora ela seja sempre chamada pra fazer papel de gorda. Porém, ela até gosta de fazer os papéis de gorda. São sempre os de mais peso nas peças e no caso dela não é preciso maquiagem. Mas, vamos em frente.

Como eu dizia, enquanto nós, artistas menores, nos atucanamos pra encontrar um emprego qualquer e certos empresários lançam elencos de cem e duzentos novos atores, a duzentos e cinquenta cruzeiros por cabeça, a ETTY FRASER pena pra saber qual convite vai aceitar. Por ela, que não sabe dizer não, aceitava todos. Mas, o Chico Martins não deixa. Com paciência, explica que não pode ser e tal e coisa.

Nesses primeiros dias de janeiro, a pobrezinha penou às pamparras pra saber por qual convite se decidir. Eram todos ótimos. E não foi moleza. Todas as manhãs, a estrela gordinha sexy ia pro mais simpático clube paulista, o União das Bandeiras, vestia seu belo maiô-saiotinho que ela estudou, lá na Suíça, metia um gorro na cabeça, que nela fica ótimo, parece capacete de astronauta, se escarrapachava numa câmara de ar de pneu de FNM e, flutuando no meio da piscina infantil, meditava das dez às quatorze horas sobre qual convite aceitar.

Pensou muito a nossa querida gordinha sexy e por fim se decidiu. Não foi pela grana que vai ganhar, não foi pelo teatro, nem pelo texto. A ETTY escolheu o seu diretor. O Flávio Rangel. Sem favor nenhum, um dos melhores do Brasil e do mundo. Modéstia à parte, o Flavinho meu amigo é várias vezes internacional. Já mandou ver nas Europas e por aí tudo e sempre abafou. Por exemplo, em Portugal e na França, até hoje ninguém esqueceu a montagem da peça “Gimba”, do Guarnieri, que o Flávio Rangel dirigiu com uma categoria de grande mestre. Isso sem querer falar dos grandes espetáculos que o Flávio fez aqui no Brasil. Pra encurtar a história, a gente apenas registra que ele é um dos grandes responsáveis pela modernização do teatro brasileiro. O moço sabe. Conhece a profissão. O palco não tem segredo

pra ele. E o que é melhor, o Flávio Rangel nunca procura enganar. Com ele é tudo muito claro. Dá seu recado sem esculachar o autor, sem complicar e sem ofuscar o ator. Por tudo isso, a estrela gordinha sexy Etty Fraser decidiu-se pelo convite do Flávio Rangel. Vai entrar firme em “Capital Federal”, breve no Teatro Anchieta. E nós estamos certos de que será mais um grande sucesso da Etty e do Flávio e do nosso teatro. Temos certeza de que, junto com a Etty, estarão no palco um elenco de profissionais, porque o Flavinho não é de inventar ator. Ele prestigia os seus colegas de profissão. E nós, artistas menores, nos alegramos quando, nesses tempos de inversão de valores, vemos um elenco inteirinho de profissionais. Estaremos firmes na estreia de “Capital Federal”, sentados na primeira fila, pra não perdermos um só detalhe desse show de interpretação que a estrela gordinha sexy Etty Fraser vai dar.

O craque (Última Hora de SP – Edição de 25/1/1972. Página 16 Caderno 1)

O moço era muito bom de bola. Pivete ainda, foi levado pra um juvenil de time grande e, logo de saída, abafou. O treinador e os olheiros do clube botaram o olho no moço e carregaram esperança no futebol dele. Não vacilaram em fazer o rapaz assinar um contrato de gaveta. Coisa escamosa esse contrato de gaveta. Mas, dá disso às pamparras no futebol tri-campeão do mundo. Porém, deixa isso de lado. O que quero contar é a história do moço que jogava bem. Só que era mal alimentado, meio amarelo, tinha mil focos de infecção nos dentes e os cambaus. O clube, por acreditar no futuro do moço, cuidou dele. Deu-lhe boa alimentação, tratamento médico e dentário, exercício físico orientado por gente competente e tal e coisa. O moço se desenvolveu. Ficou dobrado de forte. Um corpo onde tudo era músculo. Não tinha uma gordurinha a mais. Além disso, tinha um fôlego de gato. E por essas e outras, seu futebol cresceu. Cresceu tanto que até os mais pessimistas garantiam que o moço ia ser, mais cedo ou mais tarde, um ídolo da torcida e um cração de seleção. E era mesmo de se crer. Forte como um touro, bolão, sem vícios, só podia ir pra frente.

Mas (o futebol é todo cheio de mas-mas), os dirigentes acharam que o rapaz precisava aprender as mumunhas e as catimbas todas pra poder ser lançado no time principal. E[,] sem rodeios, emprestaram o moço pra jogar por uma temporada por um clubeco do interior. Ele, naturalmente, entrou na canoa furada sem chiar. A bem da verdade, até se assanhou pra ir pro clubeco. Era ainda, apesar do tamanho, um pixote que não sabia de bulhufas. Nem de leve desconfiava que são muitos os esquisitos, estreitos e escamosos caminhos do roçado do bom Deus. E não manjava que nas encolhas dos atalhos, o nego deve ter cuidado pra não cair em perau e não se atolar até o gogó no lodo fedorento que escoia da mente humana. Que nada. O moço bom boleiro se [s]afou. E não pode. Afobado come cru e queima a boca. Se mandou inteiro pra cumprir a ideia de jerico que os cartolas tiveram.

Agora, tu aí que só pega a pior, tu que come da banda podre, tu que mora na beira do rio e quase se afoga toda vez que chove, tu que só berra da geral e nunca influi no resultado, sente aí a bananosa que o moço boleiro pegou pela proa. Saiu de um timão onde até os juvenis eram tratados a pão-de-ló e a gemada e foi cair num lugar onde os craques eram alimentados com raiz de capim amargo e mingau de araruta feito com leite de sapo. Porém, a gronga maior que encarnou no moço foi a solidão que sentiu no clubeco. Se viu inteiramente abandonado. Acostumado a se recolher na concentração do clubão às dez horas e encontrar os colegas que como ele residia no clube, no interior se entortou.

A moçada que morava na pensão por conta do clubinho casa das pistoleiras. Daí, já viu. O que dava o ar de sua graça casa das pistoleiras. Daí³³⁶, já viu. O que dava o ar de sua graça mais cedo vinham na matina. E geralmente chegavam todos de pé redondo, transbordando cachaça e cerveja até pelas orelhas. Sem papo, se atiravam na cama e, sem cerimônia, dormiam até meio-dia. Isso era com sol ou chuva. Nem dia de treino os pilantras respeitavam. Continuavam no mesmo perereco. E na hora de se prepararem, não tinham perna, e só enganavam. Ainda bochichavam contra o moço, quando ele queria dar o sangue. Diante disso, o moço se acanhou. Ficou jururu. Não fez ambiente. Vivia murcho, fechado em copas, remoendo o desgosto de ter vindo para aquele timeco infeliz. Que em dia de jogo, do goleiro ao ponta-esquerda, todos apelavam pros estimulantes tipo bolinha, que era o jeito que tinham pra compensar a falta de gás.

O moço jogador, que a princípio se apavorava com tanta miséria, aos poucos perdeu o embalo e se descuidou dos treinos. Disso resultou que ele, sem preparo físico, não podia acompanhar o ritmo de um bando de bestas chapadas. Perdeu o lugar no time. Tentou voltar aos treinos regrados, mas lhe faltou ânimo. Acabou perdendo o rumo. Uma noite que estava abilolado demais, foi pra farra a fim de descurtir a fossa. As pistoleiras receberam o moço, que era novidade no pesqueiro delas, com todos os dengos. Ele se embandeirou. Vidrou no pagode. Se enturmou com os outros e não faltou mais nas presepadas da curriola. Por conselho dos novos cupinchas, encheu a cachola de minhoca. E recuperou o lugar no time na base do agrião. Se drogando. Brilhou por algum tempo. Virou ídolo da cidade. Seu timão soube que ele estava abafando e começou a pensar seriamente em mandar buscá-lo pra ser lançado no time principal. E foi aí que se deu o esquinapo. O coração rachou de repente. E ele foi pro beleléu com apenas vinte e dois anos de idade.

Respondendo à freguesia

Maria Jandira (Osasco) – ... e eu queria assistir outra vez “Quando as máquinas param”. Gostei muito quando fui com minha classe e agora quero levar minha família. Quando vai passar outra vez?”

Já está passando, dona Jandira. Desde sexta-feira já estamos mandando ver novamente, lá no Teatro do Sindicato dos Têxteis, na rua Oiapoc, 80, no Brás, lá mesmo onde a senhora foi com a sua classe e onde mais de 15.000 pessoas viram. “Quando as máquinas param”. Se a senhora quiser, pode ir hoje mesmo, às 9 horas, que hoje também estaremos lá, firmes na nossa campanha de popularização de teatro.

A fome e a vontade de comer (Última Hora de SP – Edição de 26/1/1972. Página 16 Caderno 1)

Tu que sempre pega a pior[,] tu que mora na beira do rio e quase se afoga toda vez que chove, tu que só berra da geral e nunca influi no resultado, sente aí o aroma da perpétua. Porém, antes, se agarra na tua fé pra não cair, que o lance que vou escancarar hoje é, sem dúvida nenhuma, um perereco de entortar patuá. Sempre digo que a vida anda custando os olhos da cara e que a esperança dos lesados da sociedade é a Loteria Esportiva. E sempre que digo isso me aparece algum majura alimentado a Toddy e que, por essas e outras, duvida que tenha nego por aí comendo capim amargo pela raiz, fazendo mingau de araruta com leite de sapo e tal e coisa. Porém, pra quem tem botucas de ver, as grongas se apresentam

336 Termo atualizado; no original de jornal consta “Da/i”.

claras. E podes crer, amizade. Não é cascata, não. Há muita miséria acontecendo nos esquistos, estreitos e escamosos caminhos do roçado do bom Deus.

Por exemplo, eu já falei aqui nestas mal traçadas linhas que um dia em que o Sol estava de rachar mamona e por isso as praias do Rio de Janeiro estavam lotadas a três de alto, com banhistas se agarrando pelos picos pra não espirrarem pelo ladrão, um cardume de cações se aproximou das areias. Até os mais abilolados sabem que cação é um peixão meio metido a tubarão e que não faz graça pra ninguém. Até mineiro rico que nessa época do ano se manda pro Rio de Janeiro está por dentro dos assuntos do cação. O bicho é bravo. Mas, nem por isso um cidadão residente na favela da Rocinha se acanhou quando viu o cardume³³⁷ nadando nas águas rasas, assim como quem não quer bulhufas. Provavelmente considerando o rango que o peixão daria, o cidadão residente na favela da Rocinha se meteu mar a dentro na vã esperança de pegar o cação pelo rabo. Quase que o pescador foi pescado. Por sorte do favelado, o bicho estava perto da areia e quando atacou, deu tempo pro pescador dar o pinote.

Mas, aí é que entra a quizila. Precisa ter muita coragem ou então estar muito doido pra querer ganhar um cação na unha. E eu que tenho puçá de cano curto, que não vai além da superfície, e por isso mesmo só pesco o que flutua³³⁸ nas águas barrentas em que navego contra a maré, encabulei diante do caso do peixão. Juro por essa luz que me ilumina que matutei muito sobre essa transa suicida em que o favelado se meteu. Mas, bem diz o mestre Zagaia na sua Tabuada das Candongas:

– Nada como um dia atrás do outro.

E se o mestre Zagaia diz, é que é. Ele sabe das coisas. Por essas e outras, deixei andar. Continuei participando de tudo que acontece nas quebradas do mundaréu, da minha janela. E enquanto não piava na minha paisagem diária nenhum fato novo, eu remoía a gronga do favelado que quis agarrar o cação pelo rabo. Nas fichas que levantei, o tal cidadão era, na opinião de todos que o conheciam pessoalmente, perfeitamente normal da cuca. Pelo menos nunca ninguém o tinha visto rasgando dinheiro. Está certo que a maioria de loquinhos que andam de psiquiatra em psiquiatra também não chegam a tanto e nem por isso são sadios. Porém, deixemos de lado esse detalhe. Gente com grana sobrando tem direito até a ser neurótico incurável, o que na verdade é muito mais cômodo até do que ser espírita. Livra o nego das responsabilidades e ainda justifica algumas besteiras que ele apronta. Mas, o favelado da Rocinha não era desse naipe. Ele é catalogado na curriola que só é considerada doida quando mata a família a machadada. Como esse ainda nem tentou crime algum, pode ser apontado como normal.

Outra informação que obtive foi de que o cidadão favelado há muito estava deitado na sombra de uma árvore quando cardume de peixões apareceu. O que anula a tese de que o bruto poderia ter tomado muito sol na moleira e que, momentaneamente de miolos cosidos, se aventurasse na batalha sem pesar na balança dos riscos que corria. De posse dessas dicas, só me restava uma hipótese pra atribuir tamanha coragem. Porém, essa hipótese eu não confessava nem a mim, com medo de ser acusado de derrotista.

Pensei eu que, se o favelado não era louco e entrou na água pra apanhar o peixão a unha, só podia estar motivado pela fome. Mas, me fechei em copas, me fiando na pala dada pelo velho cabo de esquadra e esperei confirmação. Não teve erro. Depois de saber de mil e uma presepadas que indicavam que quem fez estava

337 Termo atualizado; no original de jornal consta “carcume”.

338 Termo atualizado; no original de jornal consta “flutura”.

querendo tirar o pé do lodo de qualquer jeito, surge um xaveco³³⁹ que não me deixa dúvidas. Vejam só: [sic]

Uma patroa de Copacabana ganhou um casal de galinha garnizé. Por ela morar em edifício de apartamento, desses que têm regulamento que não permite que se crie bichos de espécie alguma e que tinha também um síndico muito chato, que por ser aposentado dava tempo integral na tarefa de fiscalizar seus vizinhos, a patroa não pode ficar com as aves. E pra fazer média com a empregada, deu os garnizés pra ela. Ela ficou muito contente e logo avisou seu genro que tinha serviço pra ele, que era manjado como pilantroso e que podia aproveitar os ovos da galinha garnizé, dar umas pintadas na casca e vender como ovos da galinha garnizé, dar umas pintadas na casca e vender como ovo de codorna, que é o que está mais na moda, principalmente junto ao pessoal que anda perdendo fôlego com mulher.

Isso tratado, a empregada e o genro pegaram o casal de garnizés e se mandaram para Campo Grande, que era onde moravam. Foram de trem, abarrotado até as berbas. Gente apertando gente. Zonzeira geral. E[,] de repente, a galinha garnizé fura o pacote e bota a cabeça de fora. Como a galinha ia quieta, a mulher deixou que ela ficasse na nova posição para a avezinha respirar melhor.

E aí se deu o esquinapo. Uma mão boba surgiu do meio do bolo de gente e apatolou a penosa pelo gogó. A galinha cacarejou. Mas, a mão, sem fazer cerimônia com a dona da ave, puxou com força. A empregada, que ia abraçada com o presente que a patroa lhe deu, guentou o bicho. E ali, em silêncio, se desenrolou uma guerra violenta. Digo em silêncio porque, depois do primeiro puxão que deram no pescoço da galinha garnizé, ela não piou mais. E no puxa daqui, puxa dali, a cabeça da ave descolou do resto do corpo. Perdendo o ponto de apoio, o dono da mão caiu levando consigo a cabeça da ave e na queda derrubando uma patota. E só nesse momento a dona da galinha viu a fuça do vagau que quis lhe fanar. Foi olhar a cara do pilantra e sentir nojo. Na sua bronca, pegou a carcaça da galinha e atirou de qualquer jeito na tentativa de pegar a galinha. Todos queriam comer canja. E aí foi uma pauleira sentida. E várias pessoas saíram machucadas. O genro da dona da ave caiu do trem e teve que ser guindado pro hospital. E tá aí a explicação de tamanha zoeira. A fome é terrível. E quando se junta a fome com vontade de comer, a barra fica pesada.

Uma feira de mumunhas (Última Hora de SP – Edição de 27/1/1972. Página 16 Caderno 1)

O Instituto Nacional do Cinema deu uma ferrada em vinte e oito cinemas da cidade de São Paulo, que simplesmente se recusavam a cumprir a lei que os obriga a exhibir, durante oitenta e seis dias por ano, filmes brasileiros. Antes de qualquer outro quás-quás-quás, queremos tornar público que fomos colhidos de surpresa por essa atitude das mais dignas do I. N. C. e retumbamos de alegria. Parece que na força bruta os donos das casas exibidoras vão se tocar que vão ter que cumprir a lei. Da minha parte, acho que a tal lei é uma tremenda colher de chá pro cinema estrangeiro. Um verdadeiro exagero duzentos e setenta e nove dias pras fitas gringas e oitenta e seis pras brasileiras, no Brasil. Porém, até o dia vinte e quatro, nem esses poucos dias que a lei garantia para o nosso cinema eram respeitados. As prateleiras ficavam atulhadas de fitas nacionais, enquanto os cartazes anunciavam com estardalhaço medonho os Ringos Voltam Para Matar, a Dama Escarlata, Aventuras de Um Casal no Século Vinte, e os cambaus a quatro.

339 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

Claro que os donos das casas exibidoras vão chiar, espernear e tal e coisa. Vão loguinho meter a boca no trombone pra tentar esculachar o cinema nacional. Vão apresentar borderôs que tentarão demonstrar que fita brasileira e por aí afora vai piar nas paradas uma porção de papo furado.

Agora, tu aí que só pega a pior, tu que só come da banda podre, tu que mora na beira do rio e quase se afoga toda vez que chove, tu que só berra da geral sem nunca influir no resultado, sente aí o aroma da perpétua. Cinema é um negócio que rende uma grana sonora. Porém, pra dar lucro, é preciso ser feito em nível de indústria. E pra ser feito em nível de indústria, é preciso que exista um mercado garantido. E nós, lamentavelmente, não temos nem o nosso mercado interno. Vê se entende. Os estranjas é que são os donos do pesqueiro. Aí, tu já viu. Cineasta brasileiro tem que viver comendo capim amargo pela raiz. Catando lata, se agarrando em fio desencapado, parte pra aventura de fazer sua fita. Como não tem esperança de ganhar dinheiro, muito embora finja que tem, quer de saída fazer a obra[-]prima da sua vida e ganhar prêmio em festival. Seja qual for o prêmio ou o festival. Tanto faz ser o de Cannes ou o de Teresópolis. O que conta é ter seu premiozinho. E é aí que o patuá se entorta. Ficam geralmente no primeiro filme. Colecionam prêmios e dívidas. Enquanto os estrangeiros vão faturando com cada fita que não devia ser exibida nem em pulgueiro.

De qualquer forma, a ferrada que o I. N. C. deu nos donos do cinema foi legal e pelo menos parece que os homens estão a fim de fazer a lei dos oitenta e seis dias ser respeitada. Mas, não custava nada, já que estão com a mão na massa, darem uma olhadinha na televisão. Depois das dez da noite, só entra no vídeo fita estrangeira, o que sem dúvida tira o emprego de muito brasileiro.

Os reservas do Corinthians essa semana treinaram de camisa verde, no apronto que o alvinegro de Ogum fez, a fim de acertar as pontas para encarar o Palmeiras.

Essa mumunha está levando jeito de ser dica dada por psicólogo. Sabe como é que é. Os titulares veem os reservas de verdade e ganham fácil. Daí, quando veem os craques do Palmeiras dentro das camisas verdes, nem se afobam. Não tremem nas bases, nem nada. Porém (e sempre tem um porém), uma coisa é jogar contra César, Leivinha, Dudu, Ademir da Guia e outra jogar contra uma porção de craques apavorados com os cochichos que correm nas encolhas do Parque São Jorge e que falam em dispensa e outros pererecos.

Na Inglaterra, baixaram uma portaria em que os juízes de futebol, antes do jogo, têm que dar uma espiada nas chuteiras dos craques pra conferir se nenhum deles vai com prego na trava. Os cartolas do Arsenal se bronquearam com a medida e, com a maior cara de pau da paróquia, foram dizendo que não adianta nada espiar as chuteira[s] antes do jogo, porque nada impede que no intervalo o jogador com ideia de jerico troque de chanca [sic].

Tá vendo, ô meu? Esportistas civilizados estão aí. Prego na chuteira pra desgraçar a canela do adversário já não é usado aqui no Brasil nem no campo do Amor e Glória, orgulho da Barra do Catimbó.

Já na Alemanha, país onde vai ser realizado o próximo campeonato do mundo de futebol, a gronga é ainda mais escamosa. Os casos de suborno são anunciados quase toda semana. E não adianta a Federação deles lá sentar a pua no gaveteiro flagrado, que os outros não se assombam. Só pra terem uma ideia, basta ver que três jogadores do tal Hertha Sport Club, um timeco lá de Berlim, foram eliminados por ficar provado que pegaram uma grana do inimigo pra chuparem o sangue dos companheiros.

Esses lances é bom a gente ir registrando, pra ficar sabendo que eles lá acreditam que cada homem tem seu preço. Provavelmente, durante a Copa do Mundo, eles vão querer dar sonoras granas pros juizes adiantarem o lado deles. Podes crer, amizade. Não vai ser mole ganhar fora do campo essa nova copa. Dentro do gramado, pra seleção brasileira não tem bom. Mas, nos trambiques vai ser lenha pura.

E pra não deixar tu aí que me lê muito abilolado, te dou uma sugestão legal. Pega tua namoradina e vai no Teatro do Sindicato dos Têxteis, na Rua Oiapoque, 80, no Brás, assistir a “Quando as máquinas param”, com a Walderez de Barros e o Roberto Rocco. O espetáculo agrada e é baratinha a entrada. É a tal campanha de popularização de teatro que estamos fazendo e pela qual ganhamos uma Menção Honrosa da Associação dos Críticos de São Paulo.

Nosso carnaval está em disco (Última Hora de SP – Edição de 28/1/1972. Página 16 Caderno 1)

Quarta-feira, nosso considerado chapa Evaristo, incansável presidente da Federação Paulista de Samba, trilou seu apito e reuniu no Prédio Martineli, às seis horas da tarde, uma patota das mais pesadas pra lançar seu disco com os sambas-enredo das Escolas de Samba de São Paulo. Também aproveitou a oportunidade e apresentou Os Batucajés, um conjunto que, juro por essa luz que me ilumina, vai botar pra quebrar. Foi essa curriola que botou na bolacha o carnaval de São Paulo. É um primeiro time. Podes crer, amizade. O disco está uma pauleira das mais sentidas. Dessa vez não vai dar pra otário nenhum botar defeito. Não vai dar, não. O Luiz Mocarzel, que produziu o disco, deu o capricho que nossos grandes compositores merecem. Agora a gente tem que comprar e telefonar pras rádios exigindo que os disc-jóqueis toquem o disco do Carnaval de São Paulo e prestigiem os Batucajés. Tem que ser nessa base. Se não, já viu. O disco encalha. Com exceção da Rádio Record e da Rádio Bandeirantes, as outras estações não dão muita colher de chá pra samba de São Paulo. Ou melhor, não dão pra samba de lugar nenhum. Com eles, o negócio é na língua enrolada. Manja? Música estranha é o que eles tocam. Depois, com cara de pau, piam na parada a fim de avacalhar a guerra e dizer que povão não canta samba. Aqui ói, gaivota! Não canta quando não sabe. E se não sabe, é por falta de aprender. Mas, esse ano, graças aos orixás que inspiraram nosso considerado chapa Evaristo, e graças à Rádio Record, o sambas-enredo das nossas escolas de samba pode ser aprendido fácil. Os Batucajés dão o recado direitinho. As letras estão claras na gravação desse disco. É só tocar que o povão, que berra da geral sem nunca influir no resultado mas que tem boas antenas, vai ficar por dentro do assunto. E na hora que sua escola entrar na avenida, pode ajudar dando embalo.

Quem tiver uma grana sobrando e quiser esse disco, que é sem dúvida um momento histórico do samba paulista (é a primeira vez que se grava todo o Carnaval de São Paulo), pode procurar nas boas casas do ramo. O nome da bolacha é “Brasil”: 150 anos de Independência, com os Batucajés. Eu vou dar aqui uma palavra sobre as letras dos sambas, pra que tu aí, que sempre pega a pior, tu que só come da banda podre, tu que mora nas beira [sic] do rio e quase se afoga toda vez que chove, ir tendo uma guia. Antes, porém, quero falar ainda da festa. O Evaristo, que é um moço legal às pampas, antes de lançar o disco, fez uma singela homenagem ao Mestre Dionísio, fundados do primeiro cordão paulistano. Justa homenagem. Fez a gente tremer nas bases. Foi de entortar o patuá. O velho

Dionísio se comoveu e toda a curriola embarcou de coração. Foi lindo! Principalmente quando Mestre Dionísio, de voz embargada, falou:

– Eu quando fiz o cordão nem pensava que ia ir assim tão longe. Tou contente!

Tá lindo. E vai mais longe. Vai, sim. E compositores como Geraldo Filme, Jangada, Toniquinho, Zé Di, Ideval Anselmo, Silvio Modesto, Beto, Ito, Camargo, Zeca da Casa Verde, Paulistinha são uma garantia. Sem contar o Talismã, que não está no disco, mas é linha de frente. Mas, deixa isso de lado e sintam o aroma da perpétua:

Escola de Samba Acadêmicos do Tatuapé: Festas tradicionais do Brasil (Mano Décio e Rodrigues)

Relembremos
o orgulho de uma raça
nas festas de tradições
no Brasil.

Grêmio Recreativo E. S. Unidos da Vila Maria: São Paulo de ontem e de hoje (Toniquinho)

São Paulo cresceu
crescendo mudou.
Hoje seu progresso é de
murmúrio.
Trocou a luz de gás
pela luz de mercúrio.

Escola de Samba Vai-Vai: Parabéns a você (Zé Di)

Raças que se irmanaram no
mesmo ideal.
Um rio verde-amarelo surgiu
afinal... ô ô

Grêmio Recreativo E. S. Mocidade Camisa Verde e Branco: Literatura de cordel (Ideval Anselmo)

Lá, lá, lá, lá... O Lampião
chegou no céu
O, ô, ô, ô... Só na literatura
de cordel.

Escola de Samba Império do Cambuci: Diamantina de um Brasil distante (Silvio Modesto e Jangada)

Salve Chica da Silva
Rainha e Senhora por amor
Oh! Deus, que crueldade
É o braço escravo
Que lhe traz felicidade

Escola de Samba Morro da Casa Verde: Brasil recebe o mundo de braços abertos (Zeca da Casa Verde)

Você que vem lá de outras terras

Pra viver aqui no meu país
Seja benvindo [sic] pode chegar
Só que existe nova lei
Que o rei do samba vai proclamar
Na folha vinte parágrafo segundo
Diz
Que aquele que negar e não querer
sambar
Vai entrar numa escola de samba
Vai aprende a rebolar.

Escola de Samba Fio de Ouro: São Paulo, chapadão de glórias (Binho, Ivo e Camargo)

De Viaduto a arranha-céu
Desenvolvimento a granel
Salve São Paulo pioneiro
Deste meu Brasil inteiro

Escola de Samba Nenê da Vila Matilde: Olha o progresso de São Paulo (Paulistinha)

Tem café como base de sua riqueza
Tem ouro branco o algodão
É o Estado líder com nobreza
Orgulho incomparável da nação

Escola de Samba Mocidade Alegre: São Paulo, Trabalho, Seresta e Samba (Beto)

Samba, ô samba
Violeiros em seresta
A recordar a recordar
Samba, ô samba
Mocidade canta até o sol raiar

Escola de Samba Unidos do Peruche: Chamamos aos Heróis da Independência (Geraldo Filme)

Senhores deixando os palácios
Negros partindo as correntes.
Índios saindo das matas
Unidos por um Brasil independente.
Mil vidas tivesse daria as mil
pela Independência do Brasil
Não foi em vão teu povo não esquece
A chama da liberdade [no] nosso peito ainda aquece
Segue teu caminho, meu Brasil
Alerta mocidade pra manter acesa
A chama da nossa liberdade.

Viva! Está chegando reforço! (Última Hora de SP – Edição de 29/1/1972. Página 16 Caderno 1)

Se a gente, apesar dos pesares, ia conseguindo carregar o andor mesmo sendo aos trancos e barrancos, agora então que uma curriola boa, que estava de

botucas ligadas na pala diária que escancaramos aqui, mas que, por acanhamento, se fechava em copas e que agora felizmente desencabulou e resolveu se abrir, – agora temos certeza de que vamos conseguir adiantar nosso lado. Juro por essa luz que me ilumina que com a torcida ajudando até eu, que sou mais otário, acabo emplacando. Mas, deixa isso de lado. O que pesa na balança e o que quero contar é o que o meu chapa Caio de Oliveira, da Rua Teodoro Sampaio, abriu pra nós. Por essa historieta, fica sendo o Caio nosso ponta de lança pra assuntos de pé.

Diz o Caio que quando ele era solteiro, era patoteiro de muita embaixada e, por essas e outras, viu com seus olhos de ver e viveu, que é o importante, mil e uma presepadadas pelos esquisitos, estreitos e escamosos caminhos do roçado do bom Deus. Porém, como sempre ele, Caio, foi maneiro, nunca se assombrou diante de xavecadas³⁴⁰. Tirou todas elas de letra. Apenas uma gronga não deu pra ele entender. Era o caso de um cupincha dele, que era vidrado em pé. Manja? O amigo do Caio (ele não quis dar o nome do bruto por não estar a fim de ouriçar ninguém), quando via moça, não queria saber de mas-mas. Conferia o pé. E daí, se achasse o pé da distinta legal, o amigo do Caio não queria nem saber. Jogava o seu picaré. A dona do pé podia até ser um bagulhão, que pro amigo do Caio não tinha chibu. A abilolação dele era realmente o pé. E aí, já viu. O vagau dispensava até a Cláudia Cardinale, se flagrasse que a patinha dela era quarenta e quatro bico largo. Isso são coisas das quebradas do mundaréu. Acontece muito mais do que a gente pensa. Eu mesmo sei de um cineasta brasileiro que arrastou um vagão de cascalho pelo joelho de uma bela atriz. E que depois transferiu a sua gamação toda pro calcanhar de uma teatróloga famosa. Como o cineasta era metido a perfeccionista, a gente acha logo que, depois de encontrar um joelho, um calcanhar, o pinta continua procurando nacos de mulher pra depois, com truques fotográficos, montar a musa perfeita da sua vontade.

Porém, o negócio do amigo do Caio não ficou nesse babado. E o Caio conta, num estilo bacana e simples. Diz ele que, como acontece sempre, a rapaziada acaba tendo que assumir responsabilidades diante da vida e larga a boemia, indo se cuidar, que o feijão nosso de cada dia anda custando os olhos da cara. E dessa forma, a patota de solteiro dele, Caio, se desfez. Cada um foi pro seu lado. E nunca mais ele viu o amigo que gostava de pé de mulher. O que, na minha modesta opinião, é melhor do que gostar de pé de moleque. E ele, Caio, chegou até a esquecer essa mumunha. Mas, um dia, depois de muitos anos, ele de repente, ao atravessar uma rua, escutou chamarem seu nome.

– Caio! Caio! Caio!

Se voltou e viu que quem o chamava era o próprio cupincha que gostava de pé de mulher. Ao lado do amigo, de braço dado, Caio viu uma gordona de entortar o patuá. Era a própria mãe do sarampo. Tinha buço embaixo da lapa de nariz e verruga espalhada pela fuça. Diante daquilo, o Caio marcou bobeira e ficou plantado no meio da rua. Quase foi atropelado, antes que uma luz surgisse em sua memória. Lembrou-se que o seu cupincha era vidrado em pé e de estalo baixou os olhos pras bases da mulher do amigo. O que o Caio viu gelou seu sangue. A mulher do amigo tinha uma patola digna do Ditão do Corinthians no tempo em que ele jogava descalço. Dedos compridos e finos, todos eles com cada calombo de esbagaçar sapato, saíram de um pezão chato, com calcanhar de frigideira todo sujo e rachado. Dentro da roupa, o Caio tremeu. O amigo, rindo, lhe apresentou:

– Minha patroa.

340 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecadas”.

O Caio não fez cerimônia. Disse que estava com pressa e deu o pinote. E ficou de cuca fundida até hoje.

Está certo que meu puçá não vai além da superfície e por isso mesmo eu só pesco o que flutua nas águas barrentas em que navego contra a maré, meu caro Caio de Oliveira. Mas, esse mistério do teu cupincha que gostava de pé eu adivinho. Sente o aroma da perpétua. Tudo indica que teu amigo sarou da tara, mas continua com o mau gosto de antes. E pra mau gosto, Caio, não há doutor que dê jeito.

Mais ajuda

Seu João do Bosque manda uma simpática carta dizendo que, por volta de 1934 até 38, a boca quente em que os vagaus linha de frente faziam embaixada era ali perto da Estação da Luz, num pedaço da Rua General Couto de Magalhães e que era manjado por “21 Estados”. Nesse pesqueiro, diz o seu João, muito bamba se entortou e muito vagau fez nome. Ele, por exemplo, fazia e acontecia. Tinha o nome de Interventor e era cabo do Exército.

Olha aí, seu João, tenho certeza que as histórias do seu “21 Estados” dão samba. Se o senhor quiser abrir pro povão, manda algumas que a gente faz o que puder. Mas, se toca que história de 34 eu só posso contar por ouvir contar. Embora não pareça, seu chapa aqui começou a usar cueiro em 35, e na gandaia só deu o ar da graça em 50. Tá?

Mas, muito obrigado pela preferência e pelo elogio. Ao Caio também. Hoje vocês foram de grande valia.

4.2 – As crônicas de fevereiro de 1972 – Coluna Navalha na carne

A Banda Bandalha vai sair (Última Hora de SP – Edição de 1/2/1972. Página 16 Caderno 1)

O Carnaval está na bucha e esse ano aqui em São Paulo parece que vai ser de entortar patuá. Pelo menos na rua as escolas de samba vão ferver. Nas do primeiro grupo o pega vai ser duro. Camisa Verde e Branco da Barra Funda, Vai-Vai do Bexiga, Unidos da Vila Maria, Império do Cambuci, Acadêmicos do Tatuapé, Morro da Casa Verde, Nenê da Vila Matilde, Fio de Ouro, Mocidade Alegre e Unidos do Peruche não estão brincando em serviço. Ninguém vai desfilhar por honra da firma. Todos pretendem disputar o título.

Os Unidos de Vila Maria, que têm como relações-públicas o meu chapa Carlos Costa, não marcaram bobeira. Fazendo das tripas coração seu Dito e o Ananias foram buscar o Toniquinho no Império do Cambuci e o Talismã no Camisa Verde e Branco e, por essas e outras, vão botar pra quebrar. Toniquinho é um desfalque dos mais sentidos no Império, além de fazer o samba-enredo da avi-anil da Vila, está cuidando da bateria, que vai piar na parada toda cheia de milongas. Na opinião do Carlão, a bateria da Vila, quando entrar na avenida, fará³⁴¹ a terra tremer. Já o mestre Talismã, que deixou a Barra Funda na saudade, é o responsável pelas alegorias da escola da Vila Maria. Nesse ponto da presepada, os Unidos estão cheios de truques. Não abrem pra ninguém os segredos. Querem fazer surpresa.

Já o pessoal do Peruche bota fé em cima do samba do Geraldo Filme, “Chamamento aos Heróis da Independência”. Realmente, é um dos sambas-enredo mais bonitos que já escutei em toda vida. Aliás, o Geraldão, em se tratando de

341 Termo atualizado; no original de jornal consta “fez”.

samba-enredo, é um dos melhores do Brasil. Já no ano passado, ele mandou ver de Pirapora, que era uma beleza.

Porém, deixa isso tudo de lado. O que quero contar e o que pensa na balança é que já está sendo tramado nas encolhas, por uma patota das mais pesadas, a saída de uma banda ali no pedaço da Praça Roosevelt. Sairia a banda com o nome de Bandalha, pra mostrar ao mundo que em São Paulo também tem folião que embarca nesses pererecos. O negócio é botar o carnaval na rua e deixar andar. Várias estrelas já deram uma pala dizendo que saem na banda. A famosa astra [sic] Etty Fraser, a gordinha-sexy, já se candidatou a rainha da banda. A Walderez de Barros, a Marilu Martinelli, a Beth Frota estarão nessa jogada. Eu fui eleito o general da Banda Bandalha. De saída, com a autoridade que o cargo me dá, botei divisa de Tenente no Carlão e de Cabo no Bolinha do Mobra (Bucka), no Bonecoso (Roberto) e no Bruxa (Vicente).

O Pedrão, despachante que na sua mocidade foi um dos maiores festeiros de Pirapora, disse que nessa Banda Bandalha ele sai no peito e na raça. Naturalmente, o velho Pedrão estava se lembrando do tempo dele quando, antes do Carnaval, o governador do Rio de Janeiro de 1685, Duarte Teixeira Chaves, publicou um troço que dá bem a ideia do rigor daqueles tempos:

“Toda a pessoa de qualquer qualidade e condição que seja, que se encontrar emascarada [sic], incorrerá na pena de ir servir à Sua Majestade, que Deus guarde, na Nova Colonia do Sacramento, do Rio da Prata e sendo negro, mulato, será açoitado publicamente e todo oficial de guerra que encontrar os tais emascarados [sic] os prenderá logo, sob pena de um mês de prisão para uma das fortalezas”.

Esse trecho eu copieei de uma crônica do Vieira Fazenda (1847-1917), chamada “Zé Pereira”, que por sua vez chupou o trecho do Arquivo público. Isso é esclarecido pra ninguém ficar pensando que eu meto a mão em obra alheia e nem que vivo fuçando em arquivo. Mas, vamos em frente.

O Pedrão despachante, que é da época de Sua Majestade, que Deus guarde, acha que vai ter que fazer façanha. Mas, não é nada disso. A Banda Bandalha pretende tirar alvará e tal e coisa. Até pedir uma grana pro secretário de Turismo pra pagar músicos e biritas. O homem deve concordar. Que uma banda assanhada dessa serve pra mostrar que paulistano não é quadradão e pé chato, como se diz por aí.

Porém (e sempre tem um porém) se a Banda Bandaha não sair esse ano, é por falta de dinheiro mesmo. Daí, ano que vem ela sai.

Clementino José dos Santos (São Paulo) – ... “e eu acho que você diz que é do Santos de glórias mil (?), mas você é mesmo é corintiano, porque você só fala do Corinthians no jornal”.

Que isso, seu Clementino? Tá certo que eu não gosto de torcer pro time que perde, mas o Santos de glórias mil vai botar pra quebrar outra vez, logo, logo. E nem por isso eu ia trocar de camisa assim sem mais nem menos. Gama é gama. E se eu falo muito do alvinegro de Ogum é porque aqui eu tenho sempre que contar casos pitorescos e a culpa não é minha se a maior fonte de inspiração que encontro nos caminhos esquisitos do futebol é no Corinthians. Agora então, com psicanalista e tudo, é uma história por dia.

Neide Bonifácio de Azevedo (Santo André[]) – “Eu mandei uma carta pro senhor faz mais de um mês e até agora o senhor não respondeu. Eu leio sua coluna todos os dias. O senhor responde tantas cartas, por que não dá um alô pra mim também?”

Alô, dona Neide. Sua carta deve ter se perdido nas quebradas do mundaréu, bem lá onde o vento encosta o lixo e o correio joga as cartas, porque eu não a recebi. Mas, não faz mal. Se era só o alô que a senhora queria, tá dado. No mais, continue prestigiando a gente sempre, que é isso que nos dá força.

Carnaval da Barra do Catimbó: 1 capítulo (Última Hora de SP – Edição de 2/2/1972. Página 16 Caderno 1)

Carnaval tem certas mumunhas que só quem está por dentro do assunto é que manja. Por exemplo, existem dois tipos de bloco. O de embalo, que sai de qualquer jeito, e o organizado, que vai bem arrumadinho, com o enredo e as alegorias de mão e tal e coisa. Foi por esse perereco que aconteceram as quizilas no Bloco Carnavalesco Mocidade Alegre, Unida e Independente da Barra do Catimbó.

Logo na quarta-feira de cinzas de 1971, o seu Azulão, presidente do bloco, encabulado com o vexame que foi o desfile dos quás-quás-quás das alas e da marola que dona Cotinha fofoqueira estava fazendo, anunciou que pra 1972 o bloco, que até então era de embalo e só saía fantasiado de sujo, ia botar pra quebrar com enredo de grande gabarito. E[,] se promete, pretendia cumprir. Porém (e sempre tem um porém)[,] às vezes o nego está a fim de uma coisa, mas o orixás não ajudam e fica tudo no ponto morto. O caso do enredo dos Unidos da Barra do Catimbó foi bem desse naipe. Logo que conseguiu colar a boca da oposição que, liderados por dona Cotinha fofoqueira, queriam beber seu sangue de canudinho, ele tramou uma saída legal pra esse ano. A bem da verdade, o Azulão só conseguiu ficar no posto graças a um escândalo que piou na parada e que desviou as atenções de dona Cotinha do Bloco. A fofoqueira retumbou muito mais com o flagrante que seu Orozimbo deu na filha e no Mané Cheiro de Peixe, que estavam se arregalando no quartinho dos fundos do boteco. Foi broca. Pereré bico de pato, rosca mole e outros babados deram o que falar. A menina era menor de idade. O Mané Cheiro de Peixe, argolado com a Nega Ilina, se bem que não fosse de papel passado em cartório, não poderia sair do chamego³⁴² de fininho. A nega Ilina não aliviava nada. Por essas e outras, deu bode. Seu Orrozinho ameaçou de dar parte pro delegado. A nega Ilina, sem fazer cerimônia com otário, quebrou a fuça do Mané Cheiro de Peixe e espalhou pelos quatro cantos da Barra do Catimbó que ia apagar a piveta do seu Orozimbo. O Mané Cheiro de Peixe catimbou que queria receber os fiados que fez pro Orozinho e esse então se viu no papo da aranha e se acanhou. Mas, até botarem uma pá de cal na história, passou muita água suja embaixo da ponte e, naturalmente, como não podia deixar de ser, dona Cotinha teve participação destacada nos falatórios. Podes crer, amizade. Foi isso aí que salvou o Azulão e lhe deu tempo até de sobra pra se firmar no posto de presidente do Bloco Carnavalesco Mocidade Alegre Unida e Independente da Barra do Catimbó.

Com a folga, o Azulão esfriou a cabeça e, sem rodeios, deu início em março de 71 aos preparativos para o carnaval de 72. Sua primeira providência foi encomendar do Natanael Manqueta um enredo bem traquejado. O Natanael era um pinta meio chegado à cultura. Tinha se formado no Mobral com distinção e já andava lendo até jornal. E foi por um conceituado órgão informativo que o Natanael se tocou que esse ano de 72 tinha alguma coisa a ver com a Independência. Levantada essa pista, o Natanael informou a diretoria do Bloco, que aceitou o ideia e autorizou o pinta a traçar o enredo nessa linha. O Natanael foi procurar nos livros uma dica legal

342 Termo atualizado; no original de jornal consta “xamego”.

de Independência e quase que queimou a mufa quatro meses seguidos. Como era meio metido a sebo e tinha também medo que alguém abafasse sua ideia, o Natanael agiu sozinho. Como estava meio por fora desse negócio de data, teve que começar pelo começo mesmo. E se encantou pelo Descobrimento do Brasil e pelo seu Cabral. Em novembro, apresentou um enredo caprichado, que recebeu o título de “Descoberta do Brasil é uma Homenagem à Independência”.

Em todo lugar, existem os negos que botam pra baixo. Na diretoria do Bloco Carnavalesco Mocidade Alegre Unida e Independente da Barra do Catimbó, não dava outra coisa. O Ernesto Ranheta, assim que acabou de escutar a pala do Natanael, jogou terra:

– Tu tá ficando batusquela? Onde tu já viu Cabral na Independência? Quando o Pedro Primeiro deu o berro de “Independência ou Morte”, o Cabral já tinha voltado pra Portugal há uns trinta anos e já estava por conta do INPS lá deles há um tempão.

Sem se afobar, o Natanael tirou de letra:

– Tu pensa que eu não sei disso? Sei! E sei que tu gosta de ser mais malandro que a malandragem. Só que comigo tu se entorta. Na escola que tu andou eu fui expulso. E se botei Descobrimento do Brasil em Homenagem à Independência, é porque é aí que tá o trunfo. Mora? Tu, com todos teus anos de janela, só não vê porque não quer. Mas eu te digo. Sente o aroma da perpétua. Se o Brasil não fosse descoberto não tinha Independência. Se mancou?

A explicação do Natanael deixou o Ranheta entupido. O Azulão aproveitou e deu a sua opinião:

– Tu é um cara cheio de lógica, Natanael. Tá aí um bom enredo. Que tu diz, Oscarino?

Oscarino Vaselina era relações-públicas do bloco e era cheio de conversa. Já estava ansioso pra falar e mandou um discurso bem no seu jeito de candidato a vereador:

– Nós, da gloriosa Mocidade Alegre Unida e Independente da Barra do Catimbó, estamos de parabéns pela escolha que fizemos do Natanael pra bolar o enredo. Ele provou por todos os lados e por A mais B, que seu Azulão, nosso presidente, está dirigindo com acerto nosso bloco. O enredo é dos mais felizes. Eu devagar vou divulgar em toda parte e juro mesmo por essa luz que me ilumina que, graças a esse enredo, a Barra do Catimbó, pela primeira vez, vai sair nos jornais e sem ser nas páginas de polícia. Falei.

A empolgação do Oscarino Vaselina fez todo mundo aplaudir. Mas, o Ranheta não engoliu enrolado. Continuou a atucanação:

– Tá lindo. Tudo legal. E de onde vem a grana pra gente descobrir o Brasil como manda o figurino? Eu não vou pra avenida com um descobrimento muquinha. Pra sair de Descobrimento, tem que ser coisa que preste. E é aí que eu quero ver. Com a vida custando os olhos da cara, não vai ser sopa comprar uma espada pro D. Pedro e outra pro Cabral. Que tu acha, Carriça?

O Carriça só chiou:

– Eu não acho nada.

Foi o bastante pro Ranheta endoidar:

– Mas tu tem que achar. Tu é o tesoureiro.

Com a bronca, o Carriça azedou e deu o serviço:

– Escuta aqui, Ranheta. Antes de mais nada, vai berrar com a tua mãe. E antes que eu me esqueça, não tem um tostão furado em caixa. Tá bom assim?

Bom não estava. Mas ninguém se atreveu a abrir o bico. E diante do silêncio geral, o Ranheta passeou seu olhar vitorioso. Mas o Azulão não era homem de se render. Quando recuperou o fôlego, deu um embalo:

– A gente arruma dinheiro. Tem que arrumar.

Oscarino Vaselina não perdeu a chance de fazer demagogia:

– Vamos pro sacrifício. O povo da Barra do Catimbó merece. Vamos dar a eles um grande carnaval.

Mas, o argumento do Natanael foi decisivo:

– E tem um troço. Descobrimento do Brasil não é tão caro. As alas podem sair de índio.

Seu Olegário, que estava caladão, se rachou:

– Então vamos formar uma curriola de boa vontade pra ir ganhando umas penas pra juntar as penas.

O Carriça, que tratava desses negócios de galinhas alheias, falou:

– Deixa comigo. Até fevereiro, garanto que não tem galo cantando em nenhum terreiro.

E diante dos galhos quebrados, foi dada a decisão pro seu Azulão:

– Vamos de “Descobrimento do Brasil em Homenagem à Independência.”

Carnaval da Barra do Catimbó: 2 capítulo (Última Hora de SP – Edição de 3/2/1972. Página 16 Caderno 1)

Juntar pena de galinha pra vestir as alas de índio no enredo “Descobrimento do Brasil em Homenagem à Independência”, que era como o Bloco Carnavalesco Mocidade Alegre Unida e Independente da Barra do Catimbó ia sair, era fácil. Ainda mais que o Carriça anunciou que quem afanasse galinha em nome do glorioso bloco podia ficar com a carne da penosa, desde que entregasse as penas na sede. Choveu pena. E logo de saída, ficou garantido que as alas iam fazer sucesso. Só de galinha carijó tinha montes de penas. E as cabrochas de tanga de índio, estava escancarado que iriam abafar. Mas, faltava grana pros badulaques todos. Roupas de Cabral e tal e coisa. E a solução nesses casos é uma só. Livro de ouro. Nesse lance não deu outra coisa. O comércio local foi visitado por uma comissão composta da Dagmar, rainha da Barra do Catimbó, e mais quatro encantos de mulatas, que era o argumento decisivo que fazia os donos do comércio tremerem nas bases e meter a mão no bolso. As contribuições foram aparecendo:

Mané Cheiro de Peixe – dono de botequim – Cr\$ 100,00

Pezão de Bicho – dono do ponto de maconha – Cr\$ 20,00

Zé Boa Morte – papa-defunto – Cr\$ 50,00

Bilu – macumbeiro – Cr\$ 30,00

Olavo Palpiteiro – bicheiro – Cr\$ 50,00

Zé das Mocas – dono de botequim – Cr\$ 100,00

Japa do Maxuxo – quitandeiro – Cr\$ 10,00

Antonio Cavallo Cansado – Açougueiro – Cr\$ 5,00

Mãe Begum de Obá – macumbeira – Cr\$ 30,00

Irineu Boca de Caçapa – barbeiro – Cr\$ 10,00

Madame Violeta – parteira – Cr\$ 50,00

Foram essas as pessoas que todos sabem que deram grana para o bloco. Outros devem ter dado, porém talvez não piaram na parada pra afirmar a quantia

que assinaram por não ficarem sabendo que, assim que recebeu a contribuição, o tesoureiro Carriça se mandou de pinote com o dinheiro e deixou todo mundo no “ora veja”. Foi uma escama. Quando Dona Cotinha soube que a mulher do Arlindo Sereno tinha abandonado o barraco do marido, ficou com a pulga atrás da orelha. Foi investigar. Tinha boa pista. Sabia que a mulherzinha do guarda-noturno transava com o Carriça. Botou as botucas no xavequeiro³⁴³ e não o enxergou. Concluiu que o Carriça estava na fuga. Ligou o pinote com o livro de ouro do bloco e adivinhou a trama. Dona Cotinha fofoqueira era uma biduzona pra juntar as pontas dos trambiques mais complicados. Nessa presepada, ela acertou em cheio. Meteu a boca no trombone e esparramou a façanha. Foi uma zoeira.

Os comerciantes baixaram na sede do bloco pra estrilar. Queriam o dinheiro que deram de volta. Bilu Macumbeiro e Mãe Begum de Obá prometeram fazer um trabalho de entortar o Carriça. Pai Bilu, na porta do boteco do Mané Cheiro de Peixe, jurou pela luz que o iluminava em voz alta pra quem quisesse escutar, que ia fazer uma mandinga de deixar o Carriça perdido nas quebradas do mundaréu. Garantiu o macumbeiro que, depois que ele largasse o trabalho nas encruzas, o Carriça não falava mais nada como homem. Não ia ter jeito. Nem gemada de ovo de codorna, nem Catuá, nem sopa de capim gordura ia levantar a moral do bruto.

Já Mãe Begum de Obá prometeu mandar atrás do desgraçado abafador uma patota de exus e mais as almas vaqueiras que trariam ele de volta embaixo de paulada. O Arlindo Sereno, que era nego de fé, já estava pronto pra ir na captura dos fujões. Mas, quando soube que a Mãe Begum ia trazer pilantroso de volta, se deu sossego e explicou:

– Então pra que eu me bater por aí? Quando aparecer, eu arrebitto ele e fim.

Porém, nada disso adiantou o lado do bloco. Aliás, muito pelo contrário. Atrasou às baldas. Dona Cotinha fez uma tremenda onda contra a diretoria toda. Andou de casa em casa da Barra do Catimbó inteirinha dizendo que a diretoria do bloco era toda igual ao Carriça e alertava os maridos e pais pra não deixarem o mulherio sair no bloco. Se isso não bastasse, ainda o Ranheta se negou a aprovar a saída do bloco com o enredo “Descoberta do Brasil em Homenagem à Independência”, por acreditar que sem dinheiro iriam fazer figura ridícula do desfile. A sugestão que ele tinha, porém, não agradava. Ele queria que o bloco não saísse. E pra decidir, foi marcada uma reunião.

Banda Bandalha

A nossa banda que está se preparando pra sair já tem várias inscrições novas. O Tenente Carlão está recebendo a patota que está interessada e dando as instruções de como vai ser o perereco. Ety Fraser, que vai ser a Rainha da Banda Bandalha, já deu autorização pro seu marido Chico Martins formar a ala dos Tristões. Os primeiros a se escreverem na Ala dos Tristões foram João José Pompeu, o fotógrafo das Folhas, Dirceu Jabaquara e o Osmar Rodrigues Cruz. Esse último até que é meio assanhado, mas como faz questão de sair de gravata, vai nessa ala cabulosa. O Osmar até jogo de futebol já apitou de terno e gravata.

Também foi fundada a ala Navio Negro, sob a responsabilidade de nosso considerado colega Antonio Contento, que garantiu que nessa ala sairão o Otávio cartunista e o Luís Galon, diretor de tevê do Canal 4.

A gente não estava querendo deixar ter ala de borboletas, mas foi tanta a reclamação que não tivemos outro jeito a não ser concordar com a formação da ala

343 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavequeiro”.

do pessoal que joga água fora da bacia e vive espalhando que mulher dá câncer. Mas, até agora ninguém quis assumir a responsabilidade deles na banda.

Carnaval da Barra do Catimbó: Final (Última Hora de SP – Edição de 4/2/1972. Página 16 Caderno 1)

O pessoal da diretoria do Bloco Carnavalesco Mocidade Alegre Unida e Independente da Barra do Catimbó se reuniu em assembleia geral para discutir a falta de grana. Claro que, quando falta grana, não há o que discutir. Falta e fim. Só se pode lamentar. Porém (e sempre tem um porém)[,] na Barra do Catimbó tudo é motivo de e[n]xame. Nesse dia da assembleia, não deu outra coisa. Dona Cotinha fofoqueira, sem fazer cerimônia com os presentes e sem pedir licença, encheu a boca pra esculachar o Azulão, presidente. O ambiente ferveu. O Azulão se fez de vítima e explicou que não era culpado da fuga do Carriça com o dinheiro do bloco. Mas dona Cotinha não quis saber. Se ouriçou ainda mais e arrastou no seu quás-quás-quás o Ranheta, que jurou pela luz que o iluminava que não deixaria o bloco sair pra dar vexame na Avenida.

Se o ambiente estava ruim, ficou pior. A Dagmar, que estava há muito tempo invocada com um fuxico³⁴⁴ que a Dona Cotinha fez dela, aproveitou pra dar uma dura na fofoqueira e no seu boquejo entrutou o Ranheta. E inda fez o Azulão se comprometer a botar o Carnaval na rua de qualquer jeito. Encostado na parede, o presidente não teve escolha e garantiu a saída do bloco. O Ranheta, que estava jurado pra não comer enrolado, só teve uma solução. Avançou pra bandeira do bloco que estava pendurada na parede e passou a navalha nela.

A princípio ninguém se mexeu. Todos marcaram bobeira diante da façanha. Nunca passou pela cuca de quem quer que fosse que alguém pudesse fazer tamanho desacato. E diante do povão encabulado, o Ranheta completou a desgraça. Mas, de repente, a curriola explodiu. Avançaram pra cima do Ranheta pra matar o xavequeiro³⁴⁵. Só que ele, que não era trouxa, estava enturmado com a patota firme e equilibrou a briga. O resultado da conta foi que só parou a guerra quando chegou um camburão da cana dura. Quem chamou a polícia o fez na encolha. Mas, não teve estia. Entrou gente às pamparras em galera. E muitos tiveram que ser levados pro Pronto Socorro.

Como até agora o delegado não soltou os presos e os feridos não saíram do estaleiro, tudo indica que o povão da Barra do Catimbó não terá Carnaval em 72.

Transas da Banda Bandalha

A Banda Bandalha, que vai sair dia dez de fevereiro, às dezoito e trinta da esquina do “Mais-Mais”, que fica ali em frente ao Teatro de Arena, está a todo momento ganhando novo embalo. Ontem à noite, nas quebradas do mundaréu, foram tomadas decisões muito importantes. Alessandro Porro, que havia fundado a Banda da Freguesia do Ó com o pessoal da Editora Abril, concordou em fazer fusão da sua banda com a Banda Bandalha. Isso já garante, de saída, mais setenta pintas que trampam na Abril pra saírem no desfile inaugural da Banda, que vai mostrar ao mundo que paulista também é folião e que sabe brincar na rua.

Alessandro Porro, que era o general da banda da Freguesia do Ó, vai de terno branco, na Comissão de Frente da Banda Bandalha, ao lado do veteraníssimo Pedrão Despachante e do Carlão da Vila Maria. E por falar em Vila Maria, o nosso

344 Termo atualizado; no original de jornal consta “fuchico”.

345 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavequeiro”.

considerado chapa Toniquinho, um dos maiores batuqueiros do Brasil e que é quem manda na harmonia da Vila Maria, vai trazer sua bateria pra abrilhantar nossa Banda Bandalha.

Outra decisão importante tomada ontem à noite foi a escolha da marcha da Banda Bandalha. Depois de uma disputa duríssima, um corpo de jurados altamente capacitados escolheu entre dez marchas a que a Banda Bandalha deve cantar na avenida. Foi sem dúvida uma marcha bastante inspirada a que ganhou a parada. E se eu não elogio mais a marchinha é porque a modéstia me impede. Eu, meus cupinchas, sou parceiro de Geraldão Filme e de Marco Aurélio (Jangada), nessa obra-prima que será cantada nas ruas de São Paulo, até por mudos. Sintam o aroma da perpétua:

Esquece o grilo

(Geraldão Filme, Plínio Marcos, Jangada)

Quem não é da folia

Só atrapalha

O abram alas

Pra Banda Bandalha (BIS)

Na nossa banda

Entra homem, entra mulher

Entra até

Quem não sabe o que é

Você aí

Que está na sua

Esquece o grilo

E vem brincar na rua. (Bis)

Também já foi escolhido o samba, que por sinal é do Geraldão Filme e do Jangada. Amanhã a letra.

Novas inscrições para a Banda Bandalha

Além do Alessandro Porro e da curriola da Abril, recebemos importantes inscrições de foliões paulistas.

A patota aqui da Última Hora entrou em peso, mas, a bem da verdade, é preciso que se diga que os mais assanhados são os redatores de esporte. O Adauto Vasconcelos, que vai desfilar de “Gauchinha Prenda Minha”, garantiu que leva o Zé Maria e o Hélio Souza nessa onda.

Giba Um, que foi eleito relações públicas, já está catituando mil e uma coisa junto aos homens de turismo. Por falar em Giba Um, ele é um dos maiores curtidores do país. Até o Carlos Imperial reconheceu publicamente isso, ao convidar o Giba pra padrinho dos vencedores do Prêmio Plá 71.

Atenção, bandalhos

Quem quiser se inscrever pro desfile, pode procurar os seguintes Lordes da Banda Bandalha:

No jornal “Folha de São Paulo”, Walter Silva (Lord Picapau); no jornal “A Gazeta”, Vasco Oscar Nunes (Lord Navegante); na revista “Quatro Rodas”, Fernando Pessoa (Lord Espanador da Lua); no “Placar”, Marco Aurélio (Lord Jangada); na revista “Intervalo”, Alessandro Porro (Lord Itália Fausta); no Canal Quatro, Lau barbeiro (Lord Ajudante); no boteco Eduardo, Carlão (nosso lugar-

tenente) e as gêmeas; na porta do Teatro de Arena, Antonio Porteiro (Lord Coruja Velha).

Amanhã entraremos em contato com a patota do Bondinho, dos Diários, do Estadão, do Diário Popular e do Notícias Populares.

Estamos aguardando uma pala do Romão Gomes Portão e do Abate, do Sereno. Nossa banda vai ser um sucesso. E amanhã, novas dicas.

Banda Bandalha recebe apoio do maior curtidor do Brasil (Última Hora de SP – Edição de 5/2/1972. Página 16 Caderno 1)

Certo de que a patota que está na Banda Bandalha é realmente do primeiro time da folia e não vai botar o carnaval na rua pra dar vexame, aliás, muito pelo contrário, vai mostrar ao mundo que paulistano sabe brincar pra valer, Carlos Imperial, o maior curtido do Brasil, virá do Rio de Janeiro especialmente para desfilar quinta-feira dia 10, às 18 e 30, com a Banda Bandalha. Outras figuras da pesada virão também da Carica pra ver com as próprias botucas e brincar com a Banda Bandalha. Júlio César, da Revista Amiga, vem fantasiado de Capa de Revista. Carlos Zelão, de “O Jornal”, vem de Baiana Pobre. Angelo Antônio ia catituar junto ao Clóvis Bornay uma fantasia de Sultão, porque já formou um harém de menininhas pro desfile da Banda Bandalha. Roy Sugar, da Última Hora carioca, está fazendo das tripas coração pra dar um jeito de embarcar na nossa canoa. Se não vier, é puramente por questões alheias à sua vontade. Mas, quem vem mesmo que chova canivete é a Tetê, gloriosa loira que carrega o honroso pavilhão da banda do Leme. Será a madrinha da Banda Bandalha.

E já que estamos falando de bandeiras, é bom que se fale do pavilhão da Banda Bandalha. Ontem, nas quebradas do mundaréu, uma comissão de alto gabarito se reuniu e escolheu o modelo e as cores da Banda Bandalha. Eu não vou abrir aqui porque é segredo. Mas, juro por essa luz que me ilumina que, quando piar na rua, a bandeira da Banda Bandalha vai encabular o povão que nos prestigiar. A Walderez de Barros e a Beth Frota, que foram encarregadas da confecção do pavilhão, estão trabalhando dia e noite com todo capricho. A ETTY Fraser, a gordinha-sexy, que é a rainha da Banda Bandalha, foi proibida de entrar na sala de costura. Como ela não sabe guardar segredo, na certa espalharia pela cidade todo babado. Hoje à noite também haverá reunião para ser traçado o roteiro da Banda Bandalha e quebradas as últimas mumunhas.

Inscrições aos montes estão sendo feitas. Tudo indica que a Banda Bandalha vai ser uma das maiores do Brasil e que vai virar tradição no carnaval paulistano. Esse ano em que ela foi bolada meio na base do agrião, já vai sair retumbante, imagine então no ano que vem, quando tudo for bem organizado. Será um chuí.

Novos postos de inscrição

Para desfilar na Banda Bandalha, já estão funcionando novos postos de inscrição. Nos “Diários Associados”, com Durval Monteiro (lord Varela). No “Diário Popular”, com Adélia, que vai ser uma força na nossa ala mais incrementada: Ala do Caminhão.

E agora, como havia prometido, hoje escancarar para todos o samba que o Marco Aurélio (Jangada) e Geraldão Filme fizeram especialmente pra banda Bandalha.

Cuidado com o beliscão (Geraldo Filme e Jangada)

Você aí
Não ponha a mão nas meninas
Seu moço
Se não vai dar confusão. (BIS)
Olha o respeito
Por favor não deixe falha
Se você não é de samba
Dê passagem
Pra Banda Bandalha.

Sem dúvida, pra nós é uma honra termos na nossa banda compositores do gabarito do Geraldo Filme, que é autor do samba-enredo dos Unidos do Peruche, um dos sambas-enredo mais bonitos que já escutei, e do Marco Aurélio (Jangada), que é compositor do samba-enredo do Império do Cambuci, de parceria com Silvio Modesto, outro membro da ala dos compositores da Banda Bandalha. Esse samba do Império do Cambuci também é uma parada federal e no desfile das escolas vai marcar às baldas. Tanto o samba do Geraldão para os Unidos do Peruche, como o do Jangada, estão no disco que a Federação de Samba e a Rádio Record editaram e que se chama “Brasil – 150 anos de Independência”. A bolacha foi gravada pelos Botucajés, que estão estraçalhando. Vale a pena comprar.

Novíssimos postos de inscrição

Já estávamos fechando a coluna, quando nosso cabo Bruxa Velha (Vicente Acedo) trouxe a notícia que tinha aberto um posto de inscrição na Boutique Pamplona Chic, do nosso chapa Cassio (Lord Elegância). E o nosso lugar-tenente Carlão e o Cabo Bonecoso (Roberto) chegaram com a pala de que no “Jornal da Tarde” e no “Estadão”, o Adonis de Oliveira (Lord Pé de Cama) e no “Bondinho” o Roberto Freire (Lord Bigode) estavam juntando uma patota de respeito pra dar maior embalo na Banda Bandalha.

Segunda-feira, o roteiro da Banda Bandalha e outras badalações e transas.

Três grandes forças para a Banda Bandalha (Última Hora de SP – Edição de 7/2/1972. Página 16 Caderno 1)

A Banda Bandalha, que vai sair pela primeira vez na rua no próximo dia 10, quinta-feira, às 18 horas, da esquina do Mais-mais, que fica exatamente na porta do Teatro de Arena, em frente ao boteco Redondo, tendo à frente o Lord Itália Fausta (Alessandro Porro), de terno branco e palheta, e também o Carlão da Vila, conseguiu nesse fim de semana três grandes reforços.

O primeiro apoio foi a espontânea colaboração de Don Sebastião dos Móveis, que nos ofereceu sua camionete vermelha pra nela conduzirmos a estrela gordinha-sexy ETTY Fraser, Rainha da Banda Bandalha, pelas ruas de São Paulo. Esse oferecimento foi imediatamente aceito e Don Sebastião foi agraciado com o título de Lord Charuto.

O segundo apoio veio de parte do melhor bailarino do Brasil, Joshey Leão que, além de sair na Banda Bandalha, vai trazer com ele as mais belas bailarinas do Municipal e de outros balés. E ainda se prontificou a ensinar o Zé Roberto redator de esportes da “Última Hora”, o Carlão da Vila e o Geraldão a fazerem ponta pra abafarem na avenida.

O terceiro apoio que a Banda Bandalha recebeu foi a inscrição da bela e doce Denise, que jurou pela luz que a ilumina que vai sair fantasiada de “Tambores da Noite”. Essa fantasia, que a Denise não quis dizer como é pra evitar naturalmente que algum deslumbrado da paróquia roube a ideia, é a coisa mais aguardada pela patota do Teatro Estudio São Pedro, reduto onde a bela Denise pontifica. E só pra verem a retumbância da moça, já diversos foliões daquele pedaço entraram na parada.

Outras inscrições houveram nesse fim de semana nos diversos postos. Porém, ainda não foram comunicadas à direção da Banda Bandalha por falta de tempo. Mas, uma ala que se formou e que parece que vem tinindo é a ala do Crime, composta pelo pessoal da secção policial de “Última Hora”. Lord Banguê-Banguê (Cabralzinho), Lord Essa Noite Choveu Neve (Armando) e Lord Galã do Interland (Sérgio) prometem botar pra quebrar. Até contrataram o Nelson Coletti e o Helmuth Olarius pra carregarem as garrafas de combustão. Essa ala vai ser lenha viva.

Um grupo de foliões está indeciso quanto a ala em que devem entrar. Marcos Rey, por exemplo, não sabe se sai na “Boemia de Anteontem” junto com o Pedrão Despachante, ou se sai com o Ramão Gomes Portão na ala “Ontem Hoje e Sempre”. Mas, que sai, o Marcos não tem dúvida.

E já que falamos em Marcos, queremos avisar à curriola que faz ponto todas as madugadas no Bar do Jéca, ali na Ipiranga com a São João, que o Marcos Plonka está autorizado a fazer inscrições para a Banda Bandalha. Esse esclarecimento se faz necessário porque muita gente estranhou que encargo de tanta responsabilidade fosse confiado ao Plonka. Mas, tudo se explica. A gente está aproveitando a ocasião para dar uma oportunidade pro Plonka demonstrar sua capacidade, que sempre é posta em dúvida pelo Elias Gleizer³⁴⁶.

Agora, uma boa notícia que podemos dar aos participantes da Banda Bandalha e ao público em geral. A Walderez de Barros e a Beth Frota já acabaram de confeccionar o glorioso estandarte da Banda Bandalha. Porém não ficou decidido quem terá a honra de carregar pela primeira vez o estandarte multicolorido da Banda Bandalha.

Até agora, só temos uma mancada a registrar. Ela foi dada pelo Giba Um, que ficou de falar com o Secretário de Turismo, mas não deu ar de sua graça. Durante o dia de hoje ele tem chance de se reabilitar. Se não, já viu. Perde o cargo de relações-públicas da Banda Bandalha.

E por fim, atendendo a pedidos, transcrevemos a letra da marcha e do samba da Banda Bandalha:

Esquece o Grilo (Geraldo Filme, Plínio Marcos e Jangada)

Quem não é da folia
Só atrapalha
O Abram alas
Pra banda Bandalha (Bis)
Na nossa banda
Entra homem, entra mulher
Brinca até
Quem não sabe o que é.
Você aí.
Que está na sua
Esquece o grilo

346 Termo atualizado; no original de jornal consta “Glaizer”.

E vem brincar na rua. (Bis)

*

Cuidado com o beliscão (Jangada e Geraldo Filme)

Você aí
Cuidado com o beliscão
Não põe a mão nas meninas
Seu moço
Se não vai dar confusão. (Bis)
Olha o respeito
Por favor não deixe falha
Se você não é de samba
Dê passagem
Pra Banda Bandalha.

*

Notícia extra

Já estava fechando a coluna, quando a Ruthnéa de Moraes, a grandiosa atriz de “Navalha na carne”, telefonou confirmando sua inscrição pro desfile da Banda Bandalha. Ruthnéa vai retumbar de Havaiana.

Giba Um consegue grandes reforços para a Banda Bandalha (Última Hora de SP – Edição de 8/2/1972. Página 16 Caderno 1)

Giba Um, é sem dúvida alguma[,] um dos maiores curtidores do País. Tanto isso é verdade que o Carlos Imperial, o rei da curtição, não vacilou em reconhecer o valor do Giba publicamente, ao nomeá-lo padrinho da segunda turma de contemplados com o Plá, prêmio de grande gabarito que é conferido à moçada que sabe das coisas. Agora, sintam o aroma da perpétua: O Giba Um, além de padrinho, também foi agraciado com o Plá 71.

Assim sendo, a gente não podia esperar outra coisa de um curtidor que não fosse colaboração ilimitada à maior curtição paulista dos últimos quarenta anos, que vai ser sem dúvida a Banda Bandalha. E[,] por essa e outras, o Giba foi convocado e deu o seu recado além da expectativa. Foi ele que reuniu esse vosso chapa com o Alessandro Porro e foi mediador na reunião que resultou na fusão da Banda Bandalha com a Banda da Freguesia do Ó. Foi também que conseguiu grana pra comprar as biritas pros músicos da Bateria do Mestre Toniquinho, que é um verdadeiro batalhão naval e desfila no carnaval pela Escola de Samba da Vila Maria. Viva o Giba Um já tem lugar de honra na galeria dos foliões de rua de São Paulo.

Agora, tem outro negócio. Na saída da banda Bandalha, a pioneira, Rei Momo primeiro e único e a Rainha do Carnaval Paulista estarão prestigiando os foliões da Banda Bandalha. ETTY FRASER, a estrelinha gordinha-sexy, que é a Rainha da Banda, até ameaçou de desmaiar de emoção quando soube que os foliões de sua Banda Bandalha iam receber o embalo da cabeça coroada do Carnaval Paulista.

No mais, nas quebradas do mundaréu continua o enxame. Ontem à noite, no pedaço do Boteco Eduardo, aconteceu a maior quizila da paróquia. Marlene Exu, quando soube que ainda não estava escolhida a porta-bandeira que vai ter a honra de desfilarem carregando o glorioso pavilhão da Banda Bandalha e que ela, Marlene, não estava nem na cogitação pra ocupar o posto, não quis mais conversa. Encabulou e endoidada aguentou fechada em copas até o Carlão da Vila piar na

parada. Aí, sem avisar e sem quás-quás-quás, bolachou o lugar-tenente da Banda Bandalha. Foi um rolo. A gente que estava com as botucas pregadas no lance teve que fazer das tripas coração pra arrancar o Carlão das unhas da crio[u]lla e evitar que a Banda Bandalha já tivesse que sair de luto.

Depois da maneirada [n]a situação, Marlene Exu explicou a razão da sua bronca com o Carlão. Foi o seguinte: valendo-se do posto que ocupa na banda, o distinto Carlão andou transando com a Marlene e prometeu à distinta que botava ela de porta-bandeira. Como na nossa banda nada é feito pelos atalhos esquisitos e estreitos do roçado do bom Deus, o Carlão não teve chance de indicar a distinta, que por sinal é ótima moça, mas ainda não é competente pra tão grande responsabilidade. Acanhado diante da patota pra quem ele não teve coragem nem de propor apoio ao seu trambique, o jeito foi Carlão encarar a fúria da Nega Exu. O Carlão se viu em palpos de aranha mas saiu vivo. A crio[u]lla jurou pra mim que, durante o desfile da Banda Bandalha, ela segura as pontas. Mas, logo após o carnaval, ela vai partir firme pra um apontamento com o Carlão.

Depois do carnaval, o trato é lá deles. Na nossa banda, porém, nós não vamos dar colher de chá pra vagau metido a bravo. A Banda vai sair pra mostrar ao mundo que paulistano sabe se divertir e ressuscitar o carnaval de rua de São Paulo. Por essas e outras, não vamos admitir enxame. Otário não vai ter vez. Podes crer, amizade. Está combinado assim. Quem beber tem que saber beber, porque valente cheio de cachaça será jogado pro alto. E tem que ser assim. Nossas esposas, mães de nossos filhos e tudo mais vão sair a fim de se divertir e ninguém vai folgar com elas. Portanto, foliões amigos, não é preciso ficar bolando desculpa pra conseguir alvará com a patroa. Pode trazê-la junto que a gente garante o respeito. Mas venha ser um pioneiro também. Participe da primeira banda que vai sair em São Paulo.

Inscrições

Os meus chapas do Centro Acadêmico de Debates e Estudos da Escola Superior de Psicanálise escrevem um ofício dizendo que vão sair na nossa banda e reivindicam cargos de lords para os seguintes foliões: Cisotto (Lord Louco), Gandra (Lord Barraca) e Miranda (Lord Vermelho).

Reivindicação atendida. Estejam às 18 horas na quinta-feira, dia 10, na porta do teatro de Arena, esquina do Mais-Mais. E podem usar a experiência que adquiriram durante o ano todo e formarem a Ala dos Batusquelas. Venham com vossa força. Esperamos todos os irmãos foliões de braços abertos. E é nessas jogadas que a gente refresca a cuca.

Apoio de um grande craque

Wagner, um ponta direita que podia ser fácil solução pra camisa sete do Corint[h]jians, é o primeiro craque de futebol a se inscrever na Banda Bandalha. A Malu, cunhada do craque que já foi, quando pivete, mascote do Corint[h]jians (Vejam só), está organizando um grupo de retumbantes garotas da Rua São Jorge. Vai ser a bela ala do Chico Alfaiate, em homenagem ao diretor do futebol de salão do alvinegro de Ogum, diretor que deu, em pouco tempo, um título ao clube. Viva a ala do Chico Alfaiate, da Rua São Jorge!

Eu sou o Pierrô Bandalho (Última Hora de SP – Edição de 9/2/1972. Página 16 Caderno 1)

Um povo que canta na rua é um povo que tem esperança. E a esperança é a presença de Deus nos homens. Por isso, desde já, os caminhos da Banda Bandalha estão abertos. O trânsito da Banda Bandalha é livre em todas as encruzadas da cidade de São Paulo pelos exus que dão licença em nome da Velha. (Mãe Begum de Oba – Senhora primeira no terreiro de Obá da Barra do Catimbó).

*

Um povo que canta na rua é um povo predestinado à liberdade. Abram alas pra Banda Bandalha. (Mestre Zagaia – Velho cabo de esquadra que sabe das coisas).

*

No Rio de Janeiro, dizem que os blocos de paulista são de cimento e que nossos cordões são de isolamento. Tem nego que até posta no fracasso da Banda Bandalha. Deixa falar. O poetinho Vinícius de Moraes, num momento de pouca inspiração uma vez disse que “São Paulo é o túmulo do samba”. Depois, teve que se entupir. Quando o João Sebastião Bar foi considerado pelo mundo inteiro como a catedral do samba. E é isso aí. A Banda Bandalha vai mostrar ao mundo que paulistano é tão folião como qualquer brasileiro. Vamos brincar na rua. (Pierro Bandalho).

*

A humildade da rainha Lourdes

Lourdes, a bela rainha do carnaval paulistano, estará presente no desfile da Banda Bandalha. Ela, que é toda feita de graça, vai carregar o pavilhão da Balbina de Iansã. Ela merece, por ser uma rainha que, toda cheia de humildade, se apresentou espontaneamente e reconheceu a realeza da rainha gordinha sexy Ety Fraser, primeira da Banda Bandalha. A Lourdes, que seria por nós homenageada, renunciou a tudo para ser uma da nossa banda. Resultado, hoje ela é mais Rainha e carregará um pavilhão de glórias mil. Deus salve a bela Lourdes, rainha do carnaval paulistano.

*

Marina Luiza é a porta-bandeira da Banda Bandalha

Marina Luiza, a gloriosa, vai carregar o pavilhão de honra da Banda Bandalha. Seu mestre-sala, como não poderia deixar de ser, é o Wilson Macumba. Princez Branco, porém de canela fina. Ao lado da bandeira, darão o recado cabrochas de alta linha, como Marlene Exu, Zezé, Deise.

*

O Estandarte vai com a Laudelina

Nosso estandarte vai na mão da Laudelina, que terá o Buru como seu mestre-sala.

*

Ala Casa Forte

Renatão Correa de Castro (Lord dos Capins) vem comandando uma patota de grande respeito, que é formada pela curriola da Globo aqui de São Paulo e pela turma da Boite Casa Forte. Com ele vêm o Lord Sete Boias (Citão) e o Lord das Missas (Chico de Assis).

*

Eva Wilma

A nossa Vivinha jurou pela luz que a ilumina (e podes crer, amizade, é muita luz) que sai com a Banda Bandalha mesmo que chova.

*

A bandeira

A Walderez de Barros e a Beth Frota estão retumbando com o pavilhão da Banda Bandalha. Dizem que, apesar das cores que foram escolhidas (vermelho, preto e branco), a bandeira ficou linda.

*

A ala das tristes conseguiu reforço

A ala dos tristes, que também é manjada por “Ala não levamos jeito pra Isso”, está cada vez maior. Além do João José Pompeu e do Chico Martins, mais dois acanhados se inscreveram. Dalmo Ferreira e Fanelli, meu editor lá da Editora Obelisco.

*

Berenice

A gloriosa beldade negra da Revista Intervalo vai ser uma das atrações da Banda Bandalha.

*

Podes trazer mulher sem medo

Nosso pagode vai pra rua na boa paz. E pra brincar sadiamente. Nós não vamos deixar margem pra ninguém avacalhar a Banda Bandalha. Vamos calar a boca dos derrumadores que ficam nas encolhas bochichando que paulista não pode ver mulher de short que vai logo metendo a mão. Não vai ter nada disso. A Banda Bandalha é bolada por gente que sabe das coisas. Então, já viu. Otário não vai ter vez. Na valentona ninguém vai ganhar ninguém. E quem faltar com o respeito com as mulheres que vão sair na Banda Bandalha se verá em palpos de aranha. Pode até ser a maior pistoleira da paróquia. Dentro da Banda Bandalha será tratada como o ser humano que é. Aliás, é pra isso que vamos sair com o carnaval na rua. Pra humanizar nossa cidade. Portanto, folião, pode trazer sua esposa, como nós vamos levar as nossas.

Hoje é o dia da banda (Última Hora de SP – Edição de 10/2/1972. Página 16 Caderno 1)

40 cabeças de Santana do Parnaíba vêm especialmente pra desfilarem com a Banda Bandalha.

Zé Carlos, veterano craque que jogou pela Portuguesa [de] Desportos, Bangu e Comercial, vai chefiando a ala dos craques de outrora.

Sérgio Cabral, um cara do primeiro time do samba, que quando se mandou do Rio de Janeiro pra cá recebeu homenagem de todas as escolas de samba da Guanabara, sairá na Banda Bandalha.

Lord banguê-banguê (Cabralzinho) está retumbando. Conseguiu que o Carlos Alberto (Lord Guga), que já andou mostrando samba pelas Américas, saia na ala do crime da Última Hora.

Marly Marley estará na Bandalha

Edenir Machado, secretário de Turismo que deu mil e uma colheres de chá pra Banda Bandalha, vai estar presente na hora da saída da maior, curtição paulistana dos últimos quarenta anos.

Através do interino da coluna “Confidencial”, de Notícias Populares, a Banda Bandalha recebeu apoio do estado maior da Banda do Largo do Machado, do Rio de Janeiro. Entre a curtiola do Largo do Machado que nos apoia está nosso bom chapa Maurício Azedo.

É muito grande a expectativa do pessoal de jornal pela fantasia da irmã da Miriam, coleguinha da sucursal paulista do Correio da Manhã. Dizem que a moça vai abafar.

Da nossa Última Hora vai todo mundo. Até Alcides Torres, diretor, e o mestre Paes Leme embarcaram na onda da Banda Bandalha.

Eu e a Walderez vamos de Pierrô. Família que brinca unida permanece unida. Eu sou o pierrô bandalho.

Giba Um vai de banhista antigo

Alessandro Porro (Lord Itália Fausta) e Carlão, nosso lugar-tenente, vão de terno branco no melhor estilo comissão de frente.

Para maior brilho do monstruoso carnaval de rua que vai sair, estamos esperando até os últimos minutos antes da partida que o Covas e o Guerreiro, nossos irmãos da Banda da Record, se juntem com a gente na porta do Teatro de Arena. Somos todos pioneiros. A Bandalha, Freguesia do Ó e a Record. O que nos interessa a todos é uma coisa só. Embandeirar a cidade de São Paulo e mostrar ao mundo que somos ótimos foliões. Então, vamos juntos nesse pagode legal.

Um herói da saída da Banda Bandalha foi o Walter Silva (Lord Picapau). O moço fez das tripas coração, mas quebrou mil galhos, viva o Picapau!

O rei momo estará presente

Flávio Rangel, o nosso bom chapa, já garantiu que suspende o ensaio da peça “Capital Federal” pro seu elenco poder sair na Banda Bandalha. E ele vem firme representando a patota do pasquim.

E pra governo dos foliões todos, a Banda Bandalha sairá com chuva ou não. Vamos com muita alegria e entusiasmo. Agora, um detalhe que é fundamental pra nós todos. Fazemos questão que tudo transcorra dentro da maior ordem e respeito. Um quás-quás-quás dos mais cavernosos é espalhado pela turma que gosta de avacalhar com São Paulo. Dizem eles que paulistano não sabe brincar e muito menos ver mulher de perna de fora. Nós vamos provar que não é verdade esse bochicho. As moças e senhoras da nossa banda serão respeitadas e as brincadeiras serão sabias. Podes crer, amizade. É assim que está combinado. Por essas e outras, venha ser um dos pioneiros das bandas paulistanas.

Banda Bandalha botou pra quebrar! (Última Hora de SP – Edição de 12/2/1972. Página 16 Caderno 1)

Sucesso retumbante

Quem não acreditava e botava pra baixo, se entupiu. Quem duvidava e estava querendo ver pra crer, teve que botar fé no que suas botucas enxergaram. Os bobocas que inventaram essa de que paulistano é triste, não é de folia, que São

Paulo é o tûmulo do samba, que os blocos paulistanos são de concreto e os cordões são de isolamento vão ter que botar suas caras fundidas pra funcionar e bolar outra milonga, porque essa não pega mais. A Banda Bandalha saiu pras ruas de São Paulo provando que samba e alegria não é privilégio de ninguém. É do povo. E basta ser brasileiro pra não resistir ao chamamento de uma batucada.

Há quinze dias atrás, era apenas um ideia. Uma vontade de sair nas ruas brincando, cantando, como se fazia há tempos atrás, quando Carnaval ainda não era pra turista ver, nem desfile pra desfilar na passarela e quebrar o pau depois. E[,] de repente, todo mundo estava a fim da mesma coisa, todo mundo estava só esperando um apito inicial pra jogar no mesmo time que a gente. E em quinze dias a banda Bandalha botou na rua mais de quatro mil pessoas, com uma única promessa: que a alegria seria grande e a farra honesta.

E podes crer, amizade, foi isso mesmo. Desde a tarde da quinta-feira, o pessoal já começou a se plantar na porta do Teatro de Arena, na esquina do Mais-Mais, e o pessoal da geral, que passava só pra ver, foi aderindo sem quás-quás-quás. O povo ia caindo no samba por onde a batucada passava. Tinha muito nego fantasiado de paulistano: terno, gravata, pasta e jornal debaixo do braço. Mas sambando como bom brasileiro.

Um gringo que estava hospedado no Hilton Hotel, logo nos primeiros sons da bateria, estranhou e veio conferir. Depois, acompanhou a Banda Bandalha e no final estava com a boca aberta. Ele pensava que Carnaval só tinha no Rio de Janeiro e na Bahia. E tinha muita gente com a mesma ideia de jerico na cabeça. Mas todo ano, na quinta-feira que antecede o Carnaval, a Banda Bandalha estará nas ruas, ressuscitando a alegria do paulistano, que estava só embutida.

Todo mundo aderiu e contribuiu. A gente tem que agradecer a muitas pessoas. Principalmente ao padre da Igreja da Consolação, que emprestou os mastros pra carregar o glorioso estandarte e a gloriosa bandeira da Banda Bandalha. Que por sinal, estavam maravilhosos. A Walderez de Barros e a Beth Frota queimaram as botucas, ficando noites sem dormir bordando lantejolas, com muito amor pelas nossas cores preto, branco e vermelho. E retumbaram de alegria ao vê-las brilhando na avenida.

Os músicos da banda do São Paulo F. C. fizeram o som desde o início da folia. E aguentaram firmes, até o final, incrementando o povão.

A bateria do Toninho, da Vila Maria, botou pra quebrar. Ninguém ficava indiferente ao som da batucada, que foi quente do começo ao fim.

Fechando a Banda Bandalha vinha a banda da Portuguesa [de] Despostos. Faltou mesmo a Banda do Corinthians, que acho que deve estar meio murcha. Mas, devia ter vindo. Pelo menos iam incentivar uma vitória retumbante.

Na Avenida Ipiranga, tivemos um reforço da banda da Record, que se juntou à Bandalha na maior harmonia. Os músicos da Banda da Record eram da pesada e com tanta banda junta, dava pra ficar brincando os quatro dias do Carnaval.

O maior curtidor do Brasil, Carlos Imperial, que foi padrinho da Banda Bandalha, estava no maior embalo, esparramando pra quem quisesse ouvir:

– Bicho, isso é a maior curtição dos últimos anos.

A Rainha da Banda Bandalha, a gordinha-sexy Ety Fraser, bateu record de resistência. Ninguém acreditava que ela pudesse sambar durante todo o percurso da banda. Mas, ela aguentou firme, sem perder a majestade. Toda maravilhosa no seu vestido de cetim vermelho, com a faixa branca e preta, e Ety foi de uma alegria contagiante.

A revelação da noite foi Chico Martins, que estava escal[da]do pra sair na ala dos tristes, mas foi um dos maiores foliões da noite. No ano que vem vai pra Ala do Come-Quieto. Como bom mineiro que é, ele estava apenas escondendo o leite.

Eva Wilma e Johnny Herbert estavam também no comando da folia. Ela estava com a gente, de Pierrô Bandalho também.

Não dá nem pra lembrar todo o povão que estava lá. Alessandro Porro, de terno branco, palheta bengala, no comando da banda, de comissão de frente, cada vez que olhava pra trás e via a multidão sambando, fazia coro com o Walter Silva (Lord Picapau) e gritava:

– Saímos! Saímos! A Banda Bandalha tá na rua! Sucesso! Sucesso!

E a Banda Bandalha tinha até carro alegórico. O pessoal do Centro Acadêmico de Debates e Estudos da Escola Superior de Psicanálise veio num caminhão, todo enfaixado, saudando a Banda. Eles juraram que iam e não faltaram. Estavam lá, de carro alegórico e tudo.

Joshey Leão e as bailarinas que ele trouxe deram um show à parte. Disseram no pé com grande categoria.

Hilda Hasson comandava a ala do caminhão do Tião dos Móveis (Lord Charuto).

Vários elencos de teatro estavam lá. As gêmeas incrementaram bem a ala da “Capital Federal”, que o Flávio Rangel liberou do ensaio pra ir para Banda.

Mestre Zagaia ficou nas encolhas. Mas disse coisas sábias. O velho cabo de esquadra que sabe das coisas, ao escutar o bochicho do pessoal que tava olhando o céu com medo de tempestade na hora da banda, falou:

– Não vai chover.

E não choveu, bicho. Se Mestre Zagaia falou, tá falado.

Os maiores foliões da Banda Bandalha (Última Hora de SP – Edição de 15/2/1972. Página 16 Caderno 1)

Pois é, por incrível que pareça, o coelho saiu do mato que ninguém esperava. Por exemplo: aqui da nossa “Última Hora”, a gente estava botando uma bruta fé em cima do Hélio Santos, do Antonio Contente, do Zé Roberto Malia, do Armandinho, do Giba Um e no entanto quem ficou com o troféu de maior folião da patota foi o Lorde Banguê-Banguê (Cabralzinho). Não que os outros estivessem acanhados. Aqui, ói, gaivota. A curriola da “Última Hora” até que foi das mais assanhadas. Porém[,] a bem da verdade, o Cabralzinho se embalou. Se enturmou com o Guga e curtiram endoidados. Parabéns ao Cabralzinho, legítimo folião de rua. Pra ele, o troféu Exu. Que é uma riquíssima garrafa de cachaça.

De “A Folha”, a menção honrosa fica com o Walter Silva. Lorde Picapau sambou pra valer, ao lado de sua companheira Déa. Mas, a revelação, a grata surpresa, foi o Lemos. O danado era dos mais braseados da banda toda. Vejam vocês. Ele, que não estava muito cotado, se embandeirou pra valer. É folião de rua legítimo e deve fazer parte do primeiro time. Da Bandalha. Viva o J. Batista Lemos! Pra ele, o prêmio Iniciativa. Que consiste em ser ele o primeiro a assinar a lista pra comprar chop no ano que vem. Aliás, essa foi a única falha da Banda Bandalha. Mas, ano que vem sai melhor.

Dos “Diários Associados”, o Hilton Viana, colunista de teatro, surpreendeu todo mundo com sua alegria contagiante. Ele merece o prêmio Vontade de Viver.

Do “Diário Popular”, o destaque fica pra bela Adélia. Realmente, ela retumbou no caminhão do Tião dos Móveis.

Do “Notícias Populares”, a embaixada foi chefiada por gente de mil e um anos de banda. O Zicardi Navajas fez parte da Banda do Largo do Machado e provou sua tarimba no meio da Bandalha. É outro que será chamado pro primeiro time da folia de rua.

A “Editora Abril” veio na base do “ninguém bota defeito na ala da gente”. Eles trouxeram o glorioso Sérgio Cabral, figura que é uma força da música popular brasileira. Sérgio Cabral, meus camaradinhos, é um dos que sempre seguraram os rabos de foguete pelo samba. Moço de valor provado. Basta ver que, quando ele se mandou do Rio de Janeiro pra São Paulo, os maiores do samba carioca lhe prestaram justa homenagem por tantos serviços que o Sérgio prestou ao samba. O Sérgio Cabral sozinho valia por um carro alegórico que honrava todos nós. Ainda mais que, numa prova humilde, saiu fantasiado de “Esparro”[,] uma fantasia em que a camisa do Vasco aparece às baldas³⁴⁷. O Milton Coelho, da “Realidade”, e sua mulher Leda (campeã disparada em matérias de fantasia) fizeram a terra tremer. Giba Um, que também saiu pelo “Intervalo”, e o Alessandro Porro fizeram zoeira às pamparras. Mas, a taça da Abril fica mesmo com a beldade negra Berenice, que encheu as ruas de São Paulo com sua graça.

Da sucursal do “Correio da Manhã”, a irmã da Miriam era a mais badalativa. Chefiou um grupo de moças alegres e bonitas.

Das atrizes, Eva Wilma e Pepita Rodrigues são as que mais se destacaram. Era graça, beleza e alegria. A Banda Bandalha já não pode mais, nunca mais, sair sem essas duas belas foliãs.

Etty Fraser se portou como verdadeira rainha. E a Walderez de Barros carregou o estandarte com grande dignidade. E a bandeira não poderia estar melhor servida do que esteve. Marina Luiza e seu mestre-sala Wilson Macumba brilharam mais uma vez.

Entre os cabos desse Pierrô Bandalho, o destaque cabe à Beth Frota, ao Roberto e ao Bucka. Vicente Acedo, na hora do “vamos ver”, abandonou seu posto e saiu na ala da Boutique Pamplona Chic, do Lorde Elegância (Cássio). Essa ala, juntamente com a ala dos Batusquelas e a dos cabeções de Santana do Parnaíba, foram as mais notadas. Os Batusquelas, do Centro Acadêmico de Debates e Estudos da Escola Superior de Psicanálise, são responsáveis, inclusive, pelo único carro alegórico da Banda Bandalha. E estão desde já eleitos chefes da alegoria da Banda Bandalha pra próxima saída.

O Carlão da Vila, meu lugar-tenente na Banda Bandalha, cumpriu seu papel até certo ponto. Conseguiu trazer parte da bateria no Toniquinho dos Unidos da Vila Maria e depois encheu o carão de pinga. Resultado: Desfilou sozinho num percurso dos mais escamosos e compridos roçado do bom Deus. A Banda saiu pela Consolação e o Carlão subiu a Rego Freitas e deve estar desfilando até hoje.

Os fiascos

Marco Aurélio (Jangada) e Geraldão Filme, que haviam jurado que iam sair fantasiados de mulher, não tiveram peito. O Geraldão inventou que esqueceu a fantasia no táxi. Mas, todo mundo sabe que é grupo. E o Jangada chegou fingindo que estava doente. Outro grupo. Foi só a bateria tocar pro bruto sarar.

Outro que encabulou foi o Dirceu Fotógrafo. Ele, que é fotógrafo das “Folhas”, dos mais conceituados por sinal, saiu na banda fantasiado de fotógrafo malandro antigo. Calça branca, camisa listrada, sapato branco e máquina fotográfica. Não cantou nem pulou. Mas tirou fotografia pra chuchu.

³⁴⁷ Termo atualizado; no original de jornal consta “baladas”.

Lorde Pé de Cama (Adones de Oliveira) não se expandiu, mas trabalhou às baldas na armação da banda. Ele, o Jonny e o Parreiras de Santo André só tramparam e, por essas e outras, estão aqui nessa galeria. Mas, a todos eles, será dada nova chance no sábado de Aleluia.

Carlos Imperial

Carlos Imperial, que veio especialmente do Rio de Janeiro pra sair com a Banda Bandalha, se portou como quem é[:] O maior curtidor do país. Viva o gordo!

Nini da Liberdade, o triste folião (Última Hora de SP – Edição de 17/2/1972. Página 16 Caderno 1)

Tem coisas que por mais que eu me esforce não dá pra entender. Está certo que meu puçá não vai além da superfície e que, por essas e outras, eu só pesco o que aparece boiando nas águas barrentas em que navego contra a maré. Porém, deparo com tanta gronga, que vivo assombrado e agarrado no meu patuá de fé e de valia pra não naufragar. O caso do Nini da Liberdade é bem desse naipe.

O nome verdadeiro do Nini da Liberdade é Sebastião Gonçalves Polidor. O apelido se deve ao fato de ele jogar água fora da bacia, espalhar que mulher dá câncer e morar no bairro da Liberdade. Até aí, nada de mais. Nos tempos que correm, são muitas figuras que viraram a mão e que bordejam pelos estranhos, esquisitos e escamosos caminhos do roçado do bom Deus. Ninguém mais se espanta com esses infelizes seres humanos. Porém (e sempre tem um porém), o caso do Nini da Liberdade era de chamar a atenção. O bruto era tão dodói da cuca, que acreditava, com uma sinceridade de beato de procissão, que ia acabar virando mulher. E por ter essa ideia de jerico na cuca, já ia treinando com todas as forças da sua alma. Desmunhecava às baldas. Naturalmente que, com seus trejeitos afetados, o Nini da Liberdade não conseguia ficar feminino. O que conseguia era ficar uma caricatura grotesca do ser humano. E como esparro era tratado por todos. As curriolas que se formam nas esquinas curtiam a fuça do Nini da Liberdade. Era só ele piar na parada pra ter vexame. O esculacho era pra valer.

Acontece que o Nini da Liberdade dava até impressão de que gostava de ser o esparro da turma. Todas as tarinhas, quando ele voltava do seu trampo numa tinturaria de japonês onde era passador de roupa, o Nini vinha fazendo marola. Parava nos botecos e virava a alegria do circo. Os otários maltratavam o Nini. E ele só ali dando corda.

Nos últimos tempos, quando surgia, o assunto era um só:

– Como é que tu vai sair do Carnaval, Nini?

– De Carmem Miranda.

– Vai caprichar?

– Claro, bofe. Vou sair pra abafar. Eu li numa revista que Marília Pêra também vai sair de Carmem. Eu, hein! Quero fechar. Não quero mais ser a Nini da Liberdade, se a minha fantasia não ficar mais bonita que a dela.

– E a grana, onde tu vai arranjar?

[–] Onde? No batente. Trabalho dia e noite e estou economizando até um cruzeiro. Tudo pra fantasia.

Era verdade. Nem comer o Nini comia. Todo dinheiro que ganhava enrustia na cueca, que era pra comprar o pano e os demais badulaques da fantasia. Em dezembro, então, o Nini da Liberdade se abilolou de vez com o negócio de Carmem Miranda. Passava a noite toda bordando, costurando e pregando lantejo[u]lla em

cetim lamê. Só sextas-feiras é que mudava um pouco o ritmo. Quando saia da tinturaria, dava uma banda pelos botecos e ouriçava o gango:

[–] Quando eu sair com minha Carmem Miranda, todo mundo vai ficar encabulado. Está ficando uma beleza. Só de balangandans já gastei cem contos. Aí, não vejo a hora de chegar o carnaval. Vou fechar. Muito bofe que sempre me esnoba vai querer entrar na minha. Mas, eu já jurei: vou brincar sozinha.

A turma esticava o papo:

– Tu vai no baile dos enxutos?

O Nini da Liberdade se encrespava:

– Eu, hein! De bofe basta eu. Vou é andar pela rua me badalando.

E de repente, no meio da conversa, o Nini da Liberdade pedia licença e se mandava. Nunca dizia onde ia. Porém, a patota sabia que há muito tempo ele andava frequentando um terreiro dos lados do aeroporto, onde um babadalô fajuto lhe havia prometido fazer um serviço pra ele virar mulher. E era só nesse dia que o Nini não se trancava em casa pra costurar.

Mas, quando chegou fevereiro, o Nini da Liberdade voltou a aparecer com frequência nos botecos. Aí, a moçada quis saber:

– E a fantasia, Nini?

[–] Está prontinha.

– Ficou legal?

– Tá uma graça.

– Deixa a gente ver.

– Só no carnaval.

– Que é que há? Tá com medo que a gente ache feia?

– Eu, hein!

– Então mostra.

– Já disse que só no carnaval.

– Vai ver que tá um lixo.

– Então no carnaval vocês vão ver.

– Mostra hoje.

– Quero fazer surpresa.

– Mostra só pra nós.

O Nini não queria mostrar. Porém, não resistiu o aperto da patota. Aliás, no íntimo, ele estava doido pra exibir sua fantasia. E, assim sendo, levou a curriola pra seu quartinho de pensão. Realmente, quem botou as botucas na Carmem Miranda do Nini da Liberdade confirmou que era um luxo. Todos reconheceram. E elogiaram. O Nini se empolgou. Não resistiu e resolveu vestir a fantasia pros pintas verem como ele ficava dentro dela. E aí se deu o esquinapo. Um gaiato, de safadeza, assim que flagrou o Nini da Liberdade todo arrumadinho, criou um perereco. Puxou uma ponta da fantasia e inventou defeito:

– Deixa eu arrumar isso aqui que tá ruim.

O Nini encabulou e se olhou no espelho resmungando:

–O que tá ruim, gente?

Um outro pinta puxou uma ponta do lado oposto e encaveirou:

–Essa ponta.

Pro Nini, aquela curriola descobrindo defeito era de lascar. Nem desconfiou da treta. E tentou ajeitar melhor a pan ada³⁴⁸. Se desesperou. A moçada encarnou. Começaram a puxar ponta e acabaram rasgando a fantasia de Carmem Miranda

348 Esta palavra está com letras apagadas no exemplar do original de jornal pesquisado.

toda. Foi um tremendo xaveco³⁴⁹. Avacalharam tudo. Quando o Nini se tocou, era tarde. Esperneou, estrilou, xingou, mas foi até pior. A moçada, que estava a fim de bagunçar, não deu estia. Quando saíram do quarto do Nini da Liberdade o deixaram em prantos, abraçado com um monte de trapos. Dali, todos foram cascatear no botequim.

Durante o carnaval, a patota não viu e nem se lembrou do Nini da Liberdade. Mas, na quarta-feira de cinzas, souberam, pálidos de espanto, que³⁵⁰ a infeliz criatura havia sido encontrada morta. Tinha cortado os pulsos com gilete.

Carnaval e espiritismo (Última Hora de SP – Edição de 18/2/1972. Página 16 Caderno 1)

Desde que eu era pivete, eu escutava falar do doce santo de Uberaba, o Francisco Cândido Xavier. Nesse tempo, eu tomava conta de uma banca que vendia livros espíritas na praça Mauá, lá em Santos. Fazia isso muito mais pra agradar meu pai, grande amigo meu, do que pelo ordenado mixuruca que o bom pessoal do espiritismo santista me pagava. Na verdade, a grana não dava nem pro cigarro. Porém, tinha certas vantagens pra eu ficar plantado ali na banca. Todo dia, lá pelas três hora da tarde, meu pai, grande e compreensivo amigo que eu tive, piava na parada e me dava um dinheirinho pra eu ir comprar pastel no Shiro, japonês que parava seu carrinho na Rua XI com a Riachuelo. Modestamente, eu não era nenhum otário. Desde pequeno que me mexo. E apesar do quás-quás-quás de todos os espíritas que se juntavam na minha banca, eu não fazia muita fé na vida do Além-Túmulo. Os pastéis do Shiro eu afanava, crente de que abafar pastel de japonês não era pecado que fosse fazer os bondosos guias de luz me comovessem, depois de uma longa temp[o]rada no Umbral (purgatório de espírita), a reencarnar nesse planeta de provas, lá nas bandas do Nordeste. Lugar, segundo os seguidores de Kardec, ótimo pra alma penada resgatar suas dívidas com o Karma. Tão bom eles acham o Nordeste pra esse babado, que se depender deles, nunca vão melhorar aquilo.

Mas, como contavam, a vantagem que eu tinha de ficar na banca era ver e bater papo com meu pai, ali no meio da rua. A bem da verdade, sou tão rueiro quanto um exu. Comia os pastéis roubados, comprava cigarro e me esbaldava com a inveja dos jornaleiros do pedaço, que se admiravam que alguém tivesse pai que conversasse com o filho na rua. Pra mim, isso era a glória. Podes crer, amizade. Eu era vidrado nesses papos que levava com meu pai, na Praça Mauá. Tanto que, depois que meu pai desencarnou (morreu), eu nunca mais me senti bem em Santos. Mas, deixa tudo isso de lado. O que eu quero contar e o que pesa na balança é que, desde esse tempo, manjo o Chico Xavier. Meu pai tinha por ele o máximo respeito. E eu herdei esse respeito e o conservei. Porém (e sempre tem um porém), quando o doce santo de Uberaba piou na televisão, eu tremi nas bases. Fiquei com medo que a máquina de fazer doido, como o genial Lalau Ponte Preta apelidou, bagunçasse a cachola do Chico Xavier.

Temi por ele. Não, é claro, pelo espiritismo, que da maneira que vem sendo colocado é conformista e reacionário. Mas, temi pelo Chico. Tinha medo que ele, dentro da sua ingenuidade, se estrepasse diante de tão grande badalação. E não deu outra coisa. Não tardou pro Chico Xavier se apresentar através da imprensa

349 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

350 Termo atualizado; no original de jornal consta “qua”.

como o porta-voz do irmão (Humberto de Campos) e escancarar uma entrevista de entortar patuá com a falecida Marilyn Monroe.

Além de a entrevista não apresentar nenhum fato novo sobre o caso, tudo que ela disse ao repórter espírito, já havia sido levantado por repórteres encarnados, logo após a morte da atriz. Tudo se revestiu de um parangolé meio fajuto. Não deu nem pros espíritos mais fanáticos engolirem a treta.

Porém, o pior mesmo dessa zoeira de espiritismo, que no momento e da forma que vem sendo apresentada é puro escapismo, são as mumunhas do Seu Sete da Lira. Esse, que os kardecistas não aceitam, os umbandistas também não, mas que tem fãs às pamparras, faz das tripas coração pra abafar aqui na Terra.

Tu aí, que só pega a pior, tu que mora na beira do rio e quase se afoga toda vez que chove, tu que só berra da geral sem nunca influir no resultado, sente o aroma da perpétua. O Seu Sete da Lira quase conseguiu fazer bem à humanidade, que era acabar com os programas mundo cão. (Foi logo depois da sua aparição no Flávio Cavalcanti e no Chacrinha que o Governo resolveu dar uma dura nesses programas. Mas, só ficou na ameaça. Proibiu Seu Sete de aparecer na tevê, e os programas continuaram do mesmo jeito). Mas, o Seu Sete não perdeu o gosto pela vida artística deste planeta. Se lançou como compositor de carnaval e participou de concurso.

Apesar de ser milagreiro, o Seu Sete da Lira apenas conseguiu tirar o terceiro lugar. O que vem provar que, em matéria de música de carnaval, os encarnados estão bem mais em forma. Coisa que já não acontece em matéria de bloco. O próprio Seu Sete da Lira organizou um bloco dos mais animados e desfilou pelas ruas do Rio de Janeiro montado em seu cavalo, dona Cacilda de Assis, que vestia um terninho dourado, cartola e capa vermelha. O bloco estava com mais de quinhentas pessoas, entre homens e mulheres. E todos vestiam shorts vermelho, camisa branca com um escudo vermelho com um 7 preto. A bateria desse bloco era da pesada e os componentes cantavam com todas as forças da caixa de catarro o samba "Podes Voltar", de autoria de dona Cacilda.

E é isso aí, amizade. Pelo jeitão, o lado de lá deve estar mal às pamparras.

De qualquer forma, a gente apenas faz o registro das tretas deste planeta de provas. Como já disse aqui muitas vezes, meu puçá não vai além da superfície e eu, por essas e outras, só pesco o que surge boiando nas águas barrentas em que navego contra a maré. Porém a bem da verdade, ultimamente, quanto mais eu rezo, mais fantasmas me aparece.

Mumunhas do carnaval de São Paulo (Última Hora de SP – Edição de 19/2/1972. Página 16 Caderno 1)

Quando essas mal traçadas linhas foram escritas, a gente estava voltando de uma reunião na famosa esquina do Mais-Mais, ali na frente do Teatro de Arena. Pra ser mais exato, no boteco Redondo. Era quarta-feira de cinzas e ainda não se sabia o resultado oficial do desfile das escolas de samba de São Paulo. Mesmo assim, o quás-quás-quás era enorme. Quase todos concordavam que Camisa Verde e Branco da Barra Funda, Vai-Vai do Bexiga e Mocidade Alegre eram as que melhor se apresentaram no Vale do Anhangabaú. Porém (e sempre tem um porém), a curriola não botava fé na vitória do [sic] Vai-Vai. E é aí que meu patuá entorta. A alvinegra do bexiga, quando entrou no vale, fez a terra tremer. O povão que sempre berra da geral cantou o samba do Zé Di com todas as forças da caixa de catarro e

aplauiu em pé o desfile da patota do Pé rachado, mas mesmo assim sempre tem gente pra inventar defeito pro Vai-Vai do Bexiga.

Isso me fez lembrar um papo que escutei na arquibancada no domingo do desfile. Quando os microfones anunciaram que o Vai-Vai ia entrar, o povão se assanhou. Aí, um crio[u]lão meio invocado se virou pra namorada e selou:

– O Vai-Vai é como o nosso Corinthians. Tem a maior torcida, mas não ganha nunca um campeonato.

Toda a curriola que estava em volta riu. E o desfile teve início. Uma beleza. Grande Vai-Vai. Animada, bem vestida. Ótima bateria. Alas bem ensaiadas. Belas mulheres e tal e coisa. E no final, um festival de bandeiras do Corinthians, conduzidas pela ala dos Gaviões da fiel. Um espetáculo retumbante. Quando viu aquilo, o crio[u]lão invocado se iluminou e berrou como um torcedor abilolado. Mas, assim que a escola saiu do Vale, ele sentou-se meio jururu e encabulado se abriu com a namorada:

– O Corinthians anda tão cheio de urucubaca que o Vai-Vai é capaz de perder o título de melhor escola só porque está carregando a bandeira do Corinthians.

Nessa reunião de quarta-feira de cinzas o pessoal mais chegado às escolas e aos regulamentos do desfile saiu com esse argumento contra o Vai-Vai:

– Só com as bandeiras do Corinthians eles vão perder dez pontos. Aquilo não fazia parte do enredo.

Pode ser, amizade. Mas pra mim o Vai-Vai estava uma beleza de assombrar e de fazer crer que loguinho o carnaval de São Paulo faz frente pro do Rio de Janeiro.

Homenagem ao Tali[s]mã

Nessa reunião de quarta-feira de cinzas, nem tudo foi cascata. Por exemplo: todos os presentes reconheceram que a grande figura do carnaval de rua de São Paulo foi o Talismã. Ele, que no meu entendimento é um senhor artista popular, foi considerado pela patota como autor do melhor enredo e da melhor alegoria. O enredo que o Talismã fez foi Literatura de Cordel e que deve ter dado dez pontos pro Camisa Verde e Branco da Barra Funda. E alegoria foi a mais caprichada de todas e foi o grande trunfo dos Unidos da Vila Maria. Principalmente o Bondinho puxado a burro era um negócio pra pilantra nenhum botar defeito. Ninguém de corpo presente na reunião regateou elogios ao Talismã. E olha que tinha gente de tudo quanto era escola. Por essas e outras, seu Mumu vai ganhar uma homenagem dos seus fãs. Entre os quais eu estou firme. O Dirceu Jabaquara, fotógrafo das Folhas, em momento de inspiração ou de fome, sugeriu que se fizesse um jantar em homenagem ao seu Mumu. Todos toparam. O Carlão da Vila, o Jangada, o próprio Dirceu e eu ficamos encarregados de organizar a coisa e pegarmos as inscrições.

Desde já deram nome pra ter honra de homenagear o grande artista popular várias figuras de grande peso. Ety Fraser (Rainha Moma), Cirão Correa de Castro (Lord Sete Boias) e Bucka (Lord Pai do Rancho) foram os primeiros. O Marco Aurélio (Jangada) garantiu que fala com o Rei Momo e aí o quarteto está fechado. Além dessa patota, o Jangada vai falar com o Edénir Machado pra que ele esteja presente e todo o pessoal da crônica entrou firme no apoio ao rango em homenagem ao Talismã. Walter Silva (Picapau), Flávio César, Vasco Oscar Nunes (Lord Navegante) [,] Adones de Oliveira (Lord Pé de Cama[]) estão nessa barca. Seu Mumu merece.

Viva o rei momo!

O Rei Momo de São Paulo merece um destaque todo especial. Há muito eu não via um Rei Momo tão folião como esse. A bem da verdade, Rei Momo tão alegre

eu não via desde que o Waldemar, Rei Momo santista de velhos carnavais pendurou a coroa. Mas, esse atual Rei momo paulistano é uma brasa. Merece continuar no posto que ocupa por muito tempo. O moço sabe das coisas. Desempenha seu papel com grande dignidade. E mais: ele brinca porque gosta de brincar. Isso é importante às baldas. No nosso atual Rei Momo a alegria contagia. Ele é folião de verdade. E cabe bem no cargo de rei. Não é como certos fajutos que são coroados reis por serem gordos e aceitam apenas pelas vantagens do cargo. Nosso atual Rei Momo é de se esbaldar em carnaval. A melhor prova desse plá que estou dando foi a saída dele na Banda Bandalha. O Rei Momo enrustiu a coroa, o manto real e outros badulaques e, disfarçado de mendigo, mandou ver a pé, junto com a curriola. Rei assim dá gosto. A patota da esquina do Mais-Mais está orgulhosa do Rei Momo que tem. Viva o Rei! Ele nos dá esperança de belos carnavais.

Jangada sugere

Outra sugestão dada nessa reunião da esquina do Mais-Mais que teve de saída o entusiasmo geral foi dada pelo nosso bom camaradinho Jangada, colega aqui de Última Hora, redator do Placar e sambista do primeiro time. Ele deu a ideia de se formar a Sociedade dos Amigos do Carnaval de São Paulo. E saiu³⁵¹ um troço que deve ser posto na balança e estudado com carinho.

Corinthians, campeão absoluto

Meus pontas de lança pros bailes de Carnaval de São Paulo andaram em vários pagodes. Mas, todos são unânimes em afirmar que o Corinthians é que [é] a brasa estava viva. Mesmo considerando a grande animação dos outros bailes, o Corinthians ficou com o título de campeão de carnaval.

As chupetas que eu não entendo (Última Hora de SP – Edição de 21/2/1972. Página 16 Caderno 1)

Meus pontas de lança, que neste carnaval andaram conferindo as fantasias dos foliões, apareceram com uma estatística de entortar patuá. Dizem eles (e se dizem é pra se botar fé) que a maioria dos fantasiados do carnaval paulistano estava na base de travesti. Até aí nenhuma surpresa. Não sou nenhum Freud, mas consigo manjar o perereco dessa gente. Agora, o que eu não entendo e acho mesmo que nem Freud explica é que: em tudo quanto era baile e bloco tinha gente às pamparras com chupeta na boca. Nessa eu juro pela luz que me ilumina que boiei. Vou transferir essa questão pros meus chapas do Instituto de Psiquiatria da Escola Superior de Psicanálise. Eles, que cuidam da cuca humana e entendem de carnaval, como provaram no desfile da Banda Bandalha, podem talvez rachar o mistério pra nós dessas chupetas todas nas bocas de marmanjos foliões.

Helio renegado

O nosso Hélio, redator de esportes da Última Hora, deu um vexame tremendo. Ele, que é cotado entre a patota da pesada aqui da casa, no momento da saída da Banda Bandalha afinou. Deu pra trás vergonhosamente. Os fuxiqueiros³⁵² vieram me falar que o Helinho não estava acreditando muito no pagode da Banda Bandalha. A gente deixou andar. Porém (e sempre tem um porém), depois do sucesso, Zé Roberto Malia, Cabralzinho e outros foliões de gabarito pegaram o pé

351 Esta palavra está com letras apagadas no exemplar do original de jornal pesquisado.

352 Termo atualizado; no original de jornal consta “fuchiqueiros”.

do bruto. Ele ficou tão acanhado que, pra se reabilitar, fez das tripas coração nos bailes de carnaval. Se badalou tanto [que] até ganhou prêmio de maior folião de salão. Foi receber no Baile da Ressaca no CMTC Clube, o troféu a que fez jus como folião. Parabéns ao Helinho que, se não se reabilitou totalmente diante dos olhos do povo da Banda Bandalha, pelo menos conquistou o direito a uma nova chance. Sábado de Aleluia a gente deixa ele sair na Banda Bandalha.

Minha escola de samba Morro da Casa Verde

Zeca, meu chapa, a essa altura do campeonato, deve estar sofrendo às baldas com o rebaixamento da sua escola de samba. Mas, podes crer, amizade. Eu sofro junto pela Escola de Samba Morro da Casa Verde. E sofro mais por ter certeza de que nossa escola caiu não pela contagem dos juízes. Estava caprichadinha. O samba do Zeca botou a torcida pra cantar e tudo. Fomos rebaixados por atraso. E esse atraso não foi culpa do povo da escola. Fomos rebaixados porque somos ainda uma escolinha pequenina e pobre. Não temos força política. Só por isso voltamos pro segundo grupo. Mas, vamos em frente, Zeca. Ano que vem estaremos firmes no Vale pra provar que foi xavecada³⁵³ o nosso rebaixamento.

Como vês, Zeca, eu falo nossa escola. É porque desde já sou do teu Morro da Casa Verde. Estou contigo pro que der e vier. Se tu quiser virar a mesa, estamos aqui pra isso. Topo a parada contigo e tua gente. A coluna está à tua disposição. Podes vir aqui a qualquer hora pra meter a boca no trombone.

Escola Superior de Psicanálise

Meus chapas da Escola Superior de Psicanálise piam na parada com uma cartinha que apontam algumas mancadas nossas. A gente, então, transcreve tudo direitinho. Aí vai:

“Agradecemos envaidecidos o título de chefes da alegoria da Banda Bandalha e, para o próximo ano, vamos bolar um carro alegórico flamejante, cheio de babados e outros bichos. Mas, para incrementar ainda mais zorra, aqui vai um noticiário que o amigo não tomou conhecimento:

A Ala Batusquela apresentou um carro alegórico representando um navio no enredo “Descoberta do Brasil, que loucura”, mas como só dava mulher no carro referido, na última hora mudado o enredo para “A Loucura das Amazonas”. Depois, meu chapa, o carro alegórico não era caminhão (aqui, ói...), mas um esplanada zerinho que, assim que terminou o carnaval desceu para a oficina para uma reforma geral. (O mecânico perguntou se tinha capotado!!)

Para prevenir acidentes, que é dever de todos, o Departamento Social deste centro Acadêmico improvisou um Pronto Socorro de urgência dentro do carro alegórico, e isso tudo ficou sob a responsabilidade do médico Sylvio Matheus Gandra que, não resistindo ao entusiasmo das mulatas, caiu no samba.

Para abrir caminho para a Banda Bandalha, levamos três motocicletas, que foram os “abre-alas” junto com os batedores do DET.

Cumpramos ressaltar a presença do nosso aluno, pastor José Carlos Balthazar que animou junto com o Lord Bang-Bang a “ala infernal”.

Fora isto, depois de quinta-feira, continuamos saindo para animar o carnaval de rua. No Baile do Anhembi, com milhares de pessoas não podendo entrar por falta de lugar, amarramos o maior carnaval de rua. Brás, Canindé, Pari, Centro (Av. Ipiranga e Consolação) foram cenários de nossa zorra. E por onde passávamos, a Banda Bandalha era revivida e recordada.

353 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

Ano que vem, com a propaganda ao vivo que fizemos, a Banda Bandalha desfila com mais elementos.

Assinado: Boaventura Cisotto Netto (Lord Louco)”.

É isso aí, meus camaradinhos. Eu disse que o folião de rua paulistano estava só esperando um apito para cair no samba. Não vai demorar muito, não, pro carnaval de São Paulo ser o mais quente de todos.

João Leão me faz recordar (Última Hora de SP – Edição de 22/2/1972. Página 16 Caderno 1)

Existe uma grande diferença entre curtidão e badalação, embora muito papagaio enfeitado se badale pensando que está curtindo. Há alguns otários inclusive que chegam ao cúmulo de acreditarem que curtir a vida é encher a cuca de fumo e ter uma visão retorcida dos fatos. Quem pensa assim está engrupido. Está longe às baldas de ser um curtidor. No máximo, o que consegue é fazer da vida uma doença e penar enganado pelos atalhos mais esquisitos, escamosos e estreitos do roçado do bom Deus. Curtir é ter espírito pra pescar as sutilezas que piam na parada no dia a dia. É tirar de letra os azares. É botar bom humor nas tragédias. “Curtir, ou é fácil ou é impossível”, diz o Carlos Imperial. E se ele diz, é porque é. O gordo sabe das coisas. Mas, deixa isso de lado. O que pesa na balança e o que quero contar aqui é tudo sobre o meu chapa de muitos anos, o João Evangelista Leão. Ele é um dos grandes curtidores que conheço. Aliás, esse parangolé todo escancarando pros leitores o que é curtidão é exatamente pra que ninguém interprete mal a curtidão do João Leão. Mas, é verdade. Curtidor está aí. Desde os tempos em que o João Leão estudava na Politécnica, que eu tiro ele na pinta.

Foi o João um dos primeiros amigos que tive quando cheguei em São Paulo. Eu o conheci num festival de teatro de estudante que houve em Campinas. E vale a pena recordar esse festival do Pascoal Carlos Magno. Foi nesse lance aí que eu conheci minha Dereca que é a companheira de todas as batalhas.

Nesse tempo eu estava entregue às traças. Vivia de cidade em cidade do interior, me virando de camelô, com os álbuns de figurinhas Aquarela. E se não me falha a memória, estava trampano em Lorena, quando soube do festival em Campinas. Uns quatro anos antes, eu tinha escrito a Barrela, e a Patrícia Galvão havia mostrado a peça ao pascoal, que se entusiasmou por ela, fazendo os estudantes santistas montarem. Depois, me mandei por aí. Mas, na pior, lembrei que o Pascoal botava fé em mim e fui pra Campinas procurar uma estia.

São essas as quebradas da vida. Nelas, de repente, a gente pega um novo rumo. Fui pra Campinas só querendo ter um recreio de uma semana. Casa, comida e namoradinhos estudantes, e tal e coisa. Nem é preciso dizer que o Pascoal me atendeu assim que me viu. Me fez festa e me apresentou pra moçada como grande autor. Sem dúvida, o Pascoal foi dos primeiros a acreditar em mim. Porém, eu estava só de passagem e levei a catraia como quem está de passagem. Até o último dia de festival. Mas, na hora do baile de encerramento, souo o momento decisivo da minha existência. E aí não tem bom, camaradinho³⁵⁴. É a decisão. O nó dramático. E foi o meu.

Eu estava de fuça cheia de cachaça e perturbando no corredor que dava do salão pro mi[c]tório das moças. Estava na velha base do caçador que fica de tocaia no bebedouro. Na mesma catimba estava uma curriola de Campinas. Mas, a gente não estava junto na transa. Nem nos conhecíamos. Apenas o macete era o mesmo.

354 Termo atualizado; no original de jornal consta “camaracinha”.

E foi aí que a Dereca apareceu no corredor. Eu levo fé às baldas nesse negócio de olho no olho. Nesse lance não deu outra coisa. Minhas botucas bateram nas botucas da Dereca e eu me entendi. Meu Ogum me garantiu com um arrepio e eu fiquei mais eu. Só que um dos pilantras da curriola de Campinas se atravessou. Mexeu com a Dereca de modo grosso. Ela, ouriça, deu o estrilo. Bem me lembro. Palavra por palavra:

– Se meu irmão estivesse aqui, ele te arrebetava.

O Campineiro folgado achou graça. E eu, com a educação que me é peculiar, pedi licença pra Walderez e mandei um tremendo soco na fuça do rapaz. Daí pra frente fedeu. O presidente nessa época era o Jânio Quadros. E justamente por isso havia um retrato dele pendurado na parede. Pois um gaiato o arrancou e me deu com o Jânio de moldura e tudo na testa. O melado correu e eu endoidei. Peguei a taça do vencedor do festival e fiz miséria com ela. Foi um rolo endoidado. E eu só não morri porque a patota da Politécnica, liderada pelo João Leão, me tirou dali. Foram legais. E eu fiz amizade com o João e logo saquei que ele era um grande curtidor.

Soube que ele tinha a maior coleção de garrafa de cachaça do mundo e que curtia isso com categoria. Por onde ele passava, comprava uma garrafa de rótulo esquisito e afanava outra. A comprada era pra beber. A abafada, pra coleção. Soube também que ele cuidava da Placoteca. Naquele tempo, essa Placoteca era orgulho da Poli. Consistia em placas raras abafadas das ruas do mundo. Por amizade do João Leão, dei-lhe uma placa que mandei de um cemitério e que dizia: “Campa vaga por falta de pagamento”. E vi o João curtir mais mil e uma presepadadas.

Nesse tempo todo que estou na televisão, nunca vi ninguém curtir a máquina de fazer doido como o João Leão. E ele curtia o melhor programa de entrevistas que já houve na tevê. O programa era a do Silveira Sampaio. E o João Leão, com a cara de quem não quer nada, curtia até o próprio Silveira. Era um barato. O João Leão nunca se afobava. Cozinhava tudo em água morna.

Depois o João Leão sumiu. Provavelmente foi remando sua canoa em águas de bom peixe. O certo é que não nos cruzamos por muito tempo. Creio mesmo que fiquei ano sem ver meu bom chapa João, amigo dos tempos difíceis. Mas, eis que, de repente, na saída da Banda Bandalha, me aparece o João Leão. Estava de terno e gravata, mas a fuça era a do curtidor de sempre. Deu sua pala. Saudou a banda e se misturou com a massa de quatro mil e trinta pessoas que formavam a Bandalha. Se desfilou ou não, ninguém sabe. Porém, a presença do João na saída me deu embalo. Me deu certeza de que a gente ia dar um bom recado. Se o João deu o ar de sua graça na saída da Banda Bandalha, é porque sem dúvida a banda é um barato. Ele é um dos maiores curtidores do país e passou recibo pra nós.

Só se fala do Carnaval (Última Hora de SP – Edição de 23/2/1972. Página 16 Caderno 1)

O Carnaval desse ano aqui na nossa paróquia foi um tremendo sucesso. Juro por essa luz que ilumina que nesses anos todos que moro em São Paulo nunca tinha ouvido tanto quás-quás-quás em torno de samba. Nem nunca a esquina do Mais-Mais reuniu tanta gente das escolas de uma vez só, como vem fazendo ultimamente. Ontem à noite, o boteco Redondo parecia assembleia de sambista. Tinha gente dos Unidos da Vila Maria, do Camisa Verde e Branco, do Império do Cambuci, do Vai-Vai e do Peruchinho. Todos curtindo ainda o grande desfile do Vale do Anhangabaú.

Claro que tem nego às pamparras chiando com o resultado. O pessoal do Vai-Vai, por exemplo, não se conforma em ter perdido, por apenas um pontinho de diferença, pra Mocidade Alegre. Alguns torcedores do glorioso Vai-Vai do Bexiga acham que um ponto não é diferença. E eu estou nessa também. Nem eu, nem ninguém nega a beleza do desfile da Mocidade Alegre. Porém (e sempre tem um porém), a patota, com razão, é muito mais Vai-Vai.

Por essas e outras, tem gente às baldas tramando um tira-teima no Vale, no sábado de Aleluia. Claro que, oficialmente, a Mocidade Alegre permanece campeã. Ela foi vencedora com o voto da comissão julgadora. Mas, no sábado de Aleluia veríamos quem seria aclamada campeã pelo povo. As duas escolas têm torcida. As duas são vibrantes. As duas, no sábado de Aleluia fariam a terra tremer. De quebra, ainda poderia entrar na parada a Escola de Samba Camisa Verde e Branco da Barra Funda, do meu chapa Inocêncio. Ela, que na pala dos sambistas não ganharia nem do Vai-Vai, nem da Mocidade, poderia ser a zebra na vontade do povo. Força e torcida o Camisa Verde e Branco têm pra encarar as outras ali no taco a taco.

Pro samba, pro carnaval de São Paulo, uma presepada dessa seria de grande valia. A gente ia ter assunto pra curtir o ano interior. E no sábado de Aleluia, São Paulo ficaria todinha embandeirada. De manhã, seria botado na rua o carnaval do folião. A Banda Bandalha e outras bandas se encarregariam disso. A noite, no Vale, saía o carnaval dos sambistas, com o desfile dessas três magníficas escolas, que são o Vai-Vai, o Camisa Verde e Branco e a Mocidade Alegre. Ia ser lenha pura. Podes crer, amizade. Numa jogada dessas o carnaval paulistano emplacava pra sempre. A curriola que só gosta de brincar se esbaldava à tarde na Banda Bandalha, depois, à noite, ali pelas oito horas, ia pro Vale assistir à decisão popular sobre a melhor escola. E lá pela meia-noite, se arrancava pros bailes.

Melhor zoeira do que essa é impossível. Ficava um programa pra otário nenhum botar defeito. Ainda mais que a decisão no Vale seria dada na base do agrião, no melhor estilo programa de auditório. Isto é, no aplauso. E todos teriam certeza de estarem participando da decisão. Está dada a sugestão. Se houver boa vontade, é só botar pra frente. Falei.

Dois títulos já foram pro vinagre

O Corint[h]jians esse ano começou pior do que nunca. Estados no segundo mês do ano e o alvinegro de Ogum já perdeu dois títulos. Se eles continuarem mantendo a média, no fim do ano terão ido pra cucuia doze títulos, o que sem dúvida vai ser de entortar o patuá da moçada que berra da geral sem nunca influir no resultado. Mas, tem corintiano que está até contente que esses esquinapos aconteçam logo na saída. Um desses que, mesmo nos maiores desastres do time, mantém a esperança, me deu a dica desta lógica de batusquela:

– Todo ano o Corinthians começa bem e acaba mal. Esse ano vai ser invertido. A gente tá começando mal pra acabar bem.

Deus queira que esse babado dê certo. No grande³⁵⁵ ano do carnaval em São Paulo, seria legal um carnaval do timão do povo.

Batuquejê

Amanhã, dia 23, vai ser inaugurada em São Paulo mais uma casa de samba: o Batuquejê. A direção artística da nova casa será do Edson Guerra, um cara bacana que há muito tempo vem fazendo das tripas coração e defendendo e divulgando a música popular brasileira através do microfone da Rádio Record.

355 Termo atualizado; no original de jornal consta “grando”.

Estaremos prestigiando esse acontecimento, que serve para provar mais uma vez que o samba está no seu grande momento aqui em São Paulo.

Que tristeza

Tem otário que só está feliz quando está botando pra baixo. Por exemplo: nos meios do samba, em São Paulo, tem pilantroso enganador que não vacila em fazer fofoca e tentar entruatar pessoas honradas. Esse vagau pé de chinelo, outro dia, quis armar uma xavecada³⁵⁶ pro Marco Aurélio (Jangada). Sem pensar no enguiço que pode dar uma calúnia, o pilantroso vai envenenando os ambientes. A gente, que é ponta firme do Jangada, estava a fim de abrir todas as baterias contra o pilantra. Mas, o próprio Jangada pediu pra gente manear. Como o caso está esclarecido e não é hora pra se dar passagem pras coisas menores no samba em São Paulo, a gente vai deixar barato.

Mas, eu quero deixar bem claro a todos e também ao leviano moço que andou caluniando o Jangada, que se ele voltar a ouriçar contra a honestidade profissional do Jangada, vai ter pau. Pelo Jangada, no setor profissional, eu boto a mão no fogo. Ele é meu cupincha e é da minha curriola, e eu compro a briga dele a qualquer hora e me garanto. Contra a honestidade do povo da minha patota, não vai pilantra nenhum jogar lama e ficar por isso mesmo. Agora, quanto ao trabalho artístico, tanto o meu, quanto o do Jangada, qualquer um, a qualquer hora, pode criticar, avacalhar, esculachar e tudo mais. A gente sabe o que está fazendo e onde quer chegar. Mas, contra o caráter, a vida pessoal, não venham que a lenha é pura e dura.

E pra evitar mais zoeira, quero dar fé que o engano que uma revista cometeu ao noticiar que o enredo Literatura de Cordel, com que o Camisa Verde e Branco desfilou, é de autoria do Marco Aurélio (Jangada) é de responsabilidade da própria revista. O Jangada não tem nada com esse engano. O enredo é do Talismã, de quem somos grandes amigos e fãs. Se bem conheço o Alessandro Posro [sic], ele logo vai retificar esse babado. Não há motivo pra enxame.

Um outro lado da tragédia (Última Hora de SP – Edição de 27/2/1972. Página 14 Caderno 1)

Tu que sempre pega a pior, tu que só come da banda podre, tu que mora nas berbas do rio e quase se afoga toda vez que chove, tu que só berra da geral sem nunca influir no resultado, sente o aroma da perpétua. Eu sempre falei aqui contra o herói. Mas, pombas, hoje tenho que me render e fazer oba-oba a esse herói magnífico que é o soldado do nosso Corpo de Bombeiros. Aquele que comanda e o que é comandado dessa gloriosa corporação merecem todas as nossas homenagens. Eles fizeram das tripas coração no trágico lance do prédio da Pirani. Provaram mais uma vez no meio da batalha que são homens de verdade. Inteiros. Valentes. Bem treinado. Os bombeiros de São Paulo são homens machos. Eles não vacilam em arriscar a vida pra salvar os outros. Oxalá salve esses legionários magníficos!

Um bombeiro comum

Ele acorda cedo, beija a mulher e os filhos e se manda pro quartel pra render os companheiros que ficaram de plantão à noite. Cumpre as mumunhas de rotina e espera. A qualquer momento pode soar um alarme. E o bombeiro tem que partir pro

356 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

que der e vier. Pode ser pra tirar o gato da madame que ficou preso no alto de uma árvore, ou pra meter a mão num fio desencapado onde se enroscou o papagaio de papel de um pivete, ou abrir a porta pra uma velhota que esqueceu a chave, ou descer no fundo de uma lagoa pra procurar um afogado, ou, então, pra encarar um tenebroso incêndio como o do prédio da Pirani. Aí, meu chapa, é que é broca.

E a gente nem de leve imagina quanto de coragem é preciso pra entrar numa parada dessas. Aqui, ói, gaivota, que é mole. Tu tirar uma onda de valentão de cabeça quente é normal. Mas, sair de casa tranquilo e se meter no meio de uma fogueira é preciso muita bravura. E isso os nossos bombeiros têm. E vão pra luta. Esquecem filho, mulher e não enjeitam o pau. É isso aí, amizade, podes crer.

Os heróis dos meus filhos

Meus filhos, dois pivetes bons, como todas as crianças, são vidrados nos heróis de araque das revistas em quadrinhos e nos bonecos de engodo da televisão. Eles vivem me pedindo pra lhes comprar roupa de Batmam, de Super-Homem e os cambaus. Ontem, quando cheguei em casa, o Kiko, que estava vendo o incêndio da Pirani pela televisão, me deu uma dura:

– Pai, por que tu não é bombeiro?

Eu encabulei e, antes de responder, o Nado meteu ficha:

– Pai, você me compra uma roupa de bombeiro?

Vou comprar, sem falta. Meus filhos vão ter roupa de herói, finalmente.

Eles merecem

Quando a gente cruzar com um bombeiro na rua, deve parar e cumprimentá-lo. O bombeiro paulista é um homem macho de verdade e digno dos nossos maiores respeitos.

Unidos pela dor

Essas tragédias acontecem em qualquer lugar. Mas doem. E quem tem olhos de ver pode nessas horas constatar a grandeza de um povo. O nosso se uniu e foi grande. Pouca coisa havia a fazer. Mas a generosa gente paulistana ficou de plantão a fim de dar sua contribuição, de ajudar, de entrar na parada se fosse preciso. Quem era de fé rezava. Os mais sensíveis choravam e uma verdadeira multidão procurava os bancos de sangue pra fazerem doação do seu sangue para as vítimas. Gente boa a de São Paulo. No meio da tragédia, estavam todos unidos por uma onda de solidariedade. E deu pra ver que essa gente tem amor às baldas pra dar. Isso nos dá esperança.

A fé

Na Praça da República, eu vi com esses olhos que a terra há [sic] de comer um dia, um negrão se ajoelhar, levantar as mãos pro céu e berrar com todas as forças da sua caixa de catarro:

– Faz chover, Xangô! Faz chover, Xangô! Tem que chover! Tem que chover!

Os hospitais

Nos hospitais, a viração foi muito grande. Médicos e enfermeiras não pouparam esforços pra salvar gente vitimada no incêndio. São bravos também. Eles juntamente com os heróis bombeiros, fazem parte da massa anônima que trabalha com amor pelo seu semelhante.

O final

Enquanto ainda havia chamas, enquanto os helicópteros ainda trabalhavam incessantemente para salvar as pessoas que estavam na área em cima do edifício, enquanto as ambulâncias ainda iam e vinham levando e buscando vítimas, nas ruas ainda se concentravam centenas de pessoas, que assistiam, que rezavam, que procuravam parentes e amigos, que queria ver, que queriam saber, que queriam ajudar.

Aos poucos, a movimentação toda diminuiu. Os helicópteros terminaram seu bravo trabalho, os últimos sobreviventes foram salvos. Pra grande maioria, nada mais havia a fazer no local. Mas, pros bombeiros, a luta continuava. E por muito mais tempo. E talvez a pior parte. Retirar dos escombros, os corpos das vítimas que não puderam salvar. Contemplar, impotentes, o que nem sua coragem, seus esforços heroicos puderam evitar.

Mais do que todos, os bombeiros estão sentindo toda a extensão da tragédia. Muitos deles foram feridos, com queimaduras, intoxicação. Mas todos eles devem estar feridos por dentro com o que suas botucas de ver viram. Porque eles trabalham com amor. Podes crer³⁵⁷.

Mulher de malandro precisa se tocar (Última Hora de SP – Edição de 28/2/1972. Página 16 Caderno 1)

Mestre Zagaia, velho cabo de esquadra que navegou sem bandeira por muita água barrenta e bateu perna à toa pelos mais estranho[s] esquisitos e escamosos caminhos do roçado do bom Deus, que encarnou mumunhas de assombrar até nego de patuá de grande força, por essas e outras conquistou, no meio da batalha, os cabelos brancos, as rugas e as cicatrizes que são as divisas que lhe garantem o respeito até dos vagaus mais ouriçados que se batem nas quebradas do mundaréu, desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, até o pilantroso pisa devagarinho.

E foi o Mestre Zagaia que um dia de grande inspiração escancarou a Tabuada das Candongas, pra servir de guia de luz pra muito otário que anda marcando bobeira, se atucanando e comendo capim amargo pela raiz. E é na Tabuada das Candongas que o Mestre Zagaia diz:

– Em briga de marido e mulher, o bom cabrito não mete a colher.

E se o Mestre Zagaia diz, é que é. Porém (e sempre tem um porém), tem gente que se fia na Virgem e não corre, e daí se machuca. Dona Wilma Camargo era bem desse naipe. Um pouco por ser xereta, um pouco por solidariedade, quando ela viu o marido da vizinha biabando a mulher, não vacilou. Se encheu de coragem e foi desapartar a briga. Não prestou. O marido da vizinha que não era homem de se embandeirar em quás-quás-quás de mulher, aproveitou o embalo e bolachou também dona Wilma.

Humilhada, ofendida e com a fuça arrebetada, dona Wilma foi chiar de raiva. De cabeça quente pela zoeira da dona Wilma, ele pegou a peixeira e foi tirar satisfação com o marido da vizinha que havia esculachado a sua mulher.

Seu Camargo não era mole. Botou o vizinho contra a parede e esse se viu em palpos de aranha. Na Barra do Catimbó, o nego quando pode é leão, quando não pode é raposa. E o marido da vizinha do seu Camargo nessa sinuca de bico não podia nada e por essa razão engrenou um papo a fim de livrar seu lado e complicar a dona Wilma. Sem fazer cerimônia com a otária, o marido da vizinha entregou:

357 Termo atualizado; no original de jornal consta “cres”.

– O negócio não é nada disso, meu chapa. Era coisa minha e da nega. Eu tava dando um bumba-meu-boi na nega e dona Wilma, que é nossa considerada, se intrometeu sem pedir licença. Eu tava baixando o sarrafo na nega e nem vi dona Wilma. Continuei batendo na nega e dona Wilma pegou as sobras.

Seu Camargo era homem de dar decisão pra qualquer pilantra. Mas, não era nenhum pirado da cuca. Soube reconhecer que o marido da vizinha estava no seu direito de bater na mulher e que dona Wilma tinha folgado. Se desculpou com o marido da vizinha, guardou a peixeira, pegou um chicote e sem rodeio deu um tremendo castigo na dona Wilma. Ela gritou, esperneou, mas ninguém lhe socorreu.

Juntou gente às pamparras na porta do barraco de dona Wilma pra ver ela tomar paulada. Era uma plateia de Palmeiras e Corint[h]jians. Mas, ninguém meteu o bedelho. E então seu Camargo bateu sem dó até cansar. Dona Wilma se entortou. Porém, juntou as forças e saiu rastejando pelas ruas da Barra do Catimbó. E foi direto caguetar pro sargentão de serviço[,] o próprio marido. Só que encaveirou o seu Camargo e não contou o motivo da surra.

O sargentão cumpriu seu papel. Juntou três guanacos e foi buscar seu Camargo. Guindou o homem sem dificuldades. Mas, no xadrez, deu a pala:

– Valentão que bate em mulher tem que rebolar.

E em nome da dona Wilma o sargento e seus guanacos deram um corretivo no seu Camargo e recolheram o bruto.

Satisfeita, dona Wilma voltou pra casa. Só que não contava com mais um esquinapo. Pena. Se ela fosse ligada na Tabuada das Candongas, não entrava em nova pua. Lá, Mestre Zagaia também diz:

– Mulher de malandro tem que saber levar pancada sem se aborrecer.

E se Mestre Zagaia diz, é que é. E os irmãos de dona Wilma sabiam disso. Ela era a única botocuda da família. E o irmão mais velho deu-lhe uma dura e depois a família unida lhe sapecou nova biaba, pra ela aprender a nunca mais caguetar o marido.

Foram três as biabas que dona Wilma tomou. E no entendimento da curriola que berra da geral sem nunca influir no resultado, ela apanhou mas mereceu. A voz do povo nesse caso é a voz de Deus.

Transas de futebol no Catimbó

Assim que terminou o jogo da Portuguesa contra o Guarani, de Campinas, uma mesma ideia de jerico brotou na cuca dos homens que lidam com futebol na Barra do Catimbó. O pessoal do Flor de Ó e a curriola do União da Barra do Catimbó baixaram em peso na casa do Azevedo do Apito, famoso árbitro daquelas bandas que, por amor à atividade que exerce gloriosamente, já enfrentou pererecos cavernosos.

As duas curriolas iam trilhando caminhos diferentes do roçado do bom Deus, mas iam com o mesmo propósito na cabeça: convencer o Azevedo do Apito a treinar com seus boleiros o passe magistral (apesar de involuntário) que o juiz deu pra Portuguesa marcar o seu gol contra o Guarani de Campinas.

Só que quando as duas portas se encontraram em frente à casa do Azevedo, não precisou nem haver explicação. Se entenderam só de olhar um na fuça do outro. Tava na cara que estavam a fim da mesma coisa. E o pau comeu violento. Não sobrou ninguém inteiro, nem com vontade de levar avante o projeto. Os que não puderam se arrancar, entraram em cena e não estão sabendo como explicar o salseiro pro delerisca.

O Azevedo do Apito é que não entendeu nada. Por um hábito muito antigo, adquirido nos campos de batalha, que começou o pega pra capar, se mandou sem querer explicações. E deve estar enrustido até hoje, aguardando melhores dias.

Cesar do Palmeiras (Última Hora de SP – Edição de 29/2/1972. Página 16 Caderno 1)

Já estava há muito tempo a fim de dar um toque nesse papo furado que foi a suspensão do César do Palmeiras. Mas, fui deixando pra lá e só agora que me liguei no assunto. Pros nossos leitores de cuca pirada, não custa nem um pouquinho relembrar a façanha do grande artilheiro do Palmeiras e que só não é da seleção brasileira porque nós, da imprensa, não lhe damos o embalo que ele merece. Mas, vamos aos detalhes desse troço. Antes, saco do arquivo da minha privilegiada memória os fatos que resultaram na injusta suspensão desse grande craque.

Foi assim. Os cartolas do futebol, com a imaginação que lhes é peculiar, aproveitaram a folga dos campeonatos paulista, brasileiro e outros torneios menos votados onde Corint[h]jians e Palmeiras sempre são obrigados a se encararem, e marcaram uma partida amistosa entre Corint[h]jians e Palmeiras. Claro que nesses pererecos escamosos precisa ter alguém com noção do espetáculo. Se vamos deixar tudo por conta dos cartolas, já viu. O futebol paulista fica monótono. E o Cesar, que vive de futebol, que é profissional zeloso e sabe muito bem que, se botarem uma vez por mês o Corint[h]jians pra jogar contra o Palmeiras, vai dar porre na galera e as rendas vão baixar e seu salário nesse caso vai ficar a perigo, resolveu variar um pouco a presepada. E, em vez de fazer gol, como é seu costume, brindou a torcida com um magnífico espetáculo de curtição. César curtiu a bola.

Juro por essa luz que me ilumina que vibrei com esse notável craque, talvez o único que pode se dar ao luxo de uma catimba tão genial. Foi de entortar o patuá. Um barato, que fez um monte de salários mínimos da torcida de ambos os times se estourarem de rir. Podes crer, amizade. Até hoje não encontrei ninguém que berre da geral que tivesse visto o lance e que tivesse ficado nas broncas do César. Nas arquibancadas numeradas houve uns otários que se azedaram. Mas a gente, apesar de ter um puçá de vara curta que não vai além da superfície, saca bem esses pintas que não souberam rir desse craque magnífico, desse artista inteligente. Azedo de arquibancada é cartola frustrado. E sintam o aroma da perpétua. Se cartola realizado é chato, imagina então cartola encabulado. É o que tem de cri-cri. Não sabem nem ver futebol. E por essas e outras, eles não pesam na nossa balança. Quem importa é o povão. E o povão da geral achou genial o César meter a bola embaixo do braço e passear com ela pelo campo depois do gol do Corint[h]jians. Foi um sarro ver a fuça do juiz, dos cartolas, dos guardas de serviço, dos craques do Corint[h]jians, dos próprios craques do Palmeiras e até do técnico Brandão. Diante do inesperado gesto do César, eles se encabularam. Daí, na falta de espírito, de humor pra entender o improvisado do craque, o juiz expulsou o César de campo. Atitude de violência, sem dúvida nenhuma. Porém pra atitude do juiz se dá um desconto. Ele agiu no meio da batalha. Não se justifica é a suspensão imposta ao César no tapetão da Federação, onde os que o julgaram estavam de cabeça fria. Enfim, ele está suspenso. Uma pena. Mas, estou apostando uma grana que, quando o Cesar voltar ao time do Palmeiras, as rendas vão crescer. Porque, sem dúvida, esse centro-avante vale por um espetáculo. Não é nenhum cabeça de bagre e faz muitos gols. Viva o César do Palmeiras e do futebol brasileiro! Viva o César curtidor! Carlos Imperial já tem ele na mira pra lhe conferir o Prêmio Plá 72. E nós, da Banda

Bandalha, vamos convidá-lo pra sair com a gente no sábado de Aleluia em lugar de honra.

Coisas do carnaval

Nos bochichos das quebradas do mundaréu, dizem que o meu chapa Inocência do Camisa Verde e Branco está bronqueado com o Juarez da Mocidade Alegre, só porque, na hora do desfile do Camisa, o Juarez que assistia jogou a fumaça do seu charutão em cima da bateria da simpática escola da Barra Funda. Naturalmente não foi com o fedor do charutão do Juarez que o Inocência se invocou. Foi é com as quizilas que o povão diz ter naquele charuto, que é trabalho feito nas encruzas. O samba tem mumunhas.

Mais futebol

No jogo Portuguesa e Guarani de Campinas, esse espetacular craque que é o Xaxá fez milonga na ponta e centrou pra dentro da área. A bola passou por todos os jogadores, bateu por acaso no juiz e sobrou pra um jogador da Portuguesa, que sem a mínima cerimônia meteu no barbante adversário. Gol legítimo, sem dúvida, uma vez que o juiz é considerado ponto neutro. E tudo ficou por isso mesmo. Nessas horas é que o Cesar faz a alegria da geral. Se fosse ele que ganhasse uma colher de chá dessas do juiz, não ia esquecer de pular no pescoço do árbitro e comemorar com ele o perfeito passe recebido.

Ainda estamos lá

A peça “Quando as máquinas param”, que deu ao Teatro do Sindicato dos Têxteis o Prêmio Menção Honrosa da Associação dos Críticos de São Paulo, pela campanha de popularização de teatro, ainda está lá, na rua Oiapoque, com a Walderez de Barros e o Roberto Rocco. Só que agora o preço está mais popular que nunca. Quem não viu pode se chegar. A Walderez e o Roberto dão banhos de interpretação.

4.3 – As crônicas de março de 1972 – Coluna Navalha na carne

Cada um se vira como pode (Última Hora de SP – Edição de 1/3/1972. Página 14 Caderno 1)

Fazia tempo que meu considerado chapa Chuvisco não piava na parada. Eu até fiquei preocupado com o destino que meu ponta de lança pra assuntos da Barra do Catimbó podia ter tomado. Sabe como é que é. O Chuvisco não é nenhum pilantroso, porém (e sempre tem um porém), com a vida custando os olhos da cara como anda, ele podia ter arrumado algum enguiço, na vã esperança de adiantar seu lado, e ter ido em cana.

Com essa cisma na cuca, baixei no pedaço maldito, que fica encravado nas quebradas do mundaréu, bem onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos. E valeu a pena ter me chegado lá. Pelo Chuvisco, felizmente, não precisei fazer nada. Ele não está em fria. O legal foi encontrar na porta do Boteco do Mané Cheiro de Peixe toda a patota e escutar um longo quás-quás-quás, que dará facilmente pra eu garantir pelo menos mais um mês essa coluna, só com histórias que escutei de boca do povão. Mestre Zagaia, como sempre, estava sentado no seu caixote e só de vez em quando abria a boca. Mas, quando o fazia, podes crer, amizade, era pra dar as maiores luzes pra tudo quanto é vagau que anda marcando

bobeira nos estreitos, esquisitos e escamosos caminhos do roçado do bom Deus. O velho cabo de esquadra sabe das coisas. Mas, deixa ele de lado por enquanto. O que pesa na balança e o que quero contar é um lance de entortar o patuá, que ouvi do próprio autor da façanha e que vai ficar no anonimato porque não estamos aqui pra entregar ninguém.

Diz o bruto que estava flanando³⁵⁸ à toa pela Avenida São João, junto com um pivete ponta firme, pra ver se dava uma sorte qualquer, quando de repente entrou na fita um padre velho, desses que ainda usam batina. Como o sacerdote coroa carregava uma malinha com todo o cuidado, o bruto logo se ligou nela e desconfiou que tinha linguíça embaixo do angu. O padre não ia nadar tão agarrado numa maleta se ali dentro só tivesse um sanduíche de mortadela. E partindo dessa lógica, o bruto e o pivete saíram na campana do padre. A bem da verdade, iam com os maiores ideias de jerico. Estavam até pensando em ganhar a maleta do padre na su ra³⁵⁹. Sem arte. Dar uma trombada no coroa, apatolar [sic] a maleta e sair no pinote, ou então passarem a navalha no couro e abafar o miolo. E os dois foram se aproximando pra dar uma decisão no padre, quando ele entrou num banco.

De botucas sempre pregadas no sacerdote, os vagaus, que a princípio pensaram que o padre entrou no banco pra enruster a grana da igreja, viram com alegria que ele estava era recebendo. E viram também que o padre, ao receber o dinheiro, não o guardou na malinha. Levantou a batina e o meteu no bolso de trás da calça. Os dois pilantras eram escolados por mil e um anos de janela e uns oitenta de quarteirão. Até acharam graça do desbaratamento do padre. Carregava a maletinha de araque. E só com os olhos os vagaus se entenderam. O pivete comprou um jornal e o enrolou bem e assim que o padre saiu, os dois foram firmes no rastro.

O padre velho parou num ponto de ônibus e os lanceiros também. Quando o padre fez sinal para um ônibus, os dois pilantras quase grudaram nele. E quando o ônibus encostou no ponto, entraram firme. O pivete, com o jornal enrolado, levantou a batina do padre e o parceiro, fingindo que ia ajudar o padre velho a subir no ônibus, sem fazer cerimônia segurou o braço do padre com a mão e com a outra de furqueta, descolou a grana tranquilamente do bolso de trás do sacerdote. O pivete então retirou o jornal e deixou a batina do otário cair. Os dois lanceiros nem embarcaram. Ficaram na rua espiando o padre, que fez questão de agradecer o apoio que o vagau lhe deu pra subir no ônibus. E ele foi embora. Foi uma moleza rendosa. Quinhentas geripocas fáceis. Que fizeram a festa de dois pilantras.

Respondendo à freguesia

Sindicato Rural do Vale do Rio Grande – “Esse sindicato tem a honra de convidar³⁶⁰ a V. S. a realização da 21ª Exposição de Animais e Produtos Derivados de Barretos, que obedece a seguinte agenda:

Dias 1, 2, 3 de maio – Entrada de Animais – Dias 4, 5, 6 – Julgamento – Dia 7 – Inauguração – Dia 14 – Encerramento.

Assim, esperando reeditar neste ano com maior brilhantismo os sucessos anteriores, temos o prazer de convidá-lo a participar conosco da grande promoção, solicitando do prezado companheiro a inscrição dos excelentes animais que mantém em seu plantel”.

358 Termo atualizado; no original de jornal consta “flanando”.

359 Esta palavra está com letras apagadas no exemplar do original de jornal pesquisado.

360 Termo atualizado; no original de jornal consta “participar”.

Deve ter havido algum ligeiro engano, ou então a oposição fez fuxico³⁶¹ de mim aí junto à patota do Sindicato Rural. Meu negócio é teatro e o que tenho são excelentes atores na minha companhia. Mas, tenho certeza que, apesar de eles gostarem muito de se apresentarem em público, nesse campeonato eles não iam se dar bem. De toda forma, dou um alô sobre a festa de vocês.

Caio de Oliveira – “Agradeço por ter aceito o caso do pé de mulher. Mas, quero te contar o seguinte: Em 1961, quando fui incorporado à FAB...”

Meu chapa, eu que agradeço tu se chegar a nós mais uma vez. Mas, esse teu caso do tempo da FAB, apesar de engraçado, vou dispensar. Pra teu governo, também servi na gloriosa Aeronáutica, só que no ano de 1954, época em que a nossa farda era amarelinha e não azulzinha como no teu tempo. Aliás, a patota do Exército chamava a gente de Pasteleiro e nós os chamávamos de Periquitos.

E como esse tempo em que a gente serve lá é legal, eu tenho também muita treta pra contar de gente que marcou época lá na Base Aérea de Bocaina, no Itapema, lugar também conhecido por Vicente de Carvalho. Feijoada, Corvo Louco, Afana Gato, Remelento, Lamparina, Carneiro Negro, Parafuso, Fantasma do Angar, Pecadora, Creolina foram alguns desse fosso 587. Mas, os pererecos que a moçada aprontava eu fecho em copas. Uma vez abri um lance do Abel da Mula, um camarada meu, e teve gente que não entendeu direito o nosso papo. Foram logo achando que eu estava a fim de esculachar. Claro que não era nada disso. Quando dei passagem pra história do Abel, só estava com saudade da turma. Mas, pra não haver grilo, não entro em outra.

Mai[s] uma vez obrigado e apareça sempre.

Mais transas na Barra do Catimbó (Última Hora de SP – Edição de 2/3/1972. Página 14 Caderno 1)

Ontem contei que fui na Barra do Catimbó pra ver se encontrava meu ponta de lança Chuvisco e que fiquei um tempão na porta do Boteco do Mané Cheiro de Peixe, escutando os quás-quás-quás da moçada que ali, na encolhas, iam contando com riqueza de detalhes as presepadas que aprontam pelos esquisitos, estreitos e escamosos caminhos do roçado do bom Deus. E prometi pros milhares de leitores que ligam suas botucas nessas mal traçadas linhas que ia abrir pra todos os pererecos. E se prometi, vamos cumprir.

Depois da história do furqueta que afanou a grana do padre, tudo quanto era vagau que estava à toa no Boteco do Mané Cheiro de Peixe se assanhou pra dar uma pala sobre salseiros do mesmo naipe. Uma façanha que achei de lascar foi escancarada por um crio[u]linho todo cheio de milonga. Disse ele:

– No dia em que jogou Portuguesa e Guarani, eu tava com sorte às baldas. Fui pra porta do campo a fim de ver se chovia na minha horta e me dei bem pra chuchu³⁶². Logo de saída, consegui me entutar lá pra dentro no meio de uma patota de portuga. Não teve chibu. Me botei no bolo e fui em frente. Não teve bronca. Aí, só estava espiando o jogo. Não queria mais nada com nada. Mas, sabe como é que é. Pra não perder o jeito, eu de vez em quando dava uma manjada nos otários que estavam se esguelando com toda a força da caixa de catarro. E foi numa sapiada dessas que adivinhei um portuga todo carregado. Foi olhar o trouxa e morar na dele. O pinta não tirava a mão da culatra. Só podia ter grana enfurnada. E tava. Eu me alvorecei. Nem via mais o jogo. Via era o portuga. Ele torcia: “Vai Xaxá! Vai Xaxá!”

361 Termo atualizado; no original de jornal consta “fuchico”.

362 Termo atualizado; no original de jornal consta “xuxu”.

Mas com a patota³⁶³ segurando a grana. Juro por essa luz que me ilumina que me doía ver um troço desses. Eu ali. O labrego ali. E não sobrava uma baba.

Às vezes, o crio[u]linho parava pra respirar. Mas, como ele era um bom contador de palha mantinha a curriola acesa, não faltava nessas pausas alguém pra puxar por ele:

– E daí?!

O crio[u]linho, diante do interesse da patota, dava um sorriso maroto e ia em frente:

– Sei ver, meu bom. E tava vendo. A grana do portuga era sonora. Sabe o que ele devia ser? Um padeiro otário que leva o dinheiro pra passear onde vai. Conheço essas pintas. São uns otários. Mas aquele não dava moleza. Olha aí. Nem vi o tal de Xaxá entortar o Zé Mané Guarani e centrar pra área. Não vi nem o juiz dar o passe pro boleiro da Portuguesa. E[u] tava lá. Se sei, foi de ouvir contar. De tão vidrado que estava no portuga. Mas, nem em gol do time ele soltava a mão da culatra onde estava a bufunfa.

Cada vez a moçada se ouriçava mais com a cascata do crio[u]linho. E ele parecia um artista. Sentia sua plateia. Dava os tempos exatos com um gabarito de um João José Pompeu, de um Juca de Oliveira, de um Walmor Chagas, de um Chico Martins, de um Grande Otelo. Ator nato³⁶⁴ e maravilhoso era aquele crio[u]linho. Mantinha sua plateia de orelha de pé até nas pausas. E entrava sempre no tom certo:

– Pois é, meu bom. Ninguém pode ser mais malandro que a malandragem. Não é isso aí que tu diz, Mestre Zagaia?

O velho cabo de esquadra nunca diz nem sim, nem não nessas ocasiões. Mumunha de homem escolado. Sacode a cabeça. Nem aprova, nem desaprova, que é pra deixar claro que não tem nada que ver com a catimba. Porém, o crio[u]linho pegava a deixa e torcia do jeito que queria:

– Então. Tá aí. Se Mestre Zagaia diz, é que é. Ele sabe das coisas. Mas, o que quero contar é que me atucanei até o intervalo. Mais. Até abrirem os portões e os vagaus entrarem pra ver o finzinho do jogo. Aí, piou na parada uns cupinchas meus, que são aqui mesmo do pedaço. Tudo negada pedra noventa. Bolei loguinho uma jogada e buzinei nas orelhas dos minos [sic] pontos firmes. Eles se plantaram na frente do portuga e de araque se botaram a fazer marola, a discutir. Daí, engrossaram e saíram no pau. De engodo. A briga rolou pra cima do portuga e ele, pra livrar a fuça, tirou a mão do bolso. Aí, não teve conversa. Meti a plis [sic] direta e de furqueta safei a nota do otário. Ainda falei comigo: Lindo, lindo, lindo! E dei alô pros parceiros: Roupa! Eles se espantaram na hora. A cana chegou rápido. Eu saí de fininho, sem afobação. Ainda vi o portuga meter a pata na culatra e pegar o vazio. E ainda escutei a chiadeira. Ele botou a boca no trombone. À toa, meu bom. Eu enriquei e ele ficou chacau.

Isso vale a pena avisar

Domingo, às 10 horas da matina, estreia no Teatro Anchieta a peça do grande dramaturgo Oscar Von Pfuhl. O Oscar, que é junto com a Maria Clara Machado o melhor autor de peças infantis do mundo, não podia estar melhor servido nesse espetáculo: “Dom Chicote Mula Manca e seu Fiel Companheiro Zé Chupança”. Sente o aroma da perpétua, tu aí que está acostumado a levar seus filhotes pra ver bagulho. Vê que primeiro time vai entrar firme na parada. Paulo Lara, um do caras

363 Termo atualizado; no original de jornal consta “patona”.

364 Termo atualizado; no original de jornal consta “inato”.

que mais leva a sério o teatro infantil, é o diretor. Gilda Wandenbrand fez a música. Maria Helena Ansaldi, uma das grandes bailarinas do Brasil, a coreografia. O car[t]unista Henfil, os slides. O senhor artista plástico Lúcio Meneses, os figurinos. E tem mais: o ótimo ator Lourival Pariz está encabeçando o elenco masculino, enquanto Débora Duarte (é Débora Duarte mesmo), a fabulosa Deburusquinha que abafou no cinema francês, que retumbou em “Beto Rockefeller” e tudo mais, é a estrela do espetáculo. Boa, Paulo Lara! Estou torcendo pro teu sucesso. Teatro infantil tem que ser caprichado. E você cuidou de tudo como manda a lei. Vai em frente. O público infantil merece o máximo respeito. Não é como fazem uns enganadores por aí, que distribuem entrada mais barata nas escolas e deixam andar.

Toda regra tem exceção (Última Hora de SP – Edição de 3/3/1972. Página 14 Caderno 1)

O Ivo sempre enchia a boca pra afirmar pros seus cupinchas mais chegados:

– O celibato é o meu único capital e eu juro por essa luz que me ilumina que vou aplicar bem.

E tanto paquerou mulher endinheirada, que por fim acabou acertando a sua milhar, que piou na parada sob a forma de uma coroa das mais bagulhos [sic]. Porém, como a piranha velha estava montada na grana, o Ivo desconheceu esse negócio de beleza e se argolou de papel passado em cartório. Até que no princípio tudo correu certinho. O Ivo desbaratinava pra coroa que na hora do “vamos ver” ele ia de olho fechado porque era romântico e o bagulhão velho entrava na cascata. Mas, a bem da verdade, o Ivo fechava o olho era pra não ver a fuça escamosa da esposa rica. Porém, esse expediente quebrava o galho e dava pro Ivo cuidar da velhota até deixar a bruta satisfeita.

Cumpridas as obrigações de marido, o resto do tempo do Ivo era livre pra gastar a bufunfa sonora da velha. E ele, que não era nenhum otário, muito embora tivesse casado com separação de bens, já que a velhota era escolada e quis se cobrir, o Ivo foi separando uma nota e aplicando em uns troços só no seu nome. Assim sendo, loguinho ele estava bem calçado na vida e então a velhota sua esposa passou a ser um estrepe dos mais sentidos. Mas, ele foi se aguentando. Só que um dia o caldo engrossou.

O Ivo foi no Prado, lugar onde ele sempre ia com o dinheiro da mulher, e conheceu uma garota linda de entortar patuá. Foi vidração à primeira vista. E a garota também foi pelo Ivo. Daí, não teve erro. Depois das milongas de praxe, o Ivo se chegou na garota e houve o entendimento. Tudo legal. A garota se botou por dentro do assunto do Ivo e nem chiou. Ela era avançadinha. Não se importou do Ivo ser casado. Porém, ele ficou tão abilolado pela garota que não teve mais condições de encarar o bagulhão que tinha em casa. Criou-se então a confusão. A velhota feiosa ficou em falta e azedou. Começou, por essas e outras, a pegar no pé do Ivo. Toda madrugada, quando o Ivo voltava, o bagulhão estava acesa de plantão e era aquele enguiço. A velhota azucrinava as ideias do rapaz. E dava em bate-boca:

– Onde esteve, cafajeste?

– Por aí,

– Aqui, ói, gaivota. Pensa que vou nessa? Você esteve é atrás de algum rabo de saia. Sem-vergonha. Homem casado andando por aí com essas mulherzinhas à toa³⁶⁵.

365 Termo atualizado; no original de jornal consta “atoas”.

– Não estive atrás de ninguém.
– Você acha que vou engolir isso?
– Não quer acreditar, se dane.
– Essa que é a sua? Pois então vou te dar um alô. Se você me passar pra trás, eu te desgraço. Quando você dormir, eu... Bem... navalha tem aí no armário do banheiro. Está no jeito.

Claro que diante dessa ameaça constante que a velhota lhe fazia, o Ivo se apavorou. De saída, jogou a navalha fora e passou a usar barbeador elétrico. Mas, a velhota apareceu com outra navalha e justificou que era pra uso pessoal. Nessa barra pesada, o Ivo se via em papo de aranha. Ficava cada vez mais gamado pela garota. Só que não tinha coragem de dar uma decisão pra velhota e pedir desquite. E de tanto encucar seus problemas, ele perdeu o sono. Não dormia mais de jeito nenhum. Passava a noite fumando. Mas, como não podia fumar no quarto, que a fumaça atacava a bronquite da esposa velhota, o Ivo ficava na sacada do seu apartamento no décimo andar de um prédio dos mais bacanas. E foi aí, nessa bananosa, que ele, sem ter nada pra fazer, começou a prestar atenção nos movimentos noturnos do seu bairro, que embora aparentasse estar adormecido, era de uma enorme agitação.

Por exemplo: sempre, às três horas da matina, depois de uma série de prolongados apitos, o guarda-noturno do pedaço entrava sorrateiramente no quarto da empregada da casa do lado do seu prédio. O médico do palacete em frente, logo depois, saía de maletinha com todo jeito de quem vai atender um chamado, pegava o automóvel todo afobado, dava uma volta no quarteirão e, quando o industrial do número quarenta saía de casa, ele entrava na moita. E mal o médico acabava de entrar, o padeiro deixava um pivete entregando o pão e se metia no palacete do médico. E daí pra frente, até o dia já ir alto, era uma transa de mulheres e homens mudando de casa, que dava gosto ao Ivo de ver.

Ele até concluiu que naquele bairro, trinta por cento dos homens casados assistiam televisão até meia-noite e depois iam pra cama. Que vinte por cento levantavam da cama à meia-noite e voltavam pras suas casas. E que os vinte por cento restantes saíam de madrugada pra ir pular cerca. E diante dessa estatística, o Ivo teve uma ideia de jerico.

Se convenceu que sua mulher, por ser feia, era a única fiel do bairro, e era justamente isso que atrapalhava. Precisava então providenciar um amante pra esposa. E isso, conseguido, as coisas voltariam a ficar direitas. Ou a mulher lhe dava folga, ou ele dava um flagrante na mulher. E ligado nessa catimba, recorreu ao seu chapa Walter, homem com fama de irresistível pras mulheres.

Contou pro seu amigo o seu drama. Deu a ficha toda do bagulho e mesmo assim o Walter resolveu ajudar. Bolaram o plano de ataque inicial. Um jantar na casa do Ivo. Pra facilitar as coisas, o Ivo preparou o ambiente. Esculachou bastante a velhota antes do tal Walter chegar. Avacalhou o penteado, o vestido, a maquilagem da velha esposa e tudo mais. A pobre criatura estava se sentindo um lixo quando o Walter chegou. E ele foi só gentileza. Elogiou tudo na mulher do amigo. Foi uma badalação tremenda. E ainda por luxo, na hora de se mandar, o Walter fez questão de falar sonoramente:

– Ivo, tu me desculpe. Mas, meus parabéns. Tu tem uma mulher encantadora.

O bagulhão naturalmente retumbou de alegria e não regateou elogios pro amigo do marido. E isso deu esperança ao Ivo. E ele contou tudo pro seu cupincha e foram levando nessa toada. Só que o bagulhão nunca deu a menor intimidade ao Walter. Se esbaldava com os elogios e era só. Várias vezes ela ficou sozinha com o

amigo do marido. E em todas ela secou o galã. Só parecia gostar da paquera quando essa era feita na frente do marido.

E dessa forma, o plano falhou. Um dia em que estava na companhia da garota num restaurante, o Ivo por acaso encontrou o Walter. Lhe apresentou a garota e abriu o jogo. Os três riram muito da velhota e de suas mumunhas, mas reconheceram que ela era uma firmeza e o Walter se confessou incapaz de dobrar tanta resistência. No fundo da alma, o Ivo até se sentiu feliz. Porém (e sempre tem um porém), a garota se encantou pelo tal de Walter, o irresistível, e dias depois comunicava ao Ivo que seu caso estava acabado e que ela estava navegando nas águas do Walter.

Pro Ivo foi um desgosto. Ele voltou a perder o sono. Voltou a fumar na sacada do seu apartamento e a observar o movimento noturno do seu bairro, certo de que toda regra tem uma exceção e que ele, desgraçadamente, tinha se casado com a exceção.

Transas das sextas-feiras (Última Hora de SP – Edição de 4/3/1972. Página 14 Caderno 1)

O moço bom saiu do trampo na sexta-feira às seis da tarde. Como fazia todas as sextas-feiras, fez uma horinha num boteco do centro, contou cascata e escutou cascata dos seus cupinchas, tomou uns uísques, pegou embalo, retirou o carango do estacionamento e se picou pra casa da noiva. Pro moço a vida era bela. E pra ele sexta-feira era dia santificado. O trabalho rendia às baldas. Tudo deslanchava porque em tudo o moço nesse dia metia alegria. Desde que acordava carregava a esperança da grande noite de sexta-feira, que não era nenhum perereco sentido, mas pro moço era o pagode. Beber com os chapas no boteco, noivar até meia-noite e depois farrear nas bocas mais encardidas, onde as pistoleiras se badalam até de madrugada, era esse o negócio do moço. E viva os loques de sexta-feira, que não têm que trabalhar no sábado. Eles são a alegria do circo.

Na favela do Urubu com Fome, que fica nas imediações da Barra do Catimbó, lugarzinho maldito que fica encravado nas quebradas do mundaréu, bem onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos e as pessoas comem capim amargo pela raiz, às seis horas da tarde a negritinha Odete Fulera acordou seu companheiro Leléu, que estava curtindo uma retumbante ressaca e mal ele abriu as botucas a piranha deu o estrilo:

– Comu é que é? Tu vai deixar a sexta-feira se esperdiçar ou vai sair pro trampo? Vê lá. A vida tá custando os olhos da cara e num é com tu enchendo a caveira de cachaça todo dia qui a gente vai adiantar o lado da gente.

Sem chiar, o Leléu escutou o quás-quás-quás. Levantou, se espreguiçou, pegou o revólver debaixo do travesseiro, meteu na cinta e se mandou pra rua. O Leléu era ponta firme. Não dava cartaz pra mulher. Porém, quando a negritinha Odete Fulera tinha razão de chiar, ele se fechava em copas. E nesse lance a piranha estava certa. Sexta-feira era dia de loque sair pelas ruas fazendo zoeira. Bom dia pra vagau escolado armar o pesqueiro. E viva os loques que embandeiram na sexta-feira, por não ter que trabalhar no sábado.

O moço bom, por volta das oito horas da noite, piou na casa da noivinha. Estava eufórico com os uisquinhos na cuca. Não quis nem fazer sala com os futuros sogros. Mandou a noivinha se vestir com seu pano mais chique, dar dispensa pra jantar e saiu por aí. Na sexta-feira o moço bom levava a noivinha pra uns programas diferentes. Jantavam num restaurante bacana, depois iam pro cinema. Era o máximo

esse babado pro moço bom e pra noivinha. Ele, com esse passeinho, calava a consciência na hora em que, no fim da farra, chegava a conta machucando o bolso e dando remorso. E nesses lances com a noiva, o moço bom não economizava. A noivinha até reclamava nessas ocasiões:

– Bem, desse jeito a gente não junta dinheiro pra casar.

Essa pala deixava o moço ouriçado.

– Mas não é legal? Então deixa andar. Temos que aproveitar um pouco. E hoje é sexta-feira. Dia de comer bem, ver um bom filme e descansar a cachola. Amanhã não trabalho.

E viva o loque, o boêmio das sextas-feiras. Ele se diverte à toa e gasta muito.

Mas, na favela do Urubu com Fome, o Leléu não estava a passeio. Sexta-feira era o dia em que ele armava o pesqueiro e ele não dava moleza. Juntou três vagaus meio pirados da cabeça, gente dura e que não tem nada a perder e deu o serviço.

– Vamos abafar uns trouxas. Afanamos um pé de borrocha e saímos por aí fazendo desgraça. Quem vier nas minhas águas, tem que vir pra não enjeitar quizilas. A gronga que pintar na fita a gente topa. Se aparecer a cana, é arrebite neles. É melhor ir falar com Deus que com o delerisca³⁶⁶.

Toda a patota concordou e os pilantrosos queimaram maconha pra ficarem mais ferozes do que já eram. E nessa maldita fumaça, eles picaram de raiva da humanidade. As frustrações todas subiram nas ideias. Falta de comida, falta de carinho, falta de tudo deu naquele time de gente sem faróis na vida. E foi com a carga pesada do sofrimento todo de vidas ainda curtas mas sofridas e desprezadas que a curriola do Lelé da Negritinha Odete Fulera começou a trilhar, naquela noite de sexta-feira, os estranhos, estreitos e escamosos caminhos do roçado do bom Deus. Iam a fim de desferrar num otário os esquinapos todos.

Exatamente à meia-noite, o moço bom saiu do cinema com a novinha. Conferiram no relógio a hora e viram que estavam atrasados. O sogro do moço bom era todo cheio de moral regulada por horário. Não perderam tempo. Entraram no automóvel e se arrancaram. Iam chocados com o filme a que assistiram. Eram tantos os conflitos humanos que se escancararam, que eles se entupiram. E mesmo porque tinham pressa de chegar. A noivinha, pra evitar a bronca do pai, e o moço bom pra se mandar pra gandaia.

Porém (e sempre tem um porém), num cruzamento da Teodoro Sampaio, o farol fechou e o moço teve que breicar. Na sexta-feira, ele jamais cruzava um farol fechado. É noite de bêbado e ninguém deve se fiar nos outros. Por essas, o moço bom breicou. Aí, o Leléu saiu das encolhas com sua curriola. Cercaram o carango e encostaram a arma na cabeça da noivinha e na do moço bom. Renderam os dois e deram as ordens:

– Abre a porta e nada de truque, se não dança.

O moço bom não era nenhum covarde, mas acreditava nas pessoas e gostava às pamparras da vida. Se iludiu, certo de que podia ganhar a parada no papo. Sabia pouco sobre os lesados da sociedade. Deixou entrar os bandidos e foi logo pedindo estia pra noivinha. Não teve colher de chá. Foi levado com a noiva e tudo pros confins da Vila Sonia. Os bandidos nequimbaram [sic] toda sua grana, seu relógio e o pior, esculacharam sua noivinha. Aí, ele quis espernear, mas era tarde. O lugar se prestava pra um salseiro e o Leléu mandou cinco tiros no moço bom. E depois matou a novinha dele de quebrar e se espiantou com a turma no carango. Era mais uma presepada de sexta-feira.

366 Termo atualizado; no original de jornal consta “delecurca”.

“Quando as máquinas param” e nossos axês (Última Hora de SP – Edição de 6/3/1972. Página 14 Caderno 1)

“Quando as máquinas param” é uma peça de minha autoria e quem ainda não a viu pode ir lá no Teatro do Sindicato dos Têxteis pra assisti-la. É um espetáculo dirigido pelo Jonas Bloch, com Walderez de Barros e Roberto Rocco. Os preços são baratinhos, que é exatamente pra quem vive a perigo perpétuo e reclamando que a vida está custando os olhos da cara se chegar ao teatro, que no meu entendimento e no da nossa equipe deve ser aberto ao povão que sempre berra da geral sem nunca influir no resultado. Por achar isso, nós estamos dando nosso recado já há seis meses. E até ganhamos prêmio por isso: uma Menção Honrosa da Associação dos Críticos Teatrais de São Paulo. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar aqui e o que pesa na balança é que o nosso maior apoio nessa campanha de popularização de teatro vem dos universitários.

Com muita honra recebemos inúmeros convites dos centros acadêmicos para abrir, com “Quando as máquinas param”, as famosas semanas dos calouros. E como não poderia deixar de ser, nós vamos transar com essa juventude maravilhosa que bota fé na gente. Dia sete de março, por exemplo, o pessoal da Faculdade de Comunicações da USP vem enturmado assistir, aqui na Rua Oiapoque, 80, à nossa peça. Depois, num dia a ser marcado, irei na faculdade debater com eles nosso texto, nosso espetáculo e nosso trabalho de popularização de teatro.

Dias oito e nove de março, “Quando as máquinas param” vai ao TUCA por conta do Centro Acadêmico da PUC. Lá também faremos debates e tal e coisa. E[,] finalmente, a partir de catorze de março, iremos a Belo Horizonte fazer a maior transa da paróquia com estudantes da Universidade Federal e da Católica, que se uniram pra levar pela quarta vez na capital de Minas Gerais a peça “Quando as máquinas param”. Eles fazem questão de rever o desempenho de Walderez de Barros e de Roberto Rocco. Mas, vão ainda levar o filme “Nenê Bandalho” (história de minha autoria e dirigido por Emílio Fontana) e show “Plínio Marcos e os Pagodeiros³⁶⁷ da Paulicéia”, que vai estrear pra eles. Isso tudo mostra, pra alegria nossa, o quanto o jovem confia no nosso trabalho. Podes crer, amizade. Eu, Walderez, Roberto, Bucka, Carlão Costa, Vicente Acedo, Beth Frota ganhamos nosso embalo é com esse axê forte que temos com os estudantes.

Os Pagodeiros da Paulicéia

Eu, que não sou nenhum otário, fui logo me organizando com os melhores sambistas de São Paulo pra fazer um show que vai se chamar “Plínio Marcos e os Pagodeiros da Paulicéia”. Vamos mostrar nossa música aí pelas quebradas do mundaréu. Estrearemos em março em Belo Horizonte e daí vamos mandar ver em qualquer lugar. Pra loque nenhum botar defeito, o elenco desse show vai de Talismã, Toniquinho, Geraldão Filme, Jangada, Silvio Modesto, Zeca da Casa Verde e Paulinho Carrera. Vai ser lenha pura.

Walter Silva

Meu chapinha ponta firme Walter Silva, o Lord Picapau, uma das forças da Banda Bandalha, vai novamente dar o seu recado pela rádio. Ele vai voltar com o seu Picape do Picapau, na Bandeirantes. Nesse programa, que foi campeão absoluto de audiência por muitos anos e que, tenho certeza, voltará a ser, a música

³⁶⁷ Termo atualizado; no original de jornal consta “Pagadeiros”.

brasileira vai ter passagem livre. O Walter Silva sabe das coisas. Estamos todos nós, da Banda Bandalha, torcendo pelo sucesso do nosso cupincha.

Etty Fraser

Outra estreia importante de março é a da peça “Capital Federal”, de Arthur Azevedo, com direção de Flávio Rangel e estrelada pela nossa gordinha sexy Etty Frase[r], Rainha da Banda Bandalha. O elenco dessa peça tá com o Chico Martins, com a Sueli Franco, as gêmeas e tá com tudo. Flávio Rangel, meu chapa de fé, um dos maiores apaixonados do teatro (gente boa é assim, ama a sua profissão), vai fazer a terra tremer com esse espetáculo. Vamos todos prestigiar essa curriola bacana e a Rainha da Banda Bandalha.

Lágrimas

Marco Aurélio (Jangada) e o Silvio Modesto estão com tudo. O cantor Franco gravou o samba “Lágrimas” dos dois e está fazendo sucesso, com jeito de chegar nas cabeceiras das paradas de sucesso. Além disso, o disco “150 de Independência”, com os sambas-enredo das escolas de samba de São Paulo está vendendo de monte. Viva os Pagodeiros da Paulicéia, que estão nesse disco.

Ruthnéia de Moraes

Finalmente baixou uma luz na cuca dos diretores das novelas do Canal 4 e eles contrataram a Ruthnéia de Moraes, excelente atriz que criou no teatro a Neusa Sueli da “Navalha na carne”. Com essa contratação, mais a de João José Pompeu, Paulo Goulart, com história de Marcos Rei e uma outra de Roberto Freire, que está na bica, o Canal 4 vai emplacar. Que Oxalá lhes dê embalo para grandes trabalhos e nunca deixe os homens que dirigem a Tupi esquecerem a novelinha Hospital, na qual eles quiseram inventar artistas por medida de economia. Agora estão no caminho certo outra vez.

Respondendo à freguesia

Neusa Alves (Guarulhos) - ... É você que escreve pro Guarú News, aqui de Guarulhos!”

Não tá com meu nome, ô Neusinha? Então sou eu mesmo. Tou aí nesse jornal dando um recado dos mais sinceros. Pode continuar metendo suas botucas nessa pala que é quente.

Eu e a minha gente vamos sair pra outra (Última Hora de SP – Edição de 7/3/1972. Página 14 Caderno 1)

Silvio Modesto:

O pagode ficava na favela, perto do mangue. Eu ia todas as noites para aquele pedaço. Era bom demais. Nem quero te contar. Era lá que ficava a patota mais pesada dos Unidos da Capela. Então, já viu. A gente engrenava um partido alto e ia até o sol raiar. Com chuva mesmo a gente ia. Não tinha erro. De manhãzinha, a maré baixava e deixava os caranguejos na toca. Era mole. Bastava meter o braço na toca e pegar os bichos. A gente fazia muito pirão de caranguejo. Cachaça sempre tinha. Era bom demais. De tardinha era partido alto outra vez.

Se tu for à Bahia
dá lembrança à Guiomar

Traz o meu berimbau de madeira
feito de jacarandá

Tinha cada ponta firme ali que não era fácil. Um dos melhores partideiros do pedaço era o falecido Pretinho. Esse era um barato. Só queria se tratar. Bebia cachaça e queria os apuãs. Sabe o que é apuã? Caranguejo mole. É o que tem mais carne. O Pretinho até brigava por um apuã. Também tinha o falecido Helinho e o falecido Bira. Pra tu ver. Morreram todos. Vai ver que foi de tanto comer caranguejo. Ainda bem que eu vim vender bilhete de loteria em São Paulo. Se- [sic] bem capaz de ter ido já falar com Deus.

Minha sinhá, não vá embora
fique aqui nesse samba
que esquentou agora
Se você for, dará direito
pro sambista
guardar no saco sua viola

Toniquinho:

Meu avô, o velho Silvério, era o maior festeiro das bandas de Piracicaba. Vinha gente de longe pra buscar ele pra cantar Tambu. E ele levava toda a família. Desde meu tio, o Zé Almofadão, até eu, que era o mais pivete de todos, íamos vestidos de roupa branca, que nem leite. E[,] na festa, a gente tinha que mostrar o que sabia. Se não, tu já viu. O velho Silverio ficava todo ouriçado. Na volta, ele parava na porta de casa e ia vendo a gente entrar um por um. O que não estivesse com a roupa vermelhinha de poeira, era porque não tinha desempenhado. Aí, o velho Silvério não conversava. Tirava a bainha do facão e esculachava com o folgado. Depois, o velho Silvério morreu. Eu vim pra São Paulo. O tempo bom acabou:

Ainda não era noite
era bem de tardezinha
Meteram o ventilador
em cima da minha farinha

Talismã:

Eu me mexo um pouquinho. Sou lustrador, pintor, barbeiro, marcineiro [sic], faço escultura em papel, componho umas musiquinhas, toco meu violãozinho e também conto umas histórias. Já faz tempo que estou no samba. Entrei quando morava em Rocha Miranda. Lá tinha os acadêmicos de Rocha Miranda, uma escolinha que não andava bem. Sabe como é. Os mumus não sabiam direito das coisas. Eles saíram no carnaval com uns bois quadrados. Feios demais. Aí, eu chegava na fábrica e escutava aquele banzanzan todo: “Boi quadrado. Rocha Miranda. Coisa ruim”. Eu tinha pra mim que eu fazia melhor, tu sabe³⁶⁸, uns bois mais caprichados pouquinho coisa. Aí, fui lá falar com eles. Não era por nada. Não. Mas é que eu morava em Rocha Miranda e não ficava bem aqueles bois quadrados que o pessoal falava. Foi aí que entrei no samba. Fui indo. Formei um trio chamado Arara. A gente era bom. Mas logo desistimos. Foi por causa de um sucesso que nós fizemos num circo. A gente chegou pra cantar e o povo começou a berrar: “Canta

368 Termo atualizado; no original de jornal consta “babe”.

Detefon. Canta Detefon”. Que era um anúncio que tinha na época. E nós tivemos que cantar a noite inteira. “Detefon, Detefon”, que não era nem nós que tínhamos gravado. Daí, desanimamos.

Meu mundo não é uma esfera
tem o formato de cruz

Geraldo Filme:

Minha mãe tinha uma pensão e eu entregava as marmitas. E era conhecido como negrinho das marmitas. Eu não gostava muito do apelido. Mas, o que podia fazer? Eu era pivete. Ia levando. Passava na Glete, na Barra Funda, no Largo da Banana e via o pessoal fazendo samba. Aí, me esquecia. Quando chegava na casa das bacanas, já era tarde e tinha aquela bronca: “Negrinho das marmitas sem-vergonha esse”. Mas não adiantava falar. Eu já era vidrado no samba. Depois, minha mãe morreu. O coração não aguentou mais. Acabou-se o negritinho das marmitas. Eu fui crescendo. Fiquei grandalhão e virei Geraldão. Mas fiquei no samba. No Largo da Banana, na Glete, na Barra Funda, nos porões do Bexiga, onde o crio[u]léu dançando levantava uma poeira danada e quem vinha de fora não via nada. Só sabia onde era o samba pelo ronco da cuica e pelo gemido do cavaquinho. Eu, nos porões do Bexiga, tinha que dançar todo dobrado em cima das moças. Eu sou alto e não podia me esticar que batia a cabeça no forro.

Meu bem
eu vou embora
não fique triste
mulher de malandro não chora

*

Zeca da Casa Verde:

Eu me virava na feira. Depois, entreguei marmita pra pensão da mãe do Geraldão. Pois é. A gente se conhece desde pequeno lá na Glete. Eu e o Geraldão somos como irmãos. Depois que a pensão acabou, perdi a moleza. Mas a gente sempre se vira. Eu nesse tempo era garotão e comecei a dar uma mão pro pessoal que levava defunto pro Araçá. Naquele tempo se bandeava defunto a pé. E quando chegava na ladeira, os mais velhos cansavam. Aí, a gente encostava. Sempre adiantava o nosso lado. Também ia muito em velório tomar café com bolo de fubá. Pra ter direito ao rango, eu sempre puxava o Gorufim, que era pra passar a noite. Gorufim e outras brincadeiras. Tinha muitas pra não deixar o pessoal dormir no velório. Fui nessa até que uma noite um nego bêbado derrubou um falecido de cima dos caixotes de cebola. Me assustei e parei.

Serenim, serenim, obá
serenim, serenim, obá.

*

Essas e outras histórias todos vão poder escutar no show que estamos montando com esse primeiro time da música popular brasileira, mais o Paulo Carreiro no surdo, e que se chamará: “Reportagem Ilustrada de Plínio Marcos com os Pagodeiros.”

Mulher de vagau sabe das coisas (Última Hora de SP – Edição de 8/3/1972. Página 14 Caderno 1)

O vagau chegou no mocó meio escabiado, mas se fechou em copas. Não disse nada pra nega. Porém, ela que não era nenhuma otária, logo se tocou que ele estava ruim dentro da roupa. Mulher escolada por mil e um anos de janela e mais alguns de quarteirão, mesmo a fim de querer saber dos assuntos do seu homem, gumentou a mão. Sabia que, se ele tivesse que soltar a língua, ia fazer por conta própria, e se estivesse com cisma de enrustir, não era por ela perguntar que o vagau ia se abrir.

No entanto, pelo jeito jururu do vagau e pelos pererecos que ele teve que encarar dias antes, a nega sentiu que a barra estava pesada. O vagau era presepeiro e carteador de amarra. Metido a fazer samba e tal e coisa. Se ficava acanhado, só podia estar no papo da aranha. E ele estava assim desde o dia em que saiu de cana. Aliás, saiu de um modo que deu até pra desconfiar. A entrada foi a de sempre. O vagau se meteu em trapalhada e não saiu do pedaço. Se fiou no santo e não deu pinote. Marcou bobeira e quando a polícia chegou, ganhou ele fácil. Até aí, pra nega, não tinha mistério. Ela fez a parte dela. Chorou, berrou, esperneou, jurou pela luz que a iluminava, pela alma da mãe morta, pela felicidade dos filhos que estavam espalhados pelo mundaréu, que seu homem era inocente. Mas, jurou da boca pra fora, que sabia bem que o vagau estava³⁶⁹ metido em muitos enguiços e tinha feito e acontecido nos esquisitos. Só que a nega pensava que o vagau ia ficar na gelada um tempão e ele saiu rapidinho. Não ficou mais do que uma semana. Quando foi perguntando sobre o porquê da aliviada que recebeu, o vagau tirou de letra:

– Sei lá. Nem sei por que entrei.

Como, na verdade, essas coisas acontecem muito (nego que tá premiado fica de fora e nego que tá limpo fica ferrado), a nega não estranhou. Deixou andar. O que a encabreirou foi que, apesar da sorte, o homem perdeu a alegria. E foi por isso que, naquela noite, quando o vagau se recolheu apagadão, a nega, sem quás-quás-quás nem mais-mais, encostou caixote e outros badulaques na porta do barraco antes de ir deitar.

Fez o que podia. Porém, não adiantou. De madrugada, uma curriola toda ouriçada chegou na captura do vagau e sem fazer a mínima cerimônia, botou a porta abaixo e de revólver na mão invadiram o mocó. O vagau se encostou na parede e a nega se plantou na frente dele de fuça pra patota. Reconheceu a rapaziada. Todos cupinchas do vagau. Catimbeiros que nem ele. Nenhum era tira. Ela então se assanhou:

– Qué qui é? Não vão bagunçar meu barraco, não, que eu apronto um salseiro.

Era marola pra ver se segurava a situação. Logo ficou claro que não dava. Tinha batido sujeira firme. O crio[u]lo que vinha na frente, que era cupincha do seu vagau até de frequentar o mocó, lhe deu tapão na orelha e a jogou para o lado e, sem consideração com ela, deu as ordens:

– Foi ele. A gente não estava botando fé. Mas, agora tá escancarado. Foi ele, sim. Mas vai dançar e não tem escolha.

O vagau se encolheu. Pra nega, ficou tudo escancarado. Nessa hora, ela sabia porque o vagau saiu rápido da cadeia, porque saiu triste e porque não reagia,

369 Termo atualizado; no original de jornal consta “estave”.

ele que era de topar o que desse e viesse. Estava sem razão. Não tinha por onde. E só pode mesmo implorar:

– Meu bom, tá certo. Só vou pedir pra tu não me esculachar.

O crio[u]llo que vinha na frente pensou um pouco antes de concordar e dar a pala:

– Tá certo. Vai direto.

E sem mais nenhum alô, deu o gatilho. Arrebitou o antigo parceiro de trambique com cinco tiros. O melado correu e o vagau desabou estarrado. Foi falar com Deus. Porém, sem ligar pra isso, os outros negos da patota meteram bala no vagau. Daí, foram saindo de fininho. O crio[u]llo que dava as dicas se virou pra nega e deu uma estia:

– Tu sabe. É a lei. Contigo não tem nada, não. Enterra ele e esqueça a gente, que fica tudo por isso mesmo. Mas, se tu for boca mole como ele e der nossa ficha pros tiras, pode contar que a gente te manda também pro beleléu. Tchau.

Quando a polícia veio ver o ocorrido, apertaram a nega. Mas, ela fez o que ficou o trato. Jurou pela alma do vagau morto que não sabia quem eram os criminosos. Por isso continua viva.

Walter Silva

Estreou³⁷⁰ ontem na rádio Bandeirantes, com muito sucesso e tremenda badalação, o programa Picape do Picapau. Taí, piando na parada, que vai ser o campeão absoluto do horário das 10 ao meio dia. Fácil de se adivinhar. E isso é bom. Nossa música popular vai ter um programa certo pra ser tocada. Vai firme, Walter Silva.

Bentão dos forrós

Meu Bentão, ponta de lança dessa coluna que havia sumido no começo do ano, deu outra vez o ar de sua graça. Explicou que esteve na praça e vai continuar incrementando os forrós da capital. Informou também que o Gogó da Ema, uma casa de diversões que impunha pela fina seleção e que só focava música do norte e do nordeste, fechou pra tristeza geral, mas que abriram uns outros quatro ou cinco forrós novos, pra compensar. Garantiu o Bentão que vai continuar dando, todas as quartas-feiras, aqui na nossa coluna, os recados dos forrós. Esperamos que ele não suma outra vez. E estamos aqui.

Um senhor sambista: Geraldão (Última Hora de SP – Edição de 9/3/1972. Página 14 Caderno 1)

Dona Augusta, a preta da pensão, como os bacanas dos Campos Elíseos a chamavam, não era de dar bola pra esses quás-quás-quás. Adiantava o seu lado fazendo o gordurame gostoso que o seu filho Geraldinho ia entregar na casa dos fregueses. Na verdade, o que o doía um pouco em Dona Augusta era ver chamarem o seu menino de “negrinho das marmitas”. Se fechava em copas e deixava andar, certa de que faria seu menino estudar até ser doutor e ter o respeito de todos. Queria ver o pivete ser chamado de Doutor Geraldo. E era pra isso que Dona Augusta lutava.

Porém (e sempre tem um porém), são muitos os esquisitos, escamosos e estreitos caminhos do roçado do bom Deus. E sem saber de nada, o negrinho das marmitas, quando ia entregar as encomendas, cruzava por atalhos outros, que nada

370 Termo atualizado; no original de jornal consta “Estreiou”.

tinham que ver com a rota que Dona Augusta lhe traçara. Por exemplo: passava na Alameda Gleite e parava pra espiar a patota da pesada fazer samba. Via com olhos de ver e ouvia com ouvidos de ouvir. E ia ficando impregnado com aquele ritmo quente. Era um curso pro negrinho das marmitas continuar adiante. Mas, o pior é que, logo adiante, ficava o Largo da Banana. E lá entre um caminho e outro que constava, o crioulo tirava um samba de entortar patuá.

É tumba, moleque, é tumba
é tumba pra derrubar
Tiririca, faca de ponta
capoeira vai te pegar
Dona Rita do Tabuleiro
quem derrubou meu companheiro
Abre a roda minha gente
que comigo é diferente.

E o negrinho das marmitas se plantava de botucas ligadas no lance. Era muita embaixada. A negada jogava a perna e o chão ficava liso. Não dava pra otário ficar em pé. Dava gosto de ver. E o negrinho se esquecia da vida. Quando chegava no destino, era aquele esculacho. Depois, naturalmente, vinham as reclamações:

– Pois é, Dona Augusta, temos pena da senhora que luta tanto e tem esse moleque sem-vergonha pra criar, que nem pra entregar marmita serve. A gente continua comendo da sua pensão de pena da senhora.

De araque. Continuavam porque Dona Augusta barbarizava no forno e no fogão. Ela sabia disso. Ralhava com seu Geraldinho, mas da boca pra fora:

– Só me dá trabalho. Hoje vai dormir cedo.

Mas que trabalho, que nada. Era um prazer. Pena que um dia Deus levou Dona Augusta. Alguém disse:

– Descansou.

Ela preferiria continuar batalhando pra ver seu Geraldinho ser doutor. Não deu. O pivete chorou. Mas a vida continuou e ele foi nela. De cabeça. Na Gleite, no Largo da Banana, no Jardim da Luz, o Geraldinho cresceu. Ficou grande por fora e por dentro. Por fora, o tamanho impunha respeito. Por dentro, inteiro pra segurar os azares. Virou Geraldão. E sem pedir licença e sem fazer cerimônia, entrou no samba, mandando ver.

Era dos bons. Não demorou pra ganhar a consideração dos cobras da época. Vassourinha, Inocêncio Camisa Verde, João Brás, Nego Braço, Celico, João de Melo, Pé Rachado, Pato Náguas, Velho Juca, Vitucho, Oscar, Marmelada, Jambura, Elpidio Rosa, todos abriram a roda pro Geraldão dar seu recado. Ele se foi fazendo e acontecendo de samba-enredo do país. E pra não deixar ninguém me desmentir, escancarar essa beleza que é “Chamada aos Heróis da Independência”, que o Geraldo Filme fez pros “Unidos do Peruche”:

Chamamos os heróis da Independência
Presente, presente
Trazendo o fogo sagrado da Pátria
Iluminando quem nos fez independente
Lá nas Minas Gerais
Houve um movimento a conjuração
Foi a Bahia e Pernambuco

Em São Paulo foi a decisão
Glória aos heróis que tombaram
Para aos heróis que tombaram
Para nos dar um Brasil novo
Homens que não mediram sacrifício
Pela independência do seu povo.
Liberdade, liberdade
palavra singela
fosse eu pintor
tua grandeza eu pintava em aquarela, liberdade.
Ao levantar da espada
Lá na colina histórica
Riscos e lágrimas
Com o brado Independência ou Morte.
Senhores deixando os palácios
negros partindo as correntes
índios saindo das matas
unidos por um Brasil independente
Mil vidas tivesse eu daria as mil
pela independência do Brasil
não foi em vão, seu povo não esquece
a chama da Liberdade nosso peito ainda aquece
Segue o teu caminho, meu Brasil
Alerta mocidade
Para manter acesa
A chama da nossa liberdade.

Hoje é só cascata (Última Hora de SP – Edição de 11/3/1972. Página 14 Caderno 1)

Tu que moras na beira do rio e quase se afoga toda vez que chove (que não é o caso da dona Gersina Pereira, que no último temporal se afogou mesmo) sabe melhor do que eu do estranho desfile que acontece na enxurrada. Porém, tem muito nego que está bem instalado na vida e acha sempre que é exagero quando a gente escancara os pererecos dos lesados da sociedade. Por essas e outras, vamos contando o que nossas botucas de ver veem, e nossas antenas de ouvir ouvem, na vã esperança de que, se as autoridades competentes não conseguem dar um jeito na subida das águas que invadem milhares de lares e destroem todos os badulaques do povão da beira do rio, pelo menos se toquem e inventem um curso de natação pra essa gente sacrificada de São Paulo. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar aqui e o que pesa na balança é uma estória que “seu” Talismã, um dos maiores artistas populares do Brasil, presenciou no último temporal e me contou.

Como a gente sabe, quando chove, os rios transbordam e vão arrastando tudo. É aí que se dá o desfile da enxurrada³⁷¹. Passam boiando pelas águas dos rios, cadeiras, bujões de gás, abajur, mesa, televisão e outros trecos. E então, já viu. Junta montes de pescadores de bugigangas nas margens. Todos a fim de adiantarem seu lado com o que escapou de mocó alheio. Numa jogada cavernosa dessas, diz seu Talismã que a Nega Bina Calcanhar de Frigideira botou seus negrinhos em cima do armário pra ninguém ser levado pelas águas e ficou plantada

371 Termo atualizado; no original de jornal consta “enchurrada”.

na janela, vendo o esquinapo. E foi daí que ela viu no meio da correnteza um papagaio se debatendo todo pra não morrer. Sem vacilar, a Nega Bina Calcanhar de Frigideira berrou pro marido, que estava em posto avançado:

– Olegário! Olegário! Olha lá o papagaio se afogando! Salve o louro, Olegário! Salva o bichinho que ele pode dar um bom caldo pro jantar. Vem cá, louro! Vem cá!

Ao escutar isso, o papagaio se virou e disse:

– Papagaio, uma ova. Eu sou é marinheiro!

E saiu nadando.

Lua de mel bagunçada

E já que estamos de cascata hoje, não custa nada contar a história da lua-de-mel do Waldemar Chiado e da Clarinha. O Waldemar tinha o apelido de Chiado por causa de uma asma que mexe e vira lhe atacava. E além da asma que lhe atucanava a existência, o bruto tinha um tremendo complexo da ronqueira. Por essas e outras, ele escondia a asma da Clarinha. Em dias de chiadeira, ele arranjava desculpa e não ia noivar. E nessa enganação, ele tocou o barco. Até que casou. Foi uma festa muito bonita. Chopes às pamparras. E no embalo da felicidade, o Waldemar Chiado esqueceu a asma e tomou gelado.

Não prestou. Quando ele se retirou com a noivinha pra lua-de-mel, a asma atacou forte. Ele, porém, desconheceu. E sem cerimônia desempenhou o seu papel de noivo na primeira noite. Cumprida a tarefa, ele caiu de lado e se botou a bufar. Até assobiava de tanta asma.

– Uuuuuuuu... Oh! Uuuuuuuu... Oh!

E ficou nessa noite inteira. No dia seguinte, ele levantou logo cedo, foi na farmácia, tomou remédio e melhorou. E[,] já bom, retornou pra junto da noiva. Porém se chegou meio sem jeito. E[m]cabulado. Jururu. E pra seu desespero, encontrou a noivinha pior do que ele de tristeza. Vendo a situação embananada, o Waldemar Chiado resolveu se abrir:

– Olha, Clarinha, eu quero que tu me desculpe. Eu sei que devia ter te avisado antes que tenho asma. Mas, não tive coragem. Me perdoa pelo meu ataque de asma de ontem.

E pra espanto do Waldemar, a Clarinha sorriu de felicidade, lhe deu um beijo e se explicou:

– Poxa, bem. Aquilo era asma? Que bom. Mas tu devia ter dito logo que era asma. Eu já tava encucada. Pensei que tinha me achado ruim e estava vaiando do nosso amor.

Respondendo à freguesia

Lucia Castro (Guanabara) – “Meu musquiteiro impossível. Plínio você é um cara muito bacana, é um pão, um dos rap[a]zes mais disputados do meu bairro. Sabe, eu e minhas amigas estamos querendo montar um fã clube só pra você. O que você acha?”

Dona Lucia, eu acho é que tu tá me confundindo com cantor de lamê [sic]. Fã-clube eu tenho um fantástico, mas é lá em casa, que a Walderez e meus dois pivetes se embandeiraram sempre por mim. Deixa isso pra lá, dona Lucia. E vê se arranja um namoradinho, que ele é que pode resolver teu caso.

Polícia, bandidos e inocentes (Última Hora de SP – Edição de 13/3/1972. Página 14 Caderno 1)

Tu que sempre pega a pior, tu que mora na beira dos rios e quase se afoga toda vez que chove, tu que só berra da geral sem nunca influir no resultado, sente o aroma da perpétua. Antes, porém, se agarra na tua fé (se é que ainda a tens) pra não cair da cadeira. Se firma no teu patuá, que tenho certeza ao fim dessa história, vai ficar se sentindo na marca do pênalti.

Como todos estavam por dentro, o perereco no Rio de Janeiro andava de lascar. Os vagaus estavam ficando cada vez mais folgados e, na ânsia de adiantarem seus lados, sem vacilar metiam as armas no peito de trabalhadores e sem fazer cerimônia abafavam os badulaques do desgraçado. Quando era só isso, até que não era tão chocante. Pior era quando os gaturamas se invocavam, por a vítima estar com pouca grana, ou por querer ciscar, e sem dó a mandavam pro beleléu toda baleada. Muito pai de família foi falar com Deus nesses esquinapos e deixou filhos pequenos e viúva em palpos de aranha. Estava cavernosa e a [sic] situação. Então, muito justamente, a polícia resolveu acabar com a bandidagem no Rio de Janeiro. Afinal, a polícia é pra isso mesmo. E foi então organizado um rapa monstro na cidade. Deu resultado. Disso ninguém tem dúvida. A cana ganhou pilantra às pamparras. Vários camburões foram lotados de vadio. E a onda de estarros diminuiu. Muito vagau que estava no devo com a lei entrou em galera.

Porém (e sempre tem um porém), nem todos os vagaus do Rio de Janeiro marcaram bobeira. Muitos, assim que manjaram o cheiro na maresia, se pinotearam pro Estado do Rio, que é ali mesmo pertinho da Guanabara. Moral da história: se na cidade do Rio de Janeiro as coisas ficaram mais tranquilas, nas belas cidade[s] fluminenses de Nova Iguaçu, São João do Mereti, Caxias. [Em] Belfort Roxo, o caldo engrossou. Essas cidades, que já há muito vinham disputando com Dallas City e com a Barra do Catimbó o título mundial do bochicho, dispararam na frente. Os pilantras que se espantaram do Rio de Janeiro deram o ar de suas graças na baixada fluminense. Foi um Deus nos acuda. Se sozinhos os bandidos desse pedaço já causavam alvoroço, com o reforço dos seus coleguinhas cariocas, embandeiraram o pesqueiro. A gente que trabalhava ficou em sinuca de bico. Só podiam sair nas ruas enturmados e de arma na cinta, no mais puro estilo faroeste.

E[,] por essas bandas, a polícia está entregue às traças. Em Caxias, por exemplo, o delerusca só tem duas viaturas pra combater o crime. Já a bandidagem está sempre bem servida de carango. Vão pegando qualquer um que esteja dando sopa e por essas e outras, vão bailando a polícia.

Mas, era necessário que a polícia, apesar das poucas condições que tem, saísse caçando os bandidões. E foi então que deram aos tiras ordens pra eles não brincarem em serviço. Avisaram bem que os vagaus que estavam na jogada, como não têm nada a perder mesmo, atiram para matar. E era bom os policiais se cuidarem. E se algum bandido, ao receber voz de prisão, tentasse saracotear, o negócio era abrir fogo primeiro e conferir depois. E foi aí que se deu o esquinapo.

Nilton Jorge de Jesus, feirante em folga, e seu amigo Jorge Alberto estavam flanando à toa pelas ruas de Nova Iguaçu, quando por volta do meio-dia resolveram nadar no registro da adutora. E estavam se divertindo quando de repente pia na parada uma curriola armada. Os dois, que como todos os outros moradores da baixada fluminense andavam assombrados, diante das armas se apavoraram e quiseram se mandar rapidinho. Foi tentar fugir e levar chumbo. Morreram pensando que estavam diante dos bandidos. E os policiais mataram pensando que os dois eram pilantras em fuga.

O pessoal da redondeza onde se deu essas mortes atestou que os dois jovens eram moços direitos, que nunca perturbaram ninguém.

Diante disso, o delerusca declarou à imprensa:

– Bandido que reagir à ordem de prisão em flagrante morre. Mas, inocente fuzilado, não. Se os rapazes não eram assaltantes que perseguíamos, como dizem os moradores do local, os culpados pela morte deles serão punidos.

Tá certo que meu puçá não vai além de superfície e eu só pesco o que aparece boiando nas águas barrentas em que navego contra a maré. Mas, esse caso me deixa meio abilolado e me faz pensar o seguinte. Se um policial vai dar cana pra um bandido perigoso e tem ordem de atirar pra matar em caso do pilantra se coçar, vai dar repeteco de morte de inocente despachado pro céu por engano. Porque aqui, ói, gaivota, que tira experiente vai tentar ganhar bandidão na conversa. Numa dessa, quem pega os arrebitos é ele. Então, o tira vai atirar, ao desconfiar de qualquer movimento em falso do pinta que arroxar. E os pintas arroxados vão sempre desconfiar de gente armada. E é aí que não vejo saída. E me sinto a perigo.

Respondendo à freguesia

Odete Alves (Mooca) – ... “O que devo fazer pra sair na sua Banda Bandalha no sábado de Aleluia?”

Deve[-]se chegar trazendo sua alegria. A Banda Bandalha sairá da porta do boteco Redondo, que fica na esquina do Mais-Mais, em frente ao Teatro de Arena. Mas tem um detalhe, Odete. A Banda Bandalha não é minha. É de todos nós, que gostamos de curtir e queremos transformar São Paulo numa cidade bem humanizada.

De qualquer lado a bala é ruim (Última Hora de SP – Edição de 14/3/1972. Página 14 Caderno 1)

Um dia em que eu estava flanando à toa pelas quebradas do mundaréu, acabei baixando na Barra do Catimbó, lugarzinho maldito onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos. Aí, parei na porta do boteco do Mané Cheiro de Peixe e como sempre, Mestre Zagaia, o velho cabo de esquadra, estava sentado num caixote de cebola e dando dicas certas para uma porção de gente que o rodeava, querendo ganhar do velho mestre uma pala pra servir de farol nos estreitos, escamosos e esquisitos caminhos do roçado do bom Deus, que todos nós temos que cruzar. Nesse lance, Mestre Zagaia falava sobre o Lampião, a quem ele conheceu pessoalmente no seu tempo de caranguejo. Porém, seu papo não era apenas pra recordar façanhas. Era muito mais pra alertar o povão sobre os pererecos dessa vida:

– É como lhes digo. A gente daqueles pedaços não tinha sossego. Ou os cangaceiros, ou os macacos lhes atucanavam a vida. Não tinha diferença. Por isso, os cangaceiros se davam bem. Quando eles passavam num roçado, pareciam nuvem de gafanhoto em época de condenação da humanidade. Carregavam o que prestava e aprontavam mil e uma. Deixavam na pisada muita mulher na saudade e muito homem desonrado. Mas, aqui, ói, gaivota, que os danados chamavam os macacos. Esses eram iguais ou piores que os cangaceiros. Só obedeciam e respeitavam os homens de posses, de prestígio político. O resto da gentarada tratavam como gado. Dava pena de ver.

Se Mestre Zagaia fala, é que é. Ele sabe das coisas. Navegou sem bandeira por muita água barrenta, e por atalhos espinheiros bateu perna em busca de tudo e de nada. Nessas andanças, ele abriu seus olhos de ver e viu coisas de assombrar e de entortar o patuá até dos mais fortes. Mas, nem diante dos esquinapos mais

tremendos o Mestre Zagaia se rendeu. Encarou tudo que veio pela sua frente e sobreviveu e toda gronga que veio por trás. E foi no meio dessas batalhas que ele conseguiu os cabelos brancos, as rugas e as cicatrizes que são as divisas que hoje lhe dão consideração até dos vagaus mais escabriados. Toda a malandragem se fia na sua Tabuada das Candongas. É aí que está o traçado que pode ser o pedal dos otários e a bússola do sabido. Mas, nem todos têm a sorte de se ligarem nos alôs do velho cabo de esquadra. Uns ouvem[,] mas não se emprenham pelas orelhas com o bizu do mestre. Outros, porque não escutara ainda o recado. E é por essas e outras que entram pelo cano.

No caso de não ter se tocado na Tabuada das Candongas está o povão lesado da sociedade, que se instalou na favela do Pavãozinho, na Carioca. Pouco divulgadas, as palas do Mestre Zagaia ainda não chegaram por aquelas bandas. Na verdade, ainda nem saíram da Barra do Catimbó e da favela do Urubu com Fome. E então, sem nunca terem tido notícia da história dos cangaceiros e dos macacos contada por Mestre Zagaia, a gente do morro do Pavãozinho marcou bobeira num repuxo amargoso.

A mumunha se deu quando o índice de assaltos na cidade maravilhosa do Rio de Janeiro atingiu tamanha grandiosidade que chegou a despertar do sono as autoridades competentes. Era um salseiro atrás do outro na Guanabara. Batia na fuça da polícia as maiores catimbas. Os criminosos organizados botavam pra quebrar. Jornais escancaravam assaltos, assassinatos, rapto, estupros e tudo. Os moradores do Rio de Janeiro e os turistas tremiam nas bases e era urgente uma providência. Teve então início a repressão ao crime.

De saída, a polícia armou um esquema bem bolado e passou o picaré de malha curta. Entrou em cana bandido às pamparras e também entraram alguns gaiatos que estavam sem documentos. A população do Rio de Janeiro aplaudiu sua zelosa polícia. E na animação, a polícia levou a guerra pela frente. Subiu os morros. Revisitou mocós, fuçou nas encolhas e novamente ganhou uma curriola perigosa. Novos aplausos do público. As estatísticas mostravam que, graças à ação enérgica da polícia, a onda de crimes diminuía sensivelmente. E a polícia, no embalo, cercou a favela do Pavãozinho. Os bandidos, que já andavam de orelha em pé, se espantaram pra Baixada Fluminense. Só ficou na favela os trabalhadores e as pessoas que não estavam no devo com a lei. Como, minha senhora? A senhora não acredita que trabalhador more em favela? Vindo de sua parte é até muito natural essa dúvida. Duzentos e vinte e cinco contos a senhora gasta numa tarde de carteadado beneficente com suas amigas. Mas, um chefe de família, tem mesmo que virar cabrito e ir se pendurar nas barrancas do morro. E foi gente desse naipe que a polícia militar do Rio de Janeiro encontrou na Favela do Pavãozinho. Só que alguns soldados pensavam como a madame. E sem cerimônia fizeram e aconteceram. Esculacharam os lares humildes. Afanaram os badulaques de algum valor que encontraram. Abusaram das moças. Ofenderam trabalhadores, anciãos, senhoras e crianças. Foi de doer. E o povão desesperado da Favela do Pavãozinho, que tinha ficado feliz quando bandidos que se escondiam por lá fugiram da polícia, estão mortos de medo agora. Temem que a polícia suba o morro novamente. Custaram, mas aprenderam a lição da Tabuada das Candongas. E sabem agora que Mestre Zagaia está com a razão quando diz:

– Pra gente lesada da sociedade, cangaceiro e macaco é tudo a mesma coisa.

Piadas da semana

Pacificação no Corint[h]ians só pode mesmo ser piada. Aquilo é a própria toca de ouriço.

Por mais que a televisão seja a cores, o melhor espetáculo que ela poderá apresentar será sempre em preto e branco. Que é o jogo do Santos F. C. de glórias mil contra o Botafogo da Guanabara.

É preciso com urgência fazer outra pesquisa pra ver qual o time de maior torcida em São Paulo. Consta que, atualmente, é o Corint[h]ians. Porém, a gente desconfia que a torcida do alvinegro de Ogum está acabando. Os antigos torcedores vão morrendo e ultimamente não anda nascendo nenhum corintiano. Os filhos deles já nascem escolados e pra evitar o sofrimento que os pais têm, vão torcendo pro Santos F. C. de glórias de mil, pro Palmeiras ou pro São Paulo.

Os tristes amantes que não souberam amar (Última Hora de SP – Edição de 15/3/1972. Página 14 Caderno 1)

“Bendito seja o homem que cuida bem de sua amada na primeira noite”, diz Mestre Zagaia na sua Tabuada das Candongas. E se o velho cabo de esquadra diz, é que é. Ele sabe das coisas.

Mas o tabaréu que veio do sertão tentar adiantar seu lado aqui em São Paulo não sabia de nada. Veio a fim de adiantar seu lado e de saída botou todas as forças no trabalho. Ganhou um dinheirinho. Se aprumou. Comprou uma roupa caprichada, uns óculos escuros e um rádio de pilha.

E foi justamente no “brinco de malandro” que ele escutou notícias do forró de Pedro Sertanejo. Se embandeirou pra no sábado ir dançar um xaxado, no ponto de diversão que se impôs pela fina seleção. E todo chique, baixou no forró. Entrou e abafou. Era só o que dançava na sua terra. E por estar bem vestido, por ser bom dançarino, o tabaréu despertou o interesse das moças do pedaço.

Muitas deram bola pro tabaréu. Mas ele, era todo purão, até meio trouxa, não ganhou ninguém. Xaxou com todas que entraram nas duas águas, pagou guaraná pra muitas e foi embora sozinho. Apareceu no sábado seguinte e continuou na sua toada. E daí pra frente, não perdeu mais nenhum forró de Pedro Sertanejo. Fez bom ambiente e era feliz. E pra maior felicidade, uma noite em que o tabaréu estava se esbaldando no xaxado, levantou as botucas por acaso e flagrou uma cabrochinha muito bonita. Foi sem querer que o tabaréu deu aquela espiada e talvez também sem querer a cabrochinha estivesse ligada naquela direção. Quem pode explicar as transas do destino? Mas, o que pesa na balança e o que quero contar é que os olhos do tabaréu bateram nos da cabrochinha e nesse rápido olhar estava dada a decisão. Um era do outro. Sem jeito, pra sempre, até que a morte os separasse. Ele, apesar de tabaréu, entendeu isso loguinho. Ela, apesar de quase menina, tão ingênua, doce e bela, também se tocou. Ele, que estava dançando, continuou com a dama até o fim por pura educação. Não era homem de desfeitear nem pistoleira escolada. Quanto mais gente do seu trato. Só que dançou com os pés no presente e a cabeça no passado e no futuro.

Pensou o tabaréu que já conhecia aquela cabrochinha quase criança de algum lugar. Vasculhou a memória na ânsia quase aflita de se lembrar de onde manjava a moça. Pobres de nós todos se usamos tão poucos recursos da nossa cachola. Nem de leve o tabaréu foi pelas encruzadas do inconsciente. Aliás, ele nem sabia dessas quizilas. Deixou de escarafunchar na moleira e, acreditando que possuía pouca memória, imaginou o futuro que ia ter com a cabrochinha. Ia chegar nela e perguntar:

– A gente não se conhece de algum lugar?

Daí, engrenavam um papo e amarrava a menina que lhe fez tremer nas bases. E envolvido por esses lances, o tabaréu não podia saber mesmo que no seu canto a cabrochinha também matutava na vã esperança de adivinhar de onde ela conhecia aquele olhar que, ao bater no seu, lhe deu arrepios. E a cabrochinha foi despertada dessa encucação quando o tabaréu, que se aproximou dela, perguntou:

– A gente já não se conhece?

Pálida de espanto, a cabrochinha encarou o tabaréu e afirmou:

– Acho que te conheço, só que não sei de onde é.

E os dois confidenciaram todos os lugares por onde andaram desde o dia em que saltaram do ventre materno até aquela noite e não acharam o fio da meada. Desistiam quando o tabaréu selou:

– Tu veio de um canto e eu, de outro. Nunca se vimos, nem se falamos. Mas parece que a gente se conhece há mais de mil anos.

A cabrochinha ficou meio encabulada antes de concordar:

– É[.]

Mas foi a deixa³⁷² pro tabaréu se tocar nas coisas misteriosas dessa vida:

– Vai ver nós nasceu um pro outro.

Não tinha erro. Um queria o outro às pamparras desde aquele instante em que os olhos se encontraram. E a gama não começou nem de marola, nem de onda, nem de nada. Surgiu no coração do tabaréu e da cabrochinha como uma pororoca. Inundou todas as barreiras. E muito embora a cabrochinha fosse de família e toda de preconceito, aquela noite mesmo, os dois amantes foram se amar no hotel das estrelas.

A cabrochinha queria tanto aquele tabaréu. Mas era tão nova. Quase uma criança. E não sabia direito querer. O tabaréu era tão purão, quase trouxa, e não se dava conta dos macetes. E no fogo da paixão, se deu inteiro pra cabrochinha. Se deu com fúria. E perdeu a razão. A cabrochinha, que não sabia direito querer, sabia menos ainda receber. E se assustou com aquele amor tão mal entregue, tão desesperado, como se estivesse contido há séculos. E chorou. Chorou muito. E foi só o que teve de seu naquele momento. Lágrimas.

A paixão do tabaréu pela cabrochinha cresceu. Ele, que tinha se gamado de olho, se gamou de pele. Se banhou nas lágrimas da criança e renasceu limpo e cheio de ternura. Falou pra cabrochinha docemente, como fera satisfeita. E prendeu aquele coraçãozinho sem pecado, que se assombrou com o fogo da carne, mas sossegou com a boa palavra.

Que sabem as pessoas sobre as mumunhas humanas? Quem vai explicar todas as grongas pro povão? Quem vai ser o guia de luz pros pobres de espírito que vagam sem bússola nos estreitos, estranhos e esquisitos caminhos do roçado do bom Jesus? O brilho humano é tão embaraçado. Não chega a todos. E disso eu não sei nada.

Só sei que a cabrochinha ficou apaixonada pelo tabaréu. Gostava de escutá-lo falar, de presença dele junto dela, menos de ir com ele pro hotel das estrelas. Disso ela tinha verdadeiro pavor. E[,] no entanto, amava tanto o homem que acreditava que nasceu por ela. Mas, isso era pouco pro tabaréu. Ele amava a cabrochinha e queria receber. Então, ele despejou cinco balas de revólver nela. E, em prantos, deu um tiro na própria cabeça.

372 Termo atualizado; no original de jornal consta “deica”.

Mumunhas da torcida, Wagner e Banda Bandalha (Última Hora de SP – Edição de 16/3/1972. Página 14 Caderno 1)

A notícia vem da maravilhosa cidade do Rio de Janeiro e deixou muito nego pálido de espanto com o perereco, que foi o seguinte. No jogo do Olaria com o Madureira, um tal de Orlando Cachorro se invocou com o juiz da partida, pulou o alambrado, deu um pique de cinquenta metros, e, quando chegou perto do árbitro, tomou uma biaba sentida dada pelo apitador e foi de fuça na lama. Até aí, nada de mais. Primeiro, porque torcedor querer ganhar juiz na paulada, não é novidade pra ninguém. Segundo, porque bater no tal de Orlando Cachorro, figura manjada e badalativa, que eu manjo dos ensaios da Escola de Samba da Portela, não é vantagem. O bruto é o rei do quás-quás-quás, mas anda mal com Deus e quase não pode consigo mesmo. Agora, o que deixa a gente bambeado é saber que o Madureira ainda tem torcedor que invade campo pra brigar por ele. Juro por essa luz que me ilumina que eu pensava que o Madureira, assim como o São Cristóvão, eram apenas onze camisas que entravam em campo e na lista dos jogos da loteria pra facilitarem a vida dos apostadores que sempre vão pra cucuia por causa das zebras. Com esses timecos na parada, pelos menos, não tem erro. Eles só perdem.

Mas, já que estamos falando de futebol, vamos em frente. Como todo mundo sabe, o Wagner, que marcou os dois gols do São Bento na bela vitória do time de Sorocaba contra o Corint[h]ians, foi mascote do alvinegro de Ogum quando era pivete. Seu pai, o Chico Alfaiate, inclusive é diretor de futebol de salão do Corinthians e esse ano já deu um belo título desse esporte pro seu clube de fé. Aliás, toda a família Acedo, que é o sobrenome do Wagner, é corintiana de chorar as pitangas quando o time perde. Porém, o que eles podem fazer? O Corint[h]ians é um balaio de gato e não souberam aproveitar o Wagner, que é bom de bola às pampas e provou isso ao fazer, com categoria, os dois gols da vitória do São Bento. O rapaz é profissional e tem que ganhar o seu feijão de cada dia na profissão que escolheu. Assim sendo, não há motivos pra torcedor abilolado do time do Parque São Jorge ir pintar palavrão no portão da casa da mãe do Wagner, no Tatuapé. Se o Wagner não tem culpa ainda. Por favor, gente, não entrem nessa marola que fica mal.

E agora, pra moçada se tocar na força da Banda Bandalha, basta dar uma olhada numa de nossas colunas de fevereiro e conferir que, naqueles dias que antecederam a saída da gloriosa banda, a gente dava um alô sobre o Wagner, dizendo que ele era o primeiro grande craque do futebol brasileiro a se inscrever na Banda Bandalha. Ele era da ala da Malu, da Rua São Jorge. Depois, na hora, a ala saiu sem ele, que estava justamente tratando da sua ida pro São Bento. Mas, nem por isso ele deixou de ser um dos foliões da nossa patota.

Pra todos sentirem o aroma da perpétua, aqui a gente tem que botar banca e escancarar para o mundo que a Banda Bandalha deu sorte pra muita gente. Por exemplo: o Wagner encontrou chance finalmente de mostrar toda a categoria do seu futebol depois que se inscreveu na banda. Walter Silva, depois de longos anos afastado do rádio, voltou pra Bandeirantes com seu Picape do Picapau e emplacou direto depois que saiu na banda. Giba Um foi passear (trabalhando) no Havaí. Alessandro Porro firmou definitivamente seu Intervalo 2000. ETTY Fraser, a estrela gordinha-sexy, perdeu dois quilos sem precisar fazer regime. O Carlos Imperial foi convidado para dirigir um filme e vai realizar seu grande sonho. Pra isso, o Impera[!] comprou do vosso chapa aqui, a historinha publicada em nossa Última Hora com o título “A exceção da regra”. O pessoal do Imago – Clínica de Orientação Médica e Psicanalítica, que saiu na Banda Bandalha de carro alegórico, aumentou suas

dependências e tal e coisa. E tem muito mais gente que se embalou depois que saiu na Banda Bandalha. Isso demonstra a força do axê dos foliões de 72. E me parece natural.

Quem brincou na Banda Bandalha se descontraíu. Relaxou. Se tornou mais simpático e mais alegre. Daí, meu chapinha, encontrou mais passagem para o sucesso. Por essas e outras, é que a letra da marcha oficial da Banda Bandalha, que é de autoria do Jangada, do Geraldão e minha, tem um pedaço que diz:

Você aí
Que tá na sua
Esquece o grilo
E vem brincar na rua.

E é isso aí. Podes crer, amizade. E pra quem estiver macambúzio, jururu, encabulado e os cambaus, a gente dá uma pala. A Banda Bandalha vai sair outra vez no sábado de Aleluia, da porta do Teatro de Arena, na esquina do Mais-Mais. É só chegar e botar pra frente. Se não fizer bem, mal não fará. Mestre Zagaia, o velho cabo de esquadra, diz na sua Tabuada das Candongas:

– O que não mata, engorda e faz crescer.

E se o Mestre Zagaia diz, é que é. Ele sabe das coisas.

Um grande artista popular: Talismã e suas histórias (Última Hora de SP – Edição de 17/3/1972. Página 14 Caderno 1)

O Talismã é, sem dúvida, um grande artista popular brasileiro. Pra quem assistiu ao desfile das escolas de samba de São Paulo esse ano, não há dúvida quanto a isso. Mestre Talismã (seu Mumu para os íntimos) pintou e bordou no Vale do Anhangabaú. O enredo do Camisa Verdade e Branco da Barra Funda, que era Literatura de Cordel, e as alegorias dos Unidos da Vila Maria, sem favor nenhum dois pontos altos do desfile, eram da responsabilidade dele.

Porém, não é só isso que o Talismã sabe fazer. Ele é compositor de grande gabarito, toca violão e conta história. Além dessas artes, o Mumu é pintor, lustrador, marcineiro [sic] e barbeiro. Enfim, é um virador. Aprendeu um pouco de tudo pra ganhar seu feijão de cada dia, que com a vida custando os olhos da cara como anda, não está mole de se ganhar. Claro que, pra um compositor como o Talismã, devia ser tudo mais fácil. Só que é uma pedreira ser compositor de música brasileira no Brasil, onde as rádios, as gravadoras e tudo quanto é veículo de comunicação, preferem atacar de música estrangeira. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que, nas suas andanças pelas quebradas do mundaréu, o Talismã já se viu, muitas vezes, no papo de aranha e teve que fazer das tripas coração pra não ir pro beleléu.

Um dos lances mais cavernosos que o seu Mumu viveu foi no Rio de Janeiro, há muitos anos atrás. Ele andava numa maré brava. Estava até chamando mendigo de excelência, quando fez amizade com um crio[u]lão que não fazia graça a ninguém, mas que foi por ele, Talismã. O bravo se chamava Nelson Revisteiro. Tinha um metro e noventa de altura, um tremendo barrigão, que a camisa sempre abotoada com um botão só não escondia, um cabelo todo espetado pra cima, como se estivesse penteado no melhor estilo “Eu vi o fantasma”, que não deixava o chapeuzinho entrar na cabeça; usava uma bola de nafetalina enfiada no nariz e dizia que era remédio pra dor de cabeça; falava sempre cuspiendo nos outros. Segundo o

Talismã, tudo isso era neurose de guerra. O Nelson Revisteiro vivia de comprar revistas velhas pra depois vender na porta do Circo Dudu. E[,] às vezes, quando ia visitar algum freguês, ganhava sapatos, que já não servia mais ao dono. E eram esses os pisantes do Nelson Revisteiro. Fosse qual fosse o número. Se era pequeno, ele dobrava atrás e usava como chinelo. Se era grande, ele enchia de jornal. Por essas e outras, andava sempre arrastando os pés.

Pois bem, essa figura entrou nas águas do Talismã. Mexe e vira, quando seu Mumu estava duro, se chegava perto do Nelson Revisteiro e nem precisava pedir. O bruto adivinhava a fome estampada na fuça do amigo e adiantava uma grana pro artista ir comer no “China”.

Seu Mumu, que sempre foi e é um bom chapa, não dizia nada, se fechava em copas, mas pensava numa maneira de retribuir as gentilezas do Nelson Revisteiro. Quando sua namorada ficou choca, o Talismã logo convidou o Revisteiro pra ser padrinho do bacuri que ia chegar. Ele retumbou de alegria. Mas, não deu certo. O filho do Talismã nasceu morto. Mas, mesmo assim o Nelson Revisteiro passou a chamar o seu Mumu de compadre. E na falta de afilhado pra dar presente, o Nelson presenteava o Talismã, que se acanhava com aquilo, mas por educação aceitava tudo que vinha, pra não magoar o compadre e também (por que não dizer?) porque precisava.

E era assim que o Talismã ia remando o seu barco. Porém, um dia o Moreira da Silva resolveu gravar o samba Grongas e Mirongas, do Talismã. Como o seu Mumu sabia que o Nelson Revisteiro era fã número um do Moreira (Moringueira) da Silva, não vacilou em dar parceria do samba pro compadre. Pro Nelson Revisteiro, aquilo foi o máximo. Se ele já era ponta firme do Talismã, ficou mais ainda. Ai de quem tivesse coragem de dizer na frente dele que o Talismã era feio. O bruto endoidava e biabava o atrevido sem dó. Pro Talismã, aquilo até incomodava. Mas, um dia ele teve que se valer da valentia do Nelson Revisteiro.

Foi quando o Moreira da Silva avisou que ia cantar proximo num programa da Rádio Nacional o samba Grongas e Mirongas. Assanhado por esse momento, todos os dias o Talismã, sem falar nada com ninguém, ia ver a escalação dos artistas na rádio. O Nelson Revisteiro também ia conferir por conta própria. Ambos aflitos pelo grande dia. Acontece que, numa dessas vezes, o porteiro não deixou o Talismã entrar e ainda o esculachou:

– Que tá pensando? Que isso é casa da sogra?

O Mumu quis se explicar:

– Sou compositor e vou ver a escalação.

Foi pior. Aumentou a bronca do: [sic]

– Fora! Passa fora! Que compositor, que nada.

Jururu, envergonhado, o Talismã foi saindo, quando deparou com o Nelson Revisteiro. Logo lhe brotou na cuca uma ideia de jerico[.] E sem marola, o Talismã envenenou o amigo:

– Se tu tá indo na Nacional, desiste. Tem um porteiro hoje lá que não tolera compositor. Diz que todos são vagabundos e sem vergonha.

Pra que? O Nelson Revisteiro se picou de raiva e foi embalado. O Talismã seguiu na pisada do compadre. Quando o porteiro viu o Talismã acompanhado daquele crio[u]lão, tremeu nas bases. E o Nelson Revisteiro entrou de sola:

– Quem é que não gosta de compositor aqui?

O porteiro nem chiou. O Nelson Revisteiro então empurrou a barriga e foi em frente. Já o Talismã, pra zombar do porteiro, ficou entrando e saindo do prédio da rádio até o Nelson Revisteiro ver a escalação e voltar anunciando encabulado:

– Não é ainda hoje que ele canta o nosso samba.

Psicologia é isso? (Última Hora de SP – Edição de 18/3/1972. Página 14 Caderno 1)

Os reservas do Corinthians Paulista se fantasiaram com as camisas do São Paulo no treino de quarta-feira passada e, sem fazerem cerimônia com os titulares, ganharam o treino de goleada. Meteram quatro gols no barbante dos cobras. Agora os titulares já estão preparados para enfrentarem o verdadeiro São Paulo. Se perderem, não vão ficar murchos e jururus, como ficaram depois do jogo com o São Bento. O apronto de quarta-feira foi exatamente pra ir acostumando a moçada pros revertérios. Será que psicologia é isso?

Longe de mim a intenção de entrar pelos atalhos das ciências que estudam as mumunhas da cuca humana. Não sou eu que vou me aventurar no perigoso terreno onde sábios conceituados e doutores notórios no assunto se atolaram. Aqui, ói, gaivota. Conheço minhas limitações. Sei bem que meu puçá não [vai] além da superfície. Por essas e outras, só pesco o que aparece boiando nas águas barrentas em que navego contra a maré. Porém (e sempre tem um porém), meus olhos de ver veem alguns truques nesse cabuloso treino em que os titulares do alvinegro de Ogum foram impiedosamente massacrados pelos reservas. E como acredito que minhas botucas flagraram as tretas, escancaro tudo aqui pros milhares de leitores desta coluna. Principalmente pros corintianos que nos honram com sua preferência. Eles merecem dormir sossegados.

Antes de mais nada, quero dizer que acho o time do Corint[h]ians o melhor do Brasil. Ado, no gol, é da seleção. Zé Maria, Baldochi, Luís Carlos, são da seleção. Pedrinho e Miranda, que jogaram na lateral esquerda, são muito bons. E só não estão na seleção porque seria muita colher de chá pro Corint[h]ians toda a defesa ser da seleção. Meio do campo do timão do parque São Jorge não é mole. Sente o aroma da perpétua, torcedor do alvinegro de Ogum que anda com pouca fé. Tião, Adãozinho e Rivelino, esse craque fora de série. E os outros dois conhecem o assunto às pamparras e mais cedo ou mais tarde estarão na seleção. Na ponta direita, Vaguinho. Também da seleção. E o centro-avante? Amizade, podes crer, só extra de televisão sofre mais que centro-avante do Corint[h]ians. Grandes artilheiros penaram com a gloriosa camiseta do Corint[h]ians. Até o genial Flávio, vice-goleador do futebol brasileiro em todos os tempos, foi esculachado pela torcida e acabou tendo que ir embora. Então, não é de se estranhar que o magnífico Mirandinha esteja acanhado e perdendo gols que até um cabeçote de bagre da várzea faz. Justamente quando ele foi convocado pra seleção e precisava de todo o apoio da torcida é que resolveram vaiar até quando ele entrava em campo. “Fiel torcida de araque essa). Quem resiste a uma xavecada³⁷³ dessas? Ninguém. Mas, quem sabe ver futebol, não tem dúvida de que o Mirandinha é craque e só por isso foi chamado pra seleção. E está aí. O Corint[h]ians tem no momento o melhor time do Brasil.

Mas, perguntarão os derrotistas do Corint[h]ians: Por que o alvinegro de Ogum perde até do São Bento de Sorocaba? Vamos ver se me explico. O São Bento primeiramente está com uma equipe muito boa, que é orientada por um senhor técnico, o Wilson. Segundo, o São Bento, quando joga com o Corint[h]ians, não tem grandes esperanças. Se perder de pouco, está bom; se empatar, está ótimo; e se ganhar, é surpresa. Já o Corint[h]ians, não. Seus craques, antes de entrarem em campo, passam por um corredor polonês, formado por diretores que dão pancadas

373 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

leves nas costas dos jogadores e exigem a vitória. Se o time ganha de pouco, é um Deus nos acuda; se empata, é um perereco; e se perde, é o fim do mundo. Dá bobeira geral. Os cartolas saem por aí como baratas tontas, dando entrevistas confusas e burras. Vão até o Rio de Janeiro convidar técnicos. Por um troço à toa, armaram um quás-quás-quás de entortar patuá. A torcida, coitada, com uma liderança tão insegura, com gozação em tudo quanto é boteco, se desespera e, abilolada, passa a vaiar seu próprio time. E é aí que entra a psicologia do Sarno.

Vejam bem. O Sarno, que foi um senhor craque de bola, que levantou muitos títulos e tudo mais, sabe que numa maratona como o campeonato paulista, perder dois pontos não é grave. O perigo é perder a moral. O Santos F. C. de glórias mil teve uma vez que apanhou de 8 a 0 da Portuguesa e nem por isso deixou de ser o campeão do ano. Aliás, foi justamente no momento da fragorosa derrota que o alvinegro das praias de Iemanjá mostrou seu gabarito de timão. Ninguém esquentou a cabeça e o Lula, treinador na época, não se viu com o emprego ameaçado. Foi tudo como se o Santos F. C. de glórias mil tivesse vencido. Isso dá força. E é por isso que o Sarno está fazendo o Corint[h]ians treinar. Quer o Sarno ensinar o seu time a aprender a perder. Porque ganhar até os mais otários sabem. Porém, ser derrotado e continuar firme é coisa só pra quem tem intimidade com títulos. E é isso que falta ao Corint[h]ians.

Esse treino de quarta-feira pode ter parecido aos curtos de vista uma palhaçada. Mas, pro Corinthians, foi bom. Com a derrota dos titulares pros reservas, a torcida que estava ouriça se acanhou e talvez nem vá ao campo domingo. Que no caso presente é bom. Se vão pra vaiar o próprio time, que fiquem em casa. Os cartolas devem ter perdido o gás e a vontade de dar entrevista e tapinhas nas costas dos jogadores antes de eles entrarem no campo. Os próprios craques devem estar achando que vão perder e que se perderam pro São Bento e pros reservas com a camisa do São Paulo, perder pro próprio São Paulo não terá importância. Aí, minha nega, é que se dá o nó dramático. Os jogadores do Corint[h]ians vão relaxar os nervos, vão entrar em campo relax e como são bons de bola às baldas, são bem capazes de ganhar o jogo. Eu acredito. E acredito mais. Se o Corint[h]ians ganhar do São Paulo, será o campeão esse ano. E eu estou torcendo. Os jogadores do alvinegro merecem. O Sarno merece. Quem mais sofreu é que tem mais razão. A torcida do Corint[h]ians não sei se merece o título. Ela é ingrata e em toda partida vaia seus jogadores, sem compreender essa briosa rapaziada. E³⁷⁴[,] em todo caso, será a eles, torcedores da geral, ofertado o campeonato. Agora, quem não deve nem ir na festa das faixas são os cartolas. Coveiros do glorioso Corint[h]ians.

Alzira, a escolada, dá o serviço (Última Hora de SP – Edição de 20/3/1972. Página 14 Caderno 1)

Quando vou lá no Rio de Janeiro gravar a novela “Bandeira 2”, do Dias Gomes, aproveito pra fuçar nas quebradas esquisitas da cidade maravilhosa. E é nessas catimbas que flagro cada perereco de entortar patuá. Podes crer, amizade, pia na parada cada perereco que me deixa pálido de espanto.

O caso da Alzira Piranhuda é bem desse naipe que me encabula. A distinta foi dedada por uma sua cupincha e entrou em cana por andar engrupindo otário com o antigo conto do bilhete premiado. Até aí, nada de mais. Mesmo esse xaveco³⁷⁵ sendo manjado às pamparras, a gente sabe que tem papagaio enfeitado que, na

374 Termo atualizado; no original de jornal consta “Em”.

375 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

ânsia louca de faturar uma grana fácil, se entorta por querer ser mais malandro que a malandragem.

Quanto à dedada que a cupincha da Alzira Piranhuda deu nela, não causa espanto. São transas dos esquisitos, escamosos e estreitos caminhos do roçado do bom Deus. A Alzira passou a parceira pra trás numa divisão de lucros. E a amiga não gostou. Como não tinha competência pra dar uma decisão no braço pra Alzira e como não tinha coragem de ganhar a enganadora nas armas, a cupincha não vacilou. Chegou na orelha de um tira seu compadre e caguetou a Alzira, que dessa forma foi parar no papo da aranha.

O que chamou a atenção vem agora. A Alzira em galera não perdeu a esportiva. Nem de leve se acanhou. Também não demonstrou em nenhum momento que estava cabreira com a cagueta. Não jurou que ia à forra, não rogou praga, nem nada, contra a dedo-duro. Fazendo visagem e poses pros fotógrafos que estavam a fim de colher seu boneco, a Alzira Piranhuda foi sem a mínima cerimônia escancarando o babado.

Disse a vagolina, sem rodeios, que o conto do bilhete é da idade do garção da santa ceia. Mas, que nem por isso é difícil encontrar um otário pra ser entrutado. Basta pro vigarista se fingir de morto que loguinho vem um vivo choramingar no enterro. Papagaio enfeitado tem olho gordo e tem uma sede adoidada de acertar o milhar. Nem que pra isso tenha que fazer sujeira com um taboréu. Assim sendo, o trabalho do malandro é nenhum. Basta armar o pesqueiro que o trouxa aparece espontaneamente e até se esforça pra tapear o vigarista.

Podes crer, amizade. A Alzira falou e disse. Ela conhece a profissão. Segundo ela mesma, custou caro a ela o diploma no ofício. Antes de ser sabida, deu uma mancada feia. Ela, que trabalhava honestamente vendendo perfume de porta em porta, uma tarde, depois de dar um duro tremendo, se viu diante de um pilantroso que se abanava com uma lista fajuta e um bilhetão Mandrake. Ela, que estava num bagaço sentido de tanto bater perna, não resistiu a tentação. Engrenou uma conversa fiada com o vagau. Com muito quás-quás-quás, convenceu o bruto a lhe vender o bilhete. Ele endureceu. Porém, acabou vendendo. Ela, sem vacilar, pagou quatrocentas geripocas, uma em cima da outra. Deu ao pilantra tudo que tinha. Ou melhor, deu o dinheiro que não era dela, era do dono dos perfumes. Mas, na hora, se ela estivesse com bufunfa mais sonora, daria sem remorso. Aí, já viu.

A Alzira pegou o bilhetão e quebrou a cara. Só que não perdeu o rumo. Muito pelo contrário. Viu nisso uma pista pro seu destino. Conta ela que tinha fama de boa vendedora e era ótima contadora de história. Aí, embalada por essas virtudes, achou que pra ela não ia ser complicado catimbar no ramo. E se fechou em copas. Não foi na polícia chiar. Apenas procurou o vigarista até achar. O pinta, quando a viu, deu pinote. Porém, ela foi na captura dele e o encostou na parede com uma congesta que não deixava escolha. Ou o vagau lhe ensinava os macetes, ou ela botava a boca no trombone. O vigarista foi ponta firme. Até achou engraçado o lance. Mas, ensinou todos os truques pra Alzira. E ela, com uma força de vontade incrível, aprendeu rápido. E agora vai ter um bom tempo pra treinar melhor e talvez inventar novos trambiques, porque vai ficar em cana até a barra limpar.

Respondendo à freguesia

Alcantara Machado – “No parque Anhembi, até 26 de março, das 10 às 22 horas, teremos o Salão do Imposto de Renda, com a presença de grandes personalidades fazendo suas declarações no ato”.

Tou nessa. Podes crer, amizade. Só pra ver muito figuração desembarcar dos maiores carrões com crio[u]lo lustroso de chofer, e depois declarar imposto de renda de mendigo de porta de igreja. Que tem muito nego que ainda é mal acostumado. Mas, tem muita coisa pra se ver além disso. E aprender. O salão parece que vai ser um capricho. Vamos todos lá.

*

IMAGO – Clínica de Orientação Médica e Psicanalítica – “Enviamos um exemplar de nosso folheto Viva Bem Com Seu Sistema Nervoso, que fora distribuído gratuitamente em número de 75.000 exemplares, contendo cada um uma consulta gratuita”.

Pois é, amizade. Vocês parecem que adivinharam que, devido aos meus nervos, eu ando a perigo perpétuo. Porém, temo que não seja só eu que esteja nessas condições em São Paulo. Com o trânsito de batusquela, com o rio que transborda toda vez que chove e tudo mais, o paulistano deve estar endoidado. Como não dá para se internar³⁷⁶ todo o povão, vamos deixar alguns de fora, lendo livrinho. Eu fico nessa. Obrigado pela lembrança.

*

E não esqueçam: sábado de Aleluia sairá a nossa Banda Bandalha!

Azevedo do Apito vai acabar na Fifa (Última Hora de SP – Edição de 21/3/1972. Página 16 Caderno 1)

Longe de eu tentar analisar as mumunhas e os pererecos gerados pela cuca humana. Aqui, ói, gaivota. Meu puçá não vai além da superfície e eu só pesco o que aparece flutuando nas águas barrentas em que navego contra a maré. Por essas e outras, não vou enveredar em terreno tão perigoso, onde sábios notórios e doutores renomados por darem mil e uma provas dos seus valores, se atolaram até o gogó. Nunquinha eu embarco em canoa furada. Apenas registro os fatos. Consciente de que sou apenas repórter de um tempo mau...

Com essas explicações, quero deixar claro que não vou tentar nem de leve penetrar no pensamento do Azevedo do Apito, figura das mais manjadas da Barra do Catimbó, lugarzinho maldito que fica encravado nas quebradas do mundaréu, bem onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos. Mas, pra quem não conhece o Azevedo, eu dou a ficha dele toda e a origem da sua ideia de jerico de querer ser juiz de futebol de várzea.

Tudo começou quando a situação financeira do Azevedo ficou terrível e ele, sem a mínima possibilidade de pagar aluguel de casa, resolveu afanar tábuas, telhas, tijolos, folhas de zinco e, com a ajuda da mulher, da filha única e de alguns amigos de fé, construiu seu barraco na Barra do Catimbó, na parte de cima do morro, que é o pior pedaço e que por isso mesmo recebeu o apelido de Urubu com Fome. Mas, pro Azevedo, ficou melhor do que estava. E aí, então, ele não precisou mais aproveitar o domingo pra ir na feira catar bagulho. Com a grana que era antes destinada pra pagar o aluguel, ele comprava comida. E como o salário mínimo que o bruto ganhava como ajudante de caminhão passou a render, ele ficou à vontade na folga. E num desses dias em que estava de cabeça fresca, desceu a ladeira da favela e foi até o mangue xeretar. No meio do caminho, passou pelo campo do Amor e Glória, justamente no momento em que tinha começado o jogo do esquadrão

³⁷⁶ Termo atualizado; no original de jornal consta “enternar”.

rubro-anil da Barra do Catimbó e o seu mais ouriçado inimigo, o Estrela Verde da Esperança.

Como estava à toa, o Azevedo meteu as botucas na partida e ficou sapeando. Não tardou pra ter catimba no jogo. O juiz apitou uma bola fora contra o Amor e Glória e o Rancheta, center-alfô e capitão do time, incentivado pela enorme torcida, deu uma bolacha na fula do árbitro e, em vez de ser expulso do campo, expulsou o juiz. Arrancou o apito do pescoço do árbitro e foi aquela zoeira.

A curriola do Estrela Verde da Esperança invadiu o campo e queriam comer a alma do Rancheta. Mas, a torcida do Amor e Glória não era fácil e não regateou. Piou na parada e garantiu a decisão dada pelo capitão. Aí, restou escolher novo juiz.

Naturalmente que ninguém, em sã consciência, ia querer pegar o rabo de foguete. E o jogo ficou paralisado até que um gaiato, de farra, apontou o Azevedo e berrou:

– Ele diz que, se derem o apito, ele topa ficar de juiz.

Ora que? Na hora, toda a patota cercou o Azevedo e foram dando as instruções:

– Se roubar, leva pau.

– Tem que apitar direito.

– Pega o apito mas não vai afinar.

– Se meter a mão na gente, vai falar com Deus.

– Sem afanar contra nós.

Não deu pro Azevedo dizer que não estava a fim de coisa nenhuma. Puxaram ele pro meio do campo e mandaram que ele desse bola ao alto. Daí pra frente, foi na base do agrião. Partida dura. Cada jogada era disputada taco a taco. As defesas baixaram o sarrafo. Só batiam da medalhinha pra cima. E o Azevedo estava ótimo pro gosto das torcidas. Não apitava bulhufas. Não tinha falta, nem impedimento, nem cornes, nem fora. Quando a bola caía na vala, um torcedor qualquer pegava e jogava pra dentro do campo, no pé de um craque do seu time, e continuava a correria.

Esse jeito acabou zero a zero e por si mesmo. Se dependesse do Azevedo, ele nunca ia ter fim. A rapaziada só parou quando escureceu e não dava pra ver mais a bolsa. Daí, resolveram ir embora. Mas, antes, agradeceram ao juiz. Ele se entusiasmou tanto que, no dia seguinte, comprou um livro de regras, pediu pra filha ler para ele em voz alta, já que era analfabeto, e se embandeirou. Comprou apito bacana, roupa preta, chuteira e tudo. E daí pra frente, todos os domingos, se enfeita e vai correr os campos da Barra do Catimbó, pra arrumar um jogo que precise de juiz. Faz isso por gosto. Seu único pagamento é surras, corridas e esculachos. Geralmente, rouba pro dono do campo. O que nos faz crer que logo ele esteja nos quadros de juizes da FIFA.

Pelo menos é nessa linha que o juiz chileno que apitou o jogo do Atlético Mineiro com o Olímpia³⁷⁷ do Paraguai atuou. Meteu a mão sem dó no time brasileiro.

Respondendo a freguesia

Cristovão de Araujo (Penha) – “Você acredita mesmo na popularização³⁷⁸ de teatro? Se acredita, por que nunca trouxe seu teatro na Penha, que é um bairro dos mais populosos?”

Eu acredito. E junto com meus companheiros, estamos fazendo um trabalho de popularização de teatro no Sindicato dos Têxteis de São Paulo, na rua Oiapoc,

377 Termo atualizado; no original de jornal consta “Olimpica”.

378 Termo atualizado; no original de jornal consta “popularizarização”.

80, no Brás. Estamos levando a peça “Quando as máquinas param”, com a Walderez de Barros e o Roberto Rocco. E o Brás, seu Cristóvão, não é tão longe assim da Penha. Dava muito bem pro senhor se chegar até lá.

Sergio Cabral viu o Talismã (Última Hora de SP – Edição de 22/3/1972. Página 16 Caderno 1)

Quando aqui a gente afirmava que Seu Talismã é um dos maiores artistas populares do Brasil, não faltava otário, que nunca viu o Seu Mumu dando o recado, pra achar que a gente estava exagerando. Mas, nada como um dia atrás do outro para quem tem valor pisar³⁷⁹ nas paradas. E sábado passado, na hora grande, fomos fazer o ensaio geral do show “Plínio Marcos e os Pagodeiros” e fomos honrados com a presença de alguns amigos. Entre outros, estava lá o Sérgio Cabral, que foi em companhia do Jairo do Placar. E[,] agora, sintam a aroma da perpétua. O Sérgio Cabral se entusiasmou com o Geraldão Filme, com o Zeca da Casa Verde, com o Toniquinho, com Silvi[o] Modesto, e vidrou no talento do Talismã.

E é isso aí. Podes crer. Talismã é bom demais. O Sérgio Cabral falou é porque [é]. O Sérgio é uma força na defesa da arte popular brasileira, principalmente do samba. Ele vem há muitos e muitos anos fazendo das tripas coração pra conseguir divulgar os nossos sambistas. Essa tarefa realmente não é mole. Pode parecer incrível, mas a música popular brasileira tem inimigo de montes. Porém, o Sergio Cabral tem topado os enguiços todos pra botar pra frente os Zé Ketis, os Nelson-Cavaquinhos, os Cartolas, Os Padeirinhos, os Elton-Medeiros e todos os bonzões do samba. E todos os sambistas do Rio de Janeiro são reconhecidos ao Sérgio Cabral. Basta ver que, quando por fola da profissão ele teve que deixar o Rio de Janeiro para vir trabalhar em São Paulo, os maiores do samba se reuniram e prestaram ao Sérgio Cabral uma homenagem de entortar o patuá. Ele chorou às pamparras e os sambistas também choraram. Todos que encaram batalhas cavernosas pela música popular brasileira sabem como o deslocamento de um soldado de tanto valor faz falta.

Porém, ele aqui em São Paulo continua o mesmo, com a graça de Oxalá. Botou a mão na cabela [sic] do Talismã e loguinho nosso grande artista vai fazer a terra tremer. Uma palavra do Sérgio Cabral abre portas. Muitas. Principalmente agora que os estudantes universitários, que felizmente estão sendo despertados para nossa cultura popular, descobriram que o Sérgio Cabral está em São Paulo, e estão mandando convite às baldas pro moço ir fazer conferências nas faculdades. E da PUC, da USP, da Filosofia de Assis, da Politécnica, de Campinas, de Santos, vêm chamados pro Sérgio ir dar uma pala. A moçada sabe escolher e vai firme em cima dele e do Zé Ramos Tinhorão.

Por essas e outras, estamos cada vez com mais fé nos Pagodeiros. Temos certeza de que, com ajuda de gente do naipe do Sérgio Cabral, será criado um mercado de trabalho digno pro artista popular brasileiro, sempre tão entregue às traças. Vamos levando. A gente chega lá. Brevemente a barra há de clarear. Aí, então, os senhores artistas compositores poderão viver decentemente do seu trabalho. O Zeca da Casa Verde não vai ter que fundir a cuca no trânsito de São Paulo guiando um táxi de frota. O Toniquinho não vai ter mais que engraxar sapato na Praça da República pra defender o feijão dos seus sete filhos. O Silvio Modesto poderá deixar de lado os bilhetes premiados. O Geraldão, a pasta de cobrador. E o Seu Talismã, os mil e um biscates que faz. Eles são grandes artistas. Merecem pelo

379 Termo atualizado; no original de jornal consta “piasr”.

menos o direito de mostrar. E o Sérgio Cabral jurou pela luz que o ilumina que vai defender esse direito, como tem feito até aqui para os sambistas do Rio de Janeiro. Sérgio Cabral é pedra noventa. E o Talismã, Seu Mumu para os íntimos, está com um bom padrinho.

Dia vinte e cinco, os Pagodeiros estarão em Belo Horizonte, junto com a peça “Quando as máquinas param”, que naturalmente vai com a Walderez de Barros e o Roberto Rocco, para abrir a semana dos calouros das universidades Católicas e Federal da capital mineira. Na volta os Pagodeiros mandarão ver. E quem viver verá porque o Sérgio Cabral se ligou no Talismã e no resto da curriola.

Etty Fraser e suas transas

A estrela gordinha-sexy Etty Fraser, que como todo mundo sabe é a gloriosa rainha da Banda Bandalha, outro dia conseguiu dobrar o Flávio Rangel, que está ensaiando como nunca fez a peça de Arthur Azevedo “Capital Federal”, e foi dispensada pra ir tirar Carteira do Trabalho. Assim que a Etty chegou no Ministério, foi reconhecida e quiseram passá-la pra frente da fila. Porém a gordinha, com a educação e modéstia que lhe são peculiares, não topou esse negócio. A danada é contra privilégios. Mas, como as funcionárias eram fãs de novela e insistiram em fazer gentileza pra ídolo da Tevê, a gordinha acabou concordando em aceitar esperar sua vez sentada numa cadeira ao lado da moça que preenchia os badulaques da freguesia. Aí como estava com pressa, a Etty resolveu dar uma ajuda pro troço andar mais rapidinho. Com a inteligência que Deus lhe deu e que ela desenvolveu a duras penas nos colégios internos da Suíça, aprendeu o trampo só de ver a funcionária preencher duas carteiras. Daí pra frente, a Etty passou a encher carteiras também. Resultado, se distraiu, se esqueceu e só parou de trabalhar no fim do expediente. Como prêmio ao voltar pro ensaio, recebeu uma bruta bronca do Flavinho e ficou impedida de pedir qualquer dispensa novamente.

Não esqueça: Sábado de Aleluia a Banda Bandalha vai sair com Sol ou com chuva!

Tatuzinho (Última Hora de SP – Edição de 23/3/1972. Página 16 Caderno 1)

Quando o crioléo [sic] se junta num pagode, é um troço que me deixa ligado. Pode ser que eu seja pirado na cuca. Porém, gosto às baldas de ver o povão arrear cascata de todo naipe. Outro dia, a patota estava enfiando um samba na porta do boteco do Mané Cheiro de Peixe, lá na Barra do Catimbó, e eu só de antena ligada. Entre um partido alto e um gole de cachaça, sempre tinha alguém pra contar uma história. Numa dessa, piou uma conversa que vale a pena registrar. Paulinho Carrera deu uma bicada no gargalo da garrafa de água que passarinho não bebe e deu uma pala:

– Eu sei porque a pinga aí chama Tatuzinho. Minha avó me contou. A nega velha era lá das bandas de Itu e viu coisas de assombrar até os negos de cabeça firmada por babalaô de grande força e raiz plantada na África. E eu acredito em tudinho que ela me disse. Nunca vi. Nem quero ver. Mas, ela me falou e então eu sei.

O Toniquinho, que estava só nas encolhas, deu uma batida forte no seu tamborim e deu um alô meio a sério pro Carrera:

– Se acanha, pivete. Não presta falar nessas coisas. Deixa pra lá. E o que tu sabe e acredita, guarda fechado em copas.

Mas, o Paulinho Carrera quis se explicar:

– Só quero saber quem sabe porque a pinga Tatuzinho tem esse nome. Tem mistério nisso?

Pro Toniquinho, tudo é quizila e ele não regateou em dar uma pá de cal no assunto:

– Não. Não tem. Eu sei porque tem esse nome a malvada da pinga. Mas, não presta falar. Conversa puxa conversa e a gente vai ter que trazer à baila os nomes dos mais velhos. Vai de samba aí.

Silvio Modesto, pagodeiro de primeiro time, puxou em cima da ordem:

Deixa amanhecer
Deixa o sereno cair
Já que o samba merece respeito
Do samba não vou sair

Só que a moçada não embarcou nessa zoeira. Estavam todos picados de curiosidade e não teve quem segurasse a fieira. Seu Mumu, então, com a embaixada que tem e com o respeito que recebe, pode parar o violão e cutucar o Toniquinho:

– Se tu sabes das coisas, tu fala pra nós, Tônico. Pra que ficar com esse medo bobo?

Meio encabulado, o batuqueiro foi se abrindo:

– Sei dessas coisas que a vó do Carrera contou pra ele e sei mais algumas. Sou de Piracicaba. Meu avô, o Silvério, me deu muito papo. E não é por medo que não gosto de falar. É porque não é hora desse assunto.

Foi preciso o Geraldão dar um embalo:

– O nome Tatuzinho da pinga vem porque nos terreiros de Piracicaba, quando os feiticeiros eram de lei, paravam os atabaques e os tatus saíam dos pés de bananeira trazendo cachaça nas costas e serviam o pessoal todo. Não é isso?

Paulinho Carrera confirmou com a cabeça que sim. E o Toniquinho levou [um] país pra frente:

– Quando o mandingueiro queria mostrar seu poderio, fazia essa de mandar os bichos servirem cachaça e até só com olhar madurava na hora o cacho de banana pra curriola toda comer. Por isso é que botaram na pinga o nome de Tatuzinho.

Com os olhos arregalados, o Silvio Modesto olhou o relógio e se benzeu:

– Virgem Nossa Senhora, quase na hora grande que tu vem com essa conversa? Vamos embora de samba e já.

Marola no fundo do mar, marola
Marola no fundo do mar, marola

E dessa vez o pagode ferveu. Cada um entrou com tudo e foram sem parar quase por duas horas. Quando resolveram dar uma descansadinha pra golar na garrafa, o que saiu como assunto foi veneno. Um crio[u]lino folgado contou com toda gozação uma tretinha sentida sobre o Zeca da Casa Verde:

– Diz que quando o Zeca foi experimentar a calça da fantasia dele, ficou todo ouriço porque a braguilha da calça, em vez de botão, era de zíper. Olha aí. O Zeca estrilou. Não quis nem vestir a calça com zíper. E quando a costureira quis saber dele a razão da invocação, o Zeca se rachou: “Calça de zíper eu não uso. Tá louco, seu? Uma vez eu tive uma blusa que tinha zíper. Fui fechar e o zíper prendeu na

gravata. Sabe o que tiveram que fazer? Cortaram a gravata. Aqui, ói, gaivota, que eu vou usar calça com zíper”.

Respondendo à freguesia

Luis Carlos Arrioli (Pinheiros) – “Eu tenho um grupo de teatro amador e gostaria de montar uma de suas peças”...

Besteira isso, seu Luis. Minhas peças já têm mercado garantido junto às companhias profissionais. Tu deve aí com teu grupo montar peças de autores que ainda não estrearam. Eles precisam de chance e, pra progredirem, precisam ver suas peças encenadas. Essa deve ser a grande função do teatro amador. Mas, se tu quiser melhores dicas, me procura aqui na redação. Eu te apresento ao Apolinário e ele abre um monte de coisas pro amigo. O Apolinário tem ajudado muito pessoal novo.

Não esqueçam: Sábado de Aleluia, ao meio-dia, da porta do Teatro de Arena, sairá a Banda Bandalha!

Coisas do Candomblé (Última Hora de SP – Edição de 24/3/1972. Página 16 Caderno 1)

O axexê é a cerimônia fúnebre no candomblé. A que se dedica a um[a] cabeça coroada dentro da seita pode durar até um ano. E é esse o caso do axexê do Joãozinho da Goméia, que passou desta pra melhor no dia 19 de março do ano passado. No primeiro aniversário do seu falecimento, muito sentido pelo povo do candomblé no qual ele era rei amado e respeitado, mais de três mil pessoas se chegaram ao barracão do seu terreiro. Vieram fazer obrigação com aquele que foi o pai de santo mais famoso do Brasil.

Porém (e sempre tem um porém), apesar do trono do Joãozinho da Goméia estar coberto de branco e apenas os atabaques Rum e Lê tocarem, silenciando o Rumpi por intenção da alma do babalaô, muita gente se aproximou, muito mais pra ver quem vai ficar no lugar do rei morto do que pra bater cabeça no gongá. Podes crer, amizade. Também nas religiões a ambição pelo poder é uma constante entre os sacerdotes. No terreiro do Joãozinho, não deu outra coisa. Mal ele baixou à sepultura, seus filhos de santos começaram as quizilas pra ver quem ficava com os axés e com os fundamentos da casa do Pai. Foi broca. Muita gente que transa nesse assunto tremeu nas bases com a ousadia da negada que botou olho gordo no trono vago.

Antes dos sete dias, já estavam deitando os delonguns e os búzios pra ver se piava na parada o nome do novo rei. Tião do Obaluaiê leu nas sementes que a preferida dos orixás era uma menininha chamada Sandra Maria (Sessi Caxi) que deveria ser a herdeira do Joãozinho da Goméia, e Mãe Quitala e Alabê Valentim seus tutores. Só que teve gente de influência no candomblé que não engoliu enrolado essa escolha. E os que não concordaram botaram a boca no trombone. Acusaram o Tião do Obaluaiê e sua curriola de estarem fajutando. Juraram pela luz que os iluminava que ainda não era tempo de lances desse tipo. Garantiram que era necessário que se passasse um ano pro nome do verdadeiro substituto do Joãozinho da Goméia ser apontado pelos mensageiros das forças encantadas.

Mas, Mãe Quitala e Alabê Valentim não tomaram conhecimento da bronca alheia e foram levando pra frente. Então, aconteceram pererecos cavernosos. Ameaças de morte de parte a parte. Afanos de relíquias e tal e coisa. E o terreiro se dividiu por completo. Agora, venceu o ano. Houve o encerramento do axexê e é o

momento pros descontentes de serem lançadas as pedras pra ser escolhido o verdadeiro nome do sucessor do Pai João da Goméia. E pra patota que está no mando, é a hora de serem deitadas as pedras pra ser feita a confirmação da menina Sandra Maria (Sessi Caxi) que, diga-se passagem, é a única que nem está tomando conhecimento do quás-quás-quás.

Essa bananosa missão de dar a decisão foi confiada a dois babalaôs da Bahia, de reconhecida capacidade. Samba de Imu e Belarmino é que, depois da matança dos animais e de servirem comida aos santos, vão ler as pedras. Mas, desde já, todos estão sabendo que, seja qual for o resultado, vai ter briga e confusão no terreiro com os perdedores ouriçando e bagunçando o candomblé.

Joãozinho da Goméia

Quem botou a mão na cabeça do Joãozinho da Goméia e o fez santo foi o Pai Jubiaba, babalaô de axé forte, plantado na África e com terreiro na Bahia, terra natal do Joãozinho (como não podia deixar de ser). E lá mesmo onde nasceu, o Joãozinho fez fama como Pai de Santo. Depois, veio pro Rio de Janeiro e se projetou no mundo todo como bailarino e coreógrafo de teatro. Mas, a vida do Joãozinho não foi fácil. Teve que lutar muito, antes de conseguir firmar seu terreiro no Estado do Rio. Para seus filhos de santo ele era um homem muito caridoso e sempre disposto a ajudar os necessitados. Por essas e outras, sua memória deve ser venerada por todos. Ele foi sem dúvida uma figura impressionante e todos que foram estudar a cultura popular brasileira terão que lembrar do pai de santo, bailarino, divulgador do nosso folclore, Joãozinho da Goméia. Ele nada tem a ver com as mesquinhas dos gananciosos, que querem se apoderar dos seus bens materiais. Porque não será na mão grande que alguém vai herdar os seus fundamentos espirituais.

Respondendo à freguesia

Orestes Pirajá de Castro (Tatuapé) – “Que é isso de dar colher de chá pro Corinthians? O alvinegro não precisa de apoio de nenhum santista, peixeiro nojento”.

Primeiramente, Orestes, nojento é tu. Isso posto, vou te explicar que os otários da tua laia não sabem nem torcer pelo alvinegro de Ogum, que parece é o teu time. Tu e os teus cupinchas vão pra campo muito mais pra vaiarem os craques do Corinthians do que pra incentivá-los. O que e os do teu naipe fazem com o Mirandinha, por exemplo, é um vexame. Parece até que todos os corintianos da fiel de araque têm bronca quando um boleirol do alvinegro do Parque São Jorge é convocado pra seleção. Desde que o Mirandinha foi chamado pra vestir a gloriosa camisa da C[.] B[.] D[.], que tu e a tua patota pegam no pé dele e espalham nas quebradas do mundaréu e vão pra geral esculachar cada vez que ele perde um gol. Nessas condições, não dá pro moço emplacar. Agora, sente o aroma da perpétua. Eu torço pro Santos F. C. de glórias mil. Mas, gosto de futebol e sinto que, se o Corinthians continuar nessa toada, quem vai se dar mal é o campeonato paulista. Já era hora do alvinegro levantar um título para dar um novo embalo no futebol. Time o Corinthians tem – o melhor do Brasil. Na minha opinião, que é a opinião de quem sabe ver futebol. Só falta moral e é isso que é a parte que tu e esses torcedores de araque que só sabem vaiar o Corinthians deviam dar aos seus jogadores, já que dos cartolas não se pode esperar nada. Portanto, otário, não é escrevendo carta pra xingar quem reconhece o esforço dos craques do Corinthians que tu vai ajudar. E tem mais ô bobalhão, vê se tu avisa aí pros teus cupinchas não entrarem na cascata

que o Rivelino atrapalha o alvinegro de Ogum. Teus cartolas acabam acreditando nessa besteira e aí tu já viu. O Santos F. C. de glórias mil descola o passe desse craque fora de série e tu e o futebol paulista ficarão na saudade do Corinthians mais vinte anos. Agora, antes que eu me esqueça, vai... ao campo, mas pra empurrar teu time pras vitórias. Ainda dá pra ser esse o ano do Corinthians. Três pontos perdidos não quer dizer nada.

Obrigado, Mestre Carvalhinho (Última Hora de SP – Edição de 25/3/1972. Página 16 Caderno 1)

Havia um diretor de teatro infantil meio chegado ao Antonioni que toda vez que me encontrava insistia com força total pra eu levar meus pivetes Leo e Kiko para assistir espetáculo:

– É pedagógico! Próprio para as crianças. Um grupo de senhoras da associação de Pais e Mestres foi e vibrou. Vão até recomendar. As crianças participam da peça toda.

Podes crer, amizade. Juro por essa luz que me ilumina que nenhum argumento me embalava a levar meus pivetes bons pro sacrifício³⁸⁰. Eu não sou nenhum pirado da cuca e sei bem que, quando pais e mestres começam a recomendar espetáculos e sair com esses quás-quás-quás de pedagógico, é quase certeza que a gente encontra pela proa um espetáculo de uma chatura infernal. Porém (e sempre tem um porém), um domingo em que choveu e não deu pra gente se mandar pra piscina (sadio divertimento que meus filhotes, com a graça de nosso Ogum, protetor dos homens, preferem bem mais do que qualquer peça), eles começaram a perturbar meu sono matinal. E eu, muito mais como castigo do que com a finalidade de lhes enriquecer a cultura, mandei-os para o tal teatro. Quem foi com eles foi a Dereca, que é quem vai nesses pererecos. E até hoje tenho remorsos. Fui cruel demais no castigo. A bem [da] verdade, eles são tão bacanas que não merecem da minha parte uma xavecada³⁸¹ dessa ordem. Até hoje, ao lembrar do rostinho dos dois na volta, sinto apertos no coração. Eles chegaram pálidos de espanto e [se] confessaram envergonhados:

– Plínio Kid, nós choramos no teatro.

Aí quem quase se rendeu foi aqui o Paladino do Oeste. Senti um nó na garganta e tive que fazer esforço pra não me debulhar em lágrimas. Mas, dei uma de durão, só pra eles não acharem que o batuta é o xerife da televisão. (Já chega eu sempre fazer nas novelas papel de bobo alegre). E foi com voz de machão (por sorte eu tinha acabado de acordar e estava rouco), que dei corda:

– Como foi o vexame?

Eles, com a pureza de alma de toda criança, abriram o jogo na linguagem deles. O Leozinho, que é o mais antigo, foi quem começou a narração da violenta aventura:

– A gente estava gostando do teatro. A Rainha comprou chocolate e o Kiko comeu o dele depressa, depois queria o meu. Eu não dei o meu pra ele. Se ele comia muito e ficava com dor de barriga.

O Kiko não deixa nada e corta o baralho:

– Mentira! Ele me xingou de guloso!

– Ele queria pegar o meu!

– E aí o Kiko chorou?

380 Termo atualizado; no original de jornal consta “sacrifício”.

381 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

- Não. Rainha comprou outro pra ele.
- E pra você também!
- Tá. Mas por que choraram?

Com essa pergunta, os dois encabularam. Se olharam. E por fim o Leozinho continuou:

- O Lobo queria pegar a gente.

Não foi preciso dizer mais nada pra eu morar. Conheço de sobra esses esquisitos de vilão com pinta de assombração e mocinho bonzinho. Deixei por isso mesmo e não se falou mais em teatro. Até que na escola em que eles estudam, o Carrossel, por sinal uma das melhores de São Paulo (moderna, com professoras e diretora amigas dos pivetes e sem aquele ranço de donas da cultura e sem também o mau-caráter gerado pelo desamor disfarçado em energia), resolveram montar o “Pluft, o Fantasminha”, uma obra-prima da dramaturgia infantil. Eram as professoras que iam representar pros alunos. Meus pivetes, quando souberam da novidade, vieram pedir estia pra mim. Eu bem que dava. Mas, desde que a minha mãe contou pros netos que eu, para ir pra escola, era uma parada federal e que levei cinco anos no secundão primário, perdi a moral com os bacuris. A Dereca Rainha é quem dá as decisões escolares dos dois. Comigo eles logo avacalham a guerra:

- A vó falou que você bolava aula e não gostava de fazer lição de casa.

O que é verdade, mas também minha mãe não tinha nada que contar. Apesar de que eu sei que ela falou isso cheinha de orgulho. Enfim, a Dereca deu a bronca e os pivetes foram pra escola cabreiros e com medo da peça. Voltaram retumbando. Vidraram na Maribel, no Pluft e não tiveram medo do Piratão Perna de Pau. Até aprenderam a letra das músicas.

A menina Maribel, bel, bel
Tem os olhos cor do céu, céu, céu
E os cabelos cor de mel, mel, mel

E ficaram gamados de verdade nesse espetáculo tão despretensioso, que foi feito de brincadeira pelas professorinhas do Carrossel. Daí, depois de muito tempo, eles foram a Santos, bela ilha de Iemanjá, onde eu nasci e me criei e onde mora a santa vó que conta os podres do pai pros netos. E o meu irmão Flávio resolveu levar os dois pivetes pra ver um circo que estava armado lá na Vila Melê, em São Vicente. E os dois, achando que iam assistir a outro “Pluft, o Fantasminha”, foram correndo. E aí se deu o esquinapo. O palhaço do circo não era outro senão o meu velho amigo e mestre Carvalhinho. E sei lá como o Carvalhinho soube que eles eram meus filhotes. Vai ver que meu irmão Flávio, pra entrar de graça, explicou nosso parentesco. E aí o Carvalhinho, sempre ponta firme, fez aquela zoeira. Chamou os dois pivetes pro picadeiro. Contou a eles e pro público que os dois garotinhos ali presentes eram filhos do palhaço Frajola, hoje manjado por Plínio Marcos. Pediu palmas. E foi broca. Os dois sentiram gosto. Pisaram na serragem que o Mestre Carvalhinho estava pisando. E agora andam embandeirados. Mexe e vira eles vêm me convidar pra formar um trio de palhaço com eles. Já têm até nome: Frajola, Frajolinha e Frajolão Velhão. Mas, aqui, ói, gaivota, que eu entro nessa. Talvez quando eles crescerem, se realmente quiserem ser palhaços, eu até dê dicas. Só farei questão que sejam tão bons como o Carvalhinho é nessa profissão e a exerçam com a dignidade que meu velho Mestre Carvalhinho exerce. Sejam simples como são as professoras do Carrossel. E então, tenho certeza, brilharão. Porque é isso aí. O povão gosta dos artistas que falam como eles mesmos. Só os mediocres

enrolam em nome da cultura e inventam milongas e dizem as coisas com sutilezas de deixar as plateias na mesma.

Mas, bota tudo isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que sou grato às “fessoras” do Carrossel e ao Mestre Carvalhinho, que ensinaram meus pivetes bacanas a respeitarem a profissão dos pais, sem precisarem fazer nenhum discurso cretino. Antes que me esqueça, Carvalhinho, abraços e beijos na tua parceira, a “Tia” Anita.

É com nós mesmos (Última Hora de SP – Edição de 27/3/1972. Página 16 Caderno 1)

Me desculpem os papagaios enfeitados[,] se pio na parada pra badalar mais uma vez a peça “Quando as máquinas param”. Mas, que posso fazer? Estou retumbando de alegria com o sucesso que conseguimos. Que a Walderez de Barros e o Roberto Rocco dão o recado direitinho, ninguém vai duvidar. Porém, o que nos espanta é o interesse maciço dos estudantes pelo nosso trabalho de popularização de cultura, junto com o Sindicato dos Têxteis.

Sente o aroma da perpétua, majura. Mora na força do nosso axé com os estudantes. Terça-feira, o pessoal da Faculdade de Comunicações da USP baixou enturmado no nosso teatro da Rua Oiapoque, 80. Aplaudiram e se inquietaram às baldas. Quinta-feira, fui lá na Cidade Universitária debater com eles. Duas horas de papo com sala repleta. Legal a moçada. Mas, tem mais. E aí é que foi mesmo uma beleza. Quarta e quinta-feira, fomos levar “Quando as máquinas param” na PUC. Deu lotação esgotada. Mais de duas mil e quinhentas pessoas assistiram ao espetáculo e mais uma vez aplaudiram delirantemente a Walderez de Barros, uma senhora atriz do teatro popular, e o Roberto Rocco, moço de grande talento e que cada vez está progredindo mais.

Agora, se agarra na tua fé pra não cair da cadeira, pálido de espanto com a notícia que vou dar, que por certo vai te fazer duvidar, mas que, se for preciso, a gente prova. Só em dois dias na PUC, vendemos mil e duzentos livros da peça “Quando as máquinas param”, que é editado pela Editora Obelisco, do meu chapa Pedro Fanelli. Hip-hurra, hip-hurra-rá-rá-rá! Viva a patota do Teatro dos Têxteis de São Paulo! Viva os estudantes universitários de São Paulo! Viva nós, por esse recorde mundial de venda de peça de teatro. E ainda vamos continuar em cartaz. A gente merece. E até pode botar banca. E eu boto mesmo. Levo fé no meu taco e na força da minha gente. Agora, tu imagina quando a gente soltar na praça peça nova. O que vai acontecer. “Quando as máquinas param” já foi montada anteriormente em São Paulo. Essa é a segunda montagem. Não tem divulgação bacana. Pouca notícia em jornal. (Não sei por que). Não botamos anúncio, nem nada. Mas, vai pra sete meses em cartaz. Quando sair “Jornada de um imbecil até o entendimento”, “Show de Plínio Marcos com os Pagodeiros”, “Abajur Lilás”, “Oração para um pé de chinelo” é que vai ser fogo na bigorna. Que bacana! A juventude bota fé no nosso trabalho. Sabem bem que nunca afinamos. E coopera.

Basta ver que os estudantes mineiros vão levar pra Belo Horizonte, pela quarta vez, “Quando as máquinas param”. E é por essas e outras que sou mais eu.

Carnaval

Por onde a gente passa, a moçada pergunta se a Banda Bandalha vai sair sábado de Aleluia. Então, cabe aqui uma explicação. A Banda Bandalha pode sair quando quiser, comandada por qualquer folião. A Banda Bandalha não tem

proprietário. Ela não é pioneira de nada. Nem ninguém quer ser chefe de banda na patota que botou esse carnaval na rua. O que Alessandro Porro, Giba Um, Walter Silva, ETTY Fraser, Walderez de Barros, Acedo, Bucka, Roberto, Beth, Geraldão, Carlão, as Gêmeas, Jangada, Toniquinho queriam e fizeram foi botar o povo paulistano pra pular. Sábado de Aleluia sai a Banda Bandalha, sim. Podes crer, amizade.

João José Pompeu

Longe de mim a ideia de ser crítico de teatro ou de televisão. Aliás, aqui na nossa Última Hora, estamos muito bem servidos nesses setores. João Apolinário e Ari Torres trabalham com a maior seriedade. Porém (e sempre tem um porém), eu tomo hoje a liberdade de dar um toque a respeito da chamada da novela que o Canal 4 estreou essa semana, “O signo da esperança”, de autoria do consagrado Marcos Rey³⁸². Ou melhor, dou um toque sobre interpretação magistral desse ator maior que é o Pompeu.

Na chamada, o lance é o seguinte. O também bom ator Cláudio Correa e Castro comunica que as finanças da família foram pra cucuia. O João José Pompeu, que está de mordomo, não diz nada. Levanta os olhos pra cima, depois vai fechando devagarinho e cai. É magistral. Ele, sem mexer um músculo da face, dá um banho de interpretação com os olhos. Juro por essa luz que me ilumina que há muito tempo não via nada tão bem feito em matéria de interpretação de ator de televisão. Esse lance é antológico. Se o Pompeu mantiver o nível durante a novela (e eu acredito que manterá), nós teremos realmente um troço legal de se ver. Parabéns, Pompeu. Parabéns à televisão, que vai melhorando de nível artístico.

Blecaute

O eterno General da Banda, o simpático Blecaute, vai sair sábado de Aleluia pelas ruas de São Paulo pra ser homenageado pelas bandas de 72. Bandalha, do Carlitos, da Record, do Bafo de Bruxa, das Baianas, do Brás. O Blecaute merece essa homenagem das bandas de 72. Todas elas estão tentando reviver o carnaval de rua e nada mais justo que saudar um folião de mil e uma batalhas de confete.

Mestre Zagaia escuta o povão (Última Hora de SP – Edição de 28/3/1972. Página 16 Caderno 1)

Todas as tardinhas, Mestre Zagaia deixa seu mocó no alto de favela Urubu com Fome e vem tropeçando nas pedras da ladeira e se atolando nas poças d'água, até o largo principal da Barra do Catimbó. Aí, ele se instala no seu caixote de cebola cativo na porta do boteco do Mané Cheiro de Peixe. E é daí que ele fica espiando os pererecos que estão acontecendo nos quatro cantos do mundo, e até mais além.

Não tarda pra piar na parada a curriola das mais pesadas que transa pelas quebradas do mundaréu, desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos. Eles se chegam na presença do Mestre Zagaia e, com todo o respeito, vão logo saudando:

– Tá aí, mais velho?

E é só. Mestre Zagaia não dá resposta. Porém, vagou nenhum se ofende. O velho cabo de esquadra navegou sem bandeira por muita água barrenta e bateu perna à toa nos estreitos, escamosos e esquisitos caminhos do roçado do bom Deus; embrulhou sua solidão nos encardidos lençóis dos puleiros das piranhas;

382 Termo atualizado; no original de jornal consta “Rei”.

presenciou com seus olhos de ver mumunhas cavernosas de assombrar até nego de patuá forte com axés plantados na África e confirmado na Bahia de São Salvador; topou batalhas onde bestas humanas disputavam quirelas e nunca se acanhou diante do que surgiu à sua frente. Resolveu todos os seus problemas de carne e espírito sem contornar nenhum. Foi até as últimas consequências dos esquinapos em que se meteu. Penou. Se machucou. Porém, ganhou cabelos brancos, rugas e cicatrizes que são as divisas que lhe dão consideração por parte até dos vagaus mais ouriços.

Todos sabem que Mestre Zagaia aprendeu ver o que um nego que está se atucanando nos salseiros do dia a dia não vê. E é isso que o crio[u]léu vem fazer ao pé do mestre Zagaia, que é o olho do povão lesado da sociedade. O farol dos ignorantes e miseráveis. É ele quem dá pros otários as dicas da Tabuada das Candongas. E, a bem da verdade, se diga: tomados pelas paixões desse mundo, até os mais espertos se cegam e se transformam em loques engrupidos, capazes de removerem montanhas por um badulaque cheio de brilhareco mas que, colocado na balança, não vai alterar a ordem dos traçados.

Mas, deixa isso tudo de lado. O que quero contar é que o crio[u]lé se chega junto do mestre Zagaia sempre a fim de pedir estia. Só que tem milonga. Um ritual que, pra quem não é do pedaço, passa despercebido. Por exemplo: a curriola não se abre direito. Vão arreando cascata entre si. Mestre Zagaia não toma aparentemente conhecimento. Mas, se surge um perereco com quizilas, ele então abre o bico e dá a pista pro dono da treta desmanchar o nó. Mestre Zagaia não é psiquiatra profissional. Não tem nenhuma obrigação de se envolver em engodo de araque que os puxadores de fossa sempre inventam. Ele só cura ferida alheia. Nada de truque. Ele é assim. Porém, eu sou apenas um repórter de um tempo mau. Quando vou beber na fonte, pego a fieira do que me dá assunto pra crônica. E foi numa dessas vezes que eu estava lançando meu puçá de cara curta no pesqueiro inesgotável que escutei esse papo contado pelo Corvão.

Diz o Corvão que uma noite em que estava uma Lua Cheia de fazer lobisomem uivar, ele pegou um ônibus e foi levar uma nega de sua roda nas bandas do Jabaquara. Na volta, quase na hora grande, ele pegou um ônibus da linha São Judas-Perdizes pra vir até a cidade. E vinha todo satisfeito e em paz. Mas, de repente, subiu no ônibus uma negra que era um monumento. Um corpo de linhas perfeitas, que o vestido branco bem justo ressaltava. Foi só as botucas dele, Corvão, baterem na nega, que era quase azul-marinho, e vidrar. Diz o Corvão, que ficou braseado. Mas, que não foi só ele. O pessoal do ônibus se alvoroçou. Teve um branco folgado que não vacilou em sentar-se ao lado da nega e jogar o picaré. Em vão. A nega dispensou o papagaio enfeitado. O Corvão então se armou pra dar a sua paquera. Escolado, não entrou de gaiato. Antes de se aproximar, quis tirar uma linha. E a nega entrou na dele. Só que teve um detalhe. Quando reparou bem na crioula, o Corvão viu que manjava a nega. Se botou a matutar de onde dançava na gafeira do 28, tinha visto a nega ser aleita rainha. Isso fazia tempo às baldas. Tinha sido antes do incêndio que matou um crio[u]léu enorme lá na gafeira. Que era antes, o Corvão não tinha dúvida. Depois da tragédia, ele não voltou mais no risca faca. E certo de que a nega estava ganha, o Corvão ficou esperando a hora de ela descer do ônibus pra descer junto e meter bicaria.

A nega desembarcou na Avenida Paulista com a Consolação. O Corvão atrás. Mas, também entrou na concorrência um mulatinho maneiro. O Co[r]vão não se afobou. Sempre soube que afobado come cru ou queima a boca. Deixou o pilantra tentar a sorte com a nega e foi na campana.

O mulatinho encostou e foi caminhando junto da nega, descendo a ladeira que vai pro Pacaembu. De longe, o Corvão acompanhava. Já embaixo, o mulatinho viu que vai pro Pacaembu. De longe, o Corvão acompanhava. Já embaixo, o mulatinho viu que não ia arranjar nada e desistiu. A nega continuou seu caminho e o Corvão atrás. Às vezes a crioula olhava pra trás. E numa dessas vezes, o Corvão fez um sinal pra ela esperar. A nega respondeu que estava legal. E foi andando mais devagar.

O Corvão, que é todo cheio de embaixada, também diminuiu o passo. Foi devagar pra não gastar gás de graça. Poupava o folego pra não fazer feio na hora do vamos ver. E por essa catimba, quando a nega chegou nos fundos do cemitério, o Corvão ainda estava uns dez metros atrás. Daí a nega parou. Virou pra trás e berrou:

– Tu vem ou não vem?

O Corvão, que não esperava pelo berro, se assustou. Parou e olhou bem pra nega. Só aí manjou que ela estava parada e encostada no muro do campo santo. Imediatamente o Corvão se ligou outra vez no incêndio do 28 e tremeu nas bases. Nessa altura, uma nuvem cobriu a lua. E a rua ficou escura como breu. O Corvão olhou pra nega, mas só viu o vestido branco. Não marcou bobeira. Saiu correndo e só foi parar na Consolação.

Depois dessa história, Mestre Zagaia só deu um sorriso maroto.

Oh! Minas Gerais (Última Hora de SP – Edição de 29/3/1972. Página 16 Caderno 1)

Eu e toda a patota do teatro dos Tecelões estamos voltando hoje de Belo Horizonte, onde fomos apresentar mais uma vez para os estudantes das Universidades Federal e Católica nossa peça “Quando as máquinas param”, com a Walderez de Barros e o Roberto Rocco. Nesta curta temporada de três dias fizemos quatro sessões e pegamos um público de duas mil e trezentas pessoas, o que até é bom, considerando que é a quarta vez que as “Máquinas” vão a Belo Horizonte. Aliás, nunca nenhuma peça foi tantas vezes naquelas bandas.

Outra transa que fizemos com a curriola das faculdades da capital de Minas Gerais foi a estreia do show “Plínio Marcos e os Pagodeiros”. Foi um espetáculo só. Porém, o salão do D. C. E. da Federal, com capacidade pra mil pessoas, ficou a três de alto, com nego se agarrando pelos picos pra não espirrar pelo ladrão. Seu Talismã, Geraldão, Toniquinho, Zeca da Casa Verde, Silvio Modesto, Paulinho Carreiro e esse vosso chapa fizemos a terra tremer. Quando o pagode piou na parada, abafou a banca. Na hora em que o Silvio manda ver de partido alto, era aquele chuí. Toda a plateia cantava junto. E sintam o aroma da perpétua. As músicas do show eram totalmente desconhecidas, não são gravadas e são de autoria dos pagodeiros. A amostra foi tão legal que já saímos de lá com convite pra fazermos uma temporada de quinze dias no Teatro Marília, por conta do D. C. E. da Federal.

Também tivemos que prometer aos estudantes da bela cidade que qualquer peça que o teatro dos tecelões monte, a estreia se fará lá pra eles. Trato feito.

Os pererecos de Minas

Quando fizemos o ensaio geral do show “Plínio Marcos e os Pagodeiros”, o Sergio Cabral se entusiasmou com o Talismã, que é o Seu Mumu pros íntimos. Todo mundo sabe que, quando o Sergio Cabral bota a mão na cabeça de um compositor, ele é bom de verdade e está prestes a acontecer. Vai daí que, no caminho de Belo

Horizonte, por onde a gente passava, via o seguinte letreiro: “Minas Gerais tem Mumu”. O que levou o Paulinho Carreira comentar:

– Poxa, foi só o Sergio Cabral elogiar o Seu Mumu pra mineirada badalar ele às pamparras.

Mas, não era nada disso. Mais tarde descobrimos que Mumu é um doce que existe naquelas bandas.

Nenê Bandalho

O conto Nenê Bandalho, de autoria desse vosso chapa, que o vosso chapa Emilio Fontana adotou e dirigiu para o cinema, foi exibido pros estudantes mineiros. Mais de duas mil pessoas assistiram ao “Nenê Bandalho” e aplaudiram delirantemente o final da fita. Pois aí é que nosso patuá se entorta. A curriola gosta do filme. Discute às baldas o trabalho do Emilio Fontana e, apesar de tudo, o moço não encontra um circuito pra passar a fita em carreira normal. Esse é o drama do cinema nacional. Não temos chances. Os donos das distribuidoras, os donos dos prédios não dão colher de chá pra filme brasileiro. Ganham mais dinheiro com as fitas estrangeiras, que custam bem mais barato, porque já chegam no nosso país totalmente pagas. Vai daí, o máximo que os donos dos cinemas fazem é cumprir a lei que os obriga a passar, em oitenta e seis dias do ano, fitas brasileiras. Isso quando eles não burlam a lei. Por essas e outras, vai ser duro a gente conquistar nosso mercado e firmar a indústria cinematográfica no Brasil.

Roberto Freire

Encontrei meu chapa Roberto Freire em Belo Horizonte. Ele esteve fazendo uma série de conferências pra patota da Faculdade de Comunicações. Os universitários mineiros ficaram muito contentes com o Roberto. Cara batuta está aí. Falou e disse com a sinceridade e coragem que lhe são peculiares. Não fez como muitos artistas que andam por Belo Horizonte, que se recusam até a receber os estudantes, com medo de ter que abrir o bico. Essa gente, que na verdade não tem o que dizer, decepciona a mocidade brasileira, que continua a mesma de sempre, ansiosa por se informar.

Toniquinho e sua Pala

Toniquinho, que fez um bruto sucesso junto aos estudantes, foi convidado por um deles, que é de família bacana, pra pegar um gordurame. E foi grande. Teve que levar um papo comprido antes de pegar a boia. E estava no quás-quás-quás, quando o mordomo dos bacanas deu o ar de sua graça e consultou o dono da casa:

– Posso tirar o jantar?

Antes que o patrão desse as ordens, o Toniquinho deu o estrilo:

– Como vai tirar, se ainda nem pôs?

A vida está custando os olhos da cara

A mineirada deve andar se agarrando em fio desencapado. Naturalmente, falo do povão que berra da geral. Tanto isso é verdade que nossa patota ficou embatucada de ver nas ruas os pivetes vendendo cigarro aos picadinhos. O Geraldão jurou que isso é um atestado de falta de grana da população. O nego que não pode comprar um maço, compra um ou dois cigarros pra depois do cafezinho. Seu Talismã, o mais velho da patota, lembra que, durante a guerra de quatorze, havia desses babados no Rio de Janeiro e a causa era mesmo dureza.

A Banda Bandalha

Sairá sábado próximo da porta do Teatro de Arena a Banda Bandalha. Ao meio-dia, todo folião paulistano que se preze pode chegar no pedaço.

Respondendo à freguesia (Última Hora de SP – Edição de 30/3/1972. Página 16 Caderno 1)

Devido à semana que passamos em Belo Horizonte, apresentando para os calouros da Universidade Católica e Federal da capital mineira a peça “Quando as máquinas param”, o filme “Nenê Bandalho” e o show “Plínio Marcos e os Pagodeiros”, a correspondência atrasou às pamparras. Porém, como não somos de deixar ninguém sem resposta, vamos botando em dia esse banzanzan.

Antonio Iberê de Jesus (Itaim Paulista) – “Entre elementos que elevam o nome da Banda Bandalha, tenho vários amigos, entre eles o Geraldão, compositor da marcha da Banda. Na quinta-feira que antecedeu ao Carnaval, quando saía do serviço, dei uma passada pelo Redondo e vi a turma empolgada, reunidos na mais perfeita alegria, não resisti. Tirei parte do uniforme e entrei na folia. Me esbal[d]ei pra valer. Segui sua Banda Bandalha até o encontro apoteótico com os seguidores da Banda Recordiana na Praça Roosevelt.

[“]Meu caro Plínio, essa conversa toda é tão somente para lhe pedir licença pra, se Deus quiser, estar ao seu lado e ao lado de todos outra vez, no próximo sábado de Aleluia e levar comigo uns amigos, pois estou organizando um grupo, lá no bairro, para poder dizer a vocês: Itaim Paulista está presente”.

Pode vir firme com tua patota. Tonico de Jesus. Deus há de querer que tu se chegue, sim. Mas firma teu pensamento. Se tu já saiu na Banda Bandalha, ela é tão tua quanto minha. Traz a alegria da tua gente e vamos incrementar o carnaval de rua.

Valdir Salles de Queiroz – (Vila Alpina) – “Você fala muito de espiritismo de terreiro. Outro dia mesmo você pixou o pessoal do terreiro do Joãozinho da Goméia. O que você tem contra os umbandistas? E por que você não pixa também o espiritismo de mesa branca?”.

Pra teu governo, Valdir, eu não tenho nada nem contra a Umbanda, nem contra o espiritismo de Kardec, que tu chama de espiritismo de mesa. Apenas registro os fatos que piam na minha parada. Tu não vai negar que as quizilas lá nas bandas da Goméia andam cavernosas e que tem muito nego de olho no trono que o Pai Joãozinho deixou vago.

Agora, eu acho que o terreiro do Babalaô Joãozinho não é de Umbanda e sim de Candomblé. Se tu não sabe, tem muita diferença. Eu só não explico aqui com maiores detalhes por falta de espaço. Mas, quero deixar claro também que nada tenho contra o candomblé, nem contra nenhuma religião. Agora, sou sujo com vigaristas gananciosos, que exploram a boa fé do povão aflito que, quando se sente a perigo perpétuo, chega até a se agarrar em fio desencapado. Por exemplo, eu não sei a que corrente se filia o tal de doutor Fritz, que encarnava no falecido médium Arigó. Nem me interessa saber. Mas, sei que apareceu um pilantroso muito fajuto que se diz herdeiro do espírito do doutor Fritz e que se apresenta todo paramentado e com mil badulaques, mais enfermeira e tudo mais, que diz barbaridades do falecido Arigó. Acusa-o de ter fajutado pra enriquecer e que por causa disso é que teve morte violenta. Aqui, ói, gaivota, que eu vou nesse grupo. Mesmo meu puçá não indo além da superfície e por essas e outras eu só pescando o que boia nas águas barrentas em que navego, eu não engulo esse papo furado. Seria muito

esculacho em espírito de tanta luz baixar nesse planeta de provas só pra fazer fofoca contra o falecido Arigó. Que é que tu, Valdir, me diz disso? Honestamente, prefiro que tu não me diga nada. Esfrie a cabeça e venha sair com a patota da Banda Bandalha no sábado de Aleluia, ao meio dia da porta do Teatro de Arena.

*

Escola Superior de Psicanálise (Brás) – “Eleitos chefes da Alegoria da Banda Bandalha, já estamos nos movimentando para apresentar os enfeites da própria. O que azedou o leite foi o horário escolhido: 12 horas. Já viu, né? Universitário trabalha pra cachorro, todo mundo tira uma casquinha. Trabalhar fantasiado, não dá pé. Como vai ser? Em todo caso, o general mandou, estaremos lá com quem puder.”

Que que é isso, torcida brasileira? A curriola da Escola Superior de Psicanálise, que é toda embandeirada nas transas do carnaval está marcando bobeira ou está fazendo doce? Sábado de Aleluia sempre foi feriado pra estudante. E então esse quás-quás-quás não cola. Meus distintos chapinhas, tratem de fazer das tripas coração, segurar a patota que está a fim de se espiantar pra baixada santista aqui na paulicéia e apareçam com tudo. A Escola Superior de Psicanálise³⁸³ tem nome a zelar dentro da Banda Bandalha e não pode ser agora que vai dar vexame. A PUC e Comunicação da USP vêm em peso e a ala dos Batusquelas tem que brilhar mais uma vez pra não avacalhar a guerra. Boaventura Cisotto Neto (Lord Batusquela) e Silvio Aquino Gandra (Lord Barraca) são do primeiro time da folia e têm que provar o valor no meio da batalha. Falei.

Severino Nosquese (Centro) – “O senhor falou que toda quarta-feira ia dar notícia dos forrós de São Paulo. Mas até agora não cumpriu o prometido”.

É verdade, seu Severino. Dei mancada. Porém, nesse assunto de forró, eu dependo do Bentão, meu ponta de lança. E é aí que se dá o esquinapo. O bruto tinha sumido. Depois de muito tempo deu o ar de sua graça e falou que ia flunar de antenas ligadas nos forrós e daria as dicas pra coluna. Me fiei no Bentão e caí do cavalo. O danado desapareceu de novo. Talvez esteja metido em algum enguiço e não possa me mandar recado. Ou talvez esteja se batendo num trampo pelas quebradas do mundaréu. De toda forma, não perca as esperanças, seu Severino. Me queira bem, que não custa nada e vá lendo a coluna. Eu juro por essa luz que me ilumina que, assim que o Bentão der uma pala, eu a escancaro para o mundo.

Sábado de Aleluia, ao meio-dia, da porta do Arena, sai a Banda Bandalha, com sol ou com chuva. Todos nós estaremos firmes no pagode.

As tranças da Banda Bandalha (Última Hora de SP – Edição de 31/3/1972. Página 16 Caderno 1)

Nas quebradas do mundaréu, encontro o Boaventura Cisotto Neto (Lord Batusquela), da Escola Superior de Psicanálise. Nosso chefe das alegorias estava murcho. Ruim dentro de roupa e com cara de quem vai se debulhar. Tentando animar o bruto, convidei-o pra tomar uma birita. E sintam o aroma da perpétua. O Boaventura Cisotto Neto recusou. Juro por essa luz que me ilumina. Alegou que estava tão encabulado, tão triste, tão endoiado com a incompreensão humana, que se toma um trocinho à toa ia ficar de pé redondo, chorar, sentar na sarjeta e cantar bolero.

Claro que eu fiquei apavorado. O Boaventura Cisotto Neto é um embandeirado. No dia em que a Banda Bandalha saiu pela primeira vez, ele botou

383 Termo atualizado; no original de jornal consta “Osinacalise”.

um carrão e duas motos na fogueira. Fundiu o motor do carangão e as motos se bagunçaram e nem por isso ele perdeu o embalo. Se esbaldou. E por considerar esse passado de glórias do Boaventura, esqueci que ele era psiquiatra, instalei-o num divã de paralelepípedo, e dei corda:

– Desembucha, Cisotto, que alivia.

O moço não se fez de rogado. Deu o serviço:

– Nós da Escola Superior de Psicanálise estamos fazendo das tripas ao coração pra levar a maior ala da Banda Bandalha. Aí, já viu. Eu e o Silvio Gandra demos um duro violento junto com a nossa curriola. Porém (e sempre tem um porém), acho que meu horóscopo não anda bom e a gente só pega invertidas. Tu ontem publica aquele veneno dizendo que estamos fazendo doce. Papelão. Longe de nós, batusquelas, um enxame desses. Mas, isso não é nada. Pior foi o que o Felipe Carmona e o Dellatorre aprontaram.

Minha curiosidade se acendeu. O que é que dois campeões de motocicleta poderiam fazer de xaveco³⁸⁴ pro Lorde Batusquela? E pra não encucar, pedi detalhes?

– Diz pra mim aí. O que esses dois gloriosos campeões te fizeram? O que o Felipe Carmona, o ás do motociclismo, pode inventar pra te enrolar o patuá? E o que o Dellatorre, um corredor de muitas vitórias, poderia catimbar contra um batusquela? Logo eles, que pra correrem nas provas em que correram precisaram ser batusquelas a vida toda.

Mais choroso do que nunca, o Boaventura foi contando as tretas:

– Veja você. O Felipe Carmona, campeão de grandes méritos, prometeu que ia aumentar seus méritos dando pra Banda Bandalha duzentos litros de chopes. E aí, o Dellatorre, que tem igual mérito de campeão, pra não ficar na fumaça, garantiu que dava também duzentos litros de chopes pros foliões de rua de São Paulo. Os bandalhos iam molhar a goela.

Quatrocentos litros de chopes podem rolar pelo bueiro. E eu logo dei o estrilo:

– Se entendi bem, tu disse “iam”. Por que iam? Se eles prometeram que davam, a gente não ia molhar a goela. Vai molhar.

E desesperado, o Boaventura berrou:

– Não! Não! Esse santo chopinho a gente não bebe mais. Por pura besteira dos dois campeões. Quando um soube que o outro ia dar chope, retirou sua parte. Vê se pode. Eles são rivais nas pistas e nos barris de chopes.

Quase tive enfarte. Fiquei de cuca pirada. Por fim, me recuperei e começamos a bolar jeitos de recuperar o chope. O Boaventura vai tentar que o Pastor Baltazar sirva de mediador entre os dois campeões. O Walter Silva (lorde Picapau) vai tentar que o Padre Olavo, da Igreja da Consolação, dobre os dois campeões e recupera o chope. E eu vou falar com a Mãe³⁸⁵ Begum de Obá, macumbeira de valor provado, dê luz na cachola dos campeões e o chope volte a jorrar por conta deles. Rabinos, fariseus, nobres e sábios doutores estão convocados pra darem um telefonemazinho pro Felipe Carmona e pro Dellatorre, pra botar juízo no telhado dos dois campeões, que prometeram fazer o preciso líquido rolar pela Banda Bandalha.

E o Boaventura Cisotto³⁸⁶ Neto será responsável se não piar chope na parada. A gente merece e o Felipe Carmona e o Dellatorre têm que deixar de besteira e fazer a primeira festa do chope da Banda Bandalha.

384 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

385 Termo atualizado; no original de jornal consta “Mar”.

386 Termo atualizado; no original de jornal consta “Cisotti”.

*

Joshey Leão já deu o seu alô. Vai desfilar na Banda Bandalha com uma fantasia surpresa. O melhor bailarino do Brasil vem comandando uma patota de belas meninas suas alunas. Está aí uma força pra nossa alegria.

*

Quem vai fazer o som da Banda Bandalha é a curriola do Carlitos. Doze figuras soprarão os metais em brasa.

*

A Banda Bafo de Bruxa já avisou que vem de Pinheiros pra porta do Arena pra desfilar junto com a gloriosa Banda Bandalha.

*

Quem tiver corneta, bumbo, tamborim, chocalho ou qualquer badulaque que faça barulho pode levar pra Banda Bandalha. Nossa zoeira tem que ser de tremer a terra.

*

Não esqueça: A Banda Bandalha sai às 12 horas da matina da porta do Teatro de Arena, esquina do Mais-Mais (Consolação com Ipiranga). Vá e leve seus amigos e as meninas, mesmo que chova.

*

Vai tanta gente de televisão e teatro no desfile da Banda Bandalha, que nem dá pra lembrar o nome de todos. Podes crer, amizade, o pagode vai ser legal.

4.4 – As crônicas de abril de 1972 – Coluna Navalha na carne

Hoje sai a Banda Bandalha (Última Hora de SP – Edição de 1/4/1972. Página 16 Caderno 1)

Com Sol ou com chuva, às 12 horas de hoje, com as graças de Oxalá e as licenças dos Homens das Encruzas, a gloriosa Banda Bandalha sairá pela segunda vez pelas ruas de São Paulo incrementando o Carnaval dos foliões. A terra vai tremer. E mais uma vez a patota dos derrubadores e botadores pra baixo vai ter que entupir com o sucesso da Banda Bandalha. Eles, que rogaram praga e ficaram na janela com botucas acessas pra secar o pagode naquela quinta-feira antes do Carnaval e que se entortaram quando a Banda passou retumbando e embandeirada, ainda não se conformaram com a ideia de que São Paulo possa ter zoeira na rua.

Desta vez os cabeçotes de bagre estão matraqueando que a Banda Bandalha vai naufragar porque em Semana Santa todo paulista se manda da capital[.] Aqui, ói, gaivota. O povão fica. Os artistas de teatro, que tem espetáculo à noite, ficam. Vem gente do interior (De Sorocaba já tem uma ala inscrita junto com o pessoal da Escola Superior de Psicanálise). Quem sai da cidade quando a Banda Bandalha pia na parada é justamente o pessoal que nunca cantou na festa do povão. Mas, esses deixa ir. A Banda Bandalha fará zoeira com oito, oitenta ou oitocentos foliões. E podes crer, amizade. O perereco vai ser legal. Vamos mais uma vez brincar com paz, harmonia e alegria, como manda nossa rainha, a gordinha-sexy Etty Fraser, que por sinal está fazendo muito sucesso ao lado de Suely Franco, Carlos Kopa,

Neusa Borges, as gêmeas, Chico Martins, Fernando Reski, Lutero Luiz, no belo espetáculo que nosso chapa Flávio Rangel dirigiu, que é a peça de Arthur Azevedo “Capital Federal”.

Aliás, por falar em Suely Franco, a gente tem que dizer, a bem da verdade, que uma estrela maior despontou no céu teatral. A menina dá o recado direitinho, com talento e formosura. A respeito desse magnífico espetáculo do Flavinho Rangel, quero dizer que eu e o Guarnieri nos debulhamos de emoção com a homenagem que o Flavinho fez pra gente no final. Já a Walderez ficou bambeada quando a curriola berrou: “Cacilda Becker não morreu”. Aí, gente. O povão aplaudindo de pé e a gente na plateia soluçando por ver a moçada dando força e dignidade à nossa profissão. Por Deus e por meu Ogum, guia de cabeça, pra eu endoidar só faltou o pessoal da “Capital Federal” lembrar o nome do meu inesquecível mestre Alberto D’Aversa. Se o nome do Italiano, que deu dicas claras pra tanto ator que está tramando naquele palco, fosse citado, eu não sei onde iria parar. Sente o aroma da perpétua, vagou. Eu lá, com o nome junto ao de Cacilda Becker e outros cobras da ribalta brasileira, é de fazer o coração falhar. Obrigado, né.

Mas, vamos em frente, que hoje é a Banda Bandalha que faz alegria da galera.

Tu aí só pega a pior, tu que mora na beira do rio e quase se afoga toda vez que chove, tu que só come da banda podre o ano inteiro, tu que berra da geral sem nunca influir no resultado, vem hoje se juntar comigo e com toda a patota, que só quer ser teu irmão. Traga teu tamborim, tua colher, teu bumbo, tua esperança, teus guisos e vamos cantar o nosso canto com a certeza de que quando mestre Zagaia diz:

- Um povo que canta na rua é um povo predestinado à liberdade.

É porque é. O velho cabo de esquadra sabe das coisas. E se escancarou essa pala na sua Tabuada das Candongas, não tem erro. Bom exemplo de que sempre dá pedal é o do Flávio Rangel, lá no Teatro Anchieta. Sem mumunhas, nem mistério, o danado dá a volta por cima e, todo verde e amarelo, sai sonoramente em defesa da cultura brasileira. Nego bamba é assim. Não se apavora com fantasma nem se fia em quás-quás-quás. Com esse espetáculo, nós, do Teatro dos Tecelões, fechamos. É aí que fica o buraco da lacraia. Os importadores de cultura vão se machucar. Estou apostando. Assim como a Banda Bandalha incomoda os ouriços de pé chato.

*

Atenção Felipe Carmona e Dellatorre! Vocês que foram magníficos campeões do motociclismo, se andarem ligeiro como andam com vossas máquinas loucas, podem fazer as pazes, comprar os quatrocentos litros de chope e mandar pra Banda Bandalha. A gente, só de saber pelo Boaventura (Lorde Batusquela) que ia ter chope e que não vai ter por causa de besteira, ficamos de bronca. Se não tiver acordo, o negócio vai ser internar dois magníficos campeões como cobaias da Escola Superior de Psicanálise. O Pastor Baltazar tem que falar com eles. Até meio-dia ainda dá tempo.

*

Blecaute, Geraldo Filme, Toniquinho, Talismã, Jangada, Paulinho Carreiro, Zeca da Casa Verde, Silvio Modesto, Lobo, Adoniram Barbosa são alguns dos artistas populares e compositores que sairão com a Banda Bandalha.

*

É hoje, ao meio-dia. Da porta do Teatro de Arena, na esquina do Mais-Mais (Ipiranga com Consolação), sairá a Banda Bandalha.

Mesmo que chova, a gente vai firme. A pá é legal. Basta se aproximar e cantar e dançar com a gente! Aproveita esse sábado, que folia igual só ano que vem, antes do Carnaval.

A Bandalha é a banda do povo (Última Hora de SP – Edição de 3/4/1972. Página 16 Caderno 1)

Eu tive que fazer das tripas coração pra poder sair na Banda Bandalha. Podes crer, amizade, não foi mole. Sente o aroma da perpétua. Sexta-feira santa, fui ao Rio de Janeiro gravar a novela “Bandeira 2”. À tardinha, me mandei pra São Paulo, a fim de incrementar o pagode. Sábado, tirei plantão na porta do Teatro de Arena, das 10 horas da matina, até a hora da Banda Bandalha sair pelas ruas com seu carnaval maravilhoso de alegria e esperança. E às três e meia da tarde, me enfiei num avião para, às cinco, estar nos estúdios da Globo, gravando mais algumas cenas da novela. De qualquer forma, valeu a pena eu ter entrado nesse perereco. A Banda Bandalha retumbou³⁸⁷, apesar de muito figurão que tinha divisa e cargo no carnaval de rua de São Paulo ter se espantado pra fora da nossa capital, sem tomar conhecimento da gloriosa pioneira. Mas, deixem isso de lado. O que pesa na balança e o que quero contar é que a ausência dos generais de araque serviu pra provar que o carnaval de rua não tem dono, nem pai, nem fundador. Quem manda é o povão. E esse, como não podia deixar de ser, se chegou na pá legal e se esbaldou, como manda o figurino. Viva a Banda Bandalha, que cada vez que pua na parada faz a terra tremer.

Quarta-feira eu dou a pala

Como já disse, tive que dar um embalo de leve na Banda Bandalha e me pinotear pro Rio de Janeiro. Por essas e outras, não deu tempo de noticiar hoje todos os lances do maior pagode paulistano de todos os tempos. Mas, quarta-feira vou escancarar e registrar as badalações dos foliões. Enquanto estive presente, vi com meus olhos de ver mil e uma transas positivas. Depois, meus olheiros de fé e pontas de lança ficaram de botucas acesas conferindo o pagode pra me darem as dicas.

Rapaziada do Brás

Desde já quero que o mundo saiba que o pessoal da Escola Superior de Psicanálise, comandados pelos Boaventura Cisotto Neto e pelo Silvio Gandra, que são lá do Brás, honraram as tradições do bairro. Entram com tudo no pagode. Com tudo mesmo. Principalmente com 200 (duzentos) litros de chope. O Cisotto tinha prometido que ia molhar a goela do pessoal. Seus patrocinadores falharam, mas ele, não. Compareceu firme. E foi a maior festa. Dessa vez não faltou nem chope pra animação. O Cisotto e o pessoal da Escola Superior de Psicanálise sabem das coisas. Gente ponta firme a dessa curriola. Só eles já garantem o sucesso do carnaval de rua de São Paulo. Provaram o valor no meio da batalha e já ganharam o direito de formarem uma banda própria lá no Brás. Claro esta que nós não queremos que eles abandonem a Banda Bandalha. Mas, a bem da verdade, a patota da Escola Superior de Psicanálise sabe como ninguém incrementar o carnaval de rua.

387 Termo atualizado; no original de jornal consta “retimbou”.

Por justiça, é preciso botar a boca no trombone e proclamar que, se a Barra Funda, o Bexiga, o Peruche, a Vila Maria, o Morro da Casa Verde, a Vila Matilde, o Cambuci e o Lavapés dão samba, o Brás dá folia. É lá no Brás que fica o buraco da lacraia. Turma braseada a daquele pedaço. Honraram a tradição. E os seus antepassados, que também eram da gandaia e até chegaram a ser cantados em prosa e verso por seus méritos, devem estar, onde estiverem, sorrindo felizes por ver a jovem-guarda do Brás mandando ver e justificando a força de um axé. Viva a Rapaziada do Brás!

O Pavão garante a alegria

Tinha muita gente secando nossa pimenteira, jurando por seus biquinhos de luz que a Banda Bandalha, no sábado de Aleluia, ia ser um fiasco. Quem rogou praga se entupiu. Quem inventou viagem com medo de ter que segurar um rabo de foguete ficou mal dentro da roupa. Pensavam eles que tudo quanto é figurão ia fazer piquenique fora nesses feriados e que o povão³⁸⁸ não ia ter saúde pra pular no pagode maior das ruas de São Paulo. Mas, que nada! Só mesmo gente de cuca pirada é que pode achar que alguém faz falta numa zoeira legal. O povão³⁸⁹ baixou em peso e não notou a ausência de nenhuma vedete. Mesmo porque a Rainha da Banda Bandalha, a gordinha-sexy Etty Fraser, e a Walderez de Barros, com seu estandarte tricolor, estavam no posto puxando o cordão com alegria, esperança e amor à vida.

*

Um destaque especial é preciso dar pro Renato Correa de Castro. Ele sofreu um acidente com a sua moto e tava no hospital se recuperando. Mas, não quis nem saber. Na hora da Banda Bandalha, o Renatão se mandou do hospital, arrumou uma muleta e tava lá, firme na folia.

*

A Banda Bandalha recebeu também um reforço grandioso da Banda Boca da Bruxa, que se juntou a nós na saída, comandada pela Anita Otero. O estandarte das bruxas brilhou na avenida ao lado do nosso.

*

Uma das alas mais incrementadas era a comandada pela mulata Iara Marques (toda verde rosa de Mangueira), Silvana Lopes (de criadinha sexy) e Jovely Archangelo (de palhaço bandalho). Eles retumbaram. Foram dos primeiros a chegar e nenhum momento faltou gás pra sua alegria.

*

É isso aí. Fomos pra rua pela segunda vez, cantar, dançar e brincar. Dessa vez, umas três mil pessoas nos acompanharam. E também dessa vez o povo que via a Banda Bandalha passar, entrava no pagode, porque via que era legal. Quando eu saí da banda pra pegar meu avião, uma multidão estava chegando na porta do Teatro de Arena. E a festa não tinha acabado ainda. Porque a Banda do Anhangabau, comandada pelo Carlitos, continuava a fazer o som da pesada que fizeram durante todo o desfile. Eles são sensacionais. Fizeram a terra tremer. Viva o Carlitos e sua Banda, grandes incrementadores do samba de rua[!]

388 Termo atualizado; no original de jornal consta “pavão”.

389 Termo atualizado; no original de jornal consta “pavão”.

*

E viva a Banda Bandalha, o maior pagode de São Paulo!

A gloriosa Banda Bandalha e os pererecos (Última Hora de SP – Edição de 4/4/1972. Página 16 Caderno 1)

A Banda Bandalha foi um sucesso retumbante. Fez a terra tremer. Coisa que ninguém acreditava ser possível no sábado de Aleluia. Mas, que nada. Quem tem axé forte não escolhe data para pagode. E a Banda Bandalha é bem desse naipe. Liderada pela rainha estrela gordinha sexy Etty Fraser, a pioneira das bandas paulistanas emplaca toda vez que sair. Gostem ou não gostem os cidadãos de pé com calo, que moram aqui na capital, o carnaval de rua vai pras cabeceiras. Paulistano também é folião. Isso não duvidamos jamais. Aliás, todos aqueles que têm olhos de ver sempre viram que o carnaval da baixada santista e mesmo o do Rio de Janeiro sempre recebeu um gás violento dos paulistanos, que em época de muito feriado junto se mandam pras praias. Porém (e sempre tem um porém), a Banda Bandalha provou de uma vez por todas que, se alguém embandeirar o asfalto, a curriola bamba que gosta de gandaia vai atrás.

Jovelty Archangelo

Sem dúvida o grande herói da Banda Bandalha foi ator-diretor-empresário Jovelty Archangelo. Sintam o aroma da perpétua e vejam porque o Archangelo ganhou medalha de folião heroico. O perereco foi o seguinte. Silvana Lopes, a grande atriz de “Navalha na carne”, mulher de Jovelty, fez uma fantasia de empregadinha dengosa de casa de granfino pra ela e uma de palhaço pro marido. Tudo pra sair na Banda Bandalha. Porém (e sempre tem um porém), na hora de saírem de casa pro pagode, a barriga do Jovelty se desarranjou. Aí, já viu. Foi aquele corre-corre. O moço virou uma flor. Se plantou no vaso. Coisas da vida, minha nega. Acontece até pros pintas de patuá mais forte. Só que nesse lance era de dar gosto ver. O Jovelty com a fuça pintada de palhaço, fantasia arreada, a gemer no lugar solitário onde o mundo se acaba, onde o covarde faz força e o valente... faz o que pode. E honra seja feita ao Jovelty. Nessa hora humilhante, ele foi de uma bravura extrema. Assim que se sentiu melhor, tomou um remédio que a dedicada Silvana lhe deu e, com a coragem que lhe é peculiar, partiu pra esquina do Mais-Mais pra se juntar aos demais foliões da Banda Bandalha.

A Silvana, que foi uma firmeza ao lado do marido, durante a crise não parando de abanar o Archangelo um único momento, quando se embandeirou no pagode declarou a esse repórter: “Fiz o que pude. Dei conselho pra ele ficar em casa de plantão. O teimoso quis vir, então quero que todos saibam que se ele sujar a avenida não é culpa minha”.

Mas o Jovelty não deu vexame. Apenas, de quando em quando, o moço via um boteco e, dançando no melhor estilo São Silvestre, entrava no boteco pra logo retornar, suado mas alegre. E foi assim até o fim. Palmas sinceras pra esse folião autêntico das ruas de São Paulo, para o qual nada é obstáculo no momento em que a folia pia na parada. Viva o Jovelty Archangelo! Para ele vai a medalha de grande pagodeiro. E brevemente, quando ele estreiar a peça que está dirigindo pro Teatro de Arena, toda a patota da Banda Bandalha vai prestigiá-lo.

Coisas que comovem

A Banda Bandalha é do povão. Claro que os artistas vão só no embalo do pagode maior de São Paulo. Mas, a Banda Bandalha é do povão que gosta da folia. E a maior prova disso deram duas meninhas que se chegaram no viveiro da folia, ali na esquina do Mais-Mais, a fim de pedir esmola. Quando a Banda do Carlitos mandou ver, elas esqueceram o trampo e caíram na folia. A maiorzinha das meninas pegou uma outra pequerruchinha de um ano no colo e foram dançando na Banda Bandalha durante todo o percurso. E como diziam no pé as danadas! Encabulavam a gente. Artistas verdadeiros, cheias de ritmo e graça. Meu Oxalá, como o povo brasileiro tem riqueza interior! Quando será que vamos nos livrar de tanta miséria material e aproveitar esses diamantes brutos todos? Não tenho dúvida: o destino do nosso povo só pode ser magnífico. Mas, dá bobeira a gente ver meninhas tão belas, apesar de mal alimentadas, sambando com tanta embaixada, e uns gringões rosados, fortes, vistosos e de cintura dura meterem suas máquinas fotográficas e de filmar, registrando esses fatos em que muitos otários brasileiros tropeçam diariamente e por cegueira não percebem.

Falei e disse com sabedoria

No meio do pagode, um dos pontas firmes da Banda Bandalha, o Marco Aurélio (Jangada)[,] veio a mim e deu um alô:

– Plínio, tem lanceiro trampando no pagode. Que se faz? Joga o bruto pro alto, ou só dá um chega para lá no vagau?

Não esquentei a cuca e deu a pala:

– Deixa andar. Se o pilantra afanar alguma carteira, só pode ser a de algum otário e tu sabe melhor que eu que otário não tem vez em pagode. Quem está nessa pá legal é do primeiro time da folia e não vai ser banhado.

Não deu outra coisa. Os furquetas se enforcaram, mas ficaram na saudade. Dentro da Banda Bandalha não estouraram na saudade. Dentro da Banda Bandalha não estouraram nenhuma pipoca, nem forreamos ninguém. Quando, no final do pagode, um pivete pé de chinelo quis ganhar algum de um velho na valentona, o Bucka, que estava na campanha pra evitar isso mesmo, deu uma congesta no pivete e ele teve que se espantar rapidinho pra não sair com as orelhas quentes. Eu sei quem são as pedras noventas com que se pode contar. Por isso, a ordem da Banda é viver e deixar viver. Mas, se o negócio pender pra linha grossa, a gente não mete o galho dentro. Foi isso aí. Podes crer, amizade. Não demos trabalho à polícia.

Ainda o carnaval de sábado de Aleluia (Última Hora de SP – Edição de 5/4/1972. Página 16 Caderno 1)

Longe de mim ser daqueles idiotas que depois que a catraia vai à pique, enchem a boca pra matraquear: “Eu não disse”, “Eu não falei”. Porém (e sempre tem um porém), no caso das escolas de samba de São Paulo, eu tenho que figurar como personagem desse naipe. É necessário fazer uma marola em torno do fiasco que foi o desfile no Pacaembu. E deixar bem claro que as escolas de samba e a Secretaria do Turismo são as responsáveis pela baixaria da Aleluia. Bem me lembro que eu estava numa reunião na Secretaria de Turismo, quando saiu o papo furado das escolas de samba desfilarem dentro do estádio.

Não deixei barato. Botei a boca no trombone e dei o alô que a gente estava a fim de fazer o carnaval de rua. E mal começava a tentar, piava na parada uma negada toda cheia de mumunha e ouriçada, querendo recolher o carnaval das escolas, que sempre foi na rua.

Pra que, Margarida? Logo um membro do Cordão Camisa Verde e Branco da Barra Funda boquejou que no Pacaembu eles iam poder faturar algum dinheirinho, que as escolas precisam (e só estão pensando nisso atualmente) e tal e coisa. Na ocasião, falei e disse que a grana das escolas devia ser dada pelo turismo e o povão lesado da sociedade, que já havia pago pra entrar no Vale do Anhangabaú, agora merecia ir de graça. Mesmo porque, caso contrário, eu achava que o povão não ia dar o ar de sua graça. Isso tudo sem contar que as escolas de samba de São Paulo, apesar do progresso que vem acontecendo de ano pra ano, ainda não valem entrada.

Tá certo que Vai-Vai, Mocidade Alegre da Casa Verde e Camisa Verde e Branco da Barra Funda fazem a terra tremer quando passam. Mas, as outras escolas do primeiro grupo ainda estão fracas. E daí, até um loque meio pirado da cuca poderia manjar que na imensidão do Estádio do Pacaembu o samba ia se perder muito e entusiasmar pouco.

Mas, ninguém com direito a decisão no samba de São Paulo botou na balança os pererecos. O Evaristo, presidente da Federação de Samba de São Paulo, que anda murcho e jururu com as ondas que estão fazendo em torno dele, se fechou em copas e deixou andar, segundo a vontade da freguesia. Não fez nenhum esforço pra aproveitar o Sábado de Aleluia pra promover o desfile na Avenida São João e provar na prática que essa avenida larga é o lugar ideal pros desfiles das escolas. Por sua vez, a Secretaria de Turismo, que adora encostar o corpo, se limitou a dar dinheiro pras escolas (seis milhões pra cada uma) e fazer o desfile no Estádio do Pacaembu sem cobrar entrada. Tiveram preguiça de embandeirar a Avenida São João. Como me boquejou um funcionário da secretaria, pra fazer o desfile na rua no Sábado de Aleluia, eles teriam o mesmo trabalho que tiveram no Carnaval. E segundo eles, não compensava tanto sacrifício só por um dia.

Já o pessoal das escolas é todo um capítulo à parte. Eles só andam mesmo, como já disse, pensando em dinheiro. Não querem nem saber. Ou tem grana, ou não tem desfile. E se tiver grana, eles desfilam até em passarela de Teatro Municipal e deixam a avenida de lado. É lógico que eles precisam da sonora bufunfa pra poderem tocar pra frente. Mas, os donos das escolas têm que se mancar que, pra³⁹⁰ sambista, o essencial é o samba. Só que não está sendo assim. Os donos das escolas ainda estavam com a cachola cheia de minhocas. O sucesso que conseguiram no carnaval fez mal a todos eles. E aí se entortaram. Foram pro Pacaembu e marcaram bobeira. Não cobraram entrada. Dessa vez. Mas, desfilaram prevendo que na próxima vez em que armassem o pesqueiro, poderiam sangrar o público. Se entortaram. O povão não compareceu. E a pouca gente que foi achou tudo muito ruim. Não se empolgou com o samba tão distante dele, que ficou na arquibancada. Muita gente que foi lá conferir de graça, achou caro o desfile das escolas. E[,] por essas e outras, o sucesso alcançado durante o Carnaval foi esquecido.

Eu não fui ao Pacaembu. Não vou em festa de xaveco³⁹¹. Mas, meu[s] pontas de lança que foram me contaram o que suas botucas de ver viram. Eu dou fé a eles. E também dou crédito aos verdadeiros sambistas de São Paulo, que entrevistei e que confessaram toda a decepção com o desfile do Pacaembu.

Quando o samba tubula, me dá dó. Mas, nesse caso, me parece até que foi bom. Talvez sirva pro pessoal que manda nas escolas abrir os olhos e voltar pra avenida rapidinho. Talvez sirva pros donos das escolas pararem com os quás-quás-

390 Termo atualizado; no original de jornal consta “por”.

391 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

quás bestas, tomarem uma dose de humildade e partirem pro trabalho sério outra vez, que foi o que fizeram pro Carnaval e deu resultado bons. A enganação machuchou o samba de São Paulo. E o pessoal do Turismo talvez se toque que estão no posto pra suar a camisa e que distribuição de dinheiro apenas não é nada. O cargo exige dedicação integral. Esse negócio de chupar sangue já era.

Quanto ao que o Inocência Camisa Verde e Branco declarou pra um ponta de lança meu no final, que a vaca foi pro brejo unicamente porque não teve divulgação por parte da imprensa, é bom que ele saiba que um grupo de jornalistas está se reunindo justamente com a finalidade de dar total apoio ao carnaval de São Paulo. Mas, ao carnaval de rua. De rua. O dos salões e dos recintos fechados, a gente não vai tomar conhecimento.

Eu, por exemplo, estou de plantão na guarita pra esparramar pelas quebradas toda a presença fajuta que aprontarem com a grana do povo. Essa do Pacaembu foi quase isso.

Respondendo à freguesia

Orlando Caiado (Tucuruvi) – “Parabéns por mais esse sucesso da sua Banda Bandalha”.

Obrigado, Orlando, pelo incentivo dos teus aplausos. Mas a Banda Bandalha, torno a insistir, não é minha. É do povão que gosta de pagode na rua. Folião que não carrega quizila desfila na Banda Bandalha. E é de todos nós o sucesso.

Tchau, seu Proencinha (Última Hora de SP – Edição de 6/4/1972. Página 16 Caderno 1)

Dentro da noite fria, um chapa deu a notícia que deixou a todos pálidos de espanto:

- Seu Proencinha da SBAT morreu.

Eu tremi nas bases. Minha cuca girou e foi pirando para um passado distante. Ainda escutei alguém perguntar:

Morreu de que?

Pombas! Que interessa de que morreu? O que pesa na balança é que a gente perdeu um grande amigo, e os autores perderam um defensor enérgico dos seus direitos. E minha cachola doida foi pousar no longínquo ano de sessenta e quatro, quando ninguém apostava um tostão furado em minhas peças. Também com frio, faminto e a perigo perpétuo, me cheguei na SBAT pra pedir uma estia. Claro que o seu Proencinha deu a grande salvadora sem muito quás-quás-quás. E me deu muito mais. Deu esperança, deu afeto e deu um aperto de mão sincero que, sem palavras, incentivavam aquele autor desconhecido. Seu crédito de confiança. Deu vale pra ser pago um dia qualquer, quando aquela figura assustada e tímida, plantada na sua frente, tivesse suas peças montadas e não precisasse andar pinoteado pelas encolhas dos estreitos, estranhos e esquisitos caminhos do roçado do bom Deus. A grana foi paga, nem sei quantos anos depois. Também não sei se foi com “Dois perdidos numa noite suja”, ou com “Quando as máquinas param”. Só sei que paguei. Só não paguei foi a ternura, a amizade e a fé que o seu Proencinha botou na minha mão naquela fria tarde de sessenta e quatro. Essas coisas não têm jeito de serem pagas. E eu fiquei no devo. E com remorso, me roi dentro da noite fria.

Por que será que nunca fui na SBAT apenas pra ver o amigo seu Proencinha? Só pra tomar um cafezinho e bater um papo furado? Eu, que gostava tanto do seu

Proencinha, só chegava lá pra buscar grana³⁹². Na maioria das vezes, grana que ainda não tinha ganho. Que pena, amigo. Talvez não saiba nunca do bem que tu me fez. Talvez não saiba como eu era teu chapa, ponta firme de fé. Mas, se meu Ogum permitir, a prece que fiz pra ti no meio da rua na noite fria vai te encontrar na graça de nosso pai Oxalá. Que assim seja. E nessa hora, tenho certeza, todo o povão do teatro pensa em ti, seu Proencinha, com bondade. Todos eram muito teus amigos. Tchau.

Não fui ao enterro. Porque soube tarde. Desculpe se nem essa homenagem ajudei a te prestar. Tchau. Fico mais triste. Mas estou certo de que estás com Deus. Tchau, amigo seu Proencinha.

Respondendo à freguesia

Gente, a triste notícia do falecimento do seu Proencinha me deixou sem gás. Por essas e outras, vou chupar o sangue hoje, em vez de contar as presepadadas que minhas botucas de ver viram pelas quebradas do mundaréu, vou apenas responder às cartas dos leitores que, pra minha alegria, cada dia aumentam mais.

Ilda Alvarez de Carvalho e Silva (Santa Teresinha) – “Quando a polícia proibiu as suas peças, eu me alegrei. Achava que era o fim do autor que só sabia falar palavrão, coisa que comprovei assistindo aquelas porcarias que foram “Dois perdidos numa noite suja”, “Navalha na carne” e “Homens de papel”. Mas me enganei. Você é um enganador notável. Consegue aparecer de qualquer jeito. Quando fracassa no teatro, na televisão e em tudo, ainda consegue aparecer escrevendo em jornais, estragando eles com suas besteiras. E para aparecer mais no noticiário, ainda inventou essa Banda Bandalha, onde tudo deve ser pecado e podridão. Mas, tenho fé que breve a polícia tão zelosa faça com você o que fez com suas peças...”[.]

Ildinha, deve estar faltando homem na tua existência, que adivinho, mesmo à distância, enfadonha. Mas, não creio que tu me queria mal. Aliás, muito pelo contrário, tenho a impressão que tu é meio gamada em mim. Porque, se senti bem o aroma da perpétua, tu acompanha com atenção tudo o que faço ou o que fazem comigo. Então, pra que luxo? Abre teu baralho e confessa que tu bem que gostaria de sair vestida de Colombina Bandalha no maior pagode paulistano de todos os tempos, que é a Banda Bandalha. Agora, se tu é toda encabulada e cheia de cerimônia, não fique curtindo fossa, não. Na próxima vez que a Banda Bandalha botar o carnaval na rua, tu se enfia num capuz e se chega desbaratinada pra ver. Vai navegando nas minhas águas, Ildinha, que com o tempo tu melhora.

Paulo Silvério de Alencar – (Cambuci) – “Todos dizem que tenho pinta de artista. E falam tanto que já estou quase acreditando. Mando-te minha foto para que você dê tua opinião sincera. Que você acha de minha facha [sic]?”

Não faz isso comigo, Paulinho. Eu não mereço. Juro por essa luz que me ilumina que quero ser um cronista sério. Não me esculacha com esse xaveco³⁹³. Eu não entendo bulhufas de fuça de homem. Em todo caso, pela olhada de esguelha que dei no teu boneco, acho que ou o pessoal tá te gozando, ou tu tá de gozação pra cima de mim.

O que vai pelo mundo (Última Hora de SP – Edição de 7/4/1972. Página 16 Caderno 1)

392 Termo atualizado; no original de jornal consta “grama”.

393 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

Cada vez que abro os jornais para me botar por dentro do que vai pelas quebradas do mundaréu, tenho que me agarrar na minha fé pra não despencar da cadeira, tamanho é o espanto que me causam os esquinapos que piam na minha tela. Creio que até os negros de patuá de axé forte fincado na África e confirmado na Bahia de São Salvador se machucavam com as grongas que são escancaradas. Tu que só pega a pior, tu que só come³⁹⁴ bagulho apanhado no chão da feira, tu que mora na beira do rio e quase se afoga toda vez que chove, tu que só berra da geral sem nunca influir no resultado, tu que lê minha coluna que sai nesta última página, sente o aroma da perpétua.

Caruaru não mais aquela

As bicharocas resolveram se reunir num congresso a fim de debaterem seus problemas. Até aí nada demais. Quem tem botucas de ver há muito tempo já viu que a categoria das desmunhecadas é unida às pamparras. E até eu, que tenho um puçá de cara curta e que por essas e outras só pesco o que aparece boiando nas águas barrentas em que navego contra a maré, me toco nesse babado. O que me deixou cabreiro foi o lugar que a moçada que acha que mulher dá câncer escolheu pro piquenique. Veja só: Caruaru. Interior de Pernambuco. Que em outras épocas era manjada como buraco da lacraia. E aí é que a gente fica pensando que tem linguça debaixo do angu.

Ou as bicharocas estão ficando abusadas e vão dispostas e encarar na peixeira os tabaréus de Caruaru que não entenderem o modernismo e folgarem; ou as bicharoas vão ter proteção das autoridades que estão até se agarrando em fio desencapado pra promover o turismo e muito satisfeitas com a incrementação que Pernambuco teve no noticiário por levar certo costureiro pra fazer Herodes em praça pública no Mártir do Calvário; ou então Caruaru não é mais aquela e Pernambuco daquele pedaço está treinando pra disputar com os pelotenses pra ver quem joga mais água fora da bacia.

O que dizem os gênios

Outra coisa que me deixou bambeando foi o que o pessoal do espetáculo litero-musical “Fernando Pessoa pede passagem” andou boquejando pelos jornais. Por exemplo: a Jandira Martins cuspiu regra pra cima do Osvaldinho Mendes, aqui da nossa “Última Hora”. Como, minha senhora? Quem é Jandira Martins? Que absurdo, minha senhora! A senhora devia conhecer a moça. Tão bonitinha e tão boazinha ela é. E mais: até dá entrevista e diz coisas desse naipe, por exemplo: “Escolhemos fazer esse espetáculo, porque achamos que a dramaturgia brasileira e portuguesa são muito fracas. Queríamos fazer algo que tivesse importância e vimos que os poetas são melhores que os dramaturgos e Fernando Pessoa é melhor de todos.”

Falou e disse a Jandira. Deve até nessa altura do campeonato estar sendo cumprimentada pelos seus amigos por sua coragem em esculachar os autores teatrais brasileiros e nos comparar com os autores portugueses, que não existem desde que Salazar sentou no trono. Agora, não falo por mim, que só ataco de palavrão. Mas Guarnieri, Vianinha, Dias Gomes, Nelson Rodrigues, Paulo Pontes, Bráulio Pedroso, Leilá Assunção, Consuelo de Castro, César Vieira, Abílio Pereira de Almeida, Jorge Andrade e tantos outros deviam merecer um pouco de respeito por parte da grande estrela. Deviam, sim. São eles que fazem da dramaturgia brasileira a melhor do mundo, em se tratando de teatro social. Podes crer, amizade. Eu não

394 Termo atualizado; no original de jornal consta “como”.

conto. Mas, o grande ator João José Pompeu daria com satisfação seu talento pra dirigir e trabalhar em “Barrela”, proibida há vinte anos. Faria com prazer, tenho certeza, o “Abajur Lilás”, ou a “Oração para um pé de chinelo”. Mas, o que na certa a atriz magnífica, a Jandira, não sabe é que, pelas palavras que estão lá, essas peças não seriam subvencionadas.

Porém (e sempre tem um porém), talvez a magnífica atriz tenha consciência disso tudo e fique contra os autores teatrais brasileiros, que apesar de tudo estão vivos e dando o recado. Talvez ela seja de coração favorável a curtir fossa e esteja excelente dizendo Fernando Pessoa com toda a amargura com que o gênio português curtiu a vida. Mas, nós aqui, somos muito mais pelo Artur Azevedo da “Capital Federal”, que o Flávio Rangel nos dá com todo seu amor ao teatro, ao trabalhador de teatro e ao homem brasileiro. Bendito seja Flávio Rangel, que na hora difícil berra do fundo das suas entranhas que sabe muito bem que nenhum de nós morreu. Que Oxalá salve o Flávio Rangel e seu elenco, que dá de coração aberto água para as sedes da solidão dos artistas. Glória ao Flávio Rangel, que nos lembra em seu canto sonoro e claro que nós todos somos irmãos da imortal Cacilda Becker. E luz seja dada para as Jandiras que preferem se promover atacando a dramaturgia brasileira num momento em que não é fácil dar o recado.

Fala com ela, Pompeu. Tu que é um dos maiores atores da cena brasileira, conta as mumunhas todas pra criança. E também diz ao Silnei que o teatro não mudou de tendência coisa nenhuma. Sempre deu no Brasil lugar para os bons espetáculos. E se ele não fez antes o Fernando Pessoa, foi por questões pessoais e não por falta de lugar para os grandes poetas. Diga a ele que eu conheci Fernando Pessoa feito por alunos da Escola de Arte Dramática no tempo em que ele estudava por lá. E diga mais, Pompeu. Quem garante lugar do grande espetáculo é o público. Diz tudo isso pras crianças Pompeu, meu irmão que sempre dignificou nossa profissão. E até o dia em que vou aí assistir, tenho certeza, a mais um grande espetáculo teu.

Respondendo à freguesia (Última Hora de SP – Edição de 8/4/1972. Página 16 Caderno 1)

Podes crer, amizade, a curriola da Escola Superior de Psicanálise merece todo o espaço dessa coluna. A moçada lá do Brás é da pesada e basta a gente dar um alô pra eles responderem presente. O caso do chope que a patota da Banda Bandalha bebeu é bem desse naipe. Foi só a gente pedir e os lordes de maior gabarito da ala dos Batusquelas, que são da Escola Superior de Psicanálise, fizeram das tripas coração e piaram na parada com o líquido precioso. Portanto, passagem aos foliões da Banda Bandalha:

“Ilustre General:

Nosso relatório da Ala Batusquela vai lá:

O Dr. Rubens Medeiros de Miranda, Lorde Vermelho (Rouge) só fez doce. Recebeu o título, se embandeirou todo e, na hora do bom, nem compareceu. Demos uma oportunidade agora na Aleluia, mas ele não recuperou. Piche nele!

Os chapéus de bruxa foi inspiração da academia Maria José Collette (Itápolis), que para não aparecer colaborar sozinha com a roupagem que usa o ano inteiro, resolveu colaborar e embruxou todo mundo.

Pela primeira vez, o veterano Angelo de Souza Tavares recebeu alvará para pular. Condição: levar a mulher e a filharada (quatro). Todos se revelaram foliões de primeira.

A Banda Bandalha recebeu a sacramentação ecumênica. Foi prestigiada pelo pastor José Carlos Balthazar e pelo Padre La Rochelle, ambos acadêmicos de prestígio aqui.

O Pronto-Socorro de Urgência, sob a responsabilidade do Médico Silvio Matheus, na hora da folia foi perdido. Só deu pra recuperar o Sylvio, assim mesmo muito avariado.

O chefe da Banda Boca da Bruxa deu entrevista para o Estadão, dizendo que nosso pessoal “era profissional”, etc. e tal. Podes crer, amizade, eu vi com meus próprios olhos o General Bandalho ir buscar o tal bloco, que estava tão pouco animado que nem o caminho estavam acertando. Piche nele!

Agora, a volta do requeijão[,] que negócio é esse de fundar banda própria? O que matou o carnaval de rua foi isso mesmo: divisão e vedetismo. Nós só vamos se o General entrar. Aqui, ói, gaivota!

Onde é que foram parar os Lordes da Bandalha? PICHE NELES!

Estamos aí.

(assinado) – Boaventura Cisotto³⁹⁵ Netto”.

O que era notícia, o Boaventura deu aí na carta. O piche ele pede pra gente dar e a gente bem que viu e se tocou na folga do pilantra. Mas, ia deixar barato. Porém (e sempre tem um porém), atendendo a pedidos, vamos descer o porrete nos foliões da Banda Boca da Bruxa.

Boca da bruxa

Tu aí que sempre pega a pior, tu que só come bagulho de feira apanhado no chão, tu que mora na beira do rio e quase se afoga toda vez que chove, tu que só berra da geral sem nunca influir no resultado, sente o aroma da perpétua. A ingratidão é coisa da vida, minha nega. Mas, sempre dói. E a gente está até machucado com o gaiato da Bandinha Boca da Bruxa, que aproveitou os jornalistas presentes na saída da Banda Bandalha pra tentar esculachar o nosso pagode legal. Quem abriu o bico pela Boca da Bruxa vai se entupir. Assim, aprende a tomar cuidado com seu quás-quás-quás. Mestre Zagaia, velho cabo de esquadra que escancarou um monte de dicas na sua Tabuada das Candongas, dá uma bela pala pra ser luz aos cegos!

- Quem diz o que quer, tem que ouvir o que não quer.

E se o Mestre Zagaia falou, é porque é. E o folgado que se diz chefe da Bandinha Boca da Bruxa vai comer enrolado. O baralho está comigo. Hoje eu corto, dou as cartas e jogo de mão. Mas, não engrupo. E pra isso ficar bem claro, já está à disposição dos filhotes da Boca da Bruxa a nossa coluna, se eles quiserem negar os fatos (se é que vão poder), ou se retratar. Mas, vamos nós.

A Bandinha Boca da Bruxa saiu de Pinheiros e veio a pé até a esquina do Mais-Mais (Consolação com Ipiranga) só pra se juntar com a Banda Bandalha. Se fica em Pinheiros e desfila sozinha, não seria notícia nunquinha. Por gentileza da Banda Bandalha, esse vosso chapa mais o grande folião Boaventura Cisotto fomos ao encontro deles, que vinham descendo a Consolação num ritmo de autênticos corredores da São Silvestre. Samba, batuque, pagode, folia, não vimos nada. Cumprimos, eu e o Cisotto, quase todos os trinta componentes da Bandinha

³⁹⁵ Termo atualizado; no original de jornal consta “Gisotto”.

da Bruxa, principalmente a simpática atriz Anita Otero, que vinha com o estandarte embaixo do braço. Garantimos a eles que estávamos esperando por eles para o desfile. Fizemos conforme prometemos. E mais, matamos a sede dos esforçados filhos da Boca da Bruxa com o generoso chope que a Escola Superior de Psicanálise nos ofertou.

E só depois que eles recuperaram o folego é que demos a partida para o desfile. E aí é que se deu o esquinapo. A ala dos Batusquelas comandada pelo Boaventura Cisotto, esteio maior da Banda Bandalha, estava quase duzentas figuras fantasiadas de bruxa. E por essas e outras, algumas coleguinhas jornalistas pensaram que a animada ala da Escola Superior de Psicanálise era a Bandinha Boca da Bruxa. E nessa ilusão, foram entrevistar um gaiato que se diz responsável pela bandinha. Resultado: o tal gaiato sentiu-se um cartaz e, como bom papagaio enfeitado, sem ter nada o que dizer em louvor da sua bandinha (ele não se assanhou com o desfile estilo São Silvestre que fez de Pinheiros até o pedaço da Banda Bandalha), tentou avacalhar o nosso sucesso. Vejam só o que o pilantroso boquejou:

“A Banda Boca de Bruxa é menor, mas é mais autêntica do que a Banda Bandalha”.

“O negócio da Boca da Bruxa é batuque e não Banda, como a Bandalha”.

Tem jeito um troço desse? Tem não. Dá pra deixar barato? Dá, não. O gaiato que chiou não deu o nome. Então, eu divido o pau pra todos da Bandinha Boca da Bruxa. Se o negócio deles é batuque e não banda, devem sair como batuqueiros ou sambistas de escola e não no rabo da gloriosa Banda Bandalha. E onde está a autenticidade da Boca da Bruxa? Em vir de Pinheiros a pé até o Teatro de Arena? De apanhar sol na moleira e ficar pirado da cuca? E que batuqueiros são esses, que os músicos da Bandinha do Carlitos tiveram que mandar parar de tocar, pra não atravessarem o ritmo? Aqui, ói, gaivota! Quem fala tem que se garantir. A Banda Bandalha se garante. Na próxima vez, a Bandinha Boca da Bruxa vai sozinha pelos caminhos. Tomara que tenha sucesso. Assim, quem ganha é o carnaval de rua de São Paulo. E a Banda Bandalha não perde nada. Ela vale por si. Mas, piquenique na nossa sombra, a Boca da Bruxa não faz mais.

Intolerância (Última Hora de SP – Edição de 10/4/1972. Página 16 Caderno 1)

Os alunos de uma faculdade de jornalismo de Pernambuco convidaram o costureiro Dener para ser paraninfo da turma. Bastou isso pra piar na parada um professorzinho todo cheio de ranço moralista para berrar: “Ou ele, ou eu”. E sem fazer cerimônia com a patota, o professorzinho largou na mesa o pedido de demissão. O distinto mestre-escola pensa que, com essa congesta, vai impedir que a juventude se perca. Pobre professor, que tem o ano inteiro pra dar luzes aos cegos, ganhar a moçada na boa conversa e que, no entanto, não faz bulhufas; mas na hora do desespero, monta na intolerância e quer proibir as homenagens ao costureirinho³⁹⁶ ídolo da televisão.

Aqui, ói, gaivota, que esse professor está certo. Nada justifica a intolerância. E se o professorzinho está achando que, com essa atitude, vai defender Deus, a Pátria e a família, se entortou. Talvez, com seu prestígio, o professorzinho consiga que as autoridades competentes pratiquem uma violência contra o Dener. Talvez a intolerância do ilustre professorzinho gere uma onda de incompreensão total. E a barra, que já anda pesada, fique ainda muito pior. Mas, deixa isso de lado. O que

³⁹⁶ Termo atualizado; no original de jornal consta “costuteirinho”.

quero dizer e o que pesa na balança é que gente como o professorzinho é que é responsável pela mediocridade que vai por aí.

A televisão é, sem dúvida, um poderoso veículo de comunicação e é quem espalha todas as mumunhas cavernosas. Bota o Dener desmunhecando num canal e logo os canais inimigos aparecem de Clodovil e de Clóvis Bornay. Os aflitos produtores fazem das tripas coração para ganhar IBOPE. E humorismo sempre deu pontos. Então, não há remédio. Na impossibilidade de soltar na frente das câmeras³⁹⁷ os Silvinos Netos, os Jararacas e Ratinhos que, em tempos passados, mas muito semelhantes ao de hoje, davam pela rádio um recado todo cheio de bossa, que deixava a intolerante polícia do senhor Getúlio Vargas doida, os produtores de televisão fazem graça explorando esses tipos que no circo, na revista, no rádio e na tevê sempre causam riso. Sempre foram a chave dos cômicos medíocres e tal e coisa.

Agora, tu que sempre pega a pior, tu que só come bagulho da feira, tu que mora na beira do rio e quase se afoga toda vez que chove, tu que só berra da geral sem nunca influir no resultado, tu que só lê jornal que fica pendurado na banca, sente o aroma da perpétua. Claro que a inteligência pátria anda humilhada e ofendida. Homens de valor provado em longos anos de batalhas são relegados ao esquecimento, jogado a escanteio, afastados dos veículos de comunicação, e, em seus lugares, entram os bufões que fazem rir com as caricaturas de seres humanos dignos de pena e não de gozação³⁹⁸. Porém (e sempre tem um porém), não será a intolerância e a violência que vão melhorar as coisas.

Deixem o Max Nunes criar seu humor sadio livremente, deixem os Silvinos Netos, o[s] Jararacas e Ratinhos de agora fazerem seu humor crítico, que a nação vai rir sadiamente e os Deners, os Clóvis Bornays e os Clodovis, vão se apagar sozinhos. Sem ser necessário um professorzinho metido a besta abrir o bico pra dizer bobagens em nome de Deus, da Pátria e da família. Esse quás-quás-quás de “proíbe”, “prende”, “não deixa” é que faz a mocidade ficar pirada da cuca. E é debaixo de repreensão severa que os filhos se rebelam contra os pais. Podes crer, amizade. Tenho em casa dois pivetes bons. Hominhos bacanas que têm livre acesso ao aparelho de televisão e ligam o bruto no programa que querem. Veem os Deners, os Clóvis Bornays, os Clodovis, os Durangos Kids e outros paladinos do Oeste. Mas, nem por isso eles ficam fazendo gestos de jogarem água fora da bacia. Eu estou na parada, jogo bola com eles, levo papos de amigos, nos quais eles falam o que querem e me contestam a toda hora, sem sofrerem punições. E aí é que o herói deles, o modelo fica sendo eu que sou muito mais ponta firme com eles do que qualquer astro de tevê. Então é por aí o atalho que faz alicerces sólidos da família. Meus filhos gostam de mim não pela autoridade que tenho sobre eles, mas pelo companheirismo que existe entre nós. E não vão xavecar³⁹⁹ um companheiro. Portanto, a gente quer coisas inteligentes no vídeo. Mas, pela luz que me ilumina, de forma nenhuma queremos que a mediocridade que atualmente impera seja sufocada pela intolerância que gera violência. Essa gronga é mais medíocre e não conduz a nada. Por exemplo: se me dobram, me quebram a espinha, forçam a meter o galho dentro, a comer enrolado, eu perco minha alegria, fico jururu e não vou ter embalo pra brincar com meus dois pivetes. Para cativá-los a cada momento, para lhes dar as dicas que meu pai me deu, que fizeram de mim um homem. E[,] sem pai, as crianças perdem o rumo. Sem afeto, se perdem pelas quebradas do mundaréu

397 Termo atualizado; no original de jornal consta “câmaras”.

398 Termo atualizado; no original de jornal consta “gazação”.

399 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecar”.

muitos jovens nascidos em berço de ouro. E se ampliarmos essas considerações, chegaremos à conclusão que a intolerância e a violência são piores pra nação do que os medíocres cômicos da televisão, que fazem caricaturas de infelizes seres humanos porque não têm intimidade e direito de brincarem com os seus maiores. Não, o professorzinho está errado. É intolerante e burro. Os alunos da faculdade apenas convidaram para paraninfo da turma um artista do triste tempo em que vivem.

Respondendo à freguesia

Oswaldo Alvarenga Canuto (Centro) – “Tricolor doente, venho sugerir ao ilustre general que bote o carnaval na rua no dia em que o São Paulo de glórias mil levantar o título de campeão do mundo.”

Tá aí uma ideia. Waldinho, que deixa a patota assanhada. A Banda Bandalha é pra isso mesmo. Qualquer motivo serve para o pagode se instalar. Vamos dar a pala pros lordes da Banda Bandalha que torcem pelo São Paulo e naturalmente eles cuidam de embandeirar a cidade nesse dia de glórias do futebol brasileiro.

Pererecos deste mundo (Última Hora de SP – Edição de 11/4/1972. Página 16 Caderno 1)

O Talismã, um dos maiores artistas populares do Brasil e que também é conhecido por Seu Mumu, é um pinta todo cheio de truque. Todo desbaratinado, com um jeito de quem não está a fim de nada, com andar de quem não quer chegar, Seu Mumu vai levando. Quando quer fazer uma música nova, ele se enfia num ônibus Via Aeroporto e vai até a praia dos paulistanos se inspirar. E quando volta, podes crer, amizade, vem com obras-primas da música popular brasileira. É tudo desse naipe:

Na entrada do meu mundo
tem um letreiro de luz
meu mundo não é uma esfera
tem o formato de cruz

Porém (e sempre tem um porém), não é música o que o Seu Mumu mais faz pelas quebradas do mundaréu. Seu forte é fazer filho. Não brinca em serviço o Talismã. Ele já andou à toa por estranhos, estreitos e escamosos caminhos do roçado do bom Deus, semeando gente. Namoradinha que o Mumu arranja acaba ficando choca rapidinho.

Por essas e outras, quando Seu Mumu sai nas ruas, é um tal de pivete dizer:
– Bença, padrinho.

O Talismã só sorri em resposta e vai em frente. E é graças a essa fama de reprodutor que tem o Seu Mumu, que se deu o esquinapo em Belo Horizonte, quando fomos apresentar o show “Plínio Marcos e os Pagodeiros”.

O Geraldão, o Toniquinho, o Zeca da Casa Verde, o Paulinho Carreira e o Silvio Modesto estavam contando cascata na porta do teatro, quando piou na parada uma patota de pivetes que veio pedir uma estia pros artistas. Entre a garotada, tinham um pequenininho de uns nove ou dez anos, que era⁴⁰⁰ a própria miniatura do Seu Mumu. Ah, Maricota! A curriola chamou o Talismã, botou ele do lado do pivetinho e conferiu. Era a cara de um, focinho do outro. E não teve dispensa:

400 Termo atualizado; no original de jornal consta “ara”.

– Olha teu filho aí, Mumu.

– É a tua fuça.

– Até fala igual.

[–] Vem cá, Mumuziho. Ói teu pai aí.

Brincadeira não pega nada em cima do Talismã. Ele tem setenta anos de janela e mais alguns de quarteirão. Sem se afobar, porque sabe que afobado come cru ou queima a boca, o Talismã chamou o moleque:

– Pega um dinheirinho, meu filho, vai comprar bala e não liga pra essa história que os mumus aí tão dizendo. Eu nunca tinha vindo em Belo Horizonte antes.

O moleque nem estava se tocando com o quás-quás-quás da curriola. Queria era faturar e como a grana que o Seu Mumu deu era de cinco Pedros, ele só fez agradecer. E já ia se mandar de pinote, quando entrou na fita o Juizado de Menores.

Deram os juízes uma dura na pivetada e recolheram todos no camburão. Daí, ganharam o pivetinho com a cara do Talismã e deram a ordem:

– Entra no carro, garoto.

E o pivete não regateou:

– Me solta, moço, que tou aí com meu pai.

O tira de menores mediu o Talismã de cima a baixo, manjou o pivete e relaxou a bronca. O Talismã foi ponta firme, não disse nem sim nem não, apenas sorriu encabulado. Quando camburão partiu, o garotinho todo alegre se rachou com o Seu Mumu:

– Bença, pai.

E sem esperar resposta, foi cuidar de si. A patota, mais uma vez, encarnou no Talismã:

– Livrou a cara do filho.

– Era dele mesmo.

– Com aquela fuça, só podia ser.

Mas, os mais cismados quiseram tirar a teima e imprensaram:

– Como é, Talismã? Esse moleque era ou não teu filho?

O Seu Mumu então tocou:

– Sei lá. Vai ver até que é mesmo. A gente vê tanta⁴⁰¹ coisa nesse mundo.

A inveja

O São Bento de Sorocaba montou um bom time e tinha um técnico que manja às pamparras de futebol, o Wilson. E com todas as linhas certinhas, piou na parada fazendo e acontecendo. Malhou o Corinthians, deu suador no Santos F. C. de glórias mil e no Palmeiras. Daí, a Portuguesa de Desportos, que anda sempre a perigo perpétuo muito mais por culpa dos cartolas e dos corneteiros do que por culpa do técnico, dispensou o Minelli e foi correndo buscar o Wilson. Claro que pra Lusa do Canindé isso não adianta bulhufas. Mas, pro São Bento, um perereco desses atrapalha às baldas. E já se viu isso no jogo do time de Sorocaba com o São Paulo.

Um cartola do time do interior, que deve ter ficado alegrão quando o Wilson saiu por ele, cartola, estar de olho gordo no cargo de treinheiro, não vacilou em escalar o time. E foi aquela gronga. O papagaio enfeitado de saída fez besteira. Vejam só. Ele teve o descaramento de trocar um dos melhores pontas de lança do Brasil, o Wagner, do time. É de entortar o patuá. Quem sabe de futebol há muito tempo já viu que o Wagner está estraçalhando a bola. Dá trabalho pras defesas inimigas. Não corre o pau. Se desloca com facilidade, jogando sem bola como faz o genial Tostão, que abre as defesas mais cheias de ferrolhos. E isso aí não sou eu

401 Termo atualizado; no original de jornal consta “tanto”.

quem digo. Claro que de futebol eu entendo. Porém (e sempre tem um porém), como tem loque [que] não acredita na minha categoria, invoco o testemunho de craques consagrados. Os beques do Corinthians, do Santos F. C. de glórias mil e do Palmeiras estão vivos pra não deixarem ninguém negar que o Wagner é um cobraão. Um boleiro de seleção. Os jogadores do São Bento não querem outro ponta de lança no time. Os defensores da Portuguesa de Desportos ficaram contentes quando Wagner saiu de campo no jogo contra eles. E os do tricolor do Morumbi então deram graças a Oxalá.

Agora, o cartola aparecido não entender de futebol e querer escalar o time não é tão grave. Grave é que, além de burro de bola, o papagaio enfeitado é mentiroso. Quando a vaca começou a ir pro brejo contra o São Paulo, os repórteres foram perguntar ao cartolina porque ele não fazia o óbvio e metia o Wagner em campo. E o cartola, sem ficar vermelho nem nada, meteu uma cascata cavernosa:

– O Wagner está machucado.

Aí foi broca. O Wagner estava na arquibancada e os repórteres foram até ele pra saber o que havia. Moço brioso, o Wagner não se fechou em copas. Botou a boca no trombone e garantiu que está em ótima forma física.

Nós então flagramos nas mumunhas do cartola. Ele queria mexer no time pra dar impressão que era bidu e que o Wilson é que não sabia de nada. Ainda bem que o cartola se entortou. E aposto que no fim do campeonato, a Portuguesa vai fazer das tripas coração pra contratar o Wagner. E não vai ser só a Lusa. Santos F. C. de glórias mil e Corinthians vão entrar na parada. Sem contar o Flamengo, que, segundo o Dari, que é diretor lá, me disse, já está de olho no Wagner.

Os Proença (Última Hora de SP – Edição de 12/4/1972. Página 16 Caderno 1)

Houve um Proença na Sociedade Brasileira de Autores Teatrais que eu não cheguei a conhecer. Porém, dele escutei da boca dos mais velhos muitas histórias. Falaram que ele saía de bicicleta pelos caminhos esquisitos, escamosos e estreitos do roçado do Bom Deus, com chuva e tudo, e ia vasculhando os circos das quebradas do mundaréu, desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, até onde o vagau apalpa devagarinho. Esse Proença que não conheci ia receber nas espeluncas todos os direitos autorais, coisa que, na época, nenhum empresário se conformava em pagar. E muitos chegavam até a receber a bala os fiscais da SBAT. Mas, o Proença que não conheci, segundo os mais velhos, não regateava. Não dava dispensa pros direitos do autor em nenhuma circunstância. Geralmente, engrenava um papo com o empresário revoltado. Doutrinava o bruto. Fazia um amigo. E todos acabavam gostando do Proença. Que, ainda pela informação dos mais velhos, era um homem muito bom e compreensivo. E que, nas suas andanças pelos subúrbios, muitas vezes encontrava os cirquinhos mambembes abrindo o bico. Aí, o Proença que eu não conheci encostava a bicicleta e era o socorro dos artistas a perigo perpétuo. Comida, remédio e esperança ele distribuía à farta, sem se preocupar se ia receber de volta.

E foi nessa toada que o Proença que eu não conheci cativou gente e impôs os direitos do autor. Quando foi falar com Deus, deixou saudade. Os mais velhos diziam que nunca mais a SBAT seria a mesma. Que o Proença seria insubstituível e os cambaus. Mas, piou na parada o Proencinha, filho do Proença que eu não conheci, ou melhor, conheci de tanto ouvir falar. E o Proencinha logo deixou claro pros coroas da sociedade que era tão ponta firme quanto seu pai. E desse eu posso falar de boca cheia. Convivi com ele. E aprendi a estimá-lo. Vi com meus olhos de

bem ver Seu Proencinha topar paradas encardidas com os duros empresários da televisão, que não dão tiro como seus colegas de circos de antigamente, mas têm patotas de advogados treinado pra chuveirar os autores. Mas, com a SBAT do Seu Proencinha, não tinha bom. Ele aqui e o Seu Djalma Bithencourt [sic] no Rio de Janeiro faziam das tripas coração pra receber a grana do autor.

Me lembro de uma vez que um canal de tevê montou minha peça “Réquiem de Tamborim”. Eu era desconhecido e a peça entrou pra tapar buraco. Acontece que balançou e foi chuá. Os donos da tevê não vacilaram em reprisar três vezes e depois passaram o tape em vários canais retransmissores desse enorme Brasil. Porém, na hora de pagar, vieram com trinta contos. Pra que, Maricota? Seu Proencinha fez a conta e a grana que me tocava era quinhentos e trinta giripocas. Se armou o pau. Eu andava comendo capim amargo pela raiz e estava quase me rendendo e pegando os trinta continhos. Seu Proencinha não deixou. Me adiantou o total e ficou na luta até ganhar.

Claro que a SBAT é pra isso mesmo. Brigar pelo direito do autor. Mas, não sei de nenhuma outra congênere no mundo onde exista um Seu Proencinha que banca a briga do autor com dinheiro do seu bolso. E tem mais. Quando galho ele quebrou. Eu mesmo já contei aqui que em 64 andava na pior das piores, precisando tirar o time de campo e não tinha nem dinheiro pra comer um⁴⁰² sanduba de mortadela. E muito menos perspectiva de ver peça minha montada. Fui no Seu Proencinha e ele, sem zoeira, me deu um gás.

E isso Seu Proencinha fazia pra qualquer autor, ou pra qualquer pessoa que encostasse nele chorando as pitangas. Não sei de nenhum autor que ficasse no toco, deixado pelo Seu Proencinha. E foi assim que ele, sem nunca fazer cerimônia com otários, sempre entrando energicamente nas brigas em defesa do direito do autor, cativou uma multidão de amigos. Os mais velhos que conheceram o Proença da bicicleta dizem que os dois empataram em bondade, coragem e em tudo. O primeiro Deus levou há muito tempo. O Seu Proencinha foi falar com Deus há dez dias atrás.

Seu Proencinha aqui em São Paulo era um pai para os autores. Eu é que sei. Mas, a vida continua e muitos autores pensam que a SBAT sem Proença e sem Proencinha aqui em São Paulo não vai ser a mesma. Mas, que nada. O Renatão é Proença e venho⁴⁰³ da mesma pipa e eu sei que ele é pedra noventa como foi o pai da bicicleta e o irmão. Ninguém melhor que o Renatão pra ficar na frente da SBAT da paulicéia. Só que o Seu Djalma tem que dar um aperto no Renatão e fazer ele usar o nome de Proença. Porque sem Proenças na SBAT nada vai dar certo. Podes crer, amizade. Os jovens autores paulistas são amigos do Proença, como os mais velhos foram do Proença da bicicleta e os que vieram depois foram do Seu Proencinha. E é o Renatão Proença que deve continuar a luta brava pelos direitos do autor aqui em São Paulo. E vamos nós, que a vida continua.

Respondendo à freguesia

Agartino Miranda Filho (Osasco) – “Gosto muito das suas historinhas. Porque você não publica elas num livro, como os cronistas do Rio fazem. Pra nós seria muito legal. Não iríamos precisar ficar colecionando jornal velho”.

Obrigado, seu Agartino. São cartas como a sua que dão embalo pra gente. Já pensei nessa ideia de publicar as crônicas melhores. Já cheguei até a falar com o

402 Termo atualizado; no original de jornal consta “em”.

403 Termo atualizado; no original de jornal consta “vinho”.

Pedro Fanelli, da Editora Obelisco, sobre o assunto. Mas, ainda não tive tempo de catar o material. Vai colecionando aí seus jornais por enquanto.

Toniquinho, Talismã e o doce de abóbora (Última Hora de SP – Edição de 13/4/1972. Página 16 Caderno 1)

O Toniquinho é o neto querido do velho Silvério. Como, minha senhora? Não sabe quem é o velho Silvério? O velho Silvério foi um dos maiores tocadores de tambu que já pisaram nas quebradas do mundaréu. Famoso como festeiro nas bandas de Piracicaba, no tempo em que era na roça a pá legal do samba e onde tinha na parada mandingueiro que na hora grande parava os ataques e só com o olhar madurava cachos inteiros de banana. E mais. Se era noite de luar, os tatuzinhos saíam da toca trazendo cachaça pra servir o crio[u]léu de fé no Santo. Porém, deixa tudo isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que, antes de ir falar com Deus, o velho Silvério deu as dicas todas pra filharada e pro neto Toniquinho, que dessa forma ficou por dentro das mumunhas do samba. E se faltou algum macete, ele aprendeu com o tio, o Zé Almofadão, que era todo cheio de embaixada. E com gente desse naipe como professores, o Toniquinho se formou na arte popular brasileira e só não dá aula em faculdade porque na pátria amada não se estuda a cultura do povão. Só Grotovski, McLuhan⁴⁰⁴, Jung têm vez. E com essas catimbas, o Toniquinho tem que fazer das tripas coração engraxando sapato de bacana na Praça da República pra ganhar o gordurame das suas sete crianças. Coisa que cada vez fica mais difícil, com a vida custando os olhos da cara. Mas, deixa andar. E enquanto não chega a vez dos grandes artistas populares, o Toniquinho vai recebendo visitas ilustres no pedaço em que tem pesqueiro montado. O Talismã, compositor, cantor, tocador de vilão, contador de história, mestre em escultura de papel e marceneiro de valor provado, é um que sempre vai espiar o Toniquinho trampar.

Uma tarde dessas, o Talismã, Seu Mumu pros íntimos, estava só flanando e se chegou na praça onde o Toniquinho acabava de lustrar o pisante de um freguês. Aí, como quem não quer nada, na hora do pagório, o Seu Mumu espichou as botucas de esguelha e viu que a gorja que o parceiro ganhou era legal e não perdeu tempo. Foi logo convidando:

– O Tônico, tu podia aproveitar essa propina que o Mumu freguês te deu e pagar o cafezinho.

O Toniquinho não vacilou. E os dois grandes artistas populares foram até o botequim. Lá chegando, encostaram o umbigo no balcão e, antes de fazer o pedido, o portuga dono do estabelecimento botou um copinho na frente de cada um e já vinha com a garrafa de pinga, quando recebeu uma dura do Toniquinho:

– Qué qui há, ô gente boa? Não pode ver crio[u]lo que pensa logo que são pingão? Tira isso da nossa frente. Nós não vai beber isso, não.

Com a expressão de espanto a refletir na fuça, o portuga recolheu a pinga e, dando a entender que não gostou da pinta dos fregueses, foi chiando:

– Então o qui é que vai?

Claro que o Toniquinho se tocou na bronca do portuga. Mas, pra não criar caso, deixou barato:

– Dá um maço de Beverly e dois cafés.

404 Termo atualizado; no original de jornal consta “Mcluhlan”.

Sem esconder a má vontade, o português se pôs a servir os dois. E nisso, o Talismã viu na outra ponta do balcão uns doces de abóbora sorrindo pra ele. E jogou verde pra colher maduro.

– Olha lá, Toniquinho, que doce de abóbora bonito.

O Toniquinho às vezes não percebe as sugestões. Nem notou que a pala que o Seu Mumu estava dando era pra ver se ganhava um doce. O Toniquinho, que estava desligado, flagrou o doce e se explicou:

Sou vidrado em doce de abóbora. Vou até comer um.

Fechado em copas, o Talismã não disse mais nada. Ele é meio acanhado. E quando o portuga chegou com o café e o cigarro, o Toniquinho selou:

[–] Cobra o café, o cigarro e um doce de abóbora que eu vou pegar.

Deu a grana pro portuga e foi pegar o doce. Nesse momento, entrou um cupincha do Toniquinho no boteco e os dois levaram um papo rápido, até que o Toniquinho deu o alô:

– Vem pra cá que eu vou comer meu doce, que já paguei e tudo.

Pegou o doce, deu uma dentada e o português, o preço:

– É um conto esse doce.

Sem se afobar, o Toniquinho falou manso:

– Eu sei. Já paguei.

Não prestou. O português engrossou:

– Pagaste uma ova.

Teve início o quás-quás-quás:

– Paguei naquela ponta do balcão.

– Pagaste o cigarro e o café.

– E o doce de abobra [sic].

– O doce, não.

O Toniquinho já estava sentindo as ideias de jerico lhe brotarem na cuca. Não estava faltando quase nada pra ele dar um rodo no portuga, quando lembrou que tinha sete filhos pra criar e resolveu não armar confusão. E pagou de novo, mas picado de raiva avisou:

– Tá bom. Eu já paguei. Mas pago de novo. Só que não vou comer esse doce. Perdi o gosto.

Deu o dinheiro ao dono do boteco e largou o doce. O Talismã e o cupincha do Toniquinho pregaram o olho no doce e começaram a incentivar o amigo que estava ouriçado:

– Como aí, Toniquinho.

– Come, pagou duas vezes.

– Come se não o homem vai vender de novo esse doce.

– Come, que as moscas tão comendo.

Sem mais vontade de doce, o Toniquinho deu a sentença:

– Não vou comer coisa nenhuma desse botequim sem-vergonha.

E diante disso, o Talismã e o cupincha do comprador de doce se alvoraçaram. Só que o Seu Mumu foi mais rápido. Pegou o doce e deixou o outro candidato de mão boba abanado no ar. E pra não ficar feio, deu a letra:

– Já que tu não quer, como eu que sou mais velho.

Amor por correspondência (Última Hora de SP – Edição de 14/4/1972. Página 16 Caderno 1)

Um dia saiu publicado na sessão de consultório sentimental de uma revistinha em quadrinhos, dessas especializadas em engrupir, com um brilhareco ilusório, o povão pirado da cuca, a seguinte carta:

“Eu, Margarida dos Santos, desejo me corresponder com rapaz solteiro, trabalhador e que tenha boas ideias. Não sou bonita nem feia, não sou nova nem velha. Sou solitária. Porque na minha cidade de Juazeiro não encontrei nenhum rapaz do meu agrado. Faço todos os serviços de casa e quase não vou à rua”.

O ajudante de caminhão Aduino Pinheiro, que estava fazendo o segundo ano do Mobral, tinha um tremendo medo de esquecer rapidamente o que aprendia a duras penas. Por essas e outras, toda vez que ia no mi[c]tório, lia, ou melhor, soletrava qualquer troço que lhe caísse nas mãos. E foi por esse louvável esforço que suas botucas pararam em cima da carta da Margarida dos Santos, a solitária de Juazeiro.

O Aduino pegou a treta. E[,] de noite, no quarto da pensão onde morava, rabiscou mal-traçadas linhas:

“Tou em São Paulo um tempão. Mas as moças daqui são muito inxeridas [sic] demais. E eu não gosto de mulher assanhada. Pela carta que li tua na revista, vejo que tu é do tipo que gosto”.

E foi por aí. Meteu selo e tacou no correio com porte simples. Por incrível que pareça, a carta do Aduino chegou no destino. A Margarida, quando leu o quás-quás-quás do moço, retumbou de alegria. Mostrou os garranchos do Aduino pra vizinhança toda e foi aquele enxame. O pedaço da curriola da Margarida se embandeirou. A moça era tida como boazinha e toda a gentilha achava que ela merecia uma alegria. E ela, embalada pela torcida, respondeu pro Aduino:

“Me deu gosto receber sua carta. Mande um retrato teu, que eu te mando um meu pra você botar no açucareiro e espantar mosca”.

Sem cerimônia, o Aduino pegou um boneco seu em pose de galã de novela, meteu no envelope e remeteu pra margarida. Na volta do correio, o rapaz recebeu a fuça da margarida. Era um bagulho de fazer nego saído de cana depois de puxar um tempão cumprido passar no lance. Mas, é como diz o Mestre Zagaia:

– Tempero de comida é fome.

E se o Mestre Zagaia diz, é que é. E o Aduino achou a Margarida legalzinha. Na banda dela, deu repeteco. O retrato do Aduino andou de mão em mão e, apesar da fuça do bruto lembrar o mapa do inferno, não faltou gente pra afirmar que ele era simpático. Envolvida nessa cascata, a Margarida foi correndo levar o retrato do moço na macumba pro seu Pai de Santo dar uma força no amor que nascia. E depois disso, a Margarida ficou todinha abilolada.

Com o Aduino não dava outra coisa. A cada carta que recebia, endoidava de felicidade. E nessa toada, os dois lesados da sociedade, apesar da distância que os separava, ou talvez por isso mesmo, ficaram dispostos a comer um vagão de cascalho um pelo outro. E[,] finalmente, combinaram juntar os trapinhos. Eles eram meio burrões, mas adoravam uma presepada. Dada a decisão, comunicaram à revista que iam se argolar por causa dela. Pros donos da revista, foi a glória. E não economizaram na promoção. Pagaram passagem de ônibus pro Aduino ir de São Paulo a Juazeiro. Mandaram fotógrafo registrar o encontro dos enamorados leitores do consultório sentimental e tudo mais. Foi tudo festa.

Depois, os dois pombinhos batusquelas, de papel passado em cartório, se mandaram pra São Paulo a fim de viver a vida. E foi aí que se deu o esquinapo. Se a grana do Aduino já era pouca pra escorar as rebarbas pra ele sozinho, com uma

boca a mais ficou de lascar. E o jovem casal teve que ir dando nó em pingo d'água, comendo capim amargo pela raiz, matando cachorro a grito e os cambaus.

A Margarida, pra ajudar, foi trabalhar de empregada doméstica na casa de uma madame e a situação melhorou um pouquinho. Até que um dia a pia da patroa da Margarida entupiu e veio um baiano encanador desentupir os canos. Agora, tu aí que só pega a pior, tu que só come bagulho que apanha no chão da feira, tu que mora na beira do rio e quase se afoga toda vez que chove, tu que só berra da geral sem nunca influir no resultado, tu que só lê jornal que fica pendurado na banca, sente o aroma da perpétua.

Quando era solteira, a Margarida andava pelas ruas quilômetros e quilômetros sem nem receber um psiú. Mal se casou, já apareceu gabiru jogando o picaré pra enredar a danada. O encanador meteu a bicaria e a Margarida, que nunca tinha tido essas colheres de chá, entrou inteira. Passou a manter um romance nas encolhas com o encanador.

Não prestou. O Aauto, que não era nenhum sabido, era ciumento às pamparras e se não se tocou no macete da mulher por ter olhos abertos, ficou com a pulga atrás da orelha por achar que a mulher andava muito contentona e cantando música de Angela Maria. E com essa zorra na cachola, saiu na campana da mulher.

Não tardou pro Aauto flagrar a Margarida e o encanador namorando num escurinho das quebradas. Aí, foi broca. Sem nenhuma pala, o Aauto fez desgraça. Sacou a peixeira e mandou a esposa e o amante pro beleléu. Espetou o encanador até ele ir falar com Deus. Depois, furou a mulher e a deixou estarrada, saindo da vida devagarinho. Ela só se apagou quando chegou no hospital.

O Aauto quis dar pinote. Porém, nervoso e abestalhado, marcou bobeira e foi em cana. Julgado e condenado, ele está em galera. E pra passar o tempo mexe e vira escreve cartas pra revista, esculachando os distintos jornalistas que em quase todo número publicam o retrato de casamento dele com a Margarida, sob a legenda: "Os pombinhos que sua revista uniu".

Pererecos deste mundo (Última Hora de SP – Edição de 15/4/1972. Página 16 Caderno 1)

A fama tem certas mumunhas que não dão pra entender. Quem, com a graça de Oxalá, está aí mesmo pra não deixar ninguém mentir sobre as catimbas da popularidade é o Adriano Reis. Como a imprensa falada e escrita noticiou fartamente, o Adriano sofreu uns maus momentos quando a lancha em que ele navegava com seus colegas lá do Canal 4 explodiu. O Adriano ficou perdido nas águas revoltas do mar bravio (ótimo cenário pra tevê a cores) e nadou durante seis horas até encontrar terra. E daí, tal e coisa, retornou. Agora, tu aí que sempre pega a pior, tu que só come bagulho da feira, tu que mora na beira do rio e quase se afoga toda vez que chove, tu que só berra da geral sem nunca influir no resultado, tu que só lê jornal que fica pendurado na banca, sente o aroma da perpétua.

O Adriano Reis é um dos galãs mais badalados da pátria amada. Sempre recebeu convites de monte pra anunciar baile de debutante em cidade do interior. Claro que ele não precisava naufragar pra ser badalado. Porém (e sempre tem um porém), ir à pique e nadar seis horas serviam pra abrir novo campo de trabalho pro simpático galã. Os diretores de um clube do interior paulista convidaram o Adriano Reis pra ir até lá dar uma nadadinha na piscina do clube, pras meninhas da cidade manjarem como é que ele fez pra se salvar.

O Adriano Reis, que não é de fazer cerimônia com otário, disse que se pagarem bem até água da piscina ele engole pra dar maior realismo ao troço.

*

Só pode ser xaveco⁴⁰⁵ do Cruzeiro vender o Tostão, genial craque da seleção, pro Vasco da Gama, timeco que anda catando lata há muito tempo. Vai ser lenha pro jogador mineiro se adaptar no grêmio luso da Guanabara. Basta ver que, na hora em que o Tostão chegava na sede do seu novo clube, que estava toda embandeirada e festiva, com a torcida chuveirada pelos cartolas fazendo oba-oba pro novo craque, o pau comeu feio entre o treinador Zizinho e o diretor de futebol. A quizila surgiu porque o cartola queria forçar a barra e obrigar o treineiro a escalar o Dé contra o Flamengo e a marcar treino das 8 horas da matina às 18 da tarde. O Mestre Ziza se ouriçou e teve um quás-quás-quás cavernoso:

- Eu sou diretor.
- Eu sou o técnico.
- Eu mando aqui.
- Eu que escalo o time.

E o resultado é que o Zizinho perdeu a paciência e jogou um balde na fuça do cartola. Naturalmente, a turma do deixa-disso piou na parada e desapartou a briga. Mas, a amostra serviu pro Tostão abrir os olhos e se tocar na maré brava em que vai ter que remar seu barco.

Pra quem não lembra, a gente recorda aqui que o Dé, esse mesmo que foi o pivô da briga, quando veio do Bangu pro Vasco, só porque recebeu uma graninha a mais que os craques vascaínos recebiam, se viu em pa[l]pos de aranha. Os seus companheiros de time lhe passavam bolas quadradas e não corriam em campo. Achavam que o Dé, que era o mais bem pago, é que tinha obrigação de ganhar jogo.

Por essas e outras é que a gente fica pensando no que o Tostão, que vai ganhar sozinho mais que todo o resto do time junto, não vai penar em São Januário. Que Ogum o proteja.

Hoje, como fazemos há oito meses, estaremos apresentando no Teatro dos Tecelões, a peça “Quando as máquinas param”, com a Walderez de Barros e o Roberto Rocco.

Com essa peça, a equipe do Teatro dos Tecelões ganhou o prêmio “Menção Honrosa” da Associação dos Críticos de São Paulo, pela campanha de popularização de teatro. Mais de 25 mil pessoas já assistiram à peça.

Respondendo à freguesia

Elpidia Perez da Silva (Imirim) – “Nós aqui em casa somos todos seus fãs. Gostamos do senhor desde o “Beto Rockefeller”, quando o sr. fez o Vitória. Agora na “Bandeira 2”, o senhor está ótimo. É uma pena que o senhor apareça tão pouco na novela. Por que o senhor não pede pra colocarem o senhor em todos os capítulos?”

Ficou louca, Dona Elpídia? Acha que eu vou pedir pra trabalhar mais? Tá muito bom assim como está. Agradeço muito seus elogios, mas vê se não espalha essas ideias de jerico, que não tô a fim de fazer acampamento num estúdio de televisão e gravar 12 horas por dia. Fica de botucas ligadas todo dia na novela, que de vez em quando eu apareço e a senhora mata a saudade. Tá legal?

405 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

Antenor Bascieri (Viva Cachoeira) – “... e como eu sei que o senhor gosta de festa popular, queria convidar para o casamento da minha filha. A casa é de pobre, mas como o senhor diz, vai ser um pagode legal.”

Obrigado pelo convite, seu Antenor, mas não vai dar pé, não. Festa popular é muito bacana, mas festa de casamento é um troço muito chato. O único casamento em que eu fui foi no meu mesmo, mesmo assim eu e a Walderez nos arrancamos logo da festa. Aliás, aconselho a sua filha que faça o mesmo. E muitas felicidades pra ela.

Carta ao Flávio Cavalcanti (Última Hora de SP – Edição de 18/4/1972. Página 16 Caderno 1)

Seu Flávio, gostaria de ter juntado três rótulos de sabão em pó enfiados dentro de um envelope junto com essas mal-traçadas linhas e mandado tudo pro senhor aí na Tupi. Porém (e sempre tem um porém), a Tupi meio bagunçada e provavelmente perderiam minha cartinha, mesmo que o correio a entregasse aí. Então, paciência, o meu recado pro senhor vai escancarado. Que me importa que a humanidade saiba que eu sou macaco de auditório que chega até a escrever cartinha?

Mas, acho que já roubei demais o seu tempo. O senhor, Seu Flávio Cavalcanti, deve ser um homem muito ocupado, por isso vou direto ao assunto. Quero cumprimentá-lo pelo magnífico lançamento que o senhor fez no domingo próximo passado no júri do seu programa. Estou me referindo àquela gloriosa loira que piou na parada pela primeira vez e ficou à vontade, fazendo até mesmo o senhor se admirar e numa hora lá exclamar:

– Você está se saindo muito bem no júri, moça.

Podes crer, amizade. Essa gloriosa loira se sai bem em qualquer situação, por mais cavernosa que seja. Eu manjo ela e posso afirmar. A gloriosa loira é a Teté do Leme. Nossa chapa que, às sextas-feiras, pontifica no Fiorentina, onde uma patota das mais pesadas, com representantes de todas as épocas arreia cascata. A Teté, porta-bandeira da famosa banda do Leme (escolhida por méritos). A Teté, que carrega o pavilhão da alegria. A Teté, que estava em todas, menos na tevê, mas que agora já está, graças ao senhor, seu Flávio Cavalcanti, que se mancou que um júri só com gente que vive espalhando que mulher dá câncer é um perereco e botou a Teté do Leme.

A Teté do Leme no vídeo comoveu uma multidão de gente da pesada. Bororó, Edu da Gaita, Mário Lago, Zé Lewgoy, Gracinha Freire, Carlos Imperial, Juca Pontes, Aurimar Rocha, Vasti Cavalcanti, Moriam Batucada, Raquel De Biasi, Caruso, Iris Bruzzi, Edson Agente Positivo e toda a patota do Fiorentina parou pra ver e prestigiar a apresentação da Teté do Leme aí no seu júri.

Tem mais: aqui em São Paulo, na madrugada fria de domingo, no boteco do Mais-Mais, no Penicão e no Piolim, só se falava na participação da Teté do Leme no seu júri. O Ary Soares, que assistiu ao seu programa, sem saber que a Teté ia participar, saiu pelas ruas retumbando e dando a notícia como se fosse uma tremenda novidade. Mas, se entortou. Todos já sabiam que a Teté do Leme tinha mandado ver no vídeo.

Bom, pra finalizar, quero cumprimentá [sic] o senhor, seu Flávio Cavalcanti, pelo feliz convite que o senhor fez à Teté do Leme, uma jornalista das mais competentes. Parabéns. E agora, temos certeza que o senhor está se esforçando pra melhorar a imagem. É muito mais suave ver no vídeo a doce Teté do Leme, do

que alguns marmanjos que o senhor bota que, além de feios, são ranhetas. Bravos, Seu Flávio. A Teté do Leme tem talento e formosura. Continue com ela aí nesse júri, antes que o Silvio Santos ou o Chacrinha contratem a gloriosa loira. Nós, da Banda Bandalha, somos fãs da Teté.

Tostão, o genial craque da seleção brasileira, foi vendido do Cruzeiro ao Vasco da Gama. Mal chegou no Rio de Janeiro e já ganhou apelido novo. E pro povão que berra da geral do Maracanã ele agora é o “Homem da Emulsão de Scott”. Pra quem não sabe, no rótulo do vidro do fortificante Emulsão de Scott tem um homem sozinho carregando um enorme bacalhau. E bacalhau é o símbolo do Vasco. Daí, já viu. No entendimento da galera, o genial Tostão vai carregar o Vasco nas costas. E nesse caso, podes crer, amizade, a voz do povão é a voz de Deus.

Nossa chapa Lyba Fridman, com a simpatia e a modéstia que lhe são peculiares, transcreveu na sua coluna “Imagens”, que ela assina todos os domingos no Shopping News, uma pala que demos na semana passada aqui na “Última Hora”. Pela madrugada. Ficamos tão comovidos com a homenagem que até esquecemos de escrever a coluna de ontem. São essas coisas que nos entortam o patuá. A Liba [sic], jornalista conceituada, passou recibo pro que a gente falou sobre a intolerância e a gente, antes de ganhar embalo com esse incentivo, marcou bobeira pelas quebradas do mundaréu e comemorou o fato da Liba transcrever o nosso recado. Com isso, o resultado foi que quase perdemos o emprego.

Carruira quando bate seca até pimenteira e não adianta chorar as pitangas. O alvinegro de Ogum está aí mesmo pra não deixar ninguém nos desmentir. O Corinthians dominou o Guarani. Seus craques, moços briosos e de valor provado, fizeram das triplas coração em campo. Mas, de repente, o Guarani fez um gol besta e ganhou a partida. O detalhe cavernoso é que, nesse campeonato, o Guarani ainda não tinha marcado nenhum golzinho. Sintam o aroma da perpétua: o Guarani desencantou em cima do Corinthians. Tem mumunhas nessa história. Tem. E nos estreitos, esquisitos e escamosos caminhos do roçado do bom Deus, existe nego de axé forte que pode escancarar o mistério. E não vai adiantar nadinha o Corinthians trocar o técnico Sarno por outro qualquer. A ordem pros corintianos é esfriar a cabeça. Firmar o pensamento em Ogum. Apesar dos pontos perdidos parecerem muitos, ainda dá pra levantar o título.

Vai passa muita água embaixo da ponte. A torcida tem que compreender que os jogadores do alvinegro de Ogum estão dando o sangue e tem que parar com essa mania besta de variar o time toda vez que perde. Essa gronga não conduz a nada. Ou melhor, gera a confusão. Deixa os cartolas abilolados e eles, que já tem a cuca pirada, se botam a aprontar mil e uma bobagens. Vamos lá, Corinthians Paulista, alvinegro de Ogum, Mosqueteiro de fé. Perder uma parada não significa perder o rumo.

Pagode do Neguça (Última Hora de SP – Edição de 19/4/1972. Página 16 Caderno 1)

Meu chapa Cabral Júnior, um dos melhores repórteres policiais deste país, que pela madrugada é manjado por Cabralzinho e que chegou até a ter título de Lorde da Banda Bandalha, acabou perdendo esse título numa bela cerimônia realizada em sua ausência, quando o maior pagode paulistano embandeirado saiu às ruas no sábado de Aleluia.

Agora, inconformado, o Cabralzinho faz tudo pra recuperar os brazões de Lorde da Bandalha. Mandou ofício pro alto comando da Banda Bandalha, chorando

as pitangas e tal e coisa. Jurou pela luz que o ilumina que, na hora em que a Banda saía, seu carango encalhou numa vala das quebradas do mundaréu e ele, por essas e outras, não voltou a tempo de se saracotear na Banda Bandalha.

Aqui, ói, gaivota, que a curriola da Banda Bandalha deu estia pro bruto. Mestre Zagaia, velho cabo de esquadra, quando foi consultado sobre o caso, afirmou:

– O Cabralzinho não é mais aquele: [sic]

E a gente, cheio de curiosidade, quis saber:

– E o que a gente faz com ele?

Pro velho cabo de esquadra, as mumunhas não têm segredo. Falou e disse o que a gente tinha que fazer com o Cabralzinho. Mas, por motivos alheios à minha vontade, deixo de escancarar aqui a dica do Mestre Zagaia. Sabe como é que é. Força maior.

Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que o Cabralzinho, que não fácil, resolveu recuperar no meio da batalha suas divisas. E sem poupar esforços, anda se batendo pelas noites, atrás do prestígio perdido sem glória. E foi a fim de ganhar prestígio de folião que o Cabralzinho, noite dessas, foi se badalar na gloriosa baixada santista. Formou uma curriola com o Roberto, com a Cecília, com a Maria Amélia e piou na parada num pedaço do mundo onde o samba merece o maior respeito. E isso é preciso que se diga de boca cheia. Na calunga o pagode é legal. Um dos melhores que existe. Principalmente onde o Cabralzinho botou a fuça, que foi no Samba Show de São Vicente, onde Mestre Neçuça faz e acontece no comando de uma pá de pontas firmes no batuque.

Pois é, amizade. Podes crer. O samba do Mestre Neçuça não fica no devo nem pra Portela, nem pra Mangueira, nem pro Salgueiro, nem pro Vai-Vai, nem pro Camisa Verde e Branco da Barra Funda, nem pra Mocidade Alegre da Casa Verde, nem pros Unidos da Barra do Catimbó. O próprio Cabralzinho viu isso com seus olhos de ver e que a terra vai comer um dia. E, a bem da verdade, embora o Cabralzinho não tenha mais direito de usar o título de Lorde Bandalho, porque ele agora é um bandalho qualquer, de pagode o bruto entende. Mas, mesmo assim, seu patuá entortou com a zoeira do Neçuça e da turma bacana de São Vicente.

O Neçuça fez das tripas coração pra dar bom trato pro Cabralzinho e sua gente. Dona Tereza que está choca esperando um sambista de alta linha, que nascerá nas graças de Oxalá e por conta do próprio Neçuça, não regateou. Fez uma feijoada e deu de comer pra nego às pamparras. E depois, a poeira subiu.

Quando o Cabralzinho retornou, a moçada ainda estava fazendo a poeira subir. E ele veio cheio de pena. Porém, chegou na redação retumbando de entusiasmo e não fala em outra coisa. Esses troços eu não deixo barato. Falou de baixada, falou comigo. Eu sou quem sou porque sou de lá. E como sempre que é na Calunga o buraco da lacraia, não aguento sozinho o orgulho que tenho pelo povão da minha ilha, que é sempre de receber bem quem encosta na festa.

O Neçuça há muito tempo manjo de nome. O som dos seus tamborins já haviam chegado nas minhas antenas há muito tempo. Não queria fazer oba-oba pra não me aparecer otário dizendo que só boto azeitona na empadinha dos outros. Porém, agora quem descobriu o Samba Show do Neçuça foi o Cabralzinho. Ele, toda gente manja aqui em São Paulo como ouriço. Se não gostasse, botava a boca no trombone pra avacalhar a guerra. Mas, que nada. O Cabralzinho só pensa em voltar no Samba Show. E na próxima vez em que ele se chegar no terreiro, eu vou junto.

Faz tempo que não jogo sinuca no Bar Selete, onde os bambas do taco no Brasil têm pesqueiro instalado. Faz tempo que não saúdo o Santo no Gongá de Pai João do Boné. Faz muito tempo que não bebo água da Biquinha. Faz tempo que não como algodão doce. Faz tempo que não vou num pagode em terra firme como é o do Mestre Neguça. Faz tempo que não rango um pirão com peixe nas quebradas. E quando eu for no pedaço do Neguça lá em São Vicente, vou com tudo.

E aqui fica a sugestão: nego que anda se batendo à toa, falando sozinho e atucanado pelos caminhos estreitos, esquisitos e escamosos do roçado do bom Deus, arranja um tempo e vai visitar o Samba Show do Neguça, lá em São Vicente, na Calunga de todos os orixás, que faz bem pra cuca esse pagode.

Respondendo à freguesia

Alaro Castro (Tucuruvi) - ... “Por que o Bentevi tem entrado tão pouco nas transas da novela “Bandeira 2”?”

Eu não sei, meu chapinha. Na tevê, a única coisa que sei é o dia do pagamento. Mas, obrigado por ter notado minha ausência.

Onde vamos? (Última Hora de SP – Edição de 20/4/1972. Página 16 Caderno 1)

Pernambuco era o Estado onde a patota que joga água fora da bacia e que espalha que mulher dá câncer queria fazer seu congresso universal. Para ser preciso, o perereco badalativo das bicharocas ia se dar na cidade de Caruaru, que outrora não tinha desses negócio, não. Mas, deixa isso de lado. O que quero falar e o que pesa na balança é que, na cidade de São José do Belmonte, o juiz de paz local resolveu complicar o argolamento de Rita e Expedita contra José de Souza e Braz Francisco, com a alegação de que as moças são muito baixinhas e os dois caras, apesar de não serem grandões (um mede 1,67 m e o outro 1,60 m), perto das garotas de 90 e 80 centímetros[,] são verdadeiros gigantes. E sabe como é que é, na hora [“]h[”] a coisa pode complicar, e o juiz não quer ter culpa.

Mestre Zagaia, velho cabo de esquadra que navegou sem bandeira por muita água barrenta e bateu perna à toa pelos estranhos, estreitos e escamosos caminhos do roçado do bom Deus, antes de ganhar os cabelos brancos, as rugas e as cicatrizes que são as divisas que lhe dão respeito por parte dos vagaus mais considerados das quebradas do mundaréu, perguntando sobre o assunto, deu a sua pala com sinceridade e a poesia que lhe são peculiares. Porém, por motivos alheios a minha vontade, e de força maior, tive que traduzir a opinião do velho cabo de esquadra e ficou assim:

– Deixa as anãs se casarem com os gigantes. Se elas querem, ninguém tem nada com isso. Passarinho que come pedra é que sabe como vai digerir e devolver.

Por essa pala que Mestre Zagaia disse (e ele sabe o que diz), eu fico achando que um chapa meu tem razão quando diz que os desmunhecados se protegem e estão em todos os cantos a fim de dificultar o amor nos moldes bíblicos e incentivar a virada de mão. Meu cupincha chegou a essa conclusão no dia em que abateu uma mina e foi levá-la pra ver ninho de trejeitos deu um breque nele, só porque ele e a moça que acompanhava não tinham certidão de casamento. Claro que ele deu um esculacho no porteirinho. Mão não adiantou nada. E ele ainda não tinha nem acabado de bronquear, quando se aproximou do balcão um casal de rapazes delicados e, sem a menor dificuldade, alugaram um quarto juntos. E com a sujeira batendo desse jeito, as libélulas vão cada vez se assanhando mais e a

moçada a perigo perpétuo vai mastigando. A verdade é que tempero de comida é fome.

O machão

Já que falamos do incentivo que os três vezes oito vêm recebendo, vamos escancarar uma de machão pra tu aí que só pega a pior, tu que come bagulho que apanha na feira, tu que mora na beira do rio e quase se afoga toda vez que chove, tu que só berra da geral sem nunca influir no resultado, tu que só lê jornal que fica pendurado em banca não ficar pensando que tudo está perdido. Sintam o aroma da perpétua.

Um porta-voz do Flamengo da Guanabara anunciou que nunca, em toda a sua história, o departamento médico teve tanto trabalho depois de um clássico como depois do jogo com o Vasco. Nada menos de quatro craques baixaram [na] enfermaria. O detalhe é que todos eles foram vítimas de apenas um jogador inimigo: o Moisés. Que é considerado no Rio de Janeiro mais perigoso que chofer de táxi de frota.

Uma vez perguntado, o distinto Moisés declarou o seguinte:

– Não sou violento. Apenas entro duro na bola. Sou um esportista leal. Mas é necessário que todos entendam que o futebol é jogo pra homem.

Se continuarmos desse jeito, daqui a pouco a moçada que for enfrentar o Vasco com o machão Moisés vai ter que entrar em campo de armadura, escudo e tal e coisa.

Uma legal

Sempre digo aqui que meu chapa Talismã, o Seu Mumu, é um dos maiores artistas populares brasileiros. Ele compõe sambas lindos, canta com muita embaixada, conta história com muita graça e é um grande artista de esculturas de papel. E se eu digo tudo isso do Seu Mumu, o Talismã, é porque ele é mesmo. Até o Sergio Cabral achou isso quando viu o Seu Mumu cantando. E o Sergio sabe das coisas. Mas, agora veja só como as banzanzas que o Talismã faz com o papel são bacanas. A Walderez encomendou dois trabalhos do Talismã. O danado levou um tempo enorme pra trazer as esculturas. Mas, afinal, apresentou as belas estátuas que iam ornamentar meu lar. Só que o descarado do Talismã não quis cobrar. Ele nunca quer. É um maldito. E não teve jeito. Tivemos que levar as obras de arte de graça. De noite, a Sueli Franco e a Ety Fraser foram lá em casa comer o genial cuscuz⁴⁰⁶ que só a Dona Luiza sabe fazer. Viram as estatuetas e não regatearam elogios. Até que eu, já meio bebum e orgulhoso de ser amigo do Talismã, grande artista popular, dei uma estatueta pra cada uma delas, pra desespero da Dereca, que tem vergonha de encomendar outras estátuas pro Talismã, porque ele é um maldito que não cobra pelo seu trabalho. A bem da verdade, eu achava lindas as estátuas. Só por isso as dei pra Ety e pra Sueli. Mas, pombas! Afinal eu sou amigo de um genial artista e isso me basta. Ogum salve o Talismã, que é do tamanho do grande Solano Trindade.

Quem pode resolver as quizilas do Corint[h]ians – Capítulo 1 (Última Hora de SP – Edição de 21/4/1972. Página 16 Caderno 1)

Mais uma vez o Corinthians Paulista troca seu técnico sem nenhuma cerimônia. Não botaram na balança nem o jogo com o Palmeiras o Luizinho. Com

406 Termo atualizado; no original de jornal consta “cuscus”.

essas e outras manobras, os cartolas do alvinegro, que chegam até a apostar contra seu clube, vão engrupindo a torcida, que cada vez mais abilolada berra da geral com todas as forças da caixa de catarro. Porém, deixa isso de lado. O que quero dizer é que, com macetes e trambiques, os cartolas do alvinegro de Ogum quebraram o galho da derrota de domingo passado frente ao Guarani. Ao mandarem o Sarno andar, deram uma pá de cal nesse assunto e, ao contratarem o Luizinho, já arrumaram uma boa desculpa pra perder do Palmeiras. Basta pegar um dos papagaios faladores que há na diretoria do Corinthians, em caso de derrota, pra escutar da boca do pinta o quás-quás-quás cavernoso:

– O Luizinho pegou o time esta semana e não deu pra bolar um esquema pra deter o Palmeiras, que vem jogando bem há muito tempo.

Eu, que acompanho futebol há muitos anos e que já vi com esses olhos que a terra vai comer um dia tantos técnicos de valor provador em grandes clubes tabularem no alvinegro do Parque São Jorge, não me iludo com esse truquinho de cartola. E sei que até onde está o coringa nesse perereco todo. E vou de graça dar uma dica pro Corinthians.

Em vez de treinador, o Corinthians deve contratar um massagista. Só que não pode ser um massagista qualquer. Tem que ser o Santana, um criou[u]lão que, além de esfregar perna de boleiro, é um grande Pai de Santo e por onde passou fez milagre. Pra dar força pra minha sugestão, vou lembrar alguns negócios que ninguém entendeu, mas que aconteceram unicamente porque as pessoas que decidiam escutaram os conselhos do Santana, que fala pela Cabocla Jurema. Saravá!

O Vasco, em setenta, tinha um timeco que lembrava o São Cristóvão nos seus piores dias e no entanto foi campeão carioca. Mas, o sucesso não se deveu aos jogadores e, sim ao massagista, que foi contratado pouco antes do início do certame. Isso porque os cartolas vascaínos reconheceram que, no jogo com o Fluminense, pela Taça Guanabara, o Santana, que era do tricolor, foi quem fez o Vasco perder. O lance foi o seguinte: [sic]

Na Taça Guanabara, o Vasco era a própria caixa de pancada. Seus craques, se é que havia algum por lá, não queriam bulhufas com a bola. O técnico Tim, um dos melhores do Brasil, fazia das tripas coração e não conseguia dar padrão de jogo pro time. E andava de orelha ardendo com os xingos da torcida. Pobre Tim! Sofria mais que gato de desenho animado. Era o esparro. Sofria pressão de todo lado e já estavam abrindo o bico. Os cartolas, por sua vez, se desesperavam. E, na ânsia de aliviar a situação, queriam uma grande vitória, por isso, antes do jogo com o Fluminense, arrocharam os boleiros:

– Ou ganham esse jogo ou vão todos pro olho da rua.

A dura dos cartolas deu certo. A curriola vascaína se picou de raiva e entrou em campo desembestada. Correndo mais que a bola e baixando o porrete sem dó, o time do Vasco se impôs. O Fluminense, que não esperava presente por parte do inimigo, marcou bobeira. Diante do sarrafo, os jogadores do Fluminense se acanharam. Estavam contando com o pão ganho e se viram no papo de aranha. Os vascaínos então se serviram. Foram com tudo pra cima da área do Fluminense e armaram mil e um melês [sic]. Num deles, a bola caiu no barbante. Um a zero pro Vasco. O gol foi muito mais por acaso do que por tática. Mas valeu. E o resultado do primeiro tempo deixou o Fluminense no prejuízo: 1 a 0 pro Vasco.

No intervalo do jogo, no vestiário do tricolor, houve mil e um quás-quás-quás. O Denilson, capitão do time, não vacilou em inventar uma desculpa cabulosa:

– Acho que os homens estão chapados. Tão correndo demais.

Essa ideia de jerico ganhou passagem rápida. Se alastrou. Teve um cartolão que, entusiasmado, pegou o rabo de foguete e se botou a berrar pra quem quisesse ouvir:

– Amanhã mesmo vou caguetar essa pouca vergonha pro ministro. Eles vão ver. Vou querer que daqui pra frente a C. B. D. obrigue os adversários do Fluminense a fazerem xixi na canequinha depois do jogo. É sempre assim. Contra a gente todo mundo corre adoidado.

Sem se perturbar com o boquejo do cartola, o massagista Santana, que estava ali ganhando honestamente o seu feijão de cada dia, esfregava a perna da moçada. E assim como quem não quer nada, acendeu um charutão, de umas tragas e deu um alô:

– Cês tão a fim de ganhar esse jogo?

A resposta que veio foi uma chiadeira geral:

–Que qui tu acha, crio[u]llo?

–Tá pensando que nós dispensa bicho?

–Nós tá precisando beliscar eles.

–Só queremos ganhar, negrão.

Então, sem afobação, o Santana deu a lei:

–Então tem que trocar as camisas. A gente tá jogando com as brancas, né? Pois é. Tem que trocar pelas riscadinhas. Se a gente entrar com as riscadinhas vai ser mole. Juro pela luz que me ilumina que quem garante isso é a Cabocla Jurema. Saravá! Já falei. Agora cês faz o que quiser.

Não foi preciso cartola nenhum dar ordem. O roupeiro distribuiu as camisas riscadinhas. E voltaram pra disputar o final com novo embalo. E foi broca. Correr, o Vasco correu. Mas, quando o juiz apitou o tempo regulamentar, o placar marcava: Fluminense 2, Vasco 1.

(continua amanhã)

Quem pode resolver as quizilas do Corint[h]ians (Última Hora de SP – Edição de 22/4/1972. Página 16 Caderno 1)

Ontem contei como o Fluminense, que estava perdendo do Vasco, por sugestão do massagista Santana trocou as camisas brancas pelas riscadinhas e virou o jogo. Longe de mim tentar explicar as mumunhas desta vida. Conheço minhas limitações. Meu puçá tem vara curta e não vai além da superfície. Por essas e outras, só pesco o que aparece boiando nas águas barrentas em que navego contra a maré. Sou repórter de um tempo mau. Registro os fatos que minhas botucas de ver veem. E é assim nesse perereco. Podes crer, amizade. Se te digo que o Fluminense ganhou esse jogo do Vasco porque trocou as camisas é porque é. Isso deu até muito bochicho na ocasião.

De saída, quando os jogadores vascaínos chegaram no vestiário, o Ferreira, um beque que estava lá, foi logo tratando de arranjar desculpa:

– Acho que os homens estavam chapados. Eles correram demais.

Ninguém do Vasco duvidou que a chibaba tivesse sido a arma secreta do Fluminense. E a derrota ia ficar na conta das drogas, quando piou na parada um torcedor meio batusquela, que foi, unicamente por curiosidade, querendo saber:

– Por que os homens trocaram de camisa no meio tempo?

A pergunta do torcedor ouriçou a patota vascaína. Um cartola mais papagaio enfeitado se botou a berrar pra aparecer:

– Não pode trocar camisa. Se eles entraram com as brancas, tinham que ir com elas até o fim. Vamos recorrer à Federação. Esse jogo vai ser anulado. Esse negócio de mudar de camisa é xaveco⁴⁰⁷. Esses pontos a gente ganha.

Mas logo alguém lembrou bem lembrado:

– Olha, quem ganha no tapetão sempre é o Fluminense. Eles mandam na Federação. É bobagem o Vasco recorrer.

E como todos sabiam que isso era verdade, se fecharam em copas. Deixaram o cartola aparecido falando sozinho. E os outros cartolas, pra curtir uma onda de bons esportistas, foram no vestiário do Fluminense cumprimentar os vencedores e xeretar. Com sorrisos falsos, tapinhas nas costas, os diretores do Vasco se intrujaram no ambiente e acabaram descobrindo que a troca das camisas do Fluminense tinha sido mandiga do Santana. Não estrilaram. Saíram de fininho. E dias depois, na moita, contrataram o massagista pai de santo por uma sonora grana.

Só com o reforço do babalaô, o time do Vasco entrou na disputa do campeonato de 70. O timeco continuava o mesmo. Não trocou técnico. Não suspendeu jogador. Foi nas águas do Santana que o Vasco mandou ver. E o massagista virou atração e manchete. As páginas esportivas dos jornais do Rio de Janeiro escancaravam sem a mínima cerimônia: “Pai Santana faz sessão quarta-feira pra ganhar do Mengo domingo”. “Craques do Botafogo vão ao terreiro no morro da Rocinha. Eles temem o Vasco”. “Feliz recebe caixa com boneca enfeitada”. “Biscoito, roupeiro do Flu, garante que tem mais força que o Santana junto dos Orixás”. E nessa catimba, o campeonato foi até o fim. Ninguém ligava muito pro treino. O que pesava na balança eram as rezas. E nisso o Pai de Santo Santana provou ser o bonzão. Ganhou de um por um dos inimigos. E o Vasco foi campeão com um time de cabeças de bagre.

No dia do jogo de decisão do título, foi uma festa. Quando o juiz deu por encerrada a partida, parecia que o Maracanã vinha a baixo. Bandeiras, rojões, flores. Uma beleza. Mas, muito mais bonita foi a demonstração de fé do massagista Santana. Indiferente toda zoeira, o Pai de Santo se ajoelhou no centro do gramado, acendeu dúzias de velas e rezou pros seus orixás e encantados. E só depois de saudar o santo é que foi comemorar nos braços da torcida a vitória do Vasco.

Porém (e sempre tem um porém), os cartolas são ingratos e têm memória fraca. Quando o massagista Santana tentou receber dos cartolas o bicho de vitória da cabocla Jurema, pegou uma invertida. Ganhou um chega pra lá e se danou. Saiu do Vasco. E desde então o Vasco voltou a ser caixa de pancada. E fez um triste papel na Taça de Prata.

E é isso aí. O Vasco, que estava na pior, conseguiu levantar o título de campeão carioca de 70 na base da macumba do massagista Santana. O Corinthians [t]em um time muito bom. Mas, não levanta campeonato há [um] tempão. Troca técnico. Faz experiência. Contrata jogador, psicólogo. E neca. Nas quebradas do mundaréu, se bochicha desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, até onde o vagau pisa com cuidado, que tem um sapo preto recheado de terra de cemitério e com a boca costurada plantado na sorte do Corinthians. O Vaguinho, craque de seleção, se recusa a jogar com a camisa 7 do alvinegro de Ogum. Centroavante do Corinthians pode ser o maior goleador da paróquia, de repente encabula e não marca nem com o goleiro caído no chão. E por essas e outras, a gente toma a liberdade de sugerir os cartolas corintianos o massagista Pai de Santo Santana. Talvez ele funcione mais que técnico e psicólogo. Acho que não custa tentar. Quem anda comendo capim amargo pela raiz pode se agarrar em fio

407 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

desencapado que ninguém repara. O que não pode é o alvinegro do Parque São Jorge ficar caindo pelas tabelas. É necessário que o Corinthians levante um campeonato logo, para o futebol de São Paulo não acabar. Santana é o homem pra fazer milagre.

Reflexões sobre a semana de Ogum (Última Hora de SP – Edição de 24/4/1972. Página 16 Caderno 1)

É isso aí

O padre da Igreja de São Jorge no Rio de Janeiro foi perguntado sobre a cassação do Santo Formoso pelo Vaticano e não fez cerimônia com os otários ao responder:

– Isso foi obra de uma pequena comissão de estrangeiros que não sabem nada sobre a crença do povo brasileiro.

Ibope

A descida do homem na Lua só emplacou na primeira vez. Agora, qualquer novelinha que passa todas as noites dá mais IBOPE do que o homem baixando no satélite da Terra. Desde que se tocou que a Lua não tem dragão, nem São Jorge a cavalo, o povão se desinteressou desse perereco.

Transas do bicho

Na Guanabara, na semana passada, que era a do Santo Guerreiro, nosso Ogum, os bicheiros fortes e considerados recusaram aposta no cavalo. Aqui, ói, gaivota. Se dá milagre, a banca quebra, que todo o povão lesado da sociedade faz fé em Ogum e joga no corcel do Santo Formoso.

Igreja católica e Umbanda

Podes crer, amizade. A religião do povão das quebradas do mundaréu é a Umbanda e o Candomblé. No Rio de Janeiro, são 38 mil terreiro[s]; em São Paulo há 16 mil registrados numa federação e 5 mil na outra. Na Bahia nem se fala e no Estado do Rio existem roças de Santo que ocupam muitos alqueires de terra e pais de santo que reinam sobre multidões. O que salva o catolicismo é que tem muito nego que faz promessa no terreiro e vai cumprir na Igreja.

Santos brasileiros

Tem Ogum Turco, tem Ogum Italiano e tem Ogum Rompe Mato, que é mulato e é brasileiro. Além dele, existem os caboclos, que não vieram da África. São verde e amarelo e só transam por aqui. Nos candomblés puros da nação Gege, Nagô, Keto, Muçurumin, Ala-Keto, caboclo não desce.

No futebol

No Rio de Janeiro, a decisão da Taça Guanabara entre Flamengo e Fluminense começou no terreiro. O Mengo é na Carica o time do Santo Formoso. Por essas e outras, Biscoito, roupeiro do Flu, passou a semana inteira dando de comer ao Santo pra ele não dar colher de chá pro rubro-negro. Lula, artilheiro do tricolor, então, foi mais além. Embora esteja se tratando com o médico do clube, não dispensa os trabalhos do seu babalaô e é nele que bota fé, achando que depende da vontade do Orixá Guerreiro pra poder jogar domingo. Porém, como acha que São Jorge é do Flamengo, o Lula também tem recorrido à Cabocla Jurema. Saravá.

(Ao escrever essa coluna, o Fla-Flu ainda não havia sido jogado.)

O Corint[h]ians

O Corinthians é o alvinegro de Ogum. Mas a torcida parece que esqueceu de fazer as obrigações com o Santo e o timão mosqueteiro anda meio entregue às traças. Mas, em dia de festa de Ogum, eu sou Corinthians.

Valentia e fé

O Tuim e o Vadico eram dois negros ouriçados que tinham embaixada nas quebradas do mundaréu. Nenhum dos dois comia enrolado, nem levava desaforo pra casa. E tinha mais um porém: os dois eram filhos do poderoso Ogum.

Mestre Zagaia, velho cabo de esquadra, diz na sua Tabuada das Candongas:

– Dois bucudos não se beijam.

E se o Mestre Zagaia diz, é porque é. Ele sabe das coisas. Como sabe. No caso do Vadico e do Tuim, não deu outra coisa. Os dois andavam transando pelos estreitos, estranhos e escamosos caminhos do roçado do bom Deus. Cada um deles armou um pesqueiro cavernoso por conta própria e acabaram se atravessando. E aí, já viu. Não prestou. E os dois marcaram um apontamento pra decidirem a parada na valentona. Nenhum se acanhou diante da fama do outro. Ambos se acreditavam e não botaram o galho dentro. Se encararam. E o Tuim, antes de pegar nas armas, pediu proteção ao seu Santo:

– Ogum, meu pai! Me dê tua valia.

O Vadico, ao escutar isso, também se cobriu:

– Meu Ogum de cabeça! Me dê valia.

E aí os dois tremeram nas bases. Pombas! Eram irmãos de Santo. Deram um tempo pra pensarem. Por fim, o Tuim berrou:

– Meu Ogum! Se tu tá comigo, faz que eu acabe com esse nego logo. Se tu tá com ele, faz que ele me apague logo, pra eu não ser esculachado. Agora, se tu não tá nem com ele, nem comigo, sai de lado que tu vai ver uma briga de foice.

E foi aquele salseiro medonho.

O povão acendeu vela

Eu sei que tu que só pega a pior, tu que come bagulho que cata no chão da feira, tu que mora na beira do rio e quase se afoga toda vez que chove, tu que só berra na geral sem nunca influir no resultado, tu que só lê jornal que fica pendurado em banca, acendeu ontem a tua vela pro nosso Ogum. Nosso Santo de fé e de valia é quem nos dá força pra aguentar os repuxos dessa vida, que anda custando os olhos da cara. É nosso Ogum quem nos dá esperança de dias melhores que hão de vir.

As vitórias do Corint[h]ians (Última Hora de SP – Edição de 25/4/1972. Página 16 Caderno 1)

Somos todos obrigados a reconhecer que a curriola de esportes aqui da nossa “Última Hora” fez uma brilhante incrementação pro clássico Palmeiras e Corinthians. O Aduato Vasconcelos e a sua patota sabem das coisas. Porém, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que, quando a equipe de esportes desse nosso conceituado órgão informativo quis saber a opinião sobre o jogão, veio logo em mim por vários motivos. O primeiro é que eles sabem que eu manjo de futebol às pamparras. O segundo é porque eles são meus chapas e

aproveitaram pra dar colher de chá. O terceiro é porque eu estava dando sopa na redação e tal e coisa. Mas também não interessam os motivos. Nessas palas vai sempre haver controvérsias. O importante é que fui ouvido e minha abalizada opinião esparramada para o mundo. E o que disse eu?

Disse que a moçada que joga pelo Corinthians é briosa e não perde duas seguidas. E disse mais: que o Corinthians é o alvinegro de Ogum e o santo formoso não ia deixar o seu time fazer feio justamente no dia em que todo o povão das quebradas do mundaréu estava saravando o São Jorge Guerreiro. Mas, esse empate com o Palmeiras não foi fácil.

Quem como eu tem olhos de ver futebol viu. O alvinegro do Parque São Jorge empatou com o Palmeiras, mas teve que vencer vários inimigos ferozes e traiçoeiros pra poder chegar a esse resultado. Os jogadores do Corinthians tiveram que fazer das tripas coração pra não se deixarem envolver pelas ondas que cartolas aparecidos, corneteiros derrubadores e torcedores ingênuos e desesperados armaram. Batalha medonha essa que os boleiros do alvinegro de Ogum tiveram que encarar.

Tu que só pega a pior, tu que só come bagulho que apanha na feira, tu que mora na beira do rio e quase se afoga toda vez que chove, tu que só berra da geral sem nunca influir no resultado, tu que só lê jornal que fica pendurado em banca, sente o aroma da perpétua.

Só porque o Corinthians perdeu pro Guarani num jogo cabuloso, onde a decisão foi dada na base do espiritismo, fizeram uma zoeira tremenda. A torcida chiou, os corneteiros estrilaram e os cartolas (raça maldita sem personalidade) fizeram a única coisa que sabem. Trocaram o técnico. Nem consideraram o clássico que vinha pela proa. Tiraram o Sarno como se ele fosse o responsável pela derrota e entregaram o rabo de foguete pro Luizinho. Com esse truquinho de Mandrake de Mafuá, os manda-chuvas corintianos queriam banhar a torcida. Deram uma pá de cal na derrota que sofreram pro Guarani. E arranjaram uma desculpa pra perder do Palmeiras. Isso é claro. Técnico velho foi embora por perder do Guarani. Não se fala mais no assunto. Culpado punido. Técnico novo pegando o time de repente não deu pra armar esquema de jogo. Já entenderam, né? É isso aí. Que os cartolas aprontam. Xaveco⁴⁰⁸ e mais xaveco⁴⁰⁹. Eles não acreditam no time. Tanto é verdade que na maior cara de pau cravam na loteca sempre vitória pro adversário do alvinegro de Ogum. E são esses pererecos da diretoria que os jogadores têm que vencer antes de entrarem em campo.

Já com os corneteiros a catimba é mais tihosa. Eles, que têm muito mais amor ao mando do que ao clube do povão, não vacilam em envenenar a torcida contra o técnico, contra os jogadores a fim de, por tabela, atingirem os diretores que estão no mando. Sabe como é. A torcida esculacha o time. O time se apavora. Vai pra cima do adversário como vaca brava, na vontade adoidada de ganhar a qualquer preço e se abre em leque. Daí, toma gols bestas e perde. E derrota do time é a melhor arma que corneteiro fajuto tem pra criar clima de intranquilidade e atucanar a vida dos cartolas. E são essas quizilas nojentas dos corneteiros que os bravos jogadores do Corinthians têm que vencer antes de entrar em campo.

A torcida do Corinthians, coitada, está ceguinha por anos e anos na fila de um título. Se desespera com qualquer derrota. Fica pirada na cuca com as gozações dos torcedores dos outros times e fica burra. Vira a massa de manobra dos oportunistas que voam sobre o Corinthians como urubus. E em vez de ajudarem

408 Termo atualizado; no original de jornal consta “Chaveco”.

409 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

seus boleiros pra honrarem o nome de “fiel torcida”, os otários vão pro campo pra vaiar seus próprios jogadores, que são sem favor nenhum grandes craques e poderiam, com calma, formar um dos melhores conjuntos do Brasil. Até em treino a torcida tem ido ultimamente pra perturbar com vaia seus craques. Como querem que o Mirandinha faça gol? Se ninguém lhe apoia, ninguém lhe dá força, ninguém procura compreender que ele é humano e treme diante de tanto esculacho? Que nada! A torcida do Corinthians só sabe avacalhar seu artilheiro. Tiraram ele da seleção com vaias e assobios. E até contra o Rivelino já tiveram a ousadia de se ouriçarem, espalhando que o grande tricampeão do mundo complicava o time. E contra o Ado fizeram tanta marola, que impediram que o rapaz se transformasse no melhor goleiro do Brasil. Pobre torcida essa do Corinthians, que não espia bulhufas de futebol. E é contra essa aflita-torcida que os jogadores do Corinthians jogam as partidas mais difíceis.

E contra o Palmeiras, os jogadores empataram. Mas, venceram três poderosos inimigos antes de entrarem em campo, com a graça do nosso Pai Ogum, que também é Flamengo.

Como salvar o Corint[h]ians (Última Hora de SP – Edição de 26/4/1972. Página 16 Caderno 1)

Podes crer, amizade, o futebol de São Paulo está seriamente ameaçado. Os cartolas do Rio de Janeiro, pouquinho coisa mais espertos do que os daqui, estão empenhados em levantar o futebol da Carica e andam todos eles a fim de comprar grandes craques por qualquer preço. Porém (e sempre tem um porém), antes de mais nada reforçaram o Flamengo, que é o timão do povão das quebradas e é quem arrasta multidões pro Maracanã. Só depois do Flamengo ganhar moral é que os outros clubes estão se embandeirando pra comprar os Tostão, os Gerson, os Dirceu Lopes. E tá certo tudo isso. Assim, o campeonato deles vai pegar fogo. E só existe um meio do futebol paulista não ir pra cucuia. É o Corint[h]ians não ser sempre o esparro. O eterno candidato ao título. Com o alvinegro de Ogum bem armado, o Pacaembu vai viver a três de alto, com nego se agarrando pelos picos pra não espirrar pelo ladrão. Caso contrário, vão ser aqueles joguinhos chues e a galera vai se esvaziar.

Agora, perguntarão: como salvar o Corinthians? É fácil. Muito fácil. Time o Cotint[h]ians tem. Aldo, Zé Maria, Baldocchi, Luís Carlos, Vaguinho, Rivelino, Mirandinha, Adãozinho, Tião, Pedrinho e o espetacular Aladim são boleiros de seleção. Todos eles são grandes jogadores. Sem contar Miranda e outros que estão na regra três, mas que se vão pro Rio de Janeiro abafam como titulares dos melhores times de lá e vão ser convocados pelo Zagalo. Não é de jogadores que precisa o alvinegro do Santo Formoso. Nem de técnico. O Luizinho entende às baldas de bola. Do mesmo jeito que o Sarno entendia. E se for preciso, o Baltazar e o Rato estão de plantão no Parque mesmo. E eles podem muito bem tomar conta do time. Ambos manjam do assunto. Mas nem é preciso ser cobra de futebol pra dirigir esse monte de craques. Basta um pinta qualquer pra distribuir as camisas. O que precisa o time mosqueteiro é de tranquilidade pra render o que sabe. E é aí que está a chave do mistério.

Tranquilidade pros jogadores e pro técnico é coisa que não podemos esperar de cartolas e corneteiros. Mas podemos esperar que a torcida garanta seus boleiros. É isso mesmo. A fiel tem que entrar na parada pra ajudar. E só assim o Mirandinha e outros acanhados vão desencabular. Garantam o taco do moço Mirandinha e, tenho

certeza, ele será um dos maiores artilheiros do Brasil. Continuem vaiando e ele será um cabeça de bagre. Apavorado. Esmagado com a camisa 9.

É a hora de piar na parada os gaviões da fiel. O torcedor corintiano tem que esfriar a cabeça. Dar um voto de confiança pros seus jogadores. Deixar que eles percam mais duas, mais três, mais cinco partidas, até dez, sem que isso pareça a eles o fim do mundo. Aplaudam o esforço que o Mirandinha faz pra chegar na boca do arco inimigo, mesmo quando, com o gol escancarado, ele chutar fora. Se manquem que ele está no meio da fogueira doido pra acertar, pra dar alegria pra torcida, pra ganhar a partida, prestígio, dinheiro, que futebol é a sua profissão e não é por gosto que ele erra. Entendam que existem mil mumunhas na cachola humana. Se toquem na origem do Mirandinha. Pensem que ele era, ainda há pouco tempo atrás, um menino humilde de cidade do interior. Que de repente foi guindado pro Corinthians, o clube dos sonhos de todos os moleques. Foi lembrado até pra seleção brasileira que é o sonho de todo jogador. E se liguem que essas coisas todas acontecendo pro Mirandinha, que provavelmente não estava escolado pra nada disso, devem ter feito com que ele tremesse nas bases. Considerem que a máscara de vaidade que muitas vezes imaginaram ver afivelada na fuça do Mirandinha, nada mais era do que um capuz que enrastia a insegurança, o medo de não ter forças pra aguentar os repuxos do peso da fama.

O Mirandinha está atravessando um momento muito difícil. O nó dramático de sua existência. A encruza da sua vida. De onde está, ele pode partir pra glória de ser um dos maiores goleadores do mundo, ou se apagar pra sempre. Ele precisa de ajuda. E tu que é corintiano não pode negar. Tem que lhe calçar com aplausos e estímulo. Confira o que já fizeram com o Flávio, com o Silva, com o Nei, com o Benê, e não repitam o mesmo com o Mirandinha. Ele ainda poderá ser o ídolo artilheiro de que o Corinthians precisa pra levantar títulos, se salvar e salvar o futebol paulista.

Mas tu vê se bafo de boca como esse que o Luizinho levou com a imprensa pode conduzir a algum lugar. Ele tirou de campo o Mirandinha, que vinha jogando bem, dando um trabalho endoidado para a defesa do Palmeiras, e colocou no seu lugar o Adãozinho, substituição que muita gente estranhou. Achavam que, se se era pra reforçar o meio de campo, quem devia sair era o Joãozinho, ponta direita que não estava bem. Porém, saiu o Mirandinha. O esparro. E tudo quanto era repórter volante, no final do jogo, foi saber do Luizinho técnico as razões de ele tirar o Mirandinha. Sem cerimônia, o Luizinho botou banca:

– O Mirandinha estava cansado. Não compreendo um jogador da idade dele ficar cansado à toa.

Envenenaram o Mirandinha. Foi xaveco⁴¹⁰ do Luizinho. Isso não se faz. Tem coisa que o técnico não pode falar, mesmo que seja verdade. São coisas que se resolvem com treinos, com conversas íntimas e não com estardalhaço. Deu mancada, seu Luzinho. Falou demais e se rendeu. Já mostrou que não tem personalidade. Mas também, que se podia esperar de um treineiro que entrou para tapar buraco? O Mirandinha precisa de muito apoio. Não façam onda⁴¹¹ em torno dele.

A imoralidade (Última Hora de SP – Edição de 27/4/1972. Página 16 Caderno 1)

Podes crer, amizade. Nos tempos que correm, a mania geral é dar pau em defunto. Sente tu aí que só pega a pior, que só come bagulho que cata na feira, que

410 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

411 Termo atualizado; no original de jornal consta “onde”.

mora na beira do rio e quase se afoga toda vez que chove, tu que só berra da geral sem nunca influir no resultado, tu que só lê jornal que fica pendurado na banca, sente o aroma da perpétua. Toda curriola anda tirando onda de moralista e dando paulada no Dener, no Clodovil, no Clóvis Bornay e em outras figuras do gênero, que ocupam nos veículos de comunicação o lugar de gente que realmente tem valor provado no meio de batalhas.

Muito machão de araque entra de sola nos humoristas costureiros, com o argumento infeliz de que a figura dengosa desses artistas vai fazer a mocidade brasileira virar a mão. Aqui, ói, gaivota. Só joga água fora da bacia e enjoa de mulher quem leva jeito pra coisa. Quem já é, enrustido, uma bela cobaia pra aspirante a Freud. Não vai ser um cidadão que gosta de mulher que vai entortar a fé por influência de um programa de televisão. Mas, deixa isso de lado.

O que quero contar e o que pesa na balança é um perereco que é grave e que no entanto só vejo gente oba-obando. O esquinapo se chama Ira de Furstenberg que nas Europas da vida é manjada pelo zoeira que faz toda vez que troca de marido e que aqui veio como grande estrela, se entrujou nas ovelhas, faturou uma grana sonora em dois dias. Grana que tu que ganha salário mínimo leva uns dez anos pra ganhar e que a estrela atriz da própria novela, a Betinha Mendes, que tem talento, leva uns cinco ou seis meses pra faturar.

Agora, dirá tu que é meio pirado da cuca: sorte da princesinha, que nasceu bonita e encontrou quem pague muito dinheiro pra ela dar seu recado enrolado. E eu te digo. Mas e nós, como é que fica? Tá cheio de ator brasileiro que cantou hino no dia da festa e que anda comendo capim amargo pela raiz. Uns não encontram trabalho. Outros têm que fazer das tripas coração pra receber os humildes cachês, que são pagos quando o caixa está de bom humor. Coisa que é raríssima em caixa de televisão. E nessa gronga toda, se não bastassem os filmes estrangeiros pra tirar nosso emprego, pia na parada a princesa Ira de Furstenberg pra tirar nosso lugar.

Claro que essa moça não vai machucar ninguém. Ela tem formosura, mas lhe falta talento. É IBOPE de um dia só, mora? No primeiro dia o povão vai ligar pra ver o que acontece. No segundo dia, já sabe que não acontece bulhufas e ela fica falando sozinha. Não dá nem pra meter a fuça a terceira vez. Porém (e sempre tem um porém), quem teve a ideia de jerico de apresentar o brilhareco da princesa no vídeo pátrio, é capaz de se entusiasmar com essa catimba. A própria princesa é capaz de chegar nos botecos onde os atores estranhas fazem chacrinha e esparramar que é uma moleza beliscar nosso dinheiro. Vai dizer que nós somos índios e que bastou ela sorrir e, pimba, ficou dona da praça. Que nós não temos do que falar e então badalamos ao máximo qualquer treta desse naipe. E[,] por fim, dará o mapa da mina pros parceiros dela e quando a gente menos esperar, estarão dando as caras no Brasil um monte de canastrões que na terra deles não trampam mais nem em circo. Só sobrevivem de fazer filmeco pra passar na televisão dos países subdesenvolvidos.

Já deram um alô aqui pra mim que o Glenn Ford, um paladino do oeste que tem por aí, está aprendendo a falar castelhano pra vir embromar a gente. E eu não duvido se for verdade. É muito mais fácil pros empresários contratarem canastrões famosos do que capricharem nas produções das novelas. Artistas, escritores, diretores excelentes nós temos. E se não fazemos melhor é porque trabalhamos em péssimas e tristes condições. Por exemplo: um autor de novela é às vezes obrigado a esticar sua história, que foi planejada pra quatro meses, em um troço tihoso de um ano. E até já houve casos de uma novela ter sido espichada pra dois anos e caquerada [sic]. E os autores são obrigados a aceitar. O salário que ganham é bom.

Mas, não dá pra ficar dois meses sem emprego. E recusar um pedido do produtor é cair em desgraça.

Eu não sou contra um grande artista. Se me trazem Shakespeare, se me trazem Charles Chaplin, se me trazem Sir Laurence Olivier[,] se me trazem Jeanne Moreau, se me trazem Vitorio Gassman, se me trazem Toshiro Mifume, se me trazem Dustin Hoffman, a gente respeita. Eles têm técnica, com eles vamos aprender. Mas, Ira de Furstenberg só pode ser piada, falta de imaginação.

Melhor do que essa princesinha, como atriz e tão bela quanto ela, nós temos Odete Lara, Ioná Magalhães, Marilu Martinelli, Maria Della Costa, Leila Diniz, Betty Faria, Norma Benguel, Célia Helena, Cleide Iáconis, Sueli Franco, Marlene Fernanda, Tereza Raquel, Beatriz Segall, Pepita Rodrigues, Eva Wilma. E não boto mais uma montanha de nomes de atrizes (atrizes mesmo) que estão fora da televisão, por falta de espaço.

Agora, quero ver qual o sindicato, qual o profissional, que vai chiar contra a imoralidade de trazer Ira de Furstenberg. Estrilar contra o Dener é fácil. Ela não morde ninguém. Tá escalado pra isso mesmo: receber pancada e chamar a atenção. Já Ira de Furstenberg, os empresários não vão gostar de ver esculachada. Eles botam muita grana na parada. Quem falar contra tá arriscado a ficar sem emprego. Mas vamos nós.

Tá sobrando gente (Última Hora de SP – Edição de 28/4/1972. Página 16 Caderno 1)

Existe muita gente que acha uma bruta besteira, e mesmo afronta, a miséria alheia, as grandes potências gastarem uma fortuna fabulosa pra irem xeretar na Lua, enquanto aqui no nosso planeta de provas o perereco continua cavernoso. Gente engolindo gente, e tal e coisa.

Eu, nesse caso, sou político da atual conjuntura. Nem contra, nem a favor, muito pelo contrário. Mesmo que não dê IBOPE a chegada de astronauta no nosso satélite, mesmo que lá não exista dragão, acho que loguinho a patota mais lesada da sociedade aqui do nosso mundo vai ter que ser largada na Lua. Li não sei onde uma comparação que um escritor fazia sobre a ida do homem à Lua e o descobrimento da América. Se não me falha a memória, foi um livro de ficção científica chamado “Os discos voadores”. Botava pra frente o escritor a seguinte ideia. Quando Colombo foi pedir grana pra uns reis da época dele, virou o esparro da corte. Todos acharam que o seu Colombo estava pirado da cuca. Mas, um rei mais vivo apostou no Colombo. Bimba: fez treze pontos. Adivinharam onde estava o pedaço que faltava do Globo. E não tardou pra mandarem para cá o rebotalho que só aprontava tretas nas Europas. Pra tu ver, vagau. Teu avô não era grande coisa, pelo jeito. Aliás, quanto mais antiga for tua família, mais provavelmente tu descende de pilantras. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que, no caso da Lua, vai dar repeteco. Não demora muito e tudo quanto é pilantroso que anda fazendo e acontecendo aqui na Terra será enfiado dentro de um foguetório e despachado pra Lua, levando como consolo uma escritura de posse de um naco da Lua pra plantar ca[c]tos, jiló e xique-xique, que é o que deve dar bem naquele satélite sem água. Essas grongas brotam até no Ceará. É isso aí. Podes crer, amizade. Vai ser a solução. Porque a velha Terra está apinhada. Tá a três de alto. Tem nego se agarrando pelos picos pra não espirrar pelo ladrão. Só não nota quem não quer ver que o nosso Globo está transbordando de gente. Mas, os fatos que se

vêm escancarados nas manchetes dos jornais são provas claras de que a lotação está esgotada.

Tu que só pega a pior, tu que come bagulho que apanha na feira, tu que mora nas beiras do rio e quase se afoga toda vez que chove, tu que só berra da⁴¹² geral sem nunca influir no resultado, tu que só lê jornal que fica pendurado nas bancas, sente o aroma da perpétua.

Na bela cidade de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, lugar bem apropriado pra piquenique de urubu, tinha tanto nego no desvio que até a polícia notou que era necessário fazer um rapa pra ver se continha os esquinapos que os vagaus que não tinham nada aprontavam pra tirar os badulaques dos que tinham alguma coisinha. E o número de desocupados era tão grande que entupiu as celas da cadeia local. Xadrez pra dez negos ficava com quarenta, sessenta. E virava aquele salseiro. Os mais fortes espremiavam os mais fracos num canto, pra poder sentar. E os mais fracos penavam.

Mais fraco de todos era o Derli. Não foi alimentado a Toddy nem nada. Depois de três dias e três noites em pé, não pode mais consigo mesmo e desabou no chão. Pra que, Margarida? O xerife do xadrez, que é sempre o mais leão (tem quem ache que o pinta pega divisa por antiguidade, mas xerife é mesmo o mais bravo) não gostou do atrevimento do Derli, que caiu quase em cima dele. Sem cerimônia, deu-lhe uma biaba. O desgraçado do Derli, que já estava abrindo o bico de fraqueza, ficou meio morto. Mas, o xerife desconfiou que o Derli estava se fazendo de engraçado pra ficar deitado. E pra tirar a cisma e ver o moço (que na realidade, segundo a informação, era lavrador desempregado e não vagabundo) em pé, na falta de melhores estimulantes, enfiou a fuça dele na boca do boi, que como todos sabem é aquele buraco onde os presos fazem as necessidades. Resultado: o Derli foi falar com Deus. Se apagou. Ou melhor, foi apagado. Unicamente por falta de espaço. E[,] no entanto, na Lua, apenas dois astronautas passeavam. Por que não mandam todos os excedentes pro satélite, né?

Nota alegre

Vejam todos que legal. Parece até mentira, mas é pura verdade. Um canal de televisão que eu ainda não vou dizer qual é, pra não estragar o pesqueiro, está prestes a contratar grandes artistas populares brasileiros. Entre outros que estão na boca, o Talismã (Seu Mumum para os íntimos), Silvio Modesto, Zeca da Casa Verde, Geraldo Filme, Paulinho Carrero. Naturalmente, eles não irão ganhar nem um por cento do que ganhou a Ira de Furstenberg, mas já está melhorando. O que nos faz crer que vale a pena badalar esses ótimos compositores de música popular. Agora, eles vão ter uma chance. E eles merecem.

Walter Silva

Meu chapa Walter Silva, o do Picape do Picapau, campeão absoluto no horário das 10 às 12 horas, dando passagem pelo seu microfone lá na Rádio Bandeirantes pra nossa crônica intitulada “Imoralidade”, publicada neste canto de Uh. Essas coisas nos pegam pelo pé. Obrigado, Walter da Mooca. Tu nem sabe como me deu alegria escutar tua pala. E vamos nós!

Moral da Barra do Catimbó (Última Hora de SP – Edição de 29/4/1972. Página 16 Caderno 1)

412 Termo atualizado; no original de jornal consta “de”.

A Barra do Catimbó é um pedaço maldito que fica encravado nas quebradas do mundaréu, bem lá onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos. E nessas bandas acontecem tantos pererecos cavernosos, que a Barra do Catimbó é considerada, junto com São João do Meriti e Dallas City, campeão mundial de bochichos. Então, já viu. Por gosto, ninguém vai morar nesses redutos. Porém (e sempre tem um porém) a negada lesada da sociedade não tem escolha. Com a vida custando os olhos da cara, tem gente que come capim amargo pela raiz, se agarra em fio desencapado, mata cachorro a grito, dá nó em pingo d'água e até monta mocó na Barra do Catimbó pra poder aguentar o repuxo.

Desse naipe, era o caso do Chininha. O moço sabia onde estava o coringa e tal e coisa. Não era fácil de jeito nenhum. Não comia enrolado. E tinha condições de dar decisão pra qualquer vagau. Só que não queria enguiço. Recentemente argolado com a Dilma, que de saída ficou choca, o Chininha trampava honestamente. Ganhava a farinha do pirão de cada dia com o suor do seu rosto. E não se queixava.

Mas, um dia, se instalou na Barra do Catimbó o Tainha, pilantroso todo cheio de truques e que trazia da Favela do Urubu Com Fome, lugar de onde veio, fama de bandidão. E o Tainha, realmente, era ouriço. Sem fazer cerimônia com otário, foi fazendo e acontecendo. Esculachando quem ciscava na sua frente, o Tainha deixou a Barra do Catimbó toda alvoroçada.

Por culpa do Tainha, a gente boa se viu em palpos de aranha. Muito pai de filho foi firme pro batente e, quando voltou, encontrou o barraco bagunçado pelo pilantra e sua curriola. Um troço ruim. Gente boa tendo que se acanhar por não ter como encarar o vagau. E tudo batia nas antenas do Chininha, que se atucanava com a presença do Tainha na Barra do Catimbó, mas que ia deixando andar, enquanto o pilantra não mexia com o que era seu. Até que uma noite, quando voltou do trampo, a Dilma lhe deu uma pala:

– O tal de Tainha mexeu comigo.

Bateu sujeira. O Chininha se picou de raiva. Saiu do mocó, assim como quem não quer nada, mas foi direto no boteco do Mané Cheiro de Peixe, que era onde o Moisés da Mala, mascateiro, fazia ponto. Fez, então uma transa com o bruto e comprou um revólver a prestação. Depois, voltou pra junto da Dilma, mas não teve sossego. Não fez amor. Não dormiu. Só ficou matutando. Botou na balança a moral do bairro.

Se chamasse a polícia e dedasse, o Tainha ia ficar em palpos de aranha. Os vizinhos perderiam o respeito por ele. A cana arrastava o vagau, mas logo soltava. E daí, coberto de razão, o pilantroso viria à forra. E ele, nessas condições, não poderia se valer. Então, só restava um jeito pra garantir o que era seu. Encarar o Tainha. E logo que clareou o dia, o Chininha saiu na captura do vagau. Não precisou campanear muito pra descobrir o barraco do pilantra. Nem bateu na porta. Entrou na marra e já foi arrebitando o Tainha, que não teve chance de defesa. Logo nos três primeiros tiros que tomou, o bandido foi falar com Deus. Mas, o Chininha estava pirado da cuca e não economizou munição. Enfiou tudo no pilantra. Não teve dó.

O povão, quando soube da façanha do Chininha, se assanhou de alegria. Teve gente que até agradeceu a ele por ter mandado o pilantra pro beleléu. E deram estia pro Chininha se pinotear. Teve lista pra arrecadar dinheiro e outros macetes. Porém, não tardou a polícia entrar na fita. Só que deu a lei do silêncio. O povão se fechou em copas e a polícia marcou bobeira. Teve que se retirar apenas levando o defunto.

Mas, a polícia, no desbaratino, soltou na Barra do Catimbó um cachorrinho e não tardou a adivinhar quem era o autor da presepada. Aí, ferrou o Chininha. Sem choro, o Chininha foi puxar um bom tempo em galera. Tudo porque ele, Chininha, assim como todos os que pegam a pior, que comem bagulho catado na feira, que moram nas beiras do rio e que quase se afogam toda vez que chove, que só berram da geral sem nunca influir no resultado, não levam fé na proteção da polícia.

Tá sobrando gente

Ontem, usando um exemplo que me pareceu bom para provar que o mundo está lotado, contei a história do xadrez de Nova Iguaçu, uma bela cidade da Baixada Fluminense, onde o clima é ótimo pra engordar urubu. Mas, hoje, me pia na pauta um perereco que me parece melhor pra ilustrar o perereco de lotação esgotada. A notícia vem do Recife.

Uma loira e uma morena, num carango de milionário texano, andaram brincando de cegonha na capital pernambucana e largaram treze bebês recém-nascidos na porta de casais sem filhos. Pra mim, isso só mostra que tem gente que mal desembarca no planeta e já tá sobrando. Porém, um gaiato meu chapa argumentou que isso é golpe de publicidade. E o que os pernambucos querem provar é que eles não têm culpa se os desmunhecados escolheram Caruaru pra fazerem o seu congressinho.

Respondendo à freguesia

Paulo de Abreu (Guanabara) - ... “Que história é essa de você boquejar tanto sobre o Corint[h]ians? Você não é Santos? Por que fica metendo o bedelho onde não é chamado? Fala do timéco peixeiro que anda caindo pelas tabelas”.

Olha, Paulinho, eu tou dando uma força pro teu Corint[h]ians, porque tu e tua fiel de araque não ajudam o alvinegro de Ogum. Quanto ao Santos de glórias mil, tu tem razão. Ele tá na pior. Tudo porque uns boleiros mascarados que existem no time resolveram xavecar⁴¹³ o Jair da Rosa Pinto. Por essas e outras, o timão peixeiro anda abrindo o bico até contra o Guarani. O que, de certa forma, é bom. Dá uma vez pros outros. Pena que, por causa dos cartolas, corneteiros e torcedores ranhetas que vão o Mirandinha até em treino, o Corint[h]ians não desencabule.

4.5 – As crônicas de maio de 1972 – Coluna Navalha na carne

Causas e efeitos (Última Hora de SP – Edição de 1/5/1972. Página 16 Caderno 1)

Podes crer, amizade. Falaram tanto, fizeram tanto quás-quás-quás em torno dos costureiros humoristas de júri de televisão, que a Censura não teve outro jeito a não ser chegar o velho carinho de guerra e tacar o proibido nas frágeis figurinhas. É broca. Os costureirinhos tão nessa barca furada de júri de televisão há mais de um ano e, de repente, pra tirarem onda de moralista, a turma que posa de defensor do povo e dos seus bons costumes sem embandeira[r] em nome de família e faz o maior quás-quás-quás.

Claro que esses senhores precisam dar o ar de sua graça pra fazerem média e, naturalmente, é muito mais suave falar contra a imoralidade das bicharocas da tevê do que ter coragem pra dizer que a vida anda custando os olhos da cara e miséria gera muito mais aberrações do que um júri cocoroca de televisão. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que tem muita

413 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecar”.

mumunha nesse catado na feira, tu que mora nas beiras do rio e quase afoga, tu que só berra da geral sem nunca influir no resultado, sente o aroma da perpétua.

Lá no Rio de Janeiro, onde qualquer esquinapo vira moda, a curriola só boqueja sobre o assunto. E o que toda a patota que gosta de cascata diz é o seguinte. O maior sucesso da vida noturna carioca é o travesti Valéria. Seu show numa boate era super-badalado e agora ficou pior. Todas as noites a alta sociedade baixa inteira pra assistir à boneca cantar e fazer dengo. Não resta dúvida que quem vai ver a Valéria é o pessoal da caixa alta. Pé de chinelo não pode gastar grana à toa. Até mulherio bacana deu pra encher a boca pra oba-obar as qualidades de boneca Valéria. Na saída da boate, ficam filas e filas de gorgotas endinheirados de cheque na mão abanando pra frágil criatura. E é aí que tá o nó.

Toda vez que a Censura faz campanha contra um troço, o negócio [a]borta. Foi assim no caso do palavra. Proibiram o bruto no palco e foi um chuí. Gente fina, que não era de xingar, passou a falar como vagau das quebradas. Fizeram campanha violenta contra a maconha e o consumo da erva maldita aumentou às pamparras. Agora, botam as bruxas na fogueira, por elas falarem fino e, pronto, a Valéria passou a retumbar. O que é mesmo de entortar o patuá.

Mas, o sarro vai ser uma presepada que o Dener vai aprontar. Ele, que fala fino e tudo mais, é pai de dois filhos. Então, não vai deixar os moralistas entrutarem ele. Vai meter um mandado de segurança e garantir seu direito de apresentação na tevê. E quem se ouriçar e falar mais do que deve, vai pegar processinho e vai ter que provar na frente do juiz que ele, Dener, é tal e coisa. Porém (e sempre tem um porém), se a invocação da Censura for só contra seu jeito de falar fino, o Dener também quebra o galho. Vai fazer um curso de dicção e empostação de voz na Escola de Arte Dramática de São Paulo, da qual, após o curso, até delicadas menininhas saem falando grosso.

Aí é que vai ser legal. Seu Flávio pede opinião:

– Que você acha desse cantor, Dener?

A câmara⁴¹⁴ cresce em close do costureiro e ele, de voz empostada, dá seu recado:

– O cantor é um luxo.

A macacada se assombra com a voz grossa do rapaz. Daí, a câmara⁴¹⁵ se afasta pra plano geral e deixa ver o sapatinho de salto alto e a perninha cruzada do costureirinho. E a guerra vai se avacalhar. Os moralistas vão dizer o que? Pois é. Falar grosso nunca foi sinônimo de machão. E muito nego que está chiando grosso não vai querer discutir o assunto pra não aparecer seus podres boiando.

Bochichos das quebradas

Muita gente por aí anda falando que sou profeta. Mas, que nada. Não sou adivinho. Apenas vejo as coisas com meus olhos de bem ver, boto os pererecos na balança, analiso os fatos e antevejo as consequências. Podes crer, amizade. Não é mistério o meu babado. Tudo é na base da ciência. Não uso nem de leve os truquinhos de Mandrake de Mafuá, embora manje os trambiques todos, por ter mil e um anos de janela e duzentos e dois de quarteirão. Mas, deixa isso de lado. Toda a curriola que me lê diariamente sabe que eu sou eu. Não preciso ficar me oba-obando. Longe de mim tal pretensão. Porém (e sempre tem um porém), me alegra ver que as palas que eu dou, que parecem a muitos trouxas um negócio feito na base do agrião, de repente piam na parada e deixam a galera encabulada.

414 Termo atualizado; no original de jornal consta “camara”.

415 Termo atualizado; no original de jornal consta “camara”.

Olha aí. Outro dia escrevi que a solução pro Corint[h]ians Paulista era o massagista Pai de Santo Santana. Lembram? Saíram duas crônicas contando como o babalaô Santana tirou o Vasco da rabeira do futebol pra lhe dar o título de 70. Falei e disse. Bem, e aí está. Sexta-feira passada, o próprio massagista Santa[na] veio de Recife transar com o Almir de Almeida. E podes crer, amizade, se o Corint[h]ians contrata o Santana, não vai ter malfeito que pare o alvinegro de Ogum.

Por essas e outras que, depois da derrota do Corint[h]ians para o Juventus, o povão que berra da geral sem nunca influir no resultado fazia um tremendo quás-quás em torno das dicas que a gente dá. Quem sabe das coisas, quando escancara, faz a terra tremer. E não tem erro: a solução pro Corint[h]ians é o massagista babalaô Santana.

Respondendo à freguesia

Clarinda Amaral (Junfiatebá) – ... “Li numa revista que você ia pra Tevê Record, pra Tevê Rio e ia junto com a Dercy Gonçalves pra Tevê Bandeirantes. Afinal, pra que televisão você vai?”

Veja você, Clarinha. Eles só não falam que eu trampo no Canal 5, Tevê Globo, na novela “Bandeira 2”, do Dias Gomes. Também, o que faço não passa de figuração inteligente, né? Mas, mesmo assim, sou atualmente contratado da Globo. E por força de contrato, os demais canais estão entupidos.

Plínio Marcos e suas dicas para o teste 86⁴¹⁶(Última Hora de SP – Edição de 2/5/1972. Página 8 Caderno 1)

Plínio Marcos Cravou onze pontos no teste 85. Garante que chega aos 13, no próximo teste. Para isso, marcou triplo no jogo do Corint[h]ians, no clube que, no seu entender, se transformou, com os últimos resultados, na maior zebra da Loteria Esportiva.

Palmeiras X Portuguesa

1Sou Palmeiras. A Portuguesa é o único time que tem dois pontas e por essa e outras joga de ladinho. Hector Silva não vai fazer milagre, vai ser mais um para embolar o jogo no meio-de-campo.

Guarani X São Paulo

2Se o São Paulo não desabar em campo de canseira, vence fácil. O Guarani ganhou do Santos e do Corint[h]ians, mas isso não é vantagem.

Corint[H]ians X Ponte Preta

3 Em jogo de alvinegro de Ogum ninguém sabe o que pode acontecer. O Corint[h]ians é a grande zebra da loteca e a Ponte Preta a maior graça que fez até agora foi ganhar do Juventus. Triplo.

Coritiba X Colorado

4 O Coritiba vai ganhar. O Colorado é uma espécie de Portuguesa de lá[.] Joga bonitinho mas não faz gol. O Coritiba vai faturar de barbada.

Maringá X Pontagrossense

416 Texto publicado excepcionalmente na seção Loteria do jornal Última Hora; há outro texto do autor publicado na mesma data e jornal pela coluna Navalha na carne.

5 O Maringá vai vencer[,] pois o jogo será na bela cidade do barro vermelho. Além do que o Maringá ainda não perdeu neste primeiro turno. O Pontagrossense é grosso demais. Coluna um.

N. Hamburgo X Internacional

6 A gente ficou sabendo da existência de alguns times lá no Rio Grande do Sul por causa da loteca. Novo Hamburgo e Internacional é o mesmo [que] São Cristóvão e Flamengo. Nunca foi tão fácil de meter coluna dois.

Gremio X Esportivo

7 O futebol gaúcho anda caindo pelas tabelas que nem zebra dá. Dois pontos ganhos já estão aí. O Grêmio fatura fácil.

Bahia X Jequié

8 O Bahia anda legal. Mas o Jequié fez um bom treino durante a semana com pelota de mamona: é capaz da bola atrapalhar um pouco o Jequié. Por essas e outras eu sou mais Bahia.

Atlético X Galícia

9 Esse é daqueles jogos duros da gente assistir. De qualquer jeito quem perde é a torcida. Triplo aí pra depois não ter nem que saber o resultado.

Botafogo X Campinense

10 Nesse joguinho aí da Paraíba eu sou Botafogo. O Campinense anda mal com Deus. Foi campeão e tal e coisa mas não está mais enganando ninguém. Botafogo fácil.

Nautico X Santa Cruz

11 O Santa Cruz pode não ter bom time[,] mas tem bons macumbeiros trabalhando pra ele. E isso em futebol resolve. Podes crer, amizade. *Vale mais um pai Santa*, que é massagista do Santa Cruz, do que um psicólogo no Corint[h]ians.

Rio Branco X Vitória

12 O Rio Branco está com uma boa equipe, enquanto que o Vitória é só o nome. É um time mais bagunçado que o Corint[h]ians. Entra em crise toda vez que não consegue manter a tradição do nome. Coluna 1.

Alagoano X Brasil

13 Taí o que a gente pode chamar de *briga de foice no escuro*. Se botassem os 22 jogadores na selva amazônica a estrada ficaria pronta logo. Eles maltratam a bola e o campo. Triplo.

Quem fala muito se entorta (Última Hora de SP – Edição de 2/5/1972. Página 16 Caderno 1)

Uma patota que estava catando lata, matando cachorro a grito e dando nó em pingo d'água, mas que bem por isso deixava de ver televisão, de tanto se ligar em fila de bandido americano, teve uma ideia de jerico. Resolveram se juntar e tirar o pé do lodo com uma catimba das mais cavernosas, que é a de raptar ou sequestrar pessoas. Planejaram tudo como manda o figurino e esclarearam [sic] pra vítima um

menininho, filho de um milionário, sócio do chefe da curriola que ia fazer o salseiro. A bem da verdade, foi uma moleza passar a mão no garotinho e enfurná-lo num mocó das quebradas do mundaréu.

Depois, foi aquele babado que todo mundo manja de gíbi. Mandaram cartinha desbaratinada pro pai do garotinho, explicando que, se ele quisesse ver o filho vivo, teria que se fechar em copas, não dar o serviço pra polícia, encher uma pasta de grana viva e sonora e largar num ponto que eles marcaram. Claro que o pai aflito nem vacilou em comparecer com a sua parte no trato. Por sorte dele, os vagaus, assim que botaram as patas na bufunfa, soltaram o garotinho.

Aí, o pai da criança não fez mais segredo. Chamou a polícia e contou o perereco todo. Porém, era um pouco tarde pra levantar pista. Os tiras fizeram das tripas ao coração, mas marcaram bobeira. Não adiantou nem soltar os cachorrinhos na campana dos raptoreis. Eles eram estreatantes, não tinham transas com a bandidagem manjada e nessa base não teve pedal. O caso ficou tão misterioso, que até pai do garotinho ficou na mira como suspeito. Tinha gente que achava que o homem fez a treta com o filho pra salvar um dinheiro e engrupir imposto de renda. Mas, não deu em nada. E tudo ia ser arquivado, quando apareceu um corpo todo picotado de bala, num dos atalhos mais esquisitos, escamosos e estreitos do roçado do bom Deus.

Claro que cadáver abandonado na estrada já não assombra ninguém. Todo mundo bota o defunto na conta do Esquadrão da Morte e deixam por isso mesmo. Acontece que esse presunto não ficou barato. Um tira resolveu investigar sua origem e descobriu coisas interessantes. Os negos que tinham negócio com o falecido não regatearam em informar que ele andava na pior, todo cheio de dívidas e comendo capim amargo pela raiz. E, de repente, apareceu no seu pedaço, de roupa nova, de fusca zerinho e todo embandeirado. A apumada que o defunto, quando vivo deu, despertou a inveja da vizinhança. Mas, mesmo os mais xeretos não conseguiram descobrir de onde veio toda a grana. O que souberam é que o pinta não tinha ganhado na loteca, nem no bicho, nem nos burrinhos. Mas, essas dicas já serviram pro tira. Ele foi puxando a ponta da fieira e acabou esquentando. Descobriu o resto da patota que era chegada ao defunto e que também estava durenga e que de repente se arrumou.

O tira, que não era fácil, não se afobou. Manjou bem os tipos e logo sacou quem era o que levava mais jeito de otário. Deu um aperto no papagaio enfeitado e ele se rachou de alto a baixo. Quanto ao defunto, ele confessou que eles é que tinham apagado o pilantra, porque ele estava se exibindo muito e muita gente já estava desconfiando da fortuna dele. Pra evitar quás-quás-quás, mandaram o otário falar com Deus. Mas, mesmo do Além, ele ainda entrutou todos os chapas, que vão curtir uma cana dura.

Bochichos⁴¹⁷ das Quebradas

Tem muita gente boquejando assanhado sobre o Festival de Música Popular de Goiânia, que vai se realizar no dias 17, 18 e 19 próximos. O júri vai ser presidi[d]o pelo meu chapinha Carlos Imperial, o maior curtidor do Brasil, e terá uma curriola das mais firmes dando nota. Entre outros, lá estarão: Solano Ribeiro, Moisés Fuks, Peri Ribeiro, Paulo Sérgio, Jaguar, Egberto Gismene. De São Paulo, vai o badalado colunista aqui da nossa “Última Hora”, o Giba Um. Agora, a atração do júri é a coleguinha jornalista Risete Lumer, que é doce e bela. A apresentação do pagode é

417 Termo atualizado; no original de jornal consta “Bochinos”.

da Arlete Salles, e quem tá organizando tudo é o jornalista Artur Rezende. Vai gente às pamparras nessa jogada. Podes crer, amizade, a pedida é legal.

Respondendo à freguesia

Otavio de Araujo – “Por que você não publica em livro as histórias da Barra do Catimbó? Elas são um barato. Eu gostaria de conhecê-las todas”.

Taí, Tavinho, um troço que eu tenho vontade de transar é um livro sobre a Barra do Catimbó. O que me falta é tempo pra dar o capricho. Mas, um dia a gente chega lá. Mas, muito obrigado pelas boas palavras. A gente às vezes sente falta de um embalo.

Os convites (Última Hora de SP – Edição de 3/5/1972. Página 16 Caderno 1)

Às vezes os jornais e revistas trazem notícias que são de entortar o patuá. A gente lê e até encabula. Fica cismando onde será que eles inventam as tretas ou descobrem os pererecos. Por exemplo: semana passada a imprensa deu farto noticiário sobre os convites que eu recebi pra deixar a Tevê Globo e me mandar pra Tevê Rio, pra Tevê Record e pra Tevê Bandeirantes. Chegaram a dizer que as propostas que recebi eram milionárias e que eu seria escalado pra ser autor da primeira novela a cores da tevê brasileira e também daria recado como galã.

Vejam só. Eu, de galã colorido, ia ser um perereco dos mais tinhosos. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que não houve convite nenhum. Ao ler as revistas e jornais que anunciavam esse babado de contrato, até eu entrei de gaiato. Pensei que uma multidão de diretores artísticos e empresários viriam se acotovelar na porta da minha casa a fim de pegar o meu chamegão embaixo de um contrato. Acreditei tanto que até ensaiei a família toda para ajudar na forra que ia tirar contra a patota que viesse me contratar. Mandeí a dona Luiza se preparar pra servir café sem açúcar pra uns e outros, dei alô pros meus pivetes pra eles não vacilarem em fazer xixi nas pernas dos pintas, combinei a palmada de araque que ia dar em cada um deles só pra desbaratinar o empresário molhado. Tive a paciência de encher uma garrafa de uísque estrangeiro com a maior zurrapa que existe na paróquia e fiquei esperando os homões piarem na parada. Mas, que nada. Tudo não passou de cascata. Tudo continuava como sempre.

Empresário brasileiro só convida pra trabalhar a Ira de Furstenberg. Pelo menos eu nunca, em toda a minha carreira, fui convidado pra coisa nenhuma. E olha que já tenho vinte anos de profissão. Estreei no Pavilhão Teatro Liberdade, fiz minhas gracinhas no Circo Rubi, no Circo São Jorge e em muitos outros. Fui ator da Companhia Cacilda Becker, do Teatro de Arena, da Tevê Tupi e agora estou na Globo. Escrevi mais de vinte peças, ganhei prêmios de montão, cadeias, elogios e esculachos. Já fui aplaudido e vaiado. Já esqueci o texto em cena aberta e morri vestido, já caí do palco e no palco. Quase nada me resta acontecer nessa bela profissão que escolhi. Mas, nunca fui convidado pra trabalhar. Juro por esta luz que me ilumina que sempre fui eu que me ofereci.

Me lembro bem que pra Tevê Tupi mandei o Luís Gustavo dar uma dica pro Cassiano Gabus Mendes que o legal era eu escrever uma novela. Ele relutou. E acabei entrando de ator na novela do Bráulio Pedroso, o “Beto Rockfeller”. Emplaquei de Vitório, papel que o Juca de Oliveira não quis fazer, porque queria tirar férias e viajar pra Europa. Sorte minha. Fiz um bruta sucesso. Aí, um dia, o Walter Forster [sic] me chamou e, sem cerimônia, falou:

– Os homens te convidaram pra baixar o ordenado. Não é só contigo. É economia.

Aqui, ói, gaivota. Nessas sujeiras não entro e não adianta convidar. Nem considero. Passei no lance e fui trampar no Sindicato dos Têxteis.

Aí, depois de um ano, encontro meu chapa Renato Correia de Castro na rua e lhe dou uma pala:

– Ô, Renatão, fala lá com os homens da Globo que eu ando a perigo perpétuo. Mas avisa que eu sou dos que ganham bem.

Amigo ponta firme é o Renatão. Transou às baldas. Quebrou umas broncas antigas que tinham comigo na Globo e depois deu seu alô:

– Pode ir lá.

Eu fui e estou até hoje fazendo uma figuração inteligente na “Bandeira 2”. Já me ofereci umas cinco vezes pra escrever novela. Até agora eles lá não me deram a mínima bola. Mas, eu não me afobo. Sei esperar. Quero (e quero muito) escrever uma novela, porém nem em preto e branco recebi convite, quanto mais a cores. E é isso aí, sem chimbu e sem papo furado. Dá pra ver que minha vida não é uma beleza e esse negócio que saiu no jornal e nas revistas é legal. Dá moral junto ao público e tal e coisa. Mas, eu não estou a fim de nada disso. O que eu queria pra mim e pros meus colegas era um pouco de segurança. Regulamentação da profissão e outras garantias que não temos.

Bochichos das quebradas

O povão tá falando muito da festa de 1º de Maio que o Sindicato dos Tecelões de São Paulo realizou na sua praça de esportes. Dizem que foi um plá legal. Teve demonstração de karatê, com os alunos e alunas do Paulo e teve também um pagode pras cabeceiras com Talismã, Zeca da Casa Verde, Geraldão, Toniquinho, Carreira, Silvio Modesto, que foram comandados pelo Carlão da Vila Maria. Nós não pudemos piar no pedaço. Mas, os tecelões sabem que, se eu não fui, é porque não deu mesmo pra ir. Sou chegado a eles desde velhos 1ºs de maio.

Banda Bandalha vista pelos CVS

O Carlinhos escreve no jornal “Artes” e deu uma pala sobre a Banda Bandalha. Aí, tu já viu. Falou da nossa banda, falou comigo mesmo. E nada fica no barato. Podes crer amizade. A Banda Bandalha é o pagode mais embandeirado de São Paulo e um dos maiores do mundo. Mas, relaxe a tua bronca, meu lorde. O Carlinhos Von Schmidt não esculachou a banda, não. Apenas ele, como confessa no seu artigo, estava acordando quando botou suas botucas no pagode. Estava também em falta pra ir cortar a fita verde e amarela e inaugurar a piscina na Lucia Fleury e, por essas e outras, achou que tinha pouca mulher na banda. Isso é grave, Carlinhos. Muito grave. Mesmo com os olhos fechando de sono, eu vejo mulher. E tu não viu as da banda. Tinha perto de cinco mil pessoas no pagode e nessa curriola, a metade era mulher. Só a ala do Cisotto, Lorde Batusquela, veio com cada peça de fazer padre perder o rumo. E tinha a rainha e as princesas do Carnaval, e tantas mais. Podes crer, amizade. Por falta de mulher, ninguém ficou em jejum. Mas, como mulher nunca é demais, na próxima saída da Banda, traga algumas do teu harém.

No mais, o negócio de general não é ideia minha. Não sou general nem de fancaria. General da Banda é o Blecaute e ninguém vai ficar contra ele por isso. E tuas ideias serão bem recebidas como sempre. Apareça no pedaço do Mais-Mais e vamos combinar os troços que tu tem aí na tua cachola.

Ontem à noite, o povão das quebradas do mundaréu se embandeirou, fez pagode e bateu atabaque, bebeu cachaça e oba-obou até as primeiras horas da matina em comemoração à estreia da novela “Bicho do Mato”. Claro está que a gente boa não dá tanta importância assim a uma novela de televisão. Porém (e sempre tem um porém), essa novela, pra nós da Banda Bandalha é pra muito nego que se atucana pelos caminhos escamosos, esquisitos do roçado do bom Deus, significa coisa às pampas. Marca a estreia como autor do Renatão Correia de Castro. Nessa novela é parceiro do Chico de Assis. O Chico é autor teatral, jornalista, compositor e tantas outras coisas. “Missa Leiga”, esse sucesso que a Ruth Escobar produziu, é de autoria do Chico de Assis. Portanto, o Chico piar na parada como autor de novela não é surpresa. Já o Renatão fazia ontem, naquele primeiro capítulo, o seu “debut” como autor. E ele é nosso chapa. Ponta firme. Irmão. Positivo. Nego bom, sempre de plantão pra dar uma estia aos amigos.

O Renatão é daqueles que tiram a camisa pra servir [a] um vagau com frio. E por essas e outras, com enorme patota torce por ele. E vibrou a patota. Vibrei eu, que desde que cheguei a São Paulo acostumei a ter o Renatão como uma retaguarda certa pra me garantir. Foi ele quem me arranhou emprego de carregador de tapete na peça “Cesar e Cleópatra”, que a Cecília Becker montou. Foi ele que me levou pra Globo. E foi ele que me fez tantas vezes favores. Sem nunca esperar recompensa, nem de mim, nem de ninguém que ele ajudou. Por ser o Renatão tão nosso amigo, estávamos todos de toucas acesas no lance. Toda gente doida pra soltar foguetórios em honra do chapa, mas querendo ver o resultado.

E o resultado foi escancarado no vídeo. Belo trabalho. Quem manja os parceiros Chico e Renatão sabe o que é de um e o que é do outro. E podes crer, amizade. Essa dupla vai fazer a terra tremer. Eles não estão da marola de televisão a passeio. Não entram de brincadeira nessa dança. Todos os dois são homens de televisão e acreditam no maior veículo do nosso tempo. Vão pras cabeceiras. E essa parceirada tem tanta força que logo vai pro horário das dez horas e aí então, retumba.

Renatão

Esse autor que surge é um pinta todo cheio de mumunhas. Quem encontrar com ele na rua ou no seu escritório vai, à primeira vista, ter a impressão que está diante de uma fera. Mas é tudo cascata. Proteção que o gordão usa pra esconder seu enorme coração de manteiga. E o bigodão é pra não deixar sair ranho quando ele chora à toa por qualquer besteira. Mas, pra entenderem melhor o Renatão e como ele é, nada melhor que uma presepada que o bruto aprontou.

O cachorro louco

Renatão vinha descendo a Vinte e Três de Maio no seu fusca e com a fuça de homem mau que usa nos trânsitos desta vida, quando viu na beira da guia um cachorro deitado, mas se remexendo. Com o mau humor que sempre aparenta, o Renatão berrou pra namorada vários palavrões impublicáveis e depois disse o que queria:

– Algum desgraçado atropelou o cachorrinho e deixou o coitadinho morrendo aí na guia.

Sem esperar resposta, o Renatão brecou o fusca, saltou do carango e foi entender o babau. Aí se deu o esquinapo. O cachorro só estava se fingindo de morto pra ver quem ia no seu enterro. E mal o Renatão se aproximou, o cachorro se levantou babando e com o rabo entre as pernas e mordeu o Renatão. Daí, foi um perereco. O Renatão se apavorou. Correu pro fusca e desembestou à procura do irmão Cirão, que é veterinário competente, mas que assim que se formou teve como cliente o Antunes Filho. Não é grupo, não. O médico particular do grande diretor de “Em Família”, peça de Oduvaldo Viana Filho, o Vianinha, que faz sucesso no Auditório Itália, é o veterinário Ciro Correia de Castro.

Mas, deixa isso de lado. O que quero contar é o que pesa na balança é que o Renatão procurou o Cirão pelo[s] pagodes da noite. Esteve no Camisa Verde e Branco da Barra Funda, esteve no Paulistano, ali na Liberdade, e por fim encontrou seu mano num samba que o Dalmo estava fazendo na Vila Mariana. Contou treta pro Ciro e os sintomas do cachorro. O Ciro não fez cerimônia em afirmar:

– O cão tá louco. Precisamos achá-lo.

E os dois juntos pegaram um caixote de cerveja e saíram na captura do cachorro louco. Lutaram com a fera, mas a prenderam no caixote de cerveja e a entregaram pras autoridades competentes pra cuidarem de bicho muito louco. Daí, os dois irmãos, felizes por terem salvo a humanidade da raiva, foram comemorar num boteco. Estava bebendo uma cerveja, quando o Renatão chiou:

– O lugar onde ele mordeu tá doendo às baldas.

O Cirão levou um bruto susto e foi correndo levar o Renatão ao hospital, antes que ele começasse a morder os outros. Porque, segundo o Cirão, louco o Renatão já era, por querer, mesmo envenenado, cuidar antes do cachorro do que dele. Pois é. Pode parecer loucura. Mas o Renatão Correia de Castro é isso aí. Pensa antes nos outros do que nele.

Então, eram os seus amigos que estavam comemorando o sucesso de estreia do primeiro capítulo da novela “Bicho do Mato”. Vai emplacar. Vai dar IBOPE às pampas. Só a moçada que gosta do Renatão garante o recorde de audiência. Mesmo não sendo preciso, porque o público vai se debulhar. Foi bola na rede. Bravo, Bandido Chico! Bravo, Lorde Renatão da nossa Banda Bandalha! A gente se orgulha desse sucesso. Vamos em frente!

O gol e a morte (Última Hora de SP – Edição de 6/5/1972. Página 16 Caderno 1)

O ataque mais fabuloso de todos os tempos no futebol brasileiro foi, sem dúvida nenhuma, o do Santos F. C. de glórias mil, em 58. Dorval, Jair, Pagão, Pelé e Pepe formavam uma linha que desconhecia ferrolho, retranca e outras bobearias desse naipe, que só servem pra enfeiar uma partida.

No tempo dessa linha, o Santos F. C. de glórias mil podia até perder. Sabe como é que é. Até araruta tem seu dia de mingau. Porém (e sempre tem um porém), pra ganhar do alvinegro peixeiro os inimigos tinham que fazer gol. Muitos gols. Tantos gols que, no fim, o resultado ficava parecendo placar de jogo de basquete.

Juro por essa luz que me ilumina, que uma vez que deu zebra o Jabaquara, um timeco que era muito querido mas que só tinha as camisas, faturou o Santos F. C. de glórias mil. Mas, pra dar zebra, o Jabaquara, que era a caixa de bancada do campeonato paulista, teve que virar bicho e fazer 6 gols. Isso porque, nessa noite, a linha do alvinegro da Ilha de Iemanjá estava pouco inspirada e só fez 4Seis [sic] a quatro pro querido Jabuca. Nas sociais do alçapão da Vila Belmiro, ninguém estrilou.

Todos ali presentes haviam visto um grande espetáculo, haviam visto gols, que são a alegria do futebol.

E é isso aí. Podes crer, amizade. O negócio é bola na rede, é o que sacode, emociona e até mata. E a linha do Santos F. C. de glórias mil matava mesmo. Mas, não tinha importância. Morrer de gol do time da gente deve ser mais doce do que morrer do mar do Caimi. Ruim deve ser quando se morre por pixotada da defesa. Aí, não presta mesmo. É uma gronga. E nesse tempo a defesa do alvinegro peixeiro também fazia o coração de muito torcedor ir pro bebeléu. Mas, até nesse escore macabro a linha do Santos F. C. de glórias mil ganhava da defesa.

Lembro-me de um jogo terrível. Foi em 1958. O que morreu de gente nessa partida não foi brincado. Foi contra o Palmeiras o jogo. E por causa dele, cinco torcedores foram falar com Deus.

O Santos F. C. de glórias mil entrou em campo com Manga, Hélvio e Dalmo; Fiote, Ramiro e Zito; Dorval, Jair, Pagão, Pelé e Pepe. Os polenteiros se alinharam com Edgar, Waldemar e Edosn; Formiga (nesse tempo no Palmeiras), Fiume e Dema; Paulinho, Nardo, Mazzola, Ivã e Urias. O jogo começou embalado. Lá e cá. Tudo taca a taca. E[,] de repente, a defesa praiana marcou bobeira e o ponta esquerda do Palmeiras não vacilou. Meteu no barbante.

Sem se afobar, o ataque santistas deu a saída e Pelé empatou. Um a um. Os palmeirenses tremeram nas bases. Ficaram de zonzeira. E o genial Pagão não fez cerimônia com os otários. Aproveitou uma deixa e meteu a redonda na caçapa. Os craques do time periquito sentiram o aroma da perpétua. Endoidaram. Rolaram a bola e saíram correndo como vacas bravas atrás dela. A moçada da baixada santista não era de correria. Deixaram andar. E o Nardo, de cabeça, empatou o jogo. Pro Palmeiras ficou legal. Dois a dois era bom resultado pro primeiro tempo. E pra segurar o placar, foram os onze polenteiros pra baixo da própria trave e ficaram plantados lá.

Já naquele tempo essa apelação era besteira. Principalmente contra o Santos F. C. de glórias mil, que tinha uma linha de artistas geniais. Cinco craques. Disse cinco. E disse bem. Linha pra mim tem cinco jogadores. Isso pode ser antigo. Mas, que se dane. A coisa de que o povão que berra da geral gosta é de gol. E linha de cinco faz mais gol do que a moderna linha de atacantes de três, de dois e até um, que usam por aí. Mas, deixem isso de lado. O que quero contar é o que pesa na balança é que o Palmeiras empatou e se fechou na retranca. Se danou. No toque, a linha peixeira foi abrindo as brechas e balançando as redes inimigas. Dorval, Pepe e outra vez o genial Pagão fizeram as contas do rosário. Cinco a dois pro Santos F. C. de glórias mil foi a contagem do primeiro tempo.

No vestiário do alvinegro das belas praias de Iemanjá o tesoureiro aproveitou o tempo pra, com tranquilidade, pagar o bicho. Já no lado dos polenteiros o perereco ficou escamoso. Os corneteiros alviverdes chiavam paca. Os cartolas apertavam o técnico. E esse, apavorado, com medo de perder o emprego, esculachava os jogadores e pedia ao seu orixá pra que eles fizessem das tripas coração, não pra ganhar, que parecia impossível, mas pelo menos pra evitar o vexame. E os craques palmeirenses, a bem da verdade é preciso que se diga, eram briosos e prometeram endurecer. E voltaram pro segundo tempo espumando pelos cantos da boca.

Já os craques praianos entraram em campo só pra fazer graça. Cheios de gás e picados de raiva, os polenteiros foram à forra. E quando menos se esperava, Mazzola, Paulinho e outra vez Mazzola deram o troco e o jogão ficou empatado: 5 a 5. Aí morreu o primeiro torcedor. Ele estava abanando sua bandeira da geral. E quando a defesa do Santos F. C. de glórias mil aceitou o quinto gol, o pobre homem

não se aguentou. Largou a bandeira e desabou. Um morto por culpa das falhas da defesa. O defunto provocou aquele alvoroço. Mas, nem por isso o jogo parou pra fazer minuto de silêncio. Foram tirando o corpo da vítima e a bola rolando. Estava toda a curriola pensando que a partida ia acabar 5 a 5. Por essas e outras, muitos xeretas se ligaram no falecido e nem viram o Urias, ponta-esquerda do Palmeiras, meter o sexto gol no barbante peixeiro. O que todos viram foi mais um infeliz empacotar por culpa da defesa do alvinegro santista. Esse se apagou nas numeradas. Culpa da defesa do Santos F. C. de glórias mil, que estava transformando uma vitória retumbante, numa derrota de encabular até os maiores caras de pau. Porém, o juiz ainda não tinha apitado o fim da partida. E o ataque do Santos F. C. de glórias mil daquele tempo não se assombrava com nada. Nem com as chineladas que a defesa do Palmeiras dava pra espantá-los da área. Aliás, aproveitavam pra cavar falta. O juiz estava com uma bruta má vontade de apitar. Custou pra ele marcar uma infração contra o Palmeiras. Fechou os olhos pra uns dez pênaltis claríssimos, desses que até juiz de várzea dá mesmo contra o time dono do campo. Por fim, assinalou uma falta na intermediária do Palmeiras. Nem ele, nem ninguém acreditava que daquela distância do gol, a falta fosse perigosa. Esqueceram o Pepe, o canhão canhoto da Vila Formosa. E ele não perdoou o esquecimento. Encheu o pé. A bola foi se encaixar na última gaveta. Nem o Edgar, nem outro qualquer goleiro do mundo pegava aquela bola. E o jogo ficou empatado. Seis a seis. E mais dois torcedores morreram. Um nego bom, que viajava num ônibus no bairro do Macuco, escutando radinho de pilha, e um outro, que estava atrás do gol do Palmeiras fazendo figa pra bola entrar. No placar da morte, dois a dois. Exatamente quatro mortos. Dois por causa da defesa peixeira e dois por causa do magnífico ataque. Mas, não ficou aí a contagem. O próprio Pepe carimbou mais uma vez a rede dos polenteiros e mais um santista das gerais se abilolou e estrebuchou com a vitória do timão praiano.

Foi sete a seis pro Santos F. C. de glórias mil. Foram três mortes por conta da linha magnífica e duas por culpa da defesa, que furava mais que picotador de táxi-dança. Ao todo, cinco defuntos. E essa contagem mostra bem como a torcida do Santos F. C. de glórias mil morre pelo seu timão. Duvido que uma outra partida qualquer tenha matado tantos torcedores de emoção.

Balaio de gato (Última Hora de SP – Edição de 8/5/1972. Página 16 Caderno 1)

Nessa segunda-feira, quem jogou na Loteca contra o Corint[h]ians está murcho e encabulado. O alvinegro de Ogum é a zebra. Quando a moçada que se agarra em fio desencapado, come capim amargo pela raiz e mata cachorro a grito, pensa que vai tirar o pé do lodo com seu cartão caprichado cheio de bons palpites, vem o Corint[h]ians e entorta tudo.

Contra o Juventus o alvinegro era o favorito. Entrou em campo pra esmagar o adversário. Se afobou e tubulou de 1 a 0. Aí, bagunçou a vida de todo mundo. Contra a Ponte Preta, a curriola esperava que o Corint[h]ians fizesse seu papel de esparro e, pelo menos, empatasse. Mas, que nada. Ele foi a zebra que tirou a esperança de uma multidão de apostadores. Ganhou. Realmente, o Corinthians é a grande zebra da Loteca.

De qualquer forma, o resultado de 1 a 0 pro alvinegro do Parque São Jorge contra a Ponte Preta não agradou seus cartolas. Tanto não agradou que, apesar da vitória, a cabeça do Luizinho rolou. Agora, no Corint[h]ians, há um fato novo. Não é a

troca de técnico, que isso lá é coisa comum. A novidade é a mudança do treineiro mesmo em dia que o tesoureiro tem que pagar bicho. Viva o balaio de gato!

Grande Otelo

Podes crer, amizade, um troço legal às pamparras é a gente trabalhar com as pessoas que foram ídolos de infância. É de entortar a patuá. Eu já trabalhei com diversos artistas de quem eu era fã quando pivete. Mas, entre todos, para quem eu dava mais cartaz era o Grande Otelo. Achava, e continuo achando, o Grande Otelo um dos maiores atores do mundo. E vejam vocês. Estou trabalhando com o Otelo na novela “Bandeira 2”, do Dias Gomes. E acho muito legal curtir o Grande Otelo nos intervalos das gravações. Ele é todo cheio de mumunhas. Mas, num quás-quás-quás, ele deita e rola. Mal eu chego, ele vai berrando:

– O paulista malandro, chega pra cá.

E eu não escamo. Vou lá tomar a bença do Grande Otelo, artista maior, ator com A maiúsculo que, apesar disso, é um dos maiores lesados da sociedade que tanto ele faz rir. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que, sexta-feira passada, como sempre faz quando eu chego, o Grande Otelo me deu uma pala e botou um grilo na minha cuca. Sintam o aroma da perpétua:

– Paulista malandro, tive pensando um troço. Sabe que tu é o cara que podia escrever minha biografia? Sabe, tenho muita coisa pra contar.

Eu acredito que o Grande Otelo tem mesmo muita coisa a escancarar. Sei que ele, quando resolve meter a boca no trombone é pra jogar sujeira no ventilador. Tenho certeza que, se o Grande Otelo cisma de meter pau num banquete, não salva nem o cafezinho. E estou pensando seriamente em mandar pra frente a ideia do Grande Otelo, meu ídolo de infância.

Dercy Gonçalves

A Dercy Gonçalves é outra artista por quem eu sempre tive gama. Acho que ele sabe onde é o buraco da lacraia. Que se comunica com as plateias com uma facilidade de assombrar. Aliás, nesse lance de comunicação, a chave é a seguinte: ou a comunicação é fácil, ou é impossível. O resto é imaginação. E a Dercy é das que dá o recado macio. Por essas e outras, estou transando pelos esquisitos, estreitos e escamosos caminhos do roçado do bom Deus pra acertar as pontas com a “tia” e piar na parada com um pesqueiro embandeirado pra mostrar a “Navalha na carne” com a Dercy no papel de Neusa Sueli, o Silva Filho, outro cobra do teatro, no de Veludo e eu, de Vado. Tá aí uma notícia que queria dar em primeira mão pra quem tem as botucas ligadas nesta coluna. Por enquanto, só estou transando. Mas, meu Orixá de fé e de valia há de me ajudar e esse lance dará certo. Estou fazendo força.

Tevê a cores

Tem um diretor de televisão que está querendo dar a volta por cima e ir pras cabeceiras só com o que existe de mais legítimo na arte popular brasileira. Claro que tu que só pega a pior, tu que só come bagulho catado na feira, tu que mora na beira do rio e quase se afoga toda vez que chove, tu que só berra da geral sem nunca influir no resultado, tu que só lê jornal pendurado em banca, tem o direito de duvidar desse alô que estou te dando. A cultura popular brasileira no Brasil sempre foi tão passada pra trás e desconsiderada que até parece mentira quando se diz que ela vai ter canal de divulgação. Mas, podes crer, amizade. O diretor dessa televisão,

que não vou dizer qual é por enquanto pra não botar areia, está ligado nessa catimba de arte popular. E já começou a transar com grandes artistas populares. Talismã, Geraldo Filme, Zeca da Casa Verde, Silvio Modesto, Toniquinho, Paulinho Carrero e outros estão quase combinados com o homão da tevê. E vamos torcer para que as pontas se acertem.

Respondendo à freguesia

Odila Catarina Alves (Bairro do Limão) – “Você faz muito cartaz dos seus amigos”...

Pois é, Dona Odila. O que a senhora queria? Com nós é nessa base da Tabuada das Candongas do Mestre Zagaia: “Amigo meu não tem defeito e inimigo meu, se não tiver defeito, eu invento”. Mas, podes crer, a moçada que é oba-obada aqui nessa coluna, merece.

Macumba e futebol (Última Hora de SP – Edição de 10/5/1972. Página 13 Caderno 1)

Atenção para esse detalhe, gente boa que nos lê. O Santa Cruz ganhou de quatro a um do Náutico. Como, dona Maricota? O que interessa é o talão da Loteca? Tá certo. Quem vive na vã esperança de faturar uma grana mole só quer saber do resultado escancarado nos placares. Porém (e sempre tem um porém), eu, que sou um estudioso dos pererecos da macumba no futebol, acompanhei ligado esse jogo pernambucano. Não pelos craques em campo porque, a bem da verdade, eram todos cabeças de bagre. Mas, o que eu queria saber é como o Santana, Pai de Santo massagista, está se saindo lá naquelas bandas onde os cartolas de time de futebol dão mais importância e pagam a um babalaô de valor provado do que a um centro-avante goleador. Mas, deixa isso de lado. Meus pontas de lança para assuntos encantados logo me mandaram dizer das quizilas secretas desse jogo no Náutico e do Santa Cruz. O que quero contar e o que pesa na balança é que ainda está faltando o homem certo pra vir segurar as pontas no Corinthians. Falta um, tenho certeza, e esse um é o massagista Pai de Santo Santana.

Claro que o Almir é um ótimo supervisor e que vai resolver mil e um problemas do alvinegro do Parque São Jorge, com boa conversa e tal e coisa. O Duque, que vai ser técnico, já é daqueles que gosta da disciplina rígida e garante a ordem no pau, se for preciso. Com essa dupla atuando, os cartolas, antes sempre tão assanhados, vão se acanhar. Já no jogo em que o Corinthians venceu a Ponte Preta, eles ficaram em segundo plano. A torcida que foi ao vestiário oba-obou o Almir e deixou o presidente e os diretores de futebol num canto, falando sozinhos. Isso já é bom, mas loguinho, se o Corinthians se dana a vencer, o Almir vira vedete e os cartolas vão se roer de inveja e querer derrubar o ídolo da torcida. Junte a isso o fato de jogador do Corinthians ser quase sempre moço simples, saído das camas proletárias e logo se vê que quem pode garantir a tranquilidade do alvinegro é um macumbeiro. Antes de mais nada, se o Santana for contratado e o time do Parque desencantar, os cartolas não vão ter peito contrário. Vão se fechar em copas, recolher as marolas, agradar o Pai de Santo pra ele despachar exus contra a oposição.

Os boleiros corintianos que se sentem perseguidos pelo azar vão achar que os axés estão do lado deles. Contra a Ponte Preta, dos corintianos ganharam e, assim mesmo, acreditam que foram lesados pela sorte com quatro bolas na trave. Essas mumunhas na cuca de jogador de futebol, não existe doutor psicólogo pra dar

jeito. Quando um Vaguinho cisma que a camisa sete tá rezada com a cruz de Caravana, não é psicologia que resolve. Mas, sim, macumbeiro. O Duque, que andou muito tempo no Norte, sabe que uma boa macumba faz o mesmo efeito que chibaba, sendo que chibaba aparece no exame de xixi na canequinha e macumba, não.

E é isso que está faltando no Corinthians: um bom macumbeiro. E o Pai de Santo massagista é o mais indicado. Domingo ele ganhou mais uma partida pro Santa Cruz.

Bochichos das quebradas

Domingo de manhã, na Vila Maria, no campo do glorioso Bandeira Paulista, uma patota das mais pesadas se reuniu pra beritar e comer sardinha frita em homenagem ao Giquinha, que vai se argolar e já vai dando sua despedida de homem livre. Foi um pagode legal. E a gente, que tinha que dar as fuças no pedaço pra prestar a velha solidariedade ao Giquinha, não pudemos chegar por motivo de força maior. Sabemos que fomos nós que perdemos o rango bom. Mas, no casório, a gente vai e tira a forra. Daqui, mandamos um abraço ao amigo Gica.

Respondendo à freguesia

Orlando Gonzales (Guarulhos) - ... “Esperamos você nesse pedaço no dia 1º de maio. Estavam dizendo que você ia apresentar sua peça pros operários aqui em Guarulhos”...

Pois é Gonzalez, eu ia sim. Mas tem mumunha às pamparras aí em Guarulhos. Ficou tudo combinado e tal e coisa. Mas, na hora de mandar ver, não houve dono de palco que quisesse emprestar o local, nem alugar, pros operários fazerem sua festa. Tu manja esse negócio. Tem nego às baldas apavorado nessa pátria amada. Só por isso não fomos aí oba-obar os trabalhadores de Guarulhos no seu 1º de maio.

*

Orlandina Meireles (Jaçanã) – “Gosto tanto de te ver na novela “Bandeira 2”. Por que você aparece tão pouco?”

Que tu queria, Orlandina? Me ver carregando pedra? Deixa como está, que tá legal. De vez em quando eu entro, tu fica sabendo que eu estou vivo e pronto. No fim do mês, a grana é a mesma, falando muito ou pouco na novela. Agora, se tu quer ver meu recado mais sentido, pega uma curriola e leva lá no Brás, pra assistir a “Quando as máquinas param”, com Roberto Rocco e Walderez de Barros. Ali na rua Oiapoc, 80, no Sindicato dos Tecelões, a gente é mais de verdade.

Estamos a perigo (Última Hora de SP – Edição de 11/5/1972. Página 13 Caderno 1)

Com a vida custando os olhos da cara como anda, tem nego que faz das tripas coração pra poder remar seu barco nas águas barrentas em que navega. Por exemplo: ser chofer de caminhão de entrega de cigarro ou de gás tem o mesmo perigo que tinha antigamente ser cocheiro da carruagem do oeste bravio. Os vagaus não perdoam. Atacam e estarram três ou quatro caminhões por dia. Na Baixada Fluminense, nas redondezas de São João do Meriti, nem xerife matador consegue manter a ordem. Porém (e sempre tem um porém), geralmente o nego que apela pras armas está muito mais a perigo que seu próximo. É gente que nem salário mínimo consegue faturar com o suor do seu rosto. Como, minha senhora? Só não

trabalha honestamente quem não quer? Aqui, ói, gaivota! Tem muito desemprego por aí. E é só abrir as botucas que a realidade se escancara. Mesmo porque não é de olho fechado que se tira onda de patriota. Vamos conferindo tudo, pra podermos fazer do Brasil uma grande nação. Oba-obando à toa, não sairemos nunca do subdesenvolvimento. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que, nos caminhos esquisitos, escamosos e estreitos do roçado do bom Deus, tem muito nego atucanado que, no desespero, se bota a fazer besteira sem ter queda pra coisa.

Outra noite dessas, um japa todo embandeirado ganhou uma mina e encostou seu fusca nas quebradas do mundaréu pra ficar à vontade. Não tardou piar na parada três pilantrosos que, sem cerimônia, meteram as armas em cima do japa e, de saída, demonstraram que estavam a fim de lhe tomar os badulaques. O japa não se afobou. Sabedor que afobado come cru ou queima a boca, o japa saiu do fuscão de mansinho e, de repente, endoidou. Com três golpes de judô, tomou as armas dos pilantras fácil, fácil. E aí, deu bobeira nos bandidos. Dois conseguiram dar pinote. O terceiro também quis se espiantar, mas o japa o agarrou e não regateou. Fez⁴¹⁸ um bumba-meu-boi com o desgraçado. Sintam o aroma da perpétua. O japa era faixa preta de judô e o pilantra, coitadinho, um mal alimentado. Deu dó. O japa deu pancada até enjoar. Quando largou o pilantra, ele saiu se arrastando todo torto. Mas o japa não descansou. Puxou o fusca e foi no distrito reclamar que tinha sido assaltado. Três tiras acompanharam o japa na campana dos pés de chinelo e flagraram eles na porta de um hospital. Os dois que fugiram iam carregando o que apanhou pra ver se o doutor dava jeito de desentortar o bruto. Não teve conversa. Foi cana dura.

Já na Guanabara, o lance foi ma[i]s cavernoso. Também três bandidotes movidos a chibaba encostaram as dragas no peito de um otário e lhe afanaram. Depois deram um aviso:

– Corre otário, que a gente vai te meter uns arrebitos.

Mas o otário saiu andando devagar e os bandidotes não livraram o bruto. Castigaram o lombo do coitado e o deixaram caído. Quando chegou socorro, o otário contou a presepada de que foi vítima e se explicou: não correu porque era aleijado.

E é esse o tempo bravo em que vivemos. Um salseiro em São Paulo, outro no Rio de Janeiro demonstraram que a situação nas duas maiores capitais do país anda ótima pra urubu. E podes crer, amizade. Não adianta a gente tapar o sol com a peneira. A barra vai ficar pior.

Bochichos das quebradas

Dois filmes brasileiros estreiam esta semana. “A Viúva virgem”, que tem desempenho magnífico do nosso chapa Carlos Imperial, o maior curtidor do Brasil e que é uma fita de fazer rir até quem está mal com Deus. E “Os devassos”, fita dirigida pelo Carlos Alberto, um ponta firme nosso e que apresenta um primeiro time de atores. Jardel Filho, Darlene Glória, Francisco di Franco e outros estão no filme. O Carlos Alberto é o cara que diz sempre que em cinema o importante é que o diretor saiba contar a história. Ele tá certo. E vamos todos prestigiar os filmes brasileiros.

Respondendo à freguesia

418 Termo atualizado; no original de jornal consta “Fem”.

Adauto de Castro Filho (Vila Carolina) – “Gostaria de ter todas as suas histórias de macumba no futebol. Só esta semana, lendo a sua coluna é que me dei conta de que você sempre escreve sobre o assunto e lembrei de ter lido várias histórias suas sobre macumba e futebol”.

É isso aí, Adauto. O futebol brasileiro é o maior do mundo e tem mumunhas de entortar patuá. Tem babalaô às pamparras que, sem cerimônia, garantem que seus atabaques é que garantiram o nosso tri. Outros há que contam pererecos de assombrar. Falam de encomendas de despachos violentos que grandes clubes lhe fizeram. Eu, pessoalmente, conheço vários que, se botam a abrir seus serviços, vão deixar a galera abilolada. O Pai de Santo que quebrou o tabu do Santos F. C. de glórias mil e do Corinthians é meu chapa e me contou os detalhes do lance e deu o nome dos figurões corinthianos que combinaram com ele o trabalhinho. Contou que teve que batalhar como nunca, porque o pessoal do alvinegro praiano também estava mexendo com os encantados. Só que ele não deu autorização pra eu escancarar a demanda desse jogo. Mas, brevemente, os orixás da minha fé vão nos ajudar e a gente faz um livro só com essas coisas de santo e do futebol. Eu estou levando a sério esse troço. Podes crer.

Perigos do barulho (Última Hora de SP – Edição de 12/5/1972. Página 13 Caderno 1)

Um vereador de Porto Alegre vai apresentar à Câmara um projeto de lei que vai entortar o patuá de muito moçoilo metido a fazer zoeira com suas máquinas maravilhosas. Senti o aroma da perpétua. Diz o vereador que tem provas científicas que atestam que ruídos e sons excessivos e incômodos motivam a impotência sexual. Alterando o sistema nervoso, a poluição sonora tem efeitos altamente maléficos ao sexo.

Vai ver que é por essas e outras que essa rapaziada moderninha que sai por aí de caranga envenenada, roncando como abilolados, são chamados de “gatos”. Fazem tremendo barulho e na hora da coisa ficam com coisa e só dão miadinha muito mixuruca.

Outro babado dessa ordem é aquele cientista que esparramou pelo mundo que quem pratica o doce esporte do sexo diariamente não morre de enfarte. Claro que, com a barulheira que a rapaziada anda fazendo, eram necessários os maiores incentivos para ver se as mulheres não ficam tanto na saudade. Porém [(] e sempre tem um porém)], muito cascadeiro que diz que faz e acontece junto ao mulherio, vai ficar desmoralizado quando o coração ratear e ele empacotar de enfarte. Aí, toda a curriola vai saber que ele era um abatedor de araque.

Bochichos das quebradas

Os papos da patota nas primeiras horas da matina eram sobre o traquejo que recebeu nossa “Última Hora”. Não piou na parada nenhum pilantroso com coragem de botar defeito. Isso prova que o capricho aqui da curriola da casa emplacou. A moçada mais ouriça oba-obaram a estilosa “Última Hora” e a gente, que não é de ferro, muito embora não tenha nada a ver com o novo aspecto do jornal, retumbou de alegria. É isso aí. Podes crer, amizade. Quem não se renova vai pro beleléu.

Outro quás-quás-quás que merece registro é sobre o teatro da pátria amada. A curriola toda dando esculacho no “Jesus Cristo super astro”, e se entusiasmando com o espetáculo como “Capital federal”, do Artur Azevedo, dirigido pelo Flávio Rangel, e “Em família”, do Oduvaldo Vianinha Filho. Com essa e outras, a gente vai

vendo que a moçada finalmente tá acendendo as botucas e percebendo que a importação dos modismos culturais de araque já eram. O público prefere mesmo um musical simples como “Capital Federal”, que o Flávio Rangel dirigiu, ou um melodrama como “Em Família”, que o Antunes Filho manda ver no Auditório Itália. Mas, tem mais um troço que está faltando pra ser a pá de cal no complicado teatro importado. É uma chanc[h]ada violenta com gente do gabarito de Dercy Gonçalves, Silvia Filho, Grande Otelo e outros. Mas, esse lance deixa comigo. Eu sei onde tá o coringa.

Vocabulário das candongas

Hoje, por sugestão do meu amigo, meu inventor como cronista e editor desta seção de variedades e devidamente autorizado por Mestre Zagaia, passo a escancarar pra todos os milhares de nossos leitores, o *Vocabulário das Candongas*. Vamos por ordem alfabética. Porém (e sempre tem um porém), sem muita organização, que a gente não é leão.

Letra A

Avacalhar – bagunçar[.]

Araruta – farinha ruim[.]

Astacio – otário[.]

Atraso – entrar em jogada que não dá lucro. (Exemplo: cantar mulher virgem com ideias de jerico)[.]

Atrasado – cara que pensa devagar[.]

Atrasado – diz-se “tirar o atraso” quando se está na saudade de mulher há muito tempo e por fim se apanha uma[.]

Apanhar as sobras – pegas o resto[.]

Abocanhar – ficar com a parte boa do negócio.

Azucrinar – encher o saco[.]

Abilolado – vidrado, pirado da cuca, cismado com uma coisa só.

Respondendo à freguesia

Argemiro Leal Marques (Vila Nova Cachoeirinha) – “Sou filho de Santo e sei muitos casos de resultados de partidas de futebol que foram modificados por trabalhos de terreiros. Interessa pro senhor?”

Poxa, Argemiro, como interessa. Eu estou ligado nesses pererecos. Não sei se por ideia de jerico ou por intuição, brotada na minha cachola por influência dos orixás, estou pensando seriamente em escrever um livro só sobre macumba e futebol. Por favor, me mande esses casos. Ou, se o chapa preferir, dá a dica sobre terreiros que batem atabaque pra futebol que eu vou lá entrevistar o babalaô. Desde já, obrigado, Miro.

Na falta de melhor assunto (Última Hora de SP – Edição de 13/5/1972. Página 13 Caderno 1)

Deputado, quando descobre o óbvio, sempre nos faz rir. Por exemplo: O parlamentar da Arena paulista Maurício de Toledo, na falta de melhor assunto pra fazer média com o eleitorado, botou a boca no trombone pra alertar o Presidente da República de que a Taça Independência em homenagem ao Sesquicentenário pode se transformar em uma autêntica pelada disputada por penas de pau. Para o

deputado, a ausência de seleções como a da Inglaterra, Alemanha e Itália afastará do estádio o público e causará fortes prejuízos.

Tá legal o quás-quás-quás do político e no melhor estilo da moda. Ele fala de um assunto que conhece pouco: o futebol. Mas, deixa isso de lado. O que pesa na balança e o que queremos escancarar aqui é o seguinte. O nobre deputado não sugere nada. Ou melhor, às vésperas do início da Taça Independência, ele alerta que vai dar prejuízo. Como a Inglaterra e a Alemanha não entraram na cascata da homenagem do sesquicentenário, e como naturalmente não existem outros selecionados no mundo capazes de encarar o Brasil, só pode restar como saída, o cancelamento da disputa da taça, na opinião do nobre deputado. Quer dizer, se fecha o circo e deixa andar pra ver o que acontece.

Porém, nós, que não somos afobados, por sabermos que afobado come cru ou queima a boca, nem nos alvoroçamos com o comparecimento da Inglaterra, da Alemanha e da Itália. Na verdade, eles não vêm porque não são otários e não vão botar azeitona na empadinha dos outros. Tu que só pega a pior, tu que só come bagulhos que cata na feira, tu que mora na beira do rio e quase se afoga toda vez que chove, tu que só berra da geral sem influir no resultado, tu que só lê jornal que fica pendurado em banca, sente o aroma da perpétua.

Alemanha, Itália e Inglaterra têm umas seleções que mais parecem amontoados de cabeça de bagre. A Itália, no jogo decisão da Copa do Mundo, levou da seleção brasileira um vareio de bola e até perdeu o rumo. A Inglaterra perdeu de pouco da gente, porque o Zagalo fez nosso time jogar na tática corintiana contra clubinho do interior, isto é, todos apavorados com medo de surpresas. Se não fosse isso, era goleada esculachante. Aliás, se o distinto leitor que nos prestigia tiver paciência, pode conferir os últimos resultados destas seleções. Vai ver que ambas só deram vexame. Por essas e outras, eles não vão se arriscar.

Já a Alemanha se acanhou por motivos mais cavernosos. Essa seleção, que é formada também por cabeças de bagre de coxa branca e cintura dura vai bancar o próximo campeonato do mundo. E como sempre acontece nesses lances, eles já devem estar tramando mil e um xavecós pra ficarem com o título. Se aparecem por aqui e mostram seu futebolzinho devagar quase parando, levam ferro. Daí, quando faturarem a Taça do Mundo, até os mais bobos vão descobrir a presepada. É isso aí. Podes crer.

Mas, agora, não há mais jeito de cancelar a Taça Independência e não adianta deputado se ouriçar. E se o perereco der prejuízo, basta a C. B. D. marcar dois jogos entre paulistas e cariocas, que a renda cobre todos os danos e o povão ainda vê bom futebol, tirando uma teima que está dando muito o que falar ultimamente, que é se o futebol do Rio de Janeiro, com as contratações de Gerson, Tostão, Ari Erelilio e outros, ficou melhor que o nosso.

Bochicos das quebradas

O pessoal que berra da geral anda meio ouriçado com as primeiras declarações do Gerson assim que chegou na Guanabara. Disse o grande craque: “Os cariocas estão acabando com a banca dos paulistas. Só aqui temos uma seleção brasileira capaz de disputar qualquer título. Olha só que ataque: Zequinha, Jairzinho, Tostão e Paulo Cesar”[.] Tá certo, ninguém vai negar o valor desses boleiros. Mas, quando o Gerson andava por aqui, dizia: “Jogar no Rio é mole. Queria ver o Jairzinho e o Paulo Cesar tendo que encarar os times aqui do interior”. Mudou de ares mudou a cantiga do papagaio falador.

Vocabulário das candongas

Letra “A”

Abotoou – morreu[.]

Apitou – abriu o bico, morreu[.]

Aconteceu – piou na parada, entrou na fita[.]

Aleluia – ato de dividir as coisas jogando tudo pro alto pra ver quem pega[.]

Assuntar – tentar saber o que vai por trás dos negócios[.]

Aliviar – quebrar o galho de alguma bronca[.]

Algum – dinheiro pouco[.]

Aparar – escorar os rabos de foguete do jeito que vierem[.]

Acanhado – nego que se fecha em copas diante das situações[.]

Acanhar – se entupir[.]

Respondendo à freguesia

Edil Fonseca (Santo Amaro) – “Gostaria de ser artista de televisão. O que [se] deve fazer?”

Deve procurar um médico com urgência, seu Edil. Artista de televisão sofre mais que gato de desenho animado.

O Barba Azul de araque (Última Hora de SP – Edição de 15/5/1972. Página 13 Caderno 1)

Papagaio enfeitado, quando resolve ser mais malandro que a malandragem, no máximo o que acontece é armar a presepada. Às vezes, até pode ir bem na saída. Mas, podes crer, amizade, na curva falta gás e o otário se estapora e acaba tubulando. O perereco que o José Cruz de Souza aprontou serve bem pra provar essa tese, que não é minha. É do Mestre Zagaia, velho cabo de esquadra que escancarou mil e uma dicas na Tabuada das Candongas, pra servir de guia de luz pra cego que anda se atucanando e falando sozinho nas quebradas do mundaréu. Sobre o assunto em pauta, a Tabuada das Candongas, que tem o mesmo peso pros catimbeiros escolados que o Alcorão pros beduínos, reza o seguinte:

– A sabedoria não pode ser âncora pro vagau.

E é isso. Se o Mestre Zagaia falou, é porque é. Ele sabe das coisas. Porém (e sempre tem um porém), o Zé Cruz não tomou conhecimento de nenhum farol. Foi se atolando nos maiores salseiros. Primeiro com um emprego dos mais mixurucas. Papa-defunto da Funerária Maracanã, que paga salário mínimo pros seus agentes, o Zé Cruz assim mesmo se argolou com a Magda. A mulher segurou as pontas e comeu capim amargo pela raiz em companhia do Zé. Até que descobriu que o pilantra tinha um outro mocó instalado com uma tal de Marli. A Magda nem vacilou em juntar⁴¹⁹ seus trapinhos e dar pinote. Só que, antes foi falar com o capa preta e o juiz não deixou barato. Escalou o Zé Cruz pra pagar uma pensão pra Magda.

Foi aí que o Zé Cruz se viu em pa[[]pos de aranha. Tinha que fazer das tripas coração pra não deixar em falta de grana as suas duas mulheres. Isso não era fácil, com a vida custando os olhos da cara como anda. E foi naturalmente por estar encostado na parede que o Zé Cruz se botou a matutar. Aí, já viu. Quando o nego não é muito chegado a usar a cachola e entra numa de pensar, se machuca. Brota na cuca ideia de jerico. Isso é plenamente comprovado cientificamente. Mas, deixa as mumunhas de lado. O que quero contar aqui e o que pesa na balança é que o Zé Cruz, na pior, viu brotar na sua cabeça uma cisma. Veio de manso como marola. Ele

419 Termo atualizado; no original de jornal consta “jAunta”.

deu passagem. Virou onda. E acabou se transformando em uma pororoca de inundar qualquer parreira. O que acendeu na moringa do Zé era um troço cavernoso. Consistia em apagar a Magda e beliscar a grana do seguro. Pra isso, o Zé Cruz se registrou como sócio de uma agência seguradora. E claro que se botou de beneficiário, no caso da Magda ir de repente falar com Deus.

Só que a Magda tinha (e com as graças dos orixás continua tendo) uma saúde de ferro. Não se apagou. E nem o Zé Cruz teve coragem de estarrar a mulher. Mas, nem por isso se acanhou. Baixou no pesqueiro do doutor Rui Lobo, que ninguém até agora esclareceu se entrou na fita de boa fé ou se é chegado a fazer truques de Mandrake de Mafuá. O certo é que, depois de conversado pelo Zé Cruz, o Dr. Rui lhe forneceu um atestado de óbito, dando a Magda como legítima esposa do pilantroso e falecida em consequência de um enfarte do miocárdio. E daí pra frente, foi mole. O Zé Cruz registrou o documento num cartório de São João do Mereti, onde tudo é possível, e sem cerimônia, assim que venceu seis meses de carência de seguro, ele recebeu quatorze milhões antigos da agência seguradora.

O Zé Cruz meteu a mão na bufunfa e se embandeirou. Ficou tão assanhado como vencedor da Loteca. Não regateou. Botou o Carnaval na rua. Gastou às pamparras e loguinho ficou duro. E foi nesse momento que a sua sabedoria lhe serviu de âncora. Em vez de ir em frente, sair pra outra, o pilantroso ficou na mesma. Só que, no repeteco, nem se deu ao trabalho de caprichar. Escolheu uma defunta solteira, que a funerária onde trampava despachou, e registrou como sua segunda esposa na agência de seguro. E como estava com a ganância pega, carregou no prêmio pra abafar umas cinquentas milhas. Foi de novo no Dr. Rui e não teve chibu. O médico lhe ofereceu a certidão de óbito com a pala de enfarte. E ele deu o ar de sua graça pra receber o seguro. Desta vez, teve investigação e a canoa furou. E não deu pro pilantra remar pra areia. Foi a pique. E quase naufraga. Os tiras que ganharam o bruto o acusaram de ter assassinado a Magda. A sorte é que ela foi encontrada e explicou que não era fantasma. De qualquer forma, o Zé Cruz vai curtir uma longa temporada no xadrez.

Bochichos das quebradas

Vejam só [o] quás-quás-quás cavernoso esse que está acontecendo no futebol do Rio de Janeiro. Eles lá andam todos alvoroçados com as contratações milionárias que andam fazendo. Carteiam tanto marra que o ambiente está ficando até perigoso. A torcida, que é aquela patota lesada da sociedade que se agarra até em fio desencapado pra ter esperança, acredita nas cascatas dos cartolas e se empolga. Daí, vai pros estádios, deixa sonora grana no guichê e não vê nada de assombrar. Endoida. Vira batusquela e sai fazendo besteira. Se bota a cobrar bons resultados imediatos dos seus jogadores e, como não existe milagre, tudo continua no mesmo. A, [sic] avacalharam a guerra.

Na semana passada, dois treino[s] de clubes cariocas se transformaram em salseiros. No Vasco, o sururu se deu quando um grupo de torcedores que pagou entrada pra assistir o apronto [sic] se invocou com o centro-avante Ferreti e começou a xingar e a vaiar o moço. Esse não soube segurar as pontas. Se picou de raiva, pulou o alambrado e saiu no braço com a curriola de torcedores descontentes.

O outro esquinapo se deu nas Laranjeiras, onde o Fluminense, clube carioca de bacana, tem campo. A torcida se encostou e foi bagunçando o treino com esculachos dirigidos ao treineiro Paulo Amaral, que é metido a dar decisão pras paradas na valentona. No lance em pauta, não deu outra coisa. O técnico pegou a feira e engrenou um bate-boca com a torcida. O jogador Lula, que não estava

treinando porque o departamento médico do Flu achava que ele devia se poupar pra se recuperar melhor de uma contusão e poder jogar no domingo, não vacilou em meter o bedelho na confa e defender o treinador. Falou demais e encardiu a situação. Um torcedor partiu pra dentro dele e o Lula teve que se garantir. Pega-pega, deixa-disso, tal e coisa, bico de pato, rosca quebrada e no final a velha contusão de Lula apareceu e ele saiu mancando e vai ficar no estaleiro mais uns dias. Daí se conclui que o futebol do Rio de Janeiro pode ser milionário de dinheiro, mas de espírito anda de uma pobreza de dar dó.

Bela profissão (Última Hora de SP – Edição de 16/5/1972. Página 13 Caderno 1)

Existem coisas que são de entortar o patuá, que dão pra entender, mas que não é fácil pra escancarar os detalhes das mumunhas. O jogo do Palmeiras com o Juventus foi bem desse naipe. Até míope conseguiu ver que, embaixo do angu, tinha linguíça. Mas, deixa esse futebol de araque de lado. Amanhã, vou tentar mostrar que o Juventus foi garfado, porém (e sempre tem um porém), o Palmeiras também foi. Hoje, o que pesa na balança e o que quero contar é um salseiro que se deu na Guanabara. Tu que só pega a pior, tu que só come bagulho que cata na feira, tu que mora na beira do rio e quase se afoga toda vez que chove, tu que só berra da geral sem nunca influir no resultado, tu que só lê jornal que fica pendurado em banca, sente o aroma da perpétua. Vê se te manca no valor de um sindicato forte e atuante. E no vexame a que os artistas da tevê, de cinema e de teatro, aqui da pátria amada, sempre se sujeitam.

Um dia, um produtor de cinema com máscara de faraó de Hollywood, mas com grana de subdesenvolvido, resolveu fazer uma super-produção. E aí, naturalmente, bolou o seu roteiro contando mais com a boa vontade dos amigos pontas firmes do que com crédito bancário. Sabe como é que é. Embora a maioria das pessoas não confessem nem no divã do psiquiatra, o sonho enrustido é ser artista de tevê ou de cinema. Podes crer, amizade, é broca. E como a profissão de ator não existe, o trabalho é na base do agrião. Vira um balaio de gato. Acho que cabe bem aqui na história de uma menina que, de repente, não mais que de repente, virou atriz de novela. Não digo o nome da criança porque ela é menor de idade, só tem quinze anos. Porém, se for o caso, se tiver chiadeira, a gente entrega fácil o esquinapo.

A menina que tem só quinze anos estava tomando banho de piscina no clube onde é sócia, quando foi surpreendida com a chegada de enormes caminhões da tevê que ia gravar capítulos da novela "Hospital". Aí, a criança, como os demais sócios do tal clube, se assanhou. Foi um alvoroço. Artista de tevê tumultua qualquer ambiente. As mocinhas se aproximaram e foi aquele quás-quás-quás. Nesse lance, quem se destacou foi a menina de quinze anos. Não que ela fosse de meter o bedelho nos assuntos. Que nada. Até que a criança fazia gênero recatada. Aliás, deve ter sido essa tática que chamou a atenção dos gênios da tevê. A menininha ficou esticada na sua esteira, indiferente ao movimento. As botucas do diretor da novela bateram em cima da menina e as ideias de jerico devem ter brotado na cachola do infeliz. E, sem cerimônia, o genial diretor encostou o mais cavernoso método de enredar mulher no picaré.

– Você não quer trabalhar na novela?

A menina até se assanhou. E foi sincera:

– Eu nunca entrei numa transa dessas.

Mas, o diretor não era de botar fé, nem de dar respeito à sua profissão. Ele se estufou de genialidade e tacou cascata:

– Eu sou diretor de tevê há vinte anos. Quando olho pra uma pessoa, já sei se ela tem sensibilidade ou não. Você tem. Eu sinto no teu jeito de olhar.

E por aí, tal e coisa, o diretor convenceu a criança que ela era um ser privilegiado, que nasceu pra fazer a novela “Hospital”. E a menina, na pureza dos seus quinze anos, entrou de gaiata pra televisão, com salário de duzentos e cinquenta contos. Claro que a ingênua menina não sabia que atrizes com muitos anos de profissão tinham sido desempregadas por motivos de economia. Que podia saber a pobrezinha aos quinze anos? Só tinha que achar a vida bela e posar de estrela de tevê. Mas, é aí que os arteiros que aparecem na parada com o brilhaceco de uns truques de Mandrake de Mafuá se entopem. Não se inventa atriz. E além de menininha, tinha multidões de outras e outros astros de duzentos e cinquenta contos que atrapalharam bem os verdadeiros atores. E a novela não emplacou. O IBOPE registrou o fracasso e fim. Mudaram o esquema. Culparam o autor da novela. Houve até quem disse que o miserável do autor tinha copiado errado as chaves do best-seller “Hospital”, um romance que tem nas livrarias. Mas, não teve grandes consequências o diz-que-diz. Se achou injustiçada e foi se apresentar na Globo. Chegou e foi logo botando banca:

– Sou atriz.

Piscou os olhinhos e bimba: entrou numa novela. Aí, caiu do andaime. A Globo é pouca coisa melhor que as outras tevês. Deixara a criança entrar fácil. Mas, lá dentro, não gostaram da interpretação dela. E depois de dez capítulos, viram que ela não tinha lenha pra queimar. Nem vacilaram. Apagaram os capítulos gravados, mandaram a menininha embora e começaram de novo. A criança se machucou. Se sentiu lesada. Chorou, esperneou, ameaçou suicídio e acabou falando sozinha pelos estreitos, escamosos e esquisitos caminhos do roçado do bom Deus.

Essa historinha ilustra bem a bagunça e a desgraça que é a profissão de ator no Brasil. Agora, voltamos pro negócio do cinema. O produtor metido a tirar chinfra de faraó de Hollywood tinha umas cenas na Boate Assirius. E pro dono da Boate era legal seu pesqueiro aparecer na fita. Topou logo emprestar o local pra filmagem. Aí, o boneco de ventríloquo que representava o produtor, certo que ia dar tremenda colher de chá pros garçons [sic], chamou o chefe deles e selou:

– Fala pra moçada que eu arrumo um cachezinho de 50 contos pra cada um que aparecer no filme.

O chefe dos garçons [sic] riu e telefonou pro seu sindicato. Não tardou pra aparecer um dirigente sindical com a tabela de preços. Tudo estipulado Garção [sic] em filme: 180 cruzeiros por dia de filmagem. Horas extras. E sem babados.

O produtor se abilolou, mas teve que se acanhar. Tabela de sindicato não é fácil de dobrar. Resolveu pagar. Mas, pra não esculachar o orçamento, baixou o salário dos atores. Moral da história como a fita se passava quase toda dentro da boate, os garçons [sic] ganharam mais que as estrelas da fita.

Estamos com o Juventus (Última Hora de SP – Edição de 17/5/1972. Página 13 Caderno 1)

No ano passado, o futebol da Guanabara quase foi pro beleléu, única e exclusivamente porque os chamados grandes clubes estavam caindo pelas tabelas com suas equipes formadas por cabeças de bagre e procuravam compensar a falta

de técnica com mil e um xavecós⁴²⁰ armados nos corredores escamosos da Federação. Foi um estrondoso vexame quando, valendo-se de um truque fajuto desses de Mandrake de Mafuá, os cartolas da Carica entrutaram o Olaria. A presepada foi tão vergonhosa, que o público se acanhou e não compareceu mais nos estádios. O povão que berra da geral no Estádio Mario Filho se tocou que o pesqueiro do futebol tinha dono e não adiantava bulhufas o Olaria fazer das tripas coração pra conquistar um lugar ao Sol. Na hora da coisa, ia ter coisa. Como de fato teve. E o Olaria recebeu um passa-fora e não disputou a Taça Brasil. Não levaram em conta que o Olaria era a terceira força do Campeonato Carioca. Banharam o alvi-anil e fim de papo. Não adiantou quás-quás. Resultado: o futebol do Rio de Janeiro teve que ser consertado a peso de muito ouro. Contratações milionárias, ofensivas mesmo à gentilha que ganha salário mínimo, foram necessárias. E agora (só agora) os clubes do Rio de Janeiro tão se firmando e o público retornando aos estádios. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que é importante aqui na nossa balança é que, por incrível que pareça, os cartolas paulistas estão exatamente copiando o que havia de ruim no futebol da Guanabara. Sintam o aroma da perpétua.

Ano passado, a Ponte Preta brilhou no Campeonato Paulista e disputou a Taça Brasil. Sobrou a Portuguesa de Desportos. Claro que a Lusa do Canindé se viu no pa[l]po da aranha. Ficou numa sinuca de bico. Na bananosa. E que fez a Portuguesa? Fez um campo. E não se armou como devia pra conquistar seu lugar no meio da batalha. Deve ter feito conchavo de corredor de Federação pra garantir seu lugar na Taça Brasil e se acomodado. Porque no campo até agora não mostrou nada que a recomende.

Já o Juventus, clube de grande patrimônio e muitos sócios, sem escarcéu montou um grande time, que dá gosto de ver jogar. No momento, é melhor que o Corinthians, que a Portuguesa e, a bem da verdade, até melhor que o Santos F. C. de glórias mil. O Juventus, no momento, é igual ao Palmeiras e ao São Paulo. Porém (e sempre tem um porém), só dentro do campo. Fora, o Juventus não tem nenhuma influência. Tanto não tem que está sendo afanado, garfado, seguidamente, pelos juízes.

Já no jogo contra o São Paulo, o negócio teve mumunha. Mas, todo mundo se fechou em copas. Agora, contra o Palmeiras, foi de entortar o patuá. Meteram a mão no bicho dos grenás da Mooca sem a mínima cerimônia. Quem viu o jogo (e tem olhos de ver) viu que o placar moral seria de um a zero pro Juventus e o da realidade seria um a um. O gol do Palmeiras foi um gol sem brilho. Puro acidente. Frango do Miguel. Que por sinal é um ótimo goleiro. Capaz de aceitar um peru do meio da rua e continuar fazendo defesas espetaculares. Logo após o frango, ele defendeu uma bola chutada de bucha. E o resto do time também sabe das coisas. Tomaram o gol e não se afobaram. Só no toque enrolaram o Palmeiras e, sem jogada trabalhada, empataram. Porém (e é aí que entra o porém), o juiz não podia deixar a partida nesse placar. Aqui, ói, gaivota. O homem da latinha sabe onde está enfurnado o coringa dessa sequência. Ele está em campo de apito na boca, com panca de autoridade máxima, mas é o próprio boneco de ventríloquo. Deixou de apitar uma falta perigosa a favor do Juventus perto da área do Palmeiras pra apitar um pênalti contra o Juventus. Pênalti que ele não viu. Pênalti que os jogadores do Palmeiras contaram pra ele que existiu quando o Juventus contra-atacava. Papelão do juiz. E dessa maneira, o Palmeiras ganhou. Claro que, com o tempo se esgotando, o Juventus se desesperou. O Luís Antonio, que vinha sendo caçado pela

420 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecós”.

defesa do Palmeiras do mesmo jeito que foi pela do São Paulo, se irritou com a cera e a gozação dos jogadores do Palmeiras. E aí, esfregou a chuteira nas costas do Leão. Atenção pro detalhe. Só esfregou a chuteira. Eu entendo de pontapé e sei que, se o Luís Antonio pisa na espinha do melhor goleiro do Brasil, ia ser crime. Quebrava o Leão. Não. O Luis Antonio só esfregou a chuteira no Leão. E é isso que prova que o Palmeiras não é tão grande time como parece. Seus principais craques, com o jogo ganho com a ajuda do juiz, sabendo que no próximo domingo têm o São Paulo pela proa, deram a maior mancada da paróquia e quiseram ganhar o Luís Antonio na valentona. Não prestou. A moçada do Juventus é briosa. E desde o Milton, treinador, ao massagista, todos são vidrados no Juventus. Ali na Mooca ninguém come enrolado. Brigou um, brigam todos. E o pau comeu. O Palmeiras se danou. Não soube receber a colher de chá que a Federação lhe deu. Se trumbicou de primeiro ao quinto. O Juventus claro que se deu mal. Mas, ele ia ser garfado até ficar atrás da Portuguesa e sem chances de entrar na Taça Brasil. Fez feder e fez certo. Só assim apareceu a gronga que jogaram em cima dele.

Com essas e outras, o clube da Mooca vai ter que vender o passe de cinco ou seis craques que tem. Talvez venda os boleiros pra própria Portuguesa, pra ela disputar a Taça Brasil. Mas, o povão lesado que só pega a pior, que só come bagulho apanhado na feira, que mora na beira do rio e quase se afoga toda vez que chove, que só berra da geral sem nunca influir no resultado, que só lê jornal que fica pendurado em banca, só pode desiludir com esses trambiques que os cartolas do futebol arranjam pra deixar bem claro a todos que quem é bom já nasce feito e que quem quer se fazer não pode.

Estamos com o Juventus pro que der e vier. Nossa coluna fica aberta pra dar passagem pra desabafos e denúncias que os grenás da Mooca quiserem fazer. No intervalo 2000 da semana que vem, onde também damos o recado, voltaremos a falar do assunto. Esse afano não pode ficar impune. A terra tem que tremer.

Bochichos das quebradas

Já que o papo hoje é de futebol, vai uma notícia alegre pra compensar a nojeira do campeonato burro da Federação Paulista. O craque Wagner virou papai. Na véspera do Dia das Mães, a Maria Cecília, esposa do craque, deu à luz uma menininha toda bonitinha que ainda não se sabe se vai se chamar Benta ou Alessandra. O vovô Chico Alfaiate está retumbando e distribuindo charuto pra todo mundo. Por isso, não estranhem se o Wagner aparecer em campo com charuto na boca. Não é macumba. É homenagem de um coruja à filha.

A violência que nos apavora (Última Hora de SP – Edição de 18/5/1972. Página 13 Caderno 1)

No Estado de Alabama, um pedaço escamoso às baldas desses planeta de provocações, os velhos, ao lembrarem o passado, costumam suspirar antes de dizer: “Antigamente, sim, que era legal. A gente amarrava crio[u]lo com linguixa”. Mas, deixa de lado os velhos rancheiros do Alabama. O que pesa na balança e o que quero contar é que o campeonato mundial de bochicho ficou mais animado agora que a bela Maryland City entrou no páreo. O título estava com Dallas City, São João do Mereti, Nova Iguaçu e a Barra do Catimbó. Agora, como já dissemos, Maryland piou na parada. O Governador George Wallace foi empacotado com uns arrebitos vindos das encolhas. Como bala não tem leme, uma mulher e um policial pegaram as sobras. E é isso aí, amizade. Podes crer. Cada vez ficaram mais

encardidos os pererecos dessa vida. Não é à toa que tem nego que, de repente, se abilola e sai na rua nu berrando: Parem o mundo que eu quero descer!

Brandão e o São Paulo

Já o São Paulo F. C., por intermédio dos seus cartolas mais ouriços, pretende arroxar o técnico Brandão, do Palmeiras, porque ele, num momento em que estava de cabeça quente, no jogo do seu time com o Juventus, meteu a boca no trombone pra esculachar o tricolor do Morumbi. Eu acho essa marola de processo pura cascata.

O Brandão pode ser levado diante do capa preta pelo São Paulo, pode ter gravação do que o treineiro falou e disse, mas não vai pegar nada. Duvido que exista juiz capaz de punir o Brandão pelo quás-quás-quás que ele fez no meio da fogueira. Esse negócio na verdade só serve pra engabelar os trouxas e fazer subir a renda do jogo de domingo entre o Palmeiras e o São Paulo. Porém (e sempre tem um porém), o São Paulo é o bi-campeão paulista de futebol e esses títulos foram conquistados justamente pelo técnico Brandão, quando ele transava no Morumbi. Aliás, se não me falha a memória (e creio que não falha nesse caso), teve um jogo que deu muita quizila entre o São Paulo e o Palmeiras. O juiz, o aparecido Armando Marques, garfou um gol legítimo do Leivinha pra beneficiar, ou que beneficiou o São Paulo e lhe deu o caneco. Agora, tu aí que só pega a pior, tu que só come bagulho catado na feita, tu que mora na beira do rio e quase se afoga toda vez que chove, tu que só berra da geral sem nunca influir no resultado, tu que só lê jornal que fica pendurado na banca, sente o aroma da perpétua.

O Brandão era técnico do São Paulo, quando o tricolor faturou o Palmeiras no apito. Então, quem tem olhos de ver, já viu. O Brandão sabe onde é o buraco da lacraia. Conhece os assuntos. Não estranha as mumunhas. E tem linguíça embaixo desse angu.

A xavecada⁴²¹ do Zagalo

Já que estamos falando de futebol e de outras violências, não custa nada escancarar pros nossos leitores a violência que o seu Zagalo cometeu em nome da C. B. D. Vejam só. O Zagalo convocou o Washington do Guarani, que está começando sua carreira e deixou de fora três dos melhores centro-avantes do mundo: Cesar, Toninho e Mirandinha. O Zagalo não se acanha nem faz cerimônia em perseguir os boleiros que não vivem fazendo oba-oba em sua volta. Essas coisas são de entortar qualquer patuá. O Cesar, o Toniquinho e o Mirandinha ficarem de fora é um tremendo xaveco⁴²². O que salva o Zagalo é que o Brasil, em se tratando de futebol, é tão melhor que os outros países, que até com centro-avante dos juvenis a gente fatura os gringos.

Respondendo à freguesia

Admir Alvarez Brota (Morro da Casa Verde) – “O senhor acredita que o técnico Duque venha resolver os problemas do Corinthians?”

Seu Brota, em se tratando do Corinthians, eu não acredito em técnico. Por melhor que seja o treineiro, não fará nada. O mal lá no Parque São Jorge é bobeira e afobação. Agora, uma macumbinha caprichada ia ajudar bem a arrumar a casa. Sabe como é que é. Psiquiatra do povão é babalaô. E pro alvinegro de Ogum, que é

421 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”

422 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”

o time do povo, o pedal seria um bom pai de santo. E por falar nisso, o Santana, massagista babalão, está no bom jeito pra ser contratado.

Carlos Alberto Manfredini (Tatuapé) - ... “Gostaria que o senhor, através de sua coluna, fizesse um apelo pras autoridades para que elas aumentassem o policiamento da cidade. Já não tá dando pra sair de casa à noite. Só a semana passada, dois conhecidos meus foram assaltados em lugares diferentes”.

Seu Carlos Alberto, a situação está mais pra engordar urubu do que pra apelo. Se aí o seu pedaço anda escamoso, o jeito é o senhor ficar em casa mesmo. Os nossos xerifes não dão conta do recado e nós não temos na nossa cidade nenhum paladi[n]o do Oeste bravio capaz de arrebitar quarenta bandidos numa noite só. Pra teu faral [sic], veja a notícia que a nossa “Última Hora” deu anteontem: “As estatísticas do DEIC atestam que, durante o fim de semana passado, aquela delegacia registrou uma média de quatro queixas de assalto por hora”. E tem gente que sabe que não adianta chiar e deixar tudo no barato quando é afanada. Reza, seu Carlos Alberto. Só os orixás podem nos valer.

Vocabulário das candongas

Letra “A”

- 1) Assombrado – quem anda a perigo perpétuo[.]
- 2) Apagar – matar[.]
- 3) Apagadão – nego que, por estar mal com Deus, não tem embalo pras coisas desta vida[.]
- 4) Apuã – carangueijo[.]
- 5) Atravessae – se meter na vida dos outros[.]
- 6) Atravessador – fuxiqueiro que não pode ver ninguém bem que logo se mete pra perturbar[.]
- 7) Axê – mandinga feita com sangue de animais sacrificados, jornal do dia e moeda do tempo e que é plantado no fundamento do candomblé[.]
- 8) Aqui, oi! – se tu não souber o que significa isso, está por fora e não vou ser eu que vou ter explicar[.]
- 9) Atolado – nego que anda cheio de dificuldade[.]
- 10) Azulado – pinoteado, fugido[.]

Valentia de araque (Última Hora de SP – Edição de 19/5/1972. Página 13 Caderno 1)

Tem nego que ainda acredita no caráter das pessoas. Vejo isso diariamente: algum papagaio enfeitado encher a boca pra obar-obar um amigo com um elogio desta ordem:

[–] Ele é um bom caráter.

Quase sempre, se a gente vai conferir, descobre que o nego elogiado é um xarope que só é considerado bom caráter, porque é uma lesma que flana⁴²³ devagar quase parando nos caminhos esquisitos, escamosos e estreitos do roçado do bom Deus. Não participa de nada. Não se envolve em nenhum salseiro, não dá opinião, está sempre fechado em copas. Por essas e outras, não se envolve em quás-quás-quás. E por preguiça, ganha fama de bom caráter. Assim também acontece com o valente[,] o herói, o covarde. A história do Jeremias, da Izabel e do Antonico é bem do naipe em pauta. E serve pra provar que um otário de repente pode se picar de raiva e comandar um perereco, enquanto que um valentão pode, na hora ter que se

423 Termo atualizado; no original de jornal consta “flama”

garantir, afinar, meter o galho dentro. Mas deixa esse negócio de bizu de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é o drama do Jeremias, da Izabel e do Antonico.

O Jeremias era grandalhão e forte como um touro[.] Sua estampa dava-lhe divisas e todo o mundo o respeitava. Ele era acostumado a ganhar paradas no berro e, nessas catimbas, sentia-se o maioral. Com ideia de jerico a lhe brotar na cuca a todo momento, o Jeremias não vacilava em esculachar os outros. Principalmente se pegava pela proa um sujeito fracote. Aí o Jeremias fazia e acontecia. E não regateava, não aliviava e não deixava nada no barato. E levava a vida nessa toada. Até que o Antonico e a Izabel mudaram pro pedaço onde ele, Jeremias, morava. Não prestou.

O Antonico era tipo esmirrado, cara de fuinha, quieto e passava sempre longe da zoeira. Não precisava nem ser grande observador pra notar que o Antonico só queria sossego nessa vida. Porém, e sempre tem um porém, era casado com a Izabel, um mulherão de entortar o patuá. E aí nasceu a quizila. Mesmo a Izabel andando na linha, embandeirou o bairro. Os paqueras do reduto se alvoroçaram. E mais que todos, o Jeremias. Ele achou que o Antonico não merecia aquele mulherão que era a Izabel e, sem a mínima cerimônia, jogou seu picaré pra cima da mulher do Antonico.

A Izabel deu um passa-fora no Jeremias, tirou o galã de letra e ia deixar tudo como estava. Não queria atucanar o marido com besteira. A Izabel não era chave de cadeia. Não tinha a mínima vocação pra pivô de crime. Deixou andar. Mas o Jeremias, era um ouriço. Partindo do princípio que não há mulher séria e, sim, algumas mulheres mal cantadas, o Jeremias não se acanhou. Achou que defeito no primeiro round tinha sido seu. Com a cara de pau que a auto-confiança lhe dava[,] atacou a Izabel de novo. Deu repeteco. A Izabel não entrou na bicaria. Mas, nem por isso o Jeremias tirou o time de campo. Aliás, ficou pior. Começou a insistir a toda hora. Cercava a mulher na rua. Ficou inconveniente. Aí, sem jeito, a Izabel contou pro marido.

Sem se afobar, o Antonico encostou uma noite no boteco onde o Jeremias fazia ponto e arreava cascata e chamou o valentão pra um papo:

[–] Escuta, seu Jeremias. A Izabel realmente é muito bonita. Todo mundo cobiça e tal e coisa. Mas ela é minha mulher e é legal. A cantada é um direito a que qualquer homem tem. O senhor cantou a Izabel. Ela não entrou na sua, então por favor deixa ela em paz.

Vendo aquele fracote com uma conversa chibu dessas, o Jeremias não considerou. Julgou que o Antonico era um otário e que estava borrado de medo. Avacalhou a guerra:

[–] Escuta aqui, meu camarada. A Izabel é boa demais pra ti. Vou tomar ela de ti e desde já te dou um alô pra ser teu guia. Não se meta a querer tirar satisfação comigo, que eu te entorto de pancada.

Sem se abalar, o Antonico maneirou:

[–] Por favor, seu Jeremias. Não quero enguiço. Só quero que o senhor compreenda que a Izabel, minha esposa, é mulher direita e merece respeito. Portanto, me faz esse favor. Deixa ela viver sua vida.

Tem loque que confunde educação com covardia. O Jeremias era desse tipo. Trepou nas paredes. Berrou. Escancarou os motivos do Antonico. E[,] por fim, resolveu adiantar o expediente, desmoralizar totalmente o Antonico, fazer ele voltar pra casa humilhado e arrebetado por uma surra sentida. E como valentão de araque deu a pala:

[–] Cansei de te aturar. Vou te quebrar a fula.

Sem perder a calma, o Antonico falou manso:

[–] Não quero brigar, seu Jeremias. Mas se o senhor me permite lembrar, de homem não se diz que se quebra a fuça. Se diz, se briga.

As dicas eram dadas, mas o Jeremias não prestava atenção. Ia carteando.

[–] Eu digo que vou te quebrar. E quebro. E tem mais. Nem te considero homem.

O Antonico escutou o desaforo. Sorriu e selou:

[–] Então parte pra dento de mim valentão.

Diante desse convite, o Jeremias foi inteiro e cego. Nem viu o franzino Antonico puxar do paletó uma turbina. O Jeremias só se tocou quando um arrebite lhe estraçalhou o joelho. Baleado, o Jeremias desabou. E já mostrou quem era. Chorou. Implorou. Pediu arrego. O Antonico só sorria e deixava o grandalhão chiar. Por fim, deu a sentença:

[–] Vou te mandar falar com Deus, pilantra. Primeiro porque tu é muito otário. Segundo, porque covarde como tu é, vai querer me pegar na tocaia. Terceira, é que morto não conta história e então, já viu. Com tu estarrado, eu falo pros homens que foi legítima defesa.

E sem mais assunto, o Antonico arrebitou o Jeremias com tiros bem calculados, pra fazerem o falso valente morrer devagar. Quando enjoou de brincadeira, o Antonico deu um de misericórdia e mandou o Jeremias pro beleléu.

Respondendo à freguesia

Artur Adi de Souza (Santo Amaro) – “Fui assistir, com meus colegas à sua peça “Quando as máquinas param”. Parabéns. Nós gostamos muito. O trabalho que vocês aí do Sindicato dos Têxteis estão fazendo é muito válido. Por que outros artistas não fazem o mesmo?

Seu Artur, espalha no seu pedaço que a peça é boa, que é assim que vai mais gente do nosso teatro. Quanto ao resto, eu sei de mim. E estou lá na rua Oiapoque, 80, dando meu recado com uma equipe bacana como tu viu.

Bochichos das quebradas (Última Hora de SP – Edição de 20/5/1972. Página 13 Caderno 1)

Podes crer, amizade, tem muito ouriço solto pelos atalhos mais escamosos, estreitos e esquisitos do roçado do bom Deus. Tem gente às pamparras se atucanando, marcando bobeira e falando sozinha, picada de raiva e curtindo bronca contra os pilantrosos que, cada vez ficam mais folgados e arriam cascata em cima da patota indefesa, que nos pererecos não tem direito a voto e só berra da geral, sem nunca influir no resultado. Sintam o aroma da perpétua.

Bonequinha do café

Meu considerado ponta de lança pra assuntos sociais dos cidadãos de cor, Carlinhos do Malungo, veio a mim pra chorar as pitangas e encomendar um esculacho no concurso da Bonequinha do Café. Segundo ele, foi um esculacho cavernoso. Deram o primeiro lugar pra uma branca e, no caso, o Carlinhos acha que é presepada, porque o concurso é pra escolher a escurinha mais bonita que piar na parada e não pra oba-obar uma branca que, apesar de bonita, não devia nem participar do campeonato. A gente registra o estrilo do Carlinhos, mas não bota a mão na combuca. Primeiro, porque achamos o maior atraso de vida comemorarem o

13 de Maio com as mulatas mais saudáveis desfilando por passarelas, sendo exibidas e exibindo o talento como suas avós faziam antigamente nos nojentos leilões de escravos. Depois, acho uma chatura pagode onde só tenha gente de uma cor. Legal pra mim é ver tudo misturado. Podes crer, amizade. Do fundo do coração, sou a favor da miscigenação. Não embarco em racismo de jeito nenhum. Corto o papo dos nazistas que vieram com marola de que o bom é o ariano, da mesma forma que corto o baralho dos Panteras Negras, que encham a boca pra afirmar que negro é lindo. Pra mim, bom e lindo é gente. Gente de qualquer cor. Gente sem preconceito. Sem mumunha. Gente. Gosto do povão brasileiro, que nessas canoas furadas não embarca. Que se mistura. Que ama sem escolher tipo e cor. Gente que se amarra em parceiradas com amarelos, negros, brancos, vermelhos e azuis. Se amarram tanto que, um belo dia, não vamos mais saber dizer, e nem vamos nos interessar em dizer, se alguém é negro ou branco. Podes crer, amizade. Do fundo da alma quero isso. Como quero. E talvez seja já esse o caso da vencedora do concurso Bonequinha do Café.

Agora, quero deixar claro o seguinte. Quanto à observação que fiz sobre a passarela, quero deixar claro que desfile de moças de qualquer cor sempre me lembra leilão de carne humana. Carlinhos que me desculpe. Registro o seu chiado, mas aproveito e dou meu recado.

O futebol paulista está abrindo o bico

Podem apostar: o futebol de São Paulo, graças à direção que tem, vai indo a passos largos pro beleléu. Em menos de uma semana, sofre[u] dois golpes esculachantes que fez a torcida tremer nas bases e abrir os olhos de espanto. O primeiro tromposo foi dado pelo salseiro do jogo Juventus e Palmeiras. Essa partida, pra ser digna de um clássico da Barra do Catimbó, só faltou tomarem o apito do juiz, que por sinal não ficou devendo bulhufas pro Azevedo do Apito, que é quem apita as peladas no campo do Amor e Glória da Barra do Catimbó. Mas, deixa de lado. O que pesa na balança são as declarações que muita gente de prestígio e com lugar de honra no esporte das multidões andou fazendo. Mesmo sendo ou vindo a ser desmentidas, o quás-quás-quás se alastrou e alertou o povão que faz das tripas coração pra deixar nos guichês dos estádios a sua graninha ganha penosamente com suor e sacrifício. A curriola se alvoroçou. Tá todo mundo invocado com esse trambique que foi escancarado. O que menos fere a gente faz papel de otário é saber que o campeonato paulista tá sendo disputado com cartas marcadas. O coringão já vai pra mão do dono. Outras quizilas vão mixando o entusiasmo da torcida.

Porém (e sempre tem um porém), a lista de convocados da C. B. D.⁴²⁴ só pode ser piada. Foi um xaveco⁴²⁵ medonho com o futebol de São Paulo. O próprio São Paulo F. C. ficou no ora veja. Nem Sergio, nem Gilberto, melhor lateral do Brasil, nem Toninho, magnífico artilheiro, foram chamados. Do Palmeiras, vários jogadores sofreram injustiça. O Cesar, por exemplo, foi passado pra trás sem a mínima cerimônia. Mas, onde fedeu mesmo foi em cima do Corinthians. Parece que estão todos unidos pra bagunçarem o coreto do alvinegro de Ogum. Mirandinha, um lutador que merecia uma chance, foi esquecido. Luis Carlos, o paredão, foi simplesmente ignorado. Vaguinho, um atacante de grandes virtudes, que atravessa uma das melhores fases de sua carreira, que provou que é homem de seleção, não

424 Termo atualizado; no original de jornal consta “C. B. C.”

425 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”

foi convocado. Só pode ser piada de mau gosto o que a C. B. D. fez com o futebol de São Paulo.

Enquanto isso, o Zagalo, técnico da seleção, convoca Rodrigues Neto, do Flamengo, seu clube. Deve ser uma compensação pro rapaz, que era pontaesquerda e resolveu colaborar e jogar de lateral pro Zagalo. Mas, não é o técnico do Flamengo o culpado desta pá de cal no futebol paulista. Ele, todo mundo sabe, quando vai pra seleção, leva a patota do seu time. Quando ele era do Botafogo, os boleiros do time da estrela solitária faziam a base da seleção. A culpa é dos cartolas do futebol paulista. Todos, muito educados, se acanham e não dão uma decisão pros donos da C. B. D. Por essas e outras, o futebol paulista vai indo pro vinagre. E nós chegamos até a ter saudade do Mendonça Falcão. Esse podia ter defeitos, mas com ele a C. B. D. não folgava.

Respondendo à freguesia

Alaor do Nascimento (Vila Matilde) – “Gostaria de saber o que o senhor achou das convocações”.

Achei uma caca, parceiro. Já falei aí em cima. Mas tem mais. Estou vendo que a gente vai voltar ao tempo em que tínhamos o melhor futebol do mundo e não ganhávamos nem campeonato sul-americano por causa do bairrismo estúpido. Naquele tempo, não havia Zagalo, mas havia o Flávio Costa, que era do mesmo naipe.

As mumunhas da gíria (Última Hora de SP – Edição de 22/5/1972. Página 13 Caderno 1)

Outro dia, estava eu sentado naquele lugar solitário onde o mundo se acaba, onde o covarde faz força e o valente... faz o que ninguém pode fazer por ele. E como nessas ocasiões sou chegado à boa leitura (a bem da verdade só nesses casos é que enriqueço a minha cultura), li toda a literatura da porta do gabinete. Vi escancaradas lá notáveis frases de poetas inspiradíssimas, porém impublicáveis. E minhas botucas flagraram também doces apelos. Um deles se cravou na minha memória para sempre, creio. Era feito em forma de oração, evidentemente da pílula. Sintam o aroma da perpétua. A moça, em seu desespero, cravou na madeira, em letras desiguais, a seguinte prece: “Ô Nossa Senhora, mãe de Jesus, tu que concebeste sem pecar, permita que eu peque sem conceber.”

Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que, estando eu plantado⁴²⁶ como uma flor, depois de ler e reler toda a literatura da porta, comecei a folhear uma revista. E eis que, de repente, pálido de espanto, me fixo numa palavra impressa com tipos enormes em cima de uma bela senhora. A palavra em pauta era “pantera”. A frase: “Essa pantera vai fazer cinema”. Não deixava dúvida que a pantera no caso era a madame que tinha sua faixa⁴²⁷ ocupando a página inteira. Como se tratava de figura manjada da alta sociedade carioca, eu tremi nas bases. Não sou de meter o bedelho nas intimidades dos outros. Mas, juro, que não resisti à tentação de xeretar pra ver qual era a fofoca. Tive logo ideias de jerico. Pensei que a reportagem denunciasse a distinta madame de ter feito teste de sofá e tal e coisa com o diretor e o produtor da fita. Mas, que nada. A reportagem era bem do tipo dessas que oba-obeiram as pessoas. E observei, pateticamente, que a palavra “pantera” era usada como elogio à dama.

426 Termo atualizado; no original de jornal consta “plantando”

427 Termo atualizado; no original de jornal consta “facha”

Aí é que meu patuá se entortou. Pantera, antigamente, equivalia ao que hoje chamamos de piranha. Como direi pra me fazer entender? Vê se tu se toca. Pantera era o mesmo que piranha e era usado pra esculachar as pistoleiras. As devoradoras de homem eram chamadas, ou melhor xingadas de pantera. É isso aí. Podes crer, amizade. Hoje pantera é elogio pra badalar granfina. Eu fiquei muito tempo cabreiro com esse troço. Botei fé que o repórter que entrevistou a madame tinha aproveitado pra gozar a senhora, usando os códigos da malandragem. Puro engano. Coleguinha jornalista estava honestamente no lance. Me botei por dentro do macete quando soube que a Globo ia montar uma novela chamada “A Pantera”, de autoria do Vicente Sesso. Reclamei pro meu chapa Renatão:

– Poxa, Renatão, o Sesso é bom, mas as transas dele são outras. Se a Censura deixa novela de pistoleira ser montada, devia ser eu o escalado pra escrever. Eu é que tou firme nessa área.

O Renatão cortou logo o papo:

– Te acanha. Pantera agora é mulher de alta sociedade. E disso quem entende na Globo é o Sesso ou o Renatão. Tu e o Dias Gomes cuidam dos pés de chinelo.

Falou. Ninguém nega o valor do Vicente Sesso e do Bráulio Pedroso. Já provaram mil vezes. Pedi perdão pela minha ignorância e citei uma frase da Tabuada das Candongas, do meu considerado Mestre Zagaia:

– Quanto mais se vive, mais se marca bobeira.

Me entupi envergonhado por ter esquecido que gíria sempre se modifica, sempre ganha novo peso e novo valor. Até cheguei, eu mesmo, a ter passagens curiosas por causa de gíria que uma hora é uma coisa e outra hora é outra. Um quás-quás-quás engraçado que aconteceu uma vez na casa do Paulo Goulart foi bem desse naipe. A gente tava tramando montar “O abajur lilás”. Paulo, Nicete, Walderez, Rutnéia, Pompeu escutavam sem a paciência, a tolerância e a persistência necessárias aos grandes artistas, que eles são, que eu soletrasse as mal-traçadas linhas. Quando, de repente, a bela Nicete deu o estrilo:

– Essa palavra eu não falo.

E foi aquela quizila.

– Mas por que?

– Que é que tem?

– Que bobagem!

Eu me fechei em copas. E a Nicete se explicava:

– Não. Essa palavra eu acho muito feia. Não tenho nada contra palavrão. Se for fazer essa peça, sei que vou falar vários palavrões. Mas, esse aí em especial, eu não vou me sentir bem dizendo.

Um argumento desses, dado por uma atriz do gabarito da Nicete, a gente leva em conta sem discussão. Todos nós sabemos do talento e da força de criação da bela atriz, sem favor uma das melhores do Brasil. Sabemos que ela não é de fricote e, se não gosta de alguma coisa, é porque o público vai se chocar. A Nicete Bruno tem um senso comum muito apurado. E eu, que me esforço pra não ser imbecil, tratei loguinho de arrumar um sinônimo pra tal palavra. Foi tacar na mesa o novo palavrão pra chover protestos:

– Mas tá louco?

– Isso não é o mesmo que aquilo.

A Nicete me defendia:

– É, gente.

Mas todos, principalmente as mulheres, berravam juntas:

– Não. Aquilo quer dizer coisa chata. Isso quer dizer isso que a gente sabe.

Os homens riam. O Pompeu até deu palpite, de tanta que era confusão:

– Eu acho até que essa palavra é mais feia que a primeira.

A Nicete, porém, afirmava:

– Vocês não sabem das coisas. Já vi tudo.

Dona Isaura Bruno foi chamada como reforço da Nicete e não se fez de rogada em testemunha em favor da filha:

– A Nicete tá certa. A única palmada que dei nela quando ela era criança foi justamente por falar esse palavrão.

Estava dada a motivação pra recusa da atriz em não dizer a tal palavra. Freud na história fez o Paulo Goulart sorrir. Ele sabe das coisas. Entende às baldas de gente. Sabe ver onde tá o mistério. Não há linguíça que fique escondida embaixo do angu que ele não descubra. Por isso é que ele sabe dar o recado certo no palco. E foi sorrindo filosoficamente que ele deu uma pá de cal na discussão. Creio eu que ele só deixou a catimba pra dar recreio à patota da leitura que eu estava fazendo. O descanso foi bom. Quando ele achou que a curriola recuperou o gás e aguentava outro round, botou a bola no chão:

– Fala o autor. Esclarece a questão e continua a leitura.

Por acaso, nesse perereco, eu sabia onde estava enfurnado o coringa. Sem cerimônia, cantei a pedra. Mostrei que a Nicete estava com razão. Realmente, quando ela era menina “a tal palavra significava exatamente o que ela pensava e o que fez a Isaura lhe dar uma palmada. Acontece que os moçoilos que jogam água fora da bacia e espalham que mulher dá câncer não gostam [e] passaram a usá-la pra designar coisa chata. Aí, como hoje em dia eles são maioria, ditam a moda. E os otários vão repetindo tudo o que ouvem, sem saber o que estão dizendo e acabam se machucando. Até a Walderez, a Ruthnéia e o Pompeu, nessa história, entraram de gaiatos.

A palavra que tu quer saber é...

Poxa, que pena que não saiu publicado, né?

Os urubus (Última Hora de SP – Edição de 23/5/1972. Página 13 Caderno 1)

Podes crer, amizade. A situação já andou boa pra urubu. Agora, acabou o recreio pra essa ave. Tu que só pega a pior, tu que come bagulho catado na feira, tu que mora na beira do rio e quase se afoga toda vez que chove, tu que só berra da geral sem nunca influir no resultado, tu que só lê jornal que fica pendurado em banca, sente o aroma da perpétua. Urubu tá valendo uma grana sonora. Não é grupo, nem cascata. Se trata de uma transa meio marota de alguns cientistas das estranhas.

Os ilustres homens de saber encucaram que do jeito que a chata vai, loguinho, e antes do que a gente pensa, vai até faltar araruta nos supermercados. Por essas e outras, um mingou no futuro pode ser um troço pra milionário. E sendo assim, na moita, cientistas gringos resolveram estudar os babados do urubu, pra saber como é que é, ele que come carniça e tal e coisa. E é devido a isso que estão comprando jaca de urubu por um preço de humilhar nego que ganha salário mínimo. Mas, tu sabe como é o lance. Humilhado ou não, quem anda se agarrando até em fio desencapado, dando nó em pingo d'água e catando lata entra em qualquer catimba. Nessa, a moçada lesada da sorte entrou com tudo. As maiores curriolas estão se formando pra capturar urubus, na vã esperança de melhorar o faturamento.

Porém (e sempre tem um porém), é bem como diz mestre Zagaia, na sua Tabuada das Candongas:

– No dia que barro tiver valor, pobre nasce sem orelha.

Se tu não entende o [que o] velho cabo de esquadra falou não é culpa dele. Ele fala em brasileiro correto, que dá pra qualquer um manjar. Mas não é tudo que se diz que se pode escrever. Muitos dos melhores babados devem (não sei por que) ser apenas sugeridos. Eu faço [o] que posso. Mas, nem sempre sou feliz ao traduzir as dicas do sábio da Barra do Catimbó. Mas, deixa isso tudo de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que em “cara ou coroa”, de pobre, a moeda só cai em pé. Até acredito que os urubus vão dar um lucro legal pros caçadores. Só que, nesses esquínaps, sempre tem troco. O caso dos sapos é bem desse naipe e deve ser lembrado pra não deixar otário entrar na canoa furada. Foi assim.

Os cientistas estrangeiros queriam fazer experiência com sapo e, como eles não são de entrar em charco e além disso têm verba pra gastar, deram um alô pro povão do nordeste brasileiro. Não teve chibu. Tudo quanto era tabaréu que tomou conhecimento do assunto saiu catando sapo com bodoque. E aí, já viu. As plantações de mamona foram pro bebeléu. Ficaram relaxadas. Toda a patota que trampava na lavoura virou caçador. E acabaram com os sapos. Não valia não. Só sapo. Mas, rã sem sapo morre de tristeza. Entre os animais, não há esses modismos meio esquisitos. As rãs se apagaram de tédio. Mas, ninguém se atucanou com isso. Venderam os sapos e gastaram a grana.

Daí, veio a rebordosa. No pedaço em que os sapos foram caçados (foram quase exterminados), deu praga de gafanhoto e de outros insetos de fim de mundo. Foi broca. Precisou gastar uma fortuna de inseticida pra espantar os gafanhotos. Daí, os cientistas estrangeiros piaram na parada com a novidade. Afirmaram: “A matança indiscriminada de sapos, que se alimentam de larvas e de insetos, provocou um desequilíbrio e houve uma super procriação de insetos”. Manjaram? Não foram os cientistas que venderam o inseticida. Longe de mim tal insinuação. Mas, o mais eficiente pó pra matar gafanhoto é estrangeiro. E se a gente for conferir, é capaz de descobrir que tinha estoque encalhado. Isso é tudo suposição. Mas, serve de guia pro caso do urubu.

Num país onde o lixo não é industrializado, nem nas grandes capitais, onde nas grandes cidades os lixeiros mal dão conta de recolher as sobras da sociedade, urubu faz uma falta danada. Ainda mais nos lugarejos das quebradas do mundaréu.

Mas, não quero ouriçar ninguém. Bem sei que meu puçá não vai além da superfície e, nessas condições, só pesco o que aparece flutuando nas águas barrentas em que navego contra a maré. Porém, desde já garanto que não como mais patê de galinha em lata. Aqui, ói, gaivota! Quem gosta de mim sou eu.

Bochichos das quebradas

Corredor

A Têvê Globo lá do Rio de Janeiro, tirando uma onda das mais patrióticas, pintou o corredor dos estúdios da novela, de verde, amarelo, azul e branco. Aí um coleguinha não resistiu à tentação e escreveu na porta “Ninguém segura esse corredor”.

Futebol

Ainda na Carica, o entusiasmo da moçada pelas grandes contratações de craques não esmoreceu, muito embora a torcida do Vasco já tenha dispensado ao Tostão um tratamento igual à que a torcida do Corint[h]jians dá ao Mirandinha.

Vaiaram o moço boleiro sem dó. Tudo porque o Vasco não ganhou do Olaria. Para variar, os cartolas, em desespero, fizeram um exame e mandaram o técnico Zinho embora. O que prova que eles continuam os mesmos e não têm futebol melhor do que o de São Paulo. A vantagem da Guanabara é que o Zagalo é patriota carioca e dá colher de chá pros jogadores do Rio.

Agora, nós aqui não queremos ser profeta. Longe de nós essa pretensão. Porém, quem lê o “Intervalo 2000” às segundas-feiras, onde damos recado sobre futebol, sabe que nós, com a modéstia que nos é peculiar, cantamos a pedra. Tá lá escancarado pra quem quiser conferir. Eu disse: Tostão é craque. Mas, um time de cabeças de bagre, não vai fazer milagre nem contra o Olaria. Não deu outra coisa.

Eu achava o Pelé um chatão (Última Hora de SP – Edição de 24/5/1972. Página 13 Caderno 1)

Eu nunca tinha escrito antes sobre o Pelé, mesmo achando que ele é um jogador espetacular e mesmo ele sendo o camisa 10 do Santos F. C. de glórias mil. Acontece que eu achava o Pelé um chatão de galocha fora do campo. Um boneco de ventríloquo, metido a dedicar gol pras criancinhas e a outras besteiras desse naipe. Eu tinha a impressão que o Pelé se levava a sério. Posava de bom moço porque se acreditava Rei do Futebol, deus da bola e os cambaus. Só por isso me fechava em copas sobre o grande jogador.

Porém (e sempre tem um porém), agora ele caiu da panca. Vaiado pela torcida no jogo do alvinegro praiano com o XV de Piracicaba, não vacilou em chutar a bola pra cima dos ouriços que, das sociais da Vila Belmiro, urravam. Aí, foi lindo. Fiquei de pronto do lado do Pelé. A cafajestada do craque me alegrou. Ele voltava a ser ele mesmo. Gente como eu e como qualquer um. Gente que vibra na vitória e se chateia com as derrotas.

O Pelé teve coragem às baldas naquele momento. Naturalmente, estava de cabeça quente, mas mesmo assim, nesse lance, o Pelé chutou tudo que anda curtindo. Prestígio e imagem. Voltou a ser ele mesmo. E é esse Pelé que eu amo, respeito e quero no meu time. Tenho certeza de que a galera que chiava não quer outro. Os gênios, os heróis, os sábios, os deuses são uns chatos. Estão sempre fazendo pose e escarrando regra. Não dá pra se aguentar. Não se usam mais esses tipos quase no fim do século. Bravos. Pelé! Tu chutou todas as mumunhas em cima da torcida. Agora, firma tua cachola. Vai no candomblé confirmar teu ponto. Pede pro teu orixá pra te dar força pra assumir a presepada. Aí, meu chapa, tu fica mais tu. Volta a ser o Pelezinho e vai fazer outra vez mil gols. Agora, se encucar e ficar envergonhado e arrependido por ter feito a cafajestada, tchau. É melhor pendurar a chuteira logo de uma vez.

Bochichos das quebradas

Vejam só. Muita gente telefonando pra saber que palavra a Nicete Bruno não quis falar na peça “Abajur lilás”. Podes crer, amizade. Tem curioso à beça por aí. Agora, eu não sabia que era lido por tanta gente fina. Juro por essa luz que me ilumina que pensava que grafino como leitor era privilégio do Giba Um.

Ainda com respeito à crônica “Mumunhas da Gíria”, quero consertar um lamentável engano. O nome da mãe da Nicete é Dona Leonor Bruno, minha querida colega de “Beto Rockefeller” e “João Juca Junior”, novelas onde Dona Leonor Bruno abafou. Não sei porque saiu Isaura Bruno na história. Isaura é a Mamãe Dolores.

Transas no Rio

Meu chapa Mario Lago, ator de grande embaixada, autor de muito sucesso, compositor inspirado (basta ver o samba “Amelia”, pra qualquer um se tocar no valor do Mario) fez um show no Teatro Opinião e foi um chuí. O Mario, com toda sua categoria de grande artista, disse poemas, contou histórias e cantou. A plateia, repleta de jovens, vibrou de entusiasmo. Riu e chorou, e no final, invadiu a arena e carregou o Mario Lago em triunfo. Foi comovente. Isso prova que talento não tem idade nem geração. O Mario Lago, com simplicidade, dá o recado e qualquer pivete entende. É isso aí. Podes crer, amizade. Vamos transar pra fazer o Mario Lago vir dar uma colher de chá aqui em São Paulo. A gente merece.

Sobre minhas peças

Atenção, meus caros amadores de teatro, não vejo motivos pra que sejam montadas, por grupos amadores, peças que são comprovadas como sucesso de bilheteria. No meu entendimento, a função do amador, que deve não ter compromisso com a bilheteria, é fazer experiência, lançar autores novos e tal e coisa. Por essas e outras, quem anda pensando em montar “Navalha na carne”, “Dois perdidos numa noite suja”, “Homens de papel”, “Quando as máquinas param” e não sei mais o que em festival de teatro de amador ou de estudante, pode ir se acanhando. Não permito.

A propósito do assunto, quero lembrar uma história que deixa bem claro que esses grupos que se metem a copiar os elencos profissionais, pelo menos em repertório, só querem satisfazer a vaidade.

Uma vez, estava eu em Ribeirão Preto, terra da Dereca e do Bar Pinguim, onde tem o melhor chope do mundo, quando piou na parada um cidadão metido a importante e todo cheio de presepadas culturais. O distinto, sem a mínima cerimônia [veio] em mim e botou banca.

[–] Quero que hoje à noite, depois do seu espetáculo, você vá ver o ensaio do meu grupo de teatro. Tem uma menina que é um gênio. Eu quero que você veja ela representar.

Eu sempre fui cabreiro com gênio. Na profissão de ator não tem desses negócios. A gente leva anos e anos pra ficar por dentro dos macetes do palco. Porém, como sou educado, dei corda:

– Que peça estão ensaiando?

E o papanatas não se fez de rogado pra responder. Encheu a boca e arreou besteira:

– “A visita da Velha Senhora”. Eu garanto. Vi a peça com a Cacilda Becker e tudo. Mas a nossa menina é melhor que ela. Você vai ver.

Claro que não fui. Dei um passa-fora no distinto, que saiu zonzinho espalhando que eu era subversivo. Mas, tem mais. De noite, me aparece no teatro um rapazinho humilde, pedindo para eu ler a peça que ele escreveu. Também não gosto de fazer isso. Mas, era tanto o encabulamento do autor, que eu li um ato antes do espetáculo e outro no intervalo. Tinha coisas boas o rapaz. Dei um embalo nele e quis saber:

– Tu não mostrou pros amadores? Eles podiam montar a tua peça em vez da “Visita”.

E aí, murcho, o rapaz entregou os pilantras:

– Eles não quiseram nem ler minha peça. Falaram que, no momento, o grupo tem que fazer uma grande montagem pra ganhar prestígio na cidade.

Pois é. Minhas peças não entram nesse perereco.

Os namorados românticos e os parques de cavalinhos estão acabando e eu acho uma pena. Juro por essa luz que me ilumina que acho legal às baldas os velhos casais santistas que se conheceram no Belezinha do Gonzaga, um parquinho que marcou época quando meu pai namorou minha mãe e que toda a patota da minha geração conheceu de escutar os veteranos falarem. Sente o aroma da perpétua. Esse parquinho existiu uns dez anos antes de eu dar o ar de minha graça no mundo. E, no entanto, os mais velhos arrearam tanta cascata sobre o Belezinha do Gonzaga, que eu poderia até desenhar uma planta do parque e de suas mumunhas. Às vezes, fecho os olhos e vejo o tablado de patinação, o ringue de boxe, a roda-gigante, o trem-fantasma. Perguntarão os abilolados que já nasceram secos por dentro: como é que vê? Imagina. E imagina um parquinho qualquer. Mas, todos os parques de diversões se parecem, responderão. Aqui, ói, gaivota! Eu sei de mim. Fui artista de show de parque. Trampei no Parque Atlas, no São Jorge e em outros. Porém, o que às vezes pia na parada das minhas mumunhas é o Belezinha do Gonzaga. Tenho certeza. Porque eu, quando entro nesses pererecos ganho até sonoplastia. Parece que alguém canta na minha orelha as músicas que marcaram a época do troço encucado. Por exemplo: quando encuco sobre o Belezinha do Gonzaga, me vem na ideia uma cabine de som toda cheia de babados e uma voz anuncia:

– Para gaudio de vossos ouvidos e para a sensibilidade de vossos corações, vamos apresentar: “O lindo jangadeiro”. Essa música, Oscar oferece de todo coração a Dolores, como prova de amizade.

E depois, entra o som. Uma voz de anjo canta uma canção que nunca escutei em rádio:

Era um lindo jangadeiro
de olhos azuis-verdes do mar
Ele passava o dia inteiro
longe nas águas a pescar
Vai por aí. E vão se sucedendo as melodias, com
que minha mãe encantou meus sonhos de menino:
Quando a noite é de Lua
e o luar se desmaia
eu já vi uma onda
dar beijinhos na praia
Pescador pincha a rede
para o peixe pescar
pescador pincha a rede
para o peixe pescar

E nessa onda⁴²⁸ eu embarco. Minha mãe quando cantava, eu até me debulhava. Quando ela engrenava um:

Meu amor é cigano
Não me dá um beijinho

Eu empacotava. Vinha de onde estivesse chorar nos braços dela. E depois dessa zoeira, me sentia limpo por dentro. Feliz. E me imaginava no tal parque

428 Termo atualizado; no original de jornal consta “onde”

Belezinha do Gonzaga, cantando o Violino Cigano pra uma plateia só de mulheres. Podes crer, amizade. Eu virei ator porque nunca levei queda pra abrir o bico como cantor. Mas, trocava todas as minhas peças pelo direito de cantar pelo menos tango em Mafuá. Mas, deixa tudo isso de lado. Lembrei-me de todas essas quizilas porque vi uma notícia escancarada nos jornais que me deixou triste às pamparras. Aí, dei corda na cachola e me piquei de saudade e fui parar na Belezinha do Gonzaga, que não é nem do meu tempo. Por isso, o lance hoje é meio confuso. Porém sincero. Mas, vamos ao que quero contar e ao que pesa na balança.

Em São João do Meriti, onde nem urubu voa baixo, o Ari deu uma pala pra Catarina e foram namorar num parquinho. Compraram pipoca como manda o figurino e, embalados pela voz do Waldick Soriano, sentaram-se agarradinhos na roda gigante. E estavam esquecidos das catimbas e agarrados à vida, só falando ou pensando coisas doces, quando o acento do balanço se quebrou e os dois despencaram bem do alto da roda-gigante.

Pombas, isso me doeu. Senti um aperto danado no peito. Quase desabo. Soou pra mim como se o último casal romântico do subúrbio e o último parquinho tivesse ido pro bebeléu. Foi aí que desfilei na memória aqueles troços todos. Essa notícia me deixou batusquela. Me senti a perigo. E nessas horas, não tem erro. Volto correndo pros meus axés de fundamento. Vou na infância buscar as escoras de sustentação dos meus pontos firmados e de raízes fortes. O Violino Cigano me cantou na alma e eu chorei pelos românticos e pelos parques de cavalinhos que estão caindo pelas tabelas.

Que pena! Me dá muita pena. Hoje a moçada tira meio de letra as namoradinhas. Ninguém o usa arrear cascata sonora no pé da orelha da mina de fé. Que nada. Vão na linha grossa. Depois, resolvem ser românticos nos esquinapos em que o homem tem que ser de verdade, tem que estar de olhos abertos e fincado na realidade. Daí, as coisas se bagunçam. Talvez por isso é que eu me toquei tanto pelo Ari de Meriti e pela Catarina.

Bochichos das quebradas

Um dia, escrevi que na Última Hora nunca tinha sido convidado pra trabalhar. Se arrumava contratos, era porque me esforçava. Fazia das tripas coração. Falava com uns e outros até me encaixar. A partir daí, parece que os coleguinhas jornalistas ficaram com dó. Passaram a escrever que eu ia pra Tevê Rio, pra Record, pra Bandeirantes e pros cambaus. As notícias afirmam que vou escrever novela pra Dercy Gonçalves. Claro que seria mais honra. Mas, infelizmente, não vai ter disso. O que vou fazer com a dona Dercy Gonçalves, maior atriz popular do Brasil, é a “Navalha na carne”. Em se tratando de novela, continuo ator da Globo. Por sinal, estou saindo da “Bandeira 2” e vou entrar no “Bicho do mato”, do Renatão Correa de Castro e do Chico de Assis. O resto, amizade, podes crer, é boato espalhado por gente que escutou o galo, mas não sabe onde.

Uma história de amor na favela (Última Hora de SP – Edição de 26/5/1972. Página 13 Caderno 1)

Na favela não é só vagau que faz mocó, como a maioria dos moradores da cidade acham. Muitos trabalhadores, chefes de família, por andarem trampando a troco de salário mixuruca, se veem constrangidos a criar a filharada nesses pedaços. Tá claro também que nas favelas aparece muito cara que já em desespero, não vacila em afanar, matar e jogar tudo pro alto. A miséria retorce muita

cuca que, se tratada com carinho, poderia fazer grandes coisas. Mas, deixa isso de lado. Não sou sociólogo. Tenho um puçá de vara curta que não vai além da superfície e, por essas e outras, só pesco o que aparece boiando nas águas barrentas em que navego. Porém (e sempre tem um porém), como repórter de um tempo mau, sei de algumas mumunhas. E essas, eu racho. Por exemplo: sei que, na Favela do Urubu com Fome, tem muita gente decente que procura ganhar o pão de cada dia com o suor da fuça. Mas, sei também que tem muito pivete que acha que tá condenado a comer capim amargo pela raiz, mesmo que se chegue ao batente. São garotos que, apesar de não terem estudado, são inteligentes e se revoltam com a falta de chance. Como não sabem conscientizar os pererecos que os assombram, viram bicho e botam pra quebrar. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é uma história de amor da Favela do Urubu com Fome.

O Seu Beraldo era homem de trabalho e tinha oito filhos. Nessa leva, havia duas meninas, que por sinal eram as mais velhas e estavam em idade de namorar. Esse troço é que tirava o sono do Seu Beraldo. As duas eram bem bacaninhas. Bonitas (considerando a falta de trato e a subnutrição), as moças atraíam os olhares dos paqueras mais pilantrosos da redondeza. Seu Beraldo não dava folga pras filhas. Noite e dia, com a ajuda da mulher, vigiava as filhas. E nessa catimba, flagrou que a moça mais nova estava de namorico com um tal de Russinho, um sarará metido nas transas mais pesadas. Quando parava nas biroscas, pra tomar um aperitivo, o Seu Beraldo escutava os bochichos da curriola em torno das façanhas do Russinho e se assombrava. Ele não era homem de chiquê. Jamais lhe passara na cachola a ideia de jerico que ocorre a muito cidadão de classe média, como casar as filhas com grã-fino na vã esperança de melhorar o nível social. Que nada. Seu Beraldo era simples. Só não queria ver os filhos em más companhias. E com essa intenção, alertou a filha:

– O sarará não presta, é bandido. Ele não vacila em meter a arma nos otários e lhes tomar os picos. Numa dessas, vai arrumar enguiço fedorento.

Mas a moça tirava de letra. Mestre Zagaia, velho cabo de esquadra, na sua Tábua das Candongas, dá uma luz sobre o assunto. Diz ele:

– Em caso de gama, pichação da torcida só serve pra juntar mais o casal embeijado.

E se o Mestre Zagaia diz, é que é. De tanto o pai falar contra, a moça achou que era implicância de velho e começou procurar valores no pilantra. Como não existe ninguém só com defeitos, assim como não existe ninguém só com virtudes, a moça logo estava por dentro das qualidades do Russinho. Aí, foi broca. O velho Beraldo se atucanou. Ameaçou fazer e acontecer pra acabar com o namoro. A moça não se acanhou. A família toda ficou contra ela. E uma tarde, quando o seu Beraldo voltava do batente, pegou a filha de papo com o Russinho. Endoidou. Mas, o vagau não era fácil e encarou. Seu Beraldo quis partir pra cima dele na mão. Mas o sarará se garantiu nas armas. Foi um escarcéu. Seu Beraldo teve que botar o galho dentro. Se recolheu ao mocó humilhado. Tomou uma tremenda bebedeira. Chorou. Bateu na mulher, a quem acusou de não saber educar os filhos. Jurou que ia à forra com o Russinho. A menina não apareceu em casa essa noite. Por ordem da mãe (afinal, mãe é mãe), foi ficar com a madrinha até passar a raiva do pai. E[,] na aflição, seu Beraldo se apagou.

Na manhã seguinte, acordou murcho, de ressaca e encabulado. A mulher (esposa de pobre tem essa virtude), mesmo ressentida com a biaba que tomou, cuidou do seu homem com carinho. Aí, seu Beraldo esfriou a cabeça. Sentiu medo de ter que cruzar com o Russinho e ter que lhe dar uma decisão. Considerou que

ele, seu Beraldo, tinha a família pra cuidar, a mulher que era boa. Tiroteio era bom pro sarará, que era largado e não tinha nada a perder. E[,] nessas circunstâncias, ficou sem moral pra guerra. Mas, no íntimo, queria desgraçar o inimigo. E tramou um xaveco⁴²⁹ cavernoso.

Antes de ir pro trabalho (pobre não perde dia nem com problema. Faz falta. Quem tem tempo para analista é grã-fino), passou no posto policial e caguetou horrores do Russinho pro sargentão de plantão. Esse, que estava a fim de mostrar serviço pros superiores, deu cana no pilantra.

Quando foram conferir a ficha do Russinho, os policiais viram que ele estava premiado e guardaram o moço no xadrez. Com essa dedação, o Seu Beraldo limpou a área. Tirou o vagau do seu caminho. Mas, não ganhou nada. Aliás, perdeu. A filha, que apesar de tudo o amava e respeitava, passou a odiá-lo. Não quis mais nem ver o maldito pai que entregou o seu namorado. Ela soube que foi ele. Essas coisas, todos ficam sabendo. Saiu da casa da madrinha e foi se empregar de doméstica pra ganhar dinheiro e levar cigarro pro sarará na cadeia. Não demorou muito, conheceu algumas pistoleiras que também iam visitar seus homens presos. Todas elas levavam melhores presentes do que ela podia dar pro Russinho. Pediu pras novas amigas as palas. Ninguém se faz de rogado pra ensinar o mau caminho. A moça tremeu nas bases, relutou, mas acabou embarcando na onda. Faturou alto. Era tão novinha. Grana mole. Seu Beraldo soube. Alguém lhe contou do destino da filha, só pra machucar o bruto. Ele foi conferir. Viu com seus olhos de ver. De desgosto, se danou a beber. Perdeu o rumo, se relaxou. Largou o trabalho. E tudo foi pro beleléu. Sem ter o que comer, nem dar pros filhos pequenos, a mulher do Beraldo foi se socorrer com a filha. Essa boa criatura deu dinheiro às pampas pra mãe e chamou a irmã pra sua catimba. E foi o fim.

Ah, ia me esquecendo. Logo depois de entrar na gandaia, a filha do seu Beraldo enjoou do Russinho e nunca mais foi vê-lo na prisão.

Não se pode confiar em índio (Última Hora de SP – Edição de 27/5/1972. Página 13 Caderno 1)

O Valdemar tinha nas veias o sangue dos bandeirantes e na cachola umas ideias de aventura. Por essas e outras, quando piou na parada o babado de abrir estrada no Amazonas, o Valdemar nem vacilou. Passou a mão na mochila e foi firme pra selva cumprir o destino que escolheu. E[,] no meio do mato, o Valdemar não regateou. Pediu e conseguiu pra ir junto com uma turma que pegou o pior pedaço. Um trecho escamoso onde nunca homem branco ou preto tinha botado o pé. Acho mesmo que nem índio andou no mato onde o Valdemar se escalou pra trabalhar. Aquilo era um emaranhado de assombrar. As árvores enormes eram todas cercadas por trepadeiras e cipós. Aí, tu já viu. Ficava um cerrado que não dava pra ninguém atravessar. Podes crer, amizade. Pioneiro brasileiro no Amazonas não teve moleza, como seus colegas de fita de cowboy, que foram pioneirar no Oeste bravio por prados verdejantes.

No Amazonas, o perereco foi escamoso. No meio da floresta, muitas vezes o Valdemar se botou a pensar como o Tarzã era fajuto. Na Jangal [sic] do rei dos macacos, não tinha mosquito, não tinha cobra malandra, dessas que se finge de cipó pra ver quem vem se pendurar nela não tinha lacraia, nem charco, nem os cambaus. Já no Amazonas, era uma batalha. Mas, deixa tudo isso de lado. Não sou sertanista. O que quero contar e o que pesa na balança é que o Valdemar e a patota

429 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”

que estava com ele, uns tabaréus que não enjeitavam nada, encararam a terrível selva Amazônica e desmataram o lugar. Foi na raça que destocaram [sic] o lugar. E estavam nesse serviço quando um tabaréu viu sinal de fumaça. Em todo lugar, quando há fumaça, há fogo. Mas, nesses lances, quando há fumaça, pode apostar que tem pele vermelha. Aí, o tabaréu deu o alô pros outros caras pálidas e teve início o quás-quás-quás.

Toda a curriola ficou cabreira. Juro por essa luz que me ilumina que teve nego [que] até queria desertar. Mas, o Valdemar providencialmente arreou na mesa todo seu conhecimento sobre índio. E garantiu pros tabaréus que índio sempre quer apito. E começou a transa.

De tardinha, quando acabava o trampo, os caras pálidas deixavam mil e um badulaques no roçado. A noite, os peles vermelhas vinham pegar as bugigangas. Como, dona Margô? Índio brasileiro não tem pele vermelha? E daí? Apelido de índio é pele-vermelha e acabou. Não inventa nenhuma pra tumultuar a história. A marola de deixar presente pros índios deu certo. E não demorou pro Valdemar e os tabaréus ficarem chapas dos índios. Nós não demos colher de chá. Não podemos nunca escrever grandes roteiros de aventuras por causa dessas grongas. Índio brasileiro é folgado e nossos pioneiros, mais ainda. Foi só ficarem amigos pro pajé mandar ofício pro Valdemar ir com sua patota fazer um jogo de futebol no campo da tribo. E daí pra frente, foi aquele pagode legal. Não demorou muito, estava todo mundo misturado. Os peles-vermelhas começaram a frequentar o acampamento dos caras-pálidas e até pegaram na picareta. Já o pajé, que não era de fazer força, ficou ajudando nos trampos mais leves. Isto é, ficou doméstico. E[,] naturalmente, ficou íntimo do Valdemar que, nessa altura do campeonato, era o chefe dos caras-pálidas. Bom chefe, por sinal. Enquanto a estrada avançava, o Valdemar ia melhorando o acampamento. Fez até uma engenhoca de bambu, pra puxar água pra dentro de casa. Deu um capricho e fez um mictório que era uma beleza. Tinha caixa de descarga e tudo. E o Valdemar deixou o pajé encarregado da limpeza do mictório.

O pajé cuidou de corpo e alma do W. C. da floresta. Dava inveja a muito mictório de cinema e de botequim de São Paulo. Nesses aqui da cidade, a gente às vezes, tangido pela necessidade, vai usá-los e quando sai parece que eles é que usaram a gente. O do pajé, não. Cada um que ia lá se servir, quando saía, levava uma bronca do pele-vermelha e via com espanto o pajé, na hora, limpar a privada.

Bom, pra encurtar o papo, quero dizer que a estrada progrediu rapidamente, foram espalhando piche e um dia um táxi aéreo trouxe um grupo de figurões pra examinar a obra. Foi uma festa. Os figurões choraram de emoção com o que viram. Fizeram discurso elogiando os trabalhadores. Fumaram o cachimbo da paz com os peles vermelhas e foram focalizados pelas câmeras⁴³⁰ do Primo Carbonari. (Cada um tem o Cecil B. de Mile que merece.) Depois, começaram as perguntas:

- Foi duro amestrar os índios?
- É verdade que índio come gente?
- E as índias são boas?

O índio que faz as tangas ataca na linha Dener ou não?

A tudo o Valdemar respondia com paciência. Mas, teve uma hora que ele resolveu cartear amarra e meteu ficha em cima dos figurões:

– Ganhei os peles vermelhas na conversa. Hoje eles são meus. Tenho tudo com eles. O pajé, então, é mais chegado a mim que o Tonto ao Zorro. O bicho gosta tanto aqui do otário, que na aldeia dele tão até bochichando que a gente tem cacho.

430 Termo atualizado; no original de jornal consta “camaras”

Tudo grupo. Mas, o que eu pedir ele faz. Nem que tenha que fazer das tripas coração, ele obedece minhas ordens. Querem ver?

E diante do espanto dos figurões, o Valdemar chamou o pajé e deu as ordens: Pajé, vai me buscar um copo de água.

Sem estrilo, o índio foi correndo e voltou correndo com o copo de água. O Valdemar pegou o copo e deu pro maior figurão beber. Daí, mandou o índio buscar mais água. E foi assim até o último figurão beber sua água. Aí, o Valdemar perguntou orgulhoso:

– Querem mais?

Um figurão desbaratinou:

– Não chateia o índio. Ele já foi lá umas vinte vezes.

Mas o Valdemar não considerou. Argumentou que ele também estava com sede e mandou o pajé buscar mais um copo de água. O índio foi correndo. Mas não voltou rápido, como nas outras vezes. E os figurões pegaram no pé do Valdemar:

– O índio não vem mais.

– Te deixou na saudade.

– Tu, em vez de mandar ele buscar uma jarra pra todo mundo, ficou fazendo ele ir e voltar de copo na mão, bem feito. O índio se arrancou.

O Valdemar estava morto de vergonha. Não dizia nada, mas se mordida por dentro. De repente, o pajé aparece de copo na mão. Retumbando de alegria, o Valdemar se encheu de razão e bronqueou:

– Por que demorou, pajé? Outra dessas e eu não te arrumo mais pra desfilar no carnaval com os [sic] Cacique de Ramos. Tu tá ficando muito devagar.

O índio tremeu nas bases e se explicou:

– Perdoa pajé, chefe cara pálida. Pajé demorou porque tinha outro cara pálida sentado no poço.

Os figurões se tocaram no lance e o Valdemar foi despedido.

Quase uma tragédia (Última Hora de SP – Edição de 29/5/1972. Página 13 Caderno 1)

O Artur era um moço simples de bairro, bancário de profissão e, a bem da verdade, trabalhador. Dele ninguém tinha queixa. Os pais, os irmãos, os colegas e todos que o conheciam tinham por ele amizade e respeito. Por essas e outras, não teve chibu quando começou a namorar a Marieta, uma garota até que bem jeitosinha. O sogro não se opôs ao rapaz. A sogra, que nas profundezas das suas entranhas ambicionava argolar a filha com um sujeito bem instalado na vida, regateou um pouco. Encheu a cachola da filha com ideias dissolventes. Mas, nenhuma violência⁴³¹ ao ponto de fazer a menina mudar de rumo. Foram palas pra alertar a Marieta, como confessou um dia mais tarde, a coroa. Mas, deixa isso tudo de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que Artur e Marieta se casaram com todas as presepadas de praxe. E foram muito felizes. Juro por essa luz que me ilumina. Não é grupo. Os dois se deram muito bem no casório. Há quem diga que, se casamento fosse bom, não precisava de testemunhas. Porém, algumas uniões são perfeitas. A do Artur com a Marieta foi desse naipe. Os dois se completavam, combinavam de cama e mesa. E foram tendo filhos. De saída, veio uma menina linda. Logo o casal encomendou um companheirinho pra garotinha não ficar muito sozinha. Veio um garoto saudável e aumentou a alegria do Artur e da Marieta.

431 Termo atualizado; no original de jornal consta “violenta”

Porém (e sempre tem um porém), cresceram as despesas. O Artur passou a fazer das tripas coração pra poder escorar o repuxo. Mas, não reclamava. Ele não era homem ganancioso. Se apoiava todo numa filosofia meio marota. Sempre repetia as mesmas frases cabulosas: “A saúde é a maior riqueza”. “Nossos filhos são dois tesouros que Deus nos deu”. Essas cascatas comoviam a Marieta e eles ia remando a catraia contra a maré. As vezes, na hora da janta, o Artur esquecia seus axês⁴³² e largava na mesa, diante da Marieta, um troço que escapava um pouco dos fundamentos da sua vã filosofia:

– Com a vida custando os olhos da cara, Marieta, a gente tem que fazer uma loucura qualquer dia. Tiro um empréstimo na Caixa e compro uma casa. É o aluguel que nos come pelo pé.

Toda vez que escutava esse quás-quás-quás, a Marieta arregalava os olhos de espanto e tremia nas bases com a audácia do marido. E ponderava. (A Marieta, coitadinha, era ponderada).

– Temos que pensar nas crianças, Artur. Não podemos entrar numa aventura. Se a gente fosse sozinha, ainda vá lá. Mas temos as crianças.

Com essa água fria no seu entusiasmo, o Artur se acanhava. Ficava matutando até fundir a mufa. E depois mudava de assunto. Enchia cartão da Loteca e ficava torcendo. Mas, no meio dessas mumunhas, piou um fato novo. Dona Marieta ficou grávida do terceiro filho. Mais apreensivo com o futuro do que retumbantes com a gravidez, o Artur, depois de muito conflito, resolveu dar o grande passo. Tirou empréstimo na Caixa e comprou um sobradinho num bairro novo que ia surgindo. Só pra efeito de ilustração, o podeação [sic] onde o Artur foi morar era dos mais escamosos. Na rua onde ele se plantou tinha só a casa dele e atrás uma bruta favela. Por aí tu já pode ver que eles foram pra casa nova cheios de medo. O Artur perdia o sono com pavor de não poder pagar as prestações da casa. A Marieta vivia de plantão[,] vigiando assombrada os vizinhos favelados. Os dois andavam apavorados. Qualquer barulhinho e Marieta fazia o Artur levantar e ir conferir se era ladrão. O Artur, que não era leão, pra sossegar a mulher, vasculhava o quintal com um foco de lanterna que acendia no vitrô [sic] do banheiro. E essas catimbas foram minando o casal. Já não eram os mesmos. Ficaram nervosos. A Marieta, nessa situação, penou na gravidez e teve um parto difícil. As poucas economias do Artur (as duas reservas, como ele chamava) foram gastas com médico e remédio. Não quiseram ter filho pelo INPS. Ficaram duros.

Aí, com três filhos e sem nenhum pixulê infurnado, o Artur entrou em fase de bobeira geral. Arrumou um bico de vendedor de manhã e outro de contador de uma firma à noite. A Marieta, coitadinha, endoidou. Não conseguia ficar sozinha em casa à noite com os filhos pequenos. Mandaram chamar a mãe dela. Foi pior. A velha, além de escutar barulhos, via fantasmas em todo canto. Estava transando nas áreas do espiritismo. E[,] no perereco, a própria Marieta dispensou a mãe. E pra quebrar o galho, o Artur, que não podia largar os bicos por já ter padronizado a vida com a grana a mais que faturava, se viu forçado a contratar um guarda-noturno pra vigiar a sua casa até a meia noite, hora em que ele chegava do batente. E foi aí que se deu o esquinapo.

Uma noite, por volta das 22 horas, dona Marieta deitou-se e, pra esperar o marido, se pôs a ler um livro. E estava curtindo a leitura, quando escutou na sala de jantar um estalo de madeira. Batusquela como andava, dona Marieta se afobou toda. Correu pro quarto das crianças e botou todas embaixo da cama da mais velhinha e recomendou silêncio. As crianças, sem saber o que se passava,

432 Termo atualizado; no original de jornal consta “êxes”

obedeceram. Dona Marieta, então, pé ante pé, foi ao quarto da frente da casa, abriu com cuidado a janela, num sussurro chamou o guarda noturno e lhe deu a dica:

– Escutei barulho de ladrão na sala.

O sereno, em tom baixo, botou banca:

– Abre a porta que ferro o bruto.

Juntando todas as forças, a mulher venceu o medo, desceu a escada e abriu a porta da rua pro guarda noturno. Ele entrou e iniciou o interrogatório:

– Onde foi o barulho?

Antes que Marieta respondesse, as crianças no quarto se mexeram. O guarda escutou a zoeira e, sem conversa, subiu as escadas. O guarda invadiu o quarto das crianças, que estavam escondidas em baixo da cama. Nessa altura, a menina mais velha se coçou. O novo barulho assanhou o guarda e ele berrou:

– Saia dai de mão na cabeça, se não vai chumbo.

E como não foi obedecido, se abaixou e deu três tiros pra baixo da cama. Foi um escarcéu. Por sorte, as balas apenas furaram o penico.

Bebum falador dá trabalho (Última Hora de SP – Edição de 30/5/1972. Página 13 Caderno 1)

Bebum falador é sempre um papagaio enfeitado. Podes crer, amizade. Se o pinta é de naipe de tomar cachaça e abrir o bico, a gente tem que ter cuidado. Eles, de saco cheio, vão boquejando qualquer babado. Se rendem inteiros. Areiam na mesa os troços mais íntimos. Soltam os fantasmas todos. Daí, já viu. Quando passa o fogo, vem a ressaca e, junto, a vergonha de ter falado o que não devia.

O Nivaldo Baiano era desse tipo de bêbado na hora da saudade. Era só meter umas pingas no bucho pra se botar a relembrar as presepadas que aprontou na sua terra natal. Eu, que me guio pela Tabuada das Candongas, do Mestre Zagaia, tenho um bruto medão dessa raça. Não sou psiquiatra. Porém, o Osvaldo não manjava as dicas do velho cabo de esquadra. E se plantava em botequim pra cozinhar siri em água morna e ver o tempo passar. Solitário, caladão, longe do seu pedaço, era a plateia ideal pros pinguços. E por essas e outras, passou a transar com o Nivaldo. Ambos eram pedreiros e trampavam na mesma obra. Quando acabava o dia, eles iam pro boteco jantar. Sentavam na mesma mesa e calçavam os peitos. Cada um ao seu modo. O Osvaldo pegava firme um gordurame sortido e o Nivaldo se servia das biritas. De cachola quente, é redondo, o Nivaldo se rachava⁴³³ inteiro em histórias cavernosas e compridas. O cupincha só dizia: é, não é. Mas bastava. E foi nessa catimba que os dois ficaram inseparáveis. Pontas firmes. Até foram morar no mesmo quarto de pensão. E foi aí que começou o esquinapo.

O Osvaldo era todo controlado. Separava a grana do aluguel e da comida. Já o Nivaldo bebia tudo o que ganhava. E dessa forma, quando chegou no fim do mês, se deu o enguiço. O Osvaldo pagou sua parte na mensalidade do quarto e o Nivaldo, que só recebeu vale, não tinha bulhufas com que comparecer. O dono do mocó chiou. Mas o Nivaldo, tagarela, dobrou o homem na conversa e ganhou um prazo de dez dias pra pagar a conta. Pegou a grana do amigo e, em vez de dar pro senhorio, seguiu pra esperar juntar com o seu e liquidar tudo de uma tacada. Mas, viciado é broca. Com dinheiro no bolso, o Nivaldo não resistiu. Se botou a beber com a bufunfa do Osvaldo. E no dia do vencimento do prazo, o senhorio chegou nele, apertou e ele, com cara de pau que a bebida lhe deu, confessou que não tinha mais dinheiro. Foi um perereco. O homem quis despejar os dois. O Nivaldo se

433 Termo atualizado; no original de jornal consta “rechava”

conformou. Mas, aqui, ói, gaivota, que o Osvaldo engoliu enrolado. Já tinha bufado com o dinheiro e se sentiu lesado. O resultado foi uma quizomba endoidada. Só teve arreglo quando o dono da pensão compreendeu que o Osvaldo não era caloteiro. Aí, teve mil e um chega pra cá. E se tratou que o Nivaldo caía fora. Depois de uns dias, devolvia a grana do Osvaldo e esse pegava a sua parte. Todos aceitaram o acordo na hora.

Mas, bêbado não merece confiança. Foi só o Nivaldo dormir no relento, tomar um porre, pra ficar na bronca e ficar achando que o Osvaldo o tinha xavecado⁴³⁴. Aí, espalhou nos botecos da redondeza sua versão sobre os fatos. Claro que, na sua própria boca, o Nivaldo era vítima. E[,] de todos pra quem contou o lance a seu modo, recebeu solidariedade. Com essas minhocas na cuca, atucanado com o Osvaldo, decidiu não devolver o dinheiro dele, pra se vingar da treta. O Osvaldo era quieto, mas não era fácil. No dia marcado, atracou no ex-companheiro de quarto:

– Cadê o meu?

Sem cerimônia, o Nivaldo tirou de letra:

– Perdeu pro Abreu. Se ele não te pagar, nem eu.

Engrossou o caldo. Foi um quás-quás-quás medonho. Só que não saíram no braço porque o Osvaldo se acanhou com a decisão que o Nivaldo deu. Sabia que o bebum era matador. Tinha escutado da boca dele os detalhes de salseiros feitos na Bahia. Não quis no braço e menos ainda nas armas. Mas não deixou barato. Na hora de ir embora, deu um alô:

– Se tu não me pagar até amanhã no meio-dia, vou caguetar pra polícia que tu tá premiado na tua terra.

Braseado, o Nivaldo desconheceu:

– Vai mesmo. Quero que tu e a polícia se danem.

Porém, depois, refletiu e se tocou que, por uma brincadeira besta, podia pegar uma gelada. E maneirou. Encostou no Osvaldo ao meio-dia com um papo macio:

– O meu, dá um tempo pra mim. Não leva a sério a marola de ontem. Eu estava mamado. Hoje a noite eu te levo a grana na pensão. Legal?

Não teve complicação. O Osvaldo só queria seu dinheiro. Até almoçaram juntos, como nos bons tempos. E à noite, o Nivaldo piou na pensão conforme disse. Entrou no quarto do Osvaldo e se anunciou:

– Parceiro, vim trazer o teu.

Puxou da arma e arrebitou o colega com três tiros. Depois, foi pro boteco beber e contar vantagem. E foi lá que a polícia encontrou ele.

Respondendo à freguesia

Joaquim Nosquese de Castro (Tucuruvi) – “Eu gostaria de ter todas as suas peças editadas. Como posso conseguir?”

Apenas duas peças minhas foram editadas: “Navalha na carne”, pela Editora Senzala, que está esgotada. Não sobrou nenhum livrinho. Nem eu fiquei com um pra mostrar pros meus pivetes quando eles crescerem. Algum gaiato me afanou. Agora, “Quando as máquinas param”, que foi editada pela Editora Obelisco, do meu chapa Pedro Fanelli, você pode encontrar à venda na entrada do Teatro dos Têxteis, na rua Oiapoque, 80, onde estamos levando a peça há nove meses, com Walderez de Barros e Roberto Rocco. Este livro me deu uma grande alegria. Em dois espetáculos no Tuca, vendemos mil e duzentos livros, o que acredito que seja o recorde mundial de venda de livros de teatro em duas noites.

434 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecado”

O morto que ri (Última Hora de SP – Edição de 31/5/1972. Página 13 Caderno 1)

Todos nós que transamos nas quebradas do mundaréu já escutamos mil e uma vezes os papos mais encardidos sobre fantasmas. Mula sem cabeça, lobisomem e outras assombrações menos votadas já apavoraram as noites de muito nego de patuá forte. Eu sei, de ouvir contar, muitas histórias de cadáveres que na hora do velório sentam-se no caixão e estrilam com os presentes por estarem ali plantados. Meu chapa Zeca da Casa Verde, que na mocidade faturava uma notinha sonora como animador de velório, sabe de lances todos cheios de mumunhas. Era um tempo bom em que, na Barra Funda, um crio[u]llo morto era velado com brincadeiras de gurufim e cachaça, pão e café rodavam pelas mãos dos pontas firmes que encaravam a noite de vigília. Podes crer, amizade. Muito vagau escolado por anos e anos de janela era frequentador assíduo de velório. Comiam, bebiam, charlavam as minas que o falecido ia deixar no desconsolo e, [s]em paga, no enterro, pegavam na alça do caixão e, no calo, levavam o morto pro cemitério. Aí nessa época, não tinha esse babado de carro. Defunto pobre era carregado pelos amigos e acompanhados até a última morada a pé. E era exatamente nesses cortejos, quando a turma vinha de uma longa noite acesa, bebendo e saracoteando, que se davam os maiores esquinapos.

O Zeca da Casa Verde, há muitos anos, desistiu de dar o ar de sua graça nesses acontecimentos por causa de um perereco que viu com os seus olhos que a terra vai comer um dia. Foi a gronga do Zelão, um crio[u]lão gordo que morreu arrebitado numa gafieira.

Quando estava sendo guindado pra cova, estremeceu, sentou-se no caixão e gemeu. O Zeca da Casa Verde e outros mais valentes deram pinote. Os mais apavorados ficaram pregados no chão sem poder correr e viram, com as botucas arregaladas de espanto, depois de uns segundos, o Zelão desabar outra vez dentro do caixão e rapidamente enterraram o pinta para evitar que ele se alvoroçasse.

E como esses casos, sei também de outros. Os caminhos esquisitos, estreitos e escamosos do roçado do bom Deus são cheios de mumunhas. Um troço misterioso que se dá na barranqueira do fim do mundo vem sendo cochichado e até na Barra do Catimbó se fica sabendo. Não sei se algum escritor de valor provado, ou algum literato que ainda permanece no anonimato já se preocupou em juntar esses troços. Se fizeram façanha desta, não me botei por dentro. Do assunto, manjo de orelhada. Faço essa ressalva toda pra deixar bem claro que não estou a fim de inventar histórias. Muito menos de chutar pra frente algum fantasma já registrado em livros. Mas, deixem isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que venho colecionando casos de velórios e enterros em que o defunto apronta salseiro. Ou de casos que parecem de alma do outro mundo, mas que no final qualquer Mandrake de Mafuá explica.

O Geraldão do Peruche, por exemplo, contribuiu com uma história legal, que eu até já escancarei aqui. Foi uma nega fantasma que ele viu logo depois que o salão de baile do Vinte e Oito pegou fogo. Ele viu a nega, a nega deu bola, ele foi na cola e a nega entrou no cemitério.

O Chuvisco, meu ponta de lança pra quizilas várias, me conta que na terra dele, interior da Bahia, quando morre alguém em lugarejo, o pinta é levado pra cova na rede em que dormia, ou a família, se quiser luxar com seu defunto, tem que mandar buscar caixão numa cidade grande. E foi numa catimba dessas que um tabaréu vinha trazendo por um pedaço um caixão vazio nas costas. Quando passou um caminhão, o tabaréu pediu carona e conseguiu. Trepou na carroceria e foi em

frente. De repente, choveu e o tabaréu, pra não se molhar, entrou no caixão e se fechou lá dentro. Cansado como estava, dormiu. Mais pra frente, uma patota de lavradores pediu carona e foram atendidos. Trepararam na carroceria e foram em frente. Não deram pelota pro caixão. Mas, numa curva da estrada, o caminhão sacolejou e o tabaréu acordou. Daí, tirou a tampa do caixão e, sem cerimônia, perguntou pros lavradores:

– Parou de chover?

De susto, os lavradores pularam do caminhão e nessa zoeira morreram dois e três ficaram bem machucados.

Tudo isso me passou pela ideia quando li no jornal que um delegado queria dar cana num defunto que mexe e vira ria e exalava um cheiro fedorento pros convidados. O delegado, que não acreditava em fantasma, acho[u] que o estarrado estava de pilantragem, se fingindo de morto pra ver quem comparecia no seu enterro. Um médico foi chamado pra examinar o morto que ria. Bastou o doutor dar uma observada no defunto gozador pra se tocar na verdade e dar uma explicação científica.

Certas contrações post-mortem, como o suposto sorriso desse defunto, resultam da eliminação de gases. E, rindo e cheirando, o defunto baixou na sepultura.

Bochichos das quebradas

Moisés Lupion , ex-governador do Paraná, entrou numa fria violenta com uma curriola de agiotas. Passaram o distinto senhor Lupion pra trás. E ele chiou. Deu parte na polícia e tudo. Agora, sente o aroma da perpétua. O povão que berra da geral sem nunca influir no resultado está só comentando à boca pequena: “O que se faz na terra, aqui mesmo se paga”.

Respondendo à freguesia

Grupo Teatral da Cidade (Santo André) – “Estamos apresentando no Teatro Municipal de Santo André a peça de Lafayette Galvão “Aleijadinho aqui e agora”. Aguardamos sua presença no dia reservado na bilheteria”.

Obrigado, rapaziada. Vou ver o “Aleijadinho” do Lafa loguinho.

4.6 – As crônicas de junho de 1972 – Coluna Navalha na carne

Guerra dos deslumbrados (Última Hora de SP – Edição de 1/6/1972. Página 13 Caderno 1)

Foi uma mancada de entortar patuá essa que o costureirinho Dener deu, ao abrir a boca pra pixar seu coleguinha Clóvis Bornay. Foi a fofoca mais cavernosa que já [se] viu. Um lesado da sociedade espinafrendo outro, que está na mesma condição, é grave. Todo mundo sabe que a Censura proibiu Dener, Clóvis Bornay e Clodovil de desmunhecarem no vídeo pátio. A medida foi tomada pra não haver incentivo ao deslumbramento infantil. Até aí não houve estrilo. Os alarmados membros da família apoiaram a Censura com seus aplausos. Mas, sente o aroma da perpétua. O Dener, que também foi proibido, perdeu contrato milionário e tudo, perdeu também ótima oportunidade de calar a boca. Reuniu a imprensa e, entre um ameaço de chique e outro, foi boquejando:

[–] Achei ótimo a Censura proibir o Clóvis Bornay de se apresentar na televisão. Era um lixo ele de salto alto e cabeleira loira dançando com o Silvio Santos.

Como veem, o costureirinho não tem espírito de classe. Ainda avacalha com o seu parceiro Bornay. Não pede nem de leve a cabeça do Silvio Santos, que dançou junto com o Bornay ao melhor estilo boneca deslumbrada. Não. O moralismo do costureirinho Dener não vai a tanto. Ele só chia contra o Bornay. Por aí, logo se vê que ele não é nobre de espírito. Por essas e outras, uma patota de gente bem nascida, que transa no jornalismo, ficou ouriçada contra o Dener. E foram logo achando que ele, além de não ser nobre de espírito (que é o que conta pra mim), não era nobre de coisa nenhuma. Foram levantar a infância no bruto e descobriram a sua origem. Daí, já viu. Botaram a ficha aflito e teve chiliquinhos. Mas não é só. Mestre Zagaia, velho cabo de esquadra, diz na Tabuada das Candongas:

– O que se faz na terra, aqui se paga.

E se o Mestre Zagaia diz, é que é. Ele sabe das coisas. E foi só o Dener esculachar seu coleguinha Bornay, pra bater sujeira pesada em cima dele. O bandidão conhecido nas quebradas como Estrelinha formou quadrilha e assaltou a casa do Dener. O Estrelinha meteu a arma na fuça de toda a patota que estava abanando o costureirinho e trancou todos na privada. Porém, com o Dener, o Estrelinha foi delicado. Levou o costureirinho pro escritório e, com educação, pediu um cheque. O Dener mostrou que sabe receber. Ofereceu uísque estrangeiro pro Estrelinha, cigarro americano e tudo. Foi um luxo o assalto. O Estrelinha até se comoveu. Mas, nem por isso perdeu o rumo. Forçou o Dener a assinar um cheque. A princípio o Estrelinha queria cem mil jeripocas. Mas, o Dener chorou as pitangas. Garantiu pro Estrelinha que não tinha tanto dinheiro. Que não era rico. Que por ele ter bom gosto, os jornais cascadeavam que ele era milionário. Mas o que ele possuía era talento e formosura.

O Estrelinha aceitou os argumentos do Dener. Compreendeu que não ficava bem pro costureirinho dar cheque sem fundo e aceitou quinze mil. Foi receber no banco e deixou seus cupinchas tomando conta do Dener. Daí, voltou. Agradeceu muito a gentileza toda do costureirinho, pediu desculpas, amarrou-o e fugiu.

Ao escrever essas mal-traçadas linhas, ainda não sei se o Estrelinha já entrou em cana ou não. O que sei é que, na penitenciária onde o Estrelinha é muito bem relacionado, a curriola já inventou novo apelido pra ele. Vai ser, daqui pra frente, a Boneca Vingadora. Todos acham que o Estrelinha catimbou em cima do Dener porque ele falou mal do Bornay.

Bochichos das quebradas

A curriola que se atucana nos caminhos esquisitos, escamosos e estreitos do roçado do bom Deus está alvoroçada com a notícia de que o conceituado intelectual Mário Souto Maior vai lançar um dicionário de palavrões. O Pé de Bicho, quando soube da novidade, não fez cerimônia pra afirmar:

– Um pai dos burros desse naipe é que a gente tá precisando. Agora nós xinga eles e eles vão poder saber do que foram xingados.

Respondendo à freguesia

Carlos Dias de Souza (Cangaiba) – “Eu não vejo razão para mudarem o campeonato...”[.]

Não vê, Carlinhos, porque tu deve ser torcedor do São Paulo ou do Palmeiras. Mas, se tu fosse sofredor do Corinthians, tu andava por aí acendendo

vela pra ver o perereco começar de novo com todos os times com zero ponto. Agora, aqui pra nós, o campeonato paulista é burro e bem que podia ser mudado pro ano que vem. Mexer esse ano nos regulamentos vai dar um clima de avacalhação que vai encabular a torcida.

Neusa Aparecida (Penha) – “Meu sobrinho fica até tarde assistindo a novela “Bandeira 2” só pra ver você dar risada. Ele sabe rir igualzinho a você. Mas você aparece tão pouco na novela e nos dias que você não aparece meu sobrinho fica triste.”

Pois é, dona Neusa. Eu entro pouco e é justamente por isso que sou risada. Ganho bem e trampo pouco. Se trampasse muito, não ia ter saúde pra rir.

Peixe bom tá sumindo (Última Hora de SP – Edição de 2/6/1972. Página 13 Caderno 1)

Pode crer, amizade. O camarão de Sepetiba é o mais gostoso do mundo. E isso, longe de ser legal e de encher de orgulho os pescadores de Sepetiba, só serve pra criar mil e uma quizilas. Por exemplo: gente sem o mínimo escrúpulo vai pescar com porta, com rede de malha miúda, e mata sem remorsos filhote de camarão e tudo. Com essas e outras o viveiro que era Sepetiba está indo pro beleléu. E não é só o camarão. Corvina, robalo, pescada, tainha sumiram das águas de Sepetiba.

Agora, tu que só pega a pior, tu que só come bagulho catado na feira, tu que mora na beira do rio e quase se afoga toda vez que chove, tu que só berra da geral sem nunca influir no resultado, sente o aroma da perpétua. Quem mata o peixe miúdo não são os pescadores de Sepetiba. Essa gente boa não é otária de destruir a galinha de ovos de ouro. Quem bagunçou a baía de Sepetiba são os donos das grandes frotas de barcos, com motores possantes. Eles é que pescam com balão e arrastão de porta. Isso é crime. E outro crime: os piratas do peixe atacam pequenas embarcações para espantar o caiçara. Em Sepetiba, tem muita gente chiando e as autoridades vão sair na captura dos piratas. A gente espera que a maré fique brava pra essa curriola sem consciência.

Krain-a-kore

O perereco no Amazonas é de entortar patuá. Só mesmo nego muito macho pode dar o ar de sua graça no meio daquele matão. Esse caso dos Krain-a-Kore não é fácil. Os índios gigantes estão fazendo um denngo danado pra entrar na marola dos irmãos Villas Boas. Os heroicos sertanistas abriram uma clareira na floresta perto da maloca da tribo e largam mil e um badulaques. Os índios apanham os presentes e ficam na mesma. Não querem papo. O trabalhador Aureliano, por exemplo, foi marcar bobeira perto da taba do pajé e tomou uma flechada. Com essa catimba, toda a patota ficou encabulada. Se índio quer apito e ganha, por que depois vem pintado nas cores de guerra? Os Villas Boas já estão desconfiados da malandragem do Krain-a-Kore. Acham que tem linguíça embaixo do angu. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que, com todo esse perereco de pioneiro com índio na floresta bravia bem escancarado, o cinema nacional tem que se acanhar. Tudo porque, com a mania de gozação que a curriola que compra ingresso tem, não ia ter cacique nem pajé que fizesse sucesso. Logo a patota ia achar esculacho a indaiada falando igual a crio[u]lo de Tarzã e a pele vermelha dos paladinos do Oeste.

A propósito, teve um filme de índio que se chamou “Como era gostoso meu francês”, que foi um esquinapo. Todo mundo quis ver a fita. Mas, não era pela

história, muito menos pelas piadas, menos ainda pela fuça do galã e nem pelo rosto doce e belo da estrela. Iam todos por causa do pajé. Vê se pode. O pajé era um mulato gordo de Niterói, que foi desbaratado com cabeleira e pena, pra se parecer com índio. E como bom índio, aparecia nu. E o seu documento era tão pequenininho, que dava vexame. O voluminho do pajé virou a alegria do circo. Era só piar na fita pra começar a zorra. A turma sem dó vaiava o voluminho do pajé. Virou moda ir ver o pajé. Quase que o filme quebra o recorde de bilheteria só por causa do voluminho do pajé. Quase ninguém lembra dos artistas desta película. O pajé gordão de voluminho pequenininho ofuscou os astros. Essas coisas só acontecem mesmo no Brasil.

Mas, ruim mesmo ficou pro mulato gordo que fez o papel do pajé. Outro dia, lá no Rio de Janeiro, ele confessava pra mim e pro Ari Soares, em tom magoado:

– Pensei que virando artista ia ter o maior prestígio com as mulheres e me estrepei. Elas, quando me veem berram: “Oi o pajé da fita”. E começam a rir. A molecada de Niterói encarna no meu pé. Não tenho mais sossego. Tudo porque me meti a artista.

Acho que não vai dar pra gente se meter a fazer filme de aventura na selva amazônica por causa desse babado. Nosso pajé é esse de voluminho pequeno e ninguém vai aceitar outro em seu lugar. Conheço as plateias.

Catuá já era

Atenção, tu que nas aflições desta vida perdeu o embalo por mulher. O Doutor Kihlstroem, da Universidade de Upsala, já pensou no teu drama e se botou a pesquisar um fortificante mais eficiente que gemada de ovo de codorna e que Catuá. A mumunha milagreira já foi testada em cobaias que estavam inativas sexualmente e o efeito foi uma bomba. As cobaias ficaram assanhadas às pamparras. As proteínas desse remédio milagroso são extraídas do cérebro da vaca e, segundo o doutor, poderão potencializar a virilidade do homem.

O gozado disso tudo é que, quando o doutor Kihlstroem foi mostrar seu invento pra outros sábios e veneráveis cientistas, todos quiseram provar um pouquinho de tal suco da cuca de vaca. Agora o remédio pode até ser fajuto, mas vai vender às baldas. Já tem muito velho pedindo amostra pelo reembolso postal.

Nove meses

Nossa peça “Quando as máquinas param” está no palco do Teatro do Sindicato dos Têxteis, com Walderez de Barros e Roberto Rocco, numa direção de Jonas Block, há nove meses. Mais de vinte mil pessoas assistiram ao espetáculo e riram e choraram com brilhante desempenho dos atores. Teatro popular é isso, meu povo. Preço legal. Inteira: cinco mil. Estudante: três mil. Sindicalizado de qualquer categoria ou profissão: dois pedros. Tecelões: uma abobrinha. Vai lá tu também. Rua Oiapoque, 80, Brás.

O fim da linha (Última Hora de SP – Edição de 3/6/1972. Página 13 Caderno 1)

O Zelão não era fácil. Ainda pivete, começou a aparecer nas rodas da curriola pesada e, sem cerimônia, ia mostrando que era encardido. Grande, forte, bom no braço, dedo mole nas armas, encarava qualquer situação. Não enjeitava enguiço, não corria do pau e não era esculachado. E apanhando, aprendeu os macetes, se fez homem duro e cínico. Daí, já viu. Montou um pesqueiro e fez seu nome. Ficou considerado das piranhas, respeitado na malandragem e se instalou no bem-bom.

Quando piava na parada, o seu faturamento estava garantido. Os donos do jogo lhe davam um barato. Os intrujões [da] comissão, madames adiantavam seu lado e, nessa catimba, o Zelão remava sua catraia em água mansa. Era o valentão. Nem um vagau tinha peito de encrespar pro seu lado ou cruzar seu caminho.

Só a polícia às vezes entrava na fita pra perturbar o Zelão. Assim mesmo, era coisa pouca que a cana queria com ele. Na verdade, o Zelão não tinha trato seu em nenhum atalho esquisito, escamoso e estreito do roçado do bom Deus. Ele era limpo. Os vagaus é que lhe davam presente. Não afanava, não achacava mulher, não passava fumo. Mas, a polícia cismava com ele por ele não ter emprego. Pra quebrar essa bronca, o Zelão então arranhou um emprego de relações públicas de uma boate que andava meio falida.

Se saiu bem às baldas no seu emprego. A espelunca que estava vazia passou a lotar todas as noites. Pra isso, bastou o Zelão se plantar na porta das outras casas noturnas e sugerir pra tudo que era freguês que dava o ar de sua graça:

– Só vai se divertir quem for lá no Cabaré Leite da Mulher Amada. Aqui não vai dar pé.

A moçada aceitava a dica e mudava o rumo. Não tardou pro Leite da Mulher Amada entrar na moda. Aí, ficava a três de alto, com nego se agarrando pelos picos pra não espirrar pelo ladrão. E nunca dava encrenca. O Zelão garantia a ordem com a figura.

Nunca, por muitos anos, teve chibu pro Zelão. E ele enricou. Casou-se com uma moça legal. Teve filhos. Construiu casa própria em bairro grã-fino. Comprou caranga. Se acomodou. Estava manso. Tinha até na cachola uma ideia de jerico de se candidatar a vereador pelo M. D. B. A pose, os cabelos brancos e a fama lhe davam uma dignidade. As pessoas passaram a tratar o vagau de senhor Zelão. E ele era o próprio papagaio enfeitado. Envelheceu e não percebeu. E aí se deu o esquinapo. Estava ele uma noite plantado junto à caixa do cabaré onde, nessa altura do campeonato, o Zelão tinha o pomposo cargo de gerente, quando entrou na fita um garotão folgado que foi logo fazendo quizomba. Bateu numa mulher, quebrou garrafa, fez e aconteceu. O Zelão azedou e foi chamar a atenção do garotão. Foi um perereco. O garotão deu o estrilo:

– Se arranca, coroa. Tá pensando que tá tratando com algum otário. Não vem que não tem. Se procura, te dou uma biaba.

O Zelão tremeu nas bases. De repente, se viu diante da realidade. Estava velho. Não tinha mais confiança no seu taco. Nem queria briga. Seu carro. Sua mulher. Seus filhos. A casa. A posição. Tudo pesava na balança. Ele não queria perder nada do que tinha. Por essas e outras, se sentiu no papo da aranha. Gelou na frente do garotão. Tentou manear:

– Escuta, meu bom, vamos relaxar a bronca.

Mas o garotão não quis conversa. Desacatou o Zelão:

– Se arranca, loque. Aqui o bom sou eu. E sou eu quem dá as cartas.

Novamente o Zelão se entupiu. Procurou dentro de si a antiga raiva que lhe tinha movido até ali e não encontrou. Perdeu o embalo nas andanças das quebradas. Se apavorou. Mas avaliou a gronga. Se afina, está frito. Perde o emprego. Vai pro beleléu. Então, teve que se valer. Puxou o revólver e, sem erro, arrebitou o garotão. Fez o serviço e se rendeu. Ficou grudado no chão até a polícia vir buscá-lo. Foi pro xilindró. Asilo de malandro velho.

Bochichos das quebradas

No Rio de Janeiro há muito falatório em torno da estreia do Carlos Imperial como ator de teatro. O gordo deu o ar de sua graça na ribalta vivendo o papel de Bocage. Quem viu o espetáculo saiu espalhando que o Imperial estraçalhou. O diretor Grisoli não podia ter encontrado ninguém pra fazer Bocage. O rei da curtição e o poeta português, sem dúvida, tem muitas afinidades.

Respondendo à freguesia

Argemiro Marques de Souza (Paraíso) – “Afinal, você vai ou não vai escrever uma novela? Tenho lido uma porção de notícias, mas até agora não vi nada anunciado na televisão”.

A dúvida não é só tua, Argemiro. Eu também me pergunto isso. Toda vez que os coleguinhas publicam alguma notícia desse naipe, eu me assanho. Mas por enquanto, continuo fazendo minha figuração inteligente na novela “Bandeira 2”, do Dias Gomes. As outras transas que você lê é bochicho. Mas fica torcendo, quem sabe um dia a gente consegue.

Como nasceu a Barra do Catimbó (Última Hora de SP – Edição de 5/6/1972. Página 13 Caderno 1)

O crio[u]lo Catimbó era o rei das bocas encardidas, onde os vagaus mais ouriçados e as piranhas mais escrotas têm o pescueiro montado. Temido e respeitado por todos, o Catimbó flanava à vontade.

Porém ([e] sempre tem um porém), uma noite, nas quebradas dos mundaréu, o Catimbó topou uma parada encardida. Estava ele à toa num boteco, escutando o quás-quás-quás da curriola, quando a cana entrou na fita a fim de dar uma batida geral e apanhar algum vagau que estivesse no devo com a lei. Aí, foi broca. A tiragem, como sempre, piou na parada e não fazendo cerimônia com otário. Encostou as metranças nos pilantrosos e deixou toda a patota mansa. O único que se azedou e estranhou a polícia foi o Catimbó, que não era fácil e deu sua pala:

– Em mim, rato nenhum bota a pata. Sou mais eu e me garanto.

O tira que encostou no crio[u]lo ainda quis papo:

– Se acanha, crio[u]lo, que aqui é cana dura.

Mas, a sugestão não grudou. O Catimbó deu um “chega pra lá” no tira e o chamou pra decisão:

– Sai pra lá, rato nojento. Tu não tá tratando com nenhum loque. Então, já viu. Se correr pra dentro de mim, vem com tudo. Que aqui é o Catimbó. No braço não te conheço e nas armas é pra quem der sorte.

Coberto pela razão, o polícia teve que puxar o revólver e dar no gatilho. Mas, o Catimbó era de Ogum, seu guia de fé e de valia; era filho de Mãe Begum de Obá, carregava patuá forte, tinha axê com raízes plantadas na África e confirmadas na Bahia; mumunhas que garantiam seu corpo fechado contra ferro, fumo e fogo. E por essas e outras, se safou das balas do tira, puxou a draga e deu o troco sem dó. Acertou três arrebitos na fuça do polícia, que já caiu estarrando e foi falar com Deus.

Os colegas do policial que foi pro beleléu marcaram bobeira. A curriola apavorada se alvoroçou e o Catimbó não vacilou. Deu pinote e deixou o povão e a polícia falando sozinhos. Dali, o Catimbó foi se mocoçar na pensão da Madame Violeta, onde uma de suas muitas mulheres, a Nega Bina Calcanhar de Frigideira tinha pouso. E foi aí que o Catimbó esfriou a cuca e viu que tinha se metido no papo de aranha. Botou sua presepada na balança e o que pesou é que, dali pra frente, a

polícia ia sair todinha na sua captura. Naturalmente, os tiras iam querer desferrar o colega morto.

Mal dentro da roupa, o Catimbó mandou Dona Cotinha ir xeretar junto aos policiais pra saber de toda a situação. Essa mulher, que era a maior fofoqueira das quebradas do mundaréu, se infiltrou no velório do tira, se fez passar por viúva do falecido, chorou suas melhores lágrimas de crocodilo e soube dos planos dos tiras pra apagarem o Catimbó. Rapidinho, Dona Cotinha deu a ficha pro crioulo. Ele não teria a menor segurança na pensão e em nenhum lugar das bocas. Então, o jeito era puxar pra bem longe. E o Catimbó fez as despedidas. A Nega Bina, chorando, pediu pra lhe acompanhar. Comovido, o Catimbó explicou que iam pegar pela pra os maiores contra-vapores da paróquia. Mas, Dona Cotinha e Madame Violeta encentivaram a Nega Bina e ela seguiu seu homem.

Sem descanso, o Catimbó e a Nega Bina bateram perna pelos mais estranhos, estreitos e esquisitos caminhos do roçado do bom Deus. Onde atracavam, os bochichos da façanha tinham chegado primeiro. Nos terreiros de macumba, nos puleiros das piranhas, nos mocós das encolhas, nas gafieiras, nos botecos e nas biroscas, nas favelas, nos cortiços e nos porões onde morava a gentalha, o comentário só era sobre o crime do Catimbó. Os cachorrinhos caguetas estavam por toda parte de botucas e antenas ligadas, tentando levantar uma pista do matador de polícia. Diziam à boca pequena que tinha prêmio de grana sonora pra quem entregasse o Catimbó pra polícia. Os pontas firmes, que sempre guentaram o Catimbó, dessa vez se fechavam em copas. Não queriam trato com vagau que estava pedido. Ninguém queria segurar um rabo de foguete tão grande. Todos tinham medo de pegar as rebarbas.

E o Catimbó se azucrinava. Só a Nega Bina estava com ele, sem estrilar e por gosto. Sem dormir, com fome, sem dinheiro, sem esperança e sem destino. Já meio pirado da cuca pelo medo e por tudo mais. Catimbó entrou no mato junto com sua mulher. Sem rumo, vagou por sete noites e sete dias seguidos, até que, finalmente ao entardecer do sétimo dia, parou à beira de um regato de águas cristalinas e contemplou o lugar, que era muito bonito. O regato corria num chapadão que ia acabar num monte. Exausta, a Nega Bina caiu ao lado do Catimbó. Ele permaneceu em pé, olhando tudo. Até que seus olhos se fixaram no horizonte e ele se enterneceu com os soluços da Nega Bina. Uma estranha força lhe brotou na alma. E o Catimbó berrou em direção ao céu:

– Malei-me, Ogum meu pai. Malei-me. Eu sou quem sou porque andei desde pequeno nos atalhos das quebradas. Matei e morri mil vezes. Morri de fome, morri de sede, morri de frio, morri de ver minha gente morrer. Agora, estou farto. Me dá tua valia. Perdoa as maldades que eu fiz. Me dá descanso e também pra Nega Bina, minha companheira. Deixa nós em paz nesse lugar bonito como nunca eu tinha visto antes. E permite que a gente crie filhos nessa terra de Oxalá. Malei-me, meu pai Ogum.

Ao acabar sua oração, as lágrimas rolaram pelo duro rosto do Catimbó, que ficou imóvel, como se esperando uma resposta. Ao seu lado, a Nega Bina ainda soluçava. Mas era tanta a tranquilidade da tarde, que não escoava nenhum ressentimento daqueles soluços. E a noite foi descendo mansamente e a primeira estrela brilhou no céu. Ao ver a estrela, o Catimbó sorriu. Aí, caiu na terra e dormiu. A Nega Bina também dormiu ao seu lado. Tiveram pesadelos horríveis e sonhos suaves. Se agitaram a noite toda. Principalmente o Catimbó, que nas angústias dos pesadelos se agarrava à terra e se esfregava e urrava como se estivesse possuindo uma fêmea toda cheia de fogo.

Só despertaram com o Sol batendo forte sobre eles. Estavam imundos de lama. Porém, estavam possuídos de grande alegria. Sorriam um para o outro e foram se lavar no regato de águas cristalinas. Nas águas, os dois brincaram como crianças e por fim o Catimbó jurou:

– Tu é de fé, Bina. E por isso eu te juro por essa luz que me ilumina: se meu Ogum me permitir, com a força da tua gama eu, nesse pedaço, vou erguer um mundo.

A Nega Bina Calcanhar de Frigideira, sorrindo e chorando, selou:

– Será a Barra do Catimbó.

E sem mais conversa, os dois se puseram a construir com as próprias mãos, uma morada.

Velha prevenida vale por duas dúzias (Última Hora de SP – Edição de 6/6/1972. Página 13 Caderno 1)

Dona Marieta era uma coroa de valor. Remava sua catraia em águas barrentas, Deus sabe como eu imagino. Com a vida custando os olhos da cara como anda, a distinta senhora tinha que fazer das tripas coração para poder se aguentar com a pensão de viúva que recebia. Mas deixa isso de lado. O que quero contar e que pesa na balança é que, mesmo essa grana que o marido deixou pra ela quando morreu sendo pouca, era um pagode pra Dona Marieta ir no fim do mês buscar o dinheiro no banco. Era o único passeio que a coroa já bagulho dava. Seu prazer era esse. Só esse. Disse “era”. E disse bem. Porque houve um perereco um dia desses, que encabulou a Dona Marieta. Sente o aroma da perpétua.

A velhota chegou no guichê, recebeu a bufunfa. Passou um elástico no dinheirinho e enfiou o maço num envelope, como sempre fez. Coroa cheia de mumunhas repete tudo do mesmo jeito. Não tem erro. E a Dona Marieta era desse naipe. Só que no dia que a zorra encarnou, entrou na fita um vagau dos mais escolados e se plantou na porta do banco pra campanear um otário. E estava ele na moita, quando suas botucas pousaram na coroa enfurnando a grana. O pilantroso se alvoroçou. Flagrou a Dona Marieta e logo a escalou pra ser o seu bilhete premiado. Quando a velha saiu do banco, o vagau foi na cola. A velha parou no ponto do ônibus e o vagau parou atrás. A velha esperou às pamparras a sua Carangola e o pilantra, com paciência de pescador, não se afobou. Quando a velha embarcou, o vagau embarcou atrás. Quando a velha se sentou, o pilantroso sentou-se do lado. E sem cerimônia, sacou um revólver, que escondeu dos outros passageiros sob o casaco, mas que fez a Dona Marieta sentir, com uns cutucões de cano no braço. A velha, ao perceber a sinuca de bico em que estava, perdeu até a voz. Mas o pilantroso não deixou barato. Encostou a boca na orelha da coroa e, no melhor estilo paquerador, deu a sentença:

– Veja lá, velhota, não vai fazer escarcéu, que te arrebita. Faz o que eu disser, que tu não se machuca. Abre a bolsa desbaratinamente. Tira a grana que tu apanhou lá no banco, que eu sei que tu meteu num envelope e me dá sem que ninguém note. Depois, puxa a campainha e desce no próximo ponto. Mas toma cuidado. Se botar a boca no trombone, quando estiver na rua, eu não te dou colher de chá. Já desço dando tiro. Vamos lá. Anda.

Na maior bobeira, a velhota fez tudo que o pilantroso pediu. Deu o envelope. Tocou a campainha e desembarcou. E só quando o ônibus sumiu é que teve coragem de chorar. Velha se debulhando em lágrimas no meio da rua atraía atenção. Juntou loguinho uma bruta curriola em volta da Dona Marieta. Abanaram

ela. Foram num boteco buscar água com açúcar. Arrumaram uma cadeira pra ela se sentar. Tudo foi feito muito mais por curiosidade do que por caridade. Queriam que a velhota recuperasse a voz pra contar o salseiro. Conseguiram. De repente, a velha de estalo abriu o baralho. Aí, foi aquela marola. Todo nego presente quis tirar onda de detetive. Começaram a pedir as pitas:

- Como era a fuça do assaltante?
- Era branco ou preto?
- Como tava o vestido?
- A grana era muita?
- O envelope era de carta aérea ou simples?

Aí, um gaiato mais ligado em Ellery Queen, Mistério Magazine e tal e coisa teve uma a ideia digna de um jerico. Sugeriu a reconstituição do assalto. A velha escamou, mas abriu a bolsa. E aí, empalideceu. Seus olhos ficaram esbugalhados quando ela viu intacto, dentro da bolsa, o envelope do dinheiro. Gaguejando, confessou pra todos que o dinheiro estava com ela. O bochicho foi geral. Acharam logo que a velha estava arreando cascata pra aparecer. Não aliviaram. Foram se afastando e esculachando:

- A velha quer ser atração.
- Por que não pendura uma melancia no pescoço?
- Coitada, tá caduca.
- Isso que dá essas coroas ficarem vendo televisão.
- A mim ela não engana. Estava com algum truque na cachola e na hora de dar o plá medrou.

Dona Marieta escutou tudo e não deu resposta. Se fechou em copas e saiu de fininho. E foi se trancar na sua casa apavorada. Porque logo que passou o⁴³⁵ espanto, ela se tocou na façanha que fez, que era simples. Por ser uma velha prevenida, sempre que saía de casa botava na bolsa um envelope com papel higiênico e, na hora do assalto, sem notar, foi esse envelope que ela entregou pro pilantroso.

A velhota jura pela luz que a ilumina que foi sem querer que ela chuveirou o vagau. Mas, assim mesmo, foi uma catimba de entortar o patuá. E eu só queria ver a caraça do ladrão quando, em seu mocó, foi conferir a grana e encontrou papel. Deve ter caído da panca.

Bochichos das quebradas

Ontem, no Rio de Janeiro, toda a patota de artistas foi dar canja no show que a Gracinda Freire organizou em benefício de uma coleguinha nossa que ficou na pior. Doente, desempregada e sem ter onde se agarrar. Êta profissõzinha ruim essa de ator! Quando será que a gente vai deixar de ser marginal? Quando a profissão de ator vai ser regulamentada?

Amor é Amor (Última Hora de SP – Edição de 7/6/1972. Página 13 Caderno 1)

Mulher gamada é fogo. Podes crer, amizade. Elas, quando se vidram e se amarram num homem, são capazes de fazer das tripas coração pra defender seus interesses. Uma mulher apaixonada se transforma dos pés à cabeça. Se é classuda, cai da panca e sem vacilar apronta os maiores salseiros. Se é acanhada, endoia e não regateia pra fazer escândalos. Esse lance de que a mulher está ligada num homem e tal e coisa, mas se enruste e se fecha em copas porque tem categoria, é

435 Termo atualizado; no original de jornal consta “a”

papo furado. Mulher que deixa o amor no barato não está toda na parada. Que nada. Às vezes, está na solidão por simpatia, por conveniência e os cambaus. Nunca por gama. E isso aí. Não tem erro. Sou eu que afirmo, e de mulher eu entendo. Mas deixa isso de lado, o que quero contar e o que pesa na balança é a história da Dilma Fuleira e da Celeste Bicuda, duas flores da Barra do Catimbó, que se unharam e se dentaram por amor ao Ariovaldo Piolho, um vagau de pouca presença física, mas de muita embaixada. Ele lida com seu rebanho com mil e um macetes e por essas e outras, sempre foi muito considerado pelo mulherio. E [a] verdade [é] que esse perereco se deu nas quebradas do mundaréu, onde o vento encosta o lixo e as pragas botam ovos, mas se acontecesse nos salões da mais fina gente da sociedade, não me causava nenhum espanto. Mulher é mulher em qualquer lugar. Mestre Zagaia, velho cabo de esquadra que navegou sem bandeira em muita água barrenta e bateu a perna à toa pelos caminhos mais escamosos, esquisitos e estreitos do roçado do bom Deus, viu quizilas de assombrar negos de patuá forte, embrulhou sua solidão em muito lençol encardido e escancarou nas Tabuadas das Candongas uma dica sobre o assunto.

[–] Depois dos panos arriados, o espetáculo é sempre o mesmo.

E se o Mestre Zagaia falou, tá falado. Mulher é sempre mulher. E a Dilma Fuleira e a Celeste Bicuda também são embora à primeira vista não pareçam. Sabe como é, pegaram a pior. Bagulho catado na feira nunca fez bem a beleza de ninguém. Porém (e sempre tem um porém), não foi a condição de bagulho que impediu que elas tivessem grandes ilusões a respeito de amor. E o galã do sonho das duas era, como já disse, o Ariovaldo Piolho. Esse vagau se serviu das duas sem a mínima cerimônia. Foi ali na base do agrião. Como as duas estavam a fim dele, o danado negociou. Fez valer a velha e tihosa lei da oferta e da procura. Se fingia de morto e esperava pra ver quem comparecia no seu enterro.

Como quem não quer nada, pegava a grana na mão da Dilma, cumpria a obrigação e ia buscar os pixulés com a Celeste. E se o dinheiro compensava, não deixava ela em falta. Até que o caldo engrossou. Bateu sujeira. O doutor delerusca resolveu acabar com o pesqueiro das piranhas e a Dilma Fuleira e a Celeste Bicuda se viram em papo de aranha. Escaparam da cana, mas o faturamento caiu às pamparras. E no meio disso tudo, o Piolho sentiu o aroma da perpétua. Vagau escolado por muitos anos de janela é sempre cem por cento profissional. Sem pagorio, deixou as mulheres na saudade. E se deu o esquinapo.

A Dilma Fuleira achou que o Piolho não queria nada com ela porque estava enredado pela Celeste Bicuda. Procurou a rival e, sem conversa, deu-lhe uma tremenda biaba. A Celeste Bicuda era encardida. Encarou, mas não deu nem pra saída. A Dilma Fuleira era gordona e alta; a Celeste baixinha e só pele e osso. Teve que apanhar e correr. Porém, como não era de engolir nada enrolado, a Celeste Bicuda tramou a forra. Foi na macumba levar o nome da Dilma Fuleira pra sua mãe de Santo enterrar no cemitério. Feita a façanha, a Celeste Bicuda se botou a boquejar nos botecos. Garantiu pra quem duvidasse que a Dilma Fuleira ia murchar até morrer. E não faltou fuxiqueiro pra ir rapidinho envenenar a Dilma. Essa, que já estava atolada até o gogó no pântano, acreditou que a bananosa toda que curtia era devido à mandinga da Celeste. Se picou de raiva e jurou pela luz que iluminava que ia pegar a inimiga e dar pancada até ela desenterrar seu nome. E foi pra guerra.

A Dilma encontrou a Celeste no seu barraco e nem pediu licença. Entrou na força bruta e foi botando pra quebrar. De repente, a Celeste Bicuda deu uns gritos, uns pulos pro alto e, quando desceu, era uma fera batusquela. Passou a mão numa enxada e tocou o bumba – meu boi no lombo da Dilma. Essa teve que dar pinote.

Mas a Celeste foi na captura e derrubou o barraco da Dilma a enxadada. Em desespero e apavorada com a fúria da Celeste Bicuda, a Dilma se refugiou na casa do Piolho. A Celeste não tomou conhecimento. Aliás, ainda ficou mais endoidada de ver sua rival junto do homem da sua gamação. Aumentou o escarcéu.

O Ariovaldo, sem se afobar, saiu de fininho e chamou a polícia. A cana chegou e ferrou a Celeste e a Dilma. No distrito, a Celeste falou que não tinha nada com a briga. Foi o Exu de sua crença que encarnou pra acabar com a Dilma. A Dilma, de zoeira, entregou tudo como era. Disse pro Doutor que a bronca era por causa do Piolho, que estava na fila como testemunha. O Delegado quis saber se o Piolho tinha emprego. Não tinha. Entrou em puá e as mulheres foram dispensadas. Mas continuam pelejando por amor. Uma visita o vagau às quartas-feiras; a outra aos domingos. E todas duas levam o santo dinheirinho de presente pro Piolho.

Um pai dos burros só de palavrões (Última Hora de SP – Edição de 8/6/1972. Página 13 Caderno 1)

Outro dia registrei nessas mal traçadas linhas que o conceituado intelectual Mario Souto Maior ia lançar um dicionário de palavrão. E na ocasião, escancarei para o mundo a opinião do Pé de Bicho, um cascadeiro da Barra do Catimbó. Ele, ao saber que Souto Maior estava caprichando no pai dos burros de palavrão, não fez cerimônia pra afirmar:

– Disso que nós precisava. Agora vai ser legal. Nós xinga ele e eles vão saber que foram xingados.

Tudo podia ficar por isso mesmo, não fosse o Mestre Zagaia meter suas botucas em cima da coluna e esculachar o Pé de Bicho, por ter perdido ótima ocasião de ficar quieto, e eu, por ter dado passagem pra besteira. O velho cabo de esquadra não fez cerimônia e avacalhou a guerra, argumentando:

– Palavrão que tem dignidade não tem tradução nem sinônimo. Se der pra explicar um palavrão, ou se tiver necessidade de explicação, o palavrão não presta. É palavrão sem força, palavrão de araque.

Claro que o Mestre Zagaia deu vários exemplos de grandes palavrões que valem por si mesmo e que tu pode dizer em português que até chinês, que não manja bulhufas da língua de Fernando Pessoa, vai se tocar no que o bruto significou. Sinto muito não poder transcrever aqui os palavrões assinalados pelo velho cabo de esquadra. Mas juro por essa luz que me ilumina que não tive como discordar do Mestre Zagaia. Tive que me fechar em copas e escutar o estrilo. Depois desta catimba toda, já mais calmo, o velho cabo de esquadra se estendeu no assunto, com toda sua categoria de vagau escolado pelas atucanações que escorou nos estreitos, escamosos e esquisitos caminhos do [roçado do] bom Deus e nas águas barrentas onde navegou sem bandeira.

Disse o Mestre Zagaia que criou as dicas da Tabua[das] das Candongas a fim de servir de guia pra quem anda mascando bobeira nas quebradas do mundaréu:

– Vou morrer de rir do tal dicionário. Vai ser de lascar ver os capítulos dos órgãos sexuais. Tanto do homem, como os da mulher, têm apelidos às baldas.

Depois de pensar um pouquinho e acender seu cigarro de fumo de rolo, ele acrescentou:

– Aliás, não sei porque os bobolachas consideram os apelidos dos órgãos sexuais como palavrão. É pura hipocrisia. O nariz, a orelha [e] os olhos também têm apelidos e ninguém chia quando a gente fala. Acham normal. São uns papagaios enfeitados, podes crer.

E sem dar um alô, como é seu costume, Mestre Zagaia se mandou. Eu fiquei matutando sobre tudo que ele falou e, de repente, sem querer, dei por mim fazendo um levantamento dos apelidos dos órgãos sexuais. Já que me achei no meio desta curtição, fui em frente. Encontrei quatrocentos e dois apelidos pro órgão masculino e trezentos e quarenta e dois pro feminino. Tu aí, quando estiver falando, tenta, pra tu ver como tem nome que não acaba mais. Se conseguir me superar em número, me manda a lista, por favor.

Bochichos das quebradas

Lá na Carica, a moçada andava assanhada achando que o futebol do Maracanã era o melhor do Brasil e que o de São Paulo tinha acabado, só porque o Fluminense contratou o Gerson e o Zagalo deu baldes de chá pros craques da Guanabara, passando os paulistas Leivinha e Rivelino. Longe de mim atacar de bairrista. Transo bem lá e cá. Só que a gente registra o fato e alerta o povão que berra da geral pras façanhas do Zagalo que, por bairrismo, deixou o Toninho e César, os dois maiores artilheiros do Brasil, de fora. Isso é perigoso. Já nem estrepamos uma vez porque o seu Flávio Costa também tinha essa mania besta de dar preferência pros seus cupinchas. Não cabe esses troços no melhor futebol do mundo. A torcida carioca precisa se mancar.

Respondendo à freguesia

Centro Social dos Cabos e Sargentos da Polícia Militar de São Paulo. (Rua Helvetia, 579 – Campos Elíseos) p/ diregria [sic] – Ariosvaldo Rocha.

“Acham-se abertas no Departamento de Ensino do centro Social dos Cabos de Madureza Ginásial e Colegial, com início de turmas previstos para fins de maio. Esse curso é extensivo a civis, com mensalidades especiais para associados. Também haverá curso preparatório para a formação de Cabos e Sargentos, a se iniciar em agosto próximo. Maiores informações na Secretaria do Departamento de Ensino, na Rua Helvetia, 555”.

Taí, Ariosvaldo, a divulgação de uma parte do que me pediu. A atividade da Associação dos Cabos e Sargentos da P. M. é tanta que merece uma reportagem. Infelizmente, não cabe tudo aqui na nossa coluna. Mas faço o que posso com gosto. Me dá alegria saber que tu e teus companheiros da diretoria estão lutando pra elevação do nível da classe. Disponha sempre da gente.

A face editora e o jornal da Bahia

Convidam pro cocktail [sic] de lançamento do livro “Trilha da Solidão” de Alberto Castro Lima.

O convite chegou atrasado nas minhas mãos, o rango e o beberico do livro foram dia 6 (seis). Paciência. Perdi a boca livre, mas nem por isso vou deixar de agradecer ao convite e dar uma forcinha pro livro. Vamos comprar. Podes crer. O nome é bonito e o livro deve ser legal. Bola pra frente, Alberto.

A boneca miserável (Última Hora de SP – Edição de 9/6/1972. Página 13 Caderno 1)

A Mara era uma boneca toda lesada. Só pegava a pior. De aspecto era mais cabulosa que a fome. Banguela, magricela, espinhenta e nariguda. Porém, era alegre. Vivia fazendo zoeira. Dava trela pra todo mundo. Adorava cascata. Onde chegava botava a boca no trombone pra anunciar que mulher dava câncer e que

legal era gente do naipe dele. Por essas e outras, era chamada de Mara. Ninguém fazia cerimônia com o desgraçado. Aliás, nunca se soube como era o nome de batismo do batusquela. Nunca perguntaram. E ele também nunca disse. Era Mara o nome de guerra e fim. Até onde a boneca trabalhava de faxineira todos o tratavam de Mara. O gerente, o contínuo, a telefonista e a galera. E o bonecoso gostava. No fundo da alma, ele acreditava que um dia iria virar mulher. Pra isso, estava frequentando macumba e seguindo à risca as instruções de um pai de santo fajuto. Mas, deixa isso tudo de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que, por mais que o otário se engane, tem uma hora que ele é encostado de contra a parede e aí, na sinuca de bico, é obrigado a se tocar na dura realidade.

Pra boneca Mara não deu outra coisa. Ele, uma noite, saiu que nem vaca brava. Foi com tudo pra gandaia. Bebeu às baldas. Ficou folgado e aprontou um salseiro. A cana baixou e arrastou a boneca sem adiantar chiado. Aí, o delerusca trancou a Mara no xadrez e esqueceram ela na fria por uma semana. Quando cismaram botaram na rua sem quás-quás-quás, nem processo e nem habeas-corpus foi preciso. Murcha, machucada pelos pererecos do xilindró, a boneca voltou pra seu emprego. E mal deu o ar de sua graça, foi chamada pelo gerente, que lhe deu uma bronca de entortar patuá:

– Irresponsável! Como é que fica uma semana fora e não avisa? Deixou isso que era um chiqueiro. Uma imundície. Pó por todo lado. Vagabundo! Preguiçoso! Onde andou?

Pálido de espanto, querendo chorar, a boneca se justificou:

– Eu sei que o senhor está bravo comigo. E tem razão. Mas não faltei por gosto.

Furioso, o gerente gritou:

– Onde andou? Onde?

A Mara, envergonhado, confessou:

– Eu tava preso.

O gerente azedou mais ainda:

– Não minta. Não minta.

E na sua lógica de gerente, escarrou regra:

– Se tu estava preso, por que não telefonou pra gente ir te soltar?

Sem poder conter as lágrimas, a boneca se rachou:

– Telefonar como? Se eu ligo pra cá e digo que sou a Mara, eles lá na cadeia iam pintar e bordar comigo. Se eu digo que sou o Antonio Carlos, nem o senhor, nem ninguém ia saber quem eu era. Só por isso me fechei em copas e aguentei tudo calado.

Bochichos das quebradas

A classe teatral se uniu em favor da Kátia Regina, uma moça muito bonita que dançava no programa do Chacrinha e que vai amputar a perna. Fizeram um show em benefício da Kátia numa boate do Rio de Janeiro. Foi gente às pamparras assistir a um desfile de grandes astros do cinema, do teatro e da televisão. Nessa hora de dor, pelo menos, a solidariedade dos colegas a Kátia teve. Em troca, ela deu uma bela lição de otimismo e de fé numa mensagem gravada que, do leito do hospital, mandou pros participantes do show. Que Oxalá lhe dê força.

Respondendo à freguesia

Renato Vieira de Guimarães (Moema) – “Coleciono todas as suas crônicas. Apenas não guardei uma das que achei mais legal. Li e não sei onde foi parar meu

jornal. É um sobre um rapaz baixinho que queria ser artista de televisão. Não daria pra publicar de novo essa crônica?”

Meu caro Renato, eu por mim era o rei das reprises. Mas, além de ti, só tenho certeza que meu chefe é leitor assíduo aqui da coluna. Ele, muito mais por obrigação do que por deleite. E essas transas de repeteco ele não perdoa. Teve tempo que eu consegui enganá-lo. Mas o Coleti, que faz as caricaturas, resolveu ir nas minhas águas e avacalhou a guerra. Desenho repetido dá na vista. Por essas e outras, só mesmo tu recorrendo os arquivos da nossa “Última Hora”. Mas, muito obrigado pela oba-obação e continue lendo seu chapa.

Galeria Cosme Velho – Alameda Lorena, 1579 – “Convida pra exposição de Módulos Solombras de Maria Bononi”.

Tá aí uma exposição que eu ia ver mesmo sem convite. Maria Bononi é uma artista de rara sensibilidade. Eu sou vidrado na Maria e em gravuras. Podes crer, amizade. Essa moça é do primeiro time mundial. Linha de frente. Quem não for ver a exposição da Maria Bononi é otário.

O último xaveco⁴³⁶(Última Hora de SP – Edição de 10/6/1972. Página 13 Caderno 1)

O Zarolha e o Leco eram dois irmãos. Mas não tinham nada em comum. Enquanto o primeiro era todo lesado, o segundo era boa pinta, alegre, simpático, arreador de cascata e, por essas e outras, abafava. Desde pequeno foi assim. É claro que o Zarolha ficava mal dentro da roupa toda vez que seu mano piava na parada. Se mordida de inveja. Só que se fechava em copas. Quando ele aparecia sozinho num lugar qualquer, a curriola logo queria saber:

– Cadê teu irmão? Ele é legal às pampas.

Mas, mesmo aí, o Zarolha enrustia a bronca. Não se rendia. Não deixava ninguém se tocar na zorra que lhe devorava a alma. Ferido e trancado, o Zarolha foi se fazendo amargurado e ruim. Era doido pra aprontar um xaveco⁴³⁷. Gostava às baldas de ver gente se danando. E pra cima do Leco, então, ele catimbava toda hora, mas disfarçado. Mandava as grongas contra o Leco, assim como quem não quer nada. E o Leco, que andava bem com Deus, nem de leva[r] achava que o seu irmão poderia querer prejudicá-lo de propósito. O Leco era um puro. Na verdade, tinha pena do Zarolha. Por maior que fosse o rabo de foguete que tivesse que segurar por causa do irmão, o Leco tirava de letra. Assim foi na infância, na mocidade e continuou com os dois já homens feitos. Aliás, piorou. O Leco conseguiu bom emprego, casou com moça bonita, teve filhos sadios. O Zarolha se escorava com expedientes, no “me-dá” “me-dá” e não deu sorte nem com piranha. Mas, deixa isso tudo de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que um dia, depois de comer capim amargo pela raiz, o Zarolha resolveu dar um pinote deste mundo. E aí, resolveu desgraçar o Leco junto.

Esperou chegar o dia de São Cosme e Damião, comprou formicida, foi para um boteco onde o Leco sempre dava o ar de sua graça, pediu uma cerveja, botou o veneno dentro dela e ficou plantado até o irmão chegar. E mal viu o Leco, o Zarolha o convidou:

– Vem cá, mano. Vem tomar um copo comigo.

O Leco quis desconversar, mas sem magoar o Zarolha:

– Que nada. Não tou bebendo. Mas o Zarolha insistiu:

436 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”

437 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”

– Qual é a tua, Leco? Vai me desfeitear?

Encabulado, o convidado ainda quis passar o lance. Com toda a sinceridade deu uma fala:

– Eu tou tomando uns remédios e se bebo corta o efeito. Me compreende?

O Zanolha estava com ideia de jerico e não compreendia bulhufas. Queria entutar o irmão que, cheio de felicidade, aumentava sua miséria e sem demonstrar maldade, deu um argumento decisivo:

– Poxa, mano. Estou aqui só pra beber um copo de cerveja contigo, que é meu irmão. Hoje é dia de Cosme e Damião. Não me negue esse direito. Tenho que beber com alguém e ninguém é melhor do que tu, pra junto comigo, saudar os santos.

Encabulado, o Leco não teve saída. Até se desculpou:

– Tá. Vamos dar esse viva pros santos, meu irmão. Saúde, paz e amor. Dinheiro no bolso e muita mulher pra todos nós.

E num gole virou o copo. O Zanolha o acompanhou. Não tardou pra sentirem o aroma da perpétua. Desabaram e, antes da ambulância chegar, já tinha se apagado.

Bochichos das quebradas

Tem coisa que não dá pra entender nos donos da C. B. D. Arrearam a maior cascata da paróquia em torno da convocação de Washington e do Osmar. Falaram que era pra dar tarimba pros jovens boleiros amadores que vão defender a Seleção Olímpica e, depois de todo o quás-quás-quás, são obrigados a dispensar os rapazes e a convocar o Luís Carlos e o Lula, que estão viajando com seus clubes. Isso tudo prova uma coisa. Quem precisa de tarimba são os dirigentes do nosso futebol.

As máquinas

“Quando as máquinas param”, peça que estamos apresentando no Sindicato dos Tecelões de São Paulo, com Walderez de Barros e Roberto Rocco, com direção de Jonas Bloch, entrou no décimo mês de retumbante sucesso. Também, os preços são realmente populares. Sindicalizados em geral pagam dois contos. Estudantes, três. Tecelões, um. Essa moleza vai só até o dia 15. Depois, daremos uma pausa em nossas atividades, para que os tecelões transem as eleições. E depois, conforme for, a gente volta com outro espetáculo lá mesmo na rua Oiapoc, 80. Se tu ainda não viu o espetáculo, vá rapidinho.

Respondendo à freguesia

Ernestina Bispo dos Santos (Tatuapé) – “Eu faço coleção de cartaz de artista e tenho loucura pra ter um do Bentevi, que eu acho tão engraçado que quase morro de rir quando ele aparece na novela. Já escrevi pra revista, mas até agora eles não puseram um cartaz e nem me deram resposta. Você não podia me mandar o cartaz?”

Dona Ernestina, se o que a senhora quer mesmo é um retrato de Bentevi, qualquer loja de passarinho deve ter. Agora, se for a minha fuça que a senhora quer pendurar na tua parede, vai ser meio difícil. Eu não costumo dar canja nesses negócios de fotografias. Pendura a do teu namorado no meu lugar, que dá mais certo, Dona Ernestina.

Nem tudo que se diz é (Última Hora de SP – Edição de 12/6/1972. Página 13 Caderno 1)

Às vezes, eu vejo no jornal notícias sobre mim que são de entortar o patuá. Sabe como é que é. A gente transa nas encolhas, e, de repente, um repórter furão escancara tudo sem a mínima cerimônia. Aí, a gente encabula. Fica cismado. Quer saber quem é que deu a dica e tal e coisa. Isso, quando a notícia dada tem, pelo menos, um fundo de verdade, é até legal. Mesmo quando a pala é próxima ao que está realmente acontecendo, embora para nós que estamos por dentro do assunto fique claro que o repórter escutou o galo cantar e não tá sabendo onde, mas que nem por isso se acanha em esparramar o troço, é bacana. Porém (e sempre tem um porém), quando a notícia é inventada, eu me encabreiro. Existem notícias que, além de falsas, são tinosas, derrubadoras, geradas por mentes doentias, ansiosas por provocar escândalo e que, nessa catimba, não medem consequências. Não querem nem saber a quem vão machucar. Outras notícias são chutes sem grandes pesos na balança. Coisa que não ofende, não prejudica, mas que nem por isso deixa de ser mentira forjada pela cuca de repórter preguiçoso, que em vez de sair à cata dos babados quentes, fica plantado na redação e, na hora de fechar o jornal, apertado pelo chefe, senta-se em frente à máquina e vai sapecando cascata.

Semana passada, fui vítima de um macete desses por parte de um repórter de um jornal do Rio de Janeiro. Ele inventou uma nota sobre mim que não tem nada de ofensivo. Aliás, muito pelo contrário. Se fosse verdade, eu iria me orgulhar muito em fazer e acontecer com músicas do Lúcio Alves, num disco, como o repórter disse que eu ia gravar. Mas, que nada. Nem se cogitou de um lance assim. Eu nunca falei com o Lúcio Alves, nem sobre isso, nem sobre coisa nenhuma. Nem o vi pessoalmente até hoje, muito embora tenha por ele bastante admiração.

No entanto, pra surpresa minha, essa notícia sai no jornal. Eu vi com esses olhos que a terra vai comer um dia, num jornal que tem no bar da Televisão Globo, onde colocam tudo que sai nos jornais sobre os artistas daquela casa. Morri de rir. Fui gozado às pamparras pelos coleguinhas. Todos que me manjam sabem que nunca houve ninguém mais desafinado do que eu. Mas, que é uma curtição é. Só que eu juro por essa luz que me ilumina, se o Lúcio Alves me ouvisse cantando, ia ficar uma fera com o repórter imaginoso que bolou esse quás-quás-quás. Sem dúvida, uma vaca mugindo agrada muito mais que eu cantando.

Bochichos das quebradas

O maior sucesso do Rio de Janeiro em teatro é a peça 'Um edifício chamado 200, com Milton Moraes, o Quidoca da "Bandeira 2". Há muito tempo não havia um acontecimento teatral tão retumbante na Carica. Volta de cinquenta a cem pessoas todas as noites da porta por não conseguirem lugar. O produtor da peça, o Carlos Imperial, ainda rindo de orelha a orelha. Mas, sintam o aroma da perpétua. O autor da peça é o Paulinho Pontes, um moço que sabe das coisas e que nunca se afobou com as modas e os vanguardistas marotos e que, por essas e outras, é atualmente, junto com o Guarnieri e o Vianinha, o trio da esperança da dramaturgia nacional. Paulinho Pontes, Vianinha e Guarnieri são o que há de brasileiro e universal. E conseguem tudo isso porque não fazem mistério, nem enrolam. Falam sem mumunhas do nosso povo e pro nosso povo.

Bem, oba-obação não pesa na balança. Mas, para provar o que eu digo, o Guarnica teve recentemente em cartaz o "Castro Alves Pede Passagem"; o Vianinha está com o "Em Família", no auditório Itália, dirigido pelo Antunes Filho; e o Paulinho Pontes brevemente vai abafar aqui em São Paulo com a sua peça "Edifício chamado

200”, que será estrelada por um dos melhores atores brasileiros, o Juca de Oliveira, que além de magnífico intérprete, é famoso como enganador no teste de Cooper.

E já que tocamos nesse perereco, vamos entregar toda a patota que anda ligada nessa onda. Lima Duarte, que é quem guia a moçada. Fernando Faro, Adriano Stuart, Luis Gustavo, Marquinhos, Denis Carvalho, Beth Mendes e Juca de Oliveira são alguns dos atletas da Tevê Tupi que todas as manhãs estão na Escola de Educação Física, correndo curtição endoidada.

Dizem (e eu vendo o peixe como a Bety Mendes me contou no Aeroporto) que o Juca de Oliveira só faz marola. Tem camiseta bonita, tênis todo traquejado, agasalhado novo, calção cheio de chinfra, mas nem uma volta na pista ele consegue dar. Outro vexame geral dado pelos atletas foi no dia que resolveram tirar um racha de futebol de salão e escalaram a Betinha pra completar um dos times e ela acabou com o jogo deixando os marmanjos de gravata vermelha. Daí pra frente, escamaram e ela foi proibida de entrar em jogo.

Mas deixa isso tudo de lado. O que quero contar é que o Juca pode ser um atleta fajuto, mas que é um dos melhores atores do Brasil e é ele quem vai fazer a peça do Paulinho Pontes em São Paulo.

O estarro (Última Hora de SP – Edição de 13/6/1972. Página 13 Caderno 1)

Uma chuva fina e fria caía sem parar. Era tardinha. Quase noite. O cais do porto estava entregue às baratas. Os grandes guindastes parados, os armazéns de portas arreadas indicavam que havia poucos barcos atracados. O que não era bom pros portuários. Mesmo assim, muitos homens encostavam-se na parede da estiva. Tinham esperança de pegarem um serão. Porém, logo os mestres desiludiram a maioria. Escolhiam seus cupinchas e não adiantava a negada dispensada estrilar. Os que sobravam sabiam bem das mumunhas. Mesmo na bronca, se fechavam em copas e se arrancavam pros botecos das encolhas. Iam [se] misturar com os vagaus e fazer hora com as pistoleiras que já estavam dando bordejo a fim de beliscarem uma grana na mão dos loques.

Na porta do Chave de Ouro, um bar dos mais escrotos daquele pedaço, era onde se juntava a maior curriola. Ali, naquela porta maldita, era onde a catimba se instalava. Jogo de bicho, tóxico, moamba se comprava e se vendia nesse lugar, quase às escancarras. Ali também se combinava os entrutos e os estarrros. E foi aí que o pivete Querô, o Negritinho da Roupa e o Tainha se juntaram pra tratarem um serviço.

O Tainha era o pinta mais escolado dos três. Por essas e outras, era quem carteava. Andava se dando bem e estava com o rei no bandulho. Já mostrava pela roupa que tinha vida melhor do que seus dois parceiros. Enquanto o Negritinho se vestia simplesmente e o Querô como um loque, o Tainha estava no padrão da moda das bocas. Chapéu de feltro de aba curta com peninha, calça fanchonete, camisa xadrez pra fora da calça, manga comprida arregaçada, sapato de duas cores. Era o fino das bocas encardidas. Na malandragem, esses badulaques são divisas. E era por isso que o Tainha dava as ordens:

– Vamos suar um gringo bebum. É isso aí. Não tem melhor pão ganho que essa raça marcando bobeira.

E sem contestação por parte dos cupinchas, o Tainha saiu andando pelos atalhos esquisitos e estreitos do roçado do bom Deus. Os dois parceiros o seguiam. Ninguém dizia bulhufas. Estavam desbaratinados. Fingiam que batiam perna à toa a

fim de nada. Mas, as botucas estavam ligadas à procura de um otário que estivesse no bom jeito pra eles.

Rodaram bastante. O Querô e o Negritinho já estavam achando que o Tainha embromava. Todos os gringos que eles levantavam, o Tainha recusava. Era uma cabreiragem. Os dois já estavam resmungando entre si contra o chefete e tramavam dar uma dura, quando piou na parada um bicho d'água que vinha cercando frango, tropeçando na sombra e que, além de tudo, dava a maior bandeira, desmunhecando e requebrando. O Tainha nem vacilou. Deu as ordens:

– Tá aí nosso bilhete premiado. É três-vez-oito e se não for mudo de nome. Vamos nele que é quente.

Todos concordaram. O Tainha então distribuiu as tarefas:

– Querô, tu cola⁴³⁸ nele como se tu fosse boi de bico. Canta o loque e o arrasta pra trás da caxaria. Lá, eu e o Negritinho entramos na fita e damos o estarro.

O pivete Querô quis sair da dança:

– Por que eu é que tenho que chegar na presa?

Sem cerimônia, o Negritinho gozou:

– Porque tu é pivete e é bonitinho. Tu em cana ia ser a mulherzinha de tão jeitoso que é.

Nesse sarro, começou a entrar areia. O pivete azedou e deu o troco em cima da ficha.

– Quem tem que ir é tu, que é crio[u]lo. Não tá vendo que o panaco é loiro? Desmunhecado loiro sempre gosta de cri[u]lo.

la começar a feder. Mas o Tainha deu um guento:

– Já falei quem vai no otário. Não quero quizila. Vai logo, pivete.

Sabendo que não ia ter como largar o rabo de foguete, o Querô quis ainda tentar uma escapada:

– Mas como vai ser? Eu não falo gringo.

Não grudou. O Tainha sabia das coisas e, ouriçado, ensinou:

– Vai nele e diz: Guive um cigarrete plis. Aí, ele te dá um cigarro e tu faz o teu papel. Entra com a bicaria. Não tem erro. O que tu não souber, o gringo chubungo sabe e te carrega. Vai que é mole.

Sem escolha, o Querô partiu pro trampo. Rodeou o marujo até ganhar coragem pra atracar.

*

Esse negócio que tu acabou de ler é um trecho do livro que estou acabando de escrever. A continuação dessa história, se tu quiser, tu vai ler no meu romance, quando ele for editado.

Mas, podes crer, ainda será este ano. Não fiz essa marola de xaveco⁴³⁹. É um treiler [sic]. Manja? Se tu quiser saber a sujeira que deu esse estarro, tem que comprar o livro. Agora, tu que é ponta firme dessa coluna, fica sendo [o] primeiro a saber do meu novo perereco. Espalha pros teus cupinchas. Mais não posso fazer. Mesmo porque o livro está carregadinho de palavrão.

Uma catimba cavernosa (Última Hora de SP – Edição de 14/6/1972. Página 13 Caderno 1)

438 Termo atualizado; no original de jornal consta “colega”

439 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”

Quando o Amor e Glória se pegou com o Galo do Mercado F. C., não era um jogo cheio de babados. Não era nem pra valer taça. Porém, todo mundo queria ganhar. Sempre foi assim. E então, já viu. O cacete comia. E nesse dia em que os dois se encararam, não deu outra coisa. O Biela era beque do Galo. E não alisava ninguém. Sentava a pua sem dó. Carriça era o ponta do “Amor e Glória e tinha a mania de fazer embaixada. Não queria nem saber. Pegava a redonda e ciscava mesmo. Desconhecia qualquer zagueiro. E foi assim com o Biela que, além de botinada, não sabia nada de bola.

E foi tanta caçambada que o Carriça tomou nesse dia, que resolveu azedar. Aproveitou uma entrada de boi louco que o Biela deu, tirou o cadáver de banda e meteu um toco que pôs o beque de cara no chão. Daí, foi lenha. A catimba começou. Toda a curriola do Galo entrou em campo, e a do Amor e Glória também. O salseiro foi duro. Gente paca brigando. E no meio da gronga, o Biela apanhou a naifa e ferrou o Carriça. Espetou fundo. Bem no relógio do peito. O Carriça já caiu estarrado pra sempre. Foi na ambulância, mas era sem remédio.

O Biela quis se espiantar, mas não deu. Grudaram nele, até a cana chegar. Mas, antes que ele fosse arrastado pela justa, houve uns pererecos. O irmão do Carriça, o Piolho, que estava jogando sinuca num boteco, recebeu o recado e veio pra forra. Fez as maiores presepadas pra acertar o Biela, mas a turma deu um guento nele. Então, ele jurou o Biela de troco. No estrilo, escrachou pra quem quisesse escutar que não ia ter sossego enquanto não apagasse o Biela. E ficou no virador. Esperando a volta.

E como diz Mestre Zagaia, na sua Tabuada das Candongas:

– Até as pedras se encontram nessa vida.

E se Mestre Zagaia falou, é que é. E, apesar do flagroroso que o Biela pegou, antes que toda a patota pudesse imaginar, o Piolho ficou cara a cara com o Biela.

O Piolho estava rolando os dados num bozó e o rapa baixou. Todo o gango em galera. E por xaveco⁴⁴⁰ de carcereiro panaca, o Piolho foi tacado na mesma cela em que o Biela estava. O xerife da fria em que o Biela e o Piolho se encontraram era o Nego Ventana, que sabia da bronca dos dois. E não regateou. Acendeu o fogo:

– É coisa dos dois. Ninguém mete as fuças.

E ficou só vendo a truta que ia dar. Biela e Piolho se mediam. Um considerava o outro de frente. No braço a parada era igual. Tinha que ser na moita. E os dois se mancaram. Um ficou só campaneando o outro. Tirando na pinta. Nem piscavam. Com as botucas sempre ligadas, um olhava o outro de esguela. Se um se coçava, o outro se tocava. E o tempo foi correndo. Os dois na boca de espera. Os outros presos faziam fé. Apostavam num e no outro. Veio a noite. E nem Biela, nem Piolho botaram farol baixo. Se escoravam.

Na zorra, estava marcado que o majura que desse bobeira acordava nada. E veio o dia. E os dois segurando as pontas. Todos os presos jogavam engodo. Estavam doidos pelo fim. Ninguém se metia por causa da lei que o Nego Ventana deu. E ali, no cada um pra si, Piolho e Biela cozinhavam o galo. Já estavam meio batusquelas. E veio a segunda noite. Veio o segundo dia. Veio a terceira noite. E os dois na inhanha. O presídio inteiro checando o lance. Veio o terceiro dia. E a quarta noite.

Quando parecia que ninguém ia se render, o Biela desabou. Caiu de queixo no chão. O Piolho se serviu. Apanhou a vassoura e esmagou a cuca do Biela. Deu umas vinte pancadas. Ninguém se doeu. Aí, o Piolho se largou no chão e dormiu.

Quando veio o guarda, o Nego Ventana se rachou por todos:

440 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”

– Ninguém viu nada. Tava todo mundo puxando o ronco, tá?

Respondendo à freguesia

Isidoro Mathias (Lapa) – “Já é a segunda vez que eu entro bem por causa dos seus palpites na Loteria Esportiva. Da outra vez que fui seguir suas dicas, fiz só cinco pontos. E nem dessa vez, que todo mundo ganhou, eu consegui fazer treze pontos. E a culpa foi sua.”

Minha, não. Seu Isidoro. Eu escancaro minhas dicas aqui na nossa “Última Hora”, e se muita gente liga as botucas no que eu digo, é porque eu sei das coisas. Tu mesmo confessa que bota fé na minha pala, tanto que jogou duas vezes no meu palpite. Agora, se tu não fez treze pontos dessa vez, deve até me agradecer por não ter gastado tua sorte. E tem mais. O jogo do Remo com o Paissandu não acabou por causa da chuva. Se acaba, podes crer amizade, tu e eu íamos ficar nos doze pontos. Esse perereco tinha tudo para ser empate.

Demetrio Santuse (Belemzinho) – “Eu e meus colegas estávamos a fins [sic] de montar sua peça “Dois perdidos numa noite suja”. Porém, lemos na sua coluna que você não dava colher para grupos de teatro amador. Qual é a tua? O que é que você tem contra os principiantes?”

Não tenho nada Demetrio. Aliás, se tu leu o meu papo sobre o assunto, tu sabe os motivos porque nego o direito dos grupos amadores encenarem minhas peças. Acho que os amadores devem ter outra parte no teatro. Devem fazer as montagens de autores novos. É isso aí.

Várias catimbas (Última Hora de SP – Edição de 15/6/1972. Página 13 Caderno 1)

Não sou de fazer oba-obação em causa própria. Juro por essa luz que me ilumina que, quando arrei cascata, é por pura xavecada⁴⁴¹. Manja? Esses papos de boteco. Futebol, samba, mulher são conversas que, se não forem esticadas, exageradas e cheias de catimba, morrem de parto. Ainda que mal compare, o Corint[h]jians está aí mesmo pra não nos deixar mentir. Ele é eterno. Principalmente por causa das zoeiras que os cartolas e os corneteiros inventam. A impressão que a gente tem é que pra patota do Parque São Jorge não interessam [sic] muito as vitórias do time de futebol. Agora, por exemplo, que os boleiros do alvinegro de Ogum estão fazendo e acontecendo em terras estrangeiras, ninguém da diretoria conta vantagem. E muito menos a façanha dos jogadores acanha a oposição. Eles continuam com o mesmo quás-quás-quás.

Chego a crer que é por causa disso que o Corint[h]jians não fecha as portas. A zoeira mantém o clube aceso. E já na Bíblia, o Corint[h]jians levava cacete. Tá lá registrado pra quem quiser ver: Corintios I, Versículo II. E podes crer, amizade, perder do Versículo foi um vexame.

Mas, deixa isso de lado. Não quero falar deste balaio de gato que é o alvinegro do Parque São Jorge. O que quero contar e o que pesa na balança é que, brevemente, vou piar na parada com um negócio que vai balançar as bases da tevê. Vou me embandeirar com um programa chamado “Os últimos Mambembeiros”. Comigo vem toda a curriola de fé: Walderez de Barros, Roberto Rocco, Vicente Acedo, Carlão Costa, Péricles Flaviano, André Bucka, Beth Frota e mais alguns artistas do Canal onde vamos dar o recado. Vai ser coisa de dar o que falar. E pra te deixar ligado desde já, vou te dar umas dicas sobre o nosso mais novo cupincha. É o anão Tilim, muito pelo contrário. É todo cheio de embaixada e presepeiro, sabendo

441 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”

bem o seu valor. Não regateia, nem se embandeira à toa. Com ele é em cima da morisqueta. Sintam o aroma da perpétua.

Quando fui acertar os ponteiros com o anão, ele, antes de qualquer coisa, foi se abrindo:

– Olha aqui, meu chapa[,] não gosto de tevê. Lá eles têm o guichê de pagamento de cachê muito alto. Tenho que ficar na ponta do pé pra ver os caixas dizerem que não saiu a bufunfa. Prefiro alugar meu talento pras lojas. Faço propaganda delas e recebo na hora.

Eu quis botar palha na cachola do anão e entrei com história de engrupir loque:

– Mas a televisão dá cartaz.

Claro que ele estava com a razão. Então deixei ele ir dando as cartas. E, sem cerimônia, ele foi mandando ver:

– Comigo não tem desses negócios de “passa amanhã”. Não me pagou no dia combinado, não apareço mais. Eu sou anão. Não preciso de solidariedade dos grandes bobos pra fazer greve. Não vou mais e fim. Deixo os produtores medíocres no pa[l]po de aranha. Essa gente que só sabe fazer graça com o tamanho dos anões, comigo pena. Não sou mascarado. Tenho grande senso de responsabilidade. Sou profissional. Mas, trabalho por dinheiro. Não sou otário como esses artistas que tem aos montes por aí, que vivem apavorados com a hipótese de perderem o emprego na tevê. Esses otários é que estragam o pesqueiro. Eles têm medo de pedir aumento, de cobrar o cachê e perderem o emprego. Não sabem os coitados que quem, como eu e outros, tem realmente talento, vivemos com tevê ou sem tevê.

Falou e disse o anão. É isso aí. Ele sabe das coisas e não brinca em serviço. Vai longe. E se for tão ponta firme como afirma que é, vou segurá-lo na minha patota de sempre. Gosto às baldas de gente acesa pra realidade. E o anão Tilim é um desses.

la me esquecendo de contar. Mas o Geraldo Filme, o Paulinho Carrera, o Toniquinho, o Zeca da Casa Verde e o Talismã estão também nessa jogada. Só o canal em que a gente vai ainda não podemos escancarar. Estamos transando com dois. Se um não der pé, nos bandeamos pro outro. Sabem como é que é. Cobra que não anda engole sapo.

Respondendo à freguesia

Hilario Nunes de Santana (Penha) – “Na verdade, o que o senhor acha do nível artístico da televisão? Está bom? Vai melhorar? Deve haver intervenção?”

Meu caro Hilário, esse assunto é muito melindroso. É necessário uma explicação muito longa pra gente poder tocar nas mumunhas que existem e rachar uma por uma. Não adianta te dizer que é isso ou aquilo e não botar as coisas limpas. De qualquer forma, já que fui perguntado, quero te dizer que a televisão não é tão ruim assim como muito puxa-saco sem-vergonha anda querendo fazer crer, só porque o ministro falou que precisamos melhorar. Claro que precisamos melhorar. Claro que o ministro falou com base. E nem de leve esculachou com tudo. Mostrou uns pontos que estavam tendendo pro exagero e alertou os homens que cuidam disso. Tanto bastou pros otário[s] se embandeirarem e quererem ser mais realistas que o rei. Mas, não se afobe, amizade. Nossa televisão não é nem melhor nem pior que as do resto do mundo. E esse tipo de marola que andam querendo fazer não conduz a melhoria nenhuma. Eu transo por vários canais de teve e em todos eles sinto que existe a vontade de melhorar. É que nem toda ideia que surge dá certo.

Não existe receita pra sucesso. Se não, todos nós seríamos milionários. Mas a gente tenta. E é isso que não queremos que tirem dos artistas: a liberdade de tentar.

Loteria popular dá cana (Última Hora de SP – Edição de 16/6/1972. Página 13 Caderno 1)

Não dá pra ninguém ser mais malandro que a malandragem. Porém (e sempre tem um porém), existe aquele papagaio enfeitado que acha os outros todos uns otários e arruma os trambiques mais cavernosos na vã esperança de fazer chover na sua horta.

O portuga Joaquim da Silva era bem desse naipe. Nunca se ligou na Tabuada das Candongas do Mestre Zagaia, onde estão escancaradas as dicas que o velho cabo de esquadra deu pra servir de bússola pra nego a perigo não mandar bobeira nas quebradas do mundaréu. Mas, nem por isso o Joaquim se acanhou. Viu uma ideia de jerico brotar na sua cachola e deu passagem pra ela. É bem verdade que ele, que é barbeiro de profissão, andava comendo capim amargo pela raiz desde que a moda virou cabelo e barba comprida. A freguesia, a partir desta data, diminuiu pela metade. Aí, já viu. Com a vida custando os olhos da cara como anda, o Joaquim ficou no pa[[l]po da aranha. Comprar o leite das crianças, que era uma batalha, virou uma África. E foi impensado contra a parede que ele apelou. Inventou uma Loteria Esportiva particular. Sintam o aroma da perpétua. Onde está um loque, podem contar que tem uma patota pior por perto. No caso do Joaquim não deu outra coisa. Foi ele anunciar sua presepada, armar o pesqueiro e uma curriola numerosa veio se chegando. O bolha de água lusitano dava uma vantagem pros apostadores. Por três cruzeiros, o nego podia fazer a fé com cinco triplos, quatro duplos e quatro simples. Quem fizesse os treze pontos levava a grana com vinte por cento de desconto, que era o lucro do portuga.

E essa catimba estava dando certo. Mas, o teste 91 avacalhou a guerra. Se na Loteca oficial deu quarenta mil acertadores, na do Joaquim, com triplos e duplos às pamparras, foi uma aleluia. Mil e trezentos ganharam o bolo. E quando foram receber, o portuga deu cinco mangos pra cada um. Pra que, Margarida? Se com quatrocentos contos o pessoal que acertou na Loteca ficou azedo, estão maldizendo terem desperdiçado a sorte num teste Mandrake, no bolo do Joaquim os que acertaram se abilolaram com os cincos mangos. Teve estrilo, chiadeira, quás-quás-quás, pega-pega, corre-corre e, quando a quizila fedeu muito a cana entrou na fita.

Resultado: o portuga foi pro xadrez e agora vai ter que fazer das tripas coração pra sair de lá. Um advogado que faz sombra pro carcereiro sugeriu pro Quim barbeiro que, em vez de ele querer sair, era melhor ele ficar no xilindró, que a moda na galera é coco pelado e ele pode faturar uma bufunfa razoável, se conseguir cargo de Fígaro de presídio.

Bochichos das quebradas

O Esporte Clube União Recreativa e Cultural Mocidade Alegre e Independente da Barra do Catimbó sempre que completa mais um ano de vida organiza um grande festival esportivo e convida vários times para jogos preliminares de uma prova de honra, na qual seu esquadrão disputa com um adversário medíocre um belíssimo e rico troféu. Tu aí que é perspicaz já se tocou que os cartolas do E. C. U. M. A. I. B. C. chamam para seu jogo um timéco de cabeças de bagre porque assim não tem perigo de perderem o troféu.

Esse ano, porém[,] o festival está na bucha e a diretoria do E. C. U. M. A. I. B. C. ainda não escolheu o adversário para a prova de honra. Existem vários inimigos escolhidos e, por essas e outras, o primeiro secretário, que é quem bate os ofícios, não sabe quem desafiar. Seu Azulão, presidente, quer, que chame a seleção Portuguesa, com Eusébio e tudo. Já o Olegário tesoureiro tem preferência por uma seleção da América do Sul. Para ele, o inimigo da prova de honra deve ser Bolívia, Argentina, Peru, Venezuela, Paraguai ou Chile. E o seu Anibal, que não é diretor mas tem influência no pedaço, é favorável que chamem o selecionado da África para homenagear os patrícios do seu avô. A decisão tá difícil. Mestre Zagaia, consultado sobre o assunto, declarou sem a mínima cerimônia:

- Nenhuma dessas seleções merece a estreia das novas camisas.

E mais não disse, nem foi perguntado. De toda a forma, continuam os bochichos. Até o momento, o único acordo que houve foi que todos são contra que se convide a seleção de Concacaf, que tem nome de fábrica, além de não dar gabarito, ainda vai esburacar o campo. A quizila está séria. Assim que a diretoria chegar à conclusão de quem deve convidar, teremos o máximo prazer de informar aos nossos leitores.

Mas, desde já, levamos fé que o bom senso haverá de prevalecer e os cartolas do E. C. U. M. A. I. B. C., iluminados por seus orixás, resolvam iniciar uma longa série invicta e desafiem um por um desses selecionados.

Respondendo à freguesia

Elias Con (Bom Retiro) – “Quero que saiba que joguei no seu palpite no teste passado da Loteria. Tenho a impressão que só quem embarcou na sua é que não acertou.”

Pra tu ver, Elias, eu, além de não faturar uma grana na Loteca, ainda perdi leitores como palpiteiro. Mas, sente o aroma da perpétua. Imagina se todos os que jogaram nas minhas dicas tivessem acertado. A gente ia receber e entortava o patuá. Dava dois contecos para cada um. Com a obrigação que quem ganha tem de pagar as biritas pros cupinchas, a gente ficava no prejuízo.

Sempre tem volta (Última Hora de SP – Edição de 17/6/1972. Página 13 Caderno 1)

O Noca era um pé de chinelo. Ninguém levava fé nele. Vivia dando uns bordejos pelo cais do porto de Santos. Entregava carga pros lanceiros. E era só esse [o] seu macete. Coisa pouca. Entrava num ônibus atopejado de gente, junto com o lhufa. O patrão encostava no otário e adivinhava onde estava a bufunfa do panaca. Aí, dava o alô pra Noca:

- Tá no porão.

E o Noca tinha que virar o majura com o porão pra mão do lanceiro que aí, num mergulho rápido, estarrava a carteira do bié. E pra sair fora do entruto, entregava pro Noca, que tinha que se espantar logo, pra na hora do estrilo não ter um flagoroso.

Era assim que o Noca remava seu barco. Tá na cara que não era nenhuma maré mansa. No racha, o lanceiro ficava com o naco do leão e o farol com os pixulés. Porém, pro Noca estava bom. Ele não queria ir a lugar nenhum. Se dava pro rango e pro mofo, estava legal. Não queria nem saber. Os outros faroletes levavam vontade de um dia serem churradores. Mas, o Noca ia ficar nisso mesmo. Só

encostando o corpo. Mas, é como diz Mestre Zagaia, na sua Tabuada das Candongas:

– Vamos malhar!

E a curriola se assanhou:

– Vamos lá.

E o salseiro foi broca. Todo mundo tirou uma casquinha no Noca. Deram sem dó. Até o nego Lindo, pra livrar bem sua barra, deu umas biabas no Noca. E foi essa que ele mais sentiu. Doeu no relógio do peito. Era muito xaveco⁴⁴². E ali mesmo jurou a volta. E quando veio o reforço da polícia, o Noca era um bagaço. Mas estava vivo. A polícia juntou o farol e arrastou em galera.

Pro Noca, um cacetão de tempo na geladeira. Pro Nego Lindo, a vida continuou. Mas, nada como um dia atrás do outro. Pro Noca, custou paca cada volta do ponteiro. Pro crioulo era mole. E quando ele menos contava, encarou o Noca na rua. E o Nego Lindo quis deschavar:

– Meu farolete de fé! Já na boa? Legal. Vamos estarrar muito loque juntos, tal e coisa. Como o tempo passa. Ainda hoje disse pra mina: Domingo preciso ir de visita no casarão. Levar uma chibaba pra um cupincha meu que tá guardado.

E ia continuar com o parangolé fajuto. Porém, suas botucas bateram nas botucas do Noca. Se tocou que o olho do Noca estava ardido:

- É apanhando que se aprende.

E se o Mestre Zagaia diz, é que é. E o Noca tomou pancada dura pra se mancar. Foi um dia na batota do Mercado. O nego Lindo chegou no Noca e abriu:

– Vamos armar pesqueiro?

E o Noca embarcou. O Nego Lindo era o bom dos bons da punga. Qualquer farol ficava cheio de alegria só por entregar carga pro crio[u]lo. Mas, pro Noca não queria dizer nada. Era um estarro a mais. E foram lá. Entraram no ônibus. O negrão deu os apalpos, escolheu os cururus. Deu o berro:

– Carga no churro.

O Noca fez sua parte. Deu o churro do otário de bandeja pro Nego Lindo. E o crio[u]lo beliscou. Mas, teve escama. O cavernoso chiou. Aí, foi o perereco. Fecharam as portas do ônibus e começou o “Quem foi?”, “quem não foi?”. O Nego Lindo passou a grana pro Noca. Era combinado. E o Noca teve que aguentar a brasa.

Veio a cana. Um guanaco só, mas que tirava o Nego Lindo na pinta. Revistou. Limpo. Pela picada, foi Noca. Carregado. O Nego Lindo se fechou em copas. O Noca segurou as pontas. O guarda era pouco. E a presepada começou. Um tihoso meteu lenha na fogueira: de sangue. Baixou a cabeça e viu a razão na mão do Noca. Uma turbina quarenta e cinco. O Nego Lindo ainda quis arreglo. Mas, era tarde. O Noca deu o teco. Meteu cinco tochas no Nego Lindo. Bem na lata. Uma por cada ano que ele puxou de cana.

Respondendo à freguesia

Por culpa minha, que andei meio escamado aqui da redação, a correspondência pra essa coluna chegou até mim com um bruto atraso. Muita pedida legal perdi por causa dessa mancada. Por exemplo: deixei de registrar e de dar o ar de minha graça no coquetel que a Editora Sabiá fez pra lançar o livro “O batizado da vaca”, do Chico Anísio. Mas, já comprei o livro e ri às baldas. E tu aí que anda meio pirado da cuca, deve ir correndo comprar “O batizado da vaca”. Podes crer, vai ser uma curtição legal pro teu fim de semana.

442 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”

Também perdi a oba-obação, que a galera de Arte Montpanasse fez dia 13 pro grande artista Chenaud. Mas, nessa jogada, que é bacana, ainda vou. Até o dia 20 tem tempo.

Paulo Bonfim, poeta maior dessa nossa São Paulo, membro da Academia Paulista de Letras e tudo, dá uma pala sobre o Chenaud:

“A tela de Chenaud convidamos, através da comunicação que conosco estabelece, a essa interpretação subconsciente, em que detalhes pouco e pouco vão adquirindo forma significativa, completando o conjunto, em legítima percepção estética!”

Falou o poeta Paulo Bonfim e até eu, que sou mais otário, vou meter minhas botucas antes do dia vinte nesses quadros do artista da Ilha de Itaparica. O babado fica escancarado no Shopping Center Iguatemi.

O esquinapo do Geraldão (Última Hora de SP – Edição de 19/6/1972. Página 13 Caderno 1)

Colunista de samba aqui na nossa “Última Hora” é o Marco Aurélio Jangada. Porém (e sempre tem um porém), eu não posso deixar de dar uma pala sobre a saída do Geraldão Filme da Escola de Samba do Peruche. Acho uma pena o bom crioulo ter se ouriçado no pedaço. Triste mesmo o Carlão do Peruche se deixar envolver por marolas e marcar bobeira diante do pinote do Geraldão. Claro que tem nego às pamparras que se alegrou com esse esquinapo. Principalmente a curriola das outras escolas gostaram de perereco. E é fácil de se entender. Em se tratando de samba-enredo. Geraldão faz e acontece. “Rei Café”, “Pirapora” e essa joia que é “Chamados⁴⁴³ os Heróis da Independência” sempre garantiram dez pontos pro Peruchão na avenida.

Mas não é só o grande sambista que o Peruche perde com a saída do Geraldão da escola. Um idealista que fazia das tripas coração vai deixar o campo de batalha. Quer dizer, não vai mais se embandeirar pelo Peruche. Naturalmente que o samba está no sangue do Geraldão e ele pega o apito em outro ponto. E eu estou desconfiado que vai ser o Paulistano da Rua da Glória que vai contar com a força do Geraldão. O crioulo daquelas bocas anda fazendo um quás-quás-quás tremendo pra ver se botam carnaval na rua e tá aí o Geraldão que é bem chegado a essa patota, pronto pra ser o⁴⁴⁴ pedra noventa Paulistano. Mas, deixa isso de lado. Pra onde o Geraldão vai não interessa. O certo é que, fora do samba, ele não fica. Geraldão Filme, majura, é um dos pagodeiros de roda larga. Mas o que eu quero contar e o que pesa na balança é que, em 1969 ou 70, eu entrevistava pra “Última Hora” dominical o Geraldão e ele rachava todos [os] planos que tinha pro seu Peruchão.

Querida levantar a sede própria. Faltava grana. Sem se afobar, o Geraldão lançou a campanha do tijolo. Coisa simples. Bastava cada ala trazer uma pá de tijolo e a casa própria da Escola se erguia. Daí, o Geraldão tinha mil e uma ideias. A sede do samba serviria pra cursos de todo naipe. Corte e costura, alfabetização e tudo mais. Mas, teve chupa-sangue, derrubador e os cambaus pra atrapalhar. Muita gente interessada em zoeira, política de samba, papo furado. Crepe do Peruche. O Geraldão sentiu falta de pedal e tirou o time de campo.

Com essas e outras, o samba de São Paulo é que perde. Muita catimba. Mas, sente o aroma da perpétua na letra de um samba-enredo do Geraldão.

443 Termo atualizado; no original de jornal consta “Chamamos”

444 Termo atualizado; no original de jornal consta “a”

Chamados os heróis da Independência

Chamamos os Heróis da Independência
Presente, presente
Trazendo o fogo sagrado da Pátria
Iluminando quem nos fez independentes
Lá nas Minas Gerais
Houve um movimento a conjuração
Foi a Bahia e Pernambuco
Em São Paulo foi a decisão tivesse
Glória aos Heróis que tombaram
Para nos dar um Brasil novo
Homens que não mediram sacrifícios
Pela Independência do seu povo
Liberdade, liberdade
Palavra singela
Fosse eu pintor
Tua grandeza eu faria em aquarela
Ao levantar da espada
Lá na colina histórica
Risos e lágrimas, com o brado
Independência ou Morte
Senhores deixando os palácios
Negros partindo as correntes
Índios saindo das matas
Unidos por um Brasil independente
Mil vidas tivessem daria as mil
Pela Independência do Brasil
Não foi em vão, teu povo não esquece
A chama da Liberdade
Nosso peito ainda aquece
Segue teu caminho, meu Brasil
Alerta mocidade para manter acesa
A chama da nossa liberdade

Bochichos das quebradas

Eu queria me trancar em copas, mas não posso. Tenho que dar um alô sobre a nossa Leila Diniz, que foi falar com Deus assim tão de repente e deixou a gente de patuá entortado. Tremi nas bases. Juro por essa luz que me ilumina que não conheci nunca ninguém que gostasse tanto de viver como a Leila. Isso me dói. A Leila era ponta firme. A Leila era.

Respondendo à freguesia

Geraldo Burnett (Guarulhos) – “... e eu não consigo encontrar o senhor em lugar nenhum. Já fui várias vezes na Última Hora, mas o senhor nunca está lá? Preciso falar-lhe com urgência.”

Seu Geraldo, que ideia de jerico é essa de querer que eu escancare meu endereço aqui no jornal? Na minha casa eu só quero sossego, é onde eu vou pra descansar. E se tu tem tanta urgência de falar comigo, por que não deu uma pala

por carta mesmo? Mas se o alô tem que ser dado pessoalmente, continue me procurando, seu Geraldo, que algum dia tu me encontra. Podes crer.

Folhinha de homem nu (Última Hora de SP – Edição de 20/6/1972. Página 13 Caderno 1)

Tem coisa que por mais que eu me esforce não dá pra entender. Vejam só. A grande curtição do Rio de Janeiro é uma folhinha – calendário que o considerado empresário teatral Casali bolou pro ano da graça de 1973. A catimba vai ser apresentada com homem nu. É de lascar. Em vez de paisagem, mulher bonita, cara de criança com cachorrinho, símbolo do zodíaco e tal e coisa, seu Casali pia na parada de homem nu.

E parece que ele descobriu o mapa da mina. A badalação em torno da folhinha é de endoidar. É uma oba-obação de entortar patuá. Quando Casali aparece nos lugares da moda é a atração. A velharia que vive espalhando que mulher dá câncer encarna no Casali e, sem a mínima cerimônia, pede colher de chá pra algum rapazelho protegido. Por essas e outras, o Casali anda com mais sucesso que o teste de Cooper, que é o outro pagode do momento na Guanabara.

E não é só marmanjo que pede estia pro Casali, não. O mulherio desvairado, quando soube que o empresário realizou um concurso pra escolher doze mancebos bem favorecidos pela sorte, se assanhou, na ânsia de descobrir informações sobre as medidas dos garotões. Tenho a impressão que essa folhinha de 1973 craneada pelo Casali vai ser mesmo um sinal dos tempos. Isso se nota bem quando moçoilos deslumbrados imploram uma vaga, juram dispensar pagamentos pra figurar no calendário.

Tu que só pega a pior, tu que só come bagulho catado na feira, tu que mora na beira do rio e quase se afoga toda vez que chove, tu que só berra da geral sem influir no resultado, sente o aroma da perpétua. Gente de vários setores da vida nacional, fazendo das tripas coração, tenta conseguir a integração de todos os estados no seio da nação e, de repente, piam na parada os cartolas da CBD, com as ideias de jerico que lhes são peculiares revivem o bairrismo idiota e esvaziam a Seleção Brasileira de Futebol. Avacalham com a alegria do povo. Cortaram a corrente pra frente dos noventa milhões de brasileiros.

No Rio Grande do Sul, os craques do selecionado tri-campeão do mundo, os boleiros do escrete brasileiro foram tratados como se fossem representantes de um país inimigo. Receberam esculachos e vaias da torcida. Porém, tenho certeza de que não era do Jairizinho, do Piazza, do Rivelino, do Zé Maria e dos outros cobras que os gaúchos estavam com bronca. O estrilo, podes crer, majura, era pra cima dos cartolas, que aprontam os maiores xavecos⁴⁴⁵ com suas politicagens que não se usam mais. Esse perereco é grave. Estamos retrocedendo no tempo. Vamos acabar retornando ao esquema de 50, quando Flavio Costa mandava na seleção e só convocava jogador do Vasco. Foi com essas mumunhas que perdemos o título mundial no Maracanã. Naquela época, Flávio Costa protegia o Alfredo, reserva do time da Cruz de Malta, do lateral esquerdo Jorge. Na seleção escalou o Alfredo na ponta direita num jogo, enquanto Claudio Cristovão Pinho era esquecido no Corint[h]jans, embora fosse o bom da camisa sete. Por essas e outras, amargamos muitos esquinapos.

Bochichos das quebradas

445 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecos”

Esse estado de coisa mudou quando Mendonção Falcão, com visão clara das coisas, engrossou o caldo, botou a boca no trombone e não fez a mínima cerimônia com os moços da C. B. D. Virou a mesa. A mentalidade mudou. Teve fim o bairrismo idiota. Foram convocados os melhores pra seleção e começamos a ganhar o tri.

Agora os gaúchos estão picados de raiva e com razão. O Zagalo deixou o Everaldo na saudade e levou pra lateral-esquerda o Rodrigues Neto que era ponta-esquerda e, pra quebrar um galho de Zagalo no Flamengo, foi recuado pra lateral-esquerda. Assim não dá. E os cartolas da C. B. D., que estão estraçalhando o circo, vão ter que rebolar no picadeiro pra não deixar um trabalho consciente, que foi pro beleleu.

Coisas da vida

Sábado passado, nossa coluna saiu empastelada. Mas isso é coisa que vez por outra acontece até pras maiores glórias do jornalismo pátrio.

Xavantes x Carajás

Teve lá em Brasília um racha⁴⁴⁶ dos mais movimentados entre Xavantes e Carajás. Futebol de índio é um perereco. Um time jogou de chuteira, e outro descalço. Os Xavantes ganharam de um a zero. Agora, sente o aroma da perpétua. Os índios não descem o pé, nem reclamam do juiz. Isso se deve ao fato de, nos campeonatos da tribo, jogo ser apitado sempre pelo pajé. E lá ninguém é louco de querer esculachar pajé. Também se sabe que pajé fica de juiz apesar de ser o dono da bola, porque índio gosta muito mais de apito que de pelota.

De qualquer forma, quem viu o futebol dos índios jurou pela luz que o ilumina que a seleção da África, do Concacaf, da Venezuela, do Irã, do Equador iam ter que suar a camisa pra ganhar dos Xavantes e dos Carajás.

Coisas do xadrez (Última Hora de SP – Edição de 21/6/1972. Página 13 Caderno 1)

Tem coisa que a gente não entende e quando vai xeretar fica pálido de espanto com as mil e uma mumunhas que aparecem. O jogo de xadrez, por exemplo, não era coisa que eu manjasse. De tabuleiro, eu só atacava em cocada de baiana e, vez por outra, quando entrava em cana, cozinhava siri em água morna jogando dama, no que me tornei campeão. Mas, deixa isso de lado. Não estou aqui pra fazer oba-obação em causa própria. O que quero dizer e o que pesa na balança é que, somente depois que o mequinho, Gran Mestre e tal e coisa, sacudiu o mundo com suas torres, peões e cavalos, é que eu meti minhas botucas de ver em lances de tabuleiro de xadrez.

Tinha por mim que esse jogo era pra nego cismado, homens sérios, de inteligências privilegiadas. Botava fé que um sujeito que fica como crocodilo chocando ovos em cima das pedras do jogo não entrava nas presepadas dignas do campeonato de buraco da Barra do Catimbó. Imaginava que o jogo de xadrez era recreio de filósofos, cientistas, doutores, sacerdotes e escritores. Mas, qual o que! O VII Zonal Sul-Americano de Xadrez, que terminou sábado próximo passado no Clube Atlético Paulistano, teve muita catimba.

Tu aí que só pega a pior, tu que só come bagulho catado na feira, tu que mora nas beiras do rio e quase se afoga toda vez que chove, tu que só berra da geral sem nunca influir no resultado, tu que quer morrer de vergonha quando teus parceiros de dominó no boteco da esquina te flagram roubando, sente o aroma da perpétua. O

446 Termo atualizado; no original de jornal consta “raxa”

pagode do xadrez, joguinho cabuloso de gente fina, deu o maior quás-quás-quas. Estão bochichando que teve marmelada da grossa e da escamosa. Falam a boca pequena que houve um acordo cavernoso nas encolhas entre três jogadores: Câmera, Szmetam e Debarnot para beneficiar os dois primeiros que, na base do agrião, iam faturar mole-mole o título de Grande Mestre. Acontece que um outro jogador, o Godoy, que deve ser considerado fracote, não entrou na marmita e, assim como quem não quer nada, beliscou o Szmetam e deu zebra. Szmetam ficou no “ora veja”.

A sujeirada foi escancarada e não deu pra ficar trancada em copas. Os jornais noticiaram a marola. Aí, um gaiato que quis defender os pererecos chiou que seria muito bom pra América do Sul que os zonais dessa banda fossem disputados por uma curriola de grandes mestres. Ele defende a teoria de que, pra aumentar a patota de grandes mestres, vale qualquer trambique.

Eu, da minha parte, acho meio cabuloso esse macete. Tenho pra mim que Grande Mestre fajutado não dá divisa a campeonato de nada. De qualquer forma, tenho a impressão que ficou ruim pra fuça dos enxadristas essa cascata toda.

Bochichos das quebradas

Meu chapa Moracy do Val deu um furo que me entortou o patuá. Anunciou ele que eu ia ser convidado pelo Flavio Rangel pra fazer o Sancho Pança, ao lado do Paulo Autran e da Bibi Ferreira. Quando vi minha fuça no “Notícias Populares” e li a pala, tremi nas bases. Fiquei em casa de plantão esperando o telefonema do Flavinho e neca. Me badalei pelos Piolins, Eduardos, Gigetos, botecos onde a classe teatral faz exame, e não apareceu convite nenhum. De qualquer forma, como o Moracy não é de dar mancada, já estou fazendo regime pra engordar a pança. Ontem mesmo tomei mais de três litros de chop. Juro por essa luz que me ilumina que, se não me chamarem pro papel do escudeiro do “Homem da Mancha”, eu mando a conta do chop pro Moracy do Val.

O fígaro do Sumaré

Quem for cortar os pelos no Salão Grená do Lau barbeiro, lá na Tevê Tupi, Canal 4, vai ter que aturar um papo meio esquisito sobre o futebol grego. É que o Fígaro Lau, o único torcedor juventino que eu conheço, anda fazendo das tripas coração pra divulgar a bela campanha que [o] time da Mooca tá fazendo na Grécia. Como sempre, pia na parada um gozador pra esculachar os feitos do onze avinhado (que é como o Lau chama seu time). Ele fica dando a ficha sobre os craques gregos. Há quem diga que, de tanto o Lau falar nome de jogador adversário do Juventus, vai acabar dando nó na língua.

Mas, nada pode anular a belíssima campanha do Juventus na Grécia. Seis partidas invictas. E o goleiro Miguel é a grande atração. Anda fechando o gol. Boa, Juventus! E isso aí que é futebol.

Respondendo à freguesia

Telma Machado (Vila Clementino) – “Já li várias notícias de que você vai deixar a Globo e vai para outros canais de televisão. Qual é o canal? As notícias dizem que você vai ora pra um, ora pra outro canal”.

Telminha, eu vou sair da Globo, sim. Mas, por enquanto meu canal está entupido. Tu vai ficar sem ver minha fuça por uns tempos no vídeo. Mas não se desespere. Eu voltarei. E juro por essa luz que me ilumina que, quando retornar, tu

será a primeira a saber. Leia sempre aqui a nossa coluna que, pelo menos a meu respeito, é a que informa melhor.

O buracão (Última Hora de SP – Edição de 22/6/1972. Página 13 Caderno 1)

Foi o verão, por acaso, que o velho pedinte descobriu o buraco embaixo do viaduto. Estava dando uma bandola uma noite, assim como quem não quer nada e, de repente, o rapa piou na parada. Pra se livrar do arrastão, ele se picou por entre os enormes pilares, e deu num buraco que estava escancarado bem na sapata de uma das colunas. Parecia uma toca de bicho ou uma cova. Porém, naquela hora de apuro, o velhote não quis nem saber. Com a cana na sua captura, ele não vacilou: se meteu no buraco e se quietou segurando até a respiração pra não dar pistas pros homens. Foi pau e bola. Os tiras revistaram com o buraco. E como não estavam muito a fim de ganhar aquele lesado da sociedade, deixaram pra lá e continuaram a ronda.

Nessa noite, o velhote já puxou o ronco no buraco. E achou o fino. Assim que acordou, foi a um terreno baldio onde escondia seus cacarecos e fez a mudança definitiva pro buraco. Foi fácil transportar suas bugigangas. Era tudo coisa pouca. Uma lata pra pedir comida, uma garrafa vazia e dois trapos que lhe serviam de cobertor. E enfiado no buraco, o velhote se sentiu instalado. Aquela cova lhe dava uma segurança que antes o desgraçado nunca tivera. Sentia-se confiante quanto ao futuro. Não temia o inverno. Ele, que no ano anterior quase tinha morrido na estação gelada, achava que o inverno que vinha pela proa iria tirar de letra ali dentro do buraco, que era quente e seco.

E com essa estranha sensação de conforto, o velhote deixou o tempo passar sem se afobar. Estava tranquilo. Pouco se afastava do buraco. Saía pra pedir comida e uma grana pra cachaça. Assim que adiantava o seu lado, voltava rapidinho pro mocó. O único medo que tinha era que algum parceiro de piorada descobrisse o buraco na sua ausência e resolvesse disputar a vaga. No verão, essas quizilas não eram frequentes. Mas, no inverno, os mendigos disputavam à dentada cada canto de marquise mais abrigado do vento. Era a zorra encarnada. E um buraco desses ninguém de sua laia ia desprezar. Aquilo ali era o sonho de todo vagau. Tipo da encolha desbaratinada. E qualquer pilantroso que descobrisse o buraco ia meter olho gordo e querer ganhar a vaga na congesta.

O velho sabia de si. Não se garantia. Já estava podre por dentro. O cupim lhe estava roendo a caixa de catarro. Não ia demorar para começar a escarrar sangue. E, nessas condições, não daria para defender o buraco. Então, a melhor situação era ficar lá dentro o máximo de tempo possível. Era o que o velho fazia.

Porém (e sempre tem um porém), numa de suas saídas, o velhote deu de cara com a Totonha, uma pedinte toda esculachada que ele manjava do abrigo de mendigos, uma vez que entrou em galera. A mulher era toda escrotidão. O bagaço humano. Desdentada perebenta, suja e tudo. Mas, ouriçou as ideias de jerico do velhote. Ele, de saída, achou que ia ser ótimo ter uma piranha no buracão. Quebraria vários galhos. Primeiro, como mulher, já que ele andava mordido de vontade. Uma vontade miserenta de tuberculoso. E serviria também como vigia. Quando ele saísse, ela poderia ficar plantada no mocó guardando o abrigo. E, por essas e outras, o velhote chegou na Totonha e meteu uma cascata:

– Tu num quer se juntá no meu pouso? É de lei, quente e enrustido.

A mulher, desde que o Zolhudo tinha entrado em cana, andava se batendo sozinha nas quebradas do mundaréu. A fim de pegar uma estia na sombra do velho,

não fez doce. Se rendeu na chuva da do velho. E dali mesmo foi pro buraco. Comeram, beberam e se regalaram.

Foi tudo legal. Combinação perfeita. Quando um saía para se virar, o outro ficava de guarda. E tudo o que conseguiam era dividido. Mas, certa vez, a Totonha foi pro malho e na volta trouxe o Zolhudo, que tinha sido solto. Estrilo não teve, nem da parte do velho, nem da parte do dono da mulher. Naturalmente se entenderam. A Totonha ficou dos dois e o buraco dos três. E tocaram para frente. Mas, logo apareceu mais gente, chamada pelo novo hóspede. Veio a Zita Fuinha, o Capilo, o Breu, o Zeca Aleijado, a Dita dos Bilhetes, o Chumbinho, a Dadá, o Zé Coceira, a Loquinha, e o buraco virou uma casa de caboclo. Uns dormiam de dia, outros de noite e se escoravam. Todos juntos é que não cabiam no buraco. Mas, todos, menos o velho, estavam pouco se incomodando. O que pesava na balança deles é que ali, naquela encolha, não batia sujeira. Quem passava na rua, não tinha jeito de botar as botucas neles. E, assim sendo, não dava reclamação na polícia e eles viviam sossegados.

Só o velhote, que era assombrado com o inverno, é que não gostava de ver tanta gente se amontoando no buraco. Mil anos de janela deram ao velhote lesado pela sociedade a tarimba das mumunhas todas. Ele tinha sentido na carne muitos e rigorosos inversos. Mas, já era voto vencido na patota. Não podia estrilar. E foi se aguentando. Até que se deu o esquinapo.

Coisas do Santo (Última Hora de SP – Edição de 23/6/1972. Página 13 Caderno 1)

Estava eu, Geraldão, Talismã, Zé Augusto e o Toniquinho batendo um papo furado lá no morro do Embu, quando o Zeca da Casa Verde piou na parada. Como, minha senhora? O que é que nós fomos fazer no morro do Embu? Subimos o morro pra ver se chove na nossa horta. Isso é tudo o que posso dizer por enquanto. Porém, garanto que não estávamos cumprindo promessa. E que tinha muita gente boa em nossa companhia. Mas, deixa isso tudo de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que a gente à toa, arreando cascata num canto, enquanto não chegava a hora da decisão, e o Zeca da Casa Verde, depois de encher a caixa de catarro com o ar da montanha, falou pra nós, meio encabulado:

– Eu não queria dizer nada. Mas o compadre acha que eu devia contar.

O compadre do Zeca da Casa Verde é o Geraldão. Os dois transam juntos desde os tempos em que o samba da pesada era no Largo da Banana. São cupinchas, pontas firmes um do outro desde velhos carnavais. Por essas e outras, o Geraldão, que é mais folgado, puxa pelo Zeca da Casa Verde. Nesse lance, não deu outra coisa. O Geraldão teve que ajudar o parceiro contar seu caso:

– Ele queria se fechar em copas. Não queria te dar uma pala sobre o Festival Estudantil da Música Popular da Zona Norte. Mas o troço foi legal e ele tem que se abrir.

Eu sempre faço o que posso. No lance, fiz [a] pergunta:

– Que aconteceu nesse festival?

O Zeca da Casa Verde se acanhou. Quis contar a treta e seus olhos se encheram de lágrimas. Era de se ver um bruto negrão daqueles chorando e rindo em cima do morro. Talismã, Zé Augusto e Toniquinho se encabreiraram e ficaram de botucas arregaladas com a presepada. Foi o Geraldão que teve que escancarar a história:

– O samba do Zeca tirou em segundo lugar.

A curriola não regateou em esculachar:

– Grande coisa.
– Por segundo lugar em festival de estudante esse negão chora e faz escarcéu?
– Tá ficando pirado da cuca.
– Quer ver se a Escola dele ganhar na avenida. O Zeca empacota.
Porém, aí o Geraldão, vendo que o Zeca da Casa Verde não se resolvia mesmo a abrir o baralho, deu o resto da ficha:
– É que foi o Zizo, filho dele, quem defendeu o samba.
Retumbando de orgulho, o Zeca acrescentou:
– E se acompanhou no violão.

A patota fez silêncio. Todos entenderam a alegria do Zeca da Casa Verde. Então, ele se animou e foi botando as mumunhas pra fora.

– Foi tão bacana. Quando a gente soube do resultado, meu moleque encostou a cabeça no meu ombro e chorou como criança. Nosso samba fez figura. Eu tive que bancar uma rocha pra não chorar. Sabe como é. Tinha que dar moral pro garoto. Mas a gente ficou tão contente. Só de falar me vem lágrima nos olhos.

A bobeira era geral. A gente entendia a catimba do Zeca da Casa Verde. O resultado de uma vida tão cheia de lutas estava toda ali, berrando que valeu a pena. Seu Mumu, o Talismã, pai de dezoito filhos, é quem, com sua sabedoria, mudou o rumo da conversa:

– Quem sai aos seus não degenera. Vamos na birosca beber uma água mineral pra comemorar esse começo do garoto do Zeca.

E fomos todos pro boteco do murrinho do Embu e foi aí que se deu o esquinapo. Mal entramos e o Geraldão botou as botucas em cima da imagem de um santo, firmou as vistas no Santo e deu um estrilo no dono do boteco:

– O portuga, esse aí não é Santo Antonio do Catigeró?

O homem confirmou e o Geraldão subiu nas paredes:

– Então por que tu bota pinga no pé dele? Só porque ele é crio[u]lo tu acha que é bebedor de cachaça, né? Essa gente é assim: preto pode ser até santo, que é cachaceiro. Tira essa pinga daí, portuga, e bota vinho. Santo Antonio do Catigeró bebe vinho. Pinga é com o Santo Onofre. Bota vinho que esse santo é italiano.

O Toniquinho se admirou:

– Ué, tem italiano crio[u]lo? Eu não sabia disso, não. Vi a seleção deles jogar e não vi nenhum escurinho.

Com banca de entendido, o Geraldão deu a regra:

– Sei que o Santo Antonio do Catigeró é crio[u]lo e italiano. Se tem mais preto por lá, não sei, nem quero saber. Mas o portuga vai mudar loguinho essa bebida do santo. Se não, eu mudo pra ele.

E o portuga, que não estava a fim de ver milagre, deu vinho pro santo beber. Nós também molhamos o bico no vinho do santo, em homenagem ao filho do Zeca da Casa Verde.

Respondendo à freguesia

Barraco Núcleo de Artes – “Convidamos o amigo pra assistir, de Vladimir Maiakovski, “A Plenos Pulmões”. O preço é popular, mas quem não tiver dinheiro pode levar uns quilos de feijão ou arroz, que a gente vai transar alimentação material com alimentação espiritual e daí se parte para um teatro feito para todas as camadas menos privilegiadas. Esperamos todos no Barraco Núcleo Arte, na travessa da Francisco Morato, Rua Roquete Pinto, 290, Jardim Previdência, ônibus 921”.

Me comove ver a boa vontade da juventude desligada da realidade. São belos, ingênuos e puros. Como é que eles podem pensar que quem não tem grana pra ir ao teatro pode tirar o feijão e o arroz da Boca dos filhos pra trocar por entrada pra assistir a Vladimir Maiakovski? São uns poetas maravilhosos essa moçada do Núcleo de Artes.

O palpite (Última Hora de SP – Edição de 24/6/1972. Página 13 Caderno 1)

Quando a gente fala que nego em desespero se agarra em fio desencapado, dá nó em pingo d'água, faz mingau com leite de sapo, mata cachorro a grito e os cambaus pra tirar o pé do lodo, muita gente bem instalada chia que eu sou exagerado. Porém (e sempre tem um porém), os fatos que os jornais escancaram diariamente em manchetes, se forem analisados por botucas que penetrem pouco além da superfície, já dão uma ideia de como o povão anda fazendo das tripas coração pra poder aguentar o repuxo da maré brava. Sintam só o aroma da perpétua de um perereco que se deu na Baixada Fluminense, pedaço que, juntamente com Dallas City e a Barra do Catimbó, é o campeão mundial de bochichos.

Um ladrão a cavalo (influência clara de fita de cowboy) tentou invadir uma casa. Mas, um cachorrinho vira-latas se botou a latir como desesperado e o vagau montado teve que se mandar rapidinho pra não levar uma junta do dono do cachorro e dos vizinhos dele, que se alertaram com o escarcéu. Até aí, tudo legal. Não há novidade. Ladrão a cavalo a gente vê todas as noites na tevê e pobre, quando tem cachorro, só pode ser mesmo pro canino espantar os pilantrosos que tentarem assaltar seu mocó. Aqui, ói, gaivota, que, com a vida custando os olhos da cara como anda, um operário vai sustentar mais uma boca só porque quer ter bicho de estimação. Cão de subúrbio, podes crer, majura, tem que fazer jus ao osso. Esse da nossa história fez. Por isso foi tratado como herói.

Só que ninguém lhe catou as pulgas. Apenas acharam que ele era um bom palpite pro jogo de bicho e cercaram o cão e o cavalo por todos os lados. Quem lucrou foi o bicheiro, como sempre. Ele, que andava a perigo perpétuo desde a inauguração da Loteria Esportiva, viu de repente chover na sua horta. E mais alegre ficou quando, de tardinha, a apuração deu camelo. O babau da Baixada Fluminense, por essas e outras, tomou pontapé de tudo quanto foi apostador. Foi prêmio por ter cumprido seu papel de cão de guarda.

Bochichos das quebradas

O criolêu que faz samba aqui em São Paulo anda meio assombrado e desesperado com as marolas que uns brancos metidos a protetores do samba andam fazendo pelas quebradas. Os brancos, por qualquer coisinha, armam um xaveco⁴⁴⁷ danado. Botam a boca no trombone, xingam, ameaçam abrir processo, trocam soco, cabeçadas, pontapés e arranhões. Só não dão colher de chá pra sambista.

Acham os sambistas de verdade e de valor provado, que não é nada disso que vai ajudar o samba de São Paulo. E acham certo. Eles levaram anos e anos batalhando pra conseguir impor respeito e quando estão se aplumando, entrou na fita essa curriola, que chegou assim como quem não quer nada, mas que já vai deixando claro que encostou no samba com ideias de jerico. Tem moço branco que anda muito a fim de transformar escola de samba em curral eleitoral. E nessa

447 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”

esperança, fica grilado quando outro pilantroso com anel de doutor pia na parada. Até se unham pra aparecerem diante das botucas do crioulo como pais do samba.

Porém, essas cabeças frescas estão engrupidos. O povão das escolas já sabe quem é quem e não vai entrar nessa cascata tihosa, que não se usa mais desde os velhos carnavais. Estou dando esse recado atendendo a pedidos de autênticos sambistas, que ficam encabulados com as presepadadas que os brancos sambistas de araque, aprontam. Também encomendaram pra eu esculachar os papagaios enfeitados e dar o nome deles. Porém, acho que primeiro uma advertência pode servir pros majuras se tocarem que não estão contribuindo. Depois, se eles não se acanharem, a gente dá pau na moleira sem regatear com ninguém. Fica combinado assim.

Valery Martins

Senso profissional é um troço que está meio em desuso nos meios artísticos. Muito ator metido a gênio, por qualquer dorzinha de cabeça suspende espetáculo, gravação de novela e os cambaus. Já vai longe o tempo em que o artista defendia com unhas e dentes a legenda “O espetáculo não pode parar”. Talvez por isso, a atitude da atriz Valery Martins tenha causado tanta admiração por parte de jovens atores, que gravaram um programa piloto com ela. A Valery Martins deixou seu filho na mesa de operação e foi firme para gravação. Não se queixou de nada, não pediu pra suas cenas serem feitas na frente dos outros, nem nada. Deu uma bela lição pros atores jovens. É isso aí. A Valery Martins cresceu muito no conceito de todos que com ela trabalhavam pela primeira vez.

Respondendo à Freguesia

Sindicato dos Têxteis de São Paulo – “O Departamento Recreativo convida o amigo e toda a família pra assistirem ao casamento caipira, a quadrilha dos associados e pra tomar o gostoso quentão que o Nhô Jácomo faz. A festança será dia 24 de junho de 1972, na rua Oiapoc, 80”.

Vamos todos nesse pagode caipira. Tudo que os tecelões de São Paulo fizeram podem contar com a nossa presença. Ainda mais se o Paulo Tsé e o Écio vão dançar quadrilha. Pago pra ver.

Falam de mim (Última Hora de SP – Edição de 26/6/1972. Página 13 Caderno 1)

A semana passada, os jornais escancararam muitas notícias a meu respeito. Foi aquele quás-quás-quás. Sérgio Bittencourt, colunista de “O Globo”, noticiou que o chapa aqui tinha sido convidado pra posar nu pra uma folhinha e recusou, apesar de o cachês ser de dez milhões.

Aqui, ói, gaivota, que eu ia dispensar uma grana sonora dessas. Podes crer, majura. Com a vida custando os olhos da cara como anda, por dez milheiros eu saia nu e plantando bananeira.

Já a simpática colunista Roberta, do “Notícias Populares”, deu a mesma pala sobre a minha nudez em calendário. Só que insinua que eu me acanhei de posar nu.

Por se tratar de uma beleza de garota, a Robertinha merece uma resposta. Meu anjo, não pio na parada nu, não é por timidez. É porque sou tão bem dotado, que se faço propaganda não ia dar conta de atender toda a clientela.

Já o papo que eu ia escrever novela pra Tevê Rio foi coisa que surgiu em tudo quanto foi jornal. Mas eu continuo a garantir que nem se cogitou nesse babado.

Outra coisa que me encucou foi o sempre bem informado Moracy do Val contar que eu ia ser chamado pelo Flávio Rangel pra fazer Sancho Pança, ao lado de Paulo Autran e Bibi Ferreira, na peça “O Homem da mancha”. Tomei chop às baldas pra aumentar o pandulho. Houve quem bochichasse que era o anti-teste de Cooper. Até agora, ninguém falou comigo sobre esse troço.

Por fim, a imprensa falada e escrita deu a notícia da proibição da minha peça “Navalha na carne”. Justamente esse assunto de proibição, que é cavernosamente triste, é que era verdade. A “Navalha na carne”, que fez carreira demais de dois anos nos teatros, foi ferrada. Que pena! Que pena! Que pena! Sou um homem mais triste por isso. Sou um ex-dramaturgo.

Respondendo à freguesia

Pra consolo meu, cada vez aumenta mais a correspondência da nossa coluna. É com prazer que leio e respondo a todas as cartas.

Teatro Gazeta – “Consuelo Leandro brevemente voltará a se apresentar em teatro, ao lado do Luís Gustavo e Renato Consorte, na peça de Jairo Arco e Flexa “Pena que esse país não seja a cores”. A direção do espetáculo foi confiada a Oswaldo Loureiro”.

Tá aí um espetáculo que merece ser prestigiado. O time é todinho de linha de frente. A Consuelo Leandro é uma senhora atriz cômica. Renato Consorte, ator com A maiúsculo. Luís Gustavo, o Tatá, ou Beto Rockefeller, sem favor nenhum, foi o ator que mudou o estilo de representação da televisão brasileira. Jairo Arco e Flexa, que agora se lança como autor, sempre esteve ligado aos grandes movimentos do teatro brasileiro. Foi fundador do Teatro Oficina, transou no Teatro de Arena, dirigiu “Navalha na carne” e “Homens de papel”. E Oswaldo Loureiro é o diretor preferido de Chico Anísio para seus shows. Além do mais, Oswaldo Loureiro é, ao lado de Juca de Oliveira, o maior batalhador da regulamentação da profissão de ator no Brasil. E se tudo isso não bastasse, os produtores são Moracy do Val e Egídio Écio, dois moços de pé quente que, recentemente, encenaram o maior sucesso de bilheteria de São Paulo nos últimos tempos, que foi “A Ratoeira”, de Agatha Christie.

*

Centro Social dos Cabos e Soldados da Polícia Militar do Estado De São Paulo. Diretor de Relações Públicas: Ariosvaldo Rocha – “Receba hoje v. s. o testemunho de penhorado reconhecimento e de elevado apreço, juntamente com o convite para que venha conhecer esta entidade, que estará pronta a bem servi-lo, consoante a todos aqueles princípios de vivência social que se honra em cultivar”.

Não há nada o que agradecer, Ariosvaldo. Nós aqui fazemos o que podemos pelas causas nobres. Quanto ao convite, podes crer que, quando menos esperarem, dou o ar de minha graça aí na sede do Centro.

*

Gum (O santista aflito) – “Sei que tu não é conselheiro, nem nada, mas peço que escreva uma palavrinha pro admirador e conterrâneo”.

Qual é a tua, Gum? Tá com tudo e ainda fica chiando. Tem mulher, carango, fim de semana em Santos e irmão mais velho que zela pelos teus interesses e ainda quer fazer da minha orelha pinico? Sem essa, majura. Se tu quer chorar as pitangas, arranja um psiquiatra. Mas, não sai por aí e nem vem aqui pedir luz a cego, que teu patuá acaba se entornando mais. Eu não dou conselho. Aliás, Mestre Zagaia, o velho cabo de esquadra que deu umas dicas na Tabuada das Candongas pra servir

de guia pro loque que anda marcando bobeira nas quebradas do mundaréu, diz sempre:

– Se conselho fosse bom, ninguém dava. Vendia.

É se o Mestre Zagaia falou, é que é. Em todo caso, por que tu não experimenta assumir algumas responsabilidades? Ao que me conste, chefe de família não tem muito recreio pra curtir onda⁴⁴⁸ de neurótico. Tenta, Gum! Vai ver o teu mal é folga demais. Quem não tem o que fazer vê brotar na cachola mil e uma ideias de jerico.

*

Dalva Cardoso (Tatuapé) – “Você nunca deu colher de chá pra escola de samba do meu bairro...”[.]

Tu que pensa, Dalva. Já falei aqui um monte de vezes que gosto muito da bateria da tua escola. Se tu duvida, é só dar uma chegada na redação do nosso jornal e conferir na coleção de números atrasados. Os arquivos não me deixam mentir.

Bochichos das quebradas (Última Hora de SP – Edição de 27/6/1972. Página 13 Caderno 1)

Na cidade de Exu, as famílias Sampaio e Alencar, por questões políticas, embora ambas pertençam ao mesmo partido, a Arena, vivem trocando tiros no melhor estilo de fita de cowboy. Até aí nada demais. Eles fazem jus ao nome da cidade. Mas já morreu tanta gente nesse perereco, que um velho morador da cidade fez um belo pronunciamento, digno de um povo civilizado. Vejam só:

– Não sei por que esse escarcéu. Aqui em Exu se mata tanta gente, que urubu não levanta mais voo.

Organização é isso

Se a folhinha de homem nu que vai sair em 1973 não for o sinal dos tempos, esse troço que as lésbicas de Seattle querem fundar deve ser. Se agarra na tua fé, majura, pra não cair da cadeira, que o lance é violento. As lésbicas querem fundar a Sociedade Protetora das mães Homossexuais, pra protegerem os filhos das lésbicas. Pra mim não dá pra entender. Nem pra Souzinha, uma lourinha que vive frustrada porque a família botou areia no seu sono de ser chofer de caminhão. Ela, que é minha ponta de lança pra esse assunto esquisito, fez uma consulta na sua patota e me apareceu com esse resultado. A Castrão, a Betona, a Nogueira são contra a sociedade. Acham elas que quem errou seu caminho e curtiu homem um dia tem que pagar pelo mau passo. Já a Estrelinha, a Cota e a Suzi acham a ideia maravilhosa. A Souzinha não votou. Confessou que não entende de política. Mas crê que esses moçoilos que vivem espalhando que mulher dá câncer logo vão piar na parada querendo fundar o clube dos papais homossexuais. Ainda segundo a Souzinha, eles são aparecidos e, com a maior cara de pau, são capazes de afirmar que esse clube já existe há muito tempo, funcionando enrustido.

Nossos times no estrangeiro

Vendo essas seleções de cabeças de bagre jogarem na Mini-Copa é que a gente fica sabendo porque até timeco de segunda divisão aqui do Brasil, quando faz excursão ao estrangeiro, faz bonita figura. Os gringos não são de bola. Têm a

448 Termo atualizado; no original de jornal consta “onde”

cintura dura e chutam com a canela. Um beque alemão desse Hamburgo, que tomou um vareio de bola da Seleção Olímpica, não fez cerimônia em confessar que, se os nossos amadores disputassem a Mini-Copa, provavelmente seriam os vice-campeões. Só perderiam pra seleção oficial do Brasil, que é tricampeã do mundo. Isso prova que, em se tratando de futebol, é com a gente mesmo. Porém (e sempre tem um porém), não podia faltar cronista europeu metido a besta pra fazer considerações absurdas. Um otário desses, vendo a Seleção Brasileira treinar, afirmou que, se a gente jogasse agora com o Selecionado Alemão, entrava bem. Só porque ele quer. Em 74, na Alemanha, a gente só perde se houver marmelada, ou então se os cartolas da C. B. D. se meterem a ter ideias. Que ideia de cartola de futebol é sempre digna de um jerico e resulta na entrega do ouro aos bandidos. Mas, bola por bola, sou mais Brasil em qualquer campo.

Respondendo à freguesia

Natalia Giovanini (Brás) – ... “Mesmo morando no Brás, só agora fiquei sabendo que tinha um teatro funcionando na Rua Oiapoc[,] com a peça sua...”[.]

Não foi por falta de aviso, dona Natália. “Quando as máquinas param”, com Walderez de Barros e Roberto Rocco está no Sindicato dos Tecelões desde agosto do ano passado. Ganhamos Menção Honrosa da Associação dos Críticos de São Paulo pelo trabalho de popularização de teatro que estamos fazendo e mais de trinta mil pessoas assistiram ao nosso espetáculo. Agora só lhe resta esta semana pra conferir se essa pela é boa ou não.

José Maria do Prado (Campinas, SP) – “Através da sua coluna, queria sugerir o seguinte: a bordo dos voos das linhas domésticas, nossas companhias só servem, gratuitamente, uísque nacional; acontece, porém, que tem muita gente, inclusive eu, que só gosta de tomar o escocês; então, acho que as companhias deviam vender a bordo doses individuais do scotch, como nos voos internacionais. Só assim meu frágil fígado estará livre de complicações”.

Olha José, você decididamente é fogo na roupa. Pra te dizer a verdade, não entendo bulhufas de uísque, mas já que você falou, tá falado. Na minha opinião, o que acho, é que deviam servir à bordo dos nossos aviões uma boa pinga, que é bebida brasileira. Isso, entretanto, não sucede. Sua sugestão está dada às companhias. Mas que é sujeira não servirem pinga, é.

Marcio Pinho (Capital) – “E a projeção da maioria dos nossos cinemas continua péssima, os donos deles parece que só se preocupam em aumentar os preços. Isso, para mim, é roubo, desonestidade e falta de vergonha”.

Falaste e disseste, Márcio, realmente a projeção nos nossos cinemas é de lascar. E veja você que, além disso, há algumas casas que exibem aqueles malditos “jornais” do Primo Carbonari, que são verdadeiras doses pra elefante. Tua bronca fica registrada e vai a minha também. Em questão de projeção, os cinemas de São Paulo estão virando caso de polícia. Falei.

Maria Carolina Marques (Jundiaí, SP) – “E meu marido, assim de repente, se mandou com a empregada da minha vizinha. O senhor acha certo um negócio desses? Por favor, me dê algumas palavras de conforto”.

Ah, dona Maria Carolina, sua situação é, na realidade, bastante grave. Olha, não é por nada não, mas que razões o seu santo maridinho poderia ter para se mandar com a empregada da vizinha? Bom, se ela era como estou pensando de consolo que posso lhe dar, é que tenha calma. Como consolo, vou contar o seu caso para o meu chapinha Antonio Contento, que escreve aí na outra página. Ele, certamente, fará uma história, e a senhora, assim, entrará para a posteridade.

Procópio Ferreira (Última Hora de SP – Edição de 28/6/1972. Página 13 Caderno 1)

Procópio Ferreira, todos sabem quem é. Não pode me passar nem de leve pela cachola que alguém nesse país não saiba que Procópio Ferreira é o grande ator brasileiro de todos os tempos. Me causaria espanto se algum alienado me confessasse que não tinha nunca escutado falar de Procópio Ferreira. Pombas! Procópio Ferreira está para o teatro assim como o Pelé está para o futebol. Procópio Ferreira, de “Deus lhe pague”, que foi apresentada nos mais luxuosos palcos e nos mais escamosos mafuás, sempre com a mesma dignidade, pelo grande Procópio Ferreira. Ricos e pobres. Presidentes, ministros, legisladores, operários, lavradores e estudantes assistiam a “Deus lhe pague”. Peça de maior importância da dramaturgia nacional. Que dentro de sua época, rompeu as estruturas. Que foi preciso coragem de seu autor Juraci Camargo para escrevê-la e foi preciso coragem do genial Procópio para montá-la.

Pois é isso aí. Juraci Camargo, na dramaturgia brasileira, é o mesmo que Oduvaldo Viana (pai), que Nelson Rodrigues, que Dias Gomes, que Guarnieri, que Vianinha, que Paulo Pontes. Marcou um tempo. Mas, deixa isso tudo de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que seu grande intérprete foi Procópio Ferreira. E por isso o genial Procópio Ferreira devia estar na Academia Brasileira de Letras, ao lado de todos os outros imortais. Como, minha senhora? Por que na Academia Brasileira de Letras? Veja só. Na falta de outra academia, essa aí mesmo serve. É lá que se junta patota cheia de sabedoria e que tem o respeito de todos. E o Procópio Ferreira, podes crer, merece esse trato. Ele conquistou suas divisas no meio da batalha. Procópio Ferreira, juro por essa luz que me ilumina, ia dignificar ainda mais essa casa. Charles Chaplin, que é uma espécie de Procópio Ferreira americano, recebe nos nossos dias homenagens e oba-obação às pamparras. Gente que tremeu nas bases com o recado do velho Carlitos reconhece hoje seu valor e não regateiam em honrar o magnífico ator.

Mas, tu aí que sempre pega a pior, tu que só come bagulho catado na feira, tu que mora nas beiras do rio e quase se afoga toda vez que chove, tu que só berra da geral sem nunca influir no resultado, sente o aroma da perpétua. O magnífico Procópio Ferreira, o senhor da ribalta Procópio Ferreira, mestre de todos os atores da pátria amada, que fez rir e chorar multidões de Norte a Sul do país, não recebe homenagem de ninguém. Provavelmente nem quer. Mas, merece. O Procópio Ferreira só quer se aposentar.

Quer descansar de tantas andanças e lutas. O Procópio Ferreira, majura, não consegue provar que foi ator. Dá pra entender? Eu sei que meu puçá tem vara curta e que, por essas e outras, só pesco o que aparece boiando nas águas barrentas em que navego contra a maré. Mas, essa maldade com o genial Procópio Ferreira me bate na fuça e me entorta o patuá. Me deixa indignado. Nem dá pra contar direito o que representa a gloriosa figura do grande mestre do teatro brasileiro. O sangue me ferve nas veias. Eu fico picado de raiva só de lembrar que estão tratando um magnífico artista com tanta indiferença. Ele só quer se aposentar, Deus meu! Procópio Ferreira só quer uma pensão pra sua velhice. E não consegue provar que foi ator. Que memória fraca temos todos nós.

Pela gratidão que todos devemos ao grande artista Procópio Ferreira, pelo grande brasileiro que ele é e por mil e uma coisas mais, Procópio Ferreira não devia ter que pedir nada. Muito menos aposentadoria. O Governo (e ainda está em tempo

de fazer) devia chamar o grande ator e uma ilustre figura, com todos os protocolos que existem, devia dizer a ele:

“Mestre, espero que o senhor nos perdoe por não termos antes a lembrança de homenageá-lo e de oferecer, em nome da Nação, tudo o que o senhor necessita pra terem uma velhice tranquila. Por favor, senhor Procópio Ferreira, não me recuse nosso oferecimento”.

Bochichos das quebradas

Nossa Seleção vai estrear hoje na Mini-Copa. Isso é o que se pode chamar de pegar rabo de foguete. Os timecos que estão na parada a gente já manjou que são todos de cabeças de bagres e defendendo a maresia. Se o selecionado brasileiro faturá-los, o que deve acontecer tranquilamente, não vai haver grandes divisas com esse título. Os murrinhas da crônica esportiva europeia vão avacalhar a guerra dizendo que só veio no nosso festival os pés de chumbo. Porém (e sempre tem um porém), se o selecionado do Brasil perder o caneco, ou pelo menos a invencibilidade, o quás-quás-quás vai ser medonho. São essas as catimbas que os cartolas da C. B. D. arranjam. Só rabo de foguete.

Imperial em festa

Os figurões da imprensa paulistana, artistas e gente da noite baixaram firmes no salão de festas do Hotel San Raphael, segunda-feira passada. Foi uma oba-obação das mais simpáticas que um grupo de amigos de Carlos Imperial, o maior curtidor, fez em sua honra e do elenco da peça “Um edifício chamado 200”, de Paulinho Pontes, que é, juntamente com o Vianinha e o Guarnieri, o trio da esperança da dramaturgia nacional. Nós aqui prestigiamos o gordurame e as biritas do coquetel sem a mínima cerimônia e faremos o mesmo com a peça que, com Juca de Oliveira no papel principal, estreará brevemente no Teatro Paiol.

Alegria é isso (Última Hora de SP – Edição de 29/6/1972. Página 13 Caderno 1)

A vida é cheia de pererecos. Às vezes a gente ganha, às vezes a gente perde. Eu, por exemplo, ando numa maré brava. Quanto mais rezo, mais fantasmas me aparece[m]. Porém, nem por isso me acanho diante dos esquinapos. Não vale a pena. A Lei das Candongas que foi traçada na Tabuada do Mestre Zagaia reza claro que o vagau que esquentar a cabeça acaba marcando bobeira, perde o rumo e fica falando sozinho. Os azares devem ser tirados de letra, sem afobação. Afobado come cru ou queima a boca. E se o velho cabo de esquadra diz, é porque é. Ele sabe das coisas. Então, eu entro nessa. Não vou pra grupo. A Censura proibiu a “Navalha na carne” e a “Jornada de um imbecil até o entendimento”. Me dói. Como me dói. Mas, nem por isso vou sair por aí fazendo careta pra cego. Vou remando minha catraia até encontrar alegria. Aliás, já tive grandes motivos pra retumbar de felicidade, mesmo em cima do naufrágio das minhas peças.

Tu que só pega a pior, tu que só come bagulho catado na feira, tu que moras nas beiras do rio e quase se afoga toda vez que chove, tu que só berra da geral sem nunca influir no resultado, sente o aroma da perpétua.

Eu sou santista de nascimento e de axê fincado. Sou quem sou porque me criei nas belas praias da Ilha de Iemanjá, porque paguei promessa em festa da Santa do Monte Serrat, porque joguei bola nos campos de ator fazendo show nas quermesses do Macuco, Marapé, Campo Grande e Bairro Chinês, porque meu primeiro contrato foi no cirquinho de Macuco, o famoso Pavilhão Liberdade, porque

bebi chop no Bar Atlântico, porque dancei no Nacional e na Humanitária, porque frequentei o 102 da Iitororó, porque comi pastel do Shiro da rua XV, porque joguei sinuca no Acadêmico e no bar Seletto de São Vicente. E é isso aí. Por essas e outras, escrevi minhas peças. Porém (e sempre tem um porém), quando fui apresentar os “Dois perdidos” foi aquela cascata. As autoridades não queriam de jeito nenhum deixar meu recado ser escancarado no palco do Coliseu. O povão, meu povão, firme lá. Duas mil pessoas rentes pra ver o seu artista. Meu Deus, que coisa linda! Fomos pras cabeceiras e, em lágrimas e na linguagem que a gente sempre falou no cais do porto e nas praias agradei o meu pessoal. Foi dizer obrigado e ir em ca[n]a. Mas, deixa isso tudo de lado. Já se passaram três anos desta gronga. O que quero contar é que, depois disso, só fui a Santos pra responder processo. Encabulei. Não pisei mais o solo firme e quente da minha ilha. Nunca mais representei “Dois perdidos numa noite suja” em lugar nenhum. Se não podia mais ser em Santos, eu não queria que fosse em outro pedaço. Me senti longe da minha cidade, marginal e tal e coisa.

Mas, eis que, de repente, a Rio Gráfica Editora resolve publicar as histórias do Grandes Clubes e me chama pra contar tretas do Santos F. C. de glórias mil; o Jornal do Brasil vai publicar uma reportagem sobre o cais do porto santista e o repórter me chama pra falar dos valentes, das mulheres e dos nossos babados; uma revista americana escancara meu retrato e dá a legenda “o moço de Santos”. Entendem que eu me embandeirei de novo. Onde eu for conhecido, serei como santista e como o escritor do povão de Santos. Que se dane a Censura. Cantando a gente da bela Ilha de Iemanjá, eu serei universal. Não tem mais jeito. Por ser quem sou ninguém me apaga.

Bochichos das quebradas

Talismã, um dos maiores artistas populares do Brasil, foi convidado pelo Paulo Tsé e pelo Giácomo, secretários do Sindicato dos Têxteis de São Paulo, pra fazer o hino dos tecelões. Talismã de alegria, sentiu-se honrado e orgulhoso pela lembrança que os dirigentes sindicais tiveram do seu nome. Só que o Seu Mumu é todo cheio de mumunha e, com a modéstia que lhe é peculiar, foi logo sugerindo, encabulado:

– Olha, Mumu diretor, não vai pensar que eu não quero fazer o hino. Não sei se alguém sabe, mas eu fui tecelão muito tempo. Agora, tem o Geraldão, o Zeca da Casa Verde, o Toniquinho, o Jangada e uns outros aí que dariam conta do recado melhor do que eu. Eles são bons demais. Se o Mumu diretor quiser, eu falo com um deles e ele faz um hino lindo.

Porém, não deu pedal. Nem o Paulo, nem o Giácomo duvidam do valor de patota citada pelo Talismã. Só que escolheram ele e está selado. Talismã, o Seu Mumu, fará o hino dos tecelões.

Respondendo à freguesia

Antonio Diarte [sic] – A... “Gostaria que você me dissesse os dias da semana em que saem as suas crônicas. Tá? Porque compro “Última Hora” e só leio “Navalha na carne”. As suas crônicas mais interessantes recorto para guardar”.

Que legal, seu Diarte [sic]. Segui sua sugestão e estamos aqui. Todos os dias mandamos nosso recado. Menos domingo. Obrigado pela oba-obaçãozinha. Não sei se mereço. Mas juro por essa luz que me ilumina que andava precisando de um embalo.

Conjunto Teatral da Juventude (Florianópolis) – “Queríamos que você nos autorizasse a montar suas peças “Navalha na carne” e “Dois perdidos numa noite suja”.

Meu chapinha, também Dina Sfat, Margarida Reis, Nicete Bruno, Tônia Carrero, Débora Duarte, Tereza Raquel, Marilda Pedroso, Ety Fraser, Gracinha Freire, Sonia Clara, Suzana Vieira, Ana Maria Magalhães, Bety Faria, Taiz Portinho, Joana Fomm e Sonia Del Mar me pediram pra montar o “Abajur lilás”. Com muita dor no coração, tenho que comunicar às minhas queridas coleguinhas que sou um ex-dramaturgo. E, por essas e outras, sem peça.

Ziembinski, João José Pompeu, Fauzi Arap, Nelson Xavier, Ginaldo de Souza, Jardel Filho, Adriano Lisboa, Milton Gonçalves, Antonio Pitanga, Paulo José, Grande Otelo, Paulo Gracindo, José Lewgoy me pediram pra montar minha peça “Oração para um pé de chinelo”. Com pena tenho que comunicar a todos os meus queridos colegas que sou um ex-dramaturgo. Não escrevo mais e as peças inéditas ficarão pra sempre enfiadas no fundo da gaveta.

Parei com essa marola de autor teatral. A proibição recente da “Navalha na carne” e da “Jornada de um imbecil até o entendimento” me tiraram do jogo. Sou carta fora do baralho. Não escrevo mais para o teatro. Por favor, não me convidem para escrever peças. Me faz mal não ver os meus personagens em cena. Fica como está.

Porém (e sempre tem um porém), todos podem crer que não vou dar pinote do Brasil. Continuo no mesmo endereço à disposição dos amigos para um papo. Não me esqueçam como gente. Eu fico. Nasci para ser um autor popular brasileiro. Sinto isso no fundo da alma. Se não tenho vez aqui, não foi por falta de tentar. Nas terras gregas não quero ser bulhufas. Eu fico.

Pipi-dog (Última Hora de SP – Edição de 30/6/1972. Página 13 Caderno 1)

No Rio de Janeiro, a moçada vem ultimamente fazendo das tripas coração pra justificar o título que ganharam de Cidade Maravilhosa (muito mais pelas belezas naturais do que pelo talento dos urbanistas). Falta água, falta luz e tal e coisa, desde velhos carnavais. Porém (e sempre tem um porém), como o negócio lá é turismo e como o jogo tá já trancado, só resta mesmo caprichar na paisagem. Muito embora Mestre Zagaia, o velho cabo de esquadra, em sua Tabuada das Candongas, tenha dado uma dica que deve ser considerada:

– O que atrai turista é baralho, jovens, atléticos e selvagens catraieiros.

E se o Mestre Zagaia falou, é que é. Ele sabe das coisas. Em todo caso, é louvável o esforço que os cariocas fazem pra melhorar a fuça. Iluminar o Cristo Redentor foi bacana. Ficou bonito. E quem chega de fora se depara com aquela cascata de fé e de luz, nem de leve poderá supor que, na realidade, tem nego se pendurando em fio elétrico, já nem digo pra poder viver, digo pra poder chegar em casa nos famosos trens dos subúrbios da Central ou da Leopoldina. Mas, deixem isso tudo de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é sobre um pipi-dog que vão inaugurar na Cidade Maravilhosa.

Pipi-dog, como tu já se tocou, é um mi[c]tório público pra cachorro. Naturalmente, tu compreende que a onda agora é sofisticada e que, se cachorro quente um dia passou a se chamar hot-dog e a ser mastigado pela garotada cabeluda, que achou uma curtição comer pão com salsicha e mostarda com nome esquisito, um mi[c]tório público de babau com nome de pipi-dog vai ser o maior sucesso. Nos dias de semana, as madames da Zona Sul, que até hoje levavam seus

cãozinhos de estimação para regar a praia à noite, sem se importarem se na manhã seguinte os banhistas iam pegar mijação, uma doença cavernosa que dá no pé de quem pisa em urina de cachorro e que é pior do que frieira pra sarar, vão poder, à tardinha, levar seus bases, seus pequineses e fox-terriers [sic] pra fila do pipi-dog, onde, além de fazerem figura, vão poder bolar com a curriola de amantes de plantão que vai juntar no pedaço, na esperança de ganhar peixe rico pra aguentar o repuxos desta vida, que anda custando os olhos da fuça.

Já aos domingos, a patota da Zona Norte, que é louca pra imitar os pererecos dos grã-finos, vão vir de Madureira e Padre Miguel a pé só pra trazer seus vira-latas no pipi-dog. E com essas e outras, tá feita a festa.

Agora, manja os detalhes de pipi-dog. Vai ser enfurnado embaixo da calçada um tabuleiro de areia, com um poste no meio. Muito legal. Vai ter piada aos montes sobre esse troço e outras badalações.

Enquanto isso, em São Paulo, cidade civilizada, os donos dos botequins trancam seus mi[c]tórios a sete chaves e o freguês que sentir súbitos desarranjos só entra se for considerado; no centro da cidade, que se saiba, só tem um mi[c]tório público, ali na Praça da República, onde só nego muito a perigo ou muito valente se achega, porque a barra é tétrica e tem mumunhas. Se o sujeito entra com intenção de sujar o mi[c]tório, se entorta, porque é o mi[c]tório que suja ele. Além do que, ninguém consegue fazer um pipizinho tranquilo. Logo os moçoilos que vivem espalhando que mulher dá câncer se juntam pra assistir à operação desaguar do infeliz que baixa ali.

E fora dali, já viu. Se um guanaco te flagrar regando os muros, por mais escuro que seja o local, podes crer, amizade, é cana dura.

Bochichos das quebradas

Tá todo mundo espantando com o gringo Sir Stanley Rouss, que é rei dos cartolões do futebol mundial. O homem é a encarnação da grossura e da maresia. Mal educado. Está pagando a hospitalidade da C. B. D. com coices e declarações de cafajeste autêntico. Não fez a mínima cerimônia em esculachar o João Havelange. Mas é bom pra gente se tocar quem são esses pintas e como é que vai ser a barra na Copa da Alemanha.

Respondendo à freguesia

Federação das Escolas de Samba e Cordões Carnavalescos de São Paulo – “Convidamos o amigo pra festa de 1º de julho na quadra do Nenê da Vila Mathilde, na rua Julio Rinaldi, 1, na Penha. Será um verdadeiro desfile do samba paulistano. A começar pelos compositores: Talismã, Silvio Modesto, Geraldo Filme, Zeca da Casa Verde, João Dionisio, Jangada, Zé Di, Carioca do Vai-Vai, Beto, Oldair, China, Doca, Santana da Mocidade Alegre, Iderval Anselmo, Paulistinha, Beto do Fio de Ouro, Ito, Camargo e B. Lobo”.

Meus cupinchas, o pagode só pode ser legal, com esse primeiro time na parada. Tá aí uma grande oportunidade pra televisão Tupi meter uma bola na rede. Já que o Flávio Cavalcanti está de férias, podiam gravar um tape desse pagode e mandar depois pelo vídeo. Garanto que era sucesso de audiência. O Chacrinha e sua Buzina falariam sozinhos neste dia. Quem vive pedindo a Deus um troço diferente ia se debulhar com a festa do samba paulista.

Luiz Américo Salles Oliveira Keller (Av. Brigadeiro Faria Lima, 1462 – 8º andar – Cj. 8) – “Como o amigo vê, meu consultório dentário está com novo endereço”.

Pois é, meu caro Keller, bem que eu precisava te fazer uma visitinha. Porém, quando ia ganhando coragem, a Censura proibiu “Navalha na carne”. Perdi a graça e o jeito de sorrir. E pra que precisa de dente quem não sorri?

CRÔNICAS COMPILADAS – VOLUME TRÊS

SUMÁRIO

1) REVISTA VEJA – 1975-1976 _____ pág. 6

1. 1 – As crônicas de outubro de 1975 – Coluna Plínio Marcos _____ pág. 6

**Espiando a queda do Santos
O atleta longe da sarjeta**

1. 2 – As crônicas de novembro de 1975 – Coluna Plínio Marcos _____ pág. 9

**O humanista do futebol
O que se pode dizer do futebol brasileiro
O time da moda, o do futuro e o do museu**

1. 3 – As crônicas de dezembro de 1975 – Coluna Plínio Marcos _____ pág. 14

**Só não se fala de futebol-futebol
Os pênaltis de antigamente
Férias, catimbas e mumunhas
Brasileiro, timões e timecos
Pompéia X Sentimento F. C.**

1. 4 – As crônicas de janeiro de 1976 – Coluna Plínio Marcos _____ pág. 23

**As previsões para o novo ano
O burro e o roubo das camisas
Nasce um juiz de futebol**

2) JORNAL FOLHA DE S. PAULO – 1977 _____ pág. 29

2. 1 – As crônicas de fevereiro de 1977 – Coluna Plínio Marcos _____ pág. 29

**A volta de Plínio Marcos
O carnaval dos cordões
Cariocas no samba paulista
Carnaval não precisa de subvenção: basta o povo
Últimas do carnaval
Onde está o carnaval para o povo?
Fim de festa**

2. 2 – As crônicas de março de 1977 – Coluna Plínio Marcos _____ pág. 58

**Paulo César Acaju na Seleção
Como é, Crazy, vai pagar ou não?
Gurufim não come
Líder não é coisa que se invente
Apresentamos o senhor Fauzi Banguê-Banguê...
Questão de segurança nacional**

Gladiador ou jogador de futebol
Rápida resposta à freguesia
Futebol, samba e TV
Quem sabe, deve falar sempre
Futebol, ora falta seriedade
Rádio, lazer e pobres universitárias
A arte popular pede passagem
De volta aos gladiadores do futebol
Samba, um campeonato absurdo
Respondendo à freguesia
O suborno
Em rio de piranha, macaco bebe água de canudinho
Time bom, só não sabe fazer gols
Por que sumiu o bom humor do povo brasileiro?
Falta humor ou apenas sobra medo
Só o absurdo se mantém à tona
O espaço semanal da freguesia
Resposta à carta do leitor que acusou este colunista de ser analfabeto
Povo sem condicionamento é povo culto
Professores violentos e violentados
As muitas maneiras de matar a cultura

2. 3 – As crônicas de abril de 1977 – Coluna Plínio Marcos _____ pág. 88

Lavando os pés pelo samba
Respondendo à freguesia
O pranto e o canto... pelos anjos caídos
Espaço livre para o brasileiro
Cartolas X torcedores: pimenta nos olhos dos outros é colírio
A medicina com os pés no chão, enquanto as multinacionais não vêm
O paternalismo não salvará o circo, nem arte nenhuma
A música popular brasileira e a máquina do som
Em busca de uma bússola num tempo de faróis quase apagados
Paixão de Cristo em Mafuá
As meninas estudantes e seus gravadores (I)
As meninas estudantes e seus gravadores (II)
As meninas estudantes e seus gravadores (III)
As meninas estudantes e seus gravadores (IV)
As meninas estudantes e seus gravadores (final)
Rádios, palhaços, leis, numa época de dar nó em pingo d'água
Para que o Léo Gilson saiba
Boa palavra sobre Araraquara, tão luminosa quanto seus artistas
Que tal uma verdadeira homenagem à altura do gênio de Procópio Ferreira?
No dia do nosso índio, o garoto da terra de Marlboro matou todos seus coleguinhas peles-vermelhas
O último tocador de tambu trocou suas origens por um chiclete
Respondendo à freguesia
O escapismo da discussão sobre o divórcio
O rádio brasileiro e suas antenas desligadas
Bobagem, as rosas não falam

**Enquanto os políticos discutem o divórcio, o povão vê disco voador
Ao mestre, com carinho
Respondendo à Freguesia**

2. 4 – As crônicas de maio de 1977 – Coluna Plínio Marcos _____ pág. 134

**Quando o sol brilhar de novo, irei a Cruzeiro
Toniquinho Batuqueiro é um mestre em cultura popular. Está preso
Meu Noel Rosa
Noel, segundo as suas próprias palavras
Foi coisa de marcar bobeira
Entre ratos e ratazanas
A (semanal e rotineira) resposta à freguesia
Bô, um cracão de futebol no estaleiro
Arrabal em cena, é hora da Pagu
Favelas, a solução para incrementar nossas exportações
O Buracão
Um dia para se pensar em liberdade
Respondendo à freguesia
“E o Abílio mais uma vez nos fez pensar”
Um papo com Procópio sobre Juraci e Noel
Tristes amantes que não souberam amar
Impasse estudantil: dia de tensão e medo
A esperança que sobrevive aos 40
Resposta à freguesia
Morreu Lacerda. Meu quase parceiro
Censura, violência, e a falsa realidade
O papo furado dos homens da radiodifusão
Estou no palco. Penso no meu mestre D’Aversa
Vamos esperar o último carro
Respondendo à freguesia
Vi o início e não quero ver o fim
Respostas a um questionário**

2. 5 – As crônicas de junho de 1977 – Coluna Plínio Marcos _____ pág. 182

**Respondendo a um questionário – II
Respondendo a um questionário – III
Respondendo a um questionário (IV)
Algumas histórias de meu teatro
Mestre Pascoal e nossa amiga Pagu
A máfia manda no comércio de livro
O samba de São Paulo no Rio
Valdemar e Dagmar: por falta de cama
As cartas não mentem jamais
O Poeta da Vila (E do Brasil)
Resposta depressa: quem foi Noel Rosa?
Sufoco está acabando com a criatividade
Contestando Aracy: Noel era um suicida
Um pequeno diálogo com meu filho Nado**

**Respondendo à freguesia
O triste país dos concursos culturais
Um dos porquês de uma audiência tão fácil
Filme americano no lugar de nosso samba
Mais biotômico para o crime italiano
Coisas más e boas do teatro
É necessário rever totalmente a radiodifusão
Quem atenta contra a moral e os costumes
Nem no palco, nem em livro
Uma peça incômoda
Nem direitos autorais estão respeitando**

2. 6 – As crônicas de julho de 1977 – Coluna Plínio Marcos _____ pág. 229

**Festival na serra e esmola para o músico
Na barra do catimbó
Censura, um braço do colonialismo cultural
Na rua alguém me abraça: o censor da peça que escrevi
Luta do músico deve ser sem paternalismo
Atores: as vítimas de seu próprio sindicato
Mais um jeito de explorar artista na televisão
Um saltimbanco em busca de seu povo
Na Barra do Catimbó
História mexicana com final no Sindicato dos Atores
Um novo sindicato, sem os burocratas
O gênio de Vianinha e a injustiça de rasgar o coração
Von Pfuhl, Carmélia, os novos e Ruth Escobar
É preciso um milagre para salvar o rio do Bom Jesus
Respondendo à freguesia
IV – O futebol na Barra do Catimbó**

2. 7 – As crônicas de agosto de 1977 – Coluna Plínio Marcos _____ pág. 260

**Hoje, a carta do sindicato. Amanhã, a resposta
Resposta aos insultos e ameaças dos falsos sindicalistas
Pequena meditação solitária enquanto se olha a lua
O grande drama do Serviço Nacional do Teatro
História de um pequeno trabalhador de cinema
Como o pai da noiva, fico na porta recebendo os cumprimentos
Na Barra do Catimbó – IV. Um jogo difícil
Nize Silva e Waldemar Iglésias
Os escapistas brigam enquanto a censura continua
Sim, redescobrir Wilson Batista
A lição que vem do México
O diálogo sem suspeitas
Meus recados de Amor
Na Barra do Catimbó VI – O presságio da desgraça
Nem tudo é recado de amor
Um grito na Baixada: “Arriba Jabuca”
‘Sou apenas um repórter’**

**Antes da leitura de 'Barrela'...
A leitura de Barrela no Ruth Escobar
Precisamos reaprender a debater
Metalúrgicos e Lolita gritam: Arriba Jabuca!
Meu inútil pranto pelos anjos caídos
Uma dica e um esclarecimento
E fica sempre por isso mesmo
Como se faz na aldeia do desconsolo
Tietê com Cornélio Pires [...] Jaú com Abílio
Na Barra do Catimbó (Fim)
Um sol podre não faz germinar as sementes
Andar na rua, pode. Pensar é que não
Quando a vida humana não tem valor**

2.8 – As crônicas de setembro de 1977 – Coluna Plínio Marcos _____ pág.315

**A justiça, onde está?
Povão de Santos precisa apoiar o Jabaquara
O caos não vai servir para nada
Essa paz de Mentira, trará a guerra
Aumento de salário não é tudo
Procópio Ferreira, vida e amor ao teatro
Um pequeno recreio com os meus amigos
São Paulo não pode continuar
O estudo do povo e de suas manifestações**

1) REVISTA VEJA – 1975-1976

1. 1 – As crônicas de outubro de 1975 – Coluna *Plínio Marcos*

Espiando a queda do Santos (*Veja* – Edição de 15/10/1975. Página 82)

Nos últimos vinte anos, o nome do Santos Futebol Clube, sob o comando de Pelé, tornou-se sinônimo de bom futebol em todas as partes do mundo (*Veja* nº 370, de 8-10-1975). Prejudicada pelas falhas de administração, no entanto, a equipe mergulhou em vertiginoso declínio – a ponto de, há duas semanas, ser desclassificada das semifinais do Campeonato Brasileiro. Na semana passada, sua última diretoria, sob a presidência do industrial Vasco Faé, renunciou – por motivos de inconfessada incompetência. No lugar de Vasco Faé, entrou o septuagenário Modesto Roma, o único a aceitar o espinhoso desafio de reabilitação.

Na quarta-feira, depois de presidir uma reunião do Conselho, o novo presidente do Santos anunciou a composição da nova diretoria: Augusto da Silva Saraiva, como supervisor geral, e Antônio Gaia de Oliveira, para a diretoria de Futebol Profissional – os cargos mais importantes. Ao mesmo tempo, foi confirmada a contratação do ex-lateral santista Olavo para o cargo de treinador da equipe, vago com a demissão de Pepe. Iniciados os trabalhos do novo treinador, o presidente fez um apelo aos jogadores, complementado oportunamente por Saraiva: “batemos no fundo do poço”, disse ele. “Daí não podemos passar.” Em crônica de estreia em *Veja*, o teatrólogo, ator, jornalista e torcedor Plínio Marcos comenta os motivos que levaram o Santos de tantas glórias à crítica situação de hoje.

1 Há muitos e muitos anos, o grupo que dirige o Santos F. C. é sempre o mesmo. Sai Athiê Jorge Curi, entra Vasco Faé, sai Faé, entra Modesto Roma. Mas é todo mundo da mesma patota. Não há renovação. Eles nunca deixam. Tudo se resolve sempre nos gabinetes da patota. O povão lesado, que só berra da geral sem jamais influir no resultado, nunca passou na balança.

2 Sempre houve muita mumunha cavernosa envolvendo os cartolas do Santos F. C. Essas mumunhas entravam na fita, quando havia rolo entre os cartolas. Por exemplo, uma vez, apareceu retumbantemente um “livro negro”, que contava uma história do clube bem diferente da versão oficial. Esse livro sumiu tão diferente da versão oficial. Esse livro sumiu tão de repente como tinha aparecido, e nenhuma explicação foi dada à torcida. Uma outra vez, um baú de dólares foi esquecido num balcão de aeroporto estrangeiro, no final de uma excursão vitoriosa do time. Ficou por isso mesmo. Houve a compra do Parque Balneário pelo Santos, que foi um dos negócios mais burros de toda a história da humanidade, ruim pro Santos, mas que fez os cartolas sorrirem com sorriso de Miron – Miron Vieira de Souza, o ganhador dos 22 milhões, da Loteria Esportiva – por muito tempo. Houve também o lance do roubo perfeito contra o Santos. Depois de um clássico na capital, a cartolagem do clube fez questão de levar a sua parte da renda, junto com o saco de roupa, pra Vila Belmiro. De repente, não confiaram em carro-forte, nem em banco, nem em cheque. Desceram a serra com o dinheiro, que era muito, e depositaram no cofre do clube, cujo segredo só alguns cartolas conheciam. E foram dormir tranquilos. Aí, um ladrão entrou na sede do Santos, passou pela secretaria, atravessou várias salas, abriu o

cofre, sem explosão nem arrombamento, tirou o dinheiro, fechou o cofre e saiu por onde tinha entrado, sem nenhuma afobação. Os xerifes chamados para desvendar mistério só encontram as impressões digitais dos próprios cartolas. Que naturalmente as deixaram no cofre quando guardaram o ouro. Porque ladrão, como qualquer tira sabe, usa luvas. E por que ladrão usa luvas, nunca o que assaltou o cofre do Santos foi preso.

3 Claro que uma cartolagem tão preocupada com os azares da vida não podia cuidar direito da renovação do time de futebol, nem da administração do patrimônio, nem do aproveitamento das fabulosas rendas. E aí, já viu. Parou de chover na horta do glorioso Santos. Deu seca. Mas ele pediram grana emprestada e tocaram pra frente. Deu geada, eles transferiram dívidas e arrumaram empréstimo. Deu até para enganar a torcida que o time ia se renovar. Mas deu enchente e a lavoura se afogou bem na hora em que tinham que pagar as contas. Aí foi um perereco. Quando o time do Santos entra em campo, pelo uniforme lembra o São Cristóvão nos piores dias. E aí, os cartolas que estavam no poder não aguentaram. Fizeram uma reunião e, sem nenhuma cerimônia com a torcida, devolveram o clube. Reconheceram que são incapazes de dirigi-lo. Só que, no estado em que o deixaram, ninguém quer pegar o rabo de foguete. Teve que ficar com um deles mesmo. O clube fica com o presidente do Conselho, senhor Modesto Roma, que foi do grupo do Athiê, assim como foi o senhor Faé. E, na frigideira, está tudo entre eles, e tudo indica que os podres que deixaram o Santos nesta triste situação não vão vir à tona.

4 Quando um homem, ou um grupo, representando um sistema de comando se instala por muitos e muitos anos no poder, por mais que pareça que está conseguindo progresso, em determinados momentos, não está. Está exatamente retardando o desenvolvimento. Porque os grupos que tem a tendência de se perpetuarem no comando não economizaram energias pra obscurecer as inteligências, tentando impedir, desse modo, o surgimento de forças vivas que possam se opor aos seus domínios. Dessa forma, à sombra desses poderes com tendência a serem perpétuo, só vicejam a mediocridade, os parasitas e os bajuladores. E não se formam quadros capazes de assumir a direção. Aí, quando os todo-poderosos despencam pela própria incapacidade ou por falecimento (todo poder é transitório, mesmo muita gente pensando o contrário), se instala o caos. Os exemplos na história da humanidade são muitos. Mas, o do Santos F. C. está aí mesmo pra não deixar ninguém me desmentir. O senhor Athiê parecia que ia ficar eternamente. Saiu. Entrou um dos seus, o senhor Faé, que era do mesmo grupo. Não há nenhum moço com possibilidade de dirigir o Santos F. C. Nenhuma esperança nascerá tão cedo na Vila Belmiro.

Moral da história: quem tem olhos de ver vê. Quem não se renova se estupora.

O atleta longe da sarjeta (Veja – Edição de 22/10/1975. Página 92)

1 Na terça-feira passada, dia 14, o presidente Ernesto Geisel assinou mensagem encaminhando ao Congresso o projeto de lei que institui o Sistema de Apoio ao Atleta Profissional e cria o Fundo de Assistência a essa categoria. Um projeto que estabelece uma série de medidas destinadas a assegurar que o atleta,

encerradas suas atividades de esportista profissional, não perca a condição de segurado da Previdência Social. Através dele, fica estabelecido que, no dia em que o jogador pendurar as chuteiras, este continuará recebendo 50% do seu salário médio dos últimos 24 meses, durante três anos, até que se encaminhe em outra profissão. O Fundo beneficiará apenas os atletas que comprovadamente não disponham de recursos para o desempenho de outra atividade. Claro que esse gesto do presidente Geisel mereceu os aplausos gerais. Dos atletas, naturalmente, porque eles serão os beneficiados, e da torcida, porque já estava cansada de ver seus ídolos acabarem na sarjeta. E esse projeto de lei visa exatamente acabar com isso.

2 Seria fácil fazer aqui uma lista de grandes craques de gabarito de seleção e de lutadores de boxe que findaram seus dias em total miséria, sem terem a quem recorrer. O dirigente esportivo tem memória fraca e só se lembra do atleta profissional quando ele está no auge da carreira. No futebol, particularmente, há mil e um casos de craques que foram carregados em triunfo nos ombros dos cartolas e que, quando pararam de jogar, só receberam desses mesmos cartolas 1 minuto de silêncio antes de uma pelada qualquer no dia em que morreram. Às vezes, o minuto de silêncio foi até mesmo feito antes de o ex-craque morrer. O grande goleiro Veludo, que foi da seleção brasileira, do Fluminense e do Santos, por exemplo, recebeu uma homenagem póstuma antes de desencarnar. E foi só o que teve. Mas vamos deixar isso de lado. O que importa é o que pesa na balança é que a profissão de atleta profissional não é regulamentada ainda e, devido a isso, muitas irregularidades vêm ocorrendo sem que o Sindicato dos Atletas Profissionais tome providência. É o caso do amadorismo marrom, que a própria C. D. B. incrementa, na vã esperança de mostrar serviços prestados ao futebol amador, formando seleções com amadores marrons, que são titulares nos melhores clubes profissionais.

A seleção brasileira de futebol que está participando dos Jogos Pan-Americanos no México está aí pra impedir qualquer desmentido. Lá estão Carlos (Ponte Preta), Edinho (Flu), Cláudio Adão (Santos), Pita (Corinthians), Tecão (São Paulo), Marcelo (Atlético Mineiro e titular da última seleção brasileira de profissionais) e outros, como se fossem amadores. E isso só é bom para os cartolas. Os da C. B. D., que apresentam uma seleção forte, sem ter cuidado do futebol amador. E os cartolas dos clubes, porque, como esses craques estão proibidos de se profissionalizar pela C. B. D., fazem contratos de gaveta, obrigando-os a receber salários muito inferiores aos que na verdade mereceriam. Esses salários entram na fita como ajuda de custo.

3 Claro está que isso tudo não é legal. A C. B. D., com a verba que tem, poderia muito bem formar uma seleção amadora forte sem ter que apelar pra expedientes que ferem a ética esportiva e entram a carreira de futebolistas que são impedidos de exercer livremente a profissão que escolheram, tendo que ficar na incômoda situação de amadores marrons. E aí é que o Sindicato deveria intervir, garantindo o direito desses jogadores que, embora apareçam como amadores, jogam em times profissionais e ganham pra isso.

4 O Estevão, do Guarani de Campinas, é uma vítima desse amadorismo marrom inspirado pela C. B. D. Ele fazia parte da lista dos jogadores que não podiam se profissionalizar porque estavam à disposição da seleção amadora. Mas

ele era titular da equipe profissional do Guarani. Só que ganhava como amador. Casa, comida e 1000 cruzeiros por mês. E não tinha como conseguir aumento. Por isso, ele teve que fazer um bico fora. Fazer bico, como qualquer pessoa. E o bico que o Estevão arrumou era uma pelada remunerada na chácara de uns grã-finos. Era a única coisa que ele podia fazer pra faturar mais um pouco. Afinal, jogar bola era seu ofício. Sua profissão. Única coisa que sabia fazer. Só continuava como amador porque a C. B. D. assim determinara. E como amador marrom, mal pago, o Estevão foi defender mais uma grana. E acabou quebrando a perna.

5 O Estevão, de perna quebrada, não serviu para o Guarani e menos ainda para a C. B. D. Resultado: perdeu os lugares que tinha, e não sabe a quem apelar. De fato, como amador marrom, o Estevão não tem qualquer direito a reivindicações trabalhistas nem pode recorrer ao Sindicato dos Atletas Profissionais. E nem terá direito a, no futuro, se beneficiar do Fundo de Assistência ao Atleta Profissional, projeto que o presidente Geisel encaminhou ao Congresso. Então, como fica o Estevão? E esses outros que estão correndo nos campos como profissionais, mas que continuam amadores? É um problema que o Sindicato dos Atletas Profissionais devia ver com urgência.

6 Quanto ao fato de a C. B. D. querer fazer boa figura nos campeonatos de futebol amador, tudo certo. Então, que cuide do futebol amador com carinho. E não lance mão de profissionais disfarçados. Os direitos dos craques da seleção amadora que disputa os Jogos Pan-Americanos não estão sendo preservados. Eles estão impedidos de exercer livremente a profissão que escolheram, obrigados pela C. B. D. a permanecer como amadores. Amadores marrons, contra vontade. Os direitos do craque Estevão não contaram na hora em que quebrou a perna.

1. 2 – As crônicas de novembro de 1975 – Coluna *Plínio Marcos*

O humanista do futebol (Veja – Edição de 12/11/1975. Página 100)

1 Vicente Feola; Feola apenas, para o homem que berra na geral sem nunca influir no resultado; o “Gordo” para os íntimos; “Seu Feola”, para os jogadores; técnico que deu para o Brasil o primeiro título mundial de futebol em 1958 e uma das primeiras alegrias a esse nosso povo generoso foi falar com Deus quinta-feira da semana passada, em São Paulo. Podem crer, esse cumpriu com grandeza e humildade seu tempo. Foi sempre sereno diante do sucesso e diante do fracasso. Aos elogios, não agradeceu, e, às críticas, muitas vezes cruéis e injustas, não respondeu. Apenas trabalhou no seu ofício de técnico de futebol. Não pediu os cargos que ocupou nem protestou quando os perdeu. Com ele, o futebol não tinha mistério, não aplicava truques alucinantes como os mandraques de mafuá que atualmente dirigem os nossos clubes. O futebol, para o Feola, era simples. Porque ele era simples, humilde e respeitava o próximo, o talento criador de seus craques, a quem sempre dizia:

– Não vou ensinar ninguém a jogar bola. Vocês estão na seleção porque sabem, porque são craques. Agora, cuidado. Respeitem o adversário. Não abusem. Joguem pra ganhar.

2 Por essa humildade toda, por essa simplicidade toda, de um técnico sempre disposto ao diálogo com seus jogadores, por ser um comandante capaz de reformular diante de sugestões de seus comandados, Feola nos deu o título mundial em 1958. Mas, por sua humildade, por sua simplicidade, justamente por suas virtudes, muitos gaiatos se apresentaram com argumentos mesquinhos, tentando minimizar o valor do bom Feola e reivindicando as glórias do magnífico feito. Isso gerou confusão. Muitos críticos que nunca entraram num campo de futebol não fizeram a mínima cerimônia em ridicularizar o Feola e em oba-obar cartolas medíocres e oportunistas. Enquanto cartolas recebiam honrarias, homenagens, títulos pomposos, o técnico era caricaturado como um omisso, sonado, que dormia em pé, encostado na trave, assistindo ao treino, que dormia no banco dos reservas durante o jogo. Qualquer débil mental jurava pelo bico de luz que o iluminava que o treinador era manobrado pelos maiores craques da seleção, que escalavam o time, ditavam os esquemas e tal e coisa e coisa e lousa.

3 Pela crítica esportiva, pelos cartolas, pela torcida, Feola foi muito injustiçado. Deve ter sofrido, e sofrido muito, porque não se tratava de nenhum cínico, mas não se afobou, por saber que afobado come cru ou queima a boca. Conhecia a vida e as pessoas. Compreendia. Compreendia tudo. Percebia que dar um título mundial não é coisa que fique em pune. Deixou andar. Sempre disposto a servir. Pegou um rabo de foguete em 1966. E os mesmos que afirmavam em 1958 que técnico não ganha jogo é que perdeu o título. E o Feola continuou o mesmo. A recompensa, ele recebia do carinho que seus jogadores tinham por ele, do respeito que os maiores craques tinham pelo seu conhecimento de futebol.

4 “O Feola sabia tanto de futebol que, em 1958, com 22 craques, 22 craques, desses que deixam a bola miúda, ele conseguiu fazer aquele timaço.” Quem diz é o nosso Gilmar, um dos maiores goleiros de todos os tempos. E, pra quem sabe das coisas do futebol, está dito tudo. Quem conhece futebol sabe que, entre 22 artistas, escalar apenas onze é tarefa difícilíssima. Só pode fazer isso quem é realmente do ramo, quem é inteligente pra não ferir sensibilidades, quem é acreditado por todos. Num lance assim, o enganador cai do andaime. Envenena o ambiente, avacalha a guerra e, com 22 craques, não monta um time. A história do futebol está cheia de casos de técnicos que se embananaram por não saber lidar com as cobras erradas. Mas o Feola soube. Soube sempre. E isso foi a razão da vitória de 1958. E o depoimento de Gilmar não deixa dúvidas.

5 “Ninguém sabe que o Pelé, em 1958, ia ser dispensado e que na reunião em que isso estava decidido o Feola interferiu energicamente, impedindo a dispensa do crioulo.” Quem conta isso é o Bellini, o grande capitão de 1958. E aí fica claro que, se o Feola interferiu em favor do Pelé, é porque tinha autoridade na seleção e era realmente quem escalava o time. Tinha tanta autoridade que podia se dar ao luxo de dialogar com seus jogadores mais experientes sem ver abalado o seu comando. O depoimento do Bellini deixa isso bem claro.

6 O Feola era antes de tudo um humanista. Um homem de diálogo. Um justo. O próprio Poy, grande goleiro do São Paulo, comovido, contou pra quem quisesse ouvir a história de seu primeiro contrato com o tricolor. Ele, estrangeiro, acostumado a lidar sempre com cartola mesquinho, na hora do acerto com o São Paulo fez seu

lance: o equivalente a 4 000 cruzeiros hoje. Pediu isso pra deixar depois de discutir por 3 000. Aí, o Feola lhe disse mansamente:

– Não, rapaz. Você tem filha, mulher, está chegando no Brasil agora. Assina por 5 500.

O Poy, quando conta isso, se comove, tenta em vão esconder as lágrimas. É que no futebol não existe outro Feola, capaz de valorizar seu jogador no salário. Cartola, dirigente, treinador só valorizam jogador na hora de vender o passe.

7 Escrevo agora todas essas coisas sobre o Feola, depois de sua morte, e até pareço um orador de beira de túmulo. Mas deixa isso pra lá. O que quero contar e o que pesa na balança é que, depois de ver tantos jogos deste Campeonato Brasileiro, vendo jogadores sem criatividade presos a esquemas, retrancas, chutões, toquinhos de lado e violência inútil e burra, vendo nosso futebol tricampeão do mundo ficar cada vez mais estrangeiro, começo a pensar que um Garrincha, se começasse sua carreira agora, não pegaria camisa nem no São Cristóvão. Um artista, imaginoso, criador, não se enquadraria nos esquemas táticos de agora. Creio que o Feola foi o último grande treinador a respeitar integralmente o talento de seus jogadores. Foi um humanista do futebol substituído por tecnocratas. Com o Feola, morre toda uma filosofia. Morre o futebol alegria da galera embandeirada. E é isso que eu choro. Choro esse futebol que se acaba. Não choro a morte do Feola, mesmo tendo ele me dado tantas alegrias, porque não choro a morte de quem fez de sua existência uma bela lição de vida.

O que se pode dizer do futebol brasileiro (Veja – Edição de 19/11/1975. Página 108)

1 Se num dia qualquer da semana você cruzar, pelo[s] estreitos, escamosos e esquisitos caminhos do roçado do bom Deus, com um caminhão repleto de saudáveis rapazes de roupa colorida, sapatos de sola três andares, longos cabelos tingidos ou cabeleiras pantera-negra, não fique pálido de espanto diante da visão. Não se trata de boias-frias, que tomaram vitamina e aderiram aos últimos guinchos da moda importada, indo pra lavoura. Podem crer, os boias-frias, com o feijão e farinha de cada dia, não vão ter nunca aspecto saudável. E por mais que estejam emprenhados pelos olhos e pelos ouvidos, através do rádio e da televisão, e por mais que estejam sabendo das facilidades dos crediários, os nossos boias-frias não vão poder se enfeitar como bonecos de engonço.

A rapaziada que vai em cima do caminhão, portanto, não são boias-frias: são os jogadores do Santos, ou do Vasco da Gama, ou do Atlético Paranaense, ou do Coritiba, ou do Figueirense, ou do Atlético e América mineiros, ou de outro clube qualquer que foi desclassificado do Campeonato Brasileiro e que agora anda se batendo pelas quebradas do mundaréu, atrás de um campinho no alto de uma pirambeira ou na beira da vala, a fim de tirar uma pelada com um timeco encardido e que possa garantir uma graninha micha pra minorar a violenta crise financeira que vai sufocando os clubes que sobraram.

2 Se num dia qualquer da semana você abrir o jornal e ler um anúncio retumbante: “Aceitamos jogo pra domingo no nosso campo ou no campo de adversário. Damos bola e aceitamos qualquer juiz. Renda dividida. Tratar na Vila

Belmiro com o senhor Modesto Roma, por telefone ou por ofício”, não se surpreenda. É o Santos F. C. que está caindo pelas tabelas e começa a compreender finalmente que a vida sem Pelé é muito dura.

6¹ Por essas e outras, o Vasco da Gama, o Santos F. C., o Coritiba, o Atlético Paranaense, o Atlético e o América mineiros e todos os outros que não se classificam para a fase final do Brasileirão estão a perigo perpétuo. Vão ter que trepar em pé de vento, dar nó em pingo d’água e se agarrar em fio desencapado pra aguentar o repuxo da maré brava. Mas, para os que estão na fita até o fim, a situação também não é nem um pouco boa. O Botafogo do Rio de Janeiro deve para o INPS, deve salários dos jogadores e vai vender o campo para pagar as dívidas. Daqui a alguns anos, vende a bola e as camisas. Outros clubes também estão se desfazendo do patrimônio e no entanto são considerados clubes grandes e fortes. Que será, então, que está acontecendo com os pequenos, que disputam torneios malucos, sem renda nem esperança?

O time da moda, o do futuro e o do museu (*Veja* – Edição de 26/11/1975. Página 85)

1 O Fluminense, do Rio de Janeiro, montou um bom time de futebol, pegou umas babas das mais moles, deitou e rolou sem nenhuma cerimônia e fez um tremendo estardalhaço pra espalhar pelos estreitos, escamosos e esquisitos caminhos do roçado do bom Deus que seu presidente, senhor Francisco Horta, tinha montado uma verdadeira máquina de jogar futebol, que faz lembrar o Santos F. C. de Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe, ou o Botafogo de Nilton Santos, Didi, Garrincha e Zagalo.

Diante de retumbante propaganda, o povão foi ver o Fluminense do sonho contra o Corinthians Paulista. O que é verdade se diz. O Fluminense é um bom time. Porém (e sempre tem um porém), não é nenhuma maravilha, não está com a bola toda, como se anunciou. Naturalmente, os dirigentes do tricolor se justificaram. Tentaram, com muitas palavras e até discursos, explicar que mesmo araruta tem seu dia de mingau, que contra o Corinthians marcaram bobeira, e tal e coisa e coisa e lousa. E veio o jogo contra o Cruzeiro. Ganhou, mas a máquina do senhor Horta não mostrou nada demais. E agora, já está comendo de banda podre e, se quiser se classificar para as finais do Brasileirão, seus craques vão ter que correr, pra chegar junto nas divididas, e suar a camisa, como qualquer cabeçote-de-bagre. Mas nem por isso o senhor Horta se acanha. Continua a dizer que vai investir em mais craques, até ter realmente uma máquina.

Aí a gente se pergunta se esse trabalho que o senhor Horta pretende fazer com urgência será o certo. Contratar grandes craques, no prezado momento, significa inflacionar o mercado. E ao que parece, pela situação econômica dos

1 Aqui observamos os tópicos “1”, “2” e “6”, o que sugere a ausência de outros (“3”, “4” e “5”, e possivelmente o registro de outros subsequentes ao de número “6”). No rodapé da página 108 do original de revista, na metade do espaço destinado ao texto, vemos que *Veja* traz vinculada à edição da mesma crônica, o retrato de um caminhão de carroceria aparentemente “sucateado” e cheio de boias-frias em péssimas condições de locomoção de trabalho. Avaliamos: preenche-se o espaço da parte de texto censurado com uma imagem que traz conexão semântica com a parte da crônica não censurada.

clubes, o mercado não está suportando grandes investimentos. O calendário do futebol brasileiro é improvisado ou mal pensado. Tanto nos campeonatos regionais como no campeonato brasileiro, obriga os clubes a muitas práticas de prejuízo certo. E isso é muito duro pra time de folha de pagamento alta com jogadores acostumados com bichos de vitória grandes. Um cracão hoje está custando os olhos da cara e não é toda hora que se encontra. O Palmeiras, de São Paulo, está aí mesmo pra não deixar ninguém me desmentir. Vendeu o Luís Pereira e o Leivinha, perdeu toda a sua estrutura, na vã esperança de que com a pequena fortuna que recebeu pelas suas estrelas, compraria um outro time inteiro. Se entortou. Não encontra craques à altura da sua tradição e, por qualquer jogador ainda em formação, os times do interior estão pedindo uma grana sonora pra o Palmeiras, que sabem que está com muito no cofre. E o Palmeiras, com essas e outras, está no papo da aranha. E pior fica o Internacional, de Porto Alegre, que reformou o contrato com o seu beque Figueroa por mais de 40 000 mensais. Vai se quebrar. Os outros cobras do time vão querer aumento e, se não tiverem, terão início ondas cavernosas, que tornarão difícilimo o controle do barco. Principalmente para um clube como o Inter, que disputa um campeonato estadual no qual, a rigor, só tem um adversário na disputa, que é o Grêmio. E o Fluminense quer entrar com tudo na parada.

Está certo que grandes jogadores arrastam multidões. Mas é necessário que haja equilíbrio. Um jogão de um Fluminense dos sonhos do senhor Horta contra um Botafogo naufragado não atrai ninguém. Não é jogo para se cravar triplo. Não dá renda milionária. Então, quero crer que a política do Fluminense tem que ser mais realista. O time está bom, embora não seja nenhuma máquina. Tem pra troca com qualquer time. E isso deve ser o bastante para o senhor Horta se estruturar a longo prazo. Formando jogadores no próprio clube.

2 O Guarani, de Campinas, interior de São Paulo, vem fazendo esse trabalho de formar jogadores no próprio clube. É um trabalho penoso, mas que acaba dando resultado. Aos poucos, a garotada de Campinas vai ganhando personalidade e impondo seu futebol. E sem grandes compromissos, na base do “entramos no Brasileirão pra ganhar experiência”, pintou como candidato sério ao título. E se continuar nessa toada, mesmo que não fique para as finais, mesmo que vire o fio na reta final do Brasileirão, o Guarani de Campinas, pelo trabalho de profundidade e a longo prazo que vem realizando (apesar de algumas mancadas imperdoáveis, como a que dera com o Estevão), poderá, antes do que se imagina, vir a ocupar o lugar que foi do Santos F. C. de Pelé, ou do Botafogo do Garrincha. O Fluminense é o time da moda. E a moda passa, às vezes rapidamente. E o Guarani é o time do futuro. O modesto Guarani pode ser a saída, o exemplo a ser seguido para o futebol brasileiro. E o Fluminense pode vir a ser mais um triste exemplo do que não se deve fazer.

3 Outra coisa boa que piou na parada do nosso futebol foi o encontro do novo presidente do Botafogo do Rio, senhor Charles Borer, com o treinador Zagalo. Nesse encontro ficou acertado que o técnico vai cuidar também do time juvenil. O cartola do Botafogo deixou claro que o clube tem interesse no trabalho do técnico até o fim de seu mandato, que vai até 1978. Nesta base[,] o Zagalo pode pensar em fazer um trabalho a longo prazo e com profundidade tipo Guarani de Campinas. Naturalmente

o Botafogo vai pastar até o seu novo esquema de trabalho começar a dar frutos. Mas sem dúvida está no caminho certo. E tomara que o Fluminense, que está deitando e rolando no momento não venha a ser a alegria do circo no futuro.

4 As coisas boas a gente registra com prazer. Por isso, não podia deixar de falar que foi ótima a iniciativa da Federação Paulista de Futebol em montar um museu do futebol inaugurado na semana passada, em São Paulo. É bacana se conservar viva a memória.

1. 3 – As crônicas de dezembro de 1975 – Coluna *Plínio Marcos*

Só não se fala de futebol-futebol (*Veja* – Edição de 3/12/1975. Página 78)

1 – Lendo notícias, crônicas, reportagens, entrevistas com craques, técnicos e cartolas, assistindo a teipes [sic] pela televisão, ou escutando transmissões de futebol pelo rádio, a toda hora [me] deparo com cronistas, narradores e repórteres conceituados que, sem a mínima cerimônia, falam em futebol-competitivo, futebol-força, futebol-solidário, futebol-colorido, futebol-alegre, futebol-carrossel, futebol-sanfona, futebol-humilde, futebol-espectáculo [sic], máquina de jogar futebol e até já escutei, pálido de espanto, um locutor berrando com todas as forças de sua caixa de catarro, que estava vendo dois times que jogavam o futebol-rocambolé. Por essa luz que me ilumina, até agora só não escutei ninguém dizer que assistimos ou que os clubes jogaram o futebol-futebol.

2 – Eu escuto esses papos de futebol modernoso e olho, olho, mas não vejo nada. Tá certo que meu puçá tem vara curta e que, devido a isso, eu só pesco o que aparece boiando nas águas barrentas em que navego contra a maré. Mas, pombas, futebol é futebol. O que não aparece não existe. E é aí que me boto a imaginar. O que não é bom. Mas deixa de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que, se escuto, por exemplo, falarem que determinado time joga feio, mas tem um futebol competitivo, fico na mesma. Isso porque, no meu pobre entendimento, todo time que entra em campo, seja ele composto de onze cobras criadas ou de onze cabeçotes-de-bagre, está disputando uma partida, logo, está competindo.

3 – Quando escuto falarem que determinado time está jogando o futebol-força, acho logo que o Cassius Clay, de centroavante nessa base, ia abafar e que o treinador que adota o futebol-força deve procurar seus jogadores na estiva. Porque futebol-força é tarefa para craque forte, naturalmente. Mas, a bem da verdade, esse futebol-força não é moderno. No passado, tivemos vários craques especialistas em futebol-força. Gente que nunca fez careta pra cego. Sordi, beque do Juventus; Eli, do Vasco; Biguá, do Flamengo; Orlando Maia, do XV de Piracicaba; Carlito Roberto, da Ponte Preta; Ambrósio, do América de São José do Rio Preto, foram alguns que sempre resolveram as paradas na valentona. Eles sempre consideraram, do gogó do inimigo pra baixo, canela e, do gogó pra cima, joelho. No entanto, só agora esse futebol passou a ser chamado de futebol-força.

4 – Outro tipo de futebol que me encabula é o tal de futebol-solidário. Acredito que num time em que se usa esse tipo de jogo, quando um craque cai no chão, todos os outros correm pra levantá-lo; quando um é expulso, os outros todos saem juntos; quando um faz um gol, os outros todos correm pra abraçá-lo. Porque tenho

visto craque cair no chão e os companheiros continuarem correndo atrás da bola, como se nada tivesse acontecido. Já vi jogador expulso não querer sair de campo e os próprios companheiros empurrá-lo pra fora. E vi jogador fazer gol e sair correndo, fugindo dos companheiros que tentam abraça-lo, e dar socos no ar sozinho. Os que agem assim devem jogar o futebol-cada-um-por-si.

5 – Quando escuto falarem em futebol-colorido, penso que seria legal ter um time chamado Arco-Íris e que esse futebol-colorido jamais poderá ser jogado pelo Corinthians Paulista, Botafogo e São Cristóvão, do Rio, Atlético Mineiro, Santos de São Paulo, e Figueirense, de Santa Catarina, que, por mais esforço que façam, continuarão sempre em preto e branco.

6 – O futebol-alegre não tem mistério. Só pode ser um jogo em que os times, o juiz e os bandeirinhas entram em campo sorrindo e acabam gargalhando, seja qual for o resultado.

7 – Futebol-carrossel, esse eu sei qual é por ter visto um locutor xingar o futebol da seleção da Holanda disso. Esse carrossel é aquele futebol que nas quebradas do mundaréu é conhecido por futebol-paraíba, ou futebol-besta brava. Onde vai bola, vai todo mundo atrás.

8 – Futebol-sanfona deve ter sido inventado pelo Filpo Nuñes. Ele tinha o apelido de “Bandoncón”, quando era técnico do Palmeiras. Vai ver que, nessa altura do campeonato, ele já virou sanfona, pra tentar arrumar emprego em time do norte. Ou também pode ser o futebol do Santos e do Botafogo. Eles se abriram muito e agora estão ameaçados de fechar de vez.

9 – Futebol-humilde deve ser o de um time que pede licença pra chutar no gol adversário e, quando marca, se desculpa.

10 – Futebol-espetáculo também a gente sabe o que é. É aquele que os cartolas anunciam e que o povão que só berra da geral paga pra ver, mas não vê, porque os clubes estão caindo pelas tabelas, jogando demais e os jogadores saturados de bola.

11 – Máquina de futebol deve ser uma coisa burra. O futebol é maravilhoso quando é jogado por gente. Gente que cria, que improvisa, que catimba, que dribla, que zoa. A máquina é programada e repetitiva. Não inventa e, mexe e vira, enguiça. Logo, chamarem um time de máquina deve ser uma tremenda ofensa. O Fluminense vem sendo chamado de máquina e seus craques devem se sentir parafusos. O Rivelino, talvez, uma rolemã, e o Paulo César, com seu cabelo caju, uma molinha de isqueiro.

12 – Enfim, o futebol-rocambole é o que mais se joga no prezado momento. É o futebol todo enrolado, no meio-campo e nos tapetões das federações.

Os pênaltis de antigamente (Veja – Edição de 10/12/1975. Página 82)

1 Houve tempo em que por mais que um juiz de futebol quisesse se fazer notar, por mais que ele saltitasse e gesticulasse como uma lombriga elétrica, por maior esforço que o danado fizesse para aparecer mais que a própria bola, como fazem os árbitros de hoje, ele jamais apitaria um pênalti contra o time dono do campo ou contra time com influência na federação. Aqui, ói gaivota! Nos dois casos, seria o fim de sua carreira de juiz.

No primeiro, além da carreira, a vida também acaba. Isso porque o pênalti, o tiro livre direto na cara do gol, chute na bucha, era bola no barbante, sem nenhuma apelação. Por isso, quando um juiz apitava um pênalti, a zorra encarnava. Eu vi, ninguém me contou, eu vi com esses olhos que a terra há de comer um dia, muito jogo acabar antes da hora, em tremendo sururu, por causa do pênalti. E para dar rolo, o pênalti não precisava ser duvidoso. Podia ser uma falta clara, claríssima; se o juiz apitasse, dava enguiço. Tudo porque pênalti, chute livre na cara do goleiro, era gol certo. Certíssimo.

2 Todos os jogadores, todos, do goleiro ao ponta-esquerda, se apresentavam para cobrá-lo. O capitão do time tinha que usar de toda sua energia pra decidir quem chutava o pênalti. E geralmente era ele mesmo quem cobrava. Também vi jogador tirar a camisa do time e a jogar longe por não ter sido escolhido pra bater o pênalti, sentindo-se injustiçado, por dar o sangue como zagueiro, com poucas chances de fazer gol e, na hora da moleza, na hora de chutar o pênalti, terem escolhido um centroavante. Mas isso era no tempo em que o gol era o sonho, a alegria, a realização do jogador de futebol.

3 Nesse tempo, em que o gol era a grande alegria do futebol, ninguém abraçava jogador que fazia gol de pênalti. E torcedor, quando via seu time perder com gol de pênalti, não reconhecia a derrota. E, se o time ganhasse com gol de pênalti, não comemorava. Time bom, quando tinha um pênalti a seu favor contra um timeco de cabeçotes-de-bagre, chutava fora ostensivamente, para deixar bem evidente que não precisava de pênalti pra ganhar.

4 Pelos estreitos, escamosos e esquisitos caminhos do roçado do bom Deus, corriam bochichos, lendas de sublimes goleiros que um dia defenderam um pênalti e de cracões que um dia perderam um pênalti. Mas ninguém botava fé. Cracão, pra perder pênalti, só se estivesse na gaveta. Entre essas lendas, havia uma de dois irmãos, cada um de um clube, ambos baluartes de seus times, que um dia se cruzaram em campo. O jogo era duríssimo. Valia caneco. Já estava no fim e continuava a zero. Aí, o juiz, que não era certo da cabeça, marcou um pênalti a favor do time do irmão centro-médio. Foi pau duro pelo menos por meia hora. Tira o juiz. Tem que bater. Não bate. Juiz deu, tá dado. E quás-quás. E, por fim, o irmão [do] goleiro mandou que deixassem bater o pênalti, pois ele jurava pela mãe dele que ele defenderia aquele pênalti, mesmo que isso significasse a última coisa que ele iria fazer na vida. O centro-médio, ao saber do juramento de seu irmão goleiro, não deixou barato: também jurou pela mãe que marcava aquele gol. E, diante desses juramentos sagrados, fez-se silêncio. A bola foi colocada na marca do pênalti e os dois irmãos se benzeram e o juiz apitou. O irmão centro-médio correu pra bola e deu um bicaço de arreganhar chuteira. O irmão goleiro foi com tudo na bola e a encaixou no peito. Agarrou a bola. Mas o chute tinha sido muito forte. Ele cambaleou e caiu dentro. Os dois tinham cumprido o juramento. O goleiro defendeu, mas caiu para trás da linha. Era gol. Só que o goleiro não largava a bola. Não se mexia. Correram pra socorrê-lo. Mas era tarde. Ele tinha morrido. Ninguém riu, ninguém gozou, mas todos sabiam que o goleiro morreu de bobeira de querer defender um pênalti.

5 Esse caso enfeitado, ou inventado, eu escutei ser contado mil e uma vezes. O que quero contar e o que pesa na balança é que o pênalti é gol certo. Ou melhor, era gol certo. Até hoje, depois de muitos anos, a torcida do Corinthians, que não se

lembra que, num dia desgraçado, o Oberdan, que foi goleiro do Palmeiras, defendeu um pênalti chutado pelo Cláudio Christovam Pinho. A carreira do Cláudio foi de vinte anos. Sempre cobrou pênalti. E todos se lembram do pênalti que ele perdeu. O raro pênalti. Talvez o único, nesses vinte anos de carreira gloriosa. O pênalti que o Cláudio chutou e o Oberdan defendeu.

6 Já o Ruço, meio-campo do Corinthians, há menos de um ano, já perdeu tantos pênaltis que ninguém se lembra de quantos foram. Só se sabe que, num dia de suprema humilhação para a torcida corintiana, ele chutou um pênalti e o Leão do Palmeiras defendeu. O juiz mandou bater de novo. Ele chutou e o Leão defendeu. O juiz mandou bater de novo. Ele chutou e o Leão defendeu. E ia ficar nisso até ele aprender, mas ele desistiu. Chamou um beque, que chutou e marcou. Quando foi perguntado por que perdeu os pênaltis, Ruço, sem cerimônia, explicou: “Só perde pênalti quem bate”. E continuou, em outra partida, a bater pênalti e a errar. E mais uma vez ele se explicou: “Chutei mais esse porque estava todo mundo nervoso”.

7 A Portuguesa de Desportos perdeu o Campeonato Paulista na decisão por pênalti. Chutaram seus melhores profissionais. Seus melhores craques. Erraram todos os pênaltis. E, se formos lembrar todos os pênaltis que os melhores craques do Brasil perderam esse ano, não há revista que chegue. Basta ver que os nossos jogadores atualmente chutam tão mal o pênalti que quase não há estrilo da parte do time que é punido com a falta máxima. E o juiz que quer ver gol de pênalti tem que constranger o goleiro com ameaça de repetir o lance se ele defender.

8 O pênalti chutado pelo craque de hoje já não é gol certo. Pênalti já não assombra ninguém. Os maiores cobras se escondem na hora da cobrança de pênalti. E isso se deve ao fato de jogadores profissionais não saberem chutar, é que saem tão poucos gols nos jogos de agora. Os técnicos culpam as retrancas, os esquemas. Mas isso tudo é besteira. Quem não chuta não marca. E, quer queiram, quer não, a alegria do futebol é o gol. E futebol sem gol, em que até gol de pênalti é difícil, está mal, muito mal, caindo pelas tabelas.

Férias, catimbas e mumunhas (Veja – Edição de 17/12/1975. Página 90)

1 Com o fim do Campeonato Brasileiro, os jogadores, em férias, vão disputar as mais incríveis peladas, a valer barril de chope e churrasco, nos campinhos carecas que estão plantados no alto das pirambeiras ou na beira das valas das quebradas do mundaréu. E aí, muita gente vai bochichar que esses craques que passaram o Campeonato Brasileiro inteiro reclamando por terem que jogar duas vezes por semana, viajando toda hora como mambembeiros, quando tiram férias se metem em peladas. Isso pode parecer coisa de doido. Mas não é. Os jogadores vão jogar bola nas férias, porque eles, como qualquer brasileiro, gostam de jogar bola, que é o que menos fazem durante os campeonatos quando são obrigados a se enquadrar em esquemas e táticas de treinadores cheios de truques e mumunhas, capazes de fazer das tripas coração para não perderem uma partida, o que geralmente significa a perda do emprego.

E, devido a essa catimba, sacrificam o futebol. É nas peladas das férias que os craques se desintoxicam e matam a saudade da bola, fazem embaixada, driblam à vontade e mostram tudo o que sabem e não podem fazer, presos a esquemas

marotos e retrancas cavernosas. Oxalá guarde e guie os peladeiros, pois são eles que preservam o verdadeiro futebol brasileiro, o futebol maravilhoso imaginoso, imprevisto, que já fez nossa seleção tricampeã do mundo.

2 Durante as férias dos jogadores profissionais, os cartolas vão deitar e rolar. Os cartolas aproveitam as férias dos jogadores e, sozinhos na parada, não medirão esforços pra aparecer nos jornais, dando preferência, naturalmente, pra saírem em retumbantes manchetes, nem que pra isso tenham que prometer montar verdadeiras seleções para seus clubes, que estão caindo pelas tabelas. Pra quem sabe das coisas, os cartolas vão ser a alegria do circo.

3 Pagode legal vai ser a eleição pra Federação Paulista de Futebol. Na esperança de conseguirem a presidência da FPF, vários cartolas pretendem se candidatar. E a guerra vai se avacalhar. Entre os candidatos, ninguém vai fazer cerimônia com ninguém.

4 Claro que os cartolas que dirigem os clubes que só deram vexame no Campeonato Brasileiro vão anunciar grandes contratações de craques de passes milionários. Mas, aqui, ói, gaivota, que eles vão poder contratá-los. Vão ter é que fazer listão de dispensa dos jogadores que têm, pra ver se levantam um dinheirinho pra tentar equilibrar o orçamento. Com essas e outras, sem querer e sem saber o que estão fazendo, os cartolas vão promover a renovação no futebol brasileiro. Até em time grande vai sobrar camisa pra juvenil.

5 O senhor Francisco Horta, presidente do Fluminense, depois de muito foguetório e brilhareco, depois de dizer que ia fazer e acontecer e espalhar mil nomes de craques que compraria, viu seu time, que medra em decisão, tomar um ralo do Internacional de Porto Alegre e perder o rebolado. Aí ele caiu do andaime e já deve ter percebido que não inventou nada e que não passou de um afoito sonhador. E se afobou. E afobado come cru ou queima a boca. Seu Horta, que estava contando com o título, ou pelo menos com o vice-campeonato brasileiro, tubulou. E vai ter que vender jogador, em vez de contratar Paulo César Acaju é um que, se ele puder, vende rapidinho.

6 Mas, apesar de tudo, o futebol brasileiro continua maravilhoso dentro de campo. E nesse final de Brasileirão, sem muito esforço, o técnico Brandão, da CBD, poderia formar uma seleção capaz de ganhar a Copa do Mundo fácil. Falcão, Paulo Cesar, do Inter; Ziza, do Guarani; Zico, do Flamengo; Amaral (quando não rebola), do Guarani; Murici, do São Paulo; Edinho, do Fluminense; Vladimir, do Corinthians, e muitos e muitos outros pintaram. Mostraram pra quem tem olhos de ver que estão com a bola toda e sabem fazê-la rolar como manda o figurino. Não será por falta de cobrões que o Brasil deixará de ganhar a Copa do Mundo na Argentina.

7 O mesmo se pode dizer do Corinthians. Esse só não ganha título por falta de dirigentes. Os jogadores do alvinegro do Parque São Jorge vivem assombrados com ameaças de listões. É só o Corinthians perder para os cartolas acusarem os jogadores. O senhor Vicente Matheus, a bem da verdade, esse ano quis mudar a catimba. Após uma derrota do seu clube, culpou o juiz. O diretor do Departamento de Árbitros da CBD respondeu com energia e aí o senhor Matheus afinou. Foi lá se desculpar e, assim que seu time ficou fora do Brasileirão, anunciou [um] listão de jogadores e tal e coisa e coisa e louza [sic]. Mas, com medo de que não desse certo esse velho truque, que encabula até Mandraque de mafuá, esparramou seu plano

secreto. Vai construir um estádio. A torcida não entendeu. Pra que estádio, se o Corinthians não tem time? Pra que estádio, se o exemplo do São Paulo está aí mesmo? Para o Morumbi funcionar, o Pacaembu tem que entrar em reforma toda hora. Com o Pacaembu podendo ser usado, o São Paulo e seu gigantesco Morumbi já tinham ido à falência há muito tempo. Mesmo considerando que o São Paulo tem time.

8 O senhor Vicente Matheus não vê a hora de chegar o ano de 1976 pra poder declarar a sua velha frase: “Esse ano é nosso”. Só que, se continuar nessa toada, vai ser mais um ano de sofrimento pra fiel torcida do Corinthians.

9 Mas o Corinthians já está acostumado. Outro dia abri a Bíblia e li lá: Coríntios I, versículo II. E aquele tempo o Matheus era apenas repórter. Assinava coluna e tudo. Por isso, a gente sabe que muita coisa que existe de ruim no Corinthians foi plantada em velhos carnavais.

10 De qualquer forma, com tantos pareceres na fita, nenhum cronista esportivo ficará carente de assunto neste período de recesso.

Brasileirão, timões e timecos (Veja – Edição de 24/12/1975. Página 64)

1 O futebol brasileiro, dentro do campo, ainda continua sendo o melhor do mundo. Os jogos finais do Brasileirão estão aí mesmo, gravados em vídeo-tape, para impedir que algum desmemoriado derrubador queira nos desmentir. E não existe no planeta nenhum país do gabarito que possa apresentar três times de Internacional, Cruzeiro e Fluminense. E é isso aí. Em se tratando de futebol, de bola em campo, é com o Brasil mesmo. Porém (e sempre tem um porém) o torcedor chega a acreditar, pálido de espanto, que o futebol brasileiro está morrendo. E tudo devido a tabelas marotas e improvisadas de campeonatos mal planejados, com a única finalidade de catar níquel, nos quais muitos clubes entram sem nenhuma condição de disputar o título, obrigando a realização de muitas partidas sem nenhuma motivação para os jogadores, que nesses timecos geralmente estão com os salários atrasados.

O Campeonato Brasileiro, por exemplo, tem muitos jogos sem nenhum interesse, pra poucos jogos dignos de matar torcedor de enfarte. Partidas maravilhosas e inesquecíveis, como Internacional e Fluminense, e Internacional e Cruzeiro, foram poucas, muito poucas, para um campeonato tão comprido como o Brasileirão. E, para isso ser evitado, se faz urgente a criação de divisões de acesso, que fatalmente acabariam com o protecionismo que tanto vem prejudicando o futebol tricampeão do mundo. O ministro Ney Braga, do Ministério da Educação e Cultura, já demonstrou estar muito interessado em incrementar a reformulação no futebol brasileiro. Compete, então, aos cartolas da C. B. D., das federações e dos clubes renunciarem a seus interesses pessoais e mesquinhos, e começarem a colaborar sinceramente para o engrandecimento do futebol brasileiro.

2 Até o prezado momento, ninguém sabe como vai ser o Campeonato Brasileiro de 1976. Quantos clubes vão disputar? Isso é mistério. O que se sabe é que já existem mil e um cartolas transando pelos cantos escuros dos corredores da C. B. D. e das federações querendo adiantar o lado de timecos que só não estão falidos por teimosia. O Brasileirão tinha que ser disputado pelo campeão e vice de

cada Estado, e ponto final. Quem quisesse entrar na festa tinha que fazer das tripas coração em campeonatos estaduais. Aí, podem crer, ia piar na parada futebol de verdade. Os clubes iriam se preparar pra valer.

3 Ninguém consegue ser mais malandro que a malandragem. Os cartolas do Palmeiras quiseram inventar e agora estão no papo da aranha. Venderam o Luís Pereira e o Leivinha, na vã esperança de que os outros clubes estivessem caindo pelas tabelas, e o Palmeiras, com muita grana no cofre e um timeco improvisado, pudesse fazer figura no Campeonato Brasileiro. Deu dó da falta de visão dos cartolas do Palmeiras. Deram vexame no Brasileirão. Depois que se tocaram da realidade, continuaram a dar vexame com os ameaços de contratar os cracões que pintam durante o Campeonato. Por que os cartolas do Palmeiras achavam que o Internacional e o Cruzeiro iriam vender seus cobrões mais barato[s] do que eles venderam os seus jogadores, ninguém entendeu.

Agora estão sendo a alegria do circo. Andam pra lá e pra cá com cheque visado e só encontram pra comprar cabeçote-de-bagre ou juvenil sem nenhuma experiência. Assim mesmo, pra eles que fizeram propaganda de que estão com muito dinheiro, sempre é mais caro o preço do passe de qualquer jogador.

4 Não é por falta de jogadores que o futebol de São Paulo está naufragado. O futebol paulista está sendo dirigido por cartolas velhos, cansados. Eles não conseguem enxergar longe. O máximo que conseguiram foi ver como ia o futebol do Rio de Janeiro. E como esse, tirando o Fluminense, está velho também, os cartolas paulistas se acomodaram.

O resultado foi lamentável. Portuguesa e Corinthians ainda quiseram chiar, espernear, mas, que nada. Levaram um pito dos homens da C. B. D. e tiveram que se fechar em copas. Ninguém leva muito a sério estrilo dos atuais cartolas paulistas.

O Mendonça Falcão podia ter muitos defeitos, porém, no tempo em que ele dirigia a Federação Paulista de Futebol, a história era diferente. Por exemplo: o Falcão jamais ia permitir que Portuguesa de Desportos e Santos Futebol Clube ficassem na mesma chave, um tendo que matar o outro pra poder entrar na fase final. Nessas horas é que o Mendonça Falcão botava o carnaval na rua, fazia e acontecia. E, por isso, era respeitado. Brigava no momento exato. Não depois que a presepada estava armada; não depois de os clubes de sua Federação terem ficado na banda podre. Mas a atual F. P. F. não toma conhecimento de seus clubes.

O problema é a luta pela sucessão. Mas aí existe uma esperança. José Ferreira Pinto e o grupo de clubes do interior podem assumir a Federação. O Santos, catando lata pelo interior baiano, sem ganhar nem pra cobrir a folha de pagamento, é o resultado da inércia da F. P. F. Foi abandonado à própria sorte e está sem condições de se equilibrar pra voltar a ser o timão de glórias mil. A cada jogo no sertão baiano, a troco de uns pixulês, o Santos se desprestigia. E isso deve à F. P. F., que não soube lutar pra que ele não entrasse na chave em que tinha Portuguesa.

5 O Fluminense do Rio de Janeiro, ninguém sabe no que vai dar. Mas, pelo menos, ele é uma força viva. Coisa que Botafogo, América, Flamengo e Vasco não são. Quem não investe dinheiro não pode ganhar dinheiro. E, sem dinheiro, ninguém monta grande time. E, sem um grande time, não há grande espetáculo. E, sem grande espetáculo, não há grande renda.

Vai daí, ou os clubes do Rio acordam ou o Fluminense vai falar sozinho, como fala o Internacional no Rio Grande do Sul e o Cruzeiro em Minas Gerais. Os campeonatos estaduais perdem a graça, quando até o mais cego torcedor consegue ver, logo de saída, que só existe um real candidato ao título. Mas nem por isso se deve fazer como em São Paulo, onde os clubes todos estão nivelados por baixo.

6 Fala-se muito em renovação de valores no futebol. Isso é papo de todo dia. Mas os cartolas são sempre os mesmos. Jogador, o Brasil tem pra concorrer na Copa do Mundo com seleções A, B e C, e tirar o primeiro, segundo e terceiro lugares.

Pompéia X Sentimento F. C. (Veja – Edição de 31/12/1975. Página 51)

1Pompéia, no interior do Estado de São Paulo, é uma das cidades mais hospitaleiras do planeta. Nisso, podem crer. Do prefeito Tuffi Baracat até o pinguço que fica tomando todas na vendinha da estrada, só dá gente que se orgulha de saber receber os visitantes. E, por essas e outras, lá em Pompéia, incrementados pelo Fininho e pelo Ivan Quati, se armam grandes pagodes. Por exemplo: uma pelada em benefício de um asilo de meninas, dirigido por irmãs de caridade, logo se transforma num acontecimento social de fazer a terra tremer em toda a região. Basta anunciar que o time do Fininho vai encarar o Sentimento F. C. que se dá o maior ouriço. O bochicho corre pelas quebradas do mundaréu, desde onde o vento encosta o lixo até onde as pragas botam ovos. O Sentimento F. C. é uma seleção de boleiros de coração generoso que aproveitam as férias pra jogarem sua bola em favor de alguém que está a perigo. Pode ser um craque que se machucou, ou até uma cara que a cigana enganou, dizendo que ele estava com a bola toda, quando, na verdade ele está tendo que correr pra chegar junto nas divididas. Ou pode ser um asilo mesmo. Para o Sentimento F. C., tanto faz. A rapaziada vai pra ajudar. Vai pra curtir. Vai pra se ver. O Brasil de Oliveira, jornalista de Campinas, e o Estevão é que fundaram esse time, que não tem sede, nem treineiro, nem cartola, nem campo, nem jogador fixo. Lá no campinho do alto da pirambeira, ou no da beira da vala, dois times de segunda divisão se encontram e um boleiro avisa o outro:

– O Sentimento joga dia 21 em Pompéia. Tu vai?

– Vou. Levo o Grilo, o Ari e o Carlinhos do Garça.

– Não leva guapo. No gol já tem o Valdir Peres, o Tobias, o Carlos e o Beto do Cafelândia.

– Falou. Manda o Gato (Tobias) avisar o Piau e o Helinho. Eles são da região. Vão estar por lá no Natal.

– É isso aí. O Itamar do Palmeiras já falou que vai.

E, de repente, no Pacaembu ou no Maracanã, os boleiros se cruzam. E antes de um Coritiba e Flamengo, o Eli pode avisar o Liminha:

– A pelada é dia 21 em Pompéia.

2 Dia 20, sábado à noite, na hospitaleira cidade de Pompéia, longe às baldas da capital, é tudo festa.

– Poxa, tu veio mesmo.

– Vim, olha eu aí.

E vão chegando os cobras: Beto, Careca, Dorival, do Cafelandense; Carlinhos, do Paulista; Vadão, do Botafogo de Ribeirão Preto; Grilo, Ari e Alemãozinho, do Garça; Paulinho Tietê, da Ponte Preta; Helinho, do Corinthians. Que festa, que festa que aquela gente faz pro Helinho, e pra todos. Mas, sabe como é que é. O Helinho é do Corinthians. O Helinho é pedra noventa.

– Quem vem mais?

– O Valdir foi jogar pra Seleção da Caixa Econômica, em benefício do Jorginho Carvoeiro. O Tobias foi pra pelada da Praia Grande. O Piau mandou um bilhete explicando que está com parente doente.

– A bola na ponta-esquerda é tu mesmo, Plínio.

– Piau não veio pra não ficar no banco que aí já era eu mesmo há muito tempo.

– O Itamar chega amanhã na hora.

– Seu Alberto, pai do Estevão e do Bô, avisou que o Bô vem por Bauru pra pegar gente de lá.

– O Carlos não vem. Tinha muito guapo e eu desavisei ele.

– Xaveco². Quem chegasse estava bem chegado. Agora no gol só tem o Beto.

– Noutra, o Carlos vem.

3 Já dá time. Só não tem uniforme. Mas isso se descola na cidade. O resto é conversa.

– E tu, Betão?

– Um ano. E não acertei o juiz. Corri dentro, mas não acertei. Pior foi o Careca. Um ano. E nem correu pro homem. Ele é contra briga.

– É mesmo, Careca?

– Foi. O Juiz botou meu nome na súmula de maldade. Falei com ele, se ele tinha me visto bater. Não, não viu. Prometeu que ia tirar meu nome. Fiquei tranquilo. Não tirou. Peguei um ano. Ia estudar economia. Fiquei sem o dinheirinho do Cafelandense.

– Foi feio o negócio.

– Não prestou. Logo de cara, a gente viu que o juiz estava querendo aparecer. Foi logo dizendo que era campeão de karatê, que não tinha medo de coisa nenhuma. Só podia estar chapado. E foi só prejudicando a gente. No final, encardiu. Ele agrediu o pai do nosso beque, que entrou em campo só pra reclamar. E aí, quem pôde foi nele. Mas o Careca não. Juro que o Careca não. Aí queriam que o homem fizesse exame anti-dopping. Ele não queria. Mas, depois de concordar, conseguiu afanar o vidro e quebrar.

– Ele falou que pegou o vidro pra evitar que vocês metessem coisa dentro.

– História. Ele estava mal. Tem gente que viu ele bebendo cerveja antes do jogo. Com essas e outras, o Careca, sem dever, pegou um ano.

– E o Beto, que já estava certo de ir pro Marília, depois do gancho ficou aí chamando mendigo de excelência.

– Tá sem nenhum.

– A gente no interior tá com nada. Tem time registrando contrato de salário mínimo e pagando por jogo 50 cruzeiros. Pra boleiro do interior, 800 cruzeiros em dia é bom negócio. Certo tá o Bô, que arrumou time em Goiás. Vai deixar o

2 Termo atualizado; no original de jornal consta “Chaveco”.

Comercial de Ribeirão Preto, que ele gama. Mas talvez entre no Brasileirão. Essa é a boa. Futebol no interior sem lei de acesso tá com nada.

4 – Seu Plínio?

– Não me trate de “seu”, Ari. E diga lá.

– O que o senhor vai fazer no jogo?

– Jogar. Sou jogueiro.

5 – Plínio, dá uma força pro Vadão.

– Qual é a dele Brasa?

– Ele assinou de gaveta com o Botafogo de Ribeirão. Quando o Bota perdeu pro Comercial, os cartolas pararam de pagar o cursinho pra engenharia do boleiro. Vadão é gente fina e perdeu o ano.

6 Betão, Ari (Alemãozinho), Dorival (Uzzo), Bô e Vadão; Helinho e Paulinho Tietê; Carlito (Grilo), Carlinhos, Itamar e Plínio. Esse o time do Sentimento que mandou ver. A modéstia me impede de dizer quem foi o melhor em campo. A única mancada foi dada pelo prefeito Tuffi Baracat, que, ao dar o pontapé inicial, acertou uma bolada neste craque que conta esse lance. Seus assessores logo pediram desculpas e explicaram que o Baracat é legal, mas de bola sabe pouco.

1. 4 – As crônicas de janeiro de 1976 – Coluna *Plínio Marcos*

As previsões para o novo ano (Veja – Edição de 7/1/1976. Página 45)

1 Eu não sou nenhum profeta, nenhum adivinho, nem coisa nenhuma. Não leio cartas de baralho, não tenho bola de cristal, não jogo búzios, nem tal e coisa, nem coisa e louza [sic]. Porém (e sempre tem um porém), analisando nosso passado esportivo, passado recente, porque não sou chegado a almanaque, botando na balança nosso presente esportivo, sem muito esforço antevijo o nosso futuro esportivo. E, como não sou de fazer cerimônia, dou as dicas que servirão de bússola para o povão se guiar nesse ano da graça de 1976.

2 – O ano esportivo começou com a corrida pedestre de São Silvestre, que, como até cego já estava sabendo, seria vencida por um estrangeiro. Mas os corredores brasileiros deixaram (como, aliás, deixaram) bem patente o elevado espírito olímpico, correndo apenas pelo prazer de competir, e não pra vencer, fato esse muito elogiado por locutores, comentaristas, dirigentes esportivos e políticos, que aproveitaram o fato da bravura demonstrada por nossos corredores pra ficarem o mês de janeiro inteiro explicando que, se nossos corredores comessem adequadamente e se o pedestrianismo fosse organizado no Brasil, nós por certo seríamos campeões mundiais nesse esporte.

Todos lembraram que fomos tricampeões mundiais de futebol, que já tivemos Éder Jofre, alguns esqueceram o Miguel de Oliveira, todos lembraram que temos o Emerson Fittipaldi e o João do Pulo, vários esqueceram o Ademar Ferreira da Silva e o Néelson Prudêncio. Mas para o salto triplo ninguém dará muita ênfase, porque aqui até o maior palerma é acostumado a dar seus pulinhos toda hora.

De qualquer forma, as campanhas do “Mexa-se” e a do “Adote um Atleta” serão incrementadas, muito embora todos que estejam em condições de adotar um atleta não se interessarão pelos dignos corredores de alto espírito olímpico, que

correram na São Silvestre pelo prazer de competir e, lá no fundo da alma, com esperança de serem adotados. Todos vão querer adotar atleta com pai, mãe, avô, avó, tio, tia e que, mesmo não tendo espírito olímpico, chegue sempre na frente, o que ajuda a vender sabonete, talão de crédito e outros badulaques.

3 – O senhor Vicente Matheus, presidente do Corinthians, virá a público na primeira oportunidade e, com afetada modéstia, dirá: “Esse ano é nosso”. Isso encherá de entusiasmo a boa gente corintiana até o mês de novembro, quando eles enfim conseguirão ver que foi mais um ano sem título. Aí vão começar a chiar. Mas o senhor Vicente Matheus, então, virá a público pra dizer que seu clube não tem dívidas e que vai construir um estádio igualzinho ao Estádio Azteca.

4 – De repente, às vésperas de um clássico qualquer, o Estádio do Pacaembu entrará em reformas e o jogo terá que ser realizado no Morumbi. Nenhum cartola mencionará esse título mundial pertencente ao Pacaembu: o estádio mais reformado do planeta em todos os tempos.

5 – Cartolas, treinadores e jogadores continuarão dando entrevistas violentas e logo depois piarão na parada jurando pelo bico de luz que os ilumina que não deram entrevista nenhuma e que os repórteres é que inventaram a entrevista pra vender jornal e revista.

6 – A C. B. D. continuará anunciando a lista de convocados pra Seleção Amadora e os nomes relacionados, como sempre, serão os de titulares dos nossos clubes profissionais.

7 – A Justiça Esportiva continuará condenando figurões envolvidos em trampolinagem, pra logo depois anular o processo, a fim de ouvir novas testemunhas.

8 – Surgirão grandes craques nos times pequenos e também nos grandes, o que dará certeza ao torcedor que se os cartolas deixarem, a Seleção Brasileira fatura fácil a próxima Copa.

9 – A situação política e econômica na Argentina estará na base do agrião, o que levará vários países a acharem que não vai dar pedal realizar nenhuma Copa do Mundo de Futebol lá. O Brasil vai querer entrar na vaga da Argentina pra bancar a Copa. Aí o senhor João Havelange, pra deixar claro que somos patriotas, mas não subdesenvolvidos, como presidente da FIFA fará tudo pra levar a sede da Copa do Mundo de Futebol pra Europa.

10 – A tabela do Campeonato Brasileiro de Futebol será um parto da montanha. Até momentos antes do início do campeonato, vai entrar time novo na fita. Todos os clubes vão reclamar do Campeonato Brasileiro e da tabela. Mas os que não se classificarem pra final vão se ver obrigados a sair pelas quebradas do mundaréu catando lata.

11 – A C. B. D. e as federações ficarão ainda mais ricas e os clubes ficarão ainda mais pobres. Mas nenhum irá à falência.

12 – O Internacional será o campeão do Rio Grande do Sul, e o Grêmio, o vice-campeão.

13 – O Cruzeiro será o campeão mineiro, e o Atlético, o vice-campeão.

14 – Os cariocas farão das tripas coração pra derrubar o Brandão da direção técnica da Seleção Brasileira.

15 – O presidente do Fluminense, o mais aparecido dirigente esportivo do país, brigará com o técnico do seu clube, o Didi, e o mandará embora. Contratará outro, com o qual também brigará. A galera vai ver que o sonho do seu Horta é ser treineiro.

16 – A maior contratação do ano, a mais badalada, a mais retumbante, a mais cheia de transas, será a do Ademir da Guia, do Palmeiras, pelo próprio Palmeiras. A diretoria do alviverde terá grande oportunidade de demonstrar toda a sua falta de habilidade.

17 – A Loteria Esportiva fará outros Mirons e o resto do Brasil se consolará afirmando que o novo milionário não entende bulhufas de futebol.

18 – Os juízes continuarão na fita como bandidos.

19 – Outras dicas eu poderia dar aqui. Mas deixa isso pra lá. De coração, eu gostaria de errar em quase todas essas previsões. E tomara que eu erre.

O burro e o roubo das camisas (Veja – Edição de 14/1/1976. Página 85)

1 Não há boleiro que um dia tenha envergado a gloriosa camisa da Seleção Brasileira de futebol que não tenha dado seus primeiros quiquinhos num campinho do alto da pirambeira ou da beira da vala, lá nos cafundós das quebradas do mundaréu. Nesses campinhos carecas, esburacados, encravados em ladeiras, com traves de bambu, qualquer pelada, seja a valer chope, churrasco, caneco, ou simplesmente pra tirar uma teima, era sempre disputada com muito amor, esforço, garra, e a bola era sempre solada com a alma, ninguém correndo das divididas. Nesses campinhos se fez muita história. Histórias maravilhosas, que foram passando de boca em boca, de geração a geração, até começarem a morrer diante do progresso, da necessidade de crescimento das grandes cidades. Nos lugares dos campinhos, sem nenhuma cerimônia foram se erguendo arranha-céus, viadutos, parques de estacionamento. E a escola de craques espontâneos, improvisadores, dribladores, sensacionais, que demonstravam esquemas, retrancas, desmoralizavam táticas e tal e coisa e coisa e lousa, foi minguando. Começou a piar na parada o produto do futebol de salão, o craquinho de jogo miúdo, de toque de lado, que não sabia fazer a bola grande ficar redondinha. E isso se deve à falta de campinhos de várzea. Também faltam as histórias, falta a manifestação espontânea do povão, que é o que fazia a história. História genial de um futebol genial que vai se perdendo. A história, por falta de espaço pra campinhos. Mas é o tempo de cada um fazer o que pode, de tentar preservar os valores. Eu não posso nada, mas tento, faço o que posso. Sei de lances que vi ou escutei da boca das curriolas. E vou passando pra frente.

2 Me lembro sempre de quando eu era garotinho e meu pai, que tinha sido boleiro, me levava, a mim e a meus irmãos, pra ver, lá na várzea santista, grandes jogos, como Vasco dos Pescadores contra Praticagem, Afonso Pena versus Flor do Norte, Santa Maria e Anglo. Oswaldo Cochrane e Álvaro Alvim, Cunha Moreira e XV de Novembro, e tantos outros. E, nesses rachas, eu vi, vi com esses olhos que a terra há de comer um dia, Cláudio Cristóvão Pinho, Olavo, Baltazar, o Gilmar no gol do Vila Haidê, o Antoninho do Santos, Leonardo, Baía, Veiguinha, Alemãozinho, Mário Ferreira, Leonildo, Dinho, Odair e tantos outros craques, cracões de Santos,

Corinthians, Palmeiras, Portuguesa Santista e Jabaquara, no auge da carreira, suando a camisa pelo time do bairro, por amor à bola, por amor ao campinho onde se descobriram como boleiros.

3 Eu me lembro de quando ia ao campo do Vasco dos Pescadores pra ver o pega com o Praticagem. (Depois joguei no primeirão dos dois.) Sempre via um negrão forte como um touro, que todos cumprimentavam com muito respeito, e até com cuidado. Esse crioulo tinha história. Diziam que, no meio de um jogo entre os dois times rivais ali da Ponta da Praia, um burro entrou no campo e empacou, não queria sair. Foi broca. Deram paulada no bicho, nada de se mexer. Deram torrão de açúcar, neca do bicho sair do lugar. Torcida e jogadores tentaram carregar o burro pra fora do campo. Não deu. Daí, o crioulo forte se apresentou:

– Eu tiro o burro. Mas tem um negócio. O Vasco dos Pescadores vai ter que cobrar um pênalti, porque eu sou Vasco e esse burro é Praticagem.

Como não tinha outro jeito de tirar o burro (e mesmo porque ninguém acreditava que o negrão conseguisse espantar o bicho), o pessoal do Praticagem topou. E o negrão não fez cerimônia. Deu um murro no focinho do burro. Ele caiu morto na hora. Aí, o crioulo o agarrou pelo rabo e o jogou na vala atrás do gol. Diante disso, não houve remandiola. O Vasco bateu o pênalti. E foi o único pênalti daquele campo que não deu briga.

4 Teve também um lance de várzea que não me sai da memória. Lá na Várzea Santista, como em qualquer outra (já dizia Tolstói, “querer ser universal, canta tua aldeia”), quando havia eleição pra vereador, era época dos timecos de esquina trocarem o uniforme. Sabe como é que é. Trinta votos, um jogo de camisas; cinquenta votos, meia e calção; setenta votos, chuteira e bola. E, numa dessas, o Vitória do Canal 6 se arrumou. Pra estreiar seu uniforme novo, convidara o seu maior rival, o Vila Bancária, que desgraçadamente tinha fama de trair candidato desde outras eleições. Recebia e não votava. E, por isso, estava a pé. Beque esquerdo entrando em campo com chuteira só no pé esquerdo, e o beque direito, só no pé direito.

E aí o presidente Mossoró convocou a torcida pra colaborar. E o Búfalo Peixeiro, o Boi Baba, o Chulé, o Caveirinha e o Juquiri se apresentaram como voluntários pra resolver o problema. Naquela noite mesmo entraram no vestiário do Jabaquara e afanaram as camisas. No dia do jogo, o Bancário estava bonitinho, de vermelho e amarelo, as cores do velho Jabaquara, no campo do Vitória. Jogo duro. Quase no final da partida piam na parada duas radiopatrulhas e o Papa, treineiro de muitas glórias do juvenil do Jabuca. Foi fácil entender o que queriam. Mas houve solidariedade. O Vitória e o Bancário, nesse dia, não brigaram. Jogaram partida que parecia que não ia ter fim. O sargentão berrava:

– Como é, Papa? São essas as camisas? São amarelo e vermelho.

E o Papa não reconhecia. Até que escureceu e não deu pra continuar. Aí, o jogo acabou, com os boleiros cercados em campo pela polícia. Olhou a moçada e falou bravo:

– Você, você, você, você e você. Quarta-feira, três horas, tem que ir treinar lá no Jabuca. Se não, já viu. Vou acabar reconhecendo esse material.

Quem sabe, sabe. O Papa era do ramo e manipulava a várzea. Foi lá que ele sacou Gilmar, Baltazar, Pagão, Célio, Marcos e tantos outros, que um dia vestiram e honraram a gloriosa camisa da nossa seleção.

5 Sei essas e outras histórias do futebol de várzea. Poéticas, trágicas, cômicas e algumas, até, fantásticas. Mas deixa pra lá. Eu me lembrei delas quando soube que a Secretaria Municipal de Esportes de São Paulo, tentando humanizar a cidade, resolveu incrementar o futebol de várzea. E vai organizar campeonato, plantar campinho, pelos estreitos, esquisitos e escamosos caminhos do roçado do bom Deus. Esse exemplo deve ser seguido por todos os prefeitos de todas as cidades. Nós precisamos mais do futebol de várzea do que da Copa do Mundo. Podem crer.

Nasce um juiz de futebol (Veja – Edição de 21/1/1976. Página 56)

1 – Longe de mim tentar analisar as mumunhas geradas pelas cucas humanas. Não tenho tal pretensão. Jamais entrarei por esse terreno sombrio, no qual sábios doutores, que conseguiram notoriedade por valor provado, acabaram se perdendo, falando sozinhos, batendo a fuça no poste e atolados até o gogó. Aqui, ói, gaivota, que eu entro nessa! Conheço bem minhas limitações. Sei que meu puçá tem vara curta e que, por isso, só me é dado pescar o que aparece boiando nas águas barrentas em que navego contra a maré. Com essa explicação, quero deixar claro que não vou tentar penetrar na cachola do Azevedo do Apito, na qual deve brotar, pelo menos, uma bela ideia de jerico por minuto.

Vou apenas contar sua história, muito embora eu, mesmo não sendo psiquiatra, nem psicológico, nem pai de santo, nem coisa nenhuma, gostasse de saber por que alguém resolve querer ser juiz de futebol e ainda mais de várzea. Mas deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança são as transas do Azevedo do Apito.

2 Tudo começou quando o Azevedo, que nesse tempo era um Azevedo qualquer e nem era do apito, se mancou que, com a vida custando os olhos da cara e morando com mulher e três filhas já mocinhas num porão do Bexiga, no centro de São Paulo, ele ia estar sempre mal com Deus, trepando em pé de vento, dando nó em pingo d'água, comendo capim amargo pela raiz, na maior bobeira, tendo que fazer das tripas coração só pra pagar aluguel. Daí resolveu se mudar pra Barra do Catimbó, pedacinho encardido que fica encravado nas quebradas do mundaréu, bem onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, mas que, mesmo assim, conseguiu fama ao ser considerada, juntamente com Dallas City e Nova Iguazu, a campeã mundial do bochicho. E, tomada a decisão de mudar-se, o Azevedo não fez remandiola. Ajudado por uns cupinchas de fé, afanou nos edifícios em construção tábuas, telhas, tijolos, folhas de zinco e, com o auxílio da mulher, filhas e futuros vizinhos, armou seu barraco na Barra do Catimbó, no pior pedaço, o que fica no alto do morro e que é conhecido pelo nome de Ninho do Urubu com Fome, ao qual se tem acesso pela ladeira do Sacrifício. Aí, instalado, o Azevedo, que nesse tempo ainda não era do apito, se sentiu um lorde. Até pensou que era um otário de tango por não ter ido morar lá na Barra do Catimbó há mais tempo, pois lá

não precisava pagar aluguel e, com essa grana, melhorava o gordurame, não precisando nem aos domingos ir catar bagulho na feira.

E foi num desses domingos quando, depois de ter dado um duro danado a semana inteira no seu emprego de ajudante de caminhão, o Azevedo estava à toa e aí se deu o perereco.

3 Estando à vontade, com a cabeça fresca e tal e coisa e lousa, como há muito e muitos anos não estivera, o Azevedo, depois de almoçar um tremendo ensopado de machuco com preá, foi dar uma andada pela Barra do Catimbó, pra se familiarizar com seu novo reduto. Sua intenção era descer a ladeira, ir até o riacho das Desgraças, ver as lavadeiras baterem roupa, tomar uma cerveja no boteco do Mané Cheiro de Peixe e bater papo furado com o povão. Mas, no meio do caminho, o Azevedo, que nesse tempo não era do apito nem nada, passou pelo campo do Paz, Amor e Glória da Barra do Catimbó, exatamente no momento em que ia começar o jogo do esquadrão rubro-anil contra o seu mais ouriçado inimigo, o glorioso Sociedade Esportiva, Cultural, Recreativa, Mocidade Alegre Unida e Independente da Barra do Catimbó, mais conhecida por S. E. C. R. M. A. U. I. B. C. E o Azevedo, que estava à toa, caiu na besteira de se plantar atrás da trave pra assistir ao racha.

4 Não tardou a dar confusão. O juiz apitou uma bola fora e jogadores dos dois times queriam cobrar o lateral. Teve enguiço. E o juiz deu contra o Amor e Glória. Não prestou. O center-alfo do time dono do campo, um tal de Ranheta, que também era o capitão, endoidou. Meteu a mão no apito e o arrancou do pescoço do juiz, depois de arrastar o bruto por uns dez metros. Aí a torcida invadiu o campo e expulsou o juiz a bofetão. Surgia o problema. Precisavam de um novo juiz. Todos os que o rainha indicava, o Zulu, capitão do S. E. C. R. M. A. U. I. B. C., recusava. E todos o que o Zulu indicava, o Ranheta recusava. E quando alguém era aceito pelos dois capitães, não topava a parada. E estavam nisso, quando alguém apontou o Azevedo e gritou:

– Aquele ali leva jeito.

Naturalmente que ninguém, em sã consciência, ia pegar um rabo de foguete desse naipe. Mas o Azevedo não teve tempo de recusar. Foi cercado por meio mundo e recebendo as instruções:

– Se roubar contra nós, leva pau.

– Se roubar pra eles, vai falar com Deus.

– Apita direito, senão já viu. Morre.

O Azevedo quis falar e não pôde. Meteram-lhe o apito na boca e o puxaram pro meio do campo. Mandaram o Azevedo dar a bola ao alto e o jogo recomeçou.

5 A partida foi das mais duras que se possa imaginar. Lá e cá. Taco a taco. Com o sarrafo comendo solto. E o Azevedo estava ótimo para o gosto das torcidas e dos boleiros. Não apitava nada. Mas nada mesmo.

Não havia falta, nem impedimento, nem córner, nem fora. Quando a bola caía na vala, um torcedor qualquer pegava e jogava pra dentro do campo, no pé de um craque do seu time. E continuava a correria. Esse jogo acabou zero a zero e por si mesmo. Se dependesse do Azevedo, não teria fim. Quando escureceu e não dava mais pra ver a bola, a rapaziada resolveu ir embora. Mas, antes, agradeceram ao juiz pela boa atuação.

6 Com esse sucesso, o Azevedo se entusiasmou. No dia seguinte mesmo comprou um livro de regras e pediu pra filha ler pra ele em voz alta, já que era analfabeto. Aos poucos, foi comprando roupa preta, apito, chuteira e meia. E, daí pra frente, virou juiz. Ficou conhecido, ganhou o apelido e, aos domingos, com sol ou chuva, vai todo embandeirado correr os campos da várzea da Barra do Catimbó pra arrumar um jogo que precise de juiz. Faz isso por gosto. O único pagamento que recebe são surras, corridas e esculachos. Geralmente rouba pra o dono do campo e pra os mais fortes, pra evitar o pior. E isso nos leva a crer que pode até acabar nos quadros de juízes da FIFA.

2) JORNAL FOLHA DE S. PAULO – 1977

2. 1 – As crônicas de fevereiro de 1977 – Coluna *Plínio Marcos*

A volta de Plínio Marcos (Folha de S. Paulo – Edição de 6/2/1977. Página 8. Caderno Folhetim)

Eis-me de novo escancarando as minhas mal-traçadas linhas na imprensa nacional. Estou de volta sem mágoas e sem rancores. Não voltei pra cobrar agravos e menos ainda pra afrontar alguém. Estou aqui apenas com as mesmas finalidades de sempre: defender o feijão com tranqueira e defender pontos de vista. Se conseguir inquietar meus leitores, melhor ainda. Voltei depois de longo tempo afastado do jornalismo por motivo de força maior, aliás, de força muito maior. Fiquei de fora em tremenda dureza. Foi um tempo difícil, que só não foi mais difícil porque tive bons amigos que me garantiram o taco e pagaram pra ver, como, por exemplo, foi o caso desse grande jornalista e belíssima figura humana que é o Mino Carta, que se arriscou a me levar pra revista Veja, depois de três meses em que eu estava desempregado. Fiquei lá um tempo. Fui despedido e não foi ele, Mino Carta, diretor da revista, que me despediu. Então, ele saiu junto. Teve entra-sai e sai-entra. Mas, a verdade é que ele largou um empregão em termos de grana por ser um jornalista íntegro, que não aceita interferência na sua redação. Saiu, foi dar duro, formar a sua própria revista, Isto É, que sem dúvida já pegou. Eu podia ter ficado lá com ele. Mas estava me faltando gás pra escrever a respeito de mil e um assuntos. A prensa era muito forte, pra eu ficar abrindo todo o baralho. Pra escrever qualquer coisinha, a barba crescia. Não me agradava. Sabe como é, eu escrevo e gosto paca de escrever pra jornal e revista. Mas, tenho mil peças, romances, contos pra escrever. E quando escrever pra jornal e revista fica penoso, é melhor parar, porque atrapalha o resto. E foi por isso que não fiquei na Isto É. Saí pra outra. Fui brincar de ser ator. Fui chamado pra fazer um papel de São Francisco de Assis, no Canal 2, Tevé Cultura. Gravei uma parte, me pagaram e me mandaram embora, alegando que eram ordens superiores. Aí, a barra pesou mesmo. Ninguém me dava emprego em televisão. Falavam que os homens não deixavam. Que havia ordens pra não me darem emprego. O Carlos Alberto de Nóbrega, esta criatura santa, escutou isso e, como toda pessoa justa, ficou indignado. Foi tirar satisfação com um general amigo dele. Era tudo mentira. Não havia ordem nenhuma. As pessoas não me davam emprego na televisão porque não queriam. Ele, Carlos Alberto, me deu um cachê.

Ótimo cachê, só pra provar que podia. E daria outros, se não tivessem feito tudo pra ele se cansar e pedir demissão. Silvio Santos também toda hora me chamava pra participar de seu programa e faturar um cachê. E lá podia. Os outros, os bons meninos, é que não queriam que eu entrasse pra televisão. Paciência. Eles, os bons meninos, meus colegas de ofício, é que não queriam. Mas eu não estava órfão. Muita gente se apresentava pra me ajudar. De todos os meus setores de atividades, vinham os alôs, os “estamos aí”. Do teatro, Juca de Oliveira, Flávio Rangel, Osvaldo Loureiro, Paulo Pontes, Ety Fraser, Marlene França, o Bucka, o Osmar Rodrigues Cruz, a Ruth Escobar e tantos e tantos outros. Do futebol, o Tobias, o Estevão (mesmo de perna quebrada), o Eli, o Bô, o Helinho queriam até fazer um jogo beneficente. O Toniquinho, o Zeca da Casa Verde e outra patota do samba queriam rachar seus poucos ganhos comigo. O Geraldão, que sabe mais de mim, é que não deixou. E fomos em frente. Eu editei um livrinho na Símbolo, “Reportagem maldita – Querô”. E saí vendendo nos botecos desta cidade. A Walderez trabalhava e a gente levava. Os estudantes começaram a me chamar pra fazer conferências e shows e me davam uma grana, compravam o meu livro e lá fui eu, pra dizer: que um povo que não ama e não preserva suas formas de expressão mais autênticas jamais será um povo livre; que são 170 filmes estrangeiros que passam na televisão de São Paulo por semana; que isso amesquinha o mercado do artista brasileiro, que se vê constringido a se calar, a não discutir os aspectos culturais da sua profissão e que não reage coletivamente contra a importação de cultura de consumo que, além de tudo, vai descaracterizando o homem comum brasileiro e esmagando cada vez mais as manifestações espontâneas do nosso povo. Andei muito pelas faculdades. Fui impedido de entrar em muitas delas, mas não corri, nem me apavorei. Acabei sendo escolhido paraninfo da turma de Comunicações de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Vendi livros nos bares, fiz shows em boates, joguei futebol no interior num time de jogadores profissionais, fiz das tripas coração pra não piorar o gordurame das crianças lá de casa. Deu pra aguentar o repuxo. Deu pra saber que dá pra encarar as bananas. Aí, aliviou um pouco.

Me chamaram pra fazer uma novela. O Rildo Gonçalves, o autor Marcos Rey, o diretor Antoninho Matos prometeram que ia ser tudo na base do diálogo. O nosso trabalho discutido, pensado, caprichado. Entrei. Não era nada disso, tudo na base do afogadilho, do vamos nós, quem pensa e discute é criador de caso, quem dirige tem que fazer dar ibope, se não cai do posto, não existem condições de trabalho. Sacrificam pessoas sem a mínima cerimônia. A mínima reivindicação de direitos soa como uma violenta agressão. Saí da novela. E já saí tarde. Eu e outros. Enquanto isso, o artista americano morto continua trabalhando mais que o artista brasileiro vivo, na televisão a cores. Mas, eu, estou fortalecido. Não tenho medo de desemprego. Não vou ter que engolir sapo. Já estava pensando em sair por aí outra vez vendendo livro, quando o Tarso me chamou pra defender o meu aqui nas Folhas. E aqui estou. Plínio Kid em carne e osso. Mandando ver. Os peles vermelhas podem trocar bala com os caras pálidas, que nem me afobo. Conheço o enredo e só vou morrer no fim da fita.

O carnaval dos cordões (Folha de S. Paulo – Edição de 13/2/1977. Página 17. Caderno Folhetim)

A tradição carnavalesca de São Paulo era o cordão. Havia algumas escolas de samba, porém (e sempre tem um porém), os bambas, a pesada eram os cordões. Camisa Verde e Branco (branco mesmo), Vai-Vai, Paulistano da Glória, Campos Elíseos, Som de Cristal eram todos famosos cordões. E o cordão paulista tinha batida diferente das escolas de samba, tinha outras figuras e outras mumunhas. Eu disse “tinha”. Porque, que eu saiba, não existe mais nenhum cordão em São Paulo. Os que não acabaram de vez se transformaram em escolas de samba. Como é o caso do Vai-Vai e do Camisa Verde e Branco, que foram os que mais resistiram, antes de se transformarem em escolas de samba. E o fim dos cordões, sem dúvida nenhuma, se deve ao elitismo, ao paternalismo das autoridades que, quando resolvem incrementar algumas manifestações espontâneas do povo, mesmo quando estão bem intencionadas, só atrapalham. Isso porque as autoridades, sempre tão distantes das bases, tomam suas medidas dentro dos gabinetes, escutando assessores que geralmente se preocupam com o brilharco que resulte em algum lucro e nunca nos interesses da coletividade.

No caso do samba de São Paulo, não deu outra coisa. O Prefeito, não deu outra coisa. O Prefeito Faria Lima resolveu, com a melhor das intenções, oficializar o Carnaval de São Paulo. Mas deve ter consultado gente que sempre achou que nesta cidade não havia samba, nem sambistas. E essa gente, sem vacilar, desconhecendo totalmente o que é carnaval, desconhecendo que carnaval não se resume apenas em desfiles, nem em escolas de samba são um aspecto do carnaval, que existem em vários outros aspectos que também devem ser considerados, essa gente estava interessada na cascata que podia fazer em torno da oficialização do Carnaval e não na preservação dos costumes carnavalescos do povo desta cidade. E então, sem nenhuma cerimônia, fizeram a presepada: oficializaram o Carnaval. Mas, na lei, ficou claro que o único evento carnavalesco que a Prefeitura se via obrigada a realizar era desfile das escolas de samba. Resultado, todo incentivo da Prefeitura para escolas de samba e nenhum para os cordões que, diante da indiferença das autoridades, foram se extinguindo ou virando escolas de samba, puxadas aos defeitos das escolas do Rio de Janeiro (é mais fácil copiar defeito que virtude) e se desvinculando totalmente das raízes culturais de São Paulo.

*

O samba paulista é diferente do samba baiano que se instalou no Rio de Janeiro a partir da casa das “tias”. O samba paulista é mais puxado ao batuque, ao samba de trabalho. Do toco, durão. O samba paulista vem das fazendas de café. O crioulo vindo do interior ia se instalando perto dos locais de trabalho: Jardim da Luz, Barra Funda, Largo da Banana, Praça Marechal, Alameda Glete, Bexiga, Rua Direita, Praça da Sé. E aqui, como no Rio de Janeiro, a polícia perseguia o samba e os sambistas. No Rio de Janeiro, os pagodeiros subiam o morro e a polícia se acanhava, e aí, não havia remandiola. O samba era solto, batido na mão, espalhado pelo terreno. Aqui, o sambista se recolhia nos porões e lá puxava o samba, mas naturalmente não era a mesma coisa. Um samba espalhado debaixo de um céu cheio de estrelas e de luar e um samba espremido em porões, nos quais crioulo de mais de um metro e setenta tinha que mostrar o que sabia todo dobrado, pra não

bater com a testa nas vigas. E quando o pagode esquentava, era tanta poeira que subia, que só era possível saber que estava havendo samba pelo ronco da cuíca e pelo gemido do cavaquinho, porque ver, não se via ninguém.

*

São muitos os grandes sambistas de São Paulo: Vassourinha (Olha aí, carnavalescos de escolas de samba, que andam com mania de enredo com vida de artista: esse foi gente grande e de muita embaixada no rádio), Dionísio Camisa Verde, Marmelada, Jamburá, Feijó, Pato Nágua, Sinval, Inocêncio Mulata, Carlão do Peruche, Nenê da Vila Matilde, Pé Rachado, Zezinho do Morro da Casa Verde, Geraldo da Barra Funda, Chiclete, Zeca da Casa Verde, Toniquinho, Nego Braço, Zoinho, Dona Eunice, Sinhá, Donata. Tudo gente que mantinha o samba na rua na época em que a polícia acabava samba na base do chanfralho. Tudo gente de valor provado no meio das batalhas. Tudo gente que saía nos cordões pelo prazer de sair, por gostar de samba, por querer sambar. No centro da cidade, muitas vezes, um cordão que vinha. Então, era coisa pra valente. Ninguém recuava. Os cordões se cruzavam. Tinha um ritual todo cheio de parangolé. O baliza de pau de um cordão protegia a porta-estandarte do outro cordão. Os estandartes (ou bandeiras) eram trocados com muita gentileza e muito respeito. Depois de um tempo, se destroçavam os estandartes (ou bandeiras) e aí o pau comia. Navalha, tamanco, porrete entravam na fita pra bagunçar o pagode.

*

Pato Nágua foi levar uma cabrochinha lá pras bandas de Suzano. Amanheceu boiando numa lagoa, comido de peixe e de bala. Dizem que foi a primeira vítima do Esquadrão da Morte. Ninguém sabe direito. Defunto não fala. O que se sabe é que a notícia chegou no Bexiga à tardinha, na hora da Ave-Maria, e logo correu pelos estreitos, escamosos e esquisitos caminhos do roçado do bom Deus. E por todas as quebradas do mundaréu, desde onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, o povão chorou a morte do sambista Pato Nágua. E o Geraldão da Barra Funda, legítimo poeta do povo, chorou por todos num bonito samba chamado Silêncio no Bexiga.

*

O Largo da Banana era o lugar onde os caminhões que vinham do interior encostavam pra descarregar. Ali se juntava a curriola. Enquanto não vinha caminhão se armava o samba duro. Se jogava a tiririca:

É tumba, moleque, é tumba
é tumba pra derrubar
tiririca, faca de ponta
capoeira vai te pegar
Dona Rita do Tabuleiro
quem derrubou meu companheiro
Abre a roda, minha gente
que comigo é diferente

E só parava na roda quem se garantia. E o Inocência Mulata (hoje presidente do Camisa Verde e Branco da Barra Funda) sabia tudo. Tudo e mais alguma coisa. E no Carnaval, puxava no surdão, o Feijó na caixa de guerra e o Zoinha no tamborim. Paravam num boteco qualquer e começaram a zoar. Ia juntando gente, juntando gente e aí o trio saía pela Barra Funda, com uns duzentos sambando atrás. Na Praça Marechal, já eram dois mil, na Glete, cinco mil. Aí, era zorra, zorra total, até a polícia chegar. Foi nesse trio de couro, que o Inocência ganhou o apelido de Mulata. Logo ele, que não é de fazer careta pra cego, resolveu aprontar pro Feijó, que não podia ver rabo de saia. O Inocência pegou um vestido da Dona Sinhá, meteu um turbante, se embonecou e ficou na moita. O Feijó e o Zoinha, que não estavam no boteco esperando o companheiro de trio, foram tomando todas. Quando já estavam bem bebuns, e achando que o Inocência não viria mais, ele se apresentou vestido de mulher. Fez sucesso pro Feijó, que achou aquilo uma tremenda mulata e foi logo pegando cerveja. Mais encantado ainda ficou o Feijó quando aquela mulata pegou no surdo e mandou ver. O trio saiu. O Feijó, todo preocupado com a mulata e alimentando ela com cerveja até a Glete. Aí, o Feijó resolveu partir com tudo. Se entortou. O Inocência tirou o turbante e se apresentou. O patuá do Feijó entortou. Mas o Inocência ganhou pra sempre o apelido de Mulata.

*

Mas a guerra se avacalhou. Não existe mais trio de couro, nem bloco de sujo, nem vai-quem-quer. Essas manifestações espontâneas do povo, que sempre a polícia tentou acabar sem conseguir, acabaram graças às promoções carnavalescas da Prefeitura. No lugar dessas coisas todas, a Prefeitura meteu o Trio Elétrico. A própria poluição sonora, que com guitarras elétricas e grandes aparelhos de som, esmagam, apagam qualquer instrumento de couro batido por um sambista. Alguns músicos defendem essa jeringonça como mercado de trabalho, mas esquecem que um toca-fitas e uma Kombi fazem o mesmo efeito que esse trio elétrico. E esquecem que falta mercado de trabalho porque muitos bailes de Carnaval em São Paulo são animados por toca-fitas e que a própria Prefeitura promove um bailão pra quarenta mil pessoas, com toca-fitas.

*

São Paulo sempre teve muito carnaval. Mas hoje está tudo resumido no desfile das escolas de samba e nos bailes dos clubes. E isso tudo é muito triste. Porque o Carnaval sempre serviu pras manifestações espontâneas do povo. E tudo agora vai se resumindo num espetáculo pra atrair turista. Feito no gosto dos turistas e avaliado pelos padrões culturais das elites. E isso dói. Porque um povo que não ama e não preserva suas formas de expressão mais autênticas jamais será um povo livre.

Cariocas no samba paulista (Folha de S. Paulo – Edição de 20/2/1977. Página 7. Caderno Folhetim)

B. Lobo

No tempo em que os cordões de Carnaval eram a alegria do povão da Paulicéia, já havia grandes compositores, carnavalescos, passistas, porta-bandeiras e mestres-salas cariocas fazendo e acontecendo na nossa capital, B. Lobo era um deles. O grande B. Lobo, compositor de “Abre-Alas”:

O abre alas
ô abre alas
deixa o Capela passar
Escuta o rufar do meu tambor
O regimento do samba chegou, ô-ô-ô

Já famoso nas rodas de samba do Rio de Janeiro, manjadíssimo na Lapa e bem chegado em qualquer pagode, o B. Lobo, por razões dele, resolveu emigrar pra São Paulo. E veio com tudo que tinha. Um terno e sapato marrom e branco. Segundo ele mesmo, foi o primeiro crioulo a usar sapato fantasia aqui em São Paulo. Se destacou logo que desembarcou, por essa bossa. Foi andando pela rua e não demorou pra polícia se apresentar:

– Documento, negão.

Ele não se fez de rogado. Alfaiate de profissão, não era nenhum vadio. Mas, mesmo assim, os homens estranharam ele e deram um alô:

– Com esse sapato todo afrescalhado, tu não vai ter boa vida por aqui.

B. Lobo não queria complicação. O primeiro engraxate que viu era um negrinho cheio de truques. B. Lobo deu as ordens:

– Tinge esse pisante de preto e com capricho.

O engraxate obedeceu e, enquanto trabalhava, batucava um samba na caixa.

O B. Lobo se impressionou:

– De quem é esse samba, moleque?

Meio encabulado, o negrinho deu a autoria:

– É meu.

– Teu mesmo?

– É.

– Como é teu nome?

– Toniquinho.

E era o Toniquinho mesmo o engraxate. Toniquinho Batuqueiro, nascido e criado no Pau Queimado, sobrinho do Zé Almofadão, genial curuzeiro, e neto do Velho Silvério, maior tocador de tambu de todo o Brasil, além de ser um famoso macumbeiro. B. Lobo conheceu o Toniquinho e se sentiu em casa. São Paulo tinha samba. Samba da pesada. Então, ele se instalou e nunca mais foi embora.

Talismã, o seu Mumu

O Talismã de Rocha Miranda, Seu Mumu pros íntimos, é sem favor nenhum um dos maiores artistas populares do Brasil. Fez de tudo. Poeta de uma pureza rara, compositor de grande sensibilidade, escultor primoroso, que sempre ganha nota dez com os seus carros-alegóricos, tocador de violão, cantor, humorista e tudo mais. Como veio, nem ele sabe explicar direito. Dizem que foi depois de um fracasso que teve no Circo do Dudu, lá no Rio de Janeiro. Anunciaram o Talismã e ele entrou todo

cheio de manha, com seu violão. Mas, antes de anunciar a música, a plateia começou a exigir que ele cantasse um jingle do Detefon, que era muito tocado nas rádios. O Talismã não queria. Não tinha nada que ver com o jingle. Mas, a plateia insistia, insistia e, pra evitar que quebrassem o circo, ele cantou. Saiu do espetáculo arrasado. Pegou o ônibus e veio embora. Quando deu por si, estava em São Paulo. Quando deu por si, já estava fazendo samba pro Camisa Verde e Branco. Foi metendo a mão. Quando o Talismã chegou em São Paulo, o forte eram os cordões. Escola de samba saía na base de muita cor, valendo fantasia de toureiro, pirata da perna de pau, jardineiro e dominó. Talismã se assustou. Pensou em ir embora. Mas não foi. Hoje está inteirinho em São Paulo.

Jangada

Marco Aurélio Guimarães, o Jangada, jornalista atualmente trabalhando no Placar, é uma das maiores autoridades do samba no Brasil. Compositor, carnavalesco, diretor de harmonia de várias escolas do Rio de Janeiro, como Unidos de Lucas, Aprendizes de Lucas, Vila Santa Teresa, Independente do Zumbi, veio pra trabalhar como jornalista. Chegou dizendo que São Paulo não dava samba, arrumou muitos atritos, mas acabou indo ver o samba da Paulicéia de perto. Gostou de alguma coisa, de outras não, mas entrou em tudo. Não vai mais embora. É uma figura folclórica, briga por qualquer coisinha, mas é uma alma boa que não vacila em ajudar sambistas e escolas de samba pequenas. Não tem preço a contribuição que o Jangada vem dando ao samba aqui em São Paulo.

Silvio Modesto

Silvio Modesto é considerado o mais completo sambista carioca em São Paulo. Mestre-sala nota dez, compositor inspirado, excelente ritmista e um dos maiores partideiros do Brasil. Veio pra São Paulo pra desafogar, que a maré não estava pra peixe lá na Carioca. Veio se virando com os bilhetes premiados. Naquela de jogar a sorte grande no pé do otário e dizer que foi o destino. Encontrou por acaso o Jangada. Já se conheciam de velhos carnavais. Firmaram uma parceria e vêm sempre juntos. É outro carioca que não pensa em ir embora nunca mais.

Marina Luiza

Nascida em Vila Isabel, acordada, como ela mesma diz, na Praça Onze, é uma senhora porta-bandeira que começou nos blocos do Rio de Janeiro: Bafo da Onça, Estrela do Botafogo, Além do Horizonte, Inocentes do Lema, Morro de Fome Mas Não Trabalho, Não Empurra Que É Pior, Come e Dorme. Depois, pegou estandarte de rancho e depois, só depois de muitos carnavais, é que conseguiu ser porta-bandeira da gloriosa Escola Mocidade Louca de Botafogo. Ganhou a bandeira no meio da batalha, dançou com mestres-salas famosos como Catira, Bulcão, Mário, Haroldo, Aluísio. Depois, veio pra São Paulo, com o grupo do Solano Trindade. Aqui conheceu o Wilson de Moraes, arquiteto e sambista, casou e ficou. Com o Wilson de mestre-sala, saiu anos e anos pelo Camisa Verde e Branco da Barra Funda. Agora estão na Barroca.

Vem chegando mais

Muitos sambistas do Rio de Janeiro então vindo pra São Paulo. Delegado, Balalaica, Nega Pele lá têm desfilado em São Paulo. Há muitos anos atrás, Mano Décio e Silas de Oliveira faziam sambas-enredo pra escola Acadêmicos do Tatuapé. E muitos outros sambistas do Rio colaboram com o samba de São Paulo.

A influência dos cariocas já é facilmente notada nas escolas de samba de São Paulo. Mas, naturalmente, não se deve essa influência apenas à presença desses sambistas. Por exemplo, se dependesse do Jangada, com certeza o samba rural (paulista) seria integralmente preservado. Mas o rádio e a televisão divulgam apenas o samba carioca. Aí, já viu. As escolas do Rio de Janeiro, durante o ano inteiro, cantam seus próprios sambas de quadra e aqui as nossas escolas cantam o samba carioca, ou o sambão fabricado em estúdios. Mas, de qualquer maneira, as nossas baterias ainda guardam alguma coisa do ritmo pesado, que era característica dos cordões.

Carnaval não precisa de subvenção: basta o povo (Folha de S. Paulo – Edição de 21/2/1977. Página 8. Primeiro Caderno)

Carnaval não é só baile de salão e desfile de escolas de samba e de blocos. Carnaval tem muitos outros aspectos, porém (e sempre tem um porém), esses outros aspectos não são considerados pela Prefeitura de São Paulo. E aí, já viu. O carnaval paulistano se resume no desfile das escolas e nos bailes. Assim sendo, ou o cronista de Carnaval de rua fala do desfile das escolas, ou não fala nada (ou, quem sabe, fala do nada). Mas eu sou de falar o que eu vejo aí, fico no papo de aranha, porque assistir a desfile de escola de 3º, 4º grupos em São Paulo é tarefa de entortar patuá. No terceiro grupo, por exemplo, desfilaram dezenove escolas (ou deviam desfilarem, não deu pra contar direito). Mas, a maioria dessas escolas não daria nem alas das escolas do 1º grupo. E não dariam alas de escola de 1º grupo não apenas pelo número de componentes. Não dariam alas porque a maioria delas não são escolas de samba. São invenções da Prefeitura, que dá dinheiro a um grupinho de pessoas e, com isso, incrementa a quantidade, sem se importar com a qualidade. Então o que acontece é que, das cinquenta e duas agremiações carnavalescas inscritas na categoria de escola de samba, apenas umas cinco ou seis têm vida própria e podem sair à rua sem o auxílio financeiro da Secretaria de Turismo e Fomento da Prefeitura.

As escolas de samba do 3º grupo vivem de subvenção e em função de subvenção. Passam o ano inteiro se fingindo de mortas, não armam uma roda de samba, um pagode, nem um simples rela-buxo. Alegam que não têm local pra isso e não fazem nenhum esforço pra arrumar local. Os dirigentes das escolas de terceiro grupo ficam chorando pelas esquinas dizendo que a Prefeitura não dá terreno pra elas, como se fosse possível dar terreno pra associações de vinte ou trinta pessoas, numa cidade de 10 milhões de habitantes. Choram os dirigentes das escolas de terceiro grupo e é só o que fazem. Sem nenhuma cerimônia, se apresentam como baluartes do samba, que sacrificam suas vidas particulares defendendo o samba e ficam nisso, até que se aproxima o carnaval. Aí, então, eles se apresentam nos meios dos sambas do samba e encomendam um enredo pra um carnavalesco, um samba pra um compositor, sempre gente desvinculada da escola. E com isso vão

pro bairro, juntar gente humilde que queira ter a glória de desfilar na “passarela de asfalto da avenida iluminada”. Algumas chegam ao cúmulo de contratar batuqueiros em outras escolas e até pedem enxerto de alas inteiras de outras escolas do 1º grupo. E as que conseguem isso são as que querem subir. As outras, sem nenhum respeito pelo público, sem nenhum respeito pelo samba que dizem defender, passam pela avenida se arrastando, como se fossem uma fila do INPS em movimento.

O terceiro grupo de escolas de samba não deveria ser subvencionado, como não é o quarto grupo. E nem o terceiro e nem o quarto grupo deveriam desfilar no centro da cidade. O concurso deles deveria ser nos bairros e só o vencedor, no ano seguinte, é que teria o direito de vir desfilar na avenida do centro. Essa medida iria liquidar com as escolas fajutas, que a cada ano saem piores. Os donos dessas escolas, ou perdiam o pesqueiro, ou iam ter que organizar samba[.] O paternalismo tacanho da Secretaria de Turismo e Fomentos, que o próprio secretário confunde com democracia, em vez de incrementar o samba, a arte popular, as manifestações espontâneas, está incrementando o comodismo. O paternalismo de alguns sambistas e o interesse de outros nas escolas de terceiro grupo está resultando numa tremenda falta de criatividade. Deu muita pena assistir ao desfile das escolas de terceiro grupo. Apenas a Imperador do Ipiranga deu espetáculo. Mas essa escola de samba está no terceiro grupo porque a comissão Julgadora do ano passado simplesmente não lhe deu nota. Essa escola abriu o desfile e os elitistas do juri ficaram olhando as estrelas. Depois da Imperador do Ipiranga só uma ou duas escolas vieram bem. Entre as que vieram bem estava a Renascença da Lapa, mas essa escola vinha com o Mililique, mestre-sala do Paulistano da Glória; Babita, porta-bandeira do Lavapés; Borba-puxador de samba da Pérola Negra; Silvio Modesto da Império do Cambuci, e o seu enredo é do Dudu do Carmos, urutu-cruzeiro da Mocidade Alegre. Se essa escola sobe, acaba. Não vai ter elementos pra desfilar. Outra coisa que revela bem o tacanho paternalismo da secretaria é que, no ano passado, várias escolas de samba da categoria de pleiteantes deveriam se apresentar bem, para serem guindadas ao terceiro grupo. Várias se apresentaram sem gente, sem cumprir o regulamento e algumas nem se apresentaram. Mas em vez de serem desclassificadas, como manda o regulamento, foram subvencionadas e promovidas. E mais um ano não apresentaram nada ao desfile. Teve o caso da Vila Carolina, que não saiu o ano passado, porque o dinheiro da subvenção havia sumido e eles não tinham fantasias, mas esse ano eles, novamente subvencionados, estavam na avenida.

As escolas de samba não deveriam receber subvenção. Deveriam receber dinheiro por serviços prestados e depois do serviço prestado. Não antes. Mas isso a Prefeitura não vai fazer nunca. A Prefeitura não está interessada em preservar as manifestações espontâneas do povo brasileiro. A secretaria só organiza desfiles de escolas de samba por que é obrigada por lei. E, pra cumprir a lei, ela dá dinheiro às escolas de samba e, se elas vêm se arrastando, caindo pelas tabelas, não interessa. O que conta pra Prefeitura é que elas venham, mesmo sem cantarem seus sambas-enredo, como aconteceu no Terceiro Grupo.

Plínio Marcos (A cobertura Nacional e Local do Carnaval, na Folha Ilustrada)

Últimas do carnaval (Folha de S. Paulo – Edição de 21/2/1977. Página 16. Caderno Ilustrada)

Se as ocorrências policiais são o espelho da animação (ou falta de) durante o Carnaval, o Rio está ganhando longe: enquanto em São Paulo a festa só está presente na avenida Tiradentes – palco dos desfiles das escolas – no Rio quatro mães deixaram os filhos presos em um barraco para ir brincar. O barraco pegou fogo e as quatro crianças morreram, mas apenas duas das quatro mulheres ficaram sabendo.

A diferença continua nos bairros, onde o carnaval paulista fracassou mais uma vez por falta de organização e o carioca explodiu em várias ocorrências pequenas, inclusive tiros num bloco que desfilava.

E Santos permanece o meio-termo entre as capitais, reunindo o provincianismo paulista e a euforia carioca. A Polícia registrou grande número de ocorrências no trânsito.

Em São Paulo, continua a expectativa dos desfiles das escolas. Ontem para o desfile do 1º grupo, algumas pessoas já estavam nas arquibancadas desde às 8 horas da manhã, para garantir bons lugares.

Reina a calma

A cidade acordou calma e prosseguiu assim por boa parte do dia, com as ruas centrais vazias e silenciosas, depois dos festejos da primeira noite de carnaval.

Na avenida Tiradentes, onde estão se realizando os desfiles de escolas de samba, os palanques passaram por uma revisão. Uma equipe de manutenção percorria os diversos alambrados, verificando os danos causados pelos foliões no dia anterior. Nas primeiras horas da manhã era grande o número de foliões que dormiam pelas arquibancadas.

Defronte ao palanque oficial, de onde são julgadas as escolas de samba, alguns foliões já tomavam seus lugares na arquibancada. Apesar de ser ainda muito cedo, por volta de 10 horas da manhã, eles garantiam que lá iriam permanecer até à noite e que “só chegando bem cedo é possível conseguir um lugar privilegiado”.

Até às 18 horas os lugares das arquibancadas deveriam estar literalmente tomados. A maioria dos foliões que lá se encontrava marcava seus lugares defronte ao palanque oficial e explicava: “Aqui é que as escolas de samba fazem suas evoluções para os jurados. Portanto, o espetáculo é bem mais bonito que o simples desfile pela avenida. Só mesmo chegando bem cedo – dizia um folião – é que temos chance de conseguir este lugar”.

A unidade Móvel de Pronto Socorro, composta por um ônibus Mercedes Bens dotado de todo o aparelhamento para primeiros socorros, de uma ambulância e gerador de energia, além de mais duas ambulâncias auxiliares, uma delas permanecendo na rua Mauá e outra na praça Luz, teve que atender somente oito casos, entre agressões, desentendimentos e quedas.

Na área do 2º Distrito Policial, à qual a avenida Tiradentes pertence, os casos policiais também foram insignificantes, registrando apenas casos de desinteligências e agressões, além de algumas prisões de foliões por excesso na bebida. O panorama no 2º DP era de calma.

A Vila sem escola

Por que o desfile de escolas na Vila Maria, sábado, foi considerado um fracasso?

Os dirigentes da Colorado do Brás, que estava programada para ser a última e teve de abrir o desfile na avenida Guilherme Cotching, explicavam ontem:

- não havia microfone no trajeto, e o montado no palanque era precário;
- a iluminação da avenida era péssima, e não realçava as fantasias;
- o povo estava desanimado.

Foram seis escolas do Terceiro Grupo que desfilaram, mas nenhuma delas gostou, embora não culpassem a Escola de Samba Flor de Maio, a organizadora.

Os dirigentes da Flor de Maio também reclamaram muito. Tinham de desfilarem primeiro no centro da cidade, na av. Tiradentes, e houve muita dificuldade em animar o povo, eles providenciaram a participação de um bloco do bairro no desfile, mas ontem se queixavam:

“Essa gente dá uma volta no quarteirão e vai para casa ver televisão.”

O pessoal da Flor de Maio comentava que “os melhores batuqueiros de São Paulo estão na Vila Maria”, mas acham difícil garantir a participação de um grande número deles em desfiles. Reclamavam também de dificuldades financeiras e de maior planejamento. Mas não desanimaram, e ontem diziam aos jornais que no ano que vem o Carnaval será animado no bairro.

Antonio Craveiro, entretanto, que mora há 35 anos na Vila Maria, reclamava:

“Acontece que temos aqui nenhuma escola. A Flor de Maio é do Tucuruvi, e os nossos sambistas ficam distribuídos por aí, entre a Vai-Vai, a Camisa Verde e outras.”

Programa de hoje

Os bairros da Zona Leste parecem ser os únicos que terão algumas manifestações de carnaval hoje. Para lá, desde às 21 horas, estarão se dirigindo 10 blocos carnavalescos. O primeiro, “Corujas de Vila Esperança”[,], passará às 21 horas e o último, “Nenê de Vila Matilde”, às três da manhã. Restam ainda os festejos programados para às 12 ruas [sic] de lazer.

Hoje, em Santos

Hoje, a partir das 21 horas, entre os canais 2 e 3 do Gonzaga, as escolas do Grupo II de Santos irão desfilarem na seguinte ordem: Acadêmicos de Santa Cruz de São Vicente, com enredo “Arte e Beleza das Congadas”; a Estrela de Ouro, também de São Vicente, com “Alegria, Alegria”; o Príncipe Negro da Zona Noroeste, com “Cenário de Astros”; a Acadêmicos da Ponte Vermelha, com “Em Tempo de Rio Grande”; A Mocidade Amazonense com “influência Negra no Torrão Brasileiro” e a União Imperial com “Nas Páginas Antigas”.

Ainda hoje, a partir das 15 horas, haverá uma matine infantil promovida pela Sector no Ginásio Antonio Guenaga, na Ponta da Praia. Na ocasião, será realizado um desfile oficial de fantasias infantis.

Na Praia Grande

A partir das 20 horas, escolas de samba e blocos da Praia Grande sairão da praça da Prefeitura e entrarão pela avenida Costa e Silva até o palanque oficial armado na praça do Relógio. Para hoje, estão programadas a Império do Samba, de Santos; a Escola de Samba Unidos de Praia Grande o bloco Novo Horizonte.

Rio violento

Rio (Sucursal) – O Carnaval-77 no Rio está prometendo ser um dos mais violentos dos últimos anos, segundo registros do Instituto Médico Legal – IML[,] onde deram entrada 52 cadáveres entre as 12 horas de sábado até às 15 de ontem. A ocorrência mais grave até o momento foi a morte de quatro crianças cujas mães as deixaram sozinhas, numa casa de Belford Roxo, que acabou se incendiando durante a madrugada. A tragédia ocorreu na rua Agapé, 257, e as pequenas vítimas foram André Carlos, de 2 anos, Carla Cristina de oito meses, Paulo Roberto, 1 ano, e Eliane de Sousa, de 1 ano e 6 meses.

A Polícia prendeu duas das mães dos meninos carbonizados (Sueli Francisco Alves e Iolanda José de Sousa). Elas disseram que abandonaram as crianças por “precisarem” brincar o carnaval na boate “Samba”, no centro de Belford Roxo. Vera Lúcia Francisco Alves e Elisabete Maria de Souza (dona de casa) estão desaparecidas.

Também por causa do Carnaval-77 foram assassinados a tiros e facadas o operário Miguel Alves Feitosa Neto, de 40 anos e seu enteado Edson Soares Lorosa, de 20. Ambos voltaram para casa, na rua Manoel Seixas, 11, em Austin, também na Baixada Fluminense, quando marginais roubaram suas fantasias.

Pelo que apurou a Polícia de Nova Iguaçu, Edson não gostou da brincadeira e brigou com um dos bandidos, Jorge de tal, o “Jorjão”. Os corpos de Edson e do padastro foram achados pela manhã, num terreno baldio. O primeiro tinha dois tiros na cabeça e outro nas costas. Miguel morreu com três tiros na cabeça e 12 facadas nas costas e no peito.

Em Nilópolis, a Polícia encontrou também pela manhã o cadáver de um preto, de 22 anos presumíveis, que vestia apenas bermuda azul. O cadáver apresentava quatro tiros no peito e um na cabeça. Em Olinda, na rua Marques Canaerio, populares acharam o cadáver de uma mulher branca, de 45 anos aparente. Ela vestia calças compridas verde e blusa Rosa. Na Cabeça, dois tiros.

Cosmo Octávio dos Santos, de 23 anos, resistiu a um assalto perto de cada, na rua 37, casas 6, no loteamento São Jorge, em paciência, e morreu com dois tiros nas costas. A 36ª DP não possui nenhuma pista dos criminosos. Também com dois tiros na cabeça foi assassinado um homem de 25 anos presumíveis, branco, cujo corpo foi jogado de um automóvel na estrada das Canoas, altura de São Conrado. O desconhecido usava calça azul e camisa listrada.

De sábado para domingo, foram registrados em média 15 assaltos para cada uma das 38 delegacias policiais da área metropolitana do Rio. No hospital Sousa Aguiar, que atende a Região do Centro da cidade, foram atendidos na manhã de ontem quatro baleados e quase 20 outras pessoas agredidas a socos, pauladas, facadas e garrafadas.

Tiros no bloco

Rio (Sucursal) – Por razões ainda não reveladas pela Polícia, um homem cujo nome também não foi divulgado deu ontem na praça do Rocha, em São Gonçalo, vários tiros contra um bloco carnavalesco, ferindo 6 pessoas: Gilberto da Silva Rangel, João Pereira da Silva, Edwaldo Pereira, José Augusto Cabaral, Reinaldo Monteiro Franco e Celair Jorge de Sousa.

São Paulo calma

Das 19 horas de sexta-feira às 7 de ontem houve na Capital 2.498 ocorrências atendidas pela Polícia Militar:

Acidentes pessoais, 70; acidentes de trânsito com vítimas, 65; acidentes de trânsito sem vítimas, 337; atropelamentos, 76; afogamento, 1; incêndios, 7; apelos à Polícia, 22; auxílio ao público, 262; parturientes, 22; doentes atendidos, 35; menores abandonados, 10; menores infratores, 9; animais perigosos recolhidos, 5; agressões, 208; lesões corporais, 40; suicídio, 1; tentativas de suicídio, 13; estupro, 1; furtos simples, 57; furtos qualificados, 36; assaltos, 61; autos localizados, 10; danos materiais, 12; desordens, 507; embriaguez, 41; desacato, 1; atentados ao pudor, 5; portes indevidos de arma, 2; suspeitos detidos, 49; diversos, 522; homicídios, 2; encontro de cadáveres, 3; infrações de trânsito, 6.

PS Municipal

Da meia-noite de sexta-feira até às 10 horas de ontem, 100 pessoas foram atendidas no pronto Socorro Municipal da rua Vergueiro. Mas a maioria dos casos foi de alcoolismo, e os médicos do PS explicaram que o movimento podia ser comparado com os de qualquer fim de semana.

Funcionários do Serviço de Atendimento de Urgência acrescentaram que muitos dos atendidos durante aquelas 34 horas eram “fregueses” do PS, alcoólatras que algumas vezes vão sozinhos procurar ajuda e até mesmo comida.

Facadas no salão

Tudo começou quando o pedreiro Adalberto Bispo Alves (33 anos, solteiro), decidiu fazer uma brincadeira com a acompanhante do operário Juscelino Geraldo do nascimento (35 anos, solteiro, residente em Vila Santa Catarina), no bar Mariati, na Vila Guarani. O pedreiro, por brincadeira, jogou perfume nas costas da mulher e o operário não gostou. Daí surgiu uma violenta discussão entre os homens.

Num canto do salão, o desocupado Silvio Francisco Lima (30 anos, solteiro, sem residência fixa) resolveu, já meio embriagado, apoiar Adalberto. Desafiou Juscelino e ambos saíram para brigar na rua. Em dado momento, Juscelino livrou-se de Silvio, apanhou um rodo e passou a atingir o desocupado na cabeça. Como resposta, Silvio tirou uma faca da cintura e passou a golpear o operário.

Alguns fregueses que estavam no bar saíram para procurar ajuda e avisaram uma radiopatrulha, cujos ocupantes ainda encontraram Silvio esfaqueando Juscelino. Após a voz de prisão, Silvio passou a agir como se fosse débil mental, mas, no 35º Distrito, apurou-se que ele já tem várias passagens pela Polícia, inclusive por ter matado a esposa em 1974.

Matou o vizinho

Carlos Jaime da Costa, que era casado e tinha 41 anos, foi morto ontem a facadas por seu vizinho Carlos Francisco da Silva, mecânico, também casado e de 26 anos.

Carlos Jaime dançou durante toda a madrugada e deitou-se de manhã, mas como não conseguia dormir com os latidos do cachorro de Carlos Francisco. Por isso foi fazer reclamação, acabou brigando e esfaqueado. O crime aconteceu na favela de Vila Brasilândia. O agressor foi autuado no 45º Distrito Policial e recolhido à Casa de Detenção.

Convites falsos

Uma preocupação dos clubes e da polícia da Baixada nos últimos dias é a falsificação de ingressos e convites para os bailes. Em São Vicente, o primeiro caso ocorreu na semana anterior, quando foi realizado o baile “Uma Noite nos Mares do Sul”, no Ilha Porchat Clube: a diretoria descobriu 70 convites falsificados, comunicando o fato à polícia.

Ontem, a polícia de Vicente de Carvalho recebeu a informação de que um elemento havia sido detido pelo diretor da Sociedade de Itapema, Luís Silveira Sobrinho, com um talão de ingressos falsificados. No local, os policiais constataram que o detido era Luís Carlos de Andrade (solteiro, 20 anos, auxiliar de escritório). Em seu poder foi apreendido um bloco de ingressos.

Interrogado, ele disse que havia comprado o bloco por Cr\$ 150,00 e pretendia revender os ingressos, obtendo assim algum lucro. A versão contada por Luís Carlos não convenceu os policiais e por isso ele foi mantido sob custódia, para ser reinquirido.

Em Santos

Também em Santos o problema relacionado a falsificação de convites existiu. Só que os registros feitos pela polícia foram mantidos em sigilo. Contudo, comentava-se, ontem à tarde, que um dos clubes mais prejudicados foi o Clube Atlético Santista. Segundo esses comentários a diretoria, investigando por conta própria, já teria descoberto a gráfica que imprimiu os convites e um dos elementos que os estava vendendo. Na polícia o fato não foi confirmado nem desmentido

Nas rodovias

A Polícia Militar e a Civil informavam ontem que apesar das ocorrências registradas desde sexta-feira em todo o Estado poderem [sic] ser consideradas sem alarme, e mesmo as previsões até o final do Carnaval não exigirem grandes preocupações, todo o esquema preparado para o período será mantido com rigor, reprimindo-se os abusos de toda natureza.

A maior preocupação do esquema, entretanto, refere-se ao policiamento nas estradas. As Polícias Rodoviárias Federal e Estadual continuarão a fiscalizar mais intensamente o movimento nas rodovias até quarta-feira. Todas as infrações no tráfego serão punidas, principalmente os casos de excesso de velocidade.

Ontem, a Polícia Militar informava que o movimento nas rodovias Dutra, Fernão Dias e Washington Luís era normal, tendo sido até menor que o habitual no período da manhã.

No Complexo Anchieta-Imigrantes, onde durante todo o dia funcionou a “Operação Descida”, também não houve problemas no escoamento rumo à Baixada. Mas o movimento também esteve menor do que era esperado.

As estradas onde era maior o volume de veículos ontem de manhã foram: Anhanguera, Raposo Tavares, Castelo Branco, Pedro Taques e Manoel da Nóbrega. Mas em nenhum trecho houve dificuldades de escoamento.

109 feridos

De zero de sexta-feira até às 19 horas de ontem, a Polícia Rodoviária registrou 41 acidentes: 109 pessoas ficaram feridas e duas morreram. De Zero hora de sexta-feira à zero hora de sábado ocorreram 11 acidentes que provocaram ferimentos em 27 pessoas. Já na madrugada de sábado esse número foi aumentando, registrando-se até à zero hora de ontem mais 21 acidentes, com 51 feridos e dois mortos. Ontem à tarde o número de acidentes voltou a diminuir, com o registro de 9 acidentes, com 31 feridos, até às 19 horas.

Duas bicicletas

Um simples choque de duas bicicletas acabou ferindo gravemente dois ciclistas, na altura do quilômetro 106 da rodovia Bauru-Jaú, ontem de manhã.

Os operários Dimas Ramos Branelis (alameda Madre Silva, 69) e José Adriano de Souza (rua Ceará, 130) pedalavam por aquela rodovia. Na altura do quilômetro 106, Dimas Ramos, que estava à frente, cismou de entrar à esquerda, sem fazer os sinais convencionais. Sem tempo para se desviar, José Adriano de Souza não pode evitar o choque. Como resultado, caíram ambos no meio da estrada. Os dois foram socorridos e estão hospitalizados no Pronto Socorro de Bauru.

Folia santista

Este ano, em Santos, o carnaval está com um índice alto de acidentes, resultando em grande número de feridos e alguns mortos. A Santa Casa local atendeu, até agora, vários feridos nessas ocorrências – principalmente de capotamento e colisões. Segundo os policiais, o volume crescente de acidentes de automóveis deve-se principalmente à ingestão exagerada de bebidas alcoólicas.

Na rodovia Padre Anchieta, perto de Peruíbe, uma perua Veraneio capotou – a Polícia ainda não descobriu as causas do capotamento – e ficaram feridos Arlindo Cassaroti (39 anos), Iolanda Maria Cassaroti (41 anos), os filhos do casal, Regina e Reginaldo, de 13 e 12 anos, João Guizame e Boris Norman, estes últimos residentes em Santa Catarina. As vítimas foram socorridas na Santa Casa de Santos.

Na avenida Ana Costa, Francisco Portella Junior foi detido por estar dirigindo de maneira perigosa e na esquina das ruas Galeão Carvalhal com Jorge Tibiriça, um Volks colidiu com uma motocicleta. Os dois motoristas tiveram apenas escoriações.

Na avenida Pedro Lessa, um Volks colidiu com a traseira de um Corcel que estava estacionado. O motorista do Volks, José Antelo Rodrigues, foi encaminhado

para a Santa Casa com ferimentos leves e, depois de medicado, fugiu. Um outro Volks colidiu com um poste na avenida Bartolomeu de Gusmão. O motorista Edmilson Gago de Oliveira foi internado na Santa Casa em estado grave. Na avenida padre Manuel da Nobrega, o Chevette de Antonio Danilo Blena chocou-se contra uma motocicleta que surgiu inesperadamente. Ficaram feridos o piloto da moto, Luiz Cesar de Lima, e Maria América da Silva, que viajava no Chevette.

Uma outra colisão ocorreu na avenida Nossa Senhora de Fátima, onde o Volks dirigido por Hélio Pinto Caetano foi abalroado por um Dogde Dart de São Bernardo do Campo, que fugiu em seguida. Helenice Dias Branco ficou ferida no acidente e foi removida para a Santa Casa.

No Guarujá, um automóvel não identificado capotou por motivos ainda a serem apurados. O motorista, Carlos Roberto Castro de Souza, foi ferido gravemente e removido para o Hospital Santo Amaro, onde permanece internado.

Plínio Marcos “correspondente na avenida” do Serviço Local, analisa o Carnaval paulistano na página 8

Onde está o carnaval para o povo? (Folha de S. Paulo – Edição de 23/2/1977. Página 7. Primeiro Caderno)

Um baile com o toca-fitas no Anhembi pra 60 mil pessoas. Desfile de escolas de samba e blocos na avenida Tiradentes. E desfile dos mesmos blocos nos bairros, sem hora marcada, começa quando o bloco chega. Esse é o Carnaval oficial da Prefeitura de São Paulo. Pra essa pouca coisa ser realizada, foi gasta uma fortuna. Mas, mesmo realizando tão pouca coisa com tanto dinheiro, a Secretaria de Turismo não foi capaz de organizar nada direito e tudo fica bagunçado, difícil e naturalmente o povo é que se dana. O povo de São Paulo, que não tem lazer, também fica sem poder se divertir no Carnaval. Porque, a bem da verdade, ninguém, mas ninguém mesmo, pode se divertir num baile onde 60 mil pessoas descarregam suas tensões ao som estridente de um toca-fitas. Ninguém pode se divertir ficando empilhado em precárias arquibancadas por doze, quinze horas, sem poder se mexer, sem poder fazer xixi, sem poder nada e ainda ameaçado por policiais e temendo que a qualquer momento as arquibancadas desabem. Ninguém pode se divertir tentando entrar na avenida pra ver um desfile sem não encontrar lugar. Ninguém pode se divertir ficando horas e horas no seu bairro escutando bocas de lata estridentes, poluidoras sonoras, anunciando escolas e blocos que não chegam nunca. Não, esses negócios que a Prefeitura dá para o povo não é diversão, não é lazer.

O desfile das escolas de samba do 2º grupo, como já havia acontecido com o desfile das de 1º grupo, foi marcado pela bagunça, que se deve colocar na conta da Secretaria de Turismo e Fomento. O desfile começou atrasado e não teve jogo da Seleção na Colômbia, motivo alegado para o atraso do desfile das escolas de 1º grupo. O que não havia era Comissão Julgadora. A primeira escola a desfilar, a Folha Azul dos Marujos, ficou plantada na cabeceira da pista esperando que a Prefeitura arrumasse e colocasse nas cabinas os membros do Júri. Mas, isso ninguém explicou ao povo, que esperava o desfile. E o som, que era das melhores coisas, na segunda-feira já se avacalhou. Ficou estridente e prejudicou os

puxadores de samba das escolas. Essas até que fizeram o possível pra corresponder ao interesse do público. Império do Cambuci, Império Lapeano, Primeira do Itaim até que passaram bem, mas não foram bem o suficiente pra serem a maior atração do espetáculo. Atração mesmo, o que chamava a atenção dos presentes a todo momento eram as correrias, provocadas por disputas de lugares, as invasões de público logo contidas, partes de arquibancadas que se soltavam, andaime de câmera de televisão que desabava “sem câmera” com o peso do povo que treme lá pra ver o desfile.

Tudo isso, o secretário de Turismo e Fomento finge não ver e, provavelmente, acha que é invenção da imprensa. Seus auxiliares estão proibidos de dar entrevistas e ele próprio se recusa a dar entrevistas pra repórteres e comentaristas que lhe fazem perguntas embaraçosas. A pergunta que o embaraça mais é porque as autoridades políticas do seu partido, a Arena, não o estão prestigiando. O único que esteve lá foi o governador Paulo Egídio, assim mesmo de passagem. O secretário sabe que político vai nesses pagodes populares em ano de eleição. E aqui pra nós, político, mesmo demagogo, deve ficar constrangido diante de tanta desorganização. E aí, já viu. Enquanto o povo se empilha a três de alto, com gente se agarrando pelos picos pra não espirrar pelo ladrão, o palancão oficial fica vazio.

Está na hora das pessoas que realmente pensam no lazer do povo se preocuparem com as festas populares. Não é mais possível que todos os anos se repita essa tristeza que custa tão caro aos cofres públicos. O intelectual só toma conhecimento do Carnaval quando é convocado pra ganhar um cachê servindo de juiz da arte popular, que ele não se envergonha de julgar pelos seus padrões importados. Mas, gente séria, que conhece profundamente como se deve fazer para que uma festa popular permaneça popular e que seja um bom espaço para as manifestações espontâneas do povo, é marginalizada. Rossine Tavares de Lima, Julieta de Andrade, Zé Ramos Tinhorão, Wilson de Moraes não são chamados, nem são ouvidos. O Carnaval, como todas as festas populares, não são currais eleitorais. As festas populares são mananciais da cultura de um povo. E nunca no Brasil foi tão necessário como agora preservar as festas populares. Os nossos veículos de comunicação estão praticamente invadidos pela cultura de consumo importada, cultura essa que vai esmagando as nossas raízes culturais e descaracterizando o homem comum brasileiro. E enquanto isso acontece, o Carnaval, entregue a gente que só pensa em faturar turista ou voto, gente quer aparecer mais que carro alegórico, vai morrendo.

Fim de festa (Folha de S. Paulo – Edição de 27/2/1977. Página 12-15. Caderno Folhetim)

Entre as cinquenta e duas escolas de samba e mais os blocos de São Paulo devem ter desfilado uns dez mil sambistas. E nos quatro dias de Carnaval um milhão de pessoas deve ter assistido a esse desfile. É muito pouca gente desfilando e muita gente espiando, contida por cordões de isolamento, cercas e polícia, sem poder participar. Isso não é lazer. Assistir a um espetáculo mal acomodado, sem ter direito a entrar no espetáculo não é lazer. Mas, isso é o que vem sendo feito em nosso País. Acabam com os campos de futebol de várzea e se constroem estádios.

Acabam com as peladas e se reduzem todos os peladeiros a meros assistentes nos grandes estádios. Não dão espaço pra quadras de samba e põem o povo pra assistir ao desfile. Os bailarinos, os timecos de esquina, as festinhas das comunidades dos bairros estão desaparecendo. E o homem nas grandes cidades vai ficando cada vez mais tenso.

Diziam nas rodas de samba que a Barroca Zona Sul tinha feito um despacho de duas mil galinhas, que a Vai-Vai defumou o bairro inteiro do Bexiga, que a diretoria do Camisa Verde e Branco da Barra Funda fez um forte trabalho na cachoeira, que o charuto do Juarez da Cruz da Mocidade Alegre estava cruzado com cinza de cemitério, que o Paulistano da glória fez muito padê e que teve escola que até deu um boi em pé na macumba. Se é verdade, não sei. Mas, todas essas escolas desfilaram muito bem. O Carnaval só não foi um sucessão por causa da desorganização da Secretaria de Turismo. Mas, essa deu crepe. O Caboclo Jaraguá, que pegou seu serviço, não funcionou.

Agora, aqui em São Paulo é moda a escola homenagear um artista, fazendo da vida dele seu enredo. Só que a vida desses artistas cantados pelas escolas de samba dá a impressão de que nem foram vividas. Lamentável a homenagem da Escola de Samba Morro da Casa Verde a Cacilda Becker. Outra coisa que é moda é o artista homenageado pela E. S. Meninos Lá de Casa, e Procópio Ferreira, homenageado pela Mocidade Alegre do Bairro do Limão, foram alegorias dessas escolas. Sobre isso, Procópio Ferreira me disse:

– A escola estava bonita. Mas só tinha dois mil componentes. Não dava nem pra formar a ala das minhas ex-mulheres.

A Escola de Samba Paulistano da Glória trouxe sua bateria tocando jongo-macumba, que há a batida conhecida por caxambu. Ver uma coisa dessas em escola de samba hoje em dia é raro. Muito raro mesmo. Será que a comissão julgadora consegue ver isso? Será que a comissão julgadora percebe a importância que tem pra cultura popular brasileira uma escola de samba como o Paulistano da Glória?

*

Mais uma vez fica provado que a intelectualidade brasileira só não é júri de programa de Silvio Santos e Chacrinha porque esses não conhecem os intelectuais e não os convidam. Mas, no Carnaval, quando os intelectuais são convocados pra julgar escola de samba, vão correndo e vão por um cachê tão mixo, que seria recusado por Zé Fernandes, Wilza Carla, Elke Maravilha, Pedro de Lara e por qualquer outro julgador profissional.

*

Uma comissão julgadora naturalmente julga o que vê pelos seus padrões culturais. A intelectualidade de um país subdesenvolvido como o Brasil recebe formação importada, do jardim da infância até a faculdade, e acaba sendo completamente ignorante em relação à cultura popular. Aí, se colocada na posição de julgar a arte popular, comete verdadeiros crimes. E quando esse julgamento então vem acompanhado de prêmios pros considerados melhores e castigo para os que são considerados piores, o crime contra as manifestações espontâneas são

muito mais horripilantes, porque o povo que sempre foi condicionado pelos colonialistas a achar que é inculto, se acanha diante dos elitistas, sente vergonha da própria arte e tenta imitar a cultura de consumo importada, na vã esperança de agradar seus censores intelectuais. É isso o que vem acontecendo com nossas escolas de samba. Anos a fio, julgados por intelectuais elitistas, os sambistas viam, pálidos de espanto, seus valores mais autênticos serem menosprezados nas notas dadas pelos júris. Aí, os sambistas, balançados nas suas raízes culturais, nas suas crenças, começaram a duvidar das suas mais autênticas formas de expressão. Sendo dia e noite engravidados pelos olhos e ouvidos pela cultura de consumo que ocupa nossos veículos de comunicação, os sambistas e os artistas do povo se confundiram totalmente e foram procurar socorro em intelectuais e na periferia da intelectualidade encontraram gente querendo aparecer mais do que carro-alegórico. Resultado: hoje o que menos interessa na escola de samba é samba. Fantasia com paetês, vidrilho, lantejoulas e missangas, alegorias com cascata e crocodilo contam mais do que samba-enredo e que samba no pé. E com essas e outras, o sambista vai se afastando das escolas. Os compositores de samba-enredo das escolas vão sendo marginalizados e em seus lugares vão aparecendo os catitus, que já desgraçaram a marchinha de carnaval e que agora vão fazendo o mesmo com o samba-enredo. Esses catitus, mancomunados com os agentes das gravadoras (quase todas multinacionais) e disc-jóqueis corruptos, fazem uma máfia que determina o que o povo deve cantar ou não. E o Estado, o Governo, que devia ser o primeiro a zelar pela cultura do povo, ajuda a esmagar as manifestações espontâneas, censurando o que é autêntico, o que representa a realidade, e incentivando com subvenções tudo aquilo que agrada turista, intelectuais paternalistas e que naturalmente não incomoda socialmente.

Nada pode ser mais absurdo do que um bailão pra sessenta mil pessoas. Nada pode ser mais absurdo do que sessenta mil pessoas dançando ao som de um toca-fitas. Nem os maiores artistas de vanguarda, nem os maiores mestres da ficção poderiam imaginar um negócio tão absurdo como um bailão onde sessenta mil pessoas dançam ao som de um toca-fitas. Só mesmo a Prefeitura de São Paulo é que podia ter essa ideia anã de fazer um bailão gigante. Ali, no meio do baile, as pessoas se tornam tensas em grau extremo, ficam terrivelmente agressivas, querem entrar nesse baile armadas, vão certas de que terão que se defender, vão certas de que terão que agredir. A Prefeitura de São Paulo, em vez de bolar um carnaval pra descontrair o povo gasta uma tremenda fortuna pra abilolar esse povo de uma vez.

Fora esse bailão pra sessenta mil pessoas, no Anhembi, fora o desfile de escolas de samba na Avenida Tiradentes e em alguns poucos bairros, a Prefeitura não fez mais nada. Mesmo pra fazer só essas coisas, a Prefeitura gastou uma fortuna. E mesmo gastando uma fortuna pra fazer estas coisas, a Prefeitura se sentiu obrigada a contratar uma firma particular, a Jaraguá, pra organizar o Carnaval. Diante disso tudo, a gente pergunta: pra que servem os milhares e milhares de funcionários públicos da Prefeitura de São Paulo? Pra que servem os funcionários da Secretaria de Turismo e Fomentos do Município, à qual o Carnaval está afe[i]to? Será que eles só servem pra contratar a Companhia Jaraguá pra fazer a coisa pra ele?

O simpático Cláudio Lembo, presidente da Arena, disse no microfone de uma emissora que realmente algumas críticas ao Carnaval de São Paulo procediam, mas que ele achava que todos deveriam colaborar enviando sugestões ao prefeito. Juro por Deus que eu pensava que o Senhor Prefeito lia jornal, porque a imprensa não faz outra coisa a não ser dar sugestões pra um carnaval melhor. Mas, mesmo nosso prefeito não perdendo tempo lendo jornais, eu gostaria de informar que uma firma comprou e pagou pareceres do Rossini Tavares de Lima, do Zé Ramos Tinhorão, do Walter Silva (Picapau), do Caetano Zama, do Derli, presidente da UESP, sobre o carnaval desta cidade, e os vendeu posteriormente para a Prefeitura. E segundo me consta, esses pareceres foram todos enfurnados. Ninguém ali recomendou baillão com toca-fitas pra sessenta mil pessoas.

2. 2 – As crônicas de março de 1977 – Coluna *Plínio Marcos*

Paulo César Acaju na Seleção (Folha de S. Paulo – Edição de 2/3/1977. Página 36. Caderno lustrada)

Está certo que tirarem um técnico de futebol como o Brandão da Seleção Brasileira, pra colocarem um preparador físico no seu lugar, como é o Cláudio Coutinho, entorta o patuá de qualquer torcedor. Mas, que o Brandão ia cair, até cego podia ver.

Só que a gente esperava que no seu lugar entrasse um treinador de futebol, um treinador moderno, um treinador com dimensão de Seleção, coisa que o Brandão provou que não tinha nesse tempo todo em que cuidou da Seleção como se fosse um time qualquer, um time no qual ele pudesse se dar ao luxo de escalar só os jogadores que lhe são simpáticos.

Até cego podia ver que o Brandão ia cair. Que ia cair por seus próprios erros, por sua bobeira, por sua mania de querer jogadores que o obedeçam tanto fora do campo como dentro do campo, num esquema tático. E por essas e outras, ele deixou de fora alguns artistas que no prezado momento não podiam ficar à margem da Seleção Brasileira de jeito nenhum. E o Paulo César Acaju é um desses artistas.

Claro que a torcida acha que o Paulo César é um mau elemento, culpado por o Brasil ter perdido um título mundial, por ser covarde e mercenário. Porém (e sempre tem um porém), a torcida não sabe ver, a torcida espia pouco, se deixa levar pelas manhas dos cartolas e pelos comentários de cronistas elitistas que julgam tudo e todos pelos seus padrões de comportamento.

Desde 1950, ou desde antes, mas a de 1950 deixou escancarado, bem aberto pra todos que sabem ver, que quem perdeu aquela Copa e as outras todas copas que o Brasil perdeu foram os cartolas, os cartolas e seus truques de horripilar até Mandrake de mafuá, os cartolas e a mania que têm de aparecer mais do que carro-alegórico. Os cartolas e suas tolas ideias de convocarem técnicos que de repente acham que, mesmo o Brasil sendo tricampeão do mundo, certo é o europeu que faz ginástica. E por acharem isso, convocam equipes e mais equipes de preparadores físicos que, pra mostrarem serviço e justificarem o salário, mataram nossos craques com ginástica, aumentaram em muito o volume muscular dos nossos jogadores, deixando-os pregados no chão.

Qualquer treinador de juvenil sabe que o garoto franzino que sobra no clube jogando um bolão, quando começa a fazer ginástica perde o seu controle de bola e só depois de meses volta a recuperá-lo. Mas, foi isso e outras presepadas que mataram o futebol brasileiro na Copa em que o Paulo César apareceu como culpado, covarde, mercenário.

Tá certo que vão lembrar que o Paulo César, após o título perdido, ao ser perguntado por um repórter, diante de várias testemunhas, o porquê de não ter corrido, o porquê de não ter entrado nas divididas, respondeu que queria que se danasse, que ele ia para França, que já tinha contrato milionário assinado, não ia ficar entrando em bola dividida. Agora, é preciso conviver com o povo pra poder entender o que o povo fala, mesmo quando muitas vezes ele usa as mesmas palavras que a gente.

Paulo César não é um locutor, não é um cronista, não tem o dom da palavra. Paulo César ali, naquele momento, era um jogador que jogou e perdeu um título mundial. Perdeu, estava triste, cansado e naturalmente sem disposição pra explicar o óbvio pra gente que tinha obrigação de saber ver e que não via e que não queria obrigá-lo a falar pra ele ser o acusador da C. B. D. e seus técnicos. Essa gente passa o tempo todo criticando o comportamento do Paulo César fora de campo, não se conforma com o seu gênio rebelde, não se conforma com seu gosto de luxo, não se conforma com seus carrões, com suas roupas berrantes, com o seu cabelo acaju, com seus tamancos e com tudo o que ele faz com o seu dinheiro, dinheiro ganho honestamente com sua arte. Essa gente só aceitaria Paulo César com o espírito de garoto bobo criado em quintal. O Paulo César rebelde, craque, cracão, cracão genial de ter dia de fazer e acontecer e ter dia de se perder em campo, o Paulo César acaju, o Paulo César foi o escalado pra ser o grande culpado pela perda de uma Copa.

Assim como o Rivelino foi escalado como culpado pela perda de um título pelo Corinthians. Mas, todos os que sabem ver, veem claramente que o que mata o futebol brasileiro não são os seus geniais jogadores. São os cartolas incompetentes, são os técnicos com suas táticas absurdas, com seus treinos físicos absurdos, querendo aparecer mais que a bola pra garantir empregos. Paulo César na Seleção é ótimo. Ele é craque.

Cláudio Coutinho na Seleção é resultado das politicagens dos bastidores da C. B. D. Esse moço não provou nada no futebol, não tem tempo de serviço. Só tem padrinho forte entre os cartolas e manha pra culpar jogadores em caso de derrota. O Brandão não servia pra técnico da Seleção, tem mentalidade de clube. O Coutinho não serve como técnico da Seleção, porque é preparador físico. Mas, de qualquer maneira, quem não pode, no presente momento, ficar fora, é o Paulo César Acaju.

*

Nada pode ser mais idiota do que incrementar uma rivalidade entre Rio de Janeiro e São Paulo, por causa de um técnico de Seleção. Essa mumunha só serve pra desviar a atenção do real problema: não temos dirigentes.

Como é, Crazy, vai pagar ou não? (Folha de S. Paulo – Edição de 3/3/1977. Página 46. Caderno lustrada)

Foi nos fins do ano da graça de 1975 que Geraldão da Barra Funda e Jangada, dois compositores dos mais conceituados nos meios das escolas de samba de São Paulo, resolveram procurar a gravadora Crazy (loucos estavam eles) e propor a gravação de um long-play com os sambas-enredos das escolas paulistanas pro ano de 1976. Naturalmente que a patota da Crazy vacilou. Não botaram fé no samba de São Paulo. Porém (e sempre tem um porém), logo apareceu um argumento decisivo pra animar o pessoal da Crazy. O secretário de Turismo e Fomento do Município de São Paulo compraria e pagaria na boca do cofre cinco mil discos, pra incentivar o samba paulistano. Os diretores da Crazy, que não tem nada de loucos, aceitaram então o negócio e gravaram mal e porcamente os sambas dos compositores das escolas de São Paulo. Lançaram o disco em janeiro de 1976, entregaram os cinco mil discos da Secretaria de Turismo, receberam cento e cinquenta mil cruzeiros, uma nota em cima da outra, não explicaram direito nem pros compositores, nem pra ninguém de quanto foi a tiragem do disco e também nem os compositores, nem ninguém se interessou em saber.

O que os compositores queriam era receber o seu dinheiro, o dinheiro dos direitos autorais. Queriam e queriam muito, porque compositor de escola de samba de São Paulo anda trepando em pé de vento, comento capim amargo pela raiz e de patuá entortado de tanto se agarrar nele pra aguentar o repuxo da maré brava. Queriam e estão querendo até hoje. Até hoje, a Crazy não pagou os direitos autorais dos compositores do disco que lançou em janeiro de 1976. E nem está querendo pagar. O Jangada e o Silvio Modesto foram tentar receber no dia 28 de fevereiro de 1977 e só receberam um aviso de um gerente da Crazy que era pra eles procurarem a Justiça, que ali não ia ter dinheiro pra eles nunca. Quer dizer que uma grana que os compositores deveriam receber com juros e com correção monetária não vai vir fácil, nem tão cedo.

Porém (e sempre tem um porém), como a moleza é boa, o pessoal da Crazy queria dar repeteco esse ano e andou tentando influir nas escolhas de samba-enredo das escolas paulistanas. Em algumas, até conseguiu, segundo compositores. Queria o pessoal da Crazy que ganhasse gente que não tinha entrado no disco o ano passado e que certamente não ia chiar pelo dinheiro dos compositores lesados. Mas, não deu pra Crazy e pros seus intrujões e o disco esse ano saiu pela Continental, gravadora que também não é chegada a pagar ninguém.

Agora, o doloroso disso tudo é que nessas remandiolas de gravadoras, direitos autorais, o compositor de escola, apesar de continuar sofrendo mais do que mãe de porco espinho, vai baixando seu nível artístico e fazendo samba com receita dada por esquemas comerciais. Este ano, aqui em São Paulo e no Rio de Janeiro, de um modo geral, caiu muito o nível do sambas-enredo em comparação aos anos anteriores. Tudo indica que essas curriolas do disco vão liquidar loguinho com o samba-enredo, como fizeram com a marchinha de carnaval.

Gurufim não come (Folha de S. Paulo – Edição de 4/3/1977. Página 32. Caderno lustrada)

Estamos eu, Zéca da Casa Verde e Toniquinho Batuqueiro, num boteco das quebradas do mundaréu, papiando sobre o carnaval que passou, quando pia na parada o Silvio Modesto. Ele dá um alô:

- O Edson Arco-Íris foi falar com Deus.
- O Edson?!
- Mas ele ainda ontem desfilou pela Mocidade Alegre no carnaval.
- Mas ele ainda ontem, quarta-feira de Cinzas queria guerra pela Mocidade Alegre.
- Ele ainda ontem era o mais assanhado na festa da choradeira da Mocidade Alegre.

Pois é. Tudo foi ontem. Mas a gente sabe que basta estar vivo pra morrer. A gente sabe, mas ainda se espanta diante da morte. E o Toniquinho Batuqueiro, neto do velho Silvério, maior macumbeiro de todo o Estado de São Paulo, sobrinho do Zé Almofadão, dá a palavra de lei:

- A gente tem que tar com as obrigações com o Santo sempre em dia, porque ninguém sabe qual é a sua hora.

*

Antigamente, nos velórios do criolêu, de nós outros brancos encardidos, se jogava o gurufim. O Toniquinho logo falou que se armassem, queria ser o camarão. O Zeca queria ser a sardinha. O Silvio Modesto, o siri. Eu, o gurufim.

- Gurufim, gurufim quer comer camarão.
- Camarão não come.
- Que come?
- Sardinha.
- Sardinha não come.
- Que come?
- Siri.
- Siri não come.
- Que come?

As velhas passavam com café, cachaça, pão com manteiga, bolo de fubá.

*

O Silvio Modesto não podia ir ao velório. Já tinha cinco filhos, a mulher teve mais dois de uma ninhada. Sete. Alcançou o Toniquinho Batuqueiro. O Edson Arco-Íris passou dessa pra melhor. Ele, Silvio, tem que cuidar dos que estão chegando e de manhã tem que encarar lugar na fila do leite em pó das crianças num lugar que é de graça. Ele é compositor de música brasileira no Brasil, tem que entrar na fila do leite grátis. Genp, Silvio Modesto, que Oxalá te adiante o lado.

*

Eu, Zeca da Casa Verde e Toniquinho Batuqueiro queremos pegar um táxi na cidade pro Bairro do Limão. Nenhum chofer quer pegar um branquinho feioso e dois negrões na madrugada. Sabe como é que é. A vida anda custando os olhos da cara. De repente, a gente é curriola querendo desapertar. Mas, sempre tem um doidão. E lá vamos nós pra quadra da Mocidade Alegre.

*

Edson Arco-Íris passou dessa pra melhor. E conversa puxa conversa. A gente lembra da bela Laila. A mocidade Alegre nunca mais foi a mesma desde que a Laila foi falar com Deus. Tá certo, foi chegada sua hora e ela desencarnou. A vida continuou. O Juju da Cruz é o carnavalesco da Mocidade Alegre. E a escola continuou. Veio bonita sempre. Veio bonita também esse ano. Mas, sem a Laila, a Mocidade Alegre nunca mais foi a mesma. Falta sempre a Laila. A bela Laila, com suas broncas, com seu entusiasmo. E agora, foi Edson. Logo ele. Tão sambista. Um dos maiores de São Paulo. Passista, compositor, ritmista, mestre-sala, diretor de harmonia. O patrão das almas sabe o que faz, nunca levou ninguém antes da hora.

*

Na quadra da Mocidade Alegre, o defunto estava em pé, com uma garrafa pra ser bebidas pelo gargalo, rodeado de amigos, várias viúvas, coroas de flores e tal e coisa e lousa. Não vai ser ele que vai ficar pra semente, porém (e sempre tem um porém), não foi dessa vez a hora do embarque. Também não foi ele que se fez de morto só pra ver quem ia aparecer no seu enterro. Foi um xaveco³ cavernoso que aprontaram. Deram uma telefonada pros irmãos, pras viúvas e pra todos avisando que ele, Edson, havia se afogado em Santos. Pra que? Escarcéu, choradeira, gritaria. O doutor Gelmo, advogado dos sambistas, se mandou pra Baixada, a fim de descolar o corpo. Não voltou até agora. Tá lá procurando e não acha. O Moraes Sarmiento anunciou no rádio, o Guerra também. E o povão do samba, espalhado pelas quadras do mundaréu, chorou e se mandou pelos estreitos, escamosos e esquisitos caminhos do roçado do bom Deus, rumo à quadra da Mocidade Alegre pra velar o corpo do chapinha Edson Arco-Íris. Mas, ele estava lá em pé, rindo de orelha a orelha, graças a Oxumaré.

*

Quem inventou o xaveco⁴, quem aprontou a presepada, quem com essa vil mentira inquietou amigos e familiares do Edson Arco-Íris queria derrubar o moço, mas se deu mal. O boato da morte do Edson só serviu pra provar que ele é muito querido no meio do samba.

*

Agora, sábado, tem roda de samba na Mocidade Alegre. O pagode vai se chamar “Noite do velório pra um vivo”.

Líder não é coisa que se invente (Folha de S. Paulo – Edição de 5/3/1977. Página 30. Caderno lustrada)

Qualquer sujeito que jogou bola um dia, qualquer cabeça de bagre sabe que quem tem direito de berrar com os companheiros, com o juiz, dar ordens e mudar o esquema de jogo em campo é o maior cracão do time, o cracão que todos, do

3 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

4 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

goleiro ao ponta-esquerda, reconheçam como absoluto titular. Todos sabem que, se existe um lugar onde a liderança é espontânea, esse lugar é no futebol. Todos sabem disso. Todos, menos os técnicos do futebol brasileiro, que mexe e vira piam na parada pra apresentar um jogador como o seu líder, o dono do time, o xerife do campo. Fazem isso sem nenhuma cerimônia com os outros jogadores. Não vacilam em insinuar que os outros jogadores são um bando de molengas que, com os gritos do novo líder, vão se transformar. Podem crer, só quem nunca jogou bola é que pode pensar que um líder de time é nomeado de cima pra baixo, como são os burocratas. Não, nunca. Líder de time surge espontaneamente. Só espontaneamente. Porém (e sempre tem um porém), o preparador físico capitão Cláudio Coutinho, agora nomeado técnico da Seleção Brasileira de Futebol, com sua pouca experiência no ramo, foi, logo que assumiu o cargo, convocando o Carlos Alberto Torres pra ser líder. O condutor dos jogadores da Seleção dentro de campo. Que era isso que faltava.

*

O preparador físico, Capitão Cláudio Coutinho, com sua pouca experiência, cometeu um erro tão grande, deixou escancarado pra qualquer um que sabe ver que não conhecia as mumunhas do futebol. E o resultado foi que o Carlos Alberto, bom moço por sinal, entortou seu patuá. Acreditou na nomeação e, tal qual um pavão enfeitado, passou a agir como deve agir um líder na concepção dos cartolas e treineiros da Seleção. Carlos Alberto passou a dar tapinhas nas costas dos boleiros, a se meter em assuntos que não devia, a almoçar na mesa da Comissão Técnica e, quando chegou o jogo-treino, um jogo-treino contra um combinado feito às pressas pelo Botafogo e o Vasco, o Carlos Alberto, pra mostrar como era um líder, começou a falar mais que locutor e foi tirado do time a pedido do juiz, que não quis expulsá-lo.

*

O Carlos Alberto já foi capitão-líder da Seleção Brasileira. E exerceu sua função de capitão-líder muito bem. Só que naquele tempo, o Carlos Alberto era mais ele. Jogava um bolão, corria mais que todos e todos reconheciam ser ele o titular absoluto. Naquele tempo, o Carlos Alberto era apenas um craque. Craque entre os craques. Almoçava com os outros jogadores e não ficava se metendo em assuntos que não devia. Seu negócio era jogar bola. E jogava tanto, que se impunha aos demais. Por isso era líder, o dono do time.

*

Hoje, Carlos Alberto é amigo do técnico, favorito da Comissão Técnica. Muitos jogadores acham que ele só está na Seleção por proteção. Carlos Alberto hoje é líder de cima pra baixo. Líder pra impedir que os jogadores reclamem das péssimas acomodações da concentração de São Januário, pra regular os jogadores injustiçados e tal e coisa e coisa e lousa. Carlos Alberto hoje é líder inventado pelo preparador físico Capitão Cláudio Coutinho. E líder inventado não gruda em time de futebol. Vai daí, pra mostrar serviço, já que foi convocado mais como líder do que como jogador, o Carlos Alberto em campo, em vez de jogar bola, se pôs a falar como uma matraca e teve que ser substituído pra não ser expulso.

*

Carlos Alberto deu vexame, mas tudo por culpa do preparador físico Capitão Cláudio Coutinho, que já deixou claro que sabe nada ou pouco dos segredos do futebol. Mais uma vez fica provado, com essas e com outras, que as lideranças, quando são impostas de cima pra baixo, só conduzem ao fracasso.

Apresentamos o senhor Fauzi Banguê-Banguê... (Folha de S. Paulo – Edição de 6/3/1977. Página 3-4. Caderno Folhetim)

No bar do Rosário, na Praça do Rosário da cidade de Campinas, às 13 horas de uma terça-feira muito quente, encontro Fauzi Banguê-Banguê e seu amigo Boi, dois profundos conhecedores do futebol do absurdo, da absurda segunda divisão da Federação Paulista. Ambos curiosas personagens desse futebol absurdo, onde se joga um jogo muito bruto, sem regras, sem nenhuma ética, um jogo amoral que vicia todos eles, os treinadores, os boleiros, os cartolas, os intrujões, vicia todos que colocam suas vidas nas rodas da bola, de uma bola de giro curto, mas de muitas voltas, bola que rola, rola, leva, enleva, rola, rola, enrola, esmaga as vidas que, presas à maldita bola, à maldita bola, se consomem, mas não saem jamais, jamais saem da roda da bola que vai girando pra baixo e pra cima, sem dar tempo de repouso pros jogadores que envolveram suas vidas nesse jogo.

Nesse começo de tarde, sentados no Bar Rosário, tomando cerveja, os dois curtem suas angústias. Acabou o campeonato da absurda segunda divisão da F. P. F. Acabou o emprego. Boi, empresário de boleiros, aflitadamente procura clube pra seus jogadores. Levou um pro São Bento de Sorocaba, o Chico Sarno o recebeu bem, muito bem mesmo, botou o boleiro prá treinar, deixou-o à vontade, gostou do seu jogo, mas mandou voltar no próximo treino. E o Boi coça a barba suja de espuma de bebida, enxuga o suor da testa, dá tapa na enorme barriga e conta lances de treino, lances nos quais seu boleiro mostrou sua bola toda. Fauzi Banguê-Banguê, treinador do Capivari, baixote, careca, barrigudinho, de olhos vivos que não param nunca, geralmente muito falador, está calado, muito calado. Seu time fez uma campanha espetacular, disputou cinquenta e uma partidas. Cinquenta e uma partida e só perdeu uma. Uma única partida. Ganhou trinta e seis, empatou quatorze e perdeu uma. Apenas uma. Mas, no futebol absurdo, se vive de vitórias. Apenas de vitórias. E essa partida é que pesa na balança. Essa única perda significou a perda do título. Essa única partida pode ser o seu desemprego.

Fauzi Banguê-Banguê foi jogador, boleiro profissional, depois pendurou a chuteira. Mas, já tinha a vida presa à bola, aos giros da bola. E pra continuar rodando nas rodas da bola foi ser juiz do futebol do absurdo, absurdo juiz do futebol, fabricante de resultados, decidindo no apito títulos que nunca decidiu com seu jogo de boleiro, absurdo juiz de um futebol absurdo, onde Fauzi Banguê-Banguê empregava um estranho processo de honestidade, como nos jogos da série “melhor de três” entre Santo Antonio de Sertãozinho e o São José de Lençóis Paulista, pela decisão do título da divisão amadora do Estado de São Paulo. A relação dos juizes só saíria na sexta-feira, véspera do jogo. Porém, na quinta-feira, apareceu na casa do Fauzi, em Campinas, uma delegação de dirigentes do clube de Sertãozinho. O

João Hetzel tinha garantido pra eles que o juiz seria o Fauzi, deu o endereço e mandou que o procurassem. O jogo seria no campo do adversário e o pessoal do Santo Antonio só queria perder de pouco. Foi João Hetzel que mandou eles lá. João Hetzel era o chefe todo poderoso do Departamento de Árbitros. O Fauzi nem vacilou, aceitou o suborno, um caminhão de açúcar cristal, que deveria ser entregue até sexta-feira, ao meio-dia, numa barraquinha do Mercado Municipal, de propriedade dos parentes do juiz. Tudo certo. O caminhão chegou na hora combinada. E ainda nem haviam descarregado o açúcar, quando chegou na casa do Fauzi uma delegação do São José. Vinham da parte do João Hetzel, que lhes garantiu que o Fauzi seria o juiz, lhes deu o endereço e tudo. O pessoal do São José queria ganhar em casa. O Fauzi aceitou sem vacilar o suborno, um caminhão de açúcar. Só que dessa vez exigiu açúcar refinado. Foi mole satisfazer os dois patrões. Primeiro jogo, ganhou São José, no segundo o Santo Antonio e na decisão, em Sorocaba, campo neutro, o Fauzi não aceitou suborno. Apitou seriamente e ganhou o melhor, o São José, de dois a um.

E tinha que ser assim. Não podia ser diferente. Se não pegasse o negócio, pegavam por ele. Como em Cafelândia. Jogo importante entre o Cafelandense e o Marília. O time da casa precisava da vitória de qualquer jeito e o Fauzi sabia disso. Por essa razão, estranhou quando desembarcou do trem e não viu nenhum diretor do Cafelandense na estação esperando-o pra acertar o resultado. Foi pro hotel, nada de diretor do time da casa. Almoço, foi pro campo, no vestiário avisou aos bandeirinhas que ia apitar certinho porque não havia dinheiro na parada. Mas, minutos antes de entrar em campo, o representante da F. P. F., acompanhado de um senhor, abriu a porta do vestiário e perguntou:

– Tudo certo aí?

O Fauzi respondeu que estava e foi pro campo. João de bola, lá e cá, cá e lá. O juiz apitou tudo. Acabou empatado de zero a zero. Bom resultado pro Marília, péssimo pro Cafelandense. No túnel do campo pro vestiário, o Fauzi e os bandeiras começaram a apanhar. Toda a diretoria do Cafelandense batia neles. Berravam que queriam o dinheiro de volta. O Fauzi e os bandeirinhas juravam que não pegaram dinheiro nenhum. Um diretor jurava que ele afirmou que estava tudo certo. Bateram. Bateram. Bateram. Revistaram os três, o vestiário e, pra sorte deles, não apareceu o dinheiro. Aí, lembraram do representante da F. P. F. Foram procurá-lo. O homem já tinha ido embora de táxi. Saiu uma caravana de diretores do Cafelandense atrás do representante da F. P. F. no Posto Sem Limite de Bauru e encontraram com ele o dinheiro do suborno, cinco mil cruzeiros, que em 64 era muito dinheiro.

Depois, moralizaram o Departamento de Árbitros da F. P. F. Isso se deve muito ao João Astolfi. O Fauzi não podia mesmo apitar mais. Seu joelho estourou. Joelho de juiz também estoura e aí ele saiu das rodas da bola. Ferido, esmagado, frustrado, sentindo-se um enfeitado. Arrumou um emprego de vendedor de pneus e ia ganhando o sustento da mulher e dos filhos e contando pros clientes histórias absurdas, do futebol do absurdo, histórias como essas que me contou ali no Bar Rosário da Praça do Rosário, na cidade de Campinas, numa tarde de muito calor de uma terça-feira.

E foi em Capivari, vendendo pneu e contando suas absurdas histórias de um futebol absurdo que o Fauzi Banguê-Banguê entrou outra vez na roda da bola, da

bola maldita, que rola, que leva, enleva, que rola, esmaga, mas que sempre traz presa à sua volta a alma dos estranhos jogadores desse jogo bruto, maldito, jogo que vicia boleiros, treineiros, cartolas, intrujões e todos que têm a vida jogada nesse jogo maldito do futebol do absurdo.

O Fauzi Banguê-Banguê vendia pneu e falava, falava, falava da bola, da bola, da bola. O cliente comprava e escutava, escutava, escutava deslumbrado. Acabou comprando muitos pneus e se apresentando como presidente do clube local e precisando de um conhecedor profundo do futebol do absurdo, pra montar o time do Capivariano. Acordo verbal facilmente feito. O Fauzi Banguê-Banguê voltou pra Campinas e foi direto no Gazeta, famoso time varzeano dirigido pelo Tufi, um gênio do futebol. Pediu jogadores. Levou um time inteiro, com reservas, e todos craques. De Capivari mesmo só aceitou dois jogadores. E entraram no campeonato. Entraram com tudo. Entraram pra serem campeões. Ganharam o primeiro turno e o segundo da sua chave, invictos.

O Capivariano nunca treinou porque a diretoria achava que, se treinasse, ia ter que pagar lanche pros jogadores. Nunca fez preparo físico, nunca se aplicou uma vitamina, uma glicose nos jogadores, o massagista é curioso. E não jogam com uniforme novo porque acham que dão azar.

O sucesso do Capivariano era tanto que o presidente, o senhor Arlindo Dias Pacheco Neto, queria sair candidato a prefeito. Não conseguiu legenda, desanimou-se um pouco do time e passou a dizer a toda hora que ia largar o cargo. E esse desânimo coincidiu com a fase final do campeonato da segunda divisão. E aí começaram as dificuldades do treinador Fauzi Banguê-Banguê. Vieram as férias dos jogadores profissionais, o Capivariano mandou ele, Fauzi, embora. Só pra não pagar um mês. Porque foi só recomeçar o campeonato, ele foi outra vez chamado.

Jogador do Capivariano ganha mil e duzentos por mês, mais cento e cinquenta por jogo ganho e cem por empate. Em dia de derrota, o clube não paga jantar pra ninguém. Em dia de empate, como o que tiveram diante do Cafelandense, só pagaram lanche pros que jogaram. Massagista, roupeiro e reserva não precisam comer, na opinião dos cartolas do Capivariano.

O Fauzi Banguê-Banguê foi continuando na batalha, na absurda batalha do futebol do absurdo. Só que cada vez iam se complicando as coisas. Os contratos dos jogadores iam acabando e não iam sendo reformados.

Clube de segunda divisão faz contrato curto com os jogadores e vão reformando na medida das necessidades. Fazem contrato para o tempo da chave de classificação. Se passam pro turno final, reforma contrato.

Sem jogadores, o Fauzi Banguê-Banguê foi fazendo o que podia. Conhecendo bem os boleiros do interior, foi subornando alguns adversários e ganhando jogo. Até que estourou um escândalo que envolveu um jogador honesto, o goleiro Ademar do Limense. Ele jogou com quarenta graus de febre contra o Capivariano e tomou três gols que não podia tomar. Como o Capivariano era o time do Fauzi Banguê-Banguê e tinha no meio uma sinistra figura conhecida como Raposinha, logo acharam que o Ademar estava subornado. Era mentira. O Ademar é um moço bom, honesto, dá duro no trabalho com uma perua todos os dias, só joga aos domingos e por ele muita gente importante põe a mão no fogo, como o Peri, diretor da Ponte Preta, figura respeitadíssima no futebol, e até o próprio Fauzi

Bangue-Bangue. Mas, no futebol do absurdo, se lançam as maiores calúnias contra qualquer um, a qualquer momento. No futebol do absurdo, só não se lança nada geralmente em cima de quem apronta as façanhas mais escabrosas, como um goleiro que aceitou suborno de um mil cruzeiros do Capivariano, não para deixar entrar gols, mas para rebater todas as bolas. E assim fez. Só que os atacantes do time do Fauzi Bangue-Bangue não iam nos rebotes e acabaram ganhando apenas de um a zero com um gol legítimo. E o goleiro saiu como o melhor em campo. Mas, o escândalo do Ademar acanhou o Capivariano. E cada vez ficava mais difícil pro Fauzi Bangue-Bangue escalar seu time. Mas, estava ali firme, disputando o título. Os diretores ou perdiam o entusiasmo, ou queriam o lugar do treinador. E a torcida, entusiasmada com o time, ia onde o Capivariano ia jogar. E as pressões cresciam sobre o Fauzi Bangue-Bangue. Muitas pressões. Dirigentes faziam tudo pra jogar a torcida contra o treinador. E conseguiram, em Campinas. No jogo do Capivariano contra o Santa Rita deu empate e a torcida não gostou. Bombardearam o banco do técnico com rojões e o xingaram e xingaram sua mulher e xingaram seus filhos. Mas, o Fauzi Bangue-Bangue não se rendeu. Não esmoreceu. Continuou lutando pelo seu time cada vez com menos jogadores. Perdeu uma, ganhou outra e ainda estava no páreo. Mas, pros dirigentes do Capivariano, o campeonato não interessava mais. A absurda F. P. F., promotora do absurdo campeonato da segunda divisão, que deveria promover o campeão pra primeira divisão, resolveu convidar, simplesmente convidar, vários clubes da segunda divisão pra disputarem o campeonato da primeira divisão. Convidava não pelos méritos do time, mas pela força política dos diretores do clube ou dos políticos da cidade. E o Fauzi chegou à última partida precisando da vitória pra ficar junto com o Guaira em primeiro lugar e disputar o título. Chegou quase sozinho, ele e uns poucos jogadores. Mal dava onze. Dois dos seus boleiros, na véspera do seu último jogo, que seria com o Cafelandense, foram jogar futebol de salão e se machucaram. Um teve torção no joelho e o outro fraturou a clavícula. Tiveram que entrar assim mesmo em campo. Deu empate de zero a zero. O Capivariano era vice-campeão. O Fauzi Bangue-Bangue fez milagre. Mas, os diretores do Capivariano não reconhece[ra]m, não pagaram lanche pros reservas, nem pro roupeiro, nem pro massagista.

Fauzi Bangue-Bangue está sentado no Bar Rosário, da Praça do Rosário, com seu amigo Boi, bebendo uma cerveja numa tarde de muito calor de uma terça-feira. Está triste. Muito triste. Tem medo de não continuar no Capivariano que, apesar de tudo, ele ama. Mas, já sabe que mandaram nove jogadores embora. Nove jogadores do melhor time da segunda-divisão. Do time que fez a melhor campanha, time que em cinquenta e uma partida perdeu uma, uma apenas, ganhou trinta e seis, empatou quatorze e perdeu uma, uma, uma apenas. Mas, essa uma lhe roubou o título, despediu seus jogadores e talvez ele próprio. O Fauzi Bangue-Bangue está triste. Muito triste. Toma remédio pra baixar a pressão. Sonha com um time que treine, que concentre, que faça preparo físico, que cuide dos jogadores. Fauzi Bangue-Bangue ama o futebol, sofre, vibra, sonha com o futebol, futebol do absurdo, que deixa as pessoas mais puras, mais sinceras, encalacradas. O futebol do absurdo, onde só se vive de vitória e onde vale tudo por uma vitória. O Fauzi Bangue-Bangue é um homem generoso, muito querido por seus jogadores, por todos que vivem da bola, homem capaz de tirar dinheiro do bolso, a camisa do corpo

pra ajudar um boleiro a perigo. Mas, precisa ganhar todas as partidas do futebol do absurdo, se não perde o emprego, o nome, a razão de ser, de poder viver o seu sonho, de viver nas rodas da bola. Fauzi Banguê-Banguê é bom pai, muito amigo dos seus filhos, muito bom marido. Mas, vive nas rodas da bola, da bola, da bola do futebol do absurdo, do futebol, não do esporte, mas do futebol do absurdo, onde as pessoas são absurdas, onde a moral, a ética, não existem. Existem as vitórias e as vitórias têm que ser conseguidas a qualquer preço. Fauzi Banguê-Banguê é boa gente, mas desde cedo aprendeu os truques do futebol do absurdo. Foi corrompido pelos mais altos dirigentes, foi corrompedor de boleiros. Mas, no futebol do absurdo, isso é considerado certo. Ele não faz, mas há quem faça, drogar limonada e café de jogador pra conseguir vitórias. Isso ele não faz mesmo. Se fizesse, dizia. Mas, o resto é quase uma regra no futebol do absurdo e ele faz, porque assim aprendeu com os seus mestres do futebol do absurdo.

Fauzi Banguê-Banguê se levanta, me convida pra ir até sua casa. Vai me dar fotos suas. Vamos. A família vem correndo recebê-lo. As crianças estão alegres, chegou um paizão. A mulher, a bela Sara, o recebe com muito carinho. Depois, dá os recados:

– A mulher do Ferrari veio avisar que você não é mais o treinador do Capivariano. Eles contrataram um tal de Neneco.

– Esse aí. Ela falou. Eu tinha esquecido. Ele vai levar o time inteiro do Piracicabano.

– É. Pode ser. O Piracicabano acabou.

– Você está sem clube.

– Mas o tesoureiro do Capivariano ainda hoje perguntou se eu estava firme pra sábado.

– Pode ser boato.

– Pode...

– E se você ficar sem time?

– Arrumo outro. Até o Brandão foi derrubado da Seleção, por que eu não posso ser derrubado do Capivariano?

Fauzi Banguê-Banguê sorri. Se compara com o Brandão e se sente bem. Perder o emprego de técnico é normal. Ele arruma outro time pra treinar. Conhece o futebol do absurdo como ninguém. Sabe tudo do futebol do absurdo. É valente. Fala e se garante. É capaz até de fazer milagres, como esse de dar um vice-campeonato pro Capivariano. Fauzi Banguê-Banguê é um mago do futebol do absurdo, futebol que já foi tricampeão do mundo.

Questão de segurança nacional (Folha de S. Paulo – Edição de 8/3/1977. Página 40. Caderno Ilustrada)

Sem nenhuma cerimônia, o presidente dos Estados Unidos da América do Norte pia na parada pra recomendar (sugerir talvez seja a palavra mais apropriada) que seu povo não tome o café brasileiro, que anda custando os olhos da cara até pra eles que ganham em dólar. E longe de mim querer contestar isso. O café está realmente muito caro. E também ando longe de querer mal ao presidente Carter, muito pelo contrário. Me comove a preocupação dele com os Direitos Humanos e só

peço a Deus que ele esteja sendo sincero quando fala a respeito disso. Porém (e sempre tem um porém), por achar justo que ele recomende (ou sugira, sei lá) que seu povo não tome café por estar caro, por achar justo que ele tenha a preocupação de fazer seu povo economizar é que me atrevo a sugerir (se pudesse recomendaria) que o Governo brasileiro fizesse o mesmo com alguns artigos supérfluos americanos, como, por exemplo, os filmes de cinema e televisão. Essa importação de cultura de consumo é sem dúvida um tremendo escoamento de divisas. Se juntarmos aos filmes, músicas, publicações impressas, vamos ver pálidos de espanto que a soma de divisas que sai do país é muito maior que a soma que se gasta em gasolina nos voos e nos carrões dos políticos. O Brasil gasta fortunas na importação de cultura de consumo. Mas, nesse negócio o prejuízo não é apenas econômico.

Esses filmes importados que invadem nossos cinemas e televisões, essas músicas importadas que são diuturnamente tocadas nas nossas rádios, as historietas em quadrinhos e tudo mais no gênero, além das divisas que arrastam pra fora do país, além de ocupar o mercado de trabalho do brasileiro no Brasil, vêm descaracterizando o nosso homem comum e esmagando as manifestações espontâneas do nosso povo. E isso é grave. Muito grave. Isso é sem dúvida uma questão de segurança nacional e como tal deve ser tratado.

Se no momento se fala tanto em poupar, o Brasil deveria poupar cortando a importação de cultura de consumo. Estaríamos assim seguindo o belo exemplo desse magnífico presidente dos Estados Unidos, o Senhor Carter, que se preocupa com a economia particular do seu homem comum e se empenha em educá-lo. Nós não precisaríamos que nenhum americano tomasse nosso café, se não comprássemos os filmes deles. Veríamos florescer uma nova indústria em nosso país, a cinematográfica, que absorveria muita mão de obra, economizaríamos divisas e preservaríamos nossos usos e costumes. Sem dúvida, sairíamos ganhando. Ganharíamos muito. Podem crer.

Gladiador ou jogador de futebol (Folha de S. Paulo – Edição de 9/3/1977. Página 36. Caderno Ilustrada)

O futebol brasileiro não evolui por causa dos dirigentes. É isso aí. Todos eles altamente incompetentes, cheios de truques, querendo aparecer mais que carro-alegórico em desfile das atuais escolas de samba, mais do que a própria bola. A Seleção Brasileira está aí mesmo pra não deixar ninguém me desmentir. É uma bagunça de respeito, com cartola derrubando técnico, médico e preparador físico se metendo onde não devem, jogador disputando camisa no grito e tal e coisa e coisa e lousa. E, se na Seleção Brasileira de futebol é assim, é fácil perceber que nos clubes é pior. Porém (e sempre tem um porém), tem um cartola que, na sua ânsia de aparecer, é capaz de virar o Idi Amin do futebol. É o Senhor Ripoli do XV de Novembro de Piracicaba. Este cartola é capaz de tudo pra entrar em qualquer fita como estrela. Domingo em Sorocaba, no jogo do seu time contra o São Bento, o Senhor Ripoli, pelo que contam os jornais, perturbou às baldas e conseguiu fazer o jogo acabar no primeiro tempo. Fatos corriqueiros como um pênalti que a defesa não quer deixar bater o Senhor Ripoli consegue transformar num caso seríssimo, em que

integridades físicas de pessoas ficam ameaçadas e quando o lesado é o povão que só berra de geral sem nunca influir no resultado. No caso de Sorocaba, a torcida pagou ingresso pra ver noventa minutos de futebol e viu quarenta e cinco. Depois, foi briga, corre-corre, confusão.

Mas, vamos deixar isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que o Senhor Ripoli é considerado por alguns tacanhos cartolinhas do interior um gênio que vai revolucionar o futebol. Isso porque o Senhor Ripoli resolveu dopar com dinheiro seus jogadores. Disse “dopar” e disse bem, porque é isso que o Senhor Ripoli faz. Paga um salário-teto irrisório pros jogadores do seu clube, (atualmente está por volta dos dois mil cruzeiros) e dá um prêmio por vitória que às vezes chega a ser três, quatro vezes maior que o ordenado dos jogadores. Aí, já viu. Os jogadores de futebol que sabem que tem carreira curta, ganhando pouco de ordenado, no XV de Novembro querem ganhar o prêmio de vitória de qualquer jeito, nem que seja a dentada. O jogador do XV de Novembro nem machucado quer sair do time, endoidece se é pra ficar no banco e se mata de treinar. Então, quando o zagueiro Fernando, do XV, sai de sua área pra ir atacar o goleiro do São Bento na área dele, a gente logo acha que o Fernando estava abilolado, com medo de perder algum prêmio especial prometido pelo Senhor Ripoli, que anda querendo transformar jogador de futebol em gladiador, por acreditar que isso é o espetáculo que o público deseja ver. Grande engano. Se a torcida de futebol quisesse ver pancada, a luta-livre não tinha fracassado como espetáculo. O Senhor Ripoli não sabe disso e menos ainda os bisonhos cartolinhas do interior, que acham o presidente do XV um gênio e andam pensando em imitar o seu lamentável exemplo.

Os técnicos do São Bento e do XV de Novembro de Piracicaba, eu conheço. Tanto o Sarno do São Bento, como o Norberto (Queijinho) Lopes do XV são dois humanistas, dois homens de bem que conhecem o futebol profundamente, foram ambos, grandes jogadores, como são ótimos técnicos e sabem que esses prêmios do senhor Ripoli vão acabar com o futebol. E isso era um assunto para Associação dos Técnicos discutir. Porque técnico de repente tem até que trabalhar num XV de Piracicaba com um Ripoli, ou jogar contra o time dele, cheio de jogadores dopados com dinheiro.

Nós sabemos que o técnico pouca influência pode ter no atual futebol brasileiro, no qual cada dia fica mais difícil para um preparador exercer sua profissão com dignidade. Poucos técnicos têm oportunidade de aplicar seus conhecimentos, uma vez que o emprego depende exclusivamente de vitórias. Essa insegurança leva os técnicos até a apelarem ou aceitarem as formas mais desumanas pra fazer seus jogadores correr, como essa forma absurda que o presidente do XV de Novembro encontrou. Salário pequeno e prêmio de vitória enorme. Eu sei que não se pode regular os prêmios. Mas, deveria ser proibido esse tipo de suborno, uma vez que o jogador já é pago pra jogar e, se possível, ganhar. Essa história de que o jogador, se não tiver prêmio, não corre, é consequência da atual mentalidade do futebol brasileiro, que chega ao cúmulo de permitir que circulem boatos, sem que haja pronto e rápido desmentido, de que um emissário da C. B. D. levou dinheiro pra estimular os jogadores colombianos. Isso tudo é anormal. E os técnicos, muitos honestos e realmente preocupados com o futebol, deveriam, através de sua associação, tomar uma posição sobre esse assunto e torná-la pública.

Rápida resposta à freguesia (Folha de S. Paulo – Edição de 10/3/1977. Página 46. Caderno Ilustrada)

Depois de uma semana aqui neste cantão, já posso dizer que começo a sentir o resultado de se dar o recado num jornal com a tiragem da Folha. São muitas e muitas as cartas que tenho recebido. Aos que mandaram incentivos e tal e coisa e coisa e lousa, meu muito obrigado. Aos poucos paspalhos que gostariam de saber como eu vim parar aqui, informo que naturalmente foi pela porta da frente, atendendo ao convite do meu chapinha Tarso de Castro. E pros milhares de fãs e leitores do meu prezado amigo e excelente cronista Lourenço Diaféria, que me escrevem pra saber se ele realmente entrou de férias ou se lhe deram um passafora, quero sossegá-los. O Lourenço Diaféria está realmente de férias, aliás, merecidas, que ele andava trabalhando demais da conta, na crônica diária, escrevendo livros, fazendo conferências, participando de noites de autógrafos e sei lá quanta coisa mais. Sabe como é que é. Escritor brasileiro tem que ter mais bico do que fogão a gás pra poder suportar os repuxos da maré brava. Então, senhores leitores do excelente cronista do cotidiano que é Lourenço Diaféria, podem ficar sossegados. Ele voltará para alegria de todos nós.

INPS

Recebo também uma cartinha de um cidadão já aposentado, que pede pra eu esculachar o INPS. Diz o leitor que há vários dias ele tenta, por telefone, se comunicar com o INPS pra saber a partir de quando e onde ele pode pegar a declaração de ganho pra poder declarar Imposto de Renda. E liga, liga, pra lá e nos diversos números ninguém atende ao telefone. Pronto, Seu Mendes, a sua estória [sic] tá contada, mas acho que não vai adiantar nada. O INPS não atende nem gente que está morrendo em pé na fila, claro que não vão atender por telefone.

Televisão

A leitora Maria Aparecida Gonçalves, de Tambaú, S. P., quer saber por que saí da novela.

Cidinha, a genial Helena Silveira, a primeira intelectual brasileira a se interessar e a levar a sério a televisão, já explicou por que eu saí dessa novela. Agora, quero te dizer que eu e outros atores estamos fora da televisão porque na televisão brasileira o artista americano morto trabalha mais do que artista brasileiro vivo.

Fauzi Banguê-Banguê

Aquela matéria que escrevi domingo passado no Folhetim sobre o mago do futebol do interior acabou de vez com suas possibilidades de continuar no Capivariano, como técnico. Porém (e sempre tem um porém), estava em Campinas um diretor do Maranhão E. C., o Senhor Jairo Guimarães, e nem vacilou. Procurou o Fauzi e o contratou.

O Fauzi Banguê-Banguê manda um bilhete. Segue hoje pro Maranhão, assume assim que chegar lá e leva junto Paulo Fraga, ex-Guarani, Serginho, ex-

Capivariano, Tidão, ex-Gazeta de Campinas, e Rocha, ex-Ponte Preta. Vai feliz da vida e por boa grana. A gente aqui fica torcendo pelo seu sucesso.

Escolas de samba

O pessoal de escola de samba anda chiando porque eu fui muito severo com as do Terceiro Grupo, é o que me manda dizer meu amigo Dudu.

Eles podem chiar à vontade. O público que foi assistir ao desfile também chiou espremido nas prateleiras e teve que ver um espetáculo que só tinha três marchas: devagar, devagarinho e parado.

Futebol, samba e TV (Folha de S. Paulo – Edição de 11/3/1977. Página 40. Caderno Ilustrada)

A Seleção Brasileira passou pelo Maracanã, deitou e rolou em cima da Colômbia, que tem um joguinho que nos lembra muito o São Cristóvão do Rio de Janeiro nos seus piores dias.

Mas, deixa isso de lado. A Colômbia, todo mundo sabia que em matéria de futebol não tá com nada. O que quero contar e o que pesa na balança é que mais uma vez fica provado que muita concentração e outras mumunhas só servem pra atrapalhar. O conforto de nossa Seleção no Embu, o período de adaptação lá na Colômbia fez pesar nos nossos craques solidão, insegurança e tal e coisa e coisa e lousa.

Aí, ficaram todos de bobeira. Agora, no Rio de Janeiro, concentrados em São Januário, um pardieiro, porém (e sempre tem um porém), no Rio de Janeiro, com telefone e fácil de ver gente, tudo melhorou.

Pelo menos o futebol que nossos jogadores apresentaram no Maracanã era alegre. Digo pelo menos porque a Seleção não está firme. A Colômbia, volto a afirmar, é um time de cabeças de bagre. Se não, teriam feito vários gols no Brasil. Nossa defesa está se abrindo muito facilmente, principalmente pela esquerda. O preparador físico, Capitão Cláudio Coutinho, não pode ficar muito assanhado com essa vitória. Precisa mexer na defesa com urgência.

Samba

Os compositores das escolas de samba estão marcando uma tremenda bobeira. Quase nenhum deles está fazendo mais samba de quadra.

Ficam todos à espera dos enredos entrarem no concurso que, segundo eles, é o que rende uma graninha.

Mas, com essas e outras, vão cada vez piorando mais os sambas-enredo.

A culpa é dos cartolas do samba. Cartola diretor (não confundir com o genial Cartola compositor) só está fazendo política, política de baixo nível, que mais parece fofoca e não incentiva o sambista a fazer samba. Nas suas quadras, durante as rodas que armam pra estudante pular, os dirigentes do samba só mandam tocar sambão de rádio, que agradece a freguesia, e isso desestimula o compositor. Como samba que não é cantado não existe, não pia na parada nada de novo. As escolas de samba estão virando curral de políticos de interesses particulares. O sambista,

que já não conseguia gravar, nem cantar no rádio, nem na televisão, está cada vez com menos chance nas escolas.

Televisão

A Televisão Tupi muda tanto de direção artística, superintendência, que cada vez fica mais difícil pro pessoal de lá saber quem é quem. Como padaria de subúrbio, agora eles podem anunciar: “Assistam a nossa programação, agora sob nova direção”. Claro que a programação vai continuar a mesma, com muito filme estrangeiro. Aliás, a diretoria recém caída da Tupi só conseguiu diminuir o mercado de trabalho do ator brasileiro. Tirou uma novela e não conseguiu meter outra no lugar. E por falar em falta de mercado de trabalho, a Bandeirantes, que há muito tempo ameaça fazer tele-teatro, parece que vai resolver seu problema comprando os tele[-]teatros já passados pela Tevê Cultura. Se isso for verdade, o Sindicato dos Atores ou dos Radialistas (são dois e ambos parados) deviam estrilar para os atores não serem mais uma vez lesados. Eles gravaram pro Canal 2 por um cachê miserável e, se for verdade esse negócio, vão ser exibidos em rede pelo Canal 13, que vai continuar sem atores contratados e ainda cumprindo a lei de programação ao vivo com os tapes velhos da Tevê Cultura. Ator tem medo de estrilar e ficar no desemprego. Mas, o Sindicato é justamente pra isso.

Quem sabe, deve falar sempre (Folha de S. Paulo – Edição de 12/3/1977. Página 32. Caderno Ilustrada)

“Da atividade intelectual sempre afloram formas vanguardistas que inicialmente foram combatidas e em seguida, após determinado espaço de tempo, adotadas por toda a sociedade. Desta maneira, a liberação de algumas formas de expressão, como o teatro, por exemplo, seria benéfica à sociedade, pois desses microlaboratórios sociais poderiam surgir experiências válidas e críticas aos próprios costumes. Estas exigiriam de cada um[a] análise introspectiva e por via de consequência, em muitos casos, a reavaliação da posição individual, muitas vezes carregadas de egoísmo”.

Quem disse isso aí foi o Senhor Cláudio Lembo, em entrevista que concedeu à revista Manchete. Esse senhor é o presidente da Arena de São Paulo e prestou uma grande homenagem ao teatro ao dizer essas coisas. Há muitos e muitos anos que gente do Governo, da política e do próprio teatro só abrem a boca para falar de subvenção, e superficialmente, da Censura. O Senhor Cláudio Lembo coloca a coisa sensatamente, dando peso e importância para as necessidades intelectuais livres. Quando um homem público pensa dessa forma generosa e grandiosa, a gente começa a ter esperanças de ver o sol raiar.

Boxe

Nos meios do boxe brasileiro, a grande maioria acha que o Servílio não poderia lutar com essa lesão no olho. Afirmam que em nenhum lugar do mundo ele lutaria nesse estado. Mas, com lesão no olho e tudo, ele disputa o título brasileiro. Depois, não sabem por que o boxe não vai pra frente.

Natação

Para você aí que só pega a pior, para você que come bagulho catado no chão da feira, para você que só berra da geral sem nunca influir no resultado, para você que mora na beira dos riachos, e quase se afoga toda vez que chove, hoje temos uma boa notícia. O Prefeito da cidade pensou seriamente nos problemas das enchentes e na aflição do povo e resolveu, através de sua secretaria de Esportes, através da própria secretaria de Esportes, porque todas as secretarias da prefeitura são meio esportivas, mas deixa isso de lado, o que quero contar e o que pesa na balança é que o Prefeito, preocupado com a população ameaçada de afogamento toda vez que chove, resolveu tomar providências. Claro que não mandou aumentar as vias de escoamento das águas da cidade. Faria isso se suas secretarias não fossem tão esportivas. O prefeito resolveu incrementar a natação, e já marcou o “1º passeio a nado da cidade de São Paulo”. Se fizer sol, o passeio será na raia olímpica da cidade universitária: se chover, será em qualquer lugar da cidade.

Propaganda

Cada dia fica mais ridícula a propaganda feita na televisão e com artistas de novelas. Está certo que artista brasileiro no Brasil, com mercado de trabalho ocupado pela importação de cultura de consumo anda se agarrando em fio desencapado pra poder aguentar o repuxo da maré brava. Porém (e sempre tem um porém), nem por isso o artista deveria se omitir se permitir ganhar dinheiro como boneco de engonço, anunciando produtos que não conhece, recomendando a seu público a compra de bagulhos e dizendo coisas que não sabe o que significa. Isso é muito triste de se ver. Porque o artista é uma reserva moral do País e não pode se sujeitar a ser apenas um agente do consumo.

Futebol, ora falta seriedade (Folha de S. Paulo – Edição de 14/3/1977. Página 24. Caderno Ilustrada)

Os publicitários ficaram meio assanhados com o salvamento das pombas e já começaram a incrementar salvamento de tudo que anda caindo pelas tabelas. A publusian Propaganda nos manda um prospecto que é uma graça. Com título “Coalhada no Lugar de Paulo César”, eles atacaram um pedido pra todos que berram da geral sem nunca influir no resultado se ufunarem da Seleção Brasileira. Sintam só o aroma da perpétua:

“Você tem todo o direito de pensar que o Cláudio Coutinho é uma besta quadrada. Que ele entende de futebol que nem você entende de astrofísica. Que ele fez besteira de cara dispensando aquele ou convocando o outro. Que a seleção ficou muito mais carioca do que brasileira. Etc, etc.”

Mas veja bem uma coisa: você está sendo um desses bairristas piegas e vestuto. Ou pior ainda. Está sendo são-paulino, palmeirense, corintiano, santista, portuguesa, quinze de novembro, Juventus. Só está. Um fanático sem esportividade.

Principalmente quando começa a fazer brincadeiras com algo tão sério quanto o futebol brasileiro, sugerindo que cobras de papo tomem o lugar de craques de bola. Você não pode brincar com o coração de 100 milhões de pessoas. Gente

que chora, que sofre, que ri, que xinga, vibra no estádio ou do lado de um rádio e na frente de um televisor.

Gente que só quer a vitória como recompensa. Ou pelo menos ver fibra, garra e empenho em cada um dos que estão em campo. Que quer ver espírito de luta, disputa, troca de passes, dribles, futebol de raça. Suor e amor pela camisa.

Gente que torce, briga e dá murros na mesa em cada gol desperdiçado. Gente que passa 90 minutos entre o inferno e o paraíso e que fica com o grito de gol engasgado na garganta tantas vezes. Com a esperança de que o próximo seja melhor.

Mesmo que você ache que tudo está errado, confie na Seleção. Prestígie os jogos. Torça, vibre. É o único jeito da gente vingar 74. De trazer o caneco.

A gente não pensa que o Cláudio Coutinho seja uma besta quadrada. O que a gente pensa é que ele é apenas um preparador físico e que não tem lastro pra ser técnico da Seleção. A Seleção só não ficou totalmente carioca porque eles não têm jogadores para algumas posições. E o que a gente reclama das dispensas é da forma como Waldir Perez, Vladimir, Givanildo, Paulo Isidoro, profissionais honestos, foram desligados da Seleção. Respeito humano precisa existir em qualquer lugar e em qualquer ocasião. Bairristas são os cartolas da C. B. D., que se recusam a mudar a sede da entidade pra Brasília, não saem do Rio de Janeiro nem por decreto. O futebol brasileiro não é sério. Se fosse, não era dirigido por tanto cartola politiqueiro. Quem não pode brincar com o coração de 110 milhões de pessoas é a C. B. D.

E pra arrematar, a gente confia na Seleção Colombiana e na Paraguai. Elas vão fazer seu papel na fita, vão perder fácil, porque jogam uma bola tão miúda e têm tantos cabeçotes de bagre que não ganhariam a vaga do Brasil nunca.

Porém (e sempre tem um porém), não são prospectos, panfletos e papo furado que salvarão o futebol brasileiro. O futebol brasileiro só será salvo com uma reforma geral, já que tem uma estrutura podre. E a gente não tem que vingar nada. Tem é que reformular. Vivam as pombas!

Rádio, lazer e pobres universitárias (Folha de S. Paulo – Edição de 15/3/1977. Página 42. (Caderno Ilustrada)

A melhor forma de a gente ficar sem saber o que está acontecendo numa partida de futebol realizada no Paraguai, por exemplo, é escutar as transições radiofônicas. Os nossos locutores esportivos se entusiasмам muito e informam pouco. Ligar rádio pra saber resultado no meio de uma partida é um perereco. Eles demoram às baldas pra dar o resultado. Acho que é porque eles sabem que a maioria dos seus amigos ouvintes só liga o rádio pra saber como anda o placar e assim que sabe, desliga. Pra saber que o gol foi contra, então, tive que escutar muito papo furado. Outro negócio que não dá mais pra engolir é esse parangolé de tratarem jogador de futebol como herói só porque ganharam uma partida no Paraguai. Primeiramente, a Seleção Brasileira foi a única dessa chave que ficou um tempão concentrada, tratada [a] filé minhon e a leite tipo A. A Seleção da Colômbia e a do Paraguai foram juntadas a laço no melhor estilo timeco de esquina e os cracões deles têm nomes bastante significativos: Caicedo, Paniagua. Ganhou o Brasil e tudo

certo. Surpresa seria não ganhar, e maior surpresa será se não golear o Paraguai no segundo jogo aqui no Brasil.

Lazer

O que se matou de gente e o que houve de assalto aqui em São Paulo nesse fim de semana é coisa de assombrar até gente de patuá forte. Mas, em cidade sem lazer, acontece mesmo dos seus moradores virarem bicho. Agora, tem um detalhe entre o que é lazer pro povo e o que é lazer pra Prefeitura. Lazer pro povo é poder participar de alguma atividade relaxante em comunidade, participar descontraidamente entre pessoas amigas e tal e coisa e coisa e lousa. E lazer pra Prefeitura é ou o povão assistir a competições ou espetáculos, ou então entrar em pagodes do tipo bailão no Anhembi pra sessenta mil pessoas à pé, de bicicleta, ou nado, pra cem mil pessoas e outras bossas que são puro engodo. São Paulo é uma cidade sem lazer e é isso que resulta em tantos crimes, assaltos e outras barbaridades de fim de semana. Sabe como é que é. O pessoal, sem ter o que fazer, fica enchendo o tanque de cachaça ou a moringa de fumaça e aí, cheios de ideias de jerico, aprontam barbaridades.

Universitárias

A Casa das Universitárias na Rua Artur Prado está pra acabar. Querem despejar as meninas pra construírem no local um edifício de apartamentos. Claro está que a Casa da Artur Prado é pequena pra abrigar os universitários todos que precisam vir pra São Paulo pra estudar. Moram lá aproximadamente umas trinta moças. Mas, era a hora do Ministério da Educação e Cultura comprar o prédio com capacidade pra abrigar pelo menos umas quinhentas universitárias. Mas, pra isso o MEC não tem dinheiro. Dinheiro, o MEC tem pra comprar o pequenino Teatro de Arena por uma fortuna. A gente vê essas coisas e começa logo a pensar que o MEC não quer é o estudante perto do povo. Isto é, quanto mais distante do centro da cidade estiverem os universitários, mais mal informados sobre o povo e seus reais problemas eles serão. Já um teatrinho pra cento e trinta, cento e quarenta pessoas, fazendo espetáculos elitistas, só servirá pra alienar mais as pessoas. Então, pra comprar o teatrinho, há dinheiro. Pra Casa da Universitária, não.

A arte popular pede passagem (Folha de S. Paulo – Edição de 16/3/1977. Página 38. (Caderno Ilustrada)

Uma nova esperança de que a cultura popular brasileira, tão esmagada pela importação de cultura de consumo, comece finalmente a ser preservada surge em Campinas. O prefeito da bela cidade, Seu Chico Amaral, colocou à frente da Secretaria de Cultura seu próprio vice-prefeito, o Senhor José Roberto Magalhães Teixeira e esse, que não é bobo nem nada, não vacilou em ir buscar apoio junto ao pessoal da Unicamp. Conseguiu logo de saída o concurso do experiente Zé Luís Nunes para o cargo de diretor de assuntos culturais.

O Zé Luís, que já havia servido na mesma função ao prefeito Colassuono e depois ao Secretário de Cultura do Estado Mindlin e que, por esses e outras, conhecia bem as manhas da intelectualidade e sua ganância em avançar nos cofres

públicos, foi logo cortando as asas de empresários e intrujões que apareceram por lá. Eles sabem como essa curriola tomou dinheiro grosso da Prefeitura de Campinas nas gestões passadas.

Mas deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que o Zé Roberto e o Zé Luís resolveram, sem deixar de incentivar a ida de bons espetáculos a Campinas, incrementar a arte local. (Quando eu digo incrementar, quero dizer incrementar mesmo e não paternalizar). Botaram para funcionar o Centro de Convivência Cultural, com orquestra sinfônica, grupos de teatro amador, mostras de arte visual, e tudo isso, desde os ensaios até o espetáculo, é aberto ao povo. O Centro fica num prédio projetado pelo arquiteto Fabio Penteado, que é uma maravilha. Por fora, é um teatrão de arena para mais de cinco mil pessoas. E embaixo dessa arenona, há uma rua circular, onde estão localizados outro teatro, bar, restaurante, museu de imagem e som e galerias. A estudantada já está fazendo do Centro de Convivência Cultural o seu ponto de encontro. E estão descobrindo aos poucos o Centro, uma vez que não houve lançamento badalativo, nem nada. E até aí, tudo bem. Porém (e sempre tem um porém), o melhor de tudo nos planos do Zé Roberto e Zé Luís é a parte de preservação da cultura popular.

Um grupo de professores da Unicamp fez um levantamento das manifestações folclóricas da região de Campinas e a Secretaria de Cultura, com muito cuidado para não bagunçá-las, vai incentivá-las, criando espaço para que todas elas possam ficar cada vez mais vivas.

Por enquanto, tudo está em ideia, mas também tudo indica que esse plano será levado avante e bem rapidamente. E nós ficamos torcendo para que dê certo. Parabéns ao prefeito de Campinas Chico Amaral, que soube escolher gente certa para uma secretaria tão importante.

Arte brasileira

A Noely Nazareth Marques Ramos é uma moça de muito valor, que há muitos anos anda pelo Brasil recolhendo peças artísticas feitas pelo nosso povão. Ela faz isso na ânsia de preservar esse tesouro cultural do nosso povo, que mexe e vira é bagunçado, avacalhado, imitado, deturpado e roubado. Agora, a Noely já tem mais de 150 peças e vai expor todas elas no Clube Atlético Paulistano, do dia 16 ao dia 22 do mês corrente. A entrada é franca e quem chegar no pedaço vai poder ver: estandartes de Catolé, esculturas de Tracunhaem, cerâmicas de Caruaru, talhas de Olinda, trabalhos em madeira da Ilha de Itamaracá e um monte de coisas. Dias 16, às 20:30 horas, na inauguração, estaremos lá, que vale a pena.

Malditos escritores

Essa semana deve ser o lançamento do livro “Malditos Escritores”, que é uma antologia de autores que já sofreram na mão da censura mais do que mãe de porco espinho na hora do parto. O time que está nessa é gente fina: João Antônio, Tânia Faillace, Chico Buarque, Wandor Piroli, Aguinaldo Silva, Marcio Souza, Marcos Rey, Antônio Torres e esse vosso criado.

De volta aos gladiadores do futebol (Folha de S. Paulo – Edição de 17/3/1977. Página 38. (Caderno Ilustrada)

Recebi essa carta do Esporte Clube XV de Novembro de Piracicaba, assinada pelo Senhor Luiz de Francisco, Secretário Executivo, por ordem do Senhor Presidente Ripoli:

“Os senhores jornalistas estão como todos nós, sujeitos a enganos e erros. Na profissão de V. Sa., enganos e erros assumem maior gravidade por ter sobre os ombros a grave responsabilidade de concorrer na formação da pública opinião.

Sem nenhum outro comentário, pedimos-lhe permissão para prestar-lhe alguns esclarecimentos. De decisão, só de V.Sa., é óbvio, o de retificar ou não, ficará o seu auto julgamento: sou ou não um jornalista, um homem honesto.

O ser humano é capaz, quando capaz, de criar em torno de si a imagem que lhe interessa. Enganar, falsear, é facilímo para os de má formação, mas nem estes escapam de um veredito irrecorrível – o da sua consciência.

Infeliz do homem que aos próprios olhos é condenado pelo seu procedimento.

Permita-nos dizer-lhe que minha ética se baseia na moral científica. Pratico uma única oração: que cada ato de minha vida seja um ato de justiça.

Sou homem sem camisa, por ser integralmente feliz, seguindo este princípio. Ele me faz forte. Não sou valentão, mas vivo desafiando um dos quatro gigantes da alma – medo, o qual ignoro.

Anexo, alguns documentos. Quantos aos ordenados, informamos-lhe que nossos atletas recebem 5.000[0] cruzeiros mensais, no dia 1º de cada mês. Não ofereço mais, porque não teria com que cumprir o dever da pontualidade. Se dou prêmios elevados, o total das rendas geradas pelos jogos, é porque são os atletas em caminhadas virtuosas, que as geram. Compare os informes seguros com o seu artigo: gladiador ou jogador de futebol.”

Os documentos que os senhores me mandam são recortes de jornais e cópia de um telegrama, tudo coisa que se refere ao jogo São Bento e XV de Novembro, em Sorocaba, onde se deram fatos lamentáveis. Mas, mesmo nesses documentos, um deles descreve que a primeira pessoa a invadir o campo foi o Senhor Ripoli. Mas, vamos deixar esse jogo com o São Bento e vamos ao fato de eu haver afirmado que o XV de Novembro paga CR\$ 2.000,00 por mês e que o senhor afirma que é CR\$ 5.000,00. Tudo bem. Confio na sua informação. Mas, quero lhe dizer que quem me informou que seus jogadores ganhavam CR\$ 2.000,00 foi gente ligada ao XV de Novembro (vou preservar a fonte, que é direito meu), quando visitei seu clube em um dia de treino. Essa mesma fonte nos informou da filosofia do Senhor Ripoli para fazer jogador correr. Era pagar salário pequeno e prêmio por vitória elevado. E isso eu acho imoral. E mesmo que o XV de Novembro pague ordenado de CR\$ 5.000,00 por mês, dar um prêmio de CR\$ 10.000,00 por uma vitória contra a Ferroviária (isso foi noticiado pela imprensa e não foi desmentido), no meu entendimento é dopar com dinheiro os jogadores. Agora veja: o senhor afirma que paga salário de CR\$ 5.000,00 para os seus jogadores e paga só isso porque não pode pagar mais. E vamos supor que isso seja o salário único do elenco, que deve ter uns dezoito profissionais. No dia em que fui aí, era treino coletivo e só estava saindo um bate-bola, não havia vinte e dois em campo. Mas, que sejam 22 profissionais, a CR\$ 5.000,00, a folha é de CR\$ 110.000,00 por mês. E prêmio de CR\$ 10.000,00 num jogo com a Ferroviária pra onde jogadores dá exatamente CR\$

110,000.00. Isso sem contar um premiozinho pra quem fica no banco. Logo, um time que dá prêmio por um jogo a mesma quantia de folha de pagamento é porque não quer pagar mais por mês, porque segue justamente a filosofia do Senhor Ripoli de transformar os jogadores em gladiadores, dopando-os com dinheiro. Numa única partida ganha, o jogador fatura o equivalente a dois meses de salário. E isso nos permite pensar que ele em campo vá um pouco além da conta, na ânsia de ganhar uma partida e faturar grana tão sonora.

A pessoa que me deu esse tipo de informação me deu também outras, que não cabem no momento. Mas, eu quero afirmar que essa ideia do Senhor Ripoli está se alastrando pelo interior e muito cartolinha acha que o Senhor Ripoli está certo e que jogador é vagabundo, que se ganhar bem não vai correr em campo. Por isso, pensam em usar o mesmo amoral sistema e isso me assombra. Jogador, mesmo o profissional, não é gladiador. E se o sindicato do atleta profissional não fosse tão omissivo, já terá tomado providências.

Quanto a lutar pra moralizar a F. P. F., me parece que não é bem a causa do Senhor Ripoli. Como ele mesmo declarou em Araraquara, ele quer ser o presidente da F. P. F. e isso não quer dizer que as coisas melhorem no futebol. Aliás, o atual presidente Senhor Metedieri, subiu ao posto após uma das mais vergonhosas campanhas políticas do futebol paulista, na qual o Senhor Ripoli era vedete, sem nunca se ter certeza do lado em que ele estava.

Samba, um campeonato absurdo (Folha de S. Paulo – Edição de 18/3/1977. Página 32. (Caderno Ilustrada)

Abro os jornas e logo uma notícia sobre escolas de samba me deixa de patuá entortado. O Secretário de Turismo e Fomento da Prefeitura teve a infeliz ideia de promover o campeonato nacional de escolas de samba. Essa ideia é tão fora de propósito que nos faz crer que não foi o Senhor Secretário sozinho que pensou nisso. Ele deve ter tido pelo menos uns cinco ou seis assessores ajudando-o a ter esta infeliz ideia.

Turismo em São Paulo

Está na hora do Prefeito se tocar de uma vez por todas que turismo em São Paulo é incrementado por feira de couro e salão de automóvel. Escola de samba tem que ser lazer para o povão que mais trabalha no planeta, ou então um meio de preservação das manifestações espontâneas. Quem deve cuidar de escola de samba não é a Secretaria de Turismo e, sim, a Secretaria de Cultura.

Só faz vergonha

Cada vez que a Secretaria de Turismo resolve fazer zoeira com samba, na vã esperança de encher hoteleco, os sambistas da Paulicéia passam a maior vergonha. Logo o pessoal do Rio de Janeiro começa a dizer que bloco de paulista é bloco de concreto armado e cordão de paulista é cordão de isolamento.

Sambista não é cavalo de corrida pra ficar a toda hora vendo quem chega em primeiro lugar.

Ganha o brilhareco

Naturalmente, o Senhor Secretário de Turismo vai ter que gastar uma sonora grana pra trazer a Beija Flor de Nilópolis pra disputar o campeonato nacional de escolas de samba. Essa escola é bi-campeã do carnaval carioca. Só que essa escola há dois anos ganha carnaval sem ter o melhor samba-enredo, sem ter o melhor porta-bandeira e sem ter a melhor bateria. O que dá ponto pra Beija Flor é todo o brilhareco que dispensa a arte do sambista e pode ser comprado com dinheiro. No caso da Beija Flor, bochicham nas quebradas do mundaréu que o brilhareco é comprado com a grana dos bicheiros de Nilópolis.

Lazer

Mais uma vez a Prefeitura, que não é de fazer cerimônia com os cidadãos contribuintes, vai gastar uma sonora grana na vã esperança de descobrir uma fórmula mágica de encher hoteleco e esquecer o lazer do povão. Claro está que lazer não é empilhar o povão em prateleiras pra que ele assista a desfiles. Lazer é participação e nesses carnavais da Secretaria de Turismo o povão só participa na hora em que a polícia baixa o cajado. E assim mesmo, participa com o lombo.

A vencedora

Desde já, sejam quais forem os intelectuais elitistas escolhidos para a comissão julgadora, já se sabe que ganha a Beija Flor de Nilópolis. Seria ridículo demais não ganhar uma escola do Rio de Janeiro. Ninguém ia acreditar no resultado se piasse nas cabeceiras a Camisa Verde e Branco da Barra Funda.

O carnaval de São Paulo, que é uma das poucas festas populares que a Prefeitura se vê obrigada por lei a realizar, está sendo liquidado justamente porque a Prefeitura é que o realiza.

Cadê o samba?

Enquanto a Secretaria de Turismo e Fomento fica tendo essas absurdas ideias de campeonato nacional de escola de samba, o compositor, o sambista vai se afastando das escolas. Ele perde o estímulo. A maioria das escolas de samba de São Paulo não tem sambas de quadra pra garantir uma roda. O compositor das escolas de samba de São Paulo está deixando de ser artista pra ser fabricante de samba-enredo. E cada vez fabricam pior. O nível dos samba-enredos esse ano caiu muito e a tendência é cair mais. Porém (e sempre tem um porém), isso a Secretaria de Turismo acha que não compete a ela. O que compete a ela é encher hoteleco.

Respondendo à freguesia (Folha de S. Paulo – Edição de 19/3/1977. Página 32. (Caderno Ilustrada)

Podem crer, eu aprendi a me dirigir ao público nos palcos e picadeiros de circo. Muito cedo recebi vaias e aplausos. Mas, foi com essas e outras que aprendi a ter o público como termômetro. Por aprender isso, sempre costumo dialogar com o distinto público. No jornal, eu escrevo a coluna e os leitores me mandam cartas. Algumas contestando meus pontos de vista, outras me incentivando. E para incrementar esse tipo de relacionamento, única forma, no meu entendimento, de um

colunista se manter ligado, saber como está indo o mundo, não perder o pé da realidade, aos sábados, sempre aos sábados, responderei as mais relevantes e acusarei o recebimento de outras. Sabe como é, eu preciso dessas cartas. Ao mesmo tempo, sei que as que me elogiam vem pra mim e as que me esculacham vão pro chefe. Porém (e sempre tem um porém), nunca neguei meu espaço pra quem porventura quis se defender de uma crítica minha que considerou injusta. Esta semana fiz isso para o XV de Novembro de Piracicaba e hoje faço pro pessoal da Publisian Propaganda:

“A gente leu a sua coluna de ontem. Leu e respeita a letra. Mas tem uns trocinhos que a gente tem vontade de deixar mais claro. Pra começar, toda bronca foi justamente com as dispensas do Vladimir, do Givanildo, do Waldir Perez, do Paulo Isidoro e a “renúncia” do Brandão. Ainda mais do jeito que foi. E verberou nas entrelinhas. Principalmente falando bairrismo, que não deveria existir na Paulicéia – e que não existe. A gente falava em São Paulo dando a entender o foco desse bairrismo. Do Cláudio Coutinho, a gente falou o que a gente ouviu nas quebradas do mundaréu. E pelo contrário do que você escreveu, a gente acha que é a galera quem influi, e muito, no resultado. Esbravejou justamente no nome dessa gente, a partir do jogo na Colômbia. Pra mexer com o brio dos homens da Seleção e pedir um futebol de raça. Um futebol como é importante pra gente. Um futebol como está no sangue do povo. Que é marca registrada por um tri (?)-campeonato, por um passado de glórias, e de craques com fome de bola. Um futebol que dava no couro. Bom, mas o importante foi que o reprint do anúncio que você recebeu, e cutuca na sua coluna, propõe alguma coisa que muita gente pensa e não tem coragem de falar: o deixa pra lá da guerrinha São Paulo-Rio, que só influi pra Seleção dar vexame. Que a Câmara Municipal de São Paulo viu e bateu palmas, na 14ª Sessão Ordinária, dia 8 de março e transcreveu no Diário Oficial de 11 deste mês (pág. 68). Um abraço.”

Resposta

Compadres, se os geraldinos ganhassem jogo, o Corinthians não estava há vinte e três anos comendo capim amargo pela raiz. A história da Seleção nada tem a ver com a torcida. Tudo se resolve nos tapetões. Pena que o Brandão tenha se fechado em copas, pena que quem sabe, mas sabe mesmo, sabe por ter vivido, não fale, uns por terem o rabo preso e outros por medo de ficarem queimados pra sempre no futebol.

Gente fina

Quero agradecer aos amigos Décio Russo, Rua Parintins, 30; ao Mário Franco, Av. Brig. Faria Lima, 928, pelos incentivos, e a todos os que mandaram convites e folhetos de propaganda. Quero sobretudo agradecer aos senhores escritores (sete ou oito), que me mandaram livros, mas desde já quero lhes deixar bem claro que está longe de mim a pretensão de criticar literatura ou outra arte qualquer. Longe de mim mesmo. Mas, se não sou crítico de arte, também não sou noticiário. Sou apenas crítico de comportamento. De qualquer forma, os livros todos vão enriquecer minha biblioteca.

O suborno (Folha de S. Paulo – Edição de 20/3/1977. Página 3-4. (Caderno Folhetim)

Zero a zero, zero a zero, zero, zero a zero, aos trinta e cinco, aos quarenta, aos quarenta minutos da fase final, zero a zero aos quarenta minutos da fase final de um jogo decisão de título, decisão de título da segunda divisão, da maldita segunda divisão, zero a zero, zero a zero, zero a zero, zero a zero aos quarenta minutos, cinco pra acabar e a bola rolando, rolando, rolando e atrás dela músculos, nervos, sangue de vinte e dois homens, de vinte e dois homens desesperados, jogando o jogo da vida ou da morte, vinte e dois homens desesperados, jogando o jogo da vida ou da morte, vinte e dois homens rolando suas vidas atrás da bola, da bola miúda da segunda divisão, da segunda divisão do futebol do absurdo, vinte e dois absurdos profissionais dançam uma estranha dança que milhares de olhos seguem atentamente a cada lance, a cada lance, a cada lance.

Mas, só veem o que parece, o lance. Os socos, os pontapés, as cotoveladas, as escarradas, as escarradas que se dão uns na cara dos outros e os socos e os pontapés e as cotoveladas que se dão uns nos outros ninguém vê, ou finge não ver. A bola, a bola, a bola miúda dos tristes boleiros da maldita segunda divisão rola, rola, rola e os vinte e dois têm que fazê-la rolar, rolar, rolar e eles vão atrás, dela, com fúria, com fúria, com fúria, uns no começo da carreira desesperados pra escaparem da maldita segunda divisão do maldito futebol do absurdo, e outros desesperados, já com as pernas pesadas, injetadas de estimulantes, lutando agoniadamente pra não acabarem, não acabarem de vez na maldita segunda divisão do maldito futebol do absurdo. E todos os vinte e dois, vinte e dois jogadores jogando a vida e a morte, rolando seus desesperos e esperanças atrás da bola miúda, da miúda bola da segunda divisão, da decisão do título da maldita segunda divisão. Zero a zero, zero a zero, zero a zero. Trinta, trinta e cinco, quarenta minutos. Quarenta minutos da fase final, faltando apenas cinco minutos para o jogo acabar. Apenas cinco. E o juiz apita, apita, apita. Tem um jogador caído na área do adversário. O juiz apita, apita, apita pênalti. Zero a zero aos quarenta minutos da fase final do jogo decisivo do campeonato da segunda divisão do campeonato da segunda divisão, da maldita segunda divisão do futebol do absurdo. O juiz apita, apita, apita. Pênalti.

Pênalti, pênalti, pênalti. Tiro livre direto de pequena distância, penalidade máxima. Pênalti, pênalti. O juiz apitou, apitou, apitou e correu pra área apontando a marca do pênalti. Pênalti aos quarenta minutos da fase final de uma partida decisiva. Pênalti, pênalti. Pênalti. As torcidas berram aflitas, os jogadores correm pra cima do juiz, se empurram, se xingam, se xingam, se xingam. Pênalti. Pênalti. Pênalti. Aos quarenta minutos da fase final de um jogo de decisão do título, do título da maldita segunda divisão do futebol do absurdo. É ele, ele, o veterano em fim de carreira, ele que teve tantas glórias, ele que tem muita experiência, ele é que tem que cobrar o pênalti. Um pênalti, um maldito pênalti, apitado por um juiz que ele sabe, ele que é veterano, ele que teve tantas glórias, ele que tem muita experiência sabe, sabe bem, sabe muito bem que o juiz apitou aquele maldito pênalti, apitou aos quarenta minutos finais de um jogo de decisão de título, apitou pênalti, pênalti, faltando cinco minutos para o fim do jogo porque estava pago, pago pra influir no resultado. Pago,

muito bem pago pra apitar o pênalti, só pago, muito bem pago, o juiz apitou, apitou, apitou o pênalti. Pênalti aos quarenta minutos da fase final de uma decisão de título. De título da segunda divisão, da maldita segunda divisão do futebol do absurdo, mas sempre uma decisão. Ele, logo ele, o veterano, o craque que teve tantas glórias, o craque que foi de seleção, que jogou na grande bola, que jogou nos grandes estádios, ele, o mais experiente do time é que ia ter que chutar. Logo ele é que ia ter que chutar o pênalti aos quarenta minutos finais de um jogo de decisão de título, a cinco minutos do final do jogo decisão de título da segunda divisão, da maldita segunda divisão do futebol do absurdo, pênalti. E ele tinha que chutar. Ele, o veterano, o craque que teve tantas glórias, ele, o mais experiente do time.

Logo ele, que não conseguiu dormir na noite da véspera do jogo decisão, logo ele, que rolou na cama como um principiante assustado, logo ele, que perdeu a fome, logo ele, que pensou em se fingir de machucado pra não jogar, logo ele, logo ele, o veterano, o craque que teve tantas glórias, o mais experiente do time, é que ia ter que chutar o pênalti, o pênalti, o maldito pênalti apitado aos quarenta minutos finais de um jogo de decisão de título, apitado por um maldito juiz vendido, sujo como porco, um bebedor de suor, chupador de sangue. E ele é que tinha que chutar o pênalti. O maldito pênalti. Ele, ele, ninguém além dele poderia naquele time bater aquele pênalti, ele o veterano, ele o craque que teve tantas glórias, ele o mais experiente. Ele, que por ser já um veterano, ele, justamente ele, que por ser o mais experiente, recebeu dinheiro, muito dinheiro, dinheiro pra não marcar nem aquele gol, nem nenhum outro gol naquele jogo, naquele maldito jogo da decisão de título da maldita segunda divisão do maldito futebol do absurdo.

Quando o repelente abutre imaginador de repelências o procurou com dinheiro, com o dinheiro, com o maldito dinheiro para suborná-lo, ele teve ódio, muito ódio, um ódio terrível do repelente abutre imaginador de repelências. Sentiu vontade de esganar aquele maldito subornador, sentiu vontade de lhe arrancar a língua, sentiu vontade de fazer o repelente abutre imaginador de repelências engolir cada uma das malditas notas do dinheiro do maldito suborno. Mas vacilou, pensou, pensou, pensou, se devia escutar o repelente abutre [e] expor a repelência, pegar o dinheiro e entregar pro seu clube. E enquanto ele pensava, pensava, pensava, continha o ódio, continha, e o repelente abutre falava, falava, falava, mansamente, como quem não quer ganhar, pacientemente, como quem não quer perder.

– Seu nome, seu grande nome, seu retrato no jornal, sua bola, a sua grande bola acabou, você acabou, acabou, acabou, todos que rodam nas voltas da bola, mesmo nas voltas da grande bola, na grande bola dos grandes craques, você acabou, acabou, acabou nessa triste bola miúda de segunda divisão, você usou as multicoloridas camisas vermelhas, vermelhas, vermelhas, as amarelas, as verdes, as pretas, as brancas, as vermelhas, as vermelhas, usou todas elas, as multicoloridas camisas dos grandes clubes, mas onde estão elas? Descoraram e resta essa bola miúda da segunda divisão. Seu nome, seu grande nome, seu retrato no jornal, sua bola grande, tudo, tudo, tudo, reduzido e essa bola miúda da segunda divisão. E as pernas, suas pernas, as suas pernas? Como estão suas pernas? Comidas pela bola, com os ossos, os nervos, os músculos estilhaçados, assim estão suas pernas. E só resta para essas suas pernas esgotadas essa bola miúda da segunda divisão. E até quando resta? Até quando? E o que você tem de seu? Está

rico? Pode parar de correr atrás da bola miúda? Eu te dou dinheiro. Dinheiro. Dinheiro. Dinheiro. Dinheiro.

Zero a zero, zero a zero, zero a zero, aos trinta, trinta e cinco, quarenta minutos da fase final de um jogo de decisão de título do maldito título, do maldito campeonato, da maldita segunda divisão, do maldito futebol do absurdo, aos quarenta minutos da fase final, e o maldito juiz, um juiz sujo como um porco, um bebedor de suor, um chupador de sangue, um juiz pago pelo repelente abutre imaginador de repelências, apita, apita, apita um pênalti, pênalti, pênalti que ele tem que cobrar, ele, justo ele, ele o veterano, ele que tece tantas glórias, ele o mais experiente, ele, justo ele, que pegou dinheiro pra não fazer nem aquele, nem nenhum gol naquele jogo. Maldito pênalti, maldito juiz, maldito jogo. Até ali, tinha sido fácil, fácil de enganar técnico, diretores, companheiros, torcida. Até os quarenta minutos finais daquele jogo, ele, ele enganou, não precisou de muito pra enganar, na verdade ele enganava também o repelente abutre imaginador de repelências. Enganava a todos, a todos, a todos. Correr há muito não corria, lançar certo há muito não lançava, enervar os meninos há muito ele já fazia, reclamando de todos pra esconder seus erros, nas divididas já há muito não ia. E era isso que o repelente abutre imaginador de repelências queria que ele fizesse, pagava pra ele fazer e era o que ele há muito tempo vinha fazendo. Mas o pênalti, o maldito pênalti, o maldito pênalti apitado pelo maldito juiz aos quarenta minutos da fase final do jogo decisivo do título, do maldito campeonato da segunda divisão, da maldita segunda divisão, do maldito futebol do absurdo, o pênalti, o pênalti, o pênalti era ele, ele o veterano, o craque de tantas glórias, o mais experiente do time, ele é que tinha que chutar.

Zero a zero, zero a zero, zero a zero. Aos quarenta minutos da fase final do jogo decisivo do campeonato da segunda divisão do futebol do absurdo, o juiz, um maldito juiz, sujo como um porco, bebedor de suor, chupador de sangue, coloca a bola, a bola, a bola na marca do pênalti, da penalidade máxima, e ele, ele o veterano, o craque de tantas glórias, o mais experiente do time, se coloca pra chutar. Ele que recebeu dinheiro, dinheiro, dinheiro pra não marcar nem aquele, nem nenhum gol. Ele olha a bola, a bola miúda da segunda divisão, a bola que pra ele já foi a grande bola de craque, a bola dos grandes estádios, a bola dos grandes contratos, a bola da seleção, e agora está ali miúda, miudinha, rolando quadrada, quente, a esmo e ele olha a bola, a bola, a bola e a trave, a trave, a trave, a meta, a meta, e embaixo da trave o goleiro, o goleiro pálido de espanto, atrás do goleiro o alambrado, a torcida pálida de espanto, e entre a torcida o repelente abutre imaginador de repelências com seu enorme nariz comprido, com seus olhos sem luz e sem brilho encravados nas amarelas e macilentas carnes de sua cara inexpressiva, com sua boca rasgada onde nunca aflora um sorriso. E ele vê, vê, vê tudo e espera a hora de chutar. O silêncio desce pesadamente sobre o campinho de segunda divisão, as aflições se sufocam na garganta. Ele ganhou dinheiro pra não marcar aquele gol. Ele, ele, ele... ele pensa... vê e revê toda sua vida... Toda sua vida... vida rolada atrás da bola... rolada atrás de títulos... Ele... ele... ele... atrás dele os adversário xingando, rogando praga, tentando enervá-lo, os companheiros sem querer olhar, ao seu lado o juiz, sujo como um porco na sua frente a bola, o goleiro, a trave, o alambrado, a torcida e o repelente abutre imaginador de repelências. Ele

decide. Vai marcar, vai marcar, vai marcar, acaba a carreira com um título, um título de segunda divisão, mas um título.

Zero a zero, zero a zero, zero a zero, aos quarenta minutos finais, pênalti. O juiz apita, ele vai para a bola, bate nela com toda força, fecha os olhos, ouve o berreiro, o berreiro, o berreiro da torcida, vaias, vaias, vaias, ele abre os olhos. Os adversários se abraçam, ele errou. Seus companheiros choram, ele errou. Mas não queria errar. Não queria. Ele chora. Chora. Chora. Chora.

Zero a zero, zero a zero, zero a zero, acabou o jogo da decisão do título da maldita segunda divisão do maldito futebol do absurdo. No frio, escuro, bolorento vestiário, ele, ele o veterano, o craque que já teve tantas glórias, o mais experiente do time, chora, e ninguém o consola, ninguém. Mas o repelente abutre imaginador de releências [sic] se aproxima e fala, fala, fala, mansamente como quem não tem nada a ganhar, pacientemente como quem não tem nada a perder.

– Você chora, chora, chora como um artista. Te vendo chorar assim até eu, até eu, chego a pensar que você errou sem querer.

Em rio de piranha, macaco bebe água de canudinho (Folha de S. Paulo – Edição de 21/3/1977. Página 26. (Caderno Ilustrada)

Ontem a Prefeitura de São Paulo começou a se preparar contra as enchentes, que cada vez que garoa, acontecem em nossa cidade. A Prefeitura, através da Secretaria de Esportes, deu início a um pano que incrementa a natação, na vã esperança de que, quando chover e os córregos transbordarem, os cidadãos contribuintes não se afoguem nos bueiros abandonados, como sempre acontece nessas ocasiões. Ninguém que foi no 1º Passeio a Nado de São Paulo vai se afogar nas enchentes.

Esportividade

Passeando a nado, as pessoas esquecem os problemas de tubulação. Eu, não. Sabe como é que é. Em rio que tem piranha, macaco, que é dezessete, bebe água de canudinho. E justamente por causa desse passeio a nado, comecei a matutar sobre o problema de tubulação. Pensei no sério problema de escoamento das águas, no abastecimento de água e, como matutar puxa matutação, acabei matutando sobre o problema de esgoto de São Paulo. Somos aproximadamente dez milhões de habitantes. Ir nadar, não vão os dez milhões, é claro, mas naquele lugar solitário onde o mundo se acaba, onde até o covarde faz força, onde até o valente lê jornal, vão todos. E aí, sintam o aroma da perpétua: só temos trinta por cento de rede de esgotos nessa nossa cidade, mas o dez milhões de habitantes estão aí, comendo, comem nem que seja capim amargo pela raiz, e Dona Zezé, Dona Zizi, o que entrou tem que sair. E sai, sai na base de cem gramas por pessoa. Está certo que há os que têm prisão de ventre, mas pra compensar há os que têm diarreia, o que vai dar a média de cem gramas por pessoa. Porém (e sempre tem um porém), com apenas trinta por cento de rede de esgoto, a gente pergunta pra onde vai tudo isso que os dez milhões de habitantes fazem. São dez milhões de habitantes, a cem gramas cada um por dia, no fim do dia é um monte, no fim de semana, um morro, no fim de semana uma montanha, no fim do ano... Mas, deixa isso pra lá. O que quero

contar e o que pesa na balança é que é necessário com urgência arrumarem a rede de esgoto, a rede de escoamento das águas da chuva. Se não, a Prefeitura pode convidar a gente pra ir participar de passeio a nado e a gente ter que nadar nas águas barrentas.

Lazer

Apesar dos passeios que a Prefeitura de São Paulo mexe e vira promove, esta cidade, que tem o povão que mais trabalha do mundo, continua carente de lazer. Falta espaço para as manifestações espontâneas do povão. As praças esportivas municipais e tal e coisa e coisa e lousa são coisas boas, mas não resolvem o problema. Ninguém pode se descontraír numa pelada onde, pro cara se descontraír, tem que apresentar atestado de bons antecedentes, vacina e retratinho. É preciso que cada bairro tenha uma área livre pro povão se badalar livremente, sem estar regulado.

Campeonato de samba

O campeonato nacional de samba que a Prefeitura de São Paulo quer realizar é mais uma coisa que vai enganar o povão. Vai ser mais um espetáculo pra ser assistido. O povão lesado não vai participar. O povão participa é de passeio a nado em águas barrentas.

Time bom, só não sabe fazer gols (Folha de S. Paulo – Edição de 22/3/1977. Página 42. (Caderno Ilustrada)

A Seleção do Cláudio Coutinho não sabe fazer gol. Tá certo que ganhou de seis a um do combinado Vasco-Botafogo e de seis a zero contra a Colômbia. Mas esses timecos eram formados por cabeçotes de bagre. Contra o Paraguai, timeco que tiraria em sétimo ou oitavo no campeonato paulista, a Seleção de Cláudio Coutinho ganhou no campo deles com um gol contra, feito por um becão de fazenda afobado demais da conta, e empatou no Maracanã com um gol de pênalti. A única bola que eles acertaram no nosso gol entrou. O Leão fica levantando a mão, ninguém sabe por quê e aceita. Já o Marinho e o Carlos Alberto juntos são um mapa da mina. Sei que vão dizer que a Seleção do Coutinho jogou bonito. É verdade. Mas futebol é bola na rede e nem no Paraguai, com nove, os boleiros do Coutinho fizeram gol. Por muito menos, o técnico Brandão, Waldir Perez, Wladimir, Givanildo e Paulo Isidoro foram dispensados. Tá na hora da C. B. D. outra vez renovar. Tirar o preparador físico e os peladeiros da Seleção e convocar técnico do gabarito do Tim, que é o melhor do futebol brasileiro.

Disciplinador

O Tim, sem favor nenhum, é o melhor técnico do futebol brasileiro. Seus inimigos costumam dizer que ele não é um disciplinador. Técnico de futebol não é chefe de escoteiro pra ficar vendo que horas o jogador come, que horas o jogador dorme. Treineiro treina o time. Cartola, supervisor e gente desse tipo que se agrega aos clubes e à Seleção é que devem cuidar do resto.

Multa

Se os jogadores da Seleção iam ganhar bicho por vitória contra o Paraguai, devem ser multados pelo empate. Não é possível empatar com um timeco desses em pleno Maracanã. Principalmente se o timeco joga com nove durante metade do segundo tempo. Esse empate da Seleção foi feito. Um vexame. O timeco do Paraguai é só correria e a defesa só sabe baixar o cajado. O bastante pra deixar os cracões brasileiros todos nervosinhos e desnorteados.

Pra que treinar

Até agora não entendi por que a Seleção Brasileira concentrou tanto, treinou tanto, comeu tanto e fez tanta ginástica. As boas jogadas são sempre as individuais. Depois, eles vivem ficando doentinhos, qualquer pancada rolam pelo chão e abrem o bico. O Paraguai, que se tratou a leite de sapo com mingau de araruta, se juntou a laço, veio aí e endureceu. É muito mistério numa Seleção só.

Pra dar moral

O Marinho, que é o protótipo do peladeiro, só não sai da Seleção pro preparador físico Cláudio Coutinho ter com quem gritar. O Marinho Peladeiro é o tipo do jogador que não se afoba com bronca. Vai daí que todos dão esculacho nele. O treineiro da Seleção, pra mostrar trabalho durante os jogos, fica mandando recado e gritando com o Marinho. Coisa que não adianta, já que ele não obedece. No mais, o preparador físico Cláudio Coutinho não espia nada. Não conseguiu mexer no esquema do seu time contra o Paraguai. A turma ficou enfeitando no meio do campo e chutando de longe. E ele berrando com o Marinho Peladeiro.

Por que sumiu o bom humor do povo brasileiro? (Folha de S. Paulo – Edição de 23/3/1977. Página 38. (Caderno Ilustrada)

O povão brasileiro é pacífico. Aceita tudo com bom humor, melhor dizendo, aceitava tudo com bom humor. O humor do brasileiro está acabando, acabando muito depressa. Naturalmente, pensarão os caríssimos leitores: “Também, com a vida custando os olhos da cara, como é possível ter bom humor?” Mas, uma coisa não tem nada com a outra. Era nas ocasiões de maior crise econômica, política, social, que o humor do povo mais se manifestava, avacalhando a guerra, aliviando tensões com anedotas, marchinhas e sambinhas. O brasileiro era alegre. O brasileiro podia não ter o que comer, mas era alegre, ria e cantava. O brasileiro tinha bom humor porque tinha liberdade de expressão.

*

Mas, agora, onde anda o humor do povo? Sumiu. Temos crise social, econômica, política, coisas que sempre deram boas anedotas, mas não há anedotas. Crise social, econômica, política sempre deram samba. E cadê o samba? Nenhuma anedota, nenhum samba chega aos nossos ouvidos pra nos dizer que a situação está difícil, mas vai melhorar. Não temos samba, nem anedotas, porque não temos liberdade de expressão.

*

O teatro de revista, também conhecido por teatro rebolado, sempre fez sucesso no Brasil por causa das sátiras políticas, das anedotas sobre os governantes, pelos comentários sobre fatos do momento. Muita música satírica foi lançada no teatro de revista. Houve uma vez em que o genial Oscarito, que fazia uma imitação perfeita do Presidente Dutra, recebeu um pedido de um dos secretários do Governo pra manear, que a imitação estava muito perfeita. O Oscarito recebeu pedido. Não foi proibido e não atendeu ao pedido. Continuou com suas imitações e o Presidente Dutra não ficou menor por causa disso. Mas, depois começaram a proibir as anedotas, as sátiras, as caricaturas e o resultado é que o teatro rebolado começou a viver de mulher nua, mas mulher de tanga tem na praia e ninguém vai pagar entrada pra ver mulher nua no teatro. Então, o teatro apelou pra androginia e outras aberrações que fazem o regalo de gente frustrada, retancada [sic] e doente. Sem liberdade, o teatro rebolado ficou sério, doente e, se os artistas do povo ficaram sérios, doentes, o povo ficou sério, doente e se humor.

*

Digo tudo isso porque não escutei nenhuma boa piada, por exemplo, sobre a gasolina. E, sobre a gasolina, não há piada. Há medo de criar e tubular? No entanto, no tempo da guerra, um tempo triste, com falta de gasolina, todos os carangos com gasogênio e em cada boteco do Brasil risadas com muitas piadas sobre o assunto. Mas, naquele tempo, mal ou bem, havia humor, porque, aos trancos e barrancos, havia liberdade de expressão.

*

O brasileiro perdeu o humor porque está sem liberdade de expressão. Então, tem coisas que acontecem nessa cidade atualmente, que podem acontecer em qualquer lugar do mundo e que aconteceram em outras épocas, só que aqui no Brasil agora não recebem o registro do humor popular.

*

Por exemplo, a guerra da Prefeitura e polícia contra os ambulantes cegos e aleijados, na qual as autoridades baixaram o cajado sem a mínima cerimônia. Esse fato deixou pálido de espanto até nego de pouco se assombrar. Nesses casos, a arma de defesa do povo era a piada, a anedota desconcertante, o samba bem mandado contra os fiscais da Prefeitura e os policiais. Mas, não houve anedota, não houve samba. O povo brasileiro está ficando triste.

Agora, estamos no meio da “guerra da multa”. Numa fúria de entortar patuá de motorista, dos guardas de trânsito multam, multam e, se alguém chia, se alguém vai como jornalista cobrir o acontecimento, é agredido, preso. E nesses casos, a arma do motorista seria a piada, a anedota desconcertante e o samba bem mandado contra tanto abuso. Mas, cadê o humor do povo brasileiro? Sucumbiu por falta de liberdade de expressão.

Falta humor ou apenas sobra medo (Folha de S. Paulo – Edição de 24/3/1977. Página 44. (Caderno Ilustrada)

Já não se ri mais, ou melhor, não se vê mais aquele sorriso inteligente, manifestação de espírito, aquele riso que minimizava as crises, respondia agravos e até humanizava tiranos. Já não se canta o dia a dia. O compositor, poeta popular mais legítimo, por desencanto, por medo ou por falta de humor do homem comum, já não reporta nas suas toadas, sambas, marchas ou baiões a real situação. Os governantes já não têm seus nomes no anedotário do povo ou nos seus versos. Esse carinho os governantes não têm. E deveriam se lamentar por isso, porque triste, muito triste será um governante brasileiro que não tiver um monte de piadas sobre si. Todos tiveram, sempre tiveram. Os grandes políticos, os grandes artistas, os grandes jogadores de futebol sempre recebiam a consagração de serem personagens no anedotário popular. A Ruth Escobar uma vez ficou toda prosa ao escutar uma anedota sobre ela e me disse: “Agora tenho certeza de que o meu trabalho é importante. Eu já sou até piada”. Mas ela é uma mulher inteligente. Como inteligente era o Juscelino, que mandou liberar correndo a música do Juca Chaves “Vai voando, Nonô”, que inadvertidamente haviam proibido. Com isso, ele ficou amigo do artista e ganhou as simpatias gerais. Mas, não foi ele o primeiro a ser cantado. Seu Mé, o Sorriso do Baixinho e tantas e tantas outras das quais agora não me lembro se referiam aos governantes.

O Ademar de Barros, por exemplo, tinha em torno de si um enorme anedotário. Se contavam em voz alta, no ônibus, no trem, nos bares, piadas e mais piadas sobre sua caixinha e ele era sempre forte nas urnas. Diziam que ele não sabia nada, o que não era verdade. Ele era um esperto. Mas contavam casos de foras homéricos do Ademar. Como uma vez em que, sabendo que o Jânio estava ganhando muitas simpatias das áreas dos japoneses, já pensando nos votos nisseis, o Ademar resolveu atacar e seus cupinchas organizaram um batizado com trinta nisseisinhos pra ele apadrinhar. E ele logo que chegou foi fazendo discurso: “Vamos abraçar os amarelinhos. Nada de nome Tanaka, Cutuca-com-Taquara, Xixinamuro”. Aí, um expoente da colônia nipônica perguntou que nome deveriam colocar. E o Ademar respondeu em cima: “Sugiro João, sugiro Antonio, sugiro Pedro”. E tem uma patota enorme de nisseis chamados Sujiro por causa disso.

Mas, deixa essas anedotas de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que tudo isso me vem à cabeça porque liguei a televisão outro dia e vi, pálido de espanto, um comercial no qual um cidadão parecido com o Ueki (todo japonês se parece) recomendarem um produto qualquer. As imitações feitas pelos dois garotos-propaganda são de uma pobreza franciscana. Aliás, acho que nem há tentativa de imitação dos dois ministros. Apenas usavam a semelhança física dos dois garotos-propaganda com os ministros. Apenas isso. Não há humor na propaganda, não há caricatura, não há espírito. E no entanto, esse comercial cai na praça como se fosse um tremendo ato de ousadia da agência de propaganda. Mas, o que é pior, a maioria do povo que não conhece o rosto dos ministros vê aquela coisa feita com tanta seriedade pelos dois garotos-propaganda, que até pensa que são os ministros mesmos que estão ganhando um cachezinho. E ninguém ri, ninguém se diverte, ninguém se assombra, ninguém critica, ninguém comenta. Falta de liberdade de expressão e, faltando liberdade de expressão, o espírito desaparece

e as pessoas se calam e nem reagem ao que, em outros tempos, seria um impacto que daria muita polêmica de botequim e muitas risadas.

Só o absurdo se mantém à tona (Folha de S. Paulo – Edição de 25/3/1977. Página 32. (Caderno Ilustrada)

Só depois de 24 horas de já ter sido enterrado, o cadáver de José Antônio de Souza, de 16 anos, que se afogou na raia olímpica da Cidade Universitária no dia do absurdo passeio a nado, promovido pela Prefeitura, bolou no noticiário da imprensa. Claro está que essa vítima da tragédia aquática demorou tanto para flutuar porque não interessava aos promotores do passeio e a nado que esse fato fosse do conhecimento público. Porém (e sempre tem um porém), esse não é o primeiro, nem será o último afogado nas águas da Prefeitura. Aqui em São Paulo, cada vez que chove, dois ou três cidadãos contribuintes vão falar com Deus via bueiros abandonado.

Mis

A grã-finagem do Jardim Europa não suportou nem a vizinhança do Museu da Imagem e do Som. A simples presença de um museu, que mal ou bem é um troço que cuida da cultura, apavora a grã-finagem. Eles ficam constrangidos, tremem nas bases e tal e coisa e coisa e lousa, toda vez, que física ou espiritualmente, se aproximam da cultura. Por isso é que essa grã-finagem do Jardim Europa é tão perspicaz? Só levaram sete anos pra perceber que aquele prédio no número 158 da Avenida Europa era um museu.

Futebol

Os cartolas da C. B. D. estão garantindo que o preparador físico Cláudio Coutinho, que não tem nenhuma folha de serviço que o recomende para o cargo de técnico da Seleção Brasileira de Futebol, vai continuar no cargo. Isso não é uma promessa, é uma ameaça à torcida.

Música popular

Hermínio Belo de Carvalho, em nome da Sombrás, está transando pra trazer seus espetáculos, feitos às seis e meia no João Caetano do Rio de Janeiro para São Paulo. A ideia é boa. Num teatrão do centro da cidade, se faz show depois do expediente e, enquanto o cidadão contribuinte espera pra ficar mais fácil de tomar condução pra casa, assiste ao espetáculo. Nesses shows se apresentam os grandes nomes da música popular brasileira e também alguns que a máquina vai impedindo que sejam amados pelo povão. Preço barato dá casa sempre cheia nesses shows. Foi assim no Rio de Janeiro e só não será assim em São Paulo se não arrumarem teatro.

A música popular brasileira não está nas mãos dos brasileiros. Está nas mãos das gravadoras, quase todas multinacionais. São elas que determinam o que deve ser tocado nos veículos de comunicação. Tudo na base do malandro faz a moda e o otário embarca. Vai daí que o compositor brasileiro, na vã esperança de melhorar o gordurame com sua produção artística, vai fabricando música, música que fica cada

vez pior, por ser carente de inspiração e por não expressar os sentimentos do povo. Atualmente, as gravadoras acham que macumba é a mercadoria vendável. Então, já viu. Tem gente demais, querendo ser mais malandra que a malandragem, andando pelos terreiros recolhendo pontos. Esses pontos, os espertos recolhem, misturam dois ou três, misturam ponto de umbanda com ponto de candomblé sem a mínima cerimônia e sapecam na bolacha preta. Por essas e outras é que é necessário e urgente que se façam movimentos de música como esse que o Hermínio Belo de Carvalho fez no Rio de Janeiro, quer fazer em São Paulo e levar pra todo o Brasil. Força no homem, que ele merece.

O espaço semanal da freguesia (Folha de S. Paulo – Edição de 26/3/1977. Página 36. (Caderno Ilustrada)

Instituto Goethe, Informativo Comgás, Companhia Editora Nacional, Internacional Portugal Editora Ltda, Carlos Maia Empreendimentos Artísticos Ltda, Mauro Salles Interamericana de Publicidade S.A., Galeria Vasp, Noelsio de Almeida, Paulo de Almeida Lima, Isaias Alves, Flávio Rodrigues da Silva, Prof. Francisco Cascelli, a todos vocês, muito obrigado pela atenção que me dispensaram.

Ao Isaias, eu gostaria de informar que sua história pode ser registrada na Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, mas não sei quem pode se interessar por uma história que não li. De qualquer forma, quero lhe contar que não é fundamental a história, e sim, a forma em que ela é contada. Veja bem, os nossos jornais estão diariamente repletos de casos que fariam qualquer escritor de absurdo tremer nas bases. E, no entanto, elas se perdem sem que eu, você e outros poetas sem forma de expressão ou sem espaço possamos dar um tratamento artístico que pelo menos resultasse em testemunho do tempo mau em que vivemos. Sabe, Isaias, abre-se a janela e lá fora está se desenrolando a história e nós, assistentes pálidos de espanto, não a contamos por incompetência, por medo de repressão, por termos nosso espaço ocupado pela cultura de consumo importada. Então, Isaias, não se preocupe com a possibilidade de roubarem sua história única, inédita. Se preocupe em contá-la bem, sem reticências, sem truques, nem hermetismos. Porque uma história pode ser contada várias vezes por vários autores, de vários estilos. Agora, não pense que eu vou ajudá-lo a publicar seu livro, a encenar sua peça, a rodar seu filme. Não sou paternalista e não cuido de casos individuais. Trato do coletivo. Procuo defender nosso mercado e ampliá-lo. Mas, nunca paternalizarei ninguém e também nunca tomei benção. Escreva, mesmo sem esperança de ver sua obra publicada. Isso mostrará pra você se você tem fibra de escritor ou não e lhe preservará para quando lhe tocar a vez.

Ao Professor Cascelli, quero dizer que não entendo nada, absolutamente nada de INPS. De lá, só sei que mexe e vira morre um em pé na fila, esperando atendimento, mulher dá a luz na fila e essas coisas que só servem pra enlouquecer o cidadão contribuinte.

Porém (e sempre tem um porém), quero abrir espaço ao cidadão Juvenal B. Carvalho, que se diz Juvenal, o Satírico. Não porque ele diga alguma coisa que me acrescente ou me diminua. Apenas porque esse leitor, com sua crítica, vai me permitir dizer uma porção de coisas que já há muito tenho pra dizer. Segue a carta

do Juvenal, o Satírico. Por ela ser um pouco extensa, eu a responderei na segunda-feira. Sabe como é. Careço de espaço.

“Sr. Cronista Plínio Marcos, dou-lhe os parabéns pelos assuntos interessantes de que vem tratando em suas crônicas. Entendo, entretanto, que o sr. abusa da gíria, o que pode confundir os menos cautelosos, como a juventude e levá-la a imitá-lo nesse modo de escrever, pensando que serve de modelo aos estudantes. Assisti ao seu “show” na Faculdade de Direito, quando o sr. disse, muito engraçadamente, que o “p... é a linguagem universal”. Pura verdade, pois não há quem não entenda a linguagem do ácido sulfídrico! Sei que sua formação é meio lá de “cais do porto”, mas nem por isso lhe cabe o direito de escrever errado, abusando de “tá” em lugar de está. Até mesmo “tar” em vez de “estar” o sr. usou numa das crônicas. Na linguagem coloquial ainda se tolera certa liberdade, porém, quando se trata de crônica, de linguagem escrita, é preciso ter mais correção e seleção no emprego do vocabulário. Sua sintaxe também anda meio estropiada, como o mau uso do verbo “obedecer”. O sr. empregou “desobedecê-lo”, quando o certo é “desobedecer-lhe”. Escrever corretamente é difícil. Ideias até os excepcionais têm: o tremendamente difícil é expressá-las com alinhamento, com precisão, com elegância. Nem sempre os revisores podem socorrer os maus escritores: a pressa com que se faz o jornal, o horário para entrega, etc., não permitem um trabalho vagaroso e esmerilhador por parte dos que corrigem as provas e os originais. Cumpre aos “cronistas” e redatores porém o melhor do seu zelo no escrever. Se não sabem a arte de Camões... (quem não pode, não se estabelece, diz o português do beira-rio). Seu colega substituído, o Diaféria, que está pondo as férias em dia, lhe é bem superior no escrever, todavia, ele também comete alguns erros que descaracterizam o seu escrito como de bom cronista, como é a salada pronominal que ele vem fazendo (tu, te, você, lhe, tratando-se de uma só pessoa). Seria bom o sr. proceder a uma boa revisão gramatical. E não diga asneira como esta “artista, reserva moral...”, porque os artistas (bebem, usam drogas, amigam-se a toda hora, etc com honrosas exceções), Juvenal o Satírico.

Resposta à carta do leitor que acusou este colunista de ser analfabeto (Folha de S. Paulo – Edição de 28/3/1977. Página 32. (Caderno Ilustrada)

Você tem razão, Juvenal, eu sou analfabeto. Aos quarenta e dois anos de idade, ainda não sei direito quando se tem de ir de “ss” ou de “ç”.

Mas, isso pra mim não conta muito, Juvenal, o Satírico. Porque pra mim cultura é saber ver. E eu vejo, vejo muito bem, meu caro Juvenal, o Satírico. Vejo, por exemplo, que os elitistas como você fazem tanta questão que todos tenham correção gramatical, mas não percebem que o ensino em nosso País, apesar de haver quem jure o contrário, ainda é um privilégio de uma minoria. E essa minoria aprende a ciência e a técnica que lhe é transmitida por mestres que sabem bem que, se ensinarem os seus discípulos a enxergar as coisas, serão sumariamente afastados da vida universitária, como foram vários expoentes em nosso País.

Pois é, meu caro Juvenal, o Satírico, leio e releio sua carta e concluo que você nem sabe o significado da palavra satírico. Mas, deixa isso pra lá. Juvenal, o Satírico. O que quero contar e o que pesa na balança é que os elitistas como você

recebem a ciência e a técnica nas universidades, mas não recebem a visão e, por serem cegos, mais cegos do que todos por serem vaidosos, resultam em tolos tecnocratas que, em nome dessa sabedoria, vão lesando nossa pátria, a pátria do povo, esmagando as manifestações espontâneas desse povo, a verdadeira cultura desse povo, cultura essa que tem que ser preservada a qualquer preço, porque um povo [que] não ama e não preserva suas formas de expressão mais autênticas jamais será um povo livre.

Mas é gente como você, meu caro Juvenal, o Satírico, que, elitizados por uma “cultura” de privilegiados, de posse de um diploma, vão constringendo o povo. Saiba, Juvenal, o Satírico, que a cultura nas mãos dos poderosos constrange mais do que as armas. Mas, em mim, que de acordo com seu ponto de vista sou analfabeto, não grudam mais as tentativas de me acanharem. Só mesmo na força bruta é que podem me deter. Isso porque, meu caro Juvenal, o Satírico, a força de minha comunicação vem de clara visão que tenho das coisas. Vejo bem, vejo claro, corro os riscos todos que tiver que correr, mas quando ocupo um espaço é pra justamente tentar fazer meu povo começar a espionar. E isso naturalmente incomoda os elitistas como você, que não percebem como o nosso povo vai sendo mal educado por elitistas, alguns até de talento, que alugam seus talentos pra quem deseja condicionar nosso povo aos sabedores do modismo. Essa gente usa e abusa dos veículos de comunicação pra mal educar o povo.

São os elitistas, gente que sabe muito bem as regras do correto escrever, correto processo de influenciar um ser humano com a imagem, gente saída das universidades, gente que aprendeu a ética, a ciência, mas não aprendeu a ética. E é em nome dessa cultura elitista, que lhes dá às vezes até o gabarito de gênios, que o povo vai sendo despojado de sua cultura autêntica, espontânea, passada de pai pra filho, ficando totalmente desarmado dessa defesa, transformando-se em reles massa de manobra dos interesses comerciais dos elitistas como você e dos donos do brinquedo.

Meu caro Juvenal, o Satírico, como você bem disse, minha formação é meio lá do cais do porto, essa foi a escola onde aprendi a ver as coisas. Eu aprendi numa rua de chão de terra firme por onde os trabalhadores, quando iam ganhar o pão, com o honesto suor do corpo, assobiavam as doces cantigas da liberdade. Foi lá que eu aprendi que os malandros fazem a moda e o otário entra nela. E são vocês, elitistas da comunicação, que vêm fazendo a moda que envolve nosso ingênuo povo, desarmado de sua única defesa que é a manifestação espontânea.

São cento e setenta filmes estrangeiros que são exibidos na televisão, por semana. Esses filmes, meu caro Juvenal, o Satírico, no dia em que você consultar o “pai dos burros” e ver o significado da palavra satírico, juro que você vai passar a se assinar Juvenal, o Boboba, porque de satírico você não tem nada, [(]você tem, meu caro Juvenal B. de Carvalho, é [vocabulário] de elitista), mas esses filmes, além de esmagarem as manifestações espontâneas do nosso povo, desfigurando o nosso homem comum, ocupam o nosso mercado de trabalho e fazem com que os elitistas como vocês se descuidem dos aspectos culturais para cuidarem apenas do seu ridículo empreguinho. Mas isso é natural meu caro Juvenal, o Satírico. Os elitistas de país subdesenvolvido são sempre intelectualóides marginais de classe média

procurando ganhar status através da cultura. Do que eles chamam de cultura. O espaço acabou. Amanhã tem continuação, meu caro Juvenal, o Satírico.

Povo sem condicionamento é povo culto (Folha de S. Paulo – Edição de 29/3/1977. Página 42. (Caderno Ilustrada)

A propaganda da televisão atua na cachola da freguesia sem nenhuma cerimônia. E os condicionados telespectadores vão entrando na moda sem perceberem. Por exemplo: há algum tempo atrás os anúncios de automóvel diziam que o cidadão contribuinte precisava do segundo automóvel. Que não tinha cabimento ele usar o único carro da família pra trabalhar, enquanto a mulher dele, pobrezinha, tinha que levar o filho pra escola, ir à feira, visitar as amigas, olhar vítima em dia de chuva à pé. E isso, naturalmente, era um absurdo. Além do que mulher a pé fica mais sujeita a paquera. Essa campanha de publicidade, aliada a um movimento feminista muito mal explicado, vendeu muitos automóveis.

Porém (e sempre tem um porém), de acordo com o interesse, as propagandas mudam. Depois de venderem muitos segundos carros pra gente que não podia nem ter o primeiro, os anúncios da televisão vêm enfiar na cabeça da freguesia que eles devem deixar os dois carros em casa e usar o carro do vizinho.

*

O caso da carona em estrada é igual. A própria polícia pedia pra ninguém dar carona pra estranhos porque mexe e vira isso resultava em assalto. Agora, está instalada a campanha da carona.

*

E também tinha o papo de não marcar bobeira em farol vermelho à noite. Também era a própria polícia que alertava que os assaltantes costumavam ficar parados nos cruzamentos à noite. Quando um carango parava respeitando o sinal vermelho, eles metiam as armas em cima do motorista, fazendo-o descer do carro. Pois é, depois de educar o povo, educar o povo, não, depois de assombrar o povo com esse tipo de assalto, sem nunca se preocuparem em aumentar o policiamento noturno nesses cruzamentos, agora eles colocam guardas que ficam escondidos atrás do poste e, se o motorista cruza farol, recebe multa. Claro está que eu sou contra que se cruze farol vermelho. Acho até que o amarelo deve ser respeitado. Mas, acho que nunca deviam ter alertado a população contra o perigo de parar em cruzamento à noite. Muita gente foi assaltada realmente em cruzamento. Mas, agora, como é que fica? Se o sujeito para, é assaltado; se cruza o sinal, é multado. E com a fobia de multa que tomou conta do pessoal do trânsito, os motoristas estão ainda sem saber se vale mais a pena serem assaltados ou multados.

*

E tem a história daquele sujeito que queria economizar gasolina e pretendeu comprar uma bicicleta. Foi saber o preço e ficou pálido de espanto.

- Por esse preço compro uma vaca.
- O vendedor meteu o papo:

– Vai ficar muito feio o senhor andando de vaca no meio do trânsito.
E o sujeito retrucou:
– Mais é isso aí. Gasolina dá para economizar, mas leite não. E esse líquido também anda custando os olhos da cara.

*

Nem a gasolina, nem o leite caro me assustam particularmente. Não tenho carro e não bebo leite, que é o fim da carreira de boêmio. Mas, deixem isso de lado. O que quero dizer e o que pesa na balança é que dia a dia, minuto a minuto, o povo vai sendo deseducado, desarmado de sua cultura. Impedido de se manifestar espontaneamente e condicionado aos interesses do momento.

*

A única forma do povão lesado das quebradas do mundaréu se defender das avassaladoras ondas de publicidade que ditam a moda é a preservação da própria cultura, é garantir espaços para as suas manifestações espontâneas. Mas, isso os elitistas não consentem. Todos querem fazer o povo ser massa de manobra.

Professores violentos e violentados (Folha de S. Paulo – Edição de 30/3/1977. Página 48. (Caderno Ilustrada)

Abro o jornal e, fico sabendo que ainda existem professores que não fazem a mínima cerimônia em baixar o cajado nos alunos. Logo penso que a escola de mestres tão estúpidos e violentos fica em território de Idi Amin-Dada. Naquelas bandas é que ainda dá disso. Foi lá que viram um negão indo em direção da escola puxando um garotinho pela mão e lhe perguntaram:

– Levando seu filhinho pra escola?

E o negão respondeu:

– Não, este negrinho é meu lanchinho.

Porém (e sempre tem um porém), prestando melhor atenção na notícia, meu patuá entorta de vez. A escola que tem professor que bate em aluno fica em Guainases. Pois é, Guaianases, bairro de São Paulo, a cidade que mais cresce no mundo. Mas, por essas e outras notícias do naipe dessa de mestre espancador, logo se vê que São Paulo cresce apenas materialmente.

*

Sei bem que há muito tempo a profissão de professor vem sendo aviltada em nosso País. Salários baixos, falta de segurança no trabalho, o professor fica dependendo dos humores de reitores e diretores, se o professor é mandado embora de uma instituição é difícilimo entrar em outra. E ainda por cima, funde a cuca sem saber a quem deve servir, se é à instituição ou ao aluno. Muitos professores estão conscientes disso tudo e falam dessas coisas, dão entrevistas. Mas, muitos dos elitistas da categoria preferem gastar suas energias espancando alunos indefesos, em vez de se fortalecerem como categoria profissional em sindicato. Será que professores-espancadores pensam que na linha dura algum aluno pode aprender alguma coisa, além de ter ódio?

Quando fomos fazer teatro no Sindicato dos Tecelões de São Paulo, eu, Walderez de Barros, Tony Ramos, Roberto Rocco, Vicente Acedo, Carlão da Vila, André Bucka, Bety Frota, Jonas Bloch, Malu Rocha, dávamos um duro muito grande pra arrastar público pro teatrinho. Entramos em contato com professoras do Mobral. A maioria dessas professoras era moças recentemente saídas das faculdades, cheias de idealismo e generosidade e que trocavam informações e experiências conosco. E um grupo delas nos informou que a maior dificuldade que encontravam era achar um jeito de falar com os alunos. Se elas tentavam tratar a classe na base do “somos iguais”, eles bagunçavam a aula. Se elas usavam de energia pra manter a disciplina, a classe se inibia e não aprendia. E se elas tentavam cativar seus alunos, eram muito mal interpretadas e despertavam paixões até violentas. Havia professoras elitistas no Mobral que não se preocupavam com esses fatores de comunicação com o povo. Baixavam a disciplina e vomitavam o programa do Mobral em cima dos alunos. Por essas e outras é que a maioria que lá se formou já esqueceu o que aprendeu e continua analfabeta, embora nas estatísticas sejam contados como alfabetizados. Mas, a verdade é a das moças professoras, que atestaram as dificuldades de se comunicarem com o povo.

*

O que quero dizer e o que pesa na balança é que realmente os professores de universidade, de grupo escolar ou de Mobral precisam de melhores condições de trabalho, salários decentes e segurança. Isso tudo porque existe uma grande barreira separando os intelectuais do povo: a barreira da linguagem. Ela não vai ser quebrada com pancada, nem por professores neurotizados por esquemas absurdos. No entanto, é necessário que essa barreira seja quebrada pra que sejamos uma grande nação. E os professores têm que estar tranquilos pra fazer do ofício que escolheram um sacerdócio e poder informar o povo sem esmagar as manifestações espontâneas.

As muitas maneiras de matar a cultura (Folha de S. Paulo – Edição de 31/3/1977. Página 56. (Caderno Ilustrada)

Há muitas maneiras dos elitistas esmagarem as manifestações espontâneas do povo. Existem os que agem deliberadamente nesse sentido. São os que sabem que um povo, perdendo o hábito de se manifestar espontaneamente, perde sua própria feição, fica descaracterizado, perde a noção de organização, perde o sentido de se organizar de baixo pra cima e fica um povo boboca, legítima massa de manobra, que se rende aos ditames dos modismos que lhe são impostos, por mais absurdos e ridículos que sejam esses modismos.

*

Há também os elitistas ingênuos. Gente que foi levada à escola, onde lhe ensinaram técnicas e ciências, mas não lhe ensinaram a enxergar. Aí, esses ingênuos elitistas, de instintos generosos, mas lamentavelmente cegos, acreditam que são eles os únicos donos da sabedoria e, paternalistas como são todos os elitistas desse tipo, se metem junto ao povo na vã esperança de ensinar o povo. E,

sem a mínima cerimônia, fascistóidamente [sic], impõem seus padrões culturais, políticos e sociais, que arrasam a cultura popular, inibindo toda uma sabedoria que às vezes há séculos vem passando de boca em boca, de geração a geração. Claro está que o elitista, quando age dessa maneira, não coloca nada na balança. Não percebe que ele impõe às vezes, numa noite, numa conversa, conceitos que ele próprio levou anos de faculdade pra assimilar e que, na maioria das vezes, nem assimilou direito.

*

É bem o caso do garotão que estudou Comunicações e ficou com a cabeça cheia de Marcuse, Macluhan, Grotovski e outros oviski.

Aí, se formou e, com a grana do papai, foi para as europas da vida conhecer as fontes do saber da humanidade. Viu cinema, teatro, visitou museu e tudo mais. Porém (e sempre tem um porém) quando saía na rua e queria se comunicar, era um vexame. O intelectual da Europa anda que nem jacaré. Só se defendem com o rabo. Aí, o garotão sentiu saudade da pátria amada. Sabe como é, não existe maior patriota do que brasileiro fora do Brasil. E o garotão quis comer feijoada. Não tinha. Escutar samba. Não tinha. Tomar caipirinha. Não tinha. Não deu outra coisa. O garotão pegou o primeiro avião e se mandou de volta pra pátria amada.

Aqui chegando, o garotão quis tomar um banho de coisas brasileiras. Ligou o rádio. Só iê-iê-iê e rock. Quis ir ao cinema. Só filme estrangeiro. Ligou a televisão. Só filme de paladino do Oeste. Tinha até um japonês paladino do oeste americano. Um tal de Kung-Fu. O artista americano morto estava trabalhando na televisão brasileira mais do que o artista brasileiro vivo. O garotão ficou doido. Saiu pela rua chiando contra os veículos de comunicação. No que, aliás, ele tinha toda razão. Mas, aí, deram uma dica pro garotão:

– Na Barra Funda, tem uma escola de samba que, por incrível que pareça, só toca samba.

O garotão duvidou. Foi lá conferir. Era verdade. O garotão se entusiasmou. Começou a beber. A pagar bebida pra todo mundo pra fazer ambiente. Berrava:

[–] É isso aí. Paz, amor e samba.

O diretor da escola, vendo aquele garotão alimentado a Toddy, com aquele entusiasmo todo, nem vacilou. Nomeou o garotão relações públicas da escola. Era o embalo que faltava. O garotão, bem relacionado, foi promovendo a escola de samba e trazendo intelectuais. Ganhou prestígio. Na hora de escolher enredo, o garotão determinou: Heróis da Independência. Tema aprovado, o garotão foi logo decidindo que, pra dar dignidade à escola de samba, o enredo tinha que ser de um professor da faculdade de História. Como professor de História está sempre disponível, foi fácil conseguir um pra fazer o enredo. Aí, pra fazer a música, contrataram um maestro do Municipal. E pra fazer a letra, um poeta da Academia Paulista de Letras. Pra fazer as fantasias, um costureiro famoso, não por fazer vestido, mas por espalhar que mulher dá câncer. E aí aconteceu o pior. Com tanto artista importante junto, a escola de samba piou nas colunas sociais. E a grã-finagem pensou que era moda. Foram todos os grã-finos invadindo a escola de samba. O crioulo, o sambista, foi ficando sem ambiente. Mas, pro samba não morrer, foram fazer samba na rua. Zoeira na rua incomoda. Chamaram a polícia. Ela veio com tudo. Quando viu só, [o] crioulo, não

pediu nem documento. Recolheu todos. Mas, não teve importância. A escola desfilou no Carnaval cheia de figuras de destaque da alta sociedade. E o garotão está certo de que está ajudando o desenvolvimento cultural do povo.

2. 3 – As crônicas de abril de 1977 – Coluna Plínio Marcos

Lavando os pés pelo samba (Folha de S. Paulo – Edição de 1/4/1977. Página 34. Caderno Ilustrada)

Foi no ano da graça de 1975, que a Prefeitura de São Paulo, através de sua Secretaria de Turismo e Fomentos, resolveu comemorar a Semana da Pátria com um desfile de escolas de samba. E pra maior brilho da festa, a dita Secretaria não economizou o dinheiro do contribuinte. Contratou por uma sonora grana a outrora gloriosa Mangueira do Rio de Janeiro. Como não podia deixar de ser, a Mangueira veio com tudo o que tinha pra agradar quem está muito mais preocupado em encher hoteleco, do que em preservar a cultura popular. Fantasias bonitas, disciplina de desfile de fazer inveja a escoteiro. Tinha até diretor de harmonia de cacete na mão pra manter alinhamento. Uma comissão de frente especializada em saudar autoridades. Uma ala de mulatas tipo exportação e uma ala de loiras de alta sociedade. Uma bateria tocando no melhor estilo batalhão naval. Um samba-enredo dentro dos moldes fornecidos pelas gravadoras multinacionais. E a TV Cultura, especializada em promoções governamentais, em transmissão direta, cobria o acontecimento narrado por locutores entusiasmados. E todos aplaudiram o desfile da outrora gloriosa Mangueira.

*

Atrás da outrora gloriosa Mangueira, entrou a escola de samba do Lavapés. E foi um Deus nos acuda. O samba-enredo, só o puxador cantava, mas não dava pra ninguém entender. A ala considerada melhor era a dos lordes, porém parecia ala de senzala pobre. A bateria, apesar do bom balanço, vinha vestida com camisa de time de futebol rasgada e desbotada. A TV Cultura, especializada em promoções governamentais, parou de transmitir. O pessoal da Secretaria de Turismo e Fomentos espumava de raiva até pelas orelhas e queriam esconder o prefeito e o governador. Estilistas se apressaram em fazer violentas críticas à escola de samba do Lavapés pelos microfones das rádios. Mas, ainda tinha mais. Bem em frente ao palanque oficial, o puxador de samba da Lavapés parou de cantar e avisou que iria fazer um discurso em homenagem à Pátria Mãe. Teve autoridade que subiu em poste de costas como lagartixa doida, querendo desligar microfone. Sabe como é que é, ninguém sabia de que Pátria Mãe o puxador de samba ia falar. Se dá antes ou dá depois de terem brotado cravos vermelhos nos fuzis da Pátria Mãe. Mas logo sossegaram um pouco. O discurso era do nível de festa de grupo escolar. Deu vivas a D. Pedro I, vivas à colônia lusa, vivas à Portuguesa de Desportos e tudo mais que lhe ocorreu. E depois do discurso, o puxador do samba da Lavapés, comovido, disse estar sabendo que o desfile das escolas iria ser mudado da Avenida São João para a Avenida Tiradentes. Por isso, cantariam uma música de adeus à Avenida São João, a passarela iluminada do samba da Paulicéia. E começou a cantar a versão

em português de uma música mexicana. Aquela que diz: Quem parte leva saudade de alguém/que fica chorando de dor/Ai, ai, ai/Tá chegando a hora...

E saíram do desfile cantando isso e apesar disso, sambando muito à vontade.

*

A passagem da escola do Lavapés causou um verdadeiro escândalo. Os elitistas, apoiando as autoridades, juravam que nunca tinha visto maior absurdo: uma escola de samba que fazia discurso. A ideia de discurso fazia elitistas e políticos tremerem nas bases. Imaginem se a moda pega. Um dia apareceria um negão doido qualquer que, em vez de homenagear a Pátria Mãe, falaria de fome, desemprego, fila de INPS e outros fantasmas que assombram o povo. Não podiam deixar. E a escola de samba do Lavapés ficou ameaçada de não desfilar no carnaval de 1976.

*

A gente do Lavapés estava se sentindo a perigo perpétuo, quando um jornalista, um dos raros jornalistas de bom salário, piou na parada com uma ideia salvadora: Homenagem aos cem anos de glórias do jornal O Estado de São Paulo. Dizem que o próprio Estadão, comovido, entrou com uma grana pra incrementar a homenagem. A Prefeitura se acanhou. O Secretário de Turismo e Fomentos esqueceu a bronca. Só fez o pessoal do Lavapés jurar que não haveria discurso e pagou a subvenção. E no Carnaval de 1976, a Lavapés estava irreconhecível, dentro de fantasias de veludo. Ganhou em luxo e perdeu em descontração. Fez um dos piores desfiles de toda sua longa vida.

*

Vejam bem, a Mangueira, em luxo, sofisticação, ao gosto dos elitistas e no padrão que agrada turista estrangeiro. A Lavapés era pobre, mas espontânea, não agradava nem elitistas, nem turistas, mas era o retrato fiel do povo brasileiro. Romântico povo ignorante, que ainda é grato a Portugal por ter colonizado por tantos anos. Povo emprenhado pelos olhos e ouvidos pela cultura de consumo importada, ao ponto de não saber mais o que é música brasileira ou música estrangeira. Povo que até pra fazer um carnaval precisa de alvará e de subvenção do governo. Povo sempre impedido de abrir seus mais ternos sentimentos, ou por leis, ou por regras culturais determinadas por políticos ou elitistas. Mas, podem crer, a Lavapés, naquele desfile em homenagem à Semana da Pátria, era o povo brasileiro em manifestação espontânea. A Mangueira era um espetáculo de consumo.

Respondendo à freguesia (Folha de S. Paulo – Edição de 2/4/1977. Página 32. Caderno Ilustrada)

Esta semana, por motivo de ter viajado na quinta-feira pra Belo Horizonte, só responderei e registrarei as cartas que chegaram até terça-feira. Meu caríssimo Mauro Pires me escreve de São João da Boa Vista. Alex Vallauri convida pra sua

exposição na Aliança Francesa, Rubens Nunes de Andrade, de Campo Grande, faz sugestões pra impedir que juiz de futebol afane. Jornal Almanara nos envia mais um número, Nilce A. B. Paiva, simpática curitibana, vem por carta pra dizer que agora que me lê aqui nas Folhas, já não me acha tão marginal. Com grande prazer recebo o livro “Memórias de Mário Américo, o Massagista dos Reis”, do brilhante escritor-jornalista Henrique Matteuci. Elias Kon, sem endereço, me diz que sou muito radical em matéria de cultura popular. Desconfio que ele me ache nacionalista demais da conta. Muito grato a todos pela atenção.

Mauro Pires

Meu caríssimo Mauro Pires forma, com o nosso sempre amigo Lau Barbeiro, o Fígaro do Salão Grená, a única dupla de fanáticos torcedores do Juventus que eu conheço. Os outros sócios do simpático clube da Mooca são mais chegados à piscina e baile. Mas, deixa isso de lado. Meu caríssimo Mauro Pires, brilhante radialista e jornalista que você foi, mesmo agora aposentado não poderia ficar sem fazer pauta para os seus cupinchas. Realmente, o Cachimbinho foi um grande artista popular. Mas, cadê tempo pra pesquisar a vida dele? Agora, você, que curte tanto coisas e artistas brasileiros, por que não nos manda um artigo sobre o Cornélio Pires? Essa gloriosa figura também tem sido esquecida, apesar da grande contribuição que deu pra preservação da nossa cultura. Manda o artigo, que falo com o Tarso pra meter no Folhetim.

Nilce

Eu nunca fui marginal. Porém (e sempre tem um porém), mexe e vira sou marginalizado.

Rubens

Não adianta se meter com os juízes. Até que ultimamente o nível das arbitragens anda melhorando. O que é preciso é trocar os cartolas do futebol. Eles é que avacalham a guerra.

Elias

Eu também gostaria imensamente de poder sonhar o generoso sonho dos poetas que pensam num mundo sem fronteiras. Porém (e sempre tem um porém), como aprendi ainda pequeno a preservar a nossa cultura, não posso aceitar o mundo sem a contribuição cultural do meu povo. Jamais aceitarei o mundo sem feijoada, sem capoeira e sem o tal e coisa e coisa e lousa da nossa brasilidade, que vem sendo esmagada a cada minuto pela cultura de consumo importada.

O massagista dos reis

O livro do Henrique Matteuci é uma gostosura de ser lido. Fácil, fácil. A lamentar apenas que seja curto. O Mário Américo viveu muito mais que essas 123 páginas e deve saber de muitos “podres” do futebol brasileiro que, se revelados, iriam contribuir para um saneamento. Mas, desconfio, que o brilhante escritor Matteuci foi regulado pela nova mania de besta dos editores de só publicarem livros fininhos. Essa ideia de jerico vem brotando na cachola dos comerciantes do livro,

que teimam, apesar de tudo, em posarem de culturistas e a não fazerem de publicidade das suas publicações. De qualquer forma, “O Massagista dos Reis” é realmente muito gostoso de ser lido e deve esgotar logo a primeira edição, apesar de não ter recebido um lançamento badalado, como o autor e o personagem são merecedores. Parabéns, Matteuci.

O pranto e o canto... pelos anjos caídos (Folha de S. Paulo – Edição de 3/4/1977. Página 5-6. Caderno Folhetim)

O seco olhar do velho índio, seco como o olhar de um corpo sem alma, correu pelo chão seco da triste aldeia e parou na gente seca de sua outrora tão gloriosa tribo. Gente seca que, com as mãos secas de almas sem esperança, teciam, a duras penas, vergados sob o peso da indolência, seus ofícios aviltantes, nesses secos tempos, tempos dos tempos da raça. E o ofício ali exercido por gente seca, de mãos secas de almas sem esperança, lhes foi generosamente legado por seus bravos antepassados, por seus venerados antepassados, que foram bravos e foram venerados justamente porque exerceram esses ofícios orgulhosamente em seus tempos, que foram muitos tempos, tempos bastantes para os fundamentos da tribo serem plantados, tempos bastantes pra vida da tribo ser honrada por várias gerações.

E o seco olhar do velho índio, seco como o olhar de um corpo sem alma, já turvo por tantos tempos de sua existência seca, começava a bem ver, ver de ver, ver de perceber, ver de penetrar nas entranhas das coisas, ver de enxergar o essencial. E o seco olhar do velho índio, seco como o olhar de um corpo sem alma, via, via pela primeira vez que o bairro, amassado sem nenhum encantamento pelas secas índias, de mamas secas, de ventre apodrecido, parideiras de uma prole sem cor, sem brilho, sem cantos, prole que não encarnava o bravo espírito dos bravos guerreiros de outrora, jamais seria a cuia das doces bebidas que os deuses ensinaram os bravos índios a beber pra terem sempre seus ânimos renovados para os duros combates da preservação. E o olhar seco do velho índio, seco como o olhar de um corpo sem alma, via, via, via, pela primeira vez, que a mandioca batida pelas secas mãos de almas sem esperança jamais seria a farinha da nutrição da gente seca de sua outrora gloriosa tribo. O seco olhar do velho índio, seco como o olhar de um corpo sem alma, via, via, via que jamais, jamais, jamais o trabalho que dignifica o homem. Que o arco, a flecha, o tacape, o cocar de penas multicoloridas, o barro, a farinha jamais seriam distendidos, moldados, consumidos pela liberdade, pela honra, pelo auto respeito da tribo, gente seca, de mãos secas de almas sem esperança.

O arco, a flecha, o tacape, o cocar de penas multicoloridas, o barro, a farinha, feitos pela geração enferma da outrora gloriosa tribo seriam levados pelos tristes índios sem cor, sem brilho, sem canto, com passos trôpegos, ao posto comercial dos brancos cidadãos contribuintes e seriam trocados pela branca aguardente dos brancos cidadãos contribuintes. E a branca aguardente dos brancos cidadãos contribuintes envenenaria o sangue, a energia, o trabalho, a fé, a esperança do índio. Envenenaria o índio, e o arco do índio, e a flecha do índio, e o cocar de penas multicoloridas, e o barro do índio, e a farinha do índio, e a cor, e o brilho, e o canto

do índio, e a honra, e a liberdade, e o respeito do índio por si mesmo, e todos os fundamentos da tribo do índio, e o ventre apodrecido das mulheres da tribo, que geraria cada vez mais a mais miserável das descendências do índio.

E, o arco, a flecha, o tacape, e o cocar de penas multicoloridas, e a cuia iriam enfeitar as brancas paredes das brancas moradas dos brancos cidadãos contribuintes. E o olhar seco do velho índio, seco como o olhar de um corpo sem alma, via, via, via, pela primeira vez, que esse comércio já há tanto tempo praticado por sua gente, por ele mesmo e por seus antepassados, com os brancos cidadãos contribuintes, lhes envenenava o sangue, os fundamentos recebidos por herança, os gritos de guerra de toda uma raça, o sonho, a energia, o trabalho, a ânsia de liberdade, sobretudo a ânsia de liberdade. E o seco olhar do velho índio, seco como o olhar de um corpo sem alma, via, via, via que era o tempo dos tempos de sua raça. Via, via, via, o olhar seco do velho índio, seco como o olhar de um corpo sem alma, que era a grande hora de dor da sua tribo. E sentia que era chegado o seu momento-limite de cacique, o momento de tomar a decisão mais corajosa de todos os tempos da tribo. Era o momento doloroso da escolha.

Era a hora do crepúsculo. Era a hora do crepúsculo da tribo e também era crepúsculo de mais um dia de triste trabalho da outrora gloriosa tribo. O sol se punha por trás das montanhas e a primeira estrela brilhava no infinito. E o seco olhar do velho índio, seco como o olhar de um corpo sem alma, se fixou nessa estrela. E seu pensamento se elevou até os grandes espíritos e se fez a magia. E o velho índio, com a visão imemorial, viu com coragem todos os tempos da sua tribo. Correu pelas matas com a alma virgem dos bravos índios que plantara, os fundamentos da tribo, quando as matas eram virgens das patas dos brancos cidadãos contribuintes. E depois viu chegarem as brancas caravelas, de brancas velas, com a tripulação branca de cidadãos contribuintes, que tinham brancas armas que matavam à distância. E o velho índio viu e reviu que seus antepassados se deslumbravam diante da branca feitiçaria dos brancos cidadãos contribuintes, mas não se deixavam subjugar. E os brancos cidadãos contribuintes em vão tentaram subjugar os bravos índios, com suas brancas armas. Não se subjuga um bravo.

Nem o ferro, nem o fogo, nem a chibata subjuga um bravo que sonha o sonho mais lúcido do espírito, que é a liberdade. Liberdade pra ser caminheiro em busca de luz, da síntese do amor e do tempo. E, esgotados os recursos das armas, os brancos cidadãos contribuintes vieram com os brancos truques da branca tecnocracia. E o velho índio, com sua visão imemorial, viu chegarem no meio de sua gente os falsos filhos dos deuses, os falsos homens do fogo, os falsos filhos do trovão, reles lacaios brancos dos brancos cidadãos contribuintes que assombraram os índios com seus brancos truques tecnocratas. Assombravam os índios os brancos truques da branca tecnocracia dos brancos cidadãos contribuintes, mas não os subjugavam. Os bravos índios, assim como todos os bravos, com todo o vigor das almas puras, ingênuos no fervor de suas crenças, podem ser acabados pelo furor das armas, podem ser enganados, mas não se subjugam suas almas livres, nem com o ferro, nem com o fogo, nem com a chibata. Não se prende o espírito, nem o espírito se apaga, quando ele retém, mesmo que inconsciente, a chama geradora da virilidade. E os ingênuos, no fervor de suas crenças, sempre retêm a sagrada chama. E o índio não podia ser escravo pelo peso das armas, ele que já era

escravo dos fundamentos da sua tribo, por querência, por respeito a si mesmo, por honra, pelo desejo lúcido do espírito de ser livre. Não se escraviza quem se escravizou espontaneamente no fervor de uma fé. E o índio de alma pura não se submeteu nem ao ferro, nem ao fogo, nem à chibata, nem aos assombrosos truques tecnocratas dos brancos cidadãos contribuintes escravocratas, mesquinhos escravos da própria ganância. E a visão imemorial do velho índio viu, viu, viu bem o peito de seus bravos antepassados serem rasgados pelo fogo e pelo trovão dos brancos cidadãos contribuintes. Viu, viu, viu, com visão imemorial, o sangue generoso dos seus bravos antepassados regar o solo de terra firme, consagrada por toda uma raça que se nutria de honra e se multiplicava em bravos. E o velho índio viu, viu, viu, com a visão imemorial, que não se ganha nas armas a alma de um bravo, ingênuo no fervor de sua crença. Mas, o velho índio, pálido de espanto, viu, viu, viu que um bravo, mesmo ingênuo no fervor de sua crença, mesmo forte no fervor de sua crença, pode ser seduzido com a hipócrita palavra, com o hipócrita paternalismo, com hipócritas presentes. Com a lábia.

O velho índio, com sua visão imemorial, viu, viu, viu, pálido de espanto, descenderem das brancas caravelas dos brancos sacerdotes que, viajando sem bandeira, em nome do grande Deus branco dos brancos cidadãos contribuintes, foram pacientemente, com agrados, ensinando a língua estrangeira, os costumes estrangeiros, a religião estrangeira, a cultura estrangeira ao índio. E foram desarmando o índio dos seus fundamentos, dos fundamentos da sua tribo, foram descaracterizando o índio e entregando o índio, desarmando dos seus fundamentos e de suas crenças, aos brancos cidadãos contribuintes. O homem sem os seus fundamentos de origem se corrompe, se vicia. E os brancos sacerdotes dos brancos cidadãos contribuintes, com a pose de pais magnânimos, corromperam o espírito do índio nos seus fundamentos. E os brancos cidadãos contribuintes viciaram a carne do índio, geração após geração. E foi fácil para os brancos cidadãos contribuintes, com suas brancas armas tecnocratas, matarem os poucos índios que não se degeneraram, que não se desvincularam dos fundamentos da tribo, que não se descaracterizaram. E aí chamaram os índios desarmados dos seus fundamentos, adoecidos de corpo e alma, para o comércio. Comércio feito sempre na língua branca dos brancos cidadãos contribuintes, com pesos e medidas dos brancos cidadãos contribuintes, peritos em trocar suas quinquilharias supérfluas pelos gêneros vitais dos índios. E os brancos cidadãos contribuintes chamaram o índio, desarmado dos seus fundamentos, desarmado do fervor de sua crença, doente de corpo e alma, empobrecido por um comércio sórdido, para fazer acordos territoriais. E os acordos foram feitos na branca língua dos brancos cidadãos contribuintes, com os pesos e as medidas dos brancos cidadãos contribuintes. E foram limitados os espaços do índio, e foram limitados os sonhos do índio, e foram apagados os fundamentos da tribo do índio. E o índio, ao ser desligado dos seus fundamentos, como qualquer povo que se desliga dos seus fundamentos, perdeu o fervor ingênuo em sua crença, se tornou enfermo de corpo e alma, adquiriu os brancos vícios dos brancos cidadãos contribuintes, ficou desfibrado, indolente, sem coragem pra se rebelar. E o velho índio viu, com a visão imemorial, anos e anos a fio, sua tribo, sua raça inteira se degenerar no contato social, religioso, cultural, comercial com os brancos cidadãos contribuintes. E viu o velho índio, viu viu, viu quantas vezes quis

ou teve coragem. Viu tudo com visão imemorial. E entendeu o velho índio que a sua outrora gloriosa tribo começou a morrer quando aprendeu a fala branca dos brancos cidadãos contribuintes. Que começou a morrer quando aceitou o grande Deus branco do branco cidadão contribuinte. Que os brancos cidadãos contribuintes, em nome da religião, da filosofia, da cultura, da tecnocracia, mataram a religião, a filosofia, a cultura e todos os fundamentos da tribo e da raça.

E o velho índio voltou para si mesmo. Era a hora grande, hora de todos os espíritos, de uma noite de Lua cheia. A aldeia estava em silêncio, os índios dormiam o sono sem repouso das almas secas de sonho. Era a hora grande, hora de todos os espíritos, de uma noite de Lua cheia, mas era também a grande hora de uma tribo inteira. E o seco olhar do velho índio, seco como o olhar de um corpo sem alma, correu pelo seco chão da triste aldeia dos lamentáveis índios sem cor, sem brilho, sem canto e encontrou o sagrado tambor de guerra, há muito tempo mudo por não poder ser tocado por mãos secas de alma sem esperança. E o velho índio de seco olhar, como é seco o olhar de um corpo sem alma, tocou o tambor, tocou o tambor, tocou o tambor. Tocou o toque guerreiro de toda a sua tribo, tocou o toque dos fundamentos de toda sua raça, tocou o toque de honra, o toque do auto respeito, o toque sublime dos sublimes anseios de liberdade de um povo. Dentro da noite soou forte o toque de guerra da tribo do velho índio, o toque dos fundamentos da tribo do velho índio, o toque dos anseios de liberdade de toda a raça do velho índio. Mas, os lamentáveis índios, sem cor, sem brilho, sem canto, estavam arreados pela indolência num sono sem repouso das almas secas de sonho. Nenhum respondeu aos apelos do toque do tambor guerreiro batido pelo velho índio. Nenhum escutou o toque dos fundamentos da tribo e da raça, batidos no tambor guerreiro pelo velho índio.

E o seco olhar de um corpo sem alma, se encheu de lágrimas. Ele via, via, via tudo com clareza. Mas era tarde. Ele não tinha mais a cor, o brilho, o canto para convocar pra labuta da vida uma gente que se amesquinhou no aviltante trabalho de mãos secas de almas sem esperança. Já não tinha, o velho índio, a cor, o brilho, o canto. A sua pele encardida, o seu sangue apodrecido, seu espírito vacilante já não tinham a cor, o brilho, o canto para convocar sua gente de pele encardida, de sangue apodrecido, de espírito vacilante, para a labuta da vida que dignifica a existência. E já não tinha a cor, o brilho, o canto para convocar sua gente sem cor, sem brilho, sem canto para a morte honrosa que dignifica a existência. E o velho índio compreendeu que toda a sua raça estava surda aos próprios fundamentos da raça. E compreendeu que, quando um povo já não pode ser convocado para a labuta da vida, que é o que dignifica a existência, quando um povo já não pode ser convocado para a morte honrosa, que é o que dignifica a existência, é o tempo final desse povo, é o tempo dos tempos desse povo. E, compreendendo tudo isso, o velho índio chamou a sua tribo para o centro da triste aldeia. E vieram todos, sonados, arrastando seus corpos cansados de almas sem esperança, e pararam diante do velho índio.

O velho índio de olhar seco, como seco é o olhar de um corpo sem alma, olhou os lamentáveis índios sem cor, sem brilho, sem canto, de uma tribo em degeneração total e, com a voz firme, ordenou serenamente que se matassem todas as mulheres da tribo nascidas daquela rua em diante. Ordenou serenamente, com a

voz firme de um grande cacique, ordenou com ternura, ordenou certo de ser obedecido, e se afastou. Foi sentar-se num tronco seco de uma outrora frondosa árvore e, com os olhos secos, como são secos os olhos de um corpo sem alma, ficou espiando o nada, o vazio, esperando o fim de sua raça.

Espaço livre para o brasileiro (Folha de S. Paulo – Edição de 4/4/1977. Página 30. (Caderno Ilustrada)

Antigamente, antes do time do Santos entrar em campo, entrava um pernetá, um sujeito que, com uma perna só, apoiado em muletas, pegava a bola e fazia o que queria com ela. Pois é. O pernetá fazia com uma perna só coisas que o Beckenbauer não vai fazer com as duas nunca na vida dele. Mas, o Beckenbauer é o maior cração da Europa. O que não quer dizer muito. Na Europa, os jogadores têm a cintura dura. Precisam de esquemas rígidos e de muita correia pra mostrarem alguma coisa no futebol. Agora, pra ser o maior craque do Brasil é que é preciso saber tudo de bola. Porque aqui até aleijado, com uma perna só, joga futebol.

Eu disse joga, mas disse errado. Corrijo: o brasileiro jogava futebol. Agora não joga mais. Está acabando o futebol brasileiro. O futebol, que era o esporte do brasileiro, está deixando de ser. E isso é uma pena, porque no futebol o brasileiro se manifestava sempre espontaneamente.

Sei que tem gente que vai dizer que foram os ingleses que inventaram o futebol. Os ingleses codificaram o futebol, é o que é mais provável. Existem muitos comprovantes de que em eras remotas já se jogavam peladas. Tinha tribo que na falta de melhores bolas usavam a caveira dos inimigos em rachas parecidos com o futebol. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar é que, desde que o brasileiro descobriu o futebol, esse passou a ser o seu esporte e nele o brasileiro sempre se manifestou espontaneamente. O brasileiro, apesar das regras impostas de cima pra baixo no futebol, criou um jeito próprio de jogá-lo e logo sabia tudo de bola. Ele chegou até nós num dia e no outro todo brasileiro já sabia de futebol o suficiente pra escalar a Seleção Brasileira. E desde então sempre fomos os melhores do mundo em futebol. Fomos os únicos a ser tri-campeões do mundo, disputamos todas as Copas, além de sermos vice-campeões no próprio Maracanã, por culpa dos cartolas. Mas, com tudo isso, ou por causa de tudo isso, os elitistas resolveram acabar com o futebol brasileiro. Os elitistas, os idiotas que sentem vergonha das coisas do povo, assim que ganhamos o tri-campeonato mundial, em vez de incrementarem o futebol espontâneo do brasileiro, importaram técnica, sistemas táticos, métodos de treinamento, preparo físico dos europeus. E o pior de tudo: fizeram uma escola de educação física em cada esquina e acabaram com os campinhos da beira da vala e do alto das pirambeiras. Só em São Paulo, em nome do progresso, acabaram com quinhentos campos de várzeas e abriram umas dez escolas de educação física. Nessas escolas de educação física, os alunos aprendem as técnicas de vários esportes, as regras desses esportes, mas não aprendem absolutamente nada além disso. Aprendem isso tudo por livros estrangeiros. Livros às vezes escritos por grandes esportistas, mas os esportistas preocupados com seu próprio povo e não com o povo brasileiro. Mas, aí, já viu. Os alunos de educação física vão se formando e, como professores, vão pelas escolas e clubes ensinando nossos garotos como se

eles fossem alemães, ingleses e até japoneses. Vão matando as manifestações espontâneas esportistas dos nossos garotos, em nome da metodologia importada. E com essas e outras, [o] nosso futebol vai perdendo a criatividade e morrendo.

Eu tenho observado que o moleque brasileiro já não sabe jogar futebol. E isso se deve à falta de espaço em primeiro lugar. E em segundo lugar, por causa do curriculum escolar de educação física determinado pelo Governo. Por exemplo: nas escolas estão ensinando, nas aulas de educação física, bola ao cesto, vôlei, ginástica sueca e até handebol. Os sábios da educação física, que não sabem enxergar, não percebem que estão matando o futebol. Por falta de espaço, acabaram as peladas de rua e nas escolas o futebol está proibido. Nas Olimpíadas escolares, cada dia diminui o número de inscrições para os torneios de futebol. Tudo isso é lamentável. Parece até que é um plano para se acabar com as formas de afirmação do povo brasileiro, para ele se tornar cada vez mais sem brio e ser mais facilmente explorado. Temos que preservar o nosso futebol espontâneo, assim como temos que preservar todas as manifestações espontâneas do povo. Precisamos conquistar espaços livres para nós. Precisamos de espaços livres até pras peladas.

Cartolas X torcedores: pimenta nos olhos dos outros é colírio (Folha de S. Paulo – Edição de 5/4/1977. Página 37. (Caderno Ilustrada)

A sorte dos cartolas do futebol é que eles nunca são eleitos pelo corpo associativo do clube. Eles são eleitos por conselheiros. E conselheiro de clube é sempre um cartola que não deu certo, sempre gente muito mais ligada à cartolagem do que torcedor. Então, mexe e vira a cartolagem que dirige os clubes de futebol apronta um xaveco⁵ cavernoso pra torcida. Estão aí os cartolas do Corinthians pra não nos deixarem mentir. Só porque iam fazer um jogo importante contra o Internacional, pediram e conseguiram o aumento dos ingressos. E não há como o torcedor reclamar. Tem que pagar ou não assistir ao jogo. E numa cidade como São Paulo, sem lazer, sem o que fazer, o homem comum, pra não enlouquecer, acaba estourando o orçamento e largando sua grana no guichê do estádio.

*

Cada dia fica mais evidente a grande crise de dignidade que atravessa o país. As pessoas falam uma coisa e fazem outra, sem nenhum acanhamento. Parece que ninguém acredita na memória dos outros. O Vicente Matheus não poderia, por uma questão de coerência, nem tentar mais uma vez a presidência do Corinthians.

*

Sabe como é que é, o Corinthians é um clube que, embora dirigido por milionários, tem uma torcida popular. Muitos meninos e jovens torcem pelo Corinthians e acompanham a vida do clube. E esses exemplos de esperteza que os cartolas politiqueiros dão a toda hora só servem pra desorientar a mocidade.

*

⁵ Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

Em puro golpe de candidato, o Vicente Matheus contratou jogadores caros pro Corinthians. Deve ter até metido dinheiro do seu bolso nas transações. E agora, pelo sim, pelo não, quer recuperar logo o dinheiro investido. E pra isso, sangra o torcedor com aumento do preço do ingresso. Os cartolas fazem o que querem. Não existem vozes que eles respeitem e defendem o povo.

*

O Brandão, técnico atual do Corinthians, é o típico sujeito que acha que pimenta no olho dos outros é colírio. Andou choramingando quando foi “dançando” pelos cartolas da C. B. D. do cargo de treinador da seleção. Mas, nem vacilou em fazer com o Duque o mesmo que o Coutinho fez com ele. Bem antes de Duque cair, toda a torcida sabia que o Brandão seria o técnico do Corinthians. E ele se fazia de desentendido.

*

Palhinha, Brandão, Jairo, essas recentes contratações do Corinthians devem ter bagunçado as finanças do clube. Mas, a cartolagem nem se preocupa em ir fazendo dívida. Quem vai pagar mesmo é o povão lesado das quebradas do mundaréu. A torcida é que tem que fazer sacrifício pra pagar pelos erros econômicos das más administrações.

*

Se o Corinthians perder do Internacional em Porto Alegre, o que é bem provável, já que não conseguiu ganhar aqui em São Paulo, e a torcida desgostosa perder a motivação, como é que fica o Corinthians? Cheio de dívidas e sem público.

*

Todos os cartolas politiqueiros dizem que dirigir um clube é um cargo de sacrifício e tal e coisa e coisa e lousa. Porém (e sempre tem um porém), eles não querem nunca largar o cargo que ocupam. Aliás, esses dirigentes, que já provaram a incapacidade em muitas ocasiões, acreditam que eles, só eles e mais ninguém, sabem das coisas. Os cartolas politiqueiros estão levando o futebol à falência. Apesar do preço dos ingressos altíssimos, apesar das grandes rendas, nossos clubes estão todos endividados com bancos, com INPS, com patrimônios penhorados e cada vez ficam mais sem condições de se recuperar. Tudo isso é prova de incapacidade de administração. Mas, se algum diretor não concorda com alguma coisa do que vem sendo feito, é logo afastado pelo presidente, que fecha o departamento, acumula o cargo e decide tudo sozinho, como se fosse o único dono da verdade. O Vicente Matheus fez isso com vários diretores e vice-presidentes, botou pra fora da diretoria até seu próprio irmão. Mas, o Corinthians continua sem ganhar título.

A medicina com os pés no chão, enquanto as multinacionais não vêm (Folha de S. Paulo – Edição de 6/4/1977. Página 35. (Caderno Ilustrada)

Foi num carnaval. Um grupo de médicos resolveu, pra variar um pouco, ir matar bichos, em vez das pessoas que ajudam a matar dia a dia. Saíram pra caçar. Não foram muito longe de São Paulo. Uma hora de carro do centro da capital até o lugarejo. Lá chegando, soltaram os cachorros e foram preparar as armas. Um dos cães entrou no mato e uma cobra o picou. Eu não entendo de cobra e os médicos-caçadores também não entendem, mas até cego podia ver que a cobra que picou o cachorro era das venenosas. O bicho começou a espumar, a verter sangue pelos poros e a ganir desesperado. Os médicos se apavoraram e saíram à procura de um veterinário. Não demorou muito pra eles perceberem que na região não havia nem veterinário, nem médico, nem posto do INPS, nem nada. Certos de que iam perder o cão, os médicos também decidiram perder o programa e retornar a São Paulo. E com essa decisão tomada, foram ao riacho buscar seus badulaques. Porém (e sempre tem um porém), ao chegarem lá, os médicos viram um grupo de garotos brincando justamente no mato onde a cobra picou o cachorro. Os médicos alertaram os garotos de que no mato tinha cobra e eles responderam que sabiam. Aí, os médicos quiseram saber o que aconteceria se um deles fosse picado e, pálidos de espanto, ouviram a explicação de que morava ali perto um rezador que era infalível contra mordida de cobra.

*

Médico é médico, não acredita em rezador, curandeiro e pai de santo. Mas, sabe como é que é, se não tem tu, vai tu mesmo. Pegaram o cachorro picado, que já estava moribundo, e foram no barraco do tal rezador. Lá chegando contaram o caso. E o rezador não se fez de rogado. Benzeu o cão, fez o bicho beber um líquido mágico. E sem maiores mistérios, anunciou que o cachorro estaria bom no dia seguinte. E não deu outra coisa.

Os médicos vibraram com a pronta recuperação do cachorro. Mas, esqueceram de pegar uma amostra do santo líquido contra veneno de cobra pra analisar. Coisa que as multinacionais dos remédios não esquecem de fazer. Os agentes desses laboratórios ultimamente, mais que nunca, têm andado xeretando nos terreiros e nos barracos dos curandeiros à cata de ervas milagrosas. Muitas dessas ervas, já analisadas, tiveram comprovados os seus valores medicinais e também comprovado que elas servem justamente pra curar os males para os quais os curandeiros as indicam. O que atesta a sabedoria popular.

*

E é isso aí. Se não fossem curandeiros e macumbeiros, nosso povo, que já está com a saúde tão precária, estaria ainda pior. No INPS, o atendimento é todo cheio de truques. Filas enormes e mau humor dos funcionários. Na barraca dos curandeiros famosos sempre se forma filas enormes, só que lá dentro o necessitado é atendido com muito carinho e recebe atenção como se fosse o único.

*

Só na capital de São Paulo, funcionam mais de dois mil curandeiros rezadores. Isso sem se contarem centros espíritas, de umbanda e candomblé. No

momento, quem vem tendo maior sucesso, com seu nome comentado de boca em boca por todas as quebradas do mundaréu, é o Pai Garrincha de Vila Santa Isabel.

*

Nesses meios todos de rezadores, pai de santo, médiuns, curandeiros, existe muita mistificação. Porém, o povo aflito, desanimado pelo mal atendimento médico dado pelo governo, entra em todas. Mas existem os curandeiros, pai de santo e rezadores que conhecem os segredos das ervas e isso devia ser pesquisado com profundidade por médicos brasileiros, antes que os laboratórios multinacionais comecem a comprar essas ervas nossas como mato, pra depois nos venderem em forma de pílulas caríssimas.

O paternalismo não salvará o circo, nem arte nenhuma (Folha de S. Paulo – Edição de 7/4/1977. Página 31. (Caderno Ilustrada)

Essa semana, os jornais têm falado muito de circos, artistas de picadeiro do passado. E muita gente aparece na parada querendo paternalisticamente salvar o circo. Porém (e sempre tem um porém), é preciso que se diga que um bom circo não precisa ser salvo. O bom circo tem público certo e seus empresários nem por decreto querem mudar de atividade. Se vivem choramingando é unicamente pelo velho princípio de todo bom empresário: “Quem não chora não mama”. Com choradeira, eles vão conseguindo terrenos e subvenções governamentais. Mas, os bons circos, vá lá que se ajude. Quem não merece auxílio de espécie alguma são as espeluncas que andam rolando pelos bairros e lugarejos afastados e que, a bem da verdade, são sempre dirigidas por empresários cretinos, vaidosos e oportunistas. Empresários esses que foram os maiores responsáveis pelo desaparecimento quase total do grande astro do circo, o palhaço.

Há muito tempo não se ouve falar no aparecimento de um palhaço do mesmo gabarito do Piolim, do Arrelia, do Toledo, do Chincharrão, do Pirolito, do Torresmo, do Borracha. E não se ouve falar porque não existem jovens artistas se dedicando a esse duro ofício. Mas, não é por falta de escola que não aparecem os novos palhaços. Os empresários de mafuá, sempre vaidosos e gananciosos, acham que, para ser palhaço, basta pintar a cara de alvaiade e copiar as “entradas” (número de palhaço) dos Chincharrão, Piolim, Pirolito, Torresmo, Arrelia, Borracha, Spino e outros que conhecem a profissão que exercem com muito talento. Aí, já viu. Eles mesmos fazem o palhaço nas suas espeluncas. E fazem mal. Mas, hoje em dia, o sucesso do circo já não depende do palhaço. Depende dos shows que esses empresários-palhaços contratam com artistas de rádio e televisão. O show do Tonico e Tinoco é casa cheia, show com o Saracura e com sanfoneiros nordestinos e caipiras lota circo a três de alto, fica gente se agarrando pelos picos pra não espirrar pelo ladrão. Show de iê-iê-iê com artista que se apresenta em programa de Silvio Santos é sucesso garantido. E é assim que esses mafuás trabalham. Na primeira parte, o empresário de palhaço, com a própria mulher e dois ou três amarracachorros fazem a poeira para um público que se diverte em vaiá-los e esculachá-los. Na segunda parte, entra o show que faz jus ao dinheiro do ingresso.

Naturalmente que nesse circo que trabalha com show de rádio e televisão o palhaço não pesa na balança. Mas, num circo de verdade, em circo como aqueles em que eu trabalhei há vinte e cinco anos, o palhaço era a chave do sucesso. Se a companhia estreava numa praça e o palhaço não agradava, o empresário sabia que já podia mudar, a temporada seria fracasso. Mais que leão, elefante, trapezista, engolidor de fogo, mágico, o palhaço era quem pesava na balança. E devido a isso, quanto mais criativo, mais espontâneo fosse o cara-pintada, mais forte ficava o circo. Hoje, com a mania dos empresários de circo de se acharem com o direito de pintarem a cara e entrarem no picadeiro de palhaço só porque são donos da espelunca, a profissão ficou aviltada, não surgem novos valores. Eu sei de muitos, mas muitos casos mesmo de garotos que ajudam a armar circo na periferia só pra conseguirem uma chance de trabalhar de palhaço. E depois são chutados só porque logo na estreia agradam mais que o empresário-palhaço.

Fala-se muito em escola de circo que ensinariam, entre outros ofícios, o de palhaço. Para que escola de palhaço? O bom palhaço só vai se fazer é no picadeiro, diante do público. Fora disso, não dá nem pra saber se o sujeito tem ou não talento pra esse ofício. E depois, não tem lógica ensinarem uma profissão que não tem mercado de trabalho. A televisão vive de filme estrangeiro, os circos pequenos, de shows de rádio e os grandes circos, de leão e elefante. Já chegam as muitas faculdades que formam gente que não vai arrumar emprego, como, por exemplo, as de Comunicação, as de Assistente Social, as de Sociologia, as de Letras, as de Educação Física. Pra que mais uma escola nessa base?

Tempos atrás, um bom circo, que estava armado na periferia de Santo André, teve sua bilheteria assaltada. Era um domingo e, sabendo da quantia roubada do circo, que era a renda apenas da sessão da noite, eu, só por curiosidade, fiz a conferência. A quantia roubada do circo era maior do que a de oito teatros de São Paulo, todos com peças consideradas sucessos. Por essas e outras é que acho que o bom espetáculo não precisa de subvenção paternalista. E o que é ruim não deve ser ajudado. Arte só precisa de liberdade de expressão. Essa é a matéria-prima do artista. Arte subvencionada é arte morta, arte hermética, arte elitista.

A música popular brasileira e a máquina do som (Folha de S. Paulo – Edição de 8/4/1977. Página 29. (Caderno Ilustrada)

Existem artistas que a máquina (rádio, televisão, disco) impede que sejam amados pelo povo. Isso porque eles não interessam comercialmente para a máquina. E basta não programar esses artistas, e pronto. Ninguém sabe que eles existem, ou estão em atividade. Naturalmente, o público é empenhado pelos olhos e pelos ouvidos e só pode gostar do que vê e ouve. Como é que um garoto de agora vai gostar de seresta, se só escuta rock? Não dá.

*

Os programadores e apresentadores de música na rádio mexe e vira alegam que eles tocam o que o público jovem quer ouvir. E sapecam em seus programas a música importada. Agora, sabe como eles chegam à conclusão de que o público jovem quer escutar música importada? Naturalmente deveria ser através de

pesquisas feitas por gente especializada e tal e coisa e coisa e lousa. Só que não é assim que os programadores de rádio descobrem a preferência do público. Eles simplesmente tocam o que está no catálogo das gravadoras, que lhes dá o disco e, quem sabe, uma gorjetinha para que eles toquem o que interessa a elas, gravadoras, quase todas multinacionais. Daí, já viu. Se um disco toca de manhã à noite, acaba virando música da moda. Então, um cantor qualquer vai defender a música nos raros programas musicais da televisão.

*

São vários os cantores brasileiros que inventam nomes estrangeiros pra si mesmos e gravam rock feitos aqui, em inglês.

*

Mas, as gravadoras multinacionais gravam música brasileira. Só que gravam, mas não divulgam, não investem na música brasileira. Gravam apenas pra dizerem que gravam e ninguém compra. Mas, ninguém compra porque não se toca, não sabe que existe.

*

Eu uma vez gravei um disco contando história do samba paulista, junto com o Zeca da Casa Verde, Geraldão da Barra Funda e Toniquinho Batuqueiro. Esse disco foi considerado pela crítica como um trabalho muito sério, serviria, pra quem quisesse estudar com profundidade as origens do samba de São Paulo, como um ponto de partida. Mas, logo o disco sumiu. Ganhou o apelido de disco-voador. Alguns afirmavam que o disco existia, só que ninguém via, não se encontrava nas lojas e não tocava em lugar nenhum. O disco era da Continental. A gente ia lá buscar o disco e eles diziam que já tinha esgotado. A tiragem, segundo eles, foi de dois mil discos. Um pessoal da PUC que queria o disco para trabalho procurou em todas as lojas, não achou. Foram na fábrica e receberam a informação de que estava esgotado. Nós fomos receber os direitos autorais, mas não deu pra pegar a grana que tinha lá. Eles queriam pagar por vinte ou trinta discos que, segundos os caixas, é o que vendeu. E deve mesmo ter sido toda a tiragem do disco.

*

Que eu não venda disco, ainda vá lá. Mas a Isaurinha Garcia e a Alaíde Costa são duas cantoras excelentes, com enorme público e que gravaram discos recentemente. Só que o lançamento do disco dessas duas maravilhosas intérpretes foi secreto. Seus inúmeros fãs não sabem que tem disco delas na praça.

*

O Hermínio Bello de Carvalho, do Rio de Janeiro, ficou sabendo dos novos discos dessas maravilhosas cantoras e me mandou um recado malcriado, dizendo que não é possível que aqui em São Paulo a gente seja tão ingrato com essas notáveis cantoras. Ele não compreende que não se faça uma badalação pra que Isaurinha e Alaíde lancem seus discos. O poeta Hermínio sugere uma homenagem às duas pelos seus discos. E bem merecem. Vamos falar com o pessoal do sindicato

dos jornalistas e zoar em homenagem a essas magníficas cantoras. Prestigiando nossas artistas, estamos defendendo nossa música popular.

*

Um povo que não ama e não preserva suas formas de expressão mais autênticas jamais será um povo livre.

Em busca de uma bússola num tempo de faróis quase apagados (Folha de S. Paulo – Edição de 9/4/1977. Página 25. (Caderno Ilustrada)

As cartas dos leitores vão chegando e isso, podem crer, me deixa feliz demais da conta. Já expliquei que, por ter aprendido a me comunicar nos picadeiros do circo, sou dos que necessitam da resposta imediata. Vaia ou aplauso, pra mim servem sempre de bússola. E, puxa vida, como a gente precisa de orientação nesses tempos de faróis de luzes pálidas ou apagadas. Porém (e sempre tem um porém), hoje é sábado e amanhã é domingo, pé de cachimbo e é de Páscoa e desejo a todos um bom ovo. Sobretudo aos que se lembraram de me escrever, os que perderam dois tempos comigo: me lendo e me dando um alô. Dona Sara Vieira de Carvalho, da Rua Vergueiro, 3.389, capital; Mário do Brás; José Antônio C. D'Angelo, av. Cussy de Almeida, 2.565; Romeu Munhoz de Camargo Filho, Jardim Jaraguá, Taubaté, Helena de Castro Manso, Rua Renato Paes de Barros, 1054; Mareita Rego Teixeira; a menina Lulu; Futura Filmes; Sétimo Luiz Gennaro, Rua Raimundo Nogueira, 101, Penha; Instituto Nacional de Previdência Social e novamente o Juvenal, o Satírico. Quero avisar que a coisa que eu acho mais covarde é carta anônima e telefonema anônimo. Portanto, carta anônima, mesmo que seja com elogio, me irrita e vai pro lixo direto.

Menina Lulu

Não canso, não. Engano seu. Se tenho quarenta e dois anos, ainda jogo noventa minutos e tenho filhos pra criar. Se eu cansasse, sentava na sarjeta e morria. Não que eu ache tudo fácil. Nada é fácil. Porém (e sempre tem um porém), é vencendo os obstáculos que o homem evolui. Eu, minha criança, acredito na virilidade espiritual capaz de transformar as coisas e, se acredito nela, estou sempre chegando junto nas divididas. Falar vale a pena. Vale muito a pena. D. Paulo Evaristo Arns, num dos seus melhores sermões, já nos disse que a tendência da humanidade é a dignidade e que a dignidade humana se manifesta até nas mais miseráveis situações. D. Paulo sabe o que diz. E então, compete a nós, a quem foi dado um espaço, falar sem medo de correr riscos, falar pelos que sofrem e não esperar nenhuma recompensa além da de poder falar pelos que sofrem. E, se não esperarmos nada, acabamos até sendo recompensados pela ira dos que oprimem e fazem sofrer o povo, porque nessa ira que eles nos devotam está a certeza de que incomodamos a eles, apesar de todo o poderio deles, e sentimos que estamos cumprindo com grandeza a miséria que nos coube por destino. Portanto, minha criança, não pare de falar contra o que ofende sua sensibilidade de poeta (você pode não ter achado a forma, mas tem poesia, desesperada poesia dentro de si),

não se renda aos dezesseis anos, nem nunca. E pode crer que sua carta me dá força, sim. Beijos e também sem pretensões cinematográficas.

Sétimo Luiz Gennaro

Leio sua carta e lembro do meu avô Chico Barro[s], que nos ensinou a beber um copo de vinho nas refeições, mesmo que fosse só feijão com polenta. Mas, deixa isso de lado. Sei que você tem razão nas duas coisas. Os engarrafadores de vinho batizam com água pra ter mais lucro e os donos de boteco não temem e não respeitam Sunab nenhuma. No entanto, é bom saber que você tá na Penha e qualquer dia a gente se cruza nas quebradas do mundaréu pra beber vinho. E nesse dia, se servirem água suja, a gente faz a casa cair.

Romeu Munhoz de Camargo Filho

Quanto à cartolagem que dirige o futebol, você tá certo. Eles vão levar o futebol à falência. Mas, devagar com o andor que o santo é de barro. Nosso Santos atualmente só faz vergonha.

José Antônio D. Angelo

Grato por tudo que você disse. Mas, pombas, que história é essa de pedir pra um cara que nem eu, que sabe tudo de futebol, torcer pro Corinthians? Aqui, ói! Sofro mesmo torcendo pro alvinegro da Vila.

Várias cartas

Recebi cartas assinadas de pessoas que pedem pra não dizer seus nomes pra que elas não sofram represálias. Assinaram, deram o endereço e eu, grato pela confiança, guardo o sigilo. Todas essas pessoas me falam da dolorosa situação do aposentado sem Regime de Dedicção Exclusiva. Eu não sei o que é isso ao certo. Mas, já mandei meus pontas de lança levantarem o assunto. Tudo o que se refere a aposentados nesse país é tratado com pouco caso. Mas, nós vamos meter lenha nessa fogueira loguinho.

INPS

O INPS, através do assessor do superintendente, Antônio Pedone de Oliveira, nos avisa que a Central de Informações deles atende pelo telefone 229-1122, dia e noite, sábados, domingos e feriados. O que motivou esse aviso foi um piche que dei no INPS num dia desses. Gratos pela dica.

Juvenal, o Satírico

Dessa vez você veio sem graça. Não dá papo.

Paixão de Cristo em Mafuá (Folha de S. Paulo – Edição de 10/4/1977. Página 20. (Caderno Folhetim)

Quando chega a Semana Santa, os empresários dos mafuás que estão armados pelas quebradas do mundaréu ficam assanhados pra montarem a Paixão de Cristo. Claro que não fazem isso movidos por sentimentos religiosos. Fazem isso

por ganância. Paixão de Cristo sempre deu uma sonora grana. Quando na tabuleta da espelunca aparece o anúncio do Mártir do Calvário, podem contar que a casa vai ficar cheia a três de alto, com nego se agarrando pelos picos pra não espirrar pelo ladrão. Vem gente de longe largar o dinheirinho no guichê do mafuá. Dinheirinho esse que sempre acaba desequilibrando o orçamento. Mas, deixa isso de lado. Mais vale um gosto do que um vintém no bolso, já dizia Mestre Zagaia, velho cabo de esquadra que navegou sem bandeira pelas sete águas barrentas e bateu perna sem rumo pelos estreitos, escamosos e esquisitos caminhos do roçado do bom Deus. E o que quero contar e o que pesa na balança é que, como esses mafuás não têm elenco fixo e como são muitos os personagens da peça “O Mártir do Calvário”, os empresários se veem obrigados a contratar atores de várias procedências. Alguns até que nunca viram. Eles vão à Avenida São João, esquina do Largo Paissandu, onde se reúnem os artistas de circo, e fazem o acerto. O empresário grita:

– Preciso de um Jesus, de um Judas, de um Pilatos e de uma Madalena.

Logo recebe como resposta:

– Eu faço o Judas, mas só topo se pegar minha mulher de Maria.

– Pra Maria não dá. É a minha mulher. Mas, se ela quiser ir de Madalena, pago a mesma coisa, como se ela fosse a Maria.

– Nada feito. Ela é Maria e não faz outra.

– Preciso de um Jesus, um Judas, um Pilatos e uma Madalena.

– Eu só preciso de um Pilatos.

– Pago bem por um Judas.

Nesse rolo, aparece palhaço que faz Jesus, trapezista que faz Judas, domador de leão que quebra galho de Pilatos, travesti que se oferece de Madalena, strip-teaser que sabe de cor o papel de Maria. Artistas de todos os gêneros querendo faturar mais um dinheirinho na Paixão de Cristo. É como músico que larga o violino no Municipal durante o Carnaval e vai tocar bumbo em gafieira. Sabe como é que é, a vida anda custando os olhos da cara e cobra que não anda não engole sapo. E se a vida anda difícil até pra doutor, imagina então pra artista. Artista no Brasil está sofrendo mais que a mãe do porco-espinho na hora do parto. Na televisão brasileira, o artista americano morto está trabalhando mais que artista brasileiro vivo. Aí, já viu, pra faturar mais uma grana, o ator faz até a vaca do presépio. Se faz! Ele faz papel de garoto-propaganda de produtos que ele nem sabe o que é, faz propaganda até de coisas contra ele, não vai recusar ser a vaca do presépio. E, mal ou bem, formam-se os elencos. Tudo é na base da confiança:

– Você faz o Judas?

– Faço.

– Sabe de cor?

– Sei.

– Então não precisa ensaio.

Chega lá no circo às três horas, que a matinê é às quatro.

Formados os elencos, o empresário passa na Casa Teatral, aluga armaduras, lanças, cálices sagrados, escudos e alguns outros badulaques sacros. E se manda pro seu reduto. Com os amarra-cachorros e alguns pinguços conhecidos dos botecos da redondeza, ele forma a guarda romana. O que leva sempre o povão a achar que já naquele tempo só dava nortista na polícia e a xingá-los de meganhas

quando vão prender o Cristo. Mas, resolvido isso, o empresário só se preocupa em vender ingresso. Porém (e sempre tem um porém), um elenco montado nessa base é meio difícil de dar certo. E sempre acontecem os vexames.

Uma de Judas

Um ator que ia fazer o Judas custou pra achar o mafuá e chegou quase na hora de começar o espetáculo. Só teve tempo de se enfiar na roupa do apóstolo traidor e entrar em cena. E foi cumprindo com categoria a sua parte. A bem da verdade, o público colaborava. Eles conhecem a história e, assim que o Judas aparece, é vaiado até todo o povo do puleiro ficar rouco. Naquele dia, não deu outra coisa. A galera uivava toda vez que o Judas entrava em cena. Teve até uma hora lá, quando o ator-Jesus falava, após distribuir o pão e o vinho:

“Quero, discípulos queridos
convosco reunido
hoje a Páscoa celebrar
ao ver terminar a vida
o que a morte não recaia
só desejo que esta ceia
vos sirva de despedida
Um há por quem traído serei
esse não mais me verá
esse eu não mais verei.

Aí, o Judas pergunta:

– Judas será porventura?

E, antes que o ator – Jesus responda [sic], um português ficou de pé na plateia e berrou:

– Tu ainda tens coragem de perguntar, seu... seu... Não digo o que tu és, seu filho de uma égua, porque tem senhora... Cara de pau! Vendeu um homem tão bom por trinta mirréis. Ele vale mais, muito mais, seu sem-vergonha! Eu te parto a cara! Filho...

E o português ia continuar o esculacho, mas foi tão aplaudido pelo público, que até se acalmou. Isso pro Judas era a glória. Tinha conseguido enfurecer a plateia. Emocionado e impaciente, não via a hora de chegar sua grande cena: o arrependimento e o enforcamento. E foi nervoso que entrou pro grande monólogo. Relâmpagos de piscada de luz, trovada de folha de zinco sacudida, uivo de lobo feito pelo empresário, pelo Jesus e pela Madalena atrás do cenário. E o Judas, depois de andar como doido pelo palco, começa a sua fala e conclui o texto avisando que vai se enforcar na figueira brava. E só então o Judas percebe que esqueceu de trazer a corda. Anda meio desnorreado pelo palco. Olha para um lado da coxia (lateral do palco), não vê ninguém. Olha pro outro, vem um bombeiro sério, prestando muita atenção. Aí, o Judas se recupera do espanto e, com presença de espírito, vai improvisando um texto, zanzando pelo palco, se aproxima do bombeiro e sussurra:

– A corda.

O Judas, improvisando, volta pro meio do palco e olha. O bombeiro está lá. Nem se mexe. Ele volta aos tombos até perto do bombeiro e torna a murmurar:

– A corda.

Novo jogo de cena do Judas e o bombeiro continua parado. Aí, o Judas, já aflito, diante da plateia que já começa a resmungar que ele está demorando pra se enforcar, caminha até o bombeiro e, nervoso, diz:

– A corda.

E o bombeiro responde:

– Eu não estou dormindo, seu idiota.

E aí o Judas não teve remédio: se matou com vários socos na cabeça.

Pilatos

Outro papel muito importante é o de Pilatos. E o ator que o desempenha sempre faz muito sucesso. E isso desperta a inveja dos coleguinhas. Vai daí, existem alguns que não vacilam em armar uma presepada pra deixar a [sic] Pilatos mal. Num dia de Paixão de Cristo, o Pilatos estava lá:

– Povo de feras, raça viperina
se é fero o povo judeu
não é verdugo o pretor.

A plateia aplaudida. E o Pilatos embalava, até que chegou o grande momento:

– No sangue do inocente
eu lavo as minhas mãos

O Pilatos bateu palmas e entrou um crioulinho carregando uma bacia de água, bem instruído pelos outros artistas. Aí, quando o Pilatos mete a mão na água, o crioulinho perguntou:

– O senhor quer sabão, seu Pilatos.

O circo veio abaixo de tanto que o público riu e Pilatos saiu batendo no crioulinho.

Jesus

O ator que ia fazer o Jesus, antes de subir na cruz, reforçou a barba com verniz e só depois deixou o contrarregra amarrá-lo. Quando já estava tudo pronto, o ator-Jesus pediu pro camisa-de-ferro deixar ele dar uma tragada no cigarro. O moço meteu o cigarro na boca do Cristo e, ao escutar o contrarregra avisar que o pano ia abrir saiu correndo. O ator-Jesus, quando viu a cortina abrindo, foi cuspir o cigarro, mas ele grudou no verniz da barba. Pano aberto, o ator-Jesus desesperadamente sacudia a cabeça, a cruz sacudia junto e o cigarro não desgrudava. E a barba começou a pegar fogo. A Maria, ao ver o fogo, gritou: Milagre! E deu tapas na barba de Cristo pra acabar com o princípio de incêndio. Só que aí o cigarro caiu, mas foi parar dentro da tanga do Cristo. Esse aguentou o quanto pode. Mas pode pouco. Se arrancou do palco com cruz e tudo pra apagar o novo incêndio que começava sob a tanga. E o público, que não entendeu nada, vaiou muito e saiu dizendo que foi a Ressurreição mais fajuta que já tinham visto.

As meninas estudantes e seus gravadores (I) (Folha de S. Paulo – Edição de 11/4/1977. Página 21. (Caderno Ilustrada)

Mexe e vira, aparecem bandos de menininhas estudantes com seus gravadores nas portas dos canais de televisão à procura de atores para entrevistar. Às vezes chego até a pensar que existe algum convênio entre professores e as fábricas de gravadores, tal o surto que deu ultimamente desse negócio de menininha de colégio ir entrevistar artista de televisão. Outras vezes penso que os professores, tão mal remunerados, tendo que ter dois ou três empregos pra equilibrar o orçamento diante da vida, que anda custando os olhos da cara, ao mandarem as meninas estudantes entrevistarem artistas estão descansando delas por umas quatro ou cinco aulas. Em outras ocasiões, cismo que talvez os professores, na maldita dúvida que os consome, sem saber se devem servir ao aluno ou à instituição que lhes paga o salário, usam desse expediente. Sabe como é, se ensinam seus discípulos a enxergar, correm o risco de não terem seus contratos renovados, e se saem de uma organização de ensino, é duríssimo entrar em outra. Porém (e sempre tem um porém), se ficam limitados a ensinar o bê-a-bá, se corroem de remorso e muito cedo acabam falando sozinhos e batendo com a cabeça no poste. Então, por isso, na esperança de que alguém seja o guia de luz para seus alunos, mandam eles procurarem os artistas de televisão.

E lá vão as menininhas estudantes com seus gravadores e as perguntas que gostariam de ver respondidas:

- O que o senhor acha do fechamento do Congresso?
- O que o senhor acha dos direitos humanos?
- E a Censura, prejudica as artes?
- O senhor é contra ou a favor da eleição direta?
- E a reforma do judiciário, o que vem a ser?
- O senhor é a favor ou contra o acordo nuclear?
- O senhor é favor ou contra os farofeiros que fazem piquenique nas praias

de Santos?

- O problema do índio tem solução?
- E o problema do menor abandonado?
- É verdade que o preço do chuchu é responsável pela inflação?

Meu bom amigo Flávio Rangel, excelente diretor de teatro, que atualmente está rindo à toa com o sucesso da peça “A Morte do Caixeiro Viajante”, de autoria do Arthur Miller, dirigida por ele, com o genial ator Paulo Autran, outra noite estava lembrando que falar com artista brasileiro é fácil. Difícil é falar com artista americano. E para ilustrar o que afirmava, contou que, quando dirigiu “Depois da Queda”, do mesmo Miller com Maria Della Costa dando banhos de interpretação depois de [um] ano e tanto em cartaz, Maria pra descansar resolveu ir com seu marido Sandro Polônio aos Estados Unidos e sentiu vontade de conversar com o autor peça que ela defendeu tão bem. Foi uma mão de obra. Era agente, secretário, governanta, guarda-costas, uma tremenda linha de beques, de beques que não querem ganhar o Prêmio Belfort Duarte (pra quem não sabe, esse é o prêmio que se dá pra jogador que não é expulso de campo durante dez anos), a impedir o contato da Maria do Sandro com o Arthur. Eles acabaram conseguindo. Mas suaram a camisa.

Aqui no Brasil ninguém faz cerimônia com artista de televisão. Nem as meninas estudantes com seus gravadores. Elas vão chegando em bando na porta dos estúdios e alegremente se instalam, como se fossem um grupo de farofeiros na praia de Santos, antes da desumana guerra que lhes move o prefeito nomeado da outrora bela cidade. Ligam o gravador, agarram o artista que escolhem e sem inibição atacam:

– O que o senhor acha do fechamento do Congresso?

Quando as meninas estudantes com seus gravadores param um ator de televisão na porta de um estúdio e perguntam:

– O que o senhor acha do fechamento do Congresso?

O ator cai do charme. Tosse, tosse, bufa, engasga. E pensa logo que as meninas estudantes são policiais disfarçados de meninas estudantes. E aí... Bom, continuo amanhã...

As meninas estudantes e seus gravadores (II) (Folha de S. Paulo – Edição de 12/4/1977. Página 45. (Caderno Ilustrada)

Ontem, eu estava contando que ator de televisão treme nas bases ao escutar menina estudante com seu gravador fazer pergunta dessa ordem:

– O que o senhor acha do fechamento do Congresso!

Porém (e sempre tem um porém), é preciso que se diga que o ator de modo geral treme só de ver as meninas estudantes com seus gravadores. Não precisa nem elas fazerem perguntas consideradas embaraçosas. Mas, a bem da verdade, ator da Globo treme mais do que ator da Tupi diante das meninas estudantes com seus gravadores. Isso porque ator da Globo mexe e vira sai na capa da revista Amiga e ator da Tupi não sai nunca, o que faz com que ele se sinta um fracasso e mais predisposto a fazer média com o telespectador. Já os artistas dos outros canais não são encontrados pelas meninas estudantes com seus gravadores, porque eles moram nos Estados Unidos. E mesmo as meninas estudantes com seus gravadores, porque eles moram nos Estados Unidos. E mesmo as meninas estudantes com seus gravadores sabendo falar inglês, beber Coca-Cola, mascar chiclete e dançar rock desde o Jardim da Infância, não vão andar até a Disneylândia ou até Hollywood só para saber o que o Rin-Tin-Tin, a Chita, o Pato Donald, o Humphrey Bogart, o Errol Flyn, o James Cagney acham do fechamento do Congresso. Além do que o Congresso deles não fecha nunca, como não fechou agora recentemente, quando derrotaram um projeto do governo lá deles sobre Direitos Humanos. As meninas com seus gravadores ficam por aqui, atrás do ator patricio que, ou está na Globo morrendo de enfarte, ou na Tupi morrendo de fome. Os dois outros canais não morrem. Esse time do Bogart, Errol Flyn, Cagney são eternos. Já estão em atividade há mil anos e parece que vão continuar. Nenhuma lei aparece pra dar descanso a eles e trabalho pro ator brasileiro. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que o ator da Tupi é mais fácil de ser entrevistado pelas meninas estudantes com seus gravadores, do que ator da Globo. E isso se deve a mil e um motivos. Por exemplo: ator da Globo é reconhecido na rua pelo telespectador. Ator da Tupi se apresenta na rua pro telespectador. Artista da Globo é chamado pelo nome do personagem que faz na

novela. Ator da Tupi é chamado pelo nome do produto que anuncia nos intervalos comerciais da Globo. Por essas e outras, ator da Tupi está sempre muito mais predisposto a dar entrevista pras menininhas estudantes com seus gravadores do que os atores da Globo. Mas, mesmo esses, ao escutarem perguntas como essa[s] sobre o Congresso, tosem, tosem, engasgam, bufam e se acanham.

Não existem diferenças fundamentais entre o ator de um ou de outro canal de televisão. Ou o ator está na Globo, ou na Tupi, ou está desempregado. E ele varia seu comportamento conforme a situação. Se está na Globo, sente-se um sucesso; se está na Tupi, um fracasso e se está desempregado, nem se sente. Por isso, até se entende[,] que um ator de televisão, vivendo constrangido pelo mercado de trabalho amesquinhado pela importação de cultura de consumo, não tome posição. O ator, o intelectual de país subdesenvolvido de modo geral é sempre um marginal de classe média querendo ganhar “status” através da arte e da cultura. E assim sendo, por mais que ele se diga humanista e progressista, nos momentos de crise ele sempre se revela o que na verdade é: um individualista, não tomando posição e não se envolvendo em nada que o faça correr riscos. Só por isso o ator não se queixa de trabalhar dezoito horas por dia, quando a lei manda que ele trabalhe apenas seis. Também não reclama de assinar contrato pela duração do seu personagem na novela (o que equivale a assinar o trato e o distrato juntos). E ao assinar esse contrato, o ator já fica sabendo que, se reclamar do calor de quarenta graus no estúdio sem ventilação, da falta de mictórios, do atraso de salário (às vezes mais de dois meses), ou se simplesmente quiser cuidar dos aspectos culturais da sua profissão, o seu personagem vai morrer na novela e ele, ator, vai ficar desempregado. Não, o ator não reclama de nada. Nem no seu campo específico. E não é ele que vai responder pras menininhas estudantes com seus gravadores essas perguntas:

- O que você acha do fechamento do Congresso?
- O que o senhor acha dos direitos humanos?
- A censura prejudica as artes?
- O senhor é a favor ou contra a eleição direta?
- O que é reforma do Judiciário?
- O senhor é a favor do Acordo Nuclear?
- O senhor é a favor ou contra os farofeiros que fazem piquenique em Santos?
- O problema do índio tem solução?
- E o problema do menor abandonado?
- Existe Esquadrão da Morte no Brasil?
- É verdade que o preço do chuchu é que provoca a inflação?

Não é tempo de cobrar dignidade pessoal de ninguém. Nem é isso que pretendo fazer aqui. Eu acho que, se um sujeito se omite de participar da vida, ele já está condenado a si próprio. O que quero tentar botar na balança é: quem vai responder às perguntas dos que vem depois de nós.

Se os professores, por tudo que relatei ontem, não são, se os artistas, por esse quadro exposto, também não são, quem será? Talvez a Rede Globo. Só ela investe dinheiro em televisão. Por isso é que ela dá tanto IBOPE e as outras não

dão nada. E a televisão é uma potência, invade o ser humano pelos olhos e ouvidos e em minutos altera raciocínios.

Os artistas de televisão não têm condições de atentarem pra esse aspecto. O mercado de trabalho amesquinhado os impede. Mas, isso é um fato a ser considerado. A Globo, no seu telejornalismo, nos dias que antecederam ao fechamento do Congresso, não noticiava nada a esse respeito. O que fazia com que grande número de pessoas eleitoras até não soubessem o que estava se passando. Nos Estados Unidos não é assim. Lá os canais de televisão têm audiência equilibrada. A diferença do IBOPE de um pra outro é mínima. E quem não der notícia perde audiência, porque o concorrente dá. Aqui, com sete canais, a Globo é tão absoluta, que pode até, ao se calar sobre um assunto, fazer a grande maioria do povo pensar que o assunto não está em pauta. Mas, alguém tem que responder às perguntas das meninas estudantes com seus gravadores. Amanhã continuamos... se Deus assim permitir...

As meninas estudantes e seus gravadores (III) (Folha de S. Paulo – Edição de 13/4/1977. Página 35. (Caderno Ilustrada)

Ontem eu contava que não são os atores de televisão que vão responder às perguntas das meninas estudantes com seus gravadores, assim como não são os professores e assim como não é a Globo, única rede viva e ativa no País. Não é a televisão. Chico de Assis, o dramaturgo, autor de novelas, jornalista, radialista, meu amigo, outro dia dizia que a realidade brasileira há muito é o Fantástico. E não se pode negar. A televisão é uma potência em matéria de comunicação, ela determina a moda. Claro está que os homens da Globo ficam preocupados com a inércia existente nos outros canais. E ninguém consegue compreender como a Globo dá certo e os outros canais, não. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é: quem irá responder às perguntas que a geração imediata à nossa faz a cada instante. Perguntas iguais a essa:

– O senhor é contra ou a favor do fechamento do Congresso?

Poderiam ser os artistas de teatro. Poderiam, mas não são. O teatro só tem sentido quando é uma tribuna livre onde se possa discutir até as últimas consequências os problemas do homem. E esse não é o caso do teatro brasileiro. Que se vê constrangido por duas censuras: a exercida pela polícia e a exercida pelos órgãos culturais, que subvencionam os espetáculos bem comportados. Aliás, nosso teatro chegou ao ponto de ninguém entender mais os critérios do governo em relação a ele. Por exemplo: uma peça como “Rasga Coração”, do nosso saudoso Vianinha, é premiada pelo governo, através do Serviço Nacional de Teatro, órgão do Ministério de Educação e Cultura, mas é proibida sua encenação pela Censura Federal, órgão do Ministério da Justiça. E aí tudo fica nebuloso. Está certo que temos nos palcos peças como “Gota D’água”, do Chico Buarque e do Paulinho Pontes, temos “O Último Carro”, do João das Neves, temos “Ponto de Partida”, do Guarnieri. Essas peças são boas. Mas, são apenas três, num teatro que montou no ano passado, entre Rio e São Paulo, mais de duzentas peças.

Então, restam as peças estrangeiras. São elas que salvam nossos atores e diretores, pois permitem que eles desenvolvam um trabalho de maior profundidade

em textos humanistas, como são os de Tennessee Williams ou de Arthur Miller. Mas, tudo isso é pouco. Muito pouco, para um teatro que já no início de sessenta era o mais poderoso do mundo na abordagem de assuntos sociais. Aliás, é quase nada. Ainda mais que nos anos sessenta se lutava exatamente pra acabar com o elitismo cultural no teatro e pra colocar o homem brasileiro no palco. Coisa que fazem agora “Gota D’água”, “O Último Carro” e “Ponto de partida”.

Mas, não são os atores, diretores, autores de teatro que vão responder às perguntas das meninas estudantes com seus gravadores. Da arte subvencionada pouco ou nada se pode esperar em termos de resposta às necessidades culturais do povo. E toda a arte amesquinhada por uma censura rígida tem que ser subvencionada porque fica na periferia dos problemas que afligem o povo, portanto é supérflua. Não é o teatro, não são as artes que vão responder às perguntas das meninas estudantes com seus gravadores. Lamentavelmente, no Brasil nesse momento toda a arte, das mais elitistas, como cinema, teatro, balê, artes plásticas, ópera e tudo mais, até as mais populares, como escola de samba, só se realizam com a subvenção do Governo. E essa ajuda econômica só vem após a aprovação da censura. Então, não são as artes que vão responder às perguntas das meninas estudantes com seus gravadores. Talvez a literatura pudesse, já que não há censura prévia para o livro. Mas, o livro é caro, mal distribuído e nesse país de analfabetos, nem o estudante tem o hábito de ler.

Então, vem aí uma geração de perguntas sem respostas. E que Deus lhes valha, porque é muito triste uma criança se criar desacostumada ao debate, desacostumada a perguntar porque não obtém resposta.

As meninas estudantes e seus gravadores (IV) (Folha de S. Paulo – Edição de 14/4/1977. Página 41. (Caderno Ilustrada)

Então, a gente fala que o ator deveria ter responsabilidades diante da geração que se vem criando com faróis de luzes pálidas ou apagadas e muita gente estilha:

– Por que o ator?

Naturalmente que não é só o ator. O professor, o jornalista, qualquer um é responsável pelos que vem atrás. Porém (e sempre tem um porém), o ator, no meu entendimento, tem muito mais responsabilidade que todos os demais. Isso porque ele é popular. Milhares de pessoas se projetam no ator, imitam o ator, acompanham a vida do ator. E isso ganha muito mais peso no tempo de obscurantismo, das verdades veladas, das meias palavras, das revanches, dos homens rotulados, do pensamento castrado, das justificativas para as omissões, das lideranças políticas marginalizadas ou acanhadas na cínica preservação de um mandato que, ao ser preservado, resulta inútil, nesse tempo de pouca fé, de falta de perspectiva, de má distribuição de riquezas; nesse tempo em que os valores são invertidos, a inteligência castrada, quando muita gente se sente sem bússola, totalmente desorientada e, então, busca alento nos nomes em evidência. E só os atores de televisão tem evidência. E isso é tão verdade, que a toda hora o ator é solicitado para vender geladeira, desodorante, fraldinha pro bebê, xampu, macarrão e todos os badulaques. Mas, ele não é ator pra isso. Não foi pra isso que ele escolheu esse seu penoso ofício.

O ator, quando menino, só queria ser irmão do homem, chorar todas as dores, derramar seu generoso pranto, rir seu mais singelo riso, emprestar o seu corpo, suas emoções, sua inteligência, pra fazer mais fácil o entendimento entre os povos, entre as classes sociais, reparar injustiças, dividir os pães, o amor, a sabedoria. Eu sei, ninguém me contou, sei que os atores, quando meninos, sonhavam em se doar inteiros por amor aos seus semelhantes, anulando suas personalidades em favor da personalidade de personagens que, na tragédia, no desesperado e inútil esforço do jogo pelo poder, fizessem brotar a luz e a compreensão. Eu sei que esse ofício doloroso é de própria escolha. Todos fizeram tudo pra dissuadir o ator menino de seguir carreira. Mas, ele queria. Queria morrer todas as noites na ribalta iluminada (e é engano pensar que um verdadeiro ator não morre de verdade em cada espetáculo) berrando por liberdade de pensar, de amar, de conviver.

Porque queria tudo isso, o ator sempre foi marginalizado da sociedade. Quando ele, abatido na procura da dimensão de uma personagem, vagava pelas ruas falando sozinho, transmudado em arremedo grotesco de si mesmo e de sua personagem, desmontado do seu próprio ego, cedendo-se ao ego da personagem, era ridicularizado, escarnecido, incompreendido. E de tanto se doar, o ator esqueceu-se de reivindicar pra si mesmo, de defender seu mercado de trabalho, a regulamentação da sua profissão. Mas, isso é bom. Bom será que os atores voltem a se sentir marginalizados. E não se transformem em bufões, bobos da corte sem nexos, camelôs de produtos deteriorados. E que abram seus olhos e percebam que estão na vitrina [sic] contemplados por milhares e milhares de olhinhos ansiosos de respostas. Que exerçam a profissão que escolheram com toda a dignidade.

Mas, para um ator exercer seu duro ofício com dignidade, é necessário que ele saiba de tudo o que se passa à sua volta. Como interpretar grandes tragédias da humanidade, como dizer o ser ou não ser do Príncipe da Dinamarca, morrer como Cristo no Calvário, se o ator não sabe que o Esquadrão da Morte da Baixada Fluminense assa gente no forno de padaria, que diariamente a humanidade se degenera nas favelas, nos pardieiros, que se morre em pé na fila do INPS, que homens amesquinados por salários miseráveis barbarizam sua mulher e seus próprios filhos? Como ignorar o Congresso fechado, os menores abandonados, o final dos tempos dos índios, as burlas todas aos direitos humanos, a impossibilidade de pensar e dizer livremente? Como ignorar todos os fantasmas do dia a dia e querer ser o cantor das mais doloridas canções da soluçante humanidade?

Por dever de ofício, o ator tem que enxergar tudo o que vai à sua volta pra compreender melhor a história da humanidade que, apesar de tudo, melhora, melhora lentamente, mas melhora. E é o ator que tem que dizer isso aos que vêm atrás para que a esperança não desfaleça. Inclusive no coração das meninas estudantes com seus gravadores.

As meninas estudantes e seus gravadores (final) (Folha de S. Paulo – Edição de 15/4/1977. Página 37. (Caderno Ilustrada)

Às vezes, as meninas estudantes com seus gravadores e suas perguntas ansiosas vão procurar algum intelectual, em busca de respostas. O senhor intelectual, que lida com o pensamento humano, cujo trabalho ninguém conhece ao

certo, especialmente numa época em que as pessoas não são estimuladas a pensar livremente. Mas, vez ou outra, ele escreve artigos pra algum suplemento literário, artigos que geralmente ele traduz de revistas estrangeiras, não fazendo cerimônia em omitir a fonte. Também é considerado leitor voraz, gostando sempre do que não entende. Mas, tem grande facilidade pra ridicularizar a arte brasileira, especialmente se se meter a criticar os cineastas brasileiros que, espremidos em apenas um terço do mercado interno, se veem forçados a atender às exigências dos distribuidores e exibidores de filmes, que recusam sistematicamente a arte nativa, se ela não for pornochanchada. Com tudo isso (e ainda como mexe e vira ele aparece num canal de televisão discutindo um filme que foi exibido de segunda a sexta, mesmo dando zero de Ibope) o senhor intelectual tem fama de sábio erudito e é respeitadíssimo, principalmente por professores de Português de escola paga, que, na vã esperança de um dia serem indicados pra Academia Paulista de Letras, vão fazendo média com tudo que é elitista. Até indicam o nome do senhor intelectual pras suas alunas, as meninas estudantes com seus gravadores.

E lá vão elas com a lista de perguntas:

- O que o senhor acha do fechamento do Congresso?
- O que o senhor acha dos direitos humanos?
- Existe Esquadrão da Morte no Brasil?
- A Censura prejudica o desenvolvimento artístico?
- O senhor é a favor da eleição direta?
- O senhor é contra ou a favor da turma da farofa?
- O senhor é a favor do Acordo Nuclear?
- O que é a Reforma do Judiciário?
- O problema do índio tem solução?
- E o menor abandonado?
- O senhor acredita que o preço do chuchu é o responsável pela inflação?

O senhor intelectual tosse, tosse, bufa, engasga, mas sabe que vai perder pontos diante do professor de Português se não responder. Mas, antes, faz questão de inquirir. (intelectual nunca pergunta: faz inquérito como qualquer policial.)

– Foi vosso mestre quem fez esse questionário?

As meninas estudantes com seus gravadores confessam que não, sem que seja preciso ninguém lhes torcer o braço. O intelectual sente o alívio e escarra regra:

– Vamos englobar todas as respostas numa só resposta que responda a todas as perguntas. Isso porque, como disse McLuhan, o mundo é uma aldeia global, que é bom que vocês, minhas jovens, não confundam com a Rede Globo de Televisão. Isso posto, quero lhes dizer que tenho sempre em minha paisagem imediata que é mais nobre dar um balde de sangue pra um anêmico do que fazer a barba todos os dias. Naturalmente os radicais vão discordar dessa minha afirmativa, mas é mister considerarmos que o fluxo e o refluxo da História é irreversível e repleta de exemplos que às vezes são esquecidos no afã da vida moderna.

Por exemplo: os nossos irmãos da América do Norte há muito já resolveram o problema angustiante do índio, de forma racional. Liquidaram o problema. Já o acordo nuclear é uma incongruência, uma vez que, posto que vai haver acordo, não haverá guerra e em não havendo guerra, não há a necessidade de bomba. O acordo via de regra é unilateral. Eu tenho estudado muito o Tratado de Tordesilhas

ultimamente e tudo me faz crer que vocês, que são jovens, deveriam se aprofundar nesse assunto, que é fascinante. O menor abandonado é um produto do uso indiscriminado de coisas que realmente não poderiam ser franqueadas a todas as pessoas. São fatores como esses que fazem proliferar esquadrões da morte em toda parte.

Que horror! Vamos logo a um assunto mais ameno. Os farofeiros só vem confirmar a tese de um brilhante professor canadense, que andou pesquisando usos e costumes dos povos sul-americanos. Ele ficou espantado como nós, brasileiros, somos nômades e como temos o hábito de migrar do norte para o sul do país. Agora, o que mais chamou a atenção do ilustre sábio foi que nós, brasileiros, sempre deixamos as regiões mais quentes rumo às mais frias, ao contrário dos patos selvagens, dos golfinhos e de alguns mamíferos. Ele até está preparando uma tese, que vai defender no fim do ano, sobre o equívoco de nos chamarem de povo tropical.

No tocante ao chuchu, eu tenho para mim que a alta do preço dessa leguminosa, também conhecida por machucho, é episódica, apesar de sem dúvida provocar uma crise na indústria da goiabada. Mas, a inflação propriamente dita vai depender de como oscilar a balança do mercado universal. Mas, o que me tem dado dores sérias de cabeça nesse caso do chuchu é que há controvérsias quanto à ortografia correta. Uma corrente acha que essa leguminosa se escreve com “x” e outra acha que com “ch”. E no latim, não há referências nem a chuchu, nem a machucho. Bem, respondi a todas. Só peço que me dispensem de falar sobre Congresso, eleições, essas coisas que envolvem política. Tenho vários amigos na política. Nos dois partidos. E até tenho amigos no Governo. Mas nem com eles falo de política. Lembranças ao mestre.

E assim são respondidas as perguntas ansiosas das menininhas estudantes com seus gravadores.

Rádios, palhaços, leis, numa época de dar nó em pingo d’água (Folha de S. Paulo – Edição de 16/4/1977. Página 31. (Caderno Ilustrada)

Mais uma vez não vou poder responder a todas as cartas da semana. Apenas as que chegaram até terça-feira. Sabe como é que é, tive que me mexer. Cobra que não anda não engole sapo e eu saí por aí trepando em pé de vento, dando nós em pingo d’água, matando cachorro a grito e jacaré a beliscão, só pra poder enfrentar os repuxos da maré, que anda brava, com a vida custando os olhos da cara, o preço do chuchu desnorteando qualquer gênio da economia doméstica, gênio do naipe dos que com salário mínimo conseguem comer todos os dias um arroz sujinho de caldo, junto com a mulher e quatro filhos. Essa façanha entorta até patuá. Outro dia, perguntei pra um desses maravilhosos mágicos do dia a dia:

– O que é que tu acha da situação política?

Ele, muito espantado, me olhou bem nos olhos e disse:

– Me pergunta o que fede mais: um bode ou uma girafa angolana? Me pergunta. Me pergunta, só de farra.

Aí, eu perguntei pra agradecer ao homem:

– O que fede mais: um bode ou uma girafa angolana?

Ele aí se encheu de razão e sentenciou:

– Sei lá, o que fede mais! E se não entendo nem de fedor, como é que vou entender de situação política. Mas, em todo caso, acho que era bom a gente aprender a remar.

– Aprender a remar por que?

– Pra gente ir pra fossa de barquinho. Que é pra lá que a chata vai. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é sobre a simpática Maria Idalina Medalha dos Santos, da Av. Altino Arantes, 284, em São Sebastião, artista do teatro amador e ouvinte de uma rádio carioca que dá o recado no tempo certo (que rádio é essa e que recado é esse, a Idalina não diz) e que pelo menos de quinze em quinze minutos toca uma música brasileira.

Eu acho que a Idalina quis insinuar que eu fui injusto ao dizer que as rádios passam o dia e a noite emprenhando nosso povo pelos olhos e ouvidos com música estrangeira, música essa que vai desfigurando o homem brasileiro e desvinculando-o das nossas raízes culturais. Fui tão injusto que ela até sabe de uma rádio que toca música brasileira pelo menos de quinze em quinze minutos. Realmente isso é espantoso. Num país onde a música é tão rica, (creio até que é dos países do mundo onde se tem mais variedade de ritmos) a gente ainda ter que gastar divisas preciosas na adoidada importação de música alienante e uma cultura de consumo. A gente ter até que criar uma lei para proteger a música brasileira e obrigar as rádios, que são concessões dadas pelo governo, a tocar nossas músicas. E essa lei é burlada a toda a hora. “Mas a lei (como disse aquele ditador, um dos raros que teve coragem de pelo menos se assumir como tal), a lei foi feita pra ser burlada”. E se uma coisa dessa é dita entre botocudos, logo vira moda e passa a costume. Acho até que foi por esta frase que o ditador acabou virando estadista, dentro da mal contada história do nosso país.

Já o senhor Angelo Bonicelli, de São Carlos, vem por carta me dizer que realmente palhaço bom já nasce feito e que, além dos grandes nomes do picadeiro que citei na crônica “O Paternalismo não salvará o circo, nem a arte nenhuma”, ele sente saudade do Palpitoso, Linguíça, Macarrão, Pirolito, Vira-Vira. Todo mundo sente saudade de um grande artista, seu Angelo. E nesse gênero, nós tivemos muitos grandiosos. Palhaços como Xique-Xique, Chuca, Carvalhinho, Tiririca, Espirro. Se fôssemos lembrar todos, não haveria jornal que chegasse. Mas, atualmente, o palhaço sumiu. E sumindo o palhaço, sumiu a alegria do circo. Quanto a mim, seu Angelo, trabalhei de palhaço desde o ano de 55, até 60. Com o nome de Frajola. Dei carne pra leão em vários circos. Entre outros, no Pavilhão Teatro Liberdade do João (Dempson) Moura. Onde aprendi muito com Zé Garrafa, Sueli Romão, Carvalhinho e Anita, Biloca e Chuca Viana, Picolé e Naná Júlia Faia, Vilma Móira, Eli Araújo, Zé Redondo, e tantos outros cobras do ramo. Mas, também andei pelo Pavilhão Siwa, circos São Jorge, Toledo, Rubi (do velho Pingolô e Ricardina) e vários outros. Obrigado e apareça sempre.

Para que o Léo Gilson saiba (Folha de S. Paulo – Edição de 18/4/1977. Página 28. (Caderno Ilustrada)

Aí, o Léo Gilson Ribeiro vem, no conceituado Jornal da Tarde, e diz que foi ler o livro “Malditos Escritores”, pensando que ia me encontrar como galã. E é só o que meu caríssimo Léo Gilson diz do meu conto. Eu lhe dou o direito de não gostar do meu conto, a ponto de ele achar que não merece ser comentado, eu lhe dou o direito de estraçalhar o meu trabalho, com ou sem humor. Não será o Léo Gilson Ribeiro, nem ninguém, que vai me fazer maior ou menor. Mas, não dou o direito ao Léo Gilson de folgar comigo. Não dou e me explico. Enquanto ele se limitar a fazer crítica sobre meu trabalho, eu acho natural e necessário, quando não pra me ajudar a conscientizar [de] meus erros e acertos, pelo menos pra alertar seus leitores. Porém (e sempre tem um porém), quando o Léo Gilson, ou outro qualquer, pretender ridicularizar meu esforço, pode provocar o troco e o troco dado por mim é sempre contundente. Aliás, a primeira reação minha foi essa de querer escrever mostrando os porquês que não dão ao meu caríssimo Léo Gilson Ribeiro a abertura de folgar comigo. Sabe como é que é, eu não sou cínico, nem quero me acostumar a engolir sapo. Tive que me conter. Esfriar.

Para poder realmente raciocinar com calma e ver que o que seria bom para os meus verdadeiros inimigos era que eu perdesse tempo e me desgastasse numa polêmica literária com o Léo Gilson e esquecesse que nesses tempos de obscurantismo não convém, não é válido a gente combater uns poucos que, aflitos pelo desespero pequeno-burguês, investem contra os seus colegas que sempre pautaram por combater os que sufocam, censuram e impedem a livre manifestação do pensamento. Não é o Léo Gilson, com seu achincalhe ao meu trabalho, que é meu inimigo. Não, ele apenas ainda não entendeu que, com seu brilho, com sua inteligência, poderia, e muito, me auxiliar justamente conscientizando erros ou acertos do meu trabalho literário, coisa que não sei fazer no calor do processo de criação. Mas, se ele não compreendeu isso, é lamentável, porque se trata de pessoa inteligente, que deveria entender o que pode significar seu próprio trabalho de crítico literário, ofício que exerce há muitos anos.

Eu lhe dou essa pequena contribuição de alerta. Pense na importância que tem seu trabalho e nos trate com respeito. Nada de elogio oco, descabido, mas nada de achincalhe gratuito. Meu alerta, receba o Léo Gilson se quiser. Porém (e sempre tem um porém), saiba que, se tornar a se referir a meu trabalho em tom afrontoso, terei que ir ao troco e aí apostado no meu taco.

Por isso, meu caríssimo Léo Gilson, me ajude a não ter que te ferrar. Me respeite, como sempre respeitei os que trabalham honestamente. Nunca, jamais, te procurei pra pedir elogio ou promoção, ou o que quer que fosse. Nem vai ser agora que farei isso. Quero pra você toda a liberdade de expressão que desejo para nosso povo. Mas, não é justo que os mais brilhantes jornalistas, como você, se percam em referências à vida particular dos colegas.

Se trabalhei na televisão, não cabe referência a isso quando me apresento como escritor. Se me vejo publicado num livro com vários escritores, não cabe a afirmação que nós queremos exercer ditadura literária, só porque no livro não constam alguns escritores de sua preferência. Essa mania de acusar as minorias, sempre censuradas, de quererem exercer ditadura entrou em moda recentemente, devido ao tempo de obscurantismo em que tristemente vivemos, mas você, moço inteligente, não deve passar recibo a isso.

Acho até que você deveria usar seu brilho pra denunciar essa moda e não pra tentar ridicularizar os que tentam justamente isso. Não podemos, meu caríssimo Léo Gilson, contribuir para que, nesses amargos tempos, as críticas sejam feitas apenas com rótulos, como por exemplo, esse é o escritor galã, esse é o escritor comunista, esse é o que deve ser calado. Necessário se faz que se explique bem claramente os motivos do piche ou do elogio, pra que tudo não se reduza a um inútil amontoado de palavras. É necessário que nos ajudemos, falando francamente com olhos nos olhos, ou então vamos acabar nos perdendo em ofensas que ferem a vaidade, mas não ampliam.

Boa palavra sobre Araraquara, tão luminosa quanto seus artistas (Folha de S. Paulo – Edição de 19/4/1977. Página 45. (Caderno Ilustrada)

Eu sempre te amei, Araraquara, te amei mesmo antes de te ver, te amei pelos teus geniais artistas e escritores, tantos, e tão brilhantes. Acompanho teus artistas brilhantes. Acompanho teus artistas desde o Santo Antonio e a Vaca, filme feito pelos teus meninos Wallace, Oscar, Araken, Júlia, Mário Barra (desse só temos queixas, se não fosse tão preguiçoso teria sido um dos sóis da ribalta). Te amo, Araraquara, pelo brilho dos irmãos Martinez Correia, Zé Celso, esse glorioso homem de teatro, tenho certeza de que, nas suas inquietas andanças pelo mundo, vai levando muito de ti, Araraquara. Te amo e sofro por ti, Araraquara, quando nesses tempos de obscurantismo, vejo as mordanças e os garrotes baixarem forte em cima de um filho do teu solo, tentando sufocar seu colorido canto no “Zero”. Mas, me nutro de entusiasmo no exemplo desse Ignácio de Loyola de Araraquara, que não se abate e, mesmo sangrando, continua escrevendo e levando sua boa palavra aos moços nas faculdades. Te amei sempre, Araraquara. Sofri por ti também, quando derrubaram teu teatro. Nesse dia, sofri como se tivesse tirado um pedaço de mim mesmo. E agora aguardo ansioso a inauguração da nova casa de espetáculos, que dizem será muito bonita, digna de ti e que, pelos teus lúcidos artistas, tenho certeza que não será elitista. São tantos, tantos, os teus artistas e escritores, e foi através deles que comecei a te amar, Araraquara.

E não te amaria, minha bela Araraquara, se, quando ferida em teus brios, não te ouriçassem toda, exigindo respeito e carinho que o povo sempre mereceu. Se tu não fosses assim, eu não te amaria, minha bela Araraquara, e não reconheceria em ti um belo pedaço do nosso Brasil. Do nosso Brasil brasileiro, cheio de manifestações espontâneas, lindo, caloroso. Não esse Brasil que a importação de cultura de consumo tenta descaracterizar, desfigurando nosso homem comum. Reconheço em ti, minha bela Araraquara, o Brasil que está tentando preservar nossa cultura popular num trabalho profundo e generoso, que alguns professores da tua faculdade estão fazendo com humildade, junto aos artistas do povo. Por isso é que te amo, Araraquara.

Te amo, Araraquara, porque aí na sua própria morada, o calor do sol é ofuscado pelo calor humano. E há tanta humanidade no trabalho das enfermeiras da Saúde Pública, que como bem me explicou a Julieta Ester Amaral Sene, estudam e pesquisam todas as doenças transmissíveis, preparam esquemas de prevenção contra essas moléstias, organizando cursos como, por exemplo, um realizado nas

casas da zona de tolerância, curso esse que durou dois meses e foi frequentado pela maioria das mulheres que exercem esse triste ofício da prostituição, que naturalmente existe em Araraquara, como existe nas cidades de todos os países onde a divisão de rendas é feita de forma egoísta.

Mas, as moças visitadoras do Posto pelo menos em Araraquara dão assistência para as mulheres do meretrício. Isso eu vi, ninguém me contou. E vi muito mais nesses dias que passei aí. Vi que Araraquara ainda tem um prefeito no melhor estilo do bom político brasileiro, prefeito nervoso, agressivo, porém (e sempre tem um porém), chegado a um diálogo, que ainda se dispõe a discutir em bar no fim da noite, discutir de quase brigar, com qualquer forasteiro que puxe assunto sobre os problemas da cidade. Vi que em Araraquara ainda se toma cafezinho em qualquer casa em que se chegue, a qualquer hora. Escutei gente, como o médico José Eduardo Di Lorenzo, falar de um problema do Pronto Socorro local, problema que lhe diz respeito de perto, com uma imparcialidade comovente. Vi o seríssimo trabalho de pesquisa do professor Rodolfo Tellaroli, que vai ser transformado em livro. Recebi uma lição de vida na bela casa dos Saffioti, a Heleieth e o Waldemar, que sabem fazer de qualquer mau pedaço de vida um manancial de forças pra lutar em função da comunidade. Estão lá, batalhando, sem colocar na balança o enorme prestígio intelectual que desfrutam no mundo todo.

Na bela Araraquara, correm ainda as bolas divididas, nas disputas municipais. E numa dessas, a imprensa local, que é viva e atuante, atacou duro, duro até demais, os Saffioti. Nos dias em que eu estava lá, um grupo de amigos procurou o mestre Waldemar Saffioti e avisou que iam protestar contra o jornalista que o atacava, tomar medidas, pressioná-lo. Mas, o mestre Saffioti não deixou. E ensinou a todos que ele, sendo favorável à liberdade de imprensa jamais poderia ser incoerente ao ponto de querer impedir que lhe criticassem, mesmo achando que as críticas estavam exageradas. Comovente e bela figura, esse mestre Saffioti.

Bem, minha bela Araraquara, eu te visitei e te vi linda demais da conta. Vi com esses meus olhos que a terra há de comer um dia que existem muitos e sérios problemas sociais para serem resolvidos. Mas, onde não há? Mas vi que as pessoas em Araraquara estão acordadas, debatendo, discutindo e que tem gente, muita gente capaz de solucionar os problemas da cidade. Por isso, só por isso, é que só escrevo que te amo bela Araraquara. No mais, tua gente, tenho certeza, te cuida bem.

Que tal uma verdadeira homenagem à altura do gênio de Procópio Ferreira?
(Folha de S. Paulo – Edição de 20/4/1977. Página 43. (Caderno Ilustrada)

Que triste tempo esse de teatro brasileiro, em que até as homenagens aos seus maiores artistas têm que ser pagas pelas instituições governamentais de auxílio à cultura. E assim sendo, o teatro fica envergonhado de si mesmo e numa festa que deveria ser magnífica, por ser homenagem a um dos maiores artistas da ribalta brasileira de todos os tempos, tudo é reduzido ao nível de um showzinho de entrega de diploma de grupo escolar da Barra do Catimbó.

Pobre teatro, que tem vergonha de ser teatral! Pobre teatro, que comemora sessenta anos de profissão de gênio, de um mestre da arte cênica, sem emoção,

sem lágrimas, sem flores. Pobre teatro esse, que de tanto se atrelar aos governos, na ganância da subvenção, perdeu o orgulho de si mesmo, perdeu a noção de si mesmo, de sua importância, da grandiosidade de seus momentos históricos. Pobre teatro, que não encontrou em seus próprios quadros voluntários para testemunharem sobre o mestre Procópio e que teve que recorrer a corretos atores profissionais, que leram textos da biografia do próprio ator, sem nenhuma emoção. Pobre teatro, que não compareceu em massa nessa homenagem a Procópio Ferreira.

Mas, a bem da verdade, essa era uma homenagem fabricada pelos Serviços Nacionais de Teatro, pelas Comissões Municipais de Cultura, pelos Serviços Estaduais de Teatro. Era o Governo forçando a barra para o Procópio dar a volta olímpica e pendurar a chuteira, contra a vontade. Só que se enganam, ele vai continuar sua carreira, apesar dessa homenagem elitista, tão fria e elitista que nem o entusiasmo da Escola de Samba Mocidade Alegre conseguiu quebrar o gelo do Municipal lotado. A multidão, após a curta homenagem (começou às 21h30 e acabou às 22h30) permaneceu sentada, sem entender que o teatro, o teatro no qual, por sessenta anos, Procópio Ferreira trabalhou, não tinha mais nada a contar sobre ele e nada mais a dizer a ele.

E era verdade. Numa homenagem financiada por instituições governamentais, não poderiam mesmo contar que o genial Procópio, numa época em que a elite resolveu se ocupar do teatro até então popular, foi totalmente marginalizado. Foi atacado, ridicularizado, achincalhado. E não foi só ele. Outros grandiosos atores da nossa cena também foram expurgados dos palcos pela elite que queria afastar o povo da cultura. Foi por isso que Jaime Costa, Palmirim Silva, Dulcina, Odilon, Conchita de Moraes receberam o rótulo de canastrões, dado pela elite, que lutava pra fazer do teatro uma curtição cultural da minoria privilegiada, que contratava diretores estrangeiros para fazer espetáculos distanciados da realidade brasileira. A própria Bibi Ferreira, essa genial atriz, foi colocada à margem e teve que ir trabalhar em Portugal. A volta deles aos palcos mais iluminados se deveu realmente aos seus talentos enormes, que acabaram vencendo até as barreiras elitistas.

Mas, como contar isso numa festa-homenagem patrocinada pelas instituições oficiais que querem neste momento justamente elitizar as artes? Essas instituições, com censura ou subvenções, vão matando as manifestações espontâneas e fazendo o artista perder a alegria pelo seu trabalho.

O teatro brasileiro devia muito ao Procópio Ferreira. E agora deve mais ainda. Deve ao Procópio Ferreira uma grande festa de homenagem pelos seus sessenta anos de gloriosa carreira. Deve um festão de desagravo pelo fiasco que foi essa homenagem oficial.

O Sindicato dos Atores deve providenciar isso com urgência. Aliás, o Sindicato dos Atores, que não reivindica coisa nenhuma pra categoria, que não fiscaliza os contratos dos atores com as televisões, que não luta em defesa do mercado de trabalho para o artista brasileiro no Brasil, que não fiscaliza os abusos dos empresários que obrigam atores a trabalharem até dezoito horas por dia nas gravações de novelas, pelo menos, pra ser notado, poderia fazer essa festa, convocando a categoria, com sua emoção, com suas lágrimas e muitas rosas para

serem colocadas aos pés desse genial ator que é Procópio Ferreira. Um rei do palco.

No dia do nosso índio, o garoto da terra de Marlboro matou todos seus coleguinhas peles-vermelhas (Folha de S. Paulo – Edição de 21/4/1977. Página 33. (Caderno Ilustrada)

Dia dezenove foi o Dia do índio e a única tribo que comemorou foi a dos Caciques de Ramos, bloco dos mais animados do Rio de Janeiro. As outras tribos, as de índio de verdade, não armaram pagode por falta de espaço. Eles não tem mais chão e nem embalo pra fazer esse tipo de festa. No Dia do índio, inventado pelo branco, eles não pararam suas intensas atividades. Continuaram vendendo arco e flecha pros caras-pálidas nas feiras livres. Um cacique aproveitou o auê-auê pra aparecer na televisão esmolando em nome da tribo, que já está com medo do frio e quer a sua parte de apito em cobertor e pulôver. Já o pajé não foi encontrado o dia todo, porque foi encarar fila do INPS às cinco da matina e ainda não tinha voltado às dezessete horas. Porém (e sempre tem um porém), nem por isso o Dia do Índio foi esquecido nas escolas das criancinhas caras-pálidas. As professoras mais zelosas fantasiaram seus aluninhos de índio apache, com cara vermelha e roupa de pele de búfalo do oeste americano. Uma beleza! Tudinho igual aos filmes que elas veem na televisão brasileira. Em algumas escolas, as crianças até receberam, só pra maior brilho da festa, nomes indígenas como Touro-Sentado, Flecha-Flecha-Ligeira, Chefe Grande-Trovão, Colote-Louco. A única que recebeu nome de coisa brasileira foi uma menininha chata, que apelidaram de Nuvem Passageira. No recreio, as criancinhas, que estão sendo preparadas para ser o futuro da pátria, foram brincar de índio e, por influência do que veem na televisão, o único garoto que ficou com chapéu de homem do cigarro Marlboro matou todos. Mas, teve aluninho que, ao morrer, rolou pelo chão com uma categoria de fazer inveja pra figurante de cinema americano.

Posso garantir que, em nenhuma escola, se cantou a marchinha Boca Negra, pra homenagear os índios. Porém (e sempre tem um porém), pra compensar, ninguém também lembrou o General Rondon e, menos ainda, os irmãos Villas Boas. E a palavra sertanista não foi pronunciada nenhuma vez nas nossas escolas. Falou-se muito na luta dos pioneiros que avançaram pelo velho oeste. Teve até uma professora que citou o Búfalo Bill.

Numa escola mais séria pouca coisa, houve uma ligeira homenagem ao Padre Anchieta, o grande catequizador. E olhando pela ótica dos cidadãos contribuintes, o Padre Anchieta merece muito mais. Ele, além de ter contribuído violentamente para a desvinculação do índio da sua cultura, o que sem dúvida o deixava desarmado, (da mesma forma que a importação de cultura de consumo faz com o povo brasileiro) ainda era tuberculoso e, como se sabe que até gripe mata índio, cada vez que o Padre Anchieta espirrava, meia tribo desencarnava. O que poupava trabalho e economizava munição dos bravos bandeirantes.

Mas, deixa isso tudo de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que a única referência que vi e que representa a realidade do índio-brasileiro foi o Jornal Nacional da Globo. Eles mostraram o Orlando Villas Boas visitando uma tribo

de índio que está morando perto de São Paulo, nas terras de um japonês. Foi de entortar o patuá. O repórter perguntava pro índio:

– O dono da terra é um japonês?

E o índio confirmava com a cabeça. E aí o repórter perguntava:

– O japonês é bom?

O índio, que não sabe mentir, dizia:

– Si, sinhor. Zaponero bom. Mas tem zaponero ronho. Zaponero bom e zaponero ronho.

O japonês é tão bom, que a tribo brasileira no Brasil mora nas terras do japonês e já está falando com sotaque de quitandeiro.

E pra finalizar esse relato das comemorações do Dia do Índio, registrado por mim e pelos meus pontas de lança especializados no assunto, em todas as quebradas do mundaréu houve poucos terreiros de umbanda, quibanda e outras macumbas que bateram atabaques chamando seus caboclos pra girar do seu dia.

O último tocador de tambu trocou suas origens por um chiclete (Folha de S. Paulo – Edição de 22/4/1977. Página 35. (Caderno Ilustrada)

Nas quebradas do mundaréu, bem onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, o velho Almofadão mexe e vira dava uma festa de tambu.

Pra quem não sabe o que é tambu, eu explico. Aliás, tenho quase certeza de que a maioria dos brasileiros intelectualizados não sabe o que é o tambu, como não sabe nada sobre a cultura popular da nossa pátria. A formação da moçada que tem chance de estudar é toda importada. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pensa na balança é que o tambu é uma dança de umbigada. Os homens ficam de um lado, as mulheres, do outro: o cantador vai até o meio da roda, improvisa uns versos e os canta primeiro pras mulheres, até elas aprenderem. Depois, canta para os homens, até eles poderem cantar juntos. Aí, quando a gentalha toda pegou a fileira, o cantador se afasta e homens e mulheres, batendo palmas no ritmo, vão se aproximando até darem a umbigada.

O tambu era festa bonita e o velho Almofadão, crioulo cheio de truques – que inclusive tinha esse apelido por gostar de se apresentar sempre em trajado, com uma roupa branca, de um branco de anúncio de televisão – era um grande puxador de tambu. E mandava ver. Dava um recado sentido. E todos os respeitavam. Não havia batuqueiro que desse dispensa pras festas onde o velho Almofadão catava e batia tambu. Por essas e outras presepadas, o coroa reinava. E seu filho, o Almofadinha, desde pequeno, dava as fuças como príncipe que era. Por ser pivete, abafava. E o pai não descuidava. Levava o moleque num cortado. Antes de saírem o velho Almofadão examinava o filho de cima a baixo, pra ver se o pivete estava traquejado dentro de sua roupinha branca, como mandava o figurino. E quando retornavam das festanças, o velho Almofadão conferia mais uma vez seu menino. Se ele não estivesse coberto de poeira, tal e qual um tatu, levava cascudo, porque era sinal de que não tinha se espalhado como bom batuqueiro que devia ser.

Assim sendo, o Almofadinha foi crescendo e ganhando nome no seu pedaço. O velho Almofadão se sentia tranquilo pra morrer. Sabia que, quando fosse falar com Deus, o tambu não iria pro beleléu. Seu filho amado estaria firme pra manter o axê

da família, remando o barco mesmo contra a maré. E salvaria o tambu contra a onda das músicas estrangeiras, que já naquele tempo era só o que se escutava nos veículos de comunicação. E foi por essa fé que, no dia em que seu coração rateou, o velho Almofadão nem se afobou. Deitou-se, fechou os olhos e, na proteção dos seus orixás, se apagou.

Pro Almofadinha, perder o pai, que antes de mais nada era um companheiro de batuque, foi um golpe de entortar o patuá. Ficou jururu. Mas, deu descanso de alça pro Almofadão com todas as honras de mestre batuqueiro. Fez o couro do cabrito gemer. Ch[o]rou no quingenguê[,] até botaram terra em cima da carcaça do velho Almofadão. E, diante da cova rasa que coube ao Amofadão, o Almofadinha jurou pela luz quem [sic] o iluminava que seria um tocador de tambu até seu último dia de vida. Se tivesse filhos, passaria pra eles os macetes do negócio.

Porém (e sempre tem um porém), logo a mãe velha do almofadinha esticou as canelas, com saudade do marido. O Almofadinha, ao ficar sozinho, se desacorçoou de ficar naquele lugar onde tudo lembrava seus mortos queridos. Assim sendo, juntou os seus trapinhos, o seu quingenguê, mais uns badulaques, e se arrancou. Saiu sem rumo à procura de um mocó pra começar nova vida. Nessas andanças, o Almofadinha teve que bater perna à toa pelos caminhos mais esquisitos do roçado do bom Deus. Foi pra se escorar que resolveu bater seu quingenguê nos botequins, esperando que algum bobalhão, entusiasmado com seu som, lhe adiantasse alguma graninha.

Foi tocar e causar espanto. Ninguém entendeu. As orelhas viciadas por ritmos estrangeiros estranharam às baldas aquela batida. De início, pensaram que o Almofadinha era africano. Depois, quando ele abriu o bico, viram que ele era brasileiro e aí gozaram o desgraçado por tocar naquele ritmo de batuque. Encabulado, o Almofadinha puxou uns versos pra provocar as moças. Versos que, sempre que o velho Almofadão puxava no seu antigo pedaço, faziam sucesso:

“Campinas, Tietê, Pederneiras
Aqui em São Paulo não tem moça
batuqueira”.

Coitado! Tomou a maior vaia da paróquia. E depois da vaia, um esculacho:

– Te manca, crioulo. Tu não sabe nada dessa tumbadora. Vai aprender a bater, antes de querer se exhibir.

Invocado com o passa-fora, com o nome cabuloso que deram pro seu quingenguê, o Almofadinha meteu o galho dentro e se retirou. Foi matutar no seu canto. Por acaso, escutou uma música tocando num rádio. Música estrangeira, como quase todas as que são tocadas nas rádios. Mas, o Almofadinha não se mancou. O que ele escutava era música. E isso era o que importava. Dono de um ouvido privilegiado, o rapaz prestou atenção e morou no ritmo. Achou uma sopa. Bateu no seu quingenguê e não teve chibu. Na sua bobeira, até achou legal. Continuou tocando e não demorou pra se sentir à vontade. Demorou menos ainda pra aparecer um freguês, se entusiasmar com a batida do Almofadinha e anunciar com banca de entendido:

– Poxa, bicho! Tu é o máximo nessa tumbadora. Vem tocar pra nós.

Claro que o Almofadinha foi. Ele precisava. Entrou com o som que pegou de orelhada e só recebeu elogio:

- Bárbaro!
- Super-moderno!
- Demais!

E, engabelado, o Almofadinha entrou de gaiato na pala da moçada. Esqueceu rápido sua origem, seu velho pai, companheiro e amigo, o Almofadão. Aprendeu as milongas da nova curriola, os ritmos das rádios; foi convidado para fazer parte de um conjunto de garotões cabeludos e aceitou. Claro que o cabelo não tem nada. O ruim é o ritmo que o Almofadinha assimilou. Que ele use o cabelo pantera negra, dane-se! Mas, ele encher a boca de mascar chiclete e chiar:

- Sem essa, bicho! Tambu já era.

É de lascar. Deve fazer o velho Almofadão se remexer na cova de tanto desgosto.

Respondendo à freguesia (Folha de S. Paulo – Edição de 23/4/1977. Página 31. (Caderno Ilustrada)

Delphino Antunes de Souza (Américo Margonari, 5, Centro), Walter Silva Leite (R. Celeste, 78), Armando Machado (Largo MontSerrat, 15, Santa Isabel), Jorge F. Souza (Brig. Luis Antonio, 1.625, Bela Vista), Francisco A. Lopez, Dalton Moreira (Pr. Dr. Monteiro, 79, Taubaté), Gustavo Romeiro Ramos Mello (R. Marechal Deodoro, 230, Pindamonhangaba), Trudi Landau (R. Francisco Dias Velho, 593), Mauro Pires (São João da Boa Vista, SP), João Aléssio Perfeito. São os amigos relacionados que me deram muita alegria essa semana ao me mandarem suas palavras. A todos meu muito obrigado. Quero que saibam que todos foram lidos com atenção. As críticas foram colocadas na balança e os estímulos, no coração. Vocês nunca saberão da importância que essas cartas têm para mim. Muito obrigado a todos. Responderei às que têm assuntos mais gerais.

Mauro Pires

Caríssimo juventino, parabéns pelo seu trabalho sobre o nosso genial Cornélio Pires. Será aproveitado, podes crer. Crítica aos colegas, mande a eles. E não se publica a carta inteira por falta de espaço.

João Aléssio Perfeito

Estás por fora, Aléssio. Acabaram com mais de quinhentos campos de várzea em São Paulo. E experimente, você com seus amigos, tirar uma pelada no meio da rua. Pelo menos terá um atropelamento por partida.

Trudi Landau

Não me identifiquei com imagem de justiceiro nenhum, Trudi. E não pretendo mudar nenhum Léo Gibson Ribeiro. Porém (e sempre tem um porém), sou amigo dele e dei-lhe um esclarecimento fraterno para que ele não confundisse seu ofício de crítico de literatura com humorista. Sabe como é, o Léo Gibson é bom moço. Mas, numa dessas vira a alergia do circo.

Gustavo R. Ramos Mello

É isso aí, Gustavo. Tu tá sabendo tudo. A importação de cultura de consumo está liquidando com as manifestações espontâneas do povo. Não sabia que 80% das músicas tocadas nos bailes da periferia eram estrangeiras, mas desconfiava.

Dalton Moreira

Seus poemas são bacaninhas, Dalton. Vá mandando ver.

Francisco A. Lopes

Gostou da entrevista, Chicão? Que legal. Mas não se acanhe, nem entre nessas de pessimismo. Sempre dá pra fazer alguma coisa e alguma coisinha é melhor que nada. Outra coisa: quem se desespera diante da situação política é o pequeno-burguês. Nós outros sabemos que as coisas sempre caminham lentamente, para que todos possam acompanhar a evolução. É assim mesmo que queremos. Nada de afobação.

Jorge Fernando Souza

Que bom que você gostou da palestra que dei na FEI. Pena que você tenha se acanhado em fazer suas perguntas lá. Eu falei durante três horas e meia e não foi por falta de embalo que acabou o papo. Foi pra que as coisas não ficassem óbvias. Prefiro que você pense e encontre as respostas dentro de você mesmo. Aliás, tudo o que eu disse lá, você deve colocar na balança, pra ver se é verdade ou não. Não aceite tudo que os outros dizem como expressão da verdade. Senão, meu caríssimo Jorge, tu vai acabar pedindo luz a cego.

Delphino Antunes de Souza

Obrigado, mas o Juvenal, o Satírico, já era. Não perturbou mais e já disse a ele o que tinha a dizer.

Armando Machado

Manduca, que bom que você conhece o Tonho, o Paco Maluco Perigoso, Bereco, Bira Morfético, Querô, Dilma, Beth Sujinha. E que bom que essas figuras te fizeram algum bem. São essas personagens malditas que aparecem nos meus livros, gente igual à da sua rua. E continue dando flores para a menina da sua rua que, se ela tiver sensibilidade pra ver essa gente, ela não deve ser feia. Deve ser linda, Manduca.

O escapismo da discussão sobre o divórcio (Folha de S. Paulo – Edição de 25/4/1977. Página 25. (Caderno Ilustrada))

O que mais desagrega a família, e não só desagrega a família como degenera o ser humano, é a miséria. Porém (e sempre tem um porém), a miséria continua crescendo de forma alarmante no Brasil. A toda hora nos chegam pela televisão, rádio (apesar de esses veículos estarem regulados pela censura), jornal e até pelo telefone, apavorantes notícias de desemprego em massa. Competia, então,

a sábios, doutores, sacerdotes, políticos somar esforços, debater o assunto e encontrar soluções econômicas, políticas e sociais capazes de resolver esse angustiante problema da mão-de-obra ociosa, que vai corroendo as entranhas da nação. Mentes mais lúcidas já começam a aparecer em público e, sem nenhuma cerimônia, revelam seu pessimismo e a falta de perspectiva social, não se entusiasmam diante dos grandiosos projetos sociais, que resultam sempre em paliativos, quando diariamente crescem assombrosamente os índices de inflação e de desemprego.

Bem sei que abordar esses problemas com profundidade nesses tempos de obscurantismo provocado pela censura policial é tarefa que exige coragem e implica em riscos. Mas, ou se ama a pátria, ou não se ama. O que não se pode é, nesse momento, encontrar válvulas de escape da realidade. E no entanto é exatamente o que estão fazendo ao tentarem mobilizar a nação para debates sobre o divórcio.

Políticos, sacerdotes, advogados, psicólogos, sociólogos de repente se envolvem num debate escapista e ocupam os veículos de comunicação como se fossem valentes. Uns, com ar de lutadores incansáveis, progressistas e liberais, apregoam o divórcio como se fosse isso que colocaria o Brasil na vanguarda do humanismo. E outros, como se estivessem correndo um grande risco por defenderem a família a serem considerados reacionários, se colocam contra o divórcio. Mas, nenhum dos grupos empenhados realmente está preocupado com o próximo. Todos querem participar dessa polêmica que os deixa em evidência, mas que não os obriga na verdade a cuidar daquilo que realmente leva ao esfalecimento da família: a miséria. A miséria, que está sendo gerada em nosso país pela evasão de divisas, pela retenção do capital na mão de uma minoria, pela absurda distribuição de rendas, pela inflação e pelo desemprego.

Qualquer aprendiz de sociólogo sabe que o que mais prova a dissolução dos casais são os constrangimentos econômicos constantes, provocados pelas rendas irrisórias conseguidas pelos trabalhadores. O salário insuficiente leva à impotência sexual, leva ao desespero, leva ao vício, leva à brutalidade. Os cônjuges começam a se acusar pelo fracasso, um acusando o outro, acabam-se odiando e se separando, se abandonando por desespero, por falta de perspectivas de entendimento e econômicas. Quanto pai e quanta mãe existentes nessas quebradas do mundaréu, morando precariamente onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos, ao verem sua prole dia e noite comerem o capim amargo pela raiz, comida essa que não nutre a esperança, se soltam pelos estreitos, estranhos e esquisitos caminhos do roçado do bom Deus, indiferentes à própria sorte e à de suas crianças. O povo brasileiro está divorciado dos destinos da nação.

Há muito tempo, mas há muito tempo mesmo, o povo só berra da geral sem nunca influir no resultado. Seus angustiados gemidos de dor e fome não são ouvidos pelas elites dirigentes. Parece que essa elite, mesmo quando se diz de oposição ao governo, só gasta energia para descobrir formas de esvaziar os problemas que são reais e desviar a atenção para o supérfluo. Está aí esse novo burburinho em torno do divórcio para atestar o que digo. Parece que a única coisa, gerada no pacote das reformas jurídicas do governo, capaz de suscitar discussão é o divórcio, de tanta ênfase que estão dando a ele. Mas essa discussão sobre divórcio, neste momento,

é uma cortina de fumaça e escapismo de político ansioso em preservar o seu mandato e que pra isso não quer ver, nem deixar que vejam a realidade.

Já tem político propondo um plebiscito pra ver se o povo quer ou não o divórcio. Já tem sacerdote querendo armar passeata da família com Deus contra o divórcio. Estão preparando o clima para um retumbante carnaval em torno do divórcio. Querem hipnotizar a nação brasileira com mais esse truque de Mandrake de mafuá. Querem sim. Só que a hipnose faz esquecer a dor, mas não cura os males. Funciona como uma anestesia. Não se sente a dor, mas a doença vai se alastrando. Então, não é hora de nos perdermos nesses ridículos papos furados sobre divórcio, que não vai refrescar a vida de ninguém. É hora de nos concentrar serenamente, mas com total honestidade, nos grandes problemas que afligem nosso país.

O rádio brasileiro e suas antenas desligadas (Folha de S. Paulo – Edição de 26/4/1977. Página 39. (Caderno Ilustrada)

O povão brasileiro sem dúvida nenhuma precisa de uma rádio brasileira. Digo isso porque as emissoras de rádio que estão em atividade no nosso país não são nacionais. Elas são estrangeiras. Pelo menos a grande maioria das músicas tocadas são importadas. Sei bem que existe uma lei que obriga as rádios a tocarem determinado número de músicas brasileiras, mas essas leis são burladas a toda hora, é considerada música brasileira, por exemplo, um rock feito por um idiota qualquer nascido aqui. Os profissionais de rádio não atentam para o mal que isso vem causando ao nosso povo uma vez que a estreiteza do mercado de trabalho os impede de se deterem nos aspectos culturais da profissão. E aí, sem a mínima cerimônia, vão usando esse veículo de enorme penetração pra emprenhar nosso povo pelos ouvidos, desfigurando-o completamente e esmagando nossas manifestações musicais mais espontâneas. E é gravíssimo que isso aconteça com o rádio, veículo que atinge até lugares ermos. É muito comum se encontrar na roça um grupo de boias-frias com um radinho portátil pendurado na orelha.

O pessoal de rádio, quase todos qualificados pra serem locutores devido à voz bonita (Ferreira Gullar já dizia: “Locutor pensa com a boca”), alegam que tocam o que o público quer ouvir. Afirmam que o rádio é ouvido por jovens que gostam de música jovem (?), e tome rock. E é meio sobre o impossível provar a eles que malandro faz a moda e o otário entra nela por falta de imaginação. Isto é, o caso da música, as multinacionais do disco gravam o que chamam de música jovem, que é sempre um rock, um iê-iê-iê ou outra estrangeirice[,] manda para as rádios e, sem a mínima contestação, programada ou por gente sem raciocínio para perceber que o público vai acabar aprendendo essas músicas que insistentemente eles tocam, ou por gente que é arreglada com as gravadoras por interesses econômicos.

Naturalmente, isso deveria ser uma preocupação do governo. Mas não é. Ele, que concedeu o direito de exploração das rádios, só está preocupado que essas rádios não façam críticas sociais, ou discutam os problemas nacionais. Se a rádio ficar na periferia, fazendo estardalhaço, por um buraco de rua, pode tocar impunemente quantas músicas estrangeiras quiser. Algumas dessas músicas entram até contrabandeadas no país. Vêm em fitas, no bolso dos falsos turistas, e são

executadas aqui quase no mesmo momento em que estão sendo lançadas nos seus países de origem. É difícil provar. Mas, nem tanto. Basta que as autoridades regulem as programações, conferindo se eles tocam músicas cujo disco ainda não foi lançado no Brasil, e investiguem como ela está nas programações das rádios. Porém (e sempre tem um porém), mesmo que as músicas estrangeiras entrem pela alfândega, é muito grande a quantia de divisas que saem do país nessa importação.

Mas, as rádios não tem cantores, nem músicos contratados. Só um locutor-programador e um sonoplasta podem fazer um programa de cinco ou seis horas, o que resulta no estreitamento de mercado de trabalho do músico e do cantor. E fica fácil determinar a preferência do público, não dando chance a ele de escolher seus artistas. As gravadoras, graças a isso, determinam o que os artistas devem gravar. Atualmente, são muitos os artistas brasileiros que adotaram nomes estrangeiros e gravam em inglês aqui no Brasil.

Outra coisa que vem estreitando espantosamente o mercado de trabalho do radialista são os chamados programas feitos por estúdios. Um nome famoso de televisão grava programas em fitas e essas fitas são reproduzidas [em] centenas de rádios de interior e de outras capitais, a preços módicos. Pra quem compra as fitas, é bom negócio, não só por ter programas com grandes artistas, mas também por não ter responsabilidade trabalhista com esses artistas, além de poder tocar uma estação dia e noite com excelente programação e tendo apenas dois ou três sonoplastas e dois ou três locutores comerciais. Sem dúvida, um negócio muito rendoso.

Mas, com essas e outras, não surgem novidades no rádio que existe no Brasil, apesar do grande número de emissoras existentes.

Bobagem, as rosas não falam (Folha de S. Paulo – Edição de 27/4/1977. Página 37. (Caderno Ilustrada)

Um povo que não ama e não preserva as suas formas de expressão mais autênticas jamais será um povo livre. A Mocidade Alegre do Bairro do Limão, sempre simpática, ia sair com essa frase de minha autoria, no desfile de carnaval desse ano, quando homenagearam o genial Procópio Ferreira. Não saíram com a frase. A censura não deixou. O Juju da Cruz, o Bráulio, o Jangada ficaram encabulados, sem entender por que não podia, se eles tiraram a frase do jornal. Mas, não houve explicações. E a frase não fez falta. A Mocidade desfilou bonita demais da conta e foi uma magnífica homenagem ao rei dos atores do Brasil, o Procópio Ferreira. E mesmo com esse exemplo dado pela gloriosa escola do Juju da Cruz, a festa que as instituições de incentivo governamental às artes fez para o Procópio foi chocha. Claro que muita gente foi impedida de amar o mestre dos atores brasileiros nesses sessenta anos de sua brilhante carreira. Os elitistas e as máquinas não permitem que o povo ame seus artistas. Nem os atores mais jovens sabem que[m] é o Procópio. Não foram na festa.

Penso nisso tudo escutando o sampa do genial Cartola, “As Rosas Não falam”.

Queixo-me às rosas

Que bobagem
As rosas não falam
Simplesmente as rosas exalam
O perfume que roubam de ti...

E diante dessa delicadeza toda do inspirado compositor da Mangueira, fico imaginando quantos não são os grandes poetas da nossa música que tem se perdido pelos estranhos, estreitos, escamosos caminhos do roçado do bom Deus. Me vem à cabeça o Solano Trindade, que morreu esquecido por todos, reviveu num enredo que a Raquel Cambida fez pro Vai-Vai, com um memorável samba do Geraldão Filme, mas depois ficou por isso mesmo. Quase no fim da vida, ele estava atirado num barraco do Embu, enquanto na praça principal desse lugarejo, o Julian Becket do Living Theatre, pago pelo dinheiro municipal, fazia um estranho espetáculo que ninguém compreendia.

Penso também no Paulo Vanzollini, genial compositor paulista de “Ronda” e “Praça Clóvis”. Ainda outra noite, esse mestre da música popular deu um show no Sindicato dos Jornalistas. Foi uma consagração. No final, os presentes aplaudiram de pé e cantavam com o compositor o seu “Volta por Cima”. Mas, para os coleguinhas mais jovens, Vanzollini era uma surpresa, agradável, mas surpresa. Eles não conheciam o mestre. E isso não é culpa deles. É da máquina, que dia e noite nos emprenha pelos olhos e ouvidos com a maldita cultura de consumo importada, que vai descaracterizando nosso homem comum e vai nos desvinculando das nossas raízes. Raramente rádios e televisão mandam ver músicas do genial Paulo Vanzollini. E no entanto, esse é um compositor de primeiro Chico Buarque e de um Noel Rosa.

Devias vir
Para ver os meus olhos tristonhos
E quem sabe sonhares meus sonhos
Enfim

Cartola é demais da conta. E quanto tempo ele andou sendo impedido de ser amado pelo nosso povo. Em 1934, Noel Rosa já notara o talento do então jovem Cartola. Soube disso quando fui fuçar no arquivo do José Ramos Tinhorão, um dos maiores historiadores da música popular brasileira, à cata de dados biográficos do Poeta da Vila, pra escrever sobre sua vida, que o Teatro Popular do SESI me encomendou. Num recorte de jornal amarelado, encontrei esse fato.

O Noel Rosa tinha ido servir de júri (já naquele tempo tinha disso) de um concurso de samba em Madureira, que foi vencido pelo não menos brilhante Paulo da Portela, mas sem o voto do Poeta da Vila. O Noel votou, e fez questão de declarar, no compositor da Mangueira, o moço Cartola, de promissor futuro, como afirmou naquela época. Mas, parece que ninguém deu muita atenção pro que disse Noel sobre o Cartola. Levou anos, muitos anos, pro compositor da Mangueira conseguir gravar um disco e ganhar algum dinheiro com sua música.

E também penso nos compositores de São Paulo. Quando será que Zeca da Casa Verde, Talismã, Geraldo Filme, Toniquinho Batuqueiro, Silvio Modesto, Jangada, Clarin, Odair Fala-Macio, Jordão, B. Lobo, Pinheirão vão ter vez?

Tempos atrás, o Noite Ilustrada queria fazer um disco só com compositores paulistanos. Escolheu músicas. Ensaiou. Mas na hora da decisão, o dono da gravadora vetou os sambas que o Noite escolheu. O Noite teve que gravar o que lhe impingiram. Foi pena. O Noite Ilustrada é um grande sambista. Só precisava de um gancho pra estourar. O samba paulista era esse gancho, mas a insensibilidade dos produtores e outras mumunhas dos donos da gravadora impediram. Foi apenas mais um disco do Noite Ilustrada. E o público perdeu mais uma chance de amar os grandes compositores paulistanos.

Enquanto os políticos discutem o divórcio, o povão vê disco voador (Folha de S. Paulo – Edição de 28/4/1977. Página 41. (Caderno Ilustrada)

Foi por acaso que peguei o livro “Toda a verdade Sobre os Discos-Voadores”, de Ralph Blum e Judy Blum. Nesse livro, os escritores tentam provar a existência dos UFOS (Objetos Voadores Não Identificados). Na verdade, não provam nada. Ficam contando casos na base do “Acreditem se quiserem”. Mas, deixa isso pra lá. O que quero contar e o que pesa na balança é que abri o livro a esmo e logo minha curiosidade se acendeu. Na página em que abri, tinha um depoimento de um tal de Antonio Villas Boas, brasileiro, na qual ele jura pela luz que o ilumina que uma noite em que estava arando a terra com um trator apareceu um objeto em forma de ovo em grande velocidade, até que se apoiou em três metálicas.

Simultaneamente, o motor do trator parou e as luzes se apagaram. O tal Antonio quis dar de pinote. Mas foi agarrado pelos braços, levantado do chão e, debatendo-se, foi arrastado para dentro do ovo voador. Lá ele esperneou, mas a tripulação do objeto não identificado não quis saber de nada. Arrancaram a roupa de Antonio, esfregaram-lhe um líquido no corpo e tiraram uma amostra do seu sangue. Aí, todos se mandaram e deixaram o tal Antonio pálido de espanto, nu e sozinho. Ele tremia de medo, segundo os escritores, mas, quando a porta se abriu, entrou uma mulher, quer dizer, uma fêmea de tripulante de ovo voador, todinha nua e começou a fazer bilu-bilu no tal Antonio. E foi o bastante para ele esquecer o medo, e ficar cheio de ideias de jerico e estraçalhar como manda o Alcorão. Sabe como é, o Alcorão manda: depois de sete dias no deserto, se o camelo ajoelhar, o beduíno pode se tratar. E o Antonio, que deve se fortalecer à base de catuá e com puro guaraná do Amazonas, foi brilhante na sua performance, como contou depois. Deixou a fêmea de tripulante de ovo voador rindo à toa, virando os olhinhos, esfregando a barriga e apontando o céu, como a indicar que estava choca e que ia ser mamãe de um Antoninho em algum lugar do espaço.

Li essa história e fui folheando o livro atrás de outras brasilidades dessas. Mas, não encontrei. Quem bagunçou os depoimentos, transformando o livro em pornochanchada foi só o Antonio. Mas, tinha mais sobre o Brasil. E que mais! Na parte em que falam de curas e cirurgias relacionadas com disco-voador, os autores contam o caso de uma menina de Petrópolis que foi operada por uma luz azul saída de um UFO. O que suscitou comentários do eminente Dr. Gordon Creighton,

especialista em objetos voadores não identificados. Ele afirmou serem esses casos comuns no Brasil e nas Filipinas, onde as necessidades humanas são muito grandes e o serviço médico inadequado. Esse Dr. Gordon pode ser enganador em matérias de disco voador. Mas ninguém pode negar que ele conhece bem o nosso INPS, onde morre gente em pé a toda hora nas filas. E se o das Filipinas é igual, eles também têm mesmo que apelar para o sobrenatural. Como nós aqui, que andamos aflitos pra ver se acontece algum milagre.

Não é só o Antonio Villas Boas que anda olhando o céu pra ver se aparece algum disco voador para buscá-lo pra ser reprodutor em alguma estrela. Tem muito sujeito que faz pose de materialista, mas que vai bater a cabeça em Gongá e se agarra em tudo quanto é patuá. Na desesperança de ver aparecer UFO, se socorrem em pai de santo, mandingueiro, rezador e médiuns de qualquer linha. Sabe como é que é, o povão anda assombrado. Quanto mais reza, mais fantasma aparece. E a indústria automobilística mandando gente embora aos montes, a vida custando os olhos da cara, esquadrão da morte matando adoidado na Baixada Fluminense, os índios em extinção, a legião enorme de menores abandonados, o vício e a prostituição corroendo famílias e degenerando a mocidade. Diante de tudo isso, o cínico escapismo dos políticos e a fria indiferença dos que detêm o poder levam mesmo o povo a tentativas desesperadas de encontrar a solução.

E só pode ter sido o desespero que na sexta-feira passada, um menino de doze anos foi sacrificado a facadas, no Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro, por adeptos da seita Vodou ou Vodum, de origem Gege Daometana, muito praticada nas Antilhas, sobretudo no Haiti. A cerimônia era um pacto com Satanás e, antes de ser assassinado, o menino foi queimado com ferro em brasa em várias partes do corpo.

É fácil saber o que esse pessoal da seita Vodou queriam [sic] do Satanás. Provavelmente queriam o que qualquer um quer, que é o mínimo que o ser humano precisa para viver: casa, comida, assistência médica, trabalho, segurança, escola e tempo pro amor. E é isso que pediam para Satanás, cansados que devem estar de pedir aos santos de suas crenças e de esperar dos homens que tanto falam em Deus, amor ao próximo e direitos humanos, mas que se perdem em todas polêmicas sobre o divórcio e outros assuntos que não nos fazem evoluir. Pobre povão, que recorre à religião em busca de soluções materiais, quando na religião só tem o direito de procurar o esclarecimento e o fortalecimento do espírito, pra lúcido e firme resolver os problemas sociais por seus próprios meios. Pobre o povo que tem tantas religiões que só pregam o conformismo e a paciência e tantas outras que só prometem a solução para os problemas materiais, reduzindo todos em tolos individualistas rezadores de rezas fracas, reivindicadores que se dão [o] absurda[s] esperança[s] de que um anjo desça do céu e lhes melhore as vidas que se vão perdendo.

Ao mestre, com carinho (Folha de S. Paulo – Edição de 29/4/1977. Página 41. (Caderno Ilustrada)

O genial dramaturgo Nelson Rodrigues ficou doente, baixou [no] hospital e uma romaria de coleguinhas repórteres veio me procurar:

– Sabe como é?

Sei como é. E por saber como é, ia respondendo às perguntas. Ele fez as coisas ficarem mais fáceis pra mim, porque veio na minha frente. Não. Ele não me pegou pela mão e me levou pra um empresário que montasse minhas peças. O Nelson apenas escreveu na minha frente. Já pensou o que seria tentar montar “Barrela”, “Dois Perdidos”, “Navalha na Carne”, “Abajur Lilás”, sem ter tido antes um “Perdoa-me por me traíres”, “Vestido de noiva”, “Bonitinha mas ordinária”? Mesmo com o Nelson vindo na frente, foi uma parada indigesta montar minhas peças. Aliás, “Barrela”, “Abajur Lilás”, “Oração para um pé-de-chinelo” até hoje não puderam ser encenadas. Mas, mesmo assim tudo foi mais fácil pra mim, porque o Nelson veio na minha frente. Em mim, ninguém deu tiro e pra ele puxaram o revólver em pleno Municipal do Rio de Janeiro. Graças aos exemplos dele, que nunca conseguiu diretores adequados às suas peças, segundo ele mesmo, eu soube escolher com cuidado os diretores das minhas peças e fui feliz nas escolhas.

1

A primeira vez que escutei falar do Nelson Rodrigues foi quando escrevi a “Barrela”. Mostrei a peça pra Patrícia Galvão, a nossa Pagu, e ela me disse:

– Seu diálogo é tão poderoso como o de Nelson Rodrigues.

Espumei de alegria e fui procurar ler o mestre. Comecei pela “Vida como ela é”, que escrevia na Última Hora. Fiquei fã.

2

Conheci o Nelson Rodrigues no Rio de Janeiro. “Dois perdidos numa noite suja” estourou lá e eu não pude ir na estreia. Quando cheguei, um mês depois, toda a imprensa falava da peça e diziam que eu tinha desbancado o Nelson. Queriam de todo jeito que eu falasse mal do mestre num programa de tevê. Mas eu, que sou contra esse tipo de coisa, que acho que artista não é cavalo de corrida pra ver quem chega em primeiro lugar, não entrei no jogo. Expliquei que era fã do Nelson e que ele era, no meu entendimento, o único autor que tinha uma obra no teatro brasileiro. Soube mais tarde que ele assistiu ao programa e ficou comovido.

3

O Nelson Rodrigues queria me conhecer pessoalmente e veio ao Teatro Jovem. Logo de saída me perguntou:

– Você conhece o Boal?

– Conheço. É muito meu amigo.

– O Boal, meu caro Plínio, era um bom dramaturgo quando copiava meus defeitos. Você conhece o Vianinha, Plínio?

– Conheço, mestre.

– Quando eu vejo o Vianinha, tenho vontade que ele venha comer alpiste na minha mão. E o Dias Gomes, você conhece, Plínio?

– Conheço, mestre.

– Estão dizendo que o Dias Gomes é o maior dramaturgo do Brasil. Mas ele não é nem o maior da casa dele (Dias Gomes é casado com Janete Clair).

4

Claro que tudo isso era exagero do Nelson Rodrigues. Vianinha era ótimo e o Boal e o Dias Gomes são excelentes. Mas o Nelson tem birra dos outros dramaturgos. Na verdade, acho que ele gosta mesmo é só de mim. Mas, também creio que fui o único que sempre tratou o Nelson com muito carinho e ele precisa tanto disso.

5

O melhor elogio que fiz ao Nelson Rodrigues foi quando falei que queria fazer pelo Santos F.C. de glórias mil o mesmo que ele fazia pelo Fluminense. Ele ficou bem contente.

Na última vez que me encontrei com ele, foi na Manchete. Ele estava muito preocupado com o filho dele que está preso. Esse garoto tem muito valor. Consta que não aceitou regalias que o Nelson queria lhe arrumar.

6

O Nelson Rodrigues nunca foi reacionário. Ele sempre foi um artista de muita coragem e que se manteve sempre independente, dando-se a liberdade de criticar o comportamento tanto da esquerda, quando da direita. O Nelson é realmente um homem a favor da liberdade de expressão. Essa frase dele mostra bem isso: “Eu sou o maior dramaturgo brasileiro. Mas qualquer um tem o direito de me achar uma besta”.

Quando perguntei por que o Nelson Rodrigues não escrevia mais pro teatro, ele me olhou com muita tristeza e disse:

– Falta preparo físico, meu doce Plínio. – E se explicou: - Antigamente, eu escrevia a tarde inteira pro jornal. À meia-noite, eu começava a escrever pra teatro e ia enquanto desse. Até as seis, sete ou oito horas da manhã. Hoje já não aguento mais esse ritmo. E como não posso parar de escrever pra jornal, que é o que me dá algum dinheiro, parei com o teatro.

7

O Nelson chegou a ter quatro ou cinco colunas diárias simultaneamente em vários jornais. Isso não é mole. Quem perde com essa é o teatro.

Uma vez eu estava conversando com o Nelson Rodrigues e o Ginaldo de Souza, pra mexer com ele, disse:

– Esse aí é o cara que rasgou seu cartaz.

O Nelson respondeu:

– Ginaldo, eu já sou um homem triste, hoje o Fluminense perdeu, me poupe pelo menos de ouvir besteira.

8

Ao escrever essa crônica, já estou sabendo que, graças a Deus, o Nelson está fora de perigo. Mas eu escrevo porque gosto muito do Nelson e quero mostrar que estou feliz pelo seu restabelecimento. Sei que ainda vamos levar muitos papos e vou escutar e ler muita frase genial do grande dramaturgo.

Respondendo à Freguesia (Folha de S. Paulo – Edição de 30/4/1977. Página 31. (Caderno Ilustrada)

Ayrton Toledo, Manoel Alves, Sétimo Luiz Gennaro, Dinorath do Valle, Deputado Evandro Mesquita, Dalton Moreira, Sérgio Dias, Carlos Maia, Livraria Brasiliense, Livraria Teixeira, Bento Celso da Rocha, Jaguar, Otávio Ribeiro, Associação Fernandópolis Acadêmica, são os que se lembraram de me dar um alô essa semana. Quer dizer, até quarta-feira, que depois desse dia não pude pintar no jornal. Sabe como é que é, cobra que não anda não engole sapo e saí por aí batalhando a fim de ganhar uma graninha pra melhorar o gordurame das crianças. De qualquer forma, responderei a todas as cartas. Porém (e sempre tem um porém), carta anônima não se lê e muito menos se responde. Falei.

Ayrton Toledo

“Se eu fosse poeta” é uma injustiça que você faz com você mesmo. Você é um poeta que por certo dá luz e brilho à sua Araraquara. Estive aí, sim, e você não me viu. Mas dia 5 de maio de Filosofia daí sobre as Necessidades Culturais do Povo Brasileiro. Obrigado por seu livro.

Dinorath do Valle

Pois é, cara coleguinha. Você é muito gentil de sair de ferro quente em cima do Juvenal, o Satírico, na sua coluna do “Dia e Noite”, de São José do Rio Preto. Muito obrigado.

Deputado Evandro Mesquita

O Jornal do M. D. B. está ficando bom. Agora não podem deixar a peteca cair. Obrigado pelo número.

Sétimo Luiz Gennaro

Quer dizer que além de beber vinho o bom amigo é chegado a uma seresta? Cada dia você cresce mais no meu conceito, Sétimo. E também achei muito bonita essa valsa sobre Araraquara: “Ó minha Araraquara/que de ti longe estou/tu és a pedra mais rara/que um garimpeiro encontrou.”

Pena que você não se lembre do nome do compositor. Também não sabia que lá na bela Araraquara se bebia vinho bom. Quanto à festa, não dá pé pra mim, meu bom Sétimo. Sou muito novo pra ser convidado especial de alguma coisa. Pra minha nutrição, basta saber que não estou sozinho nas paradas. Escreva sempre. Você já é de casa.

Sergio Dias

Sua carta chegou tarde, meu chapa. Mas concordo com você. A situação não anda boa pra desenhista. Aliás, não anda boa pra ninguém.

Dalton Moreira

Li suas crônicas. Você tem valor. Agora, não se afobe, que afobado come cru ou queima a boca. Lembre-se que malandro não briga com quem sabe mais. Só

briga por ideias, me entende? Essa de ficar arranjando arenga com seus amigos por minha causa não vai te dar camisa. Não entra nessas, que você vai acabar dando carne pra leão. E na Tabuada das Candongas do Mestre Zagaia, a gente aprende que quem sabe faz e quem não sabe bate palmas... mas a gente dá até o direito à vaia pro distinto público.

Associação Fernandópolis Acadêmica

Legal a publicação. Quanto poeta nasceu num pedaço só de chão de terra firme. Não se acanhem. Vão em frente. Obrigado.

Bento Celso da Rocha

Epósmelos já está enriquecendo minha biblioteca. Fico contente de saber que, apesar de tudo, tem muita gente acreditando na poesia no Brasil e mandando ver. É isso aí. Obrigado.

Manoel Alves

Você está enganado, Mané. Ruim seria se as respostas às pessoas ficassem num caso pessoal. (As dessas cartas são mesmo). Porém (e sempre tem um porém), essas respostas que dei a uns e outros em nada me rebaixam. Só respondi a eles porque achei que são pessoas inteligentes que apenas divergem de opinião e, ao responder, procurei extrapolar o caso pessoal pra uma série de informações que poderiam servir de bússola aos que me leem. Quanto a você não gostar de uma ou outra palavra que uso, tenho que te pedir pra ter paciência com esse cronista de vocabulário pequeno. Mas vê se te manca e se liga mais no conteúdo e menos na forma. Seu Mané, quem se perde em discussões de estética, estilo e tal e coisa e coisa e lousa é elitista.

Jaguar

Meu caríssimo, grato por ter me enviado [a] “História de um Novo Tempo”. Vou ler e depois coloco azeitona na tua empada. O mesmo serve pro Pena Branca, também editado pela Codecri. Esse livro estava doído pra ler. O Otávio Ribeiro é gente fina. Eu acho que está começando a aparecer a literatura do povão lesado. Por enquanto, obrigado.

Eduardo Matarazzo Suplicy

Editora Vozes e Livraria Brasiliense mandam avisar que hoje, sábado, dia 30, tem encontro com o Eduardo, às 11 horas, na Barão de Itapetininga, 99, na Livraria Brasiliense. O Eduardo, autor do livro “Política Econômica Brasileira e Internacional” é um moço que sabe das coisas e merece ser prestigiado.

Livraria Teixeira

Dia 12 de maio, às 18 horas, a Livraria Teixeira promove tarde de autógrafos com o poeta de Araraquara Ayrton Toledo. É o lançamento do livro “Se eu fosse poeta”. A Teixeira fica na rua Marconi, 40.

2. 4 – As crônicas de maio de 1977 – Coluna Plínio Marcos

Quando o sol brilhar de novo, irei a Cruzeiro (Folha de S. Paulo – Edição de 2/5/1977. Página 26. Caderno Ilustrada)

Respeitável público de Cruzeiro, o meu show “Humor Grosso e Maldito das Quebradas do Mundaréu” não vai ser apresentado aí na terça-feira, por motivo de força maior. Aliás, de força muito maior: a Censura. Eles não quiseram fornecer o programa-alvará pra minha apresentação. Eles queriam que, mesmo o show sendo em Cruzeiro e eu morando em São Paulo, eu fosse avant-première pro Vale do Paraíba na cidade de Lorena, para o censor local. E ali eles decidiriam se eu podia ou não realizar o espetáculo em Cruzeiro. Claro que nem o distinto público, nem ninguém deve encarar esse fato como perseguição à minha pessoa, muito embora Lima Duarte, Karim Rodrigues, Armando Bogus, Zé Vasconcelos tenham se apresentado aí em Cruzeiro sem ter que fazer ensaio geral em Lorena. Não, nem de leve podemos chamar a isso de perseguição. Podemos dar a isso o nome de economia de combustível dos veículos da Polícia Federal. E eu até estava disposto a cooperar. Mas, como iria fazer? Eu devia ir por conta e risco até Lorena, alugar uma casa de espetáculos e então convidar o censor local pra me ver contar umas anedotas. Aí, ele assistiria a tudo e provavelmente não gostaria e não deixaria eu fazer o show em Cruzeiro. Ele, só ele, sabe o que o povo de Cruzeiro pode ou não assistir. Ou então talvez, com boa vontade, eu conseguisse que o censor de Lorena permitisse que eu fizesse meu ensaio na própria delegacia. Nesse país se resolve tudo com boa vontade. Naturalmente, seria uma novidade. O censor, pra ver os espetáculos, costuma ir ao teatro, nunca o teatro é feito na delegacia. Não sei se é lei esse negócio de censor ir assistir ao espetáculo que deve censurar no teatro. As leis neste país mudam tanto que eu nem sei quando é lei ou costume. Mas, esse é o costume. E imagine se tivéssemos que levar uma peça de trinta personagens, com cenário e tudo, pra ensaiar na delegacia? Não dava, né? Mas, vá lá. Eu sou especial e a Censura até facilitaria pra mim, que moro em São Paulo e queria fazer um show em Cruzeiro, permitindo que meu ensaio fosse feito na delegacia de Lorena. Mas, isso é meio constrangedor. Eu sei lá, de repente conto minhas piadinhas, não agrado e já fico lá. Não dá pra mim essas coisas. Sou muito tímido. Mas, também não vou reclamar. Mesmo porque, não sei com quem. E não daria tempo de se resolver até terça-feira esse caso. Conheço bem os vagares da burocracia da Censura. E também sei que uma instância lá da Polícia Federal sempre confirma a determinação da outra. Por exemplo: levou uns quatro ou cinco dias pra Censura confirmar a necessidade desse ensaio em Lorena. Eu só vim a saber na sexta-feira à tarde. Por isso, respeitável público de Cruzeiro, não farei o show anunciado aí na vossa cidade. Perco o prazer de estar com vocês que, segundo os artistas que aí estiveram, são calorosos no vosso carinho e nos vossos aplausos. Perco também o cachê, que era bom, que ia ser um bom reforço no gordurame dos meus três filhos, que estão também na escola. (E ter filho na escola sai mais caro que ter amante argentina, nesses tempos em que a vida anda custando os olhos da cara). Mas, também não há de faltar. Ano passado me deixaram sete meses sem trabalhar e nem por isso me afobei. Sei que afobado come cru ou queima boca. São essas coisas que fazem de mim um imortal, eu e os operários da Ford, que estão sendo despedidos. Nós somos imortais, não temos onde cair mortos. Porém (e sempre tem

um porém), eu ainda tenho esse emprego nas Folhas, o que me faz dar graças a Deus, porque hoje em dia, trabalhar é um favor pessoal que fazem pro trabalhador. Estou com sorte, ainda ganho meu sustento. Mas, se minha sorte acaba, estou perdido do primeiro ao quinto, já dizia Bertold Brecht, um aí que sabia das coisas. Mas, deixa isso tudo de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que eu acredito na virilidade espiritual capaz de transformar as coisas e só por isso não haverá nenhum perigo de me faltar o gás. Eu, não. Vou continuar achando que a Censura é um braço do colonialismo cultural e responsável pelo obscurantismo que domina o país. Basta olhar que a Censura permite que apareça tudo nos filmes estrangeiros que infestam a televisão (cento e setenta por semana). Nessas películas, são tratados superficialmente problemas de droga, suborno, homossexualismo, assassinatos dos mais violentos e os nossos artistas são impedidos até de dizerem que um desquitado namora uma desquitada. E isso quando tem até político escapista propondo plebiscito para aprovar ou não o divórcio.

Enfim, não é dessa vez que eu vou a Cruzeiro. Fico devendo uma ida aí, até de graça irei, no dia em que o Sol raiar. Mas, não vou me sujeitar a fazer ensaio geral na delegacia de Lorena. Não sou calouro. Conheço as mumunhas por ter sentido na carne a prepotência dos que detém o poder. Cheguei até a ver um dia a proclamação da Independência do Estado de Goiás, por um chefe de polícia.

Fui a Goiânia levar minha peça “Dois perdidos numa noite suja”, no ano de 68. E logo que botei o pé lá, fui convidado gentilmente a ir até a presença de um chefe da Polícia Federal local. Ele estava sentado, de cueca, em cima de uma mesa e a seu lado tinha um revólver. Aí, ele me disse:

– Você não vai fazer espetáculo aqui.

Eu perguntei humildemente:

– Por que não?

E ele não fez cerimônia em explicar:

– Porque você é comunista, cigano, artista, amigo dos estudantes e de homossexuais e eu não gosto de nenhum dessas raças.

Eu até tentei argumentar, mesmo achando que corria o risco de levar um tiro:

– Mas, doutor – quando me sinto com as costas no paredão de fuzilamento, chamo todos de doutor. – Meu alvará permite meu espetáculo em todo o território nacional.

Aí, o zeloso censor bradou:

– Então Goiás não é mais território nacional.

E eu não pude mesmo fazer espetáculo em Goiânia, assim como não vou poder fazer agora em Cruzeiro.

Toniquinho Batuqueiro é um mestre em cultura popular. Está preso (Folha de S. Paulo – Edição de 3/5/1977. Página 37. (Caderno Ilustrada)

Antônio Messias é o Toniquinho Batuqueiro, neto do velho Silvério, maior tocador de tambu que já teve no Brasil e também macumbeiro. Toniquinho Batuqueiro é sobrinho do Zé Almofadão, um bamba no cururu. Toninho Batuqueiro é um grande artista do povo brasileiro, uma enciclopédia da cultura do nosso povo.

Toniquinho Batuqueiro é um senhor armador de bateria de escola de samba. Toniquinho Batuqueiro, um senhor compositor de samba-macumba, de samba-rural de São Paulo. Toniquinho Batuqueiro canta bonito, diz no pé, é rei no jogo da tiririca, toca surdo, cuica e tamborim. Toniquinho Batuqueiro é um mestre de muita embaixada, meu professor de muitas aulas nesses nove ou dez anos em que trabalhamos juntos no nosso show. Eu, ele, Zeca da Casa Verde, Geraldão Filme, Talismã. Eu sei, como o Hermínio Bello de Carvalho, o Zé Ramos Tinhorão, o Sérgio Cabral se deslumbraram com a música do Toniquinho Batuqueiro. E essa gente, que reconheceu tudo isso que eu afirmo na arte do Toniquinho Batuqueiro não é fácil. São enjoados. São os maiores historiadores da música popular brasileira.

Mas, o Toniquinho Batuqueiro é pedra-noventa. Nascido e criado em Pau Queimado, um lugarejo que só tinha crioulo, ali nas bandas de Piracicaba. Ele era o neto caçula do velho Silvério. E desde pequeno ia nos pagodes. Velho Silvério, quando saía pra tocar tambu, levava toda a família. Ficava na porta vendo um por um passar. Todos tinham que estar vestidos de branco. De branco mais branco. De branco de anúncio de televisão. E na volta, velho Silvério também parava na porta e conferia: se algum não estivesse com a roupa vermelhinha, não entrava em casa, pois era sinal que não tinha dançado o tambu, não levantou poeira e isso envergonhava a família. Então, não podia entrar em casa, dormia no relento.

Velho Silvério, quando fazia macumba, à meia-noite parava os atabaques e só com os olhos olhava pra um cacho de banana verde e as bananas maduravam na hora. Velho Silvério, quando batia palmas, os tatus saíam da toca trazendo cachaça pra ele beber. Dizem até que naquelas bandas tem uma cachaça com o nome de Tatusinho em homenagem ao velho Silvério. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar é que, quando o Velho Silvério foi falar com Deus, o moleque Toniquinho Batuqueiro veio pra São Paulo e aqui, pálido de espanto, ainda menino, percebeu que toda a cultura popular brasileira, na qual era doutor, não tinha no Brasil. As rádios, as televisões, os cinemas, teatros, estavam ocupados pela cultura de consumo importada. Pro Toniquinho Batuqueiro restou comer da banda podre. Foi ser engraxate, vez ou outra tocava seu tamborim num show, cantava seu samba numa rádio e sempre estava seu samba numa rádio e sempre estava nas escolas de samba. Casou, teve filhos, sete. Sete filhos que cria com muito cuidado, manda pra escola e não quer vê-los perto do samba, nem pra espiar. Num batuque, Toniquinho se explica: “No dizer de minha vó/Sambador não tem valia/Sambador não ganha nada/Dorme na calçada/Não cuida da família/E é preso pela polícia.”

E é verdade. Sambador não ganha nada e vai preso pela polícia. O Toniquinho Batuqueiro está preso. Tranca dura. Porque no Brasil se prende um artista tão sensível e tão inspirado como esse nosso mestre Toniquinho Batuqueiro com muita facilidade. Qualquer tira pode lhe dar a cana, qualquer juizinho, de ficar calado diante do absurdo pacote das reformas do judiciário, é capas de dar condenação ao Toniquinho Batuqueiro, um mestre da arte e da cultura popular brasileira.

Porém (e sempre tem um porém), eu me pergunto a toda hora: quem vai prender os ladrões que ocuparam o mercado de trabalho do Toniquinho, com a importação de cultura de consumo? Quem vai prender os ladrões que nunca pagam os direitos autorais do Toniquinho? Quem vai garantir os espaços livres pra

manifestações espontâneas do Toniquinho? Quem vai prender os empresários que roubam e exploram o artista brasileiro? Quem vai prender os ladrões do suor do artista, que abaixaram o salário dos atores na televisão? Quem vai prender os diretores de sindicato pelegos que se omitem? Qual o juiz que vai julgar tudo isso e acabar com esse espantoso roubo contra a arte e a cultura popular, que é a importação de cultura de consumo? Esse roubo na evasão de divisas, e do nosso mercado de trabalho?

O Toniquinho Batuqueiro está preso porque tem sete filhos e porque não tinha mercado de trabalho pra sua arte magnífica. Se eu pudesse, eu dizia nesse instante ao Toniquinho Batuqueiro: Meu irmão de nove ou dez anos de luta, não se afobe aí dentro com as coisas cá da rua. A gente segura as pontas da tua família. E a gente se mexe pra tirar você daí. A gente precisa de você aqui fora, com a sua arte, lutando pra abrir espaço nos veículos de comunicação, para os artistas do povo brasileiro que vem atrás da gente encontrarem as coisas mais fáceis. E um dia, Toniquinho Batuqueiro, toda a nação brasileira pensará em você com bondade. Você, que está sendo sacrificado, como está sendo nosso povo, pra que alguns se locupletem.

Meu Noel Rosa (Folha de S. Paulo – Edição de 4/5/1977. Página 43. Caderno Ilustrada)

Foi com surpresa que recebi o convite de Osmar Rodrigues Cruz para escrever uma peça sobre Noel Rosa, para o Teatro Popular do SESI. Eu não tenho o hábito de me meter na vida de ninguém. Porém (e sempre tem um porém), como na época eu estava, como se diz em latim a periguetes, aceitei a incumbência. Telefonei para o José Ramos Tinhorão, um dos maiores historiadores da música popular brasileira, dono de um respeitável arquivo sobre o assunto, e no dia seguinte estava soterrado de recortes de jornais, revistas e discos do “Poeta da Vila”.

Não foi mole escolher uma vida do Noel pra contar no palco. Cada lance importante da sofrida existência do Noel tinha três ou quatro versões diferentes, contadas por pessoas muito respeitáveis. Eu acabei optando pela versão que me parecia mais teatral. Por exemplo: a morte do genial compositor é contada por um compositor da seguinte maneira. Ele foi chamar o Noel Rosa e, ao bater na porta da casa do poeta, foi atendido por dona Marta, mãe do Noel, que aos prantos lhe pediu pra avisar os amigos que ele havia morrido naquele instante e ela estava sozinha.

Na versão de Dona Lindaura, esposa do Noel, ele morreu com cabeça apoiada no seu colo.

E tem também a versão de que ele estava sendo visitado pela Marília Batista, intérprete de suas músicas, e pelo Vadico, seu parceiro, e assistido pelo seu irmão Hélio, que é médico, por sua mãe e sua esposa. Numa casa na mesma rua estava se realizando uma festa e chegava até eles o som da sua música de parceira com a Marília, “De babado”:

[F]Oi [sic] de babado sim
meu amor ideal
sem babado não

Aí, o Noel pediu que a Marília cantasse. Ela começa, mas logo cai em prantos. O Noel tenta cantar e tem um acesso de tosse. Aí, os parentes pedem para os amigos deixarem o Noel descansar. Dona Marta vai com Lindaura acompanhar Marília e Vadico até a porta e o irmão Hélio sai pra preparar uma injeção. O poeta, sozinho, começa a batucar no criado-mudo, tenta cantarolar, perde as forças e morre.

Claro que essa cena é a mais teatral e eu fiquei com ela. Mas, não deixei de misturar as outras versões.

Eu não tive a preocupação e nem me prendi aos fatos cronologicamente. Me preocupei mais em mostrar a personalidade do Noel Rosa e humanizar esse grande compositor que já foi muito mitificado.

Chamei de roteiro musical e não de peça esse texto sobre a vida do Noel Rosa, sobretudo porque ele não deve ser lido em hipótese nenhuma. Foi escrito para ser um espetáculo de teatro e não pra ter algum valor como literatura. Se um bom texto teatral é aquele que necessita de emoção do ator pra ganhar sua total dimensão, esse roteiro precisa, além dos atores, do diretor, do cenógrafo, da música, do balé, da iluminação, para ficar em pé e dar a devida medida da minha visão sobre o genial “Poeta da Vila”.

O elenco foi totalmente escolhido pelo diretor Osmar Rodrigues Cruz. Ele é composto de 36 pessoas. Os papéis principais estão confiados a Ewerton de Castro, Nize Silva, Walderez de Barros, Anali Alvarez, Bruna Fernandez, Benjamin Cattan, Elias Glazer, Eugênia Santa Cruz, Ana Maria Brandão, Sonia Rocha, Antonio Natal, Antonio de Andrade, Pérciles Flaviano, Silvio Modesto.

A direção musical é do Caetano Zamma, a coreografia é do Carlinhos Machado e da Marilene Silva, a iluminação é do Domingos e a cenotécnica é do Arquimedes. E os cenários e figurinos são do Flávio Império, um monstro criador incrível. Eu ainda não assisti ao ensaio. Sou da opinião que autor presente em ensaio só serve pra atrapalhar. Vou no ensaio geral. Sabe como é, quem sabe faz, quem não sabe bate palmas. E em se tratando de botar um espetáculo em pé, o meu caso é bater palmas.

A estreia deve ser ainda na primeira quinzena de maio. Como sempre acontece nos espetáculos do Teatro Popular do SESI, não haverá cobrança de ingressos. Uma baba. A entrada vai ser de graça. Mas se faz necessária a retirada de convites, pra não bagunçarem o novo teatro, que é lindão. Sendo de graça, não ficarei assombrado se lotar toda noite.

Noel, segundo as suas próprias palavras (Folha de S. Paulo – Edição de 4/5/1977. Página 39. (Caderno Ilustrada)

Para se ter uma ideia do que pensava o genial compositor Noel Rosa, mostramos aqui algumas entrevistas concedidas por ele por volta do ano de 1935.

Para a revista “O Cruzeiro”

Repórter – Das duas criações, qual lhe agrada mais?

Noel – O samba “Gago apaixonado”, porque além de original, meus vizinhos e seus papagaios não conseguem cantá-lo.

Repórter – Dos autores da música popular, qual o que mais lhe agrada?

Noel – No gênero popular, aprecio o Almirante e o Ismael Silva. O primeiro, estudioso e culto, sabe produzir letras interessantíssimas, assuntos originais e jocosos. O segundo, inculto, é o melhor autor dos sublimes e melodiosos sambas de morro.

Repórter – Que pensa da música popular?

Noel – Uma obra de arte a que se dá pouco trato.

Repórter – Que gênero lhe é mais simpático?

Noel – Gosto do samba, porque sou brasileiro. Acho que estrangeiro capaz de imitá-lo ainda não nasceu.

Repórter – Que prefere: o disco, o teatro ou o rádio?

Noel – Eu... bem... não posso manifestar preferência. São eles que fazem propaganda da música brasileira.

Repórter – Como encara o apoio que agora emprestam ao autor nacional?

Noel – Que apoio? A qualificação “autor nacional” é sinônimo perfeito de músico sem apoio.

Repórter – O que acha do público brasileiro e que gênero ele prefere?

Noel – Acho o público ótimo. Antigamente, ele preferia o “fox-trot”, mas hoje o público quer é se divertir. Os três dias de Carnaval que o digam.

Para o jornal “O Globo”

Repórter – Existem compositores que compram sambas?

Noel – Posso afirmar que há. Falo por experiência própria. Já vendi muito samba. Você achará graça quando eu disser que os vendia unicamente pelo prazer de vê-los gravados. Os sambas que eu vendia saiam no disco como sendo dos compradores. Mas eu não me importava. O essencial era eu ter certeza de que o samba era meu. Tudo o mais era acessório. O meu maior freguês era o Gomes Júnior, da Casa Viúva Carneiro. Eu os vendia por uma bagatela e eles davam bons lucros. Naquele tempo eu era otário. Agora estou começando a compreender a vida. Não vendo mais samba. Também não compro, porque graças a Deus não preciso disso.

Repórter – Qual o melhor tema pra samba?

Noel – Antes, a palavra samba era sinônimo de mulher. Agora, já não é assim. Há também o dinheiro, a crise. O nosso pensamento se desvia também pra esses gravíssimos temas. Agora o malandro se preocupa, no seu samba, quase tanto com o dinheiro, como com a mulher. A mulher e o dinheiro são, afinal, as únicas coisas sérias deste mundo.

Repórter – O samba está no morro ou na cidade?

Noel – O samba na verdade está na cidade. Já estive, é verdade, no morro, isso no tempo em que não havia aqui embaixo samba. Quando a bossa nasceu, derrubou o morro. O samba lá de cima perdeu o espírito, o seu sabor inédito. Em primeiro lugar, o malandro sofreu uma transformação espantosa. Antes era diferente. Agora está mais ou menos banalizado. A civilização começa a subir o morro, levando suas coisas boas e suas coisas péssimas.

Para “O Jornal”

Repórter – Eu queria saber quais os seus sonhos de menino.

Noel – Eu não pensava em ser general, nem presidente da República. Que valia tem o próprio fastio dos reis, dos soberanos diante do encontro comunicativo dos criadores de ritmo? Eu também não sonhava com a ópera. Queria mesmo a música popular, ou seja, a música do povo inteiro, música generosa, acessível a todos, que nos embriaga que vai de alma em alma, comunicando uma mesma religiosa emoção.

Foi coisa de marcar bobeira (Folha de S. Paulo – Edição de 5/5/1977. Página 47. Caderno Ilustrada)

A todos que se preocupam com nosso camarada Toniquinho Batuqueiro, aos vários advogados que telefonaram prontificando-se a defender o genial artista popular, queremos agradecer e avisar que ele já está solto. O lance da cana era só um mal-entendido. Toniquinho, que parece gato de armazém, o dia inteiro deitado em cima do saco, marcou bobeira e de repente, quando os homens chegaram pedindo os documentos, o artista foi se apresentar: puxou a carteira e só saiu metade. Aí, pálido de espanto, o Tônico contou uma história:

– O rato roeu meu documento.

Não grudou o papo e o Tônico entrou pra ser conferido, saiu manco. Mas não levou cascudo, foi que os vagabundos usaram o salto do sapato do malandro velho pra esquentar café.

Mas o Tônico, segundo ele mesmo, não dormiu na boca do boi, nem nada. Mas deixa isso de lado. O que conta é que o Toniquinho Batuqueiro, já está em liberdade e logo estaremos fazendo nosso show na Boate Sans Gene, na Rua Sergipe

*

Também quero agradecer ao pessoal da cidade de Cruzeiro, que telefonou pra emprestar solidariedade pelo show não ter podido se apresentar lá.

Dadas essas explicações, vamos ao batente, que com a vida custando os olhos da cara, até os mais bobos estão trepando em pé de vento, dando nó em pingo d’água e arranhando parede pra comer farofa. Estão aí mesmo os operários que não me deixam mentir. Foi só entrar na fita um aumento de salário-mínimo pro trabalhador, em vez de se alegrar, ficar meio assombrado. Além de subir o preço de tudo, esse aumento pode vir a ser um incremento na onda de desemprego. E não é só o operário. Artista, que já vinha comendo capim amargo pela raiz, agora está se sentindo a perigo perpétuo. Lá nas bandas do Canal Silvio Santos, começou a dispensa do pessoal. O moço do baú, que prometia aumentar o mercado de trabalhos, parece que se tocou que vai ser meio duro conseguir isso atacando de mau dentista: abrindo um canal e tendo que trabalhar em outro não emplaca. Vai naturalmente atacar de filme estrangeiro, assim como o Canal 7, TV Record, que já fazia isso antes da novela da SS e que agora voltará a fazer.

Quem se apavora com isso é o ator de televisão. O artista americano morto trabalha na televisão brasileira mais que o artista brasileiro vivo. Por essas e outras é que muito tulipa pra Revista Amiga. A esperança deles é destilar as brutas, que por sinal vão ser importadas.

Ninguém pensa em distribuir rosas, que é flor que dá por aqui mesmo. Agora, pra sua própria mãe, o ator não vai provavelmente poder dar nada. Mãe de ator anda sofrendo mais do que a mãe do porco-espinho na hora do parto.

*

Por falar em propostas, cada vez acho mais graça nas que recebo. Através da Editora Nórdica, a Edibolso manda me propor uma reedição de “Histórias das quebradas do mundaréu”. Agora, sintam o aroma da perpétua. Eu ia ganhar, se aceitasse a reedição, apenas dois e meio por cento sobre o preço de capa, isso quando o costume é ganhar dez por cento. Naturalmente que eu não aceitei. Porém (e sempre tem um porém), esses lances estão acontecendo a toda hora. Trabalhar fica um favor pessoal que fazem pra gente. Então, as propostas que piam na parada são todas cabulosas, como essa aí.

No livro, quem ganha dinheiro é o distribuidor. Aliás, como em qualquer negócio, o atravessador é quem encarece a vida. No Brasil, quando quiserem falar a sério da política do livro, tem que se falar da distribuição, que está nas mãos de uns poucos, que chegam até a cobrar cinquenta por cento do valor de capa, o que obriga o editor a, além de aumentar o preço, ferrar o autor.

*

Dia 6 de junho, Zeca da Casa Verde, Toniquinho Batuqueiro, Geraldão Filme, Silvio Modesto e Talismã estarão no Teatro Opinião, do Rio de Janeiro, mostrando para os cariocas o samba da Paulicéia. Vai ser uma parada. Eles vão por o famoso Zangô da Mangueira, considerado maior partideiro do Brasil, no lance. Pra segurar essa fera, vai daqui Silvio Modesto, que no meu entendimento não fica devendo nada ao famoso Xangô.

Vai ser lenha dura. Enquanto esses sambas da pesada ficam sendo puxados nos pequenos teatros (como nos porões antigos), a televisão, com a cultura de consumo importado, vai transformando o nosso povo. Nossos crioulinhos agora são Blacks. Vê se pode.

Entre ratos e ratazanas (Folha de S. Paulo – Edição de 6/5/1977. Página 41. Caderno Ilustrada)

Os favelados, em desespero por não terem pra onde ir, recusam-se a sair dos seus barracos em um morro que ameaça desabar. A solução oficial de abrigá-los em albergues não é aceita por eles. Sabem que serão separados. Homens num lugar, longe dos empregos, mulheres e crianças em outro. Não, aquela gente não aceita essa separação que querem lhe impor. A maioria dos casais não se uniu com papéis passados em cartório, mas se juntaram pra melhor suportar as privações da vida.

Querem ficar juntos. Essa é a única alegria que tem. Mas não podem. O morro que escolheram pra morar está minado pelas águas da chuva.

Ameaça desabar. E a polícia vai obrigando os favelados a abandonar seus lares. Seus poucos pertences vão sendo empilhados ao relento e os barracos vão sendo destruídos. Ratos e ratazanas enormes começam a sair das tocas e a se espalhar pelas ruas das imediações. Os peritos calculam em mais de cinquenta mil cabeças de ratos e todos sabem que esse bicho é transmissor de muitas moléstias.

Os homens do Governo falam em combater os ratos e vacinar o povo. Mas nunca ninguém tinha imaginado que ali na favela crianças e ratos crescessem juntos na beira das valas onde as pragas botam os ovos. Agora vão sair ratos e homens porque o morro está pra desbarrancar.

Um homem, vendo o despejo, morre de enfarte e outro se suicida diante de seus vizinhos pálidos de espanto com a angustiante situação que não podem alterar. A angústia toma conta da população da favela que se sente mais amesquinhada que nunca. As mulheres choram, as crianças choram, os homens choram. Todos choram sem lágrimas, em silêncio, são todos desfibrados, castrados, sem palavras pra dizer da dor que sentem. São todos roídos de moléstias, de fome, de medo, de desesperança. Perdem os favelados a última coisa que tinham pra perder: uma precária moradia de zinco e madeira podre, mas que era o teto onde se agregavam em família. E era essa moradia que os diferenciava do gado e os sustentava nessa existência de condenação.

*

E aquela gente que comia a pior, comia o bagulho catado no chão da feira, morava na beira do rio, viu chover e viu as águas subirem, invadirem suas casas e arrastarem crianças, homens, mulheres, criação, móveis e utensílios. Viram assombrados se repetir o que todo ano, na época das chuvas, acontece, a cheia do rio. As autoridades vão recolhendo os salvos das águas em abrigos públicos. Homens de um lado, mulheres e crianças de outro. Essa separação é imposta pelas autoridades aos flagelados que estão socorrendo agora que já não podem ser mais socorridos, uma vez que a esperança deles se afogou junto com seus poucos pertences, suas precárias moradias e alguns entes queridos. Como gado, sombrio gado, castrado, sem palavras pra dizer da dor que sente, a população ribeirinha vai sendo conduzida para os abrigos públicos.

*

E na roça apareceu um homem bem falante, que pregava aos trabalhadores de salários miseráveis em nome de Deus. E foi fácil o pregador convencer aqueles roceiros da roça da desesperança que aquela faina jamais resultaria nos pães repartidos. E toda gente largou as enxadas, as foices, os ancinhos e esquisitos caminhos do roçado do bom Deus, o homem bem falante que pregava acalentando a esperança, coisa que jamais havia antes brotado nas almas secas daquela gente que lavrava a terra seca, que regavam com seus generosos suores e com seus sangues ralos e os da sua prole.

E todos andaram sem rumo, sem meta, mas felizes, sem a canseira dos trabalhos inúteis, atrás do pregador. E foi fácil pro pregador convencer seus seguidores que as crianças do grupo, crias dos ventres de seus seguidores que as crianças do grupo, crias dos ventres de seus seguidores deveriam ser entregues a

Deus, porque, se crescessem entre os homens, na certa seriam ladrões, assassinos. E as apáticas mães e os apáticos pais, insensíveis pelo longo período em que capinaram na roça do desencanto, afogaram seus filhos nas águas do mar.

*

Nenhuma dessas histórias foi inventada pela imaginação doente de um roteirista de cinema ou por um escritor débil mental. Essas histórias são verídicas e aconteceram no Brasil, em 1977, no espaço de apenas uma semana. A primeira foi no Rio de Janeiro, a segunda em Pernambuco e a terceira na Bahia. Nesse mesmo período, aconteceram outras histórias cavernosas de escapismo político, corrupção de figurões, prepotências, prisões sem conta, assaltos, crimes de morte, medo de comerciante, inflação, desemprego, angústia da população das grandes cidades, pessimismo social e aumento alarmante dos suicídios. Essa é a realidade que não deve ser escondida.

Acho que essa realidade serve pra mostrar que devemos parar de falar em medo de subversão e parar com as perseguições aos que pensam realmente com bondade no povo e nos preocuparmos em minorar o sofrimento das chamadas classes desfavorecidas, mas que na verdade são as classes lesadas da sociedade. Essa é a única forma de evitarmos, não uma revolta, que essa pelo menos no momento não há como ser realizada, mas para evitarmos uma sangrenta convulsão social.

A (semanal e rotineira) resposta à freguesia Folha de S. Paulo – Edição de 7/5/1977. Página 29. Caderno Ilustrada)

Artur Ribeiro Neto (Rua Cardoso de Almeida, 817, Perdizes, SP) – “Escrevo para lhe pedir uma análise crítica desses poemas que vão junto.”

Longe de mim a pretensão de julgar poema de alguém pelo ângulo da literatura, Artur. Conheço minhas limitações, sei que meu puçá não vai além da superfície. E tem também um porém: o que eu admiro nos poetas e escritores é a garra. Ou o cara escreve porque acredita ou então vai acabar pedindo luz a cego e se perdendo em tolas discussões estéticas.

Silvestre, A. C. D. de Votuporanga, Filença e outros sem nome ou com pseudônimo, não tem resposta.

Maria Idalina Medalha dos Santos (Rua Amapá, 98, S. Sebastião) – “Houve muita repercussão pelo meu nome na sua coluna...”

Tu vê, Mariazinha, você tá saindo no gipi de novo. E se é como diz, você vai ficar famosa.

Professora Vera Braga Franco Giacomini (Rua José do Patrocínio, 878, Lençóis Paulista) – “Porém (e sempre há um porém), desaprovo-lhe veementemente as insinuações injuriosas às professoras e a Anchieta.”

Cara fessora Dona Vera, se eu disse que as fessoras estão com nada nesse negócio de índio é porque sei o que digo. Não escrevi de alegre. Minha filhota chegou em casa pintada de índia apache. Foi isso que despertou minha curiosidade. Fui conferir e falei com vários pais que também tiveram seus filhotes pintados no melhor estilo de índio de fita faroeste norte-americano. Na minha crônica, caríssima

fessora, não me referi ao seu colégio e menos ainda a Lençóis Paulista. Mas, já que a senhora se apresentou, quero lhe dizer com todo o respeito, que a senhora em matéria de índio, também está por fora, a julgar pelos desenhos de índios que seus alunos fizeram e que a senhora gentilmente nos enviou. Aquele tipo de índio só existe no Brasil na cabeça do ensino oficial e no bloco Cacique de Ramos da Guanabara. Nem em terreiro de caboclo baixa índio enfeitado de pena colorida, colar e tal e coisa.

Índio brasileiro, caríssima fessora, hoje em dia, é do naipe que bem mostrou o jornal Nacional da Tevê Globo. Está no Brasil morando de favor nas terras de um japonês. Se veste de trapos, não tem cor, nem brilho, nem canto. Não tem disposição pra trabalhar, nem pra fazer festa. Está faminto e doente. E aproveitou o seu dia, o dia que nós determinamos que seria o do índio, pra esmolar agasalhos pela televisão, já que tem medo de morrer de frio nesse inverno. Mas é claro, fessora Dona Vera, que, se a senhora manda seus aluninhos pintarem os índios da realidade brasileira, a senhora não iria poder fazer festinha pra exibir os melhores trabalhos, não iria poder mandar pra nenhum jornalista atrevido e também não ganharia pontos que pesam na promoção, né, fessora Vera? Naturalmente que não. Se a senhora pedisse para seus aluninhos (alguns com caras pálidas, como a senhora diz) pintarem os mulambos que são índios do Brasil, a senhora era até capaz de ser chutada da sua carreira, né fessora Dona Vera?

Sobre Anchieta, diz a fessora Dona Vera: “É falsa a primeira afirmação. Anchieta viveu e escreveu no Brasil em função dos problemas brasileiros, codificou a língua do nosso selvagem, poetou nessa língua, levantou as primeiras fortalezas da fé e da consciência nacional. Transportando-nos para a vida do Brasil nos primeiros tempos, podemos calcular o valor do trabalho dos jesuítas na defesa da liberdade dos índios, catequisando-os, ensinando-lhes marcenaria, carpintaria, rudimentos de agricultura e de criação. Eles foram um vínculo entre os selvagens e os colonizadores, preservando-lhes, na justa medida, os costumes, a língua, vale dizer, a cultura. A desvinculação do índio de sua cultura foi imperativo e decorrência da descoberta e colonização do país de que jesuítas e Anchieta não participaram.”

Pois é, fessora Dona Vera, tanto os jesuítas participaram da colonização, que até mesmo a senhora afirma que eles foram um vínculo entre os selvagens e os colonizadores. A catequese dos índios foi simplesmente a destruição de suas crenças religiosas, de sua língua. E os ensinamentos de ofícios que os jesuítas deram ao índio foi para transformá-los em escravos ou em mão-de-obra barata. Ou será que a senhora pensa que índio vivia em galho de árvore como macaca de Tarzã? Ou a senhora pensa que índio não comia antes de chegarem os jesuítas?

Caríssima fessora Dona Vera, a senhora não percebe que o simples fato de considerar o índio selvagem é um pensamento colonialista? O índio tinha sua cultura e o português que aqui chegou a esmagou com suas armas e sua tecnologia. A mesma catimba que a cultura de consumo faz hoje com o povão brasileiro. Olha aí o nosso negro dizendo que é black. Ele está sendo destruído e pensa que está bonito. Mas, voltando ao índio brasileiro, há tempos atrás os jornais deram uma triste notícia de um cacique que, vendo o estado em que se encontrava a sua tribo, mandou matar as meninas nascidas dali pra frente, para apressar a extinção da raça. E a senhora, fessora Dona Vera, ainda acha natural que, em função do colonialismo, um

povo seja descaracterizado e sucumba? Olha, fessora, eu sou neto de português, mas sou contra qualquer tipo de colonialismo. Mas, mesmo sendo como a senhora diz, que Anchieta não era tuberculoso, ele fez muito mal ao índio brasileiro, que nunca esteve interessado em que ele poetasse em língua nenhuma.

Sobre História, diz a fessora Dona Vera: “Mais respeito à figura tão cara da nossa História é dever de brasileiro que, se não a admira, não tem o direito de ridicularizá-la.[”]

Caríssima fessora Dona Vera, a História do Brasil ainda não foi bem contada. Podes crer. Mas, ainda será, e muito herói vai cair do cavalo no dia em que isso for feito com liberdade e consciência de dever.

*

Registramos o recebimento das seguintes cartas: Paulinho Nogueira, Artur Ribeiro Neto, S. B. Silveira, coordenadora de Cultura do Estado de Minas Gerais, Teatro Alfredo Mesquita, Prefeitura Municipal de Rio Claro, Henrique Matteucci, Doalni Fileca, Dalton Moreira, Artur A. Mondin, Galeria Proarte, Yamaha Musical do Brasil

Bô, um cracão de futebol no estaleiro Folha de S. Paulo – Edição de 9/5/1977. Página 21. Caderno Ilustrada)

O Brasil tem o futebol tri-campeão do mundo. Porém (e sempre tem um porém), nesse esporte aqui em nosso país acontecem coisas de entortar o patuá até de nego de santo forte. Mexe e vira um craque fica no estaleiro por longa temporada devido ao mau tratamento que recebe dos médicos do clube, isso quando não fica aleijado para sempre e inutilizado para seu ofício. Tudo porque não falta médico cabeçote de bagre que, para ganhar destaque na sua profissão, se arregla com cartolas, quando não é ele mesmo um cartola, e se põe a tratar de assuntos que não entende.

Casos de simples operações de meniscos feita por carniceiros que são especialistas em aborto e que liquidaram carreiras de craques existem às baldas no futebol brasileiro. A gente não consegue provar esses crimes porque médico é uma raça unida. Um acoberta o erro do outro sem nenhum respeito pela clientela.

Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que o cracão de bola, o Bô, quase fica inutilizado por causa de uma operação mal feita. E o Bô não é um jogador qualquer. O Bô é um ídolo. Não da torcida. Ele é um ídolo dos próprios jogadores. Isso porque ele é daqueles que sangram em campo por uma vitória. Porque joga um bolão e o faz para o time. O Bô não é dos que aparecem pra torcida. Mas, a boleirada sabe muito bem a dimensão do futebol do Bô.

Quem diz que o Bô é um cracão não sou eu apenas. O Tobias do Corinthians, o Carlos da Ponte Preta, o Getúlio do XV de Novembro, o Valtinho da Portuguesa, o Helinho, que está no Santa Cruz, o Darci que foi do América, o Eli do Cruzeiro, o Dionísio do Atlético Mineiro, o Juninho, o becão da seleção amadora, o Vadão, que ano passado foi do Capivariano, o Ari do Cafelandense, Grilo do Garça, o Mauro Cabeção, lateral do Guarani, o Fogueira, que foi do América do Rio Preto e tantos outros são jogadores que podem atestar todo o valor de craque que tem o moço Bô.

Uma vez, numa pelada de fim de ano, essa gente comentava com o Estevão, do XV de Jaú, que é irmão de Bô[,] a pouca sorte que esse moço dá no futebol. Todos reconheciam que ele era pra estar em time grande e em seleção, mas sempre ia parar em time pequeno, onde tinha que jogar pelos onze. Na maioria das vezes, vendido para os timecos pequenos por xaveco⁶ de cartolas. O Bô não é de fazer careta pra cego, não sabe bajular, nem banca o capacho. Joga seu futebol enorme, dá o sangue pelo clube. Vive o futebol e tem mulher e três filhos pra sustentar. Por isso, faz questão de receber em dia salário e prêmios de vitória e reclama se começa a haver atraso. Vai daí, seu esforço em campo não é reconhecido. Mas, nem por isso o Bô se poupa. Entra sempre nas divididas e foi numa dessas que lhe acertaram o joelho.

O seu atual clube, o Atlético de Goiânia, queria mandar operar o menisco do craque Bô no INPS. Pombas, operar menisco no INPS é o mesmo que amputar a perna. E o Bô se mandou pra Garça, cidade onde moram os parentes de sua mulher. Já estava a fim de arrumar um emprego e largar a bota. Foi quando a patota de jogadores soube e, mesmo contra a vontade dele, fizeram uma pelada e levantaram uma grana para o Bô se operar e voltar a jogar. Todos achavam um pecado um craque de bola desse naipe encerrar a carreira tão prematuramente apenas por causa de menisco.

Com a solidariedade, o Bô se animou e foi a Goiânia conversar com os cartolas e pedir um tempo pro seu clube pra se operar em São Paulo. Os homens não deixaram. Falaram que tinha um senhor médico amigo do clube e que sabia tudo de menisco. O Bô vacilou e foi essa a bobeira que marcou.

O médico amigo do clube, que ia ficar ofendido se não fosse escalado pra ser o operador, meteu a faca no Bô. E deu alta pra ele, dizendo que estava tudo legal. Aí, a perna rateava.

Por exigência do Bô, o clube arrumou pra que ele fosse pro Rio de Janeiro se recuperar na Escola de Educação Física do Exército, que é onde tem a melhor aparelhagem e gente especializada que dá assistência.

Foi só o Bô chegar lá e meter a perna no gladiador (nome do aparelho de recuperação) pro seu joelho ficar uma batata. Inchou. Quem sabe sabe. Os assistentes especializados, só de olhar, cantaram a pedra. Era o menisco.

O Bô veio pra São Paulo. Foi no seu médico. O doutor examinou e deu a sentença: é o menisco mesmo. Ou operava logo ou ia acabar de perna dura pro resto da vida. O Bô entrou outra vez na faca. Três cortes pra retirar o resto do menisco que deixaram no joelho do cracão. Ele está no Hospital D. Pedro, quarto 501. A seu lado, um vidro com pedaços enormes de menisco. E ele diz, meio encabulado, ter outro pedaço igual guardado da primeira operação.

Quem mais sofre com isso é Seu Alberto, ex-goleirão do Cafelandense e do Linense, pai do Bô e do Estêvão e de outro irmão, que não saem da cabeceira do craque. O boleiro está nervoso.

Mas, agora sabe que poderá voltar a jogar toda a sua bola. E o velho Alberto só comenta que, por sorte, o Estêvão ganhou bom dinheiro em Jaú. Se não, como é que ficaria o Bô?

⁶ Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

Por essas e outras, a gente vê pálido de espanto, como anda o futebol brasileiro.

Arrabal em cena, é hora da Pagu Folha de S. Paulo – Edição de 10/5/1977. Página 33. Caderno Ilustrada)

Vejo muito falatório em torno do dramaturgo espanhol Arrabal e do espetáculo da Ruth Escobar e espero, espero ansiosamente que alguém fale da Patrícia Galvão, a Pagu. Mas ninguém fala. Parece que o teatro não tem memória. No entanto, faz bem uns dezoito anos ou vinte, que o teatro brasileiro escuta falar do Arrabal. E escuta por causa dessa mulher maravilhosa que foi Patrícia Galvão. Uma mulher encantadora, dessas raras que, mesmo sendo devorada por uma maldita doença, estava sempre vivendo a cento e vinte, nas paradas em que entrava com toda sua generosidade e toda sua poesia. Foi ela, Patrícia, (e muita gente boa está aí pra confirmar) que, indo a Paris pra tentar a cura em companhia do seu sempre solícito e excepcional companheiro Geraldo Ferraz (doce e meigo com a sua Pat e ranheta com todos nós que vampirávamos a vivência a cultura dele, autor do genial “Doramundo” e da nossa querida Patrícia), descobriu uma rapazola assustado e faminto, vivendo de expediente e que escrevia peças teatrais. Foram Patrícia e o Geraldão – por tabela – as primeiras pessoas do mundo a acreditarem nesse moço, pegarem uma peça que estava pronta “Fando e Lis” e o pedaço de outra por acabar (se não me falha a memória era “O Triciclo”), trazerem para o Brasil, mais precisamente para Santos, traduzirem, reunirem o seu grupo de teatro amador e promoverem então a avant-première do então mocinho Arrabal.

Lis – “Eu vou morrer e ninguém se lembrará de mim.”

Fando – “Sim, Lis. Eu me lembrarei de você. E irei ao cemitério com uma flor e um cachorro”.

Parece que estou vendo o Renato Ruffo e a Terezinha de Almeida dizendo as falas do Arrabal, num cenário maravilhoso do Lucinho, e o Paulo Lara na co-direção com a Patrícia Galvão retumbando de alegria com o sucesso. Eu estava lá, brigando com a censura pela minha “Barrela”. Mas me lembro bem de tudo. Muitas, mas muitas vezes ajudei a montar o cenário e fazer a contrarregra de “Fando e Lis”. Me lembro que ia muito cobra do teatro profissional de São Paulo e do Rio de Janeiro até Santos pra ver o espetáculo ou simplesmente os ensaios. O pessoal da Escola de Arte Dramática não saía de lá. Eu particularmente, já naquela época, era contra esse tipo de espetáculo. Sonhava com o teatro popular, como sonho ainda hoje, o que faz o Nelson Rodrigues dizer que eu quero uma plateia de Fla-Flu para meus espetáculos. Quero, mas não tenho tido nem o gosto de plateia de trinta ou quarenta pessoas, nos tempos que correm. Mas, deixa isso pra lá. O que quero contar é que a Patrícia cuidava do Arrabal do seu “Fando e Lis” e de mim também.

– Geraldo, ele não conhece o “Esperando Godot” e quer escrever. Leia pra ele. Se não, ele vai passar a vida escrevendo porcaria.

O gordo bufava na minha cara e falava mansamente pra Patrícia:

– Mas Patinha, esse cara nunca vai ser nada. Não adianta. Não adianta, Patinha.

Mas a Patrícia não amolecia:

– Lê, Geraldo. Pelo menos, se ele não for nada, a culpa não será nossa.

E o gordo era obrigado a ler. E eu ainda gozava ele. Mas, isso era em outro tempo. O teatro amador não vivia de subvenção governamental e cumpria sua missão. Tinha gente forte orientando os amadores: Pascoal Carlos Magno, Patrícia Galvão e a própria Escola de Arte Dramática do mestre Alfredo Mesquita. O teatro amador pesava na balança. Ou lançava novos autores nacionais, ou fazia pesquisa que o profissional com compromissos com a bilheteria, não podia se dar ao luxo de fazer. O teatro da Patrícia estava com tudo isso. E o “Fando e Lis” era polêmico e chamava a atenção. O Sérgio Cardoso, que era o “Grande Sol” do palco naquele momento, trouxe o espetáculo para seu teatro Bela Vista, para apresentação numa segunda-feira. A casa ficou a três de alto. Tudo quanto era grande artista disse presente. Até crítico teve que se agarrar pelos picos para não espirrar pelo ladrão. Nos bastidores, a Patrícia queria saber se Radhá estava presente. A Radhá Abramo era das poucas pessoas que a nossa Patrícia respeitava integralmente, e reconhecia um enorme talento de dimensão universal. E queria que a Radhá estivesse lá. Não sei se estava ou não. Eu não a conhecia nesse tempo. Mas me lembrei desse fato outro dia, ao encontrar a Radhá voltando da estreia do espetáculo da Ruth Escobar. Não disse nada na hora. Me calei. A Radhá talvez não saiba disso tudo. Porém (e sempre tem um porém), o Arrabal sabe que a estreia mundial dele foi no Brasil. Ele trocou correspondência na época. Recebeu fotografia da peça, essas coisas. Mas, naquele tempo, ele era apenas um bom menino querendo ganhar o mundo. Hoje ele já ganhou o mundo. E talvez isso lhe tenha afetado a memória. Talvez ele ache que não lhe convenha lembrar. Ou, quem sabe, até já esqueceu. Talvez não seja seu costume ser cortês ou sei lá o quê. Esses geniais autores estrangeiros são tão cheios de truques. Provavelmente ele também ache que não deve nenhuma consideração à Ruth Escobar, por ela ter feito das tripas coração pra montar sua peça com tanto esmero, com tanto cuidado e por trazê-lo ao Brasil pra assistir à estreia. Se ele fosse pouquinho coisa mais bem educado, teria ido no jantar de comemoração da estreia com a generosa atriz Ruth Escobar, em vez de ir fazer seu gênero e jogar xadrez.

Mas, tudo bem com ele.

Ruim é que, numa hora como essa de estreia de Arrabal, de estreia de Paulo Pontes e Chico Buarque, de “A Morte do Caixeiro Viajante” emplacando loucamente, o teatro não lembre a toda hora gente como a Patrícia Galvão, como o Boal, como o Zé Celso, como o Pascoal Carlos Magno, Cacilda Becker, Sérgio Cardoso. São pessoas que têm nos ajudado a abrir caminhos. O teatro não pode de jeito nenhum esquecer os seus maiores e nem perder ocasião de lembrá-los. Se não, correremos o risco de nos amesquinhamos diante da censura e chagaremos ao ridículo de termos vergonha de sermos teatrais, como na lamentável homenagem que prestamos ao Procópio Ferreira, nos seus sessenta anos de palco.

Favelas, a solução para incrementar nossas exportações (Folha de S. Paulo – Edição de 11/5/1977. Página 33. Caderno Ilustrada)

Existem coisas que fico sabendo que até entortam meu patuá. Por exemplo: é só um genial tecnocrata brasileiro abrir o bico pra escarrar uma regra e logo um

humanista estrangeiro, sem saber o que disse o nosso sábio, enfileira uma porção de argumentos que comprovam justamente o contrário. Dias atrás um tecnocrata carioca piou na parada com o papo de que as favelas dos morros do Rio de Janeiro precisavam acabar urgentemente e tal e coisa e coisa e lousa. Aí, chega o presidente do American Institute of Architects, John Eberhardt, numa conferência no Instituto de Pesquisas Tecnológicas em São Paulo e, sem a mínima cerimônia, jura pela luz que o ilumina que as favelas são um avanço no setor habitacional, pois fazem a reciclagem do material usado na construção. E diz mais ainda o ilustre arquiteto: “Todas as grandes invenções aconteceram quando alguém desobedeceu as regras existentes”. E segundo ele, os favelados são pessoas extremamente inteligentes, pois se utilizam de todos os recursos disponíveis para construir um teto.

Por essa e outras que aqui nesta coluna vivo me batendo pra que deixem o povo brasileiro se manifestar espontaneamente, porque tenho certeza de que por conta própria e com liberdade encontraremos nossas próprias soluções, sem necessitarmos dos tecnocratas importadores de modelos que acabam sempre resultando nas grotescas Vilas Kennedy, fruto de um paternalismo demagógico e tacanho. Falo em Vila Kennedy porque o assunto em pauta é habitação. E em se tratando de habitação, o brasileiro é mestre desde o tempo em que não havia colonizador por aqui. O índio já usava em suas ocas um perfeito sistema de aproveitamento da energia solar. Suas moradias não eram construídas ao acaso, como muita gente pensa. Elas eram armadas de forma que a cobertura de dia absorvesse o calor do Sol, deixando o interior refrescado e à noite, com a queda da temperatura, o calor acumulado de dia se desprendia e aquecia então o interior.

Naturalmente o colonizador, ao chegar aqui, muito interessado em destruir toda a cultura do índio, não atentou pra esses detalhes de aproveitamento sábio da energia solar. Havia florestas suficientes pra fazer lenha e carvão e o importante era implantar uma tecnologia que obrigasse os nativos a importarem e dependerem dos técnicos. Vai daí, uma sequência de erros que vieram se alastrando pelos tempos e chegam até Brasília. A bela capital arquitetônica foi construída num planalto onde venta às baldas, mas onde quem ficar dentro das moradias tem que se valer do ar refrigerado pra não morrer sufocado pelo calor. Mas, deixa isso tudo de lado. Não sou desse ramo. Conheço minhas limitações. Sei que meu puçá tem vara curta e que por isso só pesco o que aparece boiando nas águas barrentas em que navego contra a maré. E foi assim que me toquei no papo do Senhor John Eberhardt. Ele acha que a favela do Brasil pode ser um modelo nos Estados Unidos. Acha também que ninguém propôs até o momento no mundo interior uma solução de moradia para a faixa de baixíssima renda da população. E tudo indica que o homem está prestes a acreditar que a favela é essa solução.

Se bem conheço as mumunhas da tecnocracia brasileira. O processo vai ser assim. O homem leva a ideia para os Estados Unidos, enquanto nós aqui gastamos uma fábula implantando uma porção de Villas Kennedy e obrigando os favelados a mudarem de suas favelas na força bruta e contra a vontade deles, que vão ter que residir em pombais nos quais não se adaptam e que os deixam longe dos seus empregos e de tudo que lhes é necessário. Aí, depois de tudo, aparece um filme americano na televisão que nos mostra uma cena onde a polícia de Nova York

procura um bandidão numa favela. Basta essa cena pra se formar uma comissão de tecnocratas para ir aos Estados Unidos estudar o novo fenômeno habitacional deles. A comissão será composta de tecnocratas que tenham provado ao longo de muitos anos de atividade nas instituições públicas sua total incapacidade de criação. Aí, eles chegam lá, olham, olham, não enxergam nada como sempre e voltam confessando-se encantados com o progresso americano no setor de habitação para as camadas da população de baixa renda. E com a imaginação que lhes é peculiar, recomendam ao Governo a contratação de técnicos estrangeiros para instalarem nos morros cariocas as favelingues. Descobrem que o autor do primeiro projeto de favelingues foi um gênio chamado John Eberhardt e passam a citá-lo a toda hora.

Também começam a usar a mesma marca de cigarro do gênio, o mesmo sabonete, o mesmo desodorante e só são contratados pra trabalhar no projeto de instalação de favelingues os que tenham esse mesmo cheiro.

Levarão anos e anos estudando o melhor material para a construção dos barraquings e acabarão importando zinco e caixotes velhos da Holanda. Haverá embarços alfandegários e tudo o mais. Por fim, erguerão barracos e, havendo ou não eleições diretas, haverá inauguração com banda de música, discurso, foguetes e brilharecos. Não faltarão advertências para todos ficarem atentos à infiltração comunista nos favelingues e, antes que os habitantes das favelingues se instalem, tudo será condenado pelos geólogos, que verificarão, pálidos de espanto, que o solo está cedendo devido às águas da chuva.

O Buracão (Folha de S. Paulo – Edição de 12/5/1977. Página 37. Caderno Ilustrada)

Foi no verão, por acaso, que o velho pedinte descobriu o buraco debaixo do viaduto. Estava dando uma bandola, uma noite, assim como quem não quer nada e, de repente, o rapa piou na parada. Pra se livrar do arrastão ele se picou entre os enormes pilares e deu num buraco que estava escancarado bem na sapata de uma das colunas. Parecia uma toca de bicho, ou uma cova. Mas, naquela hora de apuro, o velhote não quis nem saber. Com a cana na sua captura, ele não vacilou. Se meteu no buraco e se quietou, segurando até a respiração pra não dar pistas pros homens. Foi pau e bola. Os tiras revistaram o pedaço e não estavam com o buraco. E como não estavam mesmo muito a fim de enganar aquele lesado da sociedade, deixaram pra lá e continuaram a ronda.

Nessa noite, o velhote já puxou o ronco no buraco. E achou o fino. Assim que acordou, foi a um terreno baldio onde escondia seus cacarecos e fez a mudança definitiva pro buraco. Foi fácil transportar suas bugigangas. Era tudo coisa pouca. Uma lata pra pedir comida, uma garrafa vazia e dois trapos que lhe serviam de cobertor. E, enfurnado no buraco, o velhote se sentiu instalado. Aquela cova lhe dava uma segurança que antes o desgraçado nunca tivera. Sentia-se confiante quanto ao futuro. Não temia o inverno. Ele, que no ano anterior quase tinha morrido na estação gelada, achava que o inverno que vinha pela proa iria tirar de letra ali dentro do buraco, que era quente e seco.

E com essa estranha sensação de conforto, o velhote deixou o tempo passar sem se afobar. Está tranquilo. Pouco se afastava do buraco. Saia pra pedir comida e

uma grana pra cachaça. Assim que adiantava seu lado, voltava rapidinho pro mocó. O único medo que tinha era que algum parceiro de piorada descobrisse o buraco na sua ausência e resolvesse disputar a vaga. No verão, essas quizilas não eram frequentes. Mas, no inverno, os mendigos disputavam à dentada cada canto de marquise mais abrigado do vento. Era a zorra encarnada. E um buraco daqueles ninguém de sua laia ia desprezar. Aquilo ali era o sonho de todo vagau. Tipo de encolha desbaratinada. Qualquer pilantroso que descobrisse o buraco ia meter olho gordo e querer ganhar a vaga na congesta.

O velho sabia de si. Não se garantia. Já estava podre por dentro. O cupim estava lhe roendo a caixa de catarro. Não ia demorar pra começar a escarrar sangue. E, nessas condições, não daria pra defender o buraco. Então, a melhor situação era ficar lá dentro o máximo de tempo possível. Era o que o velho fazia.

Porém, numa de suas saídas, o velhote deu de cara com a Totonha, uma pedinte toda esculachada que ele manjava do abrigo dos mendigos, uma vez em que entrou em galera. A mulher era toda escrotidão. O bagaço humano. Desdentada, perebenta, suja e tudo. Mas, ouriçou as ideias de jerico do velhote. Ele, de saída, achou que ia ser ótimo ter uma piranha no buracão. Quebraria vários galhos. Primeiro, como mulher, já que ele andava mordido de vontade. Uma vontade miserenta de tuberculoso. E, também, como vigia. Quando ele saísse, ela poderia ficar plantada no mocó guardando o abrigo. E, por essas e por outras, o velhote chegou na Totonha e meteu uma cascata:

– Tu num quer se ajuntá no meu pouso? É de lei, quente e enrustido.

A mulher, desde que o Zolhudo tinha entrado em cana, andava se batendo sozinha nas quebradas do mundaréu. Por isso, a fim de pegar uma estia na sombra do velho, não fez doce. Se rendeu na chuvairada do velho. E dali mesmo foi pro buraco. Comeram, beberam e se arregalaram.

Foi tudo legal. Combinação perfeita. Quando um saia pra se virar, o outro ficava na guarda. E tudo o que conseguiam era dividido. Mas, certa vez, a Totonha foi pro malho e na volta trouxe o Zolhudo, que tinha sido solto. Estrilo não teve, nem da parte do velho, nem da parte do dono da mulher. Naturalmente se entenderam. A Totonha ficou dos dois e o buraco, dos três. E tocaram pra frente. Mas, logo apareceu mais gente, chamada pelo novo hóspede. Vieram a Zita Fuinha, o Capilo, o Breu, o Zeca Aleijado, a Dita dos Bilhetes, o Chumbinho, a Dadá, o Zé Coceira, a Louquinha. E o buraco virou uma casa de caboclo. Uns dormiam de dia, outros, de noite, e se escoravam. Todos juntos é que não cabiam no buraco. Mas, todos, menos o velho, estavam pouco se incomodando. O que pesava na balança deles é que ali naquela encolha não batia sujeira. Quem passava na rua não tinha jeito de botar as botucas neles. E, assim, sendo, não dava reclamação na polícia e eles viviam sossegados.

Só o velhote, que era assombrado com o inverno, é que não gostava de ver tanta gente se amontoando no buraco. Mil anos de janela deram ao velhote lesado pela sociedade a tarimba das mumunhas todas. Ele tinha sentido na carne muitos e rigorosos invernos. Mas, já era voto vencido na patota. Não podia estrilar. E foi se aguentando. Até que se deu o esquinapo.

Antes da época e de repente a temperatura baixou vertiginosamente. Uma onda de frio violenta. Pro povo do buracão, então, foi de lascar o patuá. E se deu a

gronga. Um perereco cavernoso. Todo povo querendo se meter no buraco, que era realmente quente. E nessas horas, a decisão é na valentona. Quem pode mais chora menos. E o velhote não podia nada. Reclamou seus direitos de dono do buraco e, em troca, recebeu um trompasso na fuça, dado pelo Zé Coceira. Teve que se acanhar do lado de fora. Junto com ele ficaram o Zé Aleijado, a Louquinha, a Dita dos Bilhetes, o Chumbinho e a Fuinha. O resto dos desgraçados se encolheu dentro do buracão e nem tomou conhecimento da friagem dos outros. Por serem os mais fortes, ficaram de posse de tudo que era pano. Um xaveco⁷ nojento. Mas, que teve a volta.

Picado de raiva, ardido de frio, o velhote quis forra. Não se conformava de ter que ficar de fora. Bolou uma antrutada [sic]. Saiu de fininho, sem que ninguém manjasse, e foi até o abrigo dos mendigos. Se rendeu. Aceitou aquilo que nem ele, nem nenhum dos outros queria. Mas, ele topou. E, se fazendo de besta, assoprou na orelha de uma assistente social a dica do buraco. A moça queria mostrar trabalho. Organizou uma caravana e foram firmes no buracão. Bateu sujeira. A curriola toda foi detida. E ficaram na bronca. No abrigo, a moça, certa de que estava abafando, apontou o velhote:

– Foi ele quem se lembrou de vocês.

Pior pro velhote. Naquela noite mesmo, dentro do abrigo, alguém lhe abriu a barriga com canivete.

Um dia para se pensar em liberdade (Folha de S. Paulo – Edição de 13/5/1977. Página 37. Caderno Ilustrada)

Não sou eu que vou analisar se a Princesa Isabel libertou os escravos ou apenas aumentou seu cativeiro, transformando o negro em mão-de-obra barata, tão barata, que ele ficava mais caro pro seu senhor dando duro a troco de comida, no nível do prato-feito que come hoje o operário, e pouso igual ao das favelas, moquifos e cortiços, que habita o trabalhador do nosso tempo. Longe de mim tal pretensão. Sei que existem controvérsias sobre o assunto.

Porém (e sempre tem um porém), o meu puçá tem vara curta e eu só pesco o que aparece boiando nas águas barrentas em que navego contra a maré. O que sei é que a Princesa Isabel liberou os escravos, segundo a versão oficial da História. E isso me parece grave, se considerarmos que na Bíblia se aprende “que só se liberta quem quer ser livre”. Ou seja, as concessões dadas por quem detém o poder são sempre muito marotas.

Mas, deixa isso de lado. O que quero contar nesse Treze de Maio e o que pesa na balança é que, muito provavelmente, a maioria dos negros aprendeu que o fim do cativeiro foi um presente que lhes foi dado por uma boa senhora que deles se apiedou e ficaram sempre aceitando o paternalismo dos brancos, paternalismo que disfarçava preconceitos grotescos e explorações cavernosas. E por essas e outras, sempre se omitiram de lutar pelos seus direitos, pelas suas conquistas, pelos seus esforços conquistados.

Por exemplo: nos tempos atuais, quando a pequena-burguesia branca, constrangida por mil e uma frustrações, começou a procurar alguma forma de

⁷ Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

afirmação e descobriu o terreiro da escola de samba, o negro achou bom. Creio que pensavam que o branco ia paternalizar suas manifestações artísticas com dinheiro e com a aprovação dos seus aplausos.

Mas, não perceberam que o dinheiro do pequeno-burguês, que a princípio lhes servia bem, nada tinha de subvenção generosa. Muito pelo contrário. O dinheiro que o branco largava na escola era um poderoso abre-alas para suas ideias, que assim que ganharam passagem foram impondo regras e esquemas, acabando por matar as manifestações espontâneas do sambista e escravizando-se dentro de rígidos esquemas.

Foram artistas brancos (e o artista e o intelectual de país subdesenvolvido são sempre marginais de classe média querendo ganhar status através da cultura e eles só foram para as escolas de samba quando elas passaram a dar prestígio) que levaram para as escolas de samba o passo marcado, que tolhia o sambista criador que improvisava e que beneficiou as pessoas de cintura dura.

Foram os brancos que começaram a exigir português correto nas letras de samba. Foram os brancos que começaram a supervalorizar fantasias, alegorias e o brilhareco, ao ponto de a escola bicampeã do Rio de Janeiro, a Beija-Flor de Nilópolis, conquistar esses títulos sem ter o melhor samba-enredo, sem ter a melhor porta-bandeira, sem ter o melhor mestre-sala e sem ter a melhor bateria. Foram os brancos que fizeram a atração turística de outros brancos, através das escolas de samba.

E é evidente que, depois de algum tempo, o negro (e quando eu falo de negros, entendam as camadas lesadas da sociedade, que é composta de negros, brancos, mulatos, índios, mamelucos e todos os demais que não têm vez) ficou enjoado desse negócio de escola de samba, onde o talento não era mais nem cogitado. O que vale é o poder aquisitivo. Quem tem dinheiro sai de rei príncipe, lorde, conde emplumado, e o pessoal sem dinheiro vem na senzala, na ala dos escravos. Enjoado da brincadeira, o negro foi se afastando da escola. Isso chegou ao ponto de não haver mais sambista de verdade nas rodas de samba. O Salgueiro teve até que implantar livro de ponto nos ensaios pra obrigar a frequência do sambista que, por falta de ambiente, sumiu da quadra e só queria ainda era desfilhar no Carnaval. Seus dirigentes então ameaçaram impedir os que faltassem no ensaio de desfilhar na avenida. Afinal, o turista queria ver neguinho pulando e eles, pra isso, eram necessários. Mas, isso deu certo de saída. Logo o negro não quis saber. Achou suas escolas avacalhadas demais. Mas só que, em vez de seguir o exemplo do Quilombo, do Mestre Candelas, que formou uma escola de samba só pra sambistas com o pessoal da velha guarda, o negro jovem fugiu da luta. Vai ver que por ter já conhecido o samba todo chato.

E como não podia passar sem música, foi procurar uma outra, que lhe desse condições de manifestação mais à vontade. E encontrou a branca multinacional do som na boca de espera, com o soul que, se não dava ao negro liberdade de manifestação espontânea, se não atendia às carências dos seus sentimentos, pelo menos o nivelava ao branco dançador de rock não o inibia com conceitos intelectuais elitistas, que o sufocaram nas escolas de samba. E então, com ares paternalistas, as multinacionais do som botaram a canga no colonialismo, a canga do black no negro brasileiro. Negro que devia estar lutando dentro das escolas de

samba pra retomar o seu espaço com a arma das tradições culturais e não como vem acontecendo, alugando o terreiro, que era seu, com os dólares das multinacionais, do som que, através desse expediente, vão botando o negro pra trabalhar de graça em favor da cultura de consumo importada e não colocando o negro a serviço do esmagamento de suas formas de expressão mais autênticas. Vão os negros se fiando nesse paternalismo das multinacionais, sendo envolvidos, crentes que, por esse fácil caminho, vão se afirmar como gente. Engano. O povo brasileiro só se afirmará conquistando seus direitos por si mesmo. E um povo que não ama e não preserva suas formas de expressão mais autênticas jamais será um povo livre.

Respondendo à freguesia (Folha de S. Paulo – Edição de 14/5/1977. Página 27. Caderno Ilustrada)

Oswaldo Batista Prado (Araraquara, SP) – “Continue escrevendo...”. Vou continuar, Seu Oswaldo. Afinal, esse é o meu ofício.

Rubens Netto (Araraquara, SP) – “É melhor ver a Araraquara escondida e, não, aquela que você fotografou no seu artigo reproduzindo no ‘Diário’ daqui.”

Rubão, tu não leu direito o que escrevi. Nele eu disse: “Vi, com esses meus olhos que a terra há de comer um dia, que existem muitos e sérios problemas sociais para serem resolvidos.” Porém (e sempre tem um porém), como não sou magoado com o mundo, menos ainda com Araraquara, como me parece ser o seu caso, Rubão, eu também pude ver que as pessoas dessa cidade estão acordadas e debatendo esses problemas. Logo, não seria eu que aí estive apenas por dois dias, que iria incrementar polêmica que já está existindo.

Clênio Alvarez (Araraquara, SP.) – ... “Você fez média com nossa cidade. Mas isso não te servirá de nada. Nós aqui não gostamos de gente com as suas ideias...”

Grave seria se gente como você gostasse das minhas ideias, Seu Clênio. Mas é preciso que fique claro que não fiz média, nem nesse, nem em nenhum caso. Sempre corri riscos. E sobre sua cidade, quero que saiba que escrevi porque quis. Ninguém me pediu, ninguém me mandou. Não tenho nenhum interesse particular na sua cidade.

Lenira Assunção Valdez (Araraquara, SP) – “Seu conceito cresceu entre nós aqui de Araraquara...”.

Que nada, Dona Lenira. Continua o mesmo de sempre. Sabe como é, há os que são a favor e os que são contra. De qualquer forma, obrigado.

Sétimo Luiz Gennaro – “Que saudade tenho do jogo de bicho...”.

Mas que é isso, Seu Gennaro? O jogo de bicho só não é feito às escâncaras. Mas continua de corda toda. A gente até tropeça em bicheiro pelas esquinas de São Paulo. Se o senhor não vê, é porque anda tomando vinho demais, apesar dele estar batizado aí no seu pedaço, como o senhor me disse em outra carta. Mas só por isso e em sua homenagem, vou fazer uma fé no sete.

Carlos Alberto Passos – (Rio Comprido, Estado do Rio de Janeiro) – “A Escola de Samba Nenê da Vila Matilde em 1970 apresentou o enredo Paulicéia Desvaierada. Você poderia me conseguir esse material?”.

Tua letra é um horror, Carlos Alberto. Tremendo garrancho. Parece letra de médico. Mas vou ver se descolo esse enredo pra você. Se conseguir, te mando pelo correio.

Moradoras da Casa da Universitária (S. Paulo) – “Agradecemos a colaboração e o apoio de solidariedade dado por ocasião do Mutirão.”

A gente faz o que pode, meninas.

Selem Domingos

O Senhor Selem Domingos, diretor do Departamento de Futebol Profissional do Atlético de Goiânia, esteve em São Paulo e, lendo a nossa crônica sobre o caso do craque Bô, foi ao Hospital D. Pedro procurar o boleiro. Mas não o encontrou. O Bô já havia saído. Então, ele nos procurou pra afirmar que o seu clube não abandonou o Bô. E que ele particularmente é que deu dinheiro pro jogador ir tentar se recuperar na Escola de Educação Física do Exército do Rio de Janeiro.

Tudo bem com Selem. Só que se ele é que financiou com seu próprio dinheiro a viagem do Bô, então não foi o clube. E tem outra. Já que estava em São Paulo, seu Selem andou tentando junto ao Santos o empréstimo do Bianchi, que por sinal é quarto-zagueiro, posição que por acaso é também a do craque Bô.

Plínio Barreto

Recebi e li correndo o livro do colega jornalista-escritor Plínio Barreto, “Futebol no Embalo da Nostalgia”. É um relato em geniais crônicas do futebol do passado lá das Minas Gerais. Por ele se fica sabendo as mumunhas da instalação do profissionalismo no futebol mineiro, como foi que surgiram Peracio, Zezé Procópio, Chico Preto, Murilo e tantos outros craques que jogaram por aqui ou que foram reis da bola sem saírem do pedaço. Li e já estou relendo. Uma curtição legal. Pena que a distribuição de livros como esse seja mal feita. A gente só o encontra nas boas casas do ramo. Por isso não se encontra em nenhuma livraria. De qualquer forma, pra quem curte futebol, está aí um livro muito legal de se ler e que nos bota por dentro do futebol mineiro.

Carlos Von Schmidt

O Carlos telefonou pra lembrar os tempos de “Fando e Lis”, do Arrabal, que foi montado pela Patrícia Galvão. Ele também fez parte desse grupo e era, nessa montagem, uma espécie de conselheiro nas marcações da peça. O Carlos Von Schmidt esteve com o Arrabal agora, quando ele veio assistir à montagem da Ruth Escobar de um texto seu. E ele, Carlos, que sempre teve muito carinho pelo dramaturgo espanhol radicado na França, teve uma decepção. O Arrabal simplesmente se recusou a dar uma entrevista pra revista Arts, que o Carlos dirige, e ainda destratou a repórter Neusa. É pena que essas coisas aconteçam. O Arrabal não precisa de nada disso pra ter seu nome feito aqui no Brasil.

Jacques Thiériot

Meu bom amigo e tradutor para o francês da minha peça “Dois perdidos numa noite suja”, manda avisar que a peça estreou lá em França no dia 13 de maio. Espero ansioso que a remontagem carioca, dirigida pelo João das Neves, autor do

magnífico texto “O último carro”, com Juca de Oliveira e Osvaldo Loureiro, possa também estreiar no Rio de Janeiro no dia 8 do próximo mês. Também espero que no decorrer desse ano estreie o meu roteiro musical “Noel Rosa, o Poeta da Vila”, pelo Teatro Popular do Sesi. Com essas e outras, apesar de continuar com a grande maioria das minhas peças proibidas, vou voltar a ser um dramaturgo.

“E o Abílio mais uma vez nos fez pensar” (Folha de S. Paulo – Edição de 16/5/1977. Página 21. Caderno Ilustrada)

O Renato Consorte, no enterro do Abílio Pereira de Almeida, lembrava, pálido de espanto, o nome de vários ou dos artistas que se suicidaram nos últimos tempos. Vários jornais registraram o assombro desse genial ator, que no momento está na “Gota D’água”, diante do desencanto de seus colegas de teatro que praticaram esse tresloucado gesto. Porém (e sempre tem um porém), creio que o espanto do Renato seria maior se ele relacionasse, junto aos artistas que se suicidaram, os que morreram, nos tristes tempos de agora, corroídos por câncer de origem nervosa. Câncer gerado pelo sufoco, pela frustração em que ficaram os que enxergam, que têm olhos de ver, e veem, mas que não podem falar, que são reprimidos sistematicamente. Também não ocorreu ao Renato Consorte colocar nessa lamentável lista dos artistas que enlouqueceram, que perderam a noção da realidade, que passaram a falar sozinhos pelos bares e pelas ruas, ou a falar coisas sem nenhum nexos com as autoridades. E poderíamos juntar aos suicidas, aos cancerosos, loucos, os que, no desespero de não poderem criar livremente nesses tempos de autoritarismo prepotente-repressor-obscurantista, tentam escapar através de vícios, por não suportarem a angústia de verem suas artes mutiladas, suas manifestações espontâneas totalmente tolhidas pela Censura, o que leva à autocensura que gera o câncer, o desespero, a alucinação, tentativas de extrapolar a dura realidade.

São os mais sensíveis, são os mais brilhantes artistas que não suportam a pressão em cima de suas obras. São eles que, de repente, se arrebatam, quando têm que guardar nas entranhas tudo o que seus espíritos captam. O artista de verdade tem por matéria-prima a liberdade de expressão e sem ela não pode criar, fica sem ar e morre sufocado. O artista sabe que não é possível preservar os direitos humanos em toda sua plenitude sem total liberdade de expressão. O artista pode até aparentemente se conformar com a situação que lhe é imposta, com as restrições que lhes fazem em sua criação. Pode até dar a impressão de conformismo diante das adversidades. Porém (e sempre tem um porém), o artista não aguenta a si mesmo, quando não pode extravasar todas as inquietações de sua alma. Essas inquietações de sua alma. E essas inquietações são cânceres, são loucuras, são terríveis convulsões que levam até ao suicídio.

Quem conheceu bem o Abílio Pereira de Almeida sabe que, nos últimos tempos, ele estava desencantado com o teatro. Dizia sempre que hoje a Censura não admitia mais ao autor a abordagem de uma porção de temas. Provavelmente temas que ele gostaria de abordar em suas peças. O Abílio era um mestre do teatro de costumes e é evidente que, pra continuar a sua obra, forçosamente teria que falar em droga, inversões sexuais, em corrupção burocrática e em tudo que não seria

permitido falar a quem fala sem querer minimizar os problemas que existem e que têm que ser solucionados e não abafados. Essa talvez [seja] a causa do seu desencanto com o teatro e, se um artista do gabarito de um Abílio Pereira de Almeida, se desencanta com a sua arte, perde a razão da vida.

Meu amigo Abílio

O Abílio Pereira de Almeida era um mestre do teatro de costumes. E podem crer que incomodava demais os ricos, os poderosos prepotentes. Ele era um profundo conhecedor da alta sociedade paulistana e não fazia cerimônia em retratá-la em suas peças. Entre suas peças, eu gostava muito de “Em moeda corrente no país”. Foi uma das peças que me calou mais fundo. O espetáculo da Cacilda Becker era primoroso e me influenciou muito. O Abílio sabia disso. Mas, mesmo assim, não gostava do meu teatro. Os jornais deram que, entre os novos, eu era um dos seus favoritos. Mas não é verdade. Ele gostava do teatro do Lauro César Muniz, o que não deixa de ser uma prova de muito bom gosto. Várias vezes me falou sobre isso e até reclamava que o Lauro, envolvido nas novelas, não escrevia mais peças como “O santo milagroso”, que ele achava obra-prima. Das minhas peças, ele só mostrou interesse uma vez pela “Barrela”. Eu estava na porta da Tupi, quando ele chegou.

– Mas afinal o que é que tem essa sua peça “Barrela” pra ser tão proibida?

Contei-lhe a história e ele começou a rir e depois falou:

– Mas o que é que você queria? A Censura só podia mesmo proibir essa peça.

E aí rimos juntos. Depois, ele enfeitou o caso e passou a contar como anedota. De preferência quando eu estava presente. Mais tarde, quando Samuel Wainer veio dirigir o jornal Última Hora, ele queria arrumar um cronista que tivesse o mesmo peso pra São Paulo que o Nelson Rodrigues tem para o Rio de Janeiro. Eu indiquei o Abílio. O Samuel aceitou na hora e convidou o dramaturgo pra vir à redação. Ele, assim que chegou, me viu e veio conversar. Me contou que estava emocionado porque o Samuel tinha lembrado dele. Que aquilo era inacreditável, que ele já tinha sido esquecido por todos e de repente o Samuel, que mal o conhecia, resolvera mandar chamá-lo em casa para trabalhar. Falou, falou e entrou na sala do Samuel. Quando saiu, veio até onde eu estava e, fingindo estar bravo, deu o estrilo:

– O Samuel me disse que foi você que me indicou a ele. Veja lá o que você fez. Agora vou ter que trabalhar.

Eu o tirei de letra:

– Isso é só pra você ver que não foi esquecido.

O Abílio ficou meio encabulado e depois veio com as coisas dele:

– Por que você, que é comunista, indicou um reacionário como eu?

Aí, dei-lhe uma descarga:

– Nem eu sou comunista, nem você é reacionário. Nós somos autores teatrais críticos da sociedade. É só o que somos.

Ele pensou um pouco e depois disse, meio rindo, mas com muita tristeza:

– Você está enganado. Só somos o que as pessoas pensam de nós. Elas nos rotulam. Por isso, eu sou reacionário e você, comunista. Mas você é um comunista diferente. Tem até bom caráter.

E lá se foi mestre Abílio Pereira de Almeida. Meu amigo. [sic] Sincero, honesto, que não mudava de opinião. E que por isso, não pôde continuar vivendo.

Um papo com Procópio sobre Juraci e Noel (Folha de S. Paulo – Edição de 17/5/1977. Página 35. Caderno Ilustrada)

Um das coisas de que mais gosto na vida é bater papo em bar. E um dos melhores conversadores noturnos que conheço é Procópio Ferreira, sem favor nenhum. Ele sabe contar histórias e eu gosto de ficar escutando o mestre. Outra noite, ele me falava do Juraci Camargo, seu amigo de todas as horas, por mais de quarenta anos. Do Juraci, autor de “Deus Ihe pague”, a peça mais representada da língua portuguesa, três mil e seiscentas vezes, só pelo Procópio, o que sem dúvida é um recorde. Além do “Deus Ihe pague”, o Juraci teve outras peças de muito sucesso, como “Maria Cachucha”, “Anastácia”, “O Bobo do Rei”. Segundo Procópio, Juraci era da noite, mas eram um boêmio diferente. Não bebia, não era mulherengo, ficava caladão, escutando a prosa dos parceiros e fumando muito. Só raramente se expandia, mas isso também acontecia somente quando o Juraci estava rodeado de amigos, embora tivesse grande facilidade de se expressar. Juraci era dos que preferiam ver, ouvir e calar. Gente muito fina.

O Procópio ia me falando do Juraci e, como conversa puxa conversa, quis saber se ele conheceu o Noel Rosa. Sabe como é, eu tenho uma peça sobre o poeta da Vila, que estreia esse mês no Teatro Popular do SESI e cada vez escuto mais versões diferentes sobre o Noel. Tem lances que já ouvi contarem de cinco maneiras diferentes. Mas, deixa isso pra lá. O que quero contar e o que pesa na balança é que o Procópio conheceu o Noel e me contou coisas de entornar o patuá.

– O que você quer saber sobre o Noel?

– Qualquer coisa que você viveu com ele.

– Bem, o Noel era um sujeito extremamente tímido, humilde. Tudo devido ao seu defeito no queixo. O que era bobagem. Mas era um sujeito muito bom de coração. Só que bebia muito e ficava meio aéreo.

– Conte mais alguma coisa. Engraçada de preferência.

– O Noel, como já disse, era muito boêmio. E num carnaval, pra castigá-lo, o pai Ihe escondeu a roupa. Quando os amigos foram chamá-lo em casa pra ir na gandaia, o Noel perguntou: “Mas com que roupa vou?” Dias depois nascia o samba: Com que roupa eu vou? / Com que roupa que eu vou? / Pro samba que você me convidou... Eu trabalhava no Teatro Trianon nesse tempo. Uma noite, antes do espetáculo, Noel me apareceu no camarim e foi logo me dizendo: Quero que escute o samba que eu fiz. E cantou o Com Que Roupa. Eu logo afirmei que iria ser sucesso. Agora, curioso dessa história é que um dia o Noel foi gravar esse samba e, como estava muito bêbado, fez graça. Cantou assim:

Com que roupa eu vou?

(Vai com qualquer roupa, filho da...)

Pro samba que você me convidou.

Esse disco é muito raro. Eu só conheço uma pessoa que tem uma cópia dele. É a Bibi.

– A Bibi Ferreira?

– É, a Bibi. Só sei que ela tem.

Meu patuá entortou. Nunca tinha escutado falar desse disco. E creio que ninguém tinha. Seu Zé Ramos Tinhorão e outros historiadores da música popular brasileira vão provavelmente endoidar e sair na captura desse disco. Afinal de contas, deve ser o primeiro palavrão da música popular brasileira. Talvez o único gravado em disco. Dizem que tem um palavrãozinho também num disco do Caetano Veloso, mas é todo camuflado e nem é muito notado. Agora, sonoro, com breque e tudo, só escutei falar desse do Noel. E é uma pena que o Procópio me contou isso apenas agora. Se não, podem crer, tinha metido esse palavrão no roteiro que fiz pro Teatro Popular do SESI. Infelizmente, é tarde, a peça está pra estrear e vai sem nenhum palavrãozinho. E cá prá nós, isso me dá medo. Em se tratando de peça minha, o público espera pelo menos um nominho feio de vez em quando. Mas, paciência. A alegria de ver um roteiro musical estrear depois de sete anos sem peça já é bem gratificante.

Nessa noite, também contei uma coisa pro Procópio. O seguinte: “Dois perdidos numa noite suja”, a peça minha que me botou bem cotado no teatro e tal e coisa e coisa e lousa, estreou na França no último dia treze. E, no entanto, não estava me dizendo nada. Eu nem conseguia decorar o nome dos atores que estão fazendo a peça lá na Europa. Mas, o Procópio, com o peso dos seus sessenta anos de teatro, me explicou:

– É a distância. A distância que faz isso. Gente de teatro é gente de teatro. Só vibra com a presença do público.

Eu senti um alívio. O defeito não é meu. Eu estava achando estranha essa indiferença em mim por uma peça que me é muito cara. Estou sofrendo por esse roteiro do Noel Rosa. Numa torcida alucinada pra que dê certo. Aflito pela estreia de “Dois perdidos” no Rio de Janeiro, com o Juca de Oliveira e o Osvaldo Loureiro. E nem tomava conhecimento da estreia francesa. Mas, é isso aí que o Procópio disse. A distância. Só pode ser.

Tristes amantes que não souberam amar (Folha de S. Paulo – Edição de 18/5/1977. Página 31. Caderno Ilustrada)

“Bendito seja o homem que cuida bem de sua amada na primeira noite” – diz Mestre Zagaia na sua Tabuada das Candongas. E se o velho cabo de esquadra diz, é que é. Ele sabe das coisas.

Mas, o tabaréu que veio do sertão tentar adiantar seu lado aqui em São Paulo não sabia de nada. Veio a fim de se aplumar na vida e de saída botou todas as suas forças no trabalho. Ganhou um dinheirinho. Se ajeitou. Comprou uma roupa caprichada, óculos escuros e um rádio de pilha.

E foi justamente no “brinco de baiano” que ele escutou uma notícia sobre o forró do Pedro Sertanejo. Se embandeirou pra, no sábado, ir dançar um xaxado, no ponto de diversão que se impõe pela fina seleção. E todo chique, baixou no forró.

Entrou e abafou. Era só o que dançava na sua terra. E por estar bem vestido, por ser bom dançarino, o tabaréu despertou o interesse das moças do pedaço.

Muitas deram bola pro tabaréu. Mas ele, que era todo purão, até meio trouxa, não ganhou ninguém. Xaxou com todas que entraram nas suas águas, pagou guaraná pra muitas e foi embora sozinho. Apareceu no sábado seguinte e continuou na sua toada. Daí pra frente, não perdeu mais nenhum forró do Pedro Sertanejo.

Fez bom ambiente e era feliz.

E pra maior felicidade, uma noite em que o tabaréu estava se esbaldando no xaxado, levantou as botucas por acaso e flagrou uma cabrochinha muito bonita. Foi sem querer que o tabaréu deu aquela espiada e talvez também sem querer a cabrochinha estivesse ligada naquela direção. Quem pode explicar as transas do destino? Mas, o que pesa na balança e o que quero contar é que os olhos do tabaréu bateram nos da cabrochinha e, nesse rápido olhar, estava dada a decisão. Um era do outro. Sem jeito, pra sempre, até que a morte os separasse. Ela, apesar de quase menina, tão ingênua, doce e bela, também se tocou. Ele, que estava dançando, continuou com sua dama até o fim por pura educação. Não era homem de desfeitear nem pistoleira escolada.

Quanto mais gente do seu trato. Só que dançou com os pés no presente e a cabeça no passado e no futuro.

Pensou o tabaréu que já conhecia aquela cabrochinha quase criança de algum lugar. Vasculhou a memória, na ânsia quase aflita de se lembrar de onde manjava a moça. Pobre de nós todos, que usamos tão poucos recursos da nossa cachola. Nem de leve o tabaréu foi pelas encruzadas do inconsciente. Aliás, ele nem sabia dessas quizilas. Deixou de escarafunchar na moleira e, acreditando que possuía pouca memória, imaginou o futuro que ia ter com a cabrochinha. Ia chegar nela e perguntar:

– A gente não se conhece de algum lugar?

Daí, engrenava um papo e amarrava a menina que lhe fez tremer nas bases. E, envolvido por esses lances, o tabaréu não podia saber mesmo que, no seu canto, a cabrochinha também matutava, na vã esperança de adivinhar de onde ela conhecia aquele olhar que, ao bater no seu, lhe deu arrepios. E a cabrochinha foi despertada dessa encucação, quando o tabaréu, que se aproximara dela, perguntou:

– A gente não se conhece de algum lugar?

Pálida de espanto, a cabrochinha encarou o tabaréu e afirmou:

– Acho que te conheço, só que não sei de onde é.

E os dois conferiram todos os lugares onde andaram, desde o dia em que saltaram o ventre materno, até aquela noite, e não acharam o fio da meada. Desistiram, quando o tabaréu selou:

– Tu veio de um canto e eu, de outro.

Nunca se vimos, nem se falamos. Mas parece que a gente se conhece há mais de mil anos.

A cabrochinha ficou meio encabulada antes de concordar:

– É.

Mas, foi a deixa pro tabaréu se tocar nas coisas misteriosas dessa vida:

– Vai ver nós nasceu um pro outro.

Não tinha erro. Um queria o outro às pamparras, desde aquele instante em que os olhos se encontraram. E a gama não começou nem de marola, nem de onda. Surgiu no coração do tabaréu e no da cabrochinha como uma pororoca. Inundou todas as barreiras. E muito embora a cabrochinha fosse da família e toda cheia de preconceito, naquela noite mesmo os dois amantes foram se amar no hotel das estrelas.

A cabrochinha queria tanto aquele tabaréu! Mas era tão nova. Quase uma criança. E não sabia direito querer. O tabaréu era tão purão, quase trouxa, e não se dava conta dos macetes. E no fogo da paixão, se deu inteiro pra cabrochinha. Se deu com fúria. E perdeu a razão. A cabrochinha, que não sabia direito querer, sabia menos ainda receber. E se assustou com aquele amor tão mal entregue, tão desesperado, como se estivesse contido há séculos. E chorou. Chorou muito. E foi só o que teve de seu naquele momento. Lágrimas.

A paixão do tabaréu pela cabrochinha cresceu. Ele, que tinha se gamado de olho, se gamou de pele. Se banhou nas lágrimas da criança e renasceu limpo e cheio de ternura. Falou pra cabrochinha docemente como fera satisfeita. E prendeu aquele coraçãozinho sem pecado, que se assombrou com o fogo da carne, mas sossegou com a boa palavra.

Que sabem as pessoas sobre as mumunhas humanas? Quem vai explicar todas as grongas pro povão? Quem vai ser guia de luz pros pobres de espírito que vagam sem bússolas nos estreitos, estranhos e esquisitos caminhos do roçado do bom Deus? O brilho humano é tão embaçado. Não chega a todos. E disso eu não sei nada.

Só sei é que a cabrochinha ficou apaixonada pelo tabaréu. Gosta de escutar ele falar, da presença dele junto dela, menos de ir com ele pro hotel das estrelas. Disso, ela tinha verdadeiro pavor. E, no entanto, amava tanto o homem, que acreditava que nascera pra ele. Mas, isso era pouco pro tabaréu. Ele amava a cabrochinha e queria despejar nela todo seu amor. Não pôde, porque ela não queria receber.

Então, ele despejou cinco balas de revólver nela. E, em pratos, deu um tiro na própria cabeça.

Impasse estudantil: dia de tensão e medo (Folha de S. Paulo – Edição de 19/5/1977. Página 39. Caderno Ilustrada)

Cada cronista tem seu processo de trabalho, suas fontes de inspiração ou de assuntos. Cada cronista tem suas mumunhas, seus truques, pra não se ver de repente sem ter o que escrever. As mumunhas podem ser a habilidade de juntar palavras que formem frases de efeito, mas que no final da crônica não digam absolutamente nada, e os truques podem ser, numa emergência, se recorres ao baú e mandar pra frente coisa velha. Claro que esse truque envergonha até Mandrake de mafuá. Nas espeluncas, quando, por força das circunstâncias, se veem obrigados a reprisar um número, têm a delicadeza de fingir que o público não é idiota e, respeitosa, anunciam que o repeteco vai ser dado atendendo a pedidos. E a plateia, mesmo sendo composta de gente que não pediu nada, aceita com compreensão. Mas, no jornal é diferente. O cronista que passa a vida tentando

cativar leitores e que vive jurando pro editor, diretor e patrão que é lido por uma multidão, no íntimo não acredita que seja lido. E quando ataca de reprise, sempre o faz crendo que ninguém vai se mancar.

A bem da verdade, essa semana apelei. Terça-feira, estiquei o assunto e quarta-feira fui de baú. Mas, não foi por falta de assunto. Não que eu seja melhor que ninguém e vez ou outra não me sinta embananado sem ter o que dizer. Conheço bem minhas limitações. Sei que meu puçá tem vara curta e que por isso eu só pesco o que aparece bolando nas águas barrentas em que navego contra a maré. E por saber disso, me cuido. Fico atento. E nos dias tristes que correm, basta ficar com um olho aberto pra ver coisas suficientes pra entortar patuá até de nego de santo forte. Não é preciso nem abrir os dois olhos.

Por exemplo: terça-feira, eu poderia escrever sobre um lance cavernoso acontecido em Belo Horizonte. A Polícia mineira baixou na Praça da Liberdade, praça que por certo ainda não foi inaugurada, pegou cento e trinta rapazes cabeludos e sem a mínima cerimônia raspou-lhes a cabeça. Deixou todo mundo de coco pelado. E ficar careca com esse frio não é fácil. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que a Polícia mineira fez isso sob a alegação de que estava fustigando preventivamente criminosos, maconheiros e transviados. Por essas e outras é que o povão lesado das quebradas do mundaréu, lá da Baixada Fluminense, apelidou os seus ativos esquadrões da morte de Polícia mineira.

Também poderia ter registrado o fato que ocorreu em Parada de Lucas, no Rio de Janeiro, quando o guarda de segurança de uma lixeira baleou as costas de um menino que estava catando o que comer no lixo.

O guarda alegou que atirou no menino porque ainda não era dezessete e trinta e que antes desse horário é proibido catar lixo.

Claro que esses dois tristes casos dariam crônicas pungentes, inquietantes, e que dariam a medida exata dos sombrios dias que estamos vivendo e me deixaria certo de estar cumprindo com grandeza o destino de repórter de um tempo mau e de cronista de comportamento.

Também não pegaria mal escancarar as manobras dos cartolas corintianos que, desde que burlaram os estatutos do clube, em total desrespeito ao quadro associado e à torcida, que só berra da geral sem nunca influir no resultado, para permanecerem no seu posto, querem ganhar tudo nos conchavos de gabinete, tentando recuperar nos tapetões das federações os pontos perdidos no gramado pelo time de futebol.

Porém (e sempre tem um porém)[,] nada disso me anima a escrever nesses dias. Meu coração e meu pensamento, como o de milhares de brasileiros, está angustiado pelo impasse e que se criou na área estudantil. Os estudantes anunciaram um ato público para reivindicar seus direitos e a polícia garante que vai impedir esse ato.

É lícito que todos os homens de bem estejam apreensivos com o que possa ocorrer. Conflitos, violência, sangue só podem vir a beneficiar aqueles que querem afastar qualquer possibilidade de diálogo em nosso país.

Mas, também a juventude, principalmente a juventude, não está mais suportando o sufoco em que se encontra. Está necessitando de ar, de espaço, de se

manifestar espontaneamente. E não será com repressão que haverá melhoras na situação. É necessário que se deixe o estudante e o povo respirarem. A tensão sob a qual estão vivendo todos os homens de bem deste país. Não vai contribuir para as soluções políticas, econômicas e sociais gravíssimas.

A esperança que sobrevive aos 40 (Folha de S. Paulo – Edição de 20/5/1977. Página 29. Caderno Ilustrada)

O nosso amigo Marco Antônio Armando, advogado muito respeitado, mesmo contra a vontade fez quarenta anos. Ele preferia ficar trintão por muitos anos. Porém (e sempre tem um porém), a Maria Helena, sua mulher, telefonou pra meio mundo e a casa se encheu a três de alto. O que era pra ser uma reuniãozinha, virou um festão. Tinha nego se agarrando pelos picos pra não espirrar pelo ladrão. Mas, de repente se percebia que as pessoas estavam tensas. Muito tensas. As mulheres, esposas de homens de aproximadamente quarenta anos, também estavam tensas, embora tão bonitas e elegantes nos seus vestidos de inverno. Aliás, essa é a vantagem da mulher paulistana sobre a carioca. No inverno, a paulistana fica realmente demais da conta com suas roupas de lã. E as mulheres estavam chiques, mas tensas. Mas, deixa isso tudo de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que as mulheres iam conversando e uma lá, assim como quem não quer nada, sem mais nem menos falou:

– Amanhã saem os estudantes.

Uma outra logo pegou a corda:

– Ai, meu Deus. Daqui a cinco anos serão os nossos que estarão na faculdade.

E era essa a causa da tensão geral. Os homens pararam de falar do jogo São Paulo e Botafogo, da crise econômica, da episódica alta do preço do chuchu, das últimas ondas de boatos que vêm de Brasília e que dão conta de que o senador mais votado ser cassado, dos escândalos e falências das financeiras e de tudo o mais que se fala numa festa nos difíceis tempos que correm. Mesmo essa festa sendo de quarenta anos de um querido amigo como é o Marco Antônio. As mulheres, sempre com seus instintos maternos, estão preocupadas. No dia seguinte, sairiam os estudantes pedindo liberdades democráticas. Os homens também estavam preocupados com a saída dos estudantes. Todos os presentes tinham medo, muito medo, do que a polícia poderia fazer com os estudantes. Eles, os estudantes, são as nossas crianças, tão generosas, tão belas, tão valentes, com tantos ideais, com tanto amor. E só querem coisas justas. Querem que as leis sejam cumpridas. E isso eles aprenderam nos colégios que frequentam. Mas, pouco conta o que se aprende. Também se aprende que a vida começa aos quarenta. E são muitos os que, antes dos quarenta, neste nosso amado Brasil, já estão marginalizados, impedidos de participar da vida nacional.

Olho para um canto da sala da casa do Marco Antônio e da Maria Helena e lá estão Marcelo Gato e Nelson Fabiano, conversando com o Iberê Bandeira de Melo. Meus dois deputados cassados. Tão moços ainda, não podem mais participar da política. Olho os dois e sinto o sangue me arder nas veias. Eles estão serenos, são homens valentes, lutam pra recompor suas vidas que dedicavam à política e que um

absurdo decreto impediu que continuassem sendo aplicadas no sentido de bem servir à nação. Eles estão também apreensivos pelos estudantes, também conhecem bem a freguesia que os embaraçou na carreira política. Mas, não se queixam. Eu é que me ardo. Votei neles. Acompanhei suas brilhantes carreiras de deputados. Tenho na memória o belíssimo discurso que um dia o Marcelo Gato fez lá em Brasília explicando para a Nação brasileira todo o mal que a Censura fazia para o nosso povo, com o obscurantismo que gerava. Lembro os dois, Nelson Fabiano sempre tão ardoroso nos seus combates. Nunca meus dois deputados fizeram média, nunca ficaram enrolando pra preservarem seus mandatos. Via a tensão que os dois tiveram que viver como deputados. Os boatos de cassações traziam sempre o nome dos dois na cabeça da lista. Lá em Brasília vi com esses olhos que a terra há de comer um dia político do estilo raposeiro aconselharem o Marcelo Gato a se acanhar, a não se expor, a não se opor à censura. O meu deputado, sempre muito educado, escutava, ria, não se alterava. Continuava honrando o voto que recebeu dos seus eleitores.

Me lembro também da campanha dos dois moços deputados lá na Baixada Santista. Um Volkswagen caindo pelas tabelas, com duas cornetas em cima tocando discos do Zé Bétio, Luís Gonzaga, Banda de Pau e Corda e sendo interrompidos pela voz de locutor de parque de diversões de Sertãozinho, que depois brilhou na PRA7 de Ribeirão Preto e que, sem a mínima cerimônia, berrava das sete da manhã em diante, com sol ou chuva: “falando o Comitê de Campanha de Marcelo Gato e Nelson Fabiano”. O locutor era o Gato, o sonoplasta era o Fabiano. Os dois eram o comitê. Lembro-me dos dois, com frio ou chuva, andando pelos estreitos, escamosos e esquisitos caminhos do roçado do bom Deus, no Cubatão, no Itapema, em São Vicente, amassando barro nas vilas, pedindo de porta em porta voto do povo. Eles não têm quarenta anos ainda.

Mas, já estão fora do baralho político. São fortes, valentes, não se queixam. Mas, não são cínicos, sofrem muito por estarem marginalizados da vida pública. Ali na festa, eles falam para o Iberê: se quiser voto, tem que ir buscá-lo de porta em porta. Mas, todos sabem que não é isso o que interessa. Nossos corações e pensamentos estão com os estudantes. Eles querem que as leis democráticas se cumpram. E tem que ser eles a pedir, ainda tão jovens. Porque nesses tempos tenebrosos que correm, aos quarenta anos se pode ser aposentado por um decreto.

Resposta à freguesia (Folha de S. Paulo – Edição de 21/5/1977. Página 25. Caderno Ilustrada)

Lourdes A. C. (R. Floriano Peixoto, 631, Assis, S. P.) – “Tive até a impressão que os atores fizeram uma pequena pausa esperando os aplausos...”.

Que coisa feia, Lourdinha. Que atores canastrões esses que você viu. Na ópera antiga é que tinha hora certa para o público bater palma. No teatro moderno, o público aplaude quando quer. E aplauso nunca atrapalha ninguém. E o público não é frio em nenhuma parte do Brasil. Apenas já não embarca nesses golpinhos que já não se usam mais nem em espelunca.

Cesar Rocha (R. da Mooca, 625, S. P.) – “Achava que aquele negócio de escrever sobre futebol estava com nada...”.

É mesmo, César? Tu anda com bronca de futebol porque tu é corintiano. Mas, podes crer que futebol é um assunto que dá pra ser tratado de forma a fazer muito cego espiar as mumunhas.

Carlos César Assad Freitas (R. Barão de Passos, 12, Passos, M. G.) – “O que deve um repórter saber para conseguir estórias?”.

Pombas, Carlinhos. Tu está pensando que eu faço careta pra cego? Dessa vez vou te dar um desconto, meu chapa, e até te responder. Um bom repórter deve saber ver e se limitar a contar o que vê, sem ficar enfeitando nem torcendo os fatos.

Maria Cecília (Instituto de Arquitetura do Brasil) – “Emprestei o livro raro para a revista Versus e não consigo reavê-lo”.

Por essas e outras, Cecília, o Lalau Ponte Preta já dizia: Livro, automóvel e mulher não se empresta porque, se for devolvido, volta estragado.

Oswaldo Batista do Prado (Araraquara, S.P.) – “Me delicieei com seu artigo sobre as Mães...”.

Juro por essa luz que me ilumina que não era essa minha intenção.

G. Gilson (Av. Washington Luiz, 5744, S. Paulo) – “A página Mães desse conceituado jornal, pra mim, foi uma bomba... Gozadíssima, autêntica, real, justa...”.

A culpa é da coleguinha Helô Machado. Ela é que editou a página e tal e coisa e coisa e lousa.

Sétimo Luiz Gennaro (R. Raimundo Nogueira, 101, Penha, S. P.) – “O jogo do bicho não foi inventado por pobres, nem classe média e posso dizer que foi o próprio rico que inventou...”.

Seu Sétimo, na semana em que o senhor não me escrever, vou tremer nas bases. Já me acostumei com suas cartas. Porém (e sempre tem um porém), eu tou sabendo desse negócio de jogo de bicho. Claro que não foi pobre que inventou e classe média não inventa nada nunca. Foi invenção de Visconde ou Barão pra sustentar um Jardim Zoológico. Mas, banqueiro é mesmo sempre rico e cheio de truque. Quando eles estão perdendo, dão sempre um pinote com a grana dos otários. Os banqueiros suíços estão aí mesmo pra não me deixar mentir. E se eles lá apelam, imagina por aqui, que a toda hora piam na parada esses lances do naipe de Lutfalla.

Jaime Norberto (Brasília, D. F.) – “É que não o conheço pessoalmente e estou dando as razões que me levaram a dirigir-lhe estas linhas...”.

Pra que explicar, compadre? Mas, é verdade, não sou de fazer cerimônia mesmo. Por essas e outras, nem vou ler a sua peça. Eu não sou de botar fé em autor teatral que fica mandando peça para os outros lerem e darem opinião. Quando a gente acredita no que faz, bota pra frente sem precisar de aval de nenhum papagaio enfeitado. Aliás, geralmente quando um autor gosta da peça do outro, é porque eles se parecem. Mas, de qualquer forma, vou entregar a sua peça pro nosso crítico de teatro. Apesar de ninguém aqui entender esses endereços de Brasília, qualquer coisa que ele ache, manda te dizer. Se não achar nada, melhor pra ti. Quanto ao abraço do Sílvio Modesto, Talismã, Toniquinho Batuqueiro, Zeca da Casa Verde e Geraldão, quando tu vier em São Paulo, tu mesmo dá. Esse negócio de abraçar marmanjo não faz meu gênero. E se algum dia tu me vir abraçado com homem, desaparta que é briga.

Edmilson Silva Cosata – “Aí vai a Dança da Besta Fera, um livro feito com vida, coração e muita dor...”.

Obrigado pelo livro Edmilson.

Wilson de Souza Mello – “Esse é o meu livro: O Automóvel, a Mulher e Outros Bichos”.

Também muito obrigado pelo livro, Wilson.

Sebastião Alvarez da Quinta (Cruzeiro, S. P.) – “Sentimos muito não podermos assistir ao seu show aqui na nossa cidade...”.

Ninguém sentiu mais do que eu, Tião. Só não foi, por motivo de força maior. Força muito maior: a Censura, que queria me obrigar a fazer ensaio em Lorena. Vê se pode. Mas, não há de nos faltar oportunidade. Dias melhores virão.

Morreu Lacerda. Meu quase parceiro (Folha de S. Paulo – Edição de 23/5/1977. Página 21. Caderno Ilustrada)

Eram três e trinta da madrugada, chovia de fazer os moradores das beiras dos córregos de São Paulo desancorarem as canoas e navegarem nas águas barrentas que transbordam dos esgotos da cidade, quando tocou o telefone. Atendo:

– Oi!

– Plínio?

– É.

– Aqui é a Telé.

– Telé? Que é que tu quer a essa hora?

– Olha, o Lacerda quer falar contigo agora.

– Que Lacerda?

– O Carlos.

– O Carlos Lacerda.

– O Carlos Lacerda? O Lacerda que foi governador da Guanabara e tal e coisa?

– Esse mesmo.

– O que ele quer comigo?

– Sei lá. Ele está aqui no Giggeto e pediu pra eu ligar pra você e pedir pra você vir até aqui.

– Com essa chuva?

– É. Ele está te esperando.

Podem crer, minha cuca piorou. Não conseguia nem imaginar o que o Carlos Lacerda poderia querer comigo. Se fosse no tempo em que ele era governador, ainda seria provável que ele se lembrasse do meu nome, pra proibir peça, mandar prender, alguma coisa desse tipo que faz com que as autoridades se lembrem de mim. Porém (e sempre tem um porém), em pleno 1971, com o grande político marginalizado pelo movimento de 1964, movimento que ele ajudou a implantar (e ajudou a implantar em cargo de chefia), o que poderia fazer com que ele se lembrasse de mim, numa madrugada de toró? Juro por essa luz que me ilumina que, arrebatando de curiosidade, nem vacilei em me vestir. Acordei a Walderez e, antes que eu falasse, ela se espantou de me ver vestido.

– Onde vai a essa hora, com essa chuva? Aconteceu alguma coisa?

– Vou me encontrar com o Carlos Lacerda. Ele quer falar comigo.

– Agora?

– É.

– Você já arrumou muita desculpa besta pra sair de casa de madrugada, mas essa ganhou de todas. O que o Lacerda vai querer com você?

– Como posso saber, se não for lá? Tenho que ir.

– Com essa chuva?

– É. Vai ver que ele quer conchavar algum golpe pra derrubar o governo.

– Junto com você?

– Se não tem outro, eu sirvo. Qual é?

Aliás, a noite hoje está propícia. Esse toró dá clima. Vou lá.

E fui. Pegar táxi (não dirijo automóvel) de madrugada debaixo de chuva em bairro de São Paulo não é fácil. Ensopado até os ossos, consegui, depois de muito tempo. No meio do caminho, meu frágil espírito várias vezes foi assolado pelo temor de estar sendo vítima de um trote. Mas, pombas, que podia fazer? Não era toda madrugada que um ex-governador ligava pra minha casa. Tinha que ir. Cheguei no Gigeto, estava fechado. Bati na porta com três pancadas, que sempre vejo conspirador de filme bater quando chega em esconderijo. O Saldanha (maitre sempre simpático) abriu a porta sonolento. Antes do estrilo, falei:

– O Carlos Lacerda está aí?

– Tá. E vê se leva ele embora, que já é tarde paca.

Entrei e numa única e enorme mesa estava o Carlos Lacerda em carne e osso, uma porção de amigos, mais a Telé. Todos me saudaram com grande entusiasmo. Estavam todos já meio bêbedos. Me sentaram ao lado do Lacerda e começaram um pupurri de elogios à minha pessoa:

– O governador te admira muito.

– O governador te acha um grande dramaturgo.

– O governador te acha... te acha... te acha...

Me serviram um uísque e sossegaram um pouco. Aí, falou o Carlos Lacerda:

– Plínio, gosto muito de você e do seu teatro.

– Obrigado governador. Mas, o senhor, no seu governo, não deu muita folga pra gente... Sua censura era de arrochar sem dó.

– Plínio, você vai querer julgar um grande homem por pequenas atitudes circunstanciais?

– Longe de mim essa pretensão, governador. Mas é...

– Ótimo, Plínio. Sabia que você era um espírito superior. Mandei chamá-lo aqui porque tivemos uma grande ideia. Quero escrever uma novela de televisão e todos aqui acham que só você poderia ser meu parceiro.

Quase engoli a pedra de gelo do uísque.

– Por que... por que... eu?

– Porque você escreveu aquela obra-prima que é “Navalha na Carne”. Vamos ser parceiros.

– Mas, governador, como é que eu iria explicar pra esquerda uma parceria com o senhor?

– Não se preocupe. Mais difícil será eu explicar pra direita uma parceria com você.

Nisso até achei que ele tinha razão. Aí, ele prosseguiu:

– Arrume um canal de televisão amanhã mesmo e me procure no Jaraguá. Depois estou no Rio. Vamos começar a trabalhar logo.

– A Censura não vai deixar. Ela não deixa eu sozinho, quanto mais junto com o senhor.

– Deixa. Eles vão achar que com isso desmoralizam nós dois.

Riu muito desse seu juízo sobre a Censura e, no carro de um amigo, foi me levar em casa. Dois dias depois, os jornais noticiaram que nós íamos escrever uma novela juntos. Eu fui muito gozado, acho que ele deve ter sido também. Ninguém se interessou pela novela, nem me procurou. O Carlos Lacerda, nunca mais vi. Agora que ele morreu, só por esse encontro que tivemos, me parece que perdi um amigo que quase foi meu parceiro, apesar de nunca termos tido as mesmas ideias. E me sinto feliz por ter atendido ao seu chamado naquela noite em que ele sofria a solidão de estar marginalizado da vida política do nosso país, por um governo que ele ajudou a estabelecer.

Censura, violência, e a falsa realidade (Folha de S. Paulo – Edição de 24/5/1977. Página 31. Caderno Ilustrada)

Os dois simpáticos ratinhos pegam um gatão bobo que dorme no tapete da madame, dão-lhe uma martelada na cabeça pra deixá-lo mais bobo ainda, arrastam o gatão pelo rabo até um liquidificador, enfiam o bichano zozinho lá dentro e ligam o eletrodoméstico no ponto máximo. O gatão bobo sai de lá totalmente zoeira e despelado. Dá dois passos e cai de perna aberta. Aí, os simpáticos ratinhos pegam uma dinamite e hum... atocham na orelha do gato, deixando só o pavio de fora, no qual tocam fogo. E voa gato por todo lado. Esse é um lance típico de desenho animado importado, que a Censura Federal deixa passar na televisão em horário dedicado às crianças. A mesma censura, no entanto, se mostra extremamente zelosa ao mutilar novelas. Proíbe que um cidadão desquitado namore uma desquitada, proíbe que uma personagem perca um filho e proíbe tudo isso, enquanto no país se discute acaloradamente o divórcio e o controle de natalidade. O que, sem dúvida, nos leva a estranhar os critérios de Censura. Ela permite que os paladinos do oeste americano do norte, em qualquer horário, com revólveres de mil e um tiros, massacrem os índios peles-vermelhas. Porém (e sempre tem um porém), recentemente proibiu um filme-reportagem sobre os índios brasileiros. Naturalmente, porque o índio brasileiro aparecia na fita todo molambento, como é a realidade atual dessa raça.

A violência nos filmes de cultura importada é tanta, que está preocupando o ministro das Comunicações, Senhor Quantd de Oliveira, que, a bem da verdade, sempre se declarou contra a enorme quantidade de enlatados estrangeiros na nossa televisão. Mas, observando os pronunciamentos do Ministro das Comunicações e acompanhando o trabalho da Censura Federal, órgão do Ministério da Justiça, a gente chega até a pensar que esses ministros não fazem parte do mesmo governo.

Essa impressão de ministérios do mesmo governo que parecem seguir orientações diferentes, no terreno cultural, a gente tem a toda hora. Basta ver que as peças premiadas nos concursos de dramaturgia do Serviço Nacional de Teatro,

órgão do Ministério de Educação e Cultura, são mexe e vira proibidas de serem encenadas pela Censura Federal, órgão do Ministério da Justiça. O que a nós, que temos puçá de vara curta e que por essa limitação só pescamos o que aparece boiando nas águas barrentas em que navegamos contra a maré parece que o mesmo governo que premia com uma mão castra com a outra.

Quando fui a Brasília certa vez, dar um depoimento na Comissão de Comunicações da Câmara de Deputados, fiz questão de deixar bem claro que era contra qualquer tipo de censura em teatro e que na televisão só aceitava a censura por faixa etária. Isso por não poder conceber a possibilidade de se manterem plenamente os direitos humanos sem liberdade de expressão. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que, mesmo me expressando claramente, o deputado Norton, da Arena do Paraná, me perguntou insistentemente o que eu achava da censura passar do Ministério da Justiça para o da Educação e Cultura. Respondi que toparia, desde que ele me provasse que os dois ministérios seguiam orientação própria. Caso contrário, eu atribuía a Censura não aos ministérios, mas o Governo de modo geral, que tem por chefe o presidente. Ele não mais falou e depois eu soube que esse deputado, brilhante por sinal, era muito ligado ao Ministro Ney Braga e que pretendia na ocasião entrar com um projeto no sentido de mudar a censura de ministério.

Agora, no caso dos filmes importados e sua violência, estou com o Senhor Quandt de Oliveira. Eles são nocivos. Só que acho que ele não precisa parlamentar com os concessionários dos canais pra conseguir diminuir o número desses filmes. A censura, que não permite noticiário sobre movimento estudantil, está aí pra isso. Naturalmente que sou contra a censura. Mas, nesse caso de impedir a entrada do filme de cultura de consumo importada, é necessário se criarem leis rígidas, pois esses filmes, além de toda a violência gratuita que exibem, esmagam as manifestações espontâneas do povo brasileiro, descaracterizam nosso homem comum, desvinculando-o das nossas raízes culturais, amesquinham o mercado de trabalho do artista brasileiro, que se vê inibido pra atentar para os aspectos culturais da profissão e são escoadouros profundos de divisas dos cofres do tesouro nacional.

Nos países mais liberais, como por exemplo os Estados Unidos, as leis protegem sua cultura e o mercado interno de trabalho do homem americano são rígidas, severas e ninguém as burla. Aqui é justamente o contrário. No setor cultural, entra toda a bagulhada com todas as facilidades, enquanto o artista nacional sofre nas mãos da censura mais do que o gato de desenho animado.

De qualquer forma, [o] nosso apoio ao Senhor Quandt de Oliveira, Ministro das Comunicações. E creio que todo artista da televisão brasileira deveria mandar-lhe um telegrama cumprimentando-o por estar atento ao problema, apesar de não ser essa a primeira vez que ele fala energicamente sobre esse assunto, sem nada se alterar.

O papo furado dos homens da radiodifusão (Folha de S. Paulo – Edição de 25/5/1977. Página 33. Caderno Ilustrada)

Na carta final do Encontro da radiodifusão do Centro-Oeste, realizado em Belo Horizonte, os empresários não deixaram de mostrar claramente que têm grande vocação pra Chico Anísio, Jô Soares e Costinha. Eles são bem chegados a um humorzinho. Os empresários de radiodifusão, ou melhor dizendo, os empresários que atacam nessa área, porque a maioria não é do ramo, ganham dinheiro nesse setor, mas só investem em boi, construção civil e tal e coisa e coisa e lousa, o que faz de muitos deles milionários diretores de empresas de rádio e televisão praticamente falidas; mas, esses empresários, na carta final do Encontro, não fazem a mínima referência aos apelos do Ministro das Comunicações, que na abertura do Encontro denunciou mais uma vez a violência na tevê e a proliferação dos enlatados importados em detrimento de uma programação nacional de alto nível.

O Ministro Quandt de Oliveira observou que o Governo Federal está preocupado com a situação, mas que a mudança nessa programação compete, primeiramente, ao empresário, do qual esperaria a resposta. E, se depender da resposta dos empresários, já se está sabendo que não vai se alterar em nada a programação da televisão. E a carta de Belo Horizonte, tirada pelos empresários de radiodifusão, está aí mesmo pra atestar isso.

A carta, que começa com o elogio ao próprio Encontro, logo vem com o papo furado da regulamentação da profissão do radialista. E esse negócio precisa ficar bem claro: quem tem que lutar pela regulamentação não é o empresário, mas sim o empregado. Porém (e sempre tem um porém), não será possível conseguir uma regulamentação justa dessa profissão, enquanto não houver mercado de trabalho. E esse mercado de trabalho está de tal forma amesquinhado pela importação de cultura de consumo, que os assalariados de rádio e televisão se sujeitam às mais escamosas condições de trabalho, sem reivindicarem seus direitos, garantidos por leis em vigência, com medo de serem despedidos. As precárias leis que existem para proteger o radialista atualmente são burladas a todo momento. Reza a lei que o ator de televisão, por exemplo, só pode trabalhar no máximo trinta e seis horas por semana. Mas, há atores que gravam cinco ou seis dias por semana, mais de quinze horas diárias.

Salário, em rádio e televisão, atrasa mais que trem da central e há caso de emissora de televisão que deu carta branca a diretores de departamentos contratarem novos elementos e depois de dois meses que esses novos contratados estavam trabalhando, sem receber, foram informados que a direção da emissora não se responsabilizava por seus salários. E eles então tiveram, pálidos de espanto, o desprazer de verem que seus contratos não valiam, simplesmente porque eles tinham assinado, mas os empregadores não. E também há o caso dos absurdos contratos por tempo de duração de personagem, o que equivale a assinar o trato e o destrato ao mesmo tempo. Se o contratado fizer qualquer exigência, a sua personagem na novela morre e ele se vê, de uma hora pra outra, na rua da amargura. E as burlas às leis trabalhistas são muitas. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que sem mercado de trabalho a regulamentação da profissão só serve pra aviltar a categoria, prostituindo-a. A luta do trabalhador de radiodifusão, sem dúvida nenhuma, tem que ser pelo mercado de trabalho, contra a importação de cultura de consumo que lesa o povo brasileiro de

várias maneiras, mas sobretudo impede que o trabalhador de radiodifusão cuide dos aspectos culturais da profissão e que exija respeito às leis existentes. Portanto, as declarações do Ministro são ótimas. Só que não se pode esperar, como ele espera, que os empresários atendam a seus apelos. A maioria está rica unicamente por exhibir filmes importados. Uma cópia de um violento [filme] policial feito nos Estados Unidos, devido à grande vendagem conseguida em todos os países subdesenvolvidos, é barata, muito barata, pro empresário, em relação a uma produção nacional, que poucas possibilidades tem de colocação. Mas, fica muito cara para os cofres da Nação e é um furo por onde se escoam muitas divisas. E esses filmes podem ser reprisados quantas vezes o empresário quiser, sem causar-lhes encargos trabalhistas.

Sei que muita gente a favor da empresa privada fica ouriçada com essas considerações. E alegam que a radiodifusão não pode ser explorada pelo próprio Governo. Mas, a verdade é que a televisão e o rádio já são controlados pelo Governo, que regula seus noticiários e as informações, através de uma dura censura.

Então, se esse problema existe, se não é possível às rádios e às televisões noticiarem o que se passa, porque o Governo não deixa (e isso é muito grave), não há motivos para o Governo ficar fazendo cerimônia no caso dos enlatados e esperando que os próprios empresários compreendam que isso está sendo um desserviço ao povo brasileiro. A Carta de Belo Horizonte já dá claramente a resposta ao Ministro Quandt da parte dos empresários. Esperamos que ele não se limite, dessa vez, a apenas falar sobre o problema dos enlatados importados, mas que tome medidas enérgicas e saneadoras.

Estou no palco. Penso no meu mestre D'Aversa (Folha de S. Paulo – Edição de 26/5/1977. Página 37. Caderno Ilustrada)

Toda vez que uma peça minha está pra estrear, penso com muita saudade numa das mais ricas figuras humanas que conheci, meu caro mestre Alberto D'Aversa, um italiano de dimensões internacionais, que soube compreender e amar o povo brasileiro como poucos brasileiros sabem.

Nesses dias em que “O Poeta da Vila e seus amigos” inaugura o Teatro Popular do SESI e que o Joãozinho das Neves dirige Juca de Oliveira e Osvaldo Loureiro em “Dois perdidos numa noite suja”, no Rio de Janeiro, e quando o Jaques Thièriot me dá notícias que essa peça, que ele verteu para o francês, estreou lá na França, e sobretudo por essa peça, penso muito no meu saudoso mestre Alberto D'Aversa. Penso que devemos muito a essa brilhante figura que tanto nos ensinou em cinema e teatro. Muito embora ele tivesse trabalhado no TBC, um teatro elitista, foi dos primeiros a [...] ⁸ teria sentido se se tornasse popular. E ele orientou muita gente nesse rumo.

E eu fui um dos que tive esse privilégio.

Quase todas as noites eu ia até a casa do mestre, depois do jantar, e assistia a verdadeira romaria de astros e estrelas, agregados ao meio artístico, candidatos a

⁸ No original de jornal há um espaço em branco correspondente ao tamanho de um espaço de linha em coluna que separa as palavras “a” e “teria”.

atores e empresários. Todos vacilantes, que procuravam se aconselhar com o D'Aversa.

E ele, com muita paciência, escutava tudo de todos e mostrava saídas, apontava caminhos, sempre com bom humor e na maioria das vezes não recebia nem obrigado em troca dos seus ensinamentos.

Mas também as pessoas tinham muito medo dele. O D'Aversa não fazia cerimônia com o otário e menos ainda perdoava os muitos diretores especialistas em explicar o espetáculo que montavam, numa extensa literatura de programa. Também não tinha o hábito de se calar quando um outro diretor teatral piava na parada posando de gênio e se dizendo criador ou formulador de teorias teatrais já inventadas e formuladas no estrangeiro e tal e coisa e coisa e lousa.

O Alberto D'Aversa era bem informado, muito atento, profundo conhecedor da história do teatro, não engolia essas traquinagens que geralmente recebiam o aval dos demais críticos. Dava as fontes onde o gênio fora beber. Por isso, muitos fingem não se lembrar do Alberto D'Aversa. Porém (e sempre tem um porém), eu me lembro bem do meu mestre.

Lembro que, quando cheguei em São Paulo, o Fred Afialo me apresentou a ele, que estava se preparando pra fazer o seu magnífico "Seara Vermelha", baseado no romance de Jorge Amado. Ele me disse que, se eu quisesse ajudar na produção, ele me dava um papel na fita. Comecei a trabalhar na hora. O Fred era meu chefe e a minha primeira tarefa era descolar de graça um fogão de seis bocas pra cozinha do acampamento da equipe do filme, que seria rodado na Bahia. Pra mim, foi mole. Procurei o Francisco Semmer, pra quem meu pai havia trabalhado e de quem se tornara amigo, e lhe pedi um fogão de seis bocas em nome do cinema nacional. Fui prontamente atendido. Ganhamos o fogão Semmer de seis bocas novinho. Uma beleza.

Tão bonito que o Fred vendeu o fogão e provou pro D'Aversa que eu era incompetente até pra arrumar as coisas e que por isso não merecia ser ator.

Não levava jeito de artista. Não fui pra Bahia. Mas, duro mesmo foi fazer o nome dos fogões Semmer entrar na lista dos agradecimentos. Isso o Fred conseguiu, ao menos. Não tive papel no filme, mas não importa. O Fredão era e é um belíssimo amigo meu até hoje e o D'aversa, a partir de então, foi mais que um amigo. Foi o mestre que me ajudou a conscientizar muitas coisas que eu já sabia, por ter aprendido com outros mestres, e que me ensinou muitas outras.

Eu sempre quis o D'Aversa pra diretor dos meus textos. Não posso me queixar de nenhum dos diretores que dirigiram minhas peças. Léo Lopes, Benjamin Cattán, Fauzi Arap, Odavlas Petti, João das Neves, Jairo Arco e Flexa, Jonas Bloch, Luís Carlos Maciel, Antônio Abujanra, Osmar Rodrigues Cruz só ampliaram, com seus espetáculos, meus textos.

Nesse ponto, eu creio que sou o autor teatral que mais deu sorte. Mas, mesmo assim, eu queria o D'aversa pra meu diretor. Sempre acontecia uma ou outra coisa que impedia. Ele acabou dirigindo uma montagem de "Quando as máquinas param" na Bahia, com o Lourival Pariz e uma atriz local. Era um belo espetáculo. Fez muito sucesso. Mas não era estreia, já havia muitas outras montagens anteriores. E a gente continuou tentando.

Fui à Brasília, consegui com o chefe da Censura uma revisão do caso “Barrela”. Ele se propôs a ver um ensaio. Falei com o José Roberto Mehlen e com o Pedro Bandeira. Ambos amigos e admiradores do D’Aversa. Tinham um dinheirinho, toparam produzir. O D’Aversa reuniu um timão: João José Pompeu, Carlos Antônio Petrim, Rui Rezende, Benê Silva e o Pedrinho Bandeira. Os ensaios de mesa eram aulas maravilhosas de análise de texto e de interpretação. Os atores estavam deslumbrados. E a peça quase em pé.

Aí, a Censura se recusou a ver o ensaio.

O tal chefe com quem falei regou nossa conversa de Brasília e se recusou a dialogar. Foi um duro golpe pra nós todos. Principalmente pro D’Aversa, que já estava muito doente. Ele sofreu muito. Me disse uma noite que sabia que aquele seria o seu último trabalho e que ele teria feito um espetáculo pra marcar época no teatro brasileiro. Pelo que se via nos ensaios, eu creio que teria sido um grande espetáculo, mais pelo gênio do diretor e pela sua capacidade de tirar o rendimento máximo dos seus bons atores, do que pelos méritos do texto.

Mas não foi possível. Pouco tempo depois, o meu grande amigo mestre D’Aversa foi falar com Deus.

Agora, depois de tantos anos marginalizado dos palcos, os meus textos começam a voltar ao seu lugar, apesar de nossa ribalta não ser ainda uma tribuna livre onde se possa discutir até as últimas consequências os problemas do homem. Por isso, não vejo sentido no teatro. Sou obrigado a confessar essa minha contradição. Não vejo sentido no teatro, porque ele não é livre, mas me emociono com a minha reestrela. E escrevo como se estivesse confessando ao mestre. E parece que o vejo rindo e a dizer:

– Grande boleiro, olha, vou escrever sete artigos sobre seu “Dois perdidos”. (Escreveu nove). Mas não se entusiasme, boleiro. Eu vou escrever a favor. Você é um bom amigo, boleiro, e eu ganho por artigo. Mas vê lá, boleiro, não se entusiasme, não se leve a sério. Porque você um dia pode ser alguém, boleiro.

E assim eu estou ainda. Estreando com a mesma emoção de todas as estreias. Mas, consciente de que o teatro só terá sentido quando for totalmente livre.

Vamos esperar o último carro (Folha de S. Paulo – Edição de 27/5/1977. Página 41. Caderno Ilustrada)

Essa semana sai de cartaz no Rio de Janeiro a peça do João das Neves, “O último carro”, uma das melhores da dramaturgia brasileira. Deverá estrear em São Paulo nos meados de setembro ou outubro. Mas deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que, mesmo com peças importantes como essa do Joãozinho fazendo uma brilhante carreira de mais de um ano, sempre em casa lotada a três de alto, com gente tendo que se agarrar pelos picos pra não espirrar pelo ladrão, mesmo o público saindo inquieto com o belo espetáculo, mesmo a gente constatando que “O último carro” tem todo o vigor da dramaturgia social brasileira (que é considerada, nesse setor, das mais poderosas do mundo), mesmo assim o palco brasileiro não é uma tribuna livre onde se possam discutir até as últimas consequências os problemas do homem.

Então, existem alguns textos poderosos e generosos que sobem à cena, como esse magnífico “Último carro”, mas o número de peças que a Censura proíbe e mutila é tão grande, que só mesmo por muita generosidade de artistas como o Joãozinho das Neves, que não se alteram diante das adversidades, é que vez ou outra uma obra tão importante sobe à cena. Porém (e sempre tem um porém), a grande dificuldade que o Joãozinho teve pra encenar essa sua peça não foi propriamente com a Censura Federal. Se esse “Último carro” levou doze anos para ser encenado, foi por problemas de ordem interna do Grupo União, do qual o João das Neves fazia parte, juntamente com o Ferreira Gullar, o Vianinha, Pitina, Tereza Gullar, Paulo Pontes e Denoy de Oliveira. Seus companheiros, vejam bem, todos experientes em se tratando de teatro, ao lerem o texto não acreditaram na peça. Sugeriram modificações, que o autor, convicto do que queria, não aceitou. Teve que esperar muito. Doze anos. Até que pode montar sua peça integralmente e do seu jeito.

Conto tudo isso para mostrar aos muitos autores jovens ou inéditos, que a toda hora piam na parada angustiados por acharem que o tempo está correndo sem que ninguém dê atenção para seus textos, ou gente que se desespera com as proibições da Censura. Quero deixar claro que acho natural o autor se interessar em montar seus textos. Aliás, não compreenderia um autor que não se esforçasse nesse sentido. Mas, creio que um autor jovem ou inédito não deve sair por aí pedindo luz a cego ou pedindo opinião de notórios homens de teatro. O autor teatral deve ter certeza do que quer dizer e só dizer aquilo em que acredita, ao ponto de não aceitar que se altere o conteúdo de sua peça, nem a forma. E assim agiu o João das Neves. E agiu muito bem. Fez melhor do que muitos autores que sucumbiram nas longas discussões estéreis dos seminários de dramaturgia, sempre tão cheios de dogmas e preconceitos. Os exemplos que podia dar são muitos. Mas, quando a gente pensa que autores inteligentes se frustraram e se acanharam para sempre diante das opiniões contrárias, a gente também pensa que eles não acreditavam muito no recado que tinham pra dar. Certo foi o Joãozinho, que esperou doze anos pelo direito de encenar seu “Último carro” do jeito que concebeu. Deve ter sido duro para um artista tão sensível, a solidão desse longo tempo de espera. Mas, o resultado compensa. Agora que, depois de mais de um ano em cartaz, o “Último carro” sai aplaudido em pé por multidões, agora que o Joãozinho leva os maiores elogios da crítica especializada e todos os prêmios do teatro carioca, agora que sua peça consegue ser luz nesse tempo de obscurantismo em que vive a pátria brasileira, agora que “Último carro” inquietou artistas e intelectuais, estudantes e o público em geral, o Joãozinho deve estar orgulhoso por ter cumprido com grandeza essa parte do seu destino.

E cabe a nós, repórteres desse tempo mau, registrarmos essa luta desse generoso dramaturgo, para que seu caso com seu “Último carro” seja a bússola para os que vêm atrás, para que se nutram todos no valor desse Joãozinho das Neves que nunca esmoreceu. E também é preciso que se diga que, depois de doze anos de espera pela alegria de ver seu texto encenado, o Joãozinho, diante do seu merecido sucesso, permaneceu sereno, corajoso, fiel aos seus princípios e nem por um momento parou pra desfrutar seu êxito. Como homem de valor provado no meio da batalha, escolado pela dor da solidão dos que se acreditam e têm que esperar

pacientemente a melhor ocasião, no auge do seu sucesso, o Joãozinho fez disso uma arma potente pra lutar pela liberdade de expressão e pelo direito de expressão de seus companheiros de duro ofício, que estavam sufocados pela Censura. E essa luta que o Joãozinho travou teve lances mil. Andou ele pelas faculdades, em palestras e em debates, mostrando a necessidade de palco livre para todos. E seus libelos contra a Censura foram mais fortes justamente quando recebia homenagem pelo seu “Último carro”.

Parece que estou ouvindo e vendo o Flávio Rangel, com voz emocionada, me contar numa mesa de bar a façanha do Joãozinho, quando foi buscar o seu prêmio Golfinho de Ouro do Museu da Imagem e do Som do Governo da Guanabara, Prêmio conferido a ele, João das Neves, muito justamente e atestado pelo público ali presente, que o aplaudia delirantemente. Aí, o Joãozinho pegou o prêmio, agradeceu humildemente, pediu que cessassem os aplausos e dedicou seu Golfinho de Ouro aos autores, seus colegas, seus irmãos, que estavam proibidos de serem encenados pela Censura policial. O Flávio Rangel, com os olhos rasos de água, me disse que fez então um momento de total encantamento, momento dos mais raros, um silêncio absoluto, mas um silêncio pesado, denso, cortante, quando se sentia que as pessoas recebiam no coração e na mente a mensagem do poeta Joãozinho das Neves e compreendiam sua angústia e se angustiavam pelo palco brasileiro não ser a tribuna livre, o laboratório social que deve ser. Percebiam que o nosso palco não era nada disso, mas não deixava de ser porque o Joãozinho estava ali e seu “Último Carro” estava em cena garantindo o taco de toda uma dramaturgia que, com seu valor, ele não deixava morrer, nem ser esquecida. Então, depois de um tempo de silêncio, em que se fez a lucidez na mente do público, o João recebeu o prêmio, o único prêmio que um artista do seu gabarito, da sua estatura almeja.

O público aplaudiu o nosso João das Neves em pé, chorando demoradamente. Ele foi se sentar e os aplausos continuaram. Ele teve que voltar ao palco. Era o momento de glória de um campeão, na luta pela liberdade de expressão. Que Deus guarde esse nosso João e que as gerações futuras saibam de seu valor como homem. Como dramaturgo, sem dúvida ele fica.

Respondendo à freguesia (Folha de S. Paulo – Edição de 28/5/1977. Página 27. Caderno Ilustrada)

Luciano Albuquerque e Cláudia de Azevedo - ... “Até somos forçadas a aceitar o seu silêncio em sua coluna, por ser ela atualmente seu campo de maior atuação, portanto o mais precioso”.

Com quem vocês pensam que estão falando, meninas? Eu nunca fui de me fechar em copas para preservar emprego. E não houve isso agora. Se vocês lessem minha coluna diariamente, saberiam o que penso do movimento estudantil. Já disse claramente. Mas, só porque vocês são meninas, não custa dizer mais uma vez. Os estudantes estão reivindicando corretamente coisas a que têm direito. Melhora de ensino, liberdades democráticas, respeito aos direitos humanos, anistia aos presos políticos são coisas que sempre quis para o Brasil amado.

Carlos Renato de Andrade (Barão de Itapetininga, 140, S.P.) - ... “Quanto ao Abajur Lilás, que tenho comigo, só não o renegarei a total escuridão por ser crime

rasgar livro, pelo menos para mim, mas deixá-lo-ei no lugar onde está, condenado ao esquecimento.”

Pois é, Carlão, mentalidade de censor não lhe falta. Esconder um livro é o mesmo que rasgá-lo. Mas, não faz mal. Esconda bem o “Abajur Lilás” pra não vê-lo, assim também não há perigo do livro te ver. Por sua mentalidade estreita, qualquer frase que entre na sua cabeça deve machucar mesmo. Ainda mais um livro inteiro.

Sonia Maria e Silva (Rua Maria Antonia, 403, Universidade Mackenzie) – “Sabe, o que mais quero é representar. E você pode me ajudar. Minha vida está incompleta, falta-me o teatro.”

Quer dizer que a Soninha é taradinha por teatro? Legal. Mas, eu não sou de puxar ninguém pra dentro. Acho que quem sabe querer prova[r] isso descobrindo seus próprios caminhos. Aliás, uma atriz, atriz de verdade, leva anos e anos pra se fazer. Requer muito esforço essa profissão. Esse ofício é muito duro. É necessário muita renúncia e sacrifício. Porém (e sempre tem um porém), por que você não começa formando um grupo de teatro universitário aí no Mackenzie? O teatro de estudantes sempre foi um celeiro de atores, atrizes, diretores e autores teatrais.

Bola pra frente, menina, e não desanime diante das dificuldades, nem se perca pedindo luz a cego. O homem só evolui na medida em que resolve seus próprios problemas.

Pingente

Editora Chalaça Ltda. manda avisar que, a partir do dia 7 de junho, estará em todas as bancas o seu novo jornal de humor, o Pingente. Esse jornal será mensal e terá quadrinhos, cartuns, texto de humor, catitas e chalaças. O time principal é formado pelos humoristas Nani, Duayer, Coentro, Guidacci, Reinaldo, Demo e Nilson. Ao pessoal do Pingente, nossos votos de sucesso e nossa admiração pela coragem de saírem de humor. Sabe como é que é, nem rico anda rindo à toa na atual conjuntura.

Dalton Moreira

(Praça Monteiro, 79, Taubaté, S. P.) – “Mande um livro seu pra você autografar e você deixou a patota mandar ver meu livro. Eu não entendo...”

Não entende, caro Dalton, porque você anda se levando a sério demais. Quando você veio visitar a redação, era uma quinta-feira, dia do movimento estudantil, por sinal justo. E se eu te falei que estava preocupado com os estudantes, é porque estava mesmo. Como jornalista, estava acompanhando as informações que chegavam à redação e é claro que não ia parar pra falar de literatura. Sei que você é estudante, caro Dalton, mas eu não sou de ficar babazeando ninguém. Tenho todo respeito por você e por qualquer pessoa. Não é preciso que elas me escrevam cartas pra merecerem atenção e respeito da minha parte. Só que papo furado tem hora. Quanto ao seu livro, mandaram mesmo. Eu não tenho gaveta, nem mesmo mesa, nem nada aqui no jornal. Recebo as cartas, os livros e discos e deixo numa caixa. Quando marco bobeira e deixo livro[s] ou discos bons, a rapaziada manda mesmo.

Foi o que aconteceu com o seu “Barrela”. Mas, já te avisei que te mando outro. E vê se amadurece e perde essa mania de perseguição.

Brasil de Oliveira

(Campinas) – “Nossa curriola está firme. O Eli está bem no Cruzeiro, Vadão está no Bebedouro, Gersinho é um cracão, tem um time grande de olho no Estevão. O Fauzi voltou do Maranhão. Mudou a diretoria e ele resolveu sair. Mas, fez um bom trabalho e deixou nome. Talvez acerte com o Bento Gonçalves...”.

Olha aí, treineiro Brasa, a rapaziada sabe mesmo. E não vai ser surpresa se logo, logo um piar na Seleção Brasileira. O Carlos goleiro é um que chega lá, pode crer. No mais, só temos a lamentar a saída do patrono do Sentimento, o Japiapu, do Jornal da Tarde. Foi mutreta que fizeram com o rapaz, que sabe das coisas e tem um ótimo texto, além de ser gente fina. Mas, não há de ser nada.

O Japiapu é competente jornalista e não vai lhe faltar lugar na imprensa. Quanto ao Fauzi, nunca duvidamos da sua capacidade de treinador. Bola pra frente.

Antonio Silverio

(Rua dos Gusmões, 203, S. P.) – “Só temo que o chorinho venha a matar o samba...”.

Sua preocupação procede, seu Silvério. Enquanto nossos veículos de comunicação forem ocupados pelos ritmos importados, vai sobrar apenas uma estreita faixa do mercado brasileiro para os ritmos brasileiros. Então, se o samba entra na moda, não se ouvem nem referências aos outros ritmos nossos. Agora parece que vai chegar a vez do chorinho. Mas, é claro que vai entrar no lugar do samba. No lugar das músicas impostas pelas multinacionais do disco e de seus lacaios, é que não vai ser. Fez bem de levantar esse problema, seu Silvério, e nós vamos fazer onda em torno dele. Claro que gostamos do chorinho e queremos um lugar pra ele nos nossos veículos de comunicação, mas não apenas como um modismo passageiro. Pra sempre. O chorinho é tão importante pra nós, quanto o jazz é para os americanos. Mas, samba, balão, chula, xaxado e todos os nossos ritmos têm que ser preservados.

Vi o início e não quero ver o fim (Folha de S. Paulo – Edição de 30/5/1977. Página 23. Caderno Ilustrada)

O Inocêncio Mulata é um dos baluartes do samba de São Paulo. Bamba que fez seu nome no samba duro, no jogo da tiririca do Largo da Banana: É tumba moleque, é tumba/É tumba pra derrubar/Tiririca faca de ponta/Capoeira vai te pegar. Inocêncio Mulata, que puxou muito trio de couro, bloco de sujo, vai-quem-quer pelas ruas da Barra Funda, com Zoinha e Feijó. Que encarou o chanfralho da meganha no tempo em que samba era coisa pra valente. Tempo de Jamburá, Marmelada, Negro Braço, Vitucho, Dona Eunice do Lavapés, Pé Rachado, Pato Nágua, Dona Sinhá, Donata, Nenê da Vila Matilde, Sinval, Garita, Toniquinho, Carlão do Peruche, Zeca da Casa Verde, Geraldão, alguns que já foram falar com Deus e outros que estão aí pra não me deixarem mentir. Tempo dos cordões dos Campos Elíseos, Paulistano da Glória, São Geraldo, Vai-Vai, tempo em que a hoje tricampeã Escola de Samba Camisa Verde e Branco era apenas o Cordão Camisa Verde, do Mestre Dionísio, que a política da ditadura do Getúlio Vargas fez mudar o nome pra não parecer

homenagem aos camisas verdes integralistas e que então virou Camisa Verde e Branco, embora nunca tenha tido nada a ver com os fascistóides do Plínio Salgado.

Mas, deixa isso tudo de lado. Essa história do Inocêncio Mulata é quase a história do samba de São Paulo. E isso um dia, se tiver tempo, pretendo contar num livro, que sem dúvida será de muitas páginas e falará dos bailinhos de porão, dos sambas de cortiço e de muita gente que fazia e acontecia. Hoje, o que quero contar é que um dia o Inocêncio Mulata me falou lá na Barra Funda:

– Que é que você acha de fazer aqui no São Paulo Chic uma roda de samba?

Eu achei bom. Ele vacilou. Eu fiz uma entrevista de página inteira com o Inocêncio no jornal em que eu trabalhava na época, o Diário da Noite, e ele falava da ideia de fazer a roda de samba. O Talismã se apresentou pra tomar conta do angu e do vatapá. Mas, o Inocêncio Mulata vacilava. Eu nessa época tinha um programa na Rádio Tupi, a Hora do Pingado, com o Batista Linardi, e diariamente cobrava do Inocêncio a roda de samba no Camisa. Ele ganhou coragem. E anunciou finalmente a sua roda de samba.

Porém (e sempre tem um porém), nunca faltam os que botam pra baixo e nesse lance não deu outra coisa. Os derrubadores começaram os bochichos. O Talismã afinou. Não quis investir seu capitalzinho no gordurame. Mas, o Inocêncio não podia mais voltar atrás. Eu anunciei no jornal e na rádio a roda de samba. Naquele tempo, a imprensa paulistana não dava nem a pouca cobertura que dá hoje pro samba. Mas, eu fazia nesse caso um escarcéu. E chegou o grande dia da inauguração da primeira roda de samba, que pretendia ser semanal, em São Paulo. No íntimo, o Inocêncio não botava muita fé. Ia fazer aquela ali no São Paulo Chic, que antes de ser gafeira fora igreja protestante e, se fracassasse, parava. Dona Sinhá e Donata ficaram encarregadas do angu e o vatapá foi suprimido do cardápio. Diminuíram a encomenda da cerveja e aumentaram o da cachaça. Pelo menos os componentes do Camisa eram esperados.

Mas, hoje não sei se feliz ou infelizmente, houve um fato que na época todos nós achamos uma tremenda sorte. O pessoal da Politécnica ia realizar um baile, mas esqueceram de tirar alvará e na hora a polícia piou na parada e impediu. Aí, eles nem reclamaram. Lembraram que no São Paulo Chic ia ter roda de samba e foram em bandos pro Camisa Verde. O salão ficou a três de alto, com gente se agarrando pelos picos pra não espirrar pelo ladrão. Eu, quando cheguei lá no São Paulo Chic pra ver como ia indo o pagode, até me assombrei. O Inocêncio estava pálido de espanto com seu sucesso. Me levou pra cozinha, onde eu e os bombeiros de serviço rapamos o fundo dos panelões de angu. Era o início triunfal das rodas de samba em São Paulo. A partir daí, as rodas de samba do Camisa Verde e Branco lotaram sempre. Às onze horas, já não entrava mais ninguém. E então começaram a surgir outras na cidade e quase todas iam tendo muito êxito.

Conto tudo isso porque começo a ver que as rodas de samba em São Paulo estão ameaçadas de extinção. A Mocidade Alegre do Bairro do Limão, do meu sempre querido amigo Mestre Caju da Cruz, por exemplo, está passando por uma situação crítica. O aluguel da quadra da Mocidade Alegre, que era de três mil e quinhentos cruzeiros, de repente foi aumentando pra quinze mil cruzeiros. Isso implica uma crise financeira. Nessa época do ano, roda de samba só faz sucesso uma vez por semana. Não adianta querer forçar a barra dois ou três dias. E aí, não

dá pra pagar o aluguel. Em meados de setembro, já melhora. Mas, aí a escola precisa de dinheiro pra ir montando o carnaval e o aperto permanece. Na Mocidade Alegre, eles pretendem resolver o problema alugando a quadra pra bailinhos de clubes.

No Rio de Janeiro, mesmo as escolas que possuem quadra própria, devido ao gigantismo, também se viram forçadas a alugar suas dependências pra bailes de clubes e foi assim que as organizações Black, com soul e modismo importado e incrementado pelas multinacionais, as invadiram. Aqui não será surpresa se se repetir essa invasão de música de consumo importada nos terreiros de samba. É necessário uma urgente ação de todos que têm consciência da necessidade de se preservar a música popular brasileira. O burguês que se chegou ao samba pelo modismo já está se bandeando pro chorinho, que é atualmente o ritmo brasileiro que aparece como novidade. Nós, é claro, nada temos contra o chorinho. Muito pelo contrário. Sempre achei o chorinho maravilhoso. Mas, conheço bem o mercado de música no Brasil. Apenas uma amesquinhada faixa do mercado brasileiro sobra pra música brasileira. O resto é totalmente reservado pra música estrangeira. Por isso, temo que o chorinho, ficando na moda, o pessoal da curtição abandone o samba, como já fizeram com o baião e outros ritmos nossos e que por isso os terreiros das nossas escolas de samba, que mal ou bem eram redutos sagrados de brasilidade, fiquem à mercê dos ritmos alienígenas. O problema existe e não pode ser negligenciado. E menos ainda podemos esperar alguma providência das autoridades que já deram mil e uma provas de que não se interessam pela cultura do povo.

Respostas a um questionário (Folha de S. Paulo – Edição de 31/5/1977. Página 33. Caderno Ilustrada)

– O que é teatro popular?

– Aquele que dá certo. Não adianta as pessoas saírem por aí dizendo que seu espetáculo é para o povo, se ele é ruim, se ele é hermético, se ele é elitista. Espectáculos nessa base não adianta apresentar nos bairros, subúrbios e favelas, porque o povão vai estranhar, vaiar e até atirar pedra. O povão não gosta do que não entende. Só o intelectualóide de país subdesenvolvido gosta do que não entende.

– Mas o preço do teatro não é muito para o povão?

– Tudo é caro para o povão nesse país, onde as elites promovem uma distribuição de renda egoísta. O pão, a condução, o feijão, tudo é caro. Porém (e sempre tem um porém), o teatro que não responder às necessidades culturais do povo, de graça é caro. Agora, quando o teatro inquieta, ele passa a ser gênero de primeira necessidade e, mesmo com sacrifício do preço do ingresso, da condução precária, o homem irá ao teatro.

– Teatro não serve de lazer para o povo?

– O teatro pode divertir o povo, sem dúvida nenhuma. Mas, eu não acho que os espetáculos sejam o lazer que o povo almeja e do qual necessita. Se nós formos considerar que espetáculo é lazer, São Paulo, que é riquíssima em espetáculos, seria uma cidade de muito lazer. No entanto, São Paulo é uma cidade carente de

lazer. Porque tudo o que há são espetáculos para o povo ver e não há espaço, nem liberdade para o povo participar. Isso reduz o homem comum a mero espectador sempre. Veja, por exemplo, o caso do futebol. Construiu-se o Morumbi para cento e tantas mil pessoas assistirem aos jogos. Já tínhamos o Pacaembu e também o estádio do Palmeiras e o da Portuguesa, além do campo do Corinthians e o do Juventus. Todos para o público assistir ao futebol. Mas, acabaram com quinhentos campos de futebol, onde o homem comum participava ativamente do futebol. Vejam o carnaval oficial da Prefeitura, se orgulha de ter colocado quinhentas mil pessoas para assistirem ao desfile das dez escolas do 1º grupo na Avenida Tiradentes. Oito ou nove mil sambistas desfilaram para quinhentas mil pessoas assistirem. Sei que nem todos podem ou querem ser sambistas, mas o desfile de escola de samba não é o único evento carnavalesco. Se houvesse espaço livre, o povo se manifestaria espontaneamente nas comunidades de bairro e aí o carnaval atenderia ao lazer. Nessa base em que as coisas são feitas, no meu entendimento, não é lazer, é espetáculo, não há possibilidade de participação, só é permitido assistir.

– A subvenção governamental ajuda o teatro?

– A subvenção, para qualquer tipo de arte, é corruptora. A arte subvencionada é arte atrelada a quem detém o poder, não pode ter liberdade de fazer a crítica da sociedade até as últimas consequências. Atualmente, no Brasil, das artes mais elitistas, como ópera, cinema, teatro, balé, até desfile de escola de samba, só se realizam os espetáculos se forem subvencionados pelo Governo. Vejam bem, o paternalismo do Governo liquidou as possibilidades das organizações independentes, que se mantêm por si mesmas. Hoje os grupos amadores, já mal começam, recorrem às subvenções do Governo. Já se atrelam aos donos do dinheiro. E a subvenção acaba sendo uma forma de censura, tão violenta como a da polícia.

– Mas o Governo, que recolhe impostos, não tem obrigação de devolver esse dinheiro ao povo? E patrocinando a cultura, não seria uma forma de fazer essa devolução?

– No meu entendimento, não. Cultura patrocinada pelo Governo é cultura imobilista, que não vai inquietar, nem vai ensinar as pessoas a verem. E cultura, como eu a entendo, é saber ver. Claro que o Governo tem obrigação de servir o povo. Mas, eu sou contra qualquer tipo de paternalismo. Eu acho ridículo quando falam que nas escolas dão merenda escolar e tal e coisa. Claro que, em certos redutos, a população necessita dessa merenda no prezado momento. Porém, se o Governo fosse justo e as rendas distribuídas com critério humanista, essa população não precisaria ganhar merenda. Ela teria possibilidade de adquiri-la. O que o Governo deve dar é a possibilidade de o homem adquirir, com seu trabalho, o mínimo necessário para viver, sem perder a dignidade humana. Todo homem tem que ter direito a um trabalho que lhe possibilite moradia, comida, estudo, lazer, assistência médica, sem que isso lhe seja dado paternalmente pelo Governo. Ele tem que ter condições de adquirir com o fruto do seu trabalho. O paternalismo governamental fede a esmola e a esmola desfibra quem se vê constrangido a recebê-la.

A arte subvencionada está no mesmo caso, é dependente, lacaia, não revoluciona, não faz projeções pro futuro, não dá respostas, não aponta caminhos,

enfim, não inquieta. A arte, a cultura, a educação oficializada, paternalizadora, tendem a ser uniformizadas e nada pode ser mais triste do que isso.

– Mas a maioria dos artistas com quem falo me dizem que não poderiam fazer suas artes se não fossem subvencionadas.

– E se falam é porque deve ser verdade. Mas é lamentável. Se essas artes respondessem às necessidades culturais do povo, elas provavelmente se bastariam pra se manter por si. Talvez o artista não levasse vida de nababo, mas viveria decentemente. E pra que mais? O artista deveria é lutar pela liberdade de expressão e não pelas subvenções. Só com liberdade de expressão o artista pode cumprir com grandeza a sua missão e servir de bússola, farol de luz para o seu povo. Senão for assim, seremos todos transformados em bobos da corte, polichinelos da burguesia, vendedores dos produtos de consumo. A arte, no meu entendimento, só tem sentido quando é uma tribuna livre onde se possam discutir até as últimas consequências os problemas do homem.

– Mas, como conseguir essa independência?

– Aí é que entra o “x” do problema. Em países de governo totalitário, em países de regime autoritário, como o Brasil, esse tipo de coisa fica muito difícil, quase impossível. O governo totalitário não aceita o diálogo, teme a inteligência e tudo o mais que advém da inteligência viva. Por isso, eu luto pela democracia. Mas, mesmo num regime democrata, é duro pro artista conseguir sua independência, mas não é impossível. Se fosse fácil, haveria uma multidão na parada, não é? É preciso renúncia. É necessário sacudir fora o egoísmo que nós todos temos em dose elevada e aplicar o talento como o sacerdote se aplica nas causas da sua fé.

– O que você acha de se levar teatro para o povo?

– Acho que acaba resultando em paternalismo. Nós deveríamos era criar espaço para que o povo pudesse preservar sua própria cultura e se manifestar espontaneamente através dela. No estágio em que o povo se encontra, amesquinhado por tanta miséria, ele, sem dúvida, precisa de incentivadores, mas esses incentivadores devem ter o bom senso de não se transformarem em donos do povo, nem mestres absolutos, nem guias. Devem criar espaço para o povo, para que ele possa se descontraír, se desinibir e tomar nas mãos o direito de fazer sua própria história. Se organizar por si próprio e lutar unido pelos seus direitos.

Esse é um trecho dos debates que tenho feito nas faculdades de todo o Brasil. São respostas que dou a perguntas que constantemente me fazem.

2. 5 – As crônicas de junho de 1977 – Coluna Plínio Marcos

Respondendo a um questionário – II (Folha de S. Paulo – Edição de 1/6/1977. Página 33. Caderno Ilustrada)

Eu, no ano passado, fiz quarenta palestras e debates em faculdades e sindicatos. Esse ano, já fiz umas vinte e já tenho outras tantas marcadas. Tenho selecionado as perguntas mais constantes em todos os cantos do Brasil e algumas delas vou respondendo através dessa coluna, continuando o que comecei ontem.

– A Censura prejudica muito o teatro?

– Não só o teatro, como toda a cultura. A Censura é responsável pelo obscurantismo nesses tristes tempos em que vivemos em nossa pátria. Ela também é um braço do colonialismo cultural.

– Mas a Censura vai agir sobre as publicações estrangeiras agora, não vai?

– Ela sempre agiu contra as publicações estrangeiras que são consideradas inconvenientes para o Governo. Mas, a cultura de consumo importada está aí mesmo ocupando nossos veículos de comunicação, subvertendo nosso povo, descaracterizando nosso homem comum, desvinculando nosso jovem das suas raízes culturais, destruindo nossa brasilidade, esmagando nossas manifestações espontâneas. São cento e setenta filmes importados por semana na televisão brasileira; as rádios, dia e noite, tocam música estrangeira de qualidade duvidosa; nossos cinemas e teatros, nossos jornais e revistas estão repletos de cultura de consumo importada. Isso tudo, além dos males que já lembrei, também tiram o trabalho do homem brasileiro, amesquinham nosso mercado interno, nos deixam sem possibilidade de cuidarmos dos aspectos culturais da nossa profissão. Além de ser, também, uma brecha por onde escoam as nossas divisas. Mas, sobre isso o Governo não atua. E no entanto, isso tudo é, sem dúvida nenhuma, uma questão de Segurança Nacional.

– Um artista, para fazer boa arte, necessita de liberdade de expressão?

– Total, absoluta. A liberdade de expressão é a matéria-prima de todo artista. Aliás, não é só o artista que necessita de liberdade de expressão. O homem necessita de liberdade de expressão. Eu não vejo como preservarmos os direitos humanos plenamente, sem liberdade de expressão.

– Mas alguns artistas dizem que em tempos de censura rígida, o artista é obrigado a ser mais sutil, abrir portas que nem sonhava e que isso o ajuda a se ampliar. O que você acha disso?

– Não reconheço nenhum mérito em censura. O artista verdadeiro não se acomoda nunca. Menos ainda quando tem liberdade de expressão, ou seja, quando ele, sem temor algum, pode mergulhar até as profundezas dos problemas do homem, sejam eles sociais, políticos, psíquicos, sexuais ou de qualquer outro tipo.

A censura, quando muito, leva o artista a novas concepções estéticas, aos vanguardismos desvinculados do povo, ao hermetismo, que quase sempre resulta numa ação entre amigos, de grupos intelectualóides, que se aproveitam desse tipo de arte pra escapar da realidade em penosas discussões sobre o formalismo.

Esse tipo de coisa serve sempre a quem detém o poder. Mas, muita gente séria se envolve nesses esquemas e afirma que a censura é tal e coisa... Porém (e sempre tem um porém), que me conste, quem primeiro disse alguma coisa semelhante foi o dramaturgo alemão Bertold Brecht. Ele disse isso, na Alemanha nazista. Mas, quando a barra pesou mesmo, ele se mudou para os Estados Unidos e foi trabalhar em Hollywood. Cheio de desgosto, é verdade. Ele precisava sobreviver. Até se queixou disso num poema muito bonito, no qual diz: “Toda manhã, a fim de ganhar a vida/lá vou eu para o mercado onde se compram mentiras/esperançoso/entro na fila dos vendedores”. Brecht era um genial dramaturgo, vale ainda hoje, mas, perseguido pela polícia e pela Censura, teve que se mandar. Da mesma maneira que alguns formuladores do teatro brasileiro, como

Boal, Zé Celso, como Ferreira Gullar. Esse, graças a Deus, já retornou. Nossa pátria não pode dispensar inteligências como essas.

Assim como não pode dispensar professores, cientistas, filósofos, sociólogos e ninguém que pense. Mas, pedirmos que essa gente pare de pensar, regular o pensamento através da censura, é o mesmo que pedir que a humanidade estacione, se aquiete, fique acomodada, estagnada. E isso é anti-humanidade. É anti-Cristo. É um absurdo tamanho, que os responsáveis por isso terão certamente que responder por esse crime diante da História.

– Quer dizer que a censura impede o desenvolvimento da humanidade?

– Ninguém impede o desenvolvimento da humanidade. Os tiramos, os ditadores, déspotas retardam o desenvolvimento da humanidade, mas eles são donos de poderes temporais. E eles, ao prescindirem da inteligência renovadora, criadora, inquietante, apodrecem e caem de podres. E aí, a humanidade retoma seu rumo, mais gloriosa do que nunca. Depois do obscurantismo da Idade Média, a humanidade floresceu no Renascimento. Não foi assim?

– Você não está sendo incoerente ao dizer que a Censura não beneficia, mas que depois dos períodos de obscurantismo a humanidade floresce?

– Não. Quero apenas demonstrar que os censores entravam o desenvolvimento, mas não o impedem. Que a Censura sufoca o artista, mas que os artistas, os pensadores não morrem, continuam pensando e por fim explodem acima de qualquer censura. Sabe, eu acredito sinceramente na virilidade espiritual capaz de transformar as coisas. Acredito que essa virilidade ninguém sufoca, ninguém mata, nem esmaga e que ela sempre se manifesta no homem.

Porque, quer queiram ou não, a tendência da humanidade é a dignidade. E a humanidade acaba se manifestando e ansiando pelo seu desenvolvimento quando menos se espera e em qualquer lugar ou circunstância.

– Quer dizer que independe do nosso esforço o desenvolvimento da humanidade?

– A humanidade há de se desenvolver com nosso esforço ou sem nosso esforço. E eu, particularmente, espero contribuir de alguma forma para esse desenvolvimento e caminhar com a humanidade. Isso é meio confuso. Mas eu sou humilde [o] suficiente pra saber que não faço falta e [que não sou] pretencioso demais pra achar que posso pesar na balança.

– O homem deve se preservar?

– Preservar a vida é o sentimento mais lúcido do espírito. Preservar privilégios, riqueza, poder e tudo desse naipe é o mais estúpido. A beleza da vida está justamente nos riscos que se corre. Se nos furtarmos a isso, a humanidade não progride.

Respondendo a um questionário – III (Folha de S. Paulo – Edição de 2/6/1977. Página 41. Caderno Ilustrada)

– Você fala muito de futebol e de samba nas suas crônicas e nos seus contos. Seria uma forma de escapismo?

– Muito pelo contrário. Falo de coisas que fazem parte da realidade brasileira e são assuntos do dia a dia do nosso povo. Se eu ignorasse as manifestações

esportivas e culturais do povo, jamais iria poder falar de igual para igual com o homem do povo. Existe futebol e existe samba. Eu estou no meio, participando, discutindo, sem impor nada, escutando e falando, ouvindo, abrindo espaço, me ampliando. Através do futebol e do samba, eu convivo com o povão e não apenas vou visitá-lo como assistente social. Participando, estando na roda do samba, fica claro que eu não sou o mais sabido e não me destaco, de forma que isso serve pra desmistificar a imagem de vencedor que o povão tem de nós, que conseguimos algum destaque artístico, político ou social. A convivência, a participação, desmistifica e acaba com o falso respeito ditado pela hierarquia econômica de projeção, ou sei lá o quê. E então, é que se pode ser amigo. Amigo de verdade. Sem os jogos sociais.

– O futebol não provoca a alienação do povo?

– Quando ele é colocado como afirmação desse povo, como é o caso do Brasil em relação às Copas do Mundo, como é o caso do Corinthians, do Flamengo, Atlético Mineiro, e outros clubes, então é, sim. A grandeza de um povo não se faz através das conquistas esportivas, se faz na medida em que os direitos humanos são respeitados e preservados plenamente no território desse povo. Porém (e sempre tem um porém), o esporte é necessário. Mas, no futebol eu tenho procurado, além do prazer de bater bola, que é uma das minhas paixões, procuro entender melhor os anseios do nosso povão e interpretá-los. Ultimamente, fiz uma penetração nos bastidores do futebol e recolhi material esclarecedor. A luta dos nossos meninos para escapar da miséria através do futebol é brutal. É um vale-tudo. Pontapé acima da medalhinha do peito só os anjos dão. O resto é uma nojeira. Suborno, droga, documentos falsificados, pederastia, tudo. É um tremendo submundo.

– Pior do que o submundo da televisão?

– Os dois ambientes são barra pesada. Mas, o do futebol me chocou mais. Acho que o pessoal que transa na televisão é mais sofisticado e esconde um pouco seus desesperos por falta de mercado de trabalho. Já no futebol, por ser gente mais desprovida de treino pra raciocinar, pra usar o intelecto, tudo é meio na base dos arrochos, da força bruta.

– Você fala tão mal da televisão e no entanto sempre trabalha nela. Por quê?

– É isso aí. Primeiramente porque não é por eu considerar uma coisa ruim que vou me afastar dela, se sinto que de alguma maneira poderei ajudar a melhorá-la. Eu sou dos que chegam junto nas bolas divididas. E sempre que posso, tento. Consegui, por isso mesmo, participar de um bom momento revolucionário na televisão. Foi o Beto Rockfeller que mudou a linguagem das novelas. Elas eram na base de O Direito de Nascer. Gente como o Cassiano Gabus Mendes, o Bráulio Pedroso, o Lima Duarte, o Luís Gustavo, a Irene Ravache, o Jofre Soares, a Débora Duarte, a Walderez de Barros, eu e outros conseguimos abasileirar a novela. Vale a pena esse trabalho. Depois, eu fui fazer outros trabalhos. A ideia era ir além. Não deu. Fracassei. Mas, o fracasso é um risco do meu ofício. Se houvesse receita de sucesso, a gente era um bando de milionários. E aí, mexe e vira, eu fracasso. Minha vida artística já tem uns vinte e cinco anos. Neles eu acumulei muitos fracassos, pra um ou outro sucesso. Recentemente ainda, fui fazer uma novela na Tupi e não deu pra eu acabar o contrato. Fracassei. Queria discutir com meus colegas, com o autor, com o diretor, mas fui mal compreendido. Me saíram. Foi um emprego de vinte e

cinco mil cruzeiros, que perdi depois de sete meses de desemprego. Mas eu não sei ficar enganando. Não soube me fazer compreender e saí da televisão. Isso não quer dizer que vou deixar a televisão de lado. Um veículo de comunicação de tal importância, de tamanha penetração, não pode ser desprezado por mim, nem por ninguém que queira se comunicar.

– O que você acha da televisão ser do Governo?

– Ela é. O Governo é que dá concessão.

– Você não paternaliza esse pessoal do samba que sempre trabalha com você?

– Não. Eu tenho me esforçado pra conseguir espaço pra música popular brasileira. Tenho lutado pelo nosso mercado de trabalho. É isso que faço. Só isso. Fico horas e horas conversando com sambistas e sambeiros. Escuto, discuto, pergunto, aprendo, incentivo. Porém (e sempre tem um porém), não interfiro de forma alguma nas suas criações artísticas. O Zeca da Casa Verde, o Talismã, o Geraldão, o Do Carmo, todos os compositores de todas as escolas, os diretores são testemunhas. Eu escuto, incentivo, mas não me meto nas suas criações artísticas. Critico depois que eles têm a obra como acabada, como faria com qualquer espetáculo de teatro, de igual pra igual, sem paternalismo, sem pretender ser o dono da verdade. Tanto é que nunca fui parceiro de nenhum deles. Nem autor de enredo, nem desfilei em escola de samba. Com orgulho posso dizer que tenho sido tremendamente coerente com meus pontos de vista nesse assunto. Tenho ajudado várias escolas de samba e blocos a conseguirem espaço pra suas atividades. Mas, sempre deixei que elas agissem por si mesmas. Nunca, jamais, em tempo algum, falei pra um compositor. Faça isso ou faça aquilo nesse samba, está reacionário, ou piegas. Eles fazem na medida deles. Compreendem? Do mesmo jeito que não aceito palpiteiro em volta de mim quando escrevo. Vi muito artista bom se perder, se mediocrizar, querendo impingir nas suas obras ideologias que na verdade não tinha, mas que queria dar a impressão que tinha só pra agradar esse ou aquele grupelho. E não serei eu, portanto, que vou forçar a barra. Converso muito com a patota do samba. Eles me conhecem. Sabem que não corro do pau. Já encarei muita parada indigesta pra defender interesses de sambistas. Isso conta ponto no meio da massa. Principalmente quando eles percebem que você não terá nenhuma vantagem particular na parada. Que realmente está fazendo apenas o seu papel de abridor de espaço para o samba.

Respondendo a um questionário (IV) (Folha de S. Paulo – Edição de 3/6/1977. Página 35. Caderno Ilustrada)

– O que você já fez de prático pela nossa cultura popular?

– A bem da verdade, nada. Sou um perdedor. Tenho tentado. Tento, tento, luto, luto muito, podem crer. Mas, no fim de cada batalha, quando vai se conferir, eu estou no prejuízo. Mas, não faz mal. O que importa é que, quando ligo rádio, televisão, abro revistas e tudo e vejo e escuto todo esse lixo da cultura importada, sinto energias pra lutar pelo espaço livre para o homem brasileiro.

– E como são essas tentativas que você faz?

– Tentando formar opinião pública pelos veículos de comunicação que ocupo é uma das formas. Outra é tentando usar o meu prestígio pessoal pra abrir espaço pro pessoal da música popular. Por exemplo: uma vez o Canal 4, a Tupi, me chamou pra fazer uma novela, o Beto Rockfeller. A Volta do Beto. Eu tinha sido o Vitória na primeira vez e tinha que ser na segunda. Não podia ser outro. Então, eu obriguei a Tupi a aceitar o pessoal do samba. Tinha lá um número certo de capítulos, senão me falha a memória eram uns vinte, com cachê de cento e cinquenta cruzeiros por capítulo, que na época era boa paga. E o meu pessoal era uns doze.

Na hora em que eles entrariam na novela, os caras se fingiam de esquecidos e como se o samba na novela fosse ideia deles, mandaram um feitorzinho arrumar uns crioulos pra fazer o batuque. O feitor saiu catando gente e foi na Praça da República. Falou com um, com outro e chegou no Toniquinho, que nesse tempo estava engraxando sapato lá. Falou do trabalho e disse que o cachê era vinte cruzeiros. O Tônico, que há seis meses não me via, só respondeu: Se é na Tupi, é coisa do Plínio e se é coisa dele, não é essa grana. E não aceitou.

Na hora da gravação, eles chegaram com a rapaziada, que nada tinha que ver com samba. Eu aí não deixei. Avisei que, enquanto não se trouxesse meu pessoal, pelo preço combinado, e não pagassem aqueles que estavam lá, não tinha gravação. Aí, não teve jeito pra eles e veio meu pessoal e o Tico também. E ficamos lá até que me chutaram fora. Mas, por um tempo estivemos lá. Eles, os sambistas, ocuparam um espaço que quase nunca ocupam. O Geraldão e o Zeca estiveram no primeiro Beto. E também porque eu e a Walderez falamos deles lá. E é isso que vamos fazendo pra abrir espaço. Fizemos a “Balbina de lansã”. Gravamos dois discos. Fizemos vários shows. A gente sempre espera que o sucesso de um abra a porta para os outros.

No teatro foi assim. Quando fiz sucesso com “Dois perdidos numa noite sua”, desmistifiquei esse negócio de escrever peça. Dei entrevistas dizendo que qualquer um podia escrever peças, que até eu, que era analfabeto, escrevia, que seminários de dramaturgia e tudo o mais era elitismo e então apareceram muitos, muitos autores, mais do que em qualquer outra época do teatro brasileiro. Gente independente. Que dava o seu recado com vigor, com violência, era ótimo. Por isso eu me sinto um pouco responsável. Acho que é a minha contribuição ao teatro. Abri brechas no elitismo reinante e por essa brecha entraram muitos autores de valor.

Sabe, eu vi muita gente boa, autores inteligentes, que não tinham ideologia, forçarem a barra pra botar em suas obras ideologias nas quais não acreditavam, mas que era o modismo e que iria agradar aos grupelhos que dominavam. Eu tinha aprendido com a Patrícia Galvão que um autor que tem ideologia de verdade a coloca naturalmente na sua obra e via aquela gente forçando a barra. Escrevendo peças que eram prejudicadas pelos discursos que entravam no meio. Então, quando fiz sucesso, denunciei tudo isso. Com o samba, quero saber fazer o repeteco disso. Mas, a barra no rádio, televisão e disco é mais bruta. As pessoas do teatro são mais honestas, às vezes alguns estão equivocados, mas se percebem isso, reformulam. No disco, rádio, tevê, é tudo na base de muita grana, muitos interesses em jogo, multinacional e seus lacaios não brincam em serviço. Fazem tudo pra impedir que o povo brasileiro ame verdadeiramente seus artistas. A cultura de consumo importada dá mais lucro.

– Esse seu modo de agir provoca represálias?

– Mexe e vira eu fico desempregado. Mas, eu não sei ser de outro jeito. Uma vez o Talismã me disse: “Por que você não se firma primeiro pra depois puxar a gente? Até agora você só tem conseguido arrumar encrenca pro seu lado e isso não é bom pra ninguém.” Mas, eu não quero a televisão pra mim. Se quisesse, estava lá. Eu quero a televisão brasileira para o povo brasileiro e a serviço do povo brasileiro. A televisão e todos os outros veículos de comunicação. Falo disso porque é meu campo específico. Quero a televisão para o nosso povo e não pra eu vender bugiganga pro povo. Me causa indignação saber que em 1935, o Noel Rosa já citava o Cartola como grande sambista e que só agora, depois de quarenta anos, é que o Cartola está sendo amado pelo povo. Assim mesmo porque sua música “As rosas não falam” entrou numa novela.

Eu pago o meu preço, mas jogo com a camisa do time que escolhi. Mas, há algumas pressões que a gente sofre que são até engraçadas. Uma vez o Toniquinho Batuqueiro estava engraxando sapato na Praça da República (acho que foi em setenta ou setenta e um, não me lembro bem), quando a cana chegou avisando que era transa dura e puxaram o Tônico pra dentro do carro. Daí falaram pra ele ter cuidado comigo, que eu era comunista, subversivo e tudo. E que se eu desse algum pacote ou carta pra ele levar em algum lugar, era pra ele ir entregar pra eles, tiras. Aí, o Tônico tentou explicar que não era nada disso, que eu achava ele artista e que achava um crime ele ficar ali engraxando botina, enquanto na rádio e na televisão os gringos e tal e coisa... Os tiras se picaram de raiva. Berraram que isso era coisa de comunista e provava que eu era subversivo mesmo. E diante do Tônico pálido de espanto, os tiras berraram que ele era otário e que não percebia que estava usando ele, que ninguém, a não ser um comunista, iria se interessar por um crioulo bestalhão, que ele abrisse o olho, se não eu acabava envolvendo ele nem algum assalto a banco. O Tônico saiu de lá e veio correndo me avisar que os homens estavam a fim de me ganhar. Mas, dessas besteiras eu só acho graça. Pra não chorar.

Algumas histórias de meu teatro (Folha de S. Paulo – Edição de 4/6/1977. Página 27. Caderno Ilustrada)

– Fale sobre o seu teatro.

– Falarei com prazer, embora lamente que a maioria aqui, por ser muito nova, não tenha podido ver as minhas peças mais lembradas, como “Dois perdidos numa noite suja”, “Navalha na carne”, “Homens de papel” e “Barrela”. Me dá tristeza essas peças não poderem ser reencenadas. Como me dá tristeza “Abajur lilás” e “Oração para um Pé-de-chinelo” não poderem estreiar. De qualquer forma, “O Poeta da Vila e seus Amores” está em cartaz num espetáculo muito bonito, dirigido pelo Osmar Rodrigues Cruz, para o Teatro Popular do Sesi. E “Dois perdidos”, que estreou na França, talvez estreie no Rio de Janeiro, numa montagem do João das Neves, com Juca de Oliveira e Osvaldo Loureiro. É muito difícil pra mim explicar o meu teatro. Aliás, a bem da verdade, é preciso que se diga que, desde que fiz sucesso com “Dois perdidos”, nunca tive sossego pra fazer uma avaliação do meu teatro. Minha vida sempre foi muito atribulada. Mas, acho que foi melhor assim. Não é do meu

feito ficar curtindo o que já fiz. Por temperamento, saio sempre pra outra. De qualquer forma, a peça pela qual tenho mais carinho é “Dois perdidos”, que foi a que me tirou da pior e me deu evidência. E a que eu acho mais bonita de todas é a sobre a vida do Noel Rosa, “O Poeta da Vila e seus Amores”. É a única a que eu consigo assistir toda noite. Já assisti a umas vinte vezes. Acho bonita, o espetáculo é muito bonito. Mas, “Dois perdidos” é minha peça querida.

– Ela ainda tem atualidade hoje?

– O fato de ter sido montada na França agora, o fato de ter sido escolhida pelo João das Neves e pelo Juca e pelo Loureiro provam isso. Os franceses, não os conheço. Mas, o Juca e o Loureiro são atores excelentes, de nível internacional, e o João, ótimo dramaturgo e ótimo diretor. Só por eles montarem esses textos, já estou gratificado.

– Além dessas que você citou, quais as outras suas peças?

– “Jornada de um imbecil até o entendimento”, “Balbina de lansã”, “Quando as máquinas param”, “Dia virá”. Acho que não esqueci nenhuma.

– Você trabalhou como ator nos “Dois perdidos”?

– Trabalhei. Fazia o Paco Maluco, o Perigoso. Fazia muito bem, segundo a crítica e o público. Mas, eu não gosto de trabalhar como ator. Quando trabalho, é por extrema necessidade. Nesse caso, ninguém queria fazer o papel. O Ademir Rocha tinha topado fazer o Tonho. Daí, eu entrei de Paco. Mas, antes convidamos muita gente que recusou.

– Por que ninguém queria fazer o Paco?

– Ninguém acreditava em autor novo. E depois, eu era ligado ao Arena (teatro), lá, eles só montavam peças do Guarnieri e do Boal. Mas, as pessoas achavam que eles não montavam minha peça porque ela era ruim. Até uma vez levei a peça pra Nídia Lícia e ela me disse: “Se fosse boa, o Arena montava”. E nem leu. Mas, nessa época, o Arena só montava peça deles mesmo. Então, eu resolvi sair por conta própria. A Nídia me emprestou cinquenta cruzeiros, o André Bucka, outros cinquenta. Não pra montagem. Pra eu sobreviver até a estreia. O Benjamin Cattan era o diretor. O resto, eu arrumei na manha. O Pelégio, que era iluminador do Canal 4, me emprestou os refletores, o Chiquinho, contrarregra do Canal 4, o material de cena, os praticáveis no Canal 4. Eu, o Ademir, o Paulinho, que hoje está na Globo, e o Toninho Matos, que hoje é diretor de novela lá na Tupi, numa madrugada, [fomos] pro Ponto de Encontro, que era um bar que tinha lá na Galeria Metrôpole. Foi lá que se deu a avant-première mundial. Essa peça tem muita história. Algumas lindas, de solidariedade comovente, como essa da rapaziada do Canal 4, a turma da pesada, todos ajudando, me quebrando o galho, correndo risco de perderem emprego, porque na verdade a gente retirou o material do Canal 4 na marra, e outras tragi-cômicas. De incompreensão, de repressão e tudo mais. Não sei se aborreço vocês contanto isso tudo. Se quiserem, eu paro. Falaremos de outra coisa. Mas, quando eu começo a falar disso, me emociono e vou em frente. São coisas que talvez sirvam pra alguns autores que esperam o paternalismo pra estreiar, ganharem coragem pra apostarem em si mesmos. A nossa estreia no bar foi uma loucura. Só havia cinco pessoas pra assistir. A Walderez, essa magnífica figura humana a quem devo muito, o Carlos Murtinho e um bêbado, que não quis sair do bar e pagou os cinco mangos pra ter direito a dormir na mesa. Nós resolvemos dar o

espetáculo. Com gente ou sem gente, eu não aguento transferir estreia. E mesmo porque precisávamos dos quinze cruzeiros de renda. A Dereca e a Cidinha foram as únicas que não pagaram. Fizemos. No fim, o Roberto Freire declarou que era a reformulação do teatro brasileiro e que nós não devíamos parar de jeito nenhum de fazer o espetáculo. E ele saiu fazendo onda a favor. No segundo dia, outros gatos pingados e o D'Aversa. Aí, o italiano escreveu [crítica em jornal] e a gente ganhou força.

– Daí que vocês passaram pro Arena?

– Foi. O Arena estava vago. E nós conseguimos alugar o teatro por setenta por cento da renda. Eles colocavam um tijolinho no Estadão e outro aqui nas Folhas e ficavam com setenta por cento da renda. O resto, imposto, SBAT, era tirado dos trinta por cento da minha parte. Tivemos que estreiar com um piano de cauda dentro do cenário, porque eles não deixaram tirar. O Ademir ficou com muita raiva. Mas eu contei pra ele um lance que vi o Ziembinski fazer lá na companhia da Cacilda Becker. Na hora de abrir o pano de “César e Cleópatra”, o Zimba viu um buraco no cenário. Chamou o Jarbas Loto, que era o cenotécnico, e deu o estrilo. O Jarbas tirou de letra. Só respondeu: “Ora, mestre, se alguém notar este buraco com o senhor em cena, é porque o senhor está mal no papel. Mas, eu arrumo isso já.” Aí, o Ziembiski berrou: “Deixa o buraco. Deixa o buraco, que ninguém vai notar nada.” E nunca ninguém notou. Eu falei pro Ademir que ninguém iria notar o piano. E ninguém notou. A gente estava bem, a peça dava tremendo impacto. Mas só que a gente custou pra perceber isso. Nossa estreia no Arena foi pra classe teatral. Ficou a três de alto o teatro, com gente se agarrando pelos picos pra não espirrar pelo ladrão. E eu e o Ademir nervosos demais, demos tudo o que tínhamos. No final, apagava a luz e acendia de novo pra gente receber os aplausos. Agora eu sei, mas na época nem podia imaginar, o impacto que sentiram foi tanto que não aplaudiram prontamente. Daí, o João do Vale, que estava bêbado, entrou na arena e parou entre eu e o Ademir e, antes que alguém aplaudisse, avisou que era meu amigo e se pôs a cantar. Aí, ninguém entendeu nada. E ele cantou umas dez músicas. E eu e o Ademir sem sabermos o que fazer, fomos para o camarim, mortos de vergonha. Achando que tinha sido um fracasso retumbante. O João do Vale veio atrás e os colegas, sabendo que os camarins eram apertados e vendo o João de fogo entrar junto, foram esperar a gente no Bar Redondo. Eu, a Walderez, o Ademir e a Cidinha ficamos esperando no teatro até o último dos últimos ir embora. Não queríamos ver ninguém depois de estarmos constrangidos com nenhum aplauso. Só dois dias depois é que nos recuperamos, quando saímos nas primeiras páginas de alguns jornais e muito badalados por todos os outros. E daí até meu último espetáculo dos “Dois perdidos”, numa fantástica noite que jamais me sairá da memória, quase três anos depois da estreia, passou muita água embaixo da ponte.

(Por motivo de viagem, não respondo as cartas dos leitores.)

Mestre Pascoal e nossa amiga Pagu (Folha de S. Paulo – Edição de 6/6/1977. Página 21. Caderno Ilustrada)

Estávamos, eu, o Miroel Silveira e o Pascoal Carlos Magno na Câmara dos Deputados, em Brasília, para prestarmos nossos depoimentos na Comissão de Comunicações. Aliás, o Pascoal já havia prestado o dele na parte da manhã. Eu e o Miroel é que iríamos falar depois do almoço. O avião em que íamos embarcar em São Paulo atrasou, falta de teto, essas coisas imprevistas e nós chegamos só ao meio dia. Sem querer bancar o aparecido, o meu depoimento era muito esperado. O “Abajur lilás” tinha acabado de ser proibido e todos esperavam um cacete na Censura. Esse cacete era tão esperado, que a sala da Comissão de Comunicações ficou a três de alto, com gente se agarrando pelos picos pra não espirrar pelo ladrão.

Eram os estudantes, os jornalistas, eram deputados, senadores e gente que trabalhava na Câmara e, como não podia deixar de ser, toda vez que vou falar, a polícia federal, com seus gravadores. O deputado Lucena e o deputado J. G. de Araújo Jorge, homens de muito brio, não permitiam que a polícia ficasse no recinto. Teve um deputadinho da Arena, esquecido do poder que representa a Câmara e esquecido de que esse poder ele tinha obrigação de preservar, querendo me pressionar ou sei lá o quê, veio a mim e falou que eu é que decidia se a polícia podia ou não gravar meu depoimento. Não me lembro do nome do deputadinho. Meu defeito principal é esquecer nomes. Mas, fuça, dificilmente esqueço.

Mas, deixa isso de lado. O que quero contar é que respondi que, por mim, a polícia poderia gravar à vontade ou ler no jornal no dia seguinte, se preferisse. Bastava que pra isso não censurasse a imprensa e que eu pretendia usar aquela tribuna pra falar pra nação inteira. Nessas horas, eu sou retumbante. Estava ali e me dava responsabilidade. O deputadinho se assanhou. E foi falar que eu consentiria na gravação. Levou uma descarga em regra do Lucena e do Araújo Jorge. E lei era clara. A polícia não ficaria no recinto. Não gravariam, porque eles não permitiam. Se quisessem, requeressem uma cópia do meu depoimento e essa cópia só lhes seria entregue se eu permitisse. E a polícia não teve jeito. Saiu. Não antes que um deles falasse pro outro, de forma que eu escutasse, que me prenderiam de noite na Universidade. O que não tinha sentido, porque nessa altura, eu ainda não tinha sido convidado pra falar na Universidade. Fui só no fim da tarde. Mas, pelo sim, pelo não, e por não conhecer quem me convidava, não aceitei. Mas, quero dizer que o clima era de tensão. Muita pressão.

E o Pascoal Carlos Magno, que estava doente, que já tinha feito um esforço muito grande indo à Brasília e ter falado toda a manhã durante quatro ou cinco horas, e que já tinha anunciado que ia se retirar, resolveu ficar. E foi quase carregado que subiu à mesa da Comissão de Comunicação, que ficava em cima de um praticável de uns dois ou três degraus, acima do piso do plenário. E foi com dificuldade que logo que abriram a sessão, ele pediu a palavra e foi, rouco pelo esforço físico, rouco pela indignação, que o magnífico Pascoal Carlos Magno fez um violento pronunciamento contra a Censura, contra a pressão que sofríamos naquele momento e contra o Governo e contra todos os que causavam o obscurantismo no país. Era aparentemente a revolta de um grande homem de teatro. Digo aparentemente, porque conheço o Pascoal e sei que naquela bronca havia algo muito maior. Havia o recado pra mim. Havia a solidariedade. Ele estava avisando que não era pra afinar, que o risco é necessário e que ele fazia questão de correr

junto. Ele, que durante o seu depoimento da manhã fora tão moderado, à tarde se expunha pra que eu e o Miroel não nos expuséssemos sozinhos.

Era isso que o grande Pascoal, doente, febril, cansado, me mostrava, sem me falar, pra não me constranger. Ele dava o exemplo e pra mim era significativo. Eu, que já estou acostumado, nessas situações limites, a ver chegarem até mim os falsos valentes que assopram na orelha: “não vai ficar com medo, tem que encarar”, eu via exemplos de coragem do deputado Lucena, do deputado J. G. de Araújo Jorge e sobretudo do Pascoal. Nenhum deles me cobrou dignidade, nem do Miroel.

Os deputados garantiram o poder da casa e a nossa segurança. Mas isso, num país em que as leis não são respeitadas, sabendo-se que eu podia ser preso na saída ou no caminho da universidade, como eu escutei que seria, como o Rui Lopes, da sucursal da “Folha”, soube que eu seria, como outros jornalistas souberam, o Pascoal se apresentava com toda violência pra se irmanar comigo no risco. O Miroel Silveira estava ali firme, corajoso como sempre. Mas, falaria depois de mim. E o Pascoal quis falar antes para que eu não vacilasse. Nunca me ocorreu vacilar naquele dia. Mas, com o exemplo do Pascoal, me senti em casa. Levantei-me do meu lugar, fui até onde o Pascoal estava sentado e lhe dei um beijo na testa, pra demonstrar publicamente o enorme respeito e carinho que tenho por esse mestre. Aí, ocupei o microfone sem nenhuma cerimônia. E dei meu depoimento com total serenidade e em nenhum momento deixei de dizer clara e sonoramente o que pensava.

Lembrei esse lance porque recebi uma carta do meu caro mestre Pascoal Carlos Magno, na semana passada. A carta foi escrita em papel timbrado da casa do Estudante do Brasil, que ele fundou em 1939, e nela ele me diz de coisas que me entristecem. A primeira é que ele está doente, se restabelecendo na casa de um amigo no Rio Grande do Sul, antes de mudar para a Aldeia de Arcozelo. E a segunda, essa é que me dói mais e que provavelmente seja um pouco responsável pela doença do Pascoal, ele vendeu sua casa de Santa Tereza. Essa casa lá no Rio de Janeiro era um ponto, um porto seguro para todos [os] artistas em má situação financeira. Essa casa era um lugar certo de chegada pra todo estudante que vinha tentar a sorte na cidade grande. E saber da venda da casa dói muito pra quem é de teatro.

Lá foi o Teatro Duse. Foi lá que começaram suas carreiras Sérgio Cardoso e tantos outros atores. Mas, não foi pra se queixar que o Pascoal me escreveu. Ele nunca fez uma queixa de caráter pessoal. Só reclamou possibilidades pra continuar seu festival dos estudantes, seus trens artísticos e seu tantos outros empreendimentos que sempre visavam integrar o Brasil através da cultura. Mas, nessa carta, nem sobre isso o grande incentivador do teatro me fala.

Ele me escreve sobre a minha crônica “Arrabal em cena, é hora de lembrar Pagu”. Ele vem me dizer que nunca esqueceu essa extraordinária, essa grandiosa, essa heroica Pagu, nossa querida Patrícia Galvão. E que lá na Aldeia de Arcozelo existe uma praça com o nome dela. Claro que sei que o Pascoal, como todos os que conhecem bem a Patrícia, não poderão esquecê-la. Mas, já que o Pascoal me manda dizer isso e que outras pessoas que conheceram a Pagu também me disseram isso, acho que é hora de fazermos alguma coisa para que as novas

gerações saibam quem foi essa mulher tão formidável que o Pascoal, cheio de ternura, classifica, e com razão, de extraordinária, grandiosa, heroica.

É necessário que se conte a história dessa mulher que foi das pessoas que em nosso país mais lutou contra o Estado Novo e contra todos os tipos de totalitarismo, censuras e contra tudo o que amesquinha o espírito. Eu acho que é necessário que não se permita que se apague da memória do nosso povo o nome de Patrícia Galvão. Sei que ela é praça em Arcozelo e também é praça em Santos. Mas, isso é pouco. Os nomes dos logradouros públicos são dados tão sem critério, que os transeuntes caminham pelas ruas, avenidas e praças sem ter o mínimo interesse em saber quem foi a pessoa que lhes empresta o nome. E no entanto eu creio que era importante que as gerações que estão chegando na parada agora soubessem quem foi a Pagu, a que fez de sua existência uma lição de vida.

Sobre isso falei com o Orlando Miranda, diretor do Serviço Nacional de Teatro. Ele diz que há possibilidade de uma verba para que pesquisadores levantem a vida da Patrícia e se edite um livro sobre ela. Naturalmente que não serei eu esse pesquisador. Não sou do ramo. Eu apenas sou dos que tenho medo que nosso povo esqueça de algumas pessoas que só o engrandeceram e dignificaram. Sou dos que acha que um povo sem memória jamais tomará consciência de si e jamais será um povo livre.

Mais uma vez apelo pro Pascoal. Ele poderá ser o grande incentivador desse projeto, como foi de tantos outros.

A máfia manda no comércio de livro (Folha de S. Paulo – Edição de 7/6/1977. Página 35. Caderno Ilustrada)

Respondendo a perguntas que tenho com frequência escutado nos debates de que tenho participado nas faculdades, creio que estou atendendo a uma série de leitores. Isso porque muita gente tem pedido pra eu continuar e até tenho recebido muitas perguntas. Fica quase como a entrevista que nunca tinha dado. Devido a isso, vamos prosseguir:

– E a literatura? Você tem livros publicados? Qual o grande problema?

– Tenho vários livros publicados. Seis. “Navalha na carne”, pela Editora Senzala, que faliu. “Quando as máquinas param”, pela Obelisco, do meu amigo Pedro Fanelli. Esses livros editamos em sociedade. “Histórias das quebradas do Mundaréu”, pela Nórdica. “Querô, uma reportagem maldita” e “Barrela”, pela Símbolo.

E o “Abajur lilás”, pela Brasiliense. Todos esses livros podem ser encontrados nas boas casas do ramo que quer dizer que ninguém vai encontrar em lugar nenhum. Não existem boas livrarias.

– Esse é o principal problema do livro?

– Esse é um dos grandes problemas do livro. Mas, não é o único, nem o maior. Os problemas do livro começam com os editores. Eles são na maioria dos casos, salvo raríssimas exceções, tacanhos. Querem ganhar dinheiro, mas ao mesmo tempo querem entrar na fita como grandes intelectuais. Acabam ganhando um dinheirinho e alguns prêmios sem nexos, que eles mesmos inventam pra eles. Tratam o livro como mercadoria só na hora de editar. Depois, não investem em

publicidade. No máximo num coquetel de batida com bolacha nas ridículas noites de autógrafos, nas quais o escritor e seus familiares vão constrangidos. Mas, se o escritor tiver família grande, já paga a edição e o coquetel. A edição é sempre barata. O que encarece o livro é a distribuição. Mas, disso falaremos adiante. Agora estamos falando dos truquinhos de envergonhar Mandrake de mafuá dos nossos editores. O critério deles pra editar um livro é esse de ver quem tem família grande e quem tem uma grana pra ajudar a financiar. Outra malandragenzinha dos editores é na tiragem das edições. Fazem tiragens de três mil exemplares, segundo eles, mas ficam de posse dos fotolitos do livro, quer dizer que podem editar quantos quiserem, sem que o autor possa controlar.

Assim mesmo, quando um livro vende muito e eles anunciam a segunda edição, acham um tremendo feito, soltam foguetes, dão piquenique, urra, pro autor e tudo o mais. Agora, vejam, num país de cento e dez milhões de pessoas, considerando os analfabetos, que são a maioria, os tecnocratas que não leem nada que não seja livro de sua especialidade por uma questão de princípio (sabem como é, essa raça pode ler um livro humanista qualquer e se modificar, ficar balançando nas suas bases e perder a frieza necessária para um tecnocrata), pois mesmo o mais insensível tecnocrata pode ser recuperado para o humanismo. Mas isso só em suas fases da vida: quando ainda não é membro do Governo, ou de alguma multinacional, ou então quando já ganhou muito dinheiro e anda com medo de um enfarte. Mas, deixa isso de lado. O que quero dizer é que, mesmo considerando o enorme número de analfabetos, de tecnocratas e de telespectadores, gente que não lê, edição de três mil, de cinco mil livros é ridícula num país de cento e dez milhões de habitantes. E o editor que faz essa tiragem, já se vê como é medíocre, como não está predisposto a investir em publicidade, nem em nada pra vender o livro. É o típico editor que está apostando nos parentes e amigos do autor.

Não gastam nada esses editores. E aí, ficam chorando que não tem apoio da imprensa, dos distribuidores, dos livreiros e de ninguém. Os meus editores têm sido lamentáveis. “Navalha na carne” que era um bilhete premiado, vendeu tudo rapidamente, mas não teve reedição. A editora faliu sem me pagar direitos autorais. “Quebradas do Mundaréu”, a Nórdica vivia se queixando que não vendia, não vendia. Eu comprei dele mil livros e encerrei o papo. Vendi todos em dois meses nas faculdades.

E as pessoas nunca tinham escutado falar do livro. Depois disso, a Nórdica apareceu com uma proposta de cabo de esquadra. Eles vendiam o direito de edição para uma multinacional do livro tirar dez mil exemplares.

E nessa tiragem, eu ganharia dois e meio por cento do preço de capa. Uma piada. Que só mesmo autor novo e o Millor Fernandes aceitaram. A Símbolo, que ditou “Querô” e “Barrela” nos fez andar como caixeiros-viajantes pelas cidades do interior, dando autógrafos a troco de casa e comida, mas não fez publicidade nunca, não investiu em nada, a não ser numa batida verde que foi apelidada de batida de pinho sol, e numas bolachinhas. Mas, com essas excursões, eles vendiam bastante livros e livraram a parte da distribuição, que é quem fica com o ganho maior. Agora, eles saíram com um jornalzinho. E pra economizar, convidam os próprios escritores por ele editados pra escrever, provavelmente de graça, sobre seus próprios livros, ou sobre os méritos da editora. Então, eu não entro nessa e eles não falam dos

meus livros. O “Querô” ganhou o prêmio da Associação dos Críticos empatado com o livro do Dalton Trevisan, no ano passado. Mas, a Símbolo não toma conhecimento.

Não que prêmio tenha importância pra nós, escritores. Nós não somos cavalos de corrida pra ver quem chega em primeiro lugar. Mas, já que à nossa revelia se ganham prêmios, isso deve ser usado na publicidade pra ajudar a vender, porque isso nós queremos, vender o máximo possível para sermos lidos pelo maior número de pessoas. Essa editora não fala desse prêmio. Segundo um funcionário, é devido ao fato de que outros escritores da editora podem ficar melindrados, e que teve alguns até que foram lá se queixar que eu ganhei prêmio e eles não e tal, e deu até os nomes deles, mas isso é tão menor, que nem vale a pena lembrar.

Já o caso do “Abajur lilás” é outra história triste. A Brasiliense editou.

Mas, quando a peça foi proibida, eles ficaram com medo de soltar o livro. Medo de sofrerem represálias. Esse livro seria outro bilhete premiado. Mas, eles seguraram a edição por quase um ano e depois soltaram escondido, pra ninguém notar. A minha parte de direitos autorais tirei em livros nessa edição e vendi rapidinho. A deles provavelmente está encalhada. Ninguém sabe que o livro foi editado.

– Qual a vantagem de editar livro, se não é pra vender muito?

– A edição do livro é muito barata. E o “Abajur lilás” é prova disso. Quando a Brasiliense não queria soltar o livro, apareceu o Fernando Fazanielo, que se propôs a comprar o livro, tirar a capa e todas as folhas que tinham alguma referência à editora do Caio. A Brasiliense topou. E ainda aceitou vender pelo preço de custo. Esse preço não era mais do que dois cruzeiros e cinquenta. O Fernando fez o cálculo e viu que, mudando a capa e tudo, o preço de custo não iria passar de três cruzeiros. Era um bom negócio. Mas, na hora de selar o dinheiro, ele também fugiu da raia. A maioria dos editores não aposta dinheiro em livro.

– Então o que encarece tanto o livro?

– É justamente a distribuição, que está nas mãos de trustes e de mafiosos. Eles é que encarecem o livro. Aliás, em todos os setores, o atravessador é que encarece a vida. Desde o chuchu até o livro. Mas, contra isso, o editor brasileiro não luta. Eles tem medo. E não se unem, nem pra fazer uma distribuidora nacional para servir a eles. Ficam nas mãos dos trustes, dando carne pra leão. O negócio é assim. Os distribuidores...

O samba de São Paulo no Rio (Folha de S. Paulo – Edição de 8/6/1977. Página 35. Caderno Ilustrada)

O preconceito que o carioca tem contra o samba de São Paulo é muito sério. E foi pra acabar com essas mumunhas, pelo menos com um pouco dessas mumunhas, que juntei alguns dos muitos bons compositores das escolas de samba da Paulicéia e fomos lá no Teatro Opinião do Rio de Janeiro mostrar para os cariocas toda a embaixada de um Geraldão Filme, de um Toniquinho Batuqueiro, de um Silvio Modesto, de um Talismã, de Jangada e do regional do Evandro. O Zeca da Casa Verde só não foi por estar doente. Uma pena. Porque o Zeca da Casa Verde é de primeiro time. Primeiríssimo. Mas, nem por estar ausente o Zeca deixou de ser lembrado. Essa grande figura humana que é o Jair Rodrigues, cantor de muito

sucesso, não deixou de piar na parada como bom puxador de samba das Rosas de Ouro da Vila Brasilândia e cantar o samba-enredo da simpática escola dos irmãos Basílios, de autoria do Zeca. Claro que o público ficou empolgado. Aplaudiu muito o Jair, assim como aplaudiu muito o regional do Evandro, que a cada dia fica melhor.

*

Muito comovente foi receber logo que chegamos no Rio de Janeiro a carteirinha de sócio-participante do Grêmio Recreativo Arte Negra Escola Quilombo. Quem fez a entrega foi o Jorge Coutinho, em nome do Mestre-Candelas, que não pôde comparecer por motivos alheios à sua vontade. Mas, eles lá na Quilombo acompanham com muito interesse a nossa luta pela preservação das manifestações espontâneas do nosso povo. E é principalmente com essa finalidade que o Candelas e outros compositores fundaram a Quilombo. Eles acham, e têm toda razão, que o samba carioca está sendo desvirtuado, sofisticado, avacalhado pelas escolas, que se prestam ao triste papel de serem apenas atração turística. Estão combatendo essa distorção.

*

Sempre tem otário nas periferias do samba. Os paspalhos que gravitam em torno das artes sempre existiram e sempre vão existir. E um grupelho desse naipe queria dar início a uma guerra bairrista. Coitados. Bastou a coleguinha Helena Júnior, que está no Rio cobrindo a Seleção Brasileira, engrossar, para os otários locais meterem o galho dentro. Nem foi preciso a nossa patota chegar junto na dividida. O Helena Júnior sempre foi um incentivador do samba de São Paulo. Ele foi padrinho e ensaiador de um dos melhores conjuntos que já existiu por aqui, o Barra Funda. Já que estava no Rio de Janeiro, foi prestigiar a rapaziada. Como bom sujeito que é, se portou como um verdadeiro geraldino. Quase briga.

*

Os cariocas abriram a roda de samba com gente muito firme. Xangô da Mangueira, Nelson Cavaquinho, Baianinho da Em Cima Da Hora, com o Conjunto Exporta Samba, com essa maravilhosa sambista que é Ivone Lara, Zé Culca e outros. Uma parada federal esse time carioca. Todo formado por gente que sabe onde fica o buraco da lacraia. Eles fizeram e aconteceram. O público que lotava o teatro Opinião, a três de alto, onde nego se agarrava pelos picos pra não espirrar pelo ladrão, vibrou com o samba dessa gente.

*

Nós, paulistas, entramos no segundo tempo e encontramos o ambiente um pouco hostil. Os grupelhos bairristas queriam chiar. Porém (e sempre tem um porém), bastou o regional do Evandro mandar um chorinho em cima deles pra fazer a casa cair de aplausos. Esse regional é excelente.

*

Talismã, o Seu Mumu, foi o primeiro compositor a mostrar sua mercadoria. Com toda sua delicadeza, mandou ver e começou o abafa. Depois dele, foi a vez do Geraldão. Como gostaram do samba do negrão. Aí, já viu. O samba esquentou e

quem sabia do assunto chegou mais no pedaço. Entraram na roda Xangô, o maior partideiro do Brasil, e o Sílvio Modesto não se acanhou. Se o Xangô é o rei, o Sílvio Modesto é o príncipe dos partideiros. E foram ali no taco. Não houve vantagem pra nenhum. Ganhava o samba. E Beth Carvalho, Leni Andrade, João do Vale, Jair Rodrigues não puderam resistir. Entraram na roda e foram dando o recado. Mas, nós ainda tínhamos que mostrar o samba-macumba do Toniquinho Batuqueiro e o Jangada, um sambista de muito gabarito. Foi sucesso. Sucesso absoluto.

*

O pessoal do Teatro Opinião, Jorge Coutinho e o Bayer, organizadores das rodas de samba lá naquele teatro, afirmaram que sem dúvida nenhuma foi das melhores noites de samba que já aconteceram por lá nesses últimos quatro anos. Ginaldo de Souza, um dos organizadores do samba das seis e trinta, ficou encantado com nossa rapaziada e já que vão realizar o mesmo programa que estão fazendo no Rio de Janeiro, aqui na Paulicéia, quase certamente no Ginásio de Esportes do SESC, em cima do Teatro Anchieta, já estão contando com essa rapaziada que se apresentou lá no Opinião representando o samba de São Paulo.

Valdemar e Dagmar: por falta de cama (Folha de S. Paulo – Edição de 9/6/1977. Página 35. Caderno Ilustrada)

A quizila teve início no dia em que as botucas do Valdemar Alves, padeiro de profissão e paquerador por vocação, se ligaram no remelexo da Dagmar. Foi ver e vidrar. E da parte da Dagmar não teve muita escama. O Valdemar jogou o picaré de malha curta e ela se enredou. Daí, foi na base do agrião. Namoro nas esquinas escuras e patati-patata. Mas, não dava pedal. Tanto o rapaz, quanto a moça tinham saúde às baldas e logo ficaram a fim de mandar ver. Como o Valdemar era salário mínimo e como a vida anda custando os olhos da cara, e qualquer graninha gasta de brincadeira bagunça o orçamento, o Valdemar não vacilou em arrastar a Dagmar pra um pedaço esquisito dos caminhos do roçado do bom Deus. Lugar que ele sabia ser cavernoso demais pra aparecer a polícia e avacalhar a guerra. Mas, se até ele, que era trouxa sabia que a cana não comparecia naquela parte do planeta, os vagaus escolados nas catimbas também sabiam. E foi por aí que, nesse primeiro rounde [sic], a canoa foi a pique.

Estava Valdemar e Dagmar nos preparativos iniciais, quando uma patota piou na parada e deu a congesta. Assombrado com o arroxó, o Valdemar se rendeu sem briga. Diante da moleza, os gaturamas se serviram. Limparam o casal. De Valdemar, tomaram o relógio, a carteira com uns pixulês e o radinho de pilha, que ele tinha levado pra fazer fundo musical pro romance. Da Dagmar, os pilantrosos tomaram um par de brincos que ela tinha afanado da patroa justamente pra parecer mais bonita naquele encontro. Mas, mesmo ficando sem os badulaques, o casal ainda se considerou na proteção de Oxalá, porque os gaturamas não tocaram na Dagmar. Ficaram tão gratos ao orixá maior, que assim que se viram livres juraram fazer obrigação pro encantado. Besteira. Porque no caso Oxalá não dera nenhuma força. A Dagmar escapou do entruto unicamente porque os ladrões a acharam um bagulhão de desmoralizar vontade de qualquer homem. Mas, diante do Valdemar,

que estava gamado, a estia se dera por obra do seu axé. E tudo foi colocado na conta de Oxalá. Mas deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que, diante do acontecido, o matinho ficou queimado pra servir de ninho de burro pro Valdemar e pra Dagmar. E o casal, no “ora veja”, foi tentar noutra freguesia.

Se amoitaram numa barroqueira menos tihosa. Pra embalo de entendimento, deu. Mas, logo bateu sujeira. A polícia meteu as fuças e foi aquele escarcéu. A Dagmar estava sem documento. Os guanacos acharam que ela era de menor e encarçou o mingau. O Valdemar foi tentar conversar com os homens, mas era todo ruim pra esse tipo de charla. Deu um alô meio atravessado e se machucou. O policial se ouriçou com o papo do Valdemar e não deu arreglo. Arrastou o casal pra delegacia.

Um troço à toa virou escândalo. O delerusca não estava fácil naquela noite e azucrinou as ideias do Valdemar com um retumbante esculacho. Pra Dagmar, então, sobrou a parte ruim. Pra ela poder sair do belo, teve que telefonar pra patroa, que teve que levantar da cama, acordar o marido, pra ele ir buscar a empregada no distrito. Claro que teve broncas mil, sermões e outros babados. A Dagmar só não perdeu o emprego, porque a patroa não era do batente e sabia como andava difícil arranjar empregada de forno e fogão, roupa lavada e casa arrumada, que eram as qualidades da Dagmar. Porém, o que ela ouviu não foi pouco. A bruta se viu em papo de aranha. Foi até forçada a assinar recibo, prometendo não mais se encontrar com o Valdemar. E de tão apavorada, manteve o trato por algumas semanas.

Depois, relaxou e bochicho e o coração da Dagmar falou mais alto. Ela procurou o Valdemar e acertaram os ponteiros novamente. Acertaram do jeito deles. Pra amarrar os trapos de vez não deu. O Valdemar estava se agarrando em fio desencapado, catando lata e matando jacaré a beliscão. Não podia nem com ele sozinho, quanto mais com os dois. Isso posto, prosseguiram tentando o entendimento bíblico. Só que dessa vez, mais escolados, os dois se ligaram na Tabuada das Candongas do Mestre Zagaia, onde o velho cabo de esquadra diz:

– Em água que tem peral, calçara apalpa.

E se Mestre Zagaia falou, tá falado. E por essas e outras, o Valdemar esperou o fim do mês, recebeu o ordenado e saiu aplaudindo do terreno. Foi em mais de vinte hotéis da boca do lixo. Em nenhum conseguiu matrícula pra curta permanência. Só podia ser se fosse pra noite toda. E pra noite toda, não dava. A patroa da Dagmar tinha baixado regulamento nazista em cima da coitada que, de burrona que era, não estrilou, não mudou de emprego, nem nada. Engoliu enrolado e se acostumou a ser esparro. Até tinha medo de perder a chance de tramar na casa da madame. Sabe como é. A Dagmar tinha passado a existência comendo capim amargo pela raiz e não era muito cheia de ideia. Aliás, muito pelo contrário. Analfabeta de pai, mãe e vizinha, a coitadinha era a jegueira encarnada. Conformada com tudo. E nesse setor, o Valdemar nada fez pra lhe ajudar. Também era outro todo abilolado pela formação.

Em vez de espernear e obrigar a Dagmar a largar o serviço da tihosa madame, não. O Valdemar foi catituar um oco com os amigos. Falou com um, falou com outro e, por fim, achou uma boca. Era meio fajuta, mas pra ele dava. Quem se prontificou a quebrar o galho foi o Carlinhos das Tintas, que era pintor e estava se

chegando ao batente num apartamento de décimo andar no centro da cidade. Apartamento vazio. Esperando a pintura ficar pronta, pro novo inquilino se mudar. Pro Valdemar, era o fino. A miséria era que o Carlinhos das Tintas tinha raciocínio de jerico, não podia ver defunto sem chorar. Por isso, botou condição:

– Eu também quero.

Picado de raiva com o atrevimento, o Valdemar deu um chega-pra-lá no atrevido:

– A Dagmar é negócio meu e não tem divisão.

Mas, o baralho estava na mão do Carlinhos e ele bancava o jogo e cortava as cartas:

– Então nada feito. Não vou te trazer aí, me arriscar e ficar de vigia. Quero me tratar.

No desespero de uma vontade curtida há longo tempo, o Valdemar marcou bobeira e fez um trato besta:

– Tá bom. Eu mando a Dagmar te trazer uma amiga dela.

Pro Carlinhos das Tintas serviu e ficou selado entre os dois. O resto foi entre o Valdemar e a Dagmar. Ele, sem saber contar as coisas direito, só abriu a metade. Mandou a Dagmar levar uma mala, mas não disse pra que. A Dagmar, paspalha como era, não desconfiou de nenhuma xavecada⁹. Escalou uma menina de quinze anos, recentemente chegada do norte pra trabalhar numa casa de bacana vizinha à da patroa da Dagmar. Assanhada pra passear, a menina topou o convite.

No domingo, à tarde, o Valdemar, a Dagmar e a menina se apresentaram no apartamento em que o Carlinhos das Tintas estava de plantão, desbaratinando que trampava até no domingo. Sem rodeio, entraram. E, depois do “muito prazer”, sem pedir licença, o Valdemar levou a Dagmar pra um dos quartos e trancou a porta. Na sala, o Carlinhos das Tintas, sem a mínima consideração, avançou na menina. Não prestou. Assustada, a menina gritou, chorou, implorou. Mas, neca do Valdemar e a da Dagmar escutarem. Furioso, o Carlinhos das Tintas deu uma biaba pra fazer a menina sossegar.

Piorou a situação. Aflita, apavorada, correndo de um lado pra outro como barata tonta, a menina, perseguida pelo Carlinhos das Tintas, pra fugir, se atirou pela janela. Tombo de dez andares estapora qualquer um. E o Valdemar, a Dagmar e o Carlinhos das Tintas entraram em pua. Tudo porque hoteleco não recebe casal por curta permanência.

As cartas não mentem jamais (Folha de S. Paulo – Edição de 10/6/1977. Página 31. Caderno Ilustrada)

As cartas não mentem jamais, já dizia a cigana pra Manolita, numa velha canção que de repente me ressoa na memória como um eco da infância. A cigana certamente falava das cartas de baralho. Muito provavelmente, das cartas de Tarô, que é a ferramenta de trabalho de tudo quanto é cartomante que transa pelos estreitos, escamosos e esquisitos caminhos do bom Deus. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que a literatura que parece registrar a realidade da vida brasileira nos tristes dias que correm é a das cartas.

⁹ Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecada”.

Nos falta liberdade de expressão nos jornais, nas revistas, no cinema, no teatro, no rádio e na televisão e então aparecem as cartas. Escritas por gente que talvez nunca tenha tido a intenção de escrever para quem agora dirigem suas missivas seladas pelo desespero. E mesmo as cartas são censuradas, apreendidas, sendo também tolhida a ação dos carteiros. Mas, mesmo assim as cartas vão sendo abertas, escancaradas e vamos vendo, pálidos de espanto, que elas não mentem sobre a desesperadora realidade brasileira. Quem as escreve são pessoas que só pedem justiça. Gente que acreditou que um regime autoritário poderia fazer a Nação brasileira se desenvolver e que agora, enfim, percebe que o progresso do povo só pode ser feito por um poder de justiça, por um poder sem armas, sem instrumentos de exceção. Instrumento esse que só serve a quem o maneja e nunca à pátria do povo.

Ninguém vai ter coragem de dizer que o coronel reformado José Sales de Andrade e Souza não é um homem de bem. Ele, lá em São Luís do Maranhão, é pessoa respeitadíssima justamente por seu caráter enérgico, franco, honesto. E por todos esses méritos, o ex-coronel ocupou cargos de confiança nos governos do movimento de 64. Porém (e sempre tem um porém), o coronel reformado abre seus olhos e vê que é necessário justiça. Com os créditos que seus serviços prestados lhe conferem, escreve uma carta reservada ao chefe do Governo, o general Geisel.

Passam-se os dias e os meses e em vão o ex-coronel espera a resposta. Homem brioso, não se considera desfeito por seu correio não ter retorno. Se aflige é por ver que as providências que pedia ao general Geisel não são tomadas e a falta de justiça, que é pelo que ele reclama, vai tornando a situação cada vez mais aflitiva. Então, abre a carta num jornal. E aí tem a resposta imediata por esse seu gesto. É preciso. Mas, não vacila em escrever outra carta, agradecendo a pronta resposta que teve dessa vez. Nela, ele afirma que: “Os homens honestos vão para a cadeia, enquanto que os desonestos são enaltecidos e premiados pelas autoridades constituídas”. Denuncia o ex-coronel José Sales de Andrade e Souza a total inversão de valores que existe no Brasil de hoje. E isso infelizmente é verdade.

Também o sr. Paulo Pimentel, ex-governador do Paraná depois do ano de 1964, escreve uma carta que, por ter certeza de que será lida e respondida, mesmo que a resposta seja a mesma que deram ao ex-coronel, manda aberta, para o senhor ministro da Educação e Cultura. O senhor Paulo Pimentel, seus amigos, as empresas das quais fazem parte, estão sofrendo implacável perseguição que ele não faz cerimônia de classificar de mesquinha, ridícula e absurda, além de profundamente grosseira. Sente o senhor Paulo Pimentel que no Paraná, onde ele foi governo, passou apenas a ter os ônus de cidadão a quem não se reconhece mais nenhum direito. E isso tudo por causa de intrigas políticas locais, que o levaram a romper com o ministro Nei Braga, que é a quem acusa de ser o responsável por essa perseguição. Já não crê na Justiça o senhor Paulo Pimentel e isso é evidente em sua carta e reflete a descrença de milhões de brasileiros. E isso infelizmente é verdade.

Pateticamente, a senhora Terezinha Zerbini, uma das baluartes pelo movimento de anistia aos presos políticos, é impedida de entregar uma carta à senhora Carter, primeira-dama dos Estados Unidos. Nessa carta, a sempre digna senhora Terezinha Zerbini não pedia nada, não fazia nenhuma denúncia para a

senhora Carter. Apenas expressava a admiração da mulher brasileira por Rosalynn Carter. Mas, essa carta não pode ser entregue. Impediram a valente senhora Terezinha Zerbini de entregá-la. Mas, essa carta também reflete a realidade brasileira. São muitas e muitas as mensagens que são impedidas pela Censura da Polícia Federal de chegarem ao seu destino, o povo.

E tem também a carta dos estudantes de Brasília à senhora Carter. Os moços falam à primeira dama da grande potência a respeito da falta de respeito humano em nosso País. A nossa juventude, sequiosa de justiça, sem saber a quem recorrer, vai a essa senhora americana mostrar a realidade lamentável do nosso País. Do País que eles amam muito. Essa carta é quase um pedido de socorro. Nossa juventude se debate desesperadamente pra não desacreditar na justiça, pra não perder a fé na humanidade. Essa carta dos estudantes de Brasília reflete os temores de toda a lúcida mocidade brasileira. Infelizmente, isso é verdade.

E os fatos que os jornais escancaram como corriqueiros atestam tudo isso. Digo corriqueiros atestam tudo isso. Digo corriqueiros porque são casos que já não impressionam ninguém. E tanto não impressionam, que nem são censurados, apesar de serem casos que dão a medida da realidade em nosso país, coisa que a censura cada vez mais se esforça por impedir. Falo de torturas a presos. E não estou falando de presos políticos apenas. Estou falando de presos comuns. Parece que a tortura nesses casos já vai sendo considerada uma norma da polícia pela população descrente de Justiça ao ponto de ninguém se assombrar. Mas, essa prática é uma anomalia que ofende os direitos humanos de forma profunda. Mas, já se fala na tortura aos presos comuns sem constrangimento.

E o caso Tino, um alcaguete de tiras que foi assassinado numa operação queima de arquivo por estar envolvido em muita corrupção com maus policiais, mas que antes de ser mandado pro bebeléu entregou, ao que parece, seus parceiros de trampolinagem, mais uma vez deixa claro que existe tortura. A ex-agente federal conhecida por Lucinha, que foi expulsa da polícia por corrupção e que foi acusada de estar envolvida no assassinato do Tino, andou fugindo e por fim deu uma entrevista a um brilhante repórter, eficiente em localizar fugitivos que a polícia não acha. Nessa entrevista, a Lucinha diz que não tem nada que ver com o crime. Mas, que tinha medo de se apresentar à polícia e ser torturada pra confessar sua participação no assassinato. E quando o médico tem medo do remédio que aplicou em seus clientes, ou que viu aplicarem nos hospitais onde trabalhou, é que as drogas que se receitam lá é veneno puro. E se essa ex-agente Lucinha tem medo de, ao ser presa, ser torturada, é porque sabe que é assim que a polícia arranca a grande maioria de confissões.

Agora aqueles que pegam a pior, que só comem da banda podre, que moram nas beiras do rio e quase se afogam toda vez que chove, que só berram da geral sem nunca influir no resultado, além de toda a miséria que os afligem, ainda tem a angústia, o pavor de serem presos, mesmo sem estarem devendo nada. Eles sabem, como nós sabemos, que as leis não protegem nenhum cidadão das arbitrariedades das autoridades, que têm instrumentos que as investem de poder soberano. Qualquer um pode ser preso sob qualquer pretexto, a qualquer hora e por qualquer suspeição, ser interrogado pelos métodos que a ex-agente federal teme e

ser obrigado a confessar faltas que não cometeu e pagar por crimes que não praticou.

Bem, as cartas do ex-coronel, do ex-governador do Paraná, da baluarte da anistia aos presos políticos e a dos estudantes de Brasília refletem a descrença do povo nos princípios de Justiça. E um povo que vive em constante apreensão obviamente não pode se desenvolver. E é isso que as cartas dizem: E é urgente nossa necessidade de justiça.

O Poeta da Vila (E do Brasil) (Folha de S. Paulo – Edição de 11/6/1977. Página 25. Caderno Ilustrada)

Eu tentei fazer musical brasileiro. Ou melhor dizendo, tentei escrever um roteiro para um musical bem brasileiro. E acho que consegui, pelos resultados do espetáculo dirigido pelos Osmar Rodrigues Cruz, com cenários de Flávio Império e com um elenco de atores, cantores, músicos e bailarinos de primeiríssima qualidade. E digo que consegui pela reação do público que tem superlotado o teatro todas as noites e pela opinião de gente que realmente entende de musicais e que não vai ao teatro com preconceitos e nem quer impor ao artista uma ditadura que o obrigue a escrever peças sempre num estilo. Mas, deixa isso pra lá.

O que quero dizer e o que pesa na balança é que, quando o Osmar Rodrigues Cruz me convidou pra escrever a vida do Noel Rosa para o Teatro Popular do SESI, estava evidente que, tratando-se do grande compositor, só poderia ser um musical. E eu comecei logo a pensar em fazer alguma coisa bem brasileira.

O grande espetáculo musical brasileiro é sem dúvida a escola de samba. Apoiado na estrutura das escolas de samba, comecei a armar o enredo da vida do poeta da vila, como se fosse para um desfile. Bolei a Ala das Mulheres da Lapa, Ala dos Sujos, Ala do Tango de cabaré, Ala dos Boêmios de Botequim, Ala dos Fenianos. Depois boleei os destaques. Porém (e sempre tem um porém), como o espetáculo não era para sambistas desfilarem na rua e, sim, para atores interpretarem num palco, fiz a ligação das alas com textos tirados de depoimentos de pessoas que conviveram com o Noel e dele mesmo a jornais que encontrei nos arquivos de um dos maiores historiadores da música popular brasileira, que é José Ramos Tinhorão. Aí, fiquei um pouco em dúvida com a estrutura que boleei. Ficava meio esquema de teatro de revista, meio enredo de escola de samba.

Mas, como os dois gêneros têm lá suas coincidências, agi como se age nos dois casos. Entreguei o roteiro para o diretor. Como entregaria o enredo para os diretores de carnaval de uma escola. Chamei de roteiro, não porque achasse menor esse gênero, mas porque era realmente apenas um roteiro para um espetáculo musical. E foi certo disso que entreguei ao Osmar, sem maiores comentários e sem teorizar.

Ele aprovou o roteiro e chamou o Flávio Império para fazer os cenários e figurinos. Esse, de saída, não gostou do roteiro. Mas, eu nem discuti com ele. Sabia que ele ia ao Rio de Janeiro ver desfile de escola de samba e apostei na sua sensibilidade. Ganhei. O Flávio voltou entusiasmado. Criando muito. Não sei se consciente como se fosse botar um carnaval na rua. E nesse ponto, justiça se faça ao Osmar Rodrigues Cruz. Ele é lindo. Quem trabalha com ele só não cria

livremente por incompetência. E nesse espetáculo, o Osmar funcionava como um verdadeiro diretor de carnaval de escola de samba. Ia organizando as alas a medida em que a escola ia se armando e ele sentia a necessidade de harmonia. Foi ótimo. E o grande responsável pelo sucesso desse espetáculo que até ousou chamar de criação coletiva.

Sucesso atestado pelo público que superlota todas as noites o teatro e aplaude delirantemente e em pé no final do espetáculo. Sucesso também atestado por quem é de escola de samba, como o Marco Aurélio Jangada, um dos maiores entendidos no assunto em todo o Brasil, pelo Geraldão, pelo Talismã, pelo Juarez da Cruz da Mocidade Alegre, por alguns membros da ala de compositores do Vai-Vai, que até escolheram como enredo da sua escola a vida de Noel Rosa. E também pela opinião de gente que está no meio dos espetáculos musicais como o Fernando Faro e Zé Ramos Tinhorão.

Agora, é claro que, quando se tenta nacionalizar e popularizar a cultura no Brasil, se encontra muita oposição. Não é fácil.

Já desde os tempos de Leopoldo Fróes essas coisas davam muita polêmica e os intelectuais elitistas tentavam bloquear. Ainda outra noite, no Gigetto, o Genial Procópio Ferreira me contava o que foi a luta do magnífico homem de teatro Leopoldo Fróes para acabar com o sotaque de português nos palcos brasileiros.

Sotaque português em ator brasileiro hoje parece o máximo da cafonice. Mas na época do grande Leopoldo Fróes era o fino.

Pra todos menos para ao genial Leopoldo Fróes, que além de grande homem de teatro, era um grande patriota e via que esse sotaque era elitismo imposto pelos colonialistas e aceito pelos intelectuais frágeis e bajuladores e que afastava o homem comum do teatro. O Leopoldo Fróes achava que o ator brasileiro devia se abrasilizar pra falar como o vizinho do homem comum, para ser reconhecido pelo homem comum. Ninguém hoje em dia tem consciência vai negar a razão do Leopoldo Fróes. Mesmo porque ele ganhou a parada. Porém (e sempre tem um porém), na época, o Leopoldo Fróes sofreu muito.

Os críticos, sempre ligados à cultura oficial, conseguiram, com campanhas sistemáticas e com auxílio de colegas de teatro do genial ator, colegas medíocres e fofoqueiros, afastá-lo da Comédia Nacional. O Leopoldo Fróes sofreu mais que a mãe do porco-espinho na hora do parto.

Mas, acabou impondo seu ponto de vista. Porque o público, único válido e grande juiz do artista, lhe deu razão. Assim como o público que lota todas as noites o Teatro Popular do SESI está dando-nos razão, embora alguns críticos de jornais e revistas estejam contra. Eles não conseguem desvincular-se dos padrões artísticos e culturais importados quando analisam um espetáculo brasileiro com origens na cultura popular.

Resposta depressa: quem foi Noel Rosa? (Folha de S. Paulo – Edição de 13/6/1977. Página 23. Caderno Ilustrada)

E de repente, o repórter chega perto de mim lá no Teatro Popular do SESI. E me diz baixinho:

– Eu preciso entrevistar algumas pessoas do elenco. Mas me dá uma dica sobre Noel Rosa. Ele foi o quê?
– Compositor. Você não sabia?
– Não.
– Nunca ouviu falar?
– Não.
– Você é repórter?
– Sou.
– Formado em Faculdade de Comunicação?
– É.
– E nunca escutou falar em Noel Rosa?
– Vagamente.
– Sei como é que é. Mas, assista à peça. Nela a gente conta a história do Poeta da Vila e seus amores. Depois você faz a entrevista.

A equipe de reportagem de um canal de televisão arma seus aparelhos na sala de espera do Teatro Popular do SESI. No final do espetáculo, o público vai saindo e eles ligam luz, câmera, microfones e começam as entrevistas:

– Gostou?
– Gostei.
– Mais da música, ou mais da história?
– A história é bonita e a música também.
– Você sabia quem era Noel Rosa?
– É o personagem da peça. Fazia música.
– Antes de vir aqui, você já tinha escutado falar nele?
– Não. Nunca.
– Nem tinha escutado música dele?
– Não.
– Você escuta rádio?
– Escuto sempre.
– Vê televisão?
– Vejo.
– Curte música?
– Demais.
– E não sabia quem era Noel Rosa?
– Não.

O repórter da televisão fez esse tipo de pergunta para umas trinta pessoas. Vinte delas nunca tinham ouvido falar em Noel Rosa antes de assistirem à peça.

*

Somos um povo sem memória. E isso é triste, é grave. Um pouco sem memória não tem consciência de si mesmo. E um pouco sem consciência de si mesmo jamais será um pouco livre.

*

Noel Medeiros Rosa foi sem dúvida nenhuma um dos maiores compositores de todos os tempos. No entanto, nas nossas escolas, nas nossas rádios, nas nossas

televisões, não se aprende quem são nossos grandes artistas. Por isso é que se encontra por aí tanto brasileiro com vergonha de si mesmo.

*

Quando falamos que nossos veículos de comunicação estão praticamente ocupados pela importação de cultura de consumo e que isso descaracteriza o nosso homem comum e esmaga nossas formas de expressão mais autênticas, muita gente fina acha que é tudo um exagero. Acontece que os cento e setenta filmes importados por semana, as milhares de músicas estrangeiras que tocam diariamente nas rádios, a lamentável situação do nosso cinema, que só tem direito a um terço do nosso mercado interno e as milhares de publicações estrangeiras em quadrinhos e tal e coisa estão nos reduzindo a um povo sem nenhum orgulho por si. E isso é uma questão de segurança nacional.

*

Quem devia zelar por essa violenta subversão que sofre nosso povo através da cultura importada, subversão que nos amesquinha, que esmaga as nossas manifestações espontâneas, as nossas raízes culturais, sem dúvida nenhuma seria o próprio governo. Mas, o governo, como já deixou claro mil e uma vezes, não está nem um pouco interessado na grandiosidade do povo. Faz tudo para regular o povo e os artistas do povo, com sua censura policial. Pouco se incomoda que o povo se descaracterize, perca o orgulho de si mesmo, fique desfibrado. Aliás, parece que isso é o que melhor convém a quem pretende governar de cima pra baixo, eternamente e impedir que o povo, consciente de si faça sua própria história.

*

Além do governo, competiria aos intelectuais e artistas zelarem pela preservação da cultura do povo e pelas suas manifestações espontâneas. Porém (e sempre tem um porém), os intelectuais e artistas de país subdesenvolvido e colonizado, como o Brasil, são sempre marginais de classe média querendo ganhar status através da cultura. E desconhecem a cultura do povo. É gente que, do jardim da infância até a faculdade, aprendeu por padrões sociais, culturais e artísticos importados, padrões tidos e havidos como universais, mas que não incluem os valores dos povos que lutam pra formarem uma nação independente. E essa gente que tem essa formação, quando vai pra junto do povo, é para paternalisticamente impor seus valores culturais universalistas e nunca pra incentivar o povo a preservar sua cultura e fazer sua história.

*

Por isso tudo se diz que a cultura nas mãos dos poderosos constrange mais do que as armas. E o povo brasileiro está aí pra não deixar ninguém me desmentir. Não sabem quem foi Noel Rosa. Nunca escutaram falar desse magnífico poeta e nem de outros tantos artistas que amariam, se os conhecessem. E orgulhosos deles, inspirados em suas obras, não se deixariam amesquinhar tão mansamente em tanta miséria, como estão atualmente.

Sufoco está acabando com a criatividade (Folha de S. Paulo – Edição de 14/6/1977. Página 35. Caderno Ilustrada)

Minha filha resolve assistir ao programa dos Trapalhões. E eu, que estou com ela no colo, continuo diante da televisão. Claro que nem eu, nem minha filha conseguimos achar graça do texto que os atores dizem. Entretanto, como é uma preparação pra entrada do Renato Aragão, espero impaciente que ele apareça. Conheço esse tipo de comico. O esquema deles não muda: uma xaropada feita por seus coadjuvantes os antecede para que eles, ao entrarem, consigam impressionar o público. Nessa base: o comico é tão engraçado que o programa só tem interesse quando ele aparece. Fora dele não há salvação. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que, de repente, no meio de uma grande algazarra, surge o Renato Aragão, com um ator negro que tenta lhe impedir a entrada. Poeira sem graça. Mas tudo bem. Até que o Renato tira uma banana do bolso e oferece ao negro. Esse a recusa indignado. E o Renato, pensando que está abafando, sai com uma frase de entortar o patuá:

– Mas que é isso? Eu tenho lá na árvore de casa um bicho parecidinho com você que é doido por banana.

Apelação grotesca, profundamente ofensiva à sensibilidade, ao bom gosto, aos direitos humanos, ofensiva a uma raça que a Globo, com o aval da Censura Federal, coloca no ar em horário dedicado às nossas crianças. Que triste situação a da nossa nação! A inversão de valores é total. Enquanto a Censura Federal regula a informação, os debates sociais, as novelas que abordem assuntos da realidade, chegando ao absurdo de proibir uma discussão de dois atores (cena que antecedia o enfarte de um deles) só porque um chama o outro de reacionário, no entanto permite uma terrível ofensa a toda uma raça. A Censura, com seus cortes sem nexos, com sua patética tutela, está levando nossos artistas aos limites da falta de imaginação. Jamais, num país civilizado, um comediante grande ou pequeno faria alusões racistas, como essa do Renato Aragão, impunemente.

Humor

A tradição dos nossos humoristas sempre foi a de ridicularizar os poderosos e os prepotentes. Nunca, nenhum humorista que se prezasse faria suas piadas contra oprimidos e perdedores. Porém (e sempre tem um porém), as coisas mudaram. E o que se vê na televisão são as lamentáveis imitações das aberrações humanas. Caricaturas de homens afeminados ou mulheres masculinizadas, ofensas a raças e tal e coisa e coisa e louza. Ninguém fala do custo de vida, da falta dos gêneros alimentícios, não saem piadas sobre políticos e nem sobre governantes. Essas aparecem nas quebradas do mundaréu e nas encolhas. E são muitas e contundentes. Mas, no rádio, na televisão, cinema e teatro, só há pornochanchada.

O imitador

Outro dia, encontrei um grande imitador, artista de muitos méritos que se aposentou por desencanto. Quis incentivá-lo a voltar:

– Você é muito bom pra parar. Tem que continuar.

Ele sacudiu a cabeça desolado:

- Não dá. Morreu todo o meu elenco.
 - Como assim?
 - Morreu o Ademar, o Getúlio, o Dutra, o Juscelino, o Lacerda, o Jango. Não sobrou o meu elenco.
 - Mas você podia arrumar outros tipos. Tem uns aí que bem imitados seriam a alegria do circo.
 - Eu sei. Só que não sou doido. Os que ficaram não são de aguentar brincadeira. Podia imitar os cassados. Mas isso seria covardia. Humorista que se preza não dá paulada em defunto. Prefiro desistir do ofício. Sabe, acabou o humor brasileiro.
- Falou quem conhece o assunto.

Futebol

Mas, não é só em matéria de humor que nossos artistas perderam a imaginação. No futebol, mas dirigidos por cartolas autoritários e de pouca visão, mas orientados taticamente por treineiros prepotentes e totalmente desvinculados da realidade do jogo de bola, o que se vê em campo, quando entra nossa Seleção, é um amontoado de jogadores sem nenhuma criatividade. Luís Pereira, por exemplo, que é tido como super-craque, joga de beque e se manda pra frente. Atrapalha atacantes e não marca ninguém. Se os alemães fossem metade do que dizem deles, domingo no Maracanã teriam ensacado nossa Seleção e seria justamente ali na lomba do Luís Pereira. Já o Zico, por quem a crônica carioca faz das tripas coração, dá umas vaciladas dignas de um cabeçote de bagre de juvenil. Domingo, cara a cara com o goleiro alemão, ele parou pra olhar pro bandeirinha pra ver se ele estava dando impedimento ou não. Não estava. Mas, foi só o boboca do Zico dar a olhadinha pro goleiro alemão lhe tomar a bola. Ingênuos e sem criatividade estão ficando nossos jogadores e nossos artistas. Reflexo de como anda nosso povo: sufocado pela falta de liberdade de espaço.

Contestando Aracy: Noel era um suicida (Folha de S. Paulo – Edição de 15/6/1977. Página 31. Caderno Ilustrada)

Entra no Fantástico o que poderíamos chamar de trailer da peça “O Poeta da Vila e seus amores”. O locutor avisa que a peça está provocando polêmica porque algumas personagens são baseadas em pessoas que ainda estão vivas e tal e coisa e coisa e lousa. E aí, num corte muito bonito, passam de uma cena do espetáculo para um depoimento da sempre lembrada e querida Marília Batista, cantora que disputava com Aracy de Almeida as honras de ser a predileta do Noel Rosa. Existem controvérsias. Há os que juram pela luz que os ilumina que o Poeta da Vila preferia a Marília e outros, que a favorita era a Aracy. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que perguntam pra Marília se Noel teria sido um suicida. E ela afirma que não. Diz, mais ou menos com essas palavras, que um poeta tão sensível, que soube tão bem compreender a alma do seu povo, que viveu para o amor, não seria um suicida, pois ele gostava muito de viver.

Talvez a Marília, que comprovadamente foi muito amiga do Noel, quisesse, ao dar esse depoimento, preservar a memória do poeta. Ou talvez a grande cantora

veja o mundo por uma ótica romântica demais da conta. Porque pra mim, que vejo as coisas com realismo, o Noel foi um suicida. Se não, vejamos. Um cidadão que estuda até o segundo ano de Medicina, que pega uma tuberculose devido ao fato de se alimentar mal e levar uma vida desregrada, que é advertido pelo médico Edgar Graça Melo (pai do ator Graça Melo e avô do Paulo Graça, que faleceu vítima de um desastre de automóvel, quando voltava de um espetáculo da minha peça “Dois perdidos numa noite suja”. Isso só conto a título de curiosidade.) de que devia se cuidar e que no entanto continua bebendo e encarando boemia, só pode ser um cidadão que está querendo se findar.

Porém (e sempre tem um porém), há mais fatos que atestam que o Noel era um suicida. Consta que ele, quando era estudante, tentou o suicídio uma vez, porque os seus colegas o chamavam de Queixinho. Esse apelido ele devia a um defeito físico proveniente do parto complicado. Mais ainda: o pai de Noel Rosa se suicidou e sua avó também.

Sei que existem muitas versões para vários acontecimentos da vida do genial compositor de Feitiço da Vila. No entanto, eu, que não tive a intenção de apurar a verdade, me baseei apenas em depoimentos dados a jornais por pessoas que conviveram com ele intimamente. Então, há lances desse naipe: vem uma pessoa respeitável, digna de crédito e tudo o mais, e afirma que o compositor que se achava presente na hora em que o Noel morreu era o Orestes Barbosa. Mas, vem a Ceci, uma das suas grandes paixões, e diz que o compositor presente era o Vadico. E vai além. Diz que o Vadico a procurou e lhe deu a notícia da morte do poeta, dizendo-lhe que o Noel lhe tinha dado uma letra pra música na qual ele tinha sido um pouco duro com ela. E diz que ela deveria escolher quem deveria gravar. E a Ceci, segundo ela mesma, escolheu a Aracy de Almeida. Essa música seria Último Desejo, da qual não consta o nome do Vadico nos créditos do selo do disco. Como na nossa peça entra a Ceci, eu me limitei a transcrever o que ela narrou. Porque não creio que se possa agora apurar a verdade desses detalhes, uma vez que muita gente, depois da morte do poeta, se apresentou como grande amigo do falecido e contou muitas coisas que têm até causado confusão quanto à personalidade do Noel Rosa.

Por essas e outras, não fiz questão nem de apurar quem contava a verdade, nem me preocupei com a ordem cronológica dos fatos. O que fiz absoluta questão (e acredito que consegui) foi captar as características da sua personalidade, seu sofrimento, sua amargura, dissimulada na boemia. E se fiz isso, foi por amor e respeito a esse grande poeta da música popular brasileira. Lamento que tão genial poeta tenha desaparecido tão cedo. Ele, que foi um artista tão fértil, poderia ter feito muito mais, sem dúvida.

E já que estamos mais uma vez falando do espetáculo Poeta da Vila e seus amores, quero avisar a todos que me procuram, por carta ou pessoalmente, reclamando a falta de uma ou de outra música do Noel Rosa, que por mais que nós quiséssemos, não seria possível atender à preferência de todos. Noel, embora tenha morrido muito cedo, deixou mais de quatrocentas músicas. Aí, já viu. Seriam oito ou nove horas de espetáculo.

Quando ao Vadico, há quem diga que ele é o grande injustiçado da música popular brasileira. Isso por ter sido ele um excelente compositor e ser praticamente

desconhecido no Brasil. Mas, eu também discordo disso. Não é só o Vadico que sofre essa injustiça. No Brasil, ninguém dá importância ao compositor. O Wilson Batista, que aparece na peça na polêmica que teve com o Noel, é completamente desconhecido. Existem pessoas, e não são poucas, que me perguntam se fui eu que inventei o Wilson. Mas, o próprio Noel, em seu tempo, afirmava que autor nacional é sinônimo de músico sem apoio. E como eu contei aqui outro dia, mesmo ele, Noel, é desconhecido para a maioria das pessoas que vão ver o espetáculo do Teatro Popular do SESI.

Um pequeno diálogo com meu filho Nado (Folha de S. Paulo – Edição de 16/6/1977. Página 39. Caderno Ilustrada)

Um filho Leonardo de doze anos, um bom zagueiro de área, chega pra mim e declara:

- Pai, vou ser escritor de contestação.
- Vai ser o primeiro beque do mundo a escrever alguma coisa.
- Vou.
- E sobre o quê você vai escrever?
- Sobre nossa família.
- Bom assunto. Você conhece bem nós todos e pode nos retratar com muita verdade.
- É.
- Só que tem um porém.
- Sempre tem um porém.
- É isso aí. E o porém desse caso é que, se eu não gostar da tua história, tu leva um cascudo.
- E se você gostar, o que eu ganho?
- Um cascudo.
- Mas qual é?
- Sabe, garotão, escritor de contestação, quando agrada, é um lixo e só merece cascudo. Mas quando acerta, incomoda muita gente e recebe montes de cascudos.
- É duro então?
- Se fosse mole, tinha um monte de gente na parada. Mas, muito mais duro é meter o galho dentro e não escrever absolutamente sobre o que se acredita. A censura é um constante cascudo em que critica a sociedade, em quem não se acomoda. Mas, eu, filho, falo isso pra você, que encontro por aí. Nunca se acanhe em dar o seu recado sincero, seu depoimento honesto, em dizer as coisas nas quais você acredita. E só as diga se tiver coragem de correr os ricos provenientes dessas coisas que você disser. Se você sempre fizer isso, será um bamba. Será sem dúvida um grande homem, sendo escritor, ou em qualquer outro ofício, até como becão de impor respeito na área e nunca ser candidato a Prêmio Belfort Duarte, que é o prêmio que dão para os craques que não sofrem punição durante dez anos de carreira. Porque isso, Moisés, não o profeta, mas o beque do Corinthians, já disse e bem: Zagueiro que se presa não ganha Belfort Duarte. Entendeu?
- Entendi. Mas se sair ruim o que eu fizer?

– O importante é tentar com todas as forças. Sem nunca desanimar. Se errar, errou. Sai pra outra. Um dia emplaca. Aí é que é perigoso. O sucesso corrompe. O fracasso só esmaga os fracos, sem fibra, coisa que você não é. Mas o sucesso, meu filhote, engole até os gênios, quando eles não estão a serviço único do seu povo, no convívio diário com ele, no meio dele, com o coração e os olhos nele. Irmanado com o povo, você se defenderá sempre do sucesso. Desvinculado do povo, você se envolverá com os brilharecos e foguetórios e acabará acreditando que possa existir algum sucesso que não seja o dos pães repartidos fraternalmente por toda a humanidade.

– Mas você não faz sucesso?

– Apareço. É isso aí. Apareço, porque combato, porque eu e sua mãe não temos medo de correr riscos. Porque sempre respeitamos muito você, o Kiko e a Aninha e nunca fugimos das responsabilidades que temos pelas nossas crenças, alegando que temos você pra criar. Nós temos chegado juntos nas bolas divididas. E isso faz a gente aparecer às vezes.

– Você tem medo do sucesso?

– Já tive, quando estourou “Dois perdidos numa noite suja”. Apesar de eu já ter fracassado muito, tive medo. Era muita gente querendo paternalizar, gente querendo me fazer acreditar que eu estava com a bola cheia, muita festa, muito prêmio. Aí, a gente balança. A gente se segura, se crê de verdade no que se crê, se a gente acha que é mais valorosa a derrota suando a camisa do time da gente do que ganhando todas no mole do lado dos campeões. Escolhi ficar no meu time e desci o cacete nos campeões. Claro, eles batem duro. Mas, a gente aguenta cada vez mais e aí aparece.

– O nosso time outro dia perdeu de cinco a zero.

– Coisas do jogo.

– Vai ter revanche domingo.

– Eu vou assistir.

– Eles são bons.

– Se não fosse, não dava graça. Ganhar de cabeça de bagre é coisa pra otário.

– É.

– Então entra firme.

– Vou entrar. Tchau.

– Tchau. Que Deus te guarde e guie e te dê forças pra encarar os riscos que você vai ter que correr na tua vida. Porque meu amor por ti, sobretudo pelo grande amor que tenho por ti, não poderá te preservar desses riscos.

Respondendo à freguesia (Folha de S. Paulo – Edição de 18/6/1977. Página 27. Caderno Ilustrada)

Dr. Fernando Fonseca Nogueira (R. Sete de Setembro, 36, Colina, S. P.) – ... “Fiquei sabendo pelo artigo Máfia do Livro, que você tem seis livros editados. Poderia, se possível, me enviar os 6 livros”...

O senhor vê, doutor, a máfia do livro apaga a gente o mais que pode. Não divulgam, nem distribuem direito nossos livros. Porém (e sempre tem um porém), não tenho livros comigo pra lhe mandar. Mas, muito obrigado pelo interesse.

Mauro Pires (São João da Boa Vista) – ... “Dizem que ‘Santo de casa não faz milagre’, mas Tietê é contra esse ditado popular, pois realiza todos os anos – no mês de agosto – A Semana Cornélio Pires, constituída de diversas atrações, todas de cunho folclórico, não fosse ele o Bandeirante do folclórico, não fosse ele o Bandeirante do folclore paulista”...

Mauro, sou fã do seu tio Cornélio. Em agosto, estaremos lá em Tietê, que tem cadeia nova / porque a Mariquinha, coitadinha, é criminosa. E segunda-feira, meu chapa, estarei aí em São João na Semana Guiomar Novaes. Vai me ver lá, velho amigo.

Prof. Antônio Honfeldt (Porto Alegre) – “Com um abraço”.

Muito obrigado, professor, pelo envio do suplemento do Correio do Povo (caderno de sábado) e sobretudo pelo estudo sobre meus livros que o senhor publicou. Pode crer que suas observações serão de grande valia pra mim.

Linda da S. Coelho (r. Marajoares, 139, Lapa) – “Você pode me ajudar?”

Um escritor, Linda, se faz escrevendo. E não há como ajudá-lo. Ele tem que ter coragem para encarar a solidão e fibra pra escrever, escrever sempre, sem nunca desaminar, nem quando não exista a esperança imediata de publicar. O escritor de verdade escreve por necessidade de escrever, não de leitores. Esses vêm depois naturalmente.

Carlos Cesar Freitas (R. Barão de Passos, 12, Passos, M.G.) – “Estou lhe enviando alguns recortes do jornal onde trabalho como colunista. Peço desculpas a você e ao Diaféria, pois usei algumas expressões de vocês em meus comentários, tá?”

Não tá, não Carlinhos. É melhor você criar expressões suas mesmas, ou pelo menos citar as fontes, quando usar as dos outros. Mas você leva jeito.

Tânia Faber (R. Major Diogo, 722, S.P.) – “Nunca desista da luta linda que você faz por uma cultura popular. A gente está lutando junto com você.”

Nunca me passou pela cabeça desistir. De qualquer forma, muito obrigado por dar o seu alô. Estamos aí.

Murilo D. César (Rua das Palmas, 112, S.P.) – ... “Bem sei que você tem sérias restrições ao Serviço Nacional de Teatro. Acho que todos nós temos. Trata-se de uma instituição governamental etc...”

Quem mandou então entrar em concurso do SNT, seu Mauro? Aquilo lá é cheio de truques. Eu não tenho nenhuma influência junto a esse órgão. Nem em nenhum outro do Governo. Se eles não dão resposta aos seus apelos, aos meus seria ainda pior.

Américo Ragazzi (R. Tanquinho, 326, Tatuapé, S.P.) – “Assisti ontem a apresentação do Fantástico pela Globo e fiquei sumamente feliz, porque finalmente e graças a você, o Brasil inteiro ficou sabendo quem realmente foi o autor dos sambas “Feição da Vila”, “Feito de Oração”, “Conversa de Botequim”, “Pra que Mentir”, e tantos outros que apareciam sempre como sendo de autoria de Noel Rosa, num profundo desrespeito à memória de Oswaldo Gagilano (Vadico), o saudoso e injustiçado compositor paulistano. Vadico, que era compositor, pianista e

regente de orquestra, com nome firmado nos Estados Unidos e Europa, conhecia música como ninguém e fora o autor dos sambas acima citados e de muitas outras joias da música popular brasileira e da música erudita também. O Poeta da Vila como seu parceiro contribuiu apenas com as letras. Nas composições de Noel Rosa, quem fazia os arranjos musicais era Vadico, pois como é sabido, Noel tocava violão de ouvido e não conhecia uma nota musical”.

Prezado Américo, não tive nenhuma responsabilidade pelo “Fantástico”. De qualquer forma, é bom saber que esse quadro, que a Globo fez em cima do espetáculo “[O] Poeta da Vila e seus amores”, que o Osmar Rodrigues Cruz dirigiu com um bom elenco, está servindo à cultura popular brasileira. O espetáculo do Teatro Popular do SESI está levantando uma boa polêmica. Mas, o Noel, meu caro, não teve como parceiro apenas o Vadico. E pra seu governo, fez muita música sozinho.

O triste país dos concursos culturais (Folha de S. Paulo – Edição de 20/6/1977. Página 21. Caderno Ilustrada)

Haviam me contado que, num concurso de contos patrocinado por um banco, que dava prêmios milionários, o número de inscritos era assombroso para um país de analfabetos como o nosso, para um país cuja maioria estudantil está nos cursos de alfabetização, para um país como o nosso onde uma edição de seis mil livros vendidos em cinco meses é considerado best-seller. Meu patuá de fé e valia entortou, quando mais de vinte mil pessoas enviaram seus contos para o tal concurso. A princípio, diante do número, pensei que esse era um país fértil em escritores, apesar da incultura, do sabujismo intelectual, apesar dos modelos importados de cultura de consumo. Porém (e sempre tem um porém), ao considerar os números dos prêmios milionários, entendi por que tanta gente estava piando na parada. Concorriam ao tal concurso de contos como se concorre na loteria esportiva. Gente esmagada por um sórdido salário, que os reduz a um existência sufocada num dia a dia sem perspectivas concretas, embalados apenas na vã esperança de enriquecer com uma milhar no jogo do bicho ou com os treze pontos da loteca.

São sujeitos que se nutrem com esses engodos que de repente ficam sabendo de um concurso de contos com prêmios milionários e se assanham. Lembram que um dia, lá na escola do bairro onde moravam em criança, fizeram uma composição e que a professora e tal e coisa e coisa e lousa se encantou e até disse que o trabalho levava jeito. Como concurso desse naipe ou se ganha ou não se perde nada, se apresentam vinte mil pretendentes ao prêmio de literatura milionário.

Isso é bom pra quem detém o poder e que, por manter uma censura rígida que gera o obscurantismo no país, precisa dar impressão de incentivo à cultura. Eles se prendem aos números. Vinte mil escritores de contos num concurso. Não vão contar a qualidade.

Não vão dizer que a maioria desses inscritos não têm criatividade nenhuma, que é gente que, sem cerimônia, tirou suas historinhas dos Grande Hotel, dos Ellery Queen ou das novelas de televisão. Vinte mil inscritos num concurso de contos de prêmios milionários, pra quem sabe ver, não é um índice favorável para uma Nação. Aliás, muito pelo contrário, pra quem sabe ver significa que, no meio da miséria, as

peessoas tentam encontrar soluções milagrosas para escaparem das suas existências tão pesadas como uma condenação.

E não só nesse concurso de contos com prêmios milionários se inscrevem multidões. No inútil concurso do Serviço Nacional de Teatro, órgão do Ministério da Educação e Cultura, aparecem montoeiras de peças em qualquer categoria: adulta, infantil, juvenil, universitária. As que ganham, a censura proíbe. E as que perdem e são liberadas, ninguém monta, de tão ruins. Mas, os organizadores não estão preocupados com a dramaturgia, só querem mostrar serviço e exibir o número de concorrentes, como se fosse produto de um esforço que fazem eles, os organizadores do concurso, para incentivar a cultura.

Ao lado desses concursos, oficiais ou não, vão os tecnocratas impedindo encontros como o da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

E isso é chocante. Chega a ser patético o cancelamento desse encontro.

É um ato obscurantista. E terrível. É uma acintosa agressão à inteligência brasileira, que os tecnocratas não consideram, não avaliando o mal que causam à nação, onde os debates são sempre desencorajados. E ao lado desses absurdos impedimentos de realizações de indiscutível valor cultural, ao lado do retrocesso que significa, em termos de civilização, impedir esse congresso da SBPC, vão se colocando em todas as áreas os concursos castradores.

Por exemplo: agora fico sabendo pálido de espanto, que a Mocidade Alegre do Bairro do Limão organizou um concurso de samba-enredo e, para incentivar os compositores ofereceu um prêmio de oito mil cruzeiros para o vencedor e dois mil para o segundo colocado. Só por causa desse prêmio, apareceram cento e dez concorrentes. Todos os sambistas fizeram samba com o mesmo tema, na ilusão de faturarem uma nota.

Esses concursos de samba-enredo estão levando os nossos compositores a se bitolarem. Dificilmente os sambistas por necessidades interiores.

Eles passam o ano todo se preparando para juntarem rimas pro samba-enredo. Eles não têm esperança de gravar, nem de tocarem seus sambas no rádio e na televisão. Então, se alistam nessa legião de fabricantes de samba. E com essas e outras, nossas manifestações espontâneas vão sendo tolhidas. Nossos artistas vão se desvinculando do povo.

Vão deixando de ser os intérpretes das alegrias e ansiedades da comunidade a que pertencem. A censura impede a criação livre dos artistas, a máquina burocrática montada pelos tecnocratas impede encontros como o da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e os concursos vão esmagando a criatividade. E a inteligência vai sendo banida de nosso país. Fala-se em Direitos Humanos entravando os progressos cultural e científico da Nação.

A cultura de um país não se incrementa com concursos[,] se incrementa com debates. Mas debate incomoda muita gente.

Um dos porquês de uma audiência tão fácil (Folha de S. Paulo – Edição de 21/6/1977. Página 33. Caderno Ilustrada)

Vem mestre Arthur da Távola, sempre atento crítico de televisão do jornal O Globo e afirma que o quadro sobre Noel Rosa no Fantástico foi um dos momentos

mais completos da televisão no ano de 1977. Entre outras coisas, apontadas como caminho para a televisão brasileira, diz Mestre Arthur da Távola no seu artigo do dia 14 deste mês:

“Você quer saber o que é para mim uma forma moderna e exemplar de fazer televisão? É o que fez o Fantástico de domingo passado no quadro referente a Noel Rosa. Há que destacá-lo como um dos momentos mais completos da televisão brasileira neste ano de 1977. Explico: Ali estava a divulgação de uma peça. Dentro da divulgação, estava o teatro e dentro do teatro estava a reportagem. Dentro da reportagem, estava a polêmica. Na polêmica apareciam alguns personagens importantes da cultura popular brasileira (Noel, Wilson Batista, Vadico) e dentro dela estava o show de televisão, tanto nos trechos da peça referida (“O Poeta da Vila e seus amores”), quanto no canto maior de Elizeth Cardoso, linda, de vestido vermelho, cantando o imortal “Pra que mentir?”. Esse quadro é um exemplo primoroso daquilo que chamaria de televisão integrada (expressão que inauguro agora), caminho que o Fantástico vem tentando alguns meses, alcançando ontem o seu melhor momento até hoje.” (Transcrito do jornal O Globo de 14-6-77, da coluna de Arthur da Távola).

Tomei a liberdade de transcrever esse trecho da coluna do colega Arthur da Távola, o que faço sem prévia autorização, não porque esse quadro do Fantástico tenha sido baseado na peça “O Poeta da Vila e seus amores”, de minha autoria, que tão brilhantemente o Osmar Rodrigues Cruz dirigiu, contando com cenários de Flávio Império, para o Teatro Popular do SESI. Apenas é que a opinião do crítico especializado serve pra ilustrar a opinião deste colunista a respeito de um dos motivos que levam a Rede Globo de Televisão a ir cada vez mais pra frente, enquanto os outros canais vão cada vez mais caindo pelas tabelas.

Sem dúvida nenhuma, o quadro do Fantástico só foi possível devido ao nosso espetáculo no Teatro Popular do SESI, espetáculo que já foi apontado por muita gente como uma saída para o teatro popular brasileiro e para a música popular. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar é que, mal estreou a peça, a Globo já tinha dois diretores e pauteiros do Fantástico assistindo ao espetáculo. Walter Silva (Picapau) e Renato Correa de Castro (o Renatão), além de se interessarem pelo andamento dos ensaios, foram dos primeiros a assistirem ao espetáculo. Fernando Faro, especialista em música popular, também elemento da Rede Globo, esteve lá e foi um dos que afirmou ser o Poeta da Vila caminho novo.

Agora, vejam bem: nesse elenco, não há nenhum contratado da Rede Globo, nenhuma pessoa ligada à emissora dirigida pelo Boni. Mas, seu pessoal estava lá, atento, conferindo. E o diretor do quadro, o Ubiratã, antes de gravar as cenas, assistiu ao espetáculo. E aí então foi para o ar quase vinte minutos de Noel Rosa. E resultou no que diz o Arthur da Távola, em outro trecho do seu artigo: “Televisão integrada porque junta num mesmo quadro o trabalho de vários setores diferentes de um canal de televisão; juntas técnicas também diferentes e se utiliza da sucessão arbitrária das imagens (típicas da linguagem televisiva) para apresentar o resultado final”. Afinal, é isso: a Rede Globo nada tinha a ver com o “O Poeta da Vila e seus amores”, mas acompanhou a experiência teatral e se beneficiou também dela pra conseguir atingir uma meta que vinha perseguindo. Parabéns à Globo. O teatro,

segundo Juca de Oliveira, é um belíssimo laboratório para as outras artes. E ele sabe o que diz.

Porém (e sempre tem um porém), se ninguém do atual elenco do SESI é ligado à Globo, diretamente, vários são os componentes desse elenco que são ligados à Tupi, ou foram até recentemente. Lá estão Ewerton de Castro, Elias Gleizer, Walderez de Barros, Benjamin Cattan, Analy Alvares, Péricles Flaviano. Eu mesmo, até pouco tempo atrás, fui contratado da Tupi. Ainda há alguns dias atrás, fiz vários programas pra emissora do Sumaré. O Zé Ramos Tinhorão, pesquisador da música popular, dono do arquivo a que recorri pra escrever a peça, é ligado à Tupi e está fazendo um programa musical lá.

Mas, nem um diretor da Tupi foi assistir ao espetáculo. Nem um membro do departamento de tele-teatro, nem um da linha de show, nem um do departamento jornalístico. Foi a equipe de reportagem. Mas, não assistiram ao espetáculo. Pediram aos atores pra improvisarem uma cena nas salas de ensaio e filmar um. Foi só. O Atílio Riccò me falou um dia que eles, lá na Tupi, estavam pensando em mim pra escrever. Eu o convidei insistentemente pra ir assistir à peça. Ele alegou falta de tempo. Pessoalmente, convidei o superintendente e o diretor adjunto. Também alegaram falta de tempo. E até hoje não foram. Não apareceu nenhum diretor da Tupi. Nem pra ver o trabalho que lota o teatro todas as noites, nem pra prestigiar seus atores, atores contratados ou ligados à Tupi por muitos trabalhos. Eles não têm tempo.

E nem podem. A lei manda que se grave durante seis horas por dia. Lá eles gravam dezoito. Eles pensam que com isso estão ajudando a organização. Não estão. Estão ficando enclausurados lá dentro. Estão cada vez com menos informações. Eles provavelmente pensam que inventaram as leis que regulam o trabalho dos radialistas apenas pra chatear o patrão.

Mas, foram bons brasileiros, alguns até trabalhando na Tupi hoje e esquecidos que correram riscos pra que essas leis fossem aprovadas. E não foi pra aborrecer o patrão que essas leis foram boladas, mas para os atores, diretores, técnicos terem tempo livre pra ler, assistir as peças, filmes, acompanhar o desenvolvimento dos outros setores artísticos e aplicarem esses conhecimentos na televisão. Porque é como bem diz Mestre Arthur da Távola (Outra vez o cito, ainda bem que não pago direitos autorais, se não estaria endividado.):

“A televisão é um meio-síntese. O que a destaca dos demais meios de comunicação é exatamente a circunstância de ela conter dentro de sua linguagem a dos demais. Ela contém o rádio, mas o rádio não a contém; e contém o cinema, mas o cinema não a contém; ela contém o teatro, mas o teatro não a contém; ela contém o jornalismo, mas o jornalismo não a contém; ela contém a fotografia, mas a fotografia não a contém; ela contém o disco, mas o disco não a contém.”

Pois é. Mas a televisão, para poder conter todas essas artes que não a contém, precisa que os profissionais de televisão estejam acompanhando o processo de desenvolvimento dessas artes. E na Tupi, por falta de tempo, me parece que ninguém está acompanhando coisa nenhuma.

Filme americano no lugar de nosso samba (Folha de S. Paulo – Edição de 22/6/1977. Página 31. Caderno Ilustrada)

Apesar do nome de pouca imaginação, “São Paulo, Túmulo do Samba”, que foi chupado de uma infeliz frase do poeta Vinícius de Moraes numa noite de um tremendo porre no antigo João Sebastião Bar, do Paulo Cotrim, a Televisão Tupi conseguiu fazer um bom programa sobre o samba da Paulicéia. Claro que teve algumas falhas. Porém (e sempre tem um porém), para o primeiro de uma série de especiais sobre música estava muito bom, prometia melhorar e tal e coisa e coisa e lousa. Agora ficamos sabendo que não vão continuar com a série. Naturalmente, vão colocar filme americano no lugar. Tudo porque o programa musical tinha um grave defeito para os diretores da Televisão Tupi. Ele era feito com artistas que têm o péssimo hábito de querer receber os cachês combinados. Sabe como é que é, artista brasileiro come, bebe, fuma e precisa de dinheiro. Já o enlatado de cultura de consumo importada custa barato e não implica em aborrecimentos de ordem trabalhista. Por essas e outras, a televisão Record é retransmissora de entalados, não vacila em comprar uma série de programas musicais estrangeiros e nem tenta nada com o artista brasileiro. Tudo isso é feito em flagrante contestação ao Ministro das Comunicações, Senhor Quandt de Oliveira, que tem se mostrado alarmado com o sempre crescente número de filmes estrangeiros e que pediu publicamente aos senhores concessionários das emissoras de televisão que maneirassem. Como resposta, eles diminuem os programas brasileiros. E vai ficar por isso mesmo. Podem crer que vai.

São João da Boa Vista

Uma boa cidade é essa São João da Boa Vista. Tão boa, que meu camarada da dura faina radiofônica, mudou-se pra cidade onde nasceu a brilhante pianista Guiomar Novaes e onde Leila Assunção se criou. Mas, deixa isso pra lá. O que quero contar e o que pesa na balança é que São João da Boa Vista está sendo sacudida por um sopro de inteligência dado pelo grupo do Prefeito Nelsinho. O Hamilton, a Sônia e o Zé pretendem, logo após a realização da Semana que leva o nome da genial pianista Guiomar Novaes, iniciar um esforço mais generoso no sentido de preservar a cultura popular brasileira na região, que é muito rica nesse aspecto. O Jota, um seresteiro-fazendeiro-boêmio, anda já redescobrimdo grupos de violeiros e praticamente só falta marcarem a noite pra primeira grande seresta de São João da Boa Vista. O pessoal já sabe onde é o buraco da lacraia e o mal que a televisão, com a cultura de consumo importada, está causando nas manifestações espontâneas da região. Vão tentar preservar. Naturalmente que nessa tarefa não terão apoio da Secretaria de Cultura do Estado, que não entende desse assunto e a toda hora dá prova do seu elitismo e do péssimo hábito de discriminar artistas. Eu, por exemplo, fui a São João da Boa Vista falar das Necessidades Culturais do Povo Brasileiro, segunda-feira, porém (e sempre tem um porém), meu nome não pôde constar da programação da Semana Guiomar Novaes. Se aparecesse, a Secretaria de Cultura do Estado, do Senhor Max Feffer, tirava o dinheirinho.

Mumunhas do futebol

Fauzi Banguê-Banguê, que no ano passado fez uma bonita campanha como técnico do Capivariano, apesar de não ter condições de trabalho nesse clube, esteve

no Maranhão, onde mostrou toda sua competência ao ganhar um torneio realizado em Belém, com a participação de Remo, Tuna, Payssandu. Também ganhou o Fauzi Banguê-Banguê o Torneio Governador do Estado do Ceará, disputado com Ceará, Fortaleza e Icasa. No atual campeonato maranhense, o time do Fauzi, o Maranhão, já tinha conquistado o título do primeiro turno invicto. Mas, nada disso impediu que a política interna do clube provocasse o afastamento do Fauzi, que não queria aceitar interferência de cartola no seu trabalho. Fauzi saiu e está sem clube. Futebol brasileiro é assim: se o técnico está errando, é mandado embora; se está acertando, desperta a inveja dos cartolas, que forçam sua saída. O Fauzi Banguê-Banguê é competente e está a fim de mostrar serviço. Ótima pedida para os clubes que estão caindo pelas tabelas.

Pesquisa brasileira

Uma vez aí piou na parada um trabalho de meninas de uma faculdade de filosofia sobre prostitutas. As moças, depois de muitas pesquisas, concluíram que as prostitutas do interior, em sua grande maioria, eram oriundas da roça, filhas de lavradores boas-frias e analfabetas. Sabe como é, depois de muito esquentarem a mufa, as distintas meninas concluíram o óbvio. Lembrei-me desse caso aí porque li a entrevista de um cenógrafo, na qual ele afirmava que, depois de muita pesquisa em hospedaria, ele chegou à conclusão que o único móvel importante numa casa desse tipo era a cama. E que era baseado nessa pesquisa que ele ia fazer o seu cenário. Pra uma peça que só requeria duas camas, usaram um esquisito esquema de camas pra todo lado. Agora, sintam o aroma da perpétua. As pessoas pesquisam, ou melhor dizendo, afirmam que pesquisam e só constatam o óbvio. Se hospedaria é um lugar que aluga vaga pra dormir, é claro que o móvel principal é a cama. Acho que nos tempos que correm, quando inversão de valores é tanta, estão confundindo ver o que está escancarado com pesquisar.

Mais biotômico para o crime italiano (Folha de S. Paulo – Edição de 23/6/1977. Página 37. Caderno Ilustrada)

Fico sabendo através dos jornais que lá na Itália apareceu um Esquadrão da Morte que, logo após os primeiros presuntos, não fez cerimônia em afirmar que ia atuar inspirado no bando de assassinos brasileiros que agem com esse nome e que larga cartazes com caveiras e tal e coisa e coisa e lousa ao lado de suas vítimas. Triste exportação essa que fazemos pra Itália. Realmente é de entortar o patuá. Bem dizia um pagodeiro da Baixada Fluminense, num inspirado partido-alto:

Urubu de Meriti
foi dizer pro presidente
que já está de bico doce
de comer carne de gente

Claro que esse samba, que espelha a triste realidade do nosso País, jamais será gravado. Primeiro, porque as multinacionais do disco preferem gravar a bagulhada que fabricam na matriz e, segundo, porque artista que retrata a realidade

brasileira é podado pela censura a toda hora. Aliás, os que ficaram nus no palco (e os atores só ficam nus quando se veem impossibilitados de porem a realidade a nu) também serão podados, quer dizer, vestidos. A censura não vai permitir gente nua no palco, donde se conclui que não vai dar mais pé fazer teatro. Não pode retratar a realidade, não pode crítica aos costumes, não pode crítica ao custo de vida, não pode nu artístico, não pode caricatura de político. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que, se os bandidões estrangeiros estão importando para seus países os modelos de barbaridade que nossos bandidos praticam, me ocorre que, se temos maldade e crime organizado ao ponto de merecermos atenção e respeito dos grupos de assassinos de outras nações, pelo menos poderíamos escrever nossos roteiros de filmes policiais sem necessidade de gastarmos grandes somas de divisas na importação de películas do gênero barbaridade. Afinal, nossos bandidos estão servindo de modelo pra bandidagem italiana. Sintam o aroma da perpétua. O Esquadrão da Morte é considerado avançado em matéria de maldade até pelos bandidos da terra da Máfia. Que progresso esse nosso!

Pena que a censura não permita que nossos escritores retratem as façanhas dos nossos bandidões. Em novela brasileira tudo é proibido e em filme estrangeiro tudo pode. Isso tudo nos faz cometer o engano de acharmos que o nosso bandido é sempre pé-de-chinelo. O que não é verdade. Essa exportação que fizemos de modelo do Esquadrão da Morte pra Itália está aí pra não deixar ninguém desmentir o nosso avanço tecnológico na arte de mandar gente pro beleléu. Esse modelo foi copiado porque os sicários do Esquadrão da Morte continuam impunes, o que sem dúvida recomenda o método.

Mas, tudo isso deveria ser cantado por nossos poetas e escritores. Porém (e sempre tem um porém), a censura não deixa. Geralmente, o presunto largado na beira dos estreitos, escamosos e esquisitos caminhos do roçado do bom Deus pelo Esquadrão da Morte estão nus. E nu se mexendo não pode, parado pode menos ainda. Mas, ainda que haja má divulgação, estamos nos impondo mundialmente no ramo de assassinatos. Lamentável é que a falta de divulgação nos impeça de fazermos justiça aos nossos bandidões. Por falta de divulgação, não temos nenhum nomão do gabarito de Al Capone, Dilinger ou Jesse James. E se o nosso modelo de Esquadrão da Morte é bom, é porque temos matadores que se equiparam a esses famosos bandidões.

Al Capone, por exemplo, teve muita publicidade. O cinema americano sempre fez das tripas coração para impor a técnica assassina de terrível mandante do massacre do Dia de São Valentim, além de querer vender o lado filosófico do bandido mafioso. Entre outras histórias que se espalharam no mundo para mostrar a dimensão do crápula de Chicago, entra uma que se relaciona ao Brasil. Dizem que, durante a Lei Seca (lei que todos nós, através dos filmes americanos, conhecemos mais que as leis brasileiras, que além de mudarem a toda hora, não são divulgadas, nem respeitadas) o Al Capone comprava no Brasil o Biotônico Fontoura e vendia nosso fortificante nos Estados Unidos como bebida alcoólica.

Outra história que serve pra mostrar o lado filosófico do bandidão Al Capone se deu na saída de um Jóquei Clube onde ele tinha bancado o burro e perdido uma

grana sonora nas patas dos cavalos. Contam que ele estava triste e choramingando pelo dinheiro perdido e diversão.

Aí, o bandidão se azedou:

– Idiota! Se me meto em negócio de cavalo também, depois vou apostar em que? Onde vou me divertir?

E era assim o tal de Al Capone. Um filósofo matador. Tão cheio de mumunhas e sempre dando conselhos a seus seguidores:

– Quando puxarem as armas, matem. Defunto não conta história. Não pode se defender diante do juiz.

E isso é verdade. Vejam o caso do depoimento do Carlos Lacerda.

Ele esculachou muitos políticos. Deu um quadro lamentável dos homens públicos brasileiros. É claro que ia escorar a polêmica. Mas, morreu. E agora, todo mundo citado no tal depoimento está se apressando em contradizer o morto, que vai acabar entrando na História como um tremendo mentiroso.

Coisas más e boas do teatro (Folha de S. Paulo – Edição de 24/6/1977. Página 39. Caderno Ilustrada)

O secretário municipal de Cultura, senhor Sábado Magaldi, senão abrir os olhos, vai ver seu esforço para popularizar o elitizado Teatro Municipal ir por água abaixo. Isso porque o gerente lá do teatro, um tal de Nagib, não se manca que deve tratar bem os artistas populares que vão lá se apresentar e que não tem que meter o nariz na programação e também não pode ficar a toda hora ameaçando os produtores de espetáculos de chamar a polícia, caso a programação passe da meia-noite. O tal Nagib, gerente do Teatro Municipal, vem criando muitos casos seguidamente com artistas que vão se apresentar lá. Ele provavelmente não entendeu sua função e o senhor secretário municipal de Cultura deve explicar ao gerente do Municipal que artista não é vagabundo e deve mandar esse senhor ter um pouco de respeito com quem trabalha, ou tirá-lo do cabide onde ele já deu provas de que não vai beneficiar nem a arte, nem a cultura, nem o povo. O gerente do Municipal, senhor Nagib, tem que se mancar que esse teatro não é dele e, sim, do povo que paga impostos. Mas será que alguém na Prefeitura bota essa verdade na balança? Sei lá. De qualquer forma, o senhor Sábado Magaldi é um amigo da arte e dos artistas e não pode deixar seu trabalho em prol da popularização da arte ser prejudicado por um gerente de teatro que acha que uma programação que passe da meia-noite é caso de chamar a polícia.

Segunda-feira, na apresentação do Chorinho no Teatro Municipal, o gerente Nagib amolou todos os participantes com a sua mania de aparecer e a sua vontade de dormir cedo. E não é a primeira reclamação que chega ao nosso conhecimento sobre a prepotência desse cidadão, feita por artistas que lá se apresentam. O senhor Sábado Magaldi deve tomar uma providência antes que esse gerente consiga enxotar do Teatro Municipal a arte popular e transformar outra vez aquilo lá no pardieiro rançoso do elitismo cultural.

Homenagem ao Procópio

Poucas pessoas no mundo tiveram a chance de poder conviver com seus ídolos de infância. Nesse ponto, me considero um privilegiado. Procópio Ferreira, o Príncipe dos atores brasileiros, que é meu grande ídolo, é meu amigo e eu bato longos papos com ele. Mas, se isso já me enchia de satisfação e até orgulho, me senti ainda mais orgulhoso quando o genial ator foi assistir, lá no Teatro Popular do SESI, ao espetáculo “O Poeta da Vila e seus amores”. O Osmar Rodrigues Cruz, diretor do espetáculo, sinceramente, em nome do elenco, ofereceu a apresentação daquela noite ao mestre dos atores brasileiros. Foi de entortar o patuá. A simples menção do nome do genial ator, o público presente ficou em pé e aplaudiu delirantemente, dando provas do grande carinho que tem por esse artista, que foi tão perseguido pelo elitismo cultural que, em determinada época, se apossou dos palcos brasileiros. Nesse tempo em que predominava a mentalidade elitista e que só dava o Teatro Brasileiro de Comédia na parada, Procópio Ferreira, Palmeirin Silva, Jaime Costa, Nico Nelo, Dercy Gonçalves e tantos outros foram banidos praticamente dos palcos pelos donos da cultura. A própria Bibi Ferreira, genial atriz que está aí fazendo “Gota D’Água” pra atestar o que digo, teve que ir trabalhar em Portugal. Mas, felizmente, pelo menos em parte, essas injustiças foram reparadas. Hoje, quando se fala de um Procópio, de um Jaime Costa e de uma Dercy Gonçalves como grandes sóis do palco, já não se provoca espanto. E o público, único e válido juiz dos artistas, com carinho, reconhece o valor dessa gente nas homenagens que presta ao genial Procópio, quando encontra com ele na rua, ou quando sabe que ele está presente numa sala de espetáculos, como aconteceu lá no Teatro Popular do SESI, ou prestigiando as peças que ele monta. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que, pra maior orgulho meu, o Procópio Ferreira, meu ídolo, aplaudiu muito “O Poeta da Vila” e se comoveu com a história de Noel, de quem ele foi amigo. No final, o grande ator fez questão de cumprimentar o elenco todo e nós todos fizemos questão de tirar uma foto com nosso mestre. Um mestre do teatro popular brasileiro, a quem se deve uma grande e retumbante homenagem pelos seus sessenta anos de carreira.

Catapora brava

Quarta e quinta-feira, lá no Teatro Popular do SESI, não houve espetáculo do “Poeta da Vila e seus amores”, porque o Ewerton de Castro foi atacado de catapora. Pois é. Catapora brava. Uma zorra. Mas, tudo indica que pra esse fim de semana já dê pra se atender à freguesia.

Célia Helena

Uma das maiores atrizes brasileiras, a Celinha Helena, que foi a musa do Teatro Oficina por muitos anos, nos bons tempos do Zé Celso, vai inaugurar o seu próprio teatro. Deus queira que a nossa sempre querida estrela tenha sorte nesse seu empreendimento, muito embora ela já comece xavecando¹⁰ a nós, que somos seus fãs, nos privando de seu talento na primeira montagem de peça na sua casa de espetáculos. Dessa vez, a gente perdoa a moça, por saber que ela, com a humildade que lhe é peculiar, vai carregar o piano para que a empreitada a que se propõe dê certo. Mas, se ela pensa em ficar fora do palco por muito tempo,

¹⁰ Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecando”.

lamentavelmente vamos ter que fazer campanha contra seu teatro. Nós queremos essa genial atriz no palco, que lá é que é o lugar do seu enorme talento.

Teatro digno

Já que falei em teatro na coluna inteira, quero mais uma vez reafirmar que o teatro só faz sentido quando o palco é uma tribuna livre onde possam discutir até as últimas consequências os problemas do homem. E esse, lamentavelmente, não é o caso do teatro brasileiro, que a toda hora sofre violências da Censura.

É necessário rever totalmente a radiodifusão (Folha de S. Paulo – Edição de 25/6/1977. Página 29. Caderno Ilustrada)

A Rádio Excelsior de Salvador foi punida pelo Ministério das Comunicações, porque essa emissora estava veiculando volume de publicidade superior ao permitido pela legislação. A lei permite quinze minutos de publicidade para cada hora de programação. O que já é muito, no meu entendimento, porque não existe nenhum critério na publicidade, que é colocada em programas feitos na maioria das vezes pra gente de poder aquisitivo muito baixo e que não poderão comprar os produtos anunciados. E isso tem se tornado um elemento altamente frustrador do povo.

Vamos pegar por exemplo a televisão. Na maioria dos casos, um aparelho é comprado com o esforço de vários membros da família, que o compram com sacrifício, na vã esperança de terem um lazer que se torne econômico, por não terem que sair de casa. Nesse tempo de inversão total de valores, as pessoas consideram lazer apenas assistir aos espetáculos. Já nem almejam participar. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que a família compra um televisor pra ter distração e, depois do jantar, após um penoso dia de trabalho, vai assistir aos seus programas favoritos. Sem ligar para o fato de que os filmes em geral contam histórias de gente maravilhosa, rica, bonita, com empregos (quando os têm) que os levam a uma vida venturosa e tal e coisa e lousa, que nunca refletem a realidade do telespectador, entram de dez em dez minutos os comerciais. E aí é massacre. Anunciam-se carros, cigarros, uísque, hotéis, móveis, viagens, roupas e uma infinidade de artigos que o telespectador jamais poderá comprar. Essa enxurrada de utensílios, escancarados sem nenhuma cerimônia constantemente diante dos olhos do ser humano que viajou de quatro a seis horas amassado dentro de um ônibus, indo e vindo para um trabalho enfadonho e que não lhe dá perspectivas de melhorar na vida, vai lhe atingindo o subconsciente e, na hora em que a televisão é desligada, ele tem a sensação amarga de que é um perdedor. Está o telespectador frustrado. E não adianta querer lhe impingir a ideia de que o Brasil é feito por todos nós. Ele vai dormir certo de que está comendo da banda podre.

Por essas e outras se deveria diminuir ainda mais a propaganda nos veículos de comunicação, ou pelo menos racionalizá-la. Se um programa é feito para o homem comum, a propaganda nos seus intervalos não pode ser de artigos proibitivos a quem vive de salários miseráveis. Porém (e sempre tem um porém), é verdade que, se vão anunciar apenas o que o homem comum pode adquirir com o seu salário, vão acabar anunciando somente feijão e arroz.

Também fico sabendo que o Senhor Ministro das Comunicações, Senhor Quandt de Oliveira, anunciou no IV Congresso dos Radialistas em Brasília que, no anteprojeto da nova lei postal e de telecomunicação, se exigirá que vinte por cento da programação das emissoras de rádio e televisão sejam idealizadas, realizadas e produzidas por equipes brasileiras com som e imagens gerados no Brasil sobre temática nacional. O dispositivo também vai estabelecer um percentual mínimo obrigatório a ser produzido em nosso país. A intenção do Senhor Ministro das Comunicações é muito louvável. Resta saber no entanto se a Censura Federal vai permitir que o pessoal de comunicações trate os programas com temática nacional com honestidade e refletindo a nossa realidade. Sabe como é que é, a censura está cada vez barbarizando mais. Chega ao cúmulo de proibir que um desquitado namore com desquitada em novela e isso às vésperas da aprovação do divórcio. Também impede que uma personagem morra de enfarte após ser chamada de reacionária numa discussão e não deixa uma outra perder um filho, quando se discute controle de natalidade no País. Então fica, sem dúvida nenhuma, meio difícil fazer até os insignificantes vinte por cento de uma programação de rádio e televisão com temas nacionais. Muito difícil sem dúvida.

Quanto a ser exigido um mínimo de programas gerados no Brasil, isso é muito bom. Mas, pelo menos para rádio já existe uma lei que obriga à execução de cinquenta por cento de música brasileira. Se não me falha a memória, essa lei é do Governo Jânio Quadros. Mas, essa lei é burlada a toda hora. As rádios tocam sem nenhuma cerimônia oitenta por cento de músicas estrangeiras. E assim mesmo, nos outros vinte por cento, tocam rocks, iê-iê-iê e boleros feitos por idiotas brasileiros e que, por terem letra em português, são contados como música nacional.

Já na televisão, a programação nacional é cumprida com entrevistas sem nenhum interesse, feitas nos horários mortos, programas de calouros e transmissões esportivas diretamente da várzea. E fora do eixo Rio-São Paulo, o teipe [sic] gerado nesses centros é considerado programação ao vivo. Por tudo isso, creio que nosso setor de comunicações está precisando de urgente reformulação. E não de uma ou outra lei.

Quem atenta contra a moral e os costumes (Folha de S. Paulo – Edição de 27/6/1977. Página 23. Caderno Ilustrada)

Pelos jornais fico sabendo que o livro da minha peça “Barrela”, por determinação do Senhor Ministro da Justiça, foi proibido por exteriorizar matérias contrárias à moral e aos bons costumes e que o livro deverá ser apreendido pela Polícia Federal onde se encontrar à venda. Pois é. Só soube disso pelos jornais. Ninguém me comunicou nada. Nem os órgãos que proibiram o livro, nem a Editora Símbolo, que, provavelmente, também não recebeu nenhum comunicado oficial. Deve ter sido surpreendido pelo noticiário do jornal, o meu editor. Mas, deixa isso de lado. A burocracia, na qual as partes julgadas só têm direito à condenação e nem se cogita em permitir sua defesa, não vem ao caso agora. O que quero contar e o que pesa na balança é que esse livro, agora proibido, já praticamente esgotou sua edição, lançada no ano passado, e pouco resta pra ser apreendido, o que significa que não haverá prejuízo financeiro, nem pra mim, nem pra editora. Porém (e sempre

tem um porém), há o prejuízo moral que mais essa atitude obscurantista provoca. E há essa acusação vaga de que o livro atenta contra a moral e os bons costumes. Por que atenta contra a moral e os bons costumes? Eu gostaria, sinceramente, que se explicassem. Se me provassem que essa peça é tudo isso de que a acusam, eu a renegaria. E renegaria também todas as outras peças que estão proibidas sob a mesma alegação. Mas, ninguém, ninguém mesmo, explica nada. Um despacho diz que ela atenta contra a moral e os bons costumes, e fim de papo. Mas, pra mim, essa peça é altamente moralista. E eu posso explicar por quê.

“Barrela”, a peça, está proibida desde 1959. E nesses dezoito anos, vem sendo sempre proibida a cada tentativa de liberação. Mas, essa peça foi escrita inspirada num caso verídico passado num xadrez de Santos. Um garoto, preso por uma pequena falta, foi colocado numa depósito de presos, aguardando triagem. E nesse depósito, apelidado chiqueirinho, ele foi violentado pelos presos de alta periculosidade que se encontravam lá. Eu, que sempre me declarei apenas um repórter de um tempo mau, sem ter nunca pretensões artísticas, fiz essa triste reportagem na forma que melhor eu me exprimia, que era o teatro. E o fiz querendo justamente moralizar os costumes, denunciar o fato desumano, o desinteresse das autoridades pelos presos sob sua guarda e, portanto, sob responsabilidade do Estado.

Sei que o problema de prisões é de difícilíssima solução. Por exemplo: numa cidade como São Paulo, que cresce desordenadamente e que diariamente recebe centenas e centenas de migrantes que pra cá vêm na ânsia de encontrarem o trabalho que não encontram nas suas regiões de origem e que, ao terem contato com a brutal realidade da cidade grande, se desnorream, se desagregam dos seus grupos, se pervertem, transgridem as leis e tal e coisa e coisa e lousa, tornam praticamente sem solução o problema presidiário. As prisões se tornam cada vez mais insuficientes para conter cidadãos condenados ou apenas sob suspeição. Sei de muitos projetos, alguns até louváveis, no sentido de melhorar as condições dos presidiários. Mas, são inúteis, porque são projetos tratados como se o problema das prisões pudessem ser resolvidos isoladamente dos demais problemas sociais. Mas, não é impedindo que se fale no assunto que esses problemas vão ser resolvidos.

“Barrela”, há dezoito anos atrás, pretendia provocar o debate sobre o sistema carcerário. Foi proibida. Naquele tempo, só havia um meio de se manter a disciplina dentro de um presídio: era dar muita comida para os presos, comida que não precisava ser boa, mas era fundamental que fosse muita. Os guardas dos presídios e os carcereiros não deveriam interferir, em hipótese alguma, nos casos de homossexualismo entre os presos, não deveriam separar os parceiros, nem se meter a impedir casos de sedução. E por fim, deviam regular a entrada de drogas, nem deixar faltar, nem deixar que entrasse em abundância. Nesses três fatores consistia toda a ciência pra se manter a disciplina nas prisões há dezoito anos atrás. E “Barrela”, que retratava a violação a que o homem fica exposto num ambiente desses, era considerada atentatória à moral e aos bons costumes. “Barrela” retratava tudo isso cruamente. Mas, retratava justamente por ser contra, porque eu, seu autor, achava e acho que a violentação ao ser humano, seja ele faltoso diante da lei ou não, é um ato que atenta contra a moral e os bons costumes.

Hoje, o livro da “Barrela” é proibido de novo. Ele atenta contra a moral e os bons costumes. Porque os costumes, os métodos dos presídios continuam os mesmos de dezoito anos atrás. Porque os problemas que geram a super-população carcerária não foram sanados. Muito pelo contrário, foram agravados.

Há tempos atrás, os jornais de São Paulo noticiaram com grande destaque três crimes de morte dentro de um xadrez desta capital, nos quais as vítimas era menores. Uma autoridade, com franqueza, sem clara demonstração de desespero por não encontrar solução para o problema, desabafou publicamente que os casos tinham relação com sexo, sim, estupros, sim, e que lá dentro do xadrez os homens viram feras. “Barrela”, há dezoito anos só pretende dizer isso.

Só pretende[u] chamar a atenção da sociedade para um terrível problema que tem que ser solucionado para podermos nos orgulhar de sermos um povo que respeita os direitos humanos.

Mas, por querer a dignidade do ser humano, esteja ele em qualquer circunstância, a todo momento sou acusado de atentar contra a moral e os bons costumes. Essa acusação, eu não posso deixar passar, sem registrar meu protesto, pelos meus filhos, pela minha mulher, pelo meu público e, sobretudo, pela nação brasileira que eu amo tanto.

Nem no palco, nem em livro (Folha de S. Paulo – Edição de 28/6/1977. Página 31. Caderno Ilustrada)

Foi às vésperas da estreia de “Os Homens”, de um canadense chamado Herbert, que ia ser encenada no Teatro Oficina por esse moço Davi Cardoso. Ele me disse que não se interessava por problemas sociais, queria era faturar e essa peça, cuja ação se passa num xadrez, se prestava pra isso. E era só essa intenção dele. Davi Cardoso, na montagem de “Os Homens”.

Mas deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que, na véspera dessa estreia, encontrei com um alto figurão da Censura Federal na rua e ele me disse que talvez fosse a hora de entrar com o pedido de revisão de censura para minha peça “Barrela”. Que havia dois precedentes: o filme “O sistema”, baseado num argumento do Truman Capote, e essa peça do tal de Herbert. Então, eu perguntei se ele conhecia a “Barrela” e ele não conhecia, nunca tinha lido minha peça, apenas conhecia a fama e tal e coisa e coisa e lousa. Aqui, abro um parênteses nessa história, pra explicar que eu, particularmente, não tenho inimigos. E levo papo com qualquer cidadão. Conto isso porque sei que existe muita lenda em torno do meu gênio ruim e agressivo. Mas, não é verdade. Eu sou pacífico. E se retrato a violência em minhas peças, é que, como repórter de um tempo mau, me vejo obrigado a registrar os fatos que os meus olhos de ver veem. Isso posto, vamos em frente.

Não entrei com o pedido de revisão de censura pra “Barrela”, mesmo aconselhado pelo figurão da Censura. Isso porque tinha certeza de que “Barrela” não seria liberada e ainda poderia causar a proibição da outra peça. E sabia que o figurão, por assunto do filme do Capote, da peça “Os Homens” e da “Barrela” serem sobre presídios, nas três haver estupros, ele as achava iguais. Porém (e sempre tem um porém), na hora em que ele lesse o meu texto, ia notar a diferença e me proibir.

Porque “Barrela” não tem nada a ver com a história do Truman Capote, nem com a peça do Herbert.

“O sistema”, do Truman Capote, é bem ao estilo americano hollywoodiano. Cheio de lances violentos, mas no final deixa claro que o sistema penitenciário é bom. As pessoas que estão lá dentro, como presas, como guardas, como diretores, é que são más e avacalham a guerra. E que basta mudar as pessoas ruins pelas boas que tudo fica regulado. E que o Estado é bom, já que tem um sistema presidiário perfeito, que só não funciona por causa de corruptos e ignorantes.

Já na peça “Os homens”, o caso é que todos são chegados ao homossexualismo e paixão frustrada leva uns a praticarem horrores contra os outros. Longe de mim querer impedir que o problema do homossexualismo seja discutido no palco. O homossexualismo é um fato da humanidade e deve ser abordado pelo teatro, é evidente. O teatro só tem sentido quando o palco é uma tribuna livre onde se possam discutir até as últimas consequências os problemas do homem. Apenas a mim me irrita um pouco quando o homossexual é colocado em cena como caricatura do ser humano, para ser deleite de uma burguesia enfarada, castrada e necessitada de ver as degenerações sexuais pra se excitar. E é isso que fez o sucesso dessa peça “Os homens”, que, aliás, foi liberada justamente por não tratar o ser humano com respeito, nem tentar preservar a sua dignidade, nem protestar contra a situação em que se encontram os protagonistas da peça.

A “Barrela” não é igual a essas peças, que podem até ter maior gabarito artístico, do ponto de vista puramente estético. “Barrela” protesta e acusa o Estado que mantém prisioneiros em precárias condições, em promiscuidade, em celas imundas, como se homens fossem feras, por terem cometido crimes. “Barrela” não retrata santos. Retrata homens que se degradaram no vício, no roubo, no assassinato, mas reivindica pra eles condições decentes de vida, porque eu, autor dessa peça, não posso admitir que, em nenhuma circunstância, homens sejam tratados como animais e que seres humanos sejam empilhados, amontoados, espremidos em sórdidos cubículos. “Barrela” denuncia essa triste situação dos nossos presídios. E é claro que é proibida, porque incomoda. Porque responsabiliza a sociedade e as autoridades pelos presos.

“Barrela” não foi liberada nunca para o teatro e agora foi proibida em livro. E eu estava certo quando não aceitei o conselho do figurão da censura pra pedir revisão. Ele proibiria a “Barrela”, se a lesse. E se houvesse onda, acabaria proibindo a peça do Herbert ou o filme do Capote. Eu não concordo com a obra deles, mas não acho que elas devam ser proibidas. Creio que o único juiz válido do teatro é o público. E esse tem o direito de escolher o que quer e o que não quer assistir. Do público, eu não tenho medo do julgamento. Ele jamais haverá de me colocar no índice. Jamais. E por mais que me acusem e me condenem por atentar contra a moral e os bons costumes, por mais que me calem a voz, eu sempre serei absolvido pelo povo brasileiro, disso não tenho dúvida. E a cada proibição, mais e mais eu entro pra História do teatro brasileiro, história que já não pode ser contada sem minha participação em luta permanente pela liberdade de expressão. E por isso, já estou gratificado e recompensado pelas mil e uma frustrações que a Censura me causa. Mas, não sou um vencedor. Vencedor no teatro seremos todos, no dia em

que o nosso palco for totalmente livre e nele pudermos defender a plenitude dos direitos humanos em nosso território e em todo o mundo.

Uma peça incômoda (Folha de S. Paulo – Edição de 29/6/1977. Página 35. Caderno Ilustrada)

Há uns tempos atrás, ia estrear “Dois perdidos numa noite suja”, no Rio de Janeiro. Vieram então os repórteres saber de mim o que eu achava de ver essa peça encenada outra vez, após dez anos da sua primeira apresentação. Pombas, sabe como é que é. A gente não é de ferro. Acha ótimo. Se emociona. Naturalmente que a gente se emociona com uma estreia. Porém (e sempre tem um porém), eu não sou dos que perdem a consciência e, nas entrevistas, eu dizia que era lamentável que essa peça não tivesse sido superada. Uma pena porque eu havia escrito a peça há dez anos atrás, sobre a realidade brasileira, e meu texto continuava atual, mais atual do que nunca, porque a realidade do nosso país não se alterou nesses anos todos. Os problemas sociais que eu abordei há dez anos atrás até se agravaram e isso eu lamento. Lamento sinceramente. Como lamento que a “Barrela”, escrita há quase vinte anos, sobre a situação do homem encarcerado, não tenha sido superada. Ainda tenha que ser proibida pela Censura pra evitar que essa peça-reportagem escancare um cancro social. Mas, deixa isso tudo de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que, uma vez lá no Rio de Janeiro, o Ginaldo de Souza, administrador do Teatro Jovem, resolveu montar a “Barrela”. Convidou o Luís Carlos Maciel pra dirigi-la e ele escolheu um tremendo time; Fábio Sabag, Milton Gonçalves, Joel Barcelos, Luís Parreiras e outros cobras. Na véspera da estreia, a censura proibiu. Foi um reboliço. A classe teatral não se conformou. Foram falar com o Ministro da Justiça, que na época era o Senhor Gama e Silva. E ele então pediu uns dias pra ler a peça. E nós ficamos naquela angústia. Ele tinha liberado a “Navalha na carne”. Tá certo que a “Navalha” teve muito apoio da intelectualidade e até de duas patentes que estavam no comando da Polícia Federal em São Paulo e que eram homens chegados ao diálogo: o General Silvio Correia de Andrade e o Coronel Mont Serrat. A opinião deles, por escrito, pesou muito na liberação da “Navalha na carne”. Mas, essa é outra história, que contarei outro dia. Na pauta hoje é o caso da “Barrela”. Nós ansiosamente esperávamos a decisão do senhor ministro da Justiça Gama e Silva e corriam boatos de que ele ia ser substituído na pasta. Eu não entendo das mumunhas políticas, mas escutava os bochichos sobre a queda do homem e me preocupava. Acreditava que, se ele estava pra cair, não ia esquentar a cabeça com uma peça. E falei disso com o então senador Marcelo de Alencar. Ele, experiente no ramo, cantou o que iria acontecer:

– Olha, realmente existem os boatos que o Gama está pra cair. E onde há fumaça, há fogo. Então, vai ser assim: enquanto ele estiver pendurado, não dá decisão. Quando a situação dele se definir, ele decreta a sorte da peça. Se for permanecer no posto, proíbe a “Barrela”. Se for sair, libera.

E diante do meu espanto, o senador explicou:

– Se ele for ficar, dá uma de durão e proíbe. Se for sair, libera pra sair como um liberal que ajudou o teatro a ter um pouco de liberdade de expressão.

O senhor Gama e Silva continuou na pasta e, como o senador Marcelo de Alencar havia previsto, proibiu a “Barrela”. Foi com muita tristeza que recebemos a notícia. Tínhamos ido ao gabinete do ministro no Rio de Janeiro saber a resposta. E ele só recebeu a Norma Benguel, que tinha também pendente um texto que ela ia montar. Ela, ao sair, estava chorando e me disse que a peça que ela queria montar estava liberada, mas a “Barrela” fora proibida. Um oficial de gabinete dispensou a todos nós sem maiores informações e a confirmação da proibição tivemos no dia seguinte pelos jornais.

Aí, resolvemos fazer sessões clandestinas pra não perder de todo o esforço do elenco. A classe teatral foi em peso e foram alguns amigos. Entre esses, estava o senhor Carlos Leal, psiquiatra chefe da Penitenciária Lemos de Brito. E esse homem se encantou com a peça, dando uma declaração por escrito de que a “Barrela”, além de retratar a realidade dos depósitos de presos, servia pra estudar o comportamento dos encarcerados em grupo. E pediu que nós fizéssemos uma sessão para seus alunos, porque ele achava de muita importância que eles assistissem à peça.

Nós enviamos o depoimento do doutor Carlos Leal para o ministro, na vã esperança de que a opinião dessa autoridade no assunto fizesse o senhor Gama e Silva rever o caso. Não adiantou. A “Barrela” continuou proibida.

Houve mais tarde nova tentativa de liberação da “Barrela”. Eu estava em Brasília e conversei com um figurão da Censura e ele me afirmou que, vendo um ensaio da peça, poderia liberá-la. Vim pra São Paulo, falei com os meus bons amigos Zé Roberto Melhen e Pedro Bandeira e eles toparam meter um dinheiro na parada. O Alberto D’Aversa foi escolhido pra diretor e escolheu um excelente elenco.

Quando a peça ficou pronta, o figurão da Censura se recusou a ver o ensaio. Alegou que nunca havia falado comigo e ainda ameaçou mandar me prender se eu insistisse. E a “Barrela” ficou proibida. No ano passado, a Editora Símbolo editou a peça em livro. E agora o livro é proibido por ordem do Ministro da Justiça. Valha-me Deus! Essa peça é realmente incômoda.

Nem direitos autorais estão respeitando¹¹(Folha de S. Paulo – Edição de 30/6/1977. Página 41. Caderno Ilustrada)

O Marco Aurélio (Jangada) me telefona indignado. Ele e os outros compositores de samba-enredo das escolas de samba de São Paulo não têm nada a receber na SICAM. Segundo Jangada, os diretores dessa organização informaram que o Governo não recolheu direitos autorais de Samba-enredo. Dizem que o Governo não recolheu porque agora é uma organização oficial que recolhe o dinheiro e depois distribui. O Marco Aurélio, durante os três dias de Carnaval, andou por salões de baile (entre outros, o famoso Paulistano da Glória) cantando seu samba, que também foi muito tocado nas rádios e na televisão, inclusive chegando a ser classificado numa parada de sucesso e tal e coisa e coisa e lousa. Mas, com tudo isso não há dinheiro para os sambas-enredo paulistanos. Uma lástima. O Jangada está juntando o Geraldão, o Talismã, o Zeca da Casa Verde, o Jordão, o Silvio Modesto e outros, para, juntos, colocarem um advogado na parada. Pois é

11 Não há o registro, por algum motivo desconhecido, da assinatura do nome de Plínio Marcos na coluna de jornal onde este texto foi publicado, diferentemente do que ocorre com os outros textos.

isso aí. Cada vez fica mais duro ser compositor de música popular brasileira no Brasil.

É o caso do Geraldo Pereira, um dos maiores compositores populares do Brasil, autor do inesquecível “Escurinho”. “Era um escuro direitinho/Agora anda com mania de brigar/Parece praga de madrinha/ ou macumba de alguma escurinha/que lhe fez ingratidão.” Autor também da famosa “Falsa Baiana”: “A falsa baiana quando cai no samba/ninguém bate palmas/ninguém abre a roda/ninguém grita/Salve a Bahia, Senhor”. Com essas duas obras-primas do samba e uma bagagem enorme, o Geraldo Pereira morreu pobre e sua família até hoje está fazendo das tripas coração para provar que ele existiu e que é autor de uma porção de músicas que dariam, sem dúvida nenhuma, uma boa arrecadação de direitos autorais, se esse dinheiro não fosse, no Brasil, manipulado por gente que não faz cerimônia em aplicar qualquer truque de Mandrake de mafuá. Truques que fazem com que a grana que entra na cartola nunca mais apareça.

No caso do Geraldo Pereira, os diretores das sociedades arrecadadoras chegam a colocar em dúvida se esse compositor existiu ou não. Aparecem na fita vários Geraldo Pereira, e pra complicar, todos criou[los] e todos se dizendo autores de Xavecada¹² na Pavuna, Olha a Cara Dele e Quebra o Prato. É uma de horror. Enquanto fazem confusão, a família do verdadeiro Geraldo Pereira come capim amargo pela raiz. Uma injustiça. Geraldo Pereira foi um dos grandes da nossa música. Sua parceria com Wilson Batista, Cristóvão de Alencar, Moreira da Silva, Nelson Trigueiro e com tanta gente boa já serve pra dar a medida do gabarito desse compositor que as sociedades arrecadadoras preferem que seja esquecido pra sempre, só pra não terem que pagar a quem de direito o que lhe é devido por seu trabalho.

Ao mesmo tempo, Geraldo Pereira é vítima da mania que a intelectualidade, tem, quando se mete no meio do povo: escutar apenas uma versão das histórias e venderem o peixe comprado numa banca só como verdade absoluta. Por essas e outras, o Geraldo ficou mais conhecido pela vida de Madame Satã. Todos contam que esse famoso homossexual, que era metido a valente e que fazia e acontecia na Lapa, teria matado o Geraldo Pereira numa briga. Essa briga realmente existiu e o Geraldo levou realmente uma banda da Madame Satã, tendo baixado hospital dias depois. Porém (e sempre tem um porém), o Geraldo Pereira morreu tuberculoso. E foi por causa dessa doença, que comeu tantos grandes artistas, a começar por Noel Rosa, que ele baixou [no] hospital dias depois da briga. E há quem diga que a Madame Satã só ganhou o Geraldo no braço porque ele já estava mal com Deus. Chué dos peitos e escarrando sangue.

Madame Satã não era tão valente como dizem. Seu negócio era barbarizar os rapazinhos que não queriam entrar em acordo com ele. E encarar a polícia na base de apanhar de chanfralho de quatro ou cinco guanacos não rasga cartas de malandro, aliás, muito pelo contrário. Mas, o testemunho das pessoas que conheceram o Geraldo Pereira é de que em gozo de saúde ele massacraria Madame Satã. O Geraldo era um negrão de um metro e oitenta, forte como um touro e bom de briga. De cara limpa, era homem pacato. Ficava fera apenas quando bebia. Pelas suas fotos, se pode ver como ele foi definhando, consumido pela

12 Termo atualizado; no original de jornal consta “Chavecada”.

maldita doença. E foi já no fim da picada que Madame Satã ganhou ele na mão. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que o Geraldo apesar de ter vendido muita música, apesar de ter levado uma vida desregrada e de não ter cuidado muito dos seus direitos, deixou uma obra respeitável, suficientemente grande para garantir um bom dinheiro para suas várias mulheres e seus vários filhos.

Por esse exemplo do autor de Falsa Baiana, o Jangada e os outros compositores das escolas de São Paulo devem se organizar para, em grupo, defenderem os seus direitos agora que estão vivos. Se agora já estão sendo passados pra trás, imagina depois que forem falar com Deus.

2. 6 – As crônicas de julho de 1977 – Coluna Plínio Marcos

Festival na serra e esmola para o músico (Folha de S. Paulo – Edição de 16/7/1977. Página 27. Caderno Ilustrada)

A situação do artista popular brasileiro é muito grave. Nossos atores, pra trabalhar na televisão, têm que se sujeitar a vexames de entortar patuá até de nego de cabeça firmada no pé de santo forte. Abaixam o salário, pagam quando querem, os contratos só protegem o patrão, burlam a lei, obrigando o ator a trabalhar dezoito horas por dia, quando a jornada permitida é de seis horas.

Os nossos músicos não encontram trabalho. São substituídos por fitas e discos importados, nas rádios, nas televisões, nas boates, nos clubes. Essas fitas geralmente são de música de gosto duvidoso e não raras vezes entram aqui contrabandeadas e são multiplicadas por gravadoras fantasmas. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que o nosso músico está caindo pelas tabelas. Não é levado a sério por ninguém. A própria Prefeitura de São Paulo costuma promover um bailão pra milhares e milhares de pessoas, durante o Carnaval, apenas com toca-fitas.

Nosso compositor é lesado a todo momento nos seus sagrados direitos autorais. A ECAC não dá pontos pra sambas-enredo, por exemplo. Prefere pontuar as músicas dos seus próprios fiscais e chefetes de setor. Os compositores não têm estímulo para continuar seus trabalhos. Há casos dolorosos de autores de dezenas de músicas, gravadas por cantores importantes, que estão à beira da miséria total, porque não recebem seus direitos autorais. Depois da tragédia do magnífico violonista Macumbinha, diariamente nos aparecem casos de músicos e compositores que estão se sentindo a perigo perpétuo.

Esse quadro é muito triste e grave demais. Nos países civilizados, o direito ao trabalho é sagrado. Aqui o Brasil, não. Agora, como é que nosso povo vai se desenvolver, se nossos artistas não conseguem nem ganhar o pão de cada dia com seu talento e no ofício que têm. Um povo que não tem artistas não tem futuro e perde o seu passado. Sem seus artistas, um povo perde a dignidade, perde o auto-respeito, fica desfibrado, se sente inferior. E um pouco, pra ser livre, pra ter orgulho de si mesmo, precisa de trabalhar, ganhar seu próprio sustento. As artes no Brasil são financiadas pelo Governo. Das mais elitistas até as mais populares. Os artistas burgueses, os empresários gananciosos acham isso uma coisa maravilhosa. Eles

dizem que o Governo, que cobra impostos, tem a obrigação de financiar a arte e a cultura. Para mim, a arte e a cultura financiadas pelos que detêm o poder são lastimáveis. Se tornam uma arte e uma cultura atreladas, impedidas de retratar a realidade, de fazer projeções para o futuro. O governo tem é que dar a oportunidade para que o artista garanta o seu mercado de trabalho. O artista e qualquer outra categoria de trabalhadores. Porém (e sempre tem um porém), pra isso é necessário que os sindicatos tenham garantias democráticas. Que não se temam intervenções por contrariar os interesses dos que se locupletam com mil e uma falcatruas. No caso da arte e da cultura, os sindicatos têm medo de investir contra os importadores de cultura de consumo. Têm medo de reivindicarem o direito do mercado de trabalho e descontentarem os poderosos senhores. Então, se perdem em ridículas discussões sobre regulamentação de profissão. Tolo e inútil, porque a regulamentação da profissão não aumenta o mercado de trabalho, apenas protege um bando de medíocres que querem se acomodar e se defender contra os jovens.

Se por acaso as nossas rádios e as nossas televisões fossem obrigadas a terem uma programação com artistas nacionais, se fossem impedidas de passarem cento e setenta filmes estrangeiros por semana, haveria lugar para músicos, artistas, escritores brasileiros. Se as rádios fossem obrigadas a tocar oitenta por cento de música brasileira, o músico nacional não viveria à beira da indigência.

Mas, tudo está viciado. Os lutadores de araque só falam em regulamentar a profissão dos artistas. Os músicos que digam se isso adiantou alguma coisa. O Macumbinha é a resposta. Regulam muito uma profissão e o empresário, para se ver livre, troca todos os trabalhadores por uma fita importada.

O artista brasileiro, músico, cantor, ator, contorcionista, equilibrista, escritor e tudo mais, está no papo de aranha. Não tem mercado de trabalho, não pode evoluir. Um artista com fome não pensa nos aspectos culturais da sua profissão. Faz o que aparece. E muitas vezes, sem pensar, sem perceber, faz coisas contra seu próprio povo, transmite ideias nocivas, elitistas e castradoras.

Nós não podemos nos deixar enganar com as falsas iniciativas culturais do Governo. Por exemplo, um festival de música clássica promovido pelo Governo do Estado em Campos do Jordão não significa absolutamente nada em termos de cultura ou de mercado de trabalho. Esse festivalzinho de grã-finos que foram passar as férias nas montanhas é elitista e ainda fecha o mercado de trabalho. O Governo promove a distração para que os grã-finos não sintam solidão no alto do morro. Mas, depois, eles vão tomar uísque em bares com música de toca-fitas. Bom seria que fosse obrigatória nesses bares a música ao vivo. Os grã-finos para se divertirem dariam trabalho a músicos e artistas e se quisessem ver concertos tratariam direto com empresários. Mas, não, o Governo, através da sua Secretaria de Cultura dirigida por um violonista metido a discriminar artistas que não são do seu agrado, organiza um festival para um grupo de privilegiados.

Necessário se faz uma grande campanha pelo mercado de trabalho. Abaixo a esmola e a subvenção governamental, uma forma de censura.

Na barra do catimbó¹³(Folha de S. Paulo – Edição de 17/7/1977. Página 12-13. Caderno Folhetim)

II – Nascimento de Jorginho Catimbó

Certa manhã, quando o crioulo Catimbó cuidava da roça de milho, a Nega Bina Calcanhar de Frigideira se aproximou timidamente e, com muita ternura, ficou espiando seu homem. De repente, o Catimbó parou o trabalho, limpou o suor do rosto e fixou o olhar na mulher. Sorriu pra ela. Havia na Nega Bina um denogo diferente. Um encanto de menina que fez traquinagem. Ela também sorriu, mas não sustentou seus olhos, iluminados por um brilho raro, nos olhos arregalados de espanto do seu homem. Ela baixou a cabeça encabulada. O Catimbó tremeu nas bases. E vacilando, com medo de estar enganado, pediu confirmação do que adivinhava:

– Tu... tá... choca, nega boa?

A Bina quis responder, mas a voz não saiu. As lágrimas de felicidade lhe escorreram pelo rosto e ela só pôde sacudir a cabeça afirmativamente. O Catimbó endoidou. Correu e pulou de alegria. Depois, ergueu a Nega Bina nos braços e, como se a mostrasse pro Sol, berrou com todas as forças:

– Essa mulher carrega na barriga meu Jorginho, Seu Jaci, astro-rei. Protege ele, que ele vem da gama firme de um homem por sua mulher de fé. Protege o negro que vai nascer de cabeça coroada, que ele é de Ogum e vai fazer grandes façanhas nesta terra de Oxalá.

Depois, o Catimbó levou a Nega Bina pra casa, botou-a pra descansar e falou com ela sobre o filho que ia nascer:

– Será Jorginho do Catimbó. Um pivete bom, cheio de embaixada e com vontade de querer.

– Mas não vai ser bandido como tu. Nem danado como mãe. Vai ser gente.

– Vai ser doutor. Vai saber das coisas.

– Andará na paz de Oxalá.

– Oxalá que o salve e guarde.

– Quero uma festona quando Mãe Begum de Obá lhe botar a mão na cabeça e lhe der o nome.

– O que o Bilu Macumbeiro vai dizer da gente, se a gente dá ele pra Mãe Begum batizar?

– A gente tem que escolher um só. Ou não tem?

– Madame Nenê vai ser a madrinha. A gente tá devendo favor a ela.

– A velha vai ficar contente e vai dar presente bonito pra ele. O Jorginho será o neto que ela não teve.

– E a Dona Cotinha vai se bronquear toda.

– Quero que a fofqueira se dane.

– Ela tem língua comprida, mas não é má pessoa.

– Ela até ajudou a gente.

– A gente pode então até batizar o Jorginho duas vezes. Assim ninguém se aborrece. Pai Bilu Macumbeiro e Mãe Begum de Obá rezam a cabecinha dele.

13 Na mesma data em que esta crônica foi publicada, uma entrevista de capa com Plínio Marcos foi publicada no mesmo caderno Folhetim, com o título de “Plínio sem cortes”.

Mestre Zagaia e Seu Miranda do violão serão os padrinhos. Madame Nenê e Dona Cotinha, as madrinhas. Vai ser uma festança pra otário nenhum botar defeito.

– Tem que ser. A gente enche o terreiro de bandeirinha. Enfeita tudo. Tem que ficar uma boniteza.

– Damos de comer pros santos e pra quem chegar no pagode. Mando avisar todo o povão das quebradas do mundaréu. Os atabaques tocarão sete noites pra sete nações. Aruanda, Gege, Angola, Keto, Alaketo, Nagô e Cabloco. A curriola mais pesada vai fazer samba, muito partido-alto. Ah, nega boa, nós vai fazer a terra tremer em honra do pivete que vai nascer.

– Ele será pra nós o que nós não pôde ser.

– Será que o Deus quiser. Mas sempre um nego macho. O nosso Jorginho do Catimbó. Catimbozeiro manhoso. Mestre Zagaia lhe dará as dicas da Tabuada das Candongas.

– Mas se a polícia...

– Não acha o caminho. Não encontra nosso pedaço. A gente despacha os exus e os tiras ficam dando volta no mato como peru na véspera. Pode se assossegá.

*

Dizem que foi na primeira sexta-feira de Ogum, na primavera, na hora grande, que o Jorginho chorou. Foi um parto tranquilo e as dores deram muito prazer à Nega Bina, que se fez mãe. Dizem ainda que logo que rompeu o dia, o Catimbó hasteou em um mastro de pau forte no terreiro da casa, a bandeira branca de São Jorge Guerreiro e depois partiu para as quebradas do mundaréu, para avisar o povão do nascimento do Jorginho do Catimbó e convidar para o batizado. Por todas as encruzilhadas por onde passou o crioulo Catimbó pediu licença para os exus e prometeu marafo, ocossi, vela, fita de cor, fumo e tudo mais, além dos aquicôs e dos bichos de quatro pés.

*

Sete dias após o nascimento do Jorginho Catimbó, na segunda sexta-feira da primavera, de madrugada, as patotas começaram a se formar pra irem enturmadas até a Barra do Catimbó. Nos terreiros de Bilu Macumbeiro e Mãe Begum de Obá, as filhas mais velhas, com roupas de santo, e os ogãs de mais respeito carregavam os atabaques, caldeirões, mantimentos, pembas, marafa e mil e um badulaques para os trabalhos dos maiores em homenagem ao Jorginho. No puleiro das madames, o mulherio se lavava com flores, vestiam seus melhores vestidos e se enfeitavam com todo o capricho pra irem saudar o Jorginho. Nas favelas e nos cortiços, antes do Sol raiar, crianças, velhos e mulheres se movimentavam, num assanhamento infernal pela festa do Catimbó. No fim das gafieiras, os músicos ensacavam os instrumentos e partiam rumo à Barra do Catimbó.

Logo cedo, enormes grupos engalanados e barulhentos, carregando presentes, comida, instrumentos musicais, ferramentas dos santos se metiam no mato que rodeia a cidade em direção da festa. Iam cantando alegres:

Ô Seu catimbó

Ô Seu catimbó
Salve sua casa
Salve sua cria
Hoje e sempre
Oxalá guarde esse dia.

No terreiro da casa do Catimbó, a manhã inteira, foi a zoeira do povão que ia chegando. A primeira curriola que encostou foi a da pensão da Madame Nenê. Vieram todas as mulheres, seus cafeolos e mais o dengoso garçom, o Naná. As piranhas foram direto pra cozinha preparar um angu baiano e feijoadada. Os homens armaram uma pelada no terreiro. Logo depois, piou na parada Mestre Zagaia com um batuque quente. Seu Miranda no violão, Satanás no pandeiro, Coisa-Preta no cavaquinho, Rato Branco no reco-reco, Nego Bio na cuíca e mais Catulé, Chupim, Mão de Gato, Fuinha, Zolhinha, Borrão no tamborim e Cheiroso no surdão. Mal entraram, o Wilsinho Bocão puxou um samba de partido-alto:

É tumba, moleque, é tumba
É tumba pra derrubar
Tiririca, faca de ponta
Capoeira vai te pegar

Sem alô nem nada, o Catulé, que já chegou braseado de tanta pinga que tomou na viagem, meteu a perna num nego que estava jogando bola. Foi tombo feio. A moçada fez um auê-auê. O nego se queimou e queria correr pra dentro do Catulé. Mas a turma do deixa-disso abafou o sururu. A mulherada que não arranjou o que fazer na cozinha veio pra roda de samba e a Madalena Anca-Mole, dizendo no pé, fez a poeira subir e os ânimos serenaram. Mais gente foi chegando. O pessoal do cortiço do Quim Ilhéu, a curriola dos botecos das bocas, as piranhas do quarteirão, Mãe Begum de Obá e sua gente toda, o mulhero dos cabarés e seus homens, o regional do Esquerdinha em peso, Bilu Macumbeiro e suas filhas de santo, a curriola das escolas de samba, o time do Amor e Glória trouxe torcida como se fosse dia de grande jogo. Às dez horas da manhã, o terreiro da casa do Catimbó já estava apinhado de gente e ainda estava chegando mais. Era um pagode como nunca ninguém tinha visto igual antes. Cachaça rolando à vontade. Duas rodas de samba. Quatro peladas. Duas casas de macumba trabalhando na matança e nos despachos, casais sumindo no mato a todo momento. A alegria era geral.

A última pessoa a chegar foi Dona Cotinha Boca-Grande. Já veio chiando. Se atrasou esperando o Manoel Cheiro de Peixe acordar, errou o caminho, sua empregada, uma crioula velha, esqueceu de botar na mala os presentes do Jorginho, o moleque que carregava seus ebadulaques amassou o bolo que ela mesma fez, uma doidice a jornada da faladeira. Mas, nem por isso ela sentiu falta de fôlego pra achar defeito em tudo. De saída, se recusou a aceitar Seu Miranda do Violão como parceiro na cerimônia do batizado. E, sem se acanhar, trocou Seu Miranda pelo Mané Cheiro de Peixe, com quem estava querendo se argolar, apesar de não ser correspondida por ele. Mas, só quando ficou tudo do jeito que ela queria é que pôde ter início o batizado.

Mestre Zagaia e Madame Nenê, Mané Cheiro de Peixe e Dona Cotinha Boca-Grande levaram o Jorginho até o riacho e aí, Mãe Begum de Obá e Pai Bilu Macumbeiro banharam a criança, que por sinal chorou muito. Cumprido o ritual, Nega Bina Calcanhar de Frigideira recebeu o filho nos braços e lhe deu de mamar. Catimbó mandou servir comida pra todos e o Oscarino Vaselina, camelô de muito falatório, aproveitou pra fazer um discurso:

– Meus senhores e minhas senhoras. Nós está aqui hoje porque a nossa polícia tá com nada e nunca achou o Catimbó. Viva nós que se dane eles todos! Com nós é com nós mesmo. Viva o Catimbó, viva a Bina Calcanhar de Frigideira e viva a cria deles, o Jorginho de Ogum, e toda a Barra do Catimbó!

O povão deu vivas, fez pique-pique, hurra e encheram o pangulho até dar tristeza. Aí então, se espalharam pelos cantos, uns pra dormir, outros pra botar pra fora o que comeram e outros, ainda, pra levar papo fiado. E aí, mais uma vez, Dona Cotinha Boca-Grande se destacou deitando falação e metendo ideias de jerico na cachola da gentalha. Para o mulherio da zona, ela abriu um mistério:

– Podem crer que não foi nada disso que tão dizendo, que Mãe Begum não sei o quê e o Pai Bilu e tal e coisa e coisa e lousa. É esse lugar aqui é que é o paraíso. As águas do regato são milagrosas. A Nega Bina está aí mesmo pra não deixar ninguém me desmentir. Foi ela beber dessa água e se levar com ela pra amarrar o meu compadre Catimbó. Quem diria? Esse meu compadre não podia ver mulher e acabou ficando embeijado por uma negritinha de canela fina. E mais. Tem mais. Essa crioulinha não tinha mais jeito de emprenhar. Só de anjo que eu contei, ela fez quinze. E mais ainda. A Dona Biloca parteira me contou que a Bina deu nó nas trompas.

Sem esperar resposta, certa de que tinha envenenado o mulherio, a Cotinha Boca-Grande foi falar com os homens. Foi de roda em roda, sem pedir licença:

– Crioulo porreta é esse meu compadre. Fez e aconteceu e está aí, folgado, muito à vontade. Aqui a polícia não vem, não. Se vir, dá pra trocar com eles. Bala contra bala. E tem mais. Isso aqui não é tão longe assim no mundo. Dá pra ir lá, fazer um servicinho e voltar rapidinho. Lugar bom é esse aqui.

Nem precisava esperar comentário. Os pilantras que tinha parceirada se olhavam e era sinal de que estavam achando que Boca-Grande tinha razão. E ela, incansável, foi em cima de Pai Bilu:

– Pois é, meu Pai. Salve sua banda. Mas Mãe Begum tá certinha. Que gente da macumba não ia querer montar uma roça de santo num lugar como esse? Tem água corrente, tem cachoeira, mata, pedreira. Mãe Begum até já escolheu um pedaço pra ela.

O babalaô, que estava cochilando, se acendeu com essa conversa. E a Cotinha Boca-Grande foi falar com Mãe Begum:

– Olha lá, minha mãe. O Pai Bilu não perde tempo. Vai fazer uma roça nesse lugar, que ela diz que é encantado.

Com a velha ligada na nova possibilidade, a faladeira ganhou coragem e foi falar com Mané Cheiro de Peixe, seu grande paixão:

– Mané, o povo tá querendo vir morar pra cá. Tu podia abrir um boteco aqui. Ia enricar loguinho.

O portuga não disse nem sim, nem não. Apenas rosnou. O que era bastante pra Corinha entender. E então ela esclareceu:

– Se for preciso um dinheirinho, eu arrumo.

Um novo resmungo do Mané Cheiro de Peixe significou pra Cotinha que nessa base ele topava. E ela, alegre e cheia de esperança, chamou o povão pra roda de samba. E foi aí que nasceu uma quizila. O Landinho do Mercado estranhou o Walfrido Cabeção e, sem muita conversa, meteu-lhe a peixeira, sangrando-o de morte. Foi um forrobodó. Todo mundo entrou na briga, que só acabou quando o Landinho e seu amigos fugiram. Aí, o povão cuidou do falecido Cabeção. Acenderam vela e jogaram o gurufim a noite inteira:

- Gurufim quer comer sardinha.
- Sardinha não come.
- Que come?
- Tubarão.
- Tubarão não come.
- Que come?

De madrugada, o Zolhudo Secador fez uma cova no mangue, na margem do rio que ficava oposta à casa do Catimbó, em muito choro do mulhierio lá enterraram o Cabeção. E pra surpresa do dono do pedaço, todo o povão começou a escolher o lugar pra erguer seu próprio barraco. Tinha acabado o sossego da Barra do Catimbó e começava a nascer uma enorme favela, que iria dar muito o que falar. (Na próxima semana: “Enfim, a Barra do Catimbó e sua gente”)

Censura, um braço do colonialismo cultural (Folha de S. Paulo – Edição de 18/7/1977. Página 21. Caderno Ilustrada)

Podem crer, a Censura é no Brasil um braço muito forte e comprido do colonialismo cultural. E esse braço muito eficiente atua sempre com eficiência no sentido de defender os interesses das multinacionais, que infestam o mercado de comunicação brasileiro com a cultura de consumo importada. Essa determinação de censurarem as revistas e as demais publicações estrangeiras não foi soltada por acaso. Essa determinação veio lançar confusão e aguçar contradições nos meios intelectuais, justamente num momento em que se começava a formar uma consciência entre os profissionais de comunicação pela necessidade de se garantir o trabalho nesse ramo para o homem brasileiro no Brasil. Vários setores que sempre se omitiram nessa luta estavam começando a ser despertados. Os números da importação de cultura de consumo, de tão alarmantes que são, começaram a doer na consciência nacional. Economistas se escandalizavam com as somas assustadoras de divisas que se escoam dos cofres brasileiros na importação de cultura de consumo. Educadores e psicólogos se alarmavam com a violência sem escrúpulos que viam nessa cultura de consumo importada. Sociólogos se assombravam com o esmagamento das manifestações espontâneas do nosso povo, com a descaracterização cada vez maior do nosso homem comum, devido às maléficas influências dessa importação de cultura de consumo. Os sindicatos de

trabalhadores em comunicação estavam começando a compreender que não podiam fazer reivindicações trabalhistas, nem adiantava ter as profissões regulamentadas, se o mercado de trabalho estava praticamente ocupado pela importação de cultura de consumo.

O próprio ministro das Comunicações, senhor Quandt de Oliveira, se mostrou em várias ocasiões seriamente preocupado com a sempre crescente importação de cultura de consumo. E se até o ministro das Comunicações estava preocupado com o problema, ficava meio difícil de conter o falatório que ia surgindo de todos os cantos do país contra a importação de cultura de consumo.

E foi então que piou na parada essa determinação de censura obrigatória para toda publicação estrangeira que fosse entrar no Brasil. Naturalmente que iam regular mais do eu nunca os livros científicos, filosóficos e didáticos. O próprio departamento de Censura Federal fez questão de avisar que ia ser uma tarefa penosa e lenta, uma vez que não possuía quadros suficientes pra atender prontamente aos importadores dessas publicações. Propositadamente, a Censura abria a guarda. E a intelectualidade toda caiu no engodo. Começaram a berrar pela livre entrada de publicações estrangeiras e esqueceram totalmente a luta pelo mercado de trabalho no Brasil para os brasileiros. Cegos de ódio, os intelectuais urraram que a Censura queria impedir que eles lessem o Time-Life, o Le Monde, que não iam mais poder ver mulher nua no Playboy e tal e coisa e coisa e lousa. Entraram na fita sábios que não iam mais poder cuidar das borboletas, porque a revista alemã que lhes dava orientação ia demorar pra chegar nas suas mãos. E teve muito mais chiados desse naipe. Toda a intelectualidade, afobada e sempre sem analisar a real situação, passou a reivindicar a abertura das nossas fronteiras para a arte, a cultura e tudo mais que viesse do estrangeiro. Alegavam que, sem esse intercâmbio cultural, nós íamos virar uma ilha solitária. Um estranho intercâmbio esse, em que nós compramos esse lixo supérfluo e os estrangeiros só vendem, nunca compram nossas pornochanchadas. E as deles nós compramos, com sacrifício do nosso povo. Mas deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que, por essa medida da Censura regular as publicações estrangeiras que entram no Brasil, arrefeceu a luta pelo mercado interno no setor de comunicações. Paramos de reivindicar esse direito sagrado de garantir para nós, brasileiros, trabalhadores em comunicação, o mercado interno de trabalho no Brasil. Enganados pelo balão de ensaio da Censura, fomos envolvidos e nossa atenção desviada da nossa luta justa, que começava a ganhar corpo. Nós esquecemos que nosso povo nem lê, ou mal lê na língua portuguesa e que, portanto, não sentia falta dos livros importados, mas que continua sendo emprenhado pelos olhos e pelos ouvidos com a massificante cultura de consumo importada e que essa continua a entrar impunemente no país, com a complacência da Censura da Polícia Federal e que compete a nós, que amamos a pátria do povo brasileiro, combater com energia esse abuso, mesmo que isso implique, por um tempo, no sacrifício de alguns poucos que leem em várias línguas. É a hora de começarmos a raciocinar com lógica.

Se o Governo tem poderes de determinar de repente que censure todas as publicações estrangeiras que vão entrar no país, tem também poderes para, com uma penada, regular a entrada de filmes, de música e de tudo mais que está prejudicando profundamente nosso povo em vários aspectos. Queremos o mercado

de trabalho no Brasil pra nós, brasileiros. Essa é a única forma de nos desenvolvermos no setor. Com nossos artistas, intelectuais e comunicadores constrangidos pela falta de mercado de trabalho, não há possibilidade de se cuidar dos aspectos culturais da profissão.

Então, essa é a hora de se raciocinar sem egoísmo. Eles querem proibir os livros e as revistas estrangeiras. Lamentável, sem dúvida. Mas muito mais lamentável é que continuam a proibir a nós todos, aqui dentro, sem que ninguém reclame, e continuam a encher o mercado de comunicação com a nociva importação de pornochanchada. O fato de o Governo proibir publicações estrangeiras repercute no exterior. Isso tem repercussão lá. Aqui é que é com a gente. E não podemos permitir que continuem ocupando nosso mercado de trabalho.

Na rua alguém me abraça: o censor da peça que escrevi (Folha de S. Paulo – Edição de 19/7/1977. Página 35. Caderno Ilustrada)

Depois de vinte e tantos anos de profissão, a gente já não se assusta muito com os ossos do ofício. As coisas vão se repetindo. Mesmo as gratificantes, como, por exemplo, dar entrevista, que demonstra pra nós que ainda há interesse pelo que fazemos e tal e coisa e coisa e lousa. Porém (e sempre tem um porém), é meio constrangedor de repente ser a capa do jornal onde se trabalha. Mas, disseram, uma coisa não tem nada a ver com a outra. Deixa de luxo. Tudo bem. E saiu a reportagem do folhetim, com retrato na capa, chamada na primeira página da “Folha de São Paulo”, tremendo auê auê. Logo cedo a sempre gentil Lolita Rodrigues telefonou levando aquele papo que sempre entorta nosso patuá. Depois foi o Tony Ramos, depois foi um monte de gente, depois eu fui comprar cigarro e me senti como se eu tivesse me exibindo. Todo mundo tinha me visto. O dono do boteco, o jornaleiro, um velho com um cachorro, a empregada doméstica do vizinho e o vizinho. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que se deu um fato, entre tudo isso, que me deixou encabulado.

Eu estava passando pela Rua José Getúlio, quando ouço chamarem meu nome. Me viro pra ver quem é e dou de cara com um senhor acompanhado por outros dois mais recuados e meio acanhados. O senhor avança pra mim sorrindo e, com muita intimidade, me abraça. Eu não reconheço. E nessas ocasiões, me retrato. E espero que o cidadão se explique. O desse caso não se fez de rogado:

– Não tá se lembrando de mim?

Eu não estava. Mas, não precisei lhe dizer. Ele percebeu que a resposta era que eu não me lembrava mesmo. E então prosseguiu:

– E não dá pra você lembrar mesmo. O tempo passa. E já foi há tantos anos que a gente se cruzou.

Mergulho no passado. Procuo nos cantões da memória algum semblante que me lembre-o daquela pessoa parada na minha frente. Não pia nada. Recorro aos sons, ao arquivo de sons de vozes, nenhum som me serve de gula pra que eu localize o cidadão que me deteve na rua. Ele se manca que não vou mesmo me lembrar dele e então se abre:

– Eu sou o censor que proibiu a sua peça “Barrela”. Lembra? Eu era do DDP de Santos, lembra? De mim você não lembra. Faz tanto tempo. Foi em cinquenta e

seis ou cinquenta e sete? O tempo passa. Eu estava vendo as Folhas e falava aqui para os amigos que eu fui o primeiro a impedir sua peça. Que coisa, né?

Foi só o que consegui dizer. Eu estava pálido de espanto e achava aquilo patético. O censor que me proibiu pela primeira vez estava alegre de me rever e enchia a boca pra demonstrar orgulho por ter sido o autor da façanha. Eu fui o primeiro, dizia ele, e ria feliz. Mas, não havia maldade em nada do que ele dizia. Não havia, como direi, nenhuma noção do mal que ele me causou. E por incrível que possa parecer, me deu a impressão de que me tratava com o mesmo carinho que alguns velhos companheiros de circo me tratam quando me reencontram. Era como se eu fosse praquese cidadão um amigo que deu certo. E ele falava:

– Você não morre mais. Eu agora estava falando de você pra eles. Estava justamente falando da “Barrela”. Vi no jornal e me lembrei daquele tempo. Que tempo, hein?

– Pois é. Que tempo! Mas agora é igual.

– É. Mas eu lembro daquele tempo com saudade. Quem diria? Fui eu quem vetou sua peça.

– Você fez seu papel.

– Foi isso aí.

– Mas deixa eu ir.

– Vai. Eu vou ler devagar sua entrevista.

– Tá bom. Tchau.

Sigo meu caminho pensando em mil e uma coisas desta vida. Certo estava quem falou que até as pedras se encontram. De repente, eu fico diante do primeiro proibidor de peça minha. Depois de dezoito anos. Se ele não a tivesse proibido, como é que seria tudo? Me pergunto. Eu por certo não teria penado mais que a mãe do porco-espinho, não teria ficado tantos e tantos anos ano anonimato, se a peça tivesse sido liberada. Mas não foi. Penso também nas milhares de pessoas que, inconformadas por eu vira e mexe piar na parada dos sucessos, ficam bochichando que eu só consigo aparecer devido à censura. Que se não fosse a censura eu jamais teria feito e acontecido. E, tem muita gente que diz isso. Claro que essa gente nunca pensou em acabar com a censura, que seria a única forma de desmistificar. Não, isso eles não querem, porque pode ser que realmente eu conheça meu ofício e aí, como é que vai ficar? Eu boto uma peça em cartaz em cada teatro. Mas penso também na possibilidade de essas pessoas estarem certas. Penso em tudo isso e concludo que não tenho ódios de ninguém. Nem dos censores, nem dos pichadores. Não tive coragem de tirar uma forra com o primeiro censor. Até pensei (e me perdoem a vaidade) que, se por acaso eu for bom mesmo, um dia, sei lá, depois de eu morrer, um galato resolver fazer uma biografia minha, o cidadão censor vai ter que entrar nela. Só espero que nos faça justiça. Me coloquem como um rapaz que só queria escrever uma peça e coloquem o censor apenas como um rapaz que, sem saber de nada, tinha o direito de dizer se essa peça podia ou não ser levada à cena. Na verdade, ele como censor, fazia seu papel. O que torna a coisa grave é que se permita que algumas pessoas que não sabem de nada fiquem em posição de decidir sobre a sorte dos seus semelhantes. Justo mesmo é que, certo ou errado, as pessoas que ocupem os cargos de decisão sejam escolhidas

pelo voto popular. E só assim que se evitam as injustiças e as censuras. Se evita que se criem heróis gerados por perseguições e algozes gerados pela inconsciência.

Luta do músico deve ser sem paternalismo Folha de S. Paulo – Edição de 20/7/1977. Página 33. Caderno Ilustrada)

Continuam chegando mil e uma reclamações de compositores que tiveram suas músicas tocadas durante o Carnaval e, pelo critério de pontuação da ECAD, não receberam um único centavo furado de direitos autorais. Nossos pontos de lança atuando no setor nos informam que o senhor Adilson Godoy esteve em Brasília e entregou no escritório central da ECAD um memorial com a justa reclamação dos compositores das escolas de samba de São Paulo, que foram alguns dos que não receberam absolutamente nada. Nessa ocasião, o senhor Adilson Godoy recebeu promessa do pessoal responsável pela ECAD de que o assunto seria estudado com muita atenção e que iriam procurar reparar o clamoroso erro contra esses compositores, mas que tudo era apenas uma questão de tempo para se encontrar uma fórmula possível de se fazer a verificação.

Eu, da minha parte, acho que esse ano os compositores das escolas de samba já foram passados pra trás sem nenhuma cerimônia. O que vai acontecer é aparecer uma graninha mixuruca para cada um desses compositores, no melhor estilo “cala a boca”. Se esse dinheirinho sair, já é melhor do que nada. Porém (e sempre tem um porém), não devem os compositores das escolas de samba de São Paulo pegar esse dinheiro e se acanhar, para só aparecerem no ano que vem, após serem lesados, pedindo para a imprensa defender seus interesses, ou deixando alguns colegas seus se expondo e correndo o risco para que depois eles recolham os frutos que depois eles recolham os frutos da campanha. Todos devem se unir, porque é a única forma que existe para se fazerem respeitar.

No prezado momento, existe muito compositor que ficou no prejuízo, que chora nos botecos que foi lesado, mas que na hora do “vamos ver”, afina com medo de sofrer maiores xavecões¹⁴ no futuro. Enquanto persistir essa mentalidade oportunista e covarde, não se vai melhorar nada. E esses compositores que estão se furtando à luta pelos seus direitos, estão achando ótimo que alguém se exponha por eles, estão gostando muito desse paternalismo da imprensa, só que têm que entender que não é isso que conduz nosso país a uma situação de fato e de direito. Naturalmente, a imprensa brasileira cumpre, como tem cumprido sempre, seu papel de denunciar escândalos e de retratar a realidade. Mas, esse esforço resultará inútil se as pessoas dos mais variados setores se omitirem de participar para uma moralização dos costumes em nossa pátria.

Nesse episódio em que os compositores das escolas de samba de São Paulo foram lesados nos seus direitos autorais, tem muito cidadão prejudicado que está se escondendo e preferindo que as coisas se resolvam nos conchavos de bastidores, em acordos de politicagem subdesenvolvida, em vez de exigirem publicamente justiça. São muitos os compositores que sumiram de repente e que não estão para a imprensa. Mas, não tem nada não. Sempre haverá um dia atrás do outro. E certamente haverá o dia bom em que as pessoas compreenderão enfim que não

14 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecões”.

existem vitórias individuais. Somente com a união da categoria, sem as mumunhas, sem as rivalidades provenientes de vaidades e ciúmeiras, é que os compositores poderão viver de seus talentos. Por enquanto, vão ter que continuar a comer as sobras, a se escorar com truques de encabular Mandrake de mafuá e confiando em expedientes. E assim sendo, continuarão sempre numa situação de semi-indigência.

Augusto Boal

Segunda-feira, lá no Teatro Ruth Escobar, houve uma leitura da peça “Mulheres de Atenas”, do Augusto Boal, dando início ao Seminário de Dramaturgia. Depois da leitura, os presentes debateram a peça e a situação do teatro brasileiro. Participaram da leitura, sob a direção de Sergio Mamberti, Ruth Escobar, Bibi Ferreira, Assunta Perez, Ruthnéia de Moraes, Armando Bogus, Ariclê Perez, Renato Consorte e outros. A próxima peça a ser apresentada será “Rasga Coração”, do Vianinha, com direção do Osvadinho Mendes.

Bochicho

Os empresários de teatro, acostumados com as subvenções, estão estranhando esse ano os critérios adotados pela Secretaria Estadual de Cultura, que distribui a grana no melhor estilo simpatia. Sem nenhuma cerimônia, o dinheiro foi dado mais generosamente aos empresários bem chegados, o que entortou o patuá dos demais. Claro que os empresários que se sentiram lesados não fizeram nenhuma malcriação. Não rasgaram contrato, nem atiraram dinheiro na cara dos membros da CET. Apenas estão chiando pelos bares e botecos onde se reúnem os artistas.

Atores: as vítimas de seu próprio sindicato (Folha de S. Paulo – Edição de 21/7/1977. Página 33. Caderno Ilustrada)

Os atores da televisão Tupi estão muito contentes com a mudança dos diretores associados. Claro que eles sabem que não têm absolutamente nada a ver com a troca. Porém (e sempre tem um porém), todos estão esperançosos de que o novo manda-chuva naquelas bandas, tenha o bom hábito de pagar os artistas, coisa que os diretores que saíram não tinham. Tanto não tinham que, há três meses, o primeiro time da Tupi não via a cor do dinheiro. Provavelmente comiam capim amargo pela raiz, mas aguentavam a barra encardida. Sabe como é que é, são cento e setenta filmes estrangeiros por semana na televisão brasileira, com tendência a aumentar o número desses filmes. Então, já viu. O ator, que no fim do mês quiser receber ordenado, loguinho será trocado por um pedaço de celuloide.

É evidente que existe sindicato. Mas a pelegada que se intrujou dentro dos sindicatos (existem dois, dois que não valem por nenhum) só está lá pra não ser despedida do emprego, pois não podem despedir diretor de sindicato. Aliás, as atuais diretorias dos sindicatos são capazes de tudo pra continuar no posto. No Sindicato dos Atores, onde um tal de Maranhão é a eminência parda já há mais de dez anos, então acontecendo coisas de entortar até patuá de nego de santo forte. Os atuais diretores, que viviam jurando que não queriam continuar, quando viram que um grupo de jovens atores estava se organizando pra concorrer ao Sindicato,

começaram a xavecá-los¹⁵ com truques dignos de Mandrake de mafuá. Por exemplo: esconderam os recibos de candidatos e os eliminaram da luta por falta de pagamento. A cada nome que surge como oposição, os pelegos iniciam uma campanha alarmista, dizendo que estão sabendo que os órgãos de segurança não vão aceitar esse e aquele. Isso como se a pelegada não tivesse mais nenhum respeito e tivesse uma tremenda intimidade com esses órgãos de segurança, com que eles ameaçam seus opositores.

Essa diretoria pelega, da qual o Juca de Oliveira é presidente afastado há muito tempo, está desesperada, com medo de cair fora. Ela até enganou a oposição com a data limite de inscrição publicada nos editoriais. E, no entanto, essa pelegada não fez nada, absolutamente nada, pelo ator e pelo cenotécnico.

Em nenhum momento sequer lutará pela abertura de mercado de trabalho. Em nenhum momento sequer fiscalizaram horários de gravação. Em nenhum momento berraram por salários atrasados ou contratos absurdos, que são feitos pela televisão com seus atores. Contratos pela duração da personagem. Se a personagem morre, o ator está automaticamente despedido. Esse contrato equivale a um ator assinar um trato e o distrato ao mesmo tempo.

Mas, o Sindicato dos Atores nunca reclamou. Aliás, alguns diretores até assinam esse tipo de coisa. E essa gente nunca se mete em nada. Por gosto próprio, já teria transformado o Sindicato numa extensão do INPS, como gosto do Governo, e só não o fizeram por incapacidade. Essa pelegada, liderada pelo tal de Maranhão, o rei dos burocratas, que está lá há mais de dez anos sem nunca ter feito nada de nada, essa pelegada quer continuar. Essa pelegada quer continuar. Essa pelegada, que alega que não fez nada porque senão o Governo intervém, essa pelegada, que não luta pela liberdade de expressão, essa pelegada quer continuar. Por quê? Há muita linguíça debaixo desse angú. E nós achamos que a oposição, ganhando ou perdendo, deve continuar fiscalizando, ou melhor, deve fiscalizar esse sindicato de atores e técnicos. Não é possível que essa categoria profissional continue com um sindicato que só tem representatividade pra comer azeitona em coquetel de Governo.

Nosso mercado de trabalho está ocupado pela importação de cultura de consumo. Devido a isso, essa categoria profissional tem dificuldades de manter a dignidade e de cuidar dos aspectos culturais e essa diretoria sindical já aprovou que não quer saber de reivindicações que tragam riscos. Fora com ela. Sobretudo com esse Maranhão, que é quem deita e rola no pedaço. Aproveitando o afastamento do presidente, coisa que sempre acontece lá, e manobrando os apavorados membros da diretoria, tudo gente que só pegou o cargo pra não ser despedido de emprego, como alguns chegam a declarar publicamente nos corredores da Tupi. Vamos jogar de cartas abertas nessa eleição sindical.

Mais um jeito de explorar artista na televisão (Folha de S. Paulo – Edição de 22/7/1977. Página 38. Caderno Ilustrada)

O canal 2, Tevê Cultura de São Paulo, é metido a roubar vergonhosamente os artistas brasileiros. E faz isso sem nenhuma cerimônia, certo que está de que a

15 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecá-los”.

Ordem dos Músicos, Sindicato dos Atores, Sindicato dos Radialistas (tem até diretor que trabalha no Canal 2) não vão tomar conhecimento desse verdadeiro assalto que a Televisão Cultura pratica a toda hora. Além do roubo, os diretores dessa televisão, que fede a cabide de emprego por todos os poros, ainda aproveitam a exploração do trabalho do artista para piar na parada como cumpridores da lei que os obriga a uma programação ao vivo e como grandes defensores da cultura popular brasileira.

Esse assalto praticado pela Televisão Cultura contra a bolsa do artista se dá da seguinte maneira. Um dia, eles chamam um cantor, por exemplo, e lhe pagam um cachê pequeno, sob a alegação de que eles lá não têm verba. O que é mentira, mas deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que o artista geralmente está na base de comer capim amargo pela raiz e se vê obrigado a aceitar. Mesmo porque o produtor, sem nenhum acanhamento, se apresenta fazendo chantagem emocional, com o velho truque de Mandrake de mafuá:

– Sei que o dinheiro é pouco, mas quebra o galho pra mim, que estou querendo melhorar aquela droga. Me ajuda que eu preciso.

Aí, o artista vai e grava cinco, seis horas de programa. Eles metem uma hora no ar e o resto fica no arquivo. E o arquivo é exatamente o cofre onde eles guardam o produto do roubo. Toda vez, então, que eles, dali pra frente, querem apresentar o tal artista, metem um teipe de arquivo, sem pagar absolutamente nada a ninguém. Às vezes, eles chegam ao desplante de botar alguns intelectuais de cachê de quinhentos cruzeiros criticando a obra do artista e ilustram com o material do arquivo, dando a impressão para o público de que o programa é ao vivo. Esse grupo, que atualmente manda e desmanda no Canal 2, que além de discriminar artistas, não permitindo que alguns elementos lá deem entrevistas ou trabalhem, alegando que o Governo não deixa e vetando esse ou aquele nome, não se dá nem ao trabalho de gravar um teipe [sic]. Vai direto ao arquivo deixado pelo Fernando Faro. E provavelmente, depois de muito explorarem os artistas que arquivaram lá, eles vendem tudo pra Televisão Bandeirantes. Foi assim com o tele-teatro.

O tele-teatro da Tevê Cultura sempre pagou um cachê miserável: dois mil cruzeiros para os artistas principais, quinhentos para os coadjuvantes, seis mil cruzeiros para diretores de muito nome. E seu chefe de departamento, Walter Durst, vivia ameaçando de fechar, se alguém pedisse aumento. Depois de muitas vezes reprisadas, as peças foram vendidas para o Canal 13, Tevê Bandeirantes, que vai lançá-las em sua Rede Nacional, como se fosse programação ao vivo, como se tivesse atores contratados (coisa que não tem, nenhum). A Televisão Cultura teve um tremendo lucro. A Bandeirantes vai ter um tremendo lucro. E o artista brasileiro, que já está à beira da indignação, vai continuar arranhando parede pra comer farofa. Enquanto isso, os sindicatos dessas categorias, as sociedades arrecadadoras de direitos autorais, a Ordem dos Músicos, ficam fechadas em copas, explicando em cochicho que, se forem tomar providências, vão sofrer intervenção dos órgãos de segurança nacional. Pombas, que tremenda Aldeia do Desconsolo está se transformando isso aqui! Coisas como essas são consideradas roubo em qualquer país civilizado.

Nós queremos o Brasil livre, queremos nossa pátria governada pela justiça. Queremos o povo brasileiro participando da vida nacional, confiante em que o poder da justiça lhes garanta os direitos. Mas, estamos cada vez mais amesquinçados,

desfibrados, sem-ânimo para reivindicar. O peleguismo tomou conta dos órgãos de classe. Nossos sindicatos têm médico de graça, dentista de graça, campeonato interno de dama, convênio com saunas, colônia de férias e mesa de pingue-pongue. Mas, isso tudo só serve pra nos envergonhar diante do mundo, porque nossos mínimos direitos são despeitados a toda hora. Nos deixarem trabalhar, pagarem nosso ordenado, é um tremendo favor que nos fazem. A cultura de consumo importada ocupa praticamente todo nosso mercado de trabalho. A única faixa que nos sobra para ganharmos o pão nosso de cada dia, com a força de nosso trabalho, longe de nos dignificar, nos corrompe, nos prostitui, porque os todo-poderosos detentores do poder não podem tolerar aqueles que têm o desprazer de correr riscos e lhes dizer a verdade.

Dou como exemplo o setor de comunicações, porque conheço bem as mumunhas que se passam nos seus bastidores. Porém (e sempre tem um porém), se o artista é tão amesquinhado assim em seu trabalho, fico imaginando como não devem estar sofrendo as categorias ainda menos favorecidas. Operário em construção às vezes trabalha pra firmas que têm cadeia própria pra prender os que reclamam da comida, que mais parece uma lavagem. As guardas pessoais armadas e fardadas já não assombram ninguém. E todo mundo sabe que mexe e vira esses capangas de uniforme baixam o cajado em trabalhador que reivindica. O Canal 2, Tevê Cultura, ligado à Fundação Anchieta, que é governamental, rouba sem nenhum pudor os artistas. Rouba e ninguém pode falar nada, pra não ficar impedido de trabalhar e comer. Os artistas ajudam a roubar artistas. Num jogo sujo de cada um pra si. Mas, nossa pátria, a pátria do povo brasileiro, não pode ser reduzida a esse lamentável estado de homens desconsolados, aparvalhados, desnorteados, embananados e sem nenhuma perspectiva.

Um saltimbanco em busca de seu povo (Folha de S. Paulo – Edição de 23/7/1977. Página 23. Caderno Ilustrada)

As cartas que me chegam são sempre importantes. São dos leitores, são dos amigos, são as boas notícias de que há gente neste mundo que acredita no que fazemos. De Paris, chega a confirmação de que “Dois perdidos numa noite suja” estreia mesmo lá em setembro. Em Madri, na bela Espanha, hoje a bela Espanha em que o nosso querido Garcia Lorca gostaria de viver os seus romances gitanos, hoje a bela Espanha a caminho de seu grande destino democrático, depois que a nuvem obscurantista do despotismo de Franco passou, me mandam avisar que “Navalha na carne” será encenada lá. Entre os dramaturgos do povo, numa parede do Berliner Ensemble, um amigo brasileiro que esteve na Alemanha leu meu nome e me escreve comovido. No Rio de Janeiro, o Juca de Oliveira e o Osvaldo Loureiro lotam o Teatro Opinião com “Dois perdidos” e Luís Gustavo e a Silvia Falkenburg se preparam para montar “Quando as máquinas param”. Aqui em São Paulo, “O Poeta da Vila e seus amores” fica todas as noites a três de alto, com gente se agarrando pelos picos pra não espirrar pelo ladrão. E o meu livro de contos “Inútil pranto, inútil canto pelos anjos caídos” sai pela Editora Lampião, no começo do mês que vem. Tudo isso seria muito bonito, se o palco brasileiro fosse uma tribuna livre onde se pudessem discutir até as últimas consequências os problemas do homem. Mas, não

é. E eu não tenho sossego. Meu espírito, que há um ano atrás se ardia de angústia quando, sem trabalho, eu andava pelos bares à noite vendendo meus livros pra sobreviver, agora se angustia mais ainda.

Eu preciso andar. Estar junto mais do que nunca, com a gente minha, com os meninos, com os que estão chegando, com aqueles que deixam sob suspeição todos os que fazem sucesso, todos os que parecem vencedores. É necessário que eu fique junto com os que são limpos o bastante pra cobrar nossa dignidade a todo momento. Por isso, não vou à Franca, nem à Espanha, nem ainda fui ao Rio de Janeiro abraçar o Juca e o Loureiro, ou cuidar da estreia do Luís Gustavo. Vou a Mococa, que é lá que eu bebo na fonte, vou a Orlândia, que é lá que eu me renovo, ou a São Sebastião do Paraíso, onde eu me faço mais eu, vou a Tambaú, onde me inquieto, vou a Viçosa de Minas Gerais, saber da gente minha, vou a Porto Alegre, vou na Getúlio Vargas, vou em Guarulhos, vou a Moji das Cruzes. Longe das pompas, eu quero sempre me encontrar com o povo. Eu falo e ouço e me encho de fé sabendo que a cada momento em que o povo brasileiro sonha com a justiça, com a divisão dos pães, significa que mais cedo ou mais tarde nos respeitaremos por isso, que é essa nossa crença.

Maldito seja eu e que escarrem no meu nome, se algum dia eu deixar de ir ao encontro dos que vêm de mim, por preguiça ou apodrecido pelo sucesso. Que me desprezem se eu achar que algum lugar dessa pátria que eu amo é longe de onde eu moro. Não me deixem sozinho agora que estou com mais do que mereço, meus amigos e irmãos. Superem meu temperamento difícil, meu modo agressivo e não me deixem sozinho. Não me deixem, nem por um minuto, mudar o meu rumo, me confundir, me enroscar, me levar a sério, acreditar no supérfluo, no nome[,] no jornal. Agora, mais do que nunca, eu preciso dos perdedores do meu lado, preciso dos encarcerados, dos perseguidos, preciso dos cassados e dos impedidos de participar da vida nacional. Preciso dos que anseiam por justiça e dos desesperançados.

Preciso dos famintos e dos enfermos. Preciso dos meus fantasmas de sempre. Porque eu não quero nada sem estar com eles. Nem Paris, nem Madri, nem nada. Nem o dinheiro, nem os aplausos, nem o retrato no jornal. Eu quero a liberdade de expressão no território brasileiro. Eu quero a dignidade para o homem brasileiro. Eu quero o trabalho com remuneração que dê pra todos os homens adquirirem seu pão, seu teto, seu fogo, seu livro. Eu quero o respeito pela manifestação espontânea do povo sempre lesado e marginalizado da sua própria história. Eu quero tudo isso na terra em que eu nasci e onde aprendi com meus pais, vizinhos, amigos, mestres e com os maiores, que seria assim.

Não me deixem, portanto, sozinho, nesse momento em que meu trabalho rompe barreiras e dá alguns frutos. Eu não quero esses frutos e tenho que achá-los sempre amargos, enquanto não houver justiça, liberdade de expressão no solo onde criarei meus irmãos, os filhos dos meus filhos e os filhos dos filhos dos meus irmãos. Não me deixem sozinho, não tratem com deferências, não me deem o melhor lugar à mesa. Pelos amor de Deus de nossa fé, não me deixem sozinho, não deixem que eu me perca de mim mesmo. E assim, um dia, quando o Sol raiar e houver festa do povo nas ruas da agora triste Aldeia do Desconsolo, eu possa ser a única coisa que queria ser de verdade: um saltimbanco.

Na Barra do Catimbó (Folha de S. Paulo – Edição de 24/7/1977. Página 8-9. Caderno Folhetim)

III – Enfim o mundaréu

Desordenadamente, o pessoal que esteve no batizado do Jorginho foi erguendo suas moradas em torno da casa do crioulo Catimbó. Desordenadamente, respeitando apenas os direitos de quem chegou na frente. Com a harmonia ditada pelo bom senso e sem que ninguém determinasse, nem se desse conta, foram desenhando a geografia de uma verdadeira cidade muito bem traçada. Os barracos se erguiam uns sobre os outros e iam se espalhando pela planície e depois subindo pela encosta do morro até o pico, eram ajeitados nas pirambeiras numa espantosa, quase milagrosa arquitetura, que aproveitava o mais variado material, numa verdadeira reciclagem da sucata da sociedade de consumo. Tudo ia sendo adaptado às necessidades, pela experiência de gente migrada de várias regiões do país e que se auxiliavam em mutirões.

Assim ia sendo erguida a favela. Cada palmo de terra era ocupado por gente que chegava a todo momento vinda de longe, por ouvir dizer que naquelas bandas havia água corrente, terra sem dono, sem ninguém pra cobrar aluguel. Chegavam em caminhões, carroças de burro, carrinhos de mão, de mala e cuia, e iam se instalando como podiam pra ficar pra sempre, se assim Deus o permitisse. Era uma gente sofrida por mil e um revertérios na vida. Mas, apesar de tudo, eram generosos, apaixonados, alegres, esperançosos e crentes numa existência melhor no país de Oxalá. E vinham pra Barra do Catimbó com seus amores, suas desilusões, suas pequenas glórias e muita coragem pra encarar as [c]ruentas batalhas do dia a dia. E com muita luta, todos os pedaços de chão iam sendo ocupados. Menos o terreno em frente à casa do crioulo Catimbó. Ele não permitiu que nada fosse construído diante de sua morada, até as margens do riacho de águas cristalinas. Nesse espaço, o negrão imaginava suas galinhas ciscando, Nega Bina Calcanhar de Frigideira quarando roupa, Jorginho se criando. Mas, durou pouco sua alegria. Loguinho seu terreiro virou uma praça. E isso se deveu ao fato de o Quim Ilhéu de um lado e o Mané Cheiro de Peixe de outro terem aberto botequins. Claro que eles escancararam as portas dos seus negócios fora da zona reservada pelo Catimbó. Nenhum dos dois era louco de procurar encrenca com o crioulo. Mas, todo povão, pra ir aos botecos, tinha que cruzar o terreiro do Catimbó. E não deu mais pra controlar. Virou praça. E das mais agitadas. Com bêbado, zoeira, briga a toda hora. Desgostoso com isso e querendo sossego, o Catimbó acabou mudando para o alto do morro. Lá ficou melhor, mas não muito, pois nesse tempo já não havia lugar que não fosse agitado no seu outrora pacato reduto.

Mas, se para o Catimbó foi muito ruim a abertura dos botecos, para a comunidade foi ótimo. Os dois portugueses, pra ganhar a freguesia começaram a caprichar e a investir. Compraram mesas de sinuca, pimbolim, dominó, televisão e ainda não cobravam bebida de músicos e cantores que armassem pagode firme nos seus botecos. Para o povão, era muito boa essa rivalidade. Mas, a melhor bronca era a do Pai Bilu Macumbeiro e de Mãe Begum de Obá. Um montou a roça de santo do lado oposto ao do outro. Pai Bilu, na cachoeira da vertente do riacho de águas cristalinas. Cachoeira que recebeu o nome de Lágrimas dos Encantados. E a Mãe

Begum ficou mais ou menos a uns seis quilômetros de distância, num trecho onde o riacho de águas cristalinas, depois de dar muitas voltas, passava bem no sopé do morro onde nascera. Aí, numa pedreira de pedra preta, Mãe Begum fincou seu axé. E se não fosse Dona Cotinha Boca-Grande, os dois poderiam cuidar apenas de si. Mas, a faladeira, que não perdia o costume de ser novidadeira, ia e voltava todo santo dia, de um terreiro ao outro, espalhando boatos e envenenando o ambiente. Sabia de tudo o que se passava na Barra do Catimbó. Viu tudo, ouvia tudo, a Cotinha Boca-Grande. E quando não via, nem ouvia, inventava. E seu prazer maior era gabar os feitos do Pai Bilu pra Mãe Begum e os dessa para o rival. Deixava os dois macumbeiros doidos de inveja um do outro. E cada um procurava fazer mais festas, armar mais presepadas que o inimigo. E quem se dava bem era o povão que, sem cerimônia, frequentava as duas casas em dia de toque.

Mas, o que não faltava na Barra do Catimbó era diversão e rivalidade. Lá, nunca as coisas surgiam sozinhas. Vinham sempre de par. Era para dar graça, como dizia o povo. E foi assim que surgiram, quase juntas, duas escolas de samba: a Mocidade Alegre, Unida e Independente da Barra do Catimbó e a Esplendor da Serra da Barra do Catimbó. Nasceram para brigarem. E cada uma montou sua quadra de samba. Já no futebol, houve exagero. Além do Amor e Glória, que apenas se transferiu da cidade para a Barra do Catimbó, logo surgiram outros times: o Corinthians da Barra do Catimbó, o Serrano, o Flor da Serra, o Riachão F. C., o Primavera e o Onze Leões da Barra do Catimbó. Todos fizeram campo onde puderam. O Flor da Serra fez o seu na Ladeira da Mula Gemedeira. E o Oscarino Vaselina, vendo surgir tanto time, começou a trançar um campeonato.

Tudo prosperava na Barra do Catimbó. Inclusive a indústria e o comércio local. Abriram-se vários negócios. O Açougue Carniceiro, que vendia rã, tatu, preá, gato e outros bichos caçáveis na região. A Padaria do Pão de Raspa. Cabeleira, manicure, barbeiro, sapateiro, armeiro, amolador de faca, santeiro, fabricante de sabão de sebo, de vela, de doces caseiros, abridor de fossa, alambique, escrevente de bicho, comprador de objetos roubados, ledora de mão e de baralho, rezador, fabricantes de apetrechos pra esmolar e professor de criança pedinte. Também a lavoura foi incrementada. Surgiram, no alto do morro, várias plantações de maconha, cana e milho. Horta, cada um fez onde pôde. E tudo foi crescendo na Barra do Catimbó. E foram surgindo então as lideranças espontâneas. A do Catimbó era incontestável. Ele se impunha na valentona. Foi morar no alto do morro, mas isso não lhe tirou o prestígio. Todos lhe deviam muito respeito e isso ficava claro quando ele aparecia nas rodas de ronda pra recolher o barato do jogo. Nas transas de fumo ele pegava o seu dinheiro, nos botecos não pagava bebida, nem em nenhum lugar. Era como se tudo fosse dele. Mas, havia outros. Alguns valentes, como Seu Olegário, Azulão, Cativeiro, Nestor, Catiça, que dominavam o samba e o futebol da Barra do Catimbó. E havia os que levavam na manha, como o Oscarino Vaselina, trambiqueiro de muitos truques, ou como o Zé Papparico, camelô de muita embaixada. Além desses, havia Pai Bilu, Mãe Begum de Obá, Cotinha Boca-Grande, Mané Cheiro de Peixe, Quim Ilhéu, Bina Calcanhar de Frigideira, Madame Nenê, Dona Zezé Parteira e Mestre Zagaia, o velho cabo de esquadra que navegou sem bandeira pelas sete águas barrentas, todos pontificando num jogo de vida e de morte na Barra do Catimbó.

(Na próxima semana: Futebol na Barra do Catimbó)

História mexicana com final no Sindicato dos Atores (Folha de S. Paulo – Edição de 25/7/1977. Página 19. Caderno Ilustrada)

Uma vez, um grupo de brasileiros foi filmar no México a abertura de uma novela, cujo nome não me ocorre no momento. Mas, isso não tem importância. O que quero contar e o que pesa na balança é que eles precisavam de um ator mexicano para aparecer numa cena pescando. Coisa pequena, pontinha, trabalho para extra. E foram, como é costume aqui no Brasil, querendo agarrar qualquer cidadão que passasse pela rua.

Se enganaram. Os transeuntes convidados acharam uma tremenda graça no convite e iam em frente. A equipe de produção então foi nos botecos dos artistas lá do México. Isso é igual lá, aqui e em qualquer parte do mundo. Artistas tem mania de parar em boteco. Porém (e sempre tem um porém), os atores mexicanos ficam bebericando e tal e coisa e coisa e lousa, mas não bebem o juízo. Quando os produtores brasileiros chegaram com o convite, eles, os mexicanos, disseram que só podiam fazer negócio através do Sindicato deles.

Aí, os nossos patrícios produtores foram ao Sindicato dos Atores Mexicanos. A bem da verdade, foram recebidos gentilmente, mas sem nenhum tratamento especial. Explicaram o que queriam e receberam um álbum de retratos dos atores. E abaixo da foto de cada um desses artistas estava o cachê que ele estipulou para si. Os produtores brasileiros escolheram um deles. Tiveram que depositar o pagamento de um dia de filmagem e foram informados de que o dia do ator mexicano não tem vinte e quatro horas de trabalho, mas apenas seis. Como o que o mexicano ia fazer na fita daria para ser liquidado em meia hora, ninguém se afobou. Marcaram do dia seguinte, na beira do rio.

E como sempre acontece, a equipe brasileira, no dia seguinte, apareceu no local duas horas atrasada. Chegaram e já encontraram o ator mexicano vestido para a cena. Por uma questão de educação, nossos patrícios quiseram se desculpar com o ator mexicano mas ele, sem estar aborrecido, não fez muito caso do atraso dos produtores do filme. Aí, a equipe foi montando as câmeras, depois ensaiaram aí iam filmar. Só que aí o ator mexicano avisou que já tinha se esgotado o seu período de trabalho. Foi um perereco, em vão os brasileiros tentaram convencer o mexicano de fazer uma horinha extra.

Ele foi irredutível. Só através do sindicato. E só no dia seguinte, depois que os brasileiros depositaram mais um cachê no sindicato, é que teve filmagem.

Conto essa história mexicana pra todos ficarem sabendo como age um sindicato forte. O sindicalizado tem seus deveres a cumprir, mas também tem direitos, que sabe que serão respeitados, porque o sindicato garante. Então, esse papo de “desculpe”, “atrasamos”, “sabe como é que é”, não gruda. O horário tem que ser cumprido pelo patrão e pelo empregado. O empregado chega na hora e sai na hora, seja ou não a força do seu trabalho aproveitada pelo empregador.

Mas aqui no Brasil, onde os sindicatos estão sendo transformados em simples extensão do INPS, (e o Sindicato dos Atores é uma coisa tão morta que muita gente

nem sabe que ele existe e só tem servido para uma pelegada conseguir alguns privilégios pessoais devido ao cargo) a situação do artista cênico é muito triste. Há emissoras que fazem seus atores gravarem dezoito horas por dia. Há empresários que não pagam salário e continuam por aí impunes. Existe televisão que só vive de filme importado. E o Sindicato dos Atores e o outro sindicato, o dos Radialistas, não fazem absolutamente nada para a moralização da profissão. Ficam chiando que a profissão precisa ser regulamentada, mas as leis que existem são burladas a toda hora, com o beneplácito do sindicato. Os atuais diretores, todos, sem exceção, já provaram que são ou pelegos, ou omissos, ou massa da manobra do rei dos burocratas, o tal de Maranhão que está no sindicato há muitos e muitos anos. Por essas e outras, todos da atual diretoria têm que cair fora. Todos. Não adianta alguns diretores quererem se meter na chapa da oposição. Nenhum deles merece continuar. Necessário se faz uma total renovação, sem nenhum continuísmo.

E também está na hora de os radialistas começarem a pensar em tirar a pelegada que se instalou lá naquele sindicato e também nada faz pela categoria. É preciso gente nova nos sindicatos. Gente que não tenha as ideias de jerico de continuísmo e carreirismo. Gente que possa promover a fusão dos sindicatos para que eles deixem de ser essas coisas amorfas e se transformem num só, e muito forte.

Os burocratas que existem no Sindicato dos Radialistas e no Sindicato dos Atores sempre fazem das tripas coração pra impedir qualquer diálogo no sentido da fusão. Isso alegra demais o patrão, que deita e rola em cima das duas entidades fraquinhas. E os dois sindicatos se unham entre si na disputa dos quinhões de imposto sindical. Esse triste quadro precisa ser modificado. É o momento de começar a mudança. Vai haver eleição no Sindicato dos Atores.

A chapa da oposição pode ganhar. Mas, não pode permitir continuísmo em hipótese alguma. Todos os setores têm que sofrer renovação. E os atuais diretores, que não fizeram absolutamente nada, não tem por que continuar. Então, devem sair, sem onda, nem confusão.

Um novo sindicato, sem os burocratas (Folha de S. Paulo – Edição de 26/7/1977. Página 39. Caderno Ilustrada)

Eu às vezes fico batendo insistentemente numa tecla dias e dias seguidos. Por mais que eu queira, mexe e vira volto ao mesmo assunto. E se faço isso, nessas minhas mal traçadas linhas, é porque tenho a intenção de não deixar que determinados casos sejam abafados e tal e coisa e coisa e lousa. Por exemplo: a luta pela sucessão no Sindicato dos Atores não tem saído da minha pauta. Isso porque a possibilidade de haver continuísmo no Sindicato dos Atores me horroriza. Essa categoria profissional está sendo esmagada, aviltada há muito tempo, sem se defender, e isso e deve muito ao fato de o ator não acreditar no seu Sindicato. Órgão amorfo, burocratizado, que nada faz pela categoria. Agora chegou uma boa hora de renovação. A situação, pasmem, a situação está tendo dificuldades de formar chapa. Isso porque os atores não querem se compor com o Senhor Maranhão, que atualmente é o tesoureiro, mas que manobra o Sindicato há mais de treze anos. Quando, numa reunião o Senhor Maranhão, segundo várias testemunhas, avisou

que estava cansado de carregar sozinho o Sindicato e que não queria continuar, imediatamente se formou uma chapa sem ele, imediatamente o grupo da oposição concordou em dialogar com a situação para se formar uma chapa única. Porém (e sempre tem um porém), o Senhor Maranhão não queria ficar de fora em hipótese alguma. Muito pelo contrário. Ele achava que, dizendo que não ia continuar, todo mundo ia carregá-lo no colo e implorar que ele ficasse. Tremendo engano do Seu Maranhão. Ninguém lhe pediu absolutamente nada. E aí, então, começaram as mutretas. Que vão desde o afastamento puro e simples de gente que topava ser da chapa da situação, desde que ele, Maranhão, não estivesse nela, com a alegação de que essas pessoas estavam com recibo atrasado, até a insinuação de que uns e outros não poderiam ser diretores de sindicato porque os órgãos de segurança não iam permitir. Essas coisas, espalhadas na praça por gente ligada ao Sindicato, são de entortar o patuá. O continuísmo sindical, como, aliás, qualquer continuísmo, é muito ruim. O continuísmo leva à acomodação, às ditaduras burocráticas, que sempre impedem o desenvolvimento, as reivindicações e tudo o mais que dignifica uma categoria.

Muita coisa esquisita está se passando dentro do Sindicato de Atores e Técnicos e é hora de se mudar totalmente as pessoas. O Juca de Oliveira, que em certo período chegou a ser um ótimo presidente, depois, por força do próprio ofício, teve que se mudar para o Rio de Janeiro. A bem da verdade, ele pediu afastamento e só não largou o cargo em certa ocasião porque não havia ninguém na sua diretoria que tivesse condições de assumir. Então, o Juca de Oliveira foi para o Rio de Janeiro. E o Senhor Maranhão, que já dominava há treze anos, passou a deitar e rolar, tentando arrumar as coisas para o seu continuísmo. Mas, não pode ser assim. Vai sair o Juca, que nem está tomando conhecimento do que a sua diretoria anda fazendo pra continuar. E o Senhor Maranhão tem que sair também. Chega de burocratas.

Falo desse Sindicato fraco, que é o dos Atores e Técnicos de Teatro, e fico imaginando como não deve ser violenta a luta sucessória nos grandes sindicatos e nos grandes cargos. Se nesse pequeno sindicato, de pouco dinheiro e pouca representatividade, os burocratas não querem sair de jeito nenhum, tudo me faz crer que onde o dinheiro correr e onde o cargo dá prestígio, as disputas devem ser na base do vale-tudo. Por essas e outras é que se precisa das liberdades democráticas para que um povo evolua moral e intelectualmente. Quando um povo não está sendo governado pelos princípios de justiça, nada se pode esperar dos órgãos da categoria profissional, das eleições, quando elas são realizadas, porque o povo se acanha. Tem medo de se envolver e ser denunciado e perseguido.

A tecnocracia e a burocracia são irmãs que provocam a estagnação do povo. E quando o domínio delas é absoluto, o desconsolo se torna absoluto também. Mudam-se as regras do jogo a todo momento para se beneficiar sempre quem detém o poder. No Sindicato dos Atores e Técnicos se vê isso tudo com muita clareza. Seu Maranhão, fazendo das tripas coração, pra continuar. Os demais diretores, sem saber o que dizer, vão mansamente aceitando tudo. Houve gente que saiu da atual diretoria direto pra chapa da oposição. Falam, falam pelos cantos. Mas, na hora em que se pede pra tornar público os motivos que os levam a mudar de

banda, se calam. Tudo isso é muito triste. Tudo isso faz do Brasil uma enorme Aldeia do Desconsolo.

O gênio de Vianinha e a injustiça de rasgar o coração (Folha de S. Paulo – Edição de 27/7/1977. Página 31. Caderno Ilustrada)

No Teatro Ruth Escobar, um grupo de ótimos atores vai lendo com extrema dignidade a peça “Rasga Coração”, de Oduvaldo Viana Filho, o nosso Vianinha. É uma leitura feita apenas para os membros da Associação de Amigos do Teatro Ruth Escobar e quem dirigiu a leitura dramática foi Osvaldinho Mendes. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que o teatro do Vianinha vai sendo lido e vai sendo despejado diretamente na alma de todos os que ouvem. As pessoas choram, soluçam. Tônia Carrero, Karim Rodrigues, Radhá Abramo, Cecília Guarnieri, Walderez de Barros, Marilena Ansaldi, Milena se desmancham em lágrimas diante dessa obra-prima do teatro brasileiro. Elas e todos os presentes. Uma peça dolorosamente escrita por um moço que já sabia que a sua hora de falar com Deus estava chegando, mas que assim mesmo, generosamente, reunia seu último fôlego pra dar mais um recado para os que iam ter que continuar por aqui na peleja do dia a dia. O segundo ato da peça, ele só pôde ditar pra sua mãe. Já não tinha mais forças pra escrever, o Vianinha, mas não se poupou. Foi profundo, corajoso, digno, não fez uma única concessão. E ali no palco, o Raul Cortez, o Xandó Batista, o Renato Consorte, a Lara Amaral, o Francisco Milani, Betina Viane, Fernando Souza, Armando Bogus e Marcos Alivise, liam esse texto, esse último texto do Vianinha e iam rasgando corações. A gente começou rindo das piadas e acabou num soluço. Ao final, como sempre fazem nesse seminário de dramaturgia dos amigos da Ruth Escobar, foram abertos os debates. Mas nada havia a ser dito. Nada pra ser debatido. Só restava, a nós todos, enxugar as lágrimas. E enxugando as lágrimas nos lembramos que essa peça foi premiada pelo Serviço Nacional de Teatro. Lembramos que, depois desse prêmio justíssimo, concedido por esse órgão do Ministério da Educação e Cultura, essa peça magnífica ficou mais de um ano esperando o pronunciamento da Censura Federal. E depois de mais de um ano de aflitiva espera, a classe teatral soube pela imprensa que “Rasga Coração” do Vianinha havia sido proibida para todo o território nacional por aquele órgão do Ministério da Justiça. E a peça, que um órgão do Governo premiou, era proibida por outro órgão do mesmo Governo, sem nenhuma explicação. Era proibida e ia pra gaveta essa obra-prima do teatro brasileiro e mundial. Ia pra gaveta uma das mais belas peças já escritas em todos os tempos. Ia pra gaveta sem nenhuma explicação. O teatro brasileiro sofria um duro golpe. A cultura brasileira mais uma vez era sufocada, impedida de ser mostrada, mas todos, diante dessa tremenda injustiça se calam.

O Zé Renato acha que não. Ele acha que alguns falaram alguma coisa, na medida do possível. Nós achamos que não foi feito absolutamente nada para se liberar essa obra magnífica do Vianinha. Os conchavos, as conversas de bastidores que os empresários se acharam com direito de tentar resultaram inúteis.

E mais: revelam um acanhamento que não cabe ao teatro, quando em jogo está a liberação de uma peça como “Rasga Coração”. Por essa peça o teatro tem

que se empenhar. “Rasga Coração” é extremamente importante, de valor cultural incalculável e um patrimônio sem preço do teatro brasileiro. E a Tônia Carrero, essa mulher que a cada dia fica mais bela, a Tônia, que nunca se meteu em política, a Tônia, que foi uma baluarte da liberação da “Navalha na carne”, a Tônia Carrero, que é linha de frente da luta pela liberdade de expressão, a Tônia Carrero, com seu coração rasgado pela força das palavras do Vianinha, compreendeu que essa peça não pode ficar na gaveta. E vai se mexer. E cabe a todos nos darmos todo apoio a essa primeira-dama do palco brasileiro, que vai tentar liberar essa peça.

É muito importante que “Rasga Coração” seja encenada. Trata-se de uma obra-prima. De uma obra da dramaturgia brasileira. E é extremamente necessário que peças assim subam à cena nesses tempos de obscurantismo. Ninguém, por mais que se esforce, conseguiria explicar por que essa peça foi proibida. Ninguém que ler esse texto, ninguém que assistir a essa peça poderá deixar de se sentir constrangido por essa obra-prima estar proibida. “Rasga Coração” do Vianinha na gaveta da Censura é uma ofensa à inteligência do povo brasileiro. Mesmo num triste tempo em que o teatro não faz sentido em nosso país, porque o nosso palco não é a tribuna livre onde se possam discutir até as últimas consequências os problemas do homem, e talvez por isso mesmo, “Rasga Coração” tem que subir à cena, por ser fora de série, por ser um Sol no meio das nuvens tenebrosas do obscurantismo que nos envolve.

Von Pfuhl, Carmélia, os novos e Ruth Escobar (Folha de S. Paulo – Edição de 28/7/1977. Página 39. Caderno Ilustrada)

Olha aí, copy-desk, revisor e todos os demais que, por um ou outro motivo, zelam por essa coluna, o nome é Oscar Von Pfuhl, não vão errar, que não fica bem. Esse Oscar Von Pfuhl tem um álbum de recortes só com as várias formas de seu sobrenome escrito errado. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que o Oscar Von Pfuhl é um dos maiores dramaturgos do mundo, em se tratando de teatro infantil. Ele tem pelo menos umas três ou quatro obras-primas no gênero. Porém (e sempre tem um porém), com os nossos veículos de comunicação ocupados pela cultura de consumo, muito sabido fica piando na parada com pecinhas de pancada pura, no melhor estilo desenho animado, com rato comendo gato na maior violência e aí, já viu. Os grupos de teatro infantil atacam nessa linha da paulada pura e os autores como Oscar Von Pfuhl, Maria Clara Machado já não vão sendo montados com a constância que merecem. Eu, por exemplo, quando fazia teatro amador, sempre atacava com peça de Von Pfuhl. “A árvore que andava”, se não me falha a memória, fui eu que dirigi na sua avant-première mundial, com cenários e figurinos da Gilberta Von Pfuhl e com o Pedrinho Bandeira fazendo o papel de Coelho. Por essas e outras me enche de alegria saber que lá em Piracicaba estão ensaiando “O Circo de Bonecos”, do Oscar, e preparando uma justa homenagem a esse autor do primeiríssimo time. Podem crer, iremos todos prestigiar a festa desse mestre do teatro infantil brasileiro. Eu e muitos outros autores e atores aprendemos muito com o Oscar Von Pfuhl e estaremos aí. É só avisarem o dia. A lamentar eu só tenho que Santos, a cidade de Oscar, nunca tenha se lembrado de fazer um festival com suas peças e tal e coisa e coisa e lousa.

*

Carmélia Alves, uma cantora que faz e acontece cantando baião, está no Jogral todas as noites. Só que nesta quinta-feira, a rainha do Baião estará mais do que nunca cercada por seus amigos de fé, recebendo nosso carinho todo, que ela merece, por todos esses anos em que luta com uma fibra impressionante em favor da música brasileira, do baião, sem nunca se corromper pelos modismos musicais, nem nunca tentar o sucesso pelo esquema facilitatório. Hoje, é de lei, hoje e todas as noites, mas hoje mais do que nunca é de lei baixar no Jogral para dar uma força pra sempre querida Carmélia Alves, que por sinal está cantando barbaridades e se preparando pra, junto com o Luís Gonzaga, comemorar os trinta anos do baião.

*

Já que hoje, quinta-feira, dia de Oxossi, tirei pra falar de gente fina, quero dizer que segunda-feira à noite, além do impacto que me causou “Rasga Coração”, do genial Vianinha, outro fato me tocou e me encheu de esperança na leitura dessa peça. Foi o trabalho dos atores.

Naturalmente, Raul Cortez, Armando Bogus, Iara Amaral, Renato Consorte, Henrique César, Francisco Milani, Xandó Batista são sempre corretos, cobrar criadas e, como não podia deixar de ser, mandaram ver com o gabarito que lhes é peculiar. O que me impressionou foi o time jovem. Betina Viany, Fernando de Souza, Marcos Alvisi encararam a barra pesada dessa leitura dramática com tremenda segurança e mostrando, todos eles, muito talento e chegando junto com os cobrões do elenco. Isso nos enche de alegria e de esperança. Eu, que andava meio desacoroçoado com atores que, mal começam carreira, já cuidam apenas do superficial, fiquei de patuá entortado vendo essa turma aí entrando de corpo e alma nos ricos personagens do sempre nosso Vianinha. Notava-se que havia nesses atores muita humildade e muita vontade para servir ao texto e às ideias do autor. Hoje registro o feito dessa moçada, coisa que não tive condições de fazer lá no Ruth Escobar, nem eu nem ninguém, porque todos nós que estávamos lá entramos de bobeira e, diante do impacto das palavras do genial Vianinha, nos debulhamos em lágrimas. Mas, podem crer que, seu texto nos atingiu tão profundamente, foi porque os atores estavam primorosos, na medida certinha. Nossas palmas para esse momento de grande dignidade do teatro brasileiro têm que ser estendidas também ao jovem diretor Osvaldinho Mendes, que comandou a leitura. Osvaldinho está ficando fera. Daqui pra frente ele só tende a botar pra quebrar. Mas, de qualquer forma, quero dizer que esses atores novos, Fernando de Souza, Marcos Alvisi e Betina Viany, nos enchem de esperança. Haverá continuidade na nossa linhagem de grandes atores e atrizes. Com grandes textos, sempre aparecem os grandes atores. Precisamos de liberdade de expressão. É só disso que o teatro brasileiro precisa.

*

Ruth Escobar entre hoje nessa fita, onde só estou escalando gente fina e querida. Provavelmente não se encontrará no mundo uma atriz, uma incentivadora das artes, uma empresária, uma primeira-dama de teatro mais controvertida do que a nossa Ruth Escobar. E eu, que nunca fiz cerimônia em criticar com violência até a

Ruth Escobar, quando acho que ela está errada, sou talvez a pessoa mais indicada pra dizer da importância dessa mulher maravilhosa do teatro brasileiro. Há muito tempo ela está em todas, apoia todos os movimentos em favor da liberdade de expressão, empresta seu palco pra tudo quanto é grupo jovem ensaiar, não guarda rancores, não cria inimizades pessoais por causa de críticas, está sempre disposta pra participar e tem a virtude rara nos adultos, que é própria das crianças. A Ruth Escobar erra e levanta rapidinho pra sair pra outra. A Ruth acerta e mal comemora pra logo sair pra outra. Ela é pedra noventa. Uma das poucas pessoas que conheço que vive realmente em função da liberdade de expressão. Ela a toda hora é criticada até dentro do seu próprio teatro. Espuma, esbraveja, grita, se defende, acusa, o que é muito natural, mas está sempre na boa com as pessoas e disposta a somar pra prosseguir. Essas leituras de peças, como a que houve segunda-feira no seu teatro, é iniciativa dela. E o teatro brasileiro lhe deve mais isso. E que Deus a conserve sempre assim, generosa, que é gente assim que não deixa nosso país ser totalmente envolvido pelo obscurantismo que querem nos impor.

É preciso um milagre para salvar o rio do Bom Jesus (Folha de S. Paulo – Edição de 29/7/1977. Página 35. Caderno Ilustrada)

Fico sabendo que o rio que corre em Bom Jesus de Pirapora está totalmente poluído, todo coberto de espuma consequente de detritos que fábricas da região, sem nenhuma cerimônia, despejam nas outrora águas cristalinas. Agosto tá aí mesmo. Como vai ser? Agosto sempre foi um mês muito esperado em todas as quebradas do mundaréu. Agosto é o mês da festa do Bom Jesus de Pirapora.

Pirapora, Barueri
Pirapora, Barueri
quem tem dinheiro vai
quem não tem que fique aí
na curva daquela estrada
mataram meu companheiro
por um saquinho de virado
pensando que era dinheiro

Pelos estreitos, escamosos e esquisitos caminhos do roçado do bom Deus, o povão lesado, em Agosto, se dirigia pra Bom Jesus de Pirapora. De trem, de ônibus, de caminhão, de carroça, a cavalo e até à pé, muita gente ia pagar as dívidas da fé. Levar cachaça pro Bom Jesus de Pirapora beber, pedir coragem pra encarar os encardidos e cruentos combates do dia a dia, pedir amor, casa, comida, trabalho. Iam pedir pro nosso Bom Jesus de Pirapora o que a justiça dos homens sempre nega pra maioria do povo. Aqui em São Paulo, ali da Glete, da Aimorés, da Rua das Tabocas saíam caravanas. Saíam dos cortiços e das pensões. Iam as mulheres e os vagaus. Os bandidões e os catimbozeiros. E chegando lá, era uma grande festa. De dia, coisa com o santo. Muita gente pagando promessa, acendendo vela, agradecendo os milagres do ano.

–Foi na sua proteção que eu ainda estou vivo, meu Bom Jesus de Pirapora.

–Me livre da tranca dura, meu Bom Jesus de Pirapora, que a polícia anda pior do que todos os diabos.

–Me dê sua valia, meu Bom Jesus de Pirapora, que eu preciso de viver só pra criar minhas crianças e já estou me arreando.

De noite era coisa de gente. Festa no barracão. Muito samba duro. Muita cachaça. Muita criança pra vir ao mundo na conta dos milagres desse dia.

É tumba, moleque, é tumba
É tumba pra derrubar
Tiririca faca de ponta
capoeira vai te pegar

Muitos valentes na roda. Partido muito mais alto. Só chega quem sabe. Quem se garante. Como o João Diogo. Esse tinha parte com o capeta. Com uma perna só, jogava capoeira. Se apoiava na muleta e corria o pé. O chão ficava um sabão.

Dona Rita do Tabuleiro
Quem derrubou meu companheiro?
Abre a roda, minha gente
Que comigo é diferente

E tinha o samba de lenço. O tambu. O cururu. As violas gemiam e os catadores cantavam.

Dona Mariquinha, fessora formada
venha me ensinar tabuada
que comprei uma boiada
e agora não sei contar

E Bom Jesus de Pirapora era Brasil muito brasileiro. Depois, o padre acabou com a festa do barracão. Que esforço a igreja tem que fazer, agora que anda iluminada, pra se chegar novamente ao povo de Deus, de quem andou tão afastada pela prepotência de padres cheios de dogmas e de tão pouco amor e compreensão. Foi o padre que acabou com a festa do barracão. Eu sou pela boca dos mais velhos. O padre não gostava do fato que vinha mais gente pra festa do barracão do que pra festa da igreja. Pobre padre, não sabia de nada. Não via que vinham todos pelo nosso Bom Jesus de Pirapora. E que muitos esperavam esse dia como Natal, como Páscoa, como tudo. Vinham montados na fé, se aguentavam nos revertérios do ano todo na esperança de lavar a alma nesse dia, nas águas do Bom Jesus de Pirapora, de brincar como criança, vadiar sem esquentar a cabeça na paz do maior de todos.

Meu Bom Jesus de Pirapora
me guarde e me guia
na ida e na volta
agora e todo dia

Acabaram com a festa do barracão. A festa dos negros catimbozeiros. A festa do santo continuou. Mais séria. Mas, na fé do Bom Jesus de Pirapora, ainda o povão vai lá. Bater a cabeça no gongá do maior, na sua casa grande. E tinha o rio. E no rio, o bom peixe. Agora, peixe não há mais nas águas poluídas do rio que corre no chão de terra firme de Bom Jesus de Pirapora. Mataram o rio. O rio que lavava as penas, que lavava as mágoas do povão. As autoridades. Todas elas, que sempre foram tão atentas pra acabar com as manifestações espontâneas do povão lesado, com as festas de barracão; as autoridades, sempre tão prepotentes, sempre perseguindo os negros catimbozeiros no dia de nosso Bom Jesus de Pirapora e em todos os outros dias; as autoridades deixaram matar o rio do Bom Jesus de Pirapora. E agora, só por milagre o rio será ressuscitado pelo nosso Bom Jesus de Pirapora. E é preciso ir lá. Levar cachaça pro maior de todos beber. E pedir, com muita fé, pra que ele salve o rio e a todos nós, que também querem nos acabar. Dia primeiro de Agosto, vamos lá. Ei, Geraldão da Barra Funda, sacode negão:

Pirapora, ê
Pirapora, ê
Bate o bumbo, nego
Quero ver o boi gemer.

Respondendo à freguesia (Folha de S. Paulo – Edição de 30/7/1977. Página 29. Caderno Ilustrada)

Essa semana, podem crer, se meu santo não fosse forte, meu patuá entortava. Ficaré essa semana marcada na minha vida como a semana das cartas anônimas, das circulares anônimas, dos telefonemas anônimos me esculachando. Uma zorra. Aqui no jornal falaram que é a glória. Chegaram várias dizendo que eu devia estar na cadeia. Várias afirmando que eu sou perigoso comunista. Duas me chamando de covarde por usar o jornal contra pessoas que só não fazem melhor porque não podem. Uma me chamando de foca e de intruso no meio teatral. Um telefonema anônimo me ameaçando de que serei ralado num lugar escuro qualquer dia desses. E um dizendo que eu não perco por esperar, que assim que vier um endurecimento serei dos primeiros a entrar na cana dura. Naturalmente, como não sou leão, perdi o sono. Fiquei trêmulo nas bases. Emagreci cinco quilos. Sabe como é que é, quem tem nariz tem medo. Porém (e sempre tem um porém), teve uma carta anônima cuja origem eu consegui localizar. Não porque eu seja um tremendo Sherlock. Só descobri a origem dessa carta anônima porque ela veio em papel timbrado do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Estado de São Paulo.

Aí, peguei o telefone e liguei pro SAT. E com a educação que me é peculiar, me expliquei:

- Quero falar com o diretor de Plantão.
- Quem quer falar?
- Plínio Marcos.
- Um momento.

Logo veio ao telefone um diretor:

- Pronto. É o diretor tesoureiro.
- Tudo bem. Maranhão? Aqui é o Plínio.
- Que você quer?
- Olha, eu recebi aqui no jornal uma carta anônima em papel timbrado do Sindicato, me esculachando. E queria saber se foi daí que mandaram.
- A carta não é anônima. Fomos nós que mandamos.
- Sem assinatura, é anônima.
- A carta está assinada.
- Não tá, não.
- Tá. Tá assinada pela diretoria.
- Pombas, Maranhão, a carta depois dos xingos todos, traz datilografadas as palavras “A Diretoria” apenas.
- Não tem um carimbo do lado?
- Tem.
- Então, é a assinatura.
- Só porque tu quer.
- É a assinatura.
- Não vale, Maranhão. Será que tu não sabe que isso não vale como assinatura? Talvez se um de vocês aí pelo menos, em vez do carimbo do Sindicato, metesse um dedão, eu pudesse considerar a carta assinada. Sabe como é que é, sou um cara compreensivo. Entendo as dificuldades.
- A carta tá assinada.
- Olha, na carta, vocês duvidam que eu vá publicá-la. Eu quero publicar. Mas carta anônima não se publica. E depois, podem piar na parada dizendo que é mentira. Que não é carta do Sindicato. Que alguém afanou papel timbrado e tal e coisa e coisa e lousa. Manda alguém aqui assinar a carta, que eu publico.
- Tá bem. Vou mandar uma carta assinada.
- Estou esperando. Tchau.

Essa carta, então, saiu da pilha das cartas anônimas. Não era anônima. É que eles lá no Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões no Estado de São Paulo assinam apenas “A Diretoria” e assim mesmo o fazem datilografado. Eu é que sou antigo e acho que assinatura é a gente botar o nome de próprio punho. De noite, até fui conversar com uma diretora do Sindicato pra saber se ela também tinha participado da decisão de mandar a carta anônima e ela confirmou que tinha. Que, dos setes diretores, quatro decidiram mandar a carta, que não era anônima, pois tinha ido em papel timbrado e datilografadas embaixo, ao lado de um carimbo, as palavras “A Diretoria”. Aí, falei que isso não valia. E ela me afirmou que vale, sim, e que eles mandam e recebem várias cartas assim. O que me fez pensar que essa prática eles adotaram depois que uma diretora assinou uma carta contra o jornalista Telmo Martino pedindo-lhe a cabeça, o que ficou mal, e foi responsabilizada sozinha. Mas deixa isso de lado. O que quero contar é que esperei a carta assinada e ela demorou muito para chegar. Por essa razão, ela só poderá ser publicada na segunda-feira. Ao mesmo tempo, chegava aqui na Folha uma carta-aberta dirigida ao Senhor Silvio Santos (publicada ontem), assinada pelo presidente do Sindicato dos Atores de São Paulo, Juca de Oliveira, e pelo do Rio de Janeiro, Otávio Augusto. A carta ao Silvio Santos é das mais justas, inteligentes e

provavelmente obrigará o Silvio vir a público pra se desculpar. Mas a carta que o Sindicato mandou (da qual provavelmente o Juca não tomou conhecimento, pois ele não permitiria que saísse do Sindicato nada nesse nível) terá que ser respondida. O que lamento, mas não vou poder deixar de fazer. Lamento, porque estou aplaudindo o Sindicato pela carta justa, mais que justa, em defesa da categoria contra o Silvio Santos. Mas, pelo desafio da carta a mim dirigida, onde duvidam que não a publicaria, vou ter que mandar ver. É por essas e outras, Seu Maranhão, é que quero que você, com mais de treze anos na diretoria, e seus fantoches cedam lugar pra outros mais jovens e mais dispostos ao trabalho. O Juca de Oliveira carregou o pesado fardo de tê-los como diretores, o que tornou impossível pra ele fazer mais do que fez. Mas, segunda-feira sai a carta de vocês. Cumprida o bastante pra ocupar todo o meu espaço. E terça-feira, minha resposta.

IV – O futebol na Barra do Catimbó¹⁶(Folha de S. Paulo – Edição de 31/7/1977. Página 10-11. Caderno Folhetim)

O Amor e Glória foi o primeiro time da Barra do Catimbó. Digo time, porque o Amor e Glória nunca teve mais do que onze camisas e assim mesmo a de meia-esquerda era riscadinha de amarelo e preto, destoando do resto, que era de um belo cor de rosa, proveniente de um outrora vermelhão que desbotou. Esse fato de a camisa do meia-esquerda ser diferente se deveu ao craque Piolhinho, que, ao ser barrado da posição, sumiu com a camisa dez. uma vergonha, sem dúvida, para o pessoal do Amor e Glória, ter que entrar em campo com um jogador de uniforme diferente. Uma vergonha que ainda impedia o time de tirar fotografia. Mas, se isso avacalhava a elegância do Amor e Glória F. C., não o encabulava diante de nenhum adversário, nem impedia que, nos ofícios tratando jogo, o Bolinha do Mobral, escrevente de bicho de profissão e secretário do time por ser o único que sabia escrever, metesse abaixo do nome Amor e Glória, uma frase que era um verdadeiro desacato: “Campeão no pau e na bola.” E embora nunca houvesse disputado um campeonato, podia se dizer que era verdade. Mais pela torcida do que pelos seus jogadores, o Amor e Glória não perdia de ninguém. Era invicto. Mas, dificilmente um jogo desse time chegava ao fim. A torcida mexe e vira invadia o campo pra mudar ou garantir o resultado, coisa que sempre conseguia. E foi o Amor e Glória o primeiro time que existiu na Barra do Catimbó. Seus craques e torcedores vieram pra comemorar o batizado do Jorginho Catimbó e acabaram ficando no pedaço, como todos os outros convidados da festa.

E na Barra do Catimbó, o time do Amor e Glória prosperou, como tudo o mais que se fixou na região. Seu Azulão, presidente, nomeou o Oscarino Vaselina relações públicas e, vendo o progresso da Barra do Catimbó, com famílias chegando a todo momento pra se fixar na favela, o Oscarino logo começou a acalantar a ideia de jerico de ser deputado do povão catimboreense e a incrementar seu prestígio pessoal. O Amor e Glória F. C. se prestava muito aos seus interesses. E por isso ele foi organizando o Amor e Glória. Andava por todos os cantos da favela dizendo da

16 Na mesma edição em que esta crônica é publicada, Plínio Marcos atua como entrevistador, ao lado de Alberto Dines, Tarso de Castro e outro, em uma entrevista com Paulo Francis intitulada de “O raio-x de Paulo Francis”.

necessidade de transformar o simples time de futebol num clube social, cultural, literário, recreativo, cênico, de atletismo, de regatas e de tudo mais. E com essa conversa, o Oscarino Vaselina ia aglutinando gente em torno do Amor e Glória e de próprio. Dia e noite, incansável, o relações públicas corria de ponta a ponta a Barra do Catimbó. Ia nos terreiros de Mãe Begum de Obá e do Pai Bilu Macumbeiro, falava com filhas de santo, ogãs, pedia ajuda aos caboclos, nomeava preto velho sócio honorário, encantado virava sócio remido (coisa que não agradava muito, porque sempre confundia com sócio rendido) e orixá, presidente de honra. Ia no boteco do Quim Ilhéu e no do Mané Cheiro de Peixe, subia a Ladeira do Sacrifício até a Favela do Urubu com Fome, descia pela Ladeira da Mula Gemedeira, ia na Bica das Lavadeiras, subia pela Ladeira do Ai-Jesus até os barracos dos Paraibas de Obra, descia pelo caminho das Piranhas, parava na porta do açougue, na padaria, na sombra das árvores, na Ponte da Saída, em qualquer lugar onde juntasse gente. E ia falando, falando, falando sobre a necessidade de transformar o Amor e Glória num grande clube. Tinha um fôlego tremendo o Oscarino Vaselina. Fôlego de fazer inveja a Dona Cotinha Boca Grande, a novidadeira da Barra do Catimbó. Mais de dois ouvintes, o Oscarino já considerava comício e, sem nenhuma cerimônia, iniciava um discurso.

Mas, a campanha do Oscarino Vaselina melhorou quando ele passou a ser acompanhado, por todos os cantos por onde andava, pelo Deixa-Que-Eu-Chuto, um manco que tinha esse apelido porque, ao andar, sempre arrastava a perna mais curta, dando a impressão de que ia dar um chute numa bola. O Deixa-Que-Eu-Chuto era apaixonado por futebol. Só abria a boca pra falar, se o assunto fosse bola. Sabia tudo sobre futebol. A escalação de todos os times do Brasil, de 1920 até a data presente. Juntava figurinha, recortava retrato de jogadores de jornais velhos, sabia quanto ganhava cada craque de grandes clubes e se gabava de entender tudo de bola. Mas, o destino o fez nascer manco. O destino, ou a Dona Zezé Parteira, que na hora do parto do Deixa-Que-Eu-Chuto estava bêbada demais da conta e o agarrou por uma perna só pra lhe dar tradicional e eficiente palmadinha no bumbum. E com o tranco da palmada de Dona Zezé Parteira, a perna direita do Deixa-Que-Eu-Chuto esticou mais do que a esquerda e ele ficou manco. O Deixa-Que-Eu-Chuto chorou muito, mas todos acharam ótimo, porque já estavam acreditando que ele tinha nascido morto, o que era muito comum acontecer com as crianças do cortiço em que sua mãe morava, naquele tempo ainda no centro da cidade, não só pelas bebedeiras de Dona Zezé Parteira como pela desnutrição das mães. Mas, de qualquer forma, o Deixa-Que-Eu-Chuto teve mais sorte do que o Corujinha, que, devido a uma confusão de Dona Zezé, recebeu as palmadinhas na cara, em vez de recebê-las no bumbum, o que o deixou com a cara amassada pra sempre. O que não prestou na vida do Deixa-Que-Eu-Chuto foi sua paixão pelo futebol. Ainda menino, fizeram com que ele compreendesse que no seu esporte favorito ele nunca ia passar de torcedor. Naturalmente ele deve ter sofrido muito com isso. Mas, não demonstrou nunca. Se guiou pela Tabuada das Candongas do Mestre Zagaia, velho cabo de esquadra que navegou sem bandeira contra a maré das sete águas barrentas e que viu as coisas assombrosas de endoidar até nego de patuá forte. Mestre Zagaia disse:

– Se o mundo fosse bom, criança não chorava quando entrava nele.

E se Mestre Zagaia diz, é porque é. E o Deixa-Que-Eu-Chuto se conformou em ser apenas um torcedor. E colecionou retrato de jogador, figurinha de bala-futebol, decorou escalação de time e ficaria assim até soar sua hora de ir falar com Deus, não fosse de repente ele se tornar necessário para o esquema político do Oscarino Vaselina. Foi ele que, ao perceber que o manco poderia ser um homem de sua confiança, assanhou sua vaidade com uma conversa manhosa:

– Deixa-Que-Eu-Chuto, tou bobo de te ver. Tu sabe tudo de bola. Tu é um almanaque.

O manco, que estava discutindo no boteco do Mané Cheiro de Peixe sobre a última vez em que o Corinthians foi campeão, deu um sorriso de falsa modéstia e resmungou:

– Mas que nada, Seu Oscarino...

E pegou a trela, todo gabola. Assim como quem não quer nada, lembrou mil e uma histórias do seu Corinthians. Explicou por que o alvinegro não ganha campeonato há vinte e três anos. Falou de macumba. De Jaú, Jango, Brandão e Dino. De Neco, Rato, de Servílio, Teleco, Joane, Bino, Cláudio Cristóvão Pinho e de tantos outros famosos jogadores do Parque São Jorge. O assunto sendo Corinthians, em qualquer boteco da Barra do Catimbó juntava ouvinte e palpiteiro. Na birosca do Mané Cheiro de Peixe não deu outra coisa. Parou jogo de sinuca, de pimbolim e de dominó e roda em torno do Deixa-Que-Eu-Chuto ficou grande. O Oscarino Vaselina, que não era de se conter quando via reunião, nem de deixar ninguém falar onde ele estivesse, nessa noite, com muito esforço, se conteve. Ia até o balcão, tomava uma cachaça, uma cerveja e de vez em quando se aproximava do manco, apenas pra lhe dar embalo:

– Esse manco é fogo. Sabe tudo de bola. É o pai da bola. Se não fosse aquela vaca da Zezé estar bêbada e prejudicar o manco aqui, ele ia ser um Pelé. Mas a Zezé adiantou só uma perna do chapa e ele tá aí. Sabe tudo de bola, mas não dá pra ele jogar. Mas o negócio dele é bola.

O Deixa-Que-Eu-Chuto encabulava. Não porque o Oscarino falasse tão cruamente do seu defeito físico e de suas frustrações. Encabulava com os elogios. Nunca ninguém havia dado valor aos seus conhecimentos sobre futebol. O Oscarino Vaselina era o primeiro e o fazia publicamente. O Deixa-Que-Eu-Chuto vibrava de satisfação e falou o quanto pôde. Até que ficou sozinho. Aí, o Oscarino Vaselina se aproximou mais uma vez e o enredou:

– Tu é demais, Deixa-Que-Eu-Chuto. Já vi muito manquetola na vida. Mas, vou [t]e dizer um troço que nunca disse a ninguém. Tu é o manco que mais sabe de bola.

– Mas que nada, Seu Oscarino...

– É. Tou te dizendo, porque tu é. Se tu não fosse, não te falava.

– O senhor é legal.

– Não sou. Sou é de verdade. E vou te dizer uma coisa que tu não vai querer nem ouvir.

O Deixa-Que-Eu-Chuto tremeu nas bases e, esperando o pior, se apresentou:

– Pode dizer, Seu Oscarino.

Cheio de truque como era, o Oscarino Vaselina olhou para um lado, olhou para outro, cuspiu três vezes, fez todo um jogo de cena pra criar suspense e só

quando percebeu que o Deixa-Que-Eu-Chuto não aguentava mais de curiosidade é que se abriu. Falou baixinho, ao ponto de o manco ter dificuldades pra escutar, embora a boca do relações públicas estivesse no pé de sua orelha:

– Olha aqui, Deixa-Que-Eu-Chuto, pra esse time do Amor e Glória ir pra frente, precisa de um treineiro do teu gabarito. É disso que nós tamos precisando. Um cara que entenda. E tu entende.

Pálido de espanto com essa revelação, que jamais imaginara escutar, mudo de emoção, o Deixa-Que-Eu-Chuto saravou seu orixá mentalmente e quase recebe o santo. Ficou de bobeira. E o Oscarino, sem se fazer de rogado, continuou:

– Porém (e sempre tem um porém), eu não estou com a bola toda dentro do Amor e Glória. O pau de mando, como tu sabe, manquetola, é o Seu Azulão. Ele é que embaralha, corta, escolhe o trunfo e joga de mão. E ele, tu sabe como é, burrão. Sem condições. Quadradrão. Se eu chegar nele e disser que tu, e tal e coisa e coisa e lousa, sabe o que ele vai dizer? Que tu é manquetola e não sabe nada de nada de bola. Aí, não adianta eu encrespar. Ele é tihoso. Quanto mais eu enfeitar o pavão, mais ele não vai querer te engolir. E ele é o mando. Aquelas vacas de presépio da diretoria só fazem o que ele manda. Tem lá aquele Bolinha do Mobral, que depois que se formou tá cheio de coisa, arrumou um bom emprego e tá se bacaneando. É gente do Azulão. E o Seu Olegário é outro. E o Cheiroso é outro. Eu tou com nada. Mas olha só o esquema, meu futuro treineiro.

O Deixa-Que-Eu-Chuto, que já estava só olhando de olhos esbugalhados, continuou olhando. E o Oscarino Vaselina foi levando o papo:

– O seguinte: te boto de cobrador do clube. Percebe? Dureza. Arrancar dois mangos de quem não tem nenhum é tarefa pra leão. Mas confio em ti. Tu ataca na tática cri-cri. Homem a homem, sempre na cola. Malha a toda hora. Com grana na mão pra me movimentar, sou fera, manco. Sou fera, Deixa-Que-Eu-Chuto. Faço e aconteço. Ganho força no clube. Aí, quando o time perder, tenho moral pra chegar e falar. Pororó, chimum, não tem parangolé, nem quás-quás-quás, nem rosca-quebrada e nem bico-de-pato. O treineiro é o Deixa-Que-Eu-Chuto. Que me diz? Topa?

Naturalmente que o manco aceitou. E a partir daí, se transformou na sombra do Oscarino Vaselina. Ele falava, falava, falava e o Deixa-Que-Eu-Chuto ia arrecadando o dinheiro de novos e velhos sócios.

(Na próxima semana: “O jogo que não houve”)

2. 7 – As crônicas de agosto de 1977 – Coluna Plínio Marcos

Hoje, a carta do sindicato. Amanhã, a resposta (Folha de S. Paulo – Edição de 1/8/1977. Página 23. Caderno Ilustrada)

Conforme prometi, publico hoje a carta que a diretoria do Sindicato dos Artistas e Técnicos e Espetáculos de Diversões no Estado de São Paulo me enviou pra me esculachar. Porém (e sempre tem um porém), como verão, a carta depõe muito mais contra quem ela xinga. Mas deixa isso de lado. A resposta, eles terão amanhã. Hoje, o que importa é dar o direito ao SAT de se manifestar:

“A propósito da publicação, em sua coluna na Folha de São Paulo de 21 de julho de 1977, intitulada: ATORES: AS VÍTIMAS DE SEU PRÓPRIO SINDICATO, gostaríamos que o sr. publicasse a resposta que agora lhe enviamos, embora não se tenha certeza alguma de que irá fazê-lo. Na verdade, estamos mais acostumados com o sr. Plínio Marcos – amigo verdadeiro de seus amigos – dramaturgo, que ao jornalista. Mas, queremos crer que a publicação da resposta será lida, pois, embora não tenhamos dados estatísticos a respeito (nem nos interessam tais dados) acreditamos que sua coluna deva ser medianamente lida ou o Jornal não o manteria assalariado.

O senhor, escritor primoroso e não venal, na afoiteza de esbravejar espuma mais que cerveja em copo de bebum pobre e atira sua saliva a esmo, sem possuir noção alguma do que fala, aliás, é constante sua coluna em tom raivoso, mas sinceramente, estamos esperando o dia em que o Sr. distribua pauladas não apenas num pequeno sindicato, mas em tudo que está deveras errado e que tenha, isto sim, condições de revide. Que não temos. Convém que o Sr. Plínio Marcos – ilibado autor dos pobres contra os ricos saiba que os atores não se sindicalizam porque tem consciência profissional. Daí que trabalham à mercê dos patrões, subjugados, espoliados e – principalmente – temendo perder o pouco que conseguem, se tornam imediatamente individualistas, afastando-se de seu órgão representativo. O Sindicato dos Atores e Técnicos, Sr. Plínio Marcos – incansável batalhador dos proletários brasileiros – NÃO é paternalista, e se nega a sê-lo: ele quer que todos aqueles que se julguem espoliados, o procurem. O Sindicato dos Artistas e Técnicos não fará jamais plantão nas portas das TTVV, circos, teatros, perguntando a quem entra ou sai: “O Sr. está sofrendo?”[;] “Seu patrão está fazendo de seu salário um xaveco¹⁷?”[;] “O Sr. está trabalhando por uma vergonhosa quantia?”.

Ou os Atores e Técnicos, Sr. Plínio Marcos – glória já internacional do teatro brasileiro – aprendem o caminho do Sindicato para torná-lo de fato um órgão reivindicador ou comerão, por conviência, o pão que o diabo amassou com o rabo. O SAT não DÁ assistência como ama de leite. Ele presta serviços e principalmente se preocupa, Sr. Plínio Marcos – porta-voz dos desesperados do Brasil – com as metas que tem a conseguir e que dependem de muita luta, de muita constância e principalmente, de uma grande união que o mero esbravejador de botecos e restaurantes, não conseguem suprir. O SAT é uma entidade permanente, e por isso – Sr. dramaturgo imortal – age com seriedade, não admitindo expressões como aquela sua “truques de Mandrake de Mafuá”.

O zelo que o SAT mantém e manterá sobre as chapas que se formam para a disputa de eleições sindicais é no sentido de que empresários travestidos de atores jamais consigam se apossar da diretoria deste órgão. As condições básicas não foram pelo SAT inventadas. Pelo contrário, são de Lei Federal que o Sr. – comovido autor de teatro realista da classe média – desconhece, azar seu, porque vai ficar esbravejando (enquanto viaja para perto dos operários de Taubaté, etc.), levantando poeira sem finalidade alguma, e passando por bobo da corte: que diverte, mas não incomoda. Além do que, a atual diretoria não depende do SAT para manter seus empregos. Ou o Sr. – abnegado lutador pelas camadas menos favorecidas – acha que o Sindicato que impõe o trabalho de um JUCA DE OLIVEIRA, maior ator de

17 Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

nossos palcos e atualmente fazendo uma peça sua no Rio, peça essa que não o crucifica como ator mais censurado do Brasil! Ou do mundo? O Sr. acredita que mesmo sem o SAT o JUCA DE OLIVEIRA teria que ficar nas mesas dos restaurantes da vida vendendo livro para se sustentar?

O que realmente se passa – a linguíça que está sob este angu – é que o SAT tem importunado e muito os empresários. Muito mais do que sua má informação supõe, Sr. Plínio Marcos – Honra e glória do Teatro Nacional – porque não existe só TV, mas cinema, buate, teatro de revista, circo, dubladores que conhecem, estes sim, o SAT e muito bem porque esses pequenos trabalhadores (que não são jornalistas famosos, mas aqueles do dia a dia sob os spots, sem glórias internacionais ou falsas humildades) têm no SAT um órgão de reivindicações que eles respeitam e pelo qual trabalham. Aliás Sr. Plínio Marcos – agora também lutador pelo operariado parisiense, berlinense e espanhol (haja fôlego) – esses pequenos e ignorados trabalhadores têm, veja só!, comprovantes dos recibos de pagamento de suas mensalidades. Se os grandes nomes do teatro nacional (não sabemos quem) perderam esses comprovantes, que se organizem ou se danem.

Sr. Plínio Marcos – cujo nome agora decora também os teatros da Europa e que nem liga pra isso – não sabemos o que é “pelego” e “peleguismo”, o Senhor – autor que o público do SESI homenageia esquecendo-se até do próprio Noel Rosa – usa muito essas palavras e dá a entender – sempre quando chega a esse ponto o senhor escreve por parábolas e frases feitas de maravilhosa repercussão junto aos operários que leem sua coluna diariamente – que o SAT está cheio de agentes do governo e de burocratas! Ora, senhor autor que já recebeu o Molière de smoking e nunca de alpargatas – o SAT não tem dinheiro para pagar os serviços de um administrador e usa os trabalhos – gratuitos por sinal – de todos aqueles que se colocam à sua disposição. Não é apenas o Sr. Maranhão que fica lá fiscalizando os contratos um a um, as propostas de sócios uma a uma. Quanto aos agentes do governo, acho que só o sr. pode explicar o que diz. Pois, é tão insano o raciocínio, e de tal maneira pouco claro, que nos vem a certeza de tratar-se de mera provocação.

Porém, e sempre há um porém, conforme o Sr. mesmo sempre lembra com inigualável brilho, sobra a pergunta: provocação com que finalidade? Quanto aos contratos de trabalho de teatro, passam obrigatoriamente pelo SAT e nós sabemos o cuidado que Maranhão tem com eles. E mais, é também ele que cuida de que elementos não sindicalizados jamais ocupem nossos palcos. Por exemplo, se a Srta, Sylvia de Falkenburg quiser ser atriz para fazer sua peça “QUANDO AS MÁQUINAS PARAM” – aliás não sabemos de que sindicato operário essa moça saiu – terá que estar em dia conosco, ou criaremos problemas ao maior dramaturgo que o operário brasileiro jamais teve. Justamente porque há muitas atrizes saídas de Escolas de Arte Dramática, profissionais, sindicalizadas e sem emprego, enquanto que a moça acima citada, sequer pode ser chamada de atriz!

No mais, Senhor Plínio Marcos – amigo sincero de todas as horas de seus amigos – a briga é sua e não nossa. Sempre existiu eleição sindical. A única coisa que não entendemos é porque o Sr. se preocupa tanto com o Sindicato tão pequeno e não mete a lenha pra valer em tudo que está errado neste mundo de Deus, mesmo que seja contra os poderosos da terra. Olhe, em matéria de cartaz, se o Sr. começar a orientar os sindicatos franceses, japoneses, alemães, americanos, de

atores, o cartaz será bem maior e tudo tomará um ar se não de ridículo, pelo menos de ridículo internacional.” (Assinou pela DIRETORIA – JOSÉ ANTONIO GOMES, tesoureiro).

Resposta aos insultos e ameaças dos falsos sindicalistas (Folha de S. Paulo – Edição de 2/8/1977. Página 33. Caderno Ilustrada)

Como os senhores e senhoras puderam ler, ontem publiquei a lamentável carta do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos e Diversões no Estado de São Paulo. Digo lamentável, não pelo xingamento que a carta contém contra a minha pessoa. Nem por insinuações do tipo “autor dos pobres contra os ricos”, que, se bem conheço a mentalidade do diretor que assinou a carta, estava querendo sugerir que sou de esquerda, que sou comuna e tal e coisa e coisa e lousa. Eles lá têm a mania de mandar avisar a chapa da oposição que determinados elementos não podem fazer parte porque os órgãos de segurança não vão permitir. Mas, deixa isso de lado. O que me deixa pálido de espanto é que essa diretoria do SAT (com exceção do Juca de Oliveira, que está no Rio e que já há muito tempo pediu afastamento) não tenha a mínima noção do que seja sindicato, não conheça a realidade da profissão do ator e que ainda se meta, sem pudor nenhum, a vir a público para ameaçar pessoas, como faz com a Silvia Falkenburg. Cadê os advogados do Sindicato? Estavam dormindo quando os quatro diretores (informação dada por eles) escreviam essa triste carta? Os advogados não viram essas coisas? Essa diretoria que está aí prova com essa carta que não tem condições de continuar. O atual tesoureiro, que é quem assina a carta apesar de o secretário estar presente na reunião em que decidiram mandá-la, está na diretoria há mais de treze anos. E isso é continuísmo e eu sou contra mesmo. Continuísmo (e isso já está provado por muitos e muitos exemplos da História) gera no mínimo a burocracia, que torna um órgão de reivindicação uma coisa viciosa e emperrada. E esse é o caso do SAT nesses treze anos ou mais do Senhor Maranhão (apelido pelo qual é conhecido o tesoureiro). E a própria diretoria, na sua carta a mim dirigida, choraminga que são um pequeno sindicato sem condições de revide. Essa diretoria naturalmente não viu a carta enérgica, correta, muito bem escrita, que o Juca de Oliveira e Otávio Augusto, presidentes dos sindicatos de São Paulo e Rio respectivamente, mandaram publicamente ao Senhor Silvio Santos, que, numa brincadeira infeliz, ofendeu um ator e a dignidade de toda a categoria. Os dois presidentes foram justos e firmes. E os jornais deram muito espaço para a carta-aberta do Sindicato. Mas, o Juca não comunicou ao resto da diretoria, assim como ao resto da diretoria não comunicou a ele que ia me mandar, na primeira versão, uma carta anônima me chamando de incansável batalhador dos proletários brasileiros. Me chamam assim os diretores do Sindicato dos Atores porque eles acham crime ser proletário ou defender os interesses do proletariado. E uma diretoria de sindicato de empregados que acha isso deve ser pelega, patrona e tacanha.

Mas me cansa ficar analisando todos os furos da carta que, lida nos bares e nos botequins, Seu Maranhão, virou a alegria do circo. As pessoas acharam uma graça enorme. Só nos chocou o fato de essa diretoria confessar publicamente que

não vacila em usar o sindicato para perseguir pessoas. E no mesmo momento (volto a repetir) em que os presidentes mandavam uma carta protestando contra o Silvio Santos, que se referia a um ator em termos infelizes, você atacam a Silvia Falkenburg e a ameaçam: “Quanto aos contratos de trabalho de teatro, passam obrigatoriamente pelo SAT e nós sabemos o cuidado que o Maranhão tem com eles. E mais, é também ele que cuida de que elementos não sindicalizados jamais ocupem o palco. Por exemplo – se a Srta. Silvia Falkenburg quiser ser atriz para fazer sua peça “Quando as máquinas param” – aliás não sabemos de que sindicato operário essa moça saiu – terá que estar em dia conosco, ou criaremos problemas para “o maior dramaturgo que o operário brasileiro jamais teve.”

Pobre sindicato que não sabe de nada. Graças à inércia dessa diretoria, não existe lei que obrigue aos atores serem sindicalizados para trabalhar. Ou já existe (não fomos informados) e metade dos atores brasileiros estão burlando a lei, e esse sindicato de pelegos não faz bulhufas pra não prejudicar os empresários que não os hostilizam, só se valendo dessa lei pra perseguir atores das minhas peças. Porque nada disseram quando a Silvinha foi atriz-júri do Silvio Santos e atriz-apresentadora do Oito ou Oitocentos. Porém (e sempre tem um porém), a Silvia vai ser sócia do Luís Gustavo na montagem da minha peça, do mesmo jeito que o Juca e o Loureiro são em “Dois perdidos”. Ou seja, senhores diretores, a Silvia vai ser empresária. Atriz-empresária. Coisa que os senhores sabem que existe, apesar de quererem impedir alguns nomes da chapa da oposição de se candidatarem devido a essa condição tão comum no teatro. Tão comum, que existem vários membros dessa diretoria na mesma condição. Muito embora afirmem na carta que não vão permitir que empresários se apossam do Sindicato.

Para concluir, quero informar que vamos continuar a lutar contra o continuísmo em todos os setores. E podem crer, a carta que essa diretoria me mandou é um atestado de que não tem mais condições de continuar. Portanto, caiam fora.

Pequena meditação solitária enquanto se olha a lua (Folha de S. Paulo – Edição de 3/8/1977. Página 33. Caderno Ilustrada)

É quase meia-noite, estou na janela da minha casa olhando a Lua, linda, enorme, cheia. Ainda se vê a Lua, apesar da poluição. As estrelas já vão rareando na nossa paisagem noturna. Mas, que se pode fazer? Penso. O Brasil tem que ser um país agrícola. O homem brasileiro precisaria receber grandes incentivos pra voltar para o campo. As grandes cidades precisariam parar de crescer tão desordenadamente e aflitivamente. Acho esse meu pensamento perigoso. O Prefeito Figueiredo Ferraz foi retirado do seu cargo justamente porque achava que São Paulo tinha que parar. Parar para se organizar. Se não fizer isso, os grandes problemas sociais permanecerão sem solução. Os presídios, os manicômios, as filas do INPS, os asilos ficarão cada vez mais repletos. O índice de criminalidade, a prostituição, a infância totalmente abandonada tendem a aumentar em proporções assombrosas. O brasileiro precisa ser incentivado a voltar para o campo. Se não, logo não veremos mais a Lua. Viveremos no sufoco do nosso próprio lixo. Mas, pra dar incentivo para o homem brasileiro voltar pra vida serena da roça, vai se

desagradar, sem dúvida nenhuma, aos gananciosos, donos das terras, os que na cidade necessitam de mão de obra barata. Mas, as cidades não podem continuar a crescer desordenadamente. Penso isso tudo. Pombas, como eu não gosto de pensar. Toda vez que penso acabo me lembrando da Censura. O órgão obscurantista que não nos deixa pensar livremente. Que nos leva à auto-castração de tanto que nos castra. Mas, como estou sozinho, olhando a Lua que se recusa a servir pra caguetagem (tanto se recusa que tiveram que inventar satélites artificiais pra esse fim), continuo pensando. Que as grandes cidades estão doentes. Estão apinhadas de gente. Tem nego se agarrando pelos picos pra não espirrar pelo ladrão. Está um horror. O Seu Miguel Colasuono, quando assumiu a Prefeitura, disse que as grandes cidades geram seus próprios recursos para resolverem seus próprios problemas. Nova York o desmente. Está abrindo o bico. A beira do colapso. Super-população e tal e coisa e coisa e lousa. Super-população me leva logo a pensar na pílula. Vão distribuir pílulas para as mulheres brasileiras. Vão regular a natalidade. Já vai longe o tempo em que propaganda oficial apregoava, através dos seus arautos, que a alegria do pobre, sua riqueza, eram os filhos. Agora não é mais. Tem muita gente apinhada nas grandes cidades. Ninguém mais se conforma em ficar comendo o capim amargo pela raiz lá na roça. Então, pílulas nas mãos subnutridas, doentes de corpo e de alma. Retiram-lhe esse santo direito de ter filhos, de ser mãe. Só as mulheres bem cuidadas, bem nutridas serão mães. Talvez, através das pílulas de fabricação das multinacionais, se apure a raça e daqui a uns anos o brasileiro seja loiro de olhos azuis, como queria Hitler que fossem seus alemães. Penso. Me assusto com meu pensamento. Rogo pro meu santo. Meu Bom Jesus de Pirapora, me livre e guarde dos meus pensamentos. Regular a natalidade indiscriminadamente é censurar os nascimentos. E não se censuram pessoas. Paro. Revejo. Digo pra mim mesmo: censuram, sim. Não meteram o Renato Tapajós em cana só porque escreveu um livro tentando analisar o que se passou em 67-68 num lado do qual não sabia de nada, mas que, quer queiram quer não, faz parte da História do Brasil? Então, censuram pessoas. Olho a Lua. E me lembro que estou meditando e olhando a Luz justamente porque censuraram uma pessoa. A Ruth Escobar foi proibida de viajar. Ela tinha passaporte visado, passagem paga pelo Governo, isenção de taxa de viagem e na hora de embarcar, não pôde. Não pôde sair do Brasil. Por que, ninguém explica. Ninguém sabe. Não pode, porque não pode. E a Ruth Escobar, uma das maiores empresárias, atrizes, incentivadoras das artes, uma das primeiras-damas do teatro brasileiro, não pôde sair. Penso em tudo isso. E penso que a Censura já é sobre as pessoas e não mais sobre as obras dos artistas.

A punição dos estudantes em Brasília. As inúmeras cartas anônimas que artistas e intelectuais estão recebendo. O impedimento da Ruth Escobar sair do Brasil.

Olho o relógio. São cinco pra meia noite. Acendo um cigarro. E um tremendo estrondo sacode o mundo. Ou talvez apenas meu bairro. Tremo nas bases. Materiais e espirituais. Penso no pior. Ligo o rádio. E vem a causa da explosão. Foi escapamento de gás. Respiro aliviado o ar poluído. É, as grandes cidades estão à beira do colapso. Foi apenas um vazamento de gás. Encho mais uma vez meu pulmão de ar poluído e vou dormir tranquilo, certo de que não exerço nenhuma

influência sobre os fatos. Mas bendigo a Lua, um lindo satélite que não se presta pra caguetagem.

O grande drama do Serviço Nacional do Teatro (Folha de S. Paulo – Edição de 4/8/1977. Página 35. Caderno Ilustrada)

No meio teatral, o bochicho anda muito grande entre autores teatrais que se inscreveram no concurso de peças do Serviço Nacional de Teatro. A rapaziada está cabreira com a demora do resultado. Estão achando que tem linguíça debaixo do angu, isso é, que o SNT, órgão do Ministério de Educação e Cultura, está escondendo o resultado porque as peças premiadas pela Comissão julgadora certamente vão ter seus problemas com a Censura Federal, que é afeta ao Ministério da Justiça. Sabe como é que é, dão prêmio com uma mão e castram com a outra. Exatamente como fizeram com a peça “Rasga Coração”, do sempre querido Oduvaldo Viana Filho, o nosso Vianinha. “Rasga Coração”, uma obra-prima da dramaturgia brasileira, foi premiada pelo SNT e proibida pela Censura. Naturalmente esse fato escandaliza todo o mundo civilizado. O mesmo Governo que premia, depois proíbe. E pra evitar novas presepadas desse naipe, segundo dizem, não estão dando o resultado do concurso de peças, o que, ainda segundo os inscritos, já devia ter saldo.

Nessa altura do campeonato, quem fica no papo de aranha é o Senhor Orlando Miranda. Ele, que ressuscitou o concurso de peças do Serviço Nacional de Teatro na vã esperança de mostrar serviço, só consegue, no entanto, mostrar o desserviço e o obscurantismo que a Censura do Governo provoca.

*

O chorinho está na moda. Os melhores conjuntos da praça não param de trabalhar. O Conjunto Atlântico está com a agenda cheia. O regional do Evandro, fazendo das tripas coração pra poder cumprir todos os contratos que assinou. Eles estão conosco lá no Teatro Popular do SESI, na peça “O Poeta da Vila e seus amores”, estreiam hoje na boate Barracão de Zinco e vão mandando ver. Porém (e sempre tem um porém), durante esse tempo todo em que o chorinho, o mais brasileiro dos ritmos brasileiros, esteve marginalizado, porque a única e estreita faixa que sobra pra nossa música em nosso país era toda para o samba, que estava na moda, e o resto como sempre estava ocupado pela importação de cultura de consumo, como aliás continua sendo, os grandes músicos de regional foram acabando. Por exemplo, acabaram os flautistas. Não temos flautistas na praça. Quando digo “não temos”, quero dizer que não se formaram novos flautistas. O Altamiro Carrilho e uns outros poucos que sobreviveram graças a Deus agora estão em evidência. Mas, os jovens músicos foram pegando de guitarra elétrica, tocando iê-iê-iê, rock e outros ritmos que se tocam mesmo não sendo profundo conhecedor do instrumento. E agora, que tocou a vez ao chorinho, faltam flautistas de gabarito. Naturalmente que a Ordem dos Músicos vai dizer que não tem nada com isso, que seu negócio é cobrar recibo de músico e fim de papo. Mas, se essa Ordem fosse de lutar pelo mercado de trabalho pro músico brasileiro no Brasil, não chegaríamos a

essa dolorosa situação de não vermos nos nossos regionais nem flautas, nem clarinetes, nem nada.

Sabe como é que é, o músico velho, cansado de comer o capim amargo pela raiz, se habituou a dar pancada no filho toda vez em que ele queria pegar no instrumento. Um pai não vai ensinar pro filho um ofício que não garanta seu futuro. É isso aí. Ou garantimos o mercado de trabalho pro músico brasileiro no Brasil, ou vamos acabar sendo os eternos lacaios do toca-fitas das multinacionais da cultura de consumo.

*

Outra noite, meu amigo Osmar Rodrigues Cruz, brilhante diretor teatral, responsável pelo êxito da peça “O Poeta da Vila e seus amores”, me chamava a atenção para o fato de que os técnicos teatrais estão acabando. Existe uma geração de cenotécnicos geniais, como Arquimedes, Jarbas Loto, Jacques, Cid Gaúcho, o Português e alguns outros cujos nomes não me ocorrem no momento. Mas, essa turma, eles que me perdoem a franqueza, já estão coroas. E atrás deles não vem ninguém. Não estão se formando novos quadros. O número de casas de espetáculos cresceu muito em São Paulo, mas os maquinistas-cenotécnicos, não. São sempre os mesmos. E qualquer diretor, qualquer cenógrafo sabe como é muito importante um cenotécnico pra adiantar um espetáculo.

Coisa que não se consegue com um marceneiro comum. Naturalmente, o Serviço Nacional de Teatro, a Comissão Estadual de teatro, o Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões não se interessam em criar cursos que formem profissionais nesse setor. O negócio é fazer cursinho de ator, para o qual vai muita madame sem ocupação e muito rapazola que confunde teatro com passarela, mas que, nas estatísticas, dão números altos. Maquinistas-cenotécnicos e iluminadores de teatro estão acabando, os empresários que se cuidem e comecem desde já a arrumar bons assistentes para os poucos profissionais que restam, se não chegará o dia em que nosso teatro, além de não ter texto por causa da Censura, não vai ter cenário. E aí, nem subvenção governamental salvará os espetáculos.

História de um pequeno trabalhador de cinema (Folha de S. Paulo – Edição de 5/8/1977. Página 33. Caderno Ilustrada)

Recebo uma carta muito bem escrita por um “pequeno trabalhador” do cinema, que é como o Sindicato de Artistas e Técnicos em Espetáculos do Estado de São Paulo trata o pessoal dessa categoria que fica atrás das câmeras, nos bastidores ou simplesmente não é um nomão consagrado pelo público. O missivista, senhor Magno de Carvalho, com serenidade e objetividade, desmente o que a atual diretoria do SAT afirma na carta que me mandou publicada na segunda-feira passada, e explica o porquê de muita gente estar desanimada atualmente com esse órgão que deveria defender a categoria e que, no entanto, faz justamente o contrário. Como dei todo meu espaço para a atual diretoria do SAT se abrir, dou hoje passagem para o senhor Magno de Carvalho. Antes, porém (e sempre tem um porém), quero deixar claro que o ator Juca de Oliveira, segundo informação do próprio sindicato, pediu afastamento de suas funções. Segue a carta do Senhor Magno de Carvalho:

“Li na sua coluna na F. S. P. do dia 2/8/77 a carta da atual diretoria do Sindicato dos Artistas e Técnicos, endereçada ao sr., em resposta a seu artigo publicado em 21/7/77. Sem pretender entrar no mérito da polêmica, gostaria de esclarecer um ponto, pois parece, por tudo que se vê ultimamente, que está chegando a hora da verdade.

Num trecho da referida carta os signatários afirmam que o sr. está mal informado sobre o que realmente se passa em relação ao SAT, “porque não existe apenas a TV, mas cinema, buate, teatro de revista, circo, dubladores”: dizem ainda que são estes “pequenos trabalhadores” que conhecem bem o SAT e que têm nele um órgão de reivindicação, o qual respeitam e pelo qual trabalham.

Acontece que eu sou um destes “pequenos trabalhadores” a que se referem. Trabalho em cinema como técnico, nas produções da “boca do cinema”.

Posso afirmar que a coisa não é bem assim como eles dizem. Em primeiro lugar, a maioria dos nossos colegas não conhece o sindicato: outros não têm o mínimo interesse pelo mesmo, e há ainda uns poucos sindicalizados que são desiludidos com o SAT. Isto se deve não apenas ao problema da falta de consciência – existe uma outra razão. No setor de cinema temos um único representante no sindicato: o meu amigo Virgílio Roveda, o “Gaúcho”, que trabalha como diretor de produção, além de ter um escritório na “Boca”, se não me engano registrado como produtora cinematográfica. Há algum tempo, inclusive, ele estava em vias de realizar um longa metragem como produtor; não sei se o fez ou não, mas não é esta a questão central. Quero ressaltar que, sendo ou tendo a perspectiva de ser produtor, nosso representante não pode defender interesses opostos, ou seja, os dos técnicos e atores.

Devo contar algumas coisas que se passam para que se possa ter uma ideia do porquê do afastamento e da descrença no sindicato. Existe uma tabela de preços mínimos de cada função para o pessoal de cinema, a qual é renovada a cada ano, no mês de maio. No começo do ano passado procuramos (eu e um colega) o Virgílio e propusemos que convocasse uma reunião geral para discutirmos os novos preços a serem fixados. Ele disse que não adiantaria, que o pessoal não queria nada. Muitas vezes voltamos a insistir, até que ele concordou. Marcamos então um encontro para discutirmos a data da reunião, ao qual ele não compareceu. Isto se repetiu várias vezes, até que percebi que ele não pretendia convocar a reunião. A esta altura muitos técnicos com quem tínhamos conversado estavam interessados em participar da reunião. Mais uma vez, a tabela saiu em maio, sem uma discussão coletiva. O meu amigo Virgílio alegou que não havia do que reclamar, pois a tabela era satisfatória, já que havia sido equiparada a do Rio, bem mais alta. Porém, era importante para nós a discussão conjunta dos preços da tabela, para a nossa união, além de que esta discussão automaticamente suscitaria outra mais importante, ou seja, a respeito da necessidade de mantermos com firmeza os preços fixados como mínimos, na hora de fazermos o contrato com o produtor, que nunca reconhece a validade da tabela. Muitos técnicos cedem nessa hora, pois sabem que, se não baixarem o preço, aparece outro que o faz. A luta pela manutenção dos preços mínimos é de importância vital para o pessoal de cinema e requer um mínimo de união de classe.

Pois bem, ainda em maio de 76, logo após fixação “paternalista” da nossa tabela pela atual diretoria, o nosso representante sindical, trabalhando na pré-produção de um filme, estava contratando a equipe e precisava de um técnico de som. Pediu-lhe que avisasse a um amigo meu, o Bira, que é técnico de som, só que ele já ia avisando que não poderia pagar a tabela, justificando com os mesmos argumentos que sempre usam os produtores: “Sabe como é, nessa produção não vai dar pra pagar mais, a previsão do orçamento já está estourada” etc...

Por mais paradoxal que pareça, o nosso próprio representante (membro da atual diretoria do sindicato) é o mesmo que serve de capataz do patrão para nos explorar mais.

O meu amigo Virgílio Roveda é candidato à reeleição, e desta vez pretende subir de posto, pois é o 3º nome da chapa da situação”. (Assinado: MAGNO DE CARVALHO)

Como o pai da noiva, fico na porta recebendo os cumprimentos (Folha de S. Paulo – Edição de 6/8/1977. Página 29. Caderno Ilustrada)

As pessoas me veem na porta do Teatro Popular do SESI quase todas as noites, na entrada e na saída, e se perguntam:

- Você fica aí todas as noites?
- Quando posso.
- Não te cansa?

Não mesmo. Gosto de ver o público. O público que no TPS é uma verdadeira multidão. Que é o público que eu sempre sonhei ter, desde os tempos em que começava carreira num cirquinho. Sabe o que seríamos sem o nosso público? Seríamos nada. Eu amo o meu público. Fico na porta do teatro olhando aquela gente toda na fila, com uma enorme ternura, muito agradecido porque vieram. Que surge uma vontade imensa de gritar:

– Olha, eu espero por vocês há vinte e cinco anos. Talvez mais. Que bom que vocês vieram hoje.

Podem crer que é verdade. Eu, muitas e muitas vezes, me vi estrangido a exercer meu ofício em pequenos palcos para plateias vazias.

Me vi obrigado a dar a força do meu trabalho pra pessoas que pareciam que pagaram entrada unicamente pra ir e nos atirar sacos de pipocas. Eu, que muitas e muitas vezes, para ganhar o pão dos meus filhos, fui me apresentar em boates, onde o sucesso não se mede pelos aplausos, mas pelo número de bêbados que caem da cadeira, bêbados que pagam para ver um palhaço mas que querem eles mesmos ser a alegria do espetáculo. Eu, que sofri tantas vezes a mais cruel das solidões, que é a do artista que tem que suspender o espetáculo por falta de público: eu, que sou extremamente consciente dos espinhos dessa minha profissão, que sei que nela o sucesso e o fracasso se sucedem com extrema rapidez e que de repente posso outra vez me ver sujeito a estar fazendo das tripas coração no palco de um cirquinho mambembe ou no acanhado tablado de uma boate, ou simplesmente dando expansão à minha necessidade de comunicação numa mesa de botequim, eu me embebedo de público nessa minha boa hora. Olho grato, retumbante de ternura. Muito agradecido. Tremo nas bases quando gente minha, vinda de longe, implora

um lugarzinho em pé ou sentado no chão. E nem assim podem ser atendidas, porque não há vaga. Nenhuma vaga. Tenho vontade de pedir desculpas.

Nunca peço. Mas juro que sinto vontade. De dizer: Olha, me perdoem, mas o teatro está lotado a três de alto, com gente se agarrando pelos picos pra não espirrar pelo ladrão.

E na saída, fico na porta. As antenas ligadas, escutando os comentários. É feio. Sei lá. Me encabula um pouco. Me dizem que eu pareço o pai da noiva, fico na porta para receber cumprimentos. É um pouco isso. Mas não é isso. O cumprimento me entorta o patuá. Me faz cair da panca. Perco o rebolado. Gosto de ouvir os comentários. Ver na cara das pessoas a verdade sobre o espetáculo. A expressão do público não deixa margem para dúvidas. O resto, eles trazem estampado se gostaram ou não. Pombas, eu gosto disso. Amo o público. Amo um teatro lotado. Por que eu haveria de negar isso, se for por isso que sempre lutei? E se gosto tanto, por que haveria de me privar do direito de ver esse espetáculo magnífico de público, multidão, em fila por horas, para conseguir lugar e depois assistir ao espetáculo, aplaudir delirantemente e sair, alguns prometendo voltar mais vezes? É isso que vai me dar força, quando me tocar um fracasso. Eu vou sempre me lembrar do sucesso e batalhar pra conquistá-lo de novo. Foi sempre assim nessa profissão que escolhi. Que a bem da verdade, todos fizeram tudo pra eu não me agarrar a ela. Mas eu me agarrei. Comi o capim amargo pela raiz. Mas não me arrependo. Nunca, nem por um minuto, me ocorreu abandoná-la. E mesmo sabendo que o teatro é um risco, quero corrê-lo. E pra não ter medo, me nutro hoje dos aplausos pra se algum dia for o caso, suportar a vaia. E lembrarei sempre do que me disseram pessoas que hoje veem “O Poeta da Vila e seus amores”, como me lembro do que tive que ouvir nas rebordosas. Por exemplo: jamais esquecerei da mocinha simples que numa noite se chegou meio tímida e falou:

– Seu Plínio, piramidal.

Sabe, essas coisas fazem bem. É por isso que sempre que posso estou lá na porta do Teatro Popular do SESI, plantado como quem não quer nada, porém (e sempre tem um porém), amando. Amando imensamente o público por quem sempre esperei e espero.

Na Barra do Catimbó – IV. Um jogo difícil (Folha de S. Paulo – Edição de 7/8/1977. Página 10-11. Caderno Folhetim)

É, com o esforço do relações públicas e do cobrador, até um cego podia ver que o faturamento do Amor e Glória estava sendo alto. Mas, o clube não promovia absolutamente nada. Nenhum baile, nenhum jogo de futebol. Estava totalmente parado no setor esportivo e social. Nem por isso, ou talvez por isso mesmo, o Oscarino Vaselina deixava de expor com entusiasmo seus planos cada vez mais delirantes:

– Nós vai ter um campo com trave de verdade. Não como esses de trave de bambu. Nosso campo vai ser de time mesmo. Nós vai ter bailes às terças, quintas, sábados e domingos. Nós vai fazer piquenique em Santos. Piquenique com ônibus especial e tudo. O Amor e Glória é o maior.

O Deixa-Que-Eu-Chuto também ia cada vez mais mostrando toda sua eficiência na árdua tarefa de arrancar dois cruzeiros de cada morador da Barra do Catimbó. E nesse trabalho já se ia quase cinco meses. Quando começaram a surgir os primeiros sinais de desconfiança. Num dia em que o Deixa-Que-Eu-Chuto foi cobrar recibo na Favela dos paraibas de Obra, um tal de Cabeça de Coró, que era metido a valente e que estava bêbado, se encrespou. Esculachou o clube, o cobrador e ainda deu uns cascudos no manquetola. O Oscarino Vaselina, quando soube do acontecido, nem se afobou. Ele se guiava pela Tabuada das Candongas do Mestre Zagaia. E nela o velho cabo de esquadra, que navegou sem bandeira contra a maré das sete águas, diz:

– Afobado come cru ou queima a boca.

E se Mestre Zagaia diz, é que é. Sabendo que mais cedo ou mais tarde ia ter falatório, o relações públicas, que nunca havia prestado contas, nem pretendia prestar, tinha usado durante esse tempo todo um truque dos mais sujos para dividir as responsabilidades. Vez ou outra, quando via um diretor do Amor e Glória em mesa de jogo ou bebendo no boteco do Quim Ilhéu ou do Mané Cheiro de Peixe na presença de outras pessoas, mandava o Deixa-Que-Eu-Chuto entregar-lhe vinte ou trinta cruzeiros. E nunca pedia comprovante. Como ninguém se lembrava de fazer um balanço, ia ficando tudo por isso mesmo. E o Oscarino, tranquilo.

Mas, nesse esquema todo, foi esquecida Dona Cotinha Boca-Grande. Ela, que não estava gostando nada de ver o prestígio do relações públicas subir cada vez mais, ao perceber que começava a surgir descontentamento, achou que era sua oportunidade de entrar em ação para desmistificar não só o clube, mas também seu relações públicas. E com todo o vigor de derrubadeira convicta, iniciou sua campanha. Primeiramente, de orelha em orelha. Depois, vendo que estava tendo receptividade junto ao povão, perdeu o acanhamento e, sem nenhuma cerimônia, alertava os sócios do clube em altos brados e em qualquer lugar:

– Tem linguíça embaixo desse angu. Cês esqueceram, mas eu ainda me alembro. O tal de Oscarino, quando piou no pedaço, era um trapo. Arranhava parede pra comer farofa. Agora tá sempre bonito.

Esse foi um dos erros do Oscarino Vaselina. Sem dúvida, muito bem observado pela Cotinha. Depois que o Deixa-Que-Eu-Chuto passou a cobrar os recibos, o Oscarino estreava roupa nova todo dia. Mas, a Cotinha sabia de outras coisas comprometedoras que ele andava aprontando e não se fazia de rogada em espalhar:

– O pilantra, que sempre viveu no miserê, agora anda se espalhando. Logo ele, que era de tomar cinco mangos de piranha pobre, agora é de dar presente caro pra mulherada. Deu um fogão com botijão de gás cheio pra uma negritinha perebenta lá do Urubu com Fome. Foi ele quem deu aquela cabeleira loira praquela tisiu lá da Ladeira da Mula Gemedeira. Coitada, a negritinha, que é da cor do azeviche, com a cabeleira loira parece um pastel de carne seca. E pensa que está abafando com a grana do Amor e Glória. E tem mais. Aquela loira banguela que mora no Caminho das Piranhas anda contando pra quem quiser ouvir que o tal de Vaselina jurou que vai botar uma mobília nova na sua boca vazia. E como ele tá dando tudo isso pra essa mulherada? Trabalhando é que não é. O Oscarino não faz

nada e esse manco de uma figa é que toma o nosso pra adiantar o lado dele. Eles estão faturando. Nós paga, não paga? E cadê a grana do Amor e Glória?

Com todo esse falatório da Dona Cotinha Boca-Grande, a diretoria do clube ia ficando mal com os sócios. O Oscarino Vaselina fazia das tripas coração pra equilibrar a parada na conversa:

– O pior bicho do mundo é mulher que dorme sozinha. Ela acorda pra se coçar e aí perde o sono e fica arranjando jeito de atucanar a vida dos outros. Tá aí a Cotinha Boca-Grande que não me deixa mentir. O mané Cheiro de Peixe não dá trato a ela. Deixa ela na saudade e aí ela sai se metendo na vida dos outros. Com que aqui da Barra do Catimbó ela não fez fuxico?

Que a Boca-Grande era de xeretar na vida dos outros, todos concordavam. Porém, sempre aparecia alguém pra imprensar o Oscarino:

– Mas e esses presentes que ela diz que tu anda distribuindo por aí?

Nessas horas, o relações públicas perdia a compostura. Ameaçava sair no braço com o perguntador. Jurava que ia agarrar a Cotinha e, se ela não provasse tudo que andava falando, ia dar uma surra na mulher em frente do boteco do Mané Cheiro de Peixe. Mas, acabava confessando que tinha dado botijão, cabeleira e tudo mais:

– Isso aí é um acerto que fiz com uns pivetes. Sabe como é que é. Eles vão lá no mundo. Batalham. Fazem o ganho em cima dos otários. Aí, têm que vender por uma mixaria pro Intrujão Guegué. Eu tenho pena da rapaziada. Aí, quando eles trazem um negócio que me sirva, compro deles. Pelo preço justo. Não sou de me valer de quem foi lá fora afanar, como o Intrujão Guegué. Aí, dou pra minha mulherada. Elas merecem. O que eu ia fazer com o fogão? Não sou cozinheiro. O que eu ia fazer com cabeleira loira? Não brinco de havaiana. Então dou. Como ainda outro dia, chamei um cara que é da pesada e encomendei pra ele que se caso ele visse algum bebum apagado de bocão aberto, com dentadura que pelo jeito sirva na Catarina anda triste de ter que rir zero a zero com aquelas gengivas que já estão pegando calo e eu quero fazer sua felicidade. Podendo, trato bem minha mulherada.

Que o Oscarino Vaselina comprava as bugigangas da mão dos ladrões, era fora de dúvida. Mas, o que ninguém tinha coragem de dizer, ninguém além da Cotinha, é que essa transação era feita com o dinheiro do Amor e Glória.

E o diz-que-diz aumentava. A Cotinha Boca-Grande gritava de um lado, o Oscarino respondia do outro:

– Vai trabalhar, vagabundo!

– Arruma um homem, piranha!

– Devolve a grana do Amor e Glória, afanador!

– Vai bater bolsa, coroa virgem!

– Vou te arrumar um emprego.

– Eu vou te dar uma britadeira pra teu consolo.

– Pilantra!

– Piranha!

– Tu quer é o meu lugar.

– Nesse clima, não ficou fácil pro Deixa-Que-Eu-Chuto cobrar recibo. Ninguém queria pagar. A diretoria tentou chamar o Oscarino às falas, mas ele apelou:

– Todo dinheiro que fui recebendo fui dando pra vocês. Dei pro Seu Azulão, pro Seu Olegário, pro Chapelão, pro Inácio Cheiroso, pro Pé de Pato. Só não dei pro Bolinha do Mobral, que era pra ele não misturar o nosso com o do bicho que ele escreve. Tragam o dinheiro que, com a grana, a gente manda ver uns pagodes.

Logo a diretoria desconversou. O Seu Azulão, apesar de não ser de muito falar, fez até um discurso:

– Nós não pode passar a vida desconfiando dos outros. Se o Oscarino diz que está difícil, é porque tá. Agora o que nós quer saber é porque tu não arruma jogo contra. O time só treina. E assim mesmo, com bola de meia. E nós sabe que pra arrumar jogo não precisa dinheiro.

Fingindo estar muito preocupado, o Oscarino se explicou:

– Nós tem nome. Todo mundo se lembra do Amor e Glória da cidade. E se a gente já bagunçava no campo dos inimigos, eles ficam adivinhando o que não seria se piassem aqui no nosso campo. Aqui pra Barra do Catimbó, nem chofer de praça aceita corrida de dia. Nós tem nome, Seu Azulão.

Abatida, a diretoria do Amor e Glória ficou em silêncio. Todos se sentiam enganados pelo Oscarino Vaselina, que, se deu dinheiro pra cada um deles, foi só pra tê-los, como estavam, enredados. A maior parte do bolo era fácil perceber que ficou com ele mesmo. E apesar de estarem todos picados de raiva, não se atreviam a estrilar. Todos se lembravam que havia testemunhas da entrega desse dinheiro feita pelo Oscarino. E nenhum deles podia ficar, diante dos moradores da Barra do Catimbó, com fama de ladrão desse naipe. Eram todos gente de respeito. Seu Azulão e Seu Olegário eram os donos dos pontos de venda de maconha. Se desconfiassem que metiam a mão no dinheiro do clube, iam logo achar que misturavam capim na chibaba, o que era verdade. Pé de Pato e Inácio Cheiroso bancavam jogo de ronda. Seu Chapelão era corretor de objetos roubados entre ladrões e o Intrujão Guegué. Ninguém tinha interesse em escândalo. Iam perder o crédito. Por isso estavam quietos. Matutavam um jeito de se vingarem do Oscarino Vaselina sem se sujarem. Mas, não encontravam por onde. O Bolinha do Mobral, com sua expressão de primeiro da classe e por ser o único que não pegou nenhum tostão, foi quem se atreveu a recomeçar a conversa:

– Tudo levou todo mundo no bico, Oscarino, tu deixou a gente no papo de aranha. Tu não pode continuar como relações públicas do Amor e Glória.

O Oscarino até riu da inocência do Bolinha. E sem perder tempo, foi expondo seus novos planos:

– Sem essa, Bolinha. Vamos balançar. Nada de se render. O povão fala mesmo. Vamos entrar em ação. Esse negócio de recibo já deu o que tinha que dar. Vamos atacar de livro de ouro.

Pálido de espanto, Seu Azulão só resmungou:

– Atacar em cima de quem?

Sem vacilar, o Oscarino deu a sentença:

– Em cima do comércio e da indústria local.

Ao escutar isso, o Seu Olegário não se conteve e agarrou o Oscarino Vaselina pelo pescoço, berrando furioso na sua cara:

– Tu pensa que a gente é idiota? Tu pensa que alguém vai assinar o livro de ouro do Amor e Glória depois de tu, tu, seu ladrão, pé-de-chinelo, ter afanado a

grana dos sócios? Tu pensa que nós vai sair por aí com livro de ouro pedindo dinheiro?

E o Olegário só não cobriu o Oscarino de soco porque foi seguro pelos outros diretores. O relações públicas, assim que se recuperou e após o Seu Azulão ter restabelecido a ordem, fazendo-se de ofendido falou com voz comovida:

– Ninguém afanou nada de ninguém. Mas o dinheiro sumiu. Quero salvar a nossa cara. E a saída é livro de ouro. Vocês são do comércio, assinam cem mangos cada um. Assinam na frente. Aí o resto também assina.

O Chapelão não gostou da proposta e reclamou logo:

– Eu não vou botar meu dinheiro pra arder.

Mas, o Oscarino Vaselina havia pensado em tudo e tinha resposta pronta:

– O de vocês é só empréstimo. Cês assina e dá o dinheiro. Enquanto o manquetola corre o comércio com o livro, eu vou na cidade com o dinheiro de vocês e compro bola e camisa. Quando entrar o dinheiro do resto do comércio, é tudo de vocês. Com bola nova e camisa, ninguém vai reclamar da gente. O de vocês tá salvo. E a nossa fuça sai da reta. Ficamos limpos e com cartaz outra vez.

Os diretores se entreolharam. Pensaram um pouco. Por fim. Seu Azulão assinou seu nome numa folha de papel-almaço e jogou cem cruzeiros na mesa. Seu gesto foi repetido por todos. Aí, o Oscarino Vaselina recolheu o dinheiro e já ia guardar, mas o Seu Azulão pegou-o pelo braço, olhou firme nos seus olhos e rosnou:

– Se tu aprontar alguma presepada com o dinheiro da gente, eu juro que te mato, Oscarino. Eu juro.

O relações públicas só sorriu. Assim que o Seu Azulão o soltou, guardou o dinheiro e saiu.

Nize Silva e Waldemar Iglésias (Folha de S. Paulo – Edição de 8/8/1977. Página 23. Caderno Ilustrada)

Existem as atrizes que passam a vida lutando para serem estrelas. Lutam tanto para conseguir ser capa de revista, nome certo em coluna de fofoca e tal e coisa e coisa e lousa, que acabam ficando vedetes, mas se esquecem de desenvolver o talento de atriz e aí nunca chegam a essa categoria. Outras há que não ligam a mínima importância para a badalação. Só querem exercer com dignidade a profissão que escolheram e, por essas e outras, nem sempre têm o nome escancarado nos jornais, mesmo quando conseguem êxito absoluto de crítica e de público. Esse é bem o caso de Nize Silva, a talentosa primeira atriz do teatro Popular do SESI. Ela, que há muitos e muitos anos vem mostrando seu valor no meio da batalha, dedicando-se de corpo e alma às personagens que lhe tocam interpretar, não procura dar entrevistas, não manda seu retrato para as redações, não se promove. Só trabalha. E como trabalha. Eu é que sei. Ela, no prezado momento, vive a Julinha na peça “O Poeta da Vila e seus amores”. Um papel difícilíssimo de ser feito. Eu que escrevi esse papel sei até onde ele existe no texto e até onde ele foi ampliado pela generosidade dessa moça Nize Silva que, com humildade, foi anulando sua forte personalidade para depois reconstruir uma personalidade também forte para a Julinha, que nada tem de comum com a atriz.

Nize Silva, podem crer, é uma das maiores atrizes do teatro brasileiro. E, o que é melhor, ainda é inteiramente dedicada ao teatro popular. É a musa do teatro popular do SESI, mas ela se recusa a admitir isso. Joga o jogo todas as noites, como se estivesse disputando a Copa do Mundo. Se dá inteira à sua personagem, a cada espetáculo. E, sempre inquieta, se policia, com medo de cair rendimento, de não realizar totalmente seu papel. É sem dúvida nenhuma, essa moça Nize Silva, uma atriz extraordinária e que tem recebido, por seu talento, todo o carinho do público do Teatro Popular do SESI, que nessa temporada já chegou a mais de cinquenta mil pessoas, em apenas dois meses. E hoje escrevo essas coisas, que poderia ter lido mas que, por acanhamento ou por, sei lá, talvez o corre-corre do dia a dia, não disse. Meu amigo e mestre Alberto D'Aversa costumava dizer que com os amigos, os de verdade, os que com a gente convivem no dia a dia, é que somos justamente mais avaros na demonstração de afeto e carinho. E é verdade. Por isso, e também porque falando tudo fica mais difícil, é que escrevo nessas mal-traçadas linhas toda minha admiração por essa atriz das maiores do teatro brasileiro e toda minha gratidão pela criação que ela faz da Julinha, personagem do "Poeta da Vila e seus amores", que ela amplia com seu humanismo, com sua sensibilidade, sem em nenhum momento deixar de dizer as palavras escritas. A Nize Silva, só me resta pedir a Deus que a conserve sempre como é, e dedicada ao teatro popular.

Lendas e crendices de Piracicaba

O Waldemar Iglésias Fernandes, que eu não conheço pessoalmente, é outro cara que merece minha admiração e meu afeto. É ele quem, pacientemente, com patriotismo e amor a seu povo, recolheu e juntou em livro algumas Lendas e Crendices de Piracicaba. Longe de mim a ideia de julgar os escritores ou avaliar o valor artístico de um livro. Porém (e sempre tem um porém), nesses tempos difíceis para o Brasil, quando o obscurantismo gerado pela Censura, de um lado, e pela importação de cultura de consumo, de outro, vai esmagando cada vez mais as manifestações espontâneas do povo brasileiro, vai destruindo a nossa cultura popular, me sinto no dever de registrar (já que tenho uma janela de trezentos mil exemplares) o esforço generoso de quem, como nosso bom Waldemar Iglésias Fernandes, fazendo das tripas coração, vai preservando parte dessa nossa riqueza de valor incalculável, que estamos deixando se perder. Lendas e Crendices de Piracicaba e Outros Estudos deve ser lido. Deve servir de exemplo. E queira Deus que, em cada canto desse nosso Brasil surja um Waldemar Iglésias Fernandes pra reunir as lendas e as crendices e a sabedoria da nossa gente e preservar nossas raízes. Sabe como é que é, um povo que não ama e não preserva as suas formas de expressão mais autênticas jamais será um povo livre.

Os escapistas brigam enquanto a censura continua (Folha de S. Paulo – Edição de 9/8/1977. Página 23. Caderno Ilustrada)

O intelectual de país subdesenvolvido é geralmente um marginal de classe média querendo ganhar status através da cultura. Por essas e outras, por mais que esse tipo de gente se diga humanista e tal e coisa e coisa e lousa, quando a situação é de crise, o intelectual corre da raia, encontrando mil e uma formas pra

escapar da realidade. Quando podem, se detêm em longas, penosas e inúteis discussões estéticas. Porém (e sempre tem um porém), como acontece atualmente no Brasil, quando o obscurantismo gerado pela censura tantos e tantos anos seguidos reduziu tudo praticamente ao trivial, impedindo o surgimento de movimentos artístico-culturais inquietadores pelo menos na forma, já que de conteúdo não há a menor possibilidade, então, a intelectualidade se agarra nas tolas brigas entre si. Brigam pra ver quem é o absoluto, o campeão, o mais sabido. E por isso que no prezado momento se veem tantos artistas e intelectuais se agredindo gratuitamente, em vez de refletir em seus trabalhos os anseios do povo, que é voltar o quanto antes a ser governado pelo poder a Justiça. Em vez de nos perdermos nessas discussões inúteis, nessas cobranças de dignidade típica de fariseus, precisamos renovar os nossos sindicatos, fortalecê-los, para então podermos dar uma real contribuição para a conquista das liberdades democráticas pelo povo brasileiro. Em tempos difíceis como esses que nosso país atravessa, quando são impedidas as formações de lideranças autenticamente populares, o artista, o intelectual passa a ter um papel muito importante e não é justo que se furte a ele e se perca em brigas e achincalhes que nunca servem pra absolutamente nada, além de ocupar espaço nas revistas e jornais que por falta de assunto ou também por escapismo, fazem dessas polêmicas sensacionalismo. É a hora de acordarmos.

*

No momento, eu vejo pálido de espanto a toda hora surgirem nas paradas colegas escritores que, de forma até grosseira, se referem ao meu trabalho e batem na mesma tecla, dizendo que eu sou um produto da censura. Que a censura, por me perseguir, fez de mim um herói ou um mártir, resultando daí minha popularidade. Fico triste quando leio essas coisas, às vezes ditas até por gente que tenho na conta como inteligentes. Não fico triste por mim. Por mim, responde “O Poeta da Vila e seus amores”, no Teatro Popular do SESI, que em dois meses teve cinquenta mil pessoas na plateia. Por mim responde “Dois perdidos numa noite suja”, que no Teatro Opinião do Rio de Janeiro lota todas as sessões. Essas peças não precisaram de nenhum rolo com a censura para serem sucesso. Aliás, muito pelo contrário, as que foram proibidas pela censura não estrearam e portanto não puderam ser medidas diante do público, único juiz válido para o teatro. Mas, os colegas, por ciúmes ou despeito, se acham com o direito de querer me esculachar. E eu fico triste, porque não são só as minhas peças que estão proibidas pela censura. A última vez que soubemos, o número de obras de teatro impedidas de serem encenadas era de quatrocentas e cinquenta. E já faz uns quatro ou cinco anos que era esse o número de peças proibidas. Agora, deve ter aumentado muito mais. O próprio Serviço Nacional de Teatro está no papo de aranha pra dar o resultado das peças premiadas no seu concurso, temendo que a censura as proíba, como fez com “Rasga Coração”, do Vianinha, que por esse órgão do Ministério da Educação e Cultura foi premiada e pelo Departamento de Censura Federal do Ministério da Justiça foi proibida. E enquanto ocorre tudo isso, enquanto a censura vai gerando o obscurantismo com suas proibições absurdas, alguns escritores começam a falar que a censura me beneficia porque faz de mim um herói ou um mártir.

Longe de mim a pretensão de abrir um debate sobre a importância do meu teatro. Como sempre afirmei, o nosso juiz é o público e disso continuo convicto. E creio que, entrando numa polêmica tão tacanha como essa que meus colegas querem travar comigo, eu iria me desviar do meu objetivo, que é, como sempre foi, o de dar o melhor de mim para que o palco brasileiro possa ser um dia uma tribuna livre onde se discuta até as últimas consequências o problema do homem. E a esses colegas que investem contra mim, dizendo que me benefico da perseguição da censura e que só graças a ela é que apareço, proponho o seguinte: vamos nos unir, somar esforços para acabarmos com a censura em nosso país, vamos acabar com a censura nem que seja só pra me desmistificar totalmente, pra me reduzir à minha insignificância. Topo isso. Topo de coração aberto, por achar que o Brasil não precisa do meu teatro, precisa é de liberdade de expressão, pra podermos preservar os direitos humanos plenamente. No mais, se não quiserem entrar nessa luta, podem continuar criticado o meu trabalho. Como democrata, reconheço esse direito a qualquer um. Mas, por favor, não induzam os jovens ao erro de acharem que alguém pode se beneficiar de ser censurado.

Sim, redescobrir Wilson Batista (Folha de S. Paulo – Edição de 10/8/1977. Página 34-35. Caderno Ilustrada)

A Rede Globo de Televisão vai apresentar na próxima sexta-feira um especial sobre o genial compositor Wilson Batista, autor de mais de quatrocentas músicas e que pra alguns é o bamba de todos os tempos do samba. Eu, particularmente, sou contra campeonato de artista. Sabe como é que é, artista não é cavalo de corrida pra ficar vendo quem chega ao primeiro lugar. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança, é que o Wilson Batista precisa ser redescoberto por nós brasileiros, e que o Fernando Faro já há muito tempo vem fazendo das tripas coração pra chamar atenção pra esse compositor que muita gente conhece apenas pela polêmica musical que travou com o Noel Rosa. Agora, a Globo pia na parada com esse especial do Wilson Batista. Não sei quem vai ter nome nos créditos desse programa. O que sei e o que faço questão de registrar é que esse novo interesse pelo Wilson Batista se deve ao Fernando Faro, que toda hora falava no bom malandro, que fazia e acontecia na Lapa. Apesar de se ver sempre no prejuízo, tendo que encarar muitas paradas indigestas. Logo de saída, teve o pega com o Noel. O Poeta da Vila Isabel não perdoou a apologia que o Wilson fazia de sua malandragem e fez um samba pra arrasá-lo. Só que teve troco. E aí nasceu a polêmica. Porém (e sempre tem um porém), depois do pega, embora não tenha havido vencedor, o Wilson foi, sabe-se lá por que mumunha, colocado na geladeira. Ficou uns cinco ou seis anos sem piar nas paradas. Mas, como era bom mesmo, quando reapareceu foi de bola cheia.

Mas a censura não dava folga pro Wilson, apesar de o ditador Getúlio Vargas ter interferido para a liberação de sua música Pedreiro Waldemar, muito mais pra fazer média e tal e coisa e coisa e lousa, do que por querer incrementar música de denúncia social. Ditador, em qualquer tempo, é encardido com quem tenta retratar a realidade que, a bem da verdade, nunca é bonita de se ver quando os governos não estão governando pelos princípios de justiça.

O Wilson Batista, por curtir malandragem ou por consciência, sei lá, mexe e vira mostrava em seus sambas que o trabalho não ia adiantar o lado de ninguém: “Vejo quem trabalha andar no miserê.” E com isso a censura encrespava com ele. Ao ponto de forçarem a barra pro genial compositor fazer um samba-homenagem ao trabalho. E o Wilson, coisa que me parece absurda, mas que atribuo à sua genialidade, fez uma obra-prima:

“Quem trabalha é que tem razão
digo sem medo de errar
o Bonde São Januário
Leva mais um operários
Sou eu que vou trabalhar”

Essa figura magnífica da nossa música popular, o Wilson Batista, que no fim da vida teve que arranhar parede pra comer farofa, que, apesar das suas quatrocentas músicas, seus grandes sucessos, recebia uma mixaria de direitos autorais, que morreu quase na indigência, é muito, mas muito importante na cultura popular brasileira. E a Rede Globo deve ser prestigiada nesse seu esforço de reavivar a memória nacional para seus poetas populares. Assistam a esse especial da Globo sexta-feira. É das melhores coisas que há na televisão brasileira, aliás, das poucas coisas que há de brasileiro na televisão brasileira, essa série de especiais que a Globo vem fazendo. Porque no resto, o artista americano morto está trabalhando na televisão brasileira mais que o artista brasileiro vivo.

São cento e setenta filmes estrangeiros por semana na nossa televisão. Esses filmes, que ocupam praticamente o mercado de trabalho do artista brasileiro, levam dos nossos cofres somas incríveis de divisas, descaracterizam o homem comum brasileiro, esmagam as manifestações espontâneas do nosso povo e nos desvinculam da nossa realidade. É preciso combater essa absurda importação de cultura de consumo. E uma das formas de luta é justamente produzindo programas de alto gabarito, como esses especiais da Globo sobre os grandes poetas e compositores populares brasileiros.

Outra forma de luta seria sem dúvida as reivindicações da categoria através do sindicato. Essa seria a forma mais correta de zelarmos pelo nosso mercado de trabalho e pela nossa cultura. Porém, o sindicato, no marasmo em que se encontra, pelo peleguismo que há muitos e muitos anos lá se instalou, pela burocracia tacanha que é própria dos continuístas, não faz absolutamente nada no sentido de dar um breque na importação de cultura de consumo. E nós vamos dependendo de uma ou outra iniciativa de produtores de programas. E no entanto, esse negócio de importação de cultura de consumo é uma questão de segurança nacional.

A lição que vem do México (Folha de S. Paulo – Edição de 11/8/1977. Página 50. Caderno Ilustrada)

Uma vez a Rede Globo vendeu uma novela para o México e não demorou muito pra piar aqui no Brasil uma delegação de diretores do sindicato dos atores mexicanos pedindo apoio dos sindicatos brasileiros para encarecerem de tal forma a

novela, que ficasse um negócio pouco vantajoso para os empresários. Queriam, os atores mexicanos, defender seu mercado de trabalho lá no México. Direito sagrado deles. Lá, eles estavam lutando pra obrigar os empresários a pagar, por tabela de sindicato, o mesmo número de atores mexicanos quando fosse o de brasileiros na novela que exportamos. E vieram aqui pra nos beneficiar que o Brasil fazia parte da convenção mundial que decidiu que o direito do intérprete é inalienável. E, que portanto, competia a nós, brasileiros, reivindicarmos nossos cachês pela exibição dessa novela no México. Cachê a que tivessem assinado um contrato desistindo dele, uma vez que não se pode assinar um contrato com cláusula que seja uma burla à lei. E, competia ao nosso sindicato reivindicar esse direito, mesmo que os atores se recusassem a fazê-lo. Sabe como é que é, o ator, individualmente, pode ter medo de ser perseguido por exigir o cumprimento da lei, pode ser sabujo e tal e coisa e coisa e lousa.

Mas o sindicato existe pra evitar esse constrangimento e o aviltamento da categoria. Então, os sindicatos mexicanos queriam que nossos empresários fossem obrigados a cumprir a lei pelos nossos sindicatos, recebessem seus cachês, o que encareceria a novela, resultando em benefício nosso e dos nossos colegas mexicanos. Eles nos davam uma pequena, mas significativa aula de como os trabalhadores do mundo podem se auxiliar em defesa de seus interesses.

Estavam certos os atores mexicanos, muito embora alguns gaiatos achem que o negócio é intercâmbio cultural, piriri e pororó. Mas, nessa de intercâmbio, nossos meios de comunicação social estão repletos de cultura de consumo importada e nossos artistas desempregados. Mas deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que o direito inalienável do intérprete permanece valendo e compete ao sindicato fazer esse direito ser cumprido. Pra ser mais claro, se um idiota qualquer quiser trabalhar de graça, não pode. O sindicato não pode permitir, porque isso avilta a profissão. E assim sendo, toda vez que o sindicato tiver notícia ou receber uma denúncia que alguma coisa desse tipo está acontecendo tem que apurar os fatos e caso se confirme a denúncia, tomar providências.

Digo isso porque há dias denunciei a transa lesiva aos atores feita pelo Canal 2, Tevê Cultura, com a Tevê Bandeirantes e até agora não soube de nenhuma providência. A Cultura vendeu para a Bandeirantes todos os tapes do seu teleteatro. E os atores que venderam a força do seu trabalho pra Cultura (e é bom que se diga a bem da verdade, muito mal vendida) vão ser exibido pela Bandeirantes em rede nacional, sem receberem os seus direitos de intérpretes.

A Bandeirantes vai cumprir a lei de programação ao vivo com esses tapes gravados pela Cultura. Vai apresentar um grande elenco, sem ter um único ator contratado. Vai vender propaganda nos intervalos desses tapes. Vai faturar alto e o ator, o artista do espetáculo vai continuar desempregado. E os sindicatos, os dois que existem, o de radialistas e o de atores, vão continuar com seus diretores apenas empenhados na luta pelo continuísmo.

O critério do sindicato dos atores e técnicos de diversões, eu conheço porque eles mandaram uma carta me informando que não é hábito deles se meterem nesses assuntos trabalhistas, sem serem procurados pela parte prejudicada. O dos radialistas, se tem critério, desconheço. Mas o certo é que os dois sindicatos estão errados de não tomarem conhecimento desse verdadeiro assalto contra os atores. É

dever dos sindicatos intervir. Claro está que mais bonito seria se toda a categoria estivesse estrilando. Porém (e sempre tem um porém), o nosso mercado de trabalho está tão amesquinhado pela importação de cultura de consumo que o trabalhador no ramo se sente constrangido de reivindicar seus direitos. Os diretores do sindicato, que não podem ser despedidos por reivindicarem, é que têm que tomar providências para evitar os roubos contra a categoria: não registrarem os contratos absurdos e lesivos ao trabalhador e impedir negociações desse naipe que a Cultura fez com a Bandeirantes. A diretoria dos sindicatos não pode alegar que desconhece essa transação. Há vários diretores do sindicato dos radialistas empregado. Mas, esses burocratas sindicais são cegos e surdos, ao que parece. Eles nem veem que para entrar [e] pra exercer seu ofício na Tevê Cultura os artistas são obrigados a assinar uma ficha isentando a Tevê Cultura de qualquer responsabilidade por algum acidente de trabalho, que porventura venham a sofrer lá dentro: Pode? Não pode. Mas assim é que é no Brasil de hoje, com os sindicatos transformados em ridículas imitações de INPS pelos pelegos burocratas.

O diálogo sem suspeitas (Folha de S. Paulo – Edição de 12/8/1977. Página 37. Caderno Ilustrada)

Quando, nos Estados Unidos, um ator de grande gabarito vai fazer um teste para um personagem de uma peça ou de um filme, é um ato de humildade do artista diante do seu ofício. E não raras vezes, eles aparecem pra essa prova caracterizados e com o papel estudado e decorado. Isso tudo dignifica o ator. Ele prova diante dos seus colegas de profissão que está inquieto, ansioso pra enfrentar os desafios que a arte de interpretar impõe a quem deseja realmente se aprofundar na duríssima carreira. Lá, é sabido que o ator que entrou no teste tem gabarito suficiente pra ambicionar os grandes personagens e que se porventura não desejasse correr riscos, poderia facilmente ficar fazendo os filmes classe B e C, os seriados de televisão, nos quais certamente ganharia o suficiente pra morar, comer e criar os filhos decentemente.

Quer dizer, nos Estados Unidos, onde os sindicatos são fortes e garantem salário-desemprego e o mercado para o trabalhador americano, um ator fazer teste para uma peça é perfeitamente natural.

É vivo este teste. É uma coisa sadia. Acordada. Porém (e sempre tem um porém), quando um ator brasileiro de muitos e muitos anos de ofício, que já provou mil e uma vezes o seu valor diante do seu público, se vê forçado a fazer teste, por melhor que seja a peça, é terrivelmente constrangedor, não só pra ele, mas pra toda uma categoria. Isso porque, aqui no Brasil, nosso mercado de trabalho no setor de comunicação social, está praticamente ocupado pela importação de cultura de consumo. São, só pra exemplificar, cento e setenta filmes estrangeiros por semana a nos cuspir na fuça, a nos humilhar, a nos gritar que somos um bando de otários, covardes, que comemos o capim amargo pela raiz, enquanto eles deitam e rolam, colonizam nosso povo, tiram o pão da nossa boca, com a mesma facilidade que se toma o doce de um menino.

O teste para atores no Brasil só serve pra registrar a nossa miserabilidade, o nosso desemprego no setor. Coisa que não precisávamos amargar, porque, se

lutássemos pelos nossos direitos, teríamos um imenso mercado de trabalho. E aí, sem dúvida, serviríamos melhor a nossa pátria, porque poderíamos cuidar dos aspectos culturais da nossa profissão.

Quero deixar bem claro que não sou nenhum estúpido nacionalista patrioteiro. Sou apenas um torcedor da pátria do meu povo. Torcedor ferrenho. Dos que acham que, sem o direito assegurado de trabalho, não há a mínima possibilidade de um povo ser digno, ter auto-respeito por si mesmo e exigir que seu Governo seja sempre norteado pela justiça e nunca pelo autoritarismo das armas. Um povo sem trabalho se torna esmoler, desfibrado, lacaio, se descaracteriza, se corrompe na mais sórdida das prostituições e vai sendo explorado mansamente como boi de carga. Os artistas brasileiros já estão quase nesse estágio degradante. Pombas, só na televisão são cento e setenta filmes importados. Sem que os sindicatos berrem, sem que protestem, sem soltarem uma carta diária à nação, explicando a nossa absurda situação. E anteontem, havia quatrocentos dos nossos atores numa fila de teste.

E quatrocentos atores vão para o teste. Quatrocentos entre grandes, principiantes e sonhadores. Quatrocentos. Cada um pra si numa feroz disputa por um salário que diminui cada vez mais, à medida em que a fila dos candidatos ao teste aumenta.

Cento e setenta filmes estrangeiros por semana na televisão brasileira nos constrangem, nos amesquinham, nos entortam o patuá. Nos sufocam, nos tornam cada vez mais individualistas, mas predispostos a resolver o problema na base do arreglo, do cada-um-cada-um. E os sindicatos dos atores, dos radialistas, dos músicos, marcando bobeira, alegando um medaço de chinar e sofrerem intervenção. A pelegada defende o mandato e nunca a categoria à qual se apresentaram pra defender. Não abrem debates sobre o assunto. Se fecham em copas e vão patrocinando assistência médica, dentária, sauna e campeonato de pingue-pongue. Diante de tanta inércia, o empresário engorda e serenamente vai dando sua versão.

Há tempo, eu estava na Polícia Federal para ser advertido por alguma presepada qualquer sem muita importância, e o ambiente até que estava sociável. E tinha lá um coronel que era chegado a conversar e eu aproveitei e coloquei pra ele a lamentável situação do nosso mercado de trabalho ocupado. O homem, a bem da verdade, me pareceu sinceramente surpreso com o relato que eu lhe fazia. E me afirmou que já tinha estado com vários artistas e nunca ninguém lhe havia falado sobre isso. E mais, que ainda recentemente ele tinha estado com um empresário de telecomunicações e falado que realmente havia muitos filmes estrangeiros na nossa televisão e que o empresário lhe havia garantido que isso se devia ao fato de nós no Brasil não termos artistas suficientes para atender às necessidades da programação das emissoras.

Claro que o empresário que disse isso é um desses tipos que ganham dinheiro em comunicação e investe em boi. Um milionário dono de uma empresa falida. Que tem altos lucros com pequenos investimentos nos filmes importados, que fica bem mais barato do que ter um elenco próprio. Um mentiroso. Falei tudo isso ao coronel. Ele me escutou com paciência. Depois me serviu café e me dispensou. Até um pouco assombrado com a minha bronca. Mas, eu sei que não grudou. Eu estou sempre sob suspeição. E essa é a grande dificuldade do Brasil de hoje. Quem fala

dos podres, são os que estão queimados. Os que nunca estão sob suspeita é porque se omitem. E os que tem interesses, por ganância, mentem pra quem tem o poder de decisão. E assim, não dá o diálogo nessa aldeia do desconsolo. Mas, só com os riscos dos maiores expoentes dos vários setores é que poderemos encontrar o nosso caminho certo. Desarmarmos os espíritos, restabelecemos os princípios de justiça, garantirmos o direito do trabalho do povo, restaurarmos o auto-respeito e, através do diálogo franco público, encontrarmos o grande caminho que a maioria, a maioria mesmo, anseia para o nosso país, isso deve ser feito com urgência, antes dos tempos das fomes berradoras e dos ódios à flor da pele.

Meus recados de Amor (Folha de S. Paulo – Edição de 13/8/1977. Página 31. Caderno Ilustrada)

Não podia deixar de registrar e agradecer ao povo de Jaú, que resolveu fazer uma semana só sobre o nosso sempre querido Abílio Pereira de Almeida, sobre sua obra de cinema e teatro. A Cleide laconis, uma das maiores atrizes brasileiras de todos os tempos, abrirá a semana com a montagem de uma peça do magnífico dramaturgo, mestre Alfredo Mesquita, e falará ainda sobre a vida e a obra dessa figura ímpar do nosso teatro e também serão exibidos filmes nos quais o Abílio aparece como ator ou os que têm argumento de sua autoria. A nós de teatro, homenagens como essa a um dos nossos sempre nos comove profundamente. Ainda mais nos comoveu essa feliz lembrança da gente de Jaú em reviver nosso sempre querido Abílio Pereira de Almeida pela espontaneidade. Obrigado bela Jaú, pelo teatro que aí vocês construíram e pelos bons espetáculos que aí tem apresentado. Mas, muito obrigado mesmo por essa homenagem que vão prestar ao nosso querido Abílio Pereira de Almeida.

Chiquinho Guarnieri

Chiquinho Guarnieri é um garotão lindo, filho de um dos maiores dramaturgos de todos os tempos, o Gianfrancesco Guarnieri. Claro que podia deixar de ser, porém (e sempre tem um porém), no caso, o filhote de peixe já nasce nadando e o Chiquinho, que nessa altura do campeonato está com dezesseis anos, já faz e acontece no palco. E é esse garoto cheio de talento que vai ler um dos papéis da peça “Barrela”, segunda-feira, no Teatro Ruth Escobar. Todos nós de teatro estamos torcendo para que o garotão do Checo seja também uma pedra-noventa como o pai. Fisicamente, é olhar pro Chiquinho e lembrar o Guarnieri de uns vinte e cinco anos atrás. Quer dizer, ele lembra o Checo em tudo, mas é uma edição bem melhorada. Ao Chiquinho, que chegou no teatro e logo estava muito bem chegado, nossos votos de boa sorte nessa carreira que é muito dura, mas também muito gratificante.

Ao pintor Celso

Ao Celso, que através do César Vieira me mandou dois quadros muito bonitos mais um chaveiro feito de couro, quero dizer que me balançou a lembrança que você e a rapaziada aí tiveram de mim. De coração, obrigado. Nós aqui sempre pensamos em vocês com muita ternura e respeito. Sabemos que vocês estão com a

moral alta e tudo o mais. Fico muito grato a todos e contente por ver que você, meu caro Celso, está com sua técnica cada vez melhor.

Ao Noroeste de Bauru

Ao Noroeste de Bauru e ao treineiro Fauzi Banguê-Banguê, quero agradecer o carinho com que receberam meu primo Jorginho e seus companheiros, que mandei treinar aí. Eles voltaram encantados com o tratamento que receberam aí no clube e estão ansiosos para voltar em setembro para os novos treinos. O Noroeste, no dizer deles, é o único clube que recebe os novos boleiros com todo respeito e logo os deixa à vontade, sem aqueles truques medonhos de gelar e inibir os que vem fazer teste. Obrigado, Noroeste.

Ponte Preta

Toda vez que a minha querida Ponte Preta completa mais um ano de sua gloriosa existência, me vejo na obrigação de lembrar um fato que mostra toda a grandeza da gente do clube de Campinas. O ano de 1969 foi um ano muito duro pra mim. Eu era perseguido em todos os lugares. Eu, o meu teatro e os artistas que a mim se ligavam. E o Ginaldo de Souza e a Vera Viana estavam correndo o Brasil com a minha peça “Quando as máquinas param”. Chegaram em Campinas e alugaram o teatro da Prefeitura local. Tudo bem. Data marcada. E teve início a propaganda. Mas aí meu nome piou na parada. E o então secretário de Cultura, que pensava que era o dono do teatro da Prefeitura e da Cultura, ao saber que a peça era de minha autoria, desfez o negócio, declarando que a peça minha não entrava no teatro da municipalidade e piriri e pororó. O Ginaldo e a Vera ficaram no ora-veja. Mas aí a gente da Ponte Preta, vendo a tremenda injustiça, abriu a sua casa para que o espetáculo lá se realizasse.

Emprestaram a sede. Não cobraram um centavo. E a peça então foi levada em Campinas. A sede Ponte Preta ficou a três alto, com gente se agarrando pelos picos pra não espirrar pelo ladrão. Eu, quando publiquei o livro dessa peça, dediquei-o para a gloriosa Ponte Preta e pra sua gente. Mas, é preciso que eu sempre diga de como calou fundo em minha alma o gesto tão generoso da Ponte Preta, numa época em que eu era tão perseguido. Nesse seu aniversário, meus votos de grandes glórias pra você, minha Ponte Preta.

Na Barra do Catimbó VI – O presságio da desgraça (Folha de S. Paulo – Edição de 14/8/1977. Página 16-17. Caderno Folhetim)

O último a ver o Oscarino Vaselina foi o Deixa-Que-Eu-Chuto, que recebeu dele a ordem de, logo no dia seguinte cedo, começar a correr o comércio local com a folha de papel-almaço que tinha o nome de “livro de ouro”. Por intuição, o manquetola desconfiou que o Oscarino ia sumir do pedaço. Não disse nada. Mas, também não trabalhou. E foi sua sorte. Depois de dois dias sem ninguém saber do paradeiro do Oscarino, o que até então estava na base do falatório das comadres ganhou a dimensão de escândalo. A Cotinha Boca Grande vasculhou todos os cantos da Barra do Catimbó na captura do Oscarino. E quando se convenceu que o relações-públicas havia fugido, armou um escarcéu: Organizou o mulherio numa

passada até a porta da sede do clube. E lá, fez um berreiro enorme, dando um prazo de uma semana pra diretoria se explicar, ou então seria quebrada a cara de um por um dos diretores, além da sede. Diante dessa dura, o Seu Azulão se viu obrigado a engrossar. E jurou que o primeiro que botasse a fuça ia levar tiro. E isso equivalia a dizer que não ia prestar contas de coisa nenhuma a ninguém. A situação ficou tensa. A Dona Cotinha propunha que todas as mulheres juntas invadissem o barraco da crioula lá da Favela do Urubu Com Fome e arrancassem dela o fogão com botijão de gás e também que tomassem a cabeleira loira da negrinha da Ladeira da Mula Gemedeira, coisas que, segundo ela, o Oscarino deu pra duas com o dinheiro do Amor e Gloria F. C. Esse plano só não foi levado avante porque o Catimbó não deixou. Nesse tempo, ele já tinha se transformado numa espécie de juiz do lugar. Era o negrão que decidia as demandas. E ele, aconselhado pelo Mestre Zagaia, achou por bem não permitir nenhum ataque às amantes do Oscarino. Isso pra não criar moda no lugar de cada vez que um fosse lesado ir à forra na mulher ou nos filhos do mais sabido. Mas, de qualquer forma, o escândalo da fuga do Oscarino foi logo abafado por um maior.

Foi o do Pai Bilu Macumbeiro. Ele recolheu na camarinha do seu terreiro uma cabrochinha de treze anos de idade, que andava tendo ataque de cair na rua, ouvia vozes e via assombração. Para o Pai Bilu, aquilo era o chamamento do santo. Pelo menos na versão oficial que ele deu pra família da menina. Mas, ele devia saber que aquilo não passava de coisas da vida. Estava deixando de ser menina e se pondo mulher. E mesmo sendo uma belezura e morando na Barra do Catimbó, ainda era virgem. O pai-de-santo viu com seus olhos de bem ver não fez cerimônia em levar avante suas ideias de jerico. Recolheu a menina para o preparo do santo e, em nome de Xangô, fechou seu corpo para os ardidões males da carne e abriu os caminhos da menina para o amor. Foi tudo na base do encantamento. E a menina virou mulher sem se queixar. Mas, teve que falar para as amigas e todas se admiraram da sua história:

– Eu tomei banho de rosas, fiquei nuinha. Pai Bilu recebeu Xangô, me disse tantas coisas bonitas e aí... Agora eu não vou ter mais aquelas coisas de cair na rua. Sarei.

Todos se deslumbraram com a bela primeira noite da cabrochinha. Todas já haviam tido a sua primeira vez. Uma foi agarrada pelo padraço quando a mãe estava na Bica de Saída enxaguando roupa. A outra foi agarrada pelos pivetes quando ia buscar pão na Padaria do Raspa. Outra foi feita pelo próprio irmão que com ela dormia na mesma cama. Não, nenhuma conheceu homem assentado com amor. Só ela. Só ela, a cabrochinha que serviu ao Bilu Macumbeiro, cavalo de Xangô. E de tonta, de ingênua, de vaidosa, contou o caso pro namorado, o Vado, que estava servindo exército e que só de vez em quando vinha na favela. O rapaz, que era cabo, endoidou. Se picou de raiva e nem conversou. Era uma sexta-feira. Ia ter toque no terreiro. E ele sabia. Saiu pelos estreitos, escamosos e esquisitos caminhos do [roçado do] bom Deus, bebeu todas as brasas em todas as tendinhas na vã esperança de encontrar alívio. Mas, que nada. Por seu dengo com a cabrochinha, por seu respeito a ela e por si mesmo, por tudo que era a sua fé e sua gama de pedra, por seu ontem, passado de avô ao pai e até ele, por seu amanhã, que sonhava em fazer muitos filhos homens com o mesmo axé de fundamentos que

recebeu de herança dos seus maiores e sobretudo pelo santo Xangô de sua fé, não podia ter sossego sem fazer a cobrança da afronta. Nas rodas dos vagaus, o Cabo Vado falou:

– Quem engole sapo um dia acostuma. Eu sou o Cabo Vado e não vou deixar barato. Foi treta. Treta das escrotas. Treta pra enganar quem não sabia de nada. Que sabia tão pouco que até eu, que tava gamado, livreí a cara. Não é coisa de santo o que me aprontaram. Não é. Nem pode ser. E se não é de santo, é de gente. E entre gente, sou mais eu e vou me mostrar.

E depois de beber muito, de desabafar sem contar seu caso, porque isso lhe dava vergonha, Cabo Vado foi andar sozinho na pedreira de pedra preta, nas nascentes do riacho de águas cristalinas, lavou seu patuá de valia na cachoeira e quase na hora grande chegou no terreiro do Pai Bilu. A roda estava formada com as filhas de santo dançando na gira. O rum, o rumpi e o lê comiam de garfo, num som forte que deixava a todos num embalo meio hipnótico. Nenhum encantado, nenhum orixá baixara naquela noite. As filhas só ficavam no barravento. Cabo Vado desconheceu as leis. Entrou com raiva, pegou a navalha na mão, dando a decisão:

– Bilu, seu filho de uma égua, vou te esculachar, seu sacana! Se cobre. Porque não vim a passeio.

Os atabaques pararam, as filhas de santo e os cambonos abriram a roda e o pai Bilu ficou sem ação, sentado no seu trono de babalaô. Cabo Vado não se acanhou, puxou o macumbeiro pro meio do terreiro e meteu a navalha na cara dele. O sangue jorrou. O Bilu tomado de pavor, nada fez pra se defender e o Cabo Vado o retalhou mais duas vezes no rosto uma porção pelo corpo. Ninguém tentou impedir o soldado. E ele sangrou o macumbeiro o quanto quis, atirando depois o corpo ensanguentado em cima do gongá. Na queda, o Pai Bilu espalhou as imagens dos santos por todo lado. Muitas caíram no chão e se quebraram. Esse desastre foi o erro do cabo Vado. Pelo menos no entendimento dos que estavam por dentro da macumba do Pai Bilu. Tia Zulmira, a mãe-menor da casa do Bilu, gritou com o cabo Vado:

– Sei não porque tu cortou o Bilu. Mas agora tu desfeitou os santos do gongá. Tu vai atrair desgraça pra Barra do Catimbó. Some daqui, coisa-ruim. Se tua bronca era de gente, tinha que respeitar os santos. Some, que tua sina é de se danar. Tantos quantos são esses cacos vão ser as tuas penas.

O Cabo Vado se assustou. Olhou em volta, ninguém se mexia. O silêncio era geral. Só se escutaram os gemidos do Pai Bilu, que tentava se levantar. Mostrando a navalha como um aviso ameaçador pra quem quisesse detê-lo, o cabo foi se afastando de costas até a porta do barracão. Aí, parou. Olhou bem pra todos. E de repente, se virou e saiu correndo, sumindo na escuridão da noite. Só aí a gente da casa se movimentou. As filhas foram atender ao Pai Bilu. Preparar os ungueiros de estancar sangue. A Tia Zulmira dava as ordens:

– Vão chamar o Nestor das Ervas. Diga pra ele trazer as folhas que cortam tétano e que venha logo.

E os cambonos iam obedecendo sem nenhuma contestação. A Tia Zulmira era negra velha de muito respeito. Mãe-menor da casa de Pai Bilu. Sua cabeça era feita na nação keto e confirmada na Bahia. Sabia o que dizia. E estava prevendo desgraça:

– Nós vai tudo se danar. E coisa muito pesada. Vai um na casa da Begum de Obá e manda que ela se cubra, que se tiver gente da casa dela que não pagou obrigação pro santo, que pague. Vem desgraça pra Barra do Catimbó.

O assombro era total na gente do terreiro de Pai Bilu. Nunca, em muitos e muitos anos, alguém soubera que lá naquela roça de santo eles pudessem se preocupar com algum mal que porventura pudesse atingir Mãe Begum. Aliás, todos sabiam da rivalidade tremenda que sempre existiu entre as duas casas de santo. Por isso, o assombro, o medo de todos. A situação devia ser muito entalhada para Tia Zulmira mandar prevenir a inimiga do chefe da sua roça. Mas, com medo ou não, um crioulo de confiança foi levar o recado. Atravessou toda a Barra do Catimbó correndo sem parar e quando chegou na Pedra Preta o toque da Mãe Begum já havia parado. Só estavam na roça as pessoas mais chegadas na casa. O recadeiro se apresentou e foi recebido com desconfiança. Foi contando o acontecido e escutando a gozação dos ogãs e cambonos da Mãe Begum. Mas, quando chegou no pedaço em que o Cabo Vado jogou o Bilu no gongá e quebrou os santos, cessou a algazarra. Todo mundo entendeu. Mãe Begum de Obá, que estava até então escondendo a alegria por saber que o seu rival tinha sido bagunçado, se preocupou. Sua expressão se transformou. E foi com voz grave que ela mandou sua gente arrumar um padê farto pros exus de sua roça despachar tudo e quanto antes no Cemitério da Cova Rasa. E enquanto tudo ia sendo preparado, a mãe de santo, muito concentrada, murmurando rezas, aí vigiando pra que não faltasse nada. E quando os seus ogãs saíram pra fazer a entrega, a mãe-de-santo jogou os búzios e, pálida de espanto, leu que vinha muita desgraça sobre a Barra do Catimbó. E mandou que alertassem o povo pra se cuidar com os santos, para se evitar o pior. E a notícia se espalhou.

No dia seguinte, muito cedo, o falatório do povo era só sobre o que tinha acontecido com o Pai Bilu e a ameaça de desgraça que ia cair sobre a Barra do Catimbó. Ninguém queria mais saber do Amor e Glória F. C., do Oscarino Vaselina e isso irritava Dona Cotinha Boca Grande. Ela, que estava em grande atividade como cabeça do movimento contra a diretoria do clube, foi reduzida à sua insignificância novamente por causa do Bilu Macumbeiro. E isso pra ela era um desaforo. E por isso, logo tomou partido do Cabo Vado:

– Tá certo o rapaz. Ele só errou em não mandar esse pai de santo fajuto pro inferno de uma vez. Fez estrago no vagabundo. Mas, ele já tá andando. Todo embrulhado como uma múmia, mas tá andando. Devia é ter morrido. Eu não entro de gaiata. Esse negócio de desgraça é cascata pra não perder a freguesia.

O povão não dava muito ouvido para o que a Dona Cotinha dizia sobre o assunto. Tinham muito receio do que poderia acontecer. Mas, a fofqueira não desistia:

– Tão com medo do quê? Aqui só tem lesado. Pior do que estão não vão poder ficar. São uns mortos de fome, querendo fingir que tão legal. Se esses macumbeiros fossem de alguma coisa faziam chover na nossa horta. E mais: onde estava o santo do Bilu quando o Vado foi lá bagunçar com ele?

Ninguém respondia às provocações de Dona Cotinha Boca Grande. Iam tratando de se cobrir. De noite, os terreiros de Bilu e da Begum ficavam apinhados de gente. No do pai de santo, era a Tia Zulmira quem comandava os trabalhos. Ele,

todo enfeixado, ficava deitado numa esteira, num quarto dos fundos da casa e só as pessoas muito consideradas podiam vê-lo. Tudo isso desesperava Dona Cotinha Boca Grande que se sentia traída, mas não derrotada. Ficava na porta do boteco do Mané Cheiro de Peixe, berrando seu despeito e fazendo ameaças:

– Agora que tudo ia bem. Que ia tomar o clube da mão desses ladrões da diretoria, aconteceu esse lance. Acho que o Azulão é que pagou o Cabo Vado pra aprontar o salseiro. Ele, como presidente do clube, é que ia sair pior. Mas, eu vou aprontar. Vou. Claro que vou. Pra essa diretoria de ladrões e pra esses macumbeiros. Vou arrumar um padre pra Barra do Catimbó. Um padre dá jeito neles todos.

(Na próxima semana: “O Incêndio”)

*

Patuá – Amuleto.

Rum, Rumpi E Lê – Os três atabaques.

Barravento – Zonzeira que antecede à decida do santo.

Comer de garfo – Tocar os atabaques com varetas de bambu.

Babalao – Pai de santo.

Mãe-menor – A segunda pessoa no camdomblé.

Padê – Comida de exu.

Exu – Mensageiro entre os homens e os santos, trabalhando tanto para o bem como para o mal.

Nem tudo é recado de amor (Folha de S. Paulo – Edição de 15/8/1977. Página 23. Caderno Ilustrada)

Está em estudo uma lei que obrigará as gravadoras a prensarem um disco brasileiro para cada estrangeiro. É o Ministério da Educação e Cultura que está com essa preocupação. Mesmo levando em consideração que o Governo, quando quer, faz e quando não quer nomeia uma comissão para estudar o assunto, já é bom que se fale nesse assunto. Naturalmente, vão aparecer muitos derrubadores boquejando que isso é uma forma de censura e tal e coisa e coisa e lousa. Mas, não se deve confundir a defesa do nosso mercado de trabalho com censura. Mexe e vira, pia na parada alguém pra dizer que nos Estados Unidos há liberdade de expressão, no entanto são eles os que mais defendem o mercado interno pra eles mesmos. No que estão absolutamente certos. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que no Brasil, no momento, estão gravando nove discos com músicas estrangeiras para cada disco de música brasileira. Assim mesmo, são contadas como música brasileira qualquer ritmo de autoria de um brasileiro, isto é, se o Zé da Silva fizer um rock, esse rock é considerado música brasileira. E com essas e outras, nossa cultura popular, nossa música, nossas manifestações espontâneas vão sendo esmagadas a toda hora. As entidades de representação dos músicos, dos compositores, que até agora não fizeram absolutamente nada pra mudar esse estado de coisas, deviam, agora que o Governo tomou a iniciativa, ficar

atentas, mostrar interesse e incrementar para que esse projeto de lei, que começa a ser estudado, não se perca na gaveta.

É bom que as leis apareçam em defesa dos interesses do povo brasileiro. Venham elas de onde vierem. Mas, o ideal é que as leis sejam sempre conquistadas pelas partes interessadas. Coisa que não vem sendo conseguida ultimamente. As leis vêm sempre de cima pra baixo. Entram no credo como uma concessão dos governantes e não como uma conquista dos trabalhadores, como é justo que seja.

No Dia dos Pais

Um dia, a Helô Machado vai promover a morte de um pai coruja sem provavelmente sentir remorso. O bilhete-depoimento do meu Leonardo, que ela publicou domingo, me entortou o patuá. Fiquei balançando nas bases em saber que o meu Nadão está tão bonito, me entendendo tanto. Sabe como é que é, vamos em frente, que atrás vem mais gente. Ele nunca havia me falado dessas coisas que escreveu pra mim no domingo e que a Helô publicou sem que eu soubesse. Presepada que pega no coração, que são as gratificações que a gente vai ganhando mesmo quando estão pensando que se está perdendo o jogo. Por causa disso, nunca vai ser possível as recuetas, o cansaço e a onda de peru, que é a de morrer na véspera. São as palavras que o meu filho me escreveu, os meus compromissos. O Kiko também me mandou uma mensagem linda. Um desenho de um gol de Plínio Marcos, o que me fará jogar bola até o último fôlego. E a Aninha, sempre tão bela, desenhou uma linda casa com um caminho muito colorido. O Dia dos Pais pode ser um xaveco¹⁸ comercial, mas que dá alegria, dá. E isso eu não posso negar.

A fúria do sindicato

Porém (e sempre tem um porém), nem tudo é recado de amor. Existem as cartas anônimas e as cartas dos prejudicados, que querem tirar-me o emprego. Há dias atrás, a editoria deste jornal recebeu uma carta profundamente ofensiva à minha pessoa. Nessa carta, entre outras coisas, eu era chamado de “pederasta praticante e responsabilizado pela baixa vendagem deste jornal”. A carta vinha assinada. E naturalmente eu procurei saber quem era o missivista. Penalizado, descobri que se tratava de um velhinho que está esperando o fim de seus dias no Recanto Paulo Setúbal. Isso nos encheu de tristeza, mas nos fez compreender tanta insanidade da carta. Só que o velhinho, não satisfeito por deixarmos tudo do jeito que estava, mandou a carta também para o Sindicato dos Atores e Técnicos de Diversões no Estado de São Paulo. E a diretoria do Sindicato, que não tem como responder às críticas que lhe faço, sem a mínima cerimônia mandou a carta para a diretoria do Teatro Popular do SESI. Esse gesto da diretoria do Sindicato dos Artistas e Técnicos é tão senil quanto o do velhinho que acaba sua vida no Recanto Paulo Setúbal.

Que o velhinho pense que a editoria dessa casa fosse dar crédito às suas mentirosas acusações, a gente compreende e coloca na conta da sua senilidade. Mas, que a diretoria do Sindicato mande uma carta (o empregado do Sindicato, ao entregar a carta para o diretor do Teatro Popular do SESI, pediu desculpas por ter que fazê-lo e, constrangido, fez questão de explicar que era apenas um mensageiro,

¹⁸ Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

que estava envergonhado da tarefa que lhe deram) difamando um homem, na ilusão de que o seu patrão o dispense não é insanidade. É nazismo. Nazismo. O pobre velhinho senil, que concluiu, por eu escrever “Barrela”, que sou pederasta acha que eu devia ser despedido desse jornal. E o Sindicato dos Atores acha também, dando apoio ao velhinho senil, que, além de ser despedido do jornal, eu deveria ser despedido do teatro. Quer dizer, só porque numa peça de caráter social eu trato do problema dos presos em grupo, eles acham que sou pederasta e, como bons nazistas, acham que os pederastas não devem trabalhar. E como nazistas, são censores e acham que os problemas do homem não devem ser discutidos até às últimas consequências no palco. A diretoria do Sindicato dos Atores e Técnicos de Diversões no Estado de São Paulo, que tem diretores que já estão lá há mais de treze anos, faz discriminação. E portanto, não pode continuar. Não são dignos de representarem a mais liberal das categorias. Hoje, eles se valem da carta de um velhinho senil para acusarem um trabalhador de pederasta e pedirem seu afastamento. Amanhã, eles nos acusarão de ciganos, judeus, comunistas, subversivos, mau-caráter e nos encostarão no paredão. Esse é o sonho desses pequenos nazistas. Mas, nós somos a resistência contra isso. E nenhuma ofensa, nenhuma carta senil, nenhuma forma de pressão nos impedirá de dar o melhor das nossas forças para humanizar nossa pátria, a pátria do nosso povo. E é como diria Brecht: “Preparando o terreno da amizade, não pudemos ser amigos. Ao mal, tive que dar maldade.”

Um grito na Baixada: “Arriba Jabuca” (Folha de S. Paulo – Edição de 16/8/1977. Página 37. Caderno Ilustrada)

Quando o ótimo técnico de futebol Zé Duarte saiu do Santos F. C., eu me encontrei com ele em Campinas e naturalmente, como peixeiro antigo, do tempo em que o Gradim era o Amélia e o Antoninho o único que nos dava alegria, fui lhe pedir desculpas pelas burradas que a diretoria, formada por cartolas incompetentes, andou fazendo, ao ponto de não permitir que o tão competente treinador pudesse desenvolver seu trabalho de profundidade. O Zé Duarte é um moço cheio de humildade serena dos que têm certeza que conhecem seu ofício. Pessoalmente, não tinha queixa. Ele, o Zé Duarte, sabe tudo do futebol, compreende que o atual estágio dos clubes brasileiros, onde quase todos são dirigidos por demagogos ansiosos por aparecer, o profissional vive de vitória. Perder uma partida é o desemprego. O caso do Dudu do Palmeiras está aí pra não deixar ninguém me desmentir. Líder, dezesseis partidas, sem perder, de repente, por causa de um empate, teve que sair, pressionado pelos corneteiros do clube. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que o ótimo técnico Zé Duarte, naquela ocasião, me disse o seguinte:

– Se o Santos cuidasse do futebol juvenil como cuidam o Guarani e a Ponte Preta, nos próximos cinquenta anos ninguém iria ter time melhor. É impressionante como aparecem garotos bons de bola pra treinar lá na Vila. Vêm dois, três cracões por dia. Aqui na Ponte e no Guarani não é assim. Temos que andar por aí, viajar o interior inteiro, mandar os olheiros ver aqui e ali pra formar o time. Lá, eles chegam.

O Zé Duarte sabe das coisas. E se falou isso, é porque é verdade. E eu, que sou santista, sei que é verdade. Sabe como é que é, a praia está ali mesmo e o dia inteiro a moçada fica dando os seus quiquinhos, ganham intimidade com a bola e tal e coisa e coisa e lousa. Mas, o fato é que o Santos F. C. não está fazendo nenhum trabalho de profundidade com os juvenis. Se depender dos cartolas, eles logo vão vendendo o Juari e lançando outro garoto no lugar, esperando que se repita o milagre do Pelé. Mas, digo tudo isso do Santos F. C., porque quero chegar no glorioso Jabaquara, o ex-Leão do Macuco e o atual Leão da Areia Branca. O Jabuca formou um time de garotos, uma espécie de seleção varzeana da Baixada Santista e está sapecando meio mundo. Não faz cerimônia com os adversários da sua divisão. Uma divisão que é uma Uganda em dias dos piores do Idi Amin Dadá. Essa divisão em que o Jabaquara está é uma barra tão pesada que jogar nela é o mesmo que passear por São João do Meriti ou Nova Iguaçu depois das dezenove horas. Tem beque dos times dessa divisão que barbariza mais que qualquer “Filho de Sam”, em noite de Lua Cheia. Porém (e sempre tem um porém), o Jabuca está firme mandando ver. Tanto que já nos entusiasma a todos nós, jabaquarenses do tempo de Leonaldo, Cicia, Baía, Baltazar, Tom Mix, Túlio, Mauro Goleiro, Alemãozinho, Velguinha. A gente lembra que o Gilmar foi reserva lá no Jabuca, o celeiro inesgotável de craques. E nós, jabaquarenses de mil e uma batalhas (eu ainda guardo minha bela camisa auri-rubra) gostaríamos de dar uma mão pro nosso querido Leão.

O Sefarim Gonzalez, ator do Canal 4, foi criado dentro do Jabuca. Seu pai foi diretor dos mais queridos, diretor de arrumar emprego para craques do nosso time no seu boteco. O Souza, um negrão que foi beque do Jabuca, chegou a ser caixa do boteco do pai do Sefarim. O que certamente diminuiu um pouco o lucro da família Gonzalez. Mas, o Sefarim Gonzalez, jabaquarense legítimo, é que teve a ideia. Me disse ele:

– Vamos juntar todos os artistas jabaquarenses que estão por aí e vamos fazer um show pro nosso Leão.

Fizemos uma lista. Basta nascer em Santos pra torcer pro Jabuca. O cara lá pode ser torcedor do Santos, mas também é do Jabuca. E Corinthians e Jabuca. Palmeiras e Jabuca. São Paulo e Jabuca. E na lista entrou um timão da pesada Beth Mendes, Jonas Mello, Sérgio e Cláudio Mamberti, Sônia Rocha, Paulo Lara, Luís Américo e mais uma pá. O Sindicato dos Metalúrgicos seria um bom lugar pro show. Todo mundo topava. Mas, nós nem sabemos quem são os diretores do Jabuca. Como falarmos com eles? Mas a ideia está aí. Se a diretoria precisar de apoio de nós, velhos jabaquarenses, iremos correndo. O Jabuca mora no nosso coração. Ganhando ou perdendo, a gente está ali berrando com todas as forças do pulmão: Arriba, Jabuca!

‘Sou apenas um repórter’ (Folha de S. Paulo – Edição de 17/8/1977. Página 37. Caderno Ilustrada)

Eu sou um autor que gostaria de ver todas as minhas peças superadas. Digo isso de coração. Conheço bem as minhas limitações. Sei que meu puçá tem vara curta e que, por essas e outras, eu só pesco o que aparece boiando nas águas

barrentas em que navego contra a maré. O que quero dizer é que não sou um bom autor. Aliás, nunca tive a esperança de ser. Sempre declarei que era apenas um repórter de um tempo mau e sempre acreditei que, se meu teatro ficasse, seria apenas como testemunho corajoso, dado por um sujeito sobre sua época. Porém (e sempre tem um porém), infelizmente vejo entrar ano e sair ano e as minhas peças continuarem como retrato da lamentável realidade atual. “Dois perdidos numa noite suja”, que foi escrita há mais de dez anos, estreou no Rio de Janeiro e é recebida como uma reportagem escrita hoje. Os problemas nela abordados há dez anos atrás são ainda existentes. Tenho uma peça sobre o Esquadrão da Morte, a “Oração para um Pé-de-Chinelo”, escrita há mais de oito anos, que nunca foi encenada por motivos de força maior, força muito maior. E hoje retrato da realidade na Baixada Fluminense, com as tristemente famosas “polícias maneiras” largando nos estreitos escamosos e esquisitos caminhos do roçado do bom Deus quase sessenta cadáveres em menos de dois meses. Essa peça, que eu já acreditava que nunca iria ter oportunidade de tirar da gaveta, permanece atualíssima. “Quando as máquinas param”, que teve mais de vinte montagens no Brasil inteiro, reflete tão bem a situação do operário sem especialização, que só essa semana oito grupos de atores profissionais, entre eles alguns de muito nome e prestígio junto ao público, quiseram adquirir o direito da montagem. Direito esse já vendido ao Luís Gustavo e a Silvia Falkenburg para todo o Brasil.

Estava pensando isso tudo ouvindo a leitura da “Barrela” no Teatro Ruth Escobar. Essa peça foi escrita há dezenove anos atrás. Está há dezoito anos proibida. Mas, lamentavelmente, permanece atual. O sistema carcerário do nosso país não foi resolvido. Muito pelo contrário. Se agravou no decorrer desses dezoito anos. Disso se conclui que não adianta a censura, que impede que autores, repórteres (como é meu caso) ou artistas os abordem, podem, durante um tempo, não incomodarem os que detêm o poder. Porém, tendem a se agravar ao ponto de virem a se tornar de difícil solução.[.] O problema carcerário retratado pela “Barrela” ainda existe hoje, em proporções muito mais alarmantes do que há dezoito anos atrás. Por isso é que nós achamos que o teatro tem que ser uma tribuna livre onde se possam discutir até as últimas consequências os problemas do homem.

No meu entendimento, a Censura devia se limitar a determinar a faixa etária de um espetáculo. E o autor no caso de se tratar de um texto de autor nacional vivo, ou o empresário, no caso de texto estrangeiro, ou de autor brasileiro desencarnado, seria responsável pelo que fosse dito no palco. As sociedades ou as pessoas que achassem que o texto atentasse contra a moral e os bons costumes ou contra a segurança nacional promoveriam um processo contra os responsáveis. Mas, mover um processo não quer dizer que o acusado seja culpado. Antes da decisão da justiça, a peça não seria retirada de cartaz e o espetáculo poderia ser visto por quem desejasse e estivesse dentro da faixa etária estipulada pela censura. Mas, isso é uma coisa para onde existe democracia e não para as aldeias do desconsolo.

Do jeito que a censura é exercida no Brasil, o autor e o empresário não têm responsabilidades. A tutela exercida pelos censores os isenta de qualquer risco pelo espetáculo apresentado. Se a peça é encenada foi porque a censura permitiu e se a censura permite, está tudo bem. No máximo, o que pode acontecer é ser pedida revisão de censura e a peça ser retirada de cartaz. Isso tem levado autores a

escrever e empresários a encenar peça, sem terem nada a ver com as ideias expostas.

Teve uma vez que, após encardida batalha, conseguimos que a censura não metesse o bedelho no teatro. Esse órgão só exigia da gente que se colocasse nas portas de espetáculos com textos com palavrão uma tabuletinha avisando que era pornográfico. Até aí, tudo bem. “Navalha na carne” e “Dois perdidos” faziam muito sucesso e até gente de teatro acreditava que era pelos palavrões. Engano. Mas, eles achavam e meteram mil e uma peças de palavrão e na porta do teatro a tabuletinha “pornográfico”. Aí, chegou o fim do ano. Os empresários foram receber subvenção e viram, pálidos de espanto, que os órgãos distribuidores de grana não poderiam favorecer espetáculos pornográficos. Foi um Deus nos acuda. Apresentaram críticas falando do gabarito das peças, depoimentos, mas nada adiantou. Os próprios empresários, ao pendurarem na porta a tabuletinha, passaram recibo. Aí, o jeito foi retirar os palavrões da peça e a tabuletinha da porta do teatro e receber o dinheiro. “Navalha na carne” e “Dois perdidos” foram as únicas que não podiam e nem tiraram os palavrões do texto. As palavras de baixo calão eram necessárias para mostrar bem o submundo em que eles habitavam. Com isso, quero dizer que a censura, fazendo tutela, permite que os empresários e até autores coloquem em cena textos, linguagem, ideias, espetáculos nos quais não acreditam mas que creem estar na moda. E se eles fossem correr os riscos. Ia parecer quem eram quem de verdade. Eu, por mim, montava todas as minhas peças, sem me importar com os riscos.

Antes da leitura de ‘Barrela’... (Folha de S. Paulo – Edição de 18/8/1977. Página 37. Caderno Ilustrada)

O Teatro Ruth Escobar estava a três de alto, com gente se agarrando pelos picos pra não espirrar pelo ladrão. Ia ser feita a leitura dramática da “Barrela”, peça proibida há dezoito anos, que trata dos problemas dos presos. Eu estou ansioso pra ver essa leitura. Essa é a primeira peça minha. E eu só vi a estreia e a sessão clandestina do Rio de Janeiro. Penso no elenco da montagem lá de Santos. Me ligo no Kleber, um garoto magrinho que fazia o Tirica. Tinha muito talento. Muito mesmo. Era novinho ainda. Parece que estou vendo ele na minha frente, com sua camisa de seda preta com listras verticais brancas, com manga dobrada até o meio do antebraço, com a gola levantada atrás, como se usava na época. Ele tinha muito talento mesmo. Era um bom ator. Seria ótimo. Queria ser escritor. Era um poeta. Nosso primeiro Tirica foi falar com Deus. Mas parece que eu vejo o Kleber. Estou pensando nele com muita saudade. E começo a me lembrar do Guimas. O Guimas era o Louco na montagem do Teatro Jovem do Rio de Janeiro. Foi dos que mais sofreu quando a peça foi proibida. Ele queria tanto o espetáculo do Luis Carlos Maciel. Me dizia que seria a sua grande chance como ator. Mas, o Guimas foi falar com Deus. E eu o vejo agora na minha frente, com o seu sorriso de uma loucura serena, não o da personagem da peça, mas dos homens que se desinteressaram das pelepas desse mundo. E me lembro também do meu mestre D’Aversa. Ele dirigia essa peça correndo contra o tempo. Contra o seu tempo entre nós, que ele sabia que estava se extinguindo. Seu generoso coração já não era o mesmo, teimava em

parar. Penso nele e é como se ele estivesse presente. Reclamando da censura. Seu enorme trabalho de análise desse texto não deu fruto. O nosso esforço se esborou na censura. O meu mestre queria tanto ter feito esse trabalho. Por seu filho Claudinho. O mestre queria porque queria. O garoto já estava em idade de começar a entender toda a dimensão humana do seu pai Alberto e se compreendiam indo ao futebol, conversando, rindo juntos. Mas o Alberto D'Aversa queria deixar um marco no teatro, maior do que os que já tinha levantado, maior do que seu filme Seara Vermelha, um marco pra ser erguido diante do seu filho e não para ser contado a ele, Claudinho. Não deu. Foi falar com Deus, o nosso mestre D'Aversa. Mas, parece que eu estou vendo ele ali na coxia no Teatro Ruth Escobar. Rindo feliz. E a me dizer que a peça tem coisas que eu nem percebo. Eu estou ali vendo meus amigos que passaram desta para melhor. E penso nos outros atores da peça, nas montagens proibidas. Em que curva desses escamosos, esquisitos e estreitos caminhos do roçado do bom Deus nos desencontramos. Uns, eu sei onde andam. Uns estão mortos pra si mesmos. Deixaram morrer os sonhos da juventude. Teve um que eu não via há dezoito anos e de repente encontrei no aeroporto de Brasília, no cair da tarde do dia em que o Ministro Falcão decretara a proibição do "Abajur Lilás". Ele agora é um próspero executivo. Me viu, sorriu e disse:

– Você ainda está nessa?

Era um triste crepúsculo o daquele dia e ficou mais triste por causa disso. Mas, só o daquele dia. A gente que sempre está nessa renasce todas as manhãs. Firmo meu pensamento. E assim que tem que ser. E o teatro está lotado. A três de alto, com gente se agarrando pelos picos pra não espirrar pelo ladrão. Chega muita gente amiga. Chega um grande irmão: o Frei Beto. Me dá o seu livro. Abro a esmo e leio uma frase: "Através do trabalho, o homem redime a natureza. E através do fruto desse trabalho – o pão e o vinho – o Senhor redime o homem". O Frei Beto é sempre o mesmo. Ele se revigora em duras provas nesta vida. Que bom se todos tivessem a fé desse frei menino. Ele parece ter certeza que seu bom Jesus não vai lhe dar nenhuma prova que ele não tenha forças pra suportar. E dele reflete sempre uma serena coragem. O Beto é sempre o mesmíssimo. A gente fica anos e anos sem se ver. E quando se encontra, o papo pode prosseguir como se tivesse sido interrompido no dia anterior. Ele vai ver e ouvir a leitura da peça. Guardo seu livro "Cartas da Prisão". São recados de amor. Esse menino só quer ser irmão dos homens. E só o que ele quer. Ele é uma parte da Igreja à procura do povo de Deus. E vai para a plateia com sua humildade. E vão entrando na fita os amigos lá da Baixada. Não sou bairrista. Mas, sabe como é que é, onde estou, estão sempre alguns dos meninos que se criaram no mesmo chão de terra firme que eu.

O Jonas Melo vem mostrar sua caracterização do Bereco. Perfeita. Como ficou bom ator esse cara. Está firme. Enfrenta o público com uma confiança impressionante. Esse era da parede da estiva: "Um braço forte, mestre". Olha eu. "Esse navio precisa de mim". Naquele tempo de estiva, o Jonas se vestia como um ator. Sempre na moda com sua lambreta, que era o terror dos motoristas e pedestres na calçada. Hoje ele é um grande ator e se veste como se fosse trabalhar no porão de algum barco. E chega o Iberê Bandeira de Melo. Vai ser debatedor. Acho covardia. Ele, além de ter se criado na mesma rua que eu, é meu advogado e parada indigesta. Mesmo que todo mundo ache a peça um lixo, ele provará que é

boa. Disso tenho certeza. E vem o Cláudio Mamberti. Para nós da Baixada, o Claudinho “Favorável” do Boqueirão. Está gordo paca. Mas ainda é o mesmo cabeça-fresca de sempre. Vem vestido de “Portuga”. Só pela caracterização é aplaudido. Está perfeito. E a gente torce por ele. O Claudinho Favorável está demorando para desencantar. Por displicência, não leva muito a sério a profissão. Mas a gente sabe do seu talento. Sabemos que tem talento e muito. No Portuga, ele tá gênio. Uma beleza de caracterização. E tudo indica que vai brilhar. A gente torce por ele. E para que os diretores o vejam e lhe deem uma chance real para ele desenvolver o seu talento. Mas, tocam os sinais. As campainhas. A luz da plateia se apaga. Acendem-se os refletores. A Iara Amaral, uma das organizadoras, exausta pelo trabalho de juntar todas as pontas, faz a apresentação. Eu, no meu canto da coxia, me arrepio. Tremo nas bases, como tremi há dezoito anos atrás. Uma lágrima me corre na cara feia. Como eu gostaria que essa peça, a mais querida das minhas peças, estivesse superada, que não existissem mais nos cárceres do Brasil os problemas que ela discute. Mas, gelo inteiro e os atores começam a dizer o texto. Vamos comer nosso pão e beber nosso vinho.

A leitura de Barrela no Ruth Escobar (Folha de S. Paulo – Edição de 19/8/1977. Página 41. Caderno Ilustrada)

A leitura da “Barrela” vai sendo feita. O Mário Massetti, que dirigiu esse trabalho, está nervoso. Não encontra um bom lugar pra ficar. Atrás dele, como se fazendo as honras da casa, a bela menina Patrícia. (A mãe, Ruth Escobar, está na Europa) E a Patrícia (uma atriz que vai fazer e acontecer logo, logo) muito elegante, é a anfitriã. Ela ainda não sabe, mas nós já estamos sabendo que a Ruth chegou tarde na Europa. Os empresários que ela ia encontrar não puderam esperar. Foi tudo por causa do sai-não-sai do Brasil. Uma burocracia que a polícia armou que não deu pra entender quem reteve o passaporte da atriz, quem entregou o passaporte e quem não a deixou sair, mesmo com o passaporte visado, e quem dias depois, permitiu que ela saísse. Foi um negócio muito confuso, muito mal explicado. O resultado é que, em Portugal, o assanhamento da imprensa era muito grande contra esse fato que, sem dúvida, depõe contra o governo brasileiro. Mas, para Ruth, muito prejuízo. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que os atores vão lendo a “Barrela” e eu me agarro no meu patuá de fé e valia, que já anda até entortado de tanto que recorro a ele pra aguentar as rebordosas. Jonas Melo, Cláudio Mamberti, Luís Parreiras, Tácito e o Bahia e ainda esse magnífico ator que é o Benê Silva vão dando o recado com muita categoria. O Parreiras participou da montagem carioca do Luís Carlos Maciel. Lá ele era inclusive o cenógrafo. Até hoje se lamenta de não ter podido ver esse espetáculo em carreira normal. Seu trabalho, tão bonito naquela ocasião, ficou restrito a umas poucas pessoas que assistiram a umas três sessões clandestinas lá no Teatro Jovem. Uma dessas ocasiões teve até cerco policial. Essas coisas que nos assombram a toda hora. Mas, também num desses espetáculos secretos teve a presença do Dr. Carlos Leal, psiquiatra da Penitenciária Lemos de Brito, que fez questão de dar por escrito um depoimento atestando que a peça se prestava em grau muito alto para estudo do comportamento dos presos em grupo. Muito generoso e corajoso esse depoimento,

mas que não foi levado em conta pelos censores da peça. E nem pelo Ministro da Justiça, Senhor Gama e Silva. Sabe Deus se não foi levado em conta ou se proibiu a peça pelas mumunhas políticas da época.

A “Navalha na carne”, o ministro Gama e Silva liberou. Não foi fácil conseguir isso, precisou um enorme movimento de caráter nacional, no qual toda a intelectualidade, liderada pela Cacilda Becker, mobilizou a opinião pública em favor da peça. E teve também o muito valioso depoimento do General Silvio Correa de Andrade e do Coronel Mont Serrat pra pesar na balança, além da habilidade do brilhante advogado Alvaro Villaça e a coragem do Grupo União, que aguentou a peça seis meses ou mais em ensaio e em amostragens clandestinas. E teve também o trânsito da Tônia Carrero, que foi decisivo, junto ao ministro Gama e Silva. Creio mesmo que foi essa força da Tônia que contribuiu decisivamente pra liberação. Mas, não foi fácil essa luta. Grana curta e muito sacrifício foi exigido do grupo.

Teve uma vez em que íamos fazer uma leitura da “Navalha na carne” no Teatro Opinião do Rio de Janeiro e a polícia entrou na fita e cercou o teatro. Não deixava o público entrar. Aí se descolou uma casa da Tônia Carrero que estava vazia lá no morro de Santa Teresa. Os atores se mandaram pra lá. O público que permanecia nas imediações do teatro foi sendo avisado do novo local da leitura, enquanto eu e a Walderez, no meio da arena do Opinião, dávamos entrevistas para os repórteres de todos os jornais, com isso despistando a polícia, que permanecia no cerco pra impedir a leitura. A casa de Tônia ficou lotada a três de alto, com gente se agarrando pelos picos pra não espirrar pelo ladrão. Foi preciso fazer duas sessões pra atender toda a freguesia. Foi aí que a Tônia viu a peça e entrou na luta. Ela agora prometeu fazer a mesma coisa pela peça do Vianinha, o “Rasga Coração”, Deus queira que consiga.

Vou me lembrando de tudo isso e escutando a leitura da peça “Barrela”. Estou na coxia do Teatro Ruth Escobar. Um garoto anda nervoso de um lado para outro. E o Paulinho, o Chequinho (Alô revisor: Chequinho não é Chiquinho, é Chequinho mesmo), filho do Gianfrancesco Guarnieri. Falta pouco pra ele entrar em cena. Ele está meio afobado. A Patrícia lhe dá moral. Não é preciso, o garoto já avisou que vai entrar com a corda toda. E aí entra, depois de escutar uma porção de M. Antes de entrar, ele só quer saber se a Cecília, sua mãe, está na plateia. Pergunta isso a todo momento. A gente não viu. Mas sabe que a Cecília está. Ela é pedra-noventa. Está sempre, como sempre esteve. Dando força pra qualquer movimento a favor da liberdade de expressão e nessa noite deve estar, mais do que nunca. Deve estar chorando ao ver o seu Paulinho arrasando o quarteirão com seu enorme talento.

A Patrícia vem até onde eu estou. Chega como quem não quer nada. Depois pergunta:

– Tá gostando? Que tal o Paulinho?

– Bom.

– Você não tem uma peça de dois personagens pra me dar?

Lindo. Sorrio. Estão chegando no pedaço os nossos. Querem ir pra luta. Vamos comer nosso pão e vamos beber nosso vinho, fruto do nosso trabalho, um dia, quando o Sol raiar na Aldeia do Desconsolo. Se não formos nós, serão nossos

filhos. E assim que o teatro se faz teatro e nenhuma censura nos derrota. Eles estão nos vendo lutar. E chegam querendo luta.

Precisamos reaprender a debater (Folha de S. Paulo – Edição de 20/8/1977. Página 31. Caderno Ilustrada)

Acaba a leitura da peça “Barrela”. O público aplaude. Não é nenhuma ovação, são aplausos de gente linda que se feriu diante da dureza do semi-espetáculo que o Mário Mazzetti dirigiu tão bem. Com mais uns quinze dias de ensaio, a peça estaria em pé. Porém (e sempre tem um porém), eu, que estou acostumado com o delirante aplauso no final do “Poeta da Vila e seus amores” estranho. Comento isso. Me dizem que é o impacto que o texto provoca em quem o escuta. Me calo. Vão começar os debates. Prometi a mim mesmo não abrir a boca. Falem o que quiserem. Nada devo dizer. Ou o texto se impõe sozinho ou eu sou um fracasso. O João das Neves, autor do magnífico texto “O último carro”, é escolhido para presidente dos debates. Ele é diretor de duas peças minhas. “Jornada de um imbecil até o entendimento” e “Dois perdidos numa noite suja”. Também está na mesa a Renata Pallotini, advogada, poetisa brilhante e autora das mais importantes do teatro brasileiro. Aliás, uma das melhores peças a que assisti nos últimos anos foi a sua “Serenata para os companheiros”. Uma joia. Uma obra-prima. Mas, que teve um mau espetáculo a defendê-la. E uma dessas coisas que acontecem no teatro. Atores corretos, inclusive uma admirável atriz de primeiríssimo time, a Lourdes de Moraes, um bom diretor, o Fausto Fuzer, de valor provado no meio da batalha, mas o espetáculo não resultou legal. Isso acontece a todos nós. Mas, assim mesmo, a peça da Renata incomodou muita gente. Seu teatro foi apedrejado, atores ameaçados de morte, essas calamidades que são próprias quando o obscurantismo envolve uma nação. Acho mesmo que o Seminário devia promover uma leitura dessa peça para que se reavalie esse texto, tão importante e tão contundente, que explica o porquê da burguesia se amesquinhar hoje sem perspectiva. E o outro membro da mesa é o Iberê Bandeira de Melo.

O Joãozinho dá por abertos os trabalhos, dizendo que a mesa prefere coordenar os debates do que promovê-los. Isto é, prefere que as pessoas na plateia troquem opiniões entre si. Ficam todos em silêncio. Mesmo uma plateia formada por artistas, intelectuais, juristas e estudantes precisa de incentivadores pra se desinibir. O Iberê Bandeira de Melo toma, então, a palavra ao perceber isso e fala dos absurdos da censura e arremata com uma frase corajosa:

– É preciso que os intelectuais, os militares e os operários se sentem juntos na mesa dos debates e se deem as mãos par formar e grande ciranda da liberdade.

Escuto isso e espero a reação da plateia. Mas, não se ouve nenhuma hostilidade a essa proposta. O que, no meu entendimento, significa que as pessoas já estão começando a divisar essa possibilidade aqui em São Paulo, o que sem dúvida deve irritar profundamente, que por essa e outras, parte, para uma provocação totalmente gratuita ao comandante militar deste Estado. A concórdia deve aborrecer esse deputado, que está sabendo que a caça às bruxas disfarça a sua mediocridade, assim como disfarçou a do Senador MacCarthy, nos Estados Unidos, que se promoveu como um zeloso inquisidor, mas que, com esse seu

esquema repressor, tanto prejuízo causou ao seu país. Penso nisso e penso nos bons sinais de diálogo que se percebe no país, embora algumas autoridades que deviam cuidar de nos dar segurança, com declarações nas quais transborda a prepotência, só nos causa temores, mas os debates prosseguem. Alguém acha que não se deve discutir a peça quando tanta coisa importante acontece no país. O Joãozinho, em intervenção muito feliz, explica que a finalidade do Seminário é justamente discutir teatro. E é dado o exemplo de Portugal que por quarenta e oito anos esteve sob ditadura. A princípio, os autores tinham peças na gaveta por causa da censura que as impedia de serem encenadas. Depois, pararam de escrever, porque achavam que a censura não ia mesmo permitir que elas subissem ao palco. E que agora, que tem liberdade, carecem de textos e não tem dramaturgos capazes de refletir as ânsias do povo. Por isso, é importante que nesses seminários das segundas-feiras se discutam as peças proibidas pela censura. Para que nossos autores não percam o rumo e não aconteça o fato de, quando abriremos as nossas gavetas, encontrarmos um monte de peças superadas e escritores sem ânimo. Pelos aplausos da plateia se percebe que eles aprovam a colocação do João das Neves. A Renata faz algumas restrições ao final da peça. Porém (e sempre tem um porém), o texto social, por mais que não se queira, leva a se discutir os problemas nele abordados. E a discussão vira sobre o sistema carcerário. Eu, que já tinha quebrado a promessa de não falar, defendo a tese de que esse não é um problema que possa ser resolvido isoladamente. No meu entendimento, é necessário um estudo sobre a redistribuição das riquezas, a volta do homem brasileiro ao campo, que não se pode mais, num país como o Brasil, toda esperança de trabalho ficar concentrada nas grandes cidades, fazendo delas o ponto de atração para todos aqueles que querem viver com decência e que, na ilusão do progresso, migra para esses enormes conglomerados e lá, desvinculados das suas raízes culturais, se corrompem, se prostituem, se degeneram e delinquem. Muitas opiniões são dadas. E eu só lamento não ter havido gravações para que pudéssemos registrar tudo o que se disse. Porque muita gente falou coisa importante. Naturalmente houve alguma confusão. De gente falando ao mesmo tempo, de gente não conseguindo falar. Mas, também de debates nós estamos destreinados, nós, os mais velhos, e sem o hábito, os mais jovens. E isso também é necessário: que se reaprenda aqui na Aldeia do Desconsolo para que possamos fazer o Sol raiar e estarmos preparados para a democracia, que é a vocação do nosso povo.

Metalúrgicos e Lolita gritam: Arriba Jabuca! (Folha de S. Paulo – Edição de 22/8/1977. Página 21. Caderno Ilustrada)

Existem alguns mistérios nos patrimônios culturais do povo que eu não sei explicar, mas que são de uma força magnética incrível, quase mágica e basta falar neles para, como um rastilho de pólvora, se alastrar e explodir, mesmo quando parecem mortas e enterradas. A música do Noel Rosa é desse naipe. Ela tem suas raízes tão fincadas no seio do povão, que sempre revive. Uma geração que nunca escutou a música de Poeta da Vila, por estar empenhada pelos olhos e ouvidos com a música de consumo importada, de repente toma conhecimento dos geniais sambas do Noel e sai na hora cantando, como se tivesse tido a vida inteira uma

tremenda intimidade com essas músicas, que às vezes ficam um tempão marginalizadas. Assim também é o Jabaquara, o nosso querido Leão da Baixada Santista. O Jabuca tem um nome encantado, que faz com que pessoas que nunca o escutaram, ao ouvi-lo pela primeira vez, já se sintam amarradas a ele. E faz com que quem um dia o amou o ame eternamente, mesmo quando pense que o Jabuca, o Jabaquara, um time de futebol apenas não existe mais. E é nesse amor que o Jabuca sempre revive pra fazer a terra tremer com suas jabaquaradas.

Foi no Macuco, bairro fundado por um português chamado Chico Sacramento, que o Jabuca nasceu. O portuga, que era tarado pra comer macuco com arroz, vivia a matar esses pássaros, por isso recebeu esse apelido. Gostou e acrescentou o apelido ao nome. Então, lá na Vila Macuco, reduto dos portugueses descendentes do Chico Sacramento Macuco, a colônia espanhola fundou um clube: o Espanha. Esse clube recebeu as cores vermelha e amarela e o apelido de Leão do Macuco. E mesmo nascendo pra ser um clube da colônia espanhola, virou o time do povão do bairro. Aí, o Espanha teve que se mudar pra Ponta da Praia. Mas, continuou Leão. Só que veio a guerra e a Espanha fascista do Franco não era coisa que merecesse homenagem do povão brasileiro. E o Espanha teve que mudar de nome. E os espanhóis de Santos provavelmente sonhando com a pátria livre, escolheram para novo nome Jabaquara.

Jabaquara era nome de um riozinho que nascia lá pras bandas dos morros da Nova Cintra, do Fontana e São Bento. O Jabaquara era o pedaço em volta desse rio. E nesse bairro às raízes da liberdade foram plantadas por um santo português, o Quintino de Lacerda, que tinha um quilombo e era o foco abolicionista da Baixada Santista. E é esse o mistério do nome Jabaquara. A gente santista, que sempre amou a liberdade, se envolveu de saída com o Jabaquara, que carinhosamente passou a ser tratado de Jabuca. Era tão amado o Jabuca, que ninguém pagava recibo. Toda a cidade. O Brasil inteiro torcia pro Jabuca. Tinha a maior torcida que um time desse mundo já teve. Todos tinham dois clubes e um deles era o Jabuca. Porém (e sempre tem um porém), ninguém pagava recibo. E o Jabuca vivia no sufoco econômico. Formava os craques e tinha que vendê-los. Gilmar, Baltazar, Túlio, Cicia, Célio, Alemãozinho, Álvaro Peru Feijó, Ramiro, Pagão, Leonaldo, Bahia, Dino Pavão (aquele do Jango, Brandão e Dino), Marcos e tantos outros saíram do Jabuca. Mas, o Jabuca perdeu o campo na Ponta da Praia. Sabe como é que é, o progresso vai chegando e as favelas e os cortiços vão sendo expulsos. E o Jabuca mudou pra Caneleira. Chegou lá no mangue com uma mão atrás e outra na frente. E lá não se escutou mais falar no Jabuca. Mas, na Caneleira, um grupo de abnegados já ficando os alicerces da volta gloriosa do Jabuca. Fizeram um campo. Ergueram um ginásio. Formaram um time e voltaram pro futebol. Dos cartolas da Federação, o Jabuca não recebeu favores. Teve que começar bem de baixo. Sagrando numa divisão inferior. O Jabaquara, que é fundador da Federação, está lá fazendo das tripas coração pra aguentar as rebordosas, mas brilhando. Formando craques. (Outro dia estive em Piracicaba e fiquei sabendo que gente ligada ao XV de Novembro está de olho no Fifi e no ponta-esquerda do nosso Jabuca.) Mas, sob ameaças. Se o Jabuca for campeão da sua série não deixarão que ele passe pra primeira divisão se não tiver estádio. E cabe a nós, que amamos nosso Jabuca, nós que sentimos que temos sido tão ingratos com o nosso Jabuca, a cidade de Santos,

que tem nos últimos tempos enfeitado tanto o nosso Jabuca, darmos um muro e uma arquibancada pro campo do nosso Jabuca, o Leão da Baixada, que mora lá na Caneleira, ali onde fica o Buraco da Lacreia. Daquele cantão que vai se ter que ouvir o grito que faz a terra tremer: Arriba Jabuca! Grito que sai da boca dos espanhóis que o fundaram, dos portugueses do bairro onde o Jabuca nasceu, dos caiçaras do bairro onde o Jabuca se criou, dos índios que deram nome ao rio que lhe empresta o nome, dos negros que encontraram um reduto de liberdade o quilombo do Jabaquara e de todos aqueles que só berram da geral sem nunca influir no resultado.

Os artistas jabaquarenses já estão de plantão à espera da convocação pra, através de um show na Baixada, contribuírem com um tijolo pro muro do nosso campo. A Lolita Rodrigues, essa joia que é filha e neta de diretores do Jabuca, já respondeu presente ao chamamento. Do interior inteiro estou recebendo cartas de jabaquarenses que já estão torcendo. Vamos lá. Arriba Jabuca! (Com o apoio do braço forte dos metalúrgicos o Jabuca já pode contar.

Arriba Jabuca

Companheiro Plínio Marcos

A Diretoria deste Sindicato tendo tomado conhecimento através de sua coluna publicada no jornal “A Folha de S. Paulo”, edição de 16 de agosto, da sugestão de realização de um show com artistas da Baixada Santista em benefício do Jabaquara A. C., e que ao mesmo tempo indicando a Sede deste Sindicato como local para a realização desse espetáculo, queremos transmitir-lhe que sentimo-nos honrados com a lembrança e desde já colocamos à disposição nosso auditório para sua realização.

Queremos também colaborar para trazer de volta o nosso “Jabuca”. Como você diz: “Arriba Jabuca”. Conte com a gente.

Saudações Sindicais

Arnaldo Gonçalves

Presidente

Meu inútil pranto pelos anjos caídos (Folha de S. Paulo – Edição de 23/8/1977. Página 35. Caderno Ilustrada)

Espero ansioso a saída do meu novo livro, “Inútil pranto, inútil canto pelos anjos caídos”. Está na gráfica. Atrasou. E eu sofro. Espero aflito. Vão ser vinte e cinco mil exemplares. É a primeira vez que um livro meu recebe essa tiragem. A distribuição estava acertada com a Editora Abril. Pelo menos, o meu editor, o Paulo César F. Alves, dono da Lampião, acreditava estar. Na última hora, sabe Deus porque mistério, a Abril se recusou a fazer a distribuição. Também não quer mais espalhar pelas bancas de jornais a revista “Versus”. Sabe como é que é, eles vivem muito bem só com as revistas em quadrinhos, muitas delas importadas e a maioria sem nenhum valor cultural.

Mas, deixa isso de lado. O que eu quero contar e o que pesa na balança é que o “Inútil pranto, Inútil canto pelos anjos caídos” está pra sair por esses dias. Nele eu reuni cinco contos, um sobre presídio, um sobre os índios e três sobre futebol. Os

anjos são aqueles que caem diariamente diante dos interesses dos cidadãos contribuintes. Os anjos caem às dezenas, como as vítimas dos esquadrões da morte lá da Baixada Fluminense, que assa gente em forno de padaria e depois joga numa quebrada qualquer dos estreitos, escamosos e esquisitos caminhos do roçado do bom Deus.

Os carrascos, depois de tanta atrocidade, vão dar entrevistas aos jornais, como uma que saiu no Rio de Janeiro domingo passado, com um tal de Malhado, que, sem nenhuma cerimônia, diz que sabe que a polícia está querendo matá-lo pra queimar o arquivo de sua memória. Diz isso e apresenta uma testemunha do que está contando. Ainda vai além. Dá o lugar onde a polícia pode encontrar seu rival, um tal de Arroz, responsável pelo tráfico de droga e insinua que a polícia, apesar do empenho de um delegado lá da Baixada, só prende os vapseiros (fumadores de maconha sem nenhuma importância no crime organizado).

Fico pensando, ao ler reportagem como essa, que os jornais estão cumprindo o seu dever ao denunciar esse estado de coisas que brota na miséria. Mas, vejo pálido de espanto que as pessoas que deviam zelar pelos direitos humanos nesta Aldeia do [D]esconsolo, não se comovem com toda essa barbaridade que acontece na Baixada Fluminense. Ninguém chia, ninguém pede providências, os estudantes não berram contra essa vergonha, os intelectuais não fazem abaixo-assinado, os sacerdotes parecem que se acanharam depois que um foi ralado em praça pública naquelas bandas, como se de repente fosse normal vinte cadáveres atirados à margem das estradas. Cadáveres baratos. Defuntos sem vela, sem missa, mortos sem sepultura, cadáveres sem compaixão de uma sociedade de cidadãos contribuintes que só se assombram com a violência quando a espada desce próximo à sua cabeça ou quando seus interesses estão sendo embaraçados.

No entanto, diariamente, gente, gente que delinuiu ou não, é executada sem julgamento, sem direito à defesa, numa atrocidade que estarrece os princípios de humanismo, diante da nossa indiferença. O que é que está acontecendo conosco? Somos uns brutos. Estamos aceitando esse estado de coisas sem o mínimo protesto. Como se fosse natural que as quadrilhas mistas de bandidos e policiais, como é de domínio público que são os grupos de matadores da Baixada Fluminense, se matem uns aos outros no melhor estilo submundo de filme de cultura importada da televisão. Somos indiferentes a tantos horrores.

Só nos comove o que vem embrulhado no colorido plástico. Um Filho de Sam, que sai fazendo e acontecendo pelas ruas de Nova Iorque, ganha destaque nas nossas conversas, nos perturba, nos deixa trêmulos nas bases, como se fosse um King Kong, um Tubarão, um Frankenstein, ou um incêndio, agente do imponderável que sempre coloca em sobressalto os cidadãos contribuintes que creem sinceramente que fazem parte de uma sociedade justa porque protege quem tem contra quem não tem. Então, o louco de Nova Iorque desequilibra os nossos espíritos, condicionados por cento e setenta filmes estrangeiros que passam que é lá o centro do mundo e o que pesa na balança é o que acontece lá.

Mas, quando um Esquadrão da Morte da Baixada Fluminense mata quase cem pessoas em três meses, está tudo legal. Somos miseráveis, pouco civilizados, analfabetos. E quem morre não é a elite. Elite de situação ou de oposição não se interessa por isso. Estão entretidas brincando de política, de sucessão. Porque

conchavo não pode ser coisa séria. Nem deve ser levado a sério por quem, como os anjos caídos da Baixada Fluminense, tem a dura tarefa de todos os dias ir espiar os mortos largados nos cantões onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos pra ver se um deles é um filho, um irmão, um marido, um pai que foi para o emprego de salário miserável, ou pra fila do INPS ou à procura de um trabalho e demorou pra retornar pra sórdida morada que chama de casa. Não pode interessar aos anjos caídos as mumunhas da política dos cidadãos contribuintes. Assim como não interessa aos cidadãos contribuintes a lamentável situação dos anjos caídos de fome, de doença, de bala, de desespero, de falta de perspectiva na vida.

Não interessa a nós, cidadãos contribuintes que nos alarmamos com o Filho de Sam que barbariza mulheres nas ruas de Nova Iorque, que um louco chamado Beto Satã de Nova Iguaçu, em menos de dois meses, estupre vinte e oito menores e mutile seus seios com navalha. Não. Isso é pra nós cidadãos contribuintes, um fato próprio desses malditos, miseráveis anjos caídos. Que devem sair, serem tombados pra sempre. Deve ser pra evitá-los que nossos mais ilustres cidadãos contribuintes vão distribuir pílulas anticoncepcionais. O Beto Satã deve, ates de estuprar as meninas, obrigá-las a tomar pílulas, assim não haverá como se proliferarem os malditos anjos caídos. Só isso devemos fazer por eles.

No entanto, até o matador Malhado em sua entrevista afirma que na Baixada Fluminense a miséria é muita gente e que vai chegando sempre mais gente e vão matando. E vai ficando assim mesmo. Um dia eles param de se matar entre si e resolvem matar quem tem. Aí, não será uma revolução, mas uma sangrenta convulsão social. E é isso que temos que evitar. Mas isso se evita sem armas. Se evita com os pães repartidos.

Meu pranto e meu canto são inúteis porque eu choro e canto por esses anjos caídos e não atinjo o coração dos cidadãos contribuintes. No entanto, eu berro meu pranto e berro meu canto. E assim eu cumpro a miséria que me coube por destino.

Uma dica e um esclarecimento (Folha de S. Paulo – Edição de 24/8/1977. Página 33. Caderno Ilustrada)

Eu não sei direito o que o Silvio Santos andou dizendo no seu programa de domingo a meu respeito. É muito difícil de saber o que nosso caro Peru-Que-Fala diz nos seus programas. As pessoas, ao que parecem, assistem ao programa dele sem prestar muita atenção. Porém (e sempre tem um porém), para que não parem dúvidas no ar, quero declarar que jamais estive contra nenhum sindicato que exige respeito pela categoria que representa. Assim sendo, apoiei a carta que o Sindicato dos Atores do Rio de Janeiro, assinada também por Juca de Oliveira, mandou ao animador de auditório exigindo que ele respeitasse os atores e não se metesse a fazer graça com o nome de gente que trabalha honestamente, como o Fernando José. O Silvio, segundo consta, disse que não tem obrigação de conhecer as pessoas e não conhece o Fernando José. Naturalmente, o animador devia ser melhor informado, mas já que não é, já que não sabe o que vai à sua volta, envolvido como anda com baús, devia pelo menos ter o bom senso de não fazer gracinha com o nome de atores que não conhece. Mas, deixa isso de lado. Só

queria dar esse esclarecimento para que fique minha posição bem definida junto aos leitores. Isso posto, vamos em frente.

Estive falando para os universitários de Piracicaba e para minha satisfação, na hora dos debates, piou na parada o João Chiarine, grande folclorista, e o Waldemar Iglésias, escritor respeitável que recolhe as histórias populares da região. Foi bom, muito bom, porque os estudantes que não conheciam o João passaram a conhecê-lo e já o convidaram para conferências e tudo o mais. Só por ter sido responsável por essa ponte entre os estudantes e o folclorista já é gratificante pra mim. Sabe como é que é, a estudantada está tomando consciência de que já não pode mais ficar trancada nas faculdades aprendendo as coisas em laboratórios. Sente (com a graça de Deus e o incentivo de D. Paulo Evaristo Arns), o jovem estudante, que ele tem que conviver com o povo para poder servi-lo. E isso, evidente, é generoso. No entanto, é necessário que muita coisa seja colocada na balança para que, ao arrebentar as correntes do elitismo, as boas intenções não se amarrem nas tão odiosas correntes do paternalismo.

É necessário que o jovem estudante, que até há bem poucos dias só acreditava na cultura erudita, tome conhecimento de toda sua própria formação cultural. Que analise a cultura popular, a popularesca, a erudita, a de massa, que tome consciência do peso dessas culturas na sua formação, para então ir para junto do povo, tendo a noção exata de que cada sujeito que encontrar tem uma cultura própria, que deve ser respeitada e preservada. Isso para que não ocorra o fato de, ao invés de ajudar o desenvolvimento do povo com seu generoso esforço, o estudante vá lá inconscientemente funcionar como mais um agente repressor das manifestações espontâneas e tolher mais ainda o povo e mais ainda amesquinhá-lo com o paternalismo.

Quero dizer que fiquei contente de ver lá em Piracicaba o João Chiarine vencer a timidez e chegar junto aos estudantes e iniciar com eles um diálogo. Como gostaria que a estudantada de São Paulo procurasse o Mestre Rossini Tavares de Lima e a Mestra (uma mulher tão doce e sempre disposta a ajudar) Julieta de Andrade e fizessem um curso com eles. Lá no Museu do Folclore os professores e os alunos, tenho certeza, ganhariam uma abertura nova sobre o povo. Eu, felizmente, tenho funcionado como bom ponta-de-lança e com orgulho reconheço que tenho, como trombador, funcionado como bom elemento de despertar o interesse das pessoas nas áreas hostis. Mas, aqueles que já estão despertados através do trabalho que fiz nas sessenta faculdades que visitei no ano passado e neste, ou que tomaram conhecimento da necessidade de voltarem para junto do povo incentivados por outros pontas-de-lança, ou pela consciente orientação da PUC, devem agora procurar conhecer o Museu do Folclore, Mestre Rossini Tavares de Lima e Mestra Julieta de Andrade. Eu, como ponta-de-lança, infelizmente nada posso fazer por quem já foi despertado. Conheço minhas limitações e sei que por isso só pesco o que está boiando na superfície. Mas, lá no Museu do Folclore, onde Mestre Rossini e Mestra Julieta há muitos anos estudam a cultura do povo, todos podem aprofundar os conhecimentos, receber dicas valiosas para que a abordagem junto ao povão não seja apenas uma atitude ditada pelo modismo, mais um ato grandioso de gente que ama seu próximo e o respeita integralmente.

E fica sempre por isso mesmo (Folha de S. Paulo – Edição de 25/8/1977. Página 37. Caderno Ilustrada)

A Televisão Tupi acabou com um horário de novela e transferiu para o Rio de Janeiro. Isso significa que aproximadamente trezentas pessoas, entre técnicos e atores vão perder seus empregos na emissora do Sumaré. Quanto à mudança da linha de show para o Rio de Janeiro ainda se dá um desconto e tal e coisa, e coisa e lousa. Porém (e sempre tem um porém), o caso do horário da novela que acabou é de extrema gravidade e merecia da categoria de trabalhadores na televisão um enérgico protesto. Isso porque, no lugar da novela, o Canal 4 vai começar a exibir desenhos animados importados. Mas, está claro que o Sindicato dos Radialistas vai ficar fechado em copas. Assim como ficou quando o Canal do Silvio Santos fechou bruscamente seu departamento de telenovelas. Sintam o aroma da perpétua. Em menos de seis meses, dois núcleos de empregos para ator na televisão são fechados, sem que haja reclamação da classe. Ao mesmo tempo, a Bandeirantes, que se prepara para inaugurar rede nacional, compra os teleteatros do Canal 2, Tevé Cultura, e vai ter uma programação que será considerada ao vivo, sem ter que pagar atores. Com essas e outras, o mercado de trabalho do artista brasileiro vai ficando cada vez mais amesquinhado e a cultura de consumo importada vai cada vez mais ocupando o nosso vídeo, emprenhando nossa juventude pelos olhos e ouvidos, descaracterizando o homem comum brasileiro.

Parece que essa medida das televisões em aumentar o número de programas estrangeiros é uma resposta ao Ministro das Comunicações, Senhor Euclides Quandt de Oliveira, que pediu exatamente o contrário para as direções das emissoras. O ministro Quandt de Oliveira se mostrou várias vezes preocupado com o elevado número de programas importados na nossa televisão e disse publicamente várias vezes que queria que diminuíssem esses programas importados. O resultado: aumento de programas estrangeiros. Qual é? Falta de grana das emissoras para pagar artistas brasileiros? Mas, o diretores das emissoras estão milionários. Suas empresas é que estão abrindo o bico. E nesse caso, existe linguíça debaixo do angu. Os diretores dessas televisões estão ganhando dinheiro em comunicação e investimento em boi, em construção ou até em caderneta de poupança. Com isso, eles enriquecem. Mas, o patrimônio cultural brasileiro vai sendo dilapidado. E naturalmente cabe uma culpa enorme ao Governo, que confia, através de concessões, os canais de televisão a esses empresários gananciosos ou inaptos. Mas, não dá pra se esperar que o Governo se manque. O negócio deles é usar a televisão para a propaganda oficial. E numa delas, dizem que o Brasil é feito por nós. Se é assim, compete à categoria dos radialistas parar de choramingar e começar a ajudar a construir o Brasil, protestado energicamente contra esse estado de coisas que humilha a toda hora.

Sei lá quantas televisões temos por todo o Brasil. Mas, entre Rio de Janeiro e São Paulo, apenas temos umas dez. No entanto, só duas dessas dez podem ser consideradas mercado de trabalho: a Globo no Rio de Janeiro e a Tupi em São Paulo. Mesmo assim, essa última paga seus trabalhadores de dois em dois meses. Assim não dá pé. Alguma coisa tem que ser feita no sentido de se expulsar o filme importado da televisão para que essa categoria profissional possa ter dignidade e

reivindicar tudo aquilo a que tem direito, contribuindo realmente para o progresso da nação brasileira. Mas, evidentemente, isso não é tarefa fácil. Os pequenos passou [sic] no sentido de nacionalizar esse setor implica em muitos riscos. Está aí o caso do cartaz dos filmes importados. Bastou alguém de bom senso achar que pelo menos os cartazes podiam ser feitos pelos artistas brasileiros para aparecerem os derrubadores, os lacaios das multinacionais dos filmes, fazendo uma campanha que visa provar que isso é impossível, que é feio e que não presta, que é coisa de índio querer desenhar cartaz de filme estrangeiro.

Coisa de botocudo é ter cento e setenta e dois filmes importados por semana na televisão, enquanto os atores comem o capim amargo pela raiz, sem emprego, sem perspectiva e sem coragem para reivindicar. É dolorosa a situação do nosso setor.

Há tempos, um excelente ator que fez reivindicações que aborreceram os diretores da Globo foi mandado embora de lá. Veio para São Paulo e, depois de muito penar no desemprego, conseguiu se enfiar numa novela da Tupi que já estava acabando. Trabalho e no final da novela, ele reivindicou férias, décimo-terceiro salário, fundo de garantia e foi informando que era norma da casa não pagar. O ator insistiu. Acabou recebendo. Mas, também foi colocado na lista negra. Não trabalhava mais. Nem na Globo, nem na Tupi. E aí ele começou a sofrer toda espécie de vexame. Morando de favor, comendo de favor, fumando de favor. Esse ator, que era um moço brioso, um dia não aguentou e teve um ataque nervoso. Foi internado. E aí os colegas foram visitá-lo no hospital e saber dele. O médico informou.

– Ele teve um ataque nervoso proveniente da falta de trabalho. Mas ele não tem nada. Se vocês arrumarem um emprego para ele hoje mesmo ele tem alta.

Os colegas se entreolharam. Lembraram que ele não tinha mais vez na Globo, nem na Tupi. Lembraram que os outros canais não dão emprego para ator brasileiro, só exibem filme importado. E um dos colegas falou por todos.

– Então deixa ele aí, doutor[.]

Como se faz na aldeia do desconsolo (Folha de S. Paulo – Edição de 26/8/1977. Página 33. Caderno Ilustrada)

Os atos de exceção, a censura, a importação de cultura de consumo ocupam quase que totalmente nossos veículos de comunicação social, e são sem dúvida nenhuma, responsáveis pelo obscurantismo que envolve nosso país. E é, naturalmente, em face a esse obscurantismo que o homem comum se desacorçoa, desacredita dos órgãos de reivindicação coletiva, perde as perspectivas de participar da vida política, social e econômica da nação, e tenta resolver sozinho os problemas do dia a dia, como se isso fosse possível. Essa marginalização do homem comum da vida nacional levá-lo a uma total alienação.

Essa alienação do povo torna a situação cômoda para quem detém o poder, que vai determinando as regras do jogo, do jeito que melhor lhe convém sem que haja contestação a esses atos, por mais absurdos, ilegítimos e lesivos às classes produtoras. Porém (e sempre tem um porém), a miséria é sempre a consequência desses tipos de Governo desvinculados do povo. E a miséria, que aparentemente

vai sendo assimilada pelo povo, acovardado, alienado e marginalizado passivamente dos centros de decisão, vai nutrindo uma revolta que, quando explode, não pode ser controlada politicamente. Porque explode não numa revolução, explode numa convulsão social, que é sempre sangrenta e inútil.

Por isso, se existe algum interesse oculto nas pesquisas da Rede Globo, que visam mostrar que o povo brasileiro está desinteressado do seu destino até o elevado grau de ignorar o nome dos atuais governantes, para com esse truque digno de Mandrake de mafuá, ainda mais marginalizar o povo do processo sucessório, mostrando a inviabilidade de esse povo, através de eleições livres, escolher seus representantes, é bom que se trace um retrato social do Brasil, e que esse retrato seja claro e sem escamoteações. É urgente que se mostre o pouco valor que está se dando para a vida humana nas regiões mais miseráveis da nossa nação, como, por exemplo, os esquadrões da morte que em dois meses mataram setenta e tantas pessoas, diante da total indiferença da coletividade que, em vez de protestar, exigir justiça, como seria lícito, procura se armar cada um, cada um da melhor maneira, descrentes que estão da polícia, que deveria zelar pela segurança de cada cidadão, e da justiça, que não dá garantia a ninguém.

Quando um povo generoso, pacífico, ordeiro como o brasileiro começa a procurar, mesmo que individualmente, a solução armada, é um sintoma alarmante da impaciência diante da insegurança que a sua marginalização dos poderes de decisão gera. Quando um povo se desinteressa dos problemas nacionais ao ponto de ignorar quem são seus dirigentes, é um alarmante sintoma de desesperança. Quando a vida humana começa a não ter nenhum valor para uma comunidade, é sintoma alarmante de que essa comunidade começa a sentir que já não tem mais nada a perder. E se está armada e não crê em lei, nem em justiça, nem vê perspectivas para sua vida, não vê por que sentir fome, sede, frio. Parte para o assalto, para o saque, para o crime. E os índices de delinquência no nosso país são sempre crescentes. Os índices de delinquência no nosso país são sempre crescentes. Os índices de menores abandonados, da prostituição infantil, de roubos, assaltos, crimes de morte já nos fazem enxergar o caos. E tudo isso é consequência da marginalização do povo da vida nacional. Marginalização imposta pelos atos de exceção que tornam senhores absolutos da verdade os que detêm o poder e que, como já está evidente, não trouxeram soluções para os graves e aflitivos problemas do povo brasileiro.

Então, não é hora de mais se marginalizar o povo, afastando-o do processo de escolha de dirigentes. É a hora de se reconvocar o povo brasileiro para a vida. Reviver suas esperanças, dando a ele o seu direito sagrado de participar do seu destino. Por mais desinteressado que esse povo se mostre pelos problemas políticos, esse desinteresse não reflete a verdade. Esse aparente desinteresse é apenas uma forma que o homem comum tem pra protestar contra a marginalização que por anos e anos a fio lhe vêm impondo de cima pra baixo.

É a hora de se reconvocar o povo para participar da sua história. Hora de se dar ao povo brasileiro um estado de direito no qual ele não seja mais dependente dos projetos caridade social-esmola das instituições governamentais nas quais ele não crê. E a hora de se dar a certeza ao povo de que, através de uma participação

na vida nacional em todos os níveis, ele poderá adquirir o mínimo para ter uma vida digna com trabalho, moradia, comida, assistência médica, educação, lazer.

O povo brasileiro está alienado porque está marginalizado da vida nacional. Porque está amesquinhado por uma miséria pela qual não é responsável e contra a qual não tem o direito de protestar, impedido pelas armas que se convencionou chamar de segurança nacional. Deem participação ao povo, incentive-se a participação do povo e se verá até com certo espanto toda sua lucidez diante dos grandes problemas nacionais que, através dos atos de exceção, não foram sequer minorados. A bem da verdade, o povo brasileiro não está alienado, como querem alguns que em provar isso têm interesses. O povo brasileiro está marginalizado.

Tietê com Cornélio Pires [.] Jaú com Abílio (Folha de S. Paulo – Edição de 27/8/1977. Página 29. Caderno Ilustrada)

Tomo conhecimento de dois acontecimentos culturais muito importantes que estão sendo realizados no interior de São Paulo essa semana. O primeiro é lá em Tietê e o segundo em Jaú. Em Tietê, meu caro mestre Mauro Pires, radialista e jornalista de grandes méritos, que trabalhou muitos anos aqui em São Paulo e que, agora que se aposentou e está morando em São João da Boa Vista, manda avisar: estão realizando uma semana cultural em memória do genial poeta caipira Cornélio Pires. E como não podia deixar de ser, uma homenagem ao Cornélio Pires tinha que servir para uma porção de atividades que resultassem na preservação das manifestações espontâneas do povo brasileiro. E lá em Tietê não está dando outra coisa. Nesse sábado vai haver cururu em todas as linhas. Vai ter batuque. Batuque pesado. Batuque verdadeiro. Só sinto não poder piar na parada pra ver e aprender. Porém (e sempre tem um porém), o convite e o aviso chegaram em cima da hora e eu já tinha apontamento para esse dia. Mas, me alegro de saber que o genial Cornélio Pires está sendo lembrado como gostaria de ser. O nosso poeta caipira merece. Ele fez muito pela cultura popular brasileira. O Mauro Pires está lá evidentemente e confere tudo, que esse coroa sabe das coisas. Parabéns, Tietê.

E antes de falar em Jaú, já que estou falando do interior, quero contar um lance que o Walter Silva “Picapau” me contou e que é de entortar o patuá. O filme King Kong, segundo o Picapau, está sendo exibido lá em Itu, com o sugestivo título de “As aventuras do Mico Travesso”. Mas, deixa isso de lado. O pessoal lá da terra do magnífico cômico Simplício é chegado ao exagero que todo mundo sabe. Mas, o que quero contar é que em Jaú está sendo promovida uma semana em homenagem ao grande dramaturgo brasileiro Abílio Pereira de Almeida. Mestre Alfredo Mesquita, sexta-feira, fez lá uma conferência a qual eu não assisti, mas que tenho certeza deve ter sido um bruto sucesso. Isso porque esse grande homem do nosso teatro deita e rola fazendo conferência. Além do que, na quarta-feira, quando estive lá, batendo um papo com os estudantes, pude notar o interesse que havia na cidade pela visita do Mestre Alfredo Mesquita.

Mas, o ponto alto da semana que Jaú promove em homenagem ao dramaturgo Abílio Pereira de Almeida será sem dúvida a encenação da genial peça “Em moeda Corrente no País”, que o Silvio Zilber dirigiu para um elenco de primeiríssima qualidade, encabeçado por uma das maiores atrizes de todos os

tempos do nosso teatro, a Cleide láconis, e com o excelente ator Henrique Martins, coadjuvados por Edgar Franco, Arlete Montenegro e Vic Militelo, todos eles.

Para nós de teatro é um fato comovente essa homenagem do povo de Jaú ao nosso sempre querido Abílio Pereira de Almeida. Ele, que foi um dos mais injustiçados e incompreendidos dramaturgos brasileiros, recebe agora uma justa homenagem. Por certo o Abílio Pereira de Almeida, com a franqueza que lhe era peculiar, se pudesse, diria: “Agora que já morri é que me fazem homenagem”. Mas, nós que tivemos o privilégio de conhecê-lo bem, saberíamos que, atrás desse amargor, o nosso Abílio estaria apenas se segurando pra não deixar transparecer toda sua emoção. E por isso, nós todos de teatro somos gratos ao povo de Jaú por essa semana que glorifica o nome de nosso Abílio Pereira de Almeida. Que os aplausos que dedicaram à Cleide e ao Henrique e a todo o elenco, possa ser, pela grandeza de nosso senhor Jesus Cristo, transformados em luz para o Abílio. Que seja a paga para as injustiças e perseguições que ele sofreu pela sua coragem em textos como esse atualíssimo “Em Moeda Corrente no País”, que mostra sem nenhuma cerimônia toda a corrupção na máquina burocrática. Por essas e outras, o Mestre Abílio Pereira de Almeida, pouco antes da sua morte, viu seu genial texto, após ter sido liberado com muitos cortes pela Censura, ter a sua encenação impedida por um dos teatros culturalóides de São Paulo. A diretoria desse teatro se recusou a permitir o espetáculo que a Joana Fomm pretendia fazer com “Em Moeda Corrente no País”, por considerá-lo muito contundente.

Esse tipo de xaveco¹⁹ sempre machucava muito nosso Abílio Pereira de Almeida. E isso deve ter doído muito em sua sensibilidade de grande artista. Ele se calou. Não foi nos jornais denunciar o fato. Não estrilou. Não reclamou. Não contou nem para os amigos. Roeu o amargor calado. E foi provavelmente esse veneno que o matou. Agora, Jaú abre a sua casa de espetáculos para Cleide láconis e pro Henrique Martins e para todo o elenco da peça “Em Moeda Corrente no País”. E recebem a gratidão de todo o teatro brasileiro. Obrigado por todos nós, bela e querida Jaú.

Na Barra do Catimbó (Fim) (Folha de S. Paulo – Edição de 28/8/1977. Página 17. Caderno Folhetim)

Mas, o povão não tomava conhecimento do falatório da Dona Cotinha Boca Grande e de suas ameaças de arrumar um padre para o lugar. Estavam todos apavorados com o castigo que poderia cair sobre a Barra do Catimbó, devido à briga que resultou na quebra dos santos do gongá da roça do Pai Bilu Macumbeiro. O fato de o babalaô ter folgado com a menininha de treze anos em nome de Xangô e por isso ter sido cortado a navalha pelo Cabo Vado não escandaliza ninguém. Coisa corriqueira lá naquele pedaço encardido onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos. Porém, os santos quebrados significavam prenúncios de desgraça. E era necessário aliviar a bronca dos encantados, dos caboclos e dos orixás. Era preciso pagar muita obrigação para escapar de todo o mal que haveria de vir, pelo desrespeito com os santos do altar maior de Pai Bilu Macumbeiro. E o povão assombrado ia se cobrindo como podia. Cada um dentro de suas posses ia

¹⁹ Termo atualizado; no original de jornal consta “chaveco”.

despachando pro Exu Gaiato, que era o de devoção da maioria da gente da Barra do Catimbó. Mãe Begum trabalhava toda noite pra atender à freguesia. Pai Bilu ficou com o Cabo Vado. Mas, mesmo assim, tinha bastante trabalho. E quantas galinhas pretas houvessem, eram compradas ou roubadas pelos crentes para serem ofertadas ao Exu Gaiato, que só comia galinha preta, farofa e bebia cachaça com groselha. E não demorou muito pra não haver mais, em toda a redondeza, uma única galinha preta. E ainda tinha muita gente pra fazer o pagamento pro Exu.

O galinheiro do Seu Zeca das Penosas estava repleto de galinha branca, vermelha, carijó, de pescoço pelado, mas preta não havia nenhuma. Não havia nem nunca houve. Ele sempre criou galinha. Mas, nunca das pretas. Conhecendo as preferências do Exu Gaiato e os costumes do pessoal da vizinhança, ele sabia que pra comer, por mais fome que aquela gente tivesse, não iria enfrentar seus cinco cachorrões e mais sua espingarda de sal. Mas, pra pagar uma dívida com o Exu Gaiato, eram capazes de tudo. E pra evitar encrenca, ele não engordava frangote preto. Tinha até um fuxico²⁰, naturalmente espalhado pela Dona Cotinha Boca Grande, que explicava essa preferência do Exu Gaiato por galinha preta em razão de um trato feito pelo Seu Zeca das Penosas com Pai Bilu, Macumbeiro e Mãe Begum de Obá. Eles só davam galinha preta pro Exu Gaiato e recebiam todo fim de mês um dinheirinho do Zeca das Penosas, que assim tinha sossego pra cuidar do seu galinheiro. E como não havia mais nenhuma galinha preta na região, o povão começou a recorrer aos ladrõezinhos pé-de-chinelos. A moçada saía com encomenda todas as tardinhas e só voltavam de madrugada com os jacás cheios de galinha preta. Mas, a rapaziada que ia visitar os galinheiros conhecia muito bem os assuntos da macumba. Sabiam que, pra comida do Exu o crente não [pode] regatear o preço. O Exu Gaiato, como qualquer exu, não recebe padê pechinchado. Quem dá o faz por gosto. Chorando, o presente, exu não recebe. E devido a isso, começou a exploração. Uma galinha preta passou a custar os olhos da cara. E muita, mas muita gente mesmo, apesar de todo medo que sentia dos males que poderiam cair sobre a Barra do Catimbó, se acanhou diante dos preços e ficou devendo pro Exu Gaiato. Mas, aí começaram a acontecer muitas coisas medonhas na Barra do Catimbó.

O primeiro caso escabroso se deu quando o Intrujão Guegué, que raramente saía do seu barraco na Ladeira da Mula Gemedeira, que liga o centro da Barra do Catimbó com a Favela do Urubu com Fome, veio com um Sol de rachar mamona e que derretia suas banhas e o fazia feder mais que um gambá, até o boteco do Mané Cheiro de Peixe. Isso causou estranheza. Toda gente conhecia os hábitos do nojento comprador de objetos roubados. Mas, como ele era muito rico, riqueza conseguida no maldito comércio, ninguém se atreveu a perguntar o que o levava até o boteco. Apenas o saudaram entusiasticamente. Os sabujos presentes não regatearam oba-oba ao intrujão. Todos certamente com esperança de tomarem uma cerveja patrocinada pelo figurão. Mas logo perceberam que não saía nada da parte do Guegué, que era um tremendo sovina. Porém, pela curiosidade, permaneceram junto ao fedorento intrujão. Queriam saber o que levava até ali com aquele calor. O Bolão do Mobral, escrevente do bicho, devido à sua condição de homem letrado, foi o único que se atreveu a puxar conversa:

20 Termo atualizado; no original de jornal consta “fochico”.

– Então, Seu Guegué, veio fazer uma fezinha no bicho? Teve bom palpite ou veio só espiar os mais pobres dando duro?

Não recebeu nem resposta. O intrujão se limitou a rosar. Logo que ofereceram uma cadeira perto do balcão. O Guegué arreou o corpanzil na cadeira, tirou o enorme chapéu de palhinha imitação de panamá, e se abanou demoradamente com ele. Depois com um lenço imundo, enxugou o suor da cara sebenta, bufou, bufou. Respirou fundo. E quando recuperou o folego, berrou pro Mané Cheiro de Peixe, que solícito a seu lado, esperava as ordens:

– Uma cerveja gelada. Anda, Mané, anda. Que seja gelada. Quero essa cerveja estupidamente gelada. Entendeu, Mané? Gelada.

O Mané retirou uma garrafa que estava escondida no congelador para uso próprio e serviu o intrujão. O Guegué encostou a mão gorda na garrafa, certificou-se que estava realmente gelada e aí bebeu o primeiro copo num gole só. Se serviu de novo e aí foi saboreando a bebida aos golinhos, como pra provocar inveja das pessoas que o rodeavam e que nessa altura já eram muitas. O Guegué bebia a cerveja sem oferecer a ninguém. E mal engolia o líquido, começava a destilar. Suava e se queixava:

– Que calor! Que calor! Esse calor me mata.

Na vã esperança de agradar ao ricoço, os badaladores aproveitaram a deixa pra puxar prosa:

– De tarde melhora.

– É essa ladeira onde o senhor mora que não é fácil.

– Também, Seu Guegué não quer sair dela.

– Ele gosta daquele pedaço. Ali ele fica só vendo as negas subindo e descendo balançando as ancas.

– Tem umas que quando passam ali rebolam demais da conta só pro Seu Guegué ver.

Cada frase dessas provocava muitos risos. O único que não ria era o intrujão. Ele parecia nem escutar o que diziam. Só falava pra pedir mais cerveja ou pra se queixar do calor. E só se mexia pra limpar o suor da testa ou pra levar o copo à boca. Não dizia porque desceu a ladeira e nem ninguém se atrevia a perguntar. Mas, pra qualquer morador da Barra do Catimbó estava claro que o Guegué não saiu do seu barraco apenas pra tomar cerveja. E à espera da novidade, não se arredavam do boteco. Os que iam chegando se espantavam de ver lá o Guegué e logo queriam saber dos outros a novidade. Ali pelas nove da noite, o boteco do Mané Cheiro de Peixe estava apinhado de gente, em contraste com o do Quim Ilhéu, que, pra seu desespero, não tinha um único freguês. E de repente, o intrujão Guegué começou a rosar. Os bochichos pararam de estalo. Todos entenderam que o Guegué ia falar. Em silêncio, se aproximaram o mais possível da enorme figura. O Guegué bebeu mais um gole de cerveja, olhou demoradamente pro pessoal à sua volta e depois, pausadamente, se explicou:

– Não tem que não manje aquela sinhá vaca que tava morando lá no meu mocó. Ela é uma negrinha sem-vergonha. Tirei ela da vida. Dei casa, comida, mandei arrumar os dentes da piranha. E ela me passou pra trás com um pilantra pé-de-chinelo que costumava ir lá em casa vender os badulaques. Ainda levou uns troços meus, a danada da sinhá vaca. Mas ela tem que se arrepender de fazer

sujeira com um homem bom como eu. Quero ver a sem-vergonha atirada no Mangue do Caranguejo Louco amanhã de manhã, sem as orelhas. Quem fizer o serviço e me entregar as orelhas da sinhá vaca como prova de que ela acabou, recebe um milhão de prêmio. A danada está escondida num barraco aqui da Barra do Catimbó, ou lá em cima na Favela do Urubu Com Fome, ou na dos Paraibas de Obra. Quem dançar a miserável não precisa dar bandeira. É coisa só comigo e com ele. Apresenta as orelhas e recebe o dinheiro. É só.

O intrujão Guegué não perguntou quanto devia pro Mané Cheiro de Peixe. Jogou duas notas de cem no balcão, levantou e saiu balançando o corpanzil em direção do seu barraco da ladeira da Mula Gemedeira. Atrás dele, o pessoal que estava no boteco foi saindo como quem não quer nada e se espalhando pelos becos, ladeiras, atalhos e picadas da Barra do Catimbó. E teve início a noite de terror. Barracos foram invadidos. Mulheres berravam de aflição sem que ninguém acudisse, houve muitos estupros, tiros, homens lutaram à faca, trocaram tiros, uma bala perdida matou uma criança. Durante a noite inteira houve muito enguiço em todos os cantos da Barra do Catimbó. E de manhãzinha, estavam atirados no Mangue do Caranguejo louco cinco corpos de negras, todas elas sem orelhas. Quem cumpriu o trato e quem se enganou de negra, ninguém ficou sabendo. O Guegué manteve a palavra. Pagou o assassino na surdina.

Qual das cinco era a negrinha que o intrujão chamava de sinhá vaca, não houve jeito de saber. Todas eram tão iguais. E por nenhuma delas, nem pela criança morta pela bala sem leme, houve choro. Os corpos, antes do Sol ficar a pino, afundaram o mangue e não tiveram cruz pra marcar o local onde as vítimas da noite do desespero foram descansar. Mas, não ficaram impunes os moradores da Barra do Catimbó por esses crimes. Ganharam uma certeza de que a violência estava instalada no pedaço. E com essa certeza, se encheram de medo. E com o medo se voltaram para os encantados e para seus mistérios. Lembraram dos santos quebrados no terreiro do Pai Bilu e das dívidas que ainda tinham com o Exu Gaiato. Saíram à cata das galinhas pretas para os despachos.

Mas, estava difícil de encontrar. É além do mais, uma nova desgraça apareceu pro povão da Barra do Catimbó.

*

Esta história, Na Barra do Catimbó, continuará em livro de Plínio Marcos, a ser lançado em novembro.

Um sol podre não faz germinar as sementes (Folha de S. Paulo – Edição de 29/8/1977. Página 23. Caderno Ilustrada)

1 – “Mas eu canto vinte e cinco anjos caídos que se rebelaram. Cada um, cada um, mas todos rebelados. E por ser cada um, cada um, fizeram pouco tumulto e foram confinados. As metranças unidas podem mais que uma fome berrando sozinha. E os vinte e cinco homens foram empilhados, espremidos, esmagados de corpo e alma num imundo cubículo, onde caberiam oito pessoas. Foram empilhados para esperarem a morte. Foram empilhados sem espaço para dormir, sem espaço para se coçar. E como eles precisavam se coçar. Estavam no cubículo para esperar

a morte, mas as pragas que se nutrem das carnes apodrecidas pela morte não esperavam nada além da podridão para botarem seus ovos. E as pragas encarnaram nos vinte e cinco homens espremidos, empilhados, esmagados de corpo e alma entre grades de ferro e paredes úmidas e frias. E ali esmagados, os vinte e cinco homens receberam a visita das pestes”.

2 – “E o arco, a flecha, o tacape, e o cocar de penas coloridas, e a cuia iriam enfeitar as brancas paredes das brancas moradas dos brancos cidadãos contribuintes. E o olhar seco do velho índio, seco como o olhar de um corpo sem alma, via, via, via, pela primeira vez, que esse comércio já há tanto tempo praticado por sua gente, por ele mesmo, por seus antepassados, com os brancos cidadãos contribuintes, lhes envenenava o sangue, os fundamentos recebidos por herança, os gritos de guerra de toda uma raça, o sonho, a energia, o trabalho, a ânsia de liberdade. E o seco olhar do velho índio, seco como o olhar de um corpo sem alma, via, via, via que era o tempo dos tempos de sua raça. Via, via, via o olhar seco do velho índio, seco como o olhar de um corpo sem alma, que era a grande hora de dor da sua tribo. E sentia que era chegado o seu momento de tomar a decisão mais corajosa de todos os tempos da tribo. Era o momento doloroso da escolha”.

3 – “Na Aldeia do Desconsolo mal amanhecida por um tórrido sol podre que não faz germinar nem as sementes dos pães repartidos, nem o repouso do sonho no desconsolado sono dos que lavram a terra, os que lavram a terra na Aldeia do Desconsolo, mansamente, sem falas, sem cantos, sem fé, sem queixas, tristemente sem queixas, sem queixas, como reses, vão sendo embarcados por feitores frios, impessoais, endurecidos e aborrecidos pela rotina, em caminhões que os levarão para a grande seara de um só dono, um só dono, gordo, balofo, guloso, guloso, guloso, que se nutre do sangue e dos nervos flácidos de mil, dois mil, cinco mil lavradores e do sangue ralo e dos nervos flácidos da prole dos lavradores, da já nascida e da por nascer.

Na Aldeia do Desconsolo mal-amanhecida por um sol podre vão os lavradores que capinam, lavram, semeiam, colhem o desconsolado trigo que nunca será pão repartido, com seus alfororges de pouca e fria comida, embarcados em caminhões e levados pelos estreitos, escamosos e esquisitos caminhos até a seara, a grande seara de um só dono, dono poderoso, gordo, balofo, guloso, guloso, guloso, que se nutre do sangue ralo, dos nervos flácidos, do suor dos que lavram a terra e da prole dos que lavram a terra, a nascida e a por nascer”.

4 – “Quando o repelente abutre imaginador de repelências o procurou com o dinheiro, com o dinheiro, com o maldito dinheiro para suborná-lo, ele teve ódio, muito ódio, um ódio terrível do repelente abutre imaginador de repelências. Sentiu vontade de esganar aquele maldito subornador, sentiu vontade de lhe arrancar a língua, sentiu vontade de fazer o repelente abutre imaginador de repelências engolir cada uma das malditas notas do dinheiro do maldito suborno. Mas, vacilou”.

5 – “São esses relatos incompletos, trechos do meu novo livro “Inútil canto dos anjos caídos”. A partir de hoje, esse livro, que foi editado pela Editora Lampião, estará nas boas bancas de jornais ao preço de CR\$ 25,00. Nesse livro eu mudo meu estilo. É uma tentativa que estou fazendo. E só vocês, meus caríssimos leitores, é que podem dizer se acertei ou se entortei o patuá. Por isso, gostaria que aqueles que lessem o “Inútil pranto e Inútil canto pelos anjos caídos” e que tivessem um

tempinho pra me escrever, me mandassem uma cartinha criticando, ajudando a me conscientizar dos acertos e erros.

Andar na rua, pode. Pensar é que não (Folha de S. Paulo – Edição de 30/8/1977. Página 37. Caderno Ilustrada)

Uns dizem que foram trezentos e cinquenta mil, outros que foram cem mil, outros que foram cento e cinquenta mil pessoas na passeata promovida pela Prefeitura. Aliás, essa passeata pode. A de terça-feira da semana passada não pode. Nessa passeata da Prefeitura, à qual os estudantes não queriam ir, em algumas escolas municipais foram até obrigados. Na de terça-feira da semana passada, à qual os estudantes queriam ir, não deixaram e até cacetearam eles, quando começaram a andar pelas ruas. Coisas da Aldeia do Desconsolo. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que com escoteiro, aluno municipal forçado a ir a tal e coisa e coisa e lousa, tinha uma multidão no chamado II Passeio a Pé. O que foi considerado um tremendo sucesso pelo pessoal da Prefeitura. Primeiro, porque ninguém foi atropelado. No Passeio a Nado, embora a Prefeitura custasse pra notar, teve um afogado. No Passeio a Pé, ao que parece, ninguém desencarnou. E só por isso, já é considerado um êxito. E depois, a multidão que apareceu pra andar deve encher de alegria até político nomeado, até essa gente que numa disputa de urnas jamais seria eleita pra coisa nenhuma. Mesmo político nomeado, ao ver multidão num pagode oficial fica achando que isso é sinônimo de popularidade. Triste engano.

O simples fato de aparecer uma multidão nesses passeios a pé (mesmo descontando os alunos de escolas municipais e os escoteiros, tinha uma multidão) é uma prova do fracasso da cidade de São Paulo em matéria de lazer. A carência do paulistano em termos de participar de alguma atividade socioesportiva nas suas horas de folga é tanta, que até nessas passeatas consentidas ele vai. Claro que nesses passeios a pé o homem comum só tem direito a andar, no melhor estilo gado. Qualquer grito espontâneo será prontamente reprimido, numa caminhada desse naipe. Então, pra quem tem olhos de ver, fica claro que esses passeios inventados pela Prefeitura não são sucesso. São o atestado da falta de espaço pra população se manifestar espontaneamente. Atesta que até pra caminhar na rua o povo tem que ser organizado de cima pra baixo e só pode ir do jeito que os chefes deixarem.

Mas há muito tempo se tem notado que na Aldeia do Desconsolo se faz de tudo pra impedir a participação espontânea do povo. A filosofia oficial do lazer consiste em transformar o povo em espectador e nunca em participante. Então, se criam mil e um espetáculos para o homem comum assistir. E espetáculo pra ser assistido não é o principal no lazer. Na maioria dos casos, o espetáculo não chega a ser lazer propriamente dito. Fica sendo um passatempo. Passatempo que não refresca a cuca de ninguém, apenas preenche as horas livres do trabalhador. O que seria bem diferente se o homem comum tivesse espaços dentro de sua cidade pra fazer o que bem entendesse, discursos contra o Governo, bater bola, jogar dominó, namorar e trocar selo, sem precisar ficar tirando alvará pra isso. Mas, não há espaço pra nenhuma manifestação espontânea do povo. Todos os espaços são regulados,

são controlados. E esse controle só faz aumentar a tensão do homem comum. E essa atenção não se esvazia ou dificilmente se esvazia através dos espetáculos onde a maioria é assistente.

Por exemplo, o homem que gosta de jogar bola e não é nenhum craque, não se satisfaz indo apenas ver uma partida de futebol. Ele necessita de um espaço pra dar seus chutezinhos de vez em quando. No entanto, não existe essa possibilidade para a grande maioria da população de São Paulo. E a tendência é cada vez mais diminuir o número de privilegiados que podem brincar com uma bola. Isso porque a filosofia oficial de que lazer é assistir, permite que os interesses econômicos imperem sempre e tomem o lugar do povo e como se construindo grandes estádios fosse a mesma coisa. Então, aqui em São Paulo, nós temos o Pacaembu, um estádio com capacidade para receber noventa mil torcedores, temos o Morumbi, com capacidade para acomodar cento e dez mil espectadores, como o do Palmeiras, o da Portuguesa, o do Corinthians, o do Juventus, o do Nacional. Para se assistir a futebol, há vários locais. Porém, para participar, estamos mal. Só nos últimos cinco anos já se acabaram uns mil campinhos de várzea. Acabaram com mil possibilidades de lazer. Considerando que aos sábados e domingos, entre primeiros e segundos quadros, jogavam dezesseis times nesses mil campinhos que acabaram, uma verdadeira multidão ficou impedida de brincar, de ter lazer de verdade na cidade de São Paulo.

Mas, o que é mais grave, esses mil times que acabaram ao perderem o campo era legitimamente populares. Organizados de baixo pra cima. Formados espontaneamente nos botecos de esquina, congregavam a comunidade dos bairros verdadeiramente e eram dirigidos pelos líderes naturais do reduto. E eram dirigentes que, na medida em que se destacavam, se lançavam na política ou apoiavam políticos que, em troca do apoio, tinham que resolver os problemas do bairro. Mas, com o final desses clubecos de bairro, as organizações de baixo pra cima foram ficando sem possibilidades e as lideranças naturais foram inibidas e substituídas por técnicos da Prefeitura, que se encarregam de organizar tudo de cima pra baixo, dentro de uma disciplina rígida que marginaliza os que não se comportam bem e todos os que não dizem Amém sempre são considerados mal comportados e, portanto, afastados dos centros esportivos oficiais, onde até para se dar um chute numa bola é preciso alvará e é preciso encarar a burocracia oficial.

Isso tudo é que está levando o Brasil ao empobrecimento esportivo (reflexo naturalmente dos outros setores). Não se formam campeões quando os esportistas são impedidos de usar a imaginação ao ponto de até um passeio a pé ter que ser organizado de cima pra baixo pelas autoridades. Assim como não se poderá formar sábios quando o estudante não pode dizer o que pensa livremente e nem andar na rua reivindicando seus direitos. Sabe como é, andar na rua pode. Mas não os que pensam.

Quando a vida humana não tem valor (Folha de S. Paulo – Edição de 31/8/1977. Página 35. Caderno Ilustrada)

“Só um vidro separa o pão da minha fome.” Fico pensando neste verso de Bertold Brecht ao ler, pálido de espanto, que um moço de vinte e seis anos foi

linchado por populares ao assaltar uma padaria e matar seu proprietário. Esse lamentável fato se deu em São João do Meriti, um pedaço maldito que fica encravado na Baixada Fluminense e que, juntamente com Nova Iguaçu e Uganda, é campeão mundial do buchicho. Foi lá em São João do Meriti, onde urubu, de tão gordo, já não levanta voo, só fica ciscando no chão no melhor estilo galinha, porque o seu gordurame reforçado é a carniça à vontade encontrada todos os dias nas beiras dos estreitos, escamosos e esquisitos caminhos do roçado do bom Deus. Carniça largada pelos sicários dos esquadrões da morte, que mataram mais de setenta pessoas em dois meses. Foi por essas e outras que um inspirado poeta popular, residente naquelas bandas, cantou esses versos num samba:

“Urubu de Meriti
Foi dizer pro presidente
Que já está com bico doce
De comer carne de gente”

Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que na Baixada Fluminense ninguém dá valor à vida humana. E num fim de semana houve dois linchamentos. Esse de São João do Meriti e o de um outro assaltante, que apareceu amarrado num poste, na localidade de Soropédica. Esse último, segundo foi apurado, era assaltante, e ao ser agarrado pelos populares, foi amarrado no poste, torturado, queimado de cigarro, furado de faca e, quando acabou o festival de sadismo, alguns piedosos cidadãos minoraram o sofrimento do infeliz, mandando-o falar com Deus com uma carga de vinte e dois tiros de revólver calibres vinte e dois, trinta e oito e quarenta e cinco. Juntem-se a esses crimes mais os mortos em brigas lá na Baixada, que foram vários, e juntem-se também os três cadáveres de responsabilidade do esquadrão da morte, e teremos o resultado da carnificina do último fim de semana.

Porém (e sempre tem um porém) continuo a pensar no poema de Brecht: “Só um vidro separa o pão da fome.” Mas, existem as metranças protegendo o vidro, para impedir que a fome quebre esse vidro. Repito várias vezes esse verso e concluo que lá em São João do Meriti as pessoas estão perdendo o medo das metranças. Estão dando pouco valor a própria vida e à vida do próximo. São todos tão desvalidos na Aldeia do Desconsolo. E as pessoas andam armadas. Com calibres trinta e oito e quarenta e cinco, que eu sempre escutei dizer serem armas desses naipes privativas dos militares e da polícia. Mas, de repente, se sabe que os homens comuns de São João do Meriti as usam pra se defender ou pra conseguir o pão. E, percebo que a vida lá na Baixada Fluminense deve estar alcançando índices de tal miserabilidade sócio-moral-econômica, que as fomes berradoras já começam a não se intimidar diante das metranças. Ainda não foi esquecido que um esquadrão da morte, misto de bandidos e policiais, que recebe dinheiro pra dar proteção às casas comerciais, assou no forno de uma padaria assaltada os assaltantes. E mesmo estando no ar o cheiro, doce, doce, enjoativo, doce de dar náuseas, doce carne humana, que só é doce quando arde de amor e que, lá ardia de desespero, e o odor doce, terrivelmente doce, nauseante, ainda estando emprenhado nas narinas, já aparece outra fome berradora querendo arrebenatar os vidros que a separaram do

pão, do pão que nunca foi bem distribuído, sem dar importância às metranças que despejam venenos e que protegem os vidros. E, pálido de espanto, constato que o medo é tanto e mora dentro de tantos, que até os amesquinçados por mil e uma fomes berradoras, em fúria, trucidam o que não se conteve, o que quis quebrar os vidros.

E matam e trucidam o que não se conteve. Matam e trucidam na vã esperança de acabar com a violência que os aperta num terrível sufoco. Temem os famintos linchadores que o vidro da padaria quebrado seja uma comporta rompida que provoque estímulos para os Betos Satã, que aí, sem nenhuma barreira, violem todas as virgens e todas as mães e retalhem a navalha os seus selos murchos de vida e amor. E matam e trucidam o que quebrou o vidro que separava a sua fome do pão, pra mostrarem que não acreditam na polícia, mas que anseiam por justiça e ordem que não têm. Justiça e ordem das quais são desvalidos os famintos. E carentes, carentes de representatividade na vida nacional essa gente faminta da Baixada Fluminense, descrente da polícia, da política, de situação e de oposição, tenta falar na brutal linguagem dos que não têm voz, de todos seus desesperos, suas aflições, dos terrores que os amesquinham. E de nada vale essa louca tentativa de se comunicarem. Não terá eco esse desesperado grito de miséria na consciência dos cidadãos contribuintes. Os políticos que deviam ser seus intérpretes continuarão entretidos nos híbridos conchavos e nas tentativas de satisfazerem a própria ganância.

E assim vai morrendo um povo que era generoso. Vai morrendo de fome, morrendo de sede, morrendo de frio, morrendo no desespero de se ver morrer, em batalhas sem nenhuma glória, no seu dia a dia, batalhas travadas num solo ressequido e poeirento, que cada vez fica mais ressequido e poeirento, por ser aquecido por um Sol podre que não faz germinar as sementes dos pães repartidos, nem o sonho no desconsolado sono dos que vivem em pânico, sem nenhuma perspectiva de melhorar de vida na Aldeia do Desconsolo.

2.8 – As crônicas de setembro de 1977 – Coluna Plínio Marcos

A justiça, onde está? (Folha de S. Paulo – Edição de 1/9/1977. Página 41. Caderno Ilustrada)

O mais antigo motorista de praça de Macaé, Estado do Rio, o mais querido, um sujeito considerado por todos muito bom, justo ele, e se não fosse ele seria outro, mas foi ele e não outro, que os assaltantes mataram pra roubar alguns trocadinhos. E, diante desse crime odioso que ceifou uma vida humana covardemente, morrendo um trabalhador, chefe de família, marido, pai, avô, nasceu uma grande indignação na população. E os colegas da vítima, motoristas de praça como ele, decidiram caçar o assassino e justiça-lo por conta própria.

A indignação é um sentimento humano, sem dúvida nenhuma. Porém, má conselheira, e os motoristas indignados com a morte do colega (ou estariam com medo apenas?) procuraram um tal de Gordinho, a quem acusavam do crime. Encontraram o Gordinho e o mataram. Lincharam. Lincharam barbaramente. Primeiro, amarraram o tal de Gordinho num porta-mala de táxi, torturaram e depois o

mataram a tiros. Só que mataram um inocente. Não tinha sido o tal de Gordinho o assassino do motorista e isso ficou provado categoricamente logo depois. Mas, aí era tarde. O Gordinho, espancado, torturado, assassinado, já tinha ido falar com Deus. Foi vítima, o tal do Gordinho, de um tenebroso crime, um crime que fere profundamente os direitos humanos. Foi condenado e morto sem ter cometido crime e sem ter direito a defesa. Mas, isso já vai se tornando comum nessa Aldeia do Desconsolo. É o resultado da justiça medíocre, burocrática, sonolenta, que interpreta as leis de forma a favorecer os interesses dos que detêm o poder. Justiça, vacilante, desfibrada e que lá no Estado do Rio de Janeiro é mais lenta, burocrática e medíocre, e contribuinte vigorosa para a degeneração dos costumes.

Essa justiça é que tolera impassível as cinco ou seis mortes diárias provenientes dos esquadrões da morte. E essa justiça que não se incomoda com o fedor desses mortos sem sepultura, ou se incomoda tão lentamente, que vai levando o povo à descrença total na sua proteção. E é essa justiça medíocre e burocrática, a responsável pelos três dias no Estado do Rio. Por não crer nessa justiça, por não crer nas leis, o povo se arma e, por medo, mata. E sempre mata errado. Mata, chacina. Mata sem ter o direito de tirar a vida de ninguém. Mata de forma que afronta os princípios dos direitos humanos. E matando, morre a humanidade. Morre em si mesmo o povo e aumenta a desolação na Aldeia do Desconsolo.

Morto está o povo que faz a bárbara justiça do “olho por olho, dente por dente”. Morto está o povo que não crê nos princípios do Direito. Morto está o povo que, por medo, escolhe o caminho da violência para se proteger da violência. Morto está o povo que, por medo, toma a justiça nas próprias mãos. Morto está o povo que, por medo, promove linchamentos. E um povo morto não faz revolução, não promove o progresso. Um povo nessas condições, quando se levanta, é sempre nas suicidas e sangrentas convulsões sociais, na furiosa angústia do animal predador, na fúria do cada um, cada um, no “quem pode mais chora menos”. A fúria nascida da indignação, mesmo justa, vira apenas a rapina e nunca os pães repartidos. E esse vão esforço para escapar da miséria sócio-moral-política, acaba levando esse povo morto de esperanças a uma morte ainda maior, acaba levando aos grilhões dos pequenos grupos escravagistas, pequenos grupos, mas bem organizados, terrivelmente bem armados e friamente oportunistas que se apresentam como os restabelecadores das leis e da ordem, no momento em que o sufoco provocado por tantos desmandos atinge os limites.

E aí, mesmo a lei e a ordem sendo impostas de cima para baixo, com a força das armas, na base do tacão, mesmo essa lei e essa ordem sendo impostas de forma repressiva, de forma que castre qualquer manifestação de inteligência e os sonhos de liberdade e justiça, essa lei e essa ordem são recebidas bem pelos mortos e pelas suas fomes berradoras.

Por essas e outras é que o caos que está se estabelecendo no Estado do Rio, onde a vida humana já não tem o mínimo valor, onde diariamente são encontrados nas estradas os cadáveres largados pelos sicários dos esquadrões da morte, onde a única indústria que prospera é a dos armeiros, onde o único comércio que dá lucros é o da carne humana e onde a única lavoura que frutifica é a dos podres frutos do vício, onde dia após dia se trucida gente em linchamentos bárbaros, onde a cada momento se violam lares e se estupram mulheres e crianças. E esse caos todo, aos

que têm olhos de ver, não parece que seja um mero acaso. Parece, pela indiferença dos que detêm o poder, pela sonolência da justiça, que esse caos vem ao encontro dos propósitos de quem pretende se beneficiar de tanta miséria e degeneração. É necessário, urgente que o nosso país volte ao Estado de Direito e que esse Estado de Direito se estenda a todos os cantos da nação brasileira.

Povão de Santos precisa apoiar o Jabaquara (Folha de S. Paulo – Edição de 2/9/1977. Página 37. Caderno Ilustrada)

Aos quarenta minutos do tempo final de uma partida de decisão de título, o juiz apita um pênalti a favor do Santos F. C. Pênalti aos quarenta minutos finais de uma partida decisiva, de um jogo que está empatado, e broca. Nesse, não deu outra coisa. Teve correria, peitada no juiz, muito rebuliço. Porém (e sempre tem um porém), a bola foi colocada na marca de pênalti. Uma grande tensão pesou sobre todos no estádio. O jogo estava empatado. Se o Santos ganha, será o campeão. Um empate dá o título ao time adversário. Por isso é que o juiz cavou o pênalti para o Santos. Os que viram esse jogo juram pela luz que os ilumina que não foi pênalti. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que a bola foi colocada na marca de pênalti e o pessoal do Santos escalou um tal de Pelé para cobrar o pênalti. O crioulinho foi lá, sacudiu o corpo e chutou a bola com força no canto. O goleiro Fininho voou no canto certo e defendeu a bola chutada pelo Pelé. Defesa incrível. Valeu um título. Um título pro Jabaquara. Para o grande Jabaquara.

Essa história, podem crer, não é ficção. Ela existiu. O Pelé é esse mesmo que anda por aí sendo aclamado, onde chega, como o maior craque de futebol do mundo de todos os tempos. A vida desse rei do futebol é contada em verso, prosa e em história em quadrinho. E ele merece. Mas, ninguém conta o título que o Santos perdeu para o Jabaquara porque o Fininho defendeu um pênalti chutado pelo Pelé. Era o título do campeonato juvenil. Mas, era um título. E essa parte da história de grande craque sendo omitida, é omitido o nome do Jabaquara é maior do que todos. Às vezes, o nosso Leão da Baixada se finge de morto pra ver quem vai no seu enterro. Depois ressurge. Mais belo. Mais forte. E é assim que o Jabaquara volta agora às suas atividades e volta naturalmente na vanguarda. Volta pra reformular o futebol. E a sua experiência deve ser observada por todos os clubes, porque ela é, socialmente falando, uma tentativa inteligente de se resolverem os problemas econômicos dos clubes de futebol. O Jabaquara está na vanguarda nesta experiência e os clubes chamados grandes, que estão todos eles à beira da falência, devendo para o INPS, devendo sempre sem poder pagar e querendo se equilibrar na exploração dos jogadores, deviam ver o Jabaquara e sua experiência.

Os craques do Jabuca, o Leão da Baixada (e já temos lá na Caneleira uns três ou quatro de seleção brasileira: Fifi, Roberto, Peixinho e o ponta-esquerda Odécio são cracões), mas esses e os outros craques do auri-rubro não vivem no sufoco dos ordenados atrasados, na necessidade imperiosa de ganhar partidas pra receber o prêmio que ajuda decisivamente no orçamento. Lá, os boleiros têm participação nas rendas do clube e têm assegurados cinquenta por cento do valor do passe. Se o Jabaquara vender um dos seus craques para outro time, esse jogador leva metade do dinheiro da transação. Esquema altamente humano. E que é, sem

dúvida nenhuma, uma saída para um futebol que está falindo pela má administração dos cartolas politiquieiros e tacanhos.

O Jabaquara está aí de volta. Lutando muito para se impor. Os seus dirigentes, com humildade, sacrifício e muito trabalho, já conseguiram erguer um belo ginásio. Estão promovendo campeonatos de futebol entre faculdades e clubes de amadores, têm as categorias dentinho e estão reorganizando o juvenil. Loguinho o Jabuca voltará, aliás, já é, mas será ainda o maior celeiro de craques do Brasil, como sempre foi. No Jabuca, aprenderam o ofício de boleiro Gilmar, Baltazar, Túlio, Marcos, Brandãozinho, ponta esquerda que foi do Palmeiras e do futebol francês, Bahia, Leonaldo, Veiguinha, Dino Pavão, Alemãozinho, Cicia e tantos e tantos craques de seleção brasileira.

Por essas e outras, o povão de Santos tem que comparecer com apoio ao Leão da Baixada. Nosso glorioso Jabuca precisa de um muro pro seu campo para poder mandar seus jogos lá e poder voltar à divisão especial. E não é possível que o povo de Santos, sempre tão generoso, ignore esse esforço do nosso Jabuca e o seu trabalho consciente. A torcida universitária já está na parada. A TAJA, Torcida Amiga da Jabaquara, já vem fazendo das tripas coração para acompanhar o nosso time nos jogos do interior e agora vai apoiar a torcida dos artistas jabaquarenses, que brevemente irão a Santos fazer um espetáculo com renda total para o nosso querido Leão da Baixada comprar um tijolo pro muro do campo. Nosso Jabuca merece todo apoio. Arriba, Jabuca!

O caos não vai servir para nada (Folha de S. Paulo – Edição de 3/9/1977. Página 31. Caderno Ilustrada)

Não é à toa que os esquadrões da morte da Baixada Fluminense são conhecidos pelos apelidos de polícia mineira. Quem botou esse apelido nos matadores de São João do Meriti, Nova Iguaçu e adjacências sabe das coisas. Já deve ter sentido o aroma da perpétua lá em Minas Gerais, onde a polícia não faz cerimônias, ao que parece, em arrancar confissão de suspeito na base do pau. E aí, já viu. Mexe e vira aparece um inocente arrebetado pela polícia metropolitana, que é acusada de uma série de violências e arbitrariedades. O operário Jorge Defensor Vieira, que teve a infelicidade de entrar em cana, foi tão torturado que saiu paraplégico. O vereador Obrezon Gonçalves, um homem honrado que cumpre com grandeza o seu mandato de vereador, por vir exigindo a apuração de responsabilidade nesse caso, assim como os jornalistas que tratam do assunto, estão sendo ameaçados de morte. E o deputado Emílio Hadad, que é membro da Comissão Parlamentar de Sindicância que vai apurar o caso, pediu na Assembleia Legislativa o afastamento imediato do delegado da polícia metropolitana, Prata Neto, por ele antecipadamente tomar posição favorável aos torturadores.

E tem também um deputado da Arena, ex-detetive, Aldair Pinto que num aparte digno do Idi Amin Dada, tirano de Uganda, nos dias em que está mais atacado de ideias de jerico, disse o seguinte:

– “Vocês não conhecem os marginais brasileiros. Eles são uns animais, não têm alma, não têm coração. São uns perversos e são tão animais que têm que

comer com as mãos numa lata do lado de fora das grades, porque senão fazem armas dos pratos e talheres. Para mim, todos eles deviam ser fuzilados”.

Mas, não é só essa criatura que se elegeu deputado que nos deixa a todos pálidos de espanto com sua visão de mundo. Tem também a do deputado Assis Lucena, corregedor de Polícia, que saiu com acusações a imprensa, como está muito em moda. Diz ele que a imprensa é que é culpada pela intranquilidade reinante em belo Horizonte por noticiar as torturas sofridas pelo Jorge Defensor.

Sabe como é que é, tudo seria mais fácil se a imprensa ficasse quieta. Em vez de culpar a tortura pela intranquilidade, ele culpa a imprensa. E nem lhe ocorre que se não houvesse tortura, não haverá denúncia.

Essas coisas lamentáveis que ocorrem em nosso país deixam claro pro mundo civilizado que aqui não se está respeitando os Direitos Humanos. E é por essas e outras que as pessoas de bem do nosso país estão ansiosas pela volta do país ao Estado de Direito. Sem que a integridade de cada cidadão seja respeitada, não pode haver desenvolvimento. Sem desenvolvimento, não há a mínima possibilidade de se conseguir uma vida decente para o povo. Não haverá trabalho para todos e a maioria dos empregos será sempre de salários miseráveis que aviltarão e amesquinharão cada vez mais o homem. E aí então os Aldair Pinto pedirão cada vez mais o fuzilamento de todos os marginalizados, que ele continuará teimando em chamar de marginais e em classificá-los de animais sem alma e sem coração. É urgente que se distribua melhor as riquezas em nosso país, única forma de acabarmos com a miserabilidade do nosso povo.

Ainda recentemente, um matador do esquadrão da morte da Baixada Fluminense, em entrevista a um jornal carioca (Tem disso, lá os matadores dão entrevista, só quem não acha eles é a polícia.) dizia que, como a miséria é muita, todo mundo se mete nos negócios de drogas, prostituição e venda de proteção e aí acabam se matando para garantir seus negócios contra os que vão chegando, vindos de outros lugares. Agora, se alguém sai do Norte, Nordeste, sai da Bahia, do Ceará, de Pernambuco, Minas Gerais, para ir morar na Baixada Fluminense, onde o desemprego alcança índices elevadíssimos, é porque não tinha a mínima condição de vida no seu lugar de origem. E isso é um fato. Não é ficção. E a realidade do nosso país. E se essa realidade é assim triste, é necessário tomar providências urgentes, para que se possam corrigir essas distorções sociais. É necessário que não se concentre toda a vida econômica em um ou dois estados apenas.

Mas, para que haja uma revisão na economia brasileira, se faz necessário que nossa nação esteja em pleno Estado de Direito. Com regime de exceção, não se consegue nada. Os que têm o capital, por convicção, não abdicam dos seus privilégios e por insegurança, não investem seu dinheiro e essa poupança vai aumentando a miséria do povo. E um dia virá em que não serão mais as torturas da polícia, as repressões violentas, que vão acanhar o povo. E aí será o caos. Caos que não nos servirá para nada.

Essa paz de Mentira, trará a guerra (Folha de S. Paulo – Edição de 5/9/1977. Página 23. Caderno Ilustrada)

Não adianta mais quererem fazer uma passeata de cento e cinquenta mil pessoas para provar, andando mansamente, que tudo vai bem. O carnaval na rua não abafa mais os alucinantes gemidos das fomes berradoras. Os anjos caídos já não têm medo dos cidadãos contribuintes e das suas metranças. Os anjos caídos já morreram de fome, morreram de frio, morreram de sede, morreram desesperadamente de se verem morrer e não têm mais medo. Eles estão incomodando. Eles não precisam mais do escuro, nem do lugar deserto para assaltarem e se vingarem dos cidadãos contribuintes. Eles pegam os cidadãos contribuintes no meio de duas cidades, andando nas suas ruas, dentro de suas casas. E os cidadãos contribuintes pedem que sua polícia tome providências e a polícia sabe que não pode nada contra os anjos caídos. Que mesmo que derrube os sessenta mil menores lesados pela sociedade de consumo (são sessenta mil menores nas estatísticas dos cidadãos contribuintes), aparecerão no dia seguinte mais cento e vinte mil anjos caídos, movidos pelas suas fomes berradoras, pelas suas desesperanças, pelo desamor querendo forçar a partilha dos pães que os cidadãos contribuintes se recusam a fazer.

Diante das fomes berradoras que estão se levantando no meio das grandes cidades dos cidadãos contribuintes, nada podem os discursos, as metranças, as algemas, as grades de ferro. Não há como falar para as fomes berradoras, dos até louváveis projetos sociais. Não há como dizer para o homem que não tem nada a perder, nem nada a ganhar, da educação, trabalho, paciência, que dias melhores virão. O homem que hoje está na rua com sua fome berradora há séculos vem sendo tratado como se fosse um animal sem raciocínio, sem sentimento, sem direitos. Viu seus filhos homens, são nascerem, serem condenados ao trabalho forçado de plantarem sem ter direito à colheita. Viu suas filhas mulheres, ao nascerem, serem condenadas à dura sina de vender seu corpo no mercado dos cidadãos contribuintes. Viu as mais belas de suas filhas serem condenadas a nunca saberem o que é o amor. Viu o homem que hoje está na rua com sua fome berradora[,] sua alma e a alma da sua prole serem violentadas, estupradas, sangradas para que fossem mantidos os privilégios dos cidadãos contribuintes. Hoje, o homem que sempre foi lesado pela sociedade solta sua fome berradora na rua. E essas fomes berradoras assombram os cidadãos contribuintes. E a cada vez vão assombrar mais.

As fomes berradoras de apenas quinze, dezesseis, dezessete anos de condenação já estão ficando furiosas, já estão começando a olhar e a ver, ver os culpados pelas suas desesperanças, já não se culpam entre si, já começam a se unir para atemorizar os cidadãos contribuintes. E como estão assombrados os cidadãos contribuintes. Outro dia, eles contaram: na frente de uma loja havia quarenta e oito meninos e suas fomes berradoras. Todos juntos a ameaçá-los. Aí, uns três entraram numa das lojas e mataram um cidadão contribuinte e foram embora. Já haviam dado o recado. Foram embora avisando que voltarão a qualquer momento. O cidadão contribuinte morto era dono de vários negócios, várias casas, tinha automóvel, pagava impostos e era sociável com os outros cidadãos contribuintes. Todos os cidadãos contribuintes se indignaram. Fecharam suas lojas por algumas horas, protestaram por falta de segurança, culparam a polícia pela fúria dos anjos caídos, a polícia se eximiu da culpa falando em problema social. E isso só

serviu para irritar mais os cidadãos contribuintes, que querem ação da polícia. Querem dormir sossegados, que é para isso que pagam impostos. Querem ver as metranças na rua prontas para despejarem seus venenos nos anjos caídos, que é para isso que pagam impostos. Querem segurança, os cidadãos contribuintes, e creem que a violência, e somente a violência, deterá os anjos caídos. E nisso reside o maior engano dos cidadãos contribuintes. Os anjos caídos já apanharam na carne todas as dores nos seus dez, doze, treze anos de condenação. Eles já não temem a violência.

A pancada dói, porém (e sempre tem um porém), ela torna os anjos caídos duros, cínicos e até viciados. Mas, não os assombrará depois de um tempo. Quando a violência é tanta, como tem sido, para os anjos caídos, ela passa a doer menos.

E dói menos para os anjos caídos a violência dos cidadãos contribuintes. Eles não choram seus mortos, nem os seus encarcerados, nem os seus tristes destinos. Eles querem o pão repartido. Ou não querem mais nada. Mas, em distribuição de riqueza, colheita feita pela mão generosa que semeou, ninguém entre os cidadãos contribuintes ousa pensar. Eles querem segurança para exercerem os seus comércios que lhes dão lucros e geram as fomes berradoras. Mas, querem essas fomes berradoras caladas, contidas, esmagadas, empilhadas, espremidas nos imundos cantões onde o vento encosta o lixo e as pragas põem os ovos. Querem as fomes berradoras contidas, amansadas para servirem de mão-de-obra barata. E essa a segurança que os cidadãos contribuintes querem, mas essa segurança só pode ser garantida com as armas. E é isso que os cidadãos contribuintes chamam de paz. Acontece que os anjos caídos estão fartos e já não ficam quietos nos seus imundos cantões. As fomes berradoras trazem os anjos caídos para a guerra. Uma guerra que não transformará ninguém em herói, uma guerra de rapina, uma guerra que não libertará os povos, uma guerra sangrenta que não repartirá os pães, uma guerra onde nada será regenerado por ela, uma guerra em que as barbaridades serão de empalidecer a humanidade, uma guerra que terá o nome de convulsão social. E será sangrenta. Mas pelo menos será melhor para os anjos caídos do que uma paz de mentira.

Aumento de salário não é tudo (Folha de S. Paulo – Edição de 7/9/1977. Página 41. Caderno Ilustrada)

No fim do ano passado, um grupo de diretores artísticos da Televisão Tupi caiu e naturalmente subiu um outro grupo no lugar. Até aí, tudo bem. Isso são coisas da vida. Só que o grupo que entrou não era do ramo e ficou sem saber direito o que devia fazer, além, é claro, de derrubar todos os projetos iniciados pelo grupo dirigente anterior. Porque isso também é coisa da vida, pelo menos da vida sem muito sentido que leva o trabalhador em comunicação social nesses tristes tempos em que o mercado de trabalho nesse setor está praticamente ocupado pela cultura de consumo importada. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar é que o tal novo grupo de dirigentes do departamento artístico da Tupi, mais pra mostrar serviço do que para resolver problemas, foi chamando um a um dos atores e sabendo o que cada um tinha a reclamar e quanto cada um queria ganhar. A patota contratada se assanhou. Tinha gente que era de ganhar salário-mínimo e que se propôs dez, doze

vezes mais. Só a sempre sensata Etty Fraser foi lá e teve coragem de dizer que não era bem assim. Que o salário dela não era muito, mas também não era pouco e que estava mais ou menos na realidade do mercado. Falou a Etty e os próprios encarregados do departamento artístico espalharam pelos corredores a novidade. Havia uma atriz que queria receber o salário combinado em dia e acreditava que, se os aumentos viessem sem nenhum critério, ia ser uma dificuldade para ela e os outros receberem.

Xingaram a Etty de tudo quanto foi nome. Reacionária, no Canal 4, era sinônimo de Etty Fraser. Aí, começaram os aumentos. De cara, mandaram cinquenta atores embora. Na base do critério mais usado para dispensas e contratações nas televisões: a simpatia que os chefetes têm por esse ou aquele elemento. Mas, os atores que ficaram, na vã esperança de serem aumentados, não estrilaram. Se fecharam em copas. Mas, logo viram que o aumento ia ser só promessa. Com a dispensa, sobrava verba. Só que os diretores não queriam gastá-la com gente que já estava contratada por salários aviltantes e que, além de nunca reclamarem, ainda não tinham outro canal de televisão pra ir. E resolveram investir em novos atores. E esses, sim, seriam bem pagos. Aí, começou o festival de desmandos.

Não vou entrar no mérito dos artistas contratados. Não me compete julgar valores individuais, nem o talento de ninguém. Mas, o certo é que as contratações eram fora de base. Mandavam buscar contrarregras no Rio de Janeiro para ganhar em um mês o que não ganharia normalmente no ano. E nessa euforia, vieram camareiro, maquiador, eletricista, feitores com salários milionários apareceram vários, e todos eram chefetes convictos. Ganhavam muito. Se hospedavam no Hotel Jaraguá e viviam ameaçando de mandar os outros embora. Era um contraste terrível. Havia no Canal 4 os eufóricos, que chegaram gênios com salários milionários, e os medíocres, que já estavam na casa com salários miseráveis. Aí, foram dois meses de choques. Sabotagens, brigas e xavecocos²¹ faziam a emissora ter os piores índices de toda sua história no IBOPE. Mas, por fim, veio a pacificação. Depois de três meses, os que chegaram viram pálidos de espanto que não iriam receber ordenado e que as contas nos grandes hotéis não tinham sido pagas e, de tão altas, não iriam ser.

Foi um Deus-nos-acuda. Tinha nego que pensava que ganhava uma fortuna, mas não era registrado. Tinha nego que viu assombrado que o contrato que assinou não tinha sido assinado pela Tupi. Ele era nada. Claro está que os diretores do Sindicato dos Radialistas, mesmo os que trabalham na Tupi, sobretudo os que trabalham na Tupi, não viram essas irregularidades. E a rapaziada foi para a justiça discutir direitos. A direção artística que promoveu esse perereco foi chutada fora e entrou uma outra, cuja primeira providência foi abaixar o ordenado dos que ficaram. E fez mais. Explicou aos atores e técnicos que ficaram que, devido aos gastos exagerados da diretoria anterior, os salários iam levar muito tempo para serem colocados em dia. E dessa promessa, ninguém lá no Sumaré pode se queixar. A nova direção está cumprindo direitinho, conforme prometeu.

Conto esse caso lamentável para tentar explicar que não vejo com bons olhos as subidas rápidas nos salários de alguns radialistas, num momento em que a publicidade, que é o que sustenta as rádios, entrou em maré vazante. Claro está que

21 Termo atualizado; no original de jornal consta “chavecocos”.

eu acho que o rádio é um veículo de comunicação de grande penetração e que o profissional altamente qualificado deve ser bem pago. Mas, existe uma realidade. E existe o salário real que pode ser pago, salário justo que permitirá ao trabalhador um bom nível de vida, sem ser um escândalo. O que eu temo é que o salário milionário de um saía do salário dos outros. Isto é, um locutor esportivo ganha milhões e um repórter de assuntos sociais ganha uma miséria. Isso porque não se valoriza a notícia, não se valoriza quem a vai buscar, mesmo porque as verdades não se podem dizer. Se valoriza o narrador de futebol e seu salário milionário. Isso serve para se dar uma falsa impressão da realidade e para, no próprio meio, provocar o desnível social e gerar distorções coletivas. Essa cortina de fumaça precisa ser revista. É preciso que o radialista não se iluda com esse brilhareco. Porque tudo indica que quem vai pagar esses poucos salários milionários são os muitos trabalhadores do ramo, com salários miseráveis. O certo é um salário justo para toda a categoria.

Se a Bandeirantes e a Globo-Nacional estão tirando gente das outras rádios, não quer dizer que todos vão ganhar fortunas. Os próprios elementos da Bandeirantes e da Nacional ganham baixos salários e são muito poucos a formarem os quadros dessas rádios. Senão, vejam quanto ganham os repórteres das duas emissoras. É pouco mais que o salário mínimo profissional. Muito pouco.

Procópio Ferreira, vida e amor ao teatro (Folha de S. Paulo – Edição de 8/9/1977. Página 33. Caderno Ilustrada)

Já disse aqui nessas mal-traçadas linhas que me considero um sujeito feliz, um dos poucos sujeitos que teve o privilégio de se tornar amigo do seu ídolo de infância, de começo de carreira. Esse meu ídolo é o Procópio Ferreira. E ele é um ator. Um ator enorme. Magnífico. Um dos maiores do mundo em todos os tempos. E eu sou feliz porque sou amigo desse genial artista e mais feliz ainda porque cada vez que eu o vejo aumenta por ele minha admiração, meu respeito, meu carinho. Procópio Ferreira, podem crer, é um grande Sol que ilumina sempre. Um Sol de imenso calor humano. Um Sol de muita vida. Rei dos palcos brasileiros. Rei incontestável. Só não sei porque os jovens atores não se detêm em escutar esse que é o maior de todos a toda hora. Se ele por ventura não quisesse ensinar nada a ninguém, bastava que o escutassem falar para perceberem que o segredo da enorme comunicação desse maravilhoso ator reside no grande amor que ele devota ao ofício que escolheu.

Todos os atores brasileiros nesses dias deviam fazer uma visita ao Mestre Procópio Ferreira lá no Pronto Socorro Iguatemi, na Avenida 9 de Julho (telefone 280-1000). Iam ter a oportunidade de aprender muito, por mais curta que fosse a visita. Eu fui lá com a Walderez e vi com esses meus olhos que a terra há de comer um dia nosso maior ator dar uma lição impressionante de vida e de amor ao teatro. Que seja bendito sempre o homem que ama seu trabalho. E que seja bendito o nosso Procópio Ferreira, que estou certo que é ainda hoje, depois de sessenta anos de carreira, um fervoroso apaixonado pela sua arte, pelo eu trabalho.

Cheguei lá no hospital e encontrei o Procópio se contorcendo de dores, gemendo e quase sem poder falar. Ele me viu, ameaçou uma queixa, mas logo mudou o assunto para o teatro. Me disse:

– Você nunca pensou em fazer uma peça sobre o Catulo da Paixão Cearense? Ele tem coisas maravilhosas.

Eu nunca tinha pensado em peça sobre o Catulo, embora goste das suas músicas e poesias. Aí, o Procópio foi se ajeitando, sentou-se na cama e, valendo-se da prodigiosa memória, iniciou um espetáculo, dizendo, como se estivesse diante de uma multidão, vários poemas do Catulo. Contou como ele, Procópio, tinha imaginado a primeira cena de um espetáculo sobre esse grande poeta popular. Contou casos da sua convivência com o Catulo. E novamente disse poemas. Aí, teve que responder a um questionário sobre o “Deus Lhe Pague” do Juraci Camargo. Sabe como é que é, eu sempre quero saber desses que sangraram para deixar as coisas mais fáceis para nós que viemos depois.

E o Procópio, como se fosse um mágico que colocasse o espírito acima da matéria para se esquecer das dores, foi nos contando sem se fazer de rogado. Foi nos dizendo que o Juraci teve que enfrentar muita incompreensão, censura, fama de comunista e tal e coisa e coisa e lousa. Não foi fácil liberar o “Deus Lhe Pague”. Foi preciso o Procópio encontrar um censor seu amigo que acabou permitindo que a peça estresse. E nos contou que, apesar disso, quem gostava muito da peça “Deus Lhe Pague” era o Getúlio Vargas. E de vez em quando, ele mandava buscar camarotes e ia assistir aos espetáculos do Procópio. O Getúlio era fã do Procópio. Isso o mestre não diz. Mas, a gente sabe por outras fontes. E devido a essa admiração que o Getúlio tinha pelo mestre dos atores brasileiros, ele tinha trânsito livre no Palácio do Catete. E foi por essas e outras que, nas vésperas de embarcar para Portugal, onde faria uma temporada, o Procópio, acompanhado pelo Juraci, foi se despedir do Getúlio.

Foram prontamente recebidos e o Getúlio logo quis saber qual seria a peça de estreia do Procópio em Portugal. O mestre informou:

– Será o “Deus Lhe Pague”.

O Getúlio então se mostrou satisfeito.

– Ótima escolha. Tem que ser essa mesmo. Com essa o sucesso é garantido.

E lá se foi o Procópio. Porém (e sempre tem um porém), a censura portuguesa proibiu o espetáculo. O Procópio e o Juraci estrilaram. O empresário afinou:

– Olha, eu sou português; para mim, não dá pra criar caso. Mas vocês que são brasileiros devem procurar a Embaixada do Brasil e ver o que conseguem lá.

O Procópio foi. O embaixador tentou fazer nosso maior ator mudar a peça de estreia. Mas ele ficou firme.

– Getúlio Vargas pediu para eu estreiar com “Deus Lhe Pague” e não com outra peça.

O embaixador tremeu nas bases. Pediu tempo para telegrafar para o Rio de Janeiro. O Procópio foi para o hotel. E às dez horas da noite o mestre foi chamado pelo telefone para ir a embaixada. Lá chegando, mostraram-lhe um telegrama vindo do Rio de Janeiro. O telegrama dizia: “Procópio deve estreiar ‘Deus Lhe Pague’.

Caso contrário, tire Procópio de Portugal imediatamente e informe. Governo Brasil considera atitude de hostilidade.”

Diante desse telegrama, a peça foi liberada e a esteira de Procópio com “Deus Lhe Pague” foi um retumbante sucesso. E ele, que já era cartaz lá, ficou maior ainda. E [f]o[i] considerado um dos maiores atores que pisou [sic] os palcos portugueses em todos os tempos. Mas, isso o Procópio não diz. Eu sei por outras fontes. O que ele continua a me dizer é o Catulo. E conta casos. Como o de um sabiá que o poeta tinha em casa e para quem ele declamava seus versos. Se o sabiá piasse, era sinal que os versos estavam ruins. E o Procópio fala. Cantarola Luar do Sertão. Fala das operetas. E falaria a noite inteira sobre o teatro. Teatro que ninguém no mundo ama tanto quanto ele. Dos espetáculos que ele precisa e quer fazer, porque esse é o seu trabalho e essa é sua grande paixão. Mas, nós temos que ir. O mestre precisa descansar.

Saímos encantados com a magia do rei dos atores brasileiros. Rei em talento, rei em conhecimento do seu ofício. Meu Deus por que o teatro inteiro ainda não foi lá ver seu maior mestre? Triste será se não cobrirmos de carinho os nossos maiores. Procópio é merecedor de todas as atenções da gente do teatro. Ele conhece a todos e os mais novos não precisam se acanhar de chegar.

Um pequeno recreio com os meus amigos (Folha de S. Paulo – Edição de 9/9/1977. Página 37. Caderno Ilustrada)

“O Poeta da Vila e seus amores” completa cem representações, sempre com casa lotada, sempre aplaudido em pé o espetáculo. Na França, “Dois perdidos numa noite suja”, na Espanha e em Portugal, “Navalha na carne”. No Rio de Janeiro, “Dois perdidos” e brevemente “Quando as máquinas param”. E se não fossem as dificuldades da tradução, ainda haveria esse ano muitas outras montagens das minhas peças no estrangeiro. E se não fosse a censura, os teatros brasileiros estariam com mais outras peças minhas. O teatro só faz sentido quando é uma tribuna livre onde se pode discutir até as últimas consequências os problemas do homem.

*

Lá na casa do Tão Gomes, bom amigo, ótimo cronista, encontro uma patota de muita fé e valia. Todos reunidos para uma homenagem a esse mestre do jornalismo brasileiro que é o Mino Carta. O pessoal ri à toa. A revista Isto é está mandando ver e subindo cada vez mais as suas vendas. Estava na cara que essa revista ir ser sucesso.

*

“Inútil canto e inútil pranto pelos anjos caídos”, depois de muita remandiola, conseguiu chegar nas bancas de jornais e está vendendo otimamente. Até meu editor, o Paulo César, está rindo e reconhece isso. Quando um editor reconhece que um livro está vendendo até além da expectativa, é porque está vendendo mesmo.

*

O Geraldo Ferraz é autor da obra-prima “Doramundo”. Esse escritor, um dos grandes, é o único que não recebe das editoras propostas decentes para a publicação dos seus livros. Os editores, tudo indica, não devem estar muito interessados em literatura. Estão interessados em vender livro. E por essas e outras preferem publicar as coisas do pessoal com nome no consumo. Eu, por exemplo, sou a toda hora procurado por editores. Mas é necessário que se cuide um pouco dos escritores que fazem a literatura de verdade. E o Geraldão Ferraz é do primeiro time da literatura. “Doramundo” prova isso. Agora, o Geraldão Ferraz tem um livro de contos prontinho. Os editores deveriam editá-lo com urgência. É legal que todo mundo escreva. É legal que nós, contadores de estórias, tenhamos vez no mercado. Porém (e sempre tem um porém), o Geraldão Ferraz precisa ser editado urgentemente. Sua literatura, mais cedo ou mais tarde, acabará servindo de bússola pra nós todos.

*

O Jabuca, nosso querido Jabaquara, começa a receber o carinho do povo de Santos. Onde vou encontro gente que me fala do nosso Leão da Baixada. Gente que quer ajudar, gente que está disposta a ir dar um dia de trabalho num mutirão para erguer o muro do campo do glorioso rubro-amarelo. Arriba, Jabuca!

*

Eu continuo indo às faculdades falar sobre as necessidades culturais do povo. Esse mês, já fui na Getúlio Vargas, na Farias de Brito de Guarulhos, nos metalúrgicos de Santo André, em Jaú, em Olímpia e vou ainda a Porto Alegre, Itajubá, Bragança Paulista, Metalúrgicos de São Bernardo, Viçosa. E todos os lugares encontro um grande interesse do estudante em participar da vida nacional. E é claro que isso significa que o nosso estudante ama a pátria. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar é que cada vez encontro uma novidade. Em Olímpia falei na cripta da igreja. Essa pra mim foi nova.

*

Santos é uma terra que sempre teve muitos artistas e escritores. Quando fomos fazer o show do Jabaquara, até ficamos assombrados com o número de artistas que nasceram naquele chão de terra firme. E no setor dos escritores também existem vários. Um dos que estão botando pra quebrar é o Zé Carlos Marigny. Autor de “Piratas da Baía”, “Lando das Ruas” e outros. O Maringny, que já ganhou montes de prêmios, entre eles o Governador do Estado, está com a bola cheia e vive só dos direitos autorais dos seus livros. O que atesta o seu sucesso.

*

Foi muito grande o sucesso do Geraldão Filme, do Toniquinho Batuqueiro, do Zeca da Casa Verde, do Talismã, do Silvio Modesto e do Marco Aurélio Jangada nas suas apresentações no Jardim da Luz e no Parque do Morumbi. Esses compositores das escolas de samba de São Paulo são pedra noventa e só não estão com toda a bola por falta de espaço para se manifestarem. Nossos veículos de comunicação social estão ocupados pela importação de cultura de consumo.

*

Hoje falei de mim e dos meus amigos. Sabe como é que é, foi recreio. E a gente às vezes merece. Não sou nenhum biônico.

São Paulo não pode continuar (Folha de S. Paulo – Edição de 10/9/1977. Página 31. Caderno Ilustrada)

Amanhã é domingo, pé de cachimbo e o paulistano mais uma vez vai sofrer de falta de lazer nessa sua cidade que é, segundo a propaganda, a que mais cresce no mundo. Crescimento esse que já foi razão de muito orgulho de politikeiros, demagogos e ingênuos, mas que é hoje razão de muita preocupação, pelo menos para as pessoas que, pouquinho coisa mais lúcidas, já perceberam que os problemas sociais não poderão ser resolvidos isoladamente. Ou seja, enquanto São Paulo for a meca, o polo de atração para a multidão de migrantes de todos os cantos do Brasil que vêm para essa cidade na vã esperança de escaparem da miséria econômica que existe nas regiões, enquanto São Paulo continuar crescendo desordenadamente, de nada adiantarão os até louváveis projetos sociais. Os empreendimentos assistenciais serão sempre insuficientes. Não adianta prenderem ou recolherem das ruas cem, duzentos, trezentos meninos dos chamados trombadinhas. São sessenta mil os menores abandonados. E esses números tendem a aumentar cada vez mais. Crescerá sempre a infância desvalida, lesada, dessa sociedade, enquanto não houver uma melhor distribuição de riquezas em nossa pátria. É necessário que se desenvolvam outros Estados, para que o homem encontre o trabalho digno na sua própria região. Para que o homem possa, com o suor do seu rosto, adquirir (adquirir com o seu esforço e não receber de presente) casa, comida, assistência hospitalar, educação, cultura, lazer, enfim tudo, para si e para seus dependentes. É necessário que se incentive e se incentive a volta do homem do campo para a sua origem e que se garanta a ele, lá na sua campina, uma vida decente, com seus direitos humanos plenamente garantidos, com sua participação na vida nacional assegurada e com participação na colheita daquilo que semeou. E tudo depende da distribuição de riquezas.

Pense em tudo isso porque amanhã é domingo, pé de cachimbo. O homem comum de São Paulo, sem lazer, vai parar pelos botecos das quebradas do mundaréu, bebendo ou não, vai se sentir solitário, vai ver brotarem em sua cabeça mil e uma ideias de jerico. Não vai ter espaço para as suas manifestações espontâneas. Certamente haverá os que dirão que temos as Ruas de Lazer, Passeios a Pé, passeios Pedalando, passeios Nadando, Passeios Patinando. Temos Jogos Colegiais, Olimpíadas Infanto-Juvenis, dos Imigrantes, Campeonatos Colegiais, Campeonatos Varzeanos, Jogos Mirins, Mac-Med, Jogos Universitários em geral e mais uns oitenta eventos anuais. Porém (e sempre tem um porém), tudo organizado de cima para baixo, tudo regulado, tudo feito para atender multidões, tudo de forma que a vida comunitária, a descontração, a manifestação espontânea, seja tolhida pelo próprio gigantismo das realizações, quando não pela presença da polícia.

Existem os que acham que alguma coisa é melhor do que nada e existem os que, por força do cargo ou emprego que ocupam, têm que incentivar as promoções

e medir o êxito desses eventos oficiais pela quantidade de pessoas que comparecem nessas esporádicas realizações, mesmo que para isso tenham que forçar a frequência. No último Passeio a Pé, eu sei de pelo menos uma escola municipal que mandou bilhetinho para os pais dos alunos falando da obrigatoriedade do comparecimento das crianças nesse pagode. E isso não é lazer, não é espontâneo, não é criador, não relaxa, não acrescenta. Poderia, uma concentração de duzentas e cinquenta mil pessoas, obrigadas ou não, num Passeio a Pé, servir para reivindicar ou para mostrar para as autoridades a carência de espaço livre para o povo desta cidade. Mas, a própria Prefeitura, as próprias autoridades que organizam essas festivas caminhadas consideram um êxito a presença da multidão e estrilam quando são criticados por deixarem tudo como está e se acomodarem com realizações paliativas.

No meu entendimento, o homem precisa de espaço livre para poder se manifestar espontaneamente. E em São Paulo é praticamente impossível, porque essa cidade que cresceu desordenadamente hoje tem problemas gigantescos que não poderão ser resolvidos isoladamente do resto da Nação. Essa é que é a verdade. Quem diz que uma grande cidade gera problemas gigantescos mas que também gera os meios de solucioná-los está enganado. E quem acha que promoções gigantescas minoram essa situação pretendem tapar o Sol com a peneira.

Eu, como colunista, não sou obrigado a elogiar o que sinto que tem que ser avaliado de frente, sem subterfúgios, sem engodos. Em suma, não tenho obrigação de ser simpático. Tenho a obrigação de dizer o que penso, de dar minha opinião e correr os riscos por ela.

O estudo do povo e de suas manifestações (Folha de S. Paulo – Edição de 12/9/1977. Página 23. Caderno Ilustrada)

Eu tenho andado muito pelo Brasil. E nessas andanças, tenho conversado muito com os estudantes, às vezes com o homem comum, com o trabalhador e com artistas populares. E cada vez me convenço mais do grande mal que a importação de cultura de consumo vem fazendo ao nosso povo. E quando digo povo, não estou discriminando nenhuma classe social. Mas, deixa isso de lado. O que quero contar e o que pesa na balança é que a enorme quantidade de música que diuturnamente é tocada nas nossas rádios, os milhares de filmes que são exibidos nos nossos cinemas e nas nossas televisões, além de serem um escoadouro violento de divisas (chego a crer que pastamos nesse mau negócio de importação de cultura de consumo mais do que na compra de petróleo), amesquinham o mercado de trabalho do homem brasileiro. E de tal forma gera a insegurança no setor, que o trabalhador do ramo fica sem condições de cuidar dos aspectos culturais da sua profissão, de fazer suas reivindicações trabalhistas, de exigir o cumprimento das leis existentes, de lutar para garantir pra si o mercado de trabalho. E aí a cultura de consumo importada vai, como poderoso trator do colonialismo que é, arrancando da generosa terra brasileira as nossas raízes de brasilidade. Vai esmagando as manifestações espontâneas do nosso povo. Vai alterando nossos costumes. Vai descaracterizando

nosso homem comum. E vai semeando a ideia de que o nosso povo é inculto, desfibrado, ignorante e que precisa ser tutelado de cima para baixo de tão incapaz.

Os colonizadores e seus agentes, com afetada e hipócrita bondade, nos falam que querem ajudar a nos educar, a nos instruir, a nos civilizar. Mas, na verdade, querem é impor seus padrões culturais de forma que nós fiquemos sempre na dependência deles. Por essas e outras é que se faz necessário e urgente que o estudante saia da sua faculdade, onde só aprende a cultura erudita, para ir se misturar com o povo e aprender com ele, para então, certo de que o nosso povo tem uma rica cultura, poder preservá-la e poder entender o povo e poder servi-lo. O estudante tem que compreender que esse é o caminho. Tem que entender que está na faculdade estudando com o sacrifício do povo brasileiro e que tem que pagar ao povo por esse privilégio, servindo-o.

Felizmente, em algumas faculdades, isso já começa a ser entendido. O jovem brasileiro é generoso e ansioso de participar. Porém (e sempre tem um porém), pelo divórcio que sempre existiu entre as elites intelectuais e as classes mais lesadas da nossa sociedade, chegamos ao ponto de não falarmos a mesma língua. O intelectual e o candidato a intelectual de país subdesenvolvido é geralmente um marginal de classe média querendo ganhar status através da cultura. E só tem aprendido a dar valor para a cultura erudita, desconhecendo a sua própria formação cultural completa. Desconhece as influências que sofreu da cultura popular, da cultura popularesca e da cultura de massas, para apenas se fixar nos valores da cultura erudita. E assim sendo, quando vai para junto do povo querendo ajudar o desenvolvimento acaba vendo o seu esforço, embora generoso, sendo convertido em mais um agente inibidor, tolhedor, repressivo da cultura popular.

Por isso, o estudante, antes de querer participar das manifestações espontâneas das classes lesadas da sociedade, deve primeiro se localizar, se reavaliar culturalmente para, ao se conscientizar de toda sua formação cultural da influência de todas as culturas que recebeu, começar a entender que cada homem que para a sua frente tem seus próprios valores culturais e tem que ser respeitado por eles. Deve o estudante que agora está percebendo as necessidades de conviver com o seu povo funcionar apenas como um incentivador das manifestações espontâneas e não como um mestre que tem tudo para ensinar e nada para aprender. No estágio deprimente em que se encontra o povo brasileiro, descaracterizado, oprimido pela miséria, ele precisa realmente de incentivadores que o façam reencontrar seus valores culturais para, através deles, recuperar toda a dignidade e então poder ajudar a fazer sua própria História, influir no seu destino. O povo precisa, portanto, de incentivadores das suas manifestações espontâneas e não de professores.

Um povo que não ama e não preserva suas formas de expressão mais autênticas jamais será um povo livre.